CPAD

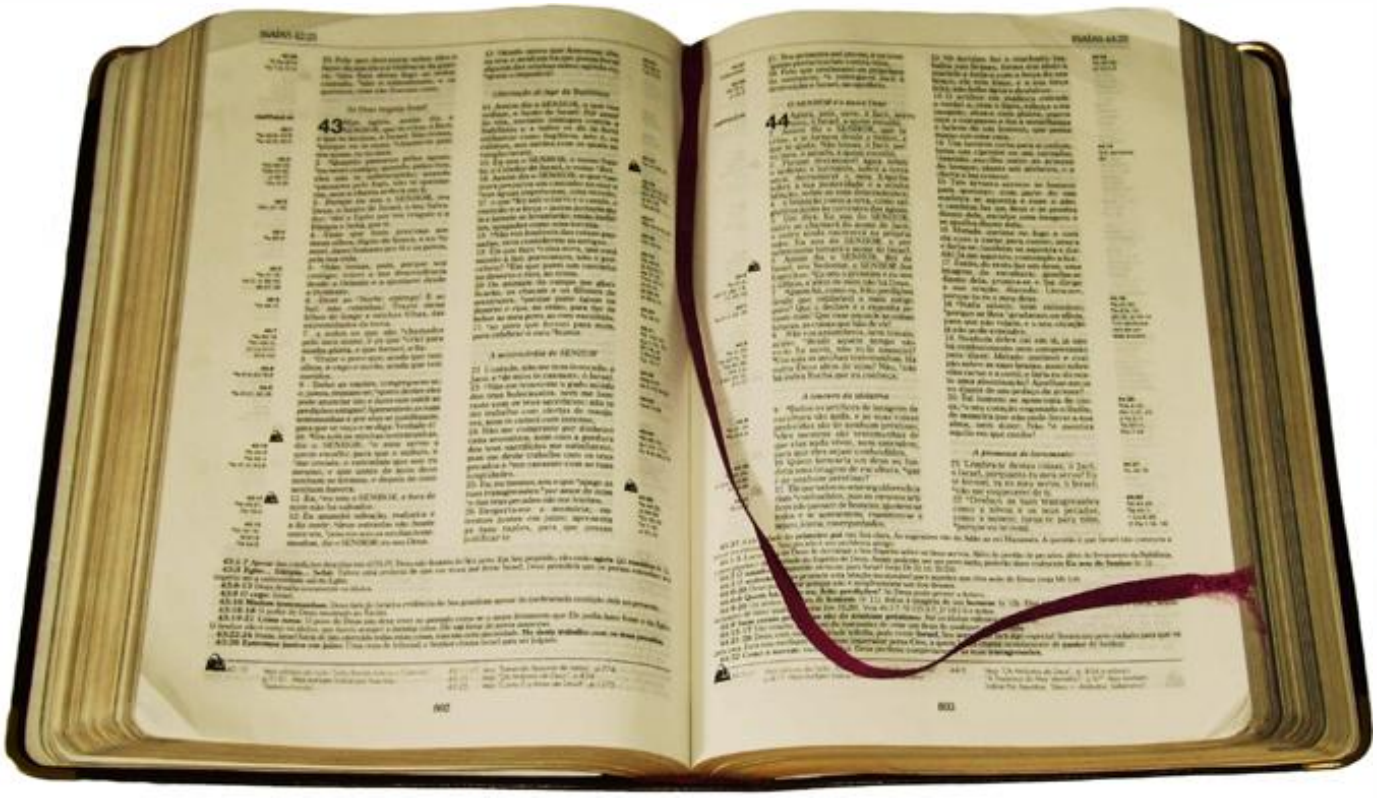
MATTHEW HENRY

Comentário Bíblico

Novo Testamento

Atos a Apocalipse

Edição Completa



MATTHEW HENRY

Comentário Bíblico

Novo Testamento

ATOS A APOCALIPSE

1ª Edição

Tradução
Luis Aron, Valdemar Kroker
e Haroldo Janzen

CPAD
Rio de Janeiro
2008

Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Matthew Henry's Commentary on the whole Bible – Volume VI – Acts to Revelation. Domínio público.

Tradução deste volume: Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Janzen
Preparação de originais e revisão: Anderson Grangeão da Costa, Miriam Anna Liborio, Reginaldo de Souza, Paulo Benício e Judson Canto
Capa: Rafael Paixão
Projeto gráfico: Joede Bezerra
Editoração: Alexandre Soares

CDD: 220 – Comentário bíblico
ISBN: 978-85-263-0917-3

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso no Brasil

1ª edição/2008

EDIÇÃO BRASILEIRA

Direção-Geral
Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor-Executivo da CPAD

Supervisão editorial
Claudionor de Andrade
Gerente de Publicações

Coordenação editorial
Isael de Araujo
Chefe do Setor de Bíblias e Obras Especiais

PREFÁCIO

Depois de muita expectativa e muita pesquisa, o último volume da *Exposição* do finado Sr. Matthew Henry vem agora a público. Discriminaremos aqui as desvantagens comuns que habitualmente acompanham as produções póstumas. Esperamos que, não obstante haja diversidade de dons, o Espírito seja o mesmo. Alguns parentes e ouvintes desta excelente pessoa empenharam-se em transcrever as notas taquigráficas que eles tomaram desta parte das Santas Escrituras, quando lhes foram expostas por ele no seio familiar ou no ambiente congregacional. Dessa forma, recebemos materiais muito bons para concluirmos esta obra grandiosa. E não duvidamos de que os ministros que se ocuparam dessa tarefa tenham se servido desses recursos, designando esta compilação à honra do nome de Matthew Henry. Nesse caso, tais indivíduos silenciam de boa vontade o próprio nome.

O Novo Testamento pode ser corretamente dividido em duas partes: a divisão *histórica* e a divisão *epistolar*. Faremos uma exposição da segunda divisão, tecendo alguns comentários sobre o modo epistolar de escrita. Depois, passaremos a observar a autoridade divina destas epístolas, junto com o estilo, o assunto, o método e o propósito delas. Os comentários sobre os diversos autores inspirados serão deixados para as introduções pertinentes a cada epístola em particular.

Sobre o modo epistolar de escrita, é suficiente observarmos que tem, em geral, três propriedades: em certas coisas é mais *difícil* de entendermos, embora seja muito *proveitoso* e muito *agradável*; estas são as propriedades que devemos encontrar nestas Letras Sagradas. Encontraremos coisas não tão fáceis de serem entendidas, sobretudo nos pontos em que não soubermos as ocasiões particulares nas quais foram escritas, ou nas questões aos quais de fato se referem. Mas tais dificuldades são compensadas abundantemente pelo proveito que proporcionará aos indivíduos que lerem o texto com a devida atenção. Eles encontrarão as mais fortes argumentações, as mais comoventes análises e as mais ternas e urgentes exortações entremeadas com avisos e reprovações oportunas que são admiravelmente fornecidas para impressionar a mente com sentimentos e emoções satisfatórias. E quanto prazer e deleite consistente esta dinâmica oferece a indivíduos de espírito sério e religioso, especialmente quando aplicam sábia e fielmente para si o que condiz com a situação em que vivem! Desta forma, terão a impressão de a mensagem ter sido escrita para eles, como se seus nomes estivessem no cabeçalho do texto. É natural nos deliciar em extremo com a leitura de uma carta sensata e amável, repleta de instruções e consolo, endereçada a nós por um amigo ausente. Sendo assim, como prezamos esta parte das Santas Escrituras, quando levamos em consideração que nosso Senhor e Salvador escreveu estas cartas para nós, nas quais temos as grandes verdades da lei e do evangelho, as coisas que pertencem à nossa paz! Por meio destas cartas, não só os apóstolos santos, depois de mortos, ainda falam (Hb 11.4), como também o Senhor dos profetas e apóstolos continua falando conosco e nos escrevendo. Quando as lemos com o sentimento apropriado e as acompanhamos com as devidas petições e louvores, ocorre uma correspondência e relacionamento abençoado entre os céus e nós, enquanto ainda somos peregrinos na terra.

Mas o nosso interesse especial prende-se à inspiração e autoridade divina destas epístolas. É de suma importância que neste quesito estejamos inteiramente seguros. Temos evidências fortes e claras de que estas epístolas foram escritas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus, e que eles (como os profetas do Antigo Testamento) falaram e escreveram *inspirados pelo Espírito Santo* (2 Pe 1.21). Em todas as eras da Igreja, estas epístolas têm sido aceitas pelos cristãos como parte dessa Santa Escritura, que é *divinamente inspirada* e *proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça*, a qual pode nos fazer sábios *para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus* (2 Tm 3.16,15). Estas epístolas fazem parte dessa eterna regra universal de fé e vida, que contém doutrinas e revelações às quais somos compelidos a crer com fé divina como verdades provenientes do Deus da verdade. Esta regra também contém deveres para cumprirmos em obediência à vontade de Deus, reconhecendo que as coisas escritas aqui *são mandamentos do Senhor* (1 Co 14.37). As mesmas razões que nos levam a reconhecer que as outras partes da Bíblia são a palavra de Deus, nos obrigam a reconhecer que estas epístolas também o são. Se existem boas razões (e elas existem!) para crermos que os livros de Moisés foram escritos por inspiração de Deus, então temos as mesmas razões para crer que os escritos dos profetas também eram de Deus, porque a lei e os profetas falam as mesmas coisas, e tais coisas são nada mais que os ensinos do Espírito Santo. Se, com fé divina, cremos que o Antigo Testamento é a revelação de Deus, então não há boas razões para questionarmos a autoridade divina do Novo Testamento, quando consideramos que as histórias de um concordam exatamente com as profecias do outro, e que os tipos e sombras da lei são ilustrados e cumpridos no evangelho. Ninguém que afirma crer na autoridade divina da parte histórica do Novo Testamento, abrangendo os Evangelhos e Atos, tem boas razões para questionar a autoridade igual da parte epistolar, pois o tema de todas estas epístolas, bem como dos sermões dos apóstolos, é a *palavra de Deus* (Rm 10.17; 1 Ts 2.13; Cl 1.25), o *evangelho de Deus* (Rm 15.16; 2 Co 11.7) e o *evangelho de Cristo* (2 Co 2.12). Temos de edificar *sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina* (Ef 2.20). Assim como Moisés escreveu sobre Cristo, assim escreveram todos os profetas, pois o Espírito de Cristo neles testemunhava de Cristo. E os apóstolos confir-

maram o que o próprio Cristo começou a ensinar, *testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade* (Hb 2.3,4). A manifestação de Deus em carne, as coisas que Ele *começou, não só a fazer, mas a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima* (At 1.1,2), junto com os seus sofrimentos até a morte e a sua ressurreição (coisas que nos foram declaradas e são firmemente cridas e estritamente consideradas por nós), dão-nos ampla narrativa do modo de vida e salvação por Jesus Cristo. Mas era a vontade de nosso bendito Deus que os seus apóstolos proclamassem o evangelho a todo o mundo e, depois da ressurreição, anunciassem certas coisas com mais clareza concernentes a Ele do que Ele julgou necessário esclarecer-lhes enquanto esteve aqui na terra. Para esse fim, Ele prometeu enviar o seu Espírito Santo para lhes ensinar todas as coisas e lhes fazer lembrar de tudo quanto Ele havia dito para eles (Jo 14.26). Pois Ele lhes disse: *Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir* (Jo 16.12,13). Desta maneira, descobrimos que houve uma efusão maravilhosa do Espírito Santo nos apóstolos (os quais nestas epístolas são chamados de *servos de Cristo*, Fp 1.1; *embaixadores da parte de Cristo*, 2 Co 5.2; e *ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus*, 1 Co 4.1), sob cuja orientação infalível eles pregaram o evangelho e declararam todo o conselho de Deus; e o fizeram com ousadia e sucesso surpreendentes, sendo que em todo lugar Satanás caía diante deles como raio do céu. É inegável que quando pregavam o evangelho, eles estavam sob a influência do Espírito infalível, que é condição verificável pelos dons e poderes milagrosos que eles receberam para a execução da obra, particularmente o dom de línguas, tão necessário para a proclamação do evangelho por todo o mundo a nações de idiomas diferentes. Também não devemos esquecer o poder grandioso que acompanhou a palavra pregada, levando as multidões à obediência da fé, apesar de toda a oposição da terra e do inferno, e das potentes concupiscências do coração daqueles que dos ídolos se converteram a Deus *para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura* (1 Ts 1.9,10). Não podemos negar que eles estavam sob a mesma influência poderosa quando escreveram estas epístolas e quando pregavam. Semelhante ajuda infalível era, no mínimo, tão necessária para orientar-lhes a escrita quanto a pregação, visto que estas epístolas foram escritas para manter na memória as coisas que foram entregues verbalmente (2 Pe 1.15) e para corrigir os enganos que poderiam surgir sobre algumas expressões usadas na pregação (2 Ts 2.2). Portanto, estas epístolas tinham de continuar como regra e registro permanentes, aos quais os crentes recorreriam para defender a verdade e descobrir o erro, e um meio apropriado para transmitir as verdades do evangelho à posteridade, até ao fim dos tempos. Além disso, os escritores destas epístolas declaram que o que escreveram era de Deus. Obviamente, eles tinham de saber se tiveram ou não a ajuda especial do Espírito divino para escrever e para pregar. Em tudo, eles dão mostras de terem sido homens de tal probidade que não ousariam dizer que tinham o Espírito de Deus quando não o tinham, ou se alimentavam dúvidas a respeito. Eles foram cuidadosos em diferenciar quando externavam opiniões particulares ou quando estavam sob certa influência comum, para dizer ao mundo que não foi o *Senhor*, mas *eles* que falaram certas coisas, mas que no demais não foram eles, mas o Senhor que falou (1 Co 7.10,12). O apóstolo Paulo reconhece essa situação, dizendo que a inspiração deles era um teste para provar os que fingiam ser profetas ou espirituais: *Reconheça*, diz ele, *que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor* (1 Co 14.37). O apóstolo Pedro dá esta razão de ele ter escrito suas cartas: que aqueles a quem ele escreveu tenham lembrança destas coisas depois da sua morte (2 Pe 1.15); mais adiante, ele diz que essas coisas são *mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos* (2 Pe 3.1,2), sendo, por conseguinte, do próprio Deus. E o apóstolo João declara: *Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro* (1 Jo 4.6).

Quanto ao estilo destas epístolas, ainda que seja necessário crermos numa influência divina superintendendo os vários escritores, não é fácil explicar o procedimento ou determinar se e em que particulares as palavras que escreveram foram ditadas para eles pelo Espírito Santo como meros *amanuenses*, ou até que ponto sua memória, raciocínio e outros talentos naturais ou adquiridos foram empregados sob a inspeção do Espírito. Temos de acreditar que estes homens santos falaram e escreveram *inspirados pelo Espírito Santo* (2 Pe 1.21), que Ele os revestiu e os ajudou neste trabalho. É muito provável que, ocasionalmente, Ele não somente tenha sugestionado pensamentos na mente dos escritores, mas lhes tenha posto as palavras na boca, sempre guiando-os infalivelmente a toda a verdade quando expuseram as Escrituras do Antigo Testamento e quando estabeleceram regras para a nossa fé e prática no estado eclesiástico do evangelho. E sem diminuir a autoridade destas epístolas, podemos afirmar que os escritores se serviram de argumentações próprias e de diferentes talentos na maneira de escrever, bem como de diversos tipos de quirografia. Isso explica a diferença de estilo observada entre os escritos de Paulo, que foi criado aos pés de Gamaliel, e os de Pedro e João, que eram pescadores. Percebemos a mesma diferença entre o estilo do profeta Isaías, que foi educado numa corte real, e o de Amós, que era pastor de Tecoa. Entretanto, o melhor modo de entendermos corretamente estas Escrituras não é criticar com muita minúcia as palavras e frases, mas prestar extrema atenção ao impulso e desígnio destes escritores inspirados nessas palavras e frases.

A *matéria* destas epístolas está em total harmonia com as demais Escrituras. Nessas epístolas, encontramos freqüentes referências a certas passagens veterotestamentárias e suas respectivas explicações: na Epístola aos Hebreus, temos a melhor exposição da lei levítica. De fato, o Novo Testamento se refere e até certo ponto se baseia no Antigo Testamento, mostrando o cumprimento de todas as promessas e profecias antigas concernentes ao Messias, e explicando todos os antigos tipos e sombras *dos bens futuros* (Hb 10.1). Mas, além destas referências à parte pre-

cedente da Escritura Sagrada, em algumas destas epístolas há profecias restritas, quer completamente novas ou, pelo menos, mais ampla e claramente reveladas, como as do Apocalipse em relação à elevação, reinado e queda do anticristo, sobre cujo tema 2 Tessalonicenses 2.3,4 e 1 Timóteo 4.1-3 descrevem em linhas geais a grande apostasia. Temos nestas epístolas as grandes doutrinas do evangelho analisadas de forma mais completa que em outras partes das Escrituras, particularmente a doutrina do pecado original, do pecado que habita nos regenerados e a justificação pela justiça de Cristo, da abolição dos ritos e cerimônias judaicas, da verdadeira natureza e desígnio dos selos do novo concerto, das obrigações que nos impõem e do seu uso perpétuo na igreja cristã.

O método geral destas epístolas é na medida em que melhor serve ao propósito ou desígnio delas, o que na verdade é o propósito de todas as Escrituras – religiosidade prática, princípio do amor divino, uma boa consciência e uma fé sem fingimento. Por conseguinte, a maioria das epístolas começa com as grandes doutrinas do evangelho, os artigos da fé cristã, os quais, quando recebidos, trabalham por amor, purificam a consciência e produzem obediência evangélica. Depois que estes princípios são estabelecidos, tiram-se conclusões práticas e exortações insistentes. Utilizando este método, dá-se consideração à natureza e faculdades da alma humana (sempre que a compreensão mostra o caminho, seguem-na a vontade, as emoções e as faculdades executivas), e à natureza da religião em geral, o que é um culto racional. Não devemos ser determinados por fantasias supersticiosas, ou por paixões cegas, mas pelo são juízo e o bom entendimento sobre a mente e a vontade de Deus. Por isso, sabemos como é necessário que a fé e a prática, a verdade e a santidade, estejam unidas. O desempenho dos deveres morais nunca será aceitável a Deus, nem acessível para nossa própria salvação, sem a convicção da verdade, visto que quem naufraga na fé raramente mantém uma boa consciência, e que a mais solene profissão de fé jamais salvará aqueles *que detêm a verdade em injustiça* (Rm 1.18).

As ocasiões particulares nas quais estas epístolas foram escritas não se mostram tão evidentes em todas quanto em algumas. A Primeira Epístola aos Coríntios deve sua existência às divisões infelizes que logo surgiram nas igrejas de Cristo, pela rivalidade entre ministros e paixões pessoais das pessoas; mas não se limita a esse assunto. A Epístola aos Gálatas foi endereçada primariamente contra os mestres judaizantes que procuravam afastar os convertidos gentios da simplicidade do evangelho em termos de doutrina e adoração. A Epístola aos Hebreus teve o desígnio evidente de separar os judeus convertidos dos ritos e cerimônias mosaicas, aos quais se apegavam com muita estima, e reconciliá-los com a extinção dessa economia. As epístolas que são endereçadas mais especificamente a pessoas têm o propósito claro por si mesmo, facilmente identificável ao leitor. Mas um ponto é indiscutível: nenhuma destas epístolas é de particular interpretação. Muitos dos salmos e das profecias do Antigo Testamento foram escritos ou pronunciados em ocasiões particulares, mas são de reputação e uso universal, sendo muito instrutivos para nós, *para quem já são chegados os fins dos séculos* (1 Co 10.11). E o mesmo se dá com as epístolas que parecem estar restritas à ocasião em que foram escritas. Sempre será necessário advertir os cristãos sobre divisões descaridosas, a corrupção da fé e a adoração do evangelho. Sempre que a situação se repetir, estas epístolas endereçadas a tais igrejas e pessoas têm a mesma pertinência para os cristãos de hoje.

Estas observações gerais, supomos, são suficientes para apresentar ao leitor o próprio livro. Façamos um breve exame da obra toda, da qual este volume póstumo é a conclusão. Hoje faz aproximadamente quatorze anos desde que a primeira parte deste comentário bíblico foi publicada. Em cinco anos, o Antigo Testamento foi concluído em quatro volumes. O primeiro volume do Novo Testamento requereu mais tempo de preparação. Embora o notável autor sempre estivesse ocupado no trabalho comum do seu ministério, seus últimos anos de vida, nos quais ele preparou a exposição da parte histórica do Novo Testamento, estiveram muito menos ao seu comando do que antes. A mudança para Hackney, a pregação quase ininterrupta todos os dias, as viagens a Chester e a necessidade de visitas mais freqüentes a amigos em Londres e vizinhanças, aliadas à sensível queda gradual de saúde, mais do que desculpam os três anos que passou para concluir o trabalho. E sob tais dificuldades ninguém mais que um homem de zelo santo, diligência infatigável e grande sagacidade poderia ter terminado tal serviço nesse espaço de tempo. O autor não viveu para ver o volume publicado, embora o deixasse pronto para a impressão. A Igreja de Deus foi repentinamente privada de um dos ministros mais profícuos desta época. Nós recolhemos os fragmentos desses banquetes com os quais ele entretinha a família e amigos no seu trabalho delicioso de expor as Escrituras. O que nos resta é apresentar a totalidade deste trabalho à aprovação e bênção de nosso Senhor e Salvador, para cuja honra e participação o empreendimento foi, desde o início, dirigido e dedicado. Não precisamos ser muito solícitos sobre a aceitação que este trabalho teve no mundo: os volumes publicados foram recebidos e lidos com grande prazer e proveito pelos mais sérios e experientes cristãos da Grã-Bretanha e Irlanda. Os muitos apelos insistentes para a publicação deste suplemento e a reimpressão do conjunto nao nos deixam dúvida de que este volume obterá boa acolhida. Embora reconheçamos que vivemos numa época que, por alimentar-se de cinzas e vento, perdeu muito do gosto de tudo que é espiritual e evangélico, estamos convictos de que haverá muitos que, *em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal* (Hb 5.14). Quem acha que as notas expositivas são muito longas, sobretudo para o culto doméstico, tem duas opções fáceis: ler uma parte menor do capítulo por vez, ou abreviar as anotações e ler atentamente o restante quando tiver mais tempo. Ainda que admitamos que os comentários sejam um tanto copiosos, estamos persuadidos de que os que os lerem com atenção não encontrarão nada supérfluo ou desprovido de pertinência. Se em algum ponto certas coisas no comentário não parecem fluir com tanta naturalidade e necessidade do texto, acreditamos que quando forem bem analisadas e comparadas mostrarão que são condizentes com a analogia e raciocínio geral do assunto, sendo verdadeiramente pertinentes. Se alguém julga que esta exposição

da Bíblia é muito simples e pretensiosa, que lhe falta a beleza da oratória e a força da crítica, pedimos apenas que a releiam com a devida atenção, pois temos certeza de que encontrarão o estilo natural, claro e inclusivo. Em nossa opinião, tais indivíduos dificilmente produzirão crítica valiosa dos comentaristas mais doutos, mas a encontrarão nesta exposição, embora expressa em termos simples e não apresentada como de natureza crítica. Ninguém era mais hábil nesse talento útil de simplificar as coisas obscuras que Matthew Henry, ao passo que muitos que se julgam acima da crítica fazem não mais que obscurecer as coisas simples.

Mas deixemos que este trabalho extenso e bom fale por si mesmo. Não duvidemos de que será muito usado e estimado, e que, com a bênção de Deus, ajudará a reavivar e promover a religião familiar e o conhecimento bíblico, e a sustentar o crédito dos comentários bíblicos, embora expressos em termos humanos. Estes comentários sempre foram considerados os grandes tesouros da igreja, e quando estudados com bom senso, fomentam a autoridade da Bíblia e promovem sua honra e utilidade.

A seguir, apresentamos os ministros que completaram a exposição dos Escritos Epistolares e do Apocalipse, conforme nos informa o ilustríssimo J. B. Williams (Doutor em Direito e Membro da Sociedade dos Atuários) em seu livro *Memoirs of the Life, Character, and Writings, of the Rev. Mathew Henry* (Memórias da Vida, Caráter e Escritos do Rev. Matthew Henry), vol. 8, p. 308.

Romanos	Sr. [posteriormente Dr.] John Evans
1 Coríntios	Sr. Simon Browne
2 Coríntios	Sr. Daniel Mayo
Gálatas	Sr. Joshua Bayes
Efésios	Sr. Samuel Rosewell
Filipenses	Sr. [posteriormente Dr.] William Harris
Colossenses	Sr. [posteriormente Dr.] William Harris
1 Tessalonicenses	Sr. Daniel Mayo
2 Tessalonicenses	Sr. Daniel Mayo
1 Timóteo	Sr. Benjamin Andrews Atkinson
2 Timóteo	Sr. Benjamin Andrews Atkinson
Tito	Sr. Jeremiah Smith
Filemom	Sr. Jeremiah Smith
Hebreus	Sr. William Tong
Tiago	Dr. S. Wright
1 Pedro	Sr. Zec. Merrill
2 Pedro	Sr. Joseph Hill
1 João	Sr. John Reynolds, de Shrewsbury
2 João	Sr. John Reynolds, de Shrewsbury
3 João	Sr. John Reynolds, de Shrewsbury
Judas	Sr. John Billingsley
Apocalipse	Sr. William Tong

Atos dos apóstolos

Uma exposição com observações práticas

Temos a grata satisfação de ver que o fundamento de nossa santa religião está firmado na história de nosso Salvador bendito, seu grande autor. Esta história foi narrada e registrada por quatro escritores inspirados, os quais concordam com esta verdade sagrada e suas provas incontestáveis de que Jesus é *o Cristo, o Filho do Deus vivo* (Mt 16.16). A Igreja cristã está edificada sobre esta pedra. Como começou a ser edificada sobre esta pedra é o tema a ser discorrido neste livro sacro, o qual nos é *uma só testemunha* (Dt 19.1), pois os assuntos ligados a Cristo deviam ser narrados e atestados de modo mais completo do que aqueles ligados aos apóstolos. Se a Sabedoria Infinita tivesse considerado apropriado, teríamos tantos livros de Atos dos Apóstolos quantos Evangelhos. Mas por medo de sobrecarregar o mundo (Jo 21.25), possuímos o suficiente para explicar o propósito de seu uso. Podemos considerar a história deste livro (que sempre foi recebido como parte do cânon sagrado) de dois modos.

I Como lembrança dos Evangelhos que precedem Atos, elucidando-os e fortalecendo tremendamente nossa fé neles. As promessas feitas lá têm seu cumprimento aqui, particularmente as grandiosas promessas da vinda do Espírito Santo e de suas operações maravilhosas, tanto *nos apóstolos* (os quais logo descobriremos que são pessoas mudadas em relação ao que eram nos Evangelhos; eles deixaram de ser indecisos e medrosos e se tornaram aptos a dizer o que antes não podiam suportar, Jo 16.12; são tão ousados quanto leões para enfrentar as adversidades, as quais só de pensar, antes os faziam tremer como cordeiros) quanto *com os apóstolos*, tornando a palavra poderosa *para destruição das fortalezas* de Satanás (2 Co 10.4), a qual antes fora pregada comparativamente em vão. A comissão dada aos apóstolos lá é executada aqui, e os poderes implantados lá são mostrados aqui em milagres feitos no corpo das pessoas: milagres de misericórdia, curando corpos doentes e ressuscitando corpos mortos; milagres de julgamento, golpeando os rebeldes com cegueira ou tirando-lhes a vida; e milagres muitos maiores feitos na mente das pessoas, concedendo-lhes dons espirituais, dons de entendimento e dons de expressão vocal. E toda essa dinâmica é conseqüência dos propósitos de Cristo e cumprimento de suas promessas feitas nos evangelhos. As provas da ressurreição de Cristo, com as quais os evangelhos se encerram, são confirmadas abundantemente aqui, não só pelo testemunho constante e destemido daqueles que conversaram com Ele depois que Ele ressuscitou (todos o abandonaram e um deles o negou; só voltaram a se reunir pela ressurreição, caso contrário teriam se espalhado irremediavelmente; mas isso os capacitou a confessá-lo com mais determinação que nunca, a despeito de laços e mortes), mas também pela operação do Espírito com o testemunho para a conversão de multidões à fé de Cristo, de acordo com a palavra de Cristo, que sua ressurreição, o sinal do profeta Jonas, que foi reservado até o fim, seria a prova mais convincente de sua missão divina. Cristo dissera aos discípulos que eles seriam testemunhas e este livro os apresenta testemunhando. Eles seriam *pescadores de homens* (Mt 4.19) e aqui os vemos pescando multidões com a rede do evangelho. Eles seriam a *luz do mundo* (Mt 5.14) e aqui vemos o mundo iluminado por eles, embora a alvorada de cima, cujos primeiros raios já discernimos, esteja brilhando aqui cada vez mais. O *grão de trigo* que lá caiu na terra, aqui nasce e dá muito fruto (Jo 12.24); o *grão de mostarda* de lá é a *árvore* daqui (Mt 13.31,32); e o *Reino de Deus* que lá estava *próximo*, aqui é estabelecido (Mc 13.1). As predições de Cristo sobre as perseguições mortais que afligiriam os pregadores do evangelho (embora ninguém imaginasse que uma doutrina tão digna de aceitação encontrasse tanta oposição) aqui vemos plenamente cumpridas, bem como a certeza que lhes deu de apoio e consolo extraordinário em tais sofrimentos. Portanto, como a parte final da história do Antigo Testamento confirma as promessas feitas aos pais na parte anterior (conforme reconhece a declaração famosa e solene de Salomão, a qual serve de quitação plena e rasa: *Nem uma só palavra caiu de todas as suas boas palavras que falou pelo ministério de Moisés, seu servo*, 2 Rs 8.56), assim esta parte final da história do Novo Testamento corresponde exatamente ao ensino de Cristo exposto em sua primeira parte. Desta forma, eles se confirmam mutuamente e ilustram um ao outro.

II Como entreato das Epístolas que vêm a seguir, que explicam os Evangelhos e divulgam os mistérios da morte e ressurreição de Cristo, cuja história os Evangelhos narram. Este livro as apresenta e é uma chave para elas, como a história de Davi é para os salmos de Davi. Somos membros da Igreja cristã, *o tabernáculo de Deus com os homens* (Ap 21.3), situação que nos honra e privilegia. Este livro explica a concepção e edificação deste tabernáculo. Os quatro Evangelhos mostraram como foi posta a fundação da casa; este mostra como a superestrutura começou a ser levantada: 1. Entre os judeus e samaritanos, sobre quem temos uma narrativa na primeira parte deste li-

vro. 2. Entre os gentios, sobre quem temos uma narrativa em sua parte final. Desde então e até nossos dias, a igreja cristã subsiste numa confissão visível de fé em Cristo, como o Filho de Deus e Salvador do mundo, constituída de seus discípulos batizados, incorporada em sociedades religiosas, congregando-se, como determinado, em assembléias religiosas, cuidando da doutrina dos apóstolos e reunindo-se para orar e partir o pão, sob a orientação e presidência de homens que se entregaram à oração e ao ministério da palavra, e numa comunhão espiritual com todos os que em todo lugar fazem o mesmo. Semelhante corpo está hoje no mundo, ao qual pertencemos. Para nossa grande satisfação e honra, temos neste livro o surgimento e origem da Igreja, imensamente diferente da igreja judaica e edificada sobre suas ruínas, mas inquestionavelmente de Deus e não do homem. Com esta confiança e consolação, prosseguimos e nos mantemos fiéis à confissão cristã, contanto que se harmonize com o *modelo que foi mostrado no monte* (Êx 26.30), ao qual devemos nos conformar e nos limitar religiosamente!

Há duas coisas que devemos observar em relação a este livro: (1) O escritor. Foi escrito por Lucas, autor do terceiro dos quatro Evangelhos, que leva seu nome; e que (como destaca o erudito Dr. Whitby) foi muito provavelmente, um dos setenta discípulos, cuja comissão (Lc 10.1ss.) foi um pouco inferior à dos doze apóstolos. Este Lucas foi excelente companheiro de Paulo em seus serviços e sofrimentos. *Somente Lucas está comigo* (2 Tm 4.11). Sabemos, pelos seus dizeres na parte final do livro sob estudo, quando e onde ele estava com Paulo, ao escrever que "nós fizemos isso ou aquilo" (cap. 16.10; 20.6), e assim até ao fim do livro. Ele estava com Paulo na viagem perigosa a Roma, quando levado para lá prisioneiro; ele estava com ele quando, da prisão, o apóstolo escreveu as epístolas aos Colossenses e Filemom, sendo que em ambas ele é citado. E podemos dizer que Lucas escreveu esta história quando estava com Paulo em Roma, durante o aprisionamento deste naquela cidade, e foi seu assistente, pois a história termina relatando que Paulo pregava em sua própria casa alugada. (2) O título: *Os Atos dos Apóstolos*; *dos santos Apóstolos*, assim dizem as cópias gregas em geral e assim são chamados: *Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos* (Ap 18.20). Certa cópia traz este título: *Os Atos dos Apóstolos pelo Evangelista Lucas.* [1] O Livro de Atos é a história dos apóstolos, mas contém também a história de Estevão, Barnabé e de alguns outros homens apostólicos, que ainda que não pertencentes aos doze, foram capacitados pelo mesmo Espírito e empregados na mesma obra. Entre os que eram apóstolos, registra somente a história de Pedro e Paulo (agora Paulo era um dos doze): Pedro, o apóstolo da circuncisão, e Paulo, o apóstolo dos gentios (Gl 2.7). Mas basta como amostra do que os demais apóstolos fizeram em outros lugares, conforme a comissão que receberam, pois nenhum deles ficou sem fazer nada. Portanto, o que está relatado nos Evangelhos concernente a Cristo é, segundo pensamos, suficiente, porque a Sabedoria Infinita assim o quis. O mesmo devemos pensar no que está relatado acerca dos apóstolos e de sua labuta. Quanto às informações que a tradição nos fala sobre a obra e sofrimentos dos apóstolos, e sobre as igrejas que eles plantaram, são duvidosas e incertas, nas quais, julgo, não podemos nos basear satisfatoriamente. Os relatos que este livro sob análise oferece são *ouro, prata, pedras preciosas* edificados sobre o *fundamento*, ao passo que as informações da tradição são *madeira, feno, palha* (2 Co 3.12). [2] O Livro de Atos é chamado *atos* ou *ações* dos apóstolos. *Gesta apostolorum*, conforme afirmam certos estudiosos. *Praxeis* – a prática das lições que o Mestre lhes ensinara. Os apóstolos eram homens ativos. Embora os feitos maravilhosos que fizeram fossem feitos pela Palavra, são apropriadamente chamados *os atos dos apóstolos*. Eles falaram, ou antes, o Espírito Santo por eles *mandou, e logo tudo apareceu* (Gn 33.9). A história está recheada com os sermões e sofrimentos dos apóstolos. E tanto labutaram em sua pregação, tanto se expuseram voluntariamente a sofrimentos e foram tantas as suas realizações pela labuta e sofrimento, que os relatos podem muito bem ser chamados de *atos dos apóstolos.*

Capítulo 1

O historiador inspirado começa sua narrativa dos Atos dos Apóstolos: I. Com referência e breve recapitulação do seu Evangelho, ou a história da vida de Cristo, fazendo uma dedicatória deste livro, como o fizera daquele, ao seu amigo Teófilo (vv. 1,2). II. Com um resumo das provas da ressurreição de Cristo, sua reunião com os discípulos e as instruções que Ele lhes deu durante os quarenta dias em que estendeu sua permanência na terra (vv. 3-5). III. Com uma narrativa particular da ascensão de Cristo ao céu, sua conversa com os discípulos antes de Ele ascender e a mensagem dos anjos para os discípulos depois que Ele subiu ao céu (vv. 6-11). IV. Com uma idéia geral do início da igreja cristã e seu estado desde a ascensão de Cristo até ao derramamento do Espírito (vv. 12-14). V. Com um relato particular do preenchimento do cargo vacante ocasionado no sacro colégio pela morte de Judas e a eleição de Matias para ocupar o seu lugar (vv. 15-26).

Provas da Ressurreição de Cristo. A Conversa de Cristo com os Apóstolos

vv. 1-5

Nestes versículos:

I Teófilo é lembrado, e nós juntamente com ele, do Evangelho de Lucas, o qual examinaremos brevemente antes de nos entregarmos ao estudo deste livro. Com isso, veremos que Atos começa onde o Evangelho segundo Lucas termina. *Como na água o rosto*

corresponde ao rosto (Pv. 27.19), assim os atos dos apóstolos correspondem aos atos do seu Mestre, os atos da sua graça.

1. O protetor de Lucas, a quem ele dedica sua obra (ou antes, seu *aluno*, porque ele visiona, ao lhe dedicar este livro, instruí-lo e dirigi-lo, e não almeja sua aprovação ou proteção), é *Teófilo* (v. 1). Na dedicatória do Evangelho, ele o chamara *ó excelentíssimo Teófilo* (Lc 1.3). Aqui o chama tão-somente *ó Teófilo*. Isso não quer dizer que ele perdera sua excelência, sua posição social. Mas talvez signifique que ele renunciara ao cargo, fosse qual fosse, pelo qual recebera esse título. Ou quem sabe agora, avançado em idade, não menosprezava esse título de respeito. Ou talvez Lucas, por se tornar mais íntimo dele, o tratasse com mais liberdade. Era costume os antigos escritores, cristãos ou não, dedicarem suas obras a amigos particulares. O fato de alguns livros das Escrituras estarem endereçados dessa maneira dá a entender que cada um de nós deve recebê-los como se fossem endereçados às nossas vidas, pois *tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito* (Rm 15.4).

2. Aqui, o Evangelho de Lucas é chamado *o primeiro tratado* que eu *fiz*, o qual ele manteve em vista ao escrever o livro de Atos, pois sua intenção era que este fosse uma continuação e confirmação daquele, *ton proton logon – a primeira palavra*. O que foi escrito sobre o evangelho é tão verdadeiramente a palavra quanto o que foi falado. Hoje não conhecemos nenhuma palavra escrita à qual devamos dar crédito, senão quando concorda com aquilo que já foi escrito. Ele fez o primeiro tratado, e agora é divinamente inspirado a elaborar também este, pois os discípulos de Cristo têm de prosseguir *até a perfeição* (Hb 6.1). Por conseguinte, seus guias têm de ajudá-los nesse empreendimento, devendo ensinar *ao povo o conhecimento* (Ec 12.9) e não pensar que seus primeiros esforços, por melhores que foram, os isentará de outros ainda maiores. Os primeiros esforços devem estimulá-los e encorajá-los, como aconteceu com Lucas, que, por ter posto o fundamento em um primeiro tratado, baseia-se naquele para fazer este. Não deixemos que isto nos desvie; não permitamos que novos sermões e novos livros nos façam esquecer dos velhos, mas que nos forcem a pô-los em mente e nos ajudem a melhorá-los.

3. O teor do Evangelho de Lucas era *acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar* (v. 1). O assunto é o mesmo dos escritos dos outros três evangelistas. Observe: (1) Jesus tanto fez como ensinou. A doutrina que Ele ensinou era confirmada pelas obras milagrosas que Ele operava, o que comprovava ser Ele um *mestre vindo de Deus* (Jo 3.2). Os deveres que ensinou foram passados a limpo nas obras graciosas e santas que fez. Assim, Ele nos deixou *o exemplo*, o que prova ser Ele um *mestre vindo de Deus*, pois *por seus frutos os conhecereis* (Mt 7.20). Os melhores ministros são os que praticam e ensinam, cuja vida é um sermão constante. (2) Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar. Ele pôs o fundamento de tudo que seria ensinado e feito na igreja cristã. Os apóstolos tinham de levar avante e continuar o que Ele começou, fazendo e ensinando as mesmas coisas. Jesus os designou e depois permitiu que prosseguissem, enviando-lhes o seu Espírito para capacitá-los para o ministério. É reconfortante para os que se empenham em continuar a obra do evangelho saber que o próprio Jesus a começou. A *grande salvação* começou *a ser anunciada pelo Senhor* (Hb 2.3). (3) Os quatro evangelistas, e particularmente Lucas, nos passaram *tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar* (v. 1). O mundo não poderia conter todos os pormenores, mas todos os tópicos e amostras de tudo que temos são tantos e em tal variedade que, por eles, podemos julgar os demais. Temos o início da sua doutrina (Mt 4.17) e o início dos seus milagres (Jo 2.11). Lucas falara e tratara de todas as declarações e ações de Cristo, dera-nos uma idéia geral de tudo, embora não tivesse registrado cada uma em particular.

4. O período da história evangélica é determinado *ao dia em que foi recebido em cima* (v. 2). Foi então que Ele deixou este mundo, e sua presença física não esteve mais aqui. O Evangelho de Marcos se encerra com *o Senhor* [...] *foi recebido no céu* (Mc 16.19), e o mesmo ocorre no de Lucas (Lc 4.51). Cristo continuou fazendo e ensinando até o fim, *até ao dia em que foi recebido em cima*, para outra obra que Ele tinha de fazer dentro do véu.

II A verdade da ressurreição de Cristo é mantida e comprovada (v. 3). Aquela parte do que foi narrada no primeiro tratado era tão importante que era necessária ser repetida em todas as ocasiões. A grande prova da ressurreição de Jesus consistiu em que Ele *se apresentou vivo* aos apóstolos. Por estar vivo, se mostrou e foi *visto por eles*. Eles eram homens honestos, pessoas em quem se podia confiar pelo testemunho que deram. Mas a questão é se eles não foram enganados, como ocorre com indivíduos bem-intencionados. Não, não foram, pois: 1. As *provas* eram *infalíveis, tekmeria – indicações simples*, tanto de que Ele estava *vivo* (v. 3; Ele andou e falou com eles, comeu e bebeu com eles) como de que *era Ele mesmo, e não outra pessoa*. Ele lhes mostrou muitas e muitas vezes as marcas das *feridas nas mãos, pés e lado*, as quais eram a prova suprema do fato ou de sua possibilidade. 2. As *provas* eram *muitas* e freqüentemente repetidas. Ele foi *visto por eles por espaço de quarenta dias* (v. 3). Jesus não ficava sempre com eles, mas lhes aparecia freqüentemente, levando-os por etapas a estarem plenamente satisfeitos com isto, de forma que a tristeza por sua partida foi absorvida por essa satisfação. O fato de Jesus ficar na terra por tanto depois de ter entrado em seu estado de exaltação e glória, para confirmar a fé dos discípulos e consolar seus corações, era exemplo de condescendência e compaixão pelos cristãos, o que nos dá absoluta certeza de que *temos um sumo sacerdote que* pode *compadecer-se das nossas fraquezas* (Hb 4.15).

III Há uma alusão geral sobre as instruções que Jesus deu aos discípulos. Agora que Ele estava prestes a deixá-los, e considerando que Ele *assoprou sobre eles* (Jo 20.22) e *lhes abriu o entendimento* (Lc 24.45), eles estavam mais aptos a recebê-las. 1. Jesus instruiu os discípulos com relação à obra que tinham de fazer: *Depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera* (v. 2). Note que a escolha de Cristo sempre é acompanhada por sua incumbência. Aqueles a quem Ele elegeu para o apostolado esperavam que lhes concedesse cargos honoríficos, mas,

em vez disso, Ele lhes deu *mandamentos*. Quando partiu *para fora da terra*, deu *autoridade aos seus servos, e a cada um, sua obra* (Mc 13.34), e ainda *mandamentos, pelo Espírito Santo*. Foi com esse Espírito que Ele mesmo fora cheio como Mediador e o qual Ele assoprara sobre eles. Enviando o Espírito Santo, Ele lhes deu seus mandamentos, pois o Consolador seria um comandante, e o seu ofício seria fazer *lembrar de tudo o que* Jesus lhes tinha *dito* (Jo 14.26). "Ele comissionou os que eram apóstolos pelo Espírito Santo", assim estão colocadas as palavras. Foi por terem recebido o Espírito Santo que Ele confirmou-lhes o comissionamento (Jo 20.22). Jesus não foi recebido em cima até que tivesse lhes dado essa incumbência, e então terminou sua obra. 2. Jesus instruiu os discípulos com relação à doutrina que deviam propagar: *Falando* com eles *do que respeita ao Reino de Deus* (v. 3). Ele lhes dera uma idéia geral desse reino, que no tempo certo seria estabelecido no mundo (em sua parábola, Mc 13). Mas aqui Ele os instruiu no que tange à sua natureza, como um reino da graça neste mundo e da glória no outro, e lhes abriu o concerto que é o grande alvará pelo qual o reino está fundado e registrado. O propósito disso era: (1) Preparar os discípulos para receber o Espírito Santo e passar pelo que foram designados. Jesus lhes fala em secreto o que têm de contar ao mundo; e eles descobrirão que o Espírito da verdade, quando vier, dirá o mesmo. (2) Ser uma das provas da ressurreição de Jesus. Os discípulos, a quem Ele *se apresentou vivo* (v. 3), sabiam que era Ele, não só pelo que lhes mostrou, mas também pelo que lhes disse. Ninguém, senão Ele podia falar com tanta clareza, com tanta profundidade acerca *do que respeita ao Reino de Deus* (v. 3). Ele não os entreteve com discursos de política ou reino dos homens, de filosofia ou reino da natureza, mas com a divindade pura e o reino da graça, as coisas que mais lhes interessavam e àqueles a quem foram enviados.

IV Jesus promete particularmente aos discípulos que em breve receberão o Espírito Santo, com ordens expressas para esperá-lo (vv. 4,5). Jesus estava reunido com eles provavelmente no monte da Galiléia, local designado por Ele antes de morrer, pois há menção de eles estarem reunidos outra vez (v. 6), desta feita para assistir à sua ascensão. Embora os tivesse mandado para a Galiléia, não deveriam, todavia, pensar em permanecer lá. Eles tinham de voltar a Jerusalém e não sair de lá. Observe:

1. O mandamento que Jesus dá aos discípulos para esperar. Esta ordem tinha o propósito de lhes aumentar as expectativas de algo grande, pois eles tinham razão de esperar algo muito grande do seu Redentor exaltado. (1) Os discípulos têm de esperar até o tempo determinado, o qual agora é *não muito depois destes dias* (v. 5). Os que pela fé esperam as misericórdias prometidas terão de esperar com paciência até que elas venham segundo o tempo determinado. E quando o tempo estiver se aproximado, como agora, devemos, como Daniel, buscar as misericórdias prometidas (Dn 9.3). (2) Os discípulos têm de esperar no lugar determinado: *Jerusalém* (v. 4). É ali que o Espírito seria primeiramente derramando, pois Jesus tinha de ser Rei sobre o santo monte Sião (Sl 2.6), e a palavra do Senhor tinha de sair de Jerusalém (Is 2.3); esta devia ser a igreja-mãe. Naquele local, Cristo fora envergonhado, ali teria de ser honrado. Este favor é feito a Jerusalém para nos ensinar a perdoar nossos inimigos e perseguidores. Os apóstolos foram expostos ao perigo mais em Jerusalém do que na Galiléia. Mas podemos alegremente confiar em Deus a respeito de nossa segurança, quando nos mantemos no caminho do dever. Os apóstolos tinham de pôr um vestuário público para depois se aventurar em uma situação pública. Jerusalém era o candelabro mais adequado para essas luzes serem estabelecidas.

2. A garantia que Jesus dá aos discípulos de que não esperarão em vão.

(1) A bênção designada aos discípulos virá, e eles descobrirão que valeu a pena esperar. *Vós sereis batizados com o Espírito Santo* (v. 5), quer dizer: [1] "O Espírito Santo será derramado sobre vós mais abundantemente do que nunca." O Espírito Santo já fora assoprado sobre os discípulos (Jo 20.22), e eles já haviam se beneficiado disso. Mas agora eles terão maior medida de dons, graça e consolo em Jesus, e serão batizados, uma possível alusão às promessas veterotestamentárias do derramamento do Espírito (Jl 2.28; Is 44.3; 32.15). [2] "Vós sereis limpos e purificados pelo Espírito Santo", como os sacerdotes foram batizados e lavados com água, quando consagrados ao ofício sagrado. "Eles tiveram o sinal; vós tereis a coisa significada. Vós sereis santificados pela verdade, enquanto o Espírito vos conduzir cada vez mais nisso, e vós tereis a consciência purgada pelo testemunho do Espírito para que sirvais o Deus vivo no apostolado." [3] "Por meio disso, vós estareis comprometidos com o vosso Mestre e suas orientações muito mais eficazmente que nunca, como os israelitas *foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar* (2 Co 10.2). Vós estareis ligados a Cristo tão ferrenhamente que vós jamais, por medo de qualquer sofrimento, o abandonareis como já o fizestes."

(2) O dom do Espírito Santo, sobre o qual Jesus fala:

[1] Como *a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes* (v. 4). Logo, eles podem contar como certo. Em primeiro lugar, o Espírito foi dado por promessa e, isso consistia na grande promessa, como fora a do Messias (Lc 1.72) e é a da vida eterna hoje (1 Jo 2.25). As boas coisas temporais são dadas pela Providência, mas o Espírito e as bênçãos espirituais são dados por promessa (Gl 3.18). O Espírito de Deus não é dado como o espírito de homens que é dado e formado em nós pelo andamento natural das coisas (Zc 12.1), mas pela palavra de Deus. 1. O dom é da maior valia já que Jesus considerou a promessa do Espírito um legado digno de ser deixado para a igreja. 2. O dom é da maior certeza e os herdeiros da promessa podem confiar na imutabilidade do conselho de Deus a esse respeito. 3. O dom é da graça, da graça peculiar, e é recebido pela fé, apoderando-se da promessa e confiando nela. Como Jesus, assim o Espírito é recebido pela fé. Em segundo lugar, o Espírito era *a promessa do Pai*: 1. Do Pai de Jesus. Jesus, como Mediador, tinha em vista Deus como seu Pai, gerando o seu desígnio e o possuindo para sempre. 2. De nosso Pai, que, se Ele nos ofertou a *adoção de filhos* certamente nos dará o *Espírito* de *adoção* (Gl 4.5,6). Ele dará o Espírito, como o *Pai das luzes* (Tg 1.17), como o *Pai dos espíritos* (Hb 12.9) e como o *Pai das misericórdias* (2 Co 1.13); é *a pro-*

messa do Pai. Em terceiro lugar, os discípulos ouviram Jesus falar dessa *promessa do Pai* muitas vezes, sobretudo no sermão de despedida que Ele pregou pouco antes de morrer, e no qual Ele lhes garantiu, insistentemente, que o *Consolador* viria. Isto confirma a promessa de Deus e nos incentiva a confiar nela, pois a ouvimos de Jesus Cristo. *Porque tantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém* (2 Co 1.20). "Vós a ouvistes de mim; e Eu a cumprirei."

[2] Como a predição de João Batista, pois mesmo aqui Jesus os lembra desta profecia (v. 5): "Vós não só a ouvistes de mim, mas também a ouvistes de João Batista. Quando ele se dirigiu a vós sobre mim, falou: *Eu, em verdade, vos batizo com água* [...] *mas aquele que vem após mim* [...] *vos batizará com o Espírito Santo* (Mt 3.11)". É uma grande honra o que Jesus faz com João Batista ao lhe citar as palavras e tornar este grande dom do Espírito, agora prestes a acontecer, o cumprimento deste anúncio. Assim, Ele *confirma a palavra do seu servo e cumpre o conselho dos seus mensageiros* (Is 44.26). Mas Jesus faz mais do que os seus ministros. Para eles, é uma honra serem empregados na distribuição do método da graça, mas é sua prerrogativa dar o *Espírito de graça* (Zc 10.12). Ele *vos batizará com o Espírito Santo*, Ele vos ensinará pelo seu Espírito e dará o seu Espírito para fazer intercessão em vós, o que é mais que os melhores ministros que pregam conosco podem fazer.

(3) Este dom do Espírito Santo assim prometido, assim profetizado, assim esperado, é o que os apóstolos receberão no próximo capítulo de Atos. Esta promessa teve cumprimento pleno. Este dom era *aquele que havia de vir* e não *esperamos outro* (Mt 11.3). Aqui, a promessa é que o dom seria dado *não muito depois destes dias* (v. 5). Ele não especifica quantos dias, porque eles têm de manter-se diariamente numa disposição de espírito para recebê-lo. Outras Escrituras falam do *dom do Espírito Santo* (cap. 2.38; 10.45) para crentes comuns. Esta Escritura fala daquele poder particular com o qual, pelo Espírito Santo, os primeiros pregadores do evangelho e plantadores da igreja foram dotados, capacitando-os infalivelmente a relatar para aquela época e registrar para a posteridade a doutrina de Cristo e suas provas. Portanto, em virtude desta promessa e de seu desempenho, recebemos o Novo Testamento como de inspiração divina e arriscamos nossa alma nessa obra.

A Conversa de Cristo com os Apóstolos. A Ascensão de Cristo ao Céu
vv. 6-11

Em Jerusalém, Jesus instruíra os discípulos por meio do anjo a encontrá-lo na Galiléia. Lá, Ele os instruíra a achá-lo em Jerusalém num determinado dia. Dessa forma, Ele testava sua obediência, confirmando que estavam sempre dispostos e alegres. Eles *se haviam reunido* (v. 6), conforme os determinara, para serem *testemunhas* da sua ascensão, sobre a qual temos aqui uma narrativa.

I A pergunta que os discípulos fizeram a Jesus neste encontro. Eles *se haviam reunido* com Ele, como se tivessem consultado uns aos outros sobre a questão e concordado com a pergunta *nemine contradicente – por unanimidade.* Foram em conjunto e lhe apresentaram como a opinião geral de todos: *Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?* (v. 6). Há dois modos de entendermos a pergunta:

1. "Com certeza tu não o restaurarás aos atuais governantes de Israel, aos principais dos sacerdotes e aos anciãos, que te mataram e, para cumprir esse desígnio, mansamente entregaram o reino a César e se confessaram seus súditos. O quê? Aqueles que perseguiram a ti e a nós receberão tamanho poder? *Longe de ti seja.*"

2. "Com certeza tu o restaurarás agora à nação judaica, contanto que ela se submeta a ti como seu rei." Há dois erros nesta pergunta.

(1) A expectativa dos discípulos do reino em si. Eles pensavam que Jesus restauraria o *reino a Israel*, quer dizer, que Ele faria a nação dos judeus tão grandiosa e notável entre as nações como fora nos dias de Davi e Salomão, de Asa e Josafá. Supunham que, como Siló, Ele restauraria o *cetro* a *Judá* e o *legislador* (Gn 49.10). Jesus veio, todavia, estabelecer seu Reino, um reino dos céus, e não restaurar o *reino a Israel*, um reino terrestre. Com isso, aprendemos: [1] Como até os homens bons são hábeis em pôr a felicidade da igreja muito na pompa e poder exterior. Era como se Israel não pudesse ser glorioso a menos que o reino lhe fosse restaurado, nem os discípulos de Jesus honrados a menos que fizessem parte do reino, ao passo que as Escrituras dizem para esperarmos a cruz neste mundo e o reino no outro. [2] Como somos hábeis para reter o que absorvemos, e como é difícil vencer os preconceitos da educação. Os discípulos, tendo bebido esta noção com o leite de que o Messias seria um príncipe temporal, estavam longe de aceitarem a idéia de que o reino do Messias seria espiritual. [3] Como somos naturalmente tendenciosos a favor de nosso povo. Eles pensavam que Deus não teria nenhum reino no mundo, a menos que fosse restaurado a *Israel*, ao passo que os reinos deste mundo se tornariam do Messias, nos quais Ele seria glorificado, quer Israel fosse bem-sucedido ou não. [4] Como somos hábeis em interpretar mal as Escrituras, em entender literalmente o que é falado por figuras e em expor as Escrituras por meio dos nossos métodos, quando deveríamos construir nossos métodos pelas Escrituras. Mas, quando do alto o Espírito for derramado sobre nós (Lc 24.49), nossos erros serão corrigidos, como logo serão corrigidos os erros dos apóstolos.

(2) A indagação dos discípulos acerca do tempo desse evento: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo*? (v. 6). Agora que tu nos reuniste para este propósito, que medidas apropriadas podem ser combinadas para a restauração do reino a Israel? Claro que não pode haver conjuntura mais favorável que esta." Mas eles erraram o alvo em dois quesitos. [1] Os discípulos indagavam sobre um ponto que o Mestre nunca lhes orientara ou incentivara que investigassem. [2] Os discípulos estavam impacientes pelo estabelecimento desse reino, no qual esperavam ter tão grande participação, colocando-se à frente das deliberações divinas. Jesus lhes dissera que eles se assentariam *em tronos* (Lc 22.30), e agora nada lhes serve, senão estar imediatamente assentados no trono, sem querer esperar o tempo certo. Por outro lado, *aque-*

le que crê não se apresse (Is 28.16), mas se satisfaça em saber que o tempo de Deus é o melhor tempo.

II A repreensão que Jesus deu aos discípulos por causa desta pergunta é semelhante ao que fez pouco antes quando respondeu à indagação de Pedro concernente a João: *E deste que será?* (Jo 21.21). *Não vos pertence saber os tempos ou as estações* (v. 7). Ele não contradiz a expectativa que eles tinham de que o reino seria restaurado a Israel, porque esse engano logo seria corrigido com o derramamento do Espírito. Depois desse evento, notamos que eles não mais expuseram quaisquer pensamentos referentes ao reino temporal. Existe também um senso de expectativa de que o estabelecimento do reino do evangelho no mundo é verdade. Fica claro o engano na interpretação da promessa, e Jesus repreende a indagação sobre seu cumprimento.

1. Os discípulos não têm permissão de saber dessa informação: *Não vos pertence saber* (v. 7), portanto, não lhes compete perguntar. (1) Jesus está se despedindo deles e despedindo-se em amor. Mesmo assim, Ele os repreende. O propósito desta repreensão é servir de advertência à igreja de todas as épocas. A igreja deve cuidar para que não haja ferida na rocha, como fatalmente aconteceu com os nossos primeiros pais – o desejo irregular de conhecimento proibido e a intromissão em coisas que não vimos, porque Deus não nos mostrou. *Nescire velle quae magister maximus docere non vult, erudita inscitia est – É loucura desejar ser sábio acima do que está escrito, e é sabedoria contentar-se em não ser mais sábio.* (2) Jesus dera aos discípulos muito conhecimento, mais do que aos outros (*a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus*, Mt 13.11), e prometera que o seu Espírito lhes ensinaria mais. Todavia, a fim de que não se ensoberbecessem com a abundância das revelações, Ele os faz entender que havia certas coisas que não deveriam saber. Veremos como temos pouca razão para nos orgulhar do nosso conhecimento, quando consideramos de quanto somos ignorantes. (3) Jesus, antes de morrer e depois que ressuscitou, dera aos discípulos instruções suficientes para o desempenho dos seus deveres. Com esse conhecimento, Ele os deixaria satisfeitos, pois isso basta aos cristãos para quem a curiosidade é uma corrupção a ser mortificada e não satisfeita. (4) Jesus falara aos discípulos acerca *do Reino de Deus* (v. 3) e prometera que o Espírito lhes anunciaria o que havia de vir concernente ao reino (Jo 16.13). Ele também lhes dera *sinais dos tempos*, os quais deviam observar, pecando se os negligenciassem (Mt 24.33; 16.3). Mas eles não deveriam esperar ou desejar inteirar-se de todos os pormenores dos acontecimentos futuros ou dos tempos exatos de sua ocorrência. É prudente permanecermos na ignorância e incerteza dos *tempos e momentos* (segundo a interpretação do Dr. Hammond) dos acontecimentos futuros respeitantes à igreja e a nós mesmos, como também acerca de todos os períodos de tempo e do seu final e, ainda, acerca do período do nosso próprio tempo.

Prudens futuri temporis exitum
Caliginosa nocte permit Deus.
Mas Júpiter, sempre bondosamente sábio,
Escondeu em nuvens da mais escura noite
Tudo o que no futuro o prospecto coloca
Fora do alcance da visão mortal. – Horácio.

Quanto aos *tempos* ou *estações* do ano, sabemos, em geral, que há verão e inverno alternadamente, mas não sabemos em particular que dia fará bom tempo ou não, seja no verão ou no inverno. No que diz respeito aos nossos assuntos neste mundo, quando estivermos no tempo do verão da prosperidade, para que não fiquemos confiantes, sabemos que virá o tempo do inverno da dificuldade. E, nesse inverno, para que não desanimemos e nos desesperemos, estamos convictos de que o verão voltará. Mas não sabemos o que este ou aquele dia em especial *produzirá* (Pv. 27.1); por isso, temos de nos adaptar à situação, seja qual for, e fazer o melhor que pudermos.

2. Esse conhecimento está reservado ao conhecimento de Deus como sua prerrogativa. É o que o *Pai estabeleceu pelo seu próprio poder* (v. 7); está escondido com Ele. Ninguém mais pode revelar os tempos e as estações futuras. *Estas coisas* são *conhecidas* ao *Senhor* e não a nós (cap. 15.17,18). Está em seu poder, em seu exclusivo poder, anunciar *o fim desde o princípio*, e nisso Ele prova que é Deus (Is 46.10). "E ainda que, às vezes, achasse adequado deixar os profetas do Antigo Testamento conhecer os *tempos* e as *estações* (como os quatrocentos anos da escravidão dos israelitas no Egito e os setenta anos na Babilônia), não julgou conveniente saberdes os *tempos* e as *estações*, nem mesmo quanto ao tempo que resta para a destruição de Jerusalém, embora estejais convictos da realização do evento. Ele não disse que não vos informará algo mais do que vós já sabeis acerca dos *tempos* e das *estações*." Ele fez isso mais tarde a *João, seu servo* (Ap 1.1). "Mas Ele estabeleceu pelo seu próprio poder informar-vos ou não, como julgar adequado". E o que está revelado naquela profecia neotestamentária relativa aos *tempos* e às *estações* é tão complicado e difícil de entender, que, quando chega a ocasião de aplicá-la, importa que lembremos que não nos cabe estar confiantes em determinar os *tempos* e as *estações*. Buxtorf menciona uma declaração rabínica concernente à vinda do Messias: *Rumpatur spiritus eorum qui supputant tempora – Perecem os homens que calculam o tempo.*

III Jesus determina aos discípulos o trabalho a realizar e, com autoridade, lhes garante que terão a capacidade de prosseguirem e serem bem-sucedidos. "*Não vos pertence saber os tempos ou as estações.* Não vos faria bem saberdes. Mas isso sabei: Vós recebereis uma *virtude* espiritual quando o *Espírito Santo* vier sobre vós, e vós não o recebereis em vão, pois sereis *testemunhas* de mim e da minha glória. O testemunho que vós prestareis não será em vão, pois será recebido aqui em *Jerusalém*, nos países circunvizinhos e em todo o mundo" (v. 8). Se Jesus nos torna úteis para sua honra em nossos dias e geração, que isso nos baste, e não fiquemos desconcertados acerca dos *tempos* e das *estações* vindouras. Aqui, Jesus lhes diz:

1. Que o trabalho dos discípulos será nobre e glorioso: *Ser-me-eis testemunhas* (v. 8). (1) Os discípulos proclamarão Jesus rei e publicarão essas verdades ao mun-

do, pelas quais seu reino se estabelecerá, e Ele reinará. Eles devem pregar franca e solenemente o evangelho de Jesus ao mundo. (2) Os discípulos provarão isto, confirmarão o testemunho que darão, não como testemunhas que fazem juramento, mas com o selo divino de milagres e dons sobrenaturais: *Vós sereis mártires para mim*, ou *vós sereis meus mártires*, como constam em certas cópias, porque eles atestaram a verdade do evangelho com seus sofrimentos até à morte.

2. Que o poder que os discípulos receberão para a execução deste trabalho será suficiente. Eles não tinham força própria, nem sabedoria ou coragem suficiente. Eles faziam parte inata das *coisas loucas* e *tolas deste mundo* (1 Co 1.27). Eles não possuíam a petulância de comparecer como testemunhas de Cristo em seu julgamento, nem agora seriam capazes disso. "Mas vós recebereis o poder do Espírito Santo que vem sobre vós" (assim pode ser lido), "e vós sereis incentivados e movidos por um espírito melhor do que o vosso próprio. Vós tereis poder para pregar o evangelho e prová-lo pelas Escrituras do Antigo Testamento" (o que, depois que *foram cheios do Espírito Santo*, cap. 2.4, admiravelmente fizeram, cap. 18.28) "e confirmá-lo com milagres e sofrimentos." Veja que as testemunhas de Jesus receberão poder para o trabalho para o qual Ele as chama. Aqueles a quem Ele emprega no seu serviço, os capacita e os confirma nesse empreendimento.

3. Que a influência que os discípulos exercerão será grande e muito extensa: "Vós sereis testemunhas de Jesus, e promovereis a sua causa". (1) "Vós começareis *em Jerusalém*, e muitos receberão o vosso testemunho. Aqueles que não o aceitarem ficarão indesculpáveis." (2) "Com isso, a luz que vós tendes brilhará *em toda a Judéia*, onde outrora vós labutastes em vão." (3) "Em seguida, vós passareis para *Samaria*, ainda que em vossa primeira missão vós tivésseis sido proibidos de pregar em cidades samaritanas." (4) "Vossa utilidade alcançará *até aos confins da terra*, e vós sereis bênçãos para o mundo todo."

IV Tendo dado estas instruções aos discípulos, Jesus os deixa: *E, quando dizia isto* (v. 9), tendo dito tudo que tinha a dizer, Ele *os abençoou* (conforme nos informa Lc 24.50). *Vendo-o eles*, tendo os olhos fixos nele e recebendo sua bênção, Ele *foi elevado* gradualmente *e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos*. Aqui é narrada a ascensão de Jesus ao céu. Ele não foi transportado, como Elias foi com *um carro de fogo, com cavalos de fogo* (2 Rs 2.21), mas foi subindo ao céu, como subiu da sepultura, unicamente pelo seu próprio poder. Agora seu corpo era como serão os corpos dos santos na ressurreição: um corpo espiritual e ressuscitado em poder e incorrupção. Observe: 1. Jesus começou a ascensão à vista dos discípulos: *Vendo-o eles*. Eles não o viram sair da sepultura, mas depois que ressuscitou, o que era plenamente satisfatório. Por fim, viram-no subir ao céu e o olhavam com tanto cuidado e seriedade que não podiam ser enganados. É provável que Ele não tenha voado rapidamente para cima, mas se movido lentamente para maior gozo dos discípulos. 2. Jesus desapareceu da vista dos discípulos, em *uma nuvem*, talvez em uma nuvem espessa, pois Deus disse que *habitaria em nuvem espessa* (2 Cr 6.1, versão RA). Ou foi em uma nuvem luminosa, significando o esplendor do seu corpo glorioso. Foi *uma nuvem luminosa* que o obscureceu na transfiguração (Mt 17.5), e provavelmente o mesmo ocorre aqui. Esta *nuvem o recebeu*, certamente, quando tinha se distanciado da terra e chegado ao ponto em que as nuvens em geral estão. Contudo, não era uma nuvem propagadora como vemos comumente, mas uma nuvem apropriada para envolvê-lo. Ele *fez das nuvens o seu carro* (Sl 104.3). Deus muitas vezes descera em uma nuvem; agora Ele subiu em uma. Na opinião do Dr. Hammond, a nuvem que recebeu Jesus eram os anjos que o recebiam, pois é comum a aparição de anjos ser descrita por uma nuvem (comparando Êx 25.22 com Lv 16.2). Há, pelas nuvens, certo tipo de comunicação mantido entre o mundo superior e o inferior. Para as nuvens, os vapores são enviados para cima da terra e os orvalhos são enviados para baixo do céu. É, então, perfeitamente adequado Jesus ascender em *uma nuvem*, pois Ele é o *mediador entre Deus e os homens* (1 Tm 2.5), sendo por meio dele que as misericórdias de Deus descem até nós e nossas orações chegam ao altar do Senhor. Esta foi a última aparição de Jesus aos discípulos. Os olhos de muitas testemunhas o seguiram na nuvem. Se desejarmos saber o que lhe aconteceu depois, leiamos: *Eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar* nas nuvens *até ele* (Dn 7.13).

V Tendo Jesus saído da vista dos discípulos, eles continuaram *com os olhos fitos no céu* (v. 10), e este olhar mais longo foi adequado. Por quê? 1. Talvez os discípulos esperassem que Jesus voltasse agora para eles a fim de restaurar o reino a Israel e estivessem pouco inclinados a crer que deveriam se separar dele agora de uma vez por todas. Por mais que desejassem ter a presença física dele, Ele lhes dissera que convinha ir (Jo 16.7). Ou quem sabe o procurassem por Ele ter sido lançado em outro lugar, como pensaram os filhos dos profetas acerca de Elias (2 Rs 2.16), podendo encontrá-lo novamente. 2. Talvez os discípulos esperassem ver alguma mudança no céu visível por causa da ascensão de Jesus, que a *lua* se envergonhasse ou o *sol* se confundisse (Is 24.23) por terem seu brilho eclipsado diante do resplendor dele. Ou quem sabe eles devessem mostrar certo sinal de alegria e triunfo, ou esperassem ver a glória do céu invisível, porque o céu foi aberto para recebê-lo. Jesus lhes dissera que *daqui em diante* eles veriam o *céu aberto* (Jo 1.51), e por que não agora?

VI Dois anjos apareceram diante dos discípulos, e lhes entregaram uma oportuna mensagem de Deus (v. 10). Havia uma multidão de anjos pronta para receber nosso Redentor, quando Ele fez sua entrada pública na *Jerusalém que é de cima* (Gl 4.26). Podemos supor que estes dois anjos estavam pouco inclinados a se ausentar do céu. Mas, para mostrar o quanto Jesus se preocupava com a igreja na terra, Ele mandou de volta aos discípulos dois dos anjos que vieram encontrá-lo. Esta dupla angelical tinha a aparência de dois homens *vestidos de branco*, reluzentes e brilhantes, pois eles sabem, de acordo com o dever do seu lugar, que estão servindo Jesus quando estão ministrando aos servos dele

na terra. Vejamos agora o que lhes disseram: 1. Para checar a curiosidade dos discípulos: *Varões galileus, por que estais olhando para o céu?* (v. 11). Ele os chama *varões galileus* para lembrá-los da *rocha de onde foram cortados* (Is 51.1). Jesus lhes honrara grandemente ao torná-los seus embaixadores, mas eles não devem esquecer que eram homens, vasos de barro, homens da Galiléia, analfabetos, vistos com desdém. Agora, os anjos dizem: "*Por que estais* aqui, como indivíduos indoutos, grosseiros e galileus, *olhando para o céu?* O que vós estais olhando? Vós já vistes tudo que tínheis de ver nessa reunião, e por que quereis ver mais? Por que vós estais olhando como homens medrosos, atemorizados e desorientados sem saber o que fazer?" Os discípulos de Cristo jamais devem ficar olhando, porque eles têm uma regra segura pela qual se orientar e um firme fundamento sobre o qual edificar. 2. Para confirmar a fé dos discípulos a respeito da segunda vinda de Cristo. O Mestre lhes falara muitas vezes sobre esse evento e, neste exato momento, os anjos são enviados oportunamente para fazê-los lembrar disso: "*Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu* (v. 11) e a quem vós tanto desejais que esteja de novo convosco, não foi embora para sempre. Há um dia designado no qual Ele *há de vir assim como para o céu o vistes ir*, e antes desse dia determinado Ele não virá." (1) "*Esse Jesus* virá novamente em pessoa, vestido com um corpo glorioso. *Esse Jesus* que veio uma vez *para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo, aparecerá segunda vez, sem pecado* (Hb 9.26,28). *Esse Jesus* que outrora veio em desgraça para ser julgado, virá outra vez em glória para julgar. *Esse Jesus* que vos deu a obra para vós fazerdes voltará para a prestação de contas do modo em que vós fizerdes o serviço; *os meus olhos, e não outros, o verão* (Jó 19.27)." (2) "*Esse Jesus* [...] *há de vir assim como* foi. Ele foi numa nuvem, acompanhado por anjos. *Eis que vem com as nuvens* e com Ele *muitos milhares de anjos* (Ap 1.7; Hb 12.2). Ele *subiu com júbilo,* [...] *ao som da trombeta* (Sl 47.5), e Ele *descerá do céu com alarido* [...] *e com a trombeta de Deus* (1 Ts 4.16). Vós o perdestes de vista nas nuvens e nos ares. Para onde Ele vai, vós não podeis ir agora (Jo 13.36), mas depois vós sereis arrebatados para encontrar o Senhor nos ares (1 Ts 4.17)." Quando ficamos olhando com seriedade e temor, a consideração da segunda vinda de nosso Mestre nos consola, nos anima e nos motiva.

Os Apóstolos em Jerusalém
vv. 12-14

Este texto sacro traz relatos:

I Sobre o lugar onde Jesus ascendeu: *Do monte chamado das Oliveiras* (v. 12), parte da região onde se situava a cidade de Betânia (Lc 24.50). Lá, Ele começou seus sofrimentos (Lc 22.39), e de lá, Ele repreendeu seus habitantes através de sua ascensão gloriosa, mostrando que a paixão e a ascensão tinham a mesma referência e disposição. Assim, entrou no seu reino à vista de Jerusalém e dos seus cidadãos ingratos e desobedientes que não queriam que reinasse nas suas vidas. A respeito de Jesus foi profetizado: *Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém* (Zc 14.4) e lá permanece. E continua: *O monte das Oliveiras será fendido pelo meio* (Zc 14.4). Do monte das Oliveiras, Jesus, que é a *boa oliveira*, de onde recebemos a unção, ascendeu (Zc 4.12; Rm 11.24). O texto estudado afirma que este monte fica *perto de Jerusalém, à distância do caminho de um sábado* (v. 12). Isso implica que a jornada era curta, e que os fiéis não necessitavam mais de caminhar em noite de sábado. Não mais que os devotos caminhavam em noite de sábado, depois do término da adoração pública, para meditação. Alguns consideram que o *caminho de um sábado* era mil passos, outros, dois mil côvados, o que resulta em perto de uns mil e quatrocentos ou mil e seiscentos metros. Na realidade, Betânia *estava cerca de quinze estádios de Jerusalém* (Jo 11.18), mas aquela parte do monte das Oliveiras que ficava próxima a Jerusalém, de onde Jesus começou o seu triunfo, distava apenas mil e quatrocentos ou mil e seiscentos metros. A paráfrase caldéia de Rute 1 diz: *Temos ordens para guardar os sábados e os dias santos, de modo a não ultrapassar dois mil côvados*, texto que se baseia em Josué 3.4, onde diz que, na marcha dos israelitas para atravessar o rio Jordão, o espaço entre eles e a arca tinha de ser de *dois mil côvados*. Deus não os limitara, mas eles se limitaram. É possível, pois, que tal ensinamento enseje à elaboração de uma regra para viajarmos no sábado não mais que em seqüência ao trabalho desse dia, e isso consistiria não somente numa permissão, mas numa ordem (2 Rs 4.23).

II Para onde os discípulos voltaram: Eles foram para Jerusalém, de acordo com a determinação do Mestre, ainda que lá eles estivessem em meio aos inimigos. Mas observemos que, embora fossem vistos imediatamente depois da ressurreição de Jesus e estivessem *com medo dos judeus* (Jo 20.19), sabemos que eles voltaram da Galiléia para Jerusalém sem serem notados ou procurados. Deus tem esconderijos para o seu povo no meio dos inimigos, e, dessa maneira, influencia Saul para que pare de procurar Davi. Em Jerusalém, *entrando* eles, *subiram ao cenáculo, onde habitavam* (v. 13). Isso não quer dizer que todos se hospedavam e faziam as refeições juntos em uma sala, mas que se reuniam diariamente e juntos se dedicavam a exercícios religiosos na expectativa da descida do Espírito. Os estudiosos fazem inúmeras conjeturas no que concerne ao cenáculo. Alguns acham que era um dos cenáculos do templo. Mas não podemos pensar que os principais dos sacerdotes, que alugavam esses cenáculos, aceitassem que os discípulos de Cristo ocupassem algum desses compartimentos. De fato, o próprio historiador sacro afirma que eles *estavam sempre no templo* (Lc 24.53), mas isso se refere aos *átrios da Casa do Senhor* (2 Rs 21.5), *à hora da oração* no *templo* (cap. 3.1), em cujas dependências ninguém lhes poderia negar o acesso. Pelo visto, este *cenáculo* era parte de uma casa em particular. Esta é a opinião do Sr. Gregory, erudito de Oxford, que cita um comentário de origem siríaca, o qual afirma ser esse *o mesmo cenáculo em que comeram a Páscoa*. Embora aquele lugar fosse chamado *anogeon*, e este *hyperoon*, ambos têm o mesmo signifi-

cado. Conforme o erudito supracitado, "se era parte integrante da casa do evangelista João, como acreditava Evódio, ou da residência de Maria, mãe de João Marcos, como outros entendem, não há como sabermos ao certo" (*Notas*, cap. 13).

III Quais discípulos reuniam-se no cenáculo. Os onze apóstolos são alistados por nome (v. 13). Consta também *Maria, mãe de* nosso Senhor (v. 14), sendo esta a última vez que seu nome ocorre nas Escrituras. Havia outros que eram *irmãos* de nosso Senhor, seus *parentes segundo a carne* (Rm 9.3). E para compor o grupo das *quase cento e vinte pessoas* (v. 15), podemos supor que todos, ou a maioria dos *setenta* (Lc 10.1) discípulos, estavam com eles.

IV Como os discípulos passavam o tempo: *Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas* (v. 14). Observe: 1. Os discípulos faziam *oração e súplicas*. Todo o povo de Deus é um povo de oração e que se aplica à oração. Essa era uma época de dificuldades e perigo para os discípulos de Cristo. Eles eram como ovelhas no meio de lobos. *Está alguém entre vós aflito? Ore* (Tg 5.13), pois isto silencia os cuidados e os medos. Eles tinham novo trabalho a fazer, grande trabalho, e, antes de se dedicarem a isso, perseveravam na oração (Rm 12.12) a Deus para que sua presença estivesse com eles nessa tarefa. Antes de serem enviados na primeira missão, Jesus ficou certo tempo orando por eles. Agora são eles que permanecem certo tempo orando por si mesmos. Esperavam a vinda do Espírito sobre eles e, portanto, eram profícuos em oração. O Espírito desceu sobre nosso Salvador quando Ele estava orando (Lc 3.21). Os que estão na melhor postura para receber as bênçãos espirituais são os que estão na postura da oração. Jesus acabara de prometer que em breve enviaria o Espírito Santo. Esta promessa não era para substituir a oração, mas para motivar e incentivar à oração. Deus será adorado devido às suas misericórdias e, quanto mais próximo o cumprimento das suas promessas, mais empenhados devemos estar em oração. 2. Os discípulos *perseveravam* [...] *em oração*, passando muito tempo nessa prática, mais do que o habitual, orando freqüentemente e perseverando em oração. Nunca perdiam uma hora de oração. Decidiram perseverar nessa prática até que o Espírito Santo viesse sobre eles, de acordo com a promessa. Por isso, resolveram *orar sempre e nunca desfalecer* (Lc 18.1). O texto anterior diz que eles estavam *louvando e bendizendo a Deus* (Lc 24.53). Aqui, Lucas afirma que eles *perseveravam unanimemente em oração e súplicas*. Assim como louvar a Deus pela promessa é um modo piedoso de implorar seu cumprimento, também o louvar pela misericórdia já recebida é uma maneira de implorar por mais misericórdia. Quando buscamos a Deus, damos-lhe a glória pela misericórdia e graça que possuímos nele. 3. Os discípulos *perseveravam unanimemente em oração e súplicas*. Isso evidencia que eles estavam juntos em amor santo e que não havia desavenças ou discórdias entre eles. Aqueles que mantêm a *unidade do Espírito pelo vínculo da paz* (Ef 4.3) estão mais bem preparados para receber o consolo do Espírito Santo. Isso mostra ainda o acordo que havia entre eles nas súplicas que faziam. Embora um falasse, todos oravam, e se, quando *dois* [...] *concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito* (Mt 18.19), quanto mais quando muitos concordam com a mesma petição.

A Morte de Judas. A Eleição de Matias para Ser Apóstolo
vv. 15-26

O pecado de Judas causou sua vergonha e desgraça e uma vaga no colégio dos apóstolos. Eles foram ordenados na quantia de doze, com vistas às *doze tribos de Israel* (Gn 49.28), descendendo dos doze patriarcas. Eram as *doze estrelas* que compõem a coroa da igreja (Ap 12.1), e para eles foram designados *doze tronos* (Mt 19.28). Sendo doze quando eram discípulos, se fossem apenas onze quando tivessem de ser professores, fariam as pessoas perguntarem o que sucedera com o décimo segundo e, assim, reavivaria a memória do escândalo do grupo. Portanto, antes da vinda do Espírito, foram tomadas medidas para preencher o cargo vacante. Nosso Senhor Jesus provavelmente deu as diretrizes acerca do procedimento entre as coisas que Ele falou *do que respeita ao Reino de Deus* (v. 3).

I As pessoas envolvidas neste assunto. 1. A casa consistia em *quase cento e vinte pessoas* (v. 15). Esta era a *multidão junta*, quer dizer, as pessoas envolvidas. Certos estudiosos afirmam que isso dizia respeito apenas aos homens, sem contar as mulheres. O Dr. Lightfoot considera que os onze apóstolos, os setenta discípulos e mais umas trinta e nove pessoas, todos da própria família, povo e multidão de Cristo, compunham estas *cento e vinte pessoas*. Ele também pensa que este era um tipo de sínodo ou congregação de ministros, um presbitério estável (cap. 4.23), ao qual *ninguém ousava ajuntar-se com eles* (cap. 5.13), e que permaneceu junto até a perseguição ocasionada pela morte de Estêvão, quando todo o grupo, exceto os apóstolos, foi disperso (cap. 8.1). Mas o estudioso acima citado também supõe que, além destas pessoas, havia muitas centenas, se não milhares em Jerusalém que nessa época criam em Jesus. Na realidade, lemos que *muitos* [...] *creram nele; mas não o confessavam* (Jo 12.42). Por isso, ele discorda que formassem congregações distintas para a pregação da palavra e outros atos de adoração. Em sua opinião, isso aconteceu somente depois do derramamento do Espírito, conforme as conversões registradas no capítulo seguinte. Este era o início da igreja cristã: estes *cento e vinte* eram o *grão de mostarda* que virou *árvore* (Mt 13.31,32), o *fermento* [...] *que tudo levedou* (Lc 13.21). 2. O pregador foi *Pedro*, que ainda era homem ousado. A atenção dada ao seu ardor e zelo serve para mostrar que ele recuperara o terreno perdido por ter negado o Mestre. *Pedro*, que virá a ser designado o apóstolo da circuncisão, mesmo que a história sagrada esteja entre os judeus, ainda aparece, como mais tarde, quando o assunto é pertinente aos gentios, mantendo-se ligado à história de Paulo.

II A proposta que *Pedro* fez para a escolha de outro apóstolo. *Levantando-se Pedro no meio dos discípulos* (v. 15). Ele não se sentou, como alguém que dava leis ou tinha supremacia sobre os demais, mas se levantou, como alguém que tinha um pedido formal a fazer. Esta foi uma atitude de respeito para com seus irmãos, ficando de pé enquanto falava com eles. Em seu discurso, observamos:

1. O relato que Pedro faz sobre o cargo vazio ocasionado pela morte de Judas, e aqui ele é muito específico. Sendo ele um daqueles sobre quem Jesus assoprou, Pedro chama a atenção para o cumprimento das Escrituras neste episódio.

(1) O poder no qual Judas obtivera progresso: Ele *foi contado conosco e alcançou sorte neste ministério* (v. 17), com o qual estamos investidos. Veja que muitos contados com os santos neste mundo não se encontrarão entre os santos no dia da separação entre os preciosos e os vis. De que nos serve estar no número dos cristãos, se não participamos do espírito e natureza dos cristãos? O fato de Judas ter alcançado sorte neste ministério foi mais um agravo ao seu pecado e desgraça, como o será para aqueles que profetizam em nome de Jesus e, ao mesmo tempo, praticam a iniqüidade (Mt 7.22,23).

(2) O pecado de Judas, a despeito do seu progresso nesta honra: Ele *foi o guia daqueles que prenderam a Jesus* (v. 16), não só informando os perseguidores de Jesus sobre o local onde o encontrariam (o que eles poderiam ter feito eficazmente, embora Ele se mantivesse fora de vista), mas ousando permanecer à frente do grupo que o prendeu. Ele foi diante deles ao local e, sentindo orgulho por tal honra, deu a ordem: *É esse; prendei-o* (Mt 26.48). Veja que os líderes de grupos envolvidos em atividades pecaminosas são os piores pecadores, sobretudo se esses, pelo seu ofício, devessem ter sido guias aos amigos de Jesus e não guias aos inimigos de Jesus.

(3) A ruína de Judas por este pecado. Percebendo que os principais dos sacerdotes buscavam a vida de Jesus e seus discípulos, ele pensou em salvar-se indo até eles. Além de salvar-se, quis obter deles uma propriedade, da qual supunha que o salário pelo serviço fosse apenas um sinal em dinheiro. Mas veja o que aconteceu: [1] Judas perdeu o dinheiro muito vergonhosamente: Ele *adquiriu um campo* (v. 18) com as *trinta moedas de prata* (Mt 26.15), que foram o *galardão da iniqüidade*. Não foi ele que comprou o campo, mas o salário da sua injustiça, fraseado muito elegante para expressar zombeteiramente o seu projeto de enriquecer-se com este negócio oportuno. Ele pensou ter comprado um campo para si, como Geazi pensou que faria com o que obteve de Naamã mediante mentira (2 Rs 5.26), mas foi a compra de um campo para sepultar estranhos. E quem melhor que ele ou alguém dos seus podia fazer isso? Foi-lhe um *mamom* injusto que o enganou; e o galardão da sua iniqüidade foi a pedra de tropeço da sua iniqüidade. [2] Judas perdeu a vida de forma bastante vergonhosa. O texto de Mateus 27.5 assevera que ele *retirou-se e foi-se enforcar* (é o que a palavra significa lá e nada mais). Aqui, está acrescentado (como adicionam historiadores em épocas posteriores) que, sendo estrangulado ou sufocado com aflição e horror, ele caiu impetuosamente (de cabeça no chão, segundo o Dr. Hammond), e, em parte com a inchação do próprio peito e em parte com a violência da queda, ele se arrebentou pelo meio, de forma que todos os seus intestinos saíram do corpo (v. 18). Se, quando o diabo foi expulso de uma criança, ele a agitou com violência, atirou-a no chão e a convulsionou, quase matando-a (como nos informam Mc 9.26; Lc 9.42), não se admira que, quando ele teve plena posse de Judas, atirasse-o com violência e ele fosse arrebentado pelo meio. Seu enforcamento, conforme nos relata Mateus 27.5, o faria inchar até que se partisse, fato reportado por Pedro. Ele explodiu produzindo grande barulho (conforme o Dr. Edwards) que foi ouvido pela vizinhança e, assim, como diz o texto, *foi notório a todos os que habitam em Jerusalém* (v. 19), pois *todas as suas entranhas se derramaram* (v. 18). Lucas escreve como um médico que tem conhecimento de todas as entranhas das cavidades medianas e inferiores. A estripação faz parte do castigo de traidores. Era justo que esses intestinos se espalhassem, pois se fecharam contra o Senhor Jesus. E talvez Jesus tivesse em vista o destino de Judas, quando falou sobre o mau servo que ele *será separado* (Mt 24.51).

(4) A notícia divulgada sobre o suicídio de Judas: *Foi notório a todos os que habitam em Jerusalém* (v. 19). O fato se espalhou e fez parte de toda conversa na cidade sobre o modo extraordinário como Deus julgou aquele que traiu o Mestre. Não foi uma história que circulou apenas entre os discípulos, mas estava na boca do povo e ninguém questionava a veracidade do fato. *Foi notório*, isto é, foi conhecido indiscutivelmente como verdade. Talvez alguém pense que este episódio levou ao arrependimento as pessoas que tiveram parte na morte de Jesus, quando viram o que ocorreu com Judas como exemplo. Mas os corações estavam endurecidos. E quanto àqueles cujo coração se amoleceria, se amoleceria pela ação da palavra e obra do Espírito. Esta é uma prova da notoriedade do episódio: O campo comprado com o dinheiro de Judas foi chamado *Aceldama – o campo de sangue* (v. 19), porque foi adquirido com o *preço de sangue* (Mt 27.6), perpetuando a infâmia de quem vendeu o precioso sangue inocente e de quem o comprou. Vejamos que resposta eles darão quando Deus lhes questionar esse sangue.

(5) O cumprimento das Escrituras neste episódio que fora noticiado tão publicamente: *Convinha que se cumprisse a Escritura* (v. 16). Para que as pessoas não fossem pegas de surpresa nem tropeçassem com o ocorrido, por ser este o fim de um dos doze, Davi não somente predissera o pecado de Judas (Sl 41.9, de onde Jesus tomara conhecimento: *Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar*, Jo 13.18), mas também: [1] O castigo de Judas: *Fique deserta a sua habitação* (v. 20; Sl 69.25). Este Salmo se refere ao Messias. Versículos anteriores tratam do *fel* e o *vinagre* (Sl 69.21). Assim, as predições sobre a destruição dos inimigos de Davi devem ser aplicadas aos inimigos de Jesus, particularmente a Judas. Talvez ele tivesse *habitação* própria em Jerusalém, na qual, depois dos acontecimentos fatídicos, as pessoas tivessem medo de morar, tornando-a *deserta*. Essa profecia possui o mesmo significado da que Bildade proferiu em relação ao ímpio, que *será arrancado da sua tenda, onde estava confiado, e será levado ao rei dos terrores. Morará na sua tenda aquele que nada lhe era; espalhar-se-á enxofre sobre a sua habitação* (Jó 18.14,15). [2] A colocação de outra pessoa no lugar de Judas: *Tome ou-*

tro o seu bispado (v. 20) ou *ofício* (que é o que significa a palavra em geral), o que é citado de Salmos 109.8. Com essa citação, Pedro apresenta com muita habilidade a proposta a seguir. Percebamos que não devemos fazer mau juízo do ofício que Deus instituiu (quer magistratura ou ministério), quer por maldade de alguém que esteja nesse ofício ou por castigo infame dessa maldade. Deus não permite que seus propósitos sejam frustrados, que seus encargos fiquem desocupados, ou que sua obra seja desfeita em virtude de falha humana de quem recebe tais responsabilidades. A *incredulidade* do homem não *aniquilará a fidelidade de Deus* (Rm 3.3). Judas enforcou-se, mas seu *bispado* não se perdeu. O texto fala da *sua habitação*, que *não haja quem nela habite*, que ele não tenha herdeiro; mas não fala do *seu bispado*, que ele não terá sucessor. Diz respeito aos que mantêm posição na igreja e aos seus membros; *se alguns dos ramos foram quebrados*, outros serão enxertados no *lugar deles* (Rm 11.17). A causa de Cristo nunca será sofrerá danos por falta de testemunhas.

2. As medidas que Pedro toma para a escolha de outro apóstolo (vv. 21,22). Observe aqui: (1) As qualidades que o candidato deve ter para preencher o cargo vacante. Tem de ser alguém *dos varões*, estes setenta discípulos *que conviveram conosco*, que constantemente nos acompanharam *todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós*, pregando e realizando milagres os três anos e meio, *começando desde o batismo de João*, do qual iniciou o evangelho de Cristo, *até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima*. Os que foram diligentes, fiéis e constantes no desempenho dos seus deveres em um nível mais baixo, são mais aptos a serem promovidos a um nível mais alto; os que foram fiéis no pouco receberão mais. E ninguém deve ser empregado como ministro de Cristo, pregador do seu evangelho e dirigente em sua igreja, senão aquele que conhece bem a doutrina e os feitos, do início ao fim. Ninguém deve ser apóstolo, senão aquele que tem acompanhado os apóstolos de forma contínua; não alguém que os visitou de vez em quando, mas que esteve estreitamente ligado a eles. (2) O trabalho ao qual o candidato é chamado para fazer quando preencher o cargo vacante: Ele deve ser alguém que *se faça conosco testemunha da sua ressurreição*. Isto nos leva a entender que havia outros discípulos com os onze quando Jesus apareceu a eles, de outra forma esses discípulos não poderiam ter sido testemunhas com os apóstolos – como testemunhas competentes que eram – *da sua ressurreição*. O grande evento que os apóstolos tinham de atestar para o mundo era a ressurreição de Jesus, pois esta era a prova cabal de Ele ser o Messias e o fundamento de nossa esperança nele. Notemos que os apóstolos foram ordenados, não para ocupar um alto cargo honorífico e governo secular, mas para pregar Jesus e o poder da sua ressurreição.

III A nomeação do candidato que sucedeu Judas no ofício de apóstolo.

1. Dois homens de grande integridade e que estiveram constantemente com Jesus foram apresentados para ocupar o cargo vacante: Eles *apresentaram dois* (v. 23). Não foram *os onze* que tomaram para si a responsabilidade de determinar quem assumiria o posto, mas *os cento e vinte*, pois Pedro se dirigiu a eles e não aos onze. Os dois candidatos eram *José* e *Matias*, os quais não constam em outra parte das Escrituras, exceto que este *José* é o mesmo sobre quem Paulo fala em Colossenses 4.11: *Jesus, chamado Justo*, que é *da circuncisão*, judeu nativo, que foi um dos *cooperadores* de Paulo *no Reino de Deus* e lhe era uma *consolação*. Notemos que, embora não tivesse sido nomeado apóstolo, ele não deixou o ministério, mas foi muito útil em posição ministerial menos importante: *Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas?* (1 Co 12.29). Certos estudiosos pensam que este *José* é o citado em Marcos 6.3, irmão de *Tiago, o menor* (Mc 15.40), e foi chamado José, o justo, como o irmão dele foi chamado Tiago, o justo. Outros o confundem com o José mencionado em Atos 4.36. Mas este era de Chipre, e aquele era da Galiléia. Foi para diferenciá-los que este se chamava *Barnabé – um filho da consolação*, e aquele, *Barsabás – um filho do juramento*. Estes dois candidatos eram homens tão dignos e tão bem qualificados para o cargo vacante que a assembléia reunida não sabia dizer quem deles era o mais adequado, embora todos concordassem que deveria ser um destes. Nenhum dos dois se apresentou nem se esforçou para conseguir a vaga, mas os dois permaneceram em silêncio, aguardando humildemente a nomeação.

2. Todos os presentes passaram a orar a Deus em busca de direção, não para que Ele dissesse qual dos setenta discípulos era a escolha divina, pois, na opinião de todos, ninguém mais podia competir com estes dois candidatos: *Qual destes dois*? (vv. 24,25). (1) Eles apelaram para Deus, que sonda os corações: "*Tu, Senhor, conhecedor do coração de todos*, o que não somos, tu conheces melhor que eles mesmos". Veja que quando o apóstolo foi escolhido, ele o foi pelo coração, segundo o seu temperamento e disposição de espírito. Mas Jesus, que conhece o coração de todas as pessoas, de acordo com propósitos sábios e santos, escolheu Judas para ser um dos doze. É bom saber que, em nossas orações pelo bem-estar da igreja e seus ministros, o Deus a quem oramos conhece o coração de todos os homens, e que Ele os vigia e os tem nas mãos, dirigindo-os segundo a sua vontade e tornando-os aptos para o seu propósito. Caso os homens não estejam com o coração disposto, Ele lhes dá outro espírito. (2) Eles desejam saber qual destes dois candidatos Deus escolhera: *Senhor*; [...] *mostra qual destes dois tens escolhido*, e ficaremos satisfeitos. É justo que Deus escolha seus servos. À medida que o Senhor nos mostre, pelas disposições de sua providência ou pelos dons do seu Espírito, a quem ou o que Ele escolheu, nós devemos obedecer de imediato. (3) Eles estão prontos para receber o candidato como irmão a quem Deus escolheu. Não se trata de um plano para eles terem muito mais dignidade para si, mantendo os outros do lado de fora. O que desejam é que o escolhido *tome parte neste ministério e apostolado* para unir-se com eles na obra e partilhar com eles na honra da qual *Judas se desviou*. Por ter abandonado e traído o Mestre, ele perdeu o lugar de apóstolo, do qual era indigno, e foi *para o seu próprio lugar*; o lugar de traidor, o lugar mais adequado para ele: não só a forca, mas o inferno, que era *o seu próprio lugar*. Vejamos que os que traem Jesus, quando caem da dignidade da relação que tinham com Ele, caem em toda desgraça. As Escrituras dizem que Balaão *foi-se* (Nm 24.25), isto é, segundo certo rabino, foi-se para o inferno. O Dr.

Whitby, citando Inácio, afirma: Há um lugar determinado para todo homem, *idios topos – um lugar apropriado*, que é o mesmo que Deus dá a todo homem de acordo com as suas obras. Nosso Salvador dissera que o lugar adequado de Judas seria tão ruim que *bom seria para esse homem se não houvera nascido* (Mt 26.24), ou seja, sua desgraça seria pior do que a não existência. Judas fora um hipócrita, e o inferno é o lugar próprio dos tais; outros pecadores, como os reclusos, têm sua porção com eles (Mt 24.51). (4) Eles resolvem a questão por lançamento de sorte (v. 26). Este é um apelo a Deus e de uso legal para a solução de problemas não resolvidos de outro modo, contanto que seja feito de maneira religiosa e solene, e com oração, a oração da fé: *A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a sua disposição* (Pv 16.33). *Matias* não foi ordenado por imposição de mãos, como os presbíteros e pastores, pois foi escolhido por sorte, um ato de Deus. Portanto, como ele deve ser batizado, assim deve ser ordenado, pelo Espírito Santo, como todos o foram poucos dias depois. Assim, o número dos apóstolos estava completo. E mais tarde, quando Tiago, outro dos doze, foi martirizado, Paulo foi feito apóstolo.

Capítulo 2

Muitos séculos se interpuseram entre a promessa do Messias (até as mais recentes) e sua vinda, mas entre a promessa do Espírito e sua vinda transcorreram apenas alguns dias. Durante esse período, os apóstolos, mesmo tendo recebido ordens para pregar o evangelho a toda criatura e começando por Jerusalém, ficaram totalmente parados por falta de vento, incógnitos e escondidos, sem fazer pregações. Mas, neste capítulo, o vento norte e o vento sul despertando-os, coloca-os no púlpito. Temos aqui: I. A vinda do Espírito sobre os apóstolos e sobre quem estava com eles no dia de Pentecostes (vv. 1-4). II. As especulações que o fato ocasionou entre as pessoas do mundo todo que, na ocasião, estavam em Jerusalém (vv. 5-13). III. O sermão que Pedro pregou a essas pessoas depois dessas ocorrências. Na prédica, ele mostra que o derramamento do Espírito era o cumprimento de uma promessa do Antigo Testamento (vv. 14-21), era outra confirmação de que Jesus era o Messias, fato já comprovado por sua ressurreição (vv. 22-32), e era o produto e evidência da sua ascensão ao céu (vv. 33-36). IV. O bom efeito deste sermão, que ocasionou a conversão de muitos à fé de nosso Senhor Jesus Cristo e seu acréscimo ao registro de membros da igreja (vv. 37-41). V. A devoção eminente e atos de caridade desses primeiros cristãos, e os símbolos manifestados da presença de Deus com eles e do poder neles (vv. 42-47).

O Dia de Pentecostes

vv. 1-4

Temos aqui a narrativa da vinda do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus. Observe:

I Quando e onde ocorreu a vinda do Espírito Santo, pois são detalhes particularmente notáveis para a maior certeza das coisas.

1. A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus ocorreu quando *o dia de Pentecostes* se cumpriu. Esta é referência à maneira de falar sobre a instituição desta festa: *Sete semanas inteiras serão* (Lv 23.15), contando-se do dia da oferta das primícias, que era o dia logo após a Páscoa, o décimo sexto dia do mês de abibe, o dia em que Jesus ressuscitou. *Cumprindo-se* esse *dia*, ou seja, havia passado completamente a noite precedente e uma parte do dia. (1) O Espírito Santo desceu na hora de uma festa solene, porque havia uma grande multidão em Jerusalém proveniente de todas as regiões da nação e prosélitos de outros países. Essas pessoas tornariam a festa mais pública e espalhariam sua fama mais cedo e mais rápido, contribuindo muito para a propagação do evangelho em todas as nações. Como se deu na Páscoa e se dá hoje, as festas judaicas serviram para divulgar os cultos e as festividades do evangelho. (2) Esta festa de Pentecostes era feita em memória do recebimento da lei no monte Sinai, de onde datamos a incorporação da igreja judaica. O Dr. Lightfoot entende que foram mil e quatrocentos e quarenta e sete anos antes deste Pentecostes. Era pertinente, pois, que o Espírito Santo fosse dado nessa festa, em fogo e em línguas, para a promulgação da lei evangélica, não para uma nação, mas para toda criatura. (3) Esta festa de Pentecostes ocorreu *no primeiro dia da semana* (Jo 20.1,19), mais uma referência ao valor desse dia. É outra confirmação de ser ele o sábado cristão (*este é o dia que fez o Senhor*, Sl 118.24). O domingo é um memorial permanente na igreja destas duas grandes bênçãos: a ressurreição de Jesus e o derramamento do Espírito, ambas ocorridas nesse dia da semana. Isso serve para justificar nossa observância desse dia sob o nome oficial e título honorífico de o *dia do Senhor* (Ap 1.10), fazendo-nos ainda vivenciar a santificação desse dia em louvores a Deus particularmente por duas grandes bênçãos. Na minha opinião, a cada dia do Senhor, durante o ano, devemos mencionar de modo pleno e específico, em nossas orações e louvores, estas duas bênçãos. É o que fazem algumas comunidades ao mencionarem a ressurreição de Jesus no dia da Páscoa e o derramamento do Espírito em pequena dose aos domingos. Quando o fizermos, que o seja com sentimento apropriado!

2. A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus ocorreu quando *estavam todos reunidos no mesmo lugar*. O texto não diz em particular que lugar era esse. Talvez tenha sido no templo, para onde se dirigiam em ocasiões públicas (Lc 24.53), ou no próprio cenáculo onde se reuniam em outros tempos. Seja como for, aconteceria em Jerusalém, porque esta fora a cidade onde o Senhor escolhera colocar seu nome. A profecia anunciava que dessa cidade sairia a palavra do Senhor para todas as nações (Is 2.3). Agora, eis o lugar do encontro geral de todas as pessoas devotas; ali Deus prometera encontrá-las e abençoá-las; ali Ele as encontra com a bênção das bênçãos. Jerusalém desonrou por demais a pessoa de Cristo. Mesmo assim, Ele lhe prestou essa declaração como ensi no para o seu remanescente de todos os lugares e tempos; Ele o fez em Jerusalém. Nessa cidade, os discípulos se re-

uniram num único recinto, num espaço pequeno que não conteria todos. E ali estavam todos reunidos de comum acordo. Não nos esqueçamos quantas vezes, enquanto o Mestre estava com os discípulos, *houve* [...] *entre eles contenda sobre qual deles parecia ser o maior* (Lc 22.24). Mas agora todas estas disputas e querelas acabaram, pois ninguém mais procedia assim. A porção que já tinham recebido do Espírito Santo, quando Jesus o assoprou sobre eles, corrigira em boa medida os erros nos quais essas contendas se fundamentavam e os dispusera ao amor santo. Ultimamente, eles oravam mais juntos que o habitual (v. 14), e isso os fez amar uns aos outros ainda mais. Por sua graça, Ele assim os preparou para o dom do Espírito Santo, pois a pomba santa não vem onde há barulho e tumulto, mas se move sobre a face de águas tranqüilas e não turbulentas. Queremos que do alto o Espírito seja derramado em nós (Lc 24.49)? Então, estejamos todos reunidos no mesmo lugar, de comum acordo, e, a despeito da diversidade de sentimentos e interesses, como sem dúvida havia entre esses discípulos, concordemos em amar uns aos outros. Onde *os irmãos* vivem *em união,* [...] *ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre* (Sl 133.1,3).

II Como o Espírito Santo veio sobre os discípulos de Jesus. Lemos muitas vezes no Antigo Testamento que Deus desceu em uma nuvem, como quando Ele tomou posse do tabernáculo e, tempos depois, do templo, evidenciando a escuridão daquela dispensação. E Jesus subiu ao céu em uma nuvem para nos dar a entender que somos mantidos na escuridão em relação ao mundo superior. Mas o Espírito Santo não desceu em uma nuvem. Ele viria para dispersar e espalhar as nuvens que cobrem a mente humana e para trazer luz ao mundo.

1. Esta é uma convocação audível dada aos discípulos para despertar suas expectativas de algo grande (v. 2). O texto sacro diz: (1) Que o Espírito Santo veio *de repente,* não se foi formando gradualmente, como fazem os ventos comuns, mas atingiu sua força subitamente. Veio mais cedo do que esperavam, assustando até os que estavam juntos esperando e provavelmente ocupados em exercícios religiosos. (2) Que *veio do céu um som,* como uma trovoada (Ap 6.1). As Escrituras registram que Deus *tira os ventos dos seus tesouros* (Sl 135.7) e os encerra *nos seus punhos* (Pv 30.4). Este som veio dele, como a voz de alguém clamando: *Preparai o caminho do Senhor* (Mt 3.3). (3) Que era o *som, como de um vento,* pois o modo de o Espírito proceder é igual ao do vento: *ouves a sua voz, mas não sabes donde vem* (Jo 3.8). Quando o Espírito de vida estava para entrar nos ossos secos, o profeta recebe a ordem de profetizar *ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito* (Ez 37.9). E embora o Senhor não viesse a Elias *no vento*; contudo, isso o preparou para receber a descoberta de si mesmo na *voz mansa e delicada* (1 Rs 19.11,12). *O Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade* (Na 1.3), e Ele falou com Jó de *um redemoinho* (Jó 38.1). (4) Que era *um vento veemente e impetuoso.* Era forte e violento, e veio com grande estrondo e com muita força, como se fosse derrubar tudo que estivesse pela frente. O propósito disso era demonstrar a poderosa influência e operação do Espírito de Deus na mente dos homens, e através deles, no mundo, para que eles fossem poderosos em Deus para a destruição de fortalezas (2 Co 10.4). (5) Que *encheu toda a casa em que estavam assentados.* Provavelmente isso alarmou a cidade inteira, mas para mostrar que era sobrenatural, concentrou-se meramente naquela casa. É semelhante ao que pensam certos estudiosos ao afirmarem que o vento enviado para deter Jonas afetou somente o navio onde ele se encontrava (Jn 1.4) e também que a estrela dos magos posicionou-se somente por cima da casa onde o menino se achava. Isso dirigiria as pessoas que observavam o fenômeno a ir ao local investigar o significado do que acontecia. O vento que encheu a casa deixou os discípulos apavorados, ajudando-os a ficar em posição muito séria, reverente e tranqüila para o recebimento do Espírito Santo. Assim as convicções do Espírito abrem caminho para os seus consolos; e as rajadas violentas desse vento santo preparam a alma para as suas brisas suaves e sussurrantes.

2. Este é um sinal visível do dom que os discípulos receberam. Eles viram *línguas repartidas, como que de fogo* (v. 3), *as quais pousaram – ekhatise.* Não foram as *línguas repartidas* que *pousaram,* mas Ele, o Espírito (assim significado), que pousou *sobre cada um deles,* como ocorreu com os profetas de antigamente. Ou conforme a descrição do Dr. Hammond: "Houve o surgimento de algo parecido com a luz de fogo em chamas sobre cada um deles, que se dividiu e, assim, assumiu a semelhança de línguas divididas ou repartidas próximo das suas cabeças". A chama de uma vela é algo semelhante a uma língua. Existe um meteoro que os naturalistas chamam *ignis lambens – uma chama suave,* não um fogo voraz, como fora este. Observe:

(1) Houve um sinal exterior perceptível para confirmar a fé dos discípulos e convencer as outras pessoas. O mesmo sucedia com os profetas de antigamente. Eles tinham sua primeira missão confirmada por sinais para que todo o Israel soubesse que eles foram consagrados profetas.

(2) O sinal dado foi *fogo* para que a predição de João Batista relativa a Jesus se cumprisse: *Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo* (Mt 3.11), ou seja, com o Espírito Santo como com fogo. Os discípulos estavam na festa de Pentecostes celebrando o recebimento da lei no monte Sinai. A lei foi dada em fogo, por isso foi chamada lei de fogo como o evangelho é chamado evangelho de fogo. A missão de Ezequiel foi confirmada por uma visão de *brasas de fogo ardentes* (Ez 1.13), e a de Isaías por uma visão de *brasa viva* que lhe tocou os lábios (Is 6.6,7). O Espírito, como fogo, derrete o coração, separa e queima a escória, e acende sentimentos santos e devotos na alma. É na alma, como no fogo que está sobre o altar, que são oferecidos os sacrifícios espirituais. Este é o fogo que Jesus veio lançar na terra (Lc 12.49).

(3) Este fogo apareceu na forma de *línguas repartidas.* As operações do Espírito são muitas. O falar em diversas línguas é uma dessas operações e foi separado para ser a primeira evidência do dom do Espírito Santo, ao qual este sinal serve de referência. [1] Eram *línguas,* pois é proveniente do Espírito que temos a palavra de Deus, e é pelo Espírito que Jesus falaria com o mundo. Ele deu o Espírito aos discípulos para dotá-los de conhecimento e de poder para espalhar e proclamar ao mundo o que eles sabiam, visto que *a manifestação do Espírito*

é dada a cada um para o que for útil (1 Co 12.7). [2] Estas *línguas* eram *repartidas*, dando a entender que Deus dividiria entre todas as nações o conhecimento da sua graça, assim como está escrito que Ele, por sua providência, reparte a elas a luz dos corpos celestes (Dt 4.19). As línguas foram divididas, mas mesmo assim os discípulos continuavam de comum acordo, pois pode haver uma unidade sincera de sentimentos onde há diversidade de expressão. O Dr. Lightfoot observa que a divisão de línguas na torre de Babel foi a expulsão dos pagãos. Quando eles perderam o único idioma no qual pregavam sobre Deus, perderam todo o conhecimento de Deus e da religião, e caíram na idolatria. Mas agora, depois de cerca de dois mil anos, Deus, por meio de outra divisão de línguas, restabeleceu o conhecimento de si mesmo para as nações.

(4) Este *fogo* pousou sobre os discípulos durante algum tempo para denotar a habitação constante do Espírito Santo neles. Os dons proféticos de outrora eram conferidos esparsamente e apenas em poucas ocasiões, mas os discípulos de Jesus sempre teriam consigo os dons do Espírito, embora o sinal talvez logo desaparecesse. Não sabemos se estas chamas de fogo passaram de um para o outro, ou se havia tantas chamas quantas pessoas. Mas tinham de ser chamas fortes e brilhantes para que fossem visíveis à luz do dia, pois o dia, que ainda é hoje, chegara.

III Quais foram os efeitos imediatos disso? (v. 4). 1. *Todos foram cheios do Espírito Santo* de maneira mais plena e poderosa que antes. Eles foram cheios com a graça do Espírito e ficaram mais que nunca sob a sua influência santificadora. Agora eles eram santos, espirituais, menos apegados a este mundo e mais bem familiarizados uns com os outros. Eles ficaram mais cheios do consolo do Espírito, alegraram-se mais que nunca no amor de Jesus e na esperança celestial, e, nisso, todas as suas aflições e medos foram absorvidos. Eles também foram, como prova disso, enchidos com os dons do Espírito Santo, que é o propósito específico do evento narrado nesse texto. Eles foram dotados de poderes milagrosos para proveito do evangelho. Para mim, está claro que não só os doze apóstolos, mas todos os cento e vinte discípulos foram igualmente cheios do Espírito Santo nessa ocasião. Todos os setenta discípulos, que eram homens apostólicos e envolvidos na mesma obra, bem como todos os demais que também pregariam o evangelho. Em Efésios 4.8,11, está escrito expressamente: *Subindo ao alto*, quando Jesus ascendeu ao céu (que se refere a isso, v. 33), Ele *deu dons aos homens*: *uns para apóstolos* (como foram os doze), *outros para profetas*, *outros para evangelistas* (como eram muitos dos setenta discípulos, pregadores itinerantes) *e outros para pastores e doutores* estabelecidos em determinadas igrejas, como supomos que mais tarde alguns deles foram. O *todos* aqui tem de se referir ao *todos* que estavam *reunidos* (v. 1; cap. 1.14,15). 2. *Todos* [...] *começaram a falar em outras línguas*, além da língua materna que cada um falava, mesmo sem nunca haver aprendido essas *outras línguas*. Os assuntos de que tratavam não eram conversas comuns, mas eram a palavra de Deus e louvores ao seu nome, *conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem*, ou lhes dava a falar, *apophthengesthai – proferir apotegmas*, declarações significativas e de peso, dignas de se manter na memória. A situação, provavelmente, não era uma pessoa falando uma língua e outra, uma segunda e, assim por diante (como ocorreu com as muitas famílias que se espalharam em Babel), mas a cada um era permitido falar diversas línguas, conforme a ocasião. E presumimos que entendiam aquilo que diziam e também o que os outros diziam, privilégio de que os construtores de Babel não dispunham (Gn 11.7). Não falavam, aqui e ali, uma palavra em outra língua, ou gaguejavam algumas frases incompletas, mas falavam com exatidão, fluência e elegância como se fosse sua língua nativa, pois tudo o que é produzido por milagre tem de ser da melhor qualidade. Eles não falavam por haverem pensado ou meditado previamente, mas *conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem*. Era o *Espírito Santo* que *lhes concedia* o conteúdo e a língua. (1) Este era um milagre de grande porte, um milagre ocorrido na mente (e assim tinha muito da natureza de um milagre do evangelho), pois é na mente que as palavras são formadas. Eles nunca tinham aprendido estas línguas, nem também qualquer língua estrangeira que poderia ter-lhes facilitado o aprendizado dessas. Ao que parece, nunca tinham sequer ouvido tais línguas, nem tampouco possuído a mínima noção delas. Não eram nem estudantes nem viajantes, nem haviam possuído qualquer oportunidade de aprender idiomas por intermédio de livros ou conversação. Pedro era bastante atrevido para falar em sua própria língua, mas os demais não eram porta-vozes, nem eram ágeis de entendimento. Mas agora *o coração dos imprudentes entenderá a sabedoria; e a língua dos gagos estará pronta para falar distintamente* (Is 32.4). Quando Moisés reclamou: *Sou pesado de boca*, Deus respondeu: *Eu serei com a tua boca*. E acrescentou: *Arão* [...] *falará por ti ao povo* (Êx 4.10,12,16). Mas Deus fez mais para estes seus mensageiros: aquele que fez a boca do homem refez a boca destes. (2) Este era um milagre extremamente adequado, necessário e útil. Os discípulos falavam aramaico, um dialeto hebraico. Por isso, era necessário que eles fossem dotados com a capacidade para entenderem o hebraico, idioma em que o Antigo Testamento foi originalmente escrito, e o grego, idioma em que o Novo Testamento será originalmente redigido. Mas isso não era tudo. Eles foram comissionados a pregar *o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15), a ensinar *todas as nações* (Mt 28.19). Há aqui uma dificuldade insuperável se revelando: Como eles dominariam os muitos idiomas para que falassem inteligentemente a todas as nações? Seria o trabalho de uma vida inteira alguém aprender todas as línguas da época. Portanto, para provar que Jesus lhes daria autoridade para pregar às nações, Ele lhes dá a capacidade de pregar na língua de cada uma dessas nações. Ao que parece, este foi o cumprimento desta promessa que Jesus fez aos discípulos: *Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas* (Jo 14.12). Para que isto fosse devidamente reconhecido e considerando todos os fatos, as obras maiores teriam de ser maiores que as curas miraculosas que Jesus fez. O próprio Jesus não falava em outras línguas, nem capacitou os discípulos a fazê-lo, enquanto estava com eles. Este foi o primeiro

efeito do derramamento do Espírito sobre eles (v. 18). O arcebispo Tillotson pensa que se agora pessoas de mente genuína procurassem sincera e vigorosamente converter os infiéis ao cristianismo, Deus favoreceria extraordinariamente tal tentativa dispondo-lhes toda assistência adequada, como fez na primeira proclamação do evangelho.

O Dia de Pentecostes

vv. 5-13

Há aqui um relato da notícia que se espalhou em Jerusalém sobre o dom extraordinário que todos os discípulos subitamente receberam. Observe:

I A grande confluência de pessoas em Jerusalém era maior que o habitual em época de festa do Pentecostes (v. 5). *Em Jerusalém estavam habitando* ou havia *judeus* que eram *varões religiosos*, inclinados à religião e que tinham o temor de Deus diante dos olhos (conforme significa a palavra corretamente). Alguns eram *prosélitos de justiça*, porque foram circuncidados e aceitos na igreja judaica, ao passo que outros eram apenas *prosélitos de portão*, porque abandonaram a idolatria e se entregaram à adoração do verdadeiro Deus, sem, contudo, obedecerem à lei cerimonial. Parte desses que agora estavam em Jerusalém era *de todas as nações que estão debaixo do céu*, para onde os judeus foram espalhados ou de onde foram feitos prosélitos. A expressão é hiperbólica, denotando que havia pessoas das regiões mais bem conhecidas do mundo de então. Tanto como Tiro foi, ou Londres é, o local de encontro de homens de negócio do mundo inteiro, Jerusalém, naquela época, era o local de encontro de pessoas religiosas de todas as regiões. 1. Temos uma lista de alguns países de onde esses estrangeiros vieram a Jerusalém (vv. 9-11). Alguns vieram de países orientais, como os *partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia*, que são a posteridade de Sem. Então passamos para a Judéia, a qual deve ser mencionada, porque, embora a língua dos habitantes da Judéia fosse a mesma dos discípulos, contudo eles a falavam com o sotaque e dialeto do norte do país (*és também galileu*, Mc 14.70, *pois a tua fala te denuncia*, Mt 26.73). Mas agora, depois do Pentecostes, empregavam-na tão corretamente quanto os próprios habitantes da Judéia. Em seguida, vêm os habitantes de *Capadócia*, *Ponto* e daquele país ao longo do Proponto, denominado particularmente de *Ásia*, sendo estes os países para os quais esses estrangeiros foram dispersos e para quem Pedro mais tarde escreveu (1 Pe 1.1). Depois, vêm os moradores da *Frígia* e *Panfília*, que se situavam em direção oeste, sendo a posteridade de Jafé como também o eram os *forasteiros romanos*. Havia também alguns que moravam na região sul do *Egito e partes da Líbia, junto a Cirene*; outros que residiam na ilha de Creta e outros que habitavam os desertos da Arábia. Mas, originalmente, compunham-se todos ou de *judeus* que foram espalhados nesses países, ou de *prosélitos* convertidos à religião judaica, sendo nativos desses países. O Dr. Whitby observa que os escritores judeus dessa época, como Filon e Josefo, falam que os judeus *habitavam em todas as regiões da terra inteira* e que *não há um povo na terra entre os quais não habitem alguns judeus*. 2. O motivo que reuniu todos esses judeus e prosélitos em Jerusalém nesta época. Não foi para fazer uma visita passageira em Jerusalém durante a festa do Pentecostes, porque o texto diz que eles *estavam habitando* lá. Eles alugavam quartos em casas particulares, porque nesse tempo havia a expectativa geral do aparecimento do Messias. As semanas de Daniel haviam acabado de se cumprir, o cetro se arredara de Judá e o pensamento geral era *que logo se havia de manifestar o Reino de Deus* (Lc 19.11). Isso fez com que as pessoas que eram mais zelosas e devotas fossem a Jerusalém e permanecessem temporariamente lá, para que tivessem parte antecipada no Reino do Messias e as bênçãos desse reino.

II O temor que tomou conta dos estrangeiros quando ouviram os discípulos falar nas suas próprias línguas. Pelo visto, os discípulos falaram em vários idiomas antes que as pessoas desses respectivos idiomas viessem a eles, pois se subentende (v. 6) que foi a propagação dessas notícias que ajuntou a *multidão*. Foram, sobretudo, as pessoas de diferentes países que ficaram mais abaladas com esta operação de maravilhas (1 Co 12.10) que os próprios habitantes de Jerusalém.

1. Os estrangeiros observaram que os que falavam eram todos galileus, pessoas que não conheciam outra língua exceto a materna (v. 7). Eram pessoas de baixo nível cultural, de quem ninguém esperaria nada culto ou educado. Deus escolheu as coisas loucas e fracas loucas deste mundo para confundir as sábias e fortes (1 Co 1.27). O povo pensava que Jesus fosse galileu, mas seus discípulos realmente eram pessoas incultas e ignorantes.

2. Os estrangeiros reconheceram que os discípulos falavam inteligente e prontamente cada um na língua desses estrangeiros (os quais eram juízes muito competentes). Falavam de modo tão correto e fluente que nenhum dos seus próprios compatriotas poderia falar melhor: Nós *os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos* (v. 8), ou seja, ouvimos um ou outro deles falando em nossa língua nativa. Os partos ouviam um deles falar seu idioma, os medos ouviam outro falar o seu e assim sucessivamente: *Todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus* (v. 11). Seus respectivos idiomas eram desconhecidos em Jerusalém e, provavelmente, menosprezados e subestimados. Portanto, não só era uma surpresa, mas uma surpresa agradável eles ouvirem o idioma do próprio país deles sendo falado, como ocorre naturalmente com os que são estrangeiros em terra estrangeira. (1) As palavras que os estrangeiros ouviam os discípulos pronunciarem diziam respeito às *grandezas de Deus*, *megaleia tou Theou – Magnalia Dei, as grandes coisas de Deus*. É provável que os discípulos falassem sobre Jesus, a redenção por meio dele e a graça do evangelho. Essas são realmente as grandes coisas de Deus, que serão para sempre *coisa maravilhosa aos nossos olhos* (Sl 118.23). (2) Os estrangeiros ouviram os discípulos louvarem a Deus por essas grandes coisas e ensinarem as pessoas acerca destas coisas, na língua de cada uma delas, segundo percebiam a língua das pessoas que os ouviam ou daqueles que lhes faziam perguntas. Mas talvez por estarem habitando há algum tempo em Jerusalém, esses estrangeiros ganharam certo domínio no idioma

hebraico, habilitando-os a entender o que os discípulos queriam dizer, caso tivessem falado nesse idioma. [1] O fato era muito estranho e ajudava a convencer o juízo dos estrangeiros de que esta doutrina era de Deus, pois as línguas eram *um sinal* [...] *para os incrédulos* (1 Co 14.22, versão RA). [2] O fato era muito prazeroso aos sentidos e ajudava a prender as emoções dos estrangeiros, visto que era indicação clara do privilégio estendido aos gentios. Esse fato também sinalizava que o conhecimento e o culto a Deus já não estariam restritos aos judeus e que a parede de separação seria derribada. Para nós é alusão clara da mente e vontade de Deus de que os registros sagrados das *grandezas de Deus* seriam preservados por todas as nações e em sua própria língua. As Escrituras seriam lidas e o culto público feito nas línguas comuns das nações.

3. Os estrangeiros ficaram curiosos em saber o que era que estava acontecendo e consideraram o fato surpreendente: *Todos se maravilhavam e estavam suspensos* (ou seja, *em êxtase*, que é o significado da palavra, v. 12). Eles estavam em dúvida sobre qual era o significado disso. Supunham que tinha a ver com o estabelecimento do Reino do Messias, do qual possuíam altas expectativas. Eles perguntavam a si mesmos e uns aos outros: *Ti an theloi touto einai; – Quid hoc sibi vult? – Qual é a tendência disso?* Seguramente é para dignificar e, assim, distinguir estes homens como mensageiros do céu. Portanto, como aconteceu com Moisés junto à sarça ardente, assim eles se viraram para lá e viram esta grande visão (Êx 3.3).

III O desprezo que alguns nativos da Judéia e Jerusalém deram ao fato, provavelmente os escribas, os fariseus e os principais dos sacerdotes que sempre resistiam ao Espírito Santo. Diziam: Estes homens *estão cheios de mosto*, ou seja, vinho doce, dando a entender que eles beberam demais neste tempo de festa (v. 13). Não que eles fossem tão faltos de entendimento a ponto de pensar que vinho em excesso faria as pessoas falarem línguas que nunca aprenderam. Mas estes, sendo judeus nativos, não sabiam, como os estrangeiros, que o que era falado era realmente os idiomas de outras nações. Por isso, para eles soava palavreado desconexo e sem sentido, como bêbedos, como às vezes falavam aqueles *loucos de Israel* (2 Sm 13.13). É semelhante à ocasião em que eles resolveram não crer no dedo do Espírito nos milagres de Cristo, e eles saíram com esta: *Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios* (Mt 9.34). Assim, quando resolveram não crer na voz do Espírito na pregação dos apóstolos, eles saíram com esta: Estes homens *estão cheios de* vinho novo. Portanto, *se chamaram* beberrão *ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?* (Mt 10.25; 11.19).

O Sermão de Pedro em Jerusalém

vv. 14-36

Temos aqui os primeiros frutos do Espírito no sermão que Pedro pregou imediatamente. Ele não o dirigiu às pessoas de outras nações em uma língua estranha (o texto não nos informa que resposta ele deu aos que se maravilhavam e diziam: *Que quer isto dizer?*, v. 12), mas aos judeus em língua vernácula, exatamente aos escarnecedores. Fazendo menção a essa zombaria (v. 15), ele iniciou e dirigiu o discurso aos *varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém* (v. 14). Entretanto, temos razão suficiente para supor que os outros discípulos continuaram falando com as pessoas que os entendiam (desta forma, havendo ajuntamento em torno deles) nas línguas dos seus respectivos países acerca das grandezas de Deus (v. 11). E não foi somente pela pregação de Pedro, mas pelas pregações de todos ou da maioria dos outros cento e vinte, que, *naquele dia, quase três mil almas* se converteram e *agregaram-se* à igreja (v. 41). Mas só o sermão de Pedro foi registrado para servir-lhe de evidência de que ele estava totalmente recuperado da sua queda e completamente restaurado no favor divino. Aquele que sorrateiramente negara Jesus, agora o confessa com bastante coragem. Observe:

I A introdução ou o prefácio do sermão de Pedro, no qual ele prende ou exige a atenção do público ouvinte: *Pedro, porém, pondo-se em pé* (v. 14), para mostrar que não estava bêbado, *com os onze*, que concordavam com ele no que dizia e, provavelmente, ao falarem, proferiam palavras no mesmo sentido. Aqueles que tinham mais autoridade se levantaram para falar com os judeus escarnecedores e assim confrontar os que blasfemavam, permitindo que os setenta discípulos se dirigissem aos prosélitos de outras nações, o que mostrava boa vontade e ausência de preconceito. Assim, entre os ministros de Cristo, alguns de maior talento são convocados para instruir os que se opõem, para empunhar firmemente a espada e a lança; ao passo que outros, de menor capacidade, são empregados para instruir os que se submetem, servindo de *vinheiros* e *lavradores* (2 Rs 25.10). Pedro *levantou a voz* como alguém que estava bem seguro e muito comovido pelo que dizia; ele não estava com medo ou com vergonha do que possuía. Seu foco estava concentrado nos *varões judeus, andres Ioudaioi – os homens que eram judeus*. Assim, a leitura seria: "E vós especialmente *que habitais em Jerusalém*, que fostes cúmplices na morte de Jesus, *seja-vos isto notório*, o que vós antes não sabíeis e agora estais interessados em saber, *e escutai as minhas palavras*, vós que vos achegais a Cristo e não às palavras dos escribas e fariseus, as quais vos afastariam dele. O meu Mestre foi embora, cujas palavras vós muitas vezes ouvíeis em vão, mas agora não as ouvireis mais assim, pois Ele fala convosco através de nós; prestai atenção às nossas palavras".

II A resposta de Pedro à calúnia blasfema dos judeus e moradores de Jerusalém: "*Estes homens não estão embriagados, como vós pensais*. Estes discípulos de Jesus que agora falam *em outras línguas* falam com sensatez e sabem o que dizem, como sabem as pessoas com quem eles falam. Os sermões que pregam as levam ao conhecimento das *grandezas de Deus*. Não penseis que estão bêbados, pois é apenas *a terceira hora do dia*", nove horas da manhã (v. 15). Antes desta hora, nos sábados e festas solenes, os judeus não comiam nem bebiam. Ainda mais, *os que se embebedam embebedam-se* comumente *de noite* (1 Ts 5.7) e não de manhã. São estes os bêbedos, pois

quando despertam imediatamente tornam a buscar a bebida outra vez (Pv 23.35).

III A descrição que Pedro fez da efusão milagrosa do Espírito, a qual tem o desígnio de despertar todos os que aceitam Jesus e se unem à sua igreja. O apóstolo esclarece dois pontos sobre a efusão: Era o cumprimento das Escrituras e era a conseqüência da ressurreição e ascensão de Cristo, sendo, por conseguinte, a prova de ambos.

1. A efusão do Espírito foi o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, as quais se relacionavam ao Reino do Messias. Era, portanto, evidência de que este reino chegara e que suas outras predições se cumpriram. Pedro especifica uma profecia: a do *profeta Joel* (Jl 2.28). É digno de nota que, embora Pedro estivesse cheio do Espírito Santo e falasse em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhe concedia que falasse (v. 4), ele não pôs de lado as Escrituras, nem se achou superior a elas. Não somente isso, mas grande parte do seu discurso é citação do Antigo Testamento, do qual ele se serve e com o qual prova o que diz. Os aprendizes de Cristo nunca devem absorver algum tipo de ensinamento que não se harmoniza com a Bíblia. O Espírito é dado não para substituir as Escrituras, mas para nos capacitar a entender e melhorar sua compreensão.

(1) O texto que Pedro cita (vv. 17-21). Ele se refere aos *últimos dias*, o tempo do evangelho, chamado os *últimos dias*, porque a dispensação do Reino de Deus entre os homens, a qual o evangelho estabelece, é a última dispensação da graça divina. Não devemos então procurar outra continuação para o tempo do fim. Ou a expressão *nos últimos dias* se refere a um extenso período de tempo depois da interrupção das profecias na igreja veterotestamentária. Ou diz respeito aos dias que precedem imediatamente a destruição da nação judaica, nos últimos dias deste povo, pouco antes daquele *grande e glorioso Dia do Senhor* mencionado no versículo. 20. "O dia foi profetizado e prometido, portanto deveis esperá-lo e não serdes surpreendido por ele. Desejai-o e dai-lhe boa acolhida, não o contestando como fato indigno de ser conhecido." O apóstolo cita o parágrafo inteiro, pois é bom tomar as Escrituras por inteiro. A profecia anunciava:

[1] Que haveria uma efusão mais abundante e extensa do Espírito de graça proveniente do alto, a qual jamais ocorrera. Os profetas do Antigo Testamento tinham sido *cheios do Espírito Santo*, e aos israelitas em geral Deus dera o seu *bom espírito, para os ensinar* (Ne 9.20). Mas agora o Espírito será derramado não só sobre os judeus, mas *sobre toda a carne* (v. 17), gentios e judeus, embora pareça que o próprio Pedro não tivesse entendido assim (cap. 11.17). Ou, *sobre toda a carne* significa sobre todas as classes sociais e graduações humanas. Os doutores judeus ensinavam que o Espírito vinha somente sobre os homens sábios e ricos e que fossem da semente de Israel. Mas Deus não se prende a tais regras.

[2] Que o Espírito seria sobre toda carne um Espírito de profecia. Pelo Espírito, judeus e não-judeus seriam capacitados a profetizar e a pregar *o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15). Esse poder será dado sem distinção de sexo: *os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão*; sem distinção de idade: *os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos* (v. 17). Eles receberiam revelações divinas por meio de *visões* e *sonhos* e as comunicariam à igreja; e isso sem distinção de posição social: até os *servos* e *servas* receberiam o Espírito e profetizariam (v. 18); ou, em sentido geral, sobre os homens e mulheres a quem Deus chamaria de *meus servos e minhas servas*. No princípio dos tempos proféticos do Antigo Testamento, havia *escolas de profetas* e, antes disso, o *espírito de profecia* (Ap 19.10) vinha sobre os *anciãos de Israel* nomeados ao governo. Mas, agora, o Espírito será derramado sobre pessoas de posição inferior, fato que não ocorria nas escolas dos profetas, pois o Reino do Messias tem de ser puramente espiritual. A menção de *filhas* (v. 17) e *servas* (v. 18) nos faz entender que as mulheres anteriormente citadas (cap. 1.14) também receberam os dons extraordinários do Espírito Santo. Filipe, o evangelista, tinha *quatro filhas donzelas, que profetizavam* (cap. 21.9). Paulo, encontrando na igreja de Corinto abundância de dons tanto em línguas quanto em profecia, julgou necessário proibir as mulheres usarem esses dons em público (1 Co 14.26,34).

[3] Que as pessoas que recebessem o Espírito profetizariam que a nação judaica seria julgada. Esse foi o fato grandioso e importante que o próprio Jesus predisse (Mt 24), quando estava entrando triunfalmente em Jerusalém (Lc 19.41) e quando estava carregando a cruz para ser crucificado (Lc 23.29). Os israelitas devem ser julgados e punidos pelo desprezo e oposição demonstrados ao evangelho, embora essa mensagem tenha sido dada para prová-los. Os que não se submetessem ao poder da graça de Deus, nesta efusão maravilhosa do seu Espírito, cairiam e ficariam sob o derramamento das taças da ira divina. Quem não se dobrasse se quebraria. Em primeiro lugar, o texto sacro denomina a destruição de Jerusalém, que ocorreu aproximadamente quarenta anos depois da morte de Jesus, de *o grande e glorioso Dia do Senhor* (v. 20), porque estabelece um período final para a economia mosaica. Assim, o sacerdócio levítico e a lei cerimonial foram abolidos e destruídos para sempre. Tamanha desolação jamais ocorrera em qualquer lugar ou nação, antes ou depois. Era o *Dia do Senhor*, pois era o dia em que Ele se vingaria do povo que crucificou Jesus e perseguiu seus ministros. Era o ano em que Ele recompensaria por essa controvérsia todo o sangue dos santos e mártires, *desde o sangue de Abel, o justo* (Mt 23.35). Tratava-se de um pequeno dia de julgamento; um dia *glorioso*. Em Joel, esse dia é chamado *terrível* (Jl 2.31), pois é o que seria para todas as pessoas da terra. Aqui, é chamado *epiphane* (conforme a Septuaginta), um dia *glorioso e ilustre*, pois é o que seria para Jesus no céu. Era a epifania, sua aparição, como se referiu em Mateus 24.30. A destruição dos judeus era a libertação dos cristãos, que foram odiados e perseguidos por eles. É por isso que esse dia era falado muitas vezes pelos profetas daquele tempo, para o incentivo dos cristãos sofredores, *porque já a vinda do Senhor está próxima.* [...] *Eis que o juiz está à porta* (Tg 5.8,9). Em segundo lugar, o texto sacro prediz o aspecto terrível dessa destruição: *Farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue* (vv. 19,20). Josefo, no prefácio de sua história sobre as

guerras judaicas, alude aos sinais e prodígios que precederam essas guerras: trovões, raios e terremotos horríveis. Havia um cometa de fogo que permaneceu em cima da cidade por um ano e também uma espada flamejante que apontava para baixo em direção à cidade. Existia uma luz que brilhava no templo e no altar à meia-noite, como se fosse meio-dia. O Dr. Lightfoot dá outro sentido a esses presságios: O *sangue* do Filho de Deus, o *fogo* do Espírito Santo que aparecem agora; o *vapor de fumaça* no qual Jesus ascendeu; o *sol* se escureceu e a *lua* se fez *sangue* na hora da paixão de Cristo. Que as mais altas proclamações sejam dadas a esse povo incrédulo para que se prepare para o julgamento vindouro. Talvez esses presságios também possam ser aplicados com muita propriedade aos julgamentos prévios pelos quais essa desolação foi ocasionada. O *sangue* aponta para as guerras dos judeus com as nações circunvizinhas, os samaritanos, sírios e gregos. Nesses confrontos, *sangue* em abundância foi derramado. Houve também as guerras civis e as lutas dos *sediciosos* (conforme eles as chamavam), as quais foram muito sangrentas. Não havia paz para quem saía nem para quem entrava. O *fogo* e o *vapor de fumaça*, aqui preditos, cumpriram-se literalmente na queima das cidades, aldeias e sinagogas, e, por fim, do templo. E esta conversão do *sol* [...] *em trevas* e da *lua* [...] *em sangue* evidencia a dissolução do governo civil e religioso, e a extinção de todas as suas luzes. Em terceiro lugar, o texto sacro promete a preservação notável do povo do Senhor: *E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor* (Jesus, que é a descrição do verdadeiro cristão, 1 Co 1.2) *será salvo* (v. 21), escapará do julgamento que será um tipo e determinação da salvação perpétua. Quando os caldeus destruíram Jerusalém, existia um remanescente selado para ser escondido no *dia da ira do Senhor*. Quando os romanos destruíram essa cidade, nenhum cristão pereceu. Aqueles que se distinguem por devoção singular serão distinguidos por conservação especial. E observe que a oração caracteriza o remanescente: *todo aquele que invocar o nome do Senhor*. Isto denota que este povo não é salvo por mérito ou justiça própria, mas puramente pelo favor de Deus, favor que deve ser obtido pela oração. É *o nome do Senhor* que esse povo invoca que é a *torre forte* (Pv 18.10).

(2) A aplicação desta profecia para o evento presente: *Isto é o que foi dito pelo profeta Joel* (v. 16). É o cumprimento disso, o seu cumprimento total. Esta é a efusão do Espírito sobre toda carne, a qual viria e não devemos procurar outra, assim como não devemos procurar outro Messias. Da mesma forma que nosso Messias sempre habita no céu, reinando e intercedendo pela igreja na terra, assim este Espírito da graça, o Advogado ou Consolador que foi dado segundo a promessa, continuará, segundo a mesma promessa, com a igreja na terra até ao fim. O Espírito fará todas as suas operações na igreja e por ela, em cada um dos seus membros, comuns e extraordinários, por meio das Escrituras e do ministério.

2. A efusão do Espírito foi o dom de Cristo e o produto e prova de sua ressurreição e ascensão. Com este *dom do Espírito Santo* (cap. 2.38), Pedro aproveita a ocasião para pregar Jesus aos homens de Israel. Nesta parte do sermão, ele apresenta outro prefácio solene: "*Varões israelitas, escutai estas palavras* (v. 22). Trata-se de misericórdia o fato de vós estardes ouvindo eles falarem. O vosso dever é prestar atenção a eles". As palavras concernentes a Jesus devem ser palavras aceitáveis aos *varões israelitas*. Existe neste trecho:

(1) Um resumo da história da vida de Jesus (v. 22). Pedro o chama *Jesus Nazareno*, porque Ele era conhecido em geral por esse nome, mas (já sendo suficiente para fazer esta reprimenda) Ele foi *varão aprovado por Deus entre vós*. Ele foi censurado e condenado pelos homens, mas *aprovado por Deus*: Deus confirmou a aprovação da doutrina de Jesus pelo poder que Ele lhe deu para operar milagres: *homem distinguido por Deus*, conforme a leitura do Dr. Hammond. "Ele foi destacado e feito notável entre vós que agora me ouvis; foi enviado a vós, morou convosco, uma luz gloriosa em vossa terra. Vós mesmos sois testemunhas de como Ele se tornou famoso por *maravilhas, prodígios e sinais*, obras acima do poder da natureza, fora do seu curso comum e opostas a ele. Milagres *que Deus por ele fez*, quer dizer, que Jesus fez pelo poder divino com que foi revestido e no qual Deus se mostrava claramente junto dele, porque ninguém podia fazer tais obras se Deus não fosse com ele" (Jo 3.2). Note o destaque que Pedro dá aos milagres de Jesus. [1] O fato dos milagres não pode ser negado: "*Deus por ele fez no meio de vós*, no meio de vosso país, vossa cidade, vossas assembléias solenes, *como vós mesmos bem sabeis*. Vós fostes testemunhas oculares dos milagres de Jesus. Apelo a vós mesmos se tendes qualquer coisa para contestar os milagres ou apresentar algo que os refute". [2] A inferência dos milagres não pode ser questionada. A argumentação é tão forte quanto a prova. Se Jesus fez tais milagres, certamente Deus o aprovou, declarando que Ele é o que declarou ser: *o Filho de Deus* (Jo 6.69) e *o Salvador do mundo* (Jo 4.42), pois o Deus da verdade nunca colocaria seu selo em uma mentira.

(2) Uma narrativa da morte e sofrimentos de Jesus, dos quais os *varões israelitas* também foram testemunhas há poucas semanas. O maior milagre de todos foi que um *varão aprovado por Deus* fosse visto abandonado por Ele desse jeito, e que um *varão* assim *aprovado* entre o povo e no meio deles também fosse abandonado por eles. Mas este texto (v. 23) explica os dois mistérios e analisa a sua morte: [1] Como ato de Deus. Em Deus, foi um ato de graça e sabedoria maravilhosa. Ele entregou Jesus à morte, não só permitindo que Ele fosse morto, mas o abandonou, dedicou-o. A explicação disso é que Deus *o entregou por todos nós* (Rm 8.32). Contudo, Ele era *varão aprovado por Deus*. No ato de Deus entregá-lo, não havia nada que significasse desaprovação, pois foi feito *pelo determinado conselho e presciência de Deus*, em sabedoria infinita e para propósitos santos, com os quais o próprio Jesus concordou e com os meios que o levaram a eles. Assim, a justiça divina foi satisfeita, os pecadores foram salvos, Deus e o homem foram reunidos novamente, e o próprio Cristo foi glorificado. Jesus sofreu e morreu segundo a vontade de Deus e *segundo o conselho da sua vontade* (Ef 1.11), de acordo com um conselho eterno, o qual não pode ser alterado. Isto o reconciliou à cruz: *Meu Pai, [...] faça-se a tua vontade* (Mt 26.42); e *Pai, glorifica o teu nome* (Jo 12.28); cumpra-se o teu propósito e satis-

faça-se o grande propósito. [2] Como ato do povo. Para os integrantes deste povo, isso se constituiu num ato de pecado prodigioso e loucura. Era lutar contra Deus perseguir Jesus, a quem Ele aprovou na qualidade do predileto do céu. Era lutar contra a própria misericórdia divina perseguir Jesus, que era a maior bênção desta terra. Nem o fato de Deus ter designado a ocorrência desde a eternidade, ou por Ele ter extraído o bem disso para a eternidade chegaria ao menos para lhes desculpar o pecado. O ato e ação foram voluntários, provenientes de um princípio moralmente mal. "Foram, portanto, por *mãos de injustos* que vós *o crucificastes e matastes.*" Entre a multidão havia, provavelmente, alguns que tinham bradado: *Crucifica-o! Crucifica-o!* (Lc 23.21), ou que de outra forma haviam contribuído e se acumpliciado com o assassinato, e Pedro sabia disso. Mas a ocorrência era considerada justamente como ato nacional, porque fora feita pelo voto do grande conselho e pela voz da grande multidão. Trata-se de uma regra: *Refertur ad universos quod publice fit per majorem paretm – Aquilo que é feito publicamente pela maioria é atribuído a todos.* O apóstolo os acusa particularmente como integrantes da nação que seria julgada com a maior eficiência para levá-los à fé e arrependimento, porque era esse o único modo de eles distinguirem-se dos culpados e livrarem-se da culpa.

(3) Um depoimento da ressurreição de Jesus, com o qual Deus limpou de vez a vergonha da morte de Jesus: *Ao qual Deus ressuscitou* (v. 24). O mesmo que o entregou à morte o libertou *da morte*. Com esse ato, Deus lhe deu a mais alta aprovação dada a quem quer que seja das *maravilhas, prodígios e sinais, que* [...] *ele fez* (v. 22). Pedro insiste nesse ponto em grande medida.

[1] Pedro descreve a ressurreição de Jesus: *Deus* soltou *as ânsias da morte, pois não era possível que* Jesus *fosse retido por ela, odinas – as tristezas da morte.* A palavra é usada para se referir às "dores de trabalho árduo". Certos estudiosos entendem que isso está relacionado com a agitação e a agonia da alma de Jesus quando desabafou: *A minha alma está cheia de tristeza até à morte* (Mt 26.38). O Pai o soltou destas dores e tristezas da alma, deste trabalho árduo da alma, quando Jesus disse ao morrer: *Está consumado* (Jo 19.30). É assim que o Dr. Godwin entende: "Esses terrores que fizeram a alma de Hemã ser posta *entre os mortos* (Sl 88.5,15) apoderaram-se de Jesus. Mas Ele era forte demais para tais terrores, por isso os arrebentou. Foi essa a ressurreição da sua alma (e é obra grandiosa trazer uma alma das profundezas das agonias espirituais), que significava não deixar *sua alma* no inferno. Por conseguinte, para que Ele não visse *a corrupção* alude à ressurreição do corpo. Ambos os aspectos compõem a grande ressurreição". O Dr. Lightfoot dá outro sentido ao texto: "Tendo dissolvido *as ânsias da morte* com referência a todos os que crêem em Jesus, Deus o ressuscitou e, por meio da sua ressurreição, destruiu todo o poder da morte e acabou com as angústias da morte em seu povo. Ele *aboliu a morte* (2 Tm 1.10), alterou-lhe a propriedade e, porque *não era* mais *possível que* Jesus *fosse retido por ela*, também *não era possível que* o povo *fosse retido por ela*". Mas a maioria relaciona isso à ressurreição do corpo de Cristo. E a morte (diz o Sr. Baxter) é, por privação, um estado penal, embora não seja doloroso por pecado positivo. Mas o Dr. Hammond mostra que a Septuaginta, e através dela o apóstolo aqui, usa a palavra grega para se referir a *cordas* e *laços* (como em Sl 18.4). A metáfora de soltar e aprisionar concorda melhor com essa idéia. Jesus foi preso por nossas dívidas e foi lançado nos laços da morte. Mas, tendo satisfeito a justiça divina, não era possível que fosse detido na morte, quer por direito ou força, pois Ele tinha vida em si mesmo e poder próprio, havendo conquistado o príncipe da morte.

[2] Pedro atesta a verdade da ressurreição de Jesus: *Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas* (v. 32). Nós, apóstolos, e outros de nossos companheiros que o conhecemos de perto antes da sua morte, mantivemos um estreito relacionamento com Ele depois da ressurreição. Nós *comemos e bebemos juntamente com ele* (cap. 10.41). Recebemos poder, pela vinda do Espírito Santo sobre nós, com vistas a sermos testemunhas hábeis, fiéis e ousadas destas ocorrências, a despeito de os nossos inimigos nos acusarem de ter-lhe roubado o corpo.

[3] Pedro mostrou que a ressurreição de Jesus foi cumprimento das Escrituras. Pelo fato de as Escrituras afirmarem que Jesus tinha de ressuscitar antes que visse *corrupção*, então *não era possível que* Ele *fosse retido* pela *morte* e *sepultura. Porque dele disse Davi* que ressuscitaria e assim ocorreu (v. 25). As Escrituras às quais ele se refere é da lavra de Davi (Sl 16.8-11). Embora parcialmente aplicáveis a Davi como santo, também dizem respeito principalmente a Jesus Cristo, de quem Davi era tipo. Aqui está:

Em primeiro lugar, o texto sacro é citado na íntegra (vv. 25-28), pois tudo se cumpriu em Jesus e nos mostra: 1. O constante respeito que o nosso Senhor Jesus dedicou ao Pai durante todo o empreendimento que realizara na terra: *Sempre via diante de mim o Senhor* (v. 25). Jesus colocou diante de si a glória do Pai como seu propósito em tudo. Ele percebeu que os seus sofrimentos redundariam em copiosas honras a Deus, o que resultaria em sua própria alegria. Foi-lhe colocado este propósito, o qual Ele manteve em mira em tudo que fez e sofreu. Esta expectativa o sustentou e o propeliu a avançar (Jo 13.31,32; 17.4,5). 2. A certeza que Jesus tinha da presença e poder do Pai que o acompanhavam: "Ele *está à minha direita*, a mão da ação, força, condução e apoio, *para que eu não seja comovido* (v. 25), nem desviado de meu empreendimento, apesar dos sofrimentos por que tenho de passar". Esta era uma cláusula do concerto de redenção: *Com ele, a minha mão ficará firme, e o meu braço o fortalecerá* (Sl 89.21). Portanto, Ele está confiante de que o trabalho não fracassará em suas mãos. Se Deus está à nossa mão direita não seremos comovidos. 3. A alegria com que nosso Senhor Jesus executou seu trabalho apesar das tristezas por que tinha de atravessar: "Estando certo de que não serei comovido, mas que o bom prazer do Senhor prosperará em minhas mãos, então *se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou* (v. 26). O pensamento de minha tristeza é como nada para mim." Note que era um prazer constante para o nosso Senhor Jesus olhar o fim do seu trabalho e ter certeza de que o resultado seria glorioso. Ele se sentia tão feliz com seu ministério que lhe fazia bem ao coração

pensar na maneira com que o resultado satisfaria o desígnio do Pai. *Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no Espírito Santo* (Lc 10.21). *E a minha língua exultou.* No Salmo está: *E se regozija a minha glória* (Sl 16.9), o que evidencia que nossa língua é nossa glória. A faculdade da fala nos é uma honra, e não há momento mais sublime quando é empregada em louvores a Deus. A *língua* de Jesus *exultou*, pois quando Ele havia acabado de entrar em seus sofrimentos, no final da última ceia, Ele cantou *um hino* (Mt 26.30). 4. A gloriosa expectativa que Jesus tinha do resultado feliz da sua morte e sofrimentos. Era isto que o fazia ir adiante, não só com coragem, mas com alegria em meio às adversidades. Ele estava tirando o corpo, mas *a minha carne há de repousar em esperança* (v. 26). A sepultura é para o corpo, enquanto jaz ali, uma cama de repouso. É a esperança que lhe dará um repouso tranqüilo. *A minha carne há de repousar em esperança, hoti, pois não deixarás a minha alma no Hades* (v. 27). O que vem a seguir é o tema da sua *esperança* ou garantia: (1) Que a alma de Jesus não permaneceria em estado de separação do corpo. Além de significar certo desassossego para a alma humana, que foi feita para ficar no corpo, seria a continuação do triunfo da morte sobre aquele que era verdadeiramente o conquistador da morte: "Tu *não deixarás a minha alma no Hades*" (no *hades*, no *estado invisível*, que é o significado correto da palavra). "Embora tu sofresses por certo tempo para a transferires para lá e permaneceres lá, contudo tu a devolveste. Tu *não deixarás* sua alma lá, como deixaste as almas dos outros homens". (2) Que o corpo de Jesus ficaria por pouco tempo na sepultura: Tu não *permitirás que o teu Santo veja a corrupção* (v. 27). O corpo não permaneceu morto a ponto de começar a putrefazer ou tornar-se fétido. Devia, por conseguinte, voltar à vida e antes do terceiro dia depois da morte. Jesus era o *Santo* de Deus, santificado e separado para o serviço dele na obra de redenção. Ele tinha de morrer, pois devia ser consagrado *pelo seu próprio sangue* (Hb 13.12), mas sem ver *a corrupção*, pois sua morte tinha de ser para Deus um *cheiro suave* (Êx 29.18). Este fato foi tipificado pela lei relativa ao sacrifício, que diz: *O que ainda ficar da carne do sacrifício ao terceiro dia será queimado no fogo*, para que não visse *a corrupção* e começasse a putrefazer (Lv 7.15-18). (3) Que a morte e sofrimentos de Jesus seriam não só para Ele, mas para todos os seus, a passagem para uma imortalidade gloriosa: "*Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida* (v. 28) e, por mim, os fizeste conhecidos para o mundo e os expuseste". Quando *o Pai* [...] *deu também ao Filho ter a vida em si mesmo* (Jo 5.26), e o *poder para a dar e para a tomar* (Jo 10.18), Ele lhe mostrou *os caminhos da vida. Descobriram-se-te as portas da morte, ou viste as portas da sombra da morte* (Jó 38.17), para que tu passasses e repassasses por elas, conforme a ocasião te dirigisse, visando à redenção do homem. (4) Que todas as tristezas e sofrimentos de Jesus terminariam em felicidade perfeita e eterna: *Com a tua face me encherás de júbilo* (v. 28). A recompensa colocada diante dele foi *júbilo*, um *júbilo* pleno, que houve na *face* de Deus, o semblante de satisfação que Ele deu ao empreendimento e a todos aqueles que, por Ele, nele cressem. O sorriso com o qual o Pai o recebeu, quando, na ascensão, Ele foi levado ao *ancião de dias* (Dn 7.13), encheu-o de *gozo inefável* (1 Pe 1.8). É essa *a alegria do Senhor* (Ne 8.10), na qual todos os seus entrarão e serão felizes para sempre.

Em segundo lugar, o texto apresenta um comentário, especialmente sobre a ressurreição de Jesus. Pedro se dirige a eles com um título de respeito: *Varões irmãos* (v. 29). "Vós sois *varões*, portanto deveis ser regidos pela razão. Vós sois *irmãos*, portanto deveis prestar atenção gentil ao que vos é dito por alguém que, tendo relações próximas convosco, preocupa-se sinceramente convosco e vos deseja o bem. Permiti-me *dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi*, e não vos ofendais se eu vos disser que aqui *Davi* não está falando de si, mas do *Cristo* porvir." Aqui, *Davi* é chamado *patriarca*, porque ele foi o pai da família real e homem de grande distinção e eminência em sua geração, cujo nome e memória eram com justiça muito preciosos. Ao lermos esse Salmo davídico, não deixemos de considerar: 1. Que Davi não estava falando sobre si mesmo, porque *ele morreu e foi sepultado, e entre nós* (quando Pedro mencionou o fato) *está até hoje a sua sepultura* com seus ossos e restos mortais (v. 29). Ninguém jamais alegou que Davi tivesse ressuscitado, e ele jamais poderia dizer que não veria *a corrupção*, pois é lógico que ele *viu a corrupção*. Paulo também se serve deste mesmo argumento (cap. 13.35-37). Embora Davi fosse um homem conforme o coração de Deus (cap. 13.22), ele foi *pelo caminho de toda a terra*, consoante suas próprias palavras (1 Rs 2.2), tanto na morte quanto no sepultamento. 2. Que Davi certamente falava na função de *profeta*, com vistas ao Messias, cujos sofrimentos os profetas anteriormente testificaram junto com *a glória que se lhes havia de seguir* (1 Pe 1.11). Foi o que fez Davi naquele Salmo, conforme Pedro explica aqui claramente. (1) Davi sabia que o Messias descenderia de seus lombos: *Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o colocar sobre o seu trono* (v. 30). Ele lhe prometeu um Filho, *e confirmarei o trono do seu reino para sempre* (2 Sm 7.13). Salmos 132.11 afirma: *O Senhor jurou a Davi com verdade.* Quando nosso Senhor Jesus nasceu, foi-lhe prometido que *o Senhor Deus lhe* daria *o trono de Davi, seu pai* (Lc 1.32). E todo o Israel sabia que o Messias seria o Filho de Davi, quer dizer, *segundo a carne*, Ele o seria por sua natureza humana, ao passo que, segundo o espírito e por sua natureza divina, Ele seria o *Senhor* de Davi e não seu filho. Tendo Deus *prometido com juramento* a Davi que o Messias, prometido aos seus pais, seria o seu filho e sucessor, o *fruto de seus lombos* e herdeiro do seu trono, ele manteve essa informação em mente quando escreveu os salmos. (2) Sendo o *fruto* dos *lombos* de Davi, Jesus estava, por conseguinte, nos *lombos* de Davi quando este escreveu o Salmo (da mesma forma que é dito que Levi estava nos lombos de Abraão quando este pagou dízimos a Melquisedeque, Hb 7.9,10). Se o que se diz, com referência à sua pessoa, não lhe é aplicável (como está claro que não é), devemos concluir que aponta para o seu filho, o qual, por ocasião do enunciado, estava nos seus lombos e em quem sua família e reino possuiriam a perfeição e a perpetuidade. Quando ele diz *que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção*, devemos entender indubitavelmente que ele fala *da ressurreição de Cristo* (v. 31). E como *Cristo morreu*, assim

Ele *ressuscitou*, [...] *segundo as Escrituras* (1 Co 15.3,4), *do que todos nós somos testemunhas* (v. 32). (3) Temos aqui também um vislumbre da ascensão de Jesus. Como *Davi* não ressuscitou, assim também *não subiu aos céus*, fisicamente, como Jesus (v. 34). E mais, para provar que ao se referir à ressurreição ele aludia à ressurreição de Jesus, observa que, quando em outro Salmo (Sl 110.1), ele fala do próximo passo da exaltação de Jesus, ele mostra claramente que se tratava de outra pessoa e que essa pessoa era o seu Senhor: "*Disse o Senhor ao meu Senhor*, quando Ele o ressuscitara dos mortos: *Assenta-te à minha direita*, a mais alta dignidade e poder absoluto no céu. Recebe a administração do reino por providência e graça. *Assenta-te* no céu como Rei *até que* Eu *ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés*" (vv. 34,35). Jesus levantou da sepultura para subir mais alto. Portanto, tem de ser da ressurreição de Jesus que Davi falou, e não da sua própria, no Salmo 16, pois não havia ocasião para ele se levantar da sepultura que não fosse para ascender ao céu.

(4) A aplicação deste sermão relativo à morte, ressurreição e ascensão de Jesus.

[1] Este sermão explica o significado desta efusão maravilhosa do Espírito nesses dons extraordinários. Algumas pessoas tinham perguntado: *Que quer isto dizer?* (v. 12). Eu lhes direi o que isto quer dizer, anuncia Pedro. *Sendo este Jesus exaltado à mão direita de Deus*, conforme a leitura de alguns, para assentar-se lá, ou *exaltado pela destra de Deus*, conforme nossa leitura, pelo seu poder e autoridade (sendo tudo a mesma coisa), e *tendo recebido do Pai*, a quem Ele ascendeu, *a promessa do Espírito Santo*, Ele deu o que recebeu (Sl 68.18) e *derramou isto que vós agora vedes e ouvis* (v. 33), pois o Espírito Santo seria dado quando Jesus fosse glorificado e não antes (Jo 7.39). Vós estais nos vendo e ouvindo falar em línguas que nunca aprendemos. Houve provavelmente certa mudança no aspecto da expressão facial dos cento e vinte, como também uma mudança audível de voz e idioma. Estas diferenças eram devidas ao Espírito Santo, cuja vinda é evidência de que Jesus fora exaltado e que Ele recebera este dom do Pai para concedê-lo à igreja. Esse fato demonstra claramente que Jesus é o Mediador ou a pessoa que faz a mediação entre Deus e a igreja. Em primeiro lugar, vemos que *o dom do Espírito Santo* (v. 2.38) era uma representação das promessas divinas já feitas. Aqui, *o dom do Espírito Santo* é chamado *a promessa do Espírito Santo* (v. 33). O poder divino nos tem dado *grandíssimas e preciosas promessas* (2 Pe 1.4), mas esta é *a promessa*, para indicar superioridade, como fora a promessa do Messias. Esta é *a promessa* que inclui todas as demais. Por conseguinte, quando Deus dá *o Espírito Santo àqueles que lho* pedem (Lc 11.13), Ele está lhes dando *bens* (Mt 7.11). Jesus recebeu *a promessa do Espírito Santo*, quer dizer, o dom prometido do Espírito Santo, e a deu para nós, *porque todas quantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém* (2 Co 1.20). Em segundo lugar, vemos que *o dom do Espírito Santo* (v. 38) era o sinal de todos os outros favores divinos que viriam. O que *vós agora vedes e ouvis* é apenas uma parcela de maiores coisas.

[2] Este sermão prova que todos os ouvintes estão compelidos a crer que Cristo Jesus é o verdadeiro Messias e o Salvador do mundo. É com esta comprovação que Pedro encerra seu sermão, como a conclusão do assunto inteiro, com o *quod erat demonstrandum – a verdade a ser demonstrada: Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel* que esta verdade obteve agora a total confirmação, e que temos a missão sublime de proclamar *que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo* (v. 36). Jesus ordenara os discípulos a *que a ninguém dissessem que ele era o Cristo* até depois da ressurreição (Mt 16.20; 17.9). Mas agora a mensagem deve ser proclamada *sobre os telhados* para *toda a casa de Israel*, pois *se alguém tem ouvidos para ouvir, que ouça* (Mt 10.27; Mc 4.33). Não é proposto como provável, mas como certo: *Saiba, pois, com certeza*, e saiba que o seu dever é receber esta *palavra* como *fiel e digna de toda aceitação* (1 Tm 1.15), em primeiro lugar, que Deus glorificou *Jesus, a quem vós crucificastes*. Isto agrava a maldade que os israelitas lhe fizeram, que eles crucificassem aquele a quem Deus quis glorificar e matassem, como enganador, aquele que tinha dado provas grandiosas e significativas de sua missão divina. Isto aumenta também a sabedoria e o poder de Deus, que, embora eles o crucificassem e, com este ato, pensassem que o tinham posto sob a marca indelével da infâmia, Deus o glorificara, e que as indignidades que lhe fizeram serviram de realce para o seu brilho. Em segundo lugar, que Deus glorificou Jesus em tal medida que o fez *Senhor e Cristo*. Estes títulos significam a mesma coisa. Jesus é Senhor de tudo. Ele não é usurpador, mas o Cristo, o ungido. Ele é o Senhor para os gentios, que tinham muitos senhores, e o Messias para os judeus, o que abrange todos os seus ofícios. Ele é o "Messias, o Rei", como consta na paráfrase caldaica; ou, como o anjo para Daniel, *Messias, o Príncipe* (Dn 9.25). Esta é a grande verdade do evangelho para crermos: *que a esse Jesus*, o mesmo que foi crucificado em Jerusalém, é que devemos ser fiéis, e de quem devemos esperar proteção como *Senhor e Cristo*.

O Sermão de Pedro em Jerusalém
vv. 37-41

Vimos o efeito maravilhoso do derramamento do Espírito na influência exercida nos pregadores do evangelho. Pedro, em toda a sua vida, nunca falara com tamanho grau de integridade, clareza e poder. Agora veremos outro produto santo do derramamento do Espírito: sua influência nos ouvintes do evangelho. Desde a primeira vez que essa mensagem divina foi entregue, tem sido acompanhada por poder divino, sendo palavras *poderosas em Deus* (2 Co 10.4) para operar maravilhas: milhares de pessoas são imediatamente levados à obediência da fé. Este é *o cetro* da *fortaleza* de Deus enviado *desde Sião* (Sl 110.2,3). Temos aqui os primeiros frutos desta grande colheita de almas reunidas para Jesus Cristo. Vejamos, nestes versículos, o Redentor andando nestas carruagens de salvação, *vitorioso e para vencer* (Ap 6.2).

Nestes versículos, a palavra de Deus nos mostra a maneira de começar e fazer a boa obra da graça no coração de muitos. É o Espírito do Senhor operando por esse meio. Examinemos o método.

I Os ouvintes ficaram admirados e convencidos e passaram a fazer perguntas. *Ouvindo eles* ou tendo ouvido Pedro com paciência, não o interrompendo como costumavam fazer com os discursos de Jesus (este foi um ponto favorável: eles ficaram atentos à palavra), *compungiram-se em seu coração* e, bastante preocupados e perplexos, recorreram aos pregadores com esta indagação: *Que faremos, varões irmãos?* (v. 37). Era muito estranho que esses corações duros ficassem repentinamente impressionados. Eles eram judeus, criados na opinião da suficiência da sua religião para salvá-los, tinham visto recentemente este Jesus ser crucificado em fraqueza e desgraça, e as pessoas de posição haviam lhes dito que Ele era um impostor. Pedro os acusara de terem tido participação na morte de Jesus, dizendo que eles foram *mãos de injustos* (v. 23). Esta acusação, por si, já bastaria para que se irritassem com ele. Contudo, quando ouviram este sermão bíblico simples e claro, ficaram muito comovidos.

1. O sermão deixou os ouvintes aflitos: Eles *compungiram-se em seu coração* (v. 37). Lemos em outro texto que outros ouvintes enfureceram-se em seu coração com o pregador (cap. 7.54). Mas estes *se compungiram em seu coração*, enfurecendo-se contra si mesmos por terem sido cúmplices na morte de Jesus. Pedro, ao acusá-los, despertou-lhes a consciência e os tocou no âmago do ser. Sua mensagem fez com que refletissem que o ato cometido foi como uma *ferida mortal* em seus *ossos* (Sl 42.10), que os perfurava como eles perfuraram Jesus. Note que quando os olhos dos pecadores são abertos, eles ficam aflitos *em seu coração* pelo pecado cometido e se sentem interiormente inquietos. É o que significa ter o coração rasgado (Jl 2.13) e o *coração quebrantado e contrito* (Sl 51.17). Aqueles que verdadeiramente se arrependem dos seus pecados, envergonham-se deles e têm medo das conseqüências, afligem-se *em seu coração*. Esse tipo de aflição de *coração* é mortal, e sob tal comoção, diz Paulo, *eu morri* (Rm 7.9). "Toda a boa opinião que eu fazia de mim mesmo e a confiança em mim falharam."

2. O sermão fez os ouvintes refletirem. *Do que há em abundância no coração* quando é compungido, *disso fala a boca* (Mt 12.34). Observe:

(1) A quem os ouvintes *perguntaram*: *A Pedro e aos demais apóstolos*, alguns a alguns e outros a outros. Para eles apresentaram o caso. Por eles foram convencidos e, portanto, por eles esperavam ser aconselhados e consolados. Eles não apelaram aos escribas e fariseus para inocentá-los da acusação dos apóstolos, mas recorreram a estes, por serem possuidores da acusação, entregando-lhes a demanda. Eles os chamaram *varões* e *irmãos*, como Pedro os chamara (v. 29). Trata-se de designação de amizade e amor, em lugar de título de honra: "Vós sois *varões*, olhai para nós com humanidade; vós sois *irmãos*, olhai para nós com amor fraterno". Note que os ministros são médicos espirituais, que devem aconselhar aqueles cuja consciência está ferida. É bom as pessoas terem liberdade e familiaridade com esses ministros, na qualidade de seres humanos e irmãos, para cuidar das almas como de si próprios.

(2) Qual é o teor da pergunta: *Que faremos?* [1] Os ouvintes falam como pessoas indecisas, em absoluta perplexidade, que não sabem o que fazer: "É *esse Jesus* a quem crucificamos *Senhor e Cristo*? Então o que será de nós por tê-lo crucificado? Estamos todos perdidos!" Veja que o caminho para a felicidade percorre a visão da nossa miséria. Quando nos damos conta de que corremos o risco de nos perder para sempre, é que há esperança de sermos salvos, não antes. [2] Os ouvintes falam como pessoas decididas a fazer imediatamente qualquer coisa que lhes disserem. Não há tempo para fazer considerações ou adiar o prosseguimento de suas convicções para uma ocasião mais conveniente. Querem que agora lhes digam o que têm de fazer para escapar da desgraça pela qual são responsáveis. Veja que os convencidos do pecado desejam alegremente saber qual é o caminho para a paz e o perdão (cap. 9.6; 16.30).

II Pedro e os outros apóstolos, em poucas palavras, orientam os ouvintes para o que têm de fazer e o que esperar depois de o terem feito (vv. 38,39). Nosso dever é motivar os pecadores convencidos, pois as ovelhas quebradas têm de ser ligadas (Ez 34.16). Devemos lhes dizer que, embora o caso seja triste não é desesperador; há esperança para eles.

1. Pedro mostra aos pecadores o curso de ação que eles têm de tomar. (1) *Arrependei-vos* (v. 38). Esta é a tábua da salvação depois do naufrágio. "Que o sentimento desta culpa horrenda que veio sobre vós por terdes matado Jesus vos desperte a uma reflexão penitente acerca de todos os outros pecados (como a demanda de uma grande dívida revela todas as dívidas de um falido) e a um arrependimento amargo e pranto por eles." João Batista e Jesus tinham pregado este mesmo dever. Agora que o Espírito foi derramado, a prédica continua sendo a mesma: "*Arrependei-vos* (Mt 3.2), *arrependei-vos* (Mt 4.17). Mudai de opinião. Mudai vossos caminhos. Admiti uma reflexão tardia". (2) *Cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo* (v. 38), quer dizer, "crede firmemente na doutrina de Cristo, e submetei-vos à sua graça e autoridade. Fazei uma confissão solene e franca disto e ponde-vos sob a obrigação de cumpri-la, submetendo-se à ordenação do batismo. Convertei-vos a Cristo e à sua religião santa, e renunciai a infidelidade". Os pecadores tinham de ser batizados *em nome de Jesus Cristo*. Eles criam no Pai e no Espírito Santo, que falavam pelos profetas. Mas também tinham de crer no nome de Jesus, que Ele é o Cristo, o Messias prometido aos pais. "Aceitai Jesus por vosso Rei e, através do batismo, prometei solenemente lealdade a Ele. Aceitai-o por vosso Profeta, e ouvi-o. Aceitai-o por vosso Sacerdote para Ele fazer expiação por vós." Ao que parece, este é o significado restrito aqui, pois eles tinham de ser batizados *em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados* no débito de sua justiça. (3) Esta exigência pesa sobre cada pessoa em particular: *Cada um de vós* (v. 38). "Mesmo vós que fostes os maiores pecadores, se vos arrependerdes e crerdes, sereis bem-vindos para serdes batizados. E vós que pensais que foram os maiores santos, mesmo assim é necessário que vos arrependais, creiais e sejais batizados. Em Cristo, há suficiente graça para *cada um de vós*, mesmo que sejais muitos, e há graça adequada ao caso de cada um de vós. O Israel de antigamente foi batizado em Moisés no acampamento, o conjunto inteiro dos israelitas de uma vez só, quando eles

atravessaram a nuvem e o mar (1 Co 10.1,2), pois o concerto da peculiaridade era nacional. Mas agora *cada um de vós* deve ser *batizado* separadamente *em nome de Jesus Cristo*, e tratar por si mesmo deste importante assunto" (veja Cl 1.28).

2. Pedro encoraja os pecadores a tomar o curso de ação: (1) "Será *para perdão dos pecados. Arrependei-vos* dos vossos pecados, e eles não serão vossa desgraça. Sede batizados na fé de Cristo, e na verdade sereis justificados, fato que jamais seríeis sob a lei de Moisés. Tende este objetivo e dependais de Jesus Cristo para esse fim, e o tereis. Como o cálice na Ceia do Senhor é o Novo Testamento no sangue de Cristo para perdão de pecados, assim o batismo é no nome de Cristo para perdão de pecados. Lavai-vos, e sereis lavados" (v. 38). (2) "Vós *recebereis o dom do Espírito Santo* como nós o recebemos, pois esta é uma bênção geral. Alguns de vós recebereis estes dons externos, mas cada um de vós, se fordes sinceros na fé e no arrependimento, recebereis a sua graça e consolo internos, e sereis *selados com o Espírito Santo da promessa* (Ef 1.13)." Note que todos os que recebem o *perdão dos pecados* recebem o *dom do Espírito Santo* (v. 38). Todos os que são justificados são santificados. (3) "Os *vossos filhos* ainda terão, como sempre, uma parte no concerto e um direito de posse ao seu selo externo. Vinde a Cristo para receberdes esses benefícios inestimáveis, pois a promessa do *perdão dos pecados* e *o dom do Espírito Santo* são para *vós* e para *vossos filhos*" (v. 39). Estava muito explícito: Eu *derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade* (Is 44.3). E: *O meu Espírito* [...] *e as minhas palavras* [...] *não se desviarão* [...] *da tua posteridade, nem* [...] *da posteridade da tua posteridade* (Is 59.21). Quando Deus fez o concerto com Abraão, Ele disse: Eu *estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações*, [...] *para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti* (Gn 17.7). Por conseguinte, todo israelita circuncida seu filho de oito dias de idade. Então era oportuno que o israelita que, pelo batismo, estivesse prestes a entrar em uma nova dispensação deste concerto, perguntasse: "O que será de meus filhos? Eles devem ser rejeitados ou aceitos junto comigo?" Pedro responde: "Aceitos, sem dúvida, pois a promessa, essa grande promessa de Deus ser Deus para vós, é tanto para vós quanto para vossos filhos agora como sempre o foi." (4) "Ainda que a promessa seja oferecida a vossos filhos como sempre o foi, contudo não está mais, como estivera, restrita a vós e a vossos filhos, mas *diz respeito* [...] *a todos os que estão longe* (v. 39)" e, acrescentaríamos, aos filhos destes, pois a bênção de Abraão vem sobre os gentios por meio de Jesus Cristo (Gl 3.14). Por muito tempo, a promessa pertencera exclusivamente aos israelitas (Rm 9.4), mas agora é enviada aos *que estão longe*, às mais remotas nações gentias e a cada uma delas em particular, *a todos os que estão longe*. É a esta generalidade que a limitação a seguir: *a tantos quantos*, tem de se referir, a tantas quantas pessoas em particular de cada nação que *Deus, nosso Senhor, chamar* eficientemente à comunhão de Jesus Cristo. Perceba que Deus faz que seu chamado alcance aqueles que estão muito longe e que ninguém vem senão aqueles a quem Ele chama.

III Estas orientações são acompanhadas por uma advertência indispensável: *E com muitas outras palavras*, para o mesmo propósito, Pedro *testificava* (v. 40) a verdade do evangelho e *os exortava* aos deveres do evangelho. Agora que a palavra começou a trabalhar, ele a seguiu. O apóstolo dissera muito em poucas palavras (vv. 38,39), e isso, talvez, resumisse tudo. Entretanto, ele tinha mais a comentar. Quando ouvimos palavras que fazem bem à nossa alma, não há como não desejarmos ouvir mais e mais de tais palavras. Entre outras, ele também disse (e pareceria insistente): *Salvai-vos desta geração perversa.* Libertai-vos dela. Os judeus incrédulos eram *uma geração perversa*, rebelde, obstinada e intratável. Eles andavam contrários a Deus e aos homens (1 Ts 2.15), ligados ao pecado e designados para a desgraça. 1. "Aplicai-vos a vos salvardes da desgraça dos judeus incrédulos, para que não tenhais envolvimento com isso e eviteis *todas essas coisas* (Lc 21.36)" (como os cristãos fizeram): "*Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado.* Então, não sereis participantes na destruição com aqueles com quem fostes participantes no pecado". *Não colhas a minha alma com a dos pecadores* (Sl 26.9). 2. "Em consonância com isso, não continueis com os judeus incrédulos em seus pecados, não persistais com eles na infidelidade. *Salvai-vos*, quer dizer, separai-vos, distingui-vos, *desta geração perversa.* Não sejais rebeldes *como a casa rebelde* (Ez 2.8). Não participeis com eles nos seus pecados para que não tenhais parte com eles nas suas pestilências." Veja que nos separar dos ímpios é o único meio de salvar-nos deles. Embora este procedimento nos exponha à sua raiva e inimizade, assim estamos realmente nos salvando deles. Se considerarmos o lugar para onde os ímpios estão indo, veremos que é melhor enfrentarmos a dificuldade de nadar contra a correnteza do que corrermos o perigo de sermos levados pela correnteza abaixo. Aqueles que se arrependem dos seus pecados e se entregam a Jesus Cristo devem comprovar sua sinceridade rompendo toda relação estreita com os ímpios. *Apartai-vos de mim, malfeitores*, deve ser o linguajar daquele que determina guardar *os mandamentos do meu Deus* (Sl 119.115). Temos de nos salvar dos ímpios, o que denota evitá-los com temor e medo santo como nos salvaríamos de um inimigo que intenta nos destruir, ou de uma casa infetada de pestilência.

IV Eis a feliz conclusão e o bom resultado disto (v. 41). O Espírito operou com a palavra, e maravilhas foram operadas pela palavra. As mesmas pessoas, muitas das quais tinham sido testemunhas oculares da morte de Jesus e dos prodígios que a acompanharam, não foram persuadidas por esses acontecimentos, mas sim pela pregação da palavra, pois ela é *o poder de Deus para a salvação* (Rm 1.16). 1. Os ouvintes *receberam a* [...] *palavra* (v. 41). A palavra nos faz bem somente quando a recebemos, a abraçamos e lhe damos as boas-vindas. Eles reconheceram a verdade da convicção que ela dava e aceitaram o que ela oferecia. 2. Os ouvintes *receberam a* [...] *palavra* [...] *de bom grado* (v. 41). Herodes *ouviu* a palavra de bom grado, mas estes a *receberam* de bom grado. Eles se alegraram não só por tê-la recebido, mas pela graça de Deus que os capacitou para recebê-la, embora fosse uma palavra de mudança e humilhação, e os expu-

sesse à inimizade dos seus compatriotas. 3. Os ouvintes *foram batizados* (v. 41). Crendo com o coração, eles confessaram com a boca e se juntaram aos discípulos de Jesus pelo rito e cerimônia sagrada que Ele instituíra. Embora Pedro tivesse dito que fossem batizados *em nome de Jesus Cristo* (porque a doutrina de Jesus Cristo era a verdade em vigor), contudo, temos razão para pensar que, ao batizá-los, foi usada a forma completa que Jesus prescrevera: *em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo* (Mt 28.19). Note que aqueles que recebem o concerto cristão têm de receber o batismo cristão. 4. Por este meio, o número dos discípulos subiu *naquele dia* para *quase três mil almas* (v. 41). Todos que haviam recebido o Espírito Santo puseram a língua para pregar e as mãos para batizar, pois era tempo de ocupar-se para que a colheita fosse feita. A conversão destas *três mil almas* através desta mensagem foi uma obra maior (Jo 14.12) que a alimentação de quatro ou cinco mil pessoas com poucos pães. Agora Israel começou a multiplicar-se depois da morte de nosso José. O texto informa que foram *três mil almas* (a palavra grega traduzida por *almas* é a usada em geral para referir-se a pessoas incluindo homens, mulheres e crianças: *Dá-me a mim as almas*, Gn 14.21; *Todas as almas* [...] *foram setenta*, Gn 46.27), mostrando que aqueles que foram batizados não eram tantos homens, mas eram tantos cabeças de famílias quanto, incluindo seus filhos e criados batizados, compusesse *três mil almas*. Estes *agregaram-se* aos discípulos de Jesus. Observe que a pessoa que se une a Jesus se agrega aos seus discípulos. Quando recebemos Deus por nosso Deus, temos de receber seu povo por nosso povo.

A Comunidade dos Discípulos
vv. 42-47

Falamos freqüentemente da igreja primitiva e nos referimos a ela e sua história. Nestes versículos, temos a história da igreja verdadeiramente primitiva, dos seus primórdios, da sua legítima infância. É o estado de sua maior inocência.

I Os cristãos da igreja primitiva guardavam rigorosamente as ordenanças santas e eram profusos em todo tipo de devoção e piedade, pois o cristianismo, reconhecido em seu poder, coloca a alma em posição de ter comunhão com Deus em todas as maneiras em que Ele nos fez para conhecê-lo e prometeu nos conhecer.

1. Os primeiros cristãos eram diligentes e constantes em reunir-se para ouvir a pregação da palavra. Eles *perseveravam na doutrina dos apóstolos* (v. 42), sem jamais repudiá-la ou abandoná-la. Ou, conforme outra leitura: "Eles se mantinham constantes no ensino ou instrução dos apóstolos". Pelo batismo, eles foram discipulados a aprender, ficando propensos ao ensino. Veja que aqueles que se entregam a Jesus devem estar plenamente cônscios da obrigação de ouvir sua palavra, pois assim lhe prestam honras e se edificam a si mesmos sobre a sua santíssima fé (Jd 20).

2. Os primeiros cristãos persistiam na *comunhão* dos santos. Eles continuaram firmes *na comunhão* (v. 42), *perseverando unânimes todos os dias no templo* (v. 46). Essa *comunhão* consistia no amor uns pelos outros e num rico relacionamento social entre eles. Tratava-se de um povo muito unido. Quando se retiraram da *geração perversa*, não viraram ermitões, mas se achegaram ainda mais uns aos outros e aproveitavam toda oportunidade para se reunirem. Onde quer que haja um discípulo, tem de haver mais, uma vez que são gente da mesma origem e essência. Veja como estes cristãos amam uns aos outros. Eles se preocupavam uns com os outros, demonstravam simpatia mútua e, de coração aberto, defendiam as causas uns dos outros. Comungavam juntos na adoração religiosa. Reuniam-se *no templo*: esse era o lugar do encontro, pois nossa *comunhão* conjunta com Deus é a melhor comunhão que podemos ter uns com os outros (1 Jo 1.3). Observe: (1) Os cristãos da igreja primitiva estavam *todos os dias no templo* (v. 46), não só nos sábados e nas festas solenes, mas em outros dias, diariamente. Adorar a Deus tem de ser nossa atividade diária, e, sempre que houver oportunidade, quanto mais vezes fizermos publicamente melhor. *O Senhor ama as portas de Sião* (Sl 87.2), e devemos imitá-lo. (2) Os cristãos da igreja primitiva eram *unânimes* (v. 46). Não havia discórdia ou discussão entre eles, somente amor santo. Com prazer e entusiasmo, eles se reuniam nos cultos públicos. Embora se agregassem aos judeus nos pátios do templo, os cristãos mantinham reuniões exclusivamente suas e eram *unânimes* em suas orações separadas.

3. Os primeiros cristãos juntavam-se na ordenança da Ceia do Senhor. Eles *perseveravam* [...] *no partir do pão* (v. 42), celebrando o memorial da morte do Mestre, como pessoas que não se envergonhavam de relacionar-se e depender de *Jesus Cristo e este crucificado* (2 Co 2.2). Eles não podiam deixar de lembrar a morte de Cristo, por isso mantinham este momento comemorativo e o tornaram prática constante, porque era uma instituição de Cristo a ser transmitida às eras sucessivas da igreja. Eles repartiam *o pão em casa, kat oikon – de casa em casa*. Não julgavam adequado celebrar a Ceia do Senhor no templo, visto que isso era peculiar aos estabelecimentos cristãos. Por isso, ministravam essa ordenação em casas particulares, escolhendo as casas dos cristãos convertidos conforme a praticidade, às quais os vizinhos se dirigiam. Eles iam de uma a uma destas pequenas sinagogas ou capelas domésticas, casas que continham igrejas, e lá celebravam a Ceia do Senhor com as pessoas que normalmente se reuniam ali para adorar a Deus.

4. Os primeiros cristãos *perseveravam* [...] *nas orações* (v. 42). Depois que o Espírito foi derramado, como também antes enquanto o esperavam, eles permaneceram imediatamente em oração. A oração jamais será substituída até que venha a ser absorvida no louvor perpétuo. O partir do pão se coloca entre a obra e a oração, pois se liga a ambas, e é uma forma de assistência apara ambas. A Ceia do Senhor é um sermão para os olhos e uma confirmação da palavra de Deus para nós. É um incentivo para as nossas orações e uma expressão solene da ascensão de nossa alma a Deus.

5. Os primeiros cristãos abundavam em ação de graças; sempre estavam *louvando a Deus* (v. 47). O louvor deve ser parte de toda oração e não algo a ser escondido num canto. Aqueles que recebem o dom do Espírito Santo devem ser ricos em louvores a Deus.

II Os cristãos da igreja primitiva amavam uns aos outros e eram muito gentis. Suas obras de caridade eram tão valorosas quanto sua devoção. Suas reuniões nas santas ordenanças uniam os corações uns aos outros, tornando-os muito estimados e amados entre eles mesmos.

1. Os primeiros cristãos tinham freqüentes reuniões para convivência cristã: *Todos os que criam estavam juntos* (v. 44). Não era que todos esses milhares de pessoas estivessem em um lugar só (isto seria impraticável), mas, como explica o Dr. Lightfoot, que eles se reuniam em diversos grupos ou congregações, segundo a língua, a nação ou outra forma de associação que os mantivesse unidos. E assim se unindo, por estarem separados daqueles que não criam e por estarem na mesma categoria religiosa e prática dos deveres religiosos, o texto diz que eles *estavam juntos, epi to auto*. Eles se mantinham juntos e, assim, expressavam e aumentavam o amor mútuo.

2. Os primeiros cristãos *tinham tudo em comum* (v. 44). Talvez tivessem mesas comuns (como os antigos espartanos) para temperança, convivência, troca de idéias e ausência de formalismo. Eles *comiam juntos* (v. 46) para que os que tivessem muito pudessem repartir suas posses e, assim, se livrassem das tentações da abundância; e os que tivessem pouco recebessem uma porção maior e, então, se guardassem das tentações da necessidade e pobreza. Ou havia entre eles tamanha preocupação e prontidão em ajudar uns aos outros sempre que havia oportunidade que se podia dizer: eles *tinham tudo em comum* de acordo com a lei da amizade e benevolência. Um não queria o que o outro tinha, pois poderia tê-lo se o pedisse.

3. Os primeiros cristãos eram muito alegres e generosos no uso do que tinham. Além do aspecto religioso que havia nos banquetes sagrados (o partir do pão de casa em casa), grande parte disso aparecia nas refeições comuns: eles *comiam* as refeições *juntos com alegria e singeleza de coração* (v. 46). Eles levavam para casa o consolo da mesa do Senhor, fato que trazia duas boas conseqüências: (1) Esta prática tornava os cristãos da igreja primitiva muito amáveis e lhes aumentava o gozo santo do coração. Eles comiam o pão com alegria e bebiam vinho com bom coração, sabedores de que Deus se agradava das obras que praticavam (Ec 9.7). Ninguém tem mais motivos para ser alegre do que cristãos bondosos. É lamentável que não haja tantos corações assim hoje em dia. (2) Esta prática tornava os crentes da igreja primitiva muito liberais com os irmãos pobres e lhes aumentava a caridade do coração. Eles *comiam juntos com alegria e singeleza de coração, en apheloteti kardias – com liberalidade de coração.* Assim, segundo alguns. Eles não comiam seus bocados sozinhos, mas recebiam alegremente os pobres à mesa, não de má vontade, mas com sincera liberdade. Veja que convém aos cristãos serem francos e generosos, semeando com abundância em toda boa obra, como pessoas em quem Deus semeou com abundância e espera colher outro tanto.

4. Os primeiros cristãos angariaram fundos para obras assistenciais: Eles *vendiam suas propriedades e fazendas* (v. 45). Alguns venderam suas terras e casas, outros, seus animais e a mobília de casa e repartiram o dinheiro com os irmãos, *segundo cada um tinha necessidade.* O propósito não era acabar com as propriedades (segundo o Sr. Baxter), mas com o egoísmo. Por essa atitude, eles tinham provavelmente em vista o mandamento que Jesus deu ao jovem rico como teste de sinceridade: *Vende tudo o que tens* [e] *dá-o aos pobres* (Mt 19.21). A intenção não era para servir de modelo de lei obrigatória e permanentemente, como se todos os cristãos de todos os lugares do mundo fossem forçados a vender suas propriedades e dar o dinheiro para as obras assistenciais. As epístolas de Paulo, escritas depois deste fato, falam da distinção entre ricos e pobres. O próprio Jesus disse: *Sempre tendes convosco os pobres* (Mt 26.11), e os ricos sempre têm de fazer o bem com os salários, rendimentos e lucros de suas propriedades. Eles se tornariam impossibilitados de cumprir tal determinação, caso tivessem de vender todos os seus bens e dar tudo de uma vez. Portanto, esta situação consistia num caso à parte. (1) Os cristãos da igreja primitiva não estavam sob a obrigação de um mandamento divino para fazer isso, como se deduz das palavras de Pedro a Ananias: *Não estava em teu poder?* (cap. 5.4). Mas era exemplo extremamente elogiável de sua superioridade sobre o mundo, do desprezo que lhe davam, da certeza de existir outro mundo, do seu amor pelos irmãos, da compaixão pelos pobres e do grande zelo à promoção do cristianismo e cuidado em seus primórdios. Os apóstolos deixaram tudo para seguir Jesus e dedicar-se totalmente à palavra e oração. Por conseguinte, algo tinha de ser feito para seu sustento. Esta liberalidade extraordinária era semelhante à que Israel teve no deserto para a construção do tabernáculo – liberalidade que precisou ser contida (Êx 36.5,6). Nossa regra é dar conforme Deus nos abençoou. Não obstante, numa situação extraordinária como esta, é digno de louvor aqueles que dão *ainda acima do seu poder* (2 Co 8.3). (2) Os cristãos da igreja primitiva que procederam desse modo eram judeus, e quem cria em Jesus sabia que a nação judaica logo seria destruída, ocasionando um fim à posse de propriedades e bens. Nessa certeza, eles os vendiam para a obra de Jesus Cristo e sua igreja.

III Deus reconhecia os crentes da igreja primitiva como filhos e lhes dava provas surpreendentes da sua presença entre eles: *Muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos* (v. 43). Eram milagres de diversos tipos que confirmavam a doutrina apostólica e comprovavam incontestavelmente ser ela proveniente de Deus. Quem podia fazer milagres podia sustentar milagrosamente a si e aos pobres de sua comunidade, como Jesus alimentou milhares de pessoas com um pouco de comida. Mas era para maior glória de Deus que o sustento viesse pelo milagre da graça (inclinando as pessoas a vender suas propriedades) do que se viesse pelo milagre da natureza.

Mas o ato de Deus lhes dar poder para fazer milagres não foi tudo que Ele fez por eles: *Todos os dias acrescentava o Senhor à igreja* (v. 47). A palavra na boca dos *apóstolos* fazia *maravilhas*, e *o Senhor* abençoava seus esforços em aumentar o número de crentes. Perceba que é obra de Deus acrescentar almas à igreja, fato que gera grande alívio e consolo nos ministros e cristãos.

IV Os não-cristãos (os de fora, os curiosos, os espectadores) eram influenciados pelos milagres dos primeiros cristãos. 1. Na igreja primitiva, os não-cristãos temiam os cristãos e tinham profundo respeito por eles: *Em cada alma havia temor* (v. 43), quer dizer, em quase todos que viam as *muitas maravilhas e sinais* feitos *pelos apóstolos*. O medo era que a falta do devido respeito trouxesse desgraça à nação dos não-cristãos. O povo tinha muito medo dos cristãos, como Herodes teve muito medo de João Batista. Embora não tivessem pompa exterior que obrigasse respeito exterior, como as vestes compridas dos escribas lhes ocasionavam as saudações nas praças (Lc 20.46), os cristãos possuíam abundância de dons espirituais que eram verdadeiramente honrosos, gerando nos não-cristãos extrema reverência por eles. O medo vinha sobre *cada alma*. A alma das pessoas era estranhamente influenciada pela tremenda pregação e majestosa vida dos apóstolos. 2. Na igreja primitiva, os cristãos caíam *na graça* dos não-cristãos (v. 47). Embora tenhamos razão para pensar que havia aqueles que menosprezavam e odiavam os cristãos (como seguramente faziam os fariseus e os príncipes dos sacerdotes), os não-cristãos em sua maioria eram bondosos e amáveis para com eles: os cristãos da igreja primitiva caíam *na graça de todo o povo*. Jesus foi tão violentamente vilipendiado e menosprezado pela multidão que clamava: *Crucifica-o! Crucifica-o!* (Lc 21.23), que se pensaria que sua doutrina e seguidores jamais se interessariam pelo povo comum. Mas aqui o texto sacro nos informa que os cristãos estavam *na graça* de todos os não-cristãos, dando a entender que *o povo* perseguiu Jesus em virtude de um tipo de força que lhe sobreveio pela esperteza dos sacerdotes. Mas agora *o povo* caiu em si e voltou ao bom juízo. Observe que a devoção sincera e a caridade aberta inspiram respeito e que a alegria em servir a Deus torna atraente a religião para aqueles que não a possuem. Alguns interpretam assim: *Eles tinham caridade para com todo o povo – charin echontes pros holon ton laon.* Os primeiros cristãos não limitavam suas obras assistenciais aos integrantes da comunidade cristã, mas eram liberais e extensivos. Este procedimento os recomendava muitíssimo. 3. Na igreja primitiva, os não-cristãos afluíam para os crentes. *Todos os dias* um ou outro não-crente agregava-se à igreja, embora não tantos como no primeiro dia. Eram *aqueles que se haviam de salvar* (v. 47). Veja que aqueles que Deus determinou para a salvação eterna serão, mais dia, menos dia, levados eficientemente a Jesus. E os que forem lavados a Jesus serão acrescentados *à igreja* em um concerto santo pelo batismo e em comunhão santa pelas outras ordenanças.

Capítulo 3

Neste capítulo, temos um milagre e um sermão. O milagre abriu caminho para o sermão, confirmou a doutrina que seria apresentada e preparou a mente do povo para recebê-la. O sermão explicou o milagre e semeou a terra que o milagre preparou. I. O milagre consistiu na cura de um homem paralítico desde o nascimento: mediante uma palavra de ordem (vv. 1-8) e a impressão que o fato ocasionou no povo (vv. 9-11). II. O sermão foi pregado com o objetivo de levar o povo a Jesus para que cada um se arrependesse do pecado de tê-lo crucificado (vv. 12-19), cresse nele agora que Ele foi glorificado e aquiescesse ao desígnio do Pai em glorificá-lo (vv. 20-26). A primeira parte do sermão abre a ferida, a última, aplica o remédio.

A Cura de um Paralítico

vv. 1-11

O texto sacro nos informa que houve *muitas maravilhas e sinais* que *se faziam pelos apóstolos* (cap. 2.43). Tais milagres não estão escritos neste livro, mas temos aqui um exemplo. Os primeiros cristãos não faziam milagres em todos que tivessem ocasião de chegar à sua presença, mas conforme o Espírito Santo os orientava, a fim de explicar o propósito da comissão que tinham. Portanto, nem todos os milagres que fizeram estão escritos neste livro, mas estão registrados somente os que o Espírito Santo julgou necessário para explicar o propósito desta história sagrada.

I Pedro e João, dois dos principais entre os apóstolos, foram aqueles por cujo ministério este milagre foi feito. Durante a época de Jesus, um era o orador da casa na maioria das vezes e o outro era o predileto do Mestre. Ambos continuaram do mesmo jeito. Quando, depois da conversão de milhares de pessoas, a igreja foi dividida em várias congregações religiosas, talvez Pedro e João presidissem a comunidade na qual Lucas se associou. Isto explicaria por que ele é mais específico em registrar o que os dois disseram e fizeram. A mesma situação ocorreu mais tarde quando ele, ao acompanhar Paulo, registrou o que este disse e fez. Em ambos os casos, estes três apóstolos servem de exemplos do que os demais apóstolos fizeram.

Pedro e João tiveram, cada um, um irmão entre os doze, com o qual formavam duplas quando eram enviados em missão. Mas agora estes dois estão mais unidos do que qualquer um deles com seu respectivo irmão, pois o laço de amizade é, às vezes, mais forte que o do parentesco: *Há amigo mais chegado do que um irmão* (Pv 18.24). Pedro e João parecem ter tido uma proximidade peculiar e maior depois da ressurreição de Jesus (Jo 20.2). A razão (se me permito ter a liberdade de conjeturar) é que João, conhecido como o discípulo do amor, foi mais compassivo com Pedro, quando ele caiu e se arrependeu, e ainda mais gentil, quando *ele chorou amargamente* (Mt 26.75) pelo seu pecado, do que os outros apóstolos. Foi, sem dúvida, mais solícito em restaurá-lo *com espírito de mansidão* (Gl 6.1), tornando-se, desde então, muito próximo dele. Era também prova suficiente da sua aceitação por Deus, após se arrepender, o fato de o apóstolo predileto de Jesus ter-se achegado tanto a ele. Davi, depois que caiu, orou: *Voltem-se para mim os que te temem* (Sl 119.79).

II O texto sacro informa o lugar e a hora em que ocorreu o milagre. 1. O lugar foi no *templo*, para onde *Pedro e João subiam juntos* (v. 1), porque era o lo-

cal da reunião. Havia cardumes de peixes entre os quais a rede do evangelho seria lançada, sobretudo durante os dias de Pentecostes, em cujo período de tempo supomos que o milagre aconteceu. Veja que é bom subirmos ao templo e nos aplicarmos aos costumes públicos. É prazeroso subirmos juntos ao templo: *Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor!* (Sl 122.1). A melhor comunidade é a comunidade em adoração a Deus. 2. A hora foi *à hora da oração* (v. 1), uma das horas de adoração pública comumente marcada e observada entre os judeus. Lugar e hora são duas condições necessárias de toda ação, as quais devem ser determinadas por consentimento, segundo seja mais conveniente para a edificação. Com relação à adoração pública, tem de haver uma casa e uma hora de oração. Neste caso foi *a nona*, quer dizer, às três horas da tarde. Esta era uma das horas de oração entre os judeus; as outras duas eram às nove da manhã e ao meio-dia (veja Sl 55.17; Dn 6.10). É proveitoso que cada crente tenha suas horas de oração particulares segundo lhe convêm, não para obrigar, mas lembrar a consciência: *Tudo fez formoso em seu tempo* (Ec 3.11).

III O texto sacro descreve quem era o paciente que seria milagrosamente curado. Era um pobre mendigo paralítico que ficava perto da porta do templo. 1. O paciente era paralítico, não por acidente, mas de nascimento. *Desde o ventre de sua mãe era coxo* (v. 2) devido a uma enfermidade que lhe debilitou os membros inferiores, deixando-os paralisados, segundo a descrição de sua cura: *Os seus pés e tornozelos se firmaram* (v. 7). Vez por outra, há certos casos deploráveis como este, os quais devem nos comover e fazer olhar com compaixão. O propósito é nos mostrar o estado que todos nós somos espiritualmente por natureza: sem força, sem firmeza, paralíticos desde o nascimento, incapazes de trabalhar ou andar a serviço de Deus. 2. O paciente era mendigo. Não podendo trabalhar para ganhar a vida, ele tinha de viver de esmolas. É o que ocorre com os pobres de Deus. Alguns amigos o *punham* [...] *todos os dias* [...] *à porta do templo* (v. 2), espetáculo lamentável, incapaz de fazer qualquer coisa por si mesmo, senão *pedir esmola aos que entravam* ou saíam *do templo*. Havia no local uma confluência de pessoas boas e devotas, uma multidão de pessoas nas melhores condições físicas, de quem ele esperava receber atos de caridade. Ele foi colocado no meio desse cenário. As pessoas que são carentes e não podem trabalhar não deveriam passar pela vergonha de ter de esmolar. Ele não teria sido posto lá diariamente, se a prática de esmolar não atendesse suas necessidades materiais diárias. Note que nossas orações e nossas esmolas sobem juntas a Deus, como acontecia com Cornélio (cap. 10.4). De certo modo, os necessitados devem receber boa acolhida de nós quando subimos ao templo para orar. É pena que os mendigos comuns às portas da igreja estejam em tais condições a ponto de intimidar atos de caridade. Mas nem sempre devemos negligenciá-los. Há alguns que merecem consideração, pois é melhor alimentar dez zangões e até algumas vespas do que deixar uma abelha passar fome. A porta do templo, junto da qual ele era posto, era *chamada Formosa*, por causa de seu extraordinário esplendor e magnificência. O Dr. Lightfoot observa que esta era a porta que saía do Pátio dos Gentios para entrar no Pátio dos Judeus. Em sua opinião, o paralítico pedia esmola somente para os judeus, como a desdenhar pedir algo para os gentios. Mas o Dr. Whitby sugere que esta porta ficava na primeira entrada do templo e era suntuosamente adornada, visto que se tornou a fachada do lugar em que a Majestade divina dignou-se habitar. O fato de o paralítico ser posto ali para pedir esmola não diminuía a beleza da porta. 3. O paciente pediu esmola para Pedro e João (v. 3). Era o mínimo que ele esperava dos apóstolos, que tinham a reputação de ser pessoas caridosas e que, embora não possuíssem muito, faziam o bem com o que lhes pertencia. Não fazia muitas semanas que cegos e coxos se dirigiram a Jesus no templo e foram curados (Mt 21.14). Ele não pediu mais que esmola, porque desconhecia que Pedro e João eram mensageiros de Jesus que pregavam e faziam milagres em nome dele. Mas ele recebeu o que não procurava: pediu esmola e ganhou cura.

IV O texto sacro conta o método da cura.

1. A expectativa do paralítico aumentou. Pedro, em vez de desviar os olhos do paralítico, como muitos fizeram, voltou os olhos para ele, *fitando os olhos nele* (v. 4), para que seu olhar afetasse seu coração com compaixão. João também fitou, pois ambos eram guiados pelo mesmo Espírito e concordavam com este milagre. Eles disseram: *Olha para nós*. Nossos olhos (os olhos da mente) sempre devem estar voltados para o Senhor e, em prova disso, os olhos físicos podem ser adequadamente fixos naqueles a quem Ele emprega como ministros da sua graça. Não foi necessário dizer duas vezes que este homem olhasse para os apóstolos: ele pensou corretamente que isto lhe daria a esperança de *receber alguma coisa*. Assim, ele *olhou para eles* (v. 5). Veja que temos de ir a Deus para ouvir sua palavra e nos dedicar a Ele em oração, com o coração firme e grande expectativa. Temos de olhar para o céu e crer que receberemos as bênçãos que Deus afirma lá existirem, e a resposta de paz às orações que para lá enviamos. *De manhã te apresento a minha oração e fico esperando* (Sl 5.3, versão RA).

2. A expectativa do paralítico de receber esmola não foi malograda. "*Disse Pedro: Não tenho prata nem ouro*, portanto, não tenho nada para te dar" (v. 6). Mas Pedro o fez compreender que se possuísse algo lhe teria ofertado: e não bronze, mas *prata* ou *ouro*. Note que: (1) Não é freqüente que os amigos e prediletos de Jesus tenham abundância das riquezas deste mundo. Os apóstolos eram muito pobres, possuindo senão o mínimo para a própria sobrevivência. Pedro e João recolheram muito dinheiro posto aos seus pés, mas se tratava de quantia destinada à manutenção dos necessitados da igreja. Por nada no mundo, eles se apropriariam de algo para uso próprio, nem o disporiam de modo contrário à intenção dos doadores. Os bens e depósitos públicos devem ser tratados com rigor e fidelidade. (2) Muitos que têm a inclinação apropriada para fazer atos de caridade não têm a aptidão para fazer algo considerável, ao passo que outros, que têm a possibilidade de fazer muito, não têm o coração disposto para fazer nada.

3. A expectativa do paralítico foi sobrepujada de longe. Pedro não tinha dinheiro para lhe dar, mas: (1) possuía algo bem melhor, certo benefício celestial, certa virtude do céu quanto a poder curar a paralisia do paralítico. Observe que os pobres do mundo podem ser ricos, muito ricos, em dons espirituais, graça e bênçãos. É claro que há bens que podemos possuir que são infinitamente melhores que prata e ouro, cujo mercadejo e lucro são também melhores (Jó 28.12ss.; Pv 3.14ss.). (2) Pedro concedeu ao paralítico aquilo que era melhor: a cura da enfermidade pela qual ele teria dado muita prata e ouro, caso os tivesse e a cura fosse humanamente possível. A saúde o habilitaria ao trabalho para ganhar a vida, de forma que não precisaria mais pedir esmola. E muito mais: Ele teria *o que repartir com o que* tivesse *necessidade* (Ef 4.28), pois *mais bem-aventurada coisa é dar do que receber* (cap. 20.35). Uma cura milagrosa seria grandioso exemplo do favor de Deus e lhe daria maior honra que milhares de ouro e prata. Veja que Pedro não tinha prata e ouro para dar; mas possuía outra coisa: *Mas o que tenho, isso te dou* (v. 6). Os que querem e devem ser caridosos e úteis aos pobres não têm recursos para auxiliar as obras assistenciais. Os que não têm prata e ouro possuem os membros e os sentidos do corpo sadios, com os quais podem ser úteis aos cegos, paralíticos e doentes, conforme as oportunidades, pois nada lhes dariam caso tivessem prata e ouro. *Cada um administre aos outros o dom como o recebeu* (1 Pe 4.10). Vejamos agora como a cura foi feita. [1] Jesus *enviou a sua palavra, e* [...] *sarou* o paralítico (Sl 107.20). A graça curativa é dada pela palavra de Jesus. Este é o veículo da virtude curativa derivada de Jesus. Jesus falou curas; os apóstolos falaram curas em nome dele. Pedro ordenou ao paralítico: *Levanta-te e anda* (v. 6), o que teria sido um gracejo caso não tivesse postulado: *Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno:* "Eu dou esta ordem com autorização de Jesus e será feito pelo seu poder. Portanto, toda glória e louvor proveniente disso lhe serão designados". Ele chamou o Mestre *Jesus Cristo, o Nazareno*, que era o nome usado para repreender, para notificar que as indignidades que lhe fizeram na terra serviram de realce para a sua glória, agora que Ele estava no céu. "Dai-lhe o nome que quiserdes, chamai-o se desejardes com desprezo 'Jesus, o Nazareno', pois neste nome vereis maravilhas. Foi por Ele ter-se humilhado que foi exaltado nas maiores alturas." Ele ordenou que o paralítico se levantasse e andasse, o que não prova possuir ele poder em si para obedecer; mas que caso tentasse se levantar e andar, e, sentindo a própria impotência, dependesse do poder divino para capacitá-lo a mover-se, ele receberia poder. Ao se levantar e andar, ele comprovaria o que esse poder fez nele. Por conseguinte, que ele receba a bênção, e Deus, o louvor. É o que ocorre na cura de nossa alma espiritualmente incapaz. [2] Pedro estendeu a mão e ajudou o paralítico: Ele o tomou *pela mão direita*, (v. 7), no mesmo nome no qual ele falara para ele levantar-se e andar, e *o levantou*. Não que isso contribuísse com algo para a cura, mas era um sinal que denotava claramente a ajuda que ele receberia de Deus, caso se esforçasse quando foi ordenado a se levantar e andar. Quando Deus, por sua palavra, nos ordenar que nos levantemos e andemos no caminho dos seus mandamentos, misturando a fé com essa palavra e sujeitando nossa alma a esse poder, Ele dará o seu Espírito para nos tomar pela mão e nos erguer. Se nos dispusermos a fazer o que pudermos, Deus promete sua graça para nos capacitar a fazer o que não podemos. Por essa promessa, participamos da nova natureza, e essa graça não será inútil: *Os seus pés e tornozelos se firmaram*, o que não teria acontecido caso ele não tivesse tentado se levantar e sido ajudado. Ele fez sua parte, e Pedro, a sua, mas é Jesus quem fez tudo: foi Ele quem deu força ao paralítico. Como o pão foi multiplicado ao ser partido, e a água foi transformada em vinho ao ser derramada nas talhas, assim foi dada força aos pés do paralítico quando ele tentou mexê-los e firmá-los.

V O texto sacro narra a impressão que a cura causou no próprio paciente. Faremos melhor idéia dessa impressão colocando-nos no lugar do paciente. 1. O paciente saltou (v. 8) em obediência à ordem: *Levanta-te* (v. 7). Ele sentiu grande força nos pés e tornozelos que não deixou de demonstrar, por medo e pavor, como fazem as pessoas fracas quando começam a recuperar suas energias. Mas ele se levantou como alguém que desperta de um sono reparador, com audácia e grande agilidade, como alguém que não questionava a própria força. A conseqüência da força foi a brusquidão, e ele não foi menos brusco ao mostrar a cura para o povo. O paralítico saltou como alguém alegre por se levantar da cama ou do colchãozinho de palha no qual estivera deitado por tanto tempo. 2. O paciente *pôs-se em pé, e andou* (v. 8). Ele *pôs-se em pé* sem cambalear ou tremer, ficou em posição ereta e *andou* sem muletas. Caminhou com vigor e se moveu com firmeza para mostrar a cura, cura completa. Veja que os que experimentam a operação da graça divina devem mostrar aquilo que experimentaram. Deus nos deu força? Fiquemos em sua presença prestando-lhe culto. Andemos diante dele em todas as ocasiões de intercâmbios religiosos. Tomemos resolutamente o seu pendão e andemos alegremente com Ele e na força derivada e recebida dele. 3. O paciente apegou-se a Pedro e João (v. 11). Não precisamos perguntar por que ele se apegou a esses apóstolos. Acredito que ele mal se dava conta do que fazia. Foi em um arroubo de alegria que os abraçou como os melhores benfeitores do mundo e os agarrou com certa rudeza. Ele não queria deixá-los ir, mas desejava que ficassem com ele enquanto proclamava a todos os presentes o que Deus lhe fizera através deles. Assim ele comprovou o afeto que sentia por eles, impedindo-os de prosseguir. Certos estudiosos sugerem que ele se agarrou a eles por medo de que, se os deixasse ir, a paralisia voltasse. Aqueles a quem Deus cura amam aqueles que Ele usa como instrumentos de cura e vêem a necessidade de mais ajuda desses instrumentos. 4. O paciente entrou com Pedro e João no templo (v. 8). O seu forte afeto os deteve, mas não com força o bastante para mantê-los do lado de fora do templo, para onde estavam indo a fim de anunciar a Cristo. Jamais devemos permitir que a amabilidade extrema dos nossos amigos nos afaste do nosso dever. Mas, já que Pedro e João não lhe fariam companhia, ele estava decidido a acompanhá-los. Tanto

mais porque eles estavam entrando no templo, de onde ele há muito fora impedido de entrar por sua paralisia e mendicância. A situação era semelhante à do homem enfermo que Jesus curou, o qual, depois de saudável, foi encontrado no templo (Jo 5.14). Ele entrou no templo, não só para oferecer seus louvores e ações de graças a Deus, mas para ouvir os apóstolos falarem mais sobre o Jesus em cujo nome ele fora curado. Quem experimenta o poder de Jesus deve desejar ardentemente crescer em seu conhecimento acerca de Jesus. 5. O paciente estava *no templo* [...] *andando, e saltando, e louvando a Deus* (v. 8). Note que a força que Deus nos dá, tanto mental como física, nos faz louvá-lo e planejar como honrá-lo por isso. Os que são curados no nome de Jesus têm de andar na sua força e no seu nome (Zc 10.12). Este homem, assim que pôde saltar, saltou de alegria em Deus e o louvou. Aqui as Escrituras se cumpriram: *Então, os coxos saltarão como cervos* (Is 35.6). Considerando que este homem havia acabado de ser curado, ele estava em excesso de alegria e gratidão. Todos os verdadeiros convertidos andam e louvam a Deus, mas talvez os recém-convertidos saltem mais ainda em seus louvores a Deus.

VI O texto sacro relata a impressão causada no povo que foi testemunha ocular deste milagre. 1. O povo ficou totalmente satisfeito com a veracidade do milagre, nada tendo a contestar. As pessoas *conheciam-no, pois era ele o que se assentava a pedir esmola à Porta Formosa do templo* (v. 10). Fazia tanto tempo que ele ficava sentado ali que todos o conheciam. Por isso, ele foi escolhido para ser o vaso desta misericórdia. Mas essas pessoas não foram tão petulantes quanto a pôr em dúvida se ele era ou não o mesmo homem, como fizeram os fariseus quanto ao cego que Jesus curou (Jo 9.9,18). *Todo o povo o viu andar e louvar a Deus* (v. 9) e talvez observasse uma mudança de atitude, pois agora ele louvava a Deus em altos louvores mais do que quando mendigava. A maior prova de que a cura foi completa era que agora ele louvava a Deus por isso. As misericórdias são, pois, aperfeiçoadas, quando são santificadas. 2. O povo ficou espantado com o milagre: Eles *ficaram cheios de pasmo e assombro pelo que* [...] *acontecera* ao paralítico (v. 10). *O povo* estava *atônito*, em êxtase (v. 11). Pelo visto, esta foi uma das conseqüências do derramamento do Espírito, pois as pessoas, pelo menos as de Jerusalém, muito se impressionaram com os milagres que os apóstolos fizeram, até mais do que com os milagres que o próprio Jesus realizara. Tal mudança de atitude era condizente com os milagres que explicam seu propósito. 3. O povo juntou-se a Pedro e João: *Todo o povo correu atônito para junto deles no alpendre chamado de Salomão* (v. 11). Alguns, por curiosidade, foram ver homens com tamanho poder. Outros foram com o desejo de ouvi-los pregar, concluindo que essa doutrina tinha de ser de origem divina para possuir tamanha ratificação divina. Reuniram-se com os apóstolos *no alpendre chamado de Salomão*, que fazia parte do Pátio dos Gentios, onde Salomão construíra o pórtico externo do templo. Ou se tratava de algumas abóbadas de claustro ou galerias cobertas que Herodes erigira na mesma fundação em que Salomão construíra o imponente pórtico que levava seu nome. Neste caso, mostra a ambição de Herodes em ser um segundo Salomão. Aqui as pessoas se reuniram para presenciar esta grande visão.

O Discurso de Pedro depois de Curar o Paralítico
vv. 12-26

Temos aqui o sermão que Pedro pregou depois de ter curado o paralítico. *Quando Pedro viu isto* (v. 12). 1. *Quando Pedro viu* que as pessoas se reuniam e formavam uma multidão, aproveitou a oportunidade para lhes anunciar Cristo, sobretudo por estarem no templo e no Pórtico de Salomão. Que o povo fosse e ouvisse uma sabedoria mais excelente que a de Salomão, pois alguém maior que Salomão era anunciado ali. 2. *Quando Pedro viu* que as pessoas ficaram comovidas pelo milagre e cheias de admiração, ele semeou a semente do evangelho na terra que acabara de ser lavrada e preparada para recebê-la. 3. *Quando Pedro viu* que as pessoas estavam a ponto de lhe adorar e também a João, ele imediatamente interveio e reorientou essa deferência, que só pode ser dada a Jesus. Acerca disso, ele explica em um sermão, como fizeram Paulo e Barnabé em Listra (veja cap. 14.14,15).

I No sermão, Pedro humildemente nega para si e para João a honra do milagre, pois eles foram apenas ministros de Cristo, ou instrumentos em sua mão. A doutrina que pregavam não era invenção própria, nem autenticação de nenhuma doutrina provinda deles, mas de Jesus, a quem pertencia todo ensinamento. Ele se dirige a eles como *varões israelitas*, homens a quem pertenciam não só a lei e as promessas, mas o evangelho e o cumprimento das profecias, e que estavam bastante interessados na atual dispensação. O apóstolo lhes dirige duas perguntas: 1. Por que os *varões israelitas* ficaram tão surpresos com o milagre: *Por que vos maravilhais disto?* (v. 12). Ele foi mesmo maravilhoso, e tinham razão para ficar admirados, mas não foi mais do que Jesus fizera muitas vezes, quando não deram a devida consideração, nem ficaram impressionados. Fazia pouco tempo que Jesus ressuscitara Lázaro dos mortos (Jo 12.9); então, por que isso era tão espantoso? Perceba que os tolos ficam assombrados diante de algo com que já deveriam estar acostumados se não fosse por culpa própria. Considerando que o próprio Jesus ressuscitara recentemente, por que não se maravilharam disso? Por que não se deixaram convencer diante desse fato? 2. Por que os *varões israelitas* se admiraram tanto dos dois apóstolos por causa do milagre, visto que eles foram meros instrumentos: *Por que olhais tanto para nós?* (v. 12). (1) Era verdade que Pedro e João fizeram *este homem andar* (v. 12). Este fato mostrava que Deus os enviara e os enviara para serem bênçãos ao mundo, benfeitores da humanidade, com a missão de curar as almas doentes e atribuladas, espiritualmente paralisadas e impotentes, para lhes solidificar os ossos quebrados e lhes dar alegria. (2) Mas Pedro e João não realizaram o milagre por *virtude ou santidade* [...] *própria* (v. 12). Não foi por terem força própria, habilidades médicas ou cirúrgicas, ou virtude na palavra que diziam: o poder pelo qual fizeram o mila-

gre originou-se inteiramente de Jesus. Nem foi feito por merecimento algum! Não era porque eles mereciam que Jesus lhes concedia poder para realizar milagres: não foi por *santidade* [...] *própria*, pois, como eles eram *coisas fracas*, eram *coisas loucas* que Jesus *escolheu* usar (1 Co 1.27). Pedro era pecador. Que santidade tinha Judas? Não obstante, ele fez milagres em nome de Jesus. Que santidade os apóstolos possuíam para que a cura fosse operada neles, pois jamais conseguiriam fingir que a mereciam! (3) Foi erro do povo atribuir o milagre à *virtude ou santidade* dos apóstolos e, por conseguinte, fixar-se neles (v. 12). Veja que os instrumentos das bênçãos de Deus a nosso favor, embora respeitados, não devem ser idolatrados. Devemos ser cautelosos e reconhecer que Deus é o autor do milagre operado por intermédio de seus instrumentos. (4) Foi digno de elogio que Pedro e João não tomassem para si a honra deste milagre, mas que cuidadosamente a dessem a Jesus Cristo. Pessoas competentes e profícuas têm de ser muito humildes. *Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória* (Sl 115.1). Todo poder deve ser colocado aos pés de Cristo. *Todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo* (1 Co 15.10).

II Pedro prega Jesus aos ouvintes do seu sermão. Esta era sua função, para que ele os levasse à obediência de Cristo.

1. Pedro anuncia Jesus como o verdadeiro Messias prometido aos pais (v. 13), pois: (1) *Jesus* é o Cristo, o Filho de Deus. Embora eles tivessem condenado *Jesus* recentemente como blasfemador por asseverar ser o Filho de Deus, Pedro confessa: Ele é o *seu Filho Jesus*, ou seja, o *Filho* de Deus, por Ele amado como *Filho*, para nós, *Jesus*, o Salvador. (2) Deus glorificou *Jesus*, ressuscitando-o para ser Rei, Sacerdote e Profeta da sua igreja. Ele o glorificou na sua vida e na sua morte, como também na sua ressurreição e na sua ascensão. (3) Deus glorificou *Jesus* como *o Deus de nossos pais* (v. 13), a quem ele nomeia com respeito (porque eram de fato grandes nomes entre os homens de Israel), *o Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó*. Deus o enviou ao mundo segundo as promessas feitas a estes patriarcas: *Na tua semente serão benditas todas as famílias da terra* (Gn 28.14), e segundo o concerto que fez com eles: *Para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti* (Gn 17.7). Os apóstolos chamam os patriarcas de pais e chamam Deus de o Deus desses patriarcas, de quem os judeus eram descendentes, para lhes dizer que eles não faziam má idéia da nação judaica (para que tivessem ciúme deles), mas a valorizavam e a consideravam e, assim, lhe desejavam o bem. O evangelho que os apóstolos pregavam era a revelação da mente e da vontade do Deus de Abraão (veja cap. 26.7,22; Lc 1.72,73).

2. Pedro acusa, de forma clara e categórica, os ouvintes do seu sermão de terem assassinado este Jesus, como o apóstolo já o fizera antes. (1) "*Vós entregastes* Jesus (v. 13) aos principais dos sacerdotes e aos anciãos, o corpo representativo da nação judaica. E vós, do povo comum, fostes influenciados por eles a clamar contra o Messias, como se Ele fosse uma calamidade pública." (2) "Vós *negastes* Jesus (v. 14) e o repudiastes. Por não o terdes recebido como vosso Rei, não podeis olhar para Ele como o Messias, porque não veio com pompa exterior e força militar. Vós o *negastes* [...] *perante a face de Pilatos* (v. 13), renunciastes todas as expectativas da vossa igreja, na presença do governador romano, que, com razão, riu de vós por causa disso. 'Vós o negastes contra a face de Pilatos'" (segundo a leitura do Dr. Hammond), "a despeito das suas argumentações" (*Pilatos* determinara *que* Jesus *fosse solto*, v. 13, mas o povo se opôs e prevaleceu contra ele). "Vós fostes pior que Pilatos, pois ele o teria libertado, se vós tivestes deixado que ele seguisse seu próprio julgamento. *Vós negastes o Santo e o Justo* (v. 14), que tinha dado provas de ser santo e justo, pois nem toda a intenção criminosa e maliciosa dos seus perseguidores pôde desacreditá-lo." A santidade e a justiça do Senhor Jesus, que é algo mais que sua inocência, foram agravantes do pecado daqueles que o mataram. (3) "Vós *pedistes que se vos desse um homem homicida* (v. 14) e que Jesus fosse crucificado. Como se Barrabás merecesse uma maior oportunidade de vossas mãos que o Senhor Jesus, consistindo isso numa afronta imensurável." (4) "Vós *matastes o Príncipe da vida*" (v. 15). Observe a antítese: "Vós preservastes um assassino, um destruidor de vida, e destruístes o Salvador, o autor da vida. Vós matastes aquele que vos foi enviado para ser *o Príncipe da vida* e não só o abandonastes, mas vos rebelastes contra as suas próprias misericórdias. Vós fostes ingratos em tirar a vida daquele que teria sido a vossa vida. Vós fostes tolos ao pensar que pudésseis conquistar *o Príncipe da vida*, aquele que tem a vida em si mesmo e logo retomaria a vida que Ele entregou".

3. Pedro autentica a ressurreição de Jesus, como antes o fizera (cap. 2.32). "Vós pensastes que *o Príncipe da vida* (v. 15) pudesse ser privado de sua vida, como outro príncipe qualquer pode ser privado de sua dignidade e soberania. Mas vós vos enganastes, porque *Deus o ressuscitou dos mortos*. Quando o matastes, vós estáveis lutando contra Deus e fostes confundidos. *Deus o ressuscitou dos mortos* e, dessa forma, autenticou suas reivindicações, confirmou sua doutrina e acabou com todo o opróbrio dos seus sofrimentos, pois *nós somos testemunhas* da verdade da sua ressurreição".

4. Pedro atribui a cura do paralítico ao poder de Jesus: *O seu nome,* [...] *pela fé no seu nome* (v. 16), nesta revelação que Jesus fez de si mesmo, *fez* [...] *fortalecer a este* homem. Ele repete: *A fé que é por* Jesus *deu a este* homem [...] *esta perfeita saúde*. Aqui: (1) Pedro apela que os ouvintes do seu sermão verifiquem a veracidade do milagre. O homem que fora curado era alguém *que vedes e conheceis* (v. 16). Ele não era conhecido por Pedro e João, de forma que não havia motivo para suspeitar que houvesse um pacto entre eles: "Vós sabíeis que ele era paralítico desde criança. O milagre foi feito publicamente, *na presença de todos vós*. Não foi feito num local escondido, mas junto à porta do templo. Vós vistes de que maneira foi feito, sem a mínima possibilidade de fraude. Vós tivestes a liberdade de examinar tudo imediatamente e ainda podeis. A cura foi completa. Trata-se de uma *perfeita saúde*. Vós vedes o homem andando e pulando, como alguém sem seqüelas funcionais ou dolorosas". (2) Pedro comunica aos ouvintes do seu sermão o poder que operou o milagre. [1] O milagre foi realizado

em *nome* de Jesus, não pela mera invocação de um feitiço ou encantamento, mas por nós como mestres em seu nome, por força da comissão e instruções que dele recebemos, e com o poder com que Ele nos investiu: esse nome que Cristo tem acima de todo nome. A sua autoridade, a sua ordem é executada como decreto real, embora seja um oficial inferior que os execute. [2] O poder de Jesus é alcançado *pela fé no seu nome* (v. 16), a confiança nele, a dependência dele, a fiel aplicação por Ele e a expectativa dele, até *a fé que é di' autou – por intermédio dele*, que é da sua operação. O poder não nos pertence, é o dom de Cristo. É por Ele, para que por meio disso a glória seja dele, porque Ele é o *autor e o consumador da fé* (Hb 12.2). O Dr. Lightfoot entende que a palavra fé foi mencionada duas vezes neste versículo devido à fé pertencente aos apóstolos em realizar este milagre e à fé pertencente ao paralítico em receber a bênção. Mas entendo que, neste caso, a fé mencionada alude principalmente, se não exclusivamente, aos apóstolos. Os que fizeram este milagre pela fé obtiveram o poder de Jesus e depois lhe devolveram toda a glória. Por meio deste relato verdadeiro e autêntico de milagre, Pedro confirmou a grande verdade do evangelho que eles tinham de pregar ao mundo: Jesus Cristo é a fonte de todo poder e graça e o grandioso Médico e Salvador. Ele também recomendou o grande dever do evangelho que apregoa a fé em Jesus como o único meio de receber dele tamanho benefício. O relato explica também o grande mistério do evangelho da nossa salvação em Cristo. É o seu nome que nos justifica, o seu nome glorioso: *O Senhor, Justiça Nossa* (Jr 23.6). Mas nós, em particular, somos justificados por esse nome, pela fé nele, aplicando-o a nós mesmos. Assim Pedro lhes anuncia *a Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2), como o fiel *amigo do noivo* (Jo 3.29, versão RA), a serviço e honra de quem ele dedicou todos os seus interesses.

III Pedro incentiva os ouvintes do seu sermão a esperar que, embora sejam culpados de matar Jesus, eles acharão misericórdia. O apóstolo faz tudo que pode para convencê-los, ao mesmo tempo em que tem o cuidado de não deixá-los desesperados. A culpa era muito grande, mas: 1. Pedro abranda o crime dos ouvintes imputando-o à sua total ignorância. Talvez ele tivesse percebido pelo semblante dos seus ouvintes que ficaram tremendamente horrorizados quando lhes dissera que tinham matado *o Príncipe da vida* (v. 15): eles quase caíram prostrados ou saíram correndo. Por isso, ele julgou necessário mitigar o rigor da acusação chamando-os *irmãos* (v. 17), porque ele fora participante com eles nesta iniqüidade: Ele negara *o Santo e o Justo* (v. 14) e jurara que não o conhecia. Ele o fez de surpresa, "mas, quanto a vós, *eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes*" (v. 17). Esta era a linguagem caridosa de Pedro e nos ensina a fazer o melhor de quem desejamos que faça o melhor. Pedro tocou fundo na ferida e agora começa a considerar meios de curá-la. Para esse fim, é necessário gerar nos ouvintes uma boa opinião sobre seu médico. Pedro, então, se serve do argumento mais cativante de todos: o seu Mestre rogando pelos que o crucificavam, pois não sabiam o que faziam. E acerca dos *príncipes* está escrito que se eles soubessem o que faziam, *nunca* teriam crucificado *ao Senhor da glória* (veja 1 Co 2.8). Talvez nesse ponto alguns dos *príncipes* e do povo houvessem mesmo se rebelado contra a luz e as convicções da consciência, tendo-o feito com intenção criminosa. Mas as pessoas, em sua maioria, seguiram a corrente dos acontecimentos e agiram *por ignorância*, como Paulo, que perseguiu a igreja *ignorantemente, na incredulidade* (1 Tm 1.13). 2. Pedro abranda os efeitos do crime dos ouvintes: a morte do *Príncipe da vida* (v. 15). A expressão soa terribilíssima, mas estava de acordo com as Escrituras (v. 18), cujas predições, embora não requeressem o pecado dos varões israelitas, exigia os sofrimentos de Jesus: *Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse* (Lc 24.46). A declaração: Vós *o fizestes por ignorância* pode ser entendida neste sentido: "Vós cumpristes as Escrituras sem o saber. *Deus*, por vossas mãos, *assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado: que o Cristo havia de padecer* (v. 18). Foi seu desígnio entregá-lo a vós, mas vós tínheis opiniões próprias e estáveis inteiramente ignorantes deste desígnio. *Ainda que* não cuideis *assim, nem o seu coração assim o imagine* (Is 10.7). Deus estava cumprindo as Escrituras enquanto estáveis vivenciando vossas próprias paixões". Veja que não foi apenas determinado no *secreto conselho de Deus* (Jó 15.8), mas declarado ao mundo muitos séculos antes *pela boca* e pena dos *profetas* [...] *que o Cristo havia de padecer*, para a realização da sua obra. Foi o próprio Deus que anunciou estas coisas através dos profetas, que verão suas palavras se cumprirem. O que prometeu cumpriu, cumpriu conforme prometera, pontual e exatamente, sem variação. Entretanto, isto não atenua absolutamente o pecado de terem odiado e perseguido Jesus até à morte (isso continua consistindo em pecado), mas deve servir de incentivo para se arrependerem e esperarem misericórdia. Os desígnios graciosos de Deus foram, em geral, alcançados por esse meio (e isso concorda com o incentivo que José deu aos seus irmãos, quando pensaram que o pecado contra ele fosse quase imperdoável: *Não temais*, disse ele. *Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem*, Gn 50.19,20). Também a morte e os sofrimentos de Cristo visam, em particular, ao *perdão de pecados* e servem de base para essa demonstração de misericórdia, a qual agora ele os incentivava a esperar.

IV Pedro exorta todos os ouvintes do seu sermão a se tornarem cristãos, garantindo-lhes que eles teriam benefícios indescritíveis, benefícios eternos. Esta é a aplicação do sermão.

1. Pedro diz aos ouvintes em que eles têm de crer. (1) Os ouvintes têm de crer que Jesus Cristo é a semente prometida, o descendente sobre quem Deus dissera a Abraão: *Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra* (v. 25). Esta é referência à promessa feita a Abraão (Gn 12.3), logo cumprida, mas que agora teve sua realização mais plena neste *Jesus*. Ele é da descendência de Abraão segundo a carne, e nele *serão benditas todas as famílias da terra* e não somente as famílias de Israel. Todos têm certos benefícios por meio dele, e alguns têm todos os benefícios. (2) Os ouvintes têm de crer que Jesus Cristo é o *profeta*, aquele profeta *semelhante* a

Moisés que Deus prometera levantar *dentre vossos irmãos* (v. 22). Esta é referência à promessa registrada em Deuteronômio 18.18. Jesus é profeta, pois, por intermédio dele, Deus nos fala e nele se centraliza toda a revelação divina, a qual tão-somente por Ele nos é dada. Ele é *profeta semelhante a* [...] *Moisés*, um favorito dos céus, mais intimamente familiarizado e relacionado com o conselho divino do que qualquer outro profeta. Jesus libertou o povo de Deus da escravidão e o guiou pelo deserto, como Moisés. Jesus é o *Príncipe* e o legislador, como Moisés também o fora. Jesus é o construtor do verdadeiro tabernáculo, como Moisés foi de modo simbólico. Moisés *foi fiel* [...] *como servo*, Jesus, *como Filho* (Hb 3.5,6). Moisés foi criticado por Israel, desafiado por faraó; contudo, Deus o reconheceu como seu e ratificou sua missão. Moisés era padrão de mansidão e paciência, o mesmo é Jesus. Moisés morreu pela palavra do Deus, e também Jesus. *Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés* (Nm 12.6,7; Dt 34.10), mas alguém maior que Moisés está aqui onde Cristo se encontra. Ele é o profeta que Deus levantou, pois não tomou para si esta honra, mas foi chamado por Deus. Ele foi levantado em primeiro lugar para a casa de Israel. Ele exerceu este ofício somente entre seu próprio povo. A oferta da graça divina foi feita primeiramente aos israelitas. Ele foi levantado dentre eles, ou seja, deles adveio o *Cristo, segundo a carne* (Rm 9.5). Isto foi uma grande honra, ao mesmo tempo em que é uma obrigação e um incentivo para o aceitarem. Esperaríamos que, se Ele veio para os seus, eles o receberiam. A igreja veterotestamentária foi abençoada com muitos profetas, com escolas de profetas, durante muitos séculos em uma sucessão constante (fato mencionado aqui: *desde Samuel* e *todos quantos depois falaram*, v. 24, pois a era profética começou com Samuel). Mas, como estes servos foram maltratados, Deus, por último, enviou-lhes o Filho que estava no seu seio. (3) Os ouvintes têm de crer que virão *os tempos do refrigério pela presença do Senhor* (v. 19) e que serão *tempos da restauração de tudo* (v. 21). Há um estado futuro, outra vida depois desta. Esses *tempos* virão *pela presença do Senhor*, pela sua manifestação gloriosa naquele dia, pela sua vinda no fim dos tempos. A ausência do Senhor ocasiona muita segurança nos pecadores e desconfiança nos santos. Mas sua *presença* se aproxima velozmente, e ela fará calar os dois para sempre. *Eis que o juiz está à porta* (Tg 5.9). [1] A *presença do Senhor* dará início à *restauração de tudo* (v. 21). Haverá *um novo céu e uma nova terra* que serão o produto da dissolução de todas as coisas (Ap 21.1), a renovação da criação inteira, que anseia por isso com aflição da mesma forma que seu atual fardo sob o pecado do homem é aquilo pelo qual geme. Alguns estudiosos entendem que isso se refere ao estado deste lado do fim dos tempos. Mas devemos entender preferivelmente que se refere ao fim de todas as coisas que *Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio* (v. 19). É sobre isso que *profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão* (Jd 14). Os juízos temporais que os outros profetas predisseram eram tipos daquele que o apóstolo chama de *juízo eterno*. Isso é revelado de forma mais clara e inteligível no Novo Testamento, e todos os que recebem o evangelho são participantes dessa bênção. [2] Com a *presença do Senhor*, virão *os tempos do refrigério* (v. 19), da consolação para o povo do Senhor, como o frescor de uma sombra para os que suportaram *a fadiga e a calma do dia*. Todos os cristãos sabem que *resta ainda um repouso para o povo de Deus* (Hb 4.9) depois das lutas e aflições do atual estado de coisas. Com esta expectativa, eles suportam os sofrimentos e desempenham suas funções. O *refrigério* que, então, vem *pela presença do Senhor* prosseguirá pela eternidade na *presença do Senhor*.

2. Pedro diz aos ouvintes o que eles têm de fazer. (1) Os ouvintes têm de se arrepender (v. 19), considerar que erraram, voltar a pensar corretamente e se submeter às novas convicções. Eles têm de recomeçar. Pedro, que negara Jesus, arrependeu-se; agora eles também tinham de se arrepender. (2) Os ouvintes têm de se converter (v. 19), dar meia-volta e dirigir o rosto e os passos no sentido contrário ao que estavam fazendo. Eles têm de voltar *para o Senhor, seu Deus* (Os 7.10), contra quem haviam se rebelado. Não basta nos arrependermos dos pecados, mas devemos nos converter deles de maneira definitiva. Eles têm de se mudar do judaísmo para o cristianismo e do poder e domínio de uma mente carnal, mundana e sensual para os princípios e tendências santos, celestiais e divinos. (3) Os ouvintes têm de atentar somente para Jesus, o grande profeta: "*A ele ouvireis em tudo quanto vos disser* (v. 22). Obedecei às suas ordens, recebei sua doutrina, submetei-vos ao seu governo. Ouvi-o com fé divina, como os profetas devem ser ouvidos, que surgem trazendo uma incumbência divina. *A ele ouvireis* e a Ele vos dedicareis com fé irrestrita e obediência total. *Ouvireis em tudo*, de modo que suas leis comandem todas as vossas ações e suas deliberações determinem todas as vossas atitudes. Sempre que Ele abrir a boca para falar, vós devereis abrir os ouvidos para ouvir. Tudo que Ele vos disser, por mais que desagrade à carne e ao sangue, recebei-o de bom grado". *Fala, Senhor, porque o teu servo ouve* (1 Sm 3.9). Temos, aqui, boas razões para ser observantes e obedientes à palavra de Cristo, pois corremos o perigo de, se fingirmos não ouvir o seu chamado e não nos submetermos ao seu jugo, acabar sofrendo as devidas conseqüências: *E acontecerá que toda alma que não escutar esse profeta* e não for dirigida pelo que Ele disser *será exterminada dentre o povo* (v. 23). Deus ameaçou destruir a cidade e a nação, mediante guerra e fome, pelo desprezo dado aos profetas do Antigo Testamento. Mas também ameaça destruir a alma, com uma ruína espiritual e eterna, caso ela despreze Jesus, este grande *profeta*. Os que rejeitam os conselhos do Salvador não podem esperar nada diferente do que cair nas mãos do destruidor.

3. Pedro diz aos ouvintes o que eles receberão.

(1) Os ouvintes receberão o perdão dos pecados. As Escrituras declaram insistentemente que este é o maior privilégio de todos os que aceitam o evangelho: *Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados* (v. 19). Isto implica que: [1] O perdão dos pecados se caracteriza por sua extinção, como a névoa é desfeita pelos raios do sol (Is 44.22) e como uma dívida é cancelada e destruída quando perdoada. Isso dá a entender que quando Deus perdoa os pecados Ele não se lembra mais deles no tocante ao pecador: são esquecidos, apagados. Todas as *coisas amargas* escritas contra o pecador (Jó 13.26) são apagadas como se uma esponja hou-

vesse sido utilizada. É o cancelamento de um título, a anulação de um julgamento. [2] Os nossos pecados só serão perdoados se nos arrependermos, deixarmo-los e nos voltarmos a Deus. Jesus morreu para adquirir o perdão dos pecados, mas, para que tenhamos o benefício dessa aquisição, temos de nos arrepender e nos converter. Sem arrependimento não há perdão! [3] A esperança de perdão deve-nos conduzir ao arrependimento. *Arrependei-vos* [...] *para que sejam apagados os vossos pecados* (v. 19). Esse arrependimento possui base nos evangelhos e surge da verdadeira compreensão da misericórdia de Deus em Cristo e da esperança de perdão. Este foi o primeiro e grande argumento: *Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus* (Mt 3.2). [4] O pleno resultado do perdão dos nossos pecados ocorrerá quando vierem *os tempos do refrigério* (v. 19). Se os nossos pecados são perdoados hoje, temos razão para nos alegrar. Mas nossa alegria será completa quando o perdão nos for outorgado em julgamento público, e a nossa justificação, publicada diante dos anjos e dos homens: *quanto aos que justificou, a esses também glorificou* (Rm 8.30). Como *agora somos filhos de Deus* (1 Jo 3.2), agora nossos pecados são apagados, mas *ainda não se manifestam* todos os resultados até que cheguem *os tempos do refrigério*. Nestes dias de adversidade e tribulação (dúvidas e medos interiores, dificuldades e perigos exteriores), nunca teremos a satisfação completa pelo nosso perdão. Nós a usufruiremos quando vierem *os tempos do refrigério*, quando todas as lágrimas forem enxugadas.

(2) Os ouvintes receberão a consolação de que Jesus está voltando: "*Ele* enviará *Jesus Cristo*, o mesmo *Jesus*, o próprio *que já dantes vos foi pregado* (v. 20). Vós não deveis esperar outra dispensação, outro evangelho, mas a continuação e conclusão deste. Não deveis esperar outro profeta semelhante a Jesus, como Moisés vos proclamou que devêsseis esperar outro semelhante a ele. Ainda que *o céu* tenha de conter Jesus *até aos tempos da restauração de tudo* (v. 21), se vos arrependerdes e vos converterdes, não sentireis falta dele. De um modo ou de outro, Ele será visto por vós". [1] Não devemos contar com a presença pessoal de Jesus neste mundo. O céu, que o recebeu à vista dos discípulos, tem de contê-lo até os fins dos tempos. Sua presença física é limitada a esse lugar santo até aos fins dos tempos, quando do cumprimento de todas as coisas (tendo como fundamentação o texto grego). Por conseguinte, os que sonham com a presença corporal de Jesus na Ceia do Senhor desonram-no e se iludem. É pertinente a este estado de sofrimento e provação que o Redentor glorificado esteja longe de vista, porque temos de viver pela fé nele que é *a prova das coisas que se não vêem* (H 11.1) e ainda pelo fato de Ele dever ser *crido no mundo* e *recebido acima, na glória* (1 Tm 3.16). O Dr. Hammond defende esta leitura: "*Que tem de receber o céu*, quer dizer, que tem de *receber a glória e o poder do mundo de cima; Ele tem de reinar até que tudo lhe seja sujeito*" (1 Co 15.25; Sl 75.2). [2] O texto sacro promete que Deus enviará Jesus a todos os que se arrependerem e se converterem: "Deus enviará *Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado* (v. 20) pelos discípulos antes e depois da ressurreição. Ele é e será tudo em todos". Em primeiro lugar: "Vós tereis a presença espiritual de Jesus. Aquele que foi enviado ao mundo ser-vos-á enviado. Vós tereis a consolação de Ele haver sido enviado. Deus o enviará pela instrumentalidade do evangelho, seu tabernáculo, seu carro de guerra". Em segundo lugar: "Deus enviará Jesus Cristo para destruir Jerusalém e a nação dos judeus incrédulos, que são os inimigos de Cristo e do cristianismo, e também para libertar seus ministros e seu povo deles, ofertando-lhes a paz pela confissão do evangelho. E esse será o tempo de *refrigério* de que participareis". *Então as igrejas tinham descanso* (cap. 9.31, versão inglesa KJV). Segundo o Dr. Hammond. Em terceiro lugar: "O envio de Jesus para julgar o mundo, no fim dos tempos, será uma bênção para vós. Então, levantareis *a vossa cabeça, porque a vossa redenção* estará *próxima* (Lc 21.28)". Parece que o texto pode ser interpretado desse modo, pois até então *convém que o céu* o *contenha* (v. 21). Como os conselhos de Deus desde a eternidade, assim suas predições desde o princípio dos tempos tinham relação com os procedimentos do último dia, quando *se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos* (Ap 10.7). O estabelecimento de todas as coisas na igreja visava à *restauração de tudo* no fim dos tempos.

4. Pedro transmite aos ouvintes o fundamento da sua esperança caso se convertam a Jesus. Embora o tivessem negado e matado, podiam achar graça por meio de Jesus em virtude de serem *israelitas*. Pois:

(1) Como *israelitas*, eles tinham o monopólio da graça do Antigo Testamento. Eles eram, acima de tudo, a nação favorita de Deus, e as graças que Ele lhes ofertara eram tantas quantas as referências ao Messias e ao seu Reino: *Vós sois os filhos dos profetas e do concerto* (v. 25). Tratava-se de um privilégio duplo. [1] Os *israelitas* eram *os filhos*, quer dizer, os discípulos *dos profetas* (v. 25), como filhos na escola. Mas não eram *filhos dos profetas* no sentido em que lemos no Antigo Testamento, desde Samuel em diante, que deviam ser treinados para lhes equiparem com o espírito de profecia. Mas vós sois daquele povo dentre o qual os profetas foram levantados e a quem os profetas foram enviados. As Escrituras afirmam que foi uma grande graça para Israel Deus levantar *dentre vossos filhos* [...] *profetas* (Am 2.11). Todos os escritores inspirados, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, pertenciam à descendência de Abraão. Para os *israelitas*, consistiu numa honra e benefício o fato de *as palavras de Deus* lhes serem *confiadas* (Rm 3.2). O seu governo foi estabelecido por profecia, quer dizer, por revelação divina, e, durante muito tempo, suas vidas foram por ela fartamente regidas: *O Senhor, por meio de um profeta, fez subir a Israel do Egito, e, por um profeta, foi ele guardado* (Os 12.13). Mesmo os *israelitas* dos últimos séculos da igreja, quando a profecia cessara, podem ser corretamente chamados *filhos dos profetas*, porque ouviram, embora não reconhecessem *as vozes dos profetas que se lêem todos os sábados* nas sinagogas (cap. 13.27). Essa vantagem deveria tê-los incentivado a aceitar Jesus, estando certos de serem recebidos por Ele, pois seus próprios profetas haviam predito: *Esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo* (1 Pe 1.13). Portanto, não deveriam negligenciar, nem negar essa oportunidade. Os que são abençoados com os profetas e profecia (como o são todos os que têm as Escrituras) preocupam-se em não receber

de maneira vã a graça de Deus. Podemos aplicar esta verdade particularmente aos filhos de ministros. Se forem eficazes em pleitear para si sua descendência como servos fiéis e maduros em matéria de religião, que o façam diante de Deus! Assim, com certeza, alcançarão a promessa de que *os filhos dos* [...] *servos* de Deus *continuarão* (Sl 102.28). [2] Os *israelitas* eram *os filhos*, quer dizer, os herdeiros *do concerto que Deus fez com nossos pais* (v. 25), como filhos na família. O concerto de Deus foi feito com Abraão e sua descendência, e os israelitas eram a descendência com quem o concerto foi feito e a quem as bênçãos desse pacto estavam vinculadas: "A promessa do Messias foi feita a vós. Portanto, se vós não abandonardes as vossas misericórdias e, por infidelidade obstinada, não colocardes um impedimento na vossa porta, podeis ter certeza de que a promessa vos será cumprida". A promessa mencionada aqui, como a cláusula principal do concerto: *Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra*, embora se refira primariamente a Cristo (Gl 3.16), também inclui a igreja, que é o seu corpo, todos os crentes, que são a descendência espiritual de Abraão. *Todas as famílias da terra* [...] *serão benditas* em ter uma igreja para Jesus Cristo entre elas. Os que eram da descendência de Abraão segundo a carne têm esperança maior neste privilégio. Se todas as famílias da terra serão benditas em Jesus, muito mais a família de Israel, que são seus *parentes segundo a carne* (Rm 9.3).

(2) Como *israelitas*, eles foram os primeiros a receber a oferta da graça do Novo Testamento. Por serem *os filhos dos profetas e do concerto*, o Redentor foi enviado primeiramente a eles. Este fato lhes serviu de incentivo à esperança de que, caso se arrependessem e se convertessem, Ele lhes seria enviado para a consolação deles. *E envie ele a Jesus Cristo* (v. 20), pois *primeiro o enviou a vós* (v. 26), judeus, mas não exclusivamente. Ao ressuscitar *Deus a seu Filho Jesus*, Ele o nomeou e autorizou para que fosse *Príncipe e Salvador* (cap. 5.31). Deus confirmou a nomeação e autorização pela ressurreição, *para que nisso vos abençoasse*, vos fizesse uma oferta de sua bênção, sobretudo a grande bênção de *cada um* de vós vos desviardes *das vossas maldades*. Como conseqüência disso, importa que recebais esta bênção e vos desvieis *das vossas maldades* para que sejais incentivados à esperança. [1] O texto sacro assevera o motivo pelo qual Jesus recebeu sua missão: *Deus* ressuscitou *a seu Filho Jesus* e o *enviou* (v. 26). Deus o ressuscitou quando o constituiu profeta, o considerou como filho por uma voz vinda do céu, o encheu do seu Espírito sem medida e, então, o *enviou*. Ele ressuscitou Jesus para que fosse o emissário do tratado de paz. Ele o *enviou* para dar testemunho da verdade, o *enviou* para buscar e salvar as almas perdidas, o *enviou* contra os seus inimigos a fim de vencê-los. A ressurreição de Jesus foi o primeiro passo para a sua exaltação. Foi, por assim dizer, a renovação da sua comissão. Tendo Deus ressuscitado Jesus, Ele nos foi tirado de nós, embora realmente o enviasse de novo para nós no seu evangelho e no seu Espírito. [2] O texto sacro nos diz a quem Deus enviou Jesus: "*Primeiro o enviou a vós* (v. 26). Vós que sois da descendência de Abraão, que *sois os filhos dos profetas e do concerto* (v. 25), a vós é ofertada a graça do evangelho". O ministério pessoal de Jesus, como o dos profetas, limitava-se aos judeus. Ele não foi *enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel* (Mt 15.24), proibindo, inclusive, os discípulos de irem a outro lugar. Depois da ressurreição, Ele seria pregado *em todas as nações*, mas eles tinham de começar *por Jerusalém* (Lc 24.47). Quando foram pregar em outras nações, pregaram primeiramente aos judeus. Eles eram o primogênito e, nessa função, tinham o privilégio da primeira oferta. Estavam tão longe de serem excluídos por haverem matado Jesus que, quando Ele ressuscitou, foi enviado, antes de tudo, a eles para serem os primeiros a se beneficiar da sua morte. [3] O texto sacro nos diz com qual incumbência Deus enviou Jesus: "*Deus* [...] *primeiro o enviou a vós, para que nisso vos abençoasse* (v. 26). Esta é a incumbência inicial, não para vos condenar, como mereceis, mas para vos justificar, se aceitardes a justificação que vos é oferecida e do modo como vos é oferecida. Mas aquele que o envia primeiro a vós para vos abençoar, se recusardes e rejeitardes a bênção, Ele o enviará para vos amaldiçoar (Ml 4.6)". Observe, em primeiro lugar, que a incumbência de Jesus ao mundo era abençoar, trazer para nós uma bênção por meio da sua pessoa, pois *nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas* (Ml 4.2). Quando Ele deixou o mundo, deixou uma bênção, porque se apartou dos discípulos, *abençoando-os* (Lc 24.51). Ele enviou o seu Espírito para ser a grande bênção, a bênção das bênçãos (Is 44.3). É por meio de Jesus que Deus nos envia bênçãos, e somente por Ele as receberemos. Em segundo lugar, que a grande bênção com a qual Jesus veio nos abençoar era afastar de nós nossas maldades (v. 26), nos salvar de nossos pecados (Mt 1.21), fazer-nos voltar dos nossos pecados a fim de sermos qualificados para receber todas as outras bênçãos. Pecado é aquilo a que naturalmente nos apegamos. O desígnio da graça divina é nos afastar do pecado; não somente isso, mas nos voltar contra ele, para que não só o abandonemos, mas o odiemos. O evangelho visa a fazer isso, não só requerendo de nós, de cada um de nós, que nos desviemos das nossas maldades, mas também nos prometendo graça para nos capacitar a proceder assim. "Portanto, fazei vossa parte: *Arrependei-vos* e *convertei-vos*, porque Jesus está pronto para fazer a dele: desviar *a cada um* de vós *das vossas maldades* e, assim, vos abençoar."

CAPÍTULO 4

Revisando os dois últimos capítulos, onde lemos sobre os muitos feitos dos apóstolos, perguntava-me o que aconteceu com os escribas, os fariseus e os principais dos sacerdotes que não apareceram para contradizer e se opor aos apóstolos como costumavam fazer com o próprio Jesus. É claro que, a princípio, ficaram tão surpresos com o derramamento do Espírito que, por certo tempo, não souberam o que dizer! Mas acho que eles não se ausentarão da narrativa bíblica. Suas forças se juntam de novo, e temos aqui um encontro entre eles e os apóstolos. E não é para menos, pois, desde o início, o evangelho enfrentou sua oposição. Aqui: I. Pedro e João são apanhados, sob ordem dos sacerdotes, e lançados na prisão (vv. 1-4). II. Pedro e

João são interrogados por um comitê do grande Sinédrio (vv. 5-7). III. Pedro e João declaram ousadamente o que fizeram e pregam Jesus para seus perseguidores (vv. 8-12). IV. Os perseguidores, não sabendo o que responder a Pedro e João, ordenam-lhes silêncio. Logo depois de ameaçá-los, caso continuem pregando o evangelho, eles os liberam (vv. 13-22). V. Os cristãos recorrem a Deus em oração para que lhes conceda mais operações da graça (vv. 23-30). VI. Deus responde aos crentes, de forma externa e interna, por provas explícitas da sua presença com eles (vv. 31-33). VII. Os cristãos têm os corações entrelaçados em amor santo e aumentam as obras assistenciais para com os pobres, ocasionando grande crescimento à igreja para a glória de Jesus (vv. 33-37).

Pedro e João São Presos

vv. 1-4

Vemos aqui que os interesses do Reino dos Céus continuam prosperamente e que os poderes das trevas surgem para se opor a eles e acabar com eles. Sempre que os servos de Cristo forem extremamente resolutos, os agentes de Satanás serão rancorosos. Por outro lado, sempre que os agentes de Satanás forem extremamente rancorosos, os servos de Cristo devem ser resolutos.

I Os apóstolos Pedro e João prosseguiram em seu trabalho e não labutaram em vão. O Espírito capacitou os ministros a fazer a sua parte, e o povo, a sua.

1. Os pregadores anunciaram a doutrina de Cristo fielmente: *Estando eles falando ao povo* (v. 1), a todos que estavam ao alcance da voz. O que eles diziam interessava a todos, e eles falavam aberta e publicamente. Eles ensinavam o povo, repartindo-lhe conhecimento. Ensinavam os que ainda não criam para que fossem convencidos e se convertessem; e ensinavam os que criam para que fossem consolados e se firmassem. Eles anunciavam *em Jesus a ressurreição dos mortos* (v. 2). A doutrina da ressurreição dos mortos: (1) Foi comprovada em Jesus. Os apóstolos provaram que Jesus Cristo ressuscitara dos mortos como o primeiro, o líder que deveria ressuscitar dos mortos (cap. 26.23). Eles anunciaram *em Jesus a ressurreição dos mortos* como prova e autorização do que fizeram. Ou: (2) É garantida por Jesus a todos os crentes. *A ressurreição dos mortos* inclui toda a felicidade do estado futuro. Os apóstolos a anunciaram *em Jesus* Cristo, como algo que é alcançável exclusivamente por Ele (1Pp 3.10,11). Eles não se intrometeram em questões relativas ao Estado, mas se limitaram a seus assuntos e anunciaram ao povo o céu como objetivo final e a Jesus como o caminho para atingir esse fim (veja cap. 17.18).

2. Os ouvintes aceitaram a doutrina de Cristo com alegria: *Muitos*, não todos, talvez não a maioria, mas *muitos, porém, dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil* (v. 4), além dos *quase três mil* de antes (cap. 2.41). Veja como o evangelho adquiriu terreno em conseqüência do derramamento do Espírito. Embora os pregadores fossem perseguidos, a palavra prevalecia, pois, não poucas vezes, os tempos de sofrimento da igreja se caracterizaram como tempos de crescimento. Os dias do nascimento da igreja foram assim.

II Os principais dos sacerdotes e sua turma lideraram a oposição contra Pedro e João, fazendo o que pudessem para aniquilá-los. Suas mãos ficaram amarradas por certo tempo, mas os corações não mudaram de forma alguma. Agora observe aqui: 1. Quem eram os que se levantaram contra os apóstolos. Eram *os sacerdotes* (v. 1). Primeiramente, não nos esqueçamos de que eles sempre foram inimigos declarados de Jesus e de seu evangelho. Tinham tanto ciúme do seu sacerdócio quanto César da sua monarquia. Eles não suportariam ninguém que, segundo eles, lhes fosse rival; e isso se deu quando Ele foi proclamado como sacerdote e quando Ele mesmo se declarou profeta. Junto com eles estava *o capitão do templo*, que talvez fosse um oficial romano, o governador da guarnição postada na Torre de Antônia, para a guarda do templo. Constatamos, então, que até aqui os judeus e gentios estavam reunidos contra Jesus. *Os saduceus*, que negavam os seres espirituais e o estado futuro (cap. 23.8), também se posicionaram fervorosamente contra eles. "Ficamos imaginando", disse o Sr. Baxter, "o que faria esses indivíduos irracionais como os saduceus serem tais silenciadores raivosos e perseguidores ardorosos. Se não há vida futura, que mal pode lhes fazer a esperança de outras pessoas nesse futuro? Mas nas almas corrompidas todas as faculdades estão corrompidas. Até hoje, os cegos têm o coração maligno e a mão cruel." 2. Como eles foram afetados com a pregação dos apóstolos: Eles se doíam *muito de que ensinassem o povo* (v. 2). Doía-lhes o fato de que a doutrina do evangelho fosse pregada (fosse anunciada tão publicamente, tão corajosamente), e que o povo estivesse tão inclinado a ouvi-la. Pensaram que, quando mataram Jesus de forma tão infame, seus discípulos ficariam para sempre envergonhados e amedrontados e que o povo teria preconceitos invencíveis contra essa doutrina. Agora se exasperaram diante do desapontamento de verem que o evangelho de Jesus ganhara terreno. *O ímpio verá isto e se enraivecerá* (Sl 112.10). Ficaram tristes com aquilo que deveria tê-los alegrado, com o que os anjos se alegram. Miseráveis sejam aqueles a quem a glória do Reino de Cristo lhes causa dor. Considerando que a glória desse reino é perpétua, conclui-se que sua dor também o será. Ficaram ressentidos de que os apóstolos *anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos* (v. 2). Os saduceus ficaram desgostosos de que *a ressurreição dos mortos* fosse pregada, porque se opunham a essa doutrina e não suportariam saber que esse estado futuro fosse tão de fato comprovado. Doía aos principais dos sacerdotes que os apóstolos *anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos*, que Ele tivesse essa honra. Embora confessassem crer na ressurreição dos mortos, diferentemente dos saduceus, eles preferiam deixar de lado esse importante artigo de fé a que ele fosse anunciado e comprovado *em Jesus*. 3. Até onde foram em seu procedimento contra os apóstolos: Eles *lançaram mão deles* (quer dizer, seus servos e comandados o fizeram sob as ordens deles), *e*

os encerraram na prisão, os entregaram à custódia do oficial apropriado *até ao dia seguinte* (v. 3). Não podiam interrogá-los agora, porque já era noitinha, mas não protelariam o interrogatório além do *dia seguinte*. Observe que Deus treina seus servos para os sofrimentos pouco a pouco, e por provações menores os prepara para as maiores. Agora, eles resistem até à prisão, mas depois, resistirão até ao sangue.

Pedro e João São Interrogados perante o Sinédrio
vv. 5-14

Temos aqui o julgamento de Pedro e João perante os juízes do tribunal eclesiástico (os membros do Sinédrio), por haverem pregado um sermão cujo conteúdo foi Jesus Cristo e feito um milagre em seu nome. São acusados por prestarem um serviço a Deus e aos homens.

I O tribunal é aberto. Pelo visto, era uma sessão extraordinária convocada deliberadamente para esta ocasião. Observe: 1. A hora em que o tribunal foi aberto: *No dia seguinte* (v. 5), não à noite, como fizeram quando julgaram Jesus Cristo. Ao que parece, não estavam tão furiosos na instauração deste processo quanto estavam no caso de Jesus. Faria bem a eles se fossem mais brandos. Mas adiaram o interrogatório para o *dia seguinte*, no máximo, pois estavam ansiosos para fazê-los calar e não queriam perder mais tempo. 2. O lugar em que o tribunal foi aberto: *Em Jerusalém* (v. 5). Jesus dissera aos discípulos que eles passariam por provas difíceis nessa cidade, como Ele também sofrera. O pecado deles se agrava porque, em Jerusalém, onde existiam tantas pessoas que procuravam redenção, agora que ela chegou, há mais pessoas que não se interessam por ela. Como a cidade fiel se tornou uma meretriz! (veja Mt 23.37). Foi na certeza de Jerusalém prejudicar-se a si mesma que Jesus a viu e chorou sobre ela. 3. Os juízes do tribunal (os membros do Sinédrio). (1) O caráter geral dos juízes: Eram os *principais, os anciãos* e *os escribas* (v. 5). *Os escribas* eram os homens da cultura que foram contestar os apóstolos no intuito de refutá-los. Os *principais* e *os anciãos* eram homens em posição de poder que, caso não pudessem responder-lhes, pensavam que achariam um motivo ou outro para silenciá-los. Se o evangelho de Cristo não fosse de Deus, não teria conseguido progredir, pois a cultura e o poder do mundo estavam contra ele, as faculdades dos *escribas* e os tribunais dos *anciãos*. (2) Os nomes de alguns juízes mais notáveis. Temos aqui *Anás* e *Caifás* (v. 6), líderes desta perseguição. *Anás* era o presidente do Sinédrio, e *Caifás*, o *sumo sacerdote* (embora aqui *Anás* seja chamado assim) e pai do tribunal de justiça. Pelo visto, *Anás* e *Caifás* exerciam o ofício do sumo sacerdócio alternadamente, cada qual uma vez por ano. Estes dois lutaram muito contra Jesus. Na época, *Caifás* era o *sumo sacerdote*, agora era *Anás*. Porém, ambos foram igualmente perniciosos contra Jesus e o evangelho. Supõe-se que *João* era filho de *Anás*. Josefo menciona que *Alexandre* era personagem eminente naqueles dias. Havia outros semelhantes a estes, *da linhagem do sumo sacerdote*, os quais por dependerem dele e terem nele suas expectativas, confirmariam o que dissesse e votariam contra os apóstolos. Relações importantes, mas não boas, têm sido uma armadilha para muitos.

II Os prisioneiros são acusados. 1. Pedro e João são levados ao tribunal e postos *no meio* (v. 7), pois o Sinédrio se sentava em círculo. As pessoas que tinham uma função a desempenhar no tribunal ficavam de pé ou sentados no meio dos membros do Sinédrio (Lc 2.46), conforme esclarece o Dr. Lightfoot. Assim, as Escrituras se cumpriram: *O ajuntamento de malfeitores me cercou* (Sl 22.16). *Cercaram-me como abelhas* (Sl 118.12). Os membros do Sinédrio ficavam sentados de todos os lados. 2. A pergunta que os juízes (os membros do Sinédrio) fizeram a Pedro e João: "*Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?* (v. 7). *Com que autoridade fazes isso?*" (a mesma pergunta que haviam feito ao Mestre, Mt 21.23): "Quem vos comissionou para pregar uma doutrina como esta e vos autorizou a fazer um milagre como este? Vós não recebestes autorização nem permissão de nós. Portanto, nos deveis explicações sobre a origem de vossa autorização". Certos estudiosos acham que esta pergunta foi fundamentada no conceito tolo de que a mera nomeação de alguns nomes poderia fazer maravilhas, como no capítulo 19.13. Os exorcistas judeus fizeram uso do nome de Jesus. Agora os inquiridores saberiam que nome os apóstolos usaram para fazer a cura e, por conseguinte, em que nome eles se firmaram para promover a pregação. É óbvio que eles sabiam que Pedro e João pregavam Jesus e, *nele, a ressurreição dos mortos* e a cura do doente (v. 2). Mesmo assim, perguntaram para provocá-los e tentar arrancar algo deles que parecesse criminoso.

III O argumento em que Pedro e João se firmaram tinha o desígnio não tanto de responder à pergunta quanto de proteger os apóstolos, a fim de promoverem o nome e a honra do Mestre. Jesus lhes dissera que seriam levados diante de governadores e reis para terem a oportunidade de pregar o evangelho a quem eles não poderiam ter acesso, *para lhes servir de testemunho* (Mc 13.9). Observe:

1. Quem redigiu o argumento. Foi o Espírito Santo que ditou o argumento e preparou Pedro mais do que nunca para esta ocasião. Os apóstolos, com uma santa negligência pela própria preservação, puseram-se a pregar Jesus conforme Ele os orientara a fazer em tal situação. Então, Jesus cumpriu a promessa que lhes fizera de que o Espírito Santo lhes daria naquela hora o que deveriam falar. Os defensores fiéis de Jesus nunca terão falta de instruções (Mc 13.11).

2. A quem o argumento foi entregue. Pedro, que ainda é o orador principal, dirige-se aos juízes do tribunal (os membros do Sinédrio) denominando-lhes de *principais do povo* e *anciãos de Israel* (v. 8). A maldade dos que estão em posição de autoridade não os priva do poder, mas a importância do poder com o qual estão investidos deve prevalecer para privá-los da maldade. "Vós, *principais do povo* e *anciãos de Israel*, deveríeis conhecer mais do que todos sobre os sinais dos tempos e não vos opordes àquilo a que estais ligados pelo dever de vossa posição para adotardes e promoverdes, ou

seja, o Reino do Messias. Vós sois os *principais do povo* e os *anciãos de Israel*, do povo de Deus, e se vós o enganardes e o induzirdes ao erro, tereis muito a prestar conta."

3. Qual é o argumento. É uma declaração solene:

(1) De que o milagre que Pedro e João fizeram aconteceu em nome de Jesus Cristo, que era resposta direta à pergunta que o tribunal lhes fizera: "*Visto que hoje somos interrogados* (v. 9), somos chamados a dar explicações como criminosos, que é o significado da palavra grega, *acerca do benefício* (como qualquer pessoa admitirá) *feito a um homem enfermo* – se esta for a base da ordem de prisão, este o assunto da acusação formal –, se somos questionados a respeito *do modo como foi curado*, ou por quem ele *foi curado*, já temos uma resposta pronta. É a mesma que demos ao povo (cap. 3.16), e a repetiremos para vós, visto que esta é a nossa defesa. *Seja conhecido de vós todos* (v. 10) que fingis desconhecerdes este assunto, e não de vós somente, mas *de todo o povo de Israel*, porque é do interesse de todos que saibais *que em nome de Jesus Cristo*, esse nome precioso, poderoso e prevalecente, o nome acima de todo nome, esse mesmo a quem vós chamais desdenhosamente Jesus, *o Nazareno, aquele a quem vós*, os principais e o povo, *crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos* e o elevou à mais alta dignidade e soberania, *em nome desse é que este está são diante de vós*, um monumento do poder do Senhor Jesus." Aqui: [1] Pedro justifica o que ele e seu colega João fizeram ao curar o paralítico. Foi um *benefício* ao homem que pedia esmolas e que não podia trabalhar para ganhar a vida. Foi um *benefício* ao templo e àqueles que entravam para cultuar, os quais agora estavam livres do barulho e clamor deste mendigo. "Agora, se estivermos agradecidos por este *benefício*, não temos razão para nos envergonhar (1 Pe 2.20; cap. 4.14,16). Envergonhados fiquem aqueles que nos colocam em dificuldade por causa deste *benefício*." Observe que não é novidade que homens bons sofram o mal por fazerem o bem. *Bene agere et male pati vere Christianum est– Fazer o bem e sofrer o mal é a sorte do cristão. [2] Pedro transfere todo o louvor e a glória deste benefício* para Jesus Cristo. "Foi por Ele, e não por nosso poder, que este homem foi curado." Os apóstolos procuram não levantar interesse para si por causa do milagre, nem o usam para tornar-se recomendáveis à boa opinião do tribunal. Antes, procuram: "Que somente o Senhor seja exaltado, pouco importando o que nos aconteça". [3] Pedro acusa os próprios juízes (os membros do Sinédrio) de terem sido os assassinos deste Jesus: "É Ele *aquele a quem vós crucificastes* (v. 10), vede que explicações dareis sobre isto". Com o propósito de levá-los a crer em Cristo (porque o apóstolo almeja não menos que isso), ele se empenha em convencê-los de pecado, daquele pecado que, pensaríamos, acima de todos os outros, tinha a maior probabilidade de chocar a consciência: de terem matado o seu Cristo. Que considerem o fato como quiserem, mas Pedro não perderá a oportunidade de lhes dizer isso. [4] Pedro certifica a ressurreição de Jesus como a prova mais forte a favor dele e contra os seus perseguidores: "*Vós crucificastes* Jesus, mas *Deus* o *ressuscitou dos mortos* (v. 10). Vós lhe tomastes a vida, mas Deus a devolveu, e outras oposições que empreenderdes aos seus interesses não vos farão bem." O apóstolo lhes diz que Deus o ressuscitou dos mortos, e eles, por vergonha, não podem lhe responder com a sugestão tola que eles impingiram no povo de que os discípulos de Jesus vieram de noite e lhe roubaram o corpo. [5] Pedro faz esta pregação a todos os espectadores para que a repitam para todos os conhecidos e ordena que todas as classes de pessoas, das mais altas às mais baixas, tomem conhecimento disso por risco próprio: "*Seja conhecido de vós todos* que estais aqui e será conhecido *de todo o povo de Israel*, por onde quer que estejam espalhados, apesar de todos os vossos esforços em abafar e suprimir esta informação: como o Senhor Deus dos deuses sabe, assim Israel saberá, todo o Israel saberá, que milagres são feitos em nome de Jesus, não pela repetição do nome como um feitiço, mas crendo nele como uma revelação divina da graça e boa vontade aos homens."

(2) De que o nome deste Jesus, por cuja autoridade Pedro e João fizeram o milagre, é o único nome pelo qual podemos ser salvos. Pedro usa este exemplo em particular para mostrar que a doutrina que eles pregaram e o milagre que eles fizeram não têm o propósito de formar uma seita ou partido religioso. As pessoas podem aceitar ou rejeitar a doutrina e o milagre como lhes aprouver, segundo se dava com as seitas dos filósofos e daqueles entre os judeus. Mas este nome é uma instituição sagrada e divina que, pelo milagre, é ratificada. Todas as pessoas ganham muito em se submeter e aceitar suas especificações. Não se trata de algo que se possa negligenciar, mas é de absoluta necessidade que as pessoas creiam neste nome e o invoquem. [1] É necessário que procedamos assim em respeito a Deus e conforme seus desígnios: "*Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores* (v. 11), que sois os *principais do povo* e os *anciãos de Israel* (v. 8), que deveríeis ser os *edificadores* da igreja, que alegam ser, pois a igreja é o edifício de Deus. Aqui vos foi oferecida uma *pedra* para ser colocada no lugar principal do edifício, para ser o pilar principal sobre o qual a estrutura se firme totalmente. Mas vós a desdenhastes, a rejeitastes, não a usastes, mas a jogastes fora como algo inútil, senão para servir de degrau. Mas esta pedra *foi posta por cabeça de esquina*. Deus ressuscitou este Jesus a quem vós rejeitastes, e, ao colocá-lo à sua mão direita, Ele o fez a pedra *de esquina* e a pedra de *cabeça*, o centro da unidade e a fonte do poder." Pedro provavelmente fez esta citação, porque o próprio Jesus a usara recentemente, em resposta à pergunta dos principais dos sacerdotes e dos anciãos concernente à sua autoridade (Mt 21.42). A Bíblia é uma arma segura em nossos conflitos espirituais. Sejamos obedientes a ela. [2] Somos obrigados a isto para o nosso próprio bem. Estamos arruinados se não nos abrigarmos nesse nome e o tornarmos nosso refúgio e torre forte. Não podemos ser salvos senão por Jesus Cristo e, se não formos salvos eternamente, estaremos eternamente arruinados: *Em nenhum outro há salvação* (v. 12). Visto que não há outro nome pelo qual corpos doentes sejam curados, assim não há outro nome pelo qual almas pecadoras sejam salvas. "Por Ele, e somente por Ele, recebendo e aceitando sua doutrina, é que todos nós receberemos a salvação. Não há outra religião no mundo, não como aquela entregue por Moisés, pela qual exista salvação para os que agora a receberem mediante esta pre-

gação." Assim entende o Dr. Hammond. Observe aqui, em primeiro lugar, que nossa salvação é nossa prioridade. É o que deve estar mais perto do nosso coração. É nossa salvação da ira e da maldição e nossa restauração ao favor e bênção de Deus. Em segundo lugar, que nossa salvação não está em nós mesmos, nem pode ser obtida por mérito ou força própria. Podemos destruir-nos, mas não podemos salvar-nos. Em terceiro lugar, que há entre os homens muitos nomes que alegam ser nomes salvadores, mas que, na verdade, não o são. Existem muitas instituições religiosas que desejam estabelecer reconciliação e ligação entre Deus e os homens, mas não podem. Em quarto lugar, que é somente por Jesus Cristo e seu nome que recebemos de Deus esses favores tão necessários para a nossa salvação, e por quem Deus aceita nosso culto e serviço. Esta é a honra do nome de Cristo, que é o único nome *pelo qual devamos ser salvos*, o único nome que temos de invocar em todas as nossas orações. Este nome é *dado*. Deus o determinou e é um benefício inestimável que nos é livremente concedido. É *dado* [...] *debaixo do céu*. Jesus tem não só um grande nome no céu, mas um grande nome *debaixo do céu*, porque Ele possui todo o poder tanto no mundo superior quanto no inferior. É *dado entre os homens* que precisam de salvação, homens que estejam prontos a perecer. Somos salvos por seu nome, por este nome: *O Senhor, Justiça Nossa* (Jr 23.6). Não há salvação em outro. Não é nossa função determinar até onde os que não conhecem Jesus, nem põem sua fé nele, podem achar favor perante Deus, pois vivem segundo a luz que possuem. Mas sabemos que qualquer favor salvador que tais indivíduos recebam é por meio de Jesus e tão-somente por Ele, de forma que *em nenhum outro há salvação. Pus-te o teu sobrenome, ainda que não me* conhecesses (Is 45.4).

IV A posição que o tribunal foi levado a assumir na instauração do inquérito em virtude deste argumento (vv. 13,14). Agora se cumpriu a promessa que Jesus fizera aos discípulos: *Eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem* (Lc 21.15).

1. Os juízes do tribunal (os membros do Sinédrio) não puderam negar a cura do paralítico, que foi um benefício e um milagre. Ele estava em pé, ao lado de Pedro e João, pronto para comprovar a cura, caso fosse necessário. Eles *nada tinham que dizer em contrário* (v. 14), quer para contestar a cura ou para desacreditá-la. Ainda bem que não era sábado, senão eles teriam usado esse quesito contra o milagre.

2. Os juízes do tribunal (os membros do Sinédrio) não puderam, com toda a pompa e poder que possuíam, intimidar Pedro e João. Este não era um milagre inferior à cura do paralítico, levando em conta quão sanguinários e cruéis esses sacerdotes foram face ao nome de Jesus (o suficiente para fazer estremecer todo aquele que se apresentasse em defesa dele) e também considerando que defensores bastante medrosos esses discípulos foram nos últimos dias, sobretudo Pedro, que o negou por medo de uma simples empregada. Mas agora os juízes vêem *a ousadia de Pedro e João* (v. 13). Havia provavelmente algo extraordinário e muito surpreendente no semblante dos apóstolos. Eles lhes pareciam destemidos, ousados e corajosos. O semblante era majestoso, os olhos brilhavam e a voz era autoritária, se não apavoradora. Eles puseram *o rosto como um seixo*, como os profetas (Is 50.7; Ez 3.9). Era comum que a ousadia dos fiéis seguidores de Cristo deixasse seus cruéis perseguidores atônitos. (1) O texto sacro nos diz o que deixou os juízes (os membros do Sinédrio) grandemente maravilhados: Eles foram *informados de que* Pedro e João *eram homens sem letras e indoutos* (v. 13). Eles se informaram com um dos ou com ambos os apóstolos, ou entre si mesmos, ou com outras pessoas, e descobriram que esses seguidores do Messias eram de origem humilde, nascidos na Galiléia, pescadores de profissão, sem formação acadêmica. Eles nunca freqüentaram universidades, não foram criados aos pés de nenhum rabi e não eram conhecedores dos procedimentos em tribunais, batalhões ou faculdades. Não somente isso, mas até, talvez, tenham conversado com eles sobre física, matemática ou política, fazendo os apóstolos se mostrarem totais desconhecedores da matéria. Mas se falassem com eles sobre o Messias e o seu Reino, discursariam com tanta clareza, evidência e certeza, com tamanha pertinência e fluência, e estariam tão habilitados nas Escrituras veterotestamentárias quanto a esse tema, que o juiz mais bem instruído no plenário não saberia responder-lhes, nem sequer para começar a tomar parte na discussão. Eles eram *indoutos – idiotai, homens particulares*, homens que não tinham fama nem emprego público, e por isso lhes questionavam as altas pretensões. Os apóstolos eram *idiotas* (que é o significado literal da palavra grega); por isso os juízes os viam com tanto desprezo quanto se os apóstolos fossem meros imbecis, não esperando nada mais deles que isso. Foi este raciocínio que lhes despertou a curiosidade para ver que liberdade os apóstolos tomaram. (2) O texto sacro declara o que arrefeceu grandemente a maravilha dos juízes (os membros do Sinédrio): Eles *tinham conhecimento de que* os apóstolos *haviam estado com Jesus* (v. 13). É provável que estes mesmos juízes, ou alguns dos seus escravos, ou as mesmas pessoas que os informaram sobre os apóstolos (porque não se cogita que juízes tomem conhecimento de pessoas humildes), tivessem visto Pedro e João com Jesus no templo e agora os reconhecessem. Mas quando entenderam que *eles haviam estado com Jesus*, convivido com Ele, se dedicado a Ele e treinado sob suas ordens, eles souberam a quem imputar a ousadia que demonstravam. Mais ainda, a ousadia nas coisas de Deus já bastava para mostrar com quem eles tiveram formação discipular. Veja que os que estão *com Jesus*, em convivência e comunhão com Ele, aplicam-se na palavra dele, oram em nome dele e celebram os memoriais da sua morte e ressurreição, devem portar-se, em todas as coisas, de forma que os que se relacionam com eles tomem *conhecimento de que* eles têm *estado com Jesus*. Isto os torna muito santos, sublimes, espirituais e alegres, e os eleva acima deste mundo e os enche do outro. Qualquer pessoa sabe que eles estiveram no monte pelo brilho que irradia do rosto deles.

A Resolução de Pedro e João
vv. 15-22

Temos aqui a questão do julgamento de Pedro e João pelo conselho. Os apóstolos se saíram com grande êxito e sucesso, porque estavam sendo treinados nos so-

frimentos pouco a pouco. As provações menores os preparavam para as maiores. Agora estavam *correndo com homens que vão a pé*; daqui por diante os veremos *competir com cavalos* (Jr 12.5).

I A troca de idéias e a decisão dos membros do tribunal (o Sinédrio) referente à questão, e o procedimento tomado logo em seguida.

1. Os prisioneiros foram ordenados pelos juízes (os membros do Sinédrio) a se retirar: Eles os mandaram *sair fora do conselho* (v. 15), porque queriam se ver livres deles (falaram reservadamente por escrúpulo) e não desejavam que os apóstolos ouvissem que reconheciam sua causa. Mas, mesmo que os apóstolos não tenham ouvido a conversa, possuímos o registro do que falaram. Os desígnios dos inimigos de Jesus são engendrados em conluios secretos, e eles se esforçam ferrenhamente, como se pudessem esconder do Senhor suas deliberações.

2. A questão desencadeou uma discussão entre os juízes (os membros do Sinédrio): Eles *conferenciaram entre si* (v. 15). Cada um queria falar livremente o que pensava e opinar sobre este importante assunto. As Escrituras se cumpriram quando *os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido* (Sl 2.2). A pergunta proposta foi: *Que havemos de fazer a estes homens?* (v. 16). Se eles tivessem se entregado ao poder imperioso e convincente da verdade, teria sido fácil dizer o que deveriam fazer com estes homens. Eles deveriam colocá-los na presidência do conselho, e seus membros deveriam receber deles a doutrina, ser batizados por eles em nome do Senhor Jesus e unir-se em comunhão com eles. Mas quando os homens não se deixam persuadir a fazer o que devem, não se admira que eles sempre estejam na incerteza do que fazer. A verdade de Cristo, caso os homens a levassem em consideração, não lhes causaria nenhum tipo de dificuldade ou inquietação. Mas se eles *detêm* ou encarceram *a verdade em injustiça* (Rm 1.18), ela será para eles como *uma pedra pesada* com a qual não saberão o que fazer (Zc 12.3).

3. Os juízes (os membros do Sinédrio) chegaram finalmente a uma decisão, em dois tópicos:

(1) Que não era seguro castigar os apóstolos pelo que fizeram. De muito boa vontade, eles o teriam feito, mas lhes faltou coragem, porque o povo aderira à causa de Pedro e João e propagava o milagre. Os membros do Sinédrio sentiram tanto medo agora quanto sentiram antes, quando não se atreveram a pôr as mãos em Jesus por temor do povo (Mt 21.26). Diante disso, percebemos que o clamor da turba contra nosso Salvador foi algo forçado ou arranjado, pois a tendência natural dos fatos logo voltou ao seu curso normal. Agora não conseguiam achar *motivo* para castigar Pedro e João; falta-lhes o pretexto para fazer isso *por causa do povo* (v. 21). Eles sabiam que seria injusto castigá-los e que deveriam se conter por temor a Deus. Mas eles só viam que a ação era perigosa, e se refrearam apenas por temerem o povo. Pois: [1] O povo estava convencido da veracidade do milagre. Tratava-se de um *sinal notório, gnoston semeion – um milagre conhecido*. Era *notório* que os apóstolos fizeram o milagre em nome de Jesus, e que o próprio Jesus fizera milagres anteriormente. Este era um exemplo conhecido do poder de Jesus, uma prova da sua doutrina. Era *manifesto* a *todos os que habitam em Jerusalém* que se tratava de um grande milagre e que fora feito para confirmar a doutrina que os apóstolos pregavam (pois era um *sinal*). Era opinião universalmente aceita e, pelo fato de o milagre ter sido feito junto à porta do templo, gozava de notificação universal. E os próprios membros do Sinédrio, com toda a astúcia e desfaçatez que lhes caracterizavam, não puderam *negar* a autenticidade do milagre. Todo o povo os teria criticado se o tivessem negado. Era fácil negar para a própria consciência, mas não para o mundo. As provas do evangelho eram imbatíveis. [2] O povo não só estava convencido da veracidade do milagre, mas *todos glorificavam a Deus pelo que acontecera* (v. 21). Até as pessoas que não foram convencidas pelo milagre para crer em Jesus se comoveram. Foi uma ação misericordiosa para o pobre e uma honra para o país, só restando a todos que louvassem a Deus pelo portento. Até a religião natural lhes ensinava a fazer isto. Se os sacerdotes tivessem castigado Pedro e João pelo milagre pelo qual *todos glorificavam a Deus*, eles perderiam toda a influência que tinham sobre o povo e seriam abandonados como inimigos de Deus e dos homens. Assim, a cólera deles redundou em louvor a Deus, e o restante da cólera foi restringido (Sl 76.10).

(2) Que era necessário silenciar os apóstolos daqui por diante (vv. 17,18). Os membros do Sinédrio não puderam provar que Pedro e João tinham dito ou feito algo de errado. Mesmo assim, eles não deviam mais dizer ou fazer o que disseram e fizeram. Só lhes importava que a doutrina de Jesus não fosse mais divulgada entre o povo (v. 17), como se essa instituição de cura fosse o início de uma praga, cujo contágio devia ser detido. Note como a malignidade do inferno batalha contra as deliberações do céu. Deus divulgará o conhecimento de Jesus por todo o mundo, mas os principais dos sacerdotes não o divulgarão. O procedimento destes homens faz aquele que está assentado no céu rir-se. Para evitar a divulgação desta doutrina: [1] Os membros do Sinédrio incumbem os apóstolos de não pregarem mais essa doutrina. Por sua autoridade (à qual eles pensam que todo israelita é obrigado em sã consciência a se submeter), é decretado *que absolutamente* ninguém fale ou ensine *no nome de Jesus* (v. 18). Em minha opinião, eles não lhes disseram por que a doutrina de Jesus devia ser proibida. Não podiam dizer que era falsa ou perigosa, ou que tinha inclinação maléfica. Por vergonha, recusavam-se a admitir a verdadeira razão que comprovava a sua hipocrisia e maldade e abalava a sua tirania. *Stat pro ratione voluntas – Eles não podem dar a razão, exceto a sua vontade.* "Nós vos incumbimos e vos ordenamos que terminantemente não pregueis esta doutrina publicamente e *que não* faleis *mais* [...] *a homem algum*, nem a qualquer pessoa em particular, *nesse nome*" (v. 17). Não há maior serviço feito para o reino do diabo do que silenciar os ministros fiéis, e colocar debaixo do alqueire esses que são a luz do mundo. [2] Os membros do Sinédrio ameaçam os apóstolos com rigor para que não voltem a pregar essa doutrina, sob risco de arcar com as conseqüências. Este tribunal se considerará altamente afrontado se eles o fizerem, caindo em seu descontentamento. Jesus não só os encarregara de pregar o evan-

gelho a toda criatura, mas também prometera defendê-los e recompensá-los por isto. Agora estes sacerdotes proibiram a pregação do evangelho e ameaçaram punir a prática como crime odioso. Sabemos avaliar com precisão as ameaças do mundo, pois o mundo respira ameaças e mortes (cap. 9.1).

II A decisão corajosa dos prisioneiros de continuarem seu trabalho, apesar das decisões deste tribunal e da declaração desta resolução (vv. 19,20). Pedro e João não precisaram trocar idéias entre si para saber a opinião um do outro (porque ambos eram movidos por um e o mesmo Espírito), mas concordaram agora no mesmo sentimento e se uniram na resposta: "*Se é justo, diante de Deus*, a quem vós e nós devemos prestar contas, *ouvir-vos antes a vós do que a Deus*, apelamos a vós mesmos: *Julgai vós* (v. 19), *porque não podemos deixar de falar* a todas as pessoas *do que temos visto e ouvido* (v. 20) e estamos cheios e fomos incumbidos de divulgar." A prudência da serpente os teria dirigido a ficarem calados. Contudo, não puderam em sã consciência prometer que não pregariam mais o evangelho, embora não precisassem dizê-lo aos membros do Sinédrio. Mas a coragem do leão os dirigiu a determinar desafiadoramente a autoridade e a malignidade dos seus perseguidores. Eles declaram que estão decididos a continuar pregando, e justificam-se com dois argumentos: 1. A ordem de Deus para os apóstolos: "Vós nos incumbis de não pregar o evangelho. Deus nos incumbe de pregá-lo, nos entrega o cargo em confiança, exigindo-os que em nossa lealdade sejamos fiéis em desempenhá-lo. Agora, a quem temos de obedecer, a Deus ou a vós?" Aqui, Pedro e João recorrem a um dos *communes notitiae – a uma máxima estabelecida e aceita* na lei da natureza, que diz que se as ordens dos homens interferem nas ordens de Deus, as ordens de Deus têm de prevalecer. Uma lei no direito comum da Inglaterra rege que se qualquer lei for oposta à lei de Deus é nula e inválida. Nada é mais absurdo que ouvir a homens fracos e falíveis, nossos semelhantes e companheiros, mais que ouvir a um Deus que é infinitamente sábio e santo, nosso Criador e Senhor soberano, o Juiz a quem temos de prestar contas. O caso é tão simples, incontestável e evidente, que nos arriscamos a deixá-lo ao vosso total julgamento, ainda que sejais parciais e preconceituosos. Achais que *é justo, diante de Deus* (v. 19), quebrar um mandamento divino em obediência a uma proibição humana? É realmente *justo* o que é *justo, diante de Deus*, pois seu julgamento, temos certeza, é de acordo com a verdade, sendo por isso que devemos pautar nossa vida. 2. A convicção da consciência dos apóstolos. Mesmo que Pedro e João não tivessem recebido tal ordem expressa do céu para pregar a doutrina de Jesus, eles não podiam *deixar de falar* e falar publicamente *do que* tinham *visto e ouvido* (v. 20). Como Eliú, eles estavam cheios de palavras e o Espírito os constrangia. Tinham, portanto, de falar para que se sentissem aliviados (Jó 32.18,20). (1) Os apóstolos viviam a influência que a doutrina de Jesus exercera sobre eles, a mudança santa que ocorrera neles, que os levara a um mundo novo. Portanto, eles não podiam *deixar de falar* disto. Quem melhor prega a doutrina de Jesus é quem sentiu seu poder, provou sua doçura e se comoveu profundamente com seu ensino. É como fogo ardente, encerrado em seus ossos (Jr 20.9). (2) Os apóstolos conheciam a importância da doutrina de Jesus para as pessoas. Pedro e João viam com preocupação as almas perecendo e sabiam que elas não podiam fugir da ruína eterna senão por Jesus Cristo. Logo, eles seriam leais e fiéis a essas pessoas, advertindo-as e lhes mostrando o caminho certo. Estas são coisas que eles tinham *visto e ouvido* (v. 20), e se não as divulgassem, quem as divulgaria? Quem poderia divulgá-las? *Sabendo* o favor como também *o temor que se deve ao Senhor; persuadimos os homens*; *porque o amor de Cristo* e o amor das almas nos constrangem (2 Co 5.11,14).

III A liberação dos prisioneiros: Os juízes *ainda* [...] *ameaçaram mais* Pedro e João e, embora os intimidassem, *deixaram-nos ir* (v. 21). Havia muitos quem eles amedrontavam para que obedecessem às leis injustas. Os membros do Sinédrio sabiam como manter as pessoas em temor mediante a ameaça de excomunhão (Jo 9.22) e pensaram que podiam ter a mesma influência sobre os apóstolos como tinham sobre as outras pessoas. Mas estavam enganados, porque os apóstolos *haviam estado com Jesus* (v. 13). Os juízes *ainda os ameaçaram mais*, porque era tudo que podiam fazer. Logo em seguida, os deixaram ir. 1. Os juízes deixaram Pedro e João ir porque não ousaram contrariar o *povo. Todos glorificavam a Deus pelo que acontecera* (v. 21) e teriam estado prontos (pelo menos imaginaram) a arrancá-los dos assentos, caso castigassem os apóstolos pelo milagre. Da mesma forma que os ministros pela ordenação de Deus servem de terror e restrição para o povo mau, assim, por vezes e pela providência de Deus, o povo serve de terror e restrição para os ministros maus. 2. Os juízes deixaram Pedro e João ir porque não puderam contradizer o milagre: *Pois tinha mais de quarenta anos o homem em quem se operara aquele milagre de saúde* (v. 22). E, portanto: (1) O *milagre de saúde* era tão grande quanto *o homem* tivesse sido *coxo* [...] *desde o ventre de sua mãe* (cap. 3.2). Quanto mais envelhecia mais crônica a doença se tornava e mais complicada seria sua cura. Se os que envelhecem no decorrer dos anos, há muito conformados com sua doença, são curados de sua fraqueza espiritual e, por conseguinte, dos seus maus hábitos, o poder da graça divina é tanto mais exaltado. (2) A veracidade do *milagre de saúde* foi muito bem comprovada, *pois tinha mais de quarenta anos o homem*. Agora ele podia falar por si mesmo, como o cego a quem Jesus curou, quando lhe foi perguntado (Jo 9.21).

Os Apóstolos Voltam para os seus. A Súplica Sincera dos Apóstolos
vv. 23-31

Deixemos, momentaneamente, os principais dos sacerdotes no que tange ao que fizeram quando liberaram Pedro e João e acompanhemos estas *duas testemunhas*. E aqui temos:

I O retorno de Pedro e João para seus irmãos, apóstolos e ministros, e talvez para alguns cristãos em particular: *E, soltos eles, foram para os seus* (v. 23). Provavelmente, nesse momento, estivessem reunidos sofrendo

e orando por eles, como no capítulo 12.12. Assim que receberam a liberdade, foram se juntar aos seus velhos amigos, voltando à comunhão da igreja. 1. Embora Deus tivesse honrado Pedro e João grandemente, convocando-os para serem suas testemunhas e os capacitando para obterem a absolvição de forma tão brilhante, eles não se vangloriaram com a honra recebida, nem se julgaram exaltados acima dos irmãos, mas *foram para os seus*. Nosso crescimento no uso dos talentos e no serviço cristão não deve nos fazer pensar que estamos acima quer dos deveres quer dos privilégios da comunhão dos santos. 2. Embora os inimigos de Pedro e João os tivessem ameaçado severamente e se empenhado em dissolver o grupo e amedrontá-los diante da obra em que estavam engajados, os apóstolos *foram para os seus*, não temendo a ira dos membros do Sinédrio. Eles poderiam estar sossegados, se, depois de *soltos*, tivessem se retirado para seus gabinetes de estudo e passado algum tempo em oração. Mas, como eram pessoas de posição pública, não deviam buscar tanto a sua própria satisfação pessoal como o bem público. Os seguidores de Jesus fazem melhor quando estão juntos, contanto que estejam juntos dos *seus*.

II A narrativa que Pedro e João fizeram aos seus acerca do que sucedera: Eles *contaram tudo o que lhes disseram os principais dos sacerdotes e os anciãos* (v. 23), acrescentando, sem dúvida, que a graça de Deus os capacitara a responder a eles, e informando-os do resultado do julgamento. Eles lhes contaram: 1. Que eles sabiam o que esperar dos homens e de Deus em relação ao progresso da obra. Dos homens, eles esperavam tudo que fosse terrível, mas de Deus, tudo que fosse incentivador. Os homens fariam o máximo para persegui-los e matá-los, mas Deus seria eficaz em cuidar deles e sustentá-los. Assim, os irmãos no Senhor tomariam ânimo em suas prisões e experiências, como consta em Filipenses 1.14. 2. Que eles registrariam os fatos da história da igreja, para o bem da posteridade, sobretudo para a confirmação de nossa fé no que respeita à ressurreição de Jesus. O silêncio de um adversário é, em certos casos, a próxima porta ao consentimento e testemunho de um adversário. Estes apóstolos disseram diante dos *principais dos sacerdotes* e dos *anciãos* que Deus ressuscitara Jesus dos mortos (v. 2). Embora o Sinédrio estivesse reunido, seus membros não tiveram a confiança em si mesmos para negar o fato, mas, da maneira mais tola e furtiva possível, ordenaram que os apóstolos não contassem a mais ninguém sobre isto. 3. Que agora eles se uniriam em oração e louvor e se concentrariam em glorificar a Deus e edificar melhor a igreja. Devemos comunicar a nossos irmãos as providências de Deus que nos dizem respeito e a nossa experiência de sua presença conosco; e isso para que nos ajudem em nossa gratidão a Ele.

III A oração que Pedro, João e os seus fizeram a Deus nesta ocasião: *Ouvindo eles* sobre a maldade fraca dos sacerdotes e a coragem forte dos sofredores, eles imediatamente convocaram o grupo à oração: *Eles* [...] *unânimes levantaram a voz a Deus* (v. 24). Não que todos dissessem as mesmas palavras ao mesmo tempo (embora isso fosse possível visto que todos eram inspirados por um e mesmo Espírito), mas um em nome de todos levantou *a voz a Deus* e os demais se uniram com ele, *homothymadon – com uma mente* (este é o significado da palavra). O coração dos demais se juntou a ele e, assim, mesmo que só uma pessoa falasse, todos oravam. Um levantou a voz e, em apoio, todos os demais *levantaram* o coração, que, na verdade, significava levantar *a voz a Deus*; porque os pensamentos são como palavras dirigidas a Deus. *Clamou, pois, Moisés ao Senhor* (Nm 12.13), quando não encontramos uma palavra dita. Nesta oração solene a Deus temos:

1. A adoração que os apóstolos e os seus fizeram a Deus como o Criador do mundo: Com uma mente e, na verdade, *a uma boca*, eles glorificaram a Deus (Rm 15.6). Disseram: "*Senhor, tu és* (v. 24) Deus, o único Deus. *Despota*, tu és nosso Mestre e Rei soberano" (este é o significado da palavra), "tu és Deus. És Deus, não homem. Deus, e não obra das mãos de homens. És o Criador de tudo, e não a criatura das fantasias de homens. Tu és o Deus, *o que fizeste o céu, e a terra, e o mar*, o mundo superior, o inferior e todas as criaturas que há em ambos". Nós, cristãos, nos distinguimos dos não-cristãos no ponto em que eles adoram deuses construídos por eles mesmos, ao passo que nós adoramos ao Deus que fez o mundo e nos criou. É muito apropriado começarmos nossas orações, como também nosso credo, reconhecendo que Deus é o *Pai Todo-poderoso, o Criador dos céus e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis*. Embora os apóstolos estivessem neste momento cheios do mistério da redenção do mundo, eles não esqueceram nem negligenciaram a história da criação do mundo. A religião cristã tem o propósito de confirmar, melhorar e não eclipsar ou excluir as verdades e os preceitos da religião natural. Trata-se de um grande incentivo aos servos de Deus, tanto para fazer a obra quanto para sofrer por ela, saber que servem ao Deus que fez todas as coisas. Saber também que este Deus tem à sua disposição os tempos e todos os eventos relacionados a eles, e que fortalece seus servos em todas as adversidades por que passam. Se lhe dermos a glória por isso, receberemos o consolo que advém disso.

2. A reconciliação que os apóstolos e os seus fizeram com as atuais dispensações da Providência, repercutindo as Escrituras do Antigo Testamento, que predisseram que o Reino do Messias encontraria oposição como esta em sua primeira instalação no mundo (vv. 25,26). Deus, que fez o céu e a terra, não pode encontrar oposição [eficaz] aos seus desígnios visto que ninguém ousa [pelo menos, prevalecentemente] rivalizar ou opor-se a Ele. De fato, era o que estava escrito: *Disseste pela boca de Davi, teu servo* (v. 25), e assim ele escreveu, como esta citação dá a entender que ele foi o autor do segundo salmo e, provavelmente, do primeiro e de outros que não trazem o nome do autor no título. Que os que aceitam a doutrina de Jesus não fiquem surpresos nem desanimados, pois convém que as Escrituras se cumpram (Mt 26.54). As Escrituras predisseram (Sl 2.1,2): (1) Que *as gentes* (v. 25; ou "gentios", versão RA) se enfureceriam com Jesus e o seu reino, e se embraveceriam com as tentativas de sua instalação, porque seria a destruição dos deuses gentios e o fim da maldade dos gentios. (2) Que *os povos* (v. 25) imaginariam tudo que fosse contra esse reino, que silenciasse os mestres desse reino, que envergo-

nhasse os seus súditos e acabasse com todos os seus interesses. Se eles experimentaram coisas vãs no assunto em questão, não foi graças aos que as imaginaram. (3) Que *os reis da terra* (v. 26) particularmente se levantariam em oposição ao Reino de Cristo, como se tivessem ciúme (embora não houvesse motivo para o terem) que esse reino interferisse com os seus poderes e se entrincheirasse nas suas prerrogativas. *Os reis da terra* que são mais bem favorecidos e honrados pela Providência divina, e que deveriam fazer o máximo a favor de Deus, são estranhos e inimigos da graça divina e fazem o máximo contra Deus. (4) Que *os príncipes* (v. 26) se reuniriam contra Deus e Cristo. Não só os monarcas, que têm o poder em suas mãos, mas também onde é exercido no que tange a muitos governos, conselhos e senados, eles se ajuntariam para consultar entre si e decretar *contra o Senhor e contra o seu Ungido* (Cristo), ou seja, contra a religião natural e a religião revelada. O que é feito contra Cristo, Deus recebe como feito contra si mesmo. O cristianismo não só foi privado da vantagem do auxílio e sustento de reis e príncipes (ficou sem o poder e a carteira deles), mas foi rejeitado e combatido por eles. Os reis e príncipes combinaram destruí-lo, mas, apesar disso, ele avançou.

3. A representação que os apóstolos e os seus fizeram do atual cumprimento destas predições na inimizade e maldade dos governantes contra Jesus. O que foi predito foi cumprido. É *verdadeiramente* (v. 27), é certo que é, é muito claro para ser negado e nisto se mostra a verdade da predição de que *Herodes* e *Pôncio Pilatos*, os dois governantes romanos, *com os gentios* (os soldados romanos sob o seu comando) e com *os povos de Israel* (os governantes dos judeus e a turba que está sob a sua influência) *se ajuntaram* em confederação *contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste*. Algumas cópias dos originais gregos acrescentam outra circunstância: *en te polei sou taute – nesta tua cidade santa*, onde, acima de todos os outros lugares, Ele deveria ter sido bem recebido. Mas neste particular fazem *tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer* (v. 28). Veja aqui: (1) Os desígnios sábios e santos de Deus concernente a Cristo. Aqui, Ele é chamado *Filho Jesus*, como era chamado *menino Jesus* (Lc 2.27,43) em sua infância, mostrando que até em seu estado exaltado Ele não se envergonha de suas humilhações por nós. Isso também mostra que Ele continua submisso e humilde. Nas alturas da sua glória, Ele é o *Cordeiro de Deus* e o *Filho Jesus*. Mas Ele é o *santo Filho Jesus* (como é chamado *o Santo* em Lc 1.35), e *o teu santo Filho*. A palavra significa tanto um filho quanto um servo, *paida sou*. Ele era o Filho de Deus e, apesar disso, em sua obra de redenção, agiu como o Servo do Pai: *Eis aqui o meu Servo* (Is 42.1). Foi Ele a quem Deus ungiu, tanto qualificou para a realização da obra salvífica como o chamou para isso. Por esta razão, Ele foi chamado o *Ungido* (Cristo) do *Senhor* (v. 26). Isso explica por que eles se puseram com tanta raiva e violência contra Ele: Deus o ungira, e eles estavam decididos a não ceder, muito menos a se submeter a Ele. Saul invejava Davi, porque Davi fora ungido pelo Senhor. E *os filisteus subiram em busca de Davi* quando ouviram *que haviam ungido Davi* (2 Sm 5.17). Agora o Deus que ungiu Jesus determinou o que deveria ser feito com Ele de acordo com essa unção. Ele foi ungido para ser Salvador e, portanto, foi determinado que fosse um sacrifício para fazer expiação pelo pecado. Ele tinha de morrer, portanto, tinha de ser sacrificado, mas não por suas próprias mãos, por isso Deus predeterminou sabiamente por quais mãos Ele seria sacrificado. Tinha de ser pelas mãos dos que o tratariam como criminoso e malfeitor. Não podia ser feito pelas mãos de anjos ou de homens bons. Ele devia ser *entregue nas mãos dos pecadores* como Jó foi (Mt 26.45; Jó 16.11). E como Davi foi entregue a Simei para ser feito uma maldição: *O Senhor lho disse* (2 Sm 16.11). A *mão* de Deus e o seu conselho o determinaram, ou seja, a sua vontade e a sua sabedoria. A *mão* de Deus, que aponta corretamente para seu poder executivo, aqui é colocada no lugar do seu propósito e decreto, porque com Ele dizer e fazer não são duas coisas distintas, como é conosco. A sua *mão* e o seu *conselho* sempre concordam, pois *tudo o que o Senhor quis, ele o fez* (Sl 135.6). O Dr. Hammond entende que a frase *a tua mão* tinha *anteriormente determinado* diz respeito ao ato de o sumo sacerdote lançar sortes sobre os dois bodes no Dia da Expiação (Lv 16.8). Ele levantava a mão na qual ocorria ter a sorte para o Senhor, e o bode sobre o qual ela caía era sacrificado imediatamente. A *disposição* desta *sorte* vinha *do Senhor* (Pv 16.33). Assim a mão de Deus determinou o que tinha de ser feito: Cristo deveria ser morto em sacrifício. Ou, se nos permitirmos conjeturar, quando o texto diz que a mão de Deus determina significa, não a ação da mão de Deus, mas a sua mão escrevendo, como em Jó 13.26: *Por que escreves contra mim coisas amargas*. As Escrituras dizem também que o decreto de Deus *está escrito na escritura da verdade* (Dn 10.21) e que *no rolo do livro está escrito de mim*, Cristo (Sl 40.7). Foi a *mão* de Deus que escreveu, a sua *mão* segundo o seu *conselho*. A comissão foi firmada de próprio punho. (2) Os instrumentos maus e profanos que foram empregados na execução deste desígnio divino, embora eles não tivessem a intenção, nem o seu coração pensasse assim. Herodes e Pilatos, gentios e judeus, que tinham estado em desacordo entre si, agora se uniram contra Jesus. O fato de Deus cumprir os seus propósitos pessoais com a ação desses instrumentos não os isenta absolutamente da culpa da maldade e malignidade do que fizeram, não mais do que o fato de Deus tornar o sangue dos mártires a semente da igreja tenha atenuado a culpa dos seus perseguidores sanguinários. O pecado não é o mal menor para que disso Deus tire o bem, mas por este meio Deus é mais glorificado e assim será quando o mistério de Deus se cumprir.

4. A petição que os apóstolos e os seus fizeram com referência ao caso neste momento. Os inimigos *se ajuntaram* [...] *contra* Cristo (v. 26); portanto, não é de se admirar que fizessem o mesmo contra seus ministros. O discípulo não é melhor do que o seu Mestre (Mt 10.24), nem deve esperar melhor tratamento. Sendo insultados, eles pediram:

(1) Que Deus tomasse conhecimento da maldade dos inimigos: *Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças* (v. 29). *Olha para* essas *ameaças*, como no salmo supracitado tu disseste que farias, quando eles pensassem: *Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles* (Sl 2.3,4); e então *a virgem, a filha de Sião,*

[...] *despreza* as *ameaças* impotentes até do *grande rei, o rei da Assíria* (Is 36.4; 37.22). *Agora, pois, ó Senhor; ta nyn*: há uma ênfase na palavra *agora*, para salientar que chegou o tempo de Deus aparecer para o seu povo, quando o poder dos inimigos se tornou muito ousado e ameaçador. Não é que eles estejam dizendo a Deus o que fazer, mas estão se referindo aos fatos e recorrendo a Deus, como Ezequias: "*Abre, Senhor, os olhos e olha* (Is 37.17), tu sabes o que eles dizem, *porque atentas para o trabalho e enfado* (Sl 10.14). A ti suplicamos, *olha para as suas ameaças*, e ou amarra as suas mãos ou vira os seus corações. Faze com que a sua *cólera*, assim que for extravasada, redunde *em teu louvor; e o restante da cólera*, restringe-a (Sl 76.10)". Para nós, é um consolo saber que se formos injustamente ameaçados e o suportarmos com paciência, poderemos nos acalmar apresentando o caso diante do Senhor e o deixando nas suas mãos.

(2) Que Deus, por sua graça, guardasse o espírito dos apóstolos e os seus e os animasse a prosseguir com alegria na obra: *Concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra* (v. 29), a despeito da proibição dos sacerdotes e principais do povo. Veja que, em tempos de *ameaças*, nosso cuidado não deve ser tamanho que as dificuldades sejam evitadas quanto que sejamos capacitados a prosseguir com alegria e determinação em nosso trabalho e obrigações, seja qual for a dificuldade que encontremos. A oração que fazem não é: "*Senhor, olha para as suas ameaças*, amedronta-os, cala-lhes a boca e enche-lhes o rosto de vergonha"; mas: "*Senhor, olha para as suas ameaças*, anima-nos, abre a nossa boca e enche o nosso coração de ousadia". Não oraram: "*Senhor*, dá-nos a justa oportunidade de nos retirar de nossa obra, visto que agora está ficando perigosa"; mas: "*Senhor*, dá-nos a graça para prosseguirmos em nossa obra e não termos medo do rosto dos homens". Observe: [1] Quando formos enviados numa missão de Deus, devemos entregar a mensagem com ousadia, com toda a ousadia, com toda a liberdade de expressão. Nunca devemos deixar de *anunciar todo o conselho de Deus* (cap. 20.27), pouco importando quem se ofenda. Jamais devemos duvidar do que dizemos! [2] Devemos buscar a Deus pedindo-lhe habilidade para disseminar a sua palavra com ousadia. Quando precisarmos da ajuda e força divina, estejamos certos de que Deus nos dará. Temos de sair e prosseguir *na força do Senhor Deus* (Sl 71.16). [3] As ameaças de nossos inimigos, que visam a debilitar nossas mãos e a nos afastar da obra, devem antes nos incentivar a ponto de sermos mais ousados e determinados no que realizarmos. Eles ousam batalhar contra Cristo? Por vergonha, nunca nos desviemos do nosso dever!

(3) Que Deus desse aos apóstolos e aos seus discípulos mais poder para operarem milagres como confirmação da doutrina que pregavam. Eles descobriram que a cura do paralítico contribuiu muito para o sucesso deles e contribuiria muito mais para o avanço da obra: *Senhor*, dá-nos *ousadia* pelo teu ato de estender *a mão para curar* (vv. 29,30). Veja que não há nada que anime os ministros fiéis à obra do que a presença de Deus e do seu poder. Eles oram: [1] Para que Deus estenda *a mão para curar* (v. 30) o corpo e a alma dos homens. Caso contrário, será em vão estenderem as mãos quer seja para pregar (Is 65.2) ou para curar (cap. 9.17). [2] *Para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus* (v. 30), os quais sejam convincentes para as pessoas e desconcertantes para os inimigos. Jesus prometera dar aos discípulos o poder de fazer milagres como prova da comissão recebida (Mc 16.17,18). Mesmo assim, eles tinham de orar para receberem poder e, quando o tivessem, orar para que permanecesse com eles. O próprio Jesus teve de pedir para que lhe fosse dado. Note que com este pedido eles visavam à honra de Jesus, que as maravilhas fossem feitas em nome de Jesus, o *santo Filho Jesus*, e que o seu nome recebesse toda a glória.

IV A resposta graciosa que Deus deu à oração que os apóstolos e os seus fizeram – resposta dada não em palavras, mas em poder. **1.** Deus deu aos apóstolos e os seus um sinal de que aceitou a oração que faziam: *E, tendo eles orado* (v. 31), talvez muitos pediram *uns depois dos outros*, conforme a regra (1 Co 14.31), e quando concluíram as atividades do dia, *moveu-se o lugar em que estavam reunidos*. Houve *um vento veemente e impetuoso*, semelhante ao que ocorreu quando o Espírito foi derramado sobre eles (cap. 2.1,2), que fez tremer *o lugar* onde agora era a casa de oração deles. O tremor do lugar tinha o objetivo de lhes infundir temor reverente, despertá-los, elevar-lhes as expectativas e lhes dar uma prova sensorial de que Deus estava verdadeiramente com eles. Objetivava, talvez, lembrá-los de uma profecia: *Farei tremer todas as nações* [...] *e encherei esta casa de glória* (Ag 2.7). Tencionava mostrar-lhes a razão para temerem mais a Deus e, por conseguinte, temerem menos os homens. Aquele que moveu o lugar poderia mover o coração dos que ameaçaram os seus servos, porque Deus *ceifará o espírito dos príncipes: é tremendo para com os reis da terra* (Sl 76.12). *O lugar* foi abalado para que a fé fosse fundada e firmada. **2.** Deus deu aos apóstolos e aos seus discípulos maior medida do seu Espírito, que foi o pedido pelo que oravam. A oração, sem dúvida, foi aceita e respondida: *Todos foram cheios do Espírito Santo* (v. 31). Com isso, foram despertados e capacitados a falar *com ousadia a palavra de Deus* e não com medo dos olhares orgulhosos e arrogantes dos homens. O *Espírito Santo* lhes ensinou *o que* falar e *como* falar. Os que eram habitualmente dotados com o poder do *Espírito Santo* ainda tiveram oportunidade de novos enchimentos, de acordo com as necessidades do serviço que faziam. Eles *foram cheios do Espírito Santo* no tribunal (v. 8), e agora *foram cheios do Espírito Santo* no púlpito, fato que nos ensina a viver em total dependência da graça de Deus segundo o dever diário requer de nós. Precisamos ser ungidos com óleo fresco em toda nova ocasião. Assim como na providência, também na graça de Deus, não só em termos gerais vivemos e existimos, mas também nos movemos em cada ação em particular (cap. 17.28). Temos aqui um exemplo do cumprimento da promessa de que Deus *dará* [...] *o Espírito Santo àqueles que lho pedirem* (Lc 11.13) visto que era uma resposta da oração para que fossem *cheios do Espírito Santo*. Nós, também, vemos um exemplo do aperfeiçoamento desse dom que é exigido de todos para quem é dado: Tenha e use, use e tenha mais. Quando eles *foram cheios do Espírito Santo*, eles *anunciavam com*

ousadia a palavra de Deus, pois *a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil* (2 Co 12.7). Temos de desenvolver os talentos, e não enterrá-los (Mt 25.14-30). Quando eles se conscientizarem de que o *Senhor Jeová*, pelo seu Espírito, os *ajuda*, saberão que não serão confundidos (Is 50.7).

A Prosperidade da Igreja. A Liberalidade dos Discípulos
vv. 32-37

Estes versículos nos dão uma idéia geral e esplendorosa do espírito e estado mental da igreja primitiva. Trata-se de *conspectus saeculi – uma visão daquela idade* da infância e inocência.

I Os discípulos amavam uns aos outros afetuosamente. *Oh! Quão bom e quão suave é* (Sl 133.1) ver que *era um o coração e a alma da multidão dos que criam* (v. 32) e que não havia discórdia nem divisão entre eles. Observe aqui: 1. Havia multidões *que criam* (v. 32). Até em Jerusalém, onde a influência maléfica dos principais dos sacerdotes era muito forte, houve *quase três mil* convertidos em um dia e *quase cinco mil* em outro (cap. 2.41; 4.4). Além destes, *todos os dias acrescentava o Senhor à igreja* (cap. 2.47). É claro que todos eram batizados e possuíam a mesma confissão da fé, pois o mesmo Espírito que dotou os apóstolos com ousadia para pregar a fé de Cristo, dotou aqueles com ousadia para confessá-la. Veja que o crescimento da igreja é a sua glória e que a *multidão dos que criam* é mais que a sua qualidade. Agora a igreja *resplandece* e vem à luz, quando os convertidos *vêm voando como nuvens* ao seu seio *e como pombas, às suas janelas* (Is 60.1,8). 2. As multidões eram todas de um *coração* e de uma *alma* (v. 32). Embora houvesse muitos e numerosos indivíduos de diferentes idades, temperamentos e posições sociais no mundo que, talvez, antes de crerem eram completamente estranhos, quando se encontraram em Cristo, aproximaram-se uns dos outros como se fizesse muitos anos que se conheciam. Talvez proviessem de diferentes seitas judaicas, ou houvessem, antes da conversão, tido discórdias em questões civis. Mas agora tudo isso foi esquecido e abandonado. Eles eram unânimes na fé cujo fundamento era Cristo. Pelo fato de todos terem sido unidos ao Senhor, eles se uniram uns aos outros em amor santo. Este era o fruto santo da lei que Jesus, poucas horas antes da crucificação, deu aos discípulos: *Que vos ameis uns aos outros* (Jo 13.34), e de sua oração por eles quando estava para morrer: *Para que todos sejam um* (Jo 17.21). Temos motivos para supor que eles se dividiram em diversas congregações, ou assembléias de adoração, conforme se situavam suas residências, sob a responsabilidade de seus respectivos ministros. Mesmo isso não ocasionou ciúme ou inquietação, porque eram de um *coração* e de uma *alma* e amavam os membros de outras congregações tão verdadeiramente quanto os membros de suas próprias congregações. Esta era a situação que então vigorava e não percamos a esperança de vê-la novamente, quando o Espírito do alto for derramado sobre nós.

II Os ministros prosseguiram na obra com grande vigor e sucesso: *Os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus* (v. 33). A doutrina que eles pregavam era a *ressurreição do Senhor Jesus*: um tema que serviu de confirmação da verdade da santa religião de Jesus e, sendo apropriadamente explicado e ilustrado com suas conclusões, serviu também de resumo para todos os deveres, privilégios e consolações dos cristãos. A *ressurreição do Senhor Jesus*, corretamente entendida, nos colocará nos grandes mistérios da religião. O grande poder pelo qual os apóstolos atestaram a ressurreição estava ligado: 1. Ao grande vigor, espírito e coragem com que os apóstolos divulgaram e declararam esta doutrina. Eles não agiram com fraqueza e timidez, mas com vivacidade e determinação, como alguém que estava bastante satisfeito com a verdade que anunciava e desejava ardentemente que outras pessoas também a soubessem. Ou: 2. Aos milagres que os apóstolos operaram para confirmar a doutrina que anunciavam. Com obras de *grande poder*; [...] *os apóstolos davam* [...] *testemunho da ressurreição do Senhor Jesus* (v. 33), sendo que o próprio Deus, que neles estava, também dava testemunho.

III A beleza do Senhor nosso Deus brilhava em todos os primitivos cristãos e em tudo o que faziam: *Em todos eles havia abundante graça* (v. 33), não só *em todos* os apóstolos, mas *em todos* os cristãos, *charis megale – graça* que tinha algo *abundante* em si (magnífica e extraordinária) estava sobre todos eles. 1. Jesus derramou abundância de *graça* sobre os cristãos primitivos, qualificando-os para grandes obras e os dotando com grande poder. A *graça* vinha do alto, de cima. 2. Havia frutos evidentes desta *graça* em tudo o que os primitivos cristãos diziam e faziam, sendo-lhes uma honra e recomendando-os ao favor de Deus, o que lhe é *precioso* (1 Pe 3.4). 3. Alguns estudiosos asseveram que incluía a *graça* que os primitivos cristãos possuíam diante do povo. Todo o mundo via beleza e excelência neles, e os respeitava.

IV Os primeiros cristãos eram muito liberais para com os pobres e haviam morrido para este mundo. Esta era uma das grandes provas de que a graça de Deus estava neles, recomendando-os grandemente à estima do povo.

1. Os primeiros cristãos não insistiam em possuir bens e propriedades, dos quais até crianças têm certa percepção e inveja, e nos quais as pessoas mundanas triunfam, como Labão: *Tudo o que vês meu é* (Gn 31.43); e Nabal: *O meu pão, e a minha água* (1 Sm 25.11). Estavam tão cheios da esperança de uma herança no outro mundo que os bens materiais não significavam nada para eles. *Ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria* (v. 32). Eles não se apegavam às propriedades, eram-lhes indiferentes. Não diziam, com certo tom de orgulho e vanglória, que as coisas que possuíam eram deles, ostentando-as ou confiando nelas. Não diziam *que coisa alguma do que* possuíam *era sua própria*, porque haviam abandonado tudo por amor a Cristo e sabiam que todos os bens terrenos lhes seriam tirados por serem seguidores fiéis dele. Eles não afirmavam que *coisa alguma* [...] *era sua própria*, porque não podemos di-

zer que algo seja nosso próprio, senão o pecado. O que temos no mundo pertence mais a Deus do que a nós. O que possuímos é de Deus, temos de usá-lo para Ele e lhe prestaremos conta disso. *Ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, idion – peculiarmente sua,* porque eles repartiam *de boa mente* e eram *comunicáveis* (1 Tm 6.18). Ninguém desejava comer o seu bocado sozinho, mas o que cada um e sua família podiam dividir; os vizinhos pobres eram bem-vindos em participar. Os que possuíam grandes propriedades não eram ávidos em retê-las, mas eram prontos a dispô-las em prol dos irmãos e a passar por dificuldades financeiras para ajudá-los. Não admira que eles fossem de um *coração* e de uma *alma* (v. 32), mostrando tanto desapego com as riquezas deste mundo, pois *meum – meu* e *tuum – teu* são os grandes pontos de discórdia e briga. A retenção do que têm e o desejo ardente de ter mais são a causa do aumento de guerras e lutas entre os homens.

2. Os primeiros cristãos abundavam em atos de caridade visto que *todas as coisas lhes eram comuns* (v. 32). *Não havia, pois, entre eles necessitado algum* (v. 34), uma vez que medidas eram tomadas para o sustento de todos. Os que eram mantidos nas instituições beneficentes foram, provavelmente, excluídos quando se tornaram cristãos. Por conseguinte, nada mais justo que a igreja assumisse o sustento dessas pessoas. Assim como havia muitos pobres que receberam o evangelho, também havia alguns ricos que podiam sustentá-los, e a graça de Deus lhes concedia boa vontade. *O que muito colheu não teve em excesso,* porque o que teve de sobra teve para quem colheu pouco, a fim de que este não passasse necessidade (2 Co 8.14,15). O evangelho colocou *todas as coisas* em comum, não para que os pobres tenham a permissão de roubar os ricos, mas para que os ricos tenham a função de socorrer os pobres.

3. Muitos dos primeiros cristãos venderam suas propriedades para levantar fundos para as obras assistenciais: *Todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as...* (v. 34). Por seus cálculos, o Dr. Lightfoot considera que este era o Ano do Jubileu na nação judaica, o qüinquagésimo ano (o vigésimo oitavo desde que se estabeleceram em Canaã, mil e quatrocentos anos atrás). Desta forma, as terras que fossem vendidas naquele ano não seriam devolvidas até o próximo jubileu, fazendo com que recebessem um bom preço e sua venda granjeasse muito dinheiro.

(1) O texto sacro nos informa o que os primeiros cristãos fizeram com o dinheiro que levantaram: Eles *o depositavam aos pés dos apóstolos* (v. 34), para que estes dispusessem dos valores como julgassem adequado. Provavelmente tiravam o sustento disso, pois de onde mais teriam provisão? Veja que os *apóstolos* recebiam os valores aos seus *pés,* em sinal do desprezo santo que davam às riquezas do mundo. Achavam mais apropriado que os valores fossem depositados aos seus *pés* do que em suas mãos ou no seu peito. Sendo depositado aos seus *pés,* o dinheiro não se acumulava, mas era repartido, por pessoas preparadas para isso, *segundo a necessidade que cada um tinha* (v. 35). Temos de tomar grande cuidado na distribuição das ofertas recebidas do povo. [1] As ofertas devem ser repartidas *segundo a necessidade* (v. 35), com as pessoas que não podem, por si mesmas, conseguir o devido sustento por idade, infância, doença, deficiência física ou incapacidade mental, por falta de engenhosidade ou atividade, em virtude de providências antagônicas, perdas, tirania ou despesas numerosas. Os que nestes e em outros casos tiverem real *necessidade* e não possuírem parentes para ajudá-los, e, acima de tudo, os que passam necessidade por fazerem o bem e por darem testemunho de *uma boa consciência* (1 Pe 3.16), devem ser cuidados e sustentados, segundo a aplicação prudente das ofertas para o seu melhor benefício. [2] As ofertas devem ser distribuídas *a cada um* (v. 35), a quem preencher as especificações acima, *segundo a necessidade que cada um* tem, sem parcialidade ou acepção de pessoas. Trata-se de uma regra na distribuição de auxílios, como também na administração da justiça: *Ut parium par sit ratio – que aqueles que estejam igualmente necessitados e sejam igualmente merecedores sejam igualmente ajudados,* e que os auxílios sejam adequados e adaptados à necessidade, como é o significado da palavra.

(2) O texto sacro menciona uma pessoa em particular que se destacou por este ato generoso de caridade: *Barnabé* (v. 36), que mais tarde se tornou companheiro de Paulo. Observe: [1] As informações que a narrativa traz sobre *Barnabé* (v. 36). O seu nome era *José,* e pertencia à tribo de Levi. Entre os judeus da Dispersão havia levitas que, provavelmente, presidiam as sinagogas, liderando a adoração e, segundo o dever dessa tribo, ensinando a todos o *bom conhecimento do Senhor* (2 Cr 30.22). Este *levita* nasceu em *Chipre,* que ficava longe de Jerusalém. Seus pais, embora judeus, haviam se estabelecido naquele país. Os *apóstolos* lhe mudaram o nome depois que ele se associou com eles. É provável que fosse um dos setenta discípulos e, à medida que aumentava em dons e graça, tornava-se eminente. Gozava do respeito dos apóstolos, que, em sinal do apreço que lhe dedicavam, deram-lhe o nome de *Barnabé – o filho da profecia* (este é o significado correto). Deus lhe dotou com extraordinários dons de profecia. Mas os judeus helenistas (disse Grotius) chamavam *oração paraklesis.* Por esta palavra, o nome é traduzido por: *Filho da Exortação* (conforme a leitura de alguns estudiosos), aquele que tinha o excelente talento de curar e persuadir; nós temos um exemplo disso (cap. 11.22-24). *Filho da Consolação* (conforme a nossa leitura), aquele que realmente andou muito nas consolações do Espírito Santo. Era um cristão de bom ânimo, e isso aumentou seu coração em obras de caridade para os pobres. Ou era aquele que se sobressaía em consolar o povo do Senhor e falar de paz para as pessoas de consciência ferida e atribulada. Ele tinha uma facilidade admirável nesse sentido. Entre os apóstolos, havia dois que foram chamados *Boanerges – filhos do trovão* (Mc 3.17), mas este era um *filho da consolação* que com eles estava. Cada um tinha seu respectivo dom. Um não devia censurar o outro, mas ambos os dons se encaixavam um no outro. Um identificava a ferida, e o outro a tratava e a curava. [2] As informações que a narrativa dá sobre o ato de caridade de *Barnabé* (v. 36) e sua grande generosidade para os fundos públicos da igreja. Este ato é particularmente mencionado por causa da dignidade dos serviços que ele prestou mais tarde na igreja de Deus, sobretudo por levar o evangelho aos gentios. Pelo visto, não se tratava de inimizade para com

sua própria nação, mas de benevolência para com os convertidos judeus. Ou talvez este ato caridoso tenha sido registrado porque era o principal cartão e um exemplo a ser seguido pelos outros. Ele, *possuindo uma herdade* (v. 37), não sabemos se em *Chipre*, onde nasceu, ou na Judéia, onde morava agora, ou ainda em outro lugar, *vendeu-a*. Seu propósito não era comprar outra propriedade melhor em outro lugar, mas, como verdadeiro *levita* que sabia que tinha o Senhor Deus de Israel por herança, ele não fazia conta de heranças terrenas e não desejava mais se envolver com isso: *Trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos* para ser dado em obras assistenciais. Por ter sido chamado para ser pregador do evangelho, ele se desembaraçou dos negócios desta vida (2 Tm 2.4). No saldo da conta, ele não perdeu nada por ter colocado *aos pés dos apóstolos* o valor monetário da venda, mesmo quando ele mesmo era contado entre os apóstolos por palavra do Espírito Santo: *Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado* (cap. 13.2). Pelo respeito que mostrou aos *apóstolos* como apóstolos, ele teve a recompensa de apóstolo.

Capítulo 5

Neste capítulo, temos: I. O pecado e castigo de Ananias e Safira, que, por mentirem ao Espírito Santo, foram feridos de morte segundo a palavra de Pedro (vv. 1-11). II. O estado da igreja em franco desenvolvimento, no poder que acompanhava a pregação do evangelho (vv. 12-16). III. O encarceramento dos apóstolos e a milagrosa libertação da prisão, com novas ordens para continuarem pregando o evangelho. A obediência dos apóstolos às ordens recebidas, e o grande desgosto e irritação causado naqueles que os perseguiam (vv. 17-26). IV. A acusação que os apóstolos receberam diante do grande Sinédrio, e a defesa apresentada (vv. 27-33). V. O conselho de Gamaliel em relação aos apóstolos acusados, para que não fossem perseguidos, mas tivessem a permissão de irem embora a fim de que as conseqüências se mostrassem. O acatamento do grande Sinédrio, por ora, deste conselho, e a liberação dos apóstolos com nada mais que um açoite (vv. 34-40). VI. O progresso alegre dos apóstolos na obra apesar da proibição recebida e da indignidade que lhes foi feita (vv. 41,42).

O Caso de Ananias e Safira
vv. 1-11

O capítulo começa com um termo melancólico: *mas* (v. 1), o qual detém o prospecto agradável e feliz das coisas que vimos nos capítulos anteriores. Como se dá com cada pessoa, assim toda igreja, mesmo em seu melhor estado, tem o seu *mas*. 1. Os discípulos eram muito santos e sublimes, e parecia que todos eram sumamente bons, *mas* havia hipócritas entre eles, cujo *coração não era reto diante de Deus* (cap. 8.21). Eram pessoas que, quando foram batizadas e assumiram a *aparência de piedade*, negaram *a eficácia dela* (2 Tm 3.5) e ficaram aquém. Mesmo nas melhores sociedades terrenas há uma mistura de maus e bons. O joio cresce junto com o trigo até a colheita. 2. Era digno de nota que os discípulos tivessem alcançado essa perfeição para a qual Jesus recomendou o jovem rico: eles venderam o que tinham e deram tudo aos pobres (Mt 19.20,21). *Mas* até isso serviu de véu e disfarce para a hipocrisia, pois se cria que a venda de posses e a doação do valor da venda fosse prova irrefutável de sinceridade. 3. Os sinais e maravilhas que os apóstolos operaram até aqui eram milagres de misericórdia, *mas* agora ocorre um milagre de juízo. Este é um exemplo de severidade que ocorre após exemplos de bondade, para que Deus seja amado e temido.

I O pecado de Ananias e Safira, sua esposa. É bom vermos marido e mulher unidos no que é bom, mas juntos na prática do mal é ser como Adão e Eva, quando concordaram em comer o fruto proibido e foram um na desobediência. 1. O pecado de Ananias e Safira consistiu na ambição de serem considerados discípulos eminentes, do primeiro escalão, quando na verdade não eram verdadeiros discípulos. Queriam passar por uma das árvores mais frutíferas na videira de Cristo, quando na realidade não tinham raiz. Eles venderam *uma propriedade* e depositaram o *preço* (como fez Barnabé) *aos pés dos apóstolos* (vv. 1,2) para que não ficassem para trás dos próprios dirigentes dos cristãos. Eles tinham em mira o aplauso e a aclamação para ficarem em posição mais digna possível de promoção na igreja, pois talvez pensassem que ela em breve se destacaria em pompa e grandeza secular. Veja que é possível os hipócritas negarem alguma coisa a eles mesmos para se servirem de outra. Eles se privam de vantagem secular em um caso, com vistas a obter crédito em outro. Ananias e Safira aceitariam a confissão do cristianismo para *mostrar boa aparência na carne* (Gl 6.12), e assim escarneceriam de Deus e enganariam as pessoas, pois sabiam que não iriam até ao fim com a confissão cristã. É digno de nota e até determinado ponto correto que o jovem rico não fingiu seguir Jesus, mas *retirou-se triste* (Mt 19.22), pois sabia que, numa situação difícil, ele não se sustentaria até o fim. Ananias e Safira fingiram ir até o fim para receberem o crédito do discipulado, quando na verdade não iriam. Veja que a conseqüência é muitas vezes fatal quando a pessoa mantém a confissão cristã por um período maior do que admite o seu princípio interior. 2. O pecado de Ananias e Safira foi cobiçarem as riquezas do mundo e desconfiarem de Deus e sua providência: Eles venderam *uma propriedade* (v. 1), e talvez, num repentino impulso de zelo, resolveram dedicar o valor total da venda para fins caridosos. Em seguida, fizeram um voto, ou pelo menos concordaram entre si em agir assim. Mas, quando receberam o dinheiro, o coração deles fraquejou e retiveram *parte do preço* (v. 2), porque amaram o dinheiro, pensaram que era muito para ser entregue de uma só vez às mãos dos apóstolos e o quiseram para si. Embora agora todas as coisas fossem comuns entre os membros da igreja, não o seriam por muito tempo, e o que fariam em tempos de necessidade se não deixassem nada reservado para si? Eles não podiam confiar na palavra de Deus para que lhes provesse o sustento, mas julgaram que se-

riam mais espertos que os demais, guardando para tempos de privações. Pensaram que podiam servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo (Mt 6.24): a Deus, depositando parte do dinheiro aos pés dos apóstolos, e a Mamom, guardando a outra parte nos próprios bolsos. Agiram como se não houvesse plena suficiência em Deus para lhes recompor a totalidade da fazenda, exceto se retivessem uma parte em suas próprias mãos mediante caução. O coração estava dividido, por isso foram culpados (Os 10.2). Eles coxearam entre dois pensamentos (1 Rs 18.21): se tivessem sido legítimas pessoas mundanas, não teriam vendido a *propriedade*; se tivessem sido legítimos cristãos, não teriam retido *parte do preço*. 3. O pecado de Ananias e Safira se caracterizou por acharem que enganariam os apóstolos, fazendo-os entender que entregaram o valor total da venda, quando na verdade era apenas uma parte. Eles chegaram com muita firmeza, grande demonstração de devoção e religiosidade, como os outros, e depositaram o dinheiro *aos pés dos apóstolos* (v. 2) como se fosse o total. Eles dissimularam com Deus e seu Espírito, com Cristo e sua igreja e ministros. Foi este o pecado deles.

II O indiciamento de Ananias que comprovou a sua condenação e execução por este pecado. Quando ele levou o dinheiro, esperava ser elogiado e aprovado, como os outros o foram, mas Pedro o censurou. Sem investigar ou interrogar testemunhas relacionadas ao caso, o apóstolo o acusou categoricamente do crime. A seguir, agravou o crime, aumentando-lhe a culpa e mostrando-lhe o delito em suas verdadeiras cores (vv. 3,4). O Espírito de Deus em Pedro revelou o fato sem qualquer informação (quando talvez ninguém mais no mundo o soubesse, exceto Ananias e sua mulher) e discerniu o princípio de infidelidade predominante do coração de Ananias, instaurando imediatamente processo contra ele. Se tivesse sido um pecado de fraqueza, pela surpresa de uma tentação, Pedro teria levado Ananias para o lado, mandado que fosse para casa buscar o restante do dinheiro e recomendado que se arrependesse da tolice de tentar ludibriá-los. Mas ele sabia que *o coração* de Ananias estava *inteiramente disposto para praticar o mal* (Ec 8.11), por isso não lhe deu chance para se arrepender. Pedro aqui mostrou:

1. A origem do pecado de Ananias: *Encheu Satanás o teu coração* (v. 3). O diabo não só lhe sugeriu o pecado e o colocou na cabeça, mas também o instigou firmemente que o fizesse. Tudo que for contrário ao bom Espírito procede do mau espírito, e tais corações são cheios por Satanás nos quais a mundanalidade reina e tem ascendência. Certos estudiosos afirmam que Ananias era um dos que tinham recebido o Espírito Santo e foi cheio dos seus dons. Contudo, tendo provocado o Espírito, este se retirou dele. Agora Satanás encheu o seu coração, semelhantemente quando *o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e o assombrava um espírito mau, da parte do Senhor* (1 Sm 16.14). Satanás é um espírito de mentira, como o foi na boca dos profetas de Acabe (2 Cr 18.21), assim foi na boca de Ananias, com isso dando a entender que ele encheu o seu coração.

2. O pecado de Ananias: Ele mentiu *ao Espírito Santo* (v. 3). Era um pecado de natureza extremamente hedionda, do qual ele não poderia ter sido culpado caso Satanás não lhe tivesse enchido o coração.

(1) Certos eruditos traduzem a frase: *para que mentisses ao Espírito Santo, pseusasthai se to pneuma to hagion*, por: "para que desmentisses o Espírito Santo". Essa tradução pode ser analisada de duas maneiras: [1] Ananias desmentiu o Espírito Santo que nele estava. Esta é a opinião do Dr. Lightfoot ao supor que Ananias não era um crente leigo, mas um ministro, um dos cento e vinte que receberam o dom do Espírito Santo (pois ele é mencionado imediatamente depois de Barnabé). Todavia, ele ousa, por dissimulação, desmentir e envergonhar esse dom. Outra sugestão é que os que tinham vendido suas propriedades e depositado o dinheiro aos pés dos apóstolos, o fizeram por impulso especial do Espírito Santo, o qual os capacitou a agir de modo tão grandioso e generoso. Ananias fingiu que foi movido pelo Espírito Santo para fazer o que fez. Em seu ato vil, ele não estava sob a influência do bom Espírito, pois, caso estivesse, teria sido uma obra perfeita. [2] Ananias desmentiu o Espírito Santo que estava nos apóstolos, a quem ele levou o dinheiro. Ele deturpou o Espírito pelo qual eles eram movidos, quer por suspeita de que eles não seriam fiéis na distribuição das ofertas confiadas a eles (pensamento infame, como se eles fossem falsos à responsabilidade assumida), ou por certeza de que eles não descobririam a fraude. Ele desmentiu o Espírito Santo quando, pelo que fez, teria pensado que os que são dotados com os dons do Espírito Santo podem ser facilmente enganados como outros. Foi o que pensou Geazi, a quem seu senhor o convenceu do erro por esta palavra: *Porventura, não foi contigo o meu coração*? (2 Rs 5.26). Foi a acusação feita contra a casa de Israel e Judá, pois quando, como Ananias, agiram traiçoeiramente, desmentiram o Senhor, dizendo: *Não é ele* (Jr 5.11,12). Ananias pensou que os apóstolos eram exatamente como ele, desmentindo dessa forma o Espírito Santo que neles estava. Não imaginou que o Espírito Santo os orientava a discernir os espíritos uma vez que todos tinham os dons do Espírito, enquanto outros cristãos os receberam separadamente (veja 1 Co 12.8-11). Os que fingem ter a inspiração do Espírito, enganando a igreja com suas próprias fantasias, seja de opinião ou de prática, que afirmam que são movidos pelos céus quando na verdade agem por orgulho, cobiça ou simulação de poder, desmentem o Espírito Santo.

(2) Mas lemos a frase grega assim: *Para que mentisses ao Espírito Santo* (v. 3), cuja leitura é apoiada pelo versículo seguinte: *Não mentiste aos homens, mas a Deus* (v. 4). [1] Ananias contou uma mentira, uma mentira deliberada, com o propósito de enganar. Ele disse para Pedro que tinha vendido uma *propriedade* (v. 1; casa ou terras) e este era o valor da venda. Talvez tivesse se expressado em palavras que possibilitassem um significado duplo, usado equivocações a respeito, na intenção de disfarçar o assunto um pouco e isentá-lo da culpa de uma mentira franca. Ou quem sabe não disse nada. Seja como for, o resultado é o mesmo. Ele fez como os demais que levaram o valor total do que venderam para dar a impressão de estar fazendo o mesmo e receber os elogios que os outros receberam, além de receber o mesmo privilégio e acesso ao fundo público. A ação era uma declaração implícita de que ele levou o valor total. Mas isso era mentira,

porque ele guardara uma parte do que arrecadara. Veja que muitos são levados a mentir grosseiramente por orgulho dominante e presunção do aplauso dos homens, em especial nas obras de caridade para os pobres. Que não haja em nós lugar para o orgulho de um falso dom dado a nós ou dado por nós (Pv 25.14), e que nem nos orgulhemos de um verdadeiro dom, que foi o que nosso Salvador quis dizer com esta advertência sobre obras de caridade: *Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita* (Mt 6.4). Os que se orgulham das obras que nunca praticaram ou que não cumprem com a promessa de praticar boas obras ou ainda que pensam que suas obras são melhores do que, de fato, são, permanecem na mentira de Ananias. E como devemos temer as conseqüências dessa mentira! [2] Ananias contou esta mentira *ao Espírito Santo* (v. 3). O dinheiro não foi levado tanto aos apóstolos quanto foi ao Espírito Santo que neles estava: *Não mentiste aos homens* (não somente aos homens, não principalmente aos homens, embora os apóstolos fossem meros homens), *mas a Deus* (v. 4). Portanto, deduzimos que o Espírito Santo é Deus, pois quem mente ao Espírito Santo mente a Deus. "Dos que mentiram aos apóstolos, movidos e agindo pelo Espírito de Deus, é dito que mentem a Deus, porque os apóstolos agiram pelo poder e autoridade de Deus. Daí, concluímos (como o Dr. Whitby bem observa) que o poder e a autoridade do Espírito são o poder e a autoridade de Deus." E, como ele argumenta mais adiante: "Ananias mentiu a Deus, porque ele mentiu ao Espírito que estava nos apóstolos que os capacitou a discernir os segredos do coração e ações dos homens. Como propriedade exclusiva de Deus, aquele que mente para ele tem de mentir a Deus, porque mente àquele que tem a propriedade incomunicável de Deus, e, por conseguinte, a essência divina".

3. As agravações do pecado de Ananias: *Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder?* (v. 4), que podem ser entendidas de duas maneiras: (1) "Tu não estavas sendo tentado a reteres *parte do preço* (v. 2). Antes que a *propriedade* fosse vendida era tua. Não estava hipotecada, onerada a impostos, nem presa por dívidas. Quando foi vendida, estava em teu poder dispor do dinheiro conforme quisesses, de forma que podias dar o total ou uma parte. Tu não tinhas dívidas a pagar, talvez nem filhos a sustentar; de forma que não havia nenhum induzimento em particular que te influenciasse a reteres *parte do preço*. Tu foste transgressor sem causa." Ou: (2) "Tu não tinhas necessidade de vender tuas terras, nem de levar o dinheiro aos pés dos apóstolos. Tu podias ter guardado o dinheiro e as terras, se quisesses, e nunca haver fingido este teatro de perfeição." Como regra de caridade, o apóstolo Paulo preconiza que as pessoas não sejam pressionadas e nem exigidas como por necessidade, *porque Deus ama ao que dá com alegria* (2 Co 9.7). Filemom tinha de fazer o *benefício não* [...] *como por força, mas voluntário* (Fm 14). Como *melhor é que não votes do que votes e não pagues* (Ec 5.5), assim melhor teria sido que Ananias não tivesse vendido suas terras do que ter retido *parte do preço*; que não tivesse fingido fazer a boa obra do que tê-la feito pela metade. "Quando a propriedade foi *vendida*, [...] *estava em teu poder* (v. 4), mas quando foi votada, não *estava* mais *em teu poder*: tu abriste a boca ao Senhor, e não podias voltar atrás." Quando entregamos nosso coração a Deus, não se admite que o dividamos. Satanás, como a mãe cujo filho não era seu, aceitaria a metade; mas Deus terá tudo ou nada.

4. Ananias é culpado de todas estas acusações com os agravantes supramencionados: *Por que formaste este desígnio em teu coração?* (v. 4). Veja que, embora Satanás lhe tivesse enchido o coração para mentir, o apóstolo declara que Ananias o designou no coração, o que mostra não podermos abrandar nossos pecados pondo a culpa no diabo. Ele tenta, mas não pode forçar. *Cada um* de nós *é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência* (Tg 1.14). É o pecador que concebe no próprio coração a coisa má que é dita ou feita. Portanto, *se fores escarnecedor, tu só o suportarás* (Pv 9.12). O encerramento da acusação é muito grave, mas igualmente justo: *Não mentiste aos homens, mas a Deus* (v. 4). Veja como o profeta enfatiza a acusação feita contra Acaz: *Pouco vos é afadigardes os homens, senão que ainda afadigareis também ao meu Deus?* (Is 7.13). E Moisés na acusação feita contra Israel: *As vossas murmurações não são contra nós, mas sim contra o Senhor* (Êx 16.8). O mesmo ocorre aqui: "Tu podias nos enganar, pois somos homens como tu, mas *não erreis: Deus não se deixa escarnecer* (Gl 6.7)". Se pensarmos que conseguimos trapacear Deus, constataremos que no fim das contas teremos trapaceado fatalmente a nós mesmos.

III A morte e o sepultamento de Ananias (vv. 5,6).

1. Ananias morreu imediatamente: *Ananias, ouvindo estas palavras* (v. 5), emudecido, no mesmo sentido que ficou sem fala aquele que foi acusado de adentrar a festa de casamento sem a roupa nupcial (Mt 22.12). Nada teve a dizer em sua defesa. Mas isso não foi tudo. Ele foi atacado de mudez, na presença de uma testemunha, porque foi ferido de morte: Ele *caiu e expirou*. Ao que parece, Pedro não intentou nem esperava que a morte sobreviesse a Ananias após proferir aquelas palavras. Mas é provável que intentasse e esperasse que Safira, a esposa de Ananias, morresse, pois lhe falou especificamente de morte (v. 9). Certos estudiosos entendem que um anjo feriu Ananias, matando-lhe, como sucedeu com Herodes (cap. 12.23). Ou pode ser que a sua própria consciência o feriu com tamanho horror e estupefação ao sentir o peso da culpa que ele sucumbiu e morreu. E, talvez, quando permaneceu sob a convicção de ter mentido ao Espírito Santo, a lembrança da imperdoabilidade da *blasfêmia contra o Espírito Santo* (Mt 12.31) o golpeou como um punhal no coração. Veja o poder da palavra de Deus que havia na boca dos apóstolos. Como para algumas pessoas era *cheiro de vida para vida*, assim para outras era *cheiro de morte para morte* (2 Co 2.16). Como há aqueles a quem o evangelho justifica, assim há aqueles a quem ele condena. Este castigo de Ananias pode parecer severo, mas estamos certos de que foi justo. (1) O castigo tinha o propósito de preservar a honra do Espírito Santo, que fora recentemente derramado sobre os apóstolos para estabelecer o reino do evangelho. Ananias afrontou grandemente o Espírito Santo, como se fosse possível enganá-lo. Havia a tendência direta de invalidar o testemunho dos apóstolos, pois se, pelo Espírito, eles não descobrissem esta fraude, como, por este mesmo Espírito, descobririam as coisas profundas de

Deus, as quais tinham de revelar aos filhos dos homens? Era necessário que o crédito dos dons e talentos dos apóstolos fosse defendido, ainda que a este custo. (2) O castigo tinha o propósito de intimidar outras pessoas igualmente presunçosas, agora que esta dispensação começava. Mais tarde, Simão, o Mágico, e Elimas, o Encantador, não foram castigados. Ananias foi feito de exemplo neste princípio de dispensação para mostrar que, como há provas irrefutáveis de que é consolador receber o Espírito, também há provas irrefutáveis de que é perigoso resistir ao Espírito e menosprezá-lo. A adoração ao bezerro de ouro e o ajuntamento de lenha no dia de sábado foram castigados com extremo rigor, pois fazia pouco tempo que os israelitas haviam recebido as leis do segundo e quarto mandamento. A oferta de fogo estranho feita por Nadabe e Abiú e o motim de Corá e seu grupo também foram castigados com extremo rigor, pois fazia pouco que fogo do céu havia caído e que a autoridade de Moisés e Arão havia sido estabelecida. A atitude de Pedro, o discípulo que negou o Mestre recentemente, mostra que sua ação não foi fundamentada no ressentimento de uma injustiça que lhe fora feita, pois ele, que errara, teria sido tolerante com aqueles que o ofendessem; ele, que se arrependera e fora perdoado, teria perdoado essa afronta e se empenhado em levar o ofensor ao arrependimento. Esse foi, portanto, um ato do Espírito de Deus em Pedro: a indignidade foi feita ao Espírito e por Ele o castigo foi executado.

2. Ananias foi sepultado imediatamente, pois este era o costume entre os judeus: *Os jovens* (v. 6), provavelmente nomeados na igreja para a função de sepultar mortos, como havia entre os romanos os *libitinarii* e os *polinctores*, ou eram *os jovens* que estavam a serviço dos apóstolos, *cobriram o* corpo *morto* com mortalhas *e, transportando-o para fora* da cidade, *o sepultaram* decentemente, embora tivesse morrido em pecado e por golpe imediato da vingança divina.

IV O ajuste de contas com Safira, mulher de Ananias, que talvez tenha sido a primeira na transgressão e tentado seu marido a comer este fruto proibido. Ela *entrou* (v. 7) no lugar onde os apóstolos estavam. Deduzimos que era o Alpendre de Salomão, pois ali os encontramos (v. 12), e consistia numa parte do templo onde Jesus costumava passear (Jo 10.23). Ela *entrou* [...] *passando um espaço de quase três horas*, esperando tomar parte nos agradecimentos da casa por sua entrada e consentindo na venda das terras, nas quais ela tinha direito ao dote ou a terça parte. Ela *não* sabia *o que havia acontecido*. É estranho que ninguém tivesse ido à sua casa para lhe contar da morte súbita do seu marido a fim de que ela se mantivesse afastada. Talvez alguém o tivesse feito, mas ela não estava em casa. Quando ela se apresentou diante dos apóstolos como benfeitora para o fundo da igreja, deparou-se com infração e não com bênção.

1. A culpa de Safira na participação do pecado de Ananias, seu marido, foi comprovada por uma pergunta que Pedro lhe fez: *Dize-me, vendestes por tanto aquela herdade?* (v. 8), citando a soma que Ananias trouxera e depositara aos pés dos apóstolos. "Isto foi tudo que vós recebestes pela venda das terras? Não recebestes nada mais por isso?" "Não", respondeu ela. "Não recebemos nada mais. Isto foi cada centavo que recebemos." Ananias e sua esposa concordaram em contar a mesma história e, visto que o acordo foi feito em particular e por consentimento mútuo mantido em segredo, ninguém poderia contestá-los. Pensaram que conseguiriam sustentar a mentira e com isso ganhar crédito. É triste ver que as relações que deveriam incentivar as pessoas para o que é bom fortalecem para o que é mau.

2. Pedro profere a sentença de Safira: Ela participará do destino de Ananias, seu marido (v. 9).

(1) Pedro revela o pecado de Safira: *Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor?* (v. 9). Antes de proferir a sentença, ele faz com que ela conheça as abominações que cometeu e lhe mostra o mal do pecado cometido. Observe: [1] Ananias e Safira tentaram o Espírito do Senhor, como os israelitas tentaram Deus no deserto, quando disseram: *Está o Senhor no meio de nós, ou não?* (Êx 17.7), depois de terem visto tantas provas miraculosas do poder divino; não só a sua presença, mas a sua presidência, quando disseram: *Poderá Deus, porventura, preparar-nos uma mesa no deserto?* (Sl 78.19). O mesmo ocorre aqui: "O Espírito Santo que está nos apóstolos pode descobrir esta fraude? Será que eles conseguirão discernir que esta é somente uma parte do preço, quando lhes falarmos que é o total?" *Porventura, julgará* [*Deus*] *por entre a escuridão?* (Jó 22.13). Eles viram que os apóstolos tinham o dom de línguas. Mas será que tinham o dom de discernir os espíritos? Os que presumem que estão seguros e impunes ao pecado tentam o Espírito de Deus. Eles tentam Deus como se fosse exatamente um deles. [2] Ananias e Safira tomaram juntos essa decisão, transformando o laço do casamento (o qual pela instituição divina é um laço sagrado) em laço de iniqüidade. É difícil dizer qual é o pior entre cônjuges e outras relações – o desacordo no bem ou o acordo no mal. Pelo visto, a concordância em praticarem o mal juntos denota que foi mais uma forma de tentarem o Espírito. Era como se, quando eles combinaram guardar segredo da resolução tomada sobre este assunto, nem mesmo o Espírito do Senhor pudesse descobrir. Eles queriam *esconder profundamente o seu propósito do Senhor* (Is 29.15), mas acabam vendo que isso é impossível. "Como é que sois tão cegos? Que estupidez bizarra se apoderou de vós a ponto de arriscardes a fazer prova do que está acima de contestação? Como é que vós, cristãos batizados, não sabíeis disso? Como ousais correr risco tão grande?"

(2) Pedro profere o destino de Safira: *Eis aí à porta os pés* (talvez ele tivesse ouvido os passos se aproximando ou soubesse que os jovens não estavam longe) *dos que sepultaram o teu marido, e também te levarão a ti* (v. 9). Como Adão e Eva, que concordaram em comer o fruto proibido, foram expulsos juntos do paraíso, assim Ananias e Safira, que concordaram em tentar o Espírito do Senhor, foram afugentados juntos do mundo.

3. A própria sentença se executa a si mesma. Não houve necessidade de executor, pois um poder mortal apoiou a palavra de Pedro, como acontece às vezes com o poder curador. O Deus, em cujo nome o apóstolo falou, mata e faz viver, e da sua boca (neste momento, Pedro era sua boca) sai o mal e o bem (Dt 32.29; Lm 3.38). *E logo* Safira *caiu aos seus pés e expirou* (v. 10). Com alguns peca-

dores Deus trata imediatamente, ao passo que com outros Ele é paciente. Claro que há boas razões para essa diferença, mas Ele não nos deve explicações a respeito dos seus atos. Somente agora ela ficou sabendo que o seu marido havia morrido. A descoberta do seu pecado e a sentença de morte vieram sobre ela como um raio e a levaram embora como em um vendaval. Há muitos exemplos de morte súbita que não devem ser considerados castigo de algum pecado medonho, como sucedeu aqui. Não devemos pensar que todos os que morrem de repente sejam mais pecadores que os outros. Talvez seja um ato de generosidade o fato de terem uma passagem rápida. Não obstante, faz bem que todos sempre estejamos preparados. Mas aqui está claro que a morte foi causada por um ato de julgamento. Certos eruditos levantam a questão relativa ao estado eterno de Ananias e Safira e se inclinam a pensar que a *destruição da carne* ocorreu *para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus* (1 Co 5.5). Eu me associaria à essa visão, caso tivessem recebido oportunidade para arrepender-se, como aconteceu com o coríntio incestuoso. Mas as coisas secretas não nos pertencem. Ela *caiu aos* [...] *pés* de Pedro, onde deveria ter depositado o preço total da venda, mas não o fez. A própria Safira fez seu depósito, como que a completar a parte faltante. *Entrando os jovens* que cuidavam dos serviços e funerários, *acharam-na morta.* Eles não cobriram o corpo morto como fizeram com Ananias (v. 6), mas a transportaram do jeito que estava *e a sepultaram junto de seu marido.* Provavelmente colocaram lápides nas sepulturas, sugerindo que eram monumentos conjuntos da ira divina contra os que mentem ao Espírito Santo. Há quem pergunte se os apóstolos aceitaram o dinheiro que o casal trouxe. Estou inclinado a pensar que sim. Eles não tinham a superstição dos que diziam: *Não é lícito* metê-lo *no cofre das ofertas* (Mt 27.6), pois *todas as coisas são puras para os puros* (Tg 1.15). O que eles levaram não estava contaminado para aqueles a quem eles levaram; mas o que eles retiveram estava contaminado para os que o retiveram. Moisés e os sacerdotes usaram os incensários dos amotinados de Corá (Nm 16.36-40).

V A impressão que este fato causou no povo. Enquanto a história transcorria, o povo tomava conhecimento dela: *E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram* (v. 5), que ouviram o que Pedro disse e viram o que se seguiu; ou *sobre todos os que* [...] *ouviram* a história, pois não há dúvida de que era o assunto da cidade inteira. E novamente: *E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas* (v. 11). 1. Veio sobre os que tinham se unido à igreja um grande medo de Deus e seus julgamentos e também uma reverência maior pela dispensação do Espírito na qual agora se encontravam. Não foi um desalento ou coibição à alegria santa que tinham, mas lhes ensinou a serem sérios na alegria e se alegrarem com tremor. Depois destes acontecimentos, todos os que depositaram o dinheiro aos pés dos apóstolos tinham medo de reter qualquer parte do preço. 2. Todos que ouviram a história ficaram atemorizados e estavam prontos a dizer: *Quem poderia estar em pé perante o Senhor, este Deus santo,* e o seu Espírito que está nos apóstolos? (1 Sm 6.20).

O Progresso do Evangelho

vv. 12-16

Temos aqui o relato do progresso do evangelho a despeito deste terrível julgamento que dois hipócritas receberam.

I Este é o relato geral dos milagres que os apóstolos fizeram: *E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos* (v. 12), muitos milagres de misericórdia para um de juízo. Agora o poder do evangelho voltou ao seu curso de ação próprio, ao canal de misericórdia e graça. Deus saíra do seu lugar para castigar, mas agora retorna ao seu lugar, ao propiciatório – o assento da misericórdia. Os milagres que os apóstolos fizeram comprovaram sua missão divina. Não foram poucos milagres, mas *muitos,* de diversos tipos e muitas vezes repetidos. Eram *sinais e prodígios,* maravilhas a ponto de serem reconhecidamente sinais da presença e poder divinos. Não foram milagres feitos às ocultas, mas abertamente entre o povo, que tinha a liberdade de investigá-los. Se tivesse havido fraude ou conluio, o povo teria descoberto.

II Os efeitos que estes milagres realizados pelos apóstolos causaram.

1. Estes milagres fizeram a igreja se manter unida e firme em sua lealdade aos apóstolos e uns aos outros: *E* [...] *todos* da igreja *estavam* [...] *unanimemente no alpendre de Salomão* (v. 12). (1) Eles se reuniam no templo, ao ar livre, no lugar chamado *alpendre de Salomão.* É estranho que os administradores do templo permitissem que os crentes fizessem a reunião ali. Mas Deus inclinou o coração dos responsáveis para tolerar os crentes por algum tempo a fim de facilitar a propagação do evangelho. Os que permitiam compradores e vendedores não puderam, por vergonha, proibir tais pregadores e realizadores de milagre. Todos se reuniam em adoração pública. Constatamos que a instituição de reuniões religiosas era observada desde o início na igreja, prática que de jeito nenhum deve ser diminuída ou abandonada. As reuniões promovem a continuação da confissão religiosa. (2) Eles se reuniam no templo permanecendo *unânimes* na doutrina, adoração e disciplina. Não havia descontentes nem murmuradores com a morte de Ananias e Safira, como houve contra Moisés e Arão sobre a morte de Corá e sua congregação: *Vós matastes o povo do Senhor* (Nm 16.41). A separação dos hipócritas, por julgamentos distintivos, faz os sinceros apegarem-se mais uns aos outros e serem mais fiéis ao ministério do evangelho.

2. Por estes milagres, os apóstolos, que eram os primeiros-ministros no Reino de Cristo, passaram a ser ainda mais respeitados. (1) Os outros ministros mantiveram distância: *Quanto aos outros* de seu grupo, *ninguém ousava ajuntar-se com eles* (v. 13), na qualidade de colegas ou companheiros. Embora outros de seu grupo tivessem sido dotados com o Espírito Santo e falassem em línguas, nenhum deles neste momento fazia *sinais e prodígios* grandiosos como os apóstolos. Desta forma, eles reconheciam a superioridade dos apóstolos, e em tudo se submetiam a eles. (2) Todo *o povo tinha* os

apóstolos *em grande estima* (v. 13), mostrava extrema reverência, falava deles com muito respeito e os representava como os preferidos dos céus e os portadores de bênçãos indizíveis para esta terra. Embora os principais dos sacerdotes os vilipendiassem e fizessem de tudo para torná-los desprezíveis, isso não bastou para impedir que *o povo* os tivesse *em grande estima*, que visse os fatos sob a verdadeira luz. Note que os apóstolos estavam longe de se considerarem em *grande estima*. Eles eram muito cuidadosos e fiéis em transmitiam a glória de tudo que faziam a Jesus. Mesmo assim, *o povo tinha-os em grande estima*, pois os que se humilham serão exaltados, e os honrados serão os que honram somente a Deus.

3. A igreja aumentou em número: *A multidão dos que criam no Senhor* (v. 14) e, sem dúvida, se uniram à igreja, quando viram que Deus estava verdadeiramente nisso, *crescia cada vez mais*, formando uma *multidão* [...] *tanto* de *homens como* de *mulheres*. O povo estava longe de ser intimidado pelo tratamento exemplar dado ao caso de Ananias e Safira. Pelo contrário, o incidente atraiu o povo a uma sociedade que detinha tal disciplina rígida. Observe: (1) Os que crêem no Senhor Jesus unem-se a Ele e, assim, unem-se ao seu corpo místico, do qual nada pode nos separar e nos excluir, a não ser aquilo que nos separa e nos exclui de Cristo. Muitos são levados ao Senhor, e ainda há lugar para outros se unirem a Ele, fazendo crescer o número dos que a Ele se achegam. Esse crescimento continuará até que o mistério de Deus termine e o número dos eleitos se complete. (2) O texto sacro ressalta a conversão de *mulheres* bem como de *homens*. A observação é mais interessante por se tratar de igreja judaica, na qual eles não receberam o sinal da circuncisão nem foram obrigados a participar das festas solenes. O Pátio das Mulheres era um dos pátios externos do templo. Mas, como ocorreu entre os que seguiram Jesus quando Ele estava na terra, assim entre os que criam nele depois que Ele foi para o céu, grande atenção é dada às mulheres piedosas.

4. Os apóstolos tinham muitos pacientes e ganharam boa reputação para si e para a doutrina através da cura de todos esses pacientes (vv. 15,16). Os *sinais e prodígios* [...] *feitos* [...] *pelas mãos dos apóstolos* (v. 12) eram tantos que todo tipo de pessoa se apresentava para ser abençoada, tanto em cidades quanto em países, e tais pessoas não deixavam de receber a bênção. (1) Nas cidades: As pessoas *transportavam os enfermos para as ruas* (v. 15), pois é provável que os sacerdotes não permitissem que *os enfermos* fossem levados ao Alpendre de Salomão no templo, e os apóstolos não tinham tempo para ir à casa de cada um deles. E as pessoas *os punham em leitos e em camilhas* (porque estavam fracos demais para andar ou ficar de pé), *para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles*, ainda que não alcançasse a todos. Ao que parece, este procedimento teve o efeito desejado, como teve o toque da mulher na orla das vestes de Jesus. Nisto, entre outras coisas, cumpriu-se a palavra de Jesus: *Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas* (Jo 14.12). Deus expressa seu cuidado ao seu povo sendo Ele a sombra à direita do seu povo (Sl 121.5). A influência benigna de Jesus como rei é comparada à *sombra de uma grande rocha* (Is 32.2). Pedro se coloca entre os pacientes e o sol, e assim os cura, os priva de depender da suficiência humana, para que esperem somente na ajuda daquele Espírito de graça com o qual ele foi cheio. Se tais milagres foram feitos pela *sombra de Pedro*, temos razão para pensar que o mesmo ocorreu com os outros apóstolos. Estes milagres eram semelhantes aos feitos por intermédio dos lenços e aventais do corpo de Paulo (cap. 19.12). É claro que em ambas as situações havia na mente efetiva dos apóstolos a intenção de curar. Portanto, é absurdo deduzir que haja virtude curativa nas relíquias de santos que estão mortos. Não temos registro histórico de curas ocorridas pelas relíquias do próprio Jesus, depois que Ele ascendeu, pois certamente o teríamos caso tivesse havido alguma. (2) Nas cidades do interior: Multidões *das cidades circunvizinhas* (v. 16) iam *a Jerusalém, conduzindo enfermos*, fisicamente doentes, *e atormentados de espíritos imundos*, mentalmente doentes, *os quais todos eram curados*. Os corpos afligidos por doenças diversas e as mentes perturbadas foram restaurados. Assim, por meio destes milagres de origem divina, os apóstolos tiveram a oportunidade de convencer o bom senso do povo da doutrina que eles anunciavam, além de prender o sentimento do povo a eles e à doutrina. Era um exemplo da tendência benéfica da doutrina de Jesus para o bem-estar deste mundo mau.

Os Apóstolos São Presos. Os Apóstolos São Libertados por um Anjo. A Decepção do Conselho

vv. 17-25

Nunca uma boa obra prosseguiu com esperança de sucesso sem encontrar oposição. Não há meio de as pessoas propensas a prejudicar se reconciliarem com quem têm a função de fazer o bem. Satanás, o destruidor do gênero humano, sempre foi e sempre será adversário de quem for o benfeitor do gênero humano. Teria sido estranho se os apóstolos tivessem prosseguido a ensinar e curar sem terem tido nenhum contratempo. Nestes versículos, temos a malignidade do inferno e a graça do céu lutando por eles, um para afastá-los desta boa obra, o outro para incentivá-los nela.

I Os sacerdotes ficaram enfurecidos com os apóstolos e os meteram na prisão (vv. 17,18). Observe: 1. Quem eram os inimigos e perseguidores dos apóstolos. O líder do grupo era o sumo sacerdote Anás ou Caifás, que viu sua riqueza, dignidade, poder e tirania, ou seja, tudo o que tinha, em risco e inevitavelmente perdido, se a doutrina espiritual e divina de Jesus se firmasse e prevalecesse entre o povo. Os membros *da seita dos saduceus* foram os primeiros a se unir nesse empreendimento com o sumo sacerdote, pois cultivavam uma inimizade peculiar ao evangelho de Cristo, que confirmava e estabelecia a doutrina do mundo invisível, a ressurreição dos mortos e o estado futuro que eles negavam. Não é estranho que homens sem religião sejam fanáticos em se opor à religião pura e verdadeira. 2. Como os inimigos dos apóstolos foram afetados por eles, insatisfatoriamente afetados, e

exasperados ao extremo. Quando ouviram e viram as multidões que se reuniam em torno dos apóstolos, e como estavam ganhando respeitabilidade, eles se levantaram encolerizados. Não tolerariam mais essa situação e estavam decididos a opor-se a isso. Estavam com *inveja* dos apóstolos por pregarem a doutrina de Jesus e curarem os doentes, e com *inveja* do povo por ouvir os apóstolos e levar os doentes a eles para serem curados. Ficaram indignados eles mesmos e com sua própria *seita* por permitir que este assunto fosse tão longe, não tendo acabado com isso já no início. Assim os inimigos de Jesus e do evangelho se atormentam a si mesmos. *O zelo mata o tolo* (Jó 5.2). 3. Como os inimigos dos apóstolos instauraram processo contra eles: Eles *lançaram mão dos apóstolos* (v. 18), talvez com as próprias mãos (a que extremo sua malignidade os fez se rebaixarem), ou, mais propriamente, as mãos dos seus funcionários, *e os puseram na prisão pública*, entre os piores malfeitores. Com este procedimento, eles intentavam: (1) Restringir a ação dos apóstolos. Embora eles não tivessem conseguido incriminá-los de algo merecedor de morte ou de prisão, enquanto os mantivessem presos, a obra dos apóstolos ficaria paralisada, ponto que consideravam importante. Já no início da igreja os embaixadores de Cristo eram aprisionados. (2) Amedrontar os apóstolos para afastá-los da obra. A última vez que eles estiveram na presença do Sinédrio, seus integrantes só os ameaçaram (cap. 4.21). Agora, sabendo que isto não deu certo, eles os encarceraram para que ficassem com medo. (3) Degradar os apóstolos. Eles resolveram trancafiá-los *na prisão pública* para que, sendo vilipendiados dessa maneira, o povo deixasse de ter respeito por eles como vinha fazendo. Satanás continua em seu intento de combater o evangelho, fazendo com que os pregadores e mestres desta doutrina se mostrem desprezíveis.

II Deus enviou o seu anjo para libertar os apóstolos da prisão e renovar a comissão de pregar o evangelho. Os poderes das trevas lutam contra eles, mas o Pai das luzes luta por eles e envia um anjo de luz para defender a causa deles. O Senhor nunca abandonará suas testemunhas, seus defensores, mas sempre estará do lado deles e os sustentará.

1. Os apóstolos são soltos, legalmente soltos, da prisão: *Mas, de noite, um anjo do Senhor* (v. 19), a despeito de todas as fechaduras e grades atrás das quais eles estavam, *abriu as portas da prisão* e, apesar de toda a vigilância e determinação dos *guardas, que estavam fora, diante das portas* (veja v. 23), tirou os prisioneiros *para fora*, deu-lhes autoridade para sair sem crime e os conduziu passando por toda situação oposta. Esta soltura não é narrada com tantos pormenores como a de Pedro (cap. 12.7ss.). Mas o milagre foi exatamente o mesmo. Veja que não há prisão tão escura, tão forte que Deus não apenas faça uma visita aos seus filhos, mas, se lhe apraz, os tire de lá. Esta libertação dos apóstolos da prisão por um anjo se assemelha à ressurreição de Jesus e sua libertação da prisão da sepultura e ajuda a confirmar a pregação dos apóstolos a esse respeito.

2. Os apóstolos são incumbidos, legalmente incumbidos, de continuar a obra para serem isentados da proibição que o sumo sacerdote impôs sobre eles. O anjo lhes ordenou: *Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida* (v. 20). Quando foram milagrosamente postos em liberdade, não era para que salvassem a vida fugindo das mãos dos inimigos. De modo algum! Era para que prosseguissem fazendo a obra com mais ousadia. Deus cura nossas doenças e nos liberta das dificuldades. Estas são bênçãos que Ele infalivelmente nos dá, não para que desfrutemos o bem-estar de nossa vida, mas para que Deus seja honrado com o serviço de nossa vida. *Viva a minha alma e louvar-te-á; ajudem-me os teus juízos* (Sl 119.175). *Tira a minha alma da prisão* (como fizeste com os apóstolos nesta narrativa), *para que louve o teu nome* (Sl 142.7; veja Is 38.22). Façamos algumas observações a respeito desta incumbência que os apóstolos receberam: (1) Onde os apóstolos têm de pregar: *Dizei* [...] *no templo* (v. 20). Há quem pense que, sem deixar de servirem ao Senhor, teria sido mais prudente os apóstolos continuarem fazendo a obra em um lugar mais reservado, onde seria menos ofensivo aos sacerdotes, e não *no templo*, para que não se expusessem tanto. Nada disso. "*Dizei* [...] *no templo*, pois esse é o lugar da reunião, esta é a casa de vosso Pai, e até agora não deve ficar deserta." Os pregadores do evangelho de Jesus não devem se retirar e se esconder quando tiverem a oportunidade de pregar na grande congregação. (2) A quem os apóstolos têm de pregar: "*Dizei ao povo* (v. 20), não aos príncipes e governantes, porque eles não ouvirão. *Dizei ao povo*, pois este está disposto e desejoso de ser instruído, e cuja alma é muito preciosa para Cristo, devendo também ser preciosa para vós, como as almas dos maiores. *Dizei ao povo*, a todos em geral, pois esta mensagem interessa a todos". (3) Como os apóstolos têm de pregar: *Ide, apresentai-vos* [...] *e dizei* (v. 20). Isso mostra que eles devem falar publicamente e com ousadia para que todos ouçam: *Apresentai-vos* [...] *e dizei*, quer dizer: "Falai como alguém que se mantém firme no que prega e que vive e morre por isso". (4) O que os apóstolos têm de falar: *Todas as palavras desta vida* (v. 20). Acerca *desta vida* que vós tendes falado entre vós, querendo dizer, talvez, as reuniões que faziam tratando das coisas celestiais e o incentivo que recebiam uns dos outros na prisão: "*Ide* e pregai esse mesmo tema ao mundo para que outros sejam consolados *com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus* (2 Co 1.4)". Ou: "*Desta vida* que os saduceus negam e, por isso, vos perseguem. Pregai sobre esta *vida*, mesmo que saibais que essa questão os enraiveça". Ou: "*Desta vida* enfaticamente, esta *vida* celeste e divina em comparação com esta vida terrena que não merece o nome". Ou: "*As palavras desta vida*, as mesmas que vós pregastes, as palavras que o Espírito Santo puser em vossa boca". Note que as palavras do evangelho são as palavras da vida, palavras que vivificam. Elas são espírito e vida. São palavras pelas quais *devamos ser salvos* (cap. 4.12), *palavras com que* nos salvemos (cap. 11.14). O evangelho são *as palavras desta vida*, pois nos garante os privilégios de nossa vida e da vida dos nossos; é a promessa da vida que agora é como também da que há de vir. A vida espiritual e eterna é esclarecida no evangelho para que seja chamada esta *vida*, pois *a palavra está junto de ti* (Rm 10.8). Note que o evangelho diz respeito a questões de vida e morte. Os ministros têm de anunciá-lo para que o povo o ouça adequadamente. Eles têm de falar *todas as palavras desta vida*, e não esconder nada por

medo de ofender, ou na esperança de agradar os que estão em posição de destaque. As testemunhas de Jesus comprometem-se a falar toda a verdade.

III Os apóstolos continuaram com a obra: *E, ouvindo eles isto* (v. 21), quando os apóstolos ouviram que a vontade de Deus era que continuassem pregando no templo, eles voltaram ao *alpendre de Salomão* (v. 12). 1. Foi com grande satisfação que os apóstolos receberam as novas ordens. Talvez começassem a se questionar, caso ganhassem a liberdade, se deviam voltar a pregar publicamente no templo como vinham fazendo. Afinal, Jesus lhes ordenara: *Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra* (Mt 10.23). Mas agora que o anjo os ordenou a irem pregar no templo, o caminho estava livre. Aventuraram-se sem dificuldade, entraram no templo e não temeram a face do homem. Veja que se não estivermos satisfeitos com nosso dever, nossa obrigação é nos manter firmes e, com alegria, entregar nossa segurança a Deus. 2. Os apóstolos se puseram a obedecer às ordens imediatamente, sem discussão ou demora. Eles *entraram de manhã cedo no templo* (assim que as portas foram abertas e as pessoas começaram a chegar), *e ensinavam* (v. 21) ao povo o Evangelho do Reino. Não temiam nenhum pouco o que os homens pudessem fazer com eles. Esta circunstância era inusitada: o tesouro do evangelho estava inteiramente nas mãos dos apóstolos. Se neste momento eles se calassem, a fonte se fecharia, e toda a obra feita até agora seria em vão e cessaria. Não é esse o caso dos ministros comuns, os quais, por este exemplo, não estão obrigados a se lançar na boca do perigo. Mas quando Deus dá a oportunidade de fazermos o bem, embora estejamos sob a restrição e terror de poderes humanos, devemos nos aventurar e não deixar escapar tal oportunidade.

IV O sumo sacerdote e seu grupo continuaram com a instauração de inquérito: Eles, supondo que os apóstolos estavam na prisão, *convocaram o conselho* (v. 21). Tratava-se de um grande e extraordinário *conselho* visto que *convocaram* [...] *todos os anciãos dos filhos de Israel.*

1. Como o sumo sacerdote e seu grupo estavam preparados e como era grande a expectativa de acabar com o evangelho de Cristo e seus pregadores, pois eles convocaram todo o grande grupo que tinha interesses comuns. A última vez que tiveram os apóstolos em custódia, intimaram-nos apenas diante de um comitê formado por membros da família do sumo sacerdote, os quais eram obrigados a agir com cautela. Mas agora, dando prosseguimento à instauração de processo e agindo com mais autoconfiança, *convocaram*, de uma só vez, *pasan ten gerousian – toda a corporação de anciãos*, que era (diz o Dr. Lightfoot) composta por todos os três tribunais ou bancos de juízes de Jerusalém. Além do grande Sinédrio, que se compunha de setenta anciãos, havia duas outras tribunas judiciais, um julgava junto à porta do pátio externo do templo, e o outro perto da porta interna ou Porta Formosa. Cada um destes dois tribunais era composto de vinte e três juízes. Portanto, se todos atenderam a convocação, há o comparecimento de cento e dezesseis juízes. Deus ordenou assim para que os inimigos ficassem confundidos, para que os apóstolos testemunhassem contra eles de forma mais pública e para que os inimigos ouvissem o evangelho, pois não o ouviriam senão em tribunal. O sumo sacerdote, porém, *nem ainda nisto pôs seu coração* (Êx 7.23). Estava em seu coração reunir todas as forças contra os apóstolos e, por anuência comum, acabar com eles de uma vez por todas.

2. Como o sumo sacerdote e seu grupo foram desapontados e ficaram com o rosto coberto de vergonha: *Aquele que habita nos céus se rirá* [...] *deles* (Sl 2.4), e nós também, ao vermos a seriedade com que o tribunal foi estabelecido. Podemos supor que o sumo sacerdote fez um discurso solene para expor ao tribunal os motivos da convocação. Explicou que uma facção muito perigosa havia se formado recentemente em Jerusalém pela pregação da doutrina de Jesus. Essa pregação, tão necessária para a preservação da igreja (que passava por tremendo perigo de ser extinta), tinha de ser sufocada imediatamente e com eficácia. Estava agora no poder desse distinto tribunal proceder assim, porque os líderes da facção estavam neste momento na prisão pública, aguardando a instauração de inquérito. E, caso o conselho concordasse, deviam proceder com eles com a mais extrema severidade. Enviam imediatamente *servidores* com ordens para trazer os prisioneiros ao tribunal. Mas veremos como ficaram aturdidos. (1) Os *servidores* voltam e contam ao sumo sacerdote e seu grupo que os apóstolos não estão na prisão (vv. 22,23). Da última vez, eles se apresentaram quando foram solicitados (cap. 4.7). Mas agora eles tinham ido embora, e o relatório dado pelos *servidores* é: "*Achamos realmente o cárcere fechado, com toda a segurança* (nada deixara de ser feito para garantir a segurança). *Os guardas* não estavam em falta com seu dever. Quando chegamos, *os guardas* [...] *estavam fora, diante das portas*, convictos de que os prisioneiros estavam presos. Mas, quando entramos, a *ninguém achamos dentro*, isto é, a nenhum dos homens que nos enviastes a buscar". É provável que tenham achado os outros prisioneiros comuns. O texto sacro não informa como o anjo tirou os apóstolos de lá, se foi por uma saída pelos fundos, ou abrindo a porta e trancando-a logo em seguida (permanecendo os guardas adormecidos o tempo inteiro). Seja como for, eles escaparam. O Senhor sabe, ainda que nós não, livrar os piedosos da tentação e soltar os que estão presos por amor do seu nome. E, como aqui, Ele o fará quando for necessário. Ficamos imaginando a confusão que se instalou no tribunal, quando os *servidores* voltaram com este relatório. *Ouvindo* o sumo sacerdote, *o capitão do templo e os principais dos sacerdotes* (v. 24) *estas palavras*, todos ficaram *perplexos* e entreolharam-se, pensando o *que viria a ser aquilo.* Eles estavam extremamente atordoados, sem saber o que dizer, nunca tendo passado por tamanho desapontamento com algo de que estavam tão certos. A situação ocasionou diversas especulações. Uns sugeriram que eles saíram da prisão por encanto, tendo se servido de magia para fugir. Outros, que *os guardas* pregaram uma peça com eles, sabendo quantos amigos estes prisioneiros tinham e o quanto eram benquistos pelo povo. Alguns temeram que, tendo feito essa fuga maravilhosa, os apóstolos ganhariam mais seguidores. Outros receavam que, embora os tivessem talvez enxotado de Jerusalém, eles teriam notícias de que os apóstolos estari-

am em outra parte do país, onde causariam maior dano e, ao mesmo tempo, estariam mais fora do seu poder de deter a propagação desse contágio. Agora aumentava o medo de que em vez de curar o mal eles o tivessem piorado. Note que os que querem perturbar e desconcertar a causa de Cristo são perturbados e desconcertados. (2) A dúvida do sumo sacerdote e seu grupo é, em parte, dirimida. Contudo, o tormento aumenta quando outro mensageiro traz a notícia de que os prisioneiros estão pregando no templo: "*Eis que os homens que encerrastes na prisão* (v. 25) e mandastes trazer ao tribunal *estão*, para vergonha vossa, *no templo*, debaixo do vosso nariz, desafiando-vos, *e ensinam ao povo*". Prisioneiros que fogem da prisão normalmente se escondem por medo de serem capturados. Mas estes prisioneiros que fugiram ousam aparecer no próprio local onde os perseguidores têm a maior influência. Esta ação dos apóstolos os confundiu mais do que tudo. Malfeitores comuns podem ser hábeis a ponto de fugir da prisão. Mas esses são incomuns, pois têm suficiente coragem para declarar francamente o que fazem quando o fazem.

O Aprisionamento dos Apóstolos. Os Apóstolos São Interrogados. O Conselho de Gamaliel

vv. 26-42

O texto sacro não informa o teor do que os apóstolos pregavam ao povo, e foi, sem dúvida, de acordo com a orientação do anjo: *As palavras desta vida* (v. 20). Vejamos o que se passou entre eles e o conselho, pois o poder e a força divina mostraram-se mais em seus sofrimentos do que em sua pregação.

I O aprisionamento dos apóstolos pela segunda vez. Ficamos nos perguntando que se Deus designara que os apóstolos comparecessem diante deste tribunal, "por que eles foram soltos a primeira vez em que foram presos?" O propósito era humilhar o orgulho e deter a fúria dos perseguidores. Agora Deus mostraria que seriam soltos, não porque temessem o julgamento, mas porque estavam prontos a se entregar e comparecer diante do maior dos seus inimigos. 1. *O capitão com os servidores* (v. 26) levaram os apóstolos sem *violência*, com todo o respeito e gentileza. Eles não os arrancaram do púlpito, nem os amarraram, nem os arrastaram à força, mas os abordaram com consideração. Pensaríamos que eles tinham razão em agir assim, em reverência ao templo, o santo lugar, e por medo dos apóstolos, para que não os ferissem, como fizeram com Ananias, ou mandassem fogo do céu sobre eles, como fez Elias. Mas não foi nada disso que lhes reteve a violência. Foi o medo que tinham do *povo*, que reverenciava em extremo os apóstolos e que teria apedrejado *o capitão com os servidores* caso tivessem sido violentos com eles. 2. *O capitão com os servidores* levaram os apóstolos àqueles que sabiam poder usar de violência para com eles e que estavam de fato decididos a tomar medidas violentas: *E, trazendo-os, os apresentaram ao conselho* (v. 27), como delinqüentes. Assim o poder que deveria ter sido um terror para as más obras e os maus obreiros se tornou um terror para o bem.

II Os apóstolos são interrogados. Tendo sido levados diante desta augusta assembléia, o sumo sacerdote, como porta-voz do tribunal, lhes informa quais eram as acusações contra eles (v. 28). 1. Os apóstolos tinham desobedecido às ordens das autoridades e não submeteriam às determinações e proibições dadas: "Nós, em virtude de nossa autoridade, *não vos admoestamos* [...] *expressamente* (v. 28), não vos ordenamos com rigor, sob pena de nosso mais profundo desagrado, *que não ensinásseis nesse nome?* Mas vós desobedecestes às nossas ordens e persististes em pregar não só sem o nosso consentimento, mas contra a nossa ordem expressa". Assim os que anulam as ordens de Deus são comumente muito rígidos em obrigar as próprias ordens e insistir em seu próprio poder: *Não vos admoestamos*? Sim, admoestaram. Mas na mesma ocasião Pedro não lhes falou que a autoridade de Deus era superior à deles, e que as ordens de Deus tinham de prevalecer às deles? Eles se esqueceram disso. 2. Os apóstolos tinham espalhado falsa doutrina entre o povo, ou, no mínimo, uma doutrina estranha, que não era permitida pela igreja judaica nem combinava com a mensagem pronunciada da cadeira de Moisés. "*E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina* (v. 28), e assim perturbastes a paz pública e desestabilizastes o povo." Alguns estudiosos consideram que há um tom de escárnio e arrogância nestas palavras: "Esta vossa doutrina insensata e tola, que não vale o esforço conhecer, vós fazeis com ela tamanho estardalhaço que até Jerusalém, a grande e santa cidade, se encheu dela, sendo o tema das conversas na cidade". Estavam embravecidos pelo fato de que homens a quem consideravam desprezíveis se fizessem tão nobres e respeitáveis. 3. Os apóstolos tinham uma intenção criminosa contra o governo e queriam incitar as massas contra ele, dizendo que se tornou mau e tirânico e se fez merecidamente odioso a Deus e aos homens: "Vós *quereis lançar sobre nós o sangue desse homem* (v. 28), a culpa disso perante Deus e a vergonha disso perante os homens, *sobre nós*". Assim eles acusam os apóstolos de contumácia e desrespeito ao tribunal, de sedição e facção, e de conspiração para colocar o povo contra eles, por terem perseguido até à morte um homem inocente, bom e notável, como este Jesus, e contra os romanos, por os terem persuadido a fazer isso. Note que os que são presunçosos acabam fazendo coisas más e, depois, não suportam ouvir falar sobre o que fizeram, nem serem acusados disso. Quando eles estavam no auge da perseguição, clamaram com audácia: "*O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos* (Mt 27.25), ou seja, tenhamos a culpa desse ato para sempre". Mas agora que tiveram tempo para refletir, eles consideram uma grande afronta o sangue dele ser colocado à porta deles. Assim, são convencidos e condenados pela própria consciência e pelo medo que está por baixo dessa culpa na qual não tiveram receio de se envolver.

III A resposta dos apóstolos às acusações apresentadas contra eles: *Pedro e os apóstolos* (v. 29) falaram as mesmas coisas. Quer fossem interrogados separadamente ou conjuntamente, eles falavam conforme um e o mesmo Espírito lhes dizia. Eram dependentes da promessa que o Mestre lhes fizera, de que, quando fossem levados perante conselhos, deveri-

am falar o que lhes fosse dado naquela mesma hora (Mc 13.11), recebendo também ousadia para falar.

1. *Pedro e os apóstolos* se justificaram da desobediência às ordens do grande Sinédrio, por maior que fosse: *Mais importa obedecer a Deus do que aos homens* (v. 29). Nada disseram sobre o poder que tinham para fazer milagres (o fato falava por eles, e eles humildemente não o mencionaram), mas apelaram para uma máxima universalmente aceita, com a qual até a consciência natural concorda e que abrangia seu caso. Deus os ordenara que ensinassem no nome de Jesus, e eles tinham de obedecer a despeito da proibição dos principais dos sacerdotes. Veja que estes príncipes se opunham a Deus, a quem tinham muito que prestar contas, pois Ele castiga os homens por desobediência a eles no que é o seu dever para com Deus.

2. *Pedro e os apóstolos* se justificaram de terem feito o possível para encher Jerusalém da doutrina de Jesus. Mas, ao anunciar Jesus, eles verdadeiramente desacreditaram aqueles que maldosamente o desprezaram. E se, com isso, *os apóstolos* estavam lançando sobre eles *o sangue desse homem* (v. 28), estes só tinham que agradecer a si mesmos. Eles são acusados do crime de terem pregado Jesus e o seu evangelho. "Agora", dizem *os apóstolos*, "nós vos diremos quem é este Jesus e qual é o seu evangelho. Depois julgais se devemos ou não pregar a doutrina de Jesus. Mais ainda, aproveitaremos esta oportunidade para vos anunciar esta doutrina, *quer ouçam quer deixem de ouvir* (Ez 2.5)."

(1) *Pedro* diz na presença dos principais dos sacerdotes as indignidades que estes cometeram contra este Jesus: "*Ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro* (v. 30), e isto não podeis negar". Os apóstolos, em vez de dar uma desculpa ou implorar que os perdoassem por lançar sobre eles a culpa do *sangue desse homem*, repetiram a acusação e a confirmaram: "Fostes vós que o matastes; foi vosso ato e vossa ação". Veja que o fato de as pessoas estarem pouco dispostas a ouvir seus erros não é boa razão para não sermos fiéis em lhes falar. Trata-se de uma desculpa comum apresentada para não reprovarmos o pecado que a época não suporta. Mas nós que temos a função de reprovar não devemos temer, pois a época tem de suportar o pecado e o suportará. *Clama em alta voz, não te detenhas* (Is 58.1); clamemos em voz alta e não temamos.

(2) *Pedro* diz na presença dos principais dos sacerdotes a honra que Deus pôs neste Jesus. Logo, que julguem quem estava no direito: os perseguidores ou os pregadores da doutrina de Jesus. Ele nomeia Deus por *Deus de nossos pais* (v. 30), não só nosso, mas vosso, para mostrar que, ao anunciarem Jesus, não estavam anunciando um novo deus, nem incentivando as pessoas a adorar outros deuses, nem fundando uma instituição contrária a de Moisés e os profetas. Eles eram fiéis ao Deus dos pais judeus. O nome de Jesus que eles pregavam cumpria as promessas feitas aos pais, o concerto que Deus fez com eles e os tipos e figuras da lei que ele lhes deu. *O Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó* (cap. 3.13), é *o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (2 Co 11.31). Vejamos a honra que Deus lhe deu. [1] *Deus* [...] *ressuscitou* [ou levantou] *a Jesus* (v. 30). Ele o qualificou e o chamou para realizar uma grande obra. Isso parece se referir à promessa que Deus fez por Moisés: *O Senhor, teu Deus, te despertará* [ou levantará] *um profeta do meio de ti* (Dt 18.15). Deus o levantou da obscuridade e o fez grande. Ou, talvez signifique levantar Jesus da sepultura: "*Ao qual vós matastes*, mas Deus o restabeleceu à vida, de forma que é óbvio que Deus e vós estais competindo manifestadamente sobre este Jesus. E qual é o lado que temos de apoiar?" [2] *Deus, com a sua destra, o elevou, hypsose – o ergueu.* (v. 31). "Vós o acusastes com desonra, mas Deus o coroou com honra. Não devemos nós honrar a quem Deus honra?" *Deus, te dexia autou – com a sua mão direita*, quer dizer, pela demonstração do seu poder, *o elevou*. As Escrituras dizem que Jesus *vive, contudo, pelo poder de Deus* (2 Co 13.4). Ou, à sua mão direita para se sentar lá, descansar lá, reinar de lá. "Ele o investiu com a mais alta autoridade e, portanto, temos de ensinar no seu nome, porque *Deus* [...] *lhe deu um nome que é sobre todo o nome* (Fp 2.9)." [3] "*Deus* nomeou Jesus para ser *Príncipe e Salvador* (v. 31). Portanto, devemos pregar no seu nome e publicar as leis do seu reinado, visto que ele é *Príncipe*, e as ofertas da sua graça, visto que ele é *Salvador*." Veja que não há como termos Jesus como nosso *Salvador* a menos que o aceitemos como nosso *Príncipe*. Não há como sermos resgatados e curados por Jesus a menos que nos deixemos ser regidos por Ele. Os juízes de antigamente eram salvadores. Jesus é *Príncipe* para que seja *Salvador*; Ele reina para agir em salvação. A fé toma um Jesus completo que veio não para nos salvar *em* nossos pecados, mas para nos salvar *de* nossos pecados. [4] *Deus* nomeou Jesus como *Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados* (v. 31). Por isso, os apóstolos têm de pregar no nome de Jesus aos filhos de *Israel*, pois os favores divinos foram projetados primeira e principalmente para eles. E ninguém que verdadeiramente ama o seu país pode ser contra isso. Por que os príncipes e anciãos de Israel deveriam se opor a alguém que veio com bênçãos de *arrependimento e remissão dos pecados* para *Israel*? Tivesse Jesus sido exaltado para libertar Israel do jugo romano e do domínio sobre as nações circunvizinhas, os principais dos sacerdotes ter-lhe-iam dado boas-vindas de todo o coração. Mas *arrependimento e remissão dos pecados* são bênçãos que não valorizam e nem vêem como necessárias. Por isso, de forma alguma, eles podem aceitar a propagação da doutrina de Jesus. Observe aqui, em primeiro lugar, que o *arrependimento* e a *remissão* (ou "perdão", versão NTLH) *dos pecados* são bênçãos que estão juntas. Sempre que houver *arrependimento*, a *remissão* é concedida sem falta. A bênção é dada a todos que recebem a qualificação para ela. Por outro lado, não há *remissão* sem *arrependimento*. Ninguém é livre da culpa e castigo do pecado, senão os que são livres do poder e domínio do pecado e que dele se afastam e que a ele se opõem. Em segundo lugar, que é Jesus Cristo que concede e está autorizado a oferecer o *arrependimento e a remissão dos pecados*. Todas as exigências que o concerto do evangelho requer nos vêm por promessa. Somos escolhidos para nos arrepender? Jesus foi nomeado para oferecer o arrependimento pelo seu Espírito; e isso operando por meio da palavra a fim de despertar a consciência, dar ensejo à contrição e à mudança eficaz no coração e na vida. O novo coração é obra de Jesus, e o espírito

quebrantado é o sacrifício da sua provisão. Se junto com o *arrependimento* Ele não nos concedesse *remissão*, estaria abandonando a obra das suas mãos. Veja como é necessário que nos arrependamos e nos apliquemos a Jesus, pela fé, para que sua graça opere o *arrependimento* em nós. [5] Tudo isso é muito bem comprovado, em primeiro lugar, pelos próprios apóstolos. Eles estão prontos para testemunhar se necessário sob juramento que viram a Jesus vivo depois da ressurreição e o viram ascender ao céu. Experimentaram, também, o poder da sua graça no coração, elevando-os ao que estava muito acima de suas aptidões naturais: "*Nós somos testemunhas* (v. 32). Fomos nomeados por Ele para divulgar estas coisas ao mundo. Se nos calarmos, estaremos traindo sua confiança e sendo falsos a ela". Quando uma causa é difícil, o testemunho de todos os homens não deve ser silenciado, pois o tema da causa depende desse testemunho. Em segundo lugar, pelo Espírito de Deus: "*Nós somos testemunhas* (v. 32) competentes, cujo testemunho é suficiente diante de qualquer tribuna humana". Mas isto não é tudo: *Também o Espírito Santo* é testemunha, uma testemunha do céu, pois Deus deu os seus dons e graça aos que obedecem a Jesus. Portanto, temos de pregar neste nome, porque para este fim o *Espírito Santo* nos é dado, cujas operações não podemos abafar. Veja que o *Espírito Santo* é dado aos crentes obedientes para levá-los à obediência da fé e para torná-los eminentemente úteis. É uma prova muito forte da verdade do cristianismo. Deus deu o *Espírito Santo* pelo seu Filho e no seu nome (Jo 14.26), e em resposta à sua oração (Jo 14.16). Não somente isso, mas foi Jesus que o enviou do Pai (Jo 15.26; 16.7), e isto prova a glória para a qual o Pai o exaltou. A grande obra do Espírito é para justificar Jesus (1 Tm 3.16) e para glorificá-lo. Todos os seus dons têm a tendência direta de exaltar o seu nome, provar que a sua doutrina é divina, de outra forma não seria exercida assim pelo poder divino. E, por último, o *Espírito Santo* é dado àqueles que obedecem a Jesus para ajudá-los a obedecer e como recompensa vigente de obediência prestada. É prova clara de que a vontade de Deus é que Jesus seja obedecido. "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus" (cap. 4.19).

IV A impressão que a defesa dos apóstolos causou ao tribunal. Ela foi oposta ao que se esperaria de homens que fogem à razão, aprendizagem e santidade. Certamente tais argumentações sólidas tinham de ocasionar a libertação dos prisioneiros e a conversão dos juízes. Não, em vez de aceitarem a defesa, eles se enfureceram contra ela e se encheram: 1. De indignação com o que os apóstolos disseram: Eles *se enfureceram* (v. 33), iraram-se ao ver o seu próprio pecado colocado diante deles. Encolerizaram-se bastante ao saber que o evangelho de Jesus tinha, em si, tanto a dizer e que, por conseguinte, se estabeleceria. Quando um sermão semelhante foi pregado ao povo, eles *compungiram-se em seu coração* em arrependimento e tristeza segundo Deus (cap. 2.37). Mas estes aqui presentes *se enfureceram*, enchendo-se de raiva e indignação. Assim, o mesmo evangelho é para alguns *cheiro de vida para vida*, e para outros, *cheiro de morte para morte* (2 Co 2.16). Os inimigos do evangelho não só se privam de suas consolações, mas também se enchem de terrores, sendo seus próprios atormentadores. 2. De intenção de prejudicar os próprios apóstolos. Considerando que perceberam que não há como fazer os apóstolos se calar, a não ser que estes parem de respirar, eles *deliberaram matá-los* (v. 33). O propósito era que a obra cessasse. Enquanto os apóstolos continuavam ao serviço de Cristo, com segurança santa e serenidade de espírito, perfeitamente calmos e em prazerosa alegria interior, os perseguidores continuavam em sua oposição a Jesus, com constante perplexidade, perturbação de espírito e tormento para si.

V O sério conselho que *Gamaliel*, membro importante do conselho, deu nesta ocasião, cujo propósito era moderar a fúria desses fanáticos e deter a violência da instauração de inquérito. *Gamaliel* era *fariseu* e sua profissão era *doutor da lei*, que era alguém que estudava as Escrituras do Antigo Testamento, fazia conferências sobre os autores sagrados e ensinava seus alunos no conhecimento deles. Paulo foi criado aos pés dele (cap. 22.3), e a tradição diz que Estêvão e Barnabé também o foram. Estudiosos afirmam que ele era filho de Simeão, que tomou Jesus nos braços, quando este foi apresentado no templo (Lc 2.25-28), e era neto do famoso Hillel. *Gamaliel* era *venerado por todo o povo* em virtude de sua sabedoria e conduta. Por esta passagem, deduzimos que ele era homem comedido, não dado a tomar medidas violentas. Pessoas de equilíbrio espiritual e atos de caridade são merecidamente tidas em boa reputação, por conter os incendiários que, do contrário, teriam ateado fogo no mundo. Agora observe aqui:

1. A advertência necessária que *Gamaliel* dá ao conselho com referência ao caso em questão: *Gamaliel* [...] *mandou que, por um pouco, levassem para fora os apóstolos* (v. 34) a fim de que ele pudesse falar e fosse respondido com mais liberdade (era habitual e adequado os prisioneiros serem retirados enquanto o caso era debatido). Ele relembra aos membros do conselho a importância deste caso e ressalta que a precipitação impossibilita uma decisão justa: *Varões israelitas* (v. 35), disse ele, *acautelai-vos*, considerai o que estais fazendo ou *a respeito do que haveis de fazer a estes homens*. Este não é um caso comum, por isso não deve ser resolvido às pressas. Ao chamá-los *varões israelitas*, ele reforça suas palavras: "Vós sois *varões*; portanto, deveis ser governados pela razão, não sendo *como o cavalo, nem como a mula, que não têm entendimento* (Sl 32.9). Vós sois *israelitas*; portanto, deveis ser governados pela revelação, não sendo como estrangeiros e pagãos, que não respeitam a Deus e sua palavra. *Acautelai-vos*, pois estais enraivecidos com estes homens, para que não vos entremetais no mal" (2 Rs 14.10). Veja que os perseguidores do povo de Deus tiveram de se examinar bem para não entrarem na cova que cavaram. Devemos ser prudentes a quem causamos dificuldade para não entristecermos o coração dos justos.

2. Os casos que *Gamaliel* cita para fundamentar sua opinião. São dois exemplos de homens sediciosos e facciosos (conforme pensavam que os apóstolos eram), cujas tentativas não deram em nada. Sua dedução é que se estes homens fossem como os exemplos citados, a causa cessaria por si

mesma. A própria Providência se entusiasmaria e os derrotaria. Portanto, o conselho não precisava persegui-los.

(1) Houve um *Teudas* (v. 36) que fez muito estardalhaço por algum tempo como enviado de Deus, *dizendo ser alguém*, ou seja, "alguém grande" (conforme é a tradução da palavra grega), mestre ou príncipe, com a comissão divina de efetuar grande revolução na igreja ou no estado. Acerca dele, *Gamaliel* observa: [1] Até que ponto *Teudas* prevaleceu: "Cerca de *quatrocentos homens* (v. 36), ao todo, se uniram a ele, os quais não sabiam a que dedicar a vida ou esperavam melhorar como pessoa. Parecia um grupo formidável". [2] Como foi rápida a ruína de todas as pretensões de *Teudas*: "Quando ele *foi morto*" (provavelmente em batalha), "não houve necessidade de fazer mais nada, pois *todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada* (v. 36) como a neve sob os raios do sol. Agora comparai o caso de *Teudas* com este. Vós matastes Jesus, o líder desta facção. Vós vos livrastes dele. Se Ele for, como afirmais, impostor e farsante, a sua morte, como a de *Teudas*, será o fim de sua causa e a dispersão total dos seus seguidores". Pelo que aconteceu com o caso de *Teudas*, podemos deduzir que o mesmo acontecerá neste caso. A ferida (morte) do pastor ocasionará o espalhamento das ovelhas. Se o Deus de paz não tivesse trazido *dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas* (Hb 13.20), a dispersão das ovelhas, ocorrida com a morte do Pastor, teria sido total e cabal.

(2) O caso foi o mesmo com *Judas, o galileu* (v. 37). Observe: [1] A tentativa feita por *Judas, o galileu* (v. 37). Foi *depois deste*, o que alguns lêem: "além deste", ou: Vou mencionar, *depois deste*, supondo que a insurreição deste *Judas* foi muito antes da de Teudas, pois foi *nos dias do alistamento*, isto é, no tempo do nascimento de nosso Salvador (Lc 2.1), e que a insurreição de *Teudas*, de quem Josefo fala, ocorreu no tempo de Cúspio Fado*. Mas isto foi nos dias de Cláudio César, poucos anos depois que Gamaliel o cita, portanto não pode ser o mesmo evento. Não é fácil determinar particularmente quando estes eventos aconteceram, nem se este *alistamento* era o mesmo do nascimento de nosso Salvador ou outro de data posterior. Certos estudiosos opinam que este *Judas, o galileu*, era o mesmo que Judas Gaulonites, de quem Josefo fala. É provável que os casos de *Teudas* e *Judas* fossem acontecimentos recentes, ainda vivos na memória. Este *Judas* [...] *levou muito povo após si*, pessoas que deram crédito às suas pretensões. [2] A derrota da tentativa de *Judas, o galileu* (v. 37), sem a necessidade da interposição ou decreto do grande Sinédrio. *Mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos*, ou foram persuadidos por ele, *foram dispersos*. Muitos desperdiçaram a vida tolamente e levaram outros a cair nas mesmas armadilhas, por ciúme das suas liberdades, *nos dias do alistamento*, indivíduos que estariam melhor se tivessem se contentado – quando a Providência assim o determinasse – em servir *ao rei da Babilônia*.

3. A opinião de *Gamaliel* sobre o assunto.

(1) Que os membros do Sinédrio não deveriam perseguir os apóstolos: *E agora digo-vos, ta nyn – por agora*, de acordo com a atual situação, meu conselho: "*Dai de mão a estes homens* (v. 38), não os castigueis pelo que fizeram, nem os restrinjais quanto ao futuro. Sede coniventes com eles. Permiti que tomem o curso de ação que quiserem. *Deixai-os*". Não sabemos se ele falou por bom senso, temendo ofender o povo ou os romanos e causar mais dano. Os apóstolos não tentaram nada por força militar. As suas armas de guerra não eram carnais. Então por que usar força externa contra eles? Ou, se ele estava sob convicção, pelo menos da probabilidade da verdade da doutrina cristã, e pensou que essa doutrina merecesse tratamento melhor, no mínimo, um julgamento justo. Ou, se era apenas modo de falar de alguém com espírito manso e quieto, que era contra perseguição por desencargo de consciência. Ou, se Deus pôs estas palavras em sua boca, fora do âmbito de sua intenção, objetivando a libertação dos apóstolos nesta ocasião. O que sabemos com certeza é que houve uma Providência que predominava na situação, que dizia que os servos de Jesus iam ser soltos e iam ser soltos com honra.

(2) Que os membros do Sinédrio deveriam entregar este caso à Providência: "Esperai para verdes no que dará. *Se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará* (v. 38) por si mesma. *Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la* (v. 39), permanecerá apesar de todo o vosso poder e astúcia". Aquilo que é aparentemente mau e imoral deve ser eliminado; caso contrário, o magistrado empunha a espada em vão. Mas aquilo que tem a aparência de bom e é duvidoso se procede de Deus ou dos homens, deve ser deixado como está. É melhor que siga seu destino, evitando o uso de força externa para eliminá-lo. Jesus reina pelo poder da verdade e não da espada. O que Jesus perguntou em relação ao batismo de João: *Era do céu ou dos homens?* (Mc 11.30), era a pergunta adequada que deveria ser feita concernente à doutrina e ao batismo dos apóstolos, que seguiram Jesus, como foi com o batismo de João Batista antes dele. Agora eles, tendo confessado, em relação ao primeiro, que não sabiam dizer se era do céu ou dos homens, não deviam estar muito confiantes em relação ao último. Mas, seja qual for a decisão tomada, é razão suficiente para serem perseguidos. [1] "*Se este conselho ou esta obra* (v. 38), esta formação de sociedade que incorpora o nome de Jesus, for *de homens*, ela *se desfará*. Se for *conselho* e *obra* de homens tolos e dementes que não sabem o que fazem, deixai-os prosseguir por algum tempo e eles fugirão esbaforidos, *porque a todos será manifesto o seu desvario* (2 Tm 3.9). Eles acabarão se fazendo ridículos. Se for *conselho* e *obra* de homens sagazes e ardilosos, que sob o pretexto da religião montam uma sociedade secular, deixai-os prosseguir por algum tempo e eles lançarão fora a máscara. O logro será manifesto a todos os homens, e eles acabarão se fazendo odiosos. A Providência nunca permitirá que tal ocorra. Isso *se desfará* em pouco tempo. Neste caso, vossa perseguição e oposição a esta causa são totalmente supérfluas. Não é necessário se dar a tanto trabalho e trazer tamanho ódio sobre vós mesmos, matar aquilo que, se vós derdes algum tempo, morrerá por si mesmo. O uso desnecessário de poder é o mesmo que abuso de poder. [2] "Se for comprovado (e por mais sábios que sois vós vos enganastes) que *este conselho* e esta *obra* são *de Deus* (vv. 38,39), que estes prega-

* Nota do tradutor: Cúspio Fado foi procurador da Judéia entre 44 e 66 d.C.

dores receberam de Deus sua comissão e instruções, que eles são tão verdadeiramente mensageiros de Deus para o mundo como os profetas do Antigo Testamento o foram, então qual é a vossa opinião sobre o fato de estardes perseguindo-os, sobre a vossa deliberação de *matá-los* (v. 33)? Vós tendes de concluir que": em primeiro lugar: "É uma tentativa frustrada contra os apóstolos: *Se é de Deus, não podereis desfazê-la* (v. 39), pois *não há sabedoria, nem inteligência, nem conselho contra o Senhor* (Pv 21.30) e *aquele que habita nos céus se rirá* de vós (Sl 2.4)". Todos que estão sinceramente ao lado de Deus, que têm em vista unicamente a vontade divina, como norma de vida, e a glória divina, como alvo, sentem-se consolados pelo fato de que tudo que é de Deus não é total e cabalmente desfeito, embora possa ser resistido com extremo vigor. Pode ser desprezado, mas não destruído. Em segundo lugar: "É uma tentativa perigosa para vós mesmos. Não interfirais, *para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus* (v. 39). Nem preciso vos dizer que levareis a pior nesse combate". *Ai daquele que contende com o seu Criador* (Is 45.9), porque será não só derrotado como inimigo impotente, mas severamente tratado como rebelde e traidor de seu legítimo príncipe. Aqueles que odeiam e abusam do povo fiel de Deus, que cerceiam e silenciam os seus ministros fiéis, combatem *contra Deus*, porque tudo que é feito contra eles Ele considera como se fosse feito contra Ele. *Aquele que tocar* neles *toca na menina do seu olho* (Zc 2.8). O conselho de Gamaliel foi este: Nosso desejo é que os que perseguem por desencargo de consciência façam uma avaliação precisa do caso, pois era um raciocínio correto e bastante natural, embora estejamos incertos sobre o que era o homem. A tradição dos escritores judeus é que, em tudo isso, Gamaliel viveu e morreu como inimigo inveterado de Jesus e seu evangelho. Embora (pelo menos por ora) não perseguisse os seguidores de Jesus, foi ele que compôs a oração que os judeus fazem até hoje pelo extermínio dos cristãos e do cristianismo. Por outro lado, a tradição dos papistas diz que Gamaliel se tornou cristão, protetor eminente do cristianismo e seguidor de Paulo, aquele que outrora fora criado aos seus pés. Se isso fosse verdade, é muito provável que teríamos alguma referência a ele em Atos ou nas epístolas paulinas.

VI A decisão dos membros do conselho sobre o caso (v. 40). 1. Por ora, os membros do conselho *concordaram com* (v. 40) Gamaliel em deixar de lado o desígnio de matar os apóstolos. Viram muita razão no que Gamaliel disse, o suficiente para momentaneamente deter-lhes a fúria e servir de lembrança da ira que foi retida por isto. 2. Contudo, os membros do conselho não puderam deixar de dar vazão à raiva (fato por si só extremamente ultrajante) contrária à convicção do que dizia seu julgamento e consciência. Embora Gamaliel os aconselhasse a deixar os apóstolos prosseguirem: (1) Os membros do conselho *mandaram* açoitar os apóstolos como malfeitores (v. 40). Eles os mandaram despir-se para serem chicoteados, conforme se faziam nas sinagogas, ressaltando a infâmia do procedimento. Pensaram que assim envergonhariam os apóstolos de pregar e, ao mesmo tempo, envergonhariam o povo de ouvi-los. Semelhantemente, Pilatos açoitou nosso Salvador para expô-lo, mesmo quando declarou que não achava crime algum em Jesus. (2) Os membros do conselho *mandaram que* os apóstolos *não falassem* mais *no nome de Jesus* (v. 40). O objetivo era que, se nada encontrassem de errado para reprovar a pregação dos apóstolos, eles pudessem dizer que era contra a lei falar nesse *nome*. Já não se tratava de ter ou não permissão, mas de ser contra a ordem expressa dos seus superiores.

VII A maravilhosa ousadia e constância dos apóstolos em meio a todas estas injúrias e indignidades sofridas. Quando foram liberados (*e os deixaram ir*, v. 40), eles *retiraram-se* [...] *da presença do conselho* (v. 41). Não há registro de sequer uma palavra dita reflexivamente pelos apóstolos sobre o julgamento e o tratamento injusto que receberam. Quando os perseguidores os injuriavam, não injuriavam e, quando padeciam, não ameaçavam, mas entregavam a causa àquele a quem Gamaliel se referira – a Deus *que julga justamente* (1 Pe 2.23). As tarefas dos apóstolos eram preservar a posse de suas almas e fazer prova cabal do seu ministério apesar da oposição que enfrentavam. E eles desempenharam admiravelmente ambas as tarefas.

1. Os apóstolos suportaram os sofrimentos com alegria indômita: Eles se retiraram *da presença do conselho* (v. 41), talvez com as marcas das chicotadas nos braços e nas mãos, sob vaias dos escravos e da populaça, e com divulgação pública dada do castigo infame que sofreram. Em vez de se envergonhar de Jesus e de sua ligação com Ele, regozijaram-se *de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus*. Os apóstolos eram homens de reputação que jamais haviam feito nada de desprezível. Assim, não podiam deixar de sentir vergonha pelas coisas que padeceram, as quais lhes eram mais dolorosas que uma dor aguda e violenta, como normalmente é para os puros. Mas em sua ótica, eles suportavam os maus-tratos *pelo nome de Jesus*, porque lhe pertenciam e serviam aos seus interesses. Os sofrimentos devem contribuir para o maior avanço do seu *nome*; e, portanto: (1) Os apóstolos consideraram uma honra serem achados *dignos de padecer afronta, katexiothesan atimasthenai – eles foram honrados por serem desonrados por Jesus*. A repreensão sofrida por *Jesus* é a verdadeira promoção, visto que nos conforma ao seu padrão e é útil aos seus interesses. (2) Os apóstolos se alegraram no sofrimento, lembrando-se do que o Mestre lhes dissera no início da obra: *Quando vos injuriarem, e perseguirem,* [...] *exultai e alegrai-vos* (Mt 5.11,12). Eles se alegraram a despeito *de padecer afronta* (as dificuldades não lhes diminuíram a alegria) e pelo fato *de padecer afronta* (as dificuldades aumentaram-lhes a alegria). Se padecermos adversidades por fazermos o bem, contanto que padeçamos apropriadamente e como devemos, nos regozijemos nessa graça que nos capacita a agir assim.

2. Os apóstolos prosseguiram na obra com diligência infatigável: Eles foram castigados por pregarem *no nome de Jesus* (v. 40) e receberam a ordem de não pregarem mais nesse *nome*. Contudo, eles *não cessavam de ensinar e de anunciar* (v. 42). Não deixaram de aproveitar toda oportunidade, nem diminuíram nada em seu zelo ou fervor. Observe: (1) Quando os apóstolos pregavam: *Todos os dias* (v. 42). Não só em dias de sábado ou nos dias do Senhor;

mas diariamente, tão regularmente quanto chegava o dia, sem falhar um dia sequer, como fez o Mestre (Mt 26.55, Lc 19.47). Eles não temiam ser mortos ou enfadar os ouvintes. (2) Onde os apóstolos pregavam: publicamente *no templo* e particularmente *nas casas* (v. 42). Em reuniões heterogêneas, nas quais todos acorriam, e nas reuniões seletas de cristãos para ordenanças especiais. Eles não pensavam que um tipo de reunião os dispensaria de outro, pois a palavra deve ser pregada *a tempo e fora de tempo* (2 Tm 4.2). *No templo*, os apóstolos estavam sob o olhar dos inimigos e mais expostos ao público. Mesmo assim, não se limitaram aos pequenos oratórios de suas próprias casas, mas se arriscaram na plataforma do perigo. Embora tivessem a liberdade do templo, um lugar consagrado, não lhes era difícil pregar *nas casas*, em todas as *casas*, até na cabana mais pobre. Eles visitavam as famílias dos irmãos que estavam sob perseguição e lhes davam instruções particulares segundo requeria cada caso, até para crianças e escravos. (3) Qual era o tema que os apóstolos pregavam: Eles anunciavam *a Jesus Cristo* (v. 42). Eles pregavam mensagens relativas a Ele. E não era tudo, eles o recomendavam altamente, apresentando-o aos que os ouviam como *Príncipe e Salvador* (v. 31). Eles não pregavam a si *mesmos, mas a Cristo Jesus* (2 Co 4.5), como amigos fiéis do noivo, tornando sua tarefa promover o interesse dele. Esta era a pregação que mais ofendia os sacerdotes, que queriam que eles pregassem qualquer coisa, menos *Jesus Cristo*. Mas eles não mudariam o tema para agradá-los. Os ministros do evangelho devem ser constantes em anunciar *senão a Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2), *anunciar a Jesus Cristo* e este glorificado. Nada mais que *Jesus Cristo* e o que for conversível a este tema.

Capítulo 6

Neste capítulo, temos: I. O descontentamento que houve entre os discípulos sobre a distribuição dos fundos de caridade pública (v. 1). II. A eleição e a ordenação de sete homens para tomar conta desse assunto e aliviar os apóstolos das obras assistenciais (vv. 2-6). III. O aumento da igreja pelo acréscimo de muitos discípulos (v. 7). IV. Uma narrativa específica sobre Estêvão, um dos sete (v. 8). 1. A notável atividade de Estêvão para Jesus (v. 8). 2. A oposição que Estêvão encontrou nos inimigos do cristianismo, e os debates que teve com eles (vv. 9,10). 3. A citação de Estêvão perante o grande Sinédrio, e os crimes de que foi acusado (vv. 11-14). 4. O reconhecimento de Deus no julgamento de Estêvão (v. 15).

A Designação dos Diáconos
vv. 1-7

Temos visto as lutas da igreja com seus inimigos e triunfado com ela em suas vitórias. Examinemos agora a administração dos seus assuntos domésticos.

I A discordância infeliz entre alguns membros da igreja, a qual poderia ter trazido conseqüências maléficas, mas foi prudentemente apaziguada e repreendida a tempo: *Crescendo o número dos discípulos* (pois assim eram chamados os cristãos no princípio: os aprendizes de Cristo) a muitos milhares em Jerusalém, *houve uma murmuração* (v. 1).

1. Nosso coração se sente bem ao descobrir que cresceu *o número dos discípulos* (v. 1), à proporção inversa que, sem dúvida, irritou o coração dos *sacerdotes* e *saduceus* (cap. 4.1; 5.17) pelo mesmo motivo. A oposição que a pregação do evangelho enfrentou, em vez de deter seu progresso, contribuiu para o seu sucesso. Quanto mais afligiam os membros da igreja cristã incipiente, como fizeram com os membros da igreja judaica infante no Egito, tanto mais se multiplicavam e tanto mais cresciam (Êx 1.12). Os pregadores eram surrados, ameaçados e maltratados, mas, mesmo assim, as pessoas recebiam sua doutrina. Eram atraídas, sem dúvida, pela maravilhosa paciência e alegria nas provações que demonstravam. Esse comportamento convencia as pessoas de que eles tinham e eram sustentados por um espírito melhor que o deles próprio.

2. Causa-nos desalento descobrir que o crescimento do *número dos discípulos* (v. 1) dá oportunidade para discórdias. Até agora, todos eles eram *unânimes* em uma mesma opinião. Esta observação freqüente significava uma honra para eles. Mas agora que cresciam em *número*, começaram a murmurar, semelhantemente ao que ocorreu no velho mundo. Quando *os homens começaram a multiplicar-se*, eles se corromperam (Gn 6.1,12). *Tu multiplicaste este povo e a alegria lhe aumentaste* (Is 9.3). Quando as famílias de Abraão e Ló aumentaram, *houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló* (Gn 13.7). O mesmo estava ocorrendo aqui: *Houve uma murmuração*, não uma desavença aberta, mas um ressentimento secreto.

(1) Os queixosos eram os *gregos*, ou helenistas, *contra os hebreus* (v. 1). Os *gregos* eram os judeus que se espalharam pela Grécia e outras regiões, falavam comumente a língua grega e liam o Antigo Testamento na versão grega, não no original hebraico. Muitos deles estavam em Jerusalém para a festa quando aceitaram a fé cristã e foram acrescentados à igreja. Estes murmuraram *contra os hebreus*, que eram os judeus nativos que usavam o original hebraico do Antigo Testamento. Alguns pertencentes a cada um desses grupos se tornaram cristãos, mas, pelo visto, essa aceitação conjunta da fé não teve sucesso, como deveria, em extinguir os poucos ciúmes que tinham uns dos outros antes da conversão. Eles retiveram um pouco do fermento velho e não entenderam ou não se lembraram de que em Cristo Jesus não há nem grego nem judeu (Cl 3.9). Portanto, não há distinção entre hebreus e helenistas, mas todos são igualmente acolhidos em Cristo, e deveriam ser, por causa dele, queridos uns dos outros.

(2) A *murmuração* destes *gregos* era que *as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano* (v. 1), quer dizer, na distribuição dos fundos de caridade pública, e as viúvas hebréias eram mais bem cuidadas. Veja que a primeira controvérsia na igreja cristã envolveu finanças. É pena que *as pequenas coisas deste mundo* sejam pontos de discórdia entre os que admitem ter relações com *as grandes coisas do outro mundo*. Juntaram muito dinhei-

ro para a assistência social aos pobres, mas, como freqüentemente ocorre em tais casos, era impossível agradar a todos na distribuição do montante. Os apóstolos, a cujos pés o dinheiro foi depositado (cap. 4.34), fizeram o que puderam para distribuí-lo de modo a atender as expectativas dos doadores. Fizeram a distribuição, obviamente, com a mais absoluta imparcialidade, e nem de longe intentaram respeitar os *hebreus* mais que os *gregos*. Contudo, houve queixa deles, que diziam estarem as *viúvas* gregas sendo *desprezadas*. Embora elas fossem aptas a receber esse tipo de assistência social, os apóstolos não lhes deram o suficiente, ou não contemplaram todas, ou não deram exatamente a mesma soma oferecida às *viúvas* hebréias. [1] Talvez esta *murmuração* (v. 1) fosse infundada e injusta, sem motivo algum. Mas aqueles que, por qualquer razão, se encontram em situação desfavorável (como estavam os judeus gregos em comparação com os que eram hebreus de hebreus), são susceptíveis a, por ciúme, acharem que estão sendo desprezados quando na verdade não estão. É erro comum de pessoas pobres que, em vez de serem gratas pelo que recebem, se queixem e reclamem. Tendem a pensar que recebem pouco, ou que os outros ganham mais que elas. Há inveja e cobiça, raízes de amargura que se encontram tanto entre os pobres quanto entre os ricos, apesar das situações humilhantes em que estão e às quais devem se adaptar. [2] Partamos do pressuposto de que havia motivo para a *murmuração*. Em primeiro lugar, certos estudiosos sugerem que os outros pobres no grupo dos *gregos* tinham a subsistência provida, embora *as suas viúvas* fossem *desprezadas* (v. 1). Essa falha acontecia porque os gerentes administravam de acordo com uma regra antiga observada entre os hebreus: a viúva deve ser sustentada pelos filhos do seu marido (veja 1 Tm 5.4). Em segundo lugar, as viúvas, ao meu ver, são citadas no lugar de todos os pobres, porque muitos desses que estavam nos registros da igreja e recebiam esmolas, eram viúvas que tinham sido fartamente sustentadas pelas atividades dos seus maridos enquanto estavam vivos, mas que caíram em grandes dificuldades financeiras quando faleceram. Os que administram a justiça pública devem de uma maneira particular proteger as viúvas de injustiças (Is 1.17; Lc 18.3), assim os que administram os fundos da caridade pública devem de uma maneira particular sustentar as viúvas no que for necessário (veja 1 Tm 5.3). Perceba que estas viúvas e os outros pobres recebiam uma ajuda diária (v. 1). Talvez, após um cálculo prévio, sabiam que não podiam acumular sua porção para o futuro. Então os administradores dos fundos, num gesto de bondade, davam-lhes dia a dia o pão necessário. Eles dependiam do quinhão do dia para viver. Pelo visto, as *viúvas* gregas foram, comparativamente, *desprezadas*. Talvez os que distribuíam o dinheiro consideraram que os hebreus ricos contribuíam mais para o fundo do que os gregos ricos, que não tinham propriedades para vender, como os hebreus. Por conseguinte, os gregos pobres deveriam ter menos direito ao fundo. Embora houvesse certa dose de tolerância, tratava-se de procedimento cruel e injusto. Veja que mesmo na igreja mais bem organizada do mundo sempre haverá algo impróprio, administração incompetente, queixas ou, pelo menos, algumas reclamações.

II A solução satisfatória da questão, e o expediente escolhido para acabar com a causa desta *murmuração*. Até aqui, os apóstolos dirigiam a atividade assistencial. As pessoas lhes faziam pedidos e apelavam em casos de rixas e injustiças. Eles eram obrigados a empregar pessoas menos responsáveis, que não tomariam todo o cuidado que deveria ser tomado, nem estariam tão firmes quanto deveriam estar contra a tentação da parcialidade. A solução era escolher algumas pessoas para administrar este negócio, pois estavam sem tempo. Tais pessoas deviam possuir tempo e serem mais bem qualificadas para essa incumbência do que aquelas escolhidas pelos apóstolos.

1. Como o método foi proposto pelos apóstolos: Eles convocaram *a multidão dos discípulos* (v. 2), os dirigentes das congregações de cristãos de Jerusalém, os homens em posição de liderança. *Os doze* sozinhos não determinariam nada sem eles, pois *há vitória na multidão dos conselheiros* (Pv 24.6). Em assuntos dessa natureza, os *discípulos*, que eram mais entendidos nos negócios desta vida, dariam melhor conselho do que os apóstolos.

(1) Os apóstolos ressaltaram veementemente que de jeito nenhum admitiriam tão grande mudança de função, deixando de lado a grande obra que faziam: *Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas* (v. 2). Servir *às mesas* era receber dinheiro e fazer pagamentos, tarefa muito semelhante ao que se realizava às mesas dos cambistas no templo. Isso era avesso às responsabilidades para as quais foram chamados. Seu dever era pregar *a palavra de Deus*. Eles não tiveram a oportunidade de estudar para ser pregador como acontece conosco (eles recebiam a palavra no momento em que a proferiam, Mt 10.19). Acharam que era muita atividade para uma pessoa só empregar todas as suas reflexões, cuidados e tempo, embora um desses homens valesse mais que dez de nós, *mais do que dez mil*. Se fossem servir *às mesas*, deveriam, em certa medida, deixar *a palavra de Deus*. Não haveria como atender a obra da pregação com o zelo e atenção devidas. *Pectora nostra duas non admittentia que curas – Estas nossas mentes não admitem dois empregos ansiosos e distintos.* Este serviço *às mesas* tinha fins piedosos, e servindo à caridade dos cristãos ricos e à necessidade dos pobres estava-se servindo ao próprio Jesus. Contudo, os apóstolos não tirariam tanto tempo da pregação como esse serviço requereria. Eles não se afastarão mais da pregação pelo dinheiro depositado aos seus pés do que serão impelidos à pregação pelas chicotadas recebidas nas costas. Enquanto o *número dos discípulos* era pequeno, os apóstolos conseguiam administrar o negócio sem fazer interrupções importantes em sua atividade principal. Mas agora que o *número dos discípulos* estava aumentando, não mais seria possível proceder dessa forma. *Não é razoável, ouk areston estin – não é conveniente*, ou não é recomendável (v. 2), que negligenciemos o *negócio* de alimentar almas com o pão da vida para atendermos o *negócio* (v. 3) de socorrer os corpos dos pobres. Veja que a pregação do evangelho é a melhor obra, a mais apropriada e necessária com a qual o ministro pode se envolver e com a qual deve se ocupar inteiramente (1 Tm 4.15). Para realizá-la, ele não deve se embaraçar *com negócio desta vida* (2 Tm 2.4), e nem mesmo com *a obra de fora da Casa de Deus* (Ne 11.16).

(2) Os apóstolos pediram aos *irmãos* que fossem escolhidos *sete varões* (v. 3), bem qualificados para o objetivo em vista, cujo *negócio* seria servir *às mesas, diakonein trapezais – ser diáconos às mesas* (v. 2). O *negócio* tinha de ser bem cuidado, mais bem administrado do que fora até o momento pelos apóstolos. Logo, pessoas apropriadas eram inseridas ocasionalmente no ministério da palavra e da oração, mas não tão dedicadas a essas funções como eram os apóstolos. Elas deviam cuidar das provisões da igreja, ou seja, inspecionar, pagar e manter as contas. Tinham de comprar o que fosse necessário para a festa (Jo 13.29) e atender tudo que fosse necessário *in ordine ad spiritualia – para os exercícios espirituais*, a fim de que tudo fosse feito com decência e ordem, e ninguém fosse negligenciado.

[1] Os candidatos tinham de ser devidamente qualificados. Os *irmãos* da congregação deviam escolher, e os apóstolos, ordenar. Mas os *irmãos* da congregação não tinham autoridade para escolher, nem os apóstolos para ordenar homens totalmente impróprios para o ofício: *Escolhei* [...] *sete varões* (v. 3), tantos quantos julgarem que bastariam por ora; mas depois o número poderia ser maior caso houvesse necessidade. Estes deviam ser, em primeiro lugar, homens *de boa reputação* (v. 3), livres de escândalo, considerados pelos vizinhos como homens íntegros e fiéis, de bom testemunho, em quem se pode confiar, sem a marca de vícios e maus hábitos, mas, ao contrário, reputados por tudo que seja virtuoso e louvável, *martyroumenous – homens que produzam bons testemunhos* em seu convívio social. Veja que os que são postos em qualquer ofício na igreja devem ser homens *de boa reputação*, irrepreensíveis. E não só isso, mas de caráter admirável, requisito indispensável ao ofício e sua execução. Em segundo lugar, eles deviam ser homens *cheios do Espírito Santo* (v. 3), *cheios* dos dons e da graça do Espírito Santo, que são necessários para a administração correta deste cargo. Tinham de ser honestos, hábeis e ousados, como eram os juízes em Israel: *Homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza* (Êx 18.21). Por meio dessas qualidades, mostravam estar *cheios do Espírito Santo*. Em terceiro lugar, eles deviam ser homens *cheios* [...] *de sabedoria* (v. 3). Não bastava que fossem homens honestos e bons, deviam também ser homens discretos e de bom siso, que não pudessem ser enganados e que organizassem as tarefas com disciplina. Deviam ser homens *cheios do Espírito Santo e de sabedoria*, quer dizer, *do Espírito Santo* como Espírito *de sabedoria*. Encontramos a *palavra da sabedoria* dada *pelo Espírito* como forma distinta da *palavra da ciência*, conhecimento doado pelo mesmo Espírito (1 Co 12.8). Os que recebem a incumbência de tratar do dinheiro público devem ser *cheios* [...] *de sabedoria* para que o distribuam não só com fidelidade, mas com comedimento.

[2] Os candidatos tinham de ser nomeados pelos *irmãos* da congregação: "*Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões* (v. 3). Considerai entre vós quem são os mais adequados para tal função e em quem podeis confiar de modo mais satisfatório". Presumia-se que os *irmãos* da congregação soubessem melhor que os apóstolos, ou pelo menos fossem mais aptos para se informar do caráter desses homens. Por conseguinte, cabia-lhes o privilégio da escolha.

[3] Os apóstolos ordenariam os escolhidos ao serviço e lhes dariam o cargo para que soubessem o que fazer e tivessem consciência de fazê-lo. Os apóstolos lhes dariam autoridade para que as pessoas interessadas soubessem a quem fazer solicitações e se submeter em assuntos dessa natureza: Homens *aos quais constituamos sobre este importante negócio* (v. 3) para assumir essa responsabilidade e cuidar para que não haja desperdício ou falta.

(3) Os apóstolos se entregaram inteiramente à obra como ministros, agindo com a maior cautela possível para desobrigar-se convenientemente desse ofício laborioso: *Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra* (v. 4). Veja aqui: [1] Quais são os dois grandes meios de graça do evangelho: a *palavra* e a *oração* (v. 4). Por meio deles, a comunhão entre Deus e o seu povo é mantida e preservada. Pela *palavra*, Deus fala com o povo e, pela *oração*, o povo fala com Deus. Essas práticas têm uma ligação mútua entre si. Por intermédio desses dois meios de graça, o Reino de Cristo é promovido e lhe ocorrem acréscimos. Temos de profetizar *sobre os ossos secos* e orar para que o espírito de vida de Deus entre neles (Ez 37.4-10). Pela *palavra* e pela *oração*, os outros meios de graça são santificados, e os sacramentos tornam-se eficazes (1 Tm 4.5). [2] Qual é o grande *negócio* dos ministros do evangelho: dedicar-se continuamente à *oração* e ao ministério da *palavra* (v. 4). Eles ainda têm de ser adequados ou aparelhados para esses serviços, ou se dedicar a esses serviços de modo público ou particular, em tempos determinados ou fora deles. Eles devem ser a boca de Deus para o povo no ministério da *palavra*, e a boca do povo para Deus na *oração*. Para a convicção e conversão dos pecadores e para a edificação e consolação dos santos, temos de oferecer nossas orações por eles e lhes ministrar a palavra, reforçando nossas orações com nossos esforços no uso dos meios designados. Não devemos só ministrar a palavra, temos também de orar por eles para que essa ministração seja eficaz. A graça de Deus pode fazer tudo sem a nossa oração, mas a nossa oração não pode fazer nada sem a graça de Deus. Os apóstolos foram capacitados com dons extraordinários do Espírito Santo, línguas e milagres. Contudo, as práticas às quais eles se dedicavam continuamente era pregar e orar, para, por meio delas, edificar a igreja. Esses ministros, sem dúvida, são os sucessores dos apóstolos (não na plenitude do poder apostólico – os que têm tal pretensão são usurpadores ousados –, mas na melhor e mais excelente das obras apostólicas), que se dão continuamente à *oração* e ao ministério da *palavra*. Jesus sempre estará com esses *até à consumação dos séculos* (Mt 28.20).

2. Como esta proposta foi aceita e posta em execução pelos *discípulos*. Os apóstolos não impuseram a proposta por poder absoluto, embora tivessem o direito de exigir o que se deveria fazer (Fm 8). Mas propuseram como algo altamente conveniente, e *este parecer contentou a toda a multidão* (v. 5) *dos discípulos* (v. 2). *A multidão* [...] *dos discípulos* alegrou-se ao ver os apóstolos se desincumbirem voluntariamente da intervenção em assuntos seculares e transmiti-los a outros. *A multidão* [...] *dos discípulos* se agradou em saber que eles se dedicariam à palavra e à oração. Eles não contestaram a proposta, nem adiaram sua implementação.

(1) *A multidão* [...] *dos discípulos* elegeu as pessoas (v. 5). Não é provável que todos tivessem escolhido os mesmos homens. Todo o mundo tinha o amigo de quem pensava bem. Mas a maioria dos votos caiu nas pessoas aqui nomeadas, tendo o consentimento tanto dos candidatos quanto dos eleitores. Não houve perturbação como fazem comumente os membros de sociedades em tais casos. Um apóstolo, que era funcionário notável, era escolhido por sorte, que é mais imediatamente o ato de Deus. Mas os inspetores dos pobres eram escolhidos pelo voto da *multidão* [...] *dos discípulos*. Esse método deve ser reputado à providência de Deus, que tem o coração e a boca de todos os homens em seu poder. Há uma lista dos indivíduos escolhidos. Certos estudiosos pensam que eles eram componentes dos setenta discípulos. Mas isso não é provável. Há muito tempo os setenta foram ordenados pelo próprio Cristo para pregar o evangelho, e não havia mais razão para eles deixarem a palavra de Deus e servirem às mesas. É mais provável que se encontrassem entre os que se converteram desde o derramamento do Espírito até a presente hora. A promessa afirmava que todos os que fossem batizados receberiam *o dom do Espírito Santo* (cap. 2.38), e o dom, de acordo com essa promessa, é o enchimento do Espírito Santo. Esse enchimento era um dos requisitos para todos aqueles que fossem escolhidos para este serviço. Reflitamos acerca destes *sete varões*. [1] Estes *sete varões* estavam entre os que venderam suas propriedades e depositaram o dinheiro no fundo assistencial. Porque *caeteris paribus – outras coisas sendo iguais*, estes *varões* eram os mais aptos para receber a incumbência da distribuição daquilo para o que tinham sido mais generosos em contribuir. [2] Estes *sete varões* eram todos do grupo dos gregos ou judeus helenistas, porque todos têm nomes gregos. Esta medida seria provável para silenciar a *murmuração dos gregos* (a qual ocasionou essa decisão) e para garantir que os estrangeiros não fossem negligenciados visto que a responsabilidade foi colocada em estrangeiros. *Nicolau* (v. 5), é óbvio, foi um deles, porque era *prosélito de Antioquia*. Alguns estudiosos defendem que este modo de expressão indica que os outros seis eram prosélitos de Jerusalém, como ele era *de Antioquia*. O primeiro nomeado é *Estêvão*, que é a glória destes *septemviri, homem cheio de fé e do Espírito Santo*. Ele tinha muita fé na doutrina de Cristo e a possuía mais do que os outros. "Cheio de fidelidade, cheio de coragem" (conforme traduzem alguns), porque estava *cheio* [...] *do Espírito Santo*, dos seus dons e graças. Ele era homem extraordinário e de destaque em tudo o que era bom. Seu nome significa "coroa". *Filipe* é o segundo nomeado, porque ele, tendo servido bem como diácono, adquiriu para si boa posição (1 Tm 3.13), e depois foi ordenado ao ofício de evangelista. Ele era companheiro e cooperador dos apóstolos (cap. 21.8; compare com Ef 4.11). É óbvio que a pregação e o batismo, serviços que ele desempenhava (lemos no capítulo 8.12), não eram funções de diácono (já que esse ofício era servir às mesas em oposição ao ministério da palavra), mas de evangelista. E quando ele foi designado para ser evangelista, temos razão para pensar que renunciou ao diaconato por ser incompatível com aquele ofício. Quanto a *Estêvão*, nada encontramos que prove que seja um pregador do evangelho, porque ele só debate nas escolas e pleiteia por sua vida no julgamento (v. 9; cap. 8.2). O último nomeado é *Nicolau*, que, segundo certos estudiosos, mais tarde se desviou (sendo o Judas entre estes *sete varões*) e fundou a seita dos nicolaítas mencionada em Apocalipse 2.6,15, onde Jesus diz, repetidamente, que essa era uma facção abominada por Ele. Alguns dos antigos, todavia, o inocentam dessa acusação. Dizem que, embora essa seita impura e vil fosse denominada conforme seu nome, isso ocorrera injustamente. Afirmam que somente pelo fato de ele insistir *que também os que têm mulheres sejam como se as não tivessem* (1 Co 7.29), maldosamente, deduziram que os que tivessem mulheres deveriam tê-las em comum. Por isso, Tertuliano, quando trata da comunidade de bens, cita uma exceção particular: *Omnia indiscreta apud nos, praeter uxores – Todas as coisas são comuns entre nós, exceto nossas esposas. Apol.*, cap. 39.

(2) Os apóstolos designaram estes *sete varões* para o trabalho de servir às mesas por ora (v. 6). *A multidão* [...] *dos discípulos* os apresentou aos apóstolos (v. 6), que aprovaram os candidatos e os ordenaram. [1] Os apóstolos oraram (v. 6) com os *sete varões* e por eles, para que Deus lhes desse cada vez mais do Espírito Santo e sabedoria e para que os qualificasse para o serviço ao qual foram chamados. Oraram ainda a fim de que Deus fizesse deles uma bênção para a igreja e, particularmente, para os pobres do rebanho. Todos que são envolvidos no serviço da igreja devem ser entregues à direção da graça divina por suas orações. [2] Os apóstolos *impuseram as mãos* (v. 6) sobre os *sete varões*, quer dizer, eles os abençoaram em nome do Senhor (Sl 129.8), pois a imposição de mãos era usada para esse fim. Assim *Jacó* [...] *abençoou cada um dos filhos de José* (Hb 11.21), e, *sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior* (Hb 7.7). Os diáconos são abençoados pelos apóstolos, e os ajudadores dos pobres são abençoados pelos pastores da congregação. Tendo implorado por uma bênção sobre os *sete varões*, por meio da imposição de mãos, os apóstolos lhes asseguraram que essa bênção fora dada como resposta. Dessa maneira, eles estavam autorizando os *sete varões* a exercerem seu ofício e colocando sobre os membros da congregação a obrigação de observarem os diáconos nesse particular.

III O avanço da igreja depois disto. Quando as coisas foram postas em ordem na igreja (queixas atendidas e inquietações acalmadas), a religião se firmou (v. 7). 1. *A palavra de Deus* [...] *crescia* (v. 7). Agora que os apóstolos resolveram manter-se mais do que nunca restritos à pregação, o evangelho espalhou-se mais e ocasionou mais poder. Os ministros que se desembaraçam de empregos seculares e se dedicam completa e vigorosamente à obra, contribuem muito para o sucesso do evangelho. A palavra de Deus cresce como a semente plantada, que produz trinta, sessenta ou cem vezes mais (Mc 4.8). 2. Os cristãos cresceram a cântaros: *Em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos* (v. 7). Quando Jesus estava na terra, o seu ministério teve pouco sucesso em Jerusalém. Agora essa cidade proporciona a maioria dos convertidos. Deus tem seus remanescentes até nos piores lugares. 3. *Grande parte dos sacerdotes obedecia à fé* (v. 7). A palavra e a graça de Deus são grandemente glorificadas, quando as

pessoas menos prováveis são influenciadas pelo evangelho, como ocorre aqui com os *sacerdotes*, que ou se opuseram ou pelo menos se uniram com os que se opunham à mensagem evangelística. Os *sacerdotes*, cujo cargo honorífico surgiu da lei de Moisés, estavam propensos a serem conduzidos pelo evangelho de Cristo. Pelo visto, eles vieram em massa. Muitos deles concordaram em unir-se e entregar, de uma só vez, seus nomes a Jesus Cristo para continuarem tendo o crédito uns dos outros e para fortalecerem as mãos uns dos outros: *polis ochlos – uma grande multidão de sacerdotes* foi, pela graça de Deus, ajudada a vencer seus preconceitos e a obedecer *à fé*, assim é descrita conversão dos *sacerdotes*. (1) Os *sacerdotes* adotaram a doutrina do evangelho. Seus entendimentos foram levados cativos ao poder da verdade de Cristo, e todo pensamento contestador e oponente foi conduzido à obediência de Cristo (2 Co 10.4,5). As pessoas conhecem o evangelho *para a obediência da fé* (Rm 16.26). A *fé* é um ato da obediência, pois este é o mandamento de Deus: *que creiamos* (1 Jo 3.23). (2) Os *sacerdotes* evidenciaram a sinceridade de terem crido no evangelho de Cristo através de uma submissão alegre a todas as suas regras e preceitos. O desígnio do evangelho é refinar e reformar nosso coração e nossa vida. A *fé* nos dá a lei, e devemos ser-lhe obedientes.

O Discurso de Estêvão

vv. 8-15

Estêvão, sem dúvida, foi diligente e fiel no desempenho do seu ofício como distribuidor dos bens assistenciais da igreja. Ele se dispôs a colocar esses afazeres num bom método, obtendo satisfação plena e universal. Embora evidenciasse ser um homem de dons incomuns e apto para um cargo mais elevado, quando chamado para o exercício do diaconato, não pensou que essa função o rebaixasse. Sendo fiel no pouco, foi-lhe confiado mais. Nós não o achamos propagando o evangelho pela pregação e batismo, mas aqui ele é convocado e empossado para serviços igualmente nobres.

I *Estêvão* provou a verdade do evangelho fazendo milagres no nome de Jesus (v. 8). 1. *Estêvão* estava *cheio de fé e de poder* (v. 8), quer dizer, ele tinha uma *fé* pela qual pôde fazer *prodígios e grandes sinais*. Quem está *cheio de fé* está *cheio* [...] *de poder*, porque pela *fé* recebemos o *poder* de Deus. Ele estava *cheio de fé* para que não houvesse espaço para a incredulidade e para que abrisse caminho à influência da graça divina, de modo que, como diz o profeta Miquéias, ele estava *cheio da força do Espírito do Senhor* (Mq 3.8). Pela fé, somos esvaziados do ego para sermos cheios de *Cristo*, que é *poder de Deus e sabedoria de Deus* (1 Co 1.24). 2. *Estêvão* [...] *fazia prodígios e grandes sinais entre o povo* (v. 8), abertamente e à vista de todos, pois os milagres de Cristo não temiam o mais rígido escrutínio. Não é estranho que *Estêvão*, embora não fosse pregador por ofício, tenha feito estas grandes maravilhas. Estes *prodígios e grandes sinais* eram dons distintos do Espírito, ofertados individualmente, pois a um era dada *a operação de maravilhas; e a outro, a profecia* (1 Co 12.10,11). E *estes sinais* seguiriam não só aos que pregassem, mas também aos que cressem (Mc 16.17).

II *Estêvão* defendeu a causa do cristianismo contra os que se opunham e debatiam contra ela (vv. 9,10). Ele serviu aos interesses da religião como defensor da fé, nos lugares altos do campo, enquanto que outros serviram como vinhateiros e lavradores.

1. Quem eram os oponentes de *Estêvão* (v. 9). Eram judeus, judeus helenistas, judeus da dispersão que, pelo visto, eram mais zelosos que os nativos. Eles retiveram com dificuldade as práticas e as confissões judaicas no país onde moravam, onde eram como pássaros salpicados, e mantiveram a freqüência a Jerusalém com grande despesa e labuta. Esta dificuldade e empenho os fizeram defensores mais ativos do judaísmo do que aqueles cuja confissão religiosa era fácil e barata. Eles *eram da sinagoga chamada dos Libertos*. Os romanos chamavam esses *Liberti* ou *Libertini*, que eram estrangeiros que se naturalizaram, ou escravos de nascença que foram alforriados ou se fizeram homens livres. Eruditos defendem que estes *Libertos* eram judeus que tinham obtido a cidadania romana, como Paulo (cap. 22.27,28). É provável que Paulo fosse o homem mais zeloso desta *sinagoga chamada dos Libertos*. Ele possivelmente debateu com *Estevão* e engajou outros na sua argüição. Essa dedução advém do fato de o vermos ocupado com o apedrejamento de *Estêvão* e consentindo na sua morte. Havia ainda oponentes que pertenciam à *sinagoga* [...] *dos cireneus, e dos alexandrinos*, sobre cuja sinagoga os escritores judeus discorrem; e outros oponentes que pertenciam à *sinagoga* [...] *dos que eram da Cilícia e da Ásia*. Se Paulo, como cidadão livre de Roma, não pertencesse à *sinagoga* [...] *dos Libertos*, pertenceria a esta por ser nativo de Tarso, cidade *da Cilícia*. Não é improvável que fosse membro de ambas. Os judeus que nasceram em outros países e ali cuidavam de seus negócios, tinham oportunidades freqüentes de ir e até residir em Jerusalém. Cada nação tinha sua sinagoga, como em diversas partes do mundo há igrejas francesas, holandesas e dinamarquesas. Essas sinagogas eram as escolas para as quais os judeus dessas nações enviavam seus filhos para serem educados no ensino judaico. Os que eram tutores e professores nestas sinagogas estavam vendo que o evangelho crescia e que os *sacerdotes* estavam sendo coniventes com seu crescimento. Eles temiam qual seria a conseqüência disto para a religião judaica, da qual eram zelosos. Além disso, tinham confiança na excelência da sua causa e em sua própria suficiência para tratar do assunto. Por isso, lutavam para acabar com o cristianismo por meio de debates. Tratava-se de um modo justo e racional de lidar com a situação. Este era procedimento sempre aceito pela religião. *Apresentai a vossa demanda, diz o Senhor; trazei as vossas firmes razões, diz o Rei de Jacó* (Is 41.21). Mas por que eles debateram com Estêvão? Por que não o fizeram com os próprios apóstolos? (1) Certos estudiosos pensam que eles menosprezaram os apóstolos porque os consideravam *homens sem letras e indoutos* (cap. 4.13). Julgavam-nos inferiores para entrarem em debate com eles. Mas como *Estêvão* fora bem educado, achavam uma honra provocar alguém tão estudioso quanto eles. (2) Outros eruditos pensam que eles tinham grande temor dos após-

tolos. Eles não se sentiriam tão desimpedidos e à vontade com eles como se sentiram com *Estêvão* que estava em posição inferior. (3) Talvez o desafio tenha sido feito publicamente, e *Estêvão* foi escolhido e nomeado pelos discípulos para defendê-los. Não era, pois, razoável que os apóstolos deixassem a pregação da palavra de Deus para se ocuparem com controvérsias. *Estêvão* foi designado para este serviço, porque era apenas um diácono da igreja e um jovem muito inteligente e talentoso. Ele estava mais bem qualificado para lidar com altercadores do que os próprios apóstolos. Certos historiadores afirmam que Estêvão foi criado aos pés de Gamaliel, e que Saulo e os demais o abordaram violentamente – como se agiria com um desertor. (4) É provável que debateram com *Estevão* por ser ardoroso em argumentar com eles e convencê-los, e este era o serviço para o qual Deus o chamara.

2. Como *Estêvão* triunfou nesta disputa: *E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava* (v. 10). Eles não conseguiam fundamentar os próprios argumentos nem responder aos argumentos de *Estêvão*. Ele provou por argumentos irrefutáveis que Jesus é o Cristo e se entregou com tanta pureza e inteireza à sua defesa que não tiveram como contestar o que dizia. Embora não tenham sido convencidos, foram confundidos. O texto sacro não diz: Eles *não podiam resistir* a *Estêvão*, mas: Eles *não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que [Estêvão] falava*, ao Espírito de sabedoria que falada por ele. Tratava-se de cumprimento da promessa: *Eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem* (Lc 21.15). Eles achavam que disputavam apenas com Estêvão e que levariam a melhor nesse páreo. Mas eles estavam disputando com o Espírito de Deus que nele estava, e contra o Espírito Santo ninguém é páreo.

III No fim, *Estêvão* selou a disputa com seu sangue. É o que veremos no próximo capítulo. Aqui, temos alguns passos dados pelos seus inimigos para esse fim. Quando não puderam responder aos argumentos de Estêvão, eles o processaram como criminoso e subornaram testemunhas para jurar que o ouviram blasfemar. "Em tais condições (disse o Sr. Baxter), estamos debatendo com homens malignos. É algo próximo de um milagre da providência que um número maior de religiosos não tivesse sido assassinado no mundo mediante o perjúrio e o simulacro da lei, quando tantos milhares que os odiaram não tinham escrúpulos de serem servidos por falsos juramentos." Eles *subornaram uns homens*, a saber, eles os instruíram quanto ao que dizer e os contrataram para sustentar essas palavras. Eles se iraram ainda mais com Estêvão, porque lhes provara que laboravam em erro e lhes mostrara o caminho certo. Por essa atitude, todavia, deveriam ter-lhe dado os mais efusivos agradecimentos. *Fiz-me, acaso, vosso inimigo, dizendo a verdade* (Gl 4.16) e provando-a? Agora observemos aqui:

1. Como com toda astúcia e empenho possível eles encolerizaram o governo e a turba contra *Estêvão*, para que, caso não prevalecessem por um, pudessem prevalecer pelo outro: Eles *excitaram o povo* (v. 12) contra ele, para que, caso o Sinédrio ainda achasse adequado (de acordo com o conselho de Gamaliel) deixá-lo ir, pudessem matá-lo pelo ódio e tumulto popular. Também acharam meios de incitar *os anciãos e os escribas* contra ele, para que, caso o povo o apoiasse e o protegesse, pudessem prevalecer pela autoridade que exerciam. Por isso, não duvidavam que sairiam vitoriosos no debate: é que colocavam o pé em duas canoas.

2. Como eles levaram *Estêvão* ao tribunal para julgamento: Eles investiram *contra ele* (v. 12), quando menos esperava, e *o arrebataram e o levaram ao conselho*. Eles o abordaram de uma só vez e se arremessaram contra ele como o leão se arremessa contra sua presa (de acordo com o texto grego). Por meio desse tratamento rude e violento, eles o representariam para o povo e para o governo como homem perigoso, que fugiria da justiça caso não fosse vigiado, ou que lutaria contra ela, caso não fosse posto sob guarda. Havendo-o prendido, eles *o levaram* triunfalmente *ao conselho*, e, ao que parece, tão depressa que nenhum dos seus amigos puderam acompanhá-lo. Descobriram que, quando os cristãos se juntavam, incentivavam uns aos outros e fortaleciam as mãos uns dos outros. Por isso, tentarão lidar com eles isoladamente.

3. Como estavam munidos de provas engendradas contra *Estêvão*. Determinados a não ficarem imobilizados como ocorreu quando levaram nosso Salvador a julgamento, eles tiveram de buscar testemunhas. Estas foram preparadas de antemão e instruídas a jurar que o ouviram *proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus* (v. 11) e *contra este santo lugar e a lei* (v. 13), pois eles o ouviram dizer o que *esse Jesus Nazareno* faria ao *lugar* e aos *costumes* (v. 14). É provável que ele tivesse dito algo a esse respeito. Não obstante, os que juraram estas coisas contra ele são denominados de *falsas testemunhas* (v. 13), porque, embora houvesse alguns itens verdadeiros no testemunho, puseram as palavras numa construção errônea e maliciosa, pervertendo o que ele dissera. Observe:

(1) Qual foi a acusação geral apresentada contra *Estêvão*: que ele proferiu *palavras blasfemas* (v. 13). E, para agravar a questão: "*Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas*. É seu discurso habitual, sua conversa com todas as pessoas. Onde quer que vá, ele aproveita a oportunidade para instilar suas noções com todos com quem conversa". Isso também aponta para a contumácia e o desprezo da advertência. "Ele tem sido avisado a não proceder assim, mas continua falando do mesmo jeito." A blasfêmia é considerada um crime hediondo (falar de Deus, nosso Criador, de forma desprezível e acusadora). Dessa maneira, se pensaria que os perseguidores de Estêvão tinham profunda preocupação pela honra do nome de Deus e agiam assim por serem zelosos desse nome. Como ocorreu com os confessores e mártires do Antigo Testamento, assim ocorreu com esses do Novo. Os irmãos que os odiaram e os expulsaram, disseram: *O Senhor seja glorificado* (Is 66.5), e fingiram que procediam dessa maneira a serviço do Senhor. Eles disseram que *Estêvão* proferiu *palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus* (v. 11). Até aqui, tinham razão, pois os que blasfemam *contra Moisés* (se eles se referiam aos escritos de Moisés que foram dados por inspiração divina) blasfemam *contra* o próprio *Deus*. Aqueles que falam injuriosamente das Escrituras e as ridiculari-

zam, escarnecem do próprio Deus e o desprezam verdadeiramente. Sua grande intenção é *engrandecer a lei e fazê-la gloriosa* (Is 42.21). Aqueles que vilipendiam a lei e a fazem desprezível, blasfemam do nome do Senhor, pois está escrito: Tu *engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome* (Sl 138.2). Mas Estêvão blasfemou *contra Moisés*? De jeito nenhum; longe disso! Jesus e os pregadores do evangelho nunca disseram nada que soasse blasfêmia *contra Moisés*. Eles sempre citavam os escritos mosaicos com respeito, apelavam à sua autoridade e nunca disseram outra coisa senão o que Moisés asseverou. Era, portanto, injustificada a acusação de que *Estêvão* blasfemou *contra Moisés*.

(2) Como esta acusação contra *Estêvão* foi provada e entendida. Na verdade, quando chegou a hora de documentar a acusação, tudo que puderam fazer foi acusá-lo de ter proferido *palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei* (v. 13). Devemos supor e considerar como blasfêmia *contra Moisés* e contra o próprio Deus. Assim a acusação torna-se menor quando tem de ser comprovada. [1] *Estêvão* é acusado de blasfemar *contra este santo lugar* (v. 13). Certos estudiosos entendem que o texto se refere à cidade de Jerusalém, que era a cidade santa e pela qual tinham muito ciúme. Todavia, é mais provável que esse lugar seja o templo, a casa santa. Jesus foi condenado como blasfemador por palavras que pensavam recaírem sobre o templo, do qual zelavam bastante, mesmo quando por ações maldosas o tivessem profanado. [2] *Estêvão* é acusado de blasfemar *contra* [...] *a lei* (v. 13), da qual eles se gloriavam e na qual confiavam, quando desonraram *a Deus pela transgressão da lei* (Rm 2.23). Mas como eles entenderam isto? Aqui a acusação se torna de novo sem grande importância. Tudo de que podem acusá-lo é que o ouviram *dizer* (mas como ouviram, ou se ele lhes deu explicação, eles não acham que sejam obrigados a prestar contas) *que esse Jesus Nazareno* (v. 14), de quem muito se falou, *há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu*. Ele não pôde ser acusado de ter dito algo que depreciasse ou o templo ou a lei. Os próprios sacerdotes tinham profanado o templo, fazendo desse lugar casa de comércio e covil de ladrões. Mesmo assim, queriam ser considerados zelosos em honrar o templo contra alguém que nunca dissera nada de impróprio a respeito, mas que o freqüentara mais como casa de oração, de acordo com o verdadeiro propósito do lugar, do que eles mesmos. E ele jamais desacreditara a lei como fizeram. Mas, em primeiro lugar, *Estêvão* tinha dito: *Jesus Nazareno* haverá *de destruir este lugar* (v. 14), destruir o templo, destruir Jerusalém. É provável que ele tivesse proferido tais palavras. Que blasfêmia seria contra o lugar santo dizer que não seria perpétuo como Siló não fora, e que o Deus justo e santo não prolongaria os privilégios do seu santuário àqueles que abusaram deles? Mas os profetas não deram o mesmo aviso aos seus pais sobre a destruição que os caldeus causariam àquele lugar santo? E não somente isso, mas, acerca do primeiro templo, o próprio Deus não deu o mesmo aviso? Note isto: *Desta casa, que fora tão exaltada, qualquer que passar por ela se espantará* (2 Cr 7.21). Será, então, que blasfema quem lhes fala que, caso prossigam opondo-se a *Jesus Nazareno*, Ele destruirá justamente o lugar e a nação, sendo eles os únicos responsáveis por isso? Esses abusam da sua confissão religiosa maldosamente, os quais, sob esse pretexto, consideram as reprimendas que recebem por suas relações desagradáveis censuras à sua religião. Em segundo lugar, *Estêvão* tinha dito: *Jesus Nazareno* haverá de *mudar os costumes que Moisés nos deu* (v. 14). Era esperado que nos dias do Messias *os costumes que Moisés* estabelecera fossem mudados e que as sombras desapareceriam quando o corpo chegasse. Contudo, esta não era mudança substancial da lei, mas o seu aperfeiçoamento. Cristo veio não para destruir a lei, mas para cumpri-la (Mt 5.17). Se Ele mudou alguns *costumes que Moisés* deu, foi para introduzir e estabelecer *costumes* que eram muito melhores. Se a igreja judaica não tivesse obstinadamente recusado entrar neste novo estabelecimento e aderido à lei cerimonial, que eu saiba esse *lugar* não teria sido destruído. Por conseguinte, para colocá-los no caminho certo de forma a evitar a destruição desse *lugar* e para avisá-los de antemão, caso não tomassem esse caminho, *Estêvão* é acusado de blasfêmia.

IV Como Deus reconheceu *Estêvão* como seu enviado quando ele foi levado ao conselho e fez parecer que Ele estava do seu lado: *Todos os que estavam assentados no conselho* (v. 15), os sacerdotes, escribas e anciãos, *fixando os olhos nele*, sendo um estranho e alguém que eles não conheciam anteriormente, *viram o seu rosto como o rosto de um anjo*. É habitual os juízes observarem o semblante do prisioneiro em busca de indicação de culpa ou inocência. *Estêvão* estava no tribunal com o *rosto como o rosto de um anjo*. 1. Talvez indique não mais que *Estêvão* tinha um semblante extraordinariamente agradável e alegre, não havendo o mínimo sinal de medo ou raiva de seus perseguidores. Ele dava a mostras de estar contentíssimo por ter sido convocado para prestar testemunho, publicamente, do evangelho de Cristo, e por ter esperança de ganhar a coroa de martírio. Havia em seu semblante tal serenidade imperturbada, tal coragem destemida e tal mistura irresoluta de mansidão e majestade que todos afirmavam parecer ele *um anjo*. Era o suficiente para convencer os saduceus de que existem anjos, quando viram diante dos olhos *um anjo* encarnado. 2. Mais propriamente, havia um esplendor e brilho milagroso no *rosto* de *Estêvão*, semelhante ao que havia no rosto do nosso Salvador quando Ele foi transfigurado, ou, pelo menos, semelhante ao rosto de Moisés quando ele desceu do monte. Com isso, Deus tenciona dar honra à sua testemunha fiel e confundir os perseguidores e juízes. O pecado deles se agravou grandemente, caracterizando verdadeira rebelião contra a luz, caso, apesar disso, instaurassem um processo contra Estêvão. O texto sacro não nos informa se ele sabia ou não que a pele do seu *rosto* brilhava, mas *todos os que estavam assentados no conselho* sabiam, porque viam o brilho. Eles, provavelmente, chamavam a atenção uns dos outros para esse fato. E que vergonha notória quando viram o que acontecera! Perceberam também que ele fora reconhecido por Deus quando eles sequer permitiram que se pusesse em pé no tribunal e ocupasse o assento principal dos juízes. A sabedoria e a santidade fazem o rosto do homem brilhar, ainda que não isentem os homens das maiores indignidades. Não admira, portanto, que o brilho do *rosto* de *Estêvão* não lhe concedesse

proteção. Seria fácil provar sua culpa: todavia, se ele fosse de fato culpado de desonrar Moisés, Deus não o teria honrado da mesma forma como honrou Moisés.

CAPÍTULO 7

Quando o Senhor Jesus chamou os apóstolos para se envolverem em serviços e sofrimentos a favor da sua causa, Ele lhes disse que os últimos seriam os primeiros, e os primeiros, os últimos. Esta palavra se cumpriu notavelmente em Estêvão e Paulo. Os dois, em comparação aos apóstolos, se converteram depois, mas logo deram início ao serviço e sofrimento. Deus, ao honrar e conceder graça, freqüentemente cruza os braços. Neste capítulo, lemos sobre a morte de Estêvão, o primeiro mártir da igreja cristã, o qual saiu na vanguarda do exército nobre. Os seus sofrimentos e morte estão mais largamente relacionados que os de outrem, pois servem de orientação e incentivo a todos os que são chamados a resistir até ao sangue. Aqui está: I. A defesa de Estêvão diante do conselho para responder às acusações contra ele. A intenção era mostrar que não houve blasfêmia contra Deus, nem dano absoluto à glória do seu nome, dizer que o templo seria destruído e que os costumes da lei cerimonial mudariam. 1. Estêvão mostra isto revisando a história do Antigo Testamento. Ele observa que nunca foi a intenção de Deus limitar seu favor àquele lugar ou à lei cerimonial, e que eles não tinham razão para esperar que Ele o fizesse, pois o povo judeu sempre fora um povo provocador e perdera os privilégios da sua peculiaridade. O lugar santo e a lei eram apenas figuras de coisas boas que viriam e que absolutamente não era depreciação dizer que tinham de dar lugar a coisas melhores (vv. 1-50). 2. Estêvão aplica estas verdades àqueles que o processavam e o julgavam, reprovando-os nitidamente por serem maus. Era essa maldade que ocasionaria a ruína do lugar e da nação, por isso não suportavam ouvir falar disso (vv. 51-53). II. A morte de Estêvão por apedrejamento e sua submissão paciente, alegre, piedosa (vv. 54-60).

O Discurso de Estêvão

vv. 1-16

Estêvão está sendo julgado diante do grande conselho da nação sob a acusação de blasfêmia. O capítulo anterior relata que as testemunhas, sob juramento, afirmaram que ele proferira palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus, pois ele falara contra o santo lugar e a lei. Agora aqui:

I *O sumo sacerdote* chama Estevão para se defender (v. 1). Ele era o presidente e, nessa função, servia de porta-voz do tribunal: "Tu, prisioneiro em julgamento, ouviste o que as testemunhas, sob juramento, afirmaram contra ti. *Porventura, é isto assim?* O que tu tens a dizer sobre isso? Tu falaste alguma palavra com este sentido? Se falaste, tu te retratarás ou manterás o que disseste? És culpado ou inocente?" Estas palavras faziam um espetáculo de justiça, mas ao que parece foram ditas com ar de arrogância. Até aqui, *o sumo sacerdote* mostra ter prejulgado a causa porque, se ele houver dito tais palavras, será certamente condenado como blasfemador, seja qual for a justificativa ou explicação que dê ao conselho.

II Estevão começa sua longa defesa. Temos a impressão de que ele foi interrompido abruptamente somente quando chegou ao ponto principal (v. 50). Ele ter-se-ia estendido mais em suas palavras, caso seus inimigos lhe tivessem dado a liberdade de dizer tudo o que tinha a dizer. Em geral, podemos observar:

1. Que, neste discurso, Estevão mostra ser homem preparado e poderoso nas Escrituras, estando inteiramente equipado para toda boa palavra e toda boa obra. Ele relata de improviso, sem consultar sua Bíblia, histórias muito pertinentes aos seus propósitos. Ele estava cheio do Espírito Santo, não tanto para lhe revelar coisas novas, ou lhe mostrar os conselhos e decretos secretos de Deus relativos à nação judaica, a fim de convencer seus contraditores, mas para lhe trazer à memória as escrituras do Antigo Testamento e lhe ensinar como fazer uso delas, a fim de convencê-los. Quem está cheio do Espírito Santo estará cheio das Escrituras.

2. Que Estevão cita as Escrituras de acordo com a tradução da Septuaginta, indicando que ele era um dos judeus helenistas que usava essa versão nas sinagogas. Seguir esta versão mostra variações com o original hebraico neste discurso. Os juízes do tribunal não corrigiram estas diferenças, porque sabiam como ele as aprendera. Este fato também não deprecia a autoridade do Espírito pelo qual ele falava, pois as variações não são importantes. Temos uma máxima: *Apices juris non sunt jura – Meros pontos da lei não são a própria lei.* Estes versículos levam esse compêndio de história da igreja para o fim do Livro de Gênesis. Observe:

(1) O prefácio do discurso de Estêvão: *Varões irmãos e pais, ouvi* (v. 2). Ele não lhes dá títulos lisonjeiros, mas civis e respeitosos, dando a entender sua expectativa de tratamento com justiça. Dos homens, ele espera ser tratado com humanidade, e de *irmãos e pais*, ele espera que o tratem de modo paternalmente fraterno. Eles estão prontos a considerá-lo apóstata da igreja judaica e seu inimigo. Mas, para começar a convencê-los do contrário, ele se dirige a eles como *varões*, *irmãos* e *pais*, determinando considerá-lo como um deles, embora não o fizessem. Ele lhes solicita atenção: *Ouvi.* Embora estivesse a ponto de lhes contar o que eles já sabiam, roga que ouçam suas palavras, porque, embora soubessem de tudo, sem uma aplicação mental muito restrita, eles não saberiam aplicar estas histórias ao caso sob julgamento.

(2) A introdução ao discurso de Estevão (ainda que assim pareça ao leitor casual) está longe de ser uma divagação longa apenas para divertir e entreter os ouvintes, contando-lhes uma história antiga. Tudo era pertinente e *ad rem – a propósito*, para lhes mostrar que o coração de Deus não estava tanto naquele lugar santo e na lei quanto estava o deles. Mas, assim como Deus possuiu

uma igreja no mundo muitos séculos antes que aquele lugar santo fosse fundado e a lei cerimonial dada, Ele também a possuiria quando essas duas coisas tivessem seu ponto final.

[1] Estêvão começa com a chamada de *Abraão* de Ur dos Caldeus, pela qual ele foi separado para Deus a fim de ser o canal fiel da promessa e o pai da igreja veterotestamentária. Sobre essa chamada, temos uma narrativa (Gn 12.1ss.) e uma referência (Ne 9.7,8). Seu país nativo era um país idólatra: a *Mesopotâmia* (v. 2), a *terra dos caldeus* (v. 4). Por isso, Deus o levou a duas mudanças, a segunda não muito longe da primeira, lidando ternamente com ele. Primeiro, Ele o tirou da *terra dos caldeus* para *Harã*, cidade a meio caminho de Canaã (Gn 11.31). *E dali*, cinco anos mais tarde, *depois que seu pai faleceu, Deus o trouxe para esta terra* de Canaã, *em que habitais agora*. Pelo visto, a primeira vez que Deus falou com *Abraão* (v. 2), Ele *apareceu* em alguma forma visível da sua presença, como *o Deus da glória*, para estabelecer uma relação com ele. Depois, Ele manteve essa relação e falava com ele de tempos em tempos segundo cada ocasião, sem repetir suas aparições visíveis como *o Deus da glória*.

Em primeiro lugar, sobre esta chamada de *Abraão*, observemos: 1. Em todos os nossos caminhos, temos de reconhecer Deus e atender às orientações da sua providência, como da coluna de nuvem e de fogo. Não está escrito que *Abraão* se mudou, mas que *Deus o trouxe para esta terra em que habitais agora* (v. 4). Tudo que *Abraão* fez foi seguir seu Líder. 2. Aqueles com quem Deus faz um concerto, Ele os distingue dos filhos deste mundo. Eles são verdadeiramente chamados para fora da pátria, da terra da sua natividade. Eles têm de se libertar do mundo para viver acima dele e de tudo que nele há, até das coisas que lhes são muito queridas. Eles têm de confiar em Deus para lhes compensar por estas coisas em outro país melhor, quer dizer, na pátria celestial, a qual Ele lhes mostrará. Os escolhidos de Deus têm de segui-lo com uma fé e obediência, de certa forma, cega.

Em segundo lugar, vejamos qual é serventia disso tudo para o caso de Estêvão. 1. Eles acusaram Estêvão de blasfemar contra Deus e de ser apóstata da igreja. Por isso, ele mostra que é filho de *Abraão*, orgulhando-se de poder dizer: *Abraão, nosso pai* (v. 2), e que é adorador fiel do Deus de *Abraão*, a quem aqui ele chama *o Deus da glória*. Ele também mostra que possui revelação divina e que particularmente por essa razão a igreja judaica foi fundada e corporificada. 2. Eles eram orgulhosos de serem circuncidados. Por isso, ele mostra que *Abraão* foi levado sob a orientação de Deus e em comunhão com Ele, antes de ser circuncidado, fato que ocorreu somente no versículo 8. Com este argumento, Paulo prova que *Abraão* foi justificado pela fé, porque ele foi justificado quando era incircunciso. 3. Eles tinham grande zelo por este santo lugar, cujo significado pode ser toda a terra de Canaã, pois se chamava a terra santa, a terra de Emanuel. E a destruição da casa santa inferia a destruição da terra santa. "Agora", diz Estêvão, "vós não deveis ter tanto orgulhoso disso, pois": (1) "Vós saístes originalmente de Ur dos Caldeus, onde *vossos pais* [...] *serviram a outros deuses* (Js 24.2), e não fostes os primeiros plantadores deste país. *Olhai para a rocha de onde fostes cortados e para a caverna do poço de onde fostes cavados*", ou seja, como diz a continuação do texto citado: "*Olhai para Abraão,* [...] *porque, sendo ele só, eu o chamei* (Is 51.1,2). Refleti na mediocridade do vosso começo, vede como estais completamente endividados com a graça divina e percebereis que o orgulho para sempre foi excluído. Foi Deus *quem suscitou do Oriente o justo e o chamou para o pé de si* (Is 41.2). Mas, se a sua semente degenerar, sabei que Deus pode destruir este santo lugar e levantar outro povo, porque Ele não é devedor a ninguém." (2) "Deus apareceu, em sua glória, a *Abraão* a grande distância daqui, na Mesopotâmia, antes que ele chegasse perto de Canaã, antes mesmo que habitasse em *Harã*, para que não penseis que as aparições de Deus são limitadas a esta terra. Aquele que trouxe a semente da igreja de um país do distante Oriente pode, se quiser, levar os frutos dessa semente para outro país tão distante quanto o Ocidente." (3) "Deus não tinha pressa em trazer *Abraão* para esta terra, mas permitiu que ele se demorasse alguns anos ao longo do trajeto. Este procedimento nos mostra que Deus não tem o coração tanto nesta terra como vós tendes o vosso, nem a sua honra ou a felicidade do seu povo está ligada a esta terra. Portanto, não é blasfêmia nem traição dizer: 'Esta terra será destruída.'"

[2] O estado itinerante de *Abraão* e *sua descendência* durante os muitos séculos depois que ele foi chamado a sair de Ur dos Caldeus. Deus realmente *prometeu que lhe daria a posse* daquela terra *e, depois dele, à sua descendência* (v. 5). Mas, em primeiro lugar, por muitos anos *Abraão* não teve *filho*, nenhum de Sara (*não tendo ele filho*, v. 5). Em segundo lugar, *Abraão* foi peregrino e estrangeiro naquela terra. Deus *não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé* (v. 5). Lá estava *Abraão* como em um país estrangeiro, sempre estando a ponto de se mudar e não podendo dizer que era sua terra. Em terceiro lugar, por muito tempo a *descendência* de *Abraão* não teve posse desta terra. Depois de *quatrocentos anos*, seus descendentes virão *e me servirão neste lugar* (v. 7). Em quarto lugar, a *descendência* de *Abraão* tem de passar por muitos sofrimentos e dificuldades antes de receber a posse dessa terra. Seus descendentes serão escravizados e maltratados em uma terra estranha. Não se tratava de castigo por algum pecado, como foi a peregrinação no deserto, pois não encontramos nada nas Escrituras que explique essa escravidão no Egito. Deus assim designara e assim devia ser. E ao término dos *quatrocentos anos*, calculado desde o nascimento de Isaque, *também eu julgarei a gente à qual servirão* (Gn 15.14), disse Deus. Isto nos ensina: 1. Que conhecidas são por Deus todas as suas obras (cap. 15.17,18). Quando Abraão não tinha nem herança nem herdeiro, Deus lhe disse que ele teria as duas coisas: a terra da promessa e o filho da promessa. E assim aconteceu, e foram recebidas pela fé. 2. Que as promessas de Deus, ainda que alguns a tenham por tardia, são certas em seu cumprimento. Elas serão feitas realidade no tempo certo, embora talvez não tão depressa quanto almejamos. 3. Que ainda que os filhos de Deus estejam passando por angústia e aflição durante certo tempo, por fim Deus os salvará e ajustará contas com aqueles que os oprimem. Pois *deveras há um Deus que julga na terra* (Sl 58.11).

Vejamos, porém, como isto serve ao propósito de Estêvão. 1. A nação judaica, de cuja honra tinham tanto zeloso, era muito insignificante em seus primórdios. Como *Abraão*, o seu pai comum, foi mandado vir da obscuridade de Ur dos Caldeus, assim as tribos e seus chefes foram mandados sair da servidão do Egito, quando eles eram *menos em número do que todos os povos* (Dt 7.7). E que necessidade há de tanto trabalho, como se a ruína deles, ocasionada pelo pecado, tivesse de ser a ruína do mundo e de todos os interesses de Deus neste mundo? Não; aquele que os tirou do Egito pode levá-los de volta, como Ele ameaçou (Dt 28.68), e ainda não ter perda, pois das pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. 2. Os passos lentos em que a promessa feita a Abraão avançou até ao cumprimento e as muitas aparentes contradições mostram claramente que havia nisso tudo um significado espiritual. De fato a terra em vista que seria dada com posse garantida era a pátria *melhor; isto é, a celestial* (Hb 11.16). É o que demonstra o apóstolo com este mesmo argumento, quando diz que os patriarcas habitaram *na terra da promessa, como em terra alheia* (Hb 11.9). Com isso, ele dava a entender que os patriarcas esperavam *a cidade que tem fundamentos* (Hb 11.9,10). Por conseguinte, não era blasfêmia dizer: Jesus destruirá este lugar, da mesma forma que não é quando dizemos: "Jesus nos levará à Canaã celestial e nos dará a posse dela, da qual a Canaã terrena era apenas tipo e figura".

[3] A formação da família de *Abraão*, com o vínculo da graça divina e as disposições da Providência divina a esse respeito, que compõem o restante do Livro de Gênesis.

Em primeiro lugar, Deus se comprometeu em ser Deus para *Abraão* e sua *descendência*. Em sinal disso, Deus designou que *Abraão* e sua *descendência* masculina fossem circuncidados (Gn 17.9,10). Ele *lhe deu o pacto da circuncisão* (v. 8), quer dizer, o concerto cujo selo era a circuncisão. Por conseguinte, quando Abraão *gerou* um filho (*Isaque*), ele *o circuncidou ao oitavo dia*, tornando-o sujeito à lei divina e interessado na promessa divina. A circuncisão tinha referência a estes dois aspectos, pois era um selo do concerto da parte de Deus (*Eu sou* para ti *o Deus Todo-poderoso*, Gn 17.1), e da parte do homem (*anda em minha presença e sê perfeito*, Gn 17.1). Quando medidas eficazes foram tomadas para assegurar que a *descendência* de *Abraão* servisse ao Senhor, eles começaram a se multiplicar: *Isaque* [gerou] *a Jacó; e Jacó, aos doze patriarcas* (v. 8), que são as raízes das respectivas tribos.

Em segundo lugar, *José* (v. 9), o predileto e bem-aventurado da casa do seu pai foi maltratado por seus irmãos. Tendo *inveja* dele por causa dos sonhos que sonhava, eles o *venderam* [...] *para o Egito*. Assim bem cedo os filhos de Israel começaram a invejar aqueles que entre eles eram eminentes e ultrapassavam os outros em excelência. A inimizade contra Cristo, que, como *José*, era nazireu entre seus irmãos, foi um grande exemplo disso.

Em terceiro lugar, *Deus* sustentou *José* em suas dificuldades e *era com ele* (v. 9; Gn 39.2,21), pela influência do Espírito divino em sua mente, dando-lhe consolo, e na mente daqueles com quem tinha relações, dando-lhe favor aos olhos dessas pessoas. Por fim, Ele *livrou-o de todas as suas tribulações* (v. 10), e faraó o fez o segundo homem no reino (Sl 105.20-22). Desta forma, ele não só chegou a elevado cargo honorífico entre os egípcios, mas se tornou *o Pastor e a Pedra de Israel* (Gn 49.24).

Em quarto lugar, *Jacó* foi compelido a descer ao *Egito* por uma *fome* que o forçou a sair de *Canaã* (v. 11), uma *fome* (que era uma *grande tribulação*), a ponto de *nossos pais não* acharem *alimentos* lá. Essa *terra frutífera* foi transformada *em terreno salgado* (Sl 107.33). *Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo* (v. 12; armazenado pela sabedoria do seu próprio filho), *enviou* [...] *nossos pais, a primeira vez*, para buscar *trigo* naquele país. *Na segunda vez* (v. 13) em que *ali* foram, *José*, que no princípio se fez estranho para eles, se fez *conhecido por seus irmãos*. Logo, *Faraó* foi informado de que eles eram da família de José e seus dependentes. Em conseqüência disso, com a licença de *Faraó, José mandou* (v. 14) buscar *Jacó, seu pai*, com *toda sua parentela*, totalizando *setenta e cinco almas*, para viverem e serem sustentados *no Egito*. Gênesis diz que eles eram *setenta* [...] *almas* (Gn 46.27), mas a Septuaginta, no mesmo versículo, informa que são setenta e cinco. Ou Estêvão ou Lucas segue essa versão, como demonstra Lucas 3.36, onde o nome Cainã não consta no texto hebraico, mas aparece na Septuaginta. Certos estudiosos excluem José e seus filhos, que já estavam no Egito (reduzindo o número a sessenta e quatro), e somam os filhos dos onze patriarcas, fechando o número em *setenta e cinco*.

Em quinto lugar, *Jacó* (v. 15) e seus filhos morreram no *Egito*, mas *foram transportados* (v. 16) para serem enterrados em Canaã. Ocorre aqui uma dificuldade muito importante. Está escrito que eles *foram transportados para Siquém*, ao passo que *Jacó* não foi enterrado em *Siquém*, mas perto de Hebrom, na caverna de Macpela, onde foram enterrados Abraão e Isaque (Gn 50.13). Os ossos de José foram realmente enterrados em *Siquém* (Js 24.32). Isto indica (embora não seja mencionado na história) que os ossos de todos os outros patriarcas também foram levados na mesma época, tendo cada um deles dado a mesma ordem de José relativa aos seus respectivos ossos. Contudo, a *sepultura* em *Siquém* foi comprada por *Jacó* (Gn 33.19), fato confirmado em outro texto (Js 24.32). Então, por que aqui diz que foi comprada por *Abraão*? A solução do Dr. Whitby é bastante adequada. Ele oferece a seguinte sugestão: *Jacó desceu ao Egito e morreu, ele e nossos pais*. Então, *ele*, quer dizer, *Jacó*, foi depositado *na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro* (Gn 23.16; ou: eles foram *depositados* lá, quer dizer, Abraão, Isaque e Jacó) e *nossos pais* [...] *foram transportados para Siquém*. E eles, isto é, os outros patriarcas, foram enterrados *na sepultura* comprada *aos filhos de Hamor, pai de Siquém*.

Vejamos qual é a pertinência destes fatos históricos para o propósito de Estêvão. 1. Os primórdios medíocres da nação judaica são decisivos na atitude de orgulho que os judeus demonstravam no que se refere à glória dessa nação. Foi um milagre de misericórdia os judeus terem sido levantados do nada para o que eram agora, de tão poucos em número para serem uma nação tão grande. Se eles não corresponderem ao propósito de terem tido tamanho progresso, o fim da nação só pode ser a destruição. Os profetas freqüentemente lhes diziam que o fato de terem sido libertados do Egito agravava o desprezo

que davam à lei de Deus. Aqui Estêvão os exorta de que essa mesma libertação agravava o desprezo que davam ao evangelho de Cristo. 2. A maldade dos onze patriarcas tribais, que invejaram o seu irmão José e o venderam como escravo ao Egito, mostra que o mesmo espírito ainda operava nos judeus em relação a Jesus Cristo e seus ministros. 3. A terra santa, a qual os judeus tanto amavam, por muito tempo ficou fora da posse dos seus pais, tendo passado nela privações e muita aflição. Portanto, não era de se estranhar que, depois de a terra ter sido contaminada há tanto tempo pelo pecado, fosse por fim destruída. 4. A fé dos patriarcas em desejar que fossem enterrados na terra de Canaã mostrava claramente que eles tinham em vista o país celestial, para o qual o desígnio deste Jesus era conduzi-los.

O Discurso de Estêvão
vv. 17-29

Estêvão prossegue em sua narrativa:

I O aumento extraordinário dos filhos de Israel no Egito. Foi por uma maravilha da providência que, em pouco tempo, eles aumentassem de uma família para uma nação. 1. *Aproximando-se, porém, o tempo da promessa* (v. 17), quando os filhos de Israel seriam formados em um povo. Durante os primeiros duzentos e quinze anos depois da promessa feita a Abraão, os filhos do concerto aumentaram para apenas setenta pessoas. Mas nos outros duzentos e quinze anos (totalizando quatrocentos e trinta anos), eles aumentaram para seiscentos mil homens de guerra. O movimento da providência é, por vezes, mais rápido quando se aproxima da metade do período estabelecido. Não desanimemos com a lentidão dos procedimentos para o cumprimento das promessas de Deus. Deus sabe devolver o tempo que parece ter sido perdido, e, quando *o ano dos* [...] *redimidos é chegado* (Is 63.4), Ele faz um trabalho duplo em um único dia. 2. *O povo cresceu e se multiplicou no Egito* (v. 17), onde os filhos de Israel foram oprimidos e governados com rigor. Quando a vida lhes era tão amarga que, pensaríamos, desejariam que houvesse sido escrito "sem filhos", eles se casaram na crença de que Deus os visitaria no devido tempo. *Deus os abençoou*, quem assim o honrou, e *disse: Frutificai, e multiplicai-vos* (Gn 1.28). Para a igreja, tempos de sofrimento foram tempos de crescimento.

II Os sofrimentos extremos que eles suportaram no Egito (vv. 18,19). Quando os egípcios observaram que os filhos de Israel aumentavam numericamente, eles aumentaram suas tarefas. Estêvão faz três observações sobre este fato: 1. A ingratidão ignóbil dos egípcios: Os filhos de Israel foram oprimidos por *outro rei, que não conhecia a José* (v. 18), isto é, ele não considerou os bons serviços que José prestara para a nação egípcia. Se o tivesse, não teria dado recompensa tão maléfica e desfavorável à sua parentela e família. Aqueles que prejudicam as pessoas boas são muito ingratos, pois elas são as bênçãos da época e lugar em que vivem. 2. A astúcia e política diabólica dos egípcios: Eles, *usando de astúcia contra a nossa linhagem* (v. 19), diziam: *Eia, usemos de sabedoria para com* essa gente (Êx 1.10). Com isso, pensavam em se garantir economicamente, mas o procedimento se mostrou tolo, pois estavam armazenando ira. Enganam-se grandemente os que pensam que usam de sabedoria quando tratam seus irmãos com engano ou crueldade. 3. A crueldade bárbara e desumana dos egípcios. Para exterminar completamente com os filhos de Israel, os egípcios maltrataram *nossos pais, ao ponto de os fazer enjeitar suas crianças, para que não se multiplicassem* (v. 19). A matança da descendência infante dos filhos de Israel demonstrava ser um método eficaz de acabar com uma nação nova. Estêvão faz esta observação para que eles vejam como foram medíocres nos seus primórdios, adequadamente representados pelo estado de abandono de uma criança desamparada e proscrita (Ez 16.4; talvez seja alusão ao enjeitamento das crianças no Egito), e como são devedores a Deus por ter cuidado deles, cujo tratamento perderam e se tornaram indignos. Mas também para que considerassem que o que estavam fazendo agora contra a igreja cristã em sua infância era por demais ímpio e injusto e acabaria sendo tão infrutífero e ineficaz quanto sucedera com os egípcios contra a igreja judaica em sua infância. "Vós pensais que usastes de astúcia quando nos tratastes mal e perseguistes os nossos recém-convertidos. Mas assim vós fazeis como eles fizeram enjeitando as crianças. Vós descobrireis que esta prática é inútil, pois, apesar de vossa maldade, os discípulos de Cristo continuarão crescendo e se multiplicando."

III O levantamento de *Moisés* para ser libertador dos filhos de Israel. Estêvão foi acusado de ter falado palavras blasfemas contra Moisés. Em defesa dessa acusação, ele se refere a esse servo de Deus com muito respeito. 1. *Moisés* nasceu quando a perseguição de Israel estava no ponto mais alto, particularmente em seu momento mais cruel, o assassinato dos recém-nascidos: *Nesse tempo, nasceu Moisés* (v. 20), e assim que entrou no mundo (como ocorreu com nosso Salvador em Belém), já corria perigo de ser sacrificado por aquela ordem sanguinária. Deus está preparando a libertação do seu povo, quando a vida parece muito escura, e a aflição, extrema. 2. *Moisés* [...] *era mui formoso* (v. 20). Seu rosto começou a brilhar assim que nasceu, como presságio feliz da honra que Deus designava dar-lhe. Ele era *asteios to Theo – formoso para Deus*. Ele foi santificado desde o ventre, e isto o fez formoso aos olhos de Deus, pois é a beleza da santidade que está à vista do grande valor de Deus. 3. *Moisés*, em sua infância, foi maravilhosamente guardado. Primeiramente, pelo cuidado dos seus pais carinhosos, que o criaram os primeiros *três meses em casa* (v. 20), enquanto se atreveram. Depois, pela providência auspiciosa que o lançou nos braços da *filha de Faraó*, que *o criou como seu filho* (v. 21). Aqueles para quem Deus tem planos para usar de modo especial, Ele cuida de modo especial. Se Ele protegeu o menino Moisés dessa forma, muito mais garantirá a vida e a obra do seu *santo Filho Jesus* (como Ele é chamado, cap. 4.27) quando seus inimigos se levantarem contra Ele. 4. *Moisés* se tornou um grande estudioso: *Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios* (v. 22), que na época eram afamados por todo tipo de literatura erudita, particularmente filosofia, astronomia (o que talvez os levou à idolatria) e a pesquisa de caracteres sagrados. *Moisés*, sen-

do educado na corte real, teve oportunidade de se aprimorar por meio dos melhores livros, tutores e intercâmbios sociais, em todas as artes e ciências, e era bastante habilidoso. Só temos razão para pensar que ele não esqueceu o Deus dos seus pais enquanto se dedicava aos estudos e práticas ilegais dos mágicos do Egito, prosseguindo até onde fosse necessário refutá-los. 5. *Moisés* se tornou primeiro-ministro de estado no Egito. É o que depreendemos pelas palavras: *Moisés* [...] *era poderoso em suas palavras e obras* (v. 22). Embora não se expressasse prontamente, pois se presume que gaguejava, ele falava com bom senso: tudo o que dizia resultava em consentimento e trazia consigo sua própria evidência e força racional. Nos negócios, ninguém trabalhava com tamanha coragem, administração e sucesso. Assim, ele foi preparado, por recursos humanos, para esses serviços, dos quais, afinal de contas, não teria dado conta sem a iluminação divina. Com tudo isso, Estêvão quer mostrar que, apesar das insinuações maldosas dos seus perseguidores, ele tinha pensamentos tão sublimes e nobres a respeito de Moisés quanto eles.

IV As tentativas que *Moisés* fez para libertar os filhos de Israel, as quais eles rejeitaram e não entenderam. Estêvão insiste neste ponto que serve de chave para esta história (Êx 2.11-15), como serve a outra ressaltada pelo apóstolo (Hb 11.24-26). Lá, ela é representada como um ato de abnegação santa; aqui, como um prelúdio intencional ou uma permissão para entrar no serviço público ao qual ele seria chamado: *Quando* [*Moisés*] *completou a idade de quarenta anos* (v. 23), no auge da época da sua promoção na corte do Egito, *veio-lhe ao coração* (Deus o colocou lá) *ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel*, para ver o modo como poderia servi-los. Ele se apresentou como pessoa pública detentora de poder público. 1. Como salvador de Israel. *Moisés* deu exemplo dessa função ao vingar um israelita oprimido e matar o egípcio que o maltratava. *Vendo maltratado um* (v. 24) de seus irmãos, ele foi movido por compaixão pelo sofredor e indignação justa pelo malfeitor, como devem se comportar homens em cargos públicos, e *o defendeu e vingou o ofendido, matando o egípcio*. Se ele fosse uma pessoa particular, não poderia ter feito o que fez legalmente. Mas ele sabia que a comissão do céu o sustentaria, e *ele cuidava que seus irmãos* (v. 25; que não poderiam deixar de conhecer a promessa que Deus fez a Abraão: *Mas também eu julgarei a gente à qual servirão*, Gn 15.14) *entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão*. Além disso, ele não poderia ter tido presença de espírito ou força física para fazer o que fez, caso não houvesse sido revestido com o poder que evidenciasse autoridade divina. Se eles tivessem pelo menos entendido os sinais dos tempos, teriam visto que as tentativas de *Moisés* eram o amanhecer do dia da libertação. *Mas eles não entenderam*, nem consideraram, conforme o desígnio, que era o estabelecimento de um padrão e o sonido de uma trombeta para proclamar *Moisés* o seu libertador. 2. Como juiz de Israel. *Moisés* deu exemplo dessa função já *no dia seguinte* (v. 26), oferecendo solução a uma questão entre dois hebreus adversários. Com essa atitude, ele assumiu claramente uma posição pública: *Pelejando eles, foi por eles visto e*, assumindo um ar de majestade e autoridade, *quis levá-los à paz*. Como seu príncipe, ele decide a controvérsia entre eles, *dizendo: Varões, sois irmãos* de nascença e confissão religiosa; *por que vos agravais um ao outro?* Ele notou que (como ocorre na maioria das brigas) havia falta em ambos os lados. Pelo bem da paz e da amizade, deve haver perdão e condescendência mútua. Como libertador de Israel da escravidão egípcia, *Moisés* matou os egípcios primogênitos e assim livrou Israel das suas mãos. Como juiz e legislador de Israel, ele os regeu com o cetro de ouro e não com a vara de ferro. Ele não os matou quando o tentaram insistentemente, mas lhes deu leis e estatutos excelentes, resolveu suas reclamações e atendeu aos pedidos que lhe faziam (Êx 18.16). *E*, o israelita contendor *que ofendia o seu próximo* [...] *repeliu* (v. 27) *Moisés*, não aceitando a reprovação, embora justa e gentil, mas prontamente insultando-o com: *Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós?* Espíritos orgulhosos e litigiosos ficam impacientes quando são supervisionados e refreados. Estes israelitas preferiam ter o corpo regido com o rigor dos exatores do que ter o corpo libertado, e ter a mente regida pela razão do que pelo seu libertador. O malfeitor ficou tão enfurecido com a repreensão que censurou Moisés com o serviço que ele fizera à nação matando o egípcio. Mal sabiam que, se quisessem, Moisés teria sido mais dedicado em outros e maiores serviços. *Queres tu me matar, como ontem mataste o egípcio?* (v. 28), acusando-o de crime e ameaçando denunciá-lo, o que, para os egípcios, era a exposição da bandeira de desafio e, para os israelitas, da bandeira de amor e libertação. Depois disto, *fugiu Moisés* (v. 29) para a *terra de Midiã* e não fez outras tentativas de libertar Israel, senão quarenta anos depois. Ele *esteve como estrangeiro na terra de Mídia, onde* se casou e teve *dois filhos* com a filha de Jetro.

Vejamos a pertinência destes fatos históricos para o propósito de Estêvão. 1. Eles acusaram Estêvão de ter blasfemado contra Moisés. Em sua defesa, ele replica com as indignidades que seus pais fizeram a Moisés, das quais eles deveriam se envergonhar e se humilhar, em vez de provocarem disputas como esta sob o pretexto de zelo da honra de Moisés com alguém que tinha tão grande respeito por ele como qualquer um deles. 2. Eles perseguiram Estêvão por debater em defesa de Cristo e seu evangelho. Para se oporem a isso, eles se fundamentaram em Moisés e sua lei: "Mas", disse ele, "é melhor prestardes atenção": (1) "Para que não façais como vossos pais fizeram: recuseis e rejeiteis alguém que *Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador* (cap. 5.31). Vós entendereis, se não fechardes acintosamente os olhos contra a luz, que Deus, por este Jesus, vos libertará de uma escravidão pior que a do Egito. Tende cuidado, prestai atenção! Não o rejeitai, mas o recebei como regente e juiz sobre vós." (2) "Para que não aconteça o que aconteceu com vossos pais, que por isso foram de maneira justa deixados para morrer na escravidão, porque a libertação não veio senão quarenta anos depois. Esta será a questão: Vós repelistes o evangelho, que então será enviado aos gentios. Vós não tereis Cristo e Ele não vos terá; esse será o vosso fim" (Mt 23.38,39).

O Discurso de Estêvão
vv. 30-41

Estêvão prossegue narrando a história de Moisés. Que os ouvintes julguem se estas são palavras de alguém que blasfemou ou não contra o servo de Deus. Nada pode ser dito com mais honra sobre ele. Aqui está:

I A visão que Moisés viu da glória de Deus na sarça ardente: *Completados quarenta anos* (v. 30), durante os quais ele viveu isoladamente em Mídia. Tendo envelhecido, ninguém mais pensava em dar-lhe serviço. Julgavam que todas as suas façanhas eram produtos do poder e promessa divina (como pareceu que Isaque era filho da promessa por ter nascido de pais idosos). Agora, aos oitenta anos, ele assume a posição de honra para a qual nasceu, em recompensa à sua abnegação por quarenta anos. Observe: 1. Onde Deus apareceu a Moisés: *Apareceu-lhe* [...] *no deserto do monte Sinai* (v. 30). O terreno onde Ele lhe apareceu tornou-se *terra santa* (v. 33). Estêvão observa este fato como réplica aos que se orgulhavam do templo, esse lugar santo, como se comunhão com Deus só existisse senão ali, ao passo que Deus encontrou Moisés e se manifestou a ele em um lugar obscuro e remoto *no deserto do* [...] *Sinai*. Engana-se quem pensa que Deus está limitado a lugares. Ele pode levar seu povo para o deserto e falar com ele ali confortavelmente. 2. Como Deus apareceu a Moisés: *Apareceu-lhe* [...] *numa chama de fogo* (v. 30; *porque o nosso Deus é um fogo consumidor*, Hb 10.29) *de um sarçal*. O *fogo* ardia no *sarçal* sem consumi-lo, como representação do estado de Israel no Egito (onde, embora os israelitas estivessem no fogo da aflição, não foram consumidos). Isso é um tipo da encarnação de Cristo e da união entre a natureza divina e a natureza humana: Deus, manifestado na carne, era como a *chama de fogo* manifestada no *sarçal*. 3. Como Moisés reagiu à cena: (1) *Moisés, quando viu isto, se maravilhou da visão* (v. 31). Era um fenômeno cuja solução toda a sua aprendizagem egípcia não pôde explicar. Ele teve a curiosidade de espreitar mais de perto: *Agora me virarei para lá e verei esta grande visão* (Êx 3.3), mas quanto mais se aproximava mais impressionado ficava. (2) *Moisés, todo trêmulo, não ousava olhar* (v. 32) firmemente o fenômeno, porque logo percebeu que não era um meteoro ardente, mas *o anjo do Senhor* (v. 30). Era ninguém mais que *o anjo do concerto* (Ml 3.1), o Filho do próprio Deus. Esta constatação o deixou atemorizado. Estêvão foi acusado de blasfemar contra Moisés e contra Deus (cap. 6.11), como se Moisés fora um pequeno deus. Mas esta narrativa mostra que ele *era homem sujeito às mesmas paixões que nós* (Tg 5.17), particularmente o sentimento do medo diante da aparição da majestade e glória divinas.

II A declaração que *Moisés* ouviu acerca do concerto de Deus: *Foi-lhe dirigida a voz do Senhor* (v. 31), pois *a fé é pelo ouvir* (Rm 10.17), *dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó* (v. 32); e, portanto: 1. "Eu sou o mesmo que Eu era." O concerto que Deus estabeleceu com Abraão alguns séculos atrás foi: Eu serei *a ti por Deus* (Gn 17.7), um Deus todo-poderoso. "Este concerto", disse Deus, "ainda está em pleno vigor. Não foi cancelado nem esquecido, mas Eu sou, como Eu era, *o Deus de Abraão*, e agora demonstrarei isso", pois todo o favor e toda a honra que Deus deu a Israel estavam fundamentados neste concerto com Abraão e dele procedia. 2. "Eu serei o mesmo que Eu sou." Se a morte de *Abraão, Isaque* e *Jacó* não quebraram a relação de concerto entre *Deus* e eles (como isto nos mostra), então nada mais o faria. Então, Ele será *Deus*: (1) Para a alma que hoje está separada do corpo. Com isto, nosso Salvador prova o estado futuro (Mt 22.31,32). Abraão está morto, mas Deus ainda é o seu Deus; logo, Abraão ainda está vivo. Deus nunca lhe fez isso neste mundo, o que relevaria a verdadeira intenção e a plena extensão dessa promessa – que Ele seria o Deus de Abraão. Por isso, tinha de lhe ser feito no outro mundo. Agora a vida e a incorrupção são trazidas à luz pelo evangelho (2 Tm 1.1), e isso para a plena convicção dos saduceus que as negavam. Aqueles que se levantaram em defesa do evangelho e se empenharam em propagá-lo estavam muito longe de blasfemar contra Moisés, pois lhe deram a maior honra imaginável, e Deus se manifestou gloriosamente a ele na sarça ardente. (2) Para a descendência deles. Deus, ao se declarar o Deus dos seus pais, anunciou sua bondade à descendência deles, para que fossem *amados por causa dos pais* (Rm 11.28; Dt 7.8). Os pregadores do evangelho pregaram este concerto, a *promessa que por Deus foi feita a nossos pais*; a cuja promessa aqueles das *nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente* (cap. 26.6,7). E sob o pretexto de defender o santo lugar e a lei, eles devem se opor ao concerto feito com Abraão e sua descendência, descendência espiritual, antes que a lei seja dada e bem antes que o santo lugar seja construído. Considerando, pois, que a glória de Deus deve ser promovida para sempre e que nossa glória deve ser silenciada para sempre, Deus dará nossa salvação por promessa e não pela lei. Os judeus que perseguiram os cristãos com a desculpa de que eles blasfemaram contra a lei, eles mesmos blasfemaram contra a promessa e renunciaram a todas as suas próprias misericórdias que nela estavam contidas.

III A comissão que Deus deu a Moisés para libertar Israel do Egito. Os judeus colocaram Moisés em concorrência com Cristo e acusaram Estêvão de blasfemador, porque ele fizera isso. Mas Estêvão mostrou que Moisés era um tipo eminente de Cristo, como o libertador de Israel. Quando Deus se declarara o Deus de Abraão, Ele ordenou: 1. Que Moisés tivesse uma postura reverente: "*Tira as sandálias dos pés* (v. 33). Não entres em coisas sagradas com pensamentos baixos, frios e comuns. *Guarda o teu pé* (Ec 5.1). Não sejas precipitado e apressado em tuas aproximações a Deus. Anda sem fazer barulho". 2. Que Moisés realizasse um serviço importante. Quando estiver pronto para receber mandamentos, ele receberá a comissão. Será comissionado a exigir que faraó deixe Israel sair da terra egípcia e o próprio fará cumprir essa exigência (v. 34). Observe: (1) O conhecimento que Deus tomou dos sofrimentos dos filhos de Israel e da angústia e dor causadas por tais sofrimentos: *Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus gemidos* (v. 34). Deus tem uma consideração compassiva com as dificuldades da igreja e

com os gemidos do seu povo perseguido. A libertação deles se advém da piedade divina. (2) A determinação de Deus para redimir os filhos de Israel pela mão de Moisés: *Desci a livrá-los* (v. 34). Embora Deus esteja presente em todos os lugares, Ele usa a expressão "descer para livrar", porque essa libertação tipificava o que Cristo fez, quando, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu do céu – aquele que subiu é porque tinha descido (Ef 4.9). Moisés é o homem que deve ser usado nesse serviço: *Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito* (v. 34). Se Deus o enviar, Ele o confirmará e lhe dará sucesso.

IV A ação de Moisés como conseqüência desta comissão, em que ele foi figura do Messias. Estêvão menciona novamente o desprezo que lhe foi demonstrado, a afronta que lhe fizeram e a recusa do seu reinado, como tendência extrema a exaltar sua agência na libertação deles. 1. Deus honrou Moisés, aquele que os filhos de Israel desprezaram: *A este Moisés, ao qual haviam negado* (v. 35), de cujas ofertas amáveis e ofícios bons vós desdenhosamente rejeitastes, *dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz? Demais é já*, filho de Levi (Nm 16.3), *a este enviou Deus como príncipe e libertador, pela mão do anjo que lhe aparecera no sarçal.* Podemos entender que Deus o enviou *pela mão do anjo* que, indo junto com ele, tornou Moisés um libertador completo. Por este exemplo, Estêvão queria que o conselho entendesse que a este Jesus, que por eles foi recusado, como os seus pais recusaram Moisés, dizendo: "Quem te fez profeta e rei? Quem te deu esta autoridade?", a esse mesmo, Deus promoveu para ser *príncipe, libertador* e salvador, como os apóstolos lhes disseram algum tempo atrás (cap. 5.30,31), que *a pedra que foi rejeitada* [...] *foi posta por cabeça de esquina* (cap. 4.11). 2. Deus mostrou favor aos filhos de Israel por meio de Moisés. Ele foi solícito em servi-los, embora o tivessem repelido. Deus com justiça poderia ter lhes recusado esse serviço, mas tudo foi esquecido. Eles foram repreendidos por isso: *Foi este que os conduziu para fora* (v. 36), *fazendo prodígios e sinais na terra do Egito* (prosseguiram para lhes completar a libertação, conforme exigia o caso), *no mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos.* Até aqui, ele está longe de blasfemar contra Moisés, pois o admira como instrumento glorioso na mão de Deus para formar a igreja veterotestamentária. Mas, de modo algum, é depreciar sua honra afirmar que ele não passava de um instrumento, e que este Jesus lhe ultrapassa em excelência, a quem ele encoraja estes judeus a aceitar e entrar em sua comunidade, nada temendo, exceto serem recebidos no seu favor. Somente dessa forma, receberão benefícios, a saber, por meio dele, tal qual o povo de Israel foi libertado por Moisés, embora o tivessem recusado anteriormente.

V A profecia de Moisés sobre Cristo e sua graça. Ele não só era um tipo de Cristo (muitos o eram, de forma que talvez não tivessem uma previsão atualizada dos seus dias), mas Moisés falou sobre ele: *Este é aquele Moisés que disse aos filhos de Israel: O Senhor, vosso Deus, vos levantará dentre vossos irmãos um profeta* (v. 37). Este fato é citado como uma das maiores honras que Deus lhe prestou (não somente isso, mas uma que excedia todas as demais). Por intermédio dele, Deus avisou previamente os filhos de Israel do grande profeta que viria ao mundo, aumentou-lhes a expectativa sobre esse indivíduo e exigiu que eles o recebessem. Sempre há ênfase honrosa quando o texto sacro menciona Moisés libertando os israelitas do Egito: Este é Moisés (Êx 6.26). O mesmo não deixa de ocorrer aqui: *Este é aquele Moisés.* Isto serve muito bem ao propósito de Estêvão. Ao afirmar que Jesus mudaria os costumes da lei cerimonial, ele estava muito longe de blasfemar contra Moisés. Estava, na verdade, concedendo-lhe honra imensurável, ao mostrar que a profecia de Moisés se cumpriu, e tão claramente que o próprio Cristo já tinha lhes dito: *Se vós crêsseis em Moisés, crereis em mim* (Jo 5.46). 1. *Moisés*, em nome de Deus, *disse aos filhos de Israel* que, na plenitude dos tempos, no meio deles, se levantaria um profeta, um de sua própria nação, que seria como ele (Dt 18.15,18) – *príncipe, libertador, juiz* e legislador –, que teria autoridade para mudar os costumes e que lhes daria mais esperança, como *mediador de um melhor concerto* (Hb 8.6). 2. *Moisés* incumbiu os *filhos de Israel* de ouvir esse profeta, receber suas ordens, aceitar a mudança que Ele faria nos costumes e se submeter a Ele em todas as coisas. "Esta será a maior honra que vós podeis fazer a Moisés e à sua lei, que disse: *A ele ouvireis.* E veio a ser testemunha da repetição desta incumbência por uma voz do céu, na transfiguração de Cristo, e pelo seu silêncio que consentiu com isto" (Mt 17.5).

VI Os serviços eminentes que Moisés continuou prestando aos filhos de Israel, depois que fora o instrumento para tirá-los do Egito (v. 38). Neste aspecto, ele também era tipo de Cristo, que em tudo o ultrapassa. Portanto, não se constituía blasfêmia dizer: "Ele tem autoridade para mudar os costumes que Moisés nos entregou". Foi uma honra para Moisés pelos seguintes motivos: 1. Moisés *esteve entre a congregação no deserto* (v. 38). Ele governou como presidente em todos os assuntos durante quarenta anos: *Foi rei em Jesurum* (Dt 33.5). Aqui, o acampamento de Israel é chamado *congregação* (igreja) *no deserto*, pois era uma sociedade sagrada, formada por escritura divina sob governo divino e abençoada com revelação divina. A *congregação no deserto* era uma igreja, ainda que não estivesse perfeitamente formada, como estaria quando chegassem a Canaã, pois *cada qual* fazia *tudo o que bem* parecia *aos seus olhos* (Dt 12.8,9). Para Moisés, foi uma honra estar naquela igreja, que há muito já teria sido destruída, caso ele não estivesse ali para interceder por ela. Mas Jesus é o presidente e guia de uma igreja mais excelente e gloriosa do que aquela que estava *no deserto*, e é mais nela, como a vida e a alma dela, do que Moisés poderia ser naquela. 2. Moisés *esteve* [...] *com o anjo que lhe falava no monte Sinai, e com nossos pais* (v. 38), estava com ele no monte santo nos dois períodos de quarenta dias, com o anjo do concerto, Miguel, nosso príncipe. Moisés gozava de muita intimidade com Deus, mas nunca estivera no seu seio como Cristo esteve desde a eternidade. Ou estas palavras podem ser entendidas assim: Moisés *esteve* na igreja *no deserto*, mas *esteve* [...] *com o anjo que lhe*

falava no monte Sinai, ou seja, na sarça ardente, que se situava no monte Sinai (v. 30). Esse *anjo* ia adiante dele e era o seu guia; caso contrário, ele não poderia ter sido um guia para Israel. Sobre este *anjo*, Deus fala: *Eis que eu envio um Anjo diante de ti* (Êx 23.20); *enviarei um Anjo adiante de ti* (Êx 33.2; veja Nm 20.16). Ele estava na igreja com o anjo, sem o qual ele não poderia ter feito nenhum serviço para a igreja, mas Cristo é o próprio anjo que estava com a igreja no deserto. Ele tem, portanto, completa autoridade sobre Moisés. 3. Moisés *recebeu as palavras de vida para no-las dar* (v. 38). Não só os Dez Mandamentos, mas também as outras instruções que lhe *falou o Senhor, dizendo: Fala aos filhos de Israel* (Êx 14.1,2). (1) *As palavras* de Deus são *palavras* certas e infalíveis e de autoridade e dever inquestionáveis. Elas devem ser consultadas como oráculos, e por elas todas as controvérsias devem ser decididas. (2) *As palavras* de Deus são *palavras de vida*, porque são as *palavras* do Deus vivo, não dos ídolos mudos e mortos dos gentios. A palavra que Deus pronuncia é espírito e vida. A lei de Moisés não podia dar vida, mas mostrava o caminho para a vida: *Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mt 19.17). (3) Moisés recebeu de Deus *as palavras de vida* e não entregou nada como palavra de Deus para os filhos de Israel que não tivesse recebido primeiro do Senhor (como em 1 Co 11.23). (4) *As palavras de vida* que Moisés recebeu de Deus foram dadas fielmente aos filhos de Israel para serem observadas e preservadas. Tratava-se do mais importante privilégio dos judeus: *Primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas* (Rm 3.2). Foi pela mão de Moisés que eles receberam as palavras de Deus. Da mesma forma que Moisés não lhes deu o pão, assim ele não lhes deu essa lei do céu (Jo 6.32), pois foi Deus que a deu para eles. Aquele que lhes deu esses costumes pelo seu servo Moisés, pode, sem dúvida, quando quiser, mudar os costumes pela instrumentalidade do seu Filho Jesus, que recebeu mais *palavras de vida* para nos dar que o próprio Moisés.

VII O desprezo que, depois disso e apesar disso, os filhos de Israel mostraram a Moisés. Esses que acusaram Estêvão de falar contra Moisés fariam bem em explicar como seus próprios antepassados procederam, pois eles andam nos passos dos seus antepassados. 1. *Nossos pais não quiseram obedecer* a Moisés, *antes o rejeitaram* (v. 39). Eles murmuraram contra Moisés, rebelaram-se contra ele, recusaram obedecer às suas ordens e, algumas vezes, estiveram prontos a apedrejá-lo. Moisés lhes deu uma lei realmente excelente, mas se mostrou insuficiente para *aperfeiçoar os que a eles se chegam* (Hb 10.1). *Em seu coração*, eles *se tornaram ao Egito*, preferindo o alho e a cebola ao maná que eles tinham sob a orientação de Moisés, ou ao leite e mel que eles esperavam possuir em Canaã. Note o desafeto secreto que eles demonstraram para com Moisés, com inclinação à egiptização, se posso assim dizer. Tratava-se, na verdade, de voltar à escravidão no Egito; isso estava em seus corações. Muitos que fingem estar indo para Canaã, sustentando uma demonstração e confissão religiosa, estão, ao mesmo tempo, *em seu coração*, voltando para o Egito, como a esposa de Ló olhou para Sodoma, e serão tratados como desertores, pois é para o coração que Deus olha. Se os costumes que Moisés lhes entregou não conseguiram mudá-los, não admira que Jesus viesse com o objetivo de mudar os costumes e apresentar um modo mais espiritual de adoração. 2. Os filhos de Israel *fizeram o bezerro* (v. 41). Além de ser uma afronta a Deus, consistiu num ato de grande indignidade a Moisés, pois, com essa intenção, construíram o bezerro: *Porque a esse Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.* [...] *Faze-nos deuses que vão adiante de nós* (v. 40), como se um bezerro fosse suficiente para suprir a ausência de Moisés e pudesse ir adiante deles até à terra prometida. Assim, *naqueles dias* (v. 41), quando a lei lhes foi dada, *fizeram o bezerro, e ofereceram sacrifícios ao ídolo, e se alegraram nas obras das suas mãos*. O povo ficou tão orgulhoso do seu novo deus que, enquanto se *assentou para comer e beber*, também se *levantou para folgar* (1 Co 10.7). Esta situação evidencia que havia muita coisa que a lei não podia fazer, *visto como estava enferma pela carne* (Rm 8.3). Portanto, era necessário ser aperfeiçoada por uma mão melhor, não constituindo, então, blasfêmia contra Moisés quando Estêvão disse o que Jesus Cristo havia realizado.

O Discurso de Estêvão
vv. 42-50

Temos, nestes versículos, dois pontos importantes.

I Estêvão os censura pela idolatria dos seus pais, à qual Deus os abandonou, como castigo por logo terem-no abandonado e adorado o bezerro de ouro. Este era o castigo mais triste por esse pecado, como era o castigo da idolatria do mundo gentio: *Deus os entregou a um sentimento perverso* (Rm 1.28). Quando Israel *estava entregue aos ídolos* (Os 4.17), entregue ao bezerro de ouro e, não muito depois, a Baal-Peor, Deus disse: *Deixai-os* (Mt 15.14) na prática dessas obras. *Mas Deus se afastou e os abandonou a que servissem ao exército do céu* (v. 42). Ele os advertiu especificamente a não fazerem isso, caso não quisessem sofrer as conseqüências, e lhes apresentou os motivos da advertência. Mas, visto que estavam inclinados a proceder assim, *Deus os entregou às concupiscências do seu coração* (Rm 1.24) e retirou a sua graça sustentadora. Dessa forma, andaram em seus próprios conselhos e se dedicaram aos seus ídolos com zelo até então nunca visto (compare Dt 4.19 com Jr 8.2). Para isto, Estêvão cita a passagem de Amós 5.25,26, pois seria menos hostil lhes falar sobre o seu [caráter e destruição] pela boca de um profeta do Antigo Testamento do que censurá-los:

1. Por não terem sacrificado ao seu próprio Deus no deserto: *Porventura, me oferecestes vítimas e sacrifícios no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel?* (v. 42). Não! Durante todo esse período, os sacrifícios a Deus eram intermitentes. Eles não fizeram tanto quanto guardar a Páscoa depois do segundo ano. Foi por condescendência que Deus não insistiu em sacrifícios durante o período em que peregrinavam. Mas vejam como foram ingratos ao oferecer sacrifícios a ídolos, quando Deus os

dispensou de lhe trazer ofertas. Essa também é uma forma de reprovação ao zelo que mostravam pelos costumes transmitidos por Moisés e ao medo da mudança proposta por *este Jesus* (cap. 6.14). Tais costumes, após sua libertação imediata, foram considerados obsoletos exatamente por quarenta anos.

2. Por sacrificarem a outros deuses depois que chegaram a Canaã: *Antes, tomastes o tabernáculo de Moloque* (v. 43). *Moloque* era o ídolo dos filhos de Amom, ao qual eles barbaramente ofereciam seus próprios filhos em sacrifício, sem deixar de causar extremo horror e grande dor a si mesmos e a suas famílias. Contudo, os filhos de Israel chegaram a esta idolatria, por assim dizer, antinatural, quando *Deus se afastou e os abandonou a que servissem ao exército do céu* (v. 42; veja 2 Cr 28.3). Era seguramente o maior engano a que jamais um povo foi entregue e o maior exemplo do poder de Satanás sobre os filhos da desobediência. Por isso, a história é narrada com ênfase: *Antes, tomastes o tabernáculo de Moloque*, vós vos submetestes até mesmo a isso e à adoração da *estrela do vosso deus Renfã* (v. 43). Certos estudiosos acham que *Renfã* significa "a lua", como *Moloque* significa "o sol". Outros entendem que quer dizer "Saturno", pois em aramaico e em persa este planeta é chamado *Renfã*. A Septuaginta traduz por "Quium" (Am 5.26, versões NTLH e NVI), denotando que era um nome mais comumente conhecido. Eles tinham imagens que representavam a *estrela*, como os nichos de Diana feitos de prata, aqui chamados *figuras que vós fizestes para as adorar*. O Dr. Lightfoot é de opinião de que eles tinham *figuras* que representavam o firmamento estrelado, com todas as constelações e os planetas, sendo estes chamados *Renfã* – "a alta representação", como o globo celestial: uma coisa medíocre para se fazer de ídolo, mas melhor que um bezerro de ouro! Por causa disto, esta é a ameaça: *Transportar-vos-ei, pois, para além de Babilônia.* Em Amós, é *para além de Damasco* (Am 5.27), significando para a Babilônia, a terra do norte. Mas Estêvão muda a formulação com vistas ao cativeiro das dez tribos transportadas para além da Babilônia, *junto ao rio Gozã, e nas cidades dos medos* (2 Rs 17.6). Não deveria parecer estranho aos ouvintes de Estêvão ouvirem falar da destruição deste lugar, porque eles tinham ouvido os profetas do Antigo Testamento discorrerem, muitas vezes, sobre esse evento, e nenhum rei os acusou de blasfêmia. Observemos que, no debate do caso de Jeremias, Miquéias não foi chamado a dar explicações, embora tivesse profetizado: *Sião será lavrada como um campo* (Jr 26.18,19).

II Estêvão dá uma resposta pormenorizada (vv. 44-50) à acusação feita contra ele relativa ao templo: *Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar* (cap. 6.13). Ele foi acusado de dizer que Jesus destruiria este santo lugar: "O que acham se eu disser", começou Estêvão, "que a glória do Deus santo não está ligada à glória deste santo lugar, mas que ela permanece intacta, mesmo que isto vire pó?" Pois: 1. "Foi somente depois que nossos pais entraram no deserto, a caminho de Canaã, que eles tiveram um lugar fixo de adoração. Os patriarcas, muitos séculos antes, adoravam a Deus aceitavelmente nos altares que eles erigiam adjacentemente às tendas, *ao ar livre – sub dio*. Esse Deus que a princípio foi adorado sem lugar santo e, o que é melhor, nas épocas mais puras da igreja veterotestamentária, pode e será adora assim quando este santo lugar for destruído, sem a mínima diminuição à sua glória." 2. O santo lugar era, a princípio, somente um tabernáculo móvel e de qualidade inferior, dando a entender que fora projetado para ter pouca duração. Por que então este santo lugar, embora construído de pedras, não teria um fim apropriado para dar lugar a algo melhor, embora também feito de cortinas? Como não era desonra, mas honra a Deus que o tabernáculo desse lugar ao templo, assim é que o templo material dê lugar ao espiritual, e assim será quando, no fim, o templo espiritual der lugar ao templo eterno. 3. Este tabernáculo era o *tabernáculo do Testemunho* (v. 44), a *sombra dos bens futuros* (Hb 10.1), *do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem* (Hb 8.2). Esta era a glória do tabernáculo e do templo, que foram erigidos para testemunho daquele *templo de Deus* que, nos últimos dias, será aberto *no céu* (Ap 11.19), e também para testemunho do tabernáculo (tradução do verbo grego, Jo 1.14) de Jesus na terra: o *templo do seu corpo* (Jo 2.21). 4. Esse tabernáculo foi construído segundo o projeto de Deus e *segundo o modelo que* [*Moisés*] *tinha visto* (v. 44), dando a entender claramente que se referia às coisas boas por vir. Sendo de projeto divino, seu significado e tendência também o eram. De forma nenhuma, diminuía a sua glória dizer que este templo, feito por mãos humanas, seria destruído para que *outro* templo, *não feito por mãos de homens*, fosse construído – que foi o crime de Cristo (Mc 14.58) e de Estêvão. 5. Esse tabernáculo foi fundado primeiramente no deserto. Não era originário da terra em que se encontra (à qual pensais que ficaria restrita para sempre), mas foi trazido na era seguinte, por *nossos pais* (v. 45), que vieram depois daqueles que o erigiram *na posse das nações*, na terra de Canaã, que há muito estava na posse de nações devotas *que Deus lançou para fora da presença de nossos pais*. E por que Deus não pode erigir o seu templo espiritual, como Ele erigira o tabernáculo material, nesses países que eram agora da *posse das nações*? Esse tabernáculo foi introduzido nesta terra por aqueles que vieram *com Josué*. Ao nomear *Josué* (aqui e em Hb 4.8), o qual em grego é "Jesus", pode haver certa dedução tácita de que, assim como o *Josué* do Antigo Testamento introduziu nesta terra aquele tabernáculo típico, assim o *Josué* do Novo Testamento introduzirá o verdadeiro tabernáculo *na posse das nações*. 6. Esse tabernáculo permaneceu por muitos séculos *até aos dias de Davi* (v. 45), mais de quatrocentos anos, antes que se pensasse em construir um templo. *Davi*, tendo achado *graça diante de Deus* (v. 46), desejou a *graça* adicional de ter a permissão de construir uma casa para Deus, a fim de que fosse um tabernáculo ou domicílio estabelecido e constante para a *shequiná*, o símbolo da presença do *Deus de Jacó*. Os que encontram *graça diante de Deus* devem ser os primeiros a promover os interesses do seu Reino entre os homens. 7. Deus não punha o coração em ter um templo ou santo lugar como eles, pois, quando Davi desejou construir um templo foi-lhe negada a permissão de fazê-lo. Deus não estava com pressa de construir um templo, como dissera a Davi (2 Sm 7.7). Não seria Davi, mas o seu filho Salomão, que, alguns anos depois, edificaria uma

casa para o Senhor. Como lemos nos Salmos, Davi já desfrutava da doce comunhão com Deus na adoração pública antes que houvesse um templo construído. 8. Deus declarou muitas vezes que templos feitos por mãos humanas não eram o seu deleite, nem acrescentaria algo à perfeição do seu repouso e alegria. Salomão, quando dedicou o templo, reconheceu que *o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens* (v. 48). Ele não necessita de templos, não se beneficia com eles e não se limita a eles. O mundo inteiro é o seu templo, pois está presente em todos os lugares, enchendo-o da sua glória. Que serventia tem Ele de um templo para se manifestar nele? As falsas deidades dos gentios precisavam de templos feitos por mãos humanas, porque eram deuses feitos por mãos humanas (v. 41), e não tinham outro lugar no qual se manifestar senão em seus próprios templos. Mas o Deus único, vivo e verdadeiro não precisa de templo, pois *o céu é o* seu *trono*, no qual Ele repousa, *e a terra, o estrado dos* seus *pés*, do qual Ele reina (vv. 49,50). Portanto, *que casa me edificareis* comparável à que eu já tenho? *Ou qual é o lugar do meu repouso?* Que necessidade tenho de casa, seja para repousar ou para me manifestar? *Porventura, não fez a minha mão todas estas coisas?* E estas mostram *tanto o seu eterno poder como a sua divindade* (Rm 1.20). *Estas coisas* mostram a todo o gênero humano que os que adoram outros deuses são *inescusáveis*. Como o mundo é o templo de Deus, no qual Ele se manifesta, assim é o templo de Deus no qual Ele deve ser adorado. Como *toda a terra está cheia da sua glória* (Is 6.3), sendo, então, o seu templo, assim a terra é, ou será, cheia *do seu louvor* (Hc 3.3) *e todas as extremidades da terra o temerão* (Sl 67.7), e por conta disso é o seu templo. Não era absolutamente falar mal deste santo lugar, por mais que o considerassem, dizer que Jesus destruiria este templo e fundaria outro, no qual todas as nações seriam aceitas (cap. 15.16,17). E eles não deveriam ter estranhado a referência bíblica citada por Estêvão (Is 66.1-3), que, como expressava o desprezo comparativo de Deus da parte externa do seu serviço, assim predizia claramente a rejeição dos judeus incrédulos e o acolhimento na igreja dos gentios de espírito contrito.

O Discurso de Estêvão
vv. 51-53

Estêvão prossegue em sua narrativa (como deduzimos pela linha de pensamento) mostrando que, como o templo, assim o serviço no templo tinha de acabar, e que seria a glória de ambos darem lugar para a adoração do Pai em espírito e em verdade. Este novo tipo de adoração seria estabelecido no Reino do Messias, sem as cerimônias pomposas da antiga lei. Tudo que ele havia acabado de dizer, Estêvão aplicaria mais exatamente ao seu propósito vigente. Mas ele percebeu que não aceitariam. Eles seriam pacientes em ouvir a história do Antigo Testamento (método de aprendizagem muito comum), mas se Estêvão lhes falasse que o poder e a tirania que exerciam tivessem de diminuir e que a igreja tivesse de ser governada por um espírito de santidade e amor, e disposição celestial, eles não quereriam saber. É provável que ele tenha percebido isto e que eles se encontrassem a ponto de lhe mandar calar. Por isso, ele parou abruptamente no meio do discurso e, pelo espírito de sabedoria, ousadia e poder com o qual estava cheio, categoricamente reprovou os perseguidores e expôs seu verdadeiro caráter, pois se não aceitarem o testemunho do evangelho, este se tornará uma testemunha contra eles.

I Eles, *como* seus *pais*, eram teimosos e rebeldes, não aceitando os métodos que Deus empregava para corrigi-los e educar. Eram *como* seus *pais*, inflexíveis à palavra de Deus e às suas providências. 1. Eles eram *de dura cerviz* (v. 51), não sujeitando o pescoço ao jugo doce e fácil do governo de Deus, nem o aceitando, mas eram *como novilho ainda não domado* (Jr 31.18). Eles não sujeitariam a cabeça, não, nem ao próprio Deus, não o reverenciariam, nem se humilhariam diante dele. Pescoço duro (*dura cerviz*) é o mesmo que coração duro, obstinado e contumaz, que não se rende – a característica geral da nação judaica (Êx 32.9; 33.3,5; 34.9; Dt 9.6,13; 31.27; Ez 2.4). 2. Eles eram *incircuncisos de coração e ouvido* (v. 51). O coração e os ouvidos não foram dedicados, nem entregues a Deus, como o corpo em confissão pelo sinal da circuncisão: "Em nome e aparência, vós sois judeus circuncidados, mas *de coração e ouvido* vós ainda sois gentios *incircuncisos*, rejeitando a autoridade de vosso Deus tanto quanto eles (Jr 9.26). Vós estais sob o poder de desejos ardentes e corrupções indômitas, que impedem os vossos ouvidos de ouvir a voz de Deus e endurecem o vosso coração ao que é mais imperioso e mais afetuoso". Eles não estavam *circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne* (Cl 2.11).

II Eles, *como* seus *pais*, não só impediram que os métodos de Deus trabalhassem neles para corrigi-los e os aperfeiçoar, mas também estavam enfurecidos contra tais métodos: *Vós sempre resistis ao Espírito Santo* (v. 51). 1. Eles resistiram ao *Espírito Santo* que falava com eles através dos profetas. Eles se opuseram a eles, os contradisseram, os odiaram e os ridicularizaram. Este é o significado especial aqui pela seguinte análise lógica: *A qual dos profetas não perseguiram vossos pais?* (v. 52). Ao perseguir e silenciar aqueles que falavam pela inspiração do *Espírito Santo*, eles estavam resistindo ao *Espírito Santo*. Os seus pais resistiram ao *Espírito Santo* que estava nos profetas que Deus levantou e lhes enviou. O mesmo eles fizeram com os apóstolos e ministros de Cristo que falavam pelo mesmo Espírito e tinham maiores medidas dos dons divinos do que os profetas do Antigo Testamento. Contudo, encontraram maior resistência. 2. Eles resistiram ao *Espírito Santo* que operava neles através da consciência, não obedecendo às convicções e ordens que recebiam. O Espírito de Deus operava neles como operava no velho mundo, mas se portaram ainda mais futilmente. Eles o resistiram, tomaram parte em suas corrupções contra as suas convicções e se rebelaram contra a luz. Há em nosso coração pecador algo que *sempre* resiste ao *Espírito Santo*, a carne que cobiça contra o Espírito e guerreia contra seus movimentos. Mas, no coração dos eleitos de Deus, quando chega a plenitude do tempo, esta resistência é vencida e dominada. Depois da guerra, o

trono de Cristo é estabelecido na alma e todo pensamento que se exaltara contra Ele é levado em cativeiro a Ele (2 Co 10.4,5). Por conseguinte, esta graça que ocasiona esta mudança pode ser mais adequadamente chamada graça *vitoriosa* do que graça *irresistível.*

III Eles, *como* seus *pais*, perseguiram e mataram aqueles que Deus lhes enviou para chamá-los ao dever e lhes fazer ofertas de misericórdia. 1. Os seus pais tinham sido os perseguidores cruéis e constantes dos profetas do Antigo Testamento: *A qual dos profetas não perseguiram vossos pais?* (v. 52). Em certo sentido, ocasionalmente, atacavam a todos eles. Quanto aos que viviam nos melhores reinados, quando os príncipes não os perseguiram, havia um grupo maligno na nação que escarnecia deles e os maltratava. A maioria, no fim das contas, estava, ou por insígnia da lei ou por fúria popular, morta. O fato que agravava o pecado de perseguir os profetas era que a atividade dos profetas, dos quais tinham tanta raiva, era anunciar *a vinda do Justo*, notificar as bondosas intenções de Deus para o povo, enviar o Messias entre eles na plenitude do tempo. Os mensageiros de notícias tão alvissareiras deveriam ter sido cortejados e agradados e recebido cargos honoríficos dos melhores benfeitores. Mas, em vez disso, receberam o tratamento do pior dos malfeitores. 2. Eles foram os *traidores e homicidas* do *Justo* (v. 52), como Pedro tinha lhes falado (cap. 3.14,15; v. 30). Eles contrataram Judas para trair o *Justo* e, até certo ponto, forçaram Pilatos para condená-lo. Eles são acusados de serem os *traidores e homicidas* do *Justo.* Eles eram a descendência genuína daqueles que mataram os profetas que predisseram a vinda do *Justo*, pois, ao matá-lo, eles mostraram o que teriam feito se houvessem vivido naquela época. Como nosso Salvador tinha lhes dito, eles trouxeram sobre si a culpa do sangue de todos os profetas. A qual dos profetas esses teriam mostrado respeito visto que não tiveram consideração pelo próprio Filho de Deus?

IV Eles, *como* seus *pais*, desprezaram a revelação divina, não querendo ser guiados e governados por ela. O que lhes agravava o pecado era que Deus lhes dera o evangelho, como dera anteriormente a lei aos seus pais, mas em vão. 1. Os seus pais receberam a lei e não a guardaram (v. 53). Deus lhes escreveu as grandes coisas da lei, depois que primeiramente lhes anunciara. Mas eles consideraram que isso era uma coisa estranha e na qual não tinham o menor interesse. Eles receberam *a lei por ordenação dos anjos*, porque os *anjos* foram empregados na solenidade de entrega da lei, junto com os trovões, relâmpagos e som de trombeta. A lei *foi posta pelos anjos* (Gl 3.19). Deus *veio com dez milhares de santos* para dar a lei (Dt 33.2), e foi uma *palavra falada pelos anjos* (Hb 2.2). Isto dignifica a lei e o Legislador, fato que deveria aumentar nossa reverência a ambos. Mas eles receberam a lei e não a guardaram, e ao fazer o bezerro de ouro, eles a quebraram de uma vez por todas em um exemplo de importância capital. 2. Eles receberam o evangelho *por ordenação* não de *anjos* (v. 53), mas do *Espírito Santo* (v. 51), não com o som de trombeta, mas, o que era mais estranho, com o dom de línguas, e mesmo assim não o aceitaram. Eles não se renderiam às mais claras demonstrações, não mais do que os seus pais antes deles, porque estavam decididos a não obedecer a Deus quer em sua lei quer em seu evangelho.

Temos razão em achar que Estêvão tinha muito mais a dizer, e teria dito caso lhe tivessem permitido. Mas eram homens maus e irracionais com quem ele tinha de tratar, pessoas que não dariam ouvidos à razão.

O Martírio de Estevão. A Oração de Estêvão na Hora da Morte

vv. 54-60

Temos aqui a morte do primeiro mártir da igreja cristã. Há, nesta história, um exemplo vivo da afronta e fúria dos perseguidores (que é o que podemos encontrar se formos chamados a sofrer por Cristo) e da coragem e consolo do perseguido, assim chamado. Aqui estão o inferno com seu fogo e trevas e o céu com sua luz e brilho. Estes servem de contraste para realçar um do outro. O texto sacro não diz que o conselho votou o caso de Estêvão, e que, por maioria, ele foi considerado culpado, sendo condenado e sentenciado à morte por apedrejamento, de acordo com a lei, como blasfemador. Mas é provável que tenha sido assim e que não foi pela violência do povo, sem a ordem do conselho, que ele foi morto. É o que deduzimos, porque aqui ocorre a cerimônia habitual de execução regular: ele foi expulso da cidade, e as mãos das testemunhas foram as primeiras contra ele.

Observemos a tremenda perturbação de espírito dos inimigos e perseguidores de Estêvão, e a maravilhosa tranqüilidade do seu espírito.

I Vejamos a força da depravação nos perseguidores de Estêvão: a primor da maldade, o próprio inferno se abrindo, os homens se encarnando em demônios e a descendência da serpente cuspindo veneno.

1. *Ouvindo eles isto, enfureciam-se em seu coração* (v. 54) contra Estêvão. *Dieprionto*, traduzida por *enfureciam-se*, é a mesma palavra usada em Hebreus 11.37, onde foi traduzida por *serrados*. A tortura mental por que passaram era tanta quanto o sofrimento físico por que passaram os mártires. Eles ficaram cheios de indignação por causa dos argumentos incontestáveis que Estêvão levantou para convencê-los e porque não acharam nada para contra-argumentar. Eles não se compungiram em seu coração com tristeza, como outros fizeram (cap. 2.37), mas se enfureceram em seu coração com fúria, como eles mesmos já haviam feito (cap. 5.33). Estêvão os repreendeu severamente, conforme expressou Paulo (Tt 1.13), *apotomos – severamente*, porque a repreensão enfureceu o coração deles. Note que os que rejeitam o evangelho e se opõem a ele são os que verdadeiramente se atormentam a si mesmos. A inimizade contra Deus é algo que enfurece o coração. A fé e o amor saram os males do coração. Quando ouviram que aquele que antes do discurso parecia um anjo (cap. 6.15) agora falava como um mensageiro do céu, antes mesmo de concluir, ficaram *como o antílope na rede; cheios* [...] *do furor do Senhor* (Is 51.20), desesperados em denegrir uma causa tão corajosamente defendida e decididos a não se renderem.

2. *Ouvindo eles isto,* [...] *rangiam os dentes contra* Estêvão (v. 54). Este procedimento denota: (1) A grande maldade e furor contra Estêvão. Jó reclamou que o seu inimigo *rangeu os dentes contra* ele (Jó 16.9). Esse linguajar queria dizer: *Ah! Quem se não terá saciado com a sua carne!* (Jó 31.31). Eles arreganharam os dentes para ele, como cães contra quem estão enfurecidos. Paulo, em um aviso contra os da circuncisão, disse: *Guardai-vos dos cães* (Fp 3.2). A inimizade contra os santos transforma os homens em animais brutos. (2) A profunda raiva que eles tinham dentro de si. Eles se irritaram ao ver que Estêvão tinha sinais manifestos do poder e presença divinas, e isso lhes enfureceu o coração. *O ímpio verá isto e se enraivecerá; rangerá os dentes e se consumirá* (Sl 112.10). Ranger os dentes é expressão usada para referir-se ao horror e tormentos dos condenados ao inferno. Os que têm a maldade do inferno não podem senão ter também as dores do inferno.

3. *Eles gritaram com grande voz* (v. 57) para se provocarem e se estimularem a fim de abafar os clamores da própria consciência. Quando ele disse: *Eis que vejo os céus abertos* (v. 56), *eles gritaram com grande voz* para não o ouvirem falar. Note que é muito comum em uma causa justa, sobretudo a causa justa da religião cristã, correr o risco de ser denegrido por barulhos e gritos. O que falta à razão é complementado pelo tumulto. *As palavras dos sábios devem em silêncio ser ouvidas, mais do que o clamor do que domina sobre os tolos* (Ec 9.17). *Eles gritaram com grande voz,* como soldados quando iniciam o ataque na batalha, reunindo toda a força e coragem para o embate renhido.

4. *Eles* [...] *taparam os ouvidos* (v. 57) para não ouvirem a própria algazarra; ou talvez com a desculpa de que não agüentavam ouvir as blasfêmias de Estêvão. Como Caifás rasgou sua roupa quando Jesus disse: *Vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu* (Mt 26.64,65), assim estes *taparam os ouvidos* quando o Estêvão disse: *Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus* (v. 56), ambos fazendo o papel de que as palavras faladas não mais seriam ouvidas com paciência. O ato de tapar os ouvidos era: (1) Evidência clara da teimosia ferrenha deles. Eles estavam determinados a não ouvir o que tinha a tendência de convencê-los da verdade, que era o de que os profetas freqüentemente se queixavam: eles *são como a víbora surda, que tem tapados os seus ouvidos para não ouvir a voz dos encantadores, do encantador perito em encantamento* (Sl 58.4,5). (2) Presságio fatal da dureza judicial à qual Deus os entregaria. *Eles* [...] *taparam os ouvidos* (v. 57), e Deus, de certo modo em justo julgamento, os "tapou". Este era o trabalho que estava em operação com os judeus incrédulos: *Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos* (Is 6.10), assim Estêvão respondia o caráter deles: Vós sois *incircuncisos de coração e ouvido* (v. 51).

5. *Eles* [...] *arremeteram unânimes contra ele* (v. 57). O povo, os anciãos do povo, os juízes, os promotores públicos, as testemunhas e os espectadores se lançaram contra Estêvão como animais selvagens sobre a presa. Note como foram violentos e apressados. Eles *arremeteram* contra Estêvão, embora não houvesse perigo de ele escapar. Note, também, que foram *unânimes* neste perverso intento: eles *arremeteram unânimes,* todos sem exceção. Eles queriam amedrontá-lo, deixá-lo confuso, pois lhe invejavam a serenidade e a paz da alma, que desfrutava maravilhosamente no meio dessa grande agitação. Eles fizeram tudo que puderam para irritá-lo.

6. *E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam* (v. 58), como se Estêvão não fosse digno de morar em Jerusalém, ou mesmo de habitar neste mundo, pretendendo com isso executar a lei de Moisés: *Aquele que blasfemar o nome do Senhor certamente morrerá; toda a congregação certamente o apedrejará* (Lv 24.16). Assim eles mataram Jesus, quando este mesmo tribunal o declarara culpado de blasfêmia. Mas, para a sua maior infâmia, fizeram isso porque desejavam ardentemente crucificá-lo, e Deus o anulou para cumprir as Escrituras. A fúria com que administraram a execução mostra-se nisto: eles o expulsaram da cidade, como se não suportassem vê-lo; eles o trataram como um anátema, como o lixo de todas as coisas. As testemunhas contra ele foram os líderes na execução, de acordo com a lei: *A mão das testemunhas será primeiro contra ele, para matá-lo* (Dt 17.7), particularmente no caso de blasfêmia (Lv 24.14; Dt 13.9). Assim elas confirmavam o testemunho que deram. O apedrejamento era uma tarefa laboriosa; por isso, as testemunhas tiravam as vestes superiores da vítima para que não suavizassem os golpes. *E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo* (v. 58), que neste momento era um espectador satisfeito desta tragédia. É a primeira vez que encontramos a menção do seu nome. Nós o conheceremos melhor e o amaremos mais quando o seu nome tiver sido mudado para Paulo e o seu caráter tiver passado de perseguidor a pregador. Tempos depois, ele retrata esta pequena a mostra de sua agência na morte de Estêvão com extremo pesar: Eu *guardava as vestes dos que o matavam* (cap. 22.20).

II Vejamos a força da graça em Estêvão e os exemplos maravilhosos do favor de Deus para com ele e em operação nele. Como os seus perseguidores estavam cheios de Satanás, assim ele estava cheio do Espírito Santo, mais cheio do que comumente, e ungido com o óleo fresco para ser fortalecido. Por conta disso, são *bem-aventurados* os que, *pelo nome de Cristo,* são *vituperados,* porque sobre eles *repousa o Espírito da glória de Deus* (1 Pe 4.14). Quando Estêvão foi escolhido para servir a igreja, ele era *homem cheio* [...] *do Espírito Santo* (cap. 6.5). Agora, ao ser chamado para o martírio, ainda mantém a mesma qualidade. Note que os que são cheios do Espírito Santo estão aptos para qualquer obra, quer para agir em prol de Cristo ou para sofrer por Ele. Aqueles que Deus chama para prestar serviços difíceis em prol do seu nome, Ele os qualifica para tais serviços e age por meio deles satisfatoriamente, enchendo-os do Espírito Santo, para que, *como as aflições de Cristo são abundantes* neles, assim também a consolação deles sobeje *por meio de Cristo* (2 Co 1.5). Portanto, em nada eles têm a vida por preciosa (cap. 20.24). Neste momento crítico, constatamos uma comunhão extraordinária entre este mártir santo e o Jesus santo. Quando os seguidores de Jesus, por amor a Ele, são *mortos todo dia* e *reputados como ovelhas*

para o matadouro (Sl 44.22; Rm 8.36), isto os separa do amor de Jesus? Ele os ama menos? Eles o amam menos? Não, de jeito nenhum. É o que demonstra esta narrativa.

1. A manifestação graciosa do próprio Jesus a Estêvão para consolá-lo e honrá-lo em meio aos sofrimentos. Quando se enfureceram em seu coração, rangeram os dentes contra ele e estavam prestes a atacá-lo. Estevão então teve a visão da glória de Jesus suficiente para enchê-lo de alegria indizível. Esta revelação tinha o propósito não de encorajá-lo, mas de fortalecer e consolar todos os servos sofredores de Deus em todas as eras.

(1) Estêvão, *estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu...* (v. 55). [1] Estêvão olhou acima do poder e fúria dos que o perseguiam. Ele pareceu desprezá-los e zombar deles, conforme agiu *a filha de Sião* (Is 37.22). Eles o olhavam firmemente, cheios de maldade e crueldade. Mas ele olhou para o céu, sem se preocupar com isso, e foi tomado pela vida eterna numa perspectiva que não se importava com a vida natural em risco. Em vez de olhar ao redor para ver se estava em perigo ou de que modo poderia fugir, ele olhou para cima, para o *céu*, o único lugar de onde lhe vem ajuda e para onde o seu caminho ainda está aberto. Embora o rodeassem de todos os lados, eles não podiam interromper sua relação com o céu. Note que uma ligação fiel a Deus e ao outro mundo é de grande valor para nos colocar acima do medo dos homens, pois, à medida que estamos sob a influência desse medo, nos esquecemos do Senhor que nos criou (Is 51.13). [2] Estêvão direcionou seus sofrimentos para a glória de Deus e a honra de Cristo. Ele o fez na forma de súplica ao céu a favor deles ("Senhor, por amor de ti eu sofro isto") e na expressão de sua grande esperança de que Jesus fosse glorificado em seu corpo. Agora que Estêvão estava prestes a ser oferecido, ele fixa *os olhos no céu* (v. 55) como alguém pronto a se render. [3] Estêvão elevou sua alma com os olhos a Deus *no céu* (v. 55), em derramamento piedoso, clamando a Deus em busca de sabedoria e graça para o conduzir de maneira correta nesse julgamento. Deus prometeu estar com os seus servos, a quem Ele chama para sofrer por Ele. Mas, para isso, Ele deve ser buscado em oração. Ele está perto deles, mas se aproxima mais todas as vezes que o chamam (Dt 4.7). *Está alguém entre vós aflito? Ore* (Tg 5.13). [4] Estêvão aspirava intensamente à pátria divina, e para ela percebeu que a fúria dos seus perseguidores o enviaria. É bom que os santos agonizantes fixem *os olhos no céu* (v. 55). "Ao céu é o lugar onde a morte levará a melhor parte de mim, e então: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* (1 Co 15.55)." [5] Estêvão deu a entender que estava *cheio do Espírito Santo* (v. 55), pois onde quer que o Espírito da graça habita, trabalha e reina, Ele dirige o olhar da alma para cima. Os que estão cheios *do Espírito Santo* fixam *os olhos no céu*, porque é onde está o seu coração. [6] Estêvão se colocou numa postura para receber a manifestação da glória e graça divinas que ocorreu em seguida. Se esperamos que o céu fale, temos de fixar *os olhos no céu* (v. 55).

(2) Estêvão *viu a glória de Deus* (v. 55) e, para que a visse, *os céus* se abriram (v. 56). Certos estudiosos acham que pelo poder sobrenatural os olhos de Estevão foram fortalecidos, aumentando o alcance de sua visão muito acima do natural. Ele viu o terceiro céu, embora estivesse a tão longa distância, como a visão de Moisés aumentou para que visse toda a terra de Canaã. Outros pensam que foi uma representação da glória de Deus feita diante dos olhos de Estêvão, como aconteceu com Isaías e Ezequiel. O céu veio como se tivesse descido até ele (Ap 21.2). *Os céus* se abriram para lhe dar uma visão da felicidade que usufruiria, e, com essa perspectiva, passasse alegremente pela morte, tão grande morte. Se pela fé fixássemos *os olhos no céu*, veríamos *os céus abertos* pela mediação de Cristo, o véu sendo rasgado e um novo e vivo caminho aberto diante de nós para o Santo dos Santos. *Os céus* são *abertos* para a fixação de uma ligação entre Deus e os homens e também para que os seus favores e bênçãos desçam até nós e nossas orações e louvores subam até Ele. Nós também podemos ver a glória de Deus até ao ponto em que Ele a revelou em sua palavra, e essa visão nos ajuda a passar por todos os terrores de sofrimentos e morte.

(3) Estêvão *viu* [...] *Jesus, que estava à direita de Deus* (v. 55), *o Filho do homem* (v. 56). *Jesus*, sendo *o Filho do homem*, tendo levado nossa natureza com Ele para o céu e a vestido com um corpo que pode ser visto com os olhos físicos. Foi assim que Estêvão o viu. Quando os profetas do Antigo Testamento viram a glória de Deus, os anjos a acompanhavam. Na visão de Isaías, eram os serafins que acompanhavam a *shequiná*, a presença divina. Na visão de Ezequiel, eram os querubins. Em ambos os casos, são anjos que são ministros da providência de Deus. Mas aqui não há menção a anjos, embora eles rodeiem o trono e o Cordeiro. Em vez deles, Estêvão vê *Jesus* [...] *à direita de Deus*, o grande Mediador da graça de Deus, de quem mais glória redunda a Deus do que de toda a ministração dos anjos santos. A glória de Deus brilha mais luminosamente na face de Jesus Cristo. Ali brilha a glória da sua graça, que é o exemplo mais ilustre da sua glória. Deus se mostra mais glorioso tendo *Jesus* à sua direita do que milhões de anjos à sua volta. [1] Esta é prova da exaltação de Jesus *à mão direita* do Pai (v. 56). Os apóstolos viram Jesus ascender, mas não o viram assentar-se, pois *uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos* (cap. 1.9). Outros textos bíblicos informam que Ele está assentado *à mão direita de Deus*, mas Ele já foi visto ali? Sim, Estêvão o viu e muito se regozijou com a visão. Ele viu Jesus *à mão direita de Deus*, evidenciando sua dignidade transcendente e seu domínio soberano, sua habilidade indomável e sua agência universal. Tudo quanto a *mão direita de Deus* nos dá, ou recebe de nós, ou faz concernente a nós, é por meio de Jesus, porque Ele está *à mão direita de Deus*. [2] Em geral, os textos bíblicos dizem que Jesus está *sentado à mão direita de Deus*, mas Estêvão o viu *em pé*, como alguém que nesse momento está mais que normalmente preocupado pelo seu servo que sofre. Ele se levantava como juiz para defender a causa do seu servo contra os que o perseguem. *Ele despertou na sua santa morada* (Zc 2.13), e *sairá do seu lugar para castigar* (Is 26.21). Ele se levanta pronto para receber Estêvão e coroá-lo, e, nesse meio tempo, dá-lhe um lampejo da alegria que está diante dele. [3] O propósito dessa visão era encorajar Estêvão. Ele vê que Jesus é por ele, então não importa o que seja contra ele. Quando nosso Senhor Jesus estava em sua agonia, um anjo lhe apareceu para fortalecê-lo. Mas para Estêvão o próprio Jesus lhe apare-

ceu. Note que não há nada mais consolador para os santos prestes a morrer, nem mais animador para os santos que sofrem do que ver Jesus à direita de Deus. Louvado seja Deus, pois pela fé nós o veremos ali.

(4) Estêvão contou aos que estavam em volta dele o que ele via: *Eis que vejo os céus abertos* (v. 56). Aquilo que era agradável para ele deveria tê-los convencido da verdade e servido de aviso para prestarem atenção e não acusarem alguém a quem o céu lhe sorria. O que ele viu declarou, e que façam uso do que ouviram conforme lhes agrade. Se alguns se irritaram, outros talvez viessem a reconsiderar este Jesus, a quem eles perseguiram, e crer nele.

2. As palavras de Estêvão para Jesus Cristo. A manifestação da glória de Deus para ele não o colocou acima da oração, antes, pelo contrário, o fixou nela: Eles *apedrejaram a Estêvão, que em invocação* a Deus *dizia: Senhor Jesus* (v. 59). Embora invocasse a Deus e, com isso, mostrasse que era um verdadeiro israelita, eles prosseguiram com o apedrejamento, não levando em conta o perigo que é lutar contra os que têm uma ligação com o céu. Enquanto o apedrejavam, ele invocava a Deus, ou mais exatamente, por causa do apedrejamento, ele o invocava. Note que é um consolo para os que são injustamente odiados e perseguidos pelos homens terem um Deus a quem recorrer, um Deus todo-poderoso para buscar. Os homens tapam os ouvidos, como estes fizeram aqui (v. 57), mas Deus não. Estêvão foi expulso da cidade, mas não foi expulso do seu Deus. Ele estava partindo do mundo e, por isso, invoca a Deus, pois temos de fazer isto enquanto vivermos. Note que é bom morrer orando. Precisamos de ajuda. Precisamos da força que nunca tivemos para fazer um trabalho que nunca fizemos. E como buscaremos essa ajuda e força senão pela oração? Em seus últimos momentos na terra, Estêvão faz duas orações curtas a Deus, como se nelas ele exalasse a alma.

(1) Esta é a oração que Estêvão fez por si mesmo: *Senhor Jesus, recebe o meu espírito* (v. 59). Foi assim que *Jesus* entregou o espírito imediatamente às mãos do Pai. Isto nos ensina a entregar nosso espírito às mãos de *Jesus* como Mediador, para que por Ele sejamos encomendados ao Pai. Estêvão viu *Jesus* que estava em pé à mão direita do Pai (v. 56) e o invoca: "Bendito Jesus, faze isto por mim agora que tu estás em pé para fazeres tudo teu: Recebe o meu espírito que parte para as tuas mãos". Observe: [1] A alma é o homem. Nossa maior preocupação, quer seja vivendo ou morrendo, deve ser cuidar da nossa alma. O corpo de Estevão muito se machucaria por ser alvo de uma chuva de pedras; sua casa terrestre deste tabernáculo seria violentamente maltratada e abatida. Mas contando que isso ocorreria: "*Senhor*", disse ele, "guarda o meu espírito. Permite que ele acompanhe bem minha pobre alma". Enquanto vivermos, devemos cuidar para que, ainda que o corpo passe fome ou fique nu, a alma seja alimentada e vestida, embora o corpo sofra dores, a alma repouse tranqüilamente. Quando morrermos, mesmo que esse corpo seja lançado fora como um desprezível vaso quebrado, um vaso no qual não há prazer, a alma seja presenteada com um vaso de honra, para que Deus seja a força do coração e sua porção, a despeito do fracasso da carne. [2] Nosso *Senhor Jesus* é Deus, a quem devemos buscar e em quem devemos confiar e nos consolar, quer vivamos ou morramos. Estêvão ora a *Jesus* e o mesmo devemos fazer, pois é a vontade de Deus *que todos honrem o Filho, como honram o Pai* (Jo 5.23). É a *Jesus* que devemo nos entregar, pois Ele é o único que pode guardar o que lhe entregarmos até aquele dia. É necessário que fixemos nossos olhos em *Jesus* na hora da morte, pois não há possibilidade de paz em outro mundo senão sob sua orientação, nem consolo vivo em momentos agonizantes exceto o que buscamos dele. [3] O ato de *Jesus* receber nosso espírito na hora da morte deve ser nossa maior preocupação e com que devemos nos consolar. Temos de cuidar enquanto vivermos que *Jesus* receba o nosso espírito quando morrermos. Se Ele rejeitar e desconhecer nosso espírito, a quem recorreremos? Como escaparemos de ser presa do leão que ruge? É a Ele que temos de nos entregar diariamente para sermos governados e santificados, uma vez preparados para o céu. Só então, e não de outra maneira, Ele nos receberá. Se este tiver sido nosso cuidado enquanto vivermos, será nossa consolação quando morrermos, e que então sejamos recebidos nas habitações eternas.

(2) Esta é a oração que Estêvão fez por seus perseguidores: *Senhor, não lhes imputes este pecado* (v. 60).

[1] As circunstâncias desta oração são notáveis. Pelo visto, esta oração foi feita com uma maior reverência que a primeira. Em primeiro lugar, Estêvão se pôs *de joelhos* (v. 60), que era expressão de sua humildade na oração. Em segundo lugar, Estêvão *clamou com grande voz* (v. 60), que era expressão da sua quietude. Mas por que ele deveria mostrar mais humildade e serenidade neste pedido que no anterior? Ninguém duvidaria que ele fosse extremamente sincero em suas orações a favor de si mesmo. Portanto, não havia necessidade de ele se servir de tais expressões externas da oração. Mas na petição pelos seus inimigos, pelo fato de esta atitude ser o oposto do cerne da natureza corrupta, era necessário que ele desse provas de sua sinceridade.

[2] A oração: *Senhor, não lhes imputes este pecado* (v. 60). Nisto ele seguiu o exemplo do Mestre, que, enquanto morria, orou pelos que o crucificavam: *Pai, perdoa-lhes* (Lc 23.34), dando o exemplo para que todos os sofredores pela causa cristã orassem pelos que os perseguissem. A oração pode pregar. Foi o que aconteceu com os que apedrejaram Estêvão. Ele se ajoelhou para que vissem que ele orava, e *clamou com grande voz*, para que ouvissem o que ele dizia, e assim pudessem aprender, em primeiro lugar, que o que eles fizeram era pecado, um grande pecado. Se a misericórdia e graça divina não o evitaram, eles seriam culpados desse pecado para a sua vergonha eterna. Em segundo lugar, que, apesar da maldade e fúria demonstradas contra Estêvão, ele demonstrou amor por eles e estava longe de desejar que Deus lhe vingasse a morte. Sua oração sincera a Deus era que não fossem considerados culpados desse pecado. Um triste ajuste de contas haveria por causa disso. Caso eles não se arrependessem, certamente seriam condenados por causa desse pecado. Mas, no que lhe dizia respeito, não desejava que esse dia triste viesse. Que soubessem disso e, quando os seus pensamentos estivessem mais calmos, com certeza, eles não se perdoariam facilmente por terem matado quem os perdoou tão facilmente. *Os homens sanguinários aborrecem aquele que é sincero, mas os retos procuram o*

seu bem (Pv 29.10). Em terceiro lugar, que, embora o pecado fosse muito hediondo, eles não deveriam desesperar-se, pois haveria perdão quando se arrependessem. Se eles pusessem o arrependimento no coração, Deus não poria no coração deles a culpa. "Em vossa opinião", disse Agostinho, "Paulo ouviu Estêvão fazer esta oração? É provável que tenha ouvido e que tenha ridicularizado (*audivit subsannans, sed irrisit – ele ouviu com desprezo*). Mas, tempos depois, ele se beneficiou com esta oração e passou a desfrutá-la melhor."

3. A morte de Estêvão depois da oração: *E, tendo dito isto, adormeceu* (v. 60); ou, enquanto ele estava dizendo estas palavras, veio o golpe mortal. Note que a morte não passa de um sono para as pessoas boas. Não é o sono da alma (Estêvão havia colocado sua alma nas mãos de Jesus), mas o sono do corpo. É o descanso de todas as fadigas e labutas. É o alívio perfeito da dor e sofrimento. Estêvão morreu com tal pressa como jamais homem fez, e ainda, quando morreu, ele dormiu. Ele se dedicou ao trabalho de morrer com tanta compostura mental como se estivesse para dormir. Ele apenas fechou os olhos e morreu. Note que ele dormiu enquanto orava pelos seus perseguidores. A oração é expressa como se ele pensasse que não poderia morrer em paz sem ter orado. Em muito contribui para morrermos em paz o fato de estarmos de bem com todos os homens. Aí encontramos Jesus em paz. Que o sol da vida não se ponha sobre a nossa ira. Ele *adormeceu*. A Vulgata Latina acrescenta as palavras: "no Senhor", nos abraços do seu amor. Se ele *adormeceu* assim, ele fez bem, pois ele despertará na manhã da ressurreição.

Capítulo 8

Neste capítulo, temos uma narrativa sobre as perseguições dos cristãos e a propagação do cristianismo. Era estranho, mas verdadeiro, que quanto mais os discípulos de Cristo eram afligidos mais eles se multiplicavam. I. Aqui está o sofrimento da igreja. A morte de Estêvão deflagrou uma tempestade bastante violenta que forçou muitos cristãos a fugirem de Jerusalém (vv. 1-3). II. Aqui está a propagação da igreja através do ministério de Filipe e de outros que foram dispersos nessa ocasião. 1. O evangelho chega a Samaria, onde é pregado (vv. 4,5) e aceito (vv. 6-8), até por Simão, o Mágico (vv. 9-13). O dom do Espírito Santo é concedido, pela imposição das mãos de Pedro e João, a alguns samaritanos que creram (vv. 14-17). A repreensão severa dada por Pedro a Simão, o Mágico, por oferecer dinheiro para ter o poder de conceder esse dom (vv. 18-25). 2. O evangelho é enviado à Etiópia pelo eunuco, pessoa de alto cargo naquele país. A viagem para casa em seu carro voltando de Jerusalém (vv. 26-28). Filipe é enviado ao eunuco e, no carro, ele lhe anuncia Jesus (vv. 29-35). Ao fazer a confissão da fé cristã, Felipe o batiza nas águas (vv. 36-38) e o deixa (vv. 39,40). Assim, de modos e métodos diferentes o evangelho estava se espalhando entre as nações e, de um modo ou de outro: "Porventura, não ouviram?"

A Perseguição Sofrida pela Igreja
vv. 1-3

Nestes versículos, temos:

I Mais informações sobre Estêvão e sua morte. Como as pessoas reagiram a estes acontecimentos: de diferentes formas, como geralmente se dá em tais casos, de acordo com os diferentes sentimentos que as pessoas têm das coisas. Quando Jesus estava prestes a deixar os discípulos, ele lhes disse: *Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará* (Jo 16.20, versão RA). Em conformidade com isto, aqui está: 1. A morte de Estêvão alegrou muitas pessoas, mas uma em particular: *Saulo* (v. 1), que mais tarde foi chamado Paulo. Ele *consentiu na morte* de Estevão, *syneudokon – ele consentiu nisso com prazer* (este é o significado da palavra). Ele ficou contente com isso. Ele alimentou os olhos com este espetáculo sangrento na esperança de que acabaria com o crescimento do cristianismo. Temos razões para deduzir que Paulo ordenou que Lucas inserisse esta informação para sua vergonha e glória da graça livre. Portanto, ele se confessa culpado do sangue de Estêvão e o agrava com o dado de que ele não o fez com pesar e relutância, mas com prazer e muita satisfação, como os que *não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem* (Rm 1.32, versão RA). 2. A morte de Estêvão é pranteada por *uns varões piedosos* (v. 2). Alguns eruditos entendem que essa nomenclatura (*varões piedosos*) se refere aos prosélitos, entre os quais o próprio Estêvão provavelmente se encontrava. Ou, pode ser considerada em sentido mais amplo. Os *varões piedosos* eram certos membros da igreja que eram mais devotos e zelosos que os demais. Eles foram recolher o cadáver contundido e abatido de Estevão e lhe deram um sepultamento decente, provavelmente no *Campo de Sangue* que há pouco tempo fora comprado para a *sepultura dos estrangeiros* (Mt 27.7,8). Eles o enterraram solenemente e *fizeram sobre ele grande pranto*. Embora sua morte lhe fosse muito benéfica e de grande serventia para a igreja, eles o lamentaram como perda geral. Ele era muito bem qualificado para o serviço e utilíssimo tanto como diácono quanto como defensor da fé. Quando pessoas desse nível morrem, é mau sintoma não lhe serem prestados os respeitos devidos. Esses *varões piedosos* fizeram as últimas homenagens a Estêvão: (1) Para mostrar que eles não tinham vergonha da causa pela qual Estêvão sofreu e que também não estavam com medo dos que se opunham a essa causa. Embora os inimigos tivessem triunfado, a causa é causa justa e, no fim, será vitoriosa. (2) Para mostrar o grande valor e estima que acolhiam por Estêvão, fiel servo de Jesus Cristo, o primeiro mártir do evangelho, cuja memória para sempre lhes será preciosa, apesar da infâmia da sua morte. Eles visam a honrar aquele a quem Deus honrou. (3) Para testemunhar a crença e esperança que eles tinham da ressurreição dos mortos e da vida no mundo vindouro.

II Um relato da perseguição que a igreja sofreu a partir do martírio de Estêvão. Quando a fúria dos judeus se desencadeou com tamanha violência e intensi-

dade contra Estêvão, ela não pôde ser rapidamente contida ou exaurida. As Escrituras dizem que os sanguinários têm sede de sangue, porque quando provam sangue têm ainda mais sede de sangue. O leitor pensaria que as orações e consolações de Estêvão na hora da morte teriam comovido os perseguidores, levando-os a ter uma opinião melhor dos cristãos e do cristianismo; mas isso não ocorreu. A perseguição continuou, porque ficaram mais exasperados quando viram que não poderiam sair vitoriosos. E, como se esperassem ser muito veementes em favor do próprio Deus, resolveram prosseguir com a *perseguição*. Talvez porque ninguém caiu morto por apedrejar Estêvão, o coração tenha ficado mais firme para fazer o mal. Pode ser também que os discípulos se animaram a debater com eles ao observarem o testemunho de Estevão, no final da vida. São possibilidades que os incentivariam a ser fiéis a Deus nesta *grande perseguição*. Observe:

1. Contra quem foi feita esta *grande perseguição*: *contra a igreja que estava em Jerusalém* (v. 1) que, no mesmo instante da sua implantação, foi perseguida, como Jesus afirmou que surgiriam tribulação e perseguição *por causa da palavra* (Mt 13.21). Jesus predissera especificamente que logo Jerusalém ficaria muito perigosa para os seus seguidores, pois esta cidade era famosa por matar os profetas e apedrejar os que lhe eram enviados (Mt 23.37). Pelo visto, nesta *grande perseguição*, muitos foram mortos, pois Paulo reconhece que nessa época ele perseguiu *este Caminho até à morte* (cap. 22.4) e, quando matavam os cristãos, ele punha seu *voto contra eles* (cap. 26.10).

2. Quem foi enérgico nesta *grande perseguição*. Ninguém foi tão zeloso, tão vigoroso, quanto *Saulo* (v. 3), o jovem fariseu. Quanto a *Saulo* (já mencionado neste texto, e agora, outra vez, como perseguidor notório), ele *assolava a igreja*. Ele fez de tudo para prejudicá-la e arruiná-la. Ele não se importava com o dano que causava aos discípulos de Jesus, e nem mesmo sabia quando parar. Seu objetivo era não menos que extirpar de Israel o evangelho, para que não houvesse mais memória do seu nome (Sl 83.4). Ele era a ferramenta mais adequada que os principais dos sacerdotes poderiam ter para servir aos seus propósitos. Ele era o informante-geral contra os discípulos, o mensageiro do grande conselho a ser empregado para vasculhar as reuniões e prender todos que fossem suspeitos de serem a favor do Caminho. Tendo estudado desde pequeno, *Saulo* era um erudito, um cavalheiro, mas mesmo assim não pensou que fosse indigno ser empregado no trabalho mais vil daquele tipo. (1) *Saulo* entrava *pelas casas* (v. 3), não tendo dificuldade em arrombar portas, de noite ou de dia, pois com esta finalidade era assistido por uma força policial. Ele entrava em toda casa onde os discípulos de Jesus faziam reuniões, ou em toda casa onde houvesse algum cristão, ou que ele pensasse haver. Ninguém estava seguro em sua própria casa, ainda que fosse um castelo. (2) *Saulo* puxava à força, com o maior desprezo e crueldade, *homens e mulheres* (v. 3), arrastando-os pelas ruas, sem a mínima consideração pelo sexo mais fraco. Ele se rebaixou ao ponto de tomar conhecimento do mais insignificante que se corrompera com o evangelho; e isso de tão extremamente fanático que era. (3) *Saulo* [...] *os encerrava na prisão* (v. 3) para serem julgados e mortos a menos que renunciassem a Jesus. Alguns talvez foram forçados por ele a blasfemar (cap. 26.11).

3. Qual foi o efeito desta *grande perseguição*: *Todos foram dispersos* (v. 1), não todos os crentes, mas todos os pregadores, que foram mais visados e contra quem foram emitidos mandados de prisão para prendê-los. Eles, lembrando-se da regra de nosso Mestre (*quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra*, Mt 10.23), se dispersaram por comum acordo *pelas terras da Judéia e da Samaria*. Não tanto por medo dos sofrimentos (pois *Judéia* e *Samaria* não ficavam muito longe de Jerusalém, mas se eles aparecessem publicamente nesta cidade, como estavam determinados a fazer, as tropas policiais dos perseguidores logo os localizariam), mas porque entenderam que essa *grande perseguição* era indicação da Providência para que eles se espalhassem. Eles fizeram um trabalho muito bom em Jerusalém, e agora estava na hora de pensar nas necessidades de outros lugares. O Mestre lhes dissera que seriam suas testemunhas primeiramente em Jerusalém, e depois *em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra* (cap. 1.8). Eles observaram este método. A perseguição não nos afasta de nosso trabalho, mas pode ser sugestão da Providência para trabalharmos em outro lugar. Todos os pregadores foram espalhados, *exceto os apóstolos*, que, provavelmente, foram dirigidos pelo Espírito a permanecer em Jerusalém por mais algum tempo. *Os apóstolos* foram, pela providência especial de Deus, escondidos da tempestade, e, pela graça especial de Deus, foram capacitados a enfrentar a tempestade. Eles permaneceram em Jerusalém para que estivessem preparados para ir aonde sua ajuda fosse necessária, pois os outros pregadores foram enviados para abrir caminho. Jesus ordenou que os discípulos fossem para os lugares onde Ele planejava ir (Lc 10.1). Os apóstolos continuaram muito mais tempo juntos em Jerusalém do que se imagina, tendo em vista a ordem e a comissão que receberam de ir *por todo o mundo* e fazer *discípulos de todas as nações* (Mc 16.15; Mt 18.19, versão RA; veja cap. 15.6; Gl 1.17). Mas o que foi feito pelos evangelistas que eles enviaram foi considerado como se tivesse sido feito por eles.

A Propagação do Evangelho. O Sucesso de Filipe

vv. 4-13

O enigma de Sansão é apresentado aqui novamente para ser decifrado: *Do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte* (Jz 14.14). A perseguição que visava a extirpar a igreja proporcionou, pela providência predominante de Deus, oportunidade para a sua amplificação. Jesus dissera: *Vim lançar fogo na terra* (Lc 12.49). Os inimigos do evangelho pensaram que se espalhassem os que foram incendiados por esse fogo, o fogo se apagaria, mas, em vez disso, ajudaram a propagá-lo.

I Esta é uma descrição geral do que foi feito por todos eles: *Os que andavam dispersos iam por toda parte anunciando a palavra* (v. 4). Eles não foram se esconder por medo do sofrimento, nem para se mostrar orgulhosos do que sofreram. Eles foram por todos os lugares

para espalhar o conhecimento de Jesus por onde quer que fossem *dispersos*. Eles foram a todo lugar, a caminho dos gentios e às cidades samaritanas que anteriormente foram proibidos de ir (Mt 10.5). Eles não se juntaram em grupos, embora este procedimento pudesse lhes proporcionar força. Eles se espalharam por todas as partes não para buscar tranqüilidade, mas para descobrir trabalho. Eles foram evangelizar o mundo, *anunciando a palavra* do evangelho. Era o que os satisfazia e com que procuravam encher o país em que estivessem, tanto em suas pregações quanto em suas conversas corriqueiras. Eles estavam agora em um país onde não eram estrangeiros, pois Jesus e os discípulos tinham convertido muitas pessoas nas regiões da Judéia. Desta forma, eles tinham uma fundação sobre a qual edificar. Era uma condição indispensável fazer com as pessoas soubessem o que acontecera com a doutrina que Jesus anunciara ali há pouco tempo, a qual não fora perdida nem esquecida, como talvez eles pudessem ter pensado.

II Um relato pormenorizado das atividades de Filipe. Mais adiante, nos inteiraremos do progresso e sucesso de outros pregadores (cap. 11.19). Aqui, acompanharemos os movimentos de Filipe, não do apóstolo Filipe, mas do diácono Filipe, que foi escolhido e ordenado para servir às mesas. Tendo servido bem como diácono, ele adquiriu *para si uma boa posição e muita confiança na fé* (1 Tm 3.13). Estêvão subiu para a posição de mártir, e Filipe, para a posição de evangelista. Quando ele assumiu a nova posição, sendo obrigado a perseverar *na oração e no ministério da palavra* (cap. 6.4), foi, sem dúvida, desincumbido do diaconato, pois como poderia servir às mesas em Jerusalém, que pelo ofício diaconal era obrigado a fazer, quando ele estava pregando em Samaria? É provável que dois outros homens tenham sido escolhidos para ocupar os lugares de Estêvão e Filipe. Agora observe:

1. O sucesso maravilhoso que Filipe teve em sua pregação e a receptividade obtida.

(1) O lugar que *Filipe* escolheu foi a *cidade de Samaria* (v. 5), a capital de Samaria e metrópole daquela nação. Esta *Samaria* estava localizada onde ficava a antiga cidade de Samaria, de cuja construção e nome antigo – Semer – lemos em 1 Reis 16.24. Certos estudiosos opinam que era a mesma cidade de Siquém, ou Sicar, a cidade samaritana que Jesus visitou (Jo 4.5). Naquela ocasião, muitos de seus habitantes creram em Cristo, embora não tivesse feito nenhum milagre entre eles (cap. 8.39,41). Agora *Filipe*, três anos depois, continua o trabalho iniciado. Os judeus não tinham relações comerciais com os samaritanos, mas Jesus enviou seu evangelho para acabar com todas as inimizades, particularmente entre os judeus e samaritanos, fazendo deles sua igreja.

(2) A doutrina que *Filipe* pregou era *Cristo* (v. 5), porque ele propôs saber entre os samaritanos nada mais que *Cristo*. Ele *lhes pregava a Cristo* (ou "ele proclamou Cristo para eles", conforme o significado da palavra grega) como rei, quando chega ao trono e é proclamado em todos os seus domínios. Os samaritanos esperavam a vinda do Messias, como depreendemos de João 4.25. Agora *Filipe* lhes anuncia que Ele veio e que os samaritanos são bem recebidos por Ele. A obra dos ministros é pregar *a Cristo – Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2), Cristo e este glorificado.

(3) As provas que *Filipe* deu para confirmar a doutrina que ele pregava foram milagres (v. 6). Para convencer os samaritanos de que ele recebeu sua comissão do céu (portanto, eles poderiam se arriscar no que ele dizia e eram obrigados a aceitar), Ele lhes mostra este importante selo do céu anexado às suas palavras, o qual o Deus da verdade nunca poria numa mentira. Os milagres eram inegáveis. Eles *ouviam e viam os sinais que ele fazia*. Eles *ouviam* as palavras grandiosas que ele falava e imediatamente *viam* os seus efeitos surpreendentes. Ele falava e as coisas aconteciam. A natureza dos milagres era tão grande quanto adequada ao propósito de sua missão, dando-lhe luz e brilho. [1] *Filipe* foi enviado para vencer o poder de Satanás. Em prova disso, *os espíritos imundos* (v. 7), sendo ordenados a sair em nome do Senhor Jesus, *saíam de muitos que os tinham*. Na medida em que o evangelho prevalece, Satanás é forçado a abandonar seu domínio sobre os homens e o seu interesse neles. Os homens, então, voltam ao seu juízo perfeito e recuperam a consciência, que, enquanto estava sob o domínio do maligno, estava perturbada. Onde quer que o evangelho entre e seja obedecido, os espíritos malignos são desalojados, particularmente *os espíritos imundos*, todas as inclinações aos desejos ardentes da carne que guerreiam contra a alma, pois Deus nos chamou da imundícia para a santificação (1 Ts 4.7). É o que significa a expulsão destes *espíritos imundos* do corpo das pessoas. Tais *espíritos*, conforme diz o texto sacro, *saíam* [...] *clamando em alta voz*, ou seja, eles *saíam* com extrema relutância e totalmente contra a vontade, mas eram forçados a admitir que foram vencidos por um poder superior e maior (Mc 1.26; 3.11; 9.26). [2] *Filipe* foi enviado para curar o coração das pessoas, um mundo doente, deixando-o em boas condições de saúde. Como prova disto, *muitos paralíticos e coxos eram curados* (v. 7). Estas disfunções físicas são especificadas, porque eram muito difíceis de ser curadas pela ordem regular da natureza (para que a cura milagrosa ficasse em maior destaque), e porque eram mais expressivas da doença do pecado e da fraqueza moral, sob as quais as almas dos homens labutam como para o serviço de Deus. A graça de Deus no evangelho tem o propósito de curar esses indivíduos que são espiritualmente *paralíticos e coxos* e que não podem se ajudar (Rm 5.6).

(4) A aceitação que a doutrina de *Filipe*, assim comprovada, teve em Samaria: *As multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia* (v. 6), induzidas pelos milagres que, a princípio, serviram para ganhar atenção e, depois, por etapas, para ganhar consentimento. Começa a brotar uma esperança nas pessoas quando prestam atenção ao que lhes é dito acerca das questões da alma e da eternidade – quando prestam atenção à palavra de Deus, agradam-se do que ouvem, desejam entender e não esquecer, e consideram que a mensagem diz respeito a elas. As pessoas comuns deram atenção a *Filipe, oi ochloi – uma multidão delas*, não uma aqui e outra ali, mas *unanimemente*. Todos tinham a mesma opinião: que era pertinente que a doutrina do evangelho fosse investigada e ouvida de forma imparcial.

(5) A satisfação que os samaritanos tiveram em ouvir e atender a pregação de *Filipe*, e o sucesso que a mensa-

gem causou em muitos: *Havia grande alegria naquela cidade* (v. 8), pois *como cressem em Filipe, [...] se batizavam* (v. 12) na fé de Cristo em massa, *tanto homens como mulheres*. Observe: [1] *Filipe* pregou *acerca do Reino de Deus* (v. 12), sua constituição, leis, estatutos, direitos, regalias e deveres sob os quais todos os súditos leais desse *Reino* devem estar. *Filipe* pregou *acerca do [...] nome de Jesus Cristo*, como rei desse *Reino – nome que é sobre todo o nome* (Fp 2.9). Ele o pregou em seu poder e influência imperiosos – tudo pelo que ele se fez conhecido. [2] Os samaritanos não só prestaram atenção ao que *Filipe* dizia, mas, no fim, creram (v. 12). Convenceram-se plenamente que de essa era mensagem de Deus e não de homens e se entregaram à sua direção e governo. Nesse monte, no qual até ali os samaritanos tinham adorado a Deus e colocado muita religiosidade, foram agora tão afastados disso quanto tinham sido anteriormente ligados e se tornaram verdadeiros adoradores que adoram o Pai em espírito e em verdade, e no nome de Cristo, o verdadeiro templo (Jo 4.20-23). [3] Quando os samaritanos creram, foram, sem escrúpulo (embora fossem samaritanos) e sem demora, batizados (v. 12), confessaram publicamente a fé cristã, prometeram manter-se fiéis e, em seguida, pela lavagem da água, foram solenemente admitidos na comunhão da igreja cristã e reconhecidos como irmãos pelos discípulos. Na igreja judaica, só os homens podiam ser admitidos através da circuncisão. Mas para mostrar que, em Cristo Jesus, *não há macho nem fêmea* (Gl 3.28), mas que ambos os gêneros são igualmente recebidos por Ele, as mulheres também passaram pela ordenança de iniciação (v. 12), porque elas são contadas com o Israel espiritual de Deus, embora não com o Israel segundo a carne (Nm 1.2). Por conseguinte, deduzimos facilmente que as mulheres devem ser admitidas à Ceia do Senhor, embora não pareça que houvesse mulher entre as pessoas a quem primeiramente foi administrada. [4] Isto ocasionou *grande alegria naquela cidade* (v. 8). Cada um se alegrava consigo mesmo, como o homem na parábola que achou *um tesouro escondido num campo* (Mt 13.44), e todos se alegraram pelo benefício que trouxe à cidade. Tudo isso veio sem oposição, o que dificilmente teria acontecido se Samaria tivesse estado na jurisdição dos principais dos sacerdotes. Veja que levar o evangelho a qualquer lugar é apenas questão de *alegria*, de *grande alegria*, naquele lugar. Por conseguinte, a propagação do evangelho no mundo é profetizada no Antigo Testamento como a difusão de alegria entre as nações: *Alegrem-se e regozijem-se as nações* (Sl 67.4; 1 Ts 1.6). O evangelho de Cristo não deixa as pessoas melancólicas, mas as enche de alegria, se for recebido como deve ser, porque são *novas de grande alegria* (Lc 2.10).

2. O que havia de particular em Samaria que fez o sucesso do evangelho naquela cidade colocar-se acima do normal.

(1) O mágico *Simão* estivera trabalhando em Samaria e ganhara grande influência entre os samaritanos; contudo, eles creram nas coisas que *Filipe* dizia (v. 12). Desaprender o que é ruim mostra-se muitas vezes tarefa mais difícil que aprender o que é bom. Estes samaritanos, embora não fossem idólatras como os gentios, nem preconceituosos contra o evangelho por tradições recebidas de seus pais, foram nos últimos tempos atraídos a seguir *Simão*, o feiticeiro (ou "mágico", "encantador", conforme o significado da palavra grega), que fez um grande estardalhaço entre eles e os *tinha iludido* de modo singular. É-nos dito:

[1] Como foi forte a ilusão de Satanás, pela qual *a gente de Samaria* (v. 9) fora levada aos interesses deste grande enganador. Fazia *muito tempo* que ele vinha agindo nessa cidade, iludindo seus habitantes *com artes mágicas* (v. 11). Talvez logo depois que o nosso Salvador estivera nessa cidade, o diabo tenha instigado o mágico *Simão* a ir ali desfazer o que Jesus realizara. Este sempre foi o modo de Satanás acabar com um trabalho bom logo em seu início (2 Co 11.3; 1 Ts 3.5).

Em primeiro lugar, o mágico *Simão* assumiu para si grande importância, *dizendo que era uma grande personagem* (v. 9), e fez os samaritanos acreditarem nisso e lhe prestarem o devido respeito. Mas, quanto às demais coisas, eles podiam fazer o que quisessem. Ele não tinha o propósito de melhorar a vida das pessoas, nem de lhes aperfeiçoar o culto e a devoção, mas somente de fazê-las acreditar que ele era *tis megas – uma pessoa divina*. Justino Mártir disse que ele seria adorado como *proton theon – o deus principal*. Alguns eruditos asseveram que *Simão* disse ser o Filho de Deus, o Messias, ou um anjo ou profeta. Talvez ele estivesse em dúvida sobre que título de honra usar. Seja como for, ele seria considerado *uma grande personagem*. Orgulho, ambição e afetação de grandeza sempre foram a causa de muitos prejuízos para o mundo e para a igreja.

Em segundo lugar, os samaritanos deram ouvidos ao mágico *Simão*, fato que o agradou. 1. *Ao qual todos atendiam, desde o menor até ao maior* (v. 10), jovens e velhos, ricos e pobres, governadores e governados. *Atendiam-no a ele* (v. 11), e talvez muito mais, porque o tempo determinado para a vinda do Messias se expirara, elevando a expectativa geral do surgimento de alguém grande a qualquer hora. Pode ser que ele fosse natural do país, condição que teria facilitado ele ser aceito com mais alegria e que, ao honrá-lo, algo poderia recair sobre eles. 2. Os samaritanos disseram de *Simão*, o mágico: *Este é a grande virtude* (ou "poder", versão RA) *de Deus* (v. 10), ou, segundo outra leitura, "o poder de Deus, esse grande poder", o poder que fez o mundo. Veja a ignorância com que pessoas imprudentes se enganam com aquilo que é feito pelo poder de Satanás, como se tivesse sido feito pelo poder de Deus. No mundo gentio, demônios passam por deidades. No reino anticristão, *toda a terra se maravilhou após a besta*, a quem *o dragão deu [...] o seu poder*, e que *abriu a boca em blasfêmias contra Deus* (Ap 13.2-6). 3. Os samaritanos foram levados a essa aceitação pelas *artes mágicas* do mágico *Simão*: Ele *tinha iludido a gente de Samaria* (v. 9), *os havia iludido com artes mágicas* (v. 11). Isto quer dizer que: (1) Pelas *artes mágicas*, o mágico *Simão* iludiu a mente das pessoas, pelo menos de algumas, as quais atraíram outras. Satanás, com a permissão de Deus, encheu o coração dos samaritanos para seguir *Simão*. *Ó insensatos gálatas!*, disse Paulo. *Quem vos fascinou?* (Gl 3.1). Estes samaritanos foram iludidos pelo mágico *Simão*, porque estavam estranhamente cegos para crer numa mentira. Ou: (2) Pelas *artes mágicas*, o mágico *Simão* fez muitos *sinais e prodígios*

de mentira que davam a aparência de serem milagres, mas na verdade não eram: como os sinais dos magos do Egito e os do *homem do pecado* (2 Ts 2.3,9). Como os samaritanos não conheciam nada melhor, eles se deixaram influenciar pela magia ou feitiçaria. Mas quando viram os milagres verdadeiros que Filipe fazia, perceberam claramente que os milagres de um eram verdadeiros e os do outro, falsos, e que a diferença era tão grande quanto entre a vara de Arão e as varas dos magos do Egito (Êx 7.1-12). *Que tem a palha com o trigo?* (Jr 23.28).

A despeito da influência que o mágico *Simão* exercera entre os samaritanos e da relutância que geralmente há nas pessoas para reconhecer que estão erradas e se retratar do erro, quando viram a diferença entre *Simão* e Filipe, eles abandonaram *Simão*, não lhe deram mais atenção e se voltaram para Filipe. E, desta forma, veja:

[2] Como é forte o poder da graça divina, pela qual *a gente de Samaria* (v. 9) fora levada a Cristo, a verdade, por assim dizer, o grande "desenganador". Por intermédio da graça e da verdade, os que foram levados cativos por Satanás foram levados cativos à obediência de Cristo (2 Co 10.5). Onde Satanás, como *o valente armado*, mantinha posse do palácio e pensava que estava a salvo, Cristo, como *outro mais valente do que ele*, o desapropriou e repartiu seus despojos (Lc 11.21,22). Cristo *levou cativo o cativeiro* (Ef 4.8) e fez desses os troféus da sua vitória sobre quem o diabo triunfara. Não nos desesperemos do pior, pois até essas pessoas a quem o mágico *Simão* iludiu foram levadas a crer.

(2) Outro fato ainda mais maravilhoso foi que *até o próprio Simão* se converteu, por certo tempo, à fé em Cristo, em demonstração e confissão. *Está também Saul entre os profetas?* (1 Sm 10.11). Está: *Creu até o próprio Simão* (v. 13). Ele se convenceu de que Filipe anunciava uma doutrina verdadeira, porque a viu confirmada por milagres verdadeiros, os quais ele era habilitado para julgar, visto que ele bem sabia dos truques de suas próprias simulações. [1] A convicção de *Simão* foi tamanha que ele foi *batizado* (v. 13), admitido, como eram os outros crentes, na igreja pelo batismo. Não temos razão para pensar que Filipe errou ao batizá-lo, ou que tivesse sido precipitado. *Simão* fora homem muito mau, feiticeiro, pretendente às honras divinas, mas fizera confissão solene de arrependimento dos seus pecados e de fé em Jesus Cristo, sendo então batizado. Como a grande maldade antes da conversão não impede que os verdadeiros penitentes recebam os benefícios da graça de Deus, assim também não devem ser impedidos de professar a comunhão da igreja. Quando os pródigos voltam ao lar, devem ser recebidos com alegria, ainda que não tenhamos certeza de que eles voltem a ser pródigos de novo. Embora *Simão* não passasse de hipócrita e em todo esse tempo estivesse realmente *em fel de amargura e em laço de iniqüidade* (v. 23), condição que logo teria sido descoberta quando ele fosse experimentado, Filipe o batizou, pois é a prerrogativa de Deus conhecer o coração. A igreja e seus ministros têm de passar por um julgamento de caridade enquanto houver espaço para isso. É uma máxima no direito: *Donec contrarium patet, semper praesumitur meliori parti – Nós temos de esperar o melhor enquanto pudermos.* É uma máxima na disciplina da igreja: *De secretis non judicat ecclesia – Os segredos do coração só Deus julga.* [2] A convicção de *Simão* durou enquanto ele continuou com Filipe. Embora mais tarde ele apostatasse do cristianismo, não o fez tão prontamente. Ele cortejou o conhecimento de Filipe, e agora aquele que dissera que era uma grande personagem contenta-se em sentar-se aos pés de um pregador do evangelho. Até homens maus, muito maus, podem ter ares de bons, muito bons. As pessoas cujo coração ainda segue a cobiça podem não só ir à presença de Deus entre os seus filhos, mas até continuar com eles. [3] A convicção de *Simão* foi feita e mantida pelos milagres. Ele ficou curioso pelo fato de alguém estar fazendo mais e maiores sinais e milagres que ele. Muitos desejam saber as provas das verdades divinas e nunca experimentam o seu poder.

A História do Mágico Simão

vv. 14-25

Deus reconhecera Filipe maravilhosamente em seu trabalho como evangelista em Samaria, mas ele não podia fazer nada mais que evangelizar. Havia certas funções reservadas exclusivamente aos apóstolos para o sustento da dignidade do seu ofício. Temos aqui um relato do que fizeram em Samaria dois dos apóstolos, *Pedro e João* (v. 14). Os doze permaneceram juntos *em Jerusalém* (v. 1), onde ouviram a notícia de que *Samaria recebera a palavra de Deus* (v. 14), que fora feita grande colheita de almas para Cristo. A palavra de Deus foi anunciada e recebida pelos samaritanos. Eles a receberam de bom grado, aceitaram sua luz e se submeteram ao seu poder: *Ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João.* Se *Pedro* tivesse sido, como alguns dizem, o príncipe dos apóstolos, ele teria enviado alguém a Samaria, ou, caso tivesse visto motivo, ele teria ido por iniciativa própria. Mas ele estava tão longe disso que se submeteu à ordem da casa e, como servo de todos, foi para onde o enviaram. Dois dos mais eminentes apóstolos foram enviados a *Samaria*: 1. Para encorajar Filipe, ajudá-lo e fortalecer-lhe as mãos. Ministros de posição mais alta e que se sobressaem em dons e graça devem dar um jeito de serem úteis aos que estão em campos de trabalho mais baixos e contribuírem para a consolação e utilidade destes. 2. Para continuar o bom trabalho que Filipe começou entre os samaritanos e, com essas graças divinas que os haviam enriquecido, conferir-lhes algum dom espiritual.

I Como *Pedro e João* fizeram progredir e amadurecer os que entre os samaritanos eram sinceros: *Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido* [...] *o Espírito Santo* (vv. 15,16), nesses poderes extraordinários que foram transmitidos pela descida do Espírito no Dia de Pentecostes. Nenhum deles foi dotado com o dom de línguas, que era então o efeito imediato mais habitual do derramamento do Espírito (veja cap. 10.45,46). O dom de línguas era um sinal marcante para os que não criam e de serviço excelente para os que criam. Os samaritanos não tinham este ou outros dons, *mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.* Eles estavam entregues e interessados no que era necessário para a salvação, e nisto

eles tinham *grande alegria* e satisfação (v. 8), mesmo que não falassem em línguas. Os que realmente se entregam a Jesus e experimentam as influências e operações santificadoras do Espírito da graça possuem toda a razão para serem gratos e nenhuma para reclamarem, mesmo que não possuam os dons que são para ornamento e que os farão sobressair. O propósito é que prossigam à perfeição da atual dispensação, para a maior honra do evangelho. Temos razão em pensar que Filipe recebera estes dons do *Espírito Santo*, mas que não tinha poder para dá-los. Os apóstolos tinham de ir até lá para fazer isto. Eles não o fizeram para todos que foram *batizados*, mas somente para alguns, conforme, ao que parece, foram designados para o desempenho do ofício na igreja, ou pelo menos para serem membros ativos e eminentes nessa função. Sobre alguns deles um dom do *Espírito Santo*, e sobre outros, outro (veja 1 Co 12.4,8; 14.26). E para fazer isto: 1. Os apóstolos *oraram* pelos samaritanos (v. 15). O Espírito é dado, não somente a nós (Lc 11.13), mas também a outros, em resposta à oração: Eu *porei dentro de vós o meu espírito* (Ez 36.27), mas *ainda por isso me pedirá* (Ez 36.37). Este exemplo nos anima a orar a Deus para que Ele dê a graça renovadora do *Espírito Santo* àqueles cujo bem-estar espiritual nos preocupa: nossos filhos, nossos amigos, nossos ministros. Devemos orar e orar com fervor para que eles recebam *o Espírito Santo*, pois esta bênção abrange todas as demais. 2. Os apóstolos *impuseram as mãos* sobre os samaritanos (v. 17) para indicar que as orações foram respondidas e que o dom do Espírito Santo lhes fora dado. No uso deste sinal, eles *receberam o Espírito Santo* (v. 17) e falaram em línguas. A imposição de mãos era usada antigamente para abençoar, por quem abençoava com autoridade. Assim os apóstolos abençoaram estes novos convertidos, ordenaram alguns para ministros e confirmaram outros ao cristianismo. Hoje não podemos, nem ninguém pode dar o Espírito Santo pela imposição de mãos. Mas isto nos mostra que devemos nos empenhar com aqueles por quem oramos.

II Como *Pedro e João* descobriram e rejeitaram aquele que era hipócrita entre os samaritanos: o mágico *Simão*. Os apóstolos sabiam apartar *o precioso do vil* (Jr 15.19). Agora observe aqui:

1. A proposta maldosa que *Simão* fez, a qual revelou sua hipocrisia: *Vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo* (v. 18), o que deveria ter confirmado sua fé na doutrina de Cristo e aumentado seu respeito pelos apóstolos, deu-lhe a noção de que o cristianismo não passava de uma espécie superior de feitiçaria na qual ele se julgou capaz de ser igual aos apóstolos. Ele *lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder* (vv. 18,19). *Simão* não desejou que os *apóstolos* impusessem as mãos sobre ele para que recebesse *o Espírito Santo* (pois não previu que qualquer coisa viria sobre ele por causa disso), mas que eles lhe transmitissem o *poder* de fazer o dom descer sobre os outros. Ele ambicionou a honra de apóstolo, mas não ansiou ter o espírito e disposição de crente. Ele teve mais desejo de ganhar honra para si do que fazer o bem para os outros. Com esta atitude: (1) *Simão* afrontou seriamente os apóstolos, como se eles fossem mercenários, indivíduos que fariam qualquer coisa por dinheiro e que o amavam como ele amava. Considerando que eles abandonaram tudo que tinham por amor a Cristo, estavam longe de objetivar ter mais. (2) *Simão* afrontou seriamente o cristianismo, como se os milagres feitos para a sua comprovação tivessem sido feitos por artes mágicas, sendo apenas de natureza diferente do que ele praticara antigamente. (3) *Simão* mostrou que, como Balaão, ele almejava as recompensas da adivinhação. Ele não teria oferecido dinheiro para ter esse poder se não esperasse lucrar com isso. (4) *Simão* mostrou que tinha uma opinião muito elevada sobre si mesmo e que o seu coração nunca se humilhara verdadeiramente. Ele fora tão miserável pecador antes do batismo, que deveria ter pedido aos apóstolos, à semelhança do que pediu o filho pródigo, que o fizessem um dos seus servos. Mas assim que ele foi admitido na família, nenhuma posição inferior lhe serviria que não fosse ser um dos mordomos da casa, além de receber um poder que o próprio Filipe não tinha, mas somente os apóstolos.

2. A rejeição justa da proposta de *Simão*, e a reprimenda veemente que *Pedro* lhe deu por causa disso (vv. 20-23).

(1) *Pedro* mostra a *Simão* o seu crime: Tu *cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro* (v. 20); e, desta forma: [1] *Simão* superestimou a riqueza deste mundo, como se fosse equivalente a qualquer coisa; como se, segundo disse Salomão,como *por tudo o dinheiro responde* (Ec 10.19) em relação a esta vida, também respondesse tudo em relação à outra vida, e compraria o perdão de pecados, o dom do Espírito Santo e a vida eterna. [2] *Simão* subestimou o dom do Espírito Santo e o colocou no mesmo nível que os talentos comuns da natureza e providência. Ele pensou que o poder de apóstolo fosse, mediante o pagamento de bons honorários, como o conselho de médico ou advogado, apesar da dependência exclusiva ao Espírito da graça. A compra e venda de perdão e indulgência na igreja de Roma é produto deste mesmo pensamento perverso: *O dom de Deus se alcança por dinheiro* (v. 20), quando temos a oferta da graça divina que declara tão explicitamente: É *sem dinheiro e sem preço* (Is 55.1).

(2) *Pedro* mostra a *Simão* o seu caráter, o qual é deduzido pelo crime. Levando em conta tudo que o indivíduo diz incorretamente ou faz de errado não podemos deduzir que ele é ou não hipócrita em sua confissão religiosa. Mas a declaração de *Simão* contém tamanho erro fundamental que de jeito nenhum condiz com um estado de graça. Sua oferta em dinheiro (e aquilo recebido pela feitiçaria também) era prova incontestável de que ele ainda estava sob o poder de uma mente mundana e carnal, e ainda era um *homem natural*, que *não compreende as coisas do Espírito de Deus*, [...] *e não pode entendê-las* (1 Co 2.14). Por isso, *Pedro* lhe fala claramente: [1] Que o *coração* de *Simão* [...] *não é reto diante de Deus* (v. 21). "Embora creste e hajas sido batizado, contudo não foste sincero." Nós somos como é o nosso *coração*. Se ele *não é reto*, somos tortos. Ele está exposto *diante de Deus* que o conhece, o julga e por ele nos julga. Nosso *coração* é o que é *diante de Deus*, o qual não pode ser enganado. Se não for *reto diante de Deus*, seja qual for nossa intenção, é vã nossa religião e não nos servirá de nada. Nossa maior preocupação é estar à altura dele em nossa integridade; caso contrário, estaremos enga-

nando-nos a nós mesmos em nossa própria ruína. Certos estudiosos atribuem isso estritamente à proposta que ele fez. O que ele pede lhe é negado, *porque o teu coração não é reto diante de Deus*. Seu objetivo com esse pedido não é a glória de Deus ou a honra de Cristo, mas a obtenção de vantagem pessoal. *Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites* (Tg 4.3), e ainda continuardes se achando *uma grande personagem* (v. 9). [2] Que *Simão* está *em fel de amargura e em laço de iniqüidade* (v. 23), *pois vejo que estás* assim. Esta é a maneira honesta de proceder, o melhor a fazer quando estivermos lidando com almas e com a eternidade. *Simão* tinha um grande nome entre os samaritanos e, ultimamente, um bom nome também entre o povo de Deus; contudo, *Pedro* mostrou que era um mau caráter. Veja que é possível estar sob o poder do pecado ao mesmo tempo em que se está vestido com uma forma de religiosidade. *Pois vejo que estás*, disse *Pedro*. Não foi tanto pelo espírito de discernimento, com que *Pedro* fora dotado, que ele percebeu isto, quanto pelo tipo de proposta que *Simão* fez. Veja que os disfarces dos hipócritas são logo percebidos. A natureza do lobo se revela por si mesma apesar da pele de ovelha que o veste. O caráter identificado de *Simão* é o verdadeiro caráter de todos os pecadores. Em primeiro lugar, os pecadores estão *em fel de amargura* (v. 23). Eles estão com ódio de Deus e são tão amargos quanto o *fel* é para nós. O pecado é uma coisa abominável que Deus odeia, e os pecadores tornam-se abomináveis a Ele pelo pecado. Eles são corruptos por natureza. O pecado que habita nos pecadores é uma *raiz de amargura* que produz *fel e absinto* (Dt 29.18). As habilidades se corrompem, e a mente se amargura contra todo o bem (Hb 12.15). Tudo isso indica também as conseqüências perniciosas do pecado. *O seu fim é amargoso como o absinto* (Pv 5.4). Em segundo lugar, os pecadores estão *em laço de iniqüidade* (v. 23). Eles estão presos para o julgamento de Deus pela culpa do pecado e estão presos sob o domínio de Satanás pelo poder do pecado. Eles são levados cativos de acordo com a vontade dele. É uma escravidão penosa e cruel, como a que havia no Egito, tornando a vida amarga.

(3) *Pedro* profetiza o fim de *Simão* em duas coisas:

[1] *Simão* sucumbirá com a sua riqueza mundana que ele superestimou: *O teu dinheiro seja contigo* (v. 20). Em primeiro lugar, *Pedro* rejeita a oferta de *Simão* com extremo desdém e indignação: "Tu pensas que podes nos subornar para trair nossa confiança e colocar o poder que nos foi confiado em mãos tão indignas? Fora contigo e com o teu dinheiro também. Não queremos ter nada a ver com isso. *Para trás de mim, Satanás* (Mt 16.23)". Quando formos tentados com dinheiro para fazermos uma coisa má, devemos perceber que coisa perecível é o dinheiro e desprezar sermos levados por ele. É característica do homem reto evitar que suas mãos toquem em subornos (Is 33.15). Em segundo lugar, *Pedro* adverte *Simão* do perigo de ruína total, caso ele continue com esse pensamento: "O teu dinheiro perecerá e tu perderás a ele e tudo o que comprares com ele. Como *os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares*, assim os bens são para o dinheiro e o dinheiro, para os bens. *Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros* (1 Co 6.13). Eles perecem com o uso, mas esta não é a parte pior: tu perecerás com o dinheiro, e o dinheiro, contigo. Será um agravamento de tua ruína e um peso enorme em tua alma perdida o fato de que tu tiveste dinheiro que poderia ter sido usado em causas justas e boas (Lc 16.9), que poderia ter sido depositado aos pés dos apóstolos como oferta para as obras assistenciais e teria sido aceito, mas foi enfiado nas mãos dos apóstolos como suborno e rejeitado. *Filho, lembra-te* disso (Lc 16.25)".

[2] *Simão* ficará aquém das bênçãos espirituais que ele subestimou: "*Tu não tens parte nem sorte nesta palavra* (v. 21). Tu não tens nada a ver com os dons do Espírito Santo, pois não os entendes e foste excluído deles. Tu trancaste tua própria porta. Tu não podes receber o Espírito Santo, nem dar o Espírito Santo aos outros, *porque o teu coração não é reto diante de Deus*. Se tu pensas que o cristianismo é um comércio pelo qual viver neste mundo, então *tu não tens parte nem sorte* na vida eterna que há no outro mundo, a qual o evangelho oferece". Observe, em primeiro lugar, que há muitos que confessam a religião cristã, mas não têm *parte nem sorte* (v. 21) neste assunto, nem parte com Jesus Cristo (Jo 13.8), nem parte na Canaã celestial. Em segundo lugar, que há aqueles cujo *coração não é reto diante de Deus* (v. 21), pois não são impulsionados por um espírito *reto*, nem são orientados por uma lei reta, nem dirigidos ao fim *reto*.

(4) *Pedro* dá um bom conselho para *Simão* (v. 22). Embora o apóstolo estivesse irritado com o ex-mágico, ele não o abandonou. Ele estava prestes a lhe mostrar que sua posição era muito ruim; mesmo assim ele não queria que se desesperasse, pois *ainda há esperança para Israel* (Ed 10.2).

[1] Qual foi o conselho que *Pedro* deu a *Simão*: Ele tem de fazer as primeiras obras. Em primeiro lugar, *Simão* tem de se arrepender (v. 22), tem de reconhecer o seu erro e se retratar, tem de mudar de mente e de caminho, tem de se humilhar e se envergonhar pelo que fez. O arrependimento deve ser particular: "*Arrepende-te* disso, considera-te culpado disso e sente tristeza por isso". Ele tem de pôr um peso sobre si por causa disso, não deve atenuá-lo, dizendo que foi engano, ou zelo mal orientado, mas tem de torná-lo mais grave chamando-o *iniqüidade*, a sua *iniqüidade*, o fruto de sua própria corrupção. Os que erram ao dizer ou fazer devem, até onde puderem e pelo arrependimento, corrigir e desfazer o que disseram ou fizeram. Em segundo lugar, *Simão* tem de orar a Deus (v. 22), tem de orar para que Deus lhe dê arrependimento e perdão após ter-se arrependido. Os penitentes têm de orar, o que implica desejar Deus e confiar em Cristo. O mágico *Simão*, como grande personagem que ele pensava que fosse, não será aceito na comunhão dos apóstolos (por mais que alguns pensassem que era uma reputação para eles) sob quaisquer condições que não as mesmas sob as quais os outros pecadores são aceitos – arrependimento e oração.

[2] Que incentivo *Pedro* deu a *Simão* para que se arrependesse e orasse a Deus: *Para que, porventura, [...] o pensamento do teu coração* (v. 22), este teu pensamento mau, *te seja perdoado*. Observe, em primeiro lugar, que pode haver muita *iniqüidade* no pensamento do coração, suas falsas noções, sentimentos corrompidos e projetos maus dos quais temos de nos arrepender ou estamos per-

didos. Em segundo lugar, que *o pensamento do* [...] *coração* (v. 22), embora excessivamente mau, será perdoado quando nos arrependermos e não seremos culpados disso. Quando *Pedro* põe aqui um *porventura*, a dúvida é da sinceridade do arrependimento de *Simão*, e não do seu perdão caso o arrependimento seja sincero. *Se o pensamento do teu coração pode ser mesmo perdoado*, cabe esta leitura. Ou dá a entender que a grandeza do seu pecado poderia tornar o perdão justamente duvidoso, embora a promessa do evangelho tivesse colocado a questão fora de dúvida, no caso de ter havido verdadeiro arrependimento: *Talvez assim haja esperança* (Lm 3.29).

[3] O pedido de *Simão* para que os apóstolos orassem por ele. Simão sentiu-se amedrontado e aturdido pelo que *Pedro* lhe dissera, ressentindo-se da idéia de que seria aceito. Ele roga: *Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim* (v. 24). Em primeiro lugar, a resposta de *Simão* revela algo de bom. Ele se sensibilizou com a reprimenda e se amedrontou com a revelação do seu caráter; tal revelação era o bastante para fazer o mais robusto coração tremer. Assim, ele implorou as orações dos apóstolos a seu favor, desejando ter uma participação neles, os quais, ele sabia, participavam da glória celestial. Em segundo lugar, a resposta de *Simão* revela algo que estava faltando. Ele rogou que os apóstolos orassem a seu favor, mas não orou por si, como deveria ter feito. Ao pedir que orassem, sua grande preocupação era que os julgamentos aos quais ele se tornou passível fossem evitados, não que suas corrupções fossem mortificadas, e seu *coração*, pela graça divina, se pusesse *reto diante de Deus*. Essa situação se assemelhava à do faraó que solicitou a Moisés suplicar ao Senhor para que afastasse a morte, e não retirasse o pecado da dureza do seu coração (Êx 8.8; 10.17). Certos estudiosos afirmam que *Pedro* lhe denunciara abertamente determinados pecados, como fez com Ananias e Safira, mas, tendo em vista a submissão de *Simão* e a intercessão do apóstolo, o julgamento foi revogado. Ou, pelo que está relatado, ele deduziria que um sinal da ira de Deus cairia sobre ele, do que ele ficou com muito medo e deprecou. Por último, *Pedro e João*, tendo terminado o que vieram tratar, retornaram para Jerusalém, pois eles não foram dispersos. Embora tivessem ido a Samaria fazer um trabalho que lhes era peculiar como apóstolos, quando se lhes ofereceu oportunidade, se aplicaram ao que era comum a todos os ministros do evangelho. 1. Na cidade de Samaria, *Pedro e João* foram pregadores: *Tendo eles, pois, testificado* da *palavra do Senhor* (v. 25), solenemente atestaram a verdade do evangelho e confirmaram o que os outros ministros pregavam. Eles não tencionavam trazer-lhes alguma coisa nova, embora fossem apóstolos, mas prestaram testemunho da *palavra do Senhor* como eles a haviam recebido. 2. Na viagem de volta para casa, *Pedro e João* foram pregadores itinerantes: Eles *voltaram para Jerusalém e, em muitas aldeias dos samaritanos, anunciaram o evangelho* (v. 25). As congregações não eram tão grandes como eram nas cidades, quer em número ou em configuração, mas as almas eram bastante preciosas. Os apóstolos não acharam que estariam se rebaixando pregando-lhes o evangelho. Deus tem uma estima pelos habitantes das *suas aldeias em Israel* (Jz 5.11), e o mesmo devemos ter.

Filipe e o Etíope
vv. 26-40

Esta é a história da conversão de um eunuco etíope à fé cristã. Temos razão para pensar que ele levou ao seu país o conhecimento de Jesus Cristo, cumprindo-se as Escrituras: *A Etiópia* (uma das primeiras das nações) *cedo estenderá para Deus as suas mãos* (Sl 68.31).

I O *anjo do Senhor* (v. 26) ordenou que o evangelista *Filipe* se dirigisse a certa estrada onde encontraria *um homem etíope*. Quando as igrejas em Samaria estavam plantadas e tinham ministros nomeados, os apóstolos voltaram para Jerusalém. Mas *Filipe* permaneceu esperando ser usado em novos desbravamentos. E aqui temos: 1. Um *anjo* orientou *Filipe* (provavelmente em sonho ou visão da noite) sobre que rota tomar: *Levanta-te e vai para a banda do Sul* (v. 26). Os anjos não eram empregados para pregar o evangelho, mas para levar mensagens de aconselhamento e ânimo aos ministros, como verificamos no capítulo 5.19. Hoje não ocorrem tais orientações, mas há indubitavelmente providências especiais de Deus relacionadas a mudanças e posses de ministros. Deus, de um modo ou de outro, orienta os que sinceramente desejam segui-lo no caminho por onde Ele os conduz: *Guiar-te-ei com os meus olhos* (Sl 32.8). *Filipe* tem de ir *para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza*, pelo *deserto* da Judéia. Ele nunca teria pensado em ir para o deserto por uma estrada comum que o corta. A probabilidade de encontrar trabalho ali era muito baixa. Mesmo assim, ele é enviado para lá, de acordo com a parábola de nosso Salvador, pressagiando o chamado dos gentios: *Ide, pois, às saídas dos caminhos* (Mt 22.9). Às vezes, Deus abre uma porta de oportunidade em lugares de muito pouca probabilidade para os seus ministros. 2. A obediência de *Filipe* em seguir estas orientações: Ele *levantou-se e foi* (v. 27), sem contestar, ou nem mesmo perguntar: "Mas o que é que eu vou fazer lá?", ou: "Qual é a chance de eu me dar bem lá?" Ele *saiu, sem saber para onde ia* (Hb 11.8) ou quem iria encontrar.

II A história do *eunuco* (v. 27), quem ele era, o que fazia, a quem foi dado este favor distintivo. 1. Ele era estrangeiro, *um homem etíope* (v. 27). Havia duas Etiópias, uma na Arábia, que se situava a leste de Canaã, e outra na África, que ficava ao sul do Egito. Ao que parece, a menção é a esta última, mesmo que ficasse muito longe de Jerusalém, pois *em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe*, [...] *chegastes perto* (Ef 2.13), de acordo com a promessa, para que *todos os confins da terra* vejam *a salvação do nosso Deus* (Is 52.10). Os etíopes eram reputados as pessoas mais pobres e desprezíveis entre as nações, negros africanos, como se a natureza os tivesse estigmatizado. Mesmo assim, o evangelho foi-lhes enviado, e a graça divina os olhou com respeito, embora fossem negros e o sol os estimasse. 2. Ele era uma pessoa excelente, homem de destaque em seu país, *eunuco*, não no corpo, mas no cargo de tesoureiro ou mordomo da casa. Ele era, quer pela dignidade do cargo ou pelo seu caráter pessoal, o *mordomo-mor* e alto oficial *de Candace, rainha dos etíopes*. Esta *rainha* era provavelmente sucessora da rainha de Sabá, que é

chamada *a Rainha do Sul* (Mt 12.42). Esse país era governado por rainhas, e *Candace* era título comum das rainhas, como Faraó era para os reis do Egito. Ele *era superintendente de todos os* [...] *tesouros* da *rainha*, fato que demonstra a grande confiança que ela depositava nele. Não são *muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados* (1 Co 1.26), mas alguns são. 3. Ele era prosélito da religião judaica, porque *tinha ido a Jerusalém para adoração* (v. 27). Alguns estudiosos defendem que ele era prosélito de justiça, circuncidado e que guardava as festas. Outros entendem que era apenas prosélito de portão, um gentio, mas que renunciara à idolatria e cultuava o Deus de Israel ocasionalmente no Pátio dos Gentios. Assim, Pedro não foi o primeiro a pregar o evangelho aos gentios, como pensava. Alguns afirmam que havia reminiscências do conhecimento do verdadeiro Deus nesse país desde a época da rainha de Sabá. E o antepassado deste *eunuco* era um dos servos dela que transmitiu à posteridade o que ele aprendera em Jerusalém.

III *Filipe* e o *eunuco* são reunidos em uma conversa reservada. Agora *Filipe* saberá por que ele foi enviado a um deserto. Ele encontra um carro que servirá de sinagoga e um homem, cuja conversão, ao que se saiba, desencadeará a conversão de uma nação inteira.

1. *Filipe* é ordenado a fazer companhia a este viajante que está indo para casa, regressando de *Jerusalém* via *Gaza*. O *eunuco* pensa que fez tudo que tinha de fazer em sua viagem, mas o assunto mais importante que a grandiosa providência de Deus designara para a viagem ainda não fora tratado. Ele estivera em Jerusalém, onde os apóstolos anunciavam a fé cristã e as multidões a confessavam. Mas ele não tinha tomado conhecimento disso e nem fizera investigações a respeito. Pelo visto, ele não dera importância a isso e lhe voltara as costas. Contudo, a graça de Deus o buscou, o alcançou no deserto e lá o conquistou. Assim Deus é *achado por aqueles que* não o *buscavam* (Is 65.1). Filipe recebeu esta ordem não por um anjo, como antes, mas pelo *Espírito* que sussurrou isto em seu ouvido: "*Chega-te e ajunta-te a esse carro* (v. 29). Vai tão perto que o cavalheiro perceba tua presença". Devemos procurar fazer o bem àqueles que casualmente nos fazem companhia ao longo da estrada, assim *os lábios do justo apascentam muitos* (Pv 10.21). Não devemos ser tão tímidos de todos os estranhos como alguns aparentam ser. Sobre aqueles de quem nada sabemos, sabemos pelo menos isto: eles têm alma.

2. *Filipe* encontra o *eunuco* lendo a Bíblia, *assentado no seu carro* (v. 28). *Correndo Filipe, ouviu que* [*o eunuco*] *lia* (v. 30). Ele *lia* em voz alta para que os que estavam com ele se beneficiassem com a leitura (v. 30). Desta forma, ele aliviava o tédio da viagem e remia o tempo lendo. *Lia* não filosofia, história, política, muito menos um romance ou uma peça teatral, mas as Escrituras. Tratava-se do Livro de *Isaías*, o livro que Jesus leu (Lc 4.17) e que o *eunuco* lia, fatos que nos servem de indicação para nossa própria leitura particular. Talvez o *eunuco* estivesse relendo as porções das Escrituras que ele ouvira ser lidas e expostas em Jerusalém, para que não se esquecesse do que tinha ouvido. Note que: (1) É o dever de cada um de nós dialogar bastante com as Santas Escrituras. (2) As pessoas que ocupam posição de destaque devem abundar mais que os outros nos exercícios devocionais, porque o seu exemplo influenciará muitas pessoas e eles têm mais tempo à disposição. (3) É sábio que homens de negócio redimam o tempo para se dedicarem a deveres santos. O tempo é precioso, e a melhor economia no mundo é organizar os fragmentos de tempo, para que nada se perca, e preencher cada minuto com algo que tenha boa importância. (4) Quando estivermos voltando do culto público, devemos usar meios em particular para manter os bons sentimentos estimulados e conservar as boas impressões feitas (1 Cr 29.18). (5) Os que são diligentes em pesquisar as Escrituras estão no caminho certo para melhorar em conhecimento, *porque àquele que tem se dará* (Mt 13.12).

3. *Filipe* faz uma pergunta justa: *Entendes tu o que lês?* (v. 30). Não para repreender, mas com a intenção de lhe servir. Note que o que lemos e ouvimos da palavra de Deus é para que entendamos, sobretudo o que lemos e ouvimos em relação a Jesus. Devemos nos perguntar se entendemos ou não o que lemos: *Entendestes todas estas coisas?* (Mt 13.51). *Entendestes todas estas coisas* corretamente? Não podemos nos beneficiar com as Escrituras a menos que as entendamos em certa medida (1 Co 14.16,17). E, abençoadas por Deus, o que é necessário para a salvação é fácil de ser entendido.

4. O *eunuco*, sentindo necessidade de ajuda, deseja a companhia de Filipe: "*Como poderei entender*, diz ele, *se alguém me não ensinar?* (v. 31). Sobe e senta-te comigo". (1) O *eunuco* fala como alguém que tivesse opinião desfavorável sobre si mesmo e duvidasse da própria capacidade e conhecimento. Ele estava muito longe de considerar afronta alguém lhe perguntar se ele entendia o que lia, embora *Filipe* fosse um estranho, estivesse a pé e, provavelmente, parecesse pobre e humilde (por muito menos outra pessoa teria dito que ele era impertinente, que cuidasse da própria vida e que ele não era ninguém para dizer isso). Ele trata a pergunta com amabilidade e dá uma resposta bastante humilde: *Como poderei...*? Temos motivo para pensar que ele era inteligente e bastante familiarizado com o significado das Escrituras, como a maioria, mas, mesmo assim, confessa humildemente sua deficiência. Note que para aprender tem de haver alguém que ensine. O profeta tem de, primeiramente, reconhecer que não sabe o que é isto para que, então, o anjo lhe diga (Zc 4.13). (2) O *eunuco* fala como alguém que possui muito desejo de aprender, de ter alguém que o oriente. Note que ele lia as Escrituras, embora houvesse muitas coisas nelas que ele não entendesse. Mesmo que haja na Bíblia muitos *pontos difíceis de entender* (2 Pe 3.16) e muitos outros sejam interpretados erroneamente, não devemos desistir. Temos de estudar os pontos difíceis por causa dos pontos fáceis, pois este é o modo mais provável de, pouco a pouco, virmos a entender os pontos difíceis: o conhecimento e a graça aumentam gradualmente. (3) O *eunuco* convidou *Filipe* para *que subisse e com ele se assentasse* (v. 31). Não como Jeú, que convidou Jonadabe para acompanhá-lo no carro e ver o *zelo* que ele tinha *para com o Senhor* (2 Rs 10.16), mas: "Vem ver minha ignorância, e instrui-me". Ele alegremente honrará *Filipe*, levando-o no carro, se *Filipe* lhe fizer o favor de lhe expor um trecho das Escrituras. Note que para entendermos corretamente as Escrituras precisamos de orientação: alguns livros

bons e alguns homens bons, mas, acima de tudo, o Espírito da graça, para nos guiar a toda a verdade.

IV O trecho das Escrituras que o *eunuco* recitou e algumas indicações do discurso de *Filipe* a esse respeito. Os pregadores do evangelho tinham um pretexto muito bom para prender os que estavam familiarizados com as Escrituras do Antigo Testamento e as recebiam, sobretudo, quando se achavam empenhados em estudá-las, como este *eunuco*.

1. O capítulo que o *eunuco* estava lendo era Isaías 53. Aqui são citados dois versículos: parte dos versículos 7 e 8. Eles (vv. 32,33) estão registrados de acordo com a versão da Septuaginta, a qual em certos pontos difere do original hebraico. Grotius opina que o *eunuco* leu o texto em hebraico, mas Lucas segue a tradução da Septuaginta, por estar mais fluente à língua na qual ele escrevia. Ele supõe que o *eunuco* aprendera a religião e língua hebraica dos muitos judeus que moravam na Etiópia. Mas, considerando que a versão da Septuaginta foi elaborada no Egito, país adjacente à Etiópia e que se situava entre este e Jerusalém, prefiro pensar que a tradução lhe era muito conhecida. O texto de Isaías 20.4 dá a entender que as relações entre essas duas nações – Egito e Etiópia – eram bastante extensas. A maior variação do hebraico é a que está no original: "Ele foi tirado da prisão e do julgamento" ([Is 53.8, LXX] quer dizer, ele foi levado com extrema violência e precipitação de um tribunal a outro; ou: *Da opressão e do juízo foi tirado* [Is 53.8, versão RC], quer dizer, ele foi tirado da fúria do povo e seus clamores ininterruptos, e do julgamento de Pilatos logo após), aqui está escrito: *Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento* (v. 33). Ele parecia tão vil e desprezível aos olhos das pessoas que elas lhe negaram a justiça comum. Indo contra todas as regras da imparcialidade, cujo benefício todo indivíduo tem direito, mesmo tendo-o declarado inocente, os homens o condenaram à morte. Nada de criminoso pôde ser comprovado contra ele, mas ele foi humilhado e sentenciado à morte. Assim, *na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento*. Vemos, então, que o sentido é muito semelhante ao do hebraico. Portanto, estes versículos são predições relativas ao Messias. (1) O Messias morreria, seria *levado* [...] *para o matadouro* (v. 32), como as ovelhas eram oferecidas em sacrifício – que sua vida seria tirada dentre os homens, tirada da terra. Com que pequena razão foi a morte de Cristo uma pedra de tropeço para os judeus incrédulos, visto que foi predita de forma tão clara pelos seus próprios profetas e era tão necessária para a realização do seu empreendimento! *Logo, o escândalo da cruz está aniquilado* (Gl 5.11). (2) O Messias morreria injustamente, morreria por violência, seria arrancado da sua vida, pois *o seu julgamento* seria *tirado* (v. 33). Não lhe seria feito justiça, porque Ele deveria ser tirado e não seria mais (Dn 9.26). (3) O Messias morreria pacientemente. *Como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia* (v. 32), não somente diante do tosquiador, mas diante do açougueiro também, *assim não abriu a sua boca*. Nunca haverá tal exemplo de paciência como o nosso Senhor Jesus teve em seus sofrimentos. Quando Ele foi acusado, quando foi maltratado, ficou calado, *quando o injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava* (1 Pe 2.23). (4) O Messias, apesar disso, viveria para sempre, por séculos que não poderiam ser numerados. É como entendo essas palavras: *Quem contará a sua geração?* (v. 33). A palavra hebraica significa, corretamente, "a duração de uma vida" (Ec 1.4). Não obstante, quem pode conceber ou expressar quanto tempo Ele permanecerá? *Porque a sua vida é tirada* somente *da terra*. No céu, Ele viverá pelos séculos infinitos e inumeráveis, como consta em Isaías 53.10: Ele *prolongará os* seus *dias*.

2. A pergunta do *eunuco* sobre estas Escrituras é: *De quem diz isto o profeta?* (v. 34). Ele não deseja que *Filipe* lhe faça alguns comentários criteriosos sobre as palavras, frases e expressões idiomáticas da língua, mas que o inteire da extensão e desígnio geral da profecia, que lhe dê uma chave, no uso da qual ele possa, comparando uma coisa com a outra, ser conduzido ao significado da passagem em particular. No geral, as profecias tinham em si algo de ambigüidade, até serem explicadas pelo seu cumprimento, como ocorre com esta. Tratava-se de uma pergunta importante e muito sensata: "*O profeta* [...] *diz* [...] *de si mesmo ou de algum outro*, na perspectiva de ser usado, de ser maltratado, como foram os outros profetas? Ou ele fala *de algum outro* de sua própria época, ou de alguma época vindoura?" Embora os judeus modernos não admitam que isto se refira ao Messias, os seus antigos doutores assim o interpretavam. Talvez o *eunuco* soubesse disso e em parte entendesse o texto assim, servindo-se desta pergunta apenas para ocasionar a conversa com *Filipe*, pois o modo de melhorar o aprendizado é consultar os instruídos. Como eles têm de buscar a lei da boca do sacerdote (Ml 2.7), assim eles têm de investigar o evangelho da boca dos ministros de Jesus (*Filipe, abrindo a boca*, v. 35), sobretudo aquela parte do tesouro que está escondido no campo do Antigo Testamento. O modo de receber boas instruções é fazer boas perguntas.

3. *Filipe* aproveita esta excelente oportunidade para abrir ao *eunuco* o grande mistério do evangelho relativo *a Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2). Ele começou *nesta Escritura* (v. 35), tomando-a por seu texto (como fez Jesus em outra passagem da mesma profecia, Lc 4.21), e *lhe anunciou a Jesus*. Esta é a narrativa total que temos do sermão de *Filipe*, porque na verdade era igual aos sermões de Pedro que já temos. O trabalho dos ministros do evangelho é anunciar *a Jesus*, e esta é a pregação mais provável de ser bem-sucedida. É provável que agora Filipe tivesse oportunidade de usar o seu dom de línguas para pregar Jesus a este etíope no idioma do seu próprio país. Aqui temos um exemplo de falar das coisas de Deus, falando delas utilmente, não apenas quando nos assentamos em casa, mas também quando andamos pelo caminho, de acordo com a regra deuteronômica (Dt 6.7).

V *Filipe* batiza o *eunuco* em nome de Cristo (vv. 36-38). É provável que o *eunuco* tivesse ouvido em Jerusalém sobre a doutrina de Cristo, de forma que esta não lhe era completamente estranha. Dessa maneira, no que esse fato contribuiu para facilitar a conquista do coração do etíope para Cristo? Foi a operação poderosa do Espírito Santo com e pela pregação de *Filipe* que obteve tal desígnio. Agora temos aqui:

1. A proposta humilde que o *eunuco* fez para ser batizado: *Indo eles caminhando* (v. 36), conversando sobre Jesus, o *eunuco* fazendo mais perguntas e *Filipe* respondendo-as satisfatoriamente, *chegaram ao pé de alguma água*, uma fonte, rio ou lagoa, cuja visão fez o *eunuco* pensar em ser batizado. Deus, por dicas providenciais que soam casuais, às vezes, faz seus filhos lembrarem seus deveres, sem as quais talvez nunca se lembrariam. O *eunuco* não sabia que logo *Filipe* não estaria com ele, que nem teria idéia de onde poderia encontrá-lo. Ele não pôde esperar viajar com ele em sua próxima etapa da viagem. Portanto, se *Filipe* achasse adequado, ele se servirá da conveniência que se oferece para ser batizado: "*Eis aqui água* (v. 36), pois talvez não encontremos outro volume como este por um bom tempo. O *que impede que eu seja batizado?* Há algum motivo que tu conheças que me impeça de ser aceito como discípulo e seguidor de Cristo através do batismo?" Observe: (1) O *eunuco* não exige ser batizado. Ele não diz: "*Eis aqui água* e quero ser batizado". Se *Filipe* tem algo a oferecer em desacordo ao pedido, ele está disposto a renunciá-lo por ora. Se ele acha que o *eunuco* não está pronto para ser batizado, ou se há algum quesito na instituição da ordenança que não admite tal administração imediata do batismo, ele não se deterá nesse ponto. O zelo mais fervoroso tem de se submeter à ordem e norma. Mas: (2) O *eunuco* deseja ser batizado. A menos que *Filipe* explique por que não, ele deseja ser batizado agora. Ele não está disposto a adiar isto. Note que ao nos dedicarmos e consagrarmos solenemente a Deus é bom nos apressarmos e não nos determos, pois o melhor tempo é agora (Sl 119.60). Os que receberam a coisa significada pelo batismo não devem postergar o recebimento do sinal. O *eunuco* temia que os bons sentimentos que agora operavam nele esfriassem e enfraquecessem. Ele estava inclinado a ligar imediatamente sua alma ao Senhor pelos laços batismais, dando um ótimo desfecho ao assunto.

2. A declaração justa que *Filipe* fez ao *eunuco* acerca das condições nas quais ele teria o privilégio de ser batizado: "*É lícito, se crês de todo o coração* (v. 37), quer dizer, se tu crês nesta doutrina que te anunciei acerca de Jesus, se tu recebeste o registro que Deus deu relativo a Ele e decidiste definitivamente que é verdade". Ele tem de crer *de todo o coração*, pois o homem crê com o coração, não somente com a cabeça, consentindo em seu entendimento com as verdades do evangelho; mas com o coração, consentindo em sua determinação com as condições do evangelho. "Se tu realmente crês *de todo o coração*, por meio disso tu és unido a Cristo. Se tu deres provas e evidências de que fazes assim, por meio do batismo tu podes ser unido à igreja."

3. A confissão de fé que o *eunuco* fez para ser batizado. É muito curta, mas inclusiva e bem a propósito, enfim, suficiente: Eu *creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus* (v. 37). Ele já era adorador do verdadeiro Deus, de forma que tudo que ele tinha de fazer era receber Cristo Jesus, o Senhor. (1) O *eunuco* crê que *Jesus* é o *Cristo*, o verdadeiro Messias prometido, o Ungido. (2) O *eunuco* crê que *Cristo* é *Jesus – o Salvador*, o único Salvador do seu povo dos pecados deles (Mt 1.21). (3) O *eunuco* crê que este *Jesus Cristo* é o *Filho de Deus*, que Ele tem natureza divina, como o Filho é da mesma natureza com o Pai, que, sendo o *Filho de Deus*, Ele é o Herdeiro de todas as coisas. Esta é a principal doutrina peculiar do cristianismo, e todo aquele que crê nisso de todo o coração e o confessa, ele e sua descendência serão batizados.

4. O ato batismal imediatamente em seguida a isto. O *eunuco* ordenou que o cocheiro parasse: *Mandou parar o carro* (v. 38). Era o melhor lugar de parada já encontrado em suas viagens. Eles *desceram ambos à água*, porque, estando em viagem, não tinham consigo nenhum recipiente conveniente para tirar água, tendo, então, de descer até *à água*. Não que eles tivessem de tirar a roupa e entrar nus na *água*, mas, descalços, segundo o costume, eles entraram, talvez, até aos tornozelos ou até à metade da canela, e *Filipe* aspergiu água sobre ele. Este procedimento foi feito de acordo com a profecia que o *eunuco* tinha, provavelmente, acabado de ler, pois estava apenas alguns versículos antes desses nos quais *Filipe* o encontrara e era muito pertinente ao caso: *Assim, borrifará muitas nações*, grandes homens e *reis fecharão a boca por causa dele*, se submeterão e concordarão com ele, *porque aquilo que não lhes foi anunciado* anteriormente *verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão* (Is 52.15). Note que há pouco *Filipe* se enganara com relação ao mágico Simão e o admitira ao batismo, embora mais tarde sua conversão não se mostrasse verdadeira. Mesmo assim, ele não hesitou em batizar o *eunuco* imediatamente após este ter feito sua confissão de fé, sem pô-lo em observação mais longa que o habitual. Se alguns hipócritas enxameiam a igreja, os quais mais tarde nos causam pesar e nos são motivo de escândalo, não devemos estreitar a porta que conduz à salvação mais do que Jesus Cristo fez. Eles prestarão conta pela apostasia, não nós!

VI *Filipe* e o *eunuco* são agora separados. Isto é tão surpreendente quanto as outras partes da história. A lógica nos teria dito que o *eunuco* devia ter ou ficado com *Filipe* ou o levado junto com ele ao seu país, e, havendo tantos ministros nessas regiões, ele poderia ser poupado e valeria a pena. Mas Deus tinha outros planos. Assim que eles *saíram da água* (v. 39), antes de o *eunuco* embarcar em seu carro, *o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe*, não lhe dando tempo para fazer uma exortação ao *eunuco*, como sempre ocorre depois do batismo, o que é provável que um queria e o outro esperava. Mas a sua partida súbita foi suficiente para reparar a falta dessa exortação, pois foi milagroso ele ter sido arrebatado no ar diante dos olhos do *eunuco*. A operação deste milagre com *Filipe* foi confirmação da sua doutrina, tanto quanto teria sido a operação de um milagre feito por ele. Ele foi arrebatado e *não o viu mais o eunuco*. Assim, tendo ficado sem ministro, ele voltou a usar sua Bíblia, lendo e meditando.

1. Como o *eunuco* foi despedido: Ele, *jubiloso, continuou o seu caminho* (v. 39). Ele prosseguiu viagem. Negócios o esperavam em casa, e ele tinha de se apressar, pois isso de forma alguma era incompatível com seu cristianismo, que não concede nem santidade nem perfeição aos homens por serem ermitões ou monges. Esta é uma religião que as pessoas podem e devem levar consigo quando lidam com os negócios desta vida. Mas ele, *jubiloso, continuou o seu caminho*. Ele estava tão longe de criticar pesarosamente esta revolução e mudança súbi-

ta, ou mais propriamente este avanço em sua religião, que as suas reconsiderações o confirmaram plenamente nela. Ele *continuou o seu caminho*, alegrando-se *com gozo inefável e glorioso* (1 Pe 3.8). Ele jamais se sentira tão contente em toda a sua vida. O *eunuco* estava *jubiloso*: (1) Porque ele se uniu a Cristo e tinha participação nele. (2) Porque ele possuía estas boas novas para levar aos seus compatriotas, tendo a perspectiva de também levá-los à comunhão de Jesus, em virtude da participação deste entre eles. Ele voltou não só crente, mas ministro. Certos manuscritos têm esta leitura do versículo: "E, quando saíram da água, o Espírito Santo caiu sobre o eunuco [sem a cerimônia da imposição das mãos do apóstolo], mas o anjo do Senhor arrebatou a Filipe".

2. Como *Filipe* foi despedido: *Filipe se achou em Azoto* (v. 40) ou Asdode, antiga cidade dos filisteus. O anjo do Senhor ou *o Espírito do Senhor* o deixou *em Azoto*, que ficava quase cinqüenta quilômetros de Gaza, para onde o *eunuco* ia, e onde o Dr. Lightfoot acha que ele pegou um navio e voltou por mar ao seu país. Mas *Filipe*, onde quer que estivesse, não ficaria inativo. Ele, *indo passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia*, onde, ao que parece, desde então fixou residência permanente, pois em *Cesaréia* nós o achamos em sua casa própria (cap. 21.8). Ele que fora fiel em trabalhar para Jesus como evangelista itinerante por fim ganhou uma residência fixa.

Capítulo 9

Neste capítulo, temos: I. A famosa história de conversão de Paulo que, de perseguidor ultrajante, passou a ser professor e pregador ilustre do evangelho de Cristo. 1. Como Paulo foi despertado e forjado pela aparição do próprio Jesus, enquanto viajava para Damasco em uma incumbência de perseguição. Em que condição ele se encontrou momentaneamente quando caiu sob o poder dessa convicção e terror (vv. 1-9). 2. Como Paulo foi batizado por Ananias mediante as orientações imediatas do céu (vv. 10-19). 3. Como Paulo começou imediatamente a doutorar e pregar a fé de Cristo e experimentou o que ele pregava (vv. 20-22). 4. Como Paulo foi perseguido e escapou vivo por um triz (vv. 23-25). 5. Como Paulo foi admitido entre os irmãos em Jerusalém: como ele pregou e foi perseguido nessa cidade (vv. 26-30). 6. A paz e a tranqüilidade que as igrejas tiveram durante certo tempo depois destes acontecimentos (v. 31). II. A cura feita por Pedro em Enéias que há muito tempo estava acometido de paralisia (vv. 32-35). III. A ressurreição de Tabita que, com a oração de Pedro, foi levantada da morte para a vida (vv. 36-43).

A Conversão de Saulo

vv. 1-9

Encontramos na história de Estêvão duas ou três menções a Saulo, pois o escritor sagrado desejava chegar à história de Paulo. Agora que isso foi feito, não deixamos Pedro de lado já que daqui em diante ele é associado principalmente com Paulo, o apóstolo dos gentios, como Pedro era o apóstolo da circuncisão. Em hebraico, seu nome era *Saulo – desejado*. Era tão notavelmente de baixa estatura quanto o rei Saul era alto e imponente. Um dos anciões o chama: *Homo tricubitalis – somente um metro e trinta e sete centímetros de altura*. O nome romano que ele usava entre os cidadãos de Roma era *Paulo – pequeno*. Nasceu em Tarso, cidade da Cilícia, cidade livre dos romanos, sendo ele mesmo homem livre daquela cidade. Seu pai e mãe eram ambos judeus nativos; por isso ele se chama *hebreu de hebreus* (Fp 3.5). Ele era da tribo de Benjamim que permaneceu fiel à tribo de Judá. Sua formação educacional foi primeiramente nas escolas de Tarso, que era uma pequena Atenas para a aprendizagem. Lá ele se familiarizou com a filosofia e a poesia dos gregos. De lá, ele foi enviado para a universidade em Jerusalém a fim de estudar teologia e a lei judaica. O seu tutor era Gamaliel, fariseu eminente. Possuía extraordinários talentos naturais e se dedicou bastante ao estudo dos ensinamentos propagados pelos fariseus. Ele tinha um comércio de habilidades manuais (fizeram-no aprender a profissão de fazedor de tendas), que era comum entre os judeus que desde pequeno estudavam para ser eruditos (como disse o Dr. Lightfoot), a fim de ganharem o próprio sustento e evitarem o ócio. Este é o jovem em quem a graça de Deus operou esta mudança maravilhosa aqui registrada cerca de um ano depois da ascensão de Cristo ou um pouco mais.

I Como Saulo agiu mal antes da sua conversão. Ele era inimigo inveterado do cristianismo e fez o que pôde para erradicá-lo, perseguindo todos que o aceitassem. Sob outros aspectos, Saulo era muito bom. Era, *segundo a justiça que há na lei, irrepreensível* (Fp 3.6), homem de bons costumes, mas blasfemo de Cristo, perseguidor dos cristãos e prejudicial a ambos (1 Tm 1.13). Sua consciência estava tão mal-informada que ele pensava que deveria fazer o que fez contra o nome de Cristo (cap. 26.9) e que estava na verdade servindo a Deus com este procedimento, como fora predito (Jo 16.2). Aqui temos:

1. A inimizade e fúria geral de Saulo contra a religião cristã: *E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor* (v. 1). Os perseguidos eram *os discípulos do Senhor*. Só por terem essa característica, ele os odiava e os perseguia. O tema da perseguição era *ameaças e mortes*. Há perseguição nas *ameaças* (cap. 4.17,21). Elas aterrorizam e quebrantam o espírito. Embora se diga que as pessoas ameaçadas vivam muito, as pessoas que *Saulo* ameaçava, se ele não fosse bem-sucedido em fazê-las fugir com medo de Cristo, as matava e as perseguia até à morte (cap. 22.4). O fato de ele respirar *ameaças e mortes* dá a entender que isso lhe era natural e fazia parte de sua atividade constante. Ele até se sentia bem nesse meio, respirando seus elementos com naturalidade. Ele respirava com fúria e veemência. Sua própria respiração, como a de algumas criaturas venenosas, era pestilenta. Ele respirava morte contra os cristãos por onde quer que fosse. Em seu orgulho, ele assoprava para eles (Sl 12.4,5). Em sua raiva, ele cuspia seu veneno neles. Essa respiração de *Saulo* também dá a entender: (1) Que *Saulo* persistia ainda mais nisso.

Não satisfeito com o sangue de quem tinha matado, ele ainda clamava: *Dá, Dá* (Pv 30.15). (2) Que *Saulo* em breve pertenceria a outro meio. Por enquanto, ele respirava *ameaças e mortes*, mas não tinha de viver essa vida por muito tempo. Essa respiração logo cessará.

2. O desígnio particular de *Saulo* acerca dos cristãos em Damasco. Fazia pouco tempo que o evangelho chegara ali levado pelos cristãos que fugiram da perseguição causada pela morte de Estêvão. Eles pensavam que estavam seguros e sossegados nessa cidade e tinham a tolerância daqueles que estavam no poder. Mas *Saulo* não ficava sossegado se soubesse que um cristão se encontrasse em paz. Ouvindo que os cristãos em Damasco estavam em paz, ele resolve perturbá-los. Para isso, ele solicita uma procuração ao *sumo sacerdote* (v. 1) para ir a *Damasco* (v. 2). O *sumo sacerdote* não precisava ser levado a perseguir os cristãos, pois ele sempre estava disposto a fazê-lo. Mas parece que o jovem perseguidor foi mais vigoroso em seus esforços que o idoso perseguidor. Os líderes no pecado são os piores pecadores. Os prosélitos que os escribas e fariseus fazem se mostram sete vezes mais filhos do inferno que eles (Mt 23.15). *Saulo* disse que esta procuração foi dada por *todo o conselho dos anciãos* (cap. 22.5). Por isso, este homem fanático e furioso estava bastante orgulhoso de ter uma procuração dada exclusivamente a ele com o selo do grande Sinédrio. A procuração o autorizava a investigar entre as *sinagogas* ou congregações dos judeus que estavam em *Damasco*, a existência de alguém que pertencesse àqueles que se inclinavam a favor desta nova *seita* ou heresia, aqueles que criam em Cristo. Se ele achasse um dos tais, *quer homens, quer mulheres*, devia levá-los prisioneiros para Jerusalém a fim de que fosse instaurado inquérito contra eles de acordo com a lei pelo grande conselho. Observe: (1) Os cristãos aqui são chamados *alguns daquela seita* (v. 2), "alguns que eram do Caminho" (versão RA), conforme o original. Talvez os cristãos às vezes se chamassem assim: de Cristo, "o Caminho". Ou porque eles se consideravam que estavam apenas no caminho, não tendo ainda chegado ao lar; ou porque os inimigos os representavam estar longe por si mesmo, um caminho retirado, pouco freqüentado, um partido, uma facção. (2) O *sumo sacerdote* e o Sinédrio requeriam o direito de exercer poder sobre os judeus em todos os países. E todas as sinagogas, mesmo aquelas que não estivessem na jurisdição do governo civil da nação judaica, prestavam deferência respeitosa a estas autoridades em questões de religião. Hoje, o pontífice romano reivindica tal soberania como então fizera o pontífice judaico, embora ele não tenha muito o que mostrar. (3) Por esta procuração, todos que adorassem a Deus do modo que o *sumo sacerdote* e o Sinédrio considerassem heresia, embora concordassem exatamente com os institutos originais até da igreja judaica, quer fossem *homens* ou *mulheres*, seriam processados. Até o sexo frágil, que num caso desta natureza poderia ficar isento, ou pelo menos sob compaixão, não receberá de *Saulo* nada menos do que receberam dos perseguidores papistas. (4) *Saulo* recebeu a ordem de levar todos esses indivíduos para Jerusalém amarrados como criminosos de primeira magnitude. Este procedimento visava a amedrontar os prisioneiros e engrandecer *Saulo*, na qualidade de comandante da força policial que fora buscá-los e pela oportunidade de respirar ameaças e morte. *Saulo* foi usado quando a graça de Deus operou essa grande mudança nele. Não nos desesperemos da graça renovadora em prol da conversão dos maiores pecadores, nem desistamos da misericórdia perdoadora de Deus a favor do maior pecado, pois o próprio Paulo obteve misericórdia para que ele fosse um exemplo notável (1 Tm 1.13).

II Como foi súbita e extraordinária a mudança maravilhosa ocasionada em *Saulo*, não por meio de expedientes comuns, mas por milagre. A conversão de *Saulo* é uma das maravilhas da igreja. Aqui está:

1. O lugar e a hora da conversão de *Saulo*: *Indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco* (v. 3), Jesus o encontrou.

(1) *Saulo* estava *indo no caminho* (v. 3) em sua viagem. Ele não estava no templo, nem na sinagoga, nem na reunião dos cristãos, mas *indo no caminho*. O trabalho de conversão não está ligado à igreja, embora seja o lugar onde normalmente se fazem administrações públicas. Alguns nascem de novo quando *adormecem na cama* (Jó 33.15-17), ao passo que outros quando estão viajando sozinhos na estrada. Os pensamentos são tão livres e há boa oportunidade de refletir com nosso próprio coração na estrada quanto na cama. Lá, o Espírito pode começar sua obra em nós, pois esse *vento assopra onde quer* (Jo 3.8). Certos estudiosos observam que Jesus falou com *Saulo* no exterior, ao ar livre, para que não houvesse suspeita de embuste ou ilusionismo.

(2) *Saulo* estava *perto de Damasco* (v. 3), quase no fim da viagem, prestes a entrar na cidade, a principal da Síria. Alguns eruditos observam que ele, que seria o apóstolo dos gentios, converteu-se à fé de Cristo em um país gentio. Outrora *Damasco* fora infame por perseguir o povo de Deus: seus habitantes *trilharam a Gileade com trilhos de ferro* (Am 1.3). Agora, era provável que o mesmo acontecesse de novo.

(3) *Saulo* estava prosseguindo no mau caminho, cumprindo seu desígnio contra os cristãos em *Damasco* e se agradando com o pensamento de que lá devoraria esta criança recém-nascida do cristianismo. Veja que às vezes a graça de Deus opera nos pecadores quando eles estão no pior e fervorosamente empenhados em seus mais desesperados interesses pecaminosos, os quais são para a glória da piedade e do poder de Deus.

(4) O edito e decreto cruel que *Saulo* trazia consigo estava perto de ser posto em execução. Mas felizmente foi impedido, fato que pode ser considerado: [1] Como grande bondade para com os pobres santos em *Damasco*, que ficaram sabendo da ida de *Saulo*, segundo deduzimos do que Ananias disse (vv. 13,14), e estavam apreensivos diante do perigo que ele representava para eles, tremendo como fracos cordeiros diante do ataque de um lobo voraz. A conversão de *Saulo* foi, por ora, a segurança dos santos damascenos. Jesus tem muitas maneiras de livrar da tentação os piedosos. Às vezes, Ele livra mudando o caráter dos perseguidores, quer lhes contendo o espírito colérico (Sl 76.10) e o apaziguando durante certo tempo, como fez com o rei Saul que mais de uma vez apiedou-se de Davi (1 Sm 24.16; 26.21), quer renovando-lhes o espírito e fixando nele impressões duráveis, como fez com *Saulo*. [2] Mostrando bastante misericórdia para com o próprio *Saulo*, não o deixando executar

seu desígnio mau. Caso tivesse ido em frente, talvez tivesse alcançado o preenchimento da medida da sua iniqüidade. Veja que será valorizado como sinal notável do favor divino se Deus, quer pela operação interior da sua graça, quer pelas ocorrências exteriores da sua providência, nos impedir de prosseguir e executar um propósito pecaminoso (1 Sm 25.32).

2. A aparição de Jesus na sua glória a *Saulo*. Aqui, somos informados somente que *subitamente o cercou um resplendor de luz do céu* (v. 3). Mas pelo que se segue (v. 17), concluímos que o Senhor Jesus estava nesta *luz* e lhe apareceu desta maneira. Ele viu o *Justo* (cap. 22.14) e viu *uma luz* (cap. 26.13). Quer ele o tenha visto a distância, como Estêvão o viu nos céus, quer o visse mais próximo no ar não sabemos com certeza. Não é incompatível com a escritura que diz que o céu contém Jesus até ao fim dos tempos (cap. 3.21) supor que Ele, em tal ocasião extraordinária, fez uma visita pessoal e brevíssima a esta terra. A fim de que Paulo fosse apóstolo era necessário que ele visse o Senhor; e ele o viu (1 Co 9.1; 15.8). (1) Esta *luz* (v. 3) brilhou sobre *Saulo subitamente – exaiphnes*, quando ele sequer pensava em tal coisa e sem aviso prévio. As manifestações de Jesus para as pessoas são muitas vezes súbitas e muito surpreendentes, e Ele as antecipa com as bênçãos da sua bondade. Foi o que sucedeu com os discípulos que Jesus chamou para si. *Antes de eu o sentir* (Ct 6.12). (2) Era uma *luz do céu* (v. 3), a fonte da luz, do Deus *do céu*, o Pai das luzes. Era uma *luz* mais intensa que o brilho do sol (cap. 26.13), pois foi visível ao meio-dia e excedia o esplendor do sol na sua força e fulgor meridiano (Is 24.23). (3) A luz *cercou* [...] *Saulo*, não só em torno do rosto, mas do corpo inteiro. De qualquer lado que se virasse, ele estava rodeado com a manifestação do milagre. O propósito disso era não só sobressaltá-lo e despertar-lhe a atenção (para ouvir bem quando visse algo tão extraordinário assim), mas também dar a entender a iluminação do seu entendimento com o conhecimento de Cristo. O diabo entra na alma nas densas trevas. Deste modo, ele obtém e mantém a posse da alma. Mas Jesus entra na alma à plena luz, pois Ele próprio é a luz do mundo, brilhante e gloriosa para nós, como a luz. A luz é primeira coisa nesta nova criatura, como é na criação do mundo (2 Co 4.6). Por conseguinte, todos os cristãos são *filhos da luz e filhos do dia* (1 Ts 5.5).

3. A detenção de *Saulo* e sua separação: Ele caiu *em terra* (v. 4). Certos estudiosos defendem que ele estava a pé e que essa luz, talvez acompanhada de trovão, causou-lhe tanto medo que ele não conseguiu se manter em pé e caiu rosto em terra, a postura de adoração, nesse trecho, todavia, de surpresa. É provável que ele estivesse a cavalo, como Balaão que montava uma jumenta quando foi amaldiçoar Israel, e talvez cavalgasse melhor que ele, pois Saulo estava em função oficial, tinha pressa e a viagem era longa, de forma que não é provável que ele estivesse viajando a pé. A luz súbita amedrontaria o cavalo no qual ele montava e o derrubaria. Foi a boa providência de Deus que o corpo de *Saulo* não se machucasse com a queda. Os anjos tinham uma missão especial relativa a ele: guardar todos os seus ossos para que nenhum se quebrasse. Pelo visto, todos que estavam com ele também caíram por terra (cap. 26.14), mas o alvo era ele. Isto pode ser considerado: (1) Como o efeito da aparição de Jesus para *Saulo* e da *luz do céu* que *o cercou*. Veja que a manifestação de Jesus para os pecadores visa a humilhá-los. Esse fenômeno miraculoso os rebaixa, fazendo-os pensar vilmente sobre si e submeter-se humildemente à vontade de Deus. *Agora te vêem os meus olhos*, disse Jó. *Por isso, me abomino* (Jó 42.4,5). *Eu vi ao Senhor*, disse Isaías, *assentado sobre um alto e sublime trono.* [...] *Então eu disse: ai de mim, que vou perecendo!* (Is 6.1,5). (2) Como um degrau para este avanço planejado. O propósito era que *Saulo* fosse não só cristão e ministro, mas também apóstolo, grande apóstolo. Portanto, ele precisava ser subjugado desta forma. Veja que aqueles a quem Jesus escolhe para receber as maiores honras são primeiramente humilhados. Aqueles a quem Jesus quer dar conhecimento e graça sobejamente são em primeiro lugar humilhados para que sintam a própria ignorância e pecaminosidade. Aqueles a quem Deus vai usar são primeiramente golpeados com o senso da própria indignidade em serem usados.

4. A acusação de *Saulo*. Sendo pela queda levado em custódia e como se estivesse num tribunal, ele ouviu uma *voz* que lhe dizia: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* (v. 4). Essa *voz* era nítida somente para ele, pois os demais ouviam apenas um som (v. 7), não distinguindo as palavras (cap. 22.9). Observe aqui:

(1) *Saulo* viu uma luz do céu e *ouviu uma voz* do céu (v. 4). Sempre que a glória de Deus foi vista, a palavra de Deus foi ouvida (Êx 20.18) por Moisés (Nm 7.89) e pelos profetas. As manifestações de Deus nunca foram exibições mudas, porque Ele engrandece sua palavra acima de todo o seu nome. O que foi visto sempre teve o propósito de abrir caminho ao que foi dito. *Saulo* [...] *ouviu uma voz*. Veja que a fé vem pelo ouvir. Por conseguinte, o Espírito é recebido pelo ouvir da fé (Rm 10.17; Gl 3.2). A *voz* que ele *ouviu* era a voz de Jesus. Quando ele viu *aquele Justo*, ouviu *a voz da sua boca* (cap. 22.14). Veja que a palavra que ouvimos tem maior probabilidade de nos beneficiar quando a ouvimos como a voz de Jesus (1 Ts 2.13). *Esta é a voz do meu amado* (Ct 2.8). É somente a voz dele que pode alcançar o coração. Ver e ouvir são dois métodos de aprendizagem. Jesus entrou no coração de *Saulo* por ambas estas portas.

(2) O que *Saulo* ouviu era muito estimulante.

[1] *Saulo* foi chamado por nome e duas vezes: *Saulo, Saulo* (v. 4). Certos estudiosos são de opinião de que, ao chamá-lo de *Saulo*, Jesus dá a entender o terrível perseguidor de Davi cujo nome era semelhante – Saul. Ele foi de fato um segundo Saul, grande inimigo do Filho de Davi como o outro fora para Davi. Chamá-lo pelo nome indica a consideração especial que Jesus tinha por ele: *Eu a ti te chamarei pelo teu nome; pus-te o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses* (Is 45.4; veja Êx 33.12). Chamá-lo pelo nome convenceu-o e não lhe deixou dúvida de quem era a voz que lhe falava. Veja que o que Deus fala em geral tem maior probabilidade de nos fazer bem quando aplicamos o que ouvimos a nós mesmos e inserimos nosso nome nos preceitos e promessas expressos de modo geral, como se Ele nos chamasse pelo nome. Quando disse: *Ó vós todos* (Is 55.1), Ele dissera: *Ó fulano* (Rt 4.1): *Samuel, Samuel* (1 Sm 3.10); *Saulo, Saulo*. Chamar duplamente: *Saulo, Saulo*, indica, em primeiro lugar, o sono profundo em que *Saulo* se encontrava. Ele precisava ser chamado muitas vezes, como ocorre em Jeremias 22.29: *Ó terra, terra, terra!* Em segundo lugar, a preocu-

pação amorosa que o santo Jesus tinha por *Saulo* e por sua recuperação. Ele fala como alguém que é sincero. É como *Marta, Marta* (Lc 10.41), ou *Simão, Simão* (Lc 22.31), ou *Jerusalém, Jerusalém* (Mt 23.37). Ele fala com ele como com alguém que está em perigo iminente, à beira da cova, prestes a cair: "*Saulo, Saulo*, tu não sabes para onde estás indo. Ou: O que tu estás fazendo?"

[2] A acusação apresentada contra *Saulo* é: *Por que me persegues?* (v. 4). Observe aqui, em primeiro lugar, que antes de *Saulo* se tornar santo, ele tem de se ver pecador, um grande pecador, um pecador contra Jesus. Agora ele vê esse mal nele que ele nunca vira antes. O pecado reviveu e ele morreu. Veja que a convicção humilde de pecado é o primeiro passo para a conversão salvadora do pecado. Em segundo lugar, que *Saulo* é convencido de um pecado em particular, do qual ele era mais notoriamente culpado, no qual tinha se justificado e por meio do qual é convencido de todos os outros pecados. Em terceiro lugar, que o pecado do qual *Saulo* é convencido é perseguição: *Por que me persegues?* (v. 4). Trata-se de uma repreensão muito afetuosa, o suficiente para derreter um coração de pedra. Observe: 1. A pessoa que pecou: "És tu. Tu, que não és um da multidão ignorante, rude e irracional, que destruirá qualquer coisa que ouve com um nome ruim. Mas és tu que tiveste uma educação culta e liberal, tens talentos, dons e conhecimento das Escrituras, os quais, se devidamente considerados, te mostrariam a loucura disto. É pior em ti do que em outro". 2. A pessoa contra quem pecou: "Sou Eu, que nunca te fez mal, que veio do céu para a terra fazer o bem, que não faz muito tempo que foi crucificado por ti. E não foi o bastante, mas devo Eu ser crucificado mais uma vez por ti?" 3. O tipo e persistência do pecado: perseguição e, naquele momento, *Saulo* estava engajado nisso: "Tu não só tens perseguido, mas tu persegues e persistes nessa ação". Naquele momento, ele não estava arrastando alguém para a prisão, nem estava matando-o. Mas era esta a missão na qual ele estava indo a Damasco. Era este seu intento, o qual lhe agradava o pensamento. Note que os que intentam causar dano já estão, na conta de Deus, causando dano. 4. A pergunta que Jesus fez para *Saulo*: "Por que tu fazes isso?" (1) É linguajar de queixa. "Por que tu ages assim injustamente, assim indelicadamente, com os meus discípulos?" Jesus nunca reclamou tanto daqueles que o perseguiram em pessoa como Ele reclamou aqui daqueles que o perseguiram nos seus seguidores. Ele reclama como se fosse o pecado de *Saulo*: "Por que tu és tal inimigo de ti mesmo, do teu Deus?" Note que os pecados dos pecadores são cargas muito dolorosas ao Senhor Jesus. Ele se condói dessas cargas (Mc 3.5); Ele é pressionado sob essas cargas (Am 2.13). (2) É linguajar convincente: "Por que tu ages assim? Tu podes me dar uma boa razão para isso?" Veja que é bom nos perguntarmos por que agimos desta ou daquela maneira, para que nos demos conta de quão irracional é o pecado. De todos os pecados nenhum é tão irracional, tão irresponsável, quanto o pecado de perseguir os discípulos de Jesus, sobretudo quando descobrimos que estamos, como certamente estão, perseguindo Jesus. Não tem conhecimento quem come o povo de Deus (Sl 14.4). *Por que me persegues?* Ele pensava que estava perseguindo somente um grupo de pessoas pobres, fracas e tolas, que eram uma afronta e ofensiva de se olhar para os fariseus, sem imaginar que com tudo isso ele estava insultando uma pessoa no céu. Com toda a certeza, se tivesse sabido disso, ele não teria perseguido o Senhor da glória. Veja que os que perseguem os santos perseguem o próprio Jesus. O que é feito contra eles Ele recebe como se tivesse sido feito contra si mesmo, e o julgamento no grande Dia será feito em conformidade com isso (Mt 25.45).

5. A pergunta de *Saulo* na sua acusação e a resposta (v. 5).

(1) *Saulo* faz perguntas acerca de *Jesus*: *Quem és, Senhor?* (v. 5). Ele não responde diretamente à indagação de Jesus, mas a própria consciência e procedimento o acusavam. Quando Deus nos faz ver nossos pecados, não podemos justificar um entre mil, especialmente quando se trata de perseguição. As convicções de pecado, quando atingem com poder a consciência, calam todas as desculpas e justificações. *Ainda que eu fosse justo, lhe não responderia* (Jó 9.15). Mas *Saulo* deseja saber quem é o seu juiz. A interpelação é respeitosa: *Senhor.* Ele, que fora blasfemo do nome de *Jesus*, agora fala com Ele como o seu Senhor. A pergunta é apropriada: *Quem és...?* Isso dá a entender o seu desconhecimento de *Jesus*. Ele não conhecia a voz de *Jesus* como as suas ovelhas a conhecem, mas desejava se familiarizar com ela. A luz que o envolve o convence de que é alguém do céu que lhe fala, e ele respeita aquilo que lhe parece vir do céu. *Quem és, Senhor? Qual é o teu nome?* (Jz 13.17; Gn 32.29). Observe que as pessoas se enchem de esperança quando começam a perguntar por Jesus Cristo.

(2) *Saulo* recebe uma resposta imediatamente, na qual temos:

[1] A revelação graciosa e pessoal de *Jesus* para *Saulo*. Ele sempre está pronto a responder as perguntas investigativas e sérias daqueles que desejam conhecê-lo: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues* (v. 5). O nome de *Jesus* não lhe era desconhecido. Seu coração se revoltara contra esse nome muitas vezes, e com alegria ele o faria cair no esquecimento. Ele sabia que era o nome que ele perseguia, mas nem imaginava que o ouviria do céu, ou em meio à tamanha glória que agora o cercava. Perceba que *Jesus* traz as pessoas para comunhão com Ele se manifestando pessoalmente a elas. Ele disse, em primeiro lugar: *Eu sou Jesus*, o Salvador. *Eu sou Jesus, o Nazareno* (cap. 22.8). *Saulo* o chamava assim quando contra Ele blasfemava: "Eu sou aquele mesmo *Jesus* a quem tu acostumavas chamar com desprezo 'Jesus, o Nazareno'". Ele mostraria que agora que Ele está na sua glória não se envergonha da sua humilhação. Em segundo lugar: "*Eu sou Jesus, a quem tu persegues*. Portanto, o risco é teu se tu persistires em continuar neste curso mau". Não há nada mais eficaz para despertar e humilhar os pecadores do que eles verem o pecado que cometem contra Jesus, sendo uma afronta para Ele e uma contradição aos seus desígnios.

[2] A reprovação gentil de *Jesus*: *Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões* (v. 5) – dar soco em ponta de faca. É *duro*, é em si mesmo uma coisa absurda e má, e será de conseqüência fatal para aquele que o fizer. Essas recalcitrações *contra os aguilhões* que abafam e sufocam as convicções da consciência, que se rebelam contra as verdades e leis de Deus, que brigam com as

providências divinas e que perseguem e se opõem aos seus ministros, porque eles as reprovam, e as suas palavras são como pontas de ferro (*aguilhões*) e pregos. Aqueles que se revoltam cada vez mais quando são atingidos pela palavra ou vara de Deus, que se enfurecem com as reprovações e insultam os reprovadores, recalcitram *contra os aguilhões* e terão muito a prestar contas.

6. Por fim, a rendição de *Saulo* ao Senhor *Jesus* (v. 6). Veja aqui:

(1) A disposição mental e temperamento nos quais *Saulo* estava quando *Jesus* estivera tratando dele. [1] *Saulo* tremia (v. 6) como alguém que estava com muito medo. Observe que as convicções fortes, dadas pelo bendito Espírito, farão o pecador-alvo tremer. Esses indivíduos não têm escolha senão tremer ao verem que o Deus eterno foi provocado contra eles, que a criação inteira está em guerra com eles e que a própria alma encontra-se à beira da ruína! [2] *Saulo* ficou *atônito* (v. 6), muito surpreso e espantado, como alguém que é levado a um país estrangeiro, que não sabe em que ambiente está. Note que a obra convincente e convertedora de *Jesus* é surpreender o pecador e enchê-lo de admiração. "O que é isto que Deus está fazendo comigo? O que mais Ele vai fazer?"

(2) As palavras de *Saulo* para *Jesus*, quando aquele estava nesta disposição mental e temperamento: *Senhor, que queres que faça?* (v. 6). Podemos considerar esta pergunta: [1] Como um pedido sério de *Saulo* pelos ensinamentos de Cristo: "*Senhor* (v. 6), eu percebo que até aqui tenho estado fora dos teus caminhos. Tu tens me mostrado meus erros, corrigindo-me. Tu descobriste os meus pecados, descubra-me também o caminho do perdão e da paz". É igual a: *Que faremos, varões irmãos?* (cap. 2.37). Observe que o desejo sério de ser instruído por *Jesus* no caminho da salvação é prova clara de que a boa obra começou na alma. Ou: [2] Como uma resignação sincera de *Saulo* à direção e governo do Senhor Jesus. Esta foi a primeira palavra que a graça comunicou a *Saulo*, e assim começou uma vida espiritual: *Senhor* [*Jesus*], *que queres que faça?* (v. 6). Ele não sabia o que tinha de fazer? Em seu bolso não havia uma procuração? O que mais ele tinha de fazer senão executá-la? Chega! Ele já fizera muito desse trabalho, e agora resolveu mudar de mestre e se empregar melhor. Agora não é: "Que tarefa o sumo sacerdote e os anciãos terão para eu fazer? O que meus apetites e paixões vis dirão para eu fazer?" Mas: *Que queres que* eu *faça?* A grande mudança na conversão é operada na vontade, que consiste em sua resignação à vontade de *Jesus*.

(3) A orientação geral que *Jesus* deu a *Saulo* em resposta à pergunta feita: *Levanta-te e entra na cidade* (v. 6) de Damasco, que está perto de ti, *e lá te será dito o que te convém fazer*. É muito animador ter a promessa de mais instruções, mas: [1] *Saulo* não receberá mais instruções agora. Em breve lhe será dito o que ele tem de fazer. Por ora, ele tem de permanecer no que lhe foi dito e se aperfeiçoar nisso. Ele deve refletir no que fez perseguindo *Jesus*, humilhar-se muitíssimo por isso, para que então lhe seja dito o que mais ele tem de fazer. [2] *Saulo* não receberá mais instruções por este meio, por uma voz do céu, pois está claro que ele não suportará. Ele está *tremendo e atônito* (v. 6). Um homem como ele lhe dirá o que ele tem de fazer, cujo terror não o deixará amedrontado, nem sua mão lhe será pesada, que era o que Israel desejou no monte Sinai. Ou é indicação de que levaria certo tempo para outras e maiores manifestações de *Jesus* para *Saulo*, quando ele tivesse se recomposto e este espanto tivesse acabado. *Jesus* se manifesta aos seus por etapas. Tanto o que Ele faz quanto o que Ele quer que eles façam, embora não saibam agora, saberão depois.

7. Até que ponto os companheiros de viagem de *Saulo* foram afetados pelo episódio miraculoso e que impressão isso lhes causou. Eles caíram em terra, a seu exemplo, mas se levantaram sem a necessidade de receberem ordem, ao passo que ele ficou caído em terra e só se levantou quando recebeu a ordem: *Levanta-te* (v. 6). É que ele ficou debaixo de uma carga mais pesada que os outros. Mas, quando *os varões, que iam com* [*Saulo*], se levantaram (v. 7): (1) Eles *pararam espantados*, confusos, e isso era tudo. Eles estavam na mesma missão má em que *Saulo* estava, e talvez, no melhor de suas forças, eram tão rancorosos quanto ele. Não somos informados se algum deles se converteu, embora tivessem visto a luz, caíssem em terra e ficassem *espantados* pelo episódio. Não há meio externo que, por si só, ocasione a mudança na alma, sem que operem o Espírito e a graça de Deus, que distinguem uns dos outros. Dentre este grupo que viajava junto, um é tomado, e os outros são deixados. Eles *pararam espantados*, ou "emudecidos" (versão RA). Nenhum deles disse: *Quem és, Senhor?*, ou: *Senhor, que queres que faça?*, como fez *Saulo*. Nenhum dos filhos de Deus nasce emudecido. (2) Eles ouviam *a voz, mas não* viam *ninguém*. Eles ouviam *Saulo* falar, mas não viam com quem falava, nem ouviam claramente o que lhe era dito. Isto se harmoniza com a descrição deste mesmo episódio registrada no capítulo 22.9: *Os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito* (o medo era compreensível, pois eles não viam ninguém na luz como *Saulo* via), e que eles *não ouviram a voz daquele que falava* com *Saulo*, para que entendessem o que Ele dizia, embora ouvissem um ruído confuso. Assim, *os varões* que seriam instrumentos da raiva de *Saulo* contra a igreja servem de testemunhas do poder de Deus que caiu sobre ele.

8. Em que condição *Saulo* ficou depois do episódio miraculoso (vv. 8,9). (1) *Saulo levantou-se da terra* (v. 8), quando *Jesus* o ordenou, mas provavelmente não sem ajuda. A visão o deixou tão abatido e fraco, não direi como Belsazar, quando *as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um no outro* (Dn 5.6), mas como Daniel, quando por causa da visão que teve ele ficou sem força alguma (Dn 10.16,17). (2) *Saulo* [...], *abrindo os olhos* (v. 8), descobriu que ficara cego. Ele *não via a ninguém*, a nenhum dos *varões* que o acompanhavam na missão, que imediatamente passaram a ocupar-se com ele. Não foi tanto esta luz brilhante que, *deslumbrando os seus olhos, os escureceram – nimium sensibile loedit sensum*, pois então os que estavam com ele também teriam perdido a visão. Foi a visão de *Jesus*, que os demais não tiveram, que causou este efeito em *Saulo*. A visão cristã da glória de Deus na face de Cristo deslumbra os olhos de todas as coisas aqui da terra. *Jesus*, para dar outras e maiores revelações de si

e do seu evangelho para *Saulo*, tirou-lhe a visão de outras coisas, das quais ele tinha de desviar o olhar, para que visse *Jesus* e tão-somente Ele. (3) Os companheiros de viagem de *Saulo, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco* (v. 8). Não sabemos se foram a uma hospedaria ou à casa de um amigo. Aquele que pensava conduzir os discípulos de Jesus prisioneiros e cativos para Jerusalém foi ele mesmo conduzido prisioneiro e cativo a Jesus para Damasco. Ele aprendeu que precisava da graça de *Jesus* para conduzir a sua alma (sendo naturalmente cego e passível de erro) em toda a verdade. (4) *Saulo* fica *sem ver* (v. 9) e em jejum por *três dias*, pois *não comeu, nem bebeu*. Não sou de opinião, como certos estudiosos, que foi neste período que ele foi arrebatado até ao terceiro céu (2 Co 12.1-4). Pelo contrário, temos razão em pensar que durante todo esse tempo ele estava no *ventre do inferno* (Jn 2.2), sofrendo os terrores de Deus pelos seus pecados, que agora eram colocados em fila diante dele. Ele estava na escuridão concernente ao seu próprio estado espiritual, e estava tão ferido em espírito pelos pecados cometidos que não conseguia apreciar nem comida nem bebida.

Ananias É Enviado para Saulo. Ananias Restaura a Visão de Saulo. Saulo se Associa com os Discípulos. Saulo Prega Cristo em Damasco
vv. 10-22

O caminho de Deus é perfeito (2 Sm 22.31). Se Ele *começou a boa obra*, ele *a aperfeiçoará* (Fp 1.6). A boa obra começou em *Saulo* quando ele foi levado aos pés de Jesus naquela palavra: *Senhor, que queres que* eu *faça?* (v. 6). Jesus nunca abandona ninguém que chega a esse ponto. Embora *Saulo* fosse mortificado tristemente quando permaneceu três dias cego, ele não foi abandonado. Jesus cuida da obra das suas mãos. Aquele que despedaçou, sarará, aquele que fez a ferida, a ligará (Os 6.1), aquele que convenceu, consolará.

I Ananias recebe a ordem de ir cuidar de *Saulo*, curá-lo e ajudá-lo, *pois, ainda que entristeça a alguém*, Deus *usará de compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias* (Lm 3.32).

1. A pessoa usada é *um certo discípulo chamado Ananias* (v. 10). Não era alguém que recentemente fugira de Jerusalém e fora para lá, mas se tratava de um nativo de Damasco, pois está registrado (cap. 22.12) que ele era *varão piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam*. Fazia pouco tempo que ele recebera o evangelho e entregara seu nome para Cristo, e, pelo visto, exercia as funções de ministro, ao menos *pro hac vice – nesta ocasião*, embora não pareça que ele foi ordenado por mãos apostólicas. Mas por que não foram enviados de Jerusalém alguns dos apóstolos para esta importante ocasião, ou não foi enviado o evangelista Filipe que há pouco batizara o eunuco e poderia ter sido levado para lá pelo Espírito em pouco tempo? Certamente porque Jesus emprega diversidade de mãos em serviços eminentes para que a honra não seja monopolizada por uns poucos, porque Ele daria trabalho nas mãos de seus servos humildes e pouco conhecidos e, assim, os honraria a fim de incentivá-los e ainda porque Ele nos dirige a fazer muito dos ministros que estão onde nossa sorte é lançada, se eles ordenam misericórdia para serem fiéis, embora não sejam dos mais eminentes.

2. A instrução dada a *Ananias* é investigar tal *casa*, provavelmente uma hospedaria, e perguntar por *um homem de Tarso chamado Saulo* (v. 11). Jesus, *em visão*, chamou *Ananias* pelo nome (v. 10). É provável que esta não tenha sido a primeira vez que ele ouvira as palavras de Deus e tivera as visões do Todo-poderoso, pois, sem terror ou perplexidade, ele responde prontamente: "*Eis-me aqui, Senhor!* (v. 10). Eu estou pronto para ir aonde quer que me mandares e fazer tudo que tu me ordenares". *Vai* (v. 11), então, disse Jesus, *à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas* (onde os estrangeiros costumam se hospedar) *por um homem de Tarso chamado Saulo*. Veja que Jesus sabe muito bem onde encontrar os que lhe pertencem quando estão passando por suas angústias. Se seus parentes não sabem o que é feito deles, eles têm um amigo no céu que sabe em que rua, em que casa e até em que disposição mental se acham: Ele conhece as almas que estão em adversidade.

3. Jesus dá duas razões por que *Ananias* tem de procurar este estranho e lhe oferecer seus préstimos:

(1) Porque *eis que ele está orando* (v. 11), e a ida de *Ananias* a ele é a resposta à oração. Esta é uma razão: [1] Por que *Ananias* não precisava ter receio de *Saulo*, como diz (vv. 13,14). Não há dúvida, disse Jesus, que *Saulo* é um verdadeiro convertido, *pois eis que ele está orando*. A palavra *eis* denota a certeza do fato: "Certifica-te de que é assim; vai e vê". Jesus estava tão feliz por achar *Saulo* orando que Ele quer que os outros também o vejam: *Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida* (Lc 15.6). A palavra *eis* também denota a estranheza do fato: "Vê e maravilha-te, pois aquele que há pouco respirava nada mais que ameaças e morte, agora respira nada mais que oração". Mas era coisa estranha *Saulo* orar? Ele não era fariseu? Não temos razão em pensar que ele tinha o hábito de orar, como os outros fariseus oravam, fazendo longas orações em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas? (Mt 6.5). Sim, mas agora ele começou a orar de outra maneira. Antes ele repetia suas orações de forma mecânica, agora ele orava espontaneamente. Note que a graça regeneradora sempre coloca as pessoas em oração. É mais fácil encontrar um homem vivo sem respirar do que um cristão vivo sem orar. Se não respira, está morto. Se não ora, não tem a graça. [2] Por que *Ananias* tem de ir a toda pressa ao encontro de *Saulo*. Não é hora para delongas, *pois eis que ele está orando* (v. 11). Quando o bebê chora, a mãe amorosa terá pressa em lhe dar o peito. *Saulo* aqui, como Efraim, está se queixando, como um novilho ainda não domado, e escoiceando *contra os aguilhões*. "Oh! vai depressa e diz-lhe que ele é *um filho precioso, uma criança das minhas delícias*. Depois que Eu falei *contra ele* por me perseguir, *ainda me lembro dele solicitamente*" (Jr 31.18-20). Perceba em que condições *Saulo* agora se acha. Ele estava sob convicção de pecado, *tremendo e atônito* (v. 6). A colocação dos pecados em fila diante de nós deve-nos levar à oração. Ele estava sob aflição física, cego

e doente. *Está alguém entre vós aflito? Ore* (Tg 5.13). Jesus lhe prometera que lhe daria mais instruções sobre o que ele deveria fazer (v. 6). Por isso, ele ora para que alguém lhe seja enviado para instruí-lo. Veja que devemos orar pelo que Deus nos prometeu. Deus deve ser indagado sobre isso e em particular por sua instrução divina.

(2) Porque *numa visão [Saulo] viu que entrava um homem* (v. 12) para lhe restaurar a visão. A chegada de *Ananias* é a resposta da *visão*, pois era de Deus. *Ele viu [...] um homem chamado Ananias* (v. 12), que és tu que adentravas oportunamente para socorrê-lo *e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver*. Podemos considerar esta *visão* que *Saulo* teve: [1] Como resposta imediata à sua oração e à manutenção dessa comunhão com Deus, na qual ele entrara pela oração. *Saulo* apresentara, na oração, a miséria da sua situação diante de Deus, e agora Deus se manifesta a si mesmo e as intenções amáveis da sua graça para com ele. É muito animador saber os pensamentos de Deus para nossa vida. [2] Como intenção para aumentar suas esperanças e lhe tornar a chegada de *Ananias* mais receptiva. *Saulo* o receberia prontamente como mensageiro de Deus, caso lhe fosse falado de antemão, *numa visão*, que alguém com esse nome surgiria. Perceba como é maravilhoso reunir o médico espiritual e o seu paciente. Aqui ocorreram duas visões para esse propósito. Quando Deus, em sua providência, faz essa reunião sem visões, Ele leva um mensageiro à alma aflita, um intérprete, um entre mil, para mostrar ao homem a retidão divina, ela deve ser reconhecida com gratidão ao seu louvor.

II *Ananias* opõe-se ao seu encontro com *Saulo*, e o Senhor lhe responde a objeção. Veja como o Senhor é condescendente em admitir que o seu servo argumente com Ele.

1. *Ananias* alega que este *Saulo* era perseguidor notório dos discípulos de Jesus (vv. 13,14). (1) *Saulo* fora esse perseguidor em Jerusalém: "*Senhor, de muitos ouvi acerca deste homem* (v. 13), que inimigo maldoso ele é ao evangelho de Cristo. Todos que se espalharam com a última perseguição, muitos dos quais vieram para Damasco, contam *quantos males* ele *tem feito aos teus santos em Jerusalém*, que ele é o perseguidor mais rancoroso e violento de todos e o líder desse mal – que prejuízos ele tinha causado para a igreja: não havia homem de quem os cristãos tinham mais medo – não, exceto o sumo sacerdote – do que *Saulo*". (2) "A missão de *Saulo* para Damasco nesta ocasião é perseguir a cada um de nós, cristãos: *Aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome* (v. 14), para tratar os adoradores de Cristo como terríveis criminosos." Por que *Ananias* faz esta objeção? "Eu não lhe devo os meus préstimos. Por que eu deveria fazer uma bondade a quem nos fez e quis fazer tanta maldade?" Mas Jesus nos ensinou outra lição: fazer o bem a quem nos faz o mal e orar por nossos perseguidores (Mt 5.44). Mas se *Saulo* é tal perseguidor dos cristãos: [1] Será seguro *Ananias* encontrar-se com *Saulo*? Ele não estará se lançando como cordeiro na boca do leão? E, se ele se colocar assim em dificuldade, ele não será culpado por esta imprudência? [2] Haverá algum propósito para *Ananias* encontrar-se com *Saulo*? Será que tal coração duro pode ser amolecido, ou tal etíope mudará a cor da sua pele?

2. Jesus não aceita a objeção de *Ananias* (vv. 15,16): "Tu não precisas me dizer como *Saulo* foi mau, pois Eu o conheço muito bem. Mas *vai* por teu caminho a toda pressa e lhe dá toda ajuda que puderes, *porque este é para mim um vaso*, ou "instrumento" (versão RA), *escolhido* (v. 15). Eu tenho confiança nele, portanto não há necessidade de teres medo dele". Ele era *um vaso* no qual o tesouro-evangelho deveria se instalar para servir de veículo para muitos. Era *um vaso* de barro (2 Co 4.7), mas *um vaso escolhido*. O *vaso* que Deus usa, Ele mesmo escolhe. É justo que Ele mesmo escolha os instrumentos que Ele usa: *Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós* (Jo 15.16). Ele é um *vaso* de honra, e não deve ser negligenciado em atual penúria, nem jogado fora como um *vaso* quebrado e imprestável ou um *vaso* no qual não há prazer. *Saulo* é nomeado: (1) Para prestar serviços eminentes: *Levar o meu nome diante dos gentios* (v. 15). Ele será o apóstolo dos gentios, levando o evangelho às nações pagãs. O nome de Jesus é o padrão pelo qual as almas devem ser reunidas e sob o qual devem ser registradas, e *Saulo* é o portador-padrão. Ele tem de levar o nome de Jesus para testemunhar de Jesus perante *reis*, o rei Agripa e o próprio César, e perante os *filhos de Israel*, embora muitos já estivessem ocupados trabalhando entre eles. (2) Para ter sofrimentos eminentes: *Eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome* (v. 16). Aquele que fora perseguidor agora ele mesmo será perseguido. O fato de Jesus mostrar isso para *Saulo* dá a entender, talvez, que Ele o conduzirá a estas provações, como diz Salmos 60.3: *Fizeste ver ao teu povo duras coisas*. Ou Ele o avisa sobre estes acontecimentos futuros para que ele não se surpreenda quando acontecerem. Note que os que levam o *nome* de Jesus terão de levar a cruz pelo seu *nome*. Os que fazem mais por Jesus são chamados a *padecer* mais por Ele. *Saulo* tem de *padecer* grandes coisas (subentendido na palavra *quanto*). Há quem pense que estas palavras eram um consolo vazio para um recém-convertido. Mas é o mesmo que dizer a um soldado de espírito corajoso e valente, quando ele se alista, que em breve ele entrará em ação no campo de batalha. Os sofrimentos de *Saulo* por Cristo redundarão muitíssimo para a honra de Cristo e para o serviço da igreja. Serão sofrimentos muito bem equilibrados com as consolações espirituais e recompensados com a glória eterna, que de modo nenhum lhe é desanimador ficar sabendo de antemão *quanto* ele tem de sofrer pelo *nome* de Cristo.

III Comissionado por Jesus para encontrar-se com *Saulo*, *Ananias* parte imediatamente e obtém bons resultados. Ele levantara objeções para encontrar-se com ele, mas, quando cada uma delas lhe foi respondida, retira-as e não insiste mais nelas. Quando as dificuldades são afastadas, o que temos de fazer é continuar o nosso trabalho e não ficar presos a objeções.

1. *Ananias* entregou sua mensagem para *Saulo* (v. 17). Provavelmente o achou na cama e o tratou como paciente. (1) *Ananias* impôs *as mãos* sobre *Saulo* (v. 17). Conforme a promessa de Jesus, um dos sinais que seguiriam os que cressem era que eles poriam as mãos sobre

os enfermos e os curariam (Mc 16.17,18). Foi com essa intenção que *Ananias* impôs as mãos sobre ele. *Saulo* foi a Damasco para pôr mãos violentas sobre os discípulos de Jesus, mas aqui um discípulo de Jesus põe mãos curadoras e ajudadoras sobre ele. *Os homens sanguinários aborrecem aquele que é sincero, mas os retos procuram o seu bem* (Pv 29.10). (2) *Ananias* chamou *Saulo* de *irmão* (v. 17), porque ele foi feito participante da graça de Deus, embora ainda não fosse batizado. Sua prontidão em reconhecê-lo como *irmão* lhe deu a entender a prontidão de Deus em reconhecê-lo como filho, mesmo que ele tivesse sido blasfemo de Deus e perseguidor dos seus filhos. (3) *Ananias* realiza sua missão da mesma mão que agarrara *Saulo* no caminho e que agora o mantinha em custódia. "Aquele mesmo *Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas* (v. 17) e te convenceu do pecado de perseguí-lo, *me enviou* agora para te consolar." *Una eademque manus vulnus opemque tulit – A mão que feriu cura.* "Sua luz te deixou cego, mas Ele *me enviou* a ti *para que tornes a ver*; pois o propósito não era cegar teus olhos, mas os encantar para que visses as coisas por outra luz. Aquele que pôs barro em teus olhos *me enviou* para que tu os lavasses a fim de que eles sejam curados." *Ananias* poderia entregar sua mensagem a *Saulo* muito apropriadamente nas palavras do profeta Oséias: *Vinde, e tornemos para o SENHOR, porque ele despedaçou e nos sarará, fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos dará a vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele* (Os 6.1,2). Não serão mais aplicados agentes corrosivos, mas agentes lenitivos. (4) *Ananias* garante a *Saulo* que ele não só terá sua visão restabelecida, mas será *cheio do Espírito Santo* (v. 17). Já que ele será apóstolo, não deve em nada ficar atrás do principal dos apóstolos. Ele tem de receber o *Espírito Santo* imediatamente, e não, como os outros, pela interposição dos apóstolos. O fato de Ananias impor *as mãos* sobre ele, antes de ele ser batizado, tem como alvo conceder o *Espírito Santo*.

2. *Ananias* viu de dois modos os bons resultados da sua missão. (1) No favor de Jesus para com *Saulo*. Pela palavra de *Ananias*, *Saulo* foi liberado da prisão através do restabelecimento da visão. A missão de Jesus de abrir a prisão aos presos (Is 61.1) é explicada pela doação de visão aos cegos (Lc 4.18; Is 42.7). A missão de Jesus é abrir os olhos dos cegos e tirar os prisioneiros da prisão. *Saulo* é libertado do espírito de escravidão pelo recebimento da visão, que foi representado pela queda imediata e instantânea de *umas escamas* dos seus *olhos* (v. 18). A cura foi súbita para mostrar que foi milagrosa. Isto significava sua recuperação: [1] Da escuridão do seu estado não convertido. Quando *Saulo* perseguia a igreja de Deus e andava no espírito e caminho dos fariseus, ele era cego. Ele não via o significado da lei ou do evangelho (Rm 7.9). Jesus disse muitas vezes aos fariseus que eles eram cegos e que não podia conscientizá-los disso. Eles diziam: *Vemos* (Jo 9.41). *Saulo* é salvo da sua cegueira farisaica, conscientizando-se dela. Note que a graça convertedora abre os olhos da alma e faz as *escamas* caírem, abrindo os olhos dos homens e os tirando das trevas para a luz (cap. 26.18). Com essa finalidade, *Saulo* foi enviado aos gentios, para a pregação do evangelho; por isso, ele tem de experimentá-lo primeiro. [2] Da escuridão dos seus terrores presentes, sob o medo da culpa que lhe pesava a consciência, e sob a ira de Deus contra ele. Essa situação o deixou totalmente aturdido durante os três dias que ficou cego, como Jonas durante os três dias que ficou no ventre do inferno. Mas agora *umas escamas* caíram dos seus *olhos* (v. 18), as nuvens se dispersaram e o Sol da justiça nasceu em sua alma, trazendo-lhe cura debaixo das suas asas (Ml 4.2). (2) Na sujeição de *Saulo* a Jesus. Ele foi batizado e, desse modo, submeteu-se ao governo de Cristo e se dispôs na graça de Cristo. Assim ele entrou na escola de Cristo, passou a fazer parte de sua família, alistou-se sob sua bandeira e se uniu a Ele incondicionalmente. A guerra foi ganha: acabou. Agora *Saulo* é discípulo de Jesus, que não só deixa de lhe fazer oposição, mas se dedica inteiramente ao seu serviço e honra.

IV A boa obra começada em *Saulo* é continuada maravilhosamente. Este cristão recém-nascido, embora parecesse *um nascido fora de tempo* (1 Co 15.8, versão RA), em pouco chegará à maturidade.

1. *Saulo* recebeu sua força física (v. 19). Ele jejuara por três dias, o que, somado ao grande peso que por todo aquele tempo estava sobre seu espírito, o deixara muito fraco. Mas, *tendo comido, ficou confortado* (v. 19), ou "depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido" (versão RA). *O Senhor é para o corpo* (1 Co 6.13), por isso devemos cuidar do corpo e mantê-lo em boas condições. Assim, ele será adequado para servir à alma que serve a Deus, e Cristo será nele engrandecido (Fp 1.20).

2. *Saulo* se associou com os discípulos que estavam em Damasco, entrou em contato com eles, conviveu com eles, participou de suas reuniões e esteve em comunhão com eles. Recentemente, respirara ameaças e mortes contra eles, mas agora respira amor e afeto. Agora *morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará* (Is 11.6). Note que os que recebem Deus por seu Deus recebem o seu povo por seu povo. *Saulo* se associou com os discípulos, porque agora via amabilidade e excelência neles, porque os amava e achava que aumentou em conhecimento e graça convivendo com eles. Desse modo, fez confissão da sua fé cristã e abertamente se declarou discípulo de Cristo, associando-se com os que eram os seus discípulos.

3. *Saulo* pregou *Jesus* [...] *nas sinagogas* (v. 20). Ele teve um chamado extraordinário e uma qualificação ímpar para pregar *Jesus*, pois Deus lhe revelou seu Filho imediatamente para que ele o pregasse (Gl 1.15,16). Ele estava tão cheio do próprio Cristo que o Espírito em seu interior o constrangia (Jó 32.18) a pregar aos outros, e, como Eliú, a falar para se desafogar (Jó 32.20, versão RA). Observe: (1) Onde *Saulo* pregava: Ele *pregava* [...] *nas sinagogas* dos judeus (v. 20), porque o evangelho tinha de ser oferecido primeiramente aos judeus. As sinagogas eram lugares de encontro, onde eles se reuniam. Lá costumavam pregar contra Cristo e castigar seus discípulos. O próprio *Saulo* os castigara *muitas vezes por todas as sinagogas* (cap. 26.11). Justamente por isso, ele teria de enfrentar os inimigos de Jesus lá, onde seriam mais ousados – e confessaria abertamente o cristianismo onde teria maior oposição. (2) O que *Saulo* pregava: Ele *pregava a Jesus* (v. 20). Quando começou a ser pregador, ele fixou esta máxima por seu princípio ao qual se manteve firme desde então: *Não nos pregamos a nós mesmos, mas a*

Cristo Jesus, o Senhor (2 Co 4.5); nada mais que *Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2). Ele pregava Cristo, *o Filho de Deus*, seu Filho amado, em quem Ele se comprazia. (3) Como as pessoas foram afetadas pela conversão de *Saulo*: "*Todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome*? (v. 21). Agora é ele que invoca *este nome*, persuade outros a invocá-lo e fortalece as mãos dos que o fazem". *Quantum mutatus ab illo – Oh! Que mudança! Está também* [*Saulo*] *entre os profetas?* (1 Sm 10.11). Mas ele não veio até aqui com este propósito: prender todos os cristãos que encontrar *para os levar cativos aos principais dos sacerdotes?* (v. 21). Sim, veio. Quem teria imaginado que ele algum dia pregaria Jesus Cristo? Indubitavelmente, muitos viam como forte confirmação da verdade do cristianismo o fato de alguém, que fora perseguidor notório do evangelho, tornar-se, de uma hora para outra, pregador inteligente, estrênuo e pleno do evangelho. Este milagre no espírito de tal homem excedia em magnitude os milagres no corpo físico. Dar a um homem semelhante coração diferente era mais que dar aos homens o dom de falar em outras línguas.

4. *Saulo* rebateu e confundiu os que eram contra a doutrina de Cristo (v. 22). Ele se tornou notável não só no púlpito, mas também nas escolas e se mostrou sobrenaturalmente habilitado para pregar a verdade, mantê-la e defendê-la, quando a pregava. (1) *Saulo* aumentou em força. Ele se tornou mais estreitamente familiarizado com o evangelho de Cristo, e os seus sentimentos piedosos se fortaleceram. Ele se tornou ainda mais corajoso, ousado e resoluto na defesa do evangelho: Ele *se esforçava muito mais* (v. 22) por causa das críticas que lhe lançavam (v. 21). Seus novos amigos o censuraram por ter sido perseguidor, e seus velhos amigos o censuravam por agora ser um renegado. Mas *Saulo*, em vez de se desanimar por causa dessas observações sobre sua conversão, deixava-se incentivar ainda mais, achando que eram recursos imediatos mais do que suficientes para responder o que dissessem dele. (2) *Saulo* venceu seus antagonistas e confundiu *os judeus que habitavam em Damasco* (v. 22). Ele os silenciou e os envergonhou, respondendo plenamente suas objeções para o contentamento de todas as pessoas indiferentes, e os assediou com argumentos para os quais eles não sabiam o que responder. Ao mesmo tempo, em todos os discursos com os judeus, ele provava que esse Jesus *era o Cristo*, o Ungido de Deus, o verdadeiro Messias prometido aos pais. Ele estava *provando, symbibazon – afirmando e confirmando*, ensinando com persuasão. Temos razão em pensar que ele foi o instrumento para converter muitos à fé cristã e para edificar a igreja *em Damasco*, para onde ele fora com o propósito de causar dano. Assim, *do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte* (Jz 14.14).

Os Judeus Tramam Matar Saulo. Saulo É Recebido pelos Apóstolos. A Prosperidade da Igreja

vv. 23-31

Lucas não menciona a viagem de *Saulo* à Arábia, a qual ele mesmo nos informa que fez imediatamente depois de se converter (Gl 1.16,17). Assim que Deus revelou *seu Filho em Saulo para que o pregasse entre os gentios*, ele não subiu a *Jerusalém* para receber instruções dos apóstolos (como qualquer outro convertido teria feito a fim de ser nomeado para o ministério), mas foi para a Arábia, onde havia novos campos para abrir e onde teria oportunidade de ensinar, mas não de aprender. De lá, voltou para Damasco, onde, três anos depois da conversão, aconteceu a história registrada aqui.

I *Saulo* encontrou dificuldades em Damasco e teve de fugir para não ser morto. Observe: 1. Qual o perigo que *Saulo* correu: *Os judeus tomaram conselho entre si para o matar* (v. 23). Eles estavam mais enfurecidos com ele do que com qualquer outro pregador do evangelho, pois ele era mais vigoroso e ardoroso em sua pregação do que os outros e ainda mais fecundo. Havia também o fato de ele ser desertor notável, e, com isso, sua posição cristã consistir num testemunho contra eles. *Os judeus* [...] *guardavam as portas, tanto de dia como de noite, para poderem tirar-lhe a vida* (v. 24). Eles inflamaram o governador contra Saulo, reputando-o homem de alta periculosidade. Diante isso, o governador mandou uma guarda vigiar a cidade para prendê-lo quer entrasse ou saísse (2 Co 11.32). Jesus estava mostrando para *Saulo* quanto ele devia padecer pelo seu nome (v. 16), pois era sério o governo estar em armas contra ele e, junto com todos os outros sofrimentos que padeceu mais tarde, ajudou a torná-lo profícuo. Tão logo *Saulo* se tornou cristão, tornou-se pregador; tão logo se tornou pregador, tornou-se sofredor. Foi muito depressa sua subida até o ápice. Note que sempre que Deus concede grande graça, Ele comumente a exercita com grandes provações. 2. Como *Saulo* foi liberto. (1) A trama contra *Saulo* foi descoberta: *Mas as suas ciladas vieram ao conhecimento de Saulo* (v. 24), pelo serviço de inteligência, não sabemos se dos céus ou dos homens. (2) *Os discípulos* (v. 25) deram um jeito de ajudar *Saulo* a fugir. De dia, provavelmente o esconderam; *de noite*, visto que *eles guardavam as portas* (v. 24) para que não fugisse, eles *o desceram, dentro de um cesto, pelo muro* (v. 25), como ele mesmo relata: *E assim escapei das suas mãos* (2 Co 11.33). Esta história nos mostra que ao entrarmos nos caminhos do Senhor teremos provações. Devemos, portanto, nos preparar adequadamente, visto que *sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos* (2 Pe 2.9) e, *com a tentação dará também o escape* (1 Co 10.13), para que não nos intimidemos nem nos afastemos dos caminhos do Senhor.

II *Saulo* encontrou dificuldades na primeira vez que esteve em *Jerusalém* depois da sua conversão: *Saulo chegou a Jerusalém* (v. 26). Alguns estudiosos defendem que esta é a viagem a *Jerusalém* à qual ele se refere em Gálatas 1.18: *Depois, passados três anos, fui a Jerusalém*, escreveu ele, *para ver a Pedro e fiquei com ele quinze dias*. Mas sou mais propenso a crer que esta viagem aconteceu antes daquela, porque, *entrando e saindo* (v. 28), ele *falava e disputava* (v. 29), condição que exigiria mais tempo do que sua permanência de quinze dias (pois não foi mais do que isso). Além disso, agora veio como estranho e, naquela ocasião, ele tinha vindo

historesai – para conferenciar com Pedro, como alguém de quem era próximo. Entretanto, também é possível que tais viagens sejam as mesmas. Agora observe:

1. Como foram desconfiados os amigos de *Saulo*: *Quando Saulo chegou a Jerusalém* (v. 26), ele não se dirigiu aos principais dos sacerdotes e fariseus (há muito ele se desmembrara deles), mas *procurava ajuntar-se aos discípulos*. Aonde quer que fosse, ele se reconhecia integrante do povo menosprezado e perseguido, associando-se com eles. Em sua opinião, eles eram os ilustres da terra, em quem estava todo o seu prazer (Sl 16.3). Ele desejava conhecê-los pessoalmente e ser admitido em comunhão com eles. Mas eles o rejeitavam, fechavam-lhe as portas e não empreendiam seus exercícios religiosos caso ele estivesse por perto, porque *todos o temiam*. Pode ser que *Saulo* tenha pensado que estivesse em sérias dificuldades quando os judeus o abandonaram e o perseguiram e quando os cristãos não o recebiam nem o acolhiam. Por isso, ele entra em diversas tentações e precisa das *armas da justiça*, como todos nós precisamos, *à direita e à esquerda* (2 Co 6.7), para que não desanimemos com o tratamento injusto de nossos inimigos ou com o tratamento grosseiro de nossos amigos. (1) Qual foi o motivo da desconfiança dos *discípulos*: Eles não criam que *Saulo* [...] *fosse discípulo* (v. 26), mas que fingia e estava entre eles como espião ou informante. Os *discípulos* sabiam que perseguidor ferrenho ele fora, com que fúria ele se dirigira a Damasco certo tempo atrás. Desde então, nada mais haviam ouvido dele. Pensavam que não passasse de um lobo vestido de ovelha. Os *discípulos* de Jesus têm necessidade de serem cautelosos com quem eles admitem na sua comunhão. *Não creiais em todo espírito* (1 Jo 4.1). Temos de ser *prudentes como as serpentes* (Mt 10.19) para manter o meio-termo entre os extremos da suspeita, de um lado, e da credulidade, de outro. Contudo, parece mais seguro errar no lado caridoso, porque é caso decidido que é melhor que o joio seja achado entre o trigo do que o trigo seja arrancado e jogado fora do campo. (2) Como foi eliminada a desconfiança dos *discípulos*: *Então, Barnabé, tomando-o* [*Saulo*] *consigo, o trouxe aos apóstolos* (v. 27), que não foram tão escrupulosos como os *discípulos* inferiores, com quem *Saulo* procurara primeiramente *ajuntar-se* (v. 26). *Barnabé contou* [...] *aos apóstolos*: [1] O que *Jesus* fizera para *Saulo*: *No caminho ele vira ao Senhor, e este lhe falara* (v. 27) e fora respondido. [2] O que *Saulo* fizera desde então por *Jesus*: *Em Damasco*, ele *falara ousadamente no nome de Jesus* (v. 27). Não sabemos como *Barnabé* ficou sabendo desses fatos enquanto outros os desconheciam. Talvez ele tivesse estado em Damasco, ou recebido cartas de lá, ou em conversa com alguns damascenos tomado conhecimento dessas informações. Ou, já tivesse conhecido *Saulo* anteriormente nas sinagogas gregas, ou aos pés de Gamaliel, quando então lhe relatou pessoalmente sua conversão não vendo motivo para não lhe dar crédito. Seja como for, convencido, ele eliminou todas as dúvidas que os *apóstolos* tinham em relação a *Saulo*, que não trouxera carta de recomendação dos discípulos *em Damasco*, por entender que não precisava, *como alguns, de cartas de recomendação* (2 Co 3.1). Note que a apresentação de um recém-convertido na comunhão dos crentes é um trabalho excelente, e algo que, quando tivermos oportunidade, devemos estar prontos para fazer.

2. Como foram violentos os inimigos de *Saulo*. (1) *Saulo* foi aceito na comunhão dos discípulos, fato que irritou tremendamente seus inimigos. Os judeus descrentes ficaram irritados ao ver em *Saulo* um troféu da vitória de Cristo e um cativo da sua graça. Justamente aquele que fora tremendo defensor da causa deles. Eles o viam *entrando e saindo* (v. 28) com os *apóstolos* (v. 27) e os ouviam elogiando-o, ou antes, glorificando o Deus que nele estava. (2) *Saulo* mostrou-se vigoroso na causa de Cristo, e isto irritou os seus inimigos ainda mais: Ele *falava ousadamente no nome de Jesus* (v. 29). Veja que os que falam de *Jesus* têm razão para falar *ousadamente*, porque possuem uma boa causa e falam de alguém que, no fim das contas, falará por si mesmo e por eles também. *Os gregos*, ou judeus helenistas, estavam muito desgostosos com *Saulo*, porque ele fora um deles. Entraram em polêmica com ele que, sem dúvida, dirigiu-lhes palavras veementes, como fizera com os judeus em Damasco. Um dos mártires disse: "Embora ela não pudesse entrar em debate por Cristo, ela podia morrer por Cristo". Mas *Saulo* podia fazer as duas coisas. Agora o Senhor *Jesus* saqueou os bens do valente armado em *Saulo* (Mt 12.29), pois a mesma vivacidade natural e fervor de espírito que, enquanto estava na ignorância e incredulidade, fizeram dele um perseguidor fanático e furioso da fé, também fizeram dele um defensor extremamente ousado e zeloso da fé. (3) Isto colocou *Saulo* em perigo de vida, conseguindo escapar por um triz: *Os gregos* (v. 29), quando viram que não podiam lidar com ele nos debates, tramaram silenciá-lo de outro modo. *Eles procuravam matá-lo*, como fizeram com Estêvão quando não puderam resistir ao Espírito com que ele falava (cap. 6.10). É lamentável quando a pessoa tem de recorrer à perseguição como último argumento. Mas a notícia desta trama também vazou, e medidas eficazes foram tomadas para salvaguardar a vida deste jovem defensor: Quando *os irmãos* (v. 30) souberam o que estava tramado contra ele, eles *o acompanharam até Cesaréia*. Eles se lembram de que o assassinato de Estêvão, depois de argumentar com os gregos, fora o começo de uma perseguição cruenta. Tendo medo que tal veia se abrisse novamente, apressaram-se em tirar *Saulo* de cena. Quem foge pode lutar outra vez. Aquele que fugiu de Jerusalém pode servir em *Tarso*, sua cidade natal. Para lá certamente desejaram que ele fosse, esperando que lá pudesse continuar seu trabalho com mais segurança que em Jerusalém. Mas também foi por direção dos céus que ele deixou Jerusalém neste momento, como ele próprio nos informa que Jesus lhe apareceu e lhe ordenou que saísse *apressadamente de Jerusalém* (cap. 22.17,18), porque devia ser enviado aos *gentios* (v. 15). Aqueles para quem Deus tem uma obra serão protegidos de todos os desígnios dos inimigos até que a obra seja completada. As testemunhas de Cristo não podem ser mortas até *acabarem o seu testemunho* (Ap 11.7).

III Agora as igrejas tinham um lampejo cômodo de paz e liberdade: *Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz* (v. 31). *Assim*, quando *Saulo* se converteu, outros também se converteram. Quando esse perseguidor foi vencido, aquietou-se quem ele costumava incomodar. Quando foi embora de Jerusalém, a fúria dos judeus gregos di-

minuiu um pouco, e eles ficaram mais dispostos a serem pacientes com os outros pregadores agora que *Saulo* saíra do caminho.

1. *As igrejas* [...] *tinham paz* (v. 31). Depois da tempestade vem a bonança. Embora seja certo que venham tempos difíceis, também é certo que eles não duram para sempre. Esta era uma trégua dada às igrejas para prepará-las para o próximo embate. As igrejas que foram plantadas estavam principalmente *em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria*, dentro das fronteiras da terra santa. Estas foram as primeiras igrejas cristãs onde o próprio Jesus pusera os alicerces.

2. *As igrejas* aproveitaram bem este intervalo lúcido. Em vez de ficarem mais despreocupadas e descuidadas no dia da prosperidade, elas abundaram mais em seus deveres e fizeram bom uso da tranqüilidade que tinham. (1) *As igrejas* [...] *eram edificadas* (v. 31) na sua santíssima fé. Quanto mais livre e constante prazer elas tinham dos meios de conhecimento e graça, mais elas aumentavam em conhecimento e graça. (2) *As igrejas* andavam *no temor do Senhor* (v. 31). Elas próprias modelavam uma relação divina e santa. Era como viviam, de forma que todos que tinham alguma relação com os membros dessas *igrejas* diziam: Certamente o temor o Senhor reina nesse povo. (3) *As igrejas* andavam *na consolação do Espírito Santo* (v. 31). Elas eram fiéis e alegres na religião. Seus membros se mantinham firmes nos caminhos do Senhor e cantavam nesses caminhos. A *consolação do Espírito Santo* era a *consolação* das *igrejas*, e lhes era a principal fonte de alegria. Elas recorriam à *consolação do Espírito Santo* e viviam com isso, não só em dias de dificuldade e aflição, mas também em dias de paz e prosperidade. As consolações terrenas, mesmo em seus momentos de satisfação mais generosa e plena, não as contentavam sem a *consolação do Espírito Santo*. Note a conexão destes dois: quando *as igrejas* andavam *no temor do Senhor*, então elas andavam na *consolação do Espírito Santo*. Quem anda com prudência anda com mais alegria.

3. Deus abençoou *as igrejas* com aumento de membros: Elas *se multiplicavam* (v. 31). Às vezes, a igreja se multiplica mais quando passa por aflições, como ocorreu com Israel no Egito. Mas se sempre fosse assim, os santos do Altíssimo acabariam sendo exterminados. Em outros períodos de tempo, a paz contribui para o seu crescimento, à medida que aumenta a oportunidade de ministros e incentiva aqueles que, a princípio, têm medo de sofrer. Ou, quando *as igrejas* andavam *no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo*, elas *se multiplicavam*. Os que não são ganhos pela palavra podem ser ganhos pela conversa e intercâmbio social com professores.

A Cura de Enéias

vv. 32-35

Aqui temos:

I A visita que Pedro fez às igrejas recentemente plantadas pelos pregadores que foram dispersos em virtude da perseguição movida pela morte de Estêvão. 1. *Pedro* passou *por toda parte* (v. 32). Como apóstolo, ele não tinha de ser o pastor residente de uma determinada igreja, mas o visitante itinerante de muitas, para confirmar a doutrina de pregadores leigos, conceder o Espírito Santo aos que cressem e ordenar ministros. Ele passou *dia panton – entre todos eles*, que pertenciam às igrejas da Judéia, Galiléia e Samaria mencionadas no capítulo precedente. Semelhante ao seu Mestre, *Pedro* sempre estava se deslocando e andava *fazendo o bem* (cap. 10.38). Mas a sede ainda ficava em Jerusalém, pois lá ele será preso (cap. 12.2). Ele *veio* [...] *aos santos que habitavam em Lida*. Pelo visto, trata-se de Lode, cidade na tribo de Benjamim, mencionada em 1 Crônicas 8.12 e Esdras 2.33. Os cristãos são chamados *santos*, não só os particularmente eminentes, como *Pedro* e Paulo, mas todo aquele que confessar a fé cristã com sinceridade. Estes são os santos na terra (Sl 16.3).

II *Pedro* curou *Enéias, homem* que estivera *oito anos* acamado (v. 33). 1. O caso de *Enéias* era bastante lamentável: Ele *sofria de paralisia* (versão inglesa KJV), uma paralisia completa, talvez uma paralisia fatal. A moléstia estava em último grau, porque ele ficava *numa cama*. Ela era crônica, porque *havia oito anos* que ele jazia *numa cama*. Ele e todos os que sabiam do seu caso não abrigavam mais esperança de cura, tendo estabelecido a conclusão implacável de que ia permanecer *numa cama* até que fosse levado para a sepultura. Jesus escolhia pacientes como este, cuja doença era incurável no andamento natural das coisas, para mostrar quanto era desesperadora a condição da humanidade caída quando Ele empreendeu curá-la. Quando estávamos sem força, como este pobre homem, Jesus *enviou a sua palavra* para nos curar (Sl 107.20). 2. A cura de *Enéias* foi admirável para todos (v. 34). (1) *Pedro* atraiu *Jesus* ao caso de *Enéias*, e o empregou para socorrer o paralítico: *Enéias, Jesus Cristo te dá saúde* (v. 34). *Pedro* não finge fazer a cura por poder próprio, mas declara que foi ato e feito de *Jesus Cristo*. Ele orienta *Enéias* a olhar para *Jesus Cristo* em busca de ajuda e lhe assegura cura *imediata* – não: "Ele te *dará* saúde", mas: "Ele te *dá* saúde" – e cura *perfeita* – não: "Ele te dá *alívio*", mas: "Ele te dá *saúde*". Ele não se expressa por via da oração a *Jesus Cristo* para que este o cure, mas como alguém que tem a autoridade de *Jesus Cristo* e que lhe conhece a mente: ele declara *Enéias* curado. (2) *Pedro* ordenou que *Enéias* se movesse, que se esforçasse: "*Levanta-te e faze a tua cama* (v. 34) para que todos vejam que tu estás completamente curado". Que ninguém afirme isto: pelo fato de o poder da graça de Cristo operar toda a obra em nós, não temos trabalho ou dever a cumprir. Pois embora Jesus Cristo te cure, tu tens de te levantares e usares o poder que ele te dá: "*Levanta-te e faze a tua cama* para que não te seja mais uma cama de doença, mas uma cama de repouso". (3) O poder foi junto com esta palavra: *Enéias* [...] *logo*, ou "imediatamente" (versão RA), *se levantou* (v. 34), e, sem dúvida, arrumou a própria cama de muita boa vontade.

III A influência boa que esta cura causou em muitos: *E viram-no todos os que habitavam em Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor* (v. 35). Não podemos deixar de supor que cada pessoa desses lugares tomou conhecimento do milagre e se comoveu. Eram os habitantes da cidade de *Lida* e do país de

Sarona ou Sarom, uma planície ou vale frutífero sobre o qual foi predito: *Sarom servirá de curral de ovelhas* (Is 65.10). 1. *Todos os que habitavam* (v. 35) nesses lugares indagaram da veracidade do milagre. Eles não negligenciaram o fato, mas viram o que fora curado e verificaram que se tratava de uma cura milagrosa realizada nele pelo poder e em nome de Jesus Cristo. Comprovaram também que o desígnio do milagre era confirmar e ratificar a doutrina de Cristo que agora era pregada ao mundo. 2. *Todos* esses habitantes aceitaram os indícios comprobatórios e evidências convincentes existentes no milagre no que tange à origem divina da doutrina cristã e *se converteram ao Senhor* Jesus (v. 35). Eles passaram do judaísmo para o cristianismo. Eles adotaram a doutrina de Cristo e se submeteram às suas ordenanças. Eles se entregaram a Cristo para serem governados, ensinados e salvos por Ele.

A Ressurreição de Tabita
vv. 36-43

Temos aqui outro milagre feito por Pedro para confirmar o evangelho, milagre esse que excedeu o anterior: A ressurreição de Tabita depois de ela estar morta por certo tempo. Aqui está:

I A vida, morte e caráter de *Tabita*, em quem foi realizado este milagre (vv. 36,37). 1. *Tabita* morava em *Jope* (v. 36), cidade portuária na tribo de Dã, de onde Jonas tomou um navio para ir para Társis, hoje chamada Jafo. 2. O seu nome era *Tabita* (v. 36), nome hebraico, que em grego é *Dorcas*, ambos com o significado de "corça, cerva", uma criatura agradável. *Naftali é uma cerva solta; ele dá palavras formosas* (Gn 49.21). A esposa do marido amoroso e meigo é *como cerva amorosa e gazela graciosa* (Pv 5.19). 3. *Tabita* era *discípula* (v. 36), alguém que aceitara a fé cristã e fora batizada. Além disso, ela era eminente acima de muitos através de obras de caridade. Ela mostrava sua fé por suas *obras*, suas *boas obras*, das quais ela *estava cheia*, isto é, nas quais ela abundava. Sua cabeça estava cheia de cuidados e idéias para fazer o bem. Ela projetava *coisas nobres* (Is 32.8). Suas mãos estavam cheias de bons usos. Seu negócio era fazer o bem, ela nunca estava inativa, depois de ter aprendido a *aplicar-se às boas obras* (Tt 3.8), a manter uma conduta contínua e método constante delas. Ela *estava cheia de boas obras*, como a árvore que está carregada de frutos. Muitos estão cheios de boas palavras, mas vazios e estéreis de boas obras. Mas *Tabita* fazia grandes coisas e falava grandes coisas: *Non magna loquimur, sed vivimus – Nós não falamos grandes coisas, mas nós as vivemos*. Entre outras *boas obras*, ela se destacava em *esmolas que fazia*. Ela praticava não só obras devocionais, que são as boas obras e os frutos da fé, mas obras assistenciais e beneficentes, que fluíam do amor ao próximo e do desprezo santo a este mundo. Note que ela é elogiada pelas *esmolas que* dava e pelas *esmolas que fazia*. Os que não têm recursos para dar às obras assistenciais ainda podem fazer caridade, trabalhando com as mãos, ou andando com os pés, para o benefício dos pobres. Os que não querem fazer um ato de caridade, seja o que for o que pretendam, se fossem ricos não dariam um presente caridoso. Ela *estava cheia de* [...] *esmolas que fazia, hon epoiei – que ela fazia*. Em grego, há ênfase em ela *fazer* as esmolas, porque tudo pertinente a esse tipo de trabalho que lhe viesse às mãos para fazer, ela o fazia segundo suas forças e perseverava nisso. Tratava-se de *esmolas*, não o que ela imaginava, pretendia e dizia que ia fazer, mas o que ela *fazia*. Não o que ela começava a fazer, mas o que ela fazia, o que ela realizava, aquilo com que ela completava a ação (2 Co 8.11; 9.7). Esta é a vida e caráter de um discípulo de Cristo, e deveria ser de todos os seus discípulos. Se dermos muito fruto, então seremos realmente seus discípulos (Jo 15.8). 4. *Tabita* morreu durante suas atividades beneficentes: *Aconteceu, naqueles dias, que, enfermando ela, morreu* (v. 37). A promessa para os que cuidam dos pobres não é que eles nunca ficarão doentes, mas que o Senhor os *sustentará no leito da enfermidade*, ao menos lhes fortalecendo a alma, e assim *tu renovas a sua cama na doença*, tornando-a suportável (Sl 41.1,3). Eles não podem presumir que nunca venham a morrer (*os homens compassivos são retirados*, Is 57.1, e as mulheres compassivas também, conforme atesta *Tabita*), mas podem contar que, *naquele Dia*, eles acharão *misericórdia diante do Senhor* (2 Tm 1.18). 5. Os amigos de *Tabita* e as pessoas em sua volta não a sepultaram logo, como de hábito, porque nutriam a esperança de que Pedro viesse e a ressuscitasse. Eles lavaram seu corpo (v. 37) segundo o costume, que, supõe-se, era com água morna para que, se ainda houvesse vida remanescente, ela voltasse a si. Este procedimento era feito para mostrar que ela estava verdadeiramente morta. Eles tentaram todos os métodos habituais para trazê-la à vida, sem sucesso. *Conclamatum est – o último grito foi proferido*. Eles *a depositaram* envolta em sua mortalha *num quarto alto*, que, segundo o Dr. Lightfoot, era a sala de reunião pública para os crentes daquela cidade. Eles puseram o corpo lá para que Pedro, caso viesse, a ressuscitasse naquele lugar.

II O pedido que os amigos cristãos de *Tabita* fizeram a *Pedro* foi que fosse até eles a toda pressa, não para assistir ao funeral, mas, se possível, para evitá-lo (v. 38). *Lida*, onde *Pedro* estava, *era perto de Jope*, e *os discípulos* de Jope tinham ouvido *que Pedro estava ali* e que ele restaurara Enéias da cama de enfermidade. Eles *lhe mandaram dois varões* para tornar a mensagem mais solene e respeitosa, *rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles*. O pedido não continha explicações para que *Pedro*, por humildade, não recusasse a ir em tão grande incumbência quanto a ressuscitar uma pessoa: se eles puderem trazê-lo, deixarão o caso com ele. A amiga deles estava morta, e era tarde demais para chamar um médico; todavia, não tarde demais para chamar *Pedro*. *Post mortem medicus – um médico depois da morte* é um absurdo, mas não o é *post mortem apostolus – um apóstolo depois da morte*.

III A postura em que os sobreviventes estavam quando *Pedro* chegou: *Levantando-se Pedro, foi com eles* (v. 39). Eles não lhe disseram o que queriam com ele, mas ele se dispôs a ir com eles, supondo que era por alguma boa razão que lhe chamaram. Os ministros fiéis não devem ter má vontade de estar às ordens de to-

dos, contanto que tenham habilidade, visto que o grande apóstolo se fez *servo de todos* (1 Co 9.19). O cadáver jazia na sala de cima, guardado pelas *viúvas*, provavelmente *viúvas* pobres que estavam em comunhão com a igreja. Aqui elas estavam:

1. Elogiando Tabita por suas boas obras (v. 39). Eram obras verdadeiramente elogiáveis e dignas de imitação, pois foram feitas com humildade e sobriedade, sem lisonja dos sobreviventes ou qualquer intenção maléfica, mas puramente para a glória de Deus e o incentivo dos outros ao que é virtuoso e louvável. Os elogios a *Tabita* eram como as suas próprias virtudes, não em palavras, mas em ação. Não se tratavam de encômios oratórios, ou poemas escritos em sua memória. Mas *todas as viúvas* [...] *rodearam* [*Pedro*], [...] *mostrando as túnicas e vestes que Dorcas fizera* (v. 39) para elas e lhes dera *quando estava com elas*. Era a consolação de Jó, enquanto vivia, que os lombos dos pobres o abençoassem, porque eles estavam aquentados com as peles dos cordeiros dele (Jó 31.20). Era o crédito de *Tabita*, quando morta, que as costas das *viúvas* a elogiassem pelas roupas que ela lhes fizera. As pessoas mais bem elogiadas são as elogiadas por suas obras (Pv 31.31), quer as palavras dos outros as elogiem ou não. É muito mais meritório vestir um grupo de viúvas decrépitas com roupas indispensáveis para a noite e para o dia, que orarão por seus benfeitores quando estes não estiverem vendo, do que vestir um grupo de criados preguiçosos com uniformes suntuosos que talvez pelas costas amaldiçoem aqueles que os vestem (Ec 7.21). É no que terão prazer todos que são sábios e bons, pois a bondade é a verdadeira grandeza que logo ultrapassará a conta. Observe: (1) Em que área *Tabita* dedicou grande parte de seus atos de caridade. É lógico que havia outras esmolas que ela fazia, mas estas são as citadas. Ela fez, ao que parece com as próprias mãos, *túnicas e vestes* (v. 39) para *as viúvas* pobres, que talvez com o próprio esforço lutavam para ganhar o pão diário, mas não o suficiente para comprar roupa. Este é excelente exemplo de caridade: *E, vendo o nu, o cubras* (Is 58.7), e que não acha que basta dizer: *Aquentai-vos* (Tg 2.15,16). (2) O sentimento de gratidão que os pobres tinham pela bondade de *Tabita*: *As viúvas,* [...] *mostrando as túnicas e vestes* (v. 39), não se envergonhavam em admitir que estavam em dívida com ela pelas roupas que usavam naquele exato momento. São horrivelmente ingratos os que recebem atos bondosos e não os reconhecem, mostrando a bondade que lhes é feita, pelo menos como estas *viúvas* fizeram. Quem recebe esmola não é obrigado a guardar muito segredo dela, como deve quem a dá. Quando os pobres criticam os ricos por serem descaridosos e desumanos, devem ter autocrítica e ponderar se eles não estão sendo ingratos e mal-agradecidos. O ato de mostrar *as túnicas e vestes que Dorcas fizera quando estava com elas* foi um modo de elogiar seus atos assistenciais e esforços diligentes. É a dedução depreendida pelo caráter da mulher virtuosa, que *estende as mãos ao fuso*, ou pelo menos pega a agulha, e *abre a mão ao aflito; e ao necessitado estende as mãos* do que ela trabalhou. Quando Deus e os pobres têm o que lhes é devido, ela *faz para si tapeçaria* e *de linho fino e de púrpura é a sua veste* (Pv 31.19-22).

2. Elas estavam *chorando* a perda de *Tabita*: *Todas as viúvas* [...] *rodearam* [*Pedro*], *chorando* (v. 39). Quando os misericordiosos são retirados, isso deve ser considerado no coração, sobretudo por aqueles a quem eles foram de maneira particular misericordiosos. Elas não precisavam chorar por ela, pois ela foi levada antes de o mal vir (Is 57.1). Ela descansou dos seus trabalhos, e suas obras a seguiram (Ap 14.13), além dos trabalhos e obras que ela deixou para trás. Mas elas choravam por si mesmas e por seus filhos, que logo sentiriam falta de mulher tão bondosa e insubstituível. Note que elas observam o bem *que Dorcas fizera quando estava com elas*, mas agora ela morrera e por isso estavam de luto. Os que são caridosos sempre têm os pobres com eles (Jo 12.8), mas isso é bom se os pobres sempre tiverem os caridosos consigo. Temos de fazer bom uso das luzes, mesmo que poucas, enquanto estiverem conosco, porque não estarão conosco para sempre, sua permanência não será por muito tempo. Quando essas luzes se apagarem pensaremos no que elas fizeram quando estavam conosco. Pelo visto, *as viúvas* choraram na presença de *Pedro*, como a persuadi-lo, se pudesse, a ter compaixão delas e ajudá-las, restabelecendo-lhes a pessoa que costumava ter compaixão delas. Quando as pessoas caridosas morrem, não há oração para ressuscitá-las, mas, quando estiverem doentes, este ato de gratidão lhes é devido: orar por sua recuperação para que, se for da vontade do Senhor, vivam aqueles que quase estão morrendo.

IV A maneira pela qual *Tabita* foi ressuscitada. 1. Reservadamente. *Tabita* fora posta no *quarto alto* (v. 39), onde se faziam as reuniões públicas. Pelo visto, havia muitas pessoas em torno do corpo morto na expectativa do que aconteceria. *Mas Pedro, fazendo-as sair a todas* (v. 40), as viúvas que lamentavam sua morte, exceto poucas pessoas da família, ou talvez, os dirigentes da congregação para unir-se a ele em oração, como Jesus fizera certa ocasião (Mt 9.25). Desta forma, *Pedro* recusou delicadamente tudo que tinha a aparência de vanglória e ostentação. As pessoas foram ver, mas ele não veio para ser visto. Ele as fez sair para que tivesse mais liberdade para derramar a alma diante de Deus em oração e não fosse incomodado com os clamores ruidosos dos enlutados. 2. Pela oração. Na cura de Enéias está implícita uma oração, mas nesta obra maior ele próprio se dirigiu a Deus em oração solene, como fez Jesus quando ressuscitou Lázaro. Mas a oração de Jesus era com a autoridade de *Filho que vivifica aqueles que ele deseja vivificar* (Jo 5.21). A oração de *Pedro* foi feita com a submissão de um servo que está sob ordens, por isso ele *pôs-se de joelhos e orou* (v 40). 3. Pela palavra, uma palavra de vivificação e despertamento, uma palavra que é espírito e vida (Jo 6.63). *Pedro* voltou-se *para o corpo* (v. 40), ação que dá a entender que no começo da oração ele se afastara do *corpo* para que sua fé não fraquejasse diante de um cadáver. Ele olhou para o outro lado a fim de nos ensinar, como Abraão que, *em esperança, creu contra a esperança*, não levou conta as dificuldades que havia no caminho e não *atentou para o seu próprio corpo já amortecido*, a fim de que *não* enfraquecesse *na fé* (Rm 4.19,20). Tendo acabado de orar, *Pedro* se voltou *para o corpo* e proferiu no nome do seu Mestre, de acordo com o seu exemplo, a seguinte ordem: "*Tabita, levanta-te*. Volta à vida". O poder acompanhou a pala-

vra, e *ela* voltou à vida, *abriu os olhos* que a morte tinha fechado. Assim, na ressurreição das almas mortas para a vida espiritual, o primeiro sinal de vida é a abertura dos olhos da mente (cap. 26.18). Quando viu *a Pedro*, ela *assentou-se* para mostrar que estava realmente viva. *Ele, dando-lhe a mão, a levantou* (v. 41), não como se ela estivesse lutando por estar um tanto fraca, mas ele procedeu assim como a lhe dar as boas-vindas novamente à vida e lhe dar a mão direita da comunhão entre os vivos, de quem ela fora retirada. Por fim, *chamando os santos e as viúvas*, que estavam em luto pela morte dela, ele *apresentou-lha viva* a eles para a grande consolação deles, particularmente para as viúvas que no coração levaram em grande consideração a morte dela. Ele *apresentou-lha viva* a eles, como Elias (1 Rs 17.23), Eliseu (2 Rs 4.36) e Jesus (Lc 7.15) apresentaram vivos os filhos anteriormente mortos para as suas respectivas mães. A maior alegria e satisfação são expressas pela vida dentre os mortos.

V Os bons efeitos deste milagre. 1. *Muitos* (v. 42), por este milagre, ficaram convencidos da verdade do evangelho, ou seja, que procedia dos céus e não dos homens, e *creram no Senhor.* O milagre *foi* [...] *notório por toda a Jope.* Logo estaria na boca de todos e, por ser uma cidade de marinheiros, a notícia do milagre em pouco tempo se espalharia por outros países, embora algumas pessoas nunca percebessem o quanto foram afetadas por isso. Este era o propósito dos milagres: confirmar a revelação divina. 2. *Pedro*, por causa deste milagre, foi induzido a ficar *muitos dias em Jope* (v. 43). Achando que se lhe abrira uma porta de oportunidade, ele permaneceu ali *muitos dias*, até que o buscassem e fosse levado a serviço para outra cidade. Ele não *ficou* na casa de *Tabita*, embora fosse rica, para que não parecesse que buscava a própria glória. Mas se hospedou *com um certo Simão, curtidor*, um negociante comum, exemplo esse de sua condescendência e humildade. Por esse meio, ele nos dá o seguinte ensinamento: *Não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes* (Rm 12.16). Embora pareça que *Pedro* tenha sido esquecido na obscuridade da casa de um *curtidor* pobre à beira-mar, Deus foi buscá-lo para fazer um serviço nobre que está registrado no próximo capítulo. *O que a si mesmo se humilhar será exaltado* (Mt 23.12).

CAPÍTULO 10

A história registrada neste capítulo faz uma reviravolta inusitada e extraordinária aos Atos dos Apóstolos. Até aqui, tanto em Jerusalém como em todo o lugar a que os ministros de Cristo chegaram, eles pregaram o evangelho somente aos judeus, ou aos gregos que foram circuncidados e convertidos à religião judaica. Mas agora "eis que nos voltamos para os gentios" (cap. 13.46). Aqui, a porta da fé abre-se para eles, sendo, de fato, boas novas para nós, pecadores gentios. O apóstolo Pedro foi a primeira pessoa usada para aceitar os gentios incircuncisos na igreja cristã. Cornélio, um centurião ou coronel romano, foi o primeiro que com sua família e amigos foram admitidos na igreja cristã. Agora aqui nos é dito sobre: I. Como Cornélio foi orientado por uma visão a chamar Pedro e conseqüentemente o chamou (vv. 1-8). II. Como Pedro foi orientado por uma visão a ir à casa de Cornélio, embora ele fosse pagão, e, sem ter escrúpulos quanto a isso, obedeceu à visão (vv. 9-23). III. A conversa agradável e feliz entre Pedro e Cornélio em Cesaréia (vv. 24-33). IV. O sermão que Pedro pregou na casa de Cornélio para ele e seus amigos (vv. 34-43). V. O batismo de Cornélio e seus amigos primeiramente com o Espírito Santo e depois com água (vv. 44-48).

O Caso de Cornélio

vv. 1-8

A pregação do evangelho aos gentios e sua apresentação como estranhos e estrangeiros para se tornarem concidadãos com os santos e membros da casa de Deus consistia num grande mistério e inesperada surpresa para os próprios apóstolos (Ef 3.3,6). Cabe-nos, pois, observar cuidadosamente desde o início todas as circunstâncias pertinentes a esta grande obra, parte do *mistério da piedade*, que é Cristo *pregado aos gentios* e *crido no mundo* (1 Tm 3.16). Não é improvável que antes do episódio narrado neste capítulo alguns gentios tenham entrado numa sinagoga judaica e ouvido a pregação do evangelho. Mas o evangelho nunca fora pregado propositalmente aos gentios, nem qualquer um deles fora batizado. Cornélio foi o primeiro.

I Uma narrativa sobre este Cornélio, quem e o que era, ou seja, o primogênito dos gentios para Cristo. O texto sacro nos informa que ele era um grande e bom homem, duas características que raramente se encontram na mesma pessoa. Quando isso ocorre, estas qualidades se destacam: a bondade torna a grandeza verdadeiramente valiosa, e a grandeza torna a bondade muito mais útil. 1. *Cornélio* era oficial do exército romano (v. 1). No momento, ele estava aquartelado em *Cesaréia*, cidade forte, recentemente reedificada e fortificada por Herodes, o Grande, e chamada *Cesaréia* em honra de César Augusto. Situada à beira-mar, servia muito convenientemente para a manutenção da correspondência entre Roma e seus territórios conquistados nestas regiões. Era a cidade onde o governador romano ou procônsul comumente residia (cap. 23.23,24; 25.6). Aqui havia uma *coorte*, ou tropa militar, ou regimento do exército romano que era provavelmente o salva-vidas do governador. Esta tropa se chamava *coorte* [...] *italiana*, porque, para se assegurarem da fidelidade dos soldados, todos eles eram romanos nativos ou italianos. *Cornélio* tinha o comando desta parte do exército romano. Seu nome, *Cornélio*, era muito usado entre os romanos, entre algumas das famílias mais antigas e nobres. Era oficial de elevado cargo e importância: *centurião*. Sabemos de um desse mesmo cargo nos dias de nosso Salvador, a quem ele fez um grande elogio (Mt 8.10). Quando escolheram um pagão para ser o primeiro a receber o evangelho, não escolheram um filósofo, muito menos um sacerdote (os quais são intoleran-

tes às suas noções e adoração e preconceituosos contra o evangelho de Cristo), mas um soldado: um homem de pensamento mais livre. A pessoa que verdadeiramente é assim, quando a doutrina cristã lhe é apresentada, não pode senão recebê-la de bom grado. Pescadores, homens incultos e ignorantes, foram os primeiros judeus a se converterem a Cristo, mas não quando se tratou dos gentios. O mundo tinha de saber que o evangelho possui características que o recomendam às pessoas de cultura refinada e educação liberal, como temos razão em supor que era este *centurião*. Os soldados e oficiais militares não podem alegar que sua ocupação os isenta das restrições sob as quais outros estão, e, dando-lhes a oportunidade de viverem uma vida normal, isso não os desculpa se não forem religiosos. *Cornélio* era um oficial militar que aceitou o cristianismo, e nem por isso foi expulso do exército nem saiu de vontade própria. Por outro lado, era um tormento para os judeus não só o fato de os gentios serem aceitos na igreja, mas que o primeiro que foi aceito fosse oficial do exército romano, que para eles era *a abominação da desolação* (Mt 24.15). 2. *Cornélio* era, de acordo com a medida de luz que possuía, um homem religioso. Foi-lhe apresentado um caráter muito bom (v. 2). Ele não era idólatra, nem adorador de falsos deuses ou de imagens, nem tolerava as imoralidades às quais a maior parte do mundo pagão se entregava para, por isso, puni-lo por sua idolatria. (1) *Cornélio* era dotado de um princípio de consideração ao Deus vivo e verdadeiro. Ele era *piedoso e temente a Deus* (v. 2). Ele cria no único Deus, o Criador do céu e da terra, reverenciava sua glória e autoridade e temia ofendê-lo pecando. Embora fosse soldado, não lhe diminuía em nada o crédito do seu valor tremer diante de Deus. (2) *Cornélio* tem uma família religiosa. Ele temia *a Deus, com toda a sua casa* (v. 2). Ele não admitia idólatras sob seu teto, mas tomava cuidado para que não só ele, mas todos os seus servissem ao Senhor. Todo homem bom fará o que puder para que todos que estão à sua volta também sejam bons. (3) *Cornélio* era homem muito caridoso: Ele *fazia muitas esmolas ao povo* (v. 2), o *povo* judeu, apesar das singularidades da religião judaica. Embora fosse gentio, ele tinha boa vontade em contribuir para ajudar alguém que estivesse verdadeiramente em necessidade, sem perguntar a que religião pertencia. (4) *Cornélio* dedicava-se muito à oração: Ele, *de contínuo, orava a Deus* (v. 2). Ele separava períodos fixos para a oração e perseverava na sua comunhão com Deus. Veja que sempre que o temor de Deus estiver reinando no coração, será demonstrado em obras assistenciais e devocionais, e um jamais nos desculpará do outro.

II As ordens celestiais dadas a *Cornélio*, pelo ministério de um anjo, para chamar Pedro, o que ele jamais teria feito se não tivesse sido orientado a fazê-lo. Observe:

1. Como estas ordens foram dadas a *Cornélio*. Ele teve uma visão na qual um anjo lhe deu ordens. Era *quase à hora nona do dia* (v. 3), ou seja, às três horas da tarde, que para nós é horário comercial. Mas, naqueles dias, porque era a hora da oferta do sacrifício da tarde no templo, os devotos a fizeram hora de oração para dar a entender que todas as nossas orações são oferecidas na virtude do grande sacrifício. *Cornélio* estava em oração, conforme ele mesmo nos informa (v. 30). Agora aqui nos é dito: (1) Que *um anjo de Deus* se dirigiu a *Cornélio* (v. 3). Pelo brilho do seu semblante e pela maneira como veio, ele sabia que era algo mais que um homem; portanto, nada menos que *um anjo*, uma mensagem urgente do céu. (2) Que *Cornélio* [...] *viu claramente* o *anjo de Deus* (v. 3), ou seja, *viu* com os olhos naturais, não em sonho apresentado à sua imaginação, mas em visão apresentada à sua visão física. Para sua grande satisfação, a visão trazia consigo sua própria evidência. (3) Que o *anjo de Deus* o chamou pelo nome: *Cornélio!* (v. 3), para indicar que Deus o observara de modo especial. (4) Que tudo isso deixou *Cornélio* momentaneamente um tanto confuso: *Este, fixando os olhos* no *anjo de Deus*, estava *muito atemorizado* (v. 4). Os mais sábios e melhores homens ficam transtornados de medo diante do aparecimento de qualquer mensageiro extraordinário do céu. E não é para menos, pois os pecadores sabem que dali não lhes vem novidade agradável. Daí o desabafo do centurião: "*Que é, Senhor?* Que é que há?" Ele fala como alguém apreensivo de haver algo errado e ansioso de acabar logo com esse medo conhecendo a verdade. Ou como alguém desejoso de conhecer a mente de Deus e pronto a obedecer-lhe, como Josué: *Que diz meu Senhor ao seu servo?* (Js 5.14), e Samuel: *Fala, porque o teu servo ouve* (1 Sm 3.10).

2. Que mensagem foi entregue a *Cornélio*.

(1) *Deus* assegura *Cornélio* de que o aceita andando de acordo com a luz que ele tinha: *As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus* (v. 4). Perceba que as *orações* e as *esmolas* têm de ir juntas. Temos de unir nossas orações com esmolas, pois o jejum que Deus escolheu é *que repartas o teu pão com o faminto* (Is 58.6,7). Não basta orar para que o que temos nos seja santificado, mas devemos dar *esmolas* do que tivermos e então tudo nos será limpo (Lc 11.41). Temos de acompanhar nossas *esmolas* com nossas *orações* para que Deus graciosamente as aceite e a fim de que sejam bênçãos para quem as recebe. *Cornélio* orou e deu esmolas, não como os fariseus que queriam ser vistos pelos homens (Mt 6.1), mas com sinceridade, como para Deus. As *esmolas* subiram *para memória diante de Deus*. Elas foram registradas no céu, no livro das memórias escrito para todos os que temem a Deus, e serão lembradas para o seu benefício: "Tuas orações serão respondidas, e tuas esmolas, recompensadas". As Escrituras dizem que os sacrifícios sob a lei eram para *memorial* dos ofertantes (veja Lv 2.9,16; 5.12; 6.15). As *orações* e *esmolas* são nossas ofertas espirituais das quais Deus se agrada em tomar conhecimento e pelas quais tem consideração. *Cornélio* cria e se submetia à revelação divina comunicada aos judeus, no que dizia respeito aos gentios, tanto no ponto que orientava e melhorava a luz e a lei da natureza, quanto no ponto que prometia a vinda de um Messias. O que ele fez ele fez nessa fé e foi aceito por Deus. Os gentios, para quem veio a lei de Moisés, não eram obrigados a ser judeus circuncidados, como aqueles para quem vem o evangelho de Cristo têm de ser cristãos batizados.

(2) *Cornélio* é encarregado de investigar para receber mais revelações da graça divina, que há pouco chegou ao mundo. Ele tem de enviar imediatamente *homens a Jope* e mandar *chamar a Simão, que tem por so-*

brenome Pedro (v. 5). *Este está com um certo Simão, curtidor; que tem a sua casa junto do mar* (v. 6), pois se ele for chamado, ele virá. Chegando ele, *ele te dirá o que deves fazer* em resposta à tua pergunta: *Que é, Senhor?* (v. 4). Temos aqui duas coisas muito surpreendentes e merecedoras de nossa consideração: [1] *Cornélio* ora e dá esmolas no temor de Deus, além de ser religioso e ter uma família religiosa. Tudo isso lhe tornava aceitável diante de Deus. Mas ainda havia mais uma coisa que ele tinha de fazer: aceitar a religião cristã, agora que Deus a estabelecera entre os homens. Não é: ele pode fazer se quiser, pois lhe será proveitoso e divertido. Mas: ele tem de fazê-lo, pois é indispensavelmente necessário para Deus aceitá-lo futuramente, embora ele já esteja aceito em seus serviços. Quem crê na promessa do Messias tem de crer no cumprimento dessa promessa. Agora que Deus, concernente a seu Filho, revelou mais do que revelara nas profecias do Antigo Testamento, Ele exige que recebamos essa nova revelação quando nos for apresentada. Enquanto isso, nem nossas orações nem nossas esmolas sobem para memória diante de Deus a menos que creiamos em Jesus Cristo, pois é o que determina essa nova revelação. *O seu mandamento é este: que creiamos* (1 Jo 3.23). Deus aceita orações e esmolas de quem crê que o Senhor é Deus e não tem oportunidade de saber mais. Contudo, daqueles a quem é pregado que Jesus é o Cristo exige-se que creiam nesta pregação e confiem somente nele para que suas pessoas, orações e esmolas sejam aceitos. [2] Um anjo do céu está diante de *Cornélio* falando-lhe, mesmo assim ele não receberá o evangelho de Cristo por meio deste mensageiro celestial, nem será ele que lhe dirá o que deve fazer. Tudo o que o anjo tem a dizer é: "Chame Pedro, e ele te dirá". Como a observação anterior dá grande honra ao evangelho, assim dá ao ministério do evangelho. Não era para os mais elevados anjos, mas para os menores de todos os santos que fosse dada a graça de *anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo* (Ef 3.8), para que a excelência do poder fosse de Deus, e a dignidade da instituição de Cristo fosse apoiada. Isto *porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro* (Hb 2.5), mas ao Filho do Homem como soberano, e aos filhos dos homens como seus agentes e ministros de estado, cujos terrores não nos perturbarão, nem nos será pesada sua mão sobre nós (Jó 33.7), como foi este anjo para *Cornélio*. Como foi uma honra para o apóstolo que ele pregasse aquilo que um anjo não podia pregar, assim foi uma honra adicional que um anjo fosse enviado deliberadamente do céu para ordenar que ele fosse chamado. Reunir um ministro fiel e um povo desejoso é um trabalho digno de um anjo; nele os maiores homens devem se alegrar em serem usados.

III A obediência imediata de *Cornélio* às estas ordens (vv. 7,8). Ele enviou a toda a pressa uma comissão a Jope para lhe trazer Pedro. Estivesse só ele envolvido nisso, ele mesmo teria ido a Jope. Mas ele tinha família, parentes e amigos (v. 24), uma pequena congregação que não podia acompanhá-lo a Jope. Por isso, manda buscar Pedro. Observe: 1. Quando foi que *Cornélio* enviou: Assim que *o anjo que lhe falava* (v. 7) se retirou, sem contestação ou demora, ele foi obediente à visão celestial. Pelo que *o anjo* lhe dissera, ele percebeu que lhe seria ordenado algum outro trabalho e desejava saber o que era. Ele tinha pressa e sem tardar cumpriu a ordem. Em toda questão na qual nossa alma está ligada é bom não perdermos tempo. 2. Quem foi que *Cornélio* enviou: *Dois dos seus criados* (v. 7), os quais todos temiam a Deus, e *um piedoso soldado*, um *dos que estavam ao seu serviço*. Note que o centurião piedoso tinha soldados piedosos. É comum haver pouco sentimento religioso em soldados, mas haveria mais se houvesse mais desse sentimento nos comandantes. Oficiais militares que exercem tamanha autoridade sobre seus soldados, como exercia certo centurião (Mt 8.9), têm a grande oportunidade de promover a religião, ao menos para conter os vícios e a degradação moral entre os que estão sob a sua autoridade, caso não os melhorem. Note que quando este *centurião* selecionou alguns dos seus soldados para cuidar da sua pessoa e que sempre estivessem à sua volta, ele escolheu os que eram piedosos. Estes são preferidos e favorecidos para incentivar os outros a serem como eles. Ele passou pela regra de Davi: *Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá* (Sl 101.6). 3. Que instruções *Cornélio* deu aos que enviou: Ele lhes contou *tudo* (v. 8), falou-lhes sobre a visão que teve e as ordens recebidas para chamar *Pedro*. A vinda de *Pedro* os interessava a todos, uma vez que cada um tinha de cuidar da própria alma. Por isso, ele lhes informa onde encontrar *Pedro* (talvez achasse suficiente que eles soubessem apenas disso: *O servo não sabe o que faz o seu senhor*, Jo 15.15) e sob qual incumbência o apóstolo tinha de vir para que eles fossem insistentes.

A Visão de Pedro
vv. 9-18

Cornélio recebera ordens positivas do céu para chamar Pedro, de quem nunca ouvira falar, ou pelo menos a quem nunca houvera dado atenção. Esta é outra dificuldade para reunir os dois – a dúvida se Pedro irá à casa de Cornélio quando for buscado. Não que ele julgasse indigno atender-lhe o chamado, ou tivesse medo de pregar a doutrina cristã a um homem educado como Cornélio: mas se trata de questão de consciência. Cornélio é homem muito digno e possui muitas qualidades boas, mas é gentio, alguém não circuncidado. Pelo fato de Deus na sua lei ter proibido que os judeus, seu povo, se associasse com nações idólatras, eles não mantinham relações sociais com ninguém, exceto com os membros da sua própria religião, por mais que outros povos fossem dignos. Os judeus levavam o assunto tão longe quanto considerar contaminação cerimonial o toque involuntário de um gentio (Jo 18.28). Pedro não tinha superado esta noção fanática e mesquinha que dividia com seus compatriotas, por isso teria desconfiança em ir à casa de Cornélio. Para eliminar esta dificuldade, o apóstolo tem uma visão a fim de prepará-lo para aceitar a mensagem dos enviados por Cornélio, como Ananias teve de ser preparado para ir onde Paulo estava. As Escrituras do Antigo Testamento foram claras ao anunciar que os gentios seriam participantes da igreja. Jesus também dera claras

indicações da mesma verdade quando ordenou que os apóstolos ensinassem todas as nações (Mt 28.19). Contudo, até o próprio Pedro, que tanto conhecia a mente do Mestre, não entendeu o que ora acontecia até que lhe foi revelado por esta visão *que os gentios são co-herdeiros* (Ef 3.6). Agora observe aqui:

I As circunstâncias desta visão.

1. A visão aconteceu quando os mensageiros enviados por Cornélio estavam *já perto da cidade* (v. 9). Pedro nada sabia da aproximação desse grupo, que por sua vez desconhecia que o apóstolo estava orando. Mas aquele que conhecia ambos estava preparando as coisas para o encontro e facilitando o objetivo da negociação. Para todos os propósitos de Deus há um tempo (Ec 3.17), um tempo certo. Ele se agrada de colocar as coisas na mente dos seus ministros, coisas que eles nunca imaginaram, a não ser quando fossem usá-las.

2. A visão aconteceu quando *subiu Pedro ao terraço para orar* (v. 9) perto do meio-dia. (1) *Pedro* passava muito tempo em oração, em oração secreta, embora tivesse muito trabalho sob sua responsabilidade. (2) *Pedro* orava *quase à hora sexta* (v. 9), de acordo com o exemplo de Davi que se dirigia a Deus em oração não só de manhã e de tarde, mas também ao meio-dia (Sl 55.17). Achamos que ficar sem comer de manhã à noite é tempo demais. Contudo, quem acharia que é tempo demais ficar o mesmo período sem oração? (3) *Pedro* orava no *terraço* (v. 9), para onde se retirou em busca de privacidade e para não poder ouvir nem ser ouvido, de modo a evitar a distração e a ostentação. No telhado da casa, ele tinha uma visão total dos céus, que o ajudaria na adoração piedosa do Deus a quem ele orava, e uma visão panorâmica da cidade e região, que o ajudaria na compaixão piedosa do povo por quem ele orava. (4) *Pedro* teve esta visão imediatamente depois de ter orado, como resposta à oração pela propagação do evangelho, e também porque o enlevo do coração a Deus em oração é preparativo excelente para receber as revelações da graça e favor divinos.

3. A visão aconteceu quando *Pedro* sentia muita *fome* e estava esperando pela refeição (v. 10). Provavelmente ele ainda não se alimentara naquele dia, embora já tivesse orado. Ele *quis comer, ethele geusasthai – ele quis provar*, o que dá a entender sua moderação e temperança na comida. Quando estava com muita *fome*, embora se contentasse com pouco, com uma prova, ele não voou sobre os despojos (1 Sm 15.19). Esta *fome* foi a entrada apropriada para a visão sobre alimentação, como a fome de Jesus no deserto o foi para a tentação de Satanás de transformar pedras em pão.

II A visão não foi tão clara quanto a de Cornélio, mas foi mais figurativa e enigmática a fim de causar maior impressão. 1. *Sobreveio-lhe* a *Pedro* [...] *um arrebatamento de sentidos* (v. 10), *arrebatamento* não de terror, mas de contemplação, no qual foi tão completamente envolvido que deixou de perceber e de sentir as coisas exteriores. Ele se perdeu totalmente para este mundo, e assim ficou com a mente completamente livre para se relacionar com as coisas divinas, como Adão na inocência, quando lhe sobreveio um sono pesado. Quanto mais nos desembaraçamos do mundo, mais próximos ficamos do céu. Se Pedro estava agora no corpo ou fora do corpo, ele não sabia, e muito menos nós (2 Co 12.2,3; veja Gn 15.12; cap. 22.17). 2. *Pedro* [...] *viu o céu aberto* (v. 11) para que tivesse certeza de que a autoridade para ele ir à casa de Cornélio era mesmo do céu, que foi uma luz divina que lhe mudou os sentimentos e um poder divino que o investiu desta missão. A abertura dos céus significava a abertura de um mistério que estivera escondido (Rm 16.25). 3. *Pedro* viu *um grande lençol atado pelas quatro pontas* (v. 11) e cheio de animais, *que descia* do céu e vinha *para a terra*, quer dizer, para o terraço da casa onde ele estava. O *lençol* continha *todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu* (v. 12). As *aves* poderiam ter voado, mas ficaram aos pés do apóstolo. Eram *animais* domésticos e selvagens. Não havia peixes do mar, porque não havia nada neles que fosse particularmente impuro, mas se podia comer todos aqueles que possuíssem barbatanas e escamas. Certos estudiosos entendem que este *grande lençol* cheio representa a igreja de Cristo. Ela desce do céu, o qual foi aberto não apenas para que ela descesse (Ap 21.2), mas para que recebesse as almas e as enviasse para cima. O *grande lençol* estava *atado pelas quatro pontas* para receber as pessoas de todas as partes do mundo que desejassem fazer parte dela, para reter e manter com segurança os que fossem recebidos e para que não se desviassem. Nela temos indivíduos de todos os países, nações e línguas, sem distinção de grego ou judeu, ou desvantagem para bárbaro ou cita (Cl 3.11). A rede do evangelho inclui todos, maus e bons, aqueles que anteriormente eram limpos e imundos. Ou pode ser aplicado à generosidade da Providência divina que, antecedentemente às proibições da lei cerimonial, dera ao homem a liberdade de servir-se de todos os animais, à qual, pelo cancelamento dessa lei, somos restabelecidos. Esta visão nos leva a ver todos os benefícios e serviços que temos dos animais inferiores que descem do céu para nós. É o dom de Deus que os criou, que os tornou próprios para nós e deu aos homens o direito a eles e o domínio sobre eles. Senhor, o que é o homem para que ele fosse exaltado desse jeito! (Sl 8.4-8). Como dobraria nossa consolação nos animais e nossa obrigação em servir Deus ao usá-los, vê-los descer do céu para nós! 4. *Uma voz* do céu ordenou *Pedro* servir-se desta abundância e variedade que Deus lhe enviara: "*Levanta-te, Pedro! Mata e come* (v. 13) sem fazeres diferenciação entre animais limpos e animais imundos. Serve-te do que mais gostares". A distinção entre alimentos que a lei determinava tinha o propósito de diferenciar judeus de gentios para que fosse difícil tomarem suas refeições com um gentio, porque tinham uma lista do que não lhes era permitido comer. A revogação desta proibição era permissão clara para os judeus relacionarem-se com os gentios, tendo liberdade e intimidade com eles. Agora aqueles podem alimentar-se do que estes se alimentavam, comendo com eles e se tornando co-cidadãos com eles. 5. *Pedro* se manteve firme aos seus princípios e de modo nenhum daria atenção ao impulso, embora estivesse com fome: *De modo nenhum, Senhor* (v. 14). A fome abre caminho por paredes de pedra, mas as leis de Deus devem nos servir de cerca mais forte que paredes de pedra, não se podendo abri-las com facilidade. Ele permanecerá fiel às leis de Deus, mesmo

tendo uma contra-ordem dada por uma voz do céu que se restringiu a estas poucas palavras: *Mata e come* (v. 13). Era um comando de prova para verificar se ele se manteria firme à palavra mais segura, ou seja, a lei escrita. Neste caso, sua resposta foi muito boa: *De modo nenhum, Senhor.* Não devemos argumentar com tentações para comer o fruto proibido, mas sim rejeitá-las peremptoriamente. Temos de espantar esse pensamento com: *De modo nenhum, Senhor.* A razão que *Pedro* dá é: "*Porque nunca comi coisa alguma comum e imunda* (v. 14). Até hoje, tenho mantido minha integridade nesta questão, e assim permanecerei". Se até agora Deus, por sua graça, nos tem guardado de pecados medonhos e repulsivos, devemos usar isto como argumento para nos abstermos *de toda aparência do mal* (1 Ts 5.22). Os judeus piedosos eram tão rígidos nesta questão que os sete irmãos, os mártires gloriosos mortos por Antíoco, preferiram ser torturados até a morte da maneira mais cruel do que comer carne de porco, porque isso era proibido pela lei. Não se admira então que *Pedro* tivesse dito isto com tanto prazer, pois sua consciência lhe testificava que ele nunca satisfizera seu apetite com comida proibida. 6. Deus, novamente pela *voz* do céu, proclamou a revogação da lei neste caso: *Não faças tu comum ao que Deus purificou* (v. 15). Quem faz a lei pode alterá-la quando quiser e trazer de volta a questão ao seu estado primitivo. Por razões pertinentes à dispensação do Antigo Testamento, *Deus* contivera os judeus de comer tais e tais alimentos. Enquanto essa dispensação durou, eles eram obrigados em sã consciência a submeter-se a tais restrições. Mas agora, por razões pertinentes à dispensação do Novo Testamento, *Deus* anulou essas restrições e deu liberdade à questão – limpou o que antes nos contaminava. Podemos nos servir desses alimentos e estar *firmes na liberdade com que Cristo nos libertou* (Gl 5.1), não fazendo *comum* ou imundo *ao que Deus* declarou purificado. Note que devemos receber como grande misericórdia que, pelo evangelho de Cristo, estamos livres da distinção de alimentos feita pela lei de Moisés; agora *toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar* (1 Tm 4.4). Não tanto porque podemos saborear carne de porco, de lebre, de coelho e outros alimentos agradáveis e saudáveis para o nosso corpo, mas principalmente porque a consciência é libertada do jugo das coisas desta natureza, a fim de servirmos a Deus sem temor (Lc 1.74). O evangelho tornou deveres os que não o eram pela lei da natureza, contudo não tornou, como a lei de Moisés, pecado o que não o era. Aqueles que ordenam a privação de certos tipos de alimento algumas vezes por ano e colocam a religião nesta questão, fazem *comum ao que Deus purificou*, e nesse erro, mais do que em qualquer verdade, estão os sucessores de Pedro. 7. *Aconteceu isto por três vezes* (v. 16). O *grande lençol* foi içado e logo descido mais duas vezes, em cada vez ocorrendo a mesma ordem para *Pedro*: *Mata e come* (v. 13), e pela mesma razão: *Não faças tu comum ao que Deus purificou* (v. 15). Mas não sabemos se a recusa de *Pedro* foi repetida na segunda e na terceira vez. Certamente que não, visto que na primeira sua objeção foi respondida de modo satisfatório. A visão tripla de Pedro, como o sonho duplo de faraó, visava a mostrar que a coisa era certa (Gn 41.32) e lhe prender toda atenção. As instruções que recebemos nas coisas de Deus, quer ouvindo a pregação da palavra, ou olhando os sacramentos, precisam de ser repetidas com freqüência: *Mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra* (Is 28.10). Mas, por fim, *o vaso tornou a recolher-se no céu* (v. 16). Os estudiosos que entendem que este *vaso* representa a igreja, incluindo judeus e gentios, como o *vaso* incluía seres limpos e imundos, afirmam que significa muito habilmente a admissão dos gentios crentes na igreja e também no céu, na Jerusalém de cima. Jesus abriu o Reino dos Céus para todos os que crêem. Ao lado *dos assinalados* [...] *de todas as tribos de Israel*, haverá nesse Reino *uma multidão, a qual ninguém* pode *contar; de todas as nações* (Ap 7.4,9). São estes os que Deus purificou.

III A providência que muito convenientemente explicou esta visão, e mostrou a Pedro sua intenção (vv. 17,18). 1. O que Jesus fazia, *Pedro* não sabia então (Jo 13.7). *Pedro* duvidou *entre si acerca do que seria aquela visão que tinha visto* (v. 17). Não havia razão para ele duvidar da verdade da *visão*, visto que era uma *visão* celestial. Sua dúvida girava em torno do significado da *visão*. Note que Jesus se revela ao seu povo por etapas, gradualmente, e não de uma vez. Ele deixa que os seus fiquem duvidando por algum tempo, meditando sobre isso ou aquilo e discutindo de um lado para outro em seus pensamentos, antes de Ele mesmo os esclarecer. 2. *Pedro* logo saberá de tudo, pois *eis que os varões que foram enviados por Cornélio* (v. 17) haviam acabado de chegar a *casa* e estavam parados *à porta, perguntando* [...] *se Simão, que tinha por sobrenome Pedro, morava ali* (v. 18). A incumbência desses *varões* explicará o significado da visão de *Pedro*. Note que Deus sabe os serviços que temos de fazer futuramente e nos prepara. Nós entenderemos bem o significado do que Ele nos ensinou quando tivermos a oportunidade de usar esses ensinamentos.

Pedro É Orientado a Ir à Casa de Cornélio. Pedro Vai à Casa de Cornélio. A Conversa entre Pedro e Cornélio

vv. 19-33

Temos aqui o encontro entre o apóstolo Pedro e o centurião Cornélio. Embora Paulo viesse a ser designado o apóstolo dos gentios para fazer a colheita entre eles, e Pedro viesse a ser designado o apóstolo da circuncisão, é Pedro que recebe a ordem de abrir caminho e colher os primeiros frutos dos gentios. O propósito era que os judeus crentes, que retiveram grande parte do fermento velho da inimizade dos gentios, participassem da melhor reconciliação possível quando os gentios fossem admitidos na igreja e apresentados pelo próprio apóstolo Pedro. O argumento de Pedro é enfático contra aqueles que querem impor a circuncisão sobre os gentios convertidos: *Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem* (cap. 15.7). Agora aqui:

I *O Espírito* orienta *Pedro* a acompanhar os mensageiros de Cornélio, e esta é a exposição da *visão*.

Agora o enigma é decifrado: Enquanto *Pedro* pensava *naquela visão* (v. 19), enquanto meditava, ela lhe foi esclarecida. Note que os que querem aprender as coisas de Deus têm de pensar nelas. Os que desejam entender as Escrituras têm de meditar nelas dia e noite. *Pedro* não conseguia entender, por isso foi-lhe explicado. Isto nos encoraja a, quando não sabemos o que fazer, elevar nossos olhos a Deus em busca de orientação. Observe: 1. De onde *Pedro* recebeu a orientação. *O Espírito* lhe disse o que deveria fazer (v. 19). Não foi um anjo que lhe comunicou, mas foi o *Espírito* que falou ao seu coração, sussurrando-lhe secretamente no ouvido, por assim dizer, como Deus falou com Samuel (1 Sm 9.15), ou lhe causando forte impressão na mente, de forma que ele sabia que se tratava de um sopro ou inspiração divina, de acordo com a promessa (Jo 16.13). 2. Qual foi a orientação que *Pedro* recebeu. (1) *O Espírito* diz a *Pedro*, antes que os criados subam para lhe contar, que há *três varões* (v. 19) lá embaixo querendo lhe falar, e que ele tem de parar com suas meditações, deixar de pensar na *visão* e descer até eles: *Levanta-te, pois, e desce* (v. 20). Os que buscam o significado das palavras de Deus e das visões do Todo-poderoso não devem só ficar lendo e estudando, nem ficar só orando. Precisam também sair de casa para dar uma volta e olhar por aí, podendo topar com o que será útil para eles em suas investigações, pois as Escrituras estão se cumprindo diariamente. (2) *O Espírito* ordena *Pedro* a acompanhar os mensageiros até a casa de Cornélio, embora gentio, sem duvidar (v. 20). Ele tem de ir e ir com alegria, sem relutância, hesitação ou escrúpulo relativo à legalidade da ação. *Não duvidando* se pode ou se deve ir, pois era seu dever: "*Vai com eles,* [...] *porque eu os enviei.* Eu serei contigo ao ires *com eles*, mesmo que tu sejas censurado por isto". Note que quando nosso chamado para a obra nos é claro, não devemos nos deixar surpreender por dúvidas e escrúpulos relativos ao surgimento de preconceitos ou predisposições anteriores, ou medo da censura dos homens. *Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo* (Rm 14.5), e *prove cada um a sua própria obra* (Gl 6.4).

II *Pedro* recebe os mensageiros e a mensagem: *Pedro* desce *para junto dos varões que lhe foram enviados por Cornélio* (v. 21). Ele estava longe de se afastar ou de recusar falar com eles por desconfiar deles ou ainda de fazê-los esperar por se julgar muito importante: ele próprio foi atender a porta e lhes disse que era ele a quem procuravam. E: 1. *Pedro* recebe favoravelmente a mensagem *dos varões que lhe foram enviados por Cornélio* (v. 21). Com muita franqueza e dignidade, ele pergunta do que se trata e o que eles têm a lhe dizer: *Qual é a causa por que estais aqui?* (v. 21), e eles lhe respondem falando sobre sua missão: "*Cornélio* (v. 22), oficial do exército romano, homem honradíssimo e em quem há mais sentimento religioso do que a maioria das pessoas de sua cidade, que é *temente a Deus mais do que muitos* (Ne 7.2). Mesmo não sendo judeu, ele se porta tão bem, *que tem bom testemunho de toda a nação dos judeus* (v. 22), os quais o recomendarão, pois é homem consciencioso, sensato, caridoso, de forma que não te será descrédito ser visto em sua companhia. Ele *foi avisado por* Deus", *echrematisthe* – "*ele teve um oráculo de Deus*, através de um anjo que lhe foi enviado" (e os oráculos vivos da lei de Moisés foram dados pela disposição de anjos), "pelo qual ele recebeu a ordem de te chamar para ir à sua *casa* (onde te espera e está pronto a te receber) e ouvir *as tuas palavras*. Eles não sabem que *palavras* são, mas sabem que as ouvirão de ti e não de outra pessoa". *A fé é pelo ouvir* (Rm 10.17). Quando Pedro reconta esta cena, ele acrescenta mais informações: São *palavras com que te salves, tu e toda a tua casa* (cap. 11.14). "Vem a ele, pois *um santo anjo* mandou que ele *te chamasse*. Vem a ele, porque ele está pronto a ouvir e receber as *palavras* de salvação que tu tens para lhe dizer." 2. *Pedro* hospeda gentilmente os mensageiros: *Então, chamando-os para dentro, os recebeu em casa* (v. 23). Ele não manda que vão, revigorem as forças e repousem em uma hospedaria por conta própria, mas ele mesmo se encarrega de hospedá-los em suas dependências. No que estava sendo preparado para ele comer (v. 10), seriam bem-vindos em participar. Ele nem imaginou que companhia teria quando sentiu fome e quis comer, mas Deus anteviu tudo. Veja que é aconselhável que os cristãos em geral e ministros sejam hospitaleiros e prontos, segundo sua capacidade e oportunidade, para hospedar os estrangeiros (Hb 13.2). *Pedro* os hospedou, embora fossem gentios, a fim de mostrar a prontidão com que obedeceu ao desígnio da visão que era comer com gentios, pois ele os levou a comer com ele imediatamente. Embora dois deles fossem *criados* e o outro *soldado* comum (v. 7), *Pedro* não pensou que se humilhava ao recebê-los *em casa*. Provavelmente ele *os recebeu em casa* para conversarem sobre Cornélio e sua família, pois os apóstolos, embora tivessem instruções diretas do Espírito, também se serviam de outras fontes de informação segundo a ocasião.

III *Pedro* acompanhou os *três varões* à casa de *Cornélio*, achando-o pronto a recebê-lo e hospedá-lo. 1. *Pedro*, ao acompanhar os *comissionados por Cornélio*, foi acompanhado também por *alguns irmãos de Jope*, que era a cidade em que ele estava agora (v. 23). Foram seis *irmãos* junto com ele (cap. 11.12). Talvez *Pedro* tivesse convidado esses *irmãos* para estar ao seu lado a fim de testemunharem o seu procedimento cauteloso com referência aos gentios e o firme fundamento no qual ele andava (cap. 11.12), ou pode ser que eles mesmos tenham oferecido seus serviços para assisti-lo, desejando ter a honra e felicidade de serem seus companheiros de viagem. Este era um modo de os primeiros cristãos mostrarem respeito extremo aos seus ministros: Eles os acompanhavam nas viagens para animá-los, servir-lhes de guarda e, havendo oportunidade, ajudá-los. Sem falar na expectativa adicional de servir-lhes e serem edificados pela conversa com eles. É pena que os que têm habilidade e vontade de fazer o bem aos outros por intermédio da palavra careçam de oportunidades para isso e viajem sozinhos. 2. *Cornélio*, estando pronto para receber *Pedro*, reunira *os seus parentes e amigos mais íntimos* de *Cesaréia* (v. 24). Pelo visto, a viagem de *Jope* a *Cesaréia* levou um dia, quase dois, pois foi *no dia imediato* ao que partiram que eles *chegaram a Cesaréia* (v. 24), na tarde daquele dia (v. 30). Viajaram provavelmente a pé, como de costume. Ao entrarem na casa de *Cornélio*: (1) *Pedro* descobre que era esperado, e isto o ani-

mou: *Cornélio estava-os esperando* (v. 24), e tal convidado era digno de ser esperado. Não posso culpá-lo se ele esperasse com certa impaciência, imaginando que coisa grandiosa seria essa que um anjo lhe ordenasse conter-se para ficar sabendo do próprio *Pedro*. (2) *Pedro* descobre que era esperado por muitos, e isto o animou ainda mais. Como *Pedro* levara alguns para participar do dom espiritual que ele agora devia conceder, assim *Cornélio* convidara não só sua família, mas *os seus parentes e amigos mais íntimos* para participar com ele das instruções divinas que ele esperava do apóstolo, o que daria a Pedro oportunidade maior de fazer o bem. Note que não devemos desejar comer nosso bocado espiritual sozinho (Jó 31.17). Nosso bocado espiritual deve ser dado e recebido como ato de bondade e respeito aos nossos *parentes e amigos*, convidando-os a unir-se conosco nos cultos e a nos acompanhar na audição do sermão. O que *Cornélio* deveria fazer, ele julgou que seus *parentes e amigos* também deveriam. Portanto, que viessem e o ouvissem por si mesmos para que não se surpreendessem ao verem a mudança que ocorreria nele.

IV Esta é a primeira conversa entre *Pedro* e *Cornélio*, em que temos: 1. O respeito e a honra profundos e realmente impróprios que *Cornélio* prestou a *Pedro*: *Entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo* (v. 25) e, em vez de abraçá-lo como amigo, o que teria sido muito aceitável, ele se prostrou *a seus pés, o adorou* – segundo certos estudiosos – como príncipe e pessoa importante, seguindo o costume dos países orientais, ou – segundo entendem outros – como deidade encarnada, ou como se ele o recebesse por seu Messias. O ato de adorar um homem muito lhe comprometia. Mas, levando em conta sua ignorância, isso lhe podia ser desculpável. Era também prova de que havia algo nele que era muito recomendável: a profunda reverência pelas coisas divinas e celestiais. Não se admira que, até que fosse mais bem informado, ele tomasse *Pedro* por Messias e adorasse aquele que um anjo do céu lhe ordenou chamar. Mas a adoração do seu pretenso sucessor, que não passa de homem e homem pecador, o próprio homem do pecado, é totalmente indesculpável. Semelhante absurdo seria incrível se já não soubéssemos que o mundo inteiro adorará a besta (Ap 13.4). 2. A recusa modesta, justa e piedosa de *Pedro* desta honra que *Cornélio* lhe fez: *Pedro* [...] *levantou* (v. 26) *Cornélio* com as próprias mãos (embora nunca tivesse imaginado que receberia tanto respeito ou mostraria tanto afeto a um gentio incircunciso), *dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem*, e, portanto, não devo ser adorado. Os anjos bons das igrejas, como os anjos bons do céu, não aceitam a menor dessas honras, a qual é devida unicamente a Deus. *Olha, não faças tal*, disse o anjo a João (Ap 19.10; 22.9) e, de certa forma, disse o apóstolo ao centurião. Quanta cautela Paulo tinha para que ninguém cuidasse dele mais do que nele visse ou dele ouvisse (2 Co 12.6). Os servos fiéis de Cristo preferem ser difamados a divinizados. Pedro não nutria a noção de que, havendo grande respeito por ele, ainda que excessivo, fosse fator de estímulo para o sucesso da sua pregação. Portanto, se *Cornélio* for enganado que o seja. Não! Que ele saiba que *Pedro* é homem e também que o tesouro está guardado em vaso de barro (2 Co 4.7) a fim de que o valorize pelo que é.

V A história que *Pedro* e *Cornélio* contaram um para o outro diante do grupo de pessoas que lhes assistiam, acerca da mão divina ao reuni-los: *E, falando com ele – synomilon auto, entrou* (v. 27). *Pedro* [...] *entrou*, enquanto falava familiarmente com *Cornélio*, esforçando-se, pela liberdade dessa conversa fraca, para encerrar a veneração que ele lhe dedicava. Havendo entrado, ele *achou muitos que ali se haviam ajuntado*, muito mais do que esperava, o que aumentou a solenidade como também a oportunidade de fazer o bem com este serviço.

1. *Pedro* declara a orientação que Deus lhe deu para chegar a esses gentios (vv. 28,29). Eles sabiam que essa reunião nunca seria permitida pelos judeus, que sempre consideravam *que não é lícito, athemiton – uma abominação, a um varão judeu*, um *judeu* nativo como eu, *ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros*, a gentios incircuncisos. Essa proibição não foi estipulada pela lei de Deus, mas pelo decreto de sábios judeus que a reputavam não menos que um mandamento. Eles não proibiram conversar ou negociar com gentios nas ruas ou lojas, ou na troca, mas comer com eles. Já nos dias de José, os egípcios e hebreus não comiam juntos (Gn 43.32). Os três jovens propuseram *não se contaminar com a porção do manjar do rei* (Dn 1.8). Eles não podiam entrar na casa de um gentio, porque os julgavam cerimonialmente imundos. Os judeus desdenhosamente olhavam os gentios, que não ficavam para trás em termos de desprezo, como vemos em muitos trechos dos poetas latinos. "*Mas* agora", disse Pedro, "*Deus mostrou-me* em uma visão *que a nenhum homem* devo chamar *comum ou imundo*, nem recusar relacionar-me com alguém por causa da sua nacionalidade." *Pedro*, que ensinara os novos convertidos: *Salvai-vos desta geração perversa* (cap. 2.40), agora ele aprendeu a unir-se com a geração voltada aos gentios devotos. As características cerimoniais foram abolidas para que mais destaque fosse dado às leis morais. *Pedro* achou necessário informá-los de que ele mudou de opinião sobre este assunto e que a mudança foi ocasionada por revelação divina, a fim de não o acusarem de ter agido levianamente. Desta forma, Deus derrubou a parede de separação (Ef 2.14). (1) *Pedro* assegura aos ouvintes que ele está pronto a servi-los em tudo que puder, e que, quando ele manteve distância deles, não foi porque sentia aversão por eles, mas porque queria receber permissão do céu para tal. Portanto, tendo-a recebido agora, ele estava às ordens deles: "*Pelo que, sendo chamado, vim sem contradizer* (v. 29), pronto para vos pregar o mesmo evangelho que preguei aos judeus". Os discípulos de Cristo tinham certa noção da pregação do evangelho aos gentios, mas eles imaginavam que devia ser somente aos gentios que primeiro se convertessem à religião judaica. *Pedro* reconhece que esse equívoco não foi corrido. (2) *Pedro* pergunta em que ele pode ser útil aos ouvintes: "*Pergunto, pois: por que razão mandastes chamar-me?* (v. 29). O que esperais de mim, ou que assunto tendes comigo?" Note que os que desejam a ajuda dos ministros de Deus devem prestar atenção para lhes propor a finalidade correta de suas necessidades, mostrando boa intenção.

2. *Cornélio* faz uma narrativa das orientações que Deus lhe deu para chamar *Pedro*, e que foi inteiramente em obediência a essas orientações que ele o chamou.

Nossos objetivos em chamar e atender um ministério evangelístico são corretos, quando o fazemos em consideração à designação divina que instituiu essa ordenação e que exige de nós que nos sirvamos dela.

(1) *Cornélio* relata sucintamente a aparição do anjo, que lhe ordenou chamar *Pedro*. Seu intuito não é exaltar-se por causa da visitação angelical, mas fundamentar sua expectativa de receber uma mensagem celestial por *Pedro*. [1] *Cornélio* conta o que estava fazendo quando teve a visão: *Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora* (v. 30) – *esta hora* do dia, que é este momento em que Pedro chegou, mais ou menos na metade da tarde. Ao que parece, os piedosos que não eram judeus serviam-se do jejum religioso para dar maior seriedade e solenidade à oração. *Os homens de Nínive creram em Deus, e proclamaram um jejum* (Jn 3.5). Certos estudiosos dão outro sentido a estas palavras: *Há quatro dias* estou *eu em jejum até esta hora*, como se ele não tivesse comido nada ou pelo menos feito nenhuma refeição desde quando teve a visão até àquele momento. Mas se trata de uma introdução à narrativa da visão; portanto, a primeira opção é o significado correto. Ele estava *orando em* sua *casa*, não na sinagoga, mas em *casa*. *Quero, pois, que os homens orem* onde quer que morem (1 Tm 2.8). O fato de a oração ser em sua casa dá a entender que não era uma oração secreta no seu aposento, mas em uma dependência mais geral da casa, junto com a família. Pode ser que depois da oração ele tenha entrado em seu aposento onde teve esta visão. Note que *à hora nona*, às três horas da tarde, as pessoas, em sua maioria, estavam viajando, negociando, trabalhando nos campos, visitando amigos, procurando prazeres ou tirando uma soneca depois do almoço. Mas *Cornélio* estava fazendo seu momento devocional, o que mostra quanto levava a sério sua religião. Foi quando recebeu esta mensagem do céu. Os que recebem mensagens consoladoras de Deus devem estar em constante conversa com Ele. [2] *Cornélio* descreve o mensageiro que lhe trouxe esta mensagem do céu: *Eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes* (v. 31), como as vestes de Jesus quando Ele foi transfigurado (Mt 17.2), e as vestes dos dois anjos que apareceram na ressurreição de Jesus (Lc 24.4) e em sua ascensão (cap. 1.10), mostrando sua relação ao mundo da luz. [3] *Cornélio* repete a mensagem que lhe foi enviada do céu (vv. 31,32) exatamente como a temos (vv. 4-6). A única diferença é que aqui diz: *A tua oração foi ouvida* (v. 31). O texto sacro não nos informa qual *oração foi ouvida*. Mas tendo em vista que esta mensagem era a resposta, supomos que a carência de entendimento natural o deixou desnorteado em saber como obter o perdão dos seus pecados e o favor de Deus. Diante disso, ele orou para que Deus se revelasse mais a ele e lhe mostrasse o caminho da salvação. "Então", disse o anjo, "*manda chamar* [...] *Pedro* que ele te dará mais revelações."

(2) *Cornélio* declara a boa vontade sua e dos seus familiares e amigos em receber a mensagem que *Pedro* tinha a entregar-lhes: *Logo mandei chamar-te* (v. 33), como fui orientado a fazer, *e bem fizeste em vir* a nós, embora sejamos gentios. Note que os ministros fiéis fazem bem em ir às pessoas que têm boa vontade e desejo de serem instruídas por eles. Ir quando são solicitados é a melhor obra que podem fazer. *Pedro* veio fazer sua parte, mas será que eles farão a deles? Farão. "Tu estás pronto para falar, e nós estamos prontos para ouvir" (1 Sm 3.9,10). Observe: [1] O comparecimento de *Cornélio* e seus familiares e amigos para ouvir a palavra: "*Estamos todos presentes diante de Deus* (v. 33). *Estamos* aqui em atitude de respeito, como adoradores" (desta forma, eles se apresentam em disposição de espírito solene e séria). "*Agora*, visto que tu vieste a nós por tal ordem e em tal incumbência, e visto que temos tamanha oportunidade em nossas mãos como nunca tivemos e talvez nunca venhamos a ter, *estamos todos* prontos nesta hora de adoração e neste lugar de adoração" (embora fosse uma casa particular). "*Estamos* [...] *presentes, paresmen – estamos no negócio*, prontos a obedecer à chamada". Se desejamos a presença especial de Deus nos cultos habituais, devemos estar presentes de modo especial, presentes de modo apropriado ao culto: *Eis-me aqui* (Is 6.8). "*Estamos todos presentes*, todos que foram convidados: Nós e todos os nossos; nós e tudo que há em nós." A totalidade do homem deve estar presente, não com o corpo aqui e o coração, com os olhos do louco, nas extremidades da terra (Pv 17.24). Aquilo que torna o comparecimento verdadeiramente respeitoso e venerável é: *Estamos todos presentes diante de Deus*. Nos cultos habituais nós nos apresentamos *diante de Deus*, e devemos estar *diante* dele sabendo que os seus olhos estão sobre nós. [2] A intenção deste comparecimento: "*Estamos todos presentes* [...] *para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado* (v. 33), e *tudo* de que tu és encarregado de nos entregar". Observe, em primeiro lugar, que *Pedro* estava ali para pregar todas as coisas que lhe foram mandadas por Deus (v. 33). Assim como ele tinha uma comissão geral para pregar o evangelho, assim ele tinha instruções plenas sobre o que pregar. Em segundo lugar, que *Cornélio* e seus familiares e amigos estavam prontos *para ouvir* (v. 33) não o que agradasse a *Pedro* dizer-lhes, mas o que *por Deus* lhe foi *mandado* dizer. As verdades de Cristo não foram comunicadas aos apóstolos para serem anunciadas ou abafadas conforme julgassem conveniente, mas lhes foram confiadas para serem anunciadas ao mundo. "Estamos prontos para ouvir *tudo*: chegar ao começo do culto, ficar até ao fim e prestar atenção o tempo todo, do contrário como ouviremos *tudo*? Estamos desejosos de ouvir *tudo* que tu foste comissionado a pregar, mesmo que desagrade a carne e o sangue, mesmo que seja contrário às nossas noções anteriores ou atuais interesses seculares. *Estamos* prontos *para ouvir tudo*, então não retenhas nada que nos seja proveitoso."

Pedro Prega na Casa de Cornélio

vv. 34-43

Temos aqui o sermão que Pedro pregou para Cornélio e seus familiares e amigos, quer dizer, um resumo do sermão, pois é lógico que ele lhes testemunhou e os exortou com muitas outras palavras. A frase: *E, abrindo Pedro a boca* (v. 34), deixa implícito que ele se expressou com muita reverência e profundidade, ao mesmo tempo com plena liberdade e grande fluência. *Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós*, disse Paulo (2 Co 6.11).

"Vós nos achareis comunicativos, se nós vos acharmos questionadores." Até este ponto da história da Igreja, a boca dos apóstolos esteve fechada para os gentios incircuncisos, pois eles não tinham nada a lhes dizer. Mas agora, Deus deu aos apóstolos, como deu a Ezequiel, autoridade para abrir a *boca* (Ez 29.21). O sermão de Pedro é admiravelmente adequado às circunstâncias daqueles a quem ele o pregava. Era um sermão novo.

I Pela razão de serem gentios aqueles a quem *Pedro* pregava, ele mostra que, a despeito disso, eles estavam interessados no evangelho de Cristo (o qual ele era obrigado a pregar) e tinham direito aos seus benefícios em condições iguais aos judeus. Era necessário que este quesito ficasse claro, caso contrário com que bem-estar ele poderia pregar ou eles ouvirem? O apóstolo estabelece este ponto como princípio incontestável: *Deus não faz acepção de pessoas* (v. 34), ou, como diz a frase em hebraico: "Deus não conhece favor em julgamento", algo que os magistrados são proibidos de fazer (Dt 1.17; 16.19; Pv 24.23) e culpados por fazer (Sl 82.2). A Escritura salienta que *Deus não faz acepção de pessoas* (Dt 10.17; 2 Cr 19.7; Jó 34.19; Rm 2.11; Cl 3.25; 1 Pe 1.17). Ele não julga a favor de alguém por causa de vantagem externa alheia aos méritos da causa. Deus nunca perverte o julgamento por respeito ou considerações pessoais, nem favorece o homem mau em uma coisa má por causa da sua beleza, estatura, país, ascendência, parentela, riqueza ou honra no mundo. Deus, como benfeitor, favorece arbitrariamente e por soberania (Dt 7.7,8; 9.5,6; Mt 20.10), mas, como juiz, Ele não dá a sentença, pois *em qualquer nação* e em qualquer denominação, *aquele que* [...] *teme* a Deus *e faz o que é justo*, esse *lhe é agradável* (v. 35). Isso pode ser entendido assim:

1. *Deus* nunca justificou e salvou nem justificará e salvará um judeu ímpio que viveu e morreu impenitente, mesmo que fosse da *descendência de Abraão* (Rm 9.7) e *hebreu de hebreus* (Fp 3.5), e tivesse todas as honras e vantagens pertinentes à circuncisão. Ele retribuirá *indignação e ira,* [...] *tribulação e angústia sobre toda alma do homem que faz o mal, primeiramente do judeu,* cujos privilégios e religião em vez de protegê-lo do juízo de Deus, agravam-lhe a culpa e a condenação (veja Rm 2.3,8,9,17). Embora Deus tenha favorecido os judeus acima dos outros povos com a honra de pertencerem à igreja visível, Ele não aceitará ninguém que se entregue à imoralidade que contradiga o que tal indivíduo professe; e particularmente na perseguição, que agora era, mais que qualquer outro, o pecado nacional dos judeus.

2. *Deus* nunca rejeitou ou recusou nem nunca rejeitará ou recusará um gentio justo, que, mesmo não tendo os privilégios e vantagens de que os judeus dispõem, como Cornélio, *teme* a Deus, adora-o *e faz o que é justo* (v. 35), a saber, é justo e caridoso para com todos os homens e vive segundo a luz que tem em suas práticas religiosas sinceras e em seu intercâmbio social regular. Seja qual for a nacionalidade do gentio, mesmo sendo de parentesco bem distante da descendência de Abraão, tendo caráter vil e até má reputação, isso não lhe estará em detrimento. Deus julga os homens pelo coração, não por sua nacionalidade ou ascendência. Sempre que Ele encontrar um homem sincero, Deus se mostrará um Deus sincero (Sl 18.25). Veja que temer a Deus e fazer o que é justo são duas coisas que têm de estar juntas (v. 35). Como a justiça para os homens é um ramo da verdadeira religião, assim a religião para Deus é um ramo da justiça universal. A religiosidade e a justiça têm de estar juntas, e nem uma das duas desculpará a falta da outra. Mas não há dúvida de que o homem em quem predominam estas duas qualidades agrada a Deus. Não é que todo homem, desde a queda, possa obter o favor de Deus que não pela mediação de Jesus Cristo e pela graça de Deus nele. Mas os que não têm o conhecimento de Jesus, e, portanto, não podem lhe dar a devida consideração, ainda podem receber a graça de Deus, temer a Deus e fazer o que é justo. Sempre que Deus dá graça para isso, como deu para Cornélio, Ele deseja, por meio de Cristo, aceitar a obra de suas próprias mãos. (1) Esta sempre foi uma grande verdade antes de Pedro a reconhecer: *Deus não faz acepção de pessoas* (v. 34). Desde o princípio, era uma lei fixa de julgamento: *Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E, se não fizeres bem, o pecado* e o seu castigo jazem *à porta* (Gn 4.7). No grande Dia, Deus não perguntará de que país os homens são, mas o que eram, o que fizeram e como foram afetados com relação a Ele e ao próximo. Se as características dos homens não estabeleceram vantagem nem desvantagem concernente à grande diferença que existia entre os judeus e os gentios, muito menos o faria qualquer diferença menor de sentimentos e práticas que haja entre os cristãos, quanto a questões de alimentos e dias (Rm 14.1-23). É certo que *o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo,* e *quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens* (Rm 14.17,18). Ousaremos rejeitar quem Deus não rejeitou? (2) Mas agora esta grande verdade ficou bem mais clara que antes. Ela fora obscurecida pelo concerto da peculiaridade feito com os filhos de Israel e pelo sinal distintivo que receberam. A lei cerimonial era uma parede de separação que havia entre eles e as outras nações. É verdade que nisto Deus favoreceu essa nação (Rm 3.1,2; 9.4), e, por conta disso, alguns de entre os judeus deduziram que tinham a garantia da aceitação de Deus, embora vivessem como quisessem, e que seria impossível os gentios serem aceitos por Deus. Usando os profetas, Deus muito falara no intuito de evitar e corrigir este engano. Mas agora, por fim, Ele fala categoricamente, abolindo o concerto da peculiaridade e revogando a lei cerimonial, resolvendo assim a questão como um todo e colocando judeus e gentios no mesmo nível diante dele. Pedro é levado a reconhecer esta verdade, quando comparou a visão que ele teve com a visão que Cornélio teve. Agora, *em Jesus Cristo,* está claro que *nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma* (Gl 5.6; Cl 3.11).

II Pela razão de estes gentios habitarem dentro das fronteiras da terra de Israel, *Pedro* menciona o que eles não podiam deixar de saber acerca da vida, doutrina, pregação, milagres, morte e sofrimentos de nosso Senhor Jesus. As notícias destes fatos se espalharam por todos os cantos da nação judaica (vv. 37ss.). O trabalho dos ministros torna-se mais fácil, quando eles lidam com pessoas que têm certo conhecimento das coisas de Deus, pois podem se referir a esse conhecimento e fundamentar argumentações.

1. Cornélio e seus familiares e amigos conheciam em geral *a palavra*, quer dizer, o evangelho, que Deus *enviou aos filhos de Israel* (v. 36). *Esta palavra, vós bem sabeis* (v. 37). Embora não se aceitasse que os gentios ouvissem o evangelho (Jesus e os discípulos foram enviados, *antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel*, Mt 10.6), não havia como eles não ficarem sabendo: era o assunto de toda conversa na cidade e no campo. Os Evangelhos registram muitas vezes que a fama de Jesus corria por todas as regiões de Canaã, quando Ele estava na terra, como mais tarde a fama do evangelho alcançou todas as partes do mundo (Rm 10.18). *Esta palavra*, esta palavra divina, esta palavra de poder e graça, *vós bem a sabeis*. (1) Qual era o sentido desta *palavra*. Deus, por *esta palavra*, anunciou *as boas-novas da paz por Jesus Cristo*, que é como deveria ter sido traduzido – *euangelizomenos eirenen* (v. 36). É o próprio Deus que, com justiça, podendo ter proclamado a guerra, proclama *a paz*. Ele faz o mundo da humanidade saber que Ele quer ter *paz* com eles *por Jesus Cristo. Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo* (2 Co 5.19). (2) A quem *esta palavra* foi enviada: Primeiramente aos filhos de Israel. A primeira oferta foi feita a eles. Isto é tudo que as nações vizinhas ficaram sabendo, estando prontas a lhes invejar essas vantagens do evangelho, mais do que invejaram as vantagens da lei. *Então, se dizia entre as nações: Grandes coisas fez o SENHOR a estes* (Sl 126.2).

2. Cornélio e seus familiares e amigos conheciam os respectivos fatos relativos a *esta palavra* do evangelho enviada a Israel. (1) Cornélio e seus familiares e amigos sabiam do batismo de arrependimento que João Batista pregava como aceitação ao evangelho, e que o evangelho começou a ser anunciado por esse batismo (Mc 1.1). Eles sabiam que homem extraordinário foi João Batista e que tendência forte e decisiva sua pregação teve para preparar o caminho do Senhor (Mt 3.3). Eles sabiam que grande multidão se reunira para ser batizada, que influência ele causava e o que ele fez. (2) Cornélio e seus familiares e amigos sabiam que imediatamente depois do batismo de João o evangelho de Cristo, essa *palavra* de *paz*, foi anunciado *por toda a Judéia, começando pela Galiléia* (v. 37). Os doze apóstolos, os setenta discípulos e nosso próprio Mestre anunciaram as boas-novas em todas as partes do território judaico. Portanto, podemos supor que não houve cidade ou aldeia em toda a terra de Canaã em que não tivesse sido pregado o evangelho. (3) Cornélio e seus familiares e amigos sabiam que *Jesus de Nazaré*, quando esteve aqui na terra, *andou fazendo o bem* (v. 38). Eles sabiam que benfeitor Ele foi para essa nação, tanto para a alma como para o corpo dos homens. Sabiam quanto Ele se empenhou em fazer o bem a todos e que nunca machucou ninguém. Ele não era ocioso, mas sempre estava em ação. Não era egoísta, pois fazia *o bem*. Ele não se limitava a um lugar, nem esperava até que as pessoas viessem lhe pedir ajuda, mas ia até elas, andando de lugar em lugar, e aonde quer que chegasse prosseguia *fazendo o bem*. Com este procedimento, *Jesus* mostrou que Ele foi enviado por Deus, que é bom e faz *o bem*, e faz *o bem porque é bom. Aquele que assim não se deixou a si mesmo sem testemunho* para o mundo, nisso nos beneficiou (cap. 14.17). Com tudo isso, *Jesus* nos dá exemplo de esforço infatigável no servir a Deus e à nossa geração. Estamos no mundo para fazer todo o bem que pudermos e, como *Jesus*, devemos ser perseverantes e abundantes nessa tarefa. (4) Cornélio e seus familiares e amigos sabiam mais particularmente que *Jesus* curou *a todos os oprimidos do diabo* (v. 38) e os ajudou a sair do poder opressor do inimigo. Isto mostra não só que Ele foi enviado por Deus, como uma gentileza aos homens, mas que Ele foi enviado para desfazer as obras do diabo (1 Jo 3.8). Deste modo, obteve vitória total sobre o inimigo. (5) Cornélio e seus familiares e amigos sabiam que os judeus mataram *Jesus*. Eles o *mataram, pendurando-o num madeiro* (v. 39). Quando Pedro pregou aos judeus, ele disse: *Ao qual vós matastes* (cap. 5.30). Agora que ele está pregando aos gentios, ele diz: *Ao qual* [*eles*] *mataram* (v. 39). Esses que mataram *Jesus* são os mesmos a quem Ele fizera e planejara fazer tanto bem. Tudo isso eles sabiam. Mas para que não pensassem que se tratava de um relatório exagerado, Pedro, por si mesmo e pelos demais apóstolos, o atestou: *Nós somos testemunhas* (v. 39) oculares *de todas as coisas que* [*Jesus*] *fez*, e *testemunhas* auriculares da doutrina que Ele pregou, *tanto na terra da Judéia como em Jerusalém*, na cidade e no campo.

3. Cornélio e seus familiares e amigos sabiam ou poderiam ter sabido, por todas estas coisas, que Jesus tinha autoridade do céu para pregar e agir como Ele fez. Pedro ainda se serve destas coisas como bandeira em seu discurso e aproveita todas as oportunidades para aludi-las a eles. Pedro quer informá-los de: (1) Que *este* Jesus *é o Senhor de todos* (v. 36). A frase está entre parênteses, mas é a proposição principal que ele quer provar: Jesus Cristo, por quem é feita a paz entre Deus e os homens, *é o Senhor de todos* – não apenas como Deus *sobre todos*, [...] *bendito eternamente* (Rm 9.5), mas também como Mediador, *todo o poder no céu e na terra* (Mt 28.20) é colocado em suas mãos, e todo o julgamento lhe é entregue. Ele *é o Senhor* dos anjos; todos eles são seus servos humildes. Ele *é o Senhor* dos poderes das trevas, porque triunfou sobre eles. Ele é o rei das nações e tem poder sobre toda a carne. Ele é o rei dos santos; todos os filhos de Deus são seus estudiosos, seus súditos, seus soldados. (2) Que *Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude* (v. 38). Ele foi autorizado e capacitado a fazer o que fez pela unção divina, por cuja razão Ele é chamado *Cristo – o Messias, o Ungido*. O Espírito Santo desceu sobre Ele no batismo, e Ele foi cheio de poder para pregar e operar milagres, que eram o selo da missão divina. (3) Que *Deus era com* [...] *Jesus* (v. 38). Suas obras foram feitas em Deus. Deus não apenas o enviou, mas desde o princípio esteve com Ele, reconheceu-o, assistiu-o e sustentou-o em todos os seus serviços e sofrimentos. Note que Deus sempre estará com aqueles a quem Ele unge. Deus em pessoa estará com aqueles a quem Ele dá o seu Espírito.

III Pela razão de estes gentios não terem tido mais certas informações relativas a este Jesus, Pedro anuncia-lhes solenemente que Jesus ressuscitou e lhes apresenta as provas da ressurreição, com o intuito de não pensarem que ao morrer sua vida teria chegado ao fim. É provável que houvesse chegado a Cesaréia certo rumor de que Jesus ressuscitara. Mas essa notícia

logo foi abafada pela sugestão vil dos judeus dizendo que os discípulos de Jesus vieram de noite e lhe furtaram o corpo (Mt 28.13). É por isso que Pedro insiste neste ponto como a principal base da palavra que anunciou paz por Jesus Cristo. 1. O poder pelo qual Jesus ressuscitou é incontestavelmente divino: *A este ressuscitou Deus ao terceiro dia* (v. 40), o que não apenas contestou todas as calúnias e acusações que lhe foram feitas pelos homens, mas comprovou eficientemente a aceitação de Deus da redenção que Jesus fez pelo pecado do homem por meio do sangue da sua cruz. Ele não fugiu da prisão, mas obteve a soltura legal: *Deus* o *ressuscitou*. 2. As provas da ressurreição de Jesus eram incontestavelmente claras: *A este* [...] *fez* [*Deus*] *que se manifestasse – edoken auton emphane genesthai*, para ser visível, claramente assim (v. 40). Jesus se manifestou de modo a mostrar que era indiscutivelmente Ele e não outro. Tratava-se de tamanha exibição de si mesmo quanto a equivaler a uma demonstração da verdade da sua ressurreição. Ele não se manifestou abertamente (não no sentido público), mas claramente; *não a todo o povo* (v. 41) que testemunhou sua morte. Ao se oporem a todas as evidências que Jesus lhes dera da sua missão divina pelos milagres que fez, eles perderam o favor de serem testemunhas oculares desta grande prova da ressurreição. Os que imediatamente forjaram e promoveram a mentira de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus foram, com justiça, entregues a fortes ilusões e não atentaram para o fato de que Ele se manifestou *a todo o povo*. Assim, quanto maior será a bem-aventurança dos *que não viram e creram!* (Jo 20.29). *Nec ille se in vulgus edixit, ne impii errore, liberarentur; ut et fides non praemio mediocri destinato difficultate constaret – Ele não se mostrou às pessoas em geral para que os incrédulos não se livrassem imediatamente do seu erro, e para que a fé, cuja recompensa é vastíssima, fosse exercida com certo grau de dificuldade.* Tertuliano, *Apol.*, cap. 11. Mas, mesmo que nem *todo o povo* o visse, um número suficiente de pessoas o viu para atestar a verdade da ressurreição. O testador está declarando sua última vontade e não precisa estar diante de todo o povo. Basta que seja feito na presença de certo número competente de testemunhas verossímeis. Desta forma, a ressurreição de Jesus foi provada diante de testemunhas suficientes. (1) Essas *testemunhas* não eram casuais, mas foram as *que Deus antes ordenara* (v. 41), ou as "que foram anteriormente escolhidas por Deus" (versão RA), para testemunharem o fato. Para isso, elas foram instruídas pelo Senhor Jesus e se relacionaram socialmente com Ele, para que, tendo-o conhecido anteriormente de forma tão pessoal, elas tivessem a mais absoluta certeza de que era Ele mesmo. (2) Essas *testemunhas* não tiveram uma visão súbita e passageira de Jesus, mas se relacionaram livre e socialmente com Ele: Elas comeram e beberam *juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos* (v. 41). Isto dá a entender que elas o viram comendo e bebendo, estavam no jantar com Ele junto ao mar de Tiberíades e confirmaram a presença dos dois discípulos que cearam com Ele em Emaús. Isto provava que Ele tinha um corpo verdadeiro. Mas não era tudo. As *testemunhas* o viram sem medo ou consternação, sentimento que poderia ter-lhes invalidado o testemunho. Elas o viram muitas vezes, e Jesus conversou com elas com tanta familiaridade que comeram e beberam *juntamente com ele*. É apresentado como prova da visão clara que os nobres de Israel tiveram da glória de Deus, o fato de que eles *viram a Deus, e comeram, e beberam* (Êx 24.11).

IV Pedro encerra sua prédica com uma conclusão geral: Tudo que estes gentios têm de fazer é crer neste Jesus. Pedro foi enviado para contar a Cornélio o que ele tem de fazer. Suas orações e esmolas eram muito boas, mas faltava uma coisa – ele tinha de crer em Jesus. Observe:

1. Por que Cornélio e seus familiares e amigos têm de crer em Jesus. A fé tem referência a um testemunho, e a fé cristã é edificada *sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas* (Ef 2.20), é edificada sobre o testemunho dado pelos apóstolos e pelos profetas. (1) Pelos apóstolos. Pedro, como primeiro entre os apóstolos, fala pelos demais dizendo que Deus os *mandou* e os encarregou de *pregar ao povo e testificar* (v. 42) acerca de Jesus, para que o testemunho fosse crível e autêntico, e no qual pudéssemos aventurar-nos a aceitar. O testemunho dos apóstolos é o testemunho de Deus. Eles são suas testemunhas para o mundo. Eles não somente transmitiram a mensagem como notícia, mas testemunharam como algo publicamente conhecido e pelo qual os homens serão julgados. (2) Pelos profetas do Antigo Testamento, cujo testemunho de antemão, não só concernente aos sofrimentos de Jesus, mas também relativos ao desígnio e intenção desses sofrimentos, confirma sem sombra de dúvida o testemunho que os apóstolos deram a respeito deles: *A este dão testemunho todos os profetas* (v. 43). Temos razão para supor que Cornélio e seus familiares e amigos não desconheciam os escritos dos *profetas*. Da boca destas duas nuvens de testemunhas, que com tanta exatidão concordam entre si, esta palavra é confirmada (Mt 18.16).

2. O que Cornélio e seus familiares e amigos têm de crer concernente a Jesus. (1) Que todos nós prestemos contas a Jesus como nosso Juiz. Os apóstolos foram ordenados a testemunhar ao mundo que este Jesus *foi constituído* [...] *por Deus* [...] *juiz dos vivos e dos mortos* (v. 42). Ele foi autorizado a prescrever as condições de salvação, por cujas normas devemos ser julgados, a dar leis para os *vivos* e os *mortos*, tanto aos judeus quanto aos gentios. Ele foi nomeado a determinar a situação eterna de todos os filhos dos homens no grande Dia, dos que então estiverem vivos e dos que então serão ressuscitados. Ele nos deu certeza dessa realidade, *ressuscitando-o dos mortos* (cap. 17.31), de forma que é de suma importância que cada um de nós, na certeza disso, busque o favor de Jesus e o faça seu amigo. (2) Que se nós crermos em Jesus seremos todos justificados por Ele como nossa justiça. Os *profetas*, quando falaram da morte de Jesus, estavam testemunhando que, *pelo seu nome*, por Ele e por conta do seu mérito, *todos os que nele crêem*, judeus ou gentios, *receberão o perdão dos pecados* (v. 43). Esta é a essência de que precisamos, sem a qual estamos perdidos, sobre a qual a consciência convencida tem curiosidade em saber, da qual os judeus segundo a carne se asseguram pelos seus sacrifícios e purificações cerimoniais e até os pagãos pelas suas expiações; mas é tudo vão! O cerne da questão é que *o perdão*

dos pecados tem de ser somente pelo *nome* de Jesus Cristo e somente por quem crê nesse *nome*. Os que *crêem* no *nome* de Jesus Cristo têm a firme certeza de que os pecados são perdoados e que não há condenação para eles. *O perdão dos pecados* estabelece a fundação para todos os outros favores e bênçãos, removendo do caminho o que os impede. Se os pecados estão perdoados, então tudo está bem e terminará bem para sempre.

O Efeito do Sermão de Pedro

vv. 44-48

Temos aqui o resultado e o efeito que o sermão de Pedro causou em Cornélio e seus familiares e amigos. Ele não labutou em vão entre eles, pois todos foram conduzidos a Jesus. Aqui temos:

I Deus reconhece a palavra de Pedro, conferindo o Espírito Santo aos que a ouviam, e imediatamente após ouvi-la, *Dizendo Pedro ainda estas palavras* (v. 44), talvez desejando continuar sua pregação, ele foi muito apropriadamente interrompido por mostras visíveis de que *o Espírito Santo*, até em seus dons e poderes milagrosos, *caiu* [...] *sobre todos os que ouviam a palavra*, da mesma forma como ocorrera com os apóstolos (cap. 11.15). Por conta disso, certos estudiosos asseveram que houve um vento veemente e impetuoso e a manifestação de línguas repartidas, como se dera no primeiro derramamento do *Espírito*. Observe: 1. Quando *caiu o Espírito Santo sobre* Cornélio e seus familiares e amigos: enquanto *Pedro* estava pregando (v. 44). Desta forma, Deus confirmou as *palavras* do apóstolo e as documentou com o poder divino. Estes foram os sinais do apostolado de *Pedro* manifestados entre eles (2 Co 12.12). *Pedro* não podia dar *o Espírito Santo*, mas uma vez que *o Espírito Santo* foi dado juntamente com as *palavras* de *Pedro*, mostrava que ele fora enviado da parte de Deus. *O Espírito Santo* [...] *caiu* [...] *sobre* os outros depois que eles foram batizados nas águas para sua confirmação. Mas *o Espírito Santo* [...] *caiu* [...] *sobre* estes gentios antes de eles serem batizados nas águas: como Abraão foi justificado pela fé, estando ainda na incircuncisão, para mostrar que Deus não está preso a métodos, nem se limita a sinais externos. *O Espírito Santo* [...] *caiu* [...] *sobre* esses que não eram circuncidados nem batizados, pois *o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita* (Jo 6.63). 2. Qual a prova de que *o Espírito Santo* caíra sobre Cornélio e seus familiares e amigos: eles falaram *em línguas* (v. 46) que nunca conheceram, talvez o hebraico, a língua santa. Assim como os pregadores receberam o dom de *falar* as línguas comuns para que pudessem comunicar a doutrina de Cristo aos ouvintes, assim, provavelmente, os ouvintes instantaneamente souberam *falar* a língua sagrada para que pudessem examinar as provas que os pregadores apresentaram do Antigo Testamento no original. Ou o fato de poderem *falar em línguas* indicava que todos eles se tornariam ministros. Esta primeira descida do *Espírito* sobre eles os qualificou a pregar o evangelho aos outros, o que fizeram; mas agora eles mesmos o receberam! Contudo, note que quando falaram *em línguas*, eles estavam a *glorificar a Deus*, falavam sobre Cristo e os benefícios da redenção, tema que Pedro estivera pregando para a glória de Deus. Foi o que proferiram as primeiras pessoas sobre quem *o Espírito Santo* desceu (cap. 2.11). Note que devemos honrar a Deus com todo e qualquer dom que recebermos, sobretudo, no que tange ao dom de línguas e todos os seus desdobramentos. 3. Que impressão o derramamento do *Espírito Santo* sobre Cornélio e seus familiares e amigos causou aos judeus crentes que estavam presentes: *Os fiéis que eram da circuncisão* [...] *maravilharam-se* (v. 45), os seis irmãos que tinham ido com *Pedro*. Eles ficaram excessivamente surpresos e talvez um tanto quanto intranqüilos por ter *o dom do Espírito Santo* sido derramado *também sobre os gentios*. Eles pensaram que esse *dom* fora destinado exclusivamente à nação judaica. Se tivessem entendido que as Escrituras do Antigo Testamento indicava isto, não haveriam ficado tão maravilhados. Por nossas noções equivocadas das coisas criamos dificuldades para nós mesmos sobre os métodos da providência e graça divinas.

II Pedro reconhece a obra de Deus, batizando nas águas aqueles sobre quem o Espírito Santo fora derramado. Observe: 1. Cornélio e seus familiares e amigos receberam *o Espírito Santo*. Mesmo assim era necessário que fossem batizados nas águas (v. 47). Deus não está ligado a rituais instituídos, mas nós estamos. Não há dom extraordinário que nos coloque acima desses rituais, antes tanto mais nos obriga a sujeitar-nos a eles. Alguém em nossos dias teria argumentado: "Estes foram batizados com *o Espírito Santo*, portanto, que necessidade há que sejam batizados com *água*? Não lhes fica bem". Fica, sim, visto que o batismo nas águas é uma ordenança de Cristo, a porta da admissão à igreja visível e o selo do novo concerto. 2. Embora fossem gentios, tendo recebido *o Espírito Santo*, Cornélio e seus familiares e amigos poderiam ser aceitos ao batismo nas águas: *Pode alguém*, mesmo o mais rigoroso judeu, *recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo?* (v. 47). O argumento é convincente. Podemos negar o sinal aos que receberam a coisa significada? Esses a quem Deus concedeu graciosamente o concerto não têm o direito claro aos selos do concerto? É lógico que os que *receberam, como nós, o Espírito Santo* devem receber, também como nós, o batismo em *água*. Fica-nos bem seguir as indicações de Deus e aceitar em comunhão conosco aqueles que Deus já aceitou em comunhão consigo. Deus prometera derramar o seu Espírito sobre a descendência do crente. Portanto, quem pode *recusar a água, para que não sejam batizados*, se eles *receberam* a promessa do *Espírito Santo* [...] *como nós* também? Pelo visto, este foi o motivo de o Espírito ter-lhes sido dado antes que fossem batizados; caso contrário, Pedro não se sentiria persuadido a batizá-los – do mesmo modo que não teria pregado a eles, caso não tivesse recebido ordens por uma visão. Seja como for, ele não conseguiria evitar a censura dos *fiéis que eram da circuncisão* (v. 45). Vemos, então, que a graça divina dá um passo incomum depois de outro para trazer os gentios à igreja. Como é bom sabermos que a graça de um Deus bom é muito maior do que a caridade de homens bons! 3. Pedro

não batizou Cornélio e seus familiares e amigos, mas *mandou que fossem batizados* (v. 48). É provável que a ordem tenha sido dada a alguns dos seis irmãos que o acompanharam à casa de Cornélio. O apóstolo recusou batizá-los pela mesma razão que Paulo – para que os candidatos ao batismo não se julgassem melhor por conta disso, ou talvez houvesse a impressão de ele ter batizado em seu próprio nome (1 Co 1.15). Os apóstolos receberam a comissão de ir e fazer discípulos de todas as nações pelo batismo nas águas (Mt 28.19, versão RA). Mas era na oração e no ministério da palavra que eles tinham de perseverar (cap. 6.4). Paulo afirma que ele foi enviado *não para batizar, mas para evangelizar* (1 Co 1.17), que era a obra mais nobre e excelente. O ato de batizar era comumente incumbência de ministros inferiores. Eles agiam sob as ordens dos apóstolos, que então podiam dizer que eles mesmos batizaram. *Qui per alterum facit, per seipsum facere dicitur – O que um homem faz por outro, ele pode dizer que ele mesmo fez.*

III Os ouvintes reconheceram a palavra de Pedro e a obra de Deus quando expressaram o desejo de se beneficiarem mais pelo ministério de Pedro: Eles *rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias* (v. 48). Eles não podiam forçá-lo a fixar residência entre eles. Eles sabiam que ele tinha trabalho a fazer em outros lugares, e que, naquele momento, ele era aguardado em Jerusalém. Mesmo assim, eles não queriam que ele fosse embora imediatamente, mas imploraram com instância que ele ficasse por certo tempo entre eles, para que ele os ensinasse mais coisas do que respeita ao Reino de Deus. Note que: 1. Quem possui certo conhecimento de Jesus não pode deixar de desejar mais. 2. Até os que receberam o Espírito Santo devem ser atendidos em suas necessidades pelo ministério da palavra.

CAPÍTULO 11

Neste capítulo, temos: I. A defesa necessária de Pedro do que ele fez ao receber Cornélio e seus familiares e amigos na igreja, a censura que os irmãos lhe fizeram por conta disso e o seu consentimento quanto ao que ele fizera (vv. 1-18). II. O bom sucesso do evangelho em Antioquia e regiões adjacentes (vv. 19-21). III. A continuação do bom trabalho que foi começado em Antioquia, primeiramente, pelo ministério de Barnabé e, mais tarde, pelo ministério de Paulo que se juntou a ele, e o nome permanente de cristão dado pela primeira vez nessa cidade aos discípulos (vv. 22-26). IV. A predição da proximidade de uma fome e a contribuição que foi levantada entre os convertidos gentios para a assistência dos santos pobres na Judéia, naquela ocasião (vv. 27-30).

A Defesa de Pedro
vv. 1-18

A pregação do evangelho a Cornélio é algo que nós, pobres pecadores dos gentios, temos de analisar com muita alegria e gratidão, pois foi a chegada da luz para nós que estávamos assentados em trevas (Mt 4.16). Visto que foi uma surpresa muito grande para os judeus crentes e também para os judeus descrentes, vale a pena investigarmos como o evangelho foi recebido e que comentários foram feitos a respeito. Nestes versículos, temos:

I A igreja em Jerusalém e arredores recebeu informações de que o evangelho foi pregado aos gentios. Considerando que Cesaréia não ficava muito longe de Jerusalém, era possível que em pouco tempo as notícias chegassem ali. Uns de boa vontade, outros de má vontade espalharam a novidade, de forma que antes de Pedro ter voltado a Jerusalém, *os apóstolos e os irmãos* (v. 1) dali e da *Judéia* ficaram sabendo *que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus*, isto é, o evangelho de Cristo, que não só é uma palavra de Deus, mas *a palavra de Deus*, pois ela é a suma e o centro de toda revelação divina. Eles receberam Cristo, pois *o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus* (Ap 19.13). Não só os judeus que estavam dispersos pelos países gentios e os gentios que foram convertidos à religião judaica, mas também os próprios gentios, com quem até agora se pensava que fosse contrário à lei manter relações sociais comuns, entraram em comunhão na igreja, porque *tinham recebido a palavra de Deus*. Isto é: 1. *A palavra de Deus* foi pregada aos *gentios*, sendo a maior honra que os judeus poderiam ter ao fazê-lo. Entretanto, imagino que os judeus, que foram comissionados a pregar *o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15), não se sentiriam à vontade em pregar aos *gentios*. É o que acontece quando os preconceitos do orgulho e fanatismo são mantidos firmemente contra as revelações mais claras da verdade divina. 2. *A palavra de Deus* foi cogitada pelos *gentios* e apresentada a eles pelos judeus, sendo um trabalho muitíssimo melhor do que os judeus esperavam. É provável que os judeus tivessem a concepção de que se o evangelho fosse pregado aos *gentios* não daria em nada, porque as provas do evangelho baseavam-se em tão grande parte no Antigo Testamento que os *gentios* não aceitariam a mensagem evangelística. Os judeus acreditavam que os *gentios* não eram naturalmente inclinados à religião, sendo improvável que se sensibilizassem com a mensagem. Por isso, ficaram extremamente surpresos ao ouvir que *os gentios tinham recebido a palavra de Deus*. Veja que somos muito propensos a desanimar de fazer o bem aos que, após serem testados, mostram-se muito tratáveis.

II Os judeus crentes consideraram uma afronta proclamar o evangelho aos gentios: *Subindo Pedro a Jerusalém, [...] os que eram da circuncisão* (v. 2), os judeus convertidos que ainda retinham certa reverência à circuncisão, *disputavam com ele*. Eles acusaram *Pedro* deste crime: *Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles* (v. 3), pelo qual julgaram que ele contaminara, se não perdera, a honra do seu apostolado, e se colocara sob a desaprovação da igreja. Nem de longe eles o consideraram infalível, ou o chefe supremo da igreja perante a quem todos temos de prestar contas e ele a ninguém. Veja aqui: 1. Como é extensa a ruína e o dano da igreja quando a monopolizam e excluem dela e dos benefícios da graça as pessoas que não concordam com todas

as coisas com que concordamos. Há indivíduos de mentalidade tacanha que monopolizariam as riquezas da igreja, como há os que monopolizariam as riquezas do mundo e ficariam *como únicos moradores no meio da terra!* (Is 5.8). Estes homens eram da mentalidade de Jonas, que em zelo excessivo por seu povo, estava bravo por os ninivitas terem recebido a palavra de Deus e se justificava com isso. 2. Os ministros de Cristo não devem achar estranho serem repreendidos e questionados, não só por seus inimigos declarados, mas também por seus amigos declarados; não só por suas tolices e fraquezas, mas também por suas boas ações feitas oportunamente e com perfeição. Mas se pusermos nosso trabalho à prova, podemos nos contentar em nós mesmos, como *Pedro*, independente de qual reprimenda nossos irmãos nos façam. Os que são zelosos e ousados no serviço de Cristo devem esperar ser desaprovados por aqueles que, sob o pretexto de serem cautelosos, são frios e indiferentes. Os que são de princípios liberais, generosos e caridosos devem esperar ser criticados por quem é presunçoso e pudico, que diz: *Retira-te* [...], *porque sou mais santo do que tu* (Is 65.5).

III *Pedro* faz um relato completo e imparcial de o evangelho ser pregado aos gentios suficientemente para, sem mais argumentações ou desculpas, justificar-se e contentá-los: *Pedro começou a fazer-lhes uma exposição por ordem* (v. 4), e "desde o começo" (versão NTLH), para apelar a eles que ele agira erroneamente. Tudo dava mostras de ser obra do próprio Deus, e não do apóstolo.

1. *Pedro* toma por certo que se os judeus crentes tivessem entendido corretamente como as coisas aconteceram, eles não teriam disputado com ele. Antes, pelo contrário, o teriam elogiado. Esta é boa razão para sermos moderados e esparsos em nossas críticas, porque se entendermos corretamente que somos tão petulantes em desaprovar talvez vejamos motivo para concordar e aceitar. Quando virmos os outros fazerem o que parece suspeito, em vez de disputar com eles, devemos investigar em que base eles agiram. Caso seja impossível a investigação, devemos entender da melhor maneira suportável, e não julgar nada antes do tempo (1 Co 4.5).

2. *Pedro* está totalmente disposto a permanecer de acordo com a opinião dos judeus crentes e esmera-se em lhes dar satisfação. Ele não insiste em ser o chefe dos apóstolos, porque ele estava longe de pensar em ter essa supremacia que os seus pretensos sucessores reivindicam. Nem pensa que basta dizer-lhes que ele está intimamente satisfeito com as razões nas quais se firmou para fazer o que fez, e que eles não precisam se incomodar com nada. Pelo contrário, ele está preparado para dar razão da esperança que há nele (1 Pe 3.5) no que tange aos gentios, e por que mudara de pensamento e atitude. Trata-se de uma dívida que devemos a nós mesmos e aos nossos irmãos, colocar nossas ações sob a verdadeira luz que, a princípio, nos parecia ruim e ofensiva, para que removamos as pedras de tropeço do caminho de nossos irmãos. Vejamos o que *Pedro* alega em sua defesa.

(1) Que *Pedro* foi instruído por uma visão a deixar de manter as distinções que eram feitas pela lei cerimonial. Ele relata a visão (vv. 5,6), como fizera anteriormente no capítulo 10.9ss. O primeiro texto diz que o lençol veio para a terra (cap. 10.11), ao passo que aqui ele afirma que veio *até junto* dele (v. 5), cuja circunstância dá a entender que o objetivo particular era instruí-lo. É assim que devemos ver todas as revelações que Deus faz de si mesmo aos filhos dos homens, fazendo com que as revelações venham para junto de nós e aplicando-as em nós pela fé. Outra circunstância acrescentada neste relato da visão é que quando o *grande lençol* desceu *do céu e* veio *até junto* de *Pedro*, ele pôs *nele os olhos*, considerou e viu (v. 6). Se formos levados ao conhecimento das coisas divinas, temos de pôr nossa mente nessas coisas e considerá-las. Ele lhes conta a ordem que recebeu para comer todos os tipos de carne sem fazer distinção (v. 7) e *sem perguntar nada, por causa da consciência* (1 Co 10.25). Foi somente depois do dilúvio, ao que parece, que o homem recebeu a autorização de comer todos os tipos de carne (Gn 9.3). Mas tarde, esta permissão foi limitada pela lei cerimonial. Mas agora, as restrições foram descontinuadas, e a questão, liberada novamente. Não era a intenção de Jesus privar-nos de nos servir da carne dos animais por outra lei senão a sobriedade e a temperança, preferindo *a comida que permanece para a vida eterna* acima da *comida que perece* (Jo 6.27). *Pedro* argumenta que ele era tão avesso ao pensamento de conversar com gentios, ou de comer das suas iguarias, quanto eles eram, por isso recusou a liberdade oferecida: *De maneira nenhuma, Senhor; pois nunca em minha boca entrou coisa alguma comum ou imunda* (v. 8). Mas a *voz* [...] *do céu* disse-lhe que a situação sofreu alteração, pois *Deus* purificara as pessoas e coisas que antes eram contaminadas. Sendo assim, o apóstolo não deve dizer que são comuns, nem considerá-las impróprias para relacionar-se com o povo peculiar (v. 9). Diante disso, *Pedro* não seria culpado por mudar de opinião, quando Deus mudara a situação. Em coisas desta natureza devemos agir de acordo com a luz que temos no presente. Contudo, não temos de nos prender tanto à nossa opinião relativa a essas coisas a ponto de prejudicar novas revelações, quando a questão é ou parece de outra maneira. Deus é poderoso para nos revelar até isso (Fp 3.15). E para que os judeus crentes tivessem a certeza de que *Pedro* não estava enganado, ele afirma que *sucedeu isto por três vezes* (v. 10): a mesma ordem dada – *levanta-te, Pedro! Mata e come* – e a mesma razão – *não chames tu comum ao que Deus purificou* – foram repetidas uma segunda e terceira vez. Como confirmação de que era uma visão divina, as coisas que ele viu não desapareceram no ar, mas *tudo tornou a recolher-se no céu* (v. 10), de onde havia descido.

(2) Que *Pedro* foi orientado particularmente pelo Espírito Santo a acompanhar os mensageiros que Cornélio enviou. Pelo que parece, a visão teve a função de convencê-lo deste ponto, pois ele observa aos judeus crentes o momento em que os mensageiros chegaram – imediatamente depois de ter a visão. Contudo, para que não houvesse nada a impedi-lo de obedecer, ordenou-lhe *o Espírito que fosse com* (v. 12) os *varões que* lhe *foram enviados de Cesaréia* (v. 11), *nada duvidando* (v. 12). Embora fossem gentios, *Pedro* foi *com eles*, e indo, ele tinha de acompanhá-los sem a mínima reserva.

(3) Que *Pedro* levou consigo *estes seis irmãos*, que eram da circuncisão, para contentar a eles e a si mesmo. Ele levou estes de *Jope* para servirem de testemunha do cuidado com que ele procedeu, prevendo que os judeus

crentes entenderiam como afronta a questão toda. Ele não agiu separadamente, mas com conselho; não precipitadamente, mas com a devida deliberação.

(4) Que Cornélio também teve uma visão que o orientou a chamar *Pedro*: Cornélio *contou-nos como vira em pé um anjo em sua casa* (v. 13), o qual lhe ordenou enviar *varões a Jope e* mandar *chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro*. Note como é bom para os que têm comunhão com Deus e mantêm correspondência com o céu, comparar notas e comunicar suas experiências uns aos outros, pois assim eles fortalecem a fé mútua: *Pedro* é muito mais confirmado na verdade da sua visão pela visão de Cornélio, e Cornélio pela de *Pedro*. Aqui é acrescentado algo ao que o *anjo* disse a Cornélio. Antes era: "Manda chamar a Pedro, e ele te falará; ele te dirá o que deves fazer" (cap. 10.6,32); mas aqui é: "*O qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa* (v. 14). Portanto, é do teu maior interesse e te será extremamente vantajoso mandar chamá-lo". Note que: [1] As *palavras* do evangelho são palavras pelas quais podemos ser salvos, eternamente salvos, não somente ouvindo-as e lendo-as, mas crendo nelas e obedecendo-as. Elas nos apresentam e nos mostram para que servem. Elas nos abrem o caminho da salvação, e, se seguirmos o método prescrito por elas, seremos inexoravelmente salvos da ira e da maldição, e seremos felizes para sempre. [2] Os que aceitam o evangelho de Cristo farão com que a salvação seja levada às suas famílias: "*Palavras com que te salves, tu e toda a tua casa* (v. 14). Tu e teus filhos entrarão no concerto e terão os recursos da salvação. Tua casa será como bom acolhimento ao benefício da salvação no momento em que cada membro crer, de ti até ao mais humilde criado que tiveres. *Hoje, veio a salvação a esta casa* (Lc 19.9). Até agora, a salvação era dos judeus (Jo 4.22), mas a partir deste momento ela é levada aos gentios tanto quanto sempre foi com os judeus. As promessas, os privilégios e os recursos da salvação são transmitidos tão completa e amplamente a todas as nações, para todas as intenções e propósitos, como sempre foram reservados à nação judaica.

(5) Que o fato que encerrou o caso foi o derramamento do Espírito Santo sobre os ouvintes gentios. Foi o que completou a evidência de que era a vontade de Deus que Ele trouxesse os gentios em comunhão. [1] O fato era claro e inegável: "*Quando comecei a falar*" (v. 15) (talvez com certa relutância secreta no peito, duvidando se ele estava no direito de pregar para incircuncisos), "logo *caiu sobre eles o Espírito Santo* em sinais tão visíveis *como também sobre nós ao princípio*, no que não poderia haver falácia". Assim Deus atestou o que foi feito e expressou sua aprovação. Essa pregação é correta, pois *o Espírito Santo* foi derramado. O apóstolo supõe esta verdade, quando argumenta com os gálatas: *Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?* (Gl 3.2). [2] Com esse fato, Pedro lembrou-se de uma declaração do Mestre (cap. 1.5), quando ele estava a ponto de ascender aos céus: *João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo* (v. 16). Isto dá a entender, em primeiro lugar, que *o Espírito Santo* era o dom de Cristo, e o produto e cumprimento da sua promessa, a grande promessa que Ele deixou com os discípulos quando Ele foi para o céu. Era-lhe indubitável que esse dom viesse; e que e enchimento deles *com o Espírito Santo* era feito e obra de Cristo. Como fora prometido por sua boca, assim foi executado por sua mão, sendo símbolo do seu favor. Em segundo lugar, que o dom do *Espírito Santo* era um tipo de batismo. Os que receberam o dom do *Espírito Santo* foram batizados de maneira mais excelente do que os que foram batizados pelo próprio *João* Batista *com água*. [3] Comparando esta promessa do Mestre (v. 16), assim redigida, com o dom que acabou de ser ofertado, quando foi levantada a questão se estas pessoas deveriam ou não ser batizadas, Pedro concluiu que a questão foi levantada pelo próprio Cristo: "*Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós* (v. 17), judeus, e *a nós* nos dias de hoje, *quando cremos no Senhor Jesus Cristo*, bem como a eles quando creram também nele, *quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?* Poderia eu recusar batizar *com água* aqueles a quem Deus batizara *com o Espírito Santo*? Poderia eu negar o sinal a quem o *Senhor Jesus Cristo* dera a coisa significada? Mas quanto a mim, *quem era* [...] *eu*? Quê! Eu posso interditar a ação de Deus? Cabe a mim controlar a vontade divina ou opor-me às deliberações celestiais?" Note que as pessoas que impedem a conversão das almas estão resistindo a Deus. E as pessoas encarregam-se com muita responsabilidade tramando como excluir da comunhão as almas que Deus aceitou em comunhão com Ele.

IV Esta narrativa que Pedro fez sobre o evangelho ser pregado aos gentios contentou a todos e tudo ficou bem. Quando as duas tribos e meia fizeram uma narrativa a Finéias e aos príncipes de Israel sobre a verdadeira intenção e significando da construção de um altar às margens do rio Jordão, a controvérsia acabou e todos ficaram satisfeitos (Js 22.30). Certas pessoas, quando objetivam reprovar alguém, mantêm-se firmes no intento, mesmo que a reprovação seja claramente injusta e infundada. Não foi o que aconteceu aqui. Estes irmãos, embora fossem da circuncisão e se inclinassem para o lado oposto aos acontecimentos, quando ouviram as explicações de Pedro, agiram diferentemente. 1. Estes judeus crentes retiraram sua reprovação: Eles *apaziguaram-se* (v. 18) e não disseram nada mais contra o que Pedro fizera. Eles puseram a mão sobre a boca, porque agora perceberam que Deus foi quem fez isto. Os que se orgulhavam em sua respeitabilidade por serem judeus começaram a ver que Deus estava manchando-lhes o orgulho, ao permitir que os gentios entrassem em comunhão com eles – e comunhão em tudo nas mesmas medidas. Agora se cumpriu a profecia que diz: *Tu nunca mais te ensoberbecerás no meu monte santo* (Sf 3.11). 2. Estes judeus crentes *glorificaram a Deus* (v. 18). Eles não só ficaram em paz com a disputa com Pedro, mas abriram a boca em glorificações *a Deus* pelo que Ele fizera pelo e com o ministério de Pedro. Ficaram gratos porque o equívoco em que se encontravam foi corrigido, e porque *Deus* mostrara aos pobres *gentios* mais misericórdia do que estavam inclinados a lhes mostrar, dizendo: *Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida* (v. 18). *Deus* dera aos *gentios* o meio do *arrependimento*, abrindo uma porta para os seus ministros trabalharem entre os *gentios*, e a graça do *arrependimento*, tendo dado aos *gentios* o seu Espírito Santo. Sempre que o Espírito Santo chega para ser o Consolador, primeiro Ele convence, dá uma visão do

pecado e a tristeza pelo pecado e em seguida dá uma visão de Cristo e a alegria que há em Cristo. Note que: (1) *O arrependimento*, se for verdadeiro, é *para a vida* (v. 18). É *para a vida* espiritual. Todos os que verdadeiramente se arrependem dos seus pecados mostram esta condição vivendo uma nova *vida*, uma *vida* santa, celestial e divina. Os que pelo *arrependimento* morrem para o pecado desde então vivem para *Deus*. É então, e somente então, que começamos a realmente viver e que será *para a vida* eterna. Todos os verdadeiros penitentes viverão, quer dizer, serão restaurados ao favor de *Deus*, que é *a vida*, que é melhor que *a vida*. Eles serão consolados com a certeza do perdão dos pecados, e terão o ganho da vida eterna e, por fim, a consecução. (2) *O arrependimento* é dom de *Deus*. Não é apenas a sua graça livre que aceita *o arrependimento*, mas a sua graça poderosa que trabalha *o arrependimento* em nós, que tira *o coração de pedra* e nos dá *um coração de carne* (Ez 11.19). *Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado* (Sl 51.17). É Ele que provê para si esse cordeiro. (3) Sempre que *Deus* projeta dar *vida*, Ele oferta *arrependimento*, pois isso é um preparativo necessário para a consolação de um perdão ratificado e uma paz estabelecida neste mundo, e para vermos e desfrutarmos de *Deus* no outro mundo. (4) Ficamos extremamente consolados que *Deus* tenha exaltado seu Filho Jesus para dar *o arrependimento* e o perdão de pecados, não somente para Israel (cap. 5.31), mas também para os *gentios*.

O Evangelho É Pregado em Antioquia. O Sucesso do Evangelho em Antioquia. Barnabé em Antioquia

vv. 19-26

Temos um relato da plantação e irrigação de uma igreja em Antioquia, a principal cidade da Síria, considerada a terceira cidade mais importante do Império Romano, ficando abaixo somente de Roma e Alexandria. Situava-se onde outrora estavam Hamate ou Ribla, sobre a qual lemos no Antigo Testamento. Certos estudiosos são de opinião de que Lucas, o escritor desta história, como também Teófilo, a quem ele a dedica, era de Antioquia. Esta seria a justificação de ele dar atenção mais particular ao sucesso do evangelho em Antioquia, como também foi lá que Paulo começou a ficar famoso, visto que Lucas está se dirigindo à história de Paulo. Agora, sobre a igreja em Antioquia, observe:

I Os primeiros pregadores do evangelho em Antioquia eram *os que foram dispersos* (v. 19) de Jerusalém *pela perseguição* que surgiu cinco ou seis anos atrás (segundo cômputos de alguns) *por causa* morte *de Estêvão*. Eles *caminharam até à Fenícia* e outros lugares *anunciando* [...] *a palavra*. Deus permitiu que eles fossem perseguidos para que fossem *dispersos* pelo mundo, semeados como semente para Deus a fim de darem muito fruto. Esse era o plano para que a lesão da Igreja contribuísse para o seu bem, assim como foi transformada em bênção a maldição de Jacó à tribo de Levi (*eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel*, Gn 49.7). O propósito dos inimigos era espalhá-los para que desaparecessem, mas o propósito de Jesus era espalhá-los para que fossem usados. Assim a cólera do homem redunda em louvor a Deus (Sl 76.10). Observe:

1. *Os que foram dispersos pela perseguição* (v. 19) não estavam fugindo do trabalho. Embora sob as atuais circunstâncias eles recusassem sofrimento, eles não recusavam serviço. Pelo contrário, eles se puseram em um campo maior de oportunidades que antes. Os que perseguiram os pregadores do evangelho queriam evitar que as boas-novas fossem anunciadas no mundo gentio. Mas o que fizeram foi promover essa divulgação o quanto antes. *Ainda que ele não cuide assim, nem o seu coração assim o imagine* (Is 10.7). Os que eram perseguidos em uma cidade fugiam para outra, levando consigo a religião, não só para se servirem das consolações dela, mas para que eles a comunicassem aos outros. Desta forma, eles mostraram que quando fugiram não foi porque tinham medo de sofrer, mas porque estavam dispostos a dedicar-se para outros serviços.

2. *Os que foram dispersos pela perseguição* (v. 19) dedicaram-se totalmente à obra, descobrindo que *o bom prazer do Senhor* prosperava na mão deles (Is 53.10). Quando eles tinham pregado com sucesso na Judéia, Samaria e Galiléia, eles cruzaram as fronteiras da terra de Canaã e viajaram *até à Fenícia*, ilha de *Chipre* e Síria (v. 20). Quanto mais longe iam, mais estavam se expondo. Mesmo assim continuaram. O lema deles era *plus ultra – ainda mais adiante*, não fazendo de má vontade, nem temendo perigo ao fazer uma obra tão boa e ao servir a um Mestre tão bom.

3. *Os que foram dispersos pela perseguição* (v. 19) não anunciavam *a ninguém a Palavra senão somente aos judeus* que estavam espalhados em todas essas regiões e tinham sinagogas próprias, onde recebiam os *dispersos* que lhes pregavam o evangelho. Esses *judeus* ainda não tinham entendido que os gentios tinham de ser co-herdeiros e membros do mesmo corpo. Para eles, os gentios tinham de se tornar judeus para entrar na igreja, ou então permaneciam como estavam.

4. *Os que foram dispersos pela perseguição* (v. 19) dedicaram-se especificamente aos judeus helenistas, aqui chamados *gregos* (v. 20), que estavam *em Antioquia*. Muitos dos pregadores eram nativos da Judéia e Jerusalém, ao passo que outros tinham nascido em *Chipre* ou em *Cirene*, como o próprio Barnabé (cap. 4.36) e Simão (Mc 15.21), mas tiveram sua formação educacional em Jerusalém. Aqueles, sendo judeus *gregos*, tinham uma preocupação particular pelos de sua própria denominação e categoria, e concentravam-se restritamente neles *em Antioquia*. O Dr. Lightfoot diz que eles chamavam-se helenistas ou *gregos*, porque eram os judeus da corporação ou emancipação da cidade, pois *Antioquia* era uma cidade sírio-grega. Foi a estes que os *dispersos pela perseguição* anunciaram *o Senhor Jesus*. Esse era o tema constante da pregação que faziam. Que mais os ministros do *Senhor Jesus* deveriam pregar, *senão a Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.2), a Jesus Cristo e este glorificado?

5. *Os que foram dispersos pela perseguição* (v. 19) tiveram sucesso maravilhoso em sua pregação. (1) A pregação dos *dispersos pela perseguição* foi acompanhada pelo poder divino: *A mão do Senhor era com eles* (v. 21),

declaração que certos estudiosos entendem que se refere ao poder com que eles foram capacitados a fazer milagres para a confirmação da doutrina. Nestes milagres, o *Senhor era com eles*, porque Ele confirmava *a palavra com os sinais que se seguiram* (Mc 16.20). Por estes sinais, Deus testificava com eles (Hb 2.4). Mas, em minha opinião, a declaração diz respeito ao poder da graça divina trabalhando no coração dos ouvintes e abrindo-o, como abriu o coração de Lídia, porque muitos que não eram convertidos viram os milagres. Contudo, quando pelo Espírito o entendimento foi iluminado e a vontade se curvou ao evangelho de Cristo, esse foi um dia de poder em que os voluntários alistaram-se sob a bandeira do Senhor Jesus (Sl 110.3). *A mão do Senhor era com eles* para que a mensagem chegasse ao coração e consciência dos homens, pois os pregadores só podiam falar aos ouvidos externos. Assim a palavra do Senhor atinge sua finalidade, quando *a mão do Senhor* acompanha a palavra do Senhor para escrevê-la no coração dos que ouvem. Então as pessoas são levadas a crer no relato do evangelho, quando, por meio dele, manifesta-se *o braço do Senhor* (Is 53.1), quando Deus ensina *com uma forte mão* (Is 8.11). Estes não eram apóstolos, mas ministros comuns. Mesmo assim tinham *a mão do Senhor* consigo e fizeram maravilhas. (2) Com a pregação dos *dispersos pela perseguição* ocorreu abundância de bens: *Grande número creu e se converteu ao Senhor* (v. 21), muito mais do que se esperava levando em conta as desvantagens externas sob as quais eles trabalhavam. Todos os tipos de pessoas foram persuadidas e levadas à obediência de Cristo. Observe qual foi a mudança. [1] *Grande número creu* (v. 21). Muitas pessoas foram convencidas da verdade do evangelho e aprovaram o registro que Deus dera concernente ao seu Filho. [2] O efeito e a evidência desse ato de crer foi que *grande número* [...] *se converteu ao Senhor* (v. 21). Não se pode dizer que esses indivíduos se converteram do culto aos ídolos, porque eram judeus, adoradores do único Deus verdadeiro. Mas eles se converteram da confiança na justiça da lei para confiar somente na justiça de Cristo, *a justiça que é pela fé* (Rm 9.30). Eles se converteram de um modo de vida desregrado, descuidado e carnal para viver uma vida santa, celestial, espiritual e divina. Eles se converteram de adorar a Deus em exibições e cerimônias para adorá-lo *em espírito e em verdade* (Jo 4.24). Eles se converteram ao Senhor Jesus que para eles se tornou tudo em todos. Esta foi a obra da conversão que operou neles, e deve operar em cada um de nós. Foi o fruto da fé deles. Todos os que sinceramente crerem, se converterão ao Senhor; pois, quer professemos ou finjamos, nós não estamos realmente crendo no evangelho se não aceitarmos de coração Cristo, que nos é oferecido no evangelho.

II A boa obra assim começada em Antioquia foi levada à plena perfeição. A igreja, assim fundada, cresceu até ser próspera pelo ministério de Barnabé e Saulo, que edificaram sobre a fundação que outros pregadores tinham posto e entraram no trabalho destes (Jo 4.37,38).

1. A *igreja que estava em Jerusalém* (v. 22) enviou *Barnabé até Antioquia* para cuidar desta igreja recém-nascida, fortalecer as mãos dos pregadores e do povo e dar *fama* à causa de Cristo naquela localidade.

(1) A *igreja que estava em Jerusalém* (v. 22) ouviu a excelente notícia de que o evangelho fora recebido em *Antioquia*. Os apóstolos tinham o desejo de saber como a obra estava indo nos países circunvizinhos. É provável que mantivessem correspondência com todas as regiões onde os pregadores estavam, de forma que *a fama destas coisas*, do grande número de pessoas convertidas em *Antioquia*, logo *chegou* [...] *aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém*. As pessoas que estão em posições mais eminentes na igreja devem preocupar-se com as que estão em esferas mais baixas.

(2) A *igreja que estava em Jerusalém* (v. 22) enviou sem demora *Barnabé até Antioquia*. Eles desejavam que ele fosse, ajudasse e incentivasse este início esperançoso. Eles o *enviaram* como emissário deles e representante do corpo inteiro para felicitá-los pelo sucesso do evangelho entre eles, como assunto de alegria para pregadores e ouvintes, e com ambos eles se alegraram. Ele tem de ir *até Antioquia*. Era um longo caminho, mas, mesmo que ficasse longe, ele estava propenso a empreender a viagem em prol de um serviço público. É provável que *Barnabé* tivesse um talento próprio para este tipo de trabalho, fosse disposto e sociável, gostasse de estar em movimento e tivesse grande prazer em fazer o bem no estrangeiro como outros tinham em fazer o bem em seu próprio país. Ele era como muitos são do espírito de Zebulom, que se alegrava nas suas saídas, como outros são do de Issacar, que se alegrava nas suas tendas (Dt 33.18). Sendo este o seu talento, ele era o mais adequado para ser empregado neste trabalho. Deus dá vários dons para vários serviços.

(3) *Barnabé* ficou maravilhosamente satisfeito quando chegou e viu que o evangelho ganhava terreno, e que alguns dos seus compatriotas, homens de Chipre (de cujo país ele era, cap. 4.36), foram os instrumentos para isso: *O qual, quando chegou e viu a graça de Deus* (v. 23), os sinais da boa vontade de Deus para o povo de Antioquia e as evidências da sua boa obra entre eles, ele *se alegrou*. Suas observações foram feitas durante certo tempo. Observando os cultos públicos, as relações sociais comuns e familiares, ele *viu a graça de Deus* operando entre eles. Onde estiver *a graça de Deus*, ali ela será vista, assim como pelo fruto se conhece a árvore (Mt 12.33). E onde ela for vista, deve ser reconhecida. Tudo que virmos de bom nas pessoas, devemos reputar à graça de Deus, e dar a essa graça a glória disto. Devemos nos consolar com isso, e tornar o assunto de nossa alegria. Devemos nos alegrar ao ver a graça de Deus nos outros, e muito mais quando a virmos onde não a esperamos.

(4) *Barnabé* fez o que pôde para fortalecer os membros da igreja em *Antioquia*, para confirmá-los na fé a que foram convertidos. Ele *exortou a todos – parekalei* (v. 23). Esta é a mesma palavra pela qual o nome de *Barnabé* é interpretado (cap. 4.36): *hyios parakleseos – um filho da exortação* (versão RA). O seu talento era esse, com o qual ele negociava. *O que exorta, use esse dom em exortar* (Rm 12.8). Ou, sendo um "Filho da Consolação" (que é como preferimos traduzir a palavra grega [4.36, versão RC]), ele consolava ou incentivava *a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor*. Quanto mais ele se alegrava com o começo da boa obra entre eles, mais determinado ele ficava em estar com

eles para que prosseguissem de acordo com este bom começo. Devemos exortar aqueles em quem temos consolação. *Barnabé* alegrou-se pelo que viu da *graça de Deus* entre eles, por isso sua maior preocupação era que perseverassem. [1] Permanecer *no Senhor* (v. 23). Note que os que se convertem *ao Senhor* se ocupam em permanecer *no Senhor*, para que não deixem de segui-lo, para que não se cansem e desistam de segui-lo. Permanecer *no Senhor* Jesus é viver a vida dependendo dele e consagrando-se a Ele: não só segurando-o com firmeza, mas sendo segurado por Ele com firmeza para ser forte *no Senhor e na força do seu poder* (Ef 6.10). [2] Permanecer *no Senhor* [...] *com firmeza de coração* (v. 23), com resolução inteligente, firme e deliberada, fundamentada em boa base e firme nessa fundação (Sl 108.1, versão RA). É amarrar nossa alma com um laço para ser do Senhor e dizer como Rute: *Não me instes para que te deixe e me afaste de ti* (Rt 1.16), ou me impeças de segui-lo.

(5) Em tudo isso, *Barnabé* deu prova do seu bom caráter: Ele *era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé* (v. 24), e mostrou-se à altura nesta conjuntura. [1] *Barnabé* demonstrou ser *homem* de disposição muito agradável, afável e cortês, que possuía em si a arte da prestatividade e sabia ensinar os outros. Ele *era homem* íntegro, *de bem* (v. 24) e de bom gênio. Os ministros que são assim recomendam muitíssimo a si mesmos e à doutrina que ensinam à boa opinião dos que são de fora. Ele era um *homem de bem*, quer dizer, um *homem* voltado às obras assistenciais. A isto ele se mostrara à altura, quando vendeu uma propriedade e deu o dinheiro aos pobres (cap. 4.37). [2] Todas estas coisas mostraram que *Barnabé* era dotado ricamente com dons e graças do Espírito. A bondade da sua disposição natural não o teria qualificado para este serviço caso ele não tivesse sido *cheio do Espírito Santo* (v. 24) e, assim, *cheio da força do Espírito do Senhor* (Mq 3.8). [3] *Barnabé* era *cheio* [...] *de fé* (v. 24), *cheio* da própria *fé* cristã e, portanto, desejoso de propagá-la entre os outros. Ele era *cheio* da graça da *fé*, e *cheio* dos frutos da *fé que atua pelo amor* (Gl 5.6, versão RA). Ele era são na fé (Tt 2.2), por isso exortava os outros a também o serem.

(6) *Barnabé* foi o instrumento para fazer o bem, trazendo para dentro os que estavam de fora e edificando os que eram de dentro: *Muita gente se uniu ao Senhor* (v. 24), muitas pessoas foram acrescentadas à Igreja. Muitos já haviam se convertido ao Senhor, contudo muitos mais havia a se converterem. *Feito está como mandaste, e ainda há lugar* (Lc 14.22).

2. *Barnabé* foi buscar *Saulo* para unir-se a ele na obra do evangelho em *Antioquia*. A última notícia que temos de *Saulo* era que, quando procuraram matá-lo em Jerusalém, eles o enviaram a *Tarso*, a cidade onde nasceu, e, ao que parece, desde então ele continuou lá, fazendo o bem, sem dúvida. Mas agora *Barnabé* viaja a *Tarso* com o propósito de ver o que acontecera com ele, contar-lhe sobre a porta de oportunidade que se abriu em *Antioquia* e propor-lhe que vá passar um tempo com ele naquela cidade (vv. 25,26). Esta atitude mostra que *Barnabé* era o tipo do homem bom em dois aspectos: (1) *Barnabé* se empenhou muito para tirar da obscuridade um homem útil e ativo. Foi ele que apresentou *Saulo* aos discípulos em Jerusalém, quando eles o olhavam com desconfiança. Foi ele que o tirou do lugar retirado ao qual ele se dirigiu para ocupar uma situação mais pública. É excelente trabalho ir buscar a candeia que está debaixo do alqueire para colocá-la no velador (Mt 5.15). (2) *Barnabé* trouxe *Saulo* a *Antioquia*, o qual, sendo *o principal portador da palavra* (cap. 14.12, versão RA) e provavelmente pregador mais popular, teria a probabilidade de ofuscá-lo, excedendo-o em brilho. Mas *Barnabé* não está nem um pouco preocupado em ser ofuscado quando se trata de bem para o serviço público. Se Deus por sua graça nos inclina a fazer o bem que podemos fazer, de acordo com a habilidade que temos, devemos nos alegrar se outros que tenham capacidade maior também tenham oportunidades maiores e façam mais bem do que podemos fazer. *Barnabé* levou *Saulo* a *Antioquia*, embora essa ação pudesse depreciá-lo, para nos ensinar a buscar as coisas de Cristo mais do que as nossas próprias.

3. Esse texto sacro também nos mostra:

(1) O serviço que foi prestado à *igreja* em *Antioquia*. *Saulo* e *Barnabé* permaneceram ali por um ano completo, presidindo as reuniões religiosas e pregando o evangelho (v. 26). Observe: [1] A *igreja* se reunia com freqüência. Os cultos dos cristãos são ordenados por Cristo para a sua honra e a consolação e benefício dos discípulos. O povo de Deus de antigamente tinha o hábito de reunir-se a miúdo, *à porta da tenda da congregação* (Êx 29.4). Hoje, os lugares de culto são múltiplos, mas o povo tem de se reunir mesmo que seja difícil e perigoso. [2] Os ministros eram quem presidiam esses cultos e dedicavam esses espaços ao nome de Cristo, a cujo nome tudo e todos devem honra e culto. [3] Ensinar as pessoas faz parte do trabalho de ministros, quando presidem os cultos. São eles a boca do povo para Deus em oração e louvor, e a boca de Deus para o povo, abrindo as Escrituras e ensinando delas o bom conhecimento do Senhor. [4] Os ministros ficam muito animados quando têm a oportunidade de ensinar muitas pessoas, de lançar a rede do evangelho onde há grandes cardumes de peixe, na esperança de que muitos mais sejam incluídos. [5] Pregar não é apenas para a convicção e conversão das pessoas que estão de fora, mas também para a instrução e edificação das pessoas que estão dentro. A *igreja* constituída tem de ter mestres.

(2) A honra que foi dada à *igreja* em *Antioquia*: Ali, *foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos* (v. 26). É provável que eles se chamassem por esse título para dar a entender que formavam um grupo específico. Contudo, não sabemos se eles tomaram essa decisão por ato solene da igreja ou ministros, ou pela repetição freqüente e imperceptível deste nome na oração e pregação. A permanência tão longa de dois tais grandes homens, como *Saulo* e *Barnabé*, e as muitas reuniões sem oposição fizeram com que os cultos cristãos naquela cidade ganhassem maior vulto e notoriedade do que em outro lugar, sendo esta a razão de eles serem *chamados cristãos* ali *pela primeira vez*. Se era para haver uma igreja-mãe para reger sobre todas as outras igrejas a *igreja* em *Antioquia* seria mais digna da honra do título do que Roma possa aspirar. Até aqui, os que se entregavam a Cristo eram chamados "discípulos", "aprendizes", "estudantes", pessoas treinadas conforme as instruções de Cristo para serem usadas por Ele. Mas daqui em diante eles foram *chamados cristãos*. [1] Assim os nomes injuriosos por meio de

que os inimigos tinham estigmatizado os *cristãos* até então foram, talvez, substituídos e caíram em desuso. Eles os chamavam os daquele *Caminho* (cap. 22.4), os da *seita dos nazarenos* (cap. 24.5), não tendo nome específico, dando a entender área de interesse misteriosa e fazendo as pessoas discriminá-los. Para acabar com essa discriminação, eles se deram um nome que os inimigos não podiam deixar de dizer que era próprio. [2] Assim os que antes da conversão se distinguiam pelos nomes de *judeus* e *gentios*, depois da conversão eram chamados por um único nome para esquecerem seus antigos nomes divisores e evitar fixar suas marcas de distinção anteriores. Este procedimento não deixaria que as sementes da divisão entrassem na igreja. Que ninguém mais dissesse: "Eu era *judeu*", nem o outro dissesse: "Eu era *gentio*", quando agora um e outro têm de dizer: "Eu sou *cristão*". [3] Assim *os discípulos* planejaram honrar o Mestre, e mostraram que não tinham vergonha de confessar a relação que mantinham com Ele, antes, gloriavam-se nela. É semelhante aos grandes homens que têm, cada um, os seus próprios seguidores. Eles não tomaram a denominação do nome da pessoa do Mestre, *Jesus*, mas do seu ofício, *Cristo – o Ungido*, pondo o credo em seus nomes: *que Jesus é o Cristo* (Jo 20.31). Eles ansiavam que o mundo inteiro soubesse que esta é a verdade pela qual viveriam e morreriam. Os inimigos utilizarão este nome para reprovar *os discípulos* e acusá-los desse crime, mas estes se gloriarão nele: Se é para ser envilecido, *ainda mais do que isto me envilecerei* (2 Sm 6.22). [4] Assim *os discípulos* confessavam que em tudo dependiam de Cristo. Eles criam que Ele era (e é) o Ungido e que Ele lhes dera *a unção* (1 Jo 2.20,27). As Escrituras afirmam que Deus nos ungiu em Cristo (2 Co 1.21). [5] Assim *os discípulos* puseram em si e em todos que confessassem esse nome a obrigação forte e permanente de submeter-se às leis de Cristo, seguir-lhe o exemplo e dedicar-se inteiramente à sua honra – ser para Ele *um nome e um louvor* (Sf 3.20). Somos cristãos? Então devemos pensar, falar e agir em todas as coisas como convém a cristãos, e não fazer nada repreensível desse nome digno pelo qual somos chamados. Que não se possa dizer de nós o que Alexandre disse ao soldado que tinha o mesmo que ele e agira covardemente: *Aut nomen, aut mores muta – Ou muda de nome ou muda de modos*. Como temos de nos considerar cristãos e nos comportar de acordo com nossa fé, assim temos de considerar os outros cristãos e nos comportar com eles também em harmonia com nossas convicções. O cristão, mesmo que em nossa opinião não seja perfeito, deve ser amado e respeitado por causa do nome que ele usa, pois ele pertence a Cristo. [6] Assim cumpriu-se a Escritura, pois assim estava escrito concernente à Igreja do evangelho: *E chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor nomeará* (Is 62.2); e sobre a igreja corrupta e degenerada dos judeus: *O Senhor Jeová vos matará; e a seus servos chamará por outro nome* (Is 65.15).

As Ofertas na Igreja Primitiva

vv. 27-30

Quando nosso Senhor Jesus, *subindo ao alto*, [...] *deu dons aos homens* (Ef 4.8), Ele deu não apenas *apóstolos* e *evangelistas*, mas também *profetas* que foram capacitados pelo Espírito para prever e predizer as coisas futuras. Este dom servia para confirmar a verdade do cristianismo (pois tudo que estes profetas predisseram sucedeu, comprovando que eram enviados de Deus, Dt 18.22; Jr 28.9), e era utilíssimo para a Igreja, sendo muito usado para a sua orientação. Nestes versículos, temos:

I A visita que alguns profetas fizeram a Antioquia: *Naqueles dias* (v. 27), durante o ano em que Barnabé e Saulo moraram em *Antioquia*, vieram *profetas de Jerusalém para Antioquia*. Não sabemos quantos, nem temos certeza se faziam parte do grupo de profetas que mais tarde encontramos *na igreja que estava em Antioquia* (cap. 13.1). 1. Esses *profetas* saíram *de Jerusalém* (v. 27), provavelmente porque já não eram tão respeitados lá quanto outrora foram. Viram que até certo ponto o trabalho estava concluído naquele lugar, e julgaram que era hora de ir embora. *Jerusalém* fora infame por matar os profetas e maltratá-los (Mt 23.37), portanto era justo que a cidade fosse destituída destes *profetas*. 2. Esses *profetas* foram *para Antioquia* (v. 27), porque ficaram sabendo do estado próspero daquela igreja, e esperavam servir de algum préstimo. Assim *cada um administre aos outros o dom como o recebeu* (1 Pe 4.10). Barnabé foi exortá-los e, tendo eles recebido bem a exortação, *profetas* lhes são enviados para mostrar-lhes *as coisas que ainda hão de vir* (Is 41.23), como Jesus prometera (Jo 16.13). *Quem é fiel no mínimo* receberá o *muito* (Lc 16.10). A melhor maneira de entendermos as predições das Escrituras é quando obedecemos às instruções das Escrituras.

II A predição específica de uma fome próxima profetizada por um destes profetas, cujo *nome* era *Ágabo* (v. 28). Mais tarde, vamos encontrá-lo profetizando a prisão de Paulo (cap. 21.10,11). Aqui ele levantou-se, provavelmente em um dos cultos públicos, e profetizou. Observe: 1. De onde *Ágabo* tirou a profecia. O que ele disse não era de si mesmo, nem fantasia sua, nem predição astronômica, nem conjetura acerca das operações vigentes de segundas causas, mas ele *dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome* (v. 28). Foi semelhante a José que, *pelo Espírito* que o capacitou, compreendeu os sonhos de faraó e predisse a fome no Egito, e semelhante a Elias que predisse a fome em Israel nos dias do rei Acabe. Assim Deus revela seus segredos aos seus servos, os profetas. 2. Qual foi a profecia de *Ágabo*: *Haveria uma grande fome em todo o mundo* (v. 28), visto que, por condições climáticas adversas e extemporâneas, o trigo ficaria escasso e caro, de modo que muitos pobres morreriam por falta de pão. Isto não ocorreria em uma única região, mas *em todo o mundo*, ou seja, *em todo* o Império Romano, o qual eles, em seu orgulho, como Alexandre antes deles, chamavam *o mundo*. Cristo predissera que haveria fome em geral (Mt 24.7; Mc 13.8; Lc 21.11), mas *Ágabo* prediz uma *fome* fora do comum prestes a ocorrer. 3. O cumprimento da profecia de *Ágabo*: Ela *aconteceu no tempo de Cláudio César* (v. 28). Começou no segundo ano do seu reinado e continuou até o quarto ano, se não por muito mais tempo. Vários historiadores romanos mencionam essa *fome*, como também Josefo. Deus lhes enviou o pão

da vida e eles o rejeitaram, detestaram o suprimento desse maná. Por isso, Deus com justiça interrompeu o sustento de pão e os castigou com *fome*. Nisso Ele foi justo: eles eram estéreis e não davam fruto para Deus, então Deus lhes tornou a terra estéril.

III O bom proveito que *os discípulos* fizeram desta predição. Quando souberam que uma fome estava próxima, eles não fizeram como os egípcios que estocaram grãos para o consumo próprio. Mas visto que se tornaram cristãos, eles juntaram para ser distribuído aos necessitados, que é a melhor ação preliminar para nos prepararmos em nossos próprios sofrimentos e necessidades. Há a promessa de que *bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal,* [...] *o livrará e o conservará em vida*; ele *será abençoado na terra* (Sl 41.1,2). Os justos que se compadecem e dão, *não serão envergonhados nos dias maus e nos dias de fome se fartarão* (Sl 37.19,21). A melhor provisão que podemos juntar para tempos de penúria é termos participação nestas promessas, fazendo o bem e comungando (Lc 12.33). Muitos dão isso como razão para poupar, mas as Escrituras dão isso como razão para sermos liberais *com sete e ainda até com oito, porque não* sabemos *que mal haverá sobre a terra* (Ec 11.2). Observe:

1. O que *os discípulos determinaram*: Eles *determinaram* que *cada um, conforme o que pudesse*, mandasse *socorro aos irmãos que habitavam na Judéia* (v. 29). (1) As pessoas que foram recomendadas aos *discípulos* como alvos de atos de caridade eram os *irmãos que habitavam na Judéia* (v. 29). Devemos, segundo tenhamos oportunidade, fazer *o bem a todos*, contudo devemos ter consideração especial *aos domésticos da fé* (Gl 6.10). Nenhum pobre deve ser negligenciado, mas os pobres de Deus têm de ser tratados de modo particularmente singular. O cuidado com o qual toda igreja deve tratar os seus pobres é mostrado por este exemplo na igreja primitiva em Jerusalém, onde as obras assistenciais eram tão constantes que *não havia, pois, entre eles necessitado algum* (cap. 4.34). Mas a comunhão dos santos nesta situação foi mais longe, pois a provisão feita pela igreja em Antioquia dirigia-se à assistência dos pobres *na Judéia*, a quem eles chamavam *irmãos*. Pelo visto, os judeus na dispersão tinham o hábito de enviar dinheiro aos judeus *que habitavam na Judéia*, para o *socorro* dos pobres que havia entre eles (Tully alude a esse costume existente em seus dias, *Orat. pro Flacco*). Isso dá a entender que havia muitos pobres na Judéia, e muito mais do que em outros países. E isso ou porque *a terra*, antes *frutífera*, tornara-se *terreno salgado, pela maldade dos que nela* habitavam (Sl 107.34), ou porque não existiam relações comerciais com outras nações. Podemos supor que os que se tornaram cristãos naquele país eram, em sua maioria, pobres (*aos pobres é anunciado o evangelho*, Mt 11.5), e também que, quando os pobres se tornaram cristãos, eles foram excluídos do livro dos pobres e da participação na previdência pública. É fácil prever que se houvesse uma escassez de alimentos seria muito difícil para eles. Se algum deles morresse de fome, seria uma tremenda repreensão à confissão cristã. Por isso, diante da notícia desta fome porvir, medidas antecipadas foram tomadas para enviar-lhes de antemão vastas provisões, para que, caso se esperasse até que a fome viesse, não fosse tarde demais. (2) O acordo existente entre *os discípulos* sobre essa determinação foi que *cada um* contribuísse *conforme o que pudesse* para esta boa obra (v. 29). Os judeus que moravam em outros países se enriqueceram com seus negócios e muitos judeus ricos se tornaram cristãos, cuja *abundância* deveria suprir *a falta dos* seus irmãos pobres (2 Co 8.14) que moravam muito longe, pois o caso destes deveria ser considerado e não só dos que habitavam perto. As pessoas caridosas comerciam com o que Deus lhes dá, e os negociantes obtêm lucro enviando bens a países que se acham muito distantes. Assim devemos dar esmolas aos que estão longe e necessitados, sendo os primeiros a fazê-lo quando chamados. *Cada um* determinou enviar algo, muito ou pouco, *conforme o que pudesse* poupar do sustento seu e da sua família, e *conforme a sua prosperidade* (1 Co 16.2). O montante que significa *conforme o que pudesse* tem de julgado por *cada um* de nós em particular. No entanto, devemos ter o cuidado de julgar *segundo a reta justiça* (Jo 7.24).

2. O que *os discípulos* [...] *fizeram*: Eles *fizeram* de acordo com a determinação estipulada. *O que eles com efeito fizeram* (v. 30). Eles não só falaram, mas *fizeram*. Há muitas apresentações e sugestões boas desse tipo que são louváveis, mas, não sendo colocadas em prática, perdem seu valor. Entretanto, esta foi implementada: Eles *fizeram* a coleta que foi tão grande que acharam melhor enviá-la *por mão de Barnabé* e *Saulo* a Jerusalém para entregá-la *aos anciãos*, embora necessitassem dos serviços desses dois apóstolos em Antioquia. *Os discípulos* enviaram a coleta: (1) *Aos anciãos* (v. 30), aos presbíteros, ministros ou pastores das igrejas *na Judéia*, para que eles a distribuíssem conforme a necessidade dos recebedores, como fora contribuído conforme o que pudessem os doadores. (2) *Por mão de Barnabé* e *Saulo* (v. 30), que talvez quisessem motivo para ir a Jerusalém e por isso se dispuseram a levar a coleta. Josefo nos conta que nessa época o rei Irates enviou seu auxílio aos principais homens de Jerusalém para ser distribuído entre os pobres daquele país; e que Helena, rainha de Adiabeni, estando de passagem em Jerusalém e informada de que muitos estavam morrendo de fome ali e nas regiões circunvizinhas, mandou buscar provisões de Chipre e Alexandria, e as distribuiu entre o povo. O mesmo diz o Dr. Lightfoot, que também calcula, pela data do arrebatamento de Paulo, "quatorze anos antes de ele ter escrito a Segunda Epístola aos Coríntios" (2 Co 12.1,2), que foi nesta viagem a Jerusalém, com estas esmolas e ofertas, que o apóstolo teve este arrebatamento no templo (mencionado por ele, cap. 22.17-21), e no qual *foi arrebatado até ao terceiro céu*. Foi neste arrebatamento que Jesus lhe falou que Ele o enviaria daquele lugar *aos gentios*, o que sucedeu assim que ele voltou a Antioquia. Em casos extraordinários, não se constitui descrédito os ministros do evangelho serem mensageiros das ofertas da igreja. Mas, cuidar constantemente desse assunto seria afastar-se bastante do ministério encabeçado por aqueles que se entregaram a perseverar *na oração e no ministério da palavra* (cap. 6.4).

Capítulo 12

Neste capítulo, temos um relato triplo: I. A história do martírio do apóstolo Tiago e da prisão de Pedro por Herodes Agripa, que então reinava como rei da Judéia (vv. 1-4). II. A história da libertação milagrosa de Pedro da prisão através do ministério de um anjo, em resposta às orações da igreja por ele (vv. 5-19). III. A história da morte repentina de Herodes em pleno auge do seu orgulho pelo golpe de um anjo, o ministro da justiça de Deus (vv. 20-23). Essa ocorrência se deu quando Barnabé e Saulo estavam em Jerusalém, cumprindo a missão em que a igreja em Antioquia os enviara: levar as suas ofertas. A narrativa se encerra com a descrição do retorno deles a Antioquia (vv. 24,25).

O Martírio de Tiago. A Prisão de Pedro

vv. 1-4

Desde a conversão de Saulo, nada mais ouvimos sobre a intermediação dos sacerdotes na perseguição dos santos em Jerusalém. Talvez a mudança maravilhosa que ocorreu nele e o desapontamento que causou à intenção que tinham acerca dos cristãos em Damasco, haviam-nos abrandado um pouco e os colocado sob a coibição de Gamaliel – *deixai-os* (cap. 5.38), e vejamos o que acontece. Mas aqui a tempestade se levanta de outro ponto. O poder civil (pelo que parece) instigado pelos eclesiásticos, age sozinho na perseguição. Herodes, embora originalmente de família edomita, parece ter se convertido à religião judaica. Josefo escreve que ele era zeloso pelos ritos mosaicos e um fanático por cerimônias. Ele não só era (como Herodes Antipas foi) o tetrarca da Galiléia, mas também recebera do imperador Cláudio o governo da Judéia. Na maior parte do tempo, residia em Jerusalém, onde estava neste momento. O texto sacro menciona três coisas que ele fez:

I *Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar* (v. 1). A ação de estender *as mãos* para fazer isso dá a entender que suas mãos estiveram presas pelas restrições que, talvez, sua própria consciência lhe impusesse sobre essa questão. Mas agora as libertou e *estendeu as mãos* deliberadamente e com má intenção. Outra leitura do original grego diz: "Por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da igreja para os maltratar" (versão RA). Ele empregou seus oficiais para prendê-los e levá-los em custódia a fim de serem processados. Vejamos como ele avança pouco a pouco. 1. *Herodes* começou com *alguns* membros *da igreja*, os que fossem de menos destaque e importância. Primeiro, fez pequenas manobras para depois atirar-se aos próprios apóstolos. Ele sentia desprezo pela *igreja* e, quanto aos que atormentava, não era por outra razão senão por pertencerem à *igreja* e conseqüentemente a Cristo. 2. *Herodes* começou apenas maltratando *alguns* membros *da igreja*, afligindo-os, prendendo-os, multando-os, confiscando-lhes as casas e os bens. Depois passou a maiores instâncias de crueldade. Os servos sofredores de Cristo são treinados com pequenas dificuldades para as maiores, a fim de que *a tribulação* produza *a paciência; e a paciência, a experiência* (Rm 5.3,4).

II *Herodes* [...] *matou à espada Tiago, irmão de João* (v. 2). Façamos algumas considerações. 1. Quem era o mártir: *Tiago, irmão de João* (v. 2). Ele era chamado assim para distingui-lo do outro Tiago, irmão de José (Mc 15.40). Este era chamado *Jacobus major – Tiago, o maior*; aquele, *Jacobus minor – Tiago, o menor*. Aquele, que aqui foi coroado com o martírio era um dos três discípulos mais íntimos de Jesus, um dos que testemunhou sua transfiguração e agonia, por meio das quais fora preparado para o martírio. Ele era um daqueles em quem Jesus pôs o nome de *Boanerges – Filhos do trovão* (Mc 3.17). Talvez sua pregação vigorosa houvesse provocado *Herodes* ou as pessoas relacionadas a ele, como João Batista fizera com o outro Herodes, motivo de ele passar por essa dificuldade. Era um dos filhos de Zebedeu, de quem Jesus disse que beberiam o cálice que Ele havia de beber e seriam batizados com o batismo com que Ele havia de ser batizado (Mt 20.23). Agora essas palavras de Jesus cumpriram-se nele, para que se assentasse à sua direita, pois *se sofrermos* com ele, *também com ele reinaremos* (2 Tm 2.12). Ele era um dos doze comissionados a fazer *discípulos de todas as nações* (Mt 28.19, versão RA), e matá-lo agora, antes que houvesse partido de Jerusalém, era agir como Caim que matou Abel quando o mundo ainda seria povoado e um homem valia mais do que muitos. Matar um apóstolo agora era matar inúmeras pessoas. E por que Deus o permitiu? Se *o sangue dos santos* (Ap 16.6), muito mais o sangue dos apóstolos, é precioso *à vista do Senhor* (Sl 116.15), então podemos ter certeza de que foi derramado sob rigoroso escrutínio. Pode ser que Deus quisesse que essa ocorrência despertasse os demais apóstolos a espalharem-se entre as nações e não se abrigarem mais em Jerusalém. Ou talvez desejasse mostrar que embora os apóstolos fossem chamados para plantar o evangelho no mundo, caso morressem, Deus poderia fazer a obra sem eles, e a faria. O apóstolo foi martirizado para mostrar aos demais o que os esperava. A tradição papista que afirma que, antes de ser martirizado, *Tiago* estivera na Espanha e plantara o evangelho lá é completamente infundada. Não há a mínima certeza dessa informação ou autoridade séria que a sustente. 2. Que tipo de morte *Tiago* teve: Ele foi morto *à espada* (v. 2), quer dizer, foi decapitado *à espada*, método que, segundo Lorinus, os romanos consideravam mais infame do que quando usado um machado. A decapitação não era usual entre os judeus. Mas, quando os reis davam ordens verbais para execuções particulares e apressadas, usava-se essa maneira de matar mais prontamente. É provável que este *Herodes* matou *Tiago*, como o outro Herodes matou João Batista, reservadamente *no cárcere* (Mt 14.10). É estranho não termos uma descrição mais completa e específica do martírio deste grande apóstolo como tivemos de Estêvão. Mas mesmo essa curta menção do fato já serve para sabermos que os primeiros pregadores do evangelho tinham tanta certeza da verdade evangélica que a selaram com o próprio sangue. Se a qualquer tempo ouvirmos o mesmo chamado, isso nos encoraja a também resistirmos *até o sangue* (Hb 12.4). Os mártires do Antigo

Testamento foram *mortos a fio de espada* (Hb 11.37), e Jesus não veio *trazer paz, mas espada* (Mt 10.34). Em preparação a essa condição temos de nos armar com *a espada do Espírito, a palavra de Deus* (Ef 6.17), pois assim não temeremos o que a espada dos homens possa nos fazer (Sl 56.11).

III *Herodes* encarcerou *Pedro*, sobre quem muito ouvira falar. E por possuir maior notoriedade e destaque entre os apóstolos, *o rei* se sentiria orgulhoso de matá-lo. Observe aqui: 1. Depois que *Herodes* mandara decapitar Tiago, ele *continuou* fazendo mais: Mandou *prender também a Pedro* (v. 3). Note que para o sanguinário o sangue faz derramar mais sangue, e o caminho da perseguição, como os outros pecados, corre ladeira abaixo. Quando os homens estão andando nesse caminho, não é fácil parar por vontade própria. Quando trilham esse caminho, acabam se dando conta de que devem continuar. *Male facta male factis tegere ne perpluant – Uma ação má é coberta com outra, de forma que não há passagem através delas.* Aqueles que dão um passo ousado no caminho do pecado dão lugar para que Satanás os tente a dar outro. E Deus, por isso, pode abandoná-los. Assim caminham *de mal para pior* (2 Tm 3.13). É sensato prestarmos atenção ao começo do pecado. 2. *Herodes* prendeu *a Pedro*, porque viu que a morte de Tiago *agradara aos judeus* (v. 3). Note que os judeus se fizeram culpados do sangue de Tiago quando se mostraram muito satisfeitos com sua morte, mesmo não havendo induzido *Herodes* a matá-lo. Eles são encobridores *ex post facto – depois do fato*, ou seja, são encobridores do crime, cúmplices posteriores. Eles hão de prestar contas como perseguidores que têm prazer em perseguir, que se encantam em ver homens bons serem maltratados e clamam: "Ah-ah! Nós te pegamos", ou pelo menos secretamente o aprovam. Os perseguidores sanguinários ao perceberem que são aplaudidos pelo que toda pessoa deveria chorar de vergonha, sentem-se motivados a prosseguir; as mãos se fortalecem, o coração se endurece e as acusações da consciência são sufocadas. Não somente isso, mas se sentem terrivelmente tentados a fazer o mesmo que *Herodes* fez, pois ele percebeu *que isso agradara aos judeus*. Embora não possuísse razão para temer desagradá-los caso não tivesse feito o que fez, ele, como Pilatos condenou Jesus, esperava contentá-los com a ação. Dessa forma, fazia média e certo ajuste por tê-los desagradado em outra coisa qualquer. Veja que os que se dedicam a agradar aos homens fazem-se presa fácil de Satanás. 3. A época em que *Herodes* prendeu *a Pedro*: *Eram os dias dos asmos* (v. 3). Foi na Festa da Páscoa, quando a celebração da libertação típica devia tê-los levado a aceitar a libertação espiritual. Em vez disso, eles, sob o pretexto de zelo à lei, lutavam violentamente contra a libertação espiritual e, por serem *os dias dos asmos*, estavam mais aborrecidos e amargurados *com o fermento da maldade e da malícia* (1 Co 5.8). Na Páscoa, quando judeus vinham de todas as partes do mundo a Jerusalém para celebrar a festa, eles se estimulavam mutuamente contra os cristãos e o cristianismo e eram mais violentos que em outras épocas. 4. O relato do encarceramento de *Pedro*: *Havendo-o prendido* (v. 4), quando *Herodes* pôs as mãos em *Pedro* e, provavelmente, o interrogou, ele *o encerrou na prisão*, na prisão interior. Certos estudiosos dizem que foi na mesma *prisão* em que ele e os outros apóstolos foram lançados anos antes e libertados por um anjo (cap. 5.18). Ele foi entregue *a quatro quaternos de soldados*, quer dizer, a dezesseis *soldados*, que tinham de vigiá-lo, *quatro* de cada vez, para que não fugisse, nem fosse libertado por seus amigos. Assim pensavam que o mantinham preso em total segurança. 5. A intenção de *Herodes* era apresentar *Pedro* [...] *ao povo depois da Páscoa* (v. 4). (1) *Herodes* queria fazer de *Pedro* um espetáculo. É provável que tivesse mandado matar Tiago reservadamente, fazendo com que o *povo* reclamasse, não porque era injusto matar um homem sem lhe dar a oportunidade de ter uma audiência pública, mas porque privou *o povo* da diversão de ver a execução. Agora que *Herodes* sabe disso, ele o satisfará com a exibição de *Pedro* acorrentado, de *Pedro* no cepo, para que o *povo* alimente os olhos com semelhante espetáculo bizarro. Tão seguro ele estava em sua ambição de agradar o *povo* que o rei se dispôs a diverti-lo! (2) *Herodes* faria esta apresentação de *Pedro* [...] *depois da Páscoa – meta to pascha*. Seria *depois* para dar a entender o início de uma festa do evangelho, uma festa que não se misturasse com a outra a fim de judaísmo e cristianismo não se misturarem. *Herodes* não condenaria o apóstolo até que a *Páscoa* terminasse, julgam alguns, por temer que o *povo* se interessasse em exigir a sua liberação de acordo com o costume da festa. Ou, depois que a agitação da festa terminasse e a cidade ficasse vazia, ele entreteria o *povo* com o julgamento e execução pública de *Pedro*. Esse era o enredo, e *Herodes* e o *povo* desejavam que a festa terminasse logo para se divertirem com esse entretenimento bárbaro.

A Prisão e Libertação de Pedro
vv. 5-19

Esta é a narrativa da soltura de *Pedro* da prisão. Esta libertação frustra o intento de Herodes contra ele, preserva a vida do apóstolo para fazer outros serviços e estanca momentaneamente esta torrente de sangue. Nestes versículos, temos:

I Uma coisa que engrandeceu a libertação de *Pedro* foi que era resposta extraordinária à oração: *Pedro, pois, era guardado na prisão* (v. 5) com extremo cuidado, de forma que era completamente impossível, ou por força ou furtivamente, tirá-lo da lá. *Mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus*, pois orações e lágrimas são os braços da igreja. É com isso que ela luta contra os inimigos e a favor dos amigos. Por tais meios, *a igreja* tem recurso. 1. O adiamento do julgamento de *Pedro* (v. 4) deu tempo para *a igreja* orar (v. 5). É provável que Tiago tivesse sido executado tão de repente e em secreto que *a igreja* não tivera tempo de orar por ele. Foi Deus que assim determinou, para que ela não tivesse chance de orar pelo que o Senhor não queria lhe dar. Tiago tinha de ser oferecido em sacrifício e serviço da fé da *igreja*, por isso a oração por ele foi contida e impedida. Mas *Pedro* deve continuar com *a igreja*; por isso a oração a favor dele é incentivada, e há tempo para ela orar a fim de que *Herodes* retire as acusações feitas, *ainda que ele não cuide assim, nem o seu coração assim o imagine* (Is 10.7). 2. *A igreja*

foi muito específica em suas orações por *Pedro* (v. 5): Que aprouvesse a Deus, de um modo ou de outro, frustrar o propósito de *Herodes* e arrebatar o cordeiro da boca do leão. A morte de Tiago alertou *a igreja* a orar com maior fervor por *Pedro*. Se *a igreja* fosse quebrantada assim *com golpe sobre golpe* (Jó 16.14), ela temia que o inimigo conseguisse fazer o que quisesse: pôr um fim à *igreja*. Mataram Estêvão, mataram Tiago, e agora matarão *Pedro*? Todas essas coisas eram contra *a igreja*; isso será *tristeza sobre tristeza* (Fp 2.27). Perceba que a morte e os sofrimentos dos ministros de Cristo podem servir aos interesses do Reino de Cristo. Mesmo assim é dever e responsabilidade da *igreja* orar ferventemente por eles para que tenham vida, liberdade e tranqüilidade. Às vezes, a Providência permite que *a igreja* fique em perigo iminente como estímulo à oração. 3. A *oração* da *igreja* era *contínua* (v. 5); ela era *proseuche ektenes – oração fervente*. É a palavra usada acerca de Jesus que, em sua agonia, *orava mais intensamente* (Lc 22.44). É o tipo de *oração feita por um justo*: é eficaz e *pode muito em seus efeitos* (Tg 5.16). Certos estudiosos afirmam que isso mostra a constância e a continuação das orações da *igreja*. Assim temos: *A igreja fazia contínua oração*. Esse foi um longo período de oração. Os membros da *igreja* oravam pela soltura do apóstolo nos cultos públicos (particulares, talvez, *com medo dos judeus*, Jo 20.19). Depois, iam para casa e continuavam orando com suas famílias. Em seguida, cada um deles se retirava para o seu aposento e orava. Assim *a igreja fazia contínua oração*: ou primeiro um grupo deles, depois outro e em seguida um terceiro mantinham um dia de oração, ou, antes, uma noite de oração, pelo apóstolo (v. 12). Note que tempos de aflição e perigo público devem ser tempos de oração com *a igreja*. Devemos orar sempre, mas especialmente nessas situações.

II Outra coisa que engrandeceu a libertação de *Pedro* foi que, quando chegou *a palavra do rei e sua ordem para se executar*, então se providenciou a libertação do apóstolo, como em Ester 9.1,2. Façamos algumas observações sobre esse acontecimento. 1. A libertação ocorreu exatamente na *noite* que antecedeu o dia em que *Herodes* iria apresentar *Pedro* ao povo. Esse dia acabou sendo de grande consolação para os amigos do apóstolo e da maior confusão para seus inimigos. É provável que alguns que tinham influência *Herodes* ou as pessoas de sua relação tivessem se empenhado em conseguir a soltura de *Pedro*, mas sem sucesso. *Herodes* determinara que o apóstolo morresse. E agora não há mais esperança, pois amanhã é o dia *quando Herodes* o fará *comparecer* (v. 6). Pelo visto, eles fariam com *Pedro* tudo às pressas como fizeram com o Mestre. Mas Deus abriu uma rota de fuga para ele. Veja que o tempo de Deus ajudar é quando as coisas estão no ponto extremo, quando *não há fechado nem desamparado* (Dt 32.36). É por isso que se diz: "Quanto pior, melhor". Quando Isaque estava amarrado sobre o altar, e a faca na mão levantada de Abraão estava a ponto de descer para dar o golpe final e fatal, *Jeová-jiré: o Senhor proverá* (Gn 22.9,10,14). 2. A libertação ocorreu quando *estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias* (v. 6), de forma que se ele se mexesse acabaria acordando-os. Além disso, as portas da prisão estavam fechadas e, sem dúvida, trancadas. E, para fazerem um bom trabalho, *os guardas diante da porta guardavam a prisão* a fim de que ninguém tentasse libertá-lo. Jamais a inteligência e a maestria humana fizeram algo com mais perfeição para prender alguém. Herodes, sem dúvida, disse, como Pilatos: *Guardai-o como entenderdes* (Mt 27.65). 3. A libertação ocorreu quando *estava Pedro dormindo entre dois soldados* (v. 6), no mais profundo sono. (1) *Pedro* não estava apavorado pelo perigo, ainda que iminente, nem pela invisibilidade de fuga possível. Havia apenas um passo entre ele e a morte; contudo, estava deitado em paz e *dormindo* (v. 6). Ele dormia no meio dos inimigos; dormia quando, talvez, estavam acordados, pois tinha uma boa causa pela qual sofria e uma boa consciência com a qual sofria, certo de que Deus faria com que o julgamento resultasse para a maior glória divina. Tendo se entregado *àquele que julga justamente* (1 Pe 2.23), *a sua alma* pousava *no bem* (Sl 25.13). Mesmo na prisão e acorrentado entre dois soldados, Deus lhe dá sono, como deu ao seu amado. (2) *Pedro* não estava esperando sua libertação. Ele não permaneceu acordado, olhando para a mão direita ou para a esquerda, em busca de ajuda, mas dormia profundamente. A libertação lhe foi uma surpresa total. Também o foi para a igreja: *Estávamos como os que sonham* (Sl 126.1).

III Um outro fato que engrandeceu a libertação de *Pedro* foi um anjo ser enviado do céu com o propósito de libertá-lo, o que tornou a fuga praticável e autorizável. Esse anjo lhe trouxe o documento legal de soltura e o permitiu usar.

1. *Eis que sobreveio o anjo do Senhor* (v. 7), *epeste – esteve em pé sobre ele*. *Pedro* parecia alguém abandonado pelos homens, mas não esquecido do seu Deus, pois *o Senhor cuida de mim* (Sl 40.17). Portas, portões e guardas afastaram todos os seus amigos, mas não os anjos de Deus: Eles se acampam invisivelmente ao redor dos que temem o Senhor para livrá-los (Sl 34.7). Portanto, os servos do Senhor não precisam ter medo, mesmo que um exército os cerque (Sl 27.3). Onde quer que os filhos de Deus estejam, ainda que maltratados, eles têm um caminho aberto e desimpedido para o céu, e não existe nada que intercepte o relacionamento deles com Deus.

2. *Resplandeceu uma luz na prisão* (v. 7). Embora fosse um lugar escuro e à noite, *Pedro* veria o caminho iluminado. Alguns eruditos asseveram que o Antigo Testamento não registra que onde anjos apareceram brilhou uma luz em torno deles, pois essa era a dispensação, por assim dizer, escura, e a glória dos anjos estava então oculta. Mas quando o Novo Testamento menciona a aparição de anjos, alude à luz na qual eles aparecem, pois é pelo evangelho que o mundo celeste passa a iluminar. Os soldados, a quem *Pedro* estava acorrentado, dormiam por haver caído sobre eles um profundo sono do Senhor (como aconteceu com Saul e seus soldados quando Davi lhe pegou a lança e a bilha da água, 1 Sm 26.12), ou acordaram e a aparição angelical os deixou *com medo* [...], *muito assombrados e como mortos* (Mt 28.4), segundo aconteceu com a guarda postada à entrada do sepulcro de Jesus.

3. *O anjo do Senhor* [...] *despertou* [...] *Pedro* (v. 7), tocando-lhe *no lado* com um toque suave o bastante para tirá-lo do sono, embora dormisse tão profundamente que

o brilho da luz não o despertou. Quando, em tempos de perigo, as pessoas boas dormem e não acordam com a luz da palavra e as revelações que ela lhes dá, que esperem, pois, ser tocadas no lado por alguma aflição acentuada. Melhor ser acordado assim do que ser deixado a dormir! A linguagem desse toque era: *Levanta-te depressa!* E isso não como se o anjo temesse ser pego por causa da demora do apóstolo, mas Pedro não devia agir com imprevidência. Quando Davi ouviu *um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras,* apressou-se (2 Sm 5.14).

4. *Caíram-lhe das mãos as cadeias* (v. 7). *Pedro* estava algemado e acorrentado por segurança, mas Deus lhe soltou as traves das algemas e correntes. Se *as cadeias* [...] *caíram-lhe das mãos*, era como se ele tivesse a força de Sansão para quebrá-las como *o fio da estopa ao cheiro do fogo* (Jz 16.9). A tradição faz muito alarido por causa dessas *cadeias*, contando a história formal de que um dos soldados as guardou como relíquia santa e, muito tempo depois, foram presenteadas à imperatriz Eudóxia. Não sei que milagres se dizem ter sido feito por meio delas. A igreja católica mantém uma festa anualmente, em primeiro de agosto, em memória das cadeias de Pedro: *Festum vinculorum Petri – A festa das cadeias de Pedro,* visto que sua libertação ocorreu na Páscoa. Por certo, apreciam as cadeias de Pedro porque têm a esperança de escravizar o mundo com elas!

5. *O anjo do Senhor* ordenou que *Pedro* se vestisse imediatamente e o seguisse; *e ele o fez assim* (vv. 8,9). Quando *Pedro* acordou, não sabia o que fazer exceto o que o anjo lhe orientava. (1) *Cinge-te* (v. 8), pois quem dorme de roupa desamarra a cinta, de forma que não tem nada a fazer, quando se levanta, a não ser amarrar a cinta. (2) *Ata as tuas sandálias* (v. 8), para que *Pedro* esteja pronto para andar. Aqueles cujas cadeias são soltas pelo poder da graça divina têm de ter *calçados os pés na preparação do evangelho da paz* (Ef 6.15). (3) *Lança às costas a tua capa* (v. 8), a fim de que *Pedro* saísse como se achava e seguisse *o anjo.* Ele podia sair com intrepidez e alegria, pois tinha um mensageiro do céu para guiá-lo e guardá-lo. *E, saindo, o seguia* (v. 9). Os que são libertados da prisão espiritual têm de seguir seu libertador, como fez Israel quando saiu da casa da servidão. Israel *saiu, sem saber para onde ia* (Hb 11.8), mas sabendo a quem seguia. Quando *Pedro* seguiu *o anjo,* ele *não sabia que era real o que estava sendo feito pelo anjo,* que isso era realmente um fato, *mas cuidava que via alguma visão.* Se fosse apenas uma *visão,* não seria a primeira que ele presenciava. Mas as cenas pareciam uma visão divina tão clara e nítida com tantas evidências próprias, que era difícil distinguir entre o *que era real* e *o que estava sendo feito* na *visão. Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham* (Sl 126.1). Era o que estava acontecendo com *Pedro.* Ele pensava que a notícia era boa demais para ser verdade.

6. *O anjo* conduziu *Pedro* com segurança até ficarem fora de perigo. Eles passaram por uma *guarda* depois da outra a caminho da saída da prisão, sem serem resistidos e, ao que parece, descobertos: ou os olhos dos guardas estavam fechados, ou as mãos amarradas, ou o coração esmoreceu. Foi assim que *o anjo* e *Pedro* [...] *passaram a primeira e a segunda guarda* (v. 10) com segurança. Esses guardas representavam os guardas da igreja judaica, a quem Deus *deu espírito de profundo sono: olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem* (Rm 11.8). *Todos os seus atalaias são cegos,* [...] *andam adormecidos, estão deitados e amam o toscanejar* (Is 56.10). Mas ainda há uma *porta de ferro* que os deterá, e se os guardas voltarem ao estado normal, poderão recuperar os prisioneiros, como faraó esperava recapturar Israel ao lado do mar Vermelho. Eles *chegaram à porta de ferro,* que, como o mar Vermelho diante de Israel, *se lhes abriu por si mesma.* Não foi preciso nem tocá-la com a mão, pois *abriu por si mesma,* por um poder invisível. Assim se cumpriu literalmente o que fora prometido, em termos figurados, para Ciro: Eu abrirei *diante dele as portas, e as portas não se fecharão.* Eu *quebrarei as portas de bronze e despedaçarei os ferrolhos de ferro* (Is 45.1,2). E, provavelmente, a *porta de ferro* se lhes fechou *por si mesma* para que os guardas não perseguissem *Pedro.* Note que quando Deus opera a salvação para o seu povo, não há dificuldade no caminho que seja insuperável, pois até portas de ferro se abrem automaticamente. Essa *porta de ferro* deixou o apóstolo na cidade do lado de fora do castelo ou torre. Não sabemos se foi dentro ou fora das portas da *cidade,* de forma que, quando passaram por elas, já se encontravam na *rua.* A libertação de *Pedro* representa a nossa redenção por Cristo, mencionada freqüentemente como libertação de prisioneiros. Não só proclamar a liberdade aos cativos, mas *tirar da prisão os presos* (Is 42.7) é a mensagem do evangelho. A aplicação da redenção na conversão das almas acontece *por causa do sangue do* [...] *concerto, tirar os* [...] *presos da cova em que não* há *água* (Zc 9.11). A graça de Deus, tal qual esse anjo do Senhor, primeiro, leva luz à prisão pela abertura do entendimento, toca o pecador dormente no lado pelo despertamento da consciência, faz as cadeias caírem das mãos pela renovação da vontade e então profere a ordem: *Cinge-te* [...] *e segue-me* (v. 8). Temos de vencer as dificuldades e a oposição de Satanás e seus instrumentos, que são *a primeira e a segunda guarda,* uma geração perversa, da qual urge que nos salvemos (cap. 2.40). E seremos salvos pela graça de Deus se nos submetermos à administração divina. Por fim, a *porta de ferro* nos é aberta para entrarmos na Nova Jerusalém, onde estaremos totalmente livres de todas as marcas de nosso cativeiro e seremos levados *para a liberdade da glória dos filhos de Deus* (Rm 8.21).

7. Quando saíram *percorreram uma rua, e logo o anjo se apartou* de *Pedro* (v. 10). Estando fora do perigo dos seus inimigos, ele não precisava mais de guarda. O apóstolo sabia onde estava e como ir ao encontro dos seus amigos, não precisando mais de guia. Por isso, o seu guarda e guia celestial se despede dele. Veja que não devemos esperar milagres quando há meios comuns que devem ser usados. Quando Pedro não tem mais guardas para passar, nem portas de ferro para abrir, ele só precisa da ajuda invisível e habitual dos anjos que se acampam em volta dos que temem a Deus e os livra.

IV Tendo observado como a libertação de *Pedro* foi engrandecida, veremos em seguida como ele e os seus amigos tomaram conhecimento do fato e como as pessoas em geral souberam de tão grande façanha. Aqui nos é dito:

1. Como *Pedro* caiu em si e se conscientizou da libertação. Aconteceram tantas coisas estranhas e surpreendentes com o apóstolo imediatamente depois de acordar que o deixaram, por ora, intrigado. Ele não sabia onde estava, nem o que fez, nem se era fantasia ou fato. Por fim, *Pedro* tornou *a si* (v. 11), despertou e descobriu que aquilo não era um sonho, mas uma coisa real: "*Agora, sei, verdadeiramente – alethos*, sei que é verdade e não mera ilusão fantasiosa. *Agora*, estou plenamente convicto de *que o Senhor enviou o seu anjo*, porque os anjos estão sujeitos a ele e cumprem as suas ordens. *Agora, sei* que por intermédio desse ser angelical, Deus *me livrou da mão de Herodes*, que pensava me manter preso, e assim frustrou *tudo o que o povo dos judeus esperava*. Eles tinham por certo que veriam a decapitação de *Pedro* no dia seguinte e esperavam que fosse o pescoço do cristianismo, o qual seria decepado com um único golpe". Por isso, essa causa era de grande expectativa, não só entre *o povo* comum, mas também entre o grande *povo dos judeus*. Quando o apóstolo se recobrou, reconheceu, por verdade (cap. 10.34), *quão grandes coisas Deus fizera por* ele (cap. 14.27), nas quais, em um primeiro momento, não podia acreditar de tanta alegria. A alma libertada da escravidão espiritual não está, no início, consciente do que Deus fez por ela. Muitos têm a verdade da graça, mas carecem de sua evidência. Eles se questionam se ocorreu mesmo tal mudança neles, ou se tudo não passou de um sonho. *Mas, quando vier o Consolador*, que o Pai enviará (Jo 15.25) cedo ou tarde, Ele nos fará saber com absoluta certeza que uma gloriosa mudança ocorreu em nós e nos dirá em que estado feliz entramos.

2. Como *Pedro* chegou aos seus amigos e lhes levou o conhecimento de sua libertação. Essa é uma narrativa detalhada e muito interessante.

(1) *Considerando ele nisso* (v. 12), *Pedro* avaliou a iminência do perigo e a grandiosidade da libertação. E agora, o que tem de fazer? Que proveito tirar dessa libertação? O que fazer em seguida? A providência de Deus deixa espaço para o uso de nossa prudência. O Senhor toma para si executar e aperfeiçoar o que começou, mas Ele conta que consideremos *nisso*.

(2) *Pedro* foi diretamente à casa de um amigo que, certamente, ficava perto do lugar onde ele estava. Era a *casa de Maria* (v. 12), irmã de Barnabé e *mãe de João* [...] *Marcos*. Essa *casa*, ao que parece, era usada para as reuniões particulares dos discípulos, ou porque não ficava à vista, ou porque *Maria* era mais solícita que os outros crentes em abrir as portas de sua *casa* para eles. Sem dúvida, era como a casa de Obede-Edom, que foi abençoada por causa da arca (2 Sm 6.11). Uma igreja que se reúne em casa torna-a um pequeno santuário.

(3) Foi na *casa de Maria* que *Pedro* encontrou *muitos* que *estavam reunidos e oravam* (v. 12). Eles aproveitavam o tempo ocioso da noite para orar por *Pedro*, que no dia seguinte iria a julgamento, pedindo a Deus que, de alguma maneira, o libertasse. Observe: [1] Eles continuaram em oração, em sinal da sua insistência. Não pensaram que bastava apresentar o caso de *Pedro* a Deus uma vez só, mas o fizeram repetidas vezes. Pesa sobre nós *o dever de orar sempre e nunca desfalecer* (Lc 18.1). Enquanto estivermos esperando a resposta do pedido, temos de continuar orando. [2] Agora que a questão estava perto de um momento crítico e sua decisão estava marcada para o dia seguinte, oravam com mais fervor que antes. Foi um bom sinal de que Deus queria libertar *Pedro* quando Ele levantou um espírito de oração pela libertação do apóstolo, pois nunca *disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão* (Is 45.19). [3] Eles se reuniram para orar nessa oportunidade, mesmo que se fizessem detestáveis ao governo caso fossem descobertos, pois sabiam o estímulo que Jesus deu à oração em conjunto (Mt 18.19,20). E sempre fora costume do fervoroso povo de Deus unir forças em oração, como em 2 Crônicas 20.4 e Ester 4.16. [4] Havia *muitos* que estavam reunidos para esse trabalho, talvez tantos quantos lugares houvesse para acomodar cada um. Primeiro, um orava, depois, outro, daqueles que perseveravam *na oração e no ministério da palavra* (cap. 6.4), e os demais se uniam a eles. Ou, se não houvesse ministros entre eles, havia sem dúvida *muitos* crentes leigos que sabiam orar – e orar com pertinência – e permanecer muito tempo em oração. O sentimento deles em face da emergência estava tão agitado a ponto de acompanhar o ritmo daqueles. Era noite, quando a maioria das pessoas dormia, o que demonstrava a prudência e zelo que tinham. Note que é bom que os cristãos façam reuniões particulares de oração, sobretudo em tempos de aflição, e não abandonem tais tipos de reunião. [5] *Pedro* chegou quando estavam engajados em oração, sendo ele a resposta presente e imediata à oração que faziam. Era como se Deus dissesse: "Vós estais orando para que *Pedro* vos seja restabelecido. Pois, agora ele está aqui". *E será que*, [...] *estando eles ainda falando, eu os ouvirei* (Is 65.24). Um anjo foi enviado com resposta de paz à oração de Daniel, estando ele *ainda falando na oração* (Dn 9.20,21). *Pedi, e dar-se-vos-á* (Mt 7.7).

(4) *Pedro* bateu *à porta do pátio* e teve muito trabalho para conseguir que o deixassem entrar (vv. 13-16). *Pedro* bateu *à porta do pátio* (v. 13) para acordar seus ocupantes, mal sabendo que os perturbava em suas orações. Se seus amigos tivessem tido a permissão de falar com ele em particular na prisão, é possível que soubesse desse compromisso, e seria isso que lembraria e consideraria quando determinou ir para aquela casa, onde encontraria muitos deles reunidos. Quando *Pedro* bateu *à porta do pátio*: [1] *Uma menina chamada Rode saiu a escutar* (v. 13), não para abrir a *porta* até que soubesse quem era, amigo ou inimigo, e o que queria, temendo que fosse um informante. Não sabemos se a *menina* era da família ou da igreja, escrava ou filha. O fato de seu nome ser citado mostra que ela gozava de certo destaque entre os cristãos e que mostrara mais zelo com *a boa parte* (Lc 10.42) do que a maioria de sua idade. [2] *Rode* reconheceu *a voz de Pedro* (v. 14), pois muitas vezes lhe ouvira orando, pregando e conversando, com muito prazer. Mas, no lugar de fazê-lo entrar imediatamente por causa do frio da noite, *de alegria não abriu a porta*. Às vezes, num arrebatamento de afeto dos nossos amigos, somos indelicados. Enlevada *de alegria*, ela se esquece e *não abriu a porta*. [3] *Rode* correu *para dentro* (v. 14) de casa, subiu provavelmente ao cenáculo onde estavam reunidos e lhes *anunciou que Pedro estava à porta*, embora ela não tivesse tido coragem para abrir a *porta*, por temer estar enganada. Quando ela contou que era *Pedro* que batia *à porta*, eles disseram: "*Estás fora de ti* (v. 15).

É impossível que seja *Pedro*. Ele está na prisão". Às vezes, somos muito relutantes em crer no que mais desejamos que aconteça, por medo de nos enganar, como os discípulos que, quando Jesus ressuscitara, não criam *ainda por causa da alegria* (Lc 24.41). Contudo, ela se manteve firme no que anunciara. Então disseram: *É o seu anjo* (v. 15). Em primeiro lugar, certos estudiosos entendem que "é *um mensageiro* de *Pedro* que fala em nome dele". *Angelos* significa comumente não mais que "um mensageiro". É usada para referir-se aos mensageiros de João Batista (Lc 7.24,27), de Cristo (Lc 9.52). Quando a *menina* estava segura de que era *Pedro*, por ter-lhe reconhecido a voz, eles pensaram que a pessoa que *estava à porta* tinha dito que se chamava Pedro e ofereceram esta solução à dificuldade: "É alguém que vem com algum recado de *Pedro*, e tu te equivocaste como se fora o próprio". O Dr. Hammond pensa que essa é a maneira mais fácil de entender o episódio. Em segundo lugar, "é *o anjo da guarda* de *Pedro*, ou algum outro anjo que assumiu sua voz e forma física e está *à porta* na parecença do apóstolo". Alguns eruditos compreendem que eles supuseram que era o *anjo* de *Pedro* como presságio de sua morte iminente. Isso concorda com a noção que o povo possui de que, às vezes, antes de a pessoa morrer, aparece aquele que o guarda, ou seja, um espírito exatamente à semelhança de sua aparência e vestuário, quando na mesma hora a pessoa está em outro lugar. Eles o chamam "anjo da guarda", quer dizer, o anjo que guarda a pessoa. Nesse caso, eles concluíram que era presságio de que suas orações foram negadas e que o significado da aparição era: "Basta! *Pedro* tem de morrer. Não faleis mais neste negócio". A aceitação dessa interpretação prova apenas que eles tinham a opinião de que o anjo da guarda aparece pouco antes de a pessoa morrer, mas não prova que haja semelhante coisa. Outros julgam que eles acharam que era um *anjo* do céu enviado para responder-lhes as orações. Mas por que eles imaginariam que o *anjo* assumiu a voz e forma física de *Pedro*, quando não há nada parecido com isso nas outras aparições de anjos? Pode ser que aqui estivessem repetindo palavras dos judeus, os quais tinham a idéia estranha de que toda pessoa boa tem um anjo tutelar particular, o qual possui o dever de cuidar dela e que, às vezes, a personifica. Os pagãos o chamam o "bom espírito tutelar" que cuidou da pessoa. Mas, visto que nenhuma outra Escritura fala de semelhante coisa, é muito fraca essa base para suportar o peso de tal doutrina. Sabemos que os anjos são *espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação* (Hb 1.14), que eles *têm ordens* a respeito destes herdeiros (Mt 4.6) e que levantam *tendas em redor* deles (Jr 6.3). Não precisamos ser zelosos em dizer que todo santo possui um anjo da guarda, quando temos certeza de que ele tem a guarda de anjos.

(5) Por fim, eles deixaram *Pedro* entrar: Ele *perseverava em bater* (v. 16), porque eles demoravam em lhe abrir a porta, até que, finalmente, atenderam-no. A porta de ferro que estava no caminho da sua vitória abriu automaticamente sem ao menos um toque. Mas a porta da casa dos seus amigos, que devia lhe dar a melhor acolhida, não abre tão facilmente. *Pedro* teve de *bater* e *bater* por muito tempo. Para que *Pedro* não se orgulhasse com a honra que o anjo lhe fizera, ele é humilhado por um aparente desprezo de seus amigos. No entanto, *quando* [...] *viram-no*, eles *se espantaram*, ficaram extremamente maravilhados e alegres, tanto quanto há pouco eles estavam tristes e com medo em relação ao seu futuro. Para eles, foi a maior surpresa e alegria *quando abriram* a porta e *viram-no*.

(6) *Pedro* lhes narra sua libertação. Quando chegou ao grupo que estava reunido orando com tanto zelo por ele, reuniram-se em volta dele com não menos zelo para felicitá-lo pela libertação. Essa movimentação causou tanto barulho que, quando o próprio *Pedro* lhes implorou que não esquecessem que ainda corria perigo, caso fossem ouvidos, não pôde se fazer ouvir. Ele foi forçado a acenar-lhes *com a mão para que se calassem* (v. 17), tendo muita dificuldade para fazer com que ficassem quietos, enquanto lhes contava *como o Senhor*, por intermédio de um anjo, *o tirara da prisão*. É muito provável que, ao achá-los orando por sua libertação, ele não,tenha se separado deles até que, juntos, houvessem sinceramente dado graças a Deus por seu socorro. Ou, caso ele não pudesse ficar, é provável que não saíssem enquanto não o fizessem. O que é ganho pela oração deve ser usado com gratidão. Deus sempre tem de receber a glória da bênção que recebemos. Quando Davi declarou o que Deus fizera à sua alma, ele bendisse a Deus que não rejeitou sua oração (Sl 66.16,20).

(7) *Pedro* recomendou que a narrativa da sua libertação fosse contada aos outros amigos: *Anunciai isto a Tiago e aos irmãos* (v. 17), os quais naquele momento talvez estivessem reunidos em outro lugar com o mesmo propósito. Esse é um modo de manter a comunhão dos santos e lutar com Deus em oração – agir de comum acordo, ainda que distantes, como agiram Ester e Mardoqueu. *Tiago* e seu grupo tinham de ficar sabendo da libertação, não só para que cessassem as orações a esse respeito e fossem tranqüilizados em relação a *Pedro*, mas para que também dessem graças a Deus com ele e por ele. Note que *Herodes* matara um Tiago à espada, mas havia outro *Tiago* e que também estava em Jerusalém, que tomara o lugar daquele naquela cidade para presidir entre os irmãos. Quando Deus tem uma obra para fazer, nunca lhe faltam instrumentos para fazê-la.

(8) *Pedro* não tinha nada mais a fazer por ora senão ir *para outro lugar* para a sua própria segurança, o que fez em seguida: Ele, *saindo, partiu para outro lugar* (v. 17) – *lugar* ignorado, portanto seguro. Ele conhecia muito bem a cidade e sabia onde achar um *lugar* que lhe desse refúgio. Note que até a lei cristã da abnegação e sofrimento por amor a Cristo não revogou a lei natural da autopreservação e cuidado por nossa própria segurança, contanto que Deus nos dê oportunidade de nos servir disso por meios legais.

V Tendo visto o triunfo dos amigos de *Pedro* para libertá-lo, observemos a confusão que logo depois tomou conta dos seus inimigos. O tumulto foi muito grande, porque a expectativa do povo em matar o apóstolo também era alta. 1. Os guardas ficaram extremamente consternados, porque sabiam que era muito pesada a pena por terem deixado fugir um prisioneiro que estava sob sua guarda: *Sendo já dia* (v. 18), descobriram

que o prisioneiro desaparecera, causando *não pouco alvoroço* (ou "discussão", como lêem certos estudiosos), *entre os soldados sobre o que seria feito de Pedro.* Ele fugira, e ninguém sabia explicar de que modo. Sabiam que ele estava preso com toda segurança até à noite anterior. Mas agora fugiu o pássaro, sem deixar marca ou sinal. E isso lhes causou consternação. Um dizia: "Foi culpa sua"; o outro replicava: "Não, foi sua", não encontrando meios de se justificar, senão acusando o companheiro. Entre nós, se foge o prisioneiro, é o delegado que tem de responder pela fuga. Assim os perseguidores do evangelho têm ficado confusos ao ver a causa de Cristo triunfando, apesar da oposição que lhe fazem. 2. *Herodes* mandou vasculhar as casas em busca do fugitivo e não obteve sucesso: *Herodes* [...] *procurou* [*Pedro*] *e o não achou* (v. 19). Quem pode achar quem Deus esconde? Baruque e Jeremias estão em segurança, mesmo sendo procurados, pois *o Senhor tinha-os escondido* (Jr 36.26). Em tempos de perigo público, todos os crentes têm Deus por seu *refúgio* (Sl 119.114), o qual é tão secreto que o mundo ignorante não o pode achar, e é tão forte que o mundo impotente não o pode localizar. 3. Os guardas prestaram contas pela fuga: *Herodes* inquiriu *aos guardas* (v. 19) e, não se satisfazendo com as explicações dadas sobre a fuga de *Pedro*, ele *mandou-os justiçar* (ou "ordenou que fossem executados", versão NVI) de acordo com a lei romana, e com 1 Reis 20.39: *Se vier a faltar, será a tua vida em lugar da vida dele.* É provável que esses guardas tivessem sido mais severos com *Pedro* do que o necessário (como o carcereiro, cap. 16.24) e ainda mais abusivos com ele e com outros que tinham sido seus prisioneiros por razões semelhantes. Agora, com justiça, são mortos pelo que não tinham culpa e também pela mesma pessoa que os mandara *maltratar* a *igreja* (v. 1). Quando os ímpios são enganados com o trabalho das próprias mãos, *o Senhor é conhecido pelo juízo que* faz (Sl 9.16). Ou, se assim eles não tivessem se tornado detestáveis à justiça de Deus e fosse um pouco difícil de acreditar que homens inocentes fossem mortos pelo que era puramente um acaso, podemos muito bem aceitar a conjetura de certos estudiosos que diz que, embora *Herodes* tivesse mandado *justiçar* os soldados para agradar os judeus que estavam tristemente desapontados pela fuga de *Pedro*, eles não foram executados. Mas a morte de *Herodes*, imediatamente após o episódio, evitou isso. 4. O próprio *Herodes* retirou-se dali: Ele partiu *da Judéia para Cesaréia* e *ficou ali* (v. 19). Ele ficou profundamente irritado, como o leão quando é logrado pela presa. Muito mais porque elevara excessivamente a expectativa do *povo dos judeus* (v. 11) no que tange a *Pedro*. Ele lhes prometeu que em pouquíssimo tempo os divertiria com a exibição da cabeça de *Pedro* num cavalo de batalha, fato que os agradaria tanto quanto a cabeça de João Batista agradou Herodias. Ele ficou envergonhado por ser privado deste momento de glória, e de se ver, apesar de sua confiança inicial, impossibilitado de cumprir suas palavras. Tal humilhação foi tão grande ao seu espírito orgulhoso que não suportou ficar na *Judéia*, mas foi embora *para Cesaréia*. Josefo menciona que a ida de *Herodes* a *Cesaréia* ocorreu no fim do terceiro ano do seu reinado sobre toda a Judéia (*Antiquit.*, liv. 19, cap. 7), e que ele foi solenizar os jogos naquela cidade, pela vasta afluência da nobreza alta e pequena do reino em prol da saúde de César e em sua honra.

A Morte de Herodes

vv. 20-25

Nestes versículos, temos:

I A morte de Herodes. Deus ajustou as contas com ele por matar Tiago e pela intenção e empenho de matar Pedro. Os pecadores serão chamados a prestar contas não apenas pela maldade de suas ações, mas também pela maldade de seus esforços (Sl 28.4), pelos danos que causaram e pelos danos que teriam causado. Herodes viveu muito pouco tempo depois dos episódios relacionados com Tiago e Pedro. Com alguns pecadores, Deus age mais depressa. Observe:

1. A medida da iniqüidade de *Herodes* se encheu pelo orgulho. É muito comum que *a soberba* venha imediatamente antes da *ruína* e que *a altivez do espírito* preceda *a queda* (Pv 16.18). Nabucodonosor fora homem muito sanguinário e terrível perseguidor; mas as palavras que estavam na boca do rei quando lhe sobrevieram os juízos de Deus eram palavras de orgulho: *Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?* (Dn 4.30,31). É a glória de Deus que *olha para todo soberbo, e humilha-o* (Jó 40.12). Esse caso em pauta é extraordinário e mostra como *Deus resiste aos soberbos* (Tg 4.6).

(1) Os habitantes de *Tiro* e *Sidom* tinham, ao que parece, ofendido *Herodes* (v. 20). Essas cidades estavam sob o jugo romano e eram culpadas de algum delito leve do qual *Herodes* se ressentira muitíssimo. Ele estava determinado a fazer com que sentissem a grandiosidade do seu ressentimento. Uma questão sem importância serviria de provocação para tal homem arrogante e orgulhoso como *Herodes*, que sempre estava disposto a provocar briga. *Ele estava* tremendamente *irritado com* estes, e deviam ficar sabendo que a sua indignação era *como o bramido do leão* (Pv 19.1, versão RA), *como um mensageiro da morte* (Pv 16.14).

(2) Os ofensores submeteram-se, convencendo-se de que, mesmo que não tivessem errado, era fútil lutar com tal adversário potente que, certo ou errado, seria bastante rígido com eles. Eles se sujeitaram e se dispuseram a cumprir quaisquer condições para fazer as pazes com ele. Observe: [1] A razão por que os habitantes *de Tiro e de Sidom* desejavam muito resolver a questão: *Porquanto o seu país se abastecia do país do rei* (v. 20). *Tiro* e *Sidom* eram cidades mercantis com pouco território próprio e que sempre se abasteciam de grãos da terra de Canaã. *Judá e a terra de Israel eram os teus mercadores; com o trigo de Minite, e confeitos, e mel, e azeite, e bálsamo* (Ez 27.17). Se *Herodes* proclamasse uma lei que proibisse a exportação de grãos para *Tiro* e *Sidom* (eles não sabiam até aonde iria um homem tão vingativo quanto ele e que não se importava se as pessoas passassem fome), o seu país estaria arruinado. Era do interesse deles manter boas relações com esse *rei*. E não é sensato nos reconciliarmos com Deus e nos humilharmos diante dele, de quem dependemos muito mais constante e necessariamente que um país depende de outro? *Porque nele vivemos, e*

nos movemos, e existimos (cap. 17.28). [2] O método que os habitantes *de Tiro e de Sidom* empreenderam para evitar o rompimento de relações: Eles obtiveram *a amizade de Blasto, que era o camarista do rei* (v. 20), provavelmente com subornos e presentes. Esse é o modo habitual de os homens tornarem seus amigos bajuladores. É o destino cruel dos governantes terem seus assuntos governamentais e emoções pessoais controlados por tais ferramentas mercenárias. Homens como *Herodes*, que não são controlados pela razão, seriam mais bem controlados assim do que pelo orgulho e pela paixão. *Blasto* tinha a atenção de *Herodes* e usou a arte de apaziguar-lhe os ressentimentos. Foi *designado* um *dia* (v. 21) para os embaixadores de *Tiro* e *Sidom* virem e fazerem uma submissão pública. Nessa ocasião, implorariam o perdão de sua majestade, ficariam sob a dependência de sua misericórdia e prometeriam nunca mais ofender de maneira semelhante. Aquilo que alimentasse o orgulho do *rei* serviria para esfriar sua paixão.

(3) *Herodes* apareceu com pompa e grandeza: Ele vestiu *as vestes reais, estava assentado no tribunal* (v. 21; ou "no trono", versão RA). Josefo relata o esplendor do aparecimento de *Herodes* (*Antiquit.*, liv. 19, cap. 7). Ele diz que naquela ocasião *Herodes* usou uma capa de pano de prata tão ricamente elaborada e tecida com tanta habilidade que quando o sol batia na capa refletia a luz com tamanho brilho a ponto de turvar momentaneamente a vista dos espectadores, deixando-os amedrontados. Os tolos avaliam os homens por sua aparência exterior. E não são melhores os que se avaliam pela estima dos tais, que a cortejam e recomendam a si mesmos a ela. Foi o que fez *Herodes*, entendendo que supria a falta de um coração real com *vestes reais* e o estar *assentado no tribunal* (no trono), como se isso lhe desse o privilégio de pisotear, como se faz com seu tamborete, todos que estivessem por perto.

(4) *Herodes* [...] *dirigiu a palavra* (v. 21) aos habitantes *de Tiro e de Sidom*. Nesse discurso primoroso, deve ter agravado a falta deles e recomendado que se submetessem a ele, concluindo com a garantia de que deixaria passar essa ofensa e os receberia em seu favor novamente. O seu orgulho deve ter ido às alturas por ter o poder de deixar com vida e o poder de matar (como em Jo 19.10). É provável que ele os mantivesse na expectativa sobre o destino deles até que lhes fez essa prédica; e isso para que o ato da graça chegasse a eles com a mais grata surpresa.

(5) *O povo* o aplaudia, os habitantes *de Tiro e de Sidom* que dependiam de *Herodes* e se beneficiavam do seu favor, exclamavam, dizendo: *Voz de Deus, e não de homem!* (v. 22). Deus é grande e bom, e eles pensaram que tal era a grandeza de *Herodes* no seu vestuário e trono, e tal era a sua bondade em perdoá-los, que ele era digno de ser chamado não menos que deus. Talvez seu discurso tivesse sido feito com tal ar de majestade e de misericórdia a ponto de impressionar os que lhe ouviam. Ou, pode ser que não foi por haverem ficado impressionados ou tido pensamentos sublimes a respeito dele. Mas, por mais que o julgassem vil, estavam decididos a bajulá-lo e a fortalecer a paz recentemente feita entre ambos. Assim grandes homens caem presa fácil de lisonjeadores caso eles lhes dêem atenção e os incentivem. Grotius observa que, ainda que os magistrados fossem chamados *deuses* (Sl 82.1), "*os reis ou os monarcas, ou seja, as pessoas simples não o eram, para que não fosse dada aprovação aos gentios, que honravam divinamente seus reis, vivos e mortos, como aqui; mas os que são chamados deuses são o colégio de senadores ou o banco de juízes*" – *In collegio toto senatorum non idem erat periculi; itaque eos, non autem reges, invenimus dictos elohim.* Os que vivem pelos sentimentos vilipendiam Deus, como se Ele fosse igual a eles (Sl 50.21, versão RA), e divinizam os homens, como se estes fossem deuses, *admirando as pessoas por causa do interesse* (Jd 16). Trata-se de grande afronta a Deus dar a outrem a glória que é devida exclusivamente a Ele e de grande prejuízo aos que são lisonjeados, porque os faz esquecer de si mesmos e inchar de orgulho, correndo o altíssimo perigo de cair *na condenação do diabo* (1 Tm 3.6).

(6) O pecado de *Herodes* foi haver tomado para si honras indevidas, agradando-se delas e nelas se orgulhando. Não achamos que ele tivesse dado ordens em particular às pessoas de sua confiança para começarem tais exclamações ou porem essas palavras na boca do *povo*. Também não achamos que houvesse lhes agradecido pelo elogio e passado a responder a opinião que tinham sobre ele. Seu erro foi que ele não disse nada, nem reprovou a lisonja, nem repeliu o título que lhe deram. E nem *deu glória a Deus* (v. 23)! Ele tomou para si essa *glória*, apreciou ser alvo dela, ser considerado e tratado como um deus. *Si populus vult decipi, decipiatur* – *Se o povo for enganado, que o seja.* E isso era pior para ele, que era judeu e professava crer em um único *Deus*, do que para os imperadores gentios, que possuíam muitos deuses e muitos senhores.

2. Como a iniqüidade de *Herodes* foi castigada: *No mesmo instante* (v. 23), *feriu-o o anjo do Senhor* (pela ordem de Jesus, pois a Ele foi entregue todo o juízo, Jo 5.22), *porque não deu glória a Deus* (pois *Deus* tem ciúme de sua própria honra, e será glorificado naqueles por quem Ele não é glorificado), *e, comido de bichos* sobre chão, *expirou*. Agora ele tem de ajustar contas por maltratar a igreja de Cristo, matar Tiago, prender Pedro e por todos os outros danos que causou. Observe, sobre a ruína de *Herodes*:

(1) O agente foi nada menos que um anjo: *O anjo do Senhor* (v. 23), *o anjo* ordenado e comissionado para fazer especificamente essa obra, ou *o anjo* usado em serviços dessa natureza, o anjo da morte. Ou, ainda, *o anjo*, isto é, *o anjo* que libertou Pedro na primeira parte deste capítulo – esse mesmo *anjo* feriu *Herodes*. Esses espíritos ministradores são ministros ou da justiça divina ou da misericórdia divina, conforme *Deus* se agrada em usá-los. *O anjo* o deixou bastante enfermo no exato momento em que recebia os aplausos do povo e adorava a própria sombra. Assim disse o rei de Tiro em seu orgulho: *Eu sou Deus e sobre a cadeira de Deus me assento.* Ele estimava o seu *coração como se fora o coração de Deus*; mas ele era *homem e não Deus*, um fraco homem mortal *na mão do que* o traspassava (Ez 28.2-9). Assim era *Herodes*. Os príncipes poderosos têm de saber não só que *Deus* é onipotente, mas que os anjos também são maiores em poder e força que eles. *Feriu-o o anjo do Senhor; porque não deu glória a Deus.* Os anjos são zelo-

sos da honra de *Deus*, e assim que recebem a ordem estão prontos a ferir os que usurpam as prerrogativas de *Deus* e roubam de *Deus* a sua honra.

(2) O instrumento da morte de *Herodes* foi nada menos que *bichos* (ou "vermes", versão RA): Ele foi *comido de bichos, genomenos skolekobrotos – ele se tornou comida de vermes*, assim deve ser lido (v. 23). Ele era podre e se tornou como madeira podre. O corpo na sepultura é comido por vermos, mas o corpo de Herodes se tornou podre enquanto ele ainda estava vivo, criando vermes que imediatamente passaram a se alimentar dele. Assim morreu o grande perseguidor. Veja aqui: [1] Os seres vis que carregamos em nosso corpo. Carregamos conosco as sementes de nossa própria decomposição corpórea, pelas quais nosso corpo será decomposto assim que Deus proferir a palavra final. Ultimamente, os microscópios têm proporcionado descobertas surpreendentes da multidão de vermes que há em corpos humanos e da parcela altíssima que contribuem para as doenças. Essa é uma boa razão para não nos orgulharmos de nosso corpo ou de quaisquer de seus feitos. [2] Deus usa criaturas fracas e desprezíveis como instrumentos da sua justiça, segundo lhe apraz. Faraó foi infestado por piolhos e moscas (Êx 8.16-32), Efraim foi consumido como por traça (Os 5.12) e *Herodes* foi *comido de bichos* (v. 23). [3] Deus se agrada em abater os orgulhosos e humilhá-los de modo extremamente mortificante, mostrando-lhes desdém. *Herodes* não só morreu, mas morreu *comido de bichos* (v. 23), para que o orgulho da sua glória fosse eficientemente manchado. Josefo, um judeu, narrou detalhadamente a história da morte de *Herodes* (*Antiquit.*, liv. 19, cap. 7): "Esse Herodes desceu a Cesaréia para celebrar uma grande festa em honra a César. Na manhã do segundo dia da festa, entrou no teatro trajado com aquela capa esplêndida. Seus lisonjeadores o saudaram como deus e imploraram que lhes fosse propício. Até aqui, eles o haviam reverenciado como homem, mas agora confessaram que havia algo nele mais excelente que a natureza mortal. Ele não recusou nem corrigiu essa lisonja irreverente (é como se expressa o historiador). Mas, imediatamente, olhando para cima, percebeu que havia uma coruja pousada em sua cabeça. No mesmo instante, foi tomado por uma dor violentíssima nos intestinos e cólicas na barriga, as quais desde o começo eram estranhas. Ele voltou os olhos para os seus amigos e disse: 'Agora eu, a quem vós me chamastes deus e, por conseguinte, imortal, devo provar que sou homem e mortal'. Sua tortura continuou sem interrupção ou o menor abrandamento até morrer aos cinqüenta e quatro anos de idade, sendo rei por sete anos".

II O progresso do evangelho depois dessas coisas. 1. *A palavra de Deus crescia e se multiplicava* (v. 24) como semente semeada que dá um grande aumento – trinta, sessenta e cem vezes mais. Onde quer que o evangelho fosse pregado, multidões o aceitavam e eram acrescentadas à igreja. Depois da morte de Tiago, *a palavra de Deus* cresceu. Pois quanto mais a igreja era afligida, mais se multiplicava, como aconteceu com Israel no Egito. A ousadia e consolação dos mártires e o fato de Deus aceitá-los contribuíram mais para atrair as pessoas ao cristianismo do que os sofrimentos fizeram para intimidá-las. Depois da morte de *Herodes*, *a palavra de Deus* ganhou terreno. Quando um perseguidor desse nível foi retirado por tão terrível juízo, muitos se convenceram de que a causa do cristianismo era indubitavelmente a causa de Cristo e, então, a aceitaram. 2. *Barnabé e Saulo* (v. 25) *voltaram* a Antioquia assim que cumpriram o ministério a que foram enviados: *Havendo* eles *terminado aquele serviço*, ou seja, tendo entregado o dinheiro às pessoas certas e cuidado para que a distribuição fosse feita devidamente àqueles a quem fora coletado, *voltaram de Jerusalém*. Embora tivessem muitos grandes amigos nesta cidade, no momento o trabalho deles estava em Antioquia. Onde está nosso serviço é onde devemos estar, e não devemos nos distanciar mais do que o necessário. Quando um ministro for chamado para servir no estrangeiro, assim que seu *serviço* tiver terminado, ele não deve esquecer que tem trabalho a fazer em seu país natal, que o aguarda e o chama. Quando *Barnabé e Saulo* [...] *voltaram* para Antioquia, levaram *também consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos*. Foi na casa da mãe de *João* [...] *Marcos* onde houve aquela reunião de oração sobre a qual lemos há pouco (v. 12). Essa senhora era irmã de *Barnabé*, o qual provavelmente se hospedou ali, acompanhado talvez por *Saulo*, enquanto ambos permaneceram em *Jerusalém*. Foi por essa razão que aquela residência acolheu a reunião do povo de Deus naquele momento (pois aonde quer que *Saulo* chegasse, ele desempenhava bem seu ministério). A amizade íntima desses dois apóstolos com aquela família enquanto permaneceram em *Jerusalém* resultou em levarem um filho daquela família quando *voltaram*, a fim de ser instruído por eles e inserido no *serviço* do evangelho. Ensinar os jovens para o desempenho do ministério e os iniciar no *serviço de Deus* é um trabalho bastante recompensador para os ministros mais velhos e, ao mesmo tempo, um grande *serviço* para a geração em formação.

CAPÍTULO 13

Ainda não encontramos nada pertinente à propagação do evangelho aos gentios que mostre a proporção da amplitude dessa comissão: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19, versão RA). A porta foi aberta pelo batismo de Cornélio, familiares e amigos. Mas desde então temos visto o evangelho pregado somente aos judeus (cap. 11.19). Era como se a luz que começou a brilhar no mundo gentio tivesse se recolhido. Mas, neste capítulo, essa obra, essa grande e boa obra é avivada no meio dos anos (Hc 3.2). A oferta do evangelho tinha de ser feita primeiramente aos judeus, mas quando a recusaram, os gentios ganharam parte nessa oferta. Aqui está: I. A ordenação solene de Barnabé e Saulo por direção divina, para o ministério, para a grande obra de espalhar o evangelho entre as nações (e é provável que outros apóstolos ou homens apostólicos se dispersassem por ordem de Cristo com a mesma incumbência) (vv. 1-3). II. A pregação do evangelho em Chipre e a oposição

do feiticeiro Elimas à obra de Saulo (daqui em diante chamado Paulo) e Barnabé (vv. 4-13). III. Os tópicos do sermão que Paulo pregou aos judeus em Antioquia da Pisídia, na sinagoga. Este sermão nos é dado como amostra do que os apóstolos comumente pregavam aos judeus e o método que usavam com eles (vv. 14-41). IV. A pregação do evangelho aos gentios a pedido destes e com a recusa dos judeus às boas novas. Nesta pregação, os apóstolos se justificaram do desprazer que os judeus tinham ao anúncio evangelístico e Deus confirmou os pregadores (vv. 42-49). V. A dificuldade que os judeus infiéis causaram aos apóstolos, obrigando-os a irem para outro lugar (vv. 50-52). O desígnio deste capítulo é mostrar a cautela, a progressão gradual e a boa razão com que os apóstolos levaram o evangelho ao mundo gentio e aceitaram os gentios na igreja. Pregar o evangelho aos gentios e aceitá-los na igreja era tremenda ofensa aos judeus, e é o que Paulo se esforça em justificar nas suas epístolas.

A Missão de Paulo e Barnabé

vv. 1-3

Temos aqui a autorização e comissão divinas dada a Barnabé e Saulo para irem pregar o evangelho entre os gentios e a sua ordenação a esse ministério pela imposição de mãos, com jejum e oração. Aqui está:

I Um relato do estado em que se encontrava a *igreja que estava em Antioquia* (v. 1), que foi plantada no capítulo 11.20.

1. Como a *igreja* em *Antioquia* estava bem provida de bons ministros. *Havia alguns profetas e doutores* (v. 1), homens notáveis por dons, graça e utilidade. Jesus, quando subiu ao céu, *deu uns* [...] *para profetas* [...] *e doutores* (ou "mestres", versão RA; Ef 4.11). Estes homens tinham ambos os ofícios: *profetas e doutores*. Ágabo, pelo visto, era profeta e não doutor, e muitos eram *doutores* que não eram *profetas*. Os mencionados aqui eram, às vezes, divinamente inspirados e recebiam instruções imediatamente do céu em ocasiões especiais, o que lhes dava o título de *profetas*. Ao mesmo tempo eles eram *doutores* declarados da *igreja* nos cultos, expunham as Escrituras e esclareciam a doutrina de Cristo com aplicações satisfatórias. Estes eram os *profetas, sábios e escribas* que Jesus prometera enviar (Mt 23.34), que eram, de todos os modos, qualificados para o serviço da *igreja* cristã. *Antioquia* era uma grande cidade com muitos cristãos, de forma que não podiam se reunir todos num mesmo lugar. Fazia-se necessário que tivessem muitos *doutores* para presidir suas respectivas reuniões e apresentar os propósitos de Deus ao povo. Na lista, *Barnabé* é citado em primeiro lugar, provavelmente porque era o mais velho, e *Saulo*, por último, provavelmente porque era o mais novo. Mas depois o último se tornou o primeiro e *Saulo* foi mais célebre na igreja. Mais três nomes são citados. (1) *Simeão* (v. 1), que, com vistas a distingui-lo de outros do mesmo nome, era *chamado Níger*, "o Negro", por causa da cor dos cabelos. É semelhante àquele que em tempos mais recentes foi cognominado de o Príncipe Negro*. (2) *Lúcio* (v. 1), de Cirene, que certos estudiosos pensam (inclusive o Dr. Lightfoot) que se trata do mesmo Lucas que escreveu os Atos, era originalmente *cireneu* e teve sua formação educacional na faculdade ou sinagoga cirenaica em Jerusalém, onde ouviu e recebeu o evangelho. (3) *Manaém* (v. 1), indivíduo de certa dignidade porque foi *criado com Herodes, o tetrarca*, o que quer dizer que ou se alimentaram do mesmo leite, ou freqüentaram a mesma escola, ou foram alunos do mesmo tutor, ou, preferivelmente, eram colegas e companheiros constantes. Em cada parte da formação educacional de *Manaém*, *Herodes* era seu companheiro e amigo íntimo, dando-lhe a clara perspectiva de cargo honorífico na corte. Não obstante, ele abandonou todas essas esperanças por amor a Cristo. Foi como *Moisés* que, *sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó* (Hb 11.24). Tivesse ele se unido a *Herodes*, com quem fora *criado*, ele poderia ter tido o lugar de Blasto e sido camareiro do rei. Mas é melhor ser companheiro de sofrimentos com um santo do que ser companheiro de perseguições com um *tetrarca*.

2. Como os bons ministros da *igreja* em *Antioquia* eram bem usados: *Eles* serviam *ao Senhor e* jejuavam (v. 2). Observe: (1) Os doutores (ou mestres) fiéis e diligentes estão, na verdade, servindo *ao Senhor*. Os que ensinam os cristãos estão servindo a Cristo. Eles realmente o honram e promovem os interesses do Reino. Os que servem à igreja pregando e orando (ambas as funções estão inclusas aqui), estão servindo *ao Senhor*, pois eles são os servos da igreja por amor a Cristo. Em seus serviços eles têm de olhar para Ele, e as suas recompensas, eles as receberão dele. (2) Servir *ao Senhor*, de um modo ou de outro, tem de ser o negócio declarado das igrejas e seus doutores (ou mestres). Devemos separar tempo para esta obra e passar uma parte do dia nela. O que mais temos de fazer como cristãos e ministros senão servir *a Cristo, o Senhor*? (Cl 3.24; Rm 14.18). (3) O jejum é de utilidade em nosso serviço *ao Senhor* como sinal de nossa humilhação e como meio de nossa mortificação. Esse exercício religioso não foi praticado pelos discípulos de Jesus, enquanto o esposo estava com eles (Mc 2.19,20), tanto quanto foi pelos discípulos de João Batista e dos fariseus. Depois que o esposo foi tirado, eles jejuaram muitas vezes como pessoas que aprenderam muito bem a negar a si mesmo e suportar as dificuldades.

II As ordens que *o Espírito Santo* deu para separar *Barnabé* e *Saulo*, no meio de um culto em que os ministros das várias congregações na cidade se uniram em um jejum solene ou dia de oração: *Disse o Espírito Santo* (v. 2) ou por uma voz do céu ou por um forte impulso na mente dos profetas: *Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado*. Ele não indica a espécie da *obra*, mas alude a um *chamado* já feito anteriormente, sobre o qual os dois sabiam o significado, enquanto os demais poderiam ou não saber. Quanto a *Saulo*, fora-lhe dito especificamente que tinha de levar o nome

* Nota do tradutor: O autor se refere a Eduardo Plantageneta, o Príncipe de Gales (15-06-1330 a 08-06-1376), que ficou conhecido na história como o Príncipe Negro. Era o filho mais velho e herdeiro do rei Eduardo III, da Inglaterra.

de Cristo diante dos gentios (cap. 9.15), que ele seria enviado aos gentios (cap. 22.21). A questão fora resolvida entre eles em Jerusalém antes deste dia. Ficou resolvido que Pedro, Tiago e João se disporiam entre os da circuncisão, para que *Saulo* e *Barnabé* fossem para os gentios (Gl 2.7-9). É provável que *Barnabé* soubesse que fora escolhido para fazer o mesmo serviço que *Saulo*. Contudo, eles não se atirariam a esta colheita, ainda que copiosa e produtiva, até que recebessem ordens específicas do Senhor da colheita: *Lança a tua foice e sega!* [...], *porque já a seara da terra está madura* (Ap 14.15). As ordens eram: *Apartai-me a Barnabé e a Saulo.* Observe aqui: 1. Cristo, pelo seu Espírito, nomeia os seus ministros. É pelo Espírito de Cristo que, em certa medida, eles são qualificados para os serviços, inclinados para isso e tirados de outros cuidados incompatíveis com isso. Há aqueles que *o Espírito Santo* separa para o serviço de Cristo, distinguindo-os dos outros como indivíduos que são oferecidos e que de boa vontade se oferecem ao serviço do templo. Juízes competentes recebem orientações relativas à suficiência da capacidade de tais indivíduos e da sinceridade de suas inclinações: "Separai-os". 2. Os ministros de Cristo são separados para ele e para o *Espírito Santo*: "Separai-os para mim" (v. 2, versões NTLH e RA). Eles devem ser empregados na obra de Cristo e sob a orientação do Espírito, para a glória de Deus Pai. 3. Todos que são separados para Cristo como seus ministros são separados para trabalhar. Jesus não tem servos para ficarem à toa. *Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja* (1 Tm 3.1). É para isso que eles são separados: trabalhar *na palavra e na doutrina* (1 Tm 5.17). Eles são separados para labutar, não para vadiar. 4. A obra dos ministros de Cristo, à qual eles são separados, é obra que já está determinada, para a qual todos os ministros de Cristo, até hoje, têm sido chamados e a que eles foram, por meio de um chamado externo, orientados e escolheram.

III A ordenação de *Barnabé* e *Saulo* correspondente às ordens que *o Espírito Santo* deu para separá-los: Não foi para o ministério em geral (há muito que *Barnabé* e *Saulo* já eram ministros), mas para um serviço em particular no ministério. Era algo peculiar e que exigia novo comissionamento. Deus considerou que o momento era oportuno para transmitir essa ordem por meio das mãos desses *profetas e doutores* a fim de que a igreja recebesse estas orientações: os *doutores* devem ordenar *doutores* (quanto a *profetas* já não devemos mais esperar que haja), e aqueles a quem foram confiadas as palavras de Cristo devem, para o benefício da posteridade, confiá-las *a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros* (2 Tm 2.2). Assim, aqui, *Simeão, Lúcio* e *Manaém*, fiéis *doutores* neste tempo na *igreja que estava em Antioquia*, tendo jejuado, orado e posto *sobre* [*Barnabé* e *Saulo*] *as mãos, os despediram* (v. 3), de acordo com as orientações recebidas. Observe: 1. *Simeão, Lúcio* e *Manaém* oraram por *Barnabé* e *Saulo* (v. 3). Quando bons homens são enviados para fazer a boa obra devem receber as orações solenes e particulares da *igreja*, especialmente dos irmãos que são companheiros de trabalho e companheiros de armas. 2. *Simeão, Lúcio* e *Manaém* uniram o jejum às orações, como fizeram em suas outras ministrações (v. 3). Foi o que Jesus nos ensinou por sua abstinência de sono (um "jejum de sono") na noite anterior em que Ele enviou os apóstolos para passá-la em oração. 3. *Simeão, Lúcio* e *Manaém* puseram as mãos sobre *Barnabé* e *Saulo* (v. 3). Com esse gesto: (1) Eles lhes deram sua manumissão, demissão ou dispensa do serviço em que estavam engajados na *igreja* em *Antioquia*, reconhecendo que saíram não só de modo justo e com aquiescência, mas de modo honroso e com boa fama. (2) Eles rogaram a bênção sobre *Barnabé* e *Saulo* no empreendimento que assumiam, pediram que Deus estivesse com eles e lhes desse sucesso. E para que conseguissem isso, oraram para que eles fossem cheios do Espírito Santo na obra a fazer. É a mesma coisa que está explicada no capítulo 14.26, onde fala, em relação a Paulo e Barnabé, que de *Antioquia*, eles *tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido.* Assim como era a mostra da humildade de *Barnabé* e *Saulo* o fato de se submeterem à imposição das mãos dos seus colegas, ou mais propriamente, subordinados, assim também era a mostra do bom temperamento dos outros *doutores* o fato de eles não invejarem *Barnabé* e *Saulo* pela honra de terem sido escolhidos, mas de alegremente terem lhes confiado esta honra com orações sinceras e vigorosas por eles. Eles *os despediram* com a máxima urgência por pura preocupação pelas regiões em que eles iam desbravar terras não evangelizadas.

Elimas É Ferido com Cegueira
vv. 4-13

Nestes versículos, temos:

I O relato geral da viagem de Barnabé e Saulo à famosa ilha de Chipre. Eles tomaram o curso àquela direção, provavelmente porque Barnabé era nativo daquele país (cap. 4.36) e porque ele desejava que os primeiros frutos do trabalho de ambos viessem dali, de acordo com a nova comissão. Observe: 1. O fato de *Barnabé e Saulo* serem *enviados pelo Espírito Santo* (v. 4) era o fator preponderante que os encorajava neste empreendimento. Se foi o *Espírito Santo* que os enviou, Ele irá com eles, fortalecendo-os, levando-os adiante nessa obra e fazendo com que eles sejam bem-sucedidos. Eles não temem as circunstâncias, mas alegremente se aventuram no mar tempestuoso saindo de *Antioquia*, que agora era para eles um tipo de porto seguro. 2. *Barnabé e Saulo* partiram de *Antioquia* e *desceram a Selêucia* (v. 4), cidade com porto marítimo. De *Selêucia*, cruzaram o mar em direção a *Chipre*, aportando diretamente em *Salamina* (v. 5), situada na costa oriental da *ilha*. Tendo plantado a boa semente nessa cidade, saíram dali e atravessaram *a ilha até* chegarem a *Pafos* (v. 6), que se localizava na costa ocidental. 3. *Barnabé e Saulo* [...] *anunciavam a palavra de Deus* (v. 5) aonde quer que fossem, falando somente *nas sinagogas dos judeus*. Eles estavam longe de evitar os *judeus*, antes lhes davam preferência na proclamação do evangelho. Desta forma, os que não criam entre eles ficavam indesculpáveis. Eles os teriam reunido, mas eles não quiseram. Eles não agiram clandestinamente, nem anunciaram o Messias a outros que não a eles. Eles colocaram a doutrina cris-

tã aberta ao escrutínio dos príncipes das sinagogas, que poderiam, caso tivessem algo a dizer, contestá-la. Nem teriam agido isoladamente, mas de comum acordo com eles, se eles não os tivessem expulsado do seu meio e das sinagogas. 4. *Barnabé e Saulo* [...] *tinham também a João como cooperador* (v. 5), não como criado nas coisas comuns, mas como assistente nas coisas de Deus. Ele preparava o caminho em lugares onde os apóstolos projetavam ir, ou continuava o trabalho deles em lugares onde já haviam começado, ou ainda conversava livremente com aqueles a quem eles pregavam publicamente para explicar-lhes as coisas com mais detalhes. Uma pessoa assim poderia ser útil de muitas maneiras para eles, sobretudo em um país estrangeiro.

II O relato detalhado do encontro de *Barnabé e Saulo* com *Elimas, o encantador*, na cidade de *Pafos*, onde o governador residia. É lugar famoso por ter havido um templo dedicado a Vênus, daí chamada *Vênus Pafiana*. Por conseguinte, a necessidade nessa cidade era mais do que comum para que *o Filho de Deus* se manifestasse *para destruir as obras do diabo* (1 Jo 3.8).

1. Em *Pafos*, o *procônsul* (v. 7), um gentio de nome *Sérgio Paulo*, incentivava os apóstolos e tinha desejo de ouvir a mensagem evangelística. Ele era o governador ou o que chamaríamos "vice-rei" da ilha que estava sob o domínio do imperador romano. Ele possuía o caráter de *varão prudente*, homem inteligente e circunspeto, que era controlado pela razão e não pela paixão ou pelo preconceito. Isso nos leva a crer que ouvindo a fama de *Barnabé e Saulo*, ele mandou chamá-los e *procurava muito ouvir a palavra de Deus*. Note que quando aquilo que ouvimos tem a tendência de nos conduzir a Deus, é prudente procurarmos ouvir mais. São sábios, mesmo que estejam classificados entre os fracos deste mundo, os indivíduos que desejam conhecer o propósito e a vontade de Deus. Embora ele fosse um homem importante e estivesse em posição de autoridade e os pregadores do evangelho não fossem pessoas de destaque, se eles tinham a mensagem da parte de Deus, ele queria saber qual era e caso fosse mesmo de Deus, ele estava pronto a recebê-la.

2. Em *Pafos*, um *encantador* (v. 8), um *judeu* (v. 6) de nome *Elimas*, se opunha a *Barnabé e Saulo*, fazendo tudo que podia para obstruir-lhes o progresso. Isto justificou os apóstolos a se voltarem para os gentios (cap. 13.46), que esse judeu fosse tão pernicioso.

(1) *Elimas* tinha pretensões ao dom de profecia, era *mágico* e *falso profeta* (v. 6), alguém que seria considerado pelas pessoas como um ser divino porque era especialista na arte da adivinhação. Ele era um *encantador* (v. 8) e encarregou-se de contar o futuro das pessoas, de descobrir coisas perdidas. Para cumprir esta finalidade ele estava, provavelmente, aliado com o diabo. Seu nome era *Barjesus – o filho de Josué*, por conseguinte, literalmente, *o filho da salvação*. A Versão Siríaca o chama *Bar-shoma – o filho do orgulho*; *filius inflationis – o filho da inchação*, ou *inflação*.

(2) *Elimas* perambulava pela corte, pois *estava com o procônsul* (v. 7). Pelo visto *o procônsul* não o mandou chamar, como fez com *Barnabé e Saulo*. Ele mesmo foi-se chegando ao *procônsul*, objetivando, sem dúvida, servir-se dele e obter dinheiro por ele.

(3) *Elimas* tomou a incumbência de resistir a *Barnabé e Saulo* (v. 8), como os mágicos do Egito na corte de faraó *resistiram a Moisés* e Arão (2 Tm 3.8). Ele se estabeleceu como mensageiro do céu e negou que eles o fossem. Desta forma ele procurava *apartar da fé o procônsul*, impedindo-o de receber o evangelho, pois percebeu que *Sérgio Paulo* estava inclinado a aceitar. Note que Satanás ocupa-se de maneira especial com homens importantes e homens do governo para impedi-los de serem religiosos, porque ele sabe que o exemplo deles, quer seja bom ou ruim, influenciará a muitos. E os que de algum modo são instrumentos para lesar as pessoas das verdades e caminhos de Cristo estão fazendo a obra do diabo.

(4) *Saulo* (aqui é pela primeira vez chamado *Paulo*) enfrentou *Elimas* por conta disso com santa indignação. *Saulo, que também se chama Paulo* (v. 9). *Saulo* era o seu nome, por ele ser hebreu, da tribo de Benjamim. *Paulo* também era o seu nome, por ele ser cidadão de Roma. Até aqui ele se relacionava principalmente com os judeus, sendo então chamado pelo seu nome judaico. Mas agora, ao ser enviado aos gentios, ele é chamado pelo seu nome romano para desfrutar de certa reputação nas cidades romanas, pois *Paulo* era nome muito comum entre eles. Certos estudiosos opinam que ele nunca fora chamado *Paulo* até esse momento, quando foi o instrumento na conversão de *Sérgio Paulo*, e que ele recebeu o nome *Paulo* como lembrança desta vitória obtida pelo evangelho de Cristo. Era, segundo eles, semelhante ao que ocorria entre os romanos: aquele que conquistava uma região recebia um nome ou título conforme o nome da região conquistada, como Germânico, Britânico, Africano. Ou, mais propriamente, o próprio *Sérgio Paulo* lhe deu o nome *Paulo* em sinal do seu favor e respeito por ele, como Vespasiano deu o seu nome *Flávio* para o judeu Josefo. Passemos a algumas observações contidas no texto sacro a respeito do apóstolo.

[1] *Paulo* estava *cheio do Espírito Santo* (v. 9) nesta ocasião, *cheio* do zelo santo contra um professo inimigo de Cristo, que era uma das graças *do Espírito Santo – o espírito de ardor* (Is 4.4). Ele estava *cheio* de poder para denunciar a ira de Deus contra *Elimas*, que era um dos dons *do Espírito Santo – o espírito de justiça* (Is 4.4). Em sua mente, havia um fervor mais do que comum, como havia no profeta quando ele estava *cheio da força do Espírito do Senhor* (Mq 3.8) e em outro profeta quando o seu rosto foi feito *mais forte do que a pederneira* (Ez 3.9) e em mais outro quando a sua boca foi feita *como uma espada aguda* (Is 49.2). O que Paulo disse não surgiu de ressentimento pessoal, mas da forte impressão que o *Espírito Santo* causou no espírito do apóstolo.

[2] *Paulo* fixou *os olhos* em *Elimas* (v. 9) para intimidá-lo e mostrar uma ousadia santa em oposição ao seu descaramento ímpio. Ele fixou *os olhos nele* como indicação de que os olhos do Deus que examina os corações estavam sobre ele e o viam clara e totalmente. Não somente isso, mas *a face do Senhor* estava contra ele (Sl 34.16). Ele fixou *os olhos nele* para ver se ele discernia no seu semblante algum indício de arrependimento pelo que ele fizera. Caso o apóstolo tivesse discernido o menor sinal disso, não teria havido a resultante perda.

[3] *Paulo* expôs o verdadeiro caráter de *Elimas*, não com raiva, mas pelo Espírito Santo, que conhece os ho-

mens melhor que eles mesmos (v. 10). Ele descreveu Elimas como sendo, em primeiro lugar, um agente do inferno. E tais têm havido nesta terra (o lugar de batalha entre a semente da mulher e a semente da serpente) desde que *Caim, que era do maligno*, um demônio encarnado, *matou a seu irmão*, por nenhuma outra razão senão *porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas* (1 Jo 3.12). Este *Elimas*, embora se chamasse *Barjesus – um filho de Jesus* (v. 6), era na verdade *filho do diabo* (v. 10). Trazia a sua imagem, satisfazia as suas concupiscências e servia aos seus interesses (Jo 8.44). Em dois aspectos ele se assemelhava ao *diabo* como o filho se assemelha ao pai: 1. Em *engano*: *A serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo* (Gn 3.1). *Elimas*, embora desprovido de toda a sabedoria para enganar era *cheio de todo o engano* (v. 10), sendo perito em todas as artes de enganar e ludibriar as pessoas. 2. Em *malícia*: *Elimas* era *cheio* [...] *de toda a malícia* (v. 10), sendo homem maldoso, maldisposto e inimigo declarado e implacável de Deus e da bondade. Note que a medida total do *engano* e da *malícia* em um indivíduo torna-o *filho do diabo*. Em segundo lugar, um adversário do céu. Se ele é *filho do diabo*, conclui-se claramente que ele é *inimigo de toda a justiça* (v. 10), pois o *diabo* é assim. Note que quem é *inimigo* da doutrina de Cristo é *inimigo de toda a justiça*, pois nessa doutrina se resume e se cumpre *toda a justiça*.

[4] *Paulo* identificou o pecado de *Elimas* e o repreendeu: "Tu *não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor* (v. 10), de pervertê-los (versões NVI e RA) e torcê-los (versão NTLH) para desestimular as pessoas a entrar e andar neles?" Note que, em primeiro lugar, os *caminhos do Senhor* são *retos* (v. 10): todos são *retos* e perfeitamente *retos*. Os *caminhos do Senhor* Jesus são *retos*, pois é o único caminho reto para o céu e para a felicidade. Em segundo lugar, há os que perturbam estes *retos caminhos* (v. 10), desviando-se destes (como o penitente Eliú, que admitiu: *Perverti o direito, o que de nada me aproveitou*, Jó 33.27) e desencaminhando os outros pela sugestão de discriminações injustas contra os *retos caminhos*: como se a doutrina de Cristo fosse incerta e precária, as leis de Cristo, irracionais e não práticas, e o serviço de Cristo, desagradável e improdutivo. Esta é uma perturbação injusta dos *retos caminhos do Senhor* e uma maquinação para que pareçam caminhos tortuosos. Em terceiro lugar, os que perturbam os *retos caminhos do Senhor* (v. 10) ficam tão determinantemente insensíveis nesse procedimento, que, mesmo que lhes seja apresentada a eqüidade desses *caminhos* pela prova mais grandiosa e imponente, eles não deixam de continuar no erro. *Etsi suaseris, non persuaseris – Tu podes aconselhar; mas nunca persuadirás*. Eles têm seus próprios caminhos, pois amam os estranhos e andam após eles (Jr 2.25).

[5] *Paulo* pronunciou o julgamento de Deus para *Elimas* através de uma cegueira: "*Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor* (v. 11), uma *mão* justa. Deus está prestes a pôr as mãos em ti para te fazer seu prisioneiro, pois tu tomaste armas contra Ele. Tu *ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo*". O desígnio desta cegueira era duplo: era a prova do crime, visto que um milagre foi feito para confirmar *os retos caminhos do Senhor* e, por conseguinte, mostrar a pecaminosidade de *Elimas* em não cessar de perturbá-los, como também era o castigo do crime. Foi um castigo adequado. Ele fechara os olhos, os olhos do entendimento, à luz do evangelho. Portanto, era justo que os olhos físicos fossem fechados à luz do *sol*. Ele procurou cegar o *procônsul Sérgio Paulo* (como agente do *deus deste século*, que *cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho*, 2 Co 4.4), sendo então acometido de cegueira. Foi um castigo moderado: ele só ficou cego, quando poderia ter sido merecidamente morto, e permaneceu cego apenas *por algum tempo*. Se ele se arrepender e der glória a Deus, fazendo confissão de pecados, sua visão lhe será restabelecida. Mas mesmo que ele não faça isso, a visão lhe será restabelecida para saber se ele será conduzido ao arrependimento ou pelo julgamento de Deus ou por sua misericórdia.

[6] O julgamento foi executado imediatamente: *No mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre* [*Elimas*] (v. 11), como ocorreu com o exército do rei da Síria quando perseguia Eliseu (2 Rs 6.18). Isto o silenciou por ora, deixou-o desorientado e serviu de prova eficaz contra si mesmo de tudo que ele dissera em oposição à doutrina de Cristo. Nunca mais ele fingirá ser guia da consciência do *procônsul* quando ele próprio foi ferido de cegueira. Também lhe era indicação de um castigo muito mais severo se ele não se arrependesse, porque ele é uma das *estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas* (Jd 13). O próprio *Elimas* proclamou a verdade do milagre, quando, *andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão*. E agora onde estava toda a sua perícia em encantamentos na qual ele tanto se orgulhava? Ele não sabe por onde caminhar, nem tem um amigo que lhe faça a gentileza de conduzi-lo!

3. A despeito de todos os esforços de *Elimas* em procurar *apartar da fé o procônsul* (v. 8) *Sérgio Paulo*, ele foi levado a crer em Jesus. O milagre feito no *mágico Elimas* (como a sarna que havia nos magos do Egito, de forma que eles não podiam parar diante de Moisés, Êx 9.11) contribuiu para isto. *O procônsul* era um homem muito sensato e reparou algo incomum, que lhe fez entender a origem divina: (1) Da pregação de *Paulo*: *O procônsul Sérgio Paulo* ficou *maravilhado da doutrina do Senhor* (v. 12), o Senhor Cristo – a doutrina que *é dele*: as descobertas que Ele fez do Pai; e a doutrina que *é concernente a Ele*: a sua pessoa, naturezas, ofícios, missão. Note que a doutrina de Cristo tem muito a ver com o que é maravilhoso. Quanto mais a conhecermos mais razão veremos para admirá-la e nos maravilharmos com ela. (2) Deste milagre: Quando *o procônsul Sérgio Paulo* viu *o que havia acontecido* (v. 12), o quanto o poder de *Paulo* transcendia o poder do *mágico* e como era claro que *Elimas* estava desconcertado e aturdido, ele *creu*. O texto sacro não diz que ele foi batizado para tornar-se um convertido completo, mas é provável que o tenha sido. *Paulo* não faria as coisas pela metade, pois *o caminho de Deus é perfeito* (Sl 18.30). Quando *Sérgio Paulo* se tornou cristão ele não se demitiu, nem se afastou do governo. Podemos supor que, como magistrado cristão, por sua influência, ele muito ajudou a propagar o cristianismo naquela ilha. A tradição da Igreja Católica, que se

preocupou em achar bispados para todos os convertidos eminentes que constam no Livro de Atos, fez deste *Sérgio Paulo* bispo de Narbon, França, que fora deixado ali por *Paulo* em sua viagem à Espanha.

III A partida de *Paulo* e *Barnabé* da ilha de *Chipre*. É provável que eles tenham feito muitas outras coisas além do que está registrado, visto que foi um relato apenas do fato extraordinário – a conversão do *procônsul Sérgio Paulo*. Quando fizeram o que tinham de fazer: 1. Eles saíram do país cipriota e foram para *Perge* (v. 13). O grupo que partiu foi *Paulo e os que estavam com ele*, dando a entender que o número de pessoas aumentou em Chipre, pois muitos desejavam acompanhá-lo. *Anachthentes hoi peri ton Paulon – os que foram com Paulo desprenderam-se de Pafos*, o que indica que ele também foi. Seus novos amigos tinham tamanho afeto por ele, que sempre estavam perto dele e, se dependesse da boa vontade deles, eles jamais se afastariam. 2. *Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém* (v. 13), sem o consentimento de *Paulo* e *Barnabé*. Ou ele não gostou do trabalho ou quis voltar para ver sua mãe. Foi culpa dele, e mais tarde voltaremos a ouvir falar sobre esse episódio.

Paulo em Antioquia da Pisídia

vv. 14-41

Perge, da Panfília (v. 13), era um lugar extraordinário, sobretudo por haver um templo erigido à deusa Diana. O relato bíblico nada diz acerca do que Paulo e Barnabé tivessem feito nesta cidade, registrando apenas que eles *chegaram a Perge* (v. 13) e saíram de lá (v. 14). Mas a história das viagens dos apóstolos, como a de Jesus, deixa passar por muitas coisas dignas de registro, porque se tudo fosse escrito, *nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem* (Jo 21.25). O próximo lugar que eles estarão é outra *Antioquia*, dito estar na *Pisídia* para distingui-la da Antioquia que está na Síria, que foi de onde eles saíram. *Pisídia* era uma província da Ásia Menor que fazia fronteira com a *Panfília*. Pelo visto esta *Antioquia* era a capital da província pisidiana. Muitos judeus moravam ali e o evangelho tinha de ser pregado primeiro a eles (v. 46). Estes próximos versículos apresentam o sermão que Paulo lhes fez, sendo provavelmente, as partes principais do que era pregado em geral pelos apóstolos aos judeus em todos os lugares. Para lidar com eles, a maneira apropriada era mostrar-lhes como o Novo Testamento, que eles teriam de aceitar, concordava exatamente com o Antigo Testamento, que eles já tinham aceitado e eram pelo qual extremamente zelosos. Temos aqui:

I O comparecimento de Paulo e Barnabé em uma assembléia religiosa dos judeus em *Antioquia* (v. 14). Embora fizesse pouco tempo que eles tinham tido sucesso com um procônsul romano, quando *chegaram a Antioquia*, eles não procuraram o magistrado principal, nem lhe enviaram saudações, mas se dedicaram aos judeus, mais uma prova do cuidado amoroso dos apóstolos por eles e do desejo pelo seu bem-estar. 1. Paulo e Barnabé fizeram seu culto de adoração *num dia de sábado* (v. 14), o *sábado* dos judeus. Entre si, eles observavam o *primeiro dia da semana* (cap. 20.7) como um *sábado* cristão. Mas para reunir-se com os judeus tinha de ser no sétimo dia, o *sábado*, que em certas ocasiões eles ainda observavam. Embora a lei cerimonial tivesse cessado com a morte de Jesus, ainda seria nas ruínas de Jerusalém que teria de ser enterrada. A moralidade do quarto mandamento foi totalmente transferida para o *sábado* cristão, mas não era incongruente reunir-se com os judeus na santificação do *sábado* judaico. 2. Paulo e Barnabé reuniram-se com judeus no lugar de adoração judaico: a *sinagoga* (v. 14). Note que os dias de *sábado* devem ser guardados nas assembléias solenes, que foram instituídas principalmente para o culto público. *O sábado* é uma *santa convocação*, por isso *nenhuma obra* servil deve ser feita nesse dia (Lv 23.3). Aonde quer que formos, temos de procurar os fiéis adoradores de Deus e nos unir com eles (como estes apóstolos fizeram aqui), demonstrando nosso desejo de manter comunhão com todos os santos. Paulo e Barnabé eram visitantes, contudo foram bem-recebidos *na sinagoga*, onde *assentaram-se*. Devemos tomar cuidado em lugares de culto público para que os visitantes sejam acomodados, até o mais pobre, pois de quem não sabemos nada, sabemos isto: cada pessoa é uma preciosidade a quem nosso amor nos constrange a atender com real interesse.

II O convite dos *principais da sinagoga* para Paulo e Barnabé pregarem. 1. O serviço habitual *da sinagoga* foi seguido: *Depois da lição* (ou "leitura", versão RA) *da Lei e dos Profetas* (v. 15), ou seja, a leitura de um trecho de cada divisão das Escrituras, as lições para o dia. Note que quando nos reunimos para cultuar a Deus, temos de orar e louvar, sem deixar de ler e ouvir a palavra de Deus. É por meio destes exercícios religiosos que damos *ao Senhor a glória devida ao seu nome* (Sl 29.2), como nosso Deus e Legislador. 2. Quando o serviço habitual *da sinagoga* foi concluído, *os principais da sinagoga* pediram que Paulo e Barnabé apresentassem um sermão. Eles lhes enviaram um mensageiro com uma mensagem respeitosa: *Varões irmãos, se tendes alguma palavra de consolação* (ou "exortação", versão RA) *para o povo, falai* (v. 15). Não é impossível que *os principais da sinagoga* tivessem conversado com eles em particular antes da reunião. Se eles não nutriam uma simpatia pelo evangelho, tinham pelo menos a curiosidade de ouvir Paulo pregar. Por isso não só lhe deram permissão, mas lhe solicitaram falar *alguma palavra de consolação para o povo*. Note que: (1) Não basta a leitura pura das Escrituras nos cultos públicos. Devemos explicá-las ao *povo* para que *o povo* seja consolado, ou exortado, por elas (v. 15). Fazer isso é lançar a rede e ajudar *o povo* a fazer o que é necessário para tornar a palavra proveitosa para ele, ou seja, a aplicação da palavra para *o povo*. (2) Os que presidem e tem autoridade nos cultos públicos devem proporcionar uma *palavra de consolação*,ou exortação, *para o povo* (v. 15) sempre que se reúne. (3) Por vezes, uma *palavra de consolação*, ou exortação (v. 15), de um ministro de fora é muito útil *para o povo*, contanto que ele seja devidamente aprovado. É provável que Paulo tivesse o costume de pregar nas sinagogas, mesmo quando não fosse convidado pelos *principais da sinagoga*, porque era freqüente ele pregar *com grande comba-*

te (1 Ts 2.2). Mas estes foram mais nobres, mais generosos que os *principais* das sinagogas eram em geral.

III O sermão que *Paulo* pregou na *sinagoga* dos judeus sob convite dos *principais da sinagoga*. Ele aproveitou alegremente a oportunidade oferecida para pregar Jesus aos seus compatriotas – os judeus. Ele não contestou dizendo-lhes que ele era visitante e que não era da sua conta; nem obetou para si pensando que poderia ocasionar inimizades por pregar Jesus entre os judeus. Mas se levantou, como alguém que está preparado e determinado a falar, e pediu *silêncio com a mão* (v. 16), para prender-lhes a atenção e prepará-los para ouvir a mensagem. Ele acenou *com a mão* como orador, desejando *silêncio* e atenção, e no empenho de ocasionar simpatia e mostrar gravidade e sinceridade. Pode ser que enquanto *Paulo* se dirigia à frente para iniciar sua *palavra de consolação para o povo*, houvesse indivíduos na *sinagoga* que estavam a ponto de amotinar-se contra *os principais da sinagoga* por oporem-se à tolerância da pregação de *Paulo*, e que isso ocasionou certo tumulto e agitação que o apóstolo tratou logo de aquietar com aquele movimento bondoso de sua *mão*; como também pelo seu desejo modesto de que ouvissem imparcial e pacientemente: "*Varões israelitas*, que sois judeus de nascença, *e os que temeis a Deus*, que sois convertidos à religião judaica, *ouvi*. Peço um pouco da vossa atenção, porque tenho algo a dizer-vos que diz respeito à vossa paz perpétua e que não será perda de tempo". Este sermão excelente é registrado para mostrar que os que pregaram o evangelho aos gentios não o fizeram até que tivessem feito todos os esforços para pregar primeiro aos judeus, a fim de persuadi-los a aceitar e se beneficiar das boas-novas. Também mostra que eles não discriminavam em absoluto a nação judaica, nem desejavam que os judeus morressem, antes, que se convertessem dos seus caminhos e vivessem (Ez 18.23). Todos os pontos abordados neste sermão são apropriados para convencer do juízo ou para captar os sentimentos dos judeus a fim de persuadi-los a receber e aceitar Jesus como o Messias prometido.

1. *Paulo* reconhece que os judeus são o povo escolhido de Deus, com quem Ele entrara em relação especial e por quem Ele fizera grandes coisas. Provavelmente, os judeus da dispersão, por morarem em outros países e estarem em maior perigo de misturar-se com as nações, tinham mais zelo de sua peculiaridade do que os judeus que moravam na terra de Israel. Por isso, *Paulo* é extremamente cuidadoso em fazer esta observação para honra dos que o ouviam.

(1) *O Deus de toda a terra* (Is 54.5) era de maneira particular, *o Deus deste povo de Israel* (v. 17). Era o *Deus* em concerto com os judeus; o *Deus* que lhes dera uma revelação da sua mente e vontade como jamais dera a qualquer outra nação ou povo. Dessa forma, Ele os distinguiu e dignificou acima de todos os outros povos, tendo preceitos peculiares pelos quais serem regidos e promessas peculiares das quais depender.

(2) *Deus* [...] *escolheu a nossos pais* (v. 17) para serem amigos dele: Abraão foi chamado *o amigo de Deus* (Tg 2.23); para serem profetas dele, por meio de quem Ele revelaria sua mente para a igreja; e para serem os depositários do seu concerto com a igreja. *Paulo* faz seus ouvintes lembrarem-se destas coisas para informá-los da razão por *Deus* tê-los favorecido, embora fossem indignos e não merecedores: foi porque *Deus* se mantivera fiel à escolha que fizera de *vossos pais* (Dt 7.7,8). Eles foram tão-somente *amados por causa dos pais* (Rm 11.28).

(3) *Deus* [...] *exaltou o povo* (v. 17), honrou-o grandemente, promoveu-o em *povo* e levantou-o do nada, *sendo eles estrangeiros na terra do Egito* e não tendo nada em si mesmos para recomendá-los ao favor divino. Os judeus que ouviam *Paulo* tinham de manter isso em mente e concluir que *Deus*, por conseguinte, não lhes devia nada. Porque foi *ex mero motu – por seu mero prazer*, e não por valiosa consideração, que eles tiveram o privilégio do favor divino. Portanto também era revogável ao seu mero prazer. *Deus* não foi injusto com eles quando, por fim, acabou com a restrição da peculiaridade deles. Mas lhe eram devedores e obrigados a receber mais revelações à medida que o faria à igreja.

(4) *Deus* [...] *tirou* [...] *o povo* [...] *do Egito* [...] *com braço poderoso* (v. 17). Os judeus eram estrangeiros e cativos no *Egito*, sendo libertos à custa de muitos e grandiosos milagres, que foram ao mesmo tempo *sinais* de misericórdia para eles e *milagres* de juízo para os seus opressores (*sinais* e *milagres*, Dt 4.34). Foram libertos também à custa de elevado número de vidas: todos os primogênitos do Egito, faraó e todos os seus exércitos que morreram no mar Vermelho. *Dei o Egito por teu resgate* e *dei os homens por ti* (Is 43.3,4).

(5) *Deus* [...] *suportou os* [...] *costumes* (*etropophoresen*) dos filhos de Israel *no deserto por espaço de quase quarenta anos* (v. 18). Alguns pensam que a leitura deveria ser: *etrophophoresen – Ele os educou*, porque esta é a palavra grega que a Septuaginta usa concernente ao cuidado paternal que *Deus* teve pelo povo judeu (Dt 1.31). As duas leituras podem ser incluídas, pois: [1] *Deus* fez muita provisão para eles durante os *quarenta anos* [...] *no deserto*. Os milagres eram o seu pão diário, que os impedia de passar fome. Eles não tinham falta de nada. [2] *Deus* teve muita paciência com eles. Eles eram um povo provocador, murmurador e incrédulo. Mesmo assim Ele foi paciente com eles, não os tratou como mereciam, mas permitiu que sua ira fosse afastada muitas vezes pela oração e intercessão de Moisés. Ao longo dos anos que cada um de nós tem vivido neste mundo, temos de reconhecer que *Deus* tem sido um pai amoroso para nós, tem suprido nossas necessidades, tem nos sustentado desde que nascemos até este dia (Gn 48.15), tem sido tolerante conosco, pois é um *Deus perdoador* (como foi para Israel, Ne 9.17) que não fica marcando e contando cada uma de nossas faltas. Temos provocado a sua paciência, mas ela não se esgota. Os judeus não devem ficar insistindo muito nos privilégios da sua peculiaridade, pois eles perderam o direito a tais privilégios mil vezes.

(6) *Deus* entregou aos filhos de Israel a posse da *terra de Canaã*: Havendo Ele destruído *a sete nações na terra de Canaã* (v. 19), que foram sentenciadas ao desarraigamento para abrir espaço aos israelitas, Ele *deu-lhes por sorte a terra* dessas *nações* e lhes deu a posse dela. Este foi um favor notório de Deus para com eles. Ao dar-lhes esta *terra*, Deus reconhece a grande honra dada a eles, da qual Ele não estaria se rebaixando.

(7) *Deus* levantou homens, inspirados do céu, para livrar os filhos de Israel das mãos daqueles que invadiam os seus direitos e os oprimiam depois que ocuparam Canaã (vv. 20,21). [1] *Deus* [...] *deu juízes* (v. 20) aos filhos de Israel. Os *juízes* eram homens qualificados para o serviço público, e chamados para isso por um impulso urgente em seus espíritos, *pro re nata – conforme exigia a ocasião.* Embora os israelitas fossem um povo provocador e os seus pecados os levassem à escravidão, quando clamavam a Deus Ele lhes levantava um libertador. Os críticos encontram certa dificuldade em calcular estes *quatrocentos e cinqüenta anos.* Da libertação do Egito por Moisés à expulsão dos jebuseus da fortaleza de Sião por Davi, fato que completou a expulsão das nações gentias, decorreram *quatrocentos e cinqüenta anos.* Na maior parte deste período, eles estavam sob o governo de *juízes.* Outros pensam assim: O governo dos *juízes*, da morte de Josué à morte de Eli, durou apenas trezentos e trinta e nove anos. Mas o texto sacro diz que o período foi de *quase* [*hos*] *quatrocentos e cinqüenta anos.* Os anos da servidão dos filhos de Israel às diversas nações que os oprimiram, embora estivessem inclusos nos anos dos *juízes*, são mencionados na história como se fossem períodos distintos dos anos dos *juízes.* Somando todos esses períodos da servidão temos cento e onze anos, que acrescentados aos trezentos e trinta e nove anos perfazem os citados *quatrocentos e cinqüenta anos* – como se tivesse sido tudo isso, embora realmente não fosse. [2] *Deus* governou os filhos de Israel pelo *profeta Samuel* (v. 20), homem divinamente inspirado para presidir nos negócios de estado. [3] Tempos *depois*, os filhos de Israel *pediram um rei, e Deus lhes deu* (v. 21) *Saul, filho de Quis.* O governo de *Samuel* e *Saul* durou *quarenta anos*, período que foi um tipo de transição da teocracia para a monarquia. [4] Por fim, *Deus* fez *Davi* o *rei* dos filhos de Israel. *Quando* [*Saul*] *foi retirado* (v. 22) por má administração, Ele *lhes levantou como rei a Davi* e estabeleceu um concerto de realeza com ele e sua descendência. Quando *Deus* retirava um *rei*, Ele não os deixava como ovelhas sem pastor, mas logo levantava outro. Ele levantou *Davi*, de condição social baixa e humilde, e o levantou *em altura* (2 Sm 23.1). *Paulo* cita o *testemunho* que *Deus* deu de *Davi.* Em primeiro lugar, que a escolha foi divina: *Achei a Davi* (v. 22; Sl 89.20). O próprio *Deus* o escolheu. Achar implica em buscar, como se Deus tivesse rebuscado todas as famílias de Israel para achar um homem adequado aos seus propósitos, e Ele achou *Davi.* Em segundo lugar, que o caráter era divino: *Davi é varão conforme o meu coração* (v. 22). *Deus* escolheu alguém em quem a sua imagem estivesse impressa, sendo, portanto, alguém em quem Ele se agradava e a quem Ele aprovava. Este caráter foi dado a *Davi* antes de ele ser ungido: *Já tem buscado o Senhor para si um homem segundo o seu coração* (1 Sm 13.14), e o homem é *Davi.* Em terceiro lugar, que o comportamento era divino e sob a orientação divina: *Davi* [...] *executará toda a minha vontade* (v. 22). Ele desejou e se empenhou em fazer a *vontade* de *Deus* porque recebeu capacidade para isso, foi usado ao fazer isso e pôs isso em prática. Tudo isso mostra o favor especial de Deus aos filhos de Israel (fato que o apóstolo deseja que reconheçam à força) e outros favores de outra natureza que Deus guardara para eles e que agora, pela pregação do evangelho, lhes eram oferecidos. A libertação do Egito e a conquista de Canaã eram *sombra dos bens futuros* (Hb 10.1). As mudanças de governo davam a entender que as coisas não se aperfeiçoavam (Hb 7.19). Portanto, tinham de ceder lugar para o Reino espiritual do Messias, que estava sendo instalado e, caso os ouvintes de Paulo aceitassem esse Reino e se submetessem a ele, seria para glória do povo israelita (Lc 2.32). Não havia a menor necessidade de terem ciúme da pregação do evangelho, como se tivesse a mínima tendência a danificar as verdadeiras excelências da igreja judaica.

2. *Paulo* faz um relato completo de nosso Senhor Jesus, passando de Davi para o Filho de Davi, e prova que este Jesus é a descendência prometida: *Da descendência deste* (v. 23), da *raiz de Jessé* (Is 11.10), do homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14), *conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel* – Jesus, em cujo nome há salvação.

(1) Os judeus deveriam receber muito bem a pregação do evangelho de Cristo e aceitá-la como *fiel e digna de toda a aceitação* (1 Tm 4.9), assim que ouvissem as boas novas: [1] De um *Salvador* (v. 23) que veio para livrá-los *da mão de todos os seus inimigos em redor* (Jz 8.34), como os juízes de antigamente que por conta disso eram chamados salvadores. Mas este *Salvador* veio fazer por eles, como mostra a história, o que eles não podiam fazer: salvá-los dos seus pecados (Mt 1.21), seus piores inimigos. [2] De um *Salvador* que *Deus* [...] *levantou* (v. 23), que recebeu sua comissão do céu. [3] De um *Salvador* levantado para ser *Salvador de Israel* (v. 23), para os judeus em primeiro lugar: Ele *primeiro o enviou a vós, para que nisso vos abençoasse* (cap. 3.26), até agora o evangelho visava reuni-los. [4] De um *Salvador* levantado da *descendência* de *Davi* (v. 23), a antiga família monárquica, na qual o povo de *Israel* tanto se gloriava e que, nessa época, para a grande desgraça de toda a nação israelita, se escondia na obscuridade. Deveria ser motivo de grande satisfação para os judeus o fato de Deus ter levantado para eles esse *chifre da salvação* [...] *na casa de seu servo Davi* (Lc 1.69, versão inglesa KJV). [5] De um *Salvador* levantado *conforme a promessa* (v. 23), a *promessa* que Deus fez a Davi (Sl 132.11), a *promessa* à igreja veterotestamentária para os seus últimos dias: Eu *levantarei a Davi um Renovo justo* (Jr 23.5). Era esta *promessa* à qual as *doze tribos* esperavam *chegar* (cap. 26.7). Então por que dar tanta indiferença à mensagem evangelística, agora que lhes era anunciada?

(2) A respeito deste *Jesus, Paulo* fala aos que o ouviam:

[1] Que *João* Batista foi o precursor e arauto de *Jesus* e o grande homem que todos reconheceram que era profeta. Os judeus não podem dizer que a *vinda* do Messias foi uma surpresa para eles e que isto os desculpa da demora para ficarem avaliando se devem ou não recebê-lo. *João* Batista os avisou muitas e repetidas vezes nos anúncios feitos *antes da vinda dele* (v. 24). Duas coisas ele fez. Em primeiro lugar, *João* Batista abriu caminho para a chegada de *Jesus*, quando pregou *o batismo do arrependimento* (v. 24; Mc 1.4) não a alguns discípulos seletos, mas *a todo o povo de Israel.* Ele mostrou aos filhos de *Israel* os seus pecados, advertiu-os da *ira futura* (Mt 3.7), chamou-os ao *arrependimento* e à produção

de *frutos dignos de arrependimento* (Mt 3.8), e prendeu-os a estas coisas quando cada um se submeteu voluntariamente ao rito solene ou sinal batismal. Foi assim que ele preparou ao Senhor *Jesus um povo bem disposto* (Lc 1.17), o qual aceitaria a graça de *Jesus* no momento da proclamação. Em segundo lugar, *João* Batista avisou sobre a proximidade da chegada de *Jesus*. Foi *quando completava a carreira* (v. 25), quando *João* estava atuando vigorosamente em seu trabalho e tendo tremendo sucesso e comprovado interesse, que ele anunciou: "Agora", disse ele aos que assistiam ao seu ministério, "*quem pensais vós que eu sou?* Que noções vós tendes a meu respeito? Quais são as expectativas que formastes sobre mim? Pode ser que *pensais* que eu sou o Messias a quem vós esperais, mas estais enganados: *Eu não sou o Cristo* (veja Jo 1.20), mas Ele está à porta. *Mas eis que após mim vem* imediatamente *aquele* que me excederá em todas as contas, *a quem não sou digno* de prestar o serviço mais humilde, nem de colocar e tirar seus calçados – *a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés*. Assim vós já sabeis quem é Ele".

[2] Que os *príncipes* e o povo dos judeus, que deveriam ter recebido animadamente *Jesus* e sido seus súditos bem dispostos, zelosos e fiéis, foram seus perseguidores e assassinos. Quando os apóstolos pregavam *Jesus* como *Salvador*, nem de longe eles escondiam a sua morte infame e puxavam uma cortina para encobri-la. Pelo contrário, eles sempre pregavam *a Cristo crucificado* (1 Co 1.23) e – embora isso aumentasse muito a desgraça dos seus sofrimentos – crucificado pelo seu próprio povo, pelos *que habitavam em Jerusalém* (v. 27), a cidade santa, a cidade real, e pelos *seus príncipes*. Em primeiro lugar, o pecado dos habitantes e *príncipes* de *Jerusalém* foi que, *embora não achassem alguma causa de morte* (v. 28) em *Jesus*, não pudessem declará-lo culpado, nem tivessem o menor indício de suspeita de culpa de qualquer crime (o próprio juiz que o julgou, tendo ouvido tudo que puderam dizer contra Ele, declarou: *Não acho culpa alguma neste homem*, Lc 23.4), mesmo assim, *pediram a Pilatos que ele fosse morto* e fizeram seu discurso acusatório contra *Jesus* com tal fúria e afronta que forçaram *Pilatos* a crucificá-lo contra o desejo e consciência deste. Eles o condenaram a *tão grande morte* (2 Co 1.10), mesmo sem poder provar-lhe a culpa de, pelo menos, um pecado. *Paulo* não lança esta acusação aos judeus que o ouviam, como fez Pedro: *Tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos* (cap. 2.23), pois estes, ainda que judeus, estavam geograficamente muito longe de *Jerusalém* naquele dia. Ele lança-a aos habitantes e *príncipes* de *Jerusalém* para mostrar a pouca razão que esses judeus da Dispersão tinham para serem tão zelosos da honra da nação judaica, que tinha sobre si tamanha carga e mancha de culpa, e como eles poderiam ter sido merecidamente excluídos de todos os benefícios trazidos pelo Messias, que fora maltratado desse jeito e eles não. A despeito de todos estes fatos, a pregação do evangelho tinha de começar em *Jerusalém*. Em segundo lugar, a razão de os habitantes e *príncipes* de *Jerusalém* terem crucificado *Jesus* é *por não terem conhecido a este* (v. 27). Eles não sabiam quem era Ele, nem em que missão Ele veio ao mundo, porque se soubessem disso, nunca teriam crucificado o *Senhor da glória* (1 Co 2.8). *Jesus* admitiu esse desconhecimento como atenuante do crime: Eles *não sabem o que fazem* (Lc 23.34). O mesmo fez Pedro: *Eu sei que o fizestes por ignorância* (cap. 3.17). Também foi porque eles não reconheceram a voz dos profetas, ainda que ouvissem a leitura dos seus escritos nos dias de sábado. Eles não entenderam nem pensaram que foi predito que o Messias deveria sofrer, senão nunca teriam sido os instrumentos do sofrimento dele. Note que muitos que lêem os profetas não reconhecem a voz dos profetas, não entendem o significado das Escrituras. Eles têm o som do evangelho nos ouvidos, mas o significado do que ouvem não chega à cabeça, nem o sabor desce ao coração. Portanto, os homens não conhecem *Jesus*, nem sabem portar-se em relação a Ele, porque não reconhecem a voz dos profetas, que testificaram anteriormente acerca de Jesus (1 Pe 1.11). Em terceiro lugar, Deus anulou os habitantes e *príncipes* de *Jerusalém* em prol do cumprimento das profecias do Antigo Testamento: *Por não terem conhecido* [...] *as vozes dos profetas* (v. 27) que os advertiam a não tocar o Ungido de Deus, eles *condenaram-no, cumprindo assim* os *profetas*. Assim estava escrito: *Será tirado o Messias e não será mais* (Dn 9.26). Note que é possível os homens estarem cumprindo as profecias das Escrituras, mesmo quando estejam quebrando os mandamentos das Escrituras, particularmente ao perseguirem a igreja tanto quanto perseguem *Jesus*. Isto explica o motivo da obscuridade das profecias bíblicas, pois, se fossem muito claras e óbvias, o cumprimento seria evitado. É o que *Paulo* diz aqui: *Por não terem conhecido* [...] *as vozes dos profetas*, eles as cumpriram, dando a entender que se tivessem entendido, eles não as teriam cumprido. Em quarto lugar, tudo o que foi predito acerca dos sofrimentos do Messias cumpriu-se em *Jesus*: *Havendo* os habitantes e *príncipes* de *Jerusalém* [...] *cumprido todas as* demais *coisas que dele estavam escritas* (v. 29), até lhe dar vinagre para beber quando teve sede, eles cumpriram o que foi predito concernente ao seu sepultamento. *Tirando-o do madeiro*, eles *o puseram na sepultura*. Isso é mencionado aqui como o fato que tornou sua ressurreição mais nobre. *Jesus* foi separado deste mundo, assim como os que são enterrados não têm nada mais a ver com este mundo, nem este mundo com eles. Nossa separação completa do pecado é representada por sermos sepultados com Cristo (Rm 6.4). E o bom cristão está disposto a ser sepultado vivo com Cristo. Eles *o puseram na sepultura* e pensaram que Ele estava bem fechado lá dentro.

[3] Que *Jesus* [...] *ressuscitou dos mortos* (v. 30) e não viu a corrupção. Esta foi a grande verdade que seria pregada. É o principal sustentáculo no qual se apóia a totalidade do evangelho. É por isso que *Paulo* insiste muito neste ponto e mostra:

Em primeiro lugar, que *Jesus* [...] *ressuscitou* por consentimento. Quando Ele foi preso na *sepultura* pela dívida de nosso pecado, Ele não arrebentou com a prisão, mas obteve a soltura justa e legal da prisão em que estava: *Deus o ressuscitou dos mortos* (v. 30), enviou um anjo para rolar a pedra da entrada da prisão, restituiu a *Jesus* o espírito que na morte Ele tinha entregado nas mãos do Pai e o avivou pelo Espírito Santo. Os inimigos *o puseram na sepultura* com o propósito de Ele ficar ali

para sempre. *Mas Deus* disse: "Não!" Logo se viu qual propósito iria prevalecer: de Deus ou dos inimigos.

Em segundo lugar, que havia prova suficiente de *Jesus* ter ressuscitado: *Ele, por muitos dias, foi visto* (v. 31) em diversos lugares, em diferentes ocasiões, por pessoas que o conheciam bem, pois tinham relações muito próximas a Ele. Porque eles *subiram com ele da Galiléia a Jerusalém*, foram seus servos constantes e *são suas testemunhas para com o povo.* Eles foram designados para isso, provaram os fatos muitas vezes e estão prontos a testemunhar, mesmo que signifique morrer por isso. *Paulo* não fala nada de ele próprio tê-lo visto, que foi manifestação mais convincente para ele do que foi para os outros.

Em terceiro lugar, que a ressurreição de *Jesus* foi o cumprimento da promessa feita aos patriarcas. As novas não só eram verdadeiras, mas boas: "Ao declararmos isto, *nós vos anunciamos* estas boas novas (v. 32; ou "o evangelho", versão RA; "as boas novas", NVI), que de maneira particular deveriam ser aceitáveis a vós, judeus. Nossa intenção não é estigmatizar-vos ou prejudicar-vos, pois se vós receberdes corretamente a doutrina que pregamos e a entenderdes, tereis a maior honra e satisfação imaginável. *A promessa que foi feita aos pais* cumpriu-se a vós na ressurreição de *Jesus*". *Paulo* reconhece que o cumprimento da *promessa* visava dignificar a nação judaica, pois a eles pertencem as promessas (Rm 9.4, versão RA); eles são herdeiros da *promessa* como são filhos dos patriarcas, a quem as promessas foram feitas. A grande *promessa* do Antigo Testamento era a *promessa* do Messias, em quem seriam *benditas todas as famílias da terra* (Gn 12.3) e não somente a família de Abraão. Embora fosse para honra peculiar que dessa família se levantasse o Messias, o benefício era para todas as famílias do mundo. Ele se levantou de uma família para o benefício comum de todas as demais. Note que: 1. *Deus* [...] *ressuscitou* [...] *Jesus* (vv. 30,32), promoveu-o e exaltou-o. Ele o *ressuscitou* (conforme consta no original grego) *dos mortos*. Podemos entender em dois sentidos. Deus ressuscitou Jesus para ser profeta em seu batismo, ser sacerdote para fazer expiação por sua morte e ser rei para reinar sobre todos em sua ascensão. *Ressuscitando a Jesus* dos mortos *Deus* confirmou e ratificou todas essas comissões, provando que Ele era ressuscitado de Deus para estes ofícios. 2. Este é o cumprimento das promessas feitas *aos pais* (v. 32), a *promessa* de enviar o Messias e de todos os benefícios e bênçãos que seriam tidos com Ele e por Ele: "Este é aquele que deveria vir e nele vós tendes tudo que Deus prometeu no Messias, embora não tudo que vós vos prometestes". *Paulo* se coloca no número dos judeus a quem a *promessa* se cumpriu: *A nós, seus filhos*. Se os que lhes pregavam o evangelho traziam-lhes estas boas novas (ou "o evangelho", versão RA; "as boas novas", NVI), em vez de considerá-los inimigos da nação judaica, eles deveriam tratá-los como seus melhores amigos e aceitar de braços abertos a doutrina anunciada. Se os judeus davam tanto valor à *promessa* e, por meio dela, a si mesmos, muito mais o cumprimento. A pregação do evangelho aos gentios, que foi o ponto que mais ofendia os judeus, nem de longe infringia a *promessa* feita a eles. Portanto, a *promessa* – que todas as famílias da terra seriam benditas no Messias – não podia deixar de se cumprir.

Em quarto lugar, que a ressurreição de *Jesus* foi a grande prova de Ele ser o Filho de Deus, confirmando o que *está escrito no Salmo segundo* (note como é antiga a ordem na qual se colocam os Salmos): *Meu filho és tu; hoje te gerei* (v. 33; Sl 2.7). Que a ressurreição de *Jesus* tinha o propósito de comprovar e demonstrar sua filiação divina está bastante evidente pelas palavras do apóstolo: Ele foi *declarado Filho de Deus em poder* [...] *pela ressurreição dos mortos* (Rm 1.4). Quando *Jesus* saiu da obscuridade, Deus anunciou a respeito dele por uma voz do céu: *Este é o meu Filho amado* (Mt 3.17), afirmação que tem referência clara ao que consta no *Salmo segundo: Meu filho és tu*. Há muita verdade expressa nessas palavras: que este *Jesus* era o *Unigênito do Pai* antes da criação de todos os mundos (Jo 1.14; Hb 1.2); que Ele era *o resplendor* da glória do Pai *e a expressa imagem da sua pessoa* (Hb 1.3), como o filho o é do pai; que Ele era o *logos* (*o Verbo*, Jo 1.1), o pensamento eterno da mente eterna; que Ele foi concebido pelo poder do *Espírito Santo* no útero da virgem Maria, sendo que *o Santo* [...] *será chamado Filho de Deus* (Lc 1.35); que Ele foi o agente de Deus para criar e governar o mundo, e para redimi-lo e reconciliá-lo com Ele, desta forma sendo fiel, *como Filho, sobre a sua própria casa* (Hb 3.6) e, por ser Filho, era o *herdeiro de tudo* (Hb 1.2). Todas estas coisas que foram declaradas no batismo de *Jesus* e repetidas em sua transfiguração foram, inegavelmente, comprovadas pela sua ressurreição. O decreto que há muito fora declarado foi, então, confirmado. A razão de ser impossível que Ele fosse retido pelas faixas da morte (cap. 2.24) era porque Ele era o Filho de Deus e, por conseguinte, tinha *a vida em si mesmo* (Jo 5.26), a qual Ele podia entregá-la e, propositadamente, retomá-la. Quando é citada a geração eterna de *Jesus*, não é inadequado dizer: Eu *hoje te gerei*, pois Ele está com Deus *de eternidade a eternidade* (Sl 103.17) como se fosse um e o mesmo dia eterno. Também pode ser ajustada à sua ressurreição em certo sentido subordinado: "*Hoje* eu fiz parecer que eu *te gerei*, e *hoje* eu *gerei* tudo que é dado a ti", pois está escrito que *o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, na função de nosso Deus e Pai, *nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos* (1 Pe 1.3).

Em quinto lugar, que o corpo de *Jesus* ressuscitou no terceiro dia para não ver a corrupção, e sim para uma vida celestial, para não voltar mais à corrupção, ou seja, ao estado de morto, como outros que foram ressuscitados voltaram, confirma mais uma vez que Ele é o Messias prometido.

a. Jesus ressuscitou para não morrer mais (como está declarado expressamente, Rm 6.9): *E que o ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção* (v. 34), quer dizer, à sepultura, que é chamada *corrupção* (Jó 17.14). Lázaro saiu da sepultura com suas vestes, porque ia usá-las novamente. Mas *Jesus*, não tendo mais serventia para elas, as deixou para trás. Tratava-se de cumprimento das Escrituras: *Dando-vos as firmes beneficências de Davi* (Is 55.3), *ta hosia Dabid ta pista – as coisas santas de Davi, as coisas fiéis*, pois na promessa feita a Davi – e nele a Cristo – é dado grande destaque à fideli-

dade de Deus (Sl 89.1,2,5,24,33) e no juramento que Deus fez por sua *santidade* (Sl 89.35). O ato de *Jesus* ressuscitar para nunca mais morrer torna realmente firmes as beneficências que Ele recebeu para distribuir, de forma que Ele vive para executar a sua vontade e dar-nos as bênçãos que Ele adquiriu para nós. Semelhantemente, se *Jesus* tivesse morrido e não tivesse ressuscitado, ou se Ele tivesse ressuscitado para voltar a morrer, não alcançaríamos as firmes beneficências ou, no mínimo, não teríamos a firmeza delas.

b. *Jesus* ressuscitou tão logo estava morto para que o seu corpo não visse a *corrupção*, pois é somente no terceiro dia que o corpo começa a alterar-se. Foi uma promessa feita a Davi. Tratava-se de uma das firmes beneficências de Davi, segundo está registrado em Salmos 16.10: *Não permitirás que o teu santo veja corrupção* (v. 35). Deus prometera que Ele levantaria o Messias da descendência de Davi. Seria, portanto, um homem, mas não veria a *corrupção*, como acontece com os outros homens. Esta promessa não se cumpriu em Davi, mas era esperada que se cumprisse em Cristo.

(*a*) A promessa não se cumpriu no próprio *Davi*, pois, tendo ele, *no seu tempo, servido conforme a vontade de Deus* (v. 36), que o levantou para ser o que ele foi em sua vida, *dormiu, e foi posto junto de seus pais, e viu a corrupção*. Temos nestas palavras um relato curto da vida, morte e sepultamento do patriarca *Davi* e sua permanência sob o poder da morte. [*a*] A vida de *Davi*: Ele serviu *no seu tempo* (v. 36; ou "à sua própria geração", versão RA), *conforme a vontade de Deus*, antes de dormir o sono da morte. *Davi* foi um homem bom e útil. Ele fez o bem no mundo *conforme a vontade de Deus*. Ele tomou como norma pessoal os mandamentos de Deus. Ele serviu à sua própria geração para por meio disso servir a Deus. Assim ele serviu e agradou às pessoas (tudo que o rei fazia parecia *bem aos olhos de todo o povo*, 2 Sm 3.36), sem deixar de ser o servo fiel de Deus (veja Gl 1.10). Ele serviu para o bem dos homens, mas não serviu conforme a vontade dos homens. Ou, pela vontade da providência de Deus assim ordenada, qualificando-o e chamando-o para um cargo público, ele serviu à sua própria geração, pois toda criatura é para nós o que Deus faz ser. *Davi* foi uma grande bênção para o *seu tempo*, para a época em que ele viveu. Ele foi o servo de sua geração. Muitas são as maldições, pestilências e fardos de cada geração. Mesmo os que estão nos estratos mais baixos e mais difíceis da esfera social têm de saber que eles vivem para servir à sua própria geração. Aquele que faz o bem neste mundo tem de fazer-se *servo de todos* (1 Co 9.19). Não nascemos para nós mesmos, mas somos membros de comunidades para as quais temos de procurar ser úteis. Esta é a diferença entre *Davi* e *Jesus*: *Davi* serviu apenas à sua própria geração, a geração do *seu tempo*. Tendo terminado o que tinha de fazer e escrito o que tinha de escrever, ele morreu e permaneceu na sepultura. Mas *Jesus* (não apenas pelos escritos ou palavras registradas como davídicas, mas também por sua agência pessoal) tem de servir todas as gerações, tem de viver eternamente para reinar sobre a casa de Jacó, não por quarenta anos como reinou *Davi*, mas por todos os séculos, enquanto durarem o sol e a lua (Sl 89.36,37). *O seu trono* deve ser *como os dias do céu* (Sl 89.29) e todos *os homens serão abençoados nele* (Sl 72.17). [*b*] A morte de *Davi*: Ele *dormiu* (v. 36). A morte é um sono, um descanso tranqüilo para os que, enquanto viviam, labutavam a serviço de sua geração e de Deus. Note que o patriarca não *dormiu* até que tivesse servido à sua própria geração, até que tivesse feito a obra para a qual Deus o levantara. Cada servo de Deus tem uma obra a fazer. Quando cada um a termina, *como chega ao fim o dia de um trabalhador* (Jó 14.6, versão NTLH), então e somente então, ele é chamado para descansar. As testemunhas de Deus nunca morrem sem terem terminado o seu testemunho. Então, *doce é o sono*, a morte, *do trabalhador* (Ec 5.12). *Davi* não teve permissão para construir o templo, mas havendo feito os preparativos para a construção, atividade que fazia parte do seu serviço, ele *dormiu* e deixou o trabalho construtivo para Salomão. [*c*] O sepultamento de *Davi*: Ele *foi posto junto de seus pais* (v. 36). Embora tivesse sido *sepultado na Cidade de Davi* (1 Rs 2.10) e não no sepulcro de Jessé, seu pai, em Belém, pode-se dizer que ele *foi posto junto de seus pais*. A sepultura em geral é a habitação de nossos pais, daqueles que foram antes de nós (Sl 49.19). [*d*] A permanência de *Davi* na sepultura: Ele *viu a corrupção* (v. 36). Temos a garantia de que ele não ressuscitou. Pedro insiste neste ponto quando, falando livremente do patriarca *Davi*, diz: *Ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura* (cap. 2.29). Ele *viu a corrupção*, portanto esta promessa não se cumpriu nele.

(*b*) A promessa cumpriu-se no Senhor *Jesus*: *Aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu* (v. 37). As firmes beneficências nos estavam guardadas nele. Ele *ressuscitou* no terceiro dia, portanto *nenhuma corrupção viu*. Ele *ressuscitou* para nunca mais morrer e nunca mais morreu. É a Ele que devemos entender que a promessa se refere e não a outro.

c. Tendo feito esse relato acerca do Senhor *Jesus* aos que o ouviam, *Paulo* passa para a aplicação.

(*a*) Para prender a atenção dos que o ouviam, *Paulo* lhes dissera, no meio do discurso, que relação eles tinham com tudo isso: "*A vós vos é enviada a palavra desta salvação* (v. 26), *a vós* em primeiro lugar. Se *vós*, por incredulidade, derdes uma *palavra* de rejeição, deveis isto *a vós* mesmos. Mas *a vós vos é enviada a palavra* de *salvação*. Se não a receberdes, a culpa é inteiramente vossa". Não havia razão para argumentarem impertinentemente que, por ter sido *enviada a palavra desta salvação* aos gentios, com quem não tinham comunhão, não foi *enviada* a eles, pois a eles foi *enviada* em primeiro lugar. "*A vós* [...] *varões* [...] *vos é enviada a palavra desta salvação* e não aos anjos que pecaram. *A vós* que viveis e não à congregação dos mortos e condenados ao inferno, a quem o dia da graça terminou." O apóstolo passa a falar com eles com ternura e respeito: "Vós sois *varões* e *irmãos*". É assim que devemos tratar todos os que estão em bom entendimento conosco em busca da grande salvação, pois a eles está sendo *enviada a palavra* de *salvação*. As pessoas a quem *Paulo* leva, por autorização divina, *a palavra* de *salvação* são: [*a*] Os judeus nativos, hebreus de hebreus, como o próprio *Paulo* era: "*Filhos da geração de Abraão* (v. 26), ainda que uma raça degenerada, *a vós vos é enviada a palavra desta salvação*. Ela *é enviada* [...] *a vós* para salvar-vos dos vossos pecados". É

vantajoso sermos de uma boa *geração*, pois mesmo que a *salvação* nem sempre acompanhe os filhos de pais piedosos, *a palavra* de *salvação* acompanha: Abraão *há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele* (Gn 18.19). [*b*] Os prosélitos, gentios de nascença, que em certa medida eram convertidos à religião judaica: "*Os que dentre vós temem a Deus* (v. 26). *Vós* que tendes um senso de religião natural, vos sujeitastes às suas leis e vos agarrastes às suas consolações, *a vós vos é enviada a palavra desta salvação*. Vós necessitais das demais revelações e orientações da religião revelada, já estais prontos para elas e lhes dareis bom acolhimento. Portanto, certamente sereis bem-vindos em beneficiar-se delas".

(*b*) No final do discurso, *Paulo* aplica o que ele dissera concernente a *Jesus*. Ele contara aos que o ouviam uma longa história a respeito deste *Jesus*. Agora eles estavam prontos a perguntar: O que tudo isso tem a ver conosco? E o apóstolo passa a lhes dizer claramente o que tudo isso tem a ver com eles.

[*a*] Eles terão vantagem indizível se aceitarem *Jesus* Cristo e crerem nesta *palavra* de *salvação*. Ficarão livres do maior perigo: da culpa dos seus pecados: "*Seja-vos, pois, notório, varões irmãos* (v. 38). Estamos autorizados a vos proclamar esta mensagem, na qual deveis prestar muita atenção". *Paulo* não se pôs a pregar a eles sem esperança de persuadi-los, pois eles são homens (*varões*), seres racionais, com quem se pode argumentar. Eles são *irmãos* e quem fala com eles e lida com eles são homens como eles – não só da mesma natureza, mas da mesma nação. É apropriado que o pregador do evangelho chame os ouvintes de *irmãos*, falando com eles sem cerimônia e com afetuoso interesse pelo bem-estar dos que o ouvem, tendo a noção de que eles estão igualmente interessados no evangelho anunciado. Todos os que ouvem o evangelho de *Jesus* precisam saber de duas coisas. Em primeiro lugar, que o evangelho é um ato de indenização concedido pelo Rei dos reis aos filhos dos homens, que estão sendo julgados de alta traição da coroa e dignidade reais. É em atenção à mediação de *Jesus* entre Deus e os homens que esse ato de graça é aprovado e proclamado: "*Que por este* (v. 38) homem, que morreu e ressuscitou, *se vos anuncia a remissão dos pecados*" (ou "o perdão dos pecados", versão NVI). Temos de vos dizer, em nome de Deus, que os vossos pecados, ainda que muitos e grandes, podem ser perdoados, que tudo foi feito sem causar dano à honra de Deus e que vós podeis obter o perdão de vossos pecados. Temos de pregar arrependimento para *a remissão dos pecados*, e que é a graça divina que dá arrependimento e *remissão dos pecados*. *A remissão dos pecados* é *por este* homem. Por seu mérito foi comprada, em seu nome é oferecida e por sua autoridade é dada. É da vossa competência que o conheceis pessoalmente e vos interesseis por nele. Nós vos pregamos *a remissão dos pecados*. Esta é a salvação que vos trazemos, a palavra de Deus. Por conseguinte, vós deveis nos dar boa acolhida e nos considerar vossos amigos e mensageiros de boas novas". Em segundo lugar, que o evangelho faz por nós o que a *lei de Moisés* não pôde fazer. Os judeus tinham zelo da *lei* e, porque ela prescrevia sacrifícios expiatórios e pacificadores e grande variedade de purificações, eles imaginavam que poderiam ser justificados por ela diante de Deus. "Não", disse o apóstolo, "*seja-vos* [...] *notório* (v. 38) que é somente por Cristo que *é justificado todo aquele que crê* (v. 39) e por nenhum outro, e *é justificado* [...] *de tudo*, de toda a culpa e mancha do pecado, coisas de *que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados*". Logo, eles devem acolher e aceitar o evangelho e não se prender à *lei de Moisés* em oposição às boas novas, porque o evangelho é aperfeiçoador da *lei* e não destruidor. Note que: 1. A maior preocupação do pecador é ser justificado, absolvido da culpa e aceito como justo aos olhos de Deus. 2. Quem é verdadeiramente justificado é absolvido de toda a culpa, pois se restasse a menor culpa no pecador ele estaria perdido. 3. Era impossível o pecador ser justificado *pela lei de Moisés*. Não pela lei moral, porque todos nós a quebramos e a transgredimos todos os dias, de forma que em vez de nos justificar ela nos condena. Não pela lei corretiva, pois não era possível *que o sangue dos touros e dos bodes* tirasse o *pecado* (Hb 10.4), satisfizesse a justiça ofendida de Deus ou pacificasse a consciência ferida do pecador. Era mera instituição ritual e típica (veja Hb 9.9; 10.1,4). 4. Por *Jesus* Cristo nós obtemos a justificação completa, pois por Ele foi feita a expiação completa pelo pecado. Somos justificados não só por Ele como nosso Juiz, mas por Ele como *O Senhor, Justiça Nossa* (Jr 23.6). 5. Todos os que crêem em *Jesus*, que confiam nele e se entregam para ser regidos por Ele, são justificados por Ele e por ninguém mais. 6. *O que era impossível* a *lei de Moisés* fazer por nós, *visto como estava enferma* (Rm 8.3), isso o evangelho de Cristo faz. Portanto era loucura, por ciúme da *lei de Moisés* e honra dessa instituição, conceber ciúme do evangelho de Cristo e dos desígnios dessa instituição mais perfeita.

[*b*] Era extremamente perigoso eles rejeitarem o evangelho de Cristo e darem as costas à oferta feita: "*Vede, pois* (v. 40), que esse é um convite justo oferecido a vós, olhai por vós mesmos para que não negligencieis ou vos oponhais à oferta". Note que quem ouve o evangelho tem de considerar-se sob julgamento e bom comportamento e precaver-se para que não seja achado recusador da graça oferecida. "*Vede, pois*, que não fiqueis aquém das bênçãos e benefícios que os profetas falaram que vêm sobre os que crerem, nem fiqueis sob a destruição que os profetas falaram que vem sobre os que persistirem na incredulidade: *Que não venha sobre vós o que está dito nos profetas*". Note que as ameaças são avisos. Aquilo que dizemos que virá sobre os pecadores impenitentes tem o propósito de nos despertar para *que não venha sobre* nós. A profecia referida (v. 41) acha-se em Habacuque 1.5, que predisse que a destruição que os caldeus causariam à nação judaica seria inigualavelmente incrível. Aqui a aplicação da profecia diz respeito à destruição que os romanos causariam à nação judaica, por terem os judeus rejeitado o evangelho de Cristo. O apóstolo segue a tradução da Septuaginta (v. 41), que diz: *Vede, ó desprezadores* (em lugar de: "Vede, vós entre os gentios"), porque torna o texto mais apropriado para o seu propósito. Em primeiro lugar: "Prestai atenção para que *não venha sobre vós* a culpa *que está* dita *nos profetas* (v. 40) – a culpa de desprezar o evangelho e suas ofertas, de desprezar os gentios que foram promovidos a participar disso. *Vede, pois, que não* se diga de vós: *Vede, ó desprezadores*". Note que a desgraça de muitos é eles desprezarem a religião, considerarem-na como algo inferior a eles e não quererem aceitá-la. Em se-

gundo lugar: "Prestai atenção para que *não venha sobre vós* o julgamento *que está dito nos profetas* (v. 40), *e espantai-vos e desaparecei* (v. 41; ou "estupendamente pereçais" versões NTLH e NVI). A vossa perdição será assombrosa para vós e para todos os que vos conhecem". Os que não se espantam para que sejam salvos, se espantarão e desaparecerão. Os que desfrutaram os privilégios da igreja e se gabam com a noção de que por isso são salvos, se espantarão quando descobrirem que sua suposição pretensiosa é inválida e que os seus privilégios tornam a condenação muito mais intolerável. Os judeus incrédulos podiam contar como certo que, em seus dias, Deus operaria *uma obra* e uma *obra tal que* eles *não* creriam *se alguém* lhes contasse (v. 41). Podemos entender estas palavras como predição, ou: 1. Do pecado dos judeus. Eles seriam tão incrédulos que a grande *obra* de *Deus*, a redenção do mundo por Jesus Cristo, embora lhes fosse anunciada da maneira mais solene, não seria crida por eles: *Quem deu crédito à nossa pregação?* (Is 53.1). Era *obra* de *Deus*, a quem nada é impossível, e declaração daquele que não pode mentir, mesmo assim, eles não dariam crédito. Os que tiveram a honra e vantagem de ter esta *obra* feita em seus dias não tiveram a graça de crer nela. Ou: 2. Da ruína dos judeus. A dissolução do estado político judaico, a tomada do Reino de Deus das mãos deles para dá-lo aos gentios, a destruição da casa santa e da cidade santa e a dispersão do povo eram obras que não seriam cridas caso fossem feitas, tendo em vista a alta predileção que eles gozavam do céu. As calamidades que vieram sobre eles foram fatos que jamais ocorreram a qualquer povo (Mt 24.21). A predição da ruína que os caldeus causaram à nação judaica confirma a veracidade da ruína última: *Não creram os reis da terra, nem todos os moradores do mundo, que entrasse o adversário e o inimigo pelas portas de Jerusalém* (Lm 4.12). Assim, há *o desastre, para os que praticam iniqüidade* (Jó 31.3), sobretudo para os *desprezadores* de Jesus.

Paulo em Antioquia da Pisídia

vv. 42-52

O desígnio desta história é defender os apóstolos, sobretudo Paulo (como ele se defende de modo geral, Rm 11), das críticas dos judeus ao anúncio do evangelho aos gentios. Vemos aqui que ele procedeu com a máxima precaução concebível e com a devida consideração, procedimento que devemos imitar. Nestes versículos, temos:

I Houve alguns *judeus* (v. 42) que se enraiveceram tanto com o evangelho, não porque era anunciado aos gentios, mas aos próprios judeus, que, não suportando ficar ouvindo, saíram *da sinagoga* enquanto Paulo falava. Este comportamento visava externar o desprezo que davam ao pregador e sua pregação, e perturbar a congregação. É provável que tivessem sussurrado para os outros, incentivando que os acompanhassem, e procederam com consentimento. A situação evidenciava: 1. Uma infidelidade aberta. Era tão clara a confissão de incredulidade quanto seria a confissão de fé ao ouvir o evangelho. Esses *judeus* declararam publicamente que desprezavam Jesus e sua doutrina e lei, sem se envergonhar ou ruborizar por isso. A intenção era gerar má vontade nas pessoas contra o evangelho. Saíram, atraindo os outros a imitar sua conduta perniciosa. 2. Uma infidelidade obstinada. Os *judeus* saíram *da sinagoga* para mostrar categoricamente que não criam no evangelho e que nem iam crer. Não quiseram mais ouvir as palavras que tinham em si a tendência de convencê-los. Eles *são como a víbora surda, que tem tapados os seus ouvidos* (Sl 58.4). Foi merecido então que o evangelho lhes fosse tirado quando eles se retiraram dele, e se afastaram da igreja antes que fossem afastados dela. É bem verdade que Deus nunca deixa ninguém até que esse o deixe primeiro.

II Os gentios queriam tanto ouvir o evangelho quanto os judeus rudes e maldispostos queriam deixar de ouvi-lo: *Os gentios rogaram que* [...] *lhes fossem ditas as mesmas coisas* (v. 42), que lhes falassem sobre o mesmo assunto, *no sábado seguinte*, ou no meio da semana, como entendem certos estudiosos, pois o segundo e quinto dias da semana eram, em certas sinagogas, dias de preleção. Mas parece certo (v. 44) que foi *no sábado seguinte* que eles se reuniram. *Os gentios rogaram*: 1. Que lhes fosse feita a mesma oferta oferecida aos *judeus*. Neste sermão, *Paulo* levara a palavra de salvação a *judeus* e *prosélitos*, mas não dera atenção aos *gentios*. Por isso, *rogaram* que o perdão de pecados por Cristo lhes fosse pregado como o fora aos *judeus*. As sobras dos *judeus*, os restos que lhes causavam aversão, eram o que os *gentios* desejavam. O comportamento dos *judeus* justifica *Paulo* pregar aos *gentios*, pois ele foi convidado como Pedro foi chamado à casa de Cornélio. Quem recusaria repartir o pão da vida a quem tanto rogasse por isso e dar aos pobres que batem à porta o que os filhos deixassem cair da mesa? 2. Que os mesmos ensinos lhes fossem feitos. *Os gentios* tinham ouvido a doutrina de Cristo, mas não a entenderam na primeira vez, nem se lembravam de tudo. Por isso, *rogaram* que lhes fosse pregado novamente. Note que é bom que a palavra de Jesus nos seja repetida. O que ouvimos devemos desejar ouvir outra vez para que crie raízes profundas em nós e a palavra pregada fique firmada como *prego em lugar firme* (Is 22.23). Ouvir *as mesmas coisas* não nos deveria causar aborrecimentos, porque *é segurança para* nós (Fp 3.1). É um agravante à má disposição dos *judeus* o fato de os *gentios* desejarem ouvir muitas vezes o que eles não queriam ouvir uma vez sequer. É uma recomendação à boa disposição dos *gentios* o fato de eles não seguirem o mau exemplo dos *judeus*.

III Houve muitos *judeus* e *prosélitos* que foram forjados na pregação do evangelho. Os que agravaram a questão da rejeição dos judeus à pregação do evangelho, acusaram, como é habitual em tais casos: "Vós estais repelindo e rejeitando todo o povo de Deus". "Não é verdade", diz *Paulo*, "pois muitos judeus aceitaram Jesus e foram recebidos". O próprio *Paulo* era um deles (Rm 11.1,5). O mesmo sucedeu aqui: *Muitos dos judeus e dos prosélitos religiosos seguiram Paulo e Barnabé* (v. 43) e receberam mais ensinamentos e foram exortados a permanecer *na graça de Deus*. 1. *Muitos*

dos judeus e dos prosélitos submeteram-se à graça de Deus e receberam seus benefícios e consolações, conforme está incluso na declaração: Os apóstolos *os exortavam a que permanecessem na graça de Deus* (v. 43). Eles *seguiram Paulo e Barnabé*. Tornaram-se seus discípulos ou, antes, discípulos de Cristo, de quem eles eram agentes. Os que se unem a Cristo unem-se aos seus ministros e os seguem. E *Paulo e Barnabé*, embora fossem enviados aos gentios, deram boa acolhida a esses judeus que voluntariamente se puseram sob suas orientações. Os apóstolos desejavam de coração o bem a todos os judeus e amigos, se estes o quisessem. 2. *Muitos dos judeus e dos prosélitos* foram exortados e incentivados a perseverar na fé: *Paulo e Barnabé,* [...] *falando-lhes* (v. 43) com toda a liberdade e amizade imaginável, *os exortavam a que permanecessem na graça de Deus*, a que mantivessem firme o que haviam recebido, a que continuassem na convicção do evangelho da *graça*, na dependência do Espírito da *graça* e na participação dos meios da *graça*. E a *graça de Deus* jamais faltará aos que permanecem nela.

IV Houve um feliz ajuntamento de pessoas *no sábado seguinte* para ouvir a pregação do evangelho: *Ajuntou-se quase toda a cidade* (v. 44; *gentios*, em sua maioria) *a ouvir a palavra de Deus*. 1. Não é improvável que *Paulo e Barnabé* tivessem ficado ativos ao longo da semana. Eles aproveitaram todas as oportunidades de cada dia (como opinam certos estudiosos, conforme os *gentios* desejavam) para falar tudo a respeito de Jesus e elevar as expectativas que nutriam sobre Ele. Eles prestaram grande serviço ao evangelho em conversas e pequenos discursos em particular, como também nos sermões públicos. *A Sabedoria* clama *nos portões das cidades e em todos os lugares onde o povo se reúne*, bem como nas sinagogas (Pv 1.20,21, versão NTLH). 2. O trabalho de uma semana fez com que muita gente se reunisse na *sinagoga* naquele *sábado*. Alguns foram por curiosidade, pois se tratava de uma novidade. Outros queriam ver o que os *judeus* fariam na segunda vez que o evangelho lhes seria oferecido. Muitos que tinham ouvido falar algo da palavra de Deus foram ouvir mais, e ouvir *não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus* (1 Ts 2.13). É pela palavra de Deus que devemos pautar nossa vida e ser julgados. Esta situação justificava *Paulo* pregar aos *gentios*, pois estavam ávidos para ouvir sua mensagem. *As terras* estavam *brancas para a ceifa* (Jo 4.35), então por que ele não deveria lançar a foice? (Jl 3.13).

V Os judeus ficaram enfurecidos com que viram. Além de não receberem o evangelho, eles se indignaram muitíssimo com as pessoas que se aglomeravam para ouvir a mensagem evangelizadora: *Os judeus, vendo a multidão* (v. 45) considerando que Paulo se sentiria tremendamente incentivado para prosseguir seu trabalho, *encheram-se de inveja*. Eles invejaram não só o apóstolo, que veria as pessoas voando como pombas às suas janelas (Is 60.8), mas também a probabilidade de alguns, senão muitos, entre a multidão aceitarem Jesus. 1. *Os judeus* olharam com rancor o interesse que os apóstolos despertaram nas pessoas e irritaram-se ao ver a sinagoga tão cheia de gente. Era o mesmo espírito que operava nos fariseus com relação a Jesus. Eles se enfureceram quando viram *que todos* iam *após ele* (Jo 12.19). Quando o Reino dos Céus foi aberto eles não só não entraram, mas ficaram bravos com quem entrava. 2. *Os judeus* se opuseram à doutrina que os apóstolos pregavam: Eles começaram a dizer o contrário do *que Paulo dizia* (v. 45), contestando capciosamente, levantando objeções e achando um erro ou outro em todo o discurso paulino, pois, *blasfemando, contradiziam, antelegon antilegontes – contradizendo, eles contradiziam*. Agiam com o maior desdém e raiva imaginável. Persistiam na contradição e nada os calava, pois *contradiziam* por contradizer e negavam o que era muito evidente. Quando não achavam nada plausível de objeção, desatavam a lançar impropérios contra Jesus e o evangelho, *blasfemando* de Jesus e do evangelho. Da língua dos homens carnais que não recebem as coisas do Espírito de Deus e, por isso, as contradizem, eles passam à linguagem de demônios encarnados e as blasfemam. Comumente, os que começam contradizendo acabam *blasfemando*.

VI Depois deste episódio, os apóstolos se declaram solene e publicamente dispensados das obrigações para com os *judeus* e livres para levar a palavra de salvação aos *gentios*, até por consentimento tácito dos próprios *judeus*. Os *judeus* jamais podem culpar os apóstolos de o Reino de Deus ter sido levado aos *gentios*. Esta reclamação é silenciada para sempre pelo próprio procedimento dos *judeus*, pois o que fizeram corre em juízo contra eles. "Oferta e recusa (dizemos) são bons pagamentos na lei." Os *judeus* receberam a oferta do evangelho e a recusaram. Portanto nada podem dizer contra os *gentios* por terem aceitado a oferta. Para fazer esta declaração, *Paulo e Barnabé* usaram *de ousadia* (v. 46). Eles foram mais ousados do que o costume, pois eram cautelosos em considerar favoravelmente os *gentios*, por medo de ofender os *judeus* e pôr obstáculos à obra que faziam. Note que há momentos em que os pregadores do evangelho devem mostrar tanto a coragem do leão quanto a sabedoria da serpente e a ingenuidade da pomba. Quando os adversários da causa de Cristo começarem a ser audaciosos, os defensores não devem ficar tímidos. Enquanto houver esperança de lidarmos com os resistentes, devemos instruí-los com mansidão (2 Tm 2.25). Mas quando esse método se mostra ineficiente por muito tempo, temos de usar *de ousadia* e dizer-lhes qual será o resultado dessa resistência. A insolência dos inimigos do evangelho, em vez de amedrontar, deveria incentivar seus amigos, pois eles estão certos de que têm uma boa causa e sabem em quem confiar para receber apoio. *Paulo e Barnabé*, tendo feito aos *judeus* uma oferta justa da graça do evangelho, agora os avisam que a oferta será feita aos *gentios*, *para ver se* (como diz *Paulo*,Rm 11.14) *de alguma maneira* eles podem *incitar* os *judeus à emulação*. 1. *Paulo e Barnabé* reconhecem que os *judeus* tinham direito à primeira oferta: "*Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus* (v. 46), a quem a promessa foi feita (v. 32), *a vós* das *ovelhas perdidas da casa de Israel* (Mt 10.6), a quem o próprio Cristo chegou em primeiro lugar". A or-

dem de Jesus para os pregadores do evangelho começarem *por Jerusalém* (Lc 24.47) era uma orientação tácita a todos os que fossem a outros países para começarem pelos judeus, pois *deles é* [...] *a concessão da Lei* (Rm 9.4, versão NVI) e, por conseguinte, a pregação do evangelho. *Deixa primeiro saciar os filhos* (Mc 7.27). 2. *Paulo e Barnabé* acusam os *judeus* com a recusa da oferta: "*Mas, visto que a rejeitais...* (v. 46). Vós não a aceitastes, e não somente isso, mas nem suportastes que se vos fizesse a oferta, pois a considerastes como afronta para vós". Se os homens rejeitam o evangelho, Deus é justo em lhes retirar a oferta. Por que o maná deveria ser dado a quem o detesta e o chama *pão vil* (Nm 21.5)? Então, por que os privilégios do evangelho deveriam ser forçados aos que os rejeitam e dizem: *Não temos parte em Davi* (2 Sm 20.1)? Com esta atitude, eles mostram que *não* se julgam *dignos da vida eterna*. Em certo sentido, todos nos devemos julgar indignos da *vida eterna*, pois não há nada em nós, nem algo feito por nós, pelo qual aspiremos que a mereçamos. Devemos ter a consciência disso. Mas aqui o significado é: "Abandoastes as vossas pretensões a ela. Considerando que vós não tomareis a *vida eterna* das mãos de Cristo, em cujas mãos o vosso Pai a deu, *krinete – vós mesmos vos julgastes*, e pela vossa boca vós sereis julgados (Lc 19.22). Vós não tereis a *vida eterna* por Cristo, por quem somente os homens a recebem, e esta será a vossa ruína: Vós não tereis a *vida eterna* de jeito nenhum". 3. Com a oferta e recusa do evangelho pelos judeus, *Paulo e Barnabé* fundamentam a pregação do evangelho aos incircuncisos: "Considerando que vós não aceitareis a *vida eterna* conforme ela vos é oferecida, nosso caminho está livre: *Eis que nos voltamos para os gentios* (v. 46). Se um não aceitar, outro aceitará. Se os primeiros que foram convidados à *festa nupcial* não vierem, temos de sair pelos caminhos para convidar os que quiserem ir para que venham e *a festa nupcial* fique *cheia de convidados* (Mt 22.10). Se aquele que é nosso parente chegado não fizer sua parte de remidor, então ele não deve reclamar que outro o faça (Rt 4.4)". 4. *Paulo e Barnabé* se absolvem disso por uma ordem divina: "*Porque o Senhor assim no-lo mandou* (v. 47). *O Senhor* Jesus nos deu orientações para testemunhar dele primeiro em Jerusalém e na Judéia e depois *até aos confins da terra*, pregando *o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15) e fazendo *discípulos de todas as nações* (Mt 28.19, versão RA)". Este procedimento está de acordo com o que foi predito no Antigo Testamento. Quando o Messias, já antecipando a infidelidade dos judeus, estava pronto a dizer: *Debalde tenho trabalhado*, foi-lhe dito, para seu contentamento, que embora *Israel não* se deixasse *ajuntar*, o Messias seria *glorificado* (Is 49.4,5), para que o seu sangue não se derramasse em vão, nem a sua compra se fizesse em vão, nem a sua doutrina se pregasse em vão, nem o seu Espírito fosse enviado em vão. "Porque *eu te pus* (v. 47), não só te levantei, mas te estabeleci *para luz dos gentios*, não só uma *luz* que brilha por certo tempo, mas uma *luz* permanente, *eu te pus para luz* [...] *para que sejas de salvação até aos confins da terra*". Note que: (1) Jesus é o Salvador e a *salvação*, é em si mesmo a nossa justiça, vida e força. (2) Sempre que Jesus é designado para ser *salvação*, Ele é posto para *luz*. Ele ilumina o entendimento para salvar a alma. (3) Jesus é e tem de ser a *luz* e a *salvação* para os gentios *até aos confins da terra*. Aos que vierem de toda nação, Ele dará boa acolhida, alguns de toda nação ouviram falar sobre Ele (Rm 10.18) e, por fim, todas as nações se tornarão seu Reino. Esta profecia cumpriu-se parcialmente no estabelecimento do Reino de Cristo nesta nossa ilha – a Grã-Bretanha -, por estar de certa forma nos *confins da terra*, num canto do mundo, e será cumprida cada vez mais quando *a plenitude dos gentios* houver *entrado* (Rm 11.25).

VII Os *gentios* aceitaram com alegria o que os *judeus* rejeitaram com desdém (vv. 48,49). Nunca se perdeu terra por falta de herdeiros. *Pela queda* dos *judeus* é que *veio a salvação aos gentios*: *a sua rejeição é a reconciliação do mundo*, e *a sua admissão é a vida dentre os mortos*; assim mostra o apóstolo em geral (Rm 11.11,12,15). Os *judeus*, os ramos naturais, foram quebrados para que os *gentios*, os ramos do zambujeiro, fossem enxertados *em lugar deles* (Rm 11.17,19). Agora nos inteiraremos de como os *gentios* deram boa acolhida a esta reviravolta feliz a seu favor.

1. *Os gentios* receberam as consolações disto: *Os gentios, ouvindo isto, alegraram-se* (v. 48). Tratavam-se de boas notícias que eles fossem aceitos no concerto e comunhão com Deus por um caminho mais claro, mais próximo e melhor do que submeter-se à lei cerimonial e converter-se à religião judaica; que a *parede de separação* fosse derribada (Ef 2.14); que eles fossem tão bem acolhidos aos benefícios do Reino do Messias quanto os *judeus*; que eles pudessem tomar parte na promessa destes sem ficar sob o seu jugo. Estas eram mesmo *novas de grande alegria, que será para todo o povo* (Lc 2.10). Note que o fato de sermos colocados em possibilidade e capacidade de salvação deve ser questão de nossa alegria. Quando os *gentios* ficaram sabendo que as ofertas da graça lhes seriam ofertadas, que a palavra da graça lhes seria pregada e que os meios da graça lhes seriam dispostos, eles *alegraram-se*. "Agora há esperança para nós." Muitos se afligem com dúvidas se têm participação em Cristo ou não, quando deveriam estar se alegrando por terem participação nele. O cetro de ouro lhes é estendido em um convite para ir e tocar na ponta (Et 5.2).

2. *Os gentios* louvaram a Deus por isso: Eles *glorificavam a palavra do Senhor* (v. 48), quer dizer, Cristo (segundo opinam certos estudiosos), a Palavra essencial. Eles nutriam profunda reverência por Ele e expressaram os sublimes pensamentos que tinham acerca dele. Ou, mais apropriadamente, do evangelho. Quanto mais conheciam o evangelho, mais o admiravam. Oh! Que luz, que poder, que tesouro esse evangelho nos traz! Como são excelentes as suas verdades, os seus preceitos, as suas promessas! Como transcende de longe todas as outras instituições! Como é claramente divino e de origem celestial! Assim, eles *glorificavam a palavra do Senhor*, sendo por esse meio que Ele se engrandeceu *acima de todo o* seu *nome* (Sl 138.2), e ainda o engrandecerá e o fará *glorioso* (Is 42.21). Eles *glorificavam a palavra do Senhor*: (1) Porque agora o conhecimento da *palavra do Senhor* foi difundido e não ficou limitado apenas aos *judeus*. Note que a glória da *palavra do Senhor* é que quanto mais a *palavra* se espalha mais brilha. Esta ver-

dade mostra que a glória da *palavra do Senhor* não é igual à luz da vela, mas é como a luz do *sol quando sai na sua força* (Jz 5.31). (2) Porque agora os *gentios* tomaram conhecimento da *palavra do Senhor*. Note que quem fala melhor da honra da *palavra do Senhor* é a pessoa que fala por experiência, por ter sido conquistada pelo poder da *palavra* e consolada por sua doçura.

3. Muitos *gentios* professaram a fé cristã e foram sinceramente obedientes à fé: *Creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna* (v. 48). Deus, pelo seu Espírito, operou a verdadeira fé naqueles a quem Ele designara, em seus conselhos eternos, a felicidade para sempre. (1) *Creram* (v. 28) aqueles a quem Deus deu graça para crer, os quais, por sua operação secreta e poderosa, Ele colocou em sujeição ao evangelho de Cristo e deu boa vontade no dia do seu poder. Foram a Cristo aqueles que o Pai trouxe e em quem o Espírito tornou eficaz a chamada do evangelho. Chama-se a *fé no poder de Deus* (Cl 2.12), e diz-se que é *a operação da força do seu poder* que ressuscitou *Cristo* (Ef 1.19,20). (2) Deus deu a graça para crer a todos entre eles que *estavam ordenados para a vida eterna* (v. 48; *aos que predestinou, a esses também chamou*, Rm 8.30), ou que *estavam* dispostos *para a vida eterna*, que se preocupavam com o seu estado eterno e queriam ter a certeza da *vida eterna*. Esses *creram* em Cristo. Deus entesourou em Cristo essa *vida* (1 Jo 5.11), e Cristo é o único caminho para ela. Foi a graça de Deus que a operou neles. Assim, todos estes cativos, e somente esses, receberam o benefício da proclamação de Ciro, *todos aqueles cujo espírito Deus despertou, para subirem a edificar a Casa do Senhor, que está em Jerusalém* (Ed 1.5). Esses serão levados a crer em Cristo que, por sua graça, estão bem dispostos *para a vida eterna* e fazem dela seu alvo.

4. Quando os *gentios* creram, eles fizeram o que puderam para divulgar o conhecimento de Cristo e seu evangelho entre todos dali: *A palavra do Senhor se divulgava por toda aquela província* (v. 49). Quando foi recebida com tamanha satisfação na capital, *a palavra* espalhou-se logo por todas as regiões do país. Estes novos convertidos estavam prontos a comunicar às pessoas o conteúdo do que eles estavam tão cheios. *O Senhor deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas-novas* (Sl 68.11). Os que conhecem Jesus farão o que puderem para fazer com que outras pessoas também o conheçam. Os moradores de cidades grandes e ricas que tenham recebido o evangelho não devem pensar em monopolizá-lo, como se, semelhante à ciência e filosofia, o evangelho fosse da alçada exclusiva da parte mais educada e culta do gênero humano. Pelo contrário, devem fazer o possível para divulgar o evangelho pelo interior do país entre o tipo comum de pessoas, os pobres e incultos, que também têm uma alma para ser salva tanto quanto eles.

VIII Tendo semeado as sementes de uma igreja cristã, *Paulo e Barnabé* deixam *Antioquia da Pisídia* (v. 14) e vão fazer o mesmo em outro lugar. O texto sacro nada fala sobre operação de milagres para confirmar a doutrina e convencer o povo da verdade evangelizadora. Embora Deus use comumente esse método de convicção, Ele pode, quando lhe apraz, fazer sua obra sem isto. Gerar fé pela influência imediata do seu Espírito era o maior milagre para aqueles que creram. Contudo, é provável que os apóstolos tenham feito milagres, porque fizeram no próximo lugar que foram (cap. 14.3).

1. Como *os judeus* incrédulos expulsaram os apóstolos daquela província. Primeiro, lhes deram as costas, e depois levantaram contra eles o calcanhar (Sl 41.9): Eles *levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé* (v. 50). Instigaram a turba para persegui-los a seu modo: insultando-lhes a pessoa enquanto iam pelas ruas. Atiçaram os magistrados para persegui-los à sua maneira: prendendo-os e castigando-os. Quando não puderam *resistir à sabedoria e ao Espírito com que* os apóstolos falavam (cap. 6.10), eles recorreram a estes métodos brutos, o último refúgio de uma infidelidade obstinada. Satanás e seus agentes exasperam-se muitíssimo com os pregadores do evangelho, quando vêem que a obra prospera. Por isso, fazem de tudo para levantar *perseguição contra* eles. Assim, tem sido a sorte comum dos melhores homens no mundo sofrer males por fazer o bem, ser perseguidos em vez de ser preferidos pelos bons serviços que prestam à humanidade. Observe: (1) O método que *os judeus* incrédulos usaram para dificultar a vida e obra dos apóstolos: Eles *incitaram algumas mulheres religiosas e honestas* (v. 50) contra eles. Os *judeus* incrédulos nada puderam fazer por si mesmos, mas se serviram de certas senhoras de distinção na cidade que tinham predileção especial pela religião judaica e eram prosélitos da porta, daí chamadas *mulheres religiosas*. Estas, de acordo com o caráter do seu sexo, eram zelosas à sua maneira e fanáticas. Era fácil, mediante histórias falsas e distorções, incentivá-las contra o evangelho de Cristo, como algo destruidor das religiões, ao passo que é, na verdade, aperfeiçoador. É bom ver *mulheres religiosas e honestas* que se inclinem favoravelmente à adoração religiosa: Quanto menos tiverem o que fazer no mundo, mais devem fazer por suas almas e mais tempo devem passar em comunhão com Deus. É triste quando, sob o pretexto de devoção a Deus, formam uma noção inamistosa contra Cristo, como as *mulheres* mencionadas aqui. O quê? *Mulheres* perseguidoras? Elas conseguem deixar de lado a ternura e a compaixão próprias do seu sexo? O quê? *Mulheres* [...] *honestas*? Elas se permitiriam manchar a honra e se desgraçarem, fazendo tal coisa ignóbil? Mas esse comportamento isso é estranhíssimo a todas as *mulheres religiosas*! Elas matarão os servos de Cristo, pensando com isso estar fazendo um serviço a Deus? Que as *mulheres* que têm zelo vejam o que é de acordo com o conhecimento. *Os judeus* incrédulos usaram estas *mulheres religiosas e honestas* para provocar igualmente *os principais da cidade* (v. 50), os magistrados e os príncipes, os quais tinham poder em suas mãos e se colocaram contra os apóstolos. O respeito próprio desses *judeus* era tão baixo quanto a permitir-se ser as ferramentas deste partido maldoso, pois não entravam nem deixavam entrar os que estavam *entrando* (Mt 23.13). (2) O ponto a que *os judeus* incrédulos foram para dificultar a vida e obra dos apóstolos: Eles *lançaram* [...] *Paulo e Barnabé* [...] *fora dos* [...] *limites* da *cidade* (v. 50). Eles os expulsaram e ordenaram que fossem levados de uma guarda a outra até serem forçados a sair de cada jurisdição. Portanto, não foi com respei-

to, mas com violência inequívoca que os expulsaram. Este era um método que a providência predominante de Deus tomou para impedir que os primeiros plantadores da igreja ficassem muito tempo em um lugar só: *Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra*, para que assim acabeis logo *de percorrer* as cidades de Israel (Mt 10.23). Ao mesmo tempo, esse era um método que Deus usava para fazer com que as pessoas religiosas olhassem com bons olhos os apóstolos, pois nos é natural compadecer pelos perseguidos, pensar o melhor dos que sofrem quando sabemos que sofrem injustamente e estar mais propensos a ajudá-los. A expulsão dos apóstolos dos *limites* da *cidade* despertou a curiosidade do povo acerca do mal que eles tinham feito e, talvez, lhes levantou mais simpatizantes entre as pessoas que não estavam dispostas a ser coniventes com o procedimento dos *judeus* incrédulos.

2. Como os apóstolos deixaram e rejeitaram *os judeus* incrédulos: *Sacudindo, porém, contra eles o pó dos pés...* (v. 51). Quando *Paulo e Barnabé* saíram da *cidade*, praticaram esse rito à vista dos que se assentavam à porta; ou, quando cruzaram as fronteiras da província, à vista dos que foram enviados para certificar-se de que estariam livres deles. Por meio desta formalidade: (1) *Paulo e Barnabé* declararam que não tinham mais nada a ver com *os judeus* incrédulos, que não aceitariam nada do que era deles, pois eles não buscavam os pertences dos *judeus*, mas *os judeus*. Eles são *pó*, então que fiquem com o *pó*, que não se apegará a eles. (2) *Paulo e Barnabé* expressaram que detestavam a infidelidade dos *judeus* incrédulos, e que, embora fossem judeus de nascença, tendo rejeitado o evangelho de Cristo, eram, na opinião dos apóstolos, nada mais que pagãos e profanos. Assim como judeus e gentios, se crerem, são igualmente aceitáveis a Deus e aos homens bons, assim, se não crerem, são igualmente detestáveis a ambos. (3) Assim *Paulo e Barnabé* desafiaram *os judeus* incrédulos, os desprezaram e mostraram que conheciam suas intenções criminosas, as quais consideraram fracas. Era o mesmo que dizer: "Fazei o pior que puderdes, não o temeremos. Nós sabemos a quem servimos e em quem confiamos". (4) Assim *Paulo e Barnabé* deixaram o testemunho atrás de si de que eles fizeram uma oferta justa da graça do evangelho aos *judeus* incrédulos, a qual servirá de prova contra estes no dia do julgamento. Este *pó* comprovará que os pregadores do evangelho estiveram entre eles e que foram expulsos por eles. Foi por esta razão que Jesus ordenara que sacudissem contra os perseguidores *o pó dos pés* (Mt 10.14; Lc 9.5). Tendo feito isso, os apóstolos *partiram para Icônio* (v. 51), não tanto por segurança quanto por trabalho.

3. Em que estado de espírito os apóstolos deixaram os novos convertidos em *Antioquia da Pisídia* (v. 14): *Os discípulos* (v. 52), quando viram a ousadia e alegria com que *Paulo e Barnabé* suportaram as indignidades sofridas e, mesmo assim, continuaram com a obra, foram da mesma forma inspirados. (1) *Os discípulos* ficaram muito alegres. Poderíamos pensar que quando *Paulo e Barnabé* foram expulsos da *cidade*, e talvez proibidos de voltar sob pena de morte, *os discípulos* teriam ficado cheios de tristeza e de medo. Deduziram que, se os plantadores do cristianismo foram embora, a plantação logo daria em nada; ou, que em breve seria a vez de eles serem expulsos da *cidade*, sendo muito mais triste para eles, visto que era onde moravam. Mas não: *os discípulos estavam cheios de alegria* (v. 52) em Cristo, tinham plena certeza de que Cristo continuaria e aperfeiçoaria sua obra neles e entre eles, e que Ele ou os protegeria das dificuldades ou os sustentaria no meio dela. Esta posição fez com que todos os seus medos fossem tragados pelas alegrias confiantes. (2) *Os discípulos* ficaram intrépidos, maravilhosamente animados com a resolução santa de manter-se fiel a Cristo, fossem quais fossem as dificuldades que encontrassem. Pelo visto, esse é o significado de eles estarem *cheios* [...] *do Espírito Santo* (v. 52), pois a mesma expressão é usada acerca da intrepidez de Pedro (cap. 4.8), de Estêvão (cap. 7.55) e de Paulo (cap. 13.9). Quanto mais apreciarmos as consolações e exortações que temos no poder da religiosidade e quanto mais cheio nosso coração estiver dessas coisas, mais bem preparados estaremos para enfrentar as dificuldades que encontrarmos na profissão da religiosidade.

Capítulo 14

Neste capítulo, temos mais outro relato acerca do progresso do evangelho pelo ministério de Paulo e Barnabé entre os gentios. O avanço se dá de conquista em conquista, ainda que com oposição, como há pouco fizeram os judeus incrédulos. Eis aqui: I. A pregação do evangelho por Paulo e Barnabé durante certo tempo em Icônio e o sucesso da obra. A expulsão dos apóstolos pela violência dos seus perseguidores, judeus e gentios, que os forçaram a ir às províncias circunvizinhas (vv. 1-7). II. A cura de um deficiente físico em Listra e a profunda reverência ocasionada no povo em virtude disso. A tremenda dificuldade dos apóstolos para que essa reverência não chegasse a um extremo (vv. 8-18). III. A atrocidade das pessoas contra Paulo, a instigação dos judeus, cuja conseqüência foi que o apedrejaram até, conforme pensaram, à morte. A restauração maravilhosa do apóstolo à vida (vv. 19,20). IV. A visita que Paulo e Barnabé fizeram às igrejas que eles tinham plantado para confirmá-las e pô-las em ordem (vv. 21-23). V. Paulo e Barnabé voltam a Antioquia da Síria, de onde foram enviados. O bem que eles fizeram ao longo do caminho e o relatório que deram à igreja em Antioquia acerca da expedição recém-concluída e, se me permito dizer, da campanha que empreenderam (vv. 24-28).

Paulo em Icônio

vv. 1-7

Nestes versículos, temos:

I A pregação do evangelho *em Icônio*, de onde Paulo e Barnabé foram forçados a retirar-se da província antioquiana. Assim como o sangue dos mártires foi a semente da igreja, assim a expulsão dos confessores espalhou a

semente. Observe: 1. Como Paulo e Barnabé fizeram a primeira oferta do evangelho aos *judeus* (v. 1) na *sinagoga*. Eles foram não só por ser um lugar de reunião, mas por ser um lugar de reunião de *judeus*, pois aonde quer que fossem, os apóstolos tinham de dedicar-se a eles em primeiro lugar. Embora os *judeus* em Antioquia tivessem sido cruéis com os pregadores, eles não recusaram pregar o evangelho aos *judeus* em Icônio, visto que talvez a mensagem tivesse melhor acolhida. Não condenemos a totalidade dos integrantes de outras denominações por causa de alguns, nem permitamos que as pessoas sofram pelas faltas dos outros. Façamos o bem aos que nos fizeram o mal. *Os homens sanguinários aborrecem aquele que é sincero, mas os retos procuram o seu bem* (Pv 29.10) – buscam a sua salvação. 2. Como Paulo e Barnabé concorreram na *sinagoga*. O texto sacro observa que eles *entraram juntos na sinagoga* (v. 1), em testemunho da unanimidade de pensamento e afeto mútuo, de modo que as pessoas viam que se amavam (Jo 13.35) e tinham uma opinião melhor acerca do cristianismo. Assim fortaleciam as mãos um do outro e confirmavam o testemunho um do outro, pois *pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra* será *confirmada* (Mt 18.16). Eles não iam à reunião um em um dia e o outro em outro dia, nem um chegava no início e o outro algum tempo mais tarde, mas ambos *entraram juntos na sinagoga*.

II O sucesso da pregação de Paulo e Barnabé *em Icônio*: Eles *falaram de tal modo, que creu uma grande multidão* (v. 1), algumas centenas talvez, se não milhares, *não só de judeus, mas também de gregos* que são os gentios. Observe aqui: 1. Dessa vez, o evangelho foi pregado para judeus e gentios juntos, e os membros de cada denominação que creram *entraram juntos* na igreja. Na parte final do capítulo precedente, o evangelho foi pregado primeiro para os judeus e alguns creram, e depois para os gentios e alguns também creram. Aqui eles estão juntos, colocados no mesmo nível. Não é que os judeus perderam a primazia e foram lançados para trás, mas os gentios foram trazidos em condições iguais com aqueles para *reconciliar ambos com Deus em um corpo* (Ef 2.16) e para ambos serem aceitos na igreja sem distinção. 2. Pelo visto, havia algo extraordinário no modo de os apóstolos pregarem que contribuiu para o sucesso: Eles *falaram de tal modo, que creu uma grande multidão* (v. 1). *Falaram* com clareza, de forma convincente, dando prova e *demonstração do Espírito*, e com *poder* (1 Co 2.4). *Falaram* com tanto entusiasmo, afeto e preocupação evidente pelas almas que dava para ver que estavam persuadidos e cheios das coisas de que falavam. As palavras que diziam vinham do coração, tendo então a alta probabilidade de alcançar o coração dos ouvintes. *Falaram* com tanta determinação e com tanta gravidade, com tanta intrepidez e com tanta coragem que as pessoas que os ouviam não podiam deixar de pensar que Deus estava verdadeiramente entre eles (1 Co 14.25). Todavia, o sucesso da pregação não devia ser atribuído ao *modo* como os apóstolos pregaram, mas ao Espírito de Deus, que usou esse recurso.

III A pregação de Paulo e Barnabé *em Icônio* levanta oposição e gera dificuldade aos pregadores. Para que eles não se exaltassem pela numerosidade de convertidos, foi-lhes dado esse espinho na carne. 1. *Os judeus incrédulos* foram a primeira fonte de dificuldade para os apóstolos aqui, *em Icônio*, como ocorreu em Antioquia da Pisídia: Eles *incitaram* os *gentios* (v. 2). A influência e a aceitação que o evangelho teve entre muitos *gentios* provocou um zelo santo em alguns judeus, incitando-os a receber o evangelho (Rm 11.14), do mesmo modo que provocou um zelo ímpio em outros judeus, os quais se lhe opuseram. Como são as boas instruções, assim são os bons exemplos, os quais, para alguns, são *cheiro de vida para vida*, e para outros, *cheiro de morte para morte* (2 Co 2.15,16). 2. Os *gentios* descontentes, por terem sido irritados pelos *judeus incrédulos*, também são instrumentos potenciais da dificuldade enfrentada pelos apóstolos. Os *judeus incrédulos*, zunindo continuamente sugestões falsas nos ouvidos dos *gentios*, acabaram irritando *os ânimos* destes *contra os irmãos* (v. 2), sobre os quais estavam inclinados a pensar favoravelmente. Esses *judeus* não só aproveitavam as oportunidades em todos os grupos de pessoas que apareciam pelo caminho, mas tomaram sobre si a responsabilidade de abordar todos os seus conhecidos e dizer tudo que sua inteligência ou maldade conseguisse inventar para gerar nos que os ouviam uma opinião baixa e ruim do cristianismo. Diziam-lhes que seria muito destrutivo para a teologia e adoração pagãs. E arrematando, afirmavam que quanto a eles, preferiam ser gentios que cristãos. Desse modo, enfureceram e amargaram o espírito de quem os ouvia contra os convertedores e os convertidos. Usando sua língua venenosa, *a antiga serpente* instilou seu veneno contra a *semente* da *mulher* nos *ânimos* desses *gentios*, uma *raiz de amargura*, que resultou em *fel e absinto* (Ap 12.9; Gn 3.15; Hb 12.15; Dt 29.18). Não se admira que os *gentios* permanecessem com os *ânimos* irritados para com pessoas boas, desejando-lhes o mal, falando mal delas e tramando o mal contra elas. E tudo isso devido ao rancor e inimizade. *Ekakosan, eles molestaram* e *irritaram* [...] *os ânimos dos gentios* (conforme entendem alguns críticos). Eles os aborreciam continuamente com suas importunações impertinentes e insistentes. As ferramentas dos perseguidores não têm descanso, permanecem incansavelmente.

IV Paulo e Barnabé prosseguem com a obra *em Icônio*, a despeito dessa oposição, e Deus os aprova. Temos aqui: 1. Os apóstolos trabalhando por Cristo fiel e diligentemente, de acordo com a missão confiada a eles. Pela razão de *os ânimos dos gentios* (v. 2) estarem irritados contra eles, alguém pensaria que seria melhor se retirarem da cidade sem demora, ou caso tivessem de pregar, que o fizessem com cautela para não provocar ainda mais os que já estavam bastante enfurecidos. Não, pelo contrário! Eles se *detiveram* naquela localidade por *muito tempo, falando ousadamente acerca do Senhor* (v. 3). Quanto mais percebiam o ódio e ressentimento da cidade contra os novos convertidos, mais animados prosseguiam com a obra e mais necessidade viam de que a obra tinha de continuar entre eles, a fim de confirmá-los na fé e consolá-los. Eles falavam *ousadamente*, não tendo medo de ofender os *judeus incrédulos*. O que Deus dissera ao pro-

feta Ezequiel a respeito dos *judeus incrédulos* daqueles dias, cumpriu-se agora me Paulo e Barnabé: *Eis que fiz duro o teu rosto contra o seu rosto* (Ez 3.7-9). Mas vejamos o que animou os apóstolos: Eles falavam *ousadamente acerca do Senhor*, na sua força, confiando que os apoiaria e não dependendo de nada de si mesmos. Eles eram fortes *no Senhor e na força do seu poder* (Ef 6.10). 2. Cristo trabalhando com os apóstolos, de acordo com o que prometera: *Eis que eu estou convosco todos os dias* (Mt 28.20). Quando prosseguiram no nome e na força do *Senhor*, Ele não deixou de dar *testemunho à palavra da sua graça* (v. 3). Note que: (1) O evangelho é a *palavra da* [...] *graça*, a garantia da boa vontade de Deus para nós e o meio da sua boa obra em nós. É a *palavra da* [...] *graça* de Cristo, pois é somente nele que temos o favor com Deus. (2) O próprio Cristo atestou esta *palavra da* [...] *graça*, pois Ele é *o Amém, a testemunha fiel e verdadeira* (Ap 3.14). Ele nos garantiu que esta é a palavra de Deus, na qual podemos arriscar nossa alma. Como foi dito em geral a respeito dos primeiros pregadores do evangelho: O *Senhor* cooperava *com eles* e confirmava *a palavra com os sinais que se seguiram* (Mc 16.20), assim é dito particularmente em relação a Paulo e Barnabé: O *Senhor* [...] *dava testemunho à palavra da sua graça, permitindo que* pelas *mãos* deles *se fizessem sinais e prodígios* (v. 3). Eram *sinais* feitos no reino da natureza, como também *prodígios* feitos pela palavra que diziam, apesar de que o maior milagre era operado na mente das pessoas pelo poder da graça divina. O Senhor estava com eles, enquanto estivessem com Ele, e se faziam muitas coisas boas.

V A divisão que a pregação do evangelho por Paulo e Barnabé ocasionou *em Icônio*: *Dividiu-se a multidão da cidade* (v. 4) em duas partes, ambas ativas e vigorosas. Entre os governantes e pessoas de posição, de um lado, e entre as pessoas comuns, de outro, havia alguns que concordaram com os *judeus incrédulos* e outros que concordaram com os apóstolos. Nesse texto (v. 4), Barnabé é considerado apóstolo porque, mesmo não tendo sido um dos doze ou sido chamado à maneira singular como Paulo, foi separado por designação especial do Espírito Santo para servir aos gentios. Pelo que deduzimos que a atividade de pregar o evangelho era observada de modo tão universal que exigia que toda pessoa, mesmo entre a *multidão da cidade*, devia tomar sua decisão. Ninguém permanecia neutro: "Ou era por nós ou por nossos adversários, por Deus ou por Baal, por Cristo ou por Belzebu". 1. Aqui vemos o significado da predição de Cristo ao afirmar que não veio *para dar paz à terra*, mas, *antes, divisão* (Lc 12.51-53, versão RA). Se tudo houvesse sido dado por unanimidade em medida certa, teria havido um acordo universal. Caso os homens tivessem concordado nesse ponto, não existiria uma discórdia perigosa. Mas isso significava uma ruptura tão vasta quanto o oceano. Os apóstolos não devem ser culpados de irem a *Icônio*, mesmo que antes da sua chegada a cidade estivesse unida, mas agora dividida. É melhor que parte da cidade vá para o céu que toda ela caminhe para o inferno. 2. Aqui avaliamos os méritos de nossas expectativas. Não estranhemos nem nos ofendamos se a pregação do evangelho ocasionar divisão. É melhor sermos reprovados e perseguidos como divisores por nadar contra a correnteza do que nos deixarmos levar pela correnteza que conduz à ruína. Permaneçamos firmes com os apóstolos e não temamos os que se mantêm junto dos judeus.

VI Os inimigos atentam contra a vida de Paulo e Barnabé. Por fim, o sentimento mau dos inimigos irrompeu contra os apóstolos por meio de afrontas violentas. Observe: 1. Quem eram os amotinadores: *Tanto* os *judeus como* os *gentios com os seus principais* (v. 5). Os *judeus* e os *gentios* viviam em inimizade, mas se uniram contra os cristãos, como fizeram Herodes e Pilatos, os saduceus e os fariseus contra Cristo, e como fizeram antigamente Gebal, Amom e Amaleque contra Israel (Sl 83.7). Se os inimigos podem se unir para atacar a igreja, os amigos, pondo de lado todas as rixas pessoais, não podem se unir para defendê-la? 2. Qual era o *motim*. Tendo os *principais* (v. 5) do seu lado, os amotinadores não duvidavam que atingiriam seus objetivos: insultar os apóstolos, desacreditá-los e depois apedrejá-los até à morte (v. 5). Desse modo, esperavam acabar com a causa dos pregadores do evangelho. Eles almejavam tirar a reputação e a vida dos apóstolos, que era tudo que tinham a perder e o máximo que os homens poderiam tirar deles, visto que não possuíam terras nem bens.

VII O livramento de Paulo e Barnabé das mãos desses *homens dissolutos e maus* (2 Ts 3.2). Eles *fugiram* quando foram informados da trama que havia contra eles, ou, logo que perceberam o começo do atentado contra a vida deles, fizeram uma retirada honrosa (pois não era um combate inglório) *para Listra e Derbe* (v. 6); e ali: 1. Os apóstolos acharam segurança. Os perseguidores *em Icônio* ficaram satisfeitos por ora já que foram forçados a cruzar as fronteiras da província. Assim não os perseguiram mais. Deus tem refúgios para o seu povo em tempos tempestuosos. E, não somente isso: Deus mesmo é e será o refúgio do seu povo. 2. Os apóstolos acharam trabalho, seu principal objetivo. Quando a porta da oportunidade lhes foi fechada *em Icônio*, foram abertas outras em *Listra* e *Derbe*. Eles foram para estas *cidades da Licaônia, e para a província circunvizinha* (v. 6), onde *pregavam o evangelho* (v. 7). Em tempos de perseguição, os ministros podem encontrar motivos para abandonar o lugar ainda que não abandonem a obra.

A Cura do Deficiente Físico em Listra. Paulo e Barnabé em Listra

vv. 8-18

Nestes versículos, temos:

I A cura milagrosa feita por Paulo em Listra de um deficiente físico que desde o nascimento era aleijado, semelhante àquele que foi milagrosamente curado por Pedro e João (cap. 3.2). A primeira cura serviu de introdução do evangelho para os judeus, esta serviu de introdução para os gentios. As duas curas visavam representar a incapacidade de todos os filhos dos homens nas coisas espirituais: eles são aleijados desde o nascimento até que a graça de Deus lhes dê força. Quando *nós ainda* es-

távamos *fracos*, Cristo *morreu a seu tempo pelos ímpios* (Rm 5.6). Observe aqui: 1. O caso deplorável do pobre aleijado: *Leso dos pés* (v. 8) e *coxo* (segundo a palavra grega) a tal ponto que era impossível pôr os *pés* no chão e fazer força com eles. Era do conhecimento de todos que ele era assim *desde o seu nascimento* e que *nunca tinha andado* nem poderia levantar-se. Aproveitemos a oportunidade para agradecer a Deus por podermos mover e sentir satisfatoriamente os membros do nosso corpo. E os que são privados dessas funções físicas devem ponderar que seu caso não é o único. 2. A esperança de cura que tomou conta do pobre aleijado: *Este ouviu* a pregação de *Paulo* (v. 9) e, muito sensibilizado com as palavras ouvidas, creu que os mensageiros, por terem sido divinamente comissionados, tinham consigo o poder divino e poderiam curá-lo. *Paulo* estava ciente dessa situação pelo espírito de discernimento e, talvez, o aspecto do semblante do *coxo* parcialmente lhe confirmou: *Paulo* viu *que* ele *tinha fé para ser curado*, que desejava e esperava a cura, diferentemente do paralítico curado por Pedro, o qual esperava não mais que esmolas. Não havia tanta fé em Israel como havia entre os gentios (Mt 8.10). 3. A cura: *Paulo*, [...] *vendo que* o pobre aleijado *tinha fé para ser curado* (v. 9), trouxe a palavra e o curou (Sl 107.20). Note que Deus não desaponta os desejos que Ele mesmo põe nas pessoas, nem as esperanças que Ele próprio inspira. *Paulo* falou *em voz alta* (v. 10) com o *coxo*, ou porque ele estava um pouco distante, ou para mostrar que os verdadeiros milagres, feitos pelo poder de Cristo, eram muito diferentes das maravilhas mentirosas forjadas pelos enganadores *que chilreiam e murmuram entre dentes* (Is 8.19). Deus disse: *Não falei em segredo, nem em lugar algum escuro da terra* (Is 45.19). *Paulo* falou *em voz alta* para prender a atenção das pessoas presentes e para que elas elevassem a expectativa do desfecho miraculoso. Não parece que este *varão leso dos pés* seja um mendigo. O texto sacro informa apenas que ele *estava assentado* (v. 8), não que ele *estava assentado* pedindo esmolas. Podemos imaginar como era triste ver as pessoas andarem e ele ser fisicamente incapaz. Portanto, como deve ter sido bem recebida a palavra de *Paulo* dita para ele: "*Levanta-te direito sobre teus pés* (v. 10), esforça-te e Deus te ajudará. Vê se tens força nos pés e verás que tens". Certos manuscritos trazem estas palavras: "A ti te digo, em nome do Senhor Jesus Cristo: *Levanta-te direito sobre teus pés*". É incontestável que a autoridade está implícita e é altamente provável que as palavras tenham sido mesmo expressas por *Paulo*, visto que o poder acompanhou a palavra: *Ele saltou e andou* num instante. *Ele saltou* do lugar onde *estava assentado* e não só se levantou *direito sobre* os *pés*, mas, para mostrar que estava perfeitamente curado e que o fora imediatamente, ele *andou* para lá e para cá diante de todos. Aqui se cumpriram as Escrituras, ao afirmarem que quando *o deserto* do mundo gentio florescer *como a rosa* [...], *então, os coxos saltarão como cervos* (Is 35.1,6). Os que pela graça de Deus são curados da sua coxeadura espiritual têm de mostrar a cura publicamente saltando de exultação santa e andando em relações sociais santas.

II O efeito que a cura causou nas *multidões*: Elas ficaram assombrosamente maravilhadas, pois nunca tinham visto nem ouvido nada igual, e caíram em estado de êxtase. *Paulo* e *Barnabé* eram estrangeiros, exilados e refugiados naquele país. Todas as coisas concorriam para torná-los vis e desprezíveis. Não obstante, a operação deste único milagre bastou para torná-los verdadeiramente grandes e ilustres aos olhos das *multidões*, embora a multiplicidade de milagres que Jesus fez não o tenha protegido do desprezo extremo dos judeus. Encontramos aqui que: 1. As *multidões* consideram *Paulo* e *Barnabé* deuses: *Vendo o que Paulo fizera* (v. 11), as pessoas *levantaram a voz* com ar de triunfo, dizendo em sua língua (pois era o povo comum que falava) – a *língua licaônica*, dialeto do grego: *Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens*. Imaginaram que *Paulo* e *Barnabé* tinham caído das nuvens e eram um tipo de ser poderoso e divino, não menos que *deuses*, embora *semelhantes aos homens*. Tamanha noção das coisas correspondia muito bem com a teologia pagã e os relatos fabulosos que falavam de visitas que os deuses faziam a esse mundo inferior. Portanto, não lhes era nada mais do que natural sentirem-se extremamente orgulhosos por receberem visitantes celestiais. Estavam tão certos dessa noção que tiveram a petulância de dizer que deuses eram, de acordo com as idéias que seus poetas lhes deram acerca dos deuses: *Chamavam Júpiter a Barnabé* (v. 12), pois se era para endeusá-lo, era igualmente fácil fazê-lo ou não o príncipe dos deuses. É provável que *Barnabé* tivesse mais idade que *Paulo* e fosse mais imponente e charmoso, tendo um toque de majestade no semblante. *E chamavam* [...] *Mercúrio, a Paulo*, pois *Mercúrio* era o mensageiro que os deuses enviavam em suas missões. *Paulo*, mesmo não tendo a aparência de *Barnabé*, *era quem falava* e possuía maior comando da língua, tendo talvez algo de vivacidade no temperamento e gênio. *Júpiter* costumava levar *Mercúrio* consigo, diziam, e se ele lhes fosse fazer uma visita à cidade, suporiam que seria agora. 2. *O sacerdote de Júpiter* (v. 13) se prepara para sacrificar a *Paulo* e *Barnabé*. O *templo* de *Júpiter* ficava, ao que parece, *em frente* das portas *da cidade* para lhe servir de protetor e guardião. O *sacerdote* desse ídolo e *templo*, ouvindo as *multidões* clamarem assim, entendeu que era hora de ele se mexer e cumprir o seu dever. Ele já oferecera muitos sacrifícios suntuosos e caros à imagem de *Júpiter*; mas se *Júpiter* está entre eles *em sua própria pessoa – in propria persona*, cabe a ele fazer as máximas as máximas homenagens imagináveis. O povo está pronto a unir-se a ele neste empreendimento. Veja como é fácil pessoas vazias serem levadas pelo clamor popular. Se as *multidões* gritam: "Júpiter está aqui!", o *sacerdote de Júpiter* acolhe a sugestão sem pestanejar e imediatamente lhe presta culto. Quando Jesus, o Filho de Deus, desceu do céu, apareceu na semelhança de homens e fez muitos e muitos milagres, as *multidões* estavam tão longe de lhe sacrificar que fizeram dele uma oferenda ao seu orgulho e maldade: Ele *estava no mundo* [...] *e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam* (Jo 1.9,10). Mas *Paulo* e *Barnabé* são divinizados imediatamente por operarem um único milagre. O mesmo poder do deus deste mundo que imbui de preconceito a mente carnal contra a verdade comete erros e equívocos para facilitar a aceitação do preconceito; de qualquer modo, isso serve aos seus propósitos. As *multidões*

trouxeram *touros* para serem sacrificados aos *apóstolos* e *grinaldas* para coroar os sacrifícios. Tais *grinaldas* eram feitas de flores e tiras e colocadas como enfeite nos chifres dos *touros* a serem sacrificados.

Victimae ad supplicium saginantur,
hostiae ad poenam corenantur.
Os animais para o sacrifício alimentar,
Primeiro são coroados para depois sangrar. – Otávio, em Minúcio Félix.

III *Paulo* e *Barnabé* protestam contra esta homenagem indevida e com muita dificuldade conseguem evitá-la. Muitos dos imperadores pagãos chamavam a si mesmos de deuses e se orgulhavam das honras divinas prestadas a eles. Mas os ministros de Cristo, embora reais benfeitores da humanidade, ao passo que esses tiranos só fingiam, recusaram essas homenagens no mesmo instante em que eram oferecidas. É fácil concluir que o sucessor desses imperadores pagãos é aquele que se assenta *no templo de Deus, querendo parecer Deus* (2 Ts 2.4), e que é adorado como nosso senhor e deus: o papa. Observe:

1. A indignação santa que *Barnabé e Paulo* externaram ao se inteirarem dessa atitude: *Ouvindo, porém, isto os apóstolos* [...] *rasgaram as suas vestes* (v. 14). Eles não *rasgaram as suas vestes* quando as pessoas os vilipendiaram e falaram em apedrejá-los (vv. 5,6). Eles suportariam isso sem a mínima perturbação. Mas quando os divinizaram e falaram em adorá-los, não suportaram e *rasgaram as suas vestes*, preocupando-se muito mais com a honra de Deus que com a própria.

2. Os esforços que *Barnabé e Paulo* empreenderam para evitar a homenagem indevida. Eles não fizeram de conta que não estavam entendendo nada, nem disseram: "Se o povo está enganado, que fique". Muito menos sugeriram para sua segurança pessoal e sucesso ministerial deixarem as pessoas permanecerem nesse engano, no afã de extrair algo bom de uma coisa ruim. Não, a verdade de Deus não precisa do serviço da mentira do homem. Cristo lhes dera honra suficiente ao fazê-los apóstolos. Eles não precisavam assumir a honra de príncipes ou de deuses. Eles apareceram com títulos muito mais magníficos quando foram chamados *embaixadores da parte de Cristo* (2 Co 5.20) e *despenseiros dos mistérios de Deus* (1 Co 4.1) do que quando cognominados de *Júpiter* e *Mercúrio*. Vejamos como eles conseguiram evitar a homenagem.

(1) *Os apóstolos* [...] *saltaram para o meio da multidão* (v. 14) assim que ouviram falar que iam homenageá-los. Não perderam tempo esperando para ver o que as pessoas fariam. A ação de lançar-se, como criados, *para o meio da multidão* mostrava que eles nem de longe se consideravam deuses ou aceitariam a dignidade divina. Eles não ficaram parados para que as homenagens lhes fossem feitas, mas claramente as recusaram enfiando-se entre as pessoas. Eles *saltaram* como homens sérios e determinados, com tanta preocupação quanto quando Arão *correu ao meio da congregação* e ficou *entre os vivos e os mortos*, quando *já a praga havia começado* (Nm 16.47,48).

(2) *Os apóstolos* procuraram convencer a *multidão* pela lógica, *clamando* (v. 14) para que todos ouvissem: *"Varões, por que fazeis essas coisas?* (v. 15). Por que vós quereis fazer de nós deuses? Isso é a coisa mais absurda a fazer, pois:"

[1] "Nossa natureza não aceita essa homenagem indevida: *Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões", homoiopatheis* (v. 15). Esta é a mesma palavra que foi empregada com relação a Elias em Tiago 5.17, onde é traduzida por: *sujeito às mesmas paixões que nós*. "*Nós* [...] *somos homens*, portanto *vós* errais se esperais de nós o que só Deus possui. *Vós* fazeis mal a Deus se nos derdes essa honra ou a qualquer outro homem. *Nós* temos corpos como vedes e somos *sujeitos às mesmas paixões* que *vós*. Nosso coração foi formado como o de todos os outros *homens* (Sl 33.15), pois *como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem* (Pv 27.19). *Somos* naturalmente *sujeitos às mesmas* fraquezas da natureza humana e *às mesmas* calamidades da vida humana. *Somos* não apenas *homens*, mas *homens* pecadores e *homens* sofredores. Portanto, não seremos divinizados."

[2] "Nossa doutrina é diretamente oposta a essa homenagem indevida. Estamos obrigados a ser acrescentados ao número dos vossos deuses, nós que temos a função de acabar com os deuses que tendes? Nós *vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo* (v. 15). Se permitirmos essa homenagem, estaremos confirmando-vos exatamente no ponto do que é nossa obrigação converter-vos." *Os apóstolos* aproveitam a oportunidade para lhes mostrar que é justo e necessário se converterem dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro (1 Ts 1.9). Quando pregaram aos judeus, que odiavam a idolatria, não tinham nada que fazer senão anunciar a graça de Deus em Cristo. Não havia necessidade de pregar contra a idolatria, como tiveram de fazer os profetas com os antepassados dos judeus. Mas, ao pregar aos gentios, tinham de corrigi-los dos erros e equívocos da religião natural e tirá-los de suas deturpações grosseiras. Vejamos o que *os apóstolos* pregaram aos gentios.

Em primeiro lugar, os deuses que os gentios e seus antepassados adoravam, e todas as cerimônias de adoração e culto a eles prestados eram *vaidades*, coisas inúteis, irracionais e inaproveitáveis, às quais não se poderiam prestar contas racionalmente, nem obter qualquer vantagem real. No Antigo Testamento, os ídolos são chamados freqüentemente *vaidades* (Dt 32.21; 1 Rs 16.13; Jr 14.22). *O ídolo não é nada no mundo* (1 Co 8.4). De forma nenhuma é o que alega ser; é uma fraude, uma falsificação. Engana os que confiam nele e esperam socorro dele. Logo, convertei-vos *destas vaidades*, convertei-vos delas com aversão e abominação, como fez Efraim: "*Que mais tenho eu com os ídolos?* (Os 14.8). Eu nunca mais serei enganado assim".

Em segundo lugar, o Deus a quem os gentios se converteriam é o *Deus vivo* (v. 15). Até agora, eles tinham adorado imagens mortas que eram totalmente incapazes de ajudá-los (Is 44.9), ou (como estavam tentando fazer agora) adorado homens mortos, que logo estariam inaptos para ajudá-los. Mas agora são exortados a adorar o *Deus vivo*, que tem vida em si mesmo e vida para nós, e vive eternamente.

Em terceiro lugar, este Deus é o Criador do mundo, a fonte de todo o ser e poder: "Ele *fez o céu, e a terra, e o*

mar; e tudo quanto há neles (v. 15), até mesmo essas coisas que vós adorais como deuses, de forma que ele é o *Deus* dos vossos deuses. Vós adorais deuses que vós mesmos fizestes, as criações da vossa própria imaginação e o trabalho das vossas próprias mãos. Nós vos convocamos a adorar o *Deus* verdadeiro e não vos enganeis com embusteiros. Adorai o Senhor Soberano de todos e não vos deprecieis curvando-se às criaturas e coisas que Ele criou".

Em quarto lugar, o mundo deveu esta condição à paciência de *Deus*, que não o destruíra por esta idolatria: *Nos tempos passados* (v. 16), por muitos séculos até chegar esse dia, ele *deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos*. Esses idólatras, chamados do culto idólatra, poderiam pensar: "Mas até hoje não temos cultuado estes deuses e nossos antepassados antes de nós desde tempos imemoriáveis? Então por que não podemos mais continuar cultuando-os?" O vosso culto a esses deuses era uma provocação da paciência de *Deus*. Foi por milagre da misericórdia divina que vós não fostes mortos por conta disso. Ele não vos matou enquanto estáveis na ignorância e não tínheis mais informação (cap. 17.30). Mas agora que Ele enviou o evangelho, pelo qual revela claramente a sua pessoa e a sua vontade a *todos os povos* e não somente aos judeus, se vós ainda continuardes em vossa idolatria, Ele não será paciente convosco como tem sido. *Todos os povos* que não tiveram o benefício da revelação divina, quer dizer, todos, menos o povo judeu, Ele *deixou andar* [...] *em seus próprios caminhos*, porque não tinham nada com que conferir ou controlar esses *caminhos*, exceto a própria consciência, o próprio pensamento (Rm 2.15). Não tendo Escrituras, nem profetas, eram mais desculpáveis se errassem o caminho. Mas agora que *Deus* enviou uma revelação ao mundo que será divulgada a *todos os povos* a situação mudou. Podemos entender que *Deus* estava julgando *todos os povos* quando os *deixou andar* [...] *em seus próprios caminhos* e *os entregou às concupiscências do* [...] *coração* dessa gente (Rm 1.24). Agora chegou o tempo em que *o véu com que todas as nações se escondem* será destruído (Is 25.7). Agora já não sereis desculpados *dessas vaidades*, mas tereis de vos converterdes delas. Note que: 1. A paciência de Deus até esse momento nos deve levar ao arrependimento (Rm 2.4) e não servir de incentivo para ousarmos permanecer no erro, sabendo que o estamos provocando. 2. Os erros cometidos quando somos ignorantes não justificam os erros cometidos quando deixamos de sê-lo.

Em quinto lugar, mesmo quando os gentios não estavam sob a orientação e correção da palavra de *Deus*, eles poderiam e deveriam ter sabido e agido melhor através das obras de *Deus*. Os gentios não tinham os *estatutos e juízos* (Dt 4.5), ou as *duas tábuas do Testemunho* (Êx 31.18), ou o *tabernáculo do Testemunho* (Êx 38.21) que os judeus tinham para testemunhar de *Deus* contra todos os embusteiros. *Contudo*, Ele *não se deixou a si mesmo sem testemunho* (v. 17). Além do *testemunho* de *Deus* no interior no seu coração (os ditames da consciência natural), eles tinham o *testemunho* de *Deus* em volta deles (a generosidade da providência comum). O fato de não conhecerem as Escrituras os desculpavam em parte, e *Deus* não os destruiu por causa da idolatria, como fez com a nação judaica. Isso, porém, não os desculpava totalmente, pois mesmo assim eram criminosos e grandemente culpados diante de *Deus*. Havia outros testemunhos de *Deus* suficientes para informá-los de que Ele, e somente Ele, deve ser adorado, e que lhe devem todo culto e adoração por haverem recebido dele todo o bem-estar. Eles eram de fato culpados da mais alta injustiça e ingratidão imaginável, alienando-se dele. *Deus*, não se deixando *a si mesmo sem testemunho*, não nos deixou sem guia e assim não nos deixou indesculpáveis, pois todo *testemunho* de *Deus* é *testemunho* contra nós, se dermos essa glória a qualquer outro que não exclusivamente a Ele. 1. As generosidades da providência comum nos testemunham que há um *Deus*, pois todas elas são dispensadas sabiamente e com desígnio. As *chuvas e tempos frutíferos* (v. 17) não ocorrem por casualidade, nem há *entre as vaidades dos gentios, alguma que faça chover*, nem *podem os céus dar chuvas* (Jr 14.22). Todos os poderes da natureza testemunham a existência de um poder soberano no *Deus* da natureza, de quem se originam e de quem dependem. Não é o céu que nos dá chuva, mas *Deus* que nos dá chuva *do céu*, pois ele é o Pai da chuva (Jó 38.28). 2. Os benefícios que temos por estas generosidades nos testemunham que não devemos ser gratos às criaturas que nos são úteis, mas ao Criador que as torna úteis para nós. Ele *não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu* (v. 17). *Deus* considera os exemplos da sua bondade (os seus benefícios) como provas convincentes e significativas do seu direito à nossa homenagem e adoração do que as evidências da sua grandeza, pois a sua bondade é a sua glória. *A terra está cheia da bondade do Senhor.* [...] *As suas misericórdias são sobre todas as suas obras*, por isso elas o *louvarão* (Sl 33.5; 145.9,10). *Deus* nos beneficiou, preservando-nos o ar para respirarmos, o chão para andarmos, a luz do sol para vermos por meio dela. Mas visto que o exemplo mais sensato dos benefícios (ou bondade) da Providência para cada um de nós em particular é a provisão diária de comida e bebida, o apóstolo prefere insistir neste ponto e mostrar como *Deus* tem nos beneficiado: (1) Providenciando-nos comida e bebida por meio de uma longa série de causas dependentes dele como a causa primeira: Os céus respondem à terra; a terra responde ao trigo, ao mosto e ao óleo; e estes respondem a Jezreel (Os 2.21,22). Ele nos beneficia dando-nos *chuvas* [...] *do céu – chuvas* para bebermos, pois sem chuva não haveria fontes de água e logo morreríamos de sede, e *chuvas* para a terra beber, pois temos nossa comida e bebida da chuva. Dando-nos isso, Ele nos presenteia com *tempos frutíferos*. Se os céus forem como ferro, a terra logo será como cobre (Lv 26.19). Este é *o rio de Deus* que *grandemente* enriquece *a terra*, pela qual *Deus* nos prepara *o trigo* (Sl 65.9-13). De todas as operações comuns da providência, os pagãos preferem formar sua noção acerca do Deus supremo por aquilo que pressagia terror e é próprio para causar profundo respeito dele em nós; e esse era o trovão. É por isso que chamavam Júpiter, o que troveja, e o representavam com um raio na mão. O Salmo 29.3 dá a entender que esse ponto não deve ser negligenciado. Mas aqui, o apóstolo nos apresenta a beneficência divina para nos engajar em adoração a *Deus*, ter

bons pensamentos sobre Ele em tudo que realizarmos, amá-lo e nos deliciar nele, visto que é Ele quem nos abençoa e a todos ao oferecer *lá do céu, [...] chuvas e tempos frutíferos.* Se acontecer de as *chuvas* não caírem ou os *tempos* deixarem de ser *frutíferos*, a culpa é nossa. São os *nossos pecados que afastam de* nós as coisas boas (Jr 5.25) que vínhamos recebendo e detêm o andamento das bênçãos de Deus. (2) Dando-nos os confortos disso. É Ele quem enche *de mantimento e de alegria* o nosso *coração* (v. 17). Deus é *rico para com todos os que o invocam* (Rm 10.12). Ele *nos dá todas as coisas para delas gozarmos* (1 Tm 6.17). Ele é benfeitor e liberal, não apenas nos concedendo as coisas de que precisamos, mas aquelas para delas gozarmos (Ec 2.24). Ele enche *de mantimento* o nosso *coração*, ou seja, dá-nos comida para o conteúdo de nosso *coração* ou de acordo com o desejo de nosso *coração*; não meramente por necessidade, mas com abundância, regalo e variedade. Até os *povos* que deixaram de conhecê-lo e adoravam outros deuses, Ele lhes encheu de bens as casas, a boca e o ventre (Jó 22.18; Sl 17.14; 103.5). Os gentios que viviam *sem Deus no mundo* (Ef 2.12), viviam, não obstante, por *Deus*. Foi esse fato que Jesus levantou como razão para fazermos o bem a quem nos odeia (Mt 5.44,45). Tais gentios a quem *Barnabé e Paulo* anunciavam o evangelho tinham o *coração* cheio *de mantimento*. Eles estavam felizes e satisfeitos com isso, não desejando mais nada. Mas coisas desse tipo não enchem a alma (Ez 7.19), nem os que sabem avaliar a própria alma ficarão satisfeitos com isso. Mas *os apóstolos* se apresentaram como participantes da beneficência divina. Todos nós devemos reconhecer que *Deus* nos enche o *coração* [...] *de mantimento e de alegria*; não só de *mantimento* para nos conservar vivos, mas *de alegria* para vivermos contentes e satisfeitos. Somos devedores a Ele por não comermos com dor todos os dias da nossa vida (Gn 3.17). Veja que temos de agradecer a Deus por nosso *mantimento* e por nossa *alegria*, já que Ele nos dá permissão para sermos alegres, motivo para sermos alegres e *coração* para sermos alegre. E levando em conta que o nosso *coração* é cheio *de mantimento e de alegria*, também tem de ser cheio de amor e gratidão, dilatando-se em dever e obediência (Dt 8.10; 28.47).

Por último, os *apóstolos* conseguiram impedir que as *multidões* lhes prestassem essa homenagem indevida: *Dizendo isto*, foi com muita *dificuldade* que *impediram que as multidões lhes sacrificassem* (v. 18), o que mostra como era forte a idolatria de tais pessoas. Não bastou os *apóstolos* recusarem a ser divinizados (a recusa seria interpretada como mero esforço da modéstia), mas tiveram de mostrar que ficaram ofendidos e explicar às pessoas o mal dessa ação. Mesmo assim, não foi fácil convencê-los. Alguns estavam prontos para culpar o *sacerdote* por ele não ter prosseguido com sua obrigação. Vemos aqui o que deu origem à idolatria pagã. Os instrumentos das bênçãos é que recebiam os cumprimentos, os quais deveriam passar por eles para chegar ao Autor. *Paulo* e *Barnabé* tinham curado um aleijado e, por isso, as *multidões* os divinizaram em vez de glorificarem a Deus por lhes dar semelhante poder. Temos de ser muito cautelosos em não dar a outrem ou tomar para nós mesmos a honra que só a Deus pertence.

Paulo É Apedrejado em Listra. Os Discípulos São Exortados e Encorajados. Paulo e Barnabé Elegem Anciãos

vv. 19-28

Nestes versículos, temos outro relato dos serviços e sofrimentos de *Paulo* e *Barnabé*.

I *Paulo* foi apedrejado e dado como *morto*, mas milagrosamente voltou a si (vv. 19,20). As pessoas concentraram-se em *Paulo* e não em *Barnabé*, porque *Paulo*, visto ser o principal orador (v. 12), importunou-as e as irritou mais que *Barnabé*. Agora observe aqui: 1. Como *a multidão* foi inflamada contra *Paulo*. A *multidão* não alegou algum prejuízo causado pelo apóstolo (se consideraram uma afronta ele não permitir que lhe fizessem erroneamente as honras divinas, já que facilmente o perdoariam desse erro). Mas chegaram *uns judeus de Antioquia* (v. 19) que ficaram sabendo e certamente irritaram-se ao saber o respeito mostrado a *Paulo* e *Barnabé* em *Listra*. Foram esses *judeus* que inflamaram as pessoas contra os apóstolos, dizendo serem indivíduos turbulentos, sediciosos e perigosos, não dignos de serem recebidos. Veja como era ferrenha a raiva dos *judeus* contra o evangelho de Cristo. Eles não suportavam que se estabelecesse em lugar nenhum. 2. Até que ponto *a multidão* foi inflamada por estes *judeus* bárbaros. Eles provocaram as pessoas a tal extremo que a turba levantou-se e apedrejou *a Paulo* (v. 19), não por sentença judicial, mas em um tumulto popular. Jogaram pedras contra ele, com as quais o derrubaram e, depois, o *arrastaram para fora da cidade* como pessoa indigna de morar nela, ou o tiraram em um trenó ou carro para enterrá-lo, *cuidando que* estivesse *morto*. É tão forte a inclinação do coração corrupto e carnal para o que é mau, mesmo em extremos opostos que, de um lado, assim como é difícil os homens serem impedidos de fazer o mal, de outro também é muito fácil eles serem persuadidos a fazer o mal. Note como é inconstante e instável a mente das pessoas mundanas e carnais: não sabem nem consideram as coisas. As pessoas que apenas ontem teriam tratado os apóstolos muito mais que homens, agora os tratam como o pior dos brutos, como o pior dos homens, como o pior dos criminosos. Hoje: *Hosana* (Mt 21.9), amanhã: *Crucifica-o* (Mc 15.13). Hoje: "Sacrificai-lhes", amanhã: "Sacrificai-os". Temos um exemplo de mudança no sentido inverso: *Este homem é homicida* (cap. 28.4); este homem é *um deus* (cap. 28.6). O gosto popular muda como o vento. Se *Paulo* tivesse sido Mercúrio, ele poderia ter sido entronizado e até sido colocado num relicário. Mas sendo fiel ministro de Cristo, ele é apedrejado e arrastado *para fora da cidade*. Assim os que facilmente se entregam a fortes ilusões detestam saber da verdade em amor. 3. Como *Paulo* foi libertado pelo poder de Deus: Quando ele foi arrastado *para fora da cidade* (v. 19), *os discípulos* o rodearam (v. 20). Pelo visto, houve alguns em Listra que se tornaram *discípulos* e que acharam o meio-termo entre divinizar os apóstolos e rejeitá-los. Esses novos convertidos tiveram a coragem de ajudar *Paulo* quando ele estava desacreditado, pois era de se temer que os mesmos que o apedrejaram os apedrejariam por cuidar dele. Eles o rodearam como guardas para impedir que as pessoas o machucassem mais, para

verificar se ele estava vivo ou morto, quando de repente, *levantou-se* (v. 20). Embora não estivesse morto, estava muito ferido, lacerado e, sem dúvida, fraco. Foi acometido de uma síncope, de forma que foi por milagre que em tão pouco tempo voltasse a si e se sentisse bem a ponto de entrar *na cidade*. Veja que os servos fiéis de Deus, mesmo que fiquem a um passo da morte e sejam dados como mortos por amigos e inimigos, não morrerão enquanto tiverem trabalho para fazer. Eles são *abatidos, mas não destruídos* (2 Co 4.9).

II *Paulo* e *Barnabé* continuaram com a obra a despeito da oposição ferrenha. Todas as pedras jogadas em *Paulo* não o demoveram do trabalho: Eles *o arrastaram para fora da cidade* (v. 19), mas como alguém que é desafiado, ele *entrou na cidade* (v. 20) novamente para mostrar que não os temia; em nada ele tinha a vida por preciosa (cap. 20.24). Não obstante, o fato de ser perseguido nesta *cidade* é indicação clara de que eles devem procurar serem úteis em outros lugares. Por ora, então, deixam Listra.

1. *Paulo* e *Barnabé* foram preparar o solo e fazer novas semeaduras em outro lugar. *No dia seguinte, [Paulo] saiu, com Barnabé, para Derbe* (v. 20), cidade não distante dali. Eles anunciaram *o evangelho naquela cidade* e fizeram *muitos discípulos* (v. 21). Ao que parece, Timóteo era natural desta *cidade* e um dos discípulos que agora servia *Paulo*, tendo se unido a ele em Antioquia e o acompanhado em toda essa excursão. Mais tarde, com referência a essa história, *Paulo* escreve a Timóteo dizendo-lhe que ele sabia muito bem das *perseguições e aflições* que *aconteceram* ao apóstolo *em Antioquia, em Icônio e em Listra* (2 Tm 3.10,11). Não há nenhum registro, todavia, sobre o que aconteceu em *Derbe*.

2. *Paulo* e *Barnabé* voltaram e revisaram a obra que fizeram, regando o que haviam semeado. Tendo ficado o tempo que julgaram adequado em *Derbe, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia* (v. 21), as cidades onde haviam pregado. Temos um relato muito instrutivo dos métodos que usaram para pôr o alicerce e iniciar a boa obra. Com isso, possuímos o modelo da construção sobre essa base e a continuação dessa boa obra. Vejamos o que fizeram.

(1) Os apóstolos confirmaram *o ânimo* (ou "a alma", versão RA) *dos discípulos* (v. 22), quer dizer, eles incutiram neles o que era próprio para confirmá-los. Os recém-convertidos têm a tendência de vacilar e pouca coisa já chega para melindrá-los. Seus velhos conhecidos insistem para que não desistam. Os reputados por mais sábios expõem diante dos novos *discípulos* o absurdo, a indecência e o perigo de uma mudança. Eles se deixam fascinar pela promessa de maiores cargos se perseverarem nas tradições dos seus pais. Seu medo é o perigo de nadar contra a correnteza. Todas essas coisas os forçam a pensar em bater uma retirada enquanto é tempo. Então os apóstolos surgem e lhes dizem que *esta é a verdadeira graça de Deus, na qual* eles estão *firmes* (1 Pe 5.12). Por conseguinte, eles devem permanecer nessa firmeza, pois não há perigo maior do que perder a participação em Cristo e não há vantagem maior do que agarrar-se a Ele. Dizem-lhes também que, sejam quais forem as provações, terão a força de Cristo para passar por elas e que, sejam quais forem as perdas, eles serão abundantemente recompensados. É esta realidade que confirma *o ânimo dos discípulos*, que fortalece as suas decisões santas na força de Cristo para prender-se a Cristo custe o que custar. Note que: [1] Os convertidos precisam ser confirmados (v. 22); os plantados precisam criar raízes. O trabalho dos ministros é estabelecer os santos, bem como despertar os pecadores. *Non minor est virtus quam quoerere parta tueri – Reter é às vezes tão difícil quanto obter.* Os que foram instruídos na verdade têm de ter a certeza das coisas nas quais foram instruídos; os determinados devem ser firmados em suas determinações. [2] A verdadeira confirmação é a confirmação da alma (v. 22, versão RA; ou *ânimo*, RC). Não se trata de sujeitar o corpo por penas severas aos apóstatas, mas sujeitar a alma. Os melhores ministros fazem isso apenas insistindo nas coisas que são próprias para sujeitar a alma. É a graça de Deus, e nada menos que a graça de Deus, que confirma eficazmente *o ânimo dos discípulos* e evita a apostasia.

(2) Os apóstolos exortaram os *discípulos* [...] *a permanecer na fé* (v. 22), ou, conforme outra leitura do original grego, "eles lhes davam coragem" (versões NTLH e NVI). Disseram-lhes que tinham a obrigação e lhes era vantajoso perseverar; permanecer na convicção de Jesus ser o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Veja que os que estão *na fé* preocupam-se em *permanecer na fé*, a despeito de todas as tentações que sofram para abandoná-la e dos olhares de aprovação e censura deste mundo. É condição indispensável que sejam exortados com freqüência *a permanecer na fé*. Quem é continuamente rodeado de tentações para cair em apostasia precisa de ser ajudado continuamente com exortações urgentes à perseverança.

(3) Os apóstolos insistiram muito que era *por muitas tribulações* que *nos importa entrar no Reino de Deus* (v. 22). Devemos contar como certo que todos os que caminham para o céu têm de passar *por muitas tribulações* e perseguições até chegarem lá. Mas é assim que confirmamos *o ânimo dos discípulos* e os exortamos *a permanecer na fé*? Não parece que estamos espantando-os e desanimando-os? Não. O fato de o assunto ser declarado com imparcialidade e considerado em sua totalidade serve para confirmá-los e firmá-los em Cristo. É verdade que eles enfrentarão *tribulações, muitas tribulações*, e que esta é a pior parte, mas então: [1] Esta é a determinação. Os *discípulos* de Jesus têm de passar *por muitas tribulações* (v. 22). Não há alternativa. O assunto já está encerrado e não pode ser alterado. Aquele que soberanamente nos tem à disposição determinou que *todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições* (2 Tm 3.12). Aquele que soberanamente nos tem às ordens determinou ser esse nosso dever. Todos os que querem ser *discípulos* de Jesus têm de tomar *sobre si a sua cruz* (Mt 16.24). Quando nos entregamos a Jesus Cristo, aceitamos as condições estipuladas para o discipulado. Quando nos assentamos e fizemos as contas dos gastos (Lc 14.28), avaliados por nós como satisfatórios, eles tinham de ocorrer. Por conseguinte, ao chegarem *a angústia e a perseguição por causa da palavra* (Mt 13.21), a situação já nos será conhecida e tem de ser assim: Ele *cumprirá o que está ordenado a* nosso *res-*

peito (Jó 23.14). O assunto já está encerrado inalteravelmente e *remover-se-ão as rochas do seu lugar?* (Jó 18.4). [2] É a sina dos comandantes, como também dos soldados, no exército de Cristo. Todos nós (se pensarmos em qualquer sofrimento) estamos sujeitos igualmente a esta determinação. Os sofrimentos de um não devem ser pedra de tropeço para o outro: *Para que ninguém se comova por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados* (1 Ts 3.3). Como Jesus não impôs aos apóstolos qualquer serviço mais difícil do que Ele mesmo não tivesse suportado, assim também fizeram os apóstolos com relação aos cristãos comuns. [3] É verdade que temos de esperar *muitas tribulações* (v. 22), mas é animador saber que conseguiremos passar por elas. Não nos perderemos nem pereceremos no meio disso. É um mar Vermelho, mas o Senhor abriu um caminho pelo meio desse Mar para seus remidos passarem (Êx 15.13,16). Temos de suportar as dificuldades; certamente as venceremos. [4] Não somente passaremos *por muitas tribulações*, mas é por meio delas que entraremos *no Reino de Deus* (v. 22). A alegria e a glória do fim indenizarão todas as dificuldades e sofrimentos que encontrarmos pelo caminho. É verdade que temos de passar pela cruz. Mas também é verdade que se nos mantivermos no caminho e não nos desviarmos nem retrocedermos, nós ganharemos a coroa. A confiança dessa perspectiva torna as *muitas tribulações* fáceis e agradáveis.

(4) Os apóstolos elegeram *anciãos* ou presbíteros *em cada igreja* (v. 23). Nessa segunda visita, os apóstolos colocaram as coisas em certa ordem, organizando os discípulos em sociedades religiosas sob a orientação de um ministério eleito e estabelecendo a distinção entre os que ensinam e os que são ensinados na palavra. [1] Toda *igreja* tinha seus governadores ou presidentes, cujo ofício era orar com seus membros, pregar para eles em suas reuniões solenes, administrar-lhes todas as ordenanças do evangelho e superintendê-los, a fim de admoestar *os desordeiros*, consolar *os de pouco ânimo*, sustentar *os fracos* (1 Ts 5.14) e *convencer os contradizentes* (Tt 1.9). É necessário que toda igreja em particular tenha um ou mais desses supervisores para presidi-la. [2] Esses presidentes eram *anciãos* (v. 23) que, em sua qualificação, tinham a sabedoria e gravidade de superiores hierárquicos e, em sua comissão, eram revestidos de autoridade e comando de superiores hierárquicos, não para fazer novas leis (esta é prerrogativa do Príncipe, o grande Legislador; o governo da igreja é uma monarquia absoluta, e o poder legislativo está inteiramente em Cristo), mas para cuidar da observância e execução das leis que Cristo fez. Até hoje temos de obedecer a essas leis e nos submeter às suas estipulações. [3] Esses *anciãos* foram eleitos *por comum consentimento* (v. 23). Os apóstolos consideraram extremamente adequadas as qualificações técnicas e criteriosas desses candidatos que se apresentaram ou que foram apresentados quer pelos apóstolos quer pela congregação. Tendo eles se dedicado, foram solenemente separados para a obra do ministério e a ela sujeitos. [4] Esses *anciãos* foram eleitos para servir e fazer o bem aos *discípulos*, pois o texto sacro diz: *Havendo-lhes* [...] *eleito* (v. 23). Os que estão na fé precisam ser edificados na fé e, para isso, necessitam da ajuda dos *anciãos* – os *pastores e doutores*, cuja função é edificar o *corpo de Cristo* (Ef 4.11,12).

(5) *Orando* e fazendo *jejuns*, os apóstolos *encomendaram* [*os anciãos*] *ao Senhor* Jesus *em quem haviam crido* (v. 23). Note que: [1] Mesmo quando as pessoas crêem em Jesus sinceramente, o cuidado dos ministros com elas ainda não acabou. Eles precisam cuidar desses *discípulos*, instruindo-os e os admoestando. [2] Os ministros que tomam cuidado dos que crêem têm de encomendá-los *ao Senhor* (v. 23) e os colocar sob a proteção e orientação da graça divina: *Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste* (Jo 17.11). Os *discípulos* têm de se entregar à guarda do *Senhor* Jesus, e os ministros desses *discípulos* também têm de entregá-los. [3] É pela oração que os *discípulos* devem ser encomendados *ao Senhor* (v. 23). Jesus, em sua oração sacerdotal, encomendou os *discípulos* ao Pai: *Eram teus, e tu mos deste.* [...] *Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste* (Jo 17.6.11). [4] É bastante animador, ao encomendar os *discípulos* [...] *ao Senhor* Jesus (v. 23), poder dizer: "É no *Senhor* Jesus que os *discípulos* crêem. Nós encomendamos a Ele os que se lhe encomendaram e que sabem que têm *crido* naquele *que é poderoso para guardar* o que eles e nós depositamos nele *até àquele Dia* (2 Tm 1.12)". [5] É bom juntar jejum e oração (v. 23) em sinal de nossa humilhação pelo pecado e para aumentar o vigor das nossas orações. [6] Ao nos despedirmos de nossos amigos, o melhor adeus é encomendá-los *ao Senhor* Jesus e deixá-los com Ele.

3. *Paulo* e *Barnabé* prosseguiram pregando o evangelho nos mesmos lugares onde haviam estado no percurso de ida. Mas ao que parece, não fizeram tantos convertidos para que agora, no percurso de retorno, os organizassem em igrejas. Por isso, continuaram e empenharam-se em fazer nesses lugares a obra de conversão. De *Antioquia* (v. 21) eles passaram pela *Pisídia* (v. 24), a província na qual se situava esta *Antioquia*. Em seguida, *dirigiram-se* e entraram na província da *Panfília*, cuja principal cidade era *Perge* (v. 25), onde já haviam estado (cap. 13.13) e novamente anunciaram *a palavra* (v. 25). Fizeram-lhes uma segunda oferta para ver se eles estavam mais animados que antes para receber o evangelho. Nada sabemos sobre qual resultado eles obtiveram desta vez. Depois disso, eles *desceram a Atália*, cidade litorânea da província da *Panfília*. Os apóstolos não permaneciam muito tempo em um lugar, mas aonde quer que fossem empenhavam-se em pôr uma fundação sobre a qual, mais tarde, se pudesse construir e semear as sementes que, a seu tempo, produziriam grande crescimento. Agora as parábolas de Jesus explicam-se. O Reino dos Céus é semelhante a *um pouco de fermento* que, com o tempo, fez *levedar toda a massa* (1 Co 5.6), a um *grão de mostarda que*, embora no começo muito insignificante, *cresceu e fez-se grande árvore* (Lc 13.19) e a *um homem* que lançou *semente à terra* e *a semente* acabou brotando e crescendo, *não sabendo ele como* (Mc 4.26,27).

III *Paulo* e *Barnabé* por fim voltam a Antioquia da Síria, de onde tinham sido enviados para essa expedição. De *Atália* (v. 25) eles foram por mar *para Antioquia* (v. 26). E aqui nos é dito:

1. Porque *Paulo* e *Barnabé* foram *para Antioquia*: porque foi lá que *tinham sido recomendados à graça de*

Deus (v. 26). Eles davam tremendo valor a uma recomendação solene *à graça de Deus*. Como eles próprios possuíam uma grande participação no céu, nunca pensariam em desrespeitar os irmãos que os haviam recomendado. Tendo os irmãos recomendado os apóstolos *à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido*, agora que *a obra* estava cumprida julgaram que lhes deviam um relatório das atividades para que juntos louvassem a Deus assim como juntos tinham orado a Ele.

2. Que relatório *Paulo* e *Barnabé* deram aos irmãos acerca das atividades: Eles *reuniram a igreja* (v. 27). É provável que houvesse mais cristãos em Antioquia do que habitualmente se reunia, ou poderia reunir-se, em um lugar. Mas para esta reunião, eles convocaram os principais irmãos da congregação. Como os cabeças das tribos de Israel são chamados a congregação de Israel, assim os ministros e principais membros da igreja em Antioquia são chamados *a igreja*. Ou talvez tantas pessoas quantas pudessem se assentar reuniram-se para esta oportunidade. Ou ainda algumas delas se reuniram em certa hora ou em determinado lugar, e outras em outra hora e em outro lugar. Seja como for, *quando* os apóstolos *reuniram* os irmãos, eles lhes fizeram um relatório sobre duas coisas: (1) Sobre os sinais que receberam da presença divina em seus labores: Eles *relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles* (v. 27). Eles não contaram o que *eles* haviam feito (teria cheirado a vanglória), mas o que *Deus fizera* com *eles* e *por eles*. Note que a glória de todas as pequenas coisas que fazemos em qualquer tempo deve ser dada a *Deus*. Visto que *Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade* (Fp 2.13), ele também opera conosco para prosperar no que fazemos. A *graça de Deus* não pode fazer nada sem a pregação do ministro; por outro lado, a pregação do ministro, mesmo de Paulo, não pode fazer nada sem a *graça de Deus*. E as operações dessa *graça* têm de ser atribuídas à eficácia da palavra. (2) Sobre os frutos dos labores dos apóstolos entre os gentios. Eles *relataram* [...] *como* [*Deus*] *abrira aos gentios a porta da fé* (v. 27). *Deus* não só ordenara que fossem convidados à festa do evangelho, mas inclinara o coração de muitos para aceitar o convite. Note que: [1] A entrada no Reino de Cristo é pela *porta da fé* (v. 27). Temos de crer firmemente em Cristo ou não teremos parte nele. [2] É *Deus* que abre a *porta da fé* (v. 27), que nos abre as verdades que temos de crer e que abre nosso coração para recebê-las. É Ele que alarga e torna eficaz esta *porta* da igreja de Cristo. [3] Temos razão em sermos gratos a *Deus* por Ele ter aberto *aos gentios a porta da fé* (v. 27), enviando-lhes o evangelho, que *se manifestou agora* [...] *a todas as nações para obediência da fé* (Rm 16.26), e lhes dando coração para aceitar o evangelho. Assim o evangelho foi divulgado e brilhou cada vez mais. Ninguém pôde fechar esta *porta* que Deus abrira; nem todos os poderes do inferno e da terra.

3. Como *Paulo* e *Barnabé* se organizaram por enquanto: Eles *ficaram ali não pouco tempo com os discípulos* (v. 28), talvez mais *tempo* que a princípio pretendiam, não por medo dos inimigos, mas por amor aos amigos. Tal condição tornava inviável a saída dos apóstolos.

Capítulo 15

Até aqui, tem sido muito prazeroso acompanhar Paulo e Barnabé em suas viagens gloriosas para a propagação do evangelho em terras estrangeiras, ver os limites da igreja se ampliarem com o ingresso de judeus e gentios e louvar ao Senhor Deus que sempre os faz triunfar. No encerramento do capítulo precedente, deixamos os apóstolos acomodando-se em Antioquia e edificando a igreja com o relatório das suas experiências evangelizadoras. É pena serem usados em outras atividades, mas neste capítulo achamos outro trabalho (não tão agradável) dirigido por eles. Os cristãos e os ministros engajam-se em uma controvérsia, e os obreiros que deveriam estar ocupados em aumentar os domínios da igreja têm de fazer o que podem para acabar com suas divisões. Quando deveriam estar fazendo guerra ao reino de Satanás, têm muita dificuldade para manter a paz no Reino de Cristo. Todavia, essa ocorrência e o seu registro são de grande utilidade para a igreja, tanto para avisar-nos que tais discórdias infelizes entre cristãos podem acontecer quanto para orientar-nos que método usar para resolvê-las. Aqui está: I. A controvérsia levantada em Antioquia pelos mestres judaizantes que queriam pôr os gentios crentes sob o jugo da circuncisão e da lei cerimonial (vv. 1,2). II. A conferência feita com a igreja em Jerusalém sobre o assunto. O envio de delegados de Antioquia a Jerusalém para a dita conferência, ocasionando o início ali da mesma questão (vv. 3-5). III. O relato do que passou no sínodo convocado para tratar da questão (v. 6). O que Pedro disse (vv. 7-11). Sobre o que Paulo e Barnabé discursaram (v. 12). E o que Tiago propôs para a solução da questão (vv. 13-21). IV. O resultado do debate. A carta-circular que foi escrita aos gentios convertidos, orientando-os sobre como proceder com respeito aos judeus (vv. 22-29). V. A entrega dessa determinação à igreja em Antioquia. A satisfação gerada na congregação (vv. 30-35). VI. A segunda expedição projetada por Paulo e Barnabé para pregar aos gentios. A discussão entre eles sobre o assistente. A separação da dupla apostólica, um seguindo determinado rumo, e o outro um diferente (vv. 36-41).

A Controvérsia Surgida em Antioquia. O Fanatismo dos Judeus Convertidos

vv. 1-5

Mesmo quando as coisas vão agradavelmente bem e sem nenhuma dificuldade em um estado ou igreja, é tolice, confiantes, pensarmos que a situação está firme e que nada a inquietará. Sempre surgirá um problema ou outro que não foi previsto e que não pode ser evitado. Por isso, nossa obrigação é estar preparados para enfrentar o que vier até resolvê-lo. Se já houve o céu na terra, com certeza foi na igreja em Antioquia dessa época, quando havia tantos ministros excelentes, e o dignísimo Paulo entre eles, edificando essa igreja em sua san-

tíssima fé. Aqui veremos a perturbação da paz e o surgimento de diferenças. Aqui está:

I A nova doutrina iniciada na igreja em Antioquia ocasionou essa divisão por obrigar os gentios convertidos a se submeterem à circuncisão e à lei cerimonial (v. 1). Muitos que tinham sido prosélitos da religião judaica se tornaram cristãos; e era como se tivessem sido convertidos à religião cristã para se tornarem judeus.

1. Os proponentes desta nova doutrina eram *alguns que tinham descido da Judéia* (v. 1). Certos estudiosos acham que ela provinha dos *fariseus* (v. 5), ou talvez dos *sacerdotes* que obedeciam à fé (cap. 6.7). Eles vieram da *Judéia*, alegando, talvez, terem sido enviados pelos apóstolos em Jerusalém, ou pelo menos terem sido aprovados por eles. Com o propósito de propagar suas idéias, foram a Antioquia, por ser a sede daqueles que pregavam aos gentios e o ponto de encontro dos gentios convertidos. Se ali eles conseguissem chamar a atenção das pessoas, em pouco tempo, esta levedura se espalharia por todas as igrejas dos gentios. Eles se insinuaram familiarmente entre *os irmãos*, fingindo estarem muito alegres por terem aceitado a fé cristã e felicitando-os pela conversão. Mas a cada um diziam: "*Ainda te falta uma coisa* (Lc 18.22): tu tens de ser circuncidado". Note que quem aprende a sã doutrina necessita tomar cuidado para que não a desaprenda ou aprenda doutrina doente.

2. A posição que defenderam foi a seguinte: A menos que os gentios que se tornaram cristãos se circuncidassem *conforme o uso de Moisés* (v. 1), e, dessa forma, se sujeitassem a todas as observâncias da lei cerimonial, não podiam se salvar. (1) Muitos judeus que aceitaram a fé cristã ainda continuavam muito *zelosos da lei* (cap. 21.20). Eles sabiam que a lei era proveniente de Deus e que sua autoridade era sagrada e valorizada por sua antigüidade. Tendo sido criados observando-a, é provável que muitas vezes se emocionassem sincera e reverentemente ao cumprirem tais práticas. Depois que foram aceitos na igreja cristã pelo batismo nas águas, esses judeus continuaram observando a lei. Faziam a distinção de alimentos, usavam as purificações cerimoniais das contaminações cerimoniais, participavam da adoração no templo e celebravam as festas judaicas. Nisto eles foram coniventes, porque não se vence de uma vez só todos os preconceitos adquiridos pela educação. Foi necessário o transcurso de alguns anos para que o equívoco fosse eficazmente corrigido pela destruição do templo e desintegração total da igreja judaica, tornando completamente impraticável a observância do ritual mosaico. Mas, não bastando serem tolerantes com eles mesmos nesse ponto, queriam impor aos gentios convertidos as mesmas obrigações. Veja que há em nós uma inclinação estranha para fazer de nossas opiniões e costumes uma norma e lei a todos, julgar todas as pessoas segundo o nosso padrão e concluir que, por fazermos tudo certo, todos os outros fazem tudo errado só porque não fazem do mesmo jeito que nós. (2) Assim como esses judeus que creram que Jesus era o Messias não conseguiram se livrar da afeição que alimentavam pela lei, também não conseguiram se livrar das noções que possuíam acerca do Messias. Para eles, Jesus tinha de estabelecer um reino temporal a favor da nação judaica para torná-la ilustre e vitoriosa. Foi-lhes uma decepção que até agora não houvesse nada disso conforme esperaram. Quando ficaram sabendo que a doutrina de Cristo fora recebida entre os gentios e que o seu Reino começara a ser estabelecido no meio deles, imaginaram que se conseguissem persuadir os que aceitaram a Jesus a aceitar também a lei de Moisés, teriam atingido seus objetivos. A nação judaica teria alcançado extrema notabilidade segundo desejavam, embora de outro modo. "Portanto, que por todos os meios os irmãos sejam forçados a ser circuncidados e guardar *a lei de Moisés* (v. 5). Assim, a nossa religião ampliará nosso domínio, e em pouco tempo poderemos sacudir o jugo romano e, além disso, colocá-lo no pescoço de nossos vizinhos. E tal Reino do Messias terá a forma que esperávamos." Note que não é estranho que os que têm noções erradas sobre o Reino de Cristo tomem medidas erradas, como essas, para promovê-lo, e elas na verdade tendem a destruí-lo. (3) A controvérsia sobre a circuncisão dos gentios convertidos já estava em andamento entre os judeus muito antes desta ocasião. A partir de Josefo (*Antiquit.*, liv. 20, cap. 2), o Dr. Whitby observa: "Quando Izates, filho da rainha Helena, de Adiabene, aceitou a religião dos judeus, Ananias declarou que ele não precisava ser circuncidado. Mas Eleazar argumentou que era uma grande irreverência permanecer incircunciso". E quando dois gentios insignes procuraram Josefo (conforme ele relata em sua autobiografia), "os zelotes entre os judeus insistiram que os tais fossem circuncidados. Mas Josefo os dissuadiu dessa insistência". Ao longo dos séculos, essa tem sido a diferença entre o fanatismo e a moderação. (4) A grande ênfase que esses judeus deram à circuncisão. Eles não apenas disseram: "Vós deveis ser circuncidados *conforme o uso de Moisés* (v. 1) e, assim, estareis prestando um bom serviço para o Reino do Messias. Isso conciliará melhor os assuntos entre vós e os judeus convertidos, será considerada muita gentileza da vossa parte e ocasionará relações sociais mais amistosas para vós", mas: "*Se vos não circuncidardes,* [...] *não podeis salvar-vos.* Se vós não o fizerdes de todo o vosso entendimento e de toda a vossa vontade, jamais ireis para o céu, mas certamente ireis para o inferno". Perceba que é comum os impostores orgulhosos imporem suas próprias invencionices sob pena de condenação. Eles asseveram às pessoas que a menos que creiam exatamente como dizem e façam exatamente o que desejam, ninguém poderá salvar-se. Afirmam que fora disso a salvação é impossível, e que o caso é perigoso e desesperador. Assim, esses judeus dizem aos seus *irmãos* que se não pertencerem à igreja judaica, entrarem em comunhão com ela e se sujeitarem às cerimônias de adoração judaicas, mesmo que sejam bons homens e crentes em Cristo, não serão salvos. O sacrifício de Cristo em si não pode salvá-los. Ninguém está nele – dizem – a menos que esteja no seio da igreja judaica. Temos de nos firmar muito bem na palavra de Deus antes de afirmar: "Se você não fizer isto ou aquilo, você não pode ser salvo".

II A oposição que *Paulo e Barnabé* fizeram a essa doutrina cismática, a qual monopolizava a salvação aos judeus, agora que Cristo abriu a porta dos céus para os gentios: *Tendo tido Paulo e Barnabé não pe-*

quena discussão e contenda contra eles (v. 2). De modo nenhum, os apóstolos concordaram com tal ensinamento; apresentaram-se e publicamente a rebateram. 1. Como servos fiéis de Jesus, estes dois apóstolos não permitiriam que as verdades cristãs fossem atraiçoadas. Eles sabiam que Jesus veio para nos libertar do jugo da lei cerimonial e derrubar a parede de separação entre judeus e gentios, unindo ambos em si mesmo (Ef 2.14,15). Diante disso, não suportaram ouvir falar de circuncidar os gentios convertidos, quando as instruções dadas por Jesus eram apenas para batizá-los nas águas. Os judeus se uniriam aos gentios, quer dizer, eles os sujeitariam em todas as coisas relativas aos ritos judaicos, e então, e somente então, seriam considerados irmãos; e não graças a eles! Não foi desse modo que Jesus designou unir os judeus e os gentios; por isso, esse novo ensino é inadmissível. 2. Como pais espirituais dos gentios convertidos, estes dois apóstolos não permitiriam que a liberdade recebida fosse usurpada. Eles haviam dito aos gentios que se cressem em Jesus Cristo se salvariam. Dizer-lhes agora que isso não era suficiente para a salvação e que tinham de ser circuncidados e ainda guardar a lei de Moisés, significaria desanimá-los quando deveriam ser firmados. E seria também uma pedra de tropeço no caminho quase igual a fazê-los pensar em voltar ao Egito. Portanto, os dois apóstolos não tinham outra atitude a tomar senão levantar-se firmemente contra essa doutrina.

III O expediente lançado para impedir o dano desta noção perigosa e silenciar os que a ventilavam, como também aquietar o ânimo das pessoas com referência ao assunto. A igreja em Antioquia determinou que *Paulo, Barnabé e alguns dentre* (v. 2) os irmãos dali fossem *a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos* para tratar desta *questão*. Não que os irmãos antioquianos tivessem dúvidas a respeito. Eles sabiam a liberdade que Jesus Cristo lhes concedera. Contudo, enviaram o caso a *Jerusalém*: 1. Porque os proponentes desta doutrina vieram de *Jerusalém* (v. 1) e davam a entender que tinham recebido orientações dos apóstolos de lá para impor a circuncisão aos gentios convertidos. Era muito apropriado enviar o caso a *Jerusalém* para verificar se houvera mesmo tal determinação. Logo se descobriu que tudo era infundado e que os tais ainda alegaram ser uma regularização apostólica. Era verdade que eles tinham saído *dentre* a igreja em *Jerusalém*, mas os apóstolos nunca lhes deram tal *mandamento* (v. 24). 2. Porque os que se inteirassem dessa doutrina ficariam mais bem firmados para se oporem a ela. Haveria também menor risco de eles se escandalizarem e se inquietarem caso soubessem, com certeza, que os *apóstolos* e os *anciãos* em *Jerusalém* (que entre todas as igrejas cristãs era a que reteve maior afeição à lei de Moisés) eram contra o novo ensinamento. Se os *apóstolos* e os *anciãos* da igreja em *Jerusalém* (v. 2) pudessem ter o assunto inteiramente sob seu poder, seria o meio mais plausível de silenciar e envergonhar estes incendiários que alegaram ter recebido orientação deles. 3. Porque os *apóstolos* em *Jerusalém* eram mais aptos para consulta em uma questão ainda não completamente decidida. Menos propícios ao erro doutrinário, como *apóstolos* sua decisão teria a probabilidade de dar fim à controvérsia. Foi devido à sutileza e malícia do grande inimigo da paz da igreja (como se mostra pelas reclamações freqüentes de Paulo destes mestres judaizantes, destes *falsos apóstolos*, destes *obreiros fraudulentos*, 2 Co 11.13, destes *inimigos da cruz de Cristo*, Fp 3.18), que a polêmica não acabou aqui.

IV A viagem a *Jerusalém* de *Paulo, Barnabé e alguns dentre* os irmãos da igreja em Antioquia enviados em missão (v. 3). Onde encontramos que: 1. Eles receberam honra ao partirem de viagem. Eles foram *acompanhados pela igreja* (v. 3), hábito que era muito comum por simbolizar respeito a homens prestimosos, sendo feito *como é digno para com Deus* (3 Jo 6). Desse modo, a *igreja* mostrava que concordava com os que se levantaram contra o desrespeito das liberdades dos gentios convertidos e os defendia. 2. Eles fizeram o bem enquanto viajavam. Eram homens que não perdiam tempo, por isso foram visitando as igrejas pelo caminho. *Passaram pela Fenícia e por Samaria* (v. 3), e, enquanto prosseguiam, mencionavam *a conversão dos gentios* e o sucesso maravilhoso que o evangelho lhes causara, provocando *grande alegria a todos os irmãos*. Note que o progresso do evangelho é e deveria ser motivo de grande alegria. *Todos os irmãos*, os *irmãos* fiéis na família de Cristo, alegravam-se quando mais irmãos e irmãs nasciam na família. A família cristã nunca ficará mais pobre por causa da multidão de seus filhos. Em Cristo e no céu há bastante lugar e suficiente herança para todos.

V A recepção entusiástica que *Paulo, Barnabé e alguns dentre* os irmãos da igreja em Antioquia receberam em *Jerusalém* (v. 4). 1. O bom acolhimento que seus amigos lhes deram: Eles *foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e anciãos* (v. 4), foram abraçados como irmãos e acolhidos como mensageiros da igreja em Antioquia. Eles os receberam com todas as possíveis expressões de amor e amizade. 2. O bom acolhimento que deram aos seus amigos: Eles *lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles* (v. 4), deram-lhes um relatório do sucesso ministerial que vinham tendo entre os gentios. Não era o que *eles* tinham feito, mas o que *Deus tinha feito com eles*. Era o que *Deus*, por sua graça que neles estava, os capacitara a fazer, e o que Ele, por sua graça nos ouvintes, os capacitara a receber. Enquanto foram de viagem, plantaram; agora enquanto voltavam, eles iam regando. Em ambos os percursos, estavam prontos a reconhecer que era Deus quem dava o crescimento. Note que é muita honra sermos usados por Deus, sermos trabalhadores para Ele, pois temos um Trabalhador conosco e toda a glória tem de ser dada a Ele.

VI A oposição que *Paulo e Barnabé* encontraram com os integrantes do mesmo partido em *Jerusalém* (v. 5). Quando os apóstolos contaram acerca da multidão de gentios e da grande colheita de almas feitas para Cristo em outros lugares, todos os felicitaram. *Alguns, porém, da seita dos fariseus* (v. 5) receberam as novidades com muita frieza. Embora tivessem crido em

Cristo, não ficaram satisfeitos com a inclusão destes convertidos na igreja e julgaram que era necessário circuncidá-los. Observe aqui: 1. Os que tinham mais preconceitos contra o evangelho é que ficaram mais atraídos por ele. Isso demonstra como foi potente o poder de Deus no derrubamento de fortalezas. Quando Jesus estava aqui na terra, nenhum ou poucos príncipes e *fariseus* creram nele. Agora há integrantes da *seita dos fariseus* que creram, e muitos deles, esperamos, creram verdadeiramente. 2. É muito difícil os homens se livrarem dos seus preconceitos de um momento para o outro. Quem fora fariseu durante a vida inteira, mesmo depois que se tornasse cristão, ainda reteria parte do velho fermento. No entanto, conforme testifica Paulo, nem todos procederam desse modo. Os fariseus tinham tamanho zelo pela lei cerimonial e tamanha antipatia pelos gentios, que não admitiriam os gentios à sua comunhão, exceto se fossem circuncidados e, assim, obrigados a guardar a lei de Moisés. Na opinião deles, isso era necessário. E, no que lhes diz respeito, não se relacionariam socialmente com eles a menos que se submetessem a essa condição.

O Concílio em Jerusalém
vv. 6-21

Temos aqui a convocação de um concílio, não por decreto, mas por consentimento: *Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos* (ou "presbíteros", versão RA) *para considerar este assunto* (v. 6). Eles não julgaram o *assunto* separadamente, mas se reuniram para ouvir a opinião uns dos outros, pois *na multidão de conselheiros há segurança* e satisfação (Pv 11.14). Não julgaram o *assunto* com negligência, mas o avaliaram refletidamente. Embora cada um tivesse *opinião bem definida* a respeito *em sua própria mente* (Rm 14.5, versão RA), eles deram tempo *para considerar este assunto* e ouvir o que o partido adverso teria a dizer. Os apóstolos resolveram não tomar qualquer decisão sobre o *assunto* sem os *anciãos*, os ministros menos importantes, a quem consultaram e, assim, honraram. Quem se destaca mais em dons, virtudes e está em posição mais elevada na igreja deve mostrar respeito a quem ocupa posição menos importante, pois ainda que *os dias* falem, *há um espírito no homem* (Jó 32.7,8). Quando surgem as dificuldades, esta é uma norma de procedimento para os pastores das igrejas: congregar-se em reuniões solenes para ouvir conselhos, receber alento, saber a opinião dos outros e fortalecer as mãos uns dos outros. Assim a ação pode ser tomada de comum acordo. Agora temos aqui:

I O discurso de *Pedro* neste sínodo. Ele nem ao menos alegou ter a primazia ou chefia deste sínodo. Ele não era o senhor desta reunião, nem tanto como presidente da assembléia nem tanto como presidente do presbitério, *pro hac vice – para esta ocasião*. O texto sacro não mostra que ele falou em primeiro lugar para abrir o sínodo (primeiro, houve *grande contenda* e, mais tarde, ele *levantou-se*, v. 7), nem que ele falou por último para resumir a causa, abrir a votação e contar os votos. Ele era um membro fiel, zeloso e prudente dessa assembléia, tendo contribuído decisivamente para a decisão tomada. E ninguém melhor que ele teria feito essa contribuição, visto que fora o primeiro pregador a anunciar o evangelho aos gentios. Houve *grande contenda* a favor e contra *este assunto* (v. 6) já que todos tiveram permissão e liberdade para falar, como deve ser em tais casos. Integrantes da seita dos fariseus estavam presentes e tiveram permissão de dizer o que quisessem em defesa daqueles em Antioquia os quais eram da mesma opinião. Os *anciãos* provavelmente replicaram tal posição. Questões desse tipo devem ser disputadas com imparcialidade antes de serem decididas. Quando ambos os lados haviam sido ouvidos, *levantou-se Pedro* (v. 7) e discursou para a assembléia: *Varões irmãos* – as mesmas palavras ditas mais adiante por *Tiago* (v. 13). E aqui:

1. *Pedro* fala da chamada e comissionamento que recebeu algum tempo atrás para pregar o evangelho aos gentios. Ele se admirava que ainda houvesse dificuldade em um assunto já resolvido: Vós *bem sabeis que, aph' hemeron archaion – do começo dos dias* do evangelho, há muitos anos, *Deus* [...] *elegeu dentre* nós, apóstolos, um para pregar o evangelho aos gentios. E o eleito fui eu, *para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem* (v. 7). Vós sabeis que fui interrogado sobre o assunto e prestei esclarecimentos que satisfizeram a todos sem exceção. Todo o mundo se alegrou por Deus ter dado *até aos gentios* [...] *o arrependimento para a vida* (cap. 11.18), e ninguém disse uma palavra sobre circuncidá-los, nem sequer havia tal pensamento. "Por que os *gentios* que ouvem a palavra do evangelho pela boca de Paulo devem ser obrigados a submeter-se à circuncisão, se os *gentios* que o ouviram pela *minha boca* não o foram? Ou por que as condições de admissão à igreja de Cristo para os *gentios* devem ser mais dificultadas agora?"

2. *Pedro* afirma que foi extraordinária a confirmação de *Deus* para pregar aos gentios e ressalta que o próprio Deus testificou que foram sinceros em aceitar a fé cristã: "*Deus, que conhece os corações* (v. 8) e, portanto, pode julgar infalivelmente os homens, *lhes deu testemunho* de que realmente lhe pertencem, *dando-lhes o Espírito Santo*; não apenas as graças e consolações, mas os maravilhosos dons milagrosos do Espírito Santo, *assim como também a nós*, apóstolos" (veja cap. 11.15-17). Note que *o Senhor conhece os que são seus* (2 Tm 2.19), porque Ele *conhece os corações* dos homens, e nós somos como é o nosso coração. Aqueles a quem Deus dá *o Espírito Santo*, Ele dá *testemunho* de que eles são dele. É por isso que está escrito que nós fomos *selados com o Espírito Santo da promessa* (Ef 1.13) – fomos marcados para *Deus*. *Deus* acolheu de bom grado os gentios ao privilégio da comunhão com Ele, sem exigir que fossem circuncidados ou guardassem a lei. Então não vamos admiti-los em comunhão conosco nessas mesmas condições? "*Deus* [...] *não fez diferença alguma entre eles e nós* (v. 9). Eles, embora gentios, são bem recebidos à graça de Cristo e ao trono da graça como nós, judeus, somos. Então, por que deveríamos mantê-los à distância, como se fôssemos mais santos que eles?" (Is 65.5). Note que as condições para aceitarmos nossos irmãos em comunhão conosco são as mesmas que *Deus* estabeleceu para aceitar esses irmãos em comunhão com Ele (Rm 14.3). Agora que os gentios foram preparados

para entrar em comunhão com *Deus, purificando o seu coração pela fé*, e essa *fé* atesta a obra de *Deus* neles, por que deveríamos pensar que não estão preparados para terem comunhão conosco, a menos que se submetam à purificação cerimonial ordenada pela lei para nós, judeus? Note que: (1) O *coração* é purificado *pela fé*. Não somos apenas justificados, e a consciência, purificada, mas a obra de santificação inicia-se e tem prosseguimento. (2) Os que têm o *coração* purificado *pela fé* tornam-se tão intimamente semelhantes uns aos outros, que qualquer diferença que haja entre eles não é levada em conta, pois a *fé* de todos os santos é *igualmente preciosa* e tem efeitos igualmente preciosos (2 Pe 1.1). Os que se unem a Cristo por esse meio devem se considerar tão unidos uns aos outros que todas as distinções, até as existentes entres judeus e gentios, são fundidas e absorvidas.

3. *Pedro* reprova categoricamente esses mestres (alguns dos quais, é claro, estavam presentes) que trabalhavam para colocar os gentios sob a obrigação da lei de Moisés. O caso é tão óbvio que ele não pôde deixar de expressar-se com certo ardor: "*Agora, pois* (v. 10), visto que Deus os reconheceu como seus, *por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos*, dos gentios crentes e de seus filhos" (pois a circuncisão era um jugo que pesava sobre os futuros filhos, os quais são considerados presentes entre os *discípulos*) "*um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar?*" Aqui o apóstolo mostra que, nesta tentativa de judaizar os gentios convertidos: (1) Os defensores dessa idéia afrontaram a Deus tremendamente: "Vós o tentais levantando em questão o que Ele já havia resolvido e determinado por nada menos que o sinal do dom do Espírito Santo. Na verdade, vós estais perguntando: 'Será que Ele sabia o que estava fazendo?' Ou: 'Ele foi terminante em sua determinação?' Ou: 'Ele vai sustentar o que Ele próprio decretou?' Vós quereis ver se Deus, que projetou a lei cerimonial apenas para o povo judeu, irá, nestes últimos tempos, impor aos gentios essa mesma obrigação somente para vos agradar?" Os que fazem preceitos no lugar de Deus, tentam-no e dizem que as pessoas não podem ser salvas a não ser sob tais e tais condições, as quais Deus nunca estipulou. É como se o Deus da salvação tivesse de ajustar-se às determinações dessa gente. (2) Os defensores dessa idéia foram por demais injustos com os *discípulos*: Jesus Cristo veio *apregoar liberdade aos cativos* (Lc 4.19), e esses mestres empreendem escravizar os que Ele libertou (veja Ne 5.8). A lei cerimonial era um *jugo* pesado. Eles e seus pais achavam extremamente difícil de ser suportada, pois as instituições dessa lei eram muito numerosas, diversas e bastante pomposas. A distinção de alimentos era um *jugo* pesado porque tornava as relações sociais menos agradáveis e embaraçava a consciência com dúvidas infinitas. Os muitos trabalhos minuciosos que eram feitos até pelo toque inevitável de uma sepultura ou um cadáver, a contaminação contraída por conta disso e as muitas regras para a purificação dessa contaminação eram um *jugo* pesado. Jesus veio nos aliviar desse *jugo*. Ele chamou os que estavam cansados e oprimidos debaixo desse *jugo* para tomarem sobre si o jugo dele, o seu jugo suave (Mt 11.28-30). Agora o fato de esses mestres quererem pôr esse *jugo* na *cerviz* ("pescoço") dos gentios – *jugo* do qual Jesus veio libertar até os judeus – era o maior prejuízo imaginável.

4. Considerando que esses mestres judeus tinham insistido que a circuncisão era necessária para a salvação, *Pedro* mostra os absurdos dessa idéia. Judeus e gentios devem ser *salvos* puramente *pela graça do Senhor Jesus Cristo* e de nenhum outro modo: Nós *cremos que seremos salvos* somente *pela graça* (v. 11), *pisteuomen sothenai – Nós esperamos ser salvos*, ou: *Nós cremos para a salvação, como eles também – kath' hontropon kakeinoi.* "Nós que somos circuncidados cremos para a salvação, e o mesmo fazem os que são incircuncisos. Assim como a nossa circuncisão não nos será de nenhuma vantagem, assim a incircuncisão deles não lhes será de nenhuma desvantagem. A razão disso é por que temos de depender da *graça do Senhor Jesus Cristo* para a salvação e temos de aplicar essa *graça* pela fé, *como eles também.* Não há um modo de salvação para os judeus e outro para os gentios. É que *nem a circuncisão nem a incircuncisão* (ou seja, nem um nem outro) *têm virtude alguma, mas, sim, a fé que opera por* amor (Gl 5.6). Então, por que deveríamos carregar os gentios com a lei de Moisés como algo imprescindível para a salvação deles, quando não é, sendo que o evangelho de Cristo é que é imprescindível tanto para a nossa salvação quanto para a deles?"

II O relato do que *Barnabé* e *Paulo* defenderam nesse sínodo. Suas palavras não precisavam ser registradas, porque só falaram o que estava descrito nos capítulos precedentes: Os *quão grandes sinais e prodígios* que *Deus havia feito por meio deles entre os gentios* (v. 12). Foi o que relataram aos irmãos da igreja em Antioquia (cap. 14.27), aos irmãos dos diversos lugares ao longo da viagem entre Antioquia e Jerusalém (v. 3) e agora, mais uma vez, aos irmãos convocados para o sínodo. Foi extremamente pertinente terem feito esse relato, pois o que estava em pauta era que os gentios deviam-se submeter à lei de Moisés. Em oposição a isso, *Barnabé* e *Paulo* empreendem mostrar, por uma clara ligação dos fatos, que Deus confirmou a pregação do evangelho puro aos gentios sem a lei, e que, por esse motivo, impor a lei nos gentios era desfazer o que Deus havia feito. Observe: 1. O relato que *Barnabé* e *Paulo* fizeram. Eles declararam ou expuseram em seqüência e com todas as circunstâncias engrandecedoras e emocionantes, os gloriosos milagres, maravilhas, *sinais e prodígios* que *Deus havia feito por meio deles* (v. 12), a confirmação que Ele dera à pregação dos dois apóstolos por meio dos milagres feitos no reino da natureza e a autenticação que Ele concedera à essa pregação pelos milagres feitos no reino da graça. Deus honrou esses apóstolos a quem os mestres judeus condenavam e assim honrou os gentios a quem eles desprezavam. Que necessidade tinham de outro defensor quando o próprio Deus lhes defendia a causa? Por si só, a conversão dos gentios já era uma maravilha, e levando em conta todas as coisas, era não menos que um milagre. Se eles haviam recebido *o Espírito* [...] *pela pregação da fé*, por que se embaraçar com as *obras da lei*? (Gl 3.2). 2. A atenção que *Barnabé* e *Paulo* receberam: *Toda a multidão* (que mesmo não participando da votação, veio ouvir os debates) *se calou e escutava a Barnabé e a Paulo* (v. 12). Pelo visto, a *multidão* deu mais atenção à narrativa deles do que a todos os outros argumentos feitos.

Como na física e na medicina nada é tão satisfatório como as experiências, e em direito nada é tão satisfatório quanto casos decididos, assim nas coisas de Deus a melhor explicação da palavra da graça são os relatos feitos das operações do Espírito da graça. A tais relatos a *multidão* sempre ouve em silêncio. Os que temem a Deus ouvem de boa vontade a narrativa que as pessoas dão sobre o que Deus tem feito por elas ou por meio delas (Sl 66.16).

III O discurso que *Tiago* fez no sínodo. Ele não interrompeu *Barnabé* e *Paulo*, mesmo que, como é provável, já tivesse ouvido a narrativa, mas os deixou falar livremente para a edificação dos ouvintes e para que soubessem dos fatos em primeira mão. Depois, *havendo-se eles calado* (v. 13), *Tiago* se levantou. *Todos podereis profetizar, uns depois dos outros* (1 Co 14.31). Deus é o Deus da ordem. *Tiago* deixou *Barnabé* e *Paulo* falarem o que tinham a dizer e, em seguida, fez a aplicação dos discursos. A palavra de diversos ministros é útil quando verdades não repelem outras, mas se interligam.

1. *Tiago* dirige-se respeitosamente aos presentes: "*Varões irmãos, ouvi-me* (v. 13). Vós sois *varões*, portanto, espera-se que dareis ouvidos à razão. Vós sois meus *irmãos*, logo, me ouvireis com imparcialidade. Nós todos somos *irmãos* e estamos igualmente interessados nesta causa para que nada seja feito para a desonra de Cristo e a intranqüilidade dos cristãos".

2. *Tiago* refere-se ao que *Pedro* mencionara a respeito da conversão dos *gentios*: "*Simão*" (ou seja, Simão Pedro) "*relatou* (v. 14) e abriu a questão dizendo *como, primeiramente, Deus visitou os gentios*, salvando Cornélio, familiares e amigos, que foram os primeiros frutos dos *gentios*, e como, no início da divulgação do evangelho, os *gentios* foram convidados a virem beneficiar-se com isso". Estas são as observações de *Tiago* em seu discurso: (1) A graça de Deus foi a origem disso. Foi *Deus* que *visitou os gentios* (v. 14). Foi uma visita generosa e amável. Se dependesse deles, nunca o teriam visitado. O conhecimento começou da parte de *Deus*. Ele não só *visitou e remiu o seu povo* (Lc 1.68), mas visitou e remiu os que não eram o seu povo – *Lo-Ami* (Os 1.9). (2) A glória de Deus era o fim disso: Era *para tomar deles um povo para o seu nome* (v. 14), que o glorificasse e no qual fosse glorificado. Assim como antigamente *Deus* tomou os judeus, assim agora Ele toma os *gentios* para lhe *serem por povo, e por nome, e por louvor, e por glória* (Jr 13.11). Que o *povo* de *Deus* nunca esqueça que foram dignificados em *Deus* para que *Deus* fosse glorificado neles.

3. *Tiago* confirma o chamado dos *gentios* com uma citação do Antigo Testamento. Ele não podia prová-lo por uma visão, como provou *Pedro*, nem por milagres feitos por sua mão, como provaram *Barnabé* e *Paulo*, mas provaria que fora predito no Antigo Testamento e que, portanto, se cumpriria: *Com isto concordam as palavras dos profetas* (v. 15). Os *profetas* veterotestamentários falaram, em sua maioria, mais ou menos acerca do chamado dos *gentios*, inclusive o próprio Moisés (Rm 10.19). Era a expectativa geral dos judeus piedosos que o Messias fosse uma *luz para alumiar as nações* (Lc 2.32; ou "gentios", versão RA). Mas *Tiago* abre mão das profecias mais claras a esse respeito e prefere citar uma que parecia mais obscura: O anúncio que *está escrito* em Amós 9.11,12, onde está predito: (1) O estabelecimento do Reino do Messias: Eu *voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído* (v. 16). O concerto foi feito com *Davi* e sua descendência. A casa e família de *Davi* são chamadas aqui o *tabernáculo de Davi*, porque *Davi*, no começo, era pastor e morava em tendas, e sua casa, que fora como um palácio imponente, tornara-se um *tabernáculo* vil e desprezível, reduzido, até certo ponto, ao seu começo. Esse *tabernáculo* foi arruinado e permaneceu *caído*. Fazia muitos séculos que não havia um rei da casa de *Davi*. *O cetro* saíra *de Judá* (Gn 49.10), a família real decaíra e mergulhara na obscuridade e, ao que parece, ninguém havia analisado isso. Mas Deus voltará e reedificará o *tabernáculo de Davi*, o levantará *das suas ruínas* e o tornará *a edificá-lo*, em um prodígio assombroso. Essa profecia se cumpriu quando nosso Senhor Jesus foi levantado dessa família e lhe foi dado *o trono de Davi, seu pai*, com a promessa de que Ele *reinará eternamente na casa de Jacó* (Lc 1.32,33). E quando o *tabernáculo de Davi* foi reedificado em Cristo, todas as demais coisas que estavam edificadas foram, não muitos anos depois, completamente destruídas e eliminadas, acabando inclusive com a própria nação judaica e se perdendo todas as suas genealogias. A igreja de Cristo pode ser chamada o *tabernáculo de Davi*. Por vezes, ela pode decair e até ficar em *ruínas*, mas tornará a ser edificada, e seus interesses marcescíveis reavivarão. Ela está abatida, mas não destruída (2 Co 4.9); até os ossos secos voltarão a viver (Ez 37.4,5). (2) A inclusão dos gentios como a conseqüência do estabelecimento do Reino do Messias: *Para que o resto dos homens busque ao Senhor* (v. 17), não somente os judeus, que pensavam que detinham o monopólio do *tabernáculo de Davi*, mas o *resto dos homens*, que até aqui haviam sido deixados fora do seio da igreja visível. Diante do fato de o *tabernáculo de Davi* ter sido reedificado, agora os gentios deviam buscar *ao Senhor* e investigar como obter o favor divino. Quando o *tabernáculo de Davi* for estabelecido, eles *buscarão o Senhor, seu Deus, e Davi, seu rei* (Os 3.5; Jr 30.9). *Para que* os filhos de Israel *possuam o restante de Edom* (Am 9.12, segundo consta no original hebraico). Os judeus denominavam todos os gentios de "edomitas". Por isso, a Septuaginta omite a menção particular a "Edom" e a traduz exatamente como está aqui: *Para que o resto dos homens busque* (e aqui Tiago acrescenta: *ao Senhor*), *e também todos os gentios sobre os quais o meu nome é invocado* (v. 17). Durante muitos séculos, os judeus foram tão peculiarmente favorecidos que o *resto dos homens* parecia negligenciado. Mas agora Deus tem em vista esses *gentios*, que invocarão o *nome* do *Senhor*. Entre eles, o *nome* do *Senhor* será declarado e publicado para que conheçam e clamemos por esse *nome*: eles se chamarão o povo de Deus, e Deus assim os chamará. Vemos que por consentimento de ambas as partes o *nome* do *Senhor* [...] *é invocado* [...] *sobre* os *gentios*. Podemos contar com cumprimento dessa promessa no tempo certo. Agora ela começa a cumprir-se, como mostra o acréscimo inserido na Septuaginta: *Diz o Senhor, que faz todas estas coisas*. O apóstolo quer dizer: "Ele disse que faz"; Ele disse, porque foi determinado a dizer; Ele faz, porque disse. Para nós, dizer e fazer são duas coisas distintas, mas para Deus não. A união de judeus e gentios em *um corpo* (1 Co

12.13), e todas as coisas feitas visando a esse objetivo e que aqui foram preditas eram: [1] O que Deus fez: *Isso foi feito pelo Senhor* (Mc 12.11), independente dos instrumentos usados para isso; e: [2] Era nisso que Deus se deleitava e em que tinha prazer; porque Ele é o Deus dos gentios, como também dos judeus, e lhe é uma honra ser *riquíssimo em misericórdia* [...] *para com todos os que o invocam* (Ef 2.4; Rm 12.10).

4. *Tiago* liga o chamado dos *gentios* ao propósito e conselho de Deus: *Que são conhecidas desde toda a eternidade* (v. 18), ou, segundo certos manuscritos: "Conhecidas são do Senhor desde o princípio do mundo as suas obras" (versão NVI, nota de rodapé). Deus não só predisse há muitos séculos o chamado dos gentios pelos profetas (e, portanto, não nos deve causar surpresa ou nos ser obstáculo), mas Ele o previu e o predeterminou em seus conselhos eternos, que são inquestionavelmente sábios e inalteravelmente firmes. Trata-se de uma máxima excelente proferida acerca de todas as obras de Deus, tanto as obras da providência quanto as da graça, no reino natural e espiritual, que elas sejam conhecidas de Deus desde antes do princípio do mundo, do tempo que Ele começou a realizar suas obras, o que dá a entender que as conhece (como diz outro texto bíblico) *ainda antes da fundação do mundo* (1 Pe 1.20) e, por conseguinte, *desde toda a eternidade*. Note que seja o que Deus faça, Ele faz porque planejou e determinou anteriormente o que realizar, visto que *faz todas as coisas* não só segundo a *sua vontade*, mas *segundo o conselho da sua vontade* (Ef 1.11). Ele realiza tudo o que quer (Sl 135.6), o que é mais do que podemos fazer (nossos propósitos são freqüentemente desfeitos, e nossas determinações, invalidadas), e determinou tudo o que opera. Seja o que for que diga para nos provar, Ele sabe o que fará. Nós não conhecemos de antemão as obras que faremos, mas temos de fazer o que achar a nossa mão (1 Sm 10.7). O que faremos em determinada situação, não sabemos até que comece a acontecer, mas *são conhecidas* de Deus *desde toda a eternidade. No rolo do livro* (Sl 40.7; chamado *escritura da verdade*, Dn 10.21), todas as obras de Deus estão escritas por ordem, sem emendas ou escritos interlineares. No dia da revisão, todas as obras de Deus concordam exatamente com os seus conselhos, sem o menor erro ou variação. Somos pobres criaturas com falta de visão. Os homens mais sábios podem ver só um pouco mais adiante de si, e, mesmo assim, não com absoluta certeza. A nossa consolação é que, seja em que incerteza estejamos, há a certeza infalível na presciência divina: todas as obras *são conhecidas* de Deus *desde toda a eternidade*.

5. *Tiago* dá seu parecer sobre o que deveria ser feito quanto à questão levantada acerca dos *gentios*: *Pelo que julgo* (v. 19), *ego krino – eu dou como minha opinião*, ou julgamento, não como tendo autoridade acima dos demais, mas como sendo conselheiro ao lado deles. Analisemos o conselho de *Tiago*.

(1) A circuncisão e a observância da lei cerimonial não devem, de nenhum jeito, serem impostas sobre os *gentios* convertidos, nem como recomendação ou sequer mencionadas para eles. "Há muitos, *dentre os gentios, que se convertem a Deus* (v. 19) em Cristo Jesus, e esperamos que haja muitos mais. Sou inteiramente a favor de tratá-los com a máxima ternura possível, não obrigá-los absolutamente a nenhum tipo de impedimento ou desânimo", *me parenochlein – "não lhes dar qualquer incômodo ou transtorno*, nem lhes sugerir nada que seja desinquietador, levante dúvidas em suas mentes ou os desoriente". Veja que devemos tomar o maior cuidado para não desanimar nem inquietar os novos convertidos com *contendas sobre dúvidas* (Rm 14.1). Os princípios básicos da religião, que a consciência despertada logo os receberá, devem ser incutidos entranhavelmente nos novos convertidos, os quais os satisfarão e os tranqüilizarão. Não deixemos que coisas estranhas e circunstanciais sejam impingidas nos novos convertidos apenas para aborrecê-los. *O Reino de Deus*, no qual eles devem ser instruídos, *não é comida nem bebida*, nem oposição nem imposição de coisas medíocres que só servem para perturbá-los, mas é *justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo* (Rm 14.17), características que comprovadamente não perturbam ninguém.

(2) É bom que os *gentios* concordem com certas coisas que são muito ofensivas para os judeus. Só porque os *gentios* não devem aceitar serem circuncidados e guardarem toda a lei, não se deduz então que tenham de agir em oposição ininterrupta aos judeus e procurar meios de provocá-los. Os judeus se satisfarão (e, se pouca coisa os favorecerá, melhor assim do que traspassá-los) caso os *gentios* convertidos *se abstenham*: [1] *Das contaminações dos ídolos* e *da prostituição* (v. 20), que são duas coisas ruins e das quais sempre se deve abster. *Mas escrever-lhes* de modo particular e categórico *que se abstenham* dessas coisas (porque os judeus tinham o extremo cuidado de os *gentios* convertidos não as transgredirem), dando grande contentamento aos judeus. Isso significava que quando os apóstolos pregassem e escrevessem aos *gentios* que aceitassem o cristianismo, eles os preveniriam, em primeiro lugar, *das contaminações dos ídolos* (v. 20), para que os *gentios* não tivessem absolutamente nenhuma comunhão com os idólatras em seus cultos e adorações idólatras, e, sobretudo, não participassem das festas e banquetes que os idólatras davam ao fazerem sacrifícios (veja 1 Co 10.14ss.; 2 Co 6.14ss.). Em segundo lugar, *da prostituição* (v. 20) e de todos os tipos de impureza. Como Paulo foi repetitivo e insistente nas precauções postas contra esse pecado! (1 Co 6.9-15; Ef 5.3ss.). Mas os judeus, que tinham a propensão de pensar o pior de quem não gostavam, insinuaram que essas eram coisas nas quais os *gentios*, mesmo depois da conversão, se permitiram fazer e teriam a conivência do apóstolo dos gentios. Agora, para acabar com essa insinuação e não deixar espaço para calúnia, *Tiago* aconselha que, além das advertências individuais e específicas que os ministros lhes davam, eles devem ser advertidos publicamente para se abster *das contaminações dos ídolos* e *da prostituição*, ser circunspectos e evitar toda a aparência desses dois males, os quais são peculiarmente afrontosos para os judeus. [2] *Do que é sufocado e do sangue* (v. 20) que, embora não sejam coisas ruins em si mesmas, como as duas primeiras, nem a abstinência seria permanente, como as duas primeiras, foram proibidas pelos preceitos de Noé (Gn 9.4), antes da chegada da lei de Moisés. Os judeus tinham verdadeira repugnância por tais coisas e por todos os que tomavam a liberdade de servir-se delas. Para evitar que eles se ofendam, os *gentios* convertidos devem privar-se dessa liberdade (1

Co 8.9,13). Assim, temos de nos fazer *tudo para todos* (1 Co 9.22).

6. *Tiago* justifica seu parecer. Ele afirma que os judeus devem ser grandemente respeitados porque estavam acostumados há tanto tempo com essas determinações solenes da lei cerimonial. Ele assevera também que elas devem ser toleradas, se por ora não puderem se livrar delas: *Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue* (v. 21), cujos escritos (parte considerável dos quais é a lei cerimonial) são lidos a *cada sábado* [...] *nas sinagogas*. "Vós, *gentios*, não podeis culpar os judeus por eles terem grande reverência pela lei de *Moisés*, pois, além disso, eles têm plena certeza de que Deus falou com *Moisés*." (1) "*Moisés* é pregado continuamente aos judeus, os quais são obrigados a lembrar-se *da sua Lei* (Ml 4.4). Note que até a palavra de Deus que para nós foi escrita também deve ser pregada. Quem tem a Bíblia ainda precisa de ministros para ajudá-lo a entendê-la e a aplicar. (2) "Os escritos de *Moisés* são lidos de maneira piedosa e solene *nas sinagogas* dos judeus no dia de *sábado* (v. 21), no local e hora das reuniões de culto e adoração a Deus. Isso significa que desde a infância os judeus aprenderam a ter consideração pela lei de *Moisés*, cuja observância faz parte da religião judaica." (3) "Essa prática judaica era feita *desde os tempos antigos* (v. 21). Os judeus receberam dos seus pais o respeito por *Moisés*. Tratava-se de costume antigo." (4) "Essa prática judaica era feita *em cada cidade* (v. 21), onde quer que houvesse judeus, de forma que nenhum deles desconhecia a ênfase que a lei dava às quatros coisas citadas no versículo 20. O evangelho nos libertou dessas coisas, mesmo assim os judeus não podem ser culpados se são relutantes em desistir disso. Eles não podem ser levados a, de um momento para o outro, considerar essas coisas desnecessárias e espiritualmente indiferentes, visto que há muito tempo eles, e seus pais antes deles, aprenderam, e aprenderam de Deus, a viver segundo os princípios escriturísticos. Temos de lhes dar tempo e lhes fazer concessões. Devemos ser tolerantes por certo tempo e começar aos poucos. Precisamos consentir com eles sem trair nossa liberdade no evangelho." Assim o apóstolo mostra espírito de mediador, quer dizer, espírito de moderação, sendo cuidadoso em não ofender judeus e gentios e fazendo o que pode para agradar a ambos os lados e não provocar nenhum dos dois. Veja que não devemos estranhar as pessoas se apegarem a costumes antigos que lhes foram transmitidos pelos pais, costumes que aprenderam a considerar sagrados. Em tais casos, sejamos condescendentes e não severos.

A Decisão do Concílio em Jerusalém. A Publicação do Decreto
vv. 22-35

Nestes versículos, temos o resultado da consulta feita em Jerusalém sobre a imposição da lei cerimonial sobre os gentios. É claro que muito mais foi dito sobre o assunto do que está registrado. Por fim, chegaram a um consenso, aceitaram e sancionaram o conselho de Tiago na íntegra *nemine contradicente – por unanimidade*. Resolveram, então, enviar uma carta-circular por mensageiros próprios aos gentios convertidos para informá-los da decisão tomada sobre esse assunto, o que os fortaleceria muitíssimo contra os falsos mestres.

I A eleição dos delegados a serem enviados com *Paulo e Barnabé* para esta incumbência. Não que houvesse suspeita da fidelidade desses grandes homens, ou que eles não fossem de confiança para levar a carta, ou alguém desconfiasse que eles alterassem algum item da carta. Nada disso. As obras que faziam não davam margem a suposições más relativas a homens de tal integridade comprovada.

1. Os *apóstolos*, os *anciãos* e *toda a igreja* (v. 22) acharam adequado *eleger* (ou "escolher", versão NVI) *varões dentre eles* para *enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia*. Isso foi aceito por todos da *igreja* em Jerusalém, que provavelmente se encarregou das despesas (1 Co 9.7). Analisemos os propósitos do envio desses mensageiros. (1) Mostrar respeito à *igreja* em *Antioquia* como igreja-irmã, embora mais jovem, considerando-a no mesmo nível que a *igreja* em Jerusalém. Além disso, desejavam saber o estado da *igreja* antioquiana. (2) Animar *Paulo e Barnabé* e tornar a viagem de retorno mais agradável (pois é provável que viajassem a pé), enviando *varões dentre* a *igreja* em Jerusalém para acompanhar tais homens excelentes; *amicus pro vehiculo – um amigo em vez de uma carruagem*. (3) Dar renome à carta que esses mensageiros levavam, aparentando uma embaixada solene para darem mais consideração à mensagem, pois alguns se oporiam a ela. (4) Manter a comunhão dos santos e fomentar as relações entre igrejas e ministros que estavam a certa distância geográfica uns dos outros, mostrando que, *sendo muitos, somos um* (1 Co 10.17).

2. Os mensageiros que os *apóstolos*, os *anciãos* e *toda a igreja* enviaram não eram pessoas pouco importantes, servindo apenas para levar a carta e receber o recibo dos apóstolos. Tratava-se de *varões* eleitos ou escolhidos *dentre eles* e de *varões distintos entre os irmãos* (v. 22), homens eminentes em dons, graças e prestimosidade. Essas são as características que determinam os *varões distintos entre os irmãos* e que os qualificam para serem mensageiros das igrejas. Seus nomes são citados: *Judas, chamado Barsabás* (provavelmente irmão de *José, chamado Barsabás*, um dos dois candidatos ao apostolado, cap. 1.23), e *Silas*. A boa reputação que eles gozavam na *igreja* de Jerusalém exerceu certa influência nas pessoas que vieram *da Judéia* (v. 1), como também nos falsos mestres, engajando-os a dar mais consideração à mensagem enviada por eles.

II O teor da carta, uma carta-circular a ser enviada às igrejas para notificar o entendimento do sínodo sobre esse assunto.

1. Esse é o preâmbulo muito condescendente e prestativo deste decreto (v. 23). Não há nada que tenha a nuança de arrogância ou orgulho, mas: (1) Há a humildade dos *apóstolos* por terem se unido aos *anciãos* e *irmãos* nessa missão, ministros e cristãos leigos com quem se aconselharam neste caso como faziam em outros. Embora jamais houvesse indivíduos tão qualificados como os *apóstolos* para ocupar o governo monárquico e autoridade na igreja e que recebessem tamanha comissão, seus decretos não entravam em vigor automaticamente: "Nós,

apóstolos, somos os vigários de Cristo na terra, os pastores de todos os pastores das igrejas (como se intitula o papa) e os únicos e exclusivos juízes em todos os assuntos relacionados à fé". Mas os *apóstolos*, os *anciãos* e os *irmãos* todos concordavam entre si. Nesse ponto, eles cumpriam as instruções que o Mestre lhes dera: *Não queirais ser chamados Rabi, porque* [...] *todos vós sois irmãos* (Mt 23.8). (2) Há o respeito dos *apóstolos* às igrejas que escreveram. Eles os saúdam: *Saúde* (v. 23), desejando-lhes saúde, felicidade e alegria, e os chamam *irmãos dentre os gentios*. Dessa forma, eles confirmam a admissão destes *irmãos* [...] *gentios* na igreja e lhes dão *as destras, em comunhão* (Gl 2.9) com eles: "Vós sois nossos *irmãos*, embora *gentios*, porque nós nos ajuntamos em Cristo, *o primogênito entre muitos irmãos* (Rm 8.29), em Deus, nosso Pai comum". Agora que *os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo* (Ef 3.6), eles têm de ser aprovados, apoiados e chamados *irmãos*.

2. Essa é a repreensão justa e severa dada aos mestres judaizantes: "Nós *ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras* (v. 24) e ficamos muito preocupados ao saber disso. Por meio desta, nós vos informamos que os que pregaram esta doutrina eram falsos mestres, tanto no ponto de terem produzido um falso comissionamento quanto no ponto de terem ensinado uma falsa doutrina". (1) Esses mestres judaizantes prejudicaram muitíssimo os *apóstolos* e ministros em Jerusalém, alegando que tinham instruções deles para impor a lei cerimonial aos gentios, quando não havia a ínfima verdade nessa asseveração. "Eles realmente *saíram dentre nós* (v. 24), eles pertenciam mesmo à nossa igreja, da qual, quando tiveram a intenção de viajar, nós lhes demos talvez uma carta de recomendação. Mas, quanto a vos obrigar a guardar a lei de Moisés, *não lhes* demos tal *mandamento*, nem sequer imaginamos tal coisa, nem lhes demos o menor motivo de usar nossos nomes nesse ensino." É antiga a prática de a autoridade apostólica ser usada em defesa de doutrinas, ensinos e costumes para os quais os *apóstolos* não deram nem *mandamento* nem incentivo. (2) Esses mestres judaizantes prejudicaram muitíssimo os gentios convertidos, ordenando: "Vós deveis ser circuncidados e guardar a lei de Moisés". [1] Essa ordem deixou surpresos os gentios convertidos: "Eles *vos perturbaram com palavras* (v. 24), ocasionaram perturbação e desinquietação entre vós. Vós confiastes em quem vos disse: 'Se vós crerdes no Senhor Jesus Cristo, sereis salvos'. Agora fostes sobressaltados por aqueles que vos falaram: *Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos* (v. 1). Diante disso, vós vos sentis enganados. Eles *vos perturbaram com palavras – palavras* e nada mais, meras *palavras*, sons ocos, sem conteúdo". Como é freqüente a igreja ser perturbada com *palavras*, pelo orgulho de homens que amam ouvir o som do que eles mesmos dizem! [2] Essa ordem pôs em perigo os gentios convertidos. Eles *transtornaram a vossa alma* (v. 24), desorganizaram-na e derrubaram o que havia sido construído. Eles os desestimularam de seguir o cristianismo puro e de tratar da própria vida, enchendo-lhes a cabeça da necessidade de fazer a circuncisão e guardar a lei de Moisés, o que era inútil para esse fim.

3. Esse é o ilustre testemunho dado aos mensageiros por quem esta carta foi enviada.

(1) A *Barnabé e Paulo*, a quem estes mestres judaizantes tinham se oposto e censurado como se tivessem feito o trabalho pela metade, porque tinham levado os gentios convertidos somente ao cristianismo e não ao judaísmo. Que digam o que quiserem acerca desses homens. [1] "Eles são homens que nos são queridos. Eles são *os nossos amados Barnabé e Paulo* (v. 25), homens por quem temos a maior estima, afeto e consideração." Às vezes, é bom que as pessoas que estão em evidência expressem seu apreço, não só pela verdade de Cristo (quando está sendo desprezada), mas pelos igualmente desprezados pregadores e defensores dessa verdade, a fim de animá-los e enfraquecer as mãos dos oponentes. [2] "Eles são homens que se destacam no serviço de Cristo, merecendo, portanto, o bem de todas as igrejas. Eles são *homens que já expuseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 26), sendo dignos de duplicada honra. Não lhes cabe a desconfiança de terem buscado alguma vantagem secular para si, porque eles arriscaram tudo de si por amor a Cristo e, como bons soldados de Cristo, engajaram-se nos serviços mais perigosos e não apenas nos mais laboriosos." É simplesmente improvável que tais confessores fiéis fossem pregadores infiéis. Os que insistiam na circuncisão objetivavam evitar perseguições (Gl 6.12,13); os que se opunham a eles sabiam que estavam se expondo exatamente a tais perseguições. Por conseguinte, qual destes dois partidos tem a maior probabilidade de estar com a razão?

(2) A *Judas e Silas*: "Eles são homens que foram eleitos (v. 25). Eles ouviram nossos debates e estão perfeitamente informados sobre o assunto e *de boca vos anunciarão também o mesmo* (v. 27)". Tudo que nos é útil é bom termos por escrito e de viva voz para que nos beneficiemos com a leitura e com a audição. Os apóstolos os reportam aos portadores para uma narrativa adicional do seu julgamento e de suas razões, e os portadores os reportarão à carta para a certeza da determinação.

4. Esta é a orientação dada sobre o que exigir dos gentios convertidos.

(1) O teor da proibição, o que está de acordo com o conselho dado por Tiago, que, para não causar ofensa aos judeus: [1] Os gentios jamais devem comer algo que eles saibam que foi oferecido em sacrifício a ídolos: *Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos* (v. 29). Embora o alimento seja em si mesmo limpo, devem considerá-lo contaminado por conta disso. Mais tarde, essa proibição foi retirada. Os gentios receberam a permissão de comer tudo que fosse vendido no açougue, ou colocado diante deles à mesa de amigos, mesmo tendo sido oferecido a *ídolos*. A única exceção à regra seria quando houvesse perigo de tal procedimento causar ofensa a alguém, ou seja, fazer com que o cristão fraco pensasse o pior de nosso cristianismo, ou fazer com que o ímpio maldoso pensasse o melhor de sua idolatria. Nesses casos é bom abster-se (1 Co 10.25-32). Para nós, tal proibição está ultrapassada. [2] Os gentios jamais devem comer ou beber sangue: *Que vos abstenhais* [...] *do sangue* (v. 29). Eles têm de evitar todas as coisas com aspecto cruento e bárbaro que ocorrem nessa cerimônia de tão longa data. [3] Os gentios jamais devem comer carne que foi sufocada, ou de animal que mor-

reu por si mesmo, ou que não teve o sangue escorrido: *Que vos abstenhais* [...] *da carne sufocada* (v. 29). [4] Os gentios devem ser muito rígidos em censurar os que eram culpados de fornicação: *Que vos abstenhais* [...] *da fornicação* (v. 29), ou que tivessem se casado nos graus de parentesco proibidos pela lei levítica. Segundo expressam certos estudiosos, esse é o principal ponto visado aqui (veja 1 Co 5.1). O Dr. Hammond entende o assunto assim: Os mestres judaizantes queriam que os gentios convertidos se submetessem a todas as coisas a que se submetiam os que eram, conforme chamavam, prosélitos da justiça: a circuncisão e a observância de toda a lei. Por outro lado, os apóstolos exigiam dos gentios somente o que era exigido dos prosélitos da porta: a observância dos sete mandamentos dos filhos de Noé. Essa é a explicação dele. Mas o único fundamento deste decreto é agradar os judeus severos que haviam aceitado a fé cristã. Exceto em caso de escândalo, todas as carnes foram decretadas livres e espiritualmente indiferentes para todos os cristãos assim que a razão do decreto cessou. E a obrigatoriedade desta proibição durou, no máximo, até a destruição de Jerusalém. "Estas coisas são particularmente ofensivas aos judeus. Portanto, o decreto não os desobriga da proibição. Em pouco tempo, os judeus se incorporarão com os gentios, e então o perigo cessará."

(2) A maneira em que a proibição foi formulada. [1] Eles se expressam com um toque de autoridade para que a carta fosse recebida pelos gentios com respeito e acatamento: *Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós* (v. 28), quer dizer, *a nós* sob a direção e orientação do *Espírito Santo*. O *nós* refere-se não apenas aos apóstolos, mas também a outros crentes que foram dotados de extraordinários dons espirituais e sabiam mais da mente de Deus que qualquer outro, desde que os dons cessaram. A infalibilidade deles emprestou autoridade incontestável aos decretos, aos quais não acrescentariam mais nada, porque lhes *pareceu bem* o que sabiam que primeiro havia parecido *bem ao Espírito Santo*. Ou a expressão diz respeito ao que o *Espírito Santo* já havia determinado sobre o assunto. Quando o *Espírito Santo* desceu sobre os apóstolos, Ele os dotou com o dom de línguas para anunciar o evangelho aos gentios, indicação clara de que Deus os chamaria para esse campo. Quando o *Espírito Santo* desceu sobre Cornélio, familiares e amigos, enquanto Pedro lhes anunciava o evangelho, ficou claro que Jesus visava derrubar a redoma judaica na qual eles imaginavam que o espírito estava encerrado. [2] Eles se expressam com ternura abundante e preocupação paternal pelos gentios. Em primeiro lugar, eles têm medo de sobrecarregar os gentios: Nós *não vos* imporemos *mais encargo algum* (v. 28). Tão longe eles estavam de deleitar-se em impor-se sobre eles, que eles não temiam nada tanto quanto impor-se excessivamente sobre eles, de modo a desanimá-los em seu começo. Em segundo lugar, eles impõem aos gentios *senão estas coisas necessárias* (v. 28). "A abstinência da *fornicação* (v. 29) é necessária a todos os cristãos de todos os tempos. A abstinência da *carne sufocada*, do *sangue* e das *coisas sacrificadas aos ídolos* é necessária para os nossos dias a fim de manter um bom entendimento entre vós e os judeus e evitar ofensas." E a imposição vigora enquanto for necessária para esse fim, e por nem mais um dia. Note que os responsáveis por igrejas e congregações devem impor somente as *coisas necessárias*, que são as *coisas* que Jesus tornou nossa obrigação, têm a real tendência a edificar a igreja e, como aqui, visam à união dos bons cristãos. Se eles impõem *coisas* apenas para mostrar autoridade e tentar a obediência das pessoas, esquecem que não têm autoridade para fazer novas leis, mas só para supervisionar que as leis de Cristo sejam devidamente executadas. Em terceiro lugar, eles reforçam a ordem com uma menção favorável a quem cumpri-la em lugar de uma reprovação condenatória a quem transgredi-la. Eles não concluem: "*Destas coisas* [...] *se vos guardardes* (v. 29), vós sereis um anátema, sereis expulsos da igreja e amaldiçoados", de acordo com o costume de outros concílios feitos mais tarde, particularmente o de Trento; mas: "*Destas coisas* [...] *se vos* não *guardardes*, como não duvidamos que assim procedereis, *fareis bem*; será para a glória de Deus, o avanço do evangelho, o fortalecimento das mãos dos vossos irmãos e para vosso próprio crédito e consolação". É tudo: delicadeza, amor e bom humor, como se tornaram os seguidores daquele que, quando nos chamou a tomar sobre nós o seu jugo, garantiu-nos que o acharíamos *manso e humilde de coração* (Mt 11.28-30). A diferença do estilo dos verdadeiros apóstolos em relação aos falsos é facilmente observável. Os que eram a favor de impor as leis cerimoniais foram categóricos e imperiosos: *Se vos não circuncidardes*, [...] *não podeis salvar-vos* (v. 1), estais excomungados *ipso facto – por isso mesmo*, e sereis entregues a Satanás. Por outro lado, os apóstolos de Cristo, que só recomendam as *coisas necessárias*, são brandos e gentis: "*Destas coisas fareis bem se vos guardardes* (v. 29), e segundo vos convém. *Bem vos vá*. Nós somos simpatizantes cordiais da vossa honra e paz".

III A entrega da carta e como os mensageiros se determinaram.

1. *Tendo-se eles, então, despedido* (v. 30) e recebido permissão dos apóstolos em Jerusalém para voltarem (provavelmente com uma oração e uma bênção solene no nome do Senhor, além de instruções e palavras de apoio para o trabalho que fariam), *Paulo e Barnabé*, junto com os eleitos *Judas* e *Silas* (v. 22), *partiram para Antioquia* (v. 30). Eles não ficaram em Jerusalém por mais tempo do que o necessário para cumprir a missão. Não é impossível que na viagem de retorno tenham sido encontrados pelos mesmos irmãos que os acompanharam pelo caminho quando partiram de *Antioquia*. Os que se esmeram em servir as pessoas em geral devem receber apoio e palavras de ânimo.

2. Assim que chegaram a *Antioquia*, ajuntaram *a multidão* e *entregaram a carta* (v. 30). Todos queriam saber que coisas foram vedadas aos gentios para que imediatamente as cumprissem. As proibições não seriam nem um pouco difíceis de obedecer, visto que muitos, antes de se converterem a Cristo, eram prosélitos da porta que já haviam assumido estas e outras restrições. Mas isso não era tudo. Eles tinham de saber que não havia mais nenhum outro *encargo* a aceitar, *senão* os já citados (v. 28). Portanto, não era mais pecado comer carne de porco, e não havia contaminação cerimonial caso o indivíduo tocasse numa sepultura ou num corpo morto.

3. Os cristãos ficaram maravilhosamente contentes com as ordens que vieram de Jerusalém: Eles *alegraram-se pela exortação* (v. 31). As ordens contidas na carta deram um grande conforto (versão RA) para a *multidão*. (1) As ordens confirmaram a liberdade do jugo da lei cerimonial. Os cristãos não teriam de se sobrecarregar com isso, como queriam esses mestres arrogantes. A *exortação* alegrou os cristãos por saber que não havia necessidade de cumprir ordenanças carnais, as quais lhes deixavam a consciência perplexa, não podendo purificá-la nem pacificá-la. (2) As ordens calaram e confundiram os que perturbavam a mente dos cristãos com a tentativa de forçar sobre eles a circuncisão, pois se descobriu que as alegações à autorização apostólica eram fraudulentas. (3) As ordens animaram os gentios a receber o evangelho e deram apoio a quem já o recebera. (4) As ordens restabeleceram a paz da igreja e acabaram com a ameaça de divisão. Para esses cristãos, todas estas exortações eram temas de alegria e louvor a Deus.

4. Eles pegaram cada um dos ministros estranhos que vieram de Jerusalém e deram-lhes um sermão. *Judas e Silas, que também eram profetas* (v. 32), capacitados com o Espírito Santo e chamados para a obra, receberam autorização dos apóstolos para falar alguma coisa relativa a esse assunto. Eles *exortaram* verbalmente *os irmãos com muitas palavras* e os *confirmaram*. Mesmo os cristãos que tinham a pregação habitual e constante de *Barnabé e Paulo* ficaram felizes com a ajuda de *Judas e Silas*. A multiplicidade de ministros é útil para a igreja. Observemos quais são as responsabilidades dos ministros para com os que estão em Cristo. (1) Confirmar *os irmãos* (v. 32), fazendo-os ver mais razões para a fé em Cristo e a obediência a Ele. Confirmar a escolha que fizeram de Cristo e as resoluções tomadas por causa dele. (2) Exortar *os irmãos* (v. 32) à perseverança e aos deveres particulares que se exigiam deles: incentivá-los ao que é bom e orientá-los nesse sentido. Eles "confortaram os irmãos" (segundo outra possível tradução), o que contribuiria para confirmá-los, *porque a alegria do Senhor* será a nossa *força* (Ne 8.10). Eles os *exortaram* [...] *com muitas palavras*. Usaram muito grande prolixidade e variedade de expressão. Uma palavra influenciava outra, que por sua vez influenciava outra, e, portanto, embora o que tinham a dizer pudesse ter sido resumido em poucas palavras, foi para a edificação da igreja que eles usaram *muitas palavras, dia logou pollou – com muita fala, com muito argumento*, porque *é mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento* (Is 28.10).

5. A despedida dos ministros para Jerusalém. *Detendo-se ali algum tempo* (v. 33), ou, *tendo gasto certo tempo* (assim pode ser lido), *poiesantes chronon – tendo feito certa permanência*, e tendo-o feito de modo proveitoso, sem desperdiçar tempo em coisas inúteis, mas tendo-o preenchido totalmente, *os irmãos* em Antioquia *os deixaram voltar em paz para os apóstolos* em Jerusalém, com todas as possíveis expressões de afeto e respeito. Eles agradeceram-lhes pela vinda, o esforço e o bom serviço prestado, desejaram-lhes saúde e boa viagem de regresso e os entregaram à guarda da *paz* de Deus.

6. A permanência de *Silas* junto com *Barnabé e Paulo* em Antioquia. (1) Na hora de partir, *Silas* resolveu que não iria, porque lhe *pareceu bem* [...] *ficar* (v. 34) em Antioquia. *Judas* voltou sozinho para casa em Jerusalém. Não temos razão alguma para censurar *Silas*, pois desconhecemos o que o levou a tomar essa decisão. Sou inclinado a pensar que as congregações em Antioquia eram maiores e mais avivadas que as em Jerusalém, atraindo-o a *ficar ali*. Sábia decisão. *Judas* também tomou sábia decisão, porque voltou ao seu posto de serviço em Jerusalém. (2) O trabalho de *Paulo e Barnabé* (v. 35) era primordialmente entre os gentios. Contudo, *ficaram* por certo tempo *em Antioquia*, estando satisfeitos com o convívio entre os ministros e o povo – convívio que, como mostra diversas passagens, era mais que comumente amistosa e convidativa. Eles *ficaram* ali não por prazer próprio, mas *ensinando e pregando* [...] *a palavra do Senhor*. Por ser a cidade mais importante da Síria, havia em *Antioquia* grande confluência de gentios provenientes de todas as partes do mundo que, por um motivo ou outro, passavam por ali – na mesma relação dos judeus com Jerusalém. Pregar em *Antioquia* era pregar para muitas nações, porque os ouvintes da pregação evangelizadora levariam para as suas respectivas nações a mensagem ouvida. Dessa maneira, *Paulo e Barnabé* estavam preparando os gentios o momento em que esses pregadores chegassem pessoalmente a essas nações gentias para pregar a *palavra do Senhor*. Além de não estarem ociosos em *Antioquia*, os apóstolos dos gentios estavam cumprindo devidamente a obra a que foram chamados. (3) Havia, também, *muitos outros* que ensinavam e pregavam a *palavra do Senhor* (v. 35), labutando na mesma obra. A multidão de trabalhadores na vinha do Senhor Jesus não nos dá o direito de descansar. Mesmo em lugares em que haja *muitos outros* labutando na palavra e na doutrina, há oportunidade para cada um de nós. O zelo e a prestimosidade dos outros servem para nos incentivar e não para nos dar sono.

A Discordância entre Paulo e Barnabé

vv. 36-41

Vimos uma diferença infeliz entre irmãos, que era de natureza pública, ser levada a bom termo. Agora temos diante de nós uma disputa particular entre dois ministros, homens não menos importantes que *Paulo* e *Barnabé*, que não acharam um meio-termo para suas diferenças – ainda bem que a discussão chegou ao fim de modo feliz. Aqui está:

I A excelente proposta que *Paulo* fez a *Barnabé* para revisarem e renovarem o trabalho que realizaram entre os gentios. Ele propôs fazerem um circuito entre as igrejas que haviam plantado para verificar o progresso que o evangelho tinha apresentado. Para eles, nesse momento, Antioquia lhes era um porto seguro e tranqüilo. Não possuíam adversários nem havia acontecimentos perniciosos naquela cidade, mas *Paulo* ressaltou que estavam ali apenas para se reaparelharem e se refazerem, e que já era hora de pensar em se lançarem ao mar novamente. Tendo ficado bastante tempo num lugar próprio para invernar, ele agora está pronto para voltar ao campo de batalha e fazer outra campanha, em vigorosa continuação dessa guerra santa contra o reino de Satanás. *Paulo* destacou que o trabalho que lhe fora designado

era entre os gentios. Por conseguinte, está fazendo planos para uma segunda expedição entre eles para fazer o mesmo trabalho, mesmo que encontre as mesmas dificuldades. E isto no máximo *alguns dias depois* (v. 35), porque o seu espírito excessivamente ativo não agüentaria ficar parado muito tempo longe do trabalho, e nem o seu espírito extremamente corajoso e ousado ficaria fora de perigo por muito tempo. Observe: 1. A quem *Paulo* faz a proposta: A *Barnabé*, seu velho amigo e companheiro de trabalho. Ele deseja sua companhia e ajuda para realizar esse trabalho. Temos necessidade uns dos outros, e há muitas maneiras em que podemos ser úteis. Devemos ser prontos em dar ajuda e pedir ajuda. Dois é melhor que um. Todo soldado tem seu companheiro de lutas. 2. A quem *Paulo* quer visitar: "Por ora, não visitemos novos lugares nem iniciemos novo trabalho. Vamos dar uma olhada nos campos que já semeamos. *Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as vides, se a flor se abre, se já brotam as romeiras* (Ct 7.12). *Tornemos a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor* (v. 36)". Note que o apóstolo assevera que todos os cristãos, e não só os ministros, são *irmãos*, pois *não temos nós todos um mesmo Pai?* (Ml 2.10). Ele estava preocupado com os *irmãos* em *todas as cidades*, até onde os *irmãos* eram bem poucos, mais pobres, mais perseguidos e mais desprezados. Vamos visitá-los. Onde quer que tenhamos anunciado *a palavra do Senhor*, voltemos e reguemos a semente semeada. Note que quem prega o evangelho deve visitar as pessoas a quem ele prega. Assim como temos de cuidar de nossa oração e ouvir que resposta Deus nos dá, também temos de cuidar de nossa pregação e examinar seus resultados. Os ministros fiéis não podem deixar de preocupar-se terna e particularmente por aqueles a quem eles anunciam o evangelho a fim de que os seus esforços não sejam inúteis (veja 1 Ts 3.5,6). 3. Qual era o propósito de *Paulo* com esta visita: *Para ver como estão* (v. 36), *pos echousi – como está com eles*. Não se tratava de mera visita de cortesia, nem ele ia empreender tamanha viagem para um simples: "Como vai?" Ele os visitaria para conhecer as circunstâncias em que viviam e lhes repartir dons espirituais conforme se adequassem às condições. Seria como o médico que visita seu paciente em recuperação para prescrever-lhe o que contribuirá para completar a cura e prevenir uma recaída. Vamos *ver como* eles *estão*, isto é: (1) De que espírito eles são, se permanecem animados e como se comportam. É provável que os apóstolos recebessem notícias freqüentes deles: "Mas vamos vê-los. Vejamos se eles estão firmes no que lhes anunciamos e se o vivenciam. Assim, nós nos empenharemos em corrigir os que estão se desviando, firmar os que estão vacilando e consolar os que estão firmes". (2) Em que estado eles estão, se as igrejas têm paz e liberdade, ou se estão passando por dificuldades ou aflições. Caso estejam alegres, nós nos alegraremos com eles e lhes falaremos sobre os perigos da segurança. Caso estejam tristes, nós choraremos com eles e os consolaremos aos pés da cruz. Assim, saberemos como orar melhor por eles.

II A discordância entre *Paulo* e *Barnabé* acerca de um assistente. Era conveniente haver um jovem com eles para acompanhá-los, servi-los e ser testemunha da *doutrina, modo de viver* e *paciência* destes dois apóstolos (2 Tm 3.10), e que, ao mesmo tempo, estivesse sendo preparado e treinado para outros serviços ao ser usado ocasionalmente neste serviço. 1. *Barnabé* queria que seu sobrinho *João, chamado Marcos* (v. 37), fosse com eles. Ele *aconselhava* levá-lo porque era seu parente. Tendo sido provavelmente criado por ele, *Barnabé* tinha um carinho especial pelo sobrinho e zelava pelo seu bem-estar. Desconfiemos da parcialidade e nos previnamos dela dando preferência a nossos parentes. 2. *Paulo* recusou o conselho de *Barnabé* (v. 38): *Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo* (*ouk exiou – ele não o considerou digno* de honra, nem adequado para o serviço) *aquele que* [...] *se tinha apartado deles*, ao que parece, furtivamente, sem o conhecimento deles, ou acintosamente, sem o consentimento deles, *desde a Panfília* (cap. 13.13). Ele *não os acompanhou naquela obra* porque ou era preguiçoso e não queria se esforçar como deveria, ou era medroso e não queria correr perigo. Ele se apresentou exatamente no momento em que os apóstolos se propunham a fazer outra viagem missionária. É provável que ele tivesse sido muito firme ao prometer que não agiria mais assim. Contudo, *Paulo* foi da opinião que não era justo ser honrado *aquele que* perdera a reputação, nem usado na obra *aquele que* traíra a confiança; pelo menos, não até que fosse experimentado por mais tempo. Se alguém nos engana uma vez, o erro é dele; mas, se nos engana duas vezes, o erro é nosso se confiarmos nele outra vez. Disse Salomão: *Como dente quebrado e pé deslocado*, que não podem ser usados com firmeza, *assim é a confiança no desleal, no tempo da angústia* (Pv 25.19).

III O resultado da discordância entre *Paulo* e *Barnabé*. O assunto chegou a tal extremo que tiveram de se separar. A *contenda*, o "paroxismo" (segundo a tradução literal da palavra grega), a exaltação dos ânimos a que ambos chegaram foi tão acentuada que *se apartaram um do outro* (v. 39). *Barnabé* foi categórico em afirmar que não iria com *Paulo* a menos que levassem *João Marcos*; e *Paulo* foi igualmente categórico em afirmar que ele não iria se *João Marcos* os acompanhasse. Considerando que nenhum dos dois cedia um milímetro sequer, não havia remédio para solucionar o problema, exceto a separação. Esse episódio é muito vergonhoso e extremamente lamentável, mas, ao mesmo tempo, é bastante instrutivo. Pois vemos: 1. Que os melhores homens são apenas homens sujeitos *às mesmas paixões que nós* (Tg 5.17), exatamente como esses mesmos dois bons homens haviam se expressado algum tempo antes (cap. 14.15). Essa situação conflitante comprovava a veracidade do que disseram. Duvido que os dois lados estivessem errados como geralmente ocorre nas discordâncias. Pode ser que *Paulo* houvesse sido muito severo com o jovem, pois não deu espaço para possíveis atenuantes da falta, não levou em conta a obra prestimosa que a mãe do rapaz fazia em Jerusalém (cap. 12.12) e nem respeitou o sentimento natural de *Barnabé*. Mas o erro de *Barnabé* foi haver levado tudo isso em consideração, quando os interesses do Reino de Cristo estavam em jogo. De fato, ele foi demasiadamente tolerante. E é cla-

ro que os dois estavam errados por permitirem que seus ânimos exaltados intensificassem a contenda (teme-se que se hajam agredido com palavras rudes) e ainda por cada um ser inflexível em sua opinião. É pena que não discutiram o assunto com uma terceira pessoa, ou que algum amigo não se colocou entre ambos para evitar que chegassem à separação. Será que não havia entre eles um irmão sensato para interferir com seus préstimos, resolver a questão e fazê-los lembrar que *os cananeus e os ferezeus habitavam, então, na terra* (Gn 13.7), e que entre eles não havia somente judeus e gentios, mas também falsos irmãos que se serviriam negativamente da briga entre *Paulo* e *Barnabé*? Temos de admitir que foi sua falha e que o episódio foi registrado para nossa advertência. Estaremos errando se usarmos isso para desculpar nossas próprias paixões e emoções imoderadas, ou para amenizar a contundência de nossa tristeza e vergonha de nosso comportamento impróprio. Não devemos dizer: "E que mal faz se estou indignado, se Paulo e Barnabé também ficaram?" Nada disso! O episódio serve para controlar nossa reprimenda aos outros e ser mais brandos. Se bons homens de um momento para o outro são levados pelas emoções, temos de tirar o melhor proveito dessa situação e considerar que esse foi um momento de fraqueza de dois dos melhores homens que o mundo jamais possuiu. O arrependimento nos ensina a sermos severos com nós mesmos; mas a caridade nos ensina a sermos imparciais com as pessoas. Só o exemplo de Cristo é o modelo sem ressalvas. 2. Que não devemos achar estranho que haja diferenças entre homens bons e sábios. Já fora predito que haveria tais escândalos, e aqui está um bom exemplo disso. Até os que estão unidos a um e mesmo Jesus e que estão sendo santificados por um e mesmo Espírito têm percepções, opiniões, visões e sentimentos diferentes sobre questões que requerem prudência. As coisas serão assim enquanto estivermos neste estado de escuridão e imperfeição. Nunca pensaremos de forma totalmente semelhante até que cheguemos ao céu, onde a luz e o amor são perfeitos. Essa é *a caridade* que *nunca falha* (1 Co 13.8). 3. Que estas diferenças prevalecem a ponto de, não raro, ocasionar separações. *Paulo* e *Barnabé*, que não se separaram pelas perseguições movidas pelos judeus descrentes nem pelas imposições dos judeus crentes, separaram-se por uma discordância pessoal e infeliz. Quanto dano e prejuízo o mundo e a igreja têm sofrido por causa de resquícios insignificantes e fracos de orgulho e sentimentos que se acham até em homens bons! Não se admira que as conseqüências sejam tremendamente fatais onde tais atitudes predominem.

IV O bem que saiu deste mal: *Do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte* (Jz 14.14). Se já era estranho que os sofrimentos dos apóstolos contribuíssem *para maior proveito do evangelho* de Cristo (Fp 1.12), o que diremos se as suas disputas também contribuíssem? Pois foi o que aconteceu aqui. Deus não permitiria tais coisas, se não tivesse em vista cumprir seus próprios fins. 1. Mais lugares foram visitados. *Barnabé* foi por um caminho: Ele *navegou para Chipre* (v. 39), a famosa ilha por onde a dupla apostólica começou os trabalhos evangelizadores (cap. 13.4) e era a terra natal de *Barnabé* (cap. 4.36). *Paulo* foi por outro caminho: Ele *passou pela Síria e Cilícia* (v. 41), sendo que a *Cilícia* era a terra natal de *Paulo* (cap. 21.39). Parece que cada um foi influenciado pelo sentimento de apego à sua terra nativa, como de costume (*Nescio quá natale solum dulcedine cunctos ducit – Há algo que nos prende todos à nossa terra natal*). Deus satisfez seus propósitos para difundir a luz do evangelho. 2. Mais trabalhadores foram usados no ministério do evangelho entre os gentios, pois: (1) *Marcos* (v. 39), que fora trabalhador infiel, não foi rejeitado, mas aceito novamente contra a opinião de Paulo. Pelo que sabemos, o jovem deu provas de ser um obreiro bastante útil e bem-sucedido, ainda que muitos estudiosos afirmem que ele não era o mesmo Marcos que escreveu o evangelho, fundou a igreja em Alexandria e a quem Pedro chama de *filho* (1 Pe 5.13). (2) *Silas* (v. 40), o novo trabalhador na obra e que nunca pensara em nada disso, exceto em voltar ao serviço da igreja em Jerusalém, caso Deus não lhe houvesse mudado a opinião (vv. 33,34), é apresentado e encarregado desse nobre trabalho.

V Outras observações sobre esse episódio entre *Paulo* e *Barnabé*. 1. A igreja em Antioquia apoiou *Paulo* no que fez. *Barnabé* [...] *navegou* (v. 39) com o sobrinho para *Chipre* e nada mais é mencionado a seu respeito, nem lhe é concedida uma *bene discessit – uma recomendação*. Note que aqueles que ao servirem a igreja se deixam levar por sentimentos e considerações pessoais perdem o direito à honra e respeito público. Mas, quando *Paulo* [...] *partiu* (v. 40), ele foi *encomendado pelos irmãos à graça de Deus*. Na opinião dos irmãos antioquianos, ele estava certo em recusar usar os serviços de *João Marcos*, e *Barnabé* era culpado por insistir nisso, mesmo sendo merecedor da bondade da igreja (cap. 11.22) antes de conhecer *Paulo*. Eles oraram publicamente por *Paulo* e seu sucesso ministerial, disseram-lhe palavras de ânimo para que prosseguisse na obra e, como não poderiam fazer nada mais para ajudá-lo, transferiram o assunto *à graça de Deus*, deixando que a *graça* trabalhasse nele e com ele. Veja que quem sempre está contente, sobretudo, em tempos de discordância e contenda, pode se comportar de modo a não perder o interesse que guarda no amor e orações de pessoas boas. 2. *Paulo*, mais tarde, não por refletir melhor, mas por outras comprovações, mudou de opinião sobre *João Marcos*. Escrevendo a Timóteo, diz: *Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério* (2 Tm 4.11). E, na carta que escreveu aos Colossenses, ordena que se *Marcos, o sobrinho de Barnabé*, fosse ter com eles, que o recebessem, acolhessem-no de bom grado e o usassem na obra (Cl 4.10). Aprendamos o seguinte com a atitude de *Paulo*: (1) Devemos condenar com moderação e muito equilíbrio espiritual aqueles a quem condenamos com justiça, porque pode ser que somente no futuro tenhamos motivo para opinar melhor sobre eles, para usá-los na obra e para sermos seus amigos. Devemos regular nossa indignação para que, caso isso ocorra, não nos envergonhemos da nossa atitude. (2) Devemos receber com alegria, perdoar, dar tarefas e, conforme a ocasião, falar bem daqueles a quem condenamos com justiça, se, mais tarde, mostrarem-se fiéis. 3. *Paulo*, embora sentisse falta de seu velho amigo *e companheiro*

na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo (Ap 1.9), continuou trabalhando com alegria: Ele *passou pela Síria e Cilícia* (v. 41), províncias que ficavam adjacentes a Antioquia, *confirmando as igrejas*. Embora mudemos de companheiros, não mudamos de líder. Veja que os ministros estão realizando uma grande obra e, assim compreendendo, devem-se satisfazer quando são usados para confirmar os que crêem e para converter os que não crêem.

Capítulo 16

Depois de ter deixado Paulo, soa como repreensão a Barnabé o fato de nada mais ser dito sobre ele – o que fez ou sofreu por amor a Cristo. Quanto a Paulo, depois da separação e de ter sido *encomendado pelos irmãos à graça de Deus* (cap. 15.39), os serviços que prestou por amor a Cristo são extensamente registrados. Neste capítulo, vamos acompanhá-lo indo de lugar em lugar fazendo o bem, quer regando quer plantando, ou começando um novo trabalho ou melhorando o que já fora feito. Aqui está: I. O começo das relações pessoais de Paulo com Timóteo. A separação de Timóteo como assistente de Paulo (vv. 1-3). II. A visita de Paulo às igrejas para confirmá-las (vv. 4,5). III. O chamado de Paulo para a Macedônia (depois de certa restrição que lhe foi imposta para ir a outros lugares). A ida de Paulo a Filipos, a principal cidade da Macedônia, com o acolhimento recebido (vv. 6-13). IV. A conversão de Lídia em Filipos (vv. 14,15). V. A expulsão de um espírito maligno de uma jovem (vv. 16-18). VI. A acusação, maus-tratos, aprisionamento e indignidades sofridos por Paulo e Silas por terem expulsado o espírito maligno (vv. 19-24). VII. A conversão milagrosa do carcereiro à fé cristã (vv. 25-34). VIII. A despedida honrosa de Paulo e Silas dada pelos magistrados (vv. 35-40).

Paulo Adota Timóteo

vv. 1-5

Paulo era um pai espiritual de grande envergadura. Aqui, ele adota espiritualmente Timóteo e cuida da educação de muitos outros filhos espirituais que, através do seu ministério, foram gerados para Cristo. Em todos estes procedimentos ele mostra que é um pai sábio e amoroso. Aqui está:

I *Paulo* aceita *Timóteo* em suas relações e o torna seu aluno. Um dos propósitos do Livro de Atos é ajudar-nos a entender as epístolas de *Paulo*, duas das quais são endereçadas a *Timóteo*. Era necessário que na história de *Paulo* houvesse alguns trechos narrativos sobre *Timóteo*. Este é um desses trechos narrativos. 1. *Timóteo* era *discípulo* (v. 1), um dos que pertenciam a Cristo, e foi batizado, provavelmente na infância, quando sua mãe se tornou *crente*, como a casa de Lídia foi batizada quando creu (v. 15). Sendo *discípulo* de Cristo, Paulo o tomou para ser seu *discípulo*, a fim de ensiná-lo mais detidamente no conhecimento e na fé de Cristo; ele o tomou para ser treinado para Cristo. 2. A mãe de *Timóteo* era originalmente *judia*, mas *crente* (v. 1). Ela se chamava *Eunice*, e o nome da *avó* do rapaz era *Lóide*. Paulo fala dessas duas mulheres com grande respeito, visto que se destacaram em virtude e devoção religiosa, e as elogia especialmente por não expressarem uma fé fingida (2 Tm 1.5), tendo aceitado e abraçado sinceramente a doutrina de Cristo. 3. O *pai* de *Timóteo* era *grego* (v. 1), um gentio. O casamento de uma judia com um homem gentio (embora alguns estudiosos afirmem que não faria diferença) era proibido tanto quanto o casamento de um judeu com uma mulher gentia: *Não darás tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos* (Dt 7.3). Não obstante, essa norma estava ao que parece restrita às nações que habitavam entre os judeus em Canaã, das quais o perigo de influência e contaminação era maior. Pelo fato de seu *pai* ser *grego*, *Timóteo* não foi circuncidado, já que o vínculo do concerto e o seu selo, como os outros vínculos dessa nação, passavam pelo pai e não pela mãe. Não sendo seu *pai* judeu, não lhe obrigaram a circuncisão, nem lhe deram o direito ao rito, exceto quando adulto e se manifestasse desejo disso. Mas, observe que embora sua mãe não conseguisse que ele fosse circuncidado na infância, porque o *pai* era de outra mentalidade e modo de vida, ela o educou no temor do Senhor, para que, mesmo desejando o sinal do concerto, ele não deixasse de desejar a coisa significada. 4. *Timóteo* adquirira um caráter muito bom entre os cristãos: Dele *davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio* (v. 2). Além de sua reputação ser imaculada e livre de escândalos, ele era brilhante. Muitos elogios lhe eram dados por ser jovem extraordinário e alguém de quem se esperava grandes coisas. As pessoas do lugar onde ele nasceu e os moradores das cidades circunvizinhas o admiravam e falavam dele com orgulho. Ele tinha boa fama por praticar o bem. 5. *Paulo* queria que *Timóteo* [...] *fosse com ele* (v. 3), que o acompanhasse, que estivesse a seu serviço, que recebesse seus ensinamentos e se unisse a ele no trabalho do evangelho – pregar no lugar dele quando houvesse ocasião e ser deixado para trás nos lugares onde ele já houvesse plantado igrejas. *Paulo* tinha um profundo amor por ele, não só porque era um jovem inventivo e de grande talento, mas porque era jovem sério e de sentimentos religiosos: *Paulo* sempre se lembrava das lágrimas do jovem (2 Tm 1.4). 6. *Paulo* tomou *Timóteo* e *o circuncidou* (v. 3), ou ordenou que o fosse. Era estranho. *Paulo* não se opusera ferrenhamente a quem era a favor de impor o rito da circuncisão nos convertidos gentios? Sim, se opusera. Nessa época ele já não tinha consigo os decretos do concílio de Jerusalém no qual manifestou opinião contrária a esse rito? Sim, já tinha. Contudo, ele circuncidou *Timóteo* não para obrigá-lo a guardar a lei cerimonial (que era o que pretendiam esses mestres ao querer impor a circuncisão), mas somente para tornar as relações sociais e o ministério do rapaz admissível e, quem sabe, aceitável entre os judeus que enxameavam aqueles rincões. Ele sabia que *Timóteo* tinha o potencial de fazer grande obra entre eles, estando admiravelmente qualificado para o ministério, se não mostrassem preconceitos con-

tra ele. Portanto, para que os judeus não se afastassem do jovem dizendo que ele estava imundo, porque era incircunciso, *Paulo* o tomou e o *circuncidou*. Assim, ele se fez *como judeu para os judeus, para ganhar os judeus* e se fez *tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns* (1 Co 9.20,22). O apóstolo era contra os que tornavam a circuncisão obrigatória para a salvação, mas ele a usou quando era conducente para a edificação; não foi implacável em opor-se ao rito, como eles foram em impô-lo. Nesse caso, ele não agiu de acordo com a letra do decreto, mas de acordo com o espírito, que era espírito de ternura e brandura para com os judeus e de boa vontade para conscientizá-los gradualmente dos seus preconceitos. *Paulo* não tinha a mínima dificuldade em tomar *Timóteo* por seu companheiro, mesmo sendo ele incircunciso. Mas os judeus não dariam ouvidos ao rapaz se ele o fosse. Por isso, o apóstolo cede aos judeus. É bem provável que tenha sido neste momento que *Paulo* impôs as mãos em *Timóteo* para lhe conferir o dom do Espírito Santo (2 Tm 1.6).

II *Paulo* confirma as *igrejas* que ele plantara (vv. 4,5): Ele ia *passando pelas cidades* (v. 4) *em que* havia anunciado *a palavra do Senhor*, como pretendia (cap. 15.36), para examinar o estado em que se encontravam.

1. *Paulo* e Silas *entregavam* às *igrejas* cópias dos *decretos* do sínodo de *Jerusalém* (v. 4) para lhes servirem de orientação no governo eclesiástico, terem o que responder aos mestres judaizantes e se justificarem por aderirem à *liberdade com que Cristo* as *libertou* (Gl 5.1). Todas as *igrejas* estavam interessadas nesses *decretos*, sendo, então, necessário que todos os autenticassem adequadamente. Embora *Paulo* tivesse circuncidado *Timóteo* por certa razão particular, ele não queria que isso abrisse um precedente: Ele entregava *os decretos* (v. 4) às *igrejas* [...] *para serem* religiosamente *observados*, porque tinham de aceitar e executar a regra e não serem desestimuladas por um exemplo particular.

2. Este serviço que *Paulo* e Silas faziam era muito bom para as *igrejas*. (1) *As igrejas eram confirmadas na fé* (v. 5). Elas *eram* particularmente *confirmadas* em sua opinião contra a imposição da lei cerimonial aos gentios. A firmeza e veemência com que os mestres judaizantes insistiam na necessidade da circuncisão, bem como os argumentos plausíveis que eles davam, abalaram as *igrejas*, de forma que começaram a vacilar a esse respeito. Quando elas viram o testemunho não só dos *apóstolos e anciãos* (v. 4), mas do Espírito Santo que neles estava, contra esse ensino, foram estabelecidas e não vacilaram mais tempo quanto a isso. Note que os testemunhos da verdade, mesmo que não consigam convencer os que se opõem a ela, podem ser utilíssimos para confirmar os que estão em dúvida e firmá-los. Não somente isso, mas quando esses *decretos* puseram de lado a lei cerimonial e as suas ordenanças carnais, as *igrejas* foram *confirmadas* em geral *na fé* cristã e ficaram mais seguras de que era de Deus, porque estabelecia um modo espiritual de servir a Deus muito mais adequado à natureza de Deus e do homem. O espírito de ternura e condescendência que se mostra claramente nestas cartas indicava que os *apóstolos e anciãos* estavam sob a orientação daquele que é o amor em pessoa. (2) *As igrejas* [...] *cada dia cresciam em número* (v. 5). A imposição do jugo da lei cerimonial nos convertidos era suficiente para afugentar as pessoas das *igrejas*. Se eles estivessem dispostos a se tornar judeus, há muito que o teriam sido, antes mesmo da chegada dos apóstolos. Se não havia meio de ter os privilégios cristãos sem se submeter ao jugo dos judeus, então eles prefeririam ficar como estavam. Se eles concluíssem que não havia perigo de serem escravizados dessa forma, então se sentiriam livres para aceitar o cristianismo e unir-se à igreja. E assim *as igrejas* [...] *cresciam em número* a *cada dia*. Não falhava um *dia* sem que uma ou outra pessoa se entregasse para Jesus. Todos que do fundo coração desejam promover a honra de Cristo, a prosperidade da igreja e a felicidade do povo alegram-se com esse aumento.

Paulo É Convidado a Ir para a Macedônia. A Conversão de Lídia

vv. 6-15

Nestes versículos, temos:

I As viagens de *Paulo* indo a todos os lugares para fazer o bem. 1. *Paulo* e Silas, seu companheiro, passaram *pela Frígia e pela província da Galácia* (v. 6) onde, ao que parece, o evangelho já havia sido plantado. O texto sacro não menciona se a obra evangelizadora fora de Paulo ou não. É provável que tivesse sido. Na Epístola aos Gálatas, ele fala de ter-lhes anunciado pela primeira vez o evangelho, em cuja ocasião ele fora muito bem recebido por eles (Gl 4.13-15). Essa epístola revela que os mestres judaizantes tinham causado muitos prejuízos às igrejas da *Galácia*, induzido os crentes gálatas contra *Paulo* e os afastado do evangelho de Cristo. Por essas razões, o apóstolo usa a carta para reprová-los com rigor e firmeza. Mas é claro que essa situação se instalou muito tempo depois da visita citada aqui. 2. *Paulo* e Silas *foram impedidos* neste momento *de anunciar a palavra na Ásia* (v. 6; província cujo nome está correto). Talvez fosse desnecessário o anúncio uma vez que havia outros obreiros trabalhando na região. Ou quem sabe as pessoas ainda não estavam preparadas para receber a mensagem cristã, como mais tarde a receberam(cap. 19.10): *Quando todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus* . Ou, como sugere o Dr. Lightfoot, naquele momento Jesus queria usar *Paulo* em um novo trabalho: *anunciar a palavra* a uma colônia romana em Filipos, visto que até aqui os gentios a quem ele havia pregado eram gregos. Os judeus odiavam mais particularmente os romanos que os outros gentios. Seus exércitos eram a *abominação da desolação* (Mt 24.15). É por isso que, entre outros fatores extraordinários, ele é impedido de *anunciar a palavra na Ásia* e em outras regiões: ficar livre para anunciar em Filipos. Esta ação de impedir e orientar dá a entender que em tempos vindouros a luz do evangelho seria dirigida mais para o oeste do que para o leste. Foi o *Espírito Santo* que os impediu. Ele o fez por sussurros secretos na mente de ambos os pregadores, os quais, quando trocaram idéias, perceberam que era e vinha do mesmo *Espírito*. Ou o *Espírito*

Santo usou profetas para falar com eles. A transferência de ministros e a distribuição das bênçãos por intermédio deles estão, de maneira particular, sob a direção e orientação divina. No Antigo Testamento, encontramos um ministro que foi impedido de anunciar a palavra: *Tu ficarás mudo* (Ez 3.26). Ezequiel não podia anunciar nada a ninguém em lugar nenhum. Mas os ministros neotestamentários são impedidos de *anunciar a palavra* apenas em um lugar, ao mesmo tempo em que são orientados a ir para outro onde há mais necessidade. 3. *Paulo* e Silas queriam *ir para Bitínia*, mas não tiveram permissão: *O Espírito de Jesus não lho permitiu* (v. 7). Eles *chegaram a Mísia* e, pelo visto, anunciaram o evangelho ali. Era uma província ordinária e infame, ensejando um inclusive um provérbio (*Mysorum ultimus*, em Cícero, significa *um homem mais desprezível*). Mesmo assim os apóstolos não fizeram pouco caso em não visitá-la. Eles se reconheciam devedores *tanto a sábios como a ignorantes* (Rm 1.14). Em *Bitínia* ficava a cidade chamada Nicéia, onde ocorreu o primeiro concílio geral contra o arianismo. Pedro endereçou sua primeira epístola a estas províncias (1 Pe 1.1). Havia igrejas prósperas naqueles lados. Mesmo que o evangelho não fosse anunciado a esses povos nesta ocasião, eles o ouviram o mais tardar na viagem de retorno destes dois pregadores. Observe que o entendimento e a inclinação desses pregadores lhes diziam que deviam *ir para Bitínia*. Mas, tendo métodos extraordinários de conhecer a vontade de Deus, se deixaram levar por ela, fazendo o oposto do que a vontade de cada um dizia. Temos de seguir a providência divina agora e nos submeter à orientação da coluna de nuvem e de fogo (Êx 13.21). Se não tivermos a permissão para fazer o que queremos fazer, devemos aquiescer e crer que isto é o melhor para nós. *O Espírito de Jesus* (expressão que está em tantas cópias antigas) *não lho permitiu*. Os servos do Senhor *Jesus* sempre devem estar sob a restrição e direção do *Espírito* do Senhor *Jesus*, por quem Ele governa a mente dos homens. 4. *Paulo* e Silas passaram *por Mísia* (v. 8), ou atravessaram essa província (segundo certos estudiosos), semeando a boa semente, podemos supor, enquanto prosseguiam viagem. Eles *desceram a Trôade*, a tão falada cidade de Tróia, ou as regiões adjacentes que receberam esse nome. Aqui havia uma igreja, conforme verificamos (cap. 20.6,7), provavelmente plantada nessa ocasião e em pouco tempo. Em *Trôade*, Lucas encontrou *Paulo* e se uniu à dupla de pregadores. Daqui em diante, na maior parte das vezes, quando ele fala das viagens de *Paulo*, coloca-se entre o número dos que o acompanhavam: "nós *procuramos*", "*nos chamava*", "nós *lhes anunciarmos*" (v. 10) e assim por diante.

II O chamado particular que *Paulo* recebeu para ir à *Macedônia*, quer dizer, a *Filipos, a principal cidade* (v. 12, versão NVI), habitada principalmente por romanos, segundo deduzimos (v. 21). Temos aqui:

1. A *visão* que *Paulo* teve (v. 9). *Paulo* tinha muitas visões, às vezes para encorajar, outras vezes, como aqui, para dirigi-lo no trabalho. Um anjo se apresentou diante dele para dizer-lhe que era da vontade de Jesus que fosse à *Macedônia*. Disse-lhe também que não se deixasse abater pelos impedimentos e proibições que se lhe ocorriam repetidamente pelos quais suas intenções eram interceptadas. Embora não fosse aonde queria ir, ele iria aonde Deus tinha trabalho para ele fazer. Agora observe: (1) A pessoa que *Paulo* viu. Eis que *se apresentava* (v. 9) diante dele *um varão* que, pelo traje ou dialeto, dava a entender que era *da Macedônia*, ou ele mesmo deu essa informação para *Paulo*. Segundo certos estudiosos, o anjo assumiu a forma de tal homem. Ou, como entendem outros, imprimiu na mente de *Paulo*, quando estava entre adormecido e desperto, a imagem de tal homem: ele sonhou que viu tal pessoa. Jesus desejava dirigir *Paulo* para a *Macedônia* não como os apóstolos foram dirigidos outras vezes por um mensageiro enviado do céu, mas por um mensageiro enviado diretamente do próprio lugar de destino. Desse modo, o apóstolo dirigiria depois os movimentos dos seus ministros, inclinando o coração daqueles que precisavam de ser animados. *Paulo* é chamado para ir à *Macedônia* por um *varão da Macedônia*, que fala em nome dos demais. Certos estudiosos entendem que este *varão* era o anjo tutelar da *Macedônia*, pois supõem que há anjos que têm a responsabilidade por certas regiões geográficas como há aqueles que cuidam das pessoas. Baseiam esta interpretação em Daniel 10.20, que fala sobre o *príncipe dos persas* e o *príncipe da Grécia* que parecem anjos. Mas não há certeza disso. Eis que se apresentou ou aos olhos ou à mente de *Paulo* um *varão da Macedônia*. O anjo não deve anunciar o evangelho aos macedônios, mas tem de levar *Paulo* a eles. Nem deve, pela autoridade de um anjo, ordená-lo que vá, mas deve, na pessoa de um macedônio, solicitá-lo que venha. Um *varão da Macedônia*, não um magistrado, muito menos um sacerdote (*Paulo* não estava acostumado a receber convites dessas pessoas), mas um habitante comum daquela província, um simples homem que trouxesse no semblante as marcas da probidade e seriedade, que não abordasse *Paulo* com brincadeiras nem o fizesse perder tempo com ninharias, mas que lhe solicitasse ajuda com sinceridade e toda determinação. (2) O convite feito a *Paulo*. Este macedônio honesto *lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos!* (v. 9), quer dizer: "Vem e anuncia-nos o evangelho. Queremos participar dos benefícios das tuas labutas". [1] "Tu tens ajudado muitas pessoas. Temos ouvimos falar de pessoas desta e daquela nacionalidade a quem tens sido muito útil. Por que não podemos ter participação nisso? Ó vem *e ajuda-nos!*" As bênçãos que as pessoas recebem do evangelho devem nos levar a aprofundar mais nossos conhecimentos do evangelho. [2] "O teu trabalho e o teu prazer são ajudar os perdidos. Tu és o médico dos doentes que sempre está pronto a atender o chamado de todo paciente. Vem *e ajuda-nos!*" [3] "Estamos precisando da tua ajuda tanto quanto outro povo. Nós, na Macedônia, somos tão ignorantes e desleixados em termos de religião como qualquer outro povo do mundo. Somos tão idólatras e depravados quanto qualquer um e tão engenhosos e diligentes em nos prejudicar como qualquer pessoa. Então, vem, vem até nós sem demora *e ajuda-nos! Se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos* (Mc 9.22)." [4] "Os poucos entre nós que têm algum senso das coisas divinas, e a mínima preocupação por suas almas e pelas almas dos outros têm feito o que podem para ajudar segundo a luz natural que possuem. Eu fiz a minha parte por alguém. Fizemos o

possível para persuadir nossos vizinhos a temer e adorar a Deus, mas pouco bem podemos fazer entre eles. Ó vem, vem *e ajuda-nos!* O evangelho que anuncias possui argumentos e poder acima do que conhecemos." [5] "Não nos ajude apenas com as tuas orações: isso não vai dar certo. Tu tens de vir e nos ajudar." Note que as pessoas têm grande necessidade de ajuda para que sejam salvas. O dever delas é procurar essa ajuda e convidar quem possa ajudá-las.

2. A interpretação da *visão* que *Paulo* teve: *Paulo*, Silas e Lucas concluíram *que o Senhor* os *chamava para* anunciar *o evangelho* na *Macedônia* (v. 10). Eles estavam prontos para ir onde quer que Deus os dirigisse. Note que podemos concluir que Deus nos chama quando uma pessoa nos chama. Se o *varão da Macedônia* diz: Vem *e ajuda-nos!*, Paulo então conclui que Deus diz: "Vá e ajude-os". Os ministros trabalham com grande alegria e ânimo quando percebem que Jesus Cristo os chama, não só para anunciar *o evangelho*, mas para anunciá-lo neste momento, neste lugar e a este povo.

III A viagem de *Paulo* para a *Macedônia* depois de ter tido esta *visão*: Ele *não* foi *desobediente à visão celestial* (cap. 26.19), mas seguiu a direção divina com muito mais alegria e com muito mais satisfação do que haveria tido se seguisse seus próprios planos ou idéias. 1. *Paulo* direcionou os pensamentos à *Macedônia*. Agora que ele conhece a vontade de Deus sobre o assunto, está determinado, pois era tudo o que ele queria. Agora ele não pensa mais na *Ásia* ou *Bitínia*, mas *logo* (ou "imediatamente", versão RA) *procuramos partir para a Macedônia* (v. 10). Foi somente *Paulo* que teve a *visão*, mas ele a comunicou a todos os seus companheiros, que, crendo nela, resolveram ir *para a Macedônia*. Assim como *Paulo* seguirá Cristo, todos os seus companheiros o seguirão, ou antes, seguirão Cristo com ele. Eles estão colocando as coisas em prontidão para partirem sem demora nesta expedição. Note que os chamados de Deus devem ser atendidos imediatamente. Como não devemos ficar discutindo nossa obediência, também não devemos dissuadi-la. Obedeçamos agora para que o nosso coração não se endureça. Observe que eles não puderam *partir* imediatamente *para a Macedônia*, mas imediatamente procuraram *partir*. Se não podemos ser tão prontos como gostaríamos em nossas realizações, podemos ser em nossos esforços, e isso será aceitável. 2. *Paulo* tomou o rumo da *Macedônia*. O apóstolo e seus companheiros embarcaram no primeiro navio e, com os primeiros bons ventos, partiram *navegando de Trôade* (v. 11), porque estavam inteiramente certos de que haviam feito o que tinham de fazer lá quando Deus os chamara para outro lugar. Eles foram *correndo em caminho direito*, fazendo uma viagem próspera *para a Samotrácia*. Dali, *no dia seguinte*, navegaram *para Neápolis*, cidade na fronteira entre a Trácia e a *Macedônia*. Por fim, aportaram em *Filipos* (v. 12), cidade chamada assim por causa do rei Filipe, da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. (1) *Filipos* era *a primeira cidade desta parte da Macedônia* (v. 12), ou, conforme outra leitura das palavras gregas, "a principal cidade daquele distrito" (versão NVI) *da Macedônia*. Foi a primeira cidade a que *Paulo*, Silas e Lucas chegaram depois que partiram de *Trôade*. Quando um exército planeja conquistar um país começa invadindo e conquistando o primeiro lugar ao qual chegam; foi o que fizeram *Paulo* e seus assistentes. Eles começaram com a *primeira cidade*, porque, se o evangelho fosse recebido ali, seria mais facilmente espalhado por toda a província. (2) *Filipos* era *uma colônia* (v. 12). Os romanos tinham uma guarnição na cidade, e os habitantes eram romanos, pelo menos os magistrados e a parte administrativa. A população era numerosa e diversa; portanto, a probabilidade de fazer o bem era alta.

IV A recepção fria que *Paulo* e seus companheiros tiveram em *Filipos*. Nossa tendência é supor que estando eles sob as ordens de Deus, deveriam ter sido muito bem recebidos, como aconteceu com Pedro quando o anjo mandou que Cornélio mandasse buscar o apóstolo. Onde estava o *varão da Macedônia* que implorou a *Paulo* ir para a *Macedônia* a toda pressa? Por que ele não reuniu seus compatriotas, pelo menos alguns, para irem dar-lhe as boas-vindas? Por que *Paulo* não foi apresentado numa reunião pública e com toda solenidade para receber as chaves da cidade? Não há nada semelhante a isto, pois: 1. Levou bom tempo até que *Paulo* e seus companheiros fossem notados: Nós *estivemos alguns dias nesta cidade* (v. 12). Estavam provavelmente em uma hospedaria pagando as despesas de próprio bolso, porque não conheciam ninguém que os convidasse que fosse para uma refeição, até que Lídia lhes desse as boas-vindas. Eles foram para a *Macedônia* o mais rápido que puderam, e agora que chegaram lá quase são tentados a pensar que poderiam ter permanecido tranqüilamente onde estavam. Mas as coisas aconteceram assim para prová-los e ver se agüentariam a dor do silêncio e da espera, depois de obedecerem às ordens divinas. Esses homens de destaque e prestimosidade não servem para viver neste mundo que não sabe ser desprezado e negligenciado. Os ministros não devem estranhar se, depois de serem convidados com insistência para irem a um lugar, quando chegam são tratados com reservas. 2. Quando *Paulo* e seus companheiros têm a oportunidade de anunciar o evangelho, o lugar é incerto e o grupo é pequeno e insignificante (v. 13). Pelo que depreendemos, não havia sinagoga em *Filipos* para lhes servir de porta de entrada, e eles nunca iriam aos templos de ídolos dos gentios para pregar ao público ouvinte. Depois de uma avaliação, descobriram que havia uma pequena reunião de boas mulheres, prosélitos da porta, as quais lhes ficariam muito gratas se pregassem um sermão. O lugar da reunião era *fora das portas* da cidade. Ali era tolerado esse tipo de reunião não permitida dentro dos muros da cidade. Era um local *onde* eles julgavam *haver um lugar para oração, proseuche – onde estava um oratório ou uma casa de oração* (conforme interpretam certos expositores), uma capela ou sinagoga menor. Mas prefiro entender, conforme lemos, que era *um lugar* dedicado à *oração* ou onde costumeiramente havia orações. Os que adoravam o verdadeiro Deus e não adorariam ídolos reuniam-se para orar e, de acordo com a descrição da devoção mais antiga e universal, invocar *o nome do Senhor* (Sl 116.13). Cada um orava separadamente todos os dias. Este sempre fora o há-

bito dos que adoravam a Deus. Além do mais, a reunião se dava *no dia de sábado*. Embora o grupo fosse pequeno e desacreditado pela cidade, a reunião ocorreu a certa distância e, ao que parece, somente com mulheres. Os adoradores de Deus têm de prestar culto solene por todos os meios possíveis *no dia de sábado*. Quando não pudermos fazer o que devemos, devemos fazer o que pudermos. Se não tivermos sinagogas, sejamos gratos por lugares mais reservados e recorramos a eles, *não deixando a nossa congregação* (Hb 10.25), conforme sejam nossas oportunidades. Este *lugar* ficava *para a beira do rio* que, talvez, foi escolhido para favorecer a contemplação. Os idólatras têm parte *nas pedras lisas dos ribeiros* (Is 57.6). Mas pode ser que tais prosélitos estivessem levando em conta o exemplo dos profetas que tiveram visões, um *junto ao rio Quebar* (Ez 1.1), e outro *à borda do grande rio Hidéquel* (Dn 10.4). *Paulo*, Silas e Lucas foram para esse *lugar* e se assentaram (*assentando-nos*) para instruir a congregação a fim de que todos orassem melhor com eles. Falaram *às mulheres que ali se ajuntaram*, incentivando-as nos aspectos práticos de acordo com a luz que elas tinham e levando-as a crescer no conhecimento de Jesus Cristo.

V A conversão de *Lídia*, a primeira pessoa a crer em Cristo, embora não a última. Essa história do Livro de Atos registra a conversão de lugares e de muitas pessoas. É tão grande o valor das almas que a conversão de uma única alma a Deus é um assunto de muita importância. Temos não apenas conversões que foram ocasionadas por um milagre, como a de *Paulo*, mas algumas que foram ocasionadas pelos métodos comuns da graça, como a de *Lídia*. Observe:

1. Quem era essa *mulher* que se converteu a ponto de sua história constar no Livro Santo. Quatro coisas são registradas acerca dela.

(1) O seu nome: *Lídia* (v. 14). É uma honra que o nome dela esteja registrado no Livro de Deus, de forma que sempre que as Escrituras forem lidas isso será dito a respeito dela (como em Mc 14.9). Note que os nomes dos santos são preciosos para Deus, e também deveriam ser para nós. Não podemos fazer com que os nossos nomes passem a constar na Bíblia. Mas, se Deus abrir o nosso coração, descobriremos que os nossos *nomes estão no livro da vida* (Fp 4.3), e *isto é ainda muito melhor* (Fp 1.23) e motivo de alegria muito maior (Lc 10.20).

(2) A sua profissão: *Lídia* era *vendedora de púrpura* (v. 14), ou de corante roxo, ou de tecido roxo ou seda roxa. Observe: [1] *Lídia* tinha uma profissão, uma profissão honesta a qual o historiador registra para elogiá-la. Ela não era dessas mulheres sobre as quais o apóstolo falou mais tarde, dizendo: *Aprendem também a andar ociosas de casa em casa; e não só ociosas, mas também paroleiras e curiosas, falando o que não convém* (1 Tm 5.13). [2] Era uma profissão corriqueira. *Lídia* era *vendedora de púrpura* (v. 14), mas não se vestia de *púrpura*, visto que poucas tinham tal privilégio. A menção da sua profissão mostra que quem trabalha em uma atividade honesta, se também é honesto em sua administração, não deve se envergonhar do que faz. [3] Embora *Lídia* tivesse uma ocupação especializada a dedicar-se, ela *servia a Deus* (v. 14), tendo tempo para buscar as bênçãos para a sua vida. Nossas atividades profissionais podem ser harmonizadas muito bem com nossas práticas religiosas, de modo que as primeiras não nos isentam das últimas, quer em casa, junto com a família, ou nos cultos solenes na igreja. Não há lugar para desculpas como: "Temos lojas para atender e um negócio para cuidar", pois não temos nós também um Deus para servir e uma alma para cuidar? A religião não nos retira de nossa profissão no mundo, mas nos dirige em todos os aspectos de nosso trabalho remunerado. Tudo a seu tempo e lugar.

(3) O seu lugar de origem: *Lídia* era da *cidade de Tiatira* (v. 14), que ficava muito longe de *Filipos*. Ela nasceu e foi criada em *Tiatira*, mas ou se casou em *Filipos*, ou sua atividade comercial a levou a instalar-se lá. Assim como a providência de Deus sempre determina, também muitas vezes remove os limites de nossa habitação (cap. 17.26). Dessa forma, a mudança de nossa condição exterior ou lugar de nosso domicílio torna-se maravilhosamente útil aos desígnios da graça divina no que tange à nossa salvação. A providência trouxe *Lídia* para *Filipos* de modo a ficar no campo de ação do ministério paulino. Quando ela se viu nessa situação, fez bom uso do que lhe era oferecido. Do mesmo modo, devemos aproveitar as oportunidades.

(4) A sua religião: Antes que *o Senhor* abrisse *o coração* de *Lídia* (v. 14). [1] *Lídia* [...] *servia a Deus* (v. 14) de acordo com o conhecimento que ela possuía. Ela era uma mulher religiosa. Não é incomum a graça de Deus trabalhar em indivíduos que, antes da conversão, eram ímpios e depravados, publicanos e meretrizes: *É o que alguns têm sido* (1 Co 6.11). Mas a graça também se concentra naqueles que eram de bom caráter, que tinham algo de bom neles, como o eunuco, Cornélio e *Lídia*. Note que não basta sermos servos de Deus, mas temos de ser crentes em Jesus Cristo, pois não podemos ir a Deus como Pai, senão por Jesus Cristo como Mediador. Os que serviam a Deus de acordo com a luz que tinham esperavam encontrar Cristo e sua graça, *porque àquele que tem se dará* (Mt 13.12), e receber Jesus de bom grado. Os que sabem o que é servir a Deus vêem que precisam de Jesus e sabem o que fazer com essa mediação. [2] *Lídia* [...] *ouvia* [...] *Paulo*, Silas e Lucas (v. 14). Onde se faziam orações e quando havia oportunidade, a palavra de Deus era anunciada. Ouvir a palavra de Deus faz parte do culto religioso. Que sentido faz esperar que Deus ouça as nossas orações se nós não ouvimos a sua palavra? Os que serviam a Deus de acordo com a luz que recebiam procuravam possuir mais luz. Nossa obrigação é melhorar *o dia das coisas pequenas* (Zc 4.10) sem qualquer acomodação.

2. Que obra foi feita em *Lídia*: *O Senhor lhe abriu o coração* (v. 14). Observe aqui: (1) O autor da obra. É *o Senhor* Jesus Cristo, a quem foi entregue esse julgamento – o Espírito do Senhor, aquele que santifica. Note que a obra de conversão é obra de Deus. É Ele quem *opera em* nós *tanto o querer como o efetuar* (Fp 2.13). Não que não tenhamos nada a fazer, mas isso significa que, de nós mesmos e sem a graça de Deus, não podemos fazer absolutamente nada. E também não é que Deus seja minimamente responsável pela perdição dos que perecem, mas significa que a redenção dos que se salvam deve ser atribuída inteiramente a Ele. (2) O

lugar da obra. É no *coração* que ocorre a mudança, que se dá a bênção da transformação. A obra foi feita no *coração* de *Lídia*. A obra de conversão é a obra do *coração*. Trata-se da *renovação* do *coração*, do *homem interior*, do *espírito do vosso sentido* (Rm 12.2; Ef 3.16; 4.23). (3) A natureza da obra. O *coração* de *Lídia* foi tocado e aberto. A alma inconversa está fechada e *rigorosamente fechada* contra Cristo, como estava a cidade de Jericó contra Josué (Js 6.1, versão RA). Quando Jesus está lidando com a alma, Ele bate à porta que está fechada (Ap 3.20). Quando o pecador é eficazmente convencido a aceitar Jesus, então seu *coração* é aberto para que o *Rei da Glória* entre (Sl 24.7) – o entendimento é aberto para receber a luz divina, a vontade é aberta para receber a lei divina e o sentimento é aberto para receber o amor divino. Quando o *coração* se abre para Jesus entrar, abrem-se os ouvidos para sua palavra, abrem-se os lábios na oração, abre-se a mão para as obras assistenciais e, de todas as maneiras, multiplicam-se os passos da obediência ao evangelho.

3. Quais foram os resultados desta obra feita no *coração* de *Lídia*. (1) *Lídia* prestou muita atenção à palavra de Deus. *O Senhor lhe abriu o coração para que* ela *estivesse atenta ao que Paulo dizia* (v. 14). Ela não só estava presente à pregação de *Paulo*, mas atendia às coisas que ele *dizia*. Ou, conforme lêem certos estudiosos as palavras gregas, "ela aplicava para si" o *que Paulo dizia*. A palavra só nos faz bem e nos comove profundamente quando a aplicamos em nós mesmos. Essa era evidência de que o seu *coração* fora aberto e, ao mesmo tempo, evidenciava a conseqüência dessa abertura. Sempre que o *coração* for aberto pela graça de Deus, haverá a evidência da presença diligente e atenção à palavra de Deus, tanto para o bem de Cristo, que é a palavra, quanto para o nosso próprio bem, que estamos tão intimamente interessados nela. (2) *Lídia* se entregou a Jesus Cristo e se submeteu ao rito da religião santa: Ela *foi batizada* (v. 15) e, por meio dessa cerimônia solene, aceita como membro da igreja de Cristo. Com ela *foi batizada* também *sua casa*, os que com ela eram crianças no seu regaço, pois *se a raiz é santa, também os ramos o são* (Rm 11.16), e os que foram criados por sua influência e autoridade. *Ela e a sua casa* foram batizadas pela mesma regra que Abraão e sua casa foram circuncidados, porque o selo do concerto pertence aos membros do concerto e seus descendentes. (3) *Lídia* foi bastante gentil com os ministros e desejava muito que a ensinassem mais *do que respeita ao Reino de Deus* (cap. 1.3): Ela *nos rogou, dizendo: "Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor* (v. 15), se me considerais uma cristã fiel e sincera, manifestai vossa confiança em mim através disso: *Entrai em minha casa e ficai ali*". Desta forma, *Lídia* desejava uma oportunidade: [1] Para testemunhar sua gratidão aos que haviam sido os agentes da graça divina nesta mudança bendita ocorrida nela. Quando o *coração* de *Lídia* foi aberto pelo *Senhor*, sua residência também foi aberta para seus ministros. Eles tiveram a mais calorosa recepção que ela pôde lhes dar, a qual, na sua opinião, não estava à altura daqueles de quem ela colhera bens espirituais com tanta abundância. Mas não foi só isso. Além de serem bem recebidos, ela foi extremamente insistente e importuna: Ela *nos constrangeu a isso* (v. 15). Essa informação dá a entender que *Paulo* estava muito relutante e hesitava em ir até lá, porque temia ser oneroso às famílias dos novos convertidos e procurava meios de propor *de graça o evangelho de Cristo* (1 Co 9.18; cap. 20.34). O apóstolo agia assim para que os de fora não criticassem os pregadores do evangelho, tachando-os de astuciosos e interesseiros, e os de dentro não reclamassem das despesas ligadas à religião. Mas *Lídia* não aceitava negativas. Ela não ia acreditar que a consideravam uma cristã sincera a menos que aceitassem seu convite. Como Abraão que convidou os anjos: *Se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo* (Gn 18.3). [2] *Lídia* desejava uma oportunidade para aprender mais com os ensinamentos dos pregadores. Se ela conseguisse fazer com que *Paulo*, Silas e Lucas passassem um tempo com sua família, poderia ouvi-los todos os dias (Pv 8.34) e não somente *no dia de sábado* na reunião à *beira do rio*. Em casa, além de ouvi-los, poderia fazer-lhes perguntas, e eles certamente orariam com ela diariamente, abençoando-lhe a família, os serviçais e os negócios. Os que sabem um pouco de Jesus desejam saber mais, e sempre estão atentos às oportunidades de entender cada vez mais o evangelho da graça e do amor de Deus.

A Expulsão de um Espírito Maligno. A Perseguição em Filipos

vv. 16-24

Durante certo tempo, *Paulo* e seus companheiros ficaram esquecidos em *Filipos*. Mas agora começam a ganhar notoriedade.

I *Uma jovem que tinha espírito de adivinhação* (v. 16) fez com que *Paulo*, Silas e Lucas fossem notados, pois proclamava que eles eram servos de Deus.

1. A história relatada sobre esta *jovem*: Ela era vidente, pois *tinha espírito de adivinhação* (v. 16) semelhante à jovem por quem os oráculos de Apolo em Delfos foram libertados. Na verdade, ela era movida por um espírito maligno que ditava respostas ambíguas àqueles que a consultavam. Servindo-se dessas palavras dúbias, ela satisfazia o desejo vão que essas pessoas tinham de saber o futuro, enganando-as. Naqueles tempos de ignorância, infidelidade e idolatria, Satanás, pela permissão divina, cativava os homens a seu bel-prazer. Ele não teria ganhado tal adoração dessas pessoas se não tivesse fingido dar-lhes oráculos, pois assim sua usurpação é mantida como o deus deste século. Esta *jovem*, [...] *adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores*. Muitos iam consultar essa feiticeira para descobrir roubos, achar coisas perdidas e, sobretudo, conhecer sua sorte. E ninguém a procurava sem que tivesse nas mãos as recompensas da adivinhação, de acordo com a posição da pessoa e a importância do caso. Provavelmente havia muitos que eram considerados adivinhos, mas, pelo visto, esta *jovem* tinha mais fama que todos. Enquanto os outros davam pouco lucro, esta *dava grande lucro aos seus senhores*, sendo consultada mais que qualquer outro.

2. O testemunho que esta *jovem* deu de *Paulo* e seus companheiros: Ela *saiu ao encontro* (v. 16) deles na rua, enquanto se dirigiam *à oração*, à casa de oração, ou antes, à obra de oração. Eles iam publicamente, todos sabiam para onde se dirigiam e o que fariam. Se o que ela realizou tinha a probabilidade de distrair-lhes a atenção ou impedir-lhes a obra, é visível como Satanás, o grande tentador, é astuto em aproveitar toda oportunidade para nos distrair quando estamos a ponto de praticar alguma atividade religiosa, irritando-nos e nos deixando de mau humor, justamente quando precisamos estar mais calmos, serenos e tranqüilos. Quando ela os encontrou, seguiu-os, clamando: "*Estes homens* (v. 17), por mais desprezíveis que pareçam e sejam considerados, são grandes *homens*, porque eles *são servos do Deus Altíssimo*. São *homens* a quem devemos receber de bom grado, porque *nos anunciam o caminho da salvação*, tanto a *salvação* que será nossa felicidade quanto o *caminho* para a *salvação* que será nossa santidade".

(1) Este testemunho é verdadeiro. É um elogio que abrange todos os fiéis pregadores do evangelho e lhes torna formosos (Rm 10.15). Embora *Paulo*, Silas e Lucas fossem *homens sujeitos às mesmas paixões* que nós (cap. 14.15) e *vasos de barro* (2 Co 4.7): [1] "Eles *são servos do Deus Altíssimo* (v. 17). Eles o servem, são usados por Ele e dedicam-se a honrá-lo como *servos*. Eles estão aqui porque foram enviados por Ele, a mensagem que trazem é divina e trabalham para os propósitos e interesses do seu Reino. Os deuses que nós, gentios, servimos são seres inferiores, portanto não são deuses. Mas *estes homens* pertencem à Deidade Suprema, ao *Deus Altíssimo*, que está acima de todos os *homens*, acima de todos os deuses. Foi Ele que criou a todos nós e é a Ele que todos devemos prestar contas. Eles são seus *servos*; portanto, é nosso dever respeitá-los e ouvi-los com muita atenção por causa do Senhor a quem eles servem, estando por nossa conta e risco se os ofendermos." [2] "Eles *nos anunciam o caminho da salvação* (v. 17)." Até os ímpios têm certa noção do estado deplorável e miserável da raça humana e da necessidade de *salvação*. Era exatamente essa *salvação* que tanto procuravam. "Agora", continuou ela, "*estes homens* são as pessoas que *nos anunciam* precisamente o que procurávamos e não encontrávamos. Eles nos mostram o que tanto insistíamos inútil e supersticiosamente que os nossos sacerdotes e oráculos nos dissessem." Note que Deus, no evangelho do seu Filho, nos anuncia claramente o *caminho da salvação*, contando-nos o que temos de fazer para sermos libertados da miséria à qual, pelo pecado, nos expusemos.

Mas: (2) Como explicar que este testemunho verdadeiro havia sido dado pela boca de alguém que possuía um *espírito de adivinhação*? Está Satanás dividido contra si mesmo? Ele aclamará as pessoas cuja função é enfraquecê-lo? Podemos entender este testemunho, ou: [1] Como extorquido deste *espírito de adivinhação* para honrar o evangelho pelo poder de Deus. O fato é semelhante ao demônio que foi forçado a dizer acerca de Jesus: *Bem sei quem és: o Santo de Deus* (Mc 1.24). Às vezes, a verdade é exaltada quando os adversários a confessam, pois assim testificam contra si mesmos. Jesus queria que o testemunho desta *jovem* se levantasse em juízo contra o povo de Filipos que desprezou e perseguiu os apóstolos. O evangelho não precisava de tal testemunho, mas é inegável que lhes aumentaria a honra se a *jovem*, a quem os filipenses consideravam um oráculo em outras coisas, proclamasse que os apóstolos eram *servos* de *Deus*. Ou: [2] Como designado pelo *espírito* maligno, a serpente ardilosa, para desonrar o evangelho. Certos estudiosos são da opinião de que a *jovem* visava a ganhar crédito para si e suas profecias. Ela aumentaria o lucro dos seus *senhores*, fingindo estar a favor dos apóstolos cuja fama, segundo pensava, estava em crescimento. Ou ela visava a bajular *Paulo* para que ele não a separasse do seu demônio familiar. Outros entendem que *Satanás*, que pode se transfigurar *em anjo de luz* (2 Co 11.14) e dizer qualquer coisa para atingir seus objetivos, tencionava destruir os apóstolos. Como se esses ministros fossem da mesma categoria profissional que esses adivinhadores, só porque receberam testemunho de uma adivinhadora. Assim, os habitantes de *Filipos* poderiam continuar mantendo-se fiéis aos adivinhadores. As pessoas que tinham mais propensão a receber a doutrina dos apóstolos eram as que não viam com bons olhos esses espíritos de *adivinhação*. Por conseguinte, com o testemunho desta *jovem*, elas também não estariam favoravelmente predispostas a receber o evangelho. E quanto às demais pessoas que consideravam os apóstolos adivinhadores, Satanás se julgava seguro delas.

II Jesus fez com que os pregadores do evangelho ganhassem notoriedade, dando-lhes poder para expulsar o demônio desta *jovem*. Ela fez esta proclamação *por muitos dias* (v. 18). Pelo visto, *Paulo* não lhe deu atenção, não sabendo que Deus ordenara que ela desse esse testemunho a respeito dos seus ministros para servir à causa divina. Mas achando talvez que ela os prejudicava e não os servia, logo a silenciou, expulsando-lhe o demônio. 1. *Paulo* ficou *perturbado* (v. 18). Aborrecia-lhe ver a *jovem* ser instrumento de Satanás para enganar as pessoas, e ver as pessoas enganadas pelas adivinhações que ela fazia. Era-lhe um transtorno ouvir a verdade santa ser profanada desse jeito e ouvir palavras boas saírem de boca tão má imbuída de tamanho desígnio ruim. Talvez as palavras fossem ditas em tom de gracejo e ironia, como a ridicularizar as pretensões dos apóstolos e debochar deles, semelhante ao que ocorreu quando os perseguidores de Cristo o saudaram com afetação: *Salve, Rei dos judeus!* (Mt 27.29). Era justo que o apóstolo de Cristo se sentisse *perturbado*, como o coração de todo homem bom ficaria ao ouvir a boa verdade de Deus ser proclamada pelas ruas em uma cantilena zombeteira. 2. *Paulo* ordenou que o *espírito* maligno saísse da *jovem*. Ele *voltou-se* (v. 18) com indignação santa, irritado com as lisonjas e repreensões do *espírito* imundo, e lhe disse: *Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela*. Com isso, ele quer mostrar a todos que *estes homens* [...] *são servos do Deus vivo* (v. 17; Dn 6.20) e podem provar que o são sem o testemunho dela. O silêncio da *jovem* proclamará esta verdade mais que as suas declarações. Assim *Paulo* verdadeiramente anuncia o *caminho da salvação* (v. 17), que é destruir o poder de Satanás e prendê-lo *para que mais não engane as nações* (Ap 20.3), e que é obter esta *salvação* apenas *em nome de Jesus Cristo*, pois ele expulsou o demônio neste *nome* e em nenhum outro. *Jesus* deu uma

grande bênção ao país quando, por uma palavra, expulsou os demônios daquele por meio de quem eles aterrorizavam as pessoas e as molestavam de forma *que ninguém podia passar por aquele caminho* (Mt 8.28). Mas *Paulo* fez uma bondade muito maior ao país quando, *em nome de Jesus Cristo*, expulsou o demônio de alguém que enganava as pessoas e ludibriava-lhes a credulidade. Poder foi junto com a palavra de Cristo, diante da qual Satanás não pôde permanecer; mas foi forçado a abandonar seu domínio que, neste caso, era uma fortaleza: O *espírito* maligno, *na mesma hora, saiu* (v. 18).

III Os *senhores* da *jovem* ficaram sabendo que os pregadores do evangelho expulsaram o demônio dela. Por terem considerado esse ato criminoso, eles *levaram* os pregadores *à presença dos magistrados* (v. 19). Os pregadores nunca teriam tido a oportunidade de falar com os *magistrados* se não tivessem sido trazidos *à presença* deles como criminosos. Observe aqui:

1. O que provocou esses *senhores* foi que a *jovem* foi curada: *Vendo seus senhores que a esperança do seu lucro estava perdida* (v. 19). Vemos aqui que *o amor do dinheiro* foi *a raiz* deste mal! (1 Tm 6.10). Se a pregação do evangelho levou à falência a profissão dos *ourives de prata* (cap. 19.24), muito mais a profissão dos adivinhadores. Essa é a razão do grande clamor levantado: o poder de Satanás para enganar foi arruinado. Os sacerdotes odiavam o evangelho porque afastava os homens do culto cego aos ídolos mudos, acabando com a *esperança* de *lucro*. O poder de Cristo, que se manifestou para exorcizar a moça, e a grande bondade que lhe foi feita, libertando-a do domínio de Satanás, não comoveram esses *senhores* quando se deram conta de que perderiam dinheiro.

2. A providência tomada pelos *senhores* da *jovem* para atiçar as mais altas autoridades contra os pregadores do evangelho, colocando-os no ponto de ser castigados: Eles *prenderam Paulo e Silas* (v. 19) enquanto iam ao momento *da oração* e, com extrema fúria e violência, *os levaram à praça* onde ocorriam os julgamentos públicos. (1) Eles *levaram* os pregadores diante *dos magistrados* (v. 19), *autoridades* (versão RA) judiciais ou os juízes de paz, para por meio deles os tratar como criminosos levados à justiça: os *duúnviros*. (2) Eles apresentaram os pregadores *aos magistrados* (v. 20), os *pretores* (versão RA) ou governadores da cidade, *tois strategois – os oficiais do exército*, este é o significado da palavra; mas ela é considerada em sentido geral para se referir a juízes ou administradores. Eles prestaram sua queixa a esses.

3. A acusação apresentada pelos *senhores* da *jovem* contra *Paulo e Silas*: são perturbadores da *cidade* (v. 20). Eles tinham por certo que *estes homens* eram *judeus*, nação que nessa época era uma abominação para os romanos assim como há muito tempo fora uma *abominação para os egípcios* (Gn 43.32; 46.34; Êx 8.26). O caso dos apóstolos era comovente, visto que serem *judeus* lhes era desonroso, ao mesmo tempo em que os próprios *judeus* eram os seus perseguidores mais violentos! (1) A acusação geral feita contra os pregadores do evangelho era que *perturbaram a nossa cidade* (v. 20), semearam discórdia, transtornaram a paz pública e ocasionaram revoltas e tumultos. Nada poderia ser mais falso e injusto, como a avaliação que Acabe fez da fama de Elias: *És tu o perturbador de Israel?* (1 Rs 18.17). Se eles perturbaram a cidade, foi como o anjo que agitou a água do tanque de Betesda (Jo 5.2-4) para que a agitação curasse e houvesse uma solução feliz. Assim os que despertam os preguiçosos são chamados perturbadores. (2) A prova dessa acusação é que os pregadores do evangelho *expõem costumes* impróprios de serem aceitos por uma colônia romana (v. 21). Os *romanos* sempre viam com muita desconfiança toda inovação no campo da religião. Certo ou errado, eles se manteriam fiéis – por mais fútil que fosse – ao que haviam recebido por tradição dos seus antepassados. Nenhuma nova deidade ou uma deidade estrangeira era permitida sem a aprovação do senado. Os deuses do seu país eram os seus deuses, quer fossem verdadeiros ou falsos. Esta era uma das leis das doze tábuas. *Houve alguma nação que trocasse os seus deuses*? (Jr 2.11). O ponto que irritou os *romanos* foi os apóstolos ensinarem uma religião que acabava com o politeísmo e a idolatria, anunciando-lhes também que se convertessem dessas vaidades. De modo nenhum os *romanos* suportariam isso: "Se esta novidade se propagar entre nós, em pouco tempo perderemos nossa religião".

IV Os *magistrados*, pelos seus procedimentos contra *Paulo e Silas*, fizeram com que os olhos de todos se voltassem para os pregadores do evangelho.

1. Por terem aprovado a perseguição, os *magistrados* suscitaram a turba contra *Paulo e Silas*: *A multidão se levantou unida contra eles* (v. 22) e estava pronta a despedaçá-los. Tratava-se de um artifício de Satanás fazer com que os ministros e o povo de Deus se tornassem detestáveis para a plebe, representando-os como homens perigosos que visavam a acabar com a situação das coisas e mudar os costumes, quando na verdade não havia base para tal acusação.

2. Por terem prosseguido com os trâmites legais, os *magistrados* deram a entender que *Paulo e Silas* eram criminosos vis: Eles lhes rasgaram *as vestes* (v. 22) com raiva e fúria, não tendo paciência até que fossem despidos para serem açoitados. O apóstolo se refere a esse fato quando narra que foram *agravados em Filipos* (1 Ts 2.2). *Os magistrados* [...] *mandaram açoitá-los com varas* como indolentes pelos lictores ou bedéis que serviam os pretores e sempre traziam consigo *varas* para esse propósito. Esta foi uma das três vezes que *Paulo* foi açoitado com *varas* de acordo com o costume romano, e sem se encontrar sob a limitação compassiva de o número de açoites não exceder quarenta como determinava a lei judaica. O texto sacro diz: *Havendo-lhes dado muitos açoites* (v. 23), sem contar quantos, porque eles lhes pareciam envilecidos (Dt 25.3). Nós pensaríamos que estes *muitos açoites* teriam bastado para saciar a crueldade dos *magistrados*. Tendo sido chicoteados, agora os pregadores do evangelho certamente seriam soltos. Mas nada disso aconteceu: Eles *os lançaram na prisão* com o claro propósito de levá-los a juízo e sentenciá-los à morte, ou por que tomariam tanto cuidado para evitar que fugissem? (1) Os juízes tornaram muita rigorosa a confinação de *Paulo e Silas* na cadeia: mandaram que o *carcereiro* [...] *os guardasse com segurança* (v. 23) e os vigiasse com cuidado, como se fossem homens perigosos

que se arriscariam a fugir ou estariam em conluio com indivíduos que tentariam libertá-los. Assim eles fizeram de tudo para tornar os pregadores do evangelho malquistos a fim de se justificarem do tratamento aviltante que lhes deram. (2) O *carcereiro* tornou a prisão de *Paulo e Silas* muito severa: *Tendo recebido tal ordem* (v. 24), embora fosse possível guardá-los com bastante *segurança* no *cárcere* exterior, *lançou-os no cárcere interior.* Ele percebeu que os *magistrados* tinham muito ódio desses homens e estavam inclinados a ser duro com eles. Querendo ganhar as boas graças deles, exerceu seu poder contra os prisioneiros com severidade máxima. Quando os *magistrados* são cruéis, não admira que os oficiais abaixo deles também o sejam. Ele *os lançou no cárcere interior*, no calabouço, no qual ninguém era posto exceto os criminosos condenados. Era um lugar escuro ao meio-dia, úmido, frio, sujo e, em todos os sentidos, desagradável e repulsivo. Talvez fosse igual ao calabouço no qual Jeremias foi lançado (Jr 38.6). E, como se não bastasse, ele *lhes segurou os pés no tronco.* Tendo possivelmente ouvido falar da fuga que os pregadores do evangelho fizeram de outra prisão, quando as portas estavam firmemente trancadas (cap. 5.18,19; 12.4-10), ele pensou que seria mais esperto que os outros carcereiros se prendesse *os pés* dos prisioneiros *no tronco. Paulo e Silas* não foram os primeiros mensageiros de Deus que tiveram *os pés* presos *no tronco.* Jeremias também foi tratado assim, inclusive publicamente, *na porta superior de Benjamim* (Jr 20.2). José teve os *pés* apertados *com grilhões* (Sl 105.17,18). Que tratamento severo os servos de Deus têm sofrido tanto nos dias antigos quanto nos últimos tempos! Veja *O Livro dos Mártires*, de John Fox, e leia sobre os mártires no tempo da rainha Maria.

Paulo e Silas na Prisão. A Conversão do Carcereiro Filipense

vv. 25-34

Nestes versículos, verificaremos que as intenções dos perseguidores de *Paulo e Silas* são frustradas e descontinuadas.

I Os perseguidores queriam desanimar e desencorajar os pregadores do evangelho, fazendo com que ficassem fartos da causa e cansados da obra. Mas veremos que eles estão bem dispostos e animados.

1. *Paulo e Silas* sentem-se entusiasmados, maravilhosamente entusiasmados. Jamais houvera pobres prisioneiros tão verdadeiramente alegres e nem um pouco preocupados com os maus-tratos recebidos ou a receber. Consideremos a situação deles. Entre os romanos, os pretores levavam presos à cintura varas, à frente, e machados, atrás, respectivamente as *fasces* e as *secures*. *Paulo e Silas* já haviam sentido a dor aguda das varas: *Os lavradores araram sobre* as costas deles; *compridos fizeram os seus sulcos* (Sl 129.3). As chicotadas que eles traziam nas costas estavam doendo muito, e não seria estranho se estivessem reclamando da crueza e ferida das costas e ombros. Mas isso não era tudo. Havia razão para eles temerem os machados. O Mestre foi primeiro açoitado e depois crucificado; e eles poderiam esperar o mesmo. Nesse entretempo, eles estavam no *cárcere interior* com *os pés no tronco* (v. 24) que, segundo opinam certos estudiosos, além de prendê-los, os feriram. Todavia, *perto da meia-noite* (v. 25), quando deveriam estar tentando, se possível, descansar um pouco, eles *oravam e cantavam hinos a Deus.* (1) *Paulo e Silas* [...] *oravam* (v. 25). *Oravam* a *Deus* para que os sustentasse e os consolasse nas aflições, para que os visitasse como fez com José na prisão e para que estivesse com eles. *Oravam* a fim de que suas consolações em Cristo fossem abundantes, como eram as suas aflições por Ele (2 Co 1.5). *Oravam* para que até as correntes que os prendiam e as chicotadas que receberam contribuíssem *para maior proveito do evangelho* (Fp 1.12). *Oravam* por aqueles que os perseguiam a fim de que *Deus* os perdoasse e lhes convertesse os corações. A hora não era a costumeira para oração, pois era *perto da meia-noite.* O lugar não era uma casa de oração, mas um calabouço. Mesmo assim, era adequado orar, e a oração era aceitável. Tanto nas trevas quanto das profundezas podemos clamar a *Deus.* Não há lugar, nem hora imprópria para a oração, se o coração se eleva a *Deus.* Os que são companheiros de sofrimento devem se unir em oração. *Está alguém entre vós aflito? Ore* (Tg 5.13). Não há problema, por mais doloroso que seja, que nos indisponha à oração. (2) *Paulo e Silas* [...] *cantavam hinos* (ou "louvores", versão RA) *a Deus* (v. 25). Eles louvavam a *Deus* porque em tudo temos de dar graças (1 Ts 5.18). Enquanto não nos faltar coração, nunca teremos falta de temas para louvar a *Deus.* E o que colocaria o coração de um filho de Deus em desacordo com este dever se um calabouço e um tronco não o colocaram? Eles louvavam a *Deus* porque foram *julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus* (cap. 5.41) e por haverem sido tão maravilhosamente sustentados e fortalecidos durante os sofrimentos. Com certeza, sentiram na alma as consolações divinas de maneira muito forte e doce. Eles não apenas louvavam a *Deus*, mas lhe *cantavam* louvores na forma de salmos, *hinos* ou cânticos espirituais, qualquer uma das composições de Davi, ou alguma composição moderna, ou uma de composição musical própria, *conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem* (cap. 2.4). Como é nosso dever que o aflito ore – e então, estando aflitos, eles oravam –, assim é nosso dever que o contente cante louvores (Tg 5.13) – e então, estando contentes no meio da aflição, contentes *segundo Deus* (2 Co 7.9), eles *cantavam* salmos. Esta é prova de que o cântico de salmos é uma ordenança do evangelho, devendo ser obedecida por todos os bons cristãos. Ela é instituída para expressão das alegrias em dia de triunfo e para ponderação e consolo das tristezas em dia de dificuldade. Era *perto da meia-noite* quando *cantavam* salmos, de acordo com o exemplo do querido salmista de Israel: *À meia-noite, me levantarei para te louvar* (Sl 119.62). (3) *Os outros presos* [...] *escutavam* (v. 25) as orações e cânticos de *Paulo e Silas.* Se os *presos* não os ouviam orar, pelo menos os ouviam cantar louvores. [1] Isso mostra quanto bem dispostos os pregadores do evangelho estavam para cantar louvores a *Deus.* Eles *cantavam* tão alto que, embora estivessem no calabouço, os cânticos eram ouvidos por toda a prisão: no *cárcere interior* (v. 24) e no *cárcere* exterior. *Cantavam* (v. 25) tão alto que

acordaram *os outros presos*, pois sendo quase *meia-noite*, supomos que todos estavam dormindo. Devemos cantar salmos de todo o coração. Os santos são chamados a cantar de alegria no seu leito (Sl 149.5). Mas a graça do evangelho amplia a ordem, dando-nos o exemplo desses que cantaram alegremente *no cárcere* e com *os pés* presos *no tronco* (v. 24). [2] Mesmo sabendo que os *presos os* escutariam, os pregadores do evangelho cantaram em voz alta, pois não tinham vergonha do seu Mestre ou do serviço dele. Devem os que cantam salmos no aconchego do lar alegar, como desculpa por omissão do dever, que temem que os vizinhos os ouçam, quando os que cantam canções profanas berram-nas a plenos pulmões sem se preocupar com quem os ouvem? [3] Os *presos* escutaram os cânticos prisionais dos pregadores do evangelho em preparação à bênção milagrosa que se lhes mostrariam a todos por causa de *Paulo e Silas*, pois *todas as portas* da prisão *se abriram* (v. 26). Essa consolação extraordinária de que ficaram cheios manifestou que aquele sobre quem eles pregavam era *a consolação de Israel* (Lc 2.25). Que os *presos* que queiram se opor a Ele ouçam e tremam diante dele; que os que são fiéis a Ele ouçam e triunfem, recebendo a consolação aludida aos *presos de esperança* (Zc 9.12).

2. Deus encorajou maravilhosamente *Paulo e Silas* com os fenômenos notáveis da sua presença entre eles. (1) *De repente, sobreveio um tão grande terremoto...* (v. 26). Não sabemos a magnitude do abalo sísmico, mas a força foi tão violenta *que os alicerces do cárcere se moveram.* Enquanto os *presos* estavam ouvindo com atenção as práticas devocionais que os pregadores do evangelho faziam à *meia-noite* e, talvez, rindo e zombando deles, o *terremoto* os deixou aterrorizados, convencendo-os que esses homens eram escolhidos dos céus, pois Deus os confirmou. Já vimos neste livro uma casa de oração ser sacudida em resposta às orações e como sinal de que Deus as aceitara (cap. 4.31). Dessa vez, é uma casa carcerária que é sacudida. O Senhor estava nestes dois terremotos para mostrar a sua indignação pelas afrontas cometidas contra os seus servos, para confirmar àqueles cuja confiança está na terra que é fraco e instável aquilo em que eles confiam e para ensinar às pessoas que, *ainda que a terra se mude*, nós *não temeremos* (Sl 46.2). (2) *Todas as portas* da prisão se escancararam, e as correntes de *todos* os *presos* se soltaram: *Logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos* (v. 26). Pode ser que quando ouviram *Paulo e Silas* orando e cantando salmos, os *presos* os admiraram e falaram respeitosamente sobre eles, chegando à mesma conclusão que da jovem: *Estes homens* [...] *são servos do Deus Altíssimo* (v. 17). Para recompensá-los e confirmá-los nessa boa opinião que tinham sobre os pregadores do evangelho, eles também tiveram participação no milagre: as suas *prisões*, ou "correntes" (versões NTLH e NVI), se soltaram. Assim como, tempos depois, Deus deu a *Paulo* todos quantos navegavam com ele (cap. 27.24), assim, agora, Ele lhe deu todos quantos estavam com ele na prisão. Com esse procedimento, Deus anunciou aos *presos*, como observa Grotius, que quando os apóstolos pregavam o evangelho eram bênçãos públicas para a humanidade, pois proclamavam a *liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos* (Is 61.1). *Et per eos solvi animorum vincula* – *e como por eles foram soltas as prisões das almas.*

II Os perseguidores queriam deter o progresso do evangelho para que ninguém mais o aceitasse. Eles desejavam acabar com a reunião de oração que ocorria à beira do rio para que nenhum coração mais fosse aberto naquele lugar. Mas eis que na prisão houve quem se convertesse. A casa prisional se transformou em lugar de reunião, onde se levantaram os troféus das vitórias do evangelho: o *carcereiro*, o próprio servo deles, se tornou servo de Cristo. É provável que alguns *presos*, se não todos, tenham se convertido. Com certeza o milagre ocorrido nos corpos, soltando-lhes as correntes, também ocorreu nas almas (veja Jó 36.8-10; Sl 107.14,15). Mas temos registrado somente a conversão do *carcereiro.*

1. O *carcereiro* tem medo de perder a vida, mas *Paulo* o tranqüiliza quanto ao seu temor. (1) O *carcereiro* acordou (v. 27). O tremor do *terremoto*, a abertura das *portas da prisão*, as expressões audíveis de alegria e espanto dos *presos*, quando no escuro perceberam que as correntes se soltaram, fez com que chamassem uns aos outros para contar o que havia acontecido: tudo isso era mais que suficiente para acordar o *carcereiro*, cuja função lhe exigia que não tivesse sono pesado. Tal despertamento do sono físico indicava o despertamento da consciência que dormia espiritualmente. O chamado do evangelho é: *Desperta, ó tu que dormes* (Ef 5.14), como dormia Jonas (Jn 1.6). (2) O *carcereiro* viu *abertas as portas da prisão* (v. 27), e supôs, como não poderia deixar de ser, que os *presos* haviam fugido. E agora, o que seria dele? Ele bem conhecia a lei romana neste caso: execução sumária. Os guardas de cujas mãos Pedro escapou foram justiçados logo em seguida à fuga (cap. 12.19). Estava de acordo com a lei do profeta: *A tua vida será em lugar de sua vida* (1 Rs 20.39,42). Os advogados romanos, depois disso, nas suas interpretações sobre a lei: *De custodia reorum – A custódia de criminosos* (que determina que o guarda deve sofrer o mesmo castigo que teria sido infligido no prisioneiro se ele o deixar escapar), tomam a devida atenção para excluir a fuga por milagre. (3) O *carcereiro*, apavorado, *tirou a espada* (v. 27) e ia *matar-se* a fim de evitar uma morte terribilíssima e ter uma morte infame e pomposa, porque ele sabia que seria responsabilizado por deixar os *presos* fugirem e não ter cuidado adequadamente. A *ordem* extraordinariamente severa que os *magistrados* lhe deram acerca de *Paulo e Silas* (vv. 23,24) levou-o a concluir que seriam igualmente severos com ele por ter deixado os *presos* escaparem. Os filósofos geralmente levavam em conta o suicídio. Sêneca o prescreve como o último recurso para quem está em extrema aflição. Os estóicos, a despeito da pretensa impassibilidade ante a dor e a adversidade, serviam-se desse expediente. E os epicureus, que se entregavam aos prazeres dos sentimentos, para evitar a dor preferiam acabar com ela. Esse *carcereiro* pensou que não haveria dano em adiantar a própria morte. Mas o cristianismo prova que isso não procede de Deus porque ele nos conserva fiéis à lei da nossa criação. O cristianismo reanima-a, obriga-a e a estabelece, força-nos a ser justos com nossa vida, ensina-nos a subme-

tê-la alegremente a nossas virtudes e educa-nos a ficar valentemente firmes nela contra nossas depravações. (4) *Paulo* deteve o *carcereiro* de atentar contra a própria vida: Ele *clamou com grande voz* (v. 28), não só para se fazer ouvir, mas para se fazer atender, *dizendo*: *Não te faças nenhum mal*; não executes nenhuma maldade contra ti mesmo. Todos os avisos da palavra de Deus contra o pecado, todas as aparências do pecado e todas as abordagens ao pecado têm esta tendência: "*Não te faças nenhum mal*. Homem, mulher, não te prejudiques, nem te arruínes. Não te firas, e então nada pode te ferir. Não peques, pois nada mais pode te ferir". Quanto ao corpo, o aviso é contra os pecados que o prejudicam diretamente, e o ensino que temos é aborrecer a nossa própria carne sem deixar de alimentá-la e sustentá-la (Ef 5.29). O *carcereiro* não precisa ter medo de ser chamado a prestar contas da fuga dos *presos*, porque *todos aqui estamos*. Era estranho que alguns não tivessem fugido, quando *todas as portas* da prisão se escancararam e as correntes que prendiam *todos os presos* se soltaram (v. 27). A estupefação deixou-os inertes e, estando cientes de que a soltura ocorrera em virtude das orações de Paulo e Silas, eles não se mexeriam a menos que os pregadores do evangelho se mexessem primeiro. Deus mostrou que tinha poder para prender-lhes os ânimos tanto quanto para soltar-lhes os pés.

2. O *carcereiro* tem medo de perder a alma, mas *Paulo* também o tranqüiliza quanto a isso. Uma preocupação o levou a outra muito maior. Tendo sido impedido de sair deste mundo às pressas, ele começa a refletir. Se tivesse prosseguido com seu intento, para onde a morte o teria conduzido? O que teria lhe acontecido no outro lado da morte? Essas são reflexões muito pertinentes para alguém que foi semelhante a *um tição tirado do fogo* (Zc 3.2), quando havia apenas um passo entre ele e a morte. Talvez a hediondez do pecado ao qual ele estava caindo tenha servido para alertá-lo.

(1) Fosse qual fosse a causa, o *carcereiro* ficou muito consternado. O Espírito de Deus, que foi enviado para convencer e ser-lhe o Consolador, aterrorizou-o e alarmou-o. Não sabemos se o *carcereiro* tomou o cuidado de fechar as portas da prisão. Pode ser que ele tenha se esquecido, como aconteceu com a mulher samaritana. Quando Jesus a impressionara convincentemente, ela *deixou* [...] *o seu cântaro* (Jo 4.28) e esqueceu-se do motivo de ter ido ao poço. Sem perda de tempo, o *carcereiro* pediu *luz*, *saltou dentro* (v. 29) do *cárcere interior* (v. 24) e se aproximou *todo trêmulo* (v. 29) de *Paulo e Silas*. Aqueles cujos pecados lhe são apresentados e convencidos de suas abominações não podem deixar de tremer ao perceberem a desgraça e morte a que fazem justiça. O *carcereiro*, tendo ficado *todo trêmulo*, dirigiu-se à pessoa certa, pois *Paulo* passara pela mesma situação. Outrora o apóstolo fora perseguidor de homens bons, como esse *carcereiro*, e lançara-os na prisão, tal qual este os mantinha. Mas quando se conscientizou do seu pecado, tremeu e ficou atônito (cap. 9.6). Por conseguinte, Paulo estava devidamente habilitado para falar com mais sensibilidade e afeto com o *carcereiro*.

(2) Nesta consternação, o *carcereiro* recorreu a *Paulo e Silas* em busca de alívio. Observe: [1] O *carcereiro* trata os pregadores do evangelho com muita reverência e respeito: Ele pediu *luz* (v. 29), porque eles estavam no escuro e para que todos vissem o pavor que lhe denunciava o rosto. Ele *se prostrou ante Paulo e Silas* como alguém muito surpreso diante da ruindade de sua condição e pronto a desabar sob a carga do seu medo por conta disso. Ele *se prostrou diante* deles como alguém que tinha em seu espírito uma admiração por eles, pela imagem de Deus neles e pela missão que receberam de Deus. Não é improvável que houvesse ouvido o que a *jovem* dissera sobre eles: *Estes homens* [...] *são servos do Deus Altíssimo* e *nos anunciam o caminho da salvação* (v. 17), pelo que expressou seu grande respeito por eles. *Prostrou diante* deles para pedir-lhes perdão, como penitente, pelas afrontas que lhes fizera, e para pedir-lhes conselhos, como suplicante, sobre o que deveria fazer. Ele lhes deu um título de respeito: *Senhores* (v. 30), *kyrioi – senhores, mestres*. Ainda há pouco o título era: "Enganadores" e "miseráveis", e era ele o mestre deles; mas agora é: *Senhores*, e são eles os mestres dele. A graça que converte muda o linguajar das pessoas para o linguajar de boas pessoas e bons ministros. E para os que são completamente convencidos do pecado, os próprios *pés* dos que trazem as boas-novas de Cristo são formosos, ainda que vergonhosamente estejam presos no *tronco*. [2] O *carcereiro* faz aos pregadores do evangelho uma pergunta muito séria: *Que é necessário que eu faça para me salvar?* (v. 30). Em primeiro lugar, agora ele se interessa por sua salvação, assunto que está bem perto do seu coração quando antes estava bem longe dos seus pensamentos. Não é: "*Que é necessário que eu faça para me* promover, enriquecer-me e ficar famoso no mundo?", mas: *Que é necessário que eu faça para me salvar?* (v. 30). Em segundo lugar, ele nada pergunta sobre os outros: "*Que é necessário que* eles façam", mas tão-somente no que lhe diz respeito: *Que é necessário que eu faça?* (v. 30). Ele está cuidando da sua alma preciosa: "Os outros que façam o que quiserem. Dizei-me vós *o que é necessário que eu faça*, que procedimentos devo tomar". Em terceiro lugar, ele tem certeza de que algo deve ser feito, e feito por ele, em prol de sua salvação. Ele sabe que não é uma coisa natural, uma coisa que acontecerá por si mesma, mas uma coisa pela qual temos de nos esforçar, nos esmerar e lutar. Ele não pergunta: "Que podeis fazer em meu favor?", mas: "*Que é necessário que eu faça* (v. 30), por estar agora em *temor e tremor*, para que eu opere a *minha salvação*?", como Paulo escreve em sua epístola à igreja de Filipos, da qual o carcereiro era membro, talvez em consideração a essa pergunta, dando a entender que ele tem de inquirir sobre a sua salvação (como ele faz aqui) e operá-la *com* santo *tremor* (Fp 2.12). Em quarto lugar, ele está disposto a fazer qualquer coisa: "Dizei-me *o que é necessário que eu faça* (v. 30) e prontamente eu a farei. *Senhores*, mostrai-me o caminho, mas que seja o caminho certo e seguro. Mesmo que seja estreito, espinhoso e difícil, eu o seguirei". Note que os que são convencidos de pecado e verdadeiramente interessados em sua salvação rendem-se incondicionalmente a Jesus Cristo, entregam-lhe um espaço em branco para Ele escrever o que quiser e se sentem felizes de ter Cristo nas condições estipuladas por Ele: Cristo sob qualquer condição. Em quinto lugar, ele está desejoso de saber o que fazer e pergunta a quem tem a resposta. *Se*

quereis perguntar; perguntai (Is 21.12). Os que dirigem o rosto para Sião têm de perguntar pelo caminho para chegar lá (Jr 50.5). Não podemos saber por conta própria, mas Deus nos diz na sua palavra, nomeia os seus ministros para nos ajudar a consultar as Escrituras e promete dar *o Espírito Santo àqueles que lho pedirem* (Lc 11.13), a fim de que seja o guia do *caminho da salvação* (v. 17). Em sexto lugar, ele os tirou *para fora* (v. 30) a fim de fazer-lhes esta pergunta. Ele não queria que a resposta fosse dada por coerção ou obrigação, mas que eles lha prescrevessem, embora fosse o carcereiro deles, com a mesma liberdade que eles a prescreviam aos outros. Ele os tira do calabouço na esperança de o tirarem de um calabouço muito pior.

(3) *Paulo e Silas* orientam o *carcereiro* muito prontamente sobre o que é necessário que ele faça. Eles sempre estavam prontos a responder tais perguntas. Mesmo que naquele momento sentissem frio, dor e sono, eles não adiaram esta causa a hora e lugar mais conveniente, nem o convidaram a ir ouvi-los pregar no próximo sábado no lugar de reunião junto ao lado do rio, quando então lhe dariam a resposta. Mas como diz o ditado: "A ferro quente malhar de repente", eles lhe responderam imediatamente enquanto tinha a mente aberta, para que a convicção não diminuísse. Agora que Deus começava a operar, era hora de eles se colocarem como cooperadores de Deus (2 Co 6.1). Eles não o repreenderam pelo tratamento rude e prejudicial que lhes dera e por ter feito mais do que a ordem recebida estipulava. Tudo isso é perdoado e esquecido. Eles estavam tão felizes em lhe mostrar o caminho para o céu quanto estariam para com o melhor amigo. Eles não o tripudiaram, embora estivesse *todo trêmulo* (v. 29). Eles lhe deram as mesmas orientações que davam aos outros: *Crê no Senhor Jesus Cristo* (v. 31). Alguém poderia pensar que deveriam ter dito: "Em primeiro lugar, arrepende-te de ter nos maltratado!" Não, isso é desconsiderado e facilmente ignorado, se ele tão-somente crer em *Jesus Cristo*. Esse é um exemplo para os ministros incentivar os penitentes: ir ao encontro dos que estão indo a *Cristo* e tomá-los pela mão, não para serem ásperos sobre alguma descortesia feita com eles, mas para buscar a honra de *Cristo* mais do que a própria. Essa é a suma do evangelho inteiro, o concerto da graça em poucas palavras: *Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa*. Aqui está: [1] A felicidade prometida: "Tu *serás salvo* (v. 31) da perdição eterna e levado à vida e bem-aventurança eternas. Embora tu sejas pobre, um guarda de cárcere, insignificante e de baixa condição social no mundo, nada disso te impedirá de seres *salvo*. Embora tu sejas grande pecador e perseguidor, todas as tuas hediondas transgressões te serão perdoadas pelos méritos de *Cristo*. O teu coração amargurado e endurecido será adocicado e amolecido pela graça de *Cristo*, e assim não morrerás por teu crime nem por tua doença". [2] A condição exigida: *Crê no Senhor Jesus Cristo* (v. 31). Temos de aceitar a narrativa que Deus faz no seu evangelho a respeito do seu Filho, e aceitá-la como *fiel e digna de toda aceitação* (1 Tm 1.15). Temos de aprovar o método que Deus escolheu para reconciliar consigo o mundo por meio de um Mediador, receber *Jesus Cristo* como Ele nos é oferecido e nos entregarmos para sermos governados, ensinados e salvos por Ele. Esse é o único e seguro *caminho da salvação* (v. 17). Não há outro *caminho* para a *salvação* exceto por *Jesus Cristo*, e nenhum outro modo de sermos salvos por *Jesus Cristo* senão crendo nele. Não há perigo de não alcançarmos a *salvação* se tomarmos esse *caminho*, pois é o *caminho* que Deus designou e Ele é fiel no que prometeu. Este é o evangelho que deve ser pregado a toda criatura: Quem crer, será salvo. [3] A salvação estendida à família: *E serás salvo, tu e a tua casa* (v. 31), quer dizer: "Deus será em *Cristo* um Deus para ti e para a tua descendência, como Ele foi para Abraão. *Crê* e a salvação irá para a *tua casa*, como ocorreu em Lucas 19.9. As crianças da *tua casa* serão aceitas na igreja visível e, assim, postas no *caminho* certo para a *salvação*. Os adultos receberão o meio de salvação e, mesmo sendo muitos, crendo em *Jesus Cristo* e eles serão salvos. Todos eles serão recebidos por *Jesus Cristo* nas mesmas condições".

(4) *Paulo e Silas* passam a instruir o *carcereiro* e sua família na doutrina de Cristo: Eles *lhe pregaram a palavra do Senhor* (v. 32). Pelo visto, ele nunca ouvira falar sobre Jesus Cristo, sendo necessário dizer-lhe quem era esse Jesus para que ele nele cresse (Jo 9.36). Tendo-lhe apresentado a essência do assunto em poucas palavras, logo bastou para batizá-lo em um culto racional. Os ministros de Cristo devem ter a *palavra do Senhor* na ponta da língua e habitando neles tão ricamente de modo a poder darem instruções improvisadas a todo aquele que desejar ouvi-las e recebê-las, para que sejam orientados no *caminho da salvação*. Eles falaram a *palavra* a ele *e a todos os que estavam em sua casa*. Os chefes de família devem tomar cuidado para que todos de *sua casa* participem dos recursos do conhecimento e da graça, e para que a *palavra do Senhor* lhes seja pregada. A alma dos serviçais mais pobres é tão preciosa quanto a dos patrões mais ricos, pois ambas foram compradas pelo mesmo preço.

(5) O *carcereiro* e sua família foram batizados nas águas imediatamente. Desta forma, eles entraram na religião cristã, sujeitaram-se às suas regras e tiveram acesso aos seus privilégios: Ele *logo foi batizado, ele e todos os seus* (v. 33). Eles declararam solenemente, como o eunuco, que eles criam que *Jesus Cristo é o Filho de Deus* (cap. 8.37). Nem ele ou um membro da família pediu um tempo para pensar se deveria ou não submeter-se ao rito batismal. Tampouco *Paulo e Silas* estipularam um prazo para pôr à prova a sinceridade dos batizandos e considerar se deveriam ou não batizá-los. O Espírito da graça operou uma fé tão forte e súbita neles a ponto de suplantar maiores investigações. *Paulo e Silas* souberam pelo Espírito que era obra de Deus operada nessa família filipense, de forma que não havia lugar para objeções. Este exemplo, contudo, não justifica precipitação em casos comuns.

(6) Agora o *carcereiro* trata *Paulo e Silas* com muito respeito, não sabendo o que fazer para ressarcir o mal que lhes fizera, e muito menos para retribuir a bondade que ele recebera deles: Ele os tomou *consigo naquela mesma hora da noite* (v. 33), não os deixando ficar sequer mais um minuto no *cárcere interior*. [1] Ele *lavou-lhes os vergões* (v. 33) para refrescá-los, diminuir-lhes a dor e limpá-los do sangue das chicotadas. Pode ser que ele tenha usado uma solução curativa, como fez o

bom samaritano, que limpou os ferimentos do homem ferido usando *azeite e vinho* (Lc 10.34). [2] Ele os levou *a sua casa* (v. 34), recebeu-os amavelmente no melhor compartimento que tinha e preparou-lhes a melhor cama. Do ponto de vista do *carcereiro*, agora nada era suficientemente bom para eles como antes nada era suficientemente mau. [3] Ele *lhes pôs a mesa* (v. 34), sem fazer conta de gastos, e os recepcionou, expressando, dessa forma, o acolhimento que sua alma dera ao evangelho. Eles haviam lhe pregado a *palavra do Senhor* e repartido o pão da vida com ele e sua família. Ele, tendo recolhido com tanta abundância as coisas espirituais que eles ofereciam, pensou que seria nada menos que justo que eles recolhessem as coisas carnais que ele lhes oferecia (1 Co 9.11). Para que temos casas e mesas senão como meios de servir a Deus e ao seu povo?

(7) A voz da alegria e da salvação se misturaram na *casa* do *carcereiro*. Nunca houvera naquela *casa* uma noite verdadeiramente alegre: *Na sua crença em Deus*, ele *alegrou-se com toda a sua casa* (v. 34). Não houve ninguém em sua *casa* que se recusasse a ser batizado e abalasse a harmonia vigente. Eles foram unânimes em aceitar o evangelho, fato que contribuiu para aumentar a alegria de todos. Ou pode ser lido: *Ele, crendo em Deus, regozijou-se por toda a sua casa – panoiki*, ele foi a todo compartimento da casa expressando sua alegria. Observe: [1] A *sua crença* [...] *no Senhor Jesus Cristo* é chamado a *sua crença em Deus*, dando a entender que o *Senhor Jesus Cristo* é *Deus* e que o desígnio do evangelho nem de longe é afastar-nos de *Deus* (dizendo: *Vamos após outros deuses* [...] *e sirvamo-los*, Dt 13.2), pois tem a tendência forte e direta a levar-nos a *Deus*. [2] A sua fé produziu alegria. Os que pela fé entregam-se a *Deus* em *Cristo* têm muitos motivos para se alegrar. Quando o eunuco se converteu, ele, *jubiloso, continuou o seu caminho* (cap. 8.39). Aqui o *carcereiro* [...] *alegrou-se*. O Antigo Testamento fala que a conversão das nações é a sua alegria (Sl 67.4; 96.11). Pois, é *crendo*, que *vos alegrais com gozo inefável e glorioso* (1 Pe 1.8). Crer *no Senhor Jesus Cristo* é alegrar-se *no Senhor Jesus Cristo*. [3] A sua alegria foi manifesta a todos os seus. Pela abundância de alegria que havia no coração, a boca falou para a glória de *Deus* e incentivou os outros a crer em *Deus* também. Quem experimenta as bênçãos da religião deve fazer o que puder para que outras pessoas também as experimentem. Um cristão alegre faz muitos outros.

Paulo e Silas São Libertados

vv. 35-40

Nestes versículos, temos:

I A ordem dos *magistrados* para a soltura de *Paulo e Silas* da prisão (vv. 35,36). 1. Os *magistrados*, que apenas um dia antes haviam maltratado os pregadores do evangelho de forma tão maldosa, deram ordens para que estes fossem soltos. A ordem de soltura foi dada bem cedo, assim que amanheceu o dia: *Sendo já dia* (v. 35). Esse detalhe mostra ou que entenderam que o terrível terremoto ocorrido à meia-noite tinha o objetivo de defender a causa dos *presos*, ou que se sentiram com a consciência pesada pelo que haviam feito, perdendo totalmente a paz de espírito. Enquanto os perseguidos estavam cantando com os pés presos no tronco, os perseguidores estavam se virando para lá e para cá na cama, angustiados. Eles se queixavam mais dos açoites na consciência do que os *presos* que receberam os açoites nas costas. Os *magistrados* tinham mais pressa de lhes conceder a soltura do que eles de requerê-la. Deus *fez com que* dos seus servos *tivessem misericórdia os que os levaram cativos* (Sl 106.46). *Os magistrados mandaram quadrilheiros, rabdouchous – os que tinham as varas*, os maceiros, os bedéis, os oficiais de justiça que os açoitaram, para que fossem e lhes pedissem perdão. A ordem era: *Soltai aqueles homens*. É provável que os *magistrados* tivessem planos de maltratá-los muito mais, porém Deus mudou-lhes o coração. Ele redundou a *cólera* destes homens em *louvor* a Ele, e restringiu *o restante da cólera* (Sl 76.10). 2. O *carcereiro* levou as notícias aos pregadores do evangelho: *Os magistrados mandaram que vos soltasse* (v. 36). Certos estudiosos entendem que logo cedo o *carcereiro* preparou um relato para os *magistrados* do que se passara em sua casa à noite, e assim obtivera a ordem de soltura dos *presos*. Foi com satisfação que o *carcereiro* conclui: *Agora, pois, saí e ide em paz*. Não é que ele estivesse desejoso de separar-se deles como convidados, mas sim como prisioneiros. Eles ainda são bem-vindos à sua casa, mas ele está alegre porque estão livres do tronco. Deus, por sua graça, podia facilmente ter convertido tantos os *magistrados* quanto o *carcereiro* e os levado à fé e ao batismo; mas *escolheu Deus aos pobres deste mundo* (Tg 2.5).

II A réplica de *Paulo* se prende à infração de privilégio da qual os *magistrados* eram culpados (v. 37). Paulo disse aos *quadrilheiros*: "Eles *açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão* (v. 37) contra toda a lei e a justiça, *e agora, veladamente, nos lançam fora*, achando que assim nos indenizam pelas feridas que em nós deixaram? *Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora*, os próprios que nos trataram injustamente". É provável que os *magistrados* suspeitassem que fossem *romanos*, e quando as suspeitas se confirmaram, perceberam que a fúria os levara muito além dos limites da lei. Foi por essa a razão que deram ordens para soltá-los.

1. *Paulo* não fez essa objeção antes de ser açoitado, embora pudesse tê-los prevenido disso, para que não parecesse que tinha medo de sofrer pela verdade que pregava. Túlio, em um dos seus discursos contra Verres, fala de certo Ganius a quem Verres ordenou que fosse açoitado na Sicília. Enquanto Ganius estava sendo chicoteado, ele clamava nada mais que: *Civis Romanus sum – Eu sou cidadão de Roma*. Não foi o que *Paulo* fez. Ele possuía formas mais nobres de consolação.

2. *Paulo* fez essa objeção depois para exaltar seus sofrimentos e honrar a causa pela qual ele sofria. Com isso, desejava que o mundo soubesse que os pregadores do evangelho não eram homens desprezíveis, como eram comumente considerados, e que mereciam ser mais bem tratados. Ele também agiu assim para abrandar o ânimo dos *magistrados* em relação aos cristãos em Filipos, para

obter melhor tratamento geral para esses crentes e para gerar nas pessoas uma opinião mais favorável da religião cristã. Quando as pessoas vissem que *Paulo* tinha a lei a seu favor e não os *magistrados*, perceberiam que ele poderia tê-los processado e os chamado para prestar contas do que haviam feito. O apóstolo, todavia, não se aproveitou disso: o nome pelo qual ele fora chamado seria grandemente honrado. Agora aqui:

(1) *Paulo* informa os *magistrados* sobre as muitas vezes que infringiram a lei, mostrando que ele bem a conhecia. [1] Os *magistrados* açoitaram os pregadores do evangelho que eram *homens romanos* (v. 37). Certos estudiosos acham que *Silas* também era cidadão romano como *Paulo*. Outros não pensam dessa forma. *Paulo* era cidadão, e *Silas*, seu companheiro. Tanto a *lex Porcia* quanto a *lex Sempronia* proibiam expressamente *liberum corpus Romani civis, virgis aut aliis verberibus caedi – o corpo livre de um cidadão romano ser açoitado com varas ou de outra maneira*. Os historiadores romanos citam exemplos de cidades que tiveram suas concessões especiais revogadas em virtude de afrontas cometidas contra cidadãos romanos. Tempos mais tarde, *Paulo* serve-se novamente desse argumento (cap. 22.25,26). Dizer-lhes que haviam açoitado os mensageiros de Cristo e os prediletos dos céus jamais os teria influenciado. Mas lhes dizer que haviam maltratado cidadãos romanos os deixava apavorados. Era muito comum as pessoas terem mais medo da ira de César do que da ira de Cristo. Quem afronta um romano, um cavalheiro, um nobre, embora sem o saber e por engano, julga-se preocupado em clamar: *Peccavi – Eu errei*, e se sujeita à punição. Mas quem persegue um cristão, porque pertence a Cristo, prossegue em seus procedimentos e julga que pode fazê-lo despreocupadamente, mesmo que Deus tenha dito acerca dos que lhe pertencem: *Aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho* (Zc 2.8), e que Jesus nos tenha advertido sobre o perigo de *escandalizar um destes pequeninos* (Mt 18.6). [2] Os *magistrados* açoitaram os pregadores do evangelho *sem* serem *condenados* (v. 37), *indicta causa – sem uma audiência justa*; eles não averiguaram com calma e isenção de ânimo as acusações levantadas contra os pregadores, muito menos investigaram o que tinham a lhes dizer. Trata-se de uma regra universal de justiça: *Causa cognita possunt multi absolvi, incognita nemo condemnari potest – Muitos podem ser absolvidos por terem tido uma audiência, ao passo que sem audiência ninguém pode ser condenado*. Os servos de Cristo não teriam sido maltratados se eles e a sua causa houvessem obtido pelo menos um julgamento imparcial. [3] Os *magistrados* açoitaram os pregadores do evangelho *publicamente* (v. 37). Esse agravamento aumentava a desgraça dos sofredores cristãos e evidenciava o desafio ousado dos juízes à justiça e à lei. [4] Os *magistrados* lançaram os pregadores do evangelho *na prisão* (v. 37). Eles não apresentaram o motivo da ordem de prisão, tendo-os prendido de maneira arbitrária por meio de uma ordem verbal. [5] Agora os *magistrados* querem soltar os pregadores do evangelho *encobertamente* (v. 37), em segredo. Eles tiveram o descaramento de não assumir o que haviam feito e não tiveram a honestidade de admitir que estavam errados.

(2) *Paulo* insiste que os *magistrados* admitam o erro cometido contra eles e os soltem publicamente. Assim, a ordem de soltura se tornará honrável à proporção que eles tornaram os pregadores do evangelho uma desgraça pública, o que tornou o episódio mais infame: "*Venham eles mesmos e tirem-nos para fora* (v. 37) e testemunhem a nossa inocência, pois não fizemos nada merecedor de açoites e correntes". Não era por questão de honra que Paulo estava sendo inflexível, mas uma questão de justiça, e não tanto para si mesmo quanto para a causa que advogava: "*Venham eles mesmos e* silenciem os clamores das pessoas, confessando que nós não somos perturbadores da cidade" (v. 20).

III A submissão dos *magistrados* e a inversão do julgamento feito contra *Paulo e Silas* (vv. 38,39). 1. Os *magistrados* [...] *temeram, ouvindo* (v. 38; embora possivelmente já soubessem) que *Paulo* era romano. Eles tinham medo que os amigos do apóstolo informassem o governo sobre o que haviam feito, e assim passassem maus momentos. Os procedimentos dos perseguidores foram, em sua maioria, ilegais, até de acordo com a lei das nações, e freqüentemente desumanos, contra a lei da natureza, mas em todo o tempo vis e contra a lei de Deus. 2. Os *magistrados* foram e *dirigiram súplicas* (v. 39) aos pregadores do evangelho para que não se servissem da lei contra eles, não fizessem caso da ilegalidade que eles lhes haviam cometido e não se falasse mais nisso. Eles os tiraram *para fora* da prisão, admitindo que foram aprisionados injustamente, e *lhes pediram que saíssem* em paz e em silêncio *da cidade*. Isso nos lembra que faraó e os seus servos, que tinham desafiado Deus e Moisés, inclinaram-se diante de Moisés, *dizendo: Sai tu* (Êx 11.8). Deus pode fazer com que os inimigos do seu povo se confundam em sua inveja e inimizade contra ele (Is 26.11). Jerusalém às vezes se torna uma pedra pesada para os que a carregam, da qual eles se livram com alegria (Zc 12.3). Se o arrependimento de tais *magistrados* houvesse sido sincero, eles não teriam desejado que os pregadores do evangelho *saíssem da cidade* (como os gadarenos desejaram se livrar de Jesus), mas teriam insistido que permanecessem na *cidade* para lhes mostrar o *caminho da salvação*. Contudo, muitos advogam que não se deve forçar o cristianismo sobre quem ainda não está convencido de que deve aceitá-lo. Aqui, os *magistrados* são compelidos a honrar a Jesus e os seus servos, a adorar prostrados aos seus pés e a saber que Jesus os ama (Ap 3.9). Mas não chegam a ser abençoados por Jesus ou a ter parte no seu amor.

IV A partida de *Paulo e Silas* de Filipos (v. 40). Eles saíram da *prisão* quando foram legalmente soltos, e não até então, mesmo tendo sido ilegalmente encarcerados. Então: 1. Os pregadores do evangelho se despediram dos seus amigos: Eles *entraram em casa de Lídia* (v. 40), onde provavelmente os discípulos tinham se reunido para orar por eles, *e, vendo os irmãos*, ou os visitando nas suas respectivas habitações (o que não levou muito tempo, pois eram muito poucos), eles *os confortaram*, contando-lhes (segundo consta em certo antigo comentário grego) o que Deus fizera por intermédio deles e como os protegera na *prisão*. Eles os exortaram a aproximar-se cada vez mais de Jesus e a se manter fir-

mes na confissão da fé, sob quaisquer dificuldades por que passassem, garantindo-lhes que tudo terminaria bem, eternamente bem. Devemos proferir palavras de apoio e ânimo aos novos convertidos, *porque a alegria do Senhor* lhes será de tremenda *força* (Ne 8.10). 2. Os pregadores do evangelho deixaram a *cidade* de Filipos: *Depois* eles *partiram* (v. 40). Fico me perguntando se deveriam ter ido embora. Agora que receberam essa honrosa soltura de prisão, por certo poderiam ter permanecido ao menos por mais algum tempo trabalhando sem perigo. Mas suponho que foram embora segundo o princípio do Mestre: *Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue, porque para isso vim* (Mc 1.38). *Paulo e Silas* tiveram um chamado extraordinário para ir a Filipos. Tendo chegado lá, eles vêem poucos resultados da sua labuta e logo são expulsos da cidade. Mas não foi inútil o que fizeram naquele lugar. Embora o princípio fosse, na verdade, pequeno, o *último estado crescerá em extremo* (Jó 8.7). Agora eles puseram a fundação da igreja em Filipos, que se tornou célebre, gerou bispos, diáconos e crentes que foram mais generosos com *Paulo* do que quaisquer outros de outras igrejas, como nos informa a sua Epístola aos Filipenses (Fp 1.1; 4.15). Os ministros não devem desanimar, mesmo que não vejam o resultado dos seus labores. A semente semeada parece que não vingou debaixo da terra, mas no devido tempo brotará e dará uma colheita abundante.

Capítulo 17

Neste capítulo, temos mais relatos sobre as viagens de Paulo, seus serviços e sofrimentos por amor a Cristo. Ele não era como uma vela em cima da mesa, que ilumina somente um ambiente, mas como o sol, que viaja em seu circuito e ilumina a muitos. O apóstolo foi chamado para ir à Macedônia, uma província grande (cap. 16.9). Ele começou em Filipos, porque era a primeira cidade a que chegou. Mas ele não se limitaria exclusivamente a essa cidade. Temos aqui: I. Sua pregação e perseguição em Tessalônica, outra cidade da Macedônia (vv. 1-9). II. Sua pregação do evangelho em Beréia, onde ele encontrou um público receptivo à mensagem, mas foi expulso de lá também por perseguição (vv. 10-15). III. Seu discurso em Atenas, a famosa universidade da Grécia (vv. 16-21), e a narrativa dele sobre a religião natural para convencer aqueles que estavam habituados ao politeísmo e idolatria e para conduzi-los ao cristianismo (vv. 22-31), juntamente com o sucesso deste sermão (vv. 32-34).

Paulo e Silas em Tessalônica

vv. 1-9

As duas epístolas de Paulo aos Tessalonicenses, as primeiras duas que ele escreveu por inspiração divina, apresentam características tão ilustres desta igreja, que só nos resta alegrar-nos por termos na história descrita por Lucas um relato da fundação dessa igreja. Aqui está:

I A chegada de *Paulo* a *Tessalônica*, que era a principal cidade desta província, chamada atualmente Salônica, nos domínios turcos. Observe: 1. *Paulo continuou* com seus trabalhos, a despeito dos maus-tratos recebidos em Filipos. Ele não abandonou a obra, nem esmoreceu. Ele menciona este fato na primeira epístola a esta igreja: *Havendo primeiro padecido e sido agravados em Filipos, como sabeis, tornamo-nos ousados em nosso Deus, para vos falar o evangelho de Deus* (1 Ts 2.2). A oposição e perseguição enfrentadas deixaram-no mais resoluto. Repare no que o impulsionou. Ele nunca poderia ter resistido e persistido, como fez, se não tivesse sido incitado pelo espírito de poder proveniente do alto. 2. *Paulo* passou pelas cidades de *Anfípolis e Apolônia* (v. 1), a primeira ficava perto de Filipos, e a última, de *Tessalônica*. Não há dúvida de que ele estava sob direção divina, e o Espírito (que, como o vento, *assopra onde quer*, Jo 3.8) lhe dizia por qual lugar deveria passar e ao qual chegar. *Apolônia* era uma cidade da província do Ilírico. Pensam certos estudiosos que *Paulo*, quando afirmou que tinha pregado o evangelho *desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico* (Rm 15.19), queria dizer até às fronteiras do Ilírico, onde estava agora. Supomos que mesmo escrito que ele passou por estas cidades, podemos entender que permaneceu ali o tempo suficiente para divulgar o evangelho e preparar o terreno para a vinda de outros ministros, os quais enviaria depois.

II A pregação de *Paulo* primeiramente para os *judeus* na *sinagoga* em *Tessalônica* (v. 1). Por ter encontrado *uma sinagoga de judeus* ali, sugere que a razão de não haver permanecido muito tempo nas duas outras cidades mencionadas era porque não havia nelas uma *sinagoga*. Tendo achado uma em *Tessalônica*, começou por ali a obra evangelizadora. 1. *Paulo* [...] *tinha por costume* (v. 2) iniciar com os *judeus* para fazer-lhes a primeira oferta do evangelho. Ele não se voltava aos gentios até que os *judeus* tivessem recusado a oferta, para que não tivessem o que lhe dizer por estar pregando aos gentios. Se os *judeus* recebessem o evangelho, aceitariam os novos convertidos com alegria; caso o recusassem, seriam os únicos responsáveis pelo fato de os apóstolos o levarem a quem o recebesse de bom grado. A ordem de começar em Jerusalém foi interpretada acertadamente como orientação geral para que, aonde quer que os pregadores do evangelho chegassem, eles começassem pelos *judeus*. 2. *Paulo* foi à *sinagoga* no sábado (v. 2), no local e dia de reunião dos *judeus*, dessa forma mostrando respeito por ambos. Sábados e reuniões solenes sempre são muito preciosos às pessoas para quem Jesus é precioso (Sl 84.10). É bom estar na casa do Senhor no seu dia. Este era o *costume* de Jesus, o *costume* de *Paulo* e o *costume* de todos os santos, o jeito certo e bom de fazer as coisas. 3. *Paulo* [...] *disputou com* [*os judeus*] *sobre as Escrituras* (v. 2). Eles aceitavam as *Escrituras* do Antigo Testamento, e, neste ponto, os dois lados eram da mesma opinião. Mas, por aceitar as *Escrituras*, eles pensavam que tinham razão em rejeitar Jesus. *Paulo* aceitou as *Escrituras* e via muitas razões para aceitar também a Jesus. Era então necessário que disputasse com eles. E o Espírito concordava com o apóstolo em convencê-los de que suas conclusões acerca *Escrituras* eram certas e as deles erradas. Note que os

pregadores do evangelho devem pregar por meio da Bíblia (*as Escrituras*) e da razão ("disputou", versão RA). Foi o que *Paulo* fez, pois ele *disputou com eles sobre as Escrituras*: temos de tomar as *Escrituras* por nosso fundamento, nosso oráculo e nosso critério, e disputar sobre elas, nelas e contra as pessoas que, embora aleguem ter zelo pelas *Escrituras*, como alegavam os judeus, deturpam-lhes o sentido para sua própria ruína. A razão não deve ser colocada em competição com as *Escrituras*, mas deve ser usada na explicação e aplicação das mesmas. 4. *Paulo* continuou disputando *por três sábados* (v. 2) consecutivos. Se ele não conseguisse convencê-los no primeiro sábado, tentaria no segundo e no terceiro, *porque é mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra* (Is 28.10). Deus espera que os pecadores se convertam, e assim devem fazer seus ministros. Todos os trabalhadores não entram a trabalhar na vinha na primeira hora, nem ao primeiro chamado (Mt 20.1-7), nem são convencidos tão repentinamente como o carcereiro. 5. A intenção e o escopo do anúncio e da disputa de *Paulo* eram provar que *Jesus* [...] *é o Cristo* (v. 3), ponto que ele estava *expondo e demonstrando*. Primeiro, explicou a tese e expôs as condições; depois, ele a demonstrou e a formulou segundo a sustentaria e pela qual convocaria os judeus no nome de Deus. *Paulo* tinha um método admirável de discursar. Ele mostrou que estava muito bem informado da doutrina que anunciava, que a entendia completamente e que estava inteiramente seguro da sua verdade. Ele a expôs como algo em que cria. Ele lhes mostrou: (1) Que *convinha que* o Messias *padecesse e ressuscitasse dos mortos* (v. 3), que as profecias veterotestamentárias relativas ao Messias tornavam necessários estes acontecimentos. A grande objeção que os *judeus* tinham contra *Jesus* ser o Messias era sua morte infame e seus padecimentos degradantes. A cruz de Cristo era escândalo para os *judeus* (1 Co 1.23), porque de modo algum concordava com a idéia que tinham formado acerca do Messias. Aqui, *Paulo* demonstra irrefutavelmente que era possível que *Jesus* fosse o Messias, mesmo tendo padecido, e que, sendo o Messias, era necessário padecer. Ele não podia ser aperfeiçoado senão pelos sofrimentos, pois, se não tivesse morrido, não poderia ter ressuscitado dos mortos. O próprio *Jesus* insistiu muito nesse ponto: *Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?* E mais uma vez: *Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos* (Lc 24.26,46). Ele tinha de padecer por nós, porque de outra forma não poderia comprar nossa redenção. Ele tinha de ressuscitar, porque senão não poderia aplicar em nós a remissão dos pecados. (2) Que *Jesus* é o Messias: "*Este Jesus, que vos anuncio* (v. 3) e vos convoco a crer, *é o Cristo*, o Messias, o Ungido do Senhor, *aquele que havia de vir* e não deveis esperar outro (Mt 11.3). Deus testificou dele tanto pela sua palavra e pelas suas obras (os dois modos de falar aos filhos dos homens), quanto pelas Escrituras e pelos milagres – e o dom do Espírito tornou tudo eficaz". Note que: [1] Os ministros do evangelho devem anunciar *Jesus*. Ele deve ser o tema principal dos seus enunciados e conversas. A função dos ministros é fazer com que as pessoas o conheçam. [2] A respeito de *Jesus*, temos de anunciar que Ele *é o Cristo*. Assim estamos certos de que seremos salvos por Ele e que em tudo nos governará.

III O sucesso da pregação de *Paulo* em *Tessalônica* (v. 4). 1. *Alguns* [*dos judeus*] *creram* (v. 4), a despeito dos preconceitos incrustados contra Jesus e o evangelho, e eles *ajuntaram-se com Paulo e Silas*. Eles se uniram aos crentes como amigos e companheiros, além de seguir suas orientações de bom grado como seus guias espirituais. Eles se puseram na posse dos pregadores do evangelho como herança na posse do dono certo, segundo o significado da palavra grega. Eles *a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a* eles, *pela vontade de Deus* (2 Co 8.5). Eles seguiam *Paulo e Silas* e os acompanhavam aonde quer que fossem. Note que os que crêem em Jesus Cristo entram em comunhão com os seus ministros fiéis e se unem a eles. 2. Muitos mais dos *gregos religiosos* (v. 4) e das *mulheres distintas* aceitaram o evangelho. Estes eram os prosélitos da porta, os religiosos entre os gentios (assim os judeus os chamavam). Mesmo não se sujeitando à lei de Moisés, renunciavam à idolatria e à imoralidade, cultuavam apenas o Deus verdadeiro e não abrigavam nenhum pecado. Estes eram *hoi sebomenoi Hellenes – os gentios adoradores*, como na América do Norte os índios que se convertem à fé cristã são chamados de *índios oradores*. Os judeus os deixavam entrar na sinagoga para juntos cultuarem a Deus. Dentre estes gentios creu *uma grande multidão*, mais deles do que dos judeus natos que eram obrigados a guardar a lei cerimonial. E *não poucas mulheres distintas* da cidade, que eram devotas e tinham um senso de religiosidade, também aceitaram o cristianismo. Esta particularidade é especialmente mencionada como exemplo para as senhoras, as *mulheres distintas* de hoje, e como incentivo para elas se entregarem às práticas devocionais e se submeterem ao poder imponente da santa religião de Cristo, em todas as suas oportunidades. A particularidade mencionada também mostra que essas ações serão aceitáveis a Deus, honrarão a Cristo e causarão grande influência em muitos, além dos benefícios para a alma de quem as praticar. O texto sacro nada diz sobre *Paulo e Silas* anunciarem o evangelho aos idólatras gentios em *Tessalônica*, mas é certo que o fizeram, e muitos se converteram. Essa igreja era composta principalmente de convertidos gentios, embora essa informação não conste aqui. Paulo, escrevendo aos cristãos tessalonicenses, afirma que eles se converteram dos ídolos para Deus (1 Ts 1.9), fato ocorrido na primeira vez em que os apóstolos lhes anunciaram o evangelho.

IV A dificuldade encontrada por *Paulo e Silas* em *Tessalônica*. Onde quer que o evangelho fosse anunciado, eles sabiam que seriam perseguidos. Prisões e tribulações os esperavam em cada cidade. Observe:

1. Quem foram os autores dessa dificuldade: *Os judeus desobedientes* (v. 5) que foram *movidos de inveja*. Em todos os lugares, os *judeus* eram os inimigos mais habituais dos cristãos, sobretudo, dos judeus que se tornaram cristãos, de quem eles tinham um ódio todo especial, considerando-os desertores. Esse é um exemplo da divisão que Jesus veio trazer à terra (Lc 12.51, versão

RA). Alguns dos judeus creram no evangelho, compadeceram-se pelos que não creram e oravam por eles, ao passo que aqueles que não creram invejavam e odiavam os convertidos. *Paulo*, em sua epístola a esta igreja, menciona que os *judeus* tinham raiva e eram inimigos dos pregadores do evangelho. Ele diz que as atitudes e procedimentos desses *judeus* sempre estavam enchendo a medida dos pecados deles (1 Ts 2.15,16).

2. Quem foram os agentes da dificuldade: Os *judeus desobedientes* usaram *alguns homens perversos dentre os vadios* (v. 5), a quem eles escolheram, reuniram e encarregaram de incitar a opinião geral da cidade contra os pregadores do evangelho. Todas as pessoas sábias e sensatas viam *Paulo e Silas* com respeito e estima, e ninguém se levantaria contra eles senão a escória da cidade, um bando de *homens perversos* que se dedicava a todo tipo de maldade. Tertuliano usou esse argumento com os que se opunham ao cristianismo, dizendo que os inimigos desta religião eram geralmente os piores homens: *Tales semper nobis insecutores, injusti, impii, turpes, quos, et ipsi damnare consuestis* – *Nossos perseguidores são invariavelmente injustos, incrédulos, infames, a quem vós estais acostumados a condenar. Apologia*, cap. 5. É uma honra para a religião cristã que os que a odeiam sejam em geral *homens perversos dentre os vadios*, que perderam todo senso de justiça e virtude.

3. Qual foi método usado para instaurar o inquérito contra *Paulo e Silas*. (1) Os *judeus desobedientes* [...] *alvoroçaram a cidade* (v. 5), fazendo muito barulho e tumulto para deixar o *povo* assustado e forçar as pessoas a afluírem para ver do que isso se tratava. Eles iniciaram uma revolta para que a turba logo entrasse em atividade. Agora está bem claro quem são os verdadeiros perturbadores de Israel: não são os fiéis pregadores do evangelho, mas os que se opõem a ele. Observe como o diabo implementa seus desígnios. Ele coloca as cidades em alvoroço, deixa as pessoas alvoroçadas e então pesca em águas turbulentas. (2) Os *judeus desobedientes* assaltaram *a casa de Jasom* (v. 5), onde os pregadores do evangelho estavam hospedados. O propósito da invasão era *tirá-los para junto do povo*, que fora incitado e enfurecido pelos *judeus desobedientes* contra *Paulo e Silas* e por quem eles esperavam que fossem linchados. Tais procedimentos eram totalmente ilegais. *A casa de Jasom* só podia ser revistada por funcionários oficiais e com autorização: "A casa de um homem", diz a lei, "é o seu castelo". A maneira tumultuosa de eles assaltarem a casa de um homem, deixando-o e também sua família assustados, mostra até aonde vai o furor de homens que são levados pelo espírito de perseguição. Se alguém se sentia ofendido, havia magistrados nomeados para investigar a ofensa e julgá-la. Mas fazer do populacho juiz e executor (como esses judeus queriam) era rebaixar a verdade, pôr os criados a cavalo e deixar os príncipes andar como criados a pé – era depor a eqüidade e empossar a fúria. (3) Quando os *judeus desobedientes* não conseguiram apanhar os pregadores do evangelho (a quem eles teriam castigado como vagabundos e enraivecido o *povo* contra eles, afirmando serem estrangeiros que vieram espiar a terra, devorar sua força e comer o pão das suas bocas), eles agarraram alguns de seus próprios cidadãos honestos: *Jasom*, um judeu convertido, que recebeu os pregadores em casa, e *alguns irmãos* (v. 6). Esses foram levados *à presença* das principais autoridades da cidade: os *magistrados*. Os pregadores foram aconselhados a se retirar, porque eram os mais detestáveis: *Currenti cede furori* – *Retirai-vos antes da tormenta*. Mas seus amigos estavam dispostos a se expor e os ajudar a resistir melhor a tempestade. Por um homem bom, tal como eram os apóstolos, alguns ousariam morrer (Rm 5.7). (4) Os *judeus desobedientes* acusaram os pregadores do evangelho ante os *magistrados*, apresentando-os como elementos perigosos e indignos de serem tolerados na sociedade. O crime de *Jasom* foi receber e hospedar os apóstolos (v. 7), favorecendo-os e promovendo os seus interesses. E qual foi o crime dos apóstolos, que seria não menos que cumplicidade de traição por lhes dar hospedagem? Duas características comprometedoras lhes são dadas, o bastante para torná-los odiosos ao *povo* e detestáveis aos *magistrados*, caso fossem verdadeiras: [1] Eles eram inimigos da paz pública e provocavam desordens em todos os lugares que iam: *Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui* (v. 6). Em certo sentido, é verdade que sempre que o evangelho chega poderosamente a qualquer lugar, a qualquer alma, ele opera tremenda mudança, ocasiona tamanha alteração ao curso das coisas, tão diametralmente oposta ao que existia, que podemos dizer que ele vira o mundo de cabeça para baixo naquele lugar, naquela alma. O amor do mundo origina-se do coração, e o modo do mundo contradiz a vida, de forma que o mundo ficou de cabeça para baixo naquela cidade. Mas no sentido que eles queriam dizer, isso era totalmente falso. Eles queriam que os pregadores do evangelho fossem vistos como amotinadores e encrenqueiros, causadores de males por onde quer que fossem, semeadores de discórdia nos relacionamentos sociais, mexeriqueiros, obstrutores do comércio e inquietadores de toda a ordem e regularidade. Por persuadirem as pessoas a converterem-se do vício à virtude, dos ídolos ao *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9), da maldade e inveja ao amor e paz, eles são acusados de alvoroçar o mundo, quando era somente o reino de Satanás no mundo que estavam destruindo. Os inimigos dos pregadores *alvoroçaram a cidade* (v. 5) e puseram a culpa neles, como Nero que ateou fogo em Roma e culpou os cristãos. Se, por inveja, as pessoas dizem falsidades dos fiéis ministros de Cristo, até dos que se comportam silenciosamente na sociedade, não devemos estranhar nem nos irritar caso recebamos o mesmo tratamento. Não somos melhores que *Paulo e Silas* que foram maltratados assim. Os acusadores clamaram: "Eles *chegaram também aqui* (v. 6). Eles têm feito todo tipo de males em outros lugares, e agora trouxeram a infecção para cá. É hora de fazermos algo para detê-los". [2] Eles eram inimigos do governo estabelecido e, por estarem descontentes, seus princípios e práticas eram destrutivos à monarquia e incompatíveis com a constituição do estado: *Todos estes procedem contra os decretos de César* (v. 7). A acusação não era infração de determinado decreto, pois ainda não havia nenhuma lei específica do Império Romano contra o cristianismo, mas que procediam contra o poder de *César* de promulgar decretos em geral. Essa interpretação está implícita na afirmação: *Há outro rei, Jesus*, não só rei dos judeus

(como o nosso próprio Salvador afirmou perante Pilatos), mas *o Senhor de todos*, que foi como Pedro o chamou no primeiro sermão que pregou aos gentios (cap. 10.36). É verdade que o governo romano, enquanto era uma nação e depois quando caiu nas mãos de *César*, tinha muito ciúme de todo governador do seu domínio que ganhasse o título de rei, havendo lei expressa contra isso. Mas o Reino de Cristo *não é deste mundo* (Jo 18.36). Os seus seguidores realmente disseram que *Jesus* é *rei*, mas não um *rei* terreno, não um *rei* rival de *César*. As ordenanças desse Reino também não interferiam com os *decretos de César*, pois uma de suas leis dizia: *Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus* (Mt 22.21). Não havia nada na doutrina de Cristo que tendesse a destronar príncipes ou que visasse privá-los de suas prerrogativas. Os judeus sabiam muito bem disso e agiam contra a própria consciência fazendo essas acusações contra os pregadores do evangelho. De todos os povos, os judeus eram os mais impróprios para fazer isso. Eles odiavam *César* e seu governo, procurando arruiná-los, e esperavam um Messias que seria um príncipe terreno que aniquilaria todos os tronos dos reinos. Eram, pois, adversários de nosso Senhor Jesus, porque Ele não se enquadrava nesse estereótipo. Eles foram muito maldosos em fazer o fiel povo de Deus passar por inimigo de *César* e prejudicial a reis e províncias, que estava construindo *imperium in imperio – um reino dentro de um reino*, um poder em competição com *César* e superior a ele – o poder da supremacia papal.

4. A grande intranqüilidade que o fato causou a essa cidade: Os *judeus desobedientes* [...] *alvoroçaram a multidão e os principais da cidade, que ouviram estas coisas* (v. 8). Os *principais da cidade* não tinham má opinião dos apóstolos ou de sua doutrina e não pressentiam que eram perigosos para o estado. Portanto, estavam dispostos a tolerá-los. Mas, sendo-lhes apresentados pelos querelantes como inimigos de *César*, eles são obrigados a tomar conhecimento deles e aniquilá-los, por medo do governo, e foi isso que os alvoroçou. Suetônio relata que Cláudio, que na época mantinha as rédeas do governo, era muito desconfiado da menor agitação popular e extremamente medroso, obrigando os governantes do império a estarem alertas contra tudo que parecesse perigoso ou desse a menor causa de suspeita. E mais perturbados ficaram por serem colocados sob a necessidade de perturbar homens bons.

5. A solução desse caso problemático. Os *magistrados* não mostraram intenção de processar os cristãos. Medidas foram tomadas para garantir a integridade física dos apóstolos. Eles se evadiram da cidade, escapando das mãos das autoridades, de forma que nada podia ser feito senão soltar sob fiança *Jasom* e seus amigos (v. 9). Esses *magistrados* não foram tão facilmente instigados contra os apóstolos como foram os magistrados de Filipos. Eram pessoas de maior consideração e possuíam um temperamento melhor. Assim, receberam *satisfação de Jasom e dos demais*, soltaram-nos por bom comportamento e, talvez, deram carta de fiança a *Paulo e Silas* para que se apresentassem quando intimados, caso mais tarde surgisse algo contra eles. Entre os perseguidores do cristianismo, como houve alguns irracionalmente loucos e raivosos, assim houve outros que eram pessoas prudentes e de bom senso. A moderação é uma virtude.

Os Nobres Bereanos. Paulo e Silas em Beréia
vv. 10-15

Nestes versículos, temos:

I *Paulo e Silas* foram para *Beréia*, onde se dedicaram a pregar o evangelho (v. 10). Eles estavam tão adiantados na obra em *Tessalônica* que a fundação de uma igreja estava pronta para outros edificarem sobre ela e darem continuidade à obra iniciada. Os governantes e o povo não tinham tantas reservas contra esses novos obreiros quanto tinham contra *Paulo e Silas*. Quando chegou a tempestade, eles se retiraram, entendendo que chegara o momento de deixarem o lugar por ora. A ordem dada por Jesus aos discípulos: *Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra*, significa que a fuga não é tanto pela segurança pessoal ("fugi para outra cidade a fim de esconder-vos lá") quanto pela continuação da obra ("fugi para outra cidade a fim de pregar lá"). É o que dá a entender a razão dada pelo Senhor: *Porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do Homem* (Mt 10.23). Assim, *do comedor saiu comida* (Jz 14.14), e as expectativas de Satanás foram frustradas. Ele pensou que perseguir os pregadores do evangelho acabaria detendo o progresso do evangelho, mas o resultado foi exatamente o oposto: ele promoveu o avanço evangelizador. Veja aqui: 1. O cuidado que os *irmãos* tiveram com *Paulo e Silas*, quando perceberam a trama que havia contra estes pregadores do evangelho: Eles imediatamente os *enviaram de noite*, incógnitos, para *Beréia* (v. 10). Essa situação não poderia ser uma surpresa para os novos convertidos, *pois, estando ainda convosco* (escreveu-lhes Paulo mais tarde, 1 Ts 3.4), na primeira vez que estivemos aí, nós *vos predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis*. Temos a impressão de que *Paulo e Silas* teriam ficado de boa vontade para enfrentar a tempestade, caso os *irmãos* não houvessem interferido. Mas preferiram ficar sem a ajuda dos apóstolos do que expor-lhes a vida que, pelo visto, era mais preciosa aos seus amigos do que a eles mesmos. Eles os *enviaram de noite*, sob o abrigo da escuridão, como se fossem criminosos. 2. A constância de *Paulo e Silas* na obra evangelizadora. Embora tivessem fugido de Tessalônica, não fugiram do serviço de Cristo. Quando chegaram a *Beréia, foram à sinagoga dos judeus* (v. 10), onde fizeram sua aparição pública. Os *judeus* de *Tessalônica* foram seus inimigos rancorosos, e, no que lhes dizia respeito, os *judeus* de *Beréia* também o seriam. Ainda assim, eles não deixaram de respeitar os *judeus*, quer em vingança pelos maus-tratos recebidos ou por receio do que poderia lhes acontecer. Se os outros não cumprem seu dever para conosco, cumpramos o nosso para com eles.

II O bom caráter dos *judeus* bereanos: *Estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica* (v. 11). Os *judeus* da sinagoga de *Beréia* estavam mais bem propensos a receber o evangelho do que os *judeus* da sinagoga em *Tessalônica*. Eles não eram tão intolerantes e negativamente predispostos ao evangelho, nem tão irritadiços e malevolentes. Eles *foram mais nobres, eugenesteroi – mais bem-educados*.

1. Os *judeus* da sinagoga de *Beréia* tinham um pensamento mais livre e punham-se mais abertos a serem convencidos. Eles estavam dispostos a ouvir a razão, a reconhecer a força dos argumentos e a aceitar o que lhes aparentasse ser a verdade, mesmo que fosse oposta às suas opiniões estabelecidas. Isso era mais nobre.

2. Os *judeus* da sinagoga de *Beréia* tinham um gênio melhor – não eram tão rabugentos, mal-humorados e pouco receptivos a tudo que não condissesse com o que pensavam. Assim como eles concordavam de boa vontade com quem os convencesse de erro pelo poder da verdade, também continuavam tratando com amor em quem viam razões para discordar. Isso era mais nobre. Diferente dos *judeus* em *Tessalônica*, estes de *Beréia* não prejulgaram a causa evangelizadora, nem foram movidos de inveja dos que a promoviam. Portando-se com muita nobreza, eles deram audiência aos pregadores do evangelho e ouviram com a devida atenção a mensagem evangelizadora, sem sentimentalismo ou parcialidade, pois: (1) Eles *de bom grado receberam a palavra* (v. 11). Tendo a boa disposição para ouvir a *palavra*, entenderam por ora o seu significado e não fecharam os olhos diante da luz. Eles estavam atentos ao que *Paulo* dizia, como estivera Lídia (cap. 16.14), e gostaram muito do que ouviram. Não procuraram disputas com a *palavra*, nem acharam erro nela, nem investigaram meios de oporem-se aos pregadores. Eles a acolheram com alegria e avaliaram imparcialmente todas as coisas que eram ditas. Neste ponto, *foram mais nobres do que os* [*judeus*] *em Tessalônica*, mas andavam no mesmo espírito e nos mesmos passos dos gentios de lá, os quais receberam a palavra com gozo do Espírito Santo e se converteram dos ídolos a Deus (1 Ts 1.6-9). Essa era a verdadeira nobreza. Os *judeus* se gloriavam muito em serem os descendentes de Abraão e pensavam que eram de boa família, não podendo ser de melhor nascimento. Mas aqui somos informados de quem entre eles eram os *mais nobres* e da melhor descendência: Os que estavam mais dispostos a receber o evangelho e tiveram seus altos conselhos e altivez destruídos e levados cativos *à obediência de Cristo* (2 Co 10.5). Esses eram os *mais nobres* e, se me permitem dizer, os homens mais distintos e bem-educados. *Nobilitas sola est atque unica virtus – A virtude e a devoção são a verdadeira nobreza*, a verdadeira honra, e, sem elas, *Stemmata quid prosunt? – O que valem as genealogias e os títulos pomposos?* (2) Eles examinavam *cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim* (v. 11). A prontidão para receber a *palavra* não significava que acreditavam em tudo, aceitando as coisas cegamente. Nada disso! Desde que *Paulo* disputou sobre as *Escrituras* e as ligou ao Antigo Testamento para provar o que dizia, eles lançavam mão de suas Bíblias, examinavam os textos citados por ele, liam o contexto, consideravam a extensão e o sentido deles, comparavam-nos com outros textos das *Escrituras*, avaliavam se as conclusões de *Paulo* eram naturais e genuínas e se seus argumentos eram irrefutáveis e adequadamente determinados. Observe: [1] A doutrina de Cristo não teme o escrutínio. Nós que somos defensores da causa cristã desejamos nada mais que as pessoas ponham em dúvida a veracidade do evangelho para examinar, sem preconceito e parcialidade, *se estas coisas* são *assim* ou não. [2] O Novo Testamento deve ser pesquisado à luz do Antigo. Os judeus receberam o Antigo Testamento, e os que o examinam corretamente vêem motivos suficientes para também aceitar o Novo, porque no Novo eles vêem que todas as profecias e promessas do Antigo são total e precisamente cumpridas. [3] Os que lêem e recebem as *Escrituras* têm de examiná-las (Jo 5.39), estudá-las e empenhar-se em meditar nelas. O propósito é descobrir a verdade contida nelas para não se equivocar com o seu sentido e assim cair em erro ou permanecer nele. Outro propósito é descobrir a verdade *inteira* contida nelas para não se contentar com um conhecimento superficial no pátio externo das *Escrituras*, mas conhecer intimamente a mente do Senhor que está revelada nelas. [4] Nosso trabalho diário deve ser examinar as *Escrituras*. Os que iam à *sinagoga* no sábado, não se contentavam em ouvir a *palavra* apenas nesse dia, mas a examinavam diariamente ao longo da semana para aprimorarem o que ouviram no sábado anterior e se prepararem para o que ouviriam no sábado seguinte. [5] *Esses* são os verdadeiramente *nobres* e estão no caminho certo para sê-lo cada vez mais, pois fazem das *Escrituras* o seu oráculo e critério de prova, e, por conseguinte, as consultam. Os que estudam as *Escrituras* corretamente e meditam nelas *dia e noite* (Js 1.8) têm a mente cheia de pensamentos *nobres*, prendem-se a princípios *nobres* e se organizam segundo metas e desígnios *nobres*. São *esses* os *mais nobres*.

III O excelente resultado da pregação do evangelho em *Beréia*: O sucesso desejado foi alcançado. O coração das pessoas foi preparado proporcionando que muito trabalho fosse feito em curto espaço de tempo (v. 12). 1. *Creram muitos* judeus em *Beréia* (v. 12). Em *Tessalônica*, houve só *alguns deles* que *creram* (v. 4), mas em *Beréia*, onde eles ouviram a palavra com a mente aberta, sem preconceito, *creram muitos*, muito mais judeus que em *Tessalônica*. Note que Deus dá graça àqueles a quem Ele primeiramente predispõe para fazer uso diligente dos meios da graça e particularmente para examinar as Escrituras. 2. *Creram* também *muitos* gregos (v. 12), os gentios, *mulheres gregas da classe nobre*, senhoras da alta sociedade, e *não poucos varões*, homens de alta posição social, mencionados ao lado das *mulheres* [...] *da classe nobre*. Primeiro as esposas aceitaram o evangelho; depois elas persuadiram seus maridos a aceitá-lo também. *Porque, donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido?* (1 Co 7.16).

IV A perseguição levantada contra *Paulo e Silas* em *Beréia*, que forçou *Paulo* a sair dali. 1. Os *judeus de Tessalônica* (v. 13) foram os promovedores de desordens em *Beréia*. Eles *souberam que a palavra de Deus também era anunciada* [...] *em Beréia* (pois a inveja e o ciúme dão agilidade ao serviço secreto) e que os judeus de *Beréia* não estavam tão radicalmente predispostos contra o evangelho como eles estavam. Também *foram lá* para alvoroçar o mundo e excitar *as multidões*, enfurecendo-as contra os pregadores do evangelho. Era como se houvessem recebido a comissão do príncipe das trevas para ir de lugar em lugar e se opor ao evangelho, semelhantemente aos apóstolos que tinham a comissão de Jesus para ir de lugar em lugar e anunciá-lo. Já lemos esta história antes, quando os judeus de Antioquia e de Icônio

foram propositadamente a Listra para convencer as pessoas a perseguirem os apóstolos (cap. 14.19). Veja como os agentes de Satanás não sossegam em oporem-se ao evangelho de Cristo e à salvação das almas. Esse é exemplo da inimizade que há entre a semente da serpente e a semente da mulher. Não estranhemos se os perseguidores domésticos estendem seu ódio para promover perseguições no exterior. 2. Essa perseguição ocasionou a retirada de *Paulo* para *Atenas*. No empenho de extinguir o fogo divino que Jesus já havia acendido (Lc 12.49), os perseguidores acabaram por nada mais nada menos que espalhá-lo ainda mais e com mais rapidez. *Paulo* permaneceu em *Beréia* por tanto tempo e teve tamanho sucesso, que já havia irmãos ali bem como homens ativos e sensatos, como mostra o cuidado que tiveram com *Paulo* (v. 14). Eles ficaram sabendo que os judeus perseguidores tinham vindo de Tessalônica para provocar o povo da cidade contra *Paulo*. Temendo o que poderia acontecer, não perderam tempo: *No mesmo instante, os irmãos mandaram a Paulo* [...] *até Atenas*. Eles cuidaram de *Paulo*, porque ele era o alvo principal do ódio irracional que os perseguidores nutriam pelo evangelho. Esperavam que afastá-lo da cidade bastaria para pacificá-los, e que, agora que *Paulo* abrira o caminho, *Silas e Timóteo* conseguiriam continuar a obra sem o colocar em perigo. Eles *mandaram a Paulo que fosse até ao mar*, conforme interpretam alguns, ou *que fosse como se fosse para o mar*, conforme lemos (versão inglesa KJV), *hos epi ten thalassan*. Ele saiu de *Beréia* pela estrada que dava para o mar a fim de que, caso os judeus perguntassem por ele, pensassem que tinha ido muito longe. Mas ele foi por terra a *Atenas*, não havendo a mínima dissimulação culpável nesse procedimento. *Os que acompanhavam Paulo* (v. 15) para servir-lhe de guias e guardas, visto que ele era estrangeiro no país e tinha muitos inimigos, *o levaram até Atenas*. O Espírito de Deus, influenciando o espírito do apóstolo, o dirigiu até aquela famosa cidade. Era famosa de tempos antigos por seu poder e domínio, quando a comunidade ateniense lutou com bravura e sucesso com os espartanos. Foi famosa mais tarde por sua erudição, tornando-se o ponto de encontro dos estudiosos do mundo inteiro. Os que queriam cultura iam lá para mostrá-la. Era uma grande universidade para a qual muitos afluíam de todas as partes do mundo. Com vistas à melhor difusão da luz do evangelho, *Paulo* é enviado para lá. Ele não tem vergonha nem medo de figurar entre os filósofos e pregar o Cristo crucificado, ainda que ele soubesse que seria tamanha *loucura para os gregos* quanto era *escândalo para os judeus* (1 Co 1.23). 3. *Paulo* ordenou que *Silas e Timóteo fossem ter com ele* [*em Atenas*] *o mais depressa possível* (v. 15). Chamou-os porque ele identificou a probabilidade de fazer o bem naquela cidade, ou, não havendo ninguém que ele conhecesse, sentiu-se solitário e melancólico sem eles. Contudo, a razão mais provável foi que, por mais pressa que ele tinha da chegada deles, ordenou que *Timóteo* fosse a *Tessalônica* para lhe trazer um relatório completo da situação daquela igreja, pois assim escreve: *De boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo, para vos confortar e vos exortar acerca da vossa fé* (1 Ts 3.1,2).

Paulo em Atenas

vv. 16-21

O estudioso que conhece e gosta extremamente da erudição dos autores clássicos da Antigüidade ficaria felicíssimo se estivesse onde Paulo agora se encontra: em Atenas, no meio das diversas seitas filosóficas. E teria muitas perguntas curiosas para lhes fazer procurando aprender de uma cultura que nos legou apenas vestígios do que fora no passado. Mas Paulo, embora tivesse estudado para ser erudito e fosse homem ativo e engenhoso, não se ocupa com nenhuma destas atividades em Atenas. Ele tem outro trabalho em mente. Seu desejo não é aprimorar-se na filosofia dos atenienses, pois aprendeu a considerar essas coisas vãs e está acima disso (Cl 2.8). A sua função é, em nome de Deus, corrigir-lhes os erros no campo da religião e convertê-los do serviço dos ídolos e de Satanás neles para o serviço do *Deus vivo e verdadeiro* em Cristo (1 Ts 1.9).

I Aqui está a impressão que a ignorância e a superstição abominável dos atenienses causaram no espírito de *Paulo* (v. 16). Observe: 1. A descrição da cidade ateniense: *A cidade* de *Atenas* estava muito *entregue à idolatria* (v. 16). Esta característica concorda com a descrição feita pelos escritores pagãos sobre essa *cidade*. Eles destacam que havia mais ídolos em *Atenas* que em toda a Grécia reunida, e que os atenienses faziam festas sagradas duas vezes mais que os outros. Todo deus estranho que lhes fosse recomendado, eles o aceitavam e lhe concediam um templo e um altar, *de modo que eles tinham quase tantos deuses quantos homens – facilius possis deum quam hominem invenire*. Esta *cidade*, depois que o império se tornou cristão, permaneceu irremediavelmente apegada à idolatria. Nem todos os decretos religiosos promulgados pelos imperadores cristãos conseguiram erradicá-la, até que, pela invasão dos góticos, a *cidade* foi devastada de maneira tão minuciosa que hoje quase não há vestígios dela. É interessante observar que onde a cultura humana mais floresceu foi onde a idolatria mais abundou, e a idolatria mais absurda e ridícula, que confirma a declaração do apóstolo: *Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos* (Rm 1.22). No campo da religião, eles eram entre todos os mais fúteis em seus discursos (Rm 1.21), visto que *o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria* (1 Co 1.21). Eles poderiam ter argumentado contra o politeísmo e a idolatria. Os mais afeitos à razão eram os maiores escravos dos ídolos: E isso era tão necessário ao restabelecimento até da religião natural que teve de ser dada uma revelação divina, revelação essa centralizada em Cristo. 2. A perturbação que a visão dessas coisas causou em *Paulo*. O apóstolo não estava disposto a aparecer publicamente até que Silas e Timóteo chegassem, *para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra* fosse *confirmada* (Mt 18.10). Nesse entretempo, *o seu espírito se comovia em si mesmo* (v. 16). Ele ficou muito preocupado com a glória de Deus, por ter sido dada aos ídolos, e muito compadecido pelas almas, por estarem escravizadas e presas a Satanás (2 Tm 2.26). Vendo tais transgressores, ele se afligiu, e o horror tomou conta dele. Permeou-lhe uma santa indignação pelos sacerdotes pagãos que

levavam as pessoas a esse ciclo infinito de idolatria, e também pelos filósofos que sabiam mais das coisas, todavia, mesmo assim, nunca disseram uma palavra sequer contra essa situação, deixando-se levar pela maré.

II O testemunho que *Paulo* deu contra a idolatria dos atenienses e o empenho despendido para levá-los ao conhecimento da verdade. Como observa Witsius, o apóstolo, agindo por compulsão zelosa, não arrombou os templos, derrubou as imagens, destruiu os altares ou insultou os sacerdotes. Nem saiu correndo pelas ruas clamando: "Vós todos sois escravos do diabo", ainda que fosse a plena verdade. Mas ele observou o decoro e se manteve dentro dos limites apropriados, fazendo somente o que era pertinente a alguém prudente. 1. *Paulo* foi à *sinagoga* dos *judeus* (v. 17), os quais, embora avessos ao cristianismo, estavam livres da idolatria. Ele se uniu a eles naquilo que era bom e aproveitou a oportunidade para disputar por Cristo. Ele *disputava* [...] *com os judeus*, argumentando honestamente com eles e perguntando que razão tinham, visto que esperavam o Messias, para não receberem Jesus. Na *sinagoga*, ele encontrou também *religiosos* que haviam abandonado os templos idolátricos e que congregavam no templo judaico. Falando com eles, procurava conduzi-los à igreja cristã, para a qual a *sinagoga* dos *judeus* era apenas um portal. 2. *Paulo* entabulava conversação sobre temas religiosos com todos que encontrava pelo caminho: *Na praça – en te agora* (v. 17), no comércio, ou no lugar de comércio, ele *disputava* [...] *todos os dias*, conforme tinha oportunidade, *com os que se apresentavam*, ou "entre os que se encontravam ali" (versão RA), ou com quem se encontrava acidentalmente, talvez algum gentio que nunca fora à *sinagoga* dos *judeus*. Os defensores zelosos da causa de Cristo sempre estão prontos para apresentá-la diante de todos os grupos de pessoas. Os ministros de Cristo não devem achar que basta falar uma boa palavra a favor dele uma vez por semana; têm de pregá-lo com honra diariamente e a todos com quem se encontrar.

III A investigação que alguns filósofos fizeram a respeito da doutrina de *Paulo*. Observe:

1. Quem eram as pessoas *que se apresentavam* ao apóstolo *na praça* (v. 17) e que *contendiam com ele* (v. 18): Ele disputava com todos que o encontravam nos lugares de ajuntamento de pessoas, ou antes, nos lugares dedicados ao discurso. A maioria não notava sua presença, o desprezava e nunca prestava atenção a uma palavra sequer do que ele dizia. Mas houve certos *filósofos* que acharam pertinente fazer algumas observações. E tais *filósofos* eram proponentes de princípios que estavam diretamente opostos ao cristianismo. (1) Os *epicureus* (v. 18), que pensavam que Deus fosse exatamente como um deles, um ser desocupado e preguiçoso, que não se importava com nada, nem fazia diferença entre o bem e o mal. Eles não reconheceriam que Deus fez o mundo ou que o governa, ou que o homem precisa de ter consciência do que diz ou faz, não tendo castigo a temer nem recompensa a esperar – todas essas noções ateístas incorretas sobre as quais o cristianismo é criticado. Os *epicureus* se entregavam a todos os tipos de prazeres dos sentidos e colocavam a felicidade neles. Jesus, ao contrário, nos ensinou a negar a nós mesmos antes de tudo. (2) Os *estóicos* (v. 18), que se consideravam tão inteiramente bons quanto Deus e se entregavam tanto à soberba da vida como os *epicureus* se entregavam às concupiscências da carne e dos olhos (1 Jo 2.16). Eles tornaram o homem virtuoso de modo nenhum inferior ao próprio Deus – não somente isso, mas superior a Ele. *Esse aliquid quo sapiens antecedat Deum – Há aquilo no qual o homem sábio supera Deus*, segundo diz Sêneca. O cristianismo é totalmente oposto a essas proposições, pois nos ensina a negar a nós mesmos, humilhar-nos e refutar toda confiança em nós mesmos para que Cristo seja tudo em todos (Cl 3.11).

2. Quais eram as diferentes opiniões dos *filósofos* a respeito do apóstolo; tais havia como havia a respeito de Cristo (v. 18). (1) *Uns* [*filósofos*] *diziam* que *Paulo* era *paroleiro* (v. 18) e pensavam que ele falava tudo que lhe vinha à cabeça, sem qualquer propósito, como fazem as pessoas de imaginações loucas: *Que quer dizer este paroleiro?, ho spermologos houtos – este espalhador de palavras*, que vai por aí, lançando aqui e ali uma palavra ou história inútil, sem qualquer intenção ou significado; ou significa: "este apanhador de sementes". Alguns críticos afirmam que o termo grego é usado para referir-se a "certo tipo de pássaro pequeno", que não vale absolutamente nada, nem para o espeto nem para a gaiola. É um passarinho *que apanha as sementes que ficam expostas no campo ou à beira dos caminhos e permanece pulando, aqui e ali, para apanhá-las – Avicula parva quae semina in triviis dispersa colligere solet*. Eles julgaram que *Paulo* fosse esse animalzinho mesquinho e desprezível, ou supuseram que ele ia de lugar em lugar ventilando suas noções para ganhar dinheiro, um centavo aqui, outro ali, como esse pássaro apanha um grão aqui, outro ali. Eles o viam como um sujeito preguiçoso e o consideravam, como diríamos, não mais que um contador de lorotas. (2) *Outros* [...] *filósofos* [...] *diziam* (v. 18) que *Paulo* era um *pregador de deuses estranhos* e achavam que suas palavras estavam imbuídas do propósito de autopromoção. E se ele tinha *deuses estranhos* para pregar, não havia melhor praça apresentá-los do que Atenas. Como muitos, ele não pregava abertamente novos deuses, nem declarava que o fazia. Mas foi essa a impressão que tiveram dele, *porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição*. Desde a primeira vez que lhes falou, ele sempre e oportunamente repassou estes dois temas, as principais doutrinas do cristianismo: Jesus Cristo e o estado futuro – Jesus, nosso caminho, e o céu, nosso fim. Mesmo não tendo dito que esses temas eram deuses, pensaram que era o que ele queria dizer. *Ton Iesoun kai ten anastasin*, "consideraram que Jesus fosse um novo deus e que *anastasis*, a ressurreição, fosse uma nova deusa". Assim perderam o benefício da doutrina cristã revestindo-a de um dialeto pagão, como se crer em Jesus e esperar a ressurreição fossem a adoração a novos demônios.

3. A proposta que os *filósofos* fizeram ao apóstolo de lhe dar uma audição livre, completa, justa e pública (vv. 19,20). Eles tinham ouvido trechos esparsos da doutrina e desejavam ter um conhecimento mais completo dela. (1) Eles a consideraram muito estranha, surpreendente e diferente da filosofia que há séculos vinha sendo ensi-

nada e professada em Atenas. "É uma nova doutrina da qual não entendemos o sentido e o propósito. São *coisas estranhas* que *nos trazes aos ouvidos* (v. 20), sobre as quais nunca ouvimos falar e não sabemos o que fazer com isso". Essa estranheza e ignorância nos dão a entender que, entre todas as obras clássicas que possuíam, ou não tinham ou não consultavam os livros de Moisés e dos profetas. Caso contrário, a doutrina de Cristo não lhes teria sido tão completamente nova e estranha. Havia apenas um livro no mundo que era de inspiração divina, e era justamente esse o único livro que desconheciam. Se tivessem dado a devida consideração a esse livro, logo na primeira página já teria sido resolvida a grande controvérsia que havia entre eles sobre a origem do universo. (2) Eles desejaram saber mais a respeito da doutrina, mas só porque era nova e estranha: "*Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas?* (v. 19). Ou será que (como os enigmas dos deuses) tem de ser guardada como um grande segredo? Se possível, gostaríamos de saber com prazer, e que tu nos falasses *o que vem a ser isso* (v. 20), para que possamos fazer uma avaliação precisa do que dizes". Tratava-se de uma boa proposta. Era justo saberem que *doutrina* era *essa* antes de a aceitarem. Eles foram bastante justos em não condená-la até que tivessem alguma informação a seu respeito. (3) Eles levaram *Paulo* ao *Areópago* (v. 19) para que ele fizesse a exposição pública da sua *doutrina*. Esse lugar era um prédio no centro da cidade ou a sala da câmara municipal de Atenas, onde os magistrados se reuniam para tratar de política e onde funcionava o tribunal de justiça. Era como um teatro universitário ou escolas em que os homens cultos se reuniam para comunicar suas idéias. O tribunal de justiça que funcionava ali era famoso por sua eqüidade, ao qual recorriam as pessoas de todas as partes do mundo. Se alguém negasse um deus, ficava sujeito à censura desse tribunal. Diágoras foi sentenciado à morte por desprezar os deuses, e nenhum novo deus seria reconhecido sem a aprovação dos membros de tal tribunal. *Paulo* foi levado para ser julgado, não como criminoso, mas como candidato.

4. O caráter geral dos habitantes de Atenas: *Todos os atenienses* (v. 21), ou seja, os naturais do lugar e os *estrangeiros residentes*, os que ali residiam temporariamente para aprimorarem-se, *de nenhuma outra coisa se ocupavam senão de dizer e ouvir alguma novidade*. Isso explica por que eles estavam curiosos acerca da *doutrina* de *Paulo*: não por ser uma coisa boa, mas porque era uma *novidade*. O traço de caráter desses *atenienses* é extremamente lamentável; contudo, muitos hoje em dia os imitam. (1) Eles davam tudo por um boa conversa. *Paulo* exorta seu aluno Timóteo a persistir em ler e meditar (1 Tm 4.13,15), mas estes *atenienses* menosprezavam os métodos antiquados de obter conhecimento e preferiam persistir em *dizer e ouvir* (v. 21). É verdade que as boas companhias fazem bem para o homem, e aquele que pôs uma boa fundação nos estudos se aprimorará. Mas o conhecimento obtido unicamente por conversações será muito espalhafatoso e superficial. (2) Eles tinham predileção especial por novidades. Eles gostavam de *dizer e ouvir alguma novidade* (v. 21). Apreciavam, na filosofia, conhecer novos sistemas e noções, na política, novas formas e planos de governo e, na religião, *novos deuses que vieram há pouco* (Dt 32.17), novos demônios e imagens e altares modernos (2 Rs 16.10). Sentiam grande prazer nas mudanças. Demóstenes, um dos oradores *atenienses*, há muito que os censurara, em uma de suas "Filípicas", dizendo que a pergunta comum nas praças ou onde quer que eles se reunissem era *ei ti le etai neoteron – se havia alguma novidade*. (3) Eles se intrometiam nos assuntos por curiosidade excessiva e não cuidavam da própria vida. Os mexeriqueiros sempre são curiosos (1 Tm 5.13). (4) *De nenhuma outra coisa* eles *se ocupavam* (v. 21). Quem age assim terá de prestar contas com rigor de tamanho desperdício de tempo. O tempo é precioso, e nossa obrigação é administrá-lo com economia e prudência, porque a eternidade depende do tempo, e o tempo está correndo para a eternidade. Grande parte do tempo é perdida em conversação improdutiva. Vez ou outra é bom e proveitoso *dizer* ou *ouvir* os novos acontecimentos da providência para com o povo de nossa ou de outras nações e para com nossos amigos e vizinhos. Mas se conduzir como boateiro e passar o tempo sem fazer nada equivale a perder o que é muito precioso em troca do ganho do que vale pouco.

Paulo em Atenas
vv. 22-31

Este é o sermão que Paulo pregou em Atenas. Já examinamos diversos sermões proferidos pelos apóstolos aos judeus, bem como aos gentios que conheciam e respeitavam o Antigo Testamento, adoradores do *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9). Tudo que os pregadores tinham a fazer era expor e demonstrar *que Jesus é o Cristo* (Jo 20.31). Aqui temos um sermão pregado a indivíduos que cultuavam falsos deuses e estavam sem o verdadeiro Deus no mundo. Para eles, o teor do discurso era bastante diferente do que se anunciava aos outros. No primeiro caso, o método era levar os ouvintes por profecias e milagres ao conhecimento do Redentor e a crer nele. No último, o método era levá-los por obras comuns da providência ao conhecimento do Criador e a cultuá-lo. Já tivemos um discurso desse tipo feito aos idólatras sem estudo de Listra que divinizaram os apóstolos (cap. 14.15). O sermão registrado aqui é dirigido aos idólatras educados e cultos de Atenas. Trata-se de um discurso admirável e, sob todos os aspectos, adequado ao público-alvo e ao propósito que o apóstolo tinha em mente.

I Como escopo do discurso, *Paulo* estabelece levar os *atenienses* ao conhecimento do *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9), na qualidade do único e correto objeto de culto e adoração. Aqui ele se obriga a estabelecer a base para instruí-los no primeiro princípio de todas as religiões: que há um Deus e que Deus é um. Quando pregou contra os deuses que adoravam, seu propósito não era convidá-los ao ateísmo, mas ao serviço da verdadeira Deidade. Sócrates, que lhes expusera a idolatria pagã, foi acusado neste mesmo tribunal e sentenciado à morte, não só porque não considerou que esses ídolos eram deuses, como a cidade os considerava, mas porque apresentou novos demônios. E essa foi a acusação con-

tra *Paulo*. Agora ele tacitamente admite a primeira parte da acusação, mas se previne contra a última. Sua declaração é que não está apresentando um novo deus, mas os restringindo ao conhecimento de um único Deus, o *ancião de dias* (Dn 7.9).

1. *Paulo* mostra aos *atenienses* que precisavam ser instruídos nessa verdade, porque tinham perdido o conhecimento do verdadeiro Deus que os criara e que o perderam quando adoraram os falsos deuses que eles mesmos criaram (*Deos qui rogat ille facit – Aquele que adora os deuses os faz*): *Em tudo vos vejo um tanto supersticiosos* (v. 22). O apóstolo os acusa de dar a glória devida somente a Deus a outrem e ainda de reverenciar e adorar demônios, os espíritos que habitavam nas imagens às quais dirigiam a adoração. "Está na hora de vós saberdes que *há um só Deus* (1 Co 8.6), que vós multiplicais deidades em excesso e que misturais as vossas idolatrias com todos os vossos assuntos. *Em tudo vos vejo um tanto supersticiosos – deisidaimonesteroi*, vós aceitais com facilidade toda coisa que surge com exibições religiosas, mas é isso que corrompe a religião cada vez mais. Eu vos trago aquilo que a corrigirá". As nações elogiavam os *atenienses* por isso, tomando-os por povo religioso, mas *Paulo* os condena exatamente por isso. Não obstante, verificamos que ele ameniza a acusação, em vez de agravá-la, no intuito de provocá-los. O apóstolo usa uma palavra que entre eles era empregada em bom sentido: "De todas as maneiras vós sois mais que normalmente religiosos", segundo o interpretam certos estudiosos; "vós sois muito devotos em vosso caminho". Ou, se for tomada em sentido negativo, é abrandada: "Vós sois como se fôsseis (*hos*) mais supersticiosos que necessitais ser", e ele diz não mais do que percebeu; *theoro – eu vejo, eu observo*. Eles acusaram *Paulo* de apresentar novos demônios: "Não", defende-se ele, "vós já tendes muitos demônios. Eu não vou acrescentar mais um".

2. *Paulo* mostra aos *atenienses* que eles deram motivo justo para a declaração sobre o verdadeiro Deus quando erigiram *um altar* [...] *AO DEUS DESCONHECIDO* (v. 23). Essa ação indicava o reconhecimento da existência de um Deus que ainda lhes era um *DEUS DESCONHECIDO*. É triste pensar que em Atenas, lugar que se supunha deter o monopólio da sabedoria, o verdadeiro Deus fosse um *DEUS DESCONHECIDO*, o único Deus que eles ainda não conheciam. "Agora vós deveis dar bom acolhimento a *Paulo*, pois esse é o Deus que ele vos traz para que o conheçais, o Deus de quem vós vos queixais tacitamente que sois desconhecedores". O ponto em que sabemos que somos imperfeitos e estamos aquém do ideal, é exatamente o ponto em que o evangelho nos repreende e nos força a vencer.

(1) Os estudiosos têm várias conjeturas acerca deste *altar* dedicado *AO DEUS DESCONHECIDO*. [1] Uns afirmam que o significado é: "Ao Deus cuja honra é ser desconhecido", pelo que querem dizer o Deus dos judeus, cujo nome é inefável e cuja natureza é insondável. É provável que os *atenienses* tivessem ouvido falar do Deus de Israel pelos judeus e pelos escritos do Antigo Testamento. Esse Deus deu provas de estar acima de todos os deuses, mas era um Deus que se escondia (Is 45.15). Os pagãos chamavam o Deus dos judeus: *Deus incertus, incertum Mosis Numen – um Deus incerto, a incerta Deidade de Moisés*, e o Deus sem nome. "Mas *esse* Deus", diz *Paulo*, "*esse* Deus de quem não podemos chegar *à perfeição* (Jó 11.7) *é o que eu vos anuncio* (v. 23)". [2] Outros pensam que o significado é: "Ao Deus que é a nossa infelicidade não conhecer", dando a entender que eles encontrariam a felicidade em conhecê-lo. Há quem conte que houve uma praga que assolava Atenas e que teimava em permanecer mesmo depois de terem sacrificado a todos os seus deuses, um depois do outro. Diante da ineficácia dos sacrifícios, aconselharam os atenienses a soltar algumas ovelhas para que fossem onde quisessem e que, no lugar em que elas se deitassem, construíssem um altar, *to prosekonti Theo – ao Deus apropriado*, ou *ao Deus a quem pertencia essa questão da permanência da praga*. Por não saberem como chamá-lo, eles o intitularam: *AO DEUS DESCONHECIDO*. Outros, entre os melhores historiadores atenienses, contam que eles tinham muitos altares com a inscrição: "Aos deuses da Ásia, Europa, África – Ao Deus desconhecido", fazendo com que algumas nações circunjacentes jurassem "pelo Deus que era desconhecido em Atenas", segundo assevera Luciano.

(2) A prudência com que *Paulo* menciona isso. Para que não fosse considerado espião ou alguém que se intrometera mais do que convém a um estranho no conhecimento desses mistérios, ele fala aos areopagitas que observou isto: *passando* [...] *e vendo os vossos santuários* (v. 23), ou "os vossos objetos sagrados". Tratava-se de algo público, que não se podia deixar de ver, sendo muito pertinente às suas observações sobre a religião do lugar. Observemos a cautela e engenhosidade com que ele se serve destas coisas comuns para compor seu discurso do verdadeiro Deus. [1] O apóstolo fala aos *atenienses* que o Deus que ele lhes anunciava era um que eles já adoravam. Por conseguinte, ele não era anunciador de novos ou estranhos deuses: "À medida que vós tendes dependido dele, Ele tem recebido certo tipo de reverência de vós". [2] O apóstolo fala aos *atenienses* que esse Deus era alguém que eles adoravam sem saber. Isso era uma reprimenda para eles, visto que eram famosos em todo o mundo pelo conhecimento que tinham. "Agora", diz ele, "vou acabar com essa reprimenda, para que vós o adoreis sabendo. É nada mais que aceitável que essa devoção cega se transforme em um culto racional, a fim de que vós não adoreis *o que não sabeis* (Jo 4.22)."

II *Paulo* confirma sua doutrina do único *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9) pelas obras da criação e providência desse Deus: "O Deus a quem vos anuncio solenemente que seja o objeto exclusivo de vossa devoção, ao qual vos proclamo que adoreis, é *o Deus que fez o mundo* (v. 24) e o governa. Pelas provas visíveis desses fatos, vós podeis ser conduzidos a esse Ser invisível e ser convencidos do *seu eterno poder* e da *sua divindade* (Rm 1.20)". Nas questões religiosas, os gentios, em geral, e os atenienses, em particular, não se baseavam nos filósofos, muitos dos quais falaram de maneira clara e excelentemente bem de um *Numen* supremo, das suas perfeições infinitas e da agência e domínio universal (como mostram os escritos de Platão e, muito tempo depois, os de Cícero). Eles fundamentavam-se nos poetas e suas alegorias fúteis. As obras de Homero eram a Bíblia da teologia pagã, ou antes, da demonologia, e não as de Platão. Os filósofos humildemente se submetiam a isso,

confiavam nas reflexões especulativas desses poetas, as discutiam entre si e as ensinavam aos seus estudiosos, mas nunca as usaram – como deveriam ter feito – para oporem-se à idolatria. Esse comportamento evidencia a pouca certeza que tinham de tais reflexões e a baixa impressão que tais coisas lhes causavam! Eles se deixavam levar pela superstição em vigor no país e pensavam que deviam agir assim. *Eamus ad communem errorem* – *Adotemos o erro comum.* Agora o apóstolo se propõe, em primeiro lugar, retificar a filosofia dos atenienses (ele corrige os erros dela) e lhes apresentar os conceitos certos do único *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9). Em seguida, ele propõe ampliar o assunto mais do que jamais imaginaram para corrigir-lhes a adoração e conscientizá-los do politeísmo e idolatria. Observemos as coisas gloriosas que *Paulo* diz acerca do *Deus* a quem ele servia e queria que eles servissem.

1. *Deus* é *o Deus que fez o mundo e tudo que nele há* (v. 24), o Pai Todo-poderoso, o Criador dos céus e da terra. Muitos filósofos aceitavam esta verdade. Contudo, os integrantes da escola de Aristóteles a negavam, asseverando "que o mundo era desde a eternidade e que todas as coisas sempre foram como agora são". Os integrantes da escola de Epicuro imaginavam "que o mundo foi feito por uma confluência casual de átomos, os quais, tendo estado em perpétuo movimento, por fim acidentalmente entraram em ordem". Contra ambos esses conceitos, *Paulo* sustenta que *Deus*, pelas operações de um poder infinito e de acordo com a perpicácia de uma sabedoria infinita, *fez* no princípio dos tempos *o mundo e tudo que nele há*, a origem dos quais se devia, não, como imaginavam, a uma matéria eterna, mas a uma mente eterna.

2. *Deus* é, então, o *Senhor do céu e da terra* (v. 24), quer dizer, Ele é o legítimo Dono, Proprietário e Possuidor de todos os seres, poderes e riquezas do mundo superior e inferior, material e imaterial, visível e invisível. É o que se conclui de Ele ter feito o céu e a terra. Se Ele criou tudo, sem dúvida Ele tem a disposição de tudo. Onde Ele dá a existência, tem o direito indisputável de dar a lei.

3. *Deus* é, de maneira particular, o Criador dos homens, de todos os homens: *De um só fez toda a geração dos homens* (v. 26), ou *todas as nações dos homens* (versão AEC). Ele fez o primeiro homem, Ele faz todos os homens, Ele é anterior ao corpo de todo homem e o Pai do espírito de todo homem. Ele fez todas as nações dos *homens*, não só todos os *homens* nas nações, mas cada nação em sua competência política. Ele é o fundador de todas as nações e as dispôs em comunidades para que mutuamente se conservassem e se beneficiassem. Ele os fez *de um só*, de uma mesma natureza; Ele forma o coração de todos da mesma maneira. Descendendo de um antepassado comum, em Adão todos os *homens* são parentes, sendo o mesmo em Noé, para que assim ficassem ligados em sentimentos e assistência mútuos, como criaturas e irmãos. *Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus?* (Ml 2.10). Ele *fez* os *homens* [...] *para habitar sobre toda a face da terra* (v. 26), a qual, como benfeitor generoso, Ele deu, com toda a sua plenitude, *aos filhos dos homens* (Sl 115.16). Ele não os fez para habitarem em um lugar só, mas para serem espalhados por *toda a face da terra.* Uma nação não deve olhar com desprezo para outra, como os gregos faziam com relação a todas as outras nações, pois todos que estão *sobre toda a face da terra* foram feitos *de um só.* Os atenienses se orgulhavam de terem brotado de sua própria terra, de serem aborígines e não terem nenhum parentesco com outra nação. Nesse momento, o apóstolo acaba de destruir este conceito orgulhoso.

4. *Deus* é o grande benfeitor da criação inteira: *Ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas* (v. 25). Ele não só *soprou* no primeiro homem *o fôlego da vida* (Gn 2.7), mas continua soprando em todo homem. Ele nos deu estas almas, Ele formou o espírito do homem dentro dele. Ele não só nos deu *a vida* e *a respiração* quando nos trouxe à existência, mas Ele nos está dando-as continuamente. Sua providência é uma criação continuada. Ele *sustenta com vida a nossa alma* (Sl 66.9). A cada momento que expiramos, logo em seguida Ele graciosamente nos faz com que inspiremos. É dele o ar que respiramos e está na sua mão a nossa vida (Dn 5.23). Ele *dá a todos* os filhos dos homens *a vida* e *a respiração.* Da mesma forma que os mais pobres e humildes dos filhos dos homens vivem do que Ele lhes dá, assim os maiores, os filósofos mais sábios e os potentados mais poderosos não podem viver sem Ele. Ele *dá a todos*, não apenas a todos os filhos dos homens, mas também às criaturas inferiores, a todos os animais, a *toda carne em que há espírito de vida* (Gn 6.17). Eles recebem de Deus *a vida* e *a respiração*, e onde Ele dá *vida* e *respiração* Ele dá *todas as coisas*, todas as outras coisas necessárias para a subsistência da vida. *Ó Senhor*; [...] *cheia está a terra das tuas riquezas* (Sl 104.24,27).

5. *Deus* é o determinador soberano de todos os assuntos dos filhos dos homens, *segundo o conselho da sua vontade* (Ef 1.11): Ele determinou *os tempos já dantes ordenados e os limites da* [...] *habitação* dos *homens* (v. 26). Veja aqui: (1) A soberania da determinação de *Deus* relativa a nós: Ele *tem determinado* (*horisas*) cada acontecimento, e a questão está encerrada. As disposições da Providência são incontestáveis e não devem ser disputadas, são permanentes e não podem ser alteradas. (2) A sabedoria das determinações de *Deus*: Ele determinou o que antes já estava ordenado (*já dantes ordenados*, v. 26). As determinações da Mente Eterna não são resoluções súbitas, mas os complementos de uma deliberação eterna, as cópias dos decretos divinos. Ele *cumprirá o que está ordenado a meu respeito* (Jó 23.14). Tudo que vem de Deus já estava, antes de todos os séculos, oculto em Deus. (3) As coisas sobre as quais a providência de *Deus* é conhecedora. Estas são o tempo e o lugar: os tempos e os lugares de nossa habitação neste mundo são determinados e designados pelo Deus que nos fez. [1] Ele determinou *os tempos* que nos diz respeito. Para nós, os *tempos* parecem mutáveis, mas Deus os fixou. Os nossos *tempos* estão nas mãos dele (Sl 31.15), para que Ele os alongue ou encurte, os amargue ou adoce, como quiser. Ele determinou e fixou o tempo de nossa entrada no mundo e o tempo de nossa permanência no mundo. Nossa hora de nascer e nossa hora de morrer (Ec 3.1,2), bem como todos os detalhes de tudo que está entre estes dois pontos fixos – o período de tempo de todos os nossos interesses neste mundo. Quer sejam *tempos* de prosperidade ou *tempos* de calamidade, foi Ele

que os determinou, e temos de depender dele no que tange aos *tempos* que ainda estão por vir. [2] Ele determinou e fixou *os limites da* nossa *habitação* (v. 26). Aquele que determinou a terra para ser *habitação* aos filhos dos homens (Sl 115.16) também determinou aos filhos dos homens uma distinção de habitações na terra. Foi Ele que instituiu o direito de propriedade, ao qual fixou *limites* para impedir que haja invasão de propriedade alheia. A *habitação* específica na qual está nossa área de terra, o lugar do nosso nascimento e da nossa convivência são da determinação e designação de Deus. Essa é a razão para nos acomodarmos na *habitação* em que estamos e fazermos o melhor com que temos.

6. *Deus* [...] *não está longe de cada um de nós* (v. 27). Ele está presente em todos os lugares. Está à nossa mão direita e possuiu o nosso interior (Sl 16.8; 139.13), tem os olhos sobre nós a todo instante e nos conhece melhor que nós mesmos. Os idólatras faziam imagens de Deus para que eles o tivessem consigo nessas imagens, cujo absurdo o apóstolo mostra aqui. *Deus* é um Espírito infinito que *não está longe de cada um de nós*, e nunca mais perto, mas em certo sentido mais afastado de nós para termos a ambição de percebê-lo ou fazê-lo presente para nós mesmos através de uma imagem. Ele está perto de nós para receber a reverência que lhe fazemos e dar as bênçãos que lhe pedimos, onde quer que estejamos, mesmo longe de altar, imagem ou templo. *O Senhor de todos* é *rico* e chegado a *todos os que o invocam* (cap. 10.36; Rm 10.12; Dt 4.7). Aquele que quer que oremos *em todo o lugar* (1 Tm 2.8) garante-nos que *não está longe de cada um de nós*. Seja de qual país, nação ou confissão religiosa, seja qual for a classe e a posição social que ocupemos no mundo, estejamos em um palácio ou em uma cabana, no meio de uma multidão ou sozinhos em um canto, em uma cidade ou em um deserto, nas profundezas do mar ou em terra firme, uma coisa é certa: *Deus* [...] *não está longe de cada um de nós*.

7. Em *Deus* [...] *vivemos, e nos movemos, e existimos* (v. 28). Temos uma dependência necessária e constante da sua providência, como os rios dependem da nascente e os raios do sol dependem do sol. (1) Em *Deus* [...] *vivemos* (v. 28), quer dizer, a permanência de nossa vida é por causa dele e da influência constante da sua providência. Ele *é a* nossa *vida e a longura dos* nossos *dias* (Dt 30.20). Não é somente por causa da sua paciência e misericórdia que nossa vida perdida não é colhida, mas é por causa do seu poder, bondade e cuidado paternal que nossa vida frágil é prolongada. Não há necessidade de um ato positivo da sua ira para destruir-nos. Basta Ele suspender os atos positivos da sua bondade para morremos naturalmente. (2) Em *Deus* [...] *nos movemos* (v. 28). É pela multidão ininterrupta da sua providência que nossa alma se movimenta em suas andanças e atividades, que nossos pensamentos ondulam para lá e para cá em mil assuntos e que nossos sentimentos correm em direção aos seus próprios objetos. É igualmente por Ele que nossa alma move nosso corpo. Não podemos mexer a mão, o pé, a língua senão por Ele, que, visto que é a causa primeira, também é o movedor primeiro. (3) Em *Deus* [...] *existimos* (v. 28). Ele nos deu a existência no princípio e nele ainda a temos. Devemos ao seu cuidado e bondade contínuos não só termos uma existência e não cairmos na não-existência, mas termos nossa existência, esta existência, que era e ainda é de nobríssima posição existencial, capaz de conhecer e apreciar Deus e não sermos impelidos à baixeza dos animais irracionais, nem à miséria dos demônios.

8. Sobretudo, nós *somos* [...] *geração* de *Deus* (v. 28). Ele é o nosso Pai que nos gerou (Dt 32.6,18), nos criou filhos e nos ergueu (Is 1.2). A confissão do adversário em tal situação sempre é considerada emprego de *argumentum ad hominem – um argumento para o homem*. O apóstolo cita um dos *poetas* gregos, Aratus, natural da Cilícia, compatriota de *Paulo*. A declaração, que consta no início do livro *Phenomena*, falando a respeito do pagão Júpiter, quer dizer, em linguagem poética, do Deus supremo, diz dele em grego: *tou gar kai genos esmen – pois nós também somos a sua geração*. E ele poderia ter citado outros *poetas* pertinente ao que tratava, que em *Deus* [...] *vivemos, e nos movemos*:

> Spiritus intus alit, totamque infusa per artus,
> Mens agitat molem.
> Esta mente ativa, infundida por todo o espaço,
> Une-se e se entrosa com a matéria poderosa. – Virgílio, *Eneida*, cap. 6.

> Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.
> É a Divindade que aquece nosso coração. – Ovídio, *Fastos*, cap. 6.

> Jupiter est quodeunque vides,
> Quocunque moveris.
> Onde quer que tu olhes, onde quer que tu perambules,
> A cena espaçosa está cheia de Júpiter. – Lucano, liv. 2.

Mas *Paulo* prefere citar Aratus por dizer muita coisa em poucas palavras. Isso mostra que o próprio Paulo era uma pessoa estudada e que a educação humana é ornamental e útil ao ministro do evangelho, sobretudo para convencer os que são de fora. Dessa forma, ele os derrotou com as próprias armas deles e cortou a cabeça de Golias com a própria espada. Como podem os adversários da verdade ser expulsos das suas fortalezas por quem não as conhece? É igualmente vergonhoso quando o povo professo de Deus se esquece da sua relação com Ele e anda em direção contrária a Ele a ponto de um poeta pagão dizer acerca de Deus: *Pois somos também sua geração* (v. 28), formados por Ele, formados para Ele, recebendo mais cuidados da sua providência do que o filho amado dos seus pais; e, portanto, forçados a obedecer aos seus mandamentos e a consentir com suas determinações para lhe ser *por nome, e por louvor, e por glória* (Jr 13.11). Já que *nele* e por Ele *vivemos*, devemos viver para Ele. Já que *nele* [...] *nos movemos*, devemos nos mover para Ele. E já então que *nele* [...] *existimos* e dele recebemos todo o sustento e consolação de nosso ser, devemos consagrar nossa existência a Ele e requerer dele uma nova existência, uma existência melhor, um bem-estar eterno.

III De todas estas grandes verdades relativas a Deus, *Paulo* deduz o absurdo da idolatria dos *atenienses*, como os profetas de antigamente tinham fei-

to. Se as coisas são assim: 1. Então *Deus* não pode ser representado por uma imagem. Se somos *geração de Deus* (v. 29), assim como somos espírito em carne, então certamente aquele que é o Pai de nosso espírito (que é a parte principal de nós e a parte pela qual somos denominados a *geração de Deus*) Ele mesmo é Espírito, e *não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens*. Nós estaremos ofendendo e afrontando Deus se pensarmos assim. Deus honrou o homem ao lhe fazer a alma segundo a semelhança divina, e o homem desonra Deus quando o faz segundo a semelhança do corpo humano. A Divindade é espiritual, infinita, imaterial e incompreensível. Portanto, é concepção falsa e injusta aquilo que uma imagem nos dá de Deus, independentemente da riqueza dos materiais, *ouro* ou *prata*, da forma elaborada e da perfeição *esculpida por artifício e imaginação dos homens*, seu semblante, postura ou vestuário, embora tão expressivos, estão ensinando mentiras. 2. Então *Deus* [...] *não habita em templos feitos por mãos de homens* (v. 24). Ele não é atraído nem se limita a templo que o homem lhe construa. Um templo nunca o coloca mais perto de nós, nem jamais o mantém por mais tempo entre nós. Um templo nos é conveniente para juntos cultuarmos a Deus. Mas Deus não necessita de lugar de descanso ou de habitação, nem a magnificência e esplendor da construção acrescentam glória à sua aparição. Ele reside e se deleita em morar em um coração temente e reto, um templo não feito *por mãos de homens*, mas pelo Espírito de Deus (veja 1 Rs 8.27; Is 66.1,2; 1 Co 3.16). 3. Então *Deus* não *é servido* (*therapeuetai*), Ele não é *adorado*, ou *ministrado, por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa* (v. 25). Aquele que fez tudo e sustenta tudo não pode ser beneficiado por nossos serviços, nem precisa deles. Se recebemos e obtemos tudo dele, Ele é todo-suficiente e, por conseguinte, é nada mais que auto-suficiente e independente. Que necessidade tem Deus de nossos serviços, ou em que Ele pode se beneficiar deles, quando Ele tem em si mesmo toda a completude e perfeição, e nós não temos nada que seja bom senão o que Ele nos dá? Os filósofos estavam inteiramente cientes desta verdade: Deus não tem necessidade de nós ou de nossos serviços. Mas os pagãos comuns construíam templos e ofereciam sacrifícios aos seus deuses com a idéia de que eles precisavam de casa e comida (veja Jó 35.5-8; Sl 50.8ss.). 4. Então cabe a nós buscarmos a *Deus*: *Para que* os *homens* [...] *buscassem ao Senhor* (v. 27), isto é, para que o temessem e o cultuassem da maneira correta. Deus mantém os filhos dos homens em dependência constante dele para que sempre lhe busquem a vida e todas as bênçãos da vida. Temos indicações claras da presença de Deus entre nós, da sua gestão presidencial sobre nós, do seu cuidado providencial de nós e da sua generosidade para conosco, a fim de que sejamos forçados a investigar: *Onde está Deus, que me fez? Que dá salmos entre a noite? Que nos faz mais doutos do que os animais da terra e nos faz mais sábios do que as aves dos céus?* (Jó 35.10,11). Imaginaríamos que nada seria mais convincente para nos convencer de que há um Deus, para nos fazer buscar a sua honra e glória em nossas atividades, e também para nos mover a procurar a felicidade em seu favor e amor do que o exame de nossa própria natureza, sobretudo da nossa capacidade mental e aptidões inatas. Se refletirmos nestas coisas, perceberemos nossa relação e obrigação para com um Deus que está acima de nós. Ainda que seja pálida essa realidade em comparação com o que é dado por revelação divina, e por mais que sejamos inaptos em recebê-lo, quem não tem outro só pode ficar *tateando* para, *porventura*, vir a *achar* Deus (v. 27). (1) Era muito duvidoso os *homens* acharem Deus por meio dessa busca minuciosa. Seria uma casualidade: *Se, porventura,* [...] *o pudessem achar* (v. 27). (2) Se algo sobre Deus fosse encontrado, seriam meras noções confusas. Os *homens* estariam tateando para achá-lo, como se fossem cegos ou estivessem no escuro agarrando o que tivesse pelo caminho, desconhecendo se é ou não o que estão procurando. É uma idéia muito vaga e geral que o poeta ateniense tem acerca da relação entre Deus e os homens – nós *somos também sua geração* (v. 28) –, como também nos mostram seus filósofos. Pitágoras disse: *Theion genos esti brotoios – Os homens têm um tipo de natureza divina.* E Heráclito (*apud* Luciano), quando lhe perguntaram: Que são os homens?, respondeu: *Theoi thnetoi – Deuses mortais*; e: Que são os deuses?, respondeu: *Athanatoi anthropoi – Homens imortais.* E Píndaro (*Nemeano*, Ode 6) disse: *En andron hen theon genos – Deus e o homem são proximamente consangüíneos.* É verdade que pelo conhecimento de nós mesmos podemos ser levados ao conhecimento de Deus, mas se trata de um conhecimento muito indefinido. Não passa de mero tateamento. Há razão de sobra para sermos gratos que, pelo evangelho de Cristo, temos informações muito mais claras sobre Deus do que pela luz da natureza. Nós não estamos procurando-o no escuro, às apalpadelas (v. 27), mas *com cara descoberta* vemos, *como um espelho, a glória do Senhor* (2 Co 3.18).

IV *Paulo* passa a conclamar que os areopagitas *se arrependam* das suas idolatrias e se convertam delas (vv. 30,31). Essa é a parte prática do sermão de Paulo diante da universidade. Tendo-lhes apresentado Deus (v. 23), ele corretamente os convoca à *conversão a Deus* e também haveria lhes ensinado *a fé em nosso Senhor Jesus Cristo* (cap. 20.21) se tivessem mostrado paciência de ouvi-lo. Depois de lhes mostrar o absurdo de adorar outros deuses, ele os persuade a não continuar mais nessa maneira tola de culto, mas a se voltarem ao *Deus vivo e verdadeiro* (1 Ts 1.9).

1. A conduta de *Deus* para com o mundo gentio antes da chegada do evangelho a eles: *Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância* (v. 30). (1) Eram tempos de grande *ignorância*. A aprendizagem humana floresceu mais que nunca no mundo gentio pouco antes dos dias de Jesus. Mas, nas coisas de *Deus*, eles eram grotescamente ignorantes. São realmente ignorantes os que não conhecem a *Deus* ou o adoram sem saber. A idolatria era conseqüência da ignorância. (2) *Deus* não levou em *conta os tempos da ignorância*. Podemos entender esta afirmação: [1] Como ato da justiça divina. *Deus* desprezou esses *tempos da ignorância* e não lhes enviou o evangelho como fez agora. Era-lhe muito irritante ver a sua glória ser dada a outrem. Ele detestava e odiava esses *tempos*. Assim entendem certos estudiosos. Ou, mais propriamente: [2] Como ato da paciência e clemência divina. *Deus* não fez *conta* desses *tempos*. Ele não os conteve de

entregarem-se a estas idolatrias enviando-lhes profetas como enviou para Israel. Ele não os castigou por essas idolatrias, como castigou Israel, mas lhes deu as bênçãos da sua providência (cap. 14.16,17). *Estas coisas tens feito, e eu me calei* (Sl 50.21). Ele não os chamou ou os motivou ao arrependimento como fez agora. Ele os deixou. E não lhes enviou mais luz, porque não melhoraram a luz que tinham, mas se contentaram voluntariamente em permanecer ignorantes: Ele não foi severo com eles, mas benigno e bastante paciente por agirem na *ignorância* (1 Tm 1.13).

2. A responsabilidade que Deus deu ao mundo gentio pelo evangelho que agora lhes envia: Ele *anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam* (v. 30), que mudem de opinião e de caminhos, que se envergonhem da sua insensatez e ajam mais sabiamente, que interrompam a adoração aos ídolos e se prendam à adoração ao Deus verdadeiro. Eles tinham de afastar-se com tristeza e vergonha de todo pecado e se voltar com alegria e determinação a todo dever. (1) Este é o anúncio de Deus (v. 30). Teria sido um grande favor Ele haver nos avisado que existia espaço para arrependimento e aceitação. Mas, indo mais longe, Ele interpõe a sua própria autoridade para o nosso bem e transforma o nosso dever em privilégio. (2) É o anúncio de Deus *a todos os homens, em todo lugar* (v. 30). É aos *homens*, e não aos anjos que não precisam de se arrepender, aos *homens*, e não aos demônios que são excluídos desse benefício, *a todos os homens, em todo lugar. Todos os homens* fizeram algo digno de arrependimento e têm muitos motivos para arrepender-se. *Todos os homens* são convocados a se arrepender e se beneficiar dessa oferta. Os apóstolos foram comissionados a proclamar o arrependimento *em todo lugar*. Os profetas foram enviados a ordenar aos judeus que se arrependessem, mas os apóstolos foram enviados a pregar *o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações* (Lc 24.47). (3) Hoje, no tempo do evangelho, a ordem é ainda mais insistente, pois a urgência é maior que antes. Hoje o caminho do perdão está mais aberto que no passado, e a promessa está mais inteiramente confirmada. Logo, Ele espera que todos nos arrependamos. "Arrependei-vos; *agora*, por fim, *agora*, enquanto é tempo, arrependei-vos, pois por muito tempo vós tendes permanecido em pecado. *Agora*, ainda há tempo para arrependimento, pois logo será tarde demais".

3. A boa razão para a urgência deste anúncio: enfrentar o julgamento por vir. Deus nos anuncia que nos arrependamos, *porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo* (v. 31), e, pelo evangelho, tornou definitivamente claro que há um estado de juízo final no outro mundo. Observe: (1) O Deus que fez o *mundo* o julgará (v. 31). Aquele que deu existência e faculdades mentais aos filhos dos homens os chamará para prestar contas pelo uso que fizeram do que receberam e para recompensá-los de acordo. Será verificado se o corpo serviu a alma servindo a Deus ou se a alma serviu de escrava ao corpo para satisfazer a carne. *Cada um* receberá *segundo o que tiver feito por meio do corpo* (2 Co 5.10). O Deus que hoje governa o mundo o julgará, recompensará os amigos fiéis do seu governo e castigará os rebeldes. (2) Há um *dia* determinado (v. 31) para essa revisão geral de tudo que os homens fizeram no tempo, e uma determinação final do estado do homem para a eternidade. O *dia* foi fixado no conselho de Deus e não pode ser alterado. Só Ele sabe o *dia* e não pode ser revelado. Trata-se de um *dia* de decisão, um *dia* de recompensa, um *dia* que porá um período final a todos os dias do tempo. (3) O *mundo* será julgado com *justiça* (v. 31), pois Deus, que toma vingança, não é injusto. Longe dele esteja cometer iniqüidade. O seu conhecimento do caráter e ações de todos os homens é infalivelmente verdadeiro, tornando a sentença incontestavelmente justa. E como não haverá apelação da sentença, também não haverá objeção a ela. (4) Deus julgará o *mundo* [...] *por meio do varão que destinou* (v. 31), que não pode ser outro senão o Senhor Jesus, a quem foi dado *todo o juízo* (Jo 5.22). Por Ele, Deus fez o *mundo*; por Ele, o redimiu; por Ele, o governa; e, por Ele, o julgará. (5) O fato de Deus ter ressuscitado Jesus *dos mortos* (v. 31) é a prova definitiva de Ele ser nomeado e *constituído juiz dos vivos e dos mortos* (cap. 10.42). Ao lhe fazer a primeira honra, Deus comprovou que o designou para a outra honra. A ressurreição de Jesus foi o começo da sua exaltação, que atingirá o nível de aperfeiçoamento quando Ele julgar o mundo. Aquele que começa, termina. Deus *disso deu certeza a todos* (v. 31), proporcionando base suficiente para firmeza da fé, que haverá um julgamento futuro e que Jesus será o juiz. A questão não é deixada na indecisão, mas é de *certeza* inquestionável. Estejam certos disso todos os seus inimigos e tremam diante dele. Saibam disso todos os seus amigos e triunfem nele. (6) A importância do julgamento futuro e da grande participação que Jesus terá nele deve nos impulsionar a nos arrependermos de nossos pecados e, deles, nos convertermos a Deus. Este é o único jeito de o Juiz ser nosso amigo naquele dia que será terribilíssimo para todos os que vivem e morrem impenitentes. Mas os verdadeiros penitentes levantarão a cabeça com alegria, porque sabem que a sua redenção está próxima (Lc 21.28).

Paulo em Atenas

vv. 32-34

Temos aqui um resumo das conseqüências da pregação de *Paulo* em Atenas.

I Poucos escolheram a boa parte. O evangelho teve muito pouco sucesso em Atenas. O orgulho dos filósofos atenienses, semelhante ao que aconteceu com os fariseus em Jerusalém, os indispôs a aceitar o evangelho de Cristo. 1. *Uns escarneciam* de *Paulo* (v. 32) e seu anúncio. Eles o *ouviram* pacientemente até ele mencionar a *ressurreição dos mortos*, quando então alguns começaram a vaiá-lo: Eles *escarneciam*. O discurso que lhes fizera era um tanto quanto semelhante ao que habitualmente ouviam em suas escolas filosóficas. Possuíam certa noção de uma *ressurreição* no sentido de um estado futuro. Mas para eles soava inacreditável e difícil de suportar *Paulo* falar de uma *ressurreição dos mortos*, mesmo que fosse da ressurreição do próprio Cristo. Essa idéia era contrária a um dos seus princípios filosóficos: *A privatione ad habitum non datur regressus – A vida, sendo perdida, é irrecuperável.* Eles divinizavam

seus heróis depois de mortos, mas nunca imaginaram que eles ressuscitariam. Portanto, não conseguiam de jeito nenhum aceitar esta doutrina de Jesus ter ressuscitado. Como poderia ser? Essa grande doutrina que é a alegria dos santos é tema de escárnio para os atenienses que ouviam *Paulo*. Bastou ser mencionada para que dela zombassem e a tornassem motivo de riso. Não estranhemos se as verdades sagradas da maior certeza e importância se tornam o alvo do desprezo de pessoas extremamente inteligentes. 2. *Outros* (v. 32) queriam tempo para pensar no assunto. Eles *diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez*. Por ora, eles não aceitariam nem se oporiam ao que *Paulo* dissera, mas *acerca [da ressurreição dos mortos] te ouviremos outra vez*. Pelo visto, estavam desprezando o que era claro e incontestável e se livrando de praticarem e se beneficiarem com isso. Eles levantaram objeções ao que era discutível, abrindo dessa forma o debate. Hoje muitos perdem o benefício da doutrina prática do cristianismo porque passam da profundidade disso para a controvérsia, ou, antes, contestam algum ponto difícil. Por outro lado, se alguém estiver disposto e determinado a *fazer a vontade de Deus*, até onde ele a conheça, pela mesma doutrina de Cristo, ele saberá se a mesma é de Deus ou dos homens (Jo 7.17). Esses que não aceitaram as argumentações da palavra pensaram esclarecê-las, como fez Félix, adiando a decisão para outra oportunidade. Um dia, desejarão ouvir de novo a mensagem, mas não sabem quando. Assim, Satanás os priva de ter outras oportunidades, roubando-lhes a vigente. 3. *Paulo* os deixou por ora para refletirem sobre o assunto: *E assim Paulo saiu do meio deles* (v. 33), vendo pouca probabilidade de fazer-lhes algum bem neste momento. Mas é provável que saiu prometendo aos que estavam dispostos a ouvi-lo novamente que ele lhes falaria sempre que quisessem.

II Houve uns poucos que creram (v. 34). Se alguns não crêem, outros o fazem. 1. Certos homens prenderam-se a *Paulo* e creram: *Chegando alguns varões a ele, creram* (v. 34). Quando ele *saiu do meio deles* (v. 33), significa que alguns não se separaram dele. Por onde quer que ele andava, eles o seguiam com a resolução de aceitar a doutrina que anunciava e na qual *creram*. 2. Duas pessoas são citadas nominalmente. Uma era um homem eminente: *Dionísio, o areopagita* (v. 34), membro daquele supremo tribunal ou grande conselho que funcionava no Areópago. Ele era juiz, senador e um dos que convocara *Paulo* a falar no Areópago. Nesse caso, o seu juiz se tornou o seu convertido. A história que os antigos contam sobre *Dionísio* é que ele fora criado em Atenas e estudara astrologia no Egito, onde tomara conhecimento da passagem milagrosa da paixão de nosso Salvador. Voltando a Atenas, ele se tornara senador, disputara com *Paulo* e fora por ele convertido do seu erro e idolatria. E, depois de receber instruções e ensinos completos do apóstolo, fora nomeado o primeiro bispo de Atenas. São informações fornecidas por Eusébio (livro 5, cap. 4; livro 4, cap. 22). A *mulher* chamada *Dâmaris*, como pensam certos estudiosos, era esposa de *Dionísio*. Mas é preferível supor que seria outra pessoa de alta posição social. A colheita em Atenas não foi tão grande quanto em outras cidades. Contudo, os poucos que *creram* já bastaram para *Paulo* dizer que não havia *trabalhado em vão* (Fp 2.16).

CAPÍTULO 18

Neste capítulo, temos: I. A ida de Paulo a Corinto, a convivência particular com Áquila e Priscila e os debates públicos com os judeus. Quando os judeus rejeitaram o apóstolo, ele se voltou para os gentios (vv. 1-6). II. O grande sucesso do ministério de Paulo em Corinto e o incentivo que Jesus lhe deu em uma visão para prosseguir com seus esforços nessa cidade em vista de mais sucesso (vv. 7-11). III. Os maus-tratos que, algum tempo depois, os judeus causaram a Paulo em Corinto. A frieza de Gálio, o governador romano, na causa deu um fim a esses maus-tratos (vv. 12-17). IV. O progresso que Paulo obteve em muitas regiões, depois de ter permanecido muito tempo em Corinto para a edificação e irrigação das igrejas que ele fundara e plantara. Nesse percurso de repetidas viagens, o apóstolo fez uma curta visita a Jerusalém (vv. 18-23). V. A narrativa do aprimoramento dos conhecimentos de Apolo e da sua utilidade na igreja (vv. 24-28).

Paulo Visita Corinto
vv. 1-6

Paulo não foi muito perseguido em Atenas, nem foi expulso de lá por maus-tratos de alguém, como aconteceu nas cidades em que os judeus tinham ou poderiam ter algum interesse. A recepção fria em Atenas e a baixa perspectiva de fazer alguma coisa boa levaram-no a partir de Atenas. Ele deixou os crentes dali aos cuidados de Dionísio. Tendo chegado a Corinto, foi o instrumento de Deus para a plantação de uma igreja que, em muitos sentidos, se tornou extremamente importante. Corinto era a principal cidade da Acaia, na época, uma província do Império Romano, uma cidade rica e esplêndida. *Non cuivis homini contingit adire Corinthum – Não é permitido que todos os homens vejam Corinto*. Naqueles tempos, a região por essas cercanias chamava-se *a Moréia*. Agora temos aqui:

I *Paulo* trabalha para viver (vv. 2,3). 1. Embora fosse estudioso desde pequeno, *Paulo* também aprendera uma profissão braçal: era fabricante de *tendas* (v. 3), um tapeceiro. Ele fazia *tendas* para soldados e pastores de ovelhas, usando tecidos ou (como afirmam certos estudiosos que eram as tendas geralmente feitas naquela época) de couro ou peles de animal, como a coberta exterior do tabernáculo. Por conseguinte, viver em *tendas* era viver *sub pellibus – debaixo de peles*. O Dr. Lightfoot mostra que os judeus tinham o costume de ensinar uma profissão braçal aos filhos ainda que lhes dessem educação ou propriedades. O rabino Judá afirma: "Aquele que não ensina uma profissão ao seu filho é como se o ensinasse a ser ladrão". E outro rabino declara: "Aquele que tem uma profissão é como ter um vinhedo cercado". Uma profissão

braçal honesta pela qual o homem possa ganhar seu pão, não deve ser vista com desprezo. *Paulo* era fariseu e fora criado aos pés de Gamaliel, mas não esqueceu a arte de *fazer tendas* que aprendera na juventude. 2. Embora tivesse direito de ser sustentado pelas igrejas que ele plantara e pelas pessoas a quem pregara, *Paulo* trabalhou em seu *ofício* para ganhar o pão. Era extremamente digna a atitude de não depender do apoio financeiro de outros. Já a atitude de não lhe prover sustento de forma espontânea, mesmo sabendo das dificuldades por que passava, não era digna. Veja como ele era humilde, surpreenda-se por tão grande homem se pôr em tal nível. De fato, Paulo aprendera a ser condescendente com o Mestre que *não veio para ser servido, mas para servir* (Mt 20.28). Note como ele era laborioso e como estava disposto a se esforçar. Aquele que tinha tão excelente trabalho a fazer com a mente, quando havia oportunidade, não julgou indigno trabalhar com as mãos. Nem mesmo os que foram redimidos da maldição da lei estão isentos desta sentença: *No suor do teu rosto, comerás o teu pão* (Gn 3.19). Perceba como ele era cuidadoso em recomendar o ministério e evitar suspeitas, até as mais infundadas, injustas e exageradas. Ele se sustentou com o trabalho de suas mãos para que não se tornasse pesado ao evangelho de Cristo (2 Co 11.7-10; 2 Ts 3.8,9). 3. Embora possamos supor que era exímio em sua profissão, *Paulo* não costumava trabalhar pela subsistência diária: Ele *trabalhava* com *Áqüila* e *Priscila*, que eram *do mesmo ofício* (v. 3), para que recebesse não mais que os dias trabalhados, uma parca subsistência. Os trabalhadores pobres devem ser gratos se, com suas profissões, conseguem sustentar a eles e suas famílias, mesmo que não baste para juntar propriedades como conseguem fazer os ricos. 4. Embora fosse um grande apóstolo, ele escolheu trabalhar com *Áqüila* e *Priscila*, porque os considerava muito sábios nas coisas de Deus. É o que dá a entender o versículo 26 e também quando ele reconhece que tinham sido seus *cooperadores em Cristo Jesus* (Rm 16.3). Isso é um exemplo para todos os obreiros: procurar servos que melhor se coadunem às exigências da seara. Escolham trabalhar com os que têm a maior probabilidade de serem cooperadores em Cristo Jesus. É bom estar em companhia e travar relações com pessoas que nos incentivem ao conhecimento de Cristo, colocando-nos sob a influência de quem está determinado a servir ao Senhor. Acerca de *Áqüila*, sabemos: (1) Que ele era *judeu*, mas *natural do Ponto* (v. 2). Pelo que indica 1 Pedro 1.1, muitos dos judeus da dispersão foram morar nessa província. (2) *Que há pouco* ele *tinha vindo da Itália* (v. 2) para *Corinto*. Parece que mudava freqüentemente de casa. Este não é o mundo no qual nos propomos a fixar residência. (3) Que a razão de ele deixar a *Itália* deveu-se a um decreto do imperador *Cláudio* César, ordenando que *todos os judeus* fossem expulsos de *Roma* (v. 2). As pessoas odiavam os judeus em geral e aproveitavam toda oportunidade para causar-lhes sofrimento e desgraça. A herança de Deus era como uma *ave de várias cores; andam as aves de rapina contra ela em redor* (Jr 12.9). *Áqüila*, embora cristão, foi expulso porque era *judeu*. Os gentios tinham noções confusas das coisas a ponto de não saber distinguir um judeu de um cristão. Suetônio, falando sobre a vida de Cláudio, menciona esse decreto ocorrido no nono ano do seu reinado, dizendo: A razão do decreto era porque os judeus eram *um povo turbulento – assiduo tumultuantes*, e o eram *impulsore Christo – por causa de Cristo*. Alguns tinham zelo por Ele, ao passo que outros o odiavam, sendo essa discrepância o desencadeador de grandes conflitos. Isso perturbou o governo e provocou o imperador, um homem ciumento e medroso, que ordenou a expulsão de todos. Se os judeus perseguem os cristãos, não é estranho que os gentios persigam a ambos.

II *Paulo* prega aos judeus e lida com eles para levá-los à fé de Cristo (v. 4). Seu público era os *judeus* nativos e os *gregos*, quer dizer, aqueles que tinham um nível de conversão maior ou menor à religião judaica e freqüentavam as reuniões judaicas.

1. O apóstolo disputava com eles *na sinagoga* publicamente *todos os sábados* (v. 4). Veja de que modo os apóstolos propagavam o evangelho, não por força e violência, não por fogo e espada, não exigindo um consentimento implícito, mas apresentando razões justas e imparciais. Eles os atraíam com cordas humanas, davam razões ao que diziam e liberdade para contestações, sempre com respostas prontamente satisfatórias. Deus nos convida a ir e argumentar com Ele (Is 1.18) e desafia os pecadores a apresentar a sua *demanda* e trazer as suas *firmes razões* (Is 41.21). *Paulo* era um pregador racional, como também bíblico.

2. O apóstolo os *convencia – epeithe* (v. 4). Isto denota: (1) A urgência da pregação. Ele discorria com eles e acompanhava suas argumentações com persuasões afetuosas, implorando-lhes que, pelo amor de Deus, para o bem da alma deles, para o bem dos seus filhos, não recusassem a oferta de salvação que lhes era concedida. (2) O bom resultado da pregação. Ele os *convencia*, quer dizer, conseguia convencê-los, segundo entendem certos intérpretes. *In sententiam suam adducebat – Ele os convertia à própria opinião dele.* Alguns dos que o ouviram foram convencidos pelas argumentações apresentadas e se entregaram a Cristo.

3. O apóstolo ficou ainda mais determinado neste assunto quando seus companheiros de trabalho, seus cooperadores, chegaram: *Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia* (v. 5), trazendo-lhe boas notícias das igrejas, dispondo-se a ajudá-lo e lhe fortalecendo as mãos, *foi Paulo impulsionado pela palavra* e se entregou totalmente à obra de pregação. Ele se afligiu com a obstinação e infidelidade dos seus compatriotas judeus e queria muitíssimo que se convertessem, pois *o amor de Cristo* o constrangia (2 Co 5.14). A palavra grega traduzida por *constrange* em 2 Coríntios 5.14 é a mesma traduzida aqui por *impulsionado*. Tendo tal impulso constrangedor, ele testificou *aos judeus* com grande solenidade e seriedade, dizendo-lhes com absoluta certeza e testificando-lhes como *palavra fiel e digna de toda aceitação* (1 Tm 1.5), *que Jesus era o Cristo* (v. 5), o Messias prometido aos pais e esperado por eles.

III *Paulo* abandona os judeus incrédulos e se volta para os gentios (v. 6), como ele fizera em outras cidades.

1. Muitos dos *judeus* (na verdade, quase todos) persistiam em contradizer o evangelho de Cristo, não se deixando convencer pelas argumentações mais convin-

centes nem pelas persuasões mais indubitáveis. *Resistindo e blasfemando* (v. 6), ou seja, "eles se alinharam em ordem de batalha" (conforme o sentido da palavra grega) contra o evangelho, uniram-se para deter o avanço do progresso. Eles tomaram a resolução de não crer no evangelho e de fazer tudo que pudessem para impedir que outros cressem. Eles não tinham argumento contra o evangelho, mas o que lhes faltava em argumentações eles completaram com palavras ou expressões grosseiras: blasfemaram, falaram injuriosamente de Cristo e, através dele, do próprio Deus, como em Apocalipse 13.5,6. E para justificar a infidelidade, eles desataram a blasfemar livremente.

2. Diante disso, *Paulo* se declarou livre da obrigação de anunciar *aos judeus* o evangelho, deixando-os morrer na incredulidade. Ele foi *impulsionado pela palavra* para testificar *aos judeus* (v. 5). Quando rejeitaram o testemunho e persistiram na oposição, ele foi *impulsionado pela palavra* a testificar contra eles (v. 6). Ele demonstrou seu zelo através de um sinal: *sacudiu as vestes* para se livrar do pó (como Paulo e Barnabé haviam feito anteriormente: *Sacudindo, porém, contra eles o pó dos pés...*, cap. 13.51) em testemunho contra eles. Dessa forma, eximiu-se da sua responsabilidade e os colocou sob o julgamento de Deus. Como Pilatos que, pelo ato de lavar as mãos, quis dizer que transferia a culpa do sangue de Cristo para os judeus, Paulo, pelo ato de sacudir as *vestes*, procurou convencê-los dos seus pecados até o último instante. (1) O apóstolo tinha feito sua parte e estava limpo do sangue das almas desses *judeus*. Como guarda fiel, ele lhes dera o aviso, e assim livrara a própria alma, mesmo não tendo conseguido livrar a alma deles. Ele tentara todos os métodos para convencê-los, mas de nada adiantou. Caso morram na incredulidade, o sangue deles não será requerido das suas mãos. Aqui e no capítulo 20.26, *Paulo* se refere claramente a Ezequiel 33.8,9. É muito reconfortante o ministro ter o testemunho da consciência de que se desincumbiu fielmente dos deveres que lhe foram concedidos, advertindo os pecadores. (2) Esses *judeus* certamente perecerão se persistirem na incredulidade, e a culpa será completamente deles: "*O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça* (v. 6), vós sereis os vossos próprios destruidores, vossa nação será arruinada neste mundo, e as pessoas individualmente serão arruinadas no outro mundo, e *tu só o suportarás* (Pv 9.12)". Se houvesse algo que os amedrontasse a ponto de por fim serem condescendentes com o evangelho, certamente seria isso.

3. Tendo desistido dos *judeus*, *Paulo* não desiste da obra. Embora Israel não tivesse aceitado, Cristo e seu evangelho serão gloriosos: *Desde agora, parto para os gentios* (v. 6). E os *judeus* não podem reclamar, porque tiveram a primeira oferta, e uma oferta justa. Os convidados que foram convidados inicialmente não vieram, e os suprimentos não podem ser jogados fora. Deve haver convidados dos *caminhos e atalhos* (Lc 14.23) que aceitem o convite. "Nós teríamos ajuntado os judeus (Mt 23.37) e os teríamos sarado (Jr 51.9), mas eles não quiseram. Contudo, Jesus não deve ser uma cabeça sem corpo, nem uma fundação sem edifício. Se não forem, temos de encontrar outros". Assim a queda e diminuição dos *judeus* se tornaram a riqueza dos *gentios*. *Paulo* disse isso na sua face, não só para se justificar, mas para que sentissem ciúme (Rm 11.12,14).

Paulo Visita Corinto
vv. 7-11

Nestes versículos, temos:

I *Paulo* mudou o local da pregação. Quando Jesus enviou os discípulos, Ele os orientou para não andar *de casa em casa* (Lc 10.7). Contudo, poderia haver justa causa para mudar de lugar, como *Paulo* fez aqui. Sendo expulso pela perversão dos judeus incrédulos, saiu da *sinagoga* e *entrou em casa de um homem chamado Tito Justo* (v. 7). Pelo visto, foi à *casa* deste *homem* não para se hospedar, pois ele permaneceu com Áqüila e Priscila, mas para pregar. Uma vez que os judeus não deixariam o apóstolo continuar trabalhando pacificamente no local de reunião deles, este *homem* honesto abriu prazerosamente as portas de sua *casa* para a pregação do evangelho. *Paulo* aceitou o convite. Não era a primeira vez que a arca de Deus tomava residência temporária em uma casa particular. Quando *Paulo* não tinha liberdade para pregar na *sinagoga*, pregava em uma *casa*, sem o mínimo descrédito para a doutrina. Observemos a história desse *homem* e de sua *casa*. 1. *Tito Justo* era vizinho de um judeu. Ele *servia a Deus* (v. 7) e não era idólatra, embora fosse gentio. Era adorador do Deus de Israel, e somente dele, como Cornélio. Para que o apóstolo causasse a menor afronta possível aos judeus, embora os tivesse abandonado, ele organizou uma reunião evangelística na casa deste *homem*. Mesmo quando forçado a romper relações com os judeus para voltar-se para os gentios, ele agia cuidadosamente no intuito de mantê-los sob a obrigação moral de o aceitar. 2. A *casa estava junto da sinagoga* (v. 7). Alguns estudiosos afirmam que esse fato tinha o propósito de atrair as pessoas da *sinagoga* para a reunião naquela *casa*. Em minha opinião, a contigüidade da *sinagoga* com a *casa* demonstrava amor. Ele ficara o mais perto possível dos judeus, estando pronto para voltar para eles caso recebessem e não contradissessem e blasfemassem a mensagem como já haviam feito.

II *Paulo* viu o bom fruto do seu trabalho, tanto entre judeus quanto entre gentios. 1. *Crispo*, judeu, homem ilustre, *principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa* (v. 8). Era uma honra para o evangelho que pessoas importantes e de alta posição, na igreja e no estado, o aceitassem. Isso deixava os judeus indesculpáveis: que o *principal da sinagoga*, que sobrepujava os demais judeus em conhecimento das Escrituras e zelo pela religião, cresse no evangelho ao mesmo tempo em que eles se opunham e blasfemavam da doutrina. Ele creu *com toda a sua casa*, sendo, provavelmente, todos batizados por *Paulo* (1 Coríntios 1.14). 2. *Muitos dos coríntios* (v. 8), que eram gentios (e alguns deles pessoas de mau caráter como dá a entender 1 Co 6.11: *É o que alguns têm sido*), *ouvindo-o, creram e foram batizados*. Primeiro, eles ouviram, porque *a fé é pelo ouvir* (Rm 10.17). Alguns, talvez, foram ouvir a mensagem já convictos de que o modo como viviam não era certo. Mas é provável que a

maioria haja comparecido por simples curiosidade, porque era um novo ensinamento que estava sendo anunciado. Seja como for, *ouvindo-o*, eles *creram* pelo poder de Deus que operava neles. E, quando *creram, foram batizados*; e assim se uniram a Cristo: passaram a fazer parte do seu corpo com todos os direitos e deveres

III *Paulo*, por meio de uma *visão*, foi motivado a prosseguir com a obra em Corinto: *Disse o Senhor; em visão, a Paulo* (v. 9). Deitado na cama, o apóstolo meditava nos trabalhos que estava fazendo e falava com seu coração (Sl 4.4). Ele considerava se deveria ou não permanecer em Corinto, que método deveria pôr em prática e que probabilidade haveria de fazer o bem. Neste exato momento, Jesus apareceu-lhe: *Multiplicando-se dentro de mim os meus cuidados, as tuas consolações reanimaram a minha alma* (Sl 94.19). 1. Jesus renovou a comissão e a responsabilidade de *Paulo* para pregar o evangelho: "*Não temas* (v. 9) os judeus. Embora eles sejam excessivamente ultrajantes e, quem sabe, estejam bastante irados por causa da conversão do *principal da sinagoga* (v. 8). *Não temas* os magistrados da cidade, porque eles não têm poder contra ti, senão o que de cima lhes é dado (Jo 19.11). É a causa dos céus que tu estás advogando; portanto, sê corajoso. *Não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles* (Ez 2.6), *mas fala e não te cales* (v. 9), não percas nenhuma oportunidade de falar com eles. *Clama em alta voz, não te detenhas* (Is 58.1). *Não te cales* (v. 9) por medo deles, nem *temas* ao falar" (se me permito dizer). "Não tenhas vergonha ou cautela ao falar, mas fala tudo claramente e com coragem. Fala! Usa toda a liberdade de espírito para que tu sejas um embaixador de Cristo". 2. Jesus assegurou que estaria com *Paulo*, o que bastou para animá-lo e lhe injetar vitalidade e coragem: "*Não temas* (v. 9), *porque eu sou contigo* (v. 10) para te proteger, te sustentar e te livrar de todos os teus medos. *Fala e não te cales* (v. 9), *porque eu sou contigo* (v. 10) para confirmar o que disseres, trabalhar contigo e confirmar a palavra pelos sinais que se seguirão" (Mc 16.17). A mesma promessa que ratificou a Grande Comissão: *Eis que eu estou convosco todos os dias* (Mt 28.19,20), é repetida aqui. Os que andam com Jesus não precisam temer, nem recuar. 3. Jesus deu a *Paulo* a certeza de proteção para mantê-lo ileso: "*Ninguém lançará mão de ti para te fazer mal* (v. 10). Tu serás liberto das mãos de homens maus e desorientados e não serás expulso desta cidade por perseguição, como foste das outras". O Senhor não promete que *ninguém lançará mão* dele (pois a próxima informação que lemos é que eles o pegaram e *o levaram ao tribunal*, v. 12), mas: "*Ninguém lançará mão de ti para te fazer mal* (v. 10), e *o restante da cólera* será restringido (Sl 76.10). Tu não serás açoitado e preso aqui como em Filipos". No começo, Paulo recebeu um tratamento mais severo que no final, e agora foi alegrado pelos dias em que foi afligido (Sl 90.15). As provações não durarão para sempre (Sl 66.10-12). Ou podemos entender de modo mais geral: "*Ninguém lançará mão de ti, tou kakosai se – para te fazer mal* (v. 10). Seja qual for a dificuldade que eles te causem, não há verdadeiro *mal* nisso. Eles não podem te matar nem te ferir, *porque eu sou contigo* (v. 10; Sl 23.4; Is 41.10). 4. Jesus deu a *Paulo* uma expectativa de sucesso: "*Pois tenho muito povo nesta cidade* (v. 10). É por isso que ninguém conseguirá impedir tua obra. É por isso que Eu estarei contigo para confirmar tua obra. Portanto, faze o teu trabalho com vigor e alegria, pois há muitos *nesta cidade* que atenderão ao evangelho através do teu ministério. Nisso, tu verás o trabalho da tua alma" (como em Is 53.11). *Laos esti moi polys – há para mim um grande povo aqui*. O Senhor conhece os que são e os que serão dele, pois é pela obra que Ele realiza em suas vidas que passam a lhe pertencer. Ele conhece todas as coisas desde toda a eternidade (cap. 15.17,18). "Eu os possuo, ainda que eles não me conheçam, ainda que estejam presos à vontade do diabo (2 Tm 2.26), pois o Pai os deu para mim a fim de serem uma semente para me servir. Eu escrevi seus nomes no Livro da Vida, e de todos que me foram dados Eu não perderei nenhum. Eu os tenho, e estou certo disso"; *e aos que predestinou, a esses também chamou* (Rm 8.30). *Nesta cidade*, mesmo sendo excessivamente profana, cheia de impureza e muito mais pela existência do templo de Vênus, o qual era bastante freqüentado, *tenho muito povo*. Nesse montão que aparenta possuir somente joio, há trigo. Nesse minério que aparenta existir somente escória, há ouro. Não nos desesperemos acerca de qualquer *cidade*, pois, mesmo em Corinto, Jesus tinha *muito povo*.

IV *Paulo*, em conseqüência desta palavra de ânimo, estendeu sua permanência em Corinto: Ele *ficou ali um ano e seis meses* (v. 11), não para descansar, mas para prosseguir com seu trabalho, *ensinando entre eles a palavra de Deus*. Sendo a cidade ponto de confluência de pessoas de todas as partes do mundo, ele teve oportunidade de pregar o evangelho a estrangeiros, que repetiram a mensagem em outros países. O apóstolo permaneceu por longo tempo em Corinto: 1. Para buscar os que eram de fora. Jesus tinha *muito povo* naquela *cidade*, e, pelo poder da sua graça, poderia tê-lo convertido em uma semana ou um mês, como aconteceu na primeira pregação do evangelho, quando milhares de pessoas foram apanhados na rede do evangelho. Mas Deus trabalha de modo variado. As pessoas que Jesus tem em Corinto deviam ser chamadas por etapas, algumas por um sermão, outras por outro meio. *Mas, agora, ainda não vemos que todas as coisas* [...] *estejam sujeitas* a Cristo (Hb 2.8). Os ministros de Jesus devem prosseguir com seus deveres e obrigações, ainda que o trabalho não seja feito todo de uma vez, mas um pouquinho de cada vez. 2. Para edificar os que eram de dentro. Os que se converteram deviam aprender a *palavra de Deus*, e os *coríntios* necessitavam que os ensinamentos fossem ministrados particularmente pelo próprio *Paulo*. No mesmo instante em que a boa semente foi semeada no campo, veio o inimigo e semeou o joio, os falsos apóstolos, os obreiros da iniqüidade, de quem *Paulo* tanto reclama nas duas epístolas aos Coríntios. Quando as mãos dos perseguidores judeus, que eram confessos inimigos do evangelho, foram atadas, criou-se para o apóstolo uma dificuldade ainda maior, ocasionando sérios prejuízos à igreja. Sob o pretexto do nome de Cristo, a língua dos pregadores judaizantes arruinou as próprias bases do cristianismo. Logo depois de chegar a Corinto, supõe-se que *Paulo* escreveu a primeira epístola aos Tessalonicenses, cronologicamente, a primeira das epístolas que escreveu por inspi-

ração divina. E a segunda epístola para a mesma igreja foi escrita não muito tempo depois. Os ministros podem servir a Jesus e cumprir os grandes propósitos ministeriais a que foram chamados, escrevendo boas cartas, como também pregando bons sermões.

Paulo Visita Corinto
vv. 12-17

Este é o relato de certo tumulto ocorrido em Corinto por causa de Paulo e seus amigos; sem causar, todavia, muito prejuízo ou provocar grande obstáculo à obra de Cristo. Nestes versículos, temos:

I Os *judeus* acusam *Paulo* perante o governador romano (vv. 12,13). *Gálio* (v. 12) era o governador, ou seja, o *procônsul da Acaia*, pois a *Acaia* era uma província consular do Império Romano. Esse *Gálio* era irmão mais velho do famoso Sêneca. Na sua juventude, ela se chamava Novato, mas recebeu o nome *Gálio* ao ser adotado na família de Júlio Gálio. Sêneca diz que seu irmão era um homem sincero, de grande probidade e de grande senso de humor. Era comum chamá-lo *Dulcis Gallio – Doce Gálio*, em virtude de sua disposição amável. Dizem ter sido universalmente amado. Agora observe: 1. O apóstolo foi rudemente detido e levado à presença do governador romano: *Levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo* (v. 12). Esses *judeus* eram os líderes de todo mal contra o apóstolo e entraram em aliança para prejudicá-lo. E foram unânimes: eles o agarraram *concordemente*, unidos para fazer esta maldade. Eles agiram com fúria e violência: *Levantaram-se*, ou seja, fizeram um levante à perturbação da paz pública, e *levaram* Paulo às pressas *ao tribunal*, não lhe dando tempo para preparar uma defesa. 2. O apóstolo foi falsamente acusado perante o governador romano: *Este persuade os homens a servir a Deus contra a lei* (v. 13). Eles não tinham como acusá-lo de persuadir *os homens a servir a Deus* ou a servir outros deuses (Dt 13.2). Mas só de *servir a Deus* de modo contrário à *lei*. Nas suas províncias, os romanos permitiam que os *judeus* observassem suas próprias leis. Então, qual é a base para essa acusação? Eles devem ser processados como criminosos por *servir a Deus* de outro modo? A tolerância dos romanos inclui o poder de impor penalidades? A acusação era injusta, pois a própria *lei* judaica continha a promessa de um profeta que Deus levantaria entre eles a quem eles deveriam ouvir. Agora *Paulo* os persuadiu a crer neste novo profeta e a ouvi-lo, o que estava de acordo com a *lei*, porque Jesus, o profeta, não veio destruir a lei, mas cumpri-la (Mt 5.17). Esses *judeus* em Corinto não podiam observar a *lei* relativa ao serviço no templo, porque estavam geograficamente longe de Jerusalém, e o apóstolo não estava ferindo nenhuma parte do serviço na sinagoga. Assim quando as pessoas são ensinadas a servir a Deus em Cristo e a adorá-lo no Espírito, elas estão prontas a discutir, como se esse ensinamento fosse *contra a lei*, ao passo que é na verdade aperfeiçoador da lei.

II *Gálio*, assim que ouviu, ou antes, sem nem mesmo ouvir a questão, recusou a ação judicial e não quis tomar conhecimento do que ocorria (vv. 14,15). *Paulo* estava pronto para apresentar sua defesa (*querendo Paulo abrir a boca*, v. 14) e provar que não ensinava *os homens a servir a Deus contra a lei* (v. 13), mas o juiz, estando resolvido a não dar sentença sobre a questão, não queria se dar ao trabalho de examiná-la.

1. O *procônsul* se mostra bem disposto a desempenhar a função de juiz em qualquer *questão* que tivesse de examinar. Ele *disse* [...] *aos judeus*, que eram os querelantes: "*Se houvesse* [...] *algum agravo ou crime enorme* (v. 14), se vós estivésseis acusando o prisioneiro de roubo, ou fraude, ou saque, ou assassinato ou qualquer ato de imoralidade, eu teria de vos aturar (*com razão vos sofreria*, v. 14) em vossas reclamações, mesmo sendo clamorosas e ruidosas". Isso porque, caso a *questão* fosse justa, o comportamento rude e grosseiro dos querelantes não seria razão suficiente para não lhes fazer justiça. É dever dos magistrados corrigir a parte prejudicada e repreender a parte ofensora. Mesmo que a apresentação da queixa não seja feita com todo o decoro pertinente, ela deve ser ouvida até o fim.

2. O *procônsul* não aceita de modo nenhum a queixa de algo que não estava dentro da sua jurisdição: "*Se a questão é de palavras, e de nomes, e da lei que entre vós há, vede-o vós mesmos* (v. 15). Tratai da *questão* entre vós como puderdes, *porque eu não quero ser juiz dessas coisas!* Não me incomodeis com essa audiência, não aborreçais minha consciência para julgar essa *questão*". Então, quando estavam ansiosos e com pressa de serem ouvidos, *expulsou-os do tribunal* (v. 16) e ordenou que fosse chamada a questão seguinte. (1) A conduta de *Gálio* é correta e digna de nota. Ele não quis julgar coisas de que não entendia, mas entregou aos *judeus* a responsabilidade de cuidar dos assuntos relativos à religião judaica. Todavia, sob tal pretexto, ele não permitiria que maltratassem ou matassem *Paulo*; ou, pelo menos, não admitiria que o usassem como ferramenta para prejudicar o apóstolo, julgando-o. Tendo considerado que a *questão* não estava dentro da sua jurisdição, ele não se intrometeria nisso. (2) Certamente era errado falar tão levianamente de uma lei e religião que ele sabia ser de Deus e da qual possuiria certo conhecimento. De que modo se deve servir a Deus, se Jesus é ou não o Messias, se o evangelho é ou não uma revelação divina não são questões *de palavras, e de nomes* (v. 15), como o *procônsul* desdenhosa e profanamente as chamou. Tais questões são da maior importância, e caso as tivesse entendido corretamente, ter-se-ia mostrado bastante interessado nelas. Ele fala como se vangloriasse e se orgulhasse de desconhecer as Escrituras e também como se fossem indignas de conhecimento e exame.

III Os *judeus* maltratam *Sóstenes*; diante disso *Gálio* mostra total indiferença (v. 17). 1. As partes mostraram grande desrespeito pelo *tribunal*, quando *todos agarraram Sóstenes* [...] *e o feriram diante do tribunal* (v. 17). Há muitas conjeturas sobre esse incidente, porque não sabemos ao certo quem era *Sóstenes* e quem eram as pessoas que compunham estes *todos* que o maltrataram. É muito provável que *Sóstenes* fosse cristão e amigo particular de *Paulo*. Nessa ocasião, ele compareceu em juízo a favor do apóstolo, cuidou da sua segurança

e o conduziu para fora do *tribunal* quando *Gálio* recusou a ação judicial. Assim ao serem impedidos de atacar *Paulo*, voltaram-se contra aquele que o protegia. Sabemos com certeza que havia um *Sóstenes* que era amigo de *Paulo* e varão bem conhecido em Corinto. É quase certo que fosse ministro, pois *Paulo* o intitula de *irmão* e se une com ele na primeira epístola à igreja em Corinto (1 Co 1.1), tal qual faz com Timóteo na sua segunda carta. É provável que o Sóstenes citado na carta aos Coríntios seja o mesmo citado aqui. Ele era *principal da sinagoga* ou ajudante com *Crispo* (v. 8), ou *principal* de uma *sinagoga* como *Crispo* era *principal* de outra. Quanto aos que o maltrataram, é muito provável que fossem judeus helenistas ou gregos judeus, que se uniram com os judeus na oposição ao evangelho (vv. 4,6) e que foram incumbidos dessa tarefa pelos judeus nativos, por entenderem lhes ser isso menos ofensivo. Eles estavam tão irados contra *Paulo* que agrediram *Sóstenes*, e tão enfurecidos contra *Gálio*, por ele não ter sido favorável à instauração do processo, que agrediram *Sóstenes* [...] *diante do tribunal*. Com esse procedimento, deram a entender que não se importavam em absoluto com ele. Se o *procônsul* se negou a lhes servir de executor, eles mesmos seriam os juízes. 2. O *tribunal* também desprezou a questão e as pessoas. *Porém, a Gálio nada destas coisas o incomodava* (v. 17). Se por esse comportamento, ele quis dizer que não se deixava levar pelas afrontas de homens maus, sua atitude foi bastante digna. Enquanto se mantivesse continuamente firme às leis e normas da justiça, poderia fazer pouco caso do desrespeito que mostravam. Mas, se com esse tipo de comportamento, quis dizer (como é minha opinião) que não se importava com os maus-tratos cometidos contra homens bons, ele ultrapassa os limites da sua indiferença e mostra traços maus do seu caráter. Essa é a maldade cometida no recinto do *tribunal* (da qual Salomão reclama, Ec 3.16), e nada é feito para combatê-la ou a deter. *Gálio*, como juiz, deveria ter protegido *Sóstenes*, contido e castigado *todos* os que o maltratavam. Um homem atacado na rua ou na praça talvez não deva ser socorrido prontamente. Mas um homem não ser socorrido no tribunal, no foro, em plena sessão de julgamento, e ainda o próprio juiz lhe ser indiferente, é evidência de que *a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar*; porque *quem se desvia do mal é tratado como presa* (Is 59.14,15, versão RA). As pessoas que vêem e ouvem falar dos sofrimentos dos filhos de Deus e não sentem compaixão deles, nem se importam com eles, e não oram por suas vidas, sendo-lhes indiferentes se os interesses da religião malograrem ou forem bem-sucedidos, têm o mesmo espírito de *Gálio*: feriam um homem bom em sua presença, e *nada destas coisas o incomodava*. Essas pessoas são semelhantes aos *que repousam em Sião* e não se afligem *pela quebra de José* (Am 6.1,6), são como *o rei e Hamã* que *se assentaram para beber* enquanto *a cidade de Susã estava confusa* (Et 3.15).

A Visita de Paulo a Éfeso e Jerusalém

vv. 18-23

Neste trecho, Paulo está em contraposição ao trecho anterior, quando ficou parado em Corinto por certo tempo. Mas, em ambos os trechos, ele se encontrava ocupado, muito ocupado, a serviço de Cristo. Quer o apóstolo estivesse sentado ou andando, não deixava de praticar o bem. Aqui está:

I A partida de *Paulo* de Corinto (v. 18). 1. O apóstolo saiu de Corinto algum tempo depois do surgimento dos problemas ali encontrados. De outras cidades, ele saiu imediatamente depois que os problemas surgiam; de Corinto, não! Certos estudiosos informam que *Gálio* apoiou reservadamente *Paulo*, agindo a favor dele, e que isso ocasionou uma troca de cartas entre *Paulo* e Sêneca, irmão de *Gálio*, mencionadas por alguns dos antigos. *Paulo, ficou ainda ali muitos dias* (v. 18) e, de acordo com alguns eruditos, isso seria mais do que *um ano e seis meses* conforme mencionado no versículo 11. Consciente de que não estava trabalhando em vão, continuou com a obra. 2. Quando o apóstolo partiu, *despediu-se dos irmãos* (v. 18) respeitosa e carinhosamente, proferindo palavras de consolação e exortação, fazendo orações de despedida, aconselhando-os a praticarem o bem, reprovando o que era mau e os avisando dos ardis dos falsos apóstolos. O sermão de despedida lhes causou ótima impressão. 3. O apóstolo levou *com ele, Priscila e Áqüila* (v. 18), porque planejavam acompanhá-lo. Eles estavam desejosos de se mudar e de não permanecer muito tempo num determinado lugar. Essa disposição pode surgir de um princípio adequado e possuir conseqüências favoráveis; por isso, ela não deve ser condenada. Havia uma grande amizade entre o casal e *Paulo*, e quando comunicou que partiria, eles pediram para o acompanhar. 4. Em *Cencréia*, ligada a Corinto e onde se localizava o porto utilizado pelos coríntios para viajar por mar, *Paulo* ou *Áqüila* (o original grego não determina quem) raspou a cabeça para se desobrigar do voto de nazireu: *Tendo rapado a cabeça em Cencréia, porque tinha voto* (v. 18). Em tais casos, os que moravam na Judéia eram obrigados a fazer isso no templo. Mas os que moravam em outros países poderiam fazê-lo em outros lugares. A cabeça do nazireu era raspada quando sua consagração era acidentalmente contaminada; e, nesse caso, ele tinha de começar de novo, ou *no dia em que se cumprirem os dias do seu nazireado* (Nm 6.9,13,18). Provavelmente, essa foi a situação aqui relatada. Certos estudiosos são mais propensos a considerar que se tratava de *Áqüila*, um *judeu* (v. 2) que talvez retivesse mais dos ritos judaicos do que convinha. Mas não vejo problema em dizer o mesmo em relação a *Paulo*, pois a respeito dele temos de admitir a mesma coisa (cap. 21.24,26), não só em aquiescência temporária aos judeus, a quem se fez *como judeu para os judeus, para ganhar os judeus* (1 Co 9.20), mas devido ao *voto* de nazireu. Esse *voto* fazia parte da lei cerimonial que logo desapareceria, mas ainda possuía significação moral e religiosa. Era, então, adequado que fosse a última de todas as cerimônias judaicas a acabar. Os nazireus estavam no mesmo nível que os profetas (Am 2.11) e faziam parte importante da glória de Israel (Lm 4.7). Por conseguinte, não era estranho que *Paulo* se prendesse por certo tempo ao *voto* de nazireu, abstendo-se de vinho e bebida forte e não cortando o cabelo, para se recomendar aos judeus. É desse *voto* que ele agora se desobriga.

II O chamado de *Paulo* em *Éfeso*, a metrópole da Ásia Menor e cidade portuária. 1. O apóstolo deixou *Priscila e Áqüila* em *Éfeso* (v. 19) não só porque lhe seriam onerosos na viagem, mas também porque poderiam ser úteis aos interesses do evangelho em *Éfeso*. Tendo o desejo de logo se estabelecer por algum tempo nessa cidade, ele deixou ali *Priscila e Áqüila* nesse entretempo com o mesmo propósito com que Jesus enviava alguns discípulos a todo o lugar antes de chegar para que lhe anunciassem a vinda. Em conversas particulares e por serem cristãos muito inteligentes e criteriosos, *Priscila e Áqüila* podem ter convencido muitos efésios a que preparassem para *Paulo*, quando aparecesse, uma recepção favorável e entendessem a mensagem pregada. É por isso que ele os denomina *meus cooperadores em Cristo Jesus* (Rm 16.3). 2. Em *Éfeso*, o apóstolo pregou aos *judeus* na *sinagoga* (v. 19). Embora possuísse um chamado específico para sua viagem, ele não iria embora sem lhes pregar um sermão. Ele, *entrando na sinagoga*, não como ouvinte, mas como pregador, *disputava com os judeus*. Tendo abandonado os *judeus* em Corinto por lhe haverem feito oposição e blasfemado, não se afastou, para o bem deles e das sinagogas dos *judeus* de outras cidades. Ele ainda lhes fazia a primeira oferta do evangelho. Não devemos condenar um grupo ou denominação inteira de pessoas por causa de alguns que se comportam mal. 3. Os *judeus* em *Éfeso* não expulsaram o apóstolo, mas lhe pediram com insistência que permanecesse com eles: *E, rogando-lhe eles que ficasse por mais algum tempo* (v. 20) para ensiná-los o evangelho de Cristo. Eles foram mais nobres e mais bem-educados que os *judeus* de Corinto e de outras cidades, e isso era sinal de que Deus não rejeitara totalmente o seu povo e de que também havia um remanescente fiel. 4. O apóstolo não ficaria agora com os *judeus* efésios: Ele *não conveio nisso* (v. 20), *antes, se despediu deles* (v. 21). Ele tinha de prosseguir viagem. "Eu devo por todos os meios guardar esta festa que se inicia em Jerusalém" (versão inglesa KJV). Não que se julgasse preso a esse dever (ele sabia que as leis das festas não eram mais obrigatórias), mas possuía negócios a tratar em Jerusalém (fossem quais fossem), os quais seriam mais bem atendidos nos dias da festa, quando havia um encontro geral dos *judeus* de todas as partes do mundo. Não sabemos a qual festa aludia, mas provavelmente era a páscoa, já que era a mais famosa de entre todas. 5. O apóstolo anunciou seu propósito de voltar depois dessa viagem e passar um tempo em *Éfeso*, uma vez encorajado pelo convite amável que os efésios lhe fizeram na esperança de serem abençoados com sua visita. Sempre é bom termos oportunidades de reserva, pois quando uma boa obra termina há outra para nos dedicarmos: *Outra vez voltarei a vós* (v. 21). Todavia, Paulo coloca a condição necessária: *Querendo Deus*. Nossos dias estão nas mãos de Deus. O homem põe, mas Deus dispõe. Portanto, temos de fazer todas as nossas promessas em sujeição à vontade de Deus. *Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo* (Tg 4.15). *Outra vez voltarei a vós* (v. 21) se o Espírito de Jesus permitir (cap. 16.7). No caso de *Paulo*, isso envolvia a permissão e a orientação de Deus.

III A visita de *Paulo* a *Jerusalém*. Foi uma visita breve, mas serviu como símbolo de respeito àquela igreja matriz. 1. O apóstolo veio por mar ao porto que fica perto de *Jerusalém*. Ele *partiu de Éfeso* (v. 21) e, por mar, chegou *a Cesaréia* (v. 22). Ele preferiu ir por mar para fins exploratórios, por motivos de segurança e para que visse *as obras do SENHOR e as suas maravilhas no profundo* (Sl 107.24). Jope sempre fora o porto que servia *Jerusalém*, mas tendo Herodes melhorado *Cesaréia* e sendo o porto de Jope perigoso, aquele era bastante usado. 2. O apóstolo *subiu a Jerusalém* e saudou *a igreja* (v. 22). No texto original, não constam as palavras "a Jerusalém" (que estão em itálico na versão RC). Em minha opinião, o significado é claramente à *igreja* em *Jerusalém*, chamada com ênfase "a igreja", porque foi lá que a *igreja* cristã começou (cap. 15.4). *Paulo* julgou necessário aparecer entre eles para que não pensassem que o sucesso diante dos judeus e gentios fizera com que se julgasse superior a eles ou também que se distanciara deles, ou ainda que a honra que Deus lhe conferira o tornou negligente em face da honra que lhes devia. O fato de *Paulo* saudar a *igreja* em *Jerusalém* dá a entender: (1) Que era uma visita que o apóstolo fazia à *igreja*, por pura amabilidade, para averiguar o estado em que os crentes se encontravam e para confirmar sua boa vontade para com eles. Note que o aumento de nossos novos amigos não nos deve fazer esquecer dos velhos amigos, mas deve ser um prazer para homens bons e ministros dóceis renovar antigos laços de amizade. Os ministros em *Jerusalém* eram residentes constantes, e *Paulo* era um viajante constante; mas ele tomou cuidado em manter boa correspondência com eles, para que se alegrassem com suas mudanças, e ele se regozijasse em suas tendas; dessa maneira, ambos se congratulavam e desejavam bem-estar e sucesso uns aos outros. (2) Que era uma visita curta. O apóstolo *subiu* e os saudou (v. 22), talvez *com ósculo santo* (Rm 16.16), e não estendeu sua permanência entre eles. O encontro foi breve. Mesmo assim *Paulo* empreendeu a longa viagem. Esse não é o mundo no qual temos de nos reunir. O povo de Deus é *o sal da terra* (Mt 5.13), disperso e espalhado. Ainda assim, é bom encontrarmos, de vez em quando, os irmãos na fé para que confirmemos o amor mútuo, aprimoremos nossa comunhão mesmo nos encontrando geograficamente distantes e ansiemos ainda mais pela Jerusalém celestial, pois nossa esperança é estarmos juntos para sempre.

IV O retorno de *Paulo* pelas províncias onde ele havia pregado o evangelho anteriormente. 1. O apóstolo *desceu a Antioquia* (v. 22) e esteve *ali algum tempo* (v. 23) entre seus velhos amigos, de onde ele fora primeiramente enviado para pregar entre os gentios (cap. 13.1). Ele *desceu a Antioquia* para revigorar-se vendo e conversando com os ministros. É um refrigério muito bom o ministro fiel ter por *algum tempo* o companheirismo dos irmãos, pois *como o ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo* (Pv 27.17). A ida de *Paulo* a *Antioquia* traria à lembrança os primeiros dias, os quais lhe dariam ensejo para renovar ação de graças. 2. O apóstolo *partiu* de *Antioquia* e passou *sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia* (v. 23), lugares onde ele já havia pregado o evangelho

e plantado igrejas. Embora muito brevemente mencionada (cap. 16.6), foi uma obra gloriosa, como mostra Gálatas 4.14,15. Nesse trecho, *Paulo* afirma que quando pregou pela primeira vez aos gálatas, eles o receberam *como um anjo de Deus*. Essas igrejas provinciais (como eram, Gl 1.2, pois não há a citação de nenhuma cidade específica na Galácia onde havia uma igreja) foram visitadas pelo apóstolo *sucessivamente* conforme sua posição geográfica, regando o plantio e *confirmando a todos os discípulos*. Só o fato de ir até eles para fortalecê-los já lhes confirmava a fé e os seus ministros. O apoio de *Paulo* consistia numa verdadeira bênção; mas isso não era tudo. Ele lhes pregou aquilo que os fortificava, que os sustentava na fé em Cristo e que consolidava sua decisão por Cristo e seus sentimentos piedosos por Ele. Os *discípulos* precisam de ser confirmados porque estão rodeados de fraquezas. Os ministros têm de fazer o que puderem para sustentá-los e fortalecê-los em tudo, conduzindo-os a Jesus Cristo e os levando a viver nele. É na força de Cristo que a fraqueza dos *discípulos* é aperfeiçoada, e Ele mesmo lhes é a força e a canção.

O Caráter de Apolo
vv. 24-28

A história sagrada deixa de lado Paulo nas suas viagens e vai ao encontro de Apolo em Éfeso. Com isso, inteiramo-nos de fatos sobre Apolo necessários para entendermos algumas passagens nas epístolas de Paulo. Aqui está:

I A descrição do caráter de *Apolo*, quando *chegou a Éfeso*.

1. *Apolo* era *judeu* (v. 24), *natural de Alexandria*, Egito, mas de pais judeus. Havia muitos judeus naquela cidade, desde a dispersão do povo, conforme a predição: *O SENHOR te fará voltar ao Egito* (Dt 28.68). O seu nome não era *Apolo*, nome de um dos deuses pagãos, mas *Apolos*, que pensam alguns estudiosos ser o mesmo *Apeles* citado em Romanos 16.10.

2. *Apolo* era homem de excelentes talentos e estava devidamente preparado para o serviço eclesiástico. Ele era *varão eloqüente e poderoso nas Escrituras* (v. 24) do Antigo Testamento, em cujo conhecimento, como *judeu*, fora criado. (1) *Apolo* tinha perfeito domínio da língua: Era *varão eloqüente* (v. 24), era *aner logios – um homem prudente*, segundo interpretam certos eruditos, ou *um homem instruído*, segundo acham outros. Ele era *historiarum peritus – um bom historiador*, qualificação excelente para o ministério. Tratava-se de alguém que falava bem, conforme significa corretamente o termo. Era "um oráculo de um homem", famoso por discorrer com propriedade, rigor, completitude e fluência sobre qualquer assunto. (2) *Apolo* tinha perfeito domínio da linguagem bíblica, e essa era a forma de eloqüência pela qual se destacava. Ele *chegou a Éfeso* (v. 24), sendo *poderoso nas Escrituras*, segundo as palavras são posicionadas. Tendo a excelente aptidão de expor as Escrituras, *chegou a Éfeso* que era um lugar público para negociar com esse talento para a honra de Deus e bem de muitos. Ele não só era ágil nas *Escrituras*, podendo citar textos de improviso, repeti-los e apontar onde estavam registrados (muitos dos judeus segundo a carne eram assim, dos quais se dizia que tinham *a forma da ciência*, Rm 2.20, e a letra da lei), mas ele era *poderoso nas Escrituras*. Entendia o sentido e o significando delas, sabia como usá-las e aplicá-las, como argumentar pelas *Escrituras* até chegar a uma conclusão sólida. Junto com todas as suas exposições e aplicações das *Escrituras*, havia um poder de convencimento, de autoridade e de confirmação. É provável que em muitas sinagogas dos judeus ele desse provas do conhecimento e habilidade que possuía com as *Escrituras*.

3. *Apolo* [...] *era instruído no caminho do Senhor* (v. 25), isto é, ele mostrava certo conhecimento da doutrina de Cristo e obtivera noções gerais do evangelho e dos princípios do cristianismo: que *Jesus é o Cristo* (Jo 20.31) e que era o *profeta que devia vir ao mundo* (Jo 6.14). Essa primeira observação seria feita prontamente por alguém que era tão *poderoso nas Escrituras* como *Apolo*, que então entendeu *os sinais dos tempos* (Mt 16.3). Ele *era instruído, katechemenos – ele era catequizado* (conforme o significado da palavra), ou pelos seus pais ou por ministros. Foi-lhe ensinado algo acerca de Cristo e do caminho de salvação por meio dele. Os que têm de ensinar os outros devem ser os primeiros a serem ensinados pela palavra do Senhor, não apenas para falar da palavra, mas também para andar nela. Não basta possuir a língua afiada pela palavra do Senhor. Temos de ter nossos pés dirigidos *no caminho do Senhor*.

4. *Apolo*, todavia, conhecia *somente o batismo de João* (v. 25). Ele era instruído no evangelho de Cristo até onde o ministério de *João* o levou, e nada mais. Ele conhecia a preparação do *caminho do SENHOR* pela *voz do que clama no deserto* (Is 40.3), em vez de conhecer o próprio caminho do Senhor. Não podemos deixar de supor que ele ouvira falar da morte e ressurreição de Jesus, mas não lhe contaram sobre o mistério desses fatos. Faltou-lhe a oportunidade de conversar com um dos apóstolos a respeito do derramamento do Espírito; ou ele só foi batizado com o *batismo de João*, não sendo batizado com o Espírito Santo, como foram os discípulos no Dia de Pentecostes.

II O emprego e crescimento dos dons de *Apolo* em *Éfeso*. Ele chegou ali procurando oportunidades de fazer e receber o bem, e certamente as encontrou.

1. *Apolo*, em *Éfeso*, fez uso excelente e público dos seus talentos. Ele chegou à *sinagoga* dos judeus, provavelmente, com elevadas recomendações. Era devidamente apto para ser mestre e, de acordo com a luz que possuía e *segundo a medida do dom* (Ef 4.7) que lhe foi dado, dispôs-se a ser usado: *Este era* [...] *fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor* (v. 25). Ainda que não tivesse os milagrosos dons do Espírito, como os apóstolos, ele usava aquilo que lhe fora ofertado, pois *a manifestação do Espírito*, seja em que medida for, *é dada a cada um para o que for útil* (1 Co 12.7). E nosso Salvador, servindo-se de uma parábola, ensinou os seus ministros que, mesmo tendo apenas um talento, não devem enterrá-lo. Vimos que *Apolo* era qualificado por ter raciocínio ágil e linguajar fácil: Era *varão eloqüente e poderoso nas Escrituras* (v. 24). Seu

cabedal de conhecimento era útil e sua faculdade de comunicá-lo era excelente. Vejamos o que mais ele possuía que o recomendava como pregador, pois seu exemplo serve de modelo a todos os pregadores. (1) *Apolo* era pregador alegremente afetuoso. Ele possuía uma boa cabeça e um bom coração. Ele era *fervoroso de espírito* (v. 25). Havia nele bastante fogo e luz divinos, os quais queimavam e brilhavam ao mesmo tempo. Ele estava cheio de zelo pela glória de Deus e pela salvação de almas preciosas. Isso se mostra pela sua presteza em pregar, quando *os principais da sinagoga* o convidaram a dar uma palavra (como cap. 13.15); e ainda pelo seu fervor ao pregar. Ele proclamou a palavra sem gracejos; seu coração estava na obra de Deus. Que composição feliz! Muitos são fervorosos de espírito, mas fracos de conhecimento – de conhecimento *nas Escrituras* –, necessitando de ir longe para buscar palavras adequadas, mas voltando cheios de palavras inadequadas. Por outro lado, muitos são bastante eloqüentes e poderosos *nas Escrituras*, além de serem cultos e ponderados, mas não têm vida ou fervor. *Apolo* era *homem de Deus* [...] *perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra* (2 Tm 3.17), tanto *eloqüente* quanto *fervoroso*, cheio de conhecimento e sentimento divinos. (2) *Apolo* era pregador laborioso e diligente. Ele *falava e ensinava diligentemente* (v. 25). Empenhava-se em suas pregações, pois o que ele pregava era bem trabalhado. Ele não oferecia a Deus ou aos ouvintes na sinagoga o que lhe custasse pouco ou não tivesse nenhum valor. Primeiramente, trabalhava a mensagem com esmero aplicando-a ao seu coração para depois se esmerar em aplicá-la para quem pregava. Ele *ensinava diligentemente, akribos – com precisão, com exatidão.* Tudo o que dizia era muito bem ponderado. (3) *Apolo* era pregador do evangelho. Mesmo *conhecendo somente o batismo de João* (v. 25), isso já era o começo do evangelho de Cristo e dele jamais se afastou, porque *ensinava diligentemente as coisas do Senhor* – do Senhor Jesus Cristo –, *as coisas* que tendiam a abrir caminho para Ele e a estabelecê-lo. *As coisas* concernentes ao Reino do Messias eram os temas que escolhia para ensinar. Ele não ensinava a lei cerimonial, embora esse tema fosse agradável aos ouvintes judeus, nem as coisas da filosofia secular, embora pudesse ter discursado muito bem sobre tal assunto; mas ministrava *as coisas do Senhor.* (4) *Apolo* era pregador ousado: *Ele começou a falar ousadamente na sinagoga* (v. 26), como alguém que, tendo posto a confiança em Deus, não temia a face dos homens (Sl 56.11). Ele falava como alguém consciente da verdade do que dizia e que conhecia seu valor, não tendo medo de sofrer por isso. Foi *na sinagoga*, onde os judeus estavam presentes e exerciam seu poder, que ele pregou *as coisas do Senhor* (v. 25). Ele sabia que não eram favoráveis à sua prédica.

2. *Apolo* aprimorou bastante seus dons, não tanto pelo estudo quanto por conversas particulares com *Priscila e Áqüila.* Se Paulo ou outro apóstolo ou evangelista houvesse estado em Éfeso, teria instruído *Apolo.* Mas, por falta de uma ajuda ainda maior, *Priscila e Áqüila* (que eram fabricantes de tendas) *lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus* (v. 26). Observe: (1) *Priscila e Áqüila* ouviram *Apolo* falar na *sinagoga* (v. 26). Em conhecimento, ele lhes era muito inferior; contudo, tendo excelentes talentos para o serviço eclesiástico, incentivaram-no nesse ministério comparecendo com diligência e constância em suas prédicas. Assim os ministros jovens que têm potencial devem ser apoiados pelos cristãos maduros, pois cabe a estes cumprir toda a justiça. (2) Quando *Priscila e Áqüila* descobriram lacunas no conhecimento que *Apolo* tinha a respeito do cristianismo, eles *o levaram consigo* (v. 26) para hospedar-se na mesma casa e *lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus*, que é o caminho de salvação por intermédio de Jesus Cristo. Ao observarem suas deficiências de pregação, não se aproveitaram da chance para desprezá-lo ou desacreditá-lo diante dos outros. Também não lhe disseram que era um pregador inexperiente e inadequado para ocupar a tribuna. Eles levaram em conta as desvantagens sob as quais vinha labutando, pois conhecia *somente o batismo de João* (v. 25). E, tendo adquirido mais conhecimento sobre as verdades do evangelho pelas conversas e maior proximidade com Paulo, transmitiram a *Apolo* o que sabiam e lhe fizeram um relato claro, preciso das coisas que ainda lhe eram confusas. [1] Este é um exemplo da promessa que Jesus fez: *Àquele que tem se dará* (Mt 13.12). Aquele que tem e usa o que tem, terá mais. Aquele que diligentemente negocia com o talento que foi ofertado por Deus, em pouco tempo, terá o dobro do talento. [2] Este é um exemplo de ato de caridade verdadeiramente cristão de *Priscila e Áqüila.* Eles fizeram o bem conforme o que dispunham. *Áqüila* era homem de grande conhecimento, mas não se dispôs a falar na sinagoga, porque lhe faltavam as habilidades para discorrer em público. Mesmo assim, ele inteirou *Apolo* de todos os assuntos pertinentes à salvação por Cristo e depois permitiu que ele falasse de tais assuntos com palavras agradáveis. Instruir ao máximo os jovens cristãos e os novos ministros em conversas particulares, os quais têm boa vontade e se expressam bem, é excelente serviço tanto para eles quanto para a igreja. [3] Este é um exemplo de grande humildade em *Apolo.* Ele era um jovem muito inteligente, talentoso e culto, recentemente saído da universidade, pregador popular cuja formação educacional foi muito bem cuidada. Descobrindo que *Priscila e Áqüila* eram cristãos sérios e criteriosos e que poderiam falar das coisas de Deus de modo inteligente e por experiência, embora fossem trabalhadores braçais, ele se contentou sobremaneira pelos ensinamentos que lhe deram, por lhe terem mostrado os erros, corrigido os equívocos e suprido as deficiências. Os jovens estudiosos ganham muito conversando com cristãos mais velhos, assim como os estudantes de qualquer área aprendem com os profissionais que exercem suas profissões. *Apolo* era *instruído no caminho do Senhor* (v. 25). Mesmo assim, ele não se acomodou com o conhecimento que possuía, nem julgou que entendia o cristianismo como todo mundo (atitude que jovens convencidos e orgulhosos habitualmente possuem), mas ansiava que *o caminho de Deus* lhe fosse declarado *mais pontualmente* (v. 26). Os que sabem muito devem desejar aprender mais, e os que sabem pouco devem anelar crescer em conhecimento, esmerando-se pela perfeição. [4] Este é um exemplo de boa mulher. Como toda mulher daqueles dias, *Priscila* não tinha permissão de falar na igreja ou na sinagoga. Contudo, em conversas particulares, ela fez o bem com o conhecimento que Deus lhe dera. Paulo quer que *as mulheres idosas* [...] *sejam* [...] *mestras no bem* (Tt 2.3,4).

III A promoção de *Apolo* ao serviço da igreja em Corinto, que era esfera de ação maior que Éfeso naquele momento. Paulo fizera um giro pela *Acaia*, permanecendo em Corinto, sede da província. Sua pregação impulsionou muitos a receber o evangelho, e esses crentes precisavam de ser confirmados. Da mesma forma, sua pregação levou muitos a se oporem ao evangelho, e esses incrédulos deviam ser refutados. Paulo partira, sendo chamado para outra obra, e agora havia excelente oportunidade no seu lugar para *Apolo* estabelecer-se, visto que era mais bem qualificado para regar do que para plantar, edificar os que eram de dentro do que trazer os que estavam fora.

1. O chamado de *Apolo* para esse serviço, não por uma visão, como aconteceu com Paulo quando foi chamado para ir à Macedônia, não, nem tanto quanto pelo convite por parte daqueles aos quais ele iria. Mas: (1) *Apolo* mesmo se dispôs a ir: *Querendo ele passar à Acaia...* (v. 27). Tendo sabido do estado das igrejas, ele desejou fazer-lhes algum bem. Havia entre eles os que se destacavam pelos dons espirituais. Mesmo assim, *Apolo* pensou que poderia haver algum trabalho para realizar nessas igrejas, e Deus lhe dispôs a mente desse modo. (2) Os amigos de *Apolo* o animaram a ir e aprovaram seu propósito. Sendo ele um completo estranho naquela província, deram-lhe referências ou cartas de recomendação, exortando os discípulos na *Acaia* a recebê-lo e empregá-lo na obra. Dessa forma, entre outras, a recomendação dos membros e ministros mantém a comunhão das igrejas, quando ministros, como *Apolo*, dispõem-se a mudar de cidade. Os crentes em *Éfeso* perderam muito com a ausência dos serviços de *Apolo*, mas não concederam de má vontade o benefício que os irmãos na *Acaia* possuiriam. Pelo contrário, usaram o interesse que tinham por eles para apresentá-lo, pois as igrejas de Cristo, ainda que muitas, são uma.

2. O sucesso de *Apolo* neste serviço satisfez sua intenção e expectativa, pois:

(1) *Apolo* edificou firmemente os crentes e confirmou os que receberam o evangelho: Ele *aproveitou muito aos que pela graça criam* (v. 27). Note que: [1] Os que crêem em Jesus, crêem *pela graça* de Deus. Isso não vem deles mesmos, mas é dom de Deus para eles (Ef 2.8). É a ação da obra de Deus neles. [2] Os que *pela graça* crêem, ainda precisam de ajuda. Enquanto os crentes estiverem neste mundo há resquícios de incredulidade e algo lhes falta à fé para que sejam perfeitos e a obra da fé se complete. [3] Há muitas formas de os ministros fiéis serem úteis aos que *pela graça* crêem. É função dos ministros ajudarem os crentes e ajudá-los muito. Quando o poder divino está com os ministros, eles são úteis a quem ministram.

(2) *Apolo* refreou de vez os incrédulos. Ele respondeu inteiramente às objeções que levantavam e descobriu a tolice e sofisma dos argumentos que apresentavam, de forma que nada tiveram a dizer em defesa da oposição que faziam ao evangelho. Ele lhes fechou a boca e lhes cobriu de vergonha o rosto: *Porque com grande veemência convencia publicamente os judeus* (v. 28) na presença do povo. Ele agia *eutonos – seriamente*, e com argumentos fortes. Ele se empenhou ao máximo! Seu coração estava nisso, pois anelava verdadeiramente servir à causa de Cristo e salvar as almas. Ele fez a obra com eficiência e para satisfação universal. Ele a fez *levi negotio – com facilidade*. Os fatos eram tão claros e os argumentos tão fortes a favor de Cristo que era muito fácil confundir tudo que os *judeus* dissessem contra Cristo. Embora fossem muito impetuosos, sua causa era tão fraca que ele tratou com desprezo a oposição que levantavam. Seu objetivo era convencê-los de que *Jesus era o Cristo*, que *Jesus* era o Messias prometido aos pais, que *Jesus* era *aquele que havia de vir* e eles não deviam esperar outro (Mt 11.3). Se os *judeus* fossem convencidos apenas disso – *que Jesus era o Cristo* –, até a própria lei lhes ensinaria a ouvi-lo. Veja que a função dos ministros é pregar Jesus: Nós *não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor* (2 Co 4.5). O método que ele usou para convencê-los foi *pelas Escrituras*. Serviu-se dessa ferramenta para extrair seus argumentos, pois os *judeus* reconheciam que as *Escrituras* eram de autoridade divina, e, sendo ele poderoso nas *Escrituras*, era-lhe fácil provar *que Jesus é o Cristo*. Note que os ministros devem ter a capacidade não só de pregar a verdade, mas de prová-la, defendê-la e de *convencer os contradizentes* (Tt 1.9) com mansidão e, ao mesmo tempo, com poder, instruindo os que se opõem. Esse é o verdadeiro serviço para a igreja.

CAPÍTULO 19

No capítulo anterior, deixamos Paulo em seu itinerário visitando as igrejas (cap. 18.23), mas não nos esquecemos, nem ele, da promessa que fez aos seus amigos efésios: Voltar e permanecer algum tempo com eles. Este capítulo nos mostra o cumprimento dessa promessa: a ida de Paulo e sua permanência de dois anos em Éfeso. Neste capítulo, temos: I. Como Paulo trabalhou em Éfeso na palavra e na doutrina, como ele ensinou alguns crentes fracos que não tinham ido além do batismo de João (vv. 1-7); como ensinou três meses na sinagoga dos judeus (v. 8), e, quando foi expulso de lá, como ensinou os gentios durante muito tempo em uma escola pública (vv. 9,10); e como confirmou com milagres a doutrina que ele anunciou (vv. 11,12). II. Qual foi o fruto do seu trabalho, particularmente entre os exorcistas, os piores pecadores: alguns se confundiram, aqueles que só usaram o nome do apóstolo (vv. 13-17), ao passo que outros se converteram, os que receberam e adotaram a doutrina ensinada (vv. 18-20). III. Que projetos Paulo tinha de ser mais útil (vv. 21,22), e que dificuldades, por fim, teve em Éfeso com os ourives de prata que o forçaram a tomar as medidas que ele já havia estabelecido; como uma turba foi levantada por Demétrio para clamar por Diana (vv. 23-34), e como a turba foi acalmada e dispersada pelo secretário da câmara municipal (vv. 35-41).

Paulo em Éfeso

vv. 1-7

Éfeso era uma cidade de grande destaque na Ásia, famosa por abrigar um templo dedicado a Diana, uma das

maravilhas do mundo: *Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo* [...] *chegou a Éfeso* para pregar o evangelho (v. 1). Enquanto *Apolo* estava regando *Corinto, Paulo* estava plantando em *Éfeso.* O apóstolo não ficou com ciúmes do ministro *Apolo* por ele entrar em seu campo e estar edificando sobre seus fundamentos. Pelo contrário, exultou com essa notícia e prosseguiu com a maior alegria e satisfação em seu novo campo de trabalho que fora preparado para ele em *Éfeso,* porque conhecia a capacidade ministerial neotestamentária de *Apolo,* que agora estava em *Corinto* e prosseguia com a boa obra naquela cidade. Embora houvesse aqueles que fizeram de *Apolo* chefe de um partido contra *Paulo* (1 Co 1.12), este não guardava ressentimento contra aquele, nem de qualquer modo repugnava o afeto que as pessoas tinham por ele. Tendo passado pela província da Galácia e da Frígia, depois de ter *passado por todas as regiões superiores,* Ponto e Bitínia, que se situavam no norte, por fim o apóstolo *chegou a Éfeso,* onde havia deixado Áqüila e Priscila, e lá se reuniu a eles. Logo que chegou, ele encontrou alguns discípulos que professavam a fé em Cristo como o verdadeiro Messias, mas que ainda estavam como que no primeiro ano da escola de Cristo, sob o ensino do seu professor-assistente, João Batista. *Estes eram, ao todo, uns doze varões* (v. 7), que tinham quase o mesmo entendimento espiritual que Apolo possuía quando chegou a Éfeso (pois ele conhecia *somente o batismo de João,* cap. 18.25). Pode ser que eles não tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente Áqüila e Priscila, ou não fazia muito tempo que estavam em *Éfeso,* ou não tinham a mente aberta para receber os ensinamentos como Apolo tinha, pois, do contrário, eles saberiam *mais pontualmente o caminho de Deus,* como Apolo soube (cap. 18.26). Observe aqui:

I *Paulo* catequizou esses poucos *discípulos* efésios. Ele ficou sabendo, provavelmente por Áqüila e Priscila, que eram crentes, tinham aceitado Jesus e entregado a Ele os seus nomes. Agora o apóstolo os submete a um exame.

1. Esses *discípulos* creram no Filho de Deus, mas Paulo pergunta se eles haviam recebido o *Espírito Santo* (v. 2), se haviam crido no *Espírito,* cuja operação na mente dos homens, para convicção, conversão e consolação, foi revelada algum tempo depois da doutrina de Jesus ser o Cristo, se conheciam e tinham aceitado esta revelação. E isso não era tudo. Depois da ascensão de Jesus, os apóstolos e outros discípulos receberam dons extraordinários do *Espírito Santo,* e esses recebimentos eram repetidos ocasionalmente. Tinham eles participado desses dons? "*Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?* (v. 2). Vós já recebestes em vós mesmos o selo da verdade da doutrina de Cristo?" Hoje, não devemos esperar tais dons extraordinários como tiveram então. O cânon do Novo Testamento foi encerrado e ratificado há muito tempo, e dependemos dele como a mais segura palavra de profecia. Mas há o penhor do Espírito dado a todos os crentes, que é para eles o antegozo (2 Co 1.22; 5.5; Ef 1.13,14). Agora cabe a todos nós que professamos a fé cristã avaliar seriamente se recebemos ou não o *Espírito Santo.* O *Espírito Santo* é prometido a todos os crentes e é para todos os que o buscam (Lc 11.13). Muitos são enganados neste assunto, pensando que receberam o *Espírito Santo* quando na verdade não foi o que aconteceu. Assim como há pretendentes aos dons do *Espírito Santo,* assim há às suas graças e consolações. Devemos nos examinar com rigor: Recebemos o *Espírito Santo* quando cremos? A árvore se conhece pelos frutos que dá. Estamos produzimos os frutos do Espírito? Estamos sendo guiados pelo Espírito? Estamos andando no Espírito? Estamos sob o governo do Espírito?

2. Esses *discípulos* admitiram sua ignorância nesse assunto: "*Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo* (v. 2). Essa informação nos é desconhecida. Pelas Escrituras do Antigo Testamento, sabemos – e não duvidamos – que há a promessa do *Espírito Santo,* e que essa promessa se cumprirá em seu devido tempo. Mas, por tanto tempo, estivemos fora do fluxo de informações sobre essa questão que não ficamos sabendo se o *Espírito Santo* já foi dado como espírito de profecia". Eles sabiam (como observa o Dr. Lightfoot) que, de acordo com a tradição da nação judaica, depois da morte de Esdras, Ageu, Zacarias e Malaquias, o *Espírito Santo* partira de Israel, subira ao céu e, depois, nunca mais ouviram falar que Ele voltara. Pelo modo como falavam, percebe-se que o esperavam, tentavam imaginar por que não ouviram falar da sua volta e estavam prontos a receber essa nova bênção. A luz do evangelho, como a luz da aurora, foi brilhando mais e mais, gradualmente (Pv 4.18). A descoberta de verdades ainda não ouvidas iluminou mais e desencadeou mais informações a pessoas que nunca haviam ouvido falar sobre isso.

3. *Paulo* investigou como esses *discípulos* foram batizados, se eles nem tinham ouvido falar sobre o *Espírito Santo.* Se eles tivessem sido batizados pelos ministros de Cristo, teriam sido informados a respeito do *Espírito Santo* e batizados em seu nome. "Vós não sabeis que Jesus, sendo glorificado, por conseguinte o *Espírito Santo* foi dado? *Em que sois batizados, então?* (v. 3). Isso é estranho e fora do comum. O quê? Vós sois batizados e ainda não sabeis nada sobre o *Espírito Santo*? Se vós ainda não sabeis nada sobre o *Espírito Santo,* o vosso batismo certamente foi nulo, pois o significado e o selo da lavagem da regeneração é o recebimento do *Espírito Santo.* Desconhecer o *Espírito Santo* é tão incompatível com a confissão sincera do cristianismo quanto é desconhecer Jesus Cristo". Aplicando essa verdade a nós, dá a entender que todo aquele que não recebeu e se submeteu ao *Espírito Santo* foi batizado inutilmente e recebeu a graça de Deus em vão. Essa também é uma avaliação que devemos fazer freqüentemente, não só para a honra de quem nos deu vida nova, mas para o serviço daquele que nos batizou, para que saibamos que resposta dar ao propósito de nosso nascimento e de nosso batismo.

4. Esses *discípulos* confessam que foram batizados *no batismo de João – eis to Ioannou baptisma* (v. 3), ou seja, como entendo, eles foram batizados no nome de João e não pelo próprio *João* (ele estava muito longe de tal pensamento), mas por alguns dos seus *discípulos* fracos e bem-intencionados. Eles, inadvertidamente, mantiveram o nome de *João* como líder de um partido, retendo o espírito e a noção de outros discípulos que ficaram com ciúme do aumento do interesse das pessoas por Jesus Cristo e apresentaram a *João* queixa disso (Jo 3.26). Um ou mais destes discípulos, que foram muito edificados

pelo batismo de João *de arrependimento, para o perdão dos pecados* (Lc 3.3), não pensando que o Reino dos Céus do qual ele falara se encontrar próximo estava mesmo tão comprovadamente próximo, promulgaram aquela noção, se acomodaram ao que já possuíam e consideraram que não havia nada melhor que persuadir outros a fazer também o mesmo. Assim, por ignorância, num zelo cego pela doutrina de *João*, eles batizaram, aqui e ali, um ou outro em nome de *João*, ou, como foi narrado aqui, *no batismo de João*, não olhando além de si mesmos, nem dando mais nenhuma orientação aos que eles batizavam.

5. *Paulo* explica a esses *discípulos* a verdadeira intenção e significado do *batismo de João*, aplicando-o principalmente a Jesus Cristo. Dessa forma, ele corrige o erro das pessoas que os batizaram no *batismo de João* e que não os orientaram a procurar mais nada, senão a se acomodarem com isso. Esses que foram deixados na ignorância ou conduzidos ao erro por ineficiência da educação que tiveram não devem ser desprezados nem rejeitados pelos que são mais bem informados e ortodoxos, mas devem ser compassivamente instruídos e mais bem ensinados, como tais *discípulos* foram por *Paulo*. (1) O apóstolo reconhece que o *batismo de João* foi uma coisa muito boa enquanto vigorou: *Certamente João batizou com o batismo do arrependimento* (v. 4). Por meio desse *batismo*, ele exigiu que as pessoas se arrependessem dos seus muitos pecados, os confessassem e deles se convertessem. E levar alguém até esse ponto é alcançar grande vitória. Mas: (2) O apóstolo mostra para esses *discípulos* que o *batismo de João* tinha referência mais ampla. *João* nunca designou que as pessoas que batizava deveriam se acomodar a esse nível, pois – explica *Paulo* – ele disse *ao povo que cresse no que após ele havia de vir; isto é, em Jesus Cristo* (v. 4), que o batismo de arrependimento tinha o desígnio único de preparar o caminho do Senhor e dispor as pessoas a receber alegremente *Jesus Cristo*, sobre quem ele pôs grandes expectativas e a quem se dirigiu: *Eis o Cordeiro de Deus* (Jo 1.39). "João foi um grande e bom homem, mas ele foi apenas o arauto – *Jesus Cristo* é o Príncipe. O *batismo de João* foi a varanda para vós passardes, não a casa para vós repousardes. Portanto, foi totalmente errado vós serdes batizados no *batismo de João*."

6. Quando *Paulo* mostrou a esses *discípulos* o erro em que estavam, eles aceitaram de bom grado a nova revelação e *foram batizados em nome do Senhor Jesus* (v. 5). Quanto a Apolo, de quem se disse que conhecia *somente o batismo de João* (cap. 18.25), ele entendeu corretamente o significado desse rito quando batizado, embora conhecesse *somente* esse batismo. Contudo, quando compreendeu *mais pontualmente o caminho do Senhor* (cap. 18.26), ele não foi batizado de novo, assim como os primeiros discípulos de *Jesus*, que foram batizados com o *batismo de João* e sabiam que isso se referia à proximidade da vinda do Messias (e, tendo isso em vista, se submeteram ao rito), não foram batizados de novo. Mas para estes *discípulos* que foram batizados tendo em vista *João* e nada mais, como se ele fosse o salvador deles, isso consistia num erro fundamental e tão fatal quanto houvessem sido batizados em nome de Paulo (1 Co 1.13). Logo, quando vieram a entender melhor as coisas, eles desejaram e *foram batizados em nome do Senhor Jesus*, não pelo próprio Paulo, como temos razão para pensar, mas por alguns dos que o auxiliavam. Conclui-se, então, que não havia uma correspondência entre o *batismo de João* e o batismo de Jesus, ou que, em essência, eles não eram o mesmo. Muito menos se conclui que os que foram batizados *em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo* (que é a forma designada do batismo de Jesus, Mt 28.19), possam ser batizados de novo no mesmo nome, pois os que *foram batizados em nome do Senhor Jesus* nunca tinha sido batizados dessa maneira anteriormente.

II Como *Paulo* conferiu os dons extraordinários do Espírito Santo a esses *discípulos* efésios (v. 6). 1. *Paulo* orou solenemente para que Deus desse a esses *discípulos* esses dons. É o que significa a expressão *impondo-lhes Paulo as mãos* (v. 6), um gesto que os patriarcas usavam para abençoar e sobretudo para transmitir a grande custódia da promessa, como em Gênesis 48.14. Sendo o Espírito a grande promessa do Novo Testamento, os apóstolos o transmitiam pela imposição de *mãos*: "O Senhor te abençoe com aquela bênção, a bênção das bênçãos" (Is 44.3). 2. Deus concedeu a bênção pela qual *Paulo* orou: *Veio sobre eles o Espírito Santo* (v. 6) de maneira inesperada e poderosa, e eles *falavam línguas e profetizavam* como falaram os apóstolos e os primeiros convertidos gentios (cap. 10.44). Este fato servia de introdução do evangelho em Éfeso e incutia na mente das pessoas a expectativa de grandes coisas que viriam. Alguns estudiosos pensam que o propósito era qualificar estes doze homens para a obra do ministério e que esses doze foram os anciãos de *Éfeso*, a quem *Paulo* entregou o cuidado e governo daquela igreja. Eles receberam o Espírito de profecia para que pudessem entender os mistérios do Reino de Deus e então receberam o dom de línguas para que pregassem a toda nação e língua. Que mudança maravilhosa ocorreu de repente nestes homens! Ainda há pouco eles nem mesmo tinham ouvido que houvesse o *Espírito Santo*; mas agora estão cheios do *Espírito Santo*, pois o Espírito, como o vento, assopra onde quer e quando quer (Jo 3.8).

Paulo em Éfeso

vv. 8-12

Aqui temos Paulo muito ocupado em Éfeso fazendo o bem.

I *Paulo* começa, como sempre, na *sinagoga* e faz aos judeus a primeira oferta do evangelho para que ele reúna as *ovelhas perdidas da casa de Israel* (Mt 10.6) que estavam espalhadas pelas montanhas. Observe:

1. Onde *Paulo* pregou aos judeus: *Na sinagoga* (v. 8), como Jesus fazia. O apóstolo optou por se reunir com eles no culto de adoração na *sinagoga* para acabar com preconceitos que tivessem contra ele e para procurar a amizade deles, enquanto havia esperança de conquistá-los. Assim daria seu testemunho em culto público nos sábados. Onde não havia reuniões cristãs formadas, ele freqüentava as reuniões judaicas, enquanto os judeus ainda não o tinham expulsado definitivamente da cida-

de. *Paulo* entrou na *sinagoga*, porque os judeus estariam reunidos no mesmo lugar, e ele esperava que estivessem receptivos à mensagem.

2. O que *Paulo* pregou aos judeus: As coisas *acerca do Reino de Deus* entre os homens (v. 8), os grandes temas pertinentes ao domínio de Deus sobre todos os homens e a sua generosidade para com eles, a sujeição dos homens a Deus e a felicidade deles em Deus. Ele lhes mostrou as obrigações que tinham para com Deus e o benefício que possuíam nele como o Criador, pelo qual o *Reino de Deus* foi estabelecido, a violação dessas obrigações e o confisco desse benefício pelo pecado, pelo qual o *Reino de Deus* foi destruído, e a renovação dessas obrigações e a restauração dos homens a esse benefício, pelo Redentor, por intermédio do que o *Reino de Deus* foi estabelecido novamente. Ou, mais especificamente, as coisas *acerca do Reino* do Messias, as quais os judeus ansiavam e davam grande importância. Ele abriu as Escrituras que falavam acerca disso, deu-lhes certa noção desse *Reino* e lhes mostrou os erros que nutriam a esse respeito.

3. Como *Paulo* pregou aos judeus. (1) *Paulo* pregou de modo apologético: Ele disputava (*disputando*, v. 8). Ele apresentava razões, razões baseadas nas Escrituras, por meio da qual pregava e respondia objeções, convencendo o julgamento e a consciência dos homens para que eles cressem e vissem motivos para crer. Ele pregava *dialegomenos – de modo dialogal*. Fazia-lhes perguntas e recebia respostas, dava-lhes liberdade de lhe perguntar o que quisessem e lhes respondia. (2) *Paulo* pregou afetuosamente: Ele persuadia (*persuadindo*, v. 8). Ele usava argumentos lógicos para reforçar o que lhes ensinava e usava temas retóricos para impressionar o que aplicava aos seus sentimentos, mostrando-lhes que as coisas que anunciava *acerca do Reino de Deus* eram coisas que lhes diziam respeito, nas quais tinham participação e, portanto, pelas quais deviam interessar-se: Nós *persuadimos os homens* (2 Co 5.11). *Paulo* era um pregador comovente e mestre na arte da persuasão. (3) *Paulo* pregou com ousadia e santa resolução: Ele *falou ousadamente* (v. 8), pois não tinha a menor dúvida das coisas que falava, nem a mínima desconfiança naquele sobre quem falava, nem o ínfimo medo daqueles a quem se dirigia.

4. Quanto tempo *Paulo* pregou aos judeus: *Por espaço de três meses* (v. 8), que era tempo competente para que considerassem devidamente a mensagem. Naqueles dias, os que pertenciam à eleição da graça eram chamados e os demais eram deixados indesculpáveis. Assim, por esse período de tempo, o apóstolo pregou o evangelho *com grande combate* (1 Ts 2.2) e não fracassou nem desanimou.

5. Que sucesso a pregação de *Paulo* obteve entre os judeus. (1) Alguns foram persuadidos a crer em Cristo. Certos estudiosos afirmam que esta interpretação está inclusa na palavra *persuadindo* (v. 8), ou seja, ele levou a melhor com eles. Mas: (2) Muitos permaneceram na incredulidade e foram confirmados em sua má vontade com relação ao cristianismo. Na primeira visita que o apóstolo lhes fez, ele pregou somente algumas coisas gerais. Nessa ocasião, rogaram-lhe que ficasse com eles (cap. 18.20). Mas agora que ele se estabeleceu na cidade e sua mensagem lhes pesou na consciência, logo se cansaram dele. [1] Eles tiveram ferrenha aversão ao evangelho de Cristo: Eles se endureceram e não obedeceram (*como alguns deles se endurecessem e não obedecessem...*, v. 9). Decidiram que não iam crer, embora a verdade brilhasse no rosto deles com luz e evidência convincente jamais vista. Não creram porque se endureceram. [2] Eles lutaram para influenciar outros a sentir a mesma aversão ao evangelho. Eles não entraram no Reino de Deus e impediram os que estavam entrando (Lc 11.52), pois falavam *mal do Caminho perante a multidão* (v. 9) para que ninguém o aceitasse. Mesmo não conseguindo mostrar o mal que havia no evangelho, difundiram toda espécie de *mal* a seu respeito. Esses pecadores, como os anjos que pecaram, se tornaram demônios, adversários, diabos e falsos acusadores.

II Havendo *Paulo* estendido o assunto ao máximo na sinagoga dos judeus e tendo a oposição se tornado mais irredutível, deixou de ir à sinagoga, porque não lhe era mais possível manter relacionamentos sociais com eles em segurança ou com o mínimo de bem-estar e sucesso. Embora pudesse se unir a eles na liturgia da sinagoga, e não o houvessem proibido de falar e pregar, eles o expulsaram pelos insultos e palavras afrontosas que proferiam contra as coisas que ele ensinava *acerca do Reino de Deus*: eles detestavam ser corrigidos, odiavam ser ensinados e, por isso, ele *retirou-se deles* (v. 9). Aqui estamos certos de que houve uma separação e não uma divisão, pois havia justa causa e claro apelo para tal. Agora observe:

1. Quando o apóstolo *retirou-se* dos judeus, ele *separou os discípulos* (v. 9), levando-os consigo para salvá-los *desta geração perversa* (de acordo com a ordem que Pedro deu aos seus novos convertidos, cap. 2.40). *Separou* os que creram para que não fossem contaminados pela língua venenosa desses blasfemadores e para que fossem a fundação de uma igreja cristã, agora que eram de número suficiente para formar um grupo, para que outros ouvissem com eles a pregação do evangelho, e, crendo, fossem acrescentados ao número deles. Quando *se retirou*, não havia mais necessidade de separar os *discípulos*, pois aonde quer que fosse, eles o seguiriam.

2. Quando o apóstolo *retirou-se* da *sinagoga*, ele fixou um ponto de reunião próprio: Ele disputava *todos os dias na escola de um certo Tirano* (v. 9). Ele deixou a *sinagoga* dos judeus para continuar seu trabalho com mais liberdade. Ele ainda pregava sobre Jesus e o cristianismo, e, em defesa deles, estava pronto a responder todas as perguntas que os oponentes fizessem. Com essa separação, *Paulo* obteve uma vantagem dupla. (1) Agora as oportunidades eram mais freqüentes. Na *sinagoga*, ele podia pregar unicamente todo dia de sábado (cap. 13.42), mas agora disputava *todos os dias*. Ele fazia uma preleção diária e, assim, remia o tempo: as pessoas cujo trabalho não lhes permitia ir um dia poderiam ir num outro. Eram bem-vindos os que velavam às portas da sabedoria cada dia, esperando diariamente às ombreiras da entrada dela (Pv 8.34). (2) Agora o acesso à mensagem era mais fácil. Ninguém podia freqüentar a *sinagoga* dos judeus, exceto judeus ou prosélitos. Os gentios eram excluídos. Contudo, tendo organizado um ponto de reunião

na *escola* de *Tirano* (v. 9), *tanto judeus como gregos* podiam acompanhar o seu ministério (v. 10). É como ele descreve esta excelente oportunidade surgida em Éfeso: *Uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários* (1 Co 16.8,9). Certos estudiosos são de opinião de que a *escola* de *Tirano* era uma faculdade de teologia dos judeus. Tratava-se de uma *escola* que eles comumente tinham nas grandes cidades além da *sinagoga*. Chamavam-na *Bethmidrash, a casa da indagação*, ou *a casa da repetição*, e a freqüentavam nos sábados, depois de terem ido à *sinagoga*. Eles *vão indo de força em força* (Sl 84.7), da casa do santuário à casa da doutrina. Se a *escola* de *Tirano* era desse tipo, isso mostra que *Paulo* deixou a *sinagoga* aos poucos e ainda se mantinha tão perto dela quanto possível, como já havia procedido anteriormente (cap. 18.7). Mas outros estudiosos pensam que era uma escola de filosofia dos gentios pertencente a *certo Tirano*, ou uma casa de retiro (pois a palavra *schole* algumas vezes significa isto) pertencente a uma pessoa de posição ou governador da cidade. Seja como for, era um lugar conveniente que *Paulo* e os *discípulos* usaram.

3. O apóstolo continuou seu trabalho em Éfeso *por espaço de dois anos* (v. 10), fazendo preleções e disputando todos os dias. Estes *dois anos* começam a partir do fim dos *três meses* que ele passou trabalhando na *sinagoga* (v. 8). Após esses *dois anos* e *três meses*, permaneceu por certo tempo na província pregando. Por isso, ele podia computar corretamente a totalidade desse período em *três anos*, como ele faz (cap. 20.31).

4. Deste modo, o evangelho se espalhou por toda a parte: *Todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus* (v. 10), não apenas *todos os que habitavam* em Éfeso, mas *todos os que habitavam* naquela grande província chamada *Ásia* da qual Éfeso era a capital – *Ásia* Menor, como chamavam. Proveniente de todas as regiões da província, grande afluência de gente ia a Éfeso ou para recorrer à justiça ou para comerciar ou por motivos religiosos ou educacionais, e esse movimento constante deu a *Paulo* a oportunidade de espalhar a mensagem do evangelho para todas as cidades e aldeias daquela província. Todos eles *ouviram a palavra do Senhor Jesus*. O evangelho é a palavra de Cristo, é a palavra acerca de Cristo. Foi essa mensagem que ouviram, ou pelo menos ouviram falar. Alguns de todas as seitas, alguns de todas as partes, tanto das cidades quanto do interior, aceitaram esse evangelho e o receberam, e por eles foi proclamado a outros. Assim, todos eles *ouviram a palavra do Senhor Jesus*, ou podem tê-la ouvido. *Paulo* provavelmente fez incursões pelo interior da província para pregar o evangelho, ou enviou seus missionários ou assistentes que o auxiliavam, e assim a *palavra do Senhor* foi ouvida por toda aquela região. Agora *o povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz* (Mt 4.16).

III *Deus* confirmou a doutrina de *Paulo* operando milagres, os quais fizeram as pessoas perscrutarem, decidirem e crerem (vv. 11,12). Fico imaginando por que não temos registro bíblico de algum milagre feito por *Paulo* depois que ele expulsou o espírito maligno da jovem em Filipos (cap. 16.16-18). Por que não fez milagres em Tessalônica, Beréia e Atenas? E se fez, por que não foram registrados? Será que o sucesso do evangelho, sem os milagres no reino da natureza, já era por si tremendo milagre no reino da graça? E o poder divino que acompanhava o evangelho já era tamanha prova da fonte original divina que não precisava de nada mais? É certo que em Corinto ele fez muitos milagres, pois embora Lucas não registrasse nenhum, o apóstolo mesmo fala que os sinais do seu apostolado estavam entre eles *por sinais, prodígios e maravilhas* (2 Co 12.12). Mas aqui, em Éfeso, temos um relato geral das provas deste tipo que ele deu para a sua missão divina. 1. Eram *maravilhas extraordinárias – dynameis ou tychousas* (v. 11). Deus mostrou poderes que não estavam de acordo com o curso comum da natureza: *Virtutes non vulgares*. Eram fatos que de forma alguma podiam ser atribuídos ao acaso ou a causas secundárias. Ou não apenas eram (como são todos os milagres) acontecimentos fora do curso comum das coisas, mas se tratavam de milagres incomuns e inéditos, os quais não foram feitos pelas mãos de nenhum outro dos apóstolos. Os opositores do evangelho eram tão incrédulos que não seria um milagre qualquer que os convenceria. Por isso, Deus fez *virtutes non quaslibet* (assim eles interpretam isto), *algo acima do curso comum dos milagres*. 2. Não foi *Paulo* que fez esses milagres (*pois quem é Paulo e quem é Apolo...?*, 1 Co 3.5), mas foi *Deus, pelas mãos de Paulo*, que os *fazia* (v. 11). Ele foi apenas o instrumento, Deus foi o agente principal. 3. *Paulo* curou pessoalmente os *enfermos* que lhe eram trazidos ou para quem ele era levado e *até os lenços e aventais* que *se levavam do seu corpo aos enfermos* os curavam (v. 12). Eles tocavam os *lenços* ou *aventais* de *Paulo*, quer dizer, segundo acham certos estudiosos, os *aventais* que ele usava quando trabalhava na sua profissão secular eram aplicados aos *enfermos*, curando-os imediatamente. Ou as pessoas levavam os *lenços*, ou as cintas, ou os véus, ou as toucas dos *enfermos*, os punham por certo tempo no corpo de *Paulo* e depois os levavam aos *enfermos*. A primeira opção é a mais provável. Agora se cumpriu a palavra que Jesus disse aos discípulos: *Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas* (Jo 14.12). Lemos de uma mulher que foi curada tocando as vestes que Jesus estava usando, quando, no mesmo instante, Ele percebeu que virtude saíra de si (Mc 5.30). Mas aqui as pessoas eram curadas pelas peças de roupa de *Paulo* quando levadas dele. Jesus deu aos apóstolos *poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem e para curarem toda enfermidade e todo mal* (Mt 10.1), e, por conseguinte, verificamos que os *enfermos* curados *pelas mãos de Paulo* estavam entre estes dois grupos: *as enfermidades fugiam deles*, e *os espíritos malignos saíam* (v. 12). Esses aspectos eram tanto significativos do grande desígnio e efeito maravilhoso do evangelho quanto da cura da doença espiritual e o livramento da alma humana do poder e domínio de Satanás.

A Desgraça dos Exorcistas

vv. 13-20

Os pregadores do evangelho foram enviados para continuar guerreando contra Satanás, e, nesse sentido,

Jesus foi enviado *vitorioso e para vencer* (Ap 6.2). A expulsão de espíritos malignos das pessoas possessas é um exemplo da vitória de Jesus sobre Satanás. Mas, para mostrar de quantos modos Jesus triunfou sobre esse grande inimigo, temos nesta passagem bíblica dois exemplos notáveis da derrota de Satanás, não só nas pessoas que estavam violentamente possessas por ele, mas também naquelas que se dedicavam voluntariamente a ele. Aqui está:

I A confusão dos servos de Satanás. *Alguns* [...] *judeus* [...] *ambulantes* (v. 13) eram *exorcistas* e, nos seus encantamentos diabólicos, usaram de maneira profana e perniciosa o nome de Jesus. No entanto, tiveram de pagar caro por tal arrogância e audácia. Observe:

1. O caráter geral dos culpados desta presunção. Eles eram *judeus*, mas *judeus* [...] *ambulantes* (v. 13). Pertenciam à nação e religião judaica, mas andavam de cidade em cidade para ganhar dinheiro fazendo exorcismos. Eles perambulavam pelas cidades dizendo a sorte das pessoas, fingiam, por feitiços e encantamentos, que curavam doenças e atraíam os deprimidos ou os loucos. Chamavam-se *exorcistas*, porque ao fazer os seus truques eles usavam formas de evocação por certo nomes poderosos. Para dar crédito e boa reputação a estas artes mágicas, os judeus supersticiosos maldosamente atribuíram a Salomão a invenção dessas coisas. Josefo (*Antiquit.*, liv. 8, cap. 2) diz que Salomão redigiu encantamentos para curar doenças e expulsar demônios de modo a não mais voltarem, e que estas operações eram comuns entre os judeus daqueles dias. É, talvez, o que Jesus quis dizer quando comentou: *Por quem os expulsam, então, os vossos filhos?* (Mt 12.27).

2. O relato minucioso de alguns que levavam esse modo de vida e, em suas viagens, chegaram a Éfeso. Eles *eram sete filhos de Ceva, judeu, principal dos sacerdotes* (v. 14). É triste ver a casa de Jacó em tal decadência e muito mais a casa de Arão, a família que de forma peculiar era consagrada a Deus. É verdadeiramente triste ver um dos descendentes dessa família em associação com Satanás. O pai era chefe dos *sacerdotes*, cabeça de um dos vinte e quatro turnos de *sacerdotes*. As pessoas pensam que o templo proporcionaria emprego e suficiente alento para os filhos de um dos principais dos sacerdotes, mesmo que eles fossem muita gente. Mas provavelmente foi um temperamento fútil, divagador e licencioso que os levou a virar charlatães e sair pelo mundo a fora para curar pessoas loucas.

3. A profanação da qual estes *sete filhos de Ceva* eram culpados: Eles *tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos* (v. 13). Assim fizeram não porque reverenciassem a *Jesus* e confiassem no seu nome, como lemos a história de algumas pessoas que expulsavam demônios em *nome* de *Jesus*, mas não seguiam os discípulos dele (Lc 9.49), pois o Mestre não as desencorajou. O motivo que impelia esses *filhos de Ceva* era tentar todos os métodos possíveis para continuar com suas atividades más e, ao que parece, tinham mais esta intenção: Se esses que não criam em *Jesus* evocassem o seu *nome* e o espírito maligno se submetesse, eles diriam que tal feito não confirmava a doutrina cristã, pois era indiferente se o evocador cresse ou não em *Jesus*. Se o espírito maligno não se submetesse a tal evocação, eles diriam que o *nome* de *Jesus* não era tão poderoso quanto os outros nomes que eles usavam, diante dos quais os demônios por conluio se submetiam. Eles disseram: *Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega* (v. 13), e não "em quem nós cremos, ou em quem confiamos, ou de quem temos autoridade", mas *a quem Paulo prega*. Era como se eles tivessem dito: "Vamos ver o que esse nome pode fazer". Os exorcistas na igreja católica são os seguidores destes *judeus* [...] *ambulantes*, pois fingem expulsar o diabo de pessoas deprimidas servindo-se de feitiços e encantamentos que não entendem, os quais, não tendo autoridade divina, não podem ser usados com fé.

4. A confusão em que estes *sete filhos de Ceva* se meteram por causa de suas operações irreverentes e incrédulas. *Não erreis: Deus não se deixa escarnecer* (Gl 6.7), nem deixa que o nome glorioso de *Jesus* seja manchado por tal propósito vil como este, pois *que concórdia há entre Cristo e Belial?* (2 Co 6.15). (1) O *espírito maligno* deu aos *sete filhos de Ceva* uma resposta contundente: "*Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?* (v. 15). Eu sei que *Jesus* conquistou principados e potestades e que, neste nome, *Paulo* tem autoridade para expulsar demônios. Mas que poder tendes vós para me ordenar no nome de *Jesus*, ou quem vos deu tal poder? O que vós tendes a ver com isso para declarar o poder de *Jesus*, ou pôr em vossos lábios o seu concerto e mandamentos, vendo que vós odiais os seus ensinos? (Sl 50.16,17)". Isso foi extraído da boca do *espírito maligno* pelo poder de Deus para honrar o evangelho e envergonhar os que fazem mau uso do nome de *Jesus*. Os poderes e facções anticristãos fingem ser muito zelosos de *Jesus* e *Paulo* e ter autoridade deles. Mas, quando o assunto é examinado com mais atenção, fica claro que é mero interesse secular mundano que está sendo promovido e, mais que isso, inimizade à verdadeira religião: *Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?* (2) *O homem que tinha o espírito maligno* (v. 16) deu aos *sete filhos de Ceva* uma recepção colérica. No auge do seu frenesi e furor, ele se lançou sobre eles, se assenhoreou deles e de todos os seus encantamentos, e *pôde mais do que eles*. Ele foi *de tal maneira* em extremo rude com eles *que, nus e feridos, fugiram daquela casa* com as roupas arrancadas do corpo e a cabeça ferida. Este episódio está registrado para advertência a todos os que evocam o nome de Jesus sem ter se apartado da iniqüidade. O mesmo inimigo que os assenhoreia com tentações também os assenhoreará com terrores, e a evocação que fazem ao nome de Jesus para que os demônios os deixem não lhes servirá de proteção. Se resistirmos ao diabo por uma fé viva verdadeira em Jesus, o inimigo fugirá de nós, mas se pensamos em resisti-lo pelo simples uso do nome de Jesus ou de qualquer parte da sua palavra, como um feitiço ou encantamento, o inimigo se assenhoreará de nós.

5. A nota geral dada sobre esse acontecimento e a boa impressão causada em muitos: *Foi isto notório a todos os que habitavam em Éfeso, tanto judeus como gregos* (v. 17). Era a conversa da cidade e teve esta conseqüência: (1) Os homens ficaram apavorados: *Caiu temor sobre todos eles* (v. 17). Neste caso, eles viram a maligni-

dade do diabo a quem serviam e o poder de Jesus a quem se opunham. Que considerações terríveis! Eles se deram conta de que o nome de Jesus não deve ser tratado com menosprezo, nem a religião cristã deve ser misturada com superstições pagãs. (2) Deus foi glorificado: *O nome do Senhor Jesus* (v. 17), pelo qual seus servos fiéis, sem a mínima resistência, expulsavam demônios e curavam doenças, *era engrandecido.* Agora esse nome se mostrou estar acima de todo nome.

II A conversão de outros servos de Satanás com as evidências da conversão.

1. Os que tinham sido culpados de práticas pecaminosas as confessaram (v. 18). *Muitos dos que tinham crido* e sido batizado, mas não tinham sido tão minuciosos quanto poderiam ter sido na confissão dos seus pecados, ficaram tão apavorados com esta ocorrência do engrandecimento do nome do Senhor Jesus Cristo que dirigiram-se a *Paulo*, ou a algum dos outros ministros que o acompanhavam, e confessaram a vida pecaminosa que vinham tendo e como era medonha a pecaminosidade secreta lhes pesava na consciência, algo que as pessoas desconheciam – desonestidades secretas e imundícias secretas. *Publicando os seus feitos*, eles assumiam a vergonha, davam a glória a Deus e advertiam as pessoas. Estas confissões não foram extorquidas deles, mas eram voluntárias para alívio da consciência que ficou amedrontada pelos recentes milagres. Note que onde há verdadeira contrição pelo pecado há também franca confissão do pecado a Deus em toda oração, e às pessoas a quem ofendemos quando o caso requer esta ação.

2. Os que tinham sido partidários de livros malignos os queimaram: *Também muitos dos que seguiam artes mágicas, ta perierga – coisas impertinentes* (v. 19); *multa nihil ad se pertinentia satagentes – pessoa intrometida* (a palavra grega é traduzida em 2 Tessalonicenses 3.11 por "coisas vãs", e em 1 Timóteo 5.13 por "curiosas"), que comerciava o estudo da magia e adivinhação, em livros de astrologia crítica, fazendo horóscopos, lendo a sorte das pessoas, invocando e acalmando espíritos, interpretando sonhos, predizendo o futuro e coisas semelhantes a estas. A esta lista, certos intérpretes julgam que devemos acrescentar *peças teatrais, novelas, romances e poemas impudicos e obscenos – histrionica, amatoria, saltatoria.* Streso. Estas pessoas, tendo a consciência tremendamente despertada para ver a pecaminosidade dessas práticas nas quais estes *livros* os ensinavam, *trouxeram os seus livros e os queimaram na presença de todos* (v. 19). Éfeso era notória pelo uso destas *artes mágicas*; por isso que feitiços e encantamentos chamavam-se *Literae Ephesiae.* Os efésios compraram todos os *livros* desse tipo e, provavelmente, contrataram professores particulares para ensiná-los nessas magias negras. Portanto, Jesus e o evangelho foram grandemente honrados por esse testemunho nobre dado contra as *artes mágicas* em um lugar onde tais coisas estavam em voga. É certo que eles foram convencidos do mal destas *artes mágicas* e resolveram não lidar mais com isso. Para eles, porém, isso não bastava, pois *queimaram* os *livros.* (1) Assim mostraram santa indignação pelos pecados dos quais tinham sido culpados. Como idólatras, quando foram levados ao arrependimento, disseram aos ídolos: *Fora daqui* (Is 30.22), e lançaram os objetos de prata e de ouro *às toupeiras e aos morcegos* (Is 2.20). Dessa forma, vingaram-se piedosamente dessas coisas que lhes serviram de instrumentos do pecado e proclamaram a força da convicção que tinham de que isso era maligno e pecaminoso. E proclamaram também que essas mesmas coisas eram detectáveis neles tanto quanto sempre lhes foram deleitáveis. (2) Assim eles manifestaram a determinação de nunca mais voltar a usar essas *artes mágicas* e os *livros* relacionados a essas coisas. Estavam tão inteiramente convencidos do mal e perigo disso que acharam melhor não jogar fora os *livros*, na suposição de eles mudarem de opinião e retomá-los. Por isso, estando firmemente decididos a nunca mais usá-los, eles os *queimaram.* (3) Assim descartaram a tentação de voltar a cometer esse pecado. Tivessem eles guardado os *livros*, quando o ímpeto da atual convicção mitigasse, haveria o risco de os abrirem por curiosidade e, assim, tomarem de novo o gosto dessas coisas. Por isso, eles os *queimaram.* Note que os que verdadeiramente se arrependem dos pecados farão de tudo para se manter longe de cair de novo em pecado. (4) Assim evitaram causar dano a outras pessoas. Se Judas tivesse dito: "Vendei esses *livros*, e dai o dinheiro aos pobres"; ou: "Comprai Bíblias e bons livros com esse dinheiro". Nesse caso, quem poderia dizer em mãos de quem estes *livros* perigosos cairiam, e que males causariam nas pessoas? Portanto, o procedimento mais seguro era mesmo entregá-los todos às chamas. Os que são salvos do pecado farão de tudo para impedir que outros caiam em pecado e terão muito mais temor de colocar possibilidade de pecado no caminho das pessoas. (5) Assim desprezaram as riquezas deste mundo, pois as pessoas que insistiam que não queimassem os *livros* fizeram *a conta do seu preço* e *acharam que montava a cinqüenta mil peças de prata* (v. 19), que alguns computam ser equivalente a mil e quinhentas libras esterlinas. Pode ser que os *livros* fossem escassos, talvez proibidos e, por isso, caros. Mesmo tendo-lhes custado tanto dinheiro e tendo sido loucos em comprá-los, não pensaram que estariam justificados em serem tão maus a ponto de vendê-los, por serem *livros* do diabo. (6) Assim eles testemunharam publicamente a alegria que sentiam por terem se convertido destas práticas maléficas, como fez Mateus que deu um grande banquete quando Jesus o chamara da recebedoria (Lc 5.27-29). Estes convertidos se reuniram para fazer esta fogueira e a fizeram à vista de todas as pessoas. Eles poderiam ter queimado os *livros* reservadamente, cada um em sua própria casa, mas concordaram por unanimidade fazê-la ao ar livre para que Jesus e a sua graça neles fosse muito mais engrandecidos, e eles fossem em tudo mais edificados.

III A narrativa geral do progresso e sucesso do evangelho em *Éfeso* e arredores: *Assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia* (v. 20). É uma visão grandiosa ver a *palavra do Senhor* crescendo e prevalecendo poderosamente, como ocorre aqui. 1. Ver a *palavra do Senhor* (v. 20) crescer amplamente pelo acréscimo de muitos à igreja. Quando cada vez mais pessoas são convencidas e aceitam o evangelho, mais a *palavra do Senhor* cresce. Quando pessoas menos propensas a aceitar e mais ferrenhas em opor-se ao evange-

lho são levadas cativas à obediência do evangelho, então podemos dizer que a *palavra do Senhor* cresce *poderosamente*. 2. Ver a *palavra do Senhor* (v. 20) prevalecer amplamente pelo avanço em conhecimento e graça dos que são acrescentados à igreja. Quando as pessoas mortificam fortes perversões, mudam hábitos depravados, interrompem maus costumes de há muito tempo e abandonam pecados aprazíveis, vantajosos e que seguem a moda, então a *palavra do Senhor* prevalece *poderosamente*. Nisso, Jesus sai *vitorioso e para vencer* (Ap 6.2).

O Tumulto em Éfeso

vv. 21-41

I *Paulo* enfrenta certas dificuldades em *Éfeso*, justamente quando estava fazendo previsões para sair da cidade e arranjar trabalho em outro lugar.

1. Como *Paulo* apresentou seu propósito de ir para outros lugares (vv. 21,22). Ele era homem de desígnios diversificados para Deus e desejava tornar a influência divina tão amplamente difusa quanto possível. Tendo passado mais de dois anos em *Éfeso*: (1) O apóstolo projetou visitar as igrejas da *Macedônia* e da *Acaia* (v. 21), especialmente Filipos e Corinto, as principais cidades dessas províncias. Ele plantara igrejas nessas cidades e agora queria visitá-las. Ele *propôs, em espírito*, ou interiormente, não comunicando o propósito por ora, mas guardando-o para si, ou pela direção do Espírito Santo, que era o seu guia em tudo o que fazia e por quem era conduzido. Seu desejo era ver como a obra de Deus estava nesses lugares para que ele corrigisse o que estava errado e incentivasse o que estava certo. (2) De lá, o apóstolo projetou ir a *Jerusalém* (v. 21) visitar os irmãos e fazer-lhes um relatório da prosperidade do bom prazer do Senhor em sua mão. *Depois que* houvesse *estado ali*, ele programou *ver também Roma* (v. 21), não que *ver* significasse satisfazer a curiosidade vendo aquela cidade antiga e famosa como turista, mas se tratava de expressão comumente usada naqueles dias. A pessoa chegaria a *Roma*, daria uma olhada ao redor, quando sua intenção era *ver* os cristãos daquela cidade e prestar-lhes algum serviço (Rm 1.11). O bom povo de *Roma* era a glória da cidade a qual ele almejava *ver*. Levando em conta que Cláudio morreu no segundo ano que o apóstolo passou em *Éfeso*, o Dr. Lightfoot supõe que *Paulo* pensou em ir a *Roma* pouco depois da morte do imperador, pois, enquanto ele vivesse, os judeus estavam proibidos de ir a *Roma* (cap. 18.2). (3) O apóstolo enviou *Timóteo e Erasto* [...] *à Macedônia* (v. 22) para informar as igrejas dali da visita que ele faria e para que coletassem a oferta para os santos pobres em *Jerusalém*. Logo depois, ele escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios, já tendo em vista ir visitá-los em breve: *Por esta causa vos mandei Timóteo;* [...] *mas, em breve, irei ter convosco, se o Senhor quiser* (1 Co 4.17,19). Por ora, permaneceu na *Ásia*, na região em volta de *Éfeso*, fundando igrejas.

2. Como *Paulo* foi apoiado em seu propósito e forçado a executá-lo pelas dificuldades que ele acabou tendo em *Éfeso*. Era estranho que passasse tanto tempo sem aparecer alguém que o incomodasse. Houve algumas dificuldades que não foram registradas nos escritos sacros, pois, na epístola que escreveu nessa época, ele menciona ter combatido *em Éfeso contra as bestas* (1 Co 15.32). Com tal declaração, ele quis dizer que teve de lutar com animais selvagens no anfiteatro, de acordo com o tratamento bárbaro que naqueles dias se dava aos cristãos. E menciona também a dificuldade que teve na Ásia, perto de Éfeso, quando *até da vida* ele desesperou e já nele mesmo ele tinha *a sentença de morte* (2 Co 1.8,9).

II Nesta dificuldade aqui relatada, *Paulo* foi mais amedrontado do que ferido. Em geral, *houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho* (v. 23). Certos historiadores afirmam que o famoso impostor Apolônio de Tíana, que se colocou como rival de Cristo e dizia, como o mágico Simão, *que era uma grande personagem* (cap. 8.9), estava em Éfeso *naquele mesmo tempo* que o apóstolo. Ao que parece, a oposição que ele fez ao evangelho foi tão insignificante que Lucas achou que não valia a pena mencionar. A desordem que Lucas descreve era de outra natureza. Vejamos os detalhes. Aqui está:

1. A grande queixa contra *Paulo* e outros pregadores do evangelho por afastar as pessoas da adoração a *Diana* e prejudicar o comércio dos *ourives* que trabalhavam com *prata* para o templo de *Diana*.

(1) O queixoso é *Demétrio* (v. 24), um *ourives da prata*, homem importante no comércio efésio e alguém de quem se esperaria entender e defender os interesses da categoria mais do que os companheiros de profissão. Não sabemos se ele trabalhava ou não com outros tipos de material, mas o ramo mais lucrativo do seu comércio era fazer, *de prata, nichos de Diana*. Certos estudiosos acham que eram medalhas estampadas com a efígie de *Diana*, ou do seu templo, ou de ambos. Outros julgam que se tratavam de representações do templo, com a imagem de *Diana* em seu interior em miniatura, tudo de *prata*, mas bem pequeno para que as pessoas as levassem consigo, como os papistas fazem com os crucifixos. As pessoas que vinham de longe para cumprir suas promessas ou prestar seu culto no templo de Éfeso, quando voltavam para casa compravam estes pequenos templos ou santuários e os levavam consigo para satisfazer a curiosidade dos amigos e conservar na lembrança a imagem daquele edifício imponente. Veja como os artesãos e os homens astuciosos, muito acima da posição de *ourives da prata*, aproveitam-se da superstição do povo para servir a seus interesses comerciais.

(2) *Demétrio* não apela aos magistrados, mas à turba. Ele chamou os *artífices* (v. 24) e, *havendo-os ajuntado com os oficiais de obras semelhantes* (v. 25, uma companhia de trabalhadores braçais, cujos sentidos estavam voltados unicamente aos seus interesses trabalhistas), provocou-os para que se enraivecessem contra o apóstolo. Essa turba agiria tão pouco pela razão e tanto pela fúria segundo o desejo do *ourives*.

(3) A queixa e a exposição dos argumentos e protestos de *Demétrio* são claras e extensas. [1] *Demétrio* coloca por princípio que era imprescindível que fossem apoiados e mantidos o *ofício* e perícia de fazer *nichos* de *prata* para os adoradores de *Diana*: "*Vós bem sabeis que deste ofício temos* (v. 25) a nossa subsistência e o nosso alimento imprescindível, bem como *a nossa prosperidade*. Nós ficamos ricos e adquirimos propriedades.

Nós temos um padrão de vida elevado e recursos para manter nossos prazeres. Portanto, no que tange a esse *ofício*, não devemos permitir que ele caia no desprezo". Note que é natural o homem zelar pelo seu ganha-pão, quer seja certo ou errado, pelo qual ele adquire riquezas. E muitos, só por conta disto, têm se oposto ao evangelho de Jesus, porque exige que os homens deixem de trabalhar em atividades que sejam ilícitas, por mais lucrativas que sejam. [2] *Demétrio* acusa *Paulo* de dissuadir as pessoas de adorar ídolos. As palavras, conforme estão dispostas na acusação formal, são que ele afirmara: Ele diz *que não são deuses os que se fazem com as mãos* (v. 26). Não há verdade mais clara e patente que esta, ou raciocínio mais irrefutável e convincente que este dos profetas: *Um artífice o fez, e não é Deus* (Os 8.6). A noção primeira e mais genuína que temos de Deus é que Ele tem sua existência de si mesmo e não está subordinado a ninguém. Todas as coisas devem sua existência a Ele e dele dependem. Deduz-se, pois, que não são deuses a criação da fantasia humana e o trabalho das mãos humanas. Não obstante, essa verdade deve ser vista como noção herética e ateísta, e *Paulo*, como criminoso por defendê-la. Não havia nada que pudessem apresentar contra a doutrina em si. O ponto discordante era que *não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia* (v. 26), entre os provincianos que eram seus melhores clientes e de quem eles tinham a maior fidelidade, *este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão* da adoração a *Diana*. A conseqüência disso é a queda na demanda e nos preços dos santuários de prata. Há pessoas que criam problema pelo que é totalmente absurdo e irracional e que traz junto com isso sua própria certeza de falsidade. Por exemplo: *São deuses os que se fazem com as mãos*, como se houvesse apenas leis humanas, interesses e prescrições mundanas a seu favor. [3] *Demétrio* ressalta aos *artífices* (v. 24) e *oficiais de obras semelhantes* (v. 25) que há o perigo de que suas atividades trabalhistas venham a acabar. O que quer que tocasse nesse ponto, tocava em parte sensível e melindrosa: "Se esta doutrina ganhar crédito, estaremos arruinados e, talvez, até teremos de fechar as portas. *A nossa profissão* cairá *em descrédito* (v. 27), será condenada e ganhará pelo mundo a má fama de ser superstição e fraude, fazendo com que todos a desprezem. *A nossa* parte (este é o significado da palavra), *nosso interesse ou parte do negócio e do comércio, kindyneuei hemin to meros*, corre *o perigo de* se perder e, não somente isso, mas nós corremos o risco de nos tornarmos mendigos e malfeitores". [4] *Demétrio* finge ter muito zelo pela *deusa Diana* e ciúme de sua honra: *Não somente há o perigo...* (v. 27). Se isso fosse tudo, ele não teria falado com tanto ardor e emoção, mas todo o seu cuidado é para que *o próprio templo da grande deusa Diana* não *seja estimado em nada, vindo a* sua *majestade* [...] *a ser destruída*. Por nada neste mundo, ele admitiria que a honra dessa *deusa* diminuísse, pois *toda a Ásia e o mundo* a *veneram*. Veja o que a adoração de *Diana* teve de pleitear para si e a que extremo os seus mais zelosos fanáticos tiveram de dizer a favor dela. Em primeiro lugar, que essa *deusa* possuía muita pompa. A magnificência do *templo* era o detalhe que os fascinava, o encanto que os prendia. Eles não suportavam a idéia de haver algo que viesse rebaixá-lo, muito menos destruí-lo. Em segundo lugar, que essa *deusa* tinha muitos adeptos: *Toda a Ásia e o mundo* a *veneram* (v. 27). Portanto, esse deve ser necessariamente o modo correto de adoração. Que *Paulo* diga o que quiser contrário a isso. Assim, porque *toda a terra se maravilhou após a besta*, então *o dragão*, o diabo, o deus deste mundo, *deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio* (Ap 13.2,3).

2. O ressentimento popular diante desta queixa. A acusação foi elaborada por um artífice e moldada para provocar os ânimos do povo, tendo obtido o efeito desejado. Nesta ocasião, eles mostraram: (1) Um grande descontentamento pelo evangelho e seus pregadores. Eles *encheram-se de ira* (v. 28), ou segundo o significado da palavra grega, "*encheram-se* de fúria e indignação". Os *artífices* ficaram tremendamente furiosos quando lhes disseram que o comércio que tinham e o ídolo que veneravam estavam em perigo. (2) Um grande zelo pela honra da *deusa* que serviam: Eles *clamaram, dizendo*: "*Grande é a Diana dos efésios!* (v. 28). Nós estamos decididos a defendê-la, a viver e a morrer por ela. Há alguém que a expõe ao desprezo ou ameaça destruí-la? Vamos já tratar com ele. Que *Paulo* diga o que quiser para provar *que não são deuses os que se fazem com as mãos* (v. 26), mas nós sustentaremos que, seja o que for que aconteça com os outros deuses e deusas: *Grande é a Diana dos efésios!* (v. 28). Nós devemos e tomaremos partido pela religião de nosso país, a qual recebemos por tradição de nossos pais". Assim *todos os povos andarão, cada um em nome do seu deus* (Mq 4.5) e tendo boa opinião do seu deus. Muito mais devem os servos do verdadeiro Deus fazer, pois podem dizer: *Deus é o nosso Deus para sempre* (Sl 48.14). (3) Uma grande desordem entre eles: *Encheu-se de confusão toda a cidade* (v. 29). Este é o efeito comum e natural do zelo excessivo por uma falsa religião: lança tudo em confusão, destrona a razão e empossa a paixão. Os homens reúnem-se às pressas, desconhecendo não só a opinião dos outros, mas também a própria.

3. Os procedimentos da turba sob o impulso desses ressentimentos e até que ponto eles foram.

(1) Eles agarraram alguns dos *companheiros de Paulo* e *unânimes correram ao teatro* (v. 29). Certos estudiosos entendem que eles os levaram ao *teatro* com o propósito de fazê-los lutar com animais selvagens, como *Paulo* algumas vezes teve de lutar (1 Co 15.32); ou talvez só quisessem maltratá-los e fazer deles um espetáculo para a multidão. As pessoas que eles agarraram eram *Gaio* e *Aristarco, macedônios*, ambos citados em outro texto sacro. *Gaio* era de *Derbe* (cap. 20.4). Além de Atos 20.4, *Aristarco* também é mencionado em Colossenses 4.10. Eles vieram da Macedônia com *Paulo*, sendo o seu único crime o fato de serem *companheiros de Paulo na viagem*, tanto nos serviços quanto nos sofrimentos.

(2) *Paulo*, que escapara de ser arrebatado por eles, quando ele percebeu que seus *amigos* estavam em dificuldades por causa dele, quis *apresentar-se ao povo* (v. 30) para se sacrificar, caso não houvesse outra saída, e impedir que seus amigos sofressem por culpa dele. Isso evidenciava que ele tinha um espírito generoso e também que amava o próximo como a si mesmo.

(3) A bondade dos *amigos* de *Paulo* o demoveu dessa intenção. [1] *Não lho permitiram os discípulos* (v.

30), pois foi melhor ele se oferecer do que teria sido eles o permitirem. Havia razões para eles dizerem ao apóstolo as mesmas palavras que os homens de Davi lhe disseram quando ele estava a ponto de arriscar-se em certa tarefa pelo bem comum: *Tu vales por dez mil de nós* (2 Sm 18.3, versão RA). [2] Outros dos *amigos* do apóstolo se interpuseram para impedir que ele se lançasse na boca do perigo. Certamente eles o tratariam com muito mais crueldade que *Gaio* e *Aristarco*, pois o consideravam o líder da perturbação da ordem. Era melhor suportarem o ímpeto do ataque do que se aventurarem nesse empreendimento. Entre os *amigos* que *lhe rogaram que não se apresentasse no teatro* (v. 31) havia *também alguns dos principais da Ásia, os príncipes da Ásia – asiarchai.* Os críticos dizem que eles eram os *principais* dos sacerdotes naquela cidade, ao passo que outros afirmam que eram os *principais* dos atores dali. Não sabemos se eram cristãos (havia alguns até entre os sacerdotes e os governadores) ou apenas pessoas que desejavam o bem de *Paulo*, por ele ser bom e sincero. A única informação que temos é que eram *amigos* de *Paulo*. O Dr. Lightfoot sugere que eles lhe tinham um respeito e amabilidade por haver lutado com animais selvagens no *teatro* (1 Co 15.32) e temiam que tivesse de enfrentar tamanha desumanidade de novo. Note que é atitude de amigo cuidar mais da vida e bem-estar de pessoas boas do que de si mesmo. Teria sido uma aventura muito perigosa *Paulo* entrar no teatro. Era mil contra um que isso lhe custaria a vida. Por isso, o apóstolo se deixou vencer por seus *amigos* para cumprir o instinto de autopreservação e ensinar a nos manter fora do caminho do perigo, contanto que não tenhamos de sair do caminho do dever. Podemos ser chamados para entregar a vida, mas não para desperdiçá-la. Seria melhor *Paulo* arriscar entrar em uma sinagoga do que em um *teatro*.

(4) A turba estava em completa confusão: *Uns, pois, clamavam de uma maneira, outros, de outra* (v. 32), segundo orientavam suas próprias imaginações e sentimentos e, talvez, baseando-se nas informações desencontradas. *Uns, pois, clamavam*: "Matem os judeus", e *outros*: "Matem Paulo", *porque o ajuntamento era confuso*, um não entendendo o que o outro queria dizer. Dessa forma, eles se contradiziam e estavam prestes a atacar-se uns aos outros mesmo sem entender por quê. A verdade era que *os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado*. Eles *não sabiam* o que e nem quem começara o tumulto, muito menos o que estavam fazendo ali. Em situações como esta, a maioria das pessoas investiga somente por curiosidade: elas repetem os clamores, seguem a multidão, aumentam o *ajuntamento* como uma bola de neve, pois onde há muitos ali haverá mais.

(5) Os *judeus* teriam parte ativa neste tumulto (nas outras cidades, eles foram os primeiros instigadores de tais revoltas), mas agora, em Éfeso, não foram eles que provocaram a turba. Contudo, estando as coisas nesse pé, eles foram bastante maldosos em colocar-se no meio do *não pequeno alvoroço*: Eles *tiraram Alexandre dentre a multidão* (v. 33), forçando-o a falar a favor dos *judeus* e contra *Paulo* e seus *companheiros*: "Vós ouvistes o que *Demétrio* e os *ourives* disseram contra eles como inimigos da religião deles. Permiti-nos contar-vos o que temos a dizer contra ele como inimigo da nossa religião". *Os judeus* o impeliram *para diante*, o encorajaram e lhe disseram que eles o defenderiam e o apoiariam. Eles acharam isso necessário para a defesa deles. Assim o que ele falasse serviria como defesa verbal do povo judaico, não do próprio *Alexandre* em particular, mas dos *judeus* em geral, aos quais os adoradores da *deusa Diana* viam como inimigos como viam *Paulo*. Os *judeus* queriam que as pessoas soubessem que eles eram tão inimigos de *Paulo* quanto elas eram. Aquele que hoje tem tanto cuidado de distinguir-se dos servos de Cristo e medo de ser tomado por um deles, terá sua justa e correspondente sentença no grande Dia. *Alexandre, acenando com a mão*, desejava que ouvissem o que ele tinha a dizer contra o apóstolo, pois teria sido estranho se uma perseguição tivesse sido levantada contra os cristãos sem que os judeus não possuíssem algum tipo de participação: se não foram eles que começaram o dano, promoveram-no e, assim, se tornariam *partícipes dos pecados alheios* (1 Tm 5.22). Certos intérpretes acham que esse *Alexandre* fora cristão, mas retornara ao judaísmo, estando então devidamente gabaritado para acusar *Paulo*. Afirmam também que ele era *Alexandre, o latoeiro*, que causara *muitos males* ao apóstolo (2 Tm 4.14), o mesmo que ele entregara *a Satanás* (1 Tm 1.20).

(6) Isso levou os querelantes a suspender a instauração de processo contra os *companheiros* de *Paulo* e voltar-se em aclamações em honra à deusa: *Quando conheceram que [Alexandre] era judeu* (v. 34) e, como tal, inimigo da adoração da *deusa Diana* (pois nessa época os *judeus* tinham um ódio implacável de ídolos e idolatria), fosse o que fosse que ele tivesse a dizer a favor ou contra *Paulo*, não queriam ouvir; e então *todos [dentre a multidão] unanimemente levantaram a voz, clamando*: "*Grande é a Diana dos efésios!* Sempre que alguém a criticar, quer seja judeu ou cristão, estamos decididos a exaltá-la. Ela *é a Diana dos efésios*, a nossa *Diana*, e para nós é uma honra e alegria ter o seu templo em nosso meio. Ela é uma deusa *grande*, famosa e universalmente adorada. Há outras Dianas, mas a *Diana dos efésios* está acima de todas, porque o seu templo é mais suntuoso e magnífico que o das outras". Este foi todo o clamor *por espaço de quase duas horas*, e se pensava que era refutação suficiente da doutrina de Paulo, que asseverou: *Não são deuses os que se fazem com as mãos* (v. 26). Assim as verdades mais sagradas são desdenhadas com nada mais que barulheira, gritos e delírio popular. Já se disse de tempos antigos concernente aos idólatras que *eles, pelos seus ídolos, andam enfurecidos* (Jr 50.38), e aqui temos um exemplo disto. *Diana* fez a cidade de Éfeso *grande*, pois a enriqueceu pela numerosidade de pessoas provenientes de todas as partes do mundo que afluíam ao templo dessa deusa. Então, preocupados em de modo algum ficar abaixo de sua reputação grandiosa, eles esbravejaram: *Grande é a Diana dos efésios!*

4. A supressão e a dispersão dos amotinadores através da prudência e vigilância do *escrivão da cidade* (v. 35). Ele é chamado *grammateus – o escriturário*, ou secretário, ou registrador, oficial de registro; ou, segundo certos intérpretes, "o anotador dos seus jogos" (os jogos Olímpicos), cuja função era manter o registro dos nomes dos vencedores e dos prêmios que eles ganharam. Com muita dificuldade ele, por fim, conseguiu aquietar a mul-

tidão barulhenta para que lhe ouvissem o discurso pacífico, dando-nos um exemplo do que disse Salomão: *As palavras dos sábios devem em silêncio ser ouvidas, mais do que o clamor do que domina sobre os tolos* (Ec 9.17), como fez *Demétrio*.

(1) O *escrivão da cidade* apazigua a *multidão* com o reconhecimento de que *Diana* era a *deusa* célebre dos *efésios*. Não havia necessidade de estarem tão exaltados e rigorosos face a uma verdade que ninguém negava ou desconhecia: Todo o mundo *sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana* (v. 35); é *neokoros*, que se refere não somente aos habitantes como adoradores desta deusa, mas também à *cidade*, que, como município, recebeu por sua constituição municipal os deveres da adoração de *Diana*: cuidar do seu *templo* e hospedar os visitantes que iam-lhe prestar culto. Éfeso era o *aeditua* (dizem que esta é a palavra mais certa), ou a sacristã *da grande deusa Diana*. A *cidade* era mais patrocinadora e protetora de *Diana* do que *Diana* era da *cidade*. Esse era o extremo cuidado que os idólatras tomavam para manter a adoração de *deuses* feitos por *mãos* humanas, ao passo que a adoração do Deus vivo e verdadeiro é negligenciada; e poucas nações ou cidades se gloriam de patrociná-la e protegê-la. O *templo* de *Diana* em Éfeso era um edifício muito rico e suntuoso. Mas, ao que parece, a *imagem* de *Diana* no *templo*, por pensarem que santificava o *templo*, era tida em maior reverência do que o *templo*, porque eles persuadiram o povo afirmando que a *imagem* [...] *desceu de Júpiter* e que, portanto, não fazia parte do grupo de *deuses* feitos por *mãos* humanas. Veja como é fácil os astutos aproveitarem-se da credulidade dos supersticiosos. Considerando que esta *imagem* de *Diana* fora erigida em tempo indeterminado e que ninguém sabia dizer por quem, eles se serviram da falta de informação para forçar as pessoas a acreditar que ela *desceu de Júpiter*. "*Ora*", diz o *escrivão da cidade* com muita gravidade (mas se com seriedade ou não e se ele cria no que dizia é questionável), "isto não pode *ser contraditado* (v. 36). São coisas que obtiveram tamanho crédito universal que vós não deveis temer contradição, não vos pode prejudicar". Certos estudiosos entendem que isso significa: "Visto que a imagem de Diana desceu de Júpiter, como todos nós cremos, então o que eles disseram contra deuses feitos por mãos humanas não nos afeta".

(2) O *escrivão da cidade* adverte a *multidão* de todos os procedimentos violentos e tumultuosos, dos quais sua religião não precisava nem obteria nenhuma vantagem real: *Convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente* (v. 36). Essa é uma regra muito boa que deve ser observada em todos os tempos em assuntos tanto particulares quanto públicos. Não devemos ser impacientes e precipitados em nossas decisões, mas deliberar e reservar tempo para avaliar. Não devemos nos colocar ou colocar os outros em situações difíceis, mas sermos calmos e tranqüilos, sempre mantendo a razão no trono e o sentimento sob controle. Essa é uma palavra que deve estar ao nosso alcance para com ela ordenarmos a paz, quando nós ou as pessoas de nossa convivência ficarem com as idéias um tanto quanto perturbadas: *Convém que* nos aplaquemos e *nada* façamos *temerariamente* para que não nos arrependamos de nossa falta de paciência.

(3) O *escrivão da cidade* acaba com o ódio que fora lançado sobre *Paulo* e seus *companheiros* e explica à *multidão* que esses pregadores não eram o que certas pessoas difundiram: "*Estes homens que aqui trouxestes* (v. 37) e estais prontos a maltratá-los com crueldade, vós já considerastes qual foi a infração e afronta que cometeram? Quais são as provas que tendes contra eles? Eles não são ladrões de igrejas, e vós não podeis acusá-los de serem *sacrílegos* ou de terem se apoderado de alguma peça antiga. Não danificaram o *templo* de *Diana* ou violaram os seus tesouros, *nem blasfemam da vossa deusa*. Não usaram linguagem infamante aos adoradores de *Diana*, nem falaram palavras indecentes sobre ela ou o seu templo. Por que vós estais processando-os com toda essa violência, os quais, mesmo não tendo a mesma opinião que vós, não vos atacam com palavras ferinas? Visto que eles são da paz, por que vós sois da guerra?" Na verdade, era contra o ídolo que estava no coração dos efésios que os pregadores dirigiam toda a força do ataque através de argumentos e justificações. É claro que se o ídolo do coração caísse, o do templo também cairia. Os que pregam contra igrejas idólatras têm a verdade ao seu lado e devem mantê-la e impô-la vigorosamente sobre a consciência dos homens. Não devem ser ladrões dessas igrejas (*ao despojo não estenderam a sua mão*, Et 9.15,16), nem blasfemadores desse tipo de culto religioso. Devem instruir com mansidão os que resistem e não repreender com raiva e linguajar indecente. Assim como a verdade de Deus não precisa da mentira do homem, assim também não precisa do furor imoderado do homem. *A ira do homem não opera a justiça de Deus* (Tg 1.20).

(4) O *escrivão da cidade* relembra à *multidão* os trâmites regulares da lei que sempre devem suplantar os tumultos populares e em nações civilizadas e bem governadas fará assim. Trata-se de uma grande misericórdia viver em um país onde há provisão para a manutenção da paz, a administração da justiça pública e a aplicação de solução para todo erro e injustiça. Quanto a esses quesitos nós, desta nação, estamos tão contentes quanto qualquer povo. [1] Se a queixa é de dano particular, pode-se apelar a juízes e tribunais públicos em tempos determinados. *Se Demétrio* e a categoria dos *artífices* (v. 38), que são os responsáveis por toda essa confusão, acham que foram lesados, ou entendem que suas prerrogativas legais foram infringidas ou usurpadas, que entrem com uma ação, apresentem queixa e a questão será imparcialmente julgada e a justiça será feita: *Há audiências e há procônsules*, o procônsul e seu representante, cuja função é ouvir ambas as partes e determinar de acordo com a justiça. O que eles determinarem tem de ser aceito por todas as partes, e cada qual não deve ser seu próprio juiz, nem apelar para o povo. Note *que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente* (1 Tm 1.8), como o último recurso para a determinação de um direito em disputa e a recuperação de um direito negado. [2] Se a queixa é de calamidade pública relativa à constituição, ela deve ser reparada não pela populaça confusa, mas por acordo entre os membros do governo: *Mas, se alguma outra coisa demandais* (v. 39), que seja do interesse popular, isso *averiguar-se-á em legítimo ajuntamento* dos menbros do conselho municipal convocados em caráter extraordi-

nário por aqueles que estão em posição de autoridade. Veja que as pessoas comuns não devem se intrometer nos assuntos públicos como que a adiantar as deliberações daqueles cuja função é deliberar. Já temos muito a fazer só cuidando da nossa vida.

(5) O *escrivão da cidade* destaca à *multidão* o *perigo* que eles estão correndo e a perda de imunidade a que eles estão incorrendo por conta desta revolta: "Será muito bom se não formos *acusados de sedição* (v. 40), se ninguém apresentar queixa contra nós no tribunal do imperador como cidade turbulenta e sediciosa e se não fizerem denúncia contra nós e o nosso privilégio for confiscado, pois *não* há *causa alguma com que possamos justificar este concurso* e não temos nada a dizer que o legalize. Não podemos dizer que quebramos a paz porque outros a quebraram primeiro e nós só agimos defensivamente. Não temos plausibilidade para fazer tal defesa. Portanto, não permitamos que o assunto se estenda mais, pois já foi longe demais". Perceba que as pessoas, em sua maioria, respeitam o julgamento dos homens mais do que o julgamento de Deus. Como seria bom se dessa forma conseguíssemos apaziguar o tumulto de nossos apetites e paixões desordenadas e lhes refrear a violência com o fato da prestação de contas que em breve teremos de dar ao Juiz dos céus e da terra por todas estas desordens! *Na verdade, até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição* em nosso coração e em nossa casa. E o que diremos, visto que não há causa, nenhuma causa justa ou proporcional, por meio da qual possamos explicar esta multidão, esta fúria e esta violência? Assim como temos de reprimir a intemperança de nossos apetites, o mesmo devemos fazer com a intemperança de nossas paixões, pois *por todas essas coisas* nos *trará Deus a juízo* (Ec 11.9) e é de nosso interesse que nos comportemos *como aqueles que hão de dar conta* a Deus (Hb 13.17).

(6) Quando o *escrivão da cidade* mostrou à *multidão* o absurdo da reunião revoltosa e as más conseqüências que poderiam ocorrer, ele os aconselha a se debandarem sem demora: Ele *despediu o ajuntamento* (v. 41), ordenando talvez que o pregoeiro público proclamasse que todos, sem exceção, deveriam partir pacificamente e que cada um fosse tratar da própria vida. E assim procederam. Veja aqui: [1] Como a grandiosa providência de Deus mantém a paz pública através de um poder inexplicável que atua sobre o espírito dos homens. Assim o mundo é mantido em certa ordem e os homens são contidos de serem como peixes no mar, onde o maior devora o menor. Considerando que a *multidão* é furiosa e impetuosa, e que, quando provocada, age como animal selvagem indomável e incontrolável, temos motivo em reconhecer que é pela bondade de Deus que nem sempre estamos sob a tirania das multidões. Ele *aplaca o ruído dos mares, o ruído das suas ondas* (que é apenas um exemplo do seu poder grandioso) *e o tumulto das nações* (Sl 65.7). [2] Veja quantas maneiras Deus tem para proteger o seu povo. Pode ser que esse *escrivão da cidade* não fosse amigo de *Paulo*, nem do evangelho que ele pregava; contudo, sua prudência serviu ao propósito divino. *Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR o livra de todas* (Sl 34.19).

Capítulo 20

Neste capítulo, temos: I. As viagens de Paulo pela Macedônia, Grécia e Ásia, até sua chegada a Trôade (vv. 1-6). II. O relato detalhado do dia do Senhor que Paulo passou em Trôade e a ressurreição de Êutico (vv. 7-12). III. A jornada ou percurso de viagens que Paulo fez para visitar as igrejas que ele plantara a caminho de Jerusalém, aonde planejou chegar na Festa de Pentecostes (vv. 13-16). IV. O sermão de despedida que Paulo pregou aos presbitérios em Éfeso, agora que ele estava deixando aquela província (vv. 17-35). V. A despedida muito triste entre Paulo e os efésios (vv. 36-38). E em todas estas atividades vemos Paulo muito ocupado em servir a Jesus e fazer o bem aos homens, não só na conversão dos gentios, mas também na edificação dos cristãos.

A Partida de Paulo de Éfeso. A Mudança de Paulo para Trôade

vv. 1-6

Essas viagens de Paulo são narradas com muita brevidade, pois se todos os detalhes memoráveis e dignos de serem escritos em letras de ouro tivessem sido registrados, *cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem* (Jo 21.25). Existem apenas algumas indicações gerais das ocorrências que certamente eram as mais preciosas. Aqui está:

I A partida de *Paulo* de Éfeso. Ele permanecera lá por mais tempo que em qualquer outro lugar depois que foi ordenado ao apostolado dos gentios. Já estava na hora de ele pensar em se mudar porque *também* era *necessário que* anunciasse *a outras cidades o evangelho* (Lc 4.43). Depois disso e até ao fim da história bíblica da sua vida (que é tudo de que dispomos), ele não iniciou nenhum trabalho novo e nem anunciou *o evangelho* [...] *onde Cristo já houvera sido nomeado* (Rm 15.20), como até aqui vinha fazendo, pois no final do próximo capítulo lemos que ele é preso, e assim permaneceu e foi deixado até o encerramento do Livro de Atos. 1. *Paulo* deixou Éfeso logo *depois que cessou o alvoroço* (v. 1), já que considerou a perturbação da ordem como indicação da Providência para mudar-se de cidade. Sua partida aplacou um pouco a raiva dos adversários e ganhou mais espaço para os cristãos dali. *Currenti cede furori – É bom descansar em uma tempestade.* Certos estudiosos entendem que, imediatamente antes de sair de Éfeso, ele escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios, e que o combate *em Éfeso contra as bestas* que ele menciona na carta (1 Co 15.32) era uma descrição figurativa desse *alvoroço*. Mas prefiro considerar suas palavras de modo literal. 2. *Paulo* não deixou Éfeso às pressas e com medo, mas partiu solenemente: Ele *chamou a si os discípulos* (v. 1), as principais pessoas da congregação, *e, abraçando-os, saiu* (diz a versão siríaca) "com o beijo de amor", de acordo com o costume da Igreja Primitiva. Amigos amorosos não sabem que se amam até que chegue a hora da despedida, quando então se mostrará como estava próximo o coração um do outro.

II A visita de *Paulo* às igrejas gregas que ele plantara e mais de uma vez regara, pelas quais ele tinha um carinho todo especial. 1. O apóstolo foi primeiro *para a Macedônia* (v. 1), de acordo com o seu propósito antes do desencadeamento do alvoroço (cap. 19.21). Ele visitou as igrejas que estavam em Filipos e Tessalônica, *exortando*[-as] *os com muitas palavras* (v. 2). As visitas de *Paulo* aos seus amigos eram visitas para pregar e suas pregações eram extensas e complexas: Eram exortações *com muitas palavras*. Ele tinha muito a lhes dizer e não se limitou ao tempo; ele os exortava ao cumprimento de muitos deveres, de muitas maneiras e (como interpretam certos estudiosos) "com muito raciocínio". Suas exortações eram reforçadas com extensa variedade de motivos e argumentos. 2. O apóstolo foi *à Grécia* (v. 2), quer dizer, à Acaia, como acham certos estudiosos, pois também propusera ir para lá, para Corinto e regiões (cap. 19.21). E passou *ali três meses* (v. 3). Certamente *ali* ele também exortou os *discípulos* [...] *com muitas palavras* para orientá-los, confirmá-los e engajá-los a serem fiéis ao Senhor.

III A alteração das resoluções de *Paulo*, pois nem sempre podemos cumprir nossos propósitos. Os imprevistos nos obrigam a fazer novos planos; por isso, ao planejarmos, estipulamos limites. 1. O apóstolo estava a ponto *de navegar para a Síria* (v. 3), à cidade de Antioquia, de onde fora enviado a serviço dos gentios e por onde sempre procurava passar em suas rotas de viagens. Mas ele mudou de planos e *determinou voltar pela Macedônia* pelo caminho que antes percorrera. 2. O motivo dessa mudança eram os *judeus* (v. 3) que, supondo que ele tomaria esse trajeto como sempre, preparam-lhe *ciladas* com o objetivo de tirar-lhe a vida. Visto que não conseguiam (por mais que tentassem) detê-lo provocando as multidões e os magistrados contra ele, maquinaram assassiná-lo. Certos intérpretes afirmam que os *judeus* lhe puseram *ciladas* para roubar o dinheiro que estava levando a Jerusalém para o socorro dos santos pobres. Mas, considerando como eram rancorosos, acredito que tinham mais sede do seu sangue do que do seu dinheiro.

IV Os nomes dos companheiros de *Paulo* na viagem que fez *até à Ásia* (v. 4). Alguns eram ministros, talvez não todos. É provável que *Sópatro, de Beréia*, seja o mesmo Sosípatro citado em Romanos 16.21. Quando partiu de Éfeso (v. 1), *Paulo* deixou *Timóteo* ali e, em seguida, escreveu-lhe a primeira epístola a fim de orientá-lo como evangelista a organizar a igreja naquela cidade e em quais mãos deixá-la (veja 1 Tm 1.3; 3.14,15). Essa epístola tinha o propósito de fornecer orientações a *Timóteo* sobre como proceder, não só em Éfeso, onde estava agora, mas também em outras cidades onde ele seria igualmente deixado ou para onde seria enviado a fim de residir como evangelista (e orientações para ele e, certamente, para os outros evangelistas que acompanhavam o apóstolo e eram usados dessa mesma forma). *Timóteo* é contado entre eles, porque, assim que cumpriu suas tarefas em Éfeso, seguiu *Paulo* e o acompanhou com os outros mencionados aqui. Pode ser que alguém pense consistir num desperdício ter todos esses homens dignos acompanhando *Paulo*, pois havia mais necessidade deles onde *Paulo* não estava. Mas assim se procedeu: 1. Para que eles o ajudassem a ensinar as pessoas que, pela pregação do apóstolo, aceitassem Jesus. Aonde quer que *Paulo* fosse, as águas eram agitadas; então, havia necessidade de ajudantes para colocar os incapacitados no tanque (como em Jo 5.2-7). Estava na hora de malhar o ferro enquanto estava quente. 2. Para que os ensinasse e qualificasse para serviços futuros e seguissem a sua *doutrina* e *modo de viver* (2 Tm 3.10). A presença física de *Paulo* era fraca e desprezível. Esses amigos o acompanhavam para dar-lhe certeza do sucesso, apoiá-lo e chamar a atenção das pessoas, as quais, a olho nu, julgariam que havia muita coisa nele verdadeiramente valiosa que não se via pela aparência exterior.

V A ida de *Paulo* a *Trôade*, onde marcara um encontro geral com seus amigos. 1. *Esses* companheiros, *indo adiante*, [...] *esperaram* o apóstolo *em Trôade* (v. 5), com vistas a acompanhá-lo a Jerusalém, como *Trófimo* pessoalmente o fez (cap. 21.29). Não deveríamos achar difícil esperar para termos boa companhia em uma viagem. 2. O apóstolo seguiu o mais depressa que pôde para *Trôade*. Agora Lucas estava em sua companhia, porque ele escreve: Nós *navegamos de Filipos* (v. 6), e a primeira vez que esteve ao seu lado foi justamente aqui, em *Trôade* (cap. 16.11). Os *dias dos pães asmos* são mencionados apenas para definir a época do ano e não para indicar que *Paulo* guardava a Páscoa segundo a maneira dos judeus. É que mais ou menos nesse tempo ele escreveu na primeira epístola à igreja em Corinto que Cristo é a nossa Páscoa e que a vida cristã é a nossa festa de pães asmos (1 Co 5.7,8). Ele também ensinou que quando o corpo veio, a sombra acabou (Cl 2.17). Ele foi *ter com eles a Trôade* viajando *cinco dias* por mar, e, quando ali chegou, ficou apenas *sete dias*. Os que andam fazendo o bem perdem muito tempo viajando de um lugar para o outro; contudo, isso não é tempo perdido. *Paulo* achou que valia a pena gastar *cinco dias* para chegar a *Trôade*, mesmo que fosse pela oportunidade de permanecer apenas *sete*. Mas ele sabia, como nós também devemos saber, remir o tempo. Mesmo enquanto estava em seu trajeto de viagem, de alguma forma, ele sempre administrava seu tempo bem.

A Pregação de Paulo em Trôade. A Recuperação de Êutico

vv. 7-12

Nestes versículos, temos um relato do que sucedeu no último dos sete dias que Paulo permaneceu em Trôade.

I Houve uma reunião dos cristãos que moravam em Trôade de acordo com o costume deles e de todas as igrejas. 1. *Ajuntando-se os discípulos*... (v. 7). Embora eles lessem, meditassem, orassem e cantassem salmos cada um em sua casa e, dessa forma, mantivessem a comunhão com Deus, isso não bastava. Havia a necessidade de se reunirem para cultuar a Deus de comum acordo e, assim, manter a comunhão uns com os outros, encorajando-se mutuamente, ajudando uns aos outros e testificando a comunhão espiritual de cada um com todos os

bons cristãos. Sempre deve haver tempos estipulados pelos discípulos de Cristo para se reunirem. Mesmo que nem todos possam se reunir em um lugar ao mesmo tempo, é importante que o maior número de pessoas o faça. 2. *Ajuntando-se os discípulos* [...] *no primeiro dia da semana* (v. 7), o qual chamavam o *dia do Senhor* (Ap 1.10), o sábado cristão, observado em honra de Jesus e do Espírito Santo, em memória da ressurreição de Jesus e do derramamento do Espírito, ambos os fatos ocorridos *no primeiro dia da semana*. Aqui o texto dá a entender que esse era o *dia da semana* em que os discípulos costumeiramente se reuniam, ou seja, era o *dia* habitual de reunião em todas as igrejas. Note que o *primeiro dia da semana* deve ser observado religiosamente por todos os *discípulos* de Jesus. É o sinal entre Jesus e eles, pelo qual todos conhecem que são seus *discípulos*. Esse *dia* deve ser observado nas reuniões solenes, que são, por assim dizer, os átrios dedicados por seus ministros ao nome e honra de nosso Senhor Jesus. Os seus ministros são mordomos dos átrios do Senhor nos quais todos os que ali se reúnem lhe devem culto e serviço e aos quais devem comparecer como moradores dos átrios do Senhor. O *primeiro dia da semana* é marcado como o dia de audiência no tribunal. 3. *Ajuntando-se os discípulos* (v. 7) *no cenáculo* (v. 8). Eles não tinham templo ou sinagoga onde se reunir, nem capela imponente e espaçosa, mas se reuniram em uma casa particular, em um quarto imediatamente debaixo do telhado. Visto que eram poucos e pobres, não precisavam e não podiam construir um lugar maior de reunião. Enquanto isso, eles se reuniam naquele lugar inconveniente e desprezível. Se o lugar de reunião da igreja não for tão apropriado nem tão espaçoso como gostaríamos que fosse, isso não serve de desculpa para a nossa ausência. 4. *Ajuntando-se os discípulos para partir o pão* (v. 7), a saber, para celebrar a ordenança da Ceia do Senhor, o sinal instituído de *partir o pão* e colocado no lugar de todos os demais. *O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?* (1 Co 10.16). No *partir* do *pão*, é comemorado o *partir* do corpo de Cristo por nós para ser o sacrifício por nossos pecados; o *partir* do corpo de Cristo por nós tem o significado de ser comida e banquete para a nossa alma. Nos tempos primitivos, era costume de muitas igrejas ministrarem a Ceia do Senhor todo dia do Senhor, celebrando a memória da morte de Jesus na Ceia com a memória da sua ressurreição no domingo. E ambos os aspectos ocorriam de comum acordo em uma reunião solene para testemunhar sua cooperação conjunta na mesma fé e adoração.

II Nessa reunião, *Paulo* fez um sermão aos *discípulos*, um sermão longo e de despedida (v. 7). 1. Foi um sermão feito pelo apóstolo e dirigido aos *discípulos*: Ele *falava com eles* (v. 7). Embora já fossem *discípulos*, era extremamente necessário que lhes pregasse a palavra de Deus para que crescessem em graça e conhecimento. Observe que a pregação do evangelho deve acompanhar os sacramentos. Moisés *tomou o livro do concerto e o leu aos ouvidos do povo*, e depois *espargiu* [...] *o sangue do concerto que o SENHOR* tinha feito com eles *sobre todas estas palavras* (Êx 24.7,8). O que vale o selo sem a escritura? 2. Foi um sermão de despedida visto que o apóstolo *havia de partir no dia seguinte* (v. 7). Depois que ele partisse, ainda teriam o mesmo evangelho pregado, mas não como ele o pregava. Por isso, tinham de fazer o máximo para aproveitar enquanto estava com eles. De modo especial, sermões de despedida afetam tanto o pregador quanto os ouvintes. 3. Foi um sermão muito longo: O apóstolo *alargou a prática até à meia-noite* (v. 7) porque havia muito a dizer aos *discípulos* e não sabia se teria outra oportunidade de pregar para eles. Depois de terem participado da Ceia do Senhor, ele pregou sobre os deveres aos quais eles se comprometeram pelo rito e as bênçãos às quais lhes diziam respeito. Nesses assuntos, foi muito extenso, detalhado e completo. Há muitas oportunidades para os ministros pregarem não só *a tempo*, mas também *fora de tempo* (2 Tm 4.2). Com certeza, há quem reprove *Paulo* por ter sido um pregador enfadonho e que cansava os ouvintes. Mas sua platéia estava disposta a ouvi-lo. Ele percebeu esse fato e continuou falando *até à meia-noite*. A reunião se deu à noite em prol, talvez, da privacidade, ou em conformidade com o exemplo dos apóstolos que se reuniram à noite no primeiro sábado cristão. É provável que tivesse pregado pela manhã, e assim *alargou* o sermão da noite *até à meia-noite*. Gostaríamos de ter o tema ou o esboço desse longo sermão, mas presumimos que em essência era o mesmo de suas epístolas. Uma vez que a reunião se estendeu *até à meia-noite*, as lamparinas foram acendidas: *Havia muitas luzes* (v. 8) para que os ouvintes pudessem consultar as Escrituras que o apóstolo citava e examinar *se estas coisas eram assim* (cap. 17.11). Isso evitaria a censura de inimigos que dissessem que eles *estavam juntos* de noite para fazer as obras das trevas.

III *Certo jovem* (v. 9), na congregação, que dormiu durante o sermão, morreu ao cair de uma *janela*, mas foi ressuscitado. Seu nome significa *aquele que teve boa sorte – Êutico, bene fortunatus*; e ele respondeu ao significado de seu nome. Observe:

1. A fraqueza que acometeu *Êutico*. Mesmo sendo um menino, seus pais o levaram à reunião porque desejavam que recebesse os bons ensinamentos das coisas de Deus diretamente de um pregador tão importante quanto *Paulo*. Os pais devem levar os filhos para ouvir a pregação da palavra de Deus (Ne 8.2, versão NTLH), até mesmo os *meninos* (Dt 29.11). Mas esse *jovem* foi culpado pelo que aconteceu: (1) Porque ele sentou-se, sem reverência, *numa janela* (v. 9), talvez sem vidraça, e se pôs em perigo, ao passo que havendo se contentado em se sentar no chão, estaria seguro. Crianças que gostam de subir em coisas ou de se pôr em perigo de outras formas para o desgosto dos pais não consideram que também estão desgostando a Deus. (2) Porque ele dormiu, mas não somente isso, foi *tomado de um sono profundo que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo* (v. 9). Isso era sinal de que ele não prestava a devida atenção às coisas que *Paulo* dizia, embora fossem importantes. Essa observação relativa ao fato de ele dormir nos leva a desejar que mais ninguém estivesse com muito *sono*, embora houvessem jantado e já fosse hora de dormir. E esse *jovem* dormiu profundamente, foi "levado pelo sono" (segundo o significado da palavra grega), o que dá a entender que se esforçou para não

dormir, mas, vencido pelo *sono*, acabou caindo num *sono* pesado.

2. A desventura que apanhou *Êutico*: Ele *caiu do terceiro andar* [...] *e foi levantado morto* (v. 9). Certos estudiosos julgam que a mão de Satanás estava neste ato, pela permissão divina, com o propósito de perturbar a reunião e reprovar *Paulo* e sua obra. Outros são da opinião que Deus fez isso para advertir todas as pessoas a prestar atenção e não dormir quando estiverem ouvindo a pregação da palavra. É lógico que é o que devemos fazer. Nós temos de considerar esse fato como uma coisa ruim, como um triste sinal de nossa pouca consideração pela palavra de Deus e um grande obstáculo para nos beneficiar dela. Devemos temer tal situação e fazer o que pudermos para evitar cairmos no sono – não nos acomodar para dormir, mas expor nosso coração à ação da palavra enquanto a ouvimos a tal ponto que afastemos o sono para lugares distantes. Vigiemos e oremos para que não entremos nessa tentação (Mt 26.41) e, por meio dela, não nos aconteça algo pior. Que o castigo de *Êutico* cause temor em nosso coração e nos mostre como Deus é zeloso nas questões pertinentes ao seu culto e adoração. *Não erreis: Deus não se deixa escarnecer* (Gl 6.7). Veja a severidade com que Deus visitou uma iniqüidade aparentemente pequena de um *jovem*: *Quem* pode *estar em pé perante o SENHOR, este Deus santo?* (1 Sm 6.20). A essa história apliquemos esta lamentação: *Ouvi* [...] *a palavra do SENHOR* [...]. *Porque a morte subiu pelas nossas janelas e entrou em nossos palácios, para exterminar das ruas as crianças e os jovens das praças* (Jr 9.20,21).

3. A misericórdia milagrosa mostrada para *Êutico* ao ser trazido de volta à vida (v. 10). Esse incidente distraiu a reunião e interrompeu a pregação de *Paulo*, mas serviu de tremenda confirmação ao que ele pregava, ajudando-o a apregoá-la e torná-la eficaz. (1) *Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre* [*Êutico*] *e, abraçando-o...* (v. 10). Esse procedimento expressava compaixão profunda e preocupação afetuosa pelo *jovem*. Nem por um instante, o apóstolo pensou: "Ele teve o que merecia por dar tão pouca atenção ao que eu falava!" O temperamento nobre de *Paulo* muito se sensibilizava por incidentes tristes como esse, estando longe de julgar e censurar os envolvidos. *E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou*, eles eram mais pecadores do que todos que habitavam *em Jerusalém? Não*, não eram (Lc 13.4,5). Mas isso não era tudo. As ações de inclinar-se e abraçar o *jovem* foram semelhantes às de Elias (1 Rs 17.21) e Eliseu (2 Rs 4.34). Não que pudessem contribuir com algo para o milagre, mas, como sinal, representavam a descida do poder divino sobre o corpo morto para pôr a vida de novo nele, pela qual, ao mesmo tempo, ele orava interiormente, com fervor e fé. (2) *Paulo* assegurou a todos que *Êutico* voltara à vida e que logo acordaria. Esse incidente ruim ocasionara várias especulações na congregação, mas o apóstolo acabou com todas elas: "*Não vos perturbeis* (v. 10), nem desanimeis ou nos inquieteis quanto a isto, pois *que a sua alma nele está*. Ele não está morto, mas dorme. Deitai-o na cama por um pouco, e ele voltará a si, porque agora está vivo". Jesus, quando ressuscitou Lázaro, disse: *Pai, graças te dou, por me haveres ouvido* (Jo 11.41). (3) *Paulo* voltou imediatamente ao que estava fazendo depois dessa interrupção: *E, subindo* (v. 11) novamente à reunião, partiram entre si *o pão* no banquete de confraternização que normalmente acompanhava a Ceia do Senhor em símbolo da comunhão que tinham e para confirmação da amizade entre eles. E *ainda lhes falou largamente até à alvorada.* O apóstolo não reiniciou o discurso interrompido, mas ele e seus amigos entabularam uma conversa livre, cujo assunto, claro, era bom e promovia a edificação (Ef 4.29). As reuniões cristãs são excelente meio de promover a santidade, a consolação e o amor cristão. Eles não sabiam quando voltariam a ter a companhia de *Paulo*, e então aproveitaram ao máximo a oportunidade que tinham e, por conta disso, consideraram lucrativa a noite sem dormir. (4) Antes de se separarem, *levaram vivo o jovem* (v. 12) à congregação, onde todos o felicitaram por ter sido ressuscitado, e *ficaram não pouco consolados*. Entre eles, a ressurreição de *Êutico* era motivo de grande alegria, não só para a família do *jovem*, mas também para toda a sociedade, pois evitou a mancha que cairia sobre os cristãos e contribuiu muito para o crédito do evangelho.

Paulo em Viagem

vv. 13-16

Paulo está com pressa para chegar a Jerusalém, mas se empenha em fazer todo o bem que puder ao longo do caminho, *os en parodo*, "por assim dizer de ponto em ponto". Ele tinha um chamado para Trôade, onde fizera o bem. Agora ele faz um tipo de viagem costeira, que os comerciantes chamariam viagem de cabotagem, indo de lugar em lugar e, sem dúvida, empenhando-se em dar o melhor de si a todo lugar que chegasse, como todo homem bom deve fazer.

I *Paulo* enviou seus companheiros por mar a *Assôs*, ao passo que se propôs a ir *por terra* (v. 13). Ele *assim o ordenara* ou determinara consigo mesmo, que toda importunidade fosse usada ao inverso, promovendo ou o seu conforto ou o seu crédito, ou a comodidade de um navio que se oferecesse, ou a companhia de amigos, ele iria a *Assôs* a pé. Se o caminho *por terra* que Paulo tomou era o caminho mais curto, os antigos observaram que o caminho era acidentado (Homero, *Ilíada* 6, e os comentários de Eustácio dizem que ir a pé a Assôs bastava para matar alguém. *Lorin., in locum*). Todavia, o apóstolo tomou esse caminho: 1. Para que pudesse visitar os amigos pelo caminho e lhes fazer algum bem, ou convertendo os pecadores ou edificando os santos. Em ambas as tarefas, ele estava servindo o seu grande Mestre e prosseguindo com a sua grande obra. Ou: 2. Para que pudesse ficar sozinho e tivesse maior liberdade para falar com Deus e consigo mesmo na solidão. Ele amava seus companheiros e apreciava a companhia deles, mas era importante ele mostrar que não precisava disso e sabia ficar sozinho. Ou: 3. Para que pudesse se disciplinar nas dificuldades e não mostrar abandono ao conforto. Assim, por atos voluntários de mortificação e abnegação, ele subjugava o *corpo* e o reduzia *à servidão* (1 Co 9.27), para que, quando chamado a sofrer por amor a Cristo, os sofrimentos lhe fossem mais fáceis (2 Tm 2.3). Devemos nos habituar a negar a nós mesmos.

II *Em Assôs* (v. 14), *Paulo* subiu a bordo do navio com seus amigos, onde eles o receberam, rumando *a Mitilene*. A essa altura, tendo já andado bastante, ele estava disposto a valer-se de outro meio de transporte para viajar; ou, possivelmente, não dava mais para ele prosseguir por terra, sendo obrigado a ir por mar. Quando Jesus enviou seus discípulos por barco e permaneceu para trás na praia, mais tarde, se dirigiu a eles, entrou no barco e o receberam (Mc 6.45,51).

III *Paulo* tirou o melhor proveito de sua viagem a Jerusalém. Seu navio passou por *Quios* (v. 15), aportou *a Samos* (estes são lugares de destaque entre os escritores, poetas e historiadores gregos). Eles ficaram por algum tempo *em Trogílio*, o porto marítimo próximo a *Samos*, e chegaram *no dia seguinte a Mileto*, o porto marítimo que ficava ao lado de *Éfeso*. Desta vez, *Paulo tinha determinado* (v. 16) não ir a *Éfeso*, porque sabia que seus amigos insistiriam que ficasse um pouco com eles, pedido que lhe seria difícil negar. E, por estar decidido a não ficar, não se poria sob esse risco; porque ele *apressava-se* [...] *para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes*. Já fazia quatro ou cinco anos que ele havia estado em *Jerusalém* (cap. 18.21,22), e agora ele ia apresentar seus contínuos cumprimentos àquela igreja, com a qual ele era especialmente cuidadoso em manter boa correlação para que os irmãos não pensassem que ele se indispusera com ela por ter sido chamado para pregar aos gentios. Ele determinou estar lá na Festa de *Pentecostes*, porque nessa época do ano *Jerusalém* ficava apinhada de judeus e prosélitos que vinham de todas as partes do mundo para adorar na festa, dando-lhe a oportunidade de propagar o evangelho a eles. E também a Festa de *Pentecostes* se tornara particularmente famosa entre os cristãos por conta do derramamento do Espírito. Note que os homens de negócio têm de se obrigar a marcar prazo (em submissão à Providência) e se esforçar para serem pontuais. Devem fazer primeiro o que julgarem mais necessário e não permitirem mudança de planos. Para nós, é um prazer estar com nossos amigos, pois são horas de entretenimento e folga. Mas isso não deve nos afastar de nosso trabalho. Quando *Paulo* teve um chamado para ir a *Jerusalém*, não ficou perdendo tempo na Ásia, ainda que ali seus amigos fossem em maior número e mais amáveis. Não é neste mundo que nos reuniremos, pois esperançosamente nos reuniremos no outro mundo.

O Discurso de Paulo aos Anciãos de Éfeso

vv. 17-35

O navio em que Paulo e seus companheiros embarcaram para Jerusalém lhe veio bem a calhar, pois atracava ou partia como lhe convinha. Quando chegou a Mileto, ele desembarcou e permaneceu em terra por tempo suficiente para mandar chamar os anciãos de Éfeso para uma reunião. Se tivesse subido a Éfeso, a igreja provavelmente o teria forçado a ficar por mais tempo do que o desejado. Estes anciãos ou presbíteros eram, segundo pensam certos estudiosos, os doze varões que receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos de Paulo (cap. 19.6). Mas, além deles, é provável que Timóteo tivesse ordenado outros anciãos para o serviço daquela igreja e região. Paulo mandou chamar os presbíteros para instruí-los e incentivá-los a continuar a obra que tinham recebido pela imposição de mãos. E as instruções que ele lhes desse, eles as transmitiriam às pessoas sobre as quais tinham responsabilidade.

Trata-se de um discurso muito emocionante e prático, com o qual Paulo se despede desses irmãos e no qual há muito da excelente índole deste bom homem. Nestes versículos, temos:

I Paulo relembra aos *anciãos da igreja* a vida e doutrina em vigor o tempo todo em que ele esteve em *Éfeso* e regiões: "*Vós bem sabeis* [...] *como em todo esse tempo me portei no meio de vós* (v. 18) e como fiz o trabalho de apóstolo entre vós". Ele menciona isto como confirmação da sua missão e, por conseguinte, da doutrina que pregara entre eles. Todos sabiam que ele era homem de espírito sério, cortês e sobremodo agradável e que não era egoísta e astuto, como são os sedutores. Ele não poderia ter atuado com tanta lisura e constância nos serviços e sofrimentos senão pelo poder da graça divina. Sua disposição mental e o teor de sua pregação e relações sociais eram evidências concretas de que Deus estava verdadeiramente com ele e que foi movido e impulsionado por um espírito melhor que o seu próprio. Ele também faz esta referência à sua conduta como ensinamento, em cujas mãos o trabalho fora entregue, a fim de que sigam seu exemplo: "*Vós bem sabeis* [...] *como* [...] *me portei no meio de vós*, como me comportei como ministro. Da mesma forma, comportai-vos vós com os que vos são entregues à vossa responsabilidade quando eu tiver partido: *O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei* (Fp 4.9)".

1. A índole e sensibilidade de Paulo eram excelentes e exemplares. Os *anciãos* efésios sabiam como ele se portara entre eles e como mantivera suas relações sociais com eles: no que tange a eles, procedeu *com simplicidade e sinceridade de Deus* (2 Co 1.12), com brandura e *santa, justa e irrepreensivelmente* (1 Ts 2.7,10). (1) O apóstolo se portara bem desde o princípio, *desde o primeiro dia em que* entrou *na Ásia* (v. 18), *em todo esse tempo*. O modo como entrou *no meio* dos efésios foi tal que ninguém podia achá-lo em falta. *Desde o primeiro dia*, ele se comportou de forma que sabiam que objetivava fazer o bem e fazer o bem aonde quer que chegasse. Ele era um homem coerente consigo mesmo e íntegro. Encontre-o aonde for: ele é o mesmo *em todo* o *tempo*. Não era levado de um lado para o outro pelo vento nem pela mudança do tempo, mas era invariável como um dado que, jogado do jeito que for, cai sempre em um dos lados planos. (2) O apóstolo assumira a função de servir *ao Senhor* (v. 19) para promover entre os efésios a honra devida somente a Deus e os interesses de Cristo e seu Reino. Ele nunca serviu a si mesmo, nem se fez servo de homens, das luxúrias e caprichos deles. O seu negócio era servir *ao Senhor*. No seu ministério e, em todas as relações sociais, provou o que ele mesmo escreveu: *Paulo, servo de Jesus Cristo* (Rm 1.1). (3) O apóstolo fizera o seu trabalho entre os efésios *com toda a humildade – meta pases tapeinophrosynes* (v. 19), isto é, em todas as obras de transigência, recato e humilhação própria.

Deus lhe dera muita honra e por meio dele fizera muitas coisas boas. Paulo, todavia, nunca assumira uma atitude de pompa, nem manteve as pessoas a distância, mas se relacionava livre e desembaraçadamente com as mais humildes, procurando o bem delas, colocando-se no mesmo nível que elas. Ele tinha a boa vontade de inclinar-se para fazer qualquer serviço e se tornar e ao seu trabalho tão acessíveis quanto desejáveis. Veja que os que em qualquer atividade servem aceitavelmente ao *Senhor* e utilmente aos outros têm de fazê-lo *com toda a humildade* (Mt 20.26,27). (4) O apóstolo sempre fora muito gentil, afetuoso e compassivo entre os efésios: Ele servira *ao Senhor* [...] *com muitas lágrimas* (v. 19). Nesse ponto, Paulo era igual ao seu Mestre, chorava com facilidade. Em suas orações, ele chorava e suplicava (Os 12.4). Em suas pregações, o que ele muitas vezes lhes dissera agora também repetia, *chorando* (Fp 3.18). Em suas preocupações, embora os conhecesse em tão pouco tempo, já moravam no seu coração a ponto de ele chorar *com os que choram* (Rm 12.15) e misturar suas lágrimas com as deles em todos os momentos. Isso era extremamente carinhoso da sua parte. (5) O apóstolo lutara com muitas dificuldades entre os efésios. Ele fizera seu trabalho diante de muita oposição, *com muitas* [...] *tentações* (v. 19), que lhe provavam a paciência e a coragem. Às vezes, tais desalentos lhe eram *tentações*, como foram para Jeremias em situações semelhantes: *Não falarei mais no seu nome*, no nome do Senhor (Jr 20.8,9). Essas *tentações* lhe *sobrevieram* [...] *pelas ciladas dos judeus*, que ainda tramavam cometer algum dano ou outro contra ele. Note que os servos fiéis do *Senhor* continuam servindo-o em meio às adversidades e perigos, não se importando com as ações dos inimigos, pois almejam ser aprovados pelo Mestre e torná-lo seu amigo. As *lágrimas* de Paulo eram por causa das *tentações*; suas aflições o ajudaram a evocar bons sentimentos.

2. A pregação de Paulo era autêntica (vv. 20,21). Ele foi a *Éfeso* para pregar o evangelho de Cristo, fora-lhes fiel e àquele que o comissionou. (1) O apóstolo era um pregador claro. Ele entregava as mensagens de modo bastante compreensivo. Essa interpretação se baseia em duas palavras: Nunca *deixei de vos anunciar e ensinar* (v. 20). Ele não divertiu os efésios com especulações sutis, nem os levou para depois abandoná-los nas nuvens de altas teorias e sublimes expressões. Ele lhes anunciou as verdades claras do evangelho, verdades da maior influência e importância, e lhes ensinou como se ensina a crianças. "Eu vou anunciei o caminho certo para a felicidade, e vos ensinei a andar nele." (2) O apóstolo era um pregador poderoso, idéia implícita no fato de testemunhar aos efésios (v. 21, *testificando*). Ele pregou como se estivesse sob juramento, como se estivesse inteiramente certo da verdade que defendia. Seu único desejo era que a mensagem os convencesse, os influenciasse e os orientasse. Ele anunciou o evangelho, não como um vendedor de jornais que proclama as manchetes na rua (pouco lhe importando se o que proclama é verdadeiro ou falso), mas como testemunha conscienciosa que apresenta provas no tribunal, com a maior seriedade e solicitude. Paulo pregou o evangelho como uma testemunha a favor deles, caso o recebessem, e como uma testemunha contra eles, caso o rejeitassem. (3) O apóstolo era um pregador *útil* (v. 20). Em todas as suas pregações, objetivava fazer o bem àqueles para quem pregava. Ele proclamava tudo que fosse *útil* aos efésios, que tendesse a torná-los sábios e bons, mais sábios e melhores, que documentasse seus julgamentos e corrigisse seus corações e vidas. Ele pregava *ta sympheronta*, as coisas que *traziam consigo* a luz, o calor e o poder divino para suas almas. Não basta deixar de pregar o que é prejudicial, aquilo que leva ao erro ou endurece no pecado, mas temos de pregar o que é *útil*. Nós fazemos *tudo isto, ó amados, para vossa edificação* (2 Co 12.19). Paulo não tencionava pregar o que fosse agradável, mas o que fosse *útil*. E, quando agradava, o alvo era ser *útil*. A Bíblia diz que Deus *ensina* ao seu povo *o que é útil* (Is 48.17). Os que ensinam ao povo o que é *útil* estão ensinando no lugar de Deus. (4) O apóstolo era um pregador esmerado, muito diligente e infatigável em seu trabalho: Ele pregava *publicamente e pelas casas* (v. 20). Ele não se confinava a um lugar quando tinha oportunidade de pregar na grande congregação, nem se limitava à congregação quando havia a chance de ensinar particular e pessoalmente. Não tinha medo nem vergonha de anunciar o evangelho *publicamente*, nem pregava com má vontade reservadamente, entre uns poucos, quando havia oportunidade para tal. Ele pregava *publicamente* ao rebanho que vinha em busca de pastos verdejantes e ia *pelas casas* buscar as ovelhas fracas e as desgarradas, sem nunca pensar que um modo de pregar excluía o outro. Em suas visitas particulares e enquanto vão de casa em casa, os ministros devem discorrer sobre os mesmos assuntos que ensinam publicamente. Devem repeti-los, repisá-los, explicá-los e, caso necessário, perguntar: *Entendestes todas estas coisas?* (Mt 13.51). E, sobretudo, devem ajudar as pessoas a aplicar a verdade a si mesmas e à sua própria situação. (5) O apóstolo era um pregador fiel: Ele não só pregava o que era *útil*, mas tudo que julgasse que fosse *útil* para os efésios. Não havia *nada* que ele retivesse (v. 20), mesmo que a pregação lhe custasse mais sofrimentos ou fosse desagradável para alguns e o expusesse ao ódio de outros. Ele se recusava a não pregar tudo que, em sua opinião, fosse *útil*, mesmo que não fosse nem agradável, nem aceitável para alguns. Ele não continha as reprimendas, quando necessárias e úteis, por medo de ofender, nem reprimiu a pregação da cruz, embora soubesse que era *escândalo para os judeus e loucura para os gregos* (1 Co 1.23), como fizeram recentemente os missionários romanos na China. (6) O apóstolo era um pregador universal: Ele testemunhou *tanto aos judeus como aos gregos* (v. 21). Paulo nasceu judeu, foi criado como judeu, tinha um afeto profundo pela nação judaica e aprendeu as discriminações judaicas em relação aos gentios. Todavia, não se limitou aos *judeus* e nem evitou os gentios. Ele pregava de bom grado aos gentios tanto quanto aos *judeus* e se relacionava tão livremente com um grupo quanto com o outro. Por outro lado, mesmo tendo sido chamado para ser o apóstolo dos gentios, e os judeus nutrissem uma inimizade implacável contra ele por conta disso, muitos lhe causaram danos, e aqui, em Éfeso, ainda que houvesse muitas conspirações contra sua vida, ele não abandonou a igreja aqui localizada; pelo contrário, continuou lidando com eles para fazer-lhes o bem. Os ministros têm de pre-

gar o evangelho com imparcialidade porque são ministros de Cristo para a igreja universal. (7) O apóstolo era um pregador verdadeiramente cristão: Ele não pregava noções filosóficas ou questões de discussão duvidosa, nem pregava política ou se intrometia em assuntos do estado ou do governo civil. Ele pregava a *fé* e o *arrependimento* – os dois grandes temas do evangelho –, suas características e exigências. Esses eram temas nos quais insistia em todas as ocasiões. [1] *O arrependimento para com Deus* (v. 21, versão RA; ou *a conversão a Deus*, RC). Aqueles que, pelo pecado, haviam-se afastado de *Deus* e estavam cada vez mais se distanciando dele em um estado de separação completa e infinita, devem, pelo verdadeiro *arrependimento*, converter-se e correr para Ele. Paulo pregava o *arrependimento* como o grande mandamento de Deus (cap. 17.30) e dizia aos efésios que deviam obedecer-lhe para *que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento* (conforme explica, cap. 26.20). Ele pregava o *arrependimento* como o dom de Cristo para a *remissão dos pecados* (cap. 5.31) e orientava os efésios a buscar esse perdão em Jesus. [2] *A fé em nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 21). Pelo *arrependimento*, temos de olhar para *Deus* como nossa meta, e pela *fé*, temos de olhar para *Jesus Cristo* como nosso caminho para *Deus*. Pelo *arrependimento*, devemos abandonar e deixar os pecados para que, então, pela *fé*, recebamos de *Jesus* o perdão dos pecados. Não basta nos arrependermos diante de *Deus*. Devemos demonstrar uma verdadeira *fé* em *Jesus Cristo* como nosso Redentor e Salvador, andando com Ele como nosso *Senhor* e nosso *Deus*. Pois não há acesso a *Deus*, como filhos pródigos arrependidos indo ao Pai, senão pela autoridade e justiça de *Jesus Cristo* como Mediador.

Todos os *anciãos* efésios sabiam que Paulo fora um pregador desse tipo. E para prosseguirem com a mesma obra, eles têm de andar no mesmo espírito e nas mesmas pisadas.

II Paulo declara que espera *prisões e tribulações* na viagem que está fazendo para *Jerusalém* (vv. 22-24). Não era para os *anciãos* efésios pensarem que ele abandonara a Ásia por medo de perseguição, como um covarde que foge do posto na hora do perigo. Pelo contrário, ele estava correndo como herói para os lugares altos do campo onde é maior a probabilidade de a batalha ser mais renhida: *Agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém* (v. 22), declaração que pode ser entendida como se referindo, ou: (1) A certa previsão que Paulo tinha das dificuldades que enfrentaria. Embora seu corpo ainda não estivesse *ligado* (ou amarrado), o seu *espírito* já estava àquilo que enfrentaria. Tendo plena certeza de que encontraria adversidades, assumiu a tarefa diária de preparar-se para essa situação. Ele estava *ligado* [...] *pelo espírito*, como todos os bons cristãos são *pobres de espírito* (Mt 5.3), empenhando-se em se ajustar à vontade de Deus caso passem a ganhar menos ou fiquem desempregados. Ou: (2) Ao forte impulso do Espírito de Deus sob o qual Paulo estava que operava no seu *espírito* para fazer essa viagem: "*Ligado eu pelo espírito, vou...* (v. 22), quer dizer, firmemente decidido a prosseguir e bem certo de que é por direção e influência divina que eu *vou* e não por capricho ou desígnio próprio. Eu *prossigo* guiado pelo Espírito e *ligado* a segui-lo aonde quer que me conduza".

1. Paulo não sabe detalhadamente o que *há* de lhe *acontecer* em *Jerusalém* (v. 22). De onde surgirão os problemas, quais serão as causas, em que circunstâncias e com que intensidade aparecerão, são detalhes que Deus não julgou necessário lhe revelar. É bom permanecermos na escuridão dos acontecimentos futuros para que esperemos sempre em Deus e por Ele. Quando viajarmos ao exterior, devemos partir com este pensamento: Nós não sabemos o que há de nos acontecer, nem o que nos trará o dia, ou a noite, ou a hora. Temos, portanto, de nos dirigir a Deus, permitir que Ele faça conosco *o que bem parecer aos seus olhos* (1 Sm 3.18) e procurar ser íntegros à sua vontade.

2. Paulo sabe em geral que há uma tempestade diante dele, pois os profetas, *de cidade em cidade* por onde ele passava, revelavam-lhe, pelo *Espírito Santo*, que lhe esperavam *prisões e tribulações* (v. 23). Além da notificação comum dada a todos os cristãos e ministros para esperarem e se prepararem para os sofrimentos, o apóstolo recebeu revelação específica de dificuldades extraordinárias, maiores e mais longas do que as que já enfrentou, as quais estavam agora prestes a ocorrer.

3. Paulo toma a corajosa e heróica decisão de prosseguir com a obra. Era um repique melancólico que, *de cidade em cidade*, ressoava em seus ouvidos: Paulo, *esperam-te prisões e tribulações* (v. 23). Era um caso sério um pobre homem labutar continuamente para fazer o bem e ser tão maltratado por seus esforços. Agora vale a pena examinarmos como ele suportou essa situação. Paulo era um homem como todos nós. Mesmo assim, pela graça de Deus, foi capacitado a prosseguir com seu trabalho e a encarar com certo desprezo indulgente e magnânimo todas as dificuldades e reveses que encontrasse. Citemos suas próprias palavras, as quais não denotam teimosia nem ostentação, mas determinação humilde e santa: "*Não me importo* (v. 24, versão NVI; estas palavras não constam na RC), pois tudo que quero é prosseguir e perseverar no caminho do meu dever e terminar bem". Aqui o exemplo que o apóstolo dá é triplo.

(1) Paulo é modelo de coragem e determinação santa em nosso trabalho apesar das dificuldades e oposições que vemos que enfrentou. Ele as viu à sua frente, mas não fez nada com elas: Eu *não me importo* (v. 24, versão NVI; estas palavras não constam na RC), *oudenos logon poioumai – eu não faço conta disso*. Ele não punha essas coisas no coração, pois Jesus e o céu estavam ali. Nada disso o comovia. [1] As dificuldades futuras não o repeliram da obra. Ele não mudou de rumo e deu meia-volta, quando viu a tempestade se aproximando, mas prosseguiu com determinação, pregando onde ele sabia o quanto lhe custaria caro. [2] As dificuldades futuras não o privaram das bênçãos, nem o fizeram entregar-se de cabeça na obra. Em meio às adversidades, ele agia com indiferença. Na sua paciência, possuía sua alma (Lc 21.19). Mesmo quando estava como que contristado, permanecia alegre (2 Co 6.10) e, *em todas estas coisas*, ele era *mais do que* vencedor (Rm 8.37). Os que têm a sua cidade nos céus (Fp 3.2) podem olhar para baixo, ver não apenas as dificuldades comuns nesta terra, mas também o ódio e a malignidade

ameaçadora do próprio inferno, e dizer que nada disso lhes importa, pois sabem que nada pode atingi-los.

(2) Paulo é exemplo de desapego santo à vida, sua duração e bem-estar: *Mas em nada tenho a minha vida por preciosa* (v. 24). A *vida* é boa e nos é naturalmente *preciosa. Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida* (Jó 2.4); mas tudo quanto o homem tem e a *vida* também ele dará, pois possui um entendimento correto de si mesmo e dos seus interesses e não quer perder o favor de Deus e arriscar a vida eterna. Paulo era dessa opinião. Embora aos olhos naturais a *vida* seja insuperavelmente *preciosa*, aos olhos da fé a *vida* é comparativamente desprezível. Não é tão *preciosa*, pois pode ser alegremente desfeita por amor a Cristo. Isso explica Lucas 14.26, que exige que desprezemos a própria *vida*, não numa atitude precipitada, como fizeram Jó e Jeremias, mas em santa submissão à vontade de Deus – a decisão de morrer por Cristo em vez de negá-lo.

(3) Paulo é exemplo de interesse santo de levar ao fim a obra da sua *vida*. Essa deve ser nossa preocupação maior, e não o bem-estar e a tranqüilidade desta vida. O bendito Paulo em *nada* tem a sua *vida por preciosa* em comparação com essas coisas; por isso, resolve, na força de Cristo, *non propter vitam vivendi perdere causas – que ele nunca, para salvar a sua vida, perderá os objetivos da vida*. Ele está disposto a gastar a *vida* em trabalhos árduos, a arriscar a *vida* em serviços perigosos, a desperdiçar a *vida* em atividades penosas. Não somente isso, mas até entregar a *vida* ao martírio de forma a corresponder aos sublimes propósitos do seu nascimento, batismo e ordenação ao apostolado. Há duas coisas pelas quais esse grande e bom homem se interessa, de modo que, se as obtiver, já não lhe importa mais nada na *vida*: [1] Ser achado fiel à confiança depositada nele, para que *cumpra* [...] *o ministério que* recebeu *do Senhor Jesus* (v. 24), faça a obra para a qual foi enviado ao mundo – ou, mais preferivelmente, à igreja –, sirva à sua geração, cumpra cabalmente o seu ministério, leve até ao fim as suas responsabilidades ministeriais, e outros colham os benefícios ministeriais ao ponto máximo do que foi designado, acabe – como está escrito a respeito das duas testemunhas – *o seu testemunho* e não deixe a obra pela metade (cap. 13.36; 2 Tm 4.5, versão RA; Ap 11.7). Observe que, em primeiro lugar, o apostolado era um *ministério* de *Jesus* para a alma dos homens. Os que foram chamados consideraram mais o *ministério* do que a dignidade ou domínio do apostolado. E se os apóstolos agiram assim, muito mais devem os pastores e mestres agir e ser cada um na igreja *como aquele que serve* (Lc 22.27). Em segundo lugar, ele recebeu esse *ministério* [...] *do Senhor Jesus* (v. 24). Encarregou-os desse dever, e eles o receberam de bom grado. O apóstolo faz a obra no seu nome e na sua força: é a Ele que prestará contas. Foi o *Senhor Jesus* que o pôs no *ministério* (1 Tm 1.12). É Ele que o sustenta e é dele que recebe forças para realizar a obra e vencer as dificuldades que surgem por conta disso. Em terceiro lugar, a obra desse *ministério* era *para dar testemunho do evangelho da graça de Deus* (v. 24), para proclamá-lo ao mundo, comprová-lo e recomendá-lo. E por ser o *evangelho da graça de Deus*, tem em si muito a recomendar-se. É a prova da boa vontade de Deus para conosco e o meio da sua boa obra em nós. O *evangelho* mostra *Deus* cheio de *graça* para nós e serve para nos encher de *graça*, tal é o *evangelho da graça de Deus*. Paulo assumiu como dever vitalício *dar testemunho do evangelho*, pois nem por um dia ele queria deixar de colaborar para espalhar o conhecimento, o cheiro e o poder deste *evangelho*. [2] Terminar bem. Pouco lhe importava quando acabaria o seu período de vida neste mundo, nem como seria – se breve ou triste quanto às circunstâncias exteriores –, *contanto que* ele cumprisse *com alegria a* sua *carreira* (v. 24). Em primeiro lugar, Paulo encara a vida como uma *carreira*, uma "corrida", conforme a tradução da palavra grega. A *vida* é uma *corrida que nos é proposta* (Hb 12.1, versão NVI). Isso dá a entender que há uma obra separada para nós, pois não estamos no mundo para não fazer nada – há um limite estipulado para a nossa existência já que não estamos no mundo para sempre. Nosso dever é passar pelo mundo; e correndo para passar logo. E, se me permito dizer, acrescentaria passar por ele correndo no corredor polonês. Em segundo lugar, Paulo conta com o término de sua *corrida* (v. 24, *carreira*), pois fala como algo que é certo e está próximo, e no qual ele pensava continuamente. Morrer é o fim de nossa *corrida*, quando sairemos deste mundo com honra ou com vergonha. Em terceiro lugar, Paulo está muito preocupado em terminar bem a *corrida* (v. 24, *carreira*), o que indica o desejo santo de cruzar a linha de chegada e o temor santo de não conseguir. "Que ao menos eu possa completar minha corrida com alegria! Então tudo ficará bem, tudo ficará perfeita e eternamente bem." Em quarto lugar, Paulo não acha que haja algo que seja demais para fazer, ou que seja muito difícil de sofrer, *contanto que* termine bem e *com alegria* (v. 24). O nosso dever ao longo da vida é providenciar para termos uma morte alegre a fim de que morramos com segurança e consolo.

III Tendo como certo que essa era a última vez que os *anciãos* efésios o veriam, Paulo apela para o exame da sua consciência a respeito da integridade deles e exige que a confirmem.

1. Paulo diz aos *anciãos* efésios que essa seria sua despedida: *Agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o Reino de Deus* (v. 25), embora tenhais cartas que vos enviei, *não vereis mais o meu rosto*. Quando nos despedimos de nossos amigos, podemos e devemos dizer: "Nós não sabemos se voltaremos a nos ver: nossos amigos ou nós podemos ser transferidos". Mas aqui Paulo, com certeza, pelo Espírito de profecia, afirma que esses *anciãos* efésios nunca *mais* lhe veriam o *rosto*. Não cremos que ele, proferindo com tanta dúvida o de que não tinha absoluta certeza (*não sabendo o que lá me há de acontecer*, v. 22), faria essa declaração com tamanha confiança, sobretudo quando previu a dificuldade por que passariam seus amigos, a menos que tivesse recebido autorização especial do Espírito. Por isso, penso que erram os que supõem que, a despeito disso, Paulo depois voltou a *Éfeso* e os viu novamente. Ele nunca teria dito com tanta convicção: *Agora, na verdade, sei...*, se não soubesse disso com certeza. O apóstolo previu não apenas que tinha muito tempo e trabalho a fazer, mas que o trabalho também se encontrava em outros lugares, pois ali sua tarefa havia terminado. Por muito tempo, permane-

cera nessa cidade *pregando o Reino de Deus*, criticando o reinado do pecado e de Satanás e louvando a autoridade e o domínio de Deus em Cristo, *pregando* o reino da glória como o fim e o reino da graça como o meio. Muitas vezes, eles se alegraram em ver seu *rosto* no púlpito e o viram *como o rosto de um anjo* (cap. 6.15). Se os pés dos mensageiros da paz eram formosos sobre os montes (Is 52.7, versão RA), como seriam seus rostos? Mas agora não lhe veriam *mais* o *rosto*. Note que devemos levar em conta que os que hoje nos estão *pregando o Reino de Deus* logo serão transferidos e não lhes veremos *mais* o *rosto*: *E os profetas, viverão eles para sempre?* (Zc 1.5). *A luz ainda está* conosco *por um pouco de tempo* (Jo 12.35). Cabe a nós aumentá-la enquanto a temos, para que, quando não virmos mais seus rostos na terra, tenhamos a esperança de vê-los com consolação no grande Dia.

2. Paulo roga aos *anciãos* efésios que observem que ele cumpriu fielmente o seu ministério: "*Portanto* (v. 26), vendo que meu ministério entre vós está no fim, compete a vós e a mim refletirmos e rememorarmos"; e: (1) Ele desafia os *anciãos* efésios a provar que ele tenha sido infiel ou tenha dito ou feito qualquer coisa pela qual se tornara cúmplice da ruína de alguma alma preciosa: Eu *estou limpo do sangue de todos* (v. 26), o sangue das almas. Essa é uma referência clara às palavras do profeta (Ez 33.6), onde se assevera que o sangue de quem perece pela espada do inimigo será requerido da mão do guarda infiel que não deu aviso: "Vós não podeis dizer que eu não avisei. Portanto, o sangue de ninguém pode ser posto à minha porta". Se o ministro se mostrou fiel, ele pode ter esta alegria em si mesmo: Eu *estou limpo do sangue de todos* os homens, os quais me são testemunhas disso. (2) Ele deixa o *sangue* dos que perecem nas suas cabeças, porque foram clara e justamente avisados, mas não levaram em conta a pregação do evangelho. (3) Ele encarrega tais ministros de considerarem o que realizou a fim de que cuidem e se esforcem para fazer o mesmo: "Eu *estou limpo do sangue de todos* (v. 26); então, cuidai para vos manterdes assim. *Portanto, no dia de hoje, vos protesto*" – *en te semeron hemera*, "eu chamo este dia para testemunhar a vós" (segundo a interpretação de Streso). Como, às vezes, os céus e a terra são invocados, assim esse *dia* será testemunha dessa despedida.

3. Paulo prova sua própria fidelidade com esta declaração: *Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus* (v. 27). (1) Ele anunciara aos efésios nada mais que o *conselho de Deus* (v. 27), sem acrescentar nenhuma invenção própria. "Era o evangelho puro e nada mais, a vontade de Deus concernente à vossa salvação." O *evangelho* é o *conselho de Deus*. Ele foi admiravelmente projetado por sua sabedoria, inalteravelmente determinado por sua vontade e amavelmente delineado por sua graça *para nossa glória* (1 Co 2.7). Este *conselho de Deus* é o assunto que os ministros têm a declarar conforme foi revelado, e não outro assunto ou algo a mais. (2) Ele anunciara aos efésios *todo o conselho de Deus* (v. 27). Como lhes anunciara *todo o conselho de Deus*, como lhes proclamara o *evangelho* puro, assim ele o fizera por inteiro. Revisara o corpo de doutrinas com eles para que, tendo-lhes exposto as verdades do evangelho sistematicamente, da primeira à última e cada uma em sua ordem, melhor as entendessem, vendo-as em suas várias ligações. (3) Ele não se esquivara de anunciar aos efésios *todo o conselho de Deus* (v. 27), nem deixara de mencionar, por teimosia ou má intenção, qualquer parte do *conselho de Deus*. Para poupar algum sofrimento, não se recusara a pregar as partes mais difíceis do *evangelho*, da mesma forma que não se recusara, para salvar sua reputação, a pregar as partes mais claras e fáceis. Ele não se furtava de anunciar as doutrinas que sabia provocarem os atentos inimigos do cristianismo ou que desagradariam os seus indiferentes mestres; mas, fielmente, fez seu trabalho, quer ouvissem quer deixassem de ouvir. E foi assim que se manteve *limpo do sangue de todos* os homens.

IV Paulo encarrega os *anciãos* efésios de, como ministros, serem diligentes e fiéis na obra.

1. Ele entrega o cuidado da igreja em *Éfeso*, ou seja, os santos, os cristãos que estavam lá e nas imediações (Ef 1.1), aos *anciãos* efésios. Não há dúvida de que os cristãos em *Éfeso* eram tão numerosos que não cabiam em um único lugar de reunião, tendo de se dividir para cultuar a Deus em várias congregações, sob a direção de vários ministros. Mesmo assim, eles são chamados *o rebanho* (v. 28), porque assinavam uma única fé, como sucedia em todas as igrejas cristãs; e, em muitas situações, mantinham comunhão uns com os outros. Tendo previsto que tal despedida seria final, o apóstolo entrega a direção da igreja a estes *anciãos* ou presbíteros, dizendo-lhes que não fora ele, mas o *Espírito Santo* que lhes *constituiu bispos, episkopous – bispos do rebanho*. "Vós que sois presbíteros sois, por constituição do *Espírito Santo*, *bispos* que deveis tomar o episcopado desta parte da *igreja de Deus* (1 Pe 5.1,2; Tt 1.5,7)." Enquanto estava em *Éfeso*, Paulo orientou todos os assuntos daquela igreja, o que deixou os *anciãos* pouco inclinados a apartar-se dele. Mas agora esta *águia desperta o seu ninho* e *se move sobre os seus filhos* (Dt 32.11). Tendo eles criado penas estava na hora de aprenderem a voar e a agir sem esse homem de Deus, pois o *Espírito Santo* lhes constituiu *bispos*. Não foram eles que tomaram para si essa honra, nem foi algum príncipe ou potentado que lhes deu. Foi o *Espírito Santo* que neles estava que os qualificou e os enriqueceu para esse grande empreendimento: *Veio sobre eles o Espírito Santo* (cap. 19.6). O *Espírito Santo* também dirigiu os que Ele escolheu e os chamou e ordenou para esta obra em resposta à oração.

2. Ele comissionou os *anciãos* efésios para cuidarem da obra para a qual eles foram chamados. Ocupar altos cargos requer o cumprimento de deveres. Se o *Espírito Santo* lhes fizera *bispos* do rebanho, ou seja, pastores, eles têm de ser fiéis ao cargo recebido. (1) Os *anciãos* efésios têm de, primeiramente, olhar por eles mesmos (v. 28). Devem cuidar com extremo zelo de tudo relacionado à sua alma, prestar atenção a tudo que dizem e fazem, andar com prudência e saber portar-se como convém na casa de Deus (1 Tm 3.15), na qual eles foram promovidos ao ofício de mordomo: "Muitas pessoas estão com os olhos postos em *vós*, algumas para vos imitar o exemplo, outras para provocar disputas convosco. É por isso que tendes de olhar *por vós* mesmos". Não é verossímil que eles sejam guardas hábeis ou fiéis das vinhas dos outros se não olham por si mesmos. (2) "*Olhai* pelo *rebanho*, mais *olhai* [...] *por todo o rebanho* (v. 28). Al-

guns de *vós* devem olhar por uma parte do *rebanho*, enquanto outros olham por outra de acordo com o vosso chamado e o surgimento das oportunidades, cuidando para que nenhuma parte seja negligenciada por *vós*." Os ministros devem não só pastorear sua própria alma, mas ter consideração constante pelas almas daqueles que estão sob seus cuidados, como os pastores têm de cuidar das ovelhas para que não se machuquem: "*Olhai* [...] *por todo o rebanho* para que nenhuma ovelha se afaste do aprisco ou seja abocanhada pelas feras; para que nenhuma ovelha se perca ou se extravie por vossa negligência". (3) Os *anciãos* efésios têm de apascentar *a igreja de Deus* (v. 28), cumprir todas as partes do ofício de pastor, conduzir as ovelhas de Jesus aos pastos verdejantes, mostrar-lhes o alimento, fazer o que puderem para curar as que estiverem perturbadas e sem apetite, alimentá-las com a sã doutrina e a tenra disciplina evangélica e cuidar para que nada falte do que seja necessário para elas serem criadas para a vida eterna. Há necessidade de pastores para reunir a *igreja de Deus*, trazendo as ovelhas que estão fora, e apascentá-la, edificando as ovelhas que estão dentro. (4) Os *anciãos* efésios têm de vigiar (v. 31), como os pastores vigiam os rebanhos durante a noite, têm de estar acordados e alertas, sem se entregar à indolência e cochilo espiritual, têm de se lançar animadamente em suas atividades pastoris e cuidar de tudo com rigor. *Sê sóbrio em tudo* (2 Tm 4.5), *vigiai* (v. 31) contra tudo que seja danoso ao *rebanho* e *vigiai* a favor de tudo que lhe seja vantajoso. Aproveite toda oportunidade de fazer o bem ao *rebanho*.

3. Ele dá muitas razões boas para que os *anciãos* efésios cuidem bem de suas funções ministeriais.

(1) Os *anciãos* efésios devem considerar o interesse e preocupação do Mestre pelo *rebanho* que foi entregue ao cargo deles: É *a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue* (v. 28). [1] "É a *igreja de Deus*. Vós sois apenas seus servos para cuidardes dela para o Senhor. É uma honra para vós serdes usados por *Deus* que vos confirmará no serviço. O vosso descuido e deslealdade serão extremamente piores se negligenciardes o vosso trabalho, pois estareis pecando contra Deus e lhe sendo falsos. Foi dele que vós recebestes o cargo, e é a Ele que vós tereis de prestar contas. Portanto, *olhai* [...] *por vós* mesmos (v. 28). E, sendo a *igreja de Deus*, Ele espera que vós mostreis o vosso amor por Ele, apascentando as suas ovelhas e cordeiros." [2] *Deus comprou* a *igreja* (v. 28, versão RA). O mundo é de Deus por direito de criação, mas a *igreja* é dele por direito de compra ou resgate. Portanto, ela deve ser considerada preciosa porque assim o foi para Ele, visto que lhe custou tanto. Não há melhor maneira de demonstrarmos esse mesmo sentimento senão apascentando as suas ovelhas e cordeiros. [3] Foi essa *igreja de Deus* que *Deus comprou* (v. 28, versão RA). Não foi como o Israel de antigamente, quando Ele o comprou com *homens* e com *povos* (Is 43.3,4), mas foi *com seu próprio sangue*. Isso prova que Jesus é *Deus*, pois é como Ele é chamado aqui, onde diz também que Ele compra a *igreja* [...] *com seu próprio sangue*. O *sangue* era seu como homem; contudo, é tão estreita a união entre a natureza divina e a natureza humana que aqui é chamado o *sangue* de *Deus*, embora haja sido o *sangue* daquele que é *Deus*. É tamanha a dignidade e valor que Ele pôs no *sangue* a ponto de tornar-se um resgate valioso para nós do mal e uma compra valiosa para nós de todo o bem – uma compra de nós para Cristo a fim de lhe sermos um povo peculiar: *Eram teus, e tu mos deste* (Jo 17.6). Diante disso, apascentai *a igreja de Deus*, porque ela foi comprada por preço extremamente caro. Se Jesus entregou a própria vida para comprar a *igreja*, será que os seus ministros não desejarão ter todo o cuidado e empenho para apascentá-la? Negligenciar algo que é do seu total interesse mostra um desdém pelo *sangue* daquele que comprou a *igreja*.

(2) Os *anciãos* efésios devem considerar o perigo que o *rebanho* corre de cair presa dos adversários (vv. 29,30). "Se o *rebanho* é tão precioso em face da sua relação com Deus e sua redenção por Cristo. Assim cabe a vós olhardes *por vós* mesmos e pelo *rebanho*". Estas são as razões para ambos os aspectos. [1] *Olhai* pelo *rebanho* (v. 28), porque lá fora há lobos que procuram devorar as ovelhas: *Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis* (v. 29). Em primeiro lugar, certos estudiosos entendem que os *lobos* são perseguidores que denunciarão os cristãos e provocarão os magistrados contra eles, não tendo compaixão do *rebanho*. Acham que, enquanto Paulo estava com os efésios, o ódio dos judeus era direcionado, em sua maior parte, para ele, e que, quando saísse daquela província, eles se aquietariam: "Nada disso", diz o apóstolo, "*depois da minha partida*, vós percebereis que o espírito de perseguição ainda estará em operação. Então, *olhai* pelo *rebanho*, confirmai as ovelhas na fé, consolai-as e incentivai-as para que elas não abandonem Jesus por medo de sofrer ou percam a paz e a consolação nos seus sofrimentos." Em tempos de perseguição, os ministros têm de tomar um cuidado mais excepcional do *rebanho*. Em segundo lugar, é mais apropriado entendermos que os *lobos* sejam os enganadores e os falsos mestres. Paulo tinha em mente os judeus da circuncisão que pregavam a lei cerimonial. Ele os chama *lobos cruéis* (v. 29) porque chegam vestidos com peles de ovelha (não somente assim, mas em trajes de pastor) e causam dano nas congregações cristãs. Semeiam discórdias entre os cristãos, afastam muitos do puro evangelho de Cristo e fazem de tudo para manchar e difamar os que se mantêm fiéis à sã doutrina. Não poupam os membros mais valiosos do rebanho, instigando os que se deixam ser influenciados por eles a mordê-los e devorá-los (Gl 5.15). É por isso que são *cães* (Fp 3.2) como aqui são *lobos*. Enquanto Paulo estava em *Éfeso*, eles se mantiveram afastados, não ousando enfrentá-lo. Mas, quando foi embora, entraram *no meio* das ovelhas e semearam o joio onde ele semeara a boa semente. "Então, *olhai* pelo *rebanho* (v. 28) e fazei de tudo para firmar as ovelhas na verdade e municiá-las contra as insinuações dos falsos mestres." [2] *Olhai* [...] *por vós* (v. 28), porque alguns pastores se desviarão: "Até *dentre vós mesmos* (v. 30), os membros e, talvez, os ministros da vossa *igreja*, entre vós com quem estou falando neste exato momento (embora minha esperança seja que as coisas não cheguem a esse ponto), *se levantarão homens que falarão coisas perversas*, coisas contrárias às regras do evangelho e também destruidoras dos seus grandes propósitos. Eles perverterão algumas declarações do evangelho, detur-

pando-lhes o sentido, para fazer com que patrocinem os seus erros (2 Pe 3.16). Até os que gozam de boa reputação entre vós e em quem vós confiais, se encherão de orgulho e soberba. Eles darão requintes ao evangelho, e, com especulações agradabilíssimas e curiosas, fingirão vos promover a uma forma mais elevada e sublime de evangelho. Mas farão isso *para atraírem os discípulos após si* (v. 30), para formarem um partido para eles, algo que lhes cause admiração e eles possam presidir, denotando que são homens de fé". Certos estudiosos afirmam que a expressão *para atraírem os discípulos após si* se refere aos que já são *discípulos* de Jesus, para apartá-los dele e ligá-los a eles. "Portanto, *olhai* [...] *por vós* (v. 28). Quando vos disserem que alguns *dentre vós* trairão o evangelho, cabe a cada um de vós perguntar: *Porventura, sou eu?* (Mt 26.25), e velar bem por si mesmo". Essa profecia se cumpriu em *Fígelo e Hermógenes*, que se apartaram de Paulo e da doutrina que ele pregava (2 Tm 1.15), e em *Himeneu e Fileto, os quais se desviaram da verdade* [...] *e perverteram a fé de alguns* (2 Tm 2.18), o que explica a expressão usada aqui. Contudo, mesmo havendo tais enganadores na *igreja* em *Éfeso*, pela epístola de Paulo àquela igreja (na qual não encontramos tais reclamações e repreensões como em algumas outras das suas epístolas), vemos que ela não estava tão infestada de falsos mestres, pelo menos não tão manchada de sua falsa doutrina como estavam algumas outras igrejas. A paz e pureza dessa *comunidade* foram preservadas pela bênção de Deus nos esforços e vigilância destes presbíteros, a quem o apóstolo, prevendo e tendo em conta o surgimento de heresias e cismas, como também a sua própria morte, entregou o governo dessa *igreja*.

(3) Os *anciãos* efésios devem considerar os grandes esforços que Paulo empreendeu para plantar esta igreja: "*Lembrando-vos de que, durante três anos* (por todo esse tempo ele estivera pregando em *Éfeso* e regiões adjacentes) *não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós* (v. 31), não sejais negligentes em edificar sobre esse fundamento que eu fui tão diligente em pôr". [1] Paulo, como guarda fiel, admoestara os efésios (v. 31). Pelas suas admoestações, ele os avisara do perigo de continuarem no judaísmo e idolatria, persuadindo-os a aceitar o cristianismo. [2] Paulo admoestara *a cada um* dos efésios (v. 31). Além das admoestações públicas, ele se dedicava a pessoas em particular de acordo com a necessidade da situação. [3] Paulo era constante em *admoestar* os efésios. Ele os exortava *noite e dia* (v. 31). O seu tempo era completamente tomado por seu trabalho. À *noite*, quando deveria estar repousando, lidava com aqueles com que não conseguia falar durante o *dia* sobre a salvação de suas almas. [4] Paulo era infatigável em *admoestar* os efésios. Ele não cessava de *admoestar* (v. 31, *não cessei*). Mesmo que se mostrassem extremamente inflexíveis contra suas admoestações, não deixava de exortá-los, pois não sabia quando, pela graça de Deus, eles se convenceriam dos seus erros. Mesmo que se mostrassem extremamente flexíveis às suas admoestações, jamais pensou que isso o isentaria de ser insistente. Ele admoestava os que eram justos para não se desviarem da sua justiça, assim como os aconselhava quando agiam como ímpios (Ez 3.18-21). [5] Paulo falou com os efésios sobre as almas deles com muito afeto e preocupação: Ele os admoestou *com lágrimas* (v. 19). Como servira ao Senhor, também os servira com muitas *lágrimas*. Eram *lágrimas* de compaixão que mostravam o quanto se sensibilizava com a miséria espiritual e o perigo emocional em que viviam. Se Paulo assim começara a boa obra em *Éfeso* e, com tal espontaneidade, estendera-se em seus esforços, então por que deveriam poupar energia em continuar com a boa obra?

Vv Paulo encomenda os *anciãos* efésios à direção e influência divina: "*Agora, pois, irmãos* (v. 32), tendo-vos entregue esse cargo solene e feito essas admoestações sérias, eu *encomendo-vos a Deus*. Agora que disse o que devia: Que o Senhor seja convosco. Eu tenho de partir, mas vos deixo em boas mãos". Eles estavam preocupados com o que seria deles, como eles deveriam prosseguir com a obra, como vencer as dificuldades e que provisão seria feita para eles e suas famílias. Em resposta a todas estas questões duvidosas, Paulo os orienta a olhar para Deus com os olhos da fé, e pedir que Deus olhe para eles com os olhos da graça.

1. Veja aqui a quem Paulo encomenda os *anciãos* efésios? Ele os chama *irmãos* (v. 32), não só como cristãos, mas como ministros. Dessa forma, incentiva-os a esperar em Deus, como ele esperara, pois eram *irmãos*. (1) Paulo os encomenda *a Deus* (v. 32), roga que *Deus* lhes proveja a subsistência, cuide deles, satisfaça todas as suas necessidades e os estimula a lançar todos os seus cuidados nele, com a garantia de que Ele se importa com eles: "Tudo de que necessitardes, pedi a *Deus*. Tende os olhos sempre voltados para Ele, depositai sempre confiança nele em todas as vossas necessidades e dificuldades. Seja a vossa consolação o fato de terdes um *Deus* para buscar, o *Deus* todo-poderoso". Eu *encomendo-vos a Deus*, quer dizer, à sua providência, à proteção e cuidado que ela proporciona. Mesmo separados de quem quer que seja, ainda temos *Deus* perto de nós (1 Pe 4.19). (2) Paulo os encomenda *à palavra da sua graça* (v. 32). Certos estudiosos entendem que isso diz respeito a Jesus: Ele é a *Palavra* (Jo 1.1, versão NTLH), a *Palavra da vida* (1 Jo 1.1), porque a vida está entesourada nele para nós e, no mesmo sentido, ela é chamado aqui a *palavra* da *graça* de *Deus*, porque *nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça* (Jo 1.16). Ele os encomenda a Jesus, coloca-os em suas mãos, por serem seus servos, de quem cuidará de maneira especial. Paulo os encomenda não só a *Deus* e sua providência, mas a Jesus e sua graça, como o próprio Jesus fizera com os discípulos quando os estava deixando: Vós *credes em Deus, crede também em mim* (Jo 14.1). É praticamente a mesma coisa se, pela expressão *palavra da sua graça*, entendermos o evangelho de Jesus, pois é Jesus na *palavra* que está perto de nós para nos sustentar e animar, e a sua *palavra* é *espírito e vida* (Jo 6.63): "Vós recebereis tremenda ajuda agindo pela fé na providência de Deus, mas muito mais agindo pela fé nas promessas do evangelho". O apóstolo os entrega à *palavra* da *graça* de Jesus, a qual Ele pregou aos discípulos quando os enviou com a garantia de que estaria com eles *todos os dias, até à consumação dos séculos* (Mt 28.20): "Apode-

rai-vos desta palavra, e Deus vos dará os benefícios e consolações que ela contém, e não necessitareis de mais nada". O apóstolo os encomenda à *palavra* da *graça* de *Deus*, não só como o fundamento da esperança e a fonte da alegria, mas como a regra de vida: "Eu *encomendo-vos a Deus*, como vosso Mestre a quem deveis servir, pois Ele é um bom Mestre, e *à palavra da sua graça*, como a obra talhada para vós e pela qual vós deveis vos governar. Observai os preceitos desta *palavra* e vivei segundo as promessas que ela oferece".

2. Veja aqui para quê Paulo encomenda os *anciãos* efésios à *palavra* da *graça* de *Deus*? Não é tanto para que suas famílias tenham provisão ou para que sejam protegidos contra os inimigos, mas a fim de que recebam as bênçãos espirituais que são mais necessárias e as valorizarem ainda mais. Eles haviam recebido o evangelho da *graça* de *Deus* e a missão de pregá-lo. Agora o apóstolo os encomenda à *palavra*: (1) Para que eles sejam edificados: "A *palavra* [...] *tem poder* (v. 32, versão RA; o Espírito da *graça* que opera com a *palavra* e por meio dela) *para vos edificar*. Vós podeis confiar nisto, enquanto vós vos mantiverdes perto dela, e ser guiados por ela diariamente. Vós já tendes excelentes dons; contudo, ela é poderosa *para vos edificar*. Há algo nela que vós precisais conhecer mais e se deixar influenciar". Note que os ministros, ao pregarem a *palavra* da *graça*, têm de anelar sua edificação e a dos outros. Os cristãos mais maduros, enquanto estiverem neste mundo, têm poder para crescer. Assim descobrirão que a *palavra* da *graça* tem cada vez mais a contribuir para esse crescimento. A *palavra* é poderosa para edificá-los. (2) Para que eles sejam glorificados: A *palavra* [...] *tem poder* (v. 32, versão RA) *para vos* [...] *dar herança entre todos os santificados* (v. 32). É o que a *palavra* da *graça* de *Deus* opera quando nos dá o conhecimento que ela tem (pois *a vida e a incorrupção* vêm à luz *pelo evangelho*, 2 Tm 1.10) e isso juntamente com sua promessa – a promessa de um *Deus, que não pode mentir* (Tt 1.2), a qual é o *sim* em Cristo e o *Amém* por Cristo (2 Co 1.20). E, pela *palavra*, como o habitual portador, o Espírito da graça nos é presenteado (cap. 10.44) para ser o selo da promessa e o penhor da vida eterna. É, pois, a *palavra* da *graça* de *Deus* que nos dá a *herança*. Note que: [1] O céu é uma *herança* que dá direito irrevogável a todos os herdeiros. É semelhante à herança dos israelitas em Canaã, que foi pela promessa e também por sorte, mas que era *firme* [...] *para toda a descendência* (Rm 4.16). [2] Essa *herança* é inalienável e garantida a *todos os santificados* (v. 32) e unicamente a eles. Assim como os não santificados não podem ser convidados bem-vindos ao Deus santo ou à sociedade santa de cima, também o verdadeiro céu não pode ser céu para eles. Mas para *todos os santificados*, que nasceram de novo e em quem a imagem de Deus foi restaurada, a *herança* é tão certa quanto o poder grandioso e a verdade eterna podem torná-la. Os que possuem direito de posse a essa *herança* devem ter a certeza de que estão *entre* [...] *os santificados*, por terem se unido a eles, formando um grupo com eles, e participam da mesma imagem e natureza. Não há como esperar estar no céu entre os glorificados a menos que estejamos na terra *entre* [...] *os santificados*.

VI Paulo encomenda a si mesmo aos *anciãos* efésios como exemplo de indiferença a este mundo e a tudo que nele há. Caso se conduzam no mesmo espírito e nos mesmos passos que ele, estarão contribuindo para que a passagem deles por este mundo seja fácil e confortável. Ele os encomendara *a Deus* e *à palavra da sua graça*, a bênçãos espirituais que, certamente, são as melhores. Mas o que eles farão para sustentar a família, ter um meio de vida apropriado para si mesmos e porções para os filhos? "Quanto a estas coisas", diz Paulo, "fazei como eu fiz". Mas o que ele fez? Ele aqui lhes diz:

1. Que ele nunca objetivou possuir riquezas mundanas: "*De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste* (v. 33); nem vós deveis e então tereis sossego". Havia muitos em *Éfeso*, e muitos entre os que haviam aceitado a fé cristã, que eram ricos, possuíam muito dinheiro, prataria e mobília cara, usavam roupas muito boas e tinham uma aparência muito boa. (1) Paulo não possuía a ambição de viver como eles. Podemos entender isso de tal forma: "Eu nunca desejei ter à disposição prata e ouro como vejo que os outros têm, nem usar roupas caras como vejo que os outros usam. Não os condeno nem os invejo. Sei viver com conforto e utilidade sem necessitar de grandes coisas". Os falsos apóstolos queriam *mostrar boa aparência na carne* (Gl 6.12), sobressair-se neste mundo pela riqueza. Mas Paulo não era assim. Ele sabia tanto *ter abundância* quanto *padecer necessidade* (Fp 4.12). (2) Paulo não tinha a ganância de receber deles *prata*, ou *ouro*, ou *veste*. O apóstolo jamais desejou que lhe dessem tais coisas pelos esforços despendidos entre eles. Ele se contentava com o que tinha (Hb 13.5) e nunca se aproveitou deles (2 Co 12.17). Unindo-se a Moisés (Nm 16.15) e a Samuel (1 Sm 12.3,5), podia dizer: *A quem tomei o jumento? A quem defraudei?* "De quem eu desejei ou pedi algum favorecimento? Ou a quem fui pesado?" Ele nega veementemente haver desejado sequer receber uma doação (Fp 4.17, versão RA).

2. Que ele sempre trabalhou para ganhar a vida e lutou muito por seu sustento: "*Vós mesmos sabeis* (v. 34) e sois testemunhas oculares de *que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram*. Vós me vistes trabalhando cedo e dormindo tarde, recortando tendas e montando-as". Confeccionadas comumente de couro, fabricar tendas era uma atividade muito trabalhosa. Observe: (1) Paulo, às vezes, passava necessidades e carecia de sustento, embora gozasse de excepcional predileção do céu e fosse grande bênção para esta terra. Que mundo inadmissível, cruel e ingrato, que permitiu que semelhante homem como Paulo fosse pobre! (2) Paulo desejou nada mais que ter suas necessidades básicas satisfeitas. Ele não exerceu sua profissão com o objetivo de ficar rico, mas ter o sustento de comida e roupa. (3) Quando tinha de labutar para ganhar o pão, Paulo se entregava a uma atividade braçal. Ele tinha uma cabeça e uma língua com as quais poderia ganhar dinheiro, mas preferiu usar as *mãos* para, conforme disse, servi-lo *para o que* lhe *era necessário* (v. 34). Que pena que fossem essas *mãos*, por cuja imposição o Espírito Santo era dado tão amiúde e pelas quais Deus fazia maravilhas (duas obras realizadas em Éfeso também, 19.6,11), que fossem obrigadas a entregar-se à agulha, tesouras, sovela e alinhavo para fazer tendas com o objetivo único de ganhar pão! Paulo ressalta esse detalhe para que os presbíteros (e outros crentes entre eles) não estranhem serem

igualmente desprezados, mas que prossigam na obra e façam os devidos ajustes para terem o sustento cotidiano. Quanto menos incentivos eles tiverem dos homens, mais eles receberão de Deus. (4) Paulo trabalhou não apenas para o sustento próprio, mas também para o sustento daqueles que estavam com ele. E isso era realmente difícil. Teria sido melhor haverem trabalhado para ele (mantê-lo como professor particular) do que o inverso. Mas a vida é assim. Os que querem tomar o remo do trabalho terão o apoio irrestrito das pessoas da sua relação. Se Paulo quer trabalhar para o sustento dos seus companheiros, ninguém se oporá.

3. Que mesmo então, quando ele trabalhou pelo suprimento de suas próprias necessidades, ainda assim ele dispensou algumas coisas do que ele ganhou para o amparo de outros; pois isto ele aqui os obriga a fazer: "*Tenho-vos mostrado em tudo*, isto é, em todas as partes de vosso dever eu vos tenho posto vosso modelo e vos tenho dado um bom exemplo, e particularmente nisto, *que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos*" (v. 35; ou "o fraco", versão inglesa KJV). Alguns entendem isto como seu apoio à fé dos crentes fracos, removendo os preconceitos que alguns conceberam contra o cristianismo, como se seus pregadores fizessem um negócio lucrativo de sua pregação, e o evangelho fosse somente uma fraude por meio da qual obter dinheiro e roubar a bolsa das pessoas. "Agora, para que vós possais *cortar ocasião aos que buscam ocasião* (2 Co 11.12) para nos censurar, e assim possais suportar os fracos entre nós, vós fareis bem, por ora, em ganhardes vosso sustento pelo labor de vossas mãos, e não dependerdes de vosso ministério." Mas eu, antes, entendo isto como sua ajuda para o sustento dos enfermos, e dos pobres, e daqueles que não podiam trabalhar, porque isto concorda com a exortação de Paulo: Que *trabalhe, fazendo com as mãos* [...], *para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade* (Ef 4.28). Nós devemos trabalhar em uma ocupação honesta, não somente para que possamos ser capazes de viver, mas para que possamos ser capazes de dar. Isto podia parecer uma declaração dura, e por essa razão Paulo a endossa com uma declaração de nosso Mestre, da qual ele queria que eles sempre se lembrassem. Estas palavras foram ditas por nosso Senhor Jesus; parecia que elas eram palavras que Ele freqüentemente aplicava aos seus discípulos. Quando Ele mesmo fazia tanto bem de graça, e lhes ordenava fazer assim também (Mt 10.8,9), Ele acrescentou esta declaração, a qual, embora em nenhuma parte esteja registrada pelos evangelistas, contudo Paulo a tinha recebido oralmente de Pedro, ou algum outro dos discípulos; e ela é uma excelente declaração, e há um tanto de paradoxo nela: *Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.* "Isto é" (diz o Dr. Tillotson) "um apreço particular desta declaração admirável de nosso Salvador a nós, que, sendo omitida pelos evangelistas, e em perigo de ser perdida e esquecida, foi desta forma felizmente recobrada pelo apóstolo Paulo, e registrada por Lucas." Mais bem-aventurada coisa é dar aos outros do que receber dos outros; não somente é mais bem-aventurado ser rico, e por conseguinte o dar a mão, do que ser pobre, e por conseguinte o receber a mão (cada um reconhecerá isto); porém, é mais bem-aventurado fazer o bem com o que temos, seja isto muito ou pouco, do que aumentá-lo e fazê-lo mais. O sentimento dos filhos deste mundo é contrário a isso; eles são receosos de dar. "Este dar", eles dizem, "nos arruína tudo"; mas eles vivem em esperança de ganhar. *Cada um para a sua ganância, cada um por sua parte* (Is 56.11). O lucro líquido é para eles a mais bem-aventurada coisa que pode existir; mas Cristo nos diz: *Mais bem-aventurada coisa* (mais excelente em si mesma, uma evidência de uma disposição de mente mais excelente, e o caminho para uma bem-aventurança melhor, por fim) *é dar do que receber.* Isso nos faz mais semelhantes a Deus, que dá a todos, e não recebe de ninguém; e ao Senhor Jesus, *o qual andou fazendo o bem* (At 10.38). Mais bem-aventurada coisa é dar nossos esforços do que receber pagamento por isto, e o que deveríamos nos deleitar em fazer, se as nossas próprias necessidades e de nossas famílias o admitirem. Mais agradável coisa é fazer o bem ao agradecido, porém mais honrosa coisa é fazer o bem ao ingrato, pois então nós temos Deus como nosso pagador, que recompensará na ressurreição dos justos o que não foi, de outra maneira, recompensado.

Paulo se Despede dos Anciãos de Éfeso
vv. 36-38

Depois do sermão de despedida que *Paulo* fez aos *anciãos* efésios, o qual foi muito comovente, temos nestes versículos a oração e as lágrimas de despedida, as quais foram muito mais comoventes. Quase não dá para ler e meditar neste texto sacro sem que nossos olhos fiquem marejados de lágrimas.

I *Paulo* e os *anciãos* efésios se despediram com uma oração: *Havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles* (v. 36). É claro que foi uma oração devidamente adequada à situação triste daquele momento. Nessa oração, ele os entregou a Deus e pediu que Deus não os deixasse. 1. Foi uma oração conjunta. *Paulo* orou pelos *anciãos* efésios e com eles: Ele *orou com todos eles* (v. 36) para que apresentassem os mesmos pedidos por si mesmos e uns pelos outros, também a fim de que rogasse a Deus por *todos* eles, e ainda com o intuito de que aprendessem o que pedir de Deus quando o apóstolo houvesse partido. As orações em público não têm o objetivo de substituir nossas orações em particular e torná-las desnecessárias. Pelo contrário, visam a promover e a incrementar as orações em particular. Quando estivermos a sós, devemos orar pelos assuntos que nossos ministros oraram em nossa presença. 2. Foi uma oração reverente e humilde. É o que expressa a postura que *Paulo* e os *anciãos* efésios tomaram: Ele *pôs-se de joelhos e orou com todos eles* (v. 36), que é o gesto de oração mais apropriado e significativo tanto para adorar quanto para pedir, sobretudo no que respeita ao perdão de pecados. *Paulo* procedia bastante desta maneira: Eu *me ponho de joelhos* (Ef 3.14). 3. Foi uma oração depois da pregação. Podemos conjeturar que *Paulo* orou pelo conteúdo do sermão que acabara de pregar. Ele entregara a igreja em *Éfeso* aos cuidados desses *anciãos*, e agora ora para que Deus os capacite a desincumbir fielmente esta grande ta-

refa e lhes dê a quantidade exata e necessária de sabedoria e graça. Ele orou pelo rebanho e por todos os pertencentes a ele, e isso para que o *grande Pastor das ovelhas* (Hb 13.20) tome conta de cada ovelha e a guarde de vir a ser presa dos *lobos cruéis*. Assim ensinou tais ministros a orar por aqueles para quem eles pregam, para que o *trabalho* que fazem não seja *vão no Senhor* (1 Co 15.58). 4. Foi uma oração de despedida que, como o sermão de despedida, causou impressões duradouras ao ânimo de todos. Ao se despedirem, é bom que os amigos o façam com oração, pois orando juntos na despedida, podem orar com mais sensibilidade e ternura uns pelos outros quando estiverem separados. Isso faz parte de nosso dever cristão e promove a melhoria da comunhão dos santos. *Atente o SENHOR entre* nós e vigie entre nós ambos *quando nós estivermos apartados um do outro* – é uma boa oração de despedida (Gn 31.49), como também quando nos virmos de novo que estejamos mais pertos do céu ou no céu. *Paulo* aqui seguiu o exemplo de Jesus: Ele, quando se despediu dos discípulos, depois de lhes haver pregado, orou com todos eles (Jo 17.1).

II Os *anciãos* efésios se despediram de *Paulo* com lágrimas, lágrimas profusas e muitos abraços afetuosos (vv. 37,38). 1. *Levantou-se um grande pranto entre todos* (v. 37). Existe razão para pensar que *Paulo* começou a chorar. Mesmo estando determinado a ir e tendo o claro chamado para outro trabalho, o seu coração estava tão triste por deixá-los que ele irrompeu em *pranto*. Ele que tantas vezes derramara lágrimas quando estava com eles (vv. 19,31), sem dúvida, derramou muitas lagrimas na despedida; dessa forma, regou o que semeara entre seus queridos irmãos. Mas eles também derramaram lágrimas: *Levantou-se um grande pranto entre todos*. Não havia quem não estivesse com os olhos lacrimejantes. Não é improvável que as expressões afetuosas que *Paulo* usou na oração tivessem ocasionado essas lágrimas. Eram lágrimas de amor e afeição mútua, como as de Jônatas e Davi: quando foram forçados a se separarem, *choraram juntos, até que* (como se eles estivessem numa competição de choro) *Davi chorou muito mais* (1 Sm 20.41). 2. Os *anciãos* efésios, *lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam* (v. 37) todos, um depois do outro, cada um lamentando a falta que ele faria: "Como eu posso me separar deste homem inestimável, deste Paulo bendito", dizia um, "em quem minha vida está de certo modo ligada para sempre?" "Adeus, meu querido amigo", despedia-se outro. "Dou mil graças a ti e dez mil graças a Deus por ti e por todos os esforços que tu empreendeste comigo para o meu bem." "Quer dizer que temos de nos separar?", objetava outro. "Tenho de perder meu pai, minha ama e meu guia espiritual?" "O que será de nós agora?", lamuriava-se outro. "Quando ele não estiver mais aqui, a quem recorreremos em busca de orientações? O que vou fazer se o Senhor tomar o meu senhor por de cima da minha cabeça? *Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros* (2 Rs 2.3,12)". Note que as pessoas muito amorosas são comumente as mais amadas. *Paulo, homem* muito amoroso, tinha amigos que lhe eram bastante fiéis. As lágrimas na despedida de *Paulo* eram uma retribuição de gratidão por todas as lágrimas que derramara pregando-lhes e orando com eles. *O que regar também será regado* (Pv 11.25). 3. O que comoveu ao extremo os *anciãos* efésios e fez daquele lugar algo semelhante a *Boquim, um lugar de pranteadores* (Jz 2.4,5), foi *principalmente pela palavra que [Paulo] dissera* (v. 38): ele tinha certeza absoluta de que eles *não veriam mais o seu rosto*. Se ele tivesse lhes dado orientações para encontrá-lo mais tarde em outra cidade, como fazia com seus habituais companheiros de viagem e ministério, ou tivesse insinuado que voltaria para lhes fazer uma outra visita, teriam suportado bem a separação. Mas, quando ficaram sabendo que eles *não* lhe *veriam mais* o *rosto* neste mundo e que essa era uma despedida final, *um grande pranto* foi deflagrado entre eles. O adeus tornou-se algo semelhante a um funeral e os inclinou fortemente ao choro. Havia outros motivos pelos quais se entristeceram. Eles perderiam o benefício do desempenho de suas funções ministeriais, deixando de tê-lo na presidência das reuniões e nas deliberações e palavras de consolo. E talvez hajam também se entristecido por terem errado em não aproveitar ainda mais os trabalhos realizados enquanto estava com eles, fazendo com que Deus ordenasse que o apóstolo realizasse a obra em outro lugar. Mas o ponto que causou mais aflição aos efésios foi que eles *não veriam mais o seu rosto*. Quando nossos amigos se separam de nós pela morte, é com isso em mente que levantamos o nosso pranto: não veremos mais seus rostos. Mas estamos nos queixando como os que não têm esperança, pois se nossos amigos morreram em Cristo e se nós vivemos para Ele, então estão vendo o rosto de Deus e contemplando sua glória. Além disso, o rosto deles brilha com o reflexo dessa glória, e nós esperamos estar em breve com eles. Embora não vejamos mais o rosto de nossos amigos que já partiram, temos a esperança de vê-los em um mundo melhor, onde para sempre estaremos juntos e com o Senhor.

III Os *anciãos* efésios *acompanharam-no até ao navio* (v. 38), em parte, para mostrar seus respeitos por *Paulo* (eles o acompanhariam no caminho até onde pudessem) e também a fim de desfrutarem um pouco mais da sua companhia e conversa. Já que tinha de ser o último encontro, eles queriam estender ao máximo a presença dele e vê-lo pela última vez. E temos razão para pensar que quando chegaram ao porto, e ele estava a ponto de embarcar, as lágrimas e os abraços se repetiram. Mesmo não querendo se separar, tiveram de dizer adeus. Mas o consolo inundou ambos os lados, e logo a maré de sentimentos e emoções passou, pois a presença de Jesus foi com *Paulo* e ficou com os *anciãos* de Éfeso.

CAPÍTULO 21

Nós temos tratado, com imenso prazer, do apóstolo em suas viagens por todas as nações pagãs para pregar o evangelho, e vimos uma grande colheita de almas congregadas para Cristo; vimos também quanta perseguição ele sofreu; contudo, de todas elas o Senhor logo o livrou (2 Tm 3.11). Mas agora nós trataremos de sua ida a Jerusalém, e ali, de suas longas prisões; os dias de sua obra

agora parecem se encerrar, e nada parece restar senão dias de sofrimento, dias de trevas, pois eles são muitos. É uma pena que um obreiro como este seja deixado de lado; mas é assim que as coisas são, e nós não devemos apenas aquiescer, como na ocasião fizeram seus amigos ao dizer: "Faça-se a vontade do Senhor"; mas nós devemos crer; e devemos encontrar motivos para assim fazer, que Paulo, na prisão e no tribunal, está verdadeiramente glorificando a Deus e servindo aos interesses de Cristo, como o fazia no púlpito. Neste capítulo, nós temos: I. Um relato da viagem de Paulo de Éfeso a Cesaréia, o porto marítimo próximo a Jerusalém, alguns locais onde ele atracou, e sua estadia ali (vv. 1-7). II. As disputas que ele teve com seus amigos em Cesaréia, que fortemente se opunham à sua ida a Jerusalém, mas não puderam prevalecer (vv. 8-14). III. A viagem de Paulo de Cesaréia a Jerusalém, e o tipo de acolhimento que os cristãos lhe ofereceram ali (vv. 15-17). IV. Sua condescendência para com as persuasões dos irmãos dali, que o aconselharam por ora a ser gentil com os judeus a ponto de purificar-se com uma oferta no templo, como se ele tivesse feito um voto, para que parecesse que ele não era inimigo das cerimônias e ritos mosaicos como lhe era imputado (vv. 18-26). V. O uso disso mesmo contra ele por parte dos judeus, e a sua prisão no templo como criminoso em seguida (vv. 27-30). VI. Sua escapada por muito pouco de ser morto pela multidão, sendo acorrentado e preso pelo comandante que lhe permitiu falar em sua defesa diante do povo (vv. 31-40). E assim nós o temos como prisioneiro, e não o veremos mais de outra maneira até o final da história deste livro.

A Viagem de Paulo a Cesaréia. A Chegada de Paulo em Ptolemaida

vv. 1-7

Nós podemos observar aqui:

I Quanta dificuldade Paulo teve para sair de Éfeso, insinuada nas primeiras palavras do capítulo, *separando-nos deles*, isto é, se livraram deles como por violência. Foi uma força posta de ambos os lados; Paulo relutava em deixá-los, e eles relutavam em separar-se dele, e, no entanto, não houve solução, mas assim deve ser. Quando pessoas boas são levadas pela morte, elas são, por assim dizer, arrancadas de seus amigos daqui debaixo, que se esforçaram muito para, se possível, detê-las.

II Que viagem próspera eles fizeram ao sair de lá. Sem qualquer dificuldade, *navegamos e fomos correndo caminho direito*, navegando direto, *até Cós*, uma famosa ilha grega; *no dia seguinte a Rodes*, conhecida pelo colosso; *e dali a Pátara*, um porto famoso, a metrópole da Lícia (v. 1); aqui eles com muita felicidade *acharam um navio, que ia para a Fenícia*, o mesmo caminho que eles estavam trilhando (v. 2). Deve-se reconhecer a providência quando coisas desse tipo oportunamente acontecem, e nós somos favorecidos por algumas pequenas circunstâncias que contribuem para a realização de nossas tarefas; e nós devemos dizer: *É Deus que torna nosso caminho perfeito.* Este barco que tinha como destino a Fenícia (isto é, Tiro) foi aproveitado por eles, embarcaram *nele e foram* para Tiro. Nessa viagem, avistaram *Chipre*, a ilha de onde vinha Barnabé, e da qual ele cuidou, e portanto Paulo não a visitou, mas nós *deixando-a à esquerda* (v. 3) *navegamos para a Síria*, e por fim *chegamos a Tiro*, este outrora célebre mercado das nações, que agora, no entanto, estava empobrecido; contudo, ainda havia algo do seu comércio, *porque o navio havia de ser descarregado ali*, e assim se fez.

III A parada que Paulo fez em Tiro; quando ele ali chegou, estava na costa da terra de Israel, e descobriu então que poderia concluir o restante de sua viagem dentro do tempo que havia fixado.

1. Em Tiro, *achou discípulos*, alguns que haviam abraçado o evangelho, e professado a fé cristã. Note-se que, onde quer que Paulo chegasse ele procurava pelos discípulos que havia ali, conhecia-os e unia-se a eles; porque nós sabemos qual é o costume de pássaros da mesma espécie. Quando Cristo estava na terra, embora Ele às vezes fosse ao litoral de Tiro, Ele jamais foi para lá para pregar o evangelho; nem achava apropriado fornecer a Tiro e Sidom as vantagens que Corazim e Betsaida tinham, embora Ele soubesse que se elas as tivessem tido teriam feito melhor proveito delas (Lc 10.13,14). Mas depois do crescimento da comissão do evangelho, Cristo foi pregado em Tiro, e tinha discípulos ali; é a isso, pensam alguns, que aquela profecia relativa a Tiro fazia referência (Is 23.18): *E será consagrado ao Senhor o seu comércio e a sua ganância de prostituta.*

2. Paulo, *achando* aqueles *discípulos* em Tiro, demorou-se *ali sete dias*, eles o instaram a ficar com eles o quanto ele pudesse. Ele permaneceu sete dias em Trôade (cap. 20.6), e aqui muitos dias em Tiro, de modo a poder passar um dia do Senhor com eles, e assim ter oportunidade de pregar publicamente entre eles; pois é o desejo dos bons homens fazer o bem aonde quer que vão, e onde nós encontramos discípulos nós podemos beneficiá-los ou ser beneficiados por eles.

3. Os discípulos em Tiro eram dotados com certos dons de maneira que eles podiam através do Espírito prever os reveses que Paulo encontraria em Jerusalém; porque *o Espírito Santo, de cidade em cidade, o revelava* (cap. 22.33). Por ser uma coisa que seria muito comentada quando ocorresse, Deus achou melhor que fosse profetizada de antemão, para que a fé do povo, ao invés de ser ofendida, pudesse ser confirmada. E, do mesmo modo, eles eram dotados com certas graças de maneira que, prevendo suas aflições, por amor a ele e interesse pela igreja, especialmente as igrejas dos gentios, para que isso pudesse poupá-lo de males, eles lhe rogaram *que não subisse a Jerusalém*, porque eles esperavam que o decreto fosse condicional: Se ele subir ele encontrará problemas ali; como a predição a Davi de que os homens de Queila o *entregariam* (isso é, se ele se aventurasse com eles); e por isso eles lhe diziam, *pelo Espírito, que não subisse*, pois eles concluíram que seria melhor para a glória de Deus que ele continuasse em liberdade; e não

foi uma falha deles pensar assim, e conseqüentemente dissuadi-lo; mas esse foi seu engano, pois o julgamento de Paulo seria para a glória de Deus e fomento do evangelho, e ele sabia disso; e a importunação que foi usada com ele, para dissuadi-lo, torna sua resolução piedosa e verdadeiramente heróica tanto mais exemplar.

4. Os discípulos de Tiro, embora nenhum deles fosse convertido por Paulo, mostravam um grande respeito por ele, de cuja utilidade na igreja muito tinham ouvido falar desde quando ele deixou Tiro. Embora eles tivessem tido apenas sete dias de contato com ele, como se ele fosse algum homem importante, todos eles se reuniram *cada um com sua mulher e filhos*, solenemente para despedir-se dele, rogar por suas bênçãos e acompanhá-lo em seu caminho até onde o mar lhes permitisse. Note: (1) Nós devemos respeitar não somente a nossos próprios ministros, que estão sobre nós no Senhor, e que nos admoestam, e, por amor à sua obra entre nós, *estimá-los grandemente em amor*, mas devemos, quando há ocasião, testemunhar nosso amor e respeito a todos os fiéis ministros de Cristo, tanto por causa daquele de quem são ministros, quanto por amor à sua obra entre outros. (2) Nós devemos, de uma maneira particular, honrar aqueles que Deus tem honrado de forma especial, ao torná-los eminentemente úteis em sua geração. (3) É bom instruir as crianças a respeitarem as boas pessoas e os bons ministros. Isso foi particularmente notável em Tiro, o que nós não encontramos em nenhuma outra parte, pois eles trouxeram suas esposas e filhos para ouvirem a Paulo, para honrá-lo ao máximo e receberem o benefício de suas instruções e orações; e assim como há uma nota negativa sobre os filhos dos idólatras de Betel, que zombaram do profeta, assim, sem dúvida, houve uma nota positiva sobre as crianças dos discípulos de Tiro, que honraram um apóstolo, como Cristo aceitou as honras das criancinhas. (4) Nós devemos ser bons despenseiros de nossas oportunidades, e fazer o máximo que pudermos delas para o bem da nossa alma. *Acompanhando-nos todos* para que pudessem ter tanto mais de sua companhia e de suas orações. Alguns nos remetem ao Salmo 45.12, como um prenúncio disso: *A filha de Tiro estará ali com presentes*; por que é provável que eles tenham feito alguns presentes para Paulo na partida, como costumamos fazer a nossos amigos que vão ao mar (cap. 28.10).

5. Eles partiram com oração, como Paulo e os irmãos mais velhos de Éfeso tinham feito (cap. 20.36). Dessa maneira, Paulo nos ensinou pelo exemplo, e como regra, a orar sempre, orar sem cessar. *E postos de joelhos na praia, oramos*. Paulo orou por si, orou por eles, orou por todas as igrejas; quanto mais ele estava em oração tanto mais poderoso era na oração. Eles oraram na praia para que seu último adeus pudesse ser santificado e amenizado com a oração. Aqueles que vão ao mar devem, quando deixam a praia, recomendar-se a si mesmos a Deus através da oração, e se colocar sob sua proteção, como aqueles que esperam, mesmo quando deixam a *terra firme*, encontrar solo firme para sua fé na providência e promessa de Deus. Eles dobraram seus joelhos na praia, embora possamos supor que ela fosse pedregosa ou suja, e ali oraram. Paulo queria *que os homens orassem em todo o lugar*, e assim ele mesmo fez; e, onde ele elevou suas orações, ele dobrou seus joelhos. O Sr. George Herbert diz: *Ajoelhar jamais estragou meias de seda.*

6. Por fim, eles partiram (v. 6). *E saudando-nos uns aos outros*, com os mais afetuosos abraços e expressões de amor e pesar, *subimos ao navio* para partir, e *eles voltaram para casa*, cada um se queixando de que este é um mundo de despedidas. Observe como eles se recolheram: "Nós, que tínhamos uma viagem à frente, embarcamos, gratos de que tínhamos um barco para nos levar; e aqueles, que não tinham assuntos que os chamassem no estrangeiro, retornaram para casa novamente, gratos de que tinham um lar para onde voltar." *Zebulom, alegra-te nas tuas saídas; e tu, Issacar, nas tuas tendas.* Paulo deixou suas bênçãos atrás de si com aqueles que retornaram para casa, e aqueles que ficaram enviaram suas orações com os que foram para o mar.

IV A chegada deles a Ptolemaida, que não era distante de Tiro (v. 7): *E nós (...) viemos a Ptolemaida*, que alguns pensam que é o mesmo local de Aco, que nós encontramos na tribo de Aser (Jz 1.31). Paulo rogou que o deixassem desembarcar ali, *para saudar os irmãos*, para saber da situação deles, e testemunhar sua boa vontade para com eles; embora não pudesse ficar muito tempo, mesmo assim ele não passaria por ali sem fazer uma visita de cortesia, *e ficou com eles um dia*, talvez fosse o dia do Senhor; melhor uma breve estadia do que nenhuma visita.

A Profecia de Ágabo. A Fidelidade de Paulo à sua Resolução de Visitar Jerusalém

vv. 8-14

Nós temos aqui Paulo e seus companheiros por fim chegados a Cesaréia, onde ele pretendia se demorar, sendo este o local onde o evangelho foi primeiramente pregado aos gentios, e onde *caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra* (cap. 10.1,44). Agora aqui nos é dito:

I Quem acolheu Paulo e seus companheiros *em Cesaréia*. Ele raramente tinha a oportunidade de ficar em uma hospedaria, mas, sempre que chegava, um amigo ou outro o recebia e dava-lhe as boas vindas. Note: Aqueles que navegaram juntos se separaram quando a viagem foi concluída, conforme suas ocupações. "Aqueles que eram responsáveis pela carga permaneceram onde estava o navio a fim de este *ser descarregado* (v. 3); outros, quando chegaram a Ptolemaida, seguiram seu caminho de acordo com suas tarefas; mas nós que éramos da companhia de Paulo íamos aonde ele ia, e chegamos a Cesaréia." Aqueles que viajam juntos por este mundo se separarão na morte, e então aparecerá quem pertence ao grupo de Paulo e quem não pertence. Agora, em Cesaréia:

1. Eles foram acolhidos por Filipe, o evangelista, a quem nós deixamos em Cesaréia muitos anos atrás, depois que ele tinha batizado o eunuco (cap. 8.40), e ali nós agora o encontramos novamente. (1) Originariamente, ele era diácono, um dos sete que foram escolhidos para servir às mesas (cap. 6.5). (2) Ele agora, e já por muito

tempo, era evangelista, alguém que trata de plantar e cuidar de igrejas, como os apóstolos fizeram e se dedicaram à palavra e oração; desse modo, ao *servir bem como diácono adquiriu para si uma boa posição*; e tendo sido *fiel sobre o pouco, foi colocado sobre muito.* (3) Ele tinha uma casa em Cesaréia, capaz de abrigar a Paulo e a toda sua companhia, e recebeu a ele e aos outros muito bem. *E entrando em casa de Filipe, o evangelista, ficamos com ele.* Assim convém aos que se tornaram cristãos e ministros, de acordo com suas capacidades, ser *hospitaleiros uns para os outros, sem murmurações* (1 Pe 4.9).

2. Este Filipe tinha *quatro filhas donzelas, que profetizavam* (v. 9). Isso dá a entender que elas profetizaram sobre os problemas que Paulo teria em Jerusalém, como outros haviam feito, e o dissuadiram de partir; ou talvez elas profetizaram para seu conforto e encorajamento, em referência às dificuldades que ele teria pela frente. Aqui estava outro cumprimento daquela profecia de Joel 2.28, de um enorme derramamento do Espírito sobre toda carne de maneira que seus *filhos* e suas *filhas* profetizariam, isto é, prediriam coisas futuras.

II Uma predição clara e completa dos sofrimentos de Paulo, por um profeta conhecido (vv. 10,11). 1. Paulo e sua companhia demoraram-se muitos dias em Cesaréia, talvez Cornélio ainda vivesse ali, e (embora Filipe lhes desse alojamento) ainda podia ser de muitos modos agradável a eles, e induzi-los a ficar mais tempo. Que motivo Paulo viu para demorar-se tanto tempo ali, e se apressar tão pouco na parte final de sua viagem a Jerusalém, quando parecia ter tanta pressa no início dela, nós não sabemos dizer; mas estamos certos de que ele não ficou ali ou em qualquer outro lugar por preguiça; ele media seu tempo em dias, e os contava. 2. *Chegou da Judéia um profeta por nome Ágabo*; este era aquele de quem nós lemos anteriormente, que foi de *Jerusalém a Antioquia*, para predizer uma fome geral (cap. 11.27,28). Veja como Deus dispensa seus dons de maneira variada. A Paulo foi dada a palavra de sabedoria e conhecimento e dons de cura, como apóstolo, pelo Espírito; a Ágabo, e às filhas de Filipe, foi dada a profecia, pelo mesmo Espírito – a predição de coisas futuras, que aconteceram de acordo com a predição. Veja 1 Co 12.8,10. De maneira que aquele que era o dom mais eminente do Espírito no Antigo Testamento, a predição de coisas futuras, foi no Novo Testamento completamente eclipsado por outros dons, e foi outorgado àqueles que eram menos conhecidos na igreja. Temos a impressão de que Ágabo veio de propósito a Cesaréia, para encontrar Paulo com essa inteligência profética. 3. Ele predisse as prisões de Paulo em Jerusalém: (1) Por um sinal, como os profetas antigos faziam, Isaías (cap. 20.3), Jeremias (cap. 13.1; 27.2), Ezequiel (cap. 4.1; 12.3), e muitos outros. Ágabo *tomou a cinta de Paulo*, quando ele a tirou, ou talvez a tomou da cintura dele, e com ela *ligando-se os seus próprios pés e mãos*, ou talvez amarrando suas mãos e pés juntos, fez sua profecia; isso foi planejado tanto para confirmar a profecia (era tão certo ocorrer como se já tivesse ocorrido) quanto para afetar, com isso, aqueles ao seu redor, porque aquilo que nós vemos normalmente nos causa uma maior impressão do que aquilo que nós apenas ouvimos. (2) Por uma explicação do sinal: *Isso diz o Espírito Santo*, o Espírito de profecia: *Assim ligarão os judeus em Jerusalém o varão de quem é esta cinta*, e, como eles trataram o seu Mestre (Mt 20.18,19), *o entregarão nas mãos dos gentios*, como os judeus em outros lugares tinham sempre se esforçado em fazer, acusando-o diante dos governadores romanos. Paulo recebeu esta advertência expressa acerca das suas dificuldades, para que pudesse se preparar para elas, e para que quando elas viessem, não fossem nenhuma surpresa nem terror para ele; o aviso geral de *que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus* deve ter a mesma função para nós.

III A grande importunação que os seus amigos usaram para com ele para dissuadi-lo de ir adiante a Jerusalém (v. 12). "Não só os daquele lugar, mas nós que éramos da companhia de Paulo, e entre os demais o próprio Lucas, que tinha ouvido isso muitas vezes antes, e, todavia, visto a resolução de Paulo, rogamos com lágrimas que ele não subisse a Jerusalém, mas continuasse seu curso por algum outro caminho." Sendo assim: 1. Aqui apareceu uma afeição louvável para com Paulo, e um apreço por ele, por conta de sua grande utilidade na igreja. Homens bons que às vezes são muito ativos precisam ser dissuadidos de se sobrecarregarem e homens bons que são muito corajosos precisam ser dissuadidos de se exporem muito. *O Senhor é para o corpo*, e assim nós devemos ser. 2. Porém, havia uma certa fraqueza, especialmente naqueles da companhia de Paulo que sabiam que ele empreendia esta viagem por orientação divina, e tinham visto com que resolução ele havia antes vencido semelhante oposição. Mas nós vemos neles a fraqueza comum a todos nós; quando vemos dificuldade a uma certa distância, e temos apenas uma visão geral dela, não damos importância; mas quando se aproxima de nós, começamos a encolher e a recuar. *E tocando-te a ti, te perturbas* (Jó 4.5).

IV A santa coragem e intrepidez com que Paulo persistiu em sua resolução (v. 13).

1. Ele os reprova por tentar dissuadi-lo. Aqui há uma disputa de amor de ambos os lados, e afeições muito sinceras e fortes que colidem entre si. Eles o amam afetuosamente, e por isso se opõem à sua resolução; ele os ama do mesmo modo, e por isso os repreende por se oporem a ela: *Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração?* Eles foram um tropeço para ele, como Pedro foi para Cristo, quando, em um caso semelhante, ele disse: *Mestre, poupa-te a ti mesmo.* O lamento deles partiu seu coração. (1) Era uma tentação para ele, abalou-o, começou a debilitar e a diminuir sua resolução, e o fez começar a reconsiderar: "Eu sei que estou designado a sofrer, e vocês deveriam me animar e encorajar, e dizer algo que fortaleça meu coração; mas vocês, com suas lágrimas, partem meu coração, e me desencorajam. O que vocês pretendem com isso? Nosso Mestre não nos disse que levemos nossa cruz? E vocês querem evitar que eu tome a minha?" (2) Era uma dificuldade para ele que eles o pressionassem tão seriamente naquilo que ele não os podia satisfazer sem prejudicar sua consciência. Paulo era de um espírito muito terno. Como ele mesmo estava em muitas lágrimas, assim ele teve uma consideração compassiva para com as lágrimas dos seus amigos; eles causaram uma

grande impressão nele, e quase o levaram a se render a qualquer coisa. Mas agora isso parte seu coração, quando ele tem de negar o pedido dos seus amigos em lágrimas. Era uma bondade indelicada, uma piedade cruel, de modo a atormentá-lo com suas dissuasões, e a acrescentar aflição à aflição dele. Quando nossos amigos são convocados para sofrimentos, nós devemos mostrar nosso amor confortando-os e não chorando por eles. Mas observe: Esses cristãos em Cesaréia, se eles pudessem ter previsto os particulares daquele evento, o aviso geral do qual eles receberam com tanto pesar, teriam aceitado melhor a ele por causa de si mesmos; porque, quando Paulo foi feito prisioneiro em Jerusalém, ele foi logo enviado a Cesaréia, o mesmo lugar onde ele estava agora (cap. 23.33), e lá ele continuou por pelo menos dois anos (cap. 24.27) como um prisioneiro em regime aberto, como parece (cap. 24.23), sendo dadas ordens de que ele deveria ter liberdade para ir até seus amigos, e seus amigos de vir a ele; de forma que a igreja em Cesaréia teve muito mais da companhia e ajuda de Paulo quando ele estava preso do que eles poderiam ter se ele estivesse em liberdade. Aquilo a que nós nos opomos, pensando operar muito contra nós, pode ser reordenado pela providência de Deus para trabalhar a favor de nós, que é uma razão por que deveríamos seguir a providência, e não temê-la.

2. Todavia, ele repete sua resolução de ir adiante: "*Que fazeis vós, chorando desse modo? Eu estou pronto* para sofrer tudo que está designado para mim. Eu estou completamente determinado a ir, não importa o que aconteça, e, portanto, é em vão que vós vos oponhais a isso. Eu estou disposto a sofrer, e então por que vós não quereis que eu sofra? Não estou eu mais próximo de mim mesmo, e mais capaz de julgar por mim mesmo? Se a dificuldade me pegasse desprevenido, isso realmente seria uma dificuldade, e vós poderíeis lamentar muito ao pensardes nela. Mas, louvado seja Deus, esse não é o caso. Ela é muito bem-vinda a mim, e, portanto, não deveria ser um terror para vós. De minha parte, *eu estou pronto*", *etoimos echo – eu me mantenho em prontidão*, como um soldado para o combate. "Eu espero dificuldades, eu conto com elas, não serão nenhuma surpresa para mim. Foi-me dito uma vez *quanto eu devo padecer*" (cap. 9.16). "Eu estou *preparado* para isso, por uma clara consciência, uma confiança firme em Deus, um desprezo santo pelo mundo e o corpo, uma fé viva em Cristo, e uma alegre esperança de vida eterna. Eu posso *dar-lhe boas vindas*, como nós fazemos a um amigo por quem esperamos, e fazer os preparativos. Eu posso, pela graça, não só suportá-la, mas alegrar-me com ela." Sendo assim: (1) Veja até onde vai sua resolução: Dizem que eu devo ser preso em Jerusalém, e vocês querem me manter longe por medo disso. Eu digo a vocês: "Eu *não só estou pronto para ser ligado, mas*, se a vontade de Deus for essa, estou pronto para *morrer em Jerusalém*; não só perder minha liberdade, mas perder minha vida." É nossa prudência pensar no pior que pode nos acontecer, e nos preparar de acordo, para que possamos nos manter *perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus*. (2) Veja o que é que o domina assim, que o faz querer sofrer e morrer: é *pelo nome do Senhor Jesus*. Tudo aquilo que um homem tem ele dará por sua vida; mas a própria vida Paulo dará pelo serviço e honra do nome de Cristo.

V A aquiescência paciente dos seus amigos sobre sua resolução (v. 14). 1. Eles se entregaram à sabedoria de um bom homem. Eles tinham levado o assunto até onde puderam com decência; mas: "*E como não podíamos convencê-lo, nos aquietamos*. Paulo conhece melhor sua própria mente, e o que ele tem de fazer, e é melhor deixar que ele resolva isso, e não censurá-lo pelo que ele faz, nem dizer que ele é precipitado, obstinado e petulante, e tem um espírito de contradição, como algumas pessoas gostam de julgar aqueles que não agem da maneira que elas gostariam. Sem dúvida, Paulo tem uma boa razão para ficar firme em sua resolução, embora ele tenha motivos para manter isso para si, e Deus tem finalidades graciosas a atingir ao confirmá-lo nela." É falta de educação pressionar aqueles que em suas próprias tarefas não serão persuadidos. 2. Eles se submeteram à vontade de um bom Deus: *Nos aquietamos*, dizendo: *Faça-se a vontade do Senhor!* Eles não aprovaram sua resolução por sua teimosia, mas por sua voluntariedade em sofrer, e é a vontade de Deus que ele sofra. *Pai nosso que estás nos céus, seja feita a tua vontade*, não só é uma regra para nossas orações e para nossa prática, como é para nossa paciência. Isso pode se referir: (1) À firmeza presente de Paulo; ele é inflexível, e não pode ser persuadido, e nisso eles vêem a vontade do Senhor. "Foi Ele quem forjou essa firme resolução nele, e então nós consentimos com ela." Note: Na mudança dos corações de nossos amigos ou ministros, deste ou daquele modo (e pode ser um modo bem diferente do que nós poderíamos desejar), nós devemos ver a mão de Deus, e nos submeter a ela. (2) Aos sofrimentos que se aproximam: "Se não há como evitar que Paulo enfrente a prisão, a vontade do Senhor Jesus seja feita. Nós fizemos tudo aquilo que nós poderíamos fazer de nossa parte para impedi-lo, e agora nós o deixamos com Deus, nós o deixamos com Cristo, a quem o Pai confiou todo julgamento, e então nós fazemos, não como queremos, mas como Ele quer. Note: Quando nós vemos a dificuldade se aproximando e de maneira particular a de nossos ministros ao serem silenciados ou afastados de nós, nos convém dizer: *Faça-se a vontade do Senhor!* Deus é sábio, e sabe como fazer tudo contribuir para o bem, e portanto "bem-vinda seja sua santa vontade". Não apenas: "A vontade do Senhor deve ser feita, e não há como evitar"; mas: "Que a vontade do Senhor seja feita, porque a sua vontade é a sua sabedoria, e Ele faz tudo de acordo com o conselho dela; que Ele, portanto, faça conosco e com os nossos como parecer bem aos seus olhos". Quando surge uma dificuldade, isso deve acalmar nossas aflições, para que a vontade do Senhor seja feita; quando nós a virmos se aproximando, isso deve silenciar nossos medos para que se faça a vontade do Senhor, à qual nós devemos dizer: *Amém*, assim seja.

A Visita de Paulo a Jerusalém. A Conformidade de Paulo com a Lei Judaica
vv. 15-26

Nesses versículos, nós temos:

I A viagem de Paulo a Jerusalém desde Cesaréia, e a comitiva que foi junto com ele. 1. Eles *levaram suas*

carruagens, suas bolsas e bagagens, e como parece, semelhantes a viajantes pobres ou soldados, eram seus próprios carregadores; eles tinham poucas mudas de roupa. *Omnia mea mecum porto – Tudo que tenho levo comigo.* Alguns pensam que eles tinham consigo o dinheiro que foi coletado nas igrejas da Macedônia e Acaia para os santos pobres em Jerusalém. Se eles tivessem persuadido Paulo a ir a algum outro lugar, eles teriam ido alegremente junto com ele; mas se, não obstante sua dissuasão, ele vai para Jerusalém, eles não dizem: "Então que ele vá sozinho!"; mas, como Tomé em um caso semelhante, quando Cristo poderia correr perigo em Jerusalém: *Vamos nós também, para morrermos com ele* (Jo 11.16). A sua intenção de acompanhar Paulo era semelhante à de Itai de acompanhar Davi (2 Sm 15.21): *que no lugar em que estiver o rei, meu senhor, seja para morte seja para vida, aí certamente estará também o teu servidor.* Assim a coragem de Paulo os incentivou. 2. Alguns dos discípulos de Cesaréia foram com eles. Se eles já haviam planejado ir de qualquer forma, e aproveitaram esta oportunidade de ir com essa boa comitiva, ou se eles foram com o propósito de ver se poderiam prestar a Paulo qualquer serviço e se possível evitar a sua dificuldade, ou pelo menos apoiá-lo na ocasião, não fica claro. Quanto menos tempo é provável que Paulo desfrute de sua liberdade tanto mais eles se esforçam em aproveitar toda oportunidade de conversação com ele. Eliseu manteve-se perto de Elias quando soube que o tempo se aproximava, e que Elias deveria ser levado. 3. Eles trouxeram consigo um velho e honesto cavalheiro que tinha uma casa própria em Jerusalém na qual ele alegremente acolheria Paulo e sua comitiva: *Mnasom, natural de Chipre* (v. 16), *com quem havíamos de hospedar-nos.* Havia tamanha multidão de pessoas para a festa que era difícil conseguir alojamentos; as hospedarias seriam tomadas por aqueles de classe mais alta, e era visto como uma coisa escandalosa para os que tinham casas particulares alugar seus quartos vazios nessas ocasiões, mas eles deviam acomodar de bom grado os estrangeiros. Cada um então escolhia seus amigos para serem seus convidados, e Mnasom levou Paulo e sua comitiva para serem seus hóspedes; ainda que ele tenha ouvido dos problemas que Paulo provavelmente enfrentará, e dos problemas que poderão ter os que o acolherem também, ele o receberá, não importa o resultado. Este Mnasom é chamado um *discípulo antigo* – um discípulo *desde o princípio*; alguns pensam ser um dos setenta discípulos de Cristo, ou um dos primeiros convertidos depois do derramar do Espírito, ou um dos primeiros que foram convertidos através da pregação do evangelho em Chipre (cap. 13.4). De qualquer modo, parece que ele era cristão havia muito tempo, e estava agora em idade avançada. Note: É uma coisa honrosa ser um discípulo antigo de Jesus Cristo, ter sido capacitado pela graça de Deus a continuar por muito tempo no curso do dever, firme na fé, e se tornando cada vez mais prudente e experimentado até uma boa velhice. E com esses discípulos antigos é que se deve hospedar; pois a multidão dos seus anos ensina sabedoria.

II O acolhimento de Paulo em Jerusalém. 1. Muitos dos irmãos ali o *receberam de muito boa vontade* (v. 17). Assim que eles tiveram notícia de que ele tinha vindo à cidade, foram para o seu alojamento na casa de Mnasom, e o cumprimentaram por sua chegada segura, e disseram que estavam felizes em vê-lo, e convidaram-no a ir a suas casas, considerando uma honra serem conhecidos de tão eminente servo de Cristo. Streso observa que a palavra aqui usada com relação ao acolhimento que eles deram aos apóstolos, *menos apodechein*, é usada com relação ao acolhimento da doutrina dos apóstolos (cap. 2.41). Eles *de bom grado receberam a sua palavra.* Nós pensamos que se tivéssemos Paulo entre nós, nós deveríamos recebê-lo alegremente; mas é uma questão saber se nós o faríamos ou não, tendo sua doutrina, se nós não recebemos a esta alegremente. 2. Eles fizeram uma visita a Tiago e aos anciãos da igreja, em uma reunião da igreja (v. 18): "*No dia seguinte, Paulo entrou conosco em casa de Tiago*, nos levou com ele, pois éramos seus companheiros, para nos apresentar e nos tornar conhecidos da igreja em Jerusalém". Parece que Tiago era agora o único apóstolo que residia em Jerusalém; os demais tinham se dispersado, para pregar o evangelho em outros lugares. Mas eles ainda providenciaram para que houvesse um apóstolo em Jerusalém, talvez algumas vezes um e às vezes outro, porque havia uma grande afluência para lá de todas as partes. Tiago estava agora no cargo, e todos os anciãos ou presbíteros que eram os pastores ordinários da igreja, tanto para pregar como para governar, estavam presentes. Paulo saudou a todos, mostrou sua consideração por eles, perguntou sobre seu bem-estar e lhes deu a mão direita da comunhão. *E havendo-os saudado*, isto é, desejou-lhes toda a saúde e felicidade, e orou a Deus para abençoá-los. O próprio significado de saudação é "querer a salvação para você": *salve*, ou *salus tibi sit*; como "a paz esteja contigo". E essas saudações mútuas, ou votos de felicidade, são muito adequadas aos cristãos, como símbolo do amor de uns para com os outros e união diante de Deus.

III O relato que eles tiveram dele sobre o seu ministério entre os gentios, e a satisfação deles nisso. 1. Ele lhes fez um relato do sucesso do evangelho nos países onde ele tinha atuado, sabendo que seria muito aceitável a eles ouvir falar do crescimento do reino de Cristo: *Ele contou-lhes minuciosamente o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios* (v. 19). Observe como ele fala modestamente, não que coisas ele tinha feito (ele era apenas o instrumento), mas o que Deus tinha feito pelo seu ministério. Não *eu, mas a graça de Deus que estava comigo.* Ele plantou e regou, mas Deus deu o crescimento. Ele declarou isso de maneira enfática, para que a graça de Deus pudesse aparecer o mais distinta possível nas circunstâncias do seu sucesso. Assim Davi conta a outros o que Deus fez por sua alma (Sl 66.16), como Paulo conta o que Deus fez por sua mão, e ambos para que seus amigos possam ajudá-los a serem gratos. 2. Então eles aproveitaram a ocasião para louvar a Deus (v. 20): *E ouvindo-o eles, glorificaram ao Senhor.* Paulo atribuiu tudo a Deus, e a Deus eles louvaram. Eles não irromperam em grandes encômios a Paulo, mas deixaram que seu Mestre lhe dissesse: *Muito bem! Servo bom e fiel*; mas eles deram glória à graça de Deus que foi estendida aos gentios. Note: A conversão de pecadores deve ser motivo de nossa alegria e louvor como é dos anjos. Deus honrou a Paulo mais do que a qualquer um deles, fazendo sua utilidade mais ex-

tensa, contudo eles não o invejaram, nem ficaram ciumentos de sua crescente reputação, mas, pelo contrário, *glorificaram ao Senhor.* E eles não poderiam fazer mais para encorajar Paulo a continuar alegremente em seu trabalho do que glorificar a Deus por seu sucesso; pois, se Deus é louvado, Paulo está contente.

IV O pedido de Tiago e dos anciãos da igreja em Jerusalém a Paulo, ou antes o seu conselho, para que ele satisfizesse os convertidos judeus mostrando alguma condescendência para com a lei cerimonial, e aparecesse publicamente no templo para oferecer sacrifício, o que não era em si uma coisa pecaminosa; pois a lei cerimonial, embora não devesse de forma alguma ser imposta aos pagãos convertidos (como os falsos mestres queriam, e por isso se esforçaram em subverter o evangelho), ainda não havia se tornado ilegítima para aqueles que tinham sido criados na sua observância, mas estavam longe de esperar justificação por ela. Estava morta, mas não enterrada; morta, mas ainda não era mortífera. E, não sendo pecaminosa, eles pensaram que seria prudente da parte de Paulo conformar-se até esse ponto. Observe o conselho que eles dão sobre isso a Paulo, não como tendo autoridade sobre ele, mas como afeto para com ele.

1. Eles queriam que ele tivesse conhecimento do grande número de judeus convertidos: *Vês, irmão, quantos milhares de judeus há que crêem.* Eles o chamaram de irmão, porque o consideravam um colaborador na obra do evangelho. Embora eles fossem da circuncisão, e ele o apóstolo dos gentios, embora eles fossem conformistas, e ele um não-conformista, contudo, eles eram irmãos, e reconheciam essa ligação. Tu tens estado em algumas de nossas assembléias, e viste quão numerosos eles são: *quantos milhares de judeus há que crêem.* A palavra na verdade significa mais do que milhares, *dez milhares.* Até mesmo entre os judeus, que eram os maiores adversários do evangelho, havia grandes multidões que o receberam; pois a graça de Deus pode desfazer os laços mais fortes de Satanás. O número dos nomes era no princípio apenas cento e vinte, contudo, agora muitos milhares. Portanto, que ninguém menospreze o dia das coisas pequenas; pois, embora o começo seja pequeno, Deus pode fazer o fim aumentar grandemente. Por isso parecia que Deus não havia abandonado totalmente o seu povo, os judeus, pois entre eles havia um remanescente, uma eleição, que ainda vigorava (veja Rm 11.1,5,7): *muitos milhares que crêem.* E este relato que eles puderam dar a Paulo do sucesso do evangelho entre os judeus era, sem dúvida, tão agradável a Paulo como o relato que ele lhes fez da conversão dos gentios era para eles; pois o desejo de seu coração e oração a Deus pelos *judeus* era que eles *pudessem ser salvos.*

2. Eles o informaram de uma fraqueza que prevalecia entre esses judeus crentes da qual eles ainda não tinham sido curados: Eles *todos são zelosos da lei.* Eles acreditam em Cristo como o verdadeiro Messias, eles descansam em sua justiça e se submetem ao seu governo; mas eles sabem que a lei de Moisés era de Deus, eles acharam benefício espiritual em sua observância e em suas instituições, e, portanto, eles não podem de jeito nenhum pensar em abandoná-la, não, nem ficar indiferentes a ela. E talvez eles argumentem que o fato de Cristo ter *nascido sob a lei*, e tê-la observado (o que devia significar nossa libertação da lei), seja uma razão para continuarem debaixo dela. Isso era uma grande fraqueza e equívoco, ser assim apaixonado pelas sombras quando a substância tinha aparecido, manter o pescoço debaixo de um jugo de escravidão quando Cristo tinha vindo fazê-los livres. Mas veja: (1) O poder da educação e do uso continuado, e especialmente de uma lei cerimonial. (2) A permissão caridosa que deve ser feita em atenção a isso. Esses judeus convertidos não foram, portanto, renegados e rejeitados como não-cristãos porque eles eram apegados à lei, na verdade, eram zelosos por ela, enquanto isso se limitava a sua prática pessoal, e eles não a impunham a outros. O fato de serem zelosos pela lei capacitava a lei a uma boa construção, que a caridade poria sobre ela; e daria uma boa desculpa, considerando as coisas a que eles foram expostos, e as pessoas entre quem eles viviam.

3. Eles lhe deram a entender que esses judeus, que eram tão zelosos da lei, tinham sido indispostos contra ele (v. 21). O próprio Paulo, embora tão fiel como nenhum outro servo que Cristo jamais teve, ainda não conseguia ser bem falado por todos que pertenciam à família de Cristo: "*Já acerca de ti foram informados* (e formaram uma opinião a seu respeito de acordo com isso) que tu não só não ensinas os gentios a observar a lei, como gostariam que fizesse (nós os convencemos a abandonar isso), mas *ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos nem andar segundo o costume* de nossa nação, que eram de ordenança divina, até onde podem ser observados mesmo entre os gentios, longe do templo, nem observar os jejuns e festividades da congregação, nem usar seus filactérios, nem se abster de carne impura." Ora: (1) Era verdade que Paulo pregava a anulação da lei de Moisés, ele ensinava que era impossível ser justificado por ela, e que, portanto, nós não estamos mais obrigados à sua observância. Mas: (2) Era falso que ele lhes ensinava a abandonar Moisés; porque a religião que ele pregava não tendia a destruir a lei, mas cumpri-la. Ele proclamava a Cristo (*o fim da lei para a justiça*), e arrependimento e fé, no exercício dos quais nós devemos fazer grande uso da lei. Os judeus entre os gentios a quem Paulo ensinou estavam tão distantes de abandonar Moisés que eles nunca o entenderam tão bem, nem mesmo o abraçaram tão sinceramente como agora quando eles foram ensinados a fazer uso dele como um *aio, para os conduzir a Cristo.* Mas até mesmo os judeus convertidos, tendo recebido essa noção de Paulo de que ele era um inimigo de Moisés, e talvez dando valor exagerado aos judeus descrentes também, ficaram muito exasperados contra ele. Seus ministros, os anciãos aqui presentes, o amaram e honraram, e aprovaram o que ele fez, e o chamaram de irmão, contudo, o povo dificilmente poderia ser induzido a ter um pensamento favorável sobre ele; pois é certo que os menos judiciosos são os maiores censuradores, os cabeças-ocas são os cabeças-quentes. Eles não puderam identificar a doutrina de Paulo como deveriam ter feito, e então condenaram-na como um todo, por ignorância.

4. Portanto, eles desejavam de Paulo que, agora que ele tinha vindo a Jerusalém, pudesse por algum ato pú-

blico fazer parecer que a acusação contra ele era falsa, e que ele não ensinava o povo a abandonar Moisés e a romper com os costumes da igreja judaica, porque ele mesmo mantinha a prática deles.

(1) Eles concluem que algo desse tipo deve ser feito: "*Que faremos pois*? O que deve ser feito? *Porque terão ouvido que já és vindo*". Essa é uma inconveniência que atinge pessoas famosas, que suas idas e vindas são conhecidas mais que de outras pessoas, e são comentadas, por alguns com boa vontade e por outros com má vontade. "Quando eles ouvirem que tu vieste, é *necessário que a multidão se ajunte*, eles esperarão que nós os chamemos, para tomar conselho com eles se nós devemos admitir-te para pregar entre nós como um irmão ou não; ou, eles se reunirão por si mesmos esperando ouvir a ti." Sendo assim, algo deve ser feito para os convencer de que Paulo não ensina o povo a abandonar Moisés, e eles pensam que isso é necessário: [1] Por causa de Paulo, para que sua reputação seja limpa, e para que um homem tão bom não fique sob qualquer suspeita, nem um homem tão útil trabalhe sob qualquer desvantagem que possa obstruir sua utilidade. [2] Por causa do povo, para que eles não continuem preconceituosos contra um homem tão bom, nem percam o benefício de seu ministério por causa desses preconceitos. [3] Por causa de si mesmos, pois desde que sabiam que era seu dever reconhecer a Paulo, esse ato não devia se tornar motivo de repreensão entre aqueles que estavam sob sua responsabilidade.

(2) Eles deram uma boa oportunidade para que Paulo pudesse se esclarecer: "*Faze pois isso que te dizemos*, segue nosso conselho neste caso. Nós *temos quatro varões*, judeus, de nossas próprias igrejas, que crêem, e eles *fizeram voto*, um voto de nazireado durante um certo tempo; o tempo deles agora expirou (v. 23), e eles devem fazer suas ofertas de acordo com a lei, quando eles raspam a cabeça em sinal de separação, apresentam um cordeiro como oferta queimada, uma ovelha como oferta pelo pecado, e um carneiro como oferta pacífica, com outras ofertas pertinentes a eles (Nm 6.13-20)". Muitos costumavam fazer isso juntos, quando seus votos expiravam ao mesmo tempo, ou para maior presteza ou para maior solenidade. Agora que Paulo tinha até aqui agido de acordo com a lei a ponto de fazer um voto de nazireado e demonstrar a expiração do voto raspando a cabeça em Cencréia (cap. 18.18), de acordo com o costume daqueles que viviam longe do templo, eles queriam que ele fosse um pouco mais longe, e se unisse com esses quatro oferecendo os sacrifícios de um nazireu: "*Santifica-te com eles* de acordo com a lei; e dispõe-te não somente a sofrer essa dificuldade, mas a ser responsável por eles, comprando sacrifícios para essa ocasião solene, e te unindo com eles no sacrifício." Isso, eles pensam, fechará efetivamente a boca de calúnia, e todo mundo ficará convencido de que o relatório era falso, que Paulo não era o homem que diziam ser, não ensinava os judeus a abandonar Moisés, mas que ele mesmo, sendo originariamente um judeu, caminhava ordenadamente, e guardava a lei; e então tudo ficaria bem.

5. Eles declaram solenemente que isso não será nenhuma infração do decreto há pouco anunciado a favor dos convertidos pagãos, nem eles pretendem com isso de forma alguma diminuir a liberdade permitida a eles (v. 25): "*Quanto aos que crêem dos gentios, já nós havemos escrito e achado por bem*, e resolvemos cumprir isso, *que nada disso observem*; nós não vamos fazer que sejam amarrados pela lei cerimonial de forma alguma, mas somente que eles se guardem *do que se sacrifica aos ídolos, e do sangue, e do sufocado, e da prostituição*; mas que não sejam amarrados aos sacrifícios e purificações judaicos, nem a nenhum dos seus ritos e cerimônias." Eles sabiam quão zeloso era Paulo pela preservação da liberdade dos gentios convertidos, e por isso expressamente se comprometem com ela. Até aqui essa é a proposta deles.

V Aqui está a condescendência de Paulo com isso. Ele estava disposto a agradá-los nessa questão. Embora ele não tivesse sido persuadido a não ir a Jerusalém, contudo, quando ele estava lá, foi persuadido a fazer como faziam ali (v. 26). *Então, Paulo, tomando consigo aqueles varões*, como aconselharam, e logo *no dia seguinte* [...], já santificado com eles, e *não em ajuntamentos, nem com alvoroços*, como ele mesmo alega (cap. 24.18), ele entrou [...] *no templo*, como outros judeus devotos que vinham com tais incumbências faziam, para demonstrar o cumprimento dos dias de purificação aos sacerdotes; desejando que o sacerdote designasse uma ocasião em que a oferta fosse feita para cada um deles, uma para cada um. Ainsworth, comentando Números 6.18, cita de Maimônides uma passagem que lança alguma luz sobre isso: *Se um homem diz: Em mim esteja metade das oblações de um nazireu, ou: Em mim esteja metade da raspagem de um nazireu, então ele traz metade das ofertas pelas quais ele será nazireu, e aquele nazireu paga suas ofertas daquela que é sua*. Assim Paulo fez aqui; ele contribuiu com o que ele prometeu com voto para as ofertas desses nazireus, e alguns pensam que ligou-se à lei de nazireado, e ao comparecimento no templo com jejuns e orações durante sete dias, não pretendendo que a oferta fosse apresentada até então, que foi o que ele demonstrou ao sacerdote. Agora, muitos perguntam se Tiago e os anciãos fizeram bem em dar a Paulo esse conselho, e se ele fez bem em recebê-lo. 1. Alguns acusaram essa conformidade ocasional de Paulo de ser condescendente demais com os judeus em sua adesão à lei cerimonial, e um desencorajamento para aqueles que estavam firmes na liberdade com a qual Cristo os tinha feito livres. Não era bastante para Tiago e os anciãos de Jerusalém serem condescendentes com esse engano nos próprios judeus convertidos, mas deviam ainda persuadir com lisonjas a Paulo para apoiá-los nisso? Não teria sido melhor, quando eles tinham falado para Paulo quão zelosos os convertidos judeus eram pela lei, se eles tivessem desejado que ele, a quem Deus tinha dotado com tais excelentes dons, se esforçasse com seu povo para os convencer do seu erro, e mostrar-lhes que eles estavam livres da lei pelo seu matrimônio com Cristo? (Rm 7.4). Insistir com ele para que os encoraje nisso por seu exemplo parece ter em si mais de sabedoria carnal que da graça de Deus. Seguramente Paulo sabia o que ele tinha que fazer melhor do que eles poderiam ensiná-lo. Mas: 2. Outros pensam que o conselho foi prudente e bom, e que o ato de Paulo de segui-lo foi bastante justi-

ficável, dada a situação. Esse era o princípio declarado de Paulo: *E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus* (1 Co 9.20). Ele tinha circuncidado a Timóteo, para agradar os judeus; embora ele não observasse constantemente a lei cerimonial, contudo, para ter uma oportunidade de fazer o bem, e mostrar até que ponto ele poderia condescender, ele iria ocasionalmente ao templo e participaria ali dos sacrifícios. Aqueles que são fracos na fé devem ser tolerados, ao passo que aqueles que arruínam a fé devem ser confrontados. É verdade que essa condescendência de Paulo acelerou o mal contra ele, porque essa mesma coisa com a qual ele esperava pacificar os judeus apenas os provocou, e lhe trouxe problemas; contudo, isso não é uma base suficiente para condená-lo: Paulo pode fazer o bem, e ainda sofrer por isso. Mas talvez o Deus sábio tenha governado tanto o conselho deles quanto a complacência de Paulo para servir a um propósito melhor do que o que era pretendido; porque nós temos razão de pensar que quando os judeus crentes, que tinham se empenhado em seu zelo pela lei para se recomendar à boa opinião daqueles que não acreditavam, viram quão barbaramente eles usaram Paulo (que se esforçou para agradá-los), eles ficaram por isso mais alienados da lei cerimonial do que eles poderiam ter estado pelos discursos mais argumentativos ou apaixonados. Eles viram que era inútil pensar em agradar a homens que não seriam agradados com nada menos que a extirpação do cristianismo. É provável que a integridade e retidão nos preservem mais do que a condescendência servil. E quando nós consideramos que grande problema deve necessariamente ter sido para Tiago e os presbíteros, ao refletirem sobre isso, descobrir que por seu conselho colocaram Paulo em dificuldade, isso deve ser uma advertência para nós não pressionarmos os homens a nos agradar fazendo qualquer coisa contrária à sua própria vontade.

Paulo É Apanhado no Templo. O Tumulto em Jerusalém
vv. 27-40

Temos aqui Paulo iniciando um encarceramento do qual nós não veremos o fim; pois após isso ele é ou arrastado de um tribunal a outro, ou negligenciado, primeiro em uma prisão e depois em outra, e não pode ser nem afiançado nem julgado. Quando nós vemos o início de uma tribulação, nós não sabemos quanto tempo ela vai durar ou como ela vai acabar.

I Nós temos aqui: Paulo capturado e posto sob custódia.

1. Ele foi capturado no templo, quando estava ali observando os dias de sua purificação, e os serviços solenes daqueles dias (v. 27). Anteriormente, ele era bem conhecido no templo, mas agora ele havia passado tanto tempo em suas viagens no exterior que tinha se tornado estranho ao local; de maneira que não foi senão até que *os sete dias estavam quase a terminar* que ele foi notado por aqueles que tinham uma má intenção para com ele. No templo, onde ele deveria ter sido protegido, como em um santuário, ele foi mais violentamente atacado por aqueles que fariam o que pudessem para ter seu sangue misturado com o dos sacrifícios – no templo, onde ele deveria ter sido bem recebido como um dos maiores ornamentos que o lugar jamais teve desde que o Senhor do templo o havia deixado. O templo, pelo qual eles mesmos fingiam um zelo tão intenso, foi, no entanto, profanado por eles mesmos com essa atitude. Desse modo, a igreja é contaminada por ninguém menos do que os perseguidores papistas, sob a insígnia do nome e interesse da igreja.

2. Os seus delatores eram os judeus da Ásia, não os de Jerusalém – os judeus da dispersão, que o conheciam melhor, e estavam mais exasperados com ele. Aqueles que raramente vinham adorar no templo em Jerusalém, mas contentemente viviam longe dele, em busca de suas vantagens particulares, mas que pareciam mais zelosos pelo templo, como se dessa forma eles pudessem expiar sua habitual negligência em relação ao templo.

3. O método que eles utilizaram foi o de incitar a multidão, e enfurecê-la contra ele. Eles não foram até o sumo sacerdote, ou aos magistrados da cidade, com sua queixa (provavelmente porque não esperavam receber aprovação deles), mas *eles alvoroçaram todo o povo,* que nessa ocasião estava mais disposto do que nunca a qualquer coisa que fosse turbulenta e sediciosa, ruidosa e ultrajante. Os mais aptos a serem empregados contra Cristo e o cristianismo são aqueles governados menos pela razão e mais pela paixão; por isso, Paulo atribuiu aos perseguidores judeus não serem apenas maus, mas homens absurdamente irracionais.

4. Os argumentos por meio dos quais eles incitaram o povo contra ele eram populares, mas bastante falsos e injustos. Eles gritavam: "*Varões israelitas, acudi!* Se vós sois verdadeiramente homens de Israel, verdadeiros judeus, que têm interesse por sua assembléia e por seu país, agora é o momento de mostrá-lo, ajudando a agarrar um inimigo de ambos." Desse modo, eles clamavam contra ele como contra um ladrão (Jó 30.5), ou contra um cachorro louco. Note: Os inimigos do cristianismo, visto que eles jamais poderiam provar que fosse uma coisa má, sempre foram muito zelosos, com ou sem razão, em atribuir a ele uma má fama, e assim persegui-lo com ultraje e gritos. Os homens de Israel deviam ajudar Paulo, que pregava aquele que era simplesmente a *glória de seu povo Israel*; contudo, aqui a fúria popular não os permitirá serem homens de Israel, antes, eles ficarão contra ele. Isso soava como: *Pare ladrão,* ou o clamor de Atalia: *Traição, traição*; o que carece de direito se procura fazer no grito.

5. Eles o acusaram tanto de má doutrina como de prática ilícita, e ambas contra o ritual mosaico.

(1) Eles o acusaram de má doutrina; não somente que ele tinha opiniões erradas, mas que as propagava e publicava, embora não aqui em Jerusalém, mas em outros lugares, ou melhor, em todos os lugares, ele ensina a todos os homens, em toda parte; o crime é tão ardilosamente agravado como se, porque ele era um itinerante, ele fosse onipresente: "Ele dissemina ao máximo de sua força certas idéias prejudiciais e heréticas": [1] Contra o povo judeu. Ele havia ensinado que judeus e gentios estão no mesmo nível diante de Deus, e que a *circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é*; e ainda mais, ele havia ensinado contra os judeus descrentes que eles foram rejeitados (e portanto tinha se separado deles e de suas si-

nagogas), e isso foi interpretado como sendo dito contra toda a nação, como se apenas eles fossem o *povo* e com eles devesse morrer *a sabedoria* (Jó 12.2), ao passo que Deus, embora os tivesse expulsado, ainda não tinha rejeitado *o seu povo* (Rm 11.1). Eles eram *Lo-ami, não meu povo* (Os 1.9), e ainda pretendiam ser o único povo. Em geral, parecem mais zelosos do nome da igreja aqueles que pertencem a ela apenas de nome. [2] Contra a lei. O fato de ele ensinar os homens a crer no evangelho como o fim da lei, e a perfeição daquele, foi interpretado como pregação contra a lei; apesar de sua pregação estar tão longe de tornar vazia a lei que ela a estabelecia (Rm 3.31). [3] Contra *esse lugar*; o templo. Porque ele ensinava os homens a orar em toda parte, ele foi censurado como um inimigo do templo, e talvez porque ele às vezes mencionava a destruição de Jerusalém e do templo, e da nação judaica, a qual seu Mestre havia predito. O próprio Paulo havia sido ativo perseguidor de Estêvão, e o levou à morte por palavras proferidas *contra esse lugar santo*, e agora é acusado da mesma coisa. Aquele que fez uso desse instrumento é agora atacado como objeto da fúria e malícia judaicas.

(2) Eles o acusaram de práticas ilícitas. Para confirmar sua acusação contra ele, de ter ensinando o povo contra esse lugar santo, eles o acusaram de ter contaminado o templo, e de ter demonstrado abertamente seu desprezo por ele, e a intenção de torná-lo comum. Ele *trouxe gentios para o templo*, para o interior do pátio do templo, onde ninguém que fosse incircuncidado tinha permissão, sob qualquer pretexto, de entrar; havia um aviso escrito no muro que encerrava esse pátio interno, em grego e em latim: *É crime capital a entrada de estrangeiros*. Josefo, *Antiq.*, liv. 15, cap. 14. Paulo era judeu, e tinha o direito de entrar no pátio dos judeus. E eles, vendo alguém com ele ali que se uniu a ele em suas devoções, concluíram que Trófimo, um efésio, que era gentio, era um deles. Por quê? Eles o viram ali? Na verdade, não; mas eles o tinham visto com Paulo nas ruas da cidade, o que absolutamente não era crime, e, portanto, eles afirmam que ele estava com Paulo no interior do pátio do templo, o que era um crime terrível. Eles o tinham visto com ele na cidade, e, portanto, supuseram que Paulo o havia levado consigo ao templo, o que era completamente falso. Veja aqui: [1] A inocência não é uma cerca contra a calúnia e a falsa acusação. Não é novidade para aqueles que pretendem ser honestos e agem de maneira regular serem acusados de coisas que eles não só desconhecem, mas jamais pensaram nelas. [2] *Homens maus desenterram malícia*, e vão longe procurar provas de suas falsas acusações, como eles fizeram aqui, eles que, porque viram um gentio com Paulo na cidade, daí inferiram que ele estava com ele no templo. Na verdade, isso foi uma insinuação forçada, pois através dessas insinuações injustas e sem fundamento homens maus pensaram justificar-se a si mesmos dos mais bárbaros ultrajes cometidos contra os *melhores da terra*. [3] É comum para pessoas maliciosas se aproveitarem daqueles que são sábios e bons quando estes pensavam ter agradado àqueles e procurado sua amizade. Paulo pensava recomendar-se à boa opinião deles ao entrar no templo, e eles aproveitaram a ocasião para o caluniar. Se ele tivesse se mantido mais longe deles não teria sido tão maltratado. Esse é o gênio da má natureza; *em paga do meu amor; são meus adversários* (Sl 109.4; 69.10).

II Agora Paulo corre perigo de ser despedaçado pela multidão. Eles não vão se dar ao trabalho de levá-lo diante do sumo sacerdote, ou do sinédrio; seria muito complicado. A execução será semelhante à acusação, totalmente injusta e irregular. Eles não podem provar que ele cometeu um crime, por isso não ousam dar-lhe um julgamento justo; mais ainda, eles têm uma sede tão voraz de seu sangue que não têm paciência de proceder contra ele pelo trâmite devido da lei, ainda que sempre estivessem certos de alcançar seu objetivo; e portanto, como aqueles que não temem a Deus nem respeitam o homem, eles resolveram pará-lo imediatamente.

1. Toda a cidade estava em alvoroço (v. 30). O povo, que embora tivesse pouca santidade em si mesmo, contudo, tinha uma grande veneração pelo lugar santo, quando eles ouviram um clamor público vindo do templo, imediatamente estavam prontos para a briga, resolvidos a resistir com suas vidas e bens. *E alvoroçou-se toda a cidade*, quando eles foram convocados do templo: *Varões israelitas, acudi*, com tamanha violência como se a antiga queixa fosse revivida (Sl 79.1): *Ó Deus, as nações entraram na tua herança; contaminaram o teu santo templo.* Os judeus mostram aqui tal zelo pelo templo de Deus como os efésios mostraram pelo templo de Diana, quando Paulo foi acusado de ser um inimigo daquele lugar (cap. 19.29): *E encheu-se de confusão toda a cidade.* Mas Deus não se considera de modo algum honrado por aqueles cujo zelo por Ele os leva a tais irregularidades, e que, ao pretenderem agir por Ele, agem de uma maneira bárbara e animalesca.

2. Eles tiraram Paulo do templo e fecharam as portas entre os pátios externo e interno do templo, ou talvez as portas do pátio externo. Ao arrastá-lo furiosamente para fora do templo: (1) Eles demonstraram uma repulsa real a ele como se não pudesse ser tolerado no templo, nem adorar ali, nem ser visto como um membro da nação judaica; como se seu sacrifício fosse uma abominação. (2) Eles fingiam uma veneração pelo templo; como aquela do bom Joiada, que não queria que Atalia fosse assassinada *na casa do Senhor* (2 Rs 11.15). Veja quão absurdos eram esses homens ímpios; eles condenaram Paulo por tirar o povo do templo, e agora, quando ele mesmo estava com toda a devoção adorando no templo, eles o tiraram de lá. Os oficiais do templo fecharam as portas, ou: [1] Para que Paulo não encontrasse meios de voltar e pôr as mãos nos chifres do altar, e assim proteger-se de sua fúria por aquele santuário. Ou antes: [2] Para que a multidão não os empurrasse de volta ao templo, e algum ultraje fosse cometido profanando-se aquele lugar santo. Aqueles que não tinham consciência de fazer um mal tão grande, como o assassinato de um homem bom, como se fizessem algo bom, teriam no entanto escrúpulos de fazê-lo em um lugar santo, ou em uma ocasião santa: *Não no templo*, assim como: *Não em dia de festa.*

3. Eles tentavam matá-lo (v. 31), pois batiam nele (v. 32), resolvidos a bater nele até a morte com inúmeros socos, um castigo que os doutores judaicos permitiam em alguns casos (de forma alguma para crédito de sua nação), e chamavam *a surra dos rebeldes*. Agora era Paulo,

como um cordeiro, lançado na cova dos leões, o qual se tornou uma presa fácil para eles, e, sem dúvida, ele tinha a mesma idéia de quando disse: *Eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém*, morrer tão grande morte.

III Temos aqui Paulo resgatado das mãos dos seus inimigos judeus por um inimigo romano. 1. Chegaram notícias do tumulto, de que a populaça estava exaltada, até *o tribuno*, o governador do castelo, ou, quem quer que fosse, o agora comandante-em chefe das forças romanas que estavam acampadas em Jerusalém. Alguém que estava interessado não em Paulo, mas na paz e segurança públicas, que passou essa informação ao coronel, que sempre tinha um olhar zeloso e vigilante sobre esses judeus tumultuadores, e ele é o homem que deve ser o instrumento para salvar a vida de Paulo, quando nenhum amigo teria a capacidade de prestar alguma ajuda. 2. O tribuno, ou capitão, reuniu suas tropas com toda a rapidez possível e foi reprimir a multidão: *Ele tomou soldados* e *centuriões*, e *correu para eles*. Agora na festa, como em outras ocasiões solenes semelhantes, os guardas estavam em pé, e a milícia, mais perto do que em outras ocasiões, e assim ele os tinha à mão, e *correu para a multidão*; porque nessas ocasiões a demora é perigosa. A sedição deve ser esmagada imediatamente, para que não cresça a obstinação. 3. A simples visão do general romano os fez parar de bater em Paulo por medo; porque eles sabiam que estavam fazendo o que não podiam justificar, e corriam o risco de ser responsabilizados pelo tumulto desse dia, como o escrivão da cidade disse aos Efésios. Eles foram detidos no que faziam pelo poder dos romanos, quando deviam ter sido coibidos pela justiça de Deus e pelo receio de sua ira. Note: Deus muitas vezes faz a terra ajudar a mulher (Ap 12.16), e faz com que aqueles que não têm afeto nenhum por Ele sejam uma proteção para o seu povo; eles têm apenas uma compaixão pelo sofredores, e são zelosos pela paz pública. O pastor utiliza até mesmo seus cães para defender suas ovelhas. Essa é uma comparação de Streso. Veja aqui como essas pessoas ímpias ficaram com medo pela simples visão do tribuno; porque *assentando-se o rei no trono do juízo, com os seus olhos dissipa todo mal.* 4. O governador leva-o sob custódia. Ele o resgatou, não por se preocupar com ele, porque achasse que ele era inocente, mas por um interesse pela justiça, pois ele não deveria ser entregue à morte sem julgamento; e porque ele não sabia que conseqüência perigosa poderia haver para o governo romano se tais procedimentos tumultuosos não fossem suprimidos a tempo, nem o que um povo ultrajante poderia fazer uma vez que eles conhecessem sua própria força: ele, portanto, leva Paulo das mãos da multidão para as mãos da lei (v. 33): Ele *o prendeu, e mandou atar com duas cadeias*, para que o povo ficasse convencido de que ele não procurava libertá-lo, mas interrogá-lo, porque *ele perguntou* àqueles que estavam tão furiosos contra ele *quem ele era, e o que ele havia feito.* Esse ato violento de tomá-lo das mãos da multidão, ainda que houvesse toda a razão do mundo para tal, eles usaram como acusação contra o tribuno como seu crime (cap. 24.7): *Sobrevindo o tribuno Lísias, no-lo tirou dentre as mãos, com grande violência*, que se refere a esse resgate como parece pela comparação com o capítulo 23.27,28, em que o tribuno apresenta um relato do caso a Félix.

IV A provisão que o tribuno fez, com muita dificuldade, de trazer Paulo para falar por si mesmo. Lutar contra semelhante multidão quando esta estava reunida era como se alguém lutasse contra ventos e ondas; contudo, Paulo usou de um expediente para ter a liberdade de falar entre eles.

1. Não havia como saber o sentimento do povo; porque quando o tribuno inquiriu a respeito de Paulo, talvez sem jamais ter ouvido seu nome anteriormente (esses estrangeiros iam dos grandes aos excelentes da terra, e gostavam de ser assim), *alguns gritavam uma coisa, e outros uma outra*, entre a multidão; de maneira que era impossível para o tribuno saber sua intenção, quando na verdade eles não sabiam um a intenção do outro ou as suas próprias, embora cada um pretendesse dar o sentimento do grupo como um todo. Aqueles que dão ouvidos aos clamores da multidão não saberão nada com certeza, não mais do que os construtores de Babel, quando suas línguas foram confundidas.

2. Não havia nenhum modo de suprimir a raiva e a fúria do povo; pois quando o capitão mandou que Paulo fosse levado para a fortaleza, a torre de Antônia, onde os soldados romanos tinham uma guarnição, próximo ao templo, os próprios soldados tiveram muita dificuldade para tirá-lo com segurança para fora do barulho, de tão violento que o povo estava (v. 35): *chegando às escadas*, que conduziam à fortaleza, os soldados foram forçados a levá-lo em seus braços, e carregá-lo (o que eles poderiam fazer facilmente, porque ele era um homem pequeno, e de frágil aspecto corporal), para mantê-lo afastado do povo, que teria arrancado dele membro por membro se pudesse. Quando não mais puderam alcançá-lo com suas mãos cruéis, eles o seguiram com suas *setas afiadas até mesmo com palavras amargas*: Eles *seguiam, clamando: Mata-o* (v. 36). Veja como as pessoas e coisas mais excelentes são freqüentemente rebaixadas por um clamor popular. Com o próprio Cristo foi assim: *Crucifica-o, crucifica-o*, ainda que eles não pudessem dizer que mal Ele tinha feito. *Tira-o da terra dos vivos* (assim os antigos o explicam), afugenta-o do mundo.

3. Paulo por fim pediu licença ao tribuno para falar com ele (v. 37): *Quando iam introduzir Paulo na fortaleza*, com extrema calma e compostura, e com muita mansidão e deferência para com os que estavam perto, *disse ao tribuno: "É-me permitido dizer-te alguma coisa?* Haverá algum crime, ou tentativa de violação da lei, se eu te der algum relato sobre mim, visto que meus perseguidores não o podem fazer?" Que pergunta modesta e humilde era essa! Paulo sabia falar com os homens mais importantes, e falava muitas vezes com seus superiores, contudo, ele humildemente pede licença para falar com esse comandante, e não falará até que ele tenha obtido licença: *É me permitido dizer-te alguma coisa?*

4. O tribuno lhe fala que idéia fazia dele: *Sabes o grego?* Eu estou surpreso de ouvir-te falar um idioma culto; *não és tu, porventura, aquele egípcio que antes desses dias fez uma sedição?* Os judeus fizeram um alvoroço, e então ele pensou que Paulo tinha lhes dado ocasião para isso, ao dar início a ele; porque provavelmente alguém

sussurrou isso no ouvido do tribuno. Veja em que noções falsas e equivocadas sobre boas pessoas e bons ministros muitos incorrem, e não se esforçam para retificar o equívoco. Parece que tinha havido recentemente em algum lugar uma insurreição naquela região, encabeçada por um egípcio que assumiu ser um profeta. A história que Josefo menciona é que "um egípcio levantou um partido sedicioso, prometeu lhes mostrar a queda dos muros de Jerusalém desde o monte das Oliveiras, e que eles deveriam entrar na cidade em ruínas." O tribuno diz aqui *que ele levou para o deserto quatro mil salteadores* – criminosos, bandidos, malfeitores e degoladores. Que degeneração havia na nação judaica, quando eram achados ali tantos que tinham tal caráter, e podiam ser levados a atacar a paz pública! Mas Josefo diz que "Félix, o governador romano, saiu contra eles, matou quatrocentos, e fez duzentos prisioneiros, e o resto foi dispersado". *Antiq.*, liv. 20, cap 6; *De Bello Jud.*, liv. 2, cap. 12. E Eusébio fala disso, *Hist.*, liv. 2, cap. 20. Aconteceu pelo décimo terceiro ano de Cláudio, um pouco antes daqueles dias, aproximadamente três anos antes. O líder desta rebelião, parece, tinha escapado, e o tribuno concluiu que alguém que era alvo de tão grande ódio como Paulo parecia ser, e contra quem havia tão grande clamor, não poderia ser um criminoso de menos calibre que esse egípcio. Veja como os bons homens são expostos ao rancor por engano.

5. Paulo retifica o engano do tribuno relativo a si mesmo, informando-o especialmente de quem ele era; não um vagabundo, um salafrário, um ladrão, como aquele egípcio que não poderia falar bem de si mesmo. Não: *eu sou um homem judeu* de origem, e não egípcio – um judeu tanto de nação quanto de religião; *eu sou de Tarso*, uma *cidade na Cilícia*, de pais honestos e uma educação liberal (Tarso era uma cidade universitária), e, além disso, um *cidadão de* uma *cidade não pouco célebre*. Se ele quer dizer Tarso de fato ou Roma não se sabe ao certo; elas não eram cidades insignificantes, e ele era homem livre de ambas. Embora o tribuno o tivesse posto sob essa suspeita odiosa, a de que ele era aquele egípcio, ele manteve a calma, e não irrompeu em exclamações apaixonadas contra os tempos em que ele vivia ou contra os homens com os quais se relacionava, ele não pagou injúria com injúria, mas brandamente negou a acusação, e assumiu o que ele era.

6. Ele humildemente quis uma permissão do tribuno, de quem agora era prisioneiro, para falar ao povo. Ele não exigiu isso como uma dívida, embora pudesse ter feito assim, mas solicitou como um favor, pelo qual ele será grato: *rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo*. O tribuno livrou-o sem nenhuma outra intenção que lhe dar um interrogatório justo. Sendo assim, para mostrar que sua causa não precisa de nenhuma arte para dar-lhe um tom plausível, ele deseja que possa ter licença imediatamente para se defender; porque não precisava de nada mais que ser colocado sob uma luz verdadeira; nem dependia ele apenas da bondade de sua causa, mas da bondade e fidelidade de seu benfeitor, e daquela promessa dele a todos os seus defensores, *de que lhes seria ministrado naquela mesma hora o que eles haveriam de dizer.*

7. Ele obteve licença para defender sua própria causa, porque ele não precisava que lhe designassem um advogado, quando o Espírito do Pai estava pronto para lhe ditar o que dizer (Mt 10.20). O tribuno lhe deu permissão (v. 40), de forma que agora ele poderia falar de bom grado e com tanto mais coragem; ele teve, eu não direi esse favor, mas aquela justiça, feita a ele pelo tribuno, que ele não poderia obter dos seus compatriotas judeus; porque eles não queriam ouvi-lo, mas o tribuno queria, ainda que fosse apenas para satisfazer a sua curiosidade. Ao ser obtida essa licença: (1) O povo ouviu com atenção: *Paulo pondo-se em pé nas escadas*, o que dava a um homem pequeno como Zaqueu alguma vantagem e por conseguinte um pouco de coragem, para se pronunciar. Esse era um púlpito triste, mas, mesmo assim, melhor que nenhum; serviu ao propósito, embora não fosse, como o púlpito de madeira de Esdras, feito para a ocasião. Ali ele *fez sinal com a mão ao povo*, fez sinais para fazerem silêncio e para terem um pouco de paciência, porque ele tinha algo a lhes dizer; e tanto ele alcançou seu objetivo que cada um silenciou a quem se encontrava a seu lado, e houve um profundo silêncio. Provavelmente o tribuno também deu ordem de maneira a que todos fizessem silêncio; se o povo não fosse obrigado a dar ouvidos, não haveria propósito nenhum em conceder permissão a Paulo de falar. Quando a causa de Cristo e o seu evangelho devem ser defendidos, é preciso haver um grande silêncio, para que nós possamos *atentar com mais diligência*. (2) Paulo pôs-se a falar, bem seguro de que estava servindo ao interesse do reino de Cristo tão verdadeira e eficazmente como se estivesse pregando numa sinagoga: ele *falou-lhes em língua hebraica*, quer dizer, no próprio vernáculo deles, que era o idioma do seu país, com o qual ele tinha assim não só uma relação permanente, mas um respeito permanente.

CAPÍTULO 22

No encerramento do capítulo anterior, Paulo estava preso, segundo a profecia de Ágabo sobre o duro tratamento que ele deveria receber dos judeus em Jerusalém; no entanto, ele ainda teve a liberdade de falar de acordo com a permissão que o tribuno lhe concedeu para se defender. Assim, ele procurou fazer bom uso desta liberdade de falar que lhe foi concedida, usando-a para a honra de Cristo e a serviço de seu interesse, se esquecendo por um momento das cadeias que o prendiam, não fazendo menção delas, mas falando das grandes coisas que Cristo fez por ele com tanta facilidade e alegria como se nada tivesse sido feito para perturbá-lo ou colocá-lo em dificuldade. Temos aqui: I. Seu discurso ao povo, e a atenção concedida por eles à sua fala (vv. 1,2). II. O relato que ele apresenta de si mesmo. **1.** O judeu fanático que ele tinha sido no início de sua carreira (vv. 3-5). 2. Como foi miraculosamente convertido e trazido à fé em Cristo (vv. 6-11). 3. Como foi confirmado e batizado pelo ministério de Ananias (vv. 12-16). 4. Como posteriormente foi chamado, por uma ordem dos céus, para ser o apóstolo dos gentios (vv. 17-21). III. A interrupção nesse ponto causada

pela multidão, que não podia suportar ouvir nada a favor dos gentios, e a paixão violenta com que eles rejeitaram isso (vv. 22,23). IV. O segundo resgate de Paulo das mãos da turba, e a atitude que o tribuno tomou para descobrir a verdadeira razão desse forte clamor contra Paulo (vv. 24,25). V. O apelo de Paulo ao seu privilégio como cidadão romano, pelo qual ele foi isento desse bárbaro método de inquisição (vv. 26-29). VI. A remoção da causa pelo tribuno para a corte do sumo sacerdote, e o comparecimento de Paulo ali (v. 30).

A Primeira Defesa de Paulo
vv. 1,2

No último versículo do capítulo precedente, Paulo alcançou um grande objetivo, ao ordenar tão profundo silêncio depois de tão alto clamor. Agora observe aqui:

I Com que admirável compostura e presença de espírito ele começa a falar. Jamais um pobre homem foi incitado de uma maneira mais tumultuosa, nem com mais raiva e fúria; e, no entanto, no que ele disse: 1. Não parece haver nenhum temor, ao contrário, sua mente está calma e composta. Desse modo, ele confirma suas próprias palavras: *em nada tenho a minha vida por preciosa*; e de Davi (Sl 3.6): *Eu não terei medo de dez milhares de pessoas que se puseram contra mim ao meu redor.* 2. Não aparece nenhuma paixão. Embora as insinuações contra ele fossem todas frívolas e injustas, embora fosse uma vergonha para qualquer homem vivo ser acusado de profanar o templo logo quando ele estava planejando e procurando mostrar o seu respeito para com o lugar, contudo ele não irrompe em nenhuma expressão irada, mas *como um cordeiro, foi levado ao matadouro.*

II Que títulos respeitosos ele concede até mesmo àqueles que tanto abusaram dele, e quão humildemente ele solicita a atenção deles: "*Varões irmãos e pais* (v. 1). A vocês, homens, eu clamo; homens, que devem ouvir a razão, e ser regidos por ela; homens, de quem se pode esperar humanidade. Vocês, *irmãos* das pessoas comuns; vocês, *pais* dos sacerdotes." Assim ele os faz saber que ele era um deles, e não tinha renunciado a sua relação com a nação judaica, mas ainda tinha atenção e interesse para com ela. Note: Embora nós não devamos dar títulos lisonjeiros a ninguém, contudo, deveríamos dar os títulos de respeito devido a todos; e não devemos tentar provocar aqueles a quem devemos fazer o bem. Embora ele fosse resgatado das mãos deles, e fosse levado sob a proteção do tribuno, ainda assim, ele não os irritou, por exemplo, com: "Ouçam agora, vocês rebeldes"; mas cumprimenta-os com: *Varões irmãos e pais*. E observe que ele não apresenta nenhuma acusação contra eles, não os recrimina com: "Ouçam agora o que eu tenho a dizer contra vocês", mas: "Ouçam agora o que eu tenho a dizer em meu favor": *Ouvi agora a minha defesa*; um pedido justo e razoável, pois todo homem que é acusado tem o direito de responder por si mesmo, e não se faz justiça a ele se sua resposta não foi paciente e imparcialmente ouvida.

III O idioma no qual ele falou, que valorizava o que ele disse ao auditório: Ele falou *em língua hebraica*, quer dizer, o idioma comum dos judeus, que, nesse tempo, não era o puro hebraico do Antigo Testamento, mas o siríaco, um dialeto do hebraico, ou antes uma derivação desse, como o italiano é do latim. Seja como for: 1. Isso mostrava seu contínuo respeito por seus compatriotas, os judeus. Embora ele tivesse conversado muito com os gentios, ele ainda reteve o idioma dos judeus, e podia falá-lo com facilidade; nisso parece que ele é um judeu, *pois sua fala o denuncia*. 2. O que ele disse foi, no geral, compreendido, pois esse era o idioma que todos falavam; e, portanto, falar naquele idioma era na verdade apelar ao povo, com o que ele podia ter algo para apelar aos sentimentos deles; e assim, *quando ouviram falar-lhes em língua hebraica, maior silêncio guardaram*. Como é possível se pensar que o povo deveria prestar alguma atenção ao que lhes é dito em uma língua que eles não entendem? O tribuno ficou surpreso de ouvi-lo falar grego (cap. 21.37), os judeus ficaram surpresos de ouvi-lo falar hebraico, e por isso ambos passaram a pensar o melhor dele. Mas como eles ficariam surpresos se eles tivessem investigado, como deveriam ter feito, e descobrissem em que variedade de línguas *o Espírito lhe deu a falar*! (1 Co 14.18): *Eu falo mais línguas do que vós todos*. Mas a verdade é que muitos homens sábios e bons são desprezados apenas porque não são famosos.

A Primeira Defesa de Paulo
vv. 3-21

Paulo aqui faz um discurso tão bom que não só poderia servir para convencer o tribuno de que ele não era aquele egípcio que o tribuno pensou que ele fosse, mas também os judeus de que ele não era aquele inimigo de sua igreja e nação, de sua lei e templo, que eles pensavam que ele fosse, e que o que ele fez ao pregar Cristo, e particularmente ao pregar aos gentios, ele o fez por uma comissão divina. Ele aqui os faz entender:

I Quais eram sua ascendência e formação. 1. Ele era da própria nação deles, da linhagem de Israel, da semente de Abraão, um hebreu de hebreus, não de alguma família obscura, ou um renegado de alguma outra nação: "Não, *quanto a mim, sou varão judeu, aner Ioudaios – um homem judeu*; eu sou um homem, e, portanto, não devo ser tratado como um animal; um homem que é judeu, não um bárbaro; eu sou um amigo sincero de vossa nação, porque eu pertenço a ela, e macularia meu próprio ninho se eu o defraudasse, se eu depreciasse injustamente a honra de vossa lei e de vosso templo." 2. Ele nasceu em um lugar respeitável, *em Tarso, da Cilícia*, e era por seu nascimento um homem livre daquela cidade. Ele não nasceu em servidão, como alguns dos judeus da dispersão provavelmente tinham nascido; mas ele tinha nascido como um cavalheiro, e talvez pudesse mostrar o certificado de sua liberdade naquela antiga e honrosa cidade. Isso, na verdade, era apenas uma questão pequena para fazer alarde, e, no entanto, foi necessário que se mencionasse nessa ocasião para aqueles

que o trataram com insolência, como se ele devesse ser classificado com os filhos de loucos, sim, com os filhos de gente sem nome (Jó 30.8). 3. Ele teve uma educação culta e liberal. Ele não era somente um judeu, e um cavalheiro, mas um erudito. Ele foi *criado em* Jerusalém, a sede principal da instrução judaica, e *aos pés de Gamaliel*, que todos sabiam ser um eminente doutor da lei judaica, da qual o próprio Paulo era destinado a ser um mestre; e, portanto, ele não poderia ser ignorante da lei, nem se poderia imaginar que a depreciasse por não a conhecer. Seus pais haviam-no levado muito jovem para essa cidade, querendo que ele se tornasse fariseu; e alguns pensam que o fato de ter sido criado aos pés de Gamaliel mostra não somente que ele era um de seus discípulos, mas que ele era, mais que qualquer outro, diligente e freqüentador de suas palestras, observador e obsequioso para com ele, em tudo que ele dizia, como *Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra*. 4. Ele foi no início de sua carreira um zeloso e eminente professor da religião dos judeus; seus estudos e ensino eram todos direcionados nesse sentido. Ele estava tão longe de ser iniciado em sua juventude em qualquer desafeto com relação aos costumes religiosos dos judeus que não havia nenhum jovem entre eles que tivesse uma veneração maior e mais completa por esses costumes do que ele, que fosse mais rigoroso em observá-los por si mesmo, ou mais impetuoso em forçá-los aos outros. (1) Ele era um professor inteligente de sua religião, e possuía uma mente esclarecida. Ele estava atento às suas ocupações aos pés de Gamaliel e era ali *instruído* conforme a *verdade da lei de nossos pais*. Os desvios que ele teve de fazer da lei não foram devidos a quaisquer noções confusas ou equivocadas dela, pois ele a entendia a fundo, *kata akribeian – de acordo com o método mais preciso e exato*. Ele não foi treinado nos princípios dos latitudinários, não tinha nada de saduceu, mas era daquela seita que era mais aplicada à lei, mantinha-se mais perto dela, e, para torná-la mais estrita do que era, acrescentava-lhe as tradições dos anciãos, a lei dos pais, a lei que lhes foi dada, e que eles deram a seus filhos, e assim foi passada a nós. Paulo tinha tanta consideração pela Antigüidade, a tradição e a autoridade da igreja judaica quanto qualquer um deles; e jamais houve um judeu dentre eles que entendesse sua religião melhor do que Paulo, ou que pudesse melhor explicá-la ou fundamentá-la. (2) Ele era um professor ativo de sua religião, e tinha um coração fervoroso: *Eu fui zeloso para com Deus, como todos vós hoje sois*. Muitos que são bastante informados na teoria da religião preferem deixar a sua prática para outros, mas Paulo era tanto um entusiasta quanto um rabi. Ele era zeloso contra tudo que a lei proibia, e a favor de tudo que a lei ordenava; e isso era zelo para com Deus, porque ele pensava que era para a honra de Deus e a serviço de seus interesses; e aqui ele elogia seus ouvintes com uma opinião franca e caridosa sobre eles, *de que todos eles foram nesse dia zelosos para com Deus; ele dá testemunho deles* (Rm 10.2) *de que eles têm zelo por Deus, mas não com entendimento*. Ao odiá-lo e expulsá-lo, eles disseram: Que *o Senhor seja glorificado* (Is 66.5), e, embora isso não justifique de modo algum a fúria deles, ainda assim, capacitou aqueles que oraram: *Pai perdoa-lhes*, a alegar, como fez Cristo: *Porque eles não sabem o que fazem*. E quando Paulo confessa que tinha sido zeloso por Deus na lei de Moisés, *como vós hoje sois*, ele declara sua esperança de que eles possam ser zelosos por Deus, em Cristo, como ele era agora.

II Que perseguidor impetuoso e furioso ele tinha sido da religião cristã no início de sua carreira (vv. 4,5). Ele menciona isso para fazer com que pareça tanto mais claro e evidente que a mudança operada nele, quando ele foi convertido à fé cristã, era puramente o efeito do poder divino; pois ele estava tão longe de ter quaisquer inclinações prévias a ela, ou opiniões favoráveis a ela, que imediatamente antes que essa mudança repentina ocorresse, ele tinha a mais extrema antipatia imaginável ao cristianismo, e estava cheio de raiva contra ele ao último grau. E talvez ele mencione isso para justificar Deus em sua presente dificuldade; por mais injustos que fossem aqueles que o perseguiam, Deus era justo, que os permitia fazer isso, pois houve um tempo em que ele tinha sido um perseguidor; e ele pode ter uma visão mais profunda disso para convidar e encorajar aquelas pessoas a se arrependerem, porque ele mesmo tinha sido um *blasfemador* e *um perseguidor*, e ainda assim obteve misericórdia. Vejamos o quadro que Paulo pinta de si mesmo quando ele era um perseguidor. 1. Ele odiava o cristianismo com inimizade mortal: *eu persegui esse Caminho até a morte*, isto é: "Eu tinha por objetivo, se possível, levar à morte aqueles que andavam nesse caminho." Ele *respirava ameaças contra eles* (cap. 9.1). Quando *eles eram entregues à morte*, ele dava seu voto contra eles (cap. 26.10). Mais ainda, ele perseguia não somente aqueles que andavam nesse caminho, mas o próprio caminho, o cristianismo, que era estigmatizado como um desvio, uma seita; ele queria persegui-lo até à morte, ser a ruína dessa religião. Ele *o perseguiu até à morte*, isto é, ele poderia entregar-se a si mesmo para morrer em sua oposição ao cristianismo, como alguns o entendem. Ele teria perdido sua vida com prazer, e ainda teria pensado estar fazendo a coisa certa, em defesa das leis e tradições dos pais. 2. Ele fez tudo que podia para espantar o povo desse movimento, e para fora dele, *prendendo e metendo em prisão tanto homens como mulheres*; ele encheu as cadeias de cristãos. Agora que ele mesmo se encontrava preso, ele salienta de maneira particular essa parte de sua acusação contra si, de que ele tinha atado os cristãos e os levado à prisão; ele igualmente reflete sobre isso com tristeza especial por ter aprisionado não somente os homens mas as mulheres, o sexo mais frágil, que deveriam ser tratadas com especial ternura e compaixão. 3. Ele foi empregado pelo grande sinédrio, o sumo sacerdote, e todo o conselho dos anciãos, como um agente para suprimir essa nova seita; tudo isso ele já tinha registrado como sinal de seu zelo contra a seita (v. 5). O sumo sacerdote pode testemunhar que ele estava pronto para ser empregado em qualquer serviço contra os cristãos. Quando eles ouviram que muitos dos judeus em Damasco tinham abraçado a fé cristã, para impedir outros de fazer o mesmo eles resolveram proceder contra eles com a mais extrema severidade, e não podiam pensar em uma pessoa mais adequada para ser empregada nessa tarefa, nem alguém com mais probabilidade de executá-la do que

Paulo. Por isso, eles o enviaram, e as cartas levadas por ele, aos judeus em Damasco, aqui chamados *os irmãos*, porque todos eles descendiam de um mesmo tronco comum, e eram de uma família também na religião, ordenando a eles que auxiliassem a Paulo na captura dos que entre eles tinham se tornado cristãos e em levá-los como prisioneiros a Jerusalém, para serem punidos como desertores da fé e do culto do Deus de Israel; e dessa maneira pudessem ser compelidos a se retratar, ou ser entregues à morte para terror dos demais. Desse modo, *Saulo assolava a igreja*, e, se ele tivesse continuado mais um pouco, estava na direção de arruiná-la e extirpá-la. "É assim", diz Paulo, "que eu fui no início, exatamente como vocês são agora, eu conheço o coração de um perseguidor, e por isso tenho pena de vocês, e oro para que vocês possam conhecer o coração de um convertido, como Deus logo me fez conhecer. *E quem era, então, eu para que pudesse resistir a Deus?*"

III De que maneira ele foi convertido, e se tornou o que ele era agora. Não foi por quaisquer causas naturais ou externas; ele não mudou sua religião por gostar de novidade, pois ele era então tão bem afeito à Antigüidade como sempre tinha sido; nem foi isso resultado de descontentamento porque estava desapontado com seu cargo, pois ele estava na ocasião, mais do que nunca, no caminho da promoção na igreja judaica; muito menos poderia ser resultado da cobiça ou ambição, ou qualquer esperança de melhorar de vida no mundo ao tornar-se cristão, pois ia se expor a todo tipo de desgraça e dificuldade; nem teve ele qualquer conversa com os apóstolos ou quaisquer outros cristãos, por cuja sutileza ou sofisma ele pudesse ter sido convencido para essa mudança. Não, isso foi obra do Senhor, e as circunstâncias de sua obra foram suficientes para justificá-lo na mudança, a todos aqueles que crêem que há um poder sobrenatural; e ninguém pode condená-lo por isso, sem refletir sobre aquela força divina pela qual ele foi dominado nisso. E ele relata aqui a história de sua conversão em detalhes, como nós já lemos (cap. 9), tentando mostrar que ela foi puramente uma obra de Deus. 1. Ele estava tão completamente inclinado a perseguir os cristãos, pouco antes de Cristo o conquistar, como sempre. Ele estava *indo já de caminho e chegando perto de Damasco* (v. 6), e não tinha nenhum outro pensamento que executar o plano cruel para o qual havia sido enviado; ele não tinha o menor sentimento de compaixão para com os pobres cristãos, e ainda considerava que eram hereges, cismáticos e inimigos perigosos tanto da igreja como do estado. 2. Foi uma *luz do céu* que primeiro o assustou, *de repente*, o *rodeou uma grande luz do céu*, e os judeus sabiam que Deus é luz, e seus anjos são anjos de luz, e que semelhante luz como essa brilhando ao meio-dia e, portanto, excedendo a do sol, deve ser de Deus. Tivesse ela brilhado sobre ele em um quarto particular, poderia haver engano, mas ela brilhou sobre ele em espaço aberto, em pleno meio-dia e de maneira tão intensa *que ele caiu por terra* (v. 7), e todos que estavam com ele (cap. 26.14). Eles não podiam negar que certamente o Senhor estava nessa luz. 3. Foi uma *voz do céu* que primeiro gerou nele pensamentos solenes sobre Jesus Cristo, a respeito de quem antes ele tinha tido somente pensamentos rancorosos e odiosos. A voz o chamou pelo nome, para distingui-lo daqueles que viajavam com ele: *Saulo, Saulo, porque me persegues?* E quando ele perguntou: *Quem és, Senhor?*, ela respondeu: *Eu sou Jesus o Nazareno, a quem tu persegues* (v. 8). Pelo que pareceu que esse Jesus de Nazaré, a quem eles também estavam agora perseguindo, era alguém que falava do céu e eles sabiam que era perigoso resistir a alguém que fazia isso (Hb 12.25). 4. Para que não fosse objetado: "Por que essa luz e voz operaram tal mudança sobre ele mas não sobre aqueles que viajavam com ele?" (embora seja muito provável que tenha tido um forte efeito sobre eles, e que eles dali em diante tenham se tornado cristãos), ele observa *que os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito* de que fossem consumidos com fogo do céu, a própria consciência deles, talvez, agora lhes dizendo que o caminho que trilhavam não era bom, mas era como o caminho de Balaão quando este estava indo amaldiçoar Israel, e portanto eles poderiam esperar encontrar um anjo com uma espada flamejante; mas embora a luz lhes causasse medo, eles não ouviram a voz daquele que falava com Paulo, isto é, eles não ouviram as palavras de maneira nítida. Ora, a fé vem pelo ouvir, e por isso essa mudança foi logo operada sobre aquele que ouviu as palavras, e as ouviu dirigidas a si, o que não aconteceu com aqueles que apenas viram a luz; e, todavia, pode ter sido operada sobre eles também. 5. Ele os assegura que quando ele foi surpreendido desse modo, ele se submeteu inteiramente a uma orientação divina; ele não começou logo a clamar: "Bem, eu serei cristão", mas: "*Senhor, que farei?* Que a mesma voz do céu que me deteve no caminho errado me guie no caminho certo (v. 10). Senhor, diga-me o que eu devo fazer e eu o farei." E imediatamente ele foi orientado a ir para Damasco, ali ele deveria ouvir mais daquele que agora lhe falava: "Não há mais necessidade de ser dito algo do céu. *Ali se te dirá*, por um homem como tu, no nome daquele que agora te fala, *tudo o que te é ordenado fazer.*" Os modos extraordinários da revelação divina, pelas visões, vozes e a aparição de anjos, foram designados, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, apenas para introduzir e estabelecer o método comum pelas Escrituras e um ministério permanente, e por isso foram em geral superados quando esses foram estabelecidos. O anjo não pregou a Cornélio, mas ordenou que ele mandasse buscar a Pedro; assim a voz aqui não diz a Paulo o que ele deve fazer, mas ordena-lhe que vá a Damasco, e lá lhe será dito. 6. Como demonstração da grandeza daquela luz que caiu sobre ele, ele lhes conta do efeito imediato que ela teve sobre sua visão (v. 11): Eu *não podia ver* pela *glória daquela luz.* Ela me deixou momentaneamente cego. *Nimium sensibile laedit sensum – Seu brilho o estonteou.* Pecadores condenados ficam cegos, como os sodomitas e os egípcios ficaram, pelo poder da escuridão, e é uma cegueira duradoura, como aquela dos judeus descrentes; contudo, pecadores persuadidos ficam cegos, como Paulo estava aqui, não pela escuridão, mas pela luz: eles são por um momento levados a se perderem dentro de si mesmos, mas isso é para que sejam iluminados, como o ato de colocar barro sobre os olhos do homem cego foi o método

usado para sua cura. Aqueles que estavam com Paulo não tiveram a luz tão diretamente lançada em sua face como Paulo teve na sua, e por isso eles não ficaram cegos, como ele ficou; no entanto, considerando o acontecimento, quem não preferiria escolher sua sorte à deles? Eles, tendo sua visão, levaram *Paulo pelas mãos até a cidade.* Paulo, sendo fariseu, era orgulhoso de sua visão espiritual. Os fariseus disseram: *Também nós somos cegos?* (Jo 9.40). Mais ainda, eles estavam confiantes de que eles mesmos eram guias para *os cegos* e *luz dos que estão nas trevas* (Rm 2.19). Ora, Paulo foi assim atacado por cegueira física para que ficasse sensível à sua cegueira espiritual, e seu engano sobre si mesmo, quando ele *vivia sem a lei* (Rm 7.9).

IV Como ele foi confirmado na mudança que tinha feito, e orientado sobre o que deveria fazer a seguir; por Ananias que vivia em Damasco.

Observe: 1. O caráter de Ananias apresentado aqui. Ele não era um homem que de algum modo tivesse preconceitos contra a nação ou religião judaica, mas era ele mesmo *um homem devoto de acordo com a lei*; se não um judeu de nascimento, contudo, alguém que tinha se tornado prosélito da religião judaica, e, portanto, chamado de homem devoto, e daí avançou depois para a fé em Cristo; e conduzia-se tão bem que *tinha um bom testemunho de todos os judeus que moravam em Damasco.* Esse foi o primeiro cristão com quem Paulo teve uma certa comunicação amigável, e não era provável que ele tivesse incutido em Paulo quaisquer das noções que eles suspeitavam que ele defendia, injuriosas à lei ou a esse lugar santo.

2. A cura imediatamente operada por ele nos olhos de Paulo, um milagre que devia confirmar a missão de Ananias a Paulo e ratificar tudo que ele deveria em seguida dizer a ele. *Vindo ter comigo* (v. 13); e, para assegurar-lhe de que vinha a ele da parte de Cristo (o mesmo que o tinha despedaçado e deveria curá-lo, que o havia golpeado, mas deveria firmá-lo, havia tirado sua visão, mas deveria restaurá-la novamente com vantagem), *apresentando-se* disse: *Saulo, irmão, recobra a vista.* O poder acompanhou essa palavra e *na mesma hora* ele recuperou a visão, e olhou para ele, pronto para receber de Ananias as instruções enviadas por Cristo.

3. A declaração que Ananias faz a ele do favor, o favor especial, que o Senhor Jesus destinou para ele acima de todos os outros.

(1) Na presente manifestação de si mesmo a ele (v. 14): *O Deus de nossos pais escolheu a ti.* Esse chamado poderoso é o resultado de uma escolha particular; O fato de ele chamar Deus de o Deus de nossos pais dá a entender que Ananias era judeu de nascimento, que observava a lei dos pais, e vivia na promessa feita aos pais; e ele dá uma razão por que ele disse *irmão Saulo,* quando ele fala de Deus como Deus de nossos pais: *Esse Deus de nossos pais de antemão te designou para que*: [1] *Conheças a sua vontade,* a vontade de seu preceito que deve ser realizada por ti; a vontade de sua providência que deve ser realizada a teu respeito. Ele te escolheu para que pudesses conhecê-la de uma maneira mais peculiar; não do homem nem pelo homem, mas imediatamente pela *revelação de Cristo* (Gl 1.1,12). Aqueles a quem Deus escolheu, Ele escolheu para que conhecessem a sua vontade e a cumprissem. [2] *Para que tu vejas aquele Justo,* e *ouças a voz da sua boca,* e assim possas conhecer a sua vontade diretamente dele mesmo. Para isso era que Paulo, de uma maneira especial, havia sido escolhido acima dos outros; esse era um favor honroso, que ele visse a Cristo aqui sobre a terra depois de sua ascensão aos céus. Estêvão o viu *de pé à direita de Deus,* mas Paulo o viu de pé à sua direita. Essa honra somente Paulo teve. Estêvão o viu, mas não lemos que ele ouviu a voz de sua boca, como Paulo ouviu, que diz: *e por derradeiro de todos, me apareceu também a mim, como a um abortivo* (1 Co 15.8). Cristo é aqui chamado de *aquele Justo*; porque Ele é Jesus Cristo, o justo, e sofreu injustamente. Observe: Aqueles a quem Deus escolheu para conhecer sua vontade devem ter um olhar em Cristo e devem vê-lo e ouvir a voz de sua boca; pois é por Ele que Deus tornou conhecida a sua vontade, sua boa vontade para conosco, e Ele disse: *escutai-o.*

(2) Na sua posterior manifestação por meio dele a outros (v. 15): "*Porque hás de ser sua testemunha,* não somente um monumento de sua graça, como um pilar pode ser, mas uma testemunha *viva voce – pela palavra da boca*; tu deves proclamar seu evangelho, como aquele do qual tu experimentaste o poder, e a cujo modelo foste confiado; *hás de ser sua testemunha para com todos os homens,* tanto gentios quanto judeus, *do que tens visto e ouvido,* agora desde o início." E encontrando Paulo quando relata em detalhes a maneira de sua conversão em suas apologias de si mesmo, aqui e no capítulo 26, nós temos razão em pensar que ele freqüentemente relatava a mesma narrativa em sua pregação para a conversão dos outros; ele lhes contava o que Deus tinha feito por sua alma, para encorajá-los a esperar que Ele poderia fazer algo por suas almas.

4. O conselho e o encorajamento que ele lhe deu para unir-se ao Senhor Jesus pelo batismo (v. 16): *Levanta-te e batiza-te.* Em sua circuncisão ele fora entregue a Deus, mas ele deve agora pelo batismo ser entregue a Deus em Cristo – deve abraçar a religião cristã e os privilégios dela, em submissão aos seus preceitos. Isso deve ser feito imediatamente em sua conversão, e assim foi acrescentado à sua circuncisão: mas para a semente do fiel, ele (o batismo) entra no lugar dela (a circuncisão), pois ele é, como aquela era para Abraão e sua semente de fé, *um selo da justiça da fé.* (1) O grande privilégio do evangelho que pelo batismo nós confirmamos para nós é a remissão dos pecados: *batiza-te, e lava os teus pecados*; isto é: "Recebe o conforto do perdão de teus pecados em e através de Jesus Cristo e toma posse de sua justiça para esse propósito, e recebe o poder contra o pecado para a mortificação da tua corrupção"; pois sermos lavados inclui sermos justificados e santificados (1 Co 6.11). Seja batizado, e descanse não no sinal, mas assegure-se da coisa significada, a retirada da imundície do pecado. (2) O grande dever do evangelho ao qual por nosso batismo somos obrigados é *invocar o nome do Senhor; o Senhor Jesus*; reconhecê-lo como nosso Senhor e nosso Deus, e nos dedicar adequadamente a Ele; honrá-lo, colocar todos os nossos pedidos em sua mão. *Invocar o nome de nosso Senhor Jesus Cristo* (Filho de Davi, tem misericórdia de nós) é a perífrase de um cristão (1 Co 1.2). Nós devemos *lavar nossos pecados, invocando o nome do Senhor*; isto é, devemos procurar pelo perdão

de nossos pecados em nome de Cristo, e na dependência dele e de sua justiça. Ao orar, não devemos mais chamar Deus de o Deus de Abraão, mas o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e, nele, nosso Pai; em cada oração, nosso olhar deve se dirigir a Cristo. (3) Nós devemos fazer isso rapidamente. *Por que te deténs?* Nosso pacto com Deus em Cristo é obra necessária, que não deve ser deferida. O caso é tão claro que é desnecessário deliberar; e o risco tão grande que é loucura adiar. Por que isso não pode ser feito agora já que deve ser feito em algum momento para não sermos destruídos?

V Como ele foi comissionado a ir e pregar o evangelho aos gentios. Esse era o grande motivo pelo qual eles estavam tão furiosos com ele, e era requisito que ele deveria, de uma maneira especial, mostrar uma autorização divina, e aqui ele a mostra. Ele não recebeu essa comissão logo em sua conversão, porque isso foi *em Jerusalém*, para onde ele foi só *três anos depois*, ou mais (Gl 1.18); e se isso ocorreu na hora, ou posteriormente, que ele teve essa visão da qual ele fala aqui, nós não temos certeza. Mas, para reconciliá-los, se possível, com sua pregação do evangelho entre os gentios, ele lhes conta: 1. Que ele recebeu suas ordens de fazê-lo quando estava em oração, pedindo a Deus para designar sua obra e mostrar-lhe o curso que ele deveria seguir; e (que era uma circunstância que teria algum peso para com aqueles com os quais ele agora estava falando) ele estava *orando no templo*, que devia ser chamado *casa de oração para todos os povos*; não somente na qual todo o povo devia orar mas na qual se devia orar pelo povo. Ora, como a oração de Paulo no templo era uma evidência, contrária à sugestão maliciosa deles, de que ele tinha uma veneração pelo templo, embora não fizesse dele um ídolo como eles faziam, assim a dádiva de Deus a ele desta comissão ali no templo era uma evidência de que o envio dele aos gentios não devia ser um dano para o templo, a menos que os judeus por sua infidelidade o fizessem assim. Seria uma grande satisfação para Paulo posteriormente, na execução desta comissão, refletir que ele a recebeu quando estava em oração. 2. Ele a recebeu em uma visão. Ele *foi arrebatado para fora de* si (v. 17), seus sentidos externos, por um momento, se desligaram; ele estava em um êxtase, como quando ele foi *tomado ao terceiro céu* e não foi possível saber se estava *no corpo ou fora do corpo*. Nesse transe, ele viu Jesus Cristo, não com os olhos de seu corpo, como em sua conversão, mas revelado aos olhos de sua mente (v. 18): *E vi aquele que me dizia.* Nosso olhar deve estar em Cristo quando estamos recebendo a lei de sua boca; e devemos não somente ouvi-lo falar, mas vê-lo falando conosco. 3. Antes que Cristo lhe desse uma comissão de ir aos gentios, Ele lhe disse que não havia nenhum motivo para ele pensar em fazer qualquer bem em Jerusalém; de maneira que eles não deviam culpar a ele, mas a si mesmos, se ele devia ser enviado aos gentios. Paulo veio a Jerusalém cheio de esperanças de que, pela graça de Deus, ele pudesse ser o instrumento para levar a fé em Cristo àqueles que tinham resistido ao ministério de outros apóstolos. E talvez isso fosse pelo que ele estava orando agora: que ele, tendo tido sua educação em Jerusalém e sendo bem conhecido ali, pudesse ser empregado no ajuntamento daqueles filhos de Jerusalém para Cristo que ainda não tinham sido reunidos, para realização do que ele pensava ter vantagens particulares. Mas Cristo cruza os limites que ele tinha estabelecido: *Dá-te pressa*, diz Ele, *e sai apressadamente de Jerusalém*, "pois embora aches que tens mais probabilidade de trabalhar com eles do que outros, tu descobrirás que eles são mais preconceituosos contra ti do que contra qualquer outro, e por isso *não receberão o teu testemunho acerca de mim*". Como Deus sabe de antemão quem receberá o evangelho, assim Ele sabe quem o rejeitará. 4. Paulo, apesar disso, renovou seu pedido de que ele pudesse ser usado em Jerusalém, por que eles sabiam, mais do que qualquer um, o que ele tinha sido antes de sua conversão e portanto deviam atribuir tão grande mudança nele ao poder da graça todo-poderosa, e conseqüentemente dar maior consideração ao seu testemunho; desse modo ele raciocinou, tanto consigo mesmo quanto com o Senhor, e pensou ter raciocinado corretamente (vv. 19,20): "Senhor," diz ele, "*eles sabem* que eu já pensei como eles, que eu fui um inimigo tão feroz quanto qualquer um deles daqueles que acreditavam em ti, que eu instiguei o poder civil contra eles, e os *aprisionei*, e voltei também a espada do poder espiritual contra eles, e *os açoitava em cada sinagoga.* E por isso, eles não imputarão minha pregação de Cristo à educação nem a qualquer simpatia a favor dele (como eles fazem com outros ministros), mas tanto mais prontamente admitirão o que eu digo porque eles sabem que eu mesmo fui um deles, em particular no caso de Estêvão; eles sabem que quando ele foi apedrejado eu estava lá, eu estava ajudando e encorajando, e consentindo *na sua morte*, e em sinal disso *guardava as vestes dos que o matavam*". Sendo assim: "Senhor," diz ele, "se eu aparecer entre eles, pregando a doutrina que Estêvão pregou e pela qual sofreu, eles sem dúvida receberão meu testemunho." "Não", diz Cristo a ele, "eles não receberão; mas ficarão mais exasperados contra ti como um desertor da sua constituição que contra outros para quem eles olham apenas como estrangeiros em relação a ela." 5. O pedido de Paulo por uma permissão para pregar o evangelho em Jerusalém é negado, e ele tem ordens peremptórias para ir aos gentios (v. 21): *Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe.* Note: Deus freqüentemente dá respostas graciosas às orações de seu povo, não com a coisa em si pela qual eles oram, mas com algo melhor. Abraão ora: *Que Ismael viva diante de ti*, e Deus o atende com Isaque. Assim, Paulo aqui ora para que ele possa ser um instrumento para converter almas em Jerusalém: "Não", diz Cristo, "mas tu serás usado entre os gentios, e *mais serão os filhos da desolada do que os da casada*". É Deus quem designa a seus trabalhadores tanto seu tempo quanto seu lugar, e é sensato que eles obedeçam à sua designação, embora isso possa contrariar suas próprias inclinações. Paulo anseia por Jerusalém: ser um pregador ali era o máximo de sua ambição, mas Cristo tem em mente um cargo maior para ele. Ele não deve interferir na obra de outros homens (como os outros apóstolos fizeram, Jo 4.38), mas deve arar em novo solo, *pregar o evangelho onde Cristo não houvera sido nomeado* (Rm 15.20). Com muita freqüência, a Providência faz para nós planos melhores do que nós mesmos faríamos; devemos portanto confiar em sua orientação. Ele *escolherá para nós a nossa herança.* Observe: Paulo não deverá pregar entre os gentios sem uma comissão: *Eu hei de enviar-te.* E, se Cristo o enviar, seu Espírito o acompanhará, permanecerá com ele, o con-

duzirá, e o sustentará, e lhe concederá que veja o fruto de seu trabalho. Que Paulo não ponha seu coração na Judéia e em Jerusalém, porque ele deve ser enviado para longe dali, seu chamado deve ser bem diferente, e sua obra, de um outro tipo. E pode ser uma mitigação da ofensa disto aos judeus que ele não estabeleceu uma igreja gentia nas nações vizinhas; outros fizeram isso em sua vizinhança imediata, ele foi enviado a lugares distantes, muito longe, onde o que ele fez não seria considerado um incômodo para eles.

Agora, se eles juntassem tudo isso, certamente veriam que não havia nenhuma razão de ficar furiosos com Paulo por pregar entre os gentios, ou interpretar isso como um ato de má vontade para com sua própria nação, porque ele foi compelido, contra sua própria vontade, por uma ordem expressa do céu.

A Primeira Defesa de Paulo
vv. 22-30

Paulo estava continuando com esse relato próprio, tinha mostrado a eles sua comissão para pregar entre os gentios sem quaisquer reflexões impertinentes sobre os judeus, e nós podemos supor que estava para mostrar como, por uma orientação especial do Espírito Santo em Antioquia, ele foi depois separado para esse serviço, quão afetuoso ele foi para com os judeus, quão respeitoso a eles e quão cuidadoso de dar-lhes a precedência em todos os lugares para onde ele ia, e para unir judeus e gentios em um corpo; e em seguida mostrar quão maravilhosamente Deus o tinha reconhecido e que bom serviço tinha sido feito no interesse do reino de Deus entre os homens em geral, sem prejuízo de qualquer um dos interesses verdadeiros da igreja judaica em particular. Mas, o que quer que ele planeje dizer, eles decidem que é hora de ele parar de falar: *E ouviram-no até esta palavra.* Até agora eles o ouviram com paciência e alguma atenção. Mas quando ele fala de ser enviado aos gentios, embora fosse o que o próprio Cristo lhe dissera, eles não podem suportar, era muito ouvir que os gentios foram escolhidos, tamanha a inimizade eles tinham para com eles, e tamanho o seu ciúme. Com a menção disso, eles perderam a paciência, e esqueceram-se de todas as regras de decência e eqüidade; assim *eles foram postos em ciúme com aqueles que não eram povo* (Rm 10.19).

Aqui então nos é dito quão furioso e violento o povo ficou contra Paulo, por mencionar os gentios tomando conhecimento da graça divina, e assim justificar sua pregação entre eles.

I Eles o interromperam, elevando suas vozes, para colocá-lo em confusão e para que ninguém pudesse ouvir o que ele dizia. Consciências mortificadas reagem com violência ao mínimo toque; e aqueles que se decidem por não serem regidos pela razão em geral decidem não ouvir se eles podem evitar. E o espírito de inimizade contra o evangelho de Cristo comumente mostra-se silenciando os ministros de Cristo e seu evangelho, e fechando suas bocas, como os judeus fizeram com a de Paulo aqui. Seus pais tinham dito ao melhor dos videntes: *Não veja* (Is 30.10). E, desse modo, eles dizem ao melhor dos oradores: *Cala-te, por que te feririam?* (2 Cr 25.16).

II Eles clamaram contra ele como alguém que era indigno de viver, quanto menos da liberdade. Sem pesar os argumentos que ele havia apresentado em sua defesa, ou sem dar qualquer resposta, eles clamaram com um barulho confuso: "*Tira da terra um tal homem*, que pretende ser comissionado para pregar aos gentios; *porque não convém que viva*". Desse modo, os homens que têm sido as maiores bênçãos de sua época são representados não somente como fardos da terra, mas como a praga de sua geração. Aquele que era digno das maiores honras da vida foi condenado como indigno da vida em si. Veja que sentimentos diferentes Deus e os homens têm acerca dos bons homens, e ainda assim concordam que eles não devem viver muito tempo nesse mundo. Paulo diz dos judeus piedosos que eles eram homens *dos quais o mundo não era digno* (Hb 11.38) e, portanto, eles deviam ser removidos, para que o mundo pudesse ser justamente condenado com a perda deles. Os judeus ímpios aqui dizem que Paulo não era digno de viver; e por isso ele deve ser removido para que o mundo possa ser aliviado do seu fardo, como das duas testemunhas (Ap 11.10).

III Eles ficaram completamente loucos com Paulo, e com o tribuno por não matá-lo imediatamente ao seu pedido, ou lançá-lo como uma presa aos seus dentes, para que eles pudessem devorá-lo (v. 23); como homens cuja razão foi completamente perdida na paixão, eles clamaram como leões que rugem ou ursos furiosos, e uivaram como os lobos à noite; *arrojando de si as vestes* com fúria e violência, como querendo dizer que assim eles o feririam se pudessem apenas chegar até ele. Ou, antes, eles, desse modo, mostravam quão preparados estavam para apedrejá-lo; aqueles que apedrejaram Estêvão lançaram de si suas roupas (v. 20). Ou, eles rasgaram suas roupas como se ele tivesse proferido uma blasfêmia; e *lançando pó para o ar*, como sinal de que detestavam a blasfêmia; ou querendo dizer quão prontos eles estavam para jogar pedras em Paulo, se o tribuno permitisse. Mas por que nós deveríamos continuar a dar uma razão para essas expressões de fúria, para as quais eles mesmos não podiam dar um motivo? Tudo que eles procuravam era tornar o tribuno consciente do quanto eles estavam enfurecidos e irritados com Paulo, de maneira que ele não pudesse fazer nada para satisfazê-los senão permitir que fizessem contra ele o que queriam.

IV O tribuno cuidou de sua segurança ao ordenar que ele fosse levado para a fortaleza (v. 24). A prisão às vezes é uma proteção para os homens bons contra a fúria popular. A hora de Paulo ainda não havia chegado, ele não tinha terminado seu testemunho, e portanto Deus levantou um homem para cuidar dele, quando nenhum de seus amigos ousou se manifestar em seu favor. *Não cumpras, ó Senhor, ao ímpio os seus desejos.*

V Ele ordenou que o torturassem, para tirar dele uma confissão de algum crime flagrante que tivesse provocado o povo a tal violência contra ele. Ele ordenou que o *examinassem com açoites* (como ocorre hoje em alguns países com a tortura), *para saber por que causa assim*

clamavam contra ele. Nesse caso, ele não procedeu com justiça; ele deveria ter escolhido alguns dos queixosos que clamavam no tumulto e levado para a fortaleza como perturbadores da paz, e deveria interrogá-los, com açoites também, sobre o que eles tinham para acusar contra um homem que podia se defender tão bem, e que não parecia ter feito nada digno de morte ou de prisão. Era adequado perguntar-lhes, mas de modo nenhum adequado perguntar a Paulo, *por que causa assim clamavam contra ele.* Ele podia dizer que ele não lhes tinha dado nenhum motivo justo para fazê-lo; se houvesse algum, que eles o mostrassem. Nenhum homem é obrigado a acusar-se, ainda que seja culpado, muito menos deve ele ser compelido a acusar-se quando é inocente. Certamente o tribuno não conhecia a nação judaica quando concluiu que a pessoa contra quem eles clamavam tinha necessariamente feito algo de muito mau. Eles tinham clamado desse modo contra nosso Senhor Jesus: *Crucifica-o, crucifica-o,* quando eles não tinham nada a dizer em resposta à pergunta do juiz: *Mas, que mal fez ele?* Seria essa uma ocasião justa ou correta para açoitar Paulo, quando uma turba rude e tumultuosa clama contra ele, mas não pode dizer por que ou por qual razão, e, portanto, ele deve ser forçado a dizer?

VI Paulo apelou a seu privilégio como cidadão romano, pelo qual ele era isento de todos os processos e castigos desta natureza (v. 25): *Quando o estavam atando com correias,* ou tiras de couro, ao poste do açoite, como eles costumavam amarrar na cadeia os mais vis dos malfeitores de quem eles deviam arrancar uma confissão, ele não retrucou contra a injustiça de seus procedimentos contra um homem inocente, mas muito calmamente levou-os a compreender a ilegalidade de seus procedimentos contra ele como um cidadão de Roma, como ele tinha feito uma vez antes em Filipos após ter sido açoitado (cap. 16.37), mas aqui ele faz uso disso por prevenção. Ele *disse ao centurião que ali estava*: "Vós conheceis a lei; dizei-me: *É-vos lícito,* a vós que sois romanos, *açoitar um romano, sem ser condenado?*" A maneira de sua fala claramente dá a entender que segurança santa e serenidade de espírito esse bom homem desfrutava, não perturbado quer por ira quer por medo em meio a todas aquelas afrontas que lhe foram feitas, e pelo perigo no qual estava. Os romanos tinham uma lei (chamada *lex Sempronia*), que se qualquer magistrado castigasse ou condenasse um homem livre de Roma, *indicta causa – sem ouvir sua defesa, e deliberasse sobre todo seu caso,* ele deveria ser sujeito à sentença do povo, que era muito zeloso de seus direitos. Na verdade, é o privilégio de todo homem não ser condenado, salvo se provado que ele causou algum dano; como é de cada inglês pela *Magna Charta* não ser desapossado de sua vida ou propriedade, a não ser por um veredicto de doze homens de seus pares.

VII O tribuno ficou surpreso com isso, e temeu. Ele tinha tomado Paulo pelo vagabundo egípcio, e se admirou de que ele pudesse falar grego (cap. 21.37), mas está muito mais surpreso agora que descobre que ele é um cavalheiro como ele. Quantos homens de grande valor e mérito são desprezados porque não são famosos, são vistos e tratados como escória de todas as coisas, quando aqueles que os consideram assim, se soubessem de seu verdadeiro caráter, os considerariam como os excelentes da terra! O tribuno tinha centuriões, suboficiais, que o atendiam (cap. 21.32). Um desses relata essa questão ao tribuno (v. 26): *Vê o que vais fazer; porque este homem é romano,* e qualquer ofensa que lhe for feita será uma ofensa contra a majestade do povo romano, como eles adoravam falar. Todos eles sabiam que valor era dado a esse privilégio dos cidadãos romanos. Túlio exalta-o em um de seus discursos contra Varro: *O nomem dulce libertatis, o jus eximium nostrae civitatis! O lex Porcia! O leges Semproniae; facinus est vincere romanum civem, scelus verberare – Ó Liberdade! Eu amo teu nome encantador; e essas nossas leis Porcia e Sempronia, quão admiráveis! É um crime prender um cidadão romano, e imperdoável açoitá-lo.* "Portanto" (diz o centurião) "tomemos cuidado; se esse homem for romano, e nós lhe causarmos qualquer dano, correremos o risco de perder no mínimo nossas comissões". Sendo assim: 1. O tribuno seria convencido da verdade disso da boca do próprio Paulo (v. 27): "*Dize-me, és tu romano?* Tens direito aos privilégios de um cidadão romano?" "Sim", diz Paulo, "eu tenho"; e talvez tenha apresentado algum certificado ou instrumento que desse prova disso; pois, de outra maneira eles dificilmente teriam aceitado sua palavra. 2. O tribuno muito à vontade troca idéias com ele sobre essa questão, e parece que o privilégio que Paulo tinha como cidadão romano era, dos dois tipos, mais honroso que o do tribuno; pois, o tribuno reconhece que o seu fora comprado: "Eu sou cidadão livre de Roma; mas com grande soma *eu obtive essa liberdade,* ela me custou caro; como você conseguiu a sua?" "Verdadeiramente", diz Paulo, "*eu sou-o de nascimento*". Alguns pensam que ele recebeu o direito a essa liberdade pelo lugar de seu nascimento, como natural de Tarso, uma cidade agraciada pelo imperador com os mesmos privilégios dos quais a própria Roma desfrutava; outros preferem pensar que foi por seu pai ou seu avô terem servido na guerra entre César e Antônio, ou em alguma outra das guerras civis de Roma, e sendo por algum sinal parte do serviço recompensada com a liberdade da cidade, e assim Paulo veio a nascer livre; e aqui ele recorre a isso para sua própria preservação, um fim para o qual nós não somente podemos mas devemos usar todos os meios legítimos. 3. Isso pôs um fim imediato aos problemas de Paulo. Aqueles que foram designados a examiná-lo pelo açoite deixaram o lugar; *dele se apartaram* (v. 29) para que não caíssem eles mesmos numa armadilha. Ainda mais, o próprio tribuno, embora possamos supor que ele tivesse um interesse considerável, ficou com receio quando ouviu que ele era romano, porque, ainda que não o tivesse espancado, ele ainda o tinha amarrado para que fosse castigado. Desse modo, muitos não deixam de praticar o mal por temor do homem, pessoas que não deixariam de praticá-lo por temor de Deus. Veja aqui o benefício das leis e magistrados humanos, e qual razão nós temos para ser gratos a Deus por eles; pois mesmo quando eles não dão apoio nem proteção especial ao povo e ministros de Deus, contudo, pelo apoio geral da equidade e justo tratamento entre homem e homem, eles têm servido para restringir a fúria de foras-da-lei maus e irracionais que de outro modo não conheceriam limites, e para dizer a eles: *Até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se quebrarão as tuas ondas empoladas.* Portanto, devemos isso a todas as autoridades, isto é,

orar por elas, pois esse benefício nós temos razão de esperar delas, quer nós o tenhamos ou não, enquanto vivemos calma e tranqüilamente – *para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade* (1 Tm 2.1,2). 4. O tribuno, no dia seguinte, levou Paulo diante do sinédrio (v. 30). Primeiro *soltou-o das prisões*, para que aqueles não prejulgassem sua causa e para que ele não fosse acusado de ter amarrado um cidadão romano, e em seguida convocou os principais sacerdotes e todo seu conselho para se reunirem e tomarem conhecimento do caso de Paulo, pois ele descobriu que se tratava de um assunto de religião, e, portanto, considerou que eles eram juízes mais adequados para isso. Gálio, em um caso semelhante, libertou Paulo; descobrindo se tratar de uma questão da lei deles, ele expulsou os promotores do tribunal (cap. 18.16), e não se importou com isso. Mas esse romano, que era militar, manteve Paulo sob custódia, e recorreu da multidão à assembléia geral. Sendo assim: (1) Podemos esperar que por esse meio ele buscasse a segurança de Paulo, pensando que, se ele era inocente e inofensivo, embora a multidão pudesse estar inflamada contra ele, os principais sacerdotes e anciãos lhe fariam justiça, e o libertariam; pois eles eram, ou deveriam ser, homens de instrução e consideração e o seu tribunal era governado por regras de eqüidade. Quando um profeta não pode encontrar nenhum bem entre o tipo mais pobre de pessoas, ele conclui que é porque eles *não sabem o caminho do Senhor, o juízo do seu Deus*, e promete a si mesmo que será mais bem-sucedido entre os grandes homens, como o tribuno fez aqui; mas logo ficou desapontado: esses *de comum acordo, quebraram o jugo e romperam as ataduras* (Jr 5.4,5). Mas: (2) Afirma-se aqui que seu objetivo é a satisfação de sua própria curiosidade: ele estava *querendo saber ao certo a causa por que era acusado pelos judeus*. Se ele tivesse mandado chamar Paulo à sua própria câmara e falado à vontade com ele, poderia logo ter sabido dele aquilo que teria feito mais do que satisfazer seu inquérito, e que poderia tê-lo persuadido a ser cristão. Mas também é comum para homens importantes preferir colocar longe de si aquilo que pode despertar suas consciências, e desejar não ter mais do conhecimento dos caminhos de Deus do que o necessário para falar deles.

Capítulo 23

O encerramento do capítulo precedente deixou Paulo no tribunal do sumo sacerdote, no qual o tribuno (se para sua vantagem ou não, eu não sei) levou sua causa para longe da multidão; e, se seus inimigos agem ali novamente contra ele com menos barulho, é, porém, com mais sutileza. Sendo assim, temos aqui: I. O protesto de Paulo a favor de sua própria integridade, e de um respeito civilizado pelo sumo sacerdote, embora Paulo tivesse se dirigido a ele com um discurso inflamado e de maneira justa (vv. 1-5). II. O artifício prudente de Paulo para libertar-se deles ao colocar os fariseus e os saduceus uns contra os outros (vv. 6-9). III. A interferência oportuna do tribuno para resgatá-lo das mãos deles (v. 10). IV. A consoladora aparição de Cristo a ele, para animá-lo contra aquelas dificuldades que ainda estavam diante dele, e para dizer-lhe o que deveria esperar (v. 11). V. Uma conspiração sangrenta da parte de alguns judeus desesperados para matar Paulo e seu plano para que os principais sacerdotes e os anciãos fossem auxiliadores e cúmplices nele (vv. 12-15). VI. A comunicação dessa conspiração a Paulo, e a notificação de Paulo ao tribuno, que, percebendo o tamanho da maldade incorrigível deles contra Paulo, teve motivo suficiente para acreditar na verdade do que ouviu (vv. 16-22). VII. O cuidado do tribuno com a segurança de Paulo, pelo qual ele impediu a execução do plano; ele o enviou imediatamente sob forte guarda de Jerusalém a Cesaréia, que era então a residência de Félix, o governador romano, e lá ele chegou em segurança (vv. 28-35).

A Segunda Defesa de Paulo

vv. 1-5

Talvez quando Paulo foi levado, como muitas vezes acontecia (*corpus cum causa – a pessoa e a causa juntas*), diante de magistrados e conselhos, onde ele e sua causa eram desprezados, porque não entendiam nada, ele pensasse que se ele fosse levado diante do sinédrio em Jerusalém, ele seria capaz de tratar com eles chegando a algum bom resultado, e contudo vemos que ele não os convenceu de forma alguma. Aqui temos:

I O protesto de Paulo quanto à sua integridade. Se o principal sacerdote apresentou-lhe alguma questão, ou se o tribuno fez alguma representação de seu caso ao tribunal, não nos é dito; mas Paulo apareceu aqui:

1. Com grande coragem. Ele não estava de modo algum perturbado por ter sido levado diante de uma assembléia tão solene, pela qual em sua juventude tinha tanta admiração, nem temeu ser chamado a prestar contas das cartas que eles lhe deram para ir a Damasco, para perseguir os cristãos ali, embora (pelo que sabemos) essa foi a primeira vez que ele os viu desde então; mas *pôs Paulo os olhos no conselho*. Quando Estêvão foi levado diante deles, eles pensavam tê-lo dobrado, mas não puderam, tal era sua santa confiança; eles, *fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo* (cap. 6.15). Agora que Paulo foi trazido diante deles, ele pensava poder dobrá-los, mas não pôde, tal era o ímpio descaramento deles. Todavia, agora era cumprido nele o que Deus prometeu a Ezequiel (Ez 3.8,9): *Eis que fiz forte a tua fronte contra a sua fronte, não os temas, pois, nem te assombres com o seu rosto.*

2. Com uma boa consciência, e isso lhe deu grande coragem.

> Hic murus aheneus esto,
> Nil conscire sibi.
> Que esse teu muro seja de bronze,
> Mas preserve sua consciência inocente.

Ele disse: "*Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência.* Embora eu possa ser reprovado, meu coração não me reprova, mas testemunha a meu favor." (1) Ele sempre foi

um homem inclinado à religião; ele jamais foi um homem que viveu sem regras, mas sempre fez diferença entre a boa e a má moral; mesmo em seu estado não-regenerado ele era, *segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.* Ele não era homem imprudente, que nunca considerava o que fazia, não era um homem astucioso, que não se importava com o que fazia desde que atingisse seus objetivos. (2) Mesmo quando ele perseguiu a igreja de Deus, pensava que devia fazê-lo, e que ele servia a Deus nisso. Embora sua consciência fosse mal informada, ainda assim ele agia de acordo com os ditados dela. Veja cap. 26.9. (3) Ele parece preferir falar do tempo desde sua conversão, desde que ele deixou o serviço do sumo sacerdote, e caiu em seu descontentamento por fazer assim; ele não diz: Do meu início até hoje; mas: "Todo o tempo no qual vocês me viram como desertor, apóstata e inimigo de sua igreja, mesmo *até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência*; seja o que for que vocês possam pensar de mim, eu tenho em tudo sido aprovado diante de Deus, e vivido honestamente" (Hb 13.18). Ele não tinha outro objetivo senão agradar a Deus e cumprir seu dever naquelas coisas pelas quais eles estavam tão inflamados contra ele; em tudo que tinha feito para o estabelecimento do reino de Cristo, e seu estabelecimento entre os gentios, ele agiu de acordo com sua consciência. Veja aqui o caráter de um homem honesto. [1] Ele coloca Deus diante de si e vive como à sua vista, e sob seus olhos, e com o olhar nele. *Andes diante de mim e sejas justo.* [2] Ele tem consciência do que diz e faz, e, embora ele possa cometer alguns equívocos, ainda assim, até onde ele sabe, ele se abstém do que é mau e se apega ao que é bom. [3] Ele é universalmente consciencioso; e aqueles que não agem dessa maneira não são verdadeiramente conscienciosos; é assim em *toda maneira de viver*: "Eu tenho vivido em toda boa consciência; sempre sob a direção e domínio da consciência". [4] Ele continua assim, e persevera nisso: "Eu tenho vivido assim *até ao dia de hoje*". Sejam quais forem as mudanças pelas quais ele passou, ele ainda é o mesmo, estritamente escrupuloso. E aqueles que vivem dessa maneira em toda boa consciência diante de Deus podem, como Paulo aqui, *levantar seus rostos sem mácula*; e, se seu coração não os condena, podem ter confiança tanto em Deus quanto no homem, como Jó possuía quando ele *ainda retinha a sua sinceridade*, e o próprio Paulo, cujo regozijo era este: o testemunho de sua consciência.

II O ultraje do qual Ananias, o sumo sacerdote, foi culpado: Ele *mandou aos que estavam junto dele*, os funcionários que trabalhavam no tribunal, *que o ferissem na boca* (v. 2), que lhe dessem uma pancada nos dentes, ou com a mão ou com uma vara. Nosso Senhor Jesus foi desse modo injurioso tratado nesse tribunal, por um dos servos (Jo 18.22), como havia sido predito (Mq 5.1): *ferirão com a vara no queixo ao juiz de Israel.* Mas aqui foi uma ordem do tribunal fazer isso, e assim foi feito. 1. O sumo sacerdote estava extremamente ofendido com Paulo; alguns pensam, porque ele olhou com ousadia e seriedade para o conselho, como se para intimidá-los; outros, porque ele não se dirigiu em particular a ele como presidente, com algum título de honra e respeito, mas falou à vontade e com familiaridade a todos eles, como homens e irmãos. Seu protesto a favor de sua integridade foi provocação suficiente para alguém que estava decidido a derrubá-lo e torná-lo odioso. Quando ele não poderia acusá-lo de nenhum crime, considerou ser crime suficiente que ele afirmasse sua própria inocência. 2. Em sua fúria ele ordenou que o ferissem, colocando assim desgraça sobre ele, e que fosse ferido na boca, como tendo ofendido com seus lábios, e em sinal de sua imposição de silêncio a ele. A esse método brutal e bárbaro ele teve que recorrer quando *não pôde resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava.* Assim Zedequias feriu Miquéias (1 Rs 22.24), e Pasur feriu Jeremias (Jr 20.2), quando eles falaram no nome do Senhor. Se, portanto, nós vemos essas injúrias feitas a homens bons, ou ainda, se elas são feitas a nós por fazermos o bem ou dizermos o que é bom, não devemos achar isso estranho; Cristo dará *os beijos da sua boca* (Ct 1.2) àqueles que por sua causa recebem socos na boca. E embora possa se esperar que, como Salomão diz: *Beija com os lábios o que responde com palavras retas* (Pv 24.26), nós com freqüência vemos o contrário.

III A advertência da ira de Deus contra o sumo sacerdote por essa *impiedade no lugar da justiça* (Ec 3.16): isso concorda com o que segue ali (v. 17), com o que Salomão se confortou (*Eu disse em meu coração, Deus julgará o justo e o ímpio*): *Deus te ferirá, parede branqueada* (v. 3). Paulo não falou isso sob qualquer influência pecaminosa ou apaixonada, mas em um zelo santo contra o abuso de poder do sumo sacerdote, e com um tanto de espírito profético, não com um espírito de vingança. 1. Ele lhe apresenta seu verdadeiro caráter: *parede branqueada*; isto é, hipócrita – uma parede de lama, lixo, sujeira e entulho por baixo, mas bonita por fora (rebocada), ou tingida de branco. Com efeito, é a mesma comparação feita por Cristo, quando ele comparou os fariseus a túmulos caiados (Mt 23.27). Aqueles que cobertos com cal não temperada deixaram de se cobrir com algo que os faria parecer não apenas limpos, mas alegres. 2. Ele o condena com justa condenação: "*Deus te ferirá*, trará sobre ti seu juízos dolorosos, especialmente juízos espirituais". Grotius pensa que isso foi cumprido logo a seguir, em sua remoção do cargo de sumo sacerdote, ou pela morte ou privação, pois ele encontra um outro nesse cargo pouco tempo depois disso; provavelmente ele foi ferido por algum golpe repentino da vingança divina. A mão de Jeroboão se secou quando foi levantada contra um profeta. 3. Ele dá um bom motivo para essa condenação: "Porque *te assentas* ali como presidente da suprema jurisdição da igreja, fingindo *julgar-me conforme a lei*, para sentenciar-me e condenar-me pela lei, e todavia *me mandas ferir* antes que qualquer crime seja provado contra mim, o que é *contra a lei*?" Nenhum homem deve ser açoitado salvo *se merecer açoites* (Dt 25.2). É contra toda lei, humana e divina, natural e positiva, impedir um homem de fazer sua defesa, e condená-lo sem ouvi-lo. Quando Paulo foi espancado pela turba, ele podia dizer: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*; mas isso é inescusável em um sumo sacerdote que é designado a julgar de acordo com a lei.

IV A ofensa que foi sentida nessa palavra ousada da parte de Paulo (v. 4): *E os que ali estavam disseram: Injurias o sumo sacerdote de Deus?* É uma conjectura provável que aqueles que censuraram Paulo pelo que ele disse fossem judeus convertidos, que eram zelosos da lei, e conseqüentemente da honra do sumo sacerdote, e por isso se ofenderam com a censura que Paulo fez, e o reprimiram por isso. Veja aqui então: 1. Que disputa difícil Paulo tinha que travar, quando seus inimigos abusavam dele, e seus amigos estavam longe de apoiá-lo e falar a seu favor, mas eles estavam prontos para criticar seu comportamento. 2. Quão aptos até os próprios discípulos de Cristo estão para superestimar a pompa e o poder exterior. Porque o templo tinha sido o templo de Deus, e era uma estrutura magnífica, havia aqueles que seguiam a Cristo que não podiam tolerar nada que Ele dissesse como ameaça de destruir o lugar; assim, porque o sumo sacerdote tinha sido o sumo sacerdote de Deus, e era um homem importante e famoso, embora fosse um inimigo inveterado do cristianismo, esses ainda estavam incomodados com Paulo por dar-lhe o que ele merecia.

V A desculpa que Paulo deu pelo que tinha dito, porque ele descobriu que era uma pedra de tropeço para seus irmãos fracos, e podia criar neles preconceito contra si mesmo em outras coisas. Esses cristãos judeus, embora fracos, ainda eram irmãos, assim ele os chama aqui, e, em consideração a isso, está quase pronto a desdizer suas palavras; porque *quem se escandaliza*, disse ele, *que eu não me abrase?* (2 Co 11.29). Sua resolução firme era antes limitar-se no uso de sua liberdade cristã do que causar escândalo a um irmão fraco; em lugar de fazer isso, ele *nunca mais comerá carne* (1 Co 8.13). E, dessa maneira, embora aqui ele tivesse tomado a liberdade de dizer ao sumo sacerdote o que ele merecia, no entanto, quando ele descobriu que causou um escândalo, ele clamou: *Peccavi – Eu cometi um erro. Ele* desejou não tê-lo cometido; e embora ele não rogasse o perdão do sumo sacerdote, nem se desculpasse com ele por isso, ele ainda roga o perdão daqueles que se escandalizaram com isso, pois essa não era a ocasião para informá-los melhor, nem dizer o que ele podia dizer para se justificar. 1. Ele se desculpa com isso, que ele não considerou a quem dizia quando falou (v. 5): *Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote – ouk edein.* "Eu não levei em conta a dignidade de seu posto, caso contrário eu teria falado de maneira mais respeitosa com ele". Eu não vejo como nós podemos com alguma probabilidade pensar que Paulo não sabia que ele era o sumo sacerdote, porque Paulo tinha estado sete dias no templo na ocasião da festividade, onde ele não poderia deixar de ver o sumo sacerdote; e ao falar que ele se assentava para julgá-lo de acordo com a lei, mostra que ele sabia quem ele era; mas, diz ele: Eu não considerei isso. O Dr. Whitby propõe o sentido de que o impulso profético que estava sobre ele, e interiormente o levou a dizer o que ele disse, não lhe permitiu notar que era o sumo sacerdote, para que nenhuma lei pudesse restringi-lo de agir de acordo com aquele impulso; mas os judeus sabiam que os profetas podiam usar de uma liberdade ao falar dos governantes que outros não podiam, como em Isaías 1.10,23. Ou (quando ele cita o sentido de Grotius e Lightfoot) Paulo não se desculpa do que disse de jeito nenhum, mas antes o justifica: "Eu reconheço que o sumo sacerdote de Deus não deve ser injuriado, mas não reconheço esse Ananias como sumo sacerdote, ele é um usurpador; ele chegou a esse posto por meio do suborno e da corrupção, e o rabino judeu diz que aquele que faz isso não é juiz nem deve ser honrado como tal". Contudo: 2. Ele toma cuidado para que o que ele disse não se transforme em um precedente para o enfraquecimento da obrigação daquela lei pelo menos: *por que está escrito*, e permanece uma lei com força plena: *Não dirás mal do príncipe do teu povo.* É para o bem público que a honra do magistrado deve ser apoiada, e, não sofrer pelos erros daqueles que são investidos dela, e, portanto, que o decoro seja observado ao se falar tanto de príncipes quanto de juízes. Nem sequer no tempo de Jó se pensava ser conveniente *dizer a um rei: Oh! Belial! Ou, aos príncipes: Oh! Ímpios!* (Jó 34.18). Até mesmo quando nós fazemos o bem, e sofremos por ele, nós temos que *suportá-lo pacientemente* (1 Pe 2.20). Não que homens importantes não possam ouvir falar das suas faltas, e as calamidades públicas sejam objeto de reclamação por parte das pessoas adequadas e de uma maneira decente, mas deve haver uma ternura particular pela honra e reputação daquelas autoridades mais que pela de outras pessoas, porque a lei de Deus exige que se dê uma reverência particular a elas, como vice-regentes de Deus; e há perigosas conseqüências em se apoiar de qualquer modo aqueles que *rejeitam a dominação, e vituperam as autoridades* (Jd 8). *Nem ainda no teu pensamento amaldiçoes o rei* (Ec 10.20).

A Segunda Defesa de Paulo

vv. 6-11

Muitas são as dificuldades dos justos, mas de um modo ou de outro, *o Senhor os livra de todas as suas angústias.* Paulo reconheceu que havia experimentado a verdade disso nas perseguições que tinha sofrido entre os gentios (veja 2 Tm 3.11); *e o Senhor de todas me livrou.* E agora ele sabe que aquele que o livrou o livra agora e o livrará depois. Aquele que o livrou no capítulo precedente do tumulto do povo aqui o livra do tumulto dos anciãos.

I Sua própria prudência e ingenuidade foi-lhe um tanto útil, e contribuiu muito para sua fuga. A maior honra de Paulo, e do que ele mais se orgulhava, era ser cristão e apóstolo de Cristo; e todas as suas outras honras ele menosprezou e as considerou como nada, em comparação com essa, *considerando-as como esterco, para que pudesse ganhar a Cristo*; porém, ele teve às vezes ocasião para fazer uso de suas outras honras, e elas foram-lhe úteis. Ser um cidadão de Roma serviu para salvá-lo no capítulo precedente de ser açoitado pelo tribuno como um vagabundo, e aqui por ser um fariseu salva-se de ser condenado pelo sinédrio, como um apóstata da fé e do culto do Deus de Israel. Será muito coerente com nossa disposição de sofrer por Cristo usarmos todos os métodos legais, ou até artifícios também, tanto para evitarmos sofrimento quanto para nos livrar-

mos dele. A política honesta que Paulo usou aqui para sua própria preservação foi a de dividir os seus juízes, e colocá-los em divergência uns com os outros acerca dele; e, ao inflamar mais uma parte deles contra si, colocar a parte contrária a seu favor.

1. O grande conselho era composto de saduceus e fariseus, e Paulo percebeu isso. Ele conhecia a índole de muitos deles visto que sempre tinha vivido entre eles, e viu no grupo uns que ele sabia serem saduceus, e outros que ele sabia serem fariseus (v. 6): *Uma parte era de saduceus e outra de fariseus*, e talvez quase meio a meio. Ora, esses diferiam muito uns dos outros, e mesmo assim eles ordinariamente concordavam o suficiente para atuar no conselho juntos. (1) Os fariseus eram fanáticos, zelosos para com as cerimônias, não somente aquelas que Deus tinha designado, mas aquelas que eram prescritas pela tradição dos anciãos. Eles eram grandes defensores da autoridade da congregação, e do estimulo à obediência a suas proibições, o que ocasionou muitas disputas entre eles e nosso Senhor Jesus; mas ao mesmo tempo eles eram muito ortodoxos na fé da igreja judaica com relação ao mundo dos espíritos, a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo vindouro. (2) Os saduceus eram deístas – não eram amigos das Escrituras, ou da revelação divina. Eles admitiam os livros de Moisés como contendo uma boa história e uma boa lei, mas tinham pouca consideração pelos outros livros do Antigo Testamento (veja Mt 22.23). O relato dado aqui desses saduceus é: [1] Que eles *negavam a ressurreição*; não só o retorno do corpo à vida, mas um estado futuro de recompensas e punições. Eles não tinham nenhuma esperança de felicidade eterna nem medo de miséria eterna, nem expectativa de qualquer coisa do outro lado da morte; e era sobre esses princípios que eles diziam: *Inútil é servir a Deus*, e chamavam o orgulhoso de feliz (Ml 3.14,15). [2] Que eles negavam a existência de anjos e espíritos, e não consentiam haver nenhum ser senão a matéria. Eles pensavam que o próprio Deus era corpóreo, e tinha partes e membros como nós temos. Quando eles liam sobre anjos no Antigo Testamento, supunham que se tratava de mensageiros que Deus tinha feito e enviado para realizar tarefas quando havia ocasião, ou que eles eram impressões na imaginação daqueles aos quais eram enviados, e não entes reais – que eles eram isso ou aquilo, ou qualquer coisa exceto o que eles eram. E, quanto às almas dos homens, eles as viam como sendo nada mais que o temperamento dos humores do corpo, ou o alento animal, mas negavam sua existência em um estado de separação do corpo, e qualquer diferença entre a alma de um homem e a de um animal. Esses, sem dúvida, fingiam ser livres-pensadores, mas na verdade pensavam de maneira tão medíocre, absurda e servil quanto possível. É estranho como homens de princípios tão corruptos e maus podiam conseguir esses cargos e ter um lugar no grande sinédrio; mas muitos deles eram aristocratas e nobres, e agiam de acordo com a ordem pública, e assim entravam e se mantinham. Mas eles geralmente eram estigmatizados como hereges, eram comparados com os epicureus, e se orava contra eles e eram excluídos da vida eterna. A oração que os judeus modernos usam contra os cristãos, Witsius pensa, foi tencionada por Gamaliel, que a escreveu, contra os saduceus; e que estes são referidos na imprecação habitual dos judeus: *Que o nome do ímpio apodreça*. Mas quão degenerado era o caráter e quão miserável o estado da igreja judaica, quando homens profanos como esses estavam entre seus regentes!

2. Nessa questão de diferença entre fariseus e saduceus, Paulo abertamente declarou-se estar do lado dos fariseus contra os saduceus (v. 6): Ele *clamou*, de maneira a ser ouvido por todos: "*Eu sou um fariseu*, fui criado como fariseu, ou melhor, eu nasci fariseu, com efeito, porque eu era *filho de um fariseu*, meu pai era fariseu antes de mim, e assim até agora eu ainda sou um fariseu porque *eu espero pela ressurreição dos mortos*, e eu verdadeiramente posso dizer que, se o assunto fosse corretamente compreendido, descobrir-se-ia que esse é o motivo de eu estar agora sendo *julgado*. Quando Cristo estava sobre a terra, os fariseus se opuseram muito a Ele, porque Ele testemunhou contra suas tradições e glosas corruptas na lei; mas, depois de sua ascensão, os saduceus se opuseram muito a seus apóstolos, por que estes *anunciavam em Jesus a ressurreição dos mortos* (cap. 4.1,2). E se diz (cap. 5.17) que eram *da seita dos saduceus* os que estavam *cheios de indignação* contra eles, porque eles pregavam aquela vida e incorrupção que são *trazidas à luz pelo evangelho*. Agora aqui: (1) Paulo se declara um fariseu, até onde os fariseus estavam certos. Onde o farisaísmo era oposto ao cristianismo, ele colocou-se contra ele, e contra todas as suas tradições que foram fixadas em competição com a lei de Deus ou em contradição com o evangelho de Cristo, contudo, como o farisaísmo era oposto ao saduceísmo, ele aderiu àquele. Nós nunca devemos desprezar nenhuma verdade de Deus, nem ficar mais envergonhados de reconhecê-la, pelo fato de ser sustentada por homens, sob outros aspectos, corruptos. Se os fariseus esperam pela ressurreição dos mortos, Paulo os acompanhará nessa esperança e será um deles, quer eles queiram ou não. (2) Ele verdadeiramente podia dizer que ser perseguido, por ele ser cristão, era o motivo pelo qual ele estava sendo julgado. Talvez ele soubesse que os saduceus, embora não tivessem grande interesse no povo comum como os fariseus tinham, houvessem, no entanto, inflamado ardilosamente a turba contra ele, sob pretexto de ter pregado aos gentios, mas na realidade porque ele tinha pregado a esperança da ressurreição. Porém, sendo julgado por ser cristão, ele com razão podia dizer que estava sendo julgado por causa da esperança da ressurreição dos mortos, como alegou posteriormente (cap. 24.15 e 26.6,7). Embora Paulo pregasse contra as tradições dos anciãos (como seu Mestre tinha feito), e nisso contrariasse os fariseus, ele se orgulhava ainda mais de pregar a ressurreição dos mortos, e um estado futuro, no que ele concordava com os fariseus.

3. Isso gerou uma divisão no conselho. É provável que o sumo sacerdote tenha se aliado aos saduceus (como ele tinha feito, cap. 5.17, e o deixou claro na sua ira contra Paulo, cap. 23.2), o que alarmou tanto mais os fariseus; mas assim foi, então ali surgiu uma *dissensão entre os fariseus e os saduceus* (v. 7), pois essa palavra de Paulo deixou os saduceus mais inflamados e os fariseus mais calmos quanto à acusação dele; de forma que a multidão se dividiu; *eschisthe – houve um cisma*, uma disputa entre eles, e a espada do zelo deles, antes apontada

contra Paulo, começou a voltar-se uns contra os outros; nem eles podiam continuar a agir contra ele quando não podiam concordar entre si mesmos, ou acusá-lo de romper a unidade da congregação quando havia tão pouco entre eles da unidade do espírito. Todo o clamor tinha sido contra Paulo, mas agora surgiu ali um grande clamor de uns contra os outros (v. 9). Um espírito furioso e feroz de tal modo prevalecia entre todas as ordens dos judeus nesse tempo que tudo era feito com clamor e barulho; e os grandes princípios de sua religião eram defendidos de uma maneira tão tumultuosa, com o que eles ganhavam muito pouco, porque *a ira do homem não opera a justiça de Deus*. Contradizentes podem ser convencidos por um argumento justo, mas nunca por um grande clamor.

4. Os fariseus em seguida (alguém poderia imaginar isso?) tomaram partido de Paulo (v. 9): *Eles contendiam, diemachonto – eles lutavam, dizendo: Nenhum mal achamos neste homem.* Ele tinha se conduzido decente e reverentemente no templo, e tinha assistido ao serviço da igreja judaica; e, embora fosse apenas ocasionalmente, mostrou com isso que não era inimigo dela como disseram que ele era. Ele tinha falado muito elegantemente em sua própria defesa, e causado uma boa impressão, e tinha agora se declarado ortodoxo nos grandes princípios da religião, como também tinha sido regular e consciencioso em sua convivência; e por isso eles não podiam ver que ele houvesse cometido qualquer *crime digno de morte ou de prisão.* E ainda, eles vão mais além: "*Se algum espírito ou um anjo lhe falou* a respeito de Jesus, e o pôs para pregar como ele faz, ainda que nós não estejamos tão convencidos a ponto de dar-lhe crédito, nós deveríamos ser cautelosos para não nos opormos a ele, para que não *resistamos a Deus*"; como Gamaliel, que era um fariseu, tinha argumentado (cap. 5.39). Agora aqui: (1) Nós podemos observar, para a honra do evangelho, que ele foi testemunhado até mesmo por seus adversários, e as confissões, não somente de sua inocência, mas de sua excelência, às vezes foram arrancadas pelo poder da verdade até mesmo daqueles que o perseguiram. Pilatos não achou nenhuma falta em Cristo, ainda que ele o entregasse à morte, nem Festo em Paulo, ainda que ele o detivesse na prisão; e os fariseus aqui supunham que era possível que Paulo pudesse ter uma comissão enviada a ele do céu por um anjo para fazer o que ele fez; e ainda assim parece que, como anciãos, eles depois disso se uniram com o sumo sacerdote para persegui-lo (cap. 24.1). Eles pecaram contra o conhecimento que eles não somente tinham, mas às vezes reconheciam, como Cristo tinha dito deles: *mas, agora, viram e me aborreceram a mim e a meu Pai* (Jo 15.24). Contudo: (2) Nós esperaremos que alguns deles pelo menos tenham daqui em diante uma opinião melhor de Paulo do que eles tinham tido, e sejam favoráveis a ele, depois de ter tido um relato satisfatório tanto de sua convivência em toda boa consciência quanto de sua fé no que tange ao outro mundo; e então deve ser observado a favor deles que o seu zelo para com as tradições dos anciãos, das quais Paulo tinha se separado, foi de tal forma engolido por um zelo pelas grandes e fundamentais doutrinas da religião, às quais Paulo ainda se apegava, que se ele se unir cordialmente com eles contra os saduceus, e aderir à esperança da ressurreição dos mortos, eles não pensarão que seu afastamento da lei cerimonial é um mal nele, mas amavelmente esperarão que ele caminhe de acordo com a luz que Deus lhe deu por meio de algum anjo ou espírito, e estarão tão longe de persegui-lo a ponto de até defendê-lo e protegê-lo. Os fariseus da igreja de Roma que também perseguem não são desse espírito: pois mesmo que um homem seja sempre sincero e zeloso por todos os artigos da fé cristã, se ele não puser o seu pescoço debaixo do jugo da autoridade da sua igreja, eles acham mal suficiente nele para persegui-lo até a morte.

II O cuidado e a conduta do tribuno lhe foram de grande ajuda; pois quando ele lançou esse objeto de disputa entre os fariseus e os saduceus (que deu início à discussão, e obteve um justo testemunho dos fariseus), mesmo assim não se aproximou deles, mas esteve próximo de ser despedaçado por eles – os fariseus puxando para colocá-lo em liberdade, e os saduceus puxando para entregá-lo à morte, ou atirá-lo ao povo, como Daniel na cova dos leões; de forma que o tribuno foi forçado a vir com os seus soldados salvá-lo, como tinha feito antes (cap. 21.32 e 22.24). 1. Veja aqui o perigo de Paulo. Entre seus amigos e inimigos ele estava a ponto de ser despedaçado, uns abraçando-o para a morte, outros espremendo-o para a morte; a tais violências estão sujeitos aqueles que são eminentes, e que se tornam notáveis, como era Paulo, que era por alguns muito amado e por outros muito caluniado. 2. Sua libertação: o tribuno *mandou descer a soldadesca*, do piso superior, *e que o tirassem do meio deles*, para fora daquela câmara no templo onde ele ordenou que o conselho se encontrasse, *e o levassem para a fortaleza*, ou torre de Antônia; porque ele percebeu que não poderia fazer nada para que eles compreendessem os méritos da causa de Paulo.

III As consolações divinas o ajudaram mais que tudo. O tribuno o tinha salvado das mãos de homens cruéis, mas ainda o tinha sob custódia, e qual seria o desfecho ele não sabia. A fortaleza na verdade era uma proteção para ele, mas também era uma prisão; e, como era agora sua preservação de tão grande morte, poderia ser sua reserva para uma maior. Nós não sabemos se qualquer um dos apóstolos ou presbíteros em Jerusalém veio até ele; talvez não tenham tido coragem, talvez não tenham tido permissão. Pode ser que, na noite seguinte, Paulo estivesse cheio de pensamentos e preocupações sobre o que seria feito dele, e como suas dificuldades presentes poderiam ser usadas para algum bom propósito. Então o Senhor Jesus lhe fez uma visita amável, e, ainda que à meia-noite, contudo, uma visita muito oportuna (v. 11): *Apresentando-se-lhe o Senhor*, aproximou-se do lado de sua cama, ainda que talvez fosse apenas uma cama de palha, para mostrar que havia estado durante todo o dia com ele de maneira tão real quanto estava visivelmente agora à noite. Note: Seja quem for que esteja contra nós, não precisamos temer se o Senhor está ao nosso lado; se Ele assume nossa proteção, nós podemos desafiar aqueles que buscam nossa ruína. *O Senhor está com aqueles que sustêm a minha alma*, e então nada pode dar errado. 1. Cristo ordena que ele se anime: "*Paulo, tem ânimo*; não desanimes; não deixes o que aconteceu entristecê-lo,

nem permitas que o que ainda te espera te amedronte". Note: É a vontade de Cristo que os seus servos que são fiéis devam sempre ter bom ânimo. Talvez Paulo, pensando mais, começasse a ficar preocupado consigo mesmo se ele tinha feito bem no que ele disse ao conselho no dia anterior; mas Cristo, por sua palavra, o convence de que Deus aprovou sua conduta. Ou, talvez, o perturbasse o fato de que seus amigos não vieram vê-lo; mas a visita de Cristo falou por si mesma, mesmo que Ele não tivesse dito: *Paulo, tem ânimo.* 2. É um argumento estranho o que Jesus usa para encorajá-lo: *Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma.* Pode-se pensar que isso era apenas um consolo frio: "Como você passou por muitas dificuldades por minha causa assim você deve sofrer ainda mais"; e todavia isso devia encorajá-lo; pois por esse meio lhe é dado a entender: (1) Que ele tinha estado servindo a Cristo como uma testemunha para Ele no que havia até aqui suportado. Não foi por nenhuma falta sua que ele foi esbofeteado, e não era por ser ex-perseguidor da igreja que ele agora era perseguido, por mais que ele pudesse lembrar disso como algo muito negativo, mas ele devia continuar com sua obra. (2) Que ele não tinha ainda terminado seu testemunho, nem havia sido, por sua prisão, deixado de lado como inútil, mas estava apenas reservado para outro serviço. Nada desanimava tanto a Paulo quanto o pensamento de ser impedido de realizar a obra de Cristo e de fazer o bem para as almas: *Não temas*, diz o Cristo, *Eu não terminei contigo.* (3) Paulo parece ter tido um capricho particular, um capricho inocente, por ir a Roma, pregar lá o evangelho, embora ele já tivesse sido pregado lá e já houvesse uma igreja estabelecida ali; contudo, sendo um cidadão de Roma, ele almejava por uma viagem para lá, e a tinha planejado (cap. 19.21): *Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma.* E ele tinha escrito um tempo atrás aos romanos *de que ele desejava vê-los* (Rm 1.11). Agora ele estava pronto para concluir que isso tinha acabado com seus planos, e ele jamais veria Roma; mas até mesmo sobre isso Jesus lhe diz que ele deveria ficar contente, visto que ele desejou isso para a honra de Cristo e para fazer o bem.

A Conspiração contra Paulo. Paulo É Enviado a Félix

vv. 12-35

Nós temos aqui a história de uma conspiração contra a vida de Paulo; como foi feita, como foi descoberta e como foi derrotada.

I Como essa conspiração foi feita. Eles acharam que não poderiam ganhar nada através do tumulto popular, ou processo legal, e por isso recorreram ao método bárbaro de assassinato; eles o atacariam de repente, e o apunhalariam, se apenas pudessem se aproximar dele. Tão inquieta é a maldade deles contra esse bom homem que, quando um plano falha, eles tentarão outro. Agora observe aqui:

1. Quem eram os que fizeram essa conspiração. Eles eram *alguns dos judeus* que tinham um grau extremo de indignação contra Paulo porque ele era o apóstolo dos gentios (v. 12). E eram mais de quarenta os *que fizeram essa conjuração* (v. 13). *Senhor, como se têm multiplicado os meus adversários!*

2. Quando a conspiração foi formada: *Quando já era dia.* Satanás encheu seus corações à noite para que fizessem isso, e, assim que raiou o dia, eles se reuniram para executar o plano; respondendo ao relato que o profeta dá de alguns que *nas suas camas, intentam a iniqüidade e maquinam o mal*, e quando chega a luz da manhã eles o praticam, e sofrem por isso (Mq 2.1). À noite Cristo apareceu a Paulo para protegê-lo, e, quando era dia, apareceram quarenta homens contra ele para o destruir; eles chegaram cedo, mas Cristo chegou antes deles; *Deus a ajudará ao romper da manhã* (Sl 46.5).

3. Qual era a conspiração. Esses homens *se uniram* em uma liga, talvez eles a chamassem de liga *santa*; eles se empenharam em apoiar uns aos outros, e cada um, com sua força, deveria ajudar no assassinato de Paulo. É estranho que tantos pudessem ser reunidos tão cedo, e justamente em Jerusalém, onde estavam tão perfeitamente entregues a todo senso de humanidade e honra, que se engajassem em desígnio tão sangrento. Bem poderia a queixa do profeta ser renovada a respeito de Jerusalém (Is 1.21): *A justiça habitava nela, mas, agora, homicidas.* Que idéia monstruosa esses homens devem ter formado de Paulo, antes que eles pudessem ser capazes de formar tal desígnio monstruoso contra ele; eles devem ter sido levados a acreditar que ele era o pior dos homens, um inimigo de Deus e da religião, e a maldição e peste de sua geração; quando na verdade seu caráter era o contrário de tudo isso! Que leis de verdade e justiça tão sagradas e tão fortes a malícia e o fanatismo não são capazes de quebrar?

4. Quão firme eles a fizeram, em sua opinião, para que nenhum deles pudesse, sob a consciência do horror do fato, mudar de idéia: *Eles se colocaram debaixo de um anátema*, imprecando a maldição mais pesada sobre si mesmos, suas almas, corpos e famílias, se eles não matassem Paulo, e tão depressa *que eles não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo.* Que complicação da maldade há aqui! Intentar matar um homem inocente, um homem bom, um homem útil, um homem que não lhes tinha causado nenhum dano, mas estava disposto a fazer-lhes todo o bem que pudesse, era *seguir o caminho de Caim*, e provou que eles eram de *seu pai o diabo, que foi homicida desde o princípio*; contudo, como se essa fosse uma questão insignificante: (1) Eles se comprometeram com a conspiração. Inclinar-se para fazer o mal, e pretender fazê-lo, é ruim; mas se empenhar em fazê-lo é muito pior. Isso é fazer um pacto com o diabo; é jurar submissão ao príncipe das trevas; é não deixar nenhum lugar para o arrependimento; ou melhor, é um convite para desafiá-lo. (2) Eles ligaram uns aos outros à conjuração, e fizeram tudo que podiam para assegurar a danação não só de sua própria alma, mas a de quem eles trouxeram para o grupo. (3) Eles mostraram um grande desprezo pela providência de Deus, e uma presunção para com ela, visto que eles se comprometeram a fazer tal coisa dentro de um período tão curto em que eles pudessem continuar em jejum, sem qualquer espaço ou reserva para a decisão de uma Providência dominante. Quando nós dizemos: *Amanhã*

nós faremos isso ou aquilo, por legítimo e bom que seja, uma vez que *não sabemos o que acontecerá amanhã*, nós temos que acrescentar: *Se Deus quiser*. Mas como poderiam eles abrir espaço para a permissão da providência de Deus quando sabiam que o que estavam fazendo era diretamente contra as proibições da palavra de Deus? (4) Eles mostraram um grande desprezo por seus próprios corpo e alma; por sua alma, ao imprecar uma maldição sobre si mesmos se eles não levassem a cabo esse empreendimento desesperado (em que triste dilema eles se lançaram! Deus certamente os encontra com sua maldição se eles continuarem nisso, e eles desejam que Ele o faça se eles não executarem o plano!), e por seu próprio corpo também (por que pecadores teimosos são os destruidores de ambos), ao desligarem-se dos apoios necessários da vida até que eles tivessem realizado uma coisa que eles nunca poderiam fazer legalmente, e talvez não pudessem realizar. Essa linguagem do inferno falam aqueles que desejam que Deus os condene, e que o diabo os leve, se eles não fizerem isso ou aquilo. *Visto que amou a maldição, ela lhe sobrevenha.* Alguns pensam que o significado desta maldição era ou que eles matariam Paulo, como um Acã, uma coisa amaldiçoada, um perturbador do acampamento; ou, se eles não o fizessem, eles fariam a si mesmos amaldiçoados diante de Deus em seu lugar. (5) Eles mostraram um desejo enorme de resolver esse assunto, e uma impaciência até que tudo estivesse acabado: não somente como os inimigos de Davi, que *o afrontaram e amaldiçoaram* (Sl 102.8), mas como os servos de Jó contra o inimigo dele: *Ah! Quem se não terá saciado com sua carne!* (Jó 31.31). Diz-se que perseguidores *comem o povo de Deus como se comessem pão*; isso é tão bom para eles como comida é para alguém que está faminto (Sl 14.4).

5. Que método eles usaram para executar o plano. Não há como se aproximar de Paulo na fortaleza. Ele está lá sob proteção particular do governo, e está aprisionado não como outros estão, para que ele não cause dano, mas para que ele não sofra danos contra si; e, portanto, o plano é que os principais sacerdotes e anciãos devem pedir ao governador da fortaleza para levar Paulo até eles à câmara do conselho, para ser interrogado ainda mais (eles têm algumas perguntas a fazer-lhe ou uma coisa para dizer-lhe) e nisso, em sua passagem da fortaleza ao conselho, eles colocariam um fim a todas as querelas acerca de Paulo ao matá-lo; desse modo, o plano foi apresentado (vv. 14,15). Tendo sido todo o dia empregado em engajar a todos nessa impiedade, à noite eles foram aos membros principais do grande sinédrio, e, embora pudessem ter ocultado seu desígnio maldoso e ainda que pudessem tê-los levado a mandar buscar Paulo por algum outro motivo, eles estão tão confiantes de sua aprovação desta vileza, que não estão envergonhados nem receosos de confessar a eles que *se conjuraram, sob pena de maldição*, sem consultar os sacerdotes primeiro para saber se podiam legitimamente fazê-lo, *a nada provarem* no dia seguinte *até que matassem a Paulo*. Eles planejam fazer o desjejum na manhã seguinte sobre seu sangue. Eles não duvidam que os principais sacerdotes não somente os apoiarão no plano, mas os ajudarão, e serão os instrumentos deles para obterem uma oportunidade de matar Paulo; e ainda vão contar uma mentira para eles também fingindo para o tribuno que *querem saber mais alguma coisa de seus negócios*, quando eles não queriam fazer tal coisa. Que opinião perversa e medíocre eles tinham dos seus sacerdotes, a ponto de os usarem para uma tarefa como essa! E, no entanto, vil como era a proposta que foi feita a eles (pelo que parece), os sacerdotes e anciãos consentiram com ela, e, no primeiro pedido, sem hesitar nem um pouco, prometeram atendê-los. Em vez de reprová-los, como deviam, por sua conspiração ímpia, eles os apoiaram, pois o plano era contra Paulo, a quem eles odiavam; e desse modo eles se tornaram participantes do crime tanto quanto se eles tivessem sido os primeiros na conspiração.

II Como o plano foi descoberto. Nós não lemos que os conspiradores, embora eles fizessem juramento de fidelidade, tenham feito um juramento de segredo, ou porque eles pensavam que não seria necessário (cada um deles guardaria segredo) ou porque pensavam que poderiam realizá-lo mesmo que alguém ficasse sabendo e tudo fosse revelado; mas a Providência ordenou a coisa de forma que o plano fosse trazido à luz, e isso para que efetivamente não tivesse sucesso. Veja aqui:

1. Como ele foi revelado a Paulo (v. 16). Havia um jovem que era parente de Paulo, o *filho de sua irmã*, cuja mãe provavelmente vivia em Jerusalém; e de uma forma ou de outra, não nos é dito como, *ele ouviu acerca desta cilada*, ou os ouviu falando do plano entre si, ou conseguiu a informação de algum dos participantes: e ele *foi e entrou na fortaleza*, provavelmente, como costumava fazer; para assistir a seu tio, e levar-lhe o que ele desejava, o que lhe dava livre acesso a ele, e contou a Paulo o que ouviu. Note: Deus tem muitos modos de *trazer à luz as coisas ocultas das trevas*; embora os seus inventores cavem fundo para ocultá-las do Senhor, Ele pode fazer *a ave do céu levar a voz* (Ec 10.20), ou fazer as línguas dos próprios conspiradores traí-los.

2. Como foi informado ao tribuno pelo jovem aquilo que havia contado a Paulo. Essa parte da história é relatada de maneira bem particular, talvez porque o escriba fosse uma testemunha ocular da gerência prudente e bem-sucedida desta tarefa, e lembrasse dela com grande prazer. (1) Paulo tinha despertado interesse nos oficiais que tomavam conta dele pelo seu comportamento prudente e pacífico. Ele podia chamar um dos centuriões a si, ainda que um centurião fosse uma autoridade, que tinha soldados a seu dispor, e costumava chamar, não ser chamado, e ele estava pronto a vir quando chamado por Paulo (v. 17); e ele desejava que ele apresentasse esse jovem ao tribuno, para dar-lhe uma informação de algo que importava à honra do governo. (2) O centurião muito prontamente o atendeu (v. 18). Ele não enviou um soldado comum com o jovem, mas foi ele mesmo para proteger o jovem, para valorizar sua mensagem ao tribuno, e mostrar seu respeito por Paulo: "*O preso Paulo* (esse era seu título agora) *chamando-me a si, me rogou que te trouxesse este jovem*, qual é seu interesse eu não sei, mas ele *tem alguma coisa que dizer-te*". Note: É verdadeira caridade para com pobres prisioneiros agir por eles tanto quanto dar-lhes algo. "*Estando* eu *enfermo e na prisão*, você fez algo por mim lá fora," cabe tão bem no relato como: "*Estando* eu *enfermo e na prisão*, você veio a mim para

me visitar ou me enviou uma oferta". Aqueles que têm conhecimento e interesse devem estar prontos para usá-los para a assistência daqueles que estão em dificuldade. Esse centurião ajudou a salvar a vida de Paulo com essa demonstração de civilidade, que deveria nos incentivar a estarmos prontos para fazer o mesmo quando surgir a oportunidade. *Abre tua boca a favor do mudo* (Pv 31.8). Aqueles que não podem dar uma boa dádiva aos prisioneiros de Deus podem, no entanto, falar uma boa palavra para eles. (3) O tribuno recebeu a informação com muita condescendência e ternura (v. 19). Ele tomou o jovem pela mão, como um amigo ou pai, para encorajá-lo, para que ele não ficasse desconcertado, mas tivesse a segurança de uma audiência favorável. O relato que é dado dessa circunstância deveria encorajar grandes homens a tornarem-se acessíveis aos menores, vindos em qualquer missão que possa conceder-lhes uma oportunidade de fazer o bem – *acomodai-vos àqueles das classes humildes*. Essa familiaridade com a qual esse tribuno romano recebeu o sobrinho de Paulo é aqui registrada em sua honra. Que nenhum homem pense que se rebaixa por sua humildade ou caridade. Ele *tomando-o pela mão e pondo-se à parte*, para que ninguém pudesse ouvir a conversa, perguntou-lhe: "*Que tens que me contar?* Conta-me para que eu possa ser útil a Paulo". É provável que o tribuno fosse tanto mais prestativo nesse caso porque ele tinha consciência de que havia cometido um erro ao aprisionar Paulo contra seu privilégio como cidadão romano, e isso ele queria agora compensar. (4) O jovem entregou seu recado ao tribuno muito rápida e elegantemente (vv. 20,21). "*Os judeus*" (ele não diz quem, para que ele não criticasse hostilmente *os principais sacerdotes e anciãos*; e seu interesse era salvar a vida de seu tio, não acusar seus inimigos) "*se concertaram rogar-te que amanhã leves Paulo ao conselho*; eles presumem que, sendo tão curta a distância, tu o enviarás sem uma guarda; mas não lhes concedas isso, acreditamos que tu não os atenderás quando souberes a verdade; *porque mais de quarenta homens dentre eles lhe andam armando ciladas*, que juraram matá-lo, *e já estão apercebidos, esperando de ti promessa*, mas felizmente consegui chegar antes deles." (5) O tribuno despediu-se do jovem com um pacto de segredo, *mandando-lhe que a ninguém dissesse que lhe havia contado aquilo* (v. 22). Os favores de homens importantes nem sempre devem ser ostentados; e aqueles que não conseguem guardar segredo não devem ser empregados na tarefa. Se corresse a notícia de que o tribuno tinha recebido essa informação, talvez eles pudessem planejar e executar a morte de Paulo de algum outro modo. "Portanto, guarde segredo."

III Como o plano foi derrotado: O tribuno, sabendo do quão implacável e inveterada era a malícia dos judeus contra Paulo, quão obcecados eles eram em seus desígnios de fazer-lhe mal, e quão próximo ele estava de tornar-se cúmplice disso como um agente, resolveu enviá-lo com toda a rapidez para fora do alcance deles. Ele recebeu a informação com horror e indignação pela baixeza e maldade intencional desses judeus; e pareceu receoso de que, se ele detivesse Paulo em sua fortaleza, mesmo que sob uma guarda bastante forte, eles encontrariam um meio ou outro de atingir seu objetivo, ou abatendo os guardas ou incendiando a fortaleza; e, o que quer que acontecesse, ele, se possível, protegeria Paulo, porque sabia que ele não merecia esse tratamento. Que observação melancólica é essa, de que *os principais sacerdotes* judeus, quando souberam desse plano de assassinato, o encorajaram e apoiaram, enquanto um *tribuno* romano movido puramente por um senso natural de justiça e humanidade, quando toma conhecimento, põe-se a atrapalhá-lo, e realmente coloca-se em uma situação difícil para fazer isso!

1. Ele ordena a um destacamento considerável de forças romanas sob seu comando que se apronte para ir a Cesaréia com toda pressa, e que leve Paulo *a salvo ao governador Félix*, onde ele podia esperar que se fizesse justiça a ele mais cedo do que pelo grande sinédrio em Jerusalém. Eu entendo que o tribuno poderia, sem qualquer infidelidade ao dever de seu posto, ter colocado Paulo em liberdade, deixando-o mudar de lugar para sua própria segurança, pois ele nunca foi legitimamente colocado sob sua custódia como um criminoso, e ele mesmo reconhece que *nenhum crime havia nele digno de morte ou de prisão* (v. 29), e ele deveria ter tido a mesma ternura por sua liberdade como teve por sua vida; mas ele temia que isso irritasse muito os judeus contra si. Ou talvez, achando que Paulo era um homem muito extraordinário, estivesse orgulhoso de tê-lo como seu prisioneiro, e sob sua proteção; e a poderosa exibição com a qual ele o enviou mostra o mesmo. *Dois centuriões*, ou capitães de cem homens, são incumbidos dessa tarefa (vv. 23,24). Eles devem preparar *duzentos soldados*, provavelmente aqueles sob seu próprio comando, para *irem até Cesaréia*; *setenta de cavalo*, além de *duzentos lanceiros*, que alguns pensam que eram os guardas do tribuno; se eles iam a cavalo ou a pé não se sabe ao certo, com maior probabilidade a pé, como soldados com lanças para a proteção do cavalo. Veja quão justamente Deus colocou a nação judaica sob o jugo romano, quando tal destacamento do exército romano era necessário para impedir que praticassem os atos mais execráveis! Não era necessária toda essa força, não era necessária nenhuma tropa para guardar Paulo de ser resgatado por seus amigos; dez vezes essa força não o teria guardado de ser resgatado por um anjo, se aprouvesse a Deus operar sua libertação desse modo, como algumas vezes Ele tinha feito; mas: (1) O tribuno planejava por esse meio expor os judeus como um povo tumultuoso e obstinado, que não seria mantido dentro dos limites do dever e da decência pelos agentes ordinários da justiça, mas precisavam ser amedrontados por um comboio como esse; e, sabendo de quantos estavam na conspiração contra Paulo, ele pensou que menos não bastaria para frustrar a tentativa deles. (2) Deus procurou por esse meio encorajar Paulo; pois, sendo assim assistido, ele não era apenas guardado em segurança nas mãos dos seus amigos, mas ficava longe das mãos de seus inimigos. Contudo, Paulo não desejava tal guarda, como Esdras também não (Ed 8.22), e pela mesma razão, porque ele confiava na plena suficiência de Deus; ela se devia, no entanto, ao cuidado do próprio magistrado. Mas ele também se tornou importante; desse modo suas *prisões em Cristo* se tornaram manifestas a todo o país (Fp 1.13); e, tão grande honra tendo sido colocada sobre eles antes pela predição delas, era muito conveniente que eles fossem assim honrosamente assistidos, *para que os irmãos no Senhor to-*

massem ânimo com as suas prisões, quando eles o viram antes guardado como patriota do que como a peste de seu país, e tão grande pregador sendo um tão grande prisioneiro. Quando seus inimigos o odeiam, e eu duvido que seus amigos o negligenciem, então um tribuno romano o protege, e cuidadosamente providencia: [1] O seu conforto: *Aparelhai cavalgaduras, para que ponham nelas a Paulo.* Se seus perseguidores judeus tivessem pedido sua remoção por um *habeas corpus* a Cesaréia, eles o teriam feito percorrer a pé, ou o teriam arrastado para lá em uma carroça, ou em um trenó, ou na garupa do cavalo de um dos soldados; mas o tribuno trata-o como um cavalheiro, embora ele seja seu prisioneiro, e ordena que o coloquem sobre um bom cavalo, sem temer que ele fuja. E ainda mais, a ordem era que eles deveriam providenciar não um animal, mas animais para colocar Paulo; nós devemos supor ou que lhe foi permitido um luxo tal a ponto de ele ter um cavalo guiado, ou mais, que se ele não gostasse de um poderia escolher um outro; ou (como alguns expositores conjeturam) que ele tinha animais que lhe foram cedidos para uso de seus amigos e companheiros, tantos quantos quisessem acompanhá-lo, distraí-lo em sua viagem e auxiliá-lo. [2] A sua segurança. Os soldados recebem uma incumbência estrita da parte de seu comandante-em-chefe: *levá-lo a salvo ao governador Félix*, a quem ele é confiado, e que era supremo em todos os assuntos civis entre os judeus, como esse tribuno era em assuntos militares. Os historiadores romanos falam muito desse Félix, como um homem de origem humilde, mas que chegou, por seus estratagemas, a ser governador da Judéia, da execução de cujo ofício Tácito, *Hist.*, 5, diz o seguinte: *Per omnem saevitiam ac libidinem jus regium servili ingenio exercuit – Ele tratava o poder real com um gênio servil, e junto com toda a variedade de crueldade e lassidão.* Ao julgamento de tal homem é levado o pobre Paulo; e, contudo, melhor assim do que cair nas mãos *do sumo sacerdote Ananias!* Ora, um prisioneiro sendo entregue mediante a lei, deve ser protegido como um príncipe.

2. As ordens do tribuno, para maior segurança de Paulo, para que ele seja levado *às três horas da noite*, que alguns entendem como três horas após o pôr-do-sol, é para que, sendo agora após a festa de Pentecoste (isto é, no meio do verão), eles pudessem ter o frescor da noite para marchar. Outros entendem que se trata das *três horas depois da meia-noite, na terceira vigília, cerca de três da manhã*, para que eles pudessem ter o dia diante de si, e pudessem sair de Jerusalém antes que os inimigos de Paulo estivessem ativos, e desse modo pudessem impedir qualquer tumulto popular, e deixá-los rugir quando levantassem, como um leão que perde sua presa.

3. Ele *escreve uma carta para Félix, governador* desta província, pela qual ele se isenta de qualquer cuidado adicional com Paulo, e deixa toda a questão com Félix. Essa carta é inserida aqui *totidem verbis – literalmente* (v. 25). É provável que Lucas, como historiador, tivesse uma cópia dela para si, tendo assistido Paulo nessa remoção. E nessa epístola, nós podemos observar:

(1) Os cumprimentos que ele faz *ao governador* (v. 26). Ele é o *potentíssimo governador Félix*, esse título lhe é dado naturalmente, vossa excelência etc. Ele lhe faz uma *saudação*, deseja toda saúde e prosperidade; que ele se alegre, que possa sempre se alegrar.

(2) O relato justo e preciso que ele lhe dá do caso de Paulo: [1] Que ele era uma pessoa contra quem os judeus tinham ressentimento: eles o tinham prendido, e estavam para matá-lo; e talvez Félix conhecesse o temperamento dos judeus tão bem que ele não pensaria o pior dele por isso (v. 27). [2] Que ele o tinha protegido porque ele era romano: "Quando eles iam matá-lo, *sobrevim eu com a soldadesca*, um considerável destacamento, *e o livrei*"; uma ação que, feita em favor de um cidadão de Roma, deveria recomendá-lo ao governador romano. [3] Que ele não entendia os méritos de sua causa, nem o que o tinha tornado tão odioso aos judeus, e sujeito à má vontade deles. Ele tomou a atitude adequada para saber: ele *o levou para o conselho deles* (v. 28), para ser ali interrogado, esperando que, das queixas deles ou das confissões do próprio Paulo, ele entendesse algo do fundamento de todo esse clamor, mas ele descobriu *que o acusavam de algumas questões da sua lei* (v. 29), sobre *a esperança da ressurreição dos mortos* (v. 6). Esse tribuno era um homem de bom senso e honra, e tinha em si bons princípios de justiça e humanidade; e, no entanto, veja com que displicência ele fala do outro mundo, e das grandes coisas daquele mundo, como se fosse uma questão, que é de certeza indubitável, em que ambos os lados concordam, exceto os saduceus; e como se fosse uma questão apenas da *lei deles*, que é de extrema importância para toda a humanidade! Ou talvez ele se refira antes à questão sobre seus rituais e não à questão de suas doutrinas, e a disputa que ele percebeu que eles tinham com ele era por diminuir o crédito e a obrigação de sua lei cerimonial, que ele não via como uma coisa digna de menção. Os romanos permitiam que as nações que eles conquistavam praticassem sua própria religião, jamais tentavam impor as suas a elas; contudo, como conservadores da paz pública, eles não toleravam que essas nações, sob pretexto de sua religião, abusassem de seus vizinhos. [4] Que até agora ele compreendeu que não havia nada em sua acusação *digno de morte ou de prisão*, muito menos provado ou descoberto contra ele. Os judeus tinham, por sua impiedade, se tornado odiosos ao mundo, tinham contaminado sua própria honra e profanado sua própria coroa, tinham trazido desgraça sobre sua igreja, sua lei e seu lugar sagrado, e então eles clamaram contra Paulo por supostamente ter diminuído a reputação deles; e era esse o crime *digno de morte ou prisão*?

(3) Seu encaminhamento do caso de Paulo a Félix (v. 30): "*E, sendo-me notificado que os judeus haviam de armar ciladas a esse homem*, para matá-lo, sem qualquer processo legal contra ele, eu o enviei diretamente a ti, que és a pessoa mais adequada para ouvir a causa e julgá-la, e que seus acusadores o sigam, se quiserem, e *perante ti digam o que tiverem contra ele*, pois, sendo educado como soldado, eu jamais fingirei ser um juiz, e assim, *passa bem.*"

4. Paulo foi, dessa forma, conduzido a Cesaréia; os soldados o tiraram em segurança de Jerusalém à noite e deixaram os conspiradores considerarem se eles deveriam ou não comer e beber antes de matar Paulo; e, se eles não se arrependessem da impiedade de seu juramento contra Paulo, eles agora estavam livres para se arrepender da precipitação desse juramento contra si mesmos; se qualquer um deles morresse de fome, em conseqüência de seu juramen-

to e vergonha por seu desapontamento, eles cairiam sem causar compaixão. Paulo foi conduzido a *Antipátride*, que ficava a vinte e sete quilômetros de Jerusalém, e cerca de meio caminho para Cesaréia (v. 31). De lá, os duzentos soldados de infantaria e os duzentos lanceiros retornaram para Jerusalém, aos seus quartéis na *fortaleza*; pois, tendo conduzido Paulo para fora de perigo, não era mais necessária uma guarda tão forte, mas *os de cavalo* serviriam para levá-lo a Cesaréia, e o fariam com mais rapidez; isso eles fizeram não apenas para economizar seu próprio trabalho, mas também ajudar na obrigação de seu superior; isso é um exemplo aos servos, não somente para agirem com obediência de acordo com as ordens de seus senhores, mas para agirem com prudência, da maneira que possa ser melhor para o interesse de seus senhores.

5. Ele foi entregue nas mãos de Félix, como seu prisioneiro (v. 33). Os oficiais *entregaram a carta*, e *apresentaram Paulo* a Félix, e assim cumpriram seu dever. Paulo nunca tinha gostado de familiaridade ou sociedade com homens importantes, mas com os discípulos, onde quer que ele fosse; contudo, a Providência controla seus sofrimentos de forma a, por eles, dar-lhe uma oportunidade de testemunhar de Cristo diante de homens importantes; e assim Cristo tinha predito a respeito de seus discípulos, que *seriam apresentados ante governadores e reis, por amor dele, para lhes servir de testemunho* (Mc 13.9). O governador perguntou de qual província do império o prisioneiro era originário, e foi-lhe dito que *era da Cilícia* (v. 34); e: (1) Ele lhe promete um julgamento rápido (v. 35): "*Ouvir-te-ei quando também aqui vierem os teus acusadores*, e ouvirei a ambos os lados, como faz um juiz". (2) Ele mandou que ficasse sob custódia, *que o guardassem no pretório de Herodes*, em alguma câmara pertencente àquele palácio que tinha o nome de Herodes, o Grande, que o construiu. Ali ele teve a oportunidade de se relacionar com homens importantes que assistiam à corte do governador, e, sem dúvida, ele aproveitou os contatos que obteve para atingir os melhores propósitos.

Capítulo 24

Nós deixamos Paulo prisioneiro em Cesaréia, no pretório de Herodes, esperando que seu julgamento acontecesse rapidamente; porque no início de seu aprisionamento seu processo andou bem depressa, mas depois muito devagar. Nesse capítulo, nós temos seu processo e julgamento diante do governador Félix, em Cesaréia; aqui temos: I. O comparecimento dos seus acusadores, e a colocação do prisioneiro no tribunal (vv. 1,2). II. A abertura da acusação contra ele por Tértulo, que falava pelos querelantes, e o agravante da acusação, com muitos cumprimentos ao juiz e perversidade contra o prisioneiro (vv. 2-8). III. A corroboração da acusação pela declaração de testemunhas, ou antes, dos próprios querelantes (v. 9). IV. A defesa do prisioneiro, na qual, com a devida deferência ao governador (v. 10), ele nega a acusação e os desafia a prová-la (vv. 11-13), ele declara a verdade, e faz uma profissão de fé excepcional, que ele diz ser o motivo de o odiarem (vv. 14-16), e dá um relato mais detalhado do que se passou desde que o prenderam, desafiando-os a especificar algum mal que tivessem encontrado nele (vv. 17-21). V. O adiamento do processo e a continuação do prisioneiro sob custódia (vv. 22,23). VI. A conversa particular que houve entre o prisioneiro e o juiz, pela qual o prisioneiro esperava fazer o bem ao juiz e o juiz pensava obter dinheiro do prisioneiro, mas ambos em vão (vv. 24-26). VII. A prisão de Paulo se estende por dois anos, até a chegada de um outro governador (v. 27), quando parece tão negligenciado quanto a agitação que tinha havido por causa dele.

O Discurso de Tértulo

vv. 1-9

Devemos supor que *o tribuno Lísias*, quando enviou Paulo a Cesaréia, notificou aos principais sacerdotes, e a outros que tinham aparecido contra Paulo, que, se eles tivessem alguma coisa para acusá-lo, deveriam segui-lo a Cesaréia, e lá eles o encontrariam como também a um juiz pronto para ouvi-los – pensando, talvez, que eles não se dariam tanto trabalho; mas o que a maldade não faz?

I Nós temos aqui a continuação do processo contra Paulo, e ele é levado adiante de maneira vigorosa. 1. Aqui não há tempo perdido, pois eles estão prontos para serem ouvidos *cinco dias depois*; para processar Paulo, todos os outros assuntos são deixados de lado imediatamente; quão decididos estão os homens maus a fazer o mal! Alguns calculam esses cinco dias a partir do aprisionamento de Paulo, e, com muita probabilidade, porque ele diz (v. 11) *que não há mais de doze dias que subiu a Jerusalém a adorar*, e que *passou sete em sua purificação no templo*, de maneira que esses cinco dias devem ser contados a partir do último desses sete. 2. Aqueles que foram seus juízes se fazem parecer aqui como seus querelantes. O próprio *Ananias, o sumo sacerdote*, que havia se assentado para julgá-lo, agora se levanta para acusá-lo. É de admirar: (1) Que ele depreciasse desse modo a si mesmo, e esquecesse a dignidade de seu posto. Deve o sumo sacerdote se converter em informante, e deixar toda a sua ocupação no templo em Jerusalém, para ser convocado como querelante no tribunal de Herodes? Com justiça Deus fez os sacerdotes *desprezíveis e indignos*, quando eles se fizeram assim (Ml 2.9). (2) Que ele devesse desse modo revelar-se a si mesmo e a sua inimizade contra Paulo! Se homens do primeiro escalão têm uma má intenção contra alguém, eles agem por meio de outras pessoas, e aparecem o menos possível, por causa do ódio que em geral resulta disso; mas Ananias não está envergonhado de declarar-se um inimigo jurado de Paulo. *Os anciãos* o acompanhavam, para indicar sua harmonia com ele, e para reforçar a demanda; pois eles não podiam encontrar nenhum procurador ou promotor que manifestasse tanta violência como eles desejavam. Os esforços que homens maus fazem em coisas más, suas maquinações, sua condescendência e sua aplicação incansável, devem nos envergonhar em

vista de nossa frieza e hesitação, e nossa indiferença quanto ao que é bom.

II Nós temos aqui a causa pleiteada contra Paulo. Os querelantes trouxeram consigo *um certo orador chamado Tértulo*, um romano, perito na lei e língua romana, e portanto, mais capacitado para ser empregado em uma causa diante do *governador romano*, e com mais probabilidade de ser favorecido. O sumo sacerdote e os anciãos, embora tivessem seus próprios corações vingativos, não acharam suas próprias línguas eficazes o bastante e por isso contrataram Tértulo, que provavelmente era conhecido por ter uma inteligência sarcástica, para ser seu advogado; e, sem dúvida, eles lhe pagaram bem, provavelmente com o tesouro do templo, que eles tinham direito de usar havendo uma causa pela qual sua igreja tinha interesse e que, portanto, não deveria ser negligenciada. Paulo está assentado no tribunal diante do governador Félix. Tértulo *é chamado à frente*. (v. 2). A tarefa dele é, em favor dos querelantes, abrir a acusação contra Paulo, e ele é um homem que dirá qualquer coisa por seu salário; línguas mercenárias sempre agem assim. Não há causa tão injusta que não possa encontrar advogados para pleiteá-la; e, todavia, nós esperamos que muitos advogados sejam tão justos a ponto de não apoiarem intencionalmente uma causa injusta, mas Tértulo não era um desses; seu discurso (ou pelo mênos um resumo dele, considerando que os advogados romanos, em tais ocasiões, costumavam fazer longas arengas, pelo que sabemos dos discursos de Cícero) é aqui reportado, e é composto de adulação e falsidade; ele chama o mal de bem e o bem de mal.

1. Um dos piores homens é aplaudido aqui como um dos maiores benfeitores, apenas porque ele era o juiz. Félix é apresentado pelos historiadores de sua própria nação, tanto quanto pelo judeu Josefo, como um homem muito mau, que, dependendo de seu interesse no tribunal, entregava-se a todo tipo de impiedade, era um grande opressor, muito cruel e muito ganancioso, patrono e protetor de assassinos (Josefo, *Antiq.*, liv. 20, cap. 6). E, no entanto, Tértulo aqui, em nome do sumo sacerdote e dos anciãos, e provavelmente por orientação particular deles e de acordo com as diretrizes de sua súmula, cumprimenta-o, e exalta-o ao máximo, como se ele fosse tão bom magistrado como jamais houve semelhante: e isso revela o pior do sumo sacerdote e dos anciãos, porque ele tinha dado recentemente um exemplo de sua inimizade à ordem deles; pois Jônatas, o sumo sacerdote, ou um dos sacerdotes principais, tendo-o ofendido por condenar abertamente a tirania do seu governo, foi assassinado por alguns vilões que ele contratou para esse propósito, e que fizeram depois o mesmo com outros, quando foram contratados: *Cujus facinoris quia nemo ultor extitit, invitati hac licentia sicarii multos confodiebant, alios propter privatas inimicitias, alios conducti pecunia, etiam em ipso templo – Ninguém sendo encontrado para castigar tão enorme maldade, os assassinos, encorajados por essa impunidade, apunhalaram várias pessoas, algumas por maldade, outras por pagamento, e isso dentro do próprio templo.* E, todavia, para levá-lo a apoiar a malícia deles contra Paulo, e devolver-lhes essa bondade pela bondade deles em esquecer tudo que fez, eles o exaltaram como a maior bênção para sua igreja e nação que já ocorreu entre eles.

(1) Eles estão bem dispostos a declarar isso (v. 2): "*Através de ti nós*, da igreja judaica, *temos tanta paz*, e consideramos a ti como nosso patrono e protetor, *e se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo lugar por tua prudência* – tua sabedoria, cuidado e vigilância." Para fazer-lhe justiça, ele tinha sido útil para suprimir a insurreição daquele egípcio de quem falou o tribuno (cap. 21.38); mas louvá-lo por isso livra-o da justa reprovação de sua tirania e opressão posteriores? Veja aqui: [1] A infelicidade de homens importantes, e é de fato uma grande infelicidade, ter seus serviços exaltados além da medida, e nunca lhe serem apontadas suas faltas fielmente; e por esse meio eles são endurecidos e encorajados no mal. [2] A política de homens maus, ao lisonjear os príncipes no que eles fazem de errado leva-os a fazer o pior. Os bispos de Roma foram confirmados no exorbitante poder eclesiástico, e foram ajudados na perseguição dos servos de Cristo, ao lisonjear e favorecer usurpadores e tiranos, assim fazendo deles os agentes de sua malícia, como o sumo sacerdote, por seus cumprimentos, planejava fazer de Félix aqui.

(2) Eles prometem reter um sentimento de gratidão por isso (v. 3): "Nós te reconhecemos sempre, e em todos os lugares, em toda parte e a toda hora nós te abraçamos, nós te admiramos, *ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento*. Nós estaremos prontos, em qualquer ocasião, a testemunhar por ti, que tu és um governador sábio e bom, e muito útil para o país." E, se tivesse sido verdade que ele era tal governador, teria sido justo que eles reconhecessem dessa forma os seus bons serviços com toda a gratidão. Os benefícios que desfrutamos do governo, especialmente pela administração de governadores sábios e bons, são as coisas pelas quais deveríamos ser gratos, tanto a Deus quanto ao homem. Isso faz parte da honra devida aos magistrados, reconhecer a tranqüilidade que nós desfrutamos sob sua proteção, e as ações dignas realizadas por sua prudência.

(3) Eles, portanto, esperam seu favor nessa causa (v. 4). Eles fingem um grande cuidado para não tomar muito o tempo dele: *nós não seremos mais tediosos a ti*; e todavia estão muito confiantes em sua paciência: *rogo-te que, conforme a tua eqüidade, nos ouças por pouco tempo*. Tudo isso tem a intenção apenas de *ad captandam benevolentiam – induzi-lo a dar apoio a sua causa*; e eles estavam tão conscientes de que logo pareceria haver mais malícia que substância no caso que eles acharam necessário conquistar o seu favor. Todo mundo sabia que o sumo sacerdote e os anciãos eram inimigos do governo de Roma, e estavam incomodados debaixo de todas as marcas daquele jugo, e, portanto, em seu coração, odiavam Félix; e mesmo assim, para atingir seus fins contra Paulo, eles, por deliberação, lhe mostram todo respeito, como eles fizeram a Pilatos e César, quando estavam perseguindo nosso Salvador. Príncipes nem sempre podem julgar os afetos de seu povo pelos aplausos que recebem; a lisonja é uma coisa, e a verdadeira lealdade é outra.

2. Um dos melhores homens é acusado aqui como um dos piores malfeitores, somente porque ele era o prisioneiro. Depois de muita bajulação, na qual você

não pode ver a questão pelas palavras, ele chega ao que interessa, que é informar sua excelência a respeito do prisioneiro no tribunal; e essa parte de seu discurso é tão nauseante por seu sarcasmo como a parte anterior o é por sua bajulação. Eu tenho pena do homem, e acredito que ele não tem nenhuma má intenção contra Paulo, nem acredita no que fala ao caluniá-lo, assim como não acreditava ao cortejar Félix; mas, como não posso senão me ressentir de que um homem de inteligência e senso deva ter uma língua "à venda" (como alguém diz), também não posso senão ficar furioso com esses homens honrados que tiveram um coração tão malicioso a ponto de colocar tais palavras em sua boca. De duas coisas Tértulo aqui se queixa a Félix, em nome do sumo sacerdote e dos anciãos:

(1) Que a paz da nação foi perturbada por Paulo. Eles não poderiam ter perseguido os discípulos de Cristo se eles não os tivessem vestido primeiro com peles de animais selvagens, nem ter lhes dado, como fizeram, o mais vil dos tratamentos se eles não tivessem primeiro os apresentado como os mais vis dos homens, embora as descrições que deram deles fossem absolutamente falsas e não houvesse a menor verossimilhança nem fundamento para elas. Inocência, ou ainda excelência e utilidade, não são proteção contra a calúnia, não, nem contra as impressões de calúnia na mente tanto dos magistrados quanto das multidões para despertar sua fúria e ciúme; pois, mesmo sendo a representação sempre tão injusta, quando é reforçada, como foi aqui, com solenidade e pretensa santidade, e com convicção e barulho, algo se fixará. A antiga acusação contra os profetas de Deus era que eles eram os perturbadores da terra, e contra a Jerusalém de Deus, que era uma cidade rebelde, nociva aos reis e províncias (Ed 4.15,19), e contra nosso Senhor Jesus, que Ele perverteu a nação, e proibiu dar tributo a César. O mesmo se dá aqui contra Paulo; e, embora totalmente falso, é declarado com toda a confiança imaginável. Eles não dizem: "Nós suspeitamos que ele é um homem perigoso, e o prendemos sob essa suspeita"; mas, como se a coisa fosse caso resolvido: "Nós o achamos ser assim; nós temos freqüentemente e por muito tempo o achado assim"; como se ele fosse um traidor e rebelde já condenado. E, todavia, afinal de contas, não há uma palavra de verdade nessa representação; mas, se o justo caráter de Paulo for investigado, será achado exatamente o contrário disso.

[1] Paulo era um homem útil, e uma grande bênção para o seu país, um homem de honestidade e bondade exemplar, uma bênção para todos, e que não provocava ninguém; e, no entanto, ele é chamado aqui *uma peste* (v. 5): "*Temos achado que esse homem é uma loimon – pestem – a peste* da nação, uma pestilência ambulante, o que leva a supor que ele era um homem de espírito turbulento, malicioso e de natureza má, alguém que põe todas as coisas em desordem por onde quer que passa. Eles fazem pensar que ele tinha causado mais dano em sua época do que uma pestilência poderia fazer; que o dano que ele causou estava espalhado e era infeccioso, e que ele tornou outros tão danosos quanto a si mesmo; que isso era de conseqüência tão fatal como é a pestilência, matando e destruindo, e pondo tudo a perder; que isso deveria ser tão temido e evitado como deve ser uma praga. Ele havia pregado muitos bons sermões, e feito muitas boas obras, e por essas coisas ele é chamado de *peste*.

[2] Paulo era um pacificador, era proclamador daquele evangelho que tem uma tendência direta para *matar todas as inimizades*, e estabelecer a paz verdadeira e duradoura; ele próprio vivia pacífica e tranqüilamente, e ensinava outros a fazer o mesmo, e, no entanto, é apresentado como um *promotor de sedições entre todos os judeus por todo o mundo*. Os judeus estavam descontentes com o governo romano; os mais fanáticos entre eles eram os mais insatisfeitos. Esse Félix sabia disso, e, portanto, estava atento a eles. Sendo assim, eles de boa vontade o fariam acreditar que esse Paulo era o homem que os fez assim, ao passo que eles eram os homens que semeavam as sementes de facção e sedição entre eles, e eles sabiam disso; e a razão pela qual eles odiaram Cristo e sua religião era porque Ele não procurou liderá-los em uma oposição contra os romanos. Os judeus em toda parte estavam contra Paulo, e incitavam o povo a clamar contra ele; eles levantavam uma sedição em todos os lugares por onde ele passava, e depois lançavam injustamente a culpa nele, como se ele tivesse sido o mentor da sedição; como Nero não muito tempo depois pôs fogo em Roma, e em seguida disse que os cristãos o fizeram.

[3] Paulo era um homem de caridade universal, que não fingia ser singular, mas se fez servo de todos para o bem deles; e, no entanto, ele é acusado aqui de ser um *defensor da seita dos nazarenos*, um porta-estandarte daquela seita, esse é o significado da palavra. Quando Cipriano foi condenado à morte por ser cristão, isso foi inserido em sua sentença, de que ele era *auctor iniqui nominis et signifer – autor e porta-estandarte de uma causa ímpia*. Ora, era verdade que Paulo era um líder ativo na propagação do cristianismo. Mas, em primeiro lugar, era totalmente falso que se tratava de uma seita; ele não atraía as pessoas para um partido ou opinião particular, nem fazia de suas próprias opiniões uma regra para elas. O verdadeiro cristianismo estabelece aquilo que é de interesse comum a toda humanidade, publica a boa vontade aos homens, e nos mostra Deus em Cristo reconciliando o mundo consigo, e, portanto, não pode ser pensado como algo que tem sua origem em opiniões estreitas e interesses particulares como é o caso das seitas na sua origem. O verdadeiro cristianismo tem uma tendência clara para a união dos filhos dos homens, e a reunião deles em um; e, à medida que obtém seu justo poder e influência sobre a mente dos homens, os torna humildes e calmos, pacíficos e amorosos, muito afáveis, aceitáveis e benéficos uns para com os outros. E, portanto, está longe de ser uma seita, que geralmente leva à divisão e semeia discórdia. O verdadeiro cristianismo não objetiva nenhum benefício ou vantagem mundanos, e, portanto, não deve de nenhum modo ser chamado de seita. Aqueles que aderem a uma seita são governados nela pelo seu interesse secular, eles procuram riqueza e honra; mas os que professam o cristianismo estão tão longe disso que eles se expõem, pela sua confissão, à perda e ruína de tudo que lhes é caro neste mundo. Em segundo lugar, é hostilmente chamado de *a seita dos nazarenos*, pelo que Cristo foi apresentado como sendo de Nazaré, de onde não se esperava surgir nenhuma coisa boa; ao passo que Ele era de Belém, onde o Messias deveria

nascer. No entanto, agradou-lhe ser chamado *Jesus de Nazaré* (cap. 22.8). E a Escritura honrou o nome (Mt 2.23). E, portanto, embora pretendido como uma repreensão, os cristãos não tinham nenhuma razão para estar envergonhados de compartilhar isso com seu Mestre. Em terceiro lugar, era falso que Paulo era o autor ou porta-estandarte desta seita; porque ele não atraía as pessoas para si, mas para Cristo – não pregava a si mesmo, mas Cristo Jesus.

[4] Paulo tinha uma reverência para com o templo, pois era o lugar que Deus havia escolhido para colocar seu nome, e tinha posteriormente ele próprio com reverência assistido ao culto do templo; e, no entanto, ele é acusado aqui de que *intentava profanar o templo*, e de intencionalmente desprezá-lo e violar as suas leis (v. 6). A prova deles quanto a isso não existia; porque o que eles alegaram de fato era completamente falso, e eles sabiam disso (cap. 21.29).

(2) Que o curso da justiça contra Paulo foi obstruído pelo tribuno. [1] Eles alegam que *o prenderam e conforme sua lei o quiseram julgar.* Isso era falso; eles não iam julgá-lo de acordo com a sua lei, mas, contrários a toda lei e eqüidade, iam *açoitá-lo até a morte* ou *o despedaçariam*, sem ouvir o que ele tinha a dizer a seu favor; iam, sob o pretexto de tê-lo em seu tribunal, lançá-lo nas mãos de rufiões que estavam à espreita para destruí-lo. Isso era julgá-lo de acordo com a lei deles? É fácil para homens, quando eles sabem o que deveriam ter feito, dizer que isso eles teriam feito, quando não tinham nenhuma intenção de fazê-lo. [2] Eles censuram o tribuno como tendo lhes feito um dano ao salvar Paulo das mãos deles; ao passo que nisso ele não só lhe fez justiça, mas também a eles fez a maior bondade que poderia fazer, ao evitar a culpa que eles estavam trazendo sobre si mesmos: *Mas, sobrevindo o tribuno Lísias, no-lo tirou dentre as mãos, com grande violência* (mas na realidade não mais do que era necessário, v. 7). Veja como os perseguidores estavam enfurecidos por suas decepções, pelas quais eles, na verdade, deveriam ser gratos. Quando Davi no calor da ira seguia para um empreendimento sangrento, ele agradeceu a Abigail por detê-lo, e a Deus por tê-la enviado para que fizesse isso, tão logo ele se corrigiu e se recuperou. Mas esses homens cruéis se justificam, e consideram seu inimigo aquele que os deteve (como Davi fala ali) de derramar sangue com suas próprias mãos. [3] Eles submetem a questão a Félix e ao seu julgamento, embora mostrando desconforto por ter de fazê-lo, pois o tribuno é que os tinha obrigado a isso (v. 8): "Foi ele que nos forçou a dar a vossa excelência, e a nós mesmos também, esse aborrecimento; pois", em primeiro lugar: "Ele *mandou a seus acusadores que viessem a ti* para que tu pudesses ouvir a acusação, quando isso podia muito bem ter sido resolvido na instância inferior". Em segundo lugar: "Ele deixou contigo a tarefa de o examinar, e julgar o que puderes tirar dele, e se tu podes, por sua confissão, entender tudo o de que o acusamos".

III O consentimento dos judeus à acusação que Tértulo apresentou (v. 9): Eles confirmaram *dizendo serem estas coisas assim.* 1. Alguns pensam que isso expressa a prova de sua acusação por testemunhas sob juramento, que foram examinadas quanto aos detalhes dela, que a confirmaram. E não causa admiração se, quando eles tinham achado um orador que diria isso, eles encontrassem testemunhas que a jurariam, por dinheiro. 2. Parece antes dar a entender a aprovação que o sumo sacerdote e os anciãos deram ao que Tértulo disse. Félix lhes perguntou: "É esse o seu entendimento, e isso é tudo que vocês têm a dizer?" E eles responderam: "Sim, é"; e assim eles se fizeram culpados de toda a falsidade que estava na fala dele. Aqueles que não têm a inteligência e habilidade para causar dano com aquilo que outros têm, que não podem fazer discursos e manter disputas contra a religião, ainda se fazem culpados pelos danos que outros causam, ao consentir no que outros fazem, e ao dizer: "Isso é verdade mesmo", assim repetindo e sustentando o que é dito, *para perverter os retos caminhos do Senhor.* Muitos que não aprenderam o bastante para defender Baal ainda assim têm maldade suficiente para aprovar Baal.

A Terceira Defesa de Paulo

vv. 10-21

Nós temos aqui a defesa do próprio Paulo, em resposta à acusação de Tértulo, e nela aparece muito do espírito de sabedoria e santidade, e um cumprimento da promessa de Cristo a seus seguidores, de que quando eles estivessem diante de governadores e reis, por causa dele, *lhes seria dado naquela mesma hora o que eles deveriam falar.* Embora Tértulo tivesse dito muitas coisas provocantes, Paulo não o interrompeu, mas o deixou ir até o fim de sua fala, de acordo com as regras de decência e o método em tribunais de justiça: que o demandante tenha a permissão de demonstrar sua evidência antes que o acusado comece o seu argumento. E quando Tértulo havia terminado, ele não saiu imediatamente com exclamações apaixonadas contra a iniqüidade dos tempos e dos homens (*O tempora! O mores! – Oh! Degeneração dos tempos!*), mas ele esperou por uma permissão do juiz para falar na sua vez, e a teve. *Fazendo-lhe o governador sinal que falasse, respondeu* (v. 10). E agora ele também pôde ter licença para falar, sob a proteção do governador, o que era mais do que ele havia obtido até aqui. E quando ele falou, não fez nenhuma censura a Tértulo, que ele sabia falar por dinheiro, e portanto menosprezou o que ele disse, e dirigiu sua defesa contra aqueles que o contrataram. E aqui:

I Ele dirigiu-se com muito respeito ao governador, e confiando que ele lhe faria justiça. Não há aqui nenhum cumprimento bajulador como Tértulo havia feito, mas, o que era mais verdadeiramente respeitoso, uma declaração de que *ele respondia por si mesmo com tanto melhor ânimo*, e com muita segurança diante dele, estimando-o, embora não como alguém que fosse seu amigo, contudo, como alguém que seria justo e imparcial. Ele desse modo expressa sua expectativa de que seria assim, para levá-lo a ser assim. Sua fala era como a linguagem de alguém que estava consciente de sua própria integridade, e cujo coração não o reprovava, não importando que o tivessem reprovado. Ele não estava de pé, tremendo no tribunal; pelo contrário, ele estava muito

contente por ter alguém como seu juiz que não era parcial, mas uma pessoa indiferente. Mais ainda, quando ele considera quem é seu juiz, ele responde *com tanto melhor ânimo*; e por quê? Ele não diz: "Porque eu sei que tu és um juiz de justiça e integridade inflexíveis, que odeia subornos, e que ao julgar temes a Deus, e não consideras nenhum homem"; porque ele não poderia com justiça dizer isso dele, e, portanto, não diria, embora isso pudesse conquistar muito do seu favor; mas: *Com tanto melhor ânimo respondo por mim*, porque eu *sei que já vai para muitos anos que desta nação és juiz*; e isso era bem verdade, e, sendo assim: 1. Ele podia dizer de próprio conhecimento que não tinha havido ali nenhuma reclamação anterior contra Paulo. As queixas como as que eles levantaram eram em geral contra antigos criminosos; mas, embora ele tivesse se assentado por muito tempo ali como juiz, ele nunca havia tido Paulo diante de si até agora; e portanto ele não era um criminoso tão perigoso como foi apresentado. 2. Ele estava bem familiarizado com a nação judaica, e com o seu temperamento e espírito. Ele sabia quão fanáticos eles eram a seu próprio modo, que zelotes furiosos eles eram contra tudo aquilo não concordava com eles, quão mal-humorados e perversos eles geralmente eram, e, portanto, levaria em conta tudo isso na acusação que faziam contra ele, e não consideraria aquilo que ele tivesse razão em pensar que vinha em parte do rancor. Embora ele não o conhecesse, ele conhecia seus acusadores, e por isso podia adivinhar que tipo de homem era ele.

II Ele nega os fatos dos quais foi acusado, sobre os quais eles basearam a descrição que fizeram dele. *Promover sedições* e *profanar o templo* eram os crimes pelos quais ele fora indiciado, crimes que eles sabiam que os governadores romanos não estavam acostumados a investigar, e portanto eles esperavam que o governador o devolvesse a eles para ser julgado pela sua lei, e isso era tudo o que eles desejavam. Mas Paulo deseja que, embora ele não investigue os crimes, proteja alguém que foi injustamente acusado daqueles que ele sabia serem maliciosos e de natureza muito má. Agora ele queria que ele entendesse (e pelo que ele dizia ele estava pronto, se preciso fosse, a prová-lo com testemunhas):

1. Que ele subiu a Jerusalém com o propósito de adorar a Deus em paz e santidade, e que estava longe dele qualquer plano de fazer sedição entre o povo ou profanar o templo. Ele veio para manter sua comunhão com os judeus, não para fazer alguma afronta a eles.

2. Que havia apenas doze dias desde que ele subira a Jerusalém, e que ele estava havia seis dias como prisioneiro; ele estava só, e não se poderia supor que em tão curto espaço de tempo ele pudesse gerar a intriga da qual eles o acusavam. E, quanto ao que ele tinha feito em outros países, eles não sabiam nada senão por relatório incerto, pelo qual o assunto era muito incorretamente representado.

3. Que ele tinha se portado em Jerusalém muito tranqüila e pacificamente, e não tinha causado nenhum tumulto. Se fosse verdade (como eles alegavam) que ele era um *promotor de sedições entre todos os judeus*, seguramente ele teria tido o cuidado de formar um partido em Jerusalém: mas ele não fez isso. Ele estava no templo, participando do culto público ali. Ele estava nas sinagogas, onde a lei era lida e explicada. Ele andou pela cidade entre seus parentes e amigos, e conversou livremente nos lugares públicos; e ele era um homem de um grande gênio e um espírito ativo, e, contudo, eles não o puderam acusar de tentar qualquer coisa contra a fé ou contra a paz da igreja judaica. (1) Ele não tinha em si nada de um espírito contestador, como os provocadores de sedição tinham; ele não tinha nenhuma disposição para disputar ou fazer oposição. Eles nunca o acharam *no templo falando com alguém*, ou enfrentando os peritos com sofismas capciosos ou desconcertando o fraco e simples com sutilezas curiosas. Ele estava pronto, se perguntado, a dar uma razão de sua própria esperança, e a dar instrução a outros; mas ele nunca discutiu com nenhum homem sobre a sua religião, nem fez assunto de debate ou controvérsia, e de disputa perversa, aquilo que deve sempre ser tratado com humildade e reverência, com mansidão e amor. (2) Ele não tinha nada em si de um espírito turbulento: "Eles nunca me acharam *amotinando o povo*, inflamando-os contra seus governadores na igreja ou no estado ou sugerindo a eles medos e ciúmes com respeito aos assuntos públicos, nem criando divergência uns com os outros nem semeando discórdia entre eles". Ele se comportou, quando se tornou cristão e ministro, com amor e tranqüilidade, e com a devida sujeição para com a autoridade legal. As armas de sua guerra não eram carnais, nem ele jamais mencionou ou pensou em tal coisa como pegar em armas para a propagação do evangelho ou a defesa dos seus pregadores; embora ele pudesse ter formado, talvez, um partido tão forte entre o povo comum como os seus adversários fizeram, contudo, ele nunca tentou isso.

4. Que sobre o que eles o tinham acusado, de fazer sedição em outros países, ele era completamente inocente, e eles não podiam fazer uso da acusação (v. 13): *nem tampouco podem provar as coisas de que agora me acusam*. Por isso: (1) Ele sustenta sua própria inocência; pois quando ele diz que eles não podem provar o que dizem, ele quer dizer: "Isso não é verdade". Ele não era nenhum inimigo da paz pública; ele não tinha causado nenhum dano real, mas muito serviço de verdade, e teria com prazer feito mais para a nação dos judeus. Ele estava longe de ter qualquer antipatia por eles, pois na verdade ele tinha a mais forte afeição imaginável para com eles, e o desejo mais apaixonado pelo seu bem-estar (Rm 9.1-3). (2) Ele lamenta sua própria calamidade de ter sido acusado daquelas coisas que não podiam ser provadas contra ele. E freqüentemente tem sido a sorte de homens muito bons e dignos serem assim prejudicados, serem acusados de coisas das quais eles estão muito longe e detestam até pensar nelas. Mas, enquanto eles estão lamentando essa calamidade, essa pode ser sua alegria, até o *testemunho de suas consciências* concernente à sua integridade. (3) Ele mostra a iniqüidade de seus acusadores que disseram que o que eles sabiam eles não podiam provar, e assim prejudicaram seu nome, liberdade e vida, e fizeram o juiz errar também, enganando-o, e fazendo o que podiam para perverter o seu julgamento. (4) Ele apela à imparcialidade de seu juiz, e o alerta para que fique atento, para que não seja atraído para uma armadilha pela violência da acusação. O juiz tem que dar a

sentença *secundum allegata et probata – conforme aquilo que não é somente alegado, mas provado*, e portanto deve investigar, e procurar, e perguntar diligentemente, se a coisa é verdadeira e certa (Dt 13.14); de outro modo ele não poderá fazer um julgamento correto.

III Ele causa uma impressão muito satisfatória e favorável, que de uma só vez o inocenta de crime e também dá a entender qual era a verdadeira razão da violência deles ao acusá-lo.

1. Ele reconhece que é alguém a quem eles viam como um herege, e essa era a razão da raiva que tinham dele. O tribuno havia observado, e o governador agora não podia senão notar, uma violência e fúria incomuns em seus acusadores, que eles não sabiam como tratar, mas, supondo o crime pelo clamor, concluem que ele deve necessariamente ter sido um homem muito mau só por essa razão. Agora Paulo aqui desvenda o enigma da questão: Eu confesso que *conforme aquele Caminho, a que chamam seita*, ou heresia, *assim sirvo ao Deus de nossos pais*. A controvérsia é uma questão de religião, e tais controvérsias são administradas geralmente com mais fúria e violência. Note: Não é nenhuma novidade para o jeito certo de adorar a Deus ser chamado de heresia; e os melhores dos servos de Deus serem estigmatizados e perseguidos como sectários. As igrejas reformadas são chamadas de heréticas por aqueles que, eles próprios, odeiam ser reformados, e são eles mesmos os hereges. Que nós, portanto, jamais sejamos desviados de qualquer bom caminho por ser esse caminho rotulado com um nome ruim; porque o verdadeiro e puro cristianismo nunca fica pior, nem se deve pensar mal dele, por ser ele chamado de heresia; não, nem que ele seja assim chamado pelo sumo sacerdote e pelos anciãos.

2. Ele se defende dessa imputação. Eles chamam Paulo de herege, mas ele não é; pois:

(1) Ele *serve o Deus de seus pais*, e, portanto, está certo no objeto de sua adoração. Ele não diz: *Vamos e sirvamos a outros deuses que não conheceste*, como se espera que faça um falso profeta (Dt 13.2). Nesse caso, eles poderiam com justiça chamar seu caminho de heresia, um desvio para um caminho paralelo e perigoso; mas ele adora o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, não só o Deus a quem eles adoraram, mas o Deus que os tomou em uma aliança consigo mesmo, e foi e seria chamado o seu Deus. Paulo adere a essa aliança, e não estabelece outra em oposição a ela. A *promessa feita aos pais* Paulo pregou como *cumprida aos filhos* (cap. 13.32,33), e assim dirigiu tanto suas próprias devoções quanto as de outros para Deus, como o *Deus dos seus pais*. Ele também se refere à prática de todos os seus antepassados piedosos: Eu *sirvo* o mesmo Deus que todos os meus pais serviram. A sua religião estava assim longe de ser taxada de novidade, pois se gloriava em sua antigüidade, e em uma sucessão ininterrupta daqueles que a professavam. Note: É muito confortável em nosso culto a Deus reconhecê-lo como o Deus de nossos pais. Nossos pais confiaram nele, e foram possuídos por ele, e Ele se empenhou em ser o Deus deles, e o Deus da sua semente. Ele se revelou como sendo deles, e, portanto, se nós o servimos como eles fizeram, Ele será nosso; e que ênfase é posta nisso: *Ele é o Deus de meu pai, por isso e eu o exaltarei!* (Êx 15.2).

(2) Ele *crê tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas*, e, portanto, está certo na regra de sua adoração. Sua religião está fundamentada nas Sagradas Escrituras e é governada por elas; elas são seu oráculo e critério de avaliação, e ele fala e age de acordo com elas. Ele recebe todas as Escrituras e acredita em todas as coisas que estão escritas nelas; e ele as recebe puras, porque ele não diz outra coisa além do que está contido nelas, como ele mesmo explica (cap. 26.22). Ele não se apóia em nenhuma outra regra de fé ou prática senão nas Escrituras – nem na tradição, nem na autoridade da igreja, nem na infalibilidade de qualquer homem ou grupo de homens na terra, nem na luz interior, nem na razão humana; mas só a revelação divina, como está nas Escrituras, é aquilo pelo que ele decide viver e morrer, e por isso ele não é um herege.

(3) Ele tem seu olhar voltado para um estado futuro, e é um crente à espera disso, e, portanto, está correto quanto ao fim de sua adoração. Aqueles que se voltam para a heresia têm o olhar voltado para este mundo, e para algum interesse secular, mas Paulo objetiva fazer do céu a sua religião, nem mais nem menos (v. 15): "*Eu tenho esperança em Deus*, toda minha expectativa vem dele, e, portanto, todo meu desejo é para Ele e toda minha dependência está nele; minha esperança está em Deus e não no mundo, em outro mundo e não neste. Eu confio em Deus e no seu poder, *que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos*, no fim dos tempos; e a grande coisa que eu objetivo em minha religião é obter uma ressurreição alegre e feliz, uma parte na ressurreição dos justos". Observe aqui: [1] Que haverá uma ressurreição dos mortos, os corpos mortos de homens, de todos os homens desde o princípio até o fim dos tempos. É certo não só que a alma não morre com o corpo, mas que o próprio corpo viverá novamente; nós não só temos uma outra vida para viver quando nossa vida presente chegar ao fim, mas há de haver um outro mundo, que começará quando este mundo chegar ao fim, no qual todos os filhos dos homens devem entrar ao mesmo tempo por uma ressurreição dos mortos, como eles entraram neste, um após o outro, por seu nascimento. [2] Será uma ressurreição *tanto dos justos como dos injustos*, do santificado e do não santificado, daqueles que fizeram o bem, daqueles que nosso Salvador nos falou que terão uma *ressurreição da vida*; e daqueles que fizeram o mal, para quem essa será uma *ressurreição da condenação* (Jo 5.29). Veja Dn 12.2. Isso implica que se trata de ressurreição para um juízo final, pelo qual todos os filhos dos homens serão destinados à felicidade eterna ou miséria em um mundo de retribuição de acordo com o que eles foram e o que eles fizeram nesse estado atual de provação e preparação. Os justos ressuscitarão em virtude de sua união com Cristo como sua cabeça; os injustos ressuscitarão em virtude do domínio de Cristo sobre eles como seu Juiz. [3] Deve-se depender de Deus para a ressurreição dos mortos: *Eu tenho esperança em Deus* de que haverá uma ressurreição; ela será efetuada pelo grande poder de Deus, em cumprimento da palavra que Deus tem falado; de forma que aqueles que duvidam dela revelam sua ignorância tanto das Escrituras quanto do poder de Deus (Mt 22.29). [4] A ressurreição dos mortos é um artigo fundamental de nosso credo, como

2. Qual foi a exposição que Paulo lhe deu da religião cristã; pela idéia que ele tinha do assunto, ele esperava ser entretido com uma divindade mística, mas, como Paulo a apresenta para ele, ele fica alarmado com uma divindade prática. Paulo, sendo perguntado *acerca da fé em Cristo*, tratou (pois Paulo era sempre um pregador racional e profundo) *da justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro*. É provável que ele tenha mencionado as doutrinas peculiares ao cristianismo relativas à morte e ressurreição do Senhor Jesus, e o fato de Ele ser o *mediador entre Deus e homem*; mas ele acelerou sua aplicação na qual ele planejava atingir a consciência de seus ouvintes.

(1) Discursou com clareza e entusiasmo *tratando da justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro*; e aqui ele mostrou: [1] Que a fé em Cristo deve impor aos filhos dos homens as grandes leis de justiça e temperança. *A graça de Deus nos ensina a viver neste presente século sóbria, justa e piamente* (Tt 2.12). Justiça e temperança eram virtudes célebres entre os moralistas pagãos; se a doutrina que Paulo prega, da qual Félix ouviu falar que proclama a liberdade, simplesmente o livrar de uma obrigação para com aquelas virtudes, ele prontamente a abraçará: "Não", diz Paulo, "ela está tão longe de fazer isso que ela até fortalece as obrigações dessas leis sagradas; ela obriga todos, sob as penalidades mais altas, a serem *honestos em todos os seus procedimentos*, e *a dar a todos o que lhes é devido*; *a negar-se, guardar o corpo, e trazê-lo em sujeição*". Sendo o mundo e a carne renunciados em nosso batismo, tudo que buscamos no mundo e todas as nossas satisfações dos desejos do corpo devem estar debaixo das regulamentações da religião. *Paulo tratou de justiça e temperança* para convencer Félix de sua injustiça e intemperança, das quais ele tinha sido notoriamente culpado, para que, vendo o caráter detestável delas e o quanto sua odiosidade desperta a ira de Deus (Ef 5.6), ele pudesse investigar a respeito da fé em Cristo, com a resolução de abraçá-la. [2] Que pela doutrina de Cristo nos é revelado o julgamento vindouro, por cuja sentença o estado perpétuo de todos os filhos dos homens será final e irreversivelmente determinado. Os homens têm seu dia agora, Félix teve o dele; mas o dia de Deus está vindo, *quando cada um dará conta de si a Deus, o Juiz de todos*. Paulo argumentou com relação a isso; quer dizer, ele mostrou qual razão temos nós de acreditar *que há um Juízo vindouro*, e que motivo nós temos, levando isso em conta, de sermos religiosos.

(2) Desse relato dos temas do discurso de Paulo podemos concluir: [1] Que Paulo em sua pregação não levava em conta o *status* das pessoas, pois a palavra de Deus, que ele pregava, não o faz: ele instigou às mesmas convicções e instruções o governador romano a que ele havia instigado antes outras pessoas. [2] Que Paulo em sua pregação almejava a consciência dos homens, e se aproximava deles, buscando não agradar a fantasia deles nem satisfazer a curiosidade, mas conduzi-los a uma visão dos seus pecados e a um sentimento do seu dever e interesse. [3] Que Paulo preferia servir a Cristo e a salvação da alma deles à sua própria segurança. Ele está à mercê de Félix, que tinha poder (como Pilatos disse) *para o crucificar* (ou, o que era tão mau quanto, entregá-lo de novo aos judeus), *e* tinha *poder para* o *soltar*. Agora que Paulo tinha sua atenção, e ele estava com um bom humor, era uma ótima oportunidade de ganhar sua simpatia, e obter uma liberação, ou ainda, de inflamá-lo contra seus acusadores: e, pelo contrário, se ele o desagradasse e o deixasse de mau humor, poderia causar a si mesmo um grande dano por isso; mas ele negligencia completamente essas considerações, e procura fazer o bem, pelo menos cumprir seu dever. [4] Que Paulo estava disposto a se esforçar, e correr riscos, em sua obra, mesmo onde havia pouca probabilidade de fazer o bem. Félix e Drusila eram pecadores convictos e não era provável que eles fossem levados ao arrependimento pela pregação de Paulo, especialmente sob tais desvantagens; e, no entanto, Paulo lida com eles como alguém que não perdeu a esperança por eles. Que as sentinelas dêem o aviso justo, e assim terão livrado sua própria alma, embora não consigam livrar as almas das quais cuidam.

3. Que impressões o discurso de Paulo causou a esse homem importante, mas ímpio: Félix tremeu, *emphobos genomenos – ficou espavorido*, sentiu *terror*, *um magor-missabib*, como Pasur (Jr 20.3,4). Paulo nunca tremeu diante dele, mas ele sentiu terror diante de Paulo. "Se isso é verdade, como diz Paulo, o que será de mim no outro mundo? Se o injusto e imoderado será condenado no julgamento vindouro, eu estou aniquilado, a menos que eu tome um novo curso de vida". Não nos é dito que Drusila tremeu, embora ela fosse igualmente culpada, porque ela era judia, e confiava na lei cerimonial, a cuja observância ela aderiu para justificar-se; mas Félix por ora não podia agarrar-se a nada para pacificar sua consciência, e por isso tremeu. Veja aqui: (1) O poder da palavra de Deus, quando vem com uma comissão; ela é penetrante, é assustadora, pode levar terror ao coração do pecador mais orgulhoso e ousado, *apresentando seus pecados diante dele*, e lhe mostrando os *terrores do Senhor*. (2) As operações da consciência natural; quando ela é surpreendida e despertada, enche a alma de horror e assombro com sua própria deformidade e perigo. Aqueles que são eles mesmos o *terror dos poderosos na terra dos viventes* têm por esse meio se tornado um terror para si mesmos. Um prospecto do julgamento futuro é suficiente para fazer o coração mais robusto tremer, como acontecerá quando ele vier, ele fará *os tribunos e os poderosos* clamarem em vão *aos montes e aos rochedos* para os abrigar.

4. Como Félix lutou para se livrar dessas impressões, e lançar fora o terror de suas convicções; ele fez com elas o que fez com os acusadores de Paulo (v. 25), *lhes pôs dilação*, adiou; ele disse: *Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei*. (1) Ele tremeu, e isso foi tudo. O tremor de Paulo (cap. 9.6) e o do carcereiro (cap. 16.29) levaram à sua conversão, mas esse de Félix não. Muitos que são assustados pela palavra de Deus não são efetivamente mudados por ela. Muitos sentem o medo das conseqüências do pecado, contudo, continuam apaixonados e ligados ao pecado. (2) Ele não lutou contra suas convicções, nem atacou a palavra ou o pregador dela, para se vingar deles por fazer sua consciência atacá-lo; ele não disse para Paulo, como Amazias para o profeta: *Cala-te, por que te feririam?* Ele não o ameaçou, com um confinamento mais rigoroso, ou com a morte, por tocar (como João Batista fez a Herodes) em sua ferida. Mas: (3) Ele astutamente livrou-se de suas convicções lançando a acu-

sação delas para uma outra ocasião. Ele não tinha nada a objetar contra o que Paulo disse; isso é importante e digno de consideração. Mas, como um devedor miserável, ele implora mais um dia; Paulo se desgastou, e cansou a ele e sua senhora, e portanto: "*Por agora, vai-te* – vamos parar por aqui, os negócios me chamam; mas quando eu tiver uma ocasião conveniente, e não tiver mais nada a fazer, eu te chamarei, e ouvirei o que mais tens a dizer". Note que: [1] Muitos perdem todo o benefício de suas convicções por não malhar o ferro enquanto está quente. Se Félix, agora que estava espavorido, tivesse apenas perguntado, como Paulo e o carcereiro fizeram quando tremeram: *O que devo fazer?*, Ele poderia ter sido levado à fé em Cristo, e teria sido um *Felix* de verdade, *feliz* para sempre; mas, ao suprimir suas convicções agora, ele as perdeu para sempre, e a si mesmo com elas. [2] Nos negócios de nossa alma, demoras são perigosas; nada é de conseqüência mais fatal do que as pessoas ficarem adiando sua conversão. Elas se arrependerão, e se converterão a Deus, mas ainda não; o assunto é adiado para um momento mais conveniente, quando um negócio ou tarefa tiver sido realizado, quando eles estiverem um tanto mais velhos; e então as convicções esfriam e desaparecem, bons propósitos se transformam em nenhum propósito, e elas estão mais endurecidas do que nunca em seus maus caminhos. Félix adiou esse assunto para um momento mais conveniente, mas nós não lemos que esse momento mais conveniente alguma vez chegou; porque o diabo nos engana em todo nosso tempo nos enganando no tempo presente. O momento presente é, sem dúvida, o momento mais conveniente. *Eis aqui agora o tempo aceitável. Se ouvirdes hoje a sua voz.*

IV No fim das contas, ele o deteve como um prisioneiro, e o deixou assim, quando dois anos depois ele foi afastado do governo (vv. 26,27). Ele estava convencido em sua consciência de que Paulo não tinha feito nada *merecedor de morte ou prisão*, no entanto, não teve a honestidade de o libertar. Com pouco proveito, Paulo argumentou com ele sobre justiça, embora ele tremesse ao pensar em sua própria iniqüidade, a ponto de ele poder persistir assim em tão palpável exemplo de injustiça. Mas aqui nos é dito por quais princípios ele era governado; e eles eram tais a ponto de tornar a questão ainda muito pior. 1. O amor ao dinheiro. Ele não libertaria Paulo porque ele esperava lucrar com ele, e que por fim seus amigos arrecadariam algum dinheiro para comprar sua liberdade, e assim ele satisfaria sua consciência libertando-o quando ao mesmo tempo satisfizesse sua cobiça por meio disso; mas ele não estava disposto a cumprir seu dever de juiz, a menos que ele ganhasse dinheiro com isso: *Esperando, ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro*, ou outra pessoa em favor de Paulo, para o colocar em liberdade. Na esperança disso, ele o detém como prisioneiro, e *muitas vezes o mandava chamar e falava com ele*; não mais sobre a fé em Cristo (ele tinha tido bastante disso, e do julgamento futuro; Paulo não deve voltar àqueles assuntos, nem aprofundá-los), mas sobre sua libertação, ou antes, seu resgate, de seu presente cativeiro. Ele não pode, por vergonha, perguntar a Paulo o que ele lhe dará para libertá-lo, mas ele o chama para sentir seu pulso, e lhe dá uma oportunidade de perguntar o que ele quer para libertá-lo. E agora nós vemos o que restou de sua promessa tanto a Paulo quanto a si mesmo, de que ele ouviria mais de Cristo em algum outro momento conveniente. Houve aqui muitos momentos convenientes o bastante para se falar daquela questão, mas nada aconteceu; toda sua preocupação agora é ganhar dinheiro por meio de Paulo, não adquirir o conhecimento de Cristo por ele. Note: É legítimo juntamente com Deus dizer a respeito daqueles que brincam com suas convicções, e pensam que podem ter a graça de Deus quando lhes agradar: *Não mais contenderá o meu Espírito com eles*. Quando os homens não querem ouvir a voz de Deus hoje, *durante o tempo que se chama Hoje*, o coração geralmente é *endurecido pelo engano do pecado*. O próprio Paulo era apenas um homem pobre, ele não tinha prata nem ouro para dar, para comprar sua liberdade; mas Félix sabia que havia aqueles que desejavam o bem dele que o podiam ajudar. Tendo ele recentemente coletado muito dinheiro para ajudar os santos pobres, também poderia se esperar que os santos ricos contribuíssem com algo para o libertar, e é de admirar que isso não tenha sido feito. Embora Paulo deva ser elogiado por não oferecer dinheiro a Félix, nem implorar dinheiro das igrejas (sua alma nobre e generosa desdenhava ambos), contudo eu não sei se seus amigos devem ser elogiados, ou melhor, se eles podem ser justificados, por não fazerem isso por ele. Eles deveriam ter rogado em favor dele ao governador com tanta insistência quanto seus inimigos fizeram contra ele: e se *um presente era necessário para alargar o seu caminho* (como Salomão fala) e *levá-los à presença dos grandes*, eles poderiam legitimamente tê-lo oferecido. Eu não devo subornar um homem para fazer uma coisa injusta, mas, se ele não me fará justiça sem um pagamento, é apenas fazer justiça dá-lo a ele; e se eles podiam fazer isso, é uma vergonha que eles não o tenham feito. Eu me envergonho por eles, por terem deixado um homem eminente e útil como Paulo ficar na prisão, quando um pouco dinheiro o teria feito sair, e o teria restabelecido novamente à sua utilidade. Os cristãos aqui em Cesaréia, onde ele estava agora, tinham se desfeito em lágrimas para evitar que ele fosse para a prisão (cap. 21.13), e não estavam dispostos a se desfazer de seu dinheiro para ajudá-lo a sair? Contudo, pode ter havido uma providência de Deus nisso; as prisões de Paulo devem ser para o avanço do evangelho de Cristo, e, portanto, ele tem de continuar preso. Porém, isso não desculpará Félix, que devia ter libertado um homem inocente sem exigir ou aceitar qualquer coisa por isso: o juiz que não quer fazer o certo sem um suborno sem dúvida fará o errado por um suborno. 2. O desejo de agradar aos homens. Félix foi removido de seu cargo *passados dois anos*, e Pórcio Festo foi posto em seu lugar, e era de esperar que ele tivesse pelo menos concluído seu governo com esse ato de justiça, a liberação de Paulo, mas ele não o fez; *ele deixou a Paulo preso*, e a razão aqui dada é porque ele estava *querendo comprazer aos judeus*. Embora ele não o entregasse *à morte, para agradá-los*, contudo ele deveria mantê-lo prisioneiro em lugar de os ofender; e ele o fez na esperança de, por esse meio, compensar as muitas ofensas que ele tinha feito contra eles. Ele não pensou que Paulo teria interesse ou inclinação de se queixar dele no tribunal, por

detê-lo tanto tempo sob custódia, contra toda lei e justiça; mas ele foi zeloso quanto ao sumo sacerdote e anciãos, pois eles seriam seus acusadores diante do imperador pelas injustiças que ele lhes tinha feito, e, portanto, espera agradá-los nessa questão para fechar a boca deles. Assim, aqueles que fazem algumas coisas desprezíveis são tentados a fazer mais para se proteger e as confirmar. Se Félix não tivesse prejudicado os judeus ele não precisaria ter feito isso para agradá-los; mas quando ele o fez, parece que não alcançou seu objetivo. Os judeus, não obstante a isso, o acusaram diante do imperador, e alguns historiadores dizem que ele foi enviado preso para Roma por Festo; e, nesse caso, certamente suas lembranças de quão leve ele tinha feito a prisão de Paulo ajudariam a fazer sua própria prisão mais pesada. Aqueles que procuram agradar a Deus ao fazer o bem terão o que buscam; mas não aqueles que procuram agradar os homens fazendo o mal.

Capítulo 25

Alguns acham que Félix foi retirado, e Festo o sucedeu, logo após o aprisionamento de Paulo, e que os dois anos mencionados no final do capítulo precedente devem ser calculados a partir do início do reinado de Nero; mas parece mais natural computá-los desde que Paulo foi entregue nas mãos de Félix. Contudo, nós temos aqui a mesma administração do caso de Paulo como a do capítulo precedente; aqui a informação sobre o caso é dada: I. Ao governador Festo; o caso é levado diante dele pelos judeus (vv. 1-3). A audiência dele é marcada para acontecer não em Jerusalém, como os judeus desejavam, mas em Cesaréia (vv. 4-6). Os judeus aparecem contra Paulo e o acusam (v. 7), mas ele continua se declarando inocente (v. 8); e para evitar a remoção da causa para Jerusalém, à qual ele foi pressionado a consentir, ele finalmente apela para César (vv. 9-12). II. Ao rei Agripa, a quem Festo relata seu caso (vv. 13-21), e Agripa desejou que pudesse ele mesmo ter uma audiência do caso (v. 22). A corte é preparada e Paulo é levado ao tribunal (v. 23), e Festo abre a causa (vv. 24-27), para introduzir a defesa de Paulo no próximo capítulo.

Paulo É Trazido perante Festo. A Quarta Defesa de Paulo. Paulo Apela para César

vv. 1-12

Nós geralmente dizemos: "Novos senhores, novas leis, novos costumes"; mas aqui estava um novo governador, e, no entanto, Paulo teve o mesmo tratamento desse que teve do anterior, e não melhor. Festo, como Félix, não é tão justo com ele como deveria ter sido, porque ele não o liberta; e, todavia, não tão injusto como os judeus queriam que ele fosse, porque ele não o condena à morte, nem o deixa à mercê da raiva deles. Aqui temos:

I A pressão que o sumo sacerdote e outros judeus fizeram sobre o governador para o persuadir a abandonar Paulo; porque enviá-lo a Jerusalém era na verdade abandoná-lo. 1. Veja quão rápidos eles foram em suas solicitações a Festo com relação a Paulo. Assim que ele *chegou à província*, e tomou posse do governo, no qual, provavelmente, ele foi empossado em Cesaréia, ele *subiu dali a três dias de Cesaréia a Jerusalém*, para se apresentar, e imediatamente os sacerdotes foram até ele para proceder contra Paulo. Ele esteve por *três dias em Cesaréia*, onde Paulo era prisioneiro, e nós não lemos que naquela ocasião Paulo tenha feito qualquer pedido a ele para o libertar, embora, sem dúvida, ele pudesse ter feito bons amigos, pelos quais ele poderia esperar ter sucesso; mas assim que ele sobe a Jerusalém os sacerdotes vão com toda pressa influenciá-lo contra Paulo. Veja que coisa incansável é a maldade. Paulo suporta mais pacientemente a ampliação de sua prisão do que os seus inimigos suportam a demora de sua condenação à morte. 2. Veja quão rancorosos eles foram em sua solicitação. Eles *compareceram perante ele contra Paulo* (v. 2) antes que ele passasse por um julgamento imparcial, de maneira que assim eles poderiam, se possível, prejulgar a causa com o governador, e tornar parcial aquele que deveria ser o juiz. Mas nesse artifício, ainda que bastante ilegítimo, eles não podiam confiar; pois o governador queria ele mesmo ouvi-lo, e, portanto, todas as suas informações contra ele foram em vão; por isso eles formam um outro plano muito mais desprezível, e é de assassinar Paulo antes que ele seja julgado por Festo. A esses métodos infernais e desumanos, que todo mundo pelo menos professa detestar, esses acusadores recorreram, para satisfazer sua maldade contra o evangelho de Cristo, e isso também sob o pretexto de zelo por Moisés. *Tantum religio potuit suadere malorum – Tal era o medonho zelo religioso deles.* 3. Veja quão enganoso era seu fingimento. Agora que o governador estava em Jerusalém, eles queriam *que o fizesse vir a Jerusalém* e o julgasse ali, o que livraria os acusadores de muito trabalho, e parecia mais razoável, porque ele foi acusado de ter profanado o templo em Jerusalém, e é habitual para criminosos serem julgados no tribunal onde o fato foi cometido; mas o que eles planejavam era fazer uma emboscada para ele quando ele fosse trazido, e matá-lo na estrada, supondo que ele não seria trazido sob guarda tão forte como quando lhe enviaram, ou que os oficiais que fossem trazê-lo poderiam ser subornados para dar-lhes uma oportunidade para sua impiedade. É dito: *Eles pediram como favor, contra* Paulo. A ocupação dos acusadores é exigir justiça contra alguém que eles supõem ser criminoso, e, se isso não for provado, é justiça tanto absolvê-lo como é condená-lo se for culpado. Mas pedir favor contra um prisioneiro, e da parte do juiz também, que deve ser um advogado para ele, é uma coisa muito descarada. O favor deve ser para o prisioneiro, *en favorem vitae – a favor de sua vida*, mas aqui eles o pedem contra ele. Eles tomarão isso como um favor se o governador apenas condenar Paulo, embora eles não possam provar que ele cometeu algum crime.

II A resolução do governador de que Paulo terá seu julgamento em Cesaréia, onde ele agora está (vv. 4,5). Veja como ele administra os acusadores. 1. Ele não os agradará mandando trazê-lo a Jerusalém; não, ele

deu ordens para que Paulo fosse mantido em Cesaréia. Não parece que ele tinha qualquer suspeita, muito menos uma informação certa, do desígnio sangrento deles de assassiná-lo no caminho, como o tribuno teve quando o enviou para Cesaréia (cap. 23.30); mas talvez ele não estivesse disposto até agora a agradar o sumo sacerdote e seu partido, ou ele manteria a homenagem de sua corte em Cesaréia e exigiria a presença deles lá, ou ele não estava querendo ter o problema ou a responsabilidade de trazer Paulo; qualquer que fosse o motivo de dizer não, Deus fez uso dele como um meio de livrar Paulo das mãos dos seus inimigos. Talvez agora eles fossem mais cuidadosos em manter sua conspiração em segredo do que tinham sido antes, para que a descoberta dela não fosse agora, como foi então, a sua derrota. Mas, embora Deus não a traga à luz, como antes, Ele encontra um outro meio, tão eficaz, de derrotá-la, inclinando o coração do governador, por algumas outras razões, a não remover Paulo para Jerusalém. Deus não está ligado a nenhum método, ao operar a salvação de seu povo. Ele pode tolerar que os planos contra eles sejam ocultados, e, no entanto, não tolerar que sejam realizados; e pode até mesmo fazer uso das políticas seculares de homens importantes para que sirvam aos seu propósitos graciosos. 2. Ele ainda lhes fará a justiça de ouvir o que eles têm a dizer contra Paulo, se eles forem a Cesaréia, e comparecerem contra ele lá: "*Os que dentre vós têm poder*, são capazes física e financeiramente para essa viagem, ou capazes na mente e na língua para conduzir a acusação – *os que dentre vós* são aptos a serem líderes, *desçam comigo e acusem-no*; ou, aqueles que são testemunhas competentes, que são capazes de provar que ele cometeu algum crime, que sigam e apresentem sua evidência, se há qualquer maldade nele como vós o acusais". Festo não tomará por certo, como eles desejavam que ele tomasse, que há impiedade nele, até que isso seja provado, e ele tenha sido ouvido em sua própria defesa; mas, se ele é culpado, eles é que devem prová-lo.

III O julgamento de Paulo diante de Festo. Festo ficou em Jerusalém aproximadamente dez dias, e depois *desceu a Cesaréia*, e os acusadores, é provável, o acompanharam; pois ele disse que eles deveriam descer com ele; e, visto que eles estão tão ansiosos na acusação, ele quer que essa causa seja tratada com urgência; e, para que eles possam voltar logo para casa, ele despachará isso *no dia seguinte*. A rapidez na administração da justiça é muito recomendável, conquanto pressa maior não substitua uma velocidade adequada. Sendo assim, aqui nós temos: 1. A sessão aberta, e o prisioneiro chamado para o tribunal. Festo estava *assentado no tribunal*, como juiz, como ele costumava fazer quando alguma causa importante era levada diante dele, e ele ordenou que Paulo fosse trazido, e se apresentasse (v. 6). Cristo, para encorajar seus discípulos e mantê-los alegres sob tais julgamentos terríveis de sua coragem, como esse foi para Paulo, prometeu-lhes que viria o dia quando eles se *assentariam em tronos, para julgar as doze tribos de Israel*. 2. Os acusadores apresentam suas acusações contra o prisioneiro (v. 7): *O rodearam os judeus*; o que dá a entender que eles eram muitos. *Senhor, como se têm multiplicado os meus adversários!* Isso dá a entender também que eles eram unânimes, eles apoiavam uns aos outros e estavam decididos a se manter unidos, e que eles estavam concentrados na acusação, e ansiosos para clamar contra Paulo. Eles ficariam ao seu redor para, se possível, amedrontar o juiz, levando-o a que atendesse aos seus desígnios maliciosos, ou, pelo menos, a amedrontar o prisioneiro, ou fazê-lo perder a calma; mas foi em vão: ele tinha uma segurança muito justa e forte para que fosse amedrontado por eles. *Cercaram-me como abelhas, mas apagaram-se como fogo de espinhos* (Sl 118.12). *Quando eles o cercaram eles fizeram muitas e graves acusações contra Paulo*; assim deve ser lido. Eles o acusaram de crimes graves e mau comportamento. Os artigos de impedimento eram muitos, e continham coisas de natureza muito odiosa. Eles o apresentaram ao tribunal tão negro e odioso como sua inteligência e malícia poderiam inventar; mas quando eles apresentaram a causa como eles pensaram ser adequada, e chegou a hora da evidência, eles falharam: *eles não podiam provar* o que alegavam contra ele, porque era tudo falso, e as reclamações eram sem fundamento e injustas. Ou o fato não era como eles o apresentaram, ou não havia nenhum crime nele; *eles o acusaram de coisas que ele não sabia*, nem eles também. Não é nenhuma novidade que os mais excelentes da terra tenham todo tipo de coisa má dita contra eles falsamente, não só na *canção dos bebedores de bebida forte* e *na roda dos escarnecedores*, mas até mesmo diante do juiz. 3. A insistência do prisioneiro em sua própria defesa (v. 8). Não importa quem o reprove, seu próprio coração não o faz, e, portanto, sua própria língua não o fará; ainda que ele morra, *nunca apartará de si a sua sinceridade*. Quando chegou sua vez de falar por si mesmo, ele insistiu em sua alegação geral: Inocente: *Eu não pequei em coisa alguma contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César*. (1) Ele não violou a lei dos judeus, nem ensinou qualquer doutrina que a destruísse. Ele *anulou a lei pela fé*? Não, ele *estabeleceu a lei*. Pregar Cristo, *o fim da lei*, não era nenhuma ofensa contra a lei. (2) Ele não tinha profanado o templo, nem desprezado nada no serviço do templo; sua ajuda em estabelecer o templo do evangelho não pecava em nada contra aquele templo que era um tipo deste. (3) Ele não tinha pecado contra César, nem contra seu governo. Com isso parece que agora que sua causa é levada diante do governo, para conquistar o favor do governador e para que eles pudessem parecer amigos de César, eles o haviam acusado de alguns atos de desafeto com as autoridades superiores presentes, que o obrigavam a justificar-se quanto a esse assunto e declarar que ele não era inimigo de César, não tanto quanto eram esses que o acusavam de ser.

IV O apelo de Paulo ao imperador, e quando foi feito. Isso deu ao processo uma nova virada. Se ele tinha planejado isso antes, ou se foi uma resolução súbita diante da provocação presente, não sabemos; mas Deus põe isso em seu coração para que ele o faça, para cumprir aquilo que Ele lhe tinha dito, que ele devia dar testemunho de Cristo em Roma, pois ali estava o tribunal do imperador (cap. 23.11). Nós temos aqui:

1. A proposta que Festo fez a Paulo de ir e fazer seu julgamento em Jerusalém (v. 9). *Festo* estava *querendo comprazer aos judeus*, estava inclinado a agradar os

acusadores em lugar do prisioneiro até onde ele pudesse ir com segurança contra alguém que era um cidadão de Roma, e, portanto, perguntou-lhe se ele estaria disposto a subir a Jerusalém, e se defender ali, onde ele tinha sido acusado, e onde ele poderia ter suas testemunhas à disposição para atestar e confirmar o que ele disse. Ele não iria propor entregá-lo ao sumo sacerdote e ao sinédrio, como os judeus queriam que ele fizesse; mas: *Queres tu subir a Jerusalém e ser lá perante mim julgado acerca destas coisas?* O governador, se quisesse, poderia ter ordenado que ele fosse para lá, mas ele não queria fazer isso sem o consentimento de Paulo, que, se ele pudesse tê-lo persuadido a consentir, teria tirado o caráter odioso da atitude. Em tempos de sofrimento, a prudência do povo do Senhor é testada assim como também sua paciência; sendo enviado, portanto, como ovelha para o meio de lobos, eles têm necessidade de ser sábios como serpentes.

2. A recusa de Paulo em consentir nisso, e seus motivos. Ele sabia que se fosse removido para Jerusalém, apesar da extrema vigilância do governador, os judeus encontrariam um meio ou outro de o matar; e por isso ele deseja ser desculpado, e alega: (1) Que, como cidadão de Roma, era mais adequado para ele ser julgado, não somente pelo governador, mas naquele que era seu tribunal adequado, que ficava em Cesaréia: *Estou perante o tribunal de César, onde convém que seja julgado, na cidade que é a metrópole da província.* Do tribunal, sendo presidido em nome de César, e por sua autoridade e comissão, diante de alguém que foi delegado por ele, pode-se bem dizer que é seu tribunal, como, em nosso caso, todos os processos são feitos em nome do soberano, em cujo nome todos os julgamentos são realizados. O reconhecimento de Paulo de que ele deveria ser julgado no tribunal de César claramente prova que os ministros de Cristo não estão isentos da jurisdição dos poderes civis, mas devem estar sujeitos a eles, na medida do possível com uma boa consciência, e, se eles forem culpados de um crime real, submeter-se à censura deles; se inocentes, devem ainda se submeter ao seu inquérito, e inocentar-se diante deles. (2) Que, como um membro da nação judaica, ele não tinha feito nada para se tornar odioso a eles: *Não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes.* Fazem muito bem aqueles que são inocentes pleitear sua inocência, e insistir nisso; é uma dívida que nós temos com o nosso próprio bom nome, não somente não dar falso testemunho contra nós mesmos, mas manter nossa própria integridade contra aqueles que dão falso testemunho contra nós. (3) Que ele estava disposto a cumprir as regras da lei, e deixar que ela tomasse seu curso (v. 11). Se ele é culpado de qualquer crime capital que merece a morte, ele não oferecerá resistência nem tentará fugir, nem fugirá da justiça nem lutará contra ela: "Eu mão me recuso a morrer, mas aceitarei a punição por minha iniqüidade". Não que todo aquele que cometeu alguma coisa digna de morte seja obrigado a se acusar e se apresentar à justiça; mas quando eles são acusados e levados à justiça, devem se submeter e dizer que tanto Deus quanto o governo são íntegros; é necessário, de qualquer forma, que alguns sejam feitos exemplos. Mas, se for inocente, como alega que é: "*Se nada há das coisas de que estes me acusam* – se a promotoria for maliciosa, e eles estiverem resolvidos a ter meu sangue de uma maneira ou de outra –, *ninguém me pode entregar a eles*, não, nem o próprio governador, sem injustiça palpável; pois é seu dever tanto proteger o inocente quanto punir o culpado"; e ele reivindica sua proteção.

3. Seu apelo ao tribunal. Visto que ele está continuamente em perigo por causa dos judeus e é feita uma tentativa após outra de entregá-lo em suas mãos, cujas *misericórdias são cruéis*, ele foge para o último refúgio – o último refúgio da inocência oprimida, e pede santuário ali, visto que ele não pode receber justiça de outro modo: "*Apelo para César.* Para que não seja entregue aos judeus (o que Festo parece inclinado a consentir) que eu seja entregue a Nero". Quando Davi por várias vezes escapou por pouco da ira de Saul, e concluiu que ele era um inimigo tão incansável que um dia pereceria por suas mãos, decidiu, sendo de certa forma compelido a isso, que *não há coisa melhor para mim do que escapar apressadamente para a terra dos filisteus* (1 Sm 27.1). Esse é o caso de Paulo aqui. Mas é uma situação difícil que um filho de Abraão deva ser forçado a apelar a um filisteu, a um Nero, para escapar daqueles que se chamam de semente de Abraão, e fique mais seguro em Gate ou Roma do que em Jerusalém. *Como a cidade fiel se tornou uma meretriz!*

V O juízo dado à questão como um todo. Paulo não é nem libertado nem condenado. Seus inimigos esperavam que o processo terminasse com sua morte; seus amigos esperavam que ele terminasse com sua libertação; mas não aconteceu nem uma coisa nem outra, eles estão ambos desapontados, a coisa é deixada como estava. Esse é um exemplo dos passos lentos que a Providência às vezes dá, não levando as coisas a uma resolução tão rápida como nós esperamos, com o que nós ficamos freqüentemente envergonhados tanto de nossas esperanças quanto de nossos temores, e somos levados ainda a esperar em Deus. A causa tinha sido adiada antes para outra ocasião, agora para outro lugar, para um outro tribunal, para que a tribulação de Paulo pudesse *produzir a paciência.* 1. O governador toma conselho sobre essa questão: Ele *falou com o conselho – meta tou symboliou*, não com o conselho dos judeus (este é chamado de *synedrion*), mas com seus próprios conselheiros, que estavam sempre prontos a ajudar o governador com seus conselhos. *Na multidão dos conselheiros, aí há segurança*; e os juízes devem consultar tanto entre si mesmos quanto a outros antes de proferirem uma sentença. 2. Ele determina enviá-lo a Roma. Alguns pensam que Paulo não quis fazer um apelo à pessoa de César, mas apenas a seu tribunal, cuja sentença ele acataria, para não ser remetido ao conselho dos judeus, e que Festo poderia ter escolhido se ele o enviaria a Roma, ou, pelo menos, se discutiria com ele sobre o apelo. Mas, pelo que Agripa disse (cap. 26.32), parece que *bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César* – que, pelo curso da lei romana, um cidadão romano podia apelar em qualquer tempo a um tribunal superior, até mesmo ao supremo, como nossos processos são transferidos por *certiorari*, e criminosos por *habeas corpus*, e como apelos são freqüentemente feitos à Câmara dos Lordes. Festo, portanto, ou por escolha ou por obri-

gação, chega a essa resolução: *Apelaste para César? Para César irás.* Ele descobriu que havia algo muito extraordinário no caso, para o qual ele estava por isso com receio de dar qualquer veredicto, e o conhecimento do qual ele pensou que seria um entretenimento para o imperador, e por isso ele o transmitiu para o seu conhecimento. Em nosso julgamento diante de Deus, aqueles que se justificam a si mesmos e apelam à lei, à lei eles irão, e ela os condenará; mas aqueles que pelo arrependimento e fé apelam ao evangelho, ao evangelho eles irão, e ele os salvará.

A Visita de Agripa a Festo. Paulo É Trazido perante Agripa

vv. 13-27

Nós temos aqui a preparação que ocorreu para uma outra audiência de Paulo diante do rei Agripa, não para dar seu parecer sobre ele, mas para dar seu conselho a respeito dele, ou antes, apenas para satisfazer sua curiosidade. Cristo tinha dito, a respeito de seus seguidores, que *seriam até conduzidos à presença dos governadores e dos reis.* Na primeira parte desse capítulo, Paulo foi levado diante do governador Festo, aqui, diante do rei Agripa, para um testemunho a ambos. Aqui está:

I A visita amável e amigável que o rei Agripa fez a Festo, agora em sua chegada ao governo daquela província (v. 13): *Passados alguns dias, o rei Agripa veio a Cesaréia.* Aqui acontece uma visita régia. Os reis em geral pensam que é suficiente enviar seus embaixadores para parabenizar seus amigos, mas aqui foi o próprio rei que veio, que fez a majestade de um príncipe dar preferência à satisfação de um amigo; porque uma conversa pessoal é mais agradável entre amigos.

Observe:

1. Quem eram os visitantes. (1) O rei Agripa, o filho daquele Herodes (de sobrenome Agripa) que matou o apóstolo Tiago e foi comido de vermes, e bisneto de Herodes, o Grande, no reinado do qual Cristo nasceu. Josefo chama esse Agripa de *Agripa, o jovem*; o imperador Cláudio o fez rei de Cálcis, e *tetrarca de Traconites e Abilene,* como mencionado em Lucas 3.1. Os autores judeus falam dele, e (como o Dr. Lightfoot nos conta) entre outras coisas relatam essa história sobre ele: "Que ao ler publicamente a lei, no fim do ano de exoneração, como era prescrito, o rei, quando chegou àquelas palavras que dizem (Dt 17.15): *não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos,* as lágrimas rolaram por sua face, porque ele não era da semente de Israel, a congregação que observava, clamou: 'Conforte-se, rei Agripa, tu és nosso irmão', porque ele era da religião deles ainda que não do seu sangue". (2) Berenice veio com ele. Ela era sua própria irmã, agora uma viúva, a viúva de seu tio Herodes, rei de Cálcis; depois da morte deste, ela vivia com esse seu irmão, de quem se desconfiava ser demasiado íntimo dela, e, depois que ela se casou uma segunda vez, com o rei Polemon da Cilícia, ela conseguiu se divorciar dele e voltou para seu irmão, o rei Agripa. Juvenal (*Sat.* 6) fala de um anel de diamante que Agripa deu a Berenice, sua irmã incestuosa:

Berenices
In digito factus pretiosior; hunc dedit olim
Barbarus incestae, dedit hunc Agrippa sorori.
A famosa jóia que no dedo reluziu
De Berenice (mais querida por isso), foi dada
Por um irmão incestuoso. – Gifford.

E tanto Tácito quanto Suetônio falam de uma intimidade transgressora entre ela e Tito Vespasiano. Drusila, a esposa de Félix, era uma outra irmã. Pessoas lascivas como essas eram em geral as pessoas importantes naqueles tempos! *Nunca digas que foram os dias passados melhores do que estes.*

2. Qual era o objetivo dessa visita: eles vieram *saudar Festo,* compartilhar da alegria de sua nova promoção e desejar-lhe felicidade; eles vieram cumprimentá-lo por sua ascensão ao governo, e manter um bom relacionamento com ele, para que Agripa, que possuía o governo da Galiléia, pudesse agir em harmonia com Festo, que tinha o governo da Judéia; mas é provável que eles tenham vindo tanto para se divertir quanto para prestar-lhe honras e participar dos entretenimentos de sua corte, e mostrar suas roupas refinadas, que não servem para nada às pessoas vãs se elas não viajam.

II O relato que Festo deu ao rei Agripa acerca de Paulo e seu caso.

1. Para entretê-lo e dar-lhe alguma diversão. Era uma história muito notável e digna de ser ouvida por qualquer homem, não somente por ser surpreendente e interessante, mas, se fosse contada verdadeira e plenamente, muito instrutiva e edificante; e seria particularmente aceitável a Agripa, não somente porque ele era juiz, e havia alguns pontos da lei e prática nela bem dignos de sua observação, mas muito mais por ele ser judeu, e havia alguns pormenores de religião no caso muito mais merecedores de seu conhecimento.

2. Para ter seu conselho. Festo se tornara juiz havia pouco tempo, pelo menos para ser juiz nessas regiões, e portanto desconfiava quanto a si mesmo e sua própria capacidade, e queria ouvir o conselho daqueles que eram mais velhos e mais experientes, especialmente em uma questão na qual havia tanta dificuldade como parecia no caso de Paulo, e por isso ele apresentou o caso ao rei. Vejamos agora o relato particular que ele dá ao rei Agripa a respeito de Paulo (vv. 14-21).

(1) Ele o encontrou prisioneiro quando chegou ao governo dessa província; e, portanto, não poderia por seu próprio conhecimento dar um relato de seu processo desde o início. *Um certo varão foi deixado por Félix aqui preso*; e por isso, se houvesse alguma coisa de errado quando foi inicialmente colocado em custódia, Festo não poderia responder por ela, pois ele já o encontrou preso. Quando Félix, *querendo comprazer aos judeus,* deixou Paulo preso, embora ele soubesse que ele era inocente, ele não sabia o que fazer, não sabia senão que ele poderia cair em mãos piores do que havia caído, embora estas também não fossem das melhores.

(2) Que o sinédrio judeu se opunha de maneira extrema a ele: "*Os principais sacerdotes e anciãos pediram sentença contra ele* como sendo um homem perigoso, e não digno de viver, e desejavam que ele fosse con-

denado à morte". Sendo eles grandes representantes da religião, e, portanto, supostamente homens de honra e honestidade, Festo pensa que deveria dar-lhes crédito; mas Agripa os conhece melhor do que ele, e por isso Festo deseja seu conselho sobre a questão.

(3) Que ele insistiu na lei romana em favor do prisioneiro, e não o condenaria sem ouvi-lo (v. 16): "*Não é costume dos romanos*, que sobre esse assunto governam-se pela lei da natureza e pelas regras fundamentais de justiça, *entregar algum homem à morte*, entregá-lo à destruição" (esse é o significado da palavra), "agradar seus inimigos com sua destruição, *sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores*, para confrontar seu testemunho, e ter tanto a licença quanto o tempo concedido a ele para responder por si mesmo." Ele parece censurá-los como se eles duvidassem dos romanos e seu governo ao pedir tal coisa, ou esperassem que eles condenassem um homem sem julgá-lo: "Não", diz ele, "eu gostaria que vocês soubessem, seja lá o que for que vocês permitam entre si, que os romanos não permitem tal ato de injustiça entre eles". *Audi et alteram partem – Ouça o outro lado*, tinha se tornado um provérbio entre eles. Por essa regra, nós devemos ser governados em nossas censuras particulares na conversa comum; nós não devemos dar aos homens má reputação, nem condenar seus atos e palavras, até que tenhamos ouvido o que vai ser dito em sua defesa. Veja Jo 7.51.

(4) Que ele o tinha trazido a seu tribunal, segundo o dever de seu posto (v. 17). Que ele tinha sido rápido nisso, e os acusadores não tinham razão de se queixar de que ele foi lento, pois *chegando eles aqui juntos* (e nós temos certeza de que eles não perderam tempo) *no dia seguinte, sem fazer dilação alguma*, ele tinha começado o processo. Ele o tinha igualmente examinado da maneira mais solene: *assentado no tribunal*, como eles costumavam fazer em casos mais graves, enquanto as causas menores eles julgavam *de plano – no mesmo nível*. Ele convocou uma grande corte para julgar Paulo, para que a sentença pudesse ser definitiva, e a causa, terminada.

(5) Que ele ficou extremamente *perplexo* com a acusação que eles fizeram contra Paulo (v. 18,19): *Acerca dele, estando presentes os acusadores, nenhuma coisa apontaram daquelas que eu suspeitava.*

[1] Ele imaginou pela fúria da acusação e pela pressão deles sobre os governadores romanos um após o outro, em primeiro lugar, que eles tinham algo de que acusá-lo que era perigoso à propriedade privada ou à paz pública; que eles procurariam provar que ele era um ladrão, ou um assassino, ou um rebelde contra o poder romano; que ele havia pegado em armas para liderar uma sedição; que se ele não era aquele egípcio que recentemente causara rumor e comandou um partido de degoladores, como o tribuno supôs que ele fosse, ele era, no entanto, um do mesmo tipo. Tamanhos eram os clamores contra os cristãos primitivos, tão altos, tão ferozes, que os espectadores que os julgavam por aqueles clamores não podiam senão concluir que eles eram os piores dos homens; e apresentá-los assim era a intenção daquele clamor, como foi contra nosso Salvador. Em segundo lugar, que eles tinham algo de que o acusar que era reconhecido nas cortes romanas, e de que o governador era o juiz apropriado, como Gálio esperava (cap. 18.14); de outro modo, era absurdo e ridículo perturbá-lo com isso, e, na verdade, uma afronta a ele.

[2] Mas para sua grande surpresa ele descobre que a questão não é uma coisa nem outra; eles tinham *contra ele algumas questões*, e não provas e evidências. O pior que eles tinham a dizer contra ele era discutível se era um crime ou não – pontos discutíveis que resultariam num debate sem fim, mas que não tinham tendência de imputar qualquer culpa a ele, questões mais apropriadas às escolas que aos tribunais. E elas eram questões da *própria superstição deles*, assim ele chama a sua religião; ou antes, assim ele chama aquela parte da religião deles à qual Paulo era acusado de causar dano. Os romanos protegiam a religião dos judeus de acordo com sua lei, mas não a superstição dos judeus, nem a tradição de seus anciãos. Mas a grande questão, parece, era *a respeito de um tal Jesus, defunto, que Paulo afirmava viver.* Alguns pensam que a superstição da qual ele falava era a religião cristã, que Paulo pregava, e que ele tinha a mesma idéia dela que os atenienses tinham, que era a introdução de um novo semideus, o próprio Jesus. Veja de que maneira superficial esse romano fala de Cristo, e de sua morte e ressurreição, e da grande controvérsia entre judeus e cristãos se Ele era o Messias prometido ou não, e da grande prova de seu messianismo, sua ressurreição dos mortos, como se não fosse nada mais do que isso: Houve um Jesus que foi morto, e Paulo afirmava que Ele estava vivo. Em muitos processos essa questão era debatida, se uma pessoa que estava havia muito tempo ausente estaria viva ou morta, e provas eram trazidas de ambos os lados; e Festo trata a questão como uma questão sem importância. Enquanto esse Jesus, a quem ele se orgulha de não conhecer, como se fosse alguém que não merece sua atenção, na verdade é aquele que diz: *fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno* (Ap 1.18). O que Paulo afirmava a respeito de Jesus, que Ele está vivo, é uma questão de tão grande importância que, se não for verdadeira, todos nós estamos perdidos.

(6) Que, portanto, ele tinha proposto a Paulo que a causa podia ser transferida para as cortes judaicas, como sendo mais capazes de julgar um assunto dessa natureza (v. 20): "*Estando eu perplexo acerca da inquirição dessa causa*, e achando-me incapaz de julgar sobre coisas que não entendia, *perguntei se queria ir a Jerusalém*, para comparecer diante do grande sinédrio, *e lá ser julgado acerca dessas coisas*". Ele não o forçaria a isso, mas ficaria contente se Paulo concordasse em fazê-lo, para que ele não tivesse sua consciência pesada com uma causa dessa natureza.

(7) Que Paulo escolheu levar sua causa a Roma e não a Jerusalém, como se esperasse ser mais justa a ação do imperador do que a dos sacerdotes: "*Paulo apelou para que fosse reservado ao conhecimento de Augusto* (v. 21), não tendo outro meio de deter os procedimentos aqui nessa corte inferior; e, portanto, eu *mandei que o guardassem* bem vigiado *até que o envie a César*, pois eu não vi motivo para recusar seu apelo, ao contrário, fiquei contente com ele".

III A apresentação dele diante de Agripa, para que ele pudesse se informar do seu processo.

1. O rei desejava ouvir pessoalmente (v. 22): "Eu fico grato a ti por teu relato a respeito dele, mas *bem quisera eu ouvir também esse homem*". Agripa sabe mais sobre essa questão, da causa e da pessoa, do que Festo; ele tem ouvido falar de Paulo e sabe de quão grande importância é essa questão, da qual Festo fez graça, se Jesus estava vivo ou não. E nada o agradaria mais do que ouvir Paulo. Muitos homens importantes pensam ser indigno da parte deles tomar conhecimento de assuntos de religião, exceto quando eles podem ouvi-los na posição de juízes. Agripa não teria por nada no mundo ido a uma reunião ouvir Paulo pregar, como também Herodes não iria ouvir Jesus; e, no entanto, eles estão ambos contentes de tê-los trazidos diante de si, somente para satisfazer sua curiosidade. Talvez Agripa desejasse ouvi-lo sozinho, para que pudesse ser capaz de fazer-lhe uma bondade, e, no entanto, nada lhe fez, apenas deu-lhe algum crédito.

2. Festo o permitiu: *Amanhã o ouvirás*. Houve uma boa providência nisso, para o encorajamento de Paulo, que parecia enterrado vivo em sua prisão, e privado de todas as oportunidades de fazer o bem. Nós não sabemos por nenhuma de suas epístolas a respeito da data de sua prisão em Cesaréia. Que oportunidade ele teve de fazer o bem a seus amigos que o visitavam, e talvez a uma pequena congregação deles que o visitava todos os dias do Senhor, era apenas uma pequena e estreita esfera de utilidade, de maneira que ele parecia ser atirado como um *vaso quebrado que se despreza, no qual não há prazer*; mas isso lhe dá oportunidade de pregar Cristo para um grande público, e (o que é mais admirável) a um público formado por homens importantes. Félix o ouviu em particular a respeito da fé em Cristo. Mas Agripa e Festo concordam que ele deverá ser ouvido em público. E nós temos razão de pensar que seu sermão no próximo capítulo, embora possa não ser tão instrumental como alguns de seus outros sermões para a conversão de almas, resultou tanto na honra de Cristo e do cristianismo como qualquer sermão que ele pregou durante toda sua vida.

3. Grande preparação foi feita para isso (v. 23): *No dia seguinte* houve um grande comparecimento *no auditório*; Paulo e sua causa eram muito comentados, e tanto mais porque muito se falava contra.

(1) Agripa e Berenice aproveitaram essa oportunidade de se mostrarem em público para desfilarem, e talvez para essa finalidade desejavam a ocasião, para que pudessem ver e ser vistos; porque *eles vieram com muito aparato*, ricamente vestidos, com ouro e pérolas, e caros adornos, com uma grande comitiva em ricos uniformes, que fazia um lindo espetáculo, e enchia de pasmo os olhos da multidão estupefata. Eles vieram *meta polles phantasias – com grande fantasia*, este é o significado da palavra. Note: Grande pompa é só grande fantasia, ilusão. Ela não acrescenta nenhuma excelência real, nem obtém qualquer respeito real, mas nutre uma extravagância vã, que homens sábios preferem mortificar a satisfazer. É apenas um espetáculo, um sonho, uma coisa fantástica (é o que a palavra significa), superficial e *passageira*. E a pompa dessa aparição pode deixar uma pessoa para sempre aborrecida com a pompa, já que a pompa que Agripa e Berenice demonstraram era: [1] Manchada por suas personagens indecentes, e toda a sua beleza maculada, e todas as pessoas virtuosas que os conheciam não podiam senão menosprezá-los no meio de toda essa pompa como pessoas vis (Sl 15.4). [2] Ofuscada pela glória real do pobre prisioneiro no tribunal. O que era a honra de suas roupas finas, comparada com a da sabedoria dele, da sua graça, santidade, sua coragem e constância em sofrer por Cristo? Suas cadeias por tão boa causa eram mais gloriosas do que suas correntes de ouro, e seus guardas mais do que a comitiva deles. Quem seria admirador de pompa mundana vendo aqui uma mulher tão má carregada com ela e um homem tão bom carregado com exatamente o contrário?

(2) Os tribunos e homens principais da cidade aproveitaram a oportunidade para fazer uma visita de cortesia a Festo e a seus convidados. Isso obedecia à finalidade de um baile na corte, reunia pessoas finas em suas roupas finas e servia para entretenimento. É provável que Festo tenha dado essa notícia a Paulo durante a noite, para que estivesse pronto para uma audiência na manhã seguinte diante de Agripa. E tal era a confiança que Paulo tinha na promessa de Cristo de que *naquela mesma hora lhe seria ministrado o que haveria de dizer*, que ele não se queixou desse aviso em cima da hora, nem ficou confuso com isso. Eu estou certo de que aqueles que iam aparecer com pompa ficaram mais perplexos e preocupados com suas próprias roupas do que Paulo, que ia aparecer como prisioneiro, preocupado com sua causa; por que ele sabia em quem acreditava, e quem estava a seu lado.

IV O discurso com o qual Festo apresentou a causa, quando a corte, ou melhor, a audiência, estava pronta, que é muito parecido com o relato que ele tinha dado a Agripa no dia anterior. 1. Ele se dirigiu de maneira respeitosa à comitiva: "*Rei Agripa e todos os varões que estais aqui presentes conosco*". Ele fala a *todos os homens – pantes andres*, como se intentasse uma tácita censura a Berenice, uma mulher, por comparecer a um encontro dessa natureza; ele não remete nada ao julgamento dela nem deseja seu conselho; mas: "*Todos os varões vós que estais presentes* (assim são apresentadas as palavras), eu desejo que tomais conhecimento dessa questão". A palavra usada é aquela que significa homens em contraste com mulheres; o que Berenice fazia aqui? 2. Ele apresenta o prisioneiro como alguém contra quem os judeus tinham muito ódio; não somente os líderes, mas *toda a multidão dos judeus me tem falado, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convém que viva mais*, porque eles acham que ele já viveu tempo demais, e se viver mais, será para causar mais prejuízos. Eles não podiam acusá-lo de nenhum crime capital, mas o queriam fora do caminho. 3. Ele confessa a inocência do prisioneiro; e era muito para a honra de Paulo e suas prisões que ele tivesse um reconhecimento público como esse da boca de seu juiz (v. 25): *Mas, achando eu que nenhuma coisa digna de morte fizera*. Depois de uma audiência completa do caso, parecia não haver nenhuma evidência para apoiar a acusação e, portanto, mesmo que ele estivesse bastante inclinado a favorecer os acusadores, sua própria consciência lhe dizia que Paulo era *inocente*. E por que não o libertou então, por que ele mantinha seu veredicto? Na verdade, porque clamavam muito contra ele, e ele temia que o clamor se voltasse contra ele caso o libertasse. É pena, mas todo homem

que tem consciência deveria ter coragem para agir de acordo com ela. Ou talvez, porque havia tanta fumaça que ele concluiu que não poderia ser senão de algum fogo, o qual apareceria no final, e ele o detinha como prisioneiro na expectativa disso. 4. Ele os informa do presente estado do caso, que o prisioneiro tinha apelado ao próprio imperador (dando assim mais honra à sua própria causa; considerando-a digna do conhecimento dos homens mais importantes), e que ele tinha aceitado sua apelação: Eu *tenho determinado enviar-lho.* E assim estava agora a causa. 5. Ele deseja a assistência deles para examinar a questão calma e imparcialmente, agora que não havia perigo de serem interrompidos, como ele tinha sido pelo barulho e ultraje dos acusadores – que ele pudesse ter pelo menos a compreensão da causa como se fazia necessário em sua declaração ao imperador (vv. 26,27). (1) Ele pensava que era despropositado enviar um prisioneiro, especialmente a lugar tão distante quanto Roma, *sem notificar contra ele as acusações*, para que a questão pudesse ser preparada tanto quanto possível, e ser apresentada de modo adequado para a determinação do imperador; porque se supõe que ele seja um homem extremamente ocupado, e, portanto, toda tarefa deve ser posta diante dele com a menor extensão possível. (2) Ele ainda não poderia escrever alguma coisa certa a respeito de Paulo; tão confusas eram as informações que foram entregues contra ele, e tão inconsistentes, que Festo não podia fazer nada com elas. Ele, portanto, desejava que Paulo pudesse, desse modo, ser examinado publicamente, para que ele pudesse ser aconselhado por eles sobre o que escrever. Veja a que grande dificuldade e vexação aqueles homens foram expostos, e a que demora, sim, e a que perigo, na administração da justiça pública, quem vivia a tamanha distância de Roma, e ainda estavam sujeitos ao imperador de Roma. Ao mesmo tipo de problema estava submetida esta nação (que está aproximadamente à mesma distância de Roma, só que do outro lado) quando era sujeita em assuntos eclesiásticos ao papa de Roma, e apelações em todas as ocasiões eram feitos à sua corte; e os mesmos equívocos, e mil vezes piores, cometeram contra nós aqueles que novamente nos enredam naquele jugo de escravidão.

Capítulo 26

Nós deixamos Paulo no tribunal, e Festo, Agripa, Berenice e todos os homens importantes da cidade de Cesaréia, no banco dos juízes, ou ao seu redor, aguardando para ouvir o que ele tinha a dizer a seu favor. Agora, nesse capítulo, nós temos: I. O relato que ele dá de si mesmo, em resposta às calúnias dos judeus. E nesse relato está: 1. Sua humilde súplica ao rei Agripa, e o cumprimento que ele lhe concedeu (vv. 1-3). 2. O relato de sua origem e formação, sua profissão de fé como fariseu e sua adesão ao que ainda era então o principal artigo de seu credo em contraste com o dos saduceus, a "ressurreição dos mortos", embora nos rituais ele tivesse se distanciado dele (vv. 3-8). 3. O seu zelo contra a religião cristã e os que a professavam, no início de sua carreira (vv. 9-11). 4. A sua miraculosa conversão à fé em Cristo (vv. 12-16). 5. A comissão que recebeu do céu para pregar o evangelho aos gentios (vv. 17,18). 6. Os seus procedimentos para cumprir aquela comissão, que haviam ofendido tanto os judeus (vv. 19-21). 7. A doutrina da qual ele fizera sua ocupação pregar aos gentios, que estava tão distante de destruir a lei e os profetas que até mostrava o cumprimento de ambos (vv. 22,23). II. As observações que foram feitas sobre sua apologia. 1. Festo achou que jamais tinha ouvido um homem falar de maneira tão insana e desdenhou dele como enlouquecido (v. 24). Em resposta a Festo, ele nega a acusação e apela ao rei Agripa (vv. 25-27). 2. O rei Agripa, sendo mais íntimo e particularmente conhecedor, pensa que jamais ouviu um homem falar de maneira mais racional e convincente, e admite quase ser seu convertido (v. 28), e Paulo sinceramente deseja que isso aconteça (v. 29). 3. Todos eles concordam que ele é um homem inocente, que deveria ser posto em liberdade, e que era uma pena que ele tivesse sido levado a pôr uma tranca em sua porta ao apelar para César (vv. 30-32).

A Quinta Defesa de Paulo

vv. 1-11

Agripa era a pessoa mais ilustre na assembléia, tendo o título de rei que lhe fora concedido, embora sob outros aspectos tivesse somente o poder dos outros governadores sob o imperador e, mesmo não sendo superior aqui, era veterano em relação a Festo; e por isso, depois de Festo ter aberto a sessão, Agripa, como o orador da corte, concede a Paulo licença para *que se defenda* (v. 1). Paulo ficou em silêncio até que tivesse conseguido essa liberdade; porque não são os mais dispostos a falar que são os mais preparados para falar e falam melhor. Esse era um favor que os judeus não lhe dariam, ou não sem dificuldade; mas Agripa de bom grado o dá a ele. E a causa de Paulo era tão boa que ele não queria mais que ter a liberdade de falar por si mesmo; ele não precisava de advogado, de nenhum Tértulo para falar por ele. Seu gesto é registrado: Ele *estendeu sua mão*, como alguém que não estava em nada consternado, mas tinha perfeita liberdade e domínio de si mesmo; e isso também dá a entender que ele estava falando sério e esperava a atenção deles enquanto respondia por si. Observe: Ele não insistiu em seu apelo a César como uma desculpa para ficar em silêncio, ele não disse: "Eu não mais serei examinado até que eu vá ao imperador em pessoa"; mas amavelmente abraçou a oportunidade de honrar a causa pela qual ele sofria. Se nós devemos estar *sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós*, muito mais a cada homem de autoridade (1 Pe 3.15). Sendo assim, nessa última parte do discurso:

I Paulo dirige-se com um respeito muito particular a Agripa (vv. 2,3). Ele respondeu amavelmente diante de Félix, porque ele sabia que tinha sido por muitos anos *juiz* para aquela nação (cap. 24.10). Mas sua opinião

quanto a Agripa vai mais além. Observe: 1. Sendo acusado pelos judeus, e tendo muitas coisas desprezíveis postas em sua acusação, ele está contente que tenha uma oportunidade de se esclarecer; tão longe está ele de imaginar que por ser um apóstolo estaria isento da jurisdição dos poderes civis. A magistratura é uma ordenança de Deus, da qual todos nós nos beneficiamos, e, portanto, todos devem estar sujeitos a ela. 2. Visto que é forçado a responder por si mesmo, ele está contente em estar diante do rei Agripa, que, sendo ele mesmo um prosélito da religião judaica, entendia todas as questões relativas a ela melhor do que os outros governadores romanos: *Eu sei que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus.* Parece que Agripa era um erudito, e era particularmente versado no ensino judaico, que era perito nos costumes da religião judaica, e conhecia a natureza deles, e que eles não estavam designados a serem universais ou perpétuos. Ele também era perito nas questões que surgiam sobre aqueles costumes, determinando que os próprios judeus não pensavam todos da mesma forma. Agripa era bem versado nas escrituras do Antigo Testamento, e, portanto, podia fazer, mais do que outros, um julgamento melhor sobre a controvérsia entre ele e os judeus a respeito de Jesus poder ser o Messias. É um encorajamento para um pregador ter ouvintes que são inteligentes e que podem discernir coisas que diferem entre si. Quando Paulo diz: *julgai vós mesmos o que digo*, ele está falando *como a sábios* (1 Co 10.15). 3. Ele, portanto, roga que ele o *ouça pacientemente, makrothymos – com longo ânimo.* Paulo planeja um longo discurso, e implora que Agripa o ouça por completo, e não fique entediado; ele planeja um discurso claro, e roga que o ouça com mansidão, e não fique furioso. Paulo tem uma certa razão em temer que, como Agripa, sendo judeu, era bem versado nos costumes judeus, e por isso um juiz tanto mais competente de sua causa, ele fosse também influenciado em alguma medida pelo fermento judeu, e portanto podia carregar um preconceito contra Paulo como o apóstolo dos gentios; ele portanto diz isso para abrandá-lo: *eu rogo a ti que me ouças pacientemente.* Com certeza, o mínimo que podemos esperar, quando pregamos a fé em Cristo, é sermos ouvidos pacientemente.

II Ele declara que embora fosse odiado e estigmatizado como apóstata, ainda assim aderia a todo aquele bem no qual fora educado e instruído no início; sua religião sempre foi construída sobre a *promessa de Deus feita aos pais*; e sobre isso ele ainda construía.

1. Veja aqui qual era sua religião em sua juventude: Sua *vida, todos os judeus a sabem* (vv. 4,5). Na verdade, ele não nasceu em sua própria nação, mas foi criado entre eles em Jerusalém. Embora ele tivesse nos últimos anos tido contatos com os gentios (o que havia causado grande ofensa aos judeus), contudo, em suas viagens pelo mundo, ele estava intimamente ligado com a nação judaica, e agia inteiramente em seu benefício. Sua formação não era nem estranha nem obscura; estava entre sua própria nação em Jerusalém, onde a religião e a instrução floresciam. Todos os judeus a conheciam, tudo isso poderia ser lembrado por muito tempo, porque Paulo tornou-se notável ainda moço. Aqueles que o conheciam *desde o princípio* poderiam testificar por ele que ele era fariseu, que ele era não somente da religião judaica, e um observador de todas as ordenanças dela, mas que ele era da *mais severa seita da nossa religião*, mais exigente e exato em observar por si mesmo as suas instituições, e mais rígido e crítico ao impô-las a outros. Ele não somente era chamado de fariseu, mas ele *viveu fariseu.* Todos que o conheceram sabiam muito bem que nunca qualquer fariseu se conformou mais pontualmente às regras de sua ordem do que ele. E ainda mais, ele era do melhor tipo de fariseu; porque ele fora educado aos pés de Gamaliel, que foi um rabino eminente da escola ou casa de Hillel, que era de muito maior reputação para a religião do que a escola ou casa de Shamai. Sendo assim, se Paulo era fariseu, e viveu como fariseu: (1) Então ele era um erudito, um homem instruído, e não um ignorante, iletrado; os fariseus conheciam a lei e eram bem versados nela, e nas suas exposições tradicionais. Havia uma censura aos outros apóstolos por não terem tido uma formação acadêmica, mas tinham sido treinados como pescadores (cap. 4.13). Portanto, para que os judeus descrentes pudessem ser deixados sem desculpa, aqui está um apóstolo destacado que havia se assentado aos pés de seus doutores mais eminentes. (2) Então ele era um moralista, um homem de virtude, e não um jovem dissoluto ou pervertido. Se ele viveu como fariseu, não era nenhum bêbado ou fornicador; e, sendo um jovem fariseu, podemos esperar que ele não era nenhum extorquidor, nem tinha ainda aprendido as artes que os velhos fariseus astutos e cobiçosos praticavam de devorar as casas das viúvas pobres; mas era, *segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.* Ele não era culpado de nenhum exemplo de vício e profanação conhecidos; e, portanto, como não se podia considerá-lo desertor de sua religião por não conhecê-la (pois ele era um homem instruído), também não se podia considerar que ele desertara dela porque não a amava, ou não tinha afeição às suas obrigações, pois ele era um homem virtuoso, e não era inclinado a nenhuma imoralidade. (3) Então ele era ortodoxo, são na fé, e não um deísta ou cético, ou um homem de princípios corruptos que levam à infidelidade. Ele era fariseu, em oposição aos saduceus; ele aceitava aqueles livros do Antigo Testamento que os saduceus rejeitavam, acreditava num mundo de espíritos, na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo e nas recompensas e castigos do estado futuro, tudo que os saduceus negavam. Eles não podiam dizer: Ele abandonou sua religião por falta de um princípio, ou por falta do devido respeito para com a revelação divina; não, ele sempre tivera uma veneração pela antiga *promessa feita por Deus aos pais*, e construíra sua esperança sobre ela.

Ora, embora Paulo soubesse muito bem que tudo isso não o justificava diante de Deus, nem era justificação para ele, ele sabia que isso valia por sua reputação entre os judeus, e um argumento *ad hominem – como Agripa deveria sentir*, que ele não era um homem tal qual eles o fizeram parecer. Embora ele considerasse tudo isso como perda para que pudesse ganhar a Cristo, ainda o mencionava quando podia servir para honrar a Cristo. Ele sabia muito bem que em todo esse tempo ele era um estranho à natureza espiritual da lei divina, e à religião do coração, e que a menos que sua justiça excedesse isso, ele jamais iria para o céu; no entanto, ele reflete sobre isso com alguma satisfação de que antes da

sua conversão não tinha sido um ateu, profano ou corrupto, mas, de acordo com a luz que ele possuía, tinha *andado diante de Deus com toda a boa consciência.*

2. Veja aqui o que é sua religião. Na verdade, ele não tem grande zelo pela lei cerimonial como ele teve em sua juventude. Os sacrifícios e ofertas designados por essa lei, ele pensa, são superados pelo grande sacrifício que eles tipificavam; ele não leva mais em consideração as contaminações e suas purificações cerimoniais, e pensa que o sacerdócio levítico foi nobremente absorvido pelo sacerdócio de Cristo; mas quanto aos princípios fundamentais de sua religião, ele é tão zeloso por eles como sempre, e mais ainda, ele está pronto a viver e morrer por eles.

(1) Sua religião é edificada sobre a *promessa feita por Deus aos pais.* Está edificada sobre a revelação divina, que ele recebe e crê, e na qual arrisca sua alma; ela está edificada sobre a graça divina, a graça manifestada e transmitida pela promessa. A promessa de Deus é o guia e a base de sua religião, a promessa *feita aos pais*, que era mais antiga do que a lei cerimonial, *essa* aliança que foi confirmada diante de Deus em Cristo, e que a lei, *que veio quatrocentos e trinta anos depois, não invalida, de forma a abolir a promessa* (Gl 3.17). Cristo e o céu são as duas grandes doutrinas do evangelho – que Deus *nos deu a vida eterna e essa vida está em seu filho.* Sendo assim, essas duas são a substância *da promessa feita aos pais.* Ela pode remontar até a promessa feita ao pai Adão, a respeito da semente da mulher, e aquelas descobertas de um estado futuro em cuja fé os primeiros patriarcas agiram, e foram salvos por aquela fé; mas ela diz respeito principalmente à promessa feita ao pai Abraão, de que *por sua semente todas as famílias da terra* seriam *abençoadas*, e que Deus *seria um Deus para ele* e para *sua semente depois dele*: a primeira quer dizer Cristo, a última, o céu; porque, se Deus não tivesse preparado *uma cidade* para eles, Ele teria se envergonhado de chamar a si mesmo de *seu Deus* (Hb 11.16).

(2) A sua religião consiste nas esperanças dessa promessa. Ele não a estabelece, como eles fizeram, em comidas e bebidas, e na observação de mandamentos carnais (Deus tem muitas vezes mostrado quão pouco Ele se importa com eles), mas na dependência confiante da graça de Deus na aliança, e na promessa, que foi a grande carta régia pela qual a igreja foi inicialmente fundada. [1] Ele tinha esperança em Cristo como a semente prometida; ele esperava ser abençoado nele, para receber a bênção de Deus e ser verdadeiramente abençoado. [2] Ele tinha esperanças do céu; isso é expressamente afirmado, como aparece na comparação com o capítulo 24.15: *de que há de haver ressurreição de mortos.* Paulo não confia na carne, mas em Cristo; nenhuma expectativa de grandes coisas deste mundo, mas de coisas do outro mundo maiores do que qualquer uma que este mundo possa almejar; ele tem seu olhar voltado para um estado futuro.

(3) Nisso, ele concordava com todos os judeus piedosos; sua fé não estava só de acordo com as Escrituras, mas de acordo com o testemunho da igreja, que era um apoio para ela. Embora eles o pusessem como um marco ele não era singular: "*nossas doze tribos*, o corpo da igreja judaica, *continuamente servindo a Deus noite e dia*, esperavam *atingir essa promessa*, isto é, o bem prometido". O povo de Israel é chamado de *doze tribos*, porque assim eles eram no início; e, embora nós não leiamos do retorno das dez tribos em um corpo, ainda assim podemos pensar em muitas pessoas em particular, mais ou menos de cada tribo, que retornaram à sua terra; talvez, gradualmente, a maior parte daqueles que foram levados cativos. Cristo fala das *doze tribos* (Mt 19.28). Ana era da tribo de Aser (Lc 2.36). Tiago endereça sua epístola às *doze tribos que andam dispersas* (Tg 1.1). "Nossas doze tribos, que formam o corpo de nossa nação, à qual eu e outros pertencemos. Ora, todos os israelitas professam crer nessa promessa, tanto de Cristo quanto do céu, e esperam alcançar os benefícios delas. Todos eles esperam por um Messias futuro, e nós que somos cristãos esperamos em um Messias que já veio; de maneira que todos nós concordamos em edificar sobre a mesma promessa. Eles esperam pela *ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro,* e isso é o que eu espero também. Por que eu deveria ser visto como tendo apresentado algo perigoso e heterodoxo, ou como um apóstata da fé e do culto da igreja judaica, quando concordo com eles nesse artigo fundamental? Eu espero por fim chegar ao mesmo céu a que eles esperam chegar; e, se nós esperamos nos encontrar de maneira tão feliz em nosso fim, por que deveríamos nos desentender de forma tão infeliz no caminho?" E mais, a igreja judaica não somente esperava alcançar essa promessa, mas, na esperança dela, eles estão *servindo a Deus continuamente, noite e dia.* O serviço do templo, que consistia em uma série contínua de deveres religiosos, manhã e tarde, dia e noite, do início ao fim do ano, e era mantido pelos sacerdotes e levitas, e pelos *homens fixos*, como eram chamados, que continuamente assistiam ali para pôr suas mãos sobre os sacrifícios públicos, como os representantes de todas as doze tribos, esse serviço baseava-se na profissão de fé na promessa da vida eterna, e, na expectativa dela, Paulo insistentemente serve *a Deus dia e noite* no evangelho de seu Filho. As doze tribos por meio de seus representantes fazem o mesmo com relação à lei de Moisés, mas ele e elas o fazem na esperança da mesma promessa: "Por isso, eles não deveriam me olhar como um desertor de sua igreja, já que eu me sustento pela mesma promessa pela qual eles se sustentam". Muito mais deveriam os cristãos, que esperam pelo mesmo Jesus, pelo mesmo céu, embora diferindo nos modos e cerimônias de culto, esperar o melhor uns dos outros, e viverem juntos em santo amor. Ou isso pode ser uma referência a pessoas particulares que continuaram na comunhão da igreja judaica e foram muito devotas a seu modo, servindo a Deus com grande intensidade e forte aplicação da mente, e constantes nisso, *noite e dia*, como Ana, *que não saía do templo*, mas servia a Deus (a mesma palavra é usada aqui) *com jejuns e orações de noite e de dia* (Lc 2.37). "Nesse caminho eles esperavam alcançar a promessa, e eu espero que eles a alcancem." Note: Só podem esperar com bons motivos a vida eterna aqueles que são diligentes e constantes no serviço de Deus; e a boa esperança dessa vida eterna deveria nos estimular à diligência e constância em todos os exercícios religiosos. Nós devemos continuar com nossa obra tendo o céu em nossa mira. E devemos julgar de maneira caridosa aqueles que insistentemente servem *a Deus noite e dia*, ainda que não do nosso jeito.

(4) E isso era pelo que ele agora estava sofrendo – por pregar essa doutrina que eles mesmos, caso eles a entendessem corretamente, deveriam reconhecer: *eu sou julgado pela esperança da promessa feita aos pais.* Ele se prendia à promessa, contra a lei cerimonial, enquanto seus acusadores se prendiam à lei cerimonial contra a promessa: "*Por essa esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus* – porque eu faço aquilo que eu me considero obrigado a fazer pela esperança dessa promessa". É comum aos homens odiar e perseguir em outros o poder daquela religião da qual eles, não obstante, se orgulham na forma. A esperança de Paulo era o que *esses mesmos também esperam* (cap. 24.15), e, no entanto, eles estavam, desse modo, enfurecidos contra ele por agir de acordo com aquela esperança. Contudo, era uma honra que quando ele sofria como cristão ele sofria *pela esperança de Israel* (cap. 28.20).

(5) Isso era o que ele deveria persuadir a adotar todos que o ouviam cordialmente (v. 8): *Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?* Isso parece vir de maneira um tanto brusca; mas é provável que Paulo tenha dito muito mais do que está aqui relatado, e que ele tenha explicado *a promessa feita aos pais* como sendo a promessa da ressurreição e vida eterna, e provado que estava no caminho certo na busca de sua esperança daquela felicidade porque ele acreditava em Cristo, que tinha *ressuscitado dos mortos*, o que era um penhor e garantia daquela ressurreição pela qual os pais esperavam. Paulo está, portanto, certo de conhecer *a virtude da ressurreição de Cristo*, que por ela ele podia *chegar à ressurreição dos mortos*; veja Fp 3.10,11. Agora, muitos de seus ouvintes eram gentios, a maioria deles talvez, Festo particularmente, e nós podemos supor que quando eles o ouviram falar tanto da ressurreição de Cristo quanto da ressurreição dos mortos, pela qual as doze tribos esperavam, eles zombaram, como fizeram os atenienses, que começaram a rir e a murmurar uns com os outros que coisa absurda era aquela, o que levou Paulo, desse modo, a argumentar com eles. *Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?* Assim pode ser lido. *Se isso for maravilhoso aos olhos do resto deste povo, será também maravilhoso aos meus olhos? Diz o Senhor dos exércitos* (Zc 8.6). Se estiver acima do poder da natureza, contudo, não está acima do poder do Deus da natureza. Note: Não há razão por que nós devamos pensar ser incrível que Deus ressuscite os mortos. Não somos obrigados a acreditar em nada que seja inacreditável, qualquer coisa que implique uma contradição. Há motivos de credibilidade suficientes para nos sustentar em todas as doutrinas da religião cristã, e de maneira especial isso vale para a ressurreição dos mortos. Acaso Deus não tem poder infinito, para o qual nada é impossível? Não criou Ele o mundo do nada, com apenas uma palavra? Não formou Ele nossos corpos a partir do barro e soprou em nós o sopro de vida? E não pode o mesmo poder formá-los novamente a partir de seu próprio barro e pôr vida neles novamente? Não vemos um tipo de ressurreição na natureza, na volta de cada primavera? O sol tem uma força semelhante de ressuscitar plantas mortas, e deveria parecer incrível para nós que Deus ressuscitasse corpos mortos?

III Ele reconhece que *enquanto continuava fariseu, era inimigo amargo dos cristãos e do cristianismo*, e ele pensava que deveria ser assim, e continuou assim até o momento em que Cristo operou essa maravilhosa mudança nele. Isso ele menciona:

1. Para mostrar que o fato de se tornar cristão e pregador não era o produto e resultado de nenhuma disposição ou inclinação prévia a esse movimento, ou qualquer avanço gradual de pensamento a favor da doutrina cristã; ele não se convenceu a favor do cristianismo por uma seqüência de argumentos, mas foi introduzido no grau mais elevado de certeza dele, imediatamente do mais alto grau de preconceito contra ele, pelo que parecia que ele foi feito cristão e pregador por um poder sobrenatural; de maneira que sua conversão de tal modo miraculoso não era somente para ele, mas para outros também, uma prova convincente da verdade do cristianismo.

2. Talvez ele pretenda com isso uma desculpa a seus acusadores, como Cristo fez pelos seus, quando Ele disse: *Eles não sabem o que fazem.* O próprio Paulo uma vez pensou que fez o que deveria fazer quando perseguia os discípulos de Cristo, e ele caridosamente considera que eles agiam sob o mesmo engano. Observe:

(1) Quão tolo ele era em sua opinião (v. 9): Ele pensava consigo mesmo *que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia praticar muitos atos*, tudo que estava em seu poder, contrário à sua doutrina, sua honra e seu interesse. Esse nome não fez nenhum mal, contudo, porque ele não concordava com a noção que ele tinha do reino do Messias, ele estava pronto para fazer tudo que pudesse contra esse nome. Ele pensava prestar um bom serviço a Deus ao perseguir aqueles que invocavam o nome de Jesus Cristo. Note: É possível que os que estão evidentemente no caminho errado estejam confiantes de que estão no caminho certo; e que os que estão voluntariosamente persistindo no maior dos pecados pensem que estão fazendo o seu dever. Aqueles que odiavam seus irmãos e os expulsavam, diziam: *O Senhor seja glorificado* (Is 66.5). Sob o disfarce e pretexto de religião, as vilanias mais bárbaras e desumanas têm sido não apenas justificadas, mas santificadas e exaltadas (Jo 16.2).

(2) Com que fúria ele agia (vv. 10,11). Não há um princípio mais violento no mundo do que a consciência mal informada. Quando Paulo considerava ser seu dever fazer tudo que pudesse contra o nome de Cristo, ele não poupava esforços nem custo nessa tarefa. Ele dá um relato do que fez nesse sentido, e o agrava como algo pelo qual estava verdadeiramente arrependido: *fui blasfemo, e perseguidor* (1 Tm 1.13). [1] Ele encheu as celas com cristãos, como se eles fossem os piores criminosos, cogitando por esse meio não somente aterrorizá-los, mas torná-los odiosos ao povo. Ele era *o diabo* que lançava *alguns deles na prisão* (Ap 2.10), os levava sob custódia, para que fossem processados. *Encerrei muitos dos santos nas prisões* (v. 10), *tanto homens como mulheres* (cap. 8.3). [2] Ele tornou-se o agente dos principais sacerdotes. Deles recebeu *poder*, como um oficial inferior, para pôr suas leis em execução, e orgulhava-se muito de que era um homem com autoridade para esse propósito. [3] Ele era muito solícito para se manifestar, mesmo que não solicitado, a favor da entrega dos cristãos à morte, particularmente Estêvão, em cuja morte Saulo consen-

tiu (cap. 8.1), e assim tornou-se *particeps criminis – cúmplice no crime.* Talvez ele tenha, por seu grande zelo, embora jovem, se tornado um membro do sinédrio, e ali votado pela condenação dos cristãos à morte; ou, depois que eles eram condenados, ele justificava o fato, e o celebrava, tornando-se assim culpado *ex post facto – depois de cometido o ato,* como se ele tivesse sido um juiz ou jurado. [4] Ele os punia com castigos de uma natureza inferior, *nas sinagogas,* onde eles eram *castigados* como transgressores das regras da sinagoga. Ele teve participação no castigo de muitos; mais ainda, parece que as mesmas pessoas eram por seus meios castigadas *muitas vezes,* como ele mesmo foi cinco vezes (2 Co 11.24). [5] Ele não somente os punia pela religião deles, mas, orgulhando-se de triunfar sobre a consciência das pessoas, ele as forçava a abjurar de sua religião, entregando-as à tortura: "*Os obriguei a blasfemar* contra Cristo, e a dizer que Ele era um enganador e que eles haviam sido enganados por Ele – compelia-os a negar seu Mestre, e a renunciar a suas obrigações para com Ele". Nada será mais pesado sobre os acusadores do que forçar a consciência dos homens, por mais que eles possam agora triunfar pelos prosélitos que eles fizeram pela violência. [6] Sua fúria cresceu tanto contra os cristãos e o cristianismo que a própria Jerusalém tornou-se um palco muito estreito para ele agir, e assim, ele declara: *E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui.* Ele estava furioso contra eles, para ver o quanto eles tinham a dizer a favor de si mesmos, não obstante tudo que ele fazia contra eles, enfurecido por vê-los se multiplicar ainda mais por serem afligidos. Ele estava *enfurecido demasiadamente*; e o rio de sua fúria não admitiria nenhuma margem, nenhum limite, contudo ele era um terror tão grande para si mesmo como era para eles, tamanho era seu tormento dentro de si mesmo pelo fato de não poder vencer, como era grande também sua indignação contra eles. Perseguidores são homens enfurecidos, e alguns deles *demasiadamente enfurecidos.* Paulo estava irritado por ver que aqueles em outras cidades não eram tão violentos contra os cristãos, e por isso se ocupou onde ele não tinha obrigações, e perseguiu os cristãos até mesmo em cidades estrangeiras. Não há um princípio mais incansável do que fazer o mal, especialmente aquele que aparenta consciência.

Esse era o caráter de Paulo, e essa a sua maneira de viver no início de sua carreira; e por isso não se poderia presumir que ele fosse cristão por educação ou costume, ou que tivesse sido atraído pela esperança de promoção, porque todas as objeções exteriores imagináveis estavam contra ele ser cristão.

A Quinta Defesa de Paulo

vv. 12-23

Todos que acreditam em Deus e têm reverência por sua soberania devem reconhecer que aqueles que falam e agem por sua direção e autorização não devem sofrer oposição; porque isso é *lutar contra Deus.* Ora, Paulo aqui por uma narrativa clara e fiel dos fatos demonstra a essa augusta assembléia que ele teve um chamado imediato dos céus para pregar o evangelho de Cristo ao mundo gentio, que era a coisa que tinha exasperado os judeus contra ele. Aqui ele mostra:

I Que ele tinha se tornado cristão pelo poder divino, apesar de todo seu preconceito contra esse movimento. Ele foi trazido a ele repentinamente pela mão do céu; não foi compelido a confessar a Cristo por uma força externa, como ele tinha compelido outros a blasfemar contra Ele, mas por uma energia divina e espiritual, por uma revelação de Cristo vinda de cima, tanto para ele quanto nele: e isso quando ele estava em pleno curso de seu pecado, indo a Damasco, para suprimir o cristianismo perseguindo ali os cristãos, com tanto fervor pela causa como nunca antes, sua fúria em perseguir de modo nenhum diminuída ou cansada, nem sendo ele tentado a abandoná-lo pelo fracasso de seus amigos, porque ele tinha nessa época *recebido* tão amplo *poder e comissão dos principais dos sacerdotes* para perseguir o cristianismo como jamais tinha tido, quando foi obrigado por uma força superior a desistir daquela comissão e aceitar uma outra, a de pregar o cristianismo. Duas coisas causam essa mudança surpreendente, uma visão do céu e uma voz do céu, que transmitiram o conhecimento de Cristo a ele pelos dois sentidos do aprendizado: a visão e a audição.

1. Ele teve uma visão celestial, e pelas circunstâncias essa não podia ser uma *ilusão – deceptio visus,* mas era, sem dúvida, uma aparição divina. (1) *Vi no caminho uma luz do céu,* tal como não podia ser produzida por nenhum artifício, porque ela não surgiu de noite, mas *ao meio-dia*; ele não estava em uma casa onde poderia ter sido enganado por algum truque, mas estava *no caminho,* em lugar aberto; e era uma luz tal *que excedia o esplendor do sol,* eclipsando-o (Is 24.23), e isso não podia ser o produto da imaginação do próprio Paulo, porque *a claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo*: todos eles sentiram que foram cercados com essa inundação de luz, que fez com que o próprio sol se tornasse a seus olhos uma luz menor. A força e o poder dessa luz apareceram em seus efeitos; todos eles caíram no chão quando a viram, tal a consternação em que ficaram; essa luz era por sua força como um raio, contudo, ela não passou como um raio, mas continuou a brilhar ao redor deles. Nos tempos do Antigo Testamento, Deus em geral se manifestava na espessa escuridão, e fez dessa seu pavilhão (2 Cr 6.1). Ele falou a Abraão em uma grande escuridão (Gn 15.12), por que aquela era uma dispensação de escuridão; mas agora que *a vida e a incorrupção foram trazidas à luz pelo evangelho,* Cristo apareceu em uma grande luz. Na criação da graça, como na do mundo, a primeira coisa criada é a luz (2 Co 4.6). (2) O próprio Cristo apareceu a ele (v. 16): Eu *te apareci por isto.* Cristo estava nessa luz, embora aqueles que viajavam com Paulo tivessem visto apenas a luz, e não Cristo na luz. Não é todo conhecimento que servirá para nos tornar cristãos, mas este dever ser *o conhecimento de Cristo.*

2. Ele ouviu uma voz celestial, uma voz articulada *que lhe falava*; aqui é dito ser *em língua hebraica* (a qual não foi informada antes), sua língua nativa, a língua de sua religião, para fazê-lo entender que embora devesse ser enviado aos gentios, não devia esquecer que era hebreu,

nem tornar-se estranho à língua hebraica. No que Cristo disse a ele, nós podemos observar: (1) Que Ele o chamou por seu nome, e repetiu (*Saulo, Saulo*), o que o surpreenderia e o assustaria; e tanto mais porque ele estava então em um local estranho, onde pensava que ninguém o conhecesse. (2) Que Ele o convenceu do pecado, desse grande pecado para o qual ele estava agora comissionado, o pecado de perseguir os cristãos, e mostrou-lhe o absurdo desse pecado. (3) Que Ele se importava com o sofrimento de seus seguidores: Tu *me persegues* (v. 14), e outra vez: *sou Jesus a quem tu persegues* (v. 15). Paulo não pensava que, quando estava esmagando aqueles que ele via como fardos e manchas dessa terra, estava na verdade insultando alguém que era a grande glória do céu. (4) Que Ele o repreendeu por sua resistência obstinada àquelas convicções: *Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões*, como um boi não acostumado ao jugo. O espírito de Paulo talvez logo começou a se elevar, mas lhe é dito que isso o põe em perigo, e então ele cede. Ou, foi falado como advertência: "Cuida para que tu não resistas a essas convicções, pois elas têm o objetivo de te afetar, não te afrontar". (5) Que, pelas suas perguntas, Cristo se fez conhecido a ele. Paulo perguntou (v. 15): "*Quem és, Senhor?* Permita-me saber quem é que fala comigo do céu, para que eu possa responder de acordo". E Ele disse: "*Eu sou Jesus*, aquele a quem tu tens desprezado, e odiado, e aviltado; Eu carrego esse nome que tu tens tornado tão odioso, e dizê-lo, um crime". Paulo pensava que Jesus estava sepultado na terra, e, embora roubado de seu próprio sepulcro, ainda jazesse em algum outro. Todos os judeus eram instruídos a dizer isso, e, portanto, ele está admirado de ouvi-lo falar do céu, de vê-lo cercado de toda essa glória quando ele o acumulara de toda a desonra possível. Isso o convenceu de que a doutrina de Jesus era divina e celestial, e não somente não deveria sofrer oposição, mas devia ser cordialmente abraçada: *Esse Jesus é o Messias*, porque Ele não somente *ressuscitou dos mortos*, mas *recebeu de Deus, o Pai, a honra e a glória*; e isso foi o bastante para fazer dele imediatamente um cristão, e deixar a companhia dos perseguidores, contra a qual o Senhor do céu apareceu, e unir-se à sociedade dos perseguidos, a favor da qual o Senhor do céu apareceu.

II Que ele se tornou ministro por uma autoridade divina: *Que o mesmo Jesus que apareceu a ele naquela luz gloriosa* ordenou-lhe *a ir e pregar o evangelho aos gentios*; ele não correu sem ser enviado, nem foi enviado por homens como ele mesmo, mas por aquele a quem o Pai enviou (Jo 20.21). O que foi dito sobre ele ser um apóstolo está aqui imediatamente associado ao que lhe foi dito no caminho, mas parece, pelo capítulo 9.15 e 22.15,17 etc., que isso lhe foi dito posteriormente; mas ele coloca os dois juntos por amor à brevidade: *levanta-te, e põe-te sobre teus pés*. Aqueles a quem Cristo, pela luz de seu evangelho, derruba em humilhação pelo pecado, descobrirão que isso é para que se levantem e fiquem sobre seus pés, em graça, força e conforto espirituais. Se Cristo feriu, foi para que pudesse curar; se Ele derrubou, foi para que pudesse levantar. Então, *sacode o pó, levanta-te* (Is 52.2), ajuda-te e Cristo te ajudará. Ele deve ficar em pé, porque Cristo tem uma obra para ele fazer – tem uma tarefa, e uma grande tarefa, que ele deve sair para realizar: *porque te apareci por isso, para te pôr por ministro*. É Cristo quem constitui seus próprios ministros; eles recebem tanto suas qualificações quanto suas comissões dele. Paulo agradece a Cristo Jesus por tê-lo colocado no ministério (1 Tm 1.12). Cristo lhe apareceu para torná-lo ministro. De um jeito ou de outro, Cristo se manifestará a todos aqueles a quem Ele fizer seus ministros; pois como podem anunciá-lo aqueles que não o conhecem? E como podem aqueles conhecê-lo se Ele não se faz conhecido por seu espírito? Observe:

1. O ofício ao qual Paulo é designado: ele é feito ministro, para servir a Cristo e agir por Ele, como uma testemunha – oferecer evidência em sua causa, e atestar a verdade de sua doutrina. Ele deve testificar *o evangelho da graça de Deus*; Cristo apareceu a ele para que ele pudesse aparecer por Cristo diante dos homens.

2. A matéria do testemunho de Paulo: ele deve dar um relato ao mundo: (1) *Das coisas que ele tem visto*, agora, nesse tempo, ele deve contar ao povo sobre a manifestação de Cristo a ele no caminho e o que Ele lhe disse. Ele viu essas coisas para que pudesse divulgá-las, e usou todas as ocasiões para divulgá-las, como aqui, e antes (cap. 22). (2) *Daquelas pelas quais lhe apareceria ainda*. Cristo agora estabelece uma correspondência com Paulo, que Ele planeja manter mais tarde, e agora só lhe contou que ele deveria ouvir mais dele. No início, Paulo tinha apenas idéias confusas do evangelho, até Cristo lhe aparecer e dar-lhe instruções mais completas. O evangelho que ele pregava, recebeu-o diretamente de Cristo (*porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo*, Gl 1.12); mas ele o recebeu gradualmente, um pouco de cada vez, conforme a ocasião. Cristo apareceu muitas vezes a Paulo, com mais freqüência, é provável, do que é relatado, e ainda o ensinava, *para que ele tanto mais sabedoria ao povo ensinasse*.

3. A proteção espiritual sob a qual ele foi tomado, enquanto foi desse modo empregado como testemunha de Cristo: todos os poderes das trevas não poderiam prevalecer contra ele até que tivesse terminado seu testemunho (v. 17), *livrando-o deste povo e dos gentios*. Note: As testemunhas de Cristo estão sob seu cuidado especial, e, embora elas possam cair nas mãos dos inimigos, Ele cuidará para libertá-las de suas mãos, e Ele sabe como fazer isso. Cristo mostrou a Paulo nessa ocasião o *quanto ele devia padecer pelo seu nome* (cap. 9.16), e, no entanto, conta-lhe aqui que Ele o livrará *desse povo*. Note: Grandes sofrimentos são conciliáveis com a promessa da libertação do povo de Deus, porque não é prometido que ficarão livres de dificuldades, mas que serão guardados no meio delas; e algumas vezes Deus os entrega nas mãos dos seus perseguidores para que Ele possa ter a honra de libertá-los de suas mãos.

4. A comissão especial dada a ele para ir aos gentios, e a missão na qual ele é enviado a eles; isso foi alguns anos depois da conversão de Paulo, antes que ele fosse *enviado aos gentios*, ou (pelo que parece) nada soubesse de ser designado para esse propósito (veja 22.21); mas finalmente ele é ordenado a seguir seu curso naquela direção.

(1) Há uma grande obra a ser feita entre os gentios, e Paulo deve ser um agente para realizá-la. Duas coisas

devem ser feitas, que o caso deles exige que se façam: [1] Um mundo que está na escuridão deve ser iluminado; devem ser levados a *saber das coisas que pertencem à sua paz eterna* aqueles que ainda não as conhecem, a conhecer Deus como seu fim, e Cristo como seu caminho, pois ainda nada sabem de ambos. Ele é enviado *para lhes abrir os olhos e das trevas os converter à luz*. Sua pregação não fará apenas conhecidas deles as coisas de que não tinham ouvido falar antes, mas será o veículo daquela graça e poder divinos pelos quais o entendimento deles será iluminado para receber aquelas coisas, e dar-lhes as boas-vindas. Desse modo, ele abrirá seus olhos, que antes estavam fechados para a luz, e eles ficarão dispostos a entender por si mesmos, seu próprio caso e interesse. Cristo abre o coração ao abrir os olhos, não guia homens cegos, mas lhes concede ver seus próprios caminhos. Ele é enviado não somente para abrir seus olhos para o presente, mas para mantê-los abertos, *para das trevas os converter à luz*, ou seja, de seguir guias falsos e cegos, seus oráculos, adivinhações e usos supersticiosos, recebidos pela tradição de seus pais, e as noções e idéias corruptas que eles tinham de seus deuses, para seguir uma revelação divina de inquestionável certeza e verdade. Isso era convertê-los da escuridão para a luz, dos caminhos das trevas para aqueles nos quais brilha a luz. O grande propósito do evangelho é instruir o ignorante, e corrigir os equívocos daqueles que estão no erro, para que as coisas possam ser estabelecidas e vistas em uma luz verdadeira. [2] Um mundo que jaz na impiedade, no maligno, deve ser santificado e reformado; não basta para eles terem seus olhos abertos, eles devem ter seus corações renovados; não basta serem convertidos da escuridão para a luz, mas devem ser convertidos do poder de Satanás para Deus, o que naturalmente se seguirá; pois Satanás governa pelo poder da escuridão, e Deus, pela evidência convincente da luz. Os pecadores estão sob o poder de Satanás; os idólatras também, mas de uma maneira especial, prestam suas homenagens aos demônios. Todos os pecadores estão sob influência de suas tentações, submetem-se como cativos a ele, estão a seu comando; a graça da conversão os tira de debaixo do domínio de Satanás e os leva à sujeição a Deus, para se conformarem às regras de sua palavra e agirem de acordo com os ditados e orientações de seu Espírito, *tira-os da potestade das trevas e os transporta para o Reino do Filho do seu amor*. Quando as graciosas disposições são fortes na alma (como eram suas disposições corruptas e pecaminosas), é então que se convertem do poder de Satanás para Deus.

(2) Há uma grande felicidade planejada para os gentios mediante essa obra – *a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim*; eles são convertidos das trevas do pecado para a luz da santidade, da escravidão de Satanás para o serviço de Deus; não para que Deus possa ser um beneficiário por meio deles, mas para que eles possam ser beneficiários por meio dele. [1] Para que eles possam ser restaurados ao seu favor, o qual pelo pecado eles perderam e do qual se excluíram: *a fim de que recebam a remissão dos pecados*. Eles são libertos do domínio do pecado, para que possam ser salvos daquela morte que é o salário do pecado. Não para que possam merecer o perdão como uma dívida ou recompensa, mas para que possam recebê-lo como um dom gratuito, para que possam ser qualificados a receber seu conforto. Eles são persuadidos a depor as armas e retornar à sua obediência, para que possam ter o benefício do decreto de imunidade, e possam usá-lo em sujeição ao juízo a ser aplicado contra eles. [2] Para que eles possam ser felizes no desfrute dele; não somente para que possam ter seus pecados perdoados, mas *a fim de que recebam herança entre os que são santificados pela fé em mim* (versão RA). Note que, em primeiro lugar, o céu é uma herança, ele desce para todos os filhos de Deus; pois, *se filhos, então herdeiros. A fim de que recebam, kleron – uma sorte* (pode-se ler assim), aludindo às heranças de Canaã, que foram distribuídas por sortes, e que também é o ato de Deus, pois *a disposição disso é do Senhor. Para que eles possam ter um direito*, assim alguns o lêem; não por mérito, mas puramente pela graça. Em segundo lugar, todos que são efetivamente convertidos do pecado a Deus não são somente perdoados, mas exaltados – eles não têm somente sua proscrição revertida, mas uma patente de honra lhes é dada, e uma rica herança. E o perdão dos pecados abre caminho para essa herança, ao tirar do caminho a única coisa que atrapalhava. Em terceiro lugar, todos os que devem ser salvos daqui em diante são santificados agora; aqueles que têm a herança celestial devem tê-la desse modo, devem estar preparados e adequados para ela. Ninguém pode ser feliz se não for santo; nem pode haver santos no céu que primeiro não foram santos na terra. Em quarto lugar, para sermos felizes, nós não precisamos mais do que ter nosso quinhão entre aqueles que são santificados, e viver como eles vivem; isso é ter nosso quinhão entre os escolhidos, porque eles são escolhidos para a salvação através da santificação. Aqueles que são santificados devem ser glorificados. Portanto, lancemos agora nossa sorte entre eles, ao entrarmos na comunhão dos santos, e estarmos dispostos a tirar nossa sorte com eles, e compartilhar com eles em suas aflições, que (por mais dolorosas que sejam) serão ricamente compensadas pela nossa sorte com eles na herança. Em quinto lugar, nós somos santificados e salvos pela fé em Cristo. Alguns remetem isso à palavra que vem logo antes, *santificados pela fé*, porque a fé purifica o coração, e aplica à alma aquelas preciosas promessas, e sujeita a alma à influência daquela graça pela qual nós participamos de uma natureza divina. Outros ligam isso com o recebimento tanto do perdão quanto da herança; é pela fé que se aceita a doação. Vem tudo de uma vez; porque é pela fé que nós somos justificados, santificados e glorificados. *Pela fé, te eis eme – pela fé em mim*; isso é enfaticamente expresso. Essa fé que não somente recebe a revelação divina em geral, mas que de uma maneira particular se baseia em Jesus Cristo e em sua mediação, pela qual nós confiamos em Cristo como o *Senhor nossa justiça*, e nos entregamos a Ele como o Senhor nosso regente. É por meio disso que nós recebemos a *remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo e a vida eterna.*

III Que ele cumpriu seu ministério, obedecendo a sua comissão, com a ajuda divina, e sob direção e proteção divinas. Deus, que o chamou para ser apósto-

lo, o admitiu em sua obra apostólica, e o guiou nela com crescimento e sucesso.

1. Deus lhe deu um coração para obedecer ao chamado (v. 19): Eu *não fui desobediente à visão celestial*, porque qualquer um diria que ele devia ser obediente ao chamado. Visões celestiais têm um poder dominante sobre conselhos terrenos, e nos pomos em perigo quando lhes desobedecemos; contudo, se Paulo tivesse se aconselhado com carne e sangue e hesitado por causa de seu interesse secular, teria feito como Jonas, teria fugido para qualquer outro lugar e não teria assumido sua missão; mas Deus *abriu seus ouvidos e ele não foi rebelde.* Ele aceitou a comissão, e, recebendo suas instruções junto com ela, se esforçou para agir de acordo.

2. Deus o capacitou a realizar uma grande obra, embora nela enfrentasse muita dificuldade (v. 20). Ele se aplicou à pregação do evangelho com todo vigor. (1) Ele começou em Damasco, onde foi convertido, porque decidiu não perder tempo (cap. 9.20). (2) Quando veio a Jerusalém, onde havia recebido sua formação, deu testemunho de Cristo, onde ele havia combatido mais furiosamente a Cristo (cap. 9.29). (3) Ele pregou *por toda a terra da Judéia*, nas cidades e aldeias do interior, como Cristo tinha feito; ele ofereceu o evangelho primeiramente aos judeus, como Cristo tinha designado, e não os deixou até que eles tivessem obstinadamente rejeitado o evangelho; e então: (4) Ele se voltou aos gentios e se esforçou para o bem de suas almas, trabalhando muito mais do que qualquer outro apóstolo, na verdade, talvez mais do que todos eles juntos.

3. Sua pregação era totalmente prática. Ele não tratou de encher a cabeça das pessoas com noções vagas, não as divertiu com belas especulações, nem as desuniu com questões de controvérsia duvidosa, mas mostrou, declarou e demonstrou a elas que deviam: (1) *Emendar-se*, arrepender-se de seus pecados e confessá-los, e fazer um pacto contra eles; e elas deveriam *refletir*; isso é o que de fato significa a palavra *metanoiein*, elas devem mudar seu modo de pensar e seus caminhos, e desfazer o que fizeram de errado. (2) *Converter-se a Deus.* Elas devem não somente criar uma antipatia pelo pecado, mas devem entrar em conformidade com Deus – não devem apenas se desviar daquilo que é mau, mas se voltar para aquilo que é bom; elas devem se voltar para Deus, com amor e afeição, e retornar a Deus em submissão e obediência, e voltar e retornar do mundo e da carne; isso é o que é exigido de toda a raça humana revoltada e degenerada, tanto judeus quanto gentios, *epistrephein epi ton Theon – converter-se a Deus*: converter-se a Ele como o nosso bem supremo e fim mais sublime, como nosso líder e porção, voltar nosso olhar para Ele, voltar nosso coração para Ele, e voltar nossos pés para seus testemunhos. (3) *Fazendo obras dignas de arrependimento.* Isso era o que João pregava, aquele que foi o primeiro pregador do evangelho (Mt 3.8). Aqueles que professam arrependimento devem praticá-lo, devem viver uma vida de arrependimento, devem em tudo se comportar como convém a pessoas arrependidas. Não basta proferir palavras de arrependimento, mas devemos produzir obras que concordem com aquelas palavras. Assim como a fé verdadeira, o verdadeiro arrependimento deve ser posto em prática. Ora, que falha seria encontrada em uma pregação como essa? Não tinha ela uma tendência direta de reformar o mundo, desfazer suas injustiças e reavivar a religião verdadeira?

4. Os judeus não tinham nenhuma discordância com ele salvo nesse ponto, que ele fez tudo que podia para persuadir o povo a ser religioso, e levá-los a Deus levando-os a Cristo (v. 21): Foi por essas causas, e não outras, que *os judeus lançaram mão de mim no templo e procuraram matar-me*; e que cada um julgue se esses eram crimes dignos de morte ou de prisões. Ele sofreu perseguição, não somente por fazer o bem para si mesmo, mas por fazer o bem a outros. Eles tentaram matá-lo; era sua vida preciosa que buscavam, e odiavam, porque era uma vida útil, eles o apanharam no templo adorando a Deus, e ali o atacaram, como se quanto melhor o lugar melhor seria o ato.

5. Ele não teve ajuda senão do céu; apoiado e conduzido por essa ajuda, ele continuou sua grande obra (v. 22): "*Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, hesteka – tenho permanecido de pé*, minha vida tem sido preservada, e minha obra, continuada; permaneci firme no posto, e não fui rechaçado; mantive o que eu disse, e não tenho estado receoso nem envergonhado de persistir nisso". Agora fazia cerca de vinte anos que Paulo tinha sido convertido, e todo aquele tempo havia estado muito ocupado na pregação do evangelho em meio a perigos; e o que era isso que o sustentava? Não qualquer força de suas próprias decisões, mas *ele alcançou ajuda de Deus*; pois, porque a obra era tão grande e ele sofria muita oposição, ele não poderia de outro modo ter continuado nela senão pela ajuda obtida de Deus. Note: Aqueles que estão empregados na obra de Deus devem obter ajuda de Deus; porque Ele não deixará de prestar a assistência necessária a seus servos. E nossa continuidade até esse dia deve ser atribuída à ajuda obtida de Deus; nós teríamos afundado, se Ele não tivesse nos sustentado, teríamos caído, se Ele não tivesse nos carregado; e isso deve ser reconhecido com gratidão para seu louvor. Paulo menciona como uma evidência de que ele tinha sua comissão da parte de Deus o fato de que vinha desse mesmo Deus a capacidade para executá-la. Os pregadores do evangelho nunca poderiam ter feito, e sofrido, e prosperado, como eles fizeram, se não tivessem tido ajuda imediata do céu, a qual eles não poderiam ter tido se não fosse a causa de Deus o que eles estavam então defendendo.

6. Ele não pregou nenhuma doutrina senão a que concorda com as Escrituras do Antigo Testamento: *Dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes*, a jovens e velhos, ricos e pobres, cultos e iletrados, obscuros e ilustres, todos sendo importantes nisso. Era uma evidência da graça condescendente do evangelho que ela foi testemunhada ao mais desprezível, e os pobres foram bem-vindos ao conhecimento dela; e de sua verdade e poder incontestáveis a ponto de não recear nem se envergonhar de mostrar-se ao mais ilustre. Os inimigos de Paulo objetaram contra ele que ele pregava algo mais do que *que os homens se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.* Essas coisas na verdade eram apenas o que os profetas do Antigo Testamento tinham pregado; mas, além dessas coisas, ele tinha pregado a Cristo, e sua morte e ressurreição,

esse era o tema da controvérsia, como aparece no capítulo 25.19: *que um tal Jesus, defunto, Paulo afirmava viver*: "E assim eu fiz", diz Paulo, "e assim eu faço, mas nisso também não estou *dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer*; e que maior honra pode ser feita a eles do que mostrar que o que predisseram se cumpriu, e na época designada também – que o que eles disseram que viria chegou, e no tempo que eles prefixaram?" Três coisas eles profetizaram, e Paulo pregou: (1) *Que o Cristo devia padecer*, que o Messias deveria ser um *sofredor – pathetos*, não somente um homem, e capaz de sofrer, mas que, como Messias, Ele deveria ser destinado ao sofrimento; que sua morte infame não seria só coerente com seu empreendimento, mas conforme a ele. A cruz de Cristo era uma pedra de tropeço para os judeus, e a pregação de Paulo era a grande coisa que os exasperava, mas Paulo permanecia firme nela para que, ao anunciá-la, ele pregasse o cumprimento das predições do Antigo Testamento, por isso eles não só não deveriam se ofender com o que ele pregava, mas abraçá-lo e subscrevê-lo. (2) Que Ele seria *o primeiro da ressurreição dos mortos*; não o primeiro no tempo, mas o primeiro em influência – *que Ele deveria ser o líder da ressurreição, o cabeça ou o principal, protos ex anastaseos*, no mesmo sentido em que Ele é chamado de o *primogênito dos mortos* (Ap 1.5), e *o primogênito dentre os mortos* (Cl 1.18). Ele abriu a madre do túmulo, como os primogênitos fazem, e abriu caminho para nossa ressurreição; e dele se diz *ser as primícias dos que dormem* (1 Co 15.20), porque Ele santificou a colheita. Ele foi o primeiro que se levantou dos mortos para não morrer mais; e, para mostrar que a ressurreição de todos os crentes é em virtude da sua, exatamente quando Ele ressuscitou, *muitos corpos de santos que dormiam* saíram *dos sepulcros* e *entraram na Cidade Santa* (Mt 27.52,53). (3) Que Ele *devia anunciar a luz a este povo e aos gentios*, ao povo judeu em primeiro lugar, porque Ele deveria ser *a glória de seu povo Israel*. Para eles, Ele mesmo mostrou a luz, e em seguida aos gentios pelo ministério de seus apóstolos, porque Ele deveria *ser uma luz para iluminar aqueles que estavam na escuridão*. Nisso, Paulo se refere à sua comissão (v. 18): *Para convertê-los das trevas para a luz*. Ele se levantou dos mortos com o propósito de mostrar luz ao povo, e para que pudesse dar uma prova convincente da verdade de sua doutrina, e pudesse enviá-la com muito mais poder, tanto aos judeus quanto aos gentios. Isso também foi predito pelos profetas do Antigo Testamento, *para que os gentios fossem trazidos ao conhecimento de Deus pelo Messias*; e o que havia em tudo isso para que os judeus estivessem descontentes com ele?

A Quinta Defesa de Paulo

vv. 24-32

Nós temos razão de pensar que Paulo tinha muito mais a dizer em defesa do evangelho que ele pregava, e para a sua honra, e para recomendá-lo à boa opinião dessa nobre platéia; ele tinha acabado de tratar daquilo que era a vida da causa – a morte e ressurreição de Jesus Cristo, e aqui ele está em seu elemento; agora ele se anima mais do que antes, sua boca se abriu para eles, o seu coração se expandiu. Leve-o a esse assunto, e lhe dê licença para falar deixando continuar, e ele jamais saberá quando concluir; pois o poder da morte de Cristo e a comunhão de seu sofrimento são para ele assuntos inexauríveis. Foi uma pena então que ele precisasse ser interrompido, como foi aqui, e que, sendo permitido falar por si mesmo (v. 1), não tivesse permissão de dizer tudo o que planejava. Mas essa foi uma dificuldade constante para ele, e é um desapontamento para nós também, que lemos seu discurso com tanto prazer. Mas não há solução, a corte considera que é hora de prosseguir para dar seu parecer sobre o caso.

I Festo, o governador romano, é de opinião que o pobre homem está louco, e que um hospício é o lugar mais adequado para ele e está convencido também de que ele não é nenhum criminoso, nenhum homem mau, para que seja punido, mas ele o considera um lunático, um homem perturbado, digno de piedade, mas que ao mesmo tempo não deve ser levado em conta, nem considerada uma palavra do que diz; e, desse modo, ele pensa que descobriu um expediente para isentar-se não só de condenar Paulo como prisioneiro mas também de acreditar nele como pregador; porque, se ele não estiver *compos mentis – em seu juízo*, ele não deve ser condenado nem crido. Sendo assim, observe aqui:

1. O que foi que Festo disse dele (v. 24): *Disse Festo em alta voz*, não murmurou àqueles que estavam sentados ao seu lado; se fosse assim, seria tanto mais desculpável, mas (sem consultar Agripa, cujo julgamento ele parecia respeitar muito, 25.26), *disse em alta voz*, para que ele pudesse obrigar Paulo a interromper seu discurso e pudesse desviar os ouvintes de prestarem atenção nele: "*Estás louco, Paulo*, falas como insano, como alguém que bateu a cabeça, que não sabe o que diz"; contudo, ele não supõe que uma consciência culpada perturbou sua razão, nem que seus sofrimentos e a fúria de seus inimigos lhe causaram algum choque; mas ele apresenta a explicação mais honesta que poderia ser dada do seu delírio: *As muitas letras te fazem delirar*, tu arruinaste tua mente com o estudo excessivo. Ele fala isso não tanto por ira, mas por desprezo e desdém. Ele não entendeu o que Paulo disse; estava acima de sua capacidade, tudo era um enigma para ele, e por isso ele atribui tudo isso a uma imaginação exaltada. *Si non vis intelligi, debes negligi – Se não estás disposto a ser compreendido, deves ser negligenciado.* (1) Ele reconheceu que Paulo era um erudito e um homem culto, pois ele prontamente podia se referir ao que Moisés e os profetas escreveram, livros que ele desconhecia; e até mesmo isso se volta contra Paulo. Os apóstolos, que eram pescadores, eram desprezados porque não tinham instrução; Paulo, que era um acadêmico e educado fariseu, é desprezado por ter muita instrução, mais do que lhe fazia bem. Desse modo, os inimigos dos ministros de Cristo sempre terão uma coisa ou outra para censurá-los. (2) Ele o reprova como louco. Assim foram estigmatizados os profetas do Antigo Testamento, para colocar o povo contra eles atribuindo-lhes má fama. *Por que veio a ti este louco?*, diziam os capitães acerca dos profetas (2 Rs 9.11; Os 9.7). João Batista e Cristo foram vistos como tendo demônio, como estando loucos. É provável que Paulo agora falasse com

mais vida e entusiasmo do que fez no início de seu discurso, e usasse mais gestos que eram expressivos de seu zelo e por isso Festo pôs esse rótulo detestável sobre ele, que talvez jamais ninguém na comitiva tenha pensado, senão ele mesmo. Não é uma insinuação tão inofensiva como alguns pensam, dizer a respeito daqueles que são zelosos acima da média em religião que eles são loucos.

2. Como Paulo se defendeu dessa acusação ofensiva, com a qual não sabemos se ele já havia antes se defrontado; parece que isso tinha sido dito dele por falsos apóstolos, porque ele diz (2 Co 5.13): *Se nós somos loucos*, como eles dizem que somos, *é para Deus*; mas ele nunca havia sido acusado disso diante *do governador romano*, e, portanto, Paulo deve dizer alguma coisa sobre isso. (1) Ele nega a acusação, com o devido respeito ao governador, mas com justiça para consigo mesmo, protestando que não havia base nem motivo para isso (v. 25): "*Não deliro, ó potentíssimo Festo*, nem jamais delirei, nem cheguei perto disso; o uso de minha razão, graças a Deus, tem sido todos os dias contínuo para mim, e neste momento eu não estou divagando, *antes digo palavras de verdade e de um são juízo*, e sei o que digo". Observe: Embora Festo desse a Paulo esse tratamento indigno e desprezível, não adequado a um cavalheiro, muito menos a um juiz, Paulo, no entanto, está muito longe de se ressentir com isso, e sendo provocado, para que ele lhe dê todo o respeito possível, cumprimenta-o com seu título de honra, *potentíssimo Festo*, para nos ensinar a não responder insulto com insulto, nem um caráter detestável com outro, mas a falar com civilidade àqueles que falam com desrespeito de nós. Convém-nos, em todas as ocasiões, falar as palavras de verdade e sobriedade, e então podemos desprezar a censura injusta das pessoas. (2) Ele apela a Agripa a respeito do que falou (v. 26): *porque o rei sabe estas coisas*, concernentes a Cristo, e de sua morte e ressurreição, e das profecias do Antigo Testamento, que tiveram seu cumprimento nele. Ele, portanto, *falou com ousadia* diante dele, que sabia que essas coisas não eram fantasias, mas matérias de fato, sabia algo delas, por isso estaria disposto a saber mais: *Pois não creio que nada disto lhe é oculto*; não, não aquilo que ele tinha relatado a respeito de sua própria conversão, e a comissão que ele tinha recebido para pregar o evangelho. Agripa sem dúvida teria ouvido falar disso, tendo por tanto tempo convivido com os judeus. *Porque isto não se fez em qualquer canto*; todo o país comentou, e qualquer um dos judeus presentes poderia testemunhar que tinha ouvido isso muitas vezes de outros, e, portanto, não fazia sentido censurá-lo como um homem perturbado por relatar isso, muito mais por falar da morte e ressurreição de Cristo, assunto que era tão universalmente comentado. Pedro conta a Cornélio e seus amigos (cap. 10.37): *essa palavra, vós sabeis, foi publicada por toda a Judéia* a respeito de Cristo (versão inglesa KJV); e, portanto, Agripa não poderia desconhecê-la, e era uma vergonha para Festo que ele a desconhecesse.

II Agripa está tão longe de pensar que ele é um louco que ele acha que jamais ouviu um homem argumentar de maneira tão forte, nem falar de maneira mais adequada.

1. Paulo dirige-se de maneira especial à consciência de Agripa. Alguns acham que Festo estava descontente com Paulo porque ele mantinha seu olhar em Agripa, e direcionou seu discurso a ele todo o tempo, e que por isso ele fez essa interrupção (v. 24). Mas, se isso era a coisa que o afrontava, Paulo não levou em conta: ele falará àqueles que o entendem, e aos quais possa ensinar algo, e portanto ainda se dirige a *Agripa*; e, porque ele tinha mencionado Moisés e os profetas como confirmando o evangelho que ele pregava, ele remete Agripa a eles (v. 27): "*Crês tu nos profetas, ó rei Agripa?* Tu aceitas as Escrituras do Antigo Testamento como revelação divina, e as admites como predição de boas coisas vindouras? Ele não espera por uma resposta, mas, em cortesia a Agripa, toma isso como certo: *Bem sei que crês*; porque qualquer um sabia que Agripa professava a religião dos judeus, como seus pais tinham feito, e, portanto, ambos conheciam os escritos dos profetas e devam crédito a eles. Note: É bom tratar com aqueles que têm familiaridade com as Escrituras e acreditam nelas; porque esses têm alguma firmeza.

2. Agripa reconhece que havia muita razão no que Paulo dizia (v. 28): *Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!* Alguns entendem isso como uma fala irônica, e a lêem deste modo: *Queres tu em tão pouco tempo persuadir-me a ser cristão?* Mas, entender isso assim é um reconhecimento de que Paulo falou muito adequadamente, e que, seja lá o que for que os outros pensassem disso, em sua opinião havia um poder convincente junto com o que ele disse: "Paulo, tu és muito precipitado, tu não podes pensar fazer de mim um convertido de maneira tão repentina". Outros tomam isso como dito seriamente, e como uma confissão de que ele estava de certa forma, ou quase, convencido de que Cristo era o Messias; pois ele não podia senão reconhecer, e tinha muito tempo pensado assim consigo mesmo, que as profecias do Antigo Testamento tinham se cumprido nele; e agora que isso é sugerido tão solenemente a ele, Agripa está pronto a render-se à convicção, ele começa a convocar para uma negociação, e a pensar em rendição. Ele está tão perto de ser persuadido a crer em Cristo como Félix, quando ele tremeu, estava para deixar seus pecados. Ele vê muita razão a favor do cristianismo; suas provas, ele reconhece, são fortes e tais que ele não pode responder; as objeções contra ele são insignificantes, e tais que ele não pode, por vergonha, insistir nelas; de maneira que se não fosse por suas obrigações para com a lei cerimonial, e seu respeito pela religião de seus pais e de seu país, ou sua consideração à sua dignidade como rei e a seus interesses seculares, ele se tornaria cristão imediatamente. Note: Infelizmente, muitos que são quase persuadidos a serem religiosos não são completamente persuadidos; eles estão sob fortes convicções de seu dever, e da excelência dos caminhos de Deus, mas ainda são dominados por algumas provocações externas, e não prosseguem com suas convicções.

3. Paulo, não tendo mais permissão para prosseguir com seu argumento, conclui com uma cortesia, ou antes, um desejo piedoso de que todos os seus ouvintes fossem cristãos e esse desejo se converteu em oração: *euxaimen an to Theo – Eu oro a Deus por isso* (v. 29); era o *bom desejo do seu coração e a oração a Deus por Israel*

para sua salvação (Rm 10.1). *Que não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo se tornassem tais qual eu sou* (porque ele tem a mesma boa intenção para com todos eles), *exceto estas cadeias.* Por essas palavras: (1) Ele professa sua resolução de manter-se fiel à sua religião, como algo com que estava inteiramente satisfeito, e pelo que estava determinado a viver e morrer. Ao desejar que todos fossem como ele, ele na verdade se declara contra jamais ser como eles eram, quer judeus ou gentios, por mais que isso pudesse resultar em vantagem mundana. Ele se apega à instrução que Deus deu ao profeta (Jr 15.19): *que eles retornem para ti, mas não retornes tu a eles.* (2) Ele insinua sua satisfação não somente com a verdade, mas com o benefício e vantagem do cristianismo; ele tinha tanto conforto nele no momento, e estava tão certo de que o resultado seria sua felicidade eterna, que não poderia desejar ao melhor amigo que tinha no mundo algo mais sublime do que esse amigo ser como ele, um discípulo fiel e zeloso de Jesus Cristo. *Que meu inimigo seja como o ímpio,* diz Jó (Jó 27.7). Que meu amigo seja como o cristão, diz Paulo. (3) Ele insinua sua perturbação e preocupação de que Agripa não fosse além de ser quase um como ele era, quase um cristão, e não inteiramente um cristão; porque ele deseja que ele e os demais possam ser não somente quase (que bem isso faria?), mas inteiramente como ele era, cristãos sinceros e completos. (4) Ele insinua que era do interesse, e seria a felicidade indizível, de cada um deles se tornar um *cristão verdadeiro,* que há graça suficiente em Cristo para todos, sejam eles tantos quantos forem, suficiente para cada um, por mais que estejam ansiosos. (5) Ele insinua a sincera boa vontade que ele tinha para com todos eles; ele deseja a eles: [1] Assim como ele desejava à sua própria alma, que eles pudessem ser tão felizes em Cristo como ele era. [2] Melhor do que ele era agora quanto à sua condição externa, porque ele excetua suas cadeias; ele deseja que eles possam ser todos cristãos confortados como ele era, mas não cristãos perseguidos como ele era – que eles pudessem provar tanto quanto ele provou das vantagens que acompanhavam a religião, mas não tanto de suas cruzes. Eles tinham feito pouco caso de seu aprisionamento, e não se importavam com ele, Paulo. Félix o deteve na prisão para agradar aos judeus. Ora, isso teria levado muita gente a desejar que todos eles ficassem presos, para que eles pudessem saber o que era estar confinado como ele estava, e então eles saberiam tanto melhor como ter piedade dele; mas ele estava tão longe disso que, quando desejou que estivessem presos a Cristo, desejou também que eles jamais estivessem na prisão por causa de Cristo. Nada poderia ser dito de maneira mais terna nem com mais graça.

III Todos eles concordam em que Paulo é um homem inocente e está sendo injustiçado em seu processo. 1. A audiência foi interrompida com alguma precipitação (v. 30): *Dizendo ele isto,* isto é, aquela palavra amável (v. 29), que mexeu com todos eles, o rei ficou com receio de que, se ele continuasse, diria alguma coisa ainda mais perturbadora, que poderia levar alguns deles a se manifestar mais a seu favor do que era conveniente, e talvez pudesse conquistá-los para se tornarem cristãos. O próprio rei viu seu coração começar a se render, e não ousou confiar em si mesmo a ouvir mais, mas, como Félix, dispensou Paulo por enquanto. Eles deveriam, em nome da justiça, ter perguntado ao prisioneiro se ele tinha algo mais a dizer a seu favor; mas eles pensaram que ele tinha dito o bastante, e, portanto, *se levantou o rei, e o governador, e Berenice, e os que com eles estavam assentados,* concluindo que o caso estava claro, e com isso eles se contentaram, quando Paulo tinha mais a dizer que teria tornado o caso ainda mais claro. 2. Todos eles concordaram na opinião da inocência de Paulo (v. 31). A corte se retirou para se consultar sobre a questão. Para saber a opinião um do outro sobre isso, *eles falaram entre si,* todos no mesmo sentido, que *esse homem nada fez digno de morte* – ele não é um criminoso que merece morrer; mais ainda, ele *não fez nada digno de prisões* – ele não é um homem perigoso, a quem é prudente confinar. Depois disso, Nero promulgou uma lei para condenar à morte aqueles que professassem a religião cristã, mas ainda não havia lei desse tipo entre os romanos, e, portanto, não era nenhuma transgressão; e esse julgamento deles é um testemunho contra essa lei ímpia que Nero promulgou não muito tempo depois disso, que Paulo, o cristão mais ativo e zeloso que jamais houve, que foi julgado até mesmo por aqueles que não eram simpáticos ao seu movimento, não *fez nada digno de morte ou de prisões.* Desse modo, ele foi claramente mostrado na consciência daqueles que, no entanto, não receberiam sua doutrina; e os clamores dos judeus exaltados, que clamavam: *fora com ele, pois é indigno de viver,* foram envergonhados pelas deliberações moderadas dessa corte. 3. *Agripa* deu seu parecer de que *bem podia soltar-se esse homem, se não houvera apelado para César* (v. 32), mas por essa apelação ele colocou uma tranca em sua porta. Alguns pensam que pela lei romana isso era verdade, que, quando um prisioneiro tinha apelado à suprema corte, as cortes inferiores não podiam mais nem libertá-lo nem condená-lo; e supomos que a lei fosse assim, caso os acusadores debatessem a apelação e a aceitassem. Mas não parece que no caso de Paulo os acusadores fizeram isso; ele foi forçado a fazer isso, para proteger-se da fúria deles, quando ele viu que o governador não tomou o cuidado que devia ter tomado para sua proteção. E por isso, outros pensam que Agripa e Festo, indispostos a desagradar os judeus colocando-o em liberdade, fez isso servir como uma desculpa para mantê-lo sob custódia, quando eles mesmos sabiam que podiam ter justificado a libertação dele. Agripa, que foi quase persuadido a ser cristão, prova que não é melhor do que se não tivesse sido em nada persuadido. E agora eu não posso dizer: (1) Se Paulo se arrependeu de ter feito apelação a César e desejou que não o tivesse feito, culpando-se por isso como uma coisa precipitada, vendo agora que essa era a única coisa que impedia sua libertação. Talvez ele tivesse razão de refletir sobre isso com pesar, e de acusar-se de imprudência e impaciência nisso, e de certa desconfiança na proteção divina. Era melhor ele ter apelado a Deus e não a César. Isso confirma o que Salomão diz (Ec 6.12): *Porque, quem sabe o que é bom nessa vida para o homem?* O que nós pensamos que era para nosso bem-estar revela-se muitas vezes uma armadilha; nós somos criaturas de visão muito curta, e tão imprudentes ao confiar em nosso próprio enten-

dimento. Ou: (2) Se, não obstante a isso, ele estava contente com o que tinha feito, e estava à vontade em suas reflexões sobre o caso. Sua apelação a César foi legítima, e convinha a um cidadão romano, e ajudaria a dar destaque a sua causa; e, visto que, quando ele fez isso, pareceu-lhe o melhor do jeito que o caso então estava, embora posteriormente parecesse de outro modo, ele não se censurou com nenhuma auto-reprovação sobre a questão, mas acreditou que havia uma providência nisso, e no final o resultado seria bom. E, além disso, lhe foi contado em uma visão que ele devia *testificar também em Roma* (cap. 23.11). E não importa para ele se ele vai para lá como prisioneiro ou em liberdade; ele sabe que *o conselho do Senhor permanecerá*, e diz: *Que ele permaneça. Faça-se a vontade do Senhor!*

Capítulo 27

Todo esse capítulo é tomado pelo relato da viagem de Paulo a Roma, quando ele foi enviado para lá como prisioneiro pelo governador Festo, por ter apelado para César. I. O início da viagem foi muito bem, foi calmo e favorável (vv. 1-8). II. Paulo os notificou de que uma tempestade estava chegando, mas não pôde convencê-los a atracar (vv. 9-11). III. Ao continuar a viagem, depararam com um tempo muito tempestuoso que os arrasou tanto que acharam que sem dúvida naufragariam (vv. 12-20). IV. Paulo assegurou a eles que embora não tivessem seguido seu conselho de evitar esse perigo, contudo, pela providência de Deus, eles sairiam dele em segurança e nenhum deles se perderia (vv. 21-26). V. Finalmente eles foram lançados em uma ilha à meia-noite, a qual se constatou ser Malta, e eles estavam no maior perigo imaginável, mas foram auxiliados pelo conselho de Paulo de manter os marinheiros no navio, e encorajados pelo seu consolo a fazer uma refeição, e a se animar (vv. 27-36). VI. A salvação de suas vidas por um triz, quando chegaram à praia, depois que o barco naufragou, mas com todas as pessoas maravilhosamente preservadas (vv. 37-44).

A Viagem de Paulo rumo a Roma
vv. 1-11

Não é dito quanto tempo depois da conferência de Paulo com Agripa ele foi enviado para Roma, conforme sua apelação a César; mas é provável que eles o enviaram na primeira oportunidade que tiveram; nesse meio-tempo, Paulo está entre seus amigos em Cesaréia – eles o confortam, e ele é uma bênção para eles. Mas aqui nos é dito:

I Como Paulo foi embarcado para a Itália: uma longa viagem, mas não havia outro jeito. Ele apelou para César, e para César ele deve ir: *Como se determinou que havíamos de navegar para a Itália*, porque para Roma eles deveriam ir por mar; teria sido uma volta imensa ir por terra. Por essa razão, quando a conquista romana da nação judaica é predita, se diz (Nm 24.24): *E as naus das costas de Quitim*, isto é, Itália, *afligirão a Héber*, isto é, os hebreus. Foi determinado pelo conselho de Deus, antes que fosse determinado pelo conselho de Festo, que Paulo deveria ir a Roma; porque, independentemente dos planos do homem, Deus tinha uma tarefa para ele realizar ali. Sendo assim, aqui nos é dito: 1. À custódia de quem ele foi confiado – *a um centurião por nome Júlio, da Coorte Augusta*, como Cornélio era da coorte, ou legião, *chamada Italiana* (cap. 10.1). Ele tinha soldados a seu comando, que fariam a guarda de Paulo, para que ele não pudesse fugir, e igualmente para protegê-lo, para que não causassem nenhum dano a ele. 2. Em qual navio ele embarcou: eles embarcaram em um navio de Adramítio (v. 2), um porto da África, de onde esse navio trazia mercadorias africanas, e, como parece, fazia uma viagem costeira para a Síria, aonde aquelas mercadorias chegavam a um bom mercado. 3. Que companhia ele teve nessa viagem: havia alguns prisioneiros confiados à custódia do mesmo centurião, que provavelmente também tinham apelado para César, ou estavam sendo, por algum outro motivo, levados a Roma, para serem julgados ali, ou para serem interrogados como testemunhas contra alguns prisioneiros lá; talvez alguns transgressores conhecidos, como Barrabás, que foram, portanto ordenados a serem levados diante do próprio imperador. Paulo estava relacionado com esses, como Cristo com os ladrões que foram crucificados ao lado dele, e foi obrigado a compartilhar da mesma sorte deles nessa viagem; e nós descobrimos nesse capítulo (v. 42) que por causa deles ele quase foi morto, mas por causa dele eles foram preservados. Note: Não é novidade para o inocente ser contado entre os transgressores. Mas ele também tinha alguns de seus amigos consigo, Lucas particularmente, o autor desse livro, porque ele se inclui na narrativa: *Nós* navegamos para a Itália, e, *nós* partimos (v. 2). Aristarco, de Tessalônica, é nomeado de maneira particular, como estando agora em sua companhia. O Dr. Lightfoot pensa que Trófimo, o efésio, partiu com ele, mas que ele o deixou doente em Mileto (2 Tm 4.20), quando passou por aqueles lugares da costa da Ásia mencionados aqui (v. 2), e que lá ele deixou Timóteo também. Foi um conforto para Paulo ter a companhia de alguns de seus amigos nessa viagem entediante, com quem ele poderia conversar à vontade, ainda que tivesse tanta companhia profana e perdida ao seu redor. Aqueles que fazem longas viagens pelo mar em geral necessitam de estadia, por assim dizer, em Meseque e Quedar, e têm necessidade de sabedoria, para que possam fazer o bem para a má companhia que está com eles, para que possam fazer o melhor para eles, ou pelo menos nunca sofrerem o pior da parte deles.

II Que curso eles seguiram e em que lugares fizeram escala, os quais são particularmente relatados para a confirmação da verdade da história para aqueles que viviam naquele tempo, e poderiam por seu próprio conhecimento dizer que eles haviam estado em tal ou tal lugar. 1. Eles fizeram escala em Sidom, não distante de onde eles embarcaram; para lá eles foram *no dia seguinte*. E o que se pode observar aqui é que *Júlio, o centurião*, era extraordinariamente cortês com Paulo. É provável que ele conhecesse seu caso, e fosse um dos *tribunos*, ou *va-*

rões principais que o ouviram pleitear sua própria causa diante de Agripa (cap. 25.23), e estava convencido de sua inocência e da injúria feita a ele; e por isso, embora Paulo fosse confiado a ele como um prisioneiro, ele o tratava como amigo, como um erudito, como um cavalheiro, e como um homem que tinha influência no céu: Ele tratou *Paulo humanamente*, enquanto os negócios da embarcação o detiveram em Sidom, e *lhe permitiu ir ver os amigos* ali, *para que cuidassem dele*; o que sem dúvida fez muito bem para Paulo. Júlio, dessa forma, dá um exemplo para aqueles que estão no poder, de que devem ser respeitosos para com aqueles que se mostram dignos de seu respeito, e de que devem usar seu poder para fazer a diferença. Um José, um Paulo, não devem ser tratados como prisioneiros comuns. Deus, aqui, encoraja aqueles que sofrem por Ele a confiar nele; porque Ele pode fazer com que aqueles de quem menos se espera sejam favoráveis a eles – pode fazê-los objeto de compaixão, mais ainda, pode fazer com que sejam premiados e valorizados, mesmo aos olhos daqueles que os levam cativos (Sl 106.46). E isso é igualmente um exemplo da fidelidade de Paulo. Ele não tentou fugir, o que poderia facilmente ter feito; mas, cumprindo sua palavra de honra, ele fielmente retorna à sua prisão. Se o centurião é tão cortês a ponto de aceitar sua palavra, Paulo é tão justo e honesto a ponto de cumprir sua palavra. 2. De lá eles *navegaram abaixo de Chipre* (v. 4). Se o vento tivesse sido favorável, eles teriam viajado em um curso direto e teriam deixado Chipre à direita; mas, o vento não lhes foi favorável, então fizeram um curso oblíquo com um vento lateral, e assim contornaram a ilha, de certo modo, e a deixaram à esquerda. Os marinheiros devem fazer o possível, quando não podem fazer como querem, e usar ao máximo o vento disponível, em qualquer direção em que ele esteja; assim todos nós devemos fazer em nossa passagem pelo oceano deste mundo. Quando os ventos são contrários, nós devemos continuar seguindo em frente da maneira que pudermos. 3. Em um porto chamado Mirra, eles trocaram de navio; é provável que aquele no qual estavam não tivesse mais negócios adiante; eles embarcaram em um navio de Alexandria que partia em direção à Itália (vv. 5,6). Alexandria era então a cidade mais importante do Egito, e havia um grande comércio entre aquela cidade e a Itália; de Alexandria eles levavam trigo para Roma, e as mercadorias da Índia oriental e Pérsia que eles importavam pelo mar Vermelho eles exportavam novamente para todas as partes do Mediterrâneo, e especialmente para a Itália. E era um favor particular concedido aos navios alexandrinos nos portos da Itália que eles não eram obrigados a arriar as velas, como outros barcos eram, quando chegavam ao porto. 4. Com muita dificuldade eles chegaram a *Bons Portos*, um porto da ilha de Creta (vv. 7,8). Eles navegaram *vagarosamente muitos dias*, por falta de vento, ou tendo o vento contra eles. Demorou muito para alcançarem Cnido, um porto da Cária, e foram forçados a navegar abaixo de Creta, como antes abaixo de Chipre; muita dificuldade eles encontraram ao passar por Salmona, um promontório no litoral oriental da ilha de Creta. Embora a viagem até aqui não fosse tempestuosa, contudo, era muito tediosa. Dessa maneira, muitos que não são forçados para trás em suas tarefas pelas providências da cruz, no entanto, navegam lentamente, e não avançam por meio de providências favoráveis. E muitos bons cristãos fazem essa queixa no que diz respeito à sua alma, que eles não saem do chão em seu caminho para o céu, mas têm muita dificuldade de manter seu chão; eles se movem com muitas paradas e pausas, e perdem muito tempo por causa de vento desfavorável. Observe: O lugar aonde eles chegaram chamava-se *Bons Portos*. Os viajantes dizem que ele é conhecido até hoje pelo mesmo nome, e que faz jus ao nome pela amenidade de suas condições e paisagem. E, no entanto: (1) Não era o porto ao qual eles se dirigiam; era um bom porto, mas não era o porto deles. Sejam quais forem as circunstâncias agradáveis que possa haver neste mundo, devemos nos lembrar de que não estamos em casa, e, portanto, devemos levantar e partir; porque, embora seja um bom porto, não é o porto desejado (Sl 107.30). (2) Ele não era um porto *cômodo para nele invernar*, como é afirmado (v. 12). Tinha uma linda paisagem, mas estava exposto ao clima. Note: Nem todo bom porto é um porto seguro; mais ainda, pode haver mais perigo onde há mais prazer.

III Que conselho Paulo lhes deu com referência àquela parte de sua viagem que eles tinham pela frente – era para estarem contentes de invernar onde eles estavam, e não pensar em partir até vir uma estação melhor do ano. 1. Agora era um tempo ruim para navegar; eles tinham perdido muito tempo enquanto lutavam com ventos contrários. Navegar agora era perigoso, porque *o jejum já tinha passado*, isto é, o famoso jejum anual dos judeus, o dia da expiação, que era no décimo dia do sétimo mês, *um dia para afligir a alma* com jejum; era aproximadamente vinte de setembro no nosso calendário. Aquele jejum anual era observado com muita religiosidade; mas (o que é estranho) nós nunca temos nenhuma menção de sua observância em toda a história das Escrituras, a menos que seja referido aqui, onde serve apenas para descrever a estação do ano. O dia de São Miguel é considerado por marinheiros uma época ruim do ano para estar no mar como outra qualquer; eles se queixam das rajadas de vento do dia de São Miguel; era nessa época agora que esses viajantes angustiados se encontravam. *Passou a sega, findou o verão*; eles não tinham perdido apenas tempo, mas perdido a oportunidade. 2. Paulo os lembrou disso, e os informou do perigo que eles corriam (v. 10): "*Vejo*" (ou por aviso de Deus, ou por observar sua decisão teimosa de prosseguir a viagem apesar do perigo da estação) "*que a navegação há de ser incômoda e com muito dano*; vocês que têm objetos a bordo provavelmente vão perdê-los, e será um milagre da misericórdia se nossa vida nos for poupada". Havia alguns homens bons na embarcação e muitos homens maus; mas em coisas dessa natureza *tudo sucede igualmente a todos*, e *o mesmo sucede ao justo e ao ímpio*. Se ambos estão no mesmo barco, eles correm o mesmo perigo. 3. Eles não aceitam o conselho de Paulo sobre isso (v. 11). Eles pensaram que ele era impertinente ao se intrometer em um assunto dessa natureza, alguém que não entendia de navegação; e o centurião a quem cabia determinar o que fazer, embora ele mesmo fosse um passageiro, contudo, por ser um homem de autoridade, rejeita sua opinião, ainda que não tivesse estado talvez mais vezes no mar do que Pau-

lo, nem tivesse mais conhecimento desses mares, pois Paulo tinha plantado o evangelho em Creta (Tt 1.5), e conhecia as diversas partes da ilha muito bem. Entretanto, o centurião deu mais valor à opinião do piloto e do mestre do barco do que à de Paulo; pois em geral todo homem deve receber crédito em sua própria profissão: mas um homem como Paulo, que era tão íntimo do céu, devia ser valorizado em questões marítimas mais do que os marinheiros mais notáveis. Note: Aqueles que não sabem quais perigos correm acabam sendo governados mais pela prudência humana do que pela revelação divina. O centurião foi muito cortês para com Paulo (v. 3), e, no entanto, não seria governado por seu conselho. Note: Muitos que mostram respeito aos bons ministros não aceitam o conselho deles (Ez 33.31).

A Viagem de Paulo rumo a Roma
vv. 12-20

Nestes versículos, nós temos:

I O navio novamente em alto-mar, e continuando sua viagem no início com uma ventania promissora. Observe: 1. O que foi que os induziu a deixar Bons Portos: foi porque eles pensaram que o porto não era *cômodo para invernar*; ele era muito agradável no verão, mas no inverno era gélido. Ou talvez, fosse por alguma outra causa incômoda; talvez as provisões fossem difíceis e caras ali; e eles incorreram em um erro para evitar uma inconveniência, como nós freqüentemente fazemos. Alguns da tripulação do barco, ou do conselho que foi convocado para dar um parecer sobre essa questão, eram a favor de permanecer ali e não se aventurar pelo mar agora que o tempo estava tão incerto: é melhor ficar seguro em um porto incômodo do que ficar perdido em um mar tempestuoso. Mas eles foram minoria quando isso foi posto em votação, e *os mais deles foram de parecer que se partisse dali*; porém, eles não pretendiam ir muito longe, mas apenas a um outro porto da mesma ilha, aqui chamado de *Fenice*, e alguns pensam que era assim chamado porque os fenícios o freqüentavam muito, os mercadores de Tiro e Sidom. Ele é aqui descrito como voltado para o sudoeste e noroeste. Provavelmente o porto ficava entre dois promontórios ou saliências de terra para o mar, um dos quais apontava para o noroeste e o outro para o sudoeste, pelos quais o navio foi protegido dos ventos orientais. Desse modo, a sabedoria do Criador providenciou o alívio e segurança *dos que descem ao mar em navios, mercando nas grandes águas*. Em vão a natureza teria providenciado para nós as águas para navegar, se ela igualmente não tivesse providenciado portos naturais para neles nos protegermos. 2. Que encorajamento eles tiveram no início para prosseguir em sua viagem. Eles saíram com um bom vento (v. 13), *soprando o vento sul brandamente*, pelo qual eles se iludiram com a esperança de que alcançariam seu objetivo e assim navegaram perto da costa de Creta e não receararam se chocar contra rochas ou bancos de areia, pois o vento soprava de maneira suave. Aqueles que sempre se lançam ao mar com um vento bom não sabem quais tempestades ainda podem encontrar, e por isso não devem se considerar seguros, nem tomar por certo que chegaram ao seu objetivo, quando pode acontecer de tantos acidentes cruzarem seu caminho.

II O navio agora em uma tempestade, uma terrível tempestade. Eles examinaram as causas secundárias e tomaram medidas com base nos sinais favoráveis que elas deram, e imaginaram que se o vento sul agora soprava suavemente, ele sempre sopraria assim; confiando nisso, eles se aventuraram ao mar, mas logo se deram conta de sua tolice ao dar mais crédito a um vento agradável do que à palavra de Deus na boca de Paulo, pela qual eles tinham recebido um claro alerta acerca de uma tempestade. Observe:

1. Qual era o perigo e angústia deles: (1) Surgiu contra eles *um pé de vento*, que não era somente contrário a eles e vinha diretamente em seu rosto, de maneira que eles não puderam seguir em frente, mas um vento violento que levantava as ondas, como aquele que foi enviado para perseguir Jonas, embora Paulo seguisse a Deus e continuasse em seu dever, e não fosse como Jonas que fugiu de Deus e de seu dever. Os marinheiros chamavam esse vento de *Euroaquilão*, um vento nordeste, que talvez naqueles mares fosse visto como especialmente perigoso e perturbador. Era um tipo de redemoinho, porque se diz que o navio foi arrebatado por ele (v. 15). Foi Deus que mandou que esse vento surgisse, procurando trazer glória para si mesmo e reputação para Paulo a partir desse fato; ventos tempestuosos *são tirados de seus tesouros* (Sl 135.7), *o vento tempestuoso que executa sua palavra* (Sl 148.8). (2) O navio foi extremamente sacudido *por uma veemente tempestade* (v. 18); foi lançado como uma bola de uma onda para outra; seus passageiros (como traz a elegante descrição, Sl 107.26,27) *sobem aos céus, descem aos abismos, e a sua alma se derrete em angústias. Andam e cambaleiam como ébrios, e esvai-se-lhes toda a sua sabedoria.* O navio possivelmente não podia *navegar contra o vento*, não podia ir contra o vento; e por isso eles desceram suas velas, que em uma tempestade como essa lhes trariam mais perigo e não ajudariam em nada, e assim *o barco ficou à deriva*: *Não indo para onde queriam, mas para onde era impelido pelas ondas tempestuosas – Non quo voluit, sed quo rapit impetus undae.* Ovid. Trist. É provável que eles estivessem muito próximos do porto de Fenice quando essa tempestade surgiu, e embora eles devessem naquele momento estar em um porto calmo e fosse agradável para eles esse pensamento, de invernar ali, eis que repentinamente, eles se vêem nessa dificuldade. Que nós, portanto, sempre nos alegremos com tremor, e jamais esperemos uma segurança perfeita, nem uma segurança perpétua, até que cheguemos ao céu. (3) Por vários dias eles não viram nem sol nem estrelas. Isso tornou a tempestade tanto mais terrível, pois estavam na escuridão total; e como o uso do ímã para a orientação dos marinheiros não tinha sido descoberto ainda (de maneira que estavam sem nenhum guia quando não podiam ver nem o sol nem as estrelas) a situação era ainda mais arriscada. Desse modo a melancolia às vezes é a condição do povo de Deus por um motivo espiritual. *Eles andaram na escuridão e não tinham luz.* Não apareceu nem o sol e nem as estrelas; eles não podiam parar, mais ainda, eles não podiam se firmar sobre nada que fosse confortável ou

estimulante; essa pode ser a situação deles, e, no entanto, a luz é semeada para eles. (4) Eles estavam em pleno inverno. *Não pequena tempestade – cheimon ouk oligos* chuva fria, neve e todos os rigores daquela estação do ano, de maneira que eles estavam para morrer de frio; e tudo isso durou muitos dias. Veja que dificuldades muitas vezes sofrem aqueles que estão em alto-mar, além dos perigos de morte que correm; e, no entanto, para ter lucro ainda há aqueles que não fazem caso disso; e esse é um exemplo da divina Providência que prepara alguns para esse emprego, apesar das dificuldades que há nele, para a manutenção do comércio entre as nações, e as ilhas dos gentios em particular; e Zebulom pode se alegrar sinceramente em suas saídas como Issacar em suas tendas. Talvez por isso Cristo tenha escolhido ministros dentre os navegantes, porque eles estavam acostumados a suportar dificuldades.

2. Que meios eles usaram para seu próprio alívio: eles recorreram a todos os pobres (pois não tenho uma palavra melhor para isso) expedientes aos quais os marinheiros recorrem em momentos de dificuldade. (1) Quando não podem enfrentar o vento, eles deixam o navio seguir à deriva, pois era inútil usar os remos ou as velas. Quando é inútil se esforçar é sábio render-se. (2) Contudo, eles fizeram o que podiam para evitar o perigo presente; havia uma pequena ilha chamada Cauda, e quando eles se aproximaram, embora não pudessem continuar sua viagem, tomaram cuidado para evitar seu naufrágio, e, portanto, fizeram tudo para não ir de encontro à ilha, mas calmamente passar abaixo dela (v. 16). (3) Quando estavam receando que dificilmente conseguiriam salvar o navio, estavam ocupados em salvar o bote, o que fizeram com muita dificuldade. Eles tiveram muito trabalho para *apenas ganhar o batel* (v. 16), mas no final conseguiram (v. 17). Esse bote poderia ser útil em qualquer emergência, e, por isso, fizeram uma manobra difícil para colocá-lo no navio. (4) Os marinheiros usaram meios que eram bastante adequados naqueles tempos, quando a arte da navegação estava longe da perfeição que temos agora; eles *cingiram o navio* (v. 17). Prenderam o navio pelo fundo com fortes cabos, para que ele não arqueasse no auge da tempestade. (5) Com medo de bater em *um banco de areia* eles *baixaram as velas*, em seguida deixaram o navio à deriva. É estranho como um navio teima em viver no mar (assim eles dizem), mesmo em um tempo muito tempestuoso, se tiver apenas espaço para manobrar; e, quando os marinheiros não podem chegar à praia, é do interesse deles ficarem tão longe dela quanto puderem. (6) No dia seguinte, eles *aliviaram o navio* de sua carga, lançaram os bens e as mercadorias para fora (como os marinheiros de Jonas fizeram, Jn 1.5), estando dispostos a ser pobres sem eles do que perecer com eles. *Pele por pele e tudo quanto o homem tem dará por sua vida.* Veja o que é a riqueza deste mundo; por mais que seja cortejada como uma bênção, pode chegar o tempo em que ela será um fardo, não somente muito pesado para ser carregado em segurança, mas pesado o suficiente para afundar aquele que o carrega. *As riquezas que os seus donos guardam para o próprio dano* (Ec 5.13); e se separaram delas para o seu bem. Mas veja a loucura dos filhos deste mundo, eles podem ser muito pródigos com seus bens quando é para a salvação de sua vida, e, contudo, como são moderados com eles nas obras de piedade e caridade, e em sofrer por Cristo, embora lhes seja dito pela própria verdade eterna que aqueles que sofrem por Cristo serão recompensados mais de mil vezes na *ressurreição dos justos.* Caminharam num princípio de fé aqueles que *com gozo permitiram a espoliação dos seus bens, sabendo que, neles mesmos, tinham nos céus uma possessão melhor e permanente* (Hb 10.34). Qualquer homem preferirá o naufrágio de seus bens ao da sua vida; mas muitos preferem o *naufrágio da fé e da boa consciência* ao de seus bens. (7) No terceiro dia eles *lançaram a armação do navio* – os utensílios dele, *Armamenta* (assim alguns traduzem), como se fosse um navio militar. Hoje é comum atirar as armas ao mar no auge de uma tempestade; mas que artilharia pesada eles tinham então da qual era necessário aliviar o navio, eu não sei; e eu questiono se não foi um erro grosseiro para marinheiros lançar desse modo todas as coisas ao mar, mesmo aquelas que seriam de grande utilidade em uma tempestade, e não de grande peso.

3. O desespero ao qual no fim eles foram levados (v. 20): *fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos.* A tempestade continuava, e eles não viam sinais de sua diminuição; nós temos conhecido muitos temporais que duram várias semanas. Os meios que eles usaram se mostraram ineficazes, de maneira que eles não sabiam mais o que fazer; e tal era a consternação que essa perspectiva melancólica lhes causou que não tinham ânimo para comer nem para beber. Eles tinham provisão suficiente a bordo (v. 38), mas a prisão na qual estavam, pelo medo da morte, era tal que eles não aceitavam o sustento da vida. Por que Paulo, por meio do poder de Cristo, e em seu nome, não deteve essa tempestade? Por que ele não disse aos ventos e às ondas: *Acalmai-vos*, como fez seu Mestre? Certamente, porque os apóstolos operavam milagres para a confirmação de sua doutrina, não para conveniência de si mesmos ou seus amigos.

A Viagem de Paulo rumo a Roma

vv. 21-44

Nós temos aqui o desfecho da angústia de Paulo e seus companheiros de viagem; eles escaparam com vida e isso foi tudo, e isso por causa de Paulo. Aqui nos é dito (v. 37) qual o número de pessoas que havia a bordo – marinheiros, mercadores, soldados, prisioneiros e outros passageiros, ao todo duzentos e setenta e seis almas; isso é relatado para nos tornar mais interessados por eles ao lermos a história, que eles eram de um número considerável, cuja vida estava agora em extremo perigo, e um Paulo entre eles valia mais do que todo o resto. Nós os deixamos em desespero, se considerando acabados. Se eles *clamavam cada homem a seu Deus*, como os marinheiros de Jonas fizeram, não sabemos; seria bom se essa prática louvável em uma tempestade não tivesse saído de moda e se tornado uma piada. No entanto, Paulo entre esses nautas não era, como Jonas entre os seus, a causa da tempestade, mas o consolador na tempestade, e tanto mais um crédito para a profissão de apóstolo como Jonas foi uma vergonha para o caráter de um profeta. Sendo assim, nós temos aqui:

I O encorajamento que Paulo lhes deu, ao assegurar-lhes, em nome de Deus, que a vida de todos seria salva, mesmo quando, do ponto de vista humano, toda a esperança de que eles seriam salvos tinha acabado. Primeiro Paulo os resgatou de seu desespero, para que eles não morressem disso, e não morressem de fome por causa dele, e em seguida eles estavam prontos para ser resgatados de seu infortúnio. *Havendo já muito que se não comia*, como se eles estivessem decididos a não comer até que soubessem se viveriam ou morreriam, *então, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse.* Durante a dificuldade até aqui, Paulo se ocultou entre eles, era um na multidão, ajudou com os demais a *lançar a armação* (v. 19), mas agora ele se destacou, e, ainda que prisioneiro, se apresentou como conselheiro e consolador deles.

1. Ele os reprova por não aceitarem seu conselho, o qual era terem permanecido onde eles estavam, na estrada de Laséia (v. 8): "*Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não ter partido de Creta*, onde nós poderíamos muito bem ter feito uma estadia para invernar, e então nós não teríamos *chegado a esse prejuízo e perda*, isto é, nós teríamos escapado deles". Prejuízo e perda no mundo, se santificados para nós, pode-se dizer verdadeiramente que são um ganho; porque se nos separam das coisas presentes e se nos despertam para pensar em um estado futuro, nós somos verdadeiramente ganhadores por meio deles. Observe: Eles não ouviram a Paulo quando ele os avisou do perigo, e, no entanto, se eles apenas reconhecerem sua tolice e se arrependerem dela, ele falará de conforto e alívio para eles agora que eles estão em perigo, tão compassivo é Deus com aqueles que estão na miséria, embora eles entrem nela por sua própria irracionalidade, mais ainda, por sua própria obstinação e desprezo pela admoestação. Paulo, antes de ministrar conforto, primeiro os fará cientes de seus pecados ao não lhe darem atenção, reprovando-os pela temeridade, e provavelmente, quando ele lhes fala de seus prejuízos e perdas, ele reflete sobre o que eles prometeram a si mesmos ao darem prosseguimento em sua viagem, de que eles iam ganhar muito tempo, a atingir esse e aquele objetivo: "Mas", diz ele, "vocês não ganharam nada senão prejuízo e perda; como vocês responderão a isso?" Aquilo de que são culpados é sua partida de Creta, onde eles estavam seguros. Note: A maioria das pessoas se coloca em situação difícil porque não sabe quando está bem, mas sofre prejuízo e perda por almejar, contra um conselho, melhorar sua situação.

2. Ele os assegura de que embora eles devam perder o navio, nenhum deles perderá a vida: "Vocês vêem sua loucura ao não serem guiados por mim". Ele não diz: "Agora, portanto, esperem para ser tratados de acordo, vocês podem culpar a si mesmos se vocês todos se perderem; quem não aceita conselho não recebe ajuda". Não: "Contudo, agora há esperança em Israel a respeito dessa coisa; vosso caso é triste, mas não é desesperador, sendo assim, *eu vos admoesto a que tenhais bom ânimo*". Assim nós dizemos aos pecadores que são convencidos de seus pecados e tolices, e começam a ver e a lamentar seus erros: "Vocês deveriam ter dado ouvidos a nós, e não deviam ter se envolvido com o pecado; mas agora nós os *admoestamos a que tenham bom ânimo*: embora vocês não tenham aceitado nosso conselho quando dissemos: *Não se atrevam*, todavia aceitem nosso conselho agora que dizemos: *Não se desesperem*". Eles já tinham desistido de tudo e não usariam mais nenhum meio, porque *fugiu deles toda a esperança de se salvar.* Agora, Paulo os reanima a se moverem para trabalhar por sua própria segurança, dizendo-lhes que se eles repuserem as energias vão conseguir sobreviver. Ele lhes dá essa segurança quando eles foram levados ao extremo, porque agora seria duplamente reconfortante para eles ouvir que nenhuma vida seria perdida quando, de fato, eles estavam prontos a concluir que todos, inevitavelmente, se perderiam. Ele lhes diz: (1) Que eles devem contar com a perda do navio. Aqueles que estavam interessados no navio e nos bens provavelmente eram a maioria dos que foram a favor de seguir em frente com a viagem e continuar a aventura, apesar da admoestação de Paulo, e eles agora pagam por sua imprudência. Seu navio irá naufragar. Muitos navios imponentes, fortes, ricos e encantadores se perdem em águas poderosas em pouco tempo; *vaidade das vaidades, tudo é vaidade e aflição de espírito.* Mas: (2) *não se perderá a vida de nenhum de vós.* Isso seria boa notícia para aqueles que estavam para morrer de medo da morte, e cuja consciência culpada fazia a morte parecer muito terrível para eles.

3. Ele lhes conta que fundamento ele tinha para essa segurança, que não é uma brincadeira com eles, para deixá-los alegres, nem uma conjetura humana; ele tem uma revelação divina para isso, e está tão confiante nela quanto no fato de que Deus é verdadeiro, estando completamente convencido de que pode confiar em sua palavra. Um anjo de Deus lhe apareceu no meio da noite e lhe disse que por causa dele todos seriam preservados (vv. 23-25), o que deveria dobrar a misericórdia de sua preservação, que eles a teriam não somente pela providência, mas pela promessa, e como um favor particular a Paulo. Sendo assim, observe aqui:

(1) A confissão solene que Paulo faz de sua relação com Deus, o Deus de quem ele teve essa informação favorável: Ele é aquele *de quem eu sou e a quem sirvo.* Ele considera Deus: [1] Como seu proprietário legítimo, que possui um título incontestável de soberania sobre ele, e de domínio sobre ele: *de quem eu sou.* Porque Deus nos fez e não nós mesmos, portanto, nós não somos de nós mesmos mas dele. Nós lhe pertencemos pela criação, porque Ele nos fez; pela preservação, porque Ele nos sustenta; pela redenção, porque Ele nos comprou. Nós somos mais dele do que de nós mesmos. [2] Como seu mestre soberano, que, tendo dado a ele seu ser, tem direito de dar a ele a lei: *A quem sirvo.* Porque somos dele, estamos portanto obrigados a servi-lo, e a nos dedicar a sua honra e sua obra. É de Cristo que Paulo está falando aqui; Ele é Deus, e os anjos são dele e realizam as tarefas que Ele ordena. Paulo freqüentemente fala de si mesmo como *servo de Jesus Cristo*; Paulo é dele, e o serve, como cristão e como apóstolo; ele não diz: "De quem *nós* somos, e a quem *nós* servimos", pois muitos dos presentes eram estranhos a ele, mas: "De quem *eu sou*, e a quem *eu sirvo*, independentemente do que os outros façam; sim, a quem eu estou servindo agora, indo para Roma, não como vocês, a negócios mundanos, mas para aparecer como uma testemunha de Cristo". Isso

ele diz ao grupo para que, vendo o livramento deles vir do Deus a quem Paulo pertencia e servia, eles pudessem ser levados a aceitá-lo como seu próprio Deus, e a servi-lo da mesma forma; pelo mesmo motivo, Jonas disse aos marinheiros: *Eu temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca* (Jn 1.9).

(2) O relato que ele faz da visão que teve: *esta mesma noite, o anjo de Deus esteve comigo*, um mensageiro divino que geralmente lhe trazia mensagens do céu; o anjo *esteve com ele*, lhe apareceu em forma visível, provavelmente quando estava acordado em sua cama. Embora ele *estivesse longe sobre o mar* (Sl 65.5), *nas extremidades do mar* (Sl 139.9), nem isso podia impedir sua comunhão com Deus, nem privá-lo das visitas divinas. De lá ele pode dirigir uma oração a Deus, e para lá Deus pode mandar um anjo até ele. Ele mesmo não sabe onde está, mas o anjo de Deus sabe onde encontrá-lo. O navio *era impelido* pelo vento e pelas ondas, arrastado de um lado para o outro com a maior violência, e mesmo assim o anjo o encontra. Nem tempestades nem vendavais podem impedir as comunicações do favor de Deus para seu povo, pois Ele é uma ajuda muito presente, uma ajuda à mão, *ainda que as águas rujam e se perturbem* (Sl 46.1,3). Podemos supor que Paulo, sendo prisioneiro, não tivesse uma cabine própria no navio, muito menos uma cama na cabine do capitão, mas ficava na prisão (qualquer lugar escuro ou sujo era considerado bom o bastante para ele da mesma maneira que para o restante dos prisioneiros), e todavia lá o anjo de Deus esteve com ele. Humildade e pobreza não separam ninguém de Deus e de seu favor. Jacó, quando não tinha travesseiro, mas somente uma pedra, nem cortinas senão as nuvens, teve uma visão dos anjos. Paulo teve essa visão *esta mesma noite*. Ele já havia sido assegurado por uma visão anterior que devia ir para Roma (cap. 23.11), da qual ele podia inferir que ele mesmo devia estar seguro; mas ele tem essa nova visão para assegurá-lo da segurança dos que estavam com ele.

(3) O encorajamento que lhe foi dado na visão (v. 14). [1] Ele é proibido de ter medo. Embora todos ao seu redor não soubessem mais o que fazer, e estivessem completamente desesperados, *não temas, Paulo*; *não temas o seu temor, nem tampouco te assombres* (Is 8.12). Que *os pecadores de Sião se assombrem*, mas que os santos não se assombrem, não, não no mar, em uma tempestade; pois *o Senhor dos exércitos está com eles*, e *as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio* (Is 33.14-16). [2] Ele é assegurado de que, de sua parte, chegará seguro a Roma: *Importa que sejas apresentado a César*. Assim como a fúria dos mais poderosos inimigos, assim também o mais violento mar não pode prevalecer contra as testemunhas de Deus até que tenham dado seu testemunho. Paulo deve ser preservado nesse perigo, pois ele ainda tem serviço a fazer. Isso é um conforto para os fiéis servos de Deus em lutas e dificuldades, que enquanto Deus tem uma tarefa para eles fazerem, suas vidas devem ser prolongadas. [3] Que por sua causa todos que estavam no navio com ele deviam ser poupados também de perecer nessa tempestade: *eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo*. O anjo que recebeu a ordem de lhe trazer essa mensagem podia tê-lo separado dessa infeliz tripulação, e aqueles que eram seus amigos também, e tê-los levado em segurança para a praia, e ter deixado o restante perecer, porque eles não aceitaram o conselho de Paulo. Mas Deus escolhe antes, ao preservar todos por causa dele, mostrar que grandes bênçãos homens bons são para o mundo, do que, por livrar só a ele, mostrar como homens bons são distinguidos do mundo. *Deus te deu todos quantos navegam contigo*, isto é, os poupa em resposta às suas orações, ou por tua causa. Algumas vezes homens bons não livram *nem filhos nem filhas, mas eles só* (Ez 14.18). Mas Paulo aqui livra toda a tripulação do navio, quase trezentas almas. Veja que Deus freqüentemente poupa ímpios por causa de pessoas piedosas; como a cidade de Zoar por causa de Ló, e como Sodoma podia ter sido, se lá houvesse pelo menos dez pessoas justas. As pessoas boas são odiadas e perseguidas no mundo como se não fossem dignas de viver nele, embora na verdade seja por causa delas que o mundo continua a existir. Se Paulo tivesse por sua própria conta, sem necessidade, se juntado a más companhias, ele podia com justiça ter sido abandonado com eles, mas como foi Deus que o chamou para essa situação, eles são preservados com ele. E é insinuado que esse foi um grande favor a Paulo, e ele entendeu também assim, que outros estavam sendo salvos por sua causa: *Deus te deu todos*. Não há maior satisfação para um homem bom do que saber que ele é uma bênção pública.

4. Ele os conforta com o mesmo conforto com que ele mesmo foi confortado (v. 25): "*Portanto, ó varões, tende bom ânimo!* Vós vereis que até isso vai acabar bem; *Porque creio em Deus*, e confio em sua palavra, *que há de acontecer assim como a mim me foi dito*". Ele não exigiria que dessem crédito àquilo em que ele mesmo não acreditava; e, portanto, solenemente declara que ele mesmo acredita nisso, e a crença o deixa em paz: "Eu não duvido, antes há de acontecer assim como a mim me foi dito". *E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade. Deus falou, e não o cumprirá?* Sem dúvida Ele pode, sem dúvida Ele o fará; Deus *não é homem, para que minta*. E deve acontecer como Deus disse? Então tenha bom ânimo, tenha coragem. Deus sempre é fiel, então que todos que se interessam por sua promessa estejam sempre animados. Se com Deus dizer e fazer não são coisas separadas, então conosco crer e se alegrar também não devem ser.

5. Ele lhes dá um sinal, dizendo-lhes em detalhes como acabaria essa viagem tempestuosa (v. 26): "*É, contudo, necessário irmos dar numa ilha*, e isso vai tanto quebrar o navio quanto salvar os passageiros; e assim a predição em ambos os aspectos se cumprirá". O piloto tinha deixado seu posto, o navio foi deixado à deriva, não sabiam em que latitude estavam, muito menos como retomar o seu curso; porém, a Providência atua para levá-los a uma ilha que será um refúgio para eles. Quando a igreja de Deus, como um navio, *é sacudida pelas tempestades, e não tem consolo*, quando *nenhum de seus filhos pode guiá-la*, Deus pode levá-la com segurança à praia, e Ele fará isso.

II A chegada deles, por fim, a um lugar seguro em uma praia desconhecida (vv. 27-29). 1. Eles tinham passado quinze dias na tempestade, continuamente esperando a morte: *Quando chegou a décima quarta noite*, e não antes, *estavam próximos de alguma terra*;

eles foram *impelidos de uma e outra banda no mar Adriático*, uma parte do Mediterrâneo, contendo os mares da Sicília e da Jônia, e estendendo-se para a costa da África; nesse mar, eles foram sacudidos, e não sabiam onde de fato estavam. 2. *Lá pela meia-noite, suspeitaram os marinheiros que estavam próximos de alguma terra*, o que confirmava o que Paulo lhes tinha dito, que eles seriam levados para alguma ilha. Para saber se era esse o caso, *lançaram o prumo*, para descobrir a profundidade da água, pois a água ficaria mais rasa à medida que se aproximassem da praia; na primeira sondagem *acharam vinte braças*, e *um pouco mais adiante, acharam quinze braças*, o que era prova de que estavam perto de alguma praia; Deus sabiamente providenciou essa indicação aos marinheiros na escuridão para que pudessem ser cautelosos. 3. Eles entenderam, e, temendo rochas perto da praia, *lançaram da popa quatro âncoras, desejando que viesse o dia*; eles não ousavam avançar por medo das rochas, e, todavia, não podiam voltar em busca de abrigo, mas esperariam pela manhã, e desejavam muito que rompesse; quem pode censurá-los visto que o caso chegou a uma crise? Quando tinham luz, não havia terra para ser vista, agora que havia terra perto deles, não tinham luz pela qual pudessem vê-la; não é de espantar que desejassem o raiar do dia. Quando aqueles que temem a Deus *caminham em trevas, e não têm luz*, que eles não digam: *O Senhor nos abandonou*, ou: *Nosso Deus nos abandonou*; mas que façam como esses marinheiros fizeram, lancem as âncoras, e anseiem pelo dia, e estejam certos de que o dia raiará. *A esperança é uma âncora da alma, segura e firme, que penetra até ao interior do véu.* Fiquem firmes, não pensem em voltar de novo ao mar, sujeitem-se a Cristo, e esperem até o dia raiar, e as sombras desaparecerem.

III A frustração da tentativa dos marinheiros de abandonar o navio; aqui um novo perigo foi acrescentado à sua angústia, do qual escaparam por pouco. Observe: 1. O plano traiçoeiro dos marinheiros, o de abandonar o navio que afundava, o que, embora fosse um pouco de sabedoria em outros, naqueles que tinham a responsabilidade de cuidar dele, era a mais desprezível trapaça que podia acontecer (v. 30): *Procurando, porém, os marinheiros fugir do navio*, concluindo somente que, ao chegar na praia, ele se quebraria em pedaços; tendo o comando do bote, o plano era entrarem todos nele, e assim se salvarem, deixando todos os outros perecerem. Para encobrir esse plano vil, ficaram *como que querendo lançar as âncoras pela proa*, ou levá-las mais adiante, e para isso *deitaram o batel ao mar*, que eles tinham recolhido (vv. 16,17), e iam fazê-lo, tendo concordado entre si, quando estavam prontos para ir para a praia. Os marinheiros traiçoeiros são como o pastor traiçoeiro, que foge quando vê se aproximar o perigo, quando há mais necessidade de sua ajuda (Jo 10.12). Assim é verdade o que diz Salomão: *Como dente quebrado e pé deslocado, assim é a confiança no desleal, no tempo da angústia.* Deixemos, pois, o homem de lado. Paulo tinha, em nome de Deus, lhes assegurado que chegariam sãos e salvos à terra seca, mas eles preferem confiar em seu próprio refúgio de mentiras a confiar na palavra e verdade de Deus. 2. A descoberta do plano por Paulo e seu protesto contra ele (v. 31). Todos os viram preparando-se para entrar no bote, mas foram enganados por seu fingimento; somente Paulo percebeu o que estava acontecendo, e avisou ao centurião e aos soldados sobre o plano, e disse claramente: *Se esses não ficarem no navio, não podereis salvar-vos.* A habilidade de um marinheiro é vista em uma tempestade, e, na angústia do navio, é o momento de ele esforçar-se. Agora a maior dificuldade de todas estava diante deles, e, portanto, os marinheiros eram mais necessários agora do que jamais tinham sido antes; de fato não foi por nenhuma habilidade deles que eles *foram levados para a terra*, pois isso estava muito além de sua habilidade, mas, agora que estavam perto da terra, deviam usar sua técnica para levar o navio até ela. Quando Deus fez por nós o que não poderíamos ter feito, devemos então nos servir de sua força. Paulo fala como homem, quando diz: *Se esses não ficarem no navio, não podereis salvar-vos*; e ele de forma alguma diminui as garantias que ele tinha divinamente dado de que todos seriam infalivelmente salvos. Deus, que apontou o fim, *para que fossem salvos*, apontou os meios, que eles sejam salvos com a ajuda desses marinheiros; embora, se eles tivessem fugido, sem dúvida Deus teria cumprido a última palavra de algum outro modo. Paulo fala como um homem prudente, não como um profeta, quando diz: Esses homens são necessários para a preservação de vocês. Os deveres são nossos, os eventos são de Deus; e nós não confiamos em Deus, mas o tentamos, quando dizemos: "Nós nos colocamos sob sua proteção". E não usamos os meios adequados, os que estão em nosso poder, para nossa própria preservação. 3. A anulação do plano pelos soldados (v. 32). Não era hora de ficar discutindo o caso com os marinheiros, e por isso eles não causaram mais dificuldade, simplesmente *cortaram os cabos do batel*, e, embora pudesse de outro modo ter sido útil em sua dificuldade presente, eles escolheram antes *deixá-lo cair* e perdê-lo, do que tolerar que fizesse a eles esse desserviço. E agora os marinheiros, sendo forçados a se manter no navio querendo ou não, são forçados igualmente a trabalhar pela segurança do navio tanto quanto puderem, porque se os demais perecerem, eles perecerão também.

IV A nova vida que Paulo trouxe para o grupo, ao convidá-los animadamente a comer alguma coisa, e pelas repetidas garantias que ele lhes deu de que todos eles teriam suas vidas poupadas. Felizes daqueles que têm alguém como Paulo em sua companhia, que não somente tinha contato com o céu, mas era de um espírito vivo e sincero com aqueles à sua volta, que animava a fisionomia de seu amigo como o ferro afia o ferro. Um amigo assim na dificuldade, quando *fora estão as lutas e dentro estão os temores*, é um amigo de verdade. *O óleo e o perfume alegram o coração; assim faz a doçura de um amigo pelo conselho cordial* (Pv 27.9). Assim era aqui o conselho de Paulo aos seus companheiros na tribulação. O dia estava chegando: aqueles que anseiam pelo dia, que esperem um pouco, e terão o que desejam. A aurora do dia os reanimou um pouco, e então Paulo os reuniu. 1. Ele os censurou por negligenciarem a si mesmos, de que eles tinham até aqui dado vazão ao medo e ao desespero a ponto de esquecerem ou não se importarem com a co-

mida: *é já hoje o décimo quarto dia que esperais e permaneceis sem comer, não havendo provado nada*; e isso não é bom (v. 33). Não que todos ou alguns deles tivessem ficado quatorze dias sem qualquer alimento, mas eles não haviam preparado qualquer refeição como costumavam fazer todo esse tempo; eles tinham comido muito pouco, quase nada. Ou: "*Permaneceis sem comer*, isto é, "vós perdestes a fome; vós perdestes todo o apetite pela comida, todo o paladar, porque estais dominados pelo medo e o desespero". Um estado de muito desconsolo é, desse modo, expresso (Sl 102.4): *pelo que até me esqueço de comer o meu pão.* É um pecado deixar de alimentar o corpo, e negar-lhe seu sustento necessário; na verdade, é um homem desnaturado *aquele que odeia sua própria carne e não a nutre nem a agrada*; e é um triste mal sob o sol ter fartura das coisas boas dessa vida e não ter poder para usá-las (Ec 6.2). Se isso vem da tristeza do mundo, e de qualquer temor ou dificuldade incomum, está tão longe de ser desculpável que se torna outro pecado, é descontentamento, é desconfiança de Deus, está completamente errado. Que loucura é morrer de medo de morrer! *Mas, desse modo, a tristeza do mundo operará a morte*, enquanto a alegria em Deus é a vida e a paz nas maiores dificuldades e perigos. 2. Ele solicita que comam (v. 34): "*Exorto-vos a que comais alguma coisa, pois é para a vossa saúde.* Temos uma luta difícil diante de nós, devemos alcançar a praia da maneira que pudermos; se nossos corpos estiverem fracos pelo jejum, não seremos capazes de nos ajudar". O anjo ordenou a Elias: *levanta-te e come*, pois de outro modo ele acharia *a viagem muito longa para ele* (1 Rs 19.7). Assim, Paulo pede a essas pessoas que comam, ou de outro modo as ondas serão muito difíceis para elas: *Eu vos imploro, parakalo*: "*Eu vos exorto*, se quereis seguir meu conselho, tomai algum alimento; embora não tenhais apetite para isso, embora não tenhais nenhuma disposição para comer, que a razão vos leve a isso, porque *é para a vossa saúde*, mais ainda, é para a vossa preservação e segurança; é para a vossa salvação, sem alimento não podeis ter força para lutar por vossas vidas". Como *se alguém não quiser trabalhar, não coma também*, assim ele quer dizer que para trabalhar é preciso comer. Cristãos fracos e vacilantes, que dão lugar a dúvidas e temores sobre seu estado espiritual, continuam a não comer da Ceia do Senhor e a se abster das consolações divinas, e então se queixam de que não podem continuar em seu trabalho e batalha espirituais; e isso é culpa deles mesmos. Se eles se alimentassem e celebrassem como deveriam, com a provisão que Cristo lhes proporcionou, seriam fortalecidos e isso seria saúde e salvação para suas almas. 3. Ele lhes assegura de sua preservação: *Porque nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós.* É uma expressão proverbial, que denota uma proteção completa. Ela é usada em 1 Reis 1.52 e Lucas 21.18. "Vocês não conseguem comer por medo de morrer; eu lhes digo: Vocês com certeza vão viver, por isso, comam. Vocês chegarão à praia molhados e com frio, mas escaparão sãos e salvos; seus cabelos estarão molhados, mas nenhum fio de cabelo estará perdido". 4. Ele mesmo prepara a mesa para eles, porque nenhum deles tinha força para fazê-lo, todos eles estavam muito desanimados: *E, havendo dito isto, tomando o pão*, que buscou na despensa do navio, à qual todos podiam seguramente ter acesso quando nenhum deles tinha apetite. Eles não estavam sujeitos a nenhum racionamento, como os marinheiros às vezes estão quando ficam mais tempo no mar do que esperavam por causa das dificuldades do clima; eles tinham fartura, mas que bem isso lhes fazia, se não tinham fome? Devemos ser gratos a Deus por termos não somente comida para nosso apetite, mas também apetite para nossa comida; que nossa alma não abomina a comida desejável (Jó 33.20), por causa da doença ou da tristeza. 5. Ele era o capelão do navio, eles tinham razão de estarem orgulhosos de seu capelão. *Ele deu graças a Deus* na presença *de todos.* Nós temos motivos para pensar que ele tinha muitas vezes orado com Lucas e Aristarco, e que houvesse outros cristãos entre eles, que oravam diariamente juntos; mas se ele antes disso orou em meio a toda a companhia não temos certeza. Sendo assim, *ele deu graças a Deus, na presença de todos*, por eles estarem vivos, e por terem sido preservados até agora, e porque eles tinham uma promessa de que suas vidas seriam preservadas do perigo iminente que agora estava diante deles; ele deu graças pela provisão que eles tinham, e pediu uma bênção sobre ela. Nós devemos *em tudo dar graças*; e devemos em particular estar voltados para Deus ao receber nosso alimento, por que ele *é santificado para nós pela palavra de Deus e pela oração* e *deve ser recebido com ações de graças.* Assim a maldição é tirada dele, e nós obtemos um direito e uma bênção de aliança em relação a Ele (1 Tm 4.3-5). E não é *só de pão* que *vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*, que deve ser recebida com oração. *Ele deu graças na presença de todos*, não somente para mostrar que ele servia a um Mestre do qual não se envergonhava, mas para convidá-los também ao seu serviço. Se nós suplicamos por uma bênção sobre nosso alimento e damos graças por ele de uma maneira correta, nós não somente vamos alcançar uma comunhão confortável com Deus, mas também apreço por nossa confissão, e a recomendaremos à boa opinião dos outros. 6. Ele lhes dá um bom exemplo: *Tomando o pão* (era bolacha de bordo), *deu graças a Deus na presença de todos e, partindo-o, começou a comer.* Se eles estavam com coragem ou não, ele estava; se eles eram obstinados, e, como crianças rebeldes, que recusam sua comida porque não têm nada na cabeça, ele comeria sua comida e seria grato. Aqueles que ensinam aos outros são indesculpáveis se não fazem eles mesmos como ensinam, e o modo mais eficaz de pregar é pelo exemplo. 7. Isso teve uma influência feliz sobre todos eles (v. 36): *Tendo já todos bom ânimo.* Em seguida, se arriscaram a crer na mensagem de Deus dada a eles por meio de Paulo quando perceberam que o próprio Paulo acreditava, alguém que estava no mesmo perigo que eles. Assim, Deus envia boas notícias ao mundo dos homens que perece por meio daqueles que correm o mesmo perigo que eles, e que também são pecadores e precisam ser salvos, se é que serão salvos, da mesma maneira em que eles persuadem outros a se arriscar; pois é de uma salvação comum que eles trazem notícias; e é um encorajamento para o povo se entregar a Cristo como seu Salvador quando aqueles que os convidam dão a impressão de que eles mesmos o fazem. É nessa ocasião que o número de pessoas é estabelecido, o qual já

destacamos; eles eram *ao todo duzentas e setenta e seis almas*. Veja como muitos podem ser influenciados pelo bom exemplo de um só. Todos eles comeram, mais ainda, todos eles comeram o bastante (v. 38), eles ficaram saciados de comida, ou cheios, *eles fizeram uma refeição de verdade*. Isso explica o significado de *quatorze dias sem comer*; não que eles não comeram durante todo esse tempo, mas eles nunca comeram o suficiente todo aquele tempo, como eles comeram agora. 8. Mais uma vez eles aliviaram o navio, para que pudessem escapar melhor do choque que estava para acontecer. Antes eles tinham lançado *as mercadorias e equipamentos*, e agora *o trigo*, os víveres e provisões que tinham; era melhor eles afundarem a comida do que ela os afundar. Veja que boa razão nosso Salvador teve de chamar nosso alimento corporal de alimento que perece. Nós mesmos podemos estar necessitando lançar fora algo, para salvar nossa vida, o qual nós ajuntamos e guardamos para nosso próprio sustento. É provável que o navio estivesse sobrecarregado com a multidão de passageiros (porque isso vem logo depois da informação do número deles) e que isso os obrigou tantas vezes a aliviar o navio.

V A chegada deles à praia e a destruição do navio na aventura. Estava para irromper o dia quando eles fizeram sua refeição, e quando já era dia, eles começaram a olhar em redor; e aqui nos é dito: 1. Que eles não sabiam onde estavam (*não reconheceram a terra*); eles não podiam dizer no litoral de qual país eles estavam agora, se era na Europa, Ásia ou África, porque cada um dos continentes tinha praias banhadas pelo mar Adriático. É provável que esses marinheiros tivessem muitas vezes navegado nessa região, e pensassem que conheciam muito bem todos os países dos quais se aproximaram, e, no entanto, aqui estavam eles perdidos. *Não se glorie o sábio na sua sabedoria*, visto que ela pode lhe faltar de maneira grandiosa em sua própria profissão. 2. *Eles enxergaram, porém, uma enseada que tinha praia e consultaram-se sobre se deveriam encalhar nela o navio* (v. 39). Embora eles pensassem que não sabiam qual era esse país, nem se os habitantes eram amigáveis ou não, civilizados ou bárbaros, decidiram se entregar à misericórdia deles; era terra seca, que seria muito bem-vinda para aqueles que tinham estado tanto tempo no mar. Foi uma pena eles não terem tido nenhuma ajuda da praia, um piloto enviado a eles, que conhecesse a costa, que pudesse atracar seu navio nela, ou um segundo navio, para tomar alguns dos homens a bordo. Aqueles que vivem na costa muitas vezes têm a oportunidade de socorrer quem está em dificuldade no mar, e de salvar vidas preciosas, e eles deviam fazer o máximo para isso, com toda prontidão e amabilidade; pois é um grande pecado, e provocar muito a Deus, não *livrar os que estão destinados à morte e* salvar *os que são levados para a matança*; e não servirá de desculpa dizer: *Nós não sabíamos disso*, quando nós sabíamos ou podíamos, e deveríamos, ter sabido (Pv 14.11,12). Foi-me dito que há alguns que, em nosso próprio país também, quando da costa eles vêem um navio em dificuldade desorientado, por sinais errados ou outros meios, propositadamente os levam ao perigo, para que as vidas se percam, e eles possam ter o despojo do navio. É difícil acreditar que alguns da espécie humana possam ser tão ímpios, tão barbaramente desumanos, e possam ter tanto do Diabo em si; se existem tais pessoas, que elas saibam de uma verdade: *O juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia*. 3. Eles foram diretamente para a praia com o vento e a maré (v. 40): *Levantando as âncoras*, as quatro âncoras que haviam lançado da popa (v. 29). Alguns pensam que eles se esforçaram para levantá-las, esperando que as usariam novamente na praia; outros, que eles se precipitaram tanto que foram forçados a cortar os cabos e deixá-las; o original admite ambos. Em seguida, *deixaram-no ir ao mar*, o vento estava bom para levá-los ao porto, e eles *largaram também as amarras do leme*, que fora amarrado durante a tempestade para maior estabilidade do navio, mas, agora que eles estavam aportando, foram soltas, para que o piloto pudesse manobrar o navio com maior liberdade; *e, alçando a vela maior ao vento, dirigiram-se para a praia*. As palavras originais usadas aqui para *amarras do leme* e *vela maior* fazem com que os críticos tenham muito trabalho para acomodá-las aos termos modernos; mas elas não causam nenhuma dificuldade para quem se contenta em saber que, quando eles viram a praia, se apressaram em sua direção tanto quanto podiam, e talvez foram mais rápido do que a velocidade normal. E não deveria uma pobre alma que por muito tempo lutou contra ventos e tempestades neste mundo desejar ardentemente chegar ao porto seguro e tranqüilo do descanso eterno? Não deveria se libertar de tudo que a prende a esta terra, tudo que restringe a expressão de suas afeições piedosas e devotas dirigidas ao céu? E não deveria içar a vela maior da fé ao vento do Espírito, e assim com desejos elevados chegar à praia? 4. Eles encontraram um meio de levar o navio a encalhar, em um baixio ou banco de areia, pelo que parece, ou um istmo, ou uma língua de terra, banhada pelo mar de ambos os lados, e por isso se diz que dois mares se encontram nela, e *fixa* lá, *a proa ficou imóvel*; e então, quando não tinha liberdade de virar, como um navio não tem quando está ancorado, mas permanece imóvel, a popa logo estaria quebrada, naturalmente, *com a força das ondas*. Se os marinheiros não fizeram sua parte, furiosos que estavam por não dar certo seu plano de escapar, e por isso levaram propositalmente o navio a encalhar, ou se podemos supor que eles fizeram o máximo para salvá-lo, mas Deus em sua providência anulou o esforço deles, para o cumprimento da palavra de Paulo de que *somente o navio* se perderia (v. 22), eu não sei dizer; mas de uma coisa temos certeza: *Deus confirma a palavra do seu servo e cumpre o conselho dos seus mensageiros* (Is 44.26). O navio, que tinha estranhamente suportado a tempestade no vasto oceano, onde tinha espaço para virar, é feito em pedaços quando está encalhado. Desse modo, se o coração se fixa no mundo, por amor e afeição, e se adere a ele, se perde. As tentações de Satanás batem contra ele, e ele se acaba; mas, enquanto ele se mantém acima do mundo, embora seja sacudido pelas preocupações e tumulto, há esperança para ele. Eles tinham a praia em vista, e, no entanto, sofreram naufrágio no porto, para nos ensinar a nunca sermos confiantes.

VI Um perigo em particular no qual Paulo e os demais prisioneiros incorreram, além de sua parte na calamidade comum, e seu livramento dele. 1. Nes-

se momento crítico, quando cada homem está em dúvida sobre sua vida, *a idéia dos soldados foi que matassem os presos* que foram confiados à sua custódia, e dos quais eles deviam prestar contas, *para que nenhum fugisse, escapando a nado* (v. 42). Não havia nenhum grande perigo disso, porque eles não podiam escapar para longe, fracos e cansados que estavam; e, sob vigilância de tantos soldados que tinham a responsabilidade por eles, não era provável que eles tentassem isso; e se isso acontecesse, embora pudessem se tornar ofensivos à lei por uma fuga permissiva, em um caso como esse, porém, essa eqüidade certamente os aliviaria. Mas era uma moção brutal e bárbara e tanto pior que eles fossem assim pródigos da vida de outras pessoas quando, sem um milagre de misericórdia, eles estavam para perder a sua. 2. O centurião, por causa de Paulo, reprimiu essa iniciativa imediatamente. Paulo, que era seu prisioneiro, tinha encontrado seu favor, como José com o capitão da guarda. Júlio, embora desprezasse o conselho de Paulo (v. 11), posteriormente viu muito motivo para respeitá-lo, e por isso, *querendo salvar a Paulo*, evitou a execução daquele projeto sangrento, e *in favorem vitae – em respeito à sua vida*, ele os guardou do propósito dos soldados. Não parece que havia entre eles malfeitores condenados, mas apenas suspeitos, e esperando seu julgamento, e nesse caso seria melhor que dez culpados fugissem do que um inocente fosse morto. Como Deus salvou a todos no navio por causa de Paulo, assim aqui o centurião salva a todos os prisioneiros por sua causa; um bem difusivo assim é um bom homem.

VII A salvação da vida de todas as pessoas do navio, pela providência maravilhosa de Deus. Quando o navio quebrou debaixo deles, certamente *havia apenas um passo entre eles e a morte*; e, no entanto, a misericórdia infinita se interpôs, e esse passo não foi dado. 1. Alguns foram salvos nadando: *o centurião mandou que os* soldados *que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar*, para chegar *à terra* primeiro e ficar prontos para receber os prisioneiros, e evitar a fuga deles. Os romanos treinavam seus jovens, entre outros exercícios, na natação, e isso muitas vezes foi útil para eles em suas guerras: Júlio César foi um nadador famoso. Isso pode ser muito útil para aqueles que vão muito ao mar, mas, por outro lado, talvez mais vidas tenham sido perdidas pela natação esportiva, e na aprendizagem da natação, do que têm sido salvas pela natação por necessidade. 2. Os demais com muita dificuldade chegaram à praia, alguns em tábuas que tinham tomado do navio e outros *em coisas do navio*, cada um fez o melhor que pôde por si e seus amigos, e estavam tanto mais dispostos porque lhes foi garantido que seu trabalho não seria em vão; mas *assim aconteceu* que através da boa providência de Deus nenhum deles se perdeu, nenhum deles foi, por acidente, mal-sucedido, e *todos chegaram à terra, a salvo*. Veja aqui uma exemplo da providência especial de Deus na preservação da vida das pessoas e particularmente na libertação de muitos perigos na água, prontas para afundar e no entanto impedidas disso, de descerem *engolidas pelas profundezas* e de serem cobertas pelas *inundações*, a tempestade se tornou em calmaria e eles foram resgatados do mar terrível, e levados para o porto desejado. *Louvem ao Senhor pela sua bondade* (Sl 107.30,31). Aqui estava um exemplo da execução de uma palavra particular da promessa que Deus concedeu, de que todas as pessoas desse navio seriam salvas por causa de Paulo. Embora haja grande dificuldade na forma da salvação prometida, no entanto, ela sem falhar será cumprida; e até mesmo a destruição do navio pode proporcionar meios para a salvação das vidas, e, quando parece que todos vão morrer, tudo se mostra seguro, embora estejam *em tábuas e em coisas do navio*.

CAPÍTULO 28

Nós estamos muito interessados em tomar nota e aproveitar o que é relatado aqui a respeito do bendito Paulo porque, depois da história desse capítulo, nós não ouvimos mais falar dele na história sagrada, embora tenhamos muita informação ainda à disposição em suas epístolas. Nós vimos por vários capítulos como ele foi de um julgamento a outro, e poderíamos no final tê-lo deixado, com mais prazer, se o tivéssemos deixado em liberdade; mas neste capítulo nós devemos expressar condolências a ele e ainda felicitá-lo. I. Nós sentimos por ele como um pobre passageiro que sofreu um naufrágio, despojado de tudo; e ainda o felicitamos: 1. Como singularmente possuído por seu Deus em sua dificuldade, preservou-se de ser ferido por uma víbora que mordeu sua mão (vv. 1-6), e por ter sido um instrumento de muito bem na ilha na qual eles foram lançados, ao curar muitos que estavam doentes, e em particular o pai de Públio, o principal homem da ilha (vv. 7-9). 2. Como muito respeitado pelo povo dali (v. 10). II. Nós sentimos por ele por ser um pobre prisioneiro confinado, levado a Roma sob suspeita de ser um criminoso removido por "habeas corpus" (vv. 11-16), e, no entanto, nós o felicitamos: 1. Pelo respeito mostrado a ele pelos cristãos em Roma, que percorreram um longo caminho para encontrá-lo (v. 15). 2. Pelo favor que ele encontrou da parte do capitão da guarda, a cuja custódia ele foi entregue, que permitiu que ele morasse por sua conta e não o pôs em uma prisão comum (v. 16). 3. Pela livre conferência que ele teve com os judeus em Roma, tanto sobre seu processo (vv. 17-22) quanto sobre o tema da religião cristã em geral (v. 23), tendo como resultado Deus ser glorificado, muitos serem edificados, os demais ficarem indesculpáveis, e os apóstolos, justificados em pregar o evangelho aos gentios (vv. 24-29). 4. Pela liberdade tranqüila que ele teve para pregar o evangelho a todos que vieram à sua casa por dois anos (vv. 30,31).

A Viagem de Paulo rumo a Roma

vv. 1-10

Em que grande diversidade de lugares e circunstâncias nós encontramos Paulo! Ele era um planeta e não

uma estrela fixa. Aqui nós o vemos em uma ilha aonde, com toda probabilidade, ele jamais iria se não tivesse sido lançado nela por uma tempestade; e, no entanto, parece que Deus tem uma obra para ele fazer ali. Mesmo ventos tempestuosos cumprem o conselho de Deus, e um vento ruim, na verdade, é um que não sopra nada de bom; esse vento ruim soprou o bem para a ilha de Melita (versão inglesa KJV); por que ele lhes concedeu a companhia de Paulo por três meses, ele que era uma bênção para qualquer lugar que fosse. Essa ilha que era chamada Melita ficava entre a Sicília e a África, tinha trinta e dois quilômetros de comprimento e dezenove de largura; ela fica mais distante do continente do que qualquer ilha do mediterrâneo; está a aproximadamente noventa e seis quilômetros da Sicília. Adquiriu fama por causa dos cavaleiros de Malta, que, quando os turcos invadiram essa parte da cristandade, fizeram uma nobre resistência, causando um revés ao progresso de seus exércitos. Sendo assim, temos aqui:

I A bondosa recepção que os habitantes dessa ilha deram aos estrangeiros em dificuldade que naufragaram em sua costa (v. 2): *E os bárbaros usaram conosco de não pouca humanidade.* Deus prometeu que não haveria perda da vida de nenhum homem; e, *o caminho de Deus é perfeito.* Se eles tivessem escapado do mar e ao chegar à praia tivessem perecido por frio ou falta de algo, teria dado no mesmo; por isso, a Providência mantém seu cuidado por eles, e os benefícios que recebemos pela mão do homem devem ser reconhecidos como provenientes da mão de Deus; pois cada criatura é para nós, e nada mais, do que aquilo que Ele faz ser, e quando lhe agrada; como Ele pode fazer que inimigos fiquem em paz, pode também fazer estranhos serem amigos, amigos na necessidade, que são amigos de verdade – amigos *na adversidade,* e *é para esse momento que nasce um irmão.* Observe: 1. A nota geral feita sobre a bondade que os nativos de Malta mostraram a Paulo e sua companhia. Eles são chamados de *bárbaros*, porque na língua e nos costumes não se conformavam nem aos gregos nem aos romanos, que viam a todos (muito supersticiosamente) exceto a si mesmos como bárbaros, ainda que de outro modo os outros fossem bastante civilizados, e talvez em alguns casos mais civilizados do que eles. Esses bárbaros, embora sejam chamados assim, eram cheios de humanidade: *E os bárbaros usaram conosco de não pouca humanidade.* Tão longe estavam eles de se aproveitar desse naufrágio, como muitos, receio, que são chamados povos cristãos, teriam feito, que eles aproveitaram a ocasião para mostrar misericórdia. O *samaritano* é mais próximo do pobre homem ferido *do que o sacerdote ou o levita.* E verdadeiramente nós não encontramos maior humanidade entre os gregos ou os romanos ou os cristãos, do que entre esses bárbaros; e isso está escrito para imitarmos, que nós possamos daí em diante aprender a ser compassivos com aqueles que estão em dificuldade e miséria, e aliviar e socorrer a eles com o máximo de nossa capacidade, como aqueles que *sabem que nós mesmos também estamos no corpo.* Não devemos *nos esquecer da hospitalidade*, como Abraão, que se assentava junto à porta de sua tenda para convidar os que passavam (Hb 13.2), mas especialmente estranhos em dificuldade, como esses estavam. *Honrai a todos os homens.* Se a Providência assim *fixou os limites de nossa habitação* como que dando-nos uma chance de ser freqüentemente úteis a pessoas em dificuldade, nós não devemos colocar isso entre as inconveniências de nossa sorte, mas entre as suas vantagens; porque *é melhor dar do que receber.* Quem sabe se esses bárbaros não tiveram sua sorte lançada nessa ilha para uma ocasião como essa? 2. Um exemplo particular de sua bondade: Eles *acenderam uma fogueira,* em alguma grande clareira, e *nos recolheram a todos* – deram lugar para nós em volta do fogo, e deram as boas-vindas a todos nós, sem perguntar de qual país nós éramos ou de qual religião. Ao nadar *para a praia* e chegar *em coisas do navio,* nós devemos supor que eles estavam muito molhados, completamente ensopados; e, como se isso não fosse o bastante, para completar o dilúvio, as águas de cima caíam sobre as debaixo, e chovia tanto que logo ficariam molhados até a alma; e era *uma chuva muito fria* também, de maneira que eles não queriam nada tanto quanto um bom fogo (porque eles tinham comido fartamente pouco antes de sair do navio), e isso os bárbaros fizeram para eles logo, para *se aquecerem e secarem suas roupas.* Às vezes é tão importante para com famílias pobres fornecer-lhes algo para fazer fogo quanto o são a comida e o vestuário. *Ficar aquecido* é tão necessário como *ficar farto.* Quando nas extremidades do mau tempo nós nos encontramos cercados pelos rigores da estação, pelas acomodações de uma casa aconchegante, cama, roupas e um bom aquecimento, nós deveríamos pensar em quantos estão expostos *à chuva que cai e ao frio,* e ter piedade deles e orar por eles e ajudá-los se pudermos.

II O outro perigo em que Paulo esteve ao ser picado por uma víbora em sua mão, e a injusta interpretação que as pessoas fizeram disso. Paulo está entre estranhos, e parece um dos mais insignificantes e mais desprezíveis do grupo, por isso Deus o destaca, e logo faz com que ele seja notado.

1. Quando o fogo estava sendo preparado, e estava se tornando maior, para que essa enorme companhia pudesse toda ela se beneficiar dele, Paulo estava tão ocupado quanto qualquer um deles ajuntando gravetos (v. 3). Embora ele estivesse livre de tudo, e fosse mais estimado do que qualquer um deles, *ele ainda se fez servo de todos.* Paulo era um homem ativo e aplicado e adorava fazer algo quando qualquer coisa devia ser feita e jamais imaginava ficar à toa. Paulo era um homem humilde e abnegado, e enfrentaria qualquer coisa em que pudesse ser útil, mesmo juntar gravetos para fazer um fogo. Nós não devemos considerar nada indigno de nós senão o pecado, e devemos estar dispostos a condescender com os ofícios mais insignificantes, se houver ocasião, para o bem de nossos irmãos. As pessoas estavam prontas a ajudá-los; contudo, Paulo, molhado e com frio como está não jogará tudo sobre elas, mas as ajudará. Aqueles que recebem o benefício pelo fogo devem ajudar a levar o combustível até ele.

2. Os gravetos eram detritos secos e velhos e aconteceu de haver uma víbora entre eles, que estava como morta até chegar perto do calor, e então reviveu, ou ficou quieta até sentir o fogo, e foi provocada, correndo para ele que sem saber a lançou no fogo, e ela *lhe acometeu a*

mão (v. 3). Serpentes e animais venenosos como esses em geral ficam entre gravetos; daí lemos daquele que *encostou sua mão na parede* e uma *cobra o mordeu* (Am 5.19). Isso era tão comum que as pessoas tinham medo de quebrar um muro (Ec 10.8): *Quem romper um muro, uma cobra o morderá.* Como há uma cobra sob a grama verde, assim há muitas vezes sob folhas secas. Veja a quantos perigos a vida humana está exposta e que perigo nós corremos com criaturas inferiores, das quais muitas têm se tornado inimigas dos homens, visto que os homens se tornaram rebeldes para com Deus; e que grande misericórdia é que sejamos preservados delas como nós somos. Muitas vezes nos encontramos com aquilo que é prejudicial onde nós esperamos algo benéfico; e muitos chegam a ser feridos quando estão honestamente empregados, e cumprindo seu dever.

3. Os bárbaros concluíram que Paulo, sendo prisioneiro, com certeza era assassino, que tinha apelado a Roma para fugir da justiça em seu próprio país, e que essa víbora fora enviada pela justiça divina para ser um vingador de sangue; ou, se eles não estivessem informados de que ele era prisioneiro, eles suporiam que ele estava em fuga; e eles *vendo a víbora pendurada em sua mão*, que parecia que ele não podia ou não queria tirar imediatamente, mas deixou-a pendurada, concluíram: "*Certamente esse homem é homicida*, que derramou sangue inocente e por isso, *visto como escapou do mar, a Justiça não o deixa viver*, e o prende agora que ele se compraz com pensamentos de que escapou, *e não o deixa viver*". Nisso podemos ver:

(1) Algumas das descobertas da luz natural. Eles eram bárbaros, talvez não tivessem livros nem instrução entre eles, e, no entanto, tinham conhecimento natural: [1] De que há um Deus que governa o mundo e uma providência que preside todos os acontecimentos, que as coisas não acontecem por acaso, não, não uma coisa como essa, mas pela orientação divina. [2] De que o mal persegue os pecadores, e que existem obras boas as quais Deus recompensará e obras de impiedade as quais Ele punirá; há uma *nemesis* divina – *uma vingança*, que mais cedo ou mais tarde acertará contas com crimes enormes. Eles não acreditam somente que há um Deus, mas que esse Deus disse: *Minha é a vingança; eu recompensarei*, mesmo na morte. [3] Que o assassinato é um crime hediondo, e que não demora a ser punido, que *todo aquele que derramar o sangue de um homem*, se seu sangue não for derramado por outro (pelos magistrados, como deve ser), será derramado pelo justo Juiz do céu e da terra, que é o vingador do erro. Aqueles que pensam que continuarão impunes de qualquer mau caminho serão julgados pela boca desses bárbaros, que podiam dizer, sem livros: *Ai do ímpio! Mal lhe irá, porque a recompensa das suas mãos se lhe dará.* Aqueles que, por terem escapado de muitos julgamentos, estão seguros e dizem: *Nós teremos paz embora nós continuemos*, e têm colocado seu coração muito mais *para fazer o mal porque a sentença contra seu mal não é executada com rapidez*, podem aprender desse povo iletrado que, embora os malfeitores escapassem da vingança do mar, ainda não deixaram para trás a justiça divina, *a Justiça não os deixa viver.* No tempo de Jó você poderia perguntar *aos que passam pelo caminho*, pergunte ao próximo corpo que você encontrar e ele lhe dirá *que o mau é preservado para o dia da destruição.*

(2) Alguns dos enganos da luz natural que precisam ser retificados pela revelação divina. Em duas coisas o conhecimento deles era defeituoso: [1] Que eles pensavam que todas as pessoas más eram punidas nesta vida; que a vingança divina nunca suporta que grandes e famosos pecadores, como são os assassinos, vivam muito tempo; mas que, se, *eles fugirem da cova, ficarão presos no laço* (Jr 48.43,44), *se eles fugirem de um leão, um urso os encontrará* (Am 5.19), se eles escapam de ser afundados, uma víbora se prenderá neles; ao passo que não é assim. O ímpio, mesmo os assassinos, às vezes *vivem, envelhecem, e ainda se esforçam em poder*; porque o dia da vingança virá no outro mundo, *o grande dia da ira*; e embora alguns sejam feitos exemplos disso neste mundo, para provar que há um Deus e uma providência, contudo, muitos são deixados impunes, para provar que há um juízo vindouro. [2] Que eles pensavam que todo que fosse notavelmente afligido nesta vida era uma pessoa má; que um homem em cuja mão uma víbora se prende pode por esse fato ser julgado como sendo um assassino, como se aqueles sobre quem a torre de Siloé caiu devessem necessariamente ser maiores pecadores do que todos em Jerusalém. Esse erro os amigos de Jó cometeram, em seu juízo sobre o caso dele. Mas a revelação divina coloca essa questão sob uma luz verdadeira – de que todas as coisas ocorrem em geral igualmente a todos, que homens bons são muitas vezes enormemente afligidos nesta vida, para o exercício e aprimoramento de sua fé e paciência.

4. Quando ele sacudiu a víbora de sua mão, eles ainda esperaram que a vingança divina ratificasse a censura que eles tinham feito *e que viesse a inchar* e queimar por causa do efeito do veneno ou *cair morto de repente.* Veja quão aptos os homens são para, uma vez que eles conceberam uma má opinião de um homem, ainda que muito injusta, manter-se nela, e pensar que Deus deve necessariamente confirmar e ratificar a sentença impertinente deles. Foi bom que eles não o tenham derrubado por si mesmos, quando eles viram que ele não inchou e não caiu; mas eles são tão ponderados a ponto de deixar a Providência operar e a assistir aos movimentos dela.

III O livramento de Paulo do perigo e uma conclusão indevida que as pessoas tiraram dele. A picada da víbora em sua mão era um julgamento de sua fé; e serviu para louvor, honra e glória, porque: 1. Não parece que isso lhe causou qualquer temor ou confusão. Ele não gritou ou estremeceu, nem, como seria natural para nós, a atirou com terror e precipitação; porque ele suportou a víbora tanto tempo que as pessoas tiveram tempo de notá-la e dar sua opinião sobre o caso. Que maravilhosa presença de espírito ele tinha, e tal compostura, como nenhum homem poderia ter em um acidente repentino como esse, senão por ajuda especial da graça divina, e a crença real e a consideração daquela palavra de Cristo a respeito de seus discípulos (Mc 16.18): Eles *pegarão nas serpentes.* Isso é ter *o coração firme, confiando no Senhor.* 2. Despreocupadamente *sacudiu ele a víbora no fogo*, sem dificuldade alguma, sem pedido de ajuda, ou quaisquer meios usados para se livrar dela; e é provável

que ela tenha sido consumida pelo fogo. Desse modo, na força da graça de Cristo, os crentes sacodem de si as tentações de Satanás, com uma santa resolução, dizendo, como Cristo fez: *Para trás de mim, Satanás; o Senhor te repreenda*; e assim eles *conservam-se a si mesmos, e o maligno não lhes toca*, para se prender a eles (1 Jo 5.18). Quando nós desprezamos as censuras e as reprovações dos homens, e olhamos para elas com um santo desprezo, tendo o testemunho da consciência a nosso favor, então nós, como Paulo aqui, *sacudimos a víbora no fogo*. Isso não nos prejudica, exceto se nós nos incomodarmos com isso, ou formos desanimados por ele de nosso dever, ou provocados a pagar o mal com o mal. 3. Ele não ficou nem um pouco doente. Aqueles que pensaram que isso era a sua morte *tendo esperado já muito* viram *que nenhum incômodo lhe sobrevinha*. Deus, por esse meio, procurou torná-lo notável entre esses bárbaros, e assim abrir caminho para a recepção do evangelho entre eles. Está relatado que depois disso nenhuma criatura venenosa viveu naquela ilha, assim como acontece na Irlanda; mas eu não sei se esse fato é confirmado, embora autores católicos falem disso com segurança. 4. Eles então o exaltaram tanto quanto o tinham vilipendiado anteriormente. Eles, *mudando de parecer, diziam que era um deus* – um deus imortal; porque achavam impossível que um homem mortal pudesse ter uma víbora pendurada em sua mão por tanto tempo e não ficar doente. Veja a incerteza da opinião popular, como ela muda com o vento, e como vai facilmente de um extremo a outro; de sacrificar em honra de Paulo e Barnabé a apedrejá-los; e aqui, de condená-lo como um assassino a idolatrá-lo como a um deus.

IV A cura miraculosa de um cavalheiro idoso que estava com febre, e de outros que estavam com outras doenças, realizada por Paulo. E, com essas confirmações da doutrina de Cristo, sem dúvida houve uma divulgação fiel dela. Observe: 1. A bondosa recepção que *Públio, o principal da ilha*, deu a esses estranhos em dificuldade; ele tinha propriedades consideráveis na ilha, e alguns pensam que era o governador; e ele os *recebeu e hospedou benignamente por três dias*, para que eles pudessem ter tempo para se equiparem em outros lugares próximos. É uma alegria quando Deus dá um grande coração para aqueles a quem Ele deu grande riqueza. Convinha a ele, que era o principal da ilha, ser mais hospitaleiro e generoso, que era o homem mais rico, ser rico em boas obras. 2. A doença do *pai de Públio*: *Aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria*, que muitas vezes ocorrem juntas, e, quando ocorrem, em geral são fatais. A Providência ordenou que ele ficasse doente exatamente nessa ocasião, para que a sua cura pudesse ser uma recompensa imediata a Públio por sua generosidade, e a cura dele por milagre, uma recompensa em particular por sua bondade para com Paulo, a quem ele recebeu no nome de um profeta, e teve essa recompensa de profeta. 3. Sua cura: Paulo tomou conhecimento de seu caso, e embora nós não saibamos se foi impelido a isso, pois eles não tinham pensado em uma coisa assim, no entanto, ele entrou, não como um médico para curá-lo com medicamentos, mas como um apóstolo para curá-lo por milagre; e ele orou a Deus, em nome de Cristo, por sua cura, e então pôs suas mãos sobre ele, e ele ficou perfeitamente bem em um instante. Embora ele devesse necessariamente ser um ancião, no entanto, recuperou a saúde, e o prolongamento de sua vida lhe seria mais uma misericórdia. 4. A cura de muitos outros, que foram motivados por essa cura a procurar Paulo. Se ele pode curar doenças com tanta facilidade, tanta eficácia, ele logo terá muitos pacientes; e ele recebe a todos, e os despede com aquilo que vieram buscar. Ele não argumentou que era um estranho ali, lançado por acidente entre eles, sem nenhuma obrigação para com eles, e esperando ir embora na primeira oportunidade, e portanto poderia se negar a receber essas pessoas. Não, um homem bom se empenhará em fazer o bem onde quer que a providência de Deus o lance. Paulo se considerava um devedor, não somente aos gregos, mas aos bárbaros também, e agradeceu a Deus por uma oportunidade de ser útil entre eles. Mais ainda, ele estava particularmente obrigado para com esses habitantes de Malta pelo abrigo oportuno e suprimentos que eles haviam fornecido a ele, e por esse motivo ele, com efeito, abriu seus aposentos, o que deveria nos encorajar a receber estranhos, porque alguns por esse meio acolheram anjos, e outros, apóstolos, sem o saber. Deus não vai ficar em dívida com ninguém pela bondade mostrada a seu povo na dificuldade. Nós temos razão em pensar que Paulo com essas curas pregou o evangelho a eles, e que, vindo assim confirmado e recomendado, era em geral abraçado por eles. E, nesse caso, jamais houve qualquer povo tão enriquecido por um naufrágio em suas costas como esses malteses o foram.

V O grato reconhecimento que mesmo esses bárbaros fizeram pela bondade que Paulo lhes fez, ao pregar Cristo a eles. Eles foram gentis para com Paulo e os outros ministros que estavam com ele, que, é provável, estavam-no auxiliando na pregação ao povo (v. 10). 1. Eles *nos distinguiram também com muitas honras*. Eles lhes mostraram todo o respeito possível; eles viram que Deus os honrou e, por isso, eles pensaram com justiça serem obrigados a honrá-los, e não mediram esforços com que pudessem testificar a estima que tinham por eles. Talvez os fizessem livres em sua ilha ao naturalizá-los e os admitissem como membros de suas associações e fraternidades. Os pregadores fiéis do evangelho são dignos de dupla honra, em especial quando têm êxito em sua missão. 2. *E, havendo de navegar, nos proveram das coisas necessárias*; ou, eles puseram a bordo aquelas coisas das quais faríamos uso. Paulo não poderia trabalhar com suas mãos aqui, porque ele não tinha nada com que trabalhar, e por isso aceitou a bondade das boas pessoas de Melita, não como um pagamento por suas curas (de bom grado ele tinha recebido, e de bom grado ele deu), mas como alívio por sua carência e daqueles que estavam com ele. E, tendo colhido suas coisas espirituais, era justo que eles lhes devolvessem as materiais (1 Co 9.11).

Paulo em Roma

vv. 11-16

Nós temos aqui a continuação da viagem de Paulo em direção a Roma e sua chegada ali afinal. Uma viagem difícil e perigosa ele teve até agora e escapou por pouco

com vida; mas depois da tempestade vem a bonança: a última parte dessa viagem foi fácil e tranqüila.

Per varios casus, per tot discrimina rerum,
Tendimus ad Latium.
Por meio de vários perigos e incidentes,
nos movemos para o Lácio.
Tendimus ad coelum.
Nós vamos para o céu.
Dabit Deus his quoque finem.
Para esses um período será fixado pelos Céus.

Nós temos aqui:

I A partida deles de Malta. Essa ilha foi um abrigo feliz para eles, mas não era seu lar; quando eles estivessem recuperados, deveriam se lançar novamente ao mar. As dificuldades e desalentos que nós temos encontrado em nossa carreira cristã não devem nos impedir de ir em frente. Aqui temos o registro: 1. Da ocasião da partida deles: *Três meses depois*, os três meses de inverno. Era melhor ficar um tempo, ainda que sofressem acusações, do que prosseguir enquanto a estação estava perigosa. Paulo os alertara para não se aventurarem ao mar com o clima de inverno, e eles não acolheram o aviso, mas, agora que eles tinham aprendido por meio de dificuldades e perigos que eles atravessaram, não era necessário avisá-los: o aprendizado deles lhes fez bem depois que pagaram caro por ele. Por isso a experiência é chamada a mestra dos tolos, porque aqueles que são tolos não aprendem até que a experiência os ensine. 2. Do navio no qual eles partiram. Foi em um navio de Alexandria; como também era aquele que naufragara (cap. 27.6). Esse navio *invernara na ilha* e era seguro. Veja como há diferentes resultados nos empreendimentos dos homens neste mundo. Aqui estavam dois navios, ambos de Alexandria, ambos com destino à Itália, ambos lançados na mesma ilha, mas um naufraga ali e o outro está salvo. Tais ocorrências podem ser observadas muitas vezes. A Providência às vezes favorece aqueles que negociam no mundo, e prosperam nele, para que as pessoas possam ser encorajadas a manter suas mãos nos negócios mundanos; em outras vezes, a Providência os frustra, para que as pessoas possam ser alertadas a não colocarem seus corações nisso. Os eventos são assim variados para que possamos aprender tanto como ter falta quanto como ter fartura. O historiador toma nota da insígnia do navio, que provavelmente lhe dava seu nome: *Castor e Pólux*. Aquelas pequenas e tolas divindades pagãs, que os poetas tinham feito presidir sobre as tempestades e proteger os homens nas navegações, como deuses do mar, eram pintadas ou gravadas sobre a proa do navio, e dali o navio recebeu seu nome. Eu suponho que isso é registrado só para melhor verificação da história, sendo aquele navio bem conhecido por seu nome e insígnia por todos que negociavam entre o Egito e a Itália. O Dr. Lightfoot pensa que Lucas menciona essa circunstância para mostrar a superstição dos homens, de que eles esperavam que teriam melhor navegação sob essa divisa do que haviam tido antes.

II A chegada deles à Itália, ou a um lugar próximo dela, e o prosseguimento de sua viagem em direção a Roma. 1. Eles desembarcaram primeiro em Siracusa, na Sicília, a principal cidade dessa ilha. Ali *ficamos três dias*, provavelmente desembarcando mercadorias, ou fazendo negócios ali; porque parece que era uma viagem comercial que esse navio fazia. Paulo agora tinha sua curiosidade satisfeita com a visão de lugares dos quais ele muitas vezes tinha ouvido falar e desejava ver, em particular Siracusa, um lugar muito antigo e famoso; e, no entanto, parece que não havia nenhum cristão ali. 2. De Siracusa eles foram a Régio, uma cidade na Itália, diretamente oposta a Messina, na Sicília, pertencente ao reino da Calábria, ou Nápoles. Ali, parece que permaneceram um dia; e uma história muito criativa das lendas católicas romanas conta acerca da pregação de Paulo aqui nessa ocasião, que os peixes vieram à praia para ouvi-lo, que com uma vela ele colocava fogo em uma coluna de pedra, e por esse milagre convenceu as pessoas da verdade de sua doutrina, e foram muitos deles batizados, e ele ordenou Estêvão, um de seus companheiros nessa viagem, para ser bispo na cidade – e tudo isso, eles contam, foi feito nesse único dia; ao passo que parece que eles nem chegaram a desembarcar, mas somente ancoraram no caminho. 3. De Régio eles foram a Putéoli, uma cidade portuária não longe de Nápoles, agora chamada *Pozzolana*. O navio de Alexandria tinha como destino aquele porto, e por isso ali Paulo, e os demais que iam para Roma, desembarcaram, e fizeram o restante do caminho por terra. Em Putéoli eles acharam *alguns irmãos* cristãos. Quem levou o conhecimento de Cristo para cá não nos é dito, mas aqui estava, pois tão maravilhosamente o fermento do evangelho se difundia sozinho. Deus tem muitos que o servem e o adoram em lugares onde nós nem imaginamos. E observe: (1) Embora seja provável que houvesse apenas alguns irmãos em Putéoli, contudo, Paulo os descobriu; ou eles ouviram falar dele, ou ele perguntou por eles, mas, por assim dizer, como se fosse por instinto eles se reuniram. Irmãos em Cristo deveriam descobrir uns aos outros, e manter-se em comunhão uns com os outros, como pessoas de um mesmo país fazem em uma terra estrangeira. (2) Eles desejavam que Paulo e seus companheiros *ficassem com eles por sete dias*, isto é, deviam passar pelo menos um dia do Senhor com eles, e auxiliá-los em seu culto público nesse dia. Eles não sabiam se alguma vez veriam Paulo em Putéoli novamente, e por isso ele não deveria partir sem conceder-lhes um sermão ou dois, ou mais. E Paulo estava disposto a conceder a eles essa parcela de seu tempo; e o centurião sob cujo comando estava Paulo agora, talvez tendo ele mesmo amigos ou negócios em Putéoli, concordou em ficar uma semana ali; para ser amável com Paulo. 4. De Putéoli eles partiram em direção a Roma; se viajaram a pé, ou se tinham animais providos para montarem (como cap. 23.24), não é relatado, mas para Roma eles devem ir; e essa era sua última parada.

III O encontro que os cristãos tiveram com Paulo em Roma. É provável que a notícia lhes fora enviada pelos cristãos de Putéoli tão logo Paulo tivesse chegado ali, quanto tempo ele pretendia ficar ali, e quando ele deveria seguir para Roma, o que deu uma chance para esse encontro. Observe:

1. A grande honra que eles fizeram a Paulo. Eles tinham ouvido muito sobre sua fama, qual o uso que Deus tinha feito dele, e que eminente serviço ele tinha feito ao reino de Cristo no mundo, e de que multidão de almas ele tinha sido o pai espiritual. Eles tinham ouvido falar de seus sofrimentos, e de como Deus o tinha aprovado neles, e por isso eles não somente desejavam vê-lo, mas pensavam consigo que estavam obrigados a mostrar a ele todo o respeito possível, como um glorioso defensor da causa de Cristo. Algum tempo atrás ele tinha escrito uma longa epístola para eles, e uma epístola excelentíssima, a Epístola aos Romanos, na qual ele tinha não somente expresso sua grande atenção para com eles, mas tinha lhes dado muitas instruções bastante úteis, em troca do que eles lhe mostram esse respeito. Eles foram encontrá-lo, para que eles pudessem trazê-lo com pompa, como embaixadores e juízes fazem sua entrada pública, embora ele fosse um prisioneiro. Alguns deles foram tão longe quanto a Praça de Ápio, que ficava a oitenta e um quilômetros de Roma; outros, a um lugar chamado *Três Vendas*, que ficava a quarenta e cinco (alguns calculam cinqüenta e três) quilômetros de Roma. Eles devem ser elogiados por isso, que estivessem tão longe de estar envergonhados dele, ou receosos de reconhecer sua autoridade, porque ele era um prisioneiro, que por essa mesma razão eles o consideravam digno de dupla honra e estavam ainda mais cuidadosos de lhe mostrar respeito.

2. O grande conforto que Paulo teve nisso. Agora que estava se aproximando de Roma, e talvez tivesse ouvido em Putéoli que caráter o imperador Nero agora tinha, e em que tirano ele tinha se tornado, ele começou a ter alguns pensamentos tristes sobre sua apelação a César, e sobre as conseqüências. Ele estava se aproximando de Roma, aonde jamais tinha estado, onde havia poucos que o conheciam ou que ele conhecia, e que coisas poderiam lhe acontecer aqui ele não saberia dizer; mas ele começou a ficar desanimado com isso, até que se encontrou com essas boas pessoas que vinham de Roma para mostrar-lhe respeito; *vendo-os*: (1) Ele *deu graças a Deus e tomou ânimo.* Nós podemos supor que ele lhes agradeceu a bondade, disse-lhes muitas vezes quão amável ele achou isso; mas não era tudo: ele *deu graças a Deus.* Note: Se nossos amigos são amáveis conosco, é Deus que os faz assim, que coloca em seu coração, e no poder de suas mãos, serem assim, e nós devemos dar-lhe glória por isso. Ele agradeceu a Deus, sem dúvida, pela bondade e generosidade dos bárbaros em Melita, mas muito mais pelo cuidado piedoso por ele por parte do povo cristão em Roma. Quando ele viu tantos cristãos que eram de Roma, agradeceu a Deus que o evangelho de Cristo tinha tido esse sucesso maravilhoso ali na metrópole do império. Quando nós vamos ao exterior, ou apenas olhamos para fora, para o mundo, e nos encontramos, mesmo em lugares desconhecidos, com aqueles que levam o nome de Cristo, e temem a Deus e o servem, nós devemos elevar nossos corações aos céus em ação de graças; bendito seja Deus por haver tantos homens excelentes nessa terra, por má que seja. Paulo agradeceu a Deus os cristãos em Roma antes que ele alguma vez os tivesse visto, com base no relato que ouviu a respeito deles (Rm 1.8): *dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos.* Mas agora que ele os viu (e talvez eles parecessem mais distintos e gentis do que a maioria das pessoas com as quais ele conversou, ou mais sérios e inteligentes do que a maioria) *ele deu graças a Deus.* Mas isso não era tudo: (2) Ele *tomou ânimo.* Isso lhe deu novo ânimo, agradou seu espírito, e baniu sua tristeza, e agora ele pode entrar em Roma com tanta alegria como prisioneiro como jamais entrou em Jerusalém em liberdade. Ele descobre que ali existem aqueles que o amam e o valorizam, e com quem ele pode tanto conversar quanto se consultar como seus amigos, que vão tirar muito do tédio de seu aprisionamento, e o terror de seu comparecimento diante de Nero. Note: É um encorajamento para aqueles que estão em viagem para o céu se encontrarem com seus companheiros de viagem, que são seus *companheiros na aflição e na paciência de Jesus Cristo.* Quando vemos as numerosas e sérias assembléias de bons cristãos, nós não devemos somente dar graças a Deus, mas tomar coragem para nós mesmos. E essa é uma boa razão para respeitar bons ministros, especialmente quando eles estão sofrendo e são desprezados; isso os encoraja e torna tanto seus sofrimentos quanto seus serviços mais suportáveis. Contudo, deve ser observado que embora os cristãos em Roma fossem agora tão respeitosos com Paulo, e ele tivesse se comprometido tanto por causa do respeito deles, eles o deixaram quando ele mais necessitou deles; porque ele diz (2 Tm 4.16): *Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam.* Eles podiam facilmente fazer um percurso de sessenta e quatro ou oitenta quilômetros para ir encontrar Paulo, pelos prazeres da viagem; mas se arriscar ao desprazer do imperador e à má vontade de outros homens importantes, comparecendo em defesa de Paulo e testemunhar a favor dele, não, aqui eles desejam ser desculpados; quando chegar esse momento, eles preferirão ir o mais longe possível para não encontrá-lo como agora eles fizeram para encontrá-lo, o que é uma sugestão para que nós deixemos o homem e nos encorajemos no Senhor nosso Deus. A coragem que nós recebemos de suas promessas jamais nos deixará, quando nós formos envergonhados pela coragem que tiramos das gentilezas dos homens. *Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso.*

IV A entrega de Paulo em custódia em Roma (v. 16). Ele agora chega ao fim de sua jornada. E: 1. Ele ainda é um prisioneiro. Ele muito quis ver Roma, mas quando chega lá, ele é entregue, com outros prisioneiros, *ao general dos exércitos*, e não pode ver mais de Roma do que lhe será permitido. Quantos homens importantes fizeram sua entrada em Roma, coroados e triunfantes, que realmente eram as pragas de sua geração! Mas aqui um bom homem faz sua entrada em Roma, acorrentado e vencido como um pobre cativo, que era realmente a maior bênção de sua geração. Esse pensamento é suficiente para fazer qualquer um odiar este mundo para sempre. 2. Mesmo assim, ele ainda tem alguns privilégios. Ele é um prisioneiro, mas não um prisioneiro enclausurado, não em uma cadeia comum: *a Paulo se lhe permitiu morar por sua conta*, em algum conveniente alojamento particular que seus amigos proporcionaram ali para ele, e um soldado foi designado para ser seu guarda, que, nós esperamos, fosse cortês com ele, e o deixava ter toda a li-

berdade que podia ser permitida a um prisioneiro, porque ele teria que ser de fato muito maldoso para não ser cortês com um homem tão prestativo como Paulo. Tendo permissão de morar por sua conta, Paulo podia alegrar-se muito mais com seus amigos e seu Deus do que se ele tivesse sido colocado com outros prisioneiros. Note: Isso pode encorajar os prisioneiros de Deus, que Ele pode lhes dar favor aos olhos daqueles que os levam cativos (Sl 106.46), como José aos olhos do carcereiro-mor (Gn 39.21), e Joaquim aos olhos do rei da Babilônia (2 Rs 25.27,28). Quando Deus não liberta seu povo imediatamente da escravidão, eles, não obstante, seja porque Ele a facilita para eles ou os torna confortáveis debaixo dela, têm motivos de ser gratos.

Paulo em Roma
vv. 17-22

Paulo, com muito custo e risco, é levado como prisioneiro a Roma, e quando ele chega ninguém aparece para processá-lo ou para apresentar qualquer acusação; mas ele deve defender sua própria causa; e aqui ele a apresenta aos principais dos judeus em Roma. Não havia muito tempo, por um édito de Cláudio, todos os judeus haviam sido banidos de Roma, e afastados até sua morte; mas, nos cinco anos desde então, muitos judeus tinham voltado para lá, pelas vantagens do comércio, embora pareça que não lhes era permitido ter uma sinagoga ou um lugar de culto público ali; mas esses *principais dos judeus* eram aqueles de mais destaque entre eles, os homens mais distintos daquela religião, que tinham as melhores propriedades e negócios. *Paulo convocou*-os, tendo o desejo de insistir em sua opinião, e para que pudesse haver um bom entendimento entre ele e eles. E nos é dito aqui:

I O que ele disse a eles, e qual o relato que ele deu a eles de sua causa. Ele fala com muito respeito a eles, os chama de varões irmãos, e por esse meio dá a entender que ele espera ser tratado por eles tanto como homem quanto como irmão, e se empenha em tratá-los como tais e a não dizer-lhes nada senão a verdade; porque *nós somos membros uns dos outros – todos nós somos irmãos*. Sendo assim: 1. Ele declara sua própria inocência, e que ele não deu nenhum motivo aos judeus para tratá-lo com tamanha hostilidade como em geral eles fizeram: "*Eu não fiz nada contra o povo* judeu, não fiz nada para prejudicar sua religião ou liberdades civis, não tenho acrescentado nenhuma aflição a suas presentes misérias, eles sabem que não; nem tenho cometido coisa alguma *contra os costumes de nossos pais*, seja por revogação ou por inovação em qualquer coisa da religião". É verdade que Paulo não impôs os costumes dos pais aos gentios: eles nunca foram planejados para eles. Mas também é verdade que ele jamais se opôs a eles entre os judeus, mas até, quando estava entre eles, se conformou ao que eles faziam. Ele nunca discutiu com eles por praticarem de acordo com os usos de sua própria religião, mas somente por sua inimizade para com os gentios (Gl 2.12). Paulo tinha o testemunho de sua consciência de que tinha cumprido o seu dever para com os judeus. 2. Ele modestamente se queixa do duro tratamento que ele tinha recebido deles – de que, embora ele não lhes tivesse causado nenhuma ofensa, ele foi *preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos*. Se ele tivesse falado toda a verdade dessa questão, ela teria parecido pior do que pareceu aos judeus, pois eles o teriam matado sem nenhum pretexto de lei ou justiça se os romanos não o tivessem protegido; entretanto, eles o acusaram como criminoso, diante do governador Félix e, exigindo um julgamento contra ele, estavam, com efeito, entregando-o nas mãos dos romanos, quando ele não desejava nada mais que um julgamento justo e imparcial pela própria lei deles. 3. Ele apresenta o juízo dos governadores romanos a seu respeito (v. 18). Eles o examinaram, inquiriram sobre seu caso, ouviram o que havia para ser dito contra ele e o que ele tinha a dizer por si mesmo. O tribuno o examinou, e também Félix, Festo e Agripa e eles não puderam encontrar nenhum motivo de morte nele; não pareceu nada contrário salvo que ele era honesto, calmo, consciencioso e bom homem, e por isso eles nunca satisfariam os judeus com uma sentença de morte contra ele; mas, pelo contrário, o teriam libertado e o deixariam realizar sua obra também, e não o interromperiam, pois todos eles o ouviram e gostaram bastante de sua doutrina. Foi para a honra de Paulo que aqueles que o examinavam com mais cuidado o absolviam, e nenhum deles o condenou senão os que não o ouviram, e esses eram os que tinham preconceito contra ele. 4. Ele defende a necessidade que teve de remover a si mesmo e a sua causa para Roma; e que isso foi apenas em sua própria defesa, e não por qualquer plano de recriminar ou apresentar uma acusação contra os queixosos (v. 19): *Opondo-se os judeus* a isso, e fazendo um embargo à sua libertação, planejando, caso não pudessem tê-lo condenado à morte, pelo menos fazê-lo prisioneiro para sempre, ele foi *forçado a apelar para César*, ao ver que os governadores, um após o outro, ficaram com muito receio dos judeus para libertá-lo, por medo de se tornarem inimigo deles, foi necessário para Paulo rogar pela assistência das instâncias superiores. Isso era tudo que ele almejava nessa apelação; não acusar sua nação, mas apenas se defender. Todo homem tem direito de pleitear em sua própria defesa, mesmo que não deva procurar defeitos em seus próximos. É uma coisa odiosa acusar, especialmente acusar uma nação, uma nação como essa. Paulo fez intercessão por eles, mas nunca contra eles. O governo romano tinha nessa época uma péssima opinião a respeito da nação judaica, como uma nação facciosa, turbulenta, desafeiçoada e perigosa; e teria sido uma coisa muito fácil para um homem tão eloqüente como Paulo, um cidadão de Roma, e tão injuriado como ele foi, ter exasperado o imperador contra a nação judaica. Mas Paulo jamais faria tal coisa; ele era a favor de ver o lado bom de todos, e não de tornar o ruim pior. 5. Ele põe seus sofrimentos em base verdadeira, e lhes dá um relato da razão deles que deveria empenhá-los não somente a não se unirem com seus perseguidores contra ele, mas a se importarem com ele e a fazerem o que pudessem a seu favor (v. 20): "*Por esta causa vos chamei*, não para discutir convosco, pois eu não tenho intenção de exaltar o governo contra vós, mas para *vos ver e falar* como a meus compatriotas e homens com os quais eu manteria correspondência, porque *pela esperança de*

Israel estou com esta cadeia". Ele leva a marca de seu aprisionamento consigo, e provavelmente estava acorrentado ao soldado que o guardava; e isso era: (1) Porque ele pregou que o Messias já viera, o qual era a esperança de Israel, aquele por quem Israel esperava. "Os judeus não concordam quanto a isso, de que o Messias será a glória de seu povo Israel? E por isso é que se deve esperá-lo, e esse Messias eu prego, e provo que Ele veio. Eles sustentam uma esperança em um Messias ainda por vir tal que deve terminar na perda da esperança em relação a Ele; eu prego essa esperança em um Messias que já veio, o que deve produzir a alegria em relação a Ele. (2) Porque ele pregava que a ressurreição dos mortos deveria acontecer. Essa também era a esperança de Israel; assim ele a tinha chamado (cap. 23.6; 24.15; 26.6,7). "Eles ainda esperavam um Messias que os libertasse do jugo romano, e os fizesse grandes e prósperos sobre a terra, e é isso que domina seus pensamentos; e eles estão furiosos comigo por dirigir suas expectativas para as grandes coisas de um outro mundo, e persuadi-los a abraçar o Messias que garantirá aquelas coisas para eles, e não o poder e a grandeza exteriores. Eu quero levá-los às bênçãos espirituais e eternas que nossos pais pela fé tinham em vista, e é por isso que eles me odeiam, porque eu os tiraria daquilo que é o engano de Israel, e que será sua vergonha e ruína, a idéia de um Messias temporal, e os levaria ao que é a verdadeira e real esperança de Israel, e o sentido genuíno de todas as promessas feitas aos pais, um reino espiritual de santidade e amor estabelecido nos corações dos homens, para ser o penhor de, e preparativo para, a alegre ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro".

II Qual foi a resposta deles. Eles admitiram: 1. Que não tinham nada a dizer em particular contra ele; nem tinham qualquer instrução para aparecerem como seus acusadores diante do imperador, quer por carta ou palavra (v. 21): "*Nós não recebemos acerca de ti cartas algumas da Judéia* (não temos ordens para te acusar) nem houve nenhum dos irmãos da nação judaica que ultimamente vieram a Roma (tantas as oportunidades que os judeus tinham de ir para lá agora que sua nação era uma província daquele império) *que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum*". Isso era muito estranho, que aquela fúria incansável e inveterada dos judeus que tinham seguido Paulo onde quer que ele fosse não o seguisse até Roma, para o condenar ali. Alguns pensam que eles mentiram aqui, e tinham ordens de acusá-lo, mas não ousaram declará-la, sendo eles mesmos receosos da ira do imperador, que embora não tivesse banido, como a seus predecessores, todos os judeus de Roma, contudo não os apoiava. Mas eu posso pensar que o que eles diziam era verdade, e Paulo agora achou que tinha chegado ao ponto que ele almejou ao apelar para César, que era levar sua causa para uma corte aonde eles não a seguiriam. Essa era a política de Davi, e foi sua segurança (1 Sm 27.1): *não há coisa melhor para mim do que escapar apressadamente para a terra dos filisteus; para que Saul perca a esperança de mim e cesse de me buscar por todos os termos de Israel; e assim escaparei da sua mão*; e assim aconteceu (v. 4). *E, sendo Saul avisado de que Davi tinha fugido para Gate, não cuidou mais em o buscar.* Assim Paulo fez com sua apelação: ele fugiu para Roma, onde ele estava fora do alcance deles; e eles disseram: "Deixe que ele vá". 2. Que eles desejavam saber mais detalhes a respeito da doutrina que pregava, e da religião pela qual ele sofreu tanto para propagar diante de tanta oposição (v. 22): "*Bem quiséramos ouvir de ti o que sentes – ha phroneis*, quais são tuas opiniões ou sentimentos, quais são aquelas coisas nas quais tu és tão sábio, e pelas quais tens prazer e zelo; pois, embora conheçamos pouco do cristianismo, sabemos que é *uma seita que em toda parte se fala contra ela*". Aqueles que diziam essa palavra desdenhosa e maldosa da religião cristã eram judeus, *os principais dos judeus em Roma*, que se orgulhavam de seu conhecimento (Rm 2.17), e, no entanto, isso era tudo que eles sabiam a respeito da religião cristã, *quanto a essa seita, notório nos é que em toda parte se fala contra ela.* Eles lhe atribuíram um mau nome, e a depreciaram. (1) Eles a viam como uma seita, e isso era falso. O verdadeiro cristianismo estabelece aquilo que é de interesse comum para toda a humanidade e não é construído sobre opiniões estreitas e interesses particulares como as que geralmente estão na base das seitas. Ele não almeja nenhum benefício ou vantagem mundanos como as seitas almejam; mas todos os seus ganhos são espirituais e eternos. E, além disso, tem uma tendência direta para a união dos filhos dos homens, e não para dividi-los e colocá-los em divergência como as seitas têm. (2) Ele diziam que falavam mal dele em toda parte, e isso era bem verdade. Todos com quem falavam diziam algo contra ele, e por isso eles concluíram o que todos, ou a maioria, concluíam. É, e sempre foi, a sina da santa religião de Cristo ser difamada em toda parte.

Paulo em Roma
vv. 23-29

Nós temos aqui um curto relato de uma longa conferência que Paulo teve com os judeus em Roma sobre a religião cristã. Embora eles tivessem bastante preconceito contra ela, porque essa doutrina era em toda parte difamada, a ponto de chamá-la de *uma seita*, ainda assim eles estavam dispostos a ouvi-lo, o que era mais do que os judeus em Jerusalém fizeram. É provável que esses judeus em Roma, sendo homens mais familiarizados com o mundo e de convivência mais geral, fossem mais livres em seus inquéritos do que eram os fanáticos judeus em Jerusalém, e não responderiam a essa questão antes de ouvi-la.

I Aqui nos é dito como Paulo administrou essa conferência em defesa da religião cristã. Os judeus marcaram a ocasião, estabeleceram um dia para essa discussão, para que todas as partes interessadas pudessem ter conhecimento suficiente (v. 23). Aqueles judeus pareciam bem dispostos a ser persuadidos, contudo não se provou que tinham todos a mesma atitude. Sendo assim, quando chegou o dia:

1. *Muitos foram ter com ele à pousada.* Embora ele fosse prisioneiro e não pudesse sair até eles, ainda assim eles se dispuseram a ir até ele em seu alojamento. E o

confinamento sob o qual ele estava agora, se devidamente considerado, em vez de estimulá-los contra sua doutrina, deveria confirmá-la para eles; porque era um sinal não somente de que ele acreditava nela, mas também que pensava valer a pena sofrer por ela. Seria preferível visitar um homem como Paulo em sua prisão a não receber instrução dele. E ele abriu espaço para eles em seu alojamento, não temendo causar ofensa ao governo, de maneira que pudesse lhes fazer o bem.

2. Ele foi bastante demorado e completo em sua conversa com eles, buscando mais a convicção deles do que sua própria defesa. (1) Ele expôs, ou explicou, o Reino de Deus para eles; mostrou-lhes a natureza daquele reino e os seus gloriosos propósitos e desígnios, que ele é celestial e espiritual, estabelecido na mente dos homens, e não brilha com pompa exterior, mas na pureza do coração e da vida. Aquilo que mantinha os judeus em sua descrença era a incompreensão do Reino de Deus, como se esse viesse com a observação; bastava apenas que lhes fosse exposto, posto em uma luz verdadeira, e eles seriam levados a lhe obedecer. (2) Ele não somente expôs o Reino de Deus, mas o testificou; anunciou-o claramente para eles, e o confirmou com provas incontestáveis, de que o Reino de Deus por meio da administração do Messias havia chegado, e estava estabelecido agora no mundo. Ele atestou os extraordinários poderes no reino da graça pelos quais deu seu testemunho dele a partir de sua própria experiência de seu poder e influência sobre ele mesmo, e o modo como foi levado a se submeter a esse Reino. (3) Ele não somente expôs e testificou sobre o reino de Deus, mas os persuadiu, ele o recomendou à consciência deles e os pressionou com toda seriedade a abraçar o Reino de Deus, e submeter-se a ele, e a não persistir em sua posição. Ele acrescentou à sua doutrina (a explicação e a confirmação dela) uma aplicação viva e vigorosa aos seus ouvintes, que é o método mais adequado e proveitoso de pregação. (4) Ele os persuadiu a respeito de Jesus. O plano e tendência de todo seu discurso era levá-los a Cristo, convencê-los de que ele era o Messias, e levá-los a crer nele como Ele é apresentado no evangelho. Ele insistiu com eles sobre *ta peri tou Iesou – as coisas referentes a Jesus*, as profecias sobre Ele, que ele leu para eles *na lei de Moisés e nos profetas*, como apontando para o Messias, e mostrou como todas elas tinham seu cumprimento nesse Jesus. Sendo eles judeus, ele tratou com eles a partir das Escrituras do Antigo Testamento e demonstrou que essas estavam tão longe de se opor ao cristianismo que elas eram as grandes provas dele; de maneira que, se nós compararmos a história do Novo Testamento com a profecia do Antigo, vamos concluir que esse Jesus é aquele que deveria vir, e que não devemos esperar por nenhum outro.

3. Ele foi muito demorado; por que ele continuou seu discurso e parece ter sido um discurso contínuo, *desde pela manhã até à tarde*; talvez tenha sido um discurso de oito ou dez horas de duração. O assunto era curioso; ele estava repleto dele; ele era de grande importância; ele estava falando sério e seu coração estava nisso; ele não sabia quando teria uma outra oportunidade, e, portanto, sem pedir desculpas por cansar sua paciência, ele os segurou o dia todo; mas é provável que ele passou algum tempo em oração com eles e por eles.

II Qual foi o efeito de seu discurso. Alguém poderia pensar que uma causa tão boa como essa do cristianismo, ainda mais administrada por uma mão habilidosa como a de Paulo não poderia senão ocupar um dia, e que todos os ouvintes devem ter se rendido a ela imediatamente; mas não aconteceu dessa maneira. O menino Jesus é estabelecido para queda de alguns e para reerguimento de outros, uma pedra fundamental para alguns e uma pedra de tropeço para outros. 1. *Eles ficaram entre si discordes* (v. 25). Alguns deles pensavam que Paulo estava certo, outros não admitiriam isso. Essa é aquela divisão que Cristo veio fazer, aquele fogo que ele veio acender (Lc 12.49,51). Paulo pregou com muita clareza e sinceridade, contudo, seus ouvintes não podiam concordar sobre o sentido e a evidência do que ele pregou. 2. *Alguns criam no que se dizia, mas outros não criam* (v. 24). Houve um desacordo. Esse sempre tem sido o êxito do evangelho; para alguns, ele tem sido um *sabor de vida para a vida*, para outros, um *sabor de morte para a morte*. Alguns são moldados pela palavra, mas outros, endurecidos; alguns recebem a luz, mas outros fecham seus olhos para ela. Desse modo aconteceu entre os ouvintes de Cristo, e os espectadores de seus milagres, alguns acreditaram e alguns blasfemaram. Se todos tivessem acreditado, não teria havido desacordo; de maneira que toda a culpa da divisão cai sobre aqueles que não acreditam.

III A palavra de despertamento que Paulo disse para eles na hora de partirem. Ele percebeu pelo que eles murmuravam que havia muitos entre eles, e talvez a maior parte, que eram obstinados, e não se renderiam à convicção do que ele disse; eles estavam se levantando para ir embora, eles tinham ouvido o suficiente: "Esperem", diz Paulo, "levem uma palavra com vocês antes de partirem e a considerem quando chegarem em casa: Qual vocês acham que será o efeito de sua infidelidade obstinada? O que vocês farão no final? O que acontecerá?"

1. "Vocês serão confirmados pelo justo julgamento de Deus sob a descrença. Vocês endureceram seu coração, e Deus os endurecerá como fez com o coração do faraó; e isso é o que está profetizado a respeito de vocês. Voltem-se para aquela Escritura (Is 6.9,10), e leiam-na seriamente, e torçam para que o caso ali descrito não se mostre ser o caso de vocês". Como há promessas do evangelho no Antigo Testamento que serão cumpridas em todo aquele que crê, assim há ameaças do evangelho de juízos espirituais que serão cumpridas naqueles que não crêem; e essa é uma. Ela é parte da comissão dada ao profeta Isaías; ele foi enviado para tornar piores aqueles que não seriam melhores. *Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías.* O que foi dito por JEOVÁ é atribuído aqui ao Espírito Santo, o que prova que o Espírito Santo é Deus; e o que foi dito a Isaías é dito ser proferido por ele para os pais deles, porque ele recebeu a ordem de dizer ao povo o que Deus lhe disse; e, embora o que foi dito ali tivesse em si muito terror para o povo e tristeza para o profeta, é, no entanto, dito aqui que foi bem falado. Ezequias disse a respeito de uma mensagem de ira: *Boa é a palavra do Senhor que disseste* (Is 39.8). E a expressão: *aquele que crê não será condenado*

é evangelho tanto quanto a expressão: *Aquele que crê será salvo* (Mc 16.16). Ou isso pode ser explicado por aquela palavra de nosso Salvador (Mt 15.7): "*Bem profetizou Isaías acerca de vós.* O Espírito Santo disse para vossos pais aquilo que seria cumprido em vós: *Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis*". (1) "Aquilo que era o grande pecado deles contra Deus é o de vocês; e aquele pecado é isso, vocês não querem ver. Vocês fecham seus olhos contra a evidência mais convincente possível, e não admitem a conclusão, ainda que vocês não possam negar as premissas: vocês *fecharam os olhos*" (v. 27). Isso demonstra uma infidelidade obstinada, e uma escravidão voluntária ao preconceito. "Como os pais de vocês não viam a mão de Deus exaltada contra eles em seus juízos (Is 26.11), assim vocês não verão a mão de Deus estendida a vocês na graça do evangelho". É verdade acerca desses judeus descrentes que eles tinham preconceito contra o evangelho; eles não viam porque eles estavam determinados a não ver, e não há ninguém tão cego quanto aquele que não quer ver. Eles não seguiriam suas convicções, e por esse motivo não as admitiriam. Eles de propósito *fecharam seus olhos, para que não vissem com seus olhos* as grandes coisas que pertencem à sua paz eterna, eles veriam a glória de Deus, a amabilidade de Cristo, a deformidade do pecado, a beleza da santidade, a vaidade deste mundo e a realidade do outro. Eles não serão mudados e governados por essas verdades, e, portanto, não receberão a evidência delas, *para que eles não ouçam com seus ouvidos* aquilo que eles são relutantes em ouvir, a ira de Deus revelada do céu contra eles, e também a vontade de Deus revelada do céu para eles. Eles tampam seus ouvidos, como a serpente surda, que *não ouve a voz do encantador*, por mais que *encante ele tão sabiamente.* Assim fizeram seus pais; eles *não ouviram* (Zc 7.11,12). E aquilo do que eles têm medo ao fechar seus olhos e ouvidos, e obstruir (por assim dizer) ambos os seus sentidos de aprendizado contra aquele que fez tanto ouvido para ouvir quanto o olho para ver, é, *para que nunca com os olhos vejam, nem com os ouvidos ouçam, nem do coração entendam, e se convertam, e eu os cure.* Eles mantiveram sua mente na escuridão, ou pelo menos em uma confusão e tumulto constantes, para que, se eles admitissem um pensamento sóbrio e ponderado, eles não entendessem com seu coração como é tanto seu dever como seu interesse serem religiosos, e assim gradualmente a verdade seria muito difícil para eles, e eles se converteriam dos seus maus caminhos nos quais eles tinham prazer, para aqueles exercícios pelos quais eles tinham agora aversão. Observe: O método de Deus é levar as pessoas primeiro a ver e ouvir, e assim entender com seu coração, e então convertê-los, e dobrar sua vontade, e então curá-los, que é o modo normal de tratar com uma alma racional; e por isso Satanás evita a conversão da alma a Deus cegando a mente e obscurecendo o entendimento (2 Co 4.4). E o caso é muito triste quando o pecador se junta a ele nisso, e arranca seus próprios olhos. *Ut liberius peccent, libenter ignorant – Eles mergulham na ignorância, para que possam pecar mais à vontade.* Eles estão apaixonados por sua doença, e estão receosos de que Deus os cure; como a antiga Babilônia, nós a teríamos curado, mas ela não quis ser curada (Jr 51.9). Esse era o pecado. (2) "Aquele que era o grande julgamento de Deus sobre eles por seu pecado é seu julgamento sobre vocês, e esse é: vocês ficarão cegos. Deus os abandonará a uma cegueira de origem divina: '*Ouvindo, ouvireis*' – vocês devem ter a palavra de Deus pregada a vocês cada vez mais –, '*mas não compreendereis*'; porque vocês não entregarão sua mente ao entendimento dela, Deus não dará a vocês a força e a graça para entendê-la. '*Vendo, vereis*' – vocês terão uma enorme quantidade de milagres e sinais feitos diante de seus olhos –, '*mas não percebereis*' a evidência convincente deles. Cuidado para que o que disse Moisés aos seus pais não seja verdade sobre vocês (Dt 29.4): *não vos tem dado o Senhor um coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje*; e o que Isaías disse aos homens de sua geração (Is 29.10-12): *O Senhor derramou sobre vós o espírito de sono profundo, e fechou vossos olhos*". O que dizer da resistência à graça de Deus e da rebelião deles contra a luz, e de Deus retirar e reter sua graça e luz longe deles; o que dizer de não receberem o amor da verdade e de Deus lhes dar em lugar aquelas fortes ilusões, para acreditarem na mentira; o que dizer de sua teimosia e do seu endurecimento de origem divina: *Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviu de mau grado com seus ouvidos.* Eles são estúpidos e insensíveis, e não se convencem com nada que é dito a eles. Nenhum remédio que possa ser dado a eles tem qualquer efeito, nem chega a eles, e por isso a sua doença deve ser julgada incurável, e seu caso, perdido. Como seriam felizes aqueles que não são curados de uma doença que os torna miseráveis? E como seriam curados aqueles que não se convertem ao uso dos métodos de cura? E como seriam convertidos aqueles que não se convencem de sua doença ou de seu remédio? E como seriam convencidos aqueles que *fecham seus olhos e tampam seus ouvidos*? Que todo aquele que ouve o evangelho, e não atende a ele, trema com essa condenação; porque, uma vez que eles forem assim abandonados à dureza de coração, eles já estarão nas profundezas do inferno; pois quem os curará, se não for Deus?

2. "Sua incredulidade justificará Deus de enviar o evangelho ao mundo gentio, que é a coisa que vocês vêem com tanto ciúme (v. 28): portanto, visto que vocês colocam de lado a graça de Deus e não se submetem ao poder da verdade e do amor divinos, visto que vocês não serão convertidos e curados pelos métodos que a sabedoria divina apontou, *seja, pois, notório* a vocês *que esta salvação de Deus é enviada aos gentios*, a salvação que era só dos judeus (Jo 4.22); a oferta dela é feita a eles, os meios dela, fornecidos a eles, e eles estão mais abertos a isso do que vocês; ela é enviada a eles, e eles a ouvirão, e a receberão e ficarão felizes com ela". Ora, com isso Paulo planeja: (1) Amenizar o descontentamento deles para com a pregação do evangelho aos gentios, mostrando-lhes o absurdo disso. Eles estavam furiosos de que a salvação de Deus fosse enviada aos gentios, e pensavam que era um favor muito grande feito a eles; mas, se eles pensavam que a salvação era de tão pequeno valor a ponto de não ser digna de sua aceitação, certamente eles não podiam se ressentir de que ela fosse para os gentios por ser muito boa para eles, nem invejá-los por isso. A salvação de Deus foi enviada ao

mundo, aos judeus ela foi oferecida primeiro, foi justamente proposta a eles, e foi seriamente forçada sobre eles, mas eles a recusaram; eles não aceitaram o convite que foi feito a eles primeiro para a festa de casamento e por isso devem agradecer a si mesmos se outros são convidados. Se eles não chegarem a um acordo, nem aceitarem as condições, não devem ficar furiosos com aqueles que o farão. Eles não podem se queixar de que os gentios assumiram seu lugar, ou o tiraram de suas mãos, porque eles tinham tirado totalmente suas mãos dessa salvação, mais ainda, *eles tinham levantado o calcanhar contra ela*; e, portanto, é falta deles, porque *pela sua queda, veio a salvação aos gentios* (Rm 11.11). (2) Aumentar o descontentamento deles com o favor feito aos gentios para a sua vantagem, e tirar algo bom daquilo que é mau; porque quando ele falou disso em sua epístola aos Romanos, do benefício que os gentios tiveram pela incredulidade e rejeição dos judeus, ele diz, ele anotou isso de propósito para que pudesse incitar seus caros compatriotas judeus *à santa emulação*, e pudesse assim salvar alguns deles (Rm 11.14). Os judeus tinham rejeitado o evangelho de Cristo, e o empurraram para os gentios, mas ainda não é muito tarde para se arrepender de sua recusa, e aceitar a salvação da qual fizeram pouco caso; eles podem dizer "não", e voltar atrás, como o irmão mais velho fez na parábola, que, quando foi mandado para trabalhar na vinha, primeiro disse: Não quero, e, no entanto, posteriormente se arrependeu e foi (Mt 21.29). O evangelho é enviado aos gentios? Vamos a ele antes que não o alcancemos mais. E eles o ouvirão, aqueles considerados estar fora de alcance, e que foram por tanto tempo como os ídolos que eles adoravam, *que têm ouvidos, mas não ouvem*. E não deveríamos nós ouvir isso, quando temos o privilégio de ter Deus tão perto de nós em tudo pelo que nós o invocamos? Assim ele gostaria que argumentassem, e se envergonhassem na crença do evangelho pela recepção que ele teve entre gentios. E, se ele não tivesse esse efeito sobre eles, isso agravaria sua condenação, como fez com a dos escribas e fariseus, que, quando viram os publicamos e as prostitutas se submeterem ao batismo, nem assim, mais tarde, se arrependeram de sua loucura, *para que pudessem crer nele* (Mt 21.32).

IV A dispersão da assembléia, como parece, em certa desordem. 1. Eles deram as costas a Paulo. Aqueles que não acreditaram ficaram extremamente aborrecidos por essa última palavra que ele proferiu, de que eles com justiça deveriam ser cegados, e que a luz do evangelho deve brilhar entre aqueles que estão na escuridão. *E havendo ele dito isso*, tinha dito o bastante para eles, *partiram os judeus*, talvez não muito irados como alguns outros de sua nação tinham estado em ocasião semelhante, mas pasmos e desconcertados, não mais afetados, ou com aquelas terríveis palavras no encerramento de seu discurso ou com todas as palavras de conforto que ele tinha falado antes, do que com os lugares onde se sentaram. Eles partiram, muitos deles decididos a jamais ouvir Paulo pregar novamente, nem a se perturbar com mais perguntas sobre essa questão. 2. Eles colocaram sua face uns contra os outros. Pois tinham grandes disputas entre si. Não houve somente uma discussão entre aqueles que acreditavam e aqueles que não acreditavam, mas até mesmo entre aqueles que não acreditavam houve debates. Aqueles que concordaram em deixar Paulo, não concordavam, porém, sobre os motivos de saírem, mas saíram *tendo entre si grande contenda*. Muitos que têm uma boa argumentação, mas que não raciocinam direito, podem descobrir falhas na opinião dos outros, sem, contudo, chegar à verdade. Nem podem os debates dos homens entre si convencê-los, sem a graça de Deus para abrir seu entendimento.

Paulo Prega Dois Anos em Roma

vv. 30,31

Aqui estamos nos despedindo da história do bendito Paulo; e, portanto, visto que Deus achou por bem que nós não soubéssemos nada mais a seu respeito, nós devemos cuidadosamente tomar nota de cada detalhe das circunstâncias nas quais nós devemos aqui deixá-lo.

I Não pode senão ser um problema para nós que devamos deixá-lo preso por Cristo, mais ainda, que não tenhamos nenhuma expectativa de que ele seja posto em liberdade. *Dois anos inteiros* da vida desse bom homem são aqui gastos em confinamento e, pelo que parece, ele não foi questionado novamente, todo esse tempo, por aqueles de quem ele era prisioneiro. Ele apelou para César, na esperança de uma rápida libertação de seu aprisionamento, os governadores tendo informado à sua majestade imperial a respeito do prisioneiro de *que ele nada fizera que fosse digno de morte ou prisões*, ainda assim ele está detido como prisioneiro. Tão pouca razão nós temos para confiar nos homens, especialmente prisioneiros desprezados em homens importantes; atentem ao caso de José, de quem *o copeiro-mor não se lembrou*, mas esqueceu (Gn 40.23). Alguns pensam ainda que embora não seja mencionado aqui, foi no primeiro desses dois anos, e bem no início daquele ano, que ele foi pela primeira vez levado diante de Nero, então suas prisões em Cristo foram manifestas na corte de César, como ele diz (Fp 1.13). E nessa primeira defesa foi que *ninguém o assistiu* (2 Tm 4.16). Mas parece que ao invés de ser posto em liberdade por essa apelação, como ele esperava, malmente escapou das mãos do imperador com vida; ele chama isso de libertação da boca do leão (2 Tm 4.17), e o fato de ele falar de sua primeira defesa dá a entender que teve uma segunda, na qual se saiu melhor, porém ainda não foi liberto. Durante esse aprisionamento de dois anos, ele escreveu sua epístola aos Gálatas, depois sua segunda epístola a Timóteo, em seguida aquelas aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filemom, nas quais ele menciona várias coisas particularmente relacionadas a seu aprisionamento; e, por último, sua epístola aos Hebreus, pouco depois que ele foi posto em liberdade, como Timóteo também foi, que, vindo visitá-lo, foi de um modo ou outro feito seu co-prisioneiro (*com o qual*, Paulo escreve aos Hebreus, cap. 13.23, *se vier depressa vos verei*), mas como ou por quais meios ele obteve a liberdade não nos é dito, apenas que por dois anos foi prisioneiro. A tradição diz que depois de sua libertação ele foi da Itália para a Espanha, de lá para Creta, e então com Timóteo para a Judéia, e de lá foi visitar as igrejas na Ásia, e,

por fim, foi uma segunda vez a Roma, e ali foi decapitado no último ano de Nero. Mas o próprio Baronius confessa que não há certeza de qualquer coisa a respeito dele entre sua libertação desse aprisionamento e seu martírio; mas é dito por alguns que Nero, quando começou a representar o tirano, tendo se colocado contra os cristãos, e os perseguido (e ele foi o primeiro imperador que promulgou uma lei contra eles, como Tertuliano diz, *Apol.*, cap. 5), a igreja em Roma foi muito enfraquecida pela perseguição, e isso trouxe Paulo uma segunda vez a Roma para restabelecer a igreja ali, e confortar a alma dos discípulos que foram deixados, e assim caiu uma segunda vez nas mãos de Nero. E Crisóstomo relata que uma jovem que era uma das senhoritas (para falar com elegância) de Nero, ao ser convertida pela pregação de Paulo à fé cristã, e desse modo tirada da forma lasciva de vida em que ela vivia, Nero ficou exaltado contra Paulo por isso, e ordenou primeiro que fosse aprisionado, e em seguida, entregue à morte. Mas para ficar nesse breve relato dado aqui: 1. É angustiante pensar que um homem útil como Paulo ficasse tanto tempo reprimido. Por dois anos ele foi prisioneiro de Félix (cap. 24.27), e, além de todo o tempo que passou entre isso e a sua vinda a Roma, ele fica aqui mais dois anos como prisioneiro de Nero. Quantas igrejas Paulo poderia ter plantado, quantas cidades e nações poderia ele ter levado a Cristo nesse período de cinco anos (pois foi no mínimo isso), se ele tivesse estado em liberdade! Mas Deus é sábio, e mostrará que Ele não é devedor dos instrumentos mais úteis que Ele emprega, mas pode e realizará seu próprio interesse, tanto sem seus serviços quanto através dos seus sofrimentos. Até mesmo as prisões de Paulo *contribuíram para maior proveito do evangelho* (Fp 1.12-14). 2. Porém, mesmo o aprisionamento de Paulo foi em alguns aspectos um benefício para ele, porque passou esses *dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara*, e isso foi mais, que eu saiba, do que ele jamais fizera antes. Ele sempre esteve acostumado a se hospedar na casa dos outros, agora ele tem uma casa que é sua – sua enquanto ele pagar o aluguel; e um retiro como esse seria um alívio para alguém que passou todos os seus dias como itinerante. Ele sempre esteve acostumado a se mudar, raras vezes se demorava em um lugar, mas agora ele morou por dois anos na mesma casa; de maneira que a sua remoção para essa prisão foi como o chamado de Cristo a seus discípulos *para virem a um lugar deserto e repousar um pouco* (Mc 6.31). Quando estava em liberdade, estava continuamente com medo *das ciladas dos judeus* (cap. 20.19), mas agora sua prisão era sua fortaleza. Assim, *do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte.*

II Todavia, é um prazer para nós (porque nós temos certeza de que foi para ele) que, embora nós o deixemos em prisões por Cristo, também o deixamos trabalhando por Cristo, e isso tornou suas prisões suportáveis para que ele não fosse por elas impedido de servir a Deus e fazer o bem. Sua prisão se torna um templo, uma igreja, e assim é para ele um palácio. Suas mãos estão amarradas, mas, graças a Deus, sua boca não foi amordaçada; um ministro zeloso e fiel pode suportar melhor qualquer dificuldade do que ser silenciado. Aqui Paulo é um prisioneiro, e, no entanto, um pregador; ele está preso, mas a palavra do Senhor não. Quando escreveu sua epístola aos Romanos, disse que *desejava vê-los, para lhes comunicar algum dom espiritual, a fim de que fossem confortados* (Rm 1.11); ele estava contente de *ver alguns deles* (v. 15), mas sua alegria seria incompleta a menos que pudesse dividir com eles algum dom espiritual, que aqui ele tem uma oportunidade de fazer, e então ele não se queixará de seu confinamento. Observe:

1. A quem ele pregava: para todo aquele que tinha disposição para ouvi-lo, quer judeus quer gentios. Não parece que ele tinha liberdade de ir para as outras casas para pregar; é provável que não; mas quem quer que tivesse liberdade de vir à sua casa para ouvir, era bem-vindo: *ele recebia todos quantos vinham vê-lo.* Note: As portas dos ministros devem estar abertas para aqueles que desejam receber instrução deles, eles devem ficar contentes de ter oportunidade de aconselhar aqueles que se importam com sua alma. Paulo não podia pregar em uma sinagoga, ou qualquer lugar de encontro que fosse suntuoso e espaçoso, mas ele pregava em sua pobre cabana. Note: Quando não podemos fazer o que gostaríamos para o serviço de Deus, devemos fazer o que podemos. Aqueles ministros que têm apenas pequenas casas alugadas devem antes pregar nelas, se tiverem a permissão de fazer isso, e não ficar calados. *Ele recebia todos quantos vinham vê-lo*, e não tinha medo dos grandes, nem se envergonhava dos pequenos. Ele estava pronto para pregar no primeiro dia da semana aos cristãos, no sétimo dia aos judeus, e a todos que quisessem vir em qualquer dia da semana; e ele podia esperar que o bem fosse promovido porque eles *vinham vê-lo*, o que pressupunha um desejo de serem instruídos e disposição para aprender, e onde há esses elementos é provável que algum bem possa ser feito.

2. O que ele pregava. Ele não enche a cabeça deles com especulações curiosas, nem com questões de estado e política, mas se mantém na sua área, se ocupa de seus negócios como apóstolo. (1) Ele é embaixador de Deus, e por isso, prega *o Reino de Deus*, faz tudo o que pode para pregá-lo, administra suas tarefas para o progresso de todos os seus interesses verdadeiros. Ele não interfere nos assuntos dos reinos dos homens; que aqueles que tratam deles se ocupem com isso. Ele prega o Reino de Deus entre os homens e a palavra daquele reino; o mesmo que ele *declarava* em seus debates públicos, o *bom testemunho do reino de Deus* (v. 23), ele destacava em sua pregação pública, como aquilo que, se recebido corretamente, torna a todos nós sábios e bons, mais sábios e melhores, que é a finalidade da pregação. (2) Ele é um agente de Cristo, um amigo do noivo, e por isso *ensina as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo* – toda a história de Cristo, sua encarnação, doutrina, vida, milagres, morte, ressurreição e ascensão; tudo que se relaciona ao mistério da piedade. Paulo prendia-se ainda ao seu princípio – não saber nem pregar *nada senão Cristo, e esse crucificado.* Os ministros, quando na pregação são tentados a se desviar daquilo que é sua função principal, deveriam se limitar com esta pergunta: O que isso tem que ver com o Senhor Jesus Cristo? Que força tem isso para nos levar a Ele e nos manter no caminho com Ele? *Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus.*

3. Com que liberdade ele pregava. (1) A graça divina lhe deu liberdade de espírito. Ele pregava *com toda confiança*, como alguém que estava bem seguro da verdade do que proclamava – isso ele ousava sustentar; e também do seu valor – por isso ele ousava sofrer. Ele *não se envergonhava do evangelho de Cristo.* (2) A Providência divina lhe deu liberdade para falar: Ele pregava *sem impedimento algum*; ninguém ficava monitorando suas atividades ou impondo qualquer restrição. Os judeus que costumavam proibi-lo de falar aos gentios não tinham autoridade aqui; e o governo romano ainda não considerava que seguir o cristianismo fosse um crime. Nisso nós devemos reconhecer a mão de Deus: [1] Ao estabelecer limites à fúria dos perseguidores; onde Ele não converte o coração, Ele ainda pode amarrar a mão e refrear a língua. Nero era um homem sanguinário, e havia muitos, tanto judeus quanto gentios, em Roma, que odiavam o cristianismo; e, no entanto, acontecia inexplicavelmente que Paulo, embora um prisioneiro, fosse tolerado como pregador do evangelho, e isso não era interpretado como violação da ordem pública. Desse modo, Deus faz *a cólera do homem redundar em seu louvor; e o restante da cólera, ele a restringe* (Sl 76.10). Embora houvesse muitos que tinham poder de proibir a pregação de Paulo (mesmo o soldado comum que o guardava poderia tê-lo feito), Deus ordenou de tal forma que ele pregasse *sem impedimento algum.* [2] Veja aqui Deus proporcionando conforto para alívio do perseguido. Embora fosse uma esfera muito baixa e estreita de oportunidade na qual Paulo estava aqui colocado, comparada com aquela em que ele tinha estado, porém, tal como era, ele não era molestado nem perturbado. Embora não fosse uma porta ampla que estava aberta para ele, mesmo assim foi mantida aberta, e nenhum homem teve a permissão de fechá-la; e ela foi para muitos uma porta eficaz, de maneira que havia santos até na casa de César (Fp 4.22). Quando a cidade de nossas solenidades é desse modo feita uma habitação tranqüila a qualquer tempo, e nós somos alimentados dia após dia com o pão da vida, sem nenhum homem nos proibindo, nós devemos dar graças a Deus por isso e nos preparar para mudanças, ainda que desejando aquela sagrada montanha na qual jamais haverá sarça de espinhos nem abrolhos dolorosos.

ROMANOS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Se compararmos Escritura com Escritura, e considerarmos a opinião de algumas pessoas estudiosas e piedosas, os Salmos de Davi, no Antigo Testamento, e as Epístolas de Paulo, no Novo Testamento, são estrelas de primeira grandeza que diferem das outras estrelas em glória. Na verdade, toda Escritura é uma epístola do céu para a terra. Mas temos nela várias epístolas particulares, mais de Paulo que de qualquer outro, porque ele foi o principal dos apóstolos, e trabalhou muito mais que todos os outros. Os seus dotes naturais, não se pode duvidar, eram muito fecundos; sua percepção era rápida e penetrante; suas expressões eram fluentes e copiosas; seus sentimentos sempre eram ardentes e zelosos; e suas resoluções, não menos corajosas e ousadas. Essas características fizeram dele, antes de sua conversão, um perseguidor cruel e amargo; mas quando o homem forte e armado foi desarmado, e o mais forte que ele veio dividir o espólio e santificar essas características, ele se tornou o mais zeloso e hábil pregador; jamais houve alguém mais preparado para ganhar almas, nem mais bem-sucedido. Temos no Cânon das Escrituras quatorze de suas epístolas; é provável que ele tenha escrito muitas mais no decurso do seu ministério que poderiam ser de grande proveito para a doutrina, para a repreensão etc., mas, não sendo dadas por inspiração de Deus, elas não foram recebidas como Escritura canônica, nem passadas a nós. Seis epístolas, atribuídas a Paulo, escritas a Sêneca e oito de Sêneca para ele, e que ainda existem, são mencionadas por alguns dos antigos [*Sixt. Senens. Biblioth. Sanct.*, liv. 2]; mas são obviamente espúrias e falsas.

A Epístola aos Romanos é colocada em primeiro lugar, não por causa da prioridade de data, mas por causa da excelência superlativa da epístola, que é uma das mais longas e mais completas de todas, e talvez por causa da dignidade do lugar para o qual foi escrita. Crisóstomo pedia que lessem essa epístola para ele duas vezes por semana. Supõe-se a partir de algumas passagens da epístola que foi escrita no ano de 56 d.C., em Corinto, no tempo em que Paulo fez uma curta estadia ali em sua ida a Trôade (At 20.5,6). Ele recomenda Febe, uma serva da igreja em Cencréia (cap. 16), um local pertencente a Corinto, aos romanos. Ele chama Gaio de seu *hospedeiro*, ou o homem com quem ele se hospedou (cap. 16.23), e este era um coríntio, não o mesmo Gaio de Derbe, mencionado em Atos 20. Paulo estava então subindo a Jerusalém, com o dinheiro que foi doado aos santos pobres de lá; e disso ele fala (cap. 15.26). Dos grandes mistérios tratados nessa epístola surgem necessariamente, como em outros escritos de Paulo, muitas coisas obscuras e difíceis de serem entendidas (2 Pe 3.16). O método nessa (como em várias outras epístolas) é nítido; a primeira parte dela, os primeiros onze capítulos, é doutrinária; a segunda parte, os últimos cinco capítulos, é prática: informar o juízo e reformar a vida. E o melhor modo de entender as verdades explicadas na primeira parte é obedecer e estar repleto da prática dos deveres prescritos na segunda parte; pois, se qualquer homem quiser fazer sua vontade, deverá conhecer a doutrina (Jo 7.17).

I A parte doutrinária da epístola nos instrui:

1. Com relação ao caminho da salvação: (1) O seu fundamento está na justificação, e esta não pelas obras naturais dos gentios (cap. 1), nem pelas obras legais dos judeus (caps. 2–3), porque tanto judeus quanto gentios estavam sujeitos à maldição; mas somente pela fé em Jesus Cristo (cap. 3.21ss. e *ao longo do* cap. 4). (2) Os passos dessa salvação são: [1] Paz com Deus (cap. 5). [2] Santificação (caps. 6–7). [3] Glorificação (cap. 8).

2. Com relação às pessoas salvas, as pertencentes à eleição da graça (cap. 9), gentios e judeus (caps. 10–11). Por isso, parece que os assuntos acerca dos quais ele discursa eram como que as verdades presentes, como fala o apóstolo (2 Pe 1.12). Em duas coisas os judeus tropeçam – justificação por fé sem as obras da lei, e admissão dos gentios na igreja; e, portanto, ambas ele estudou para esclarecer e defender.

II A parte prática vem a seguir, na qual temos: 1. Várias exortações gerais próprias para todos os cristãos (cap. 12). 2. Orientações para nosso comportamento como membros da sociedade civil (cap. 13). 3. Regras para a conduta dos cristãos uns em relação aos outros, como membros da igreja cristã (caps. 14 e 15.1-14).

III Enquanto Paulo segue para uma conclusão, faz uma apologia do ato de escrever a eles (cap. 15.14-16), fala-lhes de si mesmo e de suas realizações (cap. 15.17-21), promete-lhes uma visita (cap. 15.22-29), suplica-lhes por suas orações (cap. 15.30-33), envia saudações particulares a muitos amigos ali (cap. 16.1-16), adverte-os

contra os que causaram divisões (cap. 16.17-20), acrescenta saudações de seus amigos que estão com ele (cap. 16.21-23) e termina com uma bênção para eles e uma doxologia a Deus (cap. 16.24-27).

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, podemos observar: I. O prefácio e introdução a toda a epístola, até o versículo 16. II. Uma descrição da condição deplorável do mundo gentílico, que dá início à comprovação da doutrina da justificação pela fé, apresentada aqui no versículo 17. A primeira parte está de acordo com a então usual formalidade de uma carta, mas repleta de muitas expressões excelentes e agradáveis.

A Comissão do Apóstolo
vv. 1-7

Nesse parágrafo, temos:

I A pessoa que escreve a epístola é descrita (v. 1): "*Paulo, servo de Jesus Cristo*"; este é seu título de honra, no qual ele se gloria, não como os mestres judeus, *Rabi, Rabi*; mas como um servo, um assistente mais imediato, um mordomo na casa. "...*chamado para apóstolo*". Alguns pensam que ele alude ao seu antigo nome Saulo, que significa *alguém chamado para*, ou *buscado*. Cristo o buscou para fazer dele um apóstolo (At 9.15). Ele aqui constrói sua autoridade sobre seu chamado; ele não correu sem ser enviado, como fizeram os falsos apóstolos; *kletos apostolos – chamado apóstolo*, como se este fosse o nome pelo qual ele era chamado, embora reconhecesse não ser digno de ser chamado assim (1 Co 15.9). "...*separado para o evangelho de Deus*". Os fariseus derivavam seu nome da separação, porque eles *se separavam para o estudo da lei*, e podiam ser chamados *aforismenoi eis ton nomon*, como Paulo tinha sido anteriormente; mas agora ele havia mudado seus estudos, era *aforismenoi eis to Euaggelion*, um fariseu do evangelho, separado pela deliberação de Deus (Gl 1.15), *separado desde o ventre de sua mãe*, por uma imediata orientação do Espírito, e uma ordenação regular de acordo com aquela orientação (At 13.2,3), por uma dedicação própria para essa obra. Ele era totalmente dedicado ao evangelho de Deus, o evangelho que tem Deus por seu autor, e que tem origem divina e procedência celestial.

II Tendo mencionado o evangelho de Deus, ele divaga para nos fazer um elogio dele.

1. A sua antiguidade. Foi "...*antes... prometido*" (v. 2); não era nenhuma doutrina nova e repentina, mas de antiga presença nas promessas e profecias do Antigo Testamento, que, todas unanimemente, apontavam para o evangelho, como os raios da manhã que conduziam ao sol da justiça; isto não somente por palavra da boca, mas nas Escrituras.

2. O seu assunto: diz respeito a Cristo (vv. 3,4). Todos os profetas e apóstolos dão testemunho dele; Ele é o verdadeiro tesouro oculto no campo das Escrituras. Observe: Quando Paulo menciona Cristo, ele reúne seus nomes e títulos, "...*seu Filho... Jesus Cristo nosso Senhor*", como alguém que tinha prazer em falar dele; e, tendo-o mencionado, ele não pode continuar em seu discurso sem alguma expressão de amor e honra, como aqui, onde em uma pessoa ele nos mostra as suas duas naturezas distintas. (1) Sua natureza humana: "...*que nasceu da descendência de Davi...*" (v. 3), quer dizer, nascido da virgem Maria, que era da casa de Davi (Lc 1.27), como era também José, seu suposto pai (Lc 2.4). Davi é mencionado aqui por causa das promessas especiais feitas a ele relativas ao Messias, especialmente o seu ofício real (2 Sm 7.12; Sl 132.11, comparados com Lc 1.32,33). (2) Sua natureza divina: "...*declarado Filho de Deus...*" (v. 4), o Filho de Deus por geração eterna, ou, como está aqui explicado, "...*segundo o Espírito de santificação*". De acordo com *a carne*, isto é, sua natureza humana, Ele *era da descendência de Davi;* mas, *segundo o Espírito de santificação*, quer dizer, sua natureza divina (conforme se diz que Ele é *vivificado pelo Espírito*, 1 Pe 3.18 comparado com 2 Co 13.4), Ele é o Filho de Deus. A grande prova ou demonstração disso é sua "...*ressurreição dos mortos*", uma prova efetiva e inegável. O sinal do profeta Jonas, a ressurreição de Cristo, tinha por finalidade ser a última prova de culpa (Mt 12.39,40). Aqueles que não fossem convencidos por ela não seriam convencidos por nada. De forma que temos aqui um resumo da doutrina do evangelho relativa às duas naturezas de Cristo em uma pessoa.

3. O seu fruto (v. 5): "...*pelo qual...*", isto é, por Cristo manifestado e feito conhecido no evangelho, nós (*Paulo* e o restante dos ministros) "...*recebemos a graça e o apostolado*", isto é, a graça de serem feitos apóstolos (Ef 3.8). Os apóstolos se tornaram um espetáculo para o mundo, levaram uma vida de trabalho, dificuldade e perigos, eram *entregues à morte todo o dia* e, no entanto, Paulo considera o apostolado uma graça: nós podemos justamente considerar uma grande graça ser empregado em qualquer obra ou serviço para Deus, quaisquer que sejam as dificuldades ou perigos que possamos encontrar neles. Esse apostolado foi recebido "...*para a obediência da fé...*", isto é, para trazer as pessoas a essa obediência, e, como Cristo, assim também seus ministros receberam para que pudessem dar. O apostolado de Paulo era para essa obediência "...*entre todas as gentes...*", por que ele era o *apóstolo dos gentios* (cap. 11.13). Observe a descrição dada aqui da confissão cristã: é a *obediência da fé.* Ela não consiste em um conhecimento nocional ou em um simples consentimento, muito menos consiste em disputas perversas, mas em obediência. Essa obediência da fé satisfaz a *lei da fé* mencionada no capítulo 3.27. O ato de fé é a obediência do entendimento à revelação de Deus, e

o produto disso é a obediência da vontade à ordem de Deus. Para antecipar o mau uso que poderia ser feito da doutrina da justificação pela fé sem as obras da lei, que ele explicaria na continuação da epístola, ele aqui fala do cristianismo como uma obediência. Cristo tem um jugo: "*...entre as quais sois também vós...*" (v. 6). Vocês, romanos, nesse ponto estão no mesmo nível que outras nações pagãs de menos fama e riquezas; vocês são todos um em Cristo". A salvação do evangelho é uma salvação comum (Jd 3). Não há acepção de pessoas para Deus. *O chamado de Jesus Cristo*: todos aqueles, e somente aqueles, que são levados a uma obediência da fé são efetivamente chamados por Jesus Cristo.

III Aos destinatários da carta (v. 7): "*A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos*"; isto é, a todos os cristãos professos que estavam em Roma, quer judeus quer gentios de origem, grandes ou pequenos, escravos ou livres, instruídos ou iletrados. Ricos e pobres se encontram em Cristo Jesus. Aqui temos: 1. O privilégio dos cristãos: Eles são *amados de Deus*, eles são os membros daquele corpo que é amado, que é o *Hephzibah* de Deus, no qual Ele se agrada. Nós falamos do amor de Deus por sua generosidade e beneficência, e assim Ele tem um amor comum para com toda a humanidade e um amor particular pelos verdadeiros crentes; e entre estes há um amor que Ele tem para com todo o corpo visível de cristãos. 2. O dever dos cristãos; serem santos, pois para isso eles são chamados, *chamados* [para ser] *santos*, chamados à salvação pela santificação. Santos, e somente santos, são amados por Deus com um amor especial e particular. *Kletois hagiois – chamados santos,* santos na confissão; seria bom se todos que são chamados santos fossem realmente santos. Os que são chamados santos deveriam se esforçar para fazer jus a isso; caso contrário, embora seja uma honra e um privilégio, no grande dia será de pouco proveito termos sido chamados santos, se na verdade não somos.

IV A bênção apostólica (v. 7): "*Graça e paz...*". Este é um dos sinais apostólicos em cada epístola; e não tem somente a conotação de um voto de felicidade, mas a autoridade de uma bênção. Os sacerdotes sob a lei deviam abençoar o povo, e os ministros do evangelho devem também fazê-lo, no nome do Senhor Jesus. Nessa bênção habitual, observe: 1. Os favores desejados: *Graça e paz*. A saudação do Antigo Testamento era: *Paz esteja convosco*; mas agora a graça é prefixada – *graça,* quer dizer, o favor de Deus para conosco ou a obra de Deus em nós; ambos são requisitos prévios para a paz verdadeira. Todas as bênçãos do evangelho estão incluídas nestas duas: *graça e paz. Paz,* quer dizer, todo o bem; paz com Deus, paz em suas próprias consciências, paz com todos que estão ao seu redor; todas essas coisas são fundamentadas na graça. 2. A fonte desses favores, "*...de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo*". Todo o bem vem: (1) De *Deus* como *nosso Pai*. Ele se pôs nessa relação para garantir e encorajar os nossos desejos e expectativas; nós somos ensinados, quando procuramos graça e paz, a chamá-lo de nosso Pai. (2) Do *Senhor Jesus Cristo,* como Mediador, e o grande encarregado da transmissão e garantia desses benefícios. Nós temos isso em sua plenitude, paz da plenitude de seu mérito, graça da plenitude de seu Espírito.

O Amor de Paulo pelos Cristãos Romanos
vv. 8-15

Podemos observar aqui:

I Suas ações de graças por eles (v. 8): "*Primeiramente, dou graças ao meu Deus...*". É bom começar tudo com gratidão a Deus, fazer disso o *alfa e ômega* de toda canção, *em tudo dar graças.* "*...ao meu Deus.* Ele fala isso com prazer e triunfo. Em todas as nossas ações de graças, é bom vermos a Deus como nosso Deus; isto torna toda misericórdia doce, quando podemos dizer de Deus: "Ele é meu Deus em aliança". "*...por Jesus Cristo*". Todos os nossos deveres e tarefas são agradáveis a Deus somente por Jesus Cristo, tanto louvores como também orações. "*...acerca de vós todos*". Nós devemos expressar nosso amor para com nossos amigos, não somente orando por eles, mas louvando a Deus por eles. Deus tem de receber a glória por todo o conforto que temos em nossos amigos; porque toda criatura é para nós, e nada mais, o que Deus faz ela ser. Com muitos desses romanos, Paulo não teve nenhum contato pessoal, e, no entanto, ele podia alegrar-se sinceramente por seus dons e graças. Quando alguns dos cristãos romanos se encontraram com ele (At 28.15), ele agradeceu a Deus por eles, e se revigorou; mas aqui seu verdadeiro amor universal se estende mais ainda, e ele dá *graças ao* seu *Deus, por Jesus Cristo, acerca de* todos eles; não somente pelos que entre eles eram seus cooperadores em Cristo, e que trabalharam muito por ele (de quem ele fala no cap. 16.3,6), mas por todos eles. "*...porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé*". Paulo viajou para cima e para baixo, de lugar em lugar, e, aonde quer que fosse, ele ouvia grandes elogios dos cristãos em Roma, fato que ele menciona, não para torná-los orgulhosos, mas para estimulá-los a corresponder ao conceito geral que o povo tinha deles, e à expectativa geral que as pessoas tinham deles. Quanto maior reputação um homem tem pela sua prática religiosa, tanto mais cuidadoso ele deve ser para preservar isso, porque uma pequena tolice deteriora a reputação (Ec 10.1). Por *todo o mundo,* isto é, o Império Romano, no qual os cristãos romanos, sob o edito de Cláudio de banir todos os judeus de Roma, foram espalhados, mas tinham retornado agora, e, parece, deixaram uma boa reputação atrás de si, onde quer que tivessem estado, em todas as igrejas. Houve esse bom efeito nos seus sofrimentos: se eles não tivessem sido perseguidos, não teriam sido conhecidos. Esse realmente era um bom nome, um nome por boas coisas com Deus e boas pessoas. Como os anciãos de antigamente, assim esses romanos, pela fé, *alcançaram testemunho* (Hb 11.2). É algo desejável ter fama por causa da fé. A fé dos cristãos romanos chegou, desse modo, a ser conhecida, não somente porque era excelente em si mesma, mas porque era eminente e observável em suas circunstâncias. Roma era uma cidade localizada em uma colina, e todo o mundo tinha conhecimento do que acontecia ali. Dessa forma, aqueles que têm muitos olhos so-

bre si têm necessidade de caminhar discretamente, pois o que eles fazem, bom ou ruim, será comentado. A igreja de Roma era então uma igreja próspera. Mas desde aquele tempo como o ouro ficou opaco! Como o ouro mais fino foi mudado! Roma não é mais o que era. Ela foi então desposada *como uma virgem pura a um marido,* a saber, Cristo, e destacava-se em beleza; mas ela, desde então, tem se *degenerado, agido traiçoeiramente, e abraçou o seio de um estranho*; de forma que (como aquele bom e velho livro, *a Prática da Piedade*, faz aparecer em não menos que vinte e seis exemplos) até mesmo a Epístola aos Romanos é agora uma epístola *contra* os romanos; pouca razão ela tem, portanto, de ostentar seu crédito anterior.

II Sua oração por eles (v. 9). Embora uma igreja famosa e próspera, ainda tinha necessidade que se orasse por seus membros; não tinham ainda alcançado a maturidade na fé. Paulo menciona isso como um exemplo de seu amor por eles. Uma das maiores gentilezas que podemos fazer a nossos amigos, e às vezes a única bondade que está em nosso poder é, pela oração, encomendá-los à bondade amável de Deus. Do exemplo de Paulo aqui podemos aprender: 1. Constância na oração: "...*incessantemente*...". Ele obrigou a si mesmo a observar as mesmas regras que dava aos outros (Ef 6.18; 1 Ts 5.17). Não que Paulo nada mais fizesse senão orar, mas ele reservava momentos específicos ao desempenho solene desse dever, e esses eram muito freqüentes e observados sem falta.

2. Caridade na oração: "...*faço menção de vós*". Embora não tivesse nenhum contato particular com eles, nem interesse neles, contudo, ele orava por eles; não somente por todos os santos em geral, mas ele fazia menção expressa deles. Às vezes não é impróprio ser específico em nossas orações por igrejas e lugares particulares; não para informar a Deus, mas para comover a nós mesmos. É provável que tenhamos mais consolo naqueles amigos pelos quais oramos mais. A respeito disso ele faz um apelo solene ao sondador de corações: Pois Deus "...*me é testemunha*...". Era por um assunto importante, e sobre uma coisa conhecida somente por Deus e por seu próprio coração, que ele fazia essa afirmação. É muito confortável poder invocar a Deus como testemunha de nossa sinceridade e constância no cumprimento de um dever. Deus é, de maneira particular, uma testemunha de nossas orações secretas, do assunto delas e de sua forma; afinal de contas, nosso Pai vê em segredo (Mt 6.6). "...*Deus, a quem sirvo em meu espírito*..."; aqueles que servem a Deus com seu espírito podem, com uma confiança humilde, apelar a Ele; os hipócritas que se baseiam em atividades carnais não podem. Sua oração particular, entre muitos outros pedidos que faz por eles, era para que ele pudesse ter uma oportunidade de lhes fazer uma visita (v. 10): "...*pedindo sempre... nalgum tempo*...". Qualquer conforto que desejemos encontrar em qualquer criatura, devemos recorrer a Deus nesse sentido em oração; porque *nossos tempos estão em suas mãos*, e todos os nossos caminhos, à sua disposição. As expressões aqui utilizadas dão a entender que ele desejava ansiosamente por tal oportunidade: *por qualquer meio* (versão inglesa KJV); que ele tinha desejado e muitas vezes foi desapontado: *agora finalmente* (versão inglesa KJV); e que mesmo assim ele submeteu isso à Providência divina: "...*pela vontade de Deus... boa ocasião*...". Como em nossos planos, assim em nossos desejos, temos que nos lembrar ainda de inserir isto: "...*se Deus quiser*" (Tg 4.15). Nossas viagens serão bem-sucedidas ou não, de acordo com a vontade de Deus, confortáveis ou não, como lhe agradar.

III Seu grande desejo de vê-los, e as razões disso (vv. 11-15). Ele tinha ouvido falar tanto deles que teve um grande desejo de conhecê-los melhor. Cristãos frutíferos são a alegria, assim como os estéreis são a aflição, de ministros fiéis. Conseqüentemente, ele pretendeu vir "...*muitas vezes* [...], *mas até agora* tinha *sido impedido*" (v. 13), porque o homem propõe, mas Deus dispõe. Ele foi impedido por outras ocupações que o mantiveram à distância, por seu cuidado por outras igrejas, cujas tarefas eram urgentes; e Paulo devia realizar essas primeiramente, não que fosse muito agradável (então ele teria ido para Roma), mas porque eram mais necessárias – um bom exemplo para ministros, que não devem dar mais atenção às suas próprias inclinações do que às necessidades da alma de seu povo. Paulo desejava visitar esses romanos:

1. Para que eles pudessem ser edificados (v. 11): "...*para vos comunicar algum dom espiritual*". Ele recebeu para que pudesse comunicar. Nunca houve fontes tão cheias e tão ávidas de alimentar uma criança como a cabeça e o coração de Paulo estavam para compartilhar os dons espirituais, quer dizer, ministrar-lhes. Um bom sermão é um bom presente, tanto melhor por ser um presente espiritual. "...*a fim de que sejais confortados*". Depois de elogiar o progresso deles, Paulo expressa aqui seu desejo de que sejam confortados (firmados), de que, como eles cresceram para cima nos ramos, eles pudessem crescer para baixo na raiz. Os melhores cristãos, enquanto estiverem em um mundo instável como este, têm necessidade de ser cada vez mais firmados; e os dons espirituais são especialmente úteis nesse aspecto.

2. Para que ele possa ser consolado (v. 12). O que ele ouviu falar do crescimento deles na graça lhe causou tanta alegria que pensou ser necessariamente muito melhor contemplar esse crescimento *in loco*. Paulo era capaz de ter consolo no fruto das obras de outros ministros. "...*pela fé mútua, tanto vossa como minha*", quer dizer, nossa fidelidade e confiança mútuas. É muito confortável quando há uma confiança mútua entre os ministros e o povo cristão, eles confiando nele como um ministro fiel, e o ministro neles como um povo fiel. Ou, a obra mútua de fé, que é amor: eles se alegravam nas expressões de amor de uns para com os outros; ou comunicando sua fé uns aos outros. É muito revigorante para os cristãos trocar idéias sobre suas preocupações espirituais; dessa forma eles se afiam, como ferro afia o ferro. "...*para também ter entre vós algum fruto*" (v. 13). A edificação deles seria a vantagem para ele, e haveria fruto com fartura para um bom propósito. Paulo ocupava-se com sua obra como alguém que acreditava que, quanto mais ele fizesse o bem, tanto maior seria sua recompensa.

3. Para que ele pudesse cumprir sua função como o apóstolo dos gentios (v. 14): "*Eu sou devedor*...". (1) O que ele havia recebido fazia dele um devedor; porque eram ta-

lentos confiados a ele para administrar para a honra do seu Mestre. Nós devíamos pensar nisso quando desejamos grandes coisas, que tudo o que recebemos nos põe em dívida; somos apenas mordomos dos bens de nosso Senhor. (2) Seu ofício fez dele um devedor. Ele era um devedor assim como era um apóstolo; ele foi chamado e enviado para trabalhar, e se empenhou em fazer exatamente isso. Paulo tinha aumentado seus talentos, e trabalhou na obra de Deus, e fez tanto bem como jamais qualquer homem fez, e, todavia, refletindo nisso, ele ainda se apresenta como devedor; pois somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer. "*Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros*", isto é, como as palavras seguintes explicam, "*tanto a sábios como a ignorantes*". Os gregos imaginavam ter o monopólio da sabedoria, e consideravam todo o resto do mundo como bárbaros em comparação com eles; não desenvolvidos na instrução e nas artes como eram eles. Ora, Paulo era um devedor de ambos, considerando-se obrigado a fazer todo o bem que pudesse, tanto a uns como a outros. Conseqüentemente, nós o encontramos pagando sua dívida, tanto em sua pregação como em seus escritos, fazendo o bem *tanto a gregos como a bárbaros*, e adequando o seu discurso à capacidade de cada um. Observe a diferença entre o seu sermão em Listra, entre os modestos licaônios (At 14.15ss.), e o seu sermão em Atenas, entre os instruídos filósofos (At 17.22ss.). Ele pregou ambos como devedor a todos, dando a cada um a sua porção. Embora um pregador simples, como devedor aos sábios, ele fala de sabedoria entre aqueles que são perfeitos (1 Co 2.6). Por esses motivos ele estava pronto, se tivesse uma oportunidade, para "*...anunciar o evangelho... em Roma*" (v. 15). Embora um lugar público, ainda que um lugar perigoso, onde o cristianismo sofria muita oposição, contudo, Paulo estava pronto a correr o risco em Roma, se chamado a isso: *estou pronto – prothymon*. Denota uma grande prontidão de espírito, e que ele estava muito disposto. O que ele fazia não era por interesse imundo, mas com uma mente disposta. É algo excelente estar pronto para aproveitar toda oportunidade de fazer ou de obter o bem.

A Dissertação de Paulo sobre a Justificação. A Excelência do Evangelho

vv. 16-18

Paulo começa aqui um longo discurso sobre a justificação, em que apresenta sua tese, e, para prová-la, descreve a condição deplorável do mundo gentílico. A sua transição é muito elegante, e, como um orador, ele estava pronto para pregar o evangelho em Roma, embora fosse um lugar onde o evangelho era perseguido por aqueles que se chamavam sábios: "*Porque*", diz ele, "*não me envergonho do evangelho de Cristo*" (v. 16). Há muito no evangelho de que um homem como Paulo poderia ser tentado a se envergonhar, especialmente o evangelho sobre um homem pendurado em uma cruz, sua doutrina clara, que tinha pouca coisa nela para se destacar entre os eruditos, os seus fiéis pobres e menosprezados, e em toda parte caluniados; contudo, Paulo não estava envergonhado de expô-lo. Na verdade, considera cristão aquele que não se envergonha do evangelho nem é uma vergonha para ele. A razão dessa confissão corajosa, tomada da natureza e excelência do evangelho, introduz sua dissertação.

I A proposição (vv. 16,17). A excelência do evangelho repousa nisso, que ele nos revela:

1. A salvação dos crentes como o fim: "*...é o poder de Deus para salvação...*". Paulo não está envergonhado do evangelho, por mais insignificante e desprezível que ele possa parecer a um olhar carnal, porque o poder de Deus opera por meio dele a salvação de todo aquele que crê. Ele nos mostra "*...o caminho da salvação*" (At 16.17), e é a grande carta magna pela qual a salvação é transferida e transmitida a nós. Mas: (1) É pelo *poder de Deus*; sem esse poder o evangelho é apenas uma letra morta; a revelação do evangelho é a revelação do "*...braço do Senhor*" (Is 53.1), assim como o poder acompanha a palavra de Cristo para curar doenças. (2) E para aqueles, e somente aqueles, que crêem. Crer desperta nosso interesse no evangelho da salvação; para outros ele está oculto. O medicamento preparado não curará o paciente se não for tomado. Para o judeu primeiro: "*As ovelhas perdidas da casa de Israel*" tiveram a primeira oferta, tanto da parte de Cristo como de seus apóstolos. "*Primeiro a vós*" (At 3.26), mas em sua recusa os apóstolos se voltaram para os gentios (At 13.46). Judeus e gentios estão agora no mesmo nível, ambos igualmente miseráveis sem um Salvador, e ambos igualmente acolhidos pelo Salvador (Cl 3.11). Uma doutrina como esta era surpreendente para os judeus, que tinham até agora sido o povo especial, e tinham olhado com desprezo para o mundo gentílico; mas o Messias há muito esperado aparece como "*uma luz para iluminar os gentios*, bem como *a glória de seu povo Israel*".

2. A justificação dos crentes como o caminho (v. 17): "*Porque nele*", quer dizer, neste evangelho, no qual Paulo tanto exulta, "*...se descobre a justiça de Deus...*". Nossa miséria e ruína são o produto e conseqüência de nossa iniqüidade, portanto, aquele que nos mostrará o caminho da salvação deve necessariamente nos mostrar o caminho da justificação, e isso o evangelho faz. O evangelho torna conhecida uma justiça. Enquanto Deus é um Deus justo e santo, e nós somos pecadores culpados, é necessário que tenhamos uma justiça pela qual apareçamos diante dele; e, bendito seja Deus, há uma justiça assim trazida pelo Messias, o príncipe (Dn 9.24), e *descoberta no evangelho*; uma *justiça*, quer dizer, um método gracioso de reconciliação e aceitação, não obstante a culpa de nossos pecados. Essa justiça evangélica: (1) É chamada de a *justiça de Deus*; é a justiça designada por Deus, uma justiça que Deus aprova e aceita. Ela é assim chamada para eliminar todas as pretensões a uma justiça resultante do mérito de nossas próprias obras. É a justiça de Cristo, que é Deus, que resulta de uma satisfação de valor infinito. (2) Diz-se que é "*...de fé em fé*", da fidelidade do Deus que revela para a fé do homem que recebe (na opinião de alguns); da fé da dependência de Deus, e que lida imediatamente com Ele, como Adão antes da queda, para a fé da dependência de um Mediador, e assim trata com Deus (na opinião de outros); da primeira fé, pela qual somos postos em um estado justificado, para a fé posterior, pela qual nós vivemos, e continuamos nesse estado: e a fé que nos justifica não é menos que nossa aceitação de Cristo como nosso Salvador, e nos tornarmos verdadeiros cristãos, de acordo com o teor da aliança batismal; da fé que nos enxerta em Cristo para a fé que recebe virtude dele como nossa raiz: ambas implicadas nas palavras seguintes: O "*...justo viverá da fé*". *Justo*

pela fé, aí está a fé que nos justifica; *viver da fé*, aí está a fé que nos mantém; e assim há uma justiça *de fé em fé*. Fé é tudo em todos, tanto no início como no progresso da vida cristã. Não é da fé para as obras, como se a fé nos pusesse em um estado justificado, e então as obras nos preservassem e mantivessem nele, mas é desde o começo da fé para a fé, *de fé em fé*, como (2 Co 3.18) *de glória em glória*; é a fé crescente, contínua e perseverante, a fé que impele para a frente e afasta a incredulidade. Para mostrar que isso não é nenhuma doutrina nova, ele cita em favor dela aquela famosa passagem do Antigo Testamento, tão freqüentemente mencionada no Novo (Hc 2.4): "*O justo viverá da fé*". Sendo justificado pela fé ele viverá por ela tanto a vida de graça como de glória. O profeta ali tinha se colocado na torre de vigia, enquanto esperava algumas descobertas extraordinárias (v. 1), e a descoberta foi a certeza do aparecimento do Messias prometido na plenitude dos tempos, muito embora parecendo demorar. Isso é ali chamado de *a visão*, a título de eminência, como em outras partes *a promessa*; e enquanto esse tempo se aproximava, como também quando chegou, *o justo viverá da fé*. Assim é a justiça evangélica da fé para a fé – da fé do Antigo Testamento em um Cristo vindouro à fé do Novo Testamento em um Cristo que já veio.

II A prova dessa proposição, de que tanto judeus como gentios tinham necessidade de uma justiça pela qual se apresentar diante de Deus, e que nem uns nem outros tinham algo de si próprio para alegar. A justificação deve ser ou pela fé ou pelas obras. Ela não pode ser pelas obras, o que ele prova imediatamente ao descrever as obras tanto de judeus como de gentios; e, portanto, ele conclui que ela deve ser pela fé (cap. 3.20,28). O apóstolo, como um hábil cirurgião, antes de aplicar o medicamento, procura a ferida – empenha-se primeiro em convencer da culpa e ira, e em seguida mostra o caminho da salvação. Isso torna o evangelho tanto mais bem-vindo. Nós temos de ver primeiro a justiça de Deus que condena, e em seguida a justiça de Deus que justifica aparecerá *digna de toda aceitação*. Em geral (v. 18), "*...se manifesta a ira de Deus*". A luz da natureza e a luz da lei revelam a ira de Deus do pecado para o pecado. É bom para nós que o evangelho revele a justiça justificadora de Deus da fé para a fé. A antítese é nítida. Aqui temos:

1. A descrição da pecaminosidade do homem; ele a reduziu a dois tópicos, *impiedade* e *injustiça*; impiedade contra as leis da primeira tábua, injustiça contra as da segunda.

2. A causa dessa pecaminosidade, isto é, deter "*...a verdade em injustiça*". Algumas *communes notitiae*, algumas idéias que eles tinham acerca do ser de Deus, e da diferença entre bem e mal; mas eles as mantinham na injustiça, isto é, eles conheciam e as professavam em uma conformidade com seus maus caminhos. Eles sustentavam a verdade como uma cativa ou prisioneira, para que ela não os influenciasse, como faria se fosse de outro modo. Um coração mau e injusto é o calabouço no qual muitas verdades boas são detidas e enterradas. Conservar "*...o modelo das sãs palavras na fé e na caridade*" é a raiz de toda verdadeira prática cristã (2 Tm 1.13), mas conservá-lo em injustiça é a raiz de todo pecado.

3. O desgosto de Deus com ela: "*...do céu se manifesta a ira de Deus*"; não só na palavra escrita que é dada por inspiração de Deus (os gentios não a tinham), mas nas providências de Deus, seus julgamentos executados sobre os pecadores, que não brotam do pó ou ocorrem por casualidade, nem devem ser atribuídos a causas secundárias, ao contrário, são uma revelação do céu. Ou a ira do céu se manifesta; não é a ira de um homem como nós mesmos, mas *ira do céu*, por isso mais terrível e mais inevitável.

A Idolatria dos Gentios. A Depravação dos Gentios
vv. 19-32

Nessa última parte do capítulo, o apóstolo aplica o que ele tinha dito particularmente ao mundo gentílico, no que podemos observar:

I Os meios e auxílios que eles tiveram para chegar ao conhecimento de Deus. Embora eles não tivessem um conhecimento da sua lei que Jacó e Israel tiveram (Sl 147.20), contudo, entre eles, "*...ele não se deixou a si mesmo sem testemunha*" (At 14.17); "*...porquanto o que de Deus se pode conhecer...*" (vv. 19,20). Observe:

1. Que descobertas eles fizeram: "*...porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta*", *en autois – entre eles*; isto é, havia alguns entre eles que tinham o conhecimento de Deus, estavam convencidos da existência de um *Numen* supremo. As filosofias de Pitágoras, Platão e dos estóicos descobriram muito do conhecimento de Deus, como se vê pela grande quantidade de testemunhos. *O que se pode conhecer*, o que implica que há muito que não pode ser conhecido. O ser de Deus pode ser apreendido, mas não pode ser compreendido. Não podemos descobri-lo pela busca puramente humana (Jó 11.7-9). O entendimento finito não pode conhecer perfeitamente um ser infinito; mas, bendito seja Deus, há aquilo que pode ser conhecido, o bastante para nos conduzir ao nosso fim principal, glorificá-lo e desfrutar dele; e essas coisas reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos, enquanto coisas secretas não devem ser inquiridas (Dt 29.29).

2. De onde eles tiveram essas descobertas: "*...Deus lho manifestou*". Essas noções naturais comuns que eles tinham de Deus foram impressas em seus corações pelo próprio Deus da natureza, que é o *Pai das luzes*. Esse senso de uma Deidade, e uma consideração para com esta Deidade, são tão inatos à natureza humana que alguns pensam que é por esses elementos que devemos diferenciar homens de animais brutos e não pela razão.

3. Por quais modos e meios essas descobertas e notificações que eles tinham eram confirmadas e melhoradas, a saber, pela obra da criação (v. 20): "*Porque as suas coisas invisíveis...*".

(1) Observe o que eles sabiam: "*...as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade*". Embora Deus não seja objeto dos sentidos, contudo, Ele se desvelou e se fez conhecido por meio de coisas sensíveis. O poder e a divindade de Deus são coisas invisíveis, e, no entanto, são claramente vistas em suas obras. Ele trabalha em segredo (Jó 23.8,9; Sl 139.15; Ec 11.5), mas manifesta o que tem forjado, e nisso torna conhecido seu poder e divindade, e outros dos

seus atributos que a luz natural apreende na idéia de um Deus. Eles não poderiam chegar pela luz natural ao conhecimento das três pessoas da Divindade (ainda que alguns pensem ter encontrado vestígios disso nos escritos de Platão), mas eles chegaram ao conhecimento da Divindade, pelo menos um conhecimento suficiente para mantê-los longe da idolatria. Foi essa a verdade que eles mantiveram na injustiça.

(2) Como eles chegaram a esse conhecimento: "*...pelas coisas que estão criadas*", que não poderiam ter sido feitas por si mesmas, nem poderiam ter uma ordem e harmonia tão exatas por puro acaso; e por isso devem ter sido produzidas por alguma causa primeira ou um agente inteligente, de maneira que a causa primeira não poderia ser nenhuma outra senão um Deus poderoso e eterno. Veja Sl 19.1; Is 40.26; At 17.24. O trabalhador é conhecido por sua obra. A variedade, multiplicidade, ordem, beleza, harmonia, natureza diversa e projeto excelente das coisas que são feitas, a direção delas para certos fins, e a contribuição de todas as partes para o bem e beleza do todo, dão prova farta de um Criador e do seu eterno poder e divindade. Assim a luz brilhou na escuridão. E isso "*...desde a criação do mundo*". Ou isso deve ser entendido: [1] Como o tópico do qual o conhecimento deles é extraído. Para evidenciar essa verdade, temos de recorrer à grande obra da criação. E alguns pensam que essa *ktisis kosmou*, essa *criatura do mundo* (como também pode ser lido), deve ser entendida como sendo o homem, a *ktisis kat' eksochen* – a *criatura mais notável* do mundo inferior, chamada *ktisis* (Mc 16.15). A constituição e estrutura do corpo humano, e especialmente os mais excelentes poderes, faculdades e capacidades da alma humana, provam em grande medida que há um Criador, e que ele é Deus. Ou: [2] Como a data da descoberta. Tão antiga quanto a criação do mundo. Nesse sentido *apo ktiseos kosmou* é mais freqüentemente usado na Escritura. Esses conhecimentos a respeito de Deus não são nenhuma descoberta moderna, de última hora, mas verdades antigas, que vêm desde o princípio. A maneira de se reconhecer a Deus é uma maneira boa e antiga; ela existe desde o princípio. A verdade partiu do erro.

II A sua grosseira idolatria, não obstante essas revelações que Deus fez de si mesmo para eles, como descrita aqui (vv. 21-23,25). Vamos nos admirar muito menos com a ineficácia dessas descobertas naturais para evitar a idolatria dos gentios se nos lembrarmos quão propensos até mesmo os judeus, que tinham a luz da Escritura para os guiar, eram à idolatria; tão miseravelmente são os degenerados filhos dos homens mergulhados no lamaçal dos sentidos. Observe:

1. A causa interna de sua idolatria (vv. 21,22). Eles estão, portanto, sem desculpa, pois de fato conheciam a Deus, e com base no que eles sabiam poderiam deduzir facilmente que era seu dever cultuá-lo, e somente a Ele. Embora alguns tenham mais luz e meios de conhecimento que outros, contudo, todos têm o bastante para ficar sem desculpa. Mas o pior disso era que: (1) Eles "*...não o glorificaram como Deus*". Suas afeições para com Ele e o seu temor e adoração a Ele não andavam juntos com o conhecimento que possuíam. Glorificá-lo como Deus é glorificar somente a Ele; pois não pode haver senão um infinito: mas eles não fizeram isso para glorificá-lo, porque eles instauraram uma multidão de outras deidades. Glorificá-lo como Deus é cultuá-lo com uma adoração espiritual; mas eles fizeram imagens dele. Não glorificar a Deus como Deus é, na verdade, não glorificá-lo de forma alguma; respeitá-lo como uma criatura não é glorificá-lo, mas desonrá-lo. (2) "*...nem lhe deram graças*"; não foram gratos pelos favores em geral que receberam de Deus (a insensibilidade pelas misericórdias de Deus está no fundo de nossa separação pecaminosa dele); não foram gratos particularmente pelas revelações que Deus se agradou em fazer de si a eles. Aqueles que não aproveitam os meios de conhecimento e graça são justamente considerados ingratos para com ele. (3) Mas "*...em seus discursos se desvaneceram*", *en tois dialogismois – em seus raciocínios*, em suas conclusões práticas. Eles tinham muito conhecimento de verdades gerais (v. 19), mas nenhuma prudência para aplicá-las a casos particulares. Ou, em suas noções de Deus, da criação do mundo, da origem do gênero humano e do bem supremo; nessas coisas, quando eles deixavam de lado a verdade clara, eles logo discutiam entre si mil fantasias vãs e tolas. As diversas opiniões e hipóteses das várias escolas filosóficas a respeito dessas coisas eram, desse modo, imaginações vãs. Quando a verdade é abandonada, os erros se multiplicam *in infinitum – infinitamente*. (4) "*...e o seu coração insensato se obscureceu*". A impiedade tola e prática do coração anuvia e obscurece os poderes e faculdades intelectuais. Nada tende mais para a cegueira e perversão do entendimento do que a corrupção e depravação da vontade e das afeições. (5) "*Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos*" (v. 22). Isso vai contra os filósofos, supostos sábios e mestres da sabedoria. Aqueles que tinham a imaginação mais exuberante, moldando para si mesmos a idéia de um Deus, caíram nos conceitos mais grosseiros e absurdos: e esse foi o justo castigo de seu orgulho e vaidade. Já foi observado que as nações mais refinadas, que demonstraram mais sabedoria, eram as mais ingênuas em questões religiosas. Os bárbaros adoravam o sol e a lua, que de todas as outras era a idolatria mais razoável; enquanto os instruídos egípcios adoravam um boi e uma cebola. Os gregos, que os superaram em sabedoria, adoravam doenças e paixões humanas. Os romanos, os mais sábios de todos, adoravam as Fúrias. E ainda hoje os pobres índios americanos adoram o trovão; enquanto os engenhosos chineses adoram o diabo. Assim, o "*...mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria*" (1 Co 1.21). Como uma confissão de sabedoria é um agravo de loucura, assim uma orgulhosa presunção de sabedoria é a causa de muita asneira. Conseqüentemente, nós lemos de poucos filósofos que foram convertidos ao cristianismo; e a pregação de Paulo não foi mais escarnecida e ridicularizada do que entre os instruídos atenienses (At 17.18-32). *Faskontes einai – presumindo-se a si mesmos* como sábios. A verdade clara do ser de Deus não os contentaria; eles se consideravam acima disso, e então seguiram pelos erros mais crassos.

2. Os atos externos da idolatria deles (vv. 23-25). (1) Fazer imagens de Deus (v. 23), com o que, tanto quanto podiam, "*...mudaram a glória do Deus incorruptível*". Compare com Salmos 106.20; Jeremias 2.11. Eles atribuíram divindade às criaturas mais desprezíveis, e por meio

delas representaram a Deus. Foi a maior honra feita por Deus ao homem tê-lo feito segundo sua imagem; mas foi a maior desonra que o homem fez a Deus ter representado a Deus segundo a imagem do homem. Foi contra isso que Deus advertiu os judeus tão estritamente (Dt 4.15ss.). Disso é que o apóstolo mostra a loucura em seu sermão em Atenas (At 17.29). Veja Is 40.18ss.; 44.10ss. Diz-se então que (v. 25) "*...mudaram a verdade de Deus em mentira*". Como houve desonra para sua glória, assim também foi mal representado o seu ser. Os ídolos são chamados de mentira, porque eles desfiguram a Deus, como se Ele tivesse um corpo, ao passo que Ele é Espírito (Jr 23.14; Os 7.1). Mestres da mentira (Hc 2.18). (2) Conceder honra divina para a criatura: "*...honraram e serviram... a criatura, para ton ktisanta – ao lado do Criador*". Eles possuíam um *Numen* supremo em sua profissão, mas, com efeito, eles o rejeitaram pela adoração que prestaram à criatura; pois Deus deve ser tudo ou nada. Ou, *acima* do Criador, concedendo mais devoção às deidades inferiores deles, como estrelas, heróis, demônios, considerando o Deus supremo inacessível, ou acima de seu culto. O pecado deles propriamente dito foi o de cultuar a criatura; mas isso é mencionado como um agravamento do pecado, pois eles adoraram mais a criatura do que o Criador. Essa era a impiedade geral do mundo gentílico, e estava entrelaçada com suas leis e governo; em conformidade com o que até mesmo os homens sábios entre eles, que conheciam e confessavam um Deus supremo e estavam convencidos da tolice e do absurdo do politeísmo e idolatria deles, fizeram como o restante dos seus vizinhos. Sêneca, em seu livro *De Superstitione*, como é citado por Agostinho, *De Civit. Dei*, liv. 6, cap. 10 (pois o livro em si se perdeu), depois de mostrar a grande loucura e impiedade da religião vulgar, em diversos exemplos desta, contudo, conclui: *Quae omnia sapiens servabit tanquam legibus jussa, non tanquam diis grata – Tudo que um homem sábio puder observar como estabelecido através da lei, não imaginando que seja aceitável aos deuses.* E depois: *Omnem istam ignobilem deorum turbam, quam longo aevo longa superstitio congessit, sic adorabimus, ut meminerimus cultum ejus magis ad morem quam ad rem pertinere – Toda essa turba ignóbil de deuses que a superstição antiga acumulou através de longa prescrição, nós adoraremos para lembrar que a adoração deles é antes uma acomodação ao costume e não algo essencial em si mesma.* Sobre o que Agostinho observa: *Colebat quod reprehendebat, agebat quod aguerbat, quod culpabat adorabat – Ele adorava aquilo que censurava, ele fez aquilo que ele tinha provado estar errado, e ele adorava aquilo no que achou falta.* Eu menciono isso de modo extenso porque me parece que dá uma explicação completa do que o apóstolo fala aqui (v. 18): Que detiveram *a verdade em injustiça*. É notável que na menção da desonra feita a Deus pela idolatria dos gentios o apóstolo, no meio do seu discurso, se expressa em uma extraordinária adoração a Deus: "*...que é bendito eternamente. Amém!*" Quando vemos ou ouvimos qualquer desprezo lançado a Deus ou a seu nome, devemos aproveitar a oportunidade de pensar e falar elevada e honrosamente dele. Nisso, como em outras coisas, quanto pior os outros são, tanto melhor nós devemos ser. *Bendito eternamente*, não obstante essas desonras feitas ao seu nome: embora haja aqueles que não o glorificam, contudo, Ele é glorificado, e será glorificado pela eternidade.

III Os juízos de Deus sobre eles por essa idolatria; não muitos juízos temporais (as nações idólatras foram as que governaram e conquistaram o mundo), mas juízos espirituais, entregando-os aos desejos mais brutais e antinaturais. *Paredoken autous – Ele os entregou*; três vezes repetido aqui (vv. 24,26,28). Juízos espirituais são, de todos os juízos, os mais dolorosos, e devem ser os mais temidos. Observe:

1. Por quem eles foram abandonados. Deus os abandonou, em uma forma de justo juízo, como a justa punição à idolatria deles – tirando deles a rédea da graça – deixando-os por si mesmos – deixando-os sozinhos; pois sua graça é própria dele, Ele não é devedor a nenhum homem, Ele pode dar ou reter sua graça conforme lhe aprouver. Se esse abandonar é um ato positivo de Deus ou somente privativo, nós deixamos às escolas de interpretação debaterem: mas estamos seguros disso, de que não é nenhuma coisa nova para Deus abandonar os homens aos desejos de seus próprios corações, enviar-lhes ilusões fortes, deixar Satanás atacá-los, e até pôr pedras de tropeço diante deles. E, no entanto, Deus não é o autor do pecado, mas, nesse caso, infinitamente justo e santo; pois, embora a maior maldade se seguisse a esse abandonar, a culpa deve recair sobre o coração ímpio do pecador. Se o paciente é obstinado e não se submete aos métodos prescritos, mas propositalmente toma e faz o que é prejudicial a si mesmo, o médico não será culpado se ele o abandona como estando em uma condição desesperada; e todos os sintomas fatais que se seguem não devem ser imputados ao médico, mas à própria doença e à loucura e obstinação do paciente.

2. A que eles foram abandonados:

(1) "*...às concupiscências do seu coração, à imundícia*" (vv. 24,26,27). Aqueles que não acolhem as mais puras e refinadas informações da luz natural, que tende a preservar a honra de Deus, com razão perderam aqueles sentimentos maiores e mais palpáveis que preservam a honra da natureza humana. *O homem que está em honra*, e se recusa a entender o Deus que o fez, torna-se assim pior que *os animais que perecem* (Sl 49.20). Assim um, pela permissão divina, se torna a punição de outro; mas é (como é dito aqui) *às concupiscências do seu coração* que se deve colocar toda a culpa. Aqueles que desonraram a Deus foram abandonados para desonrar a si mesmos. Um homem não pode ser entregue a uma maior escravidão do que ser abandonado aos seus próprios desejos. Esses são entregues, como os egípcios (Is 19.4), nas mãos de um senhor cruel. Os exemplos particulares de sua impureza e sentimentos vis são seus desejos antinaturais, pelos quais muitos dos pagãos, até mesmo dos que entre eles se passavam por homens sábios, como Sólon e Zenão, eram infames, contra os mais claros e mais óbvios ditados da luz natural. A iniqüidade gritante de Sodoma e Gomorra, sobre as quais Deus fez chover fogo do céu, tornou-se não só comumente praticada, mas reconhecida nas nações pagãs. Talvez o apóstolo se refira de maneira especial às abominações que eram cometidas na adoração dos seus deuses-ídolos, nas quais eram prescritas as piores das impurezas para a honra dos

seus deuses; serviços abjetos para deuses abjetos: os espíritos impuros se encantam com tais ministrações. Na igreja de Roma, onde as idolatrias pagãs são reavivadas, imagens, cultuadas, e santos, apenas colocados no lugar de demônios, nós ouvimos falar dessas mesmas abominações que continuam descaradas, autorizadas pelo papa (*Fox's Acts and Monuments*, vol. 1, p. 808), e não só em geral perpetradas, mas justificadas e defendidas por alguns dos seus cardeais: as mesmas pestilências espirituais para as mesmas impiedades espirituais. Veja que impiedade há na natureza humana. Quão abominável e imundo é o ser humano! "*Senhor, que é o homem mortal?*", diz Davi; que criatura vil é ele quando deixado por si mesmo! Quanto somos devedores à graça restritiva de Deus por preservar um pouco da honra e decência da natureza humana! Pois, não fosse por isso, o homem, que foi feito apenas um pouco menor que os anjos, se faria muito mais baixo que os demônios. Diz-se que essa é "*...a recompensa que convinha ao seu erro*". O Juiz de toda a terra age corretamente, e celebra um encontro entre o pecado e o seu castigo.

(2) A uma mente censurável nessas abominações (v. 28):

[1] Eles "*...não se importaram de ter conhecimento de Deus*". A cegueira do entendimento deles foi causada pela aversão obstinada de suas vontades e afeições. Eles não retiveram Deus em seu conhecimento, porque eles não se importaram com isso. Eles não conheceriam nem fariam nada senão o que lhes agradasse. Essa é bem a atitude de corações carnais; agradar a si mesmos é a mais alta finalidade. Há muitos que têm Deus em seu conhecimento, eles não podem evitar, a luz brilha com tanta força em suas faces; mas eles não o retêm ali. Eles "*...dizem a Deus: Retira-te de nós!*" (Jó 21.14), e por isso eles não retêm Deus em seu conhecimento, porque contraria e contradiz os seus desejos; eles não gostam disso. Em seu conhecimento – *en epignosei*. Há uma diferença entre *gnosis* e *epignosis*, o *conhecimento* e a *confissão* de Deus; os pagãos conheceram a Deus, mas não o confessaram nem confessariam.

[2] Refutando a essa obstinação deles, em contradizer a verdade, Deus os entregou a uma obstinação nos pecados mais grosseiros, aqui chamados de "*...um sentimento perverso*" – *eis adokimon noun*, uma mente vazia de todo senso e juízo para discernir coisas que se diferem, de forma que eles não podiam distinguir a mão direita da esquerda em coisas espirituais. Veja para onde o curso do pecado leva, e em que abismo mergulha o pecador afinal; para lá os desejos carnais têm uma tendência direta. "*Olhos cheios de adultério* não podem cessar de pecar" (2 Pe 2.14). Essa mente censurável era uma consciência insensível e assustada (Ef 4.19). Quando o discernimento se alia ao pecado, o homem está nos subúrbios do inferno. No início o Faraó endureceu seu coração, mas depois Deus endureceu o coração do Faraó. Assim, a dureza obstinada é com razão castigada com dureza que vem por castigo divino. "*...para fazerem coisas que não convém*". Essa frase pode parecer indicar um mal menor, mas aqui é expressão das maiores perversidades; coisas que não são aceitáveis para homens, mas contradizem a própria luz e lei da natureza. E aqui ele acrescenta uma lista negra dessas coisas impróprias das quais os gentios eram culpados, sendo entregues a *um sentimento perverso*. Nenhuma impiedade tão odiosa, tão contrária à luz da natureza, à lei das nações, e a todo interesse da humanidade, se poderia imaginar e consentir, a não ser por uma mente perversa e pervertida. Pelas histórias daqueles tempos, especialmente os relatos que temos das disposições e práticas então prevalecentes dos romanos quando a antiga virtude daquela comunidade estava tão degenerada, parece que esses pecados aqui mencionados eram pecados nacionais reinantes. Não menos que vinte e três dos vários tipos de pecados e pecadores estão aqui especificados (vv. 29-31). Aqui está o trono do diabo; seu nome é legião, porque eles são muitos. Estava na hora de pregar o evangelho entre eles, pois o mundo tinha necessidade de mudança.

Em primeiro lugar, pecados contra a primeira tábua: *Aborrecedores de Deus*. Aqui está o diabo em suas próprias cores, o pecado que se revela pecado. É possível imaginar que criaturas racionais odeiem o Sumo Benfeitor, e criaturas dependentes detestem a Fonte do seu ser? E, no entanto, assim ocorre. Todo pecado tem em si um ódio a Deus; mas alguns pecadores são inimigos mais abertos e declarados a Ele que outros (Zc 11.8). *Homens soberbos e presunçosos* contendem com o próprio Deus, e colocam em suas próprias cabeças as coroas que devem ser lançadas diante de seu trono.

Em segundo lugar, pecados contra a segunda tábua. Esses são especialmente mencionados porque nessas coisas eles tiveram uma luz mais clara. Em geral aqui é uma acusação de injustiça. Isso é posto primeiro, porque todo pecado é injustiça; está retendo aquilo que é devido, pervertendo aquilo que é certo; de modo especial, ela é apresentada como pecados da segunda tábua, fazer aquilo que não gostaríamos que fizessem a nós. Contra o quinto mandamento: "*...desobedientes ao pai e à mãe* e *sem afeição natural*" – *astorgous*, quer dizer, pais indelicados e cruéis para com seus filhos. Assim, quando o dever falha de um lado, geralmente falha do outro. Crianças desobedientes são justamente punidas com pais antinaturais; e, por outro lado, pais antinaturais, com crianças desobedientes. Contra o sexto mandamento: "*...malícia, avareza, maldade;... inveja, homicídio, contenda* (*eridos*), engano, *malignidade*, sendo *soberbos, irreconciliáveis, sem misericórdia*"; todas expressões daquele ódio de nosso irmão que é assassinato de coração. Contra o sétimo mandamento: "*...prostituição*"; ele não menciona mais, pois já falou antes de outras impurezas. Contra o oitavo mandamento: "*...avareza*". Contra o nono mandamento: "*...engano*, sendo *murmuradores, detratores, infiéis nos contratos*", mentirosos e caluniadores. Aqui estão duas generalidades não anteriormente mencionadas – *inventores de males* e *néscios*; sábios em fazer o mal, e sem conhecimento de como fazer o bem. Quanto mais deliberados e maliciosos são os pecadores para inventar coisas más, tanto maior é o seu pecado: tão rápidos na invenção do pecado, e, no entanto, sem compreensão (totalmente tolos) dos pensamentos de Deus. Aqui há bastante para humilhar a todos nós, no sentido de nossa corrupção original; pois todo coração por natureza tem em si a semente de todos esses pecados. No final ele menciona os agravantes dos pecados (v. 32). 1. Eles conheciam "*...a justiça de Deus*"; isto é: (1) Eles conheciam a lei. O juízo de Deus é aquilo que sua justiça exi-

ge, que, pelo fato de Ele ser justo, Ele julga que deve ser feito. (2) Eles sabiam da penalidade; assim ela é explicada aqui: Eles sabiam "*...que são dignos de morte*, morte eterna, *os que tais coisas praticam*"; suas próprias consciências só podiam sugerir isso a eles, e mesmo assim eles se arriscaram. É uma agravante do pecado quando ele é cometido contra o conhecimento (Tg 4.17), especialmente contra o conhecimento do juízo de Deus. É presunção ousada correr sobre o gume da espada. Isso indica um coração muito endurecido, e muito resolutamente fixado no pecado. 2. Eles "*...não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem*". A violência de alguma tentação presente pode acelerar um homem na prática de tais pecados nos quais o apetite viciado pode ter prazer; mas se agradar com os pecados de outras pessoas é amar o pecado por causa do pecado: é se unir em uma confederação para o reino e interesse do diabo. *Syneudokousi*: eles não somente cometem o pecado, mas o defendem e justificam, e encorajam outros a fazer o mesmo. Nossos próprios pecados são muito agravados por nosso consentimento e aceitação dos pecados de outros.

Sendo assim, com tudo isso junto, poderia o mundo gentílico, submetido debaixo de tanta culpa e corrupção, ser justificado diante de Deus por qualquer obra própria.

CAPÍTULO 2

O escopo dos primeiros dois capítulos dessa epístola pode ser resumido pela passagem de 3.9: "Pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado". Isso nós provamos sobre os gentios (cap. 1), agora neste capítulo ele prova isso sobre os judeus, como aparece no versículo 17: "...tu, que tens por sobrenome judeu." I. Ele prova em geral que os judeus e os gentios estão no mesmo nível diante da justiça de Deus, até o versículo 11. II. Ele mostra de maneira mais particular de quais pecados os judeus eram culpados, não obstante sua confissão e vãs pretensões (vv. 17-29).

A Eqüidade do Governo Divino

vv. 1-16

No capítulo anterior, o apóstolo apresentou o estado do mundo gentílico como sendo tão ruim e negro como os judeus sem dúvida concordavam. E, agora, planejando mostrar que o estado dos judeus era muito ruim também, e seu pecado em muitos aspectos, mais grave, para preparar seu caminho ele se esforça nesta parte do capítulo para mostrar que Deus procederia em condições iguais de justiça com judeus e gentios; e não com a parcialidade que os judeus podiam pensar que ele usaria a favor deles.

I Ele os repreende por sua falta de autocrítica e presunção (v. 1): "*...és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas*". Como ele se expressa em termos gerais, a advertência pode alcançar a "*...muitos mestres*" (Tg 3.1), de qualquer nação ou profissão que sejam, que atribuem a si mesmos poder de censurar, controlar e condenar aos outros. Mas ele se dirige especialmente aos judeus e particularmente a eles ele aplica essa acusação geral (v. 21): "*Tu que ensinas a outro não te ensinas a ti mesmo?*". Os judeus eram geralmente um tipo de povo orgulhoso, que olhava com muito desprezo e desdém os pobres gentios como não merecedores de ficarem juntos com os cães de seu rebanho; enquanto no meio-tempo eles mesmos eram tão maus e imorais – embora não idólatras, como os gentios, contudo sacrílegos (v. 22). "*Portanto, és inescusável...*". Se os gentios, que tinham apenas a luz da natureza, eram indesculpáveis (cap. 1.20), muito mais os judeus, que tinham a luz da lei, a vontade revelada de Deus, e assim tinham mais recursos que os gentios.

II Ele afirma a justiça invariável do governo divino (vv. 2,3). Para inculcar a convicção, ele aqui mostra como é justo o juiz com quem temos de tratar, e como Ele é justo em seus procedimentos. É comum ao apóstolo Paulo, em seus escritos, ao mencionar algum ponto material, fazer grandes divagações sobre ele; como aqui em relação à justiça de Deus (v. 2), que o "*...juízo de Deus é segundo a verdade...*" – de acordo com as regras eternas de justiça e eqüidade; de acordo com o coração, e não de acordo com a aparência externa (1 Sm 16.7); de acordo com as obras, e não com acepção de pessoas, é uma doutrina da qual nós todos temos certeza, porque Ele não seria Deus se não fosse justo; mas cabe considerá-la especialmente àqueles que condenam os outros por essas coisas das quais eles mesmos são culpados, e assim, enquanto eles praticam o pecado e persistem nessa prática, pensam subornar a justiça divina protestando contra o pecado e acusando aos gritos os outros de serem culpados, como se pregar contra o pecado os expiasse da sua culpa. Mas observe como ele apresenta isso à consciência do pecador (v. 3): "*E tu, ó homem, que julgas...?*" O homem, uma criatura racional, uma criatura dependente, feita por Deus, sujeita a Ele, e responsável diante dele. O argumento é tão claro que podemos ousar apelar aos pensamentos do próprio pecador: "Acaso, tu pensas que *escaparás ao juízo de Deus?* Pode o Deus que esquadrinha os corações ser enganado por fingimentos formais, o justo Juiz de todos ser assim subornado e afastado?" Os pecadores mais plausíveis e sagazes, que se desculpam diante dos homens com a maior confiança, não podem *fugir do juízo de Deus,* não podem evitar serem julgados e condenados.

III Ele prepara uma acusação contra eles (vv. 4,5) que consiste em duas partes:

1. Desprezo da bondade de Deus (v. 4), as "*...riquezas da sua benignidade*". Isso é especialmente aplicável aos judeus, que tinham símbolos especiais do favor divino. Posses são misericórdias, e contra tanto mais luz nós pecamos contra tanto mais amor nós pecamos. Pensamentos baixos e vis acerca da bondade divina são a causa de muitos pecados. Em cada pecado obstinado há um desprezo interpretativo da bondade de Deus; é rejeitar seus sentimentos, particularmente a bondade de sua paciência, sua tolerância e longanimidade, usando a ocasião para ser tanto mais ousado no pecado (Ec 8.11).

"...*ignorando,* isto é, não considerando, não sabendo na prática e com aplicação, *que a benignidade de Deus te leva,* o desígnio dela é te levar, *ao arrependimento*". Não é bastante para nós saber que a bondade de Deus nos conduz ao arrependimento, mas nós devemos saber que ela *nos* leva – *a ti* em particular. Veja aqui qual o método que Deus utiliza para levar os pecadores ao arrependimento. Ele os conduz, não como animais, mas os conduz como criaturas racionais, os atrai (Os 2.14); e é a bondade que conduz, com cordas de amor (Os 11.4). Compare com Jeremias 13.3. A consideração da bondade de Deus, sua bondade comum para com todos (a bondade de sua providência, de sua paciência, e de suas ofertas), será eficaz para nos levar a todos ao arrependimento; e a razão por que tantos continuam na impenitência é porque eles não sabem e não consideram isso.

2. Provocação da ira de Deus (v. 5). A origem dessa provocação é um *coração* duro e *impenitente;* e a ruína dos pecadores é que eles seguem um coração desse tipo, sendo guiados por ele. Pecar é andar nos caminhos do coração; e quando esse é um coração duro e impenitente (dureza contraída por longo costume, além daquela que é natural), quão insensato o caminho necessariamente é! A provocação é expressa por "...*entesouras ira*". Aqueles que continuam no caminho do pecado estão entesourando para si mesmos a ira. Tesouro denota fartura. É um tesouro que será gasto pela eternidade, e que jamais se extinguirá; e, no entanto, os pecadores ainda estão adicionando a ele como a um tesouro. Todo pecado obstinado acrescenta pontos, e inflama o resultado; eles *colocam um ramo na sua ira,* como alguns lêem (Ez 8.17), eles *chegam um ramo ao seu nariz.* Tesouro denota segredo. O tesouro ou depósito da ira é o coração do próprio Deus, no qual ele jaz oculto, como tesouros em algum lugar secreto e selado; veja Dt 32.34; Jó 14.17. Mas ao mesmo tempo denota reserva para alguma outra ocasião; como os tesouros da saraiva estão reservados para o dia da batalha e da guerra (Jó 38.22,23). Esses tesouros serão abertos como as fontes do grande abismo (Gn 7.11). Eles estão guardados *para o dia da ira,* quando eles serão dispensados por atacado, derramados em grande quantidade. Embora o presente dia seja um dia de paciência e clemência para com os pecadores, contudo, haverá um dia de ira e que se aproxima – ira, e nada senão ira. Na verdade, cada dia é para os pecadores um dia de ira, por que Deus é "...*um Deus que se ira todos os dias*" (Sl 7.11), mas haverá o *grande dia da ira* que se aproxima (Ap 6.17). E esse dia de ira será o dia "...*da manifestação do juízo de Deus*". A ira de Deus não é como a ira humana, esquentada e apaixonada; não, a fúria não está nele (Is 27.4); mas é um justo juízo, sua vontade de punir o pecado, porque Ele o odeia como contrário à sua natureza. Esse justo juízo de Deus está agora muitas vezes oculto na prosperidade e sucesso dos pecadores, mas em breve será manifesto diante de todo o mundo, essa aparente desordem será corrigida, e os céus anunciarão a sua justiça (Sl 50.6). "*Portanto, nada julgueis antes do tempo*".

IV Ele descreve as medidas pelas quais Deus age em seu juízo. Tendo mencionado o justo juízo de Deus no versículo 5, ele aqui ilustra esse juízo e a justiça dele, e mostra o que nós podemos esperar de Deus, e por qual regra ele julgará o mundo. A eqüidade da justiça distributiva é a dispensação de ameaças e favores com relação aos méritos e sem acepção de pessoas: esse é o justo juízo de Deus.

1. Ele "...*recompensará cada um segundo as suas obras*" (v. 6), uma verdade muitas vezes mencionada na Escritura, para provar que o Juiz de toda a terra faz o que é certo.

(1) Ao dispensar seus favores; e isso é mencionado duas vezes aqui, tanto no versículo 7 quanto no versículo 10. Porque Ele se compraz em mostrar misericórdia. Observe:

[1] Os objetos de seu favor: "...*aos que, com perseverança...*". Nisso podemos testar nosso interesse no favor divino, e podemos então ser direcionados a que curso tomar, para que possamos obtê-lo. Aqueles a quem o Deus justo recompensará são, em primeiro lugar, aqueles que se fixam em um fim correto, que "...*procuram glória, e honra, e incorrupção*"; isto é, a glória e a honra que são imortais – a aceitação com Deus aqui e para sempre. Existe uma santa ambição que está no âmago de toda religião prática. Isso é buscar o reino de Deus, olhar em nossos desejos e objetivos como tão altos quanto o céu e resolvidos a não receber nada menos que isso. Essa busca implica em uma perda, o sentimento dessa perda, o desejo de recuperar isso e buscas e esforços de acordo com esses desejos. Em segundo lugar, aqueles que ao ter fixado o fim correto, aderem ao caminho correto: "...*com perseverança em fazer bem*". 1. Deve haver a prática do bem, a boa obra (v. 10). Não é o bastante conhecer o bem, falar do bem, professar o bem e prometer o bem, mas é necessário que se faça o bem: fazer aquilo que é bom, não somente no conteúdo, mas também na forma. Nós devemos fazer isso bem. 2. Uma continuidade em fazer o bem. Não por uma conveniência ou um impulso, como a névoa da manhã e o orvalho matutino; mas nós devemos permanecer até o fim: é a perseverança que ganha a coroa. 3. Uma paciência contínua. Essa paciência não diz respeito somente à extensão da obra, mas às suas dificuldades e às oposições e complicações que nós podemos encontrar nela. Aqueles que fazem o bem e continuam a fazê-lo devem ter muita paciência.

[2] O produto de seu favor. Ele dará a esses a vida eterna. O céu é a vida, a vida eterna, e é a recompensa daqueles que pacientemente continuam a fazer o bem; e é chamada (v. 10) de "...*glória..., honra e paz...*". Aqueles que procuram glória e honra (v. 7) as terão. Aqueles que buscam a glória e honra vãs deste mundo com freqüência as perdem e ficam desapontados; mas aqueles que buscam glória e honra imortais as terão, e não somente *glória e honra,* mas *paz.* A glória e a honra mundanas são em geral acompanhadas de problemas; mas a glória e a honra celestiais têm paz com elas, uma paz eterna e sem distúrbios.

(2) Ao dispensar seu desagrado (vv. 8,9). Observe: [1] Os objetos de seu desagrado. Em geral aqueles que fazem o mal, de maneira mais particular descritos como aqueles "...*que são contenciosos e desobedientes à verdade...*". Contenciosos contra Deus. Todo pecado intencional é uma briga com Deus, isso é "...*contender com nosso Criador*" (Is 45.9), a briga mais insensata. O Espí-

rito de Deus luta contra os pecadores (Gn 6.3), e pecadores impenitentes lutam contra o Espírito, se rebelam contra a luz (Jó 24.13), defendem o engano com firmeza, lutam para manter esse pecado que o Espírito se esforça para afastar deles. *Contenciosos e desobedientes à verdade.* As verdades cristãs não devem somente ser conhecidas, mas devem ser obedecidas; elas dirigem, regem, comandam; são verdades relacionadas com a prática. A desobediência à verdade é interpretada como uma luta contra ela. São "...*obedientes à iniqüidade*" – fazem o que a iniqüidade propõe que eles façam. Aqueles que se recusam a ser servos da verdade em breve serão escravos da iniqüidade. [2] Os produtos ou exemplos desse desagrado: "...*indignação e ira,* [...] *tribulação e angústia...*". Esses são os salários do pecado. *Indignação e ira*, as causas; *tribulação e angústia*, os efeitos necessários e inevitáveis. E isso *sobre a alma;* as almas são os recipientes dessa ira, os objetos da tribulação e angústia. O pecado qualifica a alma para essa ira. A alma é aquilo que no homem é a única coisa imediatamente sujeita a essa indignação, e às impressões ou efeitos da angústia que se seguem. O inferno é a tribulação e angústia eternas, o produto da ira e indignação. Isso provém da contenda com Deus, de se colocar sarças e espinhos diante de um fogo consumidor (Is 27.4). Aqueles que não se curvarem ao seu cetro de ouro certamente serão quebrados por sua vara de ferro. Desse modo, Deus dará a cada homem conforme seus atos.

2. "...*para com Deus, não há acepção de pessoas*" (v. 11). Quanto ao estado espiritual, há uma acepção de pessoas; mas não quanto à relação ou condição exteriores. Judeus e gentios estão no mesmo nível diante de Deus. Essa foi a observação de Pedro na primeira derrubada do muro de separação (At 10.34), de que Deus não faz acepção de pessoas; e isso é explicado nas palavras seguintes, que "...*lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo*". Deus não salva as pessoas com base em seus privilégios externos ou seu conhecimento e confissão da verdade, mas de acordo com seu estado e disposição reais. Dispensar tantos seus desagrados quanto seus favores é tanto para judeus quanto para gentios. Se "...*primeiramente ao judeu*", que tinha maiores privilégios e fez maior confissão, contudo "*também ao grego*"(gentios), cuja falta de tais privilégios não os livrará do castigo por praticarem o mal nem os impedirá de receber recompensa por terem feito o bem (veja Cl 3.11); pois "...*não faria justiça o Juiz de toda a terra?*"

V Ele prova a eqüidade de seus procedimentos com todos, quando Ele vem realmente a julgá-los (vv. 12-16), sobre esse princípio, que aquilo que é a regra da obediência do homem é a regra do juízo de Deus. Três tons de luz são revelados aos filhos dos homens:

1. A luz da natureza. Essa os gentios possuem, e por ela serão julgados: "*Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão*"; isto é, os gentios descrentes, que não tiveram outro guia senão a consciência natural, nenhum outro motivo senão as misericórdias comuns, e não tiveram a lei de Moisés nem nenhuma revelação sobrenatural, não serão considerados culpados de transgressão da lei que eles nunca tiveram, nem estarão sob o agravo do pecado dos judeus contra, e do juízo segundo, a lei escrita; mas eles serão julgados pela lei da natureza, já que pecaram contra ela, não somente como ela é em seus corações, corrupta, descaracterizada e aprisionada na injustiça, mas como no original incorrupto que o Juiz guarda consigo. Para que isso fique mais claro (vv. 14,15), em um parêntese, ele demonstra que a luz da natureza era para os gentios o que a lei escrita era para os judeus. Ele tinha dito (v. 12) que eles "...*pecaram sem lei...*", o que parece uma contradição; porque onde não há lei não há transgressão. Mas, diz ele, embora eles não tivessem a lei escrita (Sl 147.20), eles tinham aquilo que era equivalente, não à lei cerimonial, mas à lei moral. Eles tinham *a obra da lei.* Ele não quer dizer aquela obra que a lei ordena, como se eles pudessem ter uma obediência perfeita; mas aquela obra que a lei produz. A obra da lei é nos orientar sobre o que fazer e nos examinar pelo que fizemos. Sendo assim: (1) Eles tinham aquilo que os orientava sobre o que fazer pela luz da natureza: pela força e tendência de suas noções e ditames naturais eles aprenderam uma diferença clara e vasta entre o bem e o mal. Eles "...*fazem naturalmente as coisas que são da lei*". Eles tinham um senso de justiça e eqüidade, honra e pureza, amor e caridade; a luz da natureza ensinou obediência aos pais, piedade para com os miseráveis, conservação da paz e ordem públicas, proibiu o homicídio, o roubo, a mentira, o perjúrio etc. Desse modo, eram uma lei *para si mesmos.* (2) Eles tinham aquilo que os examinava quanto ao que tinham feito: "...*testificando juntamente a sua consciência*". Eles tinham aquilo dentro deles que aprovava e elogiava o que era certo e que os censurava pelo que faziam de errado. A consciência é uma testemunha, e no início ou no fim dará testemunho, ainda que por um tempo possa ser subornada ou intimidada. Ela está no lugar de mil testemunhas, testemunhando aquilo que é mais secreto; e seus pensamentos, "...*quer acusando-os, quer defendendo-os*", passam um juízo sobre o testemunho da consciência ao aplicar a lei ao fato. A consciência é aquela vela do Senhor que não foi completamente tirada, não, nem no mundo gentílico. Os pagãos têm testemunhado o consolo de uma boa consciência.

Hic murus aheneus esto,
Nil conscire sibi.
Seja essa tua fortaleza de bronze,
Para preservar tranqüila tua inocência consciente. –
Hor.

E o terror de uma consciência má:

Quos diri conseia facti
Mens habet attonitos, et surdo verbere caedit.
Não houve nenhum chicote, no entanto, o coração
Culpado é torturado com uma dor auto-infligida. –
Juv., *Sat.* 13.

Seus *pensamentos enquanto isso* (versão inglesa KJV), *metaksy allelon – entre si*, ou um com o outro. A mesma luz e lei da natureza que testemunha contra o pecado neles, e testemunhava contra ele em outros, acusou ou desculpou um ao outro. *Vicissim,* assim lêem alguns, *um após o outro*; conforme eles observavam ou infringiam essas leis e ditames naturais, suas consciências ou os

absolviam ou os condenavam. Tudo isso evidenciava que eles tinham aquilo que estava para eles no lugar de uma lei, pela qual podiam ter sido governados e que os condenará, porque eles não foram desse modo guiados e governados por ela. De maneira que os gentios culpados são deixados sem desculpa. Deus tem razão em condená-los. Eles não podem alegar ignorância, e por isso devem igualmente perecer, se eles não têm algo mais a alegar.

2. A luz da lei. Essa os judeus tinham, e por ela eles deverão ser julgados (v. 12): "*...todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados*": eles pecaram, não somente tendo a lei, mas *en nomo – na lei,* no meio de tão grande lei, diante e sob a luz de tão pura e clara lei, cujas orientações eram tão plenas e específicas, e suas sanções, tão convincentes e impositivas. Esses devem ser julgados *pela lei*; sua punição será, como é o seu pecado, tanto maior por terem eles a lei. "*...primeiramente do judeu...*" (v. 9). Haverá mais tolerância para Tiro e Sidom. Desse modo Moisés os acusou (Jo 5.45), e eles caíram sob os muitos açoites daquele que conhecia a vontade de seu mestre e não a realizou (Lc 12.47). Os judeus se orgulhavam muito da lei; mas, para confirmar o que tinha dito, o apóstolo mostra (v. 13) que o fato de eles terem, ouvirem e conhecerem a lei não os justificaria, mas sim o praticá-la. Os doutores judeus amparavam seus seguidores com uma opinião de que todos que fossem judeus, por pior que vivessem, teriam um lugar no mundo vindouro. A isso o apóstolo se opõe aqui: era um grande privilégio para eles que tivessem a lei, mas não um privilégio de salvação, a menos que eles vivessem de acordo com a lei que eles tinham, o que é certo que os judeus não faziam, e portanto eles tinham necessidade de uma justiça com a qual pudessem aparecer diante de Deus. Nós podemos aplicar isso ao evangelho: não é o ouvir, mas o fazer que nos salvará (Jo 13.17; Tg 1.22).

3. A luz do evangelho: e de acordo com isso aqueles que desfrutaram do evangelho serão julgados (v. 16): "*...segundo o meu evangelho*"; não significa um quinto evangelho escrito por Paulo, como alguns imaginam; nem o evangelho escrito por *Lucas,* como amanuense de Paulo (Euséb., *Hist.* liv. 3, cap. 8), mas o evangelho em geral, chamado *de Paulo* porque ele era um pregador dele. Tantos quantos estão sob essa dispensação devem ser julgados de acordo com essa dispensação (Mc 16.16). Alguns aplicam estas palavras, *segundo o meu evangelho,* ao que ele diz do dia do juízo: "Virá um dia de julgamento, conforme eu tenho dito a vocês muitas vezes em minha pregação; e que será o dia do juízo final tanto dos judeus quanto dos gentios." É bom para nós termos conhecimento do que é revelado a respeito daquele dia. (1) Há um dia estabelecido para o juízo geral. O dia, o grande dia, seu dia que está chegando (Sl 37.13). (2) O juízo daquele dia será posto nas mãos de Jesus Cristo. Deus julgará por Jesus Cristo (At 17.31). Será parte da recompensa de sua humilhação. Nada significa mais terror aos pecadores ou mais consolo aos santos do que isso, que Cristo será o Juiz. (3) Os segredos dos homens serão então julgados. Os serviços feitos em segredo serão então recompensados, pecados secretos serão punidos, coisas ocultas serão trazidas à luz. Esse será o dia da grande descoberta, quando aquilo que agora é feito às escondidas será proclamado a todo o mundo.

As Pretensões dos Judeus. A Depravação dos Judeus

vv. 17-29

Na última parte do capítulo, o apóstolo direciona seu discurso mais estreitamente aos judeus, e mostra de quais pecados eles eram culpados, apesar de sua confissão e vãs pretensões. Ele tinha dito (v. 13) que não os ouvintes, mas os cumpridores da lei são justificados; e ele aplica aqui essa grande verdade aos judeus. Observe:

I Ele reconhece a confissão deles (vv. 17-20) e especifica suas pretensões e privilégios particulares nas quais eles se orgulhavam, para que eles pudessem ver que ele não os condenava por ignorância daquilo que eles tinham a dizer em favor de si mesmos; não, ele conhecia bem a causa deles.

1. Eles eram um povo peculiar, separado e distinto de todos os outros por ter sua lei escrita e a presença especial de Deus entre eles. (1) "*Eis que tu, que tens por sobrenome judeu*"; não tanto no parentesco como na confissão. Era um título muito honrado. A salvação era para os judeus; e eles se orgulhavam muito disso, de ser um povo único; e, no entanto, muitos que eram assim chamados eram homens muito ímpios. Não é nenhuma novidade que as piores práticas sejam encobertas pelos melhores nomes, que muitos da sinagoga de Satanás se digam judeus (Ap 2.9), que uma geração de víboras se orgulhe de ter por *pai a Abraão* (Mt 3.7-9). (2) "*...e repousas na lei*"; isto é, eles tinham orgulho disso, de que tivessem uma lei entre eles, em seus livros, que eram lidos nas sinagogas. Eles estavam demasiadamente cheios de orgulho por esse privilégio e pensavam ser isso suficiente para levá-los ao céu, embora não vivessem conforme a lei. Repousar na lei, com um descanso de complacência e aquiescência é bom; mas repousar nela com um descanso de orgulho, indolência e segurança carnal é a ruína das almas. "*Templo do SENHOR é este*" (Jr 7.4). "*Betel, sua confiança*" (Jr 48.13). "*Te ensoberbecerás no meu monte santo*" (Sf 3.11). É uma coisa perigosa repousar em privilégios externos, e não melhorá-los. (3) "*...e te glorias em Deus*"; veja como as melhores coisas podem ser pervertidas e abusadas. Um crente humilde, grato, que glorifica a Deus, é a raiz e resumo de toda a fé cristã (Sl 34.2; Is 45.15; 1 Co 1.31). Mas um orgulhoso, que de maneira vã se orgulha em Deus, e na confissão exterior de seu nome, é a raiz e resumo de toda hipocrisia. O orgulho espiritual é, de todos os tipos de orgulho, o mais perigoso.

2. Eles eram um povo que tinha conhecimento (v. 18): "*...e sabes a sua vontade*", *to thelema – a vontade.* A vontade de Deus é a vontade soberana, absoluta e irresistível. O mundo então, e não antes, será posto em ordem, quando a vontade de Deus for a única vontade e todas as outras vontades forem absorvidas nela. Eles não somente conheciam a verdade de Deus, mas a vontade de Deus, aquela que Ele queria que eles cumprissem. É possível para um hipócrita ter muito conhecimento da vontade de Deus. "*...e aprovas as coisas excelentes*" – *dokimazeis ta diaferonta.* Por isso, Paulo ora por seus amigos como por um grande objetivo (Fl 1.10). *Eis to dokimazein hymas ta diaferonta.* Entenda-o: (1) No sentido de uma boa apreensão das *coisas de Deus,* lendo as-

sim: *tu discernes coisas que se diferem,* sabes como distinguir entre o bem e o mal, separar entre a preciosidade e a vileza (Jr 15.19), sabes fazer diferença entre o puro e o impuro (Lv 11.47). Bem e mal estão às vezes tão perto um do outro que não é fácil distingui-los; mas os judeus, tendo o critério da lei imediatamente à mão, eram, ou pelo menos pensavam que eram, capazes de distinguir, de solucionar casos duvidosos. Um homem pode ser um bom casuísta e, no entanto, um mau cristão – preciso nas definições, mas perdido e descuidado na aplicação. Ou, nós podemos, com *De Dieu,* entender *ta diaferonta* como *controvérsias.* Um homem pode ser muito hábil nas controvérsias de religião, e, no entanto, um estranho quanto ao poder da piedade. (2) No sentido de uma calorosa afeição às coisas de Deus, como lemos: "...*aprovas as coisas excelentes*". Há excelências no cristianismo que um hipócrita pode aprovar; pode haver um consentimento com o juízo prático sobre a *lei, que é boa,* e, no entanto, esse consentimento pode ser sobrepujado pelos desejos da carne e da mente:

Video meliora proboque
Deteriora sequor.
Eu vejo o melhor,
Mas busco o pior.

E é comum para os pecadores fazerem desta aprovação uma desculpa que é na verdade um grande aprofundamento em um caminho de pecado. Eles tinham essa familiaridade com, e afeição por, aquilo que é bom, ao serem "...*instruídos por lei*", *katechoumenos – ser catequizado.* A palavra significa uma instrução no início da infância. É um grande privilégio e vantagem ser bem catequizado logo cedo. Era o costume dos judeus se esforçar muito para ensinar suas crianças quando elas eram bem jovens e todas as suas lições eram *extraídas da lei;* seria bom se os cristãos fossem tão aplicados para ensinar seus filhos *a partir do evangelho.* Então isso é chamado (v. 20): "...*a forma da ciência e da verdade na lei*", isto é, a demonstração e a aparência dele. Aqueles cujo conhecimento repousa em uma noção vazia, e não influencia seus corações, têm somente a forma, como um quadro bem pintado e com boas cores, mas que carece de vida. Uma forma de conhecimento produz apenas uma aparência de piedade (2 Tm 3.5). Uma forma de conhecimento pode iludir as pessoas, mas não pode enganar o olho penetrante do Deus, que esquadrinha os corações. Uma forma pode ser o veículo do poder; mas aquele que se contenta com isso é somente "...*como o metal que soa ou como o sino que tine*".

3. Eles eram um povo instruído, ou pelo menos se consideravam assim (vv. 19,20): "...*e confias que és guia dos cegos*". Aplique isso: (1) Aos judeus em geral. Eles se consideravam guias dos pobres cegos gentios que estavam na escuridão, tinham muito orgulho disso, de que quem quer que tivesse o conhecimento de Deus deveria ser grato a eles por isso. Todas as outras nações devem vir estudar com eles, para aprender o que é bom, e o que o Senhor exige; pois eles tinham os oráculos vivos. (2) Aos seus rabinos, doutores e líderes entre eles, que eram de maneira particular aqueles que julgavam os outros (v. 1). Esses se orgulhavam muito da posse que tinham da cadeira de Moisés, e do respeito que o povo comum tinha pelos seus ensinamentos; e o apóstolo mostra isso em várias expressões: *guia dos cegos,* uma "...*luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças*", o melhor para apresentar sua orgulhosa ilusão sobre si mesmos, e desprezar os outros. Essa era uma nota que eles adoravam tocar, acumular títulos de honra sobre si. A melhor obra, quando nela há orgulho, é inaceitável a Deus. É bom instruir o tolo e ensinar as crianças: mas considerando nossa própria ignorância e insensatez e a incapacidade de tornar esses ensinamentos bem-sucedidos sem Deus, não há nada nisso de que se orgulhar.

II Ele agrava suas provocações (vv. 21-24) por duas coisas:

1. Que eles pecaram contra seu próprio conhecimento e confissão, fizeram aquilo que eles mesmos ensinavam os outros a não fazer: "...*tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?*". Ensinar é um pouco desta caridade que começa em casa, ainda que não deva terminar ali. Era a hipocrisia dos fariseus que eles não praticavam o que ensinavam (Mt 23.3), mas destruíam em suas vidas o que construíam com sua pregação; porque, quem acreditará naqueles que não acreditam em si mesmos? Os exemplos valem mais que as regras. Os que mais impedem o sucesso da palavra são aqueles cuja má vida contradiz sua boa doutrina, que no púlpito pregam tão bem que é uma pena que eles sempre saem, e fora do púlpito vivem tão mal que é uma pena que eles sempre entrem. Ele especifica três pecados em particular que ocorrem muito entre os judeus: (1) Furto. Essa acusação é feita a alguns que declaravam os estatutos de Deus (Sl 50.16,18): "*Quando vês o ladrão, consentes com ele*". Os fariseus são acusados de devorar as casas das viúvas (Mt 23.14), e esse é o pior dos roubos. (2) Adultério (v. 22). Essa acusação é igualmente lançada sobre aquele pecador (Sl 50.18): "...*e tens a tua parte com adúlteros*". É dito que muitos dos rabinos judeus eram famosos por esse pecado. (3) Sacrilégio – roubar coisas santas, que eram então por meio de leis especiais dedicadas e devotadas a Deus; e disso são acusados aqueles que professavam repudiar os ídolos. Dessa maneira os judeus fizeram notoriamente, após seu cativeiro na Babilônia; esse forno os separou para sempre da escória de sua idolatria, mas eles agiram muito traiçoeiramente no culto de Deus. Foi nos últimos dias da igreja do Antigo Testamento que eles foram acusados de roubar a Deus "...*nos dízimos e nas ofertas*" (Ml 3.8,9), convertendo para seu próprio uso, e para o serviço de seus desejos, o que era, de maneira especial, separado para Deus. E isso é quase equivalente à idolatria, embora esse sacrilégio fosse mascarado com o repúdio aos ídolos. Serão severamente responsabilizados outro dia aqueles que, enquanto condenam o pecado em outrem, fazem o mesmo, ou pior, eles mesmos.

2. Que eles desonraram a Deus com seus pecados (vv. 23,24). Enquanto Deus e sua lei eram uma honra para eles, na qual se orgulhavam, eles se tornaram uma desonra para Deus e sua lei, ao darem ocasião aos de fora a pensar sobre sua religião como se ela apoiasse e permitisse tais coisas, que, como é o seu pecado que gera tais inferências (porque os erros dos que professam não devem ser lançadas sobre a profissão de fé), assim é o

seu pecado que dá ocasião para aquelas inferências, e agravam enormemente o fracasso deles. Essa foi a condenação no caso de Davi, "*...porquanto com esse feito deu lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemassem*" (2 Sm 12.14). E o apóstolo aqui se refere à mesma acusação contra seus antepassados: "*Como está escrito*" (v. 24). Ele não menciona o lugar, porque ele escreveu isso para aqueles que eram instruídos na lei (na tarefa de convencer, é uma vantagem tratar com aqueles que têm conhecimento e estão familiarizados com a Escritura), mas ele parece apontar para Isaías 52.5; Ezequiel 36.22,23; e 2 Sm 12.14. É uma pena que aqueles que foram feitos para "*ser para Deus um nome e um louvor*" sejam para Ele uma vergonha e desonra. O grande dano dos pecados dos que professam a fé é a desonra feita a Deus e à doutrina cristã por sua confissão. "*...blasfemado entre os gentios por causa de vós*; ou seja, dais ocasião para isso, e por causa de vossa loucura e descuido. As reprimendas que sofreis refletem sobre vosso Deus, e a fé cristã é ferida de ambos os lados". Um bom alerta para que os que a professam caminhem *cautelosamente*. Veja 1 Tm 6.1.

III Ele afirma a expressa insuficiência de sua confissão para os purificar da culpa dessas provocações (vv. 25-29): "*...a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei*"; isto é, judeus obedientes não perderão a recompensa de sua obediência, mas ganharão isso sendo judeus, pois eles têm uma regra mais clara de obediência do que os gentios. Deus não concedeu a lei nem ordenou a circuncisão em vão. Isso deve ser atribuído ao estado dos judeus anterior à política cerimonial ser abolida, sob outros aspectos a circuncisão para alguém que professava a fé em Cristo era proibida (Gl 5.2). Mas aqui ele está falando aos judeus, cujo judaísmo os beneficiaria, se eles tão-somente vivessem segundo as regras e leis dele; mas se não: "*...a tua circuncisão se torna em incircuncisão;* isto é, tua confissão não te fará nenhum bem; tu não serás mais justificado do que os gentios não circuncidados, mas será mais condenado por pecar contra uma luz maior". Os incircuncisos são estigmatizados na Escritura como *imundos* (Is 52.1), como "*...estranhos aos concertos da promessa*" (Ef 2.11,12), e os judeus ímpios serão tratados como tais. Veja Jr 9.25,26.

Para ilustrar melhor isso:

1. Ele mostra que se os gentios incircuncisos vivem segundo a luz que eles têm, estão no mesmo nível que os judeus; se eles guardam "*...os preceitos da lei* (v. 26), cumprem *a lei*" (v. 27); isto é, ao se submeterem sinceramente à conduta da luz natural, cumprem a exigência da lei. Alguns entendem isso como sugestão de uma obediência perfeita à lei: "Se os gentios pudessem de maneira perfeita guardar a lei, eles seriam justificados por ela tanto quanto os judeus". Mas parece antes querer dizer uma obediência que alguns dos gentios atingiram. O caso de Cornélio deixa isso claro. Embora ele fosse um gentio e incircunciso, contudo, sendo um homem "*...piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa*" (At 10.2), ele foi aceito (v. 4). Sem dúvida, houve muitos exemplos: e eles "*...eram a incircuncisão,* que guardava *os preceitos da lei*"; e desses ele diz: (1) Que eles foram aceitos por Deus, como se fossem circuncidados. Sua *incircuncisão* era contada *como circuncisão.* A circuncisão era na verdade *para os judeus* algo obrigatório, mas não era para todo o mundo uma condição necessária de justificação e salvação. (2) Que sua obediência era um forte agravante à desobediência dos judeus, que tinham a letra da lei (v. 27). "*...te julgará,* isto é, ajuda a aumentar a tua condenação, tu que *pela letra e circuncisão és transgressor da lei*". Observe: Para os crentes carnais a lei é apenas a letra; eles a lêem como um simples escrito, mas não são regidos por ela como uma lei. Eles transgrediram, não somente apesar da letra e circuncisão, mas por ela, ou seja, eles desse modo se endureceram no pecado. Privilégios externos, se eles não nos fazem bem, nos ferem. A obediência daqueles que desfrutam de menos meios e fazem menos confissão ajudará a condenar aqueles que desfrutam de maiores meios e fazem maior confissão, mas não vivem de acordo.

2. Ele descreve a verdadeira circuncisão (vv. 28,29). (1) "*...nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne*". Isto não deve nos desviar da observância de instituições externas (elas são boas em seu lugar), mas de confiar nelas e descansar nelas como suficientes para nos levar ao céu, tendo nome de vivo sem na verdade estar vivo. "*...não é judeu...*", isto é, não deve ser aceito por Deus como a semente da crença de Abraão, nem reconhecido como tendo respondido à intenção da lei. Ser filho de Abraão é realizar as obras de Abraão (Jo 8.39,40). (2) É *aquilo* que está por dentro, no coração e no espírito. É o coração que Deus olha, o circuncidar do coração que nos torna aceitáveis a Ele. Veja Dt 30.6. Essa é "*...a circuncisão não feita por mão*" (Cl 2.11,12). *Destruindo o corpo do pecado.* Assim é no espírito, em nosso espírito como o sujeito, e forjado pelo Espírito de Deus como o autor disso. (3) O louvor resultante, embora não provenha *de homens*, que julgam de acordo com a aparência exterior, contudo é *de Deus,* isto é, o próprio Deus reconhecerá, aceitará e coroará essa sinceridade; porque *ele não vê como o homem vê.* Pretensões justas e confissão plausível podem iludir os homens: mas Deus não pode ser enganado dessa maneira; Ele vê a realidade por trás das aparências. Isso é igualmente verdadeiro acerca do cristianismo. Não é um cristão aquele que o é somente por fora, nem é batismo aquele que o é do lado externo da carne; mas um cristão o é internamente, e batismo é aquele do coração, no espírito e não na letra, cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus.

CAPÍTULO 3

O apóstolo continua, nesse capítulo, seu discurso acerca da justificação. Ele já provou a culpa tanto de gentios quanto de judeus. Agora, neste capítulo: I. Ele responde algumas das objeções que podem ser feitas contra o que ele disse sobre os judeus (vv. 1-8). II. Ele afirma a culpa e a corrupção da humanidade em geral, tanto de judeus quanto de gentios (vv. 9-18). III. Ele argumenta daí que a justificação deve necessariamente ser pela fé, e não pela lei, para o que ele dá vários motivos (vv. 19-31). As muitas digressões em seus escritos tor-

nam seu discurso às vezes um pouco difícil, mas seu objetivo é evidente.

As Vantagens dos Judeus. As Objeções São Respondidas. A Depravação dos Judeus e Gentios

vv. 1-18

I Aqui o apóstolo responde a várias objeções, que podem ser feitas, para abrir caminho. Nenhuma verdade pode ser tão clara e evidente que juízos ímpios e corações carnais e corruptos não tenham algo a dizer contra ela; mas as verdades divinas não devem ter sofismas.

Objeção 1. Se judeus e gentios estão no mesmo nível diante de Deus: "*Qual é, logo, a vantagem do judeu?*" Não tem Deus muitas vezes falado com um grande respeito acerca dos judeus, como um povo diferente (Dt 33.29), uma nação santa, um tesouro particular, a semente de seu amigo Abraão? Ele não instituiu a circuncisão como um emblema de que alguém pertence a seu povo escolhido, e como um selo da sua relação de aliança com Deus? Então, essa doutrina de nivelamento não nega a eles todas essas prerrogativas e reflete a desonra sobre a ordenança da circuncisão, como uma coisa infrutífera e insignificante?

Resposta. Os judeus são, apesar disso, um povo grandemente privilegiado e honrado, que tem grandes meios e ajudas, embora esses não sejam infalivelmente para salvação (v. 2): "*Muita, em toda maneira*". A porta está aberta aos gentios assim como aos judeus, mas os judeus têm um caminho mais reto para essa porta, por causa de seus privilégios de igreja, que não devem ser desvalorizados, embora muitos que os têm pereçam eternamente por não aprimorá-los. Ele admite muitos dos privilégios dos judeus (Rm 9.4,5); aqui ele menciona apenas um (que é na verdade *instar omnium – o equivalente a todos*), de que "*...as palavras de Deus lhe foram confiadas*", isto é, as escrituras do Antigo Testamento, especialmente a lei de Moisés, que é chamada de "*...as palavras de vida*" (At 7.38), e aqueles tipos, promessas e profecias que se relacionam com Cristo e com o evangelho.

As Escrituras são as palavras de Deus: elas são uma revelação divina, elas provêm do céu, são de verdade infalível, e de conseqüência eterna como oráculos. A Septuaginta chama o Urim e o Tumim de *logia – os oráculos.* A Escritura é nosso peitoral do juízo. Nós devemos recorrer à lei e ao testemunho, como a um oráculo. O evangelho é chamado de as palavras de Deus (Hb 5.12; 1 Pe 4.11). Sendo assim, esses oráculos foram confiados aos judeus; o Antigo Testamento foi escrito no idioma deles; Moisés e os profetas eram da nação deles, viveram entre eles, pregaram e escreveram principalmente para e em benefício dos judeus. Os oráculos foram confiados a eles como depositários para eras e igrejas posteriores. O Antigo Testamento foi depositado em suas mãos, para ser preservado cuidadosamente puro e incorrupto, e assim transmitido à posteridade. Os judeus foram os bibliotecários dos cristãos; foi-lhes confiado aquele tesouro sagrado para o seu próprio uso e benefício em primeiro lugar, e em seguida para o benefício do mundo; e, preservando a letra da escritura, eles foram muito fiéis à sua comissão, não perderam um jota ou um til, no que nós devemos reconhecer a providência e o cuidado gentil de Deus. Os judeus tinham os meios da salvação, mas não tinham o monopólio da salvação. Agora isso ele menciona com um *primeiramente*, *proton men gar* – esse foi seu privilégio primordial e principal. O prazer na palavra de Deus e nas suas ordenanças é a principal felicidade de um povo, é para ser posto no *imprimis* das suas vantagens (Dt 4.8; 33.3; Sl 147.20).

Objeção 2. Contra o que ele tinha dito das vantagens que os judeus tinham nos oráculos vivos, alguns poderiam recorrer à incredulidade de muitos deles. Com que propósito foram confiados os oráculos de Deus a eles, quando tantos deles, não obstante esses oráculos, continuaram estranhos a Cristo, e inimigos do seu evangelho? "*...alguns foram incrédulos*" (v. 3).

Resposta. É bem verdade que a maioria dos judeus atuais não acredita em Cristo; mas "*...a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus?*". O apóstolo se assusta com tal pensamento: "*De maneira nenhuma!*" A infidelidade e obstinação dos judeus não poderia invalidar e subverter aquelas profecias do Messias que estavam contidas nos oráculos confiados a eles. Cristo será glorioso, embora "*...Israel não se deixe ajuntar*" (Is 49.5). As palavras de Deus serão cumpridas, seus propósitos, executados, e todos seus fins, atingidos, ainda que haja uma geração que por sua incredulidade continue a fazer de Deus um mentiroso. "*Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso*"; que cumpramos esse princípio, de que Deus é verdadeiro em toda palavra que Ele tem falado, e não deixará que nenhum dos seus oráculos caia ao chão, ainda que por isso associemos a mentira ao homem; é melhor questionar e subverter o crédito de todos os homens no mundo do que duvidar da fidelidade de Deus. O que Davi disse em sua precipitação (Sl 116.11), que todos os homens são *mentira*, Paulo aqui afirma deliberadamente. A mentira é um aspecto daquele velho homem que reveste a todos nós quando chegamos ao mundo. Todas as pessoas são inconstantes e mutáveis, e dadas à mudança, "*...vaidade e mentira*" (Sl 62.9), "*...totalmente vaidade*" (Sl 39.5). Todos os homens são mentirosos, comparados com Deus. É muito confortável, quando descobrimos que todo homem é mentiroso (nenhuma fé no homem), saber que Deus é fiel. Quando "*...eles falam com falsidade ao seu próximo*, é muito confortável pensar *que as palavras do Senhor são palavras puras*" (Sl 12.2,6). Como mais uma prova disso ele cita Salmos 51.4: "*Para que sejas justificado...*", cujo objetivo é mostrar: 1. Que Deus preserva e preservará sua própria honra no mundo, apesar dos pecados dos homens. 2. Que é nosso dever, em todas as nossas conclusões sobre nós mesmos e os outros, justificar a Deus e afirmar e manter sua justiça, verdade e bondade, por mais difícil que seja. Davi põe uma carga sobre si mesmo com essa confissão, para que ele pudesse justificar a Deus, e o absolver de qualquer injustiça. Assim aqui, que o crédito ou reputação do homem faça sua própria defesa, não é importante se ela sobrevive ou fracassa; que nós sustentemos essa conclusão, por mais capciosas que as premissas possam ser em contrário, que "*...o SENHOR é íntegro em todos os seus caminhos, e santo em todas as suas obras*". Assim, Deus é justificado em suas declarações, e puro quando Ele julga

(como diz Sl 51.4), ou quando *ele é julgado*, como está aqui traduzido. Quando os homens presumem disputar com Deus e seus procedimentos, podemos estar seguros de que a sentença favorecerá o lado de Deus.

Objeção 3. Conseqüentemente os corações carnais poderiam ter oportunidade para encorajar-se no pecado. Ele tinha dito que a culpa e corrupção universais do gênero humano deram ocasião à manifestação da justiça de Deus em Jesus Cristo. Sendo assim, pode-se sugerir: Se todo nosso pecado está longe de subverter a honra de Deus a ponto de recomendá-la, e seus fins estão assegurados, de forma que ela não sofre nenhum dano, não é injusto para Deus castigar nosso pecado e incredulidade tão severamente? Se a injustiça dos judeus deu oportunidade ao chamado dos gentios, e assim aumentou a glória de Deus, por que os judeus são tão censurados? "*E, se a nossa injustiça for causa da justiça de Deus, que diremos?*" (v. 5). Que conclusão pode ser tirada disso? "*...será Deus injusto? Me adikos ho theos – Deus não é injusto* (pode ser lido assim, mais na forma de uma objeção) *trazendo ira sobre nós?*" Corações descrentes alegremente aproveitarão qualquer ocasião para discutir sobre a justiça dos procedimentos de Deus e para condenar aquele que é mais justo (Jó 34.17). "*Falo como homem*", quer dizer, eu contesto isso como a linguagem de corações carnais; isto é sugerido como homem, uma criatura vã, tola, orgulhosa.

Resposta. "*De maneira nenhuma!*"; longe de nós imaginar tal coisa. Sugestões que implicam na desonra a Deus e à sua justiça e santidade devem antes causar espanto e não ser negociadas. Para trás de mim, Satanás; nunca conceba tal pensamento. "*Doutro modo, como julgará Deus o mundo?*" (v. 6). O argumento é como aqueles de Abraão (Gn 18.25): "*Não faria justiça o Juiz de toda a terra*?" Sem dúvida que sim. Se Ele não fosse infinitamente justo e íntegro, Ele seria incapaz de ser o Juiz de toda a terra. "*Porventura, o que aborrecesse o direito governaria*?" (Jó 34.17). Compare com Jó 34.18,19. O pecado jamais tem menos de malignidade e demérito em si mesmo quando Deus traz glória para si a partir dele. É apenas acidentalmente que o pecado aprova a justiça de Deus. Nenhum agradecimento ao pecador por isso, que não tem esse objetivo. A consideração do juízo de Deus sobre o mundo deveria silenciar para sempre todas as nossas indagações sobre, e críticas a, sua justiça e eqüidade. Não cabe a nós censurar os procedimentos de um Soberano absoluto como esse. A sentença do tribunal supremo, da qual não é possível recorrer, não deve ser posta em questão.

Objeção 4. A objeção anterior é repetida e levada adiante (vv. 7,8), porque os corações orgulhosos dificilmente sairão de seu refúgio de mentiras, ao contrário, ficarão firmes no engano. Mas a apresentação de sua objeção em suas próprias cores é suficiente para respondê-la: "*...se pela minha mentira abundou mais a verdade de Deus*". Ele supõe que os sofistas sigam suas objeções deste modo: "Se minha mentira, quer dizer, meu pecado (pois há algo de mentira em todo pecado, especialmente nos pecados dos que professam) ocasionou a glorificação da verdade e fidelidade de Deus, por que eu deveria ser julgado e ser condenado '*...como pecador*', e não, ao contrário, ser encorajado a continuar em meu pecado, para que a graça possa abundar?", uma conclusão que à primeira vista parece muito sombria para ser discutida, e passível de ser repelida com aversão. Pecadores ousados valem-se da ocasião para se orgulhar do erro, porque "*...a bondade de Deus permanece continuamente*" (Sl 52.1). "*Façamos males, para que venham bens*" encontra-se com mais freqüência no coração do que na boca dos pecadores, desse modo justificando a si mesmos em seus maus caminhos. Mencionando esse pensamento ímpio, ele observa, em um parêntese, que havia aqueles que atacavam doutrinas como essa de Paulo e seus co-ministros. Alguns afirmam que nós dizemos assim. Não é nenhuma novidade para os melhores dentre os ministros e povo de Deus serem acusados de sustentar e ensinar tais coisas quando eles as consideram as mais detestáveis e abomináveis; e não deve ser considerado estranho, quando nosso próprio Mestre foi acusado de ter aliança com Belzebu. Muitos foram criticados como se eles tivessem dito o contrário do que eles sustentam: esse é um antigo artifício de Satanás, lançar sujeira sobre os ministros de Cristo: *Fortiter calumniari, aliquid adhaerebit – Lance muitas calúnias, pois alguma certamente pegará.* Os melhores homens e as melhores verdades estão sujeitos à difamação. O bispo Sanderson faz uma observação adicional a isso: *como somos blasfemados – blasfemoumetha.* A blasfêmia na Escritura em geral significa o mais alto grau de calúnia, falar mal de Deus. A calúnia de um ministro e sua doutrina regular é mais do que uma calúnia comum, é um tipo de blasfêmia, não por causa da própria pessoa, mas por causa de seu chamado e por causa de sua obra (1 Ts 5.13).

Resposta. Ele não diz mais nada como refutação senão que, qualquer coisa que possam argumentar, a condenação daqueles é justa. Alguns entendem que ele fala dos caluniadores; Deus condenará justamente aqueles que injustamente condenam sua verdade. Ou, antes, trata-se daqueles que encorajam a si mesmos no pecado sob o pretexto de que isso resultará em glória para Deus. Aqueles que deliberadamente fazem o mal para que o bem possa vir dele estarão tão longe de escapar, sob o abrigo dessa desculpa, que ela vai antes é justificar a condenação deles, e os tornará ainda mais indesculpáveis; pois pecar sobre tal suposição e com tal confiança evidencia muito tanto da esperteza quanto da vontade no pecado – uma vontade ímpia deliberadamente escolhe o mal, e a esperteza ímpia o abranda com a desculpa do bem que resulta dele. Portanto, sua condenação é justa; e, qualquer que seja a desculpa deste tipo com que eles possam agora agradar a si mesmos, nenhum deles ficará bem no grande dia, mas Deus será justificado em seus procedimentos, e toda carne, até mesmo a carne orgulhosa que agora se exalta contra Ele, ficará em silêncio diante dele. Alguns pensam que Paulo aqui se refere à iminente ruína da religião e nação judaicas, que sua obstinação e autojustificação em sua incredulidade apressaram sobre eles.

II Paulo, depois de remover essas objeções, revive em seguida sua afirmação da culpa e corrupção geral da humanidade como um todo, tanto dos judeus como dos gentios (vv. 9-18). "*Somos nós mais excelentes* do que eles, nós judeus, a quem foram confiados os orá-

culos de Deus? Isso nos recomenda a Deus ou isso nos justificará? Não, De maneira nenhuma!" Ou: "Somos, nós cristãos (judeus e gentios), tanto melhores anteriormente do que a parte descrente a ponto de ter merecido a graça de Deus? Não: antes que a graça gratuita fizesse a diferença, aqueles de nós que tinham sido judeus e aqueles que tinham sido gentios eram todos igualmente corruptos". "...*todos estão debaixo do pecado*". Debaixo da culpa do pecado: debaixo dele como debaixo de uma sentença; debaixo dele como debaixo da escravidão, pela qual elas estão destinados à ruína e à condenação eternas; debaixo dele como debaixo de um fardo (Sl 38.4), que os afundará ao mais profundo inferno: nós somos culpados diante de Deus (v. 19). Sob o governo e domínio do pecado: debaixo dele como debaixo de um tirano e cruel feitor, escravizados a ele; debaixo dele como debaixo de um jugo; sob o seu poder, vendidos para operar a impiedade. E isso ele provou, *proetiasametha.* É uma condição da lei: Nós os acusamos com isso, e provamos nossa acusação; nós provamos a denúncia, nós os condenamos pela evidência notória do fato. Essa acusação e condenação ele aqui também ilustra com diversas passagens do Antigo Testamento, que descrevem o estado corrupto e depravado de todos os homens, até que o túmulo os detenha ou os mude, de maneira que aqui como por um espelho nós podemos contemplar nossa face natural.

Os versículos 10, 11 e 12 são tomados de Salmos 14.1-3, que são repetidos por conter uma verdade de muito peso (Sl 53.1-3). O restante que se segue é encontrado na tradução da Septuaginta de Salmos 14, que alguns consideram que o apóstolo escolhe seguir por ser mais conhecida; mas eu prefiro pensar que Paulo tomou essas passagens de outras partes da Escritura aqui referidas, que em cópias posteriores da LXX foram todas acrescentadas a Salmos 14 por causa deste discurso de Paulo. É observável que, para provar a corrupção geral da natureza, ele cita algumas escrituras que falam das corrupções particulares de pessoas individuais, como de Doegue (Sl 140.3), dos judeus (Is 59.7,8), o que mostra que os mesmos pecados que são cometidos por uns estão na natureza de todos. Os tempos de Davi e Isaías foram alguns dos melhores tempos, e, no entanto, ele se refere aos seus dias. O que é dito em Salmos 14 é expressamente dito a respeito de *todos os filhos dos homens*, e isso de um ponto de vista e inspeção particular, feita pelo próprio Deus. *O Senhor olhou para baixo*, como sobre o mundo antigo (Gn 6.5). E esse juízo de Deus foi de acordo com a verdade. Aquele que, quando Ele mesmo tinha feito tudo, olhou para tudo que havia feito, e viu que tudo era muito bom, agora que o homem arruinou tudo, Ele olhou, e viu que tudo era muito mau. Vejamos os indivíduos. Observe:

1. Aquilo que é habitual, que é duplicado:

(1) Um defeito habitual de tudo que é bom. [1] "*Não há um justo*", nenhum que tenha um princípio bom e honesto de virtude, ou é governado por um tal princípio, ninguém que retenha qualquer coisa daquela imagem de Deus, que consiste na justiça, na qual o homem foi criado; não, "...*nem um sequer*"; implicando que se houvesse apenas um, Deus o teria descoberto. Quando todo o mundo era corrupto, Deus colocou seus olhos sobre um justo, Noé. Mesmo aqueles que através da graça são justificados e santificados não são, nenhum deles, justos por natureza. Nenhuma justiça nasce conosco. O homem segundo o coração do próprio Deus declara-se concebido em pecado. [2] "*Não há ninguém que entenda*" (v. 11). A falta está na corrupção do entendimento, que é cego, depravado e pervertido. A religião e a justiça têm tanta razão a seu lado que se as pessoas tivessem algum entendimento elas seriam melhores e fariam o melhor. Mas eles não compreendem. Pecadores são loucos. [3] "...*ninguém que busque a Deus*", isto é, ninguém que tenha qualquer respeito por Deus, qualquer desejo por Ele. Esses que não buscam a Deus podem com razão ser considerados como não tendo entendimento. A mente carnal está tão longe de buscar a Deus que realmente se torna inimizade contra Ele. [4] "...*juntamente se fizeram inúteis*" (v. 12). Aqueles que abandonaram a Deus logo não servem para nada, são fardos inúteis da terra. Os que estão em estado de pecado são as criaturas mais infrutíferas debaixo do sol; por isso a seqüência: [5] "*Não há quem faça o bem*"; não, nem um homem justo sobre a terra, que faça o bem, e não peque (Ec 7.23). Mesmo naquelas ações dos pecadores em que há alguma bondade, há um erro fundamental no princípio e no fim; de maneira que se pode dizer: Não há ninguém que faça o bem. *Malum oritur ex quolibet defectu – Todo defeito é fonte do mal.*

(2) Um defeito habitual em cada coisa que é má: "*Todos se extraviaram...*". Não é de admirar-se que esses que erram o caminho certo não busquem a Deus, a finalidade mais sublime. Deus fez o homem no caminho, colocou-o na direção certa, mas esse o abandonou. A corrupção da humanidade é uma apostasia.

2. Aquilo que é real. Que bem pode ser esperado de uma raça degenerada? Ele exemplifica:

(1) Com as palavras deles (vv. 13,14), em três coisas em particular: [1] Crueldade: "...*sua garganta é um sepulcro aberto*", pronta para engolir o pobre e inocente, aguardando uma oportunidade para enganar, como a antiga serpente procurando devorar, cujo nome é Abadom e Apoliom, o destruidor. E mesmo quando eles não declaram abertamente essa crueldade e a descarregam publicamente, eles estão veladamente gerando a discórdia: a "...*peçonha de áspides está debaixo de seus lábios*" (Tg 3.8), o veneno mais forte e incurável, com o qual eles destroem o bom nome de seu próximo com críticas e atingem sua vida com falso testemunho. Essas passagens são tomadas por empréstimo de Salmos 5.9 e 140.3. [2] Engano: "...*com a língua tratam enganosamente*". Aqui eles se mostram os filhos do diabo, por que ele é um mentiroso, e o pai das mentiras. Eles *tratam enganosamente*: isso dá a entender que eles fizeram um comércio da mentira; é sua prática constante, especialmente caluniar os caminhos e o povo de Deus. [3] Amaldiçoar: censurando Deus e blasfemando seu santo nome; desejando o mal para seus irmãos: "...*cuja boca está cheia de maldição e amargura*". Isto é mencionado como um dos grandes pecados da língua (Tg 3.9). Mas aqueles que gostam de amaldiçoar assim terão o bastante disso (Sl 109.17-19). Quantos, que se chamam cristãos, mostram por esses pecados que eles ainda estão sob o reino e domínio do pecado, estão ainda na condição na qual nasceram.

(2) Em seus caminhos (vv. 15-17): "*Os seus pés são ligeiros para derramar sangue*"; isto é, eles são muito aplicados em tramar qualquer plano cruel, prontos para agarrar todas as oportunidades. Aonde quer que eles vão, a *destruição e a miséria* os acompanham; essas estão em sua companhia – destruição e miséria para o povo de Deus, para o país e vizinhança onde eles vivem, para a terra e nação, e por fim para si mesmos. Além da destruição e a miséria que estão no fim de seus caminhos (a morte é o fim dessas coisas), a destruição e a miséria estão *em* seus caminhos; o pecado deles é seu próprio castigo: um homem não necessita de nada mais para se tornar miserável do que ser um escravo de seus pecados. "...*e não conheceram o caminho da paz*"; isto é, eles não sabem como preservar a paz com outros, nem como obter a paz para si mesmos. Eles podem falar de paz, a paz conforme a que há no palácio do diabo, enquanto ele a mantém, mas eles são estranhos a toda paz verdadeira; eles não conhecem as coisas que pertencem a sua paz. Esses são citados de Provérbios 1.16 e Isaías 59.7,8.

(3) Nós temos a raiz de tudo isso: "*Não há temor de Deus diante de seus olhos*" (v. 18). O temor de Deus está aqui posto para toda religião prática, que consiste em um reverente e sério respeito à palavra e vontade de Deus como nossa regra, e à honra e glória de Deus como nosso fim. As pessoas ímpias não têm isso diante de seus olhos; isto é, elas não se guiam por isso; elas são governadas por outras regras, objetivam a outros fins. Isso é citado de Salmos 36.1. Onde não há nenhum temor de Deus, nenhum bem deve ser esperado. O temor de Deus deve pôr um freio em nossos espíritos e mantê-los na retidão (Ne 5.15). Uma vez que o temor é expulso, a oração é diminuída (Jó 15.4), e então tudo cai e se arruína rapidamente. De maneira que nós temos aqui um breve relato da depravação e corrupção geral da humanidade; e que se diga: ó Adão! Que fizeste? Deus fez o homem correto, mas ele buscou muitas invenções.

A Justificação pela Fé. Cristo, a Propiciação

vv. 19-31

De tudo isso Paulo deduz que é inútil procurar por justificação pelas obras da lei; que ela deve ser obtida somente pela fé, que é o ponto que ele tem todo esse tempo procurado provar, a partir do capítulo 1.17, e que ele estabelece (v. 28) como o sumário de seu discurso, com um *quod erat demonstrandum – que era para ser demonstrado. "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei"*; não pelas obras da primeira lei da pura inocência, que não deixava espaço para o arrependimento, nem pelas obras da lei da natureza, por superiores que fossem, nem pelas obras da lei cerimonial (o sangue de touros e bodes não podiam tirar o pecado), nem pelas obras da lei moral, que certamente estão incluídas; pois ele fala daquela lei pela qual há o conhecimento do pecado e aquelas obras que podem ser questão de orgulho. O homem, em seu estado depravado, sob o poder dessa corrupção jamais poderia, por quaisquer obras próprias, obter aceitação da parte de Deus; mas isso deve ser solucionado puramente na livre graça de Deus, dada através de Jesus Cristo a todos os crentes verdadeiros que a recebem como um dom gratuito. Se jamais tivéssemos pecado, nossa obediência à lei seria nossa justiça: "Faça isso e viva". Mas tendo pecado, e sendo corrompidos, nada que possamos fazer expiará nossa antiga culpa. Era por sua obediência à lei moral que os fariseus esperavam justificação (Lc 18.11). Sendo assim, há duas coisas das quais o apóstolo argumenta aqui: a culpabilidade do homem, para provar que nós não podemos ser justificados pelas obras da lei, e a glória de Deus, para provar que nós devemos ser justificados pela fé.

I Ele argumenta a partir da culpabilidade do homem, para mostrar a loucura de esperar justificação pelas obras da lei. O argumento é bastante claro: nós jamais podemos ser justificados e salvos pela lei que nós temos infringido. Um traidor condenado jamais pode se livrar apelando para a lei de 25 Eduardo III, pois essa lei revela seu crime e o condena: na verdade, se ele jamais a infringiu, ele poderia ter sido justificado por ela; mas agora que aconteceu de ele tê-la infringido, então não há meio de se livrar senão apelando ao ato de imunidade, com base no qual ele se entregou e se submeteu, e humilde e penitentemente reivindica o seu benefício e se lança sobre ele. Sendo assim, a respeito da culpabilidade do homem:

1. Ele a fixa de maneira particular sobre os judeus: porque eles eram os homens que tinham seu orgulho na lei e procuravam justificação por meio dela. Ele citou diversas passagens do Antigo Testamento para mostrar essa corrupção: Agora, ele diz (v. 19), "...*tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz*"; essa condenação pertence tanto aos judeus quanto a outros, porque está escrita em sua lei. Os judeus se orgulhavam de estar sob a lei, e colocavam muita confiança nela: "Mas", diz ele, "a lei te sentencia e te condena – tu sabes disso". Para "...*que toda boca esteja fechada*" – para que todo orgulho possa ser silenciado. Veja o método que Deus emprega tanto ao justificar quanto ao condenar: Ele fecha cada boca; aqueles que são justificados têm suas bocas fechadas por uma convicção humilde; aqueles que são condenados também têm suas bocas fechadas, porque eles no final serão sentenciados (Jd 15), e enviados calados para o inferno (Mt 22.12). "*Todos os iníquos fecham a boca*" (Sl 107.42).

2. Ele estende isso em geral a todo o mundo: Para "...*que todo o mundo seja condenável diante de Deus*". Se o mundo está no maligno (1 Jo 5.19), sem dúvida ele é culpado. *Seja condenável*; isto é, possa ser provado culpado, passível de punição, todos por natureza sendo "...*filhos da ira*" (Ef 2.3). Todos eles devem se declarar culpados; aqueles que se baseiam em sua própria justificação certamente serão expulsos. Culpado diante de Deus é uma palavra terrível, diante de um Deus onisciente, que não é, nem pode ser, iludido em seu julgamento – diante de um juiz justo e íntegro, que de nenhum modo inocentará o culpado. Todos são culpados e, portanto, todos necessitam de uma justiça com a qual aparecer diante de Deus. "*Porque todos pecaram*" (v. 23); todos são pecadores por natureza, pela prática, e "...*destituídos estão da glória de Deus*" – fracassaram naquilo que é a principal finalidade do homem. *Destituídos*

(*estão aquém*, versão inglesa KJV), como o arqueiro sem o alvo, como o corredor sem o prêmio; desse modo, estão aquém, não somente por não ganhar, mas por serem grandes perdedores. *Destituídos da glória de Deus.* (1) Eles não glorificaram a Deus. Veja capítulo 1.21: "*Eles não o glorificaram como Deus*". O homem foi estabelecido como cabeça da criação visível, para ativamente glorificar aquele grande Criador a quem as criaturas inferiores poderiam glorificar somente de forma impessoal; mas o homem, por causa do pecado, fracassa nisso e, ao invés de glorificar a Deus, o desonra. É uma consideração muito triste, olhar para os filhos dos homens, que foram feitos para glorificar a Deus, e pensar quão poucos há que o fazem. (2) Não se gloriaram *diante de Deus.* Não há nenhuma presunção de inocência; se nós nos aproximamos para nos gloriar diante de Deus, nos orgulhar de qualquer coisa que somos, ou temos, ou fazemos, isso será uma eterna interdição – nós todos pecamos, e isso nos silenciará. Nós podemos nos gloriar diante dos homens, que têm visão curta e não podem sondar nossos corações, que são corruptos como nós somos e muito bem afeitos ao pecado; mas não há como se gloriar diante de Deus, que não tolera contemplar a iniqüidade. (3) Destituídos de serem glorificados por Deus. Destituídos da justificação ou aceitação por parte de Deus, que é a gloria começada – destituídos da santidade ou santificação, que é a imagem gloriosa de Deus no homem, e têm subvertido todas as esperanças e expectativas de serem glorificados com Deus no céu por qualquer justiça pessoal. É impossível agora chegar ao céu pelo caminho da inocência imaculada. Essa passagem está obstruída. Há um querubim e uma espada flamejante colocados para guardar o caminho que leva à árvore da vida.

3. Além de nos demover de esperar justificação pela lei, ele atribui essa sentença à lei (v. 20): "*...porque pela lei vem o conhecimento do pecado*". Essa lei que nos convence e nos condena jamais poderá nos justificar. A lei é a regra reta, esse *rectum* que é *index sui et obliqui – aquilo que aponta o certo e o errado;* é o adequado uso e propósito da lei abrir nossa ferida, e, portanto, não pode ser o remédio. Aquilo que é usado para examinar não é usado para curar. Aqueles que deveriam conhecer o pecado devem chegar ao conhecimento da lei em seu rigor, extensão e natureza espiritual. Se nós compararmos nossos próprios corações e vidas com a regra, descobrimos onde nós nos desviamos. Paulo faz esse uso da lei (cap. 7.9): "*Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei*". Observe: (1) *Nenhuma carne será justificada,* nenhum homem, nenhum homem corrupto (Gn 6.3), *porque ele também é carne*, pecaminosa e depravada; portanto, não justificada, porque somos carne. A corrupção que permanece em nossa natureza obstruirá para sempre qualquer justificação por nossas próprias obras, que, vindas da carne, devem necessariamente ter o gosto do barril (Jó 14.4). (2) Não justificado *diante dele*. Ele não nega aquela justificação decorrente das obras da lei à vista da igreja judaica: elas estavam, em sua igreja-Estado, como que incorporadas em uma sociedade, em um povo santo, em uma nação de sacerdotes; mas como a consciência está em relação a Deus, *diante dele*, nós não podemos ser justificados pelas obras da lei. O apóstolo se refere a Salmos 143.2.

II Ele argumenta com base na glória de Deus, para provar que a justificação deve ser esperada somente pela fé na justiça de Cristo. Não há justificação pelas obras da lei. Então, o homem culpado deve permanecer eternamente debaixo da ira? Não há esperança? A ferida se tornou incurável por causa da transgressão? Não, louvado seja Deus, de forma nenhuma (vv. 21,22); há um outro caminho que foi aberto para nós, "*...agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus*", sob o evangelho. A justificação pode ser obtida sem a observância da lei de Moisés: e essa é chamada de *a justiça de Deus*, justiça de sua ordenação, provisão e aceitação – justiça que Ele confere a nós; como a armadura cristã é chamada de "*...armadura de Deus*" (Ef 6.11).

1. Então, a respeito dessa justiça de Deus, observe: (1) Que ela se manifestou. O caminho de justificação do evangelho é um caminho sublime, plano, que está aberto para nós: a serpente de bronze é levantada sobre o mastro; nós não somos deixados para tatear nosso caminho no escuro, antes, ele foi manifestado a nós. (2) É *sem a lei.* Aqui ele evita o método dos cristãos judaizantes, que precisavam juntar Cristo e Moisés – tendo Cristo por Messias, e, no entanto, muito amavelmente retendo a lei, observando suas cerimônias e impondo-as aos gentios convertidos: Não, diz ele, é sem a lei. A justiça que Cristo trouxe é uma justiça completa. (3) Contudo, ela tem "*...o testemunho da lei e dos profetas*"; isto é, havia tipos, profecias e promessas no Antigo Testamento que apontavam para isso. A lei está tão longe de nos justificar que ela nos leva para um outro caminho de justificação, ela aponta para Cristo como nossa justiça, a quem todos os profetas dão testemunho. Veja At 10.43. Isso poderia recomendá-la aos judeus, que eram tão simpáticos à lei e aos profetas. (4) É pela "*...fé em Jesus Cristo*", essa fé que tem Jesus Cristo como seu objeto – um *Salvador ungido*, isto é o que "Jesus Cristo" significa. A fé justificadora respeita Cristo como um Salvador em todos os seus três ofícios ungidos, como profeta, sacerdote e rei – confiando nele, aceitando e aderindo a Ele em todos os três ofícios. É por isso que nós nos beneficiamos dessa justiça que Deus ordenou e que Cristo trouxe consigo. (5) É "*...para todos e sobre todos os que crêem*". Nessa expressão ele inculca aquilo em que ele tinha insistido muito, que judeus e gentios, quando crêem, estão no mesmo nível e são igualmente bem-recebidos por Deus através de Cristo; "*...porque não há diferença*". Ou, é *eis pantas – para todos*, oferecida a todos em geral; o evangelho não exclui ninguém que não exclua a si mesmo; mas é *epi pantas tous pisteuontas, sobre todos os que crêem*, não é somente oferecida a eles, mas colocada sobre eles como uma coroa, como um manto; eles estão, em sua fé, ligados a ela, e têm direito a todos os seus benefícios e privilégios.

2. Mas como isso resulta na glória de Deus?

(1) É para a glória de sua graça (v. 24): "*...justificados gratuitamente pela sua graça*" – *dorean te autou chariti.* É *pela sua graça*, não pela graça forjada em nós, como os papistas dizem, mas pelo favor gracioso de Deus para conosco, sem qualquer mérito em nós nem mesmo ser previsto. E, para tornar isso mais enfático, ele diz que é *gratuitamente pela sua graça*, para mostrar que isso deve ser entendido por graça no sentido mais próprio e genuíno. É dito que *José achou graça* aos olhos de seu senhor (Gn

39.4), mas houve uma razão; ele viu que o que José fazia prosperava. Havia algo em José que provocava aquela graça; mas a graça de Deus comunicada a nós vem *gratuitamente,* é uma graça livre, mera misericórdia; nada em nós há para merecer tal favor: não, tudo é "*...pela redenção que há em Cristo Jesus*". Ela vem livremente a nós, mas Cristo a comprou e pagou caro por ela, o que, no entanto, é assim ordenado para não diminuir a honra da graça livre. A compra feita por Cristo não é obstáculo à gratuidade da graça de Deus; porque a graça proporcionou e aceitou essa reparação vicária.

(2) É para a glória de sua justiça e integridade (vv. 25,26): "*...ao qual Deus propôs para propiciação...*". Note que: [1] Jesus Cristo é a grande propiciação, ou sacrifício propiciatório, tipificado pelo *hilasterion*, que era *o propiciatório,* no tempo da lei. Ele é nosso trono de graça, em e através de quem é feita a expiação pelo pecado e nossas personalidades e ações são aceitas por Deus (1 Jo 2.2). Ele é tudo em todos em nossa reconciliação, não somente o que a faz, mas a sua própria essência – nosso sacerdote, nosso sacrifício, nosso altar, nosso tudo. Deus estava em Cristo como em seu propiciatório, reconciliando o mundo consigo mesmo. [2] *Deus* o *propôs* para ser isso mesmo. Deus, a parte ofendida, faz as primeiras aberturas em direção à reconciliação, Ele aponta o árbitro; *proetheto* – o *preordenou* para isso, no conselho de seu amor desde a eternidade, designou-o, ungiu-o para isso, qualificou-o e o apresentou a um mundo culpado como propiciação para ele. Veja Mt 3.17 e 17.5. [3] Para que "*...pela fé no seu sangue*" nos beneficiemos dessa propiciação. Cristo é a propiciação; aí está o remédio que cura. A fé é a aplicação desse remédio na alma ferida. E essa fé na questão da justificação tem uma relação especial com o *sangue de Cristo*, como aquilo que fez a expiação; pois esse era o desígnio divino, que sem sangue não haveria remissão, e nenhum sangue senão o seu a tornaria eficaz. Aqui pode haver uma alusão à aspersão do sangue dos sacrifícios no tempo da lei, como em Êxodo 24.8. A fé é o feixe de hissopo e o sangue de Cristo é o sangue da aspersão. [4] Para que todos que estão, pela fé, envolvidos nessa propiciação tenham a "*...remissão dos pecados dantes cometidos*". Foi por isso que Cristo foi apresentado como uma propiciação, para a remissão, à qual a prorrogação de sua paciência e clemência foi um prefácio muito encorajador. "*...sob a paciência de Deus*". A paciência divina nos livrou do inferno, para que pudéssemos ter tempo de nos arrepender, e alcançar o céu. Alguns entendem que os *pecados dantes cometidos* são os pecados dos santos do Antigo Testamento, que foram perdoados por causa da expiação que Cristo na plenitude dos tempos devia fazer, a qual olhava para trás, como também para a frente. "*...dantes cometidos sob a paciência de Deus*". É devido à paciência divina que nós não fomos mortos no próprio ato do pecado. Diversos manuscritos gregos fazem *en te anoche tou theou – sob a paciência de Deus* começar o versículo 26, e eles denotam dois frutos preciosos do mérito de Cristo e da graça de Deus: a remissão: *dia ten paresin – pela remissão*; e o adiamento da sentença: a *paciência* de Deus. É devido à bondade do Mestre e à mediação do viticultor que as árvores estéreis são deixadas na vinha; e em ambos a justiça de Deus é declarada, visto que sem um mediador e uma propiciação Ele não somente não perdoaria, como também não teria paciência, nem desperdiçaria um momento; é devido a Cristo que sempre há um pecador fora do inferno. [5] Para que Deus em tudo isso demonstre "*...sua justiça*". Nisso ele insiste com muita ênfase: "*...para demonstração*", eu digo, "*da sua justiça neste tempo presente*". Isso é repetido como tendo em si algo de surpreendente. Ele demonstra sua justiça, em primeiro lugar, na propiciação em si. Jamais houve uma demonstração de justiça e santidade de Deus como houve na morte de Cristo. Parece que Ele odeia tanto o pecado que nada menos que o sangue de Cristo poderia pagar por ele. Ao encontrar pecado, embora apenas imputado, em seu próprio Filho, Ele não o poupou, pois Ele se fez pecado por nós (2 Co 5.21). As iniqüidades de todos nós são lançadas sobre Ele, embora Ele fosse o Filho de seu amor, contudo agradou ao Senhor moê-lo (Is 53.10). Em segundo lugar, no perdão daquela propiciação; assim, segue-se como explicação: "*...para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus*". Misericórdia e verdade estão tão juntas, justiça e paz de tal modo se ligam uma à outra, que agora se torna não somente um ato de graça e misericórdia, mas um ato de justiça, em Deus, perdoar os pecados de crentes arrependidos, tendo aceitado a reparação que Cristo pela morte fez a sua justiça em favor deles. Não conviria à sua justiça exigir o débito da principal quando o fiador a pagou e Ele aceitou o pagamento com plena satisfação. Veja 1 Jo 1.9. Ele é justo, isto é, fiel à sua Palavra.

(3) É para a glória de Deus; porque se alguém se orgulhar estará, assim, excluído, (v. 27). Deus terá a grande obra da justificação e salvação dos pecadores realizada do início ao fim de uma maneira que exclua o orgulho, para que nenhuma carne possa se gloriar em sua presença (1 Co 1.29-31). Ora, se a justificação fosse pelas obras da lei, orgulhar-se não seria excluído. Como seria? Se nós fôssemos salvos por nossas próprias obras, poderíamos colocar a coroa sobre nossas próprias cabeças. Mas a "*...lei da fé*", isto é, o caminho da justificação pela fé, para sempre exclui a jactância; porque a fé é uma graça dependente, auto-esvaziante e desinteressada, e lança toda coroa diante do trono; portanto, é mais para a glória de Deus que devemos ser justificados desse modo. Observe: Ele fala da *lei da fé.* Os crentes não são deixados sem lei: a fé é uma lei, é uma graça operante, onde quer que esteja está na verdade; e, no entanto, por agir em uma dependência estreita e próxima de Jesus Cristo, ela exclui a jactância.

De tudo isso ele tira esta conclusão (v. 28): "*Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei*".

III No encerramento do capítulo ele mostra a extensão desse privilégio de justificação pela fé, e que esse não é um privilégio exclusivo dos judeus, mas pertence também aos gentios; porque ele disse (v. 22) que não há diferença; e quanto a isso: 1. Ele afirma e prova (vv. 29,30): "*É, porventura, Deus somente dos judeus?*". Ele argumenta com base no absurdo de tal suposição. Pode-se imaginar que um Deus de amor e misericórdia infinitos limitaria e confinaria seus favores àquele povo pequeno e perverso dos judeus, deixando todo o

resto dos filhos dos homens em uma condição de desespero eterno? De modo algum isso estaria de acordo com a noção que nós temos da bondade divina, pois suas eternas misericórdias estão acima de todas as suas obras; portanto, Ele é um Deus de graça, "...*que justifica, pela fé, a circuncisão e, por meio da fé, a incircuncisão*", isto é, não há nenhuma diferença. Contudo, os judeus, em favor de si mesmos, precisarão imaginar uma diferença, na verdade não há mais diferença do que entre *por* e *através*, ou seja, nenhuma diferença. 2. Ele afasta uma objeção (v. 31), como se essa doutrina anulasse a lei, que eles sabiam vir de Deus: "Não", diz ele, "embora digamos que a lei não nos justificará, nós não dizemos com isso que ela foi dada em vão, ou que não é útil para nós; não, nós *estabelecemos* o uso correto da *lei,* e asseguramos sua posição, fixando-a sobre uma base correta. A lei ainda é útil para nos convencer do que é passado, e nos dirigir para o futuro; ainda que nós não possamos ser salvos por ela como uma aliança, contudo, nós a reconhecemos, e nos submetemos a ela, como uma regra na mão do Mediador, subordinados à lei da graça; e assim estamos tão longe de subverter a lei que a estabelecemos." Que aqueles que negam a obrigação da lei moral sobre os crentes considerem isso.

CAPÍTULO 4

A grande doutrina do evangelho da justificação pela fé sem as obras da lei era, desse modo, muito contrária às noções que os judeus tinham aprendido daqueles que se assentavam na cadeira de Moisés, e nela eles dificilmente acreditariam; por isso o apóstolo insiste muito nela, e se esforça muito para confirmá-la e ilustrá-la. Ele já a havia provado antes pela razão e pelo argumento, agora, neste capítulo, ele a prova pelo exemplo, que em alguns lugares serve tanto para a confirmação quanto para ilustração. O exemplo que ele toma é o de Abraão, a quem ele escolhe mencionar porque os judeus se vangloriavam muito de sua relação com Abraão, colocando no primeiro nível de seus privilégios externos o fato de serem a semente de Abraão, e na verdade eles tinham por pai a Abraão. Por isso, esse exemplo provavelmente devia ser mais cativante e convincente para os judeus do que para qualquer outro. Seu argumento fica assim: "Todos os que são salvos são justificados do mesmo modo que Abraão foi, mas Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras; portanto, todos os que são os salvos são assim justificados"; pois deveria ser facilmente reconhecido que Abraão era o pai dos fiéis. Ora, esse é um argumento, não somente *a pari – de um caso igual,* como se diz, mas *a fortiori – de um caso mais forte.* Se Abraão, um homem tão conhecido pelas obras, tão eminente na santidade e obediência, foi não obstante justificado somente pela fé e não por suas obras, o quanto menos pode qualquer outro, especialmente qualquer um que nasce dele, e que fica tão atrás dele nas obras, esperar justificação por suas próprias obras? E isso se prova igualmente *ex abundanti – tanto mais ricamente,* como alguns observam, que nós não somos justificados, não, não por aquelas boas obras que fluem da fé, como a essência de nossa justiça; pois tais foram as obras de Abraão, e nós somos melhores do que ele? Todo o capítulo é permeado por esse discurso sobre esse exemplo, e há isso nele, que ele tem uma referência particular ao encerramento do capítulo precedente, onde ele tinha afirmado que, na questão da justificação, judeus e gentios estão no mesmo nível. Então, neste capítulo, com muito poder de convicção do argumento: I. Ele prova que Abraão foi justificado não pelas obras, mas pela fé (vv. 1-8). II. Ele observa quando e por que ele foi assim justificado (vv. 9-17). III. Ele descreve e recomenda a fé que Abraão professava (vv. 17-22). IV. Ele aplica tudo isso a nós (vv. 22-25). E, se ele agora tinha estado na escola de Tirano, ele não poderia ter discutido de maneira mais argumentativa.

O Caso de Abraão

vv. 1-8

Aqui o apóstolo prova que Abraão foi justificado não pelas obras, mas pela fé. De todos os homens, aqueles que lutavam de maneira mais vigorosa por ter parte na justificação pelos privilégios de que desfrutavam e pelas obras que executavam eram os judeus, e, portanto, ele apela ao caso de Abraão, seu pai, e coloca seu próprio nome na relação, sendo um hebreu de hebreus: "...*Abraão, nosso pai...*". Sendo assim, sem dúvida sua prerrogativa necessariamente é tão grande quanto a daqueles que reivindicam ser sua semente segundo a carne. Então, *o que alcançou?* Todo mundo está buscando; mas enquanto a maioria está se cansando atrás de vaidade, ninguém pode ser verdadeiramente considerado como tendo alcançado, senão aqueles que são justificados diante de Deus; e assim Abraão, como um sábio mercador, que procura boas pérolas, encontrou essa pérola de grande preço. O que ele alcançou, *kata sarka – segundo a carne,* isto é, pela circuncisão e seus privilégios e atos externos? A essas o apóstolo chama de *carne* (Fl 3.3). Então, o que ele conseguiu por meio dessas coisas? Foi ele justificado por elas? Foi o mérito de suas obras que o recomendaram à aceitação por parte de Deus? Não, de jeito nenhum, e isso ele prova com vários argumentos.

I Se ele tivesse sido justificado pelas obras, haveria lugar para presunção, o que deve ser excluído para sempre. Nesse caso, ele "...*tem de que se gloriar*" (v. 2), o que não deve ser permitido. "Mas", os judeus podem dizer, "seu nome não se tornou grande (Gn 12. 2), e então não pode ele se gloriar?" Sim, mas não diante de Deus; ele poderia merecer elogio dos homens, mas ele jamais o mereceria de Deus. O próprio Paulo tinha *do que se gloriar diante dos homens*, e nós o vemos às vezes se gloriando nisso, muito embora com humildade; mas não tinha nada do que se gloriar diante de Deus (1 Co 4.4; Fl 3.8,9). Abraão também não. Observe: Ele toma por certo que o homem não deve pretender se gloriar de coisa nenhuma

diante de Deus; não, nem Abraão, por grande e bom homem que ele era; e, portanto, ele busca um argumento para isso: seria absurdo para aquele que se gloria se gloriar em algo que não o Senhor.

II É expressamente dito que a fé de Abraão lhe foi imputada por justiça. "*Pois, que diz a Escritura?*" (v. 3). Em todas as controvérsias religiosas, essa deve ser nossa pergunta: *O que diz a Escritura?* Não é o que diz esse grande homem ou aquele bom homem, mas: "O que diz a Escritura?" Peça conselho a esse Abel e assim termine a questão (2 Sm 20.18). "*À lei e ao testemunho*" (Is 8.20), lá está o último apelo. Ora, a Escritura diz que "*creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça*" (Gn 15.6); portanto, ele não teve de que se gloriar diante de Deus, sendo simplesmente por livre graça que ela foi assim imputada, e não tendo em si nada da natureza formal de uma justiça, mais do que o próprio Deus foi graciosamente agradado a, desse modo, imputar essa justiça a ele. Isto é mencionado em Gênesis, na ocasião de um ato de fé muito significativo e notório a respeito da semente prometida, e é tanto mais observável visto que se segue a um conflito horrível que ele teve com a descrença; e sua fé era agora uma fé vitoriosa, recentemente retornada da batalha. Não é a fé perfeita que se requer para a justificação (é possível haver fé aceitável onde há vestígios de incredulidade), mas a fé que prevalece, a fé que tem o controle da descrença.

III Se ele tivesse sido justificado pelas obras, a recompensa teria sido "*...segundo a dívida*" e não "*...segundo a graça*", o que não se pode conceber. Este é o seu argumento (vv. 4,5): a recompensa de Abraão era o próprio Deus; assim o Senhor tinha lhe dito pouco antes (Gn 15.1): "*Eu sou o teu grandíssimo galardão*". Ora, se Abraão tivesse merecido isso pela perfeição de sua obediência, não teria sido um ato da graça de Deus, mas Abraão poderia tê-lo exigido com tanta confiança como qualquer trabalhador na vinha exigia cada centavo merecido. Mas não pode ser esse o caso; é impossível para um homem, muito mais um homem culpado, ser credor de Deus (Rm 11.35). Não, Deus fará com que a graça seja livre para ter toda a glória, graça por causa da graça (Jo 1.16). E, portanto, "*...àquele que não pratica*" – que não pode pretender tal mérito, nem mostrar qualquer preço ou valor em sua obra, que não pode corresponder a tal recompensa, mas ao renunciar a qualquer pretensão lança-se completamente sobre a graça livre de Deus em Cristo, por meio de uma fé viva, ativa e obediente – "*...a fé lhe é imputada por justiça*", é aceita por Deus como a qualificação exigida em todos aqueles que devem ser perdoados e salvos. *Aquele que justifica o ímpio,* isto é, o que antes estava na impiedade. Sua antiga impiedade não foi impedimento para a sua justificação pela fé: *ton asebe – o ímpio,* isto é, Abraão, que, antes de sua conversão, parece, tinha trilhado o caminho da idolatria caldéia (Js 24.2). Nenhum espaço, portanto, é deixado para o desespero; embora Deus não inocente o culpado não arrependido, contudo, por intermédio de Cristo, Ele justifica o ímpio.

IV Paulo também ilustra isso com uma passagem dos Salmos, onde Davi fala da remissão dos pecados, o ramo principal da justificação, como constituindo a felicidade e a benção de um homem, chamado de bem-aventurado, não o homem que não tem pecado, ou ninguém que mereceu a morte (pois então, enquanto o homem é tão pecaminoso e Deus tão justo, onde estaria o homem bem-aventurado?), mas o homem a quem "*...o Senhor não imputa o pecado*", que embora não possa alegar inocência, pleiteia o ato de imunidade, e seu pedido é deferido. Cita-se Salmos 32.1,2, onde temos: 1. A natureza do perdão. Ele é a remissão de uma dívida ou crime; é o cobrir do pecado, como uma coisa imunda, como a nudez e vergonha da alma. Diz-se que Deus lança o pecado para trás de si para ocultá-lo de sua face, o que, e expressões semelhantes, implica que a base de nossa bênção não é nossa inocência, ou não termos pecado (uma coisa é, e é imunda, embora encoberta; a justificação não faz o pecado não ter sido, ou não ter sido pecado), mas o fato de Deus não colocá-lo sob nossa responsabilidade, como segue aqui: é Deus não imputar *o pecado* (v. 8), o que torna isso completamente um ato gracioso de Deus, não nos tratando com justiça rigorosa como nós merecemos, não entrando em juízo, não prestando atenção nas iniqüidades, os quais são todos puros atos de graça, a aceitação e a recompensa não podem ser esperadas como dívidas; e portanto Paulo deduz (v. 6) que isso é a imputação da justiça sem obras. 2. A benção de tudo isso: Eles são *bem-aventurados.* Quando se diz: "*Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores...*", o objetivo é mostrar o que é essa bem-aventurança e qual é sua base e fundamento. Pessoas perdoadas são as únicas pessoas bem-aventuradas. Os sentimentos do mundo são: Felizes aqueles que têm uma boa propriedade e não possuem dívidas com ninguém; mas a sentença da Palavra é: Felizes aqueles que têm suas dívidas com Deus liquidadas. O quanto é, portanto, de nosso interesse nos certificar de que nossos pecados estão perdoados! Pois esse é o fundamento de todos os outros benefícios. Assim agirei com eles; pois Eu serei misericordioso (Hb 8.12).

O Caso de Abraão

vv. 9-17a

Nesse parágrafo, o apóstolo Paulo destaca quando e por que Abraão foi justificado; pois ele tem várias coisas a comentar sobre isso. Esse fato aconteceu antes de ele circuncidar-se e antes de a lei ser outorgada, havendo um motivo para ambos.

I Foi antes de ele circuncidar-se (v. 10). Sua fé lhe foi contada por justiça quando ele ainda era incircunciso. Ela lhe foi imputada (Gn 15.6) e ele só foi circuncidado no capítulo 17. É dito claramente de Abraão que ele foi justificado pela fé *quatorze anos*, e alguns dizem *vinte e cinco anos*, *antes de haver sido circuncidado.* Então, o apóstolo dá atenção a isso ao responder à pergunta (v. 9): "*Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente ou também sobre a incircuncisão?*". Abraão foi perdoado e aceito quando incircunciso, uma situação que tanto podia acabar com o temor

dos pobres gentios incircuncisos, como humilhar o orgulho e a presunção dos judeus, que se gloriavam em sua circuncisão como se eles tivessem o monopólio da felicidade. Aqui estão dois motivos pelos quais Abraão foi justificado pela fé sendo incircunciso:

1. Para que a circuncisão pudesse ser um "*selo* da *justiça da fé*" (v. 11). O sentido da aliança deve ser definido antes do selo ser acrescentado. O ato de selar supõe um acordo anterior que é confirmado e ratificado pela cerimônia. Depois da justificação de Abraão pela fé ter subsistido por vários anos somente por concessão oral, Deus quis estipular uma ordenança que a selasse e Abraão a recebeu; embora fosse uma ordenança sangrenta, assim mesmo ele se submeteu a ela e até a recebeu como um favor especial, *o sinal da circuncisão* etc. Então, podemos observar disso: (1) A natureza dos sacramentos em geral: eles são sinais e selos – sinais para representar e instruir, selos para ratificar e confirmar. Eles são sinais da plena graça e favor; eles são selos das promessas condicionais; mais ainda, eles são selos com sentido de mutualidade: nos sacramentos, Deus nos confirma ser um Deus para nós, e nós lhe confirmamos ser um povo para ele. (2) A natureza da circuncisão em particular: ela era o sacramento de iniciação do Antigo Testamento, e é considerada aqui: [1] *Um sinal*; um sinal daquela corrupção original com a qual todos nascemos, e que é removida pela circuncisão espiritual; um sinal memorial da aliança de Deus com Abraão; um sinal que distingue judeus de gentios; um sinal de admissão na igreja visível; um sinal prefigurando o batismo, o qual substitui a circuncisão, agora relacionado ao evangelho, quando (o sangue de Cristo havendo sido derramado) todas as ordenanças sangrentas são abolidas; era um sinal perceptível e externo pelo qual uma graça espiritual e interior era representada. [2] Um "*...selo da justiça da fé*". Em geral, era um selo da aliança da graça, particularmente da justificação pela fé – a aliança da graça, chamada de "*...justiça que é pela fé*" (cap. 10.6), e refere-se a uma promessa do Antigo Testamento (Dt 30.12). Ora, se as crianças eram suscetíveis de receber um selo da aliança da graça, o que prova que então elas estavam dentro dos limites daquela aliança, como agora são expulsas da aliança e incapacitadas de receber o selo, e por qual severa sentença são assim rejeitadas e desqualificadas, são perguntas que devem se preocupar em responder aqueles que não apenas rejeitam, mas anulam e censuram o batismo da semente dos crentes.

2. "*...para que fosse pai de todos os que crêem*". Não que antes de Abraão não houvesse ninguém que fosse justificado pela fé, mas é que a partir de Abraão iniciou-se uma dispensação mais evidente e plena da aliança da graça do que qualquer outra existente antes dele; e por isso ele é chamado *pai de todos os que crêem*, porque ele foi um crente tão notável, e tão notavelmente justificado pela fé, como Jabal foi o pai dos pastores, e Jubal, dos músicos (Gn 4.20,21). O *pai de todos os que crêem*, isto é, um *modelo* permanente *de fé*, como os pais são exemplos para seus filhos; e um modelo precedente de justificação pela fé, como os direitos, os privilégios, as honras e as propriedades dos pais passam para os filhos. Abraão foi o pai dos crentes porque a *Carta Magna* foi renovada particularmente para ele. (1) O pai dos gentios que crêem, embora eles não sejam circuncidados. Se Zaqueu, um publicano, crê, é reconhecido como um filho de Abraão (Lc 19.9). Se Abraão era incircunciso quando foi justificado pela fé, então a incircuncisão jamais pode ser um obstáculo. Assim, as dúvidas e os temores dos pobres gentios foram antecipados e nenhuma dúvida ficou de que aquela justiça também podia ser imputada a eles (Cl 3.11; Gl 5.6). (2) O pai dos crentes judeus, não somente porque são circuncisos e da semente de Abraão segundo a carne, mas porque são crentes, porque eles "*...não somente são da circuncisão* (isto é, não são apenas circuncidados), *mas que também andam nas pisadas daquela fé...*" – não trazem somente o sinal, mas cumprem o seu significado; não são apenas da família de Abraão, mas seguem o exemplo da fé de Abraão. Veja aqui quem são os filhos genuínos e os sucessores legítimos daqueles que foram os pais da igreja: não aqueles que ocupam os seus lugares e levam os seus nomes, mas os que seguem seus passos; essa é a linha de sucessão que continua apesar das interrupções. Parece então que aqueles que mais alto e insistentemente chamavam Abraão de pai tinham menos direito às honras e privilégios de seus filhos. Assim, aqueles que têm maior motivo para chamar Cristo de Pai não são aqueles que levam seu nome confessando serem cristãos, mas os que seguem os seus passos.

II Foi antes de a lei ser outorgada (vv. 13-16). A observação precedente é dirigida contra aqueles que limitavam a justificação à circuncisão; esta é contra aqueles que esperavam ser justificados pela lei; ora, a promessa foi feita a Abraão muito antes da lei (compare com Gl 3.17,18). Agora observe:

1. O que era a promessa – "*...de que havia de ser herdeiro do mundo*", isto é, da terra de Canaã, o lugar mais seleto do mundo, ou o pai de muitas nações do mundo, que surgiram dele, além dos israelitas, ou o herdeiro dos confortos da vida que agora existe. É dito que os mansos *herdarão a terra* e deles é o mundo. Embora Abraão possuísse tão pouco do mundo, mesmo assim ele era o herdeiro de tudo. Ou, melhor, a promessa aponta para Cristo, o descendente aqui mencionado (compare com Gl 3.16: "*E à tua posteridade, que é Cristo*"). Ora, Cristo é o herdeiro do mundo, toda a terra é sua possessão, e nele Abraão era herdeiro de tudo. E isso se refere àquela promessa: "*...e em ti serão benditas todas as famílias da terra*" (Gn 12.3).

2. Como a promessa foi feita a Abraão: "*...não foi feita pela lei..., mas pela justiça da fé*". *Não foi feita pela lei*, porque ela ainda não havia sido outorgada, mas foi por aquela fé que lhe foi imputada por justiça, foi por sua confiança em Deus ao deixar sua própria terra quando Deus ordenou que assim fizesse (Hb 11.8). Ora, sendo pela fé, a promessa não poderia ser pela lei, o que ele prova pela oposição existente entre elas (vv. 14,15): "*Pois, se os que são da lei são herdeiros*, isto é, aqueles, e somente aqueles, e por virtude da lei (os judeus se orgulhavam e ainda se orgulham de serem os legítimos herdeiros do mundo porque a lei lhes foi dada), então *a fé é vã*"; pois, se o requisito para obter vantagem na promessa fosse cumprir perfeitamente toda lei, então a promessa nunca

poderia entrar em vigor, nem seria de qualquer proveito para nós depender dela, já que o caminho para a vida através da perfeita obediência à lei, e da inocência imaculada e sem pecado, está totalmente bloqueado, e a própria lei não abre outro caminho. Isso ele prova no versículo 15: "*Porque a lei opera a ira*" – a nossa ira em relação a Deus; ela estimula e provoca aquela disposição carnal que é inimizade contra Deus (como a obstrução das águas do rio faz com que ele se eleve) – a ira de Deus contra nós. A lei produz a ira, isto é, a revela, ou a violação que fazemos da lei provoca a ira. Agora, é certo que nunca podemos esperar a herança por uma lei que opera a ira. Ele mostra brevemente na última parte do versículo como a lei opera a ira: e "*...onde não há lei também não há transgressão*", uma máxima reconhecida que significa: "Onde há uma lei, há transgressão e aquela transgressão é irritante e, assim, a lei opera a ira".

3. Por que a promessa lhe foi feita pela fé; por três motivos (v. 16): (1) "*...para que seja segundo a graça*", para que a graça tenha a honra da promessa; *pela graça e não pela lei, pela graça e não pela obrigação, nem pelo mérito*; para que *Graça, graça*, seja apregoada a cada pedra, especialmente às altas, deste edifício. A fé tem relação específica com a concessão da graça, assim como a graça tem relação com o receber pela fé. *Pela graça*, e, portanto, *por meio da fé* (Ef 2.8). Pois Deus fará com que toda coroa seja atirada aos pés da graça, da livre graça, e que toda canção no céu seja entoada seguindo esta melodia: "*Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória*". (2) Para que "*...a promessa seja firme*". A primeira aliança, sendo uma aliança de obras, não era firme; e assim, através da falha humana, os benefícios propostos por ela foram removidos; e por essa razão, encontrou-se um novo caminho para se certificar e garantir mais efetivamente a condução da nova aliança: *não pelas obras* (se fosse, não se teria certeza da promessa por causa da contínua fragilidade e fraqueza da carne), *mas pela fé*, que tudo recebe de Cristo e age em contínua dependência dele, como o grande depositário de nossa salvação e em cuja guarda a promessa está segura. Portanto, a aliança é firme porque é tão bem ordenada em todas as coisas (2 Sm 23.5). (3) Para que a promessa seja assegurada a toda a descendência. Se ela tivesse sido *pela lei*, seria limitada aos judeus, "*...a quem pertencem a glória, e os concertos e a lei*" (cap. 9.4); mas foi pela fé que tanto judeus quanto gentios puderam se tornar participantes dela, tanto a descendência natural do pai Abraão quanto a espiritual. Deus realizava a promessa de tal maneira que ela pudesse ser mais ampla e abranger a todos os verdadeiros crentes, de maneira que a circuncisão e a incircuncisão estivessem no mesmo nível; e por isso (v. 17), ele nos remete a Gênesis 17.5, onde a explicação da mudança do seu nome de *Abrão – pai alto*, para *Abraão – pai de uma multidão*, é dada assim: "*Por pai de muitas nações te constituí*", isto é, todos os crentes, tanto antes quanto desde a vinda de Cristo na carne, devem tomar Abraão por seu modelo e o chamar de *pai*. Os judeus dizem que Abraão foi o pai de todos os prosélitos da religião judaica. *Observem que ele é o pai de todo o mundo que se reúne sob as asas da Majestade Divina. Maimônidas.*

O Caso de Abraão
vv. 17b-22

Havendo observado quando Abraão foi justificado pela fé, e por que, para a honra de Abraão e pelo exemplo demonstrado a nós que o chamamos de pai, o apóstolo aqui descreve e elogia a fé que Abraão tinha. Temos aqui:

I Em quem ele creu: "*Deus, o qual vivifica os mortos...*". É o próprio Deus no qual a fé se concentra: *ninguém pode pôr outro fundamento.* Observe então a que, em Deus, se aplicava a fé de Abraão – àquilo que, certamente, devia confirmar ainda mais a sua fé a respeito das coisas prometidas: 1. *Deus,* que *vivifica os mortos*. Foi prometido que ele seria o *pai de muitas nações*, quando ele e sua esposa estavam então bem idosos (Hb 11.11,12), e por isso ele olha para Deus como um Deus que pode soprar vida em ossos secos. Aquele que ressuscita os mortos pode fazer qualquer coisa, pode dar um filho a Abraão quando esse já é bem velho, pode trazer os gentios, que estão *mortos em delitos e pecados*, para uma vida espiritual e divina (Ef 2.1; compare com Ef 1.19,20). 2. "*...e chama as coisas que não são como se já fossem*", isto é, cria todas as coisas pela palavra do seu poder, como fez no começo (Gn 1.3; 2 Co 4.6). A justificação e salvação de pecadores e o ato de receber os gentios, que não eram um povo, era um chamado gracioso das coisas que não eram como se já fossem, dando ser às coisas que não eram. Isso expressa a soberania de Deus e seu absoluto poder e domínio, um poderoso amparo para a fé quando todos os outros esteios afundam e se abalam. É a santa sabedoria e diretriz da fé firmar-se particularmente sobre aquilo em Deus que possibilita enfrentar as dificuldades com as quais ela deve lutar, e responder mais eficientemente às objeções. De fato, é fé confiar no pleno poder de Deus para a realização daquilo que é impossível, exceto para aquele pleno poder. Assim, Abraão tornou-se o *pai de muitas nações diante daquele em quem creu*, ou seja, aos olhos e diante de Deus; ou *como aquele em quem creu*; como Deus era um pai de todos, assim também o era Abraão. É pela fé em Deus que nós somos aceitos por Ele e conformados a Ele.

II Como ele creu. Aqui ele exalta muito a força da fé de Abraão com várias expressões: 1. "*...em esperança, creu contra a esperança...*" (v. 18). Havia uma esperança contra ele, uma esperança natural. Todos os argumentos dos sentidos, da razão e da experiência, os quais em tais casos geralmente produzem e amparam a esperança, estavam contra ele; nenhum motivo secundário lhe sorria, e de modo algum favorecia a sua esperança. Mas ele creu contra todas as certezas que apontavam o contrário, pois ele tinha uma esperança em seu favor: "*O qual, em esperança, creu...*", esperança que, como sua fé, nasceu considerando o pleno poder de Deus. Que seria *pai de muitas nações.* Por essa razão Deus, através de sua graça todo-poderosa, o capacitou para que cresse contra a esperança, para que ele pudesse se tornar um modelo de grande e vigorosa fé para todas as gerações. Era conveniente que aquele que devia ser o pai dos crentes, tivesse algo mais que o costumeiro em sua fé – que,

nele, a fé devesse estar elevada de maneira que os esforços de todos os crentes que o sucederiam fossem dirigidos, aumentados e estimulados. Ou isso é mencionado como o assunto da promessa na qual ele creu; e ele se refere a Gênesis 15.5: "*...assim será a tua semente*", como as estrelas do céu, tão inumerável, tão ilustre. Era nisso que ele cria, quando isso lhe foi imputado como justiça (v. 6). E é digno de nota que esse exemplo particular de sua fé era *contra a esperança*, contra as conjecturas e sugestões de sua própria descrença. Pouco antes, ele havia acabado de concluir duramente que permaneceria sem filhos, que seu herdeiro seria alguém nascido em sua casa (vv. 2,3); e essa descrença era um contratempo para a sua fé, e fala dela como um crer contra a esperança. 2. "*E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo...*" (v. 19). Observe: O seu próprio corpo estava então amortecido – era totalmente improvável gerar um filho, embora a nova vida e o vigor que Deus lhe concedeu tenham continuado após a morte de Sara, como testemunham seus filhos com Quetura. Quando Deus planeja conceder alguma bênção especial para o seu povo, como algum filho da promessa, ele geralmente põe uma sentença de morte sobre a própria bênção e sobre todos os caminhos que levam a ela. José teve de tornar-se escravo e ser preso antes de alcançá-la. Mas Abraão não considerou isso, *ou katenoese – ele não considerou isso.* De fato, ele disse: "*...a um homem de cem anos há de nascer um filho?*" (Gn 15.17). Mas essa é a linguagem de sua admiração e de seu desejo a se realizar mais adiante, não de sua dúvida e desconfiança; sua fé ia além desse pensamento, e não valorizava nada a não ser a fidelidade da promessa, com a contemplação pela qual ele foi tomado, e isso manteve sua fé. "*E não enfraqueceu na fé*". É somente a fraqueza de fé que faz o homem colocar sua atenção nas dificuldades e aparentes impossibilidades que estão no caminho de uma promessa. Embora possa parecer sabedoria e diretriz da razão carnal, ainda é fraqueza de fé, olhar para as dificuldades que se levantam contra a promessa. 3. "*E não duvidou das promessas de Deus por incredulidade*" (v. 20), e, portanto, não duvidou porque não olhou para os desânimos e desencorajamentos de motivos secundários; *ou diekrithe – ele não contendeu*; ele não se consultou sobre isso, não gastou tempo pensando se ele devia aceder ou não, não hesitou nem oscilou, mas, por um ato decisivo e firme de sua alma, com uma ousadia santa, arriscou-se totalmente pela promessa. Ele não a tomou por um tema de argumentação ou debate, mas a estabeleceu imediatamente como algo decidido, não ficou de forma alguma indeciso a respeito dela: "*E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade*". A incredulidade está na base de todas as nossas dúvidas a respeito das promessas de Deus. Não é a promessa que falha, mas a nossa fé, quando nós duvidamos. 4. Ele "*...foi fortificado na fé, dando glória a Deus*", *enedunamothe – ele foi fortalecido* na fé, sua fé *foi solidificada pela prática – crescit eundo.* Embora a fé que é fraca não deva ser rejeitada, a cana quebrada não deva ser esmagada, o pavio que fumega não deva ser apagado, mesmo assim a fé que é forte deve ser elogiada e honrada. A força de sua fé apareceu na vitória que ela teve sobre os seus medos. E dessa forma ele glorificou a Deus; pois, como a incredulidade desonra a Deus fazendo-o mentiroso (1 Jo 5.10), também a fé o honra ao confirmar que Ele é verdadeiro (Jo 3.33). A fé de Abraão glorificou a Deus pela sua sabedoria, o seu poder, a sua santidade, a sua bondade e, principalmente, a sua fidelidade, descansando na palavra que Ele havia falado. Entre os homens nós dizemos: "Aquele que confia em outro lhe dá crédito e o honra ao aceitar a sua palavra"; assim, Abraão glorificou a Deus ao confiar nele. Nós nunca ouvimos nosso Senhor Jesus elogiar tanto alguma coisa como fez com uma grande fé (Mt 8.10 e 15.28); portanto, Deus honra a fé, a grande fé, porque essa o honra. 5. Ele estava "*...certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer*", *pleroforetheis – estava plenamente convencido, com grande confiança e certeza*; é uma metáfora tomada dos navios que entram no porto a toda velocidade. Abraão viu as tempestades de dúvidas, de medos e as tentações que provavelmente ameaçariam a promessa, tantas que outra pessoa teria recuado e esperado por dias mais propícios, buscando uma brisa favorável do sentido e da razão. Mas Abraão, havendo tomado Deus por seu piloto, e a promessa por seu guia e bússola, resolve expor-se às intempéries, e como um bravo aventureiro, içar todas as suas velas, abrir caminho através de todas as dificuldades, não considerando nem ventos, nem nuvens, mas confiando na força de seu barco e na sabedoria e fidelidade de seu piloto, e corajosamente dirige-se para o porto; e revela ser um indescritível vencedor. Tal era a sua plena convicção, edificada sobre a onipotência de Deus: Ele "*...era poderoso para o fazer*". Nossa indecisão surge principalmente da desconfiança que temos do poder divino; e portanto para estarmos firmes é preciso que creiamos, não somente que Ele é fiel, mas que é capaz de cumprir o que havia prometido. "*Pelo que isso lhe foi também imputado como justiça*" (v. 22). Porque ele aventurou-se completamente com tal confiança na divina promessa, Deus o aceitou graciosamente, e não somente respondeu, mas ultrapassou a sua expectativa. Essa maneira de glorificar a Deus através de uma firme confiança em sua simples promessa era tão agradável ao desígnio de Deus, e tão favorável à sua honra, que Ele a aceitou graciosamente como uma justiça e justificou Abraão, embora não houvesse nada na coisa em si que merecesse tal aceitação. Isso mostra por que a fé é escolhida para ser a primeira condição de nossa justificação, porque é uma graça que, de todas as outras, glorifica a Deus.

O Caso de Abraão

vv. 23-25

No final do capítulo, o apóstolo aplica tudo a nós, e tendo provado fartamente que Abraão foi justificado pela fé, ele conclui aqui que a sua justificação devia ser o padrão ou exemplo da nossa: "*...não só por causa dele está escrito*". Não era somente para ser um elogio histórico de Abraão, ou um relato de algo peculiar a ele (como alguns antipedobatistas necessariamente vão entender que a circuncisão era um *selo da justiça da fé* (v. 11) somente para o próprio Abraão e para ninguém mais); não, com isso as Escrituras não tinham a intenção de descrever alguma maneira singular de justificação que pertenceu a Abraão como sua prerrogativa. Os

relatos que temos dos santos do Antigo Testamento não tinham o objetivo de serem apenas histórias, simplesmente para nos informar e distrair, mas são precedentes para nos orientar, para servirem de exemplos (1 Co 10.11), para *nosso ensino* (cap. 15.4). E isso, particularmente concernente a Abraão, foi escrito "*...também por nós*", para nos dar a certeza do que seja aquela justiça que Deus exigiu e aceitou para a nossa salvação; também por nós, que somos miseráveis e vis, que estamos tão aquém de Abraão nos privilégios e desempenhos, nós, tanto gentios como judeus, pois a bênção de Abraão chega aos gentios através de Cristo; por nós, sobre quem o fim do mundo é chegado, como também pelos os patriarcas; pois a graça de Deus é a mesma ontem, hoje e eternamente. A aplicação que o apóstolo faz disso é breve. Apenas podemos observar:

I Nosso privilégio comum: será imputada a nós, isto é, a justiça. A maneira evangélica da justificação ocorre através de uma justiça imputada, *mellei logizesthai – será imputada*. Ele usa um verbo no futuro para significar a continuação desta misericórdia na igreja, que agora é a mesma que será enquanto Deus tiver uma igreja no mundo, e houver qualquer ser humano para ser justificado; pois há uma fonte aberta que é inesgotável.

II Nosso dever comum, a condição desse privilégio, é crer. O objeto próprio dessa fé é uma revelação divina. A revelação a Abraão era a respeito de um Cristo que viria; a revelação a nós é a respeito de um Cristo que já veio; a diferença na revelação não altera a situação. Abraão creu no poder de Deus de fazer surgir um Isaque do útero morto de Sara; nós devemos crer no mesmo poder manifestado em uma instância superior: a ressurreição de Cristo dos mortos. A ressurreição de Isaque foi em figura (Hb 11.19); a ressurreição de Cristo foi real. Agora nós devemos crer naquele que ressuscitou a Cristo; não somente crer no seu poder, que Ele poderia fazê-lo, mas confiar na sua graça ao ressuscitar a Cristo como nossa garantia; assim ele explica no versículo 25, onde temos um breve relato do significado da morte e da ressurreição de Cristo, que são as duas dobradiças principais pelas quais a porta da salvação se move. 1. "*O qual por nossos pecados foi entregue*". Deus o Pai o entregou, Ele entregou-se a si mesmo como sacrifício pelo pecado. De fato, Ele morreu como um malfeitor porque Ele morreu pelo pecado; mas não era pelo seu próprio pecado, mas pelos pecados do povo. Ele morreu para fazer reparação por nossos pecados, para expiar a nossa culpa, para satisfazer a justiça divina. 2. Ele "*...ressuscitou para nossa justificação*", para aperfeiçoar e concluir nossa justificação. Ele pagou o nosso débito pelo mérito de sua morte, quitou a nossa dívida. Quando Ele foi sepultado, Ele jazia como um prisioneiro executado por nossa dívida, a qual, como garantia, Ele havia se encarregado de pagar; no terceiro dia um anjo foi enviado para remover a pedra e soltar o prisioneiro, o que era a maior garantia possível de que a justiça divina estava satisfeita, a dívida estava paga, do contrário, Ele nunca teria libertado o prisioneiro. É por isso que o apóstolo coloca uma ênfase especial sobre a ressurreição de Cristo: foi Cristo quem morreu, "*...antes, quem ressuscitou dentre os mortos*" (cap. 8.34). Assim, concluindo, é muito evidente que não somos justificados pelo mérito de nossas próprias obras, mas através de uma dependência obediente e confiante em Jesus Cristo e sua justiça, como a condição que nos cabe para termos o direito de não sermos punidos, mas salvos, verdade essa que Paulo tratou nesse capítulo e no anterior como a grande fonte e fundamento de todos os nossos consolos.

CAPÍTULO 5

Paulo, depois de ter apresentado bem o tema, e provado plenamente a justificação pela fé, nesse capítulo prossegue explicando, ilustrando e aplicando essa verdade. I. Ele mostra os frutos da justificação (vv. 1-5). II. Ele mostra a fonte e o fundamento da justificação na morte de Jesus Cristo, da qual ele trata de maneira abrangente no resto do capítulo.

A Justificação e seus Efeitos

vv. 1-5

Os preciosos benefícios e privilégios que fluem da justificação são tais que devem estimular a todos nós a darmos atenção à certeza de que somos justificados, e então recebermos o conforto que ela nos concede e cumprirmos o dever que ela requer de nós. Os frutos dessa árvore da vida são extraordinariamente preciosos.

I Nós "*...temos paz com Deus*" (v. 1). É o pecado que produz a hostilidade entre Deus e nós, ele não apenas cria uma estranheza, mas uma inimizade. O Deus santo e justo não pode, honrosamente, estar em paz com um pecador enquanto esse continuar sob a culpa do pecado. A justificação afasta a culpa e dessa forma abre caminho para a paz. E tais são a benignidade e a boa vontade de Deus para com o homem que, sendo removido aquele obstáculo, imediatamente se realiza a paz. Pela fé seguramos o braço de Deus e a sua força e assim ficamos em paz (Is 27.4,5). Nesta paz há mais do que simplesmente um fim da inimizade: há uma amizade e uma bondade amável, pois Deus é o pior inimigo ou o melhor amigo. Abraão, sendo justificado pela fé, foi chamado de "*...o amigo de Deus*" (Tg 2.23), o que foi a sua honra, mas não somente sua. Cristo chamou seus discípulos de *amigos* (Jo 15.13-15). E com certeza um homem, para ser feliz, não precisa mais do que ter Deus como seu amigo! Mas isto é "*...por nosso Senhor Jesus Cristo*" – através dele como o grande pacificador, *o mediador entre Deus e o homem*, o homem daquele abençoado dia que colocou sua mão sobre nós. Na inocência, Adão tinha imediatamente paz com Deus; não precisava de nenhum mediador. Mas para o homem culpado e pecaminoso é muito terrível pensar em Deus longe de Cristo: "*...porque ele é a nossa paz*" (Ef 2.14), não somente o pacificador, mas o assunto e o mantenedor da nossa paz (Cl 1.20).

II "*...temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes*" (v. 2). Este é um privilégio adicio-

nal: não somente ter paz, mas também graça, isto é, esse favor. Observe: 1. O feliz estado dos santos. É um estado de graça, da bondade amável de Deus para conosco e nossa obediência a Ele: aquele que tem o amor e a imagem de Deus está em um estado de graça. Agora, temos acesso a essa graça, *prosagogen – uma introdução,* o que significa que não nascemos nesse estado; somos *por natureza filhos da ira* e a mente carnal *é inimizade contra Deus*; mas nós somos levados a ela. Não poderíamos tê-la alcançado por nós mesmos, nem ter vencido as dificuldades no caminho, mas nós somos conduzidos, guiados pela mão; somos conduzidos à graça como são levados os cegos, coxos ou pessoas doentes; somos apresentados como transgressores perdoados; somos introduzidos por alguém querido na corte para beijar a mão do rei, como são conduzidos os estranhos que vão ter uma audiência. *Prosagogen eschekamen – temos tido acesso.* Ele fala daqueles que já foram tirados de um estado de natureza para um estado de graça. Paulo, em sua conversão, teve esse acesso; então ele foi trazido para perto. Barnabé o apresentou aos apóstolos (At 9.27), e houve outros que, "*...guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco*" (At 9.8), mas foi Cristo que o guiou pela mão e o introduziu na sua graça. "*...pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça*". Por intermédio de Cristo como autor e agente principal, por intermédio da fé como o meio desse acesso. Não por meio de Cristo em consideração a qualquer mérito ou merecimento de nossa parte, mas em consideração à nossa confiante dependência dele e à nossa própria sujeição a Ele. 2. A posição feliz que eles ocupam nesse estado: "*...na qual estamos firmes*". Não somente na qual estamos, mas na qual estamos firmes, uma postura que denota nossa libertação da culpa; "*...nós permanecemos firmes no juízo*" (Sl 1.5), não rejeitados, como criminosos condenados, mas tendo a nossa dignidade e honra asseguradas; não lançados ao chão como desprezíveis. A frase também denota o nosso progresso; enquanto estamos de pé, estamos caminhando. Não devemos nos deitar, como se já tivéssemos alcançado o nosso objetivo, mas permanecer de pé, como aqueles que estão caminhando para frente, que ficam de pé como servos que atendem a Cristo nosso Senhor. Além disso, a frase denota a nossa perseverança: nós permanecemos firmes e seguros, sustentados pelo poder de Deus; permanecemos de pé como os soldados permanecem, mantendo o seu posto, não sendo abatidos pela força do inimigo. A frase não denota somente nosso acesso ao favor de Deus, mas nossa confirmação nele. Não ocorre com o tribunal celestial o que acontece com os tribunais terrenos, nos quais as altas posições são incertas; mas nós permanecemos de pé com uma confiança humilde nesta verdade: "*...aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará*" (Fp 1.6).

III "*...nos gloriamos na esperança da glória de Deus*". Além da felicidade disponível, há uma felicidade na esperança, *a glória de Deus*, a glória que Deus concederá aos santos no céu e que consistirá na visão e desfrute de Deus. 1. Aqueles, e somente aqueles, que agora tiverem acesso pela fé à graça de Deus é que poderão esperar pela glória de Deus que virá depois. Não há nenhuma boa esperança de glória a não ser a que está fundamentada na graça; a graça é a glória que começou, o penhor e garantia da glória. "*O Senhor dará graça e glória*" (Sl 84.11). 2. Aqueles que esperam pela glória de Deus no futuro têm o suficiente para regozijar-se agora. É o dever daqueles que esperam pelo céu regozijar-se nessa esperança.

IV "*...mas também nos gloriamos nas tribulações*"; não somente apesar das nossas tribulações (essas não nos impedem de nos regozijarmos na esperança da glória de Deus), mas mesmo em nossas tribulações, pois elas estão produzindo um peso de glória para nós (2 Co 4.17). Observe: Como é crescente a felicidade dos santos: *e não somente isso.* Alguém pensaria que tal paz, tal graça, tal glória e tal alegria na esperança da glória fossem mais do que as aspirações que tais pobres e indignas criaturas, que somos nós, poderiam ter. "*E não somente isto*: há mais exemplos de nossa felicidade – *também nos gloriamos nas tribulações*", principalmente nas tribulações por causa da justiça, as quais pareciam os maiores obstáculos à felicidade dos santos, ao passo que na realidade a felicidade deles não somente consistia naquelas tribulações, mas nascia delas. "*E se regozijavam de terem sido julgados dignos de padecer afronta*" (At 5.41). Sendo este o ponto mais difícil, ele se propõe a mostrar os motivos e as razões disso. Por que nos gloriamos nas tribulações? Ora, porque, por uma cadeia de causas, as tribulações muito favorecem a esperança, o que ele mostra no método da influência dela. 1. "*...a tribulação produz a paciência*", não em e por si mesma, mas é a graça poderosa de Deus trabalhando em e com a tribulação. Ela prova, e provando aperfeiçoa, a paciência, como os talentos e dons crescem com a prática. Ela não é a causa eficiente, mas propicia a ocasião, como o aço é endurecido pelo fogo. Veja como Deus produz carne do que come e doçura do forte. Aquilo que opera a paciência é motivo de alegria; pois a paciência nos faz mais bem do que o mal que a tribulação pode causar. A tribulação em si mesma opera a ansiedade, mas como é santificada para os santos, ela opera a paciência. 2. "*...e a paciência, a experiência*" (v. 4). Ela produz uma experiência com Deus, e as canções que Ele concede à noite; os sofredores pacientes têm a maior experiência dos consolos divinos, os quais se multiplicam quando as aflições se multiplicam. Ela produz uma experiência de nós mesmos. É pelas tribulações que provamos nossa própria sinceridade e é por isso que elas são chamadas de provas. Ela opera *dokimen – uma aprovação,* quando aquele que passou no teste é aprovado. Assim, a tribulação de Jó produziu paciência, e aquela paciência produziu uma aprovação, e "*...ainda retém a sua sinceridade*" (Jó 2.3). 3. "*...e a experiência, a esperança*". Aquele que, sendo testado dessa forma, sair como o ouro, será nisso encorajado a esperar. Esse teste, ou aprovação, não é tanto o motivo de nossa esperança mas a evidência e um amigo especial dela. A experiência com Deus é um esteio para a nossa esperança; aquele que opera em vós tanto o querer como o efetuar. A nossa própria experiência ajuda a comprovar nossa sinceridade. 4. "*E a esperança não traz confusão*"; isto é, ela é uma esperança que não nos enganará. Nada confunde mais do que o desapontamento. Vergonha e confusão eternas serão causadas pela morte da expectativa dos maus, "*...mas a esperança dos*

justos é a alegria" (Pv 10.28; veja Sl 22.5; 71.1). Ou, ela não nos confunde, não nos envergonha, por causa de nossos sofrimentos. Embora sejamos *contados como escória de todos e pisados como lama das ruas*, ainda assim, tendo esperanças de glória, não somos envergonhados por esses sofrimentos. É por uma boa causa, por um bom Senhor e por uma boa esperança, por isso não ficamos envergonhados. Jamais desprezaremos a nós mesmos por causa de sofrimentos que provavelmente devem acabar tão bem. "*...porquanto o amor de Deus está derramado...*". Essa esperança não nos desapontará porque é selada com o Espírito Santo, como um Espírito de amor. É a operação graciosa do bendito Espírito espalhar o amor de Deus nos corações de todos os santos. *O amor de Deus*, isto é, o sentimento do amor de Deus para nós, produzindo em nós o amor em relação a Ele em troca. Ou, os grandes efeitos de seu amor: (1) Graça especial; e (2) O amável deleite ou sentimento dela. *Está derramado*, como delicada unção, perfumando a alma, regando-a como chuva e fazendo-a frutificar. A base de todo nosso conforto e santidade, e da perseverança em ambos, repousa no *derramar do amor de Deus em nosso coração.* É isso que nos constrange (2 Co 5.14). Assim, nós somos alcançados e mantidos pelos vínculos do amor. O sentimento do amor de Deus para conosco não nos envergonhará, seja de nossa esperança nele ou de nossos sofrimentos por Ele.

O Primeiro e o Segundo Adão. A Influência da Graça

vv. 6-21

Paulo descreve aqui a origem e fundamento da justificação, assentada na morte do Senhor Jesus. Os riachos são muito agradáveis, mas se você subir por eles até a fonte, vai descobrir que ela é a morte de Cristo por nós. É nesse riacho precioso do sangue de Cristo que todos esses privilégios fluem para nós; e por isso o apóstolo se estende sobre esse exemplo do amor de Deus que se espalha por toda parte. Ele fala de três coisas para explicar e ilustrar essa doutrina: 1. As pessoas por quem Ele morreu (vv. 6-8). 2. Os preciosos frutos de sua morte (vv. 9-11). 3. O paralelo que ele faz entre a transmissão do pecado e da morte pelo primeiro Adão e da justiça e da vida pelo segundo Adão (vv. 12-21).

I A condição na qual estávamos quando Cristo morreu por nós.

1. "*...estando nós ainda fracos*" (v. 6), em uma triste condição, e, o que é pior, completamente incapazes de nos ajudar a sair dela – perdidos, e sem nenhuma chance de restauração –, nossa condição era deplorável, e de certa forma, desesperadora; e por isso é dito aqui que nossa salvação veio *a seu tempo.* Quando aqueles que devem ser salvos estão sem nenhuma força, então é o tempo de Deus socorrer e salvar, para que o seu próprio poder e graça possam ser mais exaltados (Dt 32.36). É característico de Deus socorrer em situações extremas:

2. Ele "*...morreu a seu tempo pelos ímpios*". Não somente por criaturas desamparadas, que correm o perigo de perecerem, mas por criaturas pecaminosas e culpadas, que merecem perecer; não somente miseráveis e sem valor, mas vis e detestáveis, indignas de tal favor do Deus santo. Sendo ímpias, elas tinham necessidade de que alguém morresse por elas, para pagar pela culpa e produzir retidão. Ele ilustra isso nos versículos 7 e 8, como um exemplo sem paralelo de amor; aqui os pensamentos e os caminhos de Deus estão acima dos nossos. Compare com João 15.13,14: "*...ninguém tem maior amor do que este*". (1) Alguém dificilmente "*...morrerá por um justo*", isto é, por um homem inocente, condenado injustamente; todos terão pena dele, mas poucos darão tal valor à vida dele a ponto de arriscar, e muito menos depositar, a sua própria em seu lugar. (2) Pode ser que alguém talvez possa ser persuadido a morrer por um *bom* homem, isto é, um homem útil, que seja mais do que simplesmente um homem justo. Muitos que são bons não fazem senão pouco bem para outros, mas aqueles que são prestativos geralmente se tornam muito amados e conhecem alguns que em um caso de necessidade se aventurariam a ser o seu *antipsichoi – engajar vida por vida*, ser a garantia deles, corpo por corpo. Paulo era, nesse sentido, um homem muito bom, uma pessoa muito prestativa, e conheceu pessoas que expuseram sua cabeça pela vida dele (cap. 14.4). E, todavia, observe como ele qualifica isso: só alguns fariam isso, e é uma atitude corajosa se fizerem isso, deve ser alguma alma corajosa e aventureira; e, afinal de contas, não passa de uma *possibilidade*. (3) Mas "*...Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores*" (v. 8), nem pelos justos nem pelos bons; não apenas pelos que eram inúteis, mas também pelos que eram culpados e detestáveis; não apenas por aqueles que não representariam perda se perecessem, mas cuja destruição redundaria muito na glória da justiça de Deus, sendo eles malfeitores e criminosos que deviam morrer. Alguns pensam que ele faz alusão a uma distinção comum que os judeus faziam de seu povo em *tsadiqim – justos*, *hasidim – misericordiosos* (compare com Is 57.1), e *resha'im – pecadores*. Então, aqui "*...Deus prova o seu amor*", não somente ao demonstrá-lo e torná-lo evidente (Ele poderia ter feito isso por um preço menor), mas ao exaltá-lo e fazê-lo ilustre. Essa circunstância muito engrandeceu o seu amor e o fomentou, não o colocou apenas como algo inquestionável, mas fez dele o objeto da maior maravilha e admiração: "Agora as minhas criaturas verão que Eu as amo; lhes darei um exemplo de amor que não terá paralelo". Elogia o seu amor, como negociantes elogiam suas mercadorias quando querem vendê-las. Esse elogio de seu amor era para derramá-lo em nossos corações pelo Espírito Santo. Ele prova o seu amor do modo mais encantador, comovente e terno que se possa imaginar. *Sendo nós ainda pecadores*, significando que nós não devíamos ser sempre pecadores, devia ser operada uma mudança; pois Ele morreu para nos salvar, não em nossos pecados, mas de nossos pecados; mas ainda éramos pecadores quando Ele morreu por nós. (4) E, ainda, o que é mais importante, éramos "*...inimigos*" (v. 10), não somente malfeitores, mas traidores e rebeldes, em armas contra o governo; o pior tipo de malfeitores e, de todos eles, os mais desprezíveis. A mente carnal não é somente uma inimiga de Deus, mas inimiga de si mesma (cap. 8.7; Cl 1.21). Essa inimizade

é mútua, Deus detestando o pecado e sendo inimigo do ímpio e o pecador detestando a Deus (Zc 11.8). E por que Cristo morreu por tais pessoas é um mistério, um paradoxo, um exemplo sem precedentes de amor, para que, na eternidade, pudesse bem ser nossa ocupação adorá-lo e nos admirarmos com isso. De fato, esse é um elogio do amor. Justamente aquele que assim tinha nos amado podia estipular como uma das leis de seu reino que devíamos amar aos nossos inimigos.

II Os preciosos frutos de sua morte.

1. A justificação e a reconciliação são o primeiro e principal fruto da morte de Cristo: "*...sendo justificados pelo seu sangue*" (v. 9), "*...reconciliados com Deus pela morte de seu Filho*" (v. 10). O pecado é perdoado, o pecador é aceito como justo, a rixa acaba, a inimizade termina, a iniqüidade tem um fim e uma retidão perpétua é produzida. Isso foi feito, ou seja, Cristo cumpriu todas as condições que lhe cabiam com relação a isso, e, imediatamente ao crermos, somos verdadeiramente inseridos no estado de justificação e reconciliação. Somos *justificados pelo seu sangue*. Nossa justificação é atribuída ao sangue de Cristo porque "*...sem derramamento de sangue não há remissão*" (Hb 9.22b). O *sangue é a vida*, e deve correr para fazer expiação. Em todos os sacrifícios propiciatórios, a aspersão do sangue era a essência do sacrifício. Era "*...o sangue que fazia expiação pela alma*" (Lv 17.11).

2. Conseqüentemente, a salvação resulta da ira: "*...salvos da ira*" (v. 9), "*...salvos pela sua vida*" (v. 10). Quando aquilo que impede a nossa salvação é tirado, a salvação necessariamente ocorre. Mais ainda, o argumento se mantém muito forte: se Deus nos justificou e reconciliou quando éramos inimigos, e se empenhou tanto em fazer isso, muito mais nos salvará quando estamos justificados e reconciliados. Aquele que realizou o que exigia mais (de inimigos nos fazer amigos), certamente fará o que exige menos, que é tratar-nos amigavelmente e ser gentil para conosco quando somos amigos. E por essa razão o apóstolo repetidamente usa um *muito mais* ao falar disso. Aquele que havia cavado tão fundo para colocar o fundamento sem nenhuma dúvida construirá sobre aquele fundamento. "*...seremos por ele salvos da ira*", do inferno e da condenação. O fogo do inferno é a ira de Deus; *a ira futura*, como é chamada (1 Ts 1.10). A justificação e a absolvição finais dos crentes no grande dia, junto com a sua adequação e preparação para ele, são a salvação da ira aqui mencionada; é o aperfeiçoamento da obra da graça. Reconciliados pela sua *morte*, salvos pela sua *vida*. A sua vida aqui mencionada não deve ser compreendida como sua vida na carne, mas no céu, a vida que segue a sua morte (compare com cap. 14.9). "*O que estava morto, mas vive*" (Ap 1.18). Somos reconciliados pelo Cristo humilhado, somos salvos pelo Cristo exaltado. O Jesus agonizante lançou o fundamento ao realizar a reparação do pecado, eliminando a inimizade e nos trazendo a possibilidade de salvação; assim, o muro de separação está derrubado, a expiação, realizada, e a perda dos direitos, anulada; mas é o Jesus vivo quem aperfeiçoa a obra: "*...vivendo sempre para interceder por eles*" (Hb 7.25). É o Cristo exaltado que, pela sua palavra e Espírito, efetivamente nos chama, nos transforma e nos reconcilia com Deus; Ele é o nosso Advogado junto ao Pai e, assim, completa e consuma a nossa salvação (compare com cap. 4.25 e 8.34). Cristo agonizante foi o testador, quem nos deixou a herança; mas Cristo vivo é o testamenteiro, é aquele que nos paga. Ora, o argumento é muito forte: Aquele que se encarregou de adquirir a nossa salvação, de forma alguma recusará levá-la a efeito.

3. E como um privilégio adicional, tudo isso faz com que "*...nos gloriemos em Deus...*" (v. 11). Então, Deus está agora tão distante de ser um terror para nós que Ele é nossa "*...alegria, e nosso refúgio no dia mal*" (Jr 17.17). Nós somos *reconciliados* e *salvos da ira*. A iniqüidade, bendito seja Deus, *não será a nossa ruína*. "*E não somente isto*", pois existe mais, uma constante torrente de favores; não só iremos para o céu, mas o faremos triunfantemente; não só chegaremos ao porto, mas o faremos a todo pano: "*...nos gloriamos em Deus*", não simplesmente salvos da sua ira, mas confortando-nos no seu amor, e isto através de Jesus Cristo, o Alfa e o Ômega, a pedra angular e principal de todos os nossos confortos e esperanças – não somente *a nossa salvação, mas a nossa força e a nossa canção*; e isto (ele repete batendo na mesma tecla) por virtude da expiação, pois por meio dele nós cristãos, nós crentes, agora, agora nos tempos do Evangelho, ou agora nesta vida, *alcançamos a reconciliação*, a qual era tipificada pelos sacrifícios do tempo da lei, e é uma garantia de nossa felicidade no céu. Os verdadeiros crentes alcançam a reconciliação através de Jesus Cristo. Alcançar a expiação é a nossa verdadeira reconciliação com Deus na justificação, fundamentada na expiação realizada por Cristo. Alcançar *a reconciliação* é: (1) Consentir na reconciliação, aceitar e concordar com aqueles métodos que a Infinita Sabedoria adotou para salvar um mundo culpado, através do sangue de um Jesus crucificado, estando disposto e feliz em ser salvo à maneira do evangelho e sob seus termos. (2) Ser confortado pela expiação, a qual é a fonte e o fundamento de nosso gloriar-se em Deus. Então *nos gloriamos em Deus*, então, de fato, *alcançamos a reconciliação, kauchomenoi – gloriando-nos* nela. Deus aceitou a reconciliação (Mt 3.17; 17.5; 28.2): se nós a aceitarmos, a obra estará realizada.

III O paralelo que o apóstolo traça entre a transmissão do pecado e da morte pelo primeiro Adão e da justiça e da vida pelo segundo Adão (vv. 12-21), o que não somente ilustra a verdade da qual ele está falando, mas tende muito ao louvor do amor de Deus e ao conforto dos corações dos verdadeiros crentes, mostrando uma correspondência entre a nossa queda e a nossa restauração, e não somente um poder semelhante, mas um muito maior que existe no segundo Adão para nos fazer felizes do que havia no primeiro Adão para nos tornar miseráveis. Agora, abrindo essa seção, observe:

1. Uma verdade geral estabelecida como fundamento de seu discurso – que Adão era um tipo de Cristo (v. 14): "*...o qual é a figura daquele que havia de vir*". Por isso, Cristo é chamado de "*...o último Adão*" (1 Co 15.45; compare com o v. 22). Segundo este versículo, Adão era um tipo de Cristo, sendo uma pessoa pública nos tratados de aliança que existiam entre Deus e ele e nos acontecimentos resultantes daqueles tratados. Deus tratou com Adão e este agiu como um pai de todos e causa, raiz e representante, de e para toda a sua posteridade; de

maneira que o que ele fez, estando naquela posição, como nosso agente, pode-se dizer que nós o fizemos através dele, e o que lhe aconteceu, pode-se dizer que aconteceu a nós. Da mesma forma Jesus Cristo, o Mediador, agiu como uma pessoa pública, sendo a cabeça de todos os eleitos: tratou com Deus por eles, como seu pai, causa, raiz e representante – morreu por eles, ressuscitou por eles, entrou além do véu por eles, fez tudo por eles. Quando Adão falhou, nós falhamos com ele, quando Cristo atuou, Ele o fez por nós. Assim, Adão era *typos tou mellontos – figura daquele que havia de vir*, vir para reparar aquela ruptura que Adão tinha feito.

2. Uma explicação mais detalhada do paralelo, na qual observe:

(1) Como Adão, sendo uma pessoa pública, transmitiu o pecado e a morte a toda a sua posteridade (v. 12): "*...por um homem entrou o pecado*". Vemos o mundo sob um dilúvio de pecado e morte, cheio de iniqüidades e repleto de calamidades. Então, vale a pena perguntar pela fonte que o alimenta, e você a encontrará na corrupção geral da natureza; e por qual brecha ele entrou, e você descobrirá que foi o primeiro pecado de Adão. Foi *por um homem*, sendo ele o primeiro homem (pois se alguém tivesse existido antes dele, seria livre), aquele homem de quem, como da raiz, todos nós viemos. [1] Através dele, *entrou o pecado*. Quando Deus disse que tudo era muito bom (Gn 1.31) não havia pecado no mundo; foi quando Adão comeu do fruto proibido que o pecado entrou no mundo. O pecado havia entrado anteriormente no mundo dos anjos, quando muitos deles se revoltaram contra sua submissão e abandonaram o seu primeiro estado; mas, antes do pecado de Adão, ele nunca havia entrado no mundo da humanidade. Então o pecado entrou como um inimigo, para matar e destruir, como um ladrão, para roubar e despojar; e foi uma entrada sinistra. Então entrou a culpa do pecado de Adão, que foi imputada à posteridade, e uma corrupção e depravação geral da natureza. *Eph' ho – por isso* (assim nós lemos), melhor, *em quem, todos pecaram*. O pecado entrou no mundo através de Adão, pois todos nós pecamos nele. Como está em 1 Coríntios 15.22: "*...todos morrem em Adão*", também aqui, nele "*...todos pecaram*"; pois está em conformidade com a lei de todas as nações que nas ações de uma pessoa pública sejam contadas as ações das pessoas que elas representam e que as ações de cada membro do corpo estão implicadas nas ações de todo o corpo. Assim sendo, Adão agiu como uma pessoa pública, pela soberana ordenação e designação de Deus, e que ainda se baseou em uma necessidade natural; pois Deus, como o autor da natureza, fez disso a lei da natureza, que, assim como as outras criaturas, o homem devia gerar em sua própria semelhança. Em Adão, portanto, como em um receptáculo comum, foi depositada toda a natureza humana, dele fluindo para toda a sua posteridade; pois toda a humanidade é feita "*...de um só*" (At 17.26), assim, à medida que essa natureza se mostra em seu estar em pé ou cair, antes que ele se livre dela, conseqüentemente ela é propagada a partir dele. Por isso, pecando Adão e caindo, a natureza tornou-se culpada e corrupta e foi assim propagada. Dessa forma, nele todos pecamos. [2] "*...pelo pecado, a morte*", pois a morte é o salário do pecado. O pecado, quando consumado, gera a morte. É claro que, quando veio o pecado, a morte veio com ele. Aqui a morte significa toda aquela miséria que é a devida recompensa pelo pecado, a morte temporal, espiritual e eterna. Se Adão não tivesse pecado, não teria morrido; a ameaça era: "*...no dia em que dela comerdes, certamente morrerás*" (Gn 2.17). [3] "*...assim também a morte passou...*", isto é, a sentença de morte passou, como a um criminoso, *dielthen – passou a* todos os homens, como uma doença contagiosa se espalha por uma cidade, de maneira que ninguém escapa. É o destino universal, sem exceção: a morte passa por todos. Há calamidades universais ligadas à vida humana que provam isso satisfatoriamente. "*...a morte reinou...*" (v. 14). Ele fala da morte como se ela fosse um príncipe poderoso e de sua monarquia como sendo a mais absoluta, universal e permanente. Ninguém está isento de seu cetro; é uma monarquia que sobreviverá a todo poder, autoridade e governo terrenos, pois é o último inimigo (1 Co 15.26). Aqueles filhos de Belial que não se sujeitarão a nenhum outro governo não podem evitar estarem sujeitos a esse. Agora, podemos agradecer a Adão por isso; o pecado e a morte vêm dele. Bem, podemos dizer como aquele bom homem, observando a mudança que uma doença provocou em sua aparência: Ó *Adão!* O que você fez?

Além disso, para ficar bem claro, ele mostra que o pecado não começou com a lei de Moisés, mas estava *no mundo*, e *antes* daquela lei; por essa razão aquela lei de Moisés não é a única regra de vida, pois, antes que a lei fosse dada, havia uma regra que foi transgredida. Da mesma forma isso insinua que não podemos ser mais justificados por nossa obediência à lei de Moisés do que éramos condenados através e pela nossa desobediência a ela. O pecado estava no mundo antes da lei; são testemunhas disso o assassinato que Caim cometeu, a apostasia do velho mundo e a maldade de Sodoma. Daí a inferência do apóstolo ser: por essa razão, havia uma lei; porque "*...o pecado não é imputado não havendo lei*". O pecado original é uma falta de conformidade com lei de Deus, e o pecado efetivo, uma transgressão dela. Portanto, todos estavam sob alguma lei. Ele prova isso da seguinte maneira: "*...a morte reinou desde Adão até Moisés*" (v. 14). É certo que a morte não poderia ter reinado se o pecado não lhe tivesse instalado o trono. Isso prova que o pecado estava no mundo antes da lei, e o pecado original, pois a morte reinou sobre aqueles que não haviam cometido nenhum pecado efetivo, "*...que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão*", ou seja, nunca pecaram eles mesmos como Adão pecara – o que deve ser compreendido com respeito às crianças, as quais jamais tinham culpa de qualquer pecado pessoal, mas morriam porque o pecado de Adão lhes era imputado. Esse reino da morte parece referir-se especialmente àqueles julgamentos violentos e extraordinários que ocorreram muito antes de Moisés, como o dilúvio e a destruição de Sodoma, os quais envolveram crianças. É uma grande prova do pecado original que criancinhas, não sendo nunca culpadas de qualquer transgressão pessoal, estejam sujeitas a terríveis doenças, acidentes e mortes, o que não poderia, de maneira nenhuma, se ajustar com a justiça e a retidão de Deus, se elas não fossem imputáveis com culpa.

(2) Como, em correspondência a isso, Cristo, como uma pessoa pública, transmite justiça e vida a todos os

verdadeiros crentes, os quais são a sua posteridade espiritual. E nisso, ele não mostra apenas onde está a semelhança, mas, *ex abundanti*, em que a transmissão da graça e do amor de Cristo ultrapassa a transmissão da culpa e da ira que vieram através de Adão. Observe:

[1] Onde está a semelhança. Isso é colocado mais plenamente nos versículos 18 e 19.

Em primeiro lugar, "*...pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores*" e "*...veio o juízo sobre todos os homens para condenação*". Observe aqui: 1. Que o pecado de Adão foi desobediência, desobediência a uma ordem simples e clara; e era uma ordem de teste. O que ele fez era mau porque era proibido, e não ao contrário, e isso abriu a porta para outros pecados, embora em si mesmo parecesse tão insignificante. 2. Que a malignidade e o veneno do pecado são muito fortes e se espalham, do contrário, a culpa do pecado de Adão não teria ido tão longe, nem teria sido um rio tão profundo e longo. Quem pensaria que haveria tanta maldade no pecado? 3. Que pelo pecado de Adão muitos são feitos pecadores; *muitos*, isto é, toda a sua posteridade; o termo muitos está em oposição ao único que pecou. *Feitos pecadores, katestathesan.* Isso denota que somos feitos pecadores através de um ato judicial: fomos considerados pecadores pelo devido processo da lei. 4. Aquele julgamento vem para condenação de todos os que foram feitos pecadores através da desobediência de Adão. Sendo criminosos, somos condenados. Toda a humanidade está sob uma sentença, como um confisco sobre uma família. Há julgamento feito e registrado contra nós no tribunal do céu; e, se ele não for anulado, provavelmente devemos afundar debaixo dele pela eternidade.

Em segundo lugar, da mesma maneira, "*...por um só ato de justiça* [...] *e pela obediência de um* (que é Jesus Cristo, o segundo Adão), *muitos serão feitos justos*", e dessa forma, "*...veio a graça sobre todos os homens...*". É nítido como o apóstolo aponta para essa verdade, e sempre a repete, como uma verdade de grandíssima conseqüência. Observe aqui: 1. A natureza da retidão de Cristo, como ela é apresentada: é pela sua obediência. A desobediência do primeiro Adão nos arruinou, a obediência do segundo Adão nos salva – sua obediência à lei de mediação, que consistia em que Ele devia cumprir toda justiça e, assim, fazer de sua alma uma oferta pelo pecado. Pela sua obediência a essa lei, Ele realizou uma justiça para nós, satisfez a justiça de Deus e, assim, abriu caminho para nós até o favor de Deus. 2. O fruto da obediência. (1) "*...veio a graça sobre todos os homens...*", isto é, se realiza e é oferecida indiscriminadamente a todos. A salvação realizada é uma *salvação universal*; a oferta é geral, a dádiva, gratuita; qualquer um pode vir e beber dessa água da vida. Essa graça é para todos os crentes, pela sua fé, "*...para justificação de vida*". Não é apenas uma justificação que livra da morte, mas que dá direito à vida. (2) "*...muitos serão feitos justos*" – muitos comparados com um, ou tantos quantos pertencerem à eleição da graça, os quais, embora poucos quando estão espalhados pelo mundo, serão muitos quando estiverem reunidos. *Katastathesontai – eles serão constituídos* justos, como por documentos oficiais. Então, a antítese entre esses dois, a nossa ruína por intermédio de Adão e a nossa restauração por intermédio de Cristo, é suficientemente óbvia.

[2] Em que a transmissão da graça e do amor por intermédio de Cristo ultrapassa a transmissão da culpa e da ira por intermédio de Adão; e isso ele mostra nos versículos 15-17. Isso é planejado para a exaltação da riqueza do amor de Cristo e para o consolo e o encorajamento dos crentes, os quais, considerando que ferida o pecado de Adão tem provocado, podiam perder a esperança de conseguir um remédio proporcional. As expressões que o apóstolo usa são um pouco complexas, mas parece que ele quer dizer que: em primeiro lugar, se culpa e ira são transmitidas, muito mais graça e amor; pois é adequado à idéia que temos da bondade divina supor que Ele devia estar mais preparado para salvar com base em uma justiça imputada do que para condenar por uma culpa imputada: "*...muito mais a graça de Deus e o dom da graça*". De todos os seus atributos, a bondade de Deus é, de maneira especial, a sua glória e é essa graça que é a raiz (seu favor por nós em Cristo), e o dom é pela graça. Nós sabemos que Deus está mais inclinado a mostrar misericórdia; punir é seu trabalho estranho. Em segundo lugar, se havia tanto poder e eficácia para nos condenar, como parece que havia, no pecado de um homem, que era da terra, terreno, há muito mais poder e eficácia na justiça e na graça de Cristo, que é o Senhor do céu, para nos justificar e nos salvar. O *um homem* que nos salva é Jesus Cristo. Com certeza Adão não podia propagar um veneno tão forte, mas Jesus Cristo podia fazê-lo com um antídoto tão forte, e muito mais forte. Em terceiro lugar, é a culpa de uma única ofensa de Adão que está servindo para a nossa acusação: *o julgamento era ex henos eis katakrima, por uma*, isto é, por uma só ofensa (vv. 16,17). Mas, de Jesus Cristo nós recebemos e obtemos uma *abundância da graça* e do *dom da justiça*. O rio da graça e da justiça é mais profundo e largo do que o rio da culpa; pois essa justiça não apenas leva embora a culpa daquela ofensa, mas de muitas outras, até mesmo de todas. Deus em Cristo perdoa todas as transgressões (Cl 2.13). Em quarto lugar, *a morte reinou* pelo pecado de Adão; mas, pela justiça de Cristo não foi apenas um ponto final colocado no reinado da morte, porém, os crentes também são designados para reinar *em vida* (v. 17). Na e pela justiça de Cristo não temos somente uma carta de perdão, mas uma patente de honra; não somos apenas livres de nossas cadeias, mas, como José, somos promovidos ao segundo carro e feitos para Deus reis e sacerdotes – não somente perdoados, mas promovidos (veja Ap 1.5,6; 5.9,10). Através de Cristo e sua justiça, somos designados para, e instalados em, privilégios maiores do que os que perdemos pela ofensa de Adão. O emplastro é maior que o ferimento e tem mais efeitos curativos do que este tem efeitos mortais.

IV Nos últimos dois versículos, o apóstolo parece antecipar uma objeção que é enunciada em Gálatas 3.19: "*Logo, para que é a lei?*" Resposta: 1. "*Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse*". Não para fazer o próprio pecado transbordar mais (senão que, como pecado, ele aproveita a oportunidade dada pelo mandamento), mas para mostrar a abundante pecaminosidade que ele tem. O vidro apresenta as bolhas mas não as causa. Quando o mandamento veio ao mundo o pecado reviveu, como uma luz mais clara em uma sala

escura mostra a poeira e a sujeira que já estavam ali, mas não eram vistas. Foi como o exame de uma ferida, que é necessário para curá-la. *A ofensa, to paraptoma – aquela ofensa*, o pecado de Adão, a extensão da culpa desse pecado a nós, e o efeito da corrupção em nós, constituem-se na multiplicação daquela ofensa que se destacou com a vinda da lei. 2. "*...superabundou a graça*" – para que os terrores da lei pudessem fazer os consolos do evangelho muito mais agradáveis. O pecado multiplicou-se entre os judeus; mas, para aqueles dentre eles que haviam se convertido à fé em Cristo, não superabundou a graça na remissão de tanta culpa e na vitória sobre tanta corrupção? Quanto maior a força do inimigo, maior a honra do vencedor. Ele ilustra essa abundância da graça no versículo 21. Assim como o reinado de um tirano e opressor serve de realce para o reinado de um príncipe justo e bondoso que o sucede, e para fazê-lo mais ilustre, também o reinado do pecado realça o reinado da graça. "*...o pecado reinou na morte*", e foi um reinado cruel e sangrento. Mas *a graça* reina para a vida, a *vida eterna*, e isso por meio da justiça, justiça que nos foi imputada por justificação, implantada em nós para santificação; e tudo isso por "*Jesus Cristo, nosso Senhor*", por meio do poder e da eficácia de Cristo, o grande profeta, sacerdote e rei da igreja.

CAPÍTULO 6

O apóstolo, após ter afirmado, esclarecido e provado detalhadamente a grande doutrina da justificação pela fé, temendo que alguém pudesse tirar veneno daquela flor perfumada, e mudasse a graça de Deus em libertinagem e licenciosidade, com o mesmo zelo, riqueza de expressão e argumentos irrefutáveis, ressalta a absoluta necessidade de santificação e de uma vida santa, como o fruto inseparável e companheiro da justificação; pois, onde quer que Jesus Cristo seja feito por Deus justiça a qualquer alma, Ele é feito por Deus santificação para aquela alma (1 Co 1.30). A água e o sangue jorraram juntos do lado perfurado de Jesus. E o que Deus assim juntou não ousemos separar.

Sobre a Santificação

vv. 1-23

É nítida a transição feita pelo autor, que junta esse discurso com o anterior: "*Que diremos, pois?* (v. 1). Que uso faremos dessa doutrina suave e consoladora? Praticaremos o mal para que venha o bem, como dizem alguns que fazemos? (cap. 3.8). *Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante?* Devemos então nos encorajar a pecar com muito maior ousadia, porque quanto mais pecado cometermos, mais a graça de Deus será exaltada com o nosso perdão? É assim que devemos usá-la?". Não, isso é um insulto e o apóstolo se assusta ao pensar nisso (v. 2): "*De modo nenhum!* Longe de nós pensarmos assim." Ele trata a objeção como Cristo fez com a pior tentação do diabo (Mt 4.10): "*...vai-te, Satanás*". Aquelas opiniões que dão qualquer base para o pecado ou abrem a porta para a prática de imoralidades, por mais que sejam interpretadas como sendo razoáveis e plausíveis pela pretensão que têm de aumentar a graça livre, devem ser rejeitadas com a maior repugnância; pois a verdade como ela está em Jesus é uma verdade "*...segundo a piedade*" (Tt 1.1). O apóstolo é bastante completo ao impor a necessidade de santidade neste capítulo, o qual pode ser reduzido a dois temas: As exortações que ele faz em relação à santidade, que mostram a sua natureza; e os motivos ou argumentos que ele usa para reforçá-las, que mostram a sua necessidade.

I Sobre o primeiro, podemos aqui observar a natureza da santificação, o que ela é e em que consiste. Em geral, ela compreende duas coisas: mortificação e vivificação – morrer para o pecado e viver para a justiça, expresso alhures por despir-se do homem velho e vestir-se do novo, deixar de praticar o mal e aprender a fazer o bem.

1. Mortificação, despir-se do homem velho; isso é expresso de várias formas. (1) Nós não devemos mais viver no *pecado* (v. 2), não devemos ser como temos sido nem praticar o que temos praticado. O tempo passado de nossa vida deve ser o suficiente (1 Pe 4.3). Embora não haja ninguém que viva sem pecado, existem (louvado seja Deus!) aqueles que não vivem no pecado, não vivem nele como em seu hábitat, não fazem negócio com ele: isso é ser santificado. (2) "*...o corpo do pecado seja desfeito*" (v. 6). A corrupção que habitou em nós é o corpo do pecado, composto de muitas partes e membros, como um corpo. Essa é a raiz na qual o machado deve ser colocado. Nós não devemos apenas parar com os atos do pecado (isso pode ser feito pela influência de restrições externas, ou outras formas de indução), mas devemos enfraquecer e destruir as inclinações e os hábitos viciosos; não apenas tirar os ídolos do santuário, mas tirar do coração os ídolos da iniqüidade. "*...a fim de que não sirvamos mais ao pecado*". A transgressão efetiva certamente é evitada em grande medida pela crucificação e morte da corrupção original. Destrua o corpo do pecado e, então, embora restem cananeus na terra, os israelitas não serão escravos deles. É o corpo do pecado que tem o cetro, que usa a vara de ferro; destrua-o e o jugo será quebrado. Israel oprimido é liberto dos moabitas com a destruição do tirano Eglom. (3) Nós devemos estar "*...mortos para o pecado*" (v. 11). Se a morte do opressor significa uma libertação, tanto mais é a morte do oprimido (Jó 3.17,18). A morte traz um documento de consolo para o cansado. Assim, nós devemos estar mortos para o pecado; devemos obedecê-lo, observá-lo, considerá-lo, cumprir a sua vontade não mais do que aquele que está morto faz em relação a seu antigo capataz – sermos tão indiferentes aos prazeres e deleites do pecado quanto um homem que está morto é para com suas diversões anteriores. Aquele que está morto está separado de seus companheiros, convivência, negócios, prazeres, ocupações anteriores, não é o que ele era, não faz o que fazia, não tem o que tinha. A morte provoca uma mudança poderosa; tal mudança de fato a santificação causa na alma, cortando toda correspondência com o pecado. (4) "*Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes...*" (v. 12). Embora o pecado fique como um fora da lei, embora ele oprima como um tirano, contudo, não

deixemos que ele reine como um rei. Não o deixemos fazer leis, nem presidir em conselhos, nem comandar o exército; não permitamos que ele se eleve na alma, de maneira que devamos obedecê-lo. Embora às vezes possamos ser dominados por ele, contudo não devemos permitir jamais sermos obedientes a ele nas suas concupiscências; não permita que desejos pecaminosos sejam como uma lei para você, aos quais você deveria prestar obediência. "...*em suas concupiscências*" – *en tais epithumiais autou*. Refere-se ao corpo, não ao pecado. O pecado está na realidade na satisfação do corpo e na concessão que esse faz a ele. E há um motivo subentendido na frase: "...*vosso corpo mortal*"; porque ele é um corpo mortal e está correndo rapidamente para o pó; por isso, não permita que o pecado reine nele. Foi o pecado que tornou mortais os nossos corpos, portanto, não prestemos obediência a tal inimigo. (5) "...*nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniqüidade*" (v. 13). Os membros do corpo são usados como instrumentos pela natureza corrupta e através deles as inclinações da carne são realizadas; mas não devemos consentir em tal abuso. Os membros do corpo foram criados de forma admirável e maravilhosa; é uma pena que eles sejam os instrumentos demoníacos da *iniqüidade* para o pecado, instrumentos das ações pecaminosas, segundo as disposições pecaminosas. A iniqüidade é para o pecado; as ações pecaminosas confirmam e fortalecem os hábitos pecaminosos; um pecado gera outro; é como o avanço das águas; portanto, deixe-o antes que ele se fixe. Talvez os membros do corpo possam ser forçados a servir de instrumentos do pecado quando a tentação prevalece; mas não permita que isso aconteça com eles, não consinta com isso. Esta é uma parte da santificação: a mortificação do pecado.

2. Vivificação, ou viver para a justiça; e o que é isso? (1) É andar "...*em novidade de vida*" (v. 4). Novidade de vida supõe novidade de coração, pois do coração procedem as saídas da vida, e não há nenhuma maneira de fazer com que o rio seja de água doce a não ser fazendo com que a fonte seja. Na Escritura, andar é colocado como o curso e padrão da conduta, que deve ser novo. Andar segundo novas regras, em direção a novos fins, a partir de novos princípios. Fazer uma nova escolha do caminho. Escolher novas trilhas nas quais caminhar. As velhas coisas devem passar e tudo se tornar novo. O homem é o que ele não era e faz o que não fazia. (2) É estar vivo "...*para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor*" (v. 11). Conviver com Deus, ter consideração por Ele, deleite nele, preocupação pelo nome dele; em todas as ocasiões, ter a alma voltada em direção a Ele como em direção a algo agradável, no qual ela obtém satisfação: isto é estar vivo para Deus. A vida da alma para com Deus é o amor dele reinando no coração. *Anima est ubi amat, non ubi animat – A alma está mais onde ela ama do que onde ela vive*. É ter as afeições e os desejos vivos para com Deus. Ou, *vivendo* (nossa vida na carne) *para Deus*, tendo a sua honra e glória como nossa finalidade e a sua palavra e vontade como nossa regra – reconhecê-lo em todos os nossos caminhos e sempre ter os nossos olhos voltados para Ele; isso é viver para Deus. "...*em Cristo Jesus, nosso Senhor*". Cristo é a nossa vida espiritual; não há nenhum viver para Deus a não ser através dele. Ele é o Mediador; não se pode receber nada confortador de Deus, nem existe respeito aceitável para com Deus, a não ser em e através de Jesus Cristo; nenhuma comunicação entre almas pecadoras e um Deus Santo, a não ser mediante o Senhor Jesus. Através de Cristo como o autor e o mantenedor dessa vida; através de Cristo como a cabeça de quem recebemos influência vital; através de Cristo como a raiz pela qual recebemos seiva e nutrição, e assim vivemos. No viver para Deus, Cristo é tudo em todos. (3) É o "...*apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos*" (v. 13). A própria vida e essência da santidade repousam em nossa própria dedicação ao Senhor, entregando-lhe nosso próprio ser (2 Co 8.5). "Entregai-vos a Ele, não apenas como o vencido entrega-se ao vencedor, porque não pode resistir por mais tempo; mas como a esposa se apresenta ao marido, para quem é seu desejo, como um aluno se apresenta diante do professor, o aprendiz diante de seu mestre, para ser ensinado e guiado por ele. Não entregueis os vossos bens a Ele, mas vós mesmos; nada menos que todo o vosso ser"; *parastesate heautous, accommodate vos ipsos Deo – acomodai-vos a Deus*; assim Tremellius, a partir do Siríaco. "Não apenas submetei-vos a Ele, mas sujeitai-vos a Ele; não somente apresentai-vos a vós mesmos a Ele definitivamente, mas estai sempre prontos a servi-lo. Apresentai-vos a Ele como a cera para o selo, para assumir qualquer impressão, para serdes, terdes e fazerdes o que lhe agrada". Quando Paulo disse: "*Senhor, que queres que faça?*" (At 9.6), foi quando ele se entregou a Deus. Como *vivos dentre mortos*. Apresentar uma carcaça morta para um Deus vivo não é agradá-lo, mas escarnecer dele: "Apresentai-vos como aqueles que estão vivos e úteis para alguma coisa, um "...*sacrifício vivo*" (cap. 12.1). 1. A evidência mais certa de nossa vida espiritual é a nossa própria dedicação a Deus. Convém àqueles que vivem dentre os mortos (pode-se entender de uma morte na lei), que são justificados e libertos da morte, entregarem-se a si mesmos àquele que os tem redimido. (4) É apresentar os nossos "...*membros a Deus como instrumentos de justiça*". Os membros de nosso corpo, quando afastados do serviço do pecado, não devem ficar inativos, mas devem ser usados no serviço de Deus. Quando o homem forte e armado é despojado, deixe aquele que tem direito dividir os despojos. Embora os poderes e faculdades da alma sejam os objetos imediatos da santidade e da justiça, os membros do corpo devem ser instrumentos; o corpo deve estar sempre pronto para servir a alma no serviço de Deus. Assim (v. 19), "...*apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação*". Deixa-os estar sob a direção e o comando da justa lei de Deus, e daquele princípio da própria justiça que o Espírito, como santificador, planta na alma. "...*justiça para a santificação*", a qual implica crescimento, progresso, e o fundamento obtido. Como todo ato pecaminoso confirma o hábito pecaminoso e faz a natureza cada vez mais inclinada ao pecado (por isso é dito aqui que os membros de um homem natural servem "...*à maldade para a maldade*" – um pecado torna o coração mais disposto para outro), também cada ato gracioso confirma o hábito gracioso; um dever nos prepara para outro; e quanto mais fizermos, mais poderemos fazer por Deus. Nossa justiça prestimosa é *eis hagiasmon – como uma evidência da santificação.*

II Os motivos ou argumentos aqui usados para mostrar a necessidade de santificação. Por natureza, existe tal antipatia em nossos corações em relação à santidade que não é nada fácil submetê-los a ela; é a obra do Espírito, que convence por persuasões tais como essas que se estabelecem na alma.

1. Ele argumenta a partir de nossa conformidade sacramental com Jesus Cristo. Nosso batismo, com seu motivo e finalidade, traz em si uma grande razão pela qual devemos morrer para o pecado e viver para a justiça. Assim, devemos aproveitar nosso batismo como um freio para nos manter longe do pecado, como um aguilhão de constrangimento para nos estimular ao dever. Observe este raciocínio:

(1) Em geral, nós estamos "*...mortos para o pecado*", isto é, em confissão e em obrigação. Nosso batismo significa nossa ruptura com o reino do pecado. Nós confessamos não ter mais nada a ver com o pecado. Estamos mortos para o pecado ao participarmos da virtude e do poder de matá-lo, e por nossa união com Cristo e nosso interesse nele, em e por quem o pecado está morto. Tudo isso será em vão, se persistirmos no pecado; nós contradizemos uma confissão, violamos uma obrigação, retornamos àquilo para o que estávamos mortos, como fantasmas errantes, em relação a que nada é mais inconveniente e absurdo. Pois (v. 7) "*...aquele que está morto está justificado do pecado*"; isto é, aquele que está morto para ele está livre do seu controle e do seu domínio, como o servo morto está livre de seu senhor (Jo 3.19). Então, seremos tão tolos a ponto de retornar para aquela escravidão da qual estamos libertos? Ao estamos libertos do Egito, vamos querer voltar para ele novamente?

(2) Em particular, "*...em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte*" (v. 3). Nós fomos batizados *eis Christon – em Cristo*, como em 1 Coríntios 10.2, *eis Mosen – em Moisés*. O batismo nos liga a Cristo, ele nos liga como aprendizes a Cristo como nosso professor; ele significa a nossa submissão a Cristo como o nosso soberano. O batismo é *externa ansa Christi – a pegadeira externa de Cristo*, pela qual Cristo se apodera dos homens e esses se oferecem a Ele. Particularmente, fomos batizados em sua morte, participando dos privilégios adquiridos por ela, e em uma obrigação, tanto de nos sujeitar ao desígnio de sua morte, que era nos redimir de toda iniqüidade, quanto de nos conformar ao padrão de sua morte, para que, como Cristo morreu pelo pecado, nós também morramos para o pecado. Essas são a confissão e a promessa de nosso batismo e não faremos bem se não agirmos de acordo com essa confissão e confirmarmos essa promessa.

[1] Nossa conformidade à morte de Cristo nos obriga a morrer para o pecado; por meio disso, nós conhecemos "*...a comunicação de suas aflições*" (Fp 3.10). Assim, se diz de nós aqui que somos "*...plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte*" (v. 5), *to homoiomati*, não somente uma conformidade, mas uma conformação, como a planta enxertada é plantada juntamente na semelhança do broto, de cuja natureza ela participa. Plantar é para a vida e a frutificação: somos plantados na videira à semelhança de Cristo, cuja semelhança nós devemos evidenciar na santificação. Nosso credo concernente a Jesus Cristo é, entre outras coisas, que Ele *foi crucificado, morto e sepultado*; então o batismo é uma conformidade sacramental com Ele em cada um desses pontos, como o apóstolo aqui observa. Em primeiro lugar, "*...nosso velho homem foi com ele crucificado*" (v. 6). A morte de cruz era uma morte lenta; o corpo, depois que era pregado à cruz, sentia muita dor e muito esforço, mas, embora demorasse para o moribundo expirar, era uma morte certa; tal é a mortificação do pecado nos crentes. Era uma morte amaldiçoada (Gl 3.13). O pecado morre como um malfeitor condenado à destruição; ele é algo amaldiçoado. Embora seja uma morte lenta, contudo o fato de ser um velho homem que está sendo crucificado deve acelerá-la, pois ele não está no auge de sua força, mas na decadência; o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar (Hb 8.13). *Com ele crucificado – synestaurothe*, não com respeito ao tempo, mas à causalidade. A crucificação de Cristo por nós influencia na crucificação do pecado em nós. Em segundo lugar, nós estamos mortos com Cristo (v. 8). Cristo foi obediente até a morte; podemos dizer que, quando Ele morreu, nós morremos com Ele, assim como nossa morte para o pecado é um ato de conformidade, tanto à intenção quanto ao exemplo da morte de Cristo para o pecado. O batismo significa e sela a nossa união com Cristo, o fato de sermos enxertados em Cristo, de maneira que estamos mortos com Ele e empenhados em não termos mais a ver com o pecado do que Ele tinha. Em terceiro lugar, "*...fomos sepultados com ele pelo batismo...*" (v. 4). Nossa conformidade está completa. Pela confissão, nós estamos totalmente desligados de toda relação e comunhão com o pecado, como aqueles que estão sepultados estão completamente desligados de todo o mundo; não apenas não pertencem aos vivos, mas não estão mais entre eles, não tendo mais nada a ver com eles. Assim devemos ser, como Cristo foi, separados do pecado e dos pecadores. Nós estamos sepultados, a saber, pela confissão e pela obrigação: assim confessamos ser e somos obrigados a ser assim; esse foi o nosso pacto e o nosso engajamento no batismo; nós somos selados para ser do Senhor, portanto, separados do pecado. Confesso que não consigo entender por que esse sepultamento no batismo deva aludir tanto a algum costume de mergulhar na água por ocasião do batismo, mais do que nossa crucificação e morte batismais devam ter qualquer conotação desse tipo. Está claro que não é o sinal, mas a coisa significada no batismo que o apóstolo chama aqui de ser sepultado com Cristo, e a expressão do sepultamento alude ao sepultamento de Cristo. Como Cristo foi sepultado, para que Ele pudesse ressuscitar para uma vida nova e celestial, dessa forma somos sepultados no batismo, isto é, separados da vida de pecado, para que possamos ressuscitar para uma nova vida de fé e amor.

[2] Nossa conformidade com a ressurreição de Cristo nos leva a ressuscitar para novidade de vida. Essa é "*...a virtude da sua ressurreição*", a qual Paulo estava tão desejoso de conhecer (Fp 3.10). Cristo "*...ressuscitou dos mortos pela glória do Pai*", isto é, pelo poder do Pai. O poder de Deus é a sua glória; é poder glorioso (Cl 1.11). Então, no batismo somos obrigados a nos conformar àquele padrão, a sermos plantados na "*...semelhança... da sua ressurreição*" (v. 5), a vivermos *com Ele* (v. 8; veja Cl 2.12). A conversão é a primeira ressurreição da morte do pecado para a vida de justiça; e essa ressurreição é semelhante à ressurreição de Cristo. Parece que essa conformidade que

existe entre os santos e a ressurreição de Cristo é insinuada na ressurreição de muitos corpos dos santos, a qual, embora mencionada antes como se a antecipasse, supõe-se que tenha sido simultânea à de Cristo (Mt 27.52). Todos nós temos ressuscitado com Cristo. Em duas coisas, nós devemos corresponder à ressurreição de Cristo: em primeiro lugar, Ele levantou-se para não morrer mais (v. 9). Nós lemos de muitos outros que foram ressuscitados dos mortos, mas para morrer novamente; mas, quando Cristo ressuscitou, o fez para nunca mais morrer; por isso Ele deixou sua mortalha para trás, enquanto que Lázaro, que devia morrer novamente, saiu com ela, como alguém que a usaria de novo; mas sobre Cristo *a morte não mais terá domínio.* De fato, Ele esteve morto, mas está vivo, e tão vivo que viverá para sempre (Ap 1.18). Assim, nós devemos levantar do túmulo do pecado para jamais retornar a ele, nem para termos qualquer participação nas obras das trevas, tendo abandonado aquele túmulo, aquela terra das trevas, como também as próprias trevas. Em segundo lugar, Ele levantou-se para viver para Deus (v. 10), para viver uma vida celestial, para receber aquela glória que lhe foi apresentada. Outros que foram ressuscitados dos mortos retornaram à mesma vida que, em todos os aspectos, tinham vivido antes; mas isso não ocorreu com Cristo: Ele ressuscitou para deixar o mundo. "*E eu já não estou mais no mundo*" (Jo 13.1; 17.11). Ele levantou-se para *viver para Deus*, isto é, para interceder e governar, e tudo para a glória do Pai. Dessa forma, nós devemos ressuscitar para viver para Deus; isso é o que ele chama de "...*novidade de vida*" (v. 4), viver a partir de outros princípios, por outras regras, com outros objetivos, além daqueles em que temos vivido. Uma nova vida é uma vida devotada a Deus; antes o ego era o comandante e a mais alta finalidade que tínhamos, mas agora é Deus. Viver de fato é viver para Deus, tendo nossos olhos sempre nele e fazendo dele o centro de todas as nossas ações.

2. Ele argumenta a partir das preciosas promessas e privilégios da nova aliança (v. 14). Pode-se objetar que não podemos vencer e subjugar o pecado; que isso é inevitavelmente muito difícil para nós: "Não", ele diz, "vós lutais com um inimigo com que se pode lidar e que pode ser subjugado se permanecerdes em vossa posição e com as armas em punho; ele é um inimigo que já está derrotado e confundido; existe força armazenada na aliança da graça para a vossa assistência, se simplesmente quiserdes utilizá-la. *O pecado não terá domínio*". As promessas de Deus para nós são mais poderosas e efetivas para a mortificação do pecado do que as nossas promessas para Deus. O pecado pode se agitar dentro de um crente e criar muito transtorno para ele, mas não terá domínio; o pecado pode fustigá-lo, mas não governará sobre ele. "...*Pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça*", não estamos sob a lei do pecado e da morte, mas sob a lei do espírito de vida que está em Cristo Jesus: somos estimulados por princípios diferentes daqueles que nos estimulavam: novos senhores, novas leis. Ou, não estamos sob a aliança das obras, que exige tijolos e não dá palha, que condena pela menor falha, que procede da seguinte forma: "Se fizerdes isto vivereis, se não o fizerdes, morrereis"; mas sob a aliança da graça, que aceita a sinceridade como a nossa perfeição evangélica, que não exige nada senão o que ela dá força para realizar, o que é aqui bem ordenado, que toda transgressão na aliança não nos excluirá dela, e especialmente que ela não deixa a nossa salvação por nossa própria conta, mas a coloca nas mãos do Mediador, o qual por nós se encarrega de que o pecado não terá domínio sobre nós; o próprio que o havia condenado e o destruirá; de maneira que se procurarmos a vitória, seremos mais do que vencedores. Cristo governa pelo cetro dourado da graça e Ele não permitirá que o pecado tenha domínio sobre aqueles que desejam submeter-se ao seu governo. Essa é uma palavra muito confortadora para todos os verdadeiros crentes. Se estivéssemos sob a lei, estaríamos perdidos, pois a lei amaldiçoa aos que não cumprem todos os mandamentos; mas estamos sob a graça, graça que aceita a pessoa disposta, que não é severa em destacar o que fazemos de errado, que deixa lugar para o arrependimento, que promete o perdão sob o arrependimento, e, para uma pessoa ingênua, que motivo pode ser mais forte do que este para não ter nada a ver com o pecado? Pecaremos contra tanta bondade? Abusaremos de tal amor? Talvez alguns possam tirar veneno dessa flor, e de forma insincera usar isso como encorajamento para o pecado. Veja como o apóstolo inicia tal pensamento (v. 15): "*Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum!*" O que pode ser mais perverso e mau do que aproveitar a ocasião de extraordinárias expressões de gentileza e de boa vontade de um amigo para afrontá-lo e ofendê-lo? Rejeitar tal misericórdia, cuspir no rosto de tal amor, é o que, entre duas pessoas, todo o mundo condenaria.

3. Ele argumenta a partir da evidência que essa pode ser a nossa situação, a favor ou contra nós (v. 16): "...*a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis*". Todos os filhos dos homens são servos de Deus ou servos do pecado; essas são as duas famílias. Então, para sabermos a qual dessas famílias pertencemos, devemos indagar a qual desses senhores prestamos obediência. Nossa obediência às leis do pecado servirá de evidência contra nós de que pertencemos àquela família cujo destino é a morte. Como, do contrário, a nossa obediência às leis de Cristo evidenciará a nossa pertença à família de Cristo.

4. Ele argumenta a partir da pecaminosidade anterior deles, nos versículos 17-21, onde podemos observar:

(1) O que outrora eles foram e fizeram. Temos a necessidade contínua de sermos lembrados de nosso estado anterior. Paulo lembra constantemente de seu próprio estado e da situação anterior daqueles para quem ele escreve. [1] "...*éreis servos do pecado*". Aqueles que agora são servos de Deus fariam bem em lembrar-se do tempo quando eram servos do pecado, isso para mantê-los humildes, arrependidos e vigilantes e para estimulá-los no serviço de Deus. É uma vergonha para o serviço do pecado que milhares de pessoas têm abandonado o serviço e tirado o jugo; e jamais alguém que sinceramente o deixou, e entregou-se a si mesmo ao serviço de Deus, retornou ao trabalho servil anterior. "*Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado*, isto é, embora tendo sido assim, agora tendes obedecido. Fostes assim – graças a Deus que nós podemos falar disso como algo passado: fostes assim, porém não sois mais assim. Mais ainda, o fato de terdes sido anteriormente assim tende muito a

exaltar a misericórdia e a graça divinas na feliz mudança. Graças a Deus que a pecaminosidade anterior seja um contraste e estímulo para a vossa santidade presente". [2] "*...como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para a maldade...*" (v. 19). É a miséria de um estado pecaminoso que faz com que o corpo se torne um escravo para pecar, e cuja escravidão não poderia ser mais vil e opressiva, como aquela do filho pródigo, que foi enviado ao campo para alimentar os porcos. *Apresentastes*. Os pecadores são voluntários em servir ao pecado. O diabo não poderia forçá-los ao serviço se eles não se entregassem à tarefa. Isso justificará Deus ao destruir os pecadores, que se venderam a si mesmos para praticarem a maldade: são responsáveis por seus atos e obras. *À maldade para a maldade*. Cada ato pecaminoso fortalece e confirma o hábito pecaminoso: à maldade como a obra cujo salário é a maldade. Plante o vento e colha a tempestade; quanto mais piorar, mais endurecido ficará. Ele diz isso "*...como homem*", isto é, ele procura uma comparação com aquilo que é comum entre os homens, como a mudança de serviços e patrões. [3] "*...estáveis livres da justiça*" (v. 20); não livres por nenhuma liberdade concedida, mas por uma liberdade tomada, que é licenciosidade: "Vivíeis vazios daquilo que é bom; vazios de quaisquer impulsos, inclinações e princípios bons; vazios de toda sujeição à lei e à vontade de Deus, de toda conformidade à sua imagem; e estáveis muito satisfeitos com isso, como se fosse autonomia e liberdade; mas uma liberdade para longe da justiça é o pior tipo de escravidão."

(2) Como ocorreu a abençoada mudança, e em que ela consiste.

[1] "*...obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues*" (v. 17). Isso descreve a conversão, o que ela é; é a nossa conformidade com, e submissão ao evangelho que nos foi entregue por Cristo e seus ministros (margem). *A que fostes entregues, eis hon paredothete – para a qual fostes entregues*. E assim, observe, em primeiro lugar, a regra da graça, a *forma de doutrina – typon didaches*. O evangelho é a grande regra, tanto da verdade como da santidade; é o selo no qual a graça está impressa; é o modelo das sãs palavras (2 Tm 1.13). Em segundo lugar, a natureza da graça, que é a nossa conformidade àquela regra. 1. É para obedecer *de coração*. O evangelho não é apenas uma doutrina que deva ser crida, mas obedecida, e de coração, o que denota a sinceridade e a veracidade daquela obediência; não apenas na confissão, mas em poder – do coração, da parte mais íntima, que nos controla. 2. É para ser colocado dentro dele, como dentro de uma forma, como a cera é colocada na impressão do selo, correspondendo a ele linha por linha, traço por traço, e representando completamente a sua forma e figura. De fato, ser um cristão é ser transformado à semelhança e similitude do evangelho, nossas almas correspondendo a ele, obedecendo a ele, conformadas a ele – entendimento, vontade, afeições, intenções, princípios, ações, tudo de acordo com aquela forma de doutrina.

[2] "*...libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça*" (v. 18), "*...servos de Deus*" (v. 22). A conversão é, em primeiro lugar, estar livre de servir ao pecado; é a retirada daquele jugo, decidindo não ter mais nada a ver com ele. Em segundo lugar, sujeição de nós mesmos ao serviço de Deus e da justiça, a Deus como nosso Senhor e à justiça como nosso trabalho. Quando somos libertos do pecado, não significa que podemos viver segundo o nosso próprio desejo e ser nossos próprios mestres; não, quando somos libertos do Egito, nós, como Israel, somos levados para a montanha santa, para receber a lei, e ali somos trazidos para dentro do vínculo da aliança. Observe: Nós não podemos nos tornar servos de Deus antes de estar livres do poder e do domínio do pecado; não podemos servir a dois senhores tão diretamente opostos como são Deus e o pecado. Nós devemos, como o filho pródigo, abandonar o trabalho servil do cidadão do campo antes de podermos voltar à casa do nosso Pai.

(3) Que compreensão eles tinham agora de sua obra e seu caminho de outrora. Ele apela para eles mesmos (v. 21), se eles tinham constatado que servir ao pecado era: [1] Um serviço infrutífero: "*E que fruto tínheis, então...?*". Alguma vez obtivestes alguma coisa dele? Sentai e fazei os cálculos, avaliai os lucros, que frutos tivestes então?" Além dos prejuízos futuros, que serão infinitamente grandes, os lucros do pecado já no presente não são dignos de menção. *Que fruto?* Nada que mereça ser chamado de fruto. O prazer e o lucro que se obtém do pecado no presente não merecem ser chamados de frutos; são apenas palhas, arar na iniqüidade, semear a vaidade e colher essas mesmas coisas. [2] É um serviço inconveniente; é aquilo do qual agora nos envergonhamos – nos envergonhamos da insensatez, nos envergonhamos da imundície dele. A vergonha veio ao mundo com o pecado e continua sendo seu produto certo – seja a vergonha do arrependimento, ou, se não for isso, a vergonha e o desprezo eternos. Quem fará obstinadamente aquilo de que cedo ou tarde tem certeza que se arrependerá?

5. Ele argumenta a partir do fim de todas essas coisas. É prerrogativa das criaturas racionais que elas sejam dotadas de um poder de pensar antecipadamente, são capazes de olhar para frente, considerando o fim último das coisas. Para nos persuadir que saiamos do pecado para a santidade aqui são colocados diante de nós a bênção e a maldição, o bem e o mal, a vida e a morte; e devemos escolher. (1) O fim do pecado é a morte (v. 21): "*...o fim delas é a morte*". Embora o caminho possa parecer prazeroso e convidativo, o fim, porém, é funesto: no final ele morde; no fim haverá amargura. "*O salário do pecado é a morte*" (v. 23). A morte convém a um pecador quando ele peca, assim como o salário convém a um trabalhador que fez o seu trabalho. Isso é verdade em relação a qualquer pecado. Não há pecado que, por sua própria natureza, seja venial. A morte é o salário para o menor pecado. O pecado é aqui representado como o trabalho pelo qual o salário é pago, ou como o patrão por quem o salário é pago; todos os que são servos do pecado e realizam o trabalho do pecado devem esperar receber esse pagamento. (2) Se o fruto for para a santidade, se houver um princípio ativo de verdadeira e crescente graça, o fim será a vida eterna – um fim verdadeiramente feliz! Embora o caminho seja íngreme, embora seja estreito, espinhoso, difícil, no fim, a vida eterna é certa. Desse modo, "*...o dom gratuito de Deus é a vida eterna*" (v. 23). O céu é a vida, consistindo na visão e desfrute de Deus; e é a vida eterna, sem nenhuma fraqueza e nenhu-

ma morte para pôr fim a ela. Este é o dom de Deus. A morte é o salário do pecado, ela vem como punição, mas a vida é um dom que vem como favor. Os pecadores merecem o inferno, mas os santos não merecem o céu. Não existe relação entre a glória do céu e a nossa obediência; devemos agradecer a Deus e não a nós mesmos, se chegarmos ao céu. E este dom é "*...por Cristo Jesus, nosso Senhor*". É Cristo quem o adquiriu, preparou-o, prepara-nos para ele, preserva-nos para ele. Ele é *o Alfa e o Ômega*, é tudo em todos na nossa salvação.

CAPÍTULO 7

Podemos observar nesse capítulo: I. Nossa liberdade em relação à lei realçada mais adiante como um argumento para impor sobre nós a santificação (vv. 1-6). II. Apesar disso, a excelência e a utilidade da lei declarada e provada a partir da própria experiência do apóstolo (vv. 7-14). III. Uma descrição do conflito existente no coração entre a graça e a corrupção (vv. 14-25).

Observações a respeito da Lei

vv. 1-6

Entre outros argumentos usados no capítulo precedente para nos persuadir contra o pecado, e para a santidade, este era um (cap. 6.14): Que nós não estamos *debaixo da lei*; e o apóstolo aqui continua a insistir nesse argumento e o explica: "*...estamos livres da lei*" (v. 6). O que ele quer dizer com isso? E como isso é um argumento para que o pecado não reine sobre nós e para que andemos em novidade de vida? 1. Nós estamos livres daquele poder da lei que nos amaldiçoa e condena pelo pecado que cometemos. A sentença da lei contra nós é anulada e abolida através da morte de Cristo, em favor de todos os verdadeiros crentes. A lei diz: "*...a alma que pecar, essa morrerá*"; mas estamos livres da lei. *O Senhor levou os teus pecados, tu não morrerás*. Nós somos "*...resgatados da maldição da lei*" (Gl 3.13). 2. Nós estamos livres daquele poder da lei que estimula e incita o pecado que habita em nós. O apóstolo parece se referir especialmente a isso no versículo 5: "*...as paixões dos pecados, que são pela lei*". Ordenando, proibindo, ameaçando o homem corrupto e caído, porém não oferecendo nenhuma graça para curar e fortalecer, a lei apenas incitava a corrupção e, como o sol brilhando sobre a esterqueira, provoca e faz aparecer vapores imundos. A lei vem e se dirige a nós, mas nós somos defeituosos por causa da queda, e ela não providencia nada para nos curar e socorrer em nossos defeitos, e assim nos faz vacilar e tropeçar ainda mais. Entenda que a lei não é uma regra, mas uma aliança de obras. Então, cada um desses se constitui em um argumento por que devemos ser santos; pois aqui está o encorajamento para nos esforçar, embora fiquemos aquém em muitos pontos. Nós estamos debaixo da graça, a qual promete força para fazermos o que ela ordena e perdão quando, ao errarmos, nos arrependemos. Esse é o escopo desses versículos em geral, que, com referência à confissão e ao privilégio, estamos debaixo de uma aliança da graça e não sob uma aliança de obras – debaixo do evangelho de Cristo e não sob a lei de Moisés. Ele havia ilustrado a diferença entre estar sob a lei e estar sob o evangelho, mostrando a semelhança da ressurreição para uma nova vida e o serviço a um novo senhor; então, aqui ele fala disso fazendo a comparação com a mulher que se casa novamente.

I Nosso primeiro casamento foi com a lei, a qual, de acordo com a lei do casamento, devia continuar somente enquanto durasse a lei. A lei do casamento compromete até a morte de um dos cônjuges, não importando qual, não podendo durar mais. A morte de um desobriga a ambos. Com respeito a isso, ele apela para eles mesmos, como pessoas que conhecem a lei: "*...falo aos que sabem a lei*" (v. 1). É uma grande vantagem discutir com aqueles que têm conhecimento, pois podem entender mais facilmente a verdade e apreendê-la. Muitos cristãos em Roma tinham sido judeus e assim estavam bem inteirados da lei. Há algumas vantagens em se conhecer as pessoas. "*...a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive*"; particularmente, a lei do casamento tem poder; ou, em geral, toda lei é dessa forma limitada – as leis das nações, das relações, das famílias etc. 1. A obrigação da lei não mais se prolonga; pela morte, o servo que, enquanto vivia, estava sob o jugo, está livre de seu senhor (Jó 3.19). 2. A condenação da lei não mais se prolonga: a morte é o fim da lei. *Actio moritur cum persona – A ação expira com a pessoa*. As leis mais severas só podiam matar o corpo, mas depois disso, elas não podiam fazer mais nada. Assim, enquanto estávamos vivos para a lei, estávamos sob o seu poder – enquanto estávamos em nosso estado de Antigo Testamento, antes que o evangelho entrasse no mundo e antes que ele viesse com poder aos nossos corações. Tal é a lei do casamento (v. 2): A mulher está ligada ao seu marido enquanto ele viver, tão ligada a ele que não pode contrair matrimônio com outro homem; se ela o fizer, será considerada adúltera (v. 3). Não somente ter relações com outro homem, mas se casar com ele; pois isso é tanto pior, por abusar de uma ordenança de Deus, fazendo-a patrocinar a impureza. Desse modo estávamos casados com a lei (v. 5): "*...quando estávamos na carne*", isto é, em um estado carnal, debaixo do poder reinante do pecado e da corrupção – na carne como em nosso hábitat –, então "*...as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros...*", éramos levados pela correnteza do pecado, e a lei não passava de uma barragem imperfeita, que fazia o rio aumentar ainda mais e ficar mais furioso. Nosso desejo era para o pecado, como o da esposa era para o seu marido, e o pecado nos dominava. Nós o abraçamos, o amamos, nos dedicamos a ele, convivemos com ele diariamente, nos preocupamos em agradá-lo. Estávamos debaixo da lei do pecado e da morte, como a esposa que está sob a lei do casamento; e o produto desse casamento era o fruto produzido para a morte, isto é, as transgressões efetivas eram produto da corrupção original, que merece a morte. A concupiscência, depois de ter concebido pela lei (que é a força do pecado – 1 Co 15.56), "*...dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte*" (Tg 1.15). Essa é a posteridade que nasce desse casamento com o pecado e a lei. Isso vem das paixões do

pecado que trabalham em nossos membros. E isso continua durante a vida, enquanto a lei estiver viva para nós, e nós para a lei.

II Nosso segundo casamento é com Cristo; e como ele ocorre?

1. Pela morte, ficamos livres de nossa obrigação para com a lei como uma aliança, como a esposa está livre de suas obrigações em relação ao marido (v. 3). Essa semelhança não é muito exata, nem precisa ser. "*...vós estais mortos para a lei*" (v. 4). Ele não diz: "A lei está morta" (alguns pensam que ele queria evitar ofender àqueles que ainda eram zelosos da lei), mas, o que significa a mesma coisa: *Vós estais mortos para a lei.* Como a crucificação do mundo para nós e a nossa para o mundo são uma e a mesma coisa, assim também é a morte da lei e a nossa morte para ela. Nós "*...estamos livres da lei*" (v. 6), *katergethemen – estamos desobrigados* em relação à lei; nossa obrigação com ela como se fosse o nosso marido está anulada e cancelada. E então ele fala da lei como estando morta na medida em que ela foi uma lei de escravidão para nós: "*...pois morremos para aquilo em que estávamos retidos*"; não a lei em si mesma, mas a sua obrigação de punir e a provocação que ela desperta para pecar. Ela está morta, perdeu o seu poder; e isso (v. 4) "*...pelo corpo de Cristo*", isto é, pelos sofrimentos de Cristo em seu corpo; por seu corpo crucificado, que aboliu a lei, atendeu às suas demandas, fez reparação pela violação que cometemos contra ela, adquiriu uma aliança de graça para nós, na qual justiça e força são estabelecidas para nós, como não acontecia, nem poderia acontecer, através da lei. Estamos mortos para a lei pela nossa união com o corpo místico de Cristo. Ao sermos incorporados abertamente em Cristo pelo nosso batismo, ao crermos poderosa e efetivamente, estamos mortos para a lei, não tendo nada mais a ver com ela, não mais do que o servo morto, que está livre de seu senhor, tem a ver com o jugo de seu senhor.

2. Estamos casados com Cristo. O dia em que cremos é o dia de nosso casamento com o Senhor Jesus. Nós entramos em uma vida de dependência dele e de dever para com Ele: Sendo de outro, "*...daquele que ressuscitou de entre os mortos*", uma perífrase de Cristo muito apropriada aqui; pois como nosso morrer para o pecado e a lei está em conformidade com a morte de Cristo e a crucificação de seu corpo, assim nossa devoção a Cristo em novidade de vida está em conformidade com a ressurreição de Cristo. Nós estamos casados com o Jesus ressuscitado e exaltado, um casamento muito nobre (compare com 2 Co 11.2; Ef 5.29). Assim, estamos casados com Cristo: (1) "*...a fim de que demos fruto para Deus*" (v. 4). Uma das finalidades do casamento é a fecundidade: Deus instituiu a ordenança para que ele pudesse buscar uma "*...semente de piedosos*" (Ml 2.15). A esposa é comparada à videira frutífera e os filhos são chamados de frutos do ventre. Agora, a grande finalidade de nosso casamento com Cristo é a nossa fecundidade no amor, na graça e em toda boa obra. Isso é fruto para Deus, agradando-o, de acordo com a sua vontade, almejando a sua glória. Como o nosso velho casamento com o pecado produziu fruto para a morte, assim nosso segundo casamento com Cristo produz fruto para Deus: frutos de justiça. As boas obras são os filhos da nova natureza, os produtos de nossa união com Cristo, como a fecundidade da videira é o produto de sua união com a raiz. Quaisquer que possam ser nossas confissões e pretensões, nenhum fruto é produzido para Deus até que estejamos casados com Cristo. É em Cristo Jesus que somos criados para as boas obras (Ef 2.10). O único fruto de que se pode tirar bom proveito é aquele que é produzido em Cristo. O que distingue as boas obras dos crentes das boas obras dos hipócritas e dos que se autojustificam é que aquelas são produzidas no casamento, realizadas em união com Cristo, no nome do Senhor Jesus (Cl 3.17). Esse é, sem controvérsia, um dos grandes mistérios da piedade. (2) "*...para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra*" (v. 6). Sendo casados com um novo marido, devemos mudar nosso comportamento. Ainda devemos servir, mas é um serviço que é perfeita liberdade, enquanto que o serviço do pecado foi um perfeito trabalho servil e fatigante. Agora devemos servir em novidade de espírito, pelas novas regras espirituais, a partir de novos princípios espirituais, em espírito e em verdade (Jo 4.24). Deve haver uma renovação de nossos espíritos realizada pelo Espírito de Deus, e na qual devemos servir. *Não na velhice da letra*, isto é, não devemos nos basear em meros serviços externos, como os judeus faziam, os quais se gloriavam em sua fidelidade à letra da lei, e não se preocupavam com o aspecto espiritual da adoração. É dito que a letra mata com sua escravidão e terror, mas nós somos libertos daquele jugo para que possamos servir a Deus sem temor, em santidade e justiça (Lc 1.74,75). Estamos debaixo da dispensação do Espírito, e por isso devemos ser espirituais, e servir no espírito (compare com 2 Co 3.3,6ss.). Convém-nos adorar além do véu e não mais no pátio externo do Templo.

A Excelência da Lei. A Utilidade da Lei

vv. 7-14a

Aqui Paulo levanta uma objeção ao que tinha dito no parágrafo anterior, à qual ele responde satisfatoriamente: "*Que diremos, pois? É a lei pecado?*" Enquanto ele falava do domínio do pecado, enfatizou tanto a influência da lei como uma aliança naquele domínio que podia ser facilmente mal interpretada como uma crítica à lei; para prevenir isso, ele mostra, a partir de sua experiência, a grande excelência e proveito da lei, não como uma aliança, mas como um guia; e depois revela como o pecado aproveitou a ocasião através do mandamento. Observe em especial:

I A grande excelência da lei em si mesma. Longe de Paulo criticar a lei; não, ele fala honrosamente dela. 1. "*...a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom*" (v. 12). A lei em geral é assim, e cada mandamento em particular também. As leis são como são os legisladores. Deus, o grande doador da lei, é santo, justo e bom, por isso sua lei deve ser assim também. Sua essência é santa: ela ordena santidade, encoraja santidade; ela é santa porque está em conformidade com a santa vontade de Deus, a fonte da santidade. É justa porque está de acordo com as regras da eqüidade e da reta razão: os caminhos do Senhor são retos. É boa em sua

intenção; ela foi dada para o bem da humanidade, para a conservação da paz e da ordem no mundo. Ela torna bons os que a observam; a sua intenção era melhorar e reformar a humanidade. Onde quer que haja verdadeira graça há um lugar para isso – que a lei é santa, justa e boa. 2. "*...a lei é espiritual*" (v. 14), não apenas em relação ao seu efeito, como um meio de nos fazer espirituais, mas em consideração à sua extensão; ela alcança nosso espírito, estabelece um limite e dá direção aos sentimentos do homem interior; ela "*...é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração*" (Hb 4.12). Ela proíbe a impiedade espiritual, assassinatos no coração e adultérios no coração. Ela ordena serviços espirituais, exige o coração, nos obriga a adorar a Deus no espírito. É uma lei espiritual, pois foi concedida por Deus, que é um Espírito e o Pai dos espíritos; é dada aos homens, cuja parte principal é espiritual; a alma é a melhor parte, e a parte principal do homem, e por isso a lei para o homem deve ser necessariamente uma lei para a alma. Aqui a lei de Deus está acima de todas as outras leis, pois é uma lei espiritual. Outras leis podem proibir *tramar e imaginar* etc., que são traição interior, mas não podem tomar conhecimento dessa traição, a menos que haja algum ato exterior; mas a lei de Deus toma conhecimento da iniqüidade que diz respeito ao coração, embora não se concretize. "*Lava o teu coração da malícia*" (Jr 4.14). "*...bem sabemos*". Onde quer que haja verdadeira graça há um conhecimento experimental da espiritualidade da lei de Deus.

II A grande vantagem que ele tinha encontrado na lei. 1. Ela estava evidenciando: "*Mas eu não conheci o pecado senão pela lei*" (v. 7). Como aquilo que é direito mostra aquilo que é torto, como o espelho nos mostra nosso rosto natural com todas as suas marcas e deformidades, assim não há meio de vir àquele conhecimento do pecado que é necessário para arrepender-se e, conseqüentemente, alcançar a paz e o perdão, senão comparando nosso coração e vida com a lei. Particularmente, ele veio ao conhecimento da pecaminosidade da concupiscência através da lei contida no décimo mandamento. Por concupiscência ele quer dizer o pecado que habita em nós, o pecado com suas paixões e obras, o princípio corrupto. Ele veio a saber disso quando a lei disse: "*Não cobiçarás*". A lei falava uma língua diferente daquela que os escribas e fariseus a faziam falar; ela falava em um sentido e significado espiritual. Nisso ele soube que cobiçar era pecado e um pecado horrível, que aquelas paixões e desejos do coração voltados para o pecado que jamais foram expressos em atos eram pecaminosos, extremamente pecaminosos. Paulo tinha um raciocínio muito intenso e penetrante, todas as vantagens e aperfeiçoamentos da educação, e mesmo assim nunca obteve o conhecimento correto sobre a habitação do pecado até que o Espírito o fez saber através da lei. Não há nada sobre que o homem natural possa ser mais cego do que sobre a corrupção original, a respeito da qual o entendimento está completamente no escuro até que o Espírito a revele através da lei e a faça conhecida. Assim, a lei nos serve de *aio* para nos conduzir a Cristo, ela abre e examina a ferida, preparando-a para a cura. Dessa forma, pelo mandamento, o pecado aparece como pecado (v. 13); ele aparece com todas as suas cores, para ser o que é, e você não pode chamá-lo de um nome pior do que o dele próprio. Assim, pelo mandamento, ele torna-se "*...excessivamente maligno*", isto é, aparece assim. Nós nunca vemos o veneno ou malignidade extremos que existe no pecado até o compararmos com a lei e a natureza espiritual da lei, e então nós vemos como ele é algo mau e amargo. 2. Ela estava humilhando (v. 9): "*E eu... vivia*". Ele pensava que estava em uma condição muito boa; ele estava vivo em sua própria opinião e compreensão, muito seguro e confiante da boa qualidade de seu estado. Assim, ele viveu "*...nalgum tempo*", *pote – em tempos passados*, quando era um fariseu; pois esse era o feitio daquela geração de homens, eles tinham uma opinião muito boa de si mesmos; e Paulo, então, era como o resto deles, e o motivo era que, então, ele "*...vivia sem lei*". Embora tivesse crescido aos pés de Gamaliel, um doutor da lei, embora ele mesmo fosse um grande estudioso da lei, um observador estrito dela, e seu zeloso defensor, ainda assim, *vivia sem lei*. Ele tinha a letra da lei, mas não possuía o seu sentido espiritual – a casca, mas não o cerne. Ele tinha a lei em sua mão e em sua mente, mas não a possuía em seu coração; a noção dela, mas não o seu poder. Existem muitos que estão espiritualmente mortos no pecado, que acham que vivem, e é o seu desconhecimento da lei que se torna a causa do erro. "*...mas, vindo o mandamento*, vindo no poder que tem (não apenas aos seus olhos, mas ao seu coração), *reviveu o pecado*", como a poeira aumenta (isto é, aparece) em um quarto quando entram os raios do sol. Paulo viu então no pecado algo que ele nunca tinha visto antes; então ele viu o pecado em sua natureza, a raiz amarga, a inclinação corrupta, a tendência à apostasia – o pecado em suas cores, deformando, sujando, quebrando uma lei justa, insultando uma Majestade tremenda, profanando uma coroa soberana ao atirá-la ao chão; o pecado em suas conseqüências, o pecado com a morte seguindo-o de perto, o pecado e a maldição a ele vinculada. "Assim, o pecado reviveu e, então, eu morri, perdi aquela boa opinião que tivera a meu respeito e adquiri uma nova mentalidade. O pecado reviveu, '*...e eu morri*', isto é, o Espírito, pelo mandamento, me convenceu de que eu estava em um estado de pecado, e em um estado de morte por causa do pecado". Da lei se faz esse uso excelente; ela é lâmpada e luz, converte a alma, abre os olhos, prepara o caminho do Senhor no deserto, despedaça as rochas, aplaina as montanhas, prepara um povo para o Senhor.

III O mau uso que a natureza corrupta de Paulo fez da lei. 1. "*Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda a concupiscência*" (v. 8). Observe: Paulo tinha em si toda a concupiscência, ainda que fosse um dos melhores homens não-regenerados que já existiu; com respeito à justiça da lei, sem culpa, e ainda assim sensível a todo tipo de concupiscência. E era o pecado que produzia a concupiscência, o pecado que habitava nele, a sua natureza corrupta (ele fala de um pecado que produz o pecado), e ele aproveitou-se do mandamento. A natureza corrupta não teria aumentado e se agitado tanto se não fosse pelas limitações da lei, visto que os temperamentos pecaminosos no corpo são au-

mentados, e mais inflamados, por uma limpeza que não é forte o suficiente para aboli-los. É característico da natureza corrupta, *in vetitum niti – tender ao que é proibido.* Desde que Adão comeu do fruto proibido, temos sido todos afeiçoados aos caminhos proibidos. O apetite do doente é mais fortemente despertado por aquilo que é prejudicial e proibido. "*...sem a lei, estava morto o pecado*", como uma cobra no inverno, a qual os raios de sol despertam e provocam. 2. Ele "*...me enganou*". O pecado engana o pecador, e é um engano fatal (v. 11). "*...e, por ele* (pelo mandamento), me *matou*". Não havendo na lei nenhuma expressa ameaça contra as concupiscências pecaminosas, o pecado, isto é, a própria natureza corrupta de Paulo, aproveitou-se da ocasião para prometer-lhe impunidade, e para dizer-lhe, como a serpente aos nossos primeiros pais: *Certamente não morrerás*. Assim, ele o enganou e matou. 3. Ele "*...operou em mim a morte pelo bem*" (v. 13). Aquilo que opera a concupiscência opera a morte, pois o pecado traz a morte. Não existe nada tão bom que uma natureza viciosa e corrupta não perverta e faça dele uma ocasião para o pecado; nenhuma flor tão perfumada que, dela, o pecado não tire veneno. Nisso o pecado aparece como pecado. A pior coisa que o pecado faz, e o mais semelhante a si mesmo, é perverter a lei, aproveitando a oportunidade a partir dela para ser muito mais maligno. Assim, o mandamento, que foi determinado para a vida e planejado como um guia no caminho do conforto e da felicidade, tornou-se morte através da corrupção da natureza (v. 10). Muitas almas preciosas se esfacelam na rocha da salvação; e a mesma palavra que para algumas pessoas é ocasião de vida para a vida é, para outras, ocasião de morte para a morte. O mesmo sol que faz o jardim de flores mais perfumado também faz com que a esterqueira seja mais fétida; o mesmo calor que amolece a cera endurece o barro; e uma mesma criança foi estabelecida para a queda e ascensão de muitos em Israel. O jeito de evitar este dano é submeter as nossas almas à autoridade da palavra e da lei de Deus, não resistindo, mas nos submetendo a ela.

O Conflito entre a Graça e a Corrupção

vv. 14b-25

Aqui está uma descrição do conflito que ocorre no coração entre a graça e a corrupção, entre a lei de Deus e a lei do pecado. E é aplicável de duas formas: 1. Aos conflitos que estão na alma convencida, mas ainda não-regenerada, em nome de quem, alguns supõem, Paulo fala. 2. Aos conflitos que existem em uma alma santificada e renovada, mas que ainda está em um estado de imperfeição, como outros compreendem. E há uma grande controvérsia sobre qual dessas duas posições devemos atribuir, aqui, ao apóstolo. Tanto o mal prevalece aqui, quando ele fala de alguém vendido sob o pecado, praticando-o, não realizando o que é bom, que parece difícil aplicá-la aos regenerados, de quem se fala que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito; porém, tanto o bem vigora odiando o pecado, concordando com a lei, deleitando-se nela, servindo à lei de Deus com a mente, que é mais difícil aplicá-la aos não-regenerados, que estão mortos em transgressões e pecados.

I Aplique-a aos conflitos sentidos numa alma convencida, que ainda está em um estado de pecado, que conhece a vontade de seu Senhor, mas não a pratica, aprova as coisas que são mais excelentes, sendo instruída na lei, e que ainda vive quebrando-a todo o tempo (cap. 2.17-23). Embora ele tenha isso dentro de si que testemunha contra o pecado que comete (e não é sem muita relutância que ele o comete), as faculdades superiores lutando contra o pecado, a consciência natural o advertindo contra ele antes de ser cometido e o acusando depois, ainda assim, o homem continua escravo de suas concupiscências que nele reinam. Não é assim com todo homem não-regenerado, mas apenas com aqueles que estão convencidos pela lei, mas não modificados pelo evangelho. O apóstolo tinha dito (cap. 6.14): "*...porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça*", para a prova do que ele mostra aqui que um homem sob a lei, e não sob a graça, pode estar, e está, sob o domínio do pecado. Que a lei pode revelar o pecado, e convencer do pecado, mas que ela não pode vencer e subjugar o pecado, testemunha a predominância do pecado em muitos que estão sob condenações legais muito fortes. Ela evidencia a contaminação, mas não a limpa. Ela torna um homem cansado e sobrecarregado (Mt 11.28), o sobrecarrega com o seu pecado; e ainda, caso tenha se motivado, a lei não apresenta nenhuma ajuda para remover o fardo; isso ocorre somente em Cristo. A lei pode fazer um homem clamar: "*Miserável homem que sou! Quem me livrará?*" E, mesmo assim, deixá-lo acorrentado e cativo, sendo fraca para libertá-lo (cap. 8.3), e dar a ele um espírito de escravidão para estar em temor (cap. 8.15). Então, uma alma desenvolvida até aqui pela lei, tem boas perspectivas de alcançar a liberdade através de Cristo, embora muitas parem aqui e não sigam adiante. Félix tremeu, mas jamais veio a Cristo. É possível que um homem vá para o inferno com os olhos abertos (Nm 24.3,4), iluminados com convicções gerais, e carregue consigo uma consciência que se acusa, até no serviço ao diabo. Ele pode consentir "*...com a lei, que é boa*", deleitar-se em conhecer os caminhos de Deus (como eles, Is 58.2), pode ter aquilo dentro de si que testemunha contra o pecado e pela santidade; e ainda assim ter tudo isso dominado pelo amor prevalecente ao pecado. Os alcoólatras e as pessoas impudicas têm um débil desejo de abandonar seus pecados e mesmo assim persistem neles, tal é a impotência e a insuficiência de suas convicções. De tais como esses há muitos que necessariamente entenderam tudo isso, e o defendem com firmeza: embora seja muito difícil imaginar por que, se era esse o objetivo do apóstolo, ele deveria falar todo o tempo em sua própria pessoa, e ainda mais, no tempo presente. Ele falou muito de seu próprio estado, quando debaixo da condenação, como coisa do passado (v. 7ss.): "*...eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte*"; e se ele fala aqui do mesmo estado como seu estado presente, e da condição na qual agora ele estava, com certeza ele não pretendia ser assim compreendido; e por essa razão:

II Parece melhor compreender essa descrição como os conflitos que existem entre a graça e a corrup-

ção na alma santificada. Que existem remanescentes da corrupção que habitava nela, até mesmo onde há um princípio vivo da graça, é controvérsia resolvida; e não é menos certo que essa corrupção está diariamente irrompendo com pecados de fraqueza (tal é coerente com o estado da graça). Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos (1 Jo 1.8,10). Que a verdadeira graça luta contra esses pecados e perversões, não os permite, os odeia, lamenta-se deles, geme por causa deles como sob um fardo, é igualmente certo: "*...porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis*" (Gl 5.17). Essas são as verdades que, penso eu, estão contidas nesse discurso do apóstolo. E o seu intento é, além disso, revelar a natureza da santificação, que ela não atinge uma perfeição sem pecado nesta vida; e com isso nos estimular e nos encorajar em nossos conflitos com as depravações remanescentes. Nosso caso não é singular, aquilo contra o que nós lutamos sinceramente não será colocado em nossa conta, e pela graça a vitória estará garantida no final. A luta aqui é semelhante àquela que ocorreu entre Jacó e Esaú no útero de sua mãe, entre os cananeus e israelitas na terra, entre a casa de Saul e a casa de Davi; mas a verdade é grande e prevalecerá. Compreendendo-a dessa forma, podemos observar aqui:

1. De que ele se lamenta – das corrupções que ainda restam nele, das quais fala aqui, para mostrar que a lei é insuficiente para justificar até um homem regenerado, que o melhor homem do mundo tem dentro de si o suficiente para condená-lo, se Deus lidasse com ele de acordo com a lei, o que não é uma falha da lei, mas de nossa própria natureza corrupta, que não consegue cumpri-la. A repetição das mesmas coisas vezes sem conta nesse discurso mostra o quanto o coração de Paulo estava afetado com o que ele escrevia, e quão profundos eram os seus sentimentos. Observe os detalhes dessa lamentação: (1) "*...eu sou carnal, vendido sob o pecado*" (v. 14). Ele fala que os coríntios são carnais (1 Co 3.1). Até onde existe vida espiritual há os remanescentes das inclinações carnais, e um homem pode ser até *vendido sob o pecado*; ele não se vende para praticar a iniqüidade, como Acabe fez (1 Rs 21.25), mas foi vendido por Adão quando este pecou e caiu – vendido como um pobre escravo que, contra a sua própria vontade, faz a vontade de seu senhor; vendido sob o pecado porque foi concebido em iniqüidade e nascido no pecado. (2) "*...pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço*" (v. 15). E com o mesmo sentido: "*...quando quero fazer o bem, o mal está comigo*" (vv. 19,21). Tal era a força da corrupção, que ele não conseguia alcançar aquela perfeição na santidade que ele desejava e pela qual aspirava. Assim, enquanto ele estava forçando em busca da perfeição, admite que ainda não a havia conseguido (Fp 3.12). Ele ficaria satisfeito se pudesse estar livre de todo pecado e fazer perfeitamente a vontade de Deus, tal era a sua opinião; mas sua natureza corrupta o atraía para um outro caminho: ela era como um obstáculo que o detinha e o mantinha humilhado, como as linhas diagonais em uma bola de boliche que, quando arremessada em linha reta, a desviam. (3) "*...em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum*" (v. 18). Aqui ele se explica em relação à natureza corrupta, a qual ele denomina carne; e em certa medida, não há que se esperar por nenhum bem, não mais do que se poderia esperar que crescesse bom trigo sobre uma rocha ou na areia da praia. Como a nova natureza, em certa medida, não pode cometer pecado (1 Jo 3.9), assim a carne, a velha natureza, em uma certa medida, não consegue cumprir um bom dever. Como poderia? Pois a carne serve à lei do pecado (v. 25), está sob a direção e o governo daquela lei, e, enquanto estiver assim, é provável que não faça nada de bom. A natureza corrupta é chamada de carne em outras passagens (Gn 6.3; Jo 3.6), e, embora possa haver boas coisas naqueles que têm essa carne, ainda assim, até onde for carne, não há nenhum bem, pois ela não é capaz de coisas boas. (4) "*Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento...*" (v. 23). A inclinação corrupta e má é aqui comparada a uma lei, porque ela o controlava e o reprimia em relação aos bons impulsos dele. É dito que essa lei está em seus membros porque, havendo Cristo estabelecido o seu trono no coração dele, somente os membros rebeldes do corpo eram os instrumentos do pecado – no desejo sensível; ou podemos considerá-lo de maneira mais geral como aquela natureza corrupta que não é apenas a base das concupiscências sensuais, mas também daquelas mais refinadas. Essa faz guerra contra a lei da mente, a nova natureza; ela leva ao caminho contrário, leva a um interesse contrário, cuja disposição e inclinação corrompidas são um fardo e tristeza tão grande para a alma quanto o pior trabalho e cativeiro poderiam ser. "*...me prende debaixo da lei do pecado...*". No mesmo sentido: "*...sirvo..., com a carne, à lei do pecado*" (v. 25), isto é, a natureza corrupta, a parte não-regenerada, está trabalhando continuamente para o pecado. (5) A lamentação geral do apóstolo nós temos no versículo 24: "*Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*". Ele se lamenta do corpo da morte; ou o corpo de carne, que é um corpo mortal agonizante (enquanto carregarmos este corpo conosco, nós seremos atormentados pela depravação; quando estivermos mortos, estaremos livres do pecado, e não antes), ou o corpo do pecado, o velho homem, a natureza corrupta, que tende para a morte, isto é, para a ruína da alma. Ou, comparando-o a um corpo morto, cujo contato tornava alguém impuro, segundo a lei cerimonial; se as transgressões efetivas são obras mortas (Hb 9.14), a corrupção original é um corpo morto. Isso era tão incômodo para Paulo como se ele tivesse um defunto atado a si, o qual ele devia carregar para onde ia. Isso o fez clamar: "*Miserável homem que eu sou!*". Um homem que tinha aprendido a estar contente em toda situação, agora reclama de sua natureza corrupta dessa forma. Pudesse eu falar a Paulo, diria: "Ó abençoado homem que és! Um embaixador de Cristo, um favorito do céu, um pai espiritual de milhares!" Mas ele se considerava um homem desprezível, por causa da natureza corrompida, porque ele não era tão bom quanto desejava ser e não havia ainda alcançado a perfeição. Assim, ele se lamenta miseravelmente. "*Quem me livrará...?*" Ele fala como alguém que estava farto disso, que daria tudo para ser liberto, que procura em todo lugar por algum amigo que o separe de suas corrupções. Os remanescentes

do pecado que habita nele são um penoso fardo para uma alma graciosa.

2. Com que ele se consola. A situação era triste, mas havia algum alívio. Três coisas o confortavam:

(1) Que apesar de tudo a sua consciência dava-lhe testemunho de que ele tinha um bom princípio governando e prevalecendo nele. É bom quando nem tudo segue um mesmo caminho na alma. O governo desse bom princípio que ele tinha era a lei de Deus, sobre a qual ele aqui fala que tem uma tripla estima, que certamente deve ser encontrada em todos que são santificados, e não em outros. [1] "*...consinto com a lei, que é boa*" (v. 16), *symfemi – dou meu voto* à lei; aqui está a aprovação do julgamento. Onde quer que haja graça, não haverá apenas o medo da severidade da lei, mas uma aprovação da bondade da lei. "Ela é boa em si mesma, ela é boa para mim". Esse é o sinal de que a lei está escrita no coração, que a alma está colocada no molde dela. Consentir com a lei é tanto aprová-la como não desejar que ela seja diferente do que é. O julgamento santificado não apenas concorda com a eqüidade da lei, mas com a excelência dela, quando convencido de que uma conformidade com a lei é a mais alta perfeição da natureza humana e a maior honra e felicidade de que somos capazes. [2] "*Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus*" (v. 22). Sua consciência dá testemunho de satisfação na lei. Ele não tinha prazer apenas nas promessas da Escritura, mas também nos preceitos e nas proibições dela; *synedomai* expressa um *prazer* apropriado. Ele aqui concorda em sentimento com todos os santos. Todos os que são salvificamente regenerados ou nascidos de novo, verdadeiramente sentem prazer na lei de Deus, em conhecê-la, em praticá-la – alegremente se submetem à sua autoridade e ficam satisfeitos em se submeter a ela, nunca ficam mais satisfeitos do que quando o coração e a vida estão em estrita conformidade com a lei e a vontade de Deus. *Segundo o homem interior*, isto é, em primeiro lugar, a mente ou as faculdades racionais que estão em oposição aos apetites sensíveis e aos desejos da carne. A alma é o homem interior; ela é a base dos prazeres graciosos que são por isso sinceros e sérios, mas secretos: é a renovação do homem interior (2 Co 4.16). Em segundo lugar, a nova natureza. O novo homem é chamado de *homem interior* (Ef 3.16), "*...o homem encoberto no coração*" (1 Pe 3.4). Paulo, na medida em que era santificado, tinha prazer na lei de Deus. [3] "*...com o entendimento, sirvo à lei de Deus*" (v. 25). Não é suficiente consentir com a lei e ter prazer nela, mas servi-la; nossa alma deve estar inteiramente entregue à obediência a ela. Assim era com a mente de Paulo, assim é com cada mente renovada e santificada; esse é o curso e o caminho costumeiro; a alma inclina-se naquela direção. "*...eu mesmo*" – *autos ego*, insinuando claramente que ele fala de si mesmo e não de outra pessoa.

(2) Que o erro está naquela corrupção de sua natureza da qual ele verdadeiramente se lamenta e contra a qual ele luta: "*...já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim*". Ele se refere a isso duas vezes (vv. 17,20), não como uma desculpa para a culpa de seu pecado (se estivéssemos debaixo da lei, seria o suficiente para nos condenar o fato de o pecado que praticamos habitar em nós), mas como uma evasiva pelos sinais que ele dá, para que ele não caísse em desespero, mas recebesse conforto da aliança da graça, que aceita a boa vontade do espírito e tem providenciado perdão para a fraqueza da carne. Do mesmo modo aqui, ele inicia um protesto contra tudo que o pecado que habita nele produziu. Tendo confessado concordar com a lei de Deus, ele aqui confessa discordar da lei do pecado. "Não sou eu; não admito o fato; o que é praticado é contra a minha mente". É como quando a maioria no Senado é má, e conduz todas as coisas pelo caminho errado, de fato é o ato do Senado, porém a parte honesta luta contra esse ato, lamenta o que é praticado, e faz um protesto contra ele; de maneira que não é mais a parte honesta que faz isso. "*...habita em mim*", como os cananeus entre os israelitas, embora eles fossem forçados a pagar tributo: habita em mim, e provavelmente deve habitar enquanto eu viver.

(3) Seu grande consolo está em Jesus Cristo (v. 25): "*Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor*". Em meio a seus lamentos, ele irrompe em louvores. Louvar é um remédio especial contra os temores e tristezas: muitas almas abatidas têm descoberto que isso é verdade. E em todos os nossos louvores, o conteúdo da canção deve ser: "Bendito seja Deus por Jesus Cristo". "*Quem me livrará...?*", pergunta ele (v. 24), como alguém perdido, precisando de ajuda. Finalmente ele encontra um amigo totalmente competente, o próprio Jesus Cristo. Quando estamos sentindo o poder remanescente do pecado e da corrupção, vemos razão para bendizer a Deus por meio de Cristo (pois, como Ele é o mediador de todas as nossas orações, também será de todos os nossos louvores) – bendizer a Deus por Cristo; é Ele que permanece entre nós e a ira que merecemos por esse pecado. Se não fosse por Cristo, a iniqüidade que habita em nós seria certamente a nossa ruína. Ele é o nosso advogado diante do Pai e através dele Deus tem misericórdia, nos isenta, perdoa e não cobra de nós as nossas iniqüidades. Foi Cristo quem adquiriu libertação para nós no tempo devido. Através de Cristo a morte colocará um fim a todos esses lamentos e nos levará para uma eternidade que passaremos sem pecado ou suspiro. "*Graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!*"

CAPÍTULO 8

Após explicar integralmente a doutrina da justificação e enfatizar a necessidade de santificação, o apóstolo incumbe-se, nesse capítulo, de consolar o povo do Senhor. Os ministros são os que auxiliam no júbilo dos santos. "Consolai, consolai o meu povo", essa é a nossa tarefa (Is 40.1). A vontade de Deus é que seu povo seja consolado. E nós temos aqui um tal esboço da carta régia do evangelho, uma tal exposição dos inexprimíveis privilégios que os verdadeiros crentes têm, que pode nos dar fartura de motivos para a alegria e a paz na fé, que por todas essas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, possamos ter forte consolação. Muitos membros do povo de Deus têm, assim, encontrado nesse capítulo uma fonte de consolo para as suas almas, vivendo e morrendo, e

têm se nutrido nesses seios da consolação, e com alegria tiraram água desses poços da salvação. Há três coisas nesse capítulo: I. Os exemplos particulares dos privilégios dos cristãos (vv. 1-28). II. A sua base na predestinação (vv. 29,30). III. O triunfo do apóstolo aqui, em nome de todos os santos (vv. 31-39).

Os Privilégios dos Crentes

vv. 1-9

I Aqui o apóstolo começa falando de um notável privilégio dos verdadeiros cristãos e descreve o caráter daqueles a quem ele pertence: "*Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*" (v. 1). Esse é o seu triunfo depois daquela queixa melancólica e do conflito do capítulo anterior – o pecado remanescente, perturbador, incômodo, mas, graças a Deus, não destrutivo. Ele toma o lamento para si mesmo, mas transfere humildemente o consolo que tem em si mesmo a todos os verdadeiros crentes que estão interessados nele. 1. É o inexprimível privilégio e consolo de todos aqueles que estão em Cristo Jesus que agora não há nenhuma condenação para eles. Ele não diz: "Não há nenhuma acusação contra eles", pois ela existe; mas a acusação está eliminada, e a denúncia, anulada. Ele não diz: "Não há nada neles que mereça condenação", pois há sim, e eles sabem, o reconhecem, lamentam e se condenam a si mesmos por causa disso; mas isso não será a sua ruína. Ele não diz: "Não há nenhuma cruz, nenhuma aflição para eles ou nenhum desprazer na aflição", pois isso pode haver; mas "...*nenhuma condenação há*...". Eles podem ser castigados pelo Senhor, mas não condenados com o mundo. Ora, isso acontece por estarem em Cristo Jesus; por virtude da união que eles têm com Ele através da fé estão assim seguros. Eles estão em Cristo Jesus, como na cidade de refúgio deles, e protegidos, assim, do vingador de sangue. Ele é o seu advogado e os ajuda a se livrarem da condenação. Por essa razão, nenhuma condenação há, porque eles se beneficiam da reparação que Cristo, mediante a sua morte, realizou para a lei. Em Cristo, Deus não apenas não os condena, mas se agrada deles (Mt 17.5). 2. É a marca indubitável de todos aqueles que estão assim em Cristo Jesus, quanto a estarem livres da condenação, que eles "...*não andam segundo a carne, mas segundo o espírito*". Observe: A marca é dada a partir do seu caminhar, não de qualquer ato particular, mas de seu curso e caminho. E a grande pergunta é: Qual é o princípio do caminhar, a carne ou o espírito, a velha natureza ou a nova, a corrupção ou a graça? Com quais desses nos preocupamos, para quais fazemos provisão, por quais nós somos governados, de quais tomamos partido?

II Ele ilustra essa grande verdade, assim afirmada, nos versículos seguintes; e mostra como obtemos esse grande privilégio e como podemos corresponder a esse papel.

1. Como obtemos esses privilégios – o privilégio da justificação, de que *nenhuma condenação há* para nós; o privilégio da santificação, que nós caminhamos *segundo o espírito* e não *segundo a carne*, que tanto é nosso privilégio como nosso dever. Como isso acontece?

(1) A lei não podia fazer isso (v. 3). Ela não podia nem justificar nem santificar, nem nos livrar da culpa nem do poder do pecado, pois não tinha as promessas do perdão nem da graça. A lei não fazia nada perfeito: ela "...*estava enferma*...". A lei fez algumas tentativas de alcançar esses fins abençoados, mas infelizmente ela foi fraca, não pôde realizá-los: contudo, a fraqueza não se deu por qualquer defeito na lei, mas *pela carne*, pela corrupção da natureza humana, pela qual nos tornamos incapazes de ser justificados ou santificados pela lei. Havíamos nos tornado incapazes de guardar a lei e, em caso de erro, a lei, como uma aliança baseada em obras, não podia fazer nada, e dessa forma, nos abandonou da maneira que nos encontrou. Ou compreenda isso da lei cerimonial, que era um emplastro que não era largo o suficiente para a ferida. Ela jamais eliminaria o pecado (Hb 10.4).

(2) "...*a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus*", pode fazê-lo (v. 2). A aliança da graça feita conosco em Cristo é um tesouro de mérito e graça, e dela recebemos perdão e uma nova natureza; somos livres "...*da lei do pecado e da morte*", isto é, da culpa e do poder do pecado – do curso da lei e do domínio da carne. Nós estamos sob outra aliança, outro Senhor, outro marido, sob a *lei do Espírito*, a lei que concede o Espírito, vida espiritual para nos capacitar para a vida eterna. O fundamento dessa liberdade está colocado no fato de Cristo ter se comprometido por nós, do que ele fala: "*Deus, enviando o seu Filho*..." (v. 3). Observe: Quando a lei falhou, Deus providenciou outro método. Cristo vem fazer aquilo que a lei não conseguia. Moisés levou os filhos de Israel até a fronteira de Canaã e, então, morreu, deixando-os ali, mas Josué fez o que Moisés não pôde, e fez com que eles possuíssem Canaã. Desse modo, Cristo fez o que a lei não podia. Nós temos a melhor exposição desse versículo em Hebreus 10.1-10. Para esclarecer o sentido das palavras, que é um pouco complexo em nossa tradução, podemos lê-las assim, com uma pequena mudança: "*Deus, enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa, e um sacrifício pelo pecado, condenou o pecado na carne, o que a lei não podia fazer, visto como estava fraca por causa da carne*..." (v. 4). Observe: [1] Como Cristo apareceu: "...*em semelhança da carne do pecado*...". Não pecador, pois Ele era santo, inocente, imaculado; mas em semelhança daquela carne que era pecadora. Ele assumiu aquela natureza que era corrupta, embora perfeitamente separado da corrupção dela. O fato de ter sido circuncidado, resgatado, batizado com o batismo de João, indica a semelhança da carne pecaminosa. As picadas das serpentes ardentes foram curadas por uma serpente de metal que tinha a forma das serpentes que os mordiam, ainda que não tivesse o veneno. Foi uma grande condescendência que Ele, que era Deus, fosse feito em semelhança da carne, mas muito maior ainda foi que Ele, que era santo, fosse feito em semelhança da carne pecaminosa. E "...*pelo pecado*..." – aqui, os melhores textos gregos colocam a vírgula. Deus o enviou, *em homoiomati sarkos hamartias, kai peri hamartias – em semelhança da carne do pecado, e como um sacrifício pelo pecado*. A Septuaginta denomina um sacrifício pelo pecado não mais que *peri hamartias* –

pelo pecado. Assim, Cristo foi um sacrifício; Ele foi enviado para isso (Hb 9.26). [2] O que foi feito pelo aparecimento dele: o pecado *foi condenado*, isto é, Deus manifestou mais do que nunca seu ódio ao pecado, e não somente isso, mas o poder condenatório e dominante do pecado está destruído e tirado do caminho para todos aqueles que são de Cristo. Aquele que é condenado não pode nem acusar nem dominar; seu testemunho é nulo e também sua autoridade. Dessa forma o pecado está condenado por Cristo; ainda que viva e permaneça, sua vida nos santos assemelha-se àquela de um malfeitor condenado. Foi pela condenação do pecado que a morte foi desarmada, e o Diabo, que tinha o poder da morte, destruído. A condenação do pecado salvou os pecadores da condenação. Cristo foi feito pecado por nós (2 Co 5.21), e, assim, quando Ele foi condenado, o pecado foi condenado na carne de Cristo, condenado na natureza humana. Dessa forma, foi feita satisfação em relação à justiça divina e aberto um caminho para a salvação do pecador. [3] O feliz efeito disso sobre nós: "*...para que a justiça da lei se cumprisse em nós*" (v. 4). A justiça da lei se cumpriu tanto em nossa justificação como em nossa santificação. Uma justiça de reparação por quebrar a lei cumpriu-se pela imputação da justiça perfeita e completa de Cristo, que satisfaz as maiores exigências da lei, como o propiciatório era tão longo e tão largo quanto a arca da aliança. Uma justiça de obediência aos mandamentos da lei é cumprida em nós, quando, pelo Espírito, a lei do amor é escrita em nossos corações, sendo aquele amor o cumprimento da lei (cap. 13.10). Embora a justiça da lei não seja cumprida por nós, contudo, bendito seja Deus, ela é cumprida em nós; nela está aquilo que deve ser encontrado sobre e em todos os verdadeiros crentes que correspondem à intenção da lei. "*...nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito*". Essa é a descrição de todos aqueles que se beneficiam desse privilégio – eles agem a partir de princípios espirituais e não carnais; quanto aos outros, a justiça da lei será cumprida neles em sua ruína. Então:

2. Observe como nós podemos corresponder a esse papel (v. 5ss.):

(1) Vigiando a nossa mente. Como podemos saber se vivemos segundo a carne ou segundo o espírito? Examinando o que nos ocupa, se as coisas da carne ou as do espírito. Os prazeres carnais, os lucros e as honras mundanos, as coisas dos sentidos e do tempo, são as coisas da carne de que as pessoas não-regeneradas se ocupam. O favor de Deus, o bem-estar da alma, as preocupações pela eternidade, são as coisas de que o espírito se ocupa. O homem é como é a sua mente. A mente é a forja dos pensamentos. "*Porque, como imaginou na sua alma, assim é*" (Pv 23.7). Por quais caminhos os pensamentos se movem com mais prazer? Em que se fixam com mais satisfação? A mente é a morada da sabedoria. Que caminhos seguem os projetos e os planos? Somos mais sábios em favor do mundo ou de nossas almas? *Fronousi ta tes sarkos – eles gostam das coisas da carne*; assim a palavra é traduzida (Mt 16.23). A natureza de nosso gosto é de grande importância: por quais verdades, novidades, consolos, nós temos mais inclinação e quais nos são mais agradáveis. Ora, para nos advertir contra essa inclinação carnal, ele mostra a grande miséria e malignidade dela, e a compara com a excelência inexprimível e o consolo da inclinação espiritual. [1] A inclinação carnal é morte (v. 6). É morte espiritual, o caminho certo para a morte eterna. É a morte da alma, pois é a sua alienação de Deus, em cuja união e comunhão consiste a vida da alma. Uma alma carnal é uma alma morta, tão morta como uma alma pode morrer. "*...a que vive em deleites, vivendo, está morta*" (1 Tm 5.6), não apenas morta na lei por ser culpada, mas morta no estado carnal. A morte inclui toda miséria; almas carnais são almas miseráveis. Mas "*...a inclinação do Espírito, fronema tou pneumatos – um gosto espiritual* (a sabedoria que vem do alto, um princípio de graça) é *vida e paz*"; é a felicidade e alegria da alma. A vida da alma consiste em sua união com as coisas espirituais através da mente. Uma alma santificada é uma alma viva, e essa vida é paz; é uma vida muito confortadora. Todos os caminhos da sabedoria espiritual são caminhos de paz. É tanto vida e paz no outro mundo como neste. A inclinação espiritual é vida eterna e paz que já começaram, e uma garantia certa da sua perfeição. [2] A inclinação carnal é inimizade contra Deus (v. 7) e isso é pior que o que foi dito no item anterior. O anterior fala que o pecador carnal é um homem morto, o que é ruim; mas agora se fala dele que é um diabo de homem. Não é apenas um inimigo, mas a própria inimizade. Não é apenas a alienação da alma em relação a Deus, mas a sua oposição contra Deus; ela se rebela contra a sua autoridade, opõe-se ao seu desígnio, resiste à influência dele, cospe em seu rosto, despreza suas misericórdias. Pode haver inimizade maior? Um inimigo pode ser reconciliado, mas a inimizade não. Como isso deve nos humilhar e nos advertir contra a inclinação carnal! Vamos acolher e tolerar aquilo que é inimizade contra Deus, nosso criador, senhor, governante e benfeitor? Para provar isso, ele realça que ela "*...não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser*". A santidade da lei de Deus e a impiedade da mente carnal são tão irreconciliáveis quanto a luz e as trevas. O homem carnal pode ser submetido à lei de Deus, pelo poder da graça divina, mas a *mente carnal* jamais; ela deve ser enfraquecida e expulsa. Veja como a vontade corrupta do homem está desgraçadamente escravizada para pecar; na medida em que a inclinação carnal prevalece, não há nenhuma inclinação para a lei de Deus; por essa razão, onde quer que haja uma mudança, ela ocorre pelo poder da graça de Deus, não pela liberdade da vontade do homem. Disso ele deduz: "*...os que estão na carne não podem agradar a Deus*" (v. 8). Aqueles que estão em um estado carnal não-regenerado, debaixo do poder reinante do pecado, não podem praticar as coisas que agradam a Deus, carecendo da graça, o princípio agradável, e de uma atração por Cristo, o Mediador cordial. O próprio "*...sacrifício dos ímpios é abominável...*" (Pv 15.8). A nossa maior finalidade é agradar a Deus, o que aqueles que estão na carne não podem fazer; eles não podem agradar a Deus, mais ainda, eles só podem ofendê-lo. Nós podemos conhecer nosso estado e natureza:

(2) Perguntando se temos ou não o Espírito de Deus e de Cristo: "*Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito*" (v. 9). Isto expressa estados e condições da alma imensamente diferentes. Todos os santos têm em si carne e espírito, mas estar na carne é o oposto de estar no Espírito. Isto indica que estamos dominados e subjugados por um desses princípios. Como se diz, um homem

pode estar *apaixonado* ou *bêbado*, isto é, estar dominado pelo amor ou pela bebida. Agora, a grande pergunta é se nós estamos na carne ou no Espírito; e como podemos saber isso? Ora, inquirindo se o Espírito de Deus habita em nós. A melhor evidência de que estamos no Espírito é Ele habitar em nós, pois tal habitação é mútua: "*...está em Deus e Deus nele*" (1 Jo 4.16). O Espírito visita muitos que não são regenerados com impulsos que Ele provoca, aos quais eles resistem e sufocam; mas, Ele habita em todos os que são santificados; neles Ele reside e governa. Ele está ali como um homem fica em sua própria casa, onde está freqüentemente, sendo bem-vindo e tendo o domínio. Podemos perguntar aos nossos próprios corações: Quem habita, quem governa, quem mantém esta casa? Que interesse tem o chefe? A isso, ele acrescenta uma regra geral de teste: "*...se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*". Ser de Cristo (isto é, ser de fato um cristão, um de seus filhos, seus servos, seus amigos, estar em união com Ele) é um privilégio e uma honra na qual muitos aspirantes não têm parte nem porção. Ninguém é dele, exceto aqueles que têm o seu Espírito, isto é: [1] Que são fervorosos como Ele é fervoroso – são mansos, modestos, humildes, promotores da paz, caridosos, como Ele foi. Nós não podemos seguir as suas pisadas a menos que tenhamos o seu espírito; a estrutura e a disposição de nossas almas devem ser correspondentes ao padrão de Cristo. [2] Que são movidos e guiados pelo Espírito Santo de Deus, como um santificador, mestre e consolador. Ter o Espírito de Cristo significa ter o Espírito de Deus habitando em nós. No entanto, estes dois concordam; pois todos os que são movidos pelo Espírito de Deus como seu critério, estão em harmonia com o Espírito de Cristo como seu padrão. Ora, essa descrição da natureza daqueles a quem pertence esse primeiro privilégio de serem livres da condenação deve ser aplicada a todos os outros privilégios que se seguem.

Os Privilégios dos Crentes

vv. 10-16

Nesses versículos, o apóstolo representa mais dois benefícios excelentes que pertencem aos verdadeiros crentes.

I Vida. A felicidade não é apenas uma felicidade negativa, o fato de não sermos condenados; mas é positiva, é uma promoção à vida que será a inexprimível felicidade do homem: "*...se Cristo está em vós*" (vv. 10,11). Observe: Se o Espírito estiver em nós, Cristo estará em nós. Ele habita no coração por meio da fé (Ef 3.17). Então, somos informados do que acontece aos corpos e almas daqueles em quem Cristo está:

1. Nós não podemos dizer senão que "*...o corpo, na verdade, está morto*"; é um corpo frágil, mortal, perecível, e que morrerá em breve; é uma casa de barro, cujo fundamento é o pó. A vida adquirida e prometida não imortaliza o corpo em seu presente estado. Ele está morto, isto é, tende para a morte, está sob uma sentença de morte: como dizemos de alguém que está condenado, ele é um homem morto. Estamos na morte no meio da vida: por mais fortes, saudáveis e bonitos que sejam nossos corpos, eles estão praticamente mortos (Hb 11.12), e isso "*...por causa do pecado*". É o pecado que mata o corpo. A primeira ameaça tem esse efeito: "*...és pó*" (Gn 3.19). Parece-me que (e não há outro argumento) o amor a nossos corpos deve nos fazer odiar o pecado, porque ele é um inimigo de nossos corpos. A morte dos corpos mesmo dos santos é um sinal remanescente do desagrado de Deus contra o pecado.

2. Mas o espírito, a alma preciosa, é vida; ele está agora espiritualmente vivo, mais ainda, ele é vida. A graça na alma é a sua nova natureza; a vida do santo está na alma, enquanto que a vida do pecador não vai além do corpo. Quando o corpo morre, e retorna ao pó, "*...o espírito vive...*", não apenas estará vivo ou será imortal, mas será absorvido pela vida. A morte para os santos não é nada mais do que o espírito nascido do alto ficar livre do embaraço e da carga desse corpo para que possa estar preparado para participar da vida eterna. Quando Abraão estava morto, Deus era o Deus de Abraão, pois até mesmo então o seu espírito estava vivo (Mt 22.31,32; ver Sl 49.15). E isso "*...por causa da justiça*". A justiça de Cristo imputada a eles guarda a alma, a melhor parte, da morte; a justiça de Cristo inerente a eles, a imagem de Deus renovada na alma, a preserva, e, pelo decreto de Deus, na morte a eleva, a aperfeiçoa, e a faz participar da herança dos santos na luz. A vida eterna da alma consiste na visão e fruição de Deus, e em assimilar ambas, para o que a alma está qualificada pela justiça da santificação. Eu me refiro a Salmos 17.15: "*...contemplarei a tua face na justiça*".

3. Finalmente, também há uma vida reservada para o pobre corpo: Ele "*...vivificará o vosso corpo mortal*" (v. 11). O Senhor é para o corpo, e embora na morte ele seja jogado de lado, como um vaso quebrado e desprezado, um vaso que não causa nenhum prazer, mesmo assim Deus se afeiçoará às obras de suas mãos (Jó 14.15), se lembrará de sua aliança com o pó e não desperdiçará um grão dele; porém, o corpo será reunido à alma e se vestirá com uma glória apropriada a ele. Corpos vis serão transformados (Fp 3.21; 1 Co 15.42). Duas grandes garantias da ressurreição do corpo são mencionadas: (1) A ressurreição de Cristo: "*...aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará...*". Cristo ressuscitou como a cabeça, as primícias e precursor de todos os santos (1 Co 15.20). O corpo de Cristo foi colocado no túmulo, sob o pecado de todos os eleitos que lhe foi imputado, e rompeu a barreira do túmulo. O túmulo, onde está a tua vitória? Nós ressuscitaremos em virtude da ressurreição de Cristo. (2) A habitação do Espírito. O mesmo Espírito que agora ressuscita a alma, em breve ressuscitará o corpo: "*...pelo seu Espírito que em vós habita*". Os corpos dos santos são templos do Espírito Santo (1 Co 3.16; 6.19). Então, embora esses templos possam sofrer por um momento jazendo em ruínas, eles ainda serão reconstruídos. O tabernáculo de Davi, que tinha caído, será reparado, quaisquer que sejam as grandes dificuldades que possam estar no caminho. O Espírito, soprando sobre ossos secos e mortos, os fará viver, e os santos em sua carne verão a Deus. Disso, a propósito, conclui o apóstolo o quanto é nossa obrigação caminharmos não segundo a carne, mas segundo o Espírito (vv. 12,13). Não permitamos que nossa vida siga os desejos e as paixões da carne.

Ele menciona dois motivos aqui: [1] Nós não somos devedores à carne, nem por relação e gratidão, nem por qualquer outro vínculo ou obrigação. Não devemos nenhum pedido nem serviço a nossos desejos carnais; estamos de fato obrigados a vestir, alimentar e cuidar do corpo, como servo da alma no serviço de Deus, mas nada mais que isso. Não somos devedores dela; a carne nunca nos fez tanta gentileza a ponto de nos obrigar a servi-la. Isto significa que somos devedores de Cristo e do Espírito; nesse ponto nós devemos completamente o nosso ser, tudo o que temos e tudo o que podemos fazer, por milhares de vínculos e obrigações. Sendo libertos de tão grande morte por tão grande redenção, somos profundamente devedores ao nosso libertador (ver 1 Co 6.19,20). [2] Considere as conseqüências que haverá no final do caminho. Aqui vida e morte, bênção e maldição estão colocadas diante de nós. "...*se viverdes segundo a carne, morrereis*", isto é, morrereis eternamente. É o agradar, servir e satisfazer a carne que são a ruína da alma, isto é, a segunda morte. De fato, a morte é a morte da alma, mas a morte dos santos é apenas um sono. Porém, por outro lado, vós *vivereis*, vivereis e sereis felizes para sempre; essa é a verdadeira vida: "...*se pelo espírito mortificardes as obras do corpo*", subjugardes e controlardes todas as concupiscências e paixões carnais, negardes a vós mesmos no que toca a agradar e condescender com o corpo, e isto pelo Espírito; não conseguimos fazer isso sem o Espírito operando em nós, mas Ele não o fará sem o nosso empenho e esforço. De maneira que, resumindo, se nos impõe este dilema: ou desagradar ao corpo ou destruir a alma.

II O "...*espírito de adoção...*" é outro privilégio daqueles que estão em Cristo Jesus (vv. 14-16).

1. Todos os que são de Cristo são assumidos na relação de filhos de Deus (v. 14). Observe: (1) Sua característica: Eles são "...*guiados pelo Espírito de Deus*", como um estudante, que em sua aprendizagem é guiado por seu professor, como um viajante, que em sua viagem é orientado por seu guia, como um soldado, que em combate é dirigido por seu capitão; não são guiados como animais, mas como criaturas racionais, puxados com as cordas de um homem e os laços do amor. É característica indubitável de todos os verdadeiros crentes serem guiados pelo Espírito de Deus. Tendo se submetido pela fé à sua orientação, em sua obediência eles seguem a sua orientação e são docilmente levados a toda verdade e à total submissão. (2) Os privilégios que possuem: Eles "...*são filhos de Deus*", recebidos no número dos filhos de Deus por adoção, reconhecidos e amados por Ele como seus filhos.

2. E aqueles que são os filhos de Deus têm o Espírito:

(1) Para operar neles a disposição de filhos.

[1] "*Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor*" (v. 15). Entenda isso, em primeiro lugar, como referência àquele espírito de escravidão sob o qual estava o povo do Antigo Testamento, por causa das trevas e do terror daquela dispensação. O véu significava escravidão (2 Co 3.15; compare com o v. 17). O espírito de adoção não estava plenamente derramado como agora, pois a lei abriu a ferida, mas proporcionou remédio insuficiente para ela. Agora, vós não estais sob aquela dispensação, não recebestes aquele espírito. Em segundo lugar, como referência àquele espírito de escravidão sob o qual estavam muitos dos próprios santos quando de sua conversão, sob a convicção do pecado e da ira produzida pelo Espírito, como aqueles mencionados em Atos 2.37, o carcereiro (At 16.30) e Paulo (At 9.6). Então, a própria lei era um espírito de escravidão para os santos: "Mas", diz o apóstolo, "isso acabou em relação a vós". "Deus como um juiz", diz o Dr. Manton, "pelo espírito de escravidão, nos envia para Cristo, como Mediador, e Cristo, como Mediador, pelo espírito de adoção, nos envia novamente para Deus como um Pai." Embora um filho de Deus possa cair sob o temor da escravidão novamente, e possa questionar a sua filiação, mesmo assim o bendito Espírito não será novamente um espírito de escravidão, pois, se fosse assim, Ele daria testemunho de uma mentira.

[2] "...*mas recebestes o espírito de adoção...*". Os homens podem conceder uma carta de adoção, mas é prerrogativa de Deus, quando Ele adota, dar um espírito de adoção – a natureza de filhos. O Espírito de adoção opera nos filhos de Deus um amor filial a Deus como um Pai, um deleite nele e uma dependência dele como de um Pai. Uma alma santificada traz a imagem de Deus, como os filhos trazem a imagem do pai. "...*pelo qual clamamos: Aba, Pai*". A oração é chamada aqui de *clamor*, o que não é apenas uma expressão séria, mas natural de desejo; as crianças que não podem falar desabafam seus desejos chorando. Agora, o Espírito nos ensina a nos achegar, em oração, a Deus como a um Pai, com uma santa e humilde confiança, incentivando a alma nessa tarefa. "*Aba, Pai*". *Aba* é uma palavra siríaca que significa *pai* ou *meu pai*; *pater*, uma palavra grega; e por que ambas, *Aba* e *Pai*? Porque Cristo disse assim na oração (Mc 14.36): *Aba, Pai*, e temos recebido o Espírito do Filho. Denota uma importunação afetuosa e terna e uma fé enfática colocada nessa relação. Crianças pequenas, quando pedem a seus pais, não podem dizer mais do que *Pai, Pai*, e isso é suficientemente retórico. Também denota que a adoção é comum tanto a judeus quanto a gentios: os judeus o chamam *Aba* em sua língua e os gregos podem chamá-lo *pater* na sua; pois, em Cristo Jesus, não há grego nem judeu.

(2) Para testemunhar dessa relação de filhos (v. 16). Primeiro vem a obra do Espírito como um santificador; agora, como um consolador. "...*testifica com o nosso espírito...*". Muitos homens têm o testemunho de seu próprio espírito em relação à bondade de seu estado, não tendo o mesmo testemunho da parte do Espírito. Muitos falam de paz para si mesmos, a quem o Deus do céu não fala de paz. Mas aqueles que são santificados têm o Espírito de Deus testemunhando com seus espíritos, o que não deve ser entendido como revelação extraordinária imediata, mas como uma obra habitual do Espírito, em e por meio do consolo, falando de paz para a alma. Esse testemunho está sempre de acordo com a palavra escrita e, portanto, sempre baseada na santificação, pois o Espírito que está no coração não pode contradizer o Espírito que está na palavra. O Espírito não testemunha os privilégios de filhos a ninguém que não tenha a natureza e a disposição de filhos.

Os Privilégios dos Crentes
vv. 17-25

Nessas palavras, o apóstolo descreve uma quarta parte nobre da felicidade dos crentes, a saber, um direito à glória futura. Isso é adicionado adequadamente à nossa filiação, pois como adoção de filhos nos dá o direito àquela glória, assim a disposição de filhos nos ajusta e prepara para ela. "*E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também*" (v. 17). Nas heranças terrenas essa regra não se mantém, sendo apenas os primogênitos os herdeiros, mas a igreja é uma igreja de primogênitos, pois todos eles são herdeiros. O céu é uma herança de que todos os santos são herdeiros. Eles não chegam a ele como pessoas que o adquiriram por qualquer mérito ou aquisição da sua parte; mas como herdeiros, puramente pela ação de Deus, pois Deus os torna herdeiros. Os santos são herdeiros apesar de, neste mundo, serem herdeiros menores de idade (ver Gl 4.1,2). Seu presente estado é um estado de educação e preparação para a herança. Quão consolador isso deve ser para todos os filhos de Deus, que, por menos que eles tenham em possessão, sendo herdeiros, vão receber o suficiente como devolução! Mas a honra e a felicidade de um herdeiro está na importância e no valor daquilo que ele herdará: lemos daqueles que herdam o vento; e, por isso, temos aqui um resumo da herança. 1. "...*herdeiros de Deus*...". O próprio Senhor é a porção da herança dos santos (Sl 16.5), uma herança *formosa* (Sl 16.6). Os santos são sacerdotes espirituais, que têm o Senhor por sua herança (Nm 18.20). A visão de Deus e o fruir dele são a herança dos santos. O próprio Deus estará com eles e será o seu Deus (Ap 21.3). 2. "...*co-herdeiros de Cristo*". Diz-se que Cristo, como Mediador, é o herdeiro de todas as coisas (Hb 1.2), e os verdadeiros crentes, em virtude de sua união com Ele, "...*herdarão todas as coisas*" (Ap 21.7). Aqueles que agora participam do Espírito de Cristo, como seus irmãos, participarão, como seus irmãos, de sua glória (Jo 17.24), se assentarão com Ele em seu trono (Ap 3.21). Senhor, que é o homem, para que tu o exaltes dessa forma! Então, dessa glória futura é dito mais adiante que ela é a recompensa dos sofrimentos presentes e a realização das esperanças do presente.

I Como recompensa dos sofrimentos presentes dos santos. E é uma rica recompensa: "...*se é certo que com ele padecemos*" (v. 17), ou *visto que com ele padecemos*. O estado da igreja neste mundo sempre é, e era especialmente naquela época, um estado de angústia. Ser um cristão certamente era ser um sofredor. Então, para consolá-los em relação àqueles sofrimentos, ele lhes fala que eles sofriam com Cristo – por sua causa, por sua honra, pelo testemunho de uma boa consciência, e deveriam ser glorificados com Ele. Aqueles que sofreram com Davi quando ele era perseguido foram promovidos por e com ele quando ele foi coroado; (veja 2 Tm 2.12). Veja os lucros de se sofrer por Cristo; embora possamos ser perdedores por causa dele, no fim nós não seremos, não podemos ser perdedores por intermédio dele. O evangelho está cheio dessas garantias. Ora, aqueles santos sofredores podem ter fortes apoios e consolações em suas esperanças do céu. Ele mantém o equilíbrio (v. 18), em uma comparação entre os dois, aflições e glória, o que é nítido: 1. Em um prato da balança ele coloca as "...*aflições deste tempo presente*". As aflições dos santos não passam de aflições deste tempo presente, não se sucedem mais profundamente do que as coisas que ocorrem no tempo, não duram mais do que o momento presente (2 Co 4.17), aflição leve e momentânea. De maneira que ele escreve *tekel* a respeito das aflições, pesadas na balança e achadas leves. 2. No outro prato, ele coloca a glória e encontra um peso, um peso excessivo e eterno: "...*a glória que em nós há de ser revelada*". Em nosso presente estado, estamos aquém, não somente em relação ao desfrute, mas também ao conhecimento daquela glória (1 Co 2.9; 1 Jo 3.2): ela será revelada. Ela ultrapassa tudo o que já temos visto e conhecido: as presentes concessões são adoráveis e preciosas, muito preciosas, muito adoráveis; mas há algo por vir, algo que está atrás da cortina, que excederá em brilho a tudo. "...*em nós há de ser revelada*", não apenas revelada para nós, para ser vista, mas revelada em nós, para ser desfrutada. O reino de Deus está dentro de nós, e assim será para a eternidade. 3. Ele conclui que as aflições "...*não são para comparar com a glória...*" – *ouk aksia pros ten doksan*. Elas não são dignas dessa glória e, se sofrer por Cristo não for mérito suficiente, muito menos será fazer algo. Elas não devem em hipótese alguma nos deter e atemorizar em relação à busca diligente e determinada daquela glória. As aflições são pequenas e curtas e se relacionam apenas ao corpo; mas a glória é rica e grande, ela diz respeito à alma, e é eterna. Ele tem isso por certo: "...*tenho por certo...*" – *logizomai*. Não é uma determinação irrefletida e apressada, mas o produto de uma consideração muito séria e ponderada. Ele refletiu sobre o caso, pesou os argumentos *pró* e *contra* e finalmente assumiu uma posição. Quão imensamente diferente é o parecer que vem do sentimento do mundo no que toca aos sofrimentos desse tempo presente! *Tenho por certo*, como um matemático que está fazendo seus cálculos. Primeiramente, ele soma o que é gasto por Cristo nos sofrimentos do tempo presente e conclui que eles são muito pouco; então, ele soma o que nos é assegurado por Cristo na glória que será revelada e conclui que será uma quantidade infinita, que transcende toda concepção, a despesa ricamente ressarcida e as perdas infinitamente compensadas. E quem, então, teria medo de sofrer por Cristo, o qual, como está conosco anteriormente na aflição, assim não ficará em dívida conosco na recompensa? Ora, Paulo era um juiz tão competente nesse ponto de vista quanto qualquer simples homem jamais tinha sido. Ele não tinha isso por certo apenas pela sua cultura, mas pela experiência, pois ele conhecia a ambas. Ele sabia o que eram as aflições do tempo presente (ver 2 Co 11.23-28) e conhecia a glória do céu (ver 2 Co 12.3,4). E, pesando a ambas, ele dá o seu julgamento aqui. Não há nada semelhante a uma visão crente da glória que será revelada para amparar e sustentar o espírito em todas as aflições desse tempo presente. A repreensão de Cristo apresenta-se como riqueza para aqueles que esperam a recompensa do galardão (Hb 11.26).

II Como a realização das presentes esperanças e expectativas dos santos (v. 19ss.). Como os santos estão sofrendo por elas, também estão esperando por elas. Por essa razão o céu está assegurado; pois Deus, pelo seu Espírito, não aumentaria e encorajaria aquelas esperanças apenas para frustrá-las e desapontá-las. Ele cumprirá aquela palavra dita aos seus servos na qual fez com que esperassem (Sl 119.49), e, por essa razão, o céu é agradável; pois, se a esperança demorada faz o coração enfraquecer, com certeza, quando vem o desejo, será uma árvore de vida (Pv 13.12). Então, ele observa uma expectativa dessa glória:

1. Nas criaturas (vv. 19-22). Essa deve necessariamente ser uma grande e transcendente glória, que todas as criaturas estão aguardando ansiosamente. Tal observação nesses versículos tem certa dificuldade que embaraça um pouco os intérpretes; e mais ainda porque é uma observação que não é feita em qualquer outra parte das Escrituras com a qual possa ser comparada. Por *criatura* aqui não entendemos que seja o mundo gentílico em sua expectativa de Cristo e do evangelho, como pensam alguns, o que é uma interpretação muito estranha e forçada, mas toda a estrutura da natureza, especialmente a deste mundo inferior – a totalidade da criação, o conjunto de criaturas inanimadas e sensíveis, que, por causa de sua harmonia e dependência mútua, e porque todas constituem e perfazem um mundo, são mencionadas no singular como *criatura*. Podemos resumir a seguir a mensagem do apóstolo nesses quatro versículos: (1) Que há uma futilidade presente à qual a criatura está submetida por causa do pecado do homem (v. 20). Quando o homem pecou, o solo foi amaldiçoado por sua causa e com ele todas as criaturas (especialmente as deste mundo inferior, onde estão todas as nossas relações) foram colocadas sob aquela maldição e tornaram-se mutáveis e mortais. Sob a "*...servidão da corrupção*" (v. 21). Existe uma impureza, uma deformidade e uma fraqueza que a criatura contraiu por causa da queda do homem: a criação está manchada e suja e muito da beleza do mundo desapareceu. Há uma inimizade entre uma criatura e outra; elas estão todas sujeitas a uma alteração e decadência contínuas dos indivíduos, sujeitos aos golpes do julgamento de Deus sobre o homem. Quando o mundo foi inundado, e quase todas as criaturas nele, certamente então ele estava mesmo sujeito à vaidade. A totalidade das espécies das criaturas dirige-se apressadamente para uma dissolução total pelo fogo. E não é a menor parte de sua futilidade e escravidão que sejam usadas, ou melhor, abusadas, pelos homens como instrumentos do pecado. Eles freqüentemente abusam das criaturas para a desonra do Criador delas, para o dano de seus filhos e para o serviço a seus inimigos. Quando as criaturas se tornam comida e combustível de nossas concupiscências, elas são sujeitas à vaidade, tornam-se cativas pela lei do pecado. E isso, "*...não por sua vontade*" e nem por sua própria escolha. Todas as criaturas desejam sua própria perfeição e consumação; quando se tornam instrumentos do pecado, não é por sua própria vontade. Ou: Elas estão cativas dessa forma, não por qualquer pecado que elas tenham cometido, mas pelo pecado do homem: "*...mas por causa do que a sujeitou*". Adão fez por merecer; as criaturas lhe estavam entregues; quando ele se entregou a si mesmo, também entregou as criaturas à escravidão da corrupção. Deus o fez judicialmente; Ele deu uma sentença sobre as criaturas por causa do pecado do homem, pela qual elas se tornaram sujeitas. E elas (pobres criaturas) carregam esse jugo na esperança de que isso não será permanente. *Ep' elpidi hoti kai* etc. – "*...na esperança de que também a mesma criatura...*", dessa forma muitas cópias gregas juntam as palavras. Nós temos razões para ter piedade das pobres criaturas que foram submetidas à vaidade por causa de nossos pecados: (2) Que a criação "*...geme e está juntamente com dores de parto...*" sob essa vaidade e corrupção (v. 22). Trata-se de uma expressão figurada. O pecado é um peso para toda a criação; o pecado dos judeus, ao crucificarem a Cristo, provocou um terremoto. Os ídolos eram uma carga para os animais cansados (Is 46.1). Há um clamor geral de toda a criação contra o pecado humano: a pedra clama da parede (Hc 2.11), a terra clama (Jó 31.38). (3) Que a criação, que agora está sobrecarregada, será "*...libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus*" (v. 21), no tempo da restauração de todas as coisas – ela não estará mais sujeita à vaidade e à corrupção e a outros frutos da maldição; mas, ao contrário, este mundo inferior será renovado: quando houver novos céus, haverá nova terra (2 Pe 3.13; Ap 21.1); e haverá uma glória concedida a todas as criaturas e será (à proporção de suas naturezas) uma elevação tão apropriada e grande quanto a glória dos filhos de Deus será para eles. O fogo no último dia será purificador, não um fogo destruidor e aniquilador. Ninguém pode dizer o que acontece às almas dos animais, que vão para baixo, mas, pelas Escrituras, parece que passarão por algum tipo de restauração. E se alguém levanta a objeção: Qual seria a utilidade deles para os santos glorificados? Podemos supor que eles serão de tanto uso quanto eram para Adão na inocência; e será o suficiente se apenas ilustrarem a sabedoria, o poder e a bondade de seu criador (compare isso com Sl 96.10-13; 98.7-9). "*Alegrem-se os céus diante do Senhor, pois Ele vem*". (4) Que, por isso, a criação aguarda e espera seriamente pela "*...manifestação dos filhos de Deus*" (v. 19). Observe: Na segunda vinda de Cristo, haverá uma manifestação dos filhos de Deus. Agora, os santos são pessoas de Deus que estão escondidas, o trigo parece perdido no meio de um montão de palha; mas, então, eles serão manifestos. Ainda não é manifesto o que havemos de ser (1 Jo 3.2), mas, então, a glória será revelada. Os filhos de Deus aparecerão como de fato são. E até lá, essa redenção da criação está guardada; pois como foi com o homem e por causa dele que a criação caiu sob a maldição, assim, ela será libertada com o homem e por causa dele. Toda maldição e imundície que agora estão presas à criação serão abolidas quando aqueles que tiverem sofrido com Cristo sobre a terra nela reinarem com Ele. Toda a criação espera e anseia por isso; e isso pode servir como um motivo pelo qual agora um bom homem deve ser clemente com o seu animal.

2. Nos santos, que são novas criaturas (v. 23-25). Observe: (1) As bases dessa expectativa dos santos. É o fato de termos recebido "*...as primícias do Espírito*", que tanto estimulam os nossos desejos como encorajam as nossas esperanças, e dessas duas formas aumentam

nossas expectativas. As primícias tanto santificam como protegem a massa. A graça são as primícias da glória, é a glória iniciada. Nós, após recebermos tais frutos neste deserto, não podemos senão almejar pela colheita plena na Canaã celestial. "*E não só ela*" – não apenas a criação que não é capaz de tal felicidade quanto às primícias do Espírito, mas até nós, que temos recebido tais riquezas no presente, não podemos senão ansiar por alguma coisa a mais e maior. Quando temos as primícias do Espírito, temos algo muito precioso, porém, ainda não é tudo o que podemos ter: "...*gememos em nós mesmos*", o que denota a força e a intimidade desses desejos; não fazendo um grande barulho, como os hipócritas gritando na cama por cereais e vinho, mas com gemidos silenciosos, os quais chegam ao céu o mais rápido possível. É voto unânime, o desejo unido de toda a igreja; todos concordam nisto: *Vem, Senhor Jesus, vem logo.* O gemido denota um desejo muito determinado e importunador, a alma aflita com a demora. O que ela recebe no presente e os consolos são consistentes com muitos gemidos; não como as angústias de alguém que está morrendo, mas como as dores de uma mulher em trabalho de parto – gemidos que são sintomas de vida e não de morte. (2) O objeto dessa expectativa. O que estamos, dessa forma, desejando e esperando? O que desejamos ter? "...*a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo*". Embora a alma seja a parte principal do homem, o Senhor também tem se declarado em favor do corpo, e tem provido muita honra e felicidade para o corpo. A ressurreição aqui é chamada de *redenção do corpo.* Então ele será resgatado do poder da morte e da sepultura, e do cativeiro da corrupção; e, embora seja um corpo vil, será purificado e embelezado, e feito como aquele corpo glorioso de Cristo (Fp 3.21; 1 Co 15.42). Isso é chamado de *adoção.* [1] É a adoção manifestada diante de todo o mundo, dos anjos e dos homens. Agora nós somos os filhos de Deus, mas isso ainda não se manifestou, a honra está encoberta; mas, então Deus reconhecerá publicamente todos os seus filhos. O documento de adoção, o qual agora está escrito, assinado e selado, então será reconhecido, proclamado e publicado. Como foi Cristo, assim serão os santos, declarados como sendo os filhos de Deus com poder, pela ressurreição dos mortos (cap. 1.4). Isso será então uma questão resolvida. [2] A adoção é aperfeiçoada e completada. Os filhos de Deus têm tanto corpos como almas; e, a adoção não é perfeita até que aqueles corpos sejam trazidos para a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Mas então, ela estará completa, quando o capitão de nossa salvação trouxer os muitos filhos à glória (Hb 2.10). Isso é o que aguardamos, em cuja esperança nossa carne repousa (Sl 16.9,10). Estivemos esperando todos os dias de nosso tempo designado, até vir essa mudança, quando Ele chamará, e nós responderemos, e Ele se afeiçoará à obra de suas mãos (Jó 14.14,15). (3) A conveniência disso para o nosso estado presente (vv. 24,25). A nossa felicidade não é nossa posse no presente: "...*porque, em esperança, somos salvos*". Nisso, como em outras coisas, Deus tem feito de nosso estado presente um estado de teste e provação – estando nossa recompensa fora do alcance de nossa vista. Aqueles que lidarão com Deus devem lidar de boa fé. É reconhecido que a esperança é uma das principais graças de um cristão (1 Co 13.13), a qual sugere necessariamente uma boa coisa que está por vir, que é o objeto daquela esperança. A fé se refere à promessa, e a esperança, ao que é prometido. A fé é a evidência, a esperança, a expectativa de coisas que não se vêem. A fé é a mãe da esperança. "...*com paciência o esperamos*". Ao esperar por essa glória, temos necessidade de paciência, para suportar as aflições que encontramos no caminho para ela enquanto ela demorar. Nosso caminho é íngreme e longo; mas aquele que deve vir, virá e não tardará; e por essa razão, embora Ele pareça demorar, nos convém esperar por Ele.

Os Privilégios dos Crentes
vv. 26-28

Aqui o apóstolo sugere mais dois privilégios que os verdadeiros cristãos têm:

I A ajuda do Espírito na oração. Enquanto estivermos no mundo, esperando e aguardando o que não vemos, devemos estar em oração. Esperar supõe desejar, e esse desejo oferecido a Deus é a oração; nós gememos. Então observe:

1. Nossa fraqueza na oração: "...*não sabemos o que havemos de pedir como convém*". (1) Como assunto de nossos pedidos, não sabemos o que pedir. Não somos juízes competentes de nossa própria condição. "*Quem sabe o que é bom nesta vida para o homem?*" (Ec 6.12). Temos a vista curta e somos muito inclinados em favor da carne e aptos para separar a finalidade do meio. "*Não sabeis o que pedis*" (Mt 20.22). Somos como crianças imprudentes, que costumam pedir por frutas antes de elas estarem amadurecidas e prontas (ver Lc 9.54,55). (2) Quanto à forma, não sabemos orar como convém. Não é suficiente que façamos aquilo que é bom, devemos fazê-lo bem, procurar uma ordem conveniente; e aqui estamos freqüentemente perdidos – as graças são fracas, as afeições, frias, os pensamentos, divagantes, e nem sempre é fácil achar *no coração* o desejo *para orar* (2 Sm 7.27). O apóstolo fala sobre isso na primeira pessoa: Nós *não sabemos.* Ele se coloca entre os demais. Insensatez, fraqueza e distração na oração, são aquilo de que todos os santos se lamentam. Se um santo tão grande quanto Paulo não sabia pelo que orar, quanto menos razão temos de começar a cumprír esse dever com nossas próprias forças!

2. As assistências que o Espírito nos dá na oração. Ele "...*ajuda as nossas fraquezas*", o que significa principalmente as nossas fraquezas na oração, as quais nos atacam mais facilmente nesse caso, contra o que o Espírito socorre. O Espírito na Palavra ajuda; há na Palavra muitas regras e promessas para a nossa ajuda. O Espírito no coração ajuda, habitando em nós, operando em nós, como um Espírito de graça e de súplica, especialmente com respeito às fraquezas sob as quais estamos quando passamos por um estado de aflição, momento em que a nossa fé está mais vulnerável; o Espírito Santo foi derramado para essa finalidade. *Ajuda, synantilambanetai – levanta conosco, em frente de nós,* ajuda como fazemos com alguém que levanta um fardo, levantando-o em frente da pessoa, do outro lado – nos ajuda, isto é, faz conosco o nosso esforço e emprega a força que temos. Todavia, não

devemos nos sentar e esperar que o Espírito faça tudo; quando o Ele for adiante de nós, devemos nos mover. Não podemos fazer isso sem Deus e Ele não o fará sem nós. Que ajuda? Ora, "...*o mesmo Espírito intercede por nós*...", dita os nossos pedidos, faz conhecidas as nossas petições, compõe os nossos apelos por nós. Cristo intercede por nós no céu e o Espírito intercede por nós em nossos corações; dessa maneira, Deus tem suprido graciosamente encorajamento para o remanescente que ora. O Espírito, como um Espírito de iluminação, nos ensina pelo que orar, como um Espírito de santificação, opera e desperta orações de ação de graças, como um Espírito de conforto, silencia nossos temores e nos ajuda em relação a todos os nossos desânimos. O Espírito Santo é a fonte de todos os nossos desejos e aspirações em relação a Deus. Ora, essa intercessão que o Espírito realiza ocorre: (1) "...*com gemidos inexprimíveis*". A força e o fervor daqueles desejos que o Espírito Santo opera são com isso insinuadas. Pode haver oração no Espírito em que não há nenhuma palavra falada; como oraram Moisés (Êx 14.15) e Ana (1 Sm 1.13). Não são a retórica e a eloqüência, mas a fé e o fervor de nossas orações que o Espírito, como um intercessor, opera em nós. *Inexprimíveis*; eles são tão confusos, a alma está em tal inquietação com tentações e problemas, que nós não sabemos o que dizer, nem como nos expressar. Aqui o Espírito está intercedendo com gemidos inexprimíveis. A operação do Espírito ocorre quando não podemos fazer outra coisa senão clamar: *Aba*, *Pai*, e nos dirigir a Ele com uma ousadia humilde e santa. (2) "...*segundo Deus*..." (v. 27). O Espírito que está no coração nunca contradiz o Espírito que está na Palavra de Deus. Aqueles desejos que são contrários à vontade de Deus não provêm do Espírito. O Espírito intercedendo em nós sempre dissolve nossa vontade na vontade de Deus. "*Não seja como eu quero, mas como tu queres*".

3. O sucesso garantido dessas intercessões: "*E aquele que examina os corações, sabe qual é a intenção do Espírito*" (v. 27). Para os hipócritas, todos aqueles cuja religião está em sua língua, nada é mais terrível do que Deus examinar o coração e ver além de todos os seus disfarces. Para um cristão sincero, que cumpre o seu dever de coração, nada é mais consolador do que Deus examinar o coração, pois então, Ele ouvirá e responderá àqueles desejos que queremos que as palavras expressem. Ele sabe aquilo de que temos necessidade antes de pedirmos (Mt 6.8). Ele sabe o que está na mente de seu próprio Espírito em nós. E, como Ele sempre ouve o Filho intercedendo por nós, assim também sempre ouve o Espírito intercedendo em nós, porque sua intercessão está de acordo com a vontade de Deus. O que mais poderia ter sido feito para o consolo do povo do Senhor, em todas as vezes em que ele se dirige a Deus? Cristo tinha dito: "Qualquer coisa que pedirdes ao Pai de acordo com a sua vontade, Ele vos concederá". Mas como nós aprendemos a pedir de acordo com a sua vontade? Ora, o Espírito nos ensinará isso. Por isso é que a posteridade de Jacó nunca procura em vão.

II A cooperação de todas as providências para o bem daqueles que são de Cristo (v. 28). Pode-se objetar que, apesar de todos esses privilégios, nós vemos crentes rodeados de diversas aflições; embora o Espírito interceda por eles, as suas tribulações continuam. Isso é realmente verdade; mas nesse caso também a intercessão do Espírito é sempre eficaz, no sentido de que, por mais que sejam afligidos, tudo está cooperando para o seu bem. Observe aqui:

1. O caráter dos santos que se beneficiam desse privilégio; eles são descritos aqui pelas qualidades que são comuns a todos os que são verdadeiramente santificados. (1) Eles "...*amam a Deus*". Isso inclui tudo que sai das afeições da alma para Deus como o bem supremo e o objetivo mais elevado. É o nosso amor a Deus que torna amável cada providência e, por isso, proveitosa. Aqueles que amam a Deus aproveitam ao máximo tudo que Ele faz, e aceitam tudo com boa vontade. (2) Eles "...*são chamados por seu decreto*", efetivamente chamados de acordo com o eterno decreto. O chamado é eficaz, não de acordo com qualquer mérito ou direito que tenhamos, mas de acordo com o decreto gracioso do próprio Deus.

2. O privilégio dos santos, "...*que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus*", isto é, todas as providências de Deus que lhes dizem respeito. Tudo o que Deus realiza, é por eles que Ele realiza (Sl 57.2). Os pecados deles não são realização dele, por isso não são aludidos aqui, embora sua permissão em relação ao pecado trabalhe pelo bem deles (2 Cr 32.31). Mas todas as providências de Deus são deles – providências compassivas, providências que angustiam, pessoais e públicas. Todas elas são para o bem; talvez para o bem temporal, como as tribulações de José; pelo menos, para o bem espiritual e eterno. É bom para eles o que faz bem para as suas almas. Seja direta ou indiretamente, cada providência tende ao bem espiritual daqueles que amam a Deus, separando-os do pecado, aproximando-os de Deus, afastando-os do mundo, tornando-os apropriados para o céu. *Contribuem juntamente*. Elas trabalham, como o médico sobre o corpo, de várias formas, de acordo com sua intenção, mas tudo para o bem do paciente. *Contribuem juntamente*, como vários ingredientes em um remédio concorrem para um resultado. Deus colocou um em oposição ao outro (Ec 7.14): *synergei*, um verbo no singular acompanhando um substantivo no plural, denotando a harmonia da Providência e seus desígnios uniformes, todas as rodas como uma roda (Ez 10.13). Ele operou *todas as coisas juntamente para o bem*, assim alguns lêem. Isso não vem de qualquer qualidade específica das próprias providências, mas do poder e da graça de Deus que trabalha em, com e através dessas providências. Tudo isso, nós *sabemos* – temos certeza, a partir da palavra de Deus, a partir de nossa própria experiência, e da experiência de todos os santos.

Os Privilégios dos Crentes

vv. 29,30

O apóstolo, após ter considerado tantos elementos da felicidade dos verdadeiros crentes, vem aqui revelar a base de todos eles, que é a predestinação. Esses privilégios maravilhosos nos são transmitidos pela carta ré-

gia da aliança, mas são fundamentados no conselho de Deus, o qual garante infalivelmente o evento. Para que Jesus Cristo, o redentor, não pudesse trabalhar em vão, nem gastar sua força e sua vida por nada e em vão, há um remanescente que lhe foi dado, uma semente que Ele verá, de maneira que o beneplácito do Senhor prospere em suas mãos. Para explicar isso, ele coloca aqui diante de nós a ordem das causas de nossa salvação, uma corrente dourada que não pode ser quebrada. Ela contém quatro elos:

I "*Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho*". Tudo o que Deus planejou para a glória e felicidade como o fim, Ele decretou para a graça e santidade como meio. Não, a quem Ele conheceu de antemão para serem santos, aqueles Ele predestinou. Os conselhos e decretos de Deus não se submetem à vontade débil e inconstante do homem; não, o pré-conhecimento que Deus tem dos santos é o mesmo daquele amor eterno por meio do qual se diz que Ele os amou (Jr 31.3). Dizer que Deus conhece o seu povo é o mesmo que afirmar que Ele o possui (Sl 1.6; Jo 10.14; 2 Tm 2.19; ver 11.2). Palavras de conhecimento muitas vezes na Escritura denotam afeição. Dessa forma, temos aqui: "...*eleitos segundo a presciência de Deus*" (1 Pe 1.2). E a mesma palavra é traduzida por *conhecido* em 1 Pedro 1.20. "*Os que dantes conheceu*", isto é, a quem Ele designou para serem seus amigos e favoritos. "*Conheço-te por teu nome*", disse Deus a Moisés (Êx 33.12). Ora, aqueles a quem Deus assim pré-conheceu, Ele predestinou para serem "...*conformes à imagem de seu Filho*". 1. A santidade consiste em nossa conformidade à imagem de Cristo. Isso ocorre na totalidade da santificação, da qual Cristo é o grande modelo e exemplo. Ser determinado como Cristo foi, proceder e viver como Ele, suportar nossas aflições pacientemente como Cristo fez. Cristo é a imagem expressa de seu Pai, e os santos são conformados à imagem de Cristo. Assim, é pela mediação e intervenção de Cristo que temos o amor de Deus restaurado a nós e a semelhança de Deus renovada sobre nós, sendo que a felicidade do homem consiste nessas duas coisas. 2. Tudo que Deus pré-conheceu desde a eternidade, com generosidade Ele predestinou a essa conformidade. Não somos nós que conseguimos nos conformar a Cristo. Nossa entrega de nós mesmos a Cristo tem sua origem no fato de Deus nos entregar a Ele; e, ao nos entregar a Cristo, Deus nos predestinou para sermos conformes à sua imagem. Por essa razão, é mero sofisma chamar a doutrina da eleição de doutrina licenciosa, e argumentar que ela encoraja ao pecado, como se o fim fosse separado dos meios, e a felicidade, da santidade. Ninguém pode saber se é eleito exceto pela conformidade à imagem de Cristo; pois, todos os escolhidos o são para a santificação (2 Ts 2.13), e com certeza ela não pode ser uma tentação a ninguém para se conformar ao mundo, crendo que eles foram predestinados para serem semelhantes a Cristo. 3. Aquilo que aqui está principalmente apontado é a honra de Jesus Cristo, para que Ele seja o "...*primogênito entre muitos irmãos*", isto é, para que Cristo pudesse ter a honra de ser tanto o grande modelo como o grande príncipe, e nisso, como em outras coisas, pudesse ter a preeminência. Era no primogênito que todas as crianças eram dedicadas a Deus no tempo da lei. O primogênito era a cabeça da família, de quem dependiam os demais: então, Cristo deve ter a honra de ser o primogênito na família dos santos. E graças a Deus que há muitos irmãos; embora eles pareçam poucos, quando estiverem todos juntos, serão muitos. Há, portanto, um certo número predestinado, para que a finalidade da tarefa de Cristo possa estar infalivelmente garantida. Tivesse o evento sido deixado de maneira incerta no conselho divino, para depender da mudança contingente da vontade do homem, Cristo poderia ter sido o primogênito entre poucos irmãos ou nenhum – um capitão sem soldados e um príncipe sem súditos –, para prevenção do que, e para assegurar-lhe muitos irmãos, o decreto é absoluto, determinado; para que Ele pudesse ter certeza de ver a sua semente, há um remanescente predestinado para ser semelhante à sua imagem, decreto que certamente terá sua realização na santidade e na felicidade daquela raça escolhida; e assim, a despeito de toda a oposição dos poderes das trevas, Cristo será o primogênito entre muitos, muitíssimos irmãos.

II "*E aos que predestinou, a esses também chamou*", não somente com o chamado externo (muitos que foram chamados não foram escolhidos – Mt 20.16; 22.14), mas com o chamado interno e eficaz. O primeiro chega apenas aos ouvidos, mas este, ao coração. Todos os que Deus predestinou desde a eternidade para a graça e a glória Ele, na plenitude do tempo, chama eficazmente. O chamado é então eficaz quando somos chamados; e somos chamados quando o Espírito nos arrasta, nos convence a consciência da culpa e da ira, ilumina o entendimento, submete a vontade, nos persuade e capacita para abraçar a Cristo nas promessas, nos faz dispostos no dia de seu poder. É um chamado eficaz de si mesmo e da terra para Deus, Cristo, o céu etc. – do pecado e da vaidade para a graça, a santidade e a seriedade como nosso caminho. Esse é o chamado do evangelho. Os "...*chamou*", para que o propósito de Deus, de acordo com a eleição, pudesse permanecer: nós somos chamados para aquilo para que fomos escolhidos. De maneira que o único caminho para termos certeza de nossa eleição é termos certeza do nosso chamado (2 Pe 1.10).

III "...*e aos que chamou, a esses também justificou*". Todos aqueles que são eficazmente chamados são justificados, absolvidos da culpa e aceitos como justos através de Jesus Cristo. Eles são *recti in curia – inocentes perante o tribunal.* Nenhum pecado pelo qual eles alguma vez tiveram culpa virá contra eles para condená-los. O livro está fechado, a prisão, cancelada, o julgamento, suspenso, o confisco, revogado; e eles não serão mais tratados como criminosos, mas como amigos e favoritos. Bem-aventurado é o homem cuja iniqüidade é perdoada. Ninguém é assim justificado a não ser aqueles que são eficazmente chamados. Aqueles que resistem ao chamado do evangelho continuam debaixo da culpa e da ira.

IV "...*e aos que justificou, a esses também glorificou*". Sendo quebrado o poder da corrupção no chamado eficaz, e a culpa do pecado removida na justificação, todo empecilho é tirado do caminho e nada pode se

colocar entre a alma e a glória. Observe: Fala-se disso como algo já acontecido: Ele *glorificou*, por causa da certeza de que isso acontecerá. Ele nos salvou e nos chamou com um chamado santo. Na glorificação eterna de todos os eleitos, o desígnio amoroso de Deus tem a sua plena realização. Isso era o que Deus havia planejado todo o tempo – levá-los ao céu. Nada menos que aquela glória realizaria a plenitude da sua relação de aliança com eles como Deus; e, portanto, em tudo o que Ele faz por eles, e neles, tem a glorificação como alvo. Eles são escolhidos? É para a salvação. São chamados? É para o reino e a glória dele. Nasceram de novo? É para uma herança incorruptível. Afligidos? É para operar por eles esse excessivo e eterno peso de glória. Observe: O autor de tudo isso é o mesmo. Foi o próprio Deus quem predestinou, chamou, justificou e glorificou: "*...assim, só o SENHOR o guiou; e não havia com ele deus estranho*". Os desejos das criaturas são tão inconstantes, e os poderes das criaturas, tão débeis, que, se qualquer deles dependesse das criaturas, tudo seria abalado. Mas o próprio Deus assumiu a realização disso do começo ao fim, para que nós vivamos em uma constante dependência dele e sujeição a Ele, e demos a Ele todo o louvor – para que toda coroa seja atirada diante do trono. Esse é um poderoso encorajamento para a nossa fé e esperança, pois, quanto a Deus, seu caminho e sua obra são perfeitos. Aquele que pôs o fundamento construirá sobre ele, e a pedra angular finalmente será trazida com clamores e será nosso eterno trabalho clamar: Graças, graças por isso.

O Triunfo dos Crentes

vv. 31-39

O apóstolo encerra esse excelente discurso a respeito dos privilégios dos crentes com um cântico de triunfo em nome de todos os santos. Havendo demonstrado largamente o mistério do amor de Deus por nós em Cristo, e os privilégios excessivamente grandes e preciosos que desfrutamos por Ele, ele conclui como um orador: "*Que diremos, pois, a estas coisas?*" Que uso fazer de tudo o que tem sido dito? Ele fala como alguém maravilhado e envolvido pela contemplação e admiração de tudo isso, maravilhando-se com a altura e a profundidade, o comprimento e a largura do amor de Cristo, que ultrapassa o conhecimento. Quanto mais conhecemos de outras coisas, menos maravilhados ficamos com elas; porém, quanto mais somos guiados a um conhecimento dos mistérios do evangelho, mais afetados somos pela admiração em relação a eles. Se Paulo não sabia o que dizer dessas coisas, não é de admirar que nós também não saibamos. E o que ele diz? Ora, se Paulo alguma vez andou em um carro triunfante desse lado do céu, foi aqui: com uma santa elevação e bravura de espírito, com fluência e riqueza de expressão, ele aqui consola a si mesmo e a todo o povo de Deus na consideração desses privilégios. Em geral, ele lança aqui um desafio, ele convida a um duelo, por assim dizer, provoca todos os inimigos dos santos a que ajam da pior maneira: "*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*" A base do desafio é ser Deus por nós: nisso ele resume todos os nossos privilégios. Isso inclui tudo, que *Deus é por nós*; não está apenas reconciliado conosco, não estando, assim, contra nós, mas Ele está em aliança conosco e, dessa forma, empenhado em nosso favor – todos os seus atributos por nós, suas promessas por nós. Tudo o que Ele é, tem e faz é por seu povo. Ele realiza todas as coisas por seu povo. Deus age em favor do seu povo, até quando parece que está contra ele. E se é assim, "*...quem será contra nós*", de maneira a prevalecer contra nós, a impedir a nossa felicidade? Sejam eles até grandes e fortes, muitos, poderosos e até maliciosos, o que eles podem fazer? Enquanto Deus for por nós, e nós nos mantivermos em seu amor, poderemos, com coragem santa, desafiar todos os poderes das trevas. Que Satanás faça o pior que puder, ele está acorrentado; que o mundo faça o pior que puder, ele está vencido; os principados e as potestades estão espoliados e desarmados, e também vencidos, na cruz de Cristo. Então, quem ousa lutar contra nós se o próprio Deus está lutando por nós? E dizemos isso sobre essas coisas, essa é a conclusão que tiramos dessas premissas. Mais particularmente:

I Nós temos provisões disponíveis em todas as nossas necessidades (v. 32): "*Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou*". Quem pode ser contra nós, nos despojar, nos privar de nossos consolos? Quem pode interromper nossos rios, enquanto temos uma fonte disponível? 1. Observe o que Deus tem feito por nós, em que nossas esperanças estão edificadas: Ele não poupou *a seu próprio Filho*. Quando Ele devia se encarregar de nossa salvação, o Pai abriu mão dele de boa vontade, não pensou que Ele fosse um dom precioso demais para entregar pela salvação de pobres almas; agora podemos dizer que Ele nos ama, que Ele não reteve o seu Filho, o seu próprio Filho, o seu único Filho, de nós, como Ele disse a Abraão (Gn 22.12). Se nada menos salvaria o homem, em vez de o homem perecer Ele renuncia ao seu próprio Filho. Assim, Ele "*...o entregou por todos nós*", isto é, por todos os eleitos; *por todos nós*, não apenas por nosso bem, mas em nosso lugar, como um sacrifício de reconciliação para ser uma expiação pelo pecado. Quando Deus se encarregou disso, Ele não o poupou. Mesmo sendo o seu próprio Filho, porém, sendo feito pecado por nós, aprouve ao Senhor esmagá-lo. *Ouk efeisato – Ele não mitigou* para Ele uma quantia mínima daquele grande débito, ao contrário, cobrou inteiramente a dívida. "*Desperta, ó espada*". Ele não poupou *a seu próprio Filho* que o servia, para que pudesse nos poupar, mesmo que lhe tenhamos feito muitas coisas más. 2. Por isso, o que podemos esperar que Deus faça: "*...nos dará também com ele todas as coisas*". (1) Fica subentendido que Ele nos dará Cristo, pois outras coisas são concedidas com Ele: não apenas com Ele entregue por nós, mas com Ele entregue para nós. Aquele que tanto se endividou para nos comprar com certeza não hesitará em pedir algo por nós. (2) Com Ele, Deus nos dará gratuitamente todas as coisas, todas as coisas que Ele vê serem indispensáveis e necessárias para nós, todas as coisas boas, e não devemos desejar mais (Sl 34.10). E a Sabedoria Infinita será a juíza do que é bom e indispensável para nós ou não. *Dará com ele* – gratuitamente, sem relutância: Ele está pronto para conceder, para nos atender com seus favores; e gratuitamente, sem recompensa, sem dinheiro e sem preço. "*...como nos não dará...?*" Pode-se

imaginar que Ele faça aquilo que é maior e não faça o que é menor? Que Ele desse tão grande dom por nós quando éramos inimigos e nos negasse qualquer coisa boa, agora que, através dele, somos amigos e filhos? Assim, possamos nós pela fé lutar contra nossos medos de passar necessidades. Aquele que preparou uma coroa e um reino para nós com certeza nos dará o suficiente para suportar nossas cargas no caminho para lá. Aquele que nos designou para a herança de filhos quando atingirmos a maioridade, não permitirá que passemos necessidades nesse meio tempo.

II Nós temos uma resposta pronta para todas as acusações e uma segurança contra todas as condenações (vv. 33,34): "*Quem intentará acusação...?*" A lei os acusa? As suas próprias consciências os acusam? O diabo, o acusador de nossos irmãos, os está acusando diante de Deus dia e noite? Isto é suficiente para responder a todas as acusações: "*É Deus quem os justifica*". Os homens podem justificar-se a si mesmos, como os fariseus faziam, e ainda assim as acusações podem estar com plena força contra eles; mas, se Deus justifica, isso responde a tudo. Ele é o juiz, o rei, a parte ofendida, e seu julgamento é de acordo com a verdade e, mais cedo ou mais tarde, todo o mundo admitirá isso; de maneira que nós podemos desafiar a todos os nossos acusadores que venham e nos acusem. Isso os derrota a todos; é Deus, o Deus justo e fiel, quem justifica. "*Quem os condenará?*" Mesmo que eles não consigam realizar bem a acusação, estarão prontos para condenar, mas nós temos uma objeção preparada para assumir o controle do curso do julgamento, uma objeção que não pode ser anulada. "*Pois é Cristo quem morreu...*". É por virtude de nosso interesse em Cristo, de nossa relação com Ele, e de nossa união com Ele, que estamos assim seguros. 1. A sua morte: "*Pois é Cristo quem morreu...*". Ele pagou a nossa dívida com o mérito de sua morte; e o pagamento da fiança é um bom argumento para uma ação de débito. É Cristo, um Salvador capaz e todo suficiente. 2. A sua ressurreição: "*...antes, quem ressuscitou dentre os mortos*". Este é um encorajamento muito forte, pois é uma evidência convincente de que a justiça divina foi satisfeita pelo mérito de sua morte. A sua ressurreição foi a liquidação da dívida, foi um resgate legítimo. Por essa razão, o apóstolo a menciona com um "*...ou, antes...*". Se Ele tivesse morrido, mas não ressuscitado, estaríamos na situação em que estávamos antes. 3. Ele está assentado à direita de Deus: Ele "*...está à direita de Deus*" – mais uma evidência de que Ele cumpriu a sua tarefa, e um encorajamento poderoso para nós em relação a todas as acusações, que nós temos um amigo, e que amigo, no tribunal. À *direita de Deus*, o que denota que lá Ele está pronto – sempre à mão; e que lá Ele está governando – todo poder lhe foi dado. Nosso amigo é o próprio juiz. 4. A intercessão que Ele realiza lá. Ele está lá, não desinteressado a nosso respeito e nem esquecido de nós, mas "*...intercede por nós*". Ele atua em nosso favor ali, um advogado por nós, para responder a todas as acusações, para apelar por nós, para processar eficazmente, para nos representar e apresentar as nossas petições. E não é isso causa de grande consolo? O que diremos a respeito dessas coisas? Esse é o procedimento dos homens, ó Senhor Deus? Que lugar se deixa para dúvida e inquietação? Por que te abates, ó minha alma? Alguns compreendem a acusação e a condenação das quais se fala aqui como sendo as aflições provocadas aos santos pelos homens. Os cristãos primitivos eram acusados de muitos crimes hediondos – heresia, sedição, rebelião e não sei mais o que. Por essas coisas, as autoridades os condenavam: "Mas isso não importa" (diz o apóstolo), "enquanto estivermos bem diante do tribunal de Deus, não importa como estamos diante do tribunal dos homens. Contra todas as duras censuras, as calúnias maliciosas e as sentenças injustas e iníquas dos homens, nós podemos opor, consolados, a nossa justificação diante de Deus através de Jesus Cristo, como aquilo que totalmente as anula" (1 Co 4.3,4).

III Nós temos boas garantias de nossa conservação e continuação nesse estado abençoado (vv. 35-39). Os temores que os santos têm de perder sua segurança em Cristo são freqüentemente desencorajadores e inquietantes, e lhes causam muita perturbação; mas aqui está aquilo que pode silenciar seus temores, e até grandes tempestades: que nada pode separá-los de Cristo. Aqui, temos do apóstolo:

1. Um desafio ousado a todos os inimigos dos santos de separá-los, se puderem, do amor de Cristo. *Quem?* Ninguém (vv. 35-37). Se Deus manifestou o seu amor ao dar o seu próprio Filho por nós e não hesitou nisso, como podemos imaginar que qualquer coisa mais possa desviar ou dissolver aquele amor? Observe aqui:

(1) As presentes calamidades dos amados de Cristo são admitidas – que eles encontram *tribulação* de todos os lados, estão em *angústia*, não sabem onde procurar por qualquer auxílio e alívio neste mundo, sofrem *perseguição* de um mundo irado e mau, que sempre odiou aqueles que Cristo amou, atormentados pela *fome* e pela *nudez*, quando despojados de todos os confortos que uma pessoa possa ter, expostos aos maiores *perigos*, com a espada dos magistrados desembainhada contra eles, pronta para ser cravada em suas entranhas, banhada em seu sangue. Pode-se pensar em uma situação mais sombria e sinistra? Isso é ilustrado no versículo 36 por uma passagem extraída de Salmos 44.22: "*Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia*", o que insinua que não devemos pensar de maneira alguma que é estranha a prova ardente e sangrenta. Nós vemos que os santos do Antigo Testamento tiveram a mesma sorte; assim eles perseguiram os profetas que vieram antes de nós. "*...somos entregues à morte todo o dia*", isto é, continuamente expostos, e esperando, ao golpe fatal. Há ainda cada dia, e todo o dia, um ou outro do povo de Deus sangrando e morrendo sob o furor dos inimigos perseguidores. "*...reputados como ovelhas para o matadouro*". Para eles, matar um cristão é o mesmo que matar uma ovelha. As ovelhas não são mortas porque são perniciosas quando vivas, mas porque são úteis quando mortas. Eles matam os cristãos para se satisfazerem, para servir de comida para a sua maldade. Eles "*...comem o meu povo como se comessem pão*" (Sl 14.4).

(2) A incapacidade de todas essas coisas de nos separar do amor de Cristo. Eles farão, eles poderão fazer isso? Não, de nenhuma forma. Todas essas coisas não romperão o vínculo do amor e da amizade que existe en-

tre Cristo e os verdadeiros crentes. [1] Cristo não nos ama menos, nem amará, por causa de todas essas coisas. Todas essas tribulações são muito consistentes com o amor forte e constante do Senhor Jesus. Elas não são nem causa nem evidência do enfraquecimento do seu amor. Quando Paulo era chicoteado, espancado, preso e apedrejado, acaso Cristo o amava menos? Seus favores eram interrompidos? Seu sorriso, suspenso? Suas visitas, mais modestas? De forma alguma, mas o contrário. Essas coisas nos separam do amor de outros amigos. Quando Paulo foi trazido diante de Nero, todos os homens o abandonaram, mas o Senhor permaneceu com ele (2 Tm 4.16,17). Seja o que for que os inimigos perseguidores possam nos roubar, eles não podem nos roubar o amor de Cristo, eles não podem interceptar os seus sinais de amor, não podem interromper nem excluir as suas visitas; e, por essa razão, mesmo que façam o pior, eles não conseguem fazer um crente se tornar miserável. [2] Nós não o amamos e não o amaremos menos por isso; e é por essa razão: porque não pensamos que Ele nos ama menos. A caridade não pensa o mal, não nutre nenhum pensamento duvidoso, não tira conclusões severas, nem faz elaborações grosseiras, não se ofende com o que vem do amor. Um cristão verdadeiro nunca ama menos a Cristo, mesmo que sofra por Ele; jamais pensa mal de Cristo, ainda que perca tudo por causa dele.

(3) O triunfo dos crentes nisso (v. 37): "*Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores*".

[1] Nós somos vencedores: embora entregues à morte todo o dia, ainda assim vencedores. Um jeito estranho de vencer, mas foi o jeito de Cristo; assim, Ele triunfou sobre os principados e potestades na cruz. É um jeito mais seguro e mais nobre de vencer pela fé e paciência do que pelo fogo e pela espada. Às vezes, os inimigos têm se confessado confundidos e vencidos pela coragem e constância invencíveis dos mártires, os quais venceram dessa forma os príncipes mais vitoriosos ao não amarem as suas vidas "*...até à morte*" (Ap 12.11).

[2] Somos mais do que vencedores. Ao suportarmos pacientemente essas provações, nós não somos apenas vencedores, porém, mais que vencedores, isto é, triunfadores. Estes são mais do que vencedores, em primeiro lugar, com pequena perda. Muitas vitórias são adquiridas a preço elevado; mas o que os santos sofredores perdem? Ora, eles perdem aquilo que o ouro perde na fornalha, nada a não ser a escória. Perder o que não vale nada não é grande perda – um corpo que é da terra, terreno. Em segundo lugar, com grande lucro. Os espólios são excessivamente ricos; glória, honra, paz, uma coroa de justiça que jamais desvanecerá. Nisso os santos sofredores têm triunfado; não apenas por não serem separados do amor de Cristo, mas por terem sido introduzidos nas profundezas desse amor. Quando as aflições se multiplicam, as consolações se multiplicam muito mais (2 Co 1.5). Há alguém mais do que vencedor quando pressionado acima da medida. Aquele que abraçou a estaca e disse: "Bem-vinda seja a cruz de Cristo, bem-vinda seja a vida eterna"; aquele que datou sua carta a partir de um pomar agradável da prisão Leonina; aquele que disse: "Nestas chamas eu não sinto mais dor do que se eu estivesse em uma cama de penas"; aquela que, sendo indagada um pouco antes de seu martírio sobre como ela estava, disse: "Bem, alegre e indo para o céu"; aqueles que sorriram para a estaca e permaneceram cantando nas chamas; esses foram mais do que vencedores.

[3] É somente através do Cristo *que nos amou*, o mérito de sua morte tirando o aguilhão de todas essas tribulações, o Espírito de sua graça nos fortalecendo, nos capacitando a suportá-las com santa coragem e constância, e vindo com consolos especiais e amparo. Desse modo somos vencedores, não por nossas próprias forças, mas na graça que está em Cristo Jesus. Nós somos vencedores em virtude de nossa participação na vitória de Cristo. Ele venceu o mundo por nós (Jo 16.33), tanto as boas coisas como as más, de maneira que não temos nada a fazer a não ser perseguir a vitória, dividir o espólio, e, dessa maneira, somos mais do que vencedores.

2. Uma conclusão direta e positiva de todo o assunto: "*Porque estou certo*" (vv. 38,39). Denota uma certeza afetuosa, forte e plena, crescendo a partir da experiência de força e suavidade do amor divino. E aqui, ele numera todas aquelas coisas que, provavelmente, podem ser consideradas como obstáculos que poderiam separar Cristo dos crentes, e conclui que isso seria impossível. (1) "*...nem a morte, nem a vida*" – nem os terrores da morte por um lado, nem os consolos e prazeres da vida por outro, nem o medo da morte nem a esperança da vida. Ou, nós não seremos separados desse amor, seja na morte, seja na vida. (2) "*...nem os anjos, nem os principados, nem as potestades*". Tanto os anjos bons como os maus são chamados de principados e potestades; os bons, em Efésios 1.21; Colossenses 1.16; os maus, em Efésios 6.12; Colossenses 2.15. E nenhum dos dois fará isso; os anjos bons não farão, os maus, não devem; e nenhum dos dois grupos pode fazê-lo. Os anjos bons são amigos engajados, os maus, inimigos dominados. (3) "*...nem o presente, nem o porvir*" – nem a percepção das tribulações presentes, nem o temor das que virão. O tempo não nos separará, a eternidade também não. As coisas presentes nos separam das coisas por vir, e as coisas que virão nos separam e desligam das presentes, mas nenhuma nos separa do amor de Cristo, cujo favor está entrelaçado com as coisas presentes e as futuras. (4) "*...nem a altura, nem a profundidade*" – nem a altura da prosperidade e da promoção, nem a profundidade da adversidade e da desgraça; nada que venha de cima, do céu, nenhum temporal, nem tempestade; nada sobre a terra, nem rochas, nem mares, nem calabouços. (5) "*...nem alguma outra criatura...*" – qualquer coisa que possa ser nomeada ou pensada. Não nos separará, não poderá nos separar, do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor. Nada pode cortar ou prejudicar o nosso amor a Deus, ou de Deus para conosco; nada faz isso, nada pode fazer isso, exceto o pecado. Observe: O amor que existe entre Deus e os crentes verdadeiros é através de Cristo. Ele é o Mediador de nosso amor; é nele e através dele que Deus pode nos amar e nós ousamos amar a Deus. Essa é a base da firmeza do amor; por isso, Deus descansa em seu amor (Sf 3.17), porque Jesus Cristo, em quem Deus nos ama, é o mesmo ontem, hoje e para sempre.

Hugh Kennedy, um eminente cristão de Ayr, Escócia, pediu uma Bíblia quando estava morrendo; mas, já cego, ele disse: "Abram-na para mim em Romanos 8, e

coloquem meu dedo nestas palavras: *Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida...*". "Então", perguntou ele, "meu dedo está sobre elas?" E, quando lhe disseram que sim, sem dizer mais nada, ele disse: "Agora, Deus esteja com vocês, meus filhos; eu tomei o desjejum com vocês, mas cearei com meu Senhor Jesus Cristo esta noite". E, então, faleceu.

CAPÍTULO 9

O apóstolo, depois de afirmar claramente e provar em detalhes que a justificação e a salvação são alcançadas somente pela fé e não por obras da lei, por Cristo e não por Moisés, vem, nesse capítulo e nos seguintes, antecipar uma objeção que pode ser feita contra essa doutrina. Se for esse o caso, o que acontece aos judeus, a todos eles como um conjunto, especialmente àqueles que não abraçam a Cristo nem crêem no evangelho? Por essa norma, eles necessariamente não alcançam a felicidade; e dessa forma, o que acontece com a promessa feita aos pais, a qual vincula a salvação aos judeus? Aquela promessa não foi anulada e tornada sem efeito? O que não é algo que se possa imaginar com respeito a qualquer palavra de Deus. Eles podem dizer que, por essa razão, aquela doutrina, da qual flui uma conseqüência como essa, deve ser rejeitada. Paulo admite que a conseqüência da rejeição dos judeus incrédulos segue-se da sua doutrina, mas se esforça para suavizá-la e abrandá-la (vv. 1-5). Mas ele nega que se deva concluir a partir disso que a palavra de Deus não tenha nenhum efeito (v. 6), e prova a negação no resto do capítulo, negação essa que serve também para ilustrar a grande doutrina da predestinação, da qual ele já havia falado (cap. 8.29) como a primeira engrenagem que, na economia da salvação, coloca todas as outras em funcionamento.

A Preocupação de Paulo pelos Judeus

vv. 1-5

Temos aqui a confissão solene do apóstolo de uma grande preocupação pela nação e pelo povo judeu – de que ele estava sinceramente preocupado que muitos deles eram inimigos do evangelho e estavam fora do caminho da salvação. Por isso ele tinha "*...grande tristeza e contínua dor...*". Uma confissão como essa era requisito para acabar com o ódio que de outra forma ele podia ter contraído por afirmar e provar a rejeição deles. É muita sabedoria suavizar essas verdades que soam rudes e parecem desagradáveis: mergulhe o prego no óleo e ele vai penetrar com mais facilidade. Os judeus tinham um ressentimento particular contra Paulo, mais do que contra qualquer dos apóstolos, como aparece na história de Atos, e, por essa razão, eram tanto mais inclinados a se ofender com ele. Para evitar isso, ele inicia o seu discurso com essa confissão gentil e carinhosa, para que eles não pensassem que ele triunfava dos judeus rejeitados ou os ofendia, ou estava satisfeito com as calamidades que estavam caindo sobre eles. Assim, Jeremias apela a Deus a respeito dos judeus de seus dias, cuja ruína se apressava: "*...tampouco desejei o dia de aflição, tu o sabes*" (Jr 17.16). Mais ainda, Paulo estava tão longe de desejar isso que de forma muito emocionada o desaprova. E para que não se pensasse que isso era apenas uma imitação de controle da sua parte, para elogiá-los e agradá-los:

I Ele a afirma com um protesto solene: "*Em Cristo digo a verdade*" (v. 1), "eu falo como um cristão, alguém do povo de Deus (cujos filhos não mentirão), como alguém que não sabe como dar títulos lisonjeiros." Ou: "Eu apelo a Cristo, que examina o coração, a respeito disso." Ele apela de maneira semelhante à sua própria consciência, que valia por milhares de testemunhas. Aquilo que ele afirmaria não era apenas algo grande e pesado (tais protestos solenes não devem ser feitos com respeito a coisas pouco importantes), mas era também um segredo; era a respeito de uma dor em seu coração, da qual ninguém podia testemunhar a não ser Deus e sua própria consciência. "*...tenho grande tristeza*" (v. 2). Ele não diz pelo quê; a simples menção dela era desagradável e odiosa; mas está claro que ele se refere à rejeição dos judeus.

II Ele a sustenta com uma imprecação muito séria que estava pronto a fazer por causa do seu amor aos judeus. "*Porque eu mesmo poderia desejar...*"; ele não diz: Eu desejo, pois não era o modo próprio designado para tal fim; mas, se fosse, "*...eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos*" – uma grande demonstração de zelo e afeição por seus compatriotas. Ele estaria disposto sofrer a maior miséria para lhes fazer bem. O amor está disposto a ser assim, arrojado, aventureiro e abnegado. Porque a glória da graça de Deus na salvação de muitos deve ser preferida ao bem-estar e à felicidade de um indivíduo, Paulo, se eles fossem colocados em competição, estaria satisfeito em renunciar à sua própria felicidade para comprar a deles. 1. Ele ficaria satisfeito em ser cortado da terra dos vivos da forma mais vergonhosa e infame, como um anátema, ou uma pessoa sacrificada. Eles desejavam o seu sangue, o perseguiam como a pessoa mais odiosa do mundo, a maldição e a praga de sua geração (1 Co 4.13; At 22.22). "Agora", diz Paulo, "estou disposto a suportar tudo isso de boa vontade, e muito mais, pelo vosso bem. Ofendam-me quanto quiserdes, contai comigo e me chamai ao vosso gosto; vossa incredulidade e rejeição criam em meu coração um peso tão maior que todos esses problemas, que eu poderia menosprezá-los, não apenas como toleráveis, mas como desejáveis, em vez dessa rejeição." 2. Ele estaria satisfeito em ser excomungado da sociedade dos fiéis, ser separado da igreja e da comunhão dos santos, como um pagão e um publicano, se isso lhes fizesse algum bem. Ele podia desejar não mais ser lembrado entre os santos, seu nome apagado dos registros da igreja; mesmo que ele tivesse sido um grande plantador de igrejas, e o pai espiritual de muitos milhares, ainda assim ele estaria satisfeito em ser rejeitado pela igreja, cortado da comunhão com ela, e ter seu nome retirado em esquecimento e vergonha, pelo bem dos judeus. Pode ser que alguns judeus tivessem um preconceito

contra o cristianismo por causa de Paulo; eles tinham tanta raiva dele que odiavam a sua religião: "Se isso lhes causa embaraço", diz Paulo, "eu poderia desejar que pudesse ser expulso, não ser mais admitido como um cristão, assim vós não poderíeis senão aceitar". Assim disse Moisés, em um santo sentimento de preocupação semelhante a esse: "...*risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito*" (Êx 32.32). 3. Mais ainda, alguns pensam que a expressão vai além, e que ele poderia estar satisfeito em ser cortado de toda a sua porção de felicidade em Cristo, se isso pudesse ser um meio da salvação deles. Há uma misericórdia habitual que começa em casa; isso é algo mais alto, mais nobre e generoso.

III Ele nos dá a razão dessa afeição e preocupação.

1. Por causa do seu parentesco com eles: "...*meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne*". Mesmo que eles fossem muito severos contra ele em todas as ocasiões, e lhe dessem o tratamento mais desnaturado e bárbaro, ainda assim o apóstolo fala deles respeitosamente. Isso mostra que ele era um homem de um espírito perdoador. "*Não tendo, contudo, de que acusar a minha nação*" (At 28.19). "...*meus parentes*". Paulo era um hebreu de hebreus. Nós devemos nos preocupar de maneira especial pelo bem espiritual de nossa parentela, nossos irmãos e parentes. Nós temos uma obrigação especial e mais oportunidade de fazer-lhes o bem; e a respeito deles, e de nossa utilidade para com eles, devemos prestar contas de uma forma especial.

2. Especialmente por causa da relação deles com Deus (vv. 4,5): "...*que são israelitas*", a posteridade de Abraão, o amigo de Deus, e de Jacó, o seu escolhido, levados para a aliança de peculiaridade, engrandecidos e distinguidos por privilégios da igreja visível, muitos dos quais são aqui mencionados: (1) "...*a adoção*", não aquela que salva, a qual dá o direito à felicidade eterna, mas aquela que era externa, sendo um tipo, e lhes dava direito à terra de Canaã. "*Israel é meu filho*" (Êx 4.22). (2) "...*e a glória*", a arca com o propiciatório, sobre o qual Deus habitava entre os querubins – essa era a glória de Israel (1 Sm 4.21). Os muitos símbolos e sinais da presença e da orientação divinas: a nuvem, a *Shequiná*, os favores distintivos que lhes foram concedidos – tudo isso era a glória. (3) "...*e os concertos*" – a aliança feita com Abraão e freqüentemente renovada com a sua posteridade em diversas ocasiões. Houve uma aliança no Sinai (Ex 24), na planície de Moabe (Dt 24), em Siquém (Js 24), e freqüentemente depois; e até essas pertenciam a Israel. Ou, a aliança da peculiaridade, e nessa, como no tipo, a aliança da graça. (4) "...*e a lei*". Foi para eles que a lei cerimonial e a judicial foram dadas, e a lei moral escrita pertencia a eles. É um grande privilégio ter a lei de Deus entre nós e deve ser assim considerado (Sl 147.19,20). Essa era a grandeza de Israel (Dt 4.7,8). (5) "...*e o culto*". Eles tinham as ordenanças da adoração a Deus entre eles – o templo, os altares, os sacerdotes, os sacrifícios, as festas e as instituições relativas a eles. Nesse aspecto, eles eram muito honrados, que, enquanto outras nações estavam servindo a madeiras, pedras e demônios, e muitos outros ídolos de sua própria invenção, os israelitas estavam servindo ao verdadeiro Deus do modo como Ele próprio designou. (6) "...*e as promessas*" – promessas particulares acrescentadas à aliança geral, promessas relacionadas ao Messias e à existência do evangelho. Observe: As promessas acompanham a doação da lei e o culto a Deus; pois se deve ter o consolo das promessas em obediência àquela lei e em atenção àquele serviço. (7) "...*dos quais são os pais*" (v. 5), Abraão, Isaque e Jacó, aqueles homens de renome, que tinham uma posição tão alta no favor de Deus. Os judeus são seus parentes, seus filhos e têm muito orgulho disso: "*Somos descendência de Abraão*". Eles foram inseridos na aliança por causa dos pais (cap. 11.28). (8) Mas a maior honra de todas era que deles "...*é Cristo, segundo a carne*" (isto é, conforme a sua natureza humana), pois Ele trazia em si a semente de Abraão (Hb 2.16). Conforme a sua natureza divina, Ele é o Senhor do céu, mas, conforme a sua natureza humana, Ele é da descendência de Abraão. Esse era o grande privilégio dos judeus, que Cristo era seu parente. Mencionando a Cristo, ele interpõe uma palavra muito importante a respeito dele, que Cristo "...*é sobre todos, Deus bendito eternamente*". Para que os judeus não pensem dele de maneira vil, porque Ele era de seu parentesco, ele fala aqui de forma tão honrosa a respeito de Cristo; e é uma prova muito plena da divindade de Cristo; Ele não está apenas sobre todos como Mediador, mas Ele é Deus bendito para sempre. Por essa razão, de quão mais triste castigo eles eram merecedores por terem-no rejeitado! Do mesmo modo, era a honra dos judeus e uma razão pela qual Paulo tinha carinho por eles, que, vendo que o Deus bendito eternamente era um homem, Ele era um judeu; e considerando a postura e o caráter daquele povo naquele tempo, isso pode ser considerado como uma parte de sua humilhação.

A Soberania Divina

vv. 6-13

Depois de abrir caminho para o que ele tinha a dizer a respeito da rejeição de seus compatriotas, com a afirmação de sua própria afeição por eles e um reconhecimento de seus indubitáveis privilégios, o apóstolo, nesses versículos, e na parte seguinte do capítulo, vem provar que a rejeição dos judeus, pelo estabelecimento da dispensação do evangelho, não invalidou de forma alguma a palavra da promessa de Deus aos patriarcas: "*Não que a palavra de Deus haja faltado*" (v. 6), o que, considerando o presente estado dos judeus, que produzia em Paulo tanta "...*tristeza e contínua dor*..." (v. 2), podia ser suspeita. Não devemos atribuir ineficácia a nenhuma palavra de Deus: nada que Ele falou cai ou pode cair por terra (ver Is 55.10,11). As promessas e ameaças terão seu cumprimento; e, de uma forma ou de outra, Ele engrandecerá a lei e a honrará. Isso deve ser entendido especialmente quanto à promessa de Deus, a qual, por providências subseqüentes, pode parecer muito duvidosa a uma fé inconstante; mas não é, não pode ser, tornada sem efeito; no fim, ela falará e não mentirá.

Agora, a dificuldade está em se reconciliar a rejeição dos judeus incrédulos com a palavra da promessa de Deus, e os sinais exteriores do favor divino que haviam sido concedidos a eles. Isso ele faz de quatro for-

mas: 1. Explicando o verdadeiro significado e intenção da promessa (vv. 6-13). 2. Afirmando e provando a absoluta soberania de Deus ao dispor dos homens (vv. 14-24). 3. Mostrando como essa rejeição dos judeus e a aceitação dos gentios foram previstas no Antigo Testamento (vv. 25-29). 4. Estabelecendo o verdadeiro motivo da rejeição dos judeus (vv. 30-33).

Nesse parágrafo, o apóstolo explica o verdadeiro significado e intenção da promessa. Quando nós interpretamos mal e entendemos mal a promessa, não é de se admirar que estejamos prontos para disputar com Deus a respeito do cumprimento; e por essa razão, o seu significado deve ser primeiro devidamente explicado. Então ele esclarece aqui que, quando Deus disse que Ele seria um *Deus para Abraão e para a sua descendência* (que foi a famosa promessa feita aos pais), Ele não se referia a toda a sua descendência segundo a carne, como se ela fosse um acompanhante necessário do sangue de Abraão, e sim que Ele a planejou com uma limitação somente para alguns. E como desde o início ela foi apropriada para Isaque e não para Ismael, para Jacó e não para Esaú, e mesmo com tudo isso, a palavra de Deus não se tornou ineficaz, assim, agora, a mesma promessa está reservada aos judeus crentes que abraçam a Cristo e ao cristianismo, e, mesmo que ela lance fora multidões que recusem a Cristo, nem por isso a promessa está anulada e invalidada, não mais do que foi pela rejeição-tipo de Ismael e de Esaú.

I Ele apresenta essa proposição, que "*...nem todos os que são de Israel são israelitas*" (v. 6), "*...nem por serem descendência de Abraão...*" (v. 7). Muitos que descendiam dos lombos de Abraão e de Jacó, e que eram daquele povo chamado pelo nome de Israel, estavam longe de serem israelitas de fato, interessados nos benefícios salvíficos da nova aliança. Aqueles que são Israel no nome e na confissão não são todos realmente israelitas. Não se segue que, pelo fato de serem a semente de Abraão, devem por isso necessariamente ser filhos de Abraão, embora eles mesmos imaginassem isso, se orgulhassem e se baseassem muito em seu parentesco com Abraão (Mt 3.9; Jo 8.38,39). Mas esse não é o caso. A graça não está no parentesco, nem os benefícios salvíficos estão inseparavelmente anexados aos privilégios exteriores da igreja, embora seja comum que as pessoas torçam dessa forma o significado da promessa de Deus, para se apoiarem em uma vã esperança.

II Ele prova isso através de exemplos, e, nesse sentido, não mostra apenas que alguns da semente de Abraão foram escolhidos e outros não, mas que Deus, dessa forma, operou segundo o conselho de sua própria vontade, e não com atenção àquela lei de mandamentos à qual os presentes judeus incrédulos estavam tão estranhamente unidos.

1. Ele especifica o caso de Isaque e de Ismael, ambos descendentes de Abraão: e ainda assim somente Isaque foi trazido à aliança com Deus, e Ismael, rejeitado e lançado fora. Para isso ele cita Gênesis 21.12: "*Em Isaque será chamada a tua descendência*", o que é um motivo pelo qual Abraão devia despedir de boa vontade a escrava e o seu filho, porque a aliança devia ser estabelecida com Isaque (Gn 17.19). E ainda a palavra que Deus tinha falado, que Ele seria o Deus de Abraão e de sua posteridade, portanto não caiu por terra, pois as bênçãos contidas naquela grande palavra, sendo comunicada por Deus como um benfeitor, Ele era livre para determinar sobre quem elas repousariam e, conseqüentemente, as vinculou a Isaque, rejeitando a Ismael. Ele explica isso mais adiante (vv. 8,9), e mostra o que Deus planejava nos ensinar através dessa dispensação. (1) Que os filhos segundo a carne, como tais, por virtude de seu parentesco com Abraão segundo a carne, não são, por isso, filhos de Deus, pois então Ismael teria uma boa reivindicação. Essa observação atinge os judeus incrédulos que se orgulhavam de seu parentesco com Abraão segundo a carne e procuravam justificação por um meio carnal, através daquelas ordenanças carnais que Cristo aboliu. Eles confiavam na carne (Fp 3.3). Ismael era um filho segundo a carne, concebido por Agar, que era jovem e viçosa, e que estava apta para ter filhos. Não houve nada de extraordinário ou sobrenatural na concepção dele, como houve na de Isaque; Ismael nasceu segundo a carne (Gl 4.29), representando aqueles que esperam a justificação e a salvação por suas próprias forças e justiça. (2) Que "*...os filhos da promessa são contados como descendência*". Aqueles que têm a honra e a felicidade de serem contados como descendência não têm isso por causa de qualquer mérito ou merecimento próprio, mas puramente em virtude da promessa, na qual Deus se agradou por seu próprio beneplácito conceder o favor prometido. Isaque era um filho da promessa; ele prova isso no versículo 9, citado de Gênesis 18.10. Ele era uma criança prometida (assim como muitas outras) e também foi concebido e nasceu por força e em virtude da promessa, sendo assim um tipo característico e figura daqueles que agora são contados como descendência, os verdadeiros crentes, que nasceram não da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus – da semente incorruptível, a palavra da promessa, em virtude da promessa especial de um novo coração (veja Gl 4.28). Foi pela fé que Isaque foi concebido (Hb 11.11). Assim eram ensinados os grandes mistérios da salvação no tempo do Antigo Testamento, não com palavras expressas, mas com tipos significativos e dispensações da Providência, os quais não eram tão claros para eles como são para nós, quando o véu é tirado e os tipos são expostos pelos antítipos.

2. O caso de Jacó e Esaú (vv. 10-13), que é muito mais forte, para mostrar que a descendência carnal de Abraão não estava interessada, como tal, na promessa, mas apenas aqueles dentre eles que Deus soberanamente havia designado. Havia uma diferença antecedente entre Ismael e Isaque, antes de Ismael ser expulso: Ismael era o filho da escrava, nascido bem antes de Isaque, era de temperamento violento e rude, e havia zombado de ou perseguido Isaque, tudo o que supõe-se que Deus considerou quando ordenou a Abraão que o mandasse embora. Mas, no caso de Jacó e Esaú, não houve nada parecido, eles eram os filhos de Isaque com uma só mulher; eles foram concebidos *hex henos – por uma concepção*; *hex henos koitou*, assim registram algumas cópias. A diferença entre eles foi feita pelo divino conselho antes de nascerem ou que tivessem feito bem ou mal. Ambos estavam lutando da mesma maneira no ventre de sua mãe, quando foi dito: "*O maior servirá o menor*", sem considerar qualquer obra boa ou má

realizada ou prevista, "*...para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme*" – para que essa grande verdade pudesse ser estabelecida, que Deus, agindo em sua liberdade, escolhe alguns e rejeita outros pela sua própria absoluta e soberana vontade, concedendo seus favores ou retendo-os segundo sua vontade. Essa diferença colocada entre Jacó e Esaú, o apóstolo ilustra mais adiante com uma citação de Malaquias 1.2,3, onde é dito, não a respeito das pessoas de Jacó e Esaú, mas de sua posteridade, os edomitas e os israelitas: "*Amei Jacó e aborreci Esaú*". O povo de Israel foi trazido para a aliança exclusiva, recebeu a terra de Canaã, foi abençoado com as mais notáveis manifestações de Deus por eles, com proteções especiais, provisão e livramentos, enquanto os edomitas foram rejeitados, não tinham templo, altar, sacerdotes e nem profetas – nenhum cuidado particular para com eles, nem bondade manifestada a eles. Deus colocou tal diferença entre as duas nações, sendo ambas descendentes dos lombos de Abraão e Isaque, assim como inicialmente havia diferença entre Jacó e Esaú, as duas cabeças distintas daquelas duas nações. De maneira que toda essa escolha e rejeição eram tipos, e intentavam ser sombras de uma outra eleição e rejeição. (1) Alguns entendem que se trata da eleição e rejeição de condições ou qualificações. Como Deus escolheu Isaque e Jacó, e rejeitou Ismael e Esaú, também poderia escolher (e o fez) a fé para ser a condição de salvação e rejeitar as obras da lei. Armínio compreende dessa maneira: *De rejectis et assumptis talibus, certa qualitate notatis – Com relação aos que são rejeitados ou escolhidos, sendo distinguidos por qualidades apropriadas*. Da mesma forma, John Goodwin. Mas isso força muito as Escrituras, pois durante todo o tempo o apóstolo fala de pessoas: Ele tem misericórdia de quem (ele não diz de que tipo de pessoas) tiver misericórdia, além do que aquelas duas objeções (vv. 14,19) de jeito nenhum se levantam contra este sentido, e sua resposta a elas a respeito da absoluta soberania de Deus sobre os homens não é de forma alguma pertinente se não significar mais que o fato de apontarem para as condições de salvação. (2) Outros compreendem a passagem como se referindo à eleição e rejeição de pessoas individuais – alguns amados, outros odiados, desde a eternidade. Mas o apóstolo fala de Jacó e Esaú, não deles especificamente, mas como ancestrais – Jacó como povo e Esaú como povo; nem Deus condena a ninguém, ou decreta que isso seja feito, simplesmente porque Ele quer fazê-lo, sem qualquer motivo baseado em seus méritos. (3) Por isso, outros compreendem que se trata da eleição e rejeição do povo em conjunto. O intento do apóstolo é justificar Deus, sua misericórdia e verdade, no chamado dos gentios e no fato de trazê-los para a igreja e para a aliança consigo mesmo, enquanto tolerou a parte obstinada dos judeus que persistiram na incredulidade e, assim, se mantiveram afastados da igreja – desse modo ocultando de seus olhos aquilo que pertencia à sua paz. Porém, o raciocínio do apóstolo para explicar e provar isso é grandemente aplicável, e sem dúvida (como é usual na Escritura) tinha por intenção esclarecer os métodos da graça de Deus em relação às pessoas particulares, pois a comunicação dos benefícios salvíficos tem alguma analogia com a comunicação dos privilégios da igreja. A escolha de Jacó, o mais novo, e a preferência por ele e não por Esaú, o mais velho (por um cruzar de mãos), deviam insinuar que os judeus, embora fossem a descendência natural de Abraão e o primogênito da igreja, deviam ser postos de lado; e os gentios, que eram como o irmão mais jovem, deviam ser colocados no lugar dos primeiros, e ter o direito de primogenitura e a bênção. Os judeus, considerados como um corpo político, uma nação e um povo, unidos pelo vínculo e cimento da lei cerimonial, o templo e o sacerdócio, o centro de sua unidade, foram por muito tempo os prediletos e favoritos do céu, um reino de sacerdotes, uma nação santa, elevada e distinguida pelas manifestações miraculosas de Deus entre eles e para eles. Agora que o evangelho era pregado e as igrejas cristãs eram plantadas, esse corpo nacional foi com isso abandonado, seu sistema político-eclesiástico, dissolvido, e as igrejas cristãs (e no decurso do tempo, as nações cristãs), corporificadas da mesma forma, tornaram-se suas sucessoras em relação ao favor divino e àqueles privilégios e proteções especiais, que eram os produtos daquele favor. O escopo do apóstolo aqui é esclarecer a justiça de Deus nessa grande dispensação.

A Soberania Divina

vv. 14-24

O apóstolo, após ter afirmado o verdadeiro significado da promessa, vem aqui manter e provar a absoluta soberania que Deus tem de dispor dos homens no que toca ao seu estado eterno. E nisso Deus deve ser considerado, não como um dirigente e governador, que distribui recompensas e punições de acordo com as suas leis e alianças reveladas, mas como um dono e benfeitor, que dá aos homens uma tal graça e favor como Ele determinou em e pela sua vontade e conselho secretos e eternos: tanto o favor de ser membro da igreja visível e ter seus privilégios, que é concedido a alguns e negado a outros, quanto o favor da graça efetiva, que é concedido a algumas pessoas e negado a outras.

Agora, ele procura responder a duas objeções nesta parte de seu discurso.

I Poderia ser objetado: "*...há injustiça da parte de Deus?*" Se Deus, ao lidar com os homens, faz assim, de uma forma arbitrária, escolhendo uns e rejeitando outros, não se pode suspeitar de que haja injustiça da parte dele? O apóstolo espanta-se com esse pensamento: "*De maneira nenhuma!*" Longe de nós pensarmos tal coisa; não faria justiça o juiz de toda a terra? (Gn 18.25; Rm 3.5,6). Ele nega as conseqüências e prova a negação.

1. Em relação àqueles a quem Ele mostra misericórdia (vv. 15,16). Ele cita aquele texto da Escritura para mostrar a soberania de Deus ao conceder seus favores: "*Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia*" (Êx 33.19). Todos os motivos que Deus tem para ter misericórdia vêm dele mesmo. Estando todos os homens mergulhados no mesmo estado de pecado e miséria, todos sob a culpa e a ira, Deus, de uma forma soberana, escolhe alguns dessa raça apóstata e caída para serem vasos de graça e glória. Ele dispensa o seu favor a quem Ele desejar, sem nos dar qualquer satisfação; de acordo com o seu próprio desejo, Ele escolhe alguns para serem monumentos de misericórdia e graça, graça preveniente, graça efe-

tiva, enquanto ignora a outros. A expressão é muito enfática e a repetição a torna ainda mais: "...*terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia*". Ela significa uma perfeita incondicionalidade da vontade de Deus; Ele fará o que quiser e não dará satisfação a ninguém a respeito de seus atos, nem é apropriado que o fizesse. Como essas grandes palavras: "*Eu sou o que sou*" (Êx 3.14) expressam fartamente a absoluta independência de seu ser, da mesma forma estas outras: "...*terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia*" expressam plenamente a absoluta prerrogativa e soberania de sua vontade. Para vindicar a justiça de Deus, ao mostrar misericórdia àqueles que Ele quer mostrar, o apóstolo apela para aquilo que Deus mesmo falou, em que Ele reivindica essa liberdade e esse poder soberanos. Deus é um juiz competente, até em sua própria causa. Qualquer coisa que Ele faça, ou esteja determinado a fazer, mostra-se justo, tanto de um lado quanto de outro. *Eleeso hon an eleo* – "*Compadecer-me-ei de quem me compadecer*... Quando Eu começo, vou até o fim". Por essa razão, a misericórdia de Deus dura para sempre, porque o motivo dela está em seu próprio ser; por isso, o seu dom e chamado são sem arrependimento. Disso ele infere: "...*não depende do que quer*" (v. 16). Qualquer que seja o bem que venha de Deus para o homem, a sua glória não deve ser atribuída aos desejos mais generosos do homem, nem aos seus esforços mais diligentes, mas apenas e puramente à livre graça e misericórdia de Deus. No caso de Jacó, "...*não* dependeu *do que quer, nem do que corre*"; não dependeu da vontade determinada e do desejo de Rebeca que Jacó recebesse a bênção; não foi a rapidez de Jacó para obtê-la (pois ele foi levado a esforçar-se por ela) que conseguiu para ele a bênção, mas somente a misericórdia e a graça de Deus. Naquilo em que o povo santo de Deus difere dos outros povos, é Deus e sua graça que o faz diferente. Aplicando essa regra geral ao caso particular que Paulo tem diante de si, o motivo pelo qual os gentios sem méritos e indignos e que merecem só o mal são chamados e enxertados na igreja, enquanto que a maior parte dos judeus é deixada de lado para perecer na incredulidade, não é porque aqueles gentios fossem mais merecedores ou mais propensos a receber tal favor, mas por causa da livre graça de Deus que fez aquela diferença. Os gentios nem a quiseram nem se esforçaram por ela, pois eles "...*estavam assentados em trevas*" (Mt 4.16). Nas trevas, por isso não desejavam o que eles não conheciam; *assentados* nas trevas, uma postura satisfeita, portanto não estavam correndo para encontrá-la, mas que foi frustrada por essas inestimáveis bênçãos de bondade. Tal é o método da graça de Deus em relação a todos os que dela participam, pois Ele foi achado por aqueles que não o buscavam (Is 65.1); nessa graça preveniente e eficaz, e que distingue, Ele atua como um benfeitor, cuja graça lhe é própria. Nossos olhos, portanto, não devem ser maus porque os dele são bons; mas por toda a graça que nós ou outros recebemos, Ele deve ser glorificado: "*Não a nós*" (Sl 115.1).

2. A respeito daqueles que se perdem (v. 17). A soberania de Deus, manifestada na ruína dos pecadores, é aqui descoberta no exemplo do Faraó, citando Êxodo 9.16. Observe:

(1) O que Deus fez com Faraó. Ele o levantou, o trouxe ao mundo, o fez famoso, lhe deu o reino e o poder – o estabeleceu como um farol no topo de uma montanha, como o sinal de todas as suas pragas (compare com Êx 9.14) –, endureceu o seu coração, como tinha dito que faria: "*Mas eu endurecerei o seu coração*", isto é, retirou toda graça que o amoleceria, deixou-o a si mesmo, deixou Satanás disparar contra ele e tomar providências para que fosse endurecido diante de Deus. Ou, "...*te levantei*" pode significar a interrupção das pragas que deu uma pausa ao Faraó, e uma prorrogação daquelas pragas para o Faraó. No hebraico: "*Para isto te mantive*, tu continuas ainda na terra dos vivos". Assim, Deus levanta pecadores, faze-os para si mesmo, mesmo para o dia do mal (Pv 16.4), levanta-os com prosperidade exterior e privilégios externos (Mt 11.23), retendo misericórdias.

(2) O que Ele planejava com isso: "...*para em ti mostrar o meu poder*...". Por meio de tudo isso, Deus honrava o seu nome e manifestava o seu poder ao confundir o orgulho e a insolência daquele grande e ousado tirano, o qual oferecia resistência ao próprio céu e pisava sobre tudo que era justo e sagrado. Se o faraó não tivesse sido tão alto e poderoso, tão atrevido e ousado, o poder de Deus não teria sido tão célebre ao arruiná-lo; mas o abandono do espírito de tal príncipe, o qual se fazia de tão valente, de fato proclamou a Deus glorioso em santidade, terrível em louvores, operando maravilhas (Êx 15.11). Esse é o Faraó e a sua multidão.

(3) A sua conclusão a respeito de ambos, que temos no versículo 18: "*Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer*". Os variados procedimentos de Deus, pelos quais Ele faz alguns diferirem de outros, devem ser explicados pela sua absoluta soberania. Ele não é devedor a homem nenhum, sua graça lhe é própria, e Ele pode concedê-la ou retê-la como quiser; nós não temos nada que a mereça, mais ainda, estamos merecidamente mil vezes privados de tudo, de maneira que aqui a obra de nossa salvação está admiravelmente ordenada de forma que aqueles que são salvos devem agradecer apenas a Deus, e aqueles que se perdem devem agradecer apenas a si mesmos (Os 13.9). Somos compelidos, por Deus, a dar o melhor de nós em prol da salvação de todos que conhecemos; mas Deus não está obrigado além do que Ele tem se agradado em se obrigar a si mesmo por sua própria aliança e promessa, que é a sua vontade revelada, a qual diz que Ele receberá, e não expulsará, aqueles que vêm a Cristo; mas atrair as almas para que venham é um favor distintivo e preveniente concedido a quem Ele quer concedê-lo. Ele teve misericórdia dos gentios? Foi porque Ele quis ter misericórdia deles. Os judeus foram endurecidos? Porque foi de seu próprio agrado negar-lhes a graça que amolece o coração e entregar-lhes àquela escolha afetada pela incredulidade. "*Assim é, ó Pai, porque assim te aprouve*". Esse texto explica isso de maneira excelente (Lc 10.21) e, assim, mostra a soberana vontade de Deus ao dar ou reter tanto os recursos da graça como a bênção efetiva sobre aqueles recursos.

II Pode-se objetar: "*Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?*" (v. 19). Estivesse o apóstolo argumentando apenas pela soberania de Deus ao apontar e ordenar os termos e condições da aceitação da salvação, não haveria o me-

nor sentido nessa objeção; pois ele podia bem considerar falta as pessoas se recusarem a cumprir os termos sobre os quais tal salvação é oferecida; a salvação sendo tão grande, os termos não poderiam ser exigentes demais. Mas pode haver sentido na objeção contra seu argumento pela soberania de Deus em conceder ou reter a graça preveniente e discriminadora; e a objeção é comumente e prontamente apresentada contra a doutrina da graça discriminadora. Se Deus, enquanto concede a graça efetiva a alguns, a nega a outros, por que julga culpados aqueles para quem Ele a nega? Se Ele rejeitou os judeus e escondeu de seus olhos as coisas que lhes trariam paz, por que os julga por sua cegueira? Se foi o seu prazer descartá-los como não sendo povo, e não alcançando misericórdia, a queda deles mesmos não era nenhuma resistência à sua vontade. Ele responde detalhadamente a essa objeção:

1. Reprovando o opositor: "*Mas, ó homem*" (v. 20). Essa não é uma objeção adequada para ser feita pela criatura contra o seu criador, pelo homem contra Deus. A verdade, como está em Jesus, é que rebaixa o homem como se fosse nada, menos que nada, e enaltece a Deus como o soberano Senhor de tudo. Observe como ele fala do homem quando este argumenta com Deus, o seu Criador: "...*quem és tu*, tu que és tolo, tão frágil, com tão pouca visão, um juiz tão incompetente dos conselhos divinos? És tu capaz de sondar tal profundidade, discutir tal assunto, traçar o caminho de Deus no mar, sua trilha pelas grandes águas?" "...*que a Deus replicas?*" Convém nos submetermos a Ele, não replicá-lo; colocar-nos sob a sua mão, não enfrentá-lo, nem acusá-lo de tolice. *Ho antapokrinomenos – o que retruca.* Deus é nosso Senhor, e nós somos seus servos; não convém a servos retrucarem (Tt 2.9).

2. Atribuindo tudo à divina soberania. Somos a criatura e Ele é o criador; não nos convém desafiar ou considerar incorreta a sua sabedoria ao ordenar ou dispor de nós dessa forma ou daquela. A massa de matéria informe e grosseira não tem nenhum direito a essa forma ou àquela, mas é modelada segundo o prazer daquele que a forma. A soberania de Deus sobre nós é adequadamente ilustrada pelo poder que o oleiro tem sobre o barro (compare com Jr 18.6, onde, com uma comparação semelhante, Deus afirma o seu domínio sobre a nação dos judeus, quando Ele estava prestes a exaltar a sua justiça na destruição do povo através de Nabucodonosor).

(1) Ele nos dá a comparação (v. 21). O oleiro, da mesma massa, pode fazer tanto um vaso de bom gosto, um vaso apropriado para usos dignos e honrosos, quanto um vaso desprezível, um vaso no qual não haja nenhum prazer; e aqui ele age arbitrariamente, já que poderia escolher até se faria mesmo um vaso de qualquer tipo, ou se deixaria a massa no buraco de onde foi tirada.

(2) A aplicação da comparação (vv. 22-24). Deus formou dois tipos de vasos da grande massa da humanidade caída: [1] *Vasos da ira* – vasos enchidos de ira, como um vaso de vinho é um vaso cheio de vinho: "...*cheios estão do furor do Senhor*" (Is 51.20). Nesses, Deus está disposto a mostrar a sua ira, isto é, sua justiça punitiva e sua inimizade ao pecado. Isso deve ser mostrado a todo o mundo. Deus mostrará que odeia o pecado. Ele também fará conhecido o seu poder, *to dunaton autou.* É um poder de força e energia, um poder castigador, que opera e efetua a destruição daqueles que perecem; é uma destruição que procede da "...*glória do seu poder*" (2 Ts 1.9). A condenação eterna dos pecadores será uma grande demonstração do poder de Deus, pois Ele mesmo agirá nela sem intermediários, sua ira consumindo, de certo modo, consciências culpadas, e seu braço estendido totalmente para destruir o bem-estar deles, e ainda, ao mesmo tempo, preservar maravilhosamente o ser das criaturas. Para isso, Deus os "...*suportou com muita paciência...*" – exercitou muita paciência em relação a eles, permitiu que enchessem a medida do pecado, que crescessem até que estivessem prontos para a ruína. E assim eles se tornassem *preparados para perdição*, preparados por seu próprio pecado e seu auto-endurecimento. As corrupções e maldades reinantes da alma são sua preparação e disposição para o inferno: uma alma é feita assim um combustível, é preparada para as chamas do inferno. Quando Cristo disse aos judeus: "...*enchei vós, pois, a medida de vossos pais, para que sobre vós caia todo o sangue justo*" (Mt 23.32,35), Ele, por assim dizer, suportou-os, com muita paciência, para que eles pudessem, por sua própria obstinação e teimosia no pecado, preparar-se a si mesmos para a destruição. [2] *Vasos de misericórdia* – enchidos de misericórdia. A felicidade concedida ao remanescente que foi salvo é o fruto, não de seus méritos, mas da misericórdia de Deus. A fonte de todo regozijo e glória do céu é aquela misericórdia de Deus que dura para sempre. Vasos de honra devem se reconhecer para sempre como vasos de misericórdia. Observe, em primeiro lugar, o que Ele planeja com eles: "...*para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória...*", isto é, de sua bondade; pois a bondade de Deus é a sua maior glória, especialmente quando é comunicada com a maior soberania. "*Rogo-te que me mostres a tua glória*", diz Moisés (Êx 33.18). "*Eu farei passar toda a minha bondade diante de ti*", diz o Senhor Deus (v. 19), e ela é concedida gratuitamente: "...*terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia*". Deus faz a sua glória conhecida, essa sua bondade, na preservação e no suprimento de todas as criaturas: a terra está cheia da bondade, e o ano, coroado com ela; mas quando Ele demonstra as riquezas da sua bondade, riquezas insondáveis, Ele o faz em prol da salvação dos santos, que serão para sempre monumentos gloriosos da graça divina. Em segundo lugar, o que Ele faz por eles. Ele os preparou "...*para glória...*". A santificação é a preparação da alma para a glória, fazendo-a adequada para participar da herança dos santos na luz. Essa é a obra de Deus. Podemos nos destruir rápido o suficiente, mas não podemos salvar a nós mesmos. Os pecadores preparam-se a si mesmos para o inferno, mas é Deus quem prepara os santos para o céu; e todos aqueles que Deus designa para o céu depois, Ele prepara e ajusta para o céu agora: Ele opera neles a mesma coisa (2 Co 5.5). E vós quereis saber quem são esses *vasos de misericórdia*? Aqueles que Ele chamou (v. 24); pois a quem Ele predestinou, aqueles também chamou com um chamado eficaz: e esses não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios, pois o muro de separação sendo derrubado, o mundo tornou-se comum, e o favor de Deus não está (como tinha

sido) reservado aos judeus, nem eles ficaram um degrau mais próximos da sua aceitação do que o resto do mundo. Agora, eles estão no mesmo nível que os gentios, e a questão não é mais se são a descendência de Abraão ou não, que não está nem aqui nem lá, mas se são ou não chamados de acordo com o seu propósito.

A Conversão dos Gentios

vv. 25-29

Após explicar a promessa e provar a soberania divina, o apóstolo mostra aqui como a rejeição dos judeus e a aceitação dos gentios foram previstas no Antigo Testamento, e, portanto, devem necessariamente ser compatíveis com a promessa feita aos pais no período do Antigo Testamento. Serve muito ao esclarecimento de uma verdade observar como a Escritura se cumpre nela. Os judeus sem dúvida a atribuíam de boa vontade ao Antigo Testamento, as Escrituras que lhes tinham sido confiadas. Então, ele mostra como isso, que era tão incômodo para eles, foi tratado ali.

I Pelo profeta Oséias, que fala da aceitação de muitos gentios (Os 2.23; 1.10). Os gentios não eram o povo de Deus, não o reconheciam, nem eram reconhecidos por Ele nessa relação: "Mas", diz Ele, "*chamarei meu povo ao que não era meu povo*, o farei e o reconhecerei como tal, apesar de toda a sua indignidade". Uma bendita mudança! A maldade anterior não é nenhum obstáculo à presente graça e misericórdia de Deus. "*...e amada, à que não era amada*". Àqueles que Deus chama de seu povo, chama também de "amada": Ele ama aqueles que são dele. E para que não se suponha que eles se tornam povo de Deus apenas por serem convertidos à religião judaica, e feitos membros daquela nação, ele acrescenta, de Oséias 1.10: "*...no lugar em que lhes foi dito... aí serão chamados...*". Eles não precisam se incorporar aos judeus, nem subir a Jerusalém para adorar; mas, onde quer que eles estejam espalhados pela face da terra, Deus os reconhecerá. Observe a grande dignidade e a honra dos santos, que eles são chamados filhos do Deus vivo; e assim como Ele os chama, assim eles se tornam. Observe que tipo de amor! Todos os santos têm essa honra.

II Pelo profeta Isaías, que fala da rejeição de muitos judeus em dois lugares:

1. Um está em Isaías 10.22,23, que fala da salvação de um remanescente, isto é, só de um remanescente, que, embora na profecia pareça referir-se à preservação de um resto da destruição e desolação que estava para cair sobre eles por Senaqueribe e seu exército, ainda deve ser compreendido como olhando para adiante, e prova suficientemente que não é estranho para Deus abandonar à ruína grande parte da descendência de Abraão, e ainda manter a sua palavra de promessa a Abraão em plena força e vigor. Isso é insinuado na suposição de que o número dos filhos de Israel era como a areia do mar, o que pertencia à promessa feita a Abraão (Gn 22.17). Porém, só um remanescente será salvo, pois muitos são chamados, mas poucos escolhidos. Nessa salvação do remanescente se diz no versículo 28, a partir do profeta: (1) Que Ele completará a obra: "*...completando-a e abreviando-a*". Quando Deus começa, vai até o fim, seja por meio de julgamento ou de misericórdia. Deus levaria até o fim a rejeição dos judeus incrédulos em sua completa ruína pelos romanos, que logo após isso rapidamente removeram o lugar e a nação deles. A aceitação das igrejas cristãs no favor divino e a expansão do evangelho em outras nações foi uma obra que Deus igualmente levaria a termo, e seria conhecido pelo seu nome JEOVÁ. Quanto a Deus, a sua obra é perfeita. Em seus eternos conselhos, Deus considerou os homens, atribuiu a eles tal e tal condição, tal porção de privilégios; e, quando eles vêm a ser, os seus modos de lidar com eles são correspondentes a esses conselhos; e Ele levará a efeito o que calculou, completará o corpo místico, chamará todos que pertençam à eleição da graça e, então, o que calculou será terminado. (2) Que Ele abreviará a obra; não apenas a terminará, mas o fará rapidamente. No Antigo Testamento, Ele parecia demorar, e realizar uma obra mais longa e mais tediosa. As rodas se moviam de vagar em direção ao âmbito da igreja; mas agora, Ele a *abreviará*, e fará um trabalho rápido sobre a terra. Os gentios convertidos agora estavam voando como uma nuvem. Mas Ele a abreviará em retidão, tanto em sabedoria como em justiça. Quando os homens abreviam algo, fazem-no defeituosamente; eles na verdade se livram de causas; mas quando Deus abrevia, é sempre em retidão. Assim os pais geralmente a empregam. Alguns entendem que se trata da lei e aliança evangélicas, que Cristo iniciou e estabeleceu no mundo: Ele terminou a obra e colocou um fim aos tipos e cerimônias do Antigo Testamento. Cristo disse: "*Está consumado*", e então o véu se partiu, ecoando, por assim dizer, a palavra que Cristo disse na cruz. E Ele abreviará. A *obra* (é *logos – a palavra*, a lei) que estava sob o Antigo Testamento por muito tempo; uma longa série de instituições, cerimônias, condições: mas agora está abreviada. Nosso dever agora é, sob o evangelho, resumido em muito menos espaço do que quando estávamos sob a lei; a aliança foi contraída e condensada; a religião passa a ter uma abrangência menor. E é em retidão, em nosso favor, em justiça a seu próprio desígnio e conselho. Conosco as reduções geralmente obscurecem as coisas:

> Brevis esse laboro,
> Obscurus fio.
> Eu me esforço para ser conciso,
> porém me torno obscuro.

Mas não é esse o caso. Mesmo que a obra seja abreviada, é clara e simples; e, porque é abreviada, é mais fácil.

2. Um outro lugar está em Isaías 1.9, onde o profeta mostra como em um tempo de calamidade e destruição geral, Deus preservava uma semente. O significado é o mesmo que o do texto anterior, e seu objetivo é mostrar que não era uma coisa estranha para Deus abandonar a maior parte do povo dos judeus à ruína, e reservar para si mesmo apenas um pequeno remanescente; assim Ele tinha feito anteriormente, como mostrou por seus próprios profetas; e eles não deviam se admirar se Ele o fizesse agora. Observe: (1) O que Deus é. Ele é *Senhor de*

sabaoth, isto é, o Senhor dos Exércitos – uma palavra hebraica retida pelo grego, como em Tiago 5.4. Todas as hostes do céu e da terra estão sob sua ordem e disposição. Quando Deus assegura uma semente para si mesmo separando-a de um mundo apóstata e degenerado, Ele age como o Senhor de *sabaoth*. É um ato de absoluto poder e infinita soberania. (2) O que é o seu povo. Ele é uma *descendência*, um pequeno número. O cereal reservado para a semeadura do próximo ano é pouco comparado com aquele que é gasto e comido. Mas eles são um número proveitoso – a semente, a substância, da geração seguinte (Is 6.13). Está tão longe de ser um descrédito da justiça e da retidão de Deus que muitos pereçam e sejam destruídos, que é um milagre da misericórdia e do poder divinos que todos não sejam destruídos, que haja alguns que são salvos; pois até aqueles que são deixados para serem semente, se Deus tratasse com eles segundo os seus pecados, teriam perecido com o resto. Essa é a grande verdade que essa passagem nos ensina.

A Admissão dos Gentios e Rejeição dos Judeus
vv. 30-33

O apóstolo vem aqui finalmente fixar a verdadeira razão da recepção dos gentios e da rejeição dos judeus. Havia uma diferença no modo como procuravam e, portanto, havia aquele resultado diferente, embora ainda fosse a livre graça de Deus que os fizesse diferentes. Ele conclui como um orador: "*Que diremos, pois?*" Qual é a conclusão de toda a controvérsia?

I A respeito dos gentios, observe: 1. Como eles tinham estado alienados da justiça: eles não a seguiram; eles não conheciam a sua própria culpa e miséria e, portanto, não eram de forma alguma solícitos a procurar um remédio. Na conversão deles, a graça preveniente foi altamente exaltada: Deus foi "*...achado por aqueles que não o buscavam*" (Is 65.1). Não havia nada neles que os dispusesse a tal favor mais do que a livre graça operou neles. Assim, Deus deleitou-se em conceder graça ao modo da soberania e do domínio absoluto. 2. Todavia, como eles obtêm a justiça: "*...pela fé*", não por serem convertidos à religião judaica, e se submeterem à lei cerimonial, mas por abraçar a Cristo, crendo nele e submetendo-se ao evangelho. Eles a obtêm pelo atalho da fé sincera em Cristo, enquanto os judeus tinham por longo tempo andado em rodeios.

II A respeito dos judeus, observe: 1. Como eles perderam a sua finalidade: eles buscavam "*...a lei da justiça*" (v. 31) – eles falavam muito de justificação e santidade, pareciam muito ambiciosos de serem o povo de Deus e os favoritos do céu, mas eles não a obtiveram, isto é, a maior parte deles não; a parte que se apegou a seus velhos princípios e cerimônias judaicos, e buscou a felicidade naquelas observâncias, abraçando as sombras agora que a substância tinha chegado, esses não alcançaram serem aceitos por Deus, não foram considerados como seu povo, nem foram para casa justificados. 2. Como eles erraram o caminho, o que foi a causa de perderem sua finalidade (vv. 32,33). Eles procuraram, mas não da forma correta, não de uma maneira humilde, não da forma estabelecida e designada. "*...não foi pela fé*", não foi abraçando a fé cristã, dependendo dos méritos de Cristo, e submetendo-se aos termos do evangelho, os quais eram a verdadeira vida e fim da lei. Mas eles buscaram pelas "*...obras da lei*"; como se esperassem justificação por sua observância aos preceitos e cerimônias da lei de Moisés. Essa era a "*...pedra de tropeço...*" na qual tropeçaram. Eles não conseguiram superar esse princípio corrupto ao qual tinham aderido: que a lei lhes foi dada para só uma finalidade, que apenas por sua observância e obediência a ela pudessem ser justificados diante de Deus; e assim eles não poderiam ser reconciliados de forma alguma com a doutrina de Cristo, que os tirava disso para esperar justificação através do mérito e reparação de outro. O próprio Cristo é para alguns uma pedra de tropeço, para o que ele cita Isaías 8.14; 28.16. É triste que Cristo deva ser colocado para a queda de alguns, e, todavia, esse é o caso (Lc 2.34), que até veneno possa ser tirado do bálsamo de Gileade, que a pedra fundamental possa ser para alguns uma pedra de tropeço, e a rocha de salvação, uma rocha de ofensa; assim Ele é para muitos, assim Ele foi para os judeus incrédulos, que o rejeitaram, porque Ele colocou um fim à lei cerimonial. Mas ainda existe um remanescente que crê nele, e esse "*...não será confundido*", isto é, suas esperanças e expectativas de justificação por meio dele não serão frustradas, como são as daqueles que dependem da lei. De maneira que, no conjunto, os judeus incrédulos não têm razão de discutir com Deus pelo fato de Ele os haver rejeitado; eles tiveram uma justa oferta de justiça, vida e salvação, que lhes foi feita nos termos do evangelho, da qual eles não gostaram, e não aceitaram; portanto, se eles perecerem, eles devem agradecer a si mesmos – o sangue deles está sobre suas próprias cabeças.

Capítulo 10

A dissolução da igreja-estado peculiar dos judeus e a rejeição daquele sistema pela anulação da lei cerimonial deles, pela revogação de todas as instituições da lei cerimonial, a abolição do seu sacerdócio, o incêndio do templo, e a remoção do lugar e da nação deles, e no seu lugar a substituição e a implantação de uma igreja-estado cristã universal entre as nações gentílicas, embora para nós, agora que essas coisas foram realizadas e completadas há muito tempo, elas possam não parecer algo tão significativo, contudo, para aqueles que viviam quando as coisas estavam ocorrendo, que conheciam quão alto os judeus tinham estado no favor de Deus, e quão deplorável tinha sido por muitas eras a condição do mundo gentílico, tudo isso parecia muito grande e maravilhoso, e um mistério difícil de ser compreendido. O apóstolo, nesse capítulo, como no antecedente e no próximo, explica e prova isso, mas com várias digressões muito úteis, que interrompem um pouco o fio de seu discurso. Eu reduziria esse capítulo a duas grandes verdades: I. Que há uma grande diferença entre a justiça da lei, à qual os judeus incrédulos estavam unidos, e a justiça da fé, oferecida no

evangelho (vv. 1-11). II. Que não há diferença entre judeus e gentios; ao contrário, no que toca à justificação e à aceitação por Deus, o evangelho coloca a ambos no mesmo nível (vv. 12-21).

A Dissertação de Paulo sobre a Retidão. O Método da Salvação

vv. 1-11

O objetivo do apóstolo nessa parte do capítulo é mostrar a grande diferença entre a justiça da lei e a justiça da fé, e a grande preeminência da justiça da fé sobre a da lei; para que ele pudesse induzir e persuadir os judeus a crer em Cristo, agravar a tolice e o pecado daqueles que recusavam, e justificar a Deus na rejeição desses que o rejeitam.

I Aqui Paulo professa sua grande afeição pelos judeus, e dá o motivo (vv. 1,2), onde ele lhes deseja o bem e lhes dá um bom testemunho.

1. Ele lhes deseja o bem (v. 1), que eles sejam salvos – salvos da ruína e da destruição temporais que estavam caindo sobre eles; salvos da ira vindoura, da ira eterna que pairava sobre as suas cabeças. É implicado nesse desejo que eles podem ser convencidos e convertidos; na verdade ele não podia orar para que eles fossem salvos enquanto eram incrédulos. Mesmo que Paulo pregasse contra eles, ainda orava por eles. Aqui ele estava cheio de misericórdia, como Deus está, "*...não querendo que alguns se percam*" (2 Pe 3.9), Ele não deseja a morte de pecadores. É nosso dever desejar verdadeira e seriamente a salvação das almas de outros, junto com a salvação da nossa própria. Isso, ele diz, era "*...o bom desejo do meu coração e a oração a Deus...*", o que sugere: (1) A força e a sinceridade de seu desejo. Era *o desejo do* seu *coração*; não era um cumprimento formal, como é o caso dos votos de muitos, da boca para fora, mas um desejo real. Isso ele era antes de ser sua oração. A alma da oração é o desejo do coração. Desejos frios não fazem mais que mendigar negações; nós devemos ir até a expiração de nossas almas em cada oração. (2) O oferecimento desse desejo a Deus. Não era apenas o desejo de seu coração, mas era a sua oração. Pode haver desejos no coração, e, todavia, nenhuma oração, a menos que aqueles desejos sejam apresentados a Deus. Orar não é apenas desejar e querer.

2. Um bom testemunho, como um motivo de seu bom desejo: "*Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus*" (v. 2). Os judeus incrédulos eram os mais amargos inimigos que Paulo tinha no mundo, contudo, ele lhes atribui um caráter tão bom quanto podia ser verdade. Nós devemos dizer o melhor que pudermos até de nossos piores inimigos; isso é abençoar aqueles que nos amaldiçoam. A caridade nos ensina a ter a melhor opinião das pessoas, e dar a melhor interpretação possível das palavras e ações. Devemos notar aquilo que é elogiável até nas piores pessoas. Eles "*...têm zelo de Deus*". A oposição que faziam ao evangelho partia de um princípio de respeito à lei, a qual eles sabiam ter vindo de Deus. Existe como que um zelo cego e desorientado: tal era o zelo dos judeus que, embora odiassem o povo e os ministros de Cristo, e os expulsassem, diziam: "*...o Senhor seja glorificado*" (Is 66.5); mais ainda, eles os matavam e pensavam estar fazendo um bom serviço a Deus (Jo 16.2).

II Aqui ele mostra o erro fatal de que judeus incrédulos eram culpados, o que ocasionou a sua ruína. O zelo que tinham não era "*...com entendimento*". É verdade que Deus lhes dera aquela lei pela qual eram tão zelosos; mas eles deviam saber que ela chegou ao fim com a vinda do Messias prometido. Ele deu início a uma nova religião e um novo modo de adorar, a que o que era antigo cedeu lugar. Ele provou ser o Filho de Deus, deu as evidências mais convincentes que podia haver de que era o Messias; porém, eles não conheceram nem o reconheceriam, mas fecharam os olhos para a clara luz, de maneira que o seu zelo pela lei era cego. Ele mostra isso mais adiante, no versículo 3, onde podemos observar:

1. A natureza de sua incredulidade. Eles "*...não se sujeitaram à justiça de Deus*", isto é, eles não se sujeitaram aos termos do evangelho, nem aceitaram a oferta da justificação pela fé em Cristo que é feita no evangelho. A incredulidade é a insubmissão à justiça de Deus, resistindo à proclamação do evangelho de reparação. "*...não se sujeitaram...*". Na verdadeira fé, existe a necessidade de muita submissão; portanto, a primeira lição que Cristo ensina é negar-se a si mesmo. É muita condescendência para um coração orgulhoso contentar-se em ser devedor à livre graça; somos avessos a implorar *sub forma pauperis – como indigentes.*

2. As causas de sua incredulidade, e essas são duas: (1) Ignorância da justiça de Deus. Eles não compreenderam, não creram e não consideraram a perfeita justiça de Deus em odiar e punir o pecado e exigir reparação, não consideraram que necessidade temos de uma justiça com a qual comparecer diante dele; se eles tivessem feito isso, nunca teriam resistido à oferta do evangelho, nem esperado justificação por suas próprias obras, como se pudessem satisfazer a justiça de Deus. Ou, eram ignorantes a respeito do modo de justificação de Deus, o qual Ele agora ordenou e revelou por Jesus Cristo. Eles não o conheceram porque não o queriam; eles fecharam seus olhos para não descobrirem isso e amaram mais as trevas. (2) Uma opinião orgulhosa de sua própria justiça: "*...procurando estabelecer a sua própria...*" – uma justiça de sua própria criação, e de sua própria realização, pelo mérito de suas obras e pela observância da lei cerimonial. Eles pensavam que não precisavam ser devedores do mérito de Cristo, e, portanto, dependiam de seu próprio desempenho como suficiente para produzir uma justiça que apresentar diante de Deus. Eles não podiam negar com Paulo uma dependência disso: "*...não tendo a minha justiça...*" (Fp 3.9). Veja um exemplo desse orgulho no fariseu em Lucas 18.10,11 (compare com o v. 14).

III Aqui ele mostra a tolice do erro deles e como era irracional que buscassem justificação pelas obras da lei, agora que Cristo tinha vindo, e tinha trazido uma justiça eterna; considerando:

1. A subserviência da lei ao evangelho: "*...o fim da lei é Cristo para justiça...*" (v. 4). A lei foi planejada para que levasse as pessoas a Cristo. A lei moral somente

examinava a ferida, a lei cerimonial era a prefiguração do remédio, mas Cristo é o fim de ambas (ver 2 Co 3.7 e compare com Gl 3.23,24). A finalidade da lei era orientar as pessoas para a justiça de Cristo. (1) Cristo é o fim da lei cerimonial; Ele é o seu ponto final, porque Ele é a perfeição da lei. Quando vem a realidade, a sombra passa. Os sacrifícios, ofertas e purificações ordenadas no Antigo Testamento prefiguravam Cristo e apontavam para Ele; e a incapacidade dessas coisas de remover o pecado mostrou a necessidade de um sacrifício que, sendo oferecido uma vez, removesse o pecado. (2) Cristo é o fim da lei moral no sentido de que Ele realizou o que a lei não podia fazer (cap. 8.3), e garantiu o grande fim dela. A finalidade da lei era levar o homem a uma perfeita obediência de modo que ele obtivesse a justificação. Isso agora se tornou impossível por causa do poder do pecado e da corrupção da natureza; mas Cristo é o fim da lei. A lei não está destruída, nem a intenção do legislador, frustrada, mas, sendo realizada plena reparação pela morte de Cristo por nossa violação da lei, a finalidade é atingida, e nós somos justificados de uma outra maneira; mas é somente para "*...todo aquele que crê*". Em nossa fé, isto é, em nosso humilde consentimento aos termos do evangelho, nos tornamos participantes da expiação realizada por Cristo e, assim, somos justificados através da redenção que há em Jesus.

2. A excelência do evangelho sobre a lei. Ele prova isso mostrando a diferente constituição de ambos.

(1) O que é a justiça que vem da lei? Isso ele mostra no versículo 5. A tônica dela é esta: *Pratique-a e viverá.* Embora ela nos dirija para uma justiça melhor e mais eficaz em Cristo, porém, em si mesma, considerada como uma lei separada de sua relação a Cristo e ao evangelho (pois assim os judeus incrédulos a abraçaram e a conservaram), ela não possui nada como uma retidão suficiente para justificar um homem a não ser pela perfeita obediência. Por isso o apóstolo cita aquela passagem: "*Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; os quais, fazendo-os o homem, viverá por eles*" (Lv 18.5). A isso ele se refere de modo semelhante em Gálatas 3.12: "*O homem que fizer estas coisas viverá por elas*". *Viverá*, isto é, será feliz, não apenas na terra de Canaã, mas no céu, do qual Canaã era um tipo e figura. O suposto cumprimento deve ser perfeito e sem pecado, sem a menor infração ou violação. A lei que foi dada no monte Sinai, embora não fosse uma aliança caracterizada puramente por obras (pois quem então poderia ser salvo estando sob aquela dispensação?), todavia, para que pudesse ser mais eficaz em levar as pessoas a Cristo e dar as boas-vindas à aliança da graça, ela misturava muito o rigor e o terror da aliança caracterizada por obras. Agora, não era extrema tolice dos judeus aderir rigorosamente a esse meio de justificação e salvação, o qual era em si mesmo tão difícil, e que se tornou agora impossível por causa da corrupção da natureza, quando estava aberto um novo e vivo caminho?

(2) O que é a justiça que é pela fé (v. 6)? Ele a descreve usando as palavras de Moisés no Deuteronômio, na *segunda lei* (é o que Deuteronômio significa), onde há uma revelação muito mais clara de Cristo e do evangelho do que a que havia na primeira outorga da lei. Ele cita Deuteronômio 30.11-14 e mostra:

[1] Que ela não é de jeito nenhum opressiva ou difícil. O modo da justificação e da salvação não tem nela tais profundidades ou problemas que possam nos desencorajar, nem dificuldades insuperáveis; mas, como foi previsto, ela é um alto caminho (Is 35.8). Não somos forçados a subir por ela – ela não está no céu; não somos forçados a mergulhar por ela – ela não está no abismo. Em primeiro lugar, nós não precisamos subir ao céu, para examinar os arquivos de lá, ou investigar os segredos do conselho divino. É verdade que Cristo está no céu, mas nós podemos ser justificados e salvos sem ir para lá, para alcançá-lo, ou enviar-lhe um mensageiro especial. Em segundo lugar, nós não precisamos descer ao abismo, para tirar Cristo do túmulo ou da morte: "*...ao abismo (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo)?*" Isso mostra claramente que a descida de Cristo ao *abismo*, ou ao *hades*, não era mais que ele estar morto, em alusão a Jonas. É verdade que Cristo esteve na sepultura, e é igualmente verdade que agora Ele está no céu; mas nós não precisamos ficar confusos nem embaraçados com questões complicadas, nem devemos criar para nós mesmos idéias carnais e grosseiras dessas coisas, como se o método da salvação fosse impraticável, e o plano da revelação fosse apenas para nos divertir. Não, a salvação não está tão longe de nós.

[2] Ao contrário, é muito simples e fácil: "*A palavra está junto de ti*". Quando nós falamos de olhar para Cristo, receber a Cristo e alimentar-nos de Cristo, não nos referimos a Cristo no céu, nem no abismo, mas a Cristo na promessa, a Cristo apresentado a nós, e oferecido, na palavra. Cristo está junto a ti, pois a palavra está junto a ti; ela está bem junto a ti: ela está "*...na tua boca e no teu coração*"; não há nenhuma dificuldade em se compreender, em se crer, em se reconhecer isto. A obra que deves fazer está dentro de ti: "*...o Reino de Deus está entre vós*" (Lc 17.21). Por essa razão, deves buscar tuas evidências, não nos registros do céu. Ela *está*, isto é, é prometido que ela estará, "*...em tua boca* (Is 59.21) *e no teu coração*" (Jr 31.33). Tudo aquilo que deve ser feito por nós já foi entregue nas nossas mãos. Cristo desceu do céu, não precisamos ir buscá-lo. Ele subiu do abismo, não precisamos ficar perplexos sobre como trazê-lo de volta. Não há mais nada a ser feito, a não ser uma obra em nós; nisto deve estar a nossa preocupação: cuidar de nosso coração e de nossa boca. Aqueles que estavam sob a lei deviam fazer tudo por si mesmos: *Pratique isso e viva*; mas o evangelho nos apresenta a maior parte da obra já realizada; e o que sobra se resume em justiça e salvação oferecidas em termos muito simples e fáceis, trazidas à nossa porta, por assim dizer, na palavra que está junto de nós. Ela está em nossa boca – a estamos lendo diariamente; está em nosso coração – estamos, ou deveríamos estar, pensando nela diariamente. Mesmo "*...a palavra da fé*": o evangelho e a promessa que ele traz, chamado de palavra da fé porque ele é o objeto da fé com a qual está ligada a palavra na qual cremos; porque ele é o preceito da fé, ordenando-a e fazendo dela a grande condição da justificação; e porque é o meio habitual pelo qual a fé é operada e transmitida. Ora, o que é essa palavra da fé? Nós temos o teor dela nos versículos 9 e 10, o resumo do evangelho, o qual é suficientemente claro e fácil. Observe:

Em primeiro lugar, o que nos é prometido: "*...serás salvo*". É salvação o que o evangelho apresenta e oferece –

salvação da culpa e da ira, com a salvação da alma, uma salvação eterna, cujo autor é Cristo, um Salvador completo.

Em segundo lugar, em que termos:

a. Duas coisas são exigidas como condições de salvação: (*a*) Confessar "*...ao Senhor Jesus...*" – confessá-lo abertamente e a dependência dele, como nosso Príncipe e Salvador, declarando-se pelo cristianismo diante de todas as seduções e terrores deste mundo, permanecendo firme por Ele em toda situação. Nosso Senhor Jesus dá muita ênfase à confissão dele diante dos homens (ver Mt 10.32,33). Isso é o produto de muitas graças, indica muita autonegação, amor a Cristo, desprezo pelo mundo e uma poderosa coragem e determinação. Era algo muito grande quando a profissão de fé em Cristo punha em risco as posses, a honra, a promoção, a liberdade, a vida e tudo que é caro neste mundo, o que era o caso nos tempos primitivos. (*b*) Crer com o coração "*...que Deus o ressuscitou dos mortos*". A confissão de fé feita com a boca não passa de um escárnio se não houver o seu poder no coração; a raiz dela deve repousar em um consentimento sincero à revelação do evangelho concernente a Cristo, especialmente à sua ressurreição, que é o artigo fundamental da fé cristã, pois por meio dela Ele foi declarado o Filho de Deus em poder, e plena evidência foi dada de que Deus aceitou a expiação realizada por Ele.

b. Isso é ilustrado um pouco mais (v. 10), e a ordem é invertida, porque primeiro deve haver fé no coração antes que possa haver uma confissão aceitável com a boca. (*a*) Em relação à fé: "*...com o coração se crê...*", o que significa mais do que um consentimento da razão, e entra o consentimento da vontade, um consentimento interior, sincero, genuíno e forte. Não é acreditar (não deve ser considerado assim) se não for com o coração. Isto é "*...para a justiça*". Há a justiça da justificação e a justiça da santificação. A fé se refere às duas; ela é a condição da nossa justificação (cap. 5.1) e é a raiz e a fonte da nossa santificação; na fé ela tem início, pela fé ela é carregada (At 15.9). (*b*) Em relação à confissão: ela é feita "*...com a boca*" – confissão a Deus em oração e louvor (cap. 15.6), confissão aos homens assumindo os caminhos de Deus diante dos outros, especialmente quando somos chamados para isso em um tempo de perseguição. É adequado que Deus seja honrado com a boca, pois Ele criou a boca do homem (Êx 4.11) e em tal tempo prometeu dar a seu povo fiel "*...boca e sabedoria*" (Lc 21.15). É parte da honra de Cristo que toda língua o confesse (Fp 2.11). E se diz que isso é "*...para a salvação*", porque é o cumprimento da condição daquela promessa (Mt 10.32). A justificação pela fé lança o fundamento de nosso direito à salvação, mas pela confissão construímos sobre aquele fundamento, e finalmente chegamos à plena posse daquilo a que temos direito. De maneira que nós temos aqui um breve resumo dos termos da salvação, os quais são muito razoáveis; resumindo, que nós devemos devotar, dedicar e entregar as nossas almas e corpos a Deus – nossas almas, ao crermos com o coração, e nossos corpos, ao confessarmos com a boca. Faze isto e viverás. Por isso ele cita Isaías 28.16 no versículo 11: "*Todo aquele que nele crer não será confundido*", *ou kataischunthesetai.* Ou seja: [*a*] Ele não será confundido ao confessar aquele Cristo em quem ele confia; aquele que crê com o coração não se envergonhará de confessar com a boca. É a vergonha pecaminosa que faz as pessoas negarem a Cristo (Mc 8.38). Aquele que crê não se apressa (assim quer o profeta) – não se apressará em se afastar das aflições que encontrar no caminho de seu dever, não se envergonhará de uma religião desprezada. [*b*] Ele não se envergonhará de sua esperança em Cristo; não se frustrará em relação ao seu fim. É nosso dever que não devemos ser, é nosso privilégio que não seremos, envergonhados de nossa fé em Cristo. Ele nunca terá motivo para se arrepender de sua convicção em depositar tal confiança no Senhor Jesus.

A Importância da Pregação do Evangelho. A Obstinação de Israel

vv. 12-21

As primeiras palavras expressam o intento do apóstolo através desses versículos, de que não há diferença entre judeus e gentios, mas que ambos estão no mesmo nível no que toca à aceitação por Deus. Em Jesus Cristo não há grego nem judeu (Cl 3.11). Deus não aceita uns nem rejeita outros porque são judeus nem porque são gregos, mas aceita igualmente a ambos nos termos do evangelho: "*...não há diferença...*". E para provar isto ele realça dois argumentos:

I Que Deus é o mesmo para todos: "*...um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos...*". Não há um Deus para os judeus, que é mais bondoso, e um outro para os gentios, que é menos bondoso; mas Ele é o mesmo para todos, um pai comum de toda a humanidade. Quando Ele proclamou o seu nome: *o Senhor, o Senhor Deus, gracioso e misericordioso*, Ele não indicava nisso apenas o que Ele era para os judeus, mas o que é e será para todas as suas criaturas que procuram por Ele; não apenas bom, mas rico, pleno de bondade. Ele tem meios para supri-las a todas, e é livre e está pronto para dar o que precisam. Ele tanto é capaz quando está disposto: não apenas rico, mas rico para nós, liberal e generoso ao conceder seus favores a "*...todos os que o invocam*". Algo deve ser feito por nós, para que possamos colher essa generosidade; e por pouco que seja, nós devemos invocá-lo. Por isso Ele será consultado (Ez 36.37), e certamente aquilo que não é digno de se perguntar, não é digno de se ter. Nada temos a fazer a não ser tirar o máximo pela oração, quando houver oportunidade.

II Que a promessa é a mesma para todos: "*...todo aquele que invocar...*" (v. 13) – tanto um quanto outro, sem exceção. Ele pensa que essa extensão da promessa, que não faz acepção, sendo tanto para judeus quanto para gentios, não deve ser surpresa, pois foi predita pelo profeta (Jl 2.32). Invocar o nome do Senhor é aqui colocado para toda religião prática. O que é a vida de um cristão senão uma vida de oração? Ela significa um sentimento de dependência dele, uma total dedicação de nós mesmos a Ele, e uma expectativa crente e completa da nossa parte em relação a Ele. Aquele que assim invocá-lo será salvo. É só pedir e ter; que mais teríamos? Para a ilustração adicional disso, ele observa:

1. Como era necessário que o evangelho fosse pregado aos gentios (vv. 14,15). Era por causa disso que os judeus estavam tão irados com Paulo, porque ele era o

apóstolo dos gentios e lhes pregava o evangelho. Agora ele mostra o quanto era necessário colocá-los ao alcance da promessa supracitada, cuja participação eles não deviam invejar de nenhum de seus semelhantes. (1) Eles não podem invocar "...*aquele em quem não creram*". A não ser que creiam que Ele é Deus, eles não o invocarão em oração; por que deveriam fazê-lo? A graça da fé é absolutamente necessária ao dever da oração; não podemos orar corretamente, nem orar de maneira aceitável, sem ela. Aquele que se aproxima de Deus em oração deve crer (Hb 11.6). Antes que acreditassem no verdadeiro Deus, eles clamavam aos ídolos: "Ó Baal, responde-nos". (2) Eles não podem crer "...*naquele de quem não ouviram*". De uma forma ou de outra, a divina revelação deve se tornar conhecida de nós, antes que a recebamos e a aceitemos; ela não nasce conosco. O ouvir inclui o ler, o que é a mesma coisa, e pelo qual muitos são trazidos à fé: "*Estes, porém, foram escritos para que creiais*" (Jo 20.31). Mas ouvir é apenas mencionado como o modo mais natural e comum de receber informação. (3) Eles não "...*ouvirão, se não há quem pregue*". Alguém deve falar-lhes em que devem crer. Os pregadores e os ouvintes estão correlacionados; é uma bênção quando eles regozijam-se mutuamente uns com os outros – os ouvintes com a habilidade e a fidelidade do pregador, e o pregador com a boa vontade e a obediência dos ouvintes. (4) Eles não podem pregar, "...*se não forem enviados*", exceto se eles forem tanto comissionados como, em certa medida, qualificados para sua obra de pregação. Como um homem atuará como embaixador, a menos que ele tenha tanto suas credenciais quanto suas instruções do príncipe que o envia? Isto prova que para os ministros regulares deve haver uma missão e uma ordenação regulares. É prerrogativa de Deus enviar ministros; Ele é o Senhor da ceifa, e, portanto, a Ele devemos rogar para "...*que mande ceifeiros*" (Mt 9.38). Apenas Ele pode qualificar homens e fazer com que se interessem pela obra do ministério. Mas a competência dessa qualificação e a sinceridade desse interesse não devem ser deixadas ao julgamento de cada homem por si mesmo: a natureza da coisa de maneira nenhuma irá admitir isso; ao contrário, para a preservação da devida ordem na igreja, é necessário que isso seja entregue e submetido ao julgamento de um número competente daqueles que estão, eles mesmos, nesse ofício e de sabedoria e experiência aprovadas nele, aqueles que, como em todos os outros chamados, presume-se que sejam os mais hábeis juízes, e que têm o poder para separar a tais que eles encontram tão qualificados e interessados nessa obra do ministério, para que, por essa preservação da sucessão, o nome de Cristo possa durar para sempre, e o seu trono, como os dias do céu. E aqueles que são separados dessa maneira, não apenas podem, mas devem pregar como pessoas que foram enviadas.

2. Quão bem-vindo o evangelho deve ser para aqueles a quem ele foi pregado, porque ele mostrou o caminho da salvação (v. 15). Para isso, ele cita Isaías 52.7. Temos passagem semelhante em Naum 1.15, que, se aponta para a boa nova da libertação de Israel da Babilônia como um tipo, aponta, além disso, para o evangelho, a boa nova de salvação por Jesus Cristo. Observe: (1) O que é o evangelho: ele é *o evangelho da paz*; é a palavra da reconciliação entre Deus e o homem. "*Paz na terra*" (Lc 2.14). Ou, a paz é entendida como todas as coisas boas; assim é explicado aqui; são as *boas novas sobre coisas boas*. De fato, as coisas do evangelho são boas coisas, as melhores coisas; as notícias a respeito delas são as notícias mais alegres, as melhores notícias que já desceram do céu à terra. (2) Qual é a obra dos ministros: pregar esse evangelho, para trazer *essas boas novas, evangelizar paz* (assim está no original), evangelizar coisas boas. Todo bom pregador é nesse sentido um evangelista; ele não é apenas um mensageiro a levar as notícias, mas um embaixador para negociar; e os primeiros pregadores do evangelho foram os anjos (Lc 2.13ss.). (3) Quão aceitáveis eles devem ser por isso aos homens por causa de seu trabalho: "*Quão formosos os pés...*", isto é, como eles são bem-vindos! Maria Madalena expressou seu amor a Cristo beijando seus pés e, mais tarde, abraçando os seus pés (Mt 28.9). E, quando Cristo estava enviando seus discípulos, Ele lavou os pés deles. Aqueles que pregam o evangelho da paz devem cuidar para que seus pés (sua vida e relacionamentos) sejam bonitos: a santidade de vida dos ministros é a beleza de seus pés. *Quão formosos!* A saber, aos olhos daqueles que os escutam. Aqueles que dão boas-vindas à mensagem só podem amar aos mensageiros (ver 1 Ts 5.12,13).

3. Ele responde a uma objeção a tudo isso, que se pode fazer considerando o pequeno sucesso que o evangelho teve em muitos lugares: "*Mas nem todos obedecem ao evangelho*" (v. 16). Nem todos os judeus, nem todos os gentios; a maior parte de ambos permanece na incredulidade e desobediência. Observe: O evangelho não nos é dado apenas para ser conhecido e crido, mas obedecido. Não é um sistema de idéias, mas uma regra prática. Esse pequeno sucesso da palavra também foi predito pelo profeta: "*Quem deu crédito à nossa pregação?*" (Is 53.1). Muito poucos creram, poucos diante dos muitos que deviam ter crido, considerando quão fiel registro ele é, e quanto é digno de toda aceitação – muito poucos em comparação com os muitos que persistem na incredulidade. Não é coisa estranha, mas muito triste e incômoda, para os ministros de Cristo trazerem a notícia do evangelho e não serem cridos. Sob tal triste consideração, é bom para nós ir a Deus e nos lamentarmos com Ele. "*Senhor, quem creu...*". Em resposta a isso:

(1) Ele mostra que a palavra pregada é o recurso usual pelo qual se opera a fé: "*De sorte que...*", *ara – porém*; mesmo que muitos que ouvem não creiam, aqueles que crerem, primeiro terão ouvido. "...*a fé é pelo ouvir*". E o resumo do que foi dito antes (v. 14). O início, o progresso e a força da fé ocorrem pelo ouvir. Por essa razão, a palavra de Deus é chamada *a palavra da fé*: ela gera e nutre a fé. Deus dá a fé, mas é através da palavra como seu instrumento. O "...*ouvir* (o ouvir que opera a fé) é *pela palavra de Deus*". Não é ouvir encantadoras palavras da sabedoria humana, mas ouvir a palavra de Deus, que favorecerá a fé, e ouvi-la como a palavra de Deus (veja 1 Ts 2.13).

(2) Aqueles que não crêem na notícia do evangelho, mesmo a tendo escutado, nisso são indesculpáveis, e podem agradecer a si mesmos por sua própria ruína (vv. 18-21).

[1] Os gentios a ouviram: "*Porventura, não ouviram?*" (v. 18). Sim, mais ou menos, eles também ouviram

o evangelho, ou pelo menos ouviram a respeito dele. "*...por toda a terra saiu a voz deles*"; não apenas um som confuso, mas as suas "*...palavras* (informações mais nítidas e inteligíveis dessas coisas) ecoam *até aos confins do mundo*". A comissão que os apóstolos receberam diz assim: "*Ide por todo o mundo – pregai a toda criatura – ensinai todas as nações*"; e eles com infatigável esforço e sucesso maravilhoso obedeceram àquela comissão. Veja a abrangência da ação missionária de Paulo no capítulo 15.19. Não apenas o som, mas as palavras do evangelho chegaram, em poucos anos após a ascensão de Cristo, à remota ilha da Bretanha, um dos cantos mais afastados do mundo. Foi nesse sentido que o dom de línguas foi primeiramente derramado de modo tão pleno sobre os apóstolos (At 2). Na expressão aqui ele claramente faz alusão a Salmos 19.4, que fala das notícias que as obras de Deus na criação dão a todo o mundo do poder e da divindade do Criador. Como no Antigo Testamento Deus providenciou o anúncio da obra da criação pelo sol, lua e estrelas, agora providencia o anúncio da obra da redenção para todo o mundo pela pregação dos ministros do evangelho, que por isso são chamados de *estrelas*.

[2] Os judeus também ouviram o evangelho (vv. 19-21). Quanto a isso, ele apela para duas passagens do Antigo Testamento, para mostrar o quanto eles também são indesculpáveis. "*...Israel não o soube?*" – que os gentios deviam ser chamados? Eles deviam saber a partir de Moisés e Isaías.

Em primeiro lugar, uma citação é tirada de Deuteronômio 32.21: "*Eu vos meterei em ciúmes...*". Os judeus não apenas tiveram a oferta, mas viram os gentios a aceitarem e serem favorecidos pela aceitação, prova de sua vexação no acontecimento. Eles recusaram: "*...primeiro a vós...*" (At 3.26). Em todos os lugares por onde iam, os apóstolos anunciavam o evangelho primeiro aos judeus, e os gentios o ouviam depois. Se um não quisesse, o outro ia querer. Ora, isto lhes provocou o ciúme. Eles, como o irmão mais velho da parábola (Lc 15), invejaram a recepção e o acolhimento dos gentios pródigos pelo arrependimento deles. Aqui os gentios são chamados de "*...não são povo*" e "*...gente insensata...*", isto é, não o povo professo de Deus. Quanto mais houver de juízo e sabedoria do mundo, aqueles que não são o povo de Deus são, e no fim ficará provado, um povo insensato. Tal era a situação do mundo gentílico, que, todavia, foi feito o povo de Deus e, para eles, Cristo foi feito sabedoria de Deus. Que provocação era para os judeus ver os gentios serem bem acolhidos podemos ver em Atos 13.45; 17.5,13 e, especialmente, Atos 22.22. Era um exemplo da grande impiedade dos judeus que eles ficassem assim enfurecidos; e, no Deuteronômio, esse é o tema de uma ameaça. Deus freqüentemente faz do pecado do povo sua punição. Um homem não precisa de maior flagelo do que ser abandonado à ira impetuosa de suas próprias concupiscências.

Em segundo lugar, outra citação é tomada de Isaías 65.1,2, e nela Isaías é muito audaz – para falar tão claramente sobre a rejeição de seus próprios compatriotas. Aqueles que serão achados fiéis têm a necessidade de serem ousados. Aqueles que estão determinados a agradar a Deus não devem temer desagradar a homem nenhum. Ora, Isaías fala audaciosa e claramente:

a. Sobre a graça preveniente e o favor de Deus na recepção e no acolhimento dos gentios: "*Fui achado pelos que me não buscavam*" (v. 20). O método prescrito é: Procure e encontre; essa é uma regra para nós, não uma regra para Deus, que freqüentemente é encontrado por aqueles que não buscam. A sua graça é própria dele, a graça que distingue é própria dele, e Ele a concede de uma forma soberana, dá ou retira conforme lhe apraz – nos dá antecipadamente as bênçãos, as bênçãos mais seletas e mais ricas, de sua bondade. Dessa forma, Ele se manifestou aos gentios, enviando a luz do evangelho entre eles, quando estavam tão longe de procurá-lo e perguntar por Ele que estavam seguindo vaidades mentirosas e servindo a ídolos mudos. Essa não era a nossa situação em particular? Deus não nos amou primeiro, e se manifestou a nós quando nós não perguntávamos por Ele? E, de fato, não foi aquele um tempo de amor, para ser lembrado com muitas ações de graças?

b. Sobre a obstinação e a perversidade de Israel, apesar da livre oferta e dos convites carinhosos que recebeu (v. 21). Observe:

(*a*) A grande bondade de Deus para com eles: "*Todo o dia estendi as minhas mãos...*". [*a*] As ofertas de Deus: "*...estendi as minhas mãos...*", oferecendo-lhes vida e salvação com a maior sinceridade e seriedade que possam existir, com todas as expressões possíveis de seriedade e de importunação, mostrando-lhes a felicidade oferecida, colocando-a diante deles com a maior evidência, discutindo com eles a situação. Estender as mãos é o gesto daqueles que pedem atenção (At 26.1), ou desejam aceitação (Pv 1.24). Cristo foi crucificado com suas mãos estendidas. *Estender as mãos* como que oferecendo reconciliação – vamos apertar as mãos e ser amigos; e nosso dever é dar a mão a ele (2 Cr 30.8). [*b*] A sua paciência ao fazer essas ofertas: "*Todo o dia...*". A paciência de Deus para com pecadores irritantes é admirável. Ele espera para ser gracioso. O tempo da paciência de Deus é chamado aqui de um dia, alegre como um dia e adequado para o trabalho e os negócios, mas limitado como um dia, e uma noite no final dele. Ele suporta muito tempo, mas não para sempre.

(*b*) A grande maldade deles em relação a Deus. Eles foram "*...um povo rebelde e contradizente*". Uma palavra em hebraico, em Isaías, é aqui bem explicada por duas; não apenas rebelde ao chamado, não se entregando a ele, mas contradizente e contestando o chamado, o que é muito pior. Muitos dos que não aceitam uma boa oferta, no entanto admitem que nada têm a dizer contra ela; mas os judeus que não creram não ficaram apenas nisso, mas contradisseram e blasfemaram. A paciência de Deus com eles foi uma grande agravante de sua desobediência, e a fez mais excessivamente pecaminosa, como sua desobediência redundou na honra da paciência de Deus e a apresentou como mais excessivamente graciosa. É uma maravilha da misericórdia de Deus que sua bondade não seja vencida pela maldade humana; e é um espanto da impiedade do homem que sua maldade não seja vencida pela bondade de Deus.

CAPÍTULO 11

Depois de ter reconciliado a grande verdade da rejeição dos judeus com a promessa feita aos pais,

o apóstolo, nesse capítulo, se esforça ainda mais para abrandar a severidade dela e reconciliá-la com a bondade divina em geral. Alguém poderia questionar: "Deus rejeitou o seu povo?" Por isso o apóstolo se prontifica, aqui, a responder a essa objeção de duas formas: I. Ele mostra detalhadamente que essa misericórdia está misturada com a ira (vv. 1-32). II. Ele infere daí a infinita sabedoria e soberania de Deus, com a adoração da qual ele conclui esse capítulo e assunto (vv. 33-36).

A Situação dos Judeus. A Situação dos Gentios. Os Gentios São Advertidos. A Futura Conversão dos Judeus

vv. 1-32

O apóstolo propõe aqui uma objeção plausível que pode ser levantada contra a conduta divina de rejeitar a nação judaica (v. 1): "*Digo, pois: porventura, rejeitou Deus o seu povo?* A rejeição é total e definitiva? Eles estão todos abandonados à ira e à ruína eternas? A extensão da sentença é tão ampla a ponto de ser sem exceção, e sua duração tão longa a ponto de não ter revogação? Ele não terá mais um povo particular para si mesmo?" Em oposição a isso, ele mostra que muita bondade e misericórdia foram manifestadas junto com essa aparente severidade. Ele insiste particularmente em três coisas: 1. Que, embora alguns judeus fossem rejeitados, não foram todos rejeitados. 2. Que, mesmo que o conjunto dos judeus fosse rejeitado, os gentios foram incorporados. E: 3. Que, mesmo sendo rejeitados no presente, no tempo devido de Deus os judeus serão incorporados à sua igreja novamente.

I É verdade que muitos judeus foram rejeitados, porém nem todos. Ele introduz essa suposição com um "*De modo nenhum!*". Ele de nenhuma maneira tolerará tal sugestão. Deus fez distinção entre alguns deles e outros.

1. Havia um remanescente escolhido de judeus crentes, que obtiveram a justiça e a vida pela fé em Jesus Cristo (vv. 1-7). Deles se diz que Ele "...*antes conheceu*" (v. 2), isto é, os amou antes que existisse mundo; pois Deus predestinou aos que assim conheceu de antemão. Aqui se estabelece a base da diferença. Eles são chamados de "...*eleitos*..." (v. 7), isto é, os escolhidos, os escolhidos de Deus, a quem o apóstolo chama de eleitos porque aquilo que os distinguiu e os dignificou acima dos outros foi o amor seletivo de Deus. Os crentes são os *eleitos*, todos aqueles, e somente aqueles, que Deus escolheu. Então:

(1) Ele mostra que ele mesmo era um deles: "*Porque também eu sou israelita*"; como se ele tivesse dito: "Se eu dissesse que todos os judeus são rejeitados, eu devia cessar minhas próprias reivindicações e me ver abandonado". Paulo era um vaso escolhido (At 9.15) e era da "...*descendência de Abraão*", e particularmente da tribo de Benjamim, a menor e a mais jovem de todas as tribos de Israel.

(2) Ele sugere que, como no tempo de Elias, também agora, este remanescente escolhido era na verdade maior do que se poderia pensar, o que insinua também que não é algo novo nem incomum para a graça e o favor de Deus em relação a Israel serem limitados e restringidos a um remanescente daquele povo; pois assim foi no tempo de Elias. A Escritura o diz de Elias, *en Helia – na história de Elias*, o grande reformador do Antigo Testamento. Observe: [1] Seu engano em relação a Israel: como se a apostasia do povo nos dias de Acabe fosse tão geral que somente ele restasse no mundo como o único servo fiel a Deus. O apóstolo se refere a 1 Reis 19.14, onde (é dito aqui) ele "...*fala a Deus contra Israel*". Um estranho tipo de intercessão: *entynchanei to Theo kata tou Israel – ele trata com Deus contra Israel* (pode ser lido dessa maneira); *entynchano* é traduzido dessa forma em Atos 25.24. Os judeus *enetychon moi – me têm falado*. Nós falamos com Deus em oração, conversamos com Ele, tratamos com Ele. É dito que Elias "...*orando, pediu*" (Tg 5.17). Da mesma forma, devemos pedir em oração, cumprir esse dever, quando oramos como aqueles que estão tratando com Deus na submissão. Ora, em sua oração, Elias falou como se não houvesse mais nenhum fiel em Israel além dele. Veja a que baixo nível a confissão da religião pode às vezes ser levada, e quanto o seu prestígio pode ser obscurecido, que o homem mais sábio e observador pode pensar que ela não existe mais. Assim foi no tempo de Elias. O que faz a exibição de uma nação são as autoridades e a multidão. As autoridades de Israel então estavam perseguindo autoridades: Eles "...*mataram os teus profetas e derribaram os teus altares* e *buscam a minha alma*". Naquela época, a multidão de Israel era idólatra: "...*só eu fiquei*". Assim, aqueles poucos que eram fiéis a Deus não estavam apenas perdidos no meio da multidão de idólatras, mas oprimidos e encostados na parede pela fúria dos perseguidores. "*Quando os ímpios sobem, os homens escondem-se*" (Pv 28.12). "*Derribaram os teus altares*"; não os negligenciaram apenas, e os deixaram sem reforma, mas os derrubaram. Não é de se admirar que os altares de Deus fossem derrubados, quando altares para Baal foram levantados; os israelitas não podiam tolerar aquele testemunho contra a idolatria que praticavam. Essa foi a oração de Elias "...*contra Israel*"; como se ele tivesse dito: "Senhor, não é esse um povo pronto para a ruína, que merece ser rejeitado? O que mais podes fazer pelo teu grande nome?" É muito triste para qualquer pessoa ou povo ter as orações do povo de Deus contra si, especialmente de profetas de Deus, pois Deus defende, e, mais cedo ou mais tarde, assumirá visivelmente a causa de seu povo que ora. [2] A correção desse erro pela resposta de Deus: "*Reservei...*" (v. 4). Note que, em primeiro lugar, as coisas são freqüentemente muito melhores em relação à igreja de Deus do que homens bons e sábios possam pensar. Eles estão prontos para serem severos em suas conclusões e considerar que tudo está perdido, quando não é esse o caso. Em segundo lugar, em tempos de apostasia geral, normalmente existe um remanescente que mantém a sua integridade – alguns, embora poucos; nem todos seguem o mesmo caminho. Em terceiro lugar, quando existe um remanescente que mantém a sua integridade em tempos de apostasia geral, é Deus quem o reserva para si mesmo. Se Ele os tivesse deixado a si mesmos, teriam seguido o resto. É a sua graça livre e todo-poderosa que faz a diferença entre eles e os outros. "...*sete mil...*": um número suficiente para sustentar seu teste-

munho contra a idolatria de Israel e, comparado com os muitos milhares de Israel, um número muito pequeno, um de uma cidade, e dois de uma tribo, como o resto das uvas na vindima. O rebanho de Cristo é pequeno; porém, quando estiver reunido no fim, será uma multidão grande e inumerável (Ap 7.9). Então, a descrição desse remanescente é que eles "...*não dobraram os joelhos diante de Baal*", o que, na época, era o pecado predominante em Israel. Na corte, na cidade e no campo, Baal tinha a predominância; e o povo em geral, alguns mais outros menos, o respeitava. A melhor evidência de integridade é a liberdade em relação às corrupções que predominam nos tempos e lugares em que vivemos, é nadar contra a correnteza quando ela é forte. Aqueles que são corajosos no testemunho da verdade *presente*, Deus considerará suas testemunhas fiéis (2 Pe 1.12). É meritório não se ajoelhar diante de Baal quando todos se ajoelham. Sensata peculiaridade geralmente é um sinal de verdadeira sinceridade. [3] A aplicação desse exemplo ao caso em discussão: "*Assim, pois, também agora neste tempo...*" (vv. 5-7). Os métodos da dispensação de Deus em relação à sua igreja continuam sendo os mesmos. Como foi, assim é. Como no tempo de Elias havia um remanescente, também agora existe um. Se, então, havia um resto no período do Antigo Testamento, quando as manifestações da graça eram menos claras, e o derramamento do Espírito, menos intenso, muito mais agora no tempo do evangelho, quando a graça de Deus, que trouxe salvação, aparece mais distinta. *Um resto*, poucos de muitos, um remanescente de judeus crentes, enquanto os outros permaneciam obstinados pela sua incredulidade. Esse é chamado "...*um resto, segundo a eleição da graça*"; foram escolhidos desde a eternidade nos conselhos do amor divino para serem vasos da graça e da glória. A quem Ele predestinou, a esses chamou. Se a diferença entre eles e os outros pode ser puramente pela graça de Deus, como certamente é ("*Reservei*", diz Ele, "*para mim*"), então, ela deve necessariamente ser de acordo com a eleição; pois temos certeza de que qualquer coisa que Deus faça, Ele o faz segundo o conselho da sua própria vontade. Então, a respeito desse resto, nós podemos observar, em primeiro lugar, a sua origem, a livre graça de Deus (v. 6), aquela graça que exclui obras. A eleição eterna, na qual a diferença entre uns e outros está primeiramente fundamentada, é puramente de graça, de livre graça; não é por causa das obras realizadas ou previstas; se fosse, não seria *graça*. *Gratia non est ullo modo gratia, si non sit omni modo gratuita* – *Não é graça propriamente dita, se não for perfeitamente gratuita*. A eleição está puramente de acordo com o beneplácito da sua vontade (Ef 1.5). O coração de Paulo estava tão cheio de liberalidade da graça de Deus que, no meio do seu raciocínio, ele se desvia, por assim dizer, para fazer essa observação: "...*se é por graça, já não é pelas obras*". E alguns observam que a própria fé, que em relação à justificação é oposta às obras, está aqui incluída nelas; pois a fé tem uma aptidão peculiar de receber a livre graça de Deus para a nossa justificação, mas não de receber aquela graça para a nossa eleição. Em segundo lugar, o que ele obtém: aquilo que Israel, isto é, a totalidade daquele povo, buscou: "*O que Israel buscava não o alcançou* (v. 7), isto é, a justificação e a aceitação por Deus (ver 9.31), *mas os eleitos o alcançaram*". Neles, a promessa de Deus tem o seu cumprimento e a antiga bondade de Deus por aquele povo é lembrada. Ele chama ao resto dos crentes, não de eleitos, mas de *eleição*, para mostrar que o único fundamento de todas as suas esperanças e felicidade repousa na eleição. Eles eram as pessoas a quem Deus tinha em mira nos conselhos de seu amor; eles são a eleição; eles são a escolha de Deus. Tal era o favor de Deus para com o remanescente escolhido. Mas:

2. "...*os outros foram endurecidos*" (v. 7). Alguns são escolhidos e chamados e o chamado é eficaz. Mas outros são abandonados para perecerem em sua incredulidade; mais ainda, eles são tornados piores por aquilo que deveria fazê-los melhores. O evangelho, que para aqueles que creram era o cheiro de vida para vida, para os incrédulos era cheiro de morte para morte. O mesmo sol amolece a cera e endurece o barro. O bom e velho Simeão previu que o menino Jesus fora posto tanto para a queda quanto para a elevação de muitos em Israel (Lc 2.34). Foram cegados; *eporothesan – eles foram endurecidos*; assim alguns lêem. Eles foram cauterizados, tornados duros e insensíveis. Eles nunca poderiam ver a luz, nem sentir o toque, do evangelho da graça. A cegueira e a dureza são expressivas da mesma insensibilidade e estupidez de espírito. Eles fecharam os olhos, e não queriam ver – esse foi o seu pecado; e então, Deus, julgando retamente, cegou seus olhos, para que não pudessem ver – essa foi a sua punição. Essa doutrina parecia cruel: para abrandá-la, portanto, ele usa duas testemunhas do Antigo Testamento que falam dela:

(1) Isaías, que falou de tal julgamento em seus dias (cap. 29.10; 6.9). O "...*espírito de profundo sono*", isto é, uma indisposição para se importar com seu dever ou interesses. Eles estão sob o poder de uma indiferença predominante, como pessoas que estão cochilando e dormindo, não sendo afetadas por nada que seja dito ou feito. Estavam determinados a continuar como estavam, sem se moverem. As palavras seguintes explicam o que o espírito de profundo sono significa: "...*olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem*". Eles tinham as faculdades, mas naquilo que importava para a sua paz, eles não se utilizaram delas; eles ficaram completamente desvairados; viram a Cristo, mas não creram nele, ouviram a sua palavra, mas não a aceitaram; dessa forma, tanto o que ouviram quanto o que viram foram em vão. Foi como se eles não tivessem nem visto nem ouvido. De todos os julgamentos, os julgamentos espirituais são os mais dolorosos, e os que mais devem ser temidos, embora façam o mínimo de barulho. "...*até ao dia de hoje*". Desde que Isaías profetizou, essa obra de endurecimento tem continuado; alguns entre eles têm estado cegos e insensíveis. Ou, melhor, desde a primeira pregação do evangelho: mesmo que eles tivessem as evidências mais convincentes que podiam existir da verdade do evangelho, a pregação mais poderosa, as ofertas mais justas, os chamados mais claros que vinham do próprio Cristo e dos apóstolos, mesmo assim, até hoje eles estão cegos. E isso ainda é verdade a respeito de multidões deles, até esse dia em que vivemos; eles estão endurecidos e cegos, a obstinação e a incredulidade se sucedem de geração a geração, de acordo com a sua própria terrível impreca-

ção, que acarretou a maldição: "*O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*".

(2) Davi (vv. 9,10), citação de Salmos 69.22,23, onde, tendo previsto pelo Espírito os sofrimentos de Cristo provocados pelo seu próprio povo, os judeus, particularmente no que se refere ao fato de lhe haverem dado vinagre para beber (v. 21, o que foi literalmente cumprido – Mt 27.48), uma expressão do maior desprezo e maldade possível, nas palavras a seguir, sob a forma de uma imprecação, ele prevê o terrível julgamento de Deus sobre eles por causa disso: "*Torne-se-lhes a sua mesa em laço*", o que o apóstolo aplica aqui à presente cegueira dos judeus, e à ofensa que eles fizeram ao evangelho, o que aumentou o seu endurecimento. Isso nos ensina como entender outras orações de Davi contra seus inimigos: elas devem ser vistas como proféticas, relativas a julgamentos de Deus sobre os inimigos públicos e obstinados de Cristo e seu reino. Sua oração para que isso acontecesse era uma profecia de que deveria acontecer, e não a expressão particular de seus próprios ressentimentos indignados. Também se pretendia justificar Deus e esclarecer sua justiça em tais julgamentos. Ele fala aqui: [1] Da ruína de seus consolos: "*Torne-se-lhes a sua mesa em laço*", isto é, como o salmista explica, deixe que aquilo que lhes serviria de bem-estar seja uma armadilha para eles. A maldição de Deus transformará carne em veneno. É uma ameaça como aquela que está em Malaquias 2.2: "*Amaldiçoarei as vossas bênçãos*". *A sua mesa em laço*, isto é, em uma ocasião de pecado e de miséria. Sua própria comida que deveria nutri-los, os sufocará. [2] Da ruína de seus poderes e faculdades (v. 10), sendo seus olhos escurecidos, e suas costas, encurvadas, para que não encontrem o caminho certo nem sejam capazes de caminhar por ele, se puderem encontrá-lo. Os judeus, depois de sua rejeição nacional de Cristo e do seu evangelho, tornaram-se desvairados em suas políticas, de maneira que seus muitos conselhos se voltaram contra eles, e aceleraram a sua ruína pelos romanos. Eles pareciam um povo destinado a ser escravizado e desprezado, com suas costas encurvadas para serem oprimidos e maltratados por todas as nações em volta deles. Ou, isso pode ser compreendido espiritualmente: suas costas estão encurvadas pela carnalidade e pelas inclinações mundanas. *Curvae in terris animae – Eles se ocupam com coisas mundanas*. Essa é uma descrição exata do estado e do temperamento do presente resto daquele povo, comparado com o qual, se o que se diz acerca dele for verdade, não existe no mundo um povo mais mundano, teimoso, cego, egoísta e mau. Eles estão até hoje obviamente sob o poder dessa maldição. As maldições divinas durarão por muito tempo. É um sinal de que temos nossos olhos obscurecidos se nos curvamos à tendência mundana.

II Uma outra coisa que abrandou essa doutrina da rejeição dos judeus foi que, embora eles fossem rejeitados e desligados do povo de Deus, os gentios foram inseridos nele (vv. 11-14), o que o apóstolo aplica como uma advertência aos gentios (vv. 17-22):

1. A rejeição dos judeus abriu espaço para a recepção dos gentios. O abandono dos judeus foi uma festa para os pobres gentios (v. 11): "...*tropeçaram, para que caíssem?* Ao desampará-los e rejeitá-los, Deus não tinha outra finalidade que a destruição deles?" Ele se assusta com isso, rejeitando o pensamento com repugnância, como geralmente ele faz quando é sugerida alguma coisa que parece criticar a sabedoria, a justiça e a bondade de Deus: "*De modo nenhum!*" Não: "*Mas, pela sua queda, veio a salvação aos gentios*". Não que a salvação não pudesse ter chegado aos gentios se os judeus tivessem permanecido; mas, pelo decreto divino foi assim ordenado que o evangelho devesse ser pregado aos gentios após a recusa que os judeus fariam dele. Assim está na parábola: "*Os primeiros convidados não eram dignos*" (Mt 22.8,9). "*Sai depressa pela ruas*" (Lc 14.21). E assim aconteceu na história: "*Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios*" (At 13.46; também At 18.6). Deus terá uma igreja no mundo, terá a festa de casamento repleta de convidados; e se alguém não vier, outro virá, ou por que a oferta foi feita? Os judeus tinham recusado e, assim, a oferta veio para os gentios. Veja como a Infinita Sabedoria produz luz das trevas, o bem do mal, carne de quem come e doçura do forte. Ele diz no mesmo sentido: "...*a sua queda é a riqueza do mundo*" (v. 12), isto é, ela muito apressou a entrada do evangelho no mundo gentílico. O evangelho é a maior riqueza do lugar onde está; é melhor que toneladas de ouro e prata. Ou, a riqueza dos gentios era a multidão de convertidos entre eles. Os verdadeiros crentes são jóias de Deus. No mesmo sentido: "...*a sua rejeição é a reconciliação do mundo*" (v. 15). O desprazer de Deus em relação aos judeus abriu caminho para que seu favor alcançasse os gentios. Deus estava em Cristo "...*reconciliando consigo o mundo*" (2 Co 5.19). Por isso, Ele aproveitou a oportunidade da incredulidade dos judeus para negá-los abertamente e rejeitá-los, embora eles tivessem sido o seu povo particular, para mostrar que, ao dispensar seus favores, agora Ele não agiria no âmbito de particularidade e restrição, mas que em todas as nações, aquele que teme a Deus e faz o que é justo lhe é aceitável (At 10.34,35).

2. O uso que o apóstolo faz dessa doutrina concernente à substituição dos judeus pelos gentios.

(1) Como ele é judeu, aqui está uma palavra de estímulo e exortação a eles, para incitá-los a receber e abraçar a oferta do evangelho. Deus planejou isso em seu favor aos gentios, ou seja, incitar os judeus à emulação (v. 11), e, portanto, Paulo se esforça para conseguir isso: "...*para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne...*" (v. 14). "Os gentios desprezados ganharão todos os consolos e privilégios do evangelho e nós não nos arrependeremos de recusá-lo, e então, finalmente, não reclamaremos uma parte? Não creremos e obedeceremos, e seremos perdoados e salvos, como os gentios?" Olhe um exemplo de tal emulação em Esaú, em Gênesis 28.6-9. Há uma emulação elogiável no que diz respeito às nossas almas: Por que não devemos ser tão santos e felizes quanto o nosso próximo? Nessa emulação, não existe a necessidade de nenhuma desconfiança, arruinando ou frustrando; pois a igreja tem lugar suficiente e a nova aliança possui graça e consolo suficientes para todos nós. As bênçãos não são reduzidas por causa da multidão de participantes. "...*e salvar alguns deles*". Veja qual era a

ocupação de Paulo: salvar almas; mesmo que o máximo que ele prometa a si mesmo seja salvar alguns. Embora ele fosse um pregador poderoso, falasse e escrevesse com tal evidência e demonstração do Espírito, contudo ele podia levar à salvação apenas algumas das muitas pessoas com quem lidava. Os ministros devem considerar suas dores bem aplicadas se eles puderem ser instrumentos para salvar apenas alguns.

(2) Como um apóstolo dos gentios, aqui está uma palavra de cautela para eles: "*Porque convosco falo, gentios.* Vós, crentes romanos, vós ouvistes que riquezas da salvação são chegadas a vós por causa da queda dos judeus, mas tomai cuidado para que não façais nada que vos prive do direito dela". Paulo toma isso, como em outras ocasiões, para aplicar seu discurso aos gentios, porque ele era o apóstolo dos gentios, designado para o serviço da fé deles, para plantar e regar igrejas no mundo gentílico. Esse era o sentido de sua extraordinária missão: "*...hei de enviar-te aos gentios de longe*" (At 22.21; compare com At 9.15). Do mesmo modo era o objetivo de sua ordenação (Gl 2.9; compare com At 13.2). Deve ser a nossa grande e especial preocupação fazer o bem àqueles que estão sob a nossa responsabilidade: devemos particularmente nos ocupar daquilo que é a nossa própria tarefa. Foi um exemplo do grande amor de Deus para com os pobres gentios o fato de Ele ter designado Paulo, que excedia a todos os apóstolos em dons e graças, para ser o apóstolo dos gentios. O mundo gentílico era um campo mais vasto e o trabalho que deveria ser realizado nele requeria um homem corajoso, zeloso, hábil, e muito capaz, alguém como Paulo. Deus chama para uma obra especial aqueles a quem ele vê, ou torna, qualificados para ela. "*...glorificarei o meu ministério*". Havia aqueles que difamavam o seu ministério e, por causa dele, o próprio apóstolo. Era porque ele era o apóstolo dos gentios que os judeus o difamavam tanto (At 22.21,22), e ainda que ele jamais levasse isso a mal, isso o colocava como o alvo de toda a raiva e maldade dos judeus. É um sinal do verdadeiro amor a Jesus Cristo considerar verdadeiramente honroso aquele serviço e trabalho por Ele que o mundo menospreza com desdém, como miserável e desprezível. A função do ministro é uma função que deve ser *glorificada*. Os ministros são os embaixadores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus e devem ser muito estimados em amor por causa do trabalho que realizam. *O meu ministério, ten diakonian mou – meu ministério,* meu serviço, não meu senhorio ou domínio. Não era a dignidade e o poder, mas o dever e o trabalho de um apóstolo, que Paulo tanto amava. Então, ele exorta os gentios a duas coisas com referência aos judeus rejeitados:

[1] Ter, mesmo assim, respeito pelos judeus e desejar a sua conversão. Isto é insinuado na perspectiva que ele lhes dá da vantagem que resultaria para a igreja a conversão deles (vv. 12,15). Seria a vida dentre os mortos; portanto, eles não devem insultar e triunfar sobre aqueles pobres judeus, antes devem ter piedade deles, e desejar o seu bem-estar, e a sua acolhida novamente.

[2] Ter cuidado de si mesmos, para que não tropecem e caiam, como os judeus fizeram (vv. 17-22). Observe aqui:

Em primeiro lugar, o privilégio que os gentios tinham de serem incorporados à igreja. Eles foram enxertados (v. 17), como um ramo de um zambujeiro na boa oliveira, o que é contrário aos modos e costumes do agricultor, que enxerta a boa oliveira na má; mas aqueles que Deus enxerta na igreja Ele encontra selvagens e infecundos, e completamente inúteis. Os homens enxertam para corrigir a árvore, mas Deus enxerta para corrigir o ramo. 1. A igreja de Deus é uma oliveira, florescente e frutífera como uma oliveira (Sl 52.8; Os 14.6), seu fruto é útil para a honra tanto de Deus quanto do homem (Jz 9.9). 2. Aqueles que estão fora da igreja são os zambujeiros, que não são apenas inúteis, mas seu fruto é azedo e desagradável (v. 24). Essa era a situação dos pobres gentios, que necessitavam dos privilégios da igreja, e com respeito à verdadeira santificação; e é o estado natural de todos nós sermos maus por natureza. 3. A conversão é o enxerto dos ramos do zambujeiro na boa oliveira. Devemos ser cortados do velho tronco e unidos à nova raiz. 4. Aqueles que são enxertados na boa oliveira participam da raiz e da fertilidade da oliveira. Isso é aplicável à união salvífica com Cristo; todos os que estão enxertados em Cristo por uma fé viva participam dele como os ramos participam da raiz – recebem dele a plenitude. Mas aqui se fala de uma filiação visível à igreja, da qual os judeus foram cortados como ramos; e assim os gentios foram enxertados, *autois – entre aqueles* que continuaram, ou em lugar daqueles que foram cortados. Sendo os gentios enxertados na igreja, participam dos mesmos privilégios que os judeus participaram, "*...da raiz e da seiva...*". A oliveira é a igreja visível (assim chamada em Jr 11.16); a raiz dessa árvore foi Abraão, não a raiz de transmissão, apenas Cristo é a raiz dessa maneira, mas a raiz da administração, sendo ele o primeiro com quem a aliança foi solenemente realizada. Agora os gentios crentes participam dessa raiz: "*...também este é filho de Abraão*" (Lc 19.9) e "*...a bênção de Abraão chega aos gentios*" (Gl 3.14), a mesma seiva da oliveira, a mesma substância, proteção especial, oráculos vívidos, meios de salvação, um ministério constante, ordenanças instituídas; e, entre o remanescente, serem visivelmente participantes da nova semente deles, que era parte da seiva da oliveira que os judeus tinham, e que não se podia imaginar que fosse negada aos gentios.

Em segundo lugar, uma advertência para não abusar desses privilégios. 1. "Não te orgulhes: '*...não te glories contra os ramos*' (v. 18). Por essa razão, não maltrates os judeus como um povo perverso, nem insultes aqueles que são cortados, muito menos aqueles que continuam". A graça não é concedida para nos tornar orgulhosos, mas agradecidos. A lei da fé exclui todo orgulho, seja de nós mesmos ou contra outros. "Não digas: *Os ramos foram quebrados para que eu fosse enxertado* (v. 19); isto é, não penses que tu mereceste mais da mão de Deus do que eles, ou que sejas preferido a eles". "Mas lembra-te que *não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti.* Embora tu sejas enxertado, ainda és apenas um ramo sustentado pela raiz; mais ainda, um ramo enxertado, inserido na boa oliveira *contra a natureza* (v. 24), não nascido livre, mas por um ato de graça foste emancipado e naturalizado. Abraão, a raiz da igreja judaica, não é teu devedor; mas tu estás muito obrigado a ele, como o curador da aliança e o pai de muitas nações. Por essa razão, *se te gloriares,* saiba que (essas duas palavras devem ser supridas para explicar o sentido) *não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti*". 2. "Não fiques

seguro: '*...não te ensoberbeças, mas teme*' (v. 20). Não sejas tão confiante de tua própria força e posição". Um temor santo é uma excelente defesa contra a arrogância: feliz é o homem que sempre teme. Nós não precisamos temer senão que Deus será fiel à sua palavra; todo perigo está em que sejamos falsos com a nossa. "*Temamos, pois...*" (Hb 4.1). A igreja de Roma agora se orgulha de um direito de preservação perpétua; mas o apóstolo aqui, em sua epístola àquela igreja quando ela estava em sua infância e integridade, inicia uma advertência expressa contra aquele orgulho e todas as reivindicações do tipo. *Temer* o quê? "Ora, teme que venhas a cometer prevaricação como eles fizeram, que venhas a perder os privilégios de que tu agora desfrutas, como eles também perderam os seus". Os males que caem sobre os outros devem nos servir de advertência. "*Ide* (Deus diz a Jerusalém em Jr 7.12) e *vede o que fiz* a Silo"; também agora, que todas as igrejas de Deus vão e vejam o que Ele fez a Jerusalém, e o que acontece no dia de sua visitação, para que possamos ouvir, temer e dar atenção ao pecado de Jerusalém. O direito que as igrejas têm a seus privilégios não é por um prazo fixo, nem se tornou inalienável a eles e a seus herdeiros; mas vai até onde eles se conduzirem bem, e não além disso. Considere: (1) "Como eles foram cortados. Não foi sem merecerem, por um ato de absoluta soberania e prerrogativa, mas *pela sua incredulidade*." Então, parece que é possível para igrejas que têm permanecido por muito tempo na fé, cair em um tal estado de infidelidade que pode ser sua ruína. A incredulidade deles não fez apenas que Deus os cortasse, mas eles mesmos se excluíram; não foi apenas a causa meritória, mas a formal da separação que sofreram. "Ora, tu estás sujeito à mesma fraqueza e corrupção pelas quais eles caíram". Observe ainda: Eles eram os "*...ramos naturais*" (v. 21), não apenas envolvidos na aliança de Abraão, mas descendendo dos lombos de Abraão, nascidos no local, e, portanto, tinham um tipo de direito de propriedade: porém, quando eles caíram na incredulidade, Deus não os poupou. A ordem, o uso tradicional, a fidelidade de seus ancestrais não os protegeram. Foi em vão argumentar que eram descendência de Abraão (Mt 3.9; Jo 8.33), embora eles insistissem muito nisso. É verdade que eles eram os agricultores a quem a vinha fora primeiramente confiada, mas quando prevaricaram, ela lhes foi tomada (Mt 21.41,43). Isso é chamado aqui de "*...severidade...*" (v. 22). Deus colocou a justiça como linha e o julgamento como prumo, e tratou com eles de acordo com o pecado que cometeram. Severidade é uma palavra que soa asperamente, e eu não me lembro de nenhuma outra passagem da Escritura em que ela é atribuída a Deus; e aqui ela é aplicada à expulsão dos judeus. Deus é mais severo com aqueles que têm estado mais próximos dele em confissão, caso se revoltem contra Ele (Am 3.2). O abuso da paciência e dos privilégios conduz a maior ira. De todos os julgamentos, os julgamentos espirituais são os mais dolorosos; pois é desses que ele está falando aqui (v. 8). (2) "Como tu permaneces, tu que és enxertado". Ele fala às igrejas gentílicas em geral, embora talvez esteja se referindo a algumas pessoas em particular, que podiam ter expressado algum tipo de orgulho ou triunfo pela rejeição dos judeus. "Então considera": [1] "Por que meios estais em pé: *pela fé*, que é uma graça dependente, e tira suas forças do céu. Tu não permaneces em tua própria força, da qual possas estar confiante; tu não és mais do que a livre graça de Deus faz a ti, e a sua graça é própria dele, a qual Ele concede ou retém conforme lhe apraz. Foi a incredulidade que os arruinou, e tu, permaneces pela fé; por essa razão, não estás mais seguro do que eles e não permaneces sobre nenhum fundamento mais firme do que eles permaneceram". [2] "Em que termos: *para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na sua benignidade* (v. 22), isto é, continuas em uma dependência da livre graça de Deus, cuja carência foi a ruína dos judeus, e em conformidade com ela se fores cuidadoso em manteres o teu interesse no favor divino – tendo contínuo cuidado em agradar a Deus e sendo receoso de ofendê-lo". O resumo de nossos deveres, a condição de nossa felicidade, é nos mantermos no amor de Deus. "*Temerão o Senhor e a sua bondade*" (Os 3.5).

III Outra coisa que suaviza essa doutrina da rejeição dos judeus é que, embora no presente eles sejam recusados, a rejeição não é definitiva; mas, quando chegar a plenitude dos tempos, serão novamente aceitos. Eles não estão rejeitados para sempre, mas a misericórdia é lembrada no meio da ira. Observemos:

1. Como essa conversão dos judeus é descrita aqui. (1) É chamada de sua plenitude (v. 12), isto é, a adesão deles à igreja, de eles ocuparem novamente aquele lugar que ficou vago por causa de sua rejeição. Isso será o enriquecimento do mundo (isto é, da igreja no mundo) com muita luz, força e beleza. (2) É chamada de admissão deles. A conversão de uma alma é a admissão dessa alma, assim é a conversão de uma nação. Eles serão recebidos no favor, na igreja, no amor de Cristo, cujos braços estão estendidos para receber todos aqueles que querem vir a Ele. E isso será como "*...a vida dentre os mortos*" – tão estranha e surpreendente, porém, tão bem-vinda e aceitável. A conversão dos judeus trará grande alegria à igreja. Veja Lucas 15.32: Ele "*...estava morto e reviveu*; por isso, *era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos*". (3) Ela é comparada a um novo enxerto (v. 23) na igreja, da qual eles tinham sido cortados. Aquilo que é enxertado recebe seiva e energia da raiz; dessa maneira, uma alma que está verdadeiramente enxertada na igreja recebe vida, força e graça de Cristo, a raiz vivificante. Eles serão enxertados "*...na sua própria oliveira*" (v. 24); isto é, na igreja da qual eles tinham sido anteriormente os membros mais eminentes e distintos, para recuperarem aqueles privilégios de serem membros da igreja visível, privilégios dos quais eles tinham por tanto tempo gozado, embora agora tenham pecado e perdido o direito por causa da sua incredulidade. (4) Ela é chamada de salvação de *Israel* (v. 26). A verdadeira conversão pode ser chamada apropriadamente de salvação; é a salvação iniciada (ver At 2.47). A adesão deles à igreja é a salvação deles: *tous sozomenous*, no tempo presente, *são salvos*. Quando a conversão acontece, a obra da salvação acontece.

2. Em que essa conversão está fundamentada e que razão temos para esperá-la.

(1) Por causa da santidade das primícias e da raiz (v. 16). Alguns entendem por primícias aqueles judeus que

já haviam sido convertidos à fé em Cristo e recebidos na igreja, que eram como as primícias dedicadas a Deus, como garantia de uma colheita mais rica e santificada. Um bom começo promete um bom final. Por que não podemos supor que outros possam receber a salvação assim como aqueles que já foram trazidos? Outros entendem que "primícias" significa a mesma coisa que "raiz", a saber, os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, de quem descendem os judeus, e a quem a aliança foi confiada como os primeiros depositários; e assim, eles eram a raiz dos judeus, não apenas como um povo, mas como uma igreja. Ora, se eles eram santos, o que não significa uma santidade inerente, mas muito mais uma santidade colativa – se eles estivessem na igreja e na aliança –, então temos motivos para concluir que Deus tem uma bondade com o *todo* – a totalidade daquele povo, e com os *ramos* – os membros individuais do povo. Os judeus são, em certo sentido, uma nação santa (Êx 19.6), sendo descendentes de pais santos. Ora, não se pode imaginar que tal nação santa possa ser total e definitivamente rejeitada. Isso prova que a semente de crentes, como tal, está dentro dos limites da igreja visível, e dentro do âmbito da aliança, até que eles, por causa de sua incredulidade, se excluam; pois, "*...se a raiz é santa, também os ramos o são*". Mesmo que as verdadeiras qualificações não sejam propagadas, os privilégios correspondentes são. Mesmo que um sábio não gere um sábio, um homem livre gera um homem livre. Embora a graça não esteja no sangue, os privilégios externos estão (até que sejam perdidos), por até mil gerações. Olhe como eles o contestarão em qualquer tempo, de modo que os vínculos da herança sejam abolidos, pela expulsão da semente dos fiéis da igreja, e assim não permitindo que a bênção de Abraão chegue aos gentios. Os ramos judeus são considerados santos porque a raiz era. Isso está mais claramente expresso no versículo 28: eles são "*...amados por causa dos pais*". Os primeiros fundamentos de seu Estado judaico foram lançados com base nesse amor aos pais: "*Porque amava teus pais, e escolhera a tua semente depois deles*" (Dt 4.37). E o mesmo amor ia reviver seus privilégios, pois até a antiga bondade é recordada; eles são "*...amados por causa dos pais*". É o habitual método da graça de Deus. A bondade para com os filhos por causa dos pais é por essa razão chamada de "*...beneficência de Deus*" (2 Sm 9.3,7). Embora sejam inimigos do evangelho (a saber, na presente dispensação dele), "*...por causa de vós*", isto é, por causa dos gentios, contra quem eles nutrem tanta antipatia, quando chegar o tempo de Deus, isso irá passar, e o amor de Deus aos seus pais será lembrado. Veja a promessa que aponta para isso em Levítico 26.42. A iniqüidade dos pais é visitada só até a terceira e quarta gerações, mas há misericórdia reservada para milhares de gerações. Muitos se saem bem por causa de seus pais piedosos. É com base nisso que a igreja é chamada de *oliveira* deles. Por longo tempo tem sido a própria prerrogativa deles, que é algum encorajamento para nós esperarmos que possa haver lugar para eles novamente, por causa da antiga familiaridade. Que o que foi possa ser novamente. Embora as pessoas e as gerações se percam na descrença, ainda existe uma filiação de caráter nacional à igreja, embora suspensa no presente, podemos esperar que seja restaurada no futuro.

(2) Por causa do poder de Deus: "*...porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar*" (v. 23). A conversão de almas é uma obra de grande poder; quando eles parecem mais endurecidos, cegos e obstinados, nosso consolo é que Deus é poderoso para operar uma mudança, para enxertar aqueles naquilo de que estiveram por muito tempo expulsos e decaídos. Quando a casa é guardada pelo homem forte, armado, com todo o seu vigor, Deus é mais forte que ele, e é poderoso para despojá-lo. A fé é a condição para a restauração deles: "*...se não permanecerem na incredulidade*". De maneira que nada deve ser feito a não ser removerem aquela incredulidade que é o grande obstáculo; e Deus é poderoso para removê-lo, embora nada menos que um grande poder fará isso, o mesmo poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos (Ef 1.19,20). Do contrário, como esses ossos secos podem reviver?

(3) Por causa da graça de Deus manifestada aos gentios. Aqueles que têm experimentado em si mesmos a graça de Deus, a graça distintiva e preveniente, podem por isso se animar a esperar o bem no que se refere aos outros. Esse é o seu argumento (v. 24): "Se tu, que eras mau por natureza, foste enxertado em uma boa oliveira, muito mais esses que eram os ramos naturais, e podemos por essa razão presumir que estejam de alguma maneira mais próximos da aceitação divina". Essa é uma sugestão muito adequada para reprimir a insolência daqueles cristãos gentios que olhavam com desdém e triunfo a condição dos judeus rejeitados e os maltratavam; como se ele tivesse dito: "A condição deles, mal como está, não é tão ruim quanto a vossa antes de vos converterdes; e, por essa razão, por que ela não pode se tornar tão boa quanto é a vossa?" Esse é o seu argumento (vv. 30,31): "*...assim como vós também, antigamente...*" etc. É bom para aqueles que encontraram misericórdia de Deus pensarem freqüentemente no que foram no passado, e como obtiveram aquela misericórdia. Isso ajudaria a abrandar suas censuras em relação àqueles que ainda se encontram na incredulidade, e estimularia suas orações por eles. Ele argumenta ainda a partir da ocasião do chamado dos gentios, isto é, da incredulidade dos judeus; daí ele surgiu: "*...alcançastes misericórdia pela desobediência deles*; muito mais eles obterão misericórdia através da misericórdia a vós demonstrada. Se o apagar de suas velas foi o acender da vossa, por aquele poder de Deus que faz sair o bem do mal, muito mais a contínua luz de vossa vela, quando se cumprir o tempo de Deus, será um meio de iluminação para eles novamente". "*...para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada*, isto é, que eles possam ser vossos devedores assim como tendes sido deles". Ele toma por certo que os gentios crentes farão o maior esforço para trabalharem com os judeus – que, havendo Deus convencido a Jafé, este estaria se esforçando para convencer a Sem. A verdadeira graça odeia os monopólios. Aqueles que encontraram para si mesmos a misericórdia devem se esforçar para que, através da misericórdia que lhes foi demonstrada, outros também possam obtê-la.

(4) Por causa das promessas e das profecias do Antigo Testamento que apontam para isso. No versículo 26, ele cita uma passagem digna de nota que é proveniente de Isaías 59.20,21. Onde podemos obser-

var: [1] A vinda de Cristo prometida: "*De Sião virá o Libertador*". Jesus Cristo é o grande Libertador, o que supõe que a humanidade esteja em um estado de miséria e perigo. Em Isaías está: "*E virá um Redentor a Sião*". Ali Ele é chamado de Redentor, aqui, de Libertador; Ele liberta através da redenção, através de um preço. Ali é dito que Ele viria a Sião porque, quando o profeta profetizou, Ele ainda estava por vir ao mundo, e Sião era o seu primeiro quartel-general. Ali Ele veio, ali Ele residiu; mas, quando o apóstolo escreveu isso, Ele tinha vindo, tinha estado em Sião; e ele está falando dos frutos de sua aparição, que *virá de Sião*; dali, como da fonte, saíram rios de água viva que pelo evangelho eterno irrigaram todas as nações. "*De Sião sairá a lei*" (Is 2.3; compare com Lc 24.47). [2] A finalidade e o propósito dessa vinda: "...*e desviará de Jacó as impiedades*". A missão de Cristo no mundo era desviar a iniqüidade, desviar a culpa, adquirindo a misericórdia que traz o perdão, e desviar o poder, derramando a graça que renova, para salvar seu povo de seus pecados (Mt 1.21), fazer separação entre nós e nossos pecados, para que a iniqüidade não pudesse ser nossa ruína, e para que ela não dominasse sobre nós. Era especialmente desviar a iniqüidade de Jacó, que é o motivo de ele citar o texto, como uma prova da grande bondade que Deus planejou para a descendência de Jacó. Que maior bondade Ele poderia fazer para eles do que desviar a iniqüidade deles, desviar aquilo que se coloca entre eles e toda a felicidade, desviar o pecado, e então abrir caminho para todo bem? Cristo foi enviado para conceder essa bênção ao mundo, e, assim, oferecê-la primeiramente aos judeus (At 3.26) e desviar pessoas de suas iniqüidades. Em Isaías temos: "*E virá um Redentor a Sião e aos que se desviarem da transgressão em Jacó*", o que mostra quem em Sião devia ter uma parte e colher benefícios pela promessa de libertação: aqueles, e apenas aqueles, que abandonam seus pecados e se voltam para Deus; para eles Cristo vem como um Redentor, mas também como um vingador contra aqueles que persistem na impenitência (ver Dt 30.2,3). Aqueles que se voltam do pecado serão reconhecidos como os verdadeiros cidadãos de Sião (Ef 2.19), o justo Jacó (Sl 24.4,6). Colocando esses dois textos juntos, aprendemos que ninguém tem parte com Cristo exceto aqueles que se voltam de seus pecados, nem pode alguém se voltar dos seus pecados a não ser pela força da graça de Cristo. "*Pois essa é a minha aliança com eles*" – essa, que o Libertador virá para eles; essa, que o meu Espírito não se apartará deles, como se segue em Isaías 59.21. Os planos graciosos de Deus concernentes a Israel foram feitos a substância de uma aliança, à qual o Deus que não pode mentir só poderia ser verdadeiro e fiel. Eles eram os "...*filhos da aliança*" (At 3.25). O apóstolo acrescenta: "...*quando eu tirar os seus pecados*", que alguns pensam referir-se a Isaías 27.9, ou apenas às palavras precedentes ("*desviará de Jacó as impiedades*"). O perdão dos pecados é colocado como o fundamento de todas as bênçãos da nova aliança: "*Porque serei misericordioso...*" (Hb 8.12). Ora, de tudo isso ele deduz que Deus certamente tinha grande misericórdia armazenada para aquele povo, algo da mesma proporção que essas ricas promessas, e ele prova sua dedução (v. 29) com essa verdade: "*Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento*". Às vezes, o arrependimento é considerado mudança de idéia e, nesse sentido, Deus nunca se arrepende, pois Ele não hesita e quem pode fazê-lo mudar? Às vezes, como uma mudança de caminhos, e isso é aqui compreendido, insinuando a constância e imutabilidade daquele amor de Deus que está fundamentado na eleição. Aqueles dons e a vocação são imutáveis; a quem Ele ama assim, ama até o fim. Nós encontramos Deus se arrependendo por haver criado o homem ("*Então, arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem*" – Gn 6.6), e arrependendo-se de ter dado honra e poder a um homem ("*Arrependo-me de haver posto a Saul como rei*" – 1 Sm 15.11); mas nunca encontramos Deus se arrependendo de haver concedido graça a um homem, ou de o haver chamado efetivamente; aqueles dons e a vocação são sem arrependimento.

3. O tempo e a extensão dessa conversão, quando e onde deve ser esperada. Isso é chamado de um segredo [um mistério] (v. 25), aquilo que não é óbvio, e que ninguém esperaria, olhando o presente estado daquele povo que geralmente parecia tão obstinado contra Cristo e sua doutrina que era um enigma falar de sua conversão unânime. A conversão dos gentios é chamada de mistério em Efésios 3.3,6,9. O caso dos judeus rejeitados parecia tão ruim agora quanto tinha sido o dos gentios. A obra da conversão continuava um mistério. Então ele faria que eles conhecessem esse mistério o suficiente para mantê-los humildes: "...(*para que não presumais de vós mesmos*)", isto é, para que não estejais tão inchados por pertencerem à igreja, a ponto de pisardes os judeus. A ignorância é a causa de nossa autopresunção. "*Não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos)*". Observe: (1) A atual situação deles: "...*o endurecimento veio em parte sobre Israel*" (v. 25). Aqui está alguma coisa para abrandá-lo, que ele é parcial; existe um remanescente que vê as coisas que pertencem à sua paz, embora parte de Israel, uma grande parte, esteja endurecida (vv. 7,8). No mesmo sentido: "*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência*" (v. 32), os encerrou como em uma prisão, os entregou às concupiscências de seus próprios corações. Encerrar significa às vezes sentenciar, como em Gálatas 3.22. Todos eles estão diante de Deus condenados pela incredulidade. Eles não criam. "Pois então", Deus diz, "não crerão." Eles se recusaram peremptoriamente a se submeter a Cristo e a seu governo, e a sua recusa entrou, por assim dizer, nos arquivos do tribunal do céu, e foi decisiva contra eles. (2) Quando essa abençoada mudança devia acontecer: "...*até que a plenitude dos gentios haja entrado*", quando o evangelho tiver tido o sucesso que lhe foi planejado e realizado o seu progresso no mundo gentílico (compare com o v. 12). Os judeus devem continuar na cegueira, até que Deus haja realizado toda a sua obra entre os gentios e, então, a volta deles logo será lembrada. Esse era o propósito e a ordenação de Deus, para finalidades sábias e santas; as coisas não devem estar maduras para a conversão dos judeus até que a igreja esteja completa com os gentios, para que fique claro que o fato de Deus os tomar novamente não foi por que Ele tivesse necessidade deles, mas por sua própria e livre graça. (3) A extensão dela: "...*todo o Israel será salvo*" (v. 26). Deus terá misericórdia de "...*todos...*" (v. 32). Não de

todas as pessoas, mas do povo como um todo. Não que eles vão novamente ter restaurada a aliança peculiar que tiveram antes, ter o seu sacerdócio, o Templo e as cerimônias (um fim foi dado a todas essas coisas); mas eles devem ser trazidos à fé em Cristo, o verdadeiro Messias, a quem crucificaram, e ser incorporados à igreja cristã, tornando-se um só rebanho com os gentios, sob Cristo, o grande pastor. Mas a questão é a respeito do cumprimento de tudo isso. [1] Alguns pensam que já está realizado, quando antes, durante e depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, multidões de judeus foram convencidas de sua infidelidade e se tornaram cristãs; foram tantos que, considerando quantos milhões deles foram mortos na destruição, podemos concluir razoavelmente que daqueles que sobreviveram a maior parte era cristã e incorporada à igreja cristã, e foi um número muito insignificante que persistiu obstinadamente. Por muito tempo a Judéia teve, como as outras regiões cristãs, seus ministros e igrejas e uma aparência exterior de religião. E a maior parte dessa obra, eles supõem, foi realizada ao fim do ministério dos apóstolos, quando os gentios tinham entrado em massa. [2] Outros pensam que ainda vai se cumprir no fim do mundo – que aqueles judeus que ainda restarem admiravelmente distintos do resto das nações por seus nomes, costumes e religião, e forem muito numerosos, principalmente nas regiões do Levante, serão, pela obra do Espírito com a palavra, convencidos de seus pecados, e trazidos largamente a abraçarem a fé cristã, a se juntarem à igreja cristã, o que contribuirá muito para a força e beleza dela. Que pena! Quem estará vivo quando Deus realizar isso?

A Soberania Divina

vv. 33-36

O apóstolo, após ter insistido tanto, na maior parte desse capítulo, a respeito da reconciliação da rejeição dos judeus com a bondade divina, conclui aqui com o reconhecimento e a admiração da sabedoria e da soberania divinas em tudo isso. Aqui o apóstolo adora com grande emoção e reverência:

I O segredo dos conselhos divinos: "*Ó profundidade...*" dos procedimentos em relação aos judeus e aos gentios; ou, em geral, à totalidade do mistério do evangelho, que não podemos compreender plenamente. "*...das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!*", os exemplos sem número de sua sabedoria e conhecimento ao planejar e levar a efeito a obra de nossa redenção, através de Cristo, uma profundidade a que os anjos desejam atentar (1 Pe 1.12). Muito mais pode confundir qualquer compreensão humana tentar explicar os métodos, razões, intentos e extensão dela. Paulo estava muito mais informado dos mistérios do reino de Deus do que qualquer mero homem jamais esteve; porém, ele se confessa perdido na contemplação e, desesperando de encontrar o fundo, humildemente senta à margem e adora a profundidade. Aqueles que mais conhecem nesse estado de imperfeição não podem senão ser mais sensíveis em relação à sua própria fragilidade e miopia, e que, depois de todas as suas buscas e todas as suas realizações naquelas buscas, enquanto estiverem aqui, não poderão organizar seus discursos por causa da escuridão. "*A ti, ó Deus, espera o louvor em Sião*" (Sl 65.1). *Profundidade das riquezas.* Todos os tipos de riquezas dos homens são rasos, é possível logo ver o fundo; mas, as riquezas de Deus são profundas: "*Os teus juízos são um grande abismo*" (Sl 36.6). Não existe apenas profundidade nos conselhos divinos, mas riquezas também, o que denota uma riqueza daquilo que é precioso e valioso, tão completas são as dimensões dos conselhos divinos; eles não possuem apenas profundidade e altura, mas "*...largura e comprimento*" (Ef 3.18), e ultrapassam o conhecimento (Ef 3.19). "*...riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus*". Sua capacidade de ver todas as coisas através de uma visão infalível, certa e clara – todas as coisas que são, as que foram, ou as que ainda serão; tudo está nu e claro diante dele: ali está o seu conhecimento. Seu domínio e ordem sobre todas as coisas, dirigindo-as e dispondo-as para a sua própria glória, e realizando seus próprios propósitos e conselhos em tudo; esta é a sua *sabedoria.* E a vasta extensão de ambas é de tal profundidade que está fora do alcance da nossa imaginação, e podemos em breve nos perder na contemplação delas. "*Tal ciência é para mim maravilhosíssima*" (Sl 139.6; compare com os vv. 17,18). "*Quão insondáveis são os seus juízos...!*" Isto é, seus conselhos e propósitos: e seus *caminhos*, isto é, a execução desses conselhos e propósitos. Não sabemos o que Ele planeja. Quando as rodas são colocadas em movimento e a providência já começou a trabalhar, ainda assim não sabemos o que Ele tem em mente; isso é *inescrutável.* Isso não apenas subverte todas as nossas conclusões positivas acerca dos conselhos divinos, mas também suspende todas as nossas perguntas curiosas. As coisas secretas não pertencem a nós (Dt 29.29). O caminho de Deus está no mar (Sl 77.19; compare com Jó 23.8,9; Sl 97.2). Não sabemos agora o que Ele faz (Jo 13.7). Não podemos dar razão dos procedimentos de Deus, nem encontrá-lo pela busca (veja Jó 5.9; 9.10). O julgamento de sua boca, e o meio de nosso dever, graças a Deus, são claros e fáceis, uma verdadeira estrada; mas os julgamentos de suas mãos e os meios de sua providência são escuros e misteriosos, os quais por essa razão não devemos inquirir, mas adorar silenciosamente e sujeitar-se. O apóstolo fala disso especialmente com referência àquela estranha mudança: a rejeição dos judeus e a acolhida dos gentios, com um propósito de receber os judeus novamente no devido tempo; essas eram condutas estranhas, a escolha de uns e a rejeição de outros, e nada de acordo com as probabilidades das suposições humanas. Todavia, ó Pai, porque pareceu bom aos seus olhos. Esses são métodos inexplicáveis a respeito dos quais devemos dizer: *Ó profundidade! – insondáveis, anexichniastoi – não podem ser traçadas.* Deus não deixa nenhuma impressão nem pegadas atrás de si, não faz um caminho para brilhar atrás de si; mas seus caminhos de providência são novos a cada manhã. Ele não usa o mesmo caminho tão freqüentemente a ponto de deixar evidências dele. "*Quão pouco é o que temos ouvido dele!*" (Jó 26.14). "*...quem compreendeu o intento do Senhor?*" Existe alguma criatura feita em seu conselho de ministros, ou estabelecida, como Cristo foi, no seio do Pai? Há alguém

para quem Ele comunicou seus conselhos, ou que é capaz, vendo as suas providências, de conhecer o caminho que Ele toma? Há uma distância e uma desproporção tão vastas entre Deus e o homem, entre o Criador e a criatura, que excluem para sempre o pensamento de tal intimidade e familiaridade. O apóstolo faz o mesmo desafio em 1 Coríntios 2.16: "*Porque quem conheceu a mente do Senhor?*" E ele acrescenta: "*...mas nós temos a mente de Cristo*", o que insinua que, através de Cristo, os verdadeiros crentes, que têm o seu Espírito, conhecem tanto da mente de Deus quanto é necessário para a sua felicidade. Aquele que conheceu a mente do Senhor o declarou (Jo 1.18). E assim, embora não conheçamos a mente do Senhor, teremos o suficiente se tivermos a mente de Cristo. "*O segredo do Senhor é para os que o temem*" (Sl 25.14). "*Ocultarei a Abraão o que faço?*" (ver Jo 15.15). "*Ou quem foi seu conselheiro?*" Ele não precisa de nenhum conselheiro porque é infinitamente sábio; nem qualquer criatura é capaz de ser o seu conselheiro; seria o mesmo que acender uma vela para o sol. Isso parece se referir àquela passagem: "*Quem guiou o Espírito do Senhor? E que conselheiro o ensinou? Com quem tomou conselho?*" (Is 40.13,14). É o cerne do desafio que Deus faz a Jó a respeito da obra da criação (Jó 38) e é aplicável a todos os métodos da providência. É um absurdo para qualquer homem prescrever ou ensinar a Deus como governar o mundo.

II A soberania dos conselhos divinos. Em todas essas coisas, Deus age como um agente livre, faz o que quer, porque quer, e não dá satisfação de nada sobre seus assuntos (Jó 23.13; 33.13), e, todavia, não existe injustiça nele. Para esclarecer isso:

1. Ele desafia qualquer um a provar que Deus seja seu devedor: "*Ou quem lhe deu primeiro a ele...?*" (v. 35). Quem de todas as criaturas pode provar que Deus lhe deve algo? Qualquer coisa que façamos por Ele, ou devotemos a Ele, deve ser com aquele reconhecimento que é um constante obstáculo a tais pretensões: "*...de tua mão to damos*" (1 Cr 29.14). Todos os deveres que nós possamos cumprir não são retribuições, mas antes, restituições. Se alguém puder provar que Deus é seu devedor, o apóstolo aqui permanece constrangido pelo pagamento e proclama, em nome de Deus, que o pagamento está pronto: "*...para que lhe seja recompensado*". Com certeza Deus não permitirá que ninguém tenha prejuízo com Ele; mas nunca ninguém foi tão atrevido a ponto de ter uma pretensão desse tipo, ou tentou prová-la. Isso é sugerido aqui: (1) Para silenciar os clamores dos judeus. Quando Deus tirou seus privilégios religiosos visíveis, Ele perdeu algo também; e Ele não pode fazer o que quiser do que é seu – conceder ou retirar a sua graça onde e quando lhe aprouver? (2) Para silenciar os insultos dos gentios. Quando Deus enviou o evangelho entre eles, e concedeu a muitos deles graça e sabedoria para aceitá-lo, não foi porque Ele lhes devesse tanto favor, ou para que eles pudessem exigi-lo como um débito, mas de sua livre e espontânea vontade.

2. Ele explica tudo pela soberania de Deus: "*Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas*" (v. 36), isto é, Deus é tudo em todos. Todas as coisas no céu e na terra (principalmente aquelas que se relacionam com a nossa salvação, as coisas que pertencem à nossa paz) são dele por meio da criação, através dele por meio da influência providencial, para que eles possam ser para Ele na sua tendência e resultado finais. De Deus como a origem e a fonte de tudo, através de Cristo, Deus-homem, como o veículo para Deus como o fim último. Esses três incluem em geral todas as relações causais de Deus com as suas criaturas: dele como a primeira causa eficiente, através dele como a suprema causa diretriz, para Ele como a causa última e final; pois o Senhor fez tudo para si mesmo (Ap 4.11). Se tudo for dele e através dele, existe toda razão do mundo que tudo deva ser para Ele e por Ele. É um ciclo necessário; se os rios recebem as águas que vêm do mar, eles as devolvem para o mar novamente (Ec 1.7). Fazer tudo para a glória de Deus é se beneficiar de uma obrigação; pois tudo no final será para Ele, queiramos ou não. E assim, ele conclui com uma pequena doxologia: "*...glória, pois, a ele, eternamente. Amém!*" A atividade universal de Deus como a primeira causa, o governante soberano, e o fim último, deve ser a substância de nossa adoração. Assim, toda a sua obra o louva objetivamente; mas os seus santos efetivamente o bendizem; eles lhe prestam o louvor ao qual todas as criaturas fornecem a substância (Sl 145.10). Paulo falou detalhadamente sobre os conselhos de Deus a respeito do homem, analisando os pontos com muita precisão; mas, no final, ele conclui com o reconhecimento da soberania divina, como aquilo em que todas essas coisas devem ser por fim esclarecidas, e em que apenas a mente pode descansar tranqüila e sem perigo. Esse, se não o modo escolástico de debater, é o modo cristão. Quaisquer que sejam as premissas, deixe a glória de Deus ser a conclusão; principalmente quando virmos falar dos conselhos e atos divinos, é melhor para nós mudar nossos argumentos em adorações sérias e reverentes. Os santos glorificados, que vêem bem mais fundo dentro desses mistérios, nunca discutem, mas louvam pela eternidade.

CAPÍTULO 12

Após esclarecer detalhadamente e confirmar as doutrinas fundamentais do cristianismo, o apóstolo quer agora impor os deveres essenciais. Nós interpretamos mal a doutrina cristã se a consideramos apenas como um sistema de idéias e um guia para especulação. Não, ela é uma doutrina prática, que tende para a reta ordenação da convivência. Ela não é apenas planejada para informar nossos julgamentos, mas para restaurar nosso coração e vida. A partir do método que o apóstolo usa para escrever nessa epístola, como em algumas outras (como a partir da administração dos principais ministros de estado do reino de Cristo), os administradores dos mistérios de Deus podem receber orientação de como partilhar a palavra da verdade: não insistir no dever separado do privilégio, nem no privilégio separado do dever, mas deixar que ambos estejam juntos, com um plano complexo; eles muito promoverão e favorecerão um ao outro. Os deveres são extraídos dos privilégios por inferência. O fundamento da prática cristã deve estar posto no conhecimen-

to cristão e na fé. Primeiro devemos entender como recebemos a Cristo Jesus o Senhor, e depois saberemos melhor como caminhar nele. Há muito dever ordenado neste capítulo. As exortações são curtas e incisivas, resumindo brevemente o que é bom, o que o Senhor nosso Deus em Cristo exige de nós. É uma abreviação do guia cristão, uma excelente coleção de regras para a reta ordenação da convivência, como convém ao evangelho. Ele está unido ao discurso anterior pela palavra "pois". É a aplicação prática das verdades doutrinárias que é a vida da pregação. Ele vinha discursando detalhadamente sobre a justificação pela fé, as riquezas da livre graça e as garantias e certezas que temos da glória que está por ser revelada. Disso os libertinos carnais poderiam inferir: "Por essa razão, podemos viver como desejamos, caminhar no caminho dos nossos corações e segundo a visão dos nossos olhos". Nenhum desses argumentos procede; a fé que justifica é a fé "que opera pelo amor". E não existe outro caminho para o céu exceto o da santidade e obediência. Por isso, que nenhum homem separe aquilo que Deus juntou. As exortações particulares deste capítulo são redutíveis a três pontos principais do dever cristão: o nosso dever em relação a Deus, a nós mesmos e ao nosso irmão. Em geral, a graça de Deus nos ensina a viver "piamente, sobriamente e justamente", e a negar tudo o que for contrário a isso. Ora, esse capítulo nos fará entender o que são a piedade, a sobriedade e a justiça, embora o faça de forma um pouco mesclada.

A Consagração a Deus. O Dever em relação a Deus. O Dever em relação a nós mesmos. O Exercício Devido dos Dons Espirituais. O Dever em relação aos nossos Irmãos. O Amor Fraternal. O Amor para com os Inimigos

vv. 1-21

Podemos observar aqui, de acordo com o esquema mencionado no sumário, as exortações do apóstolo:

I Em relação ao nosso dever para com Deus. Nós podemos ver o que é a piedade.

1. É nos entregarmos a Deus e, assim, estabelecer um bom fundamento. Nós devemos primeiramente nos entregar a nós mesmos ao Senhor (2 Co 8.5). Isso é aqui inculcado como a fonte de todos os deveres e obediência (vv. 1,2). O homem consiste em corpo e alma (Gn 2.7; Ec 12.7).

(1) O corpo deve ser apresentado a Ele (v. 1). "*O corpo é para o Senhor, e o Senhor para o corpo*" (1 Co 6.13,14). A exortação é aqui introduzida de maneira muito enternecedora: "*Rogo-vos, pois, irmãos*". Embora ele fosse um grande apóstolo, ele chama os cristãos mais simples de *irmãos*, um termo que denota afeição e cuidado. Ele faz uma súplica; esse é o jeito do evangelho: "*...como se Deus por nós rogasse*" (2 Co 5.20). Embora ele pudesse ordenar com autoridade, por causa do amor ele preferiu rogar (Fm 8,9). "*O pobre fala com rogos*" (Pv 18.23). Isso é para dar a entender a exortação, que pode vir com poder mais agradável. Muitos são atingidos mais depressa se forem abordados gentilmente, são mais facilmente conduzidos do que empurrados. Então observe:

[1] O dever imposto – apresentar o nosso "*...corpo em sacrifício vivo*", aludindo aos sacrifícios do tempo da lei, que eram apresentados ou colocados diante de Deus no altar, prontos para serem oferecidos a Ele. *Vosso corpo* – a vossa totalidade; assim expressa porque sob a lei os corpos dos animais eram oferecidos em sacrifício (1 Co 6.20). Significa nosso corpo e espírito. A oferenda era sacrificada pelo sacerdote, mas apresentada pelo ofertante, que transferia para Deus todos os seus direitos, título e interesse nela, impondo sua mão na cabeça do animal. O sacrifício é considerado aqui qualquer coisa que é por ordem do próprio Deus dedicada a si mesmo (ver 1 Pe 2.5). Nós somos templo, sacerdócio e sacrifício, como Cristo foi em seu sacrifício singular. Havia sacrifícios de expiação e sacrifícios de ação de graças. Cristo, que de uma vez por todas foi oferecido para carregar os pecados de muitos, é o único sacrifício de expiação; mas nossa pessoa e desempenho, oferecidos para Deus através de Cristo, o nosso sacerdote, são como sacrifícios de ação de graças para a honra de Deus. Apresentá-los denota um ato voluntário, feito em virtude daquele poder despótico e absoluto que a vontade tem sobre o corpo e todos os seus membros. Deve ser uma oferta de livre e espontânea vontade. Vossos corpos: não vossos animais. Como aquelas ofertas da lei tinham o seu poder a partir de Cristo, também tiveram o seu ponto final em Cristo. Apresentar os corpos a Deus não significa apenas evitar os pecados que são cometidos através de e contra o corpo, mas usar o corpo como um servo da alma no serviço de Deus. Devemos "*...glorificar a Deus no nosso corpo*" (1 Co 6.20), ocupar o nosso corpo nos deveres da adoração imediata, atendendo diligentemente aos nossos chamados particulares, e estar dispostos a sofrer por Deus com o nosso corpo, quando chamados a isso. Devemos entregar os membros do nosso corpo como instrumentos de justiça (cap. 6.13). Embora o exercício corporal seja apenas um pouco proveitoso, em seu lugar ele é uma prova e um resultado da dedicação de nossas almas a Deus. Em primeiro lugar, apresente-o como um sacrifício vivo: não morto, como os sacrifícios que ocorriam sob a lei. Um cristão faz de seu corpo um sacrifício a Deus, embora ele não o entregue para ser queimado. Um corpo sinceramente devotado a Deus é um sacrifício vivo. Um sacrifício vivo, como forma de alusão – um animal morto por si mesmo não podia ser comido e muito menos sacrificado (Dt 14.21); e como forma de oposição – "O sacrifício devia ser morto, no entanto, você pode ser sacrificado e, mesmo assim, continuar a viver" – um sacrifício sem sangue. Os bárbaros pagãos sacrificavam seus filhos a seus ídolos, não sacrifícios vivos, mas mortos. Mas Deus terá misericórdia e não exigirá tal sacrifício, embora a vida esteja entregue a Ele. Um sacrifício *vivo*, isto é, inspirado com a vida espiritual da alma. É Cristo vivendo na alma pela fé que faz do corpo um sacrifício vivo (Gl 2.20). O santo amor acende o fogo do sacrifício e coloca vida nos deveres (ver cap. 6.13). *Vivos*, isto é, para Deus (cap. 6.11). Em segundo lugar, eles devem ser santos. Existe uma santidade relativa em cada sacrifício, quando dedicado a Deus. Mas, além disso, deve haver aquela santidade verdadeira que consiste em uma inteira retidão de coração e

vida, pela qual somos conformados tanto à natureza quanto à vontade de Deus: o nosso próprio corpo não deve se tornar instrumento do pecado e da impureza, mas deve ser separado para Deus e colocado para uso santo, como os vasos do Tabernáculo eram santos, sendo devotados ao serviço de Deus. É a alma que é o objeto próprio da santidade; mas uma alma santificada transmite santidade para o corpo em que ela age e ao qual anima. Santo é o que está de acordo com a vontade de Deus; quando as ações do corpo estão, o corpo é santo. Eles são "*...o templo do Espírito Santo*" (1 Co 6.19). "*Cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação*" (1 Ts 4.4,5).

[2] Os argumentos para impor isso, que são três: em primeiro lugar, considerar as misericórdias de Deus: "*Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus*". Uma súplica afetuosa, e que deve nos derreter em submissão: *dia ton oiktirmon tou Theou.* Esse é um argumento facilmente convincente. Há a misericórdia que está em Deus e a misericórdia que vem de Deus – misericórdia na fonte e misericórdia nos rios: ambas estão incluídas aqui, mas principalmente as misericórdias do evangelho (mencionadas no capítulo 11), transferidas para nós gentios, sendo os judeus privados delas por causa da sua incredulidade (Ef 3.4-6), as firmes beneficências de Davi (Is 55.3). Deus é um Deus de misericórdia, por essa razão, apresentemos os nossos corpos a Ele; Ele não deixará de usá-los amavelmente e sabe como respeitar a estrutura deles, pois Ele tem infinita compaixão. Dele recebemos diariamente os frutos de sua misericórdia, particularmente a misericórdia para nosso corpo: Ele o criou, o mantém, o comprou e colocou grande dignidade nele. E por causa das misericórdias do Senhor que não somos consumidos, que nossas almas são mantidas na vida; e a maior misericórdia de todas é que Cristo ofereceu tanto o seu corpo quanto a sua alma como oferta pelo pecado, que Ele se entregou por nós e se dá para nós. Agora, com certeza nós não podemos fazer outra coisa exceto refletir sobre o que daremos ao Senhor por tudo isso. E o que lhe daremos em troca? Entreguemos a nós mesmos como um reconhecimento de todos esses favores – tudo o que somos, tudo o que temos, tudo o que podemos fazer; e, afinal de contas, tais retribuições são muito pobres dadas as riquezas recebidas; e, todavia, porque é o que temos. Em segundo lugar, pois é "*...agradável a Deus*". O grande fim pelo qual todos devemos nos esforçar é o de sermos aceitáveis a Deus (2 Co 5.9), que Ele se agrade de nossas pessoas e obras. Ora, esses sacrifícios vivos são aceitáveis a Deus, enquanto que os sacrifícios dos perversos, embora sejam gordurosos e caros, são uma abominação ao Senhor. É grande condescendência de Deus aceitar qualquer coisa em nós; e não podemos desejar nada mais para nos fazer felizes; e, se o ato de nos apresentarmos o agradar, podemos concluir facilmente que não podemos fazer nada de melhor. Em terceiro lugar, é o nosso "*...culto racional*". Nele, existe um ato de razão, pois é a alma que apresenta o corpo. A devoção cega, que tem a ignorância como mãe e ama-seca, é apropriada para ser rendida àqueles deuses abjetos que têm olhos, mas não vêem. Nosso Deus deve ser servido em espírito e com o entendimento. Existe toda a razão do mundo para isso, e nenhuma boa razão pode ser apresentada contra. "*Vinde, então, e argüi-me*" (Is 1.18). Deus não nos impõe nada difícil ou irracional, mas só aquilo que está completamente de acordo com a reta razão. *Ten logiken latreian hymon – vosso serviço de acordo com a palavra*, pode-se ler assim. A palavra de Deus não abandona o corpo na santa adoração. O culto aceitável a Deus é apenas aquele que está de acordo com a palavra escrita. Deve ser adoração evangélica, adoração espiritual. Esse é um culto racional do qual estamos aptos e estamos prontos para dar a razão, no qual compreendemos a nós mesmos. Deus lida conosco como com criaturas racionais, e quer que sejamos assim para lidarmos com Ele. Desta forma, o corpo deve ser apresentado a Deus:

(2) A mente deve ser renovada por Ele. Isso está claro: "*...transformai-vos pela renovação do vosso entendimento* (v. 2); cuidai para que uma mudança salvífica seja operada em vós e que continue". A conversão e a santificação são a renovação da mente, não uma mudança de substância da alma, mas de suas qualidades. É o mesmo que criar um novo coração e um novo espírito – novas disposições e inclinações, novas simpatias e antipatias; o entendimento iluminado, a consciência suavizada, os pensamentos corrigidos; a vontade submetida à vontade de Deus, e os sentimentos tornados espirituais e celestiais; de maneira que o homem não é o que era – as velhas coisas já passaram, tudo se fez novo; ele age a partir de novos princípios, novas regras, com novos desígnios. A mente é a parte de nós que governa e age, de maneira que a renovação da mente é a renovação do homem todo, pois dela "*...procedem as saídas da vida*" (Pv 4.23). O progresso da santificação, morrendo mais e mais para o pecado e vivendo mais e mais para a justiça, é a continuação dessa obra de renovação, até estar aperfeiçoada na glória. Isso é chamado de nossa *transformação*; é como assumir uma nova forma e aparência. *Metamorfousthe – sofram metamorfose*. A transfiguração de Cristo é expressa com essa palavra (Mt 17.2), quando Ele se reveste de uma glória celestial, a qual fez com que seu rosto brilhasse como o sol; e a mesma palavra é usada em 2 Coríntios 3.18, onde é dito que "*...somos transformados de glória em glória*". Essa transformação é aqui imposta como um dever; não que possamos operar tal mudança por nós mesmos: não poderíamos fazer um novo mundo tanto quanto não poderíamos fazer um novo coração por nossa própria capacidade; é obra de Deus (Ez 11.19; 36.26,27). Mas *transformai-vos*, isto é, "usai os recursos que Deus designou e ordenou para isso". É Deus quem nos modifica, e então somos modificados; mas devemos "*...ordenar nossas ações para voltarmos*" (Os 5.4). "Colocai vossas almas sob as influências transformadoras e modificadoras do bendito Espírito; pedi a Deus graça no uso de todos os recursos da graça". Embora o novo homem seja criação de Deus, devemos nos revestir dele (Ef 4.24), e nos esforçar em direção à perfeição. Então, nesse versículo podemos observar ainda:

[1] Qual é o grande inimigo dessa renovação, ao qual devemos evitar; e que é a conformidade com este mundo: "*E não vos conformeis com este mundo*". Todos os discípulos e seguidores do Senhor Jesus devem ser rebeldes em relação ao mundo. *Me syschematizesthe – não vos moldeis* de acordo com o mundo. Não devemos nos conformar com as coisas do mundo; elas são mutá-

veis, e a aparência delas está passando. Nem vos conformeis às concupiscências da carne ou às concupiscências dos olhos. Não devemos nos conformar com os homens do mundo, daquele mundo que jaz na perversidade; não devemos caminhar de acordo com "...*o curso deste mundo*" (Ef 2.2); isto é, não devemos seguir a multidão para fazer o mal (Êx 23.2). Se os pecadores nos incitarem, não devemos consentir com eles, mas, onde estivermos, testemunhar contra eles. Mais ainda, até em coisas indiferentes, e que em si mesmas não são pecaminosas, tanto não devemos nos conformar com os costumes e os hábitos do mundo quanto não devemos agir segundo os preceitos do mundo como se fossem nossa regra mais importante, nem visar aos favores do mundo como nosso objetivo principal. O verdadeiro cristianismo tem muito de uma sóbria singularidade. Porém, devemos tomar o cuidado de evitar o extremo de grosseria e rabugice em que alguns caem. Nas coisas civis, a luz da natureza e os costumes das nações têm por finalidade nos orientar; e a regra do evangelho naqueles casos é uma regra de orientação e não uma regra de contrariedade.

[2] Qual é o grande efeito dessa renovação pela qual devemos nos esforçar: "...*para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*". Por vontade de Deus aqui devemos entender sua vontade revelada a respeito de nossa conduta, o que o Senhor nosso Deus exige de nós. Essa é em geral a vontade de Deus, a nossa própria santificação, aquela vontade que nós oramos que seja cumprida por nós como é cumprida pelos anjos; principalmente a sua vontade como é revelada no Novo Testamento, onde Ele tem falado, nesses últimos dias, pelo Filho. Em primeiro lugar, a vontade de Deus é *boa, agradável e perfeita*; três excelentes qualidades de uma lei. Ela é boa (Mq 6.8); está exatamente de acordo com a razão eterna de bem e mal. Ela é boa em si mesma. É boa para nós. Alguns pensam que a lei evangélica é aqui chamada de boa para fazer um contraste com a lei cerimonial, que consistia em "...*estatutos que não eram bons*" (Ez 20.25). Ela é aceitável, é agradável a Deus; somente o que é determinado por Ele tem essas características. A única maneira de se obter o seu favor como fim é se conformar à sua vontade como regra. É perfeito aquilo a que nada pode ser acrescentado. A vontade revelada de Deus é uma regra suficiente de fé e prática, contendo todas as coisas que levam à perfeição do homem de Deus, para nos suprir completamente para toda boa obra (2 Tm 3.16,17). Em segundo lugar, interessa aos cristãos demonstrarem qual é aquela vontade de Deus que é boa, agradável e perfeita, isto é, conhecê-la com bom senso e aprovação, conhecê-la experimentalmente, conhecer a excelência da vontade de Deus pela experiência de uma conformidade com ela. É aprovar "...*as coisas excelentes*" (Fp 1.10); é *dokimazein* (a mesma palavra que é usada aqui), *experimentar* coisas que diferem, em casos duvidosos, compreender prontamente qual seja a vontade de Deus e ficar com ela. É para se deleitar "...*no temor do Senhor*" (Is 11.3). Em terceiro lugar, aqueles que são transformados pela renovação de suas mentes são os mais capazes de experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Um princípio vivo da graça está na alma, na medida em que ele prevalece, um julgamento imparcial e sem preconceitos a respeito das coisas de Deus. Ele dispõe a alma para receber e acolher as revelações da vontade divina. A promessa é: "*Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá*" (Jo 7.17). Uma mente perspicaz pode debater e fazer distinções sobre a vontade de Deus; enquanto um coração humilde e honesto, que possui os sentidos espirituais adestrados, é moldado pela palavra e a ama e a pratica, e sente o seu gosto e sabor. Assim, seremos piedosos se nos entregarmos a Deus.

2. Quando isso é feito, servi-lo de todas as maneiras na obediência do evangelho. Temos aqui algumas dicas disso: "...*servindo ao Senhor*" (vv. 11,12). Não temos outro motivo de nos apresentar a Ele, senão o de servi-lo. At 27.23: "...*de quem eu sou*"; e logo segue: "...*a quem sirvo*". Ser cristão é servir a Deus. Como? (1) Devemos nos empenhar nisso com toda a energia. "*Não sejais vagarosos no cuidado*". Existe o cuidado do mundo, aquele de nossa vocação particular, em relação à qual não devemos ser vagarosos (1 Ts 4.11). Mas isso parece se referir ao cuidado de servir ao Senhor, o negócio do nosso Pai (Lc 2.49). Aqueles que se revelam cristãos de fato devem fazer da sua fé o seu princípio de vida – devem escolhê-la, aprendê-la e entregar-se a ela; eles devem amá-la, empregar-se nela e permanecerem fiéis a ela, como a seu grande e principal objetivo. E, tendo feito do serviço a Deus o nosso objetivo, não devemos ser vagarosos em relação a ele: não podemos desejar nosso próprio bem-estar e preferi-lo, quando esse estiver em competição com o nosso dever. Não devemos ser vagarosos no que diz respeito à religião. Os servos vagarosos serão tidos como servos maus. (2) Nós devemos ser "...*fervorosos no espírito, servindo ao Senhor*". Deus deve ser servido no espírito (cap. 1.9; Jo 4.24), sob as influências do Espírito Santo. Qualquer coisa que fazemos em matéria de religião só é agradável a Deus se feita com nossos espíritos trabalhados pelo Espírito de Deus. E deve haver fervor no espírito – um zelo santo, calor e ardência de afeição em tudo o que fizermos, como aqueles que não apenas amam a Deus com o coração e a alma, mas com todo o nosso coração e toda a nossa alma. Esse é o fogo santo que acende o sacrifício e o eleva até o céu, como oferta de cheiro suave. "...*servindo ao Senhor*". *To kairo douleuontes* (assim está em algumas cópias), *servindo ao tempo*, isto é, aproveitando vossas oportunidades e tirando o máximo delas, agindo de acordo com os atuais tempos da graça. (3) "...*alegrai-vos na esperança*". Deus é adorado e honrado através da esperança e confiança que temos nele, principalmente quando nos regozijamos naquela esperança, nos satisfazemos naquela confiança, a qual demonstra uma grande certeza da realidade e uma grande estima da excelência do bem pelo qual se espera. (4) "...*sede pacientes na tribulação*". Assim também Deus é servido, não apenas ao trabalharmos por Ele quando Ele nos chama para a obra, mas ao nos assentarmos em silêncio quando Ele nos chama para sofrer. A verdadeira piedade é ter paciência por causa de Deus e procurar sempre sua vontade e sua glória. Observe: Aqueles que se regozijam na esperança, provavelmente devem ser pacientes na tribulação. É uma perspectiva confiante na alegria colocada diante de nós que sustenta o espírito sob toda pressão exterior. (5) "...*perseverai na oração*". A oração é uma amiga da esperança e da paciência e nós servimos ao Senhor através dela. *Proskarterountes*. Significa tanto o fervor como a perseverança na oração. Não

devemos ser frios no dever nem nos fatigar rapidamente nele (Lc 18.1; 1 Ts 5.17; Ef 6.18; Cl 4.2). Este é o nosso dever que diz respeito diretamente a Deus.

II Sobre o nosso dever com respeito a nós mesmos. Isso é sobriedade.

1. Uma opinião sóbria de nós mesmos (v. 3). Ela é introduzida com um solene prefácio: "*...pela graça que me é dada, digo...*": a graça da sabedoria, pela qual ele compreende a necessidade e a excelência desse dever; a graça do apostolado, pela qual ele tinha autoridade para impor e ordenar. "Eu digo, eu que sou encarregado de dizer isso, em nome de Deus. Eu o digo e vós não deveis contradizer". É dito para cada um de nós, para todos nós. O orgulho é um pecado que é inato a todos nós e, por essa razão, cada um de nós tem que ser cauteloso e estar munido contra ele. "*...não saiba mais do que convém saber*". Devemos cuidar para não ficarmos tão convencidos em relação a nós mesmos, e para não supervalorizar os nossos próprios julgamentos, habilidades, pessoas e desempenhos. Não devemos ser presunçosos, nem estimar além da medida a nossa própria sabedoria e outros talentos, nem pensar que somos alguma coisa (Gl 6.3). Há um pensamento elevado sobre nós mesmos que podemos e devemos ter, que é nos considerarmos bons demais para ser escravos do pecado e servos desse mundo. Mas, por outro lado, devemos pensar sobriamente, isto é, devemos ter uma opinião modesta e humilde de nós mesmos e de nossas habilidades, nossos dons e graças, de acordo com o que temos recebido de Deus, e não de outra maneira. Não devemos ser confiantes e veementes em matéria de controvérsias duvidosas; nem ir além de nossos limites; nem julgar e censurar aqueles que diferem de nós; nem desejar fazer uma exibição na carne. Essas coisas e outras semelhantes são os frutos de uma sóbria opinião a respeito de nós mesmos. As palavras trarão ainda outro sentido bastante conveniente. *De si mesmos* (versão inglesa KJV) não está no original; por essa razão, o texto pode ser lido: *Que nenhum homem seja sábio mais do que deve ser sábio, mas seja sábio com sobriedade*. Não devemos nos empenhar em coisas muito elevadas para nós (Sl 131.1,2), nem nos meter em coisas que não vimos (Cl 2.18), aquelas coisas encobertas que não são para nós (Dt 29.29), nem desejar ser sábios indo além do que está escrito. Existe um conhecimento que nos incha, que se esforça para alcançar o fruto proibido. Devemos tomar cuidado com isso, e nos esforçar por aquele conhecimento que tende à sobriedade, à correção do coração e à restauração da vida. Alguns entendem que se trata da sobriedade que nos mantém em nosso próprio lugar e posição, de maneira a não nos intrometermos nos dons e nas funções dos outros. Veja um exemplo desse cuidado modesto e sóbrio no exercício dos maiores dons espirituais em 2 Coríntios 10.13-15. Em relação a esse assunto também se refere aquela exortação: "*...não sejais sábios em vós mesmos*" (v. 16). É bom ser sábio, mas é ruim pensar que se é sábio; pois se pode esperar mais de um tolo do que daquele que é sábio aos seus próprios olhos. Foi algo excelente para Moisés ter o seu rosto brilhando sem o saber. Ora, as razões pelas quais devemos ter tal opinião sóbria de nós mesmos, de nossas próprias habilidades e talentos, são estas:

(1) Porque qualquer coisa boa que tenhamos, foi *Deus* que *repartiu* a nós; todo dom perfeito e bom "*...vem do alto*" (Tg 1.17). O que temos, que não temos recebido? E, se o recebemos, por que nos gloriamos? (1 Co 4.7). O homem mais competente e melhor do mundo não é mais nem melhor do que o que a livre graça de Deus faz dele cada dia. Quando estamos pensando em nós mesmos, devemos nos lembrar de pensar não como temos alcançado, como se nossa força e o poder de nossa mão tivessem adquirido esses dons, mas pensar quão generoso Deus tem sido para conosco, pois é Ele quem nos dá poder para fazer qualquer coisa que é boa e nele está toda a nossa suficiência.

(2) Porque Deus concede seus dons em certa medida: "*...conforme a medida da fé...*". Observe: Ele chama de medida da fé a medida dos dons espirituais, pois essa é a graça radical. O que temos e fazemos de bom é certo e aceitável na medida em que está fundamentado na fé, e flui da fé, e não vai além dela. Ora, a fé e os outros dons espirituais com ela são concedidos por medida, como a Infinita Sabedoria vê que é adequado para nós. Cristo tinha o Espírito que lhe fora dado sem medida (Jo 3.34). Mas os santos o têm por medida (Ef 4.7). Cristo, que tinha dons sem medida, era meigo e humilde; e nós, que os temos de forma limitada, seremos arrogantes e orgulhosos?

(3) Porque Deus repartiu dons tanto aos outros como a nós: "*...repartiu a cada um*". Tivéssemos o monopólio do Espírito, ou um documento que nos garantisse sermos proprietários exclusivos dos dons espirituais, podia haver alguma base para essa presunção; mas outros têm sua parte assim como nós. Deus é Pai de todos, e Cristo, a raiz de todos os santos, de quem eles obtêm virtude; e por isso, não é conveniente nos tornarmos arrogantes e desprezarmos os outros, como se apenas nós fôssemos o povo de bem com Deus e os únicos possuidores da sabedoria. Ele ilustra esse raciocínio com uma comparação extraída dos membros do corpo natural (como em 1 Co 12.12; Ef 4.16): "*Porque assim como em um corpo temos muitos membros...*" (vv. 4,5). Observe aqui: [1] Todos os santos formam um corpo em Cristo, que é a cabeça do corpo e o centro comum de sua unidade. Os crentes não estão no mundo como um grupo desordenado e confuso, mas estão organizados e unidos, já que estão unidos a uma cabeça comum e movidos e animados por um Espírito comum a todos. [2] Os crentes individuais são membros desse corpo, partes componentes, o que significa que são menos do que o todo, e estão em relação com o todo, derivando vida e vigor da cabeça. Alguns membros do corpo são maiores e mais úteis que outros e cada um recebe vigor da cabeça de acordo com a sua proporção. Se o dedinho recebesse tanta nutrição quanto a perna, quão inconveniente e prejudicial seria! Devemos nos lembrar que não somos o todo; pensamos além do que é adequado se pensamos assim; somos apenas partes e membros. [3] "*...nem todos os membros têm a mesma operação*" (v. 4), mas cada um possui seu respectivo lugar e função que lhe foi designado. A função do olho é ver, a função da mão é trabalhar etc. Assim também ocorre no corpo místico: alguns são qualificados e chamados para um tipo de função; outros são, da mesma forma, preparados e chamados para outro tipo de função. Os magistrados, os ministros, as pessoas,

em uma comunidade cristã, têm seus vários ofícios, e não devem se intrometer uns nas funções dos outros, nem entrar em conflito na execução de suas várias funções. [4] Cada membro tem o seu lugar e a sua função, para o bem e o benefício do todo e de todos os outros membros. Não somos apenas membros de Cristo, mas "*...membros uns dos outros*" (v. 5). Permanecemos em relação uns com os outros; estamos encarregados de fazer todo o bem que pudermos reciprocamente e agir em união para o benefício comum. Veja isso ilustrado em detalhes em 1 Coríntios 12.14ss. Por essa razão, não devemos ficar inchados com presunção de nossos próprios talentos, porque, qualquer coisa que tenhamos, foi recebida, e não recebemos para nós mesmos, mas para o bem de outros.

2. Um uso sóbrio dos dons que Deus nos tem concedido. Como não devemos, por um lado, estar orgulhosos de nossos talentos, assim, por outro lado, não devemos enterrá-los. Tomemos cuidado para que, sob pretensão de humildade e abnegação, não sejamos vagarosos em nos colocar à disposição para o bem de outros. Não devemos dizer: "Eu não sou nada, por isso, me sentarei e não farei nada"; mas: "Eu não sou nada em mim mesmo e, por isso, me colocarei ao máximo na força da graça de Cristo". Ele especifica as funções eclesiásticas designadas em igrejas particulares, em cujo desempenho cada um deve pensar em cumprir o seu próprio dever, para preservar a ordem e promover a edificação na igreja, cada um conhecendo o seu lugar e ocupando-o. "*De modo que, tendo diferentes dons*". O seguinte raciocínio particular completa o sentido desse raciocínio geral. Tendo *dons*, usemo-los. Autoridade e habilidade para a obra ministerial são dons de Deus. *Diferentes dons*. O propósito imediato é diferente, embora o alvo último de todos seja o mesmo. "*...segundo a graça...*", *charismata kata ten charin*. A livre graça de Deus é a fonte e a origem de todos os dons que são concedidos aos homens. É a graça que designa a função, qualifica e dirige as pessoas e que opera tanto o querer quanto o realizar. Havia, na igreja primitiva, dons extraordinários de línguas, de discernimento e de cura; mas o apóstolo fala aqui daqueles que são comuns (compare com 1 Co 12.4; 1 Tm 4.14; 1 Pe 4.10). Ele especifica sete dons em particular (vv. 6-8), os quais parecem significar várias funções distintas, usadas pela estrutura consultiva de muitas igrejas primitivas, principalmente as maiores. Existem dois dons gerais aqui expressos por "profecia" e "ministério", o primeiro sendo a função dos bispos, e o último, a função dos diáconos (esses dois eram os únicos ofícios estabelecidos – Fp 1.1). Mas a obra particular que pertence a cada um desses podia ser, e parece que era, dividida e distribuída por consentimento e acordo geral, para que isso pudesse ser feito mais eficazmente, porque aquilo que é função de todos não é função de ninguém, e aquele que é *vir unius negotii – homem de uma tarefa* desempenha melhor a sua função. Assim Davi separou os levitas (1 Cr 23.4,5), e nessa sabedoria é proveitoso se conduzir. Conseqüentemente, os cinco últimos serão reduzidos aos dois primeiros.

(1) *Profecia.* "*...se é profecia, seja ela segundo a medida da fé*". Não significa os dons extraordinários de predizer o futuro, mas o ofício comum de pregar a palavra: assim *profetizar* é considerado em 1 Coríntios 14.1-3ss.; 11.4; 1Tessalonicenses 5.20. A obra dos profetas do Antigo Testamento não foi apenas a de predizer o futuro, mas advertir o povo a respeito do pecado e dos deveres, e serem aqueles que o lembravam a respeito do que eles sabiam antes. E assim, os pregadores do evangelho são profetas, e de fato, até onde vai a revelação da palavra, predizem o futuro. A pregação refere-se à condição eterna dos homens, aponta diretamente para um estado futuro. Então, aqueles que pregam a palavra devem fazê-lo *segundo a medida da fé – kata ten analogian tes pisteos*, isto é: [1] Quanto ao modo do nosso profetizar, isso deve ser feito de acordo com a medida da graça da fé. Ele tinha falado no versículo 3 a respeito da medida da fé repartida a cada homem. Que aquele que prega coloque toda a sua fé no trabalho, para gravar as verdades que prega sobre o seu próprio coração em primeiro lugar. Como as pessoas não conseguem ouvir bem, também os pregadores não conseguem pregar bem, sem fé. Primeiro creia, depois fale (Sl 116.10; 2 Co 4.13). E devemos nos lembrar da medida da fé – que, embora nenhum homem deixe de tê-la, porém muitos têm-na além de nós mesmos; e por isso devemos permitir que outros tenham uma porção de conhecimento e habilidade para instruir, assim como nós, até aqueles que diferem de nós em coisas menores. "*Tu tens fé?* Tenha-na para ti mesmo; e não faça dela uma regra para os outros, lembrando que a tens recebido apenas em tua medida". [2] Quanto ao conteúdo de nosso profetizar, ele deve ser de acordo com a medida da doutrina da fé como está revelada nas Santas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Por essa regra de fé os bereanos testaram a pregação de Paulo (At 17.11; compare com Gl 1.9). Existem algumas "verdades-clipe", como eu posso denominá-las, alguns *prima axiomata – axiomas fundamentais*, ensinadas clara e uniformemente nas Escrituras, que se constituem no critério da pregação, pelas quais (embora não devamos desprezar o dom de profetizar) devemos "*...examinar tudo*" (1 Ts 5.20,21). As verdades que são mais obscuras devem ser investigadas através daquelas que são mais claras; e devem então ser recebidas quando concordarem e convirem com a analogia da fé; pois é certo que uma verdade jamais pode contradizer outra. Veja aqui qual deve ser o grande cuidado dos pregadores – pregar a sã doutrina, de acordo com o modelo das sãs palavras (Tt 2.8; 2 Tm 1.13). Não é tão necessário que a profecia esteja de acordo com a medida da arte, as regras da lógica e da retórica; mas é necessário que esteja de acordo com a medida da fé, pois é a palavra da fé que pregamos. Então, há duas obras particulares que aquele que profetiza tem de ter em mente – ensinar e exortar, bastante apropriado para ser feito pela mesma pessoa ao mesmo tempo, e quando ele faz uma que se ocupe daquela, quando ele faz a outra, que se ocupe daquela também tanto quanto puder. Se, por acordo entre os ministros de uma congregação, esse trabalho for dividido, seja regularmente, seja de modo intercambiável, de maneira que um ensina e o outro exorta (isto é, em nossa linguagem moderna, um expõe e o outro prega), que cada um faça o seu trabalho de acordo com a medida da fé. Em primeiro lugar, que aquele que ensina sirva no ensino. O ensino é a simples explicação e prova das verdades do evangelho, sem aplicações práticas, como na exposição das Escrituras. *Pastores e mestres* são o mesmo ofício (Ef 4.11), mas a obra particular é um pouco diferente.

Ora, que aquele que tem habilidade para ensinar e tem se encarregado desse campo apegue-se a ele. É um belo dom, que o use e ocupe-se dele. "*...se é ensinar, haja dedicação ao ensino*"; assim alguns o complementam, *ho didaskon, en te didaskalia*. Que ele seja regular, constante e diligente no ensino; que permaneça naquilo que é a sua própria função, e esteja nela como em seu ambiente natural (veja 1 Tm 4.15,16, onde isso é explicado por duas palavras: *en toutois isthi* e *epimene autois*, *estar nessas coisas* e *continuar nelas*). Em segundo lugar, que aquele que *exorta* sirva na *exortação*. Que ele se dedique a isso. Esse é o trabalho do pastor, como o anterior é o do mestre; aplicar as verdades e as regras do evangelho mais próximas à situação e à condição das pessoas e inculcar nelas aquilo que for mais prático. Muitos que são muito hábeis em ensinar podem, no entanto, ser muito frios e inábeis em exortar; e vice-versa. De um se requer uma cabeça esclarecida, de outro, um coração aquecido. Agora, onde esses dons estiverem claramente separados (de modo que um sobressaia em um e outro em outro) gera edificação dividir o trabalho adequadamente e, qualquer que seja a tarefa de que nos encarregamos, vamos nos dedicar a ela. Cuidar do nosso trabalho é entregar o melhor de nosso tempo e pensamentos a ele, aproveitar todas as oportunidades para ele e não apenas refletir em como fazê-lo, mas fazê-lo bem.

(2) *Ministério.* Se um homem tem *diakonian – o ofício de um diácono*, ou assistente do pastor e do mestre, que cumpra bem o seu papel – um zelador ou administrador, um ancião ou alguém que cuida dos pobres; e talvez houvesse mais nesses ofícios e mais solenidade neles, e mais pressão e atividade associadas a eles nas igrejas primitivas, do que estamos hoje sabendo. Ele inclui todos aqueles ofícios que dizem respeito à *ta ekso* da igreja, *à obra de fora da Casa de Deus* (ver Ne 11.16). "*Servir às mesas*" (At 6.2). Ora, que aquele a quem foi entregue esse cuidado de ministrar cuide disso com fidelidade e diligência. Particularmente: [1] "*...o que reparte, faça-o com liberalidade*". Aqueles oficiais da igreja que administravam os donativos, coletavam dinheiro e o distribuíam conforme as necessidades dos pobres. Que eles o façam *en aploteti – liberalmente* e fielmente; não utilizando o que receberem em proveito próprio, nem distribuindo-o com intenções desonestas ou fazendo acepção de pessoas: não indelicado ou rabugento com os pobres, nem procurando pretextos para rejeitá-los; mas com toda sinceridade e integridade, não tendo outra intenção nisso do que glorificar a Deus e praticar o bem. Alguns entendem que se trata de todo ato de caridade: que aquele que tem recursos dê, e o faça rica e liberalmente; assim a palavra é traduzida em 2 Coríntios 8.2; 9.13. Deus ama um doador alegre e generoso. [2] "*...o que preside, com cuidado*". Parece que ele está falando daqueles que eram assistentes dos pastores no exercício da disciplina na igreja, como seus olhos, mãos e bocas no governo da igreja, ou aqueles ministros que, na congregação, principalmente se encarregavam e se dedicavam a essa obra da disciplina; pois nós encontramos aqueles que trabalhavam na palavra e na doutrina governando (1 Tm 5.17). Ora, esses tais devem fazê-lo com cuidado. A palavra denota tanto o cuidado quanto o esforço para descobrir o que é impróprio, fazer voltar aqueles que se desviam, reprovar e admoestar aqueles que caíram, manter a igreja pura. Aqueles que se mostrarem fiéis no desempenho dessa incumbência devem passar por muitas dores e não deixarão escapar nenhuma oportunidade que possa facilitá-la e promovê-la. [3] "*...o que exercita misericórdia, com alegria*". Alguns pensam que em geral se trate aqui de todos aqueles que mostram misericórdia em alguma coisa; que eles o façam de boa vontade e sintam prazer nisso; Deus ama a quem dá com alegria. Mas parece relacionar-se particularmente a alguns oficiais da igreja, cujo trabalho era cuidar dos doentes e dos estrangeiros, os quais geralmente eram as viúvas, que nesse aspecto serviam à igreja – diaconisas (1 Tm 5.9,10), embora seja provável que outros pudessem ser empregados nessa tarefa. Ora, isso deve ser feito com alegria. Em atitudes de misericórdia, um rosto gentil é um grande alívio e conforto para os miseráveis; quando eles percebem que o trabalho não é feito com aversão e de má vontade, mas com expressão amável e palavras gentis, e todas as indicações possíveis de disposição e entusiasmo. Aqueles que têm de tratar dos doentes e dos feridos, e que geralmente são irritadiços e mal-humorados, não necessitam apenas de ter paciência, mas alegria, para fazer o trabalho mais fácil e agradável para eles e mais aceitável para Deus.

III Concernente àquela parte de nosso dever que diz respeito aos nossos irmãos, da qual temos muitos exemplos em breves exortações. Ora, todo o nosso dever de um para com o outro está resumido em uma palavra, e que é uma palavra cativante, *amor*. Nela está colocado o fundamento de todo o nosso dever mútuo; e por essa razão o apóstolo a menciona primeiro, pois é o sustento dos discípulos de Cristo, e a grande lei de nossa fé: "*O amor seja não fingido*"; não em elogio e fingimento, mas na verdade; "*...não apenas de palavra, nem de língua*" (1 Jo 3.18). O amor genuíno é o amor sincero; não é como os beijos do inimigo, que são enganosos. Devemos estar felizes quando temos uma oportunidade para provar a "*...sinceridade da nossa caridade*" (2 Co 8.8). Mais particularmente, há um amor que se deve aos nossos amigos e aos nossos inimigos. A ambos ele especifica:

1. Aos nossos amigos. Aquele que tem amigos deve mostrar-se amigável. Há um amor mútuo de que os cristãos são devedores e devem pagar.

(1) Amor cordial: "*Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal*" (v. 10), *filostorgoi* – não significa apenas amor, mas uma disposição e inclinação para amar, o sentimento mais livre e genuíno, bondade fluindo como de uma fonte. Denota propriamente o amor dos pais aos filhos, que, como é o mais tenro, é o mais natural, do que qualquer outro, espontâneo e sem limite; assim deve ser o nosso amor de um para com o outro; e assim será onde houver uma nova natureza e a lei do amor for escrita no coração. Esse sentimento gentil nos incita a nos expressarmos tanto em palavra quanto em ação com a maior cortesia e delicadeza possíveis. *Uns aos outros.* Isso pode recomendar a graça do amor para nós, que, como é nosso dever amar aos outros, assim também é dever deles nos amar. E o que pode ser mais agradável desse lado do céu do que amar e ser amado? Aquele que assim rega também será ele mesmo regado.

(2) Um amor respeitoso: "*...preferindo-vos em honra uns aos outros*". Em vez de contendermos por superiori-

dade, estejamos dispostos a conceder aos outros a preeminência. Isso é explicado em Filipenses 2.3: "*Cada um considere os outros superiores a si mesmo*". E existe essa boa razão para isso, porque, se conhecemos nosso próprio coração, nós conhecemos mais o mal por nós mesmos do que podemos conhecer por qualquer outra pessoa do mundo. Devemos estar dispostos a dar atenção aos dons, graças e desempenhos de nossos irmãos, e valorizá-los adequadamente, estar mais dispostos a elogiar a outro, e mais satisfeitos ao ouvir outro ser elogiado, do que nós mesmos, *te time allelous proegoumena – antecipar ou guiar um ao outro em honra*; assim alguns lêem; não em receber honra, mas em honrar. "Lutai para ver qual de vós estará mais disposto a respeitar aqueles que merecem, e desempenhar todas as funções cristãs do amor (que estão todas incluídas na palavra honra) aos vossos irmãos, sempre que houver oportunidade. Que todas as vossas contendas sejam sobre quem será mais humilde, útil e condescendente". Assim, o sentido é o mesmo de Tito 3.14: "*...e os nossos aprendam também a proistasthai – aplicar-se às boas obras*". Pois embora devamos preferir outros (segundo a nossa tradução) e considerar os outros como mais capazes e merecedores do que nós mesmos, mesmo assim não devemos fazer disso uma desculpa para ficarmos parados e não fazermos nada, nem sob um pretexto de honrar aos outros, e à utilidade e desempenho deles, tolerar a nós mesmos em sossego e preguiça. Por essa razão ele acrescenta: "*Não sejais vagarosos no cuidado*" (v. 11).

(3) Um amor liberal: "*...comunicai com os santos nas suas necessidades*" (v. 13). É falso o amor que se limita à expressão verbal de bondade e respeito, enquanto as necessidades de nossos irmãos clamam para serem verdadeiramente supridas, e está em nossas mãos supri-las. [1] Não é novidade para os santos nesse mundo precisarem de coisas necessárias para a sua vida natural. Naqueles tempos primitivos, as perseguições correntes deviam reduzir muitos dos santos a grandes privações e, até os pobres, até os pobres santos, nós os teremos conosco. Com certeza que as coisas desse mundo não são as melhores; se elas fossem, os santos, que são os favoritos do céu, não teriam tão poucas delas. [2] É dever daqueles que têm recursos *distribuir*, ou (como é melhor que se leia) *comunicar* aos que estão em necessidade. Não é suficiente abrir a alma ao faminto, mas devemos abrir a carteira (ver Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17). *Comunicai – koinonountes*. Isso insinua que os nossos irmãos pobres tenham um tipo de participação naquilo que Deus nos tem dado; e que o alívio que trouxermos a eles deva vir de uma compreensão e de um sentimento de solidariedade em relação às suas necessidades, como se sofrêssemos com eles. A benevolência caridosa dos filipenses em relação a Paulo é chamada de "*...tomar parte na sua aflição*" (Fp 4.14). Devemos estar prontos, quando tivermos habilidade e oportunidade, para socorrer a qualquer um que esteja em necessidade; porém, de maneira especial somos obrigados a comunicar com os santos. Existe um amor comum que é devido aos outros seres humanos, mas há um outro especial que devemos compartilhar com nossos irmãos na fé: "*...principalmente aos domésticos da fé*" (Gl 6.10). *Comunicai, tais mneias – com as memórias* dos santos (segundo liam alguns antigos, em vez de *tais chreiais*). Existe um débito com a memória daqueles que, pela fé e paciência, herdaram as promessas – de valorizá-la, defendê-la, conservá-la. A memória do justo é abençoada, alguns lêem em Provérbios 10.7. Ele menciona outro ramo desse amor generoso: a "*...hospitalidade*". Aqueles que possuem suas próprias casas devem estar prontos para hospedar aqueles que andam para lá e para cá fazendo o bem, ou que, por temor da perseguição, são forçados a procurar abrigo. Eles não tinham naquela época tanto do conforto de hospedarias como temos hoje; ou os cristãos viajantes não ousavam freqüentá-las; ou não tinham recursos para pagar as despesas e, por essa razão, era uma generosidade especial acolhê-los sem cobrar nada. E nem é esse um dever anulado e antiquado; quando houver ocasião, devemos acolher estrangeiros, pois não conhecemos o coração de um estrangeiro. "*Era estrangeiro, e hospedaste-me*", é mencionado como um exemplo da misericórdia daqueles que alcançarão misericórdia: *ten filoxenian diokontes – seguindo* ou *perseguindo* a hospitalidade. Isso não insinua apenas que devemos aproveitar a oportunidade, mas que devemos buscar a oportunidade, e desse modo mostrar misericórdia. Como Abraão, que se sentou à entrada da tenda (Gn 18.1), e Ló, que se sentou ao portão de Sodoma (Gn 19.1), aguardando viajantes, a quem eles pudessem encontrar e guiar com um gentil convite, e assim eles, sem saber, hospedaram anjos (Hb 13.2).

(4) Um amor solidário: "*Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram*" (v. 15). Onde houver amor mútuo entre os membros do corpo místico, haverá esse sentimento de solidariedade (ver 1 Co 12.26). O verdadeiro amor nos fará solidários com os sofrimentos e as alegrias dos outros e nos ensinará a senti-los como se fossem nossos. Observe a mistura comum nesse mundo, onde alguns se alegram e outros choram (como o povo em Ed 3.12,13), por causa da prova, como de outras graças, assim também pelo amor fraternal e a solidariedade cristã. Não que devamos participar das alegrias pecaminosas ou dos prantos de qualquer um, mas apenas das alegrias e sofrimentos justos e razoáveis: não invejando aqueles que prosperam, mas regozijando com eles; verdadeiramente alegres porque outros têm sucesso e consolo que nós não temos; não desprezando aqueles que estão em tribulação, mas preocupados com eles, e prontos para ajudá-los, como se fôssemos nós. Isto é fazer o que Deus faz, o qual não apenas "*...ama a prosperidade do seu servo*" (Sl 35.27), mas igualmente "*...em toda angústia deles foi Ele angustiado*" (Is 63.9).

(5) Um amor unido: "*Sede unânimes entre vós* (v. 16), isto é, esforçai-vos, tanto quanto possível, concordai na compreensão; e, mesmo não conseguindo isso, ainda concordai no sentimento; esforçai-vos em ser um, não dados a discordar, contradizer e opor-se uns aos outros, mas a manter a unidade do Espírito no vínculo da paz (Fp 2.2; 3.15,16; 1 Co 1.10). *To auto eis allelous fronountes – desejando o mesmo bem* aos outros que desejais para vós mesmos;" assim alguns compreendem a expressão. Isso é amar a nossos irmãos como a nós mesmos, desejando o seu bem-estar como desejamos o nosso.

(6) Um amor condescendente: "*...não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes*" (v. 16). O verdadeiro amor não consegue subsistir sem humildade (Ef 4.1,2; Fp 2.3). Quando nosso Senhor Jesus lavou os

pés de seus discípulos, para nos ensinar o amor fraternal (Jo 13.5; 14.34), a intenção era principalmente nos informar de que amar uns aos outros corretamente é estar disposto a realizar as ocupações mais baixas de bondade para o bem mútuo. O amor é uma graça condescendente: *Non bene conveniunt – majestas et amor – A grandiosidade e o amor não combinam um com o outro.* Observe como isso é inculcado aqui: [1] "...*não ambicioneis coisas altas*". Nós não devemos ambicionar honra e promoção, nem olhar com respeito o fausto e a dignidade do mundo com qualquer valor ou desejo excessivos, mas antes com um santo desdém. Quando os progressos de Davi estavam altos, o seu espírito era humilde: "...*não me exercito em grandes assuntos*" (Sl 131.1). Os romanos, vivendo na cidade imperial, que reinava sobre todos os reis da terra (Ap 17.18), e estava naquela época no apogeu do seu esplendor, talvez aproveitassem, por isso, a ocasião para se considerarem bons demais. Até a descendência santa foi corrompida por esse fermento. Os cristãos romanos estavam prontos para olhar com desprezo outros cristãos, como alguns cidadãos desprezam o campo; e por essa razão o apóstolo os adverte freqüentemente contra a soberba (compare com cap. 11.20). Eles viviam próximos da corte e conviviam diariamente com o esplendor e a grandeza dela: "Bem", diz ele, "não se ocupem com ela nem a amem". [2] "...*acomodai-vos às humildes*" – *tois tapeinois synapagomenoi.* Em primeiro lugar, pode significar *coisas humildes*, com as quais devemos nos acomodar. Se a nossa condição no mundo for pobre e baixa, nossos prazeres, rudes e insuficientes, nossas ocupações, vis e desprezíveis, ainda assim devemos concentrar-nos nela e nos sujeitarmos a ela. Assim, pode-se traduzir: *contentai-vos com as pequenas coisas.* Estejam satisfeitos com o lugar no qual Deus, em sua providência, os tem colocado, seja ele qual for. Não devemos considerar nada abaixo de nós com exceção do pecado: aceitem moradias humildes, alimentação humilde, roupas humildes, acomodações humildes, quando for a nossa porção, e não fiquem ressentidos. Mais ainda, devemos ser movidos por um tipo de ímpeto, pela força da nova natureza (isso significa propriamente a palavra *synapagomai*, e isso é muito importante), em direção a coisas humildes, quando Deus nos designa para elas; como a velha natureza corrupta é levada em direção a coisas elevadas. Nós devemos nos acomodar a coisas humildes. Devemos fazer de uma baixa condição e de circunstâncias humildes mais o centro de nossos desejos do que uma alta condição. Em segundo lugar, pode significar *pessoas humildes*; assim nós lemos (penso que tanto um significado quanto o outro estejam aqui incluídos). *Acomodai-vos às pessoas humildes.* Devemos nos associar com, e nos acomodar àqueles que são pobres e desprezíveis no mundo, se eles também forem tementes a Deus. Davi, embora fosse um rei assentado no trono, era um companheiro de tais pessoas (Sl 119.63). Não devemos ter vergonha de conviver com os humildes, já que o grande Deus contempla do alto o céu e a terra procurando tais pessoas. O verdadeiro amor valoriza a graça tanto em trapos quanto em escarlate. Uma jóia é uma jóia, mesmo que esteja na sujeira. O contrário dessa condescendência é rejeitado (Tg 2.1-4). *Acomodai-vos*, isto é, ajustai-vos a eles, aceitai-os para o bem deles, como fez Paulo (1 Co 9.19ss.). Alguns pensam que a palavra original seja uma metáfora extraída de viajantes, quando aqueles que são mais fortes e rápidos esperam aqueles que são mais fracos e lentos, param e os levam consigo; assim, os cristãos devem ser gentis em relação aos seus companheiros de viagem. Como recurso para promover isso, ele acrescenta: "...*não sejais sábios em vós mesmos*"; com o mesmo significado do versículo 3. Jamais encontraremos em nossos corações disposição para nos acomodar aos outros enquanto tivermos uma opinião muito elevada a nosso próprio respeito; e, por essa razão, é necessário que isso seja refreado. *Me ginesthe fronimoi par heautois* – "*Não sejais sábios por vós mesmos*, não estejais confiantes de vossa própria sabedoria, de maneira a desprezar os outros, ou pensar que não precisais deles (Pv 3.7), nem sejais tímidos em comunicar o que tendes aos outros. Nós somos membros uns dos outros, dependemos uns dos outros e estamos obrigados uns com os outros; e por essa razão, *não sejais sábios em vós mesmos*, lembrando que isso é a mercadoria da sabedoria que professamos; ora, mercadoria consiste em comércio, recebendo e devolvendo".

(7) Um amor que nos compromete, tanto quanto se aloja em nós, a ter "...*paz com todos os homens*" (v. 18). Até com aqueles com quem não conseguimos viver íntima e familiarmente, por causa da distância em condição ou confissão, nós devemos viver em paz; isto é, devemos ser inofensivos, não dando a outros ocasião para brigar conosco; e não devemos ser rancorosos nem vingativos, nem aproveitar a oportunidade para disputar com eles. Dessa maneira, devemos nos esforçar para preservar a paz, para que ela não seja quebrada, e para restaurá-la quando for quebrada. A sabedoria que vem do alto é pura e pacífica. Observe como a exortação é limitada. Não é expressa de maneira a nos obrigar a fazer o impossível: "*Se for possível, quanto estiver em vós*". Assim está em Hebreus 12.14: "*Segui a paz*"; em Ef 4.3: "...*procurando guardar*". Pensai nas coisas que promovem a paz. *Se for possível.* Não é possível preservar a paz quando não podemos fazê-lo sem ofender a Deus e ferir a consciência: *Id possumus quod jure possumus – O que é possível sem incorrer em falta.* A sabedoria que vem do alto é, primeiramente pura, depois, pacífica (Tg 3.17). A paz sem pureza é a paz do palácio do Diabo. "...*quanto estiver em vós*". Duas palavras são necessárias para o acordo da paz. Só podemos falar por nós mesmos. Nós podemos inevitavelmente ser alvos de contendas, como Jeremias, que era um "...*homem de contenda*" (Jr 15.10), e não podemos evitar isso; nosso cuidado deve ser que, no que depender de nós, nada esteja faltando para preservar a paz (Sl 120.7). Eu sou pela paz, embora, quando eu falo, eles sejam pela guerra.

2. Aos nossos inimigos. Desde que os homens tornaram-se inimigos de Deus, eles têm sido muito aptos em serem inimigos uns dos outros. Abandonemos uma vez o amor e as formações em linha se chocarão e colidirão, ou estarão numa distância inquietante. E, de todos os homens, aqueles que abraçam a religião têm motivo para esperar encontrar-se com inimigos em um mundo cujos sorrisos raramente coincidem com o de Cristo. Ora, o cristianismo nos ensina como nos comportar em relação aos inimigos; e nessa instrução, ele difere completamente de todas as regras e métodos que geralmente visam vitória e domínio; mas isso na paz e na satisfação interiores. Quem quer que sejam os nossos inimigos, que nos

desejam o mal e o buscam, nossa regra é para não lhes fazer o mal, mas todo bem que pudermos.

(1) Não lhes fazer mal: "*A ninguém torneis mal por mal*" (v. 17), pois isso é uma reação irracional e que apenas ocorre àqueles animais que não têm consciência, seja de qualquer ser acima ou de qualquer estado antes deles. Ou, se a humanidade foi criada (como sonham alguns) em um estado de guerra, reações como essas seriam suficientemente apropriadas; mas não temos aprendido assim de Deus, que faz tanto por seus inimigos (Mt 5.45), muito menos temos aprendido assim de Cristo, que morreu por nós quando éramos inimigos (cap. 5.8,10), e tanto amou o mundo que o odiou sem motivo. "*A ninguém*, nem a judeu nem a grego; não a alguém que tem sido seu amigo, pois recompensando mal por mal provavelmente você o perderá; não a alguém que tem sido seu inimigo, pois não o recompensando mal por mal, você poderá ganhá-lo". O mesmo significado está no versículo 19: "*Não vos vingueis a vós mesmos, amados*". E por que isso deve ser apresentado com uma interpelação tão afetuosa, em vez de em qualquer outra exortação desse capítulo? Com certeza porque visa apaziguar espíritos irados, que se ressentem facilmente numa provocação. Ele se dirige a tais nessa linguagem afetuosa, para apaziguá-los e abrandá-los. Qualquer coisa que respire amor esfria o sangue, acalma a tempestade e refrigera do calor excessivo. Você quer pacificar um irmão ofendido? Chame-o de amado. Tal palavra meiga, dita adequadamente, pode ser eficaz para afastar a ira. *Não vos vingueis a vós mesmos*, isto é, quando alguém fizer a você algum mal, não deseje nem se esforce para pagar na mesma moeda. Não é proibido ao magistrado fazer justiça aos criminosos, punindo-os de seus crimes, nem fazer e executar leis justas e salutares contra os malfeitores; mas a vingança particular é proibida, a que flui da raiva e da má vontade. E isso é adequadamente proibido, pois se supõe que somos juízes incompetentes quando se trata de nosso próprio caso. Mais ainda, se pessoas erraram ao procurarem a defesa da lei e os magistrados em aplicá-la, agiram a partir de qualquer provocação ou disputa pessoal particular, e não de uma preocupação para que aquela paz e ordem públicas fossem mantidas e o direito realizado, mesmo que tais procedimentos, embora aparentemente regulares, caiam sob o proibido ato de "fazer justiça com as próprias mãos". Veja como é rígida a lei de Cristo a esse respeito (Mt 5.38-40). Não é apenas proibida a vingança por nossas próprias mãos, mas também desejar e ansiar pelo julgamento, em nosso caso sustentado pela lei, para a satisfação de um sentimento de vingança. Essa é uma lição difícil para a natureza corrompida; e por essa razão, ele acrescenta: [1] Um remédio contra ela: "*...mas dai lugar à ira*". Não à nossa própria ira, pois dar lugar a ela é dar lugar ao Diabo (Ef 4.26,27). Devemos resistir, abafar, reter e suprimir essa ira; mas, em primeiro lugar, à ira de nosso inimigo. "Dê lugar a ela, isto é, seja de um temperamento submisso; não responda ira com ira, mas com amor. '*O acordo é um remédio que aquieta grandes pecados*' (Ec 10.4). Receba afrontas e injúrias como um monte de lã recebe uma pedra, dando lugar para ela e assim ela não bate e volta, nem vai adiante". Dessa maneira, isso explica o que disse o nosso Salvador: "*Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra*" (Mt 5.39). Em vez de pensar em como retaliar uma ofensa, prepare-se para receber outra. Quando as paixões dos homens vêm à tona, e a correnteza está forte, deixe que elas sigam seu curso para que, por causa de uma oposição inoportuna, não aumentem ainda mais. Quando outros estiverem enfurecidos, vamos manter a calma; esse é um remédio contra a vingança e parece ser o sentido genuíno. Mas, em segundo lugar, muitos aplicam essas palavras à ira de Deus: "Dê lugar a essa, dê lugar para Ele assumir o trono do julgamento, e deixe-o lidar sozinho com o teu adversário". [2] Um argumento contra ela: "*...porque está escrito: Minha é a vingança*". Nós encontramos esse texto em Deuteronômio 32.35. Deus é o rei soberano, o justo juiz, e a Ele pertence a administração da justiça; pois, sendo um Deus de conhecimento infinito, as ações são pesadas por Ele em balanças infalíveis; e, sendo um Deus de infinita pureza, Ele odeia o pecado e não tolera contemplar a iniqüidade. Ele confiou parte desse poder às mãos dos magistrados civis (Gn 9.6; Rm 13.4); as punições legais que eles aplicam devem ser vistas como um braço das vinganças de Deus. Esse é um bom argumento para não fazermos vingança com as próprias mãos; pois, se a vingança pertence a Deus, então, em primeiro lugar, não devemos praticá-la. Nós subimos no trono de Deus se o fazemos, e assumimos o seu trabalho. Em segundo lugar, não precisamos fazer isso. Pois Deus o fará, se deixarmos humildemente o assunto com Ele; Ele nos vingará até onde houver razão ou justiça no caso, e mais do que isso não podemos desejar. Veja Salmos 38.14,15: "*...eu sou como homem que não ouve* [...], *tu, Senhor, meu Deus, me ouvirás*"; e se Deus ouve, que necessidade tenho de ouvir?

(2) Não devemos apenas não fazer o mal aos nossos inimigos, mas a nossa fé cristã vai além disso e nos ensina a fazer-lhes todo bem que pudermos. É uma ordem característica do cristianismo, a qual muito o recomenda: "*Amai a vossos inimigos*" (Mt 5.44). Somos ensinados aqui a mostrar aquele amor por eles, tanto em palavras como em ações.

[1] Em palavras: "*...abençoai aos que vos perseguem*" (v. 14). Tem sido a sorte geral do povo de Deus ser perseguido, seja por mão poderosa ou por língua maliciosa. Ora, somos ensinados aqui a abençoar aqueles que assim nos perseguem. *Abençoai*-os, isto é, em primeiro lugar: "Falai bem deles. Se houver qualquer coisa neles de elogiável e digno de louvor, observai isso, e o mencionai para a honra deles". Em segundo lugar: "Falai respeitosamente a eles, de acordo com o seu posto, não retribuindo insulto por insulto e amargura por amargura". E, em terceiro lugar, devemos lhes querer bem e desejar-lhes o bem, em vez de buscar qualquer vingança. Mais ainda, em quarto lugar, devemos mostrar aquele desejo a Deus orando por eles. Se não estiver em nosso poder fazer qualquer coisa mais por eles, podemos testemunhar de nossa boa vontade orando por eles, para o que o nosso Senhor não deu apenas uma regra, mas um exemplo para apoiá-la (Lc 23.34). "*...abençoai e não amaldiçoeis*". Isso denota uma completa boa vontade em todos os seus exemplos e expressões; não: "Abençoai quando estiverdes em oração, e amaldiçoai em outros momentos", mas: "Abençoai-os sempre, e jamais os amaldiçoeis". Amaldiçoar convém mal à boca daqueles cujo trabalho é bendizer a Deus e cuja felicidade é ser abençoado por Ele.

[2] Em ações: "*...se o teu inimigo tiver fome* (v. 20), quando tiveres capacidade e oportunidade, estejas pronto e disposto a mostrar-lhe qualquer gentileza e fazer-lhe qualquer ato de amor para o seu bem; e nunca seja menos

disposto por ele ter sido teu inimigo, porém mais ainda, que tu possas nisso testificar a sinceridade do teu perdão a ele". Conta-se do arcebispo Cranmer que o modo de alguém fazê-lo seu amigo era fazer-lhe mal. O preceito é citado de Provérbios 25.21,22, de maneira que, elevado quanto isso possa parecer, o Antigo Testamento não lhe é estranho. Observe aqui, em primeiro lugar, o que devemos fazer. Devemos fazer o bem aos nossos inimigos. "*Se o teu inimigo tiver fome*, não o insultes e não digas: Agora Deus está me vingando dele, assumindo a minha causa; não faças tal juízo de suas necessidades. Mas *dá-lhe de comer. Então*, quando ele precisar de tua ajuda, e tiveres uma oportunidade de deixá-lo com fome e de pisar nele, *dá-lhe de comer* (*psomize auton*, uma palavra importante) – alimenta-o fartamente, mais ainda, alimenta-o cuidadosa e indulgentemente: *frustulatim pasce – alimenta-o com pequenos pedaços*, alimenta-o como fazemos com crianças e pessoas doentes, com muita ternura. Tenta fazê-lo de maneira a expressar o teu amor. *Se tiver sede, dá-lhe de beber*: *potize auton – dá-lhe de beber*, como sinal de reconciliação e amizade. Assim, confirma o teu amor a ele". Em segundo lugar, por que devemos fazer isso? Porque, ao fazê-lo, "...*amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça*". Existem dois significados para essa expressão, os quais penso que devam ser considerados separadamente. *Amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça*, isto é: "Ou tu": 1. "O levarás ao arrependimento e à amizade, e abrandarás seu espírito em relação a ti" (aludindo àqueles que fundem metais; não apenas colocavam fogo sob eles, mas amontoavam fogo sobre eles; dessa forma Saul foi "derretido" e conquistado pela bondade de Davi – 1 Sm 25.16; 25.21) – "tu ganharás um amigo com isso e se a tua bondade não tiver esse efeito, então": 2. "Ela agravará a condenação dele e fará a maldade que tiver feito contra ti mais indesculpável. Com isso, tu apressarás sobre ele os sinais da ira e da vingança de Deus". Não que essa deva ser a nossa intenção em mostrar-lhe bondade, mas, para o nosso encorajamento, esse será o efeito. Tem esse propósito a exortação do último versículo, que sugere um paradoxo que não é facilmente compreensível pelo mundo, que em qualquer questão de discórdia e contenda aqueles que se vingam são os vencidos e os que perdoam são os vencedores. (1) "*Não te deixes vencer do mal.* Não permita que o mal de qualquer provocação que lhe for feita tenha poder sobre ti ou deixe tal marca sobre ti, a ponto de te despojar de ti mesmo, perturbar a tua paz, destruir o teu amor, irritar e transtornar o teu espírito, conduzir-te a qualquer indecência, ou fazer-te planejar qualquer vingança". Aquele que não consegue suportar calmamente uma injúria é perfeitamente vencido por ela. (2) "...*mas vence o mal com o bem*, com o bem da paciência e da indulgência, mais ainda, com o bem da bondade e da beneficência para aqueles que te prejudicam. Aprende a derrotar os planos maus que fazem contra ti e ainda a mudá-los, ou pelo menos a preservar tua própria paz." Aquele que tiver essa regra em seu espírito será melhor do que o poderoso.

3. Para concluir, restam duas exortações ainda intocadas, que são gerais e que recomendam todo o resto como bom em si mesmo e de boa reputação.

(1) Como bom em si mesmo: "*Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem*" (v. 9). Deus nos tem mostrado o que é bom: esses deveres cristãos são ordenados; e é mal o que se opuser a eles. Então observe: [1] Não devemos apenas não fazer o mal, mas *aborrecê-lo*. Devemos odiar o pecado com um ódio total e irreconciliável, sentir por ele uma antipatia como ao pior dos males, contrário à nossa nova natureza, e ao nosso verdadeiro interesse – odiando toda a aparência do pecado, até a roupa manchada da carne. [2] Não apenas devemos fazer o que for bom, mas insistir nele. Isso denota uma escolha deliberada, uma afeição sincera e uma constante perseverança no que é bom. "Dessa forma, insista nisso, como não sendo nem seduzido nem assustado por ele, apega-te *àquele que é bom*, o próprio Senhor (At 11.23), com dependência e aquiescência". Essa exortação é acrescentada ao preceito do amor fraternal, como diretriz dela; devemos amar nossos irmãos, mas não amá-los a ponto de cometer por causa deles algum pecado, ou omitir algum dever; não mudar de idéia em relação a algum pecado por causa da pessoa que o comete, mas abandonar a todos os amigos do mundo para entregar-se a Deus e ao dever.

(2) Como de boa reputação: "...*procurai as coisas honestas perante todos os homens* (v. 17), isto é, não apenas fazeres, mas refletires, projetares e cuidares de fazer aquilo que for amável e honroso, e recomendar a fé cristã a todos aqueles com quem tu conviveres" (veja Fp 4.8). Essas atitudes de caridade e beneficência são de uma maneira especial de boa reputação entre os homens, e por essa razão, devem ser diligentemente consideradas por todos os que levam em conta a glória de Deus e o mérito da confissão deles.

CAPÍTULO 13

Há três grandes e boas lições que nos são ensinadas nesse capítulo, em que o apóstolo se estende mais sobre seus preceitos do que fez no capítulo anterior, achando necessário inculcá-los plenamente. I. Uma lição de submissão à autoridade legítima (vv. 1-6). II. Uma lição de justiça e amor aos nossos irmãos (vv. 7-10). III. Uma lição de sobriedade e piedade em nós mesmos (vv. 11-14).

Estímulo à Obediência aos Magistrados

vv. 1-6

Somos aqui ensinados como nos conduzir em relação aos magistrados, e aqueles que têm autoridade sobre nós, chamados aqui de "...*autoridades superiores*", insinuando sua autoridade (eles são poderes) e sua dignidade (eles são autoridades superiores), incluindo não apenas o rei como supremo, mas a todos os magistrados inferiores que estão sob sua autoridade: e isso não se relaciona apenas com as pessoas que estão no poder, mas com a função em si mesma, que essas pessoas exercem. Por mais que as pessoas em si possam ser pecaminosas, e do tipo daquelas pessoas vis a quem o habitante de Sião despreza (Sl 15.4), mesmo assim, devemos nos submeter e obedecer ao justo poder que elas possuem. O apóstolo tinha nos ensinado no capítulo anterior a não nos vingarmos nem pagarmos mal por mal; mas para não parecer que isso cancelaria a ordenança de uma magistratura entre os cristãos, ele aproveita a oportunidade para afirmar a necessidade dela e da devida punição

aos malfeitores, por mais que isso possa parecer pagar o mal com o mal. Observe:

I O dever prescrito: "*Toda alma esteja sujeita*". Toda alma – todas as pessoas, tanto uma como outra, incluindo os clérigos, que se denominam pessoas espirituais; porém, a igreja em Roma não apenas pôde se eximir de sujeitar-se aos poderes civis, mas colocou-se como autoridade sobre eles, fazendo os maiores príncipes sujeitarem-se ao papa, o qual assim exalta-se sobre tudo o que se chama Deus. *Toda alma.* Não que nossas consciências devam estar sujeitas à vontade de algum homem. É prerrogativa de Deus fazer leis diretamente obrigatórias à consciência, e devemos dar a Deus o que for de Deus. Mas isso sugere que nossa sujeição deva ser livre e voluntária, sincera e genuína. "*Nem ainda em teu pensamento amaldiçoes o rei*" (Ec 10.20). Planejar e imaginar são traições iniciadas. A sujeição da alma aqui exigida inclui honra interior (1 Pe 2.17) e reverência e respeito exteriores, tanto ao falar com eles quanto ao falar deles – obediência às suas ordens no que se refere às coisas legítimas e honestas, e no que toca a outras coisas, uma submissão paciente às penalidades sem resistência – uma conformidade em todas as coisas ao posto e dever de súditos, limitando nossas mentes à relação e condição, e à inferioridade e subordinação dela. "Eles são *autoridades superiores*; contente-se que eles sejam assim e seja submisso a eles adequadamente". Ora, há um bom motivo para insistir nesse dever de submissão aos magistrados: 1. Por causa da censura que a religião cristã sofria no mundo, como uma inimiga da paz pública, da ordem e do governo, como uma seita que subvertia o mundo e tornava os que a abraçavam inimigos de César, e tanto mais porque os líderes eram galileus – uma velha calúnia. Jerusalém era considerada uma "*...cidade rebelde e danosa aos reis e províncias*" (Ed 4.15,16). Nosso Senhor Jesus foi assim difamado, embora lhes tivesse dito que o seu reino não era deste mundo: então não seria de admirar que os seus seguidores fossem oprimidos em todos os tempos com calúnias semelhantes, sendo chamados de *facciosos*, *sediciosos* e *perturbadores*, sendo vistos como agitadores da terra, tendo os seus inimigos encontrado tais representações necessárias para justificar sua bárbara violência contra eles. Por essa razão, o apóstolo, para evitar a reprovação e livrar o cristianismo dela, mostra que a obediência aos magistrados civis é uma das leis de Cristo, cuja religião faz das pessoas bons súditos; e era muito injusto atribuir ao cristianismo divisão e rebelião contra as quais se opõem de forma tão direta seus princípios e regras. 2. Por causa da tentação que os cristãos podem sofrer em relação aos magistrados civis, alguns deles sendo originalmente judeus, e, portanto, influenciados pelo princípio segundo o qual era inadequado para qualquer descendente de Abraão estar sujeito a alguém de outra nação – seu rei deve ser um dentre seus irmãos (Dt 17.15). Além disso, Paulo os tinha ensinado que eles *não estavam sob a lei*, havendo sido libertos por Cristo. Para que essa liberdade não se transformasse em licenciosidade e não fosse interpretada erroneamente como favorecendo divisão e rebelião, o apóstolo insiste na obediência ao governo civil, o que era mais necessário agora já que os magistrados eram pagãos e incrédulos, o que não destruía o seu poder civil e sua autoridade. Além disso, as autoridades civis eram poderes perseguidores; o corpo da lei estava contra os cristãos.

II Os motivos para impor esse dever. Por que devemos nos sujeitar?

1. *Por causa da ira.* Por causa do perigo que corremos com a resistência. Os magistrados trazem a espada e opor-se a eles é arriscar tudo o que nos é caro nesse mundo; pois não vale a pena contender com aquele que traz a espada. Naqueles tempos de perseguição, os cristãos eram detestáveis para a espada do magistrado por causa de sua religião, e eles não precisavam fazer-se mais detestáveis por sua rebelião. A menor mostra de resistência ou sedição em um cristão seria logo agravada e aumentada, e seria muito prejudicial a toda a sociedade; e por isso eles tinham mais necessidade do que os outros de serem corretos em sua submissão, para que aqueles que tinham tanto motivo contra eles no que se referia a seu Deus, não tivessem mais um motivo. O argumento seguinte deve se referir a esse assunto: "*...os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação*" (v. 2), *krima lepsontai*, serão chamados para prestar contas disso. Deus ajustará as contas com eles, porque a resistência acaba sendo contra Ele. Os magistrados ajustarão contas com eles. Os infratores cairão sob o açoite da lei, e descobrirão que as autoridades superiores são muito altas para serem pisadas, todos os governos sendo justamente rigorosos e severos contra traição e rebelião; assim, segue-se: "*os magistrados... são terror...*" (v. 3). Esse é um bom argumento, mas é pobre para um cristão.

2. Devemos nos sujeitar, "*...não somente pelo castigo, mas também pela consciência*"; não tanto pela *formidine paenae – pelo medo da punição*, como pelo *virtutis amore – pelo amor à virtude*. Isso faz com que as obrigações civis comuns sejam aceitáveis a Deus, quando elas são realizadas *pela consciência*, com um olho em Deus, em sua providência nos colocando em tais relações, e em seus preceitos, fazendo da sujeição o dever daquelas relações. Assim, a mesma coisa pode ser feita a partir de um princípio muito diferente. Ora, para forçar a consciência a essa sujeição ele argumenta nos versículos 1-6:

(1) A partir da instituição da magistratura: "*...não há autoridade que não venha de Deus*". Como o regente e governante do mundo, Deus designou a ordenança da magistratura, de maneira que Ele é a fonte de todo o poder civil como seu original, e, por sua providência, colocou a administração naquelas mãos, quaisquer que sejam essas pessoas. Por Ele reinam os reis (Pv 8.15). A usurpação e o abuso de poder não são de Deus, pois Ele não é o autor do pecado; mas o poder em si mesmo é. Como os nossos poderes naturais, embora freqüentemente mal usados e feitos instrumentos do pecado, vêm do poder criador de Deus, assim também os poderes civis vêm do poder governante de Deus. Os príncipes mais opressores e injustos do mundo não possuem nenhum poder além daquele que lhes é dado do alto (Jo 19.11), estando a divina providência de alguma forma ligada àquelas revoluções e mudanças de governos que têm enorme influência sobre os estados e reinos, e sobre pessoas individuais e comunidades menores. Ou, trata-se do governo em geral: é um exemplo da sabedoria, do poder e da bondade de Deus ao lidar com a humanidade, que Ele a colocou em tal estado em que se distinguem os que governam e os governados, e não os deixou como os peixes do mar, onde os maiores devoram os menores. Nisso

Ele considerou o bem de suas criaturas. "...*as autoridades que há...*": qualquer que seja a forma particular e o método de governo – se monarquia, aristocracia ou democracia –, onde quer que o poder governante esteja fixado, é uma ordenança de Deus e deve ser recebido e respeitado adequadamente; embora seja diretamente uma ordenança do homem (1 Pe 2.13), porém, é originalmente uma ordenança de Deus. "...*ordenadas por Deus*" – *tetagmenai*, uma palavra de sentido militar, que não significa apenas a ordenação de magistrados, mas a subordinação de magistrados inferiores ao supremo, como em um exército; pois entre os magistrados existe uma diversidade de dons, obrigações e serviços. Conseqüentemente, segue-se que, "...*quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus*" (v. 2). Há outras coisas que vêm de Deus que são as maiores calamidades; mas a magistratura vem de Deus como uma ordenança, isto é, é uma grande lei, e é uma grande bênção: de maneira que os filhos de Belial, que não suportarão o jugo do governo, vão quebrar a lei e desprezar uma bênção. Por isso os magistrados são chamados de deuses (Sl 82.6), porque eles portam a imagem da autoridade de Deus. E aqueles que rejeitam o poder deles rejeitam ao próprio Deus. Isso não é em tudo aplicável aos direitos particulares de reis e reinos, e às ramificações da constituição deles; nem pode qualquer regra ser derivada a partir disso para modelar os acordos originais entre governantes e governados; mas a intenção é que sirva de orientação a pessoas individuais em sua condição particular, a se comportarem calma e pacificamente na esfera na qual Deus as tem colocado, com a devida consideração aos poderes civis que Deus, em sua providência, estabeleceu sobre elas (1 Tm 2.1,2). Os magistrados são aqui repetidamente chamados de ministros de Deus. Ele "...*é ministro de Deus...*" (vv. 4,6). Os magistrados são de uma maneira mais peculiar servos de Deus; a dignidade que eles têm exige obediência. Embora eles sejam senhores para nós, são servos de Deus, têm um trabalho a realizar para Ele, e contas a acertar com Ele. Na administração da justiça pública, decidindo nas disputas, protegendo o inocente, corrigindo quem está em erro, punindo os transgressores e preservando a paz e a ordem nacional, para que as pessoas não façam o que é certo aos seus próprios olhos – é nessas coisas que os magistrados agem como ministros de Deus. Como matar um magistrado inferior, enquanto ele estiver verdadeiramente cumprindo o seu dever, é cometer traição contra o príncipe, assim resistir a qualquer magistrado no cumprimento desses deveres que competem à sua posição é resistir a uma ordenança de Deus.

(2) A partir da finalidade da magistratura: "*Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más*". A magistratura foi designada para ser:

[1] Um terror para as más obras e os que praticam o mal. Os magistrados trazem a espada, não apenas a espada da guerra, mas a da justiça. Eles são *herdeiros da repressão*, para envergonhar os transgressores. Laís precisava dessas pessoas (Jz 18.7). Tal é o poder do pecado e da corrupção que muitos não serão impedidos de cometer as maiores maldades, como são os mais perniciosos para a sociedade humana, por não terem qualquer respeito à lei de Deus e à natureza ou pela ira futura; mas apenas têm medo das punições temporais, que a teimosia e a perversidade da humanidade degenerada fazem necessário. Daí parece que as leis com penalidades para os fora-da-lei e desobedientes (1 Tm 1.9) devem ser constituídas em nações cristãs e estão de acordo com, e não contradizendo ao, evangelho. Quando os homens se tornam como animais, como animais que se devoram uns aos outros, eles devem ser tratados de acordo, pegos e destruídos *in terrorem – para amedrontar a outros*. O cavalo e a mula devem assim ser controlados com freio e rédeas. Nessa obra, o magistrado é o *ministro* de Deus (v. 4). Ele atua como agente de Deus, a quem pertence a vingança; e por isso deve tomar cuidado para não introduzir em seus julgamentos quaisquer ressentimentos pessoais que tenha. "...*para castigar o que faz o mal*". Nisso os processos judiciais dos magistrados mais fiéis e cautelosos, embora haja alguma débil semelhança e prelúdio dos julgamentos do grande dia, ficam muito aquém do julgamento de Deus; eles alcançam apenas os atos maus, podem punir aquele que *faz* o mal; mas o julgamento de Deus se estende até os pensamentos maus, e discerne as intenções do coração. "...*pois não traz debalde a espada*". Não foi sem motivo que Deus colocou tal poder nas mãos dos magistrados; mas com a intenção de reprimir e suprimir as desordens. E por isso: "...*se fizeres o mal*, que cair no conhecimento e na condenação do magistrado, *teme*, pois os poderes civis têm olhos vivos e braços longos". É bom quando a punição de malfeitores é administrada como uma ordenança de Deus, instituída e designada por Ele. Em primeiro lugar, como um Deus santo, que odeia o pecado, contra o qual, quando ele aparece e levanta a sua cabeça, uma demonstração pública é assim produzida. Em segundo lugar, como rei das nações, e o Deus da paz e da ordem, a qual é aqui preservada. Em terceiro lugar, como o protetor do bem, cujas pessoas, famílias, estados e nomes são protegidos. Em quarto lugar, como alguém que não deseja a ruína eterna dos pecadores, mas que pela punição de alguns amedronta outros, e assim impede iniqüidade semelhante, para que outros possam ouvir e temer, e não agir mais presunçosamente. Mais ainda, essa punição pretende mostrar bondade para com aqueles que são punidos, para que pela destruição da carne o espírito possa ser salvo no dia do Senhor Jesus.

[2] Um elogio para aqueles que praticam o bem. Aqueles que se guardam na prática de seu dever terão o elogio e a proteção dos poderes civis, para a sua honra e conforto. "Faz o que for bom (v. 3), e não precisarás '...*temer a autoridade*', a qual, embora terrível, alcança apenas aqueles que, por seu próprio pecado, se fazem detestáveis para ela. O fogo queima apenas o que for combustível; mais ainda, receberás louvor dela". Essa é a intenção da existência da magistratura e, por essa razão, nós devemos, por causa da consciência, nos sujeitar a ela, como a uma constituição designada para o bem público, diante da qual todos os interesses particulares devem ceder. Mas é uma pena que até essa intenção graciosa seja pervertida e que aqueles que portam a espada, enquanto toleram e são coniventes com o pecado, tornam-se um terror para os que praticam o bem. Mas isso acontece quando os homens mais vis são exaltados (Sl 12.1,8); e, todavia, mesmo assim a bênção e o benefício

de uma proteção comum, e uma aparência de governo e ordem, são tais que é nosso dever nesse caso antes nos submetermos à perseguição por fazer o bem, e suportá-la pacientemente, do que tentarmos uma reforma através de práticas desordeiras e irregulares. Jamais um príncipe soberano perverteu as finalidades de um governo como Nero fez, porém, Paulo apelou para ele e teve mais de uma vez, em seu reinado, a proteção da lei e dos magistrados inferiores. É melhor ter um mau governo do que nenhum.

(3) A partir de nossa vantagem na magistratura: "O magistrado *é ministro de Deus para teu bem*. Tu tens o benefício e a vantagem do governo e, portanto, deves fazer o que puderes para preservá-lo e não perturbá-lo". Proteção implica em submissão. Se tivermos proteção do governo, devemos-lhe sujeição; sustentando o governo, mantemos a nossa própria cobertura. Esta sujeição concorda igualmente com o tributo que pagamos: "*Por essa razão também pagais tributos*" (v. 6), como um testemunho de vossa submissão, e um reconhecimento de que, em consciência, pensais que se deve pagá-lo. Pagando os impostos, vós contribuís com vossa parte para sustentar o poder; se, portanto, vós não vos sujeitardes, não fazeis senão enfraquecer com uma mão o que apoiais com a outra; e isso é consciência?" "Ao pagar tributos não apenas reconheceis a autoridade do magistrado, mas a bênção daquela autoridade sobre vós mesmos, um sentimento que vós assim testificais, dando-lhe isso como recompensa pelos sofrimentos que ele tem no governo; pois a honra é uma carga; e, se ele cumprir o seu dever, ele estará '*atendendo sempre a isto mesmo*', pois é suficiente ocupar todos os pensamentos e o tempo de um homem, em consideração de cuja fadiga, pagamos tributo, e devemos estar sujeitos". *Pagais tributo, fronous teleite*. Ele não diz: "Dai como donativo", mas: "Pagai como uma justa obrigação, ou emprestai-o para serdes ressarcidos com todas as bênçãos e vantagens da administração pública, da qual colheis o benefício". Essa é a lição que o apóstolo ensina, e convém a todos os cristãos aprendê-la e praticá-la, para que os piedosos na terra possam ser vistos (quem quer que sejam eles) também como o quieto e o pacífico na terra.

Justiça e Caridade

vv. 7-10

Aqui nos é ensinada uma lição sobre justiça e caridade.

I Sobre justiça: "*Portanto, dai a cada um o que deveis*" (v. 7), especialmente aos magistrados, pois isso se refere ao que foi dito anteriormente; e igualmente a todos com quem tivermos de lidar. Ser justo significa dar a todos o que lhes é devido, dar a cada um o que lhe é de direito. O que temos, temos como administradores; outros têm participação nisso e devem receber o que lhes é devido. "Dê a Deus o que lhe for devido em primeiro lugar, depois a vocês mesmos, a suas famílias, seus parentes, à comunidade, à igreja, aos pobres, àqueles com quem vocês lidam ao comprar, vender, trocar etc. Dê a todos o que lhe for devido, e isso pronta e alegremente, não se demorando até que você seja obrigado a fazê-lo por força da lei". Ele especifica: 1. Os impostos devidos: "...*a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto*". A maioria dos países onde o evangelho foi primeiramente pregado estava, naquele tempo, sujeita ao jugo romano e transformada em províncias do império. Ele escreveu isso aos romanos, que, tanto quanto eram ricos, estavam esgotados por causa das taxas e impostos, para insistir que pagassem os impostos de forma justa e honesta. Alguns fazem distinção entre tributo e imposto, entendendo o primeiro como se referindo a taxas regulares, e o último, àquelas que são exigidas ocasionalmente, sendo que ambas devem ser pagas conscienciosa e fielmente quando elas se tornam legalmente devidas. Nosso Senhor nasceu quando sua mãe foi a Belém para ser taxada; e ele ordenou o pagamento de tributo a César. Muitos, que parecem justos em outras coisas, não têm consciência disso, mas passam uma falsa máxima, de que não é nenhum pecado enganar o rei, o que é diretamente contrário à regra de Paulo: *a quem tributo, tributo*. 2. O respeito devido: "...*a quem temor, temor; a quem honra, honra*". Isso resume a obrigação que devemos, não apenas aos magistrados, mas também a todos os superiores, pais, senhores, a todos os que estão acima de nós no Senhor, de acordo com o quinto mandamento: "*Honra a teu pai e a tua mãe*". Compare com Levítico 19.3: "*Cada um temerá a sua mãe e a seu pai*", não com temor de assombro, mas um temor obediente, respeitoso, reverente e amoroso. Onde não houver esse respeito no coração em relação aos nossos superiores, nenhuma outra obrigação será paga corretamente. 3. O pagamento de dívidas devido: "*A ninguém devais coisa alguma*; isto é, não estendais o vosso débito com ninguém, enquanto fordes capazes de pagá-lo, além de, pelo menos, um consentimento tácito da pessoa a quem deveis. Dai a cada um o que lhe for devido. Não gasteis convosco mesmos, muito menos ajunteis para vós o que é de outra pessoa". "*O ímpio toma emprestado e não paga*" (Sl 37.21). Muitos que são sensíveis às dificuldades pensam pouco sobre o pecado de dever a alguém.

II Sobre a caridade: "*A ninguém devais coisa alguma*"; *ofeilete* – vós não *deveis* nada a ninguém; dessa forma alguns lêem: "Qualquer coisa que vós deveis para algum parente, ou com quem negociais, está altamente resumida e incluída nesse débito do amor. Mas amai-vos *uns aos outros*, essa é uma dívida que sempre devemos pagar e mesmo assim sempre dever". O amor é uma dívida. A lei de Deus e o interesse pela humanidade o tornam assim. Não é uma coisa de que temos liberdade de escolha, mas nos obriga, como um princípio e um resumo de tudo que devemos uns aos outros; pois o amor é "...*o cumprimento da lei*", não perfeitamente, mas é um bom passo em direção a isso. Ele inclui todos os deveres da segunda tábua, que ele especifica no versículo 9, e esses supõem o amor a Deus (ver 1 Jo 4.20). Se o amor for sincero, será aceito como o cumprimento *da lei*. Com certeza, servimos a um bom Senhor, que resumiu todo o nosso dever em uma palavra – *amor*, a beleza e a harmonia do universo. Amar e ser amado é todo o prazer, contentamento e felicidade de um ser inteligente. "*Deus é amor*" (1 Jo 4.16), e o amor é a sua imagem na alma: onde ele existir, a alma será bem moldada, e o coração, preparado para toda boa obra. Ora, para

provar que o amor é o cumprimento da lei, ele nos dá: 1. Uma introdução aos preceitos particulares (v. 9). Ele especifica os últimos cinco dos dez mandamentos, que ele observa estarem todos resumidos na regra áurea: "*Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*" – com um *como* de qualidade, não de igualdade – "com a mesma sinceridade que tu amas a ti mesmo, embora não na mesma medida e grau". Aquele que ama a seu próximo como a si mesmo, desejará o bem-estar do corpo, dos bens e do bom nome de seu próximo como se fosse dele mesmo. Sobre isso se baseia aquela regra áurea de fazer aos outros o que desejamos que façam a nós. Não houvesse nenhum controle das leis humanas nessas coisas, não houvesse nenhuma punição (o que a maldade da natureza humana torna necessário), a lei do amor seria por si mesma eficaz para evitar todas as ofensas e injúrias e para manter a paz e a boa ordem entre nós. Na enumeração desses mandamentos, o apóstolo coloca o sétimo antes do sexto e o menciona primeiro: "*Não adulterarás*, pois embora esse ato esteja geralmente sob o nome de amor (é uma pena que uma palavra tão boa como *amor* seja tão mal usada), é na verdade uma grande violação dele, como matar e roubar, o que mostra que o verdadeiro amor fraternal é amor às almas de nossos irmãos em primeiro lugar. Aquele que provoca outros ao pecado e corrompe suas mentes e consciências, embora possa fingir o amor mais ardente (Pv 7.15,18), na verdade os odeia, como faz o Diabo, que luta contra a alma. 2. Uma regra geral a respeito da natureza do amor fraterno: "*O amor não faz mal ao próximo*" (v. 10). Aquele que caminha no amor, que é movido e governado pelo princípio do amor, *não faz mal*; ele não realiza nem planeja qualquer mal *ao próximo*, a ninguém com quem ele venha a lidar: *ouk ergazetai*. Tramar o mal é de fato realizá-lo. Conseqüentemente, tramar o mal é chamado de *maquinar o mal* na cama em Miquéias 2.1. O amor não tenciona ou planeja nenhum mal a ninguém, é completamente contra a prática do que possa trazer prejuízo, ofensa ou tristeza a qualquer pessoa. *O amor não faz mal*, isto é, ele proíbe que se faça qualquer mal: mais está implícito do que expresso; não apenas não opera nenhum mal, porém faz todo bem possível, elabora coisas generosas. Pois não é apenas um pecado planejar o mal contra o seu próximo, mas negar o bem àqueles a quem é devido; tanto um quanto outro desses procedimentos são proibidos (Pv 3.27-29). Isso prova que o amor é o cumprimento da lei e responde a toda a sua finalidade; pois para que mais ele serve senão para nos impedir de fazer o mal e nos compelir a fazer o bem? O amor é um princípio vivo e ativo de obediência a toda a lei. A lei inteira estará escrita no coração se a lei do amor estiver lá.

O Diretório Cristão

vv. 11-14

Aqui se nos ensina uma lição de sobriedade e piedade em nós mesmos. Nosso principal objetivo deve ser cuidar de nós mesmos. Quatro coisas nos são ensinadas, como uma agenda de um cristão para as suas tarefas do dia: quando acordar, como se vestir, como caminhar e que providências tomar.

I Quando acordar: "*...é já hora de despertarmos...*" (v. 11), despertarmos do sono do pecado (pois uma condição pecaminosa é um estado de sono), do sono da segurança carnal, da indolência e da negligência, do sono da morte espiritual e do sono do entorpecimento espiritual; tanto as virgens prudentes como as loucas tosquenejaram e adormeceram (Mt 25.5). Temos de ser freqüentemente sacudidos e incitados a acordar. A palavra de comando a todos os discípulos de Cristo é: *Vigiai*. "*Despertai* – preocupai-vos com vossas almas e vossa situação eterna; cuidado com o pecado, estai prontos, sede sinceros no que for bom, e vivei em uma constante expectativa da vinda de nosso Senhor. Considerando:" 1. "O tempo em que estamos: *conhecendo o tempo*. Considerai a hora do dia e vereis que é momento de despertar. É tempo do evangelho, é tempo aceitável, é tempo de trabalhar; é um tempo quando mais se espera do que nos tempos da ignorância tolerados por Deus, quando as pessoas viviam nas trevas. Passou da hora de despertar, pois o sol já está alto há bastante tempo e brilha em nossos rostos. Temos essa luz para dormir? (1 Ts 5.5,6). É hora de despertar, pois outros estão despertos, já se levantaram e circulam perto de nós. Saiba que o tempo é um tempo de agitação; temos muito trabalho a fazer e o nosso Senhor nos está chamando para a obra repetidamente. Saiba que o tempo é de perigo. Estamos no meio de inimigos e armadilhas. É hora de despertar, pois os filisteus estão prontos; a casa de nosso próximo está em chamas, e a nossa própria casa, em perigo. É tempo de despertar, pois temos dormido o bastante (1 Pe 4.3), passou da hora, de fato, pois *aí vem o noivo*". 2. "A nossa salvação é iminente: *a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé* – do que quando primeiro cremos, e aceitamos, assim, a confissão do cristianismo. A felicidade eterna que escolhemos como nossa porção está agora mais próxima de nós do que estava quando nos tornamos cristãos. Vamos nos concentrar em nosso caminho e corrigir os nossos passos, pois estamos agora mais próximos do fim da nossa jornada do que quando tivemos nosso primeiro amor. Quanto mais próximos estivermos de nosso centro, mais rápido deve ser o nosso movimento. Não existe mais do que um passo entre nós e o céu, e devemos ser tão vagarosos e lerdos em nossa viagem e nos mover assim tão pesadamente? Quanto mais os dias se tornam curtos, e mais a graça aumenta, mais perto está a nossa salvação, e mais rápidos e vigorosos devemos estar em nossos movimentos espirituais".

II Como nos vestirmos. Este é o próximo cuidado, quando estivermos despertos e em pé: "*A noite é passada, e o dia é chegado*; portanto, é hora de nos vestirmos. As descobertas mais claras serão feitas rapidamente do evangelho da graça do que têm sido feitas, na medida em que a luz se espalha. A noite da fúria e crueldade dos judeus está bem no fim; o seu poder perseguidor está perto de ter um ponto final; o dia de nossa libertação deles está à mão, aquele dia da redenção que Cristo prometeu (Lc 21.28). E o dia de nossa completa salvação na glória celestial está perto. Então, observe:"

1. "De que devemos nos despir: de nossas roupas da noite, pois é uma vergonha aparecer com elas: *Rejeitemos, pois, as obras das trevas*. As obras pecaminosas são obras das trevas; elas provêm das trevas da ignorân-

cia e do erro, cobiçam as trevas da privacidade e do segredo e acabam nas trevas do inferno e da destruição. Nós, que somos do dia, lancemo-las fora; não vamos apenas cessar de praticá-las, mas vamos detestá-las e abominá-las, e não vamos mais ter nada com elas. Porque a eternidade está bem às portas, tomemos cuidado para que não sejamos encontrados praticando aquilo que, então, se voltará contra nós" (2 Pe 3.11,14).

2. "O que devemos vestir". Devemos tomar cuidado com o que nos vestiremos. Como vestiremos nossas almas? (1) "*...vistamo-nos das armas da luz*". Os cristãs são soldados em meio a inimigos, e a vida deles é um combate, e por essa razão, a sua vestimenta deve ser a armadura, para que possam defender-se – *a armadura de Deus*, sobre a qual somos orientados em Efésios 6.13ss. Um cristão pode considerar-se nu se estiver desarmado. As graças do Espírito são essa armadura, para proteger a alma das tentações de Satanás e os assaltos desse presente mundo mau. Ela é chamada de armadura da luz. Alguns pensam que a expressão seja uma alusão à couraça brilhante que os romanos costumavam vestir; ou à armadura que nos convém usar à luz do dia. As graças do Espírito são ornamentos esplêndidos e convenientes, são de grande valor para Deus. (2) "*...revesti-vos do Senhor Jesus Cristo...*" (v. 14). Isso se opõe a muitas concupiscências desprezíveis mencionadas no versículo 13. *Glutonarias* e *bebedeiras* devem ser rejeitadas; alguém poderia pensar no que depois viria, mas, vesti-vos de sobriedade, temperança, castidade, as virtudes opostas. Não: "*...revesti-vos do Senhor Jesus Cristo*, isso inclui tudo. Revesti-vos da justiça de Cristo para a justificação; sede achados nele (Fp 3.9), como um homem é achado em suas roupas; vesti as roupas sacerdotais do irmão mais velho, para que nelas possais obter a bênção. Revesti-vos do espírito e da graça de Cristo para a santificação; revesti-vos do *novo homem* (Ef 4.24); confirmai o hábito da graça, estimulai as suas atitudes". Jesus Cristo é a melhor vestimenta com a qual o cristão pode adornar-se e armar-se; é decente, distintivo, nobre e protetor. Sem Cristo, estamos nus, desfigurados; todas as outras coisas são trapos imundos, folhas de figueira, um péssimo refúgio. Deus nos providenciou casacos de pele – largo, forte, quente e durável. Pelo batismo, temos nos vestido de Cristo através da confissão (Gl 3.27). Vamos praticá-la na verdade e na sinceridade. *O Senhor Jesus Cristo.* "Vista-o como Senhor para governá-lo, como Jesus para salvá-lo, e, em ambos os casos, como Cristo, ungido e designado pelo Pai para essa obra de salvação e de orientação".

III Como caminhar. Quando estamos em pé e vestidos, não devemos nos sentar quietos fingindo solidão e isolamento como monges e eremitas. Temos boas roupas para aparecermos nelas – *Andemos.* O cristianismo nos ensina como caminhar de maneira a agradar a Deus, cujos olhos estão voltados para nós (1 Ts 4.1). "*Andemos honestamente, como de dia*". Compare com Efésios 5.8: "*Andai como filhos da luz*". Nossas relações devem estar adequadas ao evangelho. *Andai honestamente, euschemonos – decentemente,* adequadamente, de maneira a transmitir confiança em relação à sua confissão, e adornar a doutrina de Deus nosso Salvador e recomendar a fé cristã em sua beleza aos outros. De maneira especial, os cristãos devem ser cuidadosos em se conduzirem bem naquelas coisas em que os homens lhes têm na mira, e refletir aquilo que é gracioso e de boa reputação. Particularmente, aqui existem três pares de pecados contra os quais devemos ter cautela: 1. Não devemos andar em *glutonarias* e *bebedeiras*; devemos nos abster de todo excesso no comer e no beber. Não devemos dar o menor apoio a diversões exageradas, nem tolerar nossos apetites carnais em quaisquer excessos particulares. Os cristãos não devem sobrecarregar seus corações com excessos do comer e do beber (Lc 21.34). Isso não é caminhar como de dia, pois aqueles que "*...se embebedam embebedam-se de noite*" (1 Ts 5.7). 2. "*...nem em desonestidades, nem em dissoluções*", em nenhuma daquelas concupiscências da carne, daquelas obras das trevas, que são proibidas no sétimo mandamento. A desonestidade proibida é o adultério manifesto e a fornicação. Os pensamentos e os sentimentos lascivos, os olhares lascivos, as palavras, os livros, as músicas, os gestos, as danças e os namoros, que conduzem para, e se constituem em graus, daquela impureza, são a libertinagem aqui proibida – qualquer coisa que transgrida a lei pura e sagrada da castidade e da modéstia. 3. Não "*...em contendas e inveja*". Essas também são obras das trevas, pois, embora os atos e os casos de contendas e invejas sejam muito comuns, ninguém está disposto a reconhecer os princípios, ou reconhecer-se invejoso e contencioso. Pode ser a sorte dos melhores santos serem alvos de inveja e contenda; mas contender e invejar dificilmente ficam bem nos discípulos do Jesus pacífico e humilde. Onde houver glutonaria e bebedeira, normalmente haverá desonestidades, dissoluções, contendas e inveja. Salomão coloca tudo junto (Pv 23.9ss.). Aqueles que se demoram no vinho (Pv 23.30) têm contendas e ofensas sem motivo (Pv 23.29) e seus olhos observam mulheres estranhas (Pv 23.33).

IV Que providências tomar (v. 14): "*...não tenhais cuidado da carne.* Não tenhais cuidado do corpo". Nossa grande preocupação deve ser abastecer a nossa alma; mas, não devemos ter qualquer cuidado em relação a nossos corpos? Não devemos suprir as suas necessidades? Sim, mas duas coisas são aqui proibidas: 1. Nos confundir com um cuidado excessivo, insinuado nestas palavras: *pronoian me poieisthe.* "Não sejais solícitos em vos preocupar com o corpo; não estendais vossa preocupação, nem coloqueis vosso pensamento além do limite, ao tomar essa providência; não fiqueis cuidadosos e embaraçados com isso; *não andeis, pois, inquietos*" (Mt 6.31). É proibido um cuidado ansioso e que sobrecarrega a pessoa. 2. Sendo indulgentes conosco mesmos no que toca a um desejo irregular. Não somos proibidos simplesmente de suprir o nosso corpo (é uma lâmpada que deve ser abastecida de óleo), mas somos proibidos de satisfazer as suas concupiscências. As necessidades do corpo devem ser consideradas, mas as suas concupiscências não devem ser satisfeitas. Os desejos naturais devem ser satisfeitos, mas os desejos dissolutos devem ser contidos e negados. É obrigação encontrar carne para suprir as nossas necessidades, somos ensinados a orar pelo pão de cada dia; mas é provocador pedir carne para satisfazer nossas concupiscências (Sl 78.18). Aqueles que confessam que andam no espírito, não devem satisfazer as concupiscências da carne (Gl 5.16).

CAPÍTULO 14

Depois de no capítulo anterior ter orientado nossa conduta em relação aos outros nas coisas civis e determinado as leis sagradas da justiça, da índole pacífica e da ordem, para observarmos como membros da comunidade, Paulo agora vem nesse capítulo, e em parte do capítulo seguinte, da mesma forma orientar nossa conduta, de um em relação ao outro, no que toca às coisas sagradas, que pertencem de forma mais imediata à consciência e à fé, e que observamos como membros da igreja. Particularmente, ele dá regras de como lidar com nossas diferentes apreensões a respeito de coisas indiferentes, em cujo manejo, parece, havia algo de impróprio entre os cristãos romanos, para quem ele escreveu, o que ele aqui se esforça em corrigir. Mas as regras são gerais e de uso permanente na igreja, para a preservação daquele amor cristão sobre o qual ele tinha tão seriamente insistido no capítulo anterior, como o cumprimento da lei. É certo que nada é mais ameaçador, nem mais freqüentemente fatal, às comunidades cristãs, do que as contendas e divisões entre seus membros. Por essas feridas a vida e a alma do cristianismo perecem. Então, nesse capítulo, somos supridos com o poderoso bálsamo de Gileade. O abençoado apóstolo prescreve como um sábio médico: "O motivo pelo qual a ferida da filha do meu povo não é curada" é que as orientações que ele tem não são seguidas. Esse capítulo, entendido corretamente, e posto em prática, colocaria as coisas em ordem e nos curaria a todos.

Exortações à Franqueza. O Senhorio de Cristo

vv. 1-23

Nós temos, nesse capítulo:

I Um relatório da contenda infeliz que irrompeu na igreja cristã. Nosso Senhor tinha previsto que viriam escândalos; e parece que eles aconteceram por causa da carência daquela sabedoria e amor que teriam evitado discórdia e mantido a união entre eles.

1. Havia uma diferença entre eles a respeito da distinção de alimentos e dias; essas são as duas coisas especificadas. Podia haver outras ocasiões semelhantes de diferenças, embora sobre essas é que se fazia o maior barulho, e eram mais notadas. O caso era o seguinte: Alguns membros da igreja em Roma eram originalmente gentios e outros eram judeus. Encontramos judeus em Roma que criam (At 28.24). Ora, aqueles que tinham sido judeus eram instruídos na observância das ordens cerimoniais com respeito a alimentos e dias. Isso, que tinha pertencido à sua formação, dificilmente poderia ser erradicado, mesmo depois de eles se tornarem cristãos; especialmente com alguns deles, que não se desligariam com facilidade daquilo a que estiveram ligados por tanto tempo. Eles não estavam bem instruídos a respeito do cancelamento da lei cerimonial pela morte de Cristo, e, por essa razão, mantinham as instituições cerimoniais, e, portanto, a praticavam; enquanto outros cristãos que se compreendiam melhor e sabiam de sua liberdade cristã não faziam tal diferença. (1) A respeito de comer carne: "...*um crê que de tudo se pode comer*" – ele está bem convencido de que a distinção cerimonial entre alimentos puros e impuros já não vigora mais, mas que toda criatura de Deus é boa, e nada deve ser recusado; "...*nenhuma coisa é de si mesma imunda*" (v. 14). Ele estava seguro disso, não apenas a partir do caráter e do alcance do evangelho, mas particularmente a partir da revelação que Pedro, o apóstolo da circuncisão (e por isso mais diretamente preocupado com isso), teve nesse sentido (At 10.15,28). Nisso o cristão forte está esclarecido, e com isso vive em conformidade, comer o que lhe for colocado e não fazer nenhuma pergunta por causa da consciência (1 Co 10.27). Por outro lado, "...*outro, que é fraco*", não está convencido desse ponto, não está esclarecido em sua liberdade cristã, mas ainda inclina-se a pensar que os alimentos proibidos pela lei ainda continuam impuros; e por isso, para manter-se longe deles, não comerá nenhum tipo de carne, mas "...*come legumes*", contentando-se apenas com os frutos da terra. Veja a que graus de mortificação e abnegação uma consciência sensível se submeterá. Com exceção daqueles que o experimentam, ninguém sabe como é forte o poder da consciência, que tanto restringe quanto obriga. (2) A respeito dos dias (v. 5). Aqueles que pensavam estar ainda sob algum tipo de obrigação imposta pela lei cerimonial faziam "...*diferença entre dia e dia*" – mantinham um respeito pelos tempos da Páscoa, do Pentecostes, das luas novas e pela festa dos Tabernáculos; pensavam que aqueles dias fossem melhores do que os outros e os celebravam de acordo com observâncias particulares, obrigando-se a algum descanso e exercícios religiosos naqueles dias. Aqueles que sabiam que todas essas coisas tinham sido abolidas e revogadas pela vinda de Cristo consideravam semelhantes todos os dias. Nós devemos compreender isso com exceção do dia do Senhor, o qual todos os cristãos observavam unanimemente; mas eles não faziam nenhum caso, não tomavam conhecimento, daquelas festas antigas dos judeus. Aqui o apóstolo fala da distinção de alimentos e dias como coisas indiferentes, quando isso não ia além da opinião e prática de alguns indivíduos, que tinham sido educados toda a sua vida em tais observâncias, e, portanto, eram mais desculpáveis se eles só desistissem delas com dificuldade. Mas na epístola aos Gálatas, onde ele lida com aqueles que eram originalmente gentios, porém influenciados por alguns crentes judaizantes a não apenas crerem em tal distinção e praticá-la adequadamente, mas a enfatizar a sua necessidade para a salvação e a fazer da observância dos festivais judaicos algo público e congregacional, o caso era diferente, e os acusa de frustrarem o plano do evangelho, caindo da graça (Gl 4.9-11). Os romanos o faziam por causa da fraqueza, os gálatas, por causa da teimosia e da maldade; e, portanto, o apóstolo lida com eles de maneira diferente. Supõe-se que essa epístola tenha sido escrita algum tempo antes daquela dirigida aos gálatas. O apóstolo parece disposto a deixar a lei cerimonial mirrar gradualmente, e deixá-la ter um enterro honroso; agora esses romanos fracos parecem

estar apenas seguindo-a chorosos ao seu túmulo, mas aqueles gálatas estavam procurando tirá-la das cinzas.

2. Não era tanto a diferença em si que fazia o dano, e sim a má administração da diferença, fazendo-a um pomo de discórdia. (1) Os que eram fortes sabiam de sua liberdade cristã, e faziam uso dela, desprezavam os fracos, que não usavam dessa liberdade. Ao passo que eles deviam ter piedade deles, ajudá-los, fornecer a eles instrução meiga e amigável, eles pisavam sobre eles como pessoas tolas, caprichosas e supersticiosas, por duvidarem daquelas coisas que eles sabiam serem legítimas: tão inclinados estão aqueles que têm conhecimento para se incharem com isso e olharem seus irmãos com desdém e desprezo. (2) Aqueles que eram fracos e não se atreviam a usar de sua liberdade cristã julgavam e censuravam os fortes, que agiam como se fossem cristãos relaxados, crentes carnais, que não se preocupavam com o que faziam, mas se aventuravam em tudo e não se agarravam em nada. Eles os julgavam infratores da lei, pessoas que desprezavam a ordenança de Deus, e coisas semelhantes. Tais censuras mostravam muita imprudência e falta de caridade, e sem dúvida tendiam muito para a alienação da afeição. Bem, essa era a doença e a vemos permanecer na igreja ainda hoje; as mesmas diferenças, também mal administradas, ainda perturbam a paz da igreja. Mas:

II Nós temos orientações próprias e sugestões apresentadas para aquietar essa contenda e evitar as suas más conseqüências. O apóstolo, como um sábio médico, prescreve remédios adequados para a doença, os quais reúnem regras e motivos. Tais métodos gentis que ele usa, com tais laços de um homem ele os reúne; não o faz excluindo, suspendendo e silenciando um dos lados, mas persuadindo-os à tolerância mútua: e como um fiel árbitro, ele põe a mão sobre ambos, argumentando com o forte que ele não devia ser tão desdenhoso, e com o fraco, que ele não devia censurar tanto. Se as partes que contendem se submeterem a essa justa arbitragem, cada qual moderar seu rigor e sacrificar suas diferenças em nome de suas virtudes, todos estarão rapidamente bem. Vamos observar as regras que ele dá, algumas para o forte e outras para o fraco, e algumas para ambos, pois elas estão entrelaçadas; e limitar os motivos às suas regras adequadas.

1. Aqueles que são fracos devem ser recebidos, "...*não em contendas sobre dúvidas*" (v. 1). Tomai isso como regra geral; gastai vosso zelo naquelas coisas nas quais vós e todo o povo de Deus concordais, e não disputai a respeito de assuntos que são duvidosos. *Recebei-o, proslambanesthe – tomai-o para vós*, dai-lhe as boas-vindas, recebei-o com a maior afeição e ternura; *porrigite manum* (assim está no Siríaco): *estendei-lhe a vossa mão*, para ajudá-lo, para buscá-lo para vós, para encorajá-lo. Recebei-o em vossa companhia, convívio e comunhão, e acolhei-o com prontidão e condescendência, e tratai-o com toda estima possível. Recebei-o, não para disputardes com ele, e discutirdes sobre pontos incertos que estão em controvérsia, os quais apenas o confundirão, e encherão sua cabeça de idéias vazias, o desorientarão e abalarão a sua fé. Não permiti que vossa amizade e companheirismo cristãos sejam perturbados por altercações vãs e disputas sobre palavras. *Não julgar seus pensamentos indecisos* (assim aparece em uma nota de rodapé), "não o faças mostrar seus sentimentos de fraqueza a respeito daquelas coisas sobre as quais ele estiver em dúvida, para poderdes censurá-lo e condená-lo. Recebei-o, não para expô-lo, mas para instruí-lo e fortalecê-lo" (ver 1 Co 1.10; Fp 3.15,16).

2. Aqueles que são fortes não devem de jeito nenhum desprezar os fracos; nem os que são fracos julgar os fortes (v. 3). Isso é diretamente dirigido contra a falta de cada lado. É rara a existência de tal contenda sem um erro de ambos os lados, e ambos devem se corrigir. Ele argumenta contra ambos juntamente: nós não devemos desprezar nem julgar nossos irmãos. Por qual motivo?

(1) Porque Deus os recebeu, e nós o censuramos se rejeitarmos aqueles que Ele aceitou. Deus jamais rejeita uma pessoa que recebeu a verdadeira graça, mesmo que essa pessoa seja fraca; Ele jamais esmagou a cana quebrada. Os crentes fortes e os fracos, aqueles que comem e os que não comem, se forem verdadeiros crentes, são aceitos por Deus. Será bom para nós colocar-nos essa questão, quando formos tentados a nos comportar de maneira desdenhosa em relação aos nossos irmãos, para desprezá-los e censurá-los: "Deus não os reconheceu? Se Ele o fez, eu os rejeitarei?". "Mais ainda, Deus não apenas o recebe, mas o firma (v. 4). Pensais que aquele que come cairá por sua presunção, ou que aquele que não come afundará sob o peso de seus próprios temores e escrúpulos; mas se eles tiverem a verdadeira fé, e os olhos em Deus, tanto o que usa de forma inteligente a sua liberdade cristã quanto o outro que a tolera conscienciosamente, serão sustentados – um em sua integridade e o outro em seu conforto. Essa esperança está edificada sobre o poder de Deus, pois *poderoso é Deus para o firmar*; e, sendo capaz, não resta dúvida de que Ele deve empregar de boa vontade aquele poder para a preservação dos que lhe pertencem". Em referência às dificuldades e perigos espirituais (nossos e dos outros), muito de nossa esperança e conforto está fundamentado sobre o poder divino (1 Pe 1.5; Jd 24).

(2) Porque eles são servos para seu próprio Senhor (v. 4): "*Quem és tu que julgas o servo alheio?*" Nós consideramos falta de educação intrometer-se com empregados de outras pessoas, e achar falta neles e censurá-los. Cristãos fracos e fortes são de fato nossos irmãos, mas não são nossos servos. Esse julgamento impulsivo é reprovado (Tg 3.1), com a idéia de haver muitos senhores. Nós nos fazemos senhores de nossos irmãos e de fato usurpamos o trono de Deus quando assumimos julgá-los, especialmente julgando seus pensamentos e intenções, que estão fora de nosso alcance, julgando as suas pessoas e situações, sobre as quais é difícil tirar conclusões com base naquelas poucas indicações que chegam ao nosso conhecimento. Deus não vê como o homem vê; e Ele é o senhor deles, não nós. Ao julgar e censurar a nossos irmãos, nos intrometemos naquilo que não nos pertence; temos bastante trabalho para fazer em casa; e, se for necessário julgar, vamos usar nossa faculdade para julgar nossos próprios corações e caminhos. "*Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai*", isto é, seu destino será de acordo com a sentença de seu senhor, e não de acordo com a nossa. Quão bom é para nós não ficar em pé ou cair pelo julgamento que uns fazem dos outros, mas pelo julgamento

justo e infalível de Deus, que é de acordo com a verdade! "Enquanto a causa do teu irmão estiver diante do teu julgamento, estará *coram non judice – diante de alguém que não é o juiz*; o tribunal do céu é o tribunal adequado para julgar, onde, e apenas onde, a sentença é definitiva e conclusiva; e para isso, se o coração dele for correto, ele poderá apelar de tua censura temerária".

(3) Porque tanto um como o outro, se eles forem crentes verdadeiros, e estiverem corretos no que for essencial, terão os olhos em Deus e serão aprovados por Ele no que fizerem (v. 6). "*Aquele que faz caso do dia*" – aquele que tem consciência da observância dos jejuns e dos festivais judeus, não os impondo sobre os outros, nem colocando ênfase sobre eles, mas querendo simplesmente estar, como ele pensa, no lado mais seguro, pensando não haver nenhum problema em descansar dos labores do mundo, e adorando a Deus naqueles dias – faz bem. Temos motivos para pensar, porque em outras coisas ele se comporta como um bom cristão, que nisso também o seu ponto de vista é sincero, e que "*...para o Senhor o faz*"; e Deus aceitará sua intenção honesta, embora ele esteja enganado acerca da observância de dias; pois a sinceridade e a retidão do coração nunca foram rejeitadas por causa da fraqueza e da debilidade da cabeça: tão bom é o Senhor que servimos. Por outro lado, há "*...outro* que *julga iguais todos os dias*" – que não faz diferença entre um dia e outro, não chama um dia de santo e outro de profano, um de dia de sorte e outro de azar, mas considera todos iguais –, ele não faz isso por causa de um espírito de oposição, contradição ou desprezo pelo seu irmão. Se ele for um bom cristão, não fará, não ousará fazê-lo partindo de tal princípio; e por isso, concluímos generosamente que é para o Senhor que ele não faz diferença entre os dias. Ele não faz tal diferença entre os dias apenas porque sabe que Deus não fez nenhuma; e por isso ele pretende honrá-lo esforçando-se em dedicar cada dia a Ele. Isso serve para os outros exemplos: "*O que come*", seja o que for que lhe colocarem na mesa, seja sangue, carne de porco, se for uma comida conveniente para ele, "*...para o Senhor come*". Ele compreende a liberdade que Deus lhe concedeu e a utiliza para a glória de Deus, tendo os olhos em sua sabedoria e bondade ao ampliar nossa condescendência agora que estamos sob o evangelho, e remover o jugo das restrições legais; e ele "*...dá graças a Deus*" pela variedade de comida que tem, e a liberdade que tem de comê-la, e que naquelas coisas a sua consciência não está acorrentada. Por outro lado, "*...o que não come* aquelas carnes que eram proibidas pela lei cerimonial, *para o Senhor não come*". E por causa de Deus, porque ele teme ofender a Deus comendo o que está certo de que fora uma vez proibido; e ele também "*...dá graças a Deus*", porque, além do alimento proibido, há outros alimentos. Se conscientemente ele se nega aquilo que considera fruto proibido, ainda assim ele bendiz a Deus porque pode comer livremente das outras árvores do jardim. Portanto, enquanto ambos tiverem seus olhos em Deus naquilo que fizerem, e se mostrarem a Ele em sua integridade, por que um deles deve ser julgado ou desprezado? Observe: Se comemos carne ou legumes, é um grato respeito a Deus, o autor e doador de todas as nossas misericórdias, que santifica e ameniza isso. O bispo Sanderson, em seu 34º sermão, sobre 1 Timóteo 4.4, faz com justiça a seguinte observação: Parece com isso que receber o alimento com *ações de graças* (como normalmente dizemos, talvez a partir de 1 Co 10.30) antes e depois das refeições era a prática conhecida geral da igreja, entre cristãos de todo tipo, fracos e fortes: uma prática cristã, apostólica, louvável e antiga, derivada do exemplo de Cristo através de todos os tempos da igreja (Mt 14.19; 15.36; Lc 9.16; Jo 6.11; Mt 26.26,27; At 27.35). Tanto abençoar as criaturas em nome de Deus antes de usá-las, como bendizer o nome de Deus por elas depois, estão inclusos; pois *eulogein* e *eucharistein* são usados um pelo outro. Para esclarecer esse argumento contra o julgamento precipitado e o desprezo, ele mostra quão essencial é para o verdadeiro cristianismo ter respeito por Deus e não por si mesmo, o que, portanto, salvo se o contrário aparecer de maneira manifesta, devemos presumir a respeito daqueles que diferem de nós em coisas menores. Observe a descrição que ele faz dos verdadeiros cristãos, tirada da finalidade que têm e de seu objetivo, nos versículos 7 e 8, e o fundamento disso, no versículo 9.

[1] Nossa finalidade e objetivo: não nós mesmos, mas o Senhor. Como o fim particular especifica a ação, assim o objetivo e a tendência gerais especificam o estado. Se quisermos saber em que caminho andamos, devemos perguntar para qual fim caminhamos. Em primeiro lugar, não para nós mesmos. Nós aprendemos a negar-nos a nós mesmos; essa foi a nossa primeira lição: "*Porque nenhum de nós vive para si...*". Esta é uma verdade na qual todo o povo de Deus está de acordo, porém, as pessoas diferem em outras coisas, embora algumas sejam fracas e outras fortes, contudo, ambas concordam nesse ponto, que não vivem para si mesmas. Ninguém que tenha dado o seu nome a Cristo é autorizadamente um egoísta; isso é o contrário do fundamento do verdadeiro cristianismo. Nós não vivemos para nós mesmos nem morremos para nós mesmos. Não somos os nossos próprios senhores, nem nossos próprios proprietários – nós não estamos à nossa própria disposição. A ocupação de nossas vidas não é agradar a nós mesmos, mas a Deus. O objetivo de nossas mortes, às quais estamos expostos e entregues a cada dia, não é o de ficarmos famosos; nós não corremos tal risco por causa da vanglória, enquanto estamos morrendo diariamente. Quando chegamos de fato à morte, tampouco isso é para nós mesmos; não é simplesmente que seríamos despidos, e aliviados da carga da carne, mas é para o Senhor, para que possamos partir e estar com Cristo, para que possamos estar com o Senhor. Em segundo lugar, mas "*...para o Senhor*" (v. 8), para o Senhor Cristo, a quem são entregues todo o poder e julgamento, e em cujo nome somos ensinados, como cristãos, a fazer tudo o que fazemos (Cl 3.7), com os olhos voltados para a vontade de Cristo como nossa regra, para a glória de Cristo como nossa finalidade (Fp 1.21). Cristo é o lucro que temos por alvo, vivos ou mortos. Vivemos para glorificá-lo em todos os atos e afazeres da vida; nós morremos, seja uma morte natural ou violenta, para glorificá-lo, e para ir e ser glorificados com Ele. Cristo é o centro no qual todas as linhas da vida e da morte se encontram. Esse é o verdadeiro cristianismo, que faz Cristo tudo em todos. De maneira que, "*...ou vivamos ou morramos, somos do Senhor*", dedicados a Ele, dependendo dele, criados e criando para Ele. Embora alguns cristãos sejam fracos e outros fortes – embora de diferentes tamanhos, capacidades, percepções e práticas no que toca a coisas menores, ainda assim eles são todos do Senhor – todos olhando, servindo e se

revelando a Cristo, e são adequadamente reconhecidos e aceitos por Ele. Então compete a nós julgá-los e desprezá-los, como se fôssemos seus senhores e eles, em suas ocupações, tivessem de nos agradar e permanecer em pé ou cair por nossa sentença?

[2] O fundamento disso (v. 9). O fundamentado é a absoluta soberania e domínio de Cristo, que são o fruto e a finalidade de sua morte e ressurreição. "*Foi para isto que morreu Cristo e tornou a viver* (Ele, tendo ressuscitado, entrou para uma vida celestial, a glória a qual tivera antes), *para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos*" – para que pudesse ser o monarca universal, o Senhor de todos (At 10.36), de todas as criaturas vivas e não vivas; pois Ele é a cabeça de todas as coisas para a igreja. Ele é Senhor daqueles que estão vivendo para administrá-las, daqueles que estão mortos para recebê-las e ressuscitá-las. Esse era aquele "*...nome que é sobre todo o nome*" que Deus lhe deu como recompensa de sua humilhação (Fp 2.8,9). Foi depois que morreu e ressuscitou que Ele disse: "*É-me dado todo o poder no céu e na terra*" (Mt 28.18), e agora ele exerce esse poder ao enviar os seus discípulos (vv. 19,20). Ora, se Cristo pagou tão caro por seu domínio sobre as almas e consciências, e tem o direito, justo e indiscutível, de exercer o domínio, não devemos, tanto quanto parece, invadi-lo, nem nos entrincheirar sobre ele, julgando as consciências de nossos irmãos e denunciando-os segundo o nosso juízo. Quando estamos prontos para reprovar e censurar o nome e a memória daqueles que já faleceram, e criticá-los (como alguns preferem fazer, pois tais julgamentos dos mortos são mais prováveis de não serem controlados e contraditos), devemos considerar que Cristo é o Senhor dos mortos, como é dos vivos. Se eles estão mortos, eles já prestaram contas, e que isso baste. E, isso leva a outro motivo contra o julgar e o desprezar:

(4) Porque tanto um como outro devem prestar contas em breve (vv. 10-12). Um respeito crente pelo julgamento do grande dia silenciaria todos esses julgamentos precipitados: "*Mas tu*, que és fraco, *por que julgas teu irmão*, que é forte? *Ou tu*, que és forte, *por que desprezas teu irmão*, que é fraco?" Por que todo esse conflito, contradição e censura entre cristãos? "*Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo*" (2 Co 5.10). Cristo será o juiz, e Ele tem tanto autoridade como capacidade para determinar a situação eterna dos homens segundo as obras que praticaram, e diante dele estaremos como pessoas que devem ser julgadas, e prestar contas, aguardando dele a nossa sentença final, a qual será eternamente definitiva. Para ilustrar isso (v. 11), ele cita uma passagem do Antigo Testamento que fala da soberania e do domínio universais de Cristo, estabelecidos com um juramento: "*Pela minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim*". É citação de Isaías 45.23. Lá está da seguinte maneira: "*Por mim mesmo tenho jurado*"; aqui está: "*Pela minha vida*". De maneira que, quando Deus diz: *Pela minha vida*, é para ser interpretado como jurando por si mesmo; pois é prerrogativa de Deus ter vida em si mesmo: há uma ratificação adicional disso em Isaías: "*...saiu da minha boca a palavra...*". É uma profecia, em geral, sobre o domínio de Cristo; e aqui completamente aplicada ao julgamento do grande dia, que será o exercício mais elevado e mais ilustre daquele domínio. Aqui está uma prova da divindade de Cristo: Ele é o Senhor e Ele é Deus, igual ao Pai. A honra divina lhe é devida e deve ser paga. É paga a Deus através dele como Mediador. Deus julgará o mundo por meio dele (At 17.31). O dobrar dos joelhos diante dele e a confissão feita com a língua são só expressões exteriores de adoração e louvor interiores. *Todo joelho* e *toda língua*, seja livremente ou pela força.

[1] Todos os seus amigos fazem-no livremente, tornam-se dispostos no dia do seu poder. A graça é a sujeição declarada, inteira e alegre da alma a Jesus Cristo. Em primeiro lugar, curvando-se diante dele – a compreensão curvada diante de suas verdades, a vontade, diante de suas leis, o homem todo, diante da sua autoridade; e isso é expresso pelo dobrar dos joelhos, a postura de adoração e de louvor. Isso é proclamado diante de nosso José: "*Ajoelhai*" (Gn 41.43). Embora apenas o exercício físico traga poucos lucros, porém, é aceito quando dirigido pelo temor e pela reverência interiores. Em segundo lugar, confessando-o – admitindo a sua glória, graça e grandeza; admitindo nossa própria miséria e vileza, confessando nossos pecados a Ele; é dessa forma que alguns compreendem a expressão.

[2] Todos os seus inimigos serão forçados a fazer isso, queiram ou não. Quando Ele vier sobre as nuvens, e todo olho o vir, então, e só então, todas aquelas promessas que falam de suas vitórias sobre seus inimigos e sobre a sujeição deles a Ele terão seu pleno e completo cumprimento; então, seus inimigos serão o estrado para seus pés, e todos os seus adversários lamberão o pó. Daí ele conclui: "*...cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus*" (v. 12). Não devemos prestar contas pelos outros, nem eles por nós; mas cada um prestará contas *de si mesmo*. Devemos prestar contas de como gastamos o nosso tempo, como aproveitamos as oportunidades, o que temos feito e como. E, por isso, em primeiro lugar, temos pouca condição de julgar os outros, pois eles não nos devem satisfação, nem nós a eles: "*...esses, digo, que pareciam ser alguma coisa, nada me comunicaram*" e "*...Deus não aceita a aparência do homem*" (Gl 2.6). Quem quer que sejam, e o que quer que façam, deverão prestar contas a seu próprio Senhor e não a nós; se pudermos ser de alguma ajuda para a alegria deles, será bom; mas nós não temos domínio sobre a fé que eles têm. E, em segundo lugar, temos mais o que fazer para nos julgar a nós mesmos. Temos que prestar contas de nós mesmos e isso nos basta; "*...prove cada um a sua própria obra...*" (Gl 6.4), preste suas próprias contas, examine seu próprio coração e vida; deixe que isso ocupe seus pensamentos, e aquele que é severo em julgar a si mesmo e em humilhar-se não será capaz de julgar e desprezar o seu irmão. Deixemos todas essas diferenças serem atribuídas ao arbítrio de Cristo no grande dia.

(5) Porque a ênfase do cristianismo não deve ser colocada sobre essas coisas, nem elas são essenciais para a fé cristã, seja num aspecto ou no outro. Essa é a sua explicação (vv. 17,18), que é redutível a essa parte da exortação. Por que vocês devem desperdiçar o seu zelo, seja a favor ou contra aquelas coisas que são tão pequenas e insignificantes na fé cristã? Alguns fazem disso um motivo pelo qual, em caso de alguém se escandalizar, nós devemos refrear o uso de nossa liberdade cris-

tã; mas isso parece dirigido em geral contra aquele ardor por aquelas coisas que ele observou em relação a ambos os lados. "...*o Reino de Deus não é comida*...". Observe então:

[1] A natureza do verdadeiro cristianismo, que é: ele é chamado aqui de *Reino de Deus*; é uma fé designada para nos guiar, um reino: ele está em uma submissão sincera e verdadeira ao poder e domínio de Deus. A dispensação do evangelho é de uma forma especial chamada de *Reino de Deus*, diferente da dispensação legal (Mt 3.2; 4.17). Em primeiro lugar, ele "...*não é comida nem bebida*"; não consiste em usar ou se abster de tais e tais comidas e bebidas. O cristianismo não nos dá regras nesse caso, seja de um modo ou de outro. O judaísmo consistia muito em comidas e bebidas (Hb 9.10), abstendo-se religiosamente de alguns tipos de comida (Lv 11.2), comendo outros religiosamente, como em vários sacrifícios, parte dos quais devia ser comida diante do Senhor. Mas todas essas prescrições agora estão abolidas e não são mais necessárias (Cl 2.21,22). A questão está resolvida. "*Toda criatura de Deus é boa*" (1 Tm 4.4). Assim, como em relação a outras coisas, não é nem a circuncisão nem a incircuncisão (Gl 5.6; 6.15; 1 Co 7.19), não é pertencer a esse partido e opinião, a essa ou a outra opinião em coisas menores, que nos recomendará a Deus. No grande dia, não será perguntado: "Quem comeu carne e quem comeu legumes?" "Quem guardou os dias santos e quem não guardou?" Nem será perguntado: "Quem era conformista e quem não era?" Mas será indagado: "Quem temeu a Deus e praticou a justiça e quem não o fez?" Não existe nada mais destrutivo para o verdadeiro cristianismo do que colocá-lo em moldes, formas e coisas supérfluas, que aniquilam o que é essencial. Em segundo lugar, ele é "...*justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo*". Essas são algumas das coisas essenciais do cristianismo, sobre as quais todo o povo de Deus está de acordo, em cuja procura devemos gastar o nosso zelo e com as quais devemos nos ocupar com muita atenção. Justiça, paz e alegria são palavras muito abrangentes; e cada uma delas inclui muito, tanto do fundamento quanto da superestrutura da religião. Se eu puder limitar o sentido delas, deve ser assim: Com relação a Deus, nossa grande preocupação é a *justiça* – apresentar-se diante dele justificados pelo mérito da morte de Cristo, santificados pelo Espírito de sua graça; pois o justo Senhor ama a justiça. Com relação aos nossos irmãos, é *paz* – viver com eles em paz, amor e caridade, buscando a paz com todos os homens: Cristo veio ao mundo para ser o grande pacificador. Em relação a nós mesmos, é *alegria no Espírito Santo* – aquela alegria espiritual que é operada pelo bendito Espírito nos corações dos crentes, os quais vêem a Deus como o seu Pai reconciliado, e o céu, como o seu esperado lar. Ao lado de nossa conformidade com Deus, a vida da religião consiste em nosso prazer nele, em nos deleitar sempre no Senhor. Com certeza nós servimos a um bom Senhor, que torna a paz e a alegria tão essenciais à nossa religião. Sempre só podemos esperar a paz e a alegria no Espírito Santo quando o fundamento está posto na justiça (Is 32.7). Em terceiro lugar, ele é, nessas coisas, servir "...*a Cristo*" (v. 18), fazer tudo isso por causa do respeito ao próprio Cristo como sendo o nosso Senhor, à sua vontade como sendo a nossa regra e à sua glória como sendo o nosso objetivo. O que dá aceitabilidade a todos os nossos bons deveres é levar Cristo em conta ao fazer tais coisas. Nós devemos servir a seus interesses e desígnios no mundo, os quais são, primeiramente nos reconciliar com Deus e, depois, nos reconciliar uns com os outros. O que é o cristianismo senão servir a Cristo? E bem podemos nos dar ao luxo de servi-lo, a Ele que por nós e para a nossa salvação assumiu a forma de servo.

[2] As vantagens dele. Aquele que observou devidamente essas coisas, em primeiro lugar, é aceitável a Deus. Deus está bem satisfeito com tal pessoa, embora Ele não esteja ao nosso alcance em relação a tudo. Ele tem o amor e o favor de Deus; sua pessoa e suas realizações são aceitas por Deus e nós não necessitamos de mais nada para nos fazer felizes. Se agora Deus aceita as tuas obras, podes comer o teu pão com alegria. São mais agradáveis a Deus aqueles que estão mais satisfeitos com Ele; e eles são aqueles que mais transbordam de paz e alegria no Espírito Santo. Em segundo lugar, ele é aprovado pelos homens – por todos os homens bons e sábios, e a opinião dos outros não deve ser considerada. As pessoas e as coisas que são aceitáveis a Deus devem ser aprovadas por nós. Não devemos estar satisfeitos com aquilo com que Deus está satisfeito? O que deve ser santificado, senão o que for da vontade de Deus? Observe: A aprovação de homens não deve ser menosprezada; pois nós devemos prover coisas que sejam honestas no ponto de vista de todos os homens, e buscar aquelas coisas que são amáveis e de boa reputação: mas a aceitação por parte de Deus deve ser desejada e buscada em primeiro lugar, porque, cedo ou tarde, Deus fará com que todo o mundo pense como Ele.

3. Uma outra regra dada aqui é esta, que, nessas coisas sobre as quais existem dúvidas, cada um não apenas possa, mas deva caminhar de acordo com a luz que Deus lhe deu. Isso é colocado no versículo 5: "*Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo*", isto é, "fazei de acordo com vosso próprio julgamento nessas coisas, e deixai que os outros também façam o mesmo. Não censureis a prática dos outros; deixai-os desfrutar de sua própria opinião; se eles estiverem persuadidos de que devem fazer isso e aquilo, não os condeneis, mas, se os vossos sóbrios sentimentos forem diferentes, não façais de suas práticas uma regra para vós, tanto quanto não determineis as vossas regras para eles. Evitai agir de modo contrário a uma consciência que tem dúvidas. Primeiramente estai persuadidos de que o que fazeis é legítimo, antes de vos aventurardes a fazê-lo". No que se refere às coisas duvidosas, é bom manter-se do lado seguro da janela. Se um cristão fraco duvida de que seja legítimo comer carne, enquanto ele permanecer com essa dúvida, lhe será melhor que se contenha, até que esteja plenamente convencido. Não devemos prender nossa fé à manga de ninguém, nem fazer da prática de outros a nossa regra, mas seguir os ditames de nosso próprio entendimento. Nesse sentido, ele argumenta, nos versículos 14 e 23, que explicam isso, e nos dão uma regra de não agir contra os ditames:

(1) De uma consciência equivocada (v. 14). Se algo for indiferente, de maneira que não seja em si mesmo um pecado não praticá-lo, se pensarmos verdadeiramente que seja um pecado praticá-lo, para nós será um pecado, embora não para outros, porque nós agimos contra a nossa consciência, embora ela estivesse enga-

nada e equivocada. Ele descreve esse caso, fazendo referência à diferença de comida. Observe:

[1] Sua própria clareza nesse assunto. "*Eu sei e estou certo* – estou plenamente convencido, estou informado de minha liberdade cristã e satisfeito com ela, sem qualquer dúvida ou receio, de que *nenhuma coisa é de si mesmo imunda*, isto é, nenhum tipo de carne colocada sob qualquer impureza cerimonial, e nem é proibido que seja comida, se for comida adequada para o corpo humano". Vários tipos de carne foram proibidos aos judeus, pois nisso, como em outras coisas, eles podiam ser um povo separado e peculiar (Lv 11.44; Dt 14.2,3). O pecado tinha trazido uma maldição sobre toda a criação: "...*maldita é a terra por causa de ti*"; o uso de todas as criaturas e o domínio sobre elas foi perdido, de maneira que elas se tornaram impuras para o homem (Tt 1.15), e como sinal disso, Deus proibiu o uso de algumas na lei cerimonial, para mostrar que Ele podia tê-lo feito em relação a todas; mas agora que Cristo removeu a maldição, a matéria está livre novamente, e aquela proibição é removida. Por isso, Paulo diz que ele estava persuadido pelo Senhor Jesus, não apenas como o autor daquela persuasão, mas como o fundamento dela; ela foi construída sobre a eficácia da morte de Cristo, o qual removeu a maldição, anulou a privação e restaurou o nosso direito às criaturas em geral, e conseqüentemente colocou um ponto final àquela proibição particular que distinguia os alimentos. De maneira que, agora, não existe nada impuro por si mesmo, sendo boa toda criatura de Deus; nada *comum*: assim alguns lêem, *ouden kainon*, nada que seja comum para os outros comerem, a partir do uso da qual os que professam a religião sejam impedidos; nada profano; era nesse sentido que os judeus usavam a palavra *comum*. Ela é explicada pela palavra *akatharton* (At 10.14), nada *comum* ou *imundo*. Não foi apenas a partir da revelação feita a Pedro nessa questão, mas da inclinação e da tendência de todo o evangelho, e do desígnio manifesto da morte de Cristo em geral, que Paulo aprendeu a não considerar nada comum ou impuro. Essa era a compreensão do próprio Paulo, e ele a praticava adequadamente.

[2] Mas aqui está uma advertência que Paulo dá àqueles que não tinham a compreensão que ele tinha nesse assunto: "...*para aquele que a tem por imunda*, embora essa pessoa esteja errada, *para esse é imunda*". Esse caso particular, assim determinado, dá uma regra geral, que aquele que pratica algo que verdadeiramente acredita ser ilegítimo, não importa como seja a coisa em si mesma, para ele isso é um pecado. Isso se desenvolve daquela lei imutável de nossa criação, que consiste no seguinte: os nossos desejos, em todas as suas escolhas, impulsos e orientações, devem seguir os ditames de nosso entendimento. Essa é a ordem da natureza, que é quebrada se o entendimento (embora mal orientado) nos fala que tal coisa é um pecado, e mesmo assim nós a praticamos. Essa é uma *vontade* para fazer o mal; pois, se o ato nos parecer um pecado, existe a mesma depravação e corrupção ao praticar o ato como se ele fosse realmente um pecado; por isso, não devemos fazê-lo. Não que esteja no poder da consciência de qualquer homem alterar a natureza da ação em si mesma, mas somente quanto a si mesmo. Deve ser compreendido igualmente com essa condição que, embora os julgamentos e as opiniões dos homens possam transformar o que em si mesmo é bom em algo mau para eles, porém, eles não podem fazer com que aquilo que é em si mesmo mau se torne bom, seja em si mesmo, seja para eles. Se um homem fosse realmente persuadido (esse é o exemplo que o Dr. Sanderson dá em sermão sobre o capítulo 14.23) que é algo mau pedir a bênção de seu pai, então, para ele, pedir a bênção seria um mal: mas, se ele fosse persuadido ao ponto de pensar que é bom amaldiçoar a seu pai, isso não tornaria boa essa ação. Os fariseus ensinavam a alegar questão de consciência quando eles faziam do *corbã* uma desculpa para negar assistência a seus pais (Mt 15.5,6). Mas isso não servia tanto quanto a consciência incorreta de Paulo não justificava sua fúria contra o cristianismo (At 26.9), ou, a fúria deles (Jo 16.2).

(2) Nem devemos agir contra os ditames de uma consciência que tem dúvidas. Naquelas coisas indiferentes das quais temos certeza não ser pecado evitar fazer, mas que não temos certeza ser legítimo para nós praticá-las, não devemos praticá-las enquanto continuarmos em dúvida; pois "...*aquele que tem dúvidas, se come, está condenado*" (v. 23), isto é, transforma-se aquilo em pecado para ele; ele "...*está condenado, katakekritai – ele está condenado,* por sua própria consciência, *porque não come por fé*", porque ele faz aquilo de que não está plenamente persuadido de que seja legítimo fazer. Não lhe está claro que é legítimo para ele comer carne de porco (suponhamos), e, apesar de suas dúvidas, está decidido a comê-la, porque ele vê os outros fazendo isso, porque ele satisfaria seu desejo com ela, ou porque ele não seria reprovado por sua excentricidade. Aqui, o seu próprio coração só pode condená-lo como um transgressor. Nossa regra consiste em caminhar até onde pudermos chegar e não ir além (Fp 3.15,16). "...*e tudo o que não é de fé é pecado*". Em termos gerais, é o mesmo que diz o autor de Hebreus: "*Sem fé é impossível agradar a Deus*" (Hb 11.6). Seja o que for que fizermos no cristianismo, nunca terá um bom resultado, exceto se o fizermos a partir do princípio da fé, com uma consideração crente à vontade de Cristo como sendo nossa regra, à glória de Cristo como sendo a nossa finalidade, e à justiça de Cristo como sendo o nosso argumento. Aqui, isso parece ser levado de maneira mais rígida; tudo quanto não seja por fé (isto é, tudo quanto for feito enquanto não estivermos persuadidos de sua legitimidade) é um pecado contra a consciência. Aquele que se aventurar a fazer aquilo que a sua consciência lhe aconselha ser ilegítimo, quando não for ilegítimo em si mesmo, por uma tentação semelhante será levado a fazer aquilo que sua consciência diz ser ilegítimo e que é na verdade ilegítimo. O espírito de um homem é a candeia do Senhor, e é um perigo viciar e forçar a consciência, mesmo quando ela estiver equivocada. Esse parece ser o significado daquele aforismo que soa um tanto obscuro: "*Bem aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova*" (v. 22). Muitas vezes uma pessoa se permite praticar o que, em seu julgamento e consciência, ela mesma condena – permite por causa do prazer, do lucro ou da moda; permite para se conformar ao costume; e enquanto faz, e defende tal atitude, seu próprio coração a acusa de mentir, e a sua consciência a condena por isso. Ora, feliz é o homem que controla tanto as suas relações que, em

qualquer atitude, não se expõe aos questionamentos e reprovações de sua própria consciência – que não faz de seu coração o seu próprio adversário, como deve necessariamente ocorrer àquele que faz algo que não lhe está claro ser lícito. Feliz o que tem paz e quietude dentro de si, pois o testemunho da consciência lhe será um especial revigorante em tempos difíceis. Embora os homens nos condenem, será muito bom se nossos próprios corações não nos condenarem (1 Jo 3.21).

4. Uma outra regra aqui prescrita é para aqueles que estão esclarecidos nesse assunto e sabem da sua liberdade cristã, contudo têm de dar atenção ao modo de usá-la de maneira a não ofender um irmão fraco. Isso é colocado no versículo 13: "*Assim, que não nos julguemos mais uns aos outros*. Basta que tenhais até aqui continuado nessa prática nada caridosa, e não vos comporteis mais dessa forma". Ele se inclui para melhor infundir a exortação: não nos julguemos; como se ele tivesse dito: "É contra isso que eu decidi, por essa razão, deixai de fazê-lo; mas "...*seja o vosso propósito*, em vez de censurar a prática dos outros, olhemos para a nossa própria, para não pormos *tropeço ou escândalo ao irmão*" – *proskomma, e skandalon*. Devemos tomar cuidado para não dizer ou fazer qualquer coisa que possa levar nosso irmão a tropeçar e cair; um significa um grau de dano e ofensa menor, o outro, um grau maior – aquilo que possa ser ocasião:

(1) De magoar a nosso irmão: "Alguém que é fraco e pensa que seja ilícito comer tais e tais alimentos, ficará muito perturbado ao ver-te comê-los, por causa de uma preocupação pela honra da lei, que ele pensa proibi-los, e pelo bem da tua alma, que ele pensa ser prejudicada pelos alimentos proibidos, especialmente quando tu fazes isso propositadamente e com uma aparente presunção, e não com aquela ternura e cuidado em dar ao teu irmão fraco a satisfação conveniente". Os cristãos devem tomar cuidado para não se magoarem uns aos outros e não entristecerem os corações dos pequeninos de Cristo (veja Mt 18.6,10).

(2) Da culpa do nosso irmão. O anterior era o escândalo, que abala muito a nosso irmão e é um obstáculo e desencorajamento para ele; mas esta é uma *ocasião para cair*. "Se teu irmão fraco, puramente por causa de teu exemplo e influência, sem qualquer satisfação recebida a respeito de sua liberdade cristã, for levado a agir contra a sua consciência e a caminhar contrário à luz que tem, e assim trazer culpa para a sua alma, embora o que tenha feito seja lícito para ti, não sendo para ele (não tendo ele ainda *alcançado isso*), tu deves ser censurado por lhe dar a ocasião" (veja esse caso explicado em 1 Co 8.9-11). No mesmo sentido (v. 21) ele encomenda ao nosso cuidado não ofender a ninguém pelo uso de coisas lícitas: "*Bom é não comer carne, nem beber vinho...*"; essas coisas são de fato lícitas e agradáveis, mas não são necessárias para a manutenção da vida humana, e por essa razão, podemos, e devemos, preferir evitá-las a causar escândalo. *Bom é* – é agradável a Deus, proveitoso para o nosso irmão e nada prejudicial para nós mesmos. Daniel e seus colegas estavam mais bem nutridos com legumes e água do que estavam aqueles que comiam a porção da mesa do rei. É um ato generoso de abnegação para o qual temos o exemplo de Paulo: "...*se o manjar escandalizar a meu irmão*" (1 Co 8.13); ele não diz: *não comerei nenhum tipo de comida*, o que significaria destruir-se, mas: "...*nunca mais comerei carne*", o que significa negar a si mesmo, enquanto o mundo durar. Isso deve ser estendido a todas as coisas que são indiferentes pelas quais o teu irmão se escandaliza, ou é ofendido, ou é envolvido seja em pecado seja em aborrecimento, ou "...*se enfraqueça*" – suas virtudes são enfraquecidas, suas consolações, enfraquecidas, suas determinações, enfraquecidas. *Se enfraqueça*, isto é, aproveite a ocasião para mostrar a sua fraqueza pelas censuras e escrúpulos dele. Não devemos enfraquecer aqueles que são fracos; isso é como apagar o morrão que fumega e esmagar a cana quebrada. Observe os motivos que nos impõem essa cautela:

[1] Considerar a lei real do amor e da caridade cristã, que aqui é quebrada: "*Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão*" (v. 15) – ele fica perturbado por ver-te comer aquelas coisas proibidas pela lei de Moisés, o que tu podes fazer legitimamente. Talvez tu estarás pronto para dizer: "Agora ele fala de maneira tola e fraca, e o que ele diz não é muito importante". Em tal caso, estamos prontos para colocar toda a culpa do lado dele. Mas a reprovação é dada aqui ao cristão mais forte e que conhece mais: "...*já não andas conforme o amor*". Assim, o apóstolo toma o partido do mais fraco e condena mais o amor deficiente de um lado do que o conhecimento deficiente do outro; segundo os seus princípios apresentados em outro lugar, que o amor é "...*um caminho ainda mais excelente*" (1 Co 12.31). O conhecimento incha, mas a caridade edifica (1 Co 8.1-3). "...*já não andas conforme o amor*". O amor às almas de nossos irmãos é a melhor caridade. O verdadeiro amor nos faz cuidadosos de sua paz e pureza, e gera uma preocupação tanto por suas consciências quanto pela nossa. Cristo lida gentilmente com aqueles que têm a verdadeira graça, mesmo que sejam fracos em relação a ela.

[2] Considerar o objetivo da morte de Cristo: "*Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu* (v. 15). Em primeiro lugar, levar uma alma ao pecado é ameaçar destruí-la. Ao abalar a fé, provocar a sua paixão e tentá-lo a agir contra a luz de sua própria consciência, tu, tanto quanto depende de ti, o destróis, dando-lhe ocasião de retornar ao judaísmo. *Me apollue*. Denota uma destruição completa. O começo do pecado é como deixar correr a água; nós não temos certeza de que ela irá parar em qualquer *lugar desse lado da destruição eterna*. Em segundo lugar, a consideração ao amor de Cristo em morrer pelas almas nos faz muito cuidadosos da felicidade e da salvação das almas, e cautelosos para não fazer qualquer coisa que possa estorvá-las e embaraçá-las. Cristo renunciou a uma vida pelas almas, e que vida, e nós não renunciaremos a um pedaço de carne por elas? Desprezaremos aqueles a quem Cristo valorizou com um preço tão alto? Ele pensou valer a pena negar-se tanto por elas, a ponto de morrer, e nós não pensamos valer a pena negarmos a nós mesmos tão pouco por elas, como nos abster de carne? *Com a tua comida*. Alegas que é a tua própria comida, e que podes fazer o que desejares com ela, mas lembra-te que, embora a comida seja tua, o irmão ofendido por ela é de Cris-

to, e uma parte da sua aquisição. Enquanto destróis a teu irmão estás ajudando no plano do diabo, pois ele é o grande destruidor; e, no que te cabe, estás em oposição ao plano de Cristo, pois Ele é o grande Salvador, e, assim, não ofendes apenas a teu irmão, mas a Cristo; pois a obra da salvação é aquela em que está o coração dele. Mas aqueles por quem Cristo morreu são destruídos? Se entendermos isso da suficiência e intenção geral da morte de Cristo, que foi para salvar todos sob os termos do evangelho, não há dúvidas de que são multidões. Se da determinação particular da eficácia da sua morte em relação aos eleitos, então, embora nenhum daqueles que foram entregues a Cristo pereça (Jo 6.39), mesmo assim tu podes, tanto quanto estiver em teu poder, destruir a tais. Não é graças a ti que eles não são destruídos; fazendo aquilo que tende à sua destruição, tu manifestas uma grande oposição a Cristo. Mais ainda, e tu podes destruir completamente alguns cuja confissão pode ser tão justificável que tu sejas compelido a crer, em um julgamento de caridade, que Cristo morreu por eles". Compare isso com 1 Co 8.10,11.

[3] Considerar a obra de Deus: "*Não destruas por causa da comida a obra de Deus* (v. 20) – a obra da graça, particularmente a obra da fé na alma do teu irmão". As obras da paz e do consolo são destruídas por tal ofensa; tenha cuidado com isso, portanto; não desfaça o que Deus tem feito. Você deve trabalhar junto com Deus, não frustrar a sua obra. Em primeiro lugar, a obra da graça e da paz é a obra de Deus; é realizada por Ele; é uma boa obra desde o começo (Fp 1.6). Observe: Os mesmos por quem Cristo morreu (v. 15) são chamados aqui de obra de Deus; além da obra que é realizada por nós há uma obra a ser feita em nós, para a nossa salvação. Cada santo é obra de Deus, sua lavoura, seu edifício (Ef 2.10; 1 Co 3.9). Em segundo lugar, devemos ter muito cuidado para não fazer nada que contribua para destruir essa obra, seja em nós mesmos, seja nos outros. Devemos negar a nós mesmos em nossos apetites, inclinações e no uso da liberdade cristã, em vez de obstruir e prejudicar a nossa própria graça e paz ou a dos outros. Muitos destroem a obra de Deus tanto em si mesmos, por causa de comida e bebida (nada mais destrutivo para a alma do que mimar e agradar a carne e satisfazer as suas concupiscências), como em outros, pela ofensa feita a eles intencionalmente. "Pensa no que tu destróis – *a obra de Deus*, cuja obra é honrosa e gloriosa; pensa por que tu destróis – *por causa da comida*, a qual não é senão para o ventre e o ventre para ela".

[4] Considerar o mal causado pela ofensa feita e que abuso ela é de nossa liberdade cristã. Ele admite que "...*tudo é limpo*". Podemos comer carne legitimamente, até mesmo aqueles alimentos proibidos pela lei cerimonial; mas, se abusarmos dessa liberdade, isso se tornará um pecado para nós: "...*mal vai para o homem que come com escândalo*". As coisas lícitas podem ser feitas ilicitamente. *Come com escândalo*, seja sem cuidado, seja ofendendo propositalmente a seus irmãos. É de se notar que o apóstolo dirija mais as suas reprovações àqueles que cometem a ofensa; não como se aqueles que sem motivo e debilmente recebiam a ofensa por causa de sua ignorância a respeito da liberdade cristã, e da carência que tinham daquela caridade que não é facilmente provocada e que não pensa nenhum mal (ele várias vezes tacitamente os critica), não devessem ser censurados, mas dirige o seu discurso para os fortes, porque eles estavam mais bem preparados para suportar a reprovação e começar a reforma. Para melhor inculcar essa regra, podemos observar aqui duas orientações que têm relação com ela: em primeiro lugar: "*Não seja, pois, blasfemado o vosso bem*" (v. 16) – tomai cuidado em não fazer nada que possa servir de ocasião para que outros blasfemem da fé cristã em geral, ou da vossa liberdade cristã em particular. O evangelho é o vosso bem; as liberdades e os direitos, os privilégios e a isenção das penalidades, concedidos por ele, são o vosso bem; o conhecimento e a força que tendes da graça para discernir e usar a vossa liberdade em coisas controvertidas são o vosso bem, um bem que o irmão fraco não tem. Ora, não deixeis que isso seja blasfemado. É verdade que não podemos impedir as línguas livres e descontroladas de blasfemarem de nós, e das melhores coisas que temos; mas não devemos (se pudermos evitar) dar a elas qualquer oportunidade de fazer isso. Não permitamos que a censura surja a partir de qualquer falta que venha de nós. "*Ninguém te despreze* (1 Tm 4.12), isto é, não te faças desprezível". Também aqui, não useis vosso conhecimento e força de tal forma que dêem ocasião às pessoas de chamarem a vossa liberdade de presunção, comportamento relaxado e desobediência à lei de Deus. Devemos negar a nós mesmos em muitos casos para a preservação de nosso crédito e reputação, abstendo-nos de fazer aquilo que sabemos muito bem que podemos fazer de maneira legítima, quando a nossa atitude puder prejudicar o nosso bom nome; como quando for duvidoso e tiver a aparência do mal, ou quando se tornar escandaloso entre as pessoas de bem, ou de alguma forma tiver alguma mácula em si. Em tal caso, é preferível contrariar a nós mesmos do que envergonhar a nós mesmos. Embora isso seja bobagem, pode se assemelhar a uma mosca morta, muito prejudicial a alguém que é respeitado por ter sabedoria e honra (Ec 10.1). Podemos aplicar isso de maneira mais geral. Devemos administrar todos os nossos bons deveres de tal forma que eles não possam ser blasfemados. Aquilo que, no que diz respeito a isso, é bom e irrepreensível, pode às vezes, por má administração, ser passível de muita censura e reprovação. A boa oração, a pregação e o discurso podem com freqüência, por falta de prudência em ordenar o tempo, a expressão, e outras circunstâncias que servem para a edificação, ser mal falados. É de fato o pecado daqueles que blasfemam daquilo que é bom por causa de quaisquer erros circunstanciais como esses, mas será nossa insensatez se dermos qualquer ocasião para isso. Como oferecemos a reputação do bem que professamos e praticamos, vamos ordená-lo de forma que não possa ser blasfemado. Em segundo lugar: "*Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus*" (v. 22). Não se refere à fé justificadora (que não deve estar escondida, porém manifesta pelas obras), mas ao conhecimento e à persuasão de nossa liberdade cristã em coisas controvertidas. "Tal assunto te é claro? Estás satisfeito de que podes comer todos os tipos de comida e considerar todos os dias semelhantes (com exceção do dia do Senhor)? *Tem-na em ti mesmo*, isto é, desfruta do conforto dessa fé em teu próprio interior e não perturbes os outros por causa do uso imprudente dela, quando puder ofender, causar tropeço e escândalo ao teu irmão fraco". No que se refere a essas coisas indiferentes,

embora jamais devamos ir contra a nossa convicção, podemos, no entanto, às vezes ocultá-la, quando confessá-la pode causar mais dano do que bem. "*Tem-na em ti mesmo* – uma regra para ti mesmo (não deve ser imposta aos outros ou se transformar em regra para os outros), ou uma alegria para ti mesmo". A clareza em assuntos duvidosos contribui muito para o nosso caminhar confortável, na medida em que ela nos liberta daqueles escrúpulos, ciúmes e desconfianças, com as quais aqueles que não têm tal clareza estão continuamente envolvidos. Compare com Gálatas 6.4: "*Mas prove cada um a sua própria obra*", isto é, submeta-a ao critério da palavra e teste-a por ele tão exatamente a ponto de estar bem satisfeito no que fizer; e então "*...terá glória só em si mesmo e não noutro*". Paulo tinha fé nessas coisas: "*...estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda*"; mas ele mantinha isso para si, de maneira a não usar de sua liberdade para ofender aos outros. Quão feliz seria para a igreja se aqueles que têm clareza em coisas controvertidas estivessem satisfeitos em tê-la para si mesmos diante de Deus, e não as forçarem sobre os outros, e fizessem delas termos de comunhão, visto que nada se opõe mais à liberdade cristã, nem é mais destrutivo, tanto à paz das igrejas como à paz das consciências. Um método saudável não é o menos excelente por ser comum: nas coisas necessárias, deixemos que haja unidade, nas coisas desnecessárias, deixemos que haja liberdade, e em ambas deixemos que haja a caridade, então, tudo ficará rapidamente bem. "*Tem-na em ti mesmo diante de Deus*". A finalidade de tal conhecimento é que, estando satisfeitos em nossa liberdade, tenhamos uma consciência sem ofensas para com Deus, e que isso nos contente. O verdadeiro conforto é o que temos diante de Deus. Os que são de fato corretos o são à vista de Deus.

5. Há mais uma regra colocada aqui, e é geral: "*Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros*" (v. 19). Aqui está o resumo de nosso dever em relação aos irmãos. (1) Devemos buscar a paz mútua. Muitos desejam a paz, e clamam por ela, mas não seguem as coisas que promovem a paz, muito pelo contrário. Liberdade em relação às coisas indiferentes, condescendência com aqueles que são fracos e débeis, e zelo em relação às grandes coisas de Deus com as quais todos concordamos; são essas coisas que promovem a paz. A brandura, a humildade e a abnegação são as fontes da paz, as coisas que promovem a nossa paz. Não somos sempre tão felizes a ponto de obter a paz; há tantas pessoas que se deleitam na guerra; mas o Deus da paz nos aceitará se seguirmos as coisas que promovem a paz, isto é, se fizermos a nossa parte. (2) Devemos buscar a edificação mútua. A busca da paz abre caminho para a edificação. Não podemos nos edificar uns aos outros enquanto estivermos disputando e contendendo. Existem muitas formas pelas quais podemos edificar uns aos outros, se apenas estivermos seriamente ocupados com isso; através de bons conselhos, censura, instrução, exemplo, não apenas edificando a nós mesmos, mas uns aos outros, em nossa santíssima fé. Nós somos o edifício de Deus, o templo de Deus, e temos necessidade de ser edificados; e por essa razão, devemos buscar promover o crescimento espiritual uns dos outros. Não existe ninguém tão forte que não possa ser edificado, e ninguém tão fraco que não possa edificar; e, enquanto edificamos os outros, nós mesmos nos beneficiamos.

Capítulo 15

Nesse capítulo, o apóstolo continua o discurso do capítulo anterior a respeito da tolerância mútua em relação às coisas indiferentes; e assim, aproxima-se da conclusão da epístola. Onde tais diferenças de compreensão, e conseqüentemente, distâncias de afeto, estiverem entre os cristãos, existe a necessidade de preceito sobre preceito, linha sobre linha, para diminuir a tensão e gerar moderação. O apóstolo, desejando fixar bem esse ponto, como se pregasse um prego em lugar firme, continua no mesmo ritmo, sem vontade de deixar o assunto até que ele tenha alguma esperança de prevalecer, para cujo fim ele coloca a causa diante deles e enche sua boca com os argumentos mais urgentes. Podemos observar neste capítulo: I. Seus preceitos a eles. II. Suas orações por eles. III. Sua justificativa por escrever a eles. IV. Um relato de si mesmo e de seus próprios negócios. V. A declaração de seu propósito de ir e vê-los. VI. Seu desejo de compartilhar em suas orações.

Condescendência e Abnegação. Ternura e Generosidade

vv. 1-4

Paulo estabelece aqui dois preceitos, com os motivos que os reforçam, mostrando o dever do cristão forte de considerar e ser condescendente com o mais fraco.

I Devemos "*...suportar as fraquezas dos fracos...*" (v. 1). Todos nós temos as nossas fraquezas; mas os fracos estão mais sujeitos a elas do que os outros – os fracos em conhecimento ou graça, a cana quebrada e o pavio que fumega. Devemos considerar essas coisas; não pisá-los, mas encorajá-los, e suportar as suas fraquezas. Se por causa da sua fraqueza eles nos julgam, censuram e blasfemam de nós, devemos suportá-los, ter piedade deles e não deixar de sentir afeição por eles. Ora, é a fraqueza que eles têm, não podem evitá-la! Assim Cristo suportou seus discípulos fracos e os defendeu. Porém, há mais aí; devemos suportar as fraquezas deles nos simpatizando com eles, nos preocupando com eles e ministrando força a eles, quando houver ocasião. Isso significa levar a carga uns dos outros.

II Não devemos "*...agradar a nós mesmos*", mas ao nosso "*...próximo...*" (vv. 1,2). Devemos negar o nosso próprio capricho, em consideração à fraqueza e debilidade de nossos irmãos.

1. Os cristãos não devem agradar a si mesmos. Não devemos ter como objetivo satisfazer a todos os pequenos apetites e desejos de nosso próprio coração; às vezes, é bom nos contrariarmos, e então suportaremos melhor quando os outros se opuserem a nós. Nós ficaremos mimados (como Adonias) se sempre formos atendidos.

A primeira lição que temos que aprender é negar a nós mesmos (Mt 16.24).

2. Os cristãos devem agradar a seus irmãos. O propósito do cristianismo é suavizar e tornar humilde o espírito, nos ensinar a arte da complacência verdadeira e prestativa; não para sermos servos das concupiscências dos outros, mas das carências e das fraquezas dos nossos irmãos – para agirmos de acordo com tudo o que tivermos de fazer até onde nos for possível com uma boa consciência. Os cristãos devem se esforçar pare serem agradáveis. Como não devemos agradar a nós mesmos no uso de nossa liberdade cristã (a qual nos foi concedida, não para o nosso próprio prazer, mas para a glória de Deus e o proveito e a edificação de outros), assim devemos agradar ao nosso próximo. Que sociedade amável e confortável a igreja de Cristo seria se os cristãos buscassem agradar uns aos outros, como geralmente os vemos agora aplicadamente se opor, frustrar e contradizer uns aos outros! "*...agrade ao seu próximo*", não em tudo, essa não é uma regra ilimitada, mas "*...no que é bom...*", principalmente pelo bem de sua alma: não o agrade por servir a seus desejos pecaminosos, aceitando seu estilo de vida pecaminoso, ou consentindo com suas instigações, ou tolerando o pecado nele; isso é um jeito ilegítimo de agradar ao nosso próximo para a ruína de sua alma: se nós assim agradarmos aos homens, não seremos servos de Cristo; mas devemos agradá-lo para o seu bem; não para o nosso próprio bem secular, ou para oprimi-lo, mas para o seu bem espiritual. "*...para edificação*", isto é, não apenas para o seu proveito, mas para o proveito dos outros, para edificar o corpo de Cristo, buscando favorecer um ao outro. Quanto mais perto estiverem as pedras e mais bem ajustadas umas às outras, mais forte será o edifício. Observe agora o motivo pelo qual os cristãos devem agradar um ao outro: "*Porque também Cristo não agradou a si mesmo*". A abnegação de nosso Senhor Jesus é o melhor argumento contra o egoísmo dos cristãos. Observe:

(1) Que Cristo não agradou a si mesmo. Ele não considerou sua reputação, bem-estar, segurança, nem prazer mundanos; Ele não tinha onde repousar a cabeça, vivia de donativos, não permitiria ser coroado rei, não detestava nenhuma proposta com maior repugnância do que essa: "*Senhor, poupa-te a ti mesmo*"; Ele não "*...buscou a sua própria vontade*" (Jo 5.30), lavou os pés de seus discípulos, sofreu a oposição dos pecadores contra si mesmo, perturbou-se (Jo 11.33), não considerou a sua própria honra e, em uma palavra, esvaziou-se, e se fez de nenhuma reputação: e tudo isso por nossa causa, para nos trazer a justiça, e nos deixar um exemplo. Toda a sua vida foi uma vida de abnegação e de autodesagrado. Ele suportou as "*...fraquezas dos fracos*" (Hb 4.15).

(2) Que nisso a Escritura se cumpriu: "*...como está escrito: sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam*". É citado de Salmos 69.9, sendo a primeira parte do versículo aplicada a Cristo em João 2.17: "*...o zelo da tua casa me devorará*"; e a última parte, aplicada aqui; pois Davi era um tipo de Cristo, e seus sofrimentos, tipo dos sofrimentos de Cristo. A passagem é citada para mostrar que Cristo estava tão longe de agradar a si mesmo que no mais alto grau Ele se desagradou. Não como se a sua tarefa, considerada como um todo, fosse um dever e uma injustiça para Ele, pois Ele estava disposto a realizá-la e estava muito satisfeito com ela; mas em sua humilhação o contentamento e a satisfação da inclinação natural foram ao mesmo tempo contrariados e negados. Ele preferiu o nosso benefício a seu próprio bem-estar e prazer. Isso o apóstolo escolhe expressar na linguagem da Escritura; pois, como as coisas do Espírito de Deus podem ser mais bem expressas senão nas próprias palavras do Espírito? E ele cita esta Escritura: "*...as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim*". [1] A vergonha daquelas afrontas que Cristo sofreu. Qualquer que tenha sido a desonra feita a Deus, foi um sofrimento para o Senhor Jesus. Ele foi ofendido pela dureza dos corações das pessoas, olhou um lugar pecaminoso com tristeza e lágrimas. Quando os santos eram perseguidos, Cristo desagradou tanto a si mesmo que sofreu o que era feito a eles como se fosse contra si mesmo: "*Saulo, Saulo, por que me persegues?*" Cristo também suportou em si mesmo as maiores indignidades; havia muita afronta em seus sofrimentos. [2] O pecado daquelas afrontas, cuja expiação Cristo se incumbiu de realizar; muitos compreendem o texto dessa forma. Todo pecado é um tipo de afronta a Deus, principalmente os pecados insolentes; agora a culpa desses pecados caiu sobre Cristo, quando Ele foi feito pecado, isto é, um sacrifício, uma oferta pelo pecado em nosso favor. Quando o Senhor colocou sobre Ele todas as nossas iniqüidades, e Ele carregou os nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro, eles caíram sobre Ele como sobre a nossa segurança. "*Esteja sobre mim a maldição*". Esse foi o maior exemplo de autodesagrado que poderia existir: considerando sua santidade e pureza imaculadas e infinitas, o infinito amor do Pai para com Ele e sua eterna preocupação pela glória de seu Pai, nada poderia ser mais contrário a Ele, nem mais oposto a Ele, do que ser feito pecado e uma maldição por nós, e sofrer as afrontas dirigidas a Deus, considerando principalmente por quem Ele assim desagradou a si mesmo, por estranhos, inimigos e traidores, "*...o justo pelos injustos*" (1 Pe 3.18). Isso parece vir como um motivo pelo qual nós devemos suportar as fraquezas dos fracos. Não devemos agradar a nós mesmos, pois Cristo não agradou a si mesmo; devemos suportar as fraquezas dos fracos, pois Cristo carregou as afrontas daqueles que afrontavam a Deus. Ele carregou a culpa do pecado e a maldição por ele; somos apenas chamados a carregar um pouco da tribulação ocasionada pelo pecado. Ele suportou os pecados arrogantes dos perversos; nós somos chamados apenas para suportar as fraquezas dos fracos. "*Porque também Cristo...*", *kai gar ho Christos*. Até aquele que era infinitamente feliz no desfrute de si mesmo, que não necessitava de nós nem dos nossos serviços – até aquele que não teve por usurpação ser igual a Deus, que tinha motivos suficientes para agradar a si mesmo e nenhuma razão para ficar preocupado, e muito menos ser aborrecido, por nós –, não agradou a si mesmo, até suportou os nossos pecados. E nós não devemos ser humildes, abnegados e prontos a considerar uns aos outros, nós que somos membros uns dos outros?

(3) Que por essa razão devemos ir e fazer o mesmo: "*Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito*". [1] Aquilo que foi escrito a respeito de Cristo, de sua abnegação e sofrimentos, está *escrito para nosso ensino*; Ele nos deixou um exemplo. Se Cristo negou a si mesmo, com certeza devemos negar a nós

mesmos, por um princípio de sinceridade e de gratidão, e principalmente de conformidade à sua imagem. O exemplo de Cristo, no que Ele fez e disse, está registrado para que possamos imitá-lo. [2] Aquilo que está escrito nas Escrituras do Antigo Testamento em geral está escrito para o nosso ensino. O que Davi tinha dito a respeito de sua própria pessoa, Paulo tinha agora aplicado a Cristo. Então, para que isso não pareça uma interpretação forçada da Escritura, ele nos dá esta excelente regra em geral, de que todas as Escrituras do Antigo Testamento (e muito mais as do Novo) foram escritas para o nosso ensino, e não devem ser vistas como se fossem de interpretação particular. O que aconteceu aos santos do Antigo Testamento foi para lhes servir de exemplo; e as Escrituras do Antigo Testamento têm muitos cumprimentos. As Escrituras são deixadas para servir de regra permanente para nós: elas estão *escritas*, para que possam permanecer para o nosso uso e benefício. Em primeiro lugar, para o nosso ensino. Há muitas coisas para serem aprendidas das Escrituras; e esse é o melhor ensino tirado dessas fontes. Os que são os mais instruídos são exatamente os mais poderosos nas Escrituras. Devemos por essa razão nos esforçar, não apenas para entender o sentido literal das Escrituras, mas para aprender dela o que nos fará bem; e temos a necessidade, portanto, não apenas de ajudar a tirar a pedra, mas a tirar a água, pois em muitos lugares o poço é fundo. Observações práticas são mais necessárias do que exposições críticas. Em segundo lugar, "*...para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança*". Aquela esperança que tem a vida eterna por seu objeto é aqui sugerida como a finalidade da instrução das Escrituras. As Escrituras foram escritas para que pudéssemos saber o que esperar da parte de Deus, e sobre quais fundamentos, e de que maneira. Isto deve nos recomendar a Escritura, o fato de ela ser uma amiga especial da esperança cristã. Então, o modo de alcançar essa esperança é "*...pela paciência e consolação das Escrituras*". Paciência e consolação supõem tribulação e tristeza; tal é a porção dos santos neste mundo; e, não fosse isso, não teríamos nenhuma ocasião para a paciência e a consolação. Mas ambas ajudam a esperança que é a vida de nossa alma. A paciência opera a experiência, e a experiência, a esperança. E a esperança não traz confusão (cap. 5.3-5). Quanto mais praticarmos a paciência nas tribulações, mais esperançosos poderemos olhar através delas; nada mais destrutivo para a esperança do que a impaciência. E a "*...consolação das Escrituras*", aquela consolação que brota da palavra de Deus (que é a consolação mais certa e amável) é igualmente um grande esteio para a esperança, como também é um penhor do bem esperado. O Espírito, como um consolador, é o penhor da nossa herança.

A Unidade Cristã

vv. 5,6

Após ter apresentado duas exortações, antes de continuar com mais, Paulo mistura aqui uma oração pelo sucesso do que ele tinha dito. Os ministros fiéis regam a sua pregação com suas orações porque, independentemente de quem lance a semente, é Deus quem dá o crescimento. Não podemos senão falar ao ouvido; é prerrogativa de Deus falar ao coração. Observe:

I O modo como ele nomeia a Deus: "*...o Deus de paciência e consolação...*", que é tanto o autor como o fundamento de toda paciência e consolação dos santos, a partir de quem elas brotam e sobre quem estão edificadas. Ele concede a graça da paciência; a confirma e a mantém como o Deus de consolação; pois as consolações do Espírito Santo ajudam a sustentar os crentes e a carregá-los com coragem e alegria em todas as aflições que tiverem. Quando ele implora o derramamento do espírito de amor e de unidade, se dirige a Deus como o Deus de paciência e consolação; isto é: 1. Como um Deus que nos suporta e consola, não é rigoroso demais em assinalar o que fazemos de errado, mas está pronto a consolar aqueles que estão abatidos – a nos ensinar, assim, a testemunhar o nosso amor aos nossos irmãos e por esses meios a preservar e manter a unidade, sendo pacientes uns com os outros, e mutuamente confortadores. Ou: 2. Como um Deus que nos dá paciência e consolo. O apóstolo falou de paciência e consolo das Escrituras no versículo 4; mas aqui ele olha para Deus como o Deus de paciência e consolação: isso vem através das Escrituras como o condutor, mas sendo Deus a nascente. Quanto mais paciência e conforto recebermos de Deus, mais bem preparados estaremos para amar uns aos outros. Nada quebra a paz mais do que um temperamento melancólico, irritável, rabugento e impaciente.

II A misericórdia que ele implora de Deus: "*...vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Jesus Cristo*". 1. O fundamento do amor e da paz cristãos é baseado em um mesmo sentimento, um acordo no julgamento tanto quanto possível, ou pelo menos, uma concórdia e concordância de sentimento. *To auto fronein – pensar a mesma coisa*, ter todas os motivos de diferença removidos, e todas as disputas colocadas de lado. 2. Esse mesmo sentimento deve ser *segundo Cristo Jesus*, segundo o preceito de Cristo, a lei régia do amor, de acordo com o padrão e o exemplo de Cristo, que ele lhes propôs para que o imitassem (v. 3). Ou: "Deixai que Cristo Jesus seja o centro de vossa unidade. Concordai com a verdade, não com qualquer erro". Era uma concordância e uma harmonia amaldiçoadas as daqueles que tinham o mesmo sentimento de entregar o poder e a força à besta (Ap 17.13); isso não era o mesmo sentimento segundo Cristo, mas contra Cristo; como os construtores da torre de Babel, que se uniram em sua rebelião (Gn 11.6). O método de nossa oração deve ser pela verdade e, depois, pela paz; pois esse é o método da sabedoria que vem do alto: "*...é, primeiramente, pura, depois, pacífica*". Isso é ter o mesmo sentimento segundo Cristo Jesus. 3. O mesmo sentimento entre os cristãos, segundo Cristo Jesus, é o dom de Deus; e é um dom precioso, pelo qual devemos pedir-lhe sinceramente. Ele é "*Pai dos Espíritos*", e do mesmo modo forma o coração do homem (Sl 33.15), abre o entendimento, amolece o coração, suaviza os sentimentos, e concede a graça do amor, e o Espírito como um Espírito de amor, para

aqueles que lhe pedem. Somos ensinados a orar que seja feita a vontade de Deus na terra como é feita no céu. Ora, lá ela é feita unanimemente, entre os anjos, que são um em seus louvores e serviços; e o nosso desejo deve ser que os santos na terra também possam ser assim.

III A finalidade de seu desejo: que Deus possa ser glorificado (v. 6). Esse é o seu apelo a Deus em oração, e é igualmente um argumento para que eles o busquem. Devemos ter a glória de Deus diante de nós em todas as orações; portanto, nosso primeiro pedido, como a base de todo o resto, deve ser: "*...santificado seja o teu nome*". O mesmo sentimento entre os cristãos é para glorificarmos a Deus. 1. "*...para que concordes, a uma boca*". É desejável que os cristãos concordem em todas as coisas, de maneira que eles possam concordar nisso: louvar a Deus em conjunto. Quando isso ocorre, contribui muito para a glória de Deus, que é um, e cujo nome é único. Não será suficiente que haja uma boca, mas deve haver também só uma mente única, pois Deus olha o coração; mais ainda, dificilmente haverá uma boca onde não houver uma mente; e dificilmente Deus será glorificado onde não houver uma harmoniosa união de ambas. Uma boca ao confessar as verdades de Deus, ao louvar o seu nome – uma boca na convivência, não discordando, mordendo e se devorando uns aos outros – uma boca na assembléia solene, uma falando, mas todas concordando. 2. Como "*...ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*". Esse é o seu estilo de Novo Testamento. Deus deve ser glorificado como Ele tem se revelado no rosto de Jesus Cristo, segundo as regras do evangelho, e com os olhos em Cristo, em quem Ele é o nosso Pai. A unidade dos cristãos glorifica a *Deus* como o *Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* porque é um tipo de contraparte, ou representação, da unidade que existe entre o Pai e o Filho. Assim, temos garantia de falar disso e, tendo-o em vista, de desejá-lo, e orar por isso, a partir de João 17.21: "*Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti*": uma elevada expressão da honra e suavidade da unidade dos santos. Daí se segue: "*Para que o mundo creia que tu me enviaste*"; e assim Deus pode ser glorificado como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

A Unidade Cristã

vv. 7-12

O apóstolo retorna aqui à sua exortação aos cristãos. O que ele diz aqui (v. 7) tem o mesmo sentido do que disse antes; mas a repetição mostra sua grande importância para o apóstolo. "Recebei uns aos outros em vossa afeição, em vossa comunhão, e em vossa convivência, quando houver oportunidade". Ele tinha exortado ao forte receber o fraco (cap. 14.1), aqui, "*...recebei-vos uns aos outros*"; pois às vezes os preconceitos do cristão fraco o tornam desconfiado em relação ao forte, tanto quanto o orgulho do forte o torna desconfiado em relação ao fraco, e nada disso deve ocorrer. Que haja um envolvimento mútuo entre os cristãos. Aqueles que receberam a Cristo pela fé devem receber a todos os cristãos pelo amor fraternal; embora pobres no mundo, perseguidos e desprezados, embora possam ser objeto de censura e perigo para os receberdes, embora em assuntos menos significativos da lei eles possam ter uma opinião diferente, embora possa ter havido oportunidade para ressentimento particular, mesmo assim, colocai essas coisas e outras considerações de lado e "*...recebei-vos uns aos outros*". Então, o motivo pelo qual os cristãos devem receber uns aos outros é tirado, como antes, do condescendente amor de Cristo por nós: "*...como também Cristo nos recebeu para glória de Deus*". Pode haver um argumento mais convincente? Cristo foi tão gentil para conosco e nós seremos tão grosseiros para com aqueles que são dele? Ele teve tanta disposição para nos receber e nós seremos relutantes em receber os nossos irmãos? Cristo nos recebeu em sua suas relações mais próximas e queridas consigo mesmo: recebeu-nos em seu aprisco, em sua família, na adoção de filhos, em uma aliança de amizade, sim, em uma aliança de casamento consigo mesmo; Ele nos recebeu (embora fôssemos estranhos, inimigos, e tivéssemos bancado o filho pródigo) em sua amizade e comunhão consigo mesmo. Aquelas palavras, "*...para glória de Deus*", podem referir-se tanto ao fato de Cristo nos receber, o que é o nosso modelo, como nós recebermos uns aos outros, que é a nossa prática segundo aquele padrão.

I Cristo nos recebeu para glória de Deus. A finalidade de Cristo nos receber é que possamos glorificar a Deus neste mundo e sermos glorificados com Ele no mundo vindouro. Era a glória de Deus, e a nossa glória nos alegrando em Deus, que Cristo tinha em vista quando condescendeu em nos receber. Somos chamados a uma glória eterna através de Cristo Jesus (Jo 17.24). Veja para que Ele nos recebeu – para uma felicidade que transcende toda compreensão; veja por que nos recebeu – para a glória de seu Pai; Ele tinha esse objetivo em todos os exemplos de seu favor para conosco.

II Devemos receber uns aos outros para glória de Deus. Esta deve ser a nossa grande finalidade em todas as nossas ações, que Deus possa ser glorificado; e nada conduz mais a isso do que a bondade e o amor mútuos daqueles que professam a religião; compare com o versículo 6: "*...para que concordes, a uma boca, glorifiqueis a Deus*". Aquilo que era o pomo da discórdia entre eles era uma compreensão diferente acerca de comida e bebida, que se desenvolveu em distinção entre judeus e gentios. Ora, para evitar e acabar com essa diferença, ele mostra como Jesus Cristo recebeu tanto a judeus quanto a gentios; nele, eles são um, *um novo homem* (Ef 2.14-16). Então vale a regra: *Quae conveniunt in aliquo tertio, inter se conveniunt – As coisas que concordam com uma terceira, concordam uma com a outra.* Aqueles que concordam com Cristo, que é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, e o grande centro de unidade, podem bem concordar uns com os outros. Essa união de judeus e gentios em Cristo e no cristianismo era uma coisa que satisfazia e afetava tanto Paulo que ele não podia mencioná-la sem ampliação e esclarecimento.

1. Ele recebeu os judeus (v. 8). Que ninguém pense severa ou desdenhosamente, portanto, daqueles que eram originariamente judeus, e ainda, por fraqueza, retêm algum gosto do antigo judaísmo; pois: (1) Jesus Cristo foi um

"*...ministro da circuncisão*". Que Ele foi um *ministro, diakonos – um servo*, evidencia sua enorme e exemplar condescendência, e coloca honra em seu ministério; mas que Ele foi um ministro da circuncisão, que foi Ele mesmo circuncidado e criado sob a lei, e pregou pessoalmente o evangelho aos judeus, que eram da circuncisão – isso faz a nação dos judeus mais importante do que poderia parecer. Cristo conviveu com os judeus, abençoou-os, viu-se como primeiramente enviado às "*...ovelhas perdidas da casa de Israel*" e "*...tomou a descendência de Abraão*" (Hb 2.16), e por eles, por assim dizer, assumiu intensamente o todo da humanidade. O ministério pessoal de Cristo era apropriado para eles, embora os apóstolos tivessem ampliada a sua missão. (2) Ele foi isso pela verdade de Deus. Aquilo que Ele lhes havia pregado era a verdade; pois Ele veio ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18.37). E Ele próprio é a verdade (Jo 14.6). Ou, pela verdade de Deus, isto é, para cumprir as promessas feitas aos patriarcas a respeito da misericórdia especial que Deus tinha reservado para a descendência deles. Não foi pelo mérito dos judeus, mas pela verdade de Deus, que eles foram assim distinguidos – para que Deus pudesse se mostrar fiel à palavra que Ele falou. "*...para que confirmasse as promessas feitas aos pais*". A melhor confirmação de promessas é o cumprimento delas. Foi prometido que na descendência de Abraão todas as nações da terra seriam abençoadas, que Siló sairia dos pés de Judá, que de Israel devia proceder aquele que teria o domínio, que de Sião sairia a lei, e muitas coisas semelhantes. Houve muitas providências intermediárias que pareciam enfraquecer aquelas promessas, providências que ameaçaram a desastrosa decadência daquele povo; mas quando o Messias, o Príncipe, apareceu na plenitude dos tempos, como um ministro da circuncisão, todas essas promessas foram confirmadas e a verdade delas se manifestou; pois em Cristo todas as promessas de Deus, tanto aquelas do Antigo Testamento quanto as do Novo, são Sim, e, nele, Amém. Compreendendo por *promessas feitas aos pais* toda a aliança da graça, administrada obscuramente sob o Antigo Testamento, e trazida à luz agora, sob o evangelho; foi a grande missão de Cristo confirmar aquela aliança (Dn 9.27). Ele a confirmou derramando o sangue da nova aliança.

2. Ele recebeu igualmente os gentios. O apóstolo mostra isso nos versículos 9-12.

(1) Observe o favor de Cristo aos gentios, ao recebê-los para louvarem a Deus – a obra da igreja na terra e as recompensas dela no céu. Um desígnio de Cristo era que os gentios pudessem igualmente ser convertidos, que pudessem ser um com os judeus no corpo místico de Cristo. Um bom motivo pelo qual eles não devem pensar o pior de qualquer cristão por ele ter sido anteriormente um gentio; pois Cristo o recebeu. Ele convida e dá as boas vindas aos gentios. Agora observe como a sua conversão é expressa aqui: "*...para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia*". Uma perífrase de conversão. [1] Eles têm um motivo para glorificar, a própria misericórdia de Deus. Considerando a condição miserável e deplorável em que estava o mundo dos gentios, o fato de Deus recebê-los parece mais um ato de misericórdia do que quando recebeu os judeus. Aqueles que eram *Lo-ammi – não meu povo*, eram *Lo-ruhama – desfavorecida* (Os 1.6,9; 2.23). A maior misericórdia de Deus para qualquer povo é o fato de Ele o ter recebido na aliança consigo: e é bom prestar atenção à misericórdia de Deus ao nos receber. [2] Eles terão ânimo para glorificar. Eles glorificarão a Deus por sua misericórdia. Os pecadores não convertidos não fazem nada para glorificar a Deus; mas a graça que converte opera na alma uma disposição para falar e fazer tudo para a glória de Deus. Deus planejou colher a glória do meio dos gentios, os quais por tanto tempo tinham mudado a sua glória em vergonha.

(2) O cumprimento das Escrituras a esse respeito. O favor de Deus aos gentios não era apenas misericórdia, mas verdade. Embora não houvesse promessas dadas diretamente a eles, como aos pais dos judeus, contudo havia muitas profecias a respeito deles, as quais se referiam ao chamado dos gentios e à incorporação deles na igreja, algumas das quais o apóstolo menciona porque era uma coisa de que os judeus dificilmente se convenciam em acreditar. Assim, ao referir-se aos gentios no uso que faz do Antigo Testamento, ele se esforça em abrandar a aversão que os judeus sentiam pelos gentios, e dessa forma reconciliar as partes em desarmonia. [1] Foi previsto que o evangelho seria pregado aos gentios: "*...eu te louvarei entre os gentios* (v. 9), isto é, o teu nome será conhecido e considerado no mundo gentílico, ali a graça e o amor do evangelho serão celebrados". A passagem é citação de Salmos 18.49: "*...pelo que, ó Senhor, te louvarei entre as nações*". Uma grata explanação e comemoração do nome de Deus são meios excelentes para fazer com que outros o conheçam e o louvem. Cristo, em e pelos seus apóstolos e ministros, a quem Ele enviou para discipular as nações, confessou a Deus entre os gentios. Tanto a exaltação de Cristo quanto a conversão de pecadores são demonstradas pelo louvor a Deus. A declaração que Cristo faz do nome de Deus a seus irmãos é chamada de "*...seu louvor no meio da congregação*" (Sl 22.22). Considerando essas palavras como ditas por Davi, elas foram pronunciadas quando ele era velho e estava à beira da morte, e, provavelmente, ele não confessaria a Deus entre os gentios; mas quando os salmos de Davi são lidos e cantados entre os gentios, para o louvor e a glória de Deus, pode-se dizer que Davi está "*...confessando a Deus entre os gentios e cantando ao seu nome*". Aquele que foi o amável salmista de Israel é agora o amável salmista entre os gentios. A graça que converte faz as pessoas muito se apaixonarem pelos salmos de Davi. Considerando-as como sendo ditas por Cristo, o Filho de Davi, podem ser entendidas em relação à sua habitação espiritual pela fé nos corações de todos os santos que louvam. Se alguém confessa a Deus entre os gentios e canta ao seu nome, não é ele que está fazendo isso, mas Cristo e sua graça nele. "*Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim*"; assim, eu louvo, não mais eu, mas Cristo louva em mim. [2] Que os gentios deviam alegrar-se "*...com o seu povo*" (v. 10). É uma citação daquele cântico de Moisés em Deuteronômio 32.43. Observe: Daqueles que foram incorporados ao seu povo é dito para regozijarem com o seu povo. Nenhuma alegria maior pode vir a ninguém do que a vinda do evangelho entre eles em poder. Aqueles judeus que guardam

um preconceito contra os gentios não os admitirão de maneira nenhuma em suas festividades; pois (dizem eles) o estranho não se entremeterá na sua alegria (Pv 14.10). Mas, tendo sido derrubada a parede de separação, os gentios são bem-vindos para se alegrar com seu povo. Sendo inseridos na igreja, eles participam de seus sofrimentos, são companheiros na paciência e na tribulação, para compensar a parte que eles têm na alegria. [3] Que eles devem louvar a Deus: "*Louvai ao Senhor, todos os gentios, e celebrai-o todos os povos*" (v. 11). Passagem citada daquele salmo curto, Salmos 117.1. A graça que converte faz as pessoas louvarem a Deus, fornece os temas mais ricos para o louvor, e dá ânimo para isso. Por muito tempo, os gentios vinham louvando os ídolos de madeira e de pedra, mas agora, eles são trazidos para louvarem ao Senhor; e Davi fala disso em espírito. No chamado a todas as nações para louvarem ao Senhor, é insinuado que elas o conhecerão. [4] Que eles devem crer em Cristo (v. 12), citado de Isaías 11.10, onde observe, em primeiro lugar, a revelação de Cristo, como o rei dos gentios. Aqui Ele é chamado "...*a raiz de Jessé*", isto é, como um ramo da família de Davi, sendo a verdadeira vida e força da família (compare com Is 11.1). Cristo era o Senhor de Davi, e, mesmo assim, o Filho de Davi (Mt 22.45), pois ele era "...*a raiz e a geração de Davi*" (Ap 22.16). Cristo, como Deus, era raiz de Davi; Cristo, como homem, era geração de Davi. "...*e naquele que deve se levantar para reger os gentios*". Isso explica a expressão figurada do profeta, de que Ele será posto "...*por pendão dos povos*". Quando Cristo levantou-se dentre os mortos, quando Ele ascendeu às alturas, foi para reinar sobre os gentios. Em segundo lugar, a afluência dos gentios a Ele: "...*os gentios esperarão*". A fé é a confiança da alma em Cristo e a dependência dele. O profeta diz que por Ele "...*as nações perguntarão*". O método da fé é primeiro perguntar por Cristo, como por alguém que nos foi apresentado como Salvador; e o encontrando capaz e disposto a salvar, então confiar nele. Aqueles que o conhecerem confiarão nele. Ou, essa busca por Ele é o resultado de confiar nele; procurá-lo através da oração e de esforços correspondentes. Jamais procuraremos a Cristo até que confiemos nele. A confiança é a mãe; a diligência no uso dos recursos, a filha. Se os judeus e gentios estão assim unidos no amor de Cristo, por que não devem estar unidos no amor mútuo?

O Deus de Esperança

v. 13

Aqui está uma outra oração dirigida a Deus, como o Deus de esperança; e é, como a anterior (vv. 5,6), por bênçãos espirituais: essas são as melhores bênçãos, e devem ser pedidas em primeiríssimo lugar.

I Observe como ele se dirige a Deus, como o "...*Deus de esperança*". Na oração, é bom pôr nossa esperança naqueles nomes, títulos e atributos de Deus que são mais adequados para a missão que temos, e servirá melhor para encorajar a nossa fé a respeito dela. Cada palavra na oração deve ser um apelo. Assim, a causa deve ser habilmente organizada e a boca deve estar cheia de argumentos. Deus é o Deus de esperança. Ele é o fundamento sobre o qual nossa esperança está edificada, e Ele é o próprio construtor que a levanta; Ele é tanto o objeto da nossa esperança quanto o seu autor. Aquela esperança que não está segura em Deus (como a bondade pela qual esperamos e a verdade na qual esperamos) e que não é de seu operar em nós, não é senão fantasia, e nos iludirá. Nós temos as duas coisas juntas (Sl 119.49). A "...*palavra dada*" – Deus como objeto; "...*na qual me fizeste esperar*" – Deus como o autor da nossa esperança (1 Pe 1.3).

II O que ele pede a Deus, não para si mesmo, mas para eles.

1. Que eles sejam cheios "...*de todo o gozo e paz em crença*". Gozo e paz são dois componentes do reino de Deus (cap. 14.7). Tanto o gozo em Deus quanto a paz de consciência emergindo de um sentimento de nossa justificação (cap. 5.1,2). Alegria e paz em nosso próprio interior devem promover uma unidade alegre e unanimidade com os nossos irmãos. Observe: (1) Quão desejáveis são esse gozo e paz: eles preenchem. A alegria carnal incha a alma, mas não a preenche; por essa razão no riso a alma está triste. A alegria verdadeira, celestial e espiritual preenche a alma; ela tem uma satisfação em si, que corresponde aos desejos justos e vastos da alma. Assim, Deus sacia e enche a alma cansada. Nada mais do que essa alegria, apenas mais dela, até a sua perfeição na glória, é o desejo da alma que a possui (Sl 4.6,7; 36.8; 63.5; 65.4). (2) Como alcançá-los. [1] Pela oração. Devemos ir a Deus em busca disso; Ele será questionado por isso. A oração faz se apresentarem o gozo e a paz espirituais. [2] Pela crença; que é o meio a ser usado. É gozo transitório, superficial e vão, aquele que é produto da fantasia; O gozo real e verdadeiro é o fruto da fé. "*Crendo, vos alegrais com gozo inefável*" (1 Pe 1.8). É devido à fraqueza da nossa fé que nós somos tão carentes de gozo e de paz. Crê somente; crê na bondade de Cristo, no amor de Cristo, nas promessas da aliança, no gozo e nas glórias do céu; deixa que a fé seja a substância e a evidência dessas coisas, e o resultado será necessariamente a alegria e a paz. Observe: É *todo* gozo e paz – todos os tipos de verdadeira alegria e paz. Quando nos achegamos a Deus pela oração devemos dilatar nossos desejos; não estamos limitados nele, por que deveríamos estar limitados em nós mesmos? Peça toda a alegria; abra a sua boca e Ele a encherá.

2. Que eles possam abundar "...*em esperança pela virtude do Espírito Santo*". O gozo e a paz dos crentes cresce principalmente da esperança que eles têm. O que é mostrado sobre eles é pouco comparado ao que lhes está reservado; por isso, quanto mais esperança eles tiverem, mais gozo e paz também terão. Então, nós abundamos na esperança quando esperamos por grandes coisas da parte de Deus e somos muito estabelecidos e confirmados nessas esperanças. Os cristãos devem desejar e se esforçar por uma riqueza de esperança, uma esperança que não envergonhará. Isso é pelo poder do Espírito Santo. A mesma força todo-poderosa que opera a graça gera e fortalece essa esperança. Nossa própria capacidade jamais a alcançará; e, por essa razão, onde estiver essa esperança, e for abundante, o bendito Espírito deve receber toda a glória.

Paulo Elogia os Irmãos
vv. 14-16

Nesse trecho:

I Ele elogia aqueles cristãos com as mais altas referências possíveis. Ele começou a sua epístola com elogio a eles: "...*em todo o mundo é anunciada a vossa fé*" (cap. 1.8), por meio disso, abrindo caminho para o seu discurso: e, porque às vezes ele os tinha reprovado categoricamente, ele agora conclui com semelhante elogio, para abrandá-los e separarem-se como amigos. Ele faz isso como um orador. Não era lisonja inútil, mas um devido reconhecimento do valor que eles tinham, e da graça de Deus neles. Nós devemos estar dispostos a observar e elogiar nos outros o que é excelente e louvável; é parte da recompensa presente da virtude e utilidade, e será bom estimular outros a uma emulação santa. Foi uma grande honra aos romanos serem elogiados por Paulo, um homem de tão grande percepção e integridade, muito esperto para ser enganado e muito honesto para bajular. Paulo não tinha nenhum contato pessoal com esses cristãos e mesmo assim ele diz que estava persuadido de suas boas qualidades, embora ele os conhecesse apenas por ouvir dizer. Como nós não devemos, por um lado, ser tão símplices a ponto de acreditar em tudo, também, por outro lado, não devemos ser tão céticos a ponto de não acreditar em nada: mas devemos estar especialmente dispostos a pensar o bem a respeito dos outros; nesse caso, a caridade espera todas as coisas, e acredita em todas as coisas, e (se as probabilidades forem de alguma forma fortes, como eram aqui) é convencida. É mais seguro errar desse lado. Agora observe em que ele os elogiou. 1. Que eles estavam "...*cheios de bondade*"; por essa razão, mais dispostos a aceitar o que ele tinha escrito, e contá-lo como uma bondade; e não apenas isso, mas consentir com ele, e colocá-lo em prática, principalmente aquilo que se referia à união deles e à correção de suas diferenças. Uma boa compreensão mútua e uma boa vontade de um para com o outro em breve colocariam um fim à contenda. 2. "...*cheios de todo o conhecimento*". Bondade e conhecimento juntos! Uma combinação muito rara e excelente; a cabeça e o coração do novo homem. Todo o conhecimento, todo o conhecimento necessário, todo o conhecimento daquelas coisas que pertencem à paz eterna deles. 3. "...*podendo admoestar-vos uns aos outros*". Para isso, é necessário um dom a mais, o próprio dom da palavra. Aqueles que têm bondade e conhecimento devem transmitir o que têm para o uso e o benefício dos outros. "Vós que excedeis tanto em excelentes dons podeis pensar que não tendes necessidade de nenhuma instrução da minha parte". É consolador aos ministros fiéis ver o seu trabalho suplantado pelos dons e graças de seu povo. Quão alegremente os ministros desistiriam de seu trabalho de admoestar, se as pessoas fossem capazes e tivessem boa vontade em admoestar uns aos outros! Quisera Deus que todo o povo do Senhor fosse profeta. Mas aquilo que é tarefa de todos não é tarefa de ninguém; e por essa razão:

II Ele se justifica da suspeita de intrometer-se desnecessariamente naquilo que não lhe compete (v. 15). Observe como ele fala delicadamente com eles: "...*meus irmãos*" (v. 14), e novamente, "...*irmãos*" (v. 15). Ele tinha em si mesmo, e ensinava aos outros, a arte de ser amável. Ele os chama a todos de seus irmãos, para ensiná-los a amar fraternalmente uns aos outros. Provavelmente ele lhes escreveu da maneira mais cortês porque, sendo cidadãos romanos vivendo perto da corte, eles eram mais polidos e mais bem formados; e, por essa razão, Paulo, que se tornou tudo para com todos, estava disposto, pelo respeito ao seu estilo, a agradá-los para o bem deles. Ele reconhece que havia escrito "...*mais ousadamente*" – *tolmeroteron apo merous*, de uma forma que parecia ousadia e presunção, e pela qual alguns talvez pudessem acusá-lo de se considerar muito importante. Mas, então, considere:

1. Ele apenas agiu como alguém que os lembrava: "...*para vos trazer outra vez isto à memória*". Paulo tinha de si mesmo tais pensamentos humildes, embora excedesse em conhecimento, que ele não pretendia dizer-lhes o que eles não conheciam antes, mas apenas lembrá-los daquilo em que tinham sido anteriormente instruídos por outros. Assim também Pedro (2 Pe 1.12; 3.1). Com isso, as pessoas geralmente se desculpam de não ouvirem a palavra, que o ministro não pode lhes falar nada além do que elas já conhecem antes. Mesmo sendo esse o caso, elas não têm necessidade de conhecer melhor e de lembrar-se do que sabem?

2. Ele agiu como o apóstolo dos gentios. Ele estava cumprindo sua função: "...*pela graça* (isto é, o *apostolado* – 1.5) *que por Deus me foi dada*", de ser ministro "...*de Jesus Cristo entre os gentios*" (v. 16). Paulo considerava um grande favor, e uma honra que Deus lhe tinha conferido, participar naquele ofício (cap. 1.13). Ora, por causa dessa graça que lhe foi concedida, ele então se dispunha entre os gentios, para que não recebesse essa graça de Deus em vão. Cristo recebeu o que Ele pôde dar; assim também Paulo; assim temos talentos que não devem ser enterrados. Lugares e ofícios devem ser preenchidos de responsabilidade. É bom para os ministros estarem freqüentemente lembrando da graça que lhes foi concedida por Deus. *Minister verbi es, hoc age – Você é um ministro da palavra, entregue-se completamente a ela*, era o lema do sr. Perkins. Paulo era um ministro. Observe aqui: (1) De quem ele era ministro: "...*ministro de Jesus Cristo*" (1 Co 4.1). Ele é o nosso Senhor; somos dele e a Ele servimos. (2) Entre quem: "...*entre os gentios*". Assim Deus o designou (At 22.21). Assim Pedro e ele concordaram (Gl 2.7-9). Esses romanos eram gentios: "Agora", diz ele, "eu não me imponho sobre vós, nem procuro dominar-vos; sou designado para isso: se pensais que sou rude e atrevido, minha comissão é a minha autorização, e deve me confirmar. (3) O que ele ministrava: "...*o evangelho de Deus*", *hierourgounta to euaggelion – ministrando uma função sagrada* (esse é o significado da palavra), executando a função de um sacerdote cristão, mais espiritual, e por essa razão mais excelente, do que o sacerdócio levítico. (4) Para que finalidade: "...*para que seja agradável a oferta* (ou o ato de sacrificar) *dos gentios*" – para que Deus pudesse ter a glória que reverteria para seu nome pela conversão dos gentios. Paulo se dispõe a oferecer alguma coisa que pudesse ser aceitável a Deus. Observe como a conversão dos gentios é representada: ela é "...*a oferta dos gentios*"; é *prosfora ton ethnon – a oblação dos gentios*,

na qual os gentios são considerados: [1] Como sacerdotes, oferecendo a oblação da oração e do louvor, e outros atos religiosos. Por muito tempo os judeus tinham sido a nação santa, o reino de sacerdotes, mas agora os gentios são feitos sacerdotes para Deus (Ap 5.10); por sua conversão à fé cristã são consagrados ao serviço de Deus, para que a Escritura pudesse se cumprir: "*Em todo lugar se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura*" (Ml 1.11). É dito que os gentios convertidos "*...chegaram perto*" (Ef 2.13) – a perífrase de sacerdotes. Ou: [2] Os gentios são o próprio sacrifício oferecido a Deus por Paulo, em nome de Cristo, um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (cap. 12.1). Uma alma santificada é oferecida a Deus na chama do amor, sobre o altar que é Cristo. Paulo reuniu as almas através de sua pregação, não para guardá-las para si mesmo, mas para oferecê-las a Deus: "*Eis-me aqui a mim e aos filhos que Deus me deu*". E é uma oferta aceitável, sendo "*...santificada pelo Espírito Santo*". Paulo pregou para eles e tratou com eles; mas o que fez deles sacrifícios para Deus foi a santificação deles; e isso não era a obra dele, mas do Espírito Santo. Ninguém é aceitável para Deus exceto aqueles que são santificados: coisas profanas jamais podem ser agradáveis ao Deus santo.

Os Labores do Apóstolo

vv. 17-21

O apóstolo aqui escreve sobre si mesmo e seus assuntos particulares. Tendo mencionado o seu ministério e apostolado, ele passa a magnificar o seu ofício na eficácia dele e a mencionar para a glória de Deus o grande sucesso de seu ministério e das coisas maravilhosas que Deus tinha realizado através dele, para o encorajamento da igreja cristã em Roma, que eles não estavam sozinhos na confissão do cristianismo, mas que embora, comparados com a multidão dos seus vizinhos idólatras, não passassem de um pequeno rebanho, porém, por todo o país, havia muitos que eram seus companheiros no reino e na paciência de Jesus Cristo. Era como uma grande confirmação da verdade da doutrina cristã que ela tivesse tão estranho sucesso, e fosse até ali propagada através de recursos pouco promissores e fracos, e tais multidões fossem cativadas para obedecerem a Cristo pela loucura da pregação. Por essa razão, Paulo lhes dá esse relatório, do que ele se gloria; não é vanglória, mas um gloriar-se da santa graça, que aparece através das limitações; é "*...em Jesus Cristo*". Assim, ele centraliza todo o seu gloriar em Cristo; ele nos ensina a fazer isso (1 Co 1.31). "*Não a nós*" (Sl 115.1). E é "*...nas coisas que pertencem a Deus*". A conversão de almas é uma daquelas coisas que pertencem a Deus, e por essa razão é aquilo pelo qual Paulo se gloria; não são as coisas da carne. "*De sorte que tenho glória...*", *echo oun kauchesin en Christo Iesou ta pros Theon*. Eu prefiro ler da seguinte maneira: *Por essa razão eu me regozijo em Cristo Jesus* (é a mesma palavra usada em 2 Co 1.12 e em Fp 3.3, onde é da marca da circuncisão que eles se *regozijam – kauchomenoi*, em Cristo Jesus) *concernente às coisas de Deus*; ou aquelas coisas que são oferecidas a Deus – os sacrifícios vivos dos gentios (v. 16). Paulo desejava que eles se regozijassem com ele em relação à extensão e à eficácia de seu ministério, do qual ele não apenas fala com o maior respeito possível ao poder de Cristo, e à obra eficaz do Espírito como tudo em todos, mas com uma declaração solene da verdade daquilo que é dito: "*Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito*" (v. 18). Ele não se gloriaria de coisas sem a sua marca, nem aceitaria louvor por uma obra realizada por outra pessoa, como ele poderia fazer quando estava escrevendo a estranhos que estavam distantes que talvez não pudessem contradizê-lo. Mas (diz ele) eu não ousaria fazer isso: um homem fiel não ousa mentir, por mais que seja tentado, ele ousa dizer a verdade, por mais que tenha medo. Então, nesse relatório que o apóstolo faz de si mesmo, podemos observar:

I Sua incansável diligência e esforço despendido em seu trabalho. O apóstolo era alguém que trabalhava "*...muito mais que todos eles*".

1. Ele pregou em muitos lugares: "*...desde Jerusalém*, de onde a lei avançou como uma lâmpada que brilha, *e arredores até o Ilírico*", a centenas de quilômetros de Jerusalém. Temos no livro de Atos um relato das viagens de Paulo. Ali nós o achamos, depois que ele foi enviado para pregar aos gentios (At 13), trabalhando naquela obra abençoada em Selêucia, Chipre, Panfília, Pisídia e Licaônia (At 13;14), e posteriormente viajando pela Síria e Cilícia, Frígia, Galácia, Mísia, Trôade, e dali, foi chamado para a Macedônia, entrando assim na Europa (At 15;16). Então, nós o encontramos muito ocupado em Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto, Éfeso e nas regiões adjacentes. Aqueles que conhecem a extensão e a distância desses países concluirão que Paulo era um homem ativo, que se regozijava como um homem forte em participar de uma corrida. O Ilírico é o país agora chamado Esclavônia, que faz fronteira com a Hungria. Alguns acham que seja a Bulgária; outros, que seja a baixa Panônia: seja como for, era muito distante de Jerusalém. Ora, pode-se suspeitar que se Paulo empreendeu tanto trabalho, com certeza ele o fez imperfeitamente. "Não", diz ele, "*tenho pregado o evangelho de Cristo* – tenho lhes dado um relatório completo da verdade e dos termos do evangelho, não evitei declarar todo o conselho de Deus (At 20.27), não tenho retido nada que vos fosse necessário conhecer". *Enchi com o evangelho*, isso é o que significa *peplerokenai to euaggelion*, encheu como uma rede fica cheia de peixes em um largo lanço de redes; ou cheio do evangelho, isto é, repleto de evangelho. Tal mudança faz com que o evangelho, ao chegar com poder a qualquer lugar, o preencha. Outro conhecimento é ilusório e deixa as almas vazias, mas o conhecimento do evangelho as preenche.

2. Ele pregou em lugares nos quais não tinham ouvido o evangelho antes (vv. 20,21). Ele cultivou o terreno inculto, lançou os alicerces em muitos lugares e introduziu o cristianismo onde nada mais que a idolatria e a feitiçaria, e todo sorte de demonismo, reinavam por muitas eras. Ele abriu caminho, e por essa razão, necessariamente encontrou mais dificuldades e desencorajamentos em seu trabalho. Aqueles que pregavam na Judéia tinham nesse aspecto uma tarefa muito mais fácil do que Paulo, que era o apóstolo dos gentios; pois eles entraram no trabalho de outros (Jo 4.38). Paulo, sendo um homem resistente, foi chamado para o trabalho mais duro; havia

muitos mestres, mas Paulo era o pai na fé, muitos que regavam, mas Paulo era o grande plantador. Bem, ele era um homem corajoso que fazia o primeiro ataque ao palácio do homem forte e armado do mundo gentílico, que primeiro assaltou os interesses de Satanás aqui, e Paulo era aquele homem que se aventurou no primeiro ataque em muitos lugares, e sofreu muito por isso. Ele menciona isso como prova do seu apostolado; pois a função dos apóstolos era principalmente trazer aqueles que estavam fora e lançar os fundamentos da Nova Jerusalém (ver Ap 21.14). Não é que Paulo não tenha pregado em muitos lugares onde outros tinham estado trabalhando antes dele; mas ele principal e essencialmente se dispunha para o bem daqueles que estavam em trevas. Ele tomava cuidado "*...para não edificar sobre fundamento alheio*", para que ele não desaprovasse nisso o seu apostolado, e desse motivo para aqueles que procuravam alguma razão para desaprová-lo. Ele cita, sobre isso, Isaías 52.15: "*Aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão*". Assim diz o profeta, no mesmo sentido. Isso fez o sucesso da pregação de Paulo mais notável. A transição das trevas para a luz é mais sensível do que o renovo e o crescimento daquela luz. E, geralmente, o maior sucesso do evangelho acontece quando ele chega a um lugar; posteriormente, as pessoas se tornam à prova de sermão.

II O grande e maravilhoso sucesso que ele tinha em seu trabalho: ele era eficaz "*...para obediência dos gentios*". O plano do evangelho é fazer com que as pessoas sejam *obedientes*; ele não é apenas uma verdade que deve ser crida, mas uma lei que deve ser obedecida. Paulo tinha esse objetivo em todas as suas viagens; não a sua própria riqueza e honra (se ele teve, errou de maneira triste o seu alvo), mas a conversão e a salvação de almas; nisso estava o seu coração e por isso tinha dores de parto. Ora, como era realizada essa grande obra? 1. Cristo era o principal agente. Ele não diz: "que eu operei", mas: "que Cristo operou por mim" (v. 18). Qualquer que seja o bem que façamos, não somos nós, mas Cristo através de nós, que o realiza; a obra é dele, a força também; Ele é tudo em todos, e realiza todas as nossas obras (Fp 2.13; Is 26.12). Paulo aproveita todas as ocasiões para declarar isso, que todo louvor deve ser dirigido a Cristo. 2. Paulo era um instrumento muito ativo: "*...por palavras e por obras*", isto é, através de sua pregação e dos milagres que operava para confirmar a sua doutrina; ou sua pregação e sua vida. Aqueles ministros que pregam tanto por palavras quanto por obras provavelmente devem ganhar almas, mostrando o poder das verdades que eles pregam na vida diária. Isso está de acordo com o exemplo de Cristo, que começou tanto a fazer como a pregar (At 1.1). "*...pelo poder dos sinais e prodígios*": *en dynamei semeion – pelo poder*, ou na força, de sinais e maravilhas. Sinais e prodígios fizeram a pregação da palavra muito eficaz, sendo os meios destinados para convencer, e o selo divino afixado ao documento do evangelho (Mt 16.17,18). 3. "*...na virtude do Espírito de Deus*" tornava isso eficaz e coroava tudo com o sucesso desejado (v. 19). (1) O poder do Espírito em Paulo, como nos outros apóstolos, para operarem aqueles milagres. Os milagres eram operados pelo poder do Espírito Santo (At 1.8), por essa razão, falar contra os milagres é chamado de blasfêmia contra o Espírito Santo. Ou: (2) O poder do Espírito nos corações daqueles a quem a palavra foi pregada, e que viram os milagres, tornando-se esses recursos eficazes para uns e não para outros. É a operação do Espírito que faz a diferença. O próprio Paulo, tão grande pregador como foi, com todos esses poderosos sinais e prodígios, não podia tornar nenhuma alma obediente fora do poder do Espírito de Deus que acompanhava os seus trabalhos. Foi o Espírito do Senhor dos Exércitos que aplainou aquelas grandes montanhas diante desse Zorobabel. Esse é um encorajamento aos ministros fiéis, que trabalham sob o sentimento de grande fraqueza e em debilidade, que é a mesma coisa para o bendito Espírito trabalhar por muitos, ou por aqueles que são revestidos de poder. O mesmo Espírito todo-poderoso que operou através de Paulo freqüentemente aperfeiçoa a força na fraqueza, e tira o louvor da boca dos bebês e das crianças de peito. Esse sucesso que ele tinha na pregação é aquele do qual ele aqui se regozija; pois as nações convertidas eram a sua alegria e coroa de júbilo: e ele lhes fala isso, não apenas para que possam se alegrar com ele, mas para que possam estar mais prontos para receber as verdades que ele lhes tinha escrito, e reconhecê-lo, a quem Cristo tinha dessa forma marcante reconhecido.

Os Labores do Apóstolo. Paulo Deseja Ver os Romanos. A Contribuição para os Santos Pobres

vv. 22-29

Paulo declara o seu propósito de visitar os cristãos em Roma. Sobre esse tópico, o seu assunto é bem comum e usual, marcando uma visita a seus amigos; mas o modo como ele se expressa é gracioso e saboroso, muito instrutivo e para a nossa imitação. Devemos aprender com isso a falar de nossos assuntos comuns na língua de Canaã. Até os nossos discursos gerais devem ter um ar de graça; com isso, ficará evidente a que país pertencemos. Parece que a presença de Paulo era muito desejada em Roma. Ele era um homem que tinha tantos amigos e tantos inimigos como a maioria dos homens jamais teve: ele passou por situações ruins e boas. Não há dúvida de que eles tivessem ouvido muitas coisas a respeito dele em Roma e desejassem conhecê-lo. Deveria o apóstolo dos gentios ser um estranho em Roma, a capital do mundo gentílico? Porque quanto a isso ele se desculpa por ainda não ter ido até lá, ele promete ir em breve, e dá um bom motivo pelo qual ele não ia agora.

I Ele se desculpa por ainda não ter ido. Observe quão cuidadoso era Paulo ao se relacionar com seus amigos e evitar ou antecipar quaisquer críticas contra si; não como alguém que agia como senhor sobre a herança de Deus. 1. Ele lhes assegura que tinha um grande desejo de conhecê-los; não de conhecer Roma, embora ela estivesse então em sua maior pompa e esplendor, não de conhecer a corte do imperador, nem de conviver com os filósofos e os homens instruídos que estavam, então, em Roma, embora tal convivência fosse necessariamente desejável a um grande

estudioso como Paulo era, mas "*...ir ter convosco*" (v. 22), conviver com os santos pobres e desprezados em Roma, odiados pelo mundo, mas que amavam a Deus e eram amados por Ele. Esses eram os homens que Paulo ambicionava conhecer em Roma; eles eram os ilustres em quem estava todo o seu prazer (Sl 16.3). E ele tinha um desejo especial de conhecê-los, por causa da grande fama que eles tinham em todas as igrejas pela fé e santidade; eles eram homens que excediam em virtude, e, por essa razão, Paulo estava tão desejoso de ir até eles. Paulo tinha tido esse desejo por muitos anos e nunca tinha podido realizá-lo. A providência de Deus governa sabiamente os propósitos e desejos dos homens. Os servos mais queridos de Deus nem sempre serão atendidos em cada coisa que eles têm em mente. Porém, todos aqueles que se deleitam em Deus têm o desejo de seus corações satisfeito (Sl 37.4), embora todos os desejos de seus corações não sejam atendidos. 2. Ele lhes fala que o motivo pelo qual ele não podia ir a eles era porque ele tinha muito trabalho planejado em outro lugar. "*Pelo que também*, isto é, por causa dos seus labores em outras regiões, ele estava tão *impedido*". Deus abriu uma larga porta para ele em outros lugares e, assim, o levou para outro lado. Observe nisso: (1) A graciosa providência de Deus, de forma especial conhecedor de seus ministros, distribuindo suas porções, não de acordo com os planos deles, mas de acordo com o seu próprio propósito. Por várias vezes Paulo se viu frustrado em suas intenções; às vezes, foi impedido por Satanás (como em 1 Ts 2.18), às vezes, proibido pelo Espírito (At 16.7), e aqui, desviado por outro trabalho. O homem propõe, mas Deus dispõe (Pv 16.9; 19.21; Jr 10.23). Os ministros tencionam, e os seus amigos tencionam a respeito deles, mas Deus governa tanto a uns como a outros, e determina as viagens, as transferências e estadias de seus ministros fiéis como lhe agrada. As estrelas estão na mão direita de Cristo, para brilhar onde Ele as colocar. O evangelho não chega a nenhum lugar por acaso, mas pela vontade e conselho de Deus. (2) A prudência graciosa de Paulo em aplicar o seu tempo e esforços onde houvesse mais necessidade. Tivesse Paulo procurado a sua própria comodidade, prosperidade e honra, a grandeza da obra nunca o teria impedido de conhecer Roma, mas o teria levado para lá, onde ele poderia ter tido mais primazia e menos dores. Mas Paulo procurava as coisas de Cristo mais do que as suas próprias, e, por essa razão, não deixava o seu trabalho de plantar igrejas, nem, por algum tempo, para ir e conhecer Roma. Os romanos eram sadios e não precisavam do médico como outros pobres lugares que estavam doentes e moribundos. Enquanto os homens e as mulheres estavam indo diariamente para a eternidade e as suas preciosas almas perecendo por falta de visão, não havia tempo para Paulo brincar. Havia então um vento de oportunidade, os campos estavam brancos para a colheita; passando tal época jamais poderia ser recuperada; as necessidades das pobres almas eram prementes, e clamavam, e, por essa razão, Paulo devia estar ocupado. Nós todos devemos fazer primeiro o que for mais necessário. A verdadeira graça nos ensina a preferir o que é necessário àquilo que é desnecessário (Lc 10.41,42). E a prudência cristã nos ensina a preferir aquilo que é mais necessário àquilo que é menos. Isso Paulo menciona como um motivo suficientemente satisfatório. Não devemos pensar mal de nossos amigos se eles preferirem o trabalho necessário, o que é agradável a Deus, a visitas e elogios desnecessários, o que pode ser agradável a nós. Nisso, como em outras coisas, devemos negar a nós mesmos.

II Ele prometeu ir em breve e conhecê-los (vv. 23,24,29). "*...Não tenho mais demora nestes sítios*", a saber, na Grécia, onde ele estava. Estando a totalidade daquele país mais ou menos levedada com o sabor do evangelho, as igrejas sendo plantadas nas cidades mais importantes e pastores estabelecidos para levar adiante o trabalho que Paulo tinha começado, ele tinha pouco mais para fazer ali. Ele havia dirigido o carro do evangelho para o litoral e, tendo assim conquistado a Grécia, ele estava pronto para desejar uma outra Grécia para conquistar. Paulo era alguém que realizava o seu trabalho e mesmo então não pensava em seu próprio conforto, mas se dispunha a planejar mais trabalho, a projetar coisas generosas. Aqui estava um obreiro que não precisava se envergonhar. Observe:

1. Como ele planejou a sua desejada visita. O seu projeto era vê-los em sua viagem para a Espanha. Parece, com isso, que Paulo planejava uma viagem para a Espanha, para plantar o cristianismo lá. A dificuldade e o perigo do trabalho, a distância do lugar, o perigo da viagem, os outros bons trabalhos (embora menos necessários, pensa ele) que Paulo podia achar para fazer em outros lugares, não apagaram a chama de seu santo zelo pela propagação do evangelho, que o consumia, e o fazia esquecer a si mesmo. Mas não se tem certeza se ele alguma vez realizou esse propósito e foi para a Espanha. Muitos dos melhores expositores acham que não, e sim que foi impedido nesse plano, como o fora em outros. Ele de fato foi a Roma, mas foi levado para lá como um prisioneiro, e ficou detido por dois anos; e não se sabe para onde foi depois; mas algumas de suas epístolas que ele escreveu na prisão insinuam seu propósito de ir para o leste, e não em direção à Espanha. Paulo, no entanto, visto que estava em seu coração levar a luz do evangelho para a Espanha, fez bem, naquilo que estava no coração dele; como Deus disse a Davi em 2 Crônicas 6.8. A graça de Deus, freqüentemente com favor, aceita a intenção sincera, quando, com sabedoria, a providência de Deus proíbe a realização. E, então, não servimos a um bom Senhor? (2 Co 8.12). Ora, em sua jornada para a Espanha, ele se propôs a ir até eles. Observe a sua prudência. É sabedoria para cada um de nós ordenar os nossos negócios de maneira que possamos fazer o máximo trabalho no menor tempo. Observe de que maneira indecisa ele fala: "*...espero que... vos verei...*"; não: "estou decidido que o farei", mas: "eu espero que vos verei". Devemos apresentar os nossos desígnios e fazer todas as nossas promessas de uma forma que estejamos submissos à providência divina; não nos gabando a nós mesmos do amanhã, porque não sabemos o que acontecerá nele (Pv 27.1; Tg 4.13-15).

2. O que ele esperava de sua visita planejada. (1) O que ele esperava deles. O apóstolo esperava que eles o encaminhassem à Espanha. Paulo não esperava uma assistência imponente, como um príncipe tinha, mas uma assistência de amor, como aquela que os amigos dão. Naquela época, a Espanha era uma província do império, bem conhecida pelos romanos, que mantinham grande intercâmbio com ela,

e, por essa razão, eles poderiam ser úteis a Paulo em sua viagem para lá; e ele não esperava simplesmente que o acompanhassem parte do caminho, mas que o favorecessem em sua expedição: não apenas por causa do respeito deles por Paulo, mas do respeito deles pelas almas daqueles pobres espanhóis a quem Paulo estava indo pregar. É justo que se espere de todos os cristãos que eles se entreguem pela promoção e auxílio de toda boa obra, principalmente aquela obra bendita relacionada à conversão das almas, a qual eles devem realizar para tornar tão fácil quanto possível para os seus ministros, e tão próspera quanto possível para as pobres almas. (2) O que ele esperava neles: "*...depois de ter gozado um pouco da vossa companhia*". O que Paulo desejava era a companhia e a convivência deles. A boa companhia dos santos é muito desejável e agradável. O próprio Paulo era um homem de grandes talentos, conhecimento e graça, mais alto, do ombro para cima, do que os outros cristãos em relação a essas coisas, e veja ainda como ele se agradava com os pensamentos de uma boa companhia; pois como o ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo. Ele insinua que pretendia permanecer um pouco com eles, pois ficaria pleno com a companhia deles; não queria apenas olhá-los e ir embora: e ele ainda pensa que a convivência com eles seria tão prazerosa que jamais se cansaria dela; isso não é alguma coisa plena, ele pensou que devia deixá-los com um desejo de ter mais da companhia deles. A sociedade cristã, corretamente conduzida e aperfeiçoada, é um céu na terra, uma garantia consoladora de nossa reunião em Cristo no grande dia. Observe ainda: Não é algo pleno, *apo merous – em parte*. A satisfação que temos na comunhão com os santos nesse mundo não é senão parcial; quase chegamos à plenitude. Ela é parcial, comparada com a nossa comunhão com Cristo, que, e somente ela, satisfará completamente, preencherá a alma. É parcial quando comparada com a comunhão que esperamos ter com os santos no outro mundo. Quando nos sentarmos com Abraão, Isaque e Jacó, com todos os santos, e com ninguém mais senão os santos, e santos aperfeiçoados, teremos o suficiente daquela sociedade e estaremos completamente preenchidos com aquela companhia. (3) O que esperar de Deus com eles (v. 29). Ele espera chegar "*...com a plenitude da bênção do evangelho de Cristo*". Observe: A respeito do que ele *esperava deles*, ele fala duvidosamente: "*...espero que... seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia*". Paulo tinha aprendido a não esperar demais pelo melhor. Esses mesmos homens falharam com ele posteriormente, quando precisou deles: "*...ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam*" (2 Tm 4.16); nenhum dos cristãos em Roma. O Senhor nos ensina a deixar de confiar no homem. Mas ele fala com confiança sobre o que esperar de Deus. Era incerto se ele ia ou não, mas "*...indo ter convosco, chegarei com a plenitude...*". Não devemos esperar nada do homem, mas tudo de Deus. Então, Paulo esperava que Deus o levaria até eles, cheio de bênçãos, de maneira que ele fosse um instrumento para a realização de muitas coisas boas entre eles, e os enchesse das bênçãos do evangelho. Compare com 1.11: "*...para vos comunicar algum dom espiritual*". A bênção do evangelho de Cristo é a melhor e mais desejável das bênçãos. Quando Paulo levanta as expectativas deles sobre algo grande e bom em relação à sua chegada, ele os dirige para a esperança do evangelho, bênçãos espirituais, conhecimento, graça e consolo. Então, há um encontro alegre entre o povo e os ministros, quando eles estão todos sob a plenitude da bênção. A bênção do evangelho é o tesouro que temos em vasos de barro. Quando os ministros estão plenamente preparados para distribuir, e o povo plenamente preparado para receber, essa bênção, ambos ficam felizes. Muitos que têm o evangelho não possuem a bênção do evangelho, e assim eles o têm em vão. O evangelho não será útil a menos que Deus o abençoe para nós; e é nosso dever esperar nele por essa bênção, e pela plenitude do evangelho.

III Ele lhes dá um bom motivo pelo qual ele não poderá ir e conhecê-los de imediato: porque ele tinha outros negócios com que se preocupar, os quais exigiam sua atenção, pelos quais ele primeiramente devia fazer uma viagem a Jerusalém (vv. 25-28). Ele apresenta um relatório particular disso, para mostrar que a desculpa era verdadeira. Ele estava indo para Jerusalém como o mensageiro da caridade das igrejas para os santos pobres de lá. Observe o que ele diz:

1. A respeito dessa caridade em si. E ele fala disso nessa ocasião provavelmente para estimular os cristãos romanos a que façam o mesmo, de acordo com suas condições. Os exemplos são comoventes e Paulo era muito engenhoso no pedir, não para si mesmo, mas para outros. Observe: (1) Para quem era destinada: "*...para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém*" (v. 26). Não é de se estranhar que santos sejam pobres. O mundo freqüentemente desaprova aqueles a quem Deus favorece; portanto, as riquezas não são as melhores coisas, nem a pobreza é uma maldição. Parece que os santos em Jerusalém eram mais pobres que os outros santos, seja porque a prosperidade daquele povo em geral estava então em declínio, na medida em que a sua completa ruína era iminente (e, sem dúvida, se alguém devia se manter pobre, eram os santos), ou porque a fome que sobreveio a todo o mundo nos dias de Cláudio César de alguma maneira prevaleceu na Judéia, um país seco. E, tendo Deus chamado os pobres desse mundo, os cristãos sofreram mais por isso. Essa foi a ocasião daquela contribuição mencionada em Atos 11.28-30. Ou, porque os santos em Jerusalém sofreram mais perseguição; pois, de todos os povos, os judeus eram os mais inveterados em sua raiva e maldade contra os cristãos, tendo vindo sobre eles a ira até o fim (1 Ts 2.16). Nota-se particularmente que os hebreus cristãos tiveram os seus bens espoliados (Hb 10.34), e, por isso, essa contribuição foi feita a eles. Embora os santos em Jerusalém estivessem a grande distância dos romanos, ainda assim estes dilataram a sua generosidade e liberalidade em relação a eles, para nos ensinar a estender a mão de nossa caridade a todos aqueles que forem domésticos da fé, quando tivermos possibilidade e houver oportunidade, mesmo que estejam em lugares distantes de nós. Embora cada igreja deva cuidar em sustentar os seus pobres, em se tratando de exemplos pessoais (pois temos sempre tais pobres conosco), contudo às vezes, quando são apresentados mais exemplos públicos de pobreza como objetos de nossa caridade, embora haja uma grande distância de nós, devamos estender a nossa generosidade como o sol estende os seus raios; e, com a mulher virtuosa, "*...abrir a mão ao aflito; e ao necessitado estender as mãos*" (Pv

31.20). (2) Por quem a oferta foi coletada: Pelos da "*Macedônia* (dentre os quais se destacavam os filipenses) *e da Acaia*" (dentre os quais se destacavam os coríntios), duas igrejas florescentes, embora ainda estivessem em sua infância, recentemente convertidas ao cristianismo. E eu gostaria que a observação não se sustentasse de que as pessoas são geralmente mais liberais no início do seu conhecimento do evangelho do que depois, que, tanto quanto outros exemplos do primeiro amor ou do amor de casados, são capazes de esfriar e decair depois de um tempo. Parece que os da Macedônia e da Acaia eram ricos e prósperos, enquanto que os de Jerusalém eram pobres e necessitados, a Infinita Sabedoria ordenando de maneira que alguns tinham aquilo de que outros careciam, e assim essa mútua dependência dos cristãos, um do outro, pudesse ser mantida. "*Isto lhes pareceu bem*". Isso sugere quão prontos eles estavam para isso – eles não foram pressionados nem obrigados, mas o fizeram espontaneamente; e quão alegres eles estavam nessa intenção – eles tinham prazer em fazer o bem; e Deus ama ao que contribui com alegria. Fazerem *uma coleta, koinonian tina – uma comunicação,* em sinal da comunhão dos santos, e de sua co-membresia, como, no corpo natural, um membro comunica para a assistência, o socorro e a preservação de outro quando há ocasião. Todas as coisas que ocorrem entre os cristãos devem ser uma prova e um exemplo daquela união comum que eles têm uns com os outros em Jesus Cristo. Houve tempos quando os santos em Jerusalém eram os que ofertavam, e eles eram muito generosos, quando depositavam suas posses aos pés dos apóstolos para serem usadas na caridade, e tomavam cuidado especial para que as viúvas dos gregos não fossem desprezadas no ministério cotidiano (At 6.1ss.). E, no tempo em que a providência de Deus mudou a escala, e fez deles os necessitados, encontraram os amáveis gregos para lhes socorrer; pela misericórdia eles obtiveram misericórdia. Nós devemos dar uma porção para sete e também para oito, porque não sabemos que mal virá sobre a terra, o que pode nos fazer felizes em ser devedores para com os outros. (3) Que motivo havia para isso: "*...como devedores que são*" (v. 27). Os donativos são chamados de justiça (Sl 112.9). Não sendo mais do que administradores do que temos, nós somos devedores onde o nosso grande Senhor (pelos chamados da providência, concordando com os preceitos da palavra) nos ordena a dispor de nossas posses; mas aqui há um débito especial devido; os gentios eram grandemente devedores aos judeus e estavam obrigados por gratidão a serem muito gentis para com eles. A partir do tronco de Israel veio o próprio Cristo, segundo a carne, o qual é a luz que ilumina os gentios; do mesmo tronco vieram os profetas, apóstolos e os primeiros pregadores do evangelho. Os judeus, tendo os vivos oráculos confiados a eles, eram os guarda-livros dos cristãos – "*de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém*"; a sua igreja-estado foi dissolvida. E eles foram cortados, para que os gentios pudessem ser admitidos. Assim, os gentios participaram dos dons espirituais deles, e recebem o evangelho da salvação dos judeus como se fosse de segunda mão; e por essa razão, "*...devem também,* estão obrigados por gratidão, *ministrar-lhes os temporais*": é o mínimo que eles podem fazer: *leitourgesai – ministrar como se fosse para Deus em coisas santas*; esse é o significado da palavra. Um respeito consciente a Deus em obras de caridade e assistência aos necessitados faz disso um serviço aceitável e um sacrifício a Deus, e frutifica muito para um bom resultado. Paulo menciona isso, provavelmente, como o argumento que ele tinha usado com eles para persuadi-los a isso, e é um argumento de igual força para as outras igrejas gentílicas.

2. A respeito da mediação de Paulo nesse negócio. Ele por si mesmo não podia contribuir com nada; prata e ouro ele não tinha, ao contrário, vivia da generosidade de seus amigos; porém, ele ministrava "*...aos santos*" (v. 25), estimulando os outros, recebendo o que era reunido e passando para Jerusalém. Muitas boas obras desse tipo ficam paradas por falta de alguma pessoa ativa para tomar a frente e fazer as coisas caminharem. O labor de Paulo nessa obra não deve ser interpretado como negligência do seu trabalho de pregação, nem ele deixou a palavra de Deus para servir às mesas; pois, além disso, Paulo tinha outra ocupação nesta viagem, que era visitar e confirmar as igrejas, e, aproveitando a oportunidade, fazia a coleta; de fato, essa era uma parte da responsabilidade a ele confiada, com a qual ele estava preocupado em se mostrar fiel: "*...recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres*" (Gl 2.10). Paulo era alguém que, de todos os modos, como o seu Senhor, se entregava para fazer o bem tanto ao corpo quanto à alma das pessoas. Ministrar aos santos é um bom trabalho e não é indigno dos maiores apóstolos. Paulo tinha assumido isso, e por essa razão, ele resolve realizá-lo antes que empreendesse outro trabalho: "*...havendo-lhes consignado este fruto*" (v. 28). Ele chama aos donativos de *fruto*, pois é um dos frutos da justiça; ele nasce de uma raiz da graça nos doadores, e redunda em benefício e consolo de quem o recebe. Paulo era muito cuidadoso em provar-se fiel na administração desse assunto: um excelente modelo para os ministros subscreverem, para que o ministério não possa ser em nada difamado.

Paulo Deseja as Orações da Igreja

vv. 30-33

Aqui temos:

I O desejo de Paulo de ter uma parte das orações dos romanos por ele, expresso muito sinceramente nos versículos 30-32. Embora Paulo fosse um grande apóstolo, ele rogava as orações dos cristãos mais humildes, não apenas aqui, mas em várias outras epístolas. Ele tinha orado muito por eles e queria que fizessem o mesmo por ele, como resposta à sua gentileza. A troca de orações é um excelente sinal da troca do amor. Paulo falava como alguém que conhecia a si mesmo e desejava aqui nos ensinar como valorizar a oração fervorosa e eficaz dos justos. Quão cuidadosos devemos ser para não fazermos nada para perder o interesse no amor e nas orações do povo de Deus que ora!

1. Observe por que eles devem orar por ele. Ele roga com a maior insistência. Ele podia suspeitar que eles esqueceriam dele em suas orações, porque não o conheciam pessoalmente, e por essa razão ele insiste tanto, e roga com a súplica mais afetuosa, por tudo que é mais sagrado e valioso: "*E rogo-vos...*": (1) "*...por nosso Se-*

nhor Jesus Cristo. Ele é o meu Senhor, eu estou fazendo a sua obra, e a sua glória se beneficia do sucesso dela: se tiverdes alguma consideração por Jesus Cristo, sua causa e seu reino, orai por mim. Vós amais e pertenceis a Cristo; por causa dele, então, fazei-me essa gentileza". (2) "...*pelo amor do Espírito.* Como uma prova e exemplo daquele amor que o Espírito opera nos corações dos crentes de um para com o outro, orai por mim; como fruto daquela comunhão que temos uns com os outros pelo Espírito, embora nunca nos tenhamos visto. Se alguma vez tendes experimentado o amor do Espírito por vós, e fordes achados devolvendo o vosso amor ao Espírito, não deixeis de realizar essa gentileza".

2. Como eles devem orar por ele: "...*que combatais comigo...*". (1) Que *combatais* em oração. Devemos nos esforçar ao máximo nessa tarefa; oremos com firmeza, fé e fervor; lutemos com Deus, como fez Jacó; orando, peçamos, como fez Elias (Tg 5.17), e nos animemos a deter a Deus (Is 64.7); e isso não apenas quando estivermos orando por nós mesmos, mas quando estivermos orando por nossos amigos. O verdadeiro amor a nossos irmãos deve nos fazer tão zelosos por eles quanto o sentimento de nossas próprias necessidades nos fazem zelosos por nós mesmos. (2) Que luteis juntamente comigo. Quando ele rogou as suas orações para si, não pretendia com isso dispensar a oração dele por si mesmo; não, mas: "...*combatais comigo*, que estou lutando com Deus diariamente, por mim e por meus amigos". Ele desejava que os romanos remassem com ele. Paulo e esses romanos estavam distantes uns dos outros, e provavelmente devesse ser assim, e, todavia, eles podiam juntar-se a ele em oração; aqueles que são separados pela disponibilidade da providência de Deus podem, todavia, encontrar-se no trono da sua graça. Aqueles que rogam pelas orações dos outros não devem deixar de orar por si mesmos.

3. O que eles deviam rogar a Deus a favor dele. Ele menciona detalhes: pois, orando tanto por nós mesmos como por nossos amigos, é bom sermos específicos. "*Que queres que eu te faça?*" – assim Cristo pergunta, quando Ele segura o cetro dourado. Embora Ele conheça perfeitamente o nosso estado e as nossas necessidades, Ele os conhecerá a partir de nós. Ele se recomenda às suas orações, com referência a três coisas: (1) Os perigos a que estava exposto: "...*para que seja livre dos rebeldes que estão na Judéia*". Os judeus incrédulos eram os inimigos mais violentos que Paulo tinha e os mais enfurecidos contra ele, e alguns lhe prometiam tribulações nessa viagem; e, por essa razão, eles deviam orar para que Deus o livrasse. Nós podemos e devemos orar contra a perseguição. Essa oração foi respondida em vários livramentos notáveis de Paulo, registrados em Atos 21; 22; 23; 24. (2) Sua administração: Orai para "...*que esta minha administração, que em Jerusalém faço, seja bem aceita pelos santos*". Ora, havia algum perigo de ela não ser aceita? O dinheiro pode não ser aceito pelos pobres? Sim, havia algum fundamento para suspeitas nesse caso, pois Paulo era o apóstolo dos gentios, e como os judeus incrédulos olhavam com malevolência para ele, o que era impiedade deles, assim os que criam tinham vergonha dele nesse assunto, o que era fraqueza deles. Ele não diz: "Vamos deixá-los escolher se eles aceitarão ou não; se eles aceitarem, será entregue para o bem"; mas: "Orai para que ela possa ser aceita". Como Deus deve ser procurado por causa do empecilho causado pela má vontade de nossos inimigos, pode também sê-lo pela preservação e pelo progresso da boa vontade de nossos amigos; pois Deus tem o coração de uns e de outros em suas mãos. (3) Sua viagem até eles. Para empregar suas orações por ele, ele os interessa em suas preocupações (v. 32): "...*a fim de que, pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria...*". Se a sua viagem a Jerusalém se mostrasse mal-sucedida, sua pretendida viagem a Roma seria constrangedora. Se ele não tivesse sucesso em uma visita, pensava que teria pouca alegria na outra: "...*pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria*". Toda a nossa alegria depende da vontade de Deus. O conforto da criatura está em tudo de acordo com a decisão do Criador.

II Aqui está uma outra oração do apóstolo por eles: "*E o Deus de paz seja com todos vós. Amém!*" O Senhor dos Exércitos, o Deus da batalha, é o Deus de paz, o autor e amante da paz. Aqui ele descreve Deus sob esse título por causa das divisões entre eles, para recomendar a paz para eles; se Deus é o Deus de paz, sejamos homens de paz. A bênção do Antigo Testamento era: "*A paz seja convosco*"; então passou a ser: "*O Deus de paz seja convosco*". Aqueles que têm a fonte não podem necessitar de nenhum dos rios que dela fluem. "...*com todos vós*"; tanto os fracos como os fortes. Para colocá-los em uma união mais estreita, ele os coloca juntos nessa oração. Aqueles que estão unidos na bênção de Deus devem estar unidos na simpatia de uns para com os outros.

CAPÍTULO 16

Paulo então conclui essa longa e excelente epístola e o faz com muita simpatia. Como na parte principal da epístola ele se destaca como um homem de muito conhecimento, nessa parte adicional, ele parece ter sido um homem muito amoroso. Tanto conhecimento e tanto amor são (onde eles existirem) uma combinação muito rara, mas excelente e agradável; pois o que é o céu, senão conhecimento e amor levados à perfeição? É digna de nota a freqüência em que Paulo parece que vai concluir, porém começa novamente. Alguém poderia pensar que a bênção solene que fechou o capítulo anterior teria encerrado a epístola; porém, aqui ele começa novamente e repete a bênção nesse capítulo (v. 20): "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!" Porém, ele tem algo mais a dizer; mais ainda, ele repete a bênção no versículo 24, mas não acabou; é uma expressão de seu terno amor. Essas bênçãos repetidas, que significam despedidas, revelam um Paulo avesso a despedidas. Então, nesse último capítulo, podemos observar: I. A recomendação que ele faz de uma amiga aos cristãos romanos e sua saudação particular a vários dentre eles (vv. 1-16). II. Uma advertência para tomarem cuidado com aqueles que causavam divisões (vv. 17-20). III. Saudações

adicionais de alguns que estavam com Paulo (vv. 21-24). IV. Ele conclui com uma celebração solene da glória de Deus (vv. 26,27).

Saudações Fraternais. Saudações Apostólicas

vv. 1-16

Lembranças como essas são comuns em cartas entre amigos; e Paulo ainda, pela graça de suas expressões, santifica esses cumprimentos comuns.

I Aqui temos a recomendação de uma amiga, pela qual (pensam alguns) essa epístola foi enviada – uma mulher chamada "*Febe*" (vv. 1,2). Parece que ela era uma pessoa de alta posição social e de posses, que tinha negócios que exigiam sua presença em Roma, onde ela era uma estrangeira; e, por essa razão, Paulo a recomenda ao conhecimento dos cristãos de lá: uma expressão de sua verdadeira amizade com ela. Paulo era tão habilidoso na arte de ser prestativo quanto a maioria dos homens. A fé cristã, recebida correta e sinceramente, nunca fez de nenhum homem um incivilizado. Cortesia e cristianismo combinam muito bem. Não é com lisonja, mas com sinceridade, que:

1. Ele dá uma descrição muito boa dela. (1) Como uma irmã para Paulo: "*Febe, nossa irmã*"; não segundo a carne, mas segundo a graça; não por afinidade ou consangüinidade, mas no puro cristianismo: sua própria irmã na fé em Cristo, amando Paulo e sendo amada por ele, com amor espiritual, casto e puro, como uma irmã; pois não há mais homem nem mulher, mas todos são um em Cristo Jesus (Gl 3.28). Tanto Cristo como os seus apóstolos tinham alguns de seus melhores amigos entre as devotas (e nesse aspecto honradas) mulheres. (2) Como alguém que "*...serve na igreja que está em Cencréia*": *diakonon*, que ocupava o ofício de serva, uma serva declarada, não para pregar a palavra (o que era proibido às mulheres), mas para as atividades de caridade e hospitalidade. Alguns pensam que ela era uma das viúvas que ministravam aos doentes e foi inscrita na igreja (1 Tm 5.9). Mas aquelas eram idosas e pobres, ao passo que Febe parece ter sido uma pessoa de alguma posse; porém, não era nenhuma depreciação para ela servir à igreja. Provavelmente a igreja costumava se reunir na sua casa e ela se encarregava de hospedar os ministros, principalmente os estrangeiros. Cada um em seu lugar deve esforçar-se para servir à igreja, pois nisso ele serve a Cristo, e isso no futuro terá um bom resultado. Cencréia era uma pequena cidade portuária adjacente a Corinto, cerca de dois quilômetros e meio de distância. Alguns pensam que havia uma igreja ali, distinta daquela de Corinto, embora, estando tão perto, seja muito provável que a igreja de Corinto seja chamada de "*...a igreja que está em Cencréia*", porque o seu local de reunião podia estar ali, considerando a grande oposição a ela na cidade (At 18.12), como em Filipos eles encontravam-se fora da cidade, à margem do rio (At 16.13). Assim, a igreja reformada em Paris podia chamar-se *a igreja em Chareton*, onde ela dantes se reunia, fora da cidade. (3) Como alguém que "*...tem hospedado a muitos*", e particularmente a Paulo (v. 2). Ela socorreu a muitos que estavam em necessidade e angústia – um bom exemplo a ser imitado por mulheres com essa habilidade. Ela era bondosa com aqueles que precisavam de bondade, o que é sugerido pelo socorro que lhes prestava; e a sua generosidade era extensiva, ela socorria a muitos. Observe a gratidão de Paulo ao mencionar a gentileza particular dela para com ele: "*...como também a mim mesmo*". O reconhecimento de favores é o mínimo que podemos fazer para retribuir. Foi muita honra para ela que Paulo deixasse isso registrado; pois onde quer que essa epístola é lida, a sua gentileza para com Paulo é contada para lembrança dela.

2. Ele a recomenda aos cuidados e à gentileza deles, como alguém digno de ser tratado com respeito especial. (1) "Recebei-a *no Senhor*. Acolhei-a; dai a ela as boas-vindas". Essa passagem, assinada por Paulo, não poderia senão recomendá-la a qualquer igreja cristã. "*...para que a recebais no Senhor*", isto é, "por causa do Senhor, recebei-a como uma serva e amiga de Cristo". "*...como convém aos santos*" receber, os que amam a Cristo, e que, portanto, amam tudo que é dele por sua causa; ou "*...como convém aos santos*" serem recebidos, com amor, honra e a mais terna afeição. Às vezes, pode haver ocasião de aumentar o nosso interesse em nossos amigos, não apenas por nós mesmos, mas em favor de outros também, sendo o *interesse* um prêmio na mão por fazer o bem. (2) "*...a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar*". Se ela tinha negócios comerciais, ou com a lei no tribunal, não é importante; seja como for, sendo uma mulher, uma estrangeira, uma cristã, ela tinha necessidade de ajuda, e Paulo os exorta a que a ajudem. Convém aos cristãos que sejam úteis uns aos outros em seus problemas, principalmente com os estrangeiros; pois somos membros uns dos outros e não sabemos que necessidade de ajuda nós mesmos podemos vir a ter. Observe: Paulo recomenda ajuda para alguém que tinha ajudado a muitos; aquele que rega será, ele mesmo, regado.

II Aqui há recomendações a alguns amigos em particular entre aqueles a quem ele escreveu, mais do que em qualquer outra epístola. Embora o cuidado de todas as igrejas caísse sobre Paulo diariamente, o suficiente para distrair uma mente comum, porém, ele era capaz de lembrar-se de tantas pessoas; e o seu coração estava tão cheio de amor e afeição a ponto de enviar saudações para cada um deles com as marcas particulares deles, com expressões de amor e de cuidado. *Saudai, salute*, é a mesma palavra: *aspasasthe*. "Que fiquem sabendo que me lembrei deles, que os amo e lhes quero bem". Há alguma coisa digna de nota em várias dessas saudações:

1. A respeito de Áqüila e Priscila, um casal famoso, por quem Paulo nutria um carinho especial. Eles eram originários de Roma, mas foram banidos de lá pelo edito de Cláudio (At 18.2). Em Corinto, Paulo os conheceu, trabalhou com eles como fazedor de tendas; depois de algum tempo, quando o edito perdeu força, eles retornaram a Roma e para lá ele agora envia recomendações a eles. Ele os chama de seus "*...cooperadores em Cristo Jesus*", por causa das instruções particulares e da convivência que ajudava no sucesso da pregação pública de Paulo, um exemplo do que temos na instrução que deram a Apolo (At 18.26).

Aqueles que são colaboradores de ministros fiéis se dispõem nas famílias deles e entre seus vizinhos para fazer o bem às almas. Mais ainda, eles não apenas fizeram muito, mas também se arriscaram muito por Paulo: "*...pela minha vida expuseram a sua cabeça*". Eles se arriscaram pela segurança de Paulo, arriscaram suas próprias vidas para a preservação da vida do apóstolo, considerando muito melhor ser ele poupado do que eles. Paulo esteve em grande perigo em Corinto, enquanto residiu com eles; mas eles o protegeram, embora com isso se fizessem detestáveis à multidão enraivecida (At 18.12,17). Já havia passado um bom tempo desde que eles tinham feito a Paulo essa gentileza; e ele fala dela de maneira tão comovente, como se tivesse sido ontem. "*...o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios*"; que são todas devedoras a essas boas pessoas por ajudarem a salvar a vida do apóstolo dos gentios. Paulo menciona isso para exortar os cristãos em Roma a serem ainda mais gentis com Áqüila e Priscila. Ele envia igualmente saudação à "*...igreja que está em sua casa*" (v. 5). Parece então que uma igreja em uma casa não é algo tão absurdo como alguns pensam. Talvez houvesse uma congregação de cristãos que costumavam reunir-se na casa deles em determinado tempo; e então, sem dúvida, era, como a casa de Obede-Edom, abençoada por causa da arca. Outros pensam que a igreja não fosse mais que uma família bem governada, piedosa e religiosa, que mantinha a adoração a Deus. A fé cristã, em sua força, reinando em uma família, mudará uma casa em uma igreja. E, sem dúvida, foi uma boa influência que Priscila, a boa esposa da família, fosse tão eminente e solícita na fé, tão eminente que seja freqüentemente mencionada antes que o marido. Uma mulher virtuosa, que cuida bem dos negócios da casa, pode fazer muito para o progresso da fé cristã na família. Quando Priscila e Áqüila estavam em Éfeso, embora não passassem de hóspedes ali, também tiveram uma igreja em sua casa naquele lugar (1 Co 16.19). Um homem verdadeiramente piedoso terá o cuidado de levar a fé consigo aonde quer que for. Quando Abraão removia a sua tenda, ele renovava o seu altar (Gn 13.18).

2. A respeito de Epêneto (v. 5). Ele o chama de "*...amado*". Onde a lei do amor estiver no coração, a lei da gentileza estará na língua. A linguagem afetuosa deve passar entre os cristãos a expressar o amor e a aplicá-lo. Assim, ele chama Amplíato de "*...amado no Senhor*", com verdadeiro amor cristão por causa de Cristo; e Estáquis, o seu "*...amado*": um sinal de que Paulo havia estado no terceiro céu é que ele tinha muito amor. De Epêneto é dito adiante que ele foi "*...as primícias da Ásia* (Acaia) *em Cristo*"; não apenas um dos crentes mais notáveis daquela região, mas um dos primeiros convertidos à fé em Cristo: alguém que foi oferecido a Deus por Paulo, como as primícias de seu ministério ali; uma garantia de uma grande colheita; pois Deus tinha muitas pessoas em Corinto, a principal cidade da Acaia (At 18.10). Respeito especial deve ser prestado àqueles que se levantam cedo e vão trabalhar na vinha na primeira hora, ao primeiro chamado. Em 1 Coríntios 16.15 se diz que "*...a família de Estéfanas é as primícias da Acaia*". Talvez Epêneto pertencesse àquela família; ou, pelo menos, ele fosse um dos três primeiros; não apenas o primeiro, mas um da primeira colheita de cristãos que a região da Acaia produziu.

3. A respeito de Maria e de alguns outros que eram laboriosos naquilo que é bom, cristãos diligentes: "*Maria, que trabalhou muito por nós*". O verdadeiro amor nunca vacila no trabalho, mas sente prazer nele: onde houver muito amor, haverá muito trabalho. Alguns pensam que essa Maria tinha estado em alguns daqueles lugares onde Paulo estivera, embora então houvesse se mudado para Roma, e tivesse ministrado pessoalmente a ele; outros pensam que Paulo fala do trabalho dela em favor dele porque ele foi feito a seus amigos e colaboradores, e ele considerou o que ela lhes fez como se tivesse sido feito a ele mesmo. Ele fala de Trifena e Trifosa, duas mulheres úteis em seus lugares, que elas trabalharam no Senhor (v. 12), e da amada Pérside, outra boa mulher, que muito trabalhou no Senhor, mais que outros, atuando muito mais na obra do Senhor.

4. A respeito de Andrônico e Júnia (v. 7). Alguns os consideram marido e mulher, e o original poderia sustentar isso muito bem; e, considerando o último nome, é mais provável do que eles serem dois homens, como pensam outros, e irmãos. Observe: (1) Eles eram primos (versão inglesa KJV) de Paulo, aparentados a ele; assim era Herodião (v. 11). O cristianismo não elimina, mas retifica, santifica e melhora o nosso respeito a nossos parentes, fazendo-nos dispor de nós mesmos ainda mais pelo bem deles, e nos regozijar com eles ainda mais, quando os encontramos relacionados a Cristo pela fé. (2) Eles eram seus companheiros de prisão. Companheirismo no sofrimento às vezes contribui muito para a união das almas e fortalecimento de afeições. Nós não encontramos, na história no livro de Atos, qualquer aprisionamento de Paulo antes da composição dessa epístola, a não ser aquela em Filipos (At 16.23). Mas Paulo esteve com mais freqüência em prisões (2 Co 11.23), em alguma das quais, parece, ele encontrou seus amigos Andrônico e Júnia, companheiros de jugo, como em outras coisas, assim ao sofrerem por Cristo e carregarem o seu jugo. (3) Eles "*...se distinguiram entre os apóstolos*", talvez nem tanto porque fossem pessoas de posição e posses no mundo, mas porque eram eminentes no conhecimento, nos dons e na graça, o que fez eles famosos entre os apóstolos, que eram juízes competentes daquelas coisas, e eram dotados de um espírito que discernia não apenas a sinceridade, mas a eminência, dos cristãos. (4) "*...e que foram antes de mim em Cristo*", isto é, foram convertidos antes à fé cristã. Na questão de tempo, eles estavam à frente de Paulo, embora ele tivesse se convertido no ano seguinte ao da ascensão de Cristo. Como Paulo estava pronto a reconhecer nos outros qualquer tipo de precedência!

5. A respeito de Apeles, do qual se diz ser "*...aprovado em Cristo*" (v. 10), uma distinção importante! Ele era alguém de integridade e de sinceridade conhecidas em sua prática cristã, alguém que tinha sido testado; seus amigos e inimigos o testaram, e ele era como o ouro. Ele era de conhecimento e julgamento aprovados, coragem e constância aprovadas; um homem em quem se podia confiar.

6. A respeito de Aristóbulo e de Narciso, uma observação é feita de suas famílias (vv. 10,11). Aqueles de suas casas que "*...estão no Senhor*" (como está limitado no v. 11), que eram cristãos. Como Paulo era zeloso em

não deixar ninguém de quem tinha conhecimento de fora de suas saudações! Os próprios Aristóbulo e Narciso, alguns pensam, estavam ausentes, ou mortos havia pouco tempo; outros pensam que eles eram incrédulos, e até então eles mesmos não haviam abraçado o cristianismo; e alguns pensam que esse Narciso fosse o mesmo mencionado freqüentemente na vida de Cláudio, como um homem muito rico que tinha uma grande família, mas que era muito mau e pernicioso. Parece, então, que havia alguns bons servos, ou outros atendentes, até na família de um homem ímpio, o que era um caso comum (1 Tm 6.1; compare com o v. 2). O pobre servo é chamado, escolhido e fiel, enquanto o senhor rico é ignorado, deixado à perdição na incredulidade. "*Sim, ó Pai, porque assim te aprouve*".

7. A respeito de Rufo, "*...eleito no Senhor*" (v. 13). Ele era um cristão escolhido, cujos dons e graça demonstravam que ele era eternamente escolhido em Cristo Jesus. Ele era um entre mil pela integridade e santidade. "*...e a sua mãe e minha*", sua mãe natural e minha no amor cristão e na afeição espiritual; como ele chama Febe de sua irmã, e ensina a Timóteo a tratar as mulheres idosas como mães (1 Tm 5.2). Essa boa mulher, em uma ou outra ocasião, tinha sido como uma mãe para Paulo, se preocupando com ele, e confortando-o; e aqui Paulo reconhece isso agradecido, e a chama de mãe.

8. A respeito do restante, isso é notável: que ele saúda "*...aos irmãos que estão com eles*" (v. 14), e "*...a todos os santos que com eles estão*" (v. 15), com eles em relações familiares, com eles nos vínculos da comunhão cristã. É um bom patrimônio dos santos deleitar-se em estar juntos; e Paulo assim os reúne em suas saudações para torná-los agradáveis uns aos outros. Para que ninguém fique ofendido, como se Paulo os tivesse esquecido, ele conclui com a lembrança do restante, como irmãos e santos, embora sem nomeá-los. Nas congregações cristãs podem ocorrer grupos menores, ligados no amor e na convivência, e devem aproveitar as oportunidades para estarem freqüentemente juntos. Entre todos aqueles a quem Paulo envia aqui as saudações, não existe uma palavra sobre Pedro, o que dá ocasião a suspeitar que ele não fosse bispo da igreja em Roma, como querem os papistas; pois, se ele o fosse, não podemos senão considerá-lo residente em Roma, ou de qualquer forma, como pôde Paulo escrever uma epístola tão longa aos cristãos em Roma sem fazer qualquer menção a Pedro?

Por último, ele conclui recomendando-os ao amor e aos abraços mútuos: "*Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo*". Saudações mútuas, quando elas expressam amor, elas também aumentam e fortalecem o amor, e tornam os cristãos agradáveis uns com os outros; por essa razão, Paulo aqui encoraja o costume delas, e apenas orienta que seja santo – um beijo casto, em oposição àquele que é libertino e devasso; um beijo sincero, em oposição àquele que é traiçoeiro e fingido, como o de Judas, quando ele traiu a Cristo com um beijo. Ele acrescenta, no final, uma saudação geral a todos eles em nome das igrejas de Cristo: "*As igrejas de Cristo vos saúdam* (v. 16), isto é, as igrejas com as quais estou, que estou acostumado a visitar pessoalmente, como unidas nos laços do cristianismo comum, desejam que eu testifique da afeição que sentem por vós e do desejo dos melhores votos para vós". Esse é um modo de manter a comunhão dos santos.

Saudações Apostólicas

vv. 17-20

O apóstolo, depois de empenhar-se em uni-los por meio de suas afetuosas saudações, não achou impróprio acrescentar uma advertência para que tomassem cuidado com aqueles cujos princípios e práticas eram destrutivos ao amor cristão. E podemos observar:

I A advertência em si mesma, dada da forma mais amável possível: "*E rogo-vos, irmãos*". Ele não decide e ordena como alguém que manda na herança de Deus, mas, por causa do amor, ele roga. Quão sinceras, quão afetuosas, são as exortações de Paulo! Ele os ensina: 1. A ver o perigo que correm: "*...que noteis os que promovem dissensões e escândalos*". Nosso próprio Senhor havia predito que aconteceriam divisões e escândalos, mas tinha pronunciado um "ai" sobre aqueles por intermédio de quem aconteceriam essas coisas (Mt 18.7), e contra os tais nós somos aqui advertidos. Os que oprimem a igreja com imposições que escandalizam e dividem, que mantêm e forçam aquelas imposições, que introduzem e propagam idéias que escandalizam e dividem, as quais são errôneas ou justamente suspeitas, que, por causa do orgulho, da ambição, da presunção de novidade, ou de coisas semelhantes, sem motivo causam separação entre os seus irmãos, e alienam os sentimentos mútuos dos cristãos por causa de disputas perversas, reprovações e más suposições – esses causam divisões e escândalos, sendo contrários a, ou diferentes da (pois isso também está implícito, é *para ten didachen*), "*...doutrina que aprendestes*". Qualquer variação da forma da sã doutrina que temos nas Escrituras abre uma porta para divisões e escândalos. Uma vez abandonada a verdade, a unidade e a paz não durarão muito. Ora, *que noteis* aqueles que assim causam divisões, *skopein*. Observai-os, o método que eles empregam, a finalidade que têm. Existe a necessidade de olhos vigilantes e penetrantes para discernir o perigo que nós corremos com tais pessoas; pois geralmente os pretextos são plausíveis, quando os projetos são muito perniciosos. Não observeis apenas as divisões e escândalos, mas subi a correnteza até chegardes à fonte, e notai aqueles que as causam, e especialmente aquilo neles que causam essas divisões e escândalos, aquelas concupiscências de cada lado de onde vêm essas guerras e conflitos. Um perigo descoberto está meio prevenido. 2. A evitar isso: "*...desviai-vos deles*. Evitai toda a comunhão e convivência desnecessária com eles, para que vós não sejais corrompidos e infectados por eles. Não brigueis com quaisquer interesses que causem divisões, nem abraceis quaisquer daqueles princípios e práticas que são destrutivos para o amor cristão e a caridade, ou para a verdade que está de acordo com a piedade. *E a palavra desses roerá como gangrena*". Alguns pensam que ele os adverte principalmente contra os mestres judaizantes, que, sob a capa do nome cristão, mantinham as cerimônias mosaicas e pregavam a necessidade delas; esses eram laboriosos em todos os lugares para conquistar seguidores, de quem Paulo adver-

te as igrejas a que tomem cuidado na maioria de suas epístolas.

II Os motivos para impor essa advertência:
1. Por causa da política perniciosa desses sedutores (v. 18). Quanto piores forem eles, mais precisamos vigiar contra eles. Então observe essa descrição que o apóstolo faz deles, em duas coisas: (1) O senhor a quem servem: não "*...a nosso Senhor Jesus Cristo*". Embora eles se denominem cristãos, não servem a Cristo; não visam a glória dele, não promovem o interesse dele e nem praticam a sua vontade, seja o que for que eles finjam. Quantos há que chamam a Cristo de Mestre e Senhor, mas que estão longe de servi-lo! Mas eles "*...servem... ao seu ventre*" – a seus interesses seculares, sensuais e carnais. Eles estão satisfazendo alguma concupiscência vil; orgulho, ambição, cobiça, luxúria, lascívia, esses são os planos que eles realmente levam adiante. "*O deus deles é o ventre*" (Fp 3.9). Que vil senhor eles servem, e quão indigno de competir com Cristo, aqueles que servem a seus próprios ventres, que fazem do lucro a sua religião, e da satisfação de um apetite sensual, o verdadeiro objetivo e negócio de sua vida, ao qual todos os outros propósitos e planos devem submeter-se e tornar-se subservientes! (2) O método que eles usam para atingir o seu objetivo: "*...e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos símplices*". As palavras e pregações deles têm aparência de santidade e de zelo por Deus (é fácil ser religioso da boca para fora) e aparência de gentileza e amor àqueles em quem eles instilam suas doutrinas corruptas, abordando-os amavelmente enquanto planejam em relação a eles os maiores danos. Com boas palavras e discursos amáveis assim a serpente iludiu Eva. Observe: Eles corrompem as suas mentes iludindo os seus corações, pervertem os seus julgamentos insinuando-se dissimuladamente em seus sentimentos. Por essa razão, temos grande necessidade de guardar nossos corações com toda diligência, principalmente quando espíritos sedutores nos rodeiam.

2. Por causa do perigo em que estamos, pela nossa tendência e capacidade para sermos enganados e apanhados por eles: "Pois *vossa obediência é conhecida de todos* – vós sois mencionados em todas as igrejas como pessoas condescendentes, tratáveis e de boa vontade". E: (1) Por essa razão, porque era assim, esses mestres sedutores estavam prontos a assaltá-los. O diabo e seus agentes têm um ódio particular de igrejas e almas florescentes. O navio de que se sabe estar ricamente carregado está mais sujeito ao ataque de piratas. O adversário e inimigo cobiça tal presa, por isso, olhai por vós mesmos (2 Jo 8). "Os falsos mestres ouvem que vós sois um povo obediente, e por essa razão eles provavelmente deverão vir ao vosso meio, para ver se sereis obedientes a eles". Tem sido o procedimento comum dos sedutores impor-se àqueles que são influenciáveis por causa de suas convicções, e começarem a perguntar o que eles devem fazer, porque esses mais facilmente recebem as impressões de suas opiniões. Uma triste experiência testemunha de quantos que começaram a perguntar pelo caminho a Sião, com seus rostos voltados para lá, que têm fatalmente se quebrado nessa rocha, o que prova ser muito o dever de ministros, com um cuidado redobrado, alimentar as ovelhas do rebanho, colocar um bom fundamento, e gentilmente conduzir aquelas ovelhas que estão prenhes. (2) Mesmo que fosse assim, eles ainda estariam correndo perigo por parte desses enganadores. Paulo sugere isso com muita modéstia e ternura; não como alguém que tenha suspeita deles, mas como alguém que se preocupa com eles: "*Quanto à vossa obediência, é ela conhecida de todos*; nós admitimos isso e nos regozijamos: *Comprazo-me, pois, em vós*". Assim, ele insinua os seus elogios, a melhor maneira de advertir. Um ciúme santo de nossos amigos pode muito bem ser compatível com uma alegria santa em relação a eles. "Vós mesmos pensais que sois um povo muito feliz, e assim também penso eu; mas não deveis estar confiantes por tudo isso: "*...quero que sejais sábios no bem, mas símplices no mal.* Vós sois um povo propenso ao bem, mas é melhor que vos preocupeis em não serdes dominados por aqueles enganadores". Um temperamento dócil é bom quando é bem controlado; mas, por outro lado, pode ser muito enganador; e por essa razão, ele dá duas regras gerais: [1] Ser "*...sábios no bem*", isto é, ser hábeis e inteligentes nas verdades e nos caminhos de Deus. "Sede sábios para testar os espíritos, para provar todas as coisas, e, então, segurar com firmeza apenas aquilo que for bom". Há necessidade de uma grande sabedoria em nossa aderência às boas verdades, aos bons deveres e às boas pessoas, para que, em nada disso, sejamos dominados e iludidos. "*Sede prudentes como as serpentes*" (Mt 10.6), prudentes para discernir o que é realmente bom e o que é falsificação; prudentes para distinguir coisas que diferem, para aproveitar oportunidades. Enquanto estivermos no meio de tantos enganadores, temos grande necessidade daquela sabedoria do prudente, que consiste em entender o seu caminho (Pv 14.8). [2] Ser "*...símplices no mal*" – tão sábio a ponto de não ser enganado e tão símplice a ponto de não ser enganador. É uma simplicidade santa, não ser capaz de tramar, nem de dissimular, nem de levar adiante nenhum mau desígnio; *akeraious – inocente*, genuíno, inofensivo. "*Sede meninos na malícia*" (1 Co 14.20). A sabedoria da serpente convém aos cristãos, mas não a sutileza da antiga serpente. Além disso, devemos "*...ser símplices como a pomba*". É sabiamente simples um homem que não sabe como fazer qualquer coisa contra a verdade. Então Paulo era tanto mais solícito pela igreja em Roma, para que ela pudesse preservar sua integridade, porque ela era muito famosa; era uma cidade localizada sobre uma colina, e muitos olhos estavam postos sobre os cristãos ali, de maneira que um erro prevalecente lá seria um mau exemplo, e teria uma má influência sobre as outras igrejas: como de fato isso ficou provado, pois a grande apostasia dos últimos dias cresceu a partir daquela capital. Os erros de igrejas principais são erros principais. Quando o bispo de Roma caiu do céu como "*...uma grande estrela*" (Ap 8.10), "*...a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas*" (Ap 12.4).

3. Por causa da promessa de Deus, de que finalmente teremos a vitória, a qual é dada para estimular e encorajar, não para suprimir, nossos cuidados vigilantes e esforços vigorosos. É uma promessa muito agradável: "*E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés*" (v. 20).

(1) O título que ele dá a Deus: "*...o Deus de paz*", o autor e doador de todo bem. Quando buscamos a Deus por vitórias espirituais, não devemos vê-lo apenas como o Senhor dos Exércitos, a quem pertence todo o poder, mas como o Deus de paz, um Deus em paz conosco, o qual está falando de paz para nós, operando a paz em nós, criando paz para nós. A vitória vem mais de Deus como o Deus de paz do que como o Deus da guerra; pois, em todos os nossos conflitos, a paz é aquilo pelo qual devemos lutar. Deus, como o Deus de paz, irá refrear e derrotar todos aqueles que causam divisões e escândalos, os quais dessa forma rompem e perturbam a paz na igreja.

(2) A bênção que ele espera de Deus – uma vitória sobre Satanás. Se ele se refere primariamente àquelas falsas doutrinas e espíritos enganadores de que falou antes, dos quais Satanás era o fundador e autor primário, porém, sem dúvida, abrange todos os outros desígnios e projetos de Satanás contra as almas, para corrompê-las, perturbá-las e destruí-las, e todos os seus esforços para nos manter longe da pureza do céu, da paz do céu aqui e da possessão do céu depois. O "*...Deus de paz esmagará em breve... debaixo de vossos pés*" a Satanás, tentador, atormentador, que age como um enganador e como um destruidor. O apóstolo os tinha advertido antes contra a ingenuidade: então eles, estando conscientes de suas grandes fraquezas e insensatez, podiam pensar: "Como evitaremos e escaparemos dessas armadilhas que são colocadas para nós? Não serão esses adversários de nossas almas em geral muito difíceis para nós?" "Não", ele diz, "não temais; embora vós não conseguis vencê-los com vossa própria força e sabedoria, o Deus de paz fará isso por vós; e por meio dele, que nos ama, seremos mais do que vencedores". [1] A vitória será completa: Ele "*...esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés*", aludindo claramente à primeira promessa do Messias feita no paraíso (Gn 3.5), de que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente, promessa que se cumpre todo dia, enquanto os santos são capacitados a resistir e superar a tentação de Satanás, e será perfeitamente cumprida quando, a despeito de todos os poderes das trevas, todos os que pertencerem à eleição da graça serão trazidos triunfalmente para a glória. Quando Josué venceu os reis de Canaã, ele chamou os capitães de Israel para colocarem seus pés sobre os pescoços daqueles reis (Js 10.24), como também Cristo, o nosso Josué, capacitará a todos os seus servos e soldados fiéis a colocarem seus pés sobre o pescoço de Satanás, a pisar e triunfar sobre os seus inimigos espirituais. Cristo venceu por nós; desarmou o homem forte, quebrou o seu poder, e não temos nada a fazer a não ser perseguir a vitória e dividir o despojo. Que isso nos estimule em nossos conflitos espirituais, para lutarmos o bom combate da fé – temos de lidar com um inimigo vencido, e em breve a vitória estará completa. [2] A vitória será rápida: Deus fará isso "*...em breve*". Ainda um pouco, e o que há de vir virá. Ele disse isso: "*Certamente, cedo venho*". Quando parecer que Satanás prevaleceu, e quando estivermos para dar tudo como perdido, então o Deus de paz intervirá com justiça. Encorajará os soldados saberem que a guerra terminará rapidamente e com tal vitória. Alguns aplicam isso ao feliz período do fim de suas disputas na unidade e no verdadeiro amor; outros, ao fim das perseguições da igreja na conversão dos poderes do império ao cristianismo, quando os inimigos sangüinários da igreja foram vencidos e pisados por Constantino, e pela igreja, que estava sob o seu governo. É melhor aplicar isso à vitória que todos os santos terão sobre Satanás quando eles chegarem ao céu, e estiverem para sempre longe do seu alcance, juntamente com as vitórias presentes que pela graça eles obtêm como garantia daquela. Resistamos por essa razão, fé e paciência, ainda um pouco mais; quando tivermos uma vez atravessado o Mar Vermelho, veremos os nossos inimigos espirituais mortos na praia, e cantaremos triunfantemente a canção de Moisés e o cântico do Cordeiro. Portanto, a isso ele acrescenta a bênção: "*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco* – a boa vontade de Cristo em relação a vós, a boa obra de Cristo em vós". Esse será a melhor defesa contra as armadilhas dos heréticos, cismáticos e falsos mestres. Se a graça de Cristo estiver conosco, quem poderá prevalecer contra nós? "*Sede fortes na graça que está em Cristo Jesus*". Paulo, não apenas como amigo, mas como ministro e apóstolo, que tinha recebido graça sobre graça, desse modo os abençoa com autoridade, repetindo a bênção no versículo 24.

Saudações Apostólicas

vv. 21-24

Como o apóstolo tinha antes enviado suas próprias saudações a muitas pessoas dessa igreja, e as saudações das igrejas que estavam perto dele para todos eles, então lhes adiciona uma lembrança afetuosa da parte de algumas pessoas que estavam com ele, o melhor meio de promover conhecimento e amizade entre santos distantes, e para que a subscrição desses nomes dignos, que lhes eram conhecidos, pudesse recomendar mais ainda essa epístola. Ele menciona: 1. Alguns que eram seus amigos particulares, e provavelmente conhecidos pelos cristãos romanos: "*Timóteo, meu cooperador*". Às vezes, Paulo chama Timóteo de seu filho, como um subordinado; mas aqui, ele o chama de seu colaborador, como um igual a ele, tal o respeito que ele tem por Timóteo. E "*Lúcio*", provavelmente Lúcio de Cirene, um homem notável da igreja de Antioquia (At 13.1), como Jasão foi em Tessalônica, onde ele sofreu por hospedar Paulo (At 17.5,6). E "*Sosípatro*", talvez o mesmo Sópatro de Beréia mencionado em Atos 20.4. A esses, Paulo denomina seus parentes, não apenas de forma mais abrangente, como eram todos os judeus, mas por serem pelo sangue e afinidade estreitamente ligados a ele. Parece que Paulo era de uma boa família, que ele encontrava muitos de seus parentes em vários lugares. É um conforto muito grande ver a santidade e a utilidade de nossos parentes. 2. Alguém que foi secretário de Paulo: "*Eu, Tércio, que esta carta escrevi*" (v. 22). Paulo fez uso de um escriba, não por luxo nem preguiça, mas porque ele tinha uma escrita não muito legível, da qual ele se desculpa quando escreve aos gálatas de próprio punho (Gl 6.11): *pelikois grammasi – com que grandes letras*. Talvez esse Tércio fosse o mesmo Silas; pois Silas (como pensam alguns) significa *o terceiro* em hebraico, como *tertius* em latim. Ou Tércio escreveu enquanto Paulo ditava ou transcreveu a epístola de uma cópia ruim de Paulo. A menor parcela de serviço feito à igreja, e aos ministros da igreja, não deixará de ser lembrada e recompensada. Era uma honra para Tércio participar, embora

como escriba, da redação dessa epístola. 3. Alguns outros que tinham reputação entre os cristãos (v. 23): "*Gaio, meu hospedeiro*". Não é certo se esse era o Gaio de Derbe (At 20.4), o Gaio da Macedônia (At 19.29), ou antes, o Gaio de Corinto (1 Co 1.14), e se qualquer um desses era aquele a quem João escreveu a sua terceira epístola. Porém, Paulo o elogia por sua grande hospitalidade; não apenas meu hospedeiro, mas o "...*de toda a igreja*" – alguém que acolhia a todos quando havia ocasião, abria suas portas para as reuniões da igreja e confortava o resto da igreja por sua presteza em tratar todos os cristãos estrangeiros que vinham a eles. "*Erasto, procurador da cidade*", é outro; Paulo se refere à cidade de Corinto, de onde a epístola foi datada. Parece que Erasto era uma pessoa de posição e posses, alguém que ocupava um cargo público, de administrador ou tesoureiro. Embora não muitos poderosos e nobres sejam chamados, alguns são. Sua posição, honra e ocupação não o impediam de ajudar a Paulo e colocar-se à disposição da igreja, pelo que parece, na obra do ministério; pois ele está junto com Timóteo em Atos 19.22 e é mencionado em 2 Timóteo 4.20. Não era nenhuma depreciação para o procurador da cidade ser um pregador do evangelho de Cristo. "*Quarto*" é igualmente mencionado e chamado de irmão; pois como um é o nosso Pai, o próprio Cristo, assim todos nós somos irmãos.

Uma Descrição do Evangelho. A Doxologia do Apóstolo

vv. 25-27

Aqui o apóstolo encerra solenemente a sua epístola com uma grandiosa declaração de glória ao Deus bendito, como alguém que concluiu tudo para o louvor e a glória de Deus, e planejou devolver tudo para Ele, vendo que tudo pertence a Ele e vem dele. Ele, por assim dizer, transmite a sua alma a esses romanos no louvor a Deus, escolhendo fazer do fim da sua epístola o que ele fez do fim da sua vida. Observe aqui:

I Uma descrição do evangelho de Deus, a qual vem em parênteses; tendo a oportunidade de falar dele como o meio pelo qual o poder de Deus confirma as almas, e a regra daquela confirmação: "...*para vos confirmar segundo o meu evangelho...*". Paulo o denomina seu evangelho, porque ele era o pregador do evangelho e porque se gloriava tanto nele. Alguns pensam que ele quisesse fazer principalmente aquela declaração, explicação e aplicação da doutrina do evangelho, que ele tinha agora feito nessa epístola; mas trata-se de toda a pregação e escritos dos apóstolos, entre os quais Paulo foi um trabalhador destacado. Pela palavra destes (Jo 17.20), a palavra foi confiada a eles. Os ministros são os embaixadores e o evangelho é a sua embaixada. Paulo tinha sua mente e seu coração tão cheios do evangelho que ele raramente podia mencioná-lo sem um desvio para anunciar a natureza e a excelência dele.

1. Ele é a "...*pregação de Jesus Cristo*". O próprio Cristo era pregador do evangelho; ele começou a ser pregado pelo Senhor (Hb 2.3). Cristo estava tão satisfeito com o fato de ter se incumbido de nossa salvação que Ele mesmo foi o seu proclamador. Ou, Cristo é o conteúdo do evangelho; o resumo e a substância de todo o evangelho é Jesus Cristo e Ele crucificado. Nós não pregamos a nós mesmos, diz Paulo, mas a Jesus Cristo, o Senhor. A simples pregação de Jesus Cristo é o que confirma as almas.

2. "...*conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas*". O assunto do evangelho é um mistério. Nossa salvação e redenção por Jesus Cristo, em seu fundamento, método e frutos, é, sem controvérsia, um grande mistério da piedade (1 Tm 3.16). Isso evidencia a honra do evangelho; ele não é nenhuma coisa comum e vulgar, forjada por qualquer saber humano, mas é o produto admirável da eterna sabedoria e conselho de Deus, e tem em si tal altura inconcebível, tal profundidade insondável, que excede o conhecimento. É um mistério que os anjos desejam perscrutar e cujo fundo não conseguem ver. E, todavia, louvado seja Deus, tanto desse mistério foi tornado claro quanto é suficiente para nos levar ao céu, se nós não negligenciarmos obstinadamente tão grande salvação. Ora:

(1) Esse mistério foi mantido em segredo desde o início do mundo: *chronois aioniois sesigemenou.* Esteve *envolto no silêncio desde a eternidade*; assim interpretam alguns – *a temporibus aeternis*; não é uma idéia nova, que surgiu do nada, nenhuma invenção tardia, mas se desenvolveu desde os dias da eternidade e dos propósitos do amor eterno de Deus. O mistério estava escondido em Deus antes da fundação do mundo (Ef 3.9). Ou: *desde que o mundo começou*, assim nós o traduzimos. Durante todo o tempo do Antigo Testamento esse mistério foi comparativamente mantido em segredo nos tipos e sombras da lei cerimonial, e nas obscuras predições dos profetas, que apontavam para ele, mas de maneira que eles não pudessem olhar firmemente para o fim daquelas coisas (2 Co 3.13). Assim, o mistério foi escondido por eras e gerações, até entre os judeus, muito mais entre os gentios, que se assentavam nas trevas e não tinham nenhum conhecimento dele. Até os próprios discípulos de Cristo, antes de sua ressurreição e ascensão, estavam em total escuridão no que se referia ao mistério da redenção, e a idéia que tinham dele estava embaçada e confusa; por muitas eras ele foi um segredo desse tipo. Mas:

(2) Agora se manifestou. O véu está rasgado, as sombras da noite já passaram, e a vida e a imortalidade são trazidas à luz pelo evangelho, e o Sol da justiça levantou-se no mundo. Paulo não pretende ter o monopólio dessa descoberta, como se apenas ele o conhecesse; não, ele é manifestado a muitos outros. Mas como ele é manifestado pelas Escrituras dos profetas? Com certeza, porque agora o evento tem dado a melhor explicação para as profecias do Antigo Testamento. Sendo cumpridas, elas são explicadas. A pregação dos profetas, até onde se relaciona a esse mistério, era em grande medida obscura e ininteligível nas eras nas quais eles viveram; mas as Escrituras dos profetas, as coisas que eles deixaram escritas, agora não são apenas claras em si mesmas, mas, através delas, esse mistério tornou-se conhecido a todas as nações. O Antigo Testamento não apenas é iluminado pela revelação do Novo Testamento, mas lança luz sobre ela. Se o Novo Testamento explica o Antigo, o Antigo Testamento, como retribuição, ilustra muito o Novo. Assim, os profetas do Antigo Testamento ainda profetizam, e

suas profecias são cumpridas, diante de "...*muitos povos, e nações, e línguas...*". Refiro-me a Apocalipse 10.11, que explica isso. Então Cristo parece ter sido o tesouro escondido no campo do Antigo Testamento. Todo o testemunho dos *profetas* leva até Ele (Lc 24.27).

(3) É manifesto "...*segundo o mandamento do Deus eterno*" – o propósito, o conselho e o decreto de Deus desde a eternidade, e a comissão dada primeiramente a Cristo, e depois aos apóstolos, na plenitude dos tempos. Eles receberam o mandamento do Pai para fazer o que eles fizeram na pregação do evangelho. Para que ninguém contestasse dizendo: "Por que esse mistério foi mantido em segredo por tanto tempo, e por que manifestou-se agora?" – ele explica apelando à vontade de Deus, que é um soberano absoluto e não dá satisfação de nada do que faz a ninguém. O mandamento do Deus eterno era suficiente para apoiar os apóstolos e ministros do evangelho em sua pregação. O "...*Deus eterno*". Esse atributo de eternidade é dado aqui a Deus de maneira muito enfática. [1] Ele é desde a eternidade, o que sugere que embora Ele tivesse mantido esse mistério em segredo desde o início do mundo, e o tivesse revelado apenas mais tarde, ainda assim Ele o tinha concebido e planejado desde a eternidade, antes de os mundos existirem. Os juramentos e alianças na palavra escrita são apenas a cópia do juramento e aliança que havia entre o Pai e o Filho desde a eternidade: aqueles são os resumos, estes, os originais. E: [2] Ele é para a eternidade, insinuando a continuação eterna de sua revelação e sua conseqüência eterna para nós. Jamais devemos procurar qualquer nova revelação, mas persistir nessa, pois essa está de acordo com o mandamento do Deus eterno. Cristo, no evangelho, é o mesmo ontem, hoje e para sempre.

(4) Ele "...*se notificou... a todas as nações para obediência da fé*". Ele freqüentemente observa a extensão dessa revelação; que, enquanto até aqui Deus era conhecido somente em Judá, agora Cristo é a salvação para os confins da terra, para todas as nações. E o objetivo do evangelho é muito claro; é para a obediência da fé – para que elas creiam nele e lhe obedeçam, recebam-no e sejam governadas por ele. O evangelho é revelado, não para ser discutido e disputado, mas para ser obedecido. A obediência da fé é aquela obediência que é devida à palavra da fé (veja essa expressão em At 6.7), e que é produzida pela graça de Cristo. Veja aqui qual é a fé correta – é aquela que opera na obediência; e qual é a obediência correta – é aquela que brota da fé; e qual é o objetivo do evangelho – levar-nos tanto a uma como a outra.

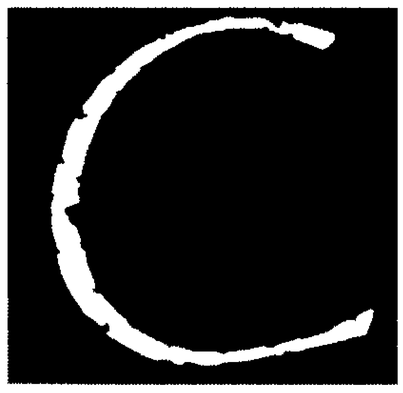
II Uma doxologia para o Deus do evangelho, atribuindo glória a Ele para sempre (v. 27), reconhecendo que Ele é um Deus glorioso e adorando-o de acordo com isso, com os sentimentos mais respeitáveis, desejando e almejando estar nessa obra com os santos anjos, onde a estaremos realizando para a eternidade. Isso é louvar a Deus, atribuir glória a Ele para sempre. Observe:

1. O tema desse louvor. Ao agradecer a Deus, nos concentramos em seus favores em relação a nós; ao adorar a Deus, nos concentramos em suas próprias perfeições. Dois de seus atributos principais são aqui mencionados: (1) O seu poder: "*Àquele que é poderoso para vos confirmar*". Não é nada menos do que o poder divino que confirma os santos. Considerando a tendência que eles têm para cair, o esforço dos seus inimigos espirituais que procuram arruiná-los, e os dias agitados nos quais a sorte deles é lançada, nada menos do que um poder todo-poderoso os confirmará. Aquele poder de Deus que é empregado para a confirmação dos santos é, e deve ser, o tema de nosso louvor, como em Judas 24: "*Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar*". Ao dar a Deus a glória desse poder, podemos, e devemos, aproveitar para nós mesmos o conforto disso – que quaisquer que sejam as nossas dúvidas, dificuldades e temores, nosso Deus, a quem servimos, é poderoso para nos confirmar (veja 1 Pe 1.5; Jo 10.29). (2) A sua sabedoria: "...*ao único Deus, sábio*" (v. 27). Poder para realizar sem sabedoria para planejar, e sabedoria para planejar sem poder para realizar, são igualmente inúteis e infrutíferos; mas os dois juntos, e infinitos, formam um ser perfeito. Apenas Ele é sábio; não somente o Pai é sábio, sem o Filho, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo, as três pessoas e um Deus, único e sábio, comparado com as criaturas. O homem, o mais sábio de todas as criaturas no mundo inferior, nasce como um filhote de asno selvagem; mais ainda, os próprios anjos são acusados de insensatez, em comparação com Deus. Somente Ele é sabedoria perfeita e infalível; somente Ele é originalmente sábio, em e de si mesmo; pois Ele é a origem e a fonte de toda a sabedoria das criaturas, o Pai de todas as luzes de sabedoria a que qualquer criatura busque (Tg 1.17): com Ele estão a força e a sabedoria, o enganado e o enganador pertencem a Ele.

2. O Mediador desse louvor: "...*por Jesus Cristo*". "...*ao único Deus, sábio, por Jesus Cristo*", de acordo com alguns. É em e por meio de Cristo que Deus é manifestado ao mundo como o único Deus sábio; pois Ele é a sabedoria de Deus, e o poder de Deus. Ou antes, como lemos, "...*glória por Jesus Cristo*". Toda glória que vem do homem caído para Deus, para ser aceita por Ele deve passar antes pelas mãos do Senhor Jesus, em quem somente nossa pessoa e nossos atos são, ou podem ser, agradáveis a Deus. Da sua justiça, portanto, devemos fazer menção, e dele apenas, que, como Mediador de todas as nossas orações, assim também é, e acredito que o será pela eternidade, o Mediador de todos os nossos louvores.

I CORÍNTIOS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



orinto era uma das principais cidades da Grécia, localizada naquela divisão particular conhecida pelo nome de *Acaia*. Ela estava situada no istmo (ou estreito de terra) que unia o Peloponeso ao resto da Grécia, no lado sul, e possuía dois portos adjacentes, um no extremo do golfo de Corinto, chamado *Lacaeum*, não distante da cidade, de onde eles faziam comércio com a Itália e o Ocidente, o outro na extremidade do Sinus Saronicos, chamado *Cencréia*, a uma distância mais remota, de onde eles faziam comércio com a Ásia. Com base nessa situação, não é de admirar que Corinto fosse um lugar de intenso comércio e prosperidade; e, como a afluência é adequada para produzir luxo de todos os tipos, nem é de admirar que um lugar tão famoso pela prosperidade e artes fosse infame pelos vícios. Ela era famosa de maneira específica pela fornicação, de tal maneira que *mulher coríntia* era uma expressão proverbial para uma prostituta, e *korinthiazein, korinthiasesthai – agir como coríntia*, é agir como prostituta, ou tolerar inclinações indecorosas. No entanto, nessa cidade lasciva, Paulo, pela bênção de Deus sobre o seu trabalho, implanta e levanta uma igreja cristã, principalmente entre os gentios, como parece muito provável a partir da história sobre esse assunto (At 18.1-18), comparada com algumas passagens nesta epístola, particularmente o capítulo 12.2, em que o apóstolo lhes diz: "*Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados*"; embora não seja improvável que muitos judeus convertidos também pudessem estar entre eles, pois somos informados que "*Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa*" (At 18.8). Ele continuou nessa cidade por aproximadamente dois anos, como fica claro em Atos 18.11 e 18 comparados, e trabalhou com grande sucesso, sendo encorajado por uma visão divina, garantindo-lhe Deus: "*Tenho muito povo nesta cidade*" (At 18.9,10). Ele também não costumava permanecer muito em um lugar onde seu ministério não experimentava aceitação e sucesso.

Algum tempo depois que ele os deixou, escreveu-lhes essa epístola, para regar o que ele tinha plantado e corrigir algumas graves desordens que tinham sido introduzidas durante sua ausência, em parte por causa da atração que algum falso mestre ou falsos mestres tinham adquirido entre eles, e em parte por causa da influência de suas velhas máximas e costumes, que não tinham sido completamente purificados pelos princípios cristãos que eles tinham acolhido. E é muito claro quanto a prosperidade deles tinha contribuído para corromper seus costumes com base nos diversos erros acerca dos quais o apóstolo os repreende. Orgulho, avareza, luxo, concupiscência (o resultado natural de uma mente carnal e corrupta), são todos alimentados e incentivados pela afluência externa. E, com tudo isso, todo o povo, ou algumas pessoas específicas entre eles, é acusado aqui pelo apóstolo. O orgulho deles descobriu-se em suas festas e divisões, e as desordens públicas que eles cometiam na prática de seus dons espirituais. E este vício não era totalmente alimentado pela prosperidade deles, mas pelo conhecimento que eles tinham da erudição e da filosofia gregas. Alguns dos autores da antiguidade contam-nos que a cidade estava repleta de oradores e filósofos. E, naturalmente, estes eram homens presunçosos, cheios de orgulho próprio, e hábeis em desprezar a clara doutrina do evangelho, porque ela não alimentava a curiosidade de um temperamento controverso e inquisitivo, nem agradava os ouvidos com discursos hábeis e um rio de belas palavras. A avareza deles era manifesta em seus processos e litígios sobre *meum – meu*, e *tuum – teu*, diante de juízes pagãos. A luxúria deles aparecia em mais de um exemplo, em seu vestir, em sua própria intemperança até quando estavam à mesa do Senhor, quando o rico, o qual estava mais errado neste assunto, também era culpado de um grande orgulho e desprezo cruel em relação ao irmão pobre. A concupiscência deles redundou em um exemplo infame e na maior parte escandaloso, tal que não havia sido nomeado entre os gentios, de que se falava com repulsa – que um homem tivesse a mulher de seu pai, seja como sua esposa, ou para cometer fornicação com ela. Este parece de fato o erro de um indivíduo, mas toda a igreja devia se envergonhar por não haver considerado com grande repugnância o seu crime, por tolerar alguém de moral tão corrompida e de um comportamento tão odioso em seu meio. Mas a sua participação no pecado dele era ainda maior, se, como nos dizem alguns dos antigos, ela estava orgulhosa da grande erudição e eloqüência dessa pessoa incestuosa. E é evidente por outras passagens da epístola que eles não estavam totalmente libertos de suas inclinações lascivas anteriores, como se não precisassem de advertências muito severas e fortes argumentos contra a fornicação (ver cap. 6.9-20). O orgulho de sua erudição também tinha levado muitos deles tão longe a ponto de descrer ou contestar a doutrina da ressurreição. Não é improvável que eles tratassem esta questão de maneira problemática, como eles faziam com muitas questões em filosofia, e treinavam suas habilidades argumentando *pró* e *contra*.

A partir dessa situação, está claro que, nessa igreja, havia muito para repreender e que necessitava ser corrigido. E o apóstolo, sob a direção e influência do Espírito Santo, se propôs a fazer as duas coisas com sabedoria e fidelidade, e

com uma conveniente mescla de ternura e autoridade, como convinha a alguém em uma posição tão elevada e importante na igreja. Depois de uma breve introdução no início da carta, ele primeiramente os censura por suas discórdias e divisões, trata da sua origem e fonte, mostra-lhes quanto o orgulho e a vaidade, e a presunção da ciência, e da erudição, e da eloqüência, lisonjeados por falsos mestres, contribuíram para a escandalosa divisão; e recomenda humildade e submissão à instrução divina, ao ensinamento de Deus através de seu Espírito, por revelação externa e iluminação interna, como um remédio para os males que sobejavam em seu meio. Ele lhes mostra o vazio de sua falsa ciência e eloqüência em muitos aspectos. Isto ele faz nos primeiros quatro capítulos. No quinto, ele trata do caso da pessoa incestuosa e ordena que ela seja excluída do meio deles. Nem é improvável o que os antigos dizem, que essa pessoa incestuosa era um homem que gozava de grande estima, sendo o líder de um partido pelo menos entre eles. Parece que o apóstolo os acusa de terem orgulho dele (cap. 5.2). No capítulo seis, ele os censura por seus processos, levados diante de juízes pagãos, quando suas contendas a respeito de propriedade deveriam ser amigavelmente resolvidas entre eles, e, no final do capítulo, ele os adverte contra o pecado da fornicação, e realça sua admoestação com uma variedade de argumentos. No capítulo sete, ele aconselha sobre um caso de consciência, sobre o qual alguns da igreja lhe haviam perguntado em uma epístola, a respeito do casamento, e o mostra como um remédio apontado por Deus contra a fornicação, que os seus vínculos não eram dissolvidos, mesmo que um marido ou uma esposa continuassem pagão ou pagã, quando o outro se tornasse cristão. E, resumindo, que o cristianismo não fez nenhuma modificação nos estados civis e nas relações dos homens. Aqui ele dá também algumas orientações a respeito das virgens, provavelmente em resposta a perguntas dos coríntios. No capítulo oito, ele os orienta sobre carnes oferecidas aos ídolos, e os adverte contra o abuso de sua liberdade cristã. A partir daí, ele também aproveita a ocasião, no capítulo nove, para estender-se um pouco sobre a sua própria conduta em relação a esse assunto da liberdade. Pois, embora ele pudesse ter insistido no seu sustento pelas igrejas onde exerceu ministério, ele abriu mão dessa exigência, para que *ele pudesse pregar o evangelho de Cristo de graça*, e em outras coisas sujeitou-se e adequou-se às condições e circunstâncias daqueles entre os quais ele labutou, para o bem deles. No capítulo dez, a partir do exemplo dos judeus, ele os desaconselha a ter comunhão com os idólatras, ao comer de seus sacrifícios, visto que eles não podiam ser ao mesmo tempo participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios, embora eles não fossem constrangidos a perguntar sobre a carne vendida nos matadouros, ou colocada diante deles em uma festa feita por incrédulos, se ela era parte dos sacrifícios aos ídolos ou não, mas tinham a liberdade para comer sem fazer perguntas. No capítulo onze, ele dá orientações a respeito de seus costumes na adoração pública, censura-os por suas irregularidades indecentes e desordens escandalosas ao receberem a Ceia do Senhor, e os adverte solenemente contra o abuso de uma instituição tão sagrada. No capítulo doze, ele aborda os dons espirituais, os quais eram derramados em grande riqueza nessa igreja, dos quais eles não tinham pouco orgulho. Nesse capítulo, ele lhes diz que todos têm a mesma origem e possuem todos a mesma finalidade. Eles provinham de um mesmo Espírito, e estavam destinados para o bem da igreja, e corriam o risco de ser usados com abuso quando não eram ministrados com esse propósito. Próximo do fim, ele informa os leitores de que esses dons eram realmente valiosos, mas ele poderia recomendar-lhes algo muito mais excelente, irrompendo em elogios e características do amor no capítulo treze. E então, no capítulo quatorze, ele os orienta a como manter a decência e a ordem nas igrejas no que concerne ao uso dos dons espirituais, no que eles parecem ter sido excessivamente irregulares, pelo orgulho de seus dons e por uma vaidade em mostrá-los. No capítulo quinze, a grande doutrina da ressurreição é confirmada e explicada. O último capítulo consiste em alguns conselhos particulares e saudações; e assim termina a epístola.

CAPÍTULO 1

Temos, nesse capítulo: I. O prefácio ou introdução de toda a epístola (vv. 1-9). II. Uma das principais razões sugeridas para a composição da epístola, a saber, suas divisões e a origem que elas têm (vv. 10-13). III. Um relato do ministério de Paulo entre eles, que se constituiu essencialmente da pregação do evangelho (vv. 14-16). IV. A maneira como ele pregou o evangelho, e seus resultados diferentes, com um relato de como ele se ajustou admiravelmente para dar glória a Deus e destruir o orgulho e a vaidade dos homens (vv. 17-31).

A Saudação do Apóstolo

vv. 1-9

Aqui nós temos o prefácio do apóstolo a toda a sua epístola, no qual tomamos conhecimento:

I Do preâmbulo, no qual, de acordo com o então costume da redação de cartas, os nomes do autor e dos destinatários eram ambos introduzidos. 1. Essa é uma epístola de Paulo, o apóstolo aos gentios, à igreja de Corinto, a qual ele mesmo tinha fundado, embora houvesse alguns entre eles que agora questionavam seu apostolado (9.1,2), e difamavam sua pessoa e ministério (2 Co 10.10). Os ministros mais leais e produtivos não estão protegidos desse desprezo. Ele começa exibindo esta qualidade: "*Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus)*". Ele não havia adquirido essa honra por si mesmo, mas por divina comissão. Era apropriado em qualquer momento, mas necessário naquele, afirmar sua condição, e engrandecer sua posição, quando falsos mestres procuravam depreciá-lo, e seus tolos e enganados seguidores estavam tão aptos para colocá-los em posição de concorrência com ele. Não era orgulho de Paulo, mas lealdade à sua confiança, nessa conjuntura,

manter seu aspecto apostólico e sua autoridade. E para mostrar isso mais completamente, ele utiliza o irmão Sóstenes na composição da carta, o qual era um ministro auxiliar. Paulo e seu irmão Sóstenes, não um co-apóstolo, mas um co-ministro, antes o chefe da sinagoga judaica, depois um convertido ao cristianismo, um coríntio de nascimento, como é provável, e querido pelo seu povo; por essa razão Paulo, para procurar a amizade deles, o associa ao seu nome em suas saudações iniciais. Não há razão para supor que ele foi feito um parceiro da inspiração apostólica, por essa razão ele fala, em todo o restante da epístola, em seu próprio nome, e no singular. Em caso algum Paulo diminuiu sua autoridade apostólica, e ainda, ele estava pronto em toda ocasião para fazer algo condescendente e amável pelo bem daqueles a quem ministrava. As pessoas às quais essa epístola foi dirigida eram "*a igreja de Deus que estava em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos*". Todos os cristãos são, até aqui, santificados em Cristo Jesus, eles são dedicados e consagrados a Ele no batismo, eles estão sob rígidas obrigações para serem santos, e fazem verdadeira profissão de real santidade. Se eles não forem verdadeiramente santos, é por seu próprio erro e vergonha. Observe que é o intento do cristianismo santificar-nos em Cristo. "*Ele se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniqüidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras*". Em associação com a igreja em Corinto, ele dirige a epístola a "*...todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso*". Por isso, os cristãos são distintos do profano e do ateu, pois não ousam viver sem oração; e por isso eles são distintos de judeus e pagãos, pois invocam o nome de Cristo. Ele é a cabeça dos cristãos e Senhor em comum. Em todo lugar no mundo cristão há alguns que invocam o nome de Cristo. Deus tem um remanescente em todos os lugares; e deveríamos nos preocupar em manter comunhão com todos aqueles que invocam o nome de Cristo.

II Da bênção apostólica. "*Graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.* Um Apóstolo do príncipe da paz deve ser um mensageiro e ministro da paz. Esta bênção o evangelho traz consigo, e esta bênção todo pregador do evangelho deveria desejar de coração e orar que possa ser abundante entre aqueles a quem ministra. Graça e paz – o favor de Deus e a reconciliação com Ele. Este é, de fato, o resumo de todas as bênçãos. "*O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz*" era a forma de bênção sob o Antigo Testamento (Nm 6.26), mas esta é a vantagem que temos pelo evangelho: 1. Que nós somos dirigidos como para obter aquela paz de Deus: é em e por Cristo. Os pecadores não podem ter paz com Deus, tampouco algum bem dele, senão através de Cristo. 2. Somos informados do que deve qualificar-nos para essa paz, a saber, a graça: primeiramente graça, e depois, paz. Primeiramente Deus reconcilia o pecador consigo mesmo, antes de conceder sua paz sobre ele.

III Da ação de graças dirigida a Deus pelo apóstolo por causa deles. Paulo começa a maioria de suas epístolas com ações de graças a Deus por seus amigos e com oração por eles. Note que a melhor maneira de manifestar nossa afeição aos nossos amigos é orando e agradecendo por eles. Essa é uma parte da comunhão dos santos, agradecer a Deus mutuamente por nossos dons, graças e bem-estar. Ele agradece: 1. Pela sua conversão à fé em Cristo: "*pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo*" (v. 4). Ele é o grande provedor e distribuidor do favor de Deus. Aqueles que são unidos a Ele pela fé, e tornaram-se participantes de seu Espírito e méritos, são os objetos do favor divino. Deus os ama, os conduz com completa boa vontade, e concede sobre eles seu sorriso paternal e suas bênçãos. 2. Pela abundância de seus dons espirituais. A igreja de Corinto era famosa por isso. Eles não estavam atrás de nenhuma igreja na manifestação de qualquer dom (v. 7). Ele especifica *palavra* e *conhecimento* (v. 5). Onde Deus tem concedido esses dois dons, Ele tem dado grande capacidade para o seu uso. Muitos têm a flor da palavra mas não têm a raiz do conhecimento, e a sua conversão é infecunda. Muitos têm o tesouro do conhecimento, e querem a palavra para usá-lo para o bem dos outros, e, neste caso, ele está por assim dizer envolvido num guardanapo. Mas, onde Deus concede ambos, um homem está qualificado para elevado proveito. Quando a igreja de Corinto foi enriquecida com toda a palavra e todo o conhecimento, era conveniente que muitos louvores fossem dados a Deus, especialmente pelo fato de esses dons serem um testemunho da verdade da doutrina cristã, uma confirmação do testemunho de Cristo entre eles (v. 6). Eles eram "*sinais, prodígios e dons do Espírito Santo*", pelos quais Deus levou testemunho aos apóstolos, em sua missão e doutrina (Hb 2.4), de maneira que, quanto mais abundantemente eles eram derramados sobre qualquer igreja, mais pleno testemunho era dado daquela doutrina pregada pelos apóstolos, e maior evidência comprobatória eles tinham de sua missão divina. E não é de admirar que, por terem tal fundamento para a sua fé, eles deviam viver na expectativa da vinda do Senhor Jesus Cristo (v. 7). É da natureza dos cristãos que eles esperem a segunda vinda de Jesus Cristo; toda a nossa religião atenta para isso: nós cremos nela, e a esperamos, e ela é a ocupação de nossa vida no sentido de nos prepararmos para ela, se realmente somos cristãos. E quanto mais confirmados estivermos na fé cristã, mais firme será a nossa fé na segunda vinda de nosso Senhor, e mais zelosa será a nossa expectativa por ela.

IV Das esperanças animadoras que o apóstolo tinha a respeito deles para o tempo vindouro, fundamentadas no poder e no amor de Cristo, e na fidelidade de Deus (vv. 8,9). Ele, que havia começado um bom trabalho neles, e ainda prosseguia, não o deixaria sem terminar. Aqueles que esperam a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo serão guardados por Ele e confirmados até o fim; e os que forem assim confirmados "*serão irrepreensíveis no dia de Cristo*": não com base no princípio da justiça rigorosa, mas do perdão gracioso; não no rigor da lei, mas com base na graça livre e rica. Quão desejável é ser confirmado e guardado por Cristo para um propósito como esse! Quão gloriosas são as esperanças de tal privilégio, seja para nós mesmos ou outros! Somos guardados pelo poder de Cristo do poder de nossa própria corrupção e da tentação de Satanás, e assim podemos

aparecer irrepreensíveis no grande dia! Oh! Expectativa gloriosa, especialmente quando a fidelidade de Deus vem para dar apoio às nossas esperanças! Ele "*que nos chamou para a comunhão de seu Filho, e o fará*" (1 Ts 5.24). Ele, que nos chamou para dentro de uma relação próxima e bem-amada com Cristo, é fiel; podemos confiar nele com nossas mais caras preocupações. Aqueles que respondem ao seu chamado nunca serão desapontados em suas esperanças nele. Se nós provarmos ser fiéis a Deus, nunca o encontraremos infiel em relação a nós. *Ele não faltará à sua fidelidade* (Sl 89.33).

O Espírito Partidário E Reprovado
vv. 10-13

Aqui o apóstolo começa a desenvolver o seu tema.

I Ele os exorta à unidade e ao amor fraternal, e os reprova por suas divisões. Ele havia recebido um relatório através de alguém que lhes desejava bem, devido a algumas diferenças infelizes que havia entre eles. Não era nem má vontade em relação à igreja, nem em relação aos seus ministros, que os instigou a dar esse relatório, mas uma preocupação prudente e amável em ter esses conflitos modificados pela intervenção de Paulo. Ele lhes escreve de uma maneira muito atrativa: "*Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo*; se vós tendes qualquer consideração por aquele nome digno e bem-amado pelo qual fostes chamados, sede unânimes. *Dizei todos a mesma coisa; evitai discussões ou divisões*" (como está no original), "isto é, evitai toda alienação da afeição mútua. *Sede unidos, em um mesmo sentido*, tanto quanto vos for possível. Que sejais de uma mesma mente nos grandes tópicos da religião; mas, quando não houver uma unidade de sentimento, deixai que haja uma unidade de afeições. A consideração de estardes de acordo nos grandes temas extingue todas as rixas e divisões sobre os menores."

II Ele dá a entender a origem dessas contendas. O orgulho está na base e os tornou facciosos. "*Da soberba só provém a contenda*" (Pv 13.10). Eles discutiam sobre seus ministros. Paulo e Apolo eram ministros fiéis de Jesus Cristo, e ajudantes de sua fé e alegria; mas aqueles que estavam inclinados a serem contenciosos dividiram-se em partidos, e estabeleceram seus ministros na liderança de suas várias facções: alguns elogiavam Paulo, talvez como o mestre mais sublime e espiritual; outros elogiavam Apolo, talvez como o pregador mais eloqüente; alguns elogiavam a Cefas, ou Pedro, talvez pela autoridade de sua idade, ou porque ele era o apóstolo da circuncisão; e alguns não eram a favor de nenhum deles, somente de Cristo. Tão sujeitas as melhores coisas neste mundo estão de serem corrompidas – como também o evangelho e as suas instituições –, que estão em perfeita concórdia consigo mesmas, e uma com a outra, no sentido de serem feitas os instrumentos de divergência, discórdia e altercação. Isto não é nenhuma censura à nossa religião, mas uma triste evidência da corrupção e da depravação da natureza humana. Observe a que distância o orgulho levará os cristãos em oposição um contra o outro! Tão distante a ponto de colocar Cristo e seus próprios apóstolos em divergência, fazendo-os rivais e concorrentes.

III Ele os censura por sua discórdia e discussões: "*Está Cristo dividido?* Não, há somente um Cristo, e por isso os cristãos devem ser de um mesmo coração. *Foi Paulo crucificado por vós?* Foi ele o vosso sacrifício e expiação? Eu alguma vez simulei ser vosso salvador, ou algo mais que vosso ministro? Ou "*fostes vós batizados em nome de Paulo?* Fostes consagrados ao meu serviço ou incumbidos de serdes meus discípulos por aquele rito sagrado? Que direitos eu exigi de vós, ou esperei de vós, os quais são a própria reivindicação de vosso Deus e Redentor?" Não, os ministros, por mais úteis que sejam para o nosso bem, não devem ser colocados no mesmo nível de Jesus Cristo. Eles não devem usurpar a autoridade de Cristo, nem encorajar qualquer coisa nas pessoas que pareça transferir sua autoridade para eles. Ele é o nosso Salvador e sacrifício, Ele é nosso Senhor e guia. E seria feliz para as igrejas se não houvesse nenhum nome de distinção entre elas, como Cristo não está dividido.

O Espírito Partidário É Reprovado
vv. 14-16

Aqui o apóstolo apresenta um relatório de seu ministério entre eles. Ele agradece a Deus que ele não havia batizado a não ser uns poucos entre eles: Crispo, que tinha sido um chefe de uma sinagoga em Corinto (At 18.8), Gaio e a casa de Estéfanas, além dos quais, ele diz, não se lembrava de haver batizado ninguém. Mas isso era um tópico próprio de agradecimento? Não era parte da comissão apostólica batizar todas as nações? E Paulo podia agradecer a Deus a sua própria negligência em relação a essa obrigação? Em tal caso, ele não deve ser compreendido como se tivesse agradecido por não haver batizado ninguém, mas por não haver feito isso nas presentes circunstâncias, para que não houvesse tido essa interpretação errônea a respeito dele – que ele tinha batizado em seu próprio nome, feito discípulos para si mesmo, ou se colocado como o cabeça de uma seita. Ele deixou que outros ministros batizassem, enquanto ele se colocava a serviços mais úteis e preenchia seu tempo com a pregação do evangelho. Essa, pensava ele, era mais a sua ocupação, porque era o tópico mais importante entre os dois. Ele tinha auxiliares que podiam batizar, quando ninguém podia realizar a outra parte de seu encargo tão bem quanto ele mesmo. Nesse sentido, ele diz: "*porque Cristo enviou-me não para batizar, mas para evangelizar*" – não tanto para batizar como para pregar. Observe que os ministros devem considerar-se enviados e separados mais especialmente para o serviço no qual Cristo será mais honrado e a salvação das almas favorecida, e para o qual eles estão melhor preparados, embora nenhuma parte de seu dever deva ser negligenciada. O principal negócio que Paulo fazia entre eles era pregar o "*evangelho*" (v. 17), "*a cruz*" (v. 18) e "*Cristo crucificado*" (v. 23). Os ministros são soldados de Cristo e devem levantar e mostrar a bandeira da cruz. Ele não pregava

seu próprio pensamento, mas o evangelho – as alegres notícias da paz e da reconciliação com Deus, através da mediação de um Redentor crucificado. Este é o resumo e a essência do evangelho. O Cristo crucificado é o fundamento de todas as nossas esperanças e a fonte de todas as nossas alegrias. Nós vivemos pela sua morte. Era isso o que Paulo pregava e o que todos os ministros devem pregar, e o que todos os santos vivem.

A Eficácia do Evangelho. O Caráter do Evangelho

vv. 17-31

Temos aqui:

I A maneira em que Paulo pregava o evangelho e a cruz de Cristo: "*não em sabedoria de palavras*" (v. 17), "*palavras persuasivas de sabedoria humana*" (cap. 2.4), não pela ostentação da oratória ou a exatidão da linguagem filosófica, das quais os gregos se orgulhavam tanto e que parece terem sido particularmente recomendadas por alguns chefes de facções dessa igreja que mais se opunham ao apóstolo. Ele não pregava o evangelho dessa maneira, "*para que a cruz de Cristo se não faça vã*", pois senão o resultado seria atribuído à força da arte, e não da verdade; não à simples doutrina de um Jesus crucificado, mas à oratória poderosa daqueles que a difundiam, e com isso a honra da cruz seria diminuída ou obscurecida. Paulo tinha sido educado na erudição dos judeus, aos pés de Gamaliel, mas com a pregação da cruz ele deixou de lado a sua erudição. Ele pregava um Jesus crucificado numa linguagem clara, e dizia às pessoas que Jesus, que havia sido crucificado, era o Filho de Deus e o Salvador dos homens, e que todos que queriam ser salvos deveriam arrepender-se de seus pecados e acreditar nele, e submeter-se ao seu governo e às suas leis. Esta verdade não precisava de nenhuma roupagem artificial; ela brilhava com a maior majestade em sua própria luz e prevalecia no mundo pela sua autoridade divina e a demonstração do Espírito, sem qualquer ajuda humana. A clara pregação de um Jesus crucificado era mais poderosa que toda a oratória e filosofia do mundo pagão.

II Temos os diferentes aspectos dessa pregação: para os que se perdem, ela é loucura, mas para aqueles que são salvos ela "*é o poder de Deus*" (v. 18). Ela é "*escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus*" (vv. 23,24): 1. O Cristo crucificado é um escândalo para os judeus. Eles não podiam suportar isso. Eles tinham a idéia de que seu Messias esperado seria um grande príncipe e por isso nunca reconheceriam como seu libertador e rei alguém que assumisse uma aparência tão humilde na vida e morresse de morte tão execrável. Eles o desprezaram e o olharam como execrável, porque Ele foi levantado no madeiro, e porque Ele não os satisfez com um sinal para sua mente, embora seu poder divino se mostrasse em inúmeros milagres. Os judeus queriam um sinal (v. 22). Ver Mt 12.38. 2. Ele era loucura para os gregos. Eles riam da história de um Salvador crucificado e desprezavam o modo como os apóstolos a contavam. Eles procuravam a sabedoria. Eles eram homens de saber e de leitura, homens que tinham cultivado as artes e as ciências, e tinham sido, durante algum tempo, por assim dizer, a grande fonte de conhecimento e erudição. Não havia nada na clara doutrina da cruz que se adequasse ao gosto deles, nem cedesse à sua ostentação, nem satisfizesse a um temperamento curioso e questionador: eles o acolhiam, portanto, com escárnio e desdém. Que esperança havia em ser salvo por alguém que não pôde salvar-se a si mesmo? E confiar em alguém que foi condenado e crucificado como um malfeitor, um homem de nascimento desprezível e de condição pobre e que morreu uma morte tão vil e ignominiosa? Era isso que o orgulho da razão humana e da erudição não podia apreciar. Os gregos pensavam ser quase uma estupidez receber tal doutrina e prestar essa alta consideração a tal pessoa: e assim eles foram justamente deixados para perderem-se em seu orgulho e obstinação. Observe que é justo da parte de Deus abandonar a si mesmos aqueles que derramam tal desdém orgulhoso sobre a sabedoria e a graça divinas. 3. Para aqueles que são chamados e salvos, Ele é "*poder de Deus e sabedoria de Deus*". Aqueles que são chamados e santificados, que receberam o evangelho e são iluminados pelo Espírito de Deus, discernem mais descobertas gloriosas da sabedoria e do poder de Deus na doutrina do Cristo crucificado do que em todos as outras coisas. Observe que aqueles que são salvos *são reconciliados à doutrina da cruz* e conduzidos a um conhecimento experimental dos mistérios do Cristo crucificado.

III Nós temos aqui o triunfo da cruz sobre a sabedoria humana, de acordo com a antiga profecia (Is 29.14): "*destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?*" (vv. 19,20). Toda a erudição valiosa deste mundo foi confundida, frustrada e obscurecida pela revelação cristã e os triunfos gloriosos da cruz. Os políticos e os filósofos pagãos e os rabinos e doutores judeus, os curiosos pesquisadores dos segredos da natureza, foram todos apresentados e expostos ao embaraço. Esse esquema mostra-se fora do alcance do mais profundo dos estadistas e filósofos e dos maiores pretendentes à erudição entre os judeus e os gregos. Quando Deus se propôs a salvar o mundo, Ele estabeleceu um modo por si mesmo; e com boa razão, pois "*o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria*" (v. 21). Toda ciência orgulhosa do mundo pagão não podia efetivamente trazer o mundo para Deus. Apesar de toda a sua sabedoria, ainda prevalecia a ignorância e a iniqüidade ainda abundava. Os homens estavam cheios por seu conhecimento imaginário e completamente alienados de Deus; e por isso *aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação* – nem tanto na verdade, mas na opinião comum.

1. O conteúdo pregado era loucura aos olhos dos homens sábios segundo o mundo. Nossa vida através de alguém que morreu, nosso ser abençoado por alguém que foi feito maldição, nosso ser justificado por alguém que

foi condenado por si mesmo, era tudo tolice e inconsistência aos homens cegados por sua opinião própria e unidos a seus próprios preconceitos e descobertas orgulhosas de sua razão e filosofia.

2. O modo de pregar o evangelho também era tolice para eles. Nenhum dos homens famosos pela sabedoria ou eloqüência foram empregados para implantar a igreja ou propagar o evangelho. Uns poucos pescadores foram chamados e enviados com esta missão. Esses foram comissionados para discipularem as nações; esses vasos escolhidos para carregar o tesouro do conhecimento salvador ao mundo. À primeira vista, neles não havia nada que parecesse grande ou elevado o suficiente para vir de Deus, e os orgulhosos pretendentes à erudição e à sabedoria desprezavam a doutrina por causa daqueles que a dispensavam. E ainda "*a loucura de Deus é mais sábia do que os homens*" (v. 25). Aqueles métodos da conduta divina, que homens presunçosos estão dispostos a censurar como insensata e fraca, têm mais sabedoria bem-sucedida, sólida e verdadeira do que toda a erudição e sabedoria que estão entre os homens: *porque vede, irmãos, a vossa vocação; que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados* (v. 26). Vocês vêem a condição do cristianismo; poucos homens eruditos, ou autoridades, ou de nobre procedência, são chamados. Há uma grande quantidade de insignificância e fraqueza na aparência exterior de nossa religião. Pois: (1) Poucos personagens distintos em qualquer desses casos foram escolhidos para o trabalho do ministério. Deus não escolheu filósofos, nem oradores, nem estadistas, nem homens prósperos, poderosos e de interesse no mundo, para publicar o evangelho da graça e da paz. Não os homens sábios segundo a carne, embora homens estivessem dispostos a pensar que uma reputação de sabedoria e erudição poderia ter contribuído muito para o sucesso do evangelho. Não o poderoso e nobre, embora homens estivessem dispostos a imaginar que pompa secular e poder seriam os meios para sua aceitação no mundo. Mas Deus não vê como o homem vê. Ele tem escolhido as coisas loucas do mundo, as coisas fracas do mundo, as coisas comuns e desprezíveis do mundo, homens de vil nascimento, de classe baixa, sem ampla educação, para serem os pregadores do evangelho e implantadores da igreja. *Seus pensamentos não são como os nossos pensamentos, nem seus caminhos como os nossos caminhos.* Ele é um juiz melhor que nós acerca de quais instrumentos e medidas servirão aos propósitos de sua glória. (2) Poucos da classe distinta foram chamados para ser cristãos. Como os pregadores eram pobres e miseráveis, assim geralmente eram os convertidos. Poucos sábios, poderosos e nobres abraçaram a doutrina da cruz. Os primeiros cristãos, entre os judeus e os gregos, eram fracos, simples e humildes, homens de capacitação desprezível em relação aos seus aperfeiçoamentos mentais, e de grau e condição muito desprezíveis em relação ao seu estado exterior; e ainda assim, que descobertas gloriosas não há da sabedoria divina em todo o esquema do evangelho e, nessas circunstâncias particulares, de seu sucesso!

IV Temos um relatório de quão admiravelmente tudo está adequado: 1. Para derrubar todo orgulho e ostentação dos homens. Deus escolheu "*as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias*" – homens que não possuem nenhuma instrução para confundir os maiores eruditos; "*as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes*" – homens de grau e circunstâncias desprezíveis para confundir e prevalecer contra todo poder e autoridade dos reis terrenos; "*e as coisas vis deste mundo e as desprezíveis*" – coisas que os homens têm em baixa estima, ou em extremo desdém, para despejar desdém e desgraça sobre tudo que eles valorizam e veneram; "*e que não são, para aniquilar* (desprezar) *as que são*" – a conversão de gentios (de quem os judeus tinham pensamentos vis e desprezíveis) estava para abrir um caminho para a abolição daquela constituição da qual eles estavam tão afeiçoados e a respeito da qual eles se valorizavam tanto a ponto de, por causa dela, desprezarem o resto do mundo. É comum para os judeus falarem dos gentios sob essa imagem, como *coisas que não são.* Assim, no livro apócrifo de Ester, ela é apresentada louvando a Deus que não daria o cetro *àqueles que nada são* (Et 14.11). Esdras, em um dos livros apócrifos que estão sob seu nome, fala a Deus *dos pagãos como aqueles que são reputados como nada* (2 Ed 6.56,57). E o apóstolo Paulo parece ter esta linguagem comum aos judeus em seu ponto de vista quando chama Abraão de "*pai de todos nós, perante aquele no qual creu,* a saber, *Deus, que chama as coisas que não são como se já fossem*" (Rm 4.17). O evangelho era adequado para destruir o orgulho de judeus e gregos, para envergonhar o saber orgulhoso e a erudição dos gregos; e para derrubar aquela constituição sobre a qual os judeus se valorizavam e desprezavam todo o mundo, pois "*para que nenhuma carne se glorie perante ele*" (v. 29), não pode haver nenhuma pretensão para orgulhar-se. A sabedoria divina tinha somente o instrumento do método da redenção; a graça divina somente a revelou, tornando-a conhecida. Ela mostra, em ambos os aspectos, os limites humanos. E a doutrina e a descoberta prevaleceram a despeito de toda oposição que encontraram da parte das artes e da autoridade humanas: assim, efetivamente, Deus escondeu e envergonhou todo orgulho humano. A dispensação do evangelho é um instrumento para o homem humilde. Mas: 2. Ela está admiravelmente adequada para glorificar a Deus. Há uma grande porção de poder e de glória na essência e na vida do cristianismo. Embora os ministros fossem pobres e incultos, e os convertidos geralmente de classes desprezíveis, ainda assim a mão do Senhor concordava com os pregadores e era poderosa nos corações dos ouvintes, e Jesus Cristo era verdadeiramente engrandecido e honrado a ministros e cristãos. Tudo o que temos, o temos de Deus como a fonte e em e através de Cristo como o canal condutor. Deus o fez para nós "*sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção*" (v. 30): tudo de que precisamos ou podemos desejar. Somos tolos, ignorantes e cegos em relação às coisas de Deus, com todo o nosso conhecimento arrogante; e Ele é feito sabedoria para nós. Somos culpados, detestáveis à justiça, e Ele é feito justiça, nossa grande redenção e sacrifício. Somos depravados e corruptos, e Ele é feito santificação, a primavera de nossa vida espiritual. A partir dele, o cabeça, ela é comunicada a todos os membros de seu corpo místico por meio do seu Espírito Santo. Estamos em algemas, e Ele é fei-

to redenção para nós, nosso Salvador e Libertador. Observe que onde Cristo é feito justiça para qualquer alma, Ele também é feito santificação. Ele nunca manda embora a culpa do pecado sem libertar do seu poder. Porque Ele é feito justiça e santificação, para que, no fim, Ele possa ser feito completa redenção, possa libertar a alma do verdadeiro ser do pecado, e soltar o corpo das algemas da sepultura: e o que é projetado em tudo é "*que toda carne glorie-se no Senhor*" (v. 31). Observe que é a vontade de Deus que todo o nosso glorificar deva ser no Senhor, e a nossa salvação seja somente através de Cristo. Foi efetivamente planejado para ser assim. O homem é humilhado, e Deus é glorificado e exaltado por todo esse plano.

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, o apóstolo prossegue com seu argumento, e: 1. Lembra os coríntios da maneira clara pela qual ele lhes entregou o evangelho (vv. 1-5). Mas mesmo assim: 2. Ele lhes mostra que havia comunicado a eles um tesouro da sabedoria mais alta e verdadeira, uma sabedoria que sobrepujava a toda realização dos homens letrados, que nunca poderia haver entrado no coração do homem se não tivesse sido revelada, nem poderia ser recebida e ter aperfeiçoado a salvação a não ser pela luz e pela influência daquele Espírito que a revelou (vv. 6-16).

O Ministério do Apóstolo
vv. 1-5

Nessa passagem, o apóstolo prossegue seu intento e recorda os coríntios como ele agiu quando pregou o evangelho pela primeira vez no meio deles.

I Em relação à matéria ou assunto que ele nos narra (v. 2): "*porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado*" – para não mostrar nenhum outro conhecimento além deste, para não pregar nada, para não descobrir o conhecimento de nada, a não ser Jesus Cristo e este crucificado. Observe que Cristo, em sua pessoa e funções, é o resumo e a essência do evangelho, e deve ser o grande assunto da pregação de um ministro do evangelho. Sua função é apresentar a bandeira da cruz e convidar as pessoas para virem a ela. Ninguém que ouviu Paulo pregar o achou tocando tão continuamente a mesma tecla, que ele diria que não conhecia nada a não ser Cristo e este crucificado. Qualquer que fosse outro conhecimento que ele tivesse, esse era o único conhecimento que ele descobriu e mostrou-se preocupado em propagar entre seus ouvintes.

II Também a maneira em que ele pregava o evangelho é aqui observável. 1. Negativamente. Ele não veio "*entre eles com sublimidade de palavras ou de sabedoria*" (v. 1). Seu discurso e "*pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana*" (v. 4). Ele não aparentava ser um excelente orador ou um filósofo profundo, nem se insinuou em suas mentes, pela ostentação de palavras, ou por uma exibição pomposa de uma razão profunda e de um saber extraordinário e hábil. Ele não se colocou para cativar o ouvido por excelentes divagações e expressões eloqüentes, nem para agradar ou divertir a imaginação com elevados vôos de idéias sublimes. Nem seu discurso, nem a sabedoria que ele ensinava, tinham o sabor da habilidade humana. Ele as aprendeu em uma outra escola. A sabedoria divina não precisava ser atraente com os ornamentos humanos. 2. Positivamente. Ele veio entre eles anunciando "*o testemunho de Deus*" (v. 1). Ele impulsionou uma revelação divina e deu provas suficientes pela sua autoridade, tanto pela concordância com as antigas profecias quanto por operações miraculosas; e lá ele deixou o assunto. Ornamentos de discurso, habilidade filosófica e argumentos não poderiam acrescentar nenhum peso ao que veio recomendado por tal autoridade. Ele estava com eles em fraqueza, e em temor, e grande tremor, e ainda a sua palavra e pregação eram "*em demonstração do Espírito e de poder*" (vv. 3,4). Seus inimigos na igreja de Corinto falavam muito desdenhosamente dele: *mas a sua presença pessoal é fraca, e a palavra, desprezível* (2 Co 10.10). Possivelmente ele tenha tido um corpo de baixa estatura e uma voz fraca, mas, embora não tivesse tão boa oratória como alguns, está claro que não era nenhum pregador desprezível. Os homens de Listra viram nele o deus pagão Mercúrio que descera até eles na forma de homem, porque ele era o pregador principal (At 14.12). E ele nem queria coragem nem determinação para levar adiante o seu trabalho; ele não *era aterrorizado em nada pelos seus adversários*. E ele também não era ostentador. Ele não se vangloriava orgulhosamente de si mesmo, como seus opositores. Ele conduziu-se em sua ocupação com muita modéstia, preocupação e cuidado. Ele se comportou com grande humildade entre eles, não como alguém vaidoso com a honra e a autoridade outorgadas a ele, mas alguém preocupado em mostrar-se fiel, e temeroso de si mesmo, para que não administrasse mal a sua confiança. Observe que ninguém conhece o medo e o tremor dos ministros fiéis, que são zelosos pelas almas com um bom zelo; e um profundo sentimento de sua própria fraqueza é a ocasião para esse temor e tremor. Eles conhecem como são insuficientes e são por essa razão assustados e trêmulos por si mesmos. Mas, embora Paulo administrasse sua vida com essa modéstia e preocupação, ele ainda falava com autoridade: "*em demonstração do Espírito e de poder*". Ele pregava as verdades de Cristo na forma nativa deles, com um discurso claro. Ele expunha a doutrina como o Espírito a entregava, e deixava que o Espírito, pela sua operação exterior em sinais e milagres, e suas influências internas nos corações dos homens, demonstrasse a sua verdade e obtivesse acolhida.

III Aqui está o fim mencionado para o qual ele pregava Cristo crucificado dessa maneira: "*para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus*" (v. 5) – que eles não pudessem ser arrastados por motivos humanos, nem dominados por meros argumentos humanos, para que não fosse dito que a retórica ou a lógica os tivessem tornado cristãos. Mas, quando nada além de Cristo crucificado era pregado cla-

ramente, o sucesso devia ser totalmente atribuído ao poder divino que acompanhava a palavra. Sua fé devia ser fundada, não na sabedoria humana, mas na evidência e na operação divinas. O evangelho era tão bem pregado que Deus podia aparecer e ser glorificado em tudo.

Os Desvelamentos do Evangelho. As Coisas Espirituais São Discernidas Espiritualmente

vv. 6-16

Nessa parte do capítulo, o apóstolo lhes mostra que, embora ele não tivesse vindo a eles com a excelência da sabedoria humana, com algum conhecimento arrogante e literatura dos judeus ou gregos, ele ainda lhes havia comunicado um tesouro da sabedoria mais alta e mais verdadeira: "*falamos sabedoria entre os perfeitos*" (v. 6), entre aqueles que são bem instruídos no cristianismo e tornam-se maduros nas coisas de Deus. Aqueles que recebem a doutrina como divina e, havendo sido iluminados pelo Espírito Santo, têm olhado bem para dentro dela, descobrem verdadeira sabedoria nela. Eles não somente compreendem a simples história de *Cristo, e este crucificado*, mas discernem a profundidade e os planos admiráveis da sabedoria divina nisso. Embora o que pregamos seja loucura para o mundo, é sabedoria para eles. Eles são feitos sábios por ela. Observe que aqueles que são sábios por si mesmos são os únicos juízes do que seja sabedoria; "*não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam*, mas *a sabedoria de Deus, oculta em mistério*" (vv. 6,7); não a sabedoria do mundo, mas a divina; não como os homens deste mundo poderiam descobrir, nem como os homens deste mundo, sob a direção do orgulho, da paixão, do apetite, do interesse mundano, e destituídos do Espírito de Deus, podem receber. Observe quão diferente é o julgamento de Deus daquele do mundo! *Ele não vê como o homem vê.* A sabedoria que ele ensina é de um tipo completamente diferente da que existe com esse nome no mundo. Não é a sabedoria dos políticos, nem dos filósofos, nem dos rabinos (ver v. 6), não tanto o que eles ensinam, nem o que eles gostam, "*mas a sabedoria de Deus oculta em mistério*", a escondida sabedoria de Deus – o que Ele havia guardado por um longo tempo e ocultado do mundo, agora é revelado, e ninguém, exeeto Ele mesmo, pode sondar. "*O mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos*" (Cl 1.26), por assim dizer, totalmente escondido do mundo pagão, e tornado oculto para os judeus, sendo envolvido em tipos obscuros e profecias distantes, mas revelado e feito conhecido a nós pelo Espírito de Deus. Observe o privilégio daqueles que gozam da revelação do evangelho: para eles, tipos são descobertos, mistérios são tornados claros, profecias, interpretadas, e os conselhos secretos de Deus, publicados e expostos. A sabedoria de Deus em mistério é agora manifestada aos santos. Concernente a essa sabedoria, observe:

I A sua ascensão e origem: ela foi ordenada "*antes dos séculos para a nossa glória*" (v. 7). Ela foi preordenada por Deus; Ele a determinou muito tempo atrás para revelá-la e fazê-la conhecida, de muitas eras do passado, do início, mais ainda, da eternidade; e isto para a nossa glória, *a nossa glória*, sejamos apóstolos ou cristãos. Era uma grande honra colocada sobre os apóstolos o fato de serem encarregados da revelação dessa sabedoria. Era um grande e honrado privilégio para os cristãos terem essa gloriosa sabedoria revelada a eles. E a sabedoria de Deus revelada no evangelho, a sabedoria divina ensinada pelo evangelho, prepara para a nossa eterna glória e alegria no mundo por vir. Os conselhos de Deus a respeito de nossa redenção são elaborados desde a eternidade, e planejados para a glória e a alegria dos santos. E que profunda sabedoria estava nesses conselhos! Observe que a sabedoria de Deus é tanto aplicada quanto exposta para a honra dos seus santos – aplicada desde a eternidade, e exposta a tempo, para fazê-los gloriosos, tanto aqui quanto depois, no tempo e para a eternidade. Que honra Ele confere aos seus santos!

II A ignorância dos grandes homens do mundo sobre ela: *a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu* (v. 8), os homens principais em autoridade e poder, ou em sabedoria e erudição. Parece que o governo romano e os guias e chefes religiosos da nação judaica são os principais aludidos. Esses eram os "poderosos" deste mundo, ou desta era, os quais, se tivessem conhecido essa sabedoria celestial e verdadeira, não teriam crucificado o Senhor da glória. Pilatos e os chefes judeus o fizeram literalmente quando nosso Redentor foi crucificado pela sentença de um e pela reclamação barulhenta de outros. Observe que Jesus Cristo é o Senhor da Glória, um título muito grande para qualquer criatura carregar: e a razão pela qual Ele foi odiado foi porque Ele não foi conhecido. Se os que o crucificaram o tivessem conhecido, tivessem conhecido quem e o que Ele era, teriam impedido suas ímpias mãos, e não o teriam pego e assassinado. Ele suplicou a seu Pai o perdão para eles: "*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*" (Lc 23.34). Observe que há muitas coisas que as pessoas não fariam se elas conhecessem a sabedoria de Deus na grande obra da redenção. Elas fazem o que fazem porque elas estão cegas e negligentes. Elas não conhecem a verdade ou não prestarão atenção nela.

III É tal a sabedoria que não poderia haver sido descoberta sem revelação, de acordo com o que diz o profeta Isaías (Is 64.4): "*olho não viu, nem entrou no coração do homem as coisas que Deus havia preparado para aqueles que o amam*" – para ele que esperou nele, que esperou em sua misericórdia (assim na LXX). Era um testemunho do amor de Deus aos judeus crentes o viver na expectativa do cumprimento das promessas evangélicas. Esperar em Deus é uma evidência do amor por Ele. "*Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos*" (Is 25.9). Observe que há coisas que Deus tem preparado para aqueles que o amam e esperam por Ele. Há tais coisas preparadas para eles numa vida futura, coisas que a inteligência não pode descobrir, nenhuma informação presente pode transmitir aos nossos ouvidos, nem podem entrar em nossos corações. "*Trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho*" (2 Tm. 1.10). Mas o apóstolo fala aqui do assunto da revelação divina sob o evangelho. São coisas tais que o olho não

viu nem o ouvido ouviu. Observe que as grandes verdades do evangelho são coisas que estão fora da esfera da descoberta humana: "*o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem*". Se elas fossem objetos da inteligência, poderiam ser descobertas por um olho da razão e comunicadas pelo ouvido da mente; como é possível a conteúdos do conhecimento humano comum, elas não precisariam de revelação. Mas, fora da esfera da natureza, nós não podemos descobri-las, a não ser pela luz da revelação. E, por essa razão, nós devemos considerá-las como elas estão nas Escrituras, e como Deus tem se agradado em revelá-las.

IV Aqui vemos por quem essa sabedoria é descoberta para nós: "*mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito*" (v. 10). A Escritura é dada por inspiração de Deus. "*Homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*" (1 Pe 1.21). E os apóstolos falaram por inspiração do mesmo Espírito, como Ele lhes ensinou, e lhes deu palavra. Aqui está uma prova da autoridade divina das Sagradas Escrituras. Paulo escreveu o que ele ensinou, e o que ele ensinou foi revelado por Deus pelo seu Espírito, "*porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus*", e sabe as coisas de Deus, como o espírito de um homem, que nele está, sabe as coisas de um homem (v. 11). Um duplo argumento é tirado dessas palavras como prova da divindade do Espírito Santo: 1. Onisciência é um atributo dele: Ele "*penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus*". Ele tem um conhecimento exato de todas as coisas, e entra na profundidade de Deus, penetra seus conselhos mais secretos. Então, quem pode possuir tal conhecimento perfeito de Deus, a não ser Deus? 2. Esta alusão parece deduzir que o Espírito Santo está muito mais em Deus do que a mente humana está no homem. Então, a mente do homem é claramente essencial para ele. Ele não pode existir sem sua mente. Nem Deus pode ser sem seu Espírito. Ele é tão intimamente um com Deus como a mente do homem o é com o homem. O homem conhece sua própria mente porque ela é uma com ele. O Espírito de Deus conhece as coisas de Deus porque Ele é um com Deus. E como nenhum homem pode vir a conhecer o que está na mente de outro homem até que ele o comunique e o revele, assim também não podemos saber os propósitos e conselhos secretos de Deus até que eles nos sejam feitos conhecidos pelo seu Espírito Santo. Não podemos conhecê-los de forma alguma até que Ele os apresente objetivamente (como ela é chamada) em uma revelação externa; não podemos conhecê-los ou crer neles para a salvação até que Ele ilumine a inteligência, abra o olho da mente, e nos dê tal conhecimento e fé neles. E foi pelo Espírito que os apóstolos receberam "*a sabedoria de Deus em mistério*", da qual eles falaram. "*Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus*" (v. 12); não o espírito que está nos homens sábios do mundo (v. 6), nem nos "*príncipes deste mundo*" (v. 8), mas o Espírito que vem de Deus, ou que procedeu de Deus. Nós temos o que entregamos no nome de Deus pela inspiração que vem dele; e é por sua iluminação graciosa e influência que conhecemos "*o que nos é dado gratuitamente por Deus*" para a salvação, isto é, os grandes privilégios do evangelho, que são livres dons de Deus, distribuições da graça simples e rica. Embora essas coisas nos sejam dadas, e a revelação desse dom nos seja feita, não podemos conhecê-las para nenhum propósito salvador até que tenhamos o Espírito. Os apóstolos tiveram revelação dessas coisas do Espírito de Deus, e o sinal salvador, do mesmo Espírito.

V Aqui vemos de que maneira essa sabedoria foi ensinada ou comunicada: "*as quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina*" (v. 13). Eles haviam recebido a sabedoria que eles ensinavam não dos homens sábios do mundo, não de suas próprias perguntas nem de invenções, mas do Espírito de Deus. E eles nem a vestiram de uma roupa humana, mas declararam simplesmente a doutrina de Cristo, também em termos que aprenderam do Espírito Santo. Ele não somente lhes deu o conhecimento dessas coisas, mas lhes deu palavras. Observe que as verdades de Deus não precisam de nenhum adorno da habilidade humana ou da eloqüência, mas têm a melhor aparência nas palavras que o Espírito Santo ensina. O Espírito de Deus conhece muito melhor como falar das coisas de Deus do que os melhores críticos, oradores ou filósofos. "*Comparando as coisas espirituais com as espirituais*" – uma parte da revelação com outra, a revelação do evangelho com aquela dos judeus, as descobertas do Novo Testamento com os tipos e profecias do Antigo. Comparar assuntos da revelação com assuntos da ciência, coisas sobrenaturais com coisas naturais e comuns, é usar a medida errada. Coisas espirituais, quando juntas, ajudarão a ilustrar uma a outra; mas, se os princípios da arte e da ciência humanas se tornarem em testes para a revelação, certamente julgaremos erroneamente quanto a isso. Ou, "*comparando as coisas espirituais com as espirituais*" – falar de assuntos espirituais, assuntos de revelação, e da vida espiritual, em linguagem que é própria e clara. A linguagem do Espírito de Deus é a mais adequada para conduzir seu significado.

VI Temos um relatório de como essa sabedoria é recebida:

1. "*Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente*" (v. 14). O homem natural, o homem animal. Ou: (1) O homem sob o poder da corrupção e nunca iluminado pelo Espírito de Deus, como Judas os chama: "*sensuais, que não têm o Espírito*" (v. 19). Homens não santificados não recebem as coisas de Deus. O entendimento, pela corrupção da natureza por causa da queda, e pela confirmação desta desordem pelo pecado habitual, é totalmente incapaz de receber os raios da luz divina; está predisposto contra eles. As verdades de Deus são loucura para tal mente. O homem as considera coisas insignificantes, indignas de seu cuidado. "*E a luz resplandeceu nas trevas e as trevas não a compreenderam*" (Jo 1.5). Não que a faculdade natural de discernir esteja perdida, porém más inclinações e princípios pecaminosos fazem com que o homem não tenha disposição para entrar na mente de Deus, nos assuntos espirituais do Reino, e se sujeite à sua força

e ao seu poder. São os raios estimuladores do Espírito da verdade e da santidade que devem ajudar a mente a discernir sua excelência e conduzi-la a uma convicção tão completa da sua verdade que receba e abrace os assuntos espirituais de coração. Assim, o homem natural, o homem destituído do Espírito de Deus, não pode conhecê-los, porque elas são discernidos espiritualmente. Ou: (2) O homem natural, isto é, o homem sábio do mundo (cap. 1.19,20), o homem sábio segundo a carne, ou de acordo com a carne (v. 26), alguém que tem a sabedoria do mundo, a sabedoria do homem (cap. 2.4-6), um homem, como alguns dos antigos, que aprenderia toda a verdade pelo uso da própria razão, não recebe nada da fé, nem possui qualquer necessidade de assistência sobrenatural. Essa era em grande parte a característica dos pretendentes à filosofia e à erudição e sabedoria gregas naqueles dias. Tal homem não recebe as coisas do Espírito de Deus. Para ele, a revelação não é um princípio do saber; ele a considera um delírio e desvario, o pensamento exagerado de algum sonhador iludido. Não há sabedoria entre os mestres famosos do mundo; e por essa razão o homem não pode ter nenhum conhecimento das coisas reveladas, porque elas somente são discernidas espiritualmente, ou feitas conhecidas pela revelação do Espírito, o qual é um princípio de saber ou conhecimento que o homem não admitirá.

2. "*Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido*" (v. 15). Ou: (1) Aquele que é santificado e passa a ter uma mente espiritual (Rm 8.6) julga todas as coisas, ou discerne todas as coisas – ele é capaz de julgar a respeito de assuntos da sabedoria humana, e também tem um gosto e um sabor de verdades divinas; ele vê sabedoria divina e experimenta poder divino nas revelações e mistérios do evangelho, que a mente não santificada e carnal considera como fraqueza e loucura, como coisas destituídas de todo poder e indignas de qualquer consideração. É a mente santificada que deve discernir as belezas reais da santidade; mas, por causa da purificação de suas faculdades, eles não perdem seu poder de discernir e julgar a respeito de coisas naturais e comuns. O homem espiritual pode julgar todas as coisas, naturais e sobrenaturais, humanas e divinas, as deduções da razão e as descobertas da revelação. Mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Os santos de Deus são seus escondidos (Sl 83.3). "*Sua vida está escondida com Cristo em Deus*" (Cl 3.3). O homem carnal não conhece mais do homem espiritual do que ele conhece das coisas espirituais. Ele é um estranho no que se refere aos princípios, prazeres e ações da vida divina. O homem espiritual não se submete a suas observações. Ou: (2) *O que é espiritual* (que tem tido revelações divinas para ele, as recebe como tais e nelas baseia sua fé e religião) pode julgar, tanto as coisas comuns quanto as divinas; ele pode discernir o que é, e o que não é, a doutrina do evangelho e da salvação, e se um homem prega a verdade de Deus ou não. Ele não perde o poder da razão, nem renuncia aos seus princípios, ao basear sua fé e sua religião sobre a revelação. Mas "*ele de ninguém é discernido*" – não pode ser julgado nem refutado por ninguém; nem qualquer homem que não seja espiritual, que não esteja ele mesmo sob uma influência divina, ou que não fundamente sua fé sobre uma divina revelação, discerne ou julga se o que ele fala é verdade e divino ou não. Resumindo, aquele que fundamenta todo o seu conhecimento sobre os princípios da ciência e a simples luz da razão nunca poderá ser um juiz da verdade ou da falsidade daquilo que é recebido por revelação. "*Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo*" (v. 16), isto é, o homem espiritual? Quem pode entrar tão *profundamente* na mente de Deus que possa instruir aquele que tem o Espírito de Deus e que está sob sua inspiração? Ele somente é a pessoa a quem Deus comunica imediatamente o conhecimento da sua vontade. E quem pode informá-lo ou instruí-lo na mente de Deus, quem está tão imediatamente sob a direção do seu próprio Espírito? Muito poucos têm conhecido qualquer coisa da mente de Deus por um poder natural. "*Mas nós*", acrescenta o apóstolo, "*temos a mente de Cristo*". E a mente de Cristo é a mente de Deus. Ele é Deus, e o principal mensageiro e profeta de Deus. E os apóstolos estavam investidos de poder pelo seu Espírito para tornarem sua mente conhecida por nós. E nas Sagradas Escrituras, a mente de Cristo e a mente de Deus em Cristo são plenamente reveladas para nós. Observe que é o grande privilégio dos cristãos o fato de eles terem a mente de Cristo revelada para eles pelo seu Espírito.

CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Censura os coríntios por sua carnalidade e divisões (vv.1-4). II. Eles os instrui sobre como o que estava errado entre eles podia ser reparado, lembrando-os de: 1. Que seus ministros não eram mais que ministros (v. 5); 2. Que eles eram unânimes e realizavam o mesmo projeto (vv. 6-10); 3. Que eles construíam sobre um e o mesmo fundamento (vv. 11-15). III. Ele os exorta a honrarem seus corpos, mantendo-os puros (vv. 16,17), e na humildade e modéstia (vv. 18-21). IV. E os dissuade de se gloriarem em ministros particulares por causa do igual interesse que eles têm em tudo (vv. 22,23).

O Espírito Partidário É Reprovado

vv. 1-4

Aqui:

I Paulo censura os coríntios pela fraqueza e incompetência deles. Aqueles que são santificados somente o são em parte: ainda há lugar para crescimento e aumento na graça e no conhecimento (2 Pe 3.18). Aqueles que são renovados pela graça divina para uma vida espiritual, ainda podem ser defeituosos em muitas coisas. O apóstolo lhes diz que "*não lhes pôde falar como a espirituais*, mas *como a carnais, como a meninos em Cristo*" (v. 1). Eles estavam tão longe de basear suas máximas e medidas sobre o chão da revelação, e entrar no espírito do Evangelho, que se tornou muito evidente que eles estavam sob o controle das inclinações corruptas e carnais. Eles ainda eram meros bebês em Cristo. Eles haviam recebido alguns dos primeiros princípios do cristia-

nismo, mas não haviam crescido até a maturidade de entendimento neles, ou de fé e de santidade; e ainda está claro, por diversas passagens nesta epístola, que os coríntios eram muito orgulhosos de sua sabedoria e conhecimento. Note que é muito comum para pessoas de entendimento e conhecimento muito restritos terem uma grande medida de orgulho próprio. O apóstolo assinala a pouca competência que eles têm no conhecimento do cristianismo como uma razão pela qual ele não lhes havia comunicado mais das suas coisas profundas. Eles não podiam suportar tal comida, eles precisavam ser alimentados com leite, não com carne (v. 2). Note que é tarefa do fiel ministro de Cristo estudar a capacidade de entendimento de seus ouvintes e ensinar-lhes o quanto eles puderem suportar. E também é natural que os bebês cresçam até se tornarem homens; e bebês em Cristo devem se empenhar em crescer em estatura e tornar-se homens em Cristo. Espera-se que seu desenvolvimento no conhecimento seja proporcional aos seus recursos e oportunidades, e ao tempo da profissão da sua religião, que eles possam ser capazes de suportar discursos sobre os mistérios de nossa religião, e não descansar sempre em coisas simples e claras. Era uma vergonha para os coríntios que eles tivessem se sentado tanto tempo sob o ministério de Paulo e não tivessem feito progresso significativo no conhecimento cristão. Observe que os cristãos são totalmente culpados se não se empenham em crescer na graça e no conhecimento.

II Ele os censura por sua carnalidade, e menciona sua disputa e discórdia acerca de seus ministros como evidência dela: "*porque ainda sois carnais, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnais e não andais segundo os homens?*" (v. 3). Eles mantinham rivalidades mútuas e rixas e facções entre eles, por conta de seus ministros, "*porque, dizendo um: eu sou de Paulo; e outro: eu, de Apolo; porventura, não sois carnais?*" (v. 4). Essas são provas de que eram carnais, que inclinações e interesses carnais os controlavam. Note que rivalidades e rixas sobre a religião são tristes evidências de carnalidade remanescente. A verdadeira religião torna os homens pacíficos e não contenciosos. Os espíritos de divisão atuam com base nos princípios humanos, não nos princípios da religião verdadeira; eles são guiados por seu próprio orgulho e paixões, e não pelas regras do cristianismo: "*não andais segundo os homens?*" Note que é para lamentar-se que muitos que deveriam se comportar como cristãos, isto é, acima da média dos homens, andam realmente como homens comuns, e vivem e se comportam exatamente como os outros homens.

O Acordo Mútuo dos Ministros
vv. 5-10

Aqui o apóstolo os instrui a como tratar essa disposição de espírito, e corrigir o que estava errado entre eles acerca desse assunto:

I Lembrando-os que os ministros a respeito de quem eles contendiam eram apenas ministros: "*Pois quem é Paulo e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o Senhor deu a cada um*" (v. 5). Eles são ministros, meros instrumentos usados pelo Deus de toda a graça. Parece que algumas pessoas que causavam divisão em Corinto haviam feito mais adeptos, como se elas fossem senhoras de sua fé, autoras de sua religião. Note que devemos tomar cuidado para não deificar ministros, não colocá-los no lugar de Deus. Os apóstolos não eram os autores da nossa fé e religião, embora eles fossem autorizados e qualificados para revelá-la e propagá-la. Eles atuavam neste ofício como Deus concedeu a cada homem. Observe que todos os dons e poderes que até os apóstolos descobriram e exerceram na obra do ministério vinham de Deus. Foi planejado que eles manifestassem sua missão e doutrina como divinas. Estava completamente errado transferir por sua própria conta aquela atenção aos apóstolos, os quais somente deveriam ser respeitados em relação à autoridade divina pela qual eles atuavam, e a Deus, de quem eles tinham a sua autoridade. "*Paulo plantou, Apolo regou*" (v. 6). Ambos eram úteis, cada um para uma finalidade. Note que Deus faz uso de uma variedade de instrumentos e os prepara para seus diversos usos e intenções. Paulo foi preparado para o trabalho de plantar, e Apolo para o trabalho de regar, mas Deus deu o crescimento. Note que o sucesso do ministro deve derivar da bênção divina: "*pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento*" (v. 7). Até os ministros apostólicos não são nada de si mesmos, não podem fazer nada com eficácia e sucesso a menos que Deus dê o crescimento. Note que os ministros mais fiéis e mais bem qualificados têm exatamente uma compreensão apropriada de sua insuficiência e são muito desejosos de que Deus deva ter toda a glória de seu sucesso. Paulo e Apolo não são nada em seu próprio valor, mas Deus é tudo em todos.

II Representando-lhes a unanimidade dos ministros de Cristo: "*ora, o que planta e o que rega são um*" (v. 8), empregados pelo Mestre, encarregados da mesma revelação, ocupados de um trabalho e engajados em um plano – em harmonia um com o outro, porém, eles podem ser colocados em oposição um com o outro por provocadores de partidos facciosos. Eles têm seus diferentes dons que vêm do único e mesmo Espírito, para os mesmos propósitos; e eles possuem de coração o mesmo intento. Os que plantam e os que regam são companheiros de trabalho na mesma obra. Note que todos os fiéis ministros de Cristo são unânimes no grande projeto e intenção de seu ministério. Eles podem ter diferenças de sentimento em coisas menores; eles podem ter seus debates e controvérsias; mas eles concordam de coração no grande plano de honrar a Deus e salvar almas, promovendo o cristianismo verdadeiro no mundo. Todos esses podem aguardar uma recompensa gloriosa de sua fidelidade, e em proporção a ela: todo homem receberá sua própria recompensa, de acordo com suas obras. Seu serviço é um, mas alguns podem dedicar-se mais que outros; seu fim ou plano é um, mas alguns podem persegui-lo mais de perto que outros; seu Mestre também é um, e esse Mestre bom e gracioso pode estabelecer uma diferença nos galardões que Ele dará, de acordo com o serviço diferente que eles fizeram:

cada trabalho de alguém terá sua própria recompensa. Aqueles que trabalharam mais duramente receberão o melhor. Aqueles que foram mais fiéis terão o maior galardão; este é o trabalho glorioso em que todos os ministros fiéis estão ocupados. Eles são "*cooperadores de Deus*", *synergoi – cooperadores, companheiros de trabalho* (v. 9), na verdade, não na mesma ordem e grau, mas submissos a Ele, como instrumentos em suas mãos. Eles estão engajados na mesma ocupação. Eles estão trabalhando juntos com Deus, promovendo os propósitos de sua glória e a salvação de almas preciosas; e aquele que conhece o trabalho deles cuidará para que eles não trabalhem em vão. Os homens podem negligenciar e difamar um ministro enquanto eles elogiam-se uns aos outros, e não têm razão para nenhum dos dois: eles podem condenar quando devem condenar, e aplaudir quando devem negligenciar e evitar; mas o julgamento de Deus está de acordo com a verdade. Ele nunca recompensa a não ser por justa razão e Ele sempre recompensa na proporção do zelo e da fidelidade de seus servos. Note que ministros fiéis, quando são maltratados, devem encorajar-se em Deus. E é para Deus, o agente-chefe e diretor da grande obra do Evangelho, com quem trabalham, que devem se empenhar em aprovar-se a si mesmos. Eles estão sempre sob seus olhos, ocupados em sua lavoura e edifício; e por essa razão, com certeza, Ele cuidará deles: "*lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós*, e por conseguinte, nada é de Paulo ou de Apolo; nada pertence a um ou a outro, mas a Deus: eles somente vos plantam ou regam, mas é a bênção divina sobre sua própria lavoura que sozinha pode fazê-la frutificar. Vós não sois nossa lavoura, mas de Deus. Trabalhamos submissos a Ele e com Ele e por Ele. Tudo o que temos feito entre vós é para Deus. Vós sois lavoura e edifício de Deus". Ele havia empregado a primeira metáfora antes, agora continua com outra, sobre um edifício: "*segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele*". Aqui Paulo denomina-se um prudente construtor, uma imagem que reflete dupla honra sobre ele. Era honroso ser um construtor no edifício de Deus; mas ele adicionou à sua figura o fato de o construtor ser sábio. As pessoas podem estar em um ofício para o qual elas não são qualificadas, ou não completamente qualificadas, como essa expressão sugere que Paulo era. Mas, embora ele atribua a si mesmo tal figura, não é para agradar seu próprio orgulho, mas para engrandecer a graça divina. Ele era um prudente construtor, mas a graça de Deus o fez tal. Note que não é errado em um cristão, mas para seu elogio, tomar conhecimento do bem que está nele, para louvar a graça divina. O orgulho espiritual é abominável: ele está fazendo uso dos maiores favores de Deus para alimentar nossa própria vaidade, e fazer ídolos de nós mesmos. Mas tomar conhecimento dos favores de Deus para promover nossa gratidão a Ele, e falar deles para a sua honra (sejam eles de que tipo forem), é uma expressão apropriada do dever e atenção que nós devemos a Ele. Note que os ministros não devem ser orgulhosos de seus dons e graças; mas, quanto mais qualificados eles forem para o seu trabalho, e quanto mais sucesso tiverem nele, mais agradecidos serão a Deus por sua distintiva bondade: "*pus eu o fundamento,... e outro edifica sobre ele*". Como ele havia dito anteriormente: "*Eu plantei, Apolo regou*". Paulo havia lançado os fundamentos de uma igreja no meio deles. Ele "*os gerou pelo evangelho*" (4.15). Quaisquer que fossem os instrutores que eles tivessem além dele, *eles não tinham muitos pais*. Ele não se rebaixaria em relação a ninguém que tivesse servido entre eles, nem seria roubado de sua própria honra e respeito. Note que os ministros fiéis podem preocupar-se com sua própria reputação. Sua utilidade depende muito dela. "*Mas veja cada um como edifica sobre ele*". Esta é uma advertência oportuna; pode haver edifícios muito medíocres sobre um bom fundamento. É fácil enganar-se aqui; e deve haver muito cuidado, não somente para assentar um fundamento certo e seguro, mas para erguer um edifício simétrico sobre ele. Nada deve ser colocado sobre ele a não ser o que o fundamento suportará e o que se encaixa com ele. Ouro e lama não devem ser misturados. Observe que os ministros de Cristo devem tomar muito cuidado para não construir suas próprias fantasias ou falsos raciocínios sobre o fundamento da revelação divina. O que eles pregarem deve ser a clara doutrina de seu Mestre, ou o que estiver perfeitamente de acordo com ela.

O Fundamento Espiritual

vv. 11-15

Aqui o apóstolo nos informa que fundamento ele tem assentado no início de todos os seus trabalhos entre eles – "*Jesus Cristo, a principal pedra da esquina*" (Ef 2.20). Todos os fiéis ministros de Cristo edificam sobre este fundamento. Todos os cristãos fundamentam suas esperanças sobre esta rocha. Aqueles que edificam suas esperanças do céu sobre qualquer outro fundamento edificam sobre a areia. "*Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto – o qual é Jesus Cristo*". Note que a doutrina de nosso Salvador e sua mediação é o principal ensinamento do cristianismo. Ela está na base, e é o fundamento de todo o restante. Omitam isso e vocês tornam inúteis todos os nossos consolos, e não deixam nenhum fundamento para as nossas esperanças como pecadores. É *somente* em Cristo que *Deus está reconciliando consigo o mundo pecador* (2 Co 5.19). Mas entre os que constróem sobre o fundamento e abraçam a doutrina geral de ser Cristo o mediador entre Deus e o homem, há dois tipos:

I Alguns edificam sobre esse fundamento com *ouro, prata, pedras preciosas* (v. 12), a saber, aqueles que recebem e propagam as puras verdades do evangelho, que não sustentam nada a não ser a *verdade como está em Jesus*, e não pregam nada além. Este está edificando bem, sobre um bom fundamento, fazendo tudo peça por peça, quando os ministros não somente dependem de Cristo como o grande profeta da igreja, e o tomam por seu guia e professor infalível, mas recebem e espalham a doutrina que Ele ensinou, em sua pureza, sem quaisquer misturas corruptas, sem acrescentar ou diminuir.

II Outros *edificam* com *madeira, feno* e *palha* sobre esse fundamento, isto é, embora eles adiram

ao fundamento, eles se afastam da mente de Cristo em muitos pormenores, colocam as suas próprias fantasias e invenções no lugar da doutrina e das instituições cristãs, e constróem sobre o bom fundamento um edifício que não suportará o teste quando o dia do julgamento chegar, e o fogo deve torná-lo manifesto, como madeira, feno e palha, não suportará o julgamento pelo fogo, mas deve ser consumido nele. Está chegando um tempo quando a descoberta será feita do que os homens construíram sobre este fundamento: *a obra de cada um se manifestará*, será exposta à vista, à vista de si mesmo e dos outros. Em sua simplicidade de coração, alguns podem edificar com madeira e palha sobre o bom fundamento, e não saber, enquanto isso, o que eles têm feito; porém, no dia do Senhor, sua própria conduta lhes aparecerá à sua própria luz. A obra de todo homem se tornará manifesta a ele mesmo, e aos outros, tanto àqueles que têm sido iludidos por ele quanto àqueles que escaparam de seus erros. Agora, podemos enganar a nós e aos outros; mas um dia está chegando que vai curar todos os nossos enganos, e vai revelar-nos a nós mesmos, e revelar-nos nossas ações à luz da verdade, sem cobrir ou disfarçar: "*o Dia a declarará* (isto é, a obra de todo homem), *porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um*" (v. 13). O dia o demonstrará e o manifestará, o último dia, o grande dia do julgamento (ver cap. 4.5). Embora alguns o compreendam como referência ao tempo quando a nação judaica foi destruída, e sua estrutura, conseqüentemente abolida, quando a superestrutura que os mestres judaizantes levantariam sobre o fundamento cristão não se mostrasse melhor que madeira e palha, aquilo não suportaria o julgamento. A expressão leva em si uma clara alusão à arte de depurar, na qual o fogo separa e distingue a escória do ouro e da prata; como também separará a prata, o ouro e as pedra preciosas, que sobreviverão ao fogo, da madeira, do feno e da palha, que serão consumidos por ele. Note que está chegando um dia que distinguirá tão escrupulosamente um homem do outro, e a obra de um homem da de outro, quanto o fogo separa o ouro da escória, ou o metal que suportará o fogo de outros materiais que serão consumidos por ele. Naquele dia: 1. Algumas obras dos homens *subsistirão ao julgamento* – serão encontradas exemplares. Não somente aparecerá que eles aderiram ao fundamento, mas que edificaram regularmente e bem sobre ele – que eles o fizeram com material adequado, de forma conveniente e em ordem. O fundamento e a superestrutura formavam todos uma só parte. As verdades do fundamento e aquelas que tinham uma conexão manifesta com elas eram ensinadas simultaneamente. Pode não ser tão fácil discernir esta conexão agora, nem saber que obras então irão subsistir ao julgamento, mas aquele dia irá descobri-lo plenamente. E tal construtor não deverá, não poderá ficar sem um galardão. Naquele dia, ele terá louvor e honra, e, depois, uma eterna recompensa. Note que a fidelidade nos ministros de Cristo encontrará um galardão amplo e pleno na vida futura. Aqueles que espalham a religião pura e verdadeira em todas as suas áreas, e cuja obra subsistirá no grande dia, receberão um galardão. E, Senhor, quão grandes são os seus desertos! 2. Há outros *cuja obra se queimará* (v. 15), cujas opiniões e doutrinas corruptas, ou vãs invenções e usos na adoração a Deus, serão descobertos, repudiados e rejeitados, naquele dia – serão manifestados como corruptos e então desaprovados por Deus e rejeitados. Note que o grande dia irá tirar todos os disfarces, e fará aparecerem as coisas como elas são: *se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento.* Se ele edificou com madeira, feno e palha sobre o fundamento certo, ele sofrerá dano. Sua fraqueza e corrupção diminuirão a sua glória, embora ele possa em geral ter sido um cristão correto e honesto. Esta parte de seu trabalho será perdida, de forma alguma trazendo proveito, embora ele mesmo possa ser salvo. Observe que aqueles que mantêm o fundamento do cristianismo, embora construam sobre ele com feno, madeira e palha, podem ser salvos. Isto pode ajudar a ampliar nossa caridade. Não devemos reprovar os homens por sua fraqueza; pois nada condenará os homens a não ser a perversidade. Ele será salvo, *todavia como pelo fogo*, salvo do fogo. Ele mesmo será arrebatado às chamas que consumirão sua obra. Isto sugere que será difícil que aqueles que corrompem e depravam o cristianismo sejam salvos. Deus não terá misericórdia de suas obras, embora Ele possa arrancá-los do fogo como tições. Nessa passagem da Escritura, os papistas baseiam sua doutrina do purgatório, o qual é certamente feno e palha: uma doutrina jamais tirada da Escritura, mas inventada no tempo dos bárbaros, para alimentar a avareza e a ambição do clero, à custa dos que prefeririam abrir mão do seu dinheiro a abrir mão da sua luxúria, para a salvação de suas almas. Não pode haver base nesse texto para isso: (1) Porque esse fogo tem claramente um sentido figurativo, não de um fogo real, pois que fogo real pode consumir ritos e doutrinas? (2) Porque esse fogo é para *pôr à prova as obras dos homens*, sejam de que tipo forem; mas o fogo do purgatório não é para testar, não é para pôr à prova as ações dos homens, mas para puni-los. Supõem-se pecados veniais, não penitenciados nesta vida, cuja penitência deve ser feita pelo sofrimento no fogo do purgatório. (3) Porque esse fogo é para pôr à prova as obras de todos os homens, tanto as de Paulo e de Apolo, quanto as dos outros. No entanto, nenhum papista terá a ousadia de dizer que os apóstolos devem passar pelo fogo do purgatório.

A Santidade É Prescrita

vv. 16,17

Aqui o apóstolo resume seu argumento e sua exortação, baseando-os no seu exemplo anterior: "*vós sois... edifício de Deus*" (v. 9), e aqui: "*não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo*". Parece, com base em outras partes da epístola em que o apóstolo argumenta exatamente no mesmo sentido (ver cap. 6.13-20), que os falsos mestres entre os coríntios não eram apenas libertinos, mas ensinavam doutrinas licenciosas, o que particularmente combinava com o gosto dessa cidade impudica, que estava na vanguarda no que se relacionava à fornicação. Tal doutrina não deveria ser considerada feno e palha, que seriam consumidos en-

quanto a pessoa que as edificara sobre o fundamento escaparia ao fogo; pois ela tendia a corromper, a macular e destruir a igreja, que era um edifício construído por Deus e consagrado a Ele, e, por conseguinte, deveria manter-se pura e santa. Aqueles que espalhavam princípios desse tipo provocariam a Deus a destruí-los. Note que aqueles que espalham princípios libertinos, que têm uma tendência direta para macular a igreja de Deus, e torná-la profana e impura, provavelmente estão trazendo destruição para si mesmos. Isto também pode ser entendido como um argumento contra sua discórdia e disputas facciosas, sendo a divisão o caminho para a destruição. Mas o que eu tenho mencionado parece ser o significado apropriado da passagem: "*não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*" Isto pode ser entendido como referência à igreja de Corinto coletivamente, ou a cada crente entre eles; as igrejas cristãs são templos de Deus. Ele habita nelas pelo seu Espírito Santo. Elas são juntamente edificadas "*para morada de Deus no Espírito*" (Ef 2.22). Cada cristão é um templo vivo do Deus vivo. Deus habitou no Templo judaico, tomou posse dele, e residiu nele, através daquela nuvem gloriosa que era o sinal de sua presença com aquele povo. Assim, Cristo, pelo seu Espírito, habita em todos os crentes verdadeiros. O Templo era devotado e consagrado a Deus, e separado de tudo que era comum para o serviço imediato de Deus. Assim, todos os cristãos são separados dos usos comuns e colocados à parte para Deus e seu serviço. Eles são consagrados para Ele – este é um ótimo argumento contra toda lascívia da carne e contra todas as doutrinas que lhe dão apoio. Se somos templos de Deus, não devemos fazer nada para alienar-nos dele, ou corromper e macular a nós mesmos, e, com isso, desqualificar-nos para o seu uso; e não devemos dar ouvidos a nenhuma doutrina ou doutor que queira seduzir-nos para tais práticas. Note que os cristãos são santos de confissão e devem ser puros e limpos tanto no coração quanto na conversação. Devemos detestar sinceramente e evitar cuidadosamente o que pode manchar o templo de Deus e corromper o que deve ser sagrado para Ele.

A Humildade É Prescrita

vv. 18-20

Aqui ele prescreve humildade e uma opinião modesta para eles mesmos, para a correção das irregularidades na igreja em Corinto, das divisões e disputas entre eles: "*Ninguém se engane a si mesmo* (v. 18). Não vos deixeis conduzir para longe da verdade e da simplicidade do evangelho por pretendentes à ciência e à eloqüência, por uma apresentação de erudição profunda, ou uma ostentação de palavras, por rabinos, oradores ou filósofos". Note que estamos em grande perigo quando enganosamente temos em tão alta estima uma opinião da sabedoria e das artes humanas; o cristianismo puro e simples será provavelmente desprezado por aqueles que podem combinar suas doutrinas ao gosto corrupto de seus ouvintes, e fazê-las atraentes com linguagem fina, ou sustentá-las com uma demonstração de raciocínio forte e profundo. Mas, "*se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio*". Ele deve estar consciente de sua própria ignorância e lamentá-la; ele deve desconfiar de seu próprio entendimento, e não apoiar-se nele. Ter uma alta opinião sobre nossa própria sabedoria é gabar-nos de nós mesmos, e gabar-se é exatamente o passo que precede o auto-engano. O caminho para a verdadeira sabedoria é reduzir nossa opinião sobre nós mesmos para um nível conveniente e estarmos dispostos a ser ensinados por Deus. Essa pessoa deve tornar-se um tolo para que seja verdadeira e completamente sábia. A pessoa que renuncia ao seu próprio entendimento para poder seguir a instrução de Deus está no caminho da sabedoria eterna e verdadeira. "*Guia os mansos retamente; e aos mansos ensinará o seu caminho*" (Sl 25.9). Ela, que tem uma baixa opinião sobre seu próprio conhecimento e poderes, submeter-se-á à informação melhor; tal pessoa pode ser informada e melhorada pela revelação; mas o homem orgulhoso, convencido de sua própria sabedoria e entendimento, irá tentar corrigir até a própria sabedoria divina, e preferirá seus próprios raciocínios rasos às revelações da verdade infalível e da sabedoria. Note que devemos humilhar-nos a nós mesmos diante de Deus se quisermos ser verdadeiramente sábios ou bons: "*porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus*" (v. 19). A sabedoria que os homens deste mundo estimam (política, filosofia e oratória) *é loucura diante de Deus*. Ela é isso em comparação com a sabedoria de Deus. "*Nos seus anjos encontra loucura*" (Jó 4.18), quanto mais nos mais sábios dentre os filhos dos homens. "*O seu entendimento é infinito*" (Sl 147.5). Não pode haver nenhuma comparação entre sua sabedoria e a nossa, assim como entre seu Ser e poder e o nosso. Não há medida comum pela qual comparar o finito com o infinito. E muito mais é a sabedoria do homem loucura em relação a Deus quando colocada em concorrência com a dele. Quão justamente Ele a despreza, quão facilmente Ele pode frustrá-la e confundi-la! "*Ele apanha os sábios na sua própria astúcia*" (Jó 5.13). Ele os apanha em suas próprias redes e os embaraça em seus próprios ardis. Ele volta seus esquemas mais promissores, plausíveis e estudados contra eles mesmos e os arruína através de suas próprias sagacidades. Mais ainda, "*o Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são vãos*" (v. 20), que são vaidade (Sl 94.11). Note que Deus tem perfeito conhecimento dos pensamentos dos homens, dos pensamentos mais profundos dos homens mais sábios, de seus conselhos e propósitos mais secretos. Nada lhe está oculto, mas "*todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar*" (Hb 4.13). E Ele sabe que elas são vaidade. Os pensamentos dos homens mais sábios do mundo têm uma grande combinação de vaidade, de fraqueza e de insensatez, e diante de Deus seus melhores e mais sábios pensamentos são verdadeira inutilidade, quero dizer, comparados com os pensamentos dele sobre as coisas. E tudo isso não deveria ensinar-nos modéstia, humildade e consideração à sabedoria de Deus, tornar-nos agradecidos por suas revelações, e dispostos a aprender de Deus, e não sermos levados por aspirações ilusórias à sabedoria e habilidade humanas, a partir da simplicidade de

Cristo, ou de uma consideração por sua doutrina celestial? Note que aquele que quiser ser de fato sábio deve aprender de Deus e não colocar sua própria sabedoria em concorrência com a de Deus.

Contra a Supervalorização dos Mestres

vv. 21-23

Aqui o apóstolo faz uma exortação contra seus mestres superestimados acerca do que ele havia acabado de dizer, e sobre a consideração que eles tinham por todos esses ministros: "*portanto, ninguém se glorie nos homens*" (v. 21) – ou seja, não esqueçam que esses ministros são homens, ou atribua-lhes deferência que é devida somente a Deus, colocando-os como cabeças de partidos, tendo-os em estima e consideração excessivas e seguindo suas orientações servil e implicitamente, e submetendo-se aos seus preceitos, especialmente em contradição a Deus e às verdades ensinadas pelo seu Espírito Santo. A humanidade é verdadeiramente hábil em tornar as misericórdias de Deus contrárias às suas intenções. O ministério é uma instituição muito importante e muito útil, e os ministros fiéis são uma grande bênção para quaisquer pessoas; porém, a tolice e a fraqueza das pessoas podem causar muito dano àquilo que em si mesmo é bênção. Elas podem cair em divisões, tomar partido de ministros particulares, e colocá-los como cabeças, gloriar-se nos seus líderes, e ser carregados por eles para onde não sabem. O único modo de evitarmos este prejuízo é termos uma modesta opinião de nós mesmos, um sentimento conveniente da comum fraqueza da compreensão humana, e uma total deferência à sabedoria de Deus expressa em sua Palavra. Os ministros não devem ser colocados em concorrência um com o outro. Todos os ministros fiéis estão servindo a um Senhor e perseguindo um propósito. Eles foram designados por Cristo para o benefício comum da igreja: "*Paulo, Apolo e Cefas, são todos vossos*. Não se deve colocar um contra o outro, mas todos devem ser valorizados e usados para o vosso próprio benefício espiritual". Nessa ocasião, ele faz também um inventário da propriedade da igreja, das riquezas espirituais de um crente verdadeiro: "*tudo é vosso* – os ministros de todas as qualidades, comuns e extraordinários. Não somente isso, mas o próprio mundo é vosso". Não que os santos sejam proprietários do mundo, mas ele está à disposição deles, eles têm tanto dele quanto a Infinita Sabedoria considerou ser apropriado para eles, e eles têm tudo o que têm com a bênção divina. "*A vida é vossa*, para que vós possais ter tempo propício e oportunidade para preparar a vida do céu; e *a morte é vossa*, para que vós possais ir para a vossa possessão. Ela é o amável mensageiro que vos conduzirá até a casa do Pai. *As coisas presentes* são vossas, para amparar-vos na estrada; *as coisas futuras* são vossas, para enriquecer-vos e deleitar-vos para sempre no final da jornada". Note que se nós pertencermos a Cristo, e formos sinceros com Ele, tudo que é bom nos pertence e está assegurado para nós. Tudo é nosso, tempo e eternidade, terra e céu, vida e morte. "*Não negará bem algum...*" (Sl 84.11). Mas deve ser lembrado que, ao mesmo tempo, *nós somos de Cristo*, os súditos do seu Reino, a sua propriedade. Ele é o Senhor sobre nós, e devemos tomar posse dos seus domínios, e alegremente submetê-los ao comando dele e sujeitá-los à vontade dele, se desejamos que todas as coisas ministrem para a nossa vantagem. Todas as coisas são nossas, com base em nada mais que o nosso estar em Cristo. Fora dele, estamos sem qualquer título ou reivindicação para qualquer bem. Note que aqueles que serão salvos neste tempo, e serão felizes na eternidade, deverão ser de Cristo. E *Cristo é de Deus*. Ele é o Cristo de Deus, ungido por Deus, e comissionado por Ele, para levar o encargo de mediador e para atuar, dessa maneira, para os propósitos da sua glória. Note que todas as coisas são dos crentes, para que Cristo possa ter honra em sua obra e Deus possa ter glória em tudo. Deus em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, e espalhando amplamente as riquezas da sua graça sobre um mundo reconciliado, é o resumo e a essência do Evangelho.

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Orienta os coríntios sobre a forma como devem considerá-lo e aos seus colegas de ministério, e nesse sentido, pelo menos implicitamente, reprova-os por seu comportamento em relação a ele (vv. 1-6). II. Ele os adverte sobre o orgulho, o entusiasmo consigo mesmos, e aponta para as muitas tentações que eles tinham de pensar demais de si mesmos, e de desprezar tanto a ele como aos outros apóstolos, por causa da grande diversidade de suas circunstâncias e condições (vv. 7-13). III. Ele lhes chama a atenção para considerá-lo como o pai deles em Cristo (vv. 14-16). IV. Ele lhes fala sobre haver-lhes enviado Timóteo e de seu próprio propósito de ir a eles em breve; porém, alguns entre eles haviam agradado a si mesmos e aumentado a vaidade, numa expectativa totalmente contrária (vv. 17-21).

O Encargo de Despenseiro dos Apóstolos

vv. 1-6

Vemos aqui:

I O apóstolo reivindicando o respeito que lhe é devido por seu papel e ofício, no que muitos entre eles haviam falhado muito: "*que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus*" (v. 1), embora outros possivelmente possam valorizá-los excessivamente, colocando-lhe como o cabeça de um partido, e professando ser seus discípulos. Em nossa opinião, tanto sobre os ministros quanto sobre todas as outras coisas, devemos ser cuidadosos para evitarmos extremos. Os próprios apóstolos não deviam ser: 1. Supervalorizados, pois eles eram ministros, e não mestres, administradores, e não senhores. Eles eram servos de Cristo e não mais, embora fossem servos de alto nível, que tinham o cuidado de sua casa, que deviam alimentar o resto, apontar e dirigir seu trabalho. Note que é um abuso muito grande de seu poder, e altamente ilícito em ministros comuns, agir como um senhor sobre seus conservos, e desafiar a autoridade sobre sua fé ou prática. Até os apóstolos eram servos de Cristo, empregados em seu tra-

balho, encarregados de sua mensagem e despenseiros dos mistérios de Deus, ou daquelas verdades que haviam estado ocultas do mundo por eras e gerações do passado. Eles não tinham autoridade para propagar suas próprias fantasias, mas para espalhar a fé cristã. 2. Os apóstolos não deviam ser subestimados, pois embora eles fossem ministros, eram ministros de Cristo. O papel e a dignidade de seu Mestre lhes davam honra. Embora eles fossem administradores, eles não eram administradores das coisas comuns do mundo, mas dos mistérios divinos. Eles tinham uma grande responsabilidade e, por essa razão, uma grande função. Eles eram administradores da casa de Deus, altos administradores no seu reino da graça. Eles não se impunham como senhores, mas mereciam respeito e estima em seu honroso serviço. Especialmente:

II Quando eles cumpriam sua obrigação nele, e mostravam-se fiéis: "*além disso, requer-se dos despenseiros que cada um se ache fiel*" (v. 2), digno de confiança. Os administradores na família de Cristo devem apontar para o que Ele apontava. Eles não devem colocar seus conservos para trabalharem para si mesmos. Eles não devem exigir nada deles sem a autorização do Mestre. Eles não devem alimentá-los com a palha de suas próprias invenções, em vez da comida saudável da doutrina cristã e da verdade. Eles devem ensinar o que Ele tem ordenado e não as doutrinas e mandamentos de homens. Eles devem ser sinceros para com os interesses de seu Senhor e levar a sua honra em consideração. Note que os ministros de Cristo devem esforçar-se para que seu empenho contínuo e sincero mostre que eles próprios são dignos de confiança, e quando eles têm o testemunho de uma boa consciência e a aprovação de seu Mestre, devem desprezar as opiniões e censuras de seus conservos: "*Todavia*", disse o apóstolo, "*a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano*" (v. 3). De fato, reputação e estima entre os homens são um bom passo em direção ao proveito no ministério; e todo o argumento de Paulo sobre esse assunto mostra que ele tinha uma justa preocupação por sua própria reputação. Mas se ele se esforçasse principalmente para agradar aos homens, dificilmente provaria ser mesmo um servo fiel de Cristo (Gl 1.10). Ele, que queria ser fiel a Cristo, deveria desprezar as censuras dos homens pela sua causa. Ele deveria olhar isso com respeito mas como uma coisa pequena (se o seu Senhor o aprova): o julgamento que os homens formam dele. Eles podem pensar a seu respeito de maneira muito torpe ou dura, enquanto ele estiver fazendo seu trabalho; mas ele não deve ficar em pé ou cair pelo julgamento deles. E é bom para os ministros fiéis que eles tenham um juiz mais justo e imparcial que seus conservos; um que conhece e tem piedade de suas imperfeições, embora Ele não tenha nenhuma. "*É melhor cair nas mãos de Deus do que nas mãos dos homens*" (2 Sm 24.14). Os melhores homens são muito hábeis para julgar precipitada, severa e injustamente; mas o julgamento do Senhor é sempre de acordo com a verdade. É um conforto saber que os homens não devem ser nossos juízes supremos. Mais ainda, também não devemos nos julgar a nós mesmos: "*nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado*", não posso sobrecarregar a mim mesmo com infidelidade, "*mas nem por isso me considero justificado*", isto não me isentará da obrigação, "*pois quem me julga é o Senhor*". É o julgamento do Senhor que deve ser determinante para mim. Por sua sentença eu devo persistir. Serei tal como Ele me encontrar e julgar que eu seja. Note que não será julgando bem a nós mesmos e justificando a nós mesmos que mostraremos que somos seguros e felizes. Nada fará isso a não ser a aceitação e a aprovação de nosso soberano Juiz. "*Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, mas, sim, aquele a quem o Senhor louva*" (2 Co 10.18).

III O apóstolo aproveita a ocasião para advertir os coríntios contra a mania de censurar – julgando antecipada e severamente os outros: "*portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha*" (v. 5). É julgar fora do tempo e julgar por especulação. Isso não deve ser compreendido como referência ao ato de julgar por pessoas com autoridade, dentro dos limites de sua função, nem ao julgar privado concernente a fatos que são notórios, mas ao julgar o estado futuro das pessoas, ou as fontes secretas e principais de suas ações, ou acerca de fatos duvidosos neles mesmos. Julgar nesses casos, e aplicar sentenças decisivas, é assumir o lugar de Deus e desafiar suas prerrogativas. Note quão atrevido é o pecador que censura severa e antecipadamente! Quão inoportunas e arrogantes são as suas censuras! Mas há alguém que julgará o censurador, e aqueles que ele censura, sem preconceito, emoção ou parcialidade. E haverá um tempo quando os homens não poderão falhar em julgar corretamente a si mesmos e aos outros, ao seguirem o julgamento dele. Isto deve torná-los agora mais prudentes em julgar os outros e cuidadosos em julgar a si mesmos. Haverá um tempo quando "*o Senhor não somente trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações*" – obras das trevas que agora são feitas secretamente, e todas as inclinações, intenções e propósitos secretos do homem. Note que haverá um dia que dissipará as trevas e exporá a face do abismo, trará os pecados ocultos dos homens à luz do dia e descobrirá os segredos de seu coração: "*o dia o manifestará*". O Juiz trará essas coisas à luz. O Senhor Jesus Cristo manifestará os planos do coração, de todos os corações. Note que o Senhor Jesus Cristo tem o conhecimento dos planos do coração, do contrário Ele não poderia manifestá-los. Esta é uma prerrogativa divina (Jr 17.10), e todavia é o que o nosso Salvador reivindica para si mesmo de uma forma muito peculiar (Ap 2.23): *Todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.* Devemos ser muito cuidadosos no modo como censuramos os outros, quando temos de lidar com um Juiz de quem não podemos nos esconder. Outros escapam à nossa atenção, mas nós não escapamos à dele; e quando Ele vier para julgar, "*cada um receberá de Deus o louvor*". *Cada um*, isto é, cada um qualificado para isso, cada um que houver feito o bem. Embora nenhum dos servos de Deus mereça alguma coisa dele, embora haja muito de censurável até em seus melhores serviços, sua fidelidade será louvada e coroada por Ele; e mesmo que eles sejam condenados, repreendidos ou aviltados por seus conservos, Ele afastará todas as censuras e reprovações injustas e as mos-

trará em sua própria luz afável. Note que os cristãos podem bem ser pacientes sob censuras injustas, quando eles conhecem tal dia como esse que está chegando, especialmente quando eles têm suas consciências testificando de sua integridade. Mas quão receosos eles devem ser de sobrecarregar com repreensões hoje qualquer pessoa a quem o Juiz comum vier a elogiar futuramente.

IV O apóstolo aqui nos dá a razão pela qual ele usou o seu próprio nome e o de Apolo nesse seu discurso. Ele havia aplicado isso *em figura*, e *havia feito isso por eles*. Ele preferiu escolher mencionar seu próprio nome e o de seu fiel colega a citar os nomes dos chefes das divisões entre eles, para que por meio disso ele evitasse qualquer tipo de provocação, e assim obtivesse por seu conselho maior atenção. Note que os ministros devem usar prudência em seus conselhos e admoestações, mas especialmente em suas repreensões, para que não percam seu objetivo. O conselho do apóstolo indicava dessa maneira que *eles não deviam ultrapassar o que está escrito* (o que ele havia escrito), *a fim de que ninguém se ensoberbecesse a favor de um e contra o outro* (v. 6). Os apóstolos não devem ser estimados mais do que agricultores e regadores na lavoura de Deus, administradores de seus mistérios e servos de Cristo. E os ministros comuns não podem considerar essas características no mesmo sentido em que os apóstolos o fizeram. Note que nós devemos ser muito cuidadosos em não transferir a honra e a autoridade do Mestre para seus servos. *Nós não devemos chamar-nos mestres sobre a terra; um é o nosso Mestre, o Cristo* (Mt 23.8,10). Não devemos pensar neles além do que está escrito. Note que a Palavra de Deus é a melhor regra para julgar o que é relativo aos homens. E, novamente, julgar de modo correto no que se refere aos homens e não ir além do que lhes é permitido é uma maneira de prevenir rixas e contendas nas igrejas. Normalmente o orgulho está em sua base. O orgulho próprio contribui muito para a estima imoderada que temos, tanto de nossos professores quanto de nós mesmos. O apreço que temos de nosso gosto e de nosso julgamento normalmente continua com nossos aplausos irracionais e sempre com uma lealdade facciosa a um professor em oposição a outros que podem ser igualmente fiéis e bem qualificados. Mas pensar modestamente de nós mesmos, e não ultrapassar o que está escrito a respeito de nossos professores, é o recurso mais efetivo para prevenir rixas e contendas, desvios e partidos na igreja. Não nos encheremos de orgulho por um e contra o outro se lembrarmos que todos eles são agentes empregados por Deus em sua lavoura e edifício, e dotados por Ele com seus vários talentos e qualificações.

I Ele os adverte contra o orgulho e a vaidade própria através da consideração de que toda distinção entre eles era devida a Deus: "*Porque quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido?*" (v. 7). O apóstolo volta ao seu discurso para os ministros que se colocavam como chefes dessas divisões, e encorajavam e incitavam as pessoas naquelas contendas. O que eles tinham para gloriar-se, quando todos os seus dons peculiares vinham de Deus? Eles os haviam recebido e não podiam gloriar-se neles como se lhes fossem próprios, sem serem injustos com Deus. No tempo em que refletiam sobre eles para alimentar sua vaidade, deviam tê-los considerado como grandes deveres e obrigações para com a liberalidade e a graça divinas. Mas isto pode ser tomado como uma máxima geral: não temos nenhuma razão para nos orgulharmos de nossos talentos, alegrias ou desempenhos; tudo o que temos, ou somos, ou fazemos, que é bom, é devido à livre e rica graça de Deus. A ostentação está excluída para sempre. Não há nada que temos que podemos chamar de propriamente nosso; tudo é recebido de Deus. Portanto, é tolice nossa e ofensivo a Ele gabar-se disso; aqueles que receberam tudo não devem orgulhar-se de nada (Sl 115.1). Pedintes e dependentes podem gloriar-se de seus amparos, mas gloriar-se em si mesmos é orgulhar-se ao mesmo tempo de vileza, impotência e carência. Note que a devida atenção às nossas obrigações para com a graça divina nos curaria da arrogância e da vaidade próprias.

II Ele pressiona o dever da humildade sobre eles através de uma ironia muito fina, ou pelo menos os reprova por seu orgulho e vaidade: "*Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais!* Vós não tendes somente uma suficiência, mas uma riqueza de dons espirituais; e não somente isso, mas podeis fazer deles o assunto de vossa glória *sem nós*, isto é, em minha ausência, e sem terdes qualquer necessidade de mim". Há uma gradação muito elegante da suficiência à riqueza, e dali para a realeza, para insinuar o quanto os coríntios estavam orgulhosos da riqueza de sua sabedoria e de seus dons espirituais, o que era um capricho que havia entre eles enquanto o apóstolo estava longe deles, e os fez esquecer o interesse que ele tinha por todos. Vejamos quão hábil é o orgulho em superestimar os benefícios e negligenciar o benfeitor, aumentar suas posses e esquecer de quem elas vêm; mais ainda, o orgulho faz com que se vejam por uma lente de aumento: "*Sem nós reinais*", diz o apóstolo, "istó é, em vossa opinião; e *prouvera Deus reinásseis para que também nós reinemos convosco.* Eu desejaria que vós tivésseis tanto da verdadeira glória de uma igreja cristã sobre vós quanto vos arrogais a vós mesmos. Eu deveria ir então para obter uma fração da honra: *eu deveria reinar convosco*; eu não deveria ser negligenciado por vós como sou agora, mas valorizado e considerado como um ministro de Cristo e um instrumento muito útil entre vós." Note que geralmente não se conhecem melhor aqueles que pensam o melhor de si mesmos, que têm a mais alta opinião de si mesmos. Os coríntios podiam ter reinado, e o apóstolo com eles, se eles não tivessem se inchado com uma realeza imaginária. O orgulho é um grande prejuízo para o nosso progresso. Está impedido de tornar-se mais sábio ou melhor aquele que pensa

Advertência contra o Hábito de Censurar. A Condição Sofredora dos Apóstolos

vv. 7-13

Aqui o apóstolo aproveita as sugestões anteriores para advertir contra o orgulho e a vaidade própria, e demonstra as tentações que os coríntios tinham de desprezá-lo em virtude da diferença de suas circunstâncias.

estar no topo, aquele que está não somente farto, mas rico; mais ainda, aquele que já pensa que é rei.

III Ele procura mostrar suas próprias condições e as dos outros apóstolos, e as compara com as deles. 1. Mostra a causa dos apóstolos: "*porque tenho para mim que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens*". Paulo e seus colegas apóstolos eram expostos a grandes sofrimentos. Nunca quaisquer homens neste mundo foram tão perseguidos e afligidos. Eles traziam suas vidas em suas mãos: "*Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte*" (v. 9). É feita uma alusão a alguns espetáculos sangrentos nos anfiteatros romanos, onde os homens eram expostos para lutar contra feras selvagens, ou para se retaliarem uns aos outros, para divertir a população, onde o vencedor não escapava com sua vida, embora devesse destruir o adversário, mas era somente reservado para outro combate, e devia ser devorado ou retaliado no final. De maneira que tais criminosos desgraçados (pois eles eram normalmente pessoas condenadas que eram expostas) podiam ser chamados muito apropriadamente de *epithanatioi – pessoas consagradas ou designadas para a morte*. Elas são as últimas a serem anunciadas, porque os gladiadores que combatiam ao meio-dia ficavam mais expostos, sendo obrigados a lutar nus; de maneira que (como diz Sêneca, *Epist.* 7) essa era uma verdadeira carnificina, e aqueles expostos às feras de manhã eram tratados com misericórdia em comparação com esses. O significado geral é que os apóstolos eram expostos a contínuos perigos de morte, e dos piores tipos, no cumprimento fiel de sua função. Deus os havia mostrado, exposto à vista, como os imperadores romanos o faziam com seus combatentes ao expô-los na arena, o lugar da apresentação, embora não com os mesmos propósitos. Eles o faziam para agradar a população e ceder à sua própria vaidade, e às vezes por um motivo muito pior. Os apóstolos eram mostrados para manifestar a verdade da sua missão e doutrina, e propagar a religião no mundo. Esses eram finais dignos de Deus – visões nobres, próprias para animá-los ao combate. Mas eles encontravam certas dificuldades, e eram por assim dizer tão expostos quanto esses miseráveis criminosos romanos. Note que o ofício de um apóstolo era tão honroso quanto difícil e arriscado: "*Pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens*" (v. 9). Uma apresentação pública. Somos trazidos ao teatro, trazidos para fora, para a visão pública do mundo. Os anjos e os homens são testemunhas de nossas perseguições, sofrimentos, paciência e magnanimidade. Todos eles vêem que nós sofremos por nossa fidelidade a Cristo e o quanto sofremos; quão grandes e iminentes são os nossos perigos, e o quanto nós os enfrentamos corajosamente; quão agudos os nossos sofrimentos, e quão pacientemente os suportamos; pelo poder da graça divina e de nossos princípios cristãos. Nosso trabalho é difícil, porém honrado; é arriscado, mas glorioso. Deus será honrado por nós, a religião será crida por nós. O mundo não pode senão ver e admirar-se de nossa destemida decisão, de nossa invencível paciência e constância". E com que contentamento eram expostos a sofrimentos e escárnio, para a honra de seu Mestre! Note que os fiéis ministros e discípulos de Cristo devem estar contentes em suportar qualquer coisa pela sua causa e honra. 2. Ele compara sua própria situação com aquela dos coríntios: "*Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes, vós, ilustres, e nós, vis*" (v. 10). "*Nós somos loucos por amor de Cristo*, tal como em causa comum, e somos bem contentes em sermos tão considerados. Nós podemos passar por loucos no mundo, e ser tão desprezados, de maneira que a sabedoria de Deus e a honra do evangelho possam desta forma ser asseguradas e exibidas." Note que os ministros fiéis podem suportar serem desprezados, de maneira que a sabedoria de Deus e o poder da sua graça sejam por meio disso exibidos. "*Mas vós sois sábios em Cristo.* Tendes a fama de serdes cristãos instruídos e sábios, e vós não tendes pouco valor quanto a isso. Nós estamos sob desgraça ao entregar as claras verdades do evangelho, e de uma maneira simples: vós tendes reputação por vossa eloqüência e sabedoria humana, as quais vos fazem passar por sábios em Cristo entre muitas pessoas. *Nós somos... fracos, e vós, fortes.* Nós estamos sofrendo pela causa de Cristo" (é isso que significa simplesmente ser fraco, 2 Co 12.10), "enquanto vós estais em situação próspera e confortável." Note que nem todos os cristãos são expostos da mesma maneira. Alguns sofrem maiores privações que outros que estão ainda engajados no mesmo combate. Os porta-bandeiras de um exército são os mais atingidos. Assim, em tempos de perseguição, os ministros normalmente são os primeiros e maiores sofredores. Ou mais: "Nós passamos no mundo por pessoas de dons desprezíveis, meros meninos no cristianismo; mas vocês olham com respeito a si próprios e são olhados com respeito pelos outros, como homens, como aqueles de um crescimento muito mais adiantado e força confirmada." São aqueles que nem sempre são os maiores especialistas no cristianismo que pensam assim de si mesmos, ou passam por tais diante dos outros. Mas é muito fácil e comum ao amor-próprio cometer tal erro. Os coríntios podiam pensar de si mesmos, e ser estimados pelos outros, como homens mais sábios e mais fortes em Cristo que os próprios apóstolos. Mas quão grosseiro era esse erro!

IV Ele entra em algumas particularidades de seus sofrimentos: "*Até esta presente hora*", isto é, depois de todo o serviço que nós temos realizado entre vós e entre outras igrejas, "*sofremos fome e sede, e estamos nus; e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa*" (vv. 11,12). Mais ainda, eles foram feitos "*lixo deste mundo e como a escória de todos*" (v. 13). Eles eram forçados a trabalhar com suas próprias mãos para o sustento diário e tinham tantos e maiores negócios com que se preocupar, que eles não podiam prestar atenção suficiente nisso, para terem uma vida confortável, mas eram expostos à fome, à sede e à nudez – muitas vezes careceram de carne, bebida e roupas. Eles eram impelidos para o mundo, sem qualquer residência fixa ou habitação permanente. Situações deploráveis, de fato, para os primeiros-ministros do reino de nosso Salvador, por não terem nenhuma casa ou nenhum lar e serem destituídos de comida e vestimentas! Porém, mesmo assim, não mais empobrecidos do que aquele que *não tinha onde reclinar a cabeça* (Lc 9.58). Mas, ó gloriosa caridade e devoção que acabariam com todas essas privações! Como eles amavam ardentemente a Deus, quão veementemente eles ansiavam pela salvação de almas! A

pobreza deles era voluntária, era pobreza agradável. Eles pensavam que tinham uma rica compensação por todas as boas coisas exteriores de que careciam, se pudessem servir a Cristo e salvar almas. Sem dúvida, embora *fossem considerados lixo do mundo, escória de todos*. Eles eram tratados como homens inadequados para a vida, *perikatharmata*. É razoável o pensamento dos críticos de que aqui é feita uma alusão a um costume comum de muitas nações pagãs de oferecer homens em sacrifício em tempos de pestilência, ou outra penosa calamidade. Esses eram normalmente os mais vis dos homens, pessoas de baixo nível e do pior caráter. Assim, nas primeiras eras, os cristãos eram contados como a fonte de todas as calamidades públicas, e eram sacrificados à ira das pessoas, se não para apaziguar suas divindades iradas. E os apóstolos não poderiam encontrar melhor tratamento. Eles sofriam em sua pessoa e caráter como os piores e os mais vis homens, como os mais apropriados para tal sacrifício; ou também como as muitas imundícies do mundo que deviam ser varridas: mais ainda, como *a escória de todos*, o refugo de todas as coisas. Eles eram o esgoto em que todas as vergonhas do mundo deviam ser despejadas. Ser a escória de alguma coisa já é mal, que dirá ser a escória de todas as coisas! Como era grande a semelhança entre os apóstolos e o seu Mestre, e eles completavam "*o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja*!" (Cl 1.24). Eles sofriam por Ele, e eles sofriam seguindo o exemplo dele. Assim, ele era pobre e desprezado em sua vida e ministério. E cada um que queria ser fiel a Jesus Cristo devia preparar-se para a mesma pobreza e desprezo. Note que podem ser muito amados por Deus e ilustres em sua estima aqueles a quem os homens talvez considerem indignos de viver e a quem usem e de quem escarneçam como a verdadeira imundície e lixo do mundo. "*O SENHOR não vê como o homem vê*" (1 Sm 16.7).

V Nós temos aqui o comportamento dos apóstolos em tudo isso; e a resposta que eles deram para esses maus tratos: "*somos injuriados e bendizemos; somos perseguidos e sofremos; somos blasfemados e rogamos*" (vv. 12,13). Eles respondiam às calúnias e difamações com bênçãos, e às mais rudes calúnias com súplicas e exortações amáveis, e eram pacientes sob as mais agudas perseguições. Note que os discípulos de Cristo, e especialmente seus ministros, devem manter firme a sua integridade e uma boa consciência, qualquer que seja a oposição ou as privações que eles encontrem da parte do mundo. Não importa sofrerem da parte dos homens, devem seguir o exemplo e cumprir a vontade e os preceitos de seu Senhor. Eles devem estar contentes, com Ele e por Ele, por serem desprezados e insultados.

A Ternura e Afeição de Paulo
vv. 14-16

Aqui Paulo lembra-os sobre a consideração que devem ter por ele como pai deles. Ele lhes diz: 1. Que o que ele havia escrito não fora para sua vergonha, mas para repreensão; não com o amargor de um inimigo, mas com os sentimentos de um pai (v. 14): "*Não escrevo essas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como meus filhos amados*". Note que, ao reprovar o pecado, nós devemos ter uma consideração carinhosa tanto pela reputação quanto pela mudança dos pecadores. Nós devemos ter como objetivo distinguir entre eles e seus pecados, e tomar cuidado para não descobrir em nós mesmos nenhum rancor contra eles, não expô-los ao desprezo e vergonha no mundo. Reprovações que expõem geralmente irritam, enquanto aqueles que advertem amável e afetuosamente geram desejo de mudar. Quando os sentimentos de um pai se misturam com as exortações de um ministro, é de esperar que eles possam enternecer e corrigir; mas, censurar como um inimigo ou como um algoz, provocará a pessoa e ela acabará obstinada. Expor à vergonha pública não é outra coisa senão o caminho para tornar desavergonhado. 2. Ele lhes mostra que fundamento ele reivindicou para eles e lhes chama seus filhos. Eles podiam ter outros pedagogos ou instrutores, mas ele era o pai deles: "*porque eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus*" (v. 15). Eles foram feitos cristãos através de seu ministério. Ele havia lançado as bases de uma igreja entre eles. Outros somente podiam edificar sobre elas. Quaisquer que fossem os outros professores que eles tivessem, ele era seu pai espiritual. Primeiramente ele os trouxe da idolatria pagã para a fé do evangelho e a adoração do Deus vivo e verdadeiro. Ele foi o instrumento de seu novo nascimento, e por isso reivindicava a relação de pai com eles, e tinha os sentimentos de pai para com eles. Note que geralmente há, e sempre deve haver, uma agradável afeição entre ministros fiéis e aqueles que eles geram em Cristo Jesus através do evangelho. Eles devem se amar como pais e filhos se amam. 3. Nós temos aqui o conselho especial que ele lhes recomenda com insistência: "*admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores*" (v. 16). Isto ele explica e limita em outro trecho (11.1): "*Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo*". "Imitem-me tanto quanto eu imito a Cristo. Aproximem-se tanto quanto puderem de meu exemplo naqueles exemplos nos quais eu me esforço em copiar o modelo dele. Sejam meus discípulos, tanto quanto eu me mostro ser um ministro fiel e discípulo de Cristo, e não mais. Eu não queria que vocês fossem meus discípulos, mas dele. Mas eu espero haver me mostrado um administrador fiel dos mistérios de Cristo e um servo fiel de Cristo, meu Mestre; até aqui sigam-me, e sigam meus passos." Note que os ministros devem viver de tal modo que seu povo possa tê-los como modelo, e viver segundo seu exemplo. Eles devem guiá-los tanto pela sua vida quanto por seus lábios, ir adiante deles no caminho para o céu e não se contentar em apontá-lo. Note que os ministros devem estabelecer um padrão, e outros devem segui-lo. Eles devem segui-los até estarem satisfeitos de que seguem a Cristo na fé e na prática.

A Afeição e Autoridade de Paulo
vv. 17-21

Aqui:

I Ele lhes fala de haver enviado Timóteo até eles, para lembrá-los de seus "*caminhos em Cristo, co-*

mo por toda parte ensino em cada igreja" (v. 17) – para refrescar a sua memória, a sua pregação e prática, o que ele ensinava, e como ele viveu entre eles. Note que aqueles que já tiveram tão bom ensinamento são hábeis em esquecer, e precisam refrescar a sua memória. A mesma verdade, ensinada novamente, se ela não traz nenhuma nova luz, pode provocar nova e mais viva impressão. Ele também os deixa saber que *seu ensino era o mesmo em todo lugar, e em cada igreja*. Ele não tinha uma doutrina para um lugar e pessoas, e outra para outro contexto. Ele guardava suas instruções. *O que ele recebera do Senhor, também entregava* (11.23). Essa era a revelação do evangelho, o qual dizia respeito a todos os homens, e não tinha variações. Ele, por essa razão, ensinava as mesmas coisas em cada igreja, e vivia do mesmo jeito em todos os tempos e lugares. Note que a verdade de Cristo é uma e invariável. O que um apóstolo ensinava todos ensinavam. O que um apóstolo ensinava em um momento, ele ensinava em todos os momentos e em todos os lugares. Os cristãos podem cometer erros e diferir em seu entendimento, mas Cristo e a verdade cristã *são as mesmas ontem, hoje e para sempre* (Hb 13.8). Para tornar maior a consideração deles por Timóteo, Paulo lhes apresenta as qualidades dele. Ele era *seu filho amado*, sua criança espiritual, assim como eles o eram. Note que a irmandade espiritual deve atrair tanto a afeição quanto o que é comum e natural. Os filhos do mesmo pai devem ter o mesmo coração. Mas, ele acrescenta: "*Ele é fiel no Senhor* – digno de confiança, como alguém que temia ao Senhor. Ele será fiel na função particular que ele agora tem recebido do Senhor, a missão particular pela qual ele vai; não somente de mim, mas de Cristo. Ele conhece o que eu tenho ensinado e o que minhas pregações têm sido em todos os lugares, e, vocês podem contar com isso, ele fará um relatório fiel." Note que é um grande elogio para qualquer ministro quando ele é considerado fiel ao Senhor, fiel à sua alma, à sua luz, à sua confiança que vem de Deus; este deve ser o caminho para obter respeito à sua mensagem junto àqueles que temem a Deus.

II Ele repreende a presunção daqueles que imaginavam que ele não viria até eles, ao deixá-los saber que este era seu propósito, embora ele tivesse enviado Timóteo: "*Em breve, irei ter convosco,* embora alguns de vós sejais presunçosos a ponto de pensar que eu não irei." Mas, ele acrescenta: "*se o Senhor quiser*". Parece que, para os eventos comuns da vida, os apóstolos não conheciam mais que os outros homens, nem estavam eles sob inspiração nesses aspectos. Pois, tivesse o apóstolo certamente conhecido a mente de Deus neste assunto, ele não teria se expressado dessa maneira. Mas, fazendo assim, ele deixa um bom exemplo para nós. Note que todos os nossos propósitos devem ser formados com uma dependência da Providência e uma reserva para os propósitos soberanos de Deus. "*Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo*" (Tg 4.15).

III Ele os deixa saber o que se seguiria à sua ida até eles: "*e então conhecerei, não as palavras dos que andam inchados, mas a virtude*" (v. 19). Ele levaria os grandes embusteiros entre eles a julgamento, conheceria o que eles eram, não pela sua retórica ou filosofia, mas pela autoridade e eficácia do que eles ensinavam, se eles podiam confirmá-lo por operações milagrosas, e se era acompanhado por divinas influências e efeitos salvadores na mente dos homens. Pois, ele acrescenta: "*o reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude*". Ele não é plantado, nem propagado, nem estabelecido, nos corações dos homens, por raciocínios plausíveis ou discursos floridos, mas, primeiramente, pelo poder do Espírito Santo em operações miraculosas, e pela influência poderosa da verdade divina na mente e nos costumes dos homens. Note que é uma boa maneira em geral julgar a doutrina de um pregador, ver se os efeitos que ela traz sobre os corações dos homens são verdadeiramente divinos. O que mais provavelmente vem de Deus é aquilo que é adequado em sua própria natureza, e que no fim produz maior semelhança com Deus, difunde piedade e virtude e muda os corações dos homens e corrige seus hábitos.

IV Ele põe à escolha deles como deve ir a eles, se "*com vara ou com amor e espírito de mansidão*" (v. 21), isto é, dependendo de como eles estiverem, eles o encontrarão. Se continuassem perversos uns com os outros e com ele, seria necessário vir com uma vara, isto é, aplicar seu poder apostólico para castigá-los, mostrando alguns exemplos, e infligindo alguns incômodos e punições corporais, ou através de outras censuras por suas faltas. Note que os teimosos ofensores podem ser tratados com severidade. Em famílias, em comunidades cristãs, a misericórdia paternal e a brandura, o amor cristão e a compaixão, às vezes forçarão o uso da vara. Mas isto está longe de ser desagradável, se puder ser prevenido. E assim o apóstolo acrescenta que eles tinham a opção se ele deveria vir com a vara ou em uma disposição e maneira um tanto diferentes: *ou com a vara ou com amor e espírito de mansidão.* Tanto quanto se ele tivesse dito: "Recebam a advertência, cessem suas contendas, retifiquem os abusos entre vocês, e retornem para o seu dever, e vocês me encontrarão amável e bondoso como vocês podem desejar. Será forçar minha inclinação proceder com severidade. Eu já estive e mostrei a ternura de um pai entre vocês, mais do que apliquei a minha autoridade. Portanto, cumpram a sua função e vocês não têm nenhuma razão para evitar a minha presença". Note que é um feliz equilíbrio em um ministro deixar predominar o espírito de amor e mansidão e ainda manter sua justa autoridade.

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Censura-os pela sua indulgência no caso de um homem que cometeu incesto, e ordena que ele seja excomungado e entregue a Satanás (vv. 1-6). II. Ele os exorta à pureza cristã, através da eliminação do velho fermento (vv. 7,8). E: III. Ele os direciona a evitarem até a conversa comum com cristãos que eram culpados de alguma perversidade (vv. 9-13).

Um Caso de Ofensa Grosseira. A Pureza Cristã

vv. 1-6

Aqui o apóstolo apresenta a questão e:

I Deixa-os saber qual era o relato geral ou comum a respeito deles, que alguém da comunidade deles era culpado de fornicação (v. 1). Isto era dito em todos os lugares, para a desonra deles, e a vergonha dos cristãos. E era mais reprovável porque não podia ser negado. Note que os pecados abomináveis de cristãos professos são rapidamente observados e difundidos. Nós devemos caminhar cuidadosamente, pois muitos olhos estão sobre nós e muitas bocas se abrirão contra nós se cairmos em qualquer prática escandalosa. Este não era um exemplo comum de fornicação, mas não se nomeava "*nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai*" – quer a tivesse desposado enquanto seu pai estava vivo, quer a mantivesse como sua concubina, sendo o pai vivo ou morto. Em qualquer desses casos, sua relação criminosa com ela pode ser chamada *fornicação*; mas estivesse seu pai morto, e esse homem, após o falecimento do pai, tivesse casado com ela, mesmo que tivesse ocorrido até incesto, não teria havido fornicação nem adultério no sentido estrito. Mas, casar-se com ela, ou mantê-la como sua concubina, enquanto seu pai estava vivo, embora ele a tivesse repudiado, ou ela o tivesse abandonado, fosse ela sua própria mãe ou não, era fornicação incestuosa: *scelus incredibile* (como Cícero o denomina), *et prater unum in omni vitâ inauditum* (*Orat. pro Cluent.*), quando uma mulher tivesse feito sua filha ir embora e se casasse com o seu marido. *Fraqueza incrível!* diz o orador, *eu nunca ouvi tal coisa em toda a minha vida.* Não que não houvesse tais exemplos de casamentos incestuosos entre os pagãos, mas, em qualquer momento em que eles ocorressem, eles chocavam a cada homem de virtude e probidade entre eles. Eles não poderiam pensar neles sem horror, nem mencioná-los sem desgosto e ódio. Mesmo tal horrível fraqueza era cometida por alguém na igreja de Corinto, e, como é provável, um líder de uma das facções entre eles, um homem importante. Note que as melhores igrejas são, neste estado de imperfeição, propensas a corrupções muito profundas. É de admirar como tão horrível prática tenha sido tolerada em uma igreja apostólica, uma igreja fundada pelo grande apóstolo dos gentios?

II Ele os censura muito pela própria conduta deles sobre esse assunto: *eles estavam inchados* (v. 2), *eles se gloriavam*: 1. Talvez em virtude do caso dessa pessoa muito escandalosa. Ele devia ser um homem de grande eloqüência, de profunda ciência, e, por esta razão, muito estimado, seguido e aclamado por muitos entre eles. Eles estavam orgulhosos de terem tal líder. Em vez de lamentar por sua queda, e de sua própria vergonha por conta desse caso, e em vez de fazê-lo renunciar e afastá-lo da sociedade, eles continuavam a aplaudi-lo e a orgulhar-se dele. Note que o orgulho ou a estima própria está no fundo da nossa estima imoderada dos outros, e isto nos torna tão cegos para as faltas deles quanto para as nossas próprias. É a verdadeira humildade que fará um homem ver e conhecer seus próprios erros. O homem orgulhoso, ou omite plenamente ou disfarça artisticamente suas faltas, ou se esforça em transformar suas manchas em belezas. Aqueles entre os coríntios que eram admiradores dos dons da pessoa incestuosa negligenciavam ou atenuavam suas práticas repugnantes. Ou ainda: 2. Pode nos sugerir que alguns do partido da oposição estavam ensoberbecidos. Eles eram orgulhosos de sua própria posição, e maltratavam aquele que caiu. Note que é uma coisa muito perversa gloriar-se nos fracassos e nos pecados dos outros. Nós devemos trazê-los ao coração e nos lamentar por eles, e não ficar ensoberbecidos com eles. Provavelmente esse tenha sido um efeito das divisões entre eles. O partido oposto podia tirar vantagem deste lapso escandaloso e estava feliz por essa oportunidade. Note que é uma triste conseqüência de divisões entre os cristãos que estas os façam hábeis em regozijar-se na iniqüidade. Os pecados dos outros devem ser nossa tristeza. Mais ainda, as igrejas devem lamentar-se pelo comportamento escandaloso de membros particulares, e, se eles forem incorrigíveis, devem removê-los. Aquele que havia feito essa ação perversa, devia ter sido afastado dentre eles.

III Nós temos a direção do apóstolo para eles, como eles deviam agora proceder com seu pecador escandaloso. Ele teria de ser excluído e entregue a Satanás (vv. 3-5); *ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, ele sentenciara, como se estivesse presente*; isto é, ele tinha, por revelação e pelo dom milagroso de discernir dado a ele pelo Espírito, um perfeito conhecimento do caso, e depois disso vem a seguinte determinação, não sem autoridade especial do Espírito Santo. Ele diz isto para deixá-los saber que, embora ele estivesse distante, não passou uma sentença injusta, nem julgou sem ter pleno conhecimento do caso, como se ele tivesse estado no lugar. Note que aqueles que querem ser juízes corretos no mundo dever ter o cuidado de informar ao povo de que eles não sentenciam sem provas e evidências completas. O apóstolo acrescenta: *o autor de tal infâmia*. O fato não era somente extremamente mau em si mesmo, e horrível para os pagãos, mas havia certas circunstâncias particulares que agravavam grandemente a ofensa. Ele havia cometido o mal de maneira a aumentar a culpa pela forma em que o cometeu. Talvez ele fosse um ministro, um mestre ou um homem importante entre eles. Dessa maneira, a igreja e a profissão deles eram mais censuradas. Note que ao lidar com pecadores escandalosos eles não devem somente ser acusados do fato, mas das suas circunstâncias agravantes. Paulo havia julgado que *ele devia ser entregue a Satanás* (v. 5), e isso devia ser feito *no nome de Cristo*, com o poder de Cristo, e em uma assembléia concorrida, onde o apóstolo também estaria presente em espírito, ou pelo seu dom espiritual de discernir à distância. Alguns pensam que isto deve ser entendido como mera excomunhão comum, e que entregá-lo a Satanás para a destruição da carne significa somente renegá-lo e lançá-lo fora da igreja, para que por meio disso ele pudesse vir a arrepender-se e sua carne pudesse ser mortificada. Cristo e Satanás dividem o mundo: e aqueles que vivem no pecado, quando professam a relação com Cristo, pertencem a um outro mestre, e, pela excomunhão, devem ser entregues a ele; e isto em nome de Cristo. Note que as repre-

ensões da igreja são ordenações de Cristo e devem ser dispensadas em seu nome. E também deviam ser feitas *quando eles estivessem reunidos*, em plena assembléia. Quanto mais público, mais solene; e quanto mais solene, mais provável que haja um bom efeito sobre o ofensor. Note que as repreensões da igreja sobre pecadores notórios e incorrigíveis devem ocorrer com grande solenidade. Aqueles que pecam dessa maneira *devem ser repreendidos na frente de todos, para que os demais temam* (1 Tm 5.20). Outros acham que o apóstolo não deve ser entendido como se referindo à mera excomunhão, mas a um poder milagroso ou a uma autoridade que eles tinham de entregar um pecador escandaloso ao poder de Satanás, para ser atingido com doenças no corpo, e ser atormentado por ele com dores corporais, o que significa *destruição da carne*. Neste sentido, a destruição da carne tem sido uma ocasião feliz da salvação do espírito. É provável que isto fosse um caso mesclado. Era um exemplo extraordinário: e a igreja deveria proceder contra ele com justa repreensão; o apóstolo, quando eles fizeram assim, tornou manifesto um ato de extraordinário poder, e o entregou a Satanás, não para a sua destruição, mas para a sua libertação, pelo menos para a destruição da carne, para que a alma pudesse ser salva. Note que o grande fim das repreensões da igreja é o bem daqueles que caem sob elas, seu bem eterno e espiritual. É que o espírito deles pode ser salvo no dia do Senhor Jesus (v. 5). Porém, não é meramente uma consideração pelo benefício deles que deve ser levada em conta no procedimento contra eles, pois:

IV Ele sinaliza para o perigo do contágio desse exemplo: "*não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?* O mau exemplo de um homem distinto e de grande reputação é muito nocivo, espalha o contágio a grande distância e de forma abrangente. Provavelmente isso aconteceu nessa mesma igreja e caso (ver 2 Co 12.21). Eles não podiam ser ignorantes sobre isso. A experiência do mundo todo dava testemunho acerca disso: *uma ovelha sarnenta contagia todo o rebanho.* Uma pequena levedura espalha o fermento através de toda a massa. Note que, concernente à sua pureza e preservação, as igrejas cristãs devem se engajar para remover os pecados grosseiros e escandalosos.

Exortação à Pureza Cristã

vv. 7,8

Aqui o apóstolo os exorta à pureza, a lançarem fora o velho fermento. Nisso, observe:

I O próprio conselho que é dirigido: 1. À igreja em geral; e assim purificando-a do fermento velho, para que eles fossem uma nova massa, refere-se a eles *tirarem dentre eles esse iníquo* (v. 13). Note que as igrejas cristãs devem ser puras e santas e não tolerar tais membros escandalosos e corruptos. Elas devem ser sem fermentos, e não devem tolerar tal mistura heterogênea para azedá-las e corrompê-las. Ou: 2. A cada membro particular da igreja. E assim sugere que eles devem purificar-se a si mesmos de toda impureza do coração e da vida, especialmente desse tipo de maldade, do qual os coríntios eram tidos como um provérbio. Veja o *sumário* no começo. Esse velho fermento devia ser lançado fora de uma forma particular, para que eles pudessem se tornar uma nova massa. Os cristãos devem ser cuidadosos em guardar-se tão limpos a ponto de excluir membros impuros de sua sociedade. E eles devem especialmente evitar os pecados nos quais eles mesmos foram uma vez viciados e os vícios reinantes nos lugares onde vivem e nas pessoas com quem convivem. Eles também devem se purificar da malícia e da maldade – toda má vontade e sutileza perniciosa. Esse é o fermento que azeda a mente em alto grau. Não é improvável que isso foi planejado como um confronto para alguns que se gloriavam no comportamento escandaloso do transgressor, tanto por orgulho quanto por ressentimento. Note que os cristãos devem ser cuidadosos em guardar-se livres da malícia e da injúria. O amor é a verdadeira essência e a vida da religião cristã. É a mais bela imagem de Deus, *pois Deus é amor* (1 Jo 4.16), e por essa razão não é de admirar que ele seja a maior beleza e ornamento de um cristão. Mas a maldade é assassinato em sua origem: aquele que odeia a seu irmão é um assassino (1 Jo 3.15), ele carrega a imagem e se declara descendente daquele *que foi homicida desde o princípio* (Jo 8.44). Quão odioso deve ser para um cristão tudo que parece maldade e injúria.

II A razão com a qual esse conselho é reforçado: "*porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós*" (v. 7). Esta é a grande doutrina do evangelho. Os judeus, após matarem o cordeiro pascal, passavam a festa com pão sem fermento. Assim devemos nós, não somente durante sete dias, mas durante todos os nossos dias, morrer com o nosso Salvador para o pecado, ser plantados na semelhança de sua morte ao mortificarmos o pecado, e na semelhança de sua ressurreição, devemos levantar novamente para a novidade de vida, e isso tanto a interior quanto a exterior. Devemos ter novos corações e novas vidas. Note que toda a vida de um cristão deve ser uma festa de pães sem fermento. Sua conversa comum e sua atuação religiosa devem ser santas. *Ele deve lançar fora o velho fermento e guardar a festa do pão sem fermento da sinceridade e da verdade.* Ele deve ser sem culpa em sua conduta em relação a Deus e ao homem. E quanto mais houver de sinceridade em nossa fé, menos censuraremos a dos outros. Note que no total, o sacrifício de nosso Redentor é o mais forte argumento com um coração gracioso pela pureza e pela sinceridade. Quão sincera atenção Ele mostrou por nosso bem-estar, morrendo por nós! E quão terrível prova foi sua morte da natureza detestável do pecado, e do desagrado de Deus contra ela! Abominável mal, que não podia ser expiado a não ser pelo sangue do Filho de Deus! E o cristão deve amar o assassino de nosso Senhor? Deus nos livre disso.

Conselho a Afastar-se dos Mestres Escandalosos

vv. 9-13

Aqui o apóstolo os aconselha a evitar a companhia e a convivência com crentes escandalosos. Considere:

I O conselho em si mesmo: "*já por carta vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem*" (v. 9). Alguns pensam que essa carta mencionada foi uma epístola escrita para eles antes e que se perdeu. Mas não perdemos nada por não termos essa carta, visto que a revelação cristã está completa naqueles livros da Escritura que têm chegado até nós, os quais são tudo o que Deus planejou para o uso geral dos cristãos; senão, Ele podia e teria preservado em sua providência mais dos escritos de homens inspirados. Alguns pensam que essa referência deve ser entendida como menção desta epístola, que ele havia escrito esse conselho antes que tivesse toda a informação do caso, mas pensou ser indispensável agora ser mais detalhista. E por essa razão ele lhes fala nessa ocasião que se algum homem chamado de irmão, qualquer um professando o cristianismo, e que era membro de uma igreja cristã, fosse um *devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão*, ou roubador, que eles não deviam manter-se em companhia dele, e nem comer com tal pessoa. Eles deviam evitar toda familiaridade com ele, não deviam fazer negócios com ele, mas deviam envergonhá-lo e trazê-lo ao arrependimento, deviam desaprová-lo e evitá-lo. Note que os cristãos devem evitar o convívio familiar de co-irmãos que são notoriamente maus, e que estão sob justa censura por suas práticas perversas. Tal ato desgraça o nome de cristão. Eles talvez até se chamem de *irmãos em Cristo*, mas eles não são irmãos em Cristo. Eles somente são companhias adequadas para seus irmãos na iniqüidade, e tais companhias devem ser abandonados até que *corrijam seu caminho e seus feitos.*

II Como ele delimita seu conselho. Ele não proíbe os cristãos de fazerem negócio com os pagãos escandalosamente pecaminosos. Ele não os proíbe de comerem nem conviverem com os fornicadores deste mundo etc. Eles não têm melhor conhecimento. Eles não têm melhor confissão. Os deuses que eles servem, e a adoração que eles prestam a muitos deles, permitem tal maldade. "*Vós teríeis de sair do mundo* se não tivésseis de conviver com tais homens. Os gentios próximos de vós são geralmente viciados e profanos; e é impossível, na medida em que estais no mundo, e tendes negócios do mundo para fazer, que não estejais em sua companhia. Isto não pode ser totalmente evitado." Observe que os cristãos podem e devem demonstrar mais respeito por pessoas mundanas incorretas do que por cristãos incorretos. Isto parece um paradoxo. Por que devemos evitar a companhia de um cristão incorreto ou profano, em vez da de um pagão incorreto ou profano?

III A razão para essa restrição está apontada aqui. É impossível que o pagão seja evitado. Os cristãos teriam de sair do mundo para evitar a companhia de pagãos incorretos. Mas isto era impossível, visto que eles tinham negócios no mundo. Enquanto eles estiverem preocupados com seu dever, e fazendo o seu próprio negócio, Deus pode e irá preservá-los do contágio. Além disso, eles trazem um antídoto contra a infecção do mau exemplo deles e, naturalmente, estão sob a sua guarda. Eles estão aptos a se horrorizarem pelas práticas perniciosas deles. Mas o medo de pecar se desgasta com a convivência familiar com cristãos perniciosos. Nossa própria segurança e preservação são uma razão desta diferença. Mas, além disso, os pagãos eram tais que os cristãos não podiam fazer nada para julgá-los ou censurá-los, nem para evitar uma sentença pronunciada contra eles, pois eles são *os de fora* (v. 12), e devem ser deixados para o *julgamento de Deus* (v. 13). Mas, em relação aos membros da igreja, estes estão dentro, são declaradamente compelidos pelas leis e regras do cristianismo, e não somente sujeitos ao julgamento de Deus, mas às repreensões daqueles que são estabelecidos sobre eles, e dos co-membros do mesmo corpo, quando eles transgridem aquelas regras. Todo cristão é compelido a julgá-los inadequados para comunhão e convívio familiar. Eles devem ser punidos por trazerem esta marca de desgraça sobre si, para que eles possam ser envergonhados e, se possível, corrigidos nisso; e mais ainda porque os pecados desses desonram muito mais a Deus do que os pecados dos que são declaradamente perversos podem desonrá-lo. Portanto, a igreja está obrigada a afastar-se de toda união com eles, ou convivência com eles, e a sustentar o testemunho contra suas práticas pecaminosas. Note que, embora a igreja não tenha nada que fazer com aqueles que estão fora, ela deve esforçar-se para manter-se afastada da culpa e da mancha daqueles que estão dentro.

IV Como ele aplica o argumento ao caso diante dele: "*Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo* (v. 13). Expulsai-o de vossa sociedade e evitai seu convívio".

CAPÍTULO 6

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Reprova os coríntios por levarem uns aos outros aos tribunais por questões sem importância, e colocarem a causa diante de juízes pagãos (vv. 1-8). II. Conseqüentemente, ele aproveita a ocasião para adverti-los contra muitos pecados grosseiros, nos quais eles tinham sido anteriormente viciados (vv. 9-11). III. E, havendo-os prevenido contra o abuso de sua liberdade, ele os exorta veementemente a respeito da fornicação através de vários argumentos (vv. 12-20).

As Causas de Litígio São Censuradas

vv. 1-8

Aqui o apóstolo os reprova por levarem uns aos outros aos tribunais diante de juízes pagãos por questões sem importância; e, nesse ponto, censura todo *aborrecimento dos processos*. No capítulo anterior, ele os havia instruído a punirem pecados abomináveis entre eles por meio de repreensões da igreja. Aqui, ele os orienta a resolverem controvérsias de um contra o outro no conselho da igreja e por suas orientações, a respeito das quais observe:

I O erro acerca do qual ele os censura: era o fato de recorrerem à lei civil. Não que *a lei não seja boa, se um homem a utiliza legitimamente*. Mas: 1. *Um irmão ia a juízo contra outro irmão* (v. 6), um membro da igreja

contra o outro. A relação próxima não era capaz de preservar a paz e o bom entendimento. Os laços do amor fraternal estavam quebrados. *O irmão ofendido,* diz Salomão, *é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte,* suas contendas são ferrolhos de um castelo (Pv 18.19). Note que os cristãos não devem contender uns com os outros, porque eles são irmãos. Isto, devidamente observado, evitaria processos, e colocaria um fim a rixas e litígios. 2. Eles levavam as questões a magistrados pagãos: *eles vinham a juízo perante os injustos e não perante os santos* (v. 1), levavam a controvérsia perante incrédulos (v. 6) e não a resolviam entre eles, cristãos e santos, pelo menos na confissão. Isto contribuía muito para a vergonha do cristianismo. Espalhava ao mesmo tempo sua índole não pacífica; enquanto isso eles professavam ser filhos da sabedoria, e seguidores do Cordeiro, o meigo e humilde Jesus, o *príncipe da paz.* E, conseqüentemente, diz o apóstolo, "*ousa algum de vós,* tendo uma questão com outro, submetê-la a juízo, pleiteá-la, levar a causa em audiência perante o injusto?" Note que os cristãos não devem se atrever a fazer qualquer coisa que tenda a envergonhar o nome cristão e a confissão deles. 3. Aqui está pelo menos uma insinuação de que eles iam a juízo por questões triviais, coisas de pouco valor; pois o apóstolo os censura que eles não padeciam injustiças, mas iam a juízo (v. 7), o que deve ser entendido como questões sem importância. Em matérias de grande dano para nós mesmos ou nossas famílias, nós podemos usar recursos legítimos para nos defender. Não somos obrigados a nos sentar e sofrer o dano mansamente, sem nos mover em nosso prôprio socorro; mas, em matérias de pequena conseqüência, é melhor tolerar a injustiça. Os cristãos devem ser de um temperamento perdoador. E contribui mais para a sua tranqüilidade e honra que sofram pequenas injustiças e inconveniências do que dêem a aparência de serem litigiosos.

II Ele coloca diante deles os exageros de seu erro: "*não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo*" (v. 2), "*...julgar os anjos?*" (v. 3). E eles são indignos de julgar *as causas menores, as coisas desta vida?* Era uma desonra para seu caráter cristão, um esquecimento de sua verdadeira dignidade, como santos, levarem pequenas causas, a respeito de coisas da vida, perante magistrados pagãos. Se um dia vão julgar o mundo, mais ainda, os anjos, é inexplicável que não possam resolver pequenas controvérsias entre si. Com julgar o mundo e os anjos, alguns pensam que deva ser entendido que eles serão assessores de Cristo no grande dia do julgamento; é dito a respeito dos discípulos de nosso Salvador que, naquele dia, eles se assentarão *em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel* (Mt 19.28). E lemos, em outro lugar, a respeito da vinda de nosso Senhor *com milhares de seus santos para fazer juízo contra todos* (Jd 14, 15). *Ele virá para o julgamento com todos os seus santos* (1 Ts 3.13). Eles mesmos devem de fato ser julgados (Mt 25.31-41), mas podem primeiro ser absolvidos, e então avançar para o tribunal, para aprovar e aplaudir o reto julgamento de Cristo sobre homens e anjos. Eles não podem ser juízes em nenhum outro sentido. Eles não são parceiros na tarefa de nosso Senhor, mas eles têm a honra de sentar e ver o seu procedimento contra o mundo pernicioso, e aprová-lo. Outros entendem que este julgamento do mundo refere-se a quando o império se tornasse cristão. Mas não parece que os coríntios tenham tido conhecimento de o império tornar-se cristão; e, se tinham, em que sentido se poderia dizer dos imperadores cristãos que eles julgariam os anjos? Outros entendem a condenação do mundo pela sua fé e prática, e a expulsão de anjos maus pelo poder milagroso, o qual não se restringia às primeiras eras, nem aos apóstolos. O primeiro sentido parece ser o mais natural; e ao mesmo tempo ele dá maior força para o argumento. "Os cristãos terão a honra de sentar-se com o poderoso juiz no último dia, enquanto Ele julgar homens pecaminosos e anjos maus, e eles não são dignos de julgar sobre coisas insignificantes acerca das quais contendem perante magistrados pagãos? Eles não podem ajustar suas diferenças mútuas? Por que vocês devem levá-las diante de juízes pagãos? Quando vocês devem julgá-las, isto combina com a judicatura deles? Vocês devem, a respeito de *negócios terrenos, constituir um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja?*" (assim alguns lêem, e talvez mais corretamente, v. 4), magistrados *pagãos, exouthenemenous,* as *coisas que não são* (cap. 1.28). "Será que devem ser chamados a julgamento em suas controvérsias aqueles de quem vocês têm tão baixa estima? Isto não é vergonhoso?" (v. 5). Alguns leitores, como os nossos tradutores, fazem um discurso irônico: "Se vocês tiverem tais controvérsias pendentes, estabeleçam para julgar os que são de estima mais baixa entre vocês mesmos. Os menores de seus próprios membros com certeza estão aptos para resolver estas disputas. Encaminhem as causas pendentes a qualquer um, só não as submetam a juízo perante juízes pagãos. Elas são insignificantes, indignas de contenda entre vocês, e podem facilmente ser resolvidas, se vocês primeiro tiverem dominado seus próprios espíritos, e os levado a um temperamento verdadeiramente cristão. Estejam dispostos a *tolerar e sofrer,* e o homem de menor habilidade entre vocês pode acabar com as rixas. *Para vos envergonhar o digo*" (v. 5). Note que é uma vergonha que pequenas rixas devam crescer a tal ponto entre os cristãos, que elas não possam ser resolvidas pela arbitragem dos irmãos.

III Ele lhes ensina um método para reparar esse erro. E isto se desdobra em dois pontos: 1. Ao encaminhar a causa a alguns para que a corrijam: "*Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?* (v. 5). Vós que vos valorizais tanto em vossa sabedoria e conhecimento, que sois tão inchados em vossos dons extraordinários e dádivas, não há ninguém entre vós adequado para esse ofício, ninguém que tenha sabedoria suficiente para julgar essas diferenças? Devem os irmãos ter rixas e o magistrado pagão julgar em uma igreja tão famosa como a vossa, pelo conhecimento e pela sabedoria? É uma vergonha para vós que rixas devam chegar a tal ponto e nenhum de vossos sábios intervenha para preveni-las." Note que os cristãos não devem nunca se envolver em processos até que todos os outros meios tenham se mostrado vãos. Os cristãos prudentes devem evitar, se possível, suas disputas, e não são as cortes da justiça que devem decidir sobre elas, especialmente em questões de pouca im-

portância. 2. Ao sofrer injustiça em vez de usar este método para fazer justiça por si mesmos: "*na verdade, é já realmente uma falta entre vós terdes demandas uns contra os outros*": é sempre um erro ir à justiça, exceto no caso em que o direito é de fato duvidoso, e há uma concordância amigável de ambas as partes para levá-la ao julgamento daqueles instruídos na lei e aptos para decidir. E isto é encaminhar a causa, mais do que contender sobre ela, que é o que o apóstolo aqui parece condenar principalmente: "*por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?*" Note que um cristão deve antes suportar um pouco de injustiça que incomodar-se a si mesmo, e provocar aos outros, com uma disputa litigiosa. A paz de sua própria mente e a calma da sua vizinhança são mais importantes do que a vitória em tais contendas, ou do que reivindicar seu próprio direito, especialmente quando a rixa está para ser decidida por aqueles que são inimigos da religião. Mas o apóstolo lhes diz que eles estavam distantes de sofrer injustiças de fato, pois *faziam a injustiça e faziam o dano, e isso aos próprios irmãos*. Note que é uma falta extrema cometer injustiça e defraudar alguém; mas é um erro pior defraudar nossos irmãos em Cristo. Os laços de amor mútuo devem ser mais fortes entre eles que entre outros. E o "*amor não faz mal ao próximo*" (Rm 13.10). Aqueles que amam aos irmãos em Cristo nunca podem, sob a influência deste princípio, machucá-los ou prejudicá-los.

Advertências Solenes

vv. 9-11

Aqui ele aproveita a ocasião para adverti-los contra muitos males horrendos, nos quais eles haviam sido anteriormente viciados.

I Ele coloca para eles como uma verdade simples, da qual eles não poderiam ser ignorantes, que tais pecadores não herdarão o Reino de Deus. O menor dentre eles devia saber no mínimo isto, que "*os injustos não hão de herdar o Reino de Deus*" (v. 9), não serão reconhecidos como sua igreja verdadeira na terra, nem admitidos como membros gloriosos da igreja no céu. Toda injustiça é pecado; e todo pecado reinante, mais ainda, todo pecado efetivo cometido deliberadamente, e do qual não houve arrependimento, exclui do Reino dos céus. Ele especifica vários tipos de pecados: contra o primeiro e segundo mandamentos, como *idólatras*; contra o sétimo, como *adúlteros, fornicários, afeminados,* e *sodomitas*; contra o oitavo, como *ladrões* e *roubadores*, que por força ou fraude cometem injustiça contra o seu próximo; contra o nono, como *maldizentes*; e contra o décimo, como *avarentos* e *bêbados*, como aqueles que, de maneira geral, estão por quebrar todo o resto. Aqueles que conheciam qualquer coisa da religião cristã deviam saber que o céu nunca foi planejado para esses pecadores. A escória da terra não é de forma nenhuma apropriada para adaptar-se às mansões celestiais. Aqueles que fazem a obra do diabo nunca podem receber a recompensa de Deus, pelo menos não outra que a *morte, o justo salário do pecado* (Rm 6.23).

II Ele ainda os adverte contra os que se enganam a si mesmos: "*Não erreis*". Aqueles que não podem deixar de conhecer a verdade supracitada são muito hábeis em não observá-la. Os homens estão muito inclinados a gabar-se a si mesmos de que *Deus é como um deles mesmos*, e que eles podem viver em pecado e ainda morrer em Cristo, podem conduzir sua vida de filhos do diabo e ainda ir para o céu com os filhos de Deus. Mas isto é tudo um total engano. Note que é grande a necessidade da humanidade de não se enganar a si mesma nas questões referentes à alma. Nós não podemos semear para a carne e mesmo assim esperar colher a vida eterna.

III Ele os relembra da mudança que o evangelho e a graça de Deus operaram neles: E "*é o que alguns têm sido*" (v. 11), tais notórios pecadores como ele estava dizendo. A palavra grega é *tauta – tais coisas* foram alguns de vocês, mais monstros que homens. Note que alguns que são eminentemente bons após a sua conversão foram extraordinariamente perniciosos antes. *Quantum mutatus ab illo! Quão gloriosa mudança a graça produz!* Ela transforma os mais vis dos homens em santos e filhos de Deus. Tais foram alguns de vocês, mas vocês não são o que eram. "*Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus*". Note que a maldade dos homens antes da conversão não é obstáculo para a sua regeneração e reconciliação com Deus. O sangue de Cristo e *a lavagem da regeneração* podem purificar de toda culpa e corrupção. Aqui está uma mudança retórica da ordem natural: *mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados*. A santificação é mencionada antes da justificação; e ainda o nome de Jesus Cristo, pelo qual somos justificados, está colocado antes do Espírito de Deus, por quem somos santificados. Nossa justificação depende do mérito de Cristo, nossa santificação, da operação do Espírito, mas ambas andam juntas. Note que ninguém é purificado da culpa do pecado e reconciliado com Deus através de Cristo, a não ser aqueles que também são santificados pelo Espírito. Todos os que são justificados na visão de Deus são santificados pela graça de Deus.

Contra a Fornicação

vv. 12-20

O versículo 12 e a primeira parte do 13 parecem referir-se àquela disputa antiga entre os cristãos acerca da distinção de carnes, e ainda ser prefácio da advertência que segue contra a fornicação. A conexão parece clara o suficiente se observarmos a famosa decisão dos apóstolos (At 15), em que a proibição de certos alimentos juntava-se àquela da fornicação. Então, alguns entre os coríntios parecem ter imaginado que eles tinham tanta liberdade no que se referia à fornicação quanto no que se referia às carnes, especialmente porque ela não era um pecado condenado pelas leis do país. Eles estavam prontos para dizer, até no caso da fornicação: "*todas as coisas me são lícitas*". Aqui Paulo coloca-se como opositor desse pensamento pernicioso: ele lhes diz que muitas coisas legítimas em si mesmas não eram convenientes em certos momen-

tos, e sob circunstâncias particulares; e os cristãos não devem considerar mal o que em si é legítimo de ser feito, mas o que é inapropriado para eles fazerem, considerando sua confissão, caráter, relações e esperanças; eles devem ser muito cuidadosos para que, levando esta máxima muito longe, não sejam levados à escravidão, seja de um enganador astucioso ou da inclinação carnal. "*Todas as coisas me são lícitas*", ele diz, "*mas eu não me deixarei dominar por nenhuma*" (v. 12). Até nas coisas legais ele não estaria sujeito a imposições de uma autoridade usurpada, tão distante ele estava de perceber que nas coisas de Deus era legítimo para qualquer poder na terra impor seus próprios sentimentos. Note que há uma liberdade por meio da qual Cristo nos tem feito livres, na qual nós devemos ficar seguros. Mas certamente ele nunca levaria esta liberdade tão longe quanto colocar-se sob o poder de algum apetite carnal. Embora todas as carnes fossem legítimas, ele não se tornaria um glutão nem um bêbado. E muito menos ele abusaria da máxima da liberdade legítima para aprovar o pecado da fornicação, que, embora pudesse ser permitida pelas leis coríntias, era uma transgressão da lei da natureza, e totalmente inconveniente a um cristão. Ele não abusaria dessa máxima sobre comida e bebida para encorajar qualquer intemperança, nem favorecer um apetite carnal: "*Os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares* (v. 13), embora o estômago tenha sido feito para receber alimento, e o alimento tenha sido originalmente designado para encher o estômago, ainda se não for conveniente para mim, e muito mais se for inconveniente, e provavelmente para me escravizar, se eu estiver em perigo de ser dominado pelo meu estômago e apetite, eu me absterei. *Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros*, pelo menos para a sua relação mútua. Haverá um tempo em que o corpo humano não precisará mais de comida". Alguns dos antigos supunham que isto deve ser entendido como a abolição do estômago e da comida; e que embora o mesmo corpo seja levantado no grande dia, ainda não será com todos os membros e órgãos, alguns sendo totalmente desnecessários em um estado futuro, como o estômago, por exemplo, quando o homem nunca mais terá fome, nem sede, nem comerá, nem beberá. Mas, se isto é verdadeiro ou não, haverá um tempo quando a necessidade e o uso de comida serão abolidos. Note que a expectativa que temos de estar sem apetites corporais em uma vida futura é um argumento muito bom contra estar sob seu poder na vida presente. Isto me parece o significado do argumento do apóstolo, e que essa passagem deve ser claramente vinculada com sua advertência contra a fornicação, embora alguns façam dela uma parte do argumento anterior contra os processos litigiosos, especialmente perante magistrados pagãos e os inimigos da verdadeira religião. Isto supõe que o apóstolo argumenta que embora possa ser legítimo reivindicar nossos direitos, ainda que não seja conveniente, é totalmente inadequado para os cristãos colocarem-se sob o poder de juízes e advogados infiéis, nesses negócios. Mas esta conexão não parece natural. A transição para esses argumentos contra a fornicação, como eu havia colocado, parece muito natural: "*mas o corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo*" (v. 13). Carnes e o estômago são um para o outro; mas isso não ocorre com a fornicação e o corpo.

I O corpo não é para a fornicação, mas para o Senhor. Este é o primeiro argumento que ele usa contra esse pecado, pelo qual os habitantes pagãos de Corinto eram famosos, e sobre o qual os convertidos ao cristianismo conservavam uma opinião favorável demais. É fazer coisas que contrariem as intenções e os costumes deles. "*O corpo não é para a prostituição*", ele nunca foi formado para esse propósito, "*senão para o Senhor*", para o serviço e a honra de Deus. Ele deve ser um instrumento de *justiça para a santificação* (Rm 6.19), e assim nunca deve ser feito instrumento da impureza. Deve ser um membro de Cristo, e assim não deve ser feito o membro de uma prostituta (v. 15). E *o Senhor* é *para o corpo*, isto é, como alguns pensam, Cristo deve ser o Senhor do corpo, ter propriedade nele e domínio sobre ele, havendo assumido um corpo e compartilhado de nossa natureza, que Ele possa ser cabeça de sua igreja e cabeça sobre todas as coisas (Hb 2.5,18). Nós devemos tomar cuidado para não usarmos o que pertence a Cristo como se fosse nosso, e muito menos para a desonra dele.

II Alguns entendem esta passagem: *o Senhor para o corpo*, assim: Ele é para a ressurreição e glorificação do corpo, de acordo com o que segue (v. 14), que é um segundo argumento contra esse pecado, a honra planejada para nossos corpos: "*Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder*" (v. 14), pelo poder daquele que "*transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas*" (Fp 3.21). É uma honra feita ao corpo o fato de que Jesus Cristo foi levantado dos mortos: e será uma honra aos nossos corpos que eles serão levantados. Não abusemos daqueles corpos pelo pecado, e os façamos vis, para que, se eles forem mantidos puros, sejam feitos, apesar de sua presente pequenez, como o *glorioso corpo de Cristo*. Note que as esperanças de uma ressurreição para a glória devem impedir os cristãos de desonrarem seus corpos com luxúrias carnais.

III Um terceiro argumento é a honra já colocada sobre eles: "*não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo?*" (v. 15). Se a alma estiver unida a Cristo pela fé, o homem todo é transformado em um membro de seu corpo místico. O corpo está em união com Cristo tanto quanto a alma. Quão louvável é isto para o cristão! Sua verdadeira carne é uma parte do corpo místico de Cristo. Note que é bom saber em que honrosa relação nós estamos, que devemos nos esforçar para nos tornar assim. "*Tomarei, pois*", diz o apóstolo, "*os membros de Cristo e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo*". Ou, *lançarei fora* os membros de Cristo? Isto não seria um abuso grosseiro e o mais notório insulto? Não estaríamos desonrando a Cristo, e desonrando a nós mesmos ao último grau? O que? Fazer de membros de Cristo membros de uma prostituta, prostituí-los a um propósito tão vil? O pensamento deve ser abominado. Absolutamente, não. "*Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne. Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito*" (vv. 16,17). Nada pode estar em maior oposição às honráveis rela-

ções e alianças de um cristão do que este pecado. Ele está unido ao Senhor em união com Cristo, e é feito participante de seu Espírito pela fé. Um espírito vive, respira e se move na cabeça e nos membros. Cristo e seus discípulos fiéis são um (Jo 17.21,22). *O homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela* pela união carnal, a qual fora ordenada por Deus somente no estado do casamento. Então, alguém em uma união tão próxima com Cristo, como para ser um espírito com Ele, pode ainda estar assim unido a uma prostituta, como para tornar-se uma só carne com ela? Isto não era uma tentativa vil de fazer uma união entre Cristo e prostitutas? E pode haver uma indignidade maior ao que Ele ofereceu para nós mesmos? Pode alguma coisa ser mais inconsistente com nossa confissão ou relação? Note que o pecado da fornicação é uma grande ofensa em um cristão ao seu Cabeça e Senhor, e uma grande vergonha e mancha em sua confissão. Não é de admirar conseqüentemente que o apóstolo dissesse: "*Fugi da prostituição* (v. 18); evitai-a, mantende-vos distantes das tentações que conduzem a ela, de objetos provocadores. Dirigi vossos olhos e mentes para outras coisas e pensamentos." *Alia vitia pugnando, sola libido fugiendo vincitur – outros vícios podem ser vencidos em luta, este, somente pela fuga*; assim falam muitos dos pais da igreja.

IV O quarto argumento é que a prostituição é um pecado contra nossos próprios corpos. "*Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo*" (v. 18); todo pecado, isto é, qualquer outro pecado, todo ato externo de pecado, é fora do corpo. Não é tanto um abuso do corpo quanto de outra coisa, como de vinho pelo bêbado ou de comida pelo glutão etc. Nem dá o poder do corpo para outra pessoa. Nem tende tanto à vergonha do corpo para torná-lo vil. Esse pecado está intitulado de uma forma peculiar de impureza, poluição, porque nenhum pecado tem tanta torpeza externa em si, especialmente em um cristão. Ele peca contra seu próprio corpo; ele o suja, degrada-o, fazendo-o um com aquela vil criatura com quem ele peca. Ele lança vil reprovação sobre o que seu Redentor tem dignificado ao último grau ao uni-lo consigo mesmo. Note que nós não devemos fazer nosso atual corpo vil ainda mais vil, ao pecar contra ele.

V O quinto argumento contra esse pecado é que o corpo do cristão é o "*templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus*" (v. 19). Aquele que está unido com Cristo é um espírito. Aquele que se entrega a Ele, é assim consagrado a Ele e separado para o seu uso, e é depois disso possuído, ocupado e habitado pelo seu Espírito Santo. Esta é a própria noção de templo – um lugar onde Deus habita e que é consagrado para o uso dele, para seu próprio direito e reivindicação de suas criaturas. Os verdadeiros cristãos são tais templos do Espírito Santo. Ele não deve, portanto, ser Deus? Mas a inferência clara é que, por isso, não nos pertencemos. Nós somos de Deus, possuídos por e para Deus; mais ainda, isto em virtude de uma aquisição que Ele fez de nós: "*porque fostes comprados por bom preço*". Resumindo, nossos corpos foram feitos para Deus, eles foram comprados por Ele. Se nós somos cristãos, de fato eles são dele, e Ele os habita e os ocupa pelo seu Espírito, de maneira que nossos corpos não são nossos, mas dele. E nós profanaremos seu templo, o sujaremos, o prostituiremos, e o ofereceremos ao uso e serviço de uma prostituta? Que horrível sacrilégio! Isto é roubar a Deus no pior sentido. Note que o templo do Espírito Santo deve ser guardado santo. Nossos corpos devem ser guardados para aquele a quem pertencem, e devem ajustar-se para seu uso e residência.

VI O apóstolo argumenta com base na obrigação que temos de glorificar a Deus com nosso corpo e espírito, "*os quais pertencem a Deus*" (v. 20). Ele fez ambos, comprou a ambos e assim ambos pertencem a Ele e devem ser usados e empregados para Ele, e, conseqüentemente, não devem ser manchados, alienados dele e prostituídos por nós. Não, eles devem ser mantidos como vasos adequados para o uso de nosso Mestre. Nós devemos considerar todo o nosso ser como santo para o Senhor, e devemos usar nossos corpos como propriedade que pertence a Ele e é sagrada para seu uso e serviço. Nós devemos honrá-lo com nossos corpos e espíritos, os quais são dele; e assim, com certeza, devemos nos abster da fornicação; e não somente do ato externo, mas do *adultério do coração*, como nosso Senhor o denomina (Mt 5.28). Corpo e espírito devem ser mantidos puros, para que Deus possa ser honrado por ambos. Mas Deus é desonrado quando um ou outro é manchado por tão bestial pecado. Usem seus corpos para a glória e o serviço do Mestre e Criador deles. Note que nós não somos proprietários de nós mesmos, nem temos poder sobre nós mesmos, e por isso não devemos usar a nós mesmos de acordo com o nosso próprio desejo, mas de acordo com a sua vontade e para a sua glória, *de quem somos e a quem servimos* (At 27.23).

CAPÍTULO 7

Nesse capítulo, o apóstolo responde a algumas perguntas apresentadas a ele pelos coríntios a respeito do casamento. Ele: I. Mostra-lhes que o casamento foi decretado como um remédio contra a fornicação, e por essa razão aquelas pessoas fariam melhor em casar-se do que em abrasar-se (vv. 1-9). II. Ele orienta aqueles que são casados a continuarem juntos, embora eles possam ter um cônjuge incrédulo, a menos que este se separe; neste caso um cristão não deveria estar em escravidão (vv. 10-16). III. Ele lhes mostra que cristãos recém-convertidos não devem mudar sua situação externa; e, por isso, adverte a cada um a continuar, em geral, no estado em que fora chamado (vv. 17-24). IV. Ele os aconselha por razão da presente angústia a permanecer sem casar; alude à brevidade do tempo, e de como eles deveriam aproveitá-lo, assim como permanecer mortos e indiferentes aos confortos do mundo; e lhes mostra o quanto os cuidados mundanos estorvam suas devoções e os distraem do serviço de Deus (vv. 25-35). V. Ele os orienta na forma de tratar as suas virgens (vv. 36-38). VI. E encerra o capítulo com conselhos às viúvas sobre como devem se portar naquele estado (vv. 39,40).

Contra a Fornicação
vv. 1-9

O apóstolo trata então, como um instrutor hábil e fiel, de alguns casos de consciência que os coríntios lhe haviam proposto. Eram coisas que eles lhe escreveram (v. 1). Como os lábios dos ministros devem *guardar conhecimento*, assim as pessoas devem *perguntar pela lei em seus lábios*. O apóstolo estava tão determinado a resolver quanto eles estavam de apresentar suas dúvidas. No capítulo anterior, ele os advertira a evitarem a fornicação; aqui, ele lhes orienta sobre o casamento, o remédio que Deus estabeleceu contra ela. Ele lhes fala em geral:

I Que era bom, ao menos naquela época, absterem-se do casamento de modo geral: "*bom seria que o homem não tocasse em mulher*" (não tomá-la por mulher); bom aqui não deve ser entendido como o que é conforme à mente e à vontade de Deus, como se fazer diferente fosse pecado, um extremo no qual muitos dos antigos têm incorrido para defender o celibato e a virgindade. Se o apóstolo fosse compreendido neste sentido, ele contradiria muito do resto do seu discurso. Mas é bom, isto é, conforme as circunstâncias, há muitas coisas em que o estado do celibato tem vantagens sobre o estado do casamento; ou também *nesta conjuntura*, por causa das angústias da igreja cristã, seria conveniente para os cristãos manterem-se solteiros, contanto que eles tenham o dom da continência e ao mesmo tempo possam manter-se castos. A expressão também pode carregar nela uma insinuação de que os cristãos devem evitar todas as ocasiões deste pecado, e fugir de todas as luxúrias carnais e incentivos a elas; não devem nem olhar, nem tocar uma mulher, de maneira a provocar inclinações libidinosas. No entanto:

II Ele os instrui que o casamento, com os confortos e satisfações daquele estado, é determinado pela divina sabedoria para prevenir a fornicação (v. 2), *porneias – fornicações*, toda sorte de luxúrias. Para evitá-las, "*cada um*", diz ele, "*tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido*"; isto é, casem-se e limitem-se aos seus próprios cônjuges. E, quando estiverem casados, cada um conceda ao outro *o que lhe é devido* (v. 3), considere a disposição e a exigência de cada um, e conceda o dever conjugal, que é de direito de cada um. Pois, como o apóstolo argumenta (v. 4), no estado do casamento nenhuma pessoa tem poder sobre o seu próprio corpo, mas o entregou ao poder do outro, o da mulher ao poder do marido, e o do marido ao poder da mulher. Note que a poligamia ou o casamento com mais de uma pessoa, tanto quanto o adultério, é uma violação do contrato de casamento, e uma violação dos direitos do cônjuge. E, por isso, eles não devem defraudar um ao outro em relação ao uso de seus corpos, nem qualquer outro dos alívios do estado conjugal, estabelecido por Deus para manter *o vaso em santificação e honra*, e prevenir as concupiscências da impureza, exceto "*por consentimento mútuo*" (v. 5) e somente "*por algum tempo*", enquanto eles se empenham em algumas tarefas extraordinárias da religião, ou para *se dedicarem ao jejum e à oração*. Note que períodos de humilhação profunda exigem abstinência de prazeres legítimos. Mas esta separação entre marido e mulher não deve ser contínua, a fim de que eles não se exponham às tentações de Satanás, por razão de sua incontinência ou inabilidade para conter-se. Note que as pessoas se expõem a si mesmas a grandes perigos ao se esforçarem para executar o que está acima de suas forças, e, ao mesmo tempo, estando desligadas de qualquer lei de Deus. Se elas se abstêm dos prazeres legítimos, elas podem ser seduzidas por pessoas ilegítimas. As soluções que Deus providenciou contra inclinações pecaminosas certamente são melhores.

III O apóstolo limita o que ele tem dito acerca de que "*cada um tenha a sua própria mulher*" (v. 2): "*Digo, porém, isso como que por permissão e não por mandamento*". Ele não estabelece isto como uma regra sobre todo homem, para que se case sem exceção. Qualquer homem pode casar-se. Mas, por outro lado, nenhuma lei obriga um homem a casar, de maneira que ele peque se não o fizer; quero dizer, a menos que sua situação exija prevenir a concupiscência da impureza. Era uma coisa em que os homens, pela lei de Deus, gozavam, em grande medida, de liberdade. E por essa razão Paulo não obrigou cada homem a casar, embora cada homem tivesse uma tolerância. Não, ele podia desejar "*que todos os homens fossem como ele mesmo*" (v. 7), isto é, solteiro, e capaz de viver castamente naquele estado. Havia várias conveniências nele, que, naquela época, se não em todas, era preferível em si mesmo. Note que é uma marca de verdadeira bondade desejar que todos os homens sejam tão felizes quanto nós mesmos. Mas não correspondeu às intenções da divina Providência tão bem para todos os homens que tivessem tanto controle desse apetite quanto Paulo tinha. Era um dom concedido a tantas pessoas quanto a Infinita Sabedoria pensava apropriado: "*mas cada um tem de Deus o seu próprio Dom, um de uma maneira, e outro de outra*". As constituições naturais variam e, onde eles podem não ser tão diferentes na constituição, são concedidos diferentes graus de graça, os quais podem dar a alguns uma vitória maior sobre a inclinação natural do que a outros. Note que os dons de Deus, tanto na natureza quanto na graça, são distribuídos variavelmente. Alguns os têm desta maneira, outros, de outra. Paulo podia desejar que todos os homens fossem como ele mesmo, porém "*nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido*" (Mt 19.11).

IV Ele resume seu significado neste ponto (vv. 8,10): "*Digo, porém, aos solteiros e às viúvas*", àqueles que estão em um estado de virgindade ou viuvez, "*que lhes é bom se ficarem como eu*". Há muitas conveniências, e especialmente na conjuntura da época, em um estado de solteiro, que o consideraria preferível ao de casado. É, por isso, conveniente que os "*solteiros permanecessem no estado em que também eu vivo*", o que sugere que naquele tempo Paulo não era casado. "*Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se*". Este é o remédio para a luxúria. O fogo pode ser extinto pelos recursos que ele apontou. E o casamento, com todas as suas inconveniências, é muito melhor do que abrasar-se com impureza e

desejos lascivos. *O casamento em tudo é honrável*, mas é um dever naqueles que não podem conter-se nem dominar suas inclinações.

A Inviolabilidade da União Matrimonial
vv. 10-16

Nesse parágrafo, o apóstolo lhes dá orientação em um caso que devia ser muito freqüente naquele período do mundo, especialmente entre os convertidos judeus. Eu sustento que era o de viverem com cônjuges pagãos em um estado de casamento. A lei de Moisés permitia o divórcio; e havia um exemplo famoso no estado judeu, quando as pessoas foram obrigadas a mandar embora suas esposas idólatras (Ed 10.3). Isto podia trazer dúvidas a muitas mentes, se os convertidos ao cristianismo não seriam obrigados a mandar embora ou abandonar seus cônjuges que permaneciam infiéis. O apóstolo lhes orienta a respeito deste assunto. E:

I Em geral, ele lhes diz que, por ordem de Cristo, o casamento é para a vida inteira; e por essa razão, aqueles que são casados não devem pensar em separação. A mulher "*se não aparte do marido*" (v. 10), e o "*marido não deixe a mulher*" (v. 11). Isto "*mando*", diz o apóstolo, "*não eu, mas o Senhor*". Não que ele ordenasse alguma coisa de sua própria cabeça, ou por sua própria autoridade. Qualquer coisa que ele ordenava era mandamento do Senhor, ditado pelo Espírito e ordenado pela sua autoridade. Mas seu significado é que o Senhor mesmo, com sua própria boca, proibira tais separações (Mt 5.32; 19.9; Mc 10.11; Lc 16.18). Note que homem e mulher não podem separar-se por vontade, nem dissolver seus laços e relações matrimoniais quando eles quiserem. Eles não devem separar-se por nenhum outro motivo, a não ser aquele que Cristo permite. E por isso o apóstolo os aconselha que se qualquer mulher tiver se separado, seja por ato voluntário seu ou por um ato de seu marido, ela deve continuar sem se casar, e buscar reconciliação com o seu marido, para que possam coabitar novamente. Note que maridos e esposas não devem brigar de forma alguma, ou devem se reconciliar rapidamente. Eles estão obrigados a viver um com o outro. A lei divina não permite nenhuma separação. Eles não podem lançar fora o fardo, e por essa razão devem oferecer os seus ombros para sustentá-lo, e esforçar-se em torná-lo tão leve um ao outro quanto puderem.

II Ele aplica o conselho geral ao caso em que há um cônjuge incrédulo (v. 12): "*Mas, aos outros, digo eu, não o Senhor*", o Senhor não havia falado tão claramente como no caso anterior do divórcio. Isto não significa que o apóstolo falasse sem autoridade do Senhor, ou decidisse essa questão por sua própria sabedoria, sem a inspiração do Espírito Santo. Ele conclui seu assunto com uma declaração ao contrário (v. 40): "*e também eu cuido que tenho o Espírito de Deus*". Mas, havendo assim introduzido seu conselho, nós devemos considerar:

1. O próprio conselho, de que se uma esposa ou marido incrédulo quiser viver com um cônjuge cristão, o outro não deve separar-se. O marido não deve repudiar uma esposa incrédula, nem a esposa deixar um marido incrédulo (vv. 12,13). O chamado cristão não dissolvia o contrato de casamento, mas obrigava-o mais ainda, trazendo-o de volta à instituição original, limitando-o a duas pessoas, e obrigando-as a viverem a vida juntas. O crente não está desobrigado das obrigações matrimoniais com um incrédulo por causa da fé em Cristo, mas está ao mesmo tempo obrigado e habilitado a ser um cônjuge melhor. Mas, embora uma esposa ou um marido crentes não devam separar-se de um cônjuge incrédulo, mesmo assim, se o cônjuge incrédulo apartar-se do crente, e não houver recursos que possam reconciliar a convivência, em tal caso, "*o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão*" (v. 15), não está sujeito aos caprichos temperamentais, e não está obrigado a seguir servilmente ou a apegar-se ao desertor malicioso, ou não está obrigado a viver não casado depois que todos os recursos próprios para a reconciliação tenham sido tentados, pelo menos se o desertor contrair um outro casamento ou for culpado de adultério, que era uma conjectura muito corriqueira, por causa de um exemplo muito comum entre os habitantes pagãos de Corinto. Em tal caso, a pessoa repudiada devia estar livre para casar-se novamente, e isto seria totalmente permitido. E alguns pensam que tal deserção maliciosa é tanto uma dissolução do contrato de casamento quanto a própria morte. Pois como é possível que *os dois sejam uma só carne* quando um é maliciosamente inclinado a apartar-se ou a repudiar o outro? De fato, o desertor parece até obrigado pelo contrato matrimonial; e por essa razão o apóstolo diz (v. 11): "*se, porém, se apartar*", por conta de sua infidelidade, "*que fique sem casar*". Mas a parte que é repudiada parece ser deixada em mais liberdade (eu quero dizer, supondo que todos os recursos próprios tenham sido usados para recuperar o desertor, e outras circunstâncias o tornem necessário) para casar-se com outra pessoa. Não parece razoável que eles devam estar ainda obrigados, quando está claro que é impossível cumprir os deveres conjugais ou gozar o bem-estar conjugal, através da mera falta de seus pares. Em tal caso, o casamento decerto seria um estado de servidão. Mas, fossem quais fossem as liberdades com que cristãos eram favorecidos em um caso como esse, eles não deveriam separar-se por causa da infidelidade de um esposo ou uma esposa inconversa; mas, se o cônjuge incrédulo desejasse, eles deveriam continuar na relação e conviverem como aqueles que assim estavam relacionados. Esta é a orientação geral do apóstolo.

2. Aqui nós temos as razões para esse conselho. (1) Porque a relação ou o estado é santificado pela santidade de uma parte: "*Porque o marido descrente é santificado pela mulher, e a esposa descrente é santificada pelo marido*" (v. 14), ou têm sido santificados. A própria relação, e o uso conjugal que um faz do outro, é santificada para o crente. "*Todas as coisas são puras para os puros*" (Tt 1.15). O casamento é uma instituição divina, é um pacto para a vida, estabelecido por Deus. Tivesse a convivência e a união com os incrédulos naquela relação sujado o crente, ou tornado ele, ou ela, ofensivo a Deus, os alvos do casamento teriam sido frustrados, e os confortos, de alguma forma destruídos, nas circunstâncias em que estavam os cristãos. Mas o apóstolo lhes fala que, embora eles estivessem sob o mesmo jugo com os incrédulos, ainda assim, se eles mesmos eram santos, o casamento era para eles um estado santo, e

os confortos do casamento, ainda que com um cônjuge incrédulo, eram prazeres santificados. Não era mais desagradável para Deus o fato de não terem se convertido juntos do que viverem como antes, com seus cônjuges pagãos ou incrédulos. Se um dos cônjuges tivesse se tornado santo, nada dos deveres ou confortos legítimos do estado do casamento podia manchá-los e torná-los desagradáveis a Deus, embora o outro fosse pagão. Ele é santificado por causa da esposa. Ela é santificada por causa do marido. Ambos são uma só carne. Ele, que é uma só carne com ela que é santa, deve ser considerado limpo, e vice-versa: "*Doutra sorte, os vossos filhos seriam imundos; mas, agora, são santos*" (v. 14), isto é, eles seriam pagãos, fora dos limites da igreja e da aliança de Deus. Eles não seriam da semente santa (como os judeus são chamados – Is 6.13), mas comuns e impuros, no mesmo sentido como os pagãos eram chamados em geral na visão do apóstolo (At 10.28). Esta maneira de falar está de acordo com a cultura dos judeus, entre os quais uma criança nascida de pais ainda pagãos era chamada de nascida *fora da santidade*, e uma criança nascida de pais prosélitos, nascida *intra sanctitatem – dentro do muro santo*. Assim, os cristãos geralmente são chamados de *santos*; eles o são pela confissão, separados para serem um povo peculiar de Deus, e como tal, distintos do mundo. Assim, as crianças nascidas aos cristãos, embora casados com incrédulos, não são consideradas como partes do mundo, mas da igreja, uma semente santa, não comum e impura. "Continuem por essa razão a viver até com cônjuges incrédulos, pois, se vocês são santos, a relação também é, o estado também é, vocês podem fazer um uso santo até de um cônjuge incrédulo, em deveres conjugais, e a sua semente também será santa." Que conforto é esse, em que ambos os cônjuges são crentes! (2) Outra razão é que *Deus tem chamado os cristãos à paz* (v. 15). A religião cristã nos obriga a agir pacificamente em nossas relações, naturais ou civis. Nós somos obrigados a: "*quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens*" (Rm 12.18), e, por essa razão, com certeza, a promover a paz e o conforto de nossos cônjuges, aqueles com os quais somos uma só carne, ainda mais, embora eles sejam pagãos. Note que deve ser o labor e o alvo daqueles que são casados tornarem um ao outro tão confortáveis e felizes quanto possível. (3) Uma terceira razão é que é possível para o cônjuge crente ser um instrumento da salvação do outro (v. 16): "*Porque, donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido?*" Note que é o dever daqueles em tão íntima relação buscar a salvação daqueles com quem eles estão relacionados. "Não se separem. Há outro dever para o qual vocês são chamados. A relação conjugal clama por afeição mais íntima e agradável; é um contrato para a vida. E um cristão deve apartar-se de um cônjuge quando uma oportunidade surge de dar a prova de amor mais gloriosa? Fiquem e trabalhem sinceramente para a conversão de seu cônjuge. Esforcem-se em salvar uma alma. Quem sabe este possa ser o caso? Não é impossível. E, embora não haja grande probabilidade, salvar uma alma é um serviço tão glorioso e bom que apenas a possibilidade deve dispor alguém a se esforçar." Note que a mera possibilidade de sucesso deve ser motivo suficiente para nós usarmos nossos esforços diligentes para salvar a alma de nosso cônjuge. "*O que eu sei a não ser que eu devo salvar a sua alma?* Isto deve me mover a tentá-lo."

O Contentamento Cristão

vv. 17-24

Aqui o apóstolo aproveita a ocasião para aconselhá-los a continuar no estado e na condição nos quais o cristianismo os encontrou, e nos quais eles se converteram. E aqui:

I Ele estabelece esta regra geral – "*como o Senhor o chamou*". Note que nossos estados e circunstâncias neste mundo são distribuições da divina Providência. *Isto fixa os limites das habitações dos homens* e ordena seus passos. Deus levanta e derruba. E novamente, *como o Senhor chamou a cada um, assim caminhe*. Quaisquer que fossem as circunstâncias ou condições em que cada um estava quando se converteu ao cristianismo, continue nelas, e adapte sua conversão a elas. As regras do cristianismo alcançam cada condição. E em cada estado, um homem pode viver de maneira a honrá-la. Note que é dever de cada cristão adequar seu comportamento à sua condição e às regras da religião, estar satisfeito com sua porção e conduzir-se neste posto e lugar quando se torna um cristão. O apóstolo acrescenta que isto era uma regra geral para ser observada em todos os tempos e em todos os lugares: "*É o que ordeno em todas as igrejas*".

II Ele especifica casos particulares, como: 1. O da circuncisão. "*É alguém chamado, estando circuncidado? Fique circuncidado. É alguém chamado, estando incircuncidado? Não se circuncide*". Não importa se um homem for judeu ou gentio, dentro do pacto de singularidade feito com Abraão ou fora dele. Aquele que é convertido, sendo judeu, não tem necessidade de inquietar-se nesse ponto, e desejar reverter a circuncisão. Nem aquele convertido dentre os gentios tem a obrigação de ser circuncidado: nem deve ele estar preocupado porque quer aquela marca de distinção que antigamente pertencera ao povo de Deus. Pois, como o apóstolo continua, "*a circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus*" (v. 19). Do ponto de vista da aceitação de Deus, não importa se um homem é circuncidado ou não. Note que é na religião prática, na obediência sincera aos mandamentos de Deus, que o evangelho põe ênfase. Observâncias externas sem piedade interna não são nada. Por essa razão, "*cada um fique na vocação* (no estado) *em que foi chamado*" (v. 20). 2. O da escravidão e da liberdade. Era comum naquela época muitos estarem no estado de escravidão, comprados e vendidos por dinheiro, e assim, serem a propriedade daqueles que os compravam. Então, diz o apóstolo: "*Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado.* Não estejas ansioso com isso. Não é incompatível com teu dever, profissão ou esperança como um cristão; *e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião*" (v. 21). Há muitas conveniências em um estado de liberdade em relação àquele de escravidão: um homem tem mais poder sobre si mesmo, e mais domínio de seu tempo, e não está sob o controle de um outro senhor; e por essa razão a liberdade é o estado mais desejável. Mas a condição exterior dos homens não impede nem promove a aceitação de Deus. Porque o que é chamado, "*sendo servo, é liberto do Senhor – apeleutheros, e, da*

mesma maneira, também o que é chamado, sendo livre, servo é de Cristo". Embora ele não seja liberto do serviço de seu amo, ele está liberto do domínio e da servidão do pecado. Embora ele não seja escravo de Cristo, ele ainda está obrigado a entregar-se totalmente à sua vontade e serviço, ainda que este serviço seja perfeita liberdade. Note que nosso conforto e felicidade dependem do que somos para Cristo, não o que somos no mundo. A bondade de nossa condição exterior não nos liberta dos deveres do cristianismo, nem a maldade dela nos exclui dos privilégios cristãos. Aquele que é um escravo ainda pode ser um cristão livre, e aquele que é um homem livre ainda pode ser um escravo de Cristo. Ele é comprado por um preço, e conseqüentemente não deve ser escravo de homem. Não que ele deva demitir-se do serviço de seu amo, ou não tomar todas as medidas adequadas para agradá-lo (isto seria contradizer todo o alcance do discurso do apóstolo); mas ele não pode ser tão escravo de homens, exceto que a vontade de Cristo possa ser obedecida e considerada mais do que a de seu amo. Jesus pagou um preço mais caro por ele, e tem muito mais direito de propriedade sobre ele. Ele deve ser servido e obedecido sem limites ou reservas. Note que os servos de Cristo não devem estar sob o absoluto comando de nenhum outro amo além dele, não devem servir a nenhum homem, nada além do que é coerente com seu dever para com Ele. *Nenhum homem pode servir a dois senhores*. Embora alguns entendam esta passagem de pessoas sendo resgatadas da escravidão pela generosidade e caridade de colegas cristãos, e leiam a passagem assim. *Vocês têm sido redimidos da escravidão por um preço? Não se tornem novamente escravos*; como antes ele havia aconselhado, se na escravidão eles tinham alguma perspectiva de serem libertos, eles deviam escolher isto. As palavras podem até levar a este significado, mas o outro parece mais natural (ver cap. 6.20).

III Ele resume seu conselho: "*cada um fique diante de Deus no estado em que foi chamado*" (v. 24). Isto deve ser compreendido a respeito do estado no qual o homem é convertido ao cristianismo. Nenhum homem deve fazer de sua fé ou religião um argumento para quebrar quaisquer obrigações civis ou naturais. Ele deve permanecer silenciosa e confortavelmente na situação em que ele está; e isto ele pode fazer bem quando pode permanecer nesse aspecto com Deus. Note que a presença especial e o favor de Deus não são limitados por nenhuma condição exterior ou realização. Aquele que é circuncidado pode alegrar-se, assim como aquele que não é circuncidado. Aquele que é escravo pode fazê-lo tão bem quanto o que é livre. A respeito disso, "*não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre*" (Cl 3.11). O favor de Deus não tem limites.

Orientações com vistas à Prudência
vv. 25-35

Aqui o apóstolo resume seu discurso e dá orientações de como as virgens devem agir, a respeito das quais devemos observar:

I A maneira como ele inicia: "*Ora, quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor* (v. 25). Eu não tenho nenhuma lei universal e clara entregue pelo próprio Senhor a respeito do celibato; *dou, porém, o* meu *parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel*", a saber, no apostolado. Ele atuou fielmente e, por essa razão, sua orientação devia ser considerada como uma regra de Cristo, pois ele deu um julgamento como alguém que era um fiel apóstolo de Cristo. Embora não tivesse dado antes uma lei universal acerca do assunto, Jesus agora orienta através de um apóstolo inspirado, alguém que havia obtido misericórdia do Senhor para ser fiel. Note que a fidelidade no ministro se deve à graça e misericórdia de Cristo. E o que Paulo estava pronto para admitir em todas as ocasiões: "*trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus que está comigo*" (cap. 15.10). E é uma grande misericórdia que recebem de Deus aqueles que se mostram fiéis no ministério da sua palavra, seja ordinário ou extraordinário.

II A decisão que ele toma, de que, considerando a angustiante situação, um estado de celibato era preferível: "*...é bom para o homem o estar assim*", isto é, permanecer solteiro. "*Tenho, pois, por bom...*", diz o apóstolo, ou, é minha opinião. Ela é expressa com modéstia, mas entregue, todavia, com autoridade apostólica. Não é a mera opinião de um homem particular, mas a verdadeira decisão do Espírito de Deus em um apóstolo, embora ela seja dita assim. E assim ela foi entregue para dar maior peso. Aqueles que sentiam-se lesados pelo apóstolo podiam ter rejeitado esse conselho dado com um mero ar de autoridade. Note que os ministros não perdem sua autoridade por condescendência prudente. Eles devem tornar-se todas as coisas a todos os homens, para fazer-lhes o melhor bem. É "*bom*", diz ele, "*por causa da instante necessidade*". Os cristãos, nos primórdios da implantação da igreja, eram dolorosamente perseguidos. Seus inimigos eram muito severos contra eles e os tratavam muito cruelmente. Eles eram continuamente sujeitos a serem agitados e precipitados pela perseguição. Sendo este então o estado de coisas, ele não pensava ser aconselhável aos cristãos que eram solteiros que mudassem de condição. O estado do casamento traria mais cuidado consigo (vv. 33,34) e, assim, tornaria a perseguição mais terrível e os tornaria menos hábeis para suportá-la. Note que os cristãos, ao regularem sua conduta, não devem considerar abertamente o que é legítimo em si mesmo, mas o que pode ser conveniente para eles.

III Não obstante ele assim determinar, Paulo é muito cuidadoso em contentá-los com a observação de que ele não condena totalmente o casamento, nem o declara ilegítimo. E por essa razão, embora ele diga: "Se *estás livre de mulher* (em um estado de solteiro ou viúvo) *não busques mulher*, não mudes apressadamente de condição", ele contudo acrescenta: "*Estás ligado à mulher? Não busques separar-te*. É tua obrigação continuar na relação matrimonial e cumprir os deveres dela". E embora tal fosse o caso, se eles fossem chamados a sofrer perseguições, encontrariam dificuldades particulares nela; con-

tudo, para evitar essas dificuldades, eles não deviam lançar fora nem quebrar os laços do dever. O dever devia ser cumprido e em Deus deviam confiar com relação aos resultados. Mas negligenciar o dever é o meio de colocar-nos fora da proteção divina. Ele acrescenta por essa razão: "*se te casares, não pecas; e, se a virgem se casar, não peca. Todavia, os tais terão tribulações na carne*". O casamento não é em si um pecado, mas casar naquele tempo provavelmente era trazer inconveniência sobre eles, e acrescentar às calamidades do momento; e por isso ele pensava ser aconselhável e conveniente que tantos quantos pudessem se conter, deviam abster-se dele; mas acrescenta que ele não estabeleceria o celibato sobre eles como um jugo, nem por parecer demasiado urgente os persuadiria a qualquer cilada; e assim diz: "*...eu quereria poupar-vos*". Note, nisso, quão contrários são ao apóstolo Paulo os sofistas papistas! Eles proíbem muitos de casar e os envolvem com votos de celibato, possam eles suportar o jugo ou não.

IV Ele aproveita a ocasião para dar regras gerais a todos os cristãos a fim de conduzirem-se com uma santa indiferença em direção ao mundo e a todas as coisas que existem nele. 1. Quanto às relações: "*...os que têm mulheres sejam como se as não tivessem*"; isto é, eles não devem colocar seus corações demasiadamente nos confortos da relação; eles devem ser como se não fossem casados. Eles não sabem quão breve não terão a ninguém. Este conselho deve ser levado para dentro de cada outra relação. Aqueles que têm filhos devem ser como se não os tivessem. Aqueles que são o conforto deles agora podem experimentar a maior cruz. E a flor de todos os confortos pode ser cortada em breve. 2. Quanto às aflições: "*...os que choram, como se não chorassem*"; isto é, não devemos ficar por demais abatidos em qualquer de nossas aflições, nem devemos ter pena de nós mesmos na tristeza do mundo, mas manter uma alegria santa em Deus no meio das tribulações, de maneira que até na tristeza o coração possa estar jubiloso e o fim de nosso pesar possa ser alegria. *A tristeza pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.* Se ao fim nós pudermos chegar ao céu, *todas as lágrimas serão enxugadas de nossos olhos*, e a perspectiva dele deve fazer com que moderemos nossas tristezas e contenhamos nossas lágrimas. 3. Quanto às alegrias do mundo: "*...os que folgam, como se não folgassem*"; isto é, eles não devem levar uma satisfação demasiada em qualquer de seus confortos. Eles devem ser moderados em sua alegria, e libertar-se dos gozos que eles mais valorizam. Aqui não está o descanso deles, nem a porção deles, e, por essa razão, seus corações não devem estar colocados neles, nem eles devem colocar seu consolo ou satisfação neles. 4. Quanto ao comércio e trabalho: "*...os que compram, como se não possuíssem*". Aqueles que prosperam no comércio, progridem na prosperidade e adquirem posição, devem manter essas possessões como se não as tivessem. Em vez de colocarem os seus corações naquilo que não é (Pv 23.5), devem fazer de outra maneira. Comprar e possuir não deve ocupar demais as nossas mentes. Elas estorvam muitas pessoas de se preocuparem com a melhor parte. Comprar terra e testar juntas de bois impediram os convidados de entrarem na festa de casamento (Lc 14.18,19). E quando eles não impediram completamente os homens de se preocuparem com negócios principais, eles os desviaram muito de uma busca cuidadosa. Os que mais provavelmente vão correr para obter o prêmio são os que aliviam suas mentes de todos os cuidados e impedimentos externos. 5. Quanto às preocupações mundanas: "*...os que usam deste mundo, como se dele não abusassem*" (v. 31). O mundo pode ser usado, mas não deve ser abusado. É abuso quando não é utilizado para aqueles propósitos para o qual ele é dado, para honrar a Deus e fazer o bem para os homens – quando, em vez de ser óleo para o volante de nossa obediência, é feito combustível para a luxúria, quando, em vez de ser um servo, é feito nosso senhor, nosso ídolo, e tem aquele quarto em nossas afeições que deveria ser reservado para Deus. E há grande perigo de abusar dele em todos os aspectos, se nossos corações estão colocados demasiadamente nele. Devemos manter o mundo, tanto quanto for possível, fora do nosso coração, para que não abusemos dele quando o tivermos em nossas mãos.

V Ele reforça esses conselhos por duas razões: 1. "*O tempo se abrevia*" (v. 29). Nós temos pouco tempo para continuar neste mundo; apenas um curto momento para possuir e gozar das coisas do mundo, *kairos synestalmenos.* Ele é encurtado, reduzido para um compasso limitado. Ele em breve passará. Ele já está pronto para ser envolvido pela eternidade, engolido pela eternidade. Conseqüentemente, não coloquem seus corações nos prazeres mundanos. Não sejam dominados pelas tribulações e preocupações mundanas. Possuam as coisas que vocês devem deixar em breve sem serem possuídos por elas. Por que seus corações estão tão fixos naquilo a que vocês devem renunciar rapidamente? 2. "*A aparência deste mundo passa*" (v. 31), *schema – o hábito*, a figura, a aparência do mundo, passou. É a aparência que muda diariamente. Está em um fluxo contínuo. Não é mais do que um mundo de aparência. Tudo é aparência, nada é sólido nele; e também é aparência transitória, e rapidamente passará. Quão distintivo e poderoso argumento é este para reforçar o conselho anterior! Quão irracional é estar afetado com as imagens, as imagens transitórias e efêmeras, de um sonho! "*Com efeito, passa o homem como uma sombra*" (Sl 39.6), em uma imagem, em meio ao desfalecimento e aparências que desaparecem das coisas. E ele deve estar profundamente afetado ou gravemente afligido com tal cena?

VI Ele reforça seu conselho geral advertindo-os contra o estorvo dos cuidados mundanos: "*E bem quisera eu que estivésseis sem cuidado*" (v. 32). De fato estar sem preocupações é uma falta; um sábio conselho acerca dos interesses mundanos é um dever; mas, ser cuidadoso demais, cheio de cuidados, ter um cuidado confuso e ansioso acerca deles, é um pecado. Todo esse cuidado que inquieta a mente e a distrai na adoração de Deus é um mal; pois Deus deve ser atendido "*sem distração alguma*" (v. 35). A mente toda deve estar empenhada quando Deus é adorado. O trabalho cessa enquanto ela se distrai com alguma coisa mais, ou está inquieta e é levada para lá e para cá por preocupa-

ções e afazeres estranhos. Aqueles que estão engajados na adoração divina devem atentar para essa verdadeira atividade, devem realizar seu santo trabalho. Mas como isso é possível quando a mente é engolida pelos cuidados desta vida? Note que é sabedoria em um cristão assim ordenar seus afazeres exteriores e escolher tal condição na vida, como estar sem cuidados que o distraiam, que ele possa atentar para o Senhor com uma mente quieta e desobstruída. Esta é a máxima geral pela qual o apóstolo queria que os cristãos se governassem a si mesmos. Na aplicação disso, a prudência cristã deve dirigir. A condição de vida melhor para cada homem é aquela que for melhor para a sua alma e que o mantém livre dos cuidados e ciladas do mundo. Por essa máxima, o apóstolo resolve o caso apresentado a ele pelos coríntios, se era aconselhável casar ou não. Por isso ele diz, em virtude da angustiante situação – e isso pode ser aplicado em geral, naquele tempo, quando os cristãos eram casados com pagãos–, e talvez com a necessidade de que assim fosse, se é que estavam casados: Eu digo que, nessas circunstâncias, continuar sem casar seria livrar-se de quaisquer cuidados e encargos, e lhes permitiria mais tempo livre para o serviço de Deus. Ordinariamente, quanto menor cuidado tivermos acerca do mundo, mais liberdade teremos para o serviço de Deus. Então, o estado do casamento naquele tempo (se não em todos os tempos) trazia consigo os maiores cuidados mundanos. "*Mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher*" (v. 33). "*A casada cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido*". Mas o homem e a mulher não-casados preocupam-se com as coisas do Senhor, para que possam agradar ao Senhor, e ser santos no corpo e no espírito (vv. 32,34). Não que a pessoa casada não possa também ser santa no corpo e no espírito. O celibato não é em si mesmo um estado de maior pureza e santidade que o casamento; mas, os não-casados estariam aptos a praticar a religião mais que seus negócios na situação em que se encontravam, porque eles teriam menos distrações com os cuidados mundanos. O casamento é aquela condição de vida que traz consigo muitos cuidados, embora algumas vezes ele traga mais que em outras. É a constante preocupação daqueles que estão naquela relação para agradar um ao outro; embora isto seja mais difícil fazer por alguns motivos e mais em alguns casos que em outros. Naquela época, conseqüentemente, o apóstolo aconselha que aqueles que estavam solteiros deviam se abster do casamento, se eles não tivessem nenhuma necessidade de mudar de condição. E, onde a mesma razão é clara em outros tempos, a regra é igualmente adequada para ser observada. E a mesma regra deve determinar as pessoas para o casamento quando houver a mesma razão, isto é, se no estado de não-casadas as pessoas devem provavelmente ser mais desatentas ao serviço de Deus do que se elas fossem casadas, o que é um caso concebível em muitos aspectos. Esta é a regra geral, que o juízo de cada um deve aplicar ao seu próprio caso particular; e por ela ele deve esforçar-se em determinar se ela será a favor do casamento ou contra. Deve ser escolhida pelo cristão a condição de vida em que seja mais provável que ele tenha os melhores socorros, e o menor número de obstáculos, no serviço de Deus e nos afazeres de sua própria salvação.

Orientações com vistas à Prudência

vv. 36-38

Nessa passagem, o apóstolo de forma geral dá conselhos acerca do casamento dos filhos, sob o princípio de sua determinação anterior. Nesta visão, o significado geral está claro. Foi naquela época, e naquelas partes do mundo, e especialmente entre os judeus, considerada uma desgraça o caso da mulher que permanecia sem casar após um certo número de anos. Isto gerava suspeitas de qualquer coisa que não era boa para a sua reputação. "Agora," diz o apóstolo, " se qualquer homem pensa que ele se comporta grosseiramente em relação à sua filha, e que não é bom para a sua reputação que ela permaneça sem casar-se, quando ela for de plena idade, e sob esse princípio for necessário casá-la, ele pode usar de sua vontade. Não há pecado nele em casá-la com alguém adequado. Mas se um homem tem decidido em si mesmo mantê-la virgem, e permanece nesta decisão, e não necessita casá-la, mas está livre, com o consentimento dela, para perseguir seu propósito, ele faz bem em manter a sua virgem. Resumindo, aquele que a dá em casamento faz bem, mas o que a mantém solteira, se ela puder estar bem e inocente em tal estado, faz melhor; isto é mais conveniente para ela no presente estado de coisas, se não em todos os tempos e épocas." Note que: 1. Os filhos devem estar à disposição de seus pais, e não dispor de si mesmos no casamento. Ainda: 2. Os pais devem consultar as inclinações de seus filhos, tanto para o casamento em geral quanto para as pessoas em particular, e não supor que eles têm poder absoluto para fazer com eles, e ditar para eles, o que quiserem. 3. É nosso dever não somente considerar o que é legítimo, mas, em muitos casos, pelo menos, o que é adequado para ser feito, antes de o fazermos.

Mas eu penso que o apóstolo está continuando, aqui, seu discurso anterior e aconselhando pessoas não-casadas, que decidem por si mesmas, em relação ao que fazer, sendo a virgem no caso uma referência à virgindade do próprio homem. *Terein ten heautou parthenon* parece significar mais a preservação de sua própria virgindade do que a guarda de sua filha virgem, embora seja totalmente incomum usar a palavra neste sentido. Várias outras razões podem ser vistas em Locke e Whitby, por aqueles que os consultarem. E era um assunto comum de reprovação entre judeus e pagãos civilizados, um homem continuar solteiro além de certa idade, embora nem todos concordassem em limitar a vida do solteiro a certo termo. O significado geral do apóstolo é o mesmo, que não era pecado casar-se, se um homem pensava que era uma necessidade, para evitar reprovação popular, muito menos para evitar os abrasamentos precipitados da luxúria. Mas aquele que tinha domínio de si mesmo, permanecia firme em seu propósito, e não se achava em necessidade de casar-se, faria uma escolha em qualquer direção, naquela época e na situação dos cristãos naquele tempo, pelo menos, mais de acordo com a sua conveniência, bem-estar e vantagem, do que com as suas preocupações espirituais. E é altamente conveniente, se não um dever para os cristãos, serem guiados por tal consideração.

Orientações com vistas à Prudência
vv. 39,40

O conjunto é aqui concluído com o conselho para as viúvas: "*A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo em que o seu marido vive*", limitada a um marido, e obrigada a continuar a conviver com ele. Note que o contrato de casamento é para a vida; somente a morte pode anular o laço. "*Mas, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser*". Não há nenhum limite pela lei de Deus para se casar somente por certo número de vezes. É certo, a partir dessa passagem, que o segundo casamento não é ilegítimo, pois então a viúva não poderia estar em liberdade para casar com quem quisesse, nem casar, de forma alguma, uma segunda vez. Mas o apóstolo assevera que ela tem tal liberdade quando seu marido morrer, somente com o limite de que "*ela se case no Senhor*". Em nossas escolhas de relações e mudança de condições, nós sempre devemos ter um olho em Deus. Note que os casamentos devem ter, provavelmente, a bênção de Deus somente quando eles são realizados no Senhor, quando as pessoas são guiadas pelo temor de Deus, e pelas leis de Deus, e atuam em dependência da providência de Deus, na mudança e na escolha de um cônjuge – quando elas podem consultar a Deus e buscar sinceramente sua direção, e esperar humildemente por sua bênção sobre sua conduta. "*Será, porém, mais bem-aventurada se ficar assim, segundo o meu parecer; e também eu cuido que tenho o Espírito de Deus*" (v. 40). Nessa conjuntura, pelo menos, se não geralmente, será muito mais para a paz e sossego de tais mulheres, e para dar-lhes menos impedimento no serviço de Deus, que continuem não casadas. E isto, ele lhes diz, era por inspiração do Espírito. "Qualquer coisa que seus falsos apóstolos possam pensar de mim, eu penso, e tenho razão em saber, que eu tenho o Espírito de Deus." Note que a mudança de condição em relação ao casamento é um assunto tão importante que ela não deve ser realizada a não ser sob a devida ponderação, após cuidadosa reflexão das circunstâncias, e sobre fundamentos muito prováveis, pelo menos, de que será uma mudança vantajosa em nossos interesses espirituais.

CAPÍTULO 8

O apóstolo, nesse capítulo, responde a outro caso proposto a ele por alguns dos coríntios, a respeito de comer aquelas coisas que haviam sido sacrificadas aos ídolos. I. Ele sugere a ocorrência disso, e dá uma advertência contra uma estima tão alta do conhecimento deles (vv. 1-3). II. Ele assevera a futilidade dos ídolos, a unidade da Divindade, e a mediação única de Jesus Cristo entre Deus e o homem (vv. 4-6). III. Ele lhes fala que sob a suposição de que era legítimo por si mesmo comer das coisas oferecidas aos ídolos (porque eles mesmos não são nada), ainda deve haver consideração pelo mais fraco entre os irmãos cristãos e nada deve ser feito que coloque um obstáculo diante deles e uma ocasião para o pecado e a destruição deles (vv. 7-13).

Sobre as Coisas Oferecidas aos Ídolos
vv. 1-3

O apóstolo trata aqui do tema das coisas que são oferecidas aos ídolos, a respeito das quais alguns deles procuraram satisfação; um caso que ocorria freqüentemente naquele período do cristianismo, quando a igreja de Cristo estava entre os pagãos, e o Israel de Deus devia viver entre os cananeus. Para uma melhor compreensão do tema, deve ser observado que era um costume entre os pagãos fazerem festas em volta de seus sacrifícios e não somente comerem eles mesmos, mas convidarem seus amigos para participarem com eles. Essas festas eram normalmente realizadas no templo, onde o sacrifício era oferecido (v. 10) e, se sobrasse qualquer coisa quando a festa terminasse, era comum levar uma porção para seus amigos; o que sobrava, afinal de contas, pertencia aos sacerdotes, que às vezes a vendiam nos mercados (ver cap. 10.25). Além disso, as festas, como Ateneu nos informa, sempre eram consideradas, entre os pagãos, coisas sagradas e religiosas, de maneira que eles eram acostumados a sacrificar antes de suas festas; e era considerada uma coisa muito profana entre eles, *athyta esthiein*, comer em suas mesas particulares qualquer carne que eles não tinham antes sacrificado em tais ocasiões. Nessa situação, enquanto os cristãos viviam entre idólatras, tinham muitas relações e amigos que eram tais, com quem eles deviam conservar a familiaridade e manter a boa vizinhança, e por essa razão, tinham ocasião de comer em suas mesas; o que eles deviam fazer se alguma coisa que tinha sido sacrificada fosse colocada diante deles? O que fazer, se eles fossem convidados para uma festa com eles em seus templos? Parece que alguns dos coríntios tinham absorvido uma opinião que até isto podia ser feito, porque eles sabiam que um ídolo não era nada no mundo (v. 4). O apóstolo parece responder mais diretamente ao caso (cap. 10) e aqui parece argumentar sobre a suposição de eles estarem corretos em seu pensamento contra o abuso da liberdade deles para o prejuízo de outros; mas, ele condena claramente tal liberdade no capítulo 10. O apóstolo introduz seu discurso com algumas observações a respeito do conhecimento que parecem carregar uma repreensão a tais aspirações ao conhecimento como eu tenho mencionado: "*...sabemos que todos temos ciência*" (v. 1); como se ele tivesse dito: "Vós que trazeis tal liberdade não sois as únicas pessoas que conhecem; nós que nos abstemos sabemos tanto quanto vós da futilidade dos ídolos, e que eles não são nada; mas nós também sabemos que a liberdade que vós levais é muito culpável e que até a liberdade legítima deve ser usada com amor e não para prejudicar o irmão mais fraco". "*A ciência incha, mas o amor edifica*" (v. 1). Note: 1. A preferência do amor ao conhecimento ensoberbecido. É melhor aquilo que é adequado para fazer o maior bem. O conhecimento, ou pelo menos um alto conceito dele, é muito hábil a dilatar a mente, a enchê-la com vento e a inchá-la. Isto não traz nenhum bem para nós mesmos, mas em muitos casos serve bastante para ferir os outros. Mas o verdadeiro amor e a tenra consideração pelos nossos irmãos nos farão consultar seus interesses e a agir a favor de sua edificação. Observe: 2. Não há nenhuma evidência de ignorância mais comum do que a presunção do conhecimento: "*...se alguém cuida saber alguma coisa,*

ainda não sabe como convém saber". Aquele que tem o maior conhecimento é o que tem a melhor compreensão da sua própria ignorância, e da imperfeição do conhecimento humano. Aquele que se imagina um homem conhecedor, e é presunçoso e convencido em sua imaginação, tem razão para suspeitar que ele não conhece nada corretamente, *ainda não sabe como convém saber.* Note que é uma coisa conhecer a verdade e outra conhecê-la como devemos, de maneira a melhorar devidamente o nosso conhecimento. Muito se pode saber e ao mesmo tempo nada se sabe para qualquer bom propósito, quando nem nós mesmos nem os outros nos tornamos melhores pelo nosso conhecimento. E aqueles que pensam que eles conhecem alguma coisa, e se tornam vaidosos depois disso, são de todos os homens os que mais provavelmente não fazem nenhum bom uso de seu conhecimento; nem eles mesmos nem os outros provavelmente são beneficiados por ele. "*Mas*", acrescenta o apóstolo, "*se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele*". Se algum homem ama a Deus, e nisso é influenciado para amar o seu próximo, o mesmo é conhecido por Deus; ou seja, como alguns compreendem isso, é feito por Ele para conhecer, é ensinado por Deus. Note que aqueles que amam a Deus são os que mais provavelmente são ensinados por Deus, e são levados por Ele a conhecer como devem. Alguns compreendem isso assim: ele será aprovado por Deus, Deus o aceitará e se agradará dele. Note que a pessoa que ama provavelmente tem o favor de Deus. Aqueles que amam a Deus e por sua causa amam a seu irmão e buscam o seu bem-estar devem ser provavelmente amados de Deus; e quanto melhor é sermos aprovados por Deus do que termos uma opinião orgulhosa de nós mesmos!

Sobre Comer Coisas Oferecidas aos Ídolos

vv. 4-6

Nessa passagem, ele mostra a futilidade dos ídolos: "*...quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo*"; ou, não há ídolo no mundo; ou, um ídolo pode não ser nada no mundo; pois a forma da expressão no original é elíptica. O significado em geral é que ídolos pagãos não possuem nenhuma divindade em si mesmos, e, por essa razão, eles são chamados geralmente de *mentiras*, *futilidades* ou *futilidades mentirosas*. Eles são meros deuses imaginários e muitos deles não são melhores do que seres imaginários. Eles não têm poder de poluir as coisas criadas por Deus e, com isso, torná-las inadequadas para serem comidas por um filho ou servo de Deus. "*Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças*" (1 Tm 4.4). Não está no poder das futilidades dos pagãos mudar a sua natureza. "*...e que não há outro Deus, senão um só*". Os ídolos pagãos não são deuses, nem devem ser reconhecidos e respeitados como deuses, pois não há senão um só Deus. Note que a unidade da Divindade é um princípio fundamental do cristianismo. Os deuses dos pagãos não podem ser nada no mundo, não podem ter nenhuma divindade em si mesmos, nada de verdadeira divindade que lhes pertença; pois não há senão um Deus. Os outros podem ser chamados deuses: "*Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores)*", mas eles são falsamente chamados assim. Os pagãos tinham muitos dos tais, alguns no céu e outros sobre a terra, deuses celestiais, que eram do mais alto grau e da mais alta reputação entre eles, e outros terrestres, homens transformados em deuses, que deviam mediar os homens com os primeiros, e eram delegados por eles para presidir sobre as coisas terrestres. Estes são geralmente chamados de *Baalim* nas Escrituras. Eles tinham deuses em graus mais altos e mais baixos; além disso, muitos em cada ordem: *muitos deuses e muitos senhores*; mas todos os deuses titulares e mediadores: assim chamados, mas não em verdade. Todas as suas divindades e mediações eram imaginárias. Pois: 1. "*...para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele*". Os cristãos são mais bem informados; nós bem sabemos que há um Deus, a fonte do ser, o autor de todas as coisas, o que fez, preserva e governa todo o mundo, de quem e para quem são todas as coisas. Não um Deus para governar uma parte da humanidade ou uma classe e ordem de homens, e outro para governar outra. Um Deus fez tudo, e por essa razão tem poder sobre tudo. Todas as coisas vêm dele e nós, e todas as coisas, somos para ele. Ele é chamado de *Pai* aqui, não em contraste com as outras pessoas da sagrada Trindade, e para excluí-las da Divindade, mas em contraste com todas as criaturas que foram feitas por Deus, e cuja formação é atribuída a cada uma das três pessoas em outros lugares da Escritura e não apropriada para o Pai somente. Deus, o Pai, como *Fons et fundamentum Trinitatis – como a primeira pessoa na Divindade*, fica aqui atribuído à Deidade, que compreende todas as três pessoas, o nome Deus sendo às vezes atribuído ao Pai na Escritura, *kat' exochen*, ou *por dignidade,* porque ele é *fons et principium Deitatis* (como Calvino observa), *a fonte da Deidade* nos outros dois, Eles a tendo por transmissão dele: de maneira que há um só Deus, o Pai, e o Filho também é Deus, mas não há um outro Deus, o Pai, com seu Filho e o Espírito, sendo o mesmo Deus, mas não sem Eles, ou como se os excluísse da Divindade. 2. Para nós há um Senhor, um Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo. Não muitos mediadores como os pagãos imaginavam, mas somente um, por quem todas as coisas foram criadas e consistem, e a quem pertencem todas as nossas esperanças e felicidade – o homem Jesus Cristo; mas um homem em união pessoal com a Palavra divina, ou Deus, o Filho. A este homem verdadeiro Deus havia feito Senhor e Cristo (At 2.36). Jesus Cristo, em sua natureza humana e estado de mediador, tem um poder delegado, um nome que lhe foi dado, embora sobre todo nome, para que ao seu nome todo joelho se dobre e toda língua confesse que Ele é Senhor. E assim Ele é o único Senhor e o único Mediador que os cristãos conhecem, a única pessoa que está entre Deus e os pecadores, que administra as coisas do mundo sob Deus e faz a mediação dos homens com Deus. Todos os senhores desse tipo entre os pagãos são mera imaginação. Note que é nosso grande privilégio conhecermos o verdadeiro Deus e o verdadeiro Mediador entre Deus e o homem: "*...único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (Jo 17.3).

Sobre Comer Coisas Oferecidas aos Ídolos
vv. 7-13

O apóstolo, havendo concedido e, na verdade, confirmado a opinião de alguns entre os coríntios, que os ídolos não eram nada, continua a mostrar para eles que a conclusão deles dessa conjectura não era correta, a saber, que por essa razão eles pudessem ir ao templo do ídolo e comer dos sacrifícios e das festas lá com seus vizinhos pagãos. De fato, ele aqui não insiste tanto na ilegitimidade da coisa em si quanto no dano que tal liberdade pode fazer aos cristãos mais fracos, pessoas que não tinham a mesma medida de conhecimento daqueles pretendentes. E aqui:

I Ele informa aos coríntios que todos os homens cristãos naquela época não estavam tão plenamente convencidos e persuadidos de que um ídolo não fosse nada: "*Mas nem em todos há conhecimento; porque alguns até agora comem, no seu costume para com o ídolo, coisas sacrificadas ao ídolo*", com consciência do ídolo, isto é, alguma veneração confusa por ele. Embora eles fossem convertidos ao cristianismo e professassem a verdadeira religião, eles não estavam perfeitamente curados do velho fermento, mas conservavam um respeito inexplicável pelos ídolos que eles haviam adorado antes. Note que cristãos fracos podem ser ignorantes ou ter um conhecimento confuso das verdades grandes e simples. Tais eram aquelas do único Deus e único Mediador. E ainda parece que alguns daqueles que estavam vindo do paganismo para o cristianismo entre os coríntios haviam conservado uma veneração por seus ídolos, totalmente inconciliável com aqueles grandes princípios, de maneira que quando se oferecia uma oportunidade para comer coisas oferecidas aos ídolos, eles não se abstinham, para testemunhar sua repugnância à idolatria, nem comiam com um desprezo confesso pelos ídolos, declarando que eles o olhavam como sendo nada; "*e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada*", isto é, eles contraíam culpa, eles subjugavam-se ao ídolo, com a imaginação de que havia algo de divino nele, e assim cometiam idolatria; enquanto o plano do evangelho era trazer os homens dos ídolos mudos para o Deus vivo. Eles eram fracos em seu entendimento, não totalmente informados da vaidade dos ídolos; e, enquanto eles comiam o que era sacrificado a eles fora da veneração por eles, contraíam a culpa da idolatria, e muito se maculavam a si mesmos. Este parece ser o significado dessa passagem; embora alguns a compreendam como se referindo a cristãos fracos que se maculavam a si mesmos comendo o que fora oferecido a um ídolo com uma preocupação de que por isso a carne sacrificada tornara-se impura e fizera o mesmo, em um sentido moral, àqueles que a comiam, cada um não tendo um conhecimento de que o ídolo não era nada, e por essa razão, que ele não podia retribuir o que lhe fora sacrificado neste sentido de impureza. Note que nós devemos ser cuidadosos em não fazer nada que possa servir de ocasião para que os cristãos fracos maculem suas consciências.

II Ele lhes fala que o mero comer e beber não traz nada em si que seja virtuoso ou criminoso, nada que possa torná-los melhores ou piores, agradáveis ou desagradáveis a Deus: "*Ora, o manjar não nos faz agradáveis a Deus, porque, se comemos, nada temos de mais, e, se não comemos, nada nos falta*" (v. 8). É como se alguns dos coríntios considerassem haver um mérito em suas refeições oferecidas aos ídolos, e naquelas nos próprios templos também (v. 10), porque isto mostrava claramente que eles pensavam que o ídolo não era nada. Mas o comer e o beber eram, em si mesmos, ações indiferentes. Importa pouco o que comemos. O que deste tipo entra no homem nem o purifica nem o macula. A carne oferecida aos ídolos pode ser em si mesma tão própria para a alimentação quanto qualquer outra; e o comer à vista, ou o abster-se de comer, não têm valor em si. Note que é um erro grosseiro pensar que a distinção de comida fará qualquer diferenciação entre os homens no cálculo de Deus. Comer esta comida e abster-se daquela não têm nada em si que recomende a pessoa a Deus.

III Ele lhes adverte contra o abuso de sua liberdade, a liberdade que eles pensavam ter nesse assunto. Com base no capítulo 10.20ss., parece claro que eles se enganavam a respeito desse assunto, e não tinham nenhuma permissão para sentar-se e alimentar-se no templo do ídolo. Mas o apóstolo argumenta aqui que, até supondo que eles tivessem tal poder, eles deviam ser cautelosos em como usá-lo: pode ser um "*escândalo para os fracos*" (v. 9), pode ocasionar sua queda em ações idolátricas, talvez sua queda do cristianismo e sua volta novamente ao paganismo. "Se um homem te vê, a ti que tens conhecimento (tens entendimento superior para ele, e por mais orgulho pela liberdade que tens de sentar-se para uma refeição ou festa em um templo de ídolo, porque um ídolo, tu dizes, não é nada), alguém que é menos instruído neste assunto, e pensa que um ídolo seja alguma coisa, não será incentivado a comer o que foi oferecido ao ídolo, não como uma comida comum, mas como sacrifício, e nisso se tornará culpado de idolatria?" Eles deviam ser cuidadosos em colocar tal ocasião de queda diante de seus irmãos fracos, qualquer que fosse a liberdade ou o poder que eles tivessem. O apóstolo volta à sua advertência com duas considerações: 1. O perigo que pode resultar para os irmãos fracos, até aqueles irmãos fracos por quem Cristo morreu. Nós devemos negar a nós mesmos até o que for legítimo, em vez de ocasionarmos o tropeço deles e pormos em perigo a alma deles (v. 11): "*E, pela tua ciência, perecerá o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu*". Note que aqueles a quem Cristo redimiu com seu mais precioso sangue devem ser muito preciosos e queridos para nós. Se Ele teve tal compaixão, a ponto de morrer por eles, para que eles não pereçam, nós devemos ter tanta compaixão por eles a ponto de negarmos a nós mesmos, por causa deles, em várias situações, e não usar a nossa liberdade para feri-los, ocasionar seu tropeço ou arriscar sua ruína. Aquele homem tem muito pouco do espírito do Redentor, ao preferir que seu irmão se perca a limitar, em qualquer aspecto, a sua liberdade. Aquele que tem o Espírito de Cristo em si ama aqueles que Cristo amou, a ponto de morrer por eles, e pensará em promover seu bem-estar espiritual e eterno, e evitará qualquer coisa que os ofenda, e além disso, qualquer coisa que seria provavelmente ocasião de seu tropeço ou queda no pecado.

2. A ofensa feita a eles Cristo a recebe como se fosse a si mesmo: "*Ora, pecando assim contra os irmãos e ferindo a sua fraca consciência, pecais contra Cristo*" (v. 12). Note que os danos causados a cristãos são danos causados a Cristo, especialmente a bebês em Cristo, a cristãos fracos; e, mais que tudo, envolvendo-os em culpa; prejudicar a consciência deles é prejudicá-lo. Ele tem um cuidado especial pelas ovelhas do rebanho: "*Entre os braços, recolherá os cordeirinhos e os levará no seu regaço*" (Is 40.11). Cristãos fortes devem ter muito cuidado para evitar o que ofenderá os fracos, ou em colocar um tropeço em seu caminho. Nós anularemos a compaixão por aqueles por quem Cristo tem mostrado tanta compaixão? Nós pecaremos contra Cristo, que sofreu por nós? Queremos colocar-nos como anuladores de seus graciosos desígnios, e ajudaremos na ruína daqueles por cuja salvação Ele morreu?

IV Ele incentiva a todos com o seu próprio exemplo (v. 13): "*Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize*". Ele não diz que nunca mais comerá. Isto o destruiria, e assim cometeria um pecado horrível, ao prevenir o pecado e a queda do irmão. Tal mal não deve ser praticado para que o bem possa vir dele. Mas, embora fosse necessário comer, não era necessário comer carne. E por essa razão, para evitar ocasião de pecado em um irmão, ele se absteria dela enquanto vivesse. Ele dava tanto valor à alma de seu irmão que prontamente se negaria a si mesmo em uma questão de liberdade, e abster-se-ia de qualquer comida em particular, que ele pudesse ter comido legitimamente e até gostasse de comer, em vez de colocar tropeço no caminho de um irmão fraco, fazendo-o pecar por lhe seguir o exemplo sem estar claro em sua mente se isto era legítimo ou não. Note que nós devemos ser muito cuidadosos em fazer qualquer coisa que possa ser ocasião de tropeço a outros, embora isto possa ser inocente em si mesmo. A liberdade é valiosa, mas a fraqueza de um irmão deve nos levar e, às vezes, obrigar, a abrir mão dela. Nós não devemos reivindicar rigorosamente nem usar nossos próprios direitos para ferir e arruinar a alma de um irmão, e assim insultar nosso Redentor, que morreu por ele. Quando é certamente previsto que o meu feito, do qual eu possa abster-me, fará com que um companheiro cristão faça o que ele não devia fazer, eu ofenderei, escandalizarei, ou colocarei uma pedra de tropeço em seu caminho, o que é um pecado, embora o que for feito em si mesmo seja legítimo. E, se devemos ser tão cuidadosos em não ocasionar os pecados de outros homens, quão cuidadosos devemos ser em evitar nós mesmos o pecado! Se nós não devemos arriscar as almas de outros homens, devemos estar mais preocupados em não destruir a nossa própria alma!

CAPÍTULO 9

Nesse capítulo, o apóstolo parece responder a algumas objeções levantadas contra ele. I. Ele defende sua missão e autoridade apostólicas e insere seu sucesso entre eles como testemunho delas (vv. 1,2). II. Ele reivindica o direito de sustentar-se pelo seu ministério e defende isso por meio de vários argumentos extraídos da razão natural e da lei mosaica, e também afirma ser isso uma constituição de Cristo (vv. 3-14). III. Ele mostra que prontamente abriu mão desse privilégio e desse poder para o benefício deles (vv. 15-18). IV. Ele especifica várias outras coisas, nas quais ele havia se negado a si mesmo por causa do interesse e da salvação espiritual de outros homens (vv. 19-23). V. Ele conclui seu argumento mostrando o que o animava nesse rumo, até a expectativa de uma coroa incorruptível (vv. 24-27).

Os Direitos de um Ministro Cristão

vv. 1,2

O bendito Paulo, no trabalho de seu ministério, não encontrou somente oposição daqueles que estavam fora, mas desencorajamento daqueles que estavam dentro. Ele esteve sob reprovação; falsos irmãos questionavam seu apostolado e eram muito criativos em depreciar seu caráter e diminuir sua reputação; particularmente em Corinto, um lugar no qual ele havia sido útil em fazer o bem, e do qual ele havia merecido o bem; e ainda havia aqueles entre eles que sobre estes tópicos criaram para ele grande perturbação. Note que não é estranho nem novidade que um ministro encontre retornos indelicados por sua grande boa vontade para com as pessoas e seus serviços bem-sucedidos e diligentes entre elas. Alguns entre os coríntios questionavam, se é que eles não rejeitavam, o papel apostólico dele. Aqui ele responde aos sofismas deles, e de tal maneira, como para mostrar um exemplo digno de nota daquela autonegação, pelo bem dos outros, que ele havia aconselhado no capítulo anterior. E: 1. Ele assevera sua missão e caráter apostólicos: "*Não sou apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus, Senhor nosso?*" Ser uma testemunha de sua ressurreição era uma grande característica do ofício apostólico. "Então," diz Paulo, "não tenho visto o Senhor, embora não imediatamente após a sua ressurreição, porém desde a sua ascensão?" Ver cap. 4.8. "*Não sou livre?* Eu não tenho a mesma comissão, o cargo, os poderes, como os outros apóstolos? Que respeito, ou honra, ou subsistência, que eu não esteja na liberdade de exigir tanto quanto eles?" Não era porque ele não tivesse nenhum direito de viver do evangelho que ele se sustentava com suas próprias mãos, mas por outras razões. 2. Ele oferece o sucesso de seu ministério entre eles, e o bem que ele lhes havia feito, como uma prova de seu apostolado: "*Não sois vós a minha obra no Senhor?* Através da bênção de Cristo sobre meus labores, não tenho eu levantado uma igreja entre vós? *Vós sois o selo do meu apostolado no Senhor.* Vossa conversão através de mim é uma confirmação de Deus de minha missão." Note que os ministros de Cristo não devem pensar que seja estranho ser colocado à prova em relação ao seu ministério por alguns que tiveram evidência experimental do seu poder e da presença de Deus com ele. 3. Ele reprova justamente os coríntios por seu desrespeito: "*Se eu não sou apósto-*

lo para os outros, ao menos o sou para vós (v. 2). Tenho trabalhado tanto e com tanto sucesso entre vós, de maneira que vós, mais que todos os outros, deveis reconhecer e honrar o meu papel, e não questioná-lo." Note que para os ministros fiéis não é novidade encontrar o pior tratamento onde eles poderiam esperar o melhor. Essa igreja em Corinto tinha tanta razão para crer e tão pouca para questionar a sua missão apostólica, como qualquer uma; eles tinham muita razão, talvez mais do que qualquer outra igreja, para respeitá-lo. Ele tinha sido útil em trazê-los para o conhecimento e fé em Cristo; ele trabalhou muito tempo entre eles, aproximadamente dois anos, e labutou pelo bom propósito, tendo Deus muito povo entre eles (ver At 18.10,11). Era grave a ingratidão dessas pessoas em questionar a sua autoridade.

Os Direitos de um Ministro Cristão

vv. 3-14

Havendo defendido sua autoridade apostólica, ele prossegue reivindicando os direitos que pertencem ao seu ofício, especialmente aquele de ser mantido por ele.

I Ele estabelece essas coisas (vv. 3-6). "*Esta é a minha defesa para com os que me condenam* (isto é, investigam a minha autoridade, ou as razões da minha conduta, se eu sou de fato apóstolo). *Não temos nós direito de comer e de beber* (v. 4), ou o direito de nos sustentar? *Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?* E, não somente de nos sustentar, mas também mantê-las?" Embora Paulo fosse solteiro naquela ocasião, ele tinha direito de tomar uma esposa quando lhe agradasse, e levá-la consigo, e esperar um sustento das igrejas para ela, assim como para si mesmo. Talvez Barnabé tivesse uma esposa, como os outros apóstolos certamente tinham e as levavam em suas viagens missionárias. Assim que uma esposa deve ser entendida aqui por *mulher irmã* – *adelphen gunaika* – e a partir disto fica claro que devia ser totalmente inadequado para os apóstolos levarem mulheres consigo, a menos que elas fossem esposas. A palavra implica que elas tinham poder sobre eles e podiam requerer sua atenção por elas, que ninguém podia ter sobre ninguém, exceto sobre esposas ou servos. Então o apóstolo, que trabalhava por seu pão, não parece ter podido comprar ou ter servos para levá-los consigo. Sem falar que teriam levantado suspeitas se tivessem levado mesmo que fossem mulheres-servas, e muito mais outras mulheres com quem não estivessem casados. O apóstolo, por essa razão, assevera claramente que ele tinha tanto direito de casar-se quanto os outros apóstolos, e de reivindicar um sustento das igrejas para a sua esposa, e, além disso, também para seus filhos, se ele tivesse alguns, sem trabalhar com suas próprias mãos para consegui-lo. "*Ou só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar?*" (v. 6). Resumindo, o apóstolo aqui reivindica sustento das igrejas para ele e para os seus. Isto era uma obrigação da parte deles e ele podia reivindicá-lo.

II Ele prossegue com argumentos gerais, para provar sua reivindicação. 1. Com base na prática comum e nas expectativas da humanidade. Aqueles que se dedicam e se doam de qualquer forma a negócios no mundo esperam viver disso. Os soldados esperam ser pagos pelos seus serviços. Os agricultores e os pastores esperam conseguir um sustento que vem de seus labores. Se eles plantam videiras, podam-nas e cultivam-nas, é com a expectativa do fruto; se eles alimentam o rebanho, é com a expectativa de serem alimentados e vestidos por ele! "*Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não come do leite do gado?*" (vv. 7-9). Note que é muito natural e muito razoável para os ministros esperar pelo sustento que vem de seus labores. 2. Ele argumenta a partir da lei dos judeus: "*Digo eu isso segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo?*" (v. 8). É somente um mero ditado da razão comum e somente de acordo com o uso comum? Não, isto também é consoante com a velha lei. Deus havia nesse ponto ordenado que o boi não devia ser amordaçado enquanto estava pisando o cereal, nem impedido de comer enquanto estava preparando o cereal para o uso do homem, e debulhando a espiga. Mas esta lei não foi dada principalmente pela atenção que Deus tem pelos bois, ou pela preocupação com eles, mas para ensinar à humanidade que todo devido encorajamento seja dado àqueles que estão empregados por nós, labutando por nosso bem – que os trabalhadores devem provar do fruto de seus labores. "*...porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante*" (v. 10). A lei disse isto acerca de bois por nossa causa. Note que aqueles que se dedicam a fazer o bem às nossas almas não devem ter suas bocas amordaçadas, mas devem ter alimento provido para eles. 3. Ele argumenta com base na igualdade comum: "*Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnais?*" O que eles haviam semeado era muito melhor do que aquilo que eles esperavam colher. Eles lhes haviam ensinado o caminho para a vida eterna, e labutado sinceramente para colocá-los na posse dela. Não era exagero esperar, enquanto estavam se entregando a esse trabalho, que recebessem um apoio para suas próprias vidas temporais. Eles tinham sido agentes pelos quais as maiores bênçãos espirituais haviam sido levadas aos fiéis; e não teriam direito tão grande às coisas materiais quanto fosse necessário para a sua subsistência? Note que aqueles que gozam dos benefícios espirituais pelo ministro da Palavra não devem manter de má vontade os que estão empregados neste trabalho. Se os fiéis receberam um verdadeiro benefício, pensaríamos que eles não seriam mesquinhos ao ponto de negar isso aos apóstolos. Seria triste receber algo tão bom deles, e ser mesquinho a ponto de fazer de má vontade tão pouco por eles! Isto é agradável ou justo? 4. Ele argumenta a respeito da manutenção que eles forneciam a outros: "*Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, mais justamente, nós?* Vós permitis este sustento a outros e admitis que eles reivindicam justamente; mas quem tem tão justa reivindicação da igreja de Corinto senão eu? Quem tem dado as maiores evidências de missão apostólica? Quem tem labutado tanto pelo vosso bem ou feito semelhante serviço no vosso meio?" Note que os ministros devem ser valorizados e

providos de acordo com seu valor. "*Mas nós*", diz o apóstolo, "*não usamos deste direito; antes, suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo.* Não temos insistido em nosso direito, mas temos estado, em vez disso, em dificuldades para servir aos interesses do evangelho e promover a salvação de almas." Ele renunciou a seu direito, em vez de reivindicá-lo e assim prejudicar o seu sucesso. Ele negou-se a si mesmo por temer ofender; mas afirmou seu direito a fim de que a sua autonegação não se mostrasse prejudicial ao ministério. Note que ele provavelmente estava por defender mais eficazmente os direitos de outros, o que mostra um generoso descuido em relação a si mesmo. Está claro, neste caso, que a justiça, e não o amor-próprio, é o princípio pelo qual ele atua. 5. Ele argumenta a partir do velho sistema judaico: "*Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar?*" (v. 13). E se o sacerdote judeu era sustentado pelas coisas santas que então eram oferecidas, os ministros de Cristo não devem ter sustento de seus ministérios? Não há razão igual de sermos sustentados como eles? Ele afirma que isto é uma instituição de Cristo: "*Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho* (v. 14), ou seja, devem ter direito ao sustento, embora não sejam obrigados a exigi-lo, e insistir nisso". É dever dos cristãos manter seus ministros, por ordem de Cristo, embora não seja um dever imposto a cada ministro procurá-lo ou aceitá-lo. Ele pode abrir mão de seu direito como Paulo o fez, sem ser um pecador; mas transgridem uma ordem de Cristo aqueles que o negam ou o retêm. Aqueles que pregam o evangelho têm o direito de viver por ele; e aqueles que usufruem de seus ministérios e mesmo assim não têm cuidado pela subsistência dos ministros falham muito em seu dever para com Cristo, e no respeito devido a eles.

A Dedicação do Apóstolo

vv. 15-18

O apóstolo Paulo lhes fala aqui que ele tinha, não obstante, renunciado a esse privilégio, e dá as suas razões para isso:

I Ele lhes diz que havia se omitido em reivindicar seu direito em tempos passados: "*Mas eu de nenhuma destas coisas usei...*" (v. 15). Ele nem comeu nem bebeu à custa deles, nem levava uma esposa que fosse sustentada por eles, nem se absteve de trabalhar para manter-se. Ele recebeu sustento de outros, mas não deles, por razões especiais. Nem escreveu isso para reivindicar algo agora. Embora ele aqui afirme seu direito, ainda não o reivindica, mas nega-se por causa deles, e do evangelho.

II Nós temos a razão apontada de sua prática de autonegação. Ele não teria sua glória anulada: para ele era melhor "*morrer do que alguém fazer vã esta minha glória*" (v. 15). Esta glória não sugeria nada de ostentação em si, ou presunção, ou louvor atraente, mas um alto grau de satisfação e conforto. Era um prazer singular para ele pregar o evangelho sem torná-lo oneroso; e ele estava determinado a não perder esta satisfação entre eles. Suas vantagens por promover o evangelho eram sua glória, e ele as valorizava acima de seus direitos, ou de sua simples vida: "*melhor me fora morrer do que alguém fazer vã esta minha glória*", ao invés de ter justamente dito que ele preferia retribuição para o seu trabalho. Não, ele estava pronto para negar-se a si mesmo por causa do evangelho. Note que é a glória de um ministro preferir o sucesso de seu ministério a seu interesse, e negar-se a si mesmo, para que ele possa servir a Cristo e salvar almas. Não que ao fazer assim ele faça mais do que o seu dever; ele ainda está agindo dentro das obrigações da lei do amor. Mas ele age sobre um princípio nobre e verdadeiro, ele dá muita honra a Deus ao assim fazer; e ele honrará aqueles que o honram. Deus aprovará e elogiará aquilo por que um homem se valorizar e em que buscar seu conforto, embora ele não possa ter mérito disso diante de Deus.

III Ele mostra que esta autonegação era mais honrosa em si mesma, e permitia-lhe muito mais contentamento e conforto do que sua pregação fazia: "*Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!* É meu encargo, meu negócio; é o trabalho para o qual eu fui constituído apóstolo (cap. 1.17). Este é um dever expressamente colocado sobre mim. Não é em grau algum um assunto de liberdade. É-me *imposta essa obrigação.* Eu seria falso e infiel à minha crença, eu violaria uma ordem clara e expressa, e *ai de mim se não anunciar o evangelho!*" Aqueles que são separados para o ofício do ministério têm o encargo de pregar o evangelho. Ai deles se não o fizerem. Disso nada é esperado. Mas não é dado como encargo a todos, nem a qualquer pregador do evangelho, fazer o seu trabalho gratuitamente, pregar e não ter nenhum sustento dele. Não é dito: "Ai dele se não pregar o evangelho e sustentar-se a si mesmo". Ele está em mais liberdade neste ponto. Pode ser seu dever pregar em algumas ocasiões, e em algumas circunstâncias, sem receber sustento por ele; mas, em geral, ele tem direito ao sustento e pode esperá-lo daqueles entre os quais trabalha. Quando ele renuncia ao seu direito por causa do evangelho e das almas dos homens, embora ele não faça mais que a obrigação, ainda assim nega-se a si mesmo, renuncia a seu privilégio e direito; ele faz mais do que seu encargo e ofício em geral (e todas as vezes) o obriga a fazer. Ai dele se não pregar o evangelho, mas pode às vezes ser seu dever insistir em seu sustento, e em qualquer tempo que ele se abstenha de reivindicá-lo, ele desiste de seu direito, embora um homem possa às vezes ser obrigado a fazer assim por deveres gerais do amor a Deus e caridade aos homens. Note que é uma alta realização na religião renunciar a nossos próprios direitos para o bem de outros; isto dará direito a uma recompensa peculiar da parte de Deus. Pois:

IV Aqui o apóstolo nos informa que se cumprirmos nosso dever com uma boa mente receberemos de Deus uma graciosa recompensa: "*E, por isso, se o*

faço de boa mente, isto é, ou se prego o evangelho ou se não recebo nenhum sustento, *terei prêmio*". De fato, somente o serviço feito de boa vontade pode ser recompensado por Deus. Não é apenas o cumprir qualquer dever, mas fazê-lo sinceramente (isto é, de boa vontade e com alegria) que Deus prometeu recompensar. Deixemos os corações livres de nossos deveres, e Deus os abominará: eles são somente os arcabouços da religião, sem a vida e o espírito. Deve pregar de boa vontade os que querem ser aceitos por Deus em seu dever. Eles devem fazer de sua ocupação um prazer e não considerá-lo um trabalho enfadonho. E aqueles que, por causa da consideração à honra de Deus e ao bem das almas, cessam de reivindicar um sustento, devem cumprir esse dever de boa vontade, se eles quiserem ser aceitos nele ou recompensados por ele. Mas seja o dever do ofício cumprido de boa vontade ou com relutância, esteja o coração nele ou avesso a ele, tudo no ofício tem uma responsabilidade e um encargo de Deus, pelo qual eles devem ser responsáveis. Os ministros têm uma dispensação do evangelho, ou *mordomia – oikonomia* (Lc 16.2), confiada a eles. Note que os servos de Cristo de boa vontade não deixarão de receber uma recompensa, e esta proporcional à sua fidelidade, zelo e diligência; e seus servos indolentes e de má vontade serão todos chamados para um acerto de contas. Levar o nome dele e professar fazer a sua obra tornará os homens responsáveis no tribunal. E quão tristes contas os servos indolentes prestarão!

V O apóstolo resume o argumento colocando diante deles a esperança encorajadora que ele tinha de uma grande recompensa por sua notável autonegação: "*Logo, que prêmio tenho?*" (v. 18). O que eu espero como recompensa de Deus? "*Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no evangelho*". Ou, "não reivindicar meus direitos e fazê-los destruir as grandes intenções e fins do meu ofício, mas renunciá-los por causa dessas coisas". É um abuso de poder empregá-lo contra os verdadeiros fins para os quais ele é dado. E o apóstolo jamais usaria seu poder ou privilégio de ser sustentado pelo seu ministério, se isso frustrasse as suas finalidades, mas negaria a si mesmo com boa vontade e alegremente pela honra de Cristo e pelo interesse das almas. Que o ministro que segue seu exemplo possa ter alegres expectativas de uma completa recompensa.

A Dedicação do Apóstolo

vv. 19-23

O apóstolo aproveita a ocasião a partir da qual ele tinha discursado antes para mencionar alguns outros exemplos de sua autonegação e desistência de sua liberdade pelo benefício de outros.

I Ele afirma sua liberdade (v. 19): "*Porque, sendo livre para com todos...*". Ele era nascido livre, um cidadão romano. Ele não estava em sujeição a ninguém, nem dependia de ninguém para a sua subsistência; "*fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais*". Ele se comportava como um servo; ele labutava pelo bem deles como um servo; ele era cuidadoso em agradar, como um servo a seu mestre; ele agia em muitos casos como se ele não tivesse nenhum privilégio; e isto para que ele pudesse ganhar ainda mais, ou converter mais pessoas ao cristianismo. Ele se fez servo para que eles pudessem ser livres.

II Ele especifica alguns detalhes em que ele se fez servo de todos. Ele adaptou-se a todo tipo de pessoas. 1. "*Para os judeus... para os que estão debaixo da lei*", ele tornou-se judeu, e sob a lei, para ganhá-los. Embora ele considerasse a lei cerimonial como um jugo removido por Cristo, em muitos casos ele ainda se submetia a ela, para que ele pudesse trabalhar com os judeus, remover seus preconceitos, convencê-los a ouvir o evangelho e ganhá-los para Cristo. 2. "*Para os que estão sem lei, como se estivera sem lei*", isto é, para os gentios, se convertidos à fé cristã ou não. Em coisas inocentes, ele podia aceder aos costumes e caprichos das pessoas para vantagem delas. Ele pensaria com os filósofos na própria maneira deles. E, com os gentios convertidos, ele se comportava entre eles como alguém que não estava sob a servidão das leis judaicas, como ele havia afirmado e mantido em relação a eles, embora ele não agisse como uma pessoa sem lei, mas como alguém que estava obrigado pela lei de Cristo. Ele não transgrediria nenhuma lei de Cristo para agradar ou fazer concessões a qualquer homem; mas ele se adaptaria a todos os homens, onde ele pudesse fazê-lo legitimamente, para ganhar alguns. Paulo era o apóstolo dos gentios, e assim, alguém teria pensado, podia ter se escusado a si mesmo de fazer concessões para os judeus; e contudo, para fazer o bem para eles, e ganhá-los para Cristo, ele o fez, em coisas inocentes, e renunciou ao poder que ele tinha de fazer de outra maneira, e sujeitou-se a alguns de seus costumes e leis. E embora ele pudesse, por virtude daquele caráter, ter exercido autoridade sobre os gentios, ele ainda assim adaptou-se, tanto quanto ele podia, sem incorrer em pecado, à discriminação e modos de pensar deles. Fazer o bem era a dedicação e o negócio de sua vida; e para que pudesse alcançar este fim, ele não fez questão de privilégios e formalidades. 3. Para os fracos ele se fez fraco para ganhar os fracos (v. 22). Ele estava disposto a fazer o melhor por eles. Ele não os desprezou nem julgou, mas se fez um deles, absteve-se de usar sua liberdade por causa deles, e foi cuidadoso em não colocar nenhuma pedra de tropeço em seu caminho. Onde alguém, através da fraqueza de seu entendimento, ou da força de seus preconceitos, estava provavelmente para cair em pecado, ou cair do evangelho para a idolatria pagã, através de seu uso desta liberdade, ele se continha a si mesmo. Ele negava-se a si mesmo por causa deles, para que pudesse conquistar suas afeições e ganhar as suas almas. Resumindo, ele se fez *tudo para todos, para, por todos os meios* (legítimos), *chegar a salvar alguns*. Ele não pecaria contra Deus para salvar a alma de seu próximo, mas se negaria alegre e prontamente. Ele não podia deixar os direitos de Deus, mas ele podia se resignar, e ele assim o fazia freqüentemente pelo bem dos outros.

III Ele aponta sua razão para agir dessa maneira (v. 23): "*E eu faço isso por causa do evange-*

lho, para ser também participante dele", isto é, para a honra de Cristo, de quem é o evangelho, e para a salvação de almas, para a qual ele foi designado, e para que ele e eles possam comungar de seus privilégios ou, juntos, participar deles. Por essas finalidades, ele assim dignou-se a negar-se a si mesmo quanto à sua liberdade e acomodar-se, onde podia fazê-lo legitimamente, às capacidades e usos daqueles com quem ele tinha de lidar. Note que um coração aquecido com zelo por Deus e aspirando a salvação dos homens não pleiteia e insiste em direitos e privilégios para pôr obstáculo a esse projeto. Aqueles que abusam abertamente de seu poder no evangelho, que o empregam não para a edificação, mas para a destruição, conseqüentemente não entendem nada de seu espírito.

A Dedicação do Apóstolo
vv. 24-27

Nesses versículos, o apóstolo alude ao grande encorajamento que ele teve para agir dessa maneira. Ele tinha em vista uma recompensa gloriosa, uma coroa incorruptível. Nesse ponto, ele se compara aos corredores e combatentes nos jogos Ístmicos; uma alusão bem conhecida aos coríntios, porque eles eram celebrados em sua vizinhança: "*Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio?* (v. 24). Todos correm em vossos jogos, mas somente um vence a corrida e leva o prêmio." E aqui:

I Ele os incentiva a cumprir seu dever: "*Correi de tal maneira que o alcanceis*. Na corrida cristã é totalmente diferente do que nas vossas corridas. Todos podem correr de maneira a obter o prêmio. Vós tendes grande encorajamento, por essa razão, em persistir constante, diligente e vigorosamente em vosso curso. Há lugar para todos conseguirem o prêmio. Vós não podeis falhar se correrdes bem. Ainda haverá uma nobre concorrência; vós deveis esforçar-vos para ultrapassar uns aos outros. E é uma concorrência gloriosa para ver quem chegará primeiro ao céu, ou terá o melhor galardão naquele mundo abençoado. Eu farei o meu esforço por correr; assim, também vós, quando me virdes ir diante de vós." Note que é dever dos cristãos seguirem seus ministros de perto na busca da glória eterna, e é a honra e o dever dos ministros guiá-los no caminho.

II Ele os orienta em seu curso, expondo-lhes o seu próprio exemplo, ainda continuando a analogia. 1. Aqueles que correm em seus jogos mantêm-se em uma dieta: "*E todo aquele que luta de tudo se abstém* (v. 25). Os combatentes e os lutadores em vossos exercícios são mantidos em estrita dieta e disciplina; mais ainda, eles guardam a si mesmos para isso. Eles não cedem, mas se limitam a si mesmos da comida que eles comem e também das liberdades que eles usam em outras ocasiões. E os cristãos não devem muito mais limitar sua liberdade tendo em vista uma finalidade tão gloriosa como vencer a corrida e obter o prêmio colocado diante deles? Eles usaram uma dieta muito frugal e comida vulgar, e muito negaram-se a si mesmos, para se prepararem para a corrida e o combate; assim eu faço; assim vós deveis fazer, seguindo o meu exemplo. É difícil se, pela coroa celestial, vós não puderdes vos abster de sacrifícios pagãos?" 2. Eles não eram somente moderados, mas estavam acostumados a privações. Aqueles que lutavam uns com os outros nesses exercícios preparavam-se dando golpes no ar, como o apóstolo descreve, ou gesticulando os braços, e nisso habituando-se, antecipadamente, a dar seus golpes em luta corpo a corpo, ou exibi-los por meio da ostentação. Não há nenhum lugar para qualquer desses exercícios no combate cristão. Os cristãos estão constantemente em luta corpo a corpo. Seus inimigos fazem oposição vigorosa e violenta, e estão sempre à mão; e por esta razão os cristãos devem ser determinados a respeito deles e nunca renunciar à competição nem cansar-se dela ou desfalecer. Eles devem lutar, não como aqueles que esbofeteiam o ar, mas devem lutar contra os seus inimigos com todas as suas forças. Um inimigo que o apóstolo menciona aqui, a saber, o corpo, este deve ser reprimido, moído de pancadas, como o eram os combatentes nesses jogos gregos, e por essa razão trazidos em sujeição. Por corpo devemos entender as inclinações e os apetites carnais. Estes o apóstolo determinou-se a controlar e conquistar, e nisto os coríntios estavam obrigados a imitá-lo. Note que aqueles que procuram corretamente os interesses de suas almas devem vencer seus corpos e sujeitá-los. Eles devem lutar duramente contra seus desejos carnais, até os terem dominado; e não ceder a apetites devassos, e ansiar por sacrifícios pagãos, nem comer deles, para agradar a sua carne com o prejuízo da alma de seus irmãos. O corpo deve ser usado para servir à mente, não lhe sendo permitido ser senhor dela.

III O apóstolo impõe esse conselho aos coríntios através de argumentos apropriados tirados dos mesmos competidores. 1. Eles se esforçam e resistem a todas essas privações, "...*para alcançar uma coroa corruptível* (v. 25), *nós, porém, uma incorruptível*". Os vencedores daqueles jogos somente eram coroados com folhas que secavam ou ramos de árvores, de oliveira ou de louros. Mas os cristãos têm em vista uma coroa incorruptível, uma coroa de glória que nunca se desvanece, uma herança incorruptível, reservada para eles no céu. E eles ainda se permitirão ser ultrapassados por esses corredores e lutadores? Podem usar de abstinência em dieta, esforçar-se nas corridas, expor seus corpos a tanto apuro em um combate, os que têm em vista não mais do que insignificantes aclamações de uma multidão leviana ou uma coroa de louros? E os cristãos, aqueles que esperam a aprovação do soberano juiz e uma coroa de glória de suas mãos, não deveriam correr adiante na corrida celestial, e esforçar-se em bater suas inclinações carnais e as fortalezas do pecado? 2. Nesses jogos, os corredores correm na incerteza. Todos correm, mas um recebe o prêmio (v. 24). Cada corredor, por essa razão, tem grande incerteza se vencerá ou não. Mas o corredor cristão não tem tal incerteza. Cada um pode correr aqui de maneira a obter o prêmio; mas, então, ele deve correr dentro da faixa, ele deve manter-se na trilha do dever prescrito, que, pensam alguns, é o significado de "*corro, não como a*

coisa incerta" (v. 26). Aquele que se guarda dentro dos limites prescritos, e se mantém em sua corrida, nunca perderá sua coroa, embora outros possam consegui-la antes dele. E os corredores gregos manteriam suas obrigações, e se esforçariam ao máximo, quando somente um poderia vencer e todos deviam estar incertos sobre quem seria? E os cristãos não devem ser muito mais exatos e vigorosos quando todos têm certeza de receber uma coroa quando chegarem ao fim de sua corrida? 3. Ele coloca diante de si mesmo e deles o perigo de ceder às inclinações carnais e de mimar o corpo e suas paixões e apetites: "*Antes, subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado*" (v. 27), *rejeitado, desaprovado, adokimos*, alguém a quem o *brabeutes – o juiz* ou *árbitro* da corrida, não irá decretar a coroa. A alusão aos jogos passa por toda a sentença. Note que um pregador da salvação ainda pode perdê-la. Ele pode mostrar aos outros o caminho do céu, mas ele mesmo nunca chegar lá. Para prevenir isso, Paulo sofreu muito para subjugar e manter sob seu controle as inclinações do corpo, para que, a qualquer custo, ele próprio, que havia pregado a outros, não perdesse a coroa e fosse reprovado e rejeitado pelo soberano juiz. Um temor santo de si mesmo era necessário para preservar a fidelidade de um apóstolo; e quanto mais não será necessário para a nossa preservação? Observe: O temor santo de nós mesmos, e não a confiança presunçosa, é a melhor segurança contra a apostasia que afasta de Deus e a rejeição final por parte dele.

CAPÍTULO 10

Nesse capítulo, o apóstolo prossegue no argumento presente no final do anterior e: I. Adverte os coríntios contra a traiçoeira segurança própria, usando o exemplo dos judeus que, a despeito de sua confissão e privilégios, foram terrivelmente punidos por Deus por causa de seus muitos pecados, sendo sua história deixada como registro para admoestação dos cristãos (vv. 1-14). II. Ele retoma seu argumento anterior (cap. 8) sobre comer coisas oferecidas aos ídolos, e mostra que isto estava em contradição completa com o cristianismo verdadeiro, que isso era idolatria totalmente grosseira, comer delas como coisas oferecidas a ídolos; é ter associação com os demônios, o que não pode harmonizar-se com a associação com Deus (vv. 15-22). III. Ele ainda os faz saber que, embora eles não devam comer de coisas sacrificadas aos ídolos, e não por consideração alguma pelo ídolo, eles ainda podiam comprar tal carne nos mercados ou comê-la estando à mesa de conhecidos pagãos sem fazer nenhuma pergunta; pois o abuso que os pagãos faziam dela não tornava as coisas criadas de Deus inadequadas para servirem de comida para os seus servos. Todavia, a liberdade desse tipo deve ser usada com a devida consideração pelas consciências fracas, sem ofender com isso nem a judeus, nem a gentios, nem a igreja de Deus (vv. 23-33).

Admoestações e Advertências
vv. 1-5

Para dissuadir os coríntios da comunhão com os idólatras, e de qualquer relacionamento pecaminoso, ele coloca diante deles o exemplo dos judeus, a igreja no tempo do Antigo Testamento. Eles gozaram de grandes privilégios, mas, havendo se tornado culpados de abomináveis provocações, caíram sob dolorosas punições. Nesses versículos, ele considera os seus privilégios, os quais, em geral, são os mesmos que os nossos.

I Ele inicia seu discurso com uma nota de consideração: "*Ora, irmãos, não quero que ignoreis*. Eu não gostaria que estivésseis sem o conhecimento deste assunto; é digno de nota de vosso conhecimento e atenção. É uma história muito instrutiva e admoestadora." O judaísmo era o cristianismo sob um véu, envolvido em tipos e sinais obscuros. O evangelho era pregado a eles em seus ritos e sacrifícios legais. E a providência de Deus a eles, e o que lhes ocorreu, apesar desses privilégios, pode e deve servir-nos de advertência.

II Ele especifica alguns desses privilégios. Ele começa: 1. Com sua libertação do Egito: "*Nossos pais*, isto é, os nossos ancestrais, *estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar.* Todos eles estiveram debaixo da proteção e da escolta divinas." A nuvem servia para ambos os propósitos: às vezes tomava a forma de uma coluna de nuvens, brilhando de um lado, para mostrar-lhes seu caminho, escuro de outro, para escondê-los de seus inimigos que os perseguiam; e às vezes, espalhava-se sobre eles como um lençol poderoso, para defendê-los do sol escaldante do deserto arenoso (Sl 105.39). Eles foram milagrosamente conduzidos pelo mar Vermelho, onde os egípcios que os perseguiam se afogaram: era uma passagem para eles, mas um túmulo para os egípcios: um tipo de nossa redenção por Cristo, que nos salva ao vencer e destruir os seus e os nossos inimigos. Eles eram muito queridos para Deus, e tinham o favor dele, quando Ele fez tais milagres para a sua libertação e os tomou imediatamente sob sua orientação e proteção. 2. Eles tinham sacramentos como os nossos. (1) "*...e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar*" (v. 2), ou para dentro de Moisés, isto é, levados para debaixo da obrigação da lei e da aliança de Moisés, como nós fomos levados, pelo batismo, para debaixo da lei e da aliança de Cristo. Foi para eles um típico batismo. (2) "*...e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual...*", assim também nós. O maná com que eles foram alimentados era um tipo do Cristo crucificado, o Pão que caiu do céu, do qual aquele que comer viverá para sempre. Sua bebida era uma corrente que saía de uma rocha que os seguia em todas as suas jornadas pelo deserto; e esta rocha era Cristo, isto é, em tipo e figura. Ele é a rocha sobre a qual a igreja cristã está edificada; e das correntes que brotam dele, todos os crentes bebem e são refrescados. Então, todos os judeus comeram desta carne e beberam desta rocha, chamada aqui uma rocha espiritual, porque ela tipificava coisas espirituais. Estes eram grandes privilégios. Alguém pensaria que isto os teria salvo; que todos que comeram daquela carne

espiritual e beberam daquela bebida espiritual teriam sido santos e aceitáveis para Deus. Todavia, ocorreu o contrário: "*Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto*" (v. 5). Note que os homens podem gozar de muitos e grandes privilégios espirituais neste mundo e ainda assim não alcançar a vida eterna. Muitos daqueles *que foram batizados em Moisés*, ou seja, *na nuvem e no mar*, tiveram sua fé confirmada por esses milagres, mas pereceram no deserto e não viram a terra prometida. Que ninguém abuse de seus grandes privilégios ou da confissão da verdade; eles não assegurarão a felicidade celestial, nem prevenirão julgamentos aqui na terra, considerando que a *raiz do problema* esteja em nós.

Admoestações e Advertências
vv. 6-14

O apóstolo, havendo declarado seus privilégios, continua aqui a relatar as faltas e punições deles, os pecados e as pragas deles, que são deixados como registro para nos servir de exemplo, de uma advertência contra pecados semelhantes, se queremos escapar de punições semelhantes. Nós não devemos fazer como eles fizeram, para não sofrermos como eles sofreram.

I Vários de seus pecados são especificados como aviso para nós; tais como: 1. Devemos evitar os desejos excessivos que buscam objetos carnais: "...*não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram*" (v. 6). Deus os alimentava com maná, mas eles queriam carne (Nm 11.4). Eles tinham comida para sua provisão, mas, não contentes com isto, eles "*deixaram-se levar da cobiça*" (Sl 106.14). Desejos carnais conseguem predomínio através da tolerância e, conseqüentemente, devem ser percebidos e controlados em seu primeiro aparecimento: se eles prevalecerem uma vez, e tiverem influência sobre nós, não sabemos para onde nos levarão. Esta precaução permanece primeiro, porque os apetites carnais tolerados são a raiz e a fonte de muitos pecados. 2. Ele nos adverte contra a idolatria (v. 7): "*Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar*". Há uma alusão aqui ao pecado do bezerro de ouro (Êx 32.6). Eles primeiramente sacrificaram ao seu ídolo, festejaram os sacrifícios e então dançaram diante dele. Embora somente comer e beber sejam mencionados aqui, contudo o sacrifício está implícito. O apóstolo está falando para o caso dos coríntios, que eram tentados a festejar os sacrifícios pagãos, coisas oferecidas aos ídolos, embora eles não pareçam ter estado sob nenhuma tentação para oferecer eles mesmos o sacrifício. Até comer e beber dos sacrifícios diante do ídolo, e como coisas sacrificadas, era idolatria, a qual, pelo exemplo dos israelitas, eles deviam ser advertidos a evitar. 3. Ele nos acautela contra a fornicação, um pecado para o qual os habitantes de Corinto eram viciados de uma forma peculiar. Os coríntios tinham um templo dedicado a Vênus (isto é, à luxúria), com cerca de mil sacerdotisas em seus quadros, todas prostitutas públicas. Quão necessária era a cautela contra a fornicação para aqueles que viviam em uma cidade tão corrupta, e tinham sido usados para tais costumes dissolutos, também especialmente quando eles sofriam tentações à idolatria! E a prostituição espiritual levava, em muitos casos, para a prostituição do corpo. A maioria dos deuses a quem os pagãos serviam era representada como modelos de impudicícia; e muita impudicícia era cometida na própria adoração de muitos deles. Muitos autores judeus e muitos cristãos depois deles pensam que tal adoração foi prestada a Baal-Peor, e que a fornicação foi cometida com as filhas de Moabe na adoração daquele ídolo. Eles foram seduzidos por essas mulheres para a prostituição espiritual e do corpo; primeiramente para festejar os sacrifícios, senão para fazerem mais atos bestiais, em honra do ídolo, e então para manchar-se a si mesmos com carne estranha (Nm 25), a qual trouxe uma praga, que em um dia matou vinte e três mil, além daqueles que caíram pelas mãos da justiça pública. Note que Deus julgará os que se prostituem e os adúlteros, qualquer que seja a relação externa que eles possam manter com Ele, e qualquer que sejam os privilégios externos que Ele possa lhes conferir. Vamos temer os pecados de Israel, se quisermos evitar suas pragas. 4. Ele nos adverte contra tentar "*a Cristo, como alguns deles também tentaram e pereceram pelas serpentes*" (v. 9), ou provocá-lo ao ciúme (v. 22). Ele estava com a Igreja no deserto. Ele era o anjo da aliança que ia à frente deles. Mas Ele foi grandemente ofendido e provocado por eles de muitas maneiras. E o povo falou contra Deus e contra Moisés: "*Por que nos fizeste subir do Egito, para que morrêssemos neste deserto?*" Por essa razão, Deus enviou serpentes abrasadoras entre eles (Nm 21.5,6), pelas quais muitos deles foram mortalmente feridos. E é de temer-se que quem assim tenta a Cristo na presente dispensação seja abandonado por Ele ao poder da antiga serpente. 5. Ele adverte contra a murmuração: "*E não murmureis, como também alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor*" (v. 10), por um anjo destruidor, um executor da vingança divina. Eles discutiam com Deus, e murmuravam contra seu ministro Moisés, quando algumas dificuldades os pressionavam. Quando eles enfrentavam desencorajamentos no caminho para Canaã, eles eram muito hábeis em insultar seus líderes, para destituí-los e, assim, criar condições para voltarem para o Egito sob a direção de outros de sua própria escolha. O caso dos coríntios parece ter sido algo semelhante a isso. Eles murmuravam contra Paulo, e, nele, contra Cristo, e parece que haviam estabelecido outros guias, que os tolerariam e os confortariam em suas inclinações e, particularmente, em um retorno à idolatria. Deixá-los-ia antes festejar sacrifícios a ídolos do que ter de suportarem a censura ou expor-se ao rancor de vizinhos pagãos. Tal conduta provocava muito a Deus e, provavelmente, devia lhes trazer rápida destruição, como ocorreu aos israelitas (Nm 14.37). Note que a murmuração contra a disposição e a autoridade divinas é um pecado muito provocativo, especialmente quando ela cresce a tal ponto que resulta em apostasia, e uma revolta contra Ele e seus bons caminhos.

II O apóstolo acrescenta a esses avisos particulares um mais geral (v. 11): "*Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso*". Não somente as leis e as ordenanças dos judeus eram ti-

pos, mas também as providências de Deus para com eles. Seus pecados contra Deus e a apostasia deles eram tipos da infidelidade de muitos sob o evangelho. Os julgamentos de Deus sobre eles eram tipos de julgamentos espirituais válidos nos dias atuais e sempre. A exclusão deles da Canaã terrestre tipifica a exclusão de muitos, sob o evangelho, da Canaã celestial, por causa da incredulidade. A história deles foi escrita para ser um controle permanente para a igreja, até sob a última e mais perfeita dispensação: "*...para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos*", o período derradeiro do gracioso governo de Deus sobre os homens. Note que nada na Escritura é escrito em vão. Deus tem propósitos sábios e graciosos em relação a nós ao deixar a história dos judeus registrada; e é nossa sabedoria e dever receber a instrução que dela vem. Sobre essa sugestão, o apóstolo adverte (v. 12): "*Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia*". Note que os danos experimentados por outros devem ser advertências para nós. Aquele que pensa estar em pé não deve estar confiante e seguro, mas sob sua guarda. Outros têm caído e nós também podemos. E nós estamos mais propícios a cair quando estamos mais confiantes em nossa própria força e, por isso, mais inclinados a estar seguros quando vulneráveis. A desconfiança de si mesmo, colocando-se ao mesmo tempo sob vigilância e dependência de Deus, é a melhor segurança do cristão contra o pecado. Note que aquele que pensa estar em pé provavelmente não deve guardar seu caminhar; se ele não teme nenhuma queda, nem se guarda contra ela. Deus não prometeu nos guardar da queda, se nós não olharmos a nós mesmos: a proteção dele pressupõe nosso próprio cuidado e cautela.

III Mas a essa palavra de cautela ele acrescenta uma palavra de conforto (v. 13). Embora seja desagradável a Deus abusarmos, não é agradável para Ele nos desesperarmos. Se o primeiro é um grande pecado, o último está longe de ser inocente. Embora devamos temer e acautelar-nos a fim de não cairmos, também não devemos estar com medo e aturdidos; pois ou nossas provações serão proporcionais à nossa força, ou a força será suprida na proporção de nossas tentações. De fato, nós vivemos em um mundo tentador, onde estamos cercados de armadilhas. Cada lugar, condição, relação, emprego e divertimento têm abundância delas; porém, que conforto podemos obter de tal passagem! Pois: 1. "*Não veio sobre vós*, diz o apóstolo, *tentação, senão humana*; isto é, tal como vós esperais da parte dos homens de princípios pagãos e que têm poder; ou ainda, tal como é comum à humanidade na presente situação; ou ainda, tal como o espírito e a determinação de meros homens podem vos fazer passar." Note que as provações dos cristãos comuns não passam de provações comuns; outros têm semelhantes cargas e tentações; o que eles suportam e passam nós também podemos. 2. "*...mas fiel é Deus*". Embora Satanás seja um enganador, Deus é verdadeiro. Os homens podem ser falsos, e o mundo pode ser falso; mas Deus é fiel e nossa força e segurança estão nele. Ele guardou sua aliança e nunca desapontará a esperança filial e a confiança de seus filhos. 3. Ele é tão sábio quanto fiel e dará a nossa carga à proporção de nossa força. Ele "*vos não deixará tentar acima do que podeis*". Ele sabe o que podemos carregar e o que podemos suportar. E Ele fará, em sua sábia providência, que as nossas tentações sejam proporcionais à nossa força ou nos fará aptos a enfrentá-las. Ele cuidará para que não sejamos vencidos, se nós confiarmos nele, e decidirmos mostrar-nos fiéis a Ele. Não precisamos nos desorientar com as dificuldades em nosso caminho, pois Deus cuidará que elas não sejam grandes demais para enfrentarmos, especialmente: 4. Quando Ele levá-las a bom termo. Ele "*...dará também o escape*", ou da própria provação ou do seu prejuízo. Não há nenhum vale tão escuro que Ele não possa encontrar um caminho por ele; nenhuma aflição tão horrível que Ele não possa evitar, remover, ou nos capacitar para suportá-la, e, no fim, dominá-la para a nossa vantagem.

IV E sobre este argumento Paulo apresenta uma outra advertência contra a idolatria: "*Portanto, meus amados, fugi da idolatria*". Observe: 1. Como o apóstolo se dirige a eles: *meus amados*. É por terna afeição que ele lhes impõe este conselho. 2. A matéria do seu conselho: "*...fugi da idolatria*; evitai-a e todo acesso a ela". A idolatria é a mais abominável ofensa e afronta ao verdadeiro Deus; é transferir sua adoração e honra a um rival. 3. A razão do seu conselho: "Vendo-vos ter tal encorajamento para confiar em Deus, e ser fiéis, aprovai a vós mesmos homens, não sejais chacoalhados por quaisquer desencorajamentos que vossos inimigos pagãos possam colocar diante de vós. Deles Deus vos socorrerá e ajudará; e, portanto, não sejais culpados de quaisquer condescendências idolátricas." Note que nós temos todos os encorajamentos do mundo para evitar o pecado e dar provas de fidelidade a Deus. Não podemos cair em tentação se nos apegarmos firmemente a Ele.

Contra o Consentimento à Idolatria

vv. 15-22

Nessa passagem, o apóstolo realça a advertência geral contra a idolatria, no caso específico de comer dos sacrifícios pagãos, e fora de qualquer respeito religioso para com o ídolo ao qual eles eram sacrificados.

I Ele inicia seu argumento com um apelo à própria razão e julgamento deles: "*Falo como a sábios; julgai vós mesmos o que digo* (v. 15). Vós sois grandes pretendentes à sabedoria, para concluir raciocínio e argumento; eu posso deixar para a vossa própria razão e consciência se eu não argumentar justamente." Note que não é desonra a um professor inspirado, nem desvantagem ao seu argumento, apelar a favor da verdade presente nele à razão e à consciência de seus ouvintes. Surpreende-os mais fortemente quando vem com essa convicção. Paulo, um apóstolo inspirado, em alguns casos deixava os coríntios julgarem se o que ele ensinava não era conforme o próprio entendimento deles.

II Ele apresenta seu argumento com base na Ceia do Senhor: "*Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de*

Cristo?" Este rito sagrado não é um instrumento de comunhão com Deus? Nisso não professamos ter amizade e sociedade com Ele? Não é um símbolo por meio do qual abertamente mantemos comunhão com Cristo, cujo corpo foi quebrado e cujo sangue foi derramado para obter a remissão de nossos pecados e o favor de Deus? E nós podemos estar em aliança com Cristo, ou em amizade com Deus, sem sermos devotados a Ele? Resumindo, a Ceia do Senhor é uma festa a respeito do corpo sacrificado e do sangue de nosso Senhor, *epulum ex oblatis*. E comer da festa é participar do sacrifício e, assim, ser convidado daquele a quem o sacrifício foi oferecido, e isto em sinal de amizade com Ele. Assim, participar da mesa do Senhor é confessar-nos como seus convidados e povo da aliança. Tal é o verdadeiro propósito e intenção dessa comida e bebida simbólicas. É manter comunhão com Deus, participar daqueles privilégios e confessar-nos sob aquelas obrigações, as quais resultam da morte e do sacrifício de Cristo; e isto em conjunção com todos os cristãos verdadeiros, com os quais também temos comunhão nessa ordenança. "*Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão*" (v. 17), que penso ser assim mais verdadeiramente traduzido: "Por participarmos de um pão partido, o símbolo do corpo partido de nosso Salvador, o qual é o único pão verdadeiro que desceu do céu, nós nos unimos em um só corpo, nos tornamos membros dele e membros uns dos outros." Aqueles que participam realmente pela fé têm sua comunhão com Cristo e uns com os outros; e aqueles que comem os elementos externos confessam ter sua comunhão, e pertencerem a Deus e à abençoada irmandade de seu povo e adoradores. Este é o verdadeiro sentido desse rito sagrado.

III Ele confirma isso com base na adoração e nos costumes judaicos: "*Vede a Israel segundo a carne; os que comem os sacrifícios não são, porventura, participantes do altar?*" Aqueles que eram admitidos a comer das oferendas eram considerados participantes do próprio sacrifício, como se feito por eles, e nisso deviam ser santificados; e, por essa razão, certamente para adorar a Deus, e estar em uma aliança ou pacto com Ele, o Deus de Israel, a quem o sacrifício era realizado: isto era um símbolo ou sinal de comunhão com Ele.

IV Ele aplica isso ao argumento de não festejar com idólatras em seus sacrifícios, e para demonstrar que são idólatras aqueles que assim o fazem. Isto ele faz: 1. Seguindo o princípio em que eles argumentariam ser legítimo, a saber, que um ídolo não era nada. Eles não eram nada de jeito nenhum, pois nenhum deles tinha divindade em si mesmo. O que era sacrificado a ídolos não era nada, de nenhuma maneira mudava o que era antes, mas cada bocado era adequado para alimentação. Eles de fato parecem argumentar que, porque um ídolo não era nada, o que era oferecido não era sacrifício, mas comida comum e ordinária, da qual eles podiam por isso comer com pouco escrúpulo. Então o apóstolo admite que a comida não mudava a sua natureza, sendo tão adequada para ser ingerida quanto a comida comum, quando era colocada diante de qualquer um que não soubesse que ela tinha sido oferecida a um ídolo. Mas: 2. Ele prova que comer dela como parte de um sacrifício pagão era: (1) Participar com eles de sua idolatria. Era ter participação "*com os demônios*", porque o que os gentios sacrificavam, eles o faziam aos demônios; e festejar com eles nesses sacrifícios era participar no sacrifício, e, por isso, adorar o ídolo a quem o sacrifício era dedicado, e participar ou ter comunhão com ele – assim como aquele que come da Ceia do Senhor, dá a entender que participa no sacrifício cristão; ou como aqueles que comiam os sacrifícios judaicos participavam do que era oferecido em seus altares. Mas os pagãos sacrificavam aos demônios: "Por essa razão, não festejai em seus sacrifícios. Fazer isto é um sinal de que vós estais vos associando aos demônios a quem eles são oferecidos. E não quero que sejais participantes com os demônios." (2) Era praticamente uma renúncia ao cristianismo: "*Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios*" (v. 21). Participar dessa festa cristã era ter comunhão com Cristo; participar das festas realizadas em honra dos ídolos pagãos e feitas de coisas sacrificadas a eles era ter comunhão com demônios. Então, isso era misturar os contrários; não era de nenhuma maneira coerente. A comunhão com Cristo e a comunhão com os demônios não podiam ocorrer ao mesmo tempo. Uma devia ser renunciada se a outra fosse mantida. Aquele que mantinha comunhão com Cristo devia renunciar àquela havida com os demônios; aquele que mantinha comunhão com demônios, devia, da mesma forma, renunciar à comunhão com Cristo. E que manifesta contradição em si mesma devia ser a conduta daquele homem que participava da mesa do Senhor e também da mesa de demônios! Deus e *mamon* nunca podem ser servidos ao mesmo tempo, nem pode existir simultaneamente associação com Cristo e Satanás. Aqueles que têm comunhão com os demônios, na prática devem renunciar a Cristo. Isto também pode implicar, por exemplo, que os que se perdem em glutonaria ou bebedeira, e nisso fazem de sua própria mesa a mesa de demônios, ou se mantêm associados com Satanás por um processo de maldade conhecida e voluntária, não podem participar sinceramente do cálice e da mesa do Senhor. Eles podem usar o sinal, mas não cumprem o seu significado. Pois um homem nunca pode estar simultaneamente em comunhão com Cristo e sua igreja e ainda em associação com Satanás. Note quanta razão nós temos de vigiar para que cada pecado e ídolo sejam renunciados por nós, quando comemos e bebemos à mesa do Senhor.

V Ele os adverte, sobretudo, contra tal idolatria, dando-lhes a entender que Deus é um Deus zeloso (v. 22): "*Ou irritaremos o Senhor? Somos nós mais fortes do que ele?*" É bem provável que muitos entre os coríntios não levassem a sério essas festas pagãs e pensassem que não havia nenhum mal naquilo. Mas o apóstolo lhes ordena que tomem cuidado. A razão pela qual o segundo mandamento é reforçado é: "*Eu sou um Deus zeloso*". Deus não pode tolerar um rival em matéria de adoração; nem dar sua glória, nem permitir que ela seja dada, a outro. Aqueles que se associam a outros deuses o provocam ao ciúme (Dt 32.16). E, antes disso ser feito, as pessoas deveriam considerar se elas são mais fortes do

que Ele. É perigoso provocar a ira de Deus, a menos que possamos resistir a seu poder. Mas *quem subsistirá diante do seu furor?* (Na 1.6). Isto devia ser considerado por todos que continuam no amor e no gosto do pecado e ligados a ele, enquanto ainda professam manter-se em comunhão com Cristo. Não é este o meio de provocar o seu ciúme e sua indignação? Note que a atenção à grandeza do poder de Deus deveria nos impedir de provocar o seu ciúme e de fazer qualquer coisa que o desagradasse. Nós suscitaremos a fúria todo-poderosa? E como resistiremos a ela? Será que nos equiparamos a Deus? Podemos resistir a seu poder ou controlá-lo? E, se não, o armaremos contra nós, provocando-lhe o ciúme? Não, temamos seu poder e deixemos que isto nos proteja de toda provocação.

A Liberdade Cristã

vv. 23-33

Nessa passagem, o apóstolo mostra em que ocasiões, todavia, os cristãos podiam comer legalmente o que havia sido sacrificado a ídolos. Eles não deviam comê-la por causa de respeito religioso ao ídolo, nem entrar em seu templo, e manter uma festa lá, acerca da qual sabiam que era um sacrifício a ídolo; nem talvez fora do templo, se eles sabiam que se tratava de uma festa relacionada a um sacrifício, mas havia casos nos quais eles podiam comer sem pecado o que era oferecido. O apóstolo enumera alguns exemplos aqui. Mas:

I Ele adverte contra o abuso de nossa liberdade em relação a coisas legítimas. O que é lícito pode não ser conveniente, e isto não edificará. Um cristão não deve considerar somente o que é lícito, mas o que é conveniente e para a edificação. Um cristão deve fazer o mesmo em sua conduta particular. Ele não deve procurar seus próprios interesses, mas o bem-estar de seu próximo. Ele deve preocupar-se em não ofender seu próximo, e, além disso, deve estar preocupado em promover o bem-estar dele; e deve considerar como agir de maneira que possa ajudar a outros, e não os embaraçar em sua santidade, conforto ou salvação. Aqueles que se entregam a todas as coisas não claramente pecaminosas em si mesmas, com freqüência cairão no que é mal por acidente, e prejudicarão muito a outros. Cada coisa lícita em si mesma não é por essa razão feita lícita. As circunstâncias podem tornar pecado algo que em si mesmo não é. Essas coisas devem ser ponderadas, e aí a conveniência de uma ação e sua tendência para a edificação devem ser consideradas antes que ela seja praticada. Note que tanto o bem-estar de outros quanto nossa própria conveniência devem ser consultados em muitas coisas que fazemos se quisermos fazê-las bem.

II Ele lhes fala que aquilo que foi vendido no mercado, eles podem comer sem fazer perguntas. A parte do sacerdote dos sacrifícios pagãos então era freqüentemente vendida, após haver sido oferecida no templo. Então, o apóstolo lhes diz que eles não precisam ser tão escrupulosos a ponto de perguntar ao açougueiro no mercado se a carne que ele vendia havia sido oferecida a um ídolo. Ali ela era vendida como alimento comum, e como tal podia ser comprada e usada: "*Porque a terra é do Senhor e toda a sua plenitude*" (v. 26), e o fruto e os produtos da terra foram designados por Ele, o grande proprietário, para o uso e a subsistência da humanidade, e mais especialmente, de seus filhos e servos. "*Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada*" (1 Tm 4.4,5). "*Todas as coisas são puras para os puros*" (Tt 1.15). Note que, embora seja pecaminoso usar qualquer comida de maneira idolátrica, não é pecado, depois de tal abuso, aplicá-la, de uma forma santa, ao seu uso comum.

III Ele acrescenta que se eles fossem convidados por conhecidos pagãos para uma festa, eles podiam ir e comer "*de tudo o que se puser diante de vós, sem nada perguntar...*" (v. 27), embora eles soubessem que coisas sacrificadas a ídolos eram servidas em tais festas, tanto quanto eram vendidas nos mercados. Note que o apóstolo não os proíbe de irem a uma festa por convite de incrédulos. Há uma cortesia que deve existir até com infiéis e pagãos. O cristianismo de maneira nenhuma nos desliga de ocupações comuns da humanidade; nem nos permite um comportamento descortês com qualquer pessoa, por mais que elas possam diferir de nós no que concerne a práticas ou sentimentos religiosos. E quando cristãos eram convidados a festejarem com infiéis, eles não deviam fazer perguntas desnecessárias sobre a comida colocada diante deles, mas comê-la sem hesitação. Perguntas desnecessárias podiam confundir sua mente e consciência, por qual razão elas deviam ser evitadas. Qualquer coisa conveniente para ser comida que fosse colocada diante deles em uma festa comum, eles deviam comer legitimamente. E por que então eles deveriam escrupulosamente perguntar se o que estava sendo posto diante deles havia sido sacrificado? Isso deve ser entendido a respeito de festas civis, não religiosas; pois as últimas, entre os pagãos, estavam celebrando seus sacrifícios, que Paulo havia condenado antes como uma participação em sua adoração idolátrica. Em uma festa comum, eles podiam esperar carne comum, e eles não precisavam hesitar em suas próprias mentes se o que estava colocado diante deles era diferente ou não. Note que, embora os cristãos devessem ser muito cuidadosos em saber e entender seus deveres, contudo não deviam confundir-se a si mesmos com perguntas desnecessárias.

IV Todavia, até em tal recepção, ele acrescenta, se alguém dissesse que era uma coisa oferecida a ídolos, eles deviam se abster: "*...não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência*". Se foi o dono da festa ou qualquer dos convidados que disse, se para todos ou sussurrado ao ouvido, eles deviam se abster por causa de quem lhes sugeriu isso, fosse um infiel ou um cristão fraco; e por causa da consciência, da consideração à consciência, que eles deviam mostrar uma consideração a ela em si mesmos e manter uma consideração por ela nos outros. Isto ele defende com a mesma razão que o anterior: "*...porque a terra é do Se-*

nhor...". Há comida suficiente provida pelo nosso comum Senhor, da qual podemos comer sem hesitar. A mesma doutrina pode ser variavelmente aperfeiçoada, como aqui: "A terra é do Senhor, portanto vós podeis comer sem hesitar qualquer coisa que é colocada diante de vós como alimento comum; todavia, porque a terra é do Senhor, não comais nada que ofenderá e colocará pedra de tropeço diante de outros, e encorajará alguns à idolatria, ou tentará outros a comerem quando eles não têm claro em suas mentes que isto é legítimo, e assim venham a pecar, e ofendam suas próprias consciências." Note que os cristãos devem ser muito cautelosos para não fazerem o que pode, dessa forma, prejudicar a consciência de outros, e enfraquecer a sua autoridade com eles, que certamente deve ser conservada.

V Ele os exorta a se absterem em situações em que ofenderão outros, ainda que admita que seja legítimo comer o que fora colocado diante deles como alimento comum, embora tivesse sido oferecido em sacrifício. A consciência de outro homem não é nenhuma medida para a nossa conduta. O que ele pensa ser ilegítimo não é, por isso, tornado ilegítimo para mim, mas ainda posso ter liberdade para isso; e contanto que eu reconheça Deus como o doador de meu alimento, e lhe agradeça por ele, é muito injusto censurar-me por usá-lo. Isto deve ser entendido à parte do escândalo ocorrido por comer nas circunstâncias mencionadas. Embora alguns compreendam-no como significando: "Por que eu, usando da liberdade que tenho, daria ocasião para que aqueles que se escandalizaram falem mal de mim?" De acordo com aquele conselho do apóstolo (Rm 14.16), "*não seja, pois, blasfemado o vosso bem*". Note que os cristãos devem tomar cuidado para não usarem sua liberdade para escandalizar outros nem para a sua própria censura.

VI O apóstolo aproveita a ocasião desse discurso para estabelecer uma regra geral para a conduta dos cristãos e aplicá-la a este caso particular (vv. 31,32), a saber, que no comer e no beber, e em tudo o que fizermos, devemos ter por alvo a glória de Deus, em agradá-lo e honrá-lo. Este é o princípio fundamental da religiosidade prática. A grande finalidade de toda religião prática é dirigir-nos para onde são necessárias regras claras e particulares. Nada deve ser feito contra a glória de Deus e contra o bem de nosso próximo, relacionado com ela. Além disso, a tendência de nosso comportamento para o bem comum, e o crédito de nossa santa religião, devem dar orientação para isso. E, conseqüentemente, nada deve ser feito por nós para ofender a ninguém, "*nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus*" (v. 32). Os judeus não devem ser desnecessariamente ofendidos nem prejudicados, eles que possuem tal horror a ídolos que, por isso, consideram contaminada qualquer coisa oferecida a eles; e que contaminará e tornará culpável todos os que participarem dela; nem os pagãos devem ser encorajados em sua idolatria por qualquer comportamento nosso, que eles podem interpretar como homenagem ou honra feita aos ídolos; nem novos convertidos dentre os gentios devem obter qualquer encorajamento de nossa conduta para manter qualquer veneração à adoração e aos deuses pagãos, aos quais eles renunciaram; nem nós devemos fazer qualquer coisa que possa ser um recurso para perverter qualquer membro da igreja em sua confissão ou prática cristãs. Nosso próprio capricho e apetite não devem determinar nossa prática, mas a honra de Deus e o bem e a edificação da igreja. Não devemos considerar tanto o nosso próprio prazer e interesse quanto o avanço do Reino de Deus entre os homens. Note que um cristão deve ser um homem devotado a Deus e de espírito público.

VII Ele impõe tudo a eles pelo seu próprio exemplo: "*Como também eu em tudo* (o que for lícito) *agrado a todos* (ou busco fazê-lo), *não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar*" (v. 33). Note que um pregador pode impor sua opinião em casa com ousadia e autoridade quando ele puder reforçá-la com seu próprio exemplo. O mais qualificado a promover um espírito notório em outros é aquele que pode dar evidência disso em si mesmo. E é altamente elogiável em um ministro que ele negligencie suas próprias vantagens para que possa promover a salvação de seus ouvintes. Isto mostra que ele tem um espírito adequado à sua função. Trata-se de uma missão voltada ao público e nunca pode ser fielmente cumprida por um homem de um espírito limitado e princípios egoístas.

CAPÍTULO 11

Nesse capítulo, o apóstolo censura e se esforça por corrigir algumas grandes indecências e desordens manifestas na igreja de Corinto, tais como: I. A conduta imprópria de suas mulheres (algumas das quais parecem ter sido inspiradas) na assembléia pública, as quais guardaram seus véus, o sinal comum de sujeição a seus maridos naquela parte do mundo. Ele repreende este comportamento, exige delas que mantenham o véu, afirma a superioridade do marido, mesmo lembrando ao marido que ambos foram feitos para ajuda e conforto mútuos (vv. 1-16). II. Ele os censura por sua discórdia, rixa e negligência e desprezo pelo pobre na Ceia do Senhor (vv. 17-22). III. Para corrigir essas desordens escandalosas, ele lhes apresenta a natureza e as intenções dessa santa instituição, orienta-os como devem participar dela, e os adverte do perigo de uma conduta tão indecente como a deles, e de toda a recepção indigna (vv. 23-34).

Orientações concernentes ao Modo de Trajar. A Sujeição Feminina

vv. 1-16

Tendo respondido às questões que lhe foram colocadas, Paulo prossegue nesse capítulo para a correção das injustiças entre eles. O primeiro versículo do capítulo é colocado, por aqueles que dividiram a epístola em capítulos, como um prefácio para o restante da carta, mas parece ser mais adequado como um fechamento para o capítulo anterior, no qual ele havia imposto o cuidado

contra o abuso da liberdade, pelo seu próprio exemplo: "*Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo*" (v. 1), conclui adequadamente seu argumento; e o jeito de falar nos versículos seguintes parece uma transição para outro assunto. Mas, não importa se pertence mais propriamente ao capítulo onze ou ao anterior, pois está claro a partir disso que Paulo não somente pregava a doutrina em que deviam crer, mas também levava a vida que eles deviam imitar. "Sede meus imitadores, vivam como vedes que eu vivo." Note que os ministros certamente pregam com mais proveito quando podem exigir de seus ouvintes que sigam seu exemplo. Mesmo assim, nem Paulo seria seguido cegamente. Ele não encoraja nem fé nem obediência irrestritas. Ele mesmo não seria seguido mais do que ele seguia a Cristo. O modelo de Cristo é uma cópia sem mancha; assim não é o modelo de mais ninguém. Note que não devemos seguir a nenhum líder mais do que ele segue a Cristo. Os apóstolos devem ser abandonados por nós quando se desviam do exemplo de seu Mestre. Em seguida, Paulo passa a repreender e corrigir uma indecência entre eles, da qual as mulheres eram mais especialmente culpadas, concernente a que observe:

I Como ele a introduz. Ele começa com um elogio do que era digno de louvor entre eles (v. 2): "*E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei*". É provável que muitos deles fizessem assim no estrito significado da expressão, e ele aproveita a ocasião, portanto, para dirigir-se ao corpo da igreja a respeito dessa boa característica; e o corpo podia ter continuado, na maior parte, a observar as ordenanças e instituições de Cristo, embora em algumas coisas eles se desviassem delas e as corrompessem. Note que quando reprovamos o que é defeituoso em alguma pessoa, é muito prudente e adequado elogiar o que é bom nela; isto mostrará que a reprovação não é de má vontade, ou de um capricho por censurar e encontrar falhas e, por essa razão, obterá maior consideração disso.

II Como ele fundamenta a sua repreensão afirmando a superioridade do homem sobre a mulher: "*Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo*". Cristo, em seu papel mediador e sua humanidade glorificada, está como cabeça da humanidade. Ele não é somente o primeiro da espécie, mas Senhor e Soberano. Ele tem um nome sobre todo nome: embora nessa alta função e autoridade Ele tenha um superior, sendo Deus a sua cabeça. E como Deus é a cabeça de Cristo, e Cristo a cabeça de toda a espécie humana, assim o homem é a cabeça dos dois sexos; não de fato com tal domínio como Cristo tem sobre toda a espécie ou Deus tem sobre o homem Jesus Cristo; mas ele tem uma superioridade e chefia, e a mulher deve estar em sujeição e não assumir ou usurpar o lugar do homem. Esta é a situação na qual Deus a tem colocado; e, por essa razão, ela deve ter uma mente adequada à sua posição, e não fazer nada que pareça uma presunção de trocar de lugares. As mulheres da igreja de Corinto aparentemente eram culpadas de alguma coisa semelhante, as quais estavam sob inspiração e oravam e profetizavam até em suas assembléias (v. 5). É de fato uma regra apostólica que as mulheres "*estejam caladas nas igrejas*" (cap. 14.34; 1 Tm. 2.12), que alguns entendem como algo irrestrito, como se uma mulher sob inspiração também devesse manter-se calada, o que parece concordar muito bem com o contexto do discurso do apóstolo (cap. 14). Outros, com uma restrição: embora uma mulher não pudesse por suas próprias habilidades pretender ensinar, tanto quanto indagar e debater na igreja, quando sob inspiração o caso se alterava e ela tinha a liberdade de falar. Ou, embora ela não pudesse pregar, até sob inspiração (porque ensinar é a ocupação de alguém superior), ela ainda podia orar ou pronunciar hinos sob inspiração, até na assembléia pública. Ela não mostrava nenhuma presunção de superioridade sobre o homem por tais atitudes de adoração pública. Está claro que o apóstolo não proíbe o ato, mas reprende a maneira de fazê-lo. E ainda assim, em outra parte da epístola desaprova totalmente o ato e coloca uma restrição ilimitada sobre a mulher. Estas coisas não são contraditórias. Seu propósito então era repreender a maneira pela qual as mulheres oravam e profetizavam na igreja, sem determinar nesse ponto se elas faziam bem ou mal em orar ou profetizar. Note que a maneira de fazer algo está associada à sua moralidade. Nós não devemos somente nos preocupar em fazer o bem, mas que o bem que fizermos seja bem feito.

III O que ele repreende é a mulher orar ou profetizar com a cabeça descoberta, ou o homem fazê-lo com a cabeça coberta (vv. 4,5). Para entender isto, deve ser observado que, nos países orientais, o fato de as pessoas estarem veladas ou cobertas significava vergonha ou sujeição; o que é contrário ao nosso costume, em que estar de cabeça descoberta significa sujeição, e de cabeça coberta, superioridade e domínio. E isto nos ajudará a entender melhor.

IV As razões pelas quais ele apresenta sua repreensão: 1. "*Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça*", a saber, Cristo, a cabeça de todo homem (v. 3), seguindo um costume inadequado para a posição na qual Deus o colocou. Nós devemos, até em nosso vestuário e hábitos, evitar tudo que possa desonrar a Cristo. "*...toda mulher*, por outro lado, *que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça...*", a saber, o homem (v. 3). Ela aparece vestida como seu superior e se desfaz do sinal de sua sujeição. Ela poderia, com semelhante efeito, cortar o seu cabelo ou removê-lo, que era o costume do homem naquele tempo. De alguma maneira, isto seria declarar que ela estava desejosa de mudar de sexo, uma manifesta presunção daquela superioridade que Deus havia conferido ao outro sexo. E isto era provavelmente o erro dessas profetizas na igreja de Corinto. Era fazer uma coisa que, naquela época, significava superioridade, e, por essa razão, uma reivindicação tácita do que não lhes pertencia, mas ao outro sexo. Note que os sexos não devem simular mudar de posição. A ordem na qual a divina sabedoria colocou as pessoas e as coisas é a melhor e a mais adequada; esforçar-se para

mudá-la é destruir toda ordem, e introduzir confusão. A mulher deve manter-se na posição que Deus escolheu para ela e não desonrar sua cabeça; pois isso, no resultado final, é desonrar a Deus. Se ela foi criada a partir do homem e para o homem, e feita para ser a glória do homem, ela não deve fazer nada, especialmente em público, que pareça um desejo de inverter essa ordem. 2. Uma outra razão contra essa conduta é que o homem "*é a imagem e glória de Deus*", o representante daquele domínio glorioso e da chefia que Deus tem sobre o mundo. É o homem que foi colocado à cabeça dessa criação mais baixa e, nisso, carrega a semelhança de Deus. A mulher, por outro lado, "*é a glória do varão*" (v. 7), ela é seu representante. Não que ela tenha domínio sobre as criaturas inferiores, mas ela é uma participante da natureza humana, e também é representante de Deus, mas está em posição inferior. Ela é a imagem de Deus porque é a imagem do homem: "*Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão*" (v. 8). O homem foi criado primeiro e feito cabeça da criação aqui embaixo, e nesse sentido, é a imagem do domínio divino; e a mulher foi criada a partir do homem e brilhou refletindo a sua glória, sendo feita superior às outras criaturas aqui embaixo, mas em sujeição ao seu marido, e derivando essa honra daquele a partir de quem ela foi criada. 3. A mulher foi criada por causa do homem, para ser sua adjutora, e não o homem "*por causa da mulher*". Por essa razão, ela foi criada sujeita a ele, porque foi criada para ele, para sua ajuda e conforto. E aquela que foi planejada para estar sempre em sujeição ao homem não devia fazer nada nas assembléias cristãs que se parecesse com uma presunção de igualdade. 4. "*...a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos*". Poderio, isto é, um véu, o sinal, não de ela ter poder ou superioridade, mas de estar sob o poder de seu marido, sujeita a ele, e inferior ao outro sexo. Rebeca, quando se encontrou com Isaque, e estava se entregando como esposa dele, vestiu seu véu, em sinal de sujeição (Gn 24.65). Assim o apóstolo gostaria que as mulheres aparecessem nas assembléias cristãs, ainda que elas falassem ali sob inspiração, "*por causa dos anjos*", isto é, dizem alguns, por causa dos anjos maus. A mulher "*sendo enganada, caiu primeiro em transgressão*" (1 Tm 2.14), o que aumentou sua submissão ao homem (Gn 3.16). Então, pelo fato de anjos maus com certeza se misturarem em todas as assembléias cristãs, as mulheres deverão vestir o sinal de sua vergonha e sujeição, o qual, naquele período e país, era o véu. Outros dizem por causa dos anjos bons. Os judeus e os cristãos têm tido uma opinião de que muitos desses espíritos ministradores estão presentes em suas assembléias. A presença deles deve refrear os cristãos de toda indecência na adoração a Deus. Nós devemos aprender de tudo para nos comportarmos decentemente nas assembléias públicas de adoração divina, a fim de expressarmos reverência a Deus e um contentamento e satisfação com aquela posição em que Ele nos colocou.

V Paulo pensa ser adequado resguardar seu argumento com uma advertência para que a conclusão não seja levada tão longe (vv. 11,12): "*Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher, sem o varão, no Senhor*". Eles foram feitos um para o outro. "*Não é bom que o homem esteja só*" (Gn 2.18), e então a mulher foi criada, e criada para o homem; e o homem foi planejado para ser um conforto, uma ajuda e defesa para a mulher, embora não fosse criado tão direta e imediatamente para ela. Eles foram criados para ser um conforto e uma bênção mútua, não para uma ser a escrava, e o outro, o tirano. "*E serão ambos uma carne* (Gn 2.24), e isto para a propagação da raça humana. Eles são instrumentos recíprocos da produção mútua. Como a mulher foi primariamente formada do homem, o homem é desde então reproduzido pela mulher (v. 12), tudo pela divina sabedoria e poder de Deus, que assim ordenou. A autoridade e a submissão não devem ser maiores do que são adequadas aos dois em tal relação e união íntimas de um para com o outro. Note como é a vontade de Deus que a mulher conheça o seu lugar; assim também é da vontade dele que o homem não abuse de seu poder.

VI Ele impõe seu argumento a partir da cobertura natural providenciada para a mulher (vv. 13-15): "*Julgai entre vós mesmos:* – consultai vossa própria razão, ouvi o que a natureza sugere – *é decente que a mulher ore a Deus descoberta?* Não deve haver uma distinção mantida entre os sexos no uso de seus cabelos, visto que a natureza a fez? Não é uma distinção que a natureza tem mantido entre todas as nações civilizadas? O cabelo da mulher é uma cobertura natural; usá-lo longo é uma glória para ela; mas para um homem, ter o cabelo longo, ou estimá-lo, é um sinal de fraqueza e efeminação". Note que deve ser nossa preocupação, especialmente em assembléias cristãs, não abrir nenhuma brecha nas regras da decência natural.

VII Ele resume tudo referindo-se àqueles que eram contenciosos em relação aos hábitos e costumes das igrejas (v. 16). O costume é em grande medida a regra de decência. E a prática comum das igrejas é o que ele gostaria que governasse entre os coríntios. Ele não silencia os contenciosos por mera autoridade, mas os deixa saber que eles se apresentariam ao mundo como muito estranhos e esquisitos, se eles disputassem a favor de um costume que era completamente estranho a todas as igrejas de Cristo, ou contra um costume em que todas elas concordavam, e que estava fincado sobre a decência natural. Era o uso comum das igrejas que as mulheres se apresentassem veladas nas assembléias e se juntassem à adoração pública; e era manifestamente decente que elas assim o fizessem. São de fato muito contenciosos os que se propõem a discutir por causa disso, ou deixam isso de lado.

A Profanação da Ceia do Senhor

vv. 17-22

Nessa passagem, o apóstolo reprova-os severamente por desordens muito maiores do que a anterior, que ocorriam em sua participação na Ceia do Senhor, que era geralmente realizada, nos primeiros tempos, como nos dizem os antigos, seguida por uma festa de confraternização, o que dava ocasião para as desordens escan-

dalosas que o apóstolo repreende aqui, a respeito das quais observe:

I A maneira como ele inicia sua reprovação: "*Nisto, porém, que vou dizer-vos, não vos louvo* (v. 17). Eu não posso elogiar-vos, mas devo censurar-vos e condenar-vos." É claro, com base no início do capítulo, que ele estava pronto e feliz a elogiá-los tanto quanto ele podia. Mas tais desordens escandalosas de que eram culpados, em uma instituição tão sagrada, clamavam por uma repreensão severa. Eles tornaram a instituição contrária ao seu propósito original. Ela se propunha a fazê-los melhores, promover seus interesses espirituais; mas, ela os fazia realmente piores. Eles se juntavam, "*...não para melhor, senão para pior*". Note que as ordenanças de Cristo, se não nos fazem melhores, tenderão a fazer-nos piores cristãos; se elas não fazem bem às nossas almas, certamente nos causam danos; se não comovem e corrigem, então nos endurecerão. As inclinações corruptas serão fortalecidas em nós se os meios adequados não operarem a cura delas.

II Ele inicia sua repreensão contra eles tratando de mais detalhes do que o acima exposto. 1. Ele lhes fala que, quando se ajuntam, há *divisões*, *cismas* – *schismata*. Em vez de se reunirem unanimemente para celebrar a ordenança, eles caíam em disputas uns com os outros. Note que pode haver cismas onde não há separação de comunhão. As pessoas podem reunir-se na mesma igreja e sentar-se à mesma mesa do Senhor, e ainda assim estarem divididas. A falta de caridade, a alienação da afeição, especialmente se ela desenvolve a discórdia, as contendas e as brigas dão origem ao cisma. Os cristãos podem separar-se da comunhão de uns com os outros, e ainda terem falta de caridade mútua; eles podem continuar na mesma comunhão, e ainda terem falta de caridade. Esta última é divisão maior do que a anterior. O apóstolo tinha ouvido um relatório sobre as divisões entre os coríntios, e lhes fala que custou a acreditar. Pois, ele acrescenta, também deve haver heresias; não somente disputas, mas facções, e talvez tanto opiniões corruptas quanto ataques ao fundamento do cristianismo. Não é de admirar que haja ruptura do amor cristão nas igrejas quando surgem tais ofensas para provocar o naufrágio da fé e da boa consciência. Tais ofensas devem vir. Não que os homens tenham necessidade de se tornarem culpados delas; mas o fato é certo, e Deus as permite para que aqueles que forem aprovados (tais corações honestos suportarão a provação) possam ser destacados à vista e apareçam fiéis por sua constante adesão às verdades e caminho de Deus, apesar das tentações dos sedutores. Note que a sabedoria de Deus pode realçar a piedade e a integridade dos santos a partir da fraqueza e dos erros de outros. 2. Ele os repreende, não somente pelas discórdias e divisões, mas por causa de desordens escandalosas: "*Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome, e outro embriaga-se*" (v. 21). Os pagãos estavam acostumados a beber muito em suas festas, nas quais sacrificavam aos ídolos. Muitos dos coríntios mais prósperos parecem ter usado da mesma liberdade à mesa do Senhor, ou pelo menos em seus *agapai*, ou *festas do amor*, que eram realizadas após a Ceia. Eles não suportavam uns aos outros; os ricos desprezavam os pobres e comiam e bebiam das provisões que eles mesmos traziam antes que os pobres pudessem participar; e assim, alguns passavam fome enquanto outros tinham mais do que o suficiente. Isto era uma profanação à instituição sagrada, e corrupção de uma ordenança divina, ao grau máximo. O que era apontado para ser alimento para a alma estava sendo empregado para alimentar suas concupiscências e paixões. O que deveria ter sido um vínculo de amizade e afeição mútuas tornou-se instrumento de discórdia e desunião. Os pobres eram privados da comida preparada para eles, e os ricos tornavam a festa de caridade em devassidão. Isto era uma irregularidade escandalosa.

III O apóstolo coloca a culpa rigorosamente sobre eles: 1. Dizendo-lhes que a sua conduta destruía integralmente o propósito e o uso de tal instituição: "*...não é para comer a Ceia do Senhor*" (v. 20). Era vir à mesa do Senhor e não vir. Assim era melhor que ficassem afastados. Assim, comer os elementos exteriores não era comer o corpo de Cristo. Note que há um comer descuidado e irregular da Ceia do Senhor, o que não é comê-la de jeito nenhum; não redundará em nada, a não ser em aumentar a culpa. Tal comer era o que ocorria com os coríntios; suas práticas eram uma contradição direta dos propósitos dessa instituição sagrada. 2. Sua conduta trazia em si um desrespeito à casa de Deus, ou seja, à igreja (v. 22). Se eles tinham vontade de festejar, eles deviam fazer isso em suas próprias casas; mas vir à mesa do Senhor, fazer intrigas e rixas, e manter os pobres afastados de sua parte da provisão ali realizada, tanto para eles quanto para os ricos, era abusar da ordenança, e, mais especialmente, era um desdém pelos membros pobres da igreja, e merecia uma repreensão aguda. Tal comportamento tendia muito para a humilhação e o desencorajamento dos pobres, cujas almas eram tão preciosas para Cristo e lhe custaram tanto quanto as dos ricos. Note que as refeições comuns podem ser realizadas seguindo um hábito comum, mas as festas religiosas devem ser atendidas conforme padrões religiosos. Note também que é um mal abominável e deve ser severamente censurado, que cristãos tratem seus co-irmãos com desdém e insolência, ainda mais quando à mesa do Senhor. Isto é fazer o possível para desdenhar das ordenanças divinas. E devemos atentar cuidadosamente para que nada em nosso comportamento à mesa do Senhor tenha a aparência de desprezo por tão sagrada instituição.

O Propósito da Ceia do Senhor

vv. 23-34

Para corrigir essas grosseiras corrupções e irregularidades, o apóstolo destaca aqui a sagrada instituição da Ceia do Senhor. Isto deve servir de regra na reforma dos abusos.

I Ele nos relata como conheceu os princípios da Ceia do Senhor. Ele não estivera entre os apóstolos na primeira instituição, mas "*...eu recebi do Senhor o que também vos ensinei*" (v. 23). Ele tinha conhecimento

desse assunto por revelação de Cristo; e o que ele havia recebido, ele comunicou, sem modificar nada da verdade, sem acrescentar ou diminuir.

II Ele nos dá um relato mais detalhado do que encontramos em outro lugar. Aqui nós temos um relato:

1. Do autor – nosso Senhor Jesus Cristo. Somente o rei da igreja tem poder para instituir sacramentos.

2. Do tempo da instituição: ela ocorreu "*na noite em que foi traído*", justo quando ele estava iniciando os seus sofrimentos, os quais devem ser celebrados dessa maneira.

3. Da instituição em si mesma. Nosso Salvador tomou o pão, e quando Ele deu graças, ou *abençoou-o* (conforme está em Mt 26.26), "*o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim*" (vv. 24,25). Aqui, observe:

(1) Os elementos desse sacramento: [1] Tanto com relação aos sinais visíveis: o pão e o cálice, o primeiro dos quais é chamado pão muitas vezes nessa passagem, mesmo que os papistas o chamem de consagração. O que é comido é chamado pão, embora seja dito ao mesmo tempo que é *o corpo do Senhor*, um claro argumento de que os apóstolos não conheciam nada da monstruosa e absurda doutrina da transubstanciação dos papistas. O segundo elemento é tão claramente uma parte da instituição quanto as palavras a podem tornar. Mateus nos fala que nosso Senhor mandou que todos bebessem dele (cap. 26.27), como se Ele, pela expressão, impusesse uma advertência contra o impedimento que os papistas fariam ao leigo de participar do cálice. O pão e o cálice são ambos constituídos para serem usados, porque é uma festa santa. Aqui não é necessário, nem em qualquer lugar, que qualquer bebida particular esteja no cálice. De fato está claro em um evangelista que o vinho foi a bebida usada por nosso Salvador, embora ele talvez estivesse misturado com água, de acordo com o costume judaico (*vide* Lightfoot sobre Mateus 26). Mas isto de maneira nenhuma significa que seja ilegítimo ter um sacramento onde as pessoas não possam beber vinho. Em muitos lugares da Escritura, nos quais temos um relato dessa parte da instituição, ela é sempre expressa em figura. O cálice é colocado pelo que estava nele nas palavras da instituição, sem especificar nenhuma vez que bebida era. [2] Quanto com relação às coisas significadas pelos sinais exteriores: eles são o corpo e o sangue de Cristo, seu corpo partido, seu sangue derramado, todos juntos com todos os benefícios que fluem de sua morte e sacrifício: "*...é o Novo Testamento no meu sangue*". Seu sangue é o selo e a aprovação de todos os privilégios da nova aliança; e os dignos que o recebem o tomam como tal, nessa ordenança sagrada. Eles recebem o Novo Testamento, o seu próprio documento de todas as bênçãos da nova aliança, pelo sangue dele.

(2) Nós temos aqui as ações sacramentais, a maneira em que os elementos do sacramento devem ser usados. [1] As ações de nosso Salvador, que consistiram em tomar o pão e o cálice, dar graças, partir o pão, e distribuir um e outro. [2] As ações dos comungantes, que consistiam em tomar o pão e comê-lo, tomar o cálice e beber dele, e ambas em memória de Cristo. Mas os atos externos não são a parte principal a ser feita nessa santa ordenança; cada uma dessas ações tem um significado. Nosso Salvador, havendo se encarregado de realizar uma oferta de si mesmo a Deus e de obter, através de sua morte, a remissão de pecados, com todos os outros benefícios do evangelho, para os verdadeiros crentes, entregou, na instituição, seu corpo e sangue, com todos os benefícios conseguidos através de sua morte, a seus discípulos, e continua a fazer o mesmo em todo o momento em que a ordenança é administrada aos verdadeiros crentes. Isto é apresentado como o alimento das almas. E como o alimento, por mais saudável e benéfico que seja, não produzirá nenhum sustento se não for comido, aqui os comungantes devem tomar e comer, ou receber a Cristo e alimentar-se dele, de sua graça e benefícios, e pela fé transformá-los em nutrição para as suas almas. Eles devem recebê-lo como seu Senhor e sua vida, entregarem-se a si mesmos para Ele, e viver por Ele, "*Cristo, que é a nossa vida*" (Cl 3.4).

(3) Nós temos aqui um relato sobre as finalidades dessa instituição. [1] Ela foi designada para ser realizada *em memória de Cristo*, para manter vívido em nossas mentes um favor antigo, sua morte por nós, como também para lembrar um amigo ausente, e até Cristo intercedendo por nós, em virtude de sua morte, à mão direita de Deus. O melhor dos amigos e os maiores atos de bondade devem ser aqui lembrados, com o exercício de afeições e graças adequadas. O lema dessa ordenança, e o seu verdadeiro significado, é: *Quando virdes isso, lembrai-vos de mim.* [2] Ela deveria anunciar a morte de Cristo, declará-la e publicá-la. Não é apenas em memória de Cristo, do que Ele fez e sofreu, que a sua ordenança foi instituída; mas para comemorar e celebrar sua gloriosa condescendência e graça em nossa redenção. Nós declaramos a sua morte como sendo a nossa vida, a fonte de todos os nossos confortos e esperanças. E nós nos gloriamos em tal declaração; nós anunciamos a sua morte, e a estendemos diante de Deus como nosso sacrifício e resgate que foram aceitos. Nós a colocamos à vista de nossa própria fé, como nosso próprio conforto e estímulo; e nós confessamos diante do mundo, por esse serviço verdadeiro, que somos os discípulos de Cristo, que confiamos somente nele para a salvação e aceitação diante de Deus.

(4) Além disso, aqui é sugerido, em relação a essa ordenança: [1] Que sua celebração deve ser freqüente: "*...todas as vezes que comerdes este pão...*". As refeições que suprem o nosso corpo acontecem com freqüência; nós não podemos manter a vida e a saúde sem isso. É conveniente que essa dieta espiritual também seja feita com freqüência. As igrejas antigas celebravam essa ordenança a cada dia do Senhor, se não o faziam todos os dias em que elas se reuniam para a adoração. [2] Que ela seja perpétua. Ela deve ser celebrada *até que venha* o Senhor; até Ele vir pela segunda vez, sem pecado, para a salvação daqueles que crêem e para julgar o mundo. Esta é a nossa garantia por guardar essa festa. Era desejo de nosso Senhor que assim celebrássemos a memória de sua morte e paixão, até Ele vir em sua própria glória, e na de seu Pai, com seus santos anjos, e pôr um fim

ao presente estado de coisas e à sua própria administração mediadora, dando a sentença final. Note que a Ceia do Senhor não é uma ordenança temporária, mas permanente e perpétua.

III Ele apresenta aos coríntios o perigo de receberem a ordenança indignamente, de prostituírem essa instituição, como eles faziam, e de a utilizarem com os propósitos de festejar e de partidarismo, com intenções opostas ao seu motivo, ou uma disposição mental que lhe seja completamente inadequada; ou de manter aliança com o pecado e a morte, enquanto estão ali confessadamente renovando e confirmando sua aliança com Deus. 1. Assim se contrai grande culpa. Eles serão "*culpados do corpo e do sangue do Senhor*" (v. 27), de violarem essa sagrada instituição, de desprezarem seu corpo e seu sangue. Eles agem como se profanassem o sangue do testamento com que foram santificados (Hb 10.29). Eles profanam a instituição, e, de certa forma, crucificam seu Salvador novamente. Em vez de serem purificados através de seu sangue, eles são culpados pelo seu sangue. 2. É um grande risco que eles correm: eles comem e bebem "*para sua própria condenação*" (v. 29). Eles provocam a Deus e, provavelmente, atrairão punição sobre si mesmos. Não há nenhuma dúvida, porém, de que eles incorrem em grande culpa e, assim, tornam-se sujeitos à condenação, a julgamentos espirituais e miséria eterna. Cada pecado é condenatório em sua própria natureza; e, por essa razão, com certeza é assim com um pecado tão abominável como profanar uma ordenança santa. E é profanada no mais grosseiro sentido por tal irreverência e grosseria, de que os coríntios eram culpados. Mas os crentes tementes não devem ser desencorajados de atender a essa santa ordenança pelo tom dessas palavras, como se eles trouxessem sobre si mesmos a sentença de condenação por virem despreparados à mesa do Senhor. Este pecado, tanto como todos os outros, cede lugar ao perdão por meio do arrependimento; e o Espírito Santo não compôs essa passagem para impedir os cristãos sérios de cumprirem seus deveres, embora o diabo freqüentemente tenha tirado vantagem dela, e roubado bons cristãos de seus confortos mais seletos. Os coríntios vinham à mesa do Senhor como para uma festa comum, "*não discernindo o corpo do Senhor*"; não fazendo uma diferença ou distinção entre aquela comida e uma comida comum, mas colocando ambas num mesmo nível; além disso, eles usavam de muito mais indecência nessa festa sagrada do que teriam feito em uma festa comum. Isto era muito pecaminoso, e muito desagradável a Deus, e atraía o seu julgamento sobre eles: "*Por causa disso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem*". Alguns foram punidos com doenças e outros com a morte. Note que receber de maneira irreverente e sem cuidado da mesa do Senhor pode trazer punições temporais. Contudo, o texto parece sugerir que até aqueles que eram assim punidos estavam em um estado de favor de Deus, pelo menos muitos deles: eles eram julgados pelo Senhor, para não serem "*condenados com o mundo*" (v. 32). Então, a punição divina é um sinal do amor divino: "*...porque o Senhor corrige o que ama*" (Hb 12.6), especialmente com um propósito misericordioso, para evitar sua condenação final. No meio do julgamento, Deus se lembra da misericórdia: Ele freqüentemente pune aquele a quem ama ternamente. É bondade usar a vara para evitar a ruína do filho. Ele visitará tal iniqüidade como essa com açoite e ainda fará daqueles açoites a evidência de sua amável bondade. Contavam com o favor de Deus aqueles que tão profundamente ofenderam o Senhor nessa situação, e atraíram sobre si o julgamento; ao menos, muitos deles contavam com o seu favor, pois foram castigados por Ele em virtude de sua boa vontade paterna, castigados agora para que não se perdessem para sempre. Note que é melhor suportar tribulação neste mundo do que ser miserável por toda a eternidade. E Deus pune seu povo agora, para evitar sua desgraça eterna.

IV Ele chama a atenção para o dever daqueles que vêm à mesa do Senhor. 1. Em geral: "*Examine-se, pois, o homem a si mesmo*" (v. 28), teste-se e aprove-se a si mesmo. Considere o propósito sagrado dessa santa ordenança, sua natureza e uso, e compare seus próprios objetivos para ir à Ceia do Senhor e sua disposição mental para participar dela; e, quando tiver aprovado a si mesmo em sua própria consciência diante de Deus, então participe. Tal auto-exame é necessário para uma correta participação nessa santa ordenança. Note que aqueles que, por fraqueza de entendimento, não conseguem testar-se a si mesmos, não estão de modo nenhum aptos para comer *deste pão* e beber *deste cálice*; nem aqueles que, sob um justo julgamento, têm apenas se deixado carregar em si mesmos com impenitência, descrença e alienação da vida de Deus. Os que quiserem ser bem-vindos a essa festa de casamento devem estar vestidos das vestes nupciais – a graça no hábito e a graça na prática. 2. O dever daqueles que ainda não haviam sido punidos por sua profanação dessa ordenança: "*Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados*" (v. 31). Se nos examinássemos e explorássemos inteiramente, e nos condenássemos e corrigíssemos o que encontrássemos de impróprio, preveniríamos julgamentos divinos. Note que ser exatos e severos com nós mesmos e com nossa própria conduta é o melhor jeito do mundo para não sucumbirmos sob a justa severidade de nosso Pai celestial. Nós não devemos julgar os outros, para que não sejamos julgados (Mt 7.1); mas devemos julgar a nós mesmos, para evitar sermos julgados e condenados por Deus. Nós podemos ser críticos em relação a nós mesmos, mas devemos ser muito sinceros em julgar os outros.

V Ele conclui sua mensagem com um aviso contra as irregularidades das quais eles eram culpados (vv. 33,34), advertindo-os a evitarem toda indecência quando estivessem à mesa do Senhor. Para matar a fome e por prazer deviam comer somente em casa, e não transformar a Ceia do Senhor em uma festa comum; e muito menos comer das provisões antes que aqueles que não podiam trazer nada participassem delas, para que eles não caíssem todos sob condenação. Note que nossos deveres santos, através de nosso próprio abuso, podem acabar sendo causas de condenação. Os cristãos podem guardar dias de descanso, ouvir sermões, receber os sacramentos e estar somente agravando a culpa, e atraindo uma

sentença mais pesada. Uma verdade triste, porém séria! Oh! Vigiem todos, para não se reunirem para adorar a Deus e ao mesmo tempo o provocarem e atraírem vingança sobre si mesmos. As coisas santas devem ser usadas de maneira santa, ou do contrário serão profanadas. O que mais era impróprio nesse assunto, ele lhes diz que corrigiria quando fosse até eles.

CAPÍTULO 12

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Considera a questão dos dons espirituais, que tinham sido plenamente derramados sobre a igreja de Corinto. Ele considera a sua fonte: vinham de Deus; sua variedade e uso, que eram todos planejados para uma e a mesma finalidade geral, o avanço do cristianismo e a edificação da igreja (vv. 1-11). II. Ele ilustra isso fazendo alusão ao corpo humano, no qual todos os membros têm uma relação mútua e de subserviência, e cada um tem o seu próprio lugar e uso (vv. 12-26). III. Ele nos fala que a igreja é o corpo de Cristo, e os membros recebem dons diversos para o benefício de todo o corpo e de cada membro em particular (vv. 27-30). E, assim: IV. Ele conclui com uma exortação a procurarem os melhores dons (v. 31).

Sobre os Dons Espirituais

vv. 1-11

O apóstolo passa a tratar do tema dos dons espirituais, os quais abundavam na igreja de Corinto, mas eram usados de forma muito abusiva. O que eram esses dons nos é explicado detalhadamente no transcorrer do capítulo; a saber, funções extraordinárias e poderes, concedidos aos apóstolos e cristãos em geral, naqueles primeiros tempos da igreja, para a convicção dos incrédulos e propagação do evangelho. Dons e graças, *charismata* e *charis*, diferenciavam-se grandemente. Ambos eram de fato dados livremente por Deus. Mas onde a graça é concedida, é para a salvação daqueles que a têm. Os dons são concedidos para a vantagem e salvação de outros. E pode haver grandes dons onde não há nem um pouco de graça, mas as pessoas possuídas por eles o são totalmente por causa do favor divino. Eles são grandes exemplos da bondade divina aos homens, mas não provam por si mesmos que aqueles que os têm sejam objetos da complacência divina. Essa igreja era rica em dons, mas havia muitas coisas escandalosas por causa do estado em que ela se encontrava. Então, concernente a esses dons espirituais, isto é, os poderes extraordinários que eles recebiam do Espírito Santo:

I O apóstolo lhes diz que não queria que eles fossem ignorantes nem quanto à sua origem nem quanto ao seu uso. Eles vinham de Deus e deviam ser usados para Ele. Eles se desviariam se ignorassem tanto um quanto o outro desses aspectos. Note que a informação correta é de grande utilidade para todas as práticas espirituais. É um péssimo serviço que prestam os homens capacitados quando não conhecem ou não atentam para a natureza e o uso correto dos dons com os quais eles são dotados.

II Ele relembra-os do triste estado do qual haviam sido recuperados: "*Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados*" (v. 2). Enquanto eles eram tais homens, eles não podiam ter nenhuma pretensão de serem homens espirituais, nem de possuírem dons espirituais. Enquanto eles estavam sob a condução do espírito do mundo gentílico, não podiam ser influenciados pelo Espírito de Cristo. Se compreendessem bem sua condição anterior, eles não podiam senão saber que todos os verdadeiros dons espirituais vêm de Deus. Então, em relação a isso, observe: 1. Sua condição anterior: eles eram *gentios*. Não eram um povo peculiar de Deus, mas nações que Ele havia, de alguma maneira, abandonado. Os judeus eram, antes, o seu povo escolhido, distinto do resto do mundo pelo seu favor. De alguma maneira, estava limitado neles o conhecimento e a adoração do verdadeiro Deus. O resto do mundo era estranho à aliança da promessa, estranho à comunidade de Israel, e, de certa forma, sem Deus (Ef 2.12). Tais gentios constituíam o grosso dos coríntios, antes da conversão deles ao cristianismo. Que mudança havia aqui! Os cristãos coríntios haviam sido outrora gentios. Note que é de grande utilidade para o cristão e de uma consideração distintiva incitá-lo a pensar no que ele foi antes de converter-se a Cristo: "...*éreis gentios*". 2. O comportamento que tinham: "...*levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados*". Eles eram impelidos à mais grosseira idolatria, à adoração até de madeiras e pedras, pela força de uma vã imaginação, e o embuste de seus sacerdotes, que agiam sob a ignorância deles. Pois, quaisquer que fossem os sentimentos de seus filósofos, esta era a prática do povo. A maior parte do povo rendia homenagem e adoração a ídolos mudos, que "*têm boca, mas não falam; têm ouvidos, mas não ouvem*" (Sl 115.5,6). Desgraça miserável da mente! E aqueles que desprezavam essas concepções grosseiras do vulgar ainda assim as tolerava em sua prática. Oh! Estado sombrio do paganismo! O Espírito de Deus poderia estar entre tais idólatras estúpidos, ou eles poderiam ser influenciados por Ele? Quanto o príncipe deste mundo triunfou na cegueira da humanidade! Quão densa a névoa que ele colocou sobre suas mentes!

III Ele lhes mostra como deviam discernir aqueles dons que vinham do Espírito Santo, verdadeiras dádivas espirituais: "...*ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema!*" Assim faziam tanto judeus como gentios: blasfemavam dele como sendo um impostor, maldiziam o seu nome e o consideravam abominável. E ainda assim muitos judeus que eram exorcistas e mágicos simulavam realizar maravilhas pelo Espírito de Deus (*vide Horae*, *in loc.*, de Lightfoot); e muitos entre os gentios simulavam inspiração. Então, o apóstolo lhes fala que ninguém que blasfemasse e rejeitasse a Cristo poderia agir sob a influência do Espírito Santo; pois o Espírito de Deus testemunhava irresistivelmente de Cristo através de profecia, de milagres, de sua ressurreição dos mortos, do sucesso de sua doutrina entre os homens e de seu efeito

sobre eles; e jamais poderia contradizer-se declarando-o anátema. E, por outro lado, "*...ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor* (isto é, viver por meio dessa fé, e operar milagres para prová-la), *senão pelo Espírito Santo*". Confessar a própria verdade diante dos homens, mantê-la até a morte e viver sob a sua influência, não poderia realizar-se sem a santificação do Espírito Santo. Nenhum homem pode chamar a Cristo de *Senhor*, com sujeição a Ele e dependência fiel dele, a menos que aquela fé seja operada pelo Espírito Santo. Nenhum homem pode confessar essa verdade no dia do julgamento, a não ser pelo Espírito Santo animando-o e encorajando-o. Nós temos tão grande necessidade da dependência da operação e da influência do Espírito Santo para a nossa santificação e constância, quanto da mediação de Cristo para a nossa reconciliação e aceitação diante de Deus; nenhum homem poderia confirmar essa verdade, mas somente o Espírito Santo. Nenhum espírito mal poderia, se estivesse em seu poder, auxiliar a espalhar uma doutrina e uma religião tão destrutiva para o reino do diabo. A essência do que o apóstolo afirma e argumenta aqui é que, quaisquer que forem as simulações de inspiração ou milagres entre aqueles que são inimigos do cristianismo, eles não podem vir do Espírito de Deus; mas nenhum homem pode crer nisso com o coração, nem provar através de um milagre que Jesus é o Cristo, a não ser pelo Espírito Santo; de maneira que as operações e os poderes extraordinários que ocorriam entre eles procediam todos do Espírito de Deus. Ele acrescenta:

IV Que esses dons espirituais, mesmo procedentes do mesmo Espírito, são diversos. Eles têm um autor e uma origem, porém, em si mesmos são de várias espécies. Uma causa livre pode produzir variedade de efeitos; e o mesmo doador pode conceder vários dons (v. 4). "*Ora, há diversidade de dons*", tais como revelações, línguas, profecia, interpretações de línguas, "*mas o Espírito é o mesmo*". Há diferenças de administrações ou diferentes funções, e oficiais para realizá-las, diferentes ordenanças e instituições (ver vv. 28-30), mas o mesmo Senhor, que designou a todas (v. 6). "*E há diversidade de operações*", ou poderes miraculosos, chamados *energemata dynameon* (v. 10), como aqui *energemata*, "*mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos*". Há vários dons, ministérios e operações, mas tudo procede de um Deus, de um Senhor, de um Espírito; isto é, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a fonte e a origem de todas as bênçãos e heranças espirituais: todos vêm de uma mesma fonte; todas têm o mesmo autor. Por mais que eles possam ser diferentes em si mesmos, nisso eles concordam; todos vêm de Deus. E vários tipos são especificados aqui (vv. 8-10). Várias pessoas tinham seus vários dons, algumas tinham este, outras, aquele, todos de e pelo mesmo Espírito. A um era dada a "*palavra da sabedoria*", isto é, dizem alguns, um conhecimento dos mistérios do evangelho e habilidade para explicá-lo, um conhecimento exato do plano, da natureza e das doutrinas da religião cristã. Outros dizem que seria pronunciar frases solenes, como os provérbios de Salomão. Alguns limitam essa palavra da sabedoria às revelações aos apóstolos e por meio deles. "*...e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência*", isto é, dizem alguns, o conhecimento de mistérios (cap. 2.3): relacionado às profecias, tipos e histórias do Antigo Testamento; outros dizem que seria uma habilidade e facilidade para aconselhar em casos difíceis. "*...e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé*", isto é, a fé em milagres, ou uma fé no poder divino e na promessa de que eles estariam habilitados a realizar milagres; ou um impulso extraordinário vindo de cima, pelo qual eles estavam habilitados a confiar em Deus em qualquer emergência, e perseverar em seus deveres, confessar e professar as verdades de Cristo, qualquer que fosse a dificuldade ou perigo. "*...e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar*", isto é, curar as doenças, fosse pelas mãos, ou ungindo com óleo, ou com uma simples palavra. "*...e a outro, a operação de maravilhas*": a eficácia de poderes, tais como ressuscitar os mortos, restaurar a vista aos cegos, fazer os mudos falarem, os surdos ouvirem, e curar os aleijados. "*...e a outro, a profecia*", isto é, a habilidade para prever eventos futuros, que é o sentido mais usual de profecia; ou explicar a Escritura através de um dom peculiar do Espírito (ver cap. 14.24). "*...e a outro, o dom de discernir os espíritos*", poder para discernir entre os profetas verdadeiros e os falsos, ou discernir as qualificações internas e legítimas de qualquer pessoa para um ofício, ou descobrir as operações íntimas da mente pelo Espírito Santo, como Pedro fez com Ananias e Safira (At 5.3). "*...e a outro, a variedade de línguas*", ou a habilidade para falar línguas por inspiração. "*...e a outro, a interpretação das línguas*", ou a habilidade para traduzir línguas estrangeiras pronta e corretamente para a sua própria. Os primeiros ministros e igrejas eram abençoados com tal variedade de dons espirituais.

V A finalidade com que esses dons foram concedidos: "*Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil*" (v. 7). O Espírito era manifestado através do exercício desses dons; sua influência e interesse apareciam neles. Mas eles não eram distribuídos por mera honra e vantagem daqueles que os tinham, mas para o benefício da igreja, para edificar o corpo, espalhar e fazer avançar o evangelho. Note que, quaisquer que sejam os dons que Deus venha a conferir a qualquer homem, Ele os concede para que se possa fazer o bem com eles, sejam esses comuns ou espirituais. Os dons exteriores de sua generosidade devem ser desenvolvidos para a sua glória e empregados no fazer o bem aos outros. Nenhum homem os tem meramente para si mesmo. Eles são uma responsabilidade colocada em suas mãos para o que for útil; e quanto mais cada um favorecer a outros com eles, mais abundantemente eles serão colocados na sua conta no final (Fp 4.17). Os dons espirituais são concedidos para que os homens possam, com eles, favorecer a igreja e promover o cristianismo. Eles não são dados para mostrar, mas para servir; não para servir de pompa ou ostentação, mas para a edificação; não para engrandecer aqueles que os têm, mas para edificar os outros.

VI A medida e a proporção com que eles são dados: "*Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer*". É de acordo com a vontade soberana do doa-

dor. O que pode ser mais livre do que um dom? E o Espírito de Deus não fará o que Ele quer com o que lhe pertence? Ele não pode conceder a quem Ele quiser; um dom para um homem, outro para outro; mais para um, menos para outro, como Ele pensar ser adequado? Ele não é o melhor juiz de como seus propósitos deverão ser cumpridos e de como seus próprios donativos devem ser concedidos? Não é como os homens desejam, nem como eles podem pensar ser conveniente, mas como o Espírito desejar. Note que o Espírito Santo é uma pessoa divina. Ele opera efeitos divinos e divide dons divinos como quer, por seu próprio poder e de acordo com sua própria vontade, sem dependência ou controle. Mas, embora distribua esses dons livremente e sem controle, Ele pretende que eles sejam usados para o benefício público, para a edificação do corpo, a igreja, e não para honra e vantagem particulares.

Recomendação à Unidade
vv. 12-26

Aqui o apóstolo explica a verdade que ele afirmou acima e relembra aos homens que receberam dons entre os coríntios o dever de cada um deles, comparando a igreja de Cristo ao corpo humano.

I Dizendo-nos que um corpo pode ter muitos membros, e que os muitos membros do mesmo corpo não perfazem mais do que um corpo (v. 12): "*Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também*"; isto é, o Cristo místico, como alguns geralmente dizem. Cristo e sua igreja formando um corpo, como cabeça e membros; este corpo é formado por muitas partes ou membros, ainda que sejam um corpo; pois todos os membros são "...*batizados em um Espírito, formando um corpo,... e todos temos bebido de um Espírito*" (v. 13). Ambos, judeus e gentios, escravos e livres, estão em um mesmo nível nisto: todos são batizados no mesmo corpo e feitos participantes do mesmo Espírito. Os cristãos tornam-se membros deste corpo pelo batismo: eles são batizados em um corpo. O rito exterior é de instituição divina, significativo do novo nascimento, chamado por essa razão de "*lavagem da regeneração*" (Tt 3.5). Mas é pelo Espírito, pela renovação do Espírito Santo, que nós somos feitos membros do corpo de Cristo. É a operação do Espírito, representada pela ministração exterior, que nos faz membros. E somos sustentados pela comunhão na outra ordenança; mas, então, não é meramente pelo beber do vinho, mas pelo beber em um Espírito. A ministração exterior é um modo estabelecido por Deus para a nossa participação nesse grande benefício; mas é o batismo pelo Espírito, é a renovação interior e o beber em um Espírito, o participar de sua influência santificadora de tempos em tempos, que nos faz verdadeiros membros do corpo de Cristo, e mantém nossa união com Ele. Ser vivificados por um Espírito faz dos cristãos um corpo. Note que todos os que têm o Espírito de Cristo (e somente esses), sem distinção, são membros de Cristo, sejam judeus ou gentios, escravos ou livres. E todos os membros de Cristo completam um corpo; muitos membros, mas um único corpo. Eles são um corpo, porque eles têm um princípio de vida; todos são vivificados e animados pelo mesmo Espírito.

II Cada membro tem sua forma, seu lugar e seu uso particulares. 1. O membro mais desprezível faz parte do corpo. Talvez o pé e a orelha sejam de menor utilidade do que a mão e o olho; mas porque um não é uma mão e o outro um olho, dirão, por essa razão, que eles não pertencem ao corpo? (vv. 15,16). Assim, cada membro do corpo místico não pode ter o mesmo lugar e ofício; e então? Por isso ele rejeitará a relação com o corpo? Porque não está ajustado no mesmo lugar, ou favorecido com os mesmos dons que outros, dirá: "Eu não pertenço a Cristo?" Não, o membro mais desprezível de seu corpo é tão membro quanto o mais nobre, e considerado tão verdadeiramente por Ele. Todos os seus membros são preciosos para Ele. 2. Deve haver uma distinção de membros no corpo: "*Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?*" (v. 17). "*E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?*" (v. 19). Eles são *muitos membros*, e, por essa razão, deve haver distinção entre eles, *mas um* só *corpo* (v. 20). Um membro de um corpo não é um corpo; este é a combinação de muitos; e entre esses muitos deve haver uma distinção, diferença de situação, forma, uso etc. Assim ocorre com o corpo de Cristo; seus membros devem ter usos diferentes, e, conseqüentemente, poderes diferentes, estar em lugares diferentes, alguns tendo um dom, e outros, dons diferentes. A variedade nos membros do corpo contribui para a sua beleza. Que monstro seria um corpo se ele fosse todo orelha, ou olho, ou braço! Assim é a beleza e a boa aparência da igreja, em que deve haver diversidade de dons e funções. 3. O arranjo de membros em um corpo natural e sua localização ocorrem como Deus quer: "*Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis*" (v. 18). Podemos perceber claramente a divina sabedoria na distribuição dos membros; mas ela ocorreu de acordo com o conselho de sua vontade; Ele os distinguiu e os distribuiu como quis. Assim também ocorre com os membros do corpo de Cristo: eles são escolhidos para tais posições e dotados com tais dons, como Deus quer. Ele, que é o Senhor soberano, dispõe totalmente de seus favores e dons como desejar. E quem contradiria a sua vontade? Que fundamento existe aqui para murmurarmos em nós mesmos ou desejarmos outros? Devemos cumprir os deveres adequados ao nosso próprio lugar, e não murmurarmos, nem disputarmos com outros, por não estarmos no deles. 4. Todos os membros do corpo são, em algum aspecto, úteis e necessários para os outros: "*E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não tenho necessidade de vós*"; além disso, aqueles "...*membros do corpo que parecem ser os mais fracos* (os intestinos etc.) *são necessários*" (vv. 21,22). Deus assim os equipou e ajustou juntos, de maneira que eles são todos necessários uns aos outros, e para o corpo todo; não há nenhuma parte supérflua ou desnecessária. Cada membro cumpre um ou outro bom propósito: ele é útil para os outros membros e necessário para o bom estado do corpo todo. Nem há um mem-

bro do corpo de Cristo que não possa e não deva ser útil aos demais membros, e que, às vezes, e em alguns casos, não seja indispensável para eles. Ninguém deve desprezar e cobiçar o outro, vendo que Deus tem feito distinção entre eles como Ele quis, também para mantê-los a todos no mesmo grau de dependência, e fazê-los valiosos uns aos outros, e para que se interessem uns pelos outros, por causa de sua utilidade mútua. Aqueles que se distinguem em qualquer dom não podem dizer que eles não têm nenhuma necessidade daqueles que, em seus dons, são inferiores, talvez enquanto eles os excedam em outros dons. Mais ainda, os membros menos honrosos de todos têm seu uso, e os mais nobres não podem funcionar bem sem eles. O olho precisa da mão, e a cabeça, dos pés. 5. Tal é a preocupação do homem em relação ao seu corpo todo, que "*...os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra*". Aquelas partes que não são adequadas, como o resto, para serem expostas à vista, por serem ou deformadas ou indecentes, nós vestimos e cobrimos com mais cuidado; enquanto as partes decentes não têm tal necessidade. A sabedoria da Providência tem coisas tão elaboradas e moderadas que as mais abundantes considerações e honras devem ser rendidas àquele que mais tinha falta delas (v. 24). Assim, os membros do corpo de Cristo devem se comportar em relação aos outros membros; em vez de desprezá-los ou repreendê-los, por suas fragilidades, eles devem esforçar-se para protegê-los e ocultá-los, e aceitá-los da melhor maneira possível. 6. A divina sabedoria tem coisas elaboradas e ordenadas desse jeito, de maneira que os membros do corpo de Cristo não deveriam ser cismáticos, divididos uns dos outros e agindo segundo interesses separados, mas bem afeiçoados uns aos outros, ternamente preocupados uns com os outros, tendo um sentimento de solidariedade nas tristezas e de comunhão nas alegrias e prazeres de cada um (vv. 25,26). Deus tem disposto os membros do corpo natural da maneira mencionada, "*...para que não haja divisão no corpo*" (v. 25), nenhuma ruptura, nem desunião entre os membros, nem, de forma alguma, a desconsideração mútua. Isso também deve ser evitado no corpo espiritual de Cristo. Não deve haver nenhuma divisão nesse corpo, mas os membros devem estar unidos de perto pelos laços mais fortes do amor. Tudo o que declina desse sentimento é semente de divisão. Onde o cristianismo se desenvolve frio na relação de uns com os outros membros, eles serão carentes e despreocupados uns com os outros. E essa despreocupação mútua é o início de uma divisão. Os membros do corpo natural são feitos para terem cuidado e preocupação uns com os outros, para evitarem uma divisão nele. Assim deveria ocorrer no corpo de Cristo; os membros devem compartilhar uns com os outros. Como no corpo natural, a dor de uma parte aflige o todo, o bem-estar e o prazer de uma parte afeta o todo, assim os cristãos deveriam considerar-se a si mesmos honrados nas honras de seus co-irmãos e sofrerem com eles as suas dores. Note que a solidariedade cristã é um grande ramo do dever cristão. Nós devemos estar tão distantes de desprezar os sofrimentos de nossos irmãos, a ponto de sofrermos com eles; tão distantes de cobiçar suas honras, que nos alegremos com eles e nos consideremos honrados neles.

Sobre os Dons Espirituais
vv. 27-31

I Aqui o apóstolo resume o seu argumento, e aplica essa semelhança à igreja de Cristo, acerca do que observe:

1. A relação em que cristãos permanecem em Cristo e uns nos outros. A igreja, ou todo o corpo coletivo de cristãos, em todas as épocas, é o seu corpo. Todo cristão é um membro de seu corpo, e cada outro cristão permanece relacionado a Ele como um membro do corpo (v. 27): "*Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular*", ou membros particulares. Cada um é membro do corpo, não o corpo todo; cada um permanece ligado ao corpo como uma parte dele, e todos têm uma relação comum uns com os outros, dependência uns dos outros, e devem ter carinho e preocupação mútuos. Assim são os membros do corpo natural; assim devem estar dispostos os membros do corpo místico. Note que a indiferença mútua, e muito mais o desdém, e o ódio, a cobiça e a discórdia, não são verdadeiramente naturais em cristãos. Semelhante é com os membros do mesmo corpo que são destituídos de qualquer preocupação mútua, ou que disputam uns com os outros. Este é o objetivo do apóstolo com esse argumento. Aqui, ele se esforça para suprimir o orgulho, a jactância e o espírito de contendas, que haviam vigorado entre os coríntios por causa de seus dons espirituais.

2. A variedade de ofícios instituídos por Cristo, e dons ou favores distribuídos por Ele (v. 28): "*E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos...*", os ministros principais incumbidos de todos os poderes necessários para estabelecerem a igreja e transmitirem uma completa revelação da vontade de Deus. "*...em segundo lugar, profetas*", ou pessoas capacitadas por inspiração para profetizarem, interpretarem as Escrituras ou escreverem por inspiração, como os evangelistas fizeram. "*...em terceiro, doutores*", aqueles que labutam na palavra e na doutrina, seja no cargo pastoral ou não. Depois disso, "*...milagres*", ou operadores de milagres. "*...depois, dons de curar*", ou aqueles que tinham poder para curar doenças; "*...socorros*", ou os que tinham compaixão do doente e do fraco e lhes ministravam; "*...governos*", ou os que tinham a disponibilidade das contribuições caridosas da igreja, e de doá-las aos pobres; "*...variedades de línguas*", ou os que podiam falar diversas línguas. Concernente a todos esses, observe: (1) A abundante variedade desses dons e funções. Como são muitos! O bom Deus era generoso em suas comunicações com a igreja primitiva. Ele não era nenhum avarento em relação a seus benefícios e favores. Não, Ele provia ricamente para eles. Eles não tinham nenhuma necessidade, mas um estoque – tudo o que era necessário e ainda mais; também o que fosse adequado para eles. (2) Observe a ordem desses dons. Eles estão colocados aqui em suas próprias distinções. Os que têm o maior valor vêm em primeiro lugar. Apóstolos, profetas, e doutores foram planejados para instruir as pessoas, para bem informá-las nas coisas de Deus, e promover sua edificação espiritual: sem eles, nem conhecimento evangélico nem santidade poderiam ter sido promovidos. Mas o resto adequava-se a responder às grandes intenções do cristianismo, não tinham tal consideração imediata para a religião, estritamente assim denominada. Note que Deus faz, e nós devemos fa-

zer, coisas valiosas de acordo com o seu real valor; e o uso das coisas é o melhor critério para o seu real valor. São mais valiosos os que respondem melhor aos mais elevados propósitos. Tais eram os poderes apostólicos, comparados com os daqueles que somente tinham o dom de curar e de operar milagres. O dom que vem no último e mais baixo grau nessa enumeração é a variedade de línguas. Por si mesmo, de todos esses dons, ele é o mais desnecessário. Curar doenças, socorrer ao pobre, assistir ao doente, têm sua utilidade; mas como é vão o falar línguas, se um homem faz isso meramente para deleitar-se e ostentar-se! De fato, isso pode aumentar a admiração pessoal, mas não pode promover a edificação dos ouvintes nem fazer-lhes qualquer bem. E ainda é manifesto, no capítulo 14, que os coríntios valorizavam-se excessivamente em virtude desse dom. Note como é adequado o método de derrubar o orgulho em uma pessoa quando se lhe revela o verdadeiro valor daquilo de que ela se orgulha! É algo muito comum para os homens valorizarem-se a si mesmos mais sobre o que é de menor valor: e é de grande proveito trazê-los para uma mente sóbria, deixando-os saber o quanto eles estão errados. (3) A distribuição variada desses dons, não todos para uma pessoa, nem para todas as pessoas. Nem todos os membros e oficiais tinham o mesmo grau na igreja, nem os mesmos dons (vv. 29,30): "*Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas?*" Isto seria fazer da igreja um monstro: todos um só membro, como se o corpo fosse todo orelha ou olho. Alguns são colocados para um ofício e cargo, e alguns para outros; e o Espírito distribui a cada um como Ele quer. Devemos estar contentes com nosso próprio lugar e porção, sejam eles mais baixos ou menos que os de outros. Não devemos estar cheios de nós mesmos e desprezar os outros, se nós estivermos num grau superior e tivermos maiores dons. Cada membro do corpo deve preservar seu próprio lugar e cumprir sua própria função; e todos devem ministrar uns aos outros, e promover o bem do corpo em geral, sem invejar, desprezar, negligenciar ou maltratar qualquer outro membro particular. Quão abençoada constituição seria a igreja cristã se todos os membros cumprissem seu dever!

II Ele fecha o capítulo com um conselho (como a maioria dos estudiosos o entende) e uma sugestão. 1. Um conselho para procurar com zelo os melhores dons, *charismata ta kreittona – dona portiora, praestantiora*, ou os mais valiosos em si mesmos ou os mais úteis para os outros; e esses são, na verdade, os mais valiosos em si mesmos, embora os homens possam ser aptos a estimarem mais aqueles dons que aumentarão sua fama e sua mais alta estima. São verdadeiramente melhores aqueles pelos quais Deus será mais honrado, e a igreja, edificada. Tais dons devem ser os mais sinceramente procurados. Note que nós devemos desejar os que são os melhores e os mais valiosos. A graça deve, por isso, ser preferida aos dons; e, dos dons, aqueles de maior utilidade devem ser os preferidos. Mas alguns lêem essa passagem, não como um conselho, mas uma ordem: *zeloute, vós tendes inveja* dos dons de cada um. No capítulo 13.4, a mesma palavra é traduzida dessa forma. Vós disputais e contendeis sobre eles. Isso eles certamente faziam. E o apóstolo aqui repreende e labuta para corrigir esse comportamento. *Da soberba só provém a contenda.* Essas controvérsias na igreja de Corinto saltavam dessa fonte. Era uma disputa a respeito da precedência (como é a maioria das disputas entre os cristãos, com quaisquer simulações que as enfeitem); e não é de admirar que uma disputa sobre a precedência venha a extinguir a caridade. Quando todos querem permanecer no primeiro nível, não é de admirar que eles se choquem, derrubem ou empurrem seus irmãos. Os dons podem ser avaliados por seu uso, mas eles são prejudiciais quando se tornam o combustível do orgulho e da contenda. Conseqüentemente, o apóstolo se esforça em prevenir isso. 2. Dando-lhes a sugestão de um caminho mais excelente, a saber, da caridade, do amor mútuo e da boa vontade. Esse era o único caminho correto para tranqüilizá-los e uni-los, e fazer com que seus dons voltassem a ser a vantagem e a edificação da igreja. Isso os tornaria amáveis uns com os outros e preocupados mutuamente, e, portanto, acalmaria seus espíritos e colocaria um fim a seus pequenos ressentimentos e pelejas, suas disputas sobre precedência. De acordo com o apóstolo, apareceriam no primeiro nível aqueles que tinham mais do verdadeiro amor cristão. Note que a verdadeira caridade deve ser grandemente preferida aos mais gloriosos dons. Ter o coração incandescido com o amor mútuo é imensamente melhor do que resplandecer com os mais pomposos títulos, cargos e poderes.

CAPÍTULO 13

Nesse capítulo, o apóstolo continua a mostrar mais particularmente qual era aquele caminho mais excelente acerca do qual já havia falado antes. Ele o recomenda: I. Mostrando a sua necessidade e importância (vv. 1-3). II. Descrevendo as suas qualidades e frutos (vv. 4-7). III. Mostrando o quanto ele sobrepuja o melhor dos dons e outras graças, por sua duração, quando eles não existirem mais, ou não forem mais usados (vv. 8-13).

Sobre os Dons Espirituais

vv. 1-3

Aqui o apóstolo mostra de que caminho mais excelente ele estava falando ou que tinha em vista, no final do capítulo anterior, a saber, a *caridade*, ou, como é também traduzido, o *amor – agape*: não o que caridade significa no uso comum da palavra, que a maioria dos homens entende ser atos de caridade, mas amor em seu sentido mais extenso e completo, verdadeiro amor a Deus e ao homem, uma benevolente disposição da mente em relação a nossos colegas cristãos, crescendo na devoção fervente e sincera a Deus. Esse princípio de vida de integral dever e obediência é o caminho mais excelente do qual o apóstolo fala, preferível a todos os dons. Além disso, sem esse, os dons mais gloriosos não são nada, de nenhum proveito para nós, de nenhuma estima para Deus. Ele especifica: 1. O dom de línguas: "*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que*

tine" (v. 1). Pudesse um homem falar todas as línguas da terra, e que, com propriedade, elegância e fluência, ele pudesse falar como um anjo, e ainda estivesse sem caridade, tudo seria barulho vazio, mero som sem harmonia e sem utilidade, que de nada aproveitaria ou deleitaria. Se estivermos destituídos do sagrado amor, não estaremos falando nem livremente, nem elegantemente, nem doutamente das coisas de Deus, que nos salvarão a nós mesmos ou aproveitarão a outros. É o coração caridoso que é aceitável a Deus e não a língua tagarela. O apóstolo especifica primeiro esse dom porque com ele os coríntios pareciam principalmente valorizar-se a si mesmos e desprezar seus irmãos. 2. Profecia, a compreensão de mistérios e todo conhecimento. Isso não é nada sem caridade (v. 2). Tivesse um homem uma compreensão tão clara das profecias e dos tipos sob a velha dispensação, um conhecimento tão acurado das doutrinas do cristianismo, e isso por inspiração, a partir do ditado infalível e da iluminação do Espírito de Deus, sem caridade ele não seria nada; tudo isso não o manteria em lugar nenhum. Note que um assunto profundo e claro não tem significado algum sem um coração caridoso e benevolente. Deus não dá alto valor a um grande conhecimento, mas à devoção e ao amor verdadeiros e sinceros. 3. Fé milagrosa, a fé em milagres, ou a fé pela qual as pessoas eram capacitadas a operar milagres: "*E ainda que tivesse toda a fé* (o último grau desse tipo de fé), *de maneira tal que transportasse os montes* (ou dissesse para eles: "Ergue-te e lança-te no mar", e fosse obedecido – Mc 11.23), *e não tivesse caridade, nada seria*". A fé que opera os maiores milagres, para a qual, de alguma maneira, nada é impossível, não é nada em si mesma sem caridade. Mover montanhas é uma grande façanha para os homens, mas, para Deus, um pouquinho de caridade é de maior valor que todo esse tipo de fé do mundo. Podem realizar obras magníficas em nome de Cristo até aqueles a quem Ele vai rejeitar e que ordenará que se apartem dele como pessoas que operam iniqüidade (Mt 7.22,23). A fé salvadora está sempre ligada à caridade, mas a fé em milagres pode estar sem ela. 4. As ações exteriores de caridade: "*E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres*" (v. 3). Tivesse um homem colocado à disposição tudo que tinha dessa maneira, se não tivesse caridade, nada lhe aproveitaria. Pode haver uma mão aberta e generosa mesmo onde não há um coração caridoso e liberal. O ato externo de dar esmolas pode proceder de um princípio muito ruim. A ostentação de vanglória ou a presunção vaidosa de mérito podem fazer com que um homem que não tem verdadeiro amor a Deus nem aos homens faça grandes ofertas dessa maneira. O nosso fazer o bem aos outros nada fará para nós, se não for bem feito, a saber, com base no princípio de devoção e caridade, amor a Deus e boa vontade para com os homens. Note que se omitirmos a caridade da religião, os serviços mais custosos não serão de nenhum proveito para nós. Se dermos tudo o que temos, enquanto mantivermos o coração longe de Deus, isso não aproveitará. 5. Até os sofrimentos, e até aqueles do tipo mais doloroso: "*...e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria*" (v. 3). Houvéssemos sacrificado nossa vida pela fé do evangelho, fôssemos queimados até a morte na defesa de sua verdade, isso não nos seria vantajoso sem caridade, a menos que fôssemos incentivados a esses sofrimentos por um princípio de verdadeira devoção a Deus e sincero amor à sua igreja e às pessoas, e por boa vontade para com a humanidade. O custo exterior pode ser aceitável quando o princípio invisível for muito ruim. Alguns homens têm se atirado a si mesmos no fogo para obter nome e reputação entre os homens. É possível que exatamente o mesmo princípio possa ter incitado em alguns a determinação suficiente para morrer por sua religião, sem que nunca tivessem crido sinceramente nela e sem que a tivessem abraçado. Mas vindicar a religião à custa de nossa vida não aproveitará nada se nada sentirmos de seu poder; e a verdadeira caridade é o verdadeiro âmago e espírito da religião. Se nada sentirmos de seu fogo sagrado em nosso coração, nada nos aproveitará, embora sejamos queimados até às cinzas pela verdade. Note que os mais dolorosos sofrimentos, os mais custosos sacrifícios, não nos recomendam a Deus, se não amarmos os irmãos; se entregássemos nossos próprios corpos para serem queimados, isso não nos aproveitaria em nada. Que caminho estranho de recomendar-se a Deus é o daqueles que esperam atingi-lo queimando outros, assassinando, massacrando e atormentando seus irmãos cristãos, ou através de qualquer uso injurioso deles! *Minha alma não entrará em seus segredos.* Se eu não posso esperar recomendar-me a Deus dando meu próprio corpo para ser queimado enquanto não tenho caridade, eu nunca poderia fazê-lo queimando ou maltratando a outros, em provocação aberta a toda a caridade.

A Caridade É Descrita

vv. 4-7

Nesses versículos, o apóstolo nos apresenta algumas propriedades e efeitos da caridade, tanto para descrevê-la quanto para elogiá-la, para que nós possamos saber se temos essa graça e para que, se não a tivermos, possamos nos apaixonar por aquilo que é excessivamente amável e não descansar até a termos obtido. É uma graça excelente e tem um mundo de boas propriedades que pertencem a ela. Tais como:

I *É sofredora – makrothymei.* Ela pode suportar o mal, a injúria e a provocação, sem estar cheia de ressentimento, indignação ou vingança. Ela faz a mente estar firme, dá-lhe poder sobre as paixões furiosas e a supre com paciência perseverante, que espera e deseja a restauração de um irmão, em vez de rebentar em ressentimento por causa de sua conduta. Ela tolerará muito desprezo e negligência da pessoa que ela ama e esperará por muito tempo para ver os efeitos amáveis de tal paciência sobre ela.

II *É benigna – chesteuetai.* É amável, generosa; cortês e serviçal. A lei da amabilidade está em seus lábios; seu coração é grande e sua mão está aberta. Ela está pronta para mostrar favores e praticar o bem. Ela busca ser útil; e não somente aproveita oportunidades para fazer o bem, mas as busca. Essa é a sua qualidade geral. Ela é paciente sob injúrias, capaz e inclinada

a cumprir todas as boas funções que estiverem em seu poder. E sob esses dois princípios, todos os detalhes do caráter podem ser reduzidos.

III A caridade suprime a inveja: *ela não é invejosa*, ela não sofre com o bem dos outros, nem com seus dons nem com suas boas qualidades, suas honras ou estados. Se amarmos nosso próximo, estaremos tão distantes de invejar o bem-estar dele, ou de estarmos descontentes com ele, que compartilharemos com ele e nos regozijaremos nele. Sua felicidade e santificação serão adição à nossa, em vez de debilitá-la ou depreciá-la. Esse é o próprio feito da amabilidade e da benevolência: a inveja é o efeito da má vontade. A prosperidade daqueles a quem nós desejamos bem não pode nunca nos fazer sofrer; e a mente que tende a fazer o bem a todos nunca pode desejar o mal a ninguém.

IV A caridade vence o orgulho e a vanglória: "*...não trata com leviandade, não se ensoberbece*", não se envaidece com o orgulho próprio, não se incha com suas aquisições, nem se apropria daquela honra, poder ou respeito que não lhe pertencem. Ela não é insolente, capaz de desprezar a outros, não os maltrata ou os trata com desdém e desprezo. Aqueles que são incentivados pelo princípio do verdadeiro amor fraternal preferirão uns aos outros em honra (Rm 12.10). Eles nada farão "*..por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considerando os outros superiores a si mesmos*" (Fp 2.3). O verdadeiro amor nos dará uma estima correta de nossos irmãos e aumentará nosso valor por eles; e isso irá limitar nossa estima por nós mesmos e evitará a inchação do orgulho próprio e da arrogância. Estas más qualidades nunca podem crescer da afeição sincera pelos irmãos, nem de uma benevolência sadia. A palavra traduzida na nossa versão por *não trata com leviandade* carrega outros significados; o seu significado não está estabelecido, na minha opinião. Mas no verdadeiro significado, a caridade se coloca em oposição a ela. O siríaco a traduz por: *non tumultuatur – não levanta tumultos* e distúrbios. A caridade acalma as paixões furiosas em vez de aumentá-las. Outros a traduzem por: *non perperà et perversè agit – não atua insidiosamente com ninguém*, não procura enganá-los, nem provocá-los com aborrecimentos e discursos desnecessários. Não é rebelde, teimosa, intratável, nem capaz de ser contraditória. Alguns a compreendem relativamente à dissimulação e adulação, quando uma bela face é simulada, e palavras agradáveis são ditas, sem qualquer consideração pela verdade ou intenção do bem. A caridade detesta tal falsidade e adulação. Nada é geralmente mais pernicioso, nem mais capaz de contradizer os propósitos do verdadeiro amor e da boa vontade.

V A caridade é cuidadosa em não passar dos limites da decência: *ouk aschemonei – não se porta com indecência*; não faz nada indecoroso, nada que na conta comum dos homens seja abjeto ou vil. Ela não faz nada inconveniente, mas se comporta em relação aos homens como convém à sua posição e à nossa, com reverência e respeito aos superiores, com gentileza e condescendência para com os inferiores, com cortesia e boa vontade para com todos os homens. Não é para quebrar a ordem, confundindo posições, trazendo todos os homens a um mesmo nível; mas para manter a distinção que Deus fez entre os homens e agir decentemente em nossa própria posição, e nos preocupar com nossos próprios negócios, sem querer corrigir, censurar ou desprezar a conduta de outros. A caridade não fará nada que não seja conveniente.

VI A caridade é um completo inimigo do egoísmo: "*...não busca os seus interesses*", não deseja excessivamente o seu próprio louvor, honra, lucro ou prazer. De fato, o amor-próprio, em certo grau, é natural para todos os homens, faz parte de sua verdadeira constituição. E um amor-razoável de si mesmo é tornado do medida pelo nosso Salvador para o amor pelos outros, aquela caridade que aqui é descrita: "*...amarás o teu próximo como a ti mesmo*". O apóstolo não quer dizer que a caridade destrói todo respeito próprio; ele não quer dizer que o homem caridoso nunca deveria recusar o que lhe é próprio, nem negligenciar a si mesmo e a todos os seus interesses. A caridade deve então erradicar aquele princípio que está colocado em nossa natureza. Mas a caridade nunca procura seus próprios interesses machucando ou negligenciando a outros. Ela freqüentemente negligencia a seus próprios interesses por causa dos outros; ela prefere o bem-estar, a satisfação e a vantagem dos outros à sua própria; e ela sempre prefere a prosperidade do público, da comunidade, seja civil ou eclesiástica, às suas vantagens particulares. Ela não progrediria, não se engrandeceria, não se enriqueceria, não se agradaria a si mesma, à custa e prejuízo do que é público.

VII Ela modera e controla as paixões. *Ou paroxynetai – não se irrita.* Ela corrige uma agudeza de temperamento, adoça e suaviza a mente, de maneira que ela não imagina repentinamente, nem continua por longo tempo, uma emoção veemente. Onde o fogo do amor é guardado, as chamas da ira não se acenderão facilmente, nem permanecerão queimando por muito tempo. A caridade nunca estará irada sem uma causa, e se esforçará para limitar as paixões dentro de limites próprios, para que elas não possam exceder a medida que é justa, seja em grau ou em duração. A ira não pode permanecer no peito em que reina o amor. É difícil estarmos irados com aqueles que amamos, mas muito fácil deixarmos cair nossos ressentimentos e sermos reconciliados.

VIII A caridade "*...não suspeita mal*". Ela não aprecia a malícia, nem dá ocasião para a vingança; assim alguns a compreendem. Não é raiva breve ou longa; nunca é prejudicial nem inclinada à vingança; ela não suspeita mal dos outros, *ou logizetai to kakon – não conclui o mal*, não coloca culpa sobre eles por inferência, quando nada indica isso. O verdadeiro amor não é capaz de enciumar-se e suspeitar; ele esconderá as faltas que aparecem, e estenderá um véu sobre elas, em vez de caçar e desclassificar aqueles que permanecem cobertos e ocultos: ela nunca terá suspeitas sem provas, mas se inclinará a obscurecer e desacreditar a evidência contra a pessoa afetada. Ela dificilmente

dará uma opinião má de outra pessoa, e fará com pesar e relutância quando a evidência não puder ser resistida; por isso, nunca estará disposta a suspeitar mal, e não pensará em si mesma uma má opinião baseada em meras aparências, nem dará ocasião para suspeitas sem qualquer prova. Ela não fará as piores construções das coisas, mas colocará as melhores faces possíveis em circunstâncias que não terão boa aparência.

IX O jeito de sua alegria e prazer é sugerido aqui: 1. Negativamente: "...*não folga com a injustiça*". Ela não se alegra em fazer injúria ou machucar a qualquer que seja. Ela não pensa mal de ninguém sem que haja provas muito claras. Ela não deseja o mal a ninguém, muito menos dor ou agravo, e muito menos faz disso o assunto de seu gosto, ou se regozija em provocar dano e prejuízo. Nem se regozijará nas faltas e nas quedas dos outros, nem triunfará sobre eles, seja por orgulho ou má vontade, porque ela causará seus próprios méritos ou satisfará sua ira. Os pecados dos outros são antes a dor de um espírito caridoso do que seu divertimento ou delícia; eles a tocarão até a medula e mexerão com toda a sua compaixão, mas não lhe darão nenhum entretenimento. É o cúmulo da malícia sentir prazer na miséria de um semelhante. E a maior calamidade que pode sobrevir a alguém não é cair no pecado? Quão incoerente seria se a caridade cristã se regozijasse em tal queda! 2. Afirmativamente: "...*mas folga com a verdade*", alegra-se com o sucesso do evangelho, geralmente chamado *a verdade*, para fins de ênfase, no Novo Testamento; e regozija-se ao ver homens moldados em um temperamento cristão através dele, e transformados em bons homens. A caridade não sente prazer em seus pecados, mas encanta-se muito ao vê-los fazer o bem, aprovarem-se como homens de probidade e integridade. Ela dá muita satisfação ao ver a verdade e a justiça prevalecer entre os homens, a inocência transparente e a fé e confiança mútuas estabelecidas, e ao ver a piedade e a religião florescerem.

X "...*tudo sofre, tudo suporta*", *panta stegei, panta hypomenei*. Alguns lêem o primeiro como *cobre todas as coisas*. Assim significa também o original. "...*a caridade cobrirá a multidão de pecados*" (1 Pe 4.8). Ela colocará um véu sobre eles, até onde ela possa ir em concordância com o dever. Não inflama nem publica as faltas de um irmão, até que o dever o exija. A necessidade somente pode forçar isso a partir de uma mente caridosa. Embora tal homem seja livre para falar a seu irmão suas faltas em particular, ele é muito relutante para expô-lo apresentando-as em público. Assim nós fazemos com as nossas próprias faltas, e então a caridade deveria nos ensinar a fazê-lo com as faltas dos outros; não publicá-las para a sua vergonha e repreensão, mas cobri-las de serem publicamente notadas tanto quanto pudermos, e sermos fiéis a Deus e aos outros. Ou *tudo sofre* – passará por injúrias e as tolerará sem ceder à ira ou nutrir a vingança, será paciente sob provocação, e terá muita paciência, *panta hypomenei* – mantém-se firme, embora seja muito abalada e carregue dificuldades; sustém todo tipo de injúria e maltrato, e os suporta, tais como maldições, teimosias, calúnias, prisões, exílio, obrigações, tormentos e a própria morte, por causa dos difamadores e dos outros; e persevera nessa firmeza. Note que resistência e firmeza um amor fervoroso dá à mente! O que uma pessoa que ama não pode suportar pelo bem amado e por suas causas! Quanto desprezo e injúrias ela não suportará! Quantos perigos ela não correrá e quantas dificuldades não encontrará!

XI A caridade crê e espera o bem dos outros: "...*tudo crê, tudo espera*". De fato, a caridade não destrói de maneira nenhuma a prudência, e, com exceção da mera simplicidade e da tolice, acredita em cada palavra (Pv 14.15). A sabedoria pode habitar com o amor, e a caridade ser cautelosa. Mas ela é capaz de pensar o bem de todos, de ter uma boa opinião deles quando não há nenhuma aparência que indique o contrário; além disso, pensa o bem quando pode haver algumas aparências obscuras, se a evidência de maldade não é clara. Toda caridade é cheia de imparcialidade, capaz de fazer o melhor das coisas e vestir a melhor face e aparência? Ela julgará bem, e acreditará no bem, tanto quanto puder por qualquer motivo, e ampliará sua fé para além das aparências em apoio de uma opinião amável; mas terá uma má opinião com a máxima relutância e se protegerá contra ela tanto quanto ela puder justa e honestamente. E quando, a despeito de inclinação, ela não puder acreditar bem acerca dos outros, ainda esperará o bem, e continuará a esperar enquanto houver algum fundamento para isso. Ela não concluirá logo de um caso que seja perdido, mas deseja a correção do pior dos homens e é muito capaz em esperar pelo que deseja. Como é uma coisa de boa índole e amável a caridade cristã! Quão amável é a mente que é completamente impregnada de tal benevolência e a tem propagado por toda a sua estrutura! Feliz o homem que tem esse fogo celestial ardendo em seu coração, fluindo de sua boca e difundindo seu calor sobre todos com quem ele tem de tratar! Quão amável coisa o cristianismo pareceria ao mundo, se aqueles que o professam fossem mais estimulados e animados por esse divino princípio, e rendessem uma devida consideração a um mandamento sobre o qual seu bendito autor colocou uma ênfase principal! "*Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis*" (Jo 13.34). "*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos...*" (Jo 13.35). Bendito Jesus! Quão poucos de teus discípulos professos são distinguidos e marcados por essa característica!

A Caridade É Elogiada

vv. 8-13

Aqui o apóstolo continua a elogiar a caridade, e mostra o quanto é preferível aos dons sobre os quais os coríntios eram tão aptos a ostentar-se, à completa negligência e quase extinção da caridade. Ele faz isso:

I Com base na sua duração e continuação mais extensa: "...*a caridade nunca falha*". É uma graça permanente e perpétua, durando como a eternidade, enquanto os dons extraordinários com os quais os coríntios se valo-

rizavam tinham pouca duração. Eles eram apenas para edificar a igreja na terra, e por um tempo, não durante toda sua continuação neste mundo; mas no céu tudo seria substituído, o que ainda é o verdadeiro assento e fundamento do amor. "...*havendo profecias, serão aniquiladas*", isto é, ou a predição das coisas por vir (que é o seu sentido mais comum), ou a revelação da Escritura por inspiração imediata. "...*havendo línguas, cessarão*", isto é, o poder milagroso de falar línguas sem tê-las aprendido. Haverá, porém, uma língua no céu. Não há confusão de línguas na região de perfeita tranqüilidade. "...*havendo ciência, desaparecerá*". Não que no perfeito estado acima, almas santas e felizes não terão conhecimento, ou serão ignorantes: é uma felicidade muito pobre que pode consistir em total ignorância. O apóstolo está falando claramente de dons milagrosos, e por essa razão, de ciência fora do uso comum (ver cap. 14.6), um conhecimento de mistérios sobrenaturais comunicados. Tal conhecimento desaparecerá. Alguns de fato entendem que ele seja um conhecimento comum adquirido por instrução, ensinado e aprendido. Essa forma de conhecimento desaparecerá, embora o conhecimento em si mesmo, uma vez adquirido, não se perderá. Mas está claro que o apóstolo está colocando aqui a graça da caridade em oposição aos dons sobrenaturais. E ela é mais valiosa porque é mais durável; *ela* continuará, quando *eles* não existirem mais; *ela* entrará no céu, onde *eles* não terão lugar, porque eles não terão mais utilidade, embora, de certo modo, possa ser dito que até o nosso conhecimento comum cessará no céu, por causa do aperfeiçoamento que então será realizado nele. A luz de uma vela é completamente obscurecida pelo sol brilhando em sua intensidade.

II Ele sugere que esses dons são apenas adaptados a um estado de perfeição: "...*porque, em parte conhecemos e, em parte, profetizamos*" (v. 9). Nosso melhor conhecimento e nossas maiores habilidades são no presente semelhantes à nossa condição, estreitos e temporais. Até o conhecimento que eles tinham por inspiração era parcial. Quão pequena porção de Deus, e do mundo invisível, era ouvida até pelos apóstolos e pelos homens inspirados! Como é grande a desvantagem de outros em relação a eles! Mas esses dons eram adequados ao presente estado imperfeito da igreja, valiosos em si mesmos, mas não para serem comparados com a caridade, porque eles desapareceriam com as imperfeições da igreja, e, além disso, em breve, enquanto a caridade duraria para sempre.

III Ele aproveita a ocasião para mostrar quanto melhor será para a igreja no futuro do que pode ser aqui. Um estado de perfeição está em vista (v. 10): "*Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado*". Quando o fim é uma vez alcançado, os recursos, claro, serão abolidos. Não haverá nenhuma necessidade de línguas, profecia e conhecimento inspirado em uma vida futura, porque então a igreja estará em um estado de perfeição, completa em conhecimento e santidade. Então Deus será conhecido claramente e, de certa forma, por intuição, e tão perfeitamente quanto a capacidade de mentes glorificadas permitirão; não através de tais vislumbres transitórios, e pequenas porções, como aqui. A diferença entre esses dois estados é aqui apontada com dois detalhes: 1. O presente estado é um estado de infância, o futuro da humanidade: "*Quando eu era menino, falava como menino* (isto é, como pensam alguns, falava em línguas), *sentia como menino, ephronoun – sapiebam* (isto é, "eu profetizava, eu era instruído nos mistérios do Reino dos céus, de tal modo extraordinário quanto é manifesto que eu não deixei meu estado infantil"), *discorria*, ou raciocinava, *elogizomen, como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino*". Tal é a diferença entre terra e céu. Que visões estreitas, que noções indistintas e confusas das coisas as crianças têm em comparação com os homens crescidos! E como é natural que os homens, quando a razão é desenvolvida e amadurecida, desprezem e abandonem seus pensamentos infantis, coloquem-nos de lado, rejeitem-nos, não os estimem mais! Assim nós pensaremos acerca de nossos mais valiosos dons e aquisições neste mundo, quando formos para o céu. Nós desprezaremos nossa tolice infantil em nos orgulharmos com tais coisas, quando crescermos e nos tornarmos homens em Cristo. 2. As coisas são todas escuras e confusas agora, em comparação com o que serão depois: "*Porque, agora, vemos por espelho em enigma* (*en ainigmati, em mistério*); *mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido*". Agora nós apenas podemos discernir as coisas a uma grande distância, como através de um telescópio, e envolvidas em nuvens e obscuridade; mas depois as coisas a serem conhecidas estarão mais próximas e óbvias, abertas aos nossos olhos; e o nosso conhecimento estará livre de toda obscuridade e erro. Deus será visto *face a face*; e nós *o conheceremos como também somos conhecidos por ele*; de fato, não perfeitamente, mas, de certa forma, no mesmo modo. Nós somos conhecidos por Ele por mera inspeção; Ele volta seus olhos em nossa direção, vê e nos busca integralmente. Nós então fixaremos nossos olhos nele, e "...*assim como é o veremos*" (1 Jo 3.2). Nós conheceremos como somos conhecidos, entraremos em todos os mistérios do amor e da graça divinos. Oh! Mudança gloriosa! Passar da escuridão para a luz, das nuvens para a clara luz do sol da face de nosso Salvador, e ver a luz na própria luz de Deus! (Sl 36.9). Note que é apenas a luz do céu que removerá todas as nuvens e escuridão da face de Deus. Há no máximo só uma penumbra enquanto ainda estamos neste mundo; lá haverá um dia perfeito e eterno.

IV Para resumir as excelências da caridade, ele não somente a prefere aos dons, mas a outras graças, à fé e à esperança (v. 13): "*Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três; mas a maior destas é a caridade*". A graça verdadeira é muito mais excelente do que quaisquer dons espirituais. E a fé, a esperança e o amor são três graças principais, das quais a caridade é a principal, sendo o fim para o qual as outras duas são recursos. Essa é a divina natureza, a felicidade da alma, ou seu descanso complacente em Deus, e santo gozo em todos os seus santos. E é trabalho eterno, quando a fé e a esperança não existirão mais. A fé prende-se à revelação divina e concorda com aquela; e a esperança

se agarra à felicidade futura, e espera por aquela; e, no céu, a fé será engolida em visão, e a esperança, em fruição. Não haverá lugar para acreditar e esperar, quando vemos e nos regozijamos. Mas o amor estará atado nas próprias divinas perfeições, na imagem divina nas criaturas, e na mútua relação com Deus e com elas. Isto tudo brilhará além nos esplendores mais gloriosos em um outro mundo, e lá o amor será feito perfeito; lá, nós amaremos perfeitamente a Deus, porque Ele aparecerá amável para sempre, e nossos corações arderão com a visão e estarão incandescentes com devoção perpétua. E lá nós amaremos perfeitamente uns aos outros, quando todos os santos ali se encontrarem, quando ninguém a não ser os santos estiverem ali, e santos feitos perfeitos. Oh! Estado abençoado! Quão insuperável em relação ao melhor que está abaixo! Oh! Graça amável e excelente da caridade! Quanto ela excede o dom mais valioso, quando excede cada graça e é a consumação eterna delas! Quando a fé e a esperança estiverem no fim, a verdadeira caridade arderá para sempre com a chama mais brilhante. Note que estão no limite do mais elevado estado e perfeição celestiais aqueles cujos corações estão cheios desse divino princípio, e queimam com a mais fervorosa caridade. É o mais certo fruto de Deus, e carrega sua mais bela impressão. Pois Deus é amor (1 Jo 4.8,16). E onde Deus for visto como Ele é, e face a face, lá a caridade estará em sua maior altura – lá, e somente lá, ela será aperfeiçoada.

CAPÍTULO 14

Nesse capítulo, o apóstolo os orienta a respeito do uso de seus dons espirituais, dando preferência àqueles que são os melhores e mais qualificados para realizarem o maior bem. I. Ele, antes de tudo, aconselha-os a preferirem, de todos os dons espirituais, o de profetizar, e mostra que esse é melhor do que falar em línguas (vv. 1-5). II. Ele continua a mostrar-lhes como o falar em línguas estranhas, sem interpretação, é inaproveitável e inútil para a igreja; é como tocar uma nota só, como fazer soar uma trombeta sem qualquer nota certa, como falar uma língua inarticulada; ao passo que os dons devem ser usados para o bem da igreja (vv. 6-14). III. Ele aconselha que a adoração seja celebrada de maneira que a maioria possa entender e juntar-se na oração e no louvor, e reforça e fundamenta o conselho com o seu próprio exemplo (vv. 15-20). IV. Ele lhes informa que as línguas eram mais um sinal para os incrédulos do que para os crentes, e revela a vantagem da profecia sobre o falar em línguas com base nas diferentes sugestões que elas dariam à mente de um incrédulo que viesse às suas assembléias (vv. 21-25). V. Ele os censura pela desordem e confusão que provocavam na assembléia a vaidade e ostentação de seus dons, e os orienta a como usar os dons, tanto o de línguas quanto o de profecia (vv. 26-33). VI. Ele proíbe as mulheres de falarem na igreja, e encerra esse assunto ordenando-lhes que executem cada coisa na adoração pública com ordem e decência (vv. 34-40).

Sobre os Dons Espirituais
vv. 1-5

No capítulo anterior, o apóstolo havia preferido ele mesmo, e aconselhado os coríntios a preferirem, a caridade cristã a todos os dons espirituais. Aqui, ele lhes ensina, entre os dons espirituais, quais eles devem preferir e por quais regras devem fazer comparações. Ele inicia esse capítulo:

I Com uma exortação à caridade (v. 1): "*Segui a caridade...*", persegui-a. A palavra original, *diokete*, quando se refere a alguma coisa, significa um interesse singular em obtê-la; e geralmente é tomada com um significado bom e louvável. É uma exortação para se obter a caridade, conseguir sua excelente disposição de mente sob quaisquer termos, mesmo que custe quaisquer dores ou súplicas: como se ele tivesse dito: "Qualquer que seja a vossa falha, vede que não percais isto; vale a pena obter a principal de todas as graças a qualquer custo".

II Ele os orienta sobre qual dom espiritual preferir, a partir de um princípio da caridade: "...*e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar*, ou principalmente que vós possais profetizar." Enquanto eles estivessem em tão próxima busca da caridade e tivessem feito dessa disposição cristã seu principal escopo, eles podiam ser zelosos dos dons espirituais, ser ambiciosos deles em alguma medida, mas especialmente do de profetizar, isto é, de interpretar as Escrituras. Essa preferência revelaria mais claramente que eles estavam de fato em tal perseguição, que eles tinham a caridade cristã em devido valor e tinham interesse nela. Note que os dons são objetos adequados de nosso desejo e busca, quando subordinados à graça e à caridade. O que se deve buscar com a maior seriedade é o que tem o maior valor.

III Ele apresenta as razões dessa preferência. E é digno de nota que ele somente compare o profetizar com o falar em línguas. Parece que esse era o dom com o qual os coríntios principalmente se valorizavam a si mesmos. Isso era mais ostentação do que a clara interpretação das Escrituras, mais adequado para satisfazer o orgulho, porém menos adequado para buscar os propósitos da caridade cristã; ele não edificaria da mesma forma, nem faria bem à alma dos homens. Pois: 1. Aquele que falava em línguas devia falar unicamente entre Deus e si mesmo; pois, quaisquer mistérios que pudessem ser comunicados em suas línguas, nenhum de seus conterrâneos poderia entendê-los, porque eles não entendiam a língua (v. 2). Note que o que não puder ser entendido nunca poderá edificar. Não se pode tirar vantagem alguma dos mais excelentes discursos, se pronunciados em uma língua ininteligível, que o público não consegue falar nem entender; mas, aquele que profetiza fala para a vantagem de seus ouvintes; eles podem lucrar com seu dom. A interpretação da Escritura será para a sua edificação; eles podem ser exortados e confortados por ela (v. 3). E de fato, esses dois devem caminhar juntos. A obediência é o modo correto de confortar; e aqueles que são confortados devem tolerar ser exorta-

dos. 2. O que fala em línguas pode edificar-se a si mesmo (v. 4). Ele pode entender e ser afetado por aquilo que fala; e assim cada ministro deve fazê-lo; e aquele que mais se edifica a si mesmo está disposto e em bom estado para fazer bem a outros pelo que ele fala; mas, aquele que fala em línguas, ou em linguagem desconhecida, somente pode edificar-se a si mesmo; outros não podem aproveitar nenhum benefício de sua fala. Ao passo que a finalidade do falar na igreja é a edificação da igreja (v. 4), à qual se adapta o profetizar, ou o interpretar as Escrituras por inspiração ou de outra maneira. Note que é o dom mais desejável e vantajoso, que melhor responde aos propósitos da caridade e realiza o melhor bem; não que ele possa somente nos edificar, mas que também edificará a igreja. Tal é a profecia, ou a pregação, e a interpretação da Escritura, comparada com o falar em uma língua desconhecida. 3. De fato, nenhum dom deve ser desprezado, mas deve-se preferir os melhores. "*E eu quero*, diz o apóstolo, *que todos vós faleis línguas estranhas, mas muito mais que profetizeis*" (v. 5). Cada dom de Deus é um favor de Deus, e pode ser melhorado para a sua glória, e como tal deve ser valorizado e recebido com gratidão; mas então, devem ser mais valorizados os que forem de maior utilidade. "*...porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas estranhas, a não ser que também interprete, para que a igreja receba edificação*" (v. 5). A benevolência torna um homem verdadeiramente grande. "*Mais bem-aventurada coisa é dar que receber*". E é verdadeira magnanimidade estudar e procurar ser útil aos outros, mais do que aumentar a admiração e ganhar a estima deles. Tal homem tem uma grande alma, copiosa e difundida na proporção de sua benevolência e inclinada na mente para o bem público. O que interpreta a Escritura para edificar a igreja é maior do que aquele que fala línguas para recomendar-se a si mesmo. E não é fácil dizer que outra finalidade o que falava em línguas podia ter, a menos que interpretasse o que falava. Note que contribui mais para a honra de um ministro o que é mais para a edificação da igreja, e não o que mostra mais vantagem. Ele age em uma estreita esfera, enquanto tem por alvo a si mesmo; mas seu espírito e caráter crescem em proporção à sua utilidade, quer dizer, sua própria intenção e esforço em ser útil.

Sobre os Dons Espirituais
vv. 6-14

Nesse parágrafo, ele continua a mostrar como é vã a ostentação do falar uma linguagem ininteligível e desconhecida. Não edificava e era completamente inaproveitável (v. 6): "*E, agora, irmãos, se eu for ter convosco falando línguas estranhas, que vos aproveitaria, se vos não falasse ou por meio da revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina?*" Não significaria nada expressar qualquer dessas coisas em uma língua desconhecida. Um apóstolo, com toda sua bagagem, não poderia edificar, a menos que falasse segundo a capacidade de seus ouvintes. Novas revelações, explicações mais claras das antigas, os discursos em si mesmos mais instrutivos, seriam inaproveitáveis em uma linguagem não compreendida. Além disso, as interpretações da Escritura feitas em uma língua desconhecida precisariam ser interpretadas novamente, antes de serem aproveitadas.

I Ele ilustra isso através de várias alusões: 1. A uma flauta ou harpa tocada sempre no mesmo tom. Que utilidade isso pode ter para aqueles que estão dançando? Se não houver nenhuma distinção de sons, como eles deveriam organizar seus passos e movimentos? Uma língua ininteligível é como tocar flauta ou harpa somente em um tom: isso não orienta mais o homem sobre como deve organizar sua conversação do que uma flauta com apenas um furo ou uma harpa com apenas uma corda podem orientar um dançarino sobre como ele deve ordenar seus passos (v. 7). 2. A uma trombeta que dá um *sonido incerto, adelon phonen*, um som não manifesto; ou não o som adequado para o propósito, ou o som que não é distinto o suficiente para ser discernido de todos os outros sons. Se, em vez de soar para um ataque, soasse para a retirada, ou soasse alguma coisa desconhecida, quem se prepararia para a batalha? Falar em uma língua desconhecida em uma assembléia cristã é completamente tão vão e sem propósito quanto uma trombeta produzir um som incerto no campo ou no dia da batalha. O exército de um lado, e a congregação de outro, devem ficar todos em suspense e em perfeita confusão. Falar palavras que não significam nada para aqueles que ouvem, é deixá-los ignorantes com respeito ao que foi falado; é falar ao vento (v. 9). Palavras sem sentido não podem transmitir nenhuma noção nem instrução à mente; e palavras não compreendidas não têm significado para aqueles que não as compreendem; falar com eles em tal linguagem é gastar nosso fôlego. 3. Ele compara o falar em uma língua desconhecida à língua inarticulada dos bárbaros. Há, como ele diz (v. 10), muitos tipos de vozes no mundo, nenhuma das quais sem seu próprio significado. Isso é verdade nas diversas línguas faladas por diferentes nações. Todas elas têm seu próprio significado. Sem esse, elas seriam *phonai aphonoi – uma voz, e nenhuma voz*. Pois o que não tem nenhum significado não é nenhuma linguagem, não pode responder à finalidade da fala. Mas qualquer que seja o próprio significado que as palavras de qualquer língua possam ter em si mesmas, e para aqueles que as compreendem, elas são totalmente incoerentes para os homens de outra língua, que não as entendem. Nesse caso, o que fala e o que ouve são bárbaros um para com o outro (v. 11), eles falam e ouvem somente sons sem sentido; pois isso deve ser bárbaro. Pois assim diz o educado Ovídio, quando banido para o Ponto:

> Barbarus hic ego sum, quia non intelligor ulli.
> Eu sou um bárbaro aqui, ninguém me entende.

Falar na igreja em uma língua desconhecida é falar de forma incoerente; é brincar de bárbaro; é confundir os ouvintes em vez de instruí-los; e por essa razão, é completamente vão e improdutivo.

II Havendo assim colocado seu ponto, ele o aplica nos dois versículos seguintes: 1. Aconselhando-os a serem desejosos principalmente daqueles dons que eram mais úteis para a edificação da igreja (v. 12). "Porque assim como vós sois zelosos de dons espirituais, e dessa maneira isso se tornará um zelo elogiável, sede zelosos para

edificar a igreja, para promover a prática e o conhecimento cristãos; desejai aqueles dons que mais realizarão o melhor serviço para as almas dos homens." Esta é a grande regra que ele dá, e que: 2. Ele aplica à questão de que, se eles falavam língua estranha, eles deviam pedir a Deus o dom de interpretá-la (v. 13). Esses eram dons diferentes (ver cap. 12.10). Podiam falar e entender uma língua estranha aqueles que não conseguiam traduzi-la prontamente em sua própria; porém, isso era necessário para a edificação da igreja; pois a igreja precisa entender, para que seja edificada, o que não pode acontecer enquanto a língua estranha não for traduzida para a sua própria. Dessa forma, que ele ore pelo dom de interpretar o que ele fala em uma língua desconhecida; ou deseje e peça mais a Deus o dom de interpretar do que o de falar em uma língua que precise de interpretação, pois isso é de melhor benefício para a igreja, estando, portanto, entre os dons que sobressaem (veja v. 12). Alguns o entendem desta forma: "Que ele ore para interpretar o que ele pronuncia em oração numa língua ininteligível sem interpretação". O resumo é que eles deviam realizar todos os exercícios religiosos em suas assembléias de maneira que todos pudessem juntar-se à eles e tirar proveito deles. 3. Ele reforça esse conselho com uma explicação própria: "*...se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem...*", isto é, um dom espiritual podia ser praticado em oração, ou sua própria mente podia estar religiosamente engajada, "*mas o meu entendimento fica sem fruto*" (v. 14), isto é, o sentido e o significado de suas palavras seriam infrutíferos, ele não seria compreendido, e portanto, não se juntariam a ele em sua devoção. Note que deve ser a preocupação de quem ora em público fazê-lo inteligivelmente, não em uma língua estranha, nem em uma língua que, se não for estranha, esteja acima do nível dos seus ouvintes. A língua que é mais óbvia e fácil de ser entendida é a mais apropriada para a devoção pública e outros exercícios religiosos.

Sobre os Dons Espirituais
vv. 15-20

O apóstolo resume aqui o argumento exposto até agora, e:

I Orienta-os a como eles devem cantar e orar em público (v. 15): "*Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito,...*". Ele não proíbe suas orações e cânticos sob inspiração divina, ou quando eles eram inspirados por esse propósito, ou tinham tal dom espiritual comunicado a eles; mas ele desejava que eles atuassem de maneira a ser compreendidos pelos outros, que outros pudessem unir-se a eles. Note que a adoração pública deve ser realizada de maneira a ser compreendida.

II Ele reforça o argumento com várias razões.
1. Se fosse de outra forma, a pessoa não instruída não poderia dizer "amém" às suas orações ou ações de graças, não poderia juntar-se na adoração, pois ela não a entenderia (v. 16). Ele assume ou ocupa o lugar do inculto, isto é, como os antigos o interpretam, a maioria do povo que, em grande parte das assembléias cristãs, era iletrada; como eles diriam "amém" às orações realizadas em uma língua desconhecida? Como eles declarariam seu consentimento e concordância? Isto é dizer "amém" ("assim seja"). *Deus concede as coisas que nós pedimos*; assim, nós nos juntamos à confissão de pecado que tem sido feita e no reconhecimento que tem sido feito das misericórdias e favores divinos. Esta é a importância de se dizer "amém". Todos podem dizer "amém". intimamente; e não é impróprio testificar essa concordância interna em orações e devoções públicas, através de um "amém" audível. Os antigos cristãos diziam alto o "amém". *Vide* Just. Mart., *Apol.* 2, *prop fin.* Agora, como as pessoas diriam "amém" ao que elas não entendiam? Note que não há nenhuma concordância naquelas orações que não são entendidas. A intenção das devoções públicas é por isso inteiramente destruída se elas são realizadas em uma língua desconhecida. Aquele que atua pode orar bem, e dar graças bem, mas não naquela hora e naquele lugar, porque outros não são, e não podem ser, edificados (v. 17) pelo que eles não entendem.

2. Ele usa seu próprio exemplo, para dar maior impressão, acerca do que observe: (1) Que ele não ficava atrás de nenhum deles no que tocava a esse dom espiritual: "*Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos* (v. 18); não somente mais do que uma pessoa entre vós, porém mais do que vós todos juntos". Não era a inveja dos melhores acessórios deles que levou Paulo a depreciar o que eles valorizavam tão altamente e de que se vangloriavam tanto; ele os superava a todos nesse próprio dom de línguas e não difamava o dom que tinham porque ele não o possuía. Esse espírito de inveja é tão comum no mundo. Mas o apóstolo tomava cuidado em guardar-se contra essa interpretação errônea de seu propósito deixando-os saber que havia mais motivo para eles invejá-lo a respeito desse assunto do que ele invejá-los. Note que quando nós destruímos os valores irracionais dos homens por si mesmos, ou qualquer de suas possessões ou realizações, devemos deixá-los ver, se possível, que isso não procede de um espírito invejoso e de má vontade. Nós perdemos nosso alvo se eles perceberem a nossa conduta como sendo completamente invejosa. Paulo não poderia ser censurado justamente, nem ser suspeito por qualquer princípio desse argumento todo. Ele falava mais línguas que todos eles. Além disso: (2) Ele queria falar em sua *própria inteligência*, isto é, de maneira a ser entendido, e instruir e edificar os outros, mais "*...do que dez mil palavras em língua desconhecida*" (v. 19). Ele estava longe de valorizar-se no falar línguas ou fazer ostentação de seus talentos desse tipo, pois ele preferia falar cinco palavras inteligíveis para beneficiar a outros a mil, dez mil belos discursos, que não fariam bem a mais ninguém, porque eles não os entendiam. Note que o verdadeiro ministro cristão valorizar-se-á muito mais fazendo o menor bem espiritual às almas dos homens do que procurando os maiores aplausos e elogios para si mesmo. Isto é verdadeira excelência e nobreza de espírito; é agir de acordo com o seu caráter; é mostrar-se aprovado como servo de Cristo, e não um escravo de seu próprio orgulho e vaidade.

3. Ele acrescenta uma clara intimação de que o afeto então manifesto por esse dom era uma clara indicação de imaturidade da opinião que tinham: "*Irmãos, não se-*

jais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia e adultos no entendimento" (v. 20). As crianças são hábeis em serem tocadas por novidade e aparências estranhas. Elas são levadas pelo que se mostra exteriormente, sem inquirir pela verdadeira natureza e valor das coisas. Vós vos assemelhais a elas, e preferis barulho a mostrardes o valor e a essência; mostrai uma maior maturidade de julgamento e atuai no que for principal; não sejais como crianças em nada, a não ser na disposição inocente e inofensiva. Uma dupla reprovação é expressa nessa passagem, tanto em relação ao orgulho posto em seus dons, quanto em sua arrogância e altivez de um com o outro, e as contendas e disputas que procediam deles. Note que os cristãos devem ser inocentes como crianças, isentos de fraude e malícia; mas devem ter sabedoria e conhecimento indicativos de que são maduros e amadurecidos. Eles não devem ser inábeis na palavra da justiça (Hb 4.13), embora devam ser inábeis em tudo o que for danoso.

Sobre os Dons Espirituais
vv. 21-25

Nessa passagem, o apóstolo dá prosseguimento ao argumento e às razões dos outros tópicos, como:

I As línguas, como os coríntios as usavam, eram mais um sinal do julgamento de Deus do que da misericórdia para quaisquer pessoas (v. 21): "*Está escrito na lei* (isto é, no Antigo Testamento): *Por gente doutras línguas e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim me não ouvirão, diz o Senhor*" (Is 28.11; comparar Deuteronômio 28.46,49). Entende-se que o apóstolo se refira a essas passagens. Ambas são entregues na forma de ameaça, e uma supõe-se que interpreta a outra. O significado neste ponto de vista é de que é uma evidência de que o povo está abandonado por Deus quando Ele lhes dá esse tipo de instrução, para a disciplina através daqueles que falam outra língua. E certamente o discurso do apóstolo sugere: "Vós não deveis estar afeiçoados aos sinais do aborrecimento divino. Deus pode não ter recompensas graciosas para aqueles que são deixados meramente a esse tipo de instrução, e que são ensinados em língua que não compreendem. Eles podem nunca ser beneficiados por ensinamentos como esse; e, quando eles forem deixados a ele, será um triste sinal de que Deus os considera irrecuperáveis". E os cristãos devem desejar estar em tal estado, ou conduzir as igrejas a ele? Contudo, é o que faziam de fato os pregadores coríntios, que sempre apresentavam suas inspirações em uma língua desconhecida.

II As línguas eram mais um sinal para os incrédulos do que para os crentes (v. 22). Elas eram um dom espiritual planejado para a convicção e a conversão de infiéis, que podiam ser trazidos à igreja cristã; mas os convertidos deviam ser edificados no cristianismo através de instruções proveitosas em sua própria língua. O dom de línguas era necessário para expandir o cristianismo e reunir igrejas; ele era próprio e planejado para convencer os incrédulos da doutrina que os cristãos já haviam abraçado; mas profetizar e interpretar a Escritura em sua própria língua eram aspectos mais para a edificação dos que já haviam crido: de maneira que falar em línguas nas assembléias cristãs era tanto fora de tempo quanto de lugar; nem um nem outro era apropriado. Note que os dons podem ser usados corretamente, mas deve-se conhecer as finalidades para as quais eles devem servir. Cuidar da conversão dos infiéis, como diz o apóstolo, tem sido um empreendimento vão sem o dom de línguas e a manifestação desse dom; mas, em uma assembléia de cristãos já convertidos à fé cristã, usar e ostentar esse dom seria perfeitamente inoportuno, porque não seria de nenhum proveito para a assembléia; nem para a convicção da verdade, porque já a haviam abraçado; nem para a sua edificação, porque eles não compreendiam, e nem podiam adquirir qualquer benefício sem compreender o que eles ouviam.

III O crédito e a reputação de suas assembléias entre os incrédulos pediam que eles preferissem profetizar a falar línguas. Pois: 1. Se, quando eles estavam todos reunidos para a adoração cristã, seus ministros, ou todos os engajados na adoração pública, falassem língua ininteligível, e os infiéis aparecessem ali, eles concluiriam que estavam loucos, não sendo melhores do que um grupo de fanáticos selvagens. Quem em sua sã consciência poderia tolerar adoração religiosa de tal forma? Ou que tipo de religião é aquela que deixa de lado o sentido e o entendimento? Isto não tornaria o cristianismo ridículo para os pagãos, ouvirem os ministros orarem, pregarem, ou realizarem qualquer outra prática religiosa numa língua que nem ele nem a assembléia entendiam? Note que a religião cristã é uma coisa sóbria e razoável por si mesma, e não deve ser apresentada como selvagem ou sem sentido pelos seus ministros. Aqueles que fazem qualquer coisa que dê esse aspecto desgraçam sua religião e difamam o próprio caráter que eles têm. Mas, por outro lado: 2. Se, em vez de falar línguas, os que são ministros interpretarem claramente as Escrituras, ou pregarem, em linguagem inteligível e própria, as grandes verdades e regras do evangelho, um pagão ou pessoa ignorante, vindo, provavelmente será convencido e tornar-se-á um convertido ao cristianismo (vv. 24,25); sua consciência será tocada, os segredos de seu coração ser-lhe-ão revelados, ele será condenado pelas verdades que ouvir e, assim, será convencido a confessar sua culpa, a render homenagem a Deus, e reconhecer que Ele está de fato entre eles, presente na assembléia. Note que a verdade da Escritura, ensinada clara e devidamente, tem uma maravilhosa habilidade de despertar a consciência e tocar o coração. E não é muito mais honroso para a nossa religião que seja assim, do que se infiéis concluírem que os seus ministros são um grupo de loucos, e suas práticas religiosas somente são adequadas a delírios? Isso ao mesmo tempo lançaria desdém sobre eles e também sobre sua religião. Em vez de procurarem aplausos para eles, isso os faria parecer ridículos e envolveria sua confissão na mesma censura. Ao passo que profetizar certamente edificaria a igreja, manteria seu crédito bem melhor, e poderia provavelmente convencer e converter infiéis que ocasionalmente pudessem ouvi-los. Note que as práticas religiosas em assembléias cristãs devem tanto edificar o fiel quanto conven-

cer, afetar e converter os incrédulos. O ministro não foi instituído para ostentar dons e capacidades, mas para salvar almas.

Sobre os Dons Espirituais

vv. 26-33

Nessa passagem, o apóstolo os reprova por sua desordem e se esforça em corrigir e regular sua conduta para o futuro.

I Ele os censura pela confusão que introduziram na assembléia, pela ostentação de seus dons (v. 26): "*Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem língua,...*"; isto é: "Vós sois hábeis para confundir as diversas partes da adoração; e, enquanto um tem um salmo para pronunciar por inspiração, outro tem uma doutrina, ou revelação"; ou ainda: "Vós sois hábeis em serdes confundidos na mesma linha de adoração, muitos de vós tendo salmos ou doutrinas para propor ao mesmo tempo, sem esperar por ninguém. Não é isso perfeito tumulto? Isso pode edificar? No entanto, todas as práticas religiosas nas assembléias públicas devem ter esse ponto de vista: *Faça-se tudo para edificação*".

II Ele corrige suas falhas e coloca algumas regras para a conduta futura deles. 1. Quando falarem uma língua desconhecida, ele ordena que não sejam mais do que dois ou três em uma reunião, e não todos de uma vez, mas sucessivamente, um depois do outro. E até isso não era para ser feito, a menos que houvesse alguém para interpretar (vv. 27,28), e que houvesse algum outro intérprete além do que falava, pois, falar em uma língua desconhecida que a mesma pessoa devesse posteriormente interpretar poderia ser apenas para ostentação. Mas, se algum outro estivesse presente que pudesse interpretar, dois dons milagrosos podiam ser praticados simultaneamente, e nisso a igreja seria edificada, e a fé dos ouvintes confirmada ao mesmo tempo. Mas, se não houvesse ninguém para interpretar, ele devia permanecer calado na igreja, e exercer seu dom somente entre Deus e ele mesmo (v. 28), isto é (penso eu), em particular, em casa; pois todos que estão presentes na adoração pública juntam-se a ela, e não estão em suas devoções particulares em assembléias públicas. Devoções solitárias estão fora de contexto quando a igreja se reúne para a adoração social. 2. Quando profetizarem, ele ordena: (1) Que apenas dois ou três falem em uma reunião (v. 20), e isso sucessivamente, não todos de uma vez; e que outro examine e julgue o que ele apresentar, isto é, discirna e determine o que for relativo a isso, se é por inspiração divina ou não. Podia haver falsos profetas, meros simuladores da inspiração divina, e os verdadeiros profetas deviam julgá-los, discernir e descobrir quem era divinamente inspirado e havia interpretado a Escritura por tal inspiração, e quem não era – o que era por inspiração divina e o que não era. Este parece ser o significado dessa regra. Pois onde um profeta era conhecido como tal, e sob o sopro divino, ele não poderia ser julgado; pois isso era submeter até o Espírito Santo ao julgamento dos homens. Aquele que de fato era inspirado e conhecido assim estava acima do julgamento humano. (2) Ele ordena que, se algum profeta que estivesse assistindo tivesse uma revelação, enquanto outro estivesse profetizando, este deveria calar-se e ficar em silêncio (v. 30), antes que o assistente inspirado pronunciasse a sua revelação. De fato, é entendido por muitos que o locutor anterior deveria calar-se imediatamente. Mas isso não parece natural, e não combina muito bem com o contexto. Pois por que alguém que estaria falando por inspiração deveria calar-se imediatamente sob um outro homem que estava sendo inspirado e suprimir o que lhe estava sendo ditado pelo mesmo Espírito? De fato, aquele que tivera a nova revelação deveria reivindicar liberdade para falar na sua vez, ao produzir o seu testemunho; mas por que a liberdade de discursar deveria ser tirada daquele que estava falando antes, e sua boca calada, quando ele estava apresentando os preceitos do mesmo Espírito, e poderia produzir os mesmos testemunhos? O Espírito de Deus moveria alguém para falar e, antes de ele haver apresentado o que tinha para dizer, moveria outro para interrompê-lo e fazê-lo calar? Este não me parece um pensamento natural. Nem é o mais apropriado ao contexto, e a razão para isso vem a seguir (v. 31): "*Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros*", o que não poderia significar que alguém fosse interrompido e calado antes de haver profetizado: mas podia facilmente ser que aquele que havia sido inspirado posteriormente, evitasse apresentar sua nova revelação até o primeiro profeta haver terminado o que ele tinha a dizer. E, para confirmar esse sentido, o apóstolo acrescenta rapidamente: "*E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas*" (v. 33), isto é, os dons espirituais que eles têm sujeitam-se à sua razão, e eles são capazes de usar seus próprios julgamentos no exercício deles. Inspirações divinas não são, como as possessões diabólicas dos sacerdotes pagãos, violentas e ingovernáveis, motivando-os a agirem como se eles estivessem fora de si; mas são sóbrias, calmas e capazes de conduta regular. O homem inspirado pelo Espírito de Deus pode até comportar-se como homem e observar as regras da ordem natural e da decência ao apresentar suas revelações. Assim, seu dom espiritual é algo distante de seu prazer e é para ser administrado por sua discrição.

III O apóstolo dá as razões dessas regras. Como: 1. Eles deveriam proceder para o benefício da igreja, para sua instrução e consolação. O apóstolo aconselha que os profetas deviam falar ordenadamente "...*para que todos aprendam e todos sejam consolados*". Note que é para a instrução, edificação e conforto da igreja que *Deus* instituiu o ministério. E certamente os ministros devem, tanto quanto possível, adequar suas ministrações a esses propósitos. 2. Ele lhes fala que "...*Deus não é Deus de confusão, senão de paz...*" (v. 33). Por essa razão, a inspiração divina não deve de nenhuma forma produzir confusão nas assembléias cristãs e quebrar todas as regras da decência, o que seria inevitável se vários homens inspirados pronunciassem simultaneamente o que lhes fosse sugerido pelo Espírito de Deus, e não esperassem a sua vez. Note que a honra de Deus requer que as coisas sejam conduzidas nas assembléias cristãs de maneira que não transgridam as regras da decência natural. Se elas forem conduzidas de uma forma confusa e tumultu-

ada, que idéia isso deve dar do Deus adorado aos observadores atenciosos! Ele pareceria o Deus de paz e ordem, e um inimigo da confusão? As coisas devem ser conduzidas na adoração divina de maneira que nenhuma noção desonrosa nem desagradável de Deus se forme nas mentes dos observadores. 3. Ele acrescenta que as coisas eram assim conduzidas ordenadamente em todas as outras igrejas: "*...como em todas as igrejas dos santos*" (v. 33); elas mantinham essas regras na prática de seus dons espirituais, o que era uma prova manifesta de que a igreja de Corinto devia observar as mesmas regulamentações. E seria perfeitamente escandaloso para eles, que excediam a maioria das igrejas em dons espirituais, serem mais desordenados que qualquer outra igreja na prática dos dons. Note que embora outras igrejas não devam estar sob nossas regras, contudo a consideração que elas prestam às regras da decência natural e da ordem devem nos restringir de quebrarmos essas regras. Assim, longe de eles poderem ser colocados como exemplos, é uma vergonha que não estejam seguindo as regras.

Sobre os Dons Espirituais

vv. 34,35

Aqui o apóstolo: 1. Ordena silêncio às mulheres nas assembléias públicas, e de tal maneira que elas não devem fazer perguntas para a sua própria informação na igreja, mas perguntar em casa a seus maridos. "*A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição*, diz o apóstolo. *Não permito, porém, que a mulher ensine...*" (1 Tm 2.11,12). De fato, há uma insinuação (cap. 11.5) de que as mulheres às vezes oravam e profetizavam em suas assembléias, o que o apóstolo, naquela passagem, não condena simplesmente, mas a maneira do desempenho, isto é, orar e profetizar com a cabeça descoberta, o que, naquela época e país, era desprezar a distinção dos sexos e colocar-se no mesmo nível que os homens. Mas aqui ele parece proibir todas as suas atuações públicas. A elas não é permitido falar (v. 34) na igreja, nem em oração nem em profecia. A relação parece claramente incluir a última, no sentido limitado no qual é tomado nesse capítulo, a saber, para pregar ou interpretar por inspiração. E, de fato, para uma mulher profetizar nesse sentido tinha de ensinar, o que não se adequava bem ao seu estado de sujeição. Um mestre de outros tem a esse respeito superioridade sobre eles, o que não é permitido que a mulher tenha sobre o marido, nem lhe deve ser permitido ensinar em uma congregação: "*...não permito que a mulher ensine*". Mas orar, e pronunciar hinos inspirados, não era ensinar. E considerando que havia mulheres que tinham dons espirituais desse tipo naquele período da igreja (At 22.9), e podiam estar sob esse impulso na assembléia, elas deviam ser todas proibidas? Ou por que elas tinham esse dom se nunca poderia ser praticado publicamente? Por essas razões, alguns pensam que essas proibições gerais são apenas em casos comuns; mas que em ocasiões especiais, quando as mulheres estavam sob o sopro divino, e conhecidas por estarem assim, elas podiam ter liberdade para falar. Elas não deviam ensinar ordinariamente, nem mesmo debater e fazer perguntas na igreja, mas aprender em silêncio ali; e, se ocorressem dificuldades, *perguntar a seus maridos em casa*. Note que assim como é dever da mulher aprender em silêncio e em sujeição, é dever do homem manter sua superioridade, sendo hábil em instruí-la; se é dever dela perguntar a seu marido em casa, é interesse e dever dele esforçar-se pelo menos em estar apto para responder às suas perguntas; se é vergonha para ela falar na igreja, onde ela deveria estar em silêncio, é uma vergonha para ele estar em silêncio quando deve falar, e ser capaz de dar uma resposta quando ela perguntar-lhe em casa. 2. Nós temos aqui a razão dessa prescrição: é lei e mandamento de Deus que elas devam estar em obediência (v. 34); elas são colocadas em subordinação ao homem, e é uma vergonha para elas fazerem qualquer coisa que pareça uma presunção de mudar de lugar, o que falar em público parecia implicar, pelo menos naquela época, e entre aquelas pessoas, como muito mais seria o ensinar em público; de maneira que o apóstolo conclui que era uma vergonha para as mulheres falarem na igreja, na assembléia. Vergonha é a reflexão inquieta da mente sobre o haver feito uma coisa indecente. E o que seria mais indecente que uma mulher abandonar o seu lugar, renunciar à subordinação de seu sexo, ou fazer o que em termos comuns tinha tal aspecto e aparência? Note que nosso espírito e conduta devem adequar-se a nosso lugar. Nós devemos observar as distinções naturais que Deus fez. Aqueles que foram colocados em sujeição a outros não devem colocar-se a si mesmos em um nível, nem presumir ou assumir superioridade. A mulher foi criada para ser sujeita ao homem e deve manter sua posição e estar contente com ela. Por essa razão as mulheres devem estar em silêncio nas igrejas, não ocupando a posição de líderes; pois isso é colocar-se como superior ao homem.

Sobre os Dons Espirituais

vv. 36-40

O apóstolo conclui seus argumentos nesses versículos: 1. Com uma justa repreensão aos coríntios por causa de seu orgulho extravagante e de sua presunção: Eles usavam seus dons espirituais de um modo que nenhuma igreja o fazia; eles se comportavam, por assim dizer, por si mesmos e não aceitariam facilmente qualquer controle ou regulamento. "*Porventura*, diz o apóstolo, para destruir esse temperamento arrogante, "*saiu dentre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós?* (v. 36). O cristianismo saiu de Corinto? Suas fontes estavam entre vós? Ou, se não, ele está agora limitado e confinado a vós? Sois vós a única igreja favorecida com revelações divinas, que vos afastareis dos costumes decentes de todas as outras igrejas e, para ostentação de vossos dons espirituais, trareis confusão nas assembléias cristãs? Quão intoleravelmente presunçoso é esse comportamento! Orai, refleti a respeito de vós mesmos." Quando era necessário ou apropriado, o apóstolo era capaz de repreender com toda autoridade; e certamente suas repreensões, se alguma vez foram oportunas foram nesse caso. Note que devem ser reprovados e humilhados aqueles cujo orgulho espiritual e presunção lançam as igrejas e assembléias cristãs

em confusão, embora tais homens dificilmente suportem até as repreensões de um apóstolo. 2. Ele os deixa saber que o que ele lhes disse era mandamento de Deus; que nenhum profeta verdadeiro, nem mesmo um realmente inspirado, ousasse negá-lo (v. 37): "*Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que...*, e mais, deixai-o ser julgado por essa verdadeira regra. Se ele não reconhecer o que eu apresento neste tópico como sendo a vontade de Cristo, ele mesmo nunca teve o Espírito de Cristo. O Espírito de Cristo nunca poderá contradizer-se; se falar em mim e neles, deverá falar as mesmas coisas em ambos. Se a revelação que eles tiverem contradisser a minha, eles não são do mesmo Espírito; ou eu ou eles devem ser falsos profetas. *Nisto os conhecereis*. Se eles disserem que minhas orientações neste assunto não são mandamentos divinos, vós podeis contar com isso, eles não são divinamente inspirados. Mas se, por meio de preconceito ou obstinação, alguém continuar inseguro ou sem saber se eles falam a verdade ou eu, esse precisa ser abandonado à sua própria ignorância. Se suas pretensões de inspiração podem permanecer em competição com a marca e os poderes apostólicos que eu tenho, eu perdi toda a minha autoridade e influência; e as pessoas que permitem essa competição contra mim estão fora do alcance da convicção e devem ser abandonadas a si mesmas." Note que é justo com Deus abandonar à cegueira de sua própria mente aqueles que obstinadamente excluem a luz. Aqueles que fossem ignorantes em um caso tão claro estavam justamente sob o poder de seu erro. 3. Ele resume tudo em dois conselhos gerais: (1) Que embora eles não devessem desprezar o dom de línguas, nem deixar de usá-lo inteiramente, sob as regulamentações mencionadas, contudo deviam preferir profetizar. Este é de fato o alvo do argumento todo. Ele deveria ser preferido ao outro porque era o dom mais útil. (2) Ele lhes ordena que todas as coisas sejam feitas decentemente e em ordem (v. 40), isto é, que eles evitem todas as coisas que sejam manifestamente indecentes e desordenadas. Não que eles devam por essa razão aproveitar a ocasião para introduzir na igreja cristã e na adoração qualquer coisa que uma mente vã possa pensar que seja ornamental para ela, ou que ajude a fazê-la notável. Tais indecências e desordens, como ele havia observado a respeito, deviam ser especialmente evitadas. Eles não devem fazer nada que seja manifestamente infantil (v. 20), ou que dê ocasião para dizer que eles são loucos (v. 23), nem devem agir de tal maneira a produzir confusão (v. 33). Isto seria completamente indecente, faria um tumulto e motim de uma assembléia cristã. Mas eles devem fazer as coisas em ordem, e não tudo de uma vez; usar cada um a sua vez, e não interromper um ao outro. Fazer o contrário seria destruir as finalidades de um ministério cristão, e todas as assembléias para a adoração cristã. Note que indecências manifestas e desordens devem ser mantidas cuidadosamente fora de todas as igrejas cristãs e de cada parte da divina adoração. Eles não devem ter nada em si que seja infantil, absurdo, ridículo, selvagem ou tumultuado; mas todas as partes da divina adoração devem estar impregnadas de um jeito valoroso, sóbrio, racional, calmo e ordenado. Deus não deve ser desonrado, nem sua adoração, desgraçada, por nossa atuação inconveniente e desordeira em relação a ela, e à participação nela.

CAPÍTULO 15

Nesse capítulo, o apóstolo trata de uma grande doutrina do cristianismo – a ressurreição dos mortos. I. Ele demonstra a certeza da ressurreição de nosso Salvador (vv. 1-11). II. A partir dessa verdade, ele se põe a refutar aqueles que diziam não haver ressurreição dos mortos (vv. 12-19). III. A partir da ressurreição de nosso Salvador, ele demonstra a ressurreição dos mortos e confirma os coríntios na fé nessa verdade através de outras considerações (vv. 20-34). IV. Ele responde a uma objeção contra essa verdade e aproveita a ocasião para mostrar que grande mudança se realizará nos corpos dos crentes na ressurreição (vv. 35-50). V. Ele nos informa que mudança se realizará naqueles que estiverem vivos ao som da última trombeta, e a completa vitória que os justos então obterão sobre a morte e a sepultura (vv. 51-57). E: VI. Ele resume o argumento com uma exortação muito séria aos cristãos, para serem determinados e aplicados no serviço de seu Senhor, porque serão gloriosamente recompensados por Ele (v. 58).

A Ressurreição de Cristo

vv. 1-11

O apóstolo Paulo se ocupa nesse capítulo em afirmar e estabelecer a doutrina da ressurreição dos mortos, que alguns dos coríntios negavam completamente (v. 12). Se tornavam sua doutrina em alegoria, como faziam Himeneu e Fileto, dizendo que ela já havia acontecido (2 Tm 2.17,18), e vários dos antigos hereges, fazendo que ela significasse não mais que uma mudança de seu transcurso da vida; ou se a rejeitavam como absurdo, sob os princípios da razão e da ciência, parece que eles a negavam no seu próprio sentido. E eles rejeitavam um futuro estado de recompensas, negando a ressurreição dos mortos. Então, que pagãos e infiéis negassem essa verdade não parece tão estranho, mas é de surpreender que cristãos, que tiveram sua religião por revelação, negassem uma verdade tão claramente manifestada, especialmente quando é uma verdade tão importante. Era tempo para o apóstolo confirmá-los nessa verdade, quando o vacilo de sua fé nesse ponto devia provavelmente abalar a prática cristã deles; e eles ainda estavam em grande perigo de sua fé vacilar. Ele começa com uma epítome ou sumário do evangelho, que pregou entre eles, a saber, a morte e a ressurreição de Cristo. Sobre este fundamento a doutrina da ressurreição dos mortos está construída. Note que as verdades divinas aparecem com a maior evidência quando elas são consideradas em sua mútua conexão. O fundamento pode ser fortalecido, para que a superestrutura possa estar segura. Então, concernente ao evangelho, observe:

I Que ênfase Paulo coloca sobre ele (vv. 1,2): "*Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado*". 1. Era o que ele pregava freqüentemente. Sua palavra não era sim e não: ele sempre pregava o mesmo evangelho e ensinava a mesma verdade. Ele

podia apelar aos seus ouvintes em relação a isso. A verdade era invariável em sua própria natureza; e os professores infalíveis da verdade divina nunca poderiam estar em contradição consigo mesmos ou com algum outro. A doutrina que Paulo havia ensinado antes, ele ainda a ensinava. 2. Era o que eles tinham recebido; eles haviam sido convencidos da fé, acreditaram nela de todo o seu coração, ou pelo menos fizeram profissão de fé de agirem assim com suas bocas. Não era uma doutrina estranha. Era aquele mesmo evangelho em que, ou pelo qual, eles haviam permanecido até então, e deviam continuar a permanecer. Se eles desistissem dessa verdade, eles não deixariam para si mesmos nenhum chão sobre o qual permanecer, nenhum apoio para os pés na religião. Note que a doutrina da morte e ressurreição de Cristo está no fundamento do cristianismo. Removamos esse fundamento e toda a estrutura cairá, todas as nossas esperanças para a eternidade afundarão de uma vez. E é por segurar firmemente essa verdade que os cristãos são feitos para se manterem em pé em um dia de provação e se manterem fiéis a Deus. 3. Era apenas aquilo em que eles podiam esperar por salvação (v. 2): pois *em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos*, a não ser o nome de Cristo. E não há nenhuma salvação em seu nome, a não ser que se relacione com a crença de sua ressurreição dos mortos. Essas são as verdades salvadoras de nossa santa fé. A crucificação de nosso Redentor e sua vitória sobre a morte são a verdadeira fonte de nossa vida espiritual e de nossas esperanças. Então, a respeito dessas verdades salvadoras, observe: (1) Elas devem ser guardadas na mente, elas devem ser retidas firmemente (assim a palavra é traduzida em Hb 10.23): *Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança.* Note que as verdades salvadoras do evangelho devem ser fixadas em nossa mente, muito meditadas em nossos pensamentos, mantidas e retidas firmemente até o fim, se quisermos ser salvos. Elas não nos salvarão se não atentarmos para elas, não nos entregarmos ao seu poder e continuarmos a fazer assim até o fim. "*Aquele que perseverar até o fim será salvo*" (Mt 10.22). (2) Nós cremos em vão, a menos que continuemos e perseveremos na fé do evangelho. Nunca seremos melhores por uma fé temporária; além disso, agravaremos a nossa culpa ao recairmos na infidelidade. Se negarmos a ressurreição de Cristo, professamos o cristianismo, a nossa fé em Cristo, em vão; pois isso deve implicar e envolver a negação de sua ressurreição; e, tirando isso, não sobra nada do cristianismo, não sobra nada em que a fé e a esperança possam se fixar.

II Observe que evangelho é esse sobre o qual o apóstolo coloca tanta ênfase. Era aquela doutrina que ele havia recebido e que lhes havia entregado, *en protois – primeiramente, principalmente.* Era uma doutrina de primeira linha, uma verdade necessária, que Cristo morreu por nossos pecados, e foi sepultado, e ressuscitou; ou, em outras palavras, que Ele "*...por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para a nossa justificação*" (Rm 4.25), que Ele foi oferecido em sacrifício por nossos pecados, e ressuscitou, para mostrar que ele obteve perdão para eles e foi aceito por Deus nessa oferta. Note que a morte e a ressurreição de Cristo são o verdadeiro resumo e essência da verdade evangélica. Daí derivamos nossa vida espiritual presente e aqui nós devemos basear nossas esperanças da futura vida eterna.

III Observe como essa verdade é confirmada: 1. Pelas predições do Antigo Testamento. Ele morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou dos mortos, segundo as Escrituras, segundo as profecias das Escrituras e os tipos das Escrituras. Tais profecias, como Salmos 16.10; Isaías 53.4-6; Daniel 9.26,27; Oséias 6.2. Tais tipos, como Jonas (Mt 12.4), como Isaque, de quem é expressamente dito haver sido recobrado da morte em figura (Hb 11.19). Note que é uma grande confirmação de nossa fé no evangelho ver como ela corresponde a antigos tipos e profecias.

2. Pelo depoimento de muitas testemunhas oculares, que viram Cristo após Ele haver ressuscitado dos mortos. Ele estima cinco diferentes aparições, além daquela que ocorreu para ele mesmo. Ele "*...foi visto por Cefas* (ou Pedro) *e depois pelos doze*", chamados assim, embora Judas já não estivesse entre eles, porque esse era seu número usual; então, ele "*...foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos...*", muitos dos quais estavam vivos quando o apóstolo escreveu essa epístola, embora alguns já houvessem dormido. Isso foi na Galiléia (Mt 28.10). Depois disso, ele foi visto por Tiago separadamente, e depois, por todos os apóstolos quando Ele estava sendo levado para o céu. Isso foi no Monte das Oliveiras (Lc 24.50; comparar com At 1.2,5-7). Note quão irresistivelmente evidente foi a ressurreição de Cristo, quando tantos olhos o viram vivo em momentos tão diferentes, e quando Ele perdoou a fraqueza de um discípulo, tanto que permitiu tocá-lo para deixar sem qualquer dúvida a sua ressurreição! E que motivo temos nós para acreditar naqueles que estavam tão seguros em manter essa verdade, embora eles arriscassem tudo o que fosse precioso para eles neste mundo, esforçando-se em afirmá-la e propagá-la! Até o próprio Paulo foi, por último de todos, favorecido em vê-lo. Ser uma testemunha da ressurreição do Salvador era uma das características próprias de um apóstolo (Lc 24.48); e, quando Paulo foi chamado para o ofício apostólico, foi-lhe dada uma evidência desse tipo; o Senhor Jesus lhe apareceu no caminho de Damasco (At 9.17). Havendo mencionado esse favor, Paulo aproveita a ocasião para fazer uma humilde divagação a seu respeito. Ele foi altamente favorecido por Deus, mas sempre se esforçou em manter uma opinião inferior a seu respeito e em expressá-la. Assim ele faz aqui, observando: (1) Que ele era um nascido fora de tempo (v. 8), "*...um abortivo*", *ektroma*, uma criança nascida morta e fora de tempo. Paulo assemelha-se a tal nascimento, na rapidez de seu novo nascimento, em que ele não estava maduro para a função apostólica, como os outros estavam, os quais tiveram convivência pessoal com o nosso Senhor Jesus. Ele foi chamado para o ofício quando tal relação não podia ter ocorrido, ele era um fora de tempo. Ele não havia conhecido nem seguido o Senhor, nem havia sido formado em sua família, como os outros haviam, para essa alta e honrosa função. Essa era uma condição muito humilde. (2) Ao se reconhecer infe-

rior aos outros apóstolos: "*...não sou digno de ser chamado apóstolo*". Pelo menos, porque era o último deles; chamado por último para o ofício e indigno de ser chamado um apóstolo, de ter ainda o ofício ou o título, porque havia perseguido "*...a igreja de Deus*" (v. 9). De fato, ele nos diz em outra passagem que ele "*...em nada foi inferior aos mais excelentes apóstolos*" (2 Co 11.5) – por dons, graças, serviço e sofrimentos, inferior a nenhum deles. Contudo, algumas circunstâncias em seu caso ainda o fizeram pensar mais humildemente de si mesmo que de qualquer deles. Note que um espírito humilde, no meio de grandes talentos, é um precioso ornamento para qualquer homem; ele coloca suas boas qualidades em muito maior vantagem. O que manteve Paulo humilde de maneira especial foi a lembrança de sua fraqueza anterior, seu zelo intenso e destrutivo contra Cristo e seus membros. Note quão facilmente Deus pode fazer um bem do maior dos males! Quando os pecadores são tornados santos por graça divina, Ele faz com que a lembrança de seus pecados anteriores seja muito útil, para fazê-los humildes, aplicados e fiéis. (3) Ao atribuir tudo que era valioso em si à graça divina: "*Mas, pela graça de Deus, sou o que sou*" (v. 10). É prerrogativa de Deus dizer: *Eu sou o que sou*; é nosso privilégio sermos capazes de dizer: "Pela graça de Deus somos o que somos". Nós não somos nada a não ser o que Deus faz de nós. Tudo o que é bom em nós é uma torrente de sua fonte. Paulo era sensível nisso, e mantinha-se humilde e agradecido por sua convicção; assim também nós devemos fazer. Mais ainda, embora ele estivesse consciente de sua própria diligência, zelo e serviço, de maneira que ele podia dizer de si mesmo que a graça de Deus não lhe foi dada em vão, "*antes trabalhei muito mais do que todos eles*", ele pensava de si mesmo muito mais como um devedor da graça divina. "*...todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo*". Note que aqueles que têm a graça de Deus concedida a eles devem tomar cuidado para que ela não seja em vão. Eles devem estimar, praticar e manifestar esse princípio celestial. Assim fazia Paulo, e conseqüentemente trabalhava com tanto coração e com tanto sucesso. E quanto mais ele trabalhava, mais fazia o bem, mais humilde ele ficava no tocante à opinião que tinha de si mesmo, e mais disposto para reconhecer e magnificar o favor de Deus para com ele, seu favor livre e imerecido. Note que um espírito humilde estará sempre habilitado a reconhecer e magnificar a graça de Deus. Um espírito humilde é geralmente gracioso. Onde o orgulho é dominado, aí é razoável acreditar que a graça reina.

Depois de sua digressão, o apóstolo retorna ao seu argumento e lhes fala (v. 11) que ele mesmo não apenas pregou o mesmo evangelho em todos os momentos e em todos os lugares, mas que todos os apóstolos pregavam o mesmo: "*Então, ou seja eu ou sejam eles, assim pregamos, e assim haveis crido*". Não importava se Pedro, ou Paulo, ou qualquer outro apóstolo, tinha-os convertido ao cristianismo, todos mantinham a mesma verdade, contavam a mesma história, pregavam a mesma doutrina e a confirmavam pela mesma evidência. Todos concordavam nisto: que Jesus Cristo, e Ele crucificado e morto, e ao terceiro dia ressuscitado dos mortos, era o verdadeiro resumo e essência do cristianismo; e todos os verdadeiros cristãos crêem nisso. Todos os apóstolos concordavam com esse testemunho; todos os cristãos concordam em acreditar nele. Eles vivem pela fé. Nesta fé eles morrem.

A Ressurreição dos Santos

vv. 12-19

Havendo confirmado a verdade da ressurreição de nosso Salvador, o apóstolo continua a refutar aqueles entre os coríntios que diziam não haver ressurreição: "*Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?*" (v. 12). A partir dessa passagem, e no decurso do argumento, sabe-se que havia alguns entre os coríntios que pensavam ser a ressurreição uma impossibilidade. Esse era um sentimento comum entre os pagãos. Mas contra isso, o apóstolo apresenta um fato incontestável, a saber, a ressurreição de Cristo; e ele continua a argumentar contra eles a partir dos absurdos que devem seguir esse ponto de vista deles. Como:

I "*E, se não* (pode haver) *há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou*" (v. 13); e novamente: "*...se os mortos não ressuscitam*, não podem ser ressuscitados ou reanimados à vida, *também Cristo não ressuscitou* (v. 16). Mas foi predito nas antigas profecias que Ele ressuscitaria; e foi provado por multidões de testemunhas oculares que Ele ressuscitou. E vós direis, alguém dentre vós ousará dizer, que não é, que não pode ser, o que Deus disse há muito tempo atrás que devia ser, e o que agora é indubitavelmente um fato?"

II Se seguiria disso que a pregação e a fé do evangelho eram vãs: "*E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé*" (v. 14). Admitida essa suposição, ela destruiria a principal evidência do cristianismo; e assim: 1. Tornaria vã a pregação. "Nós, apóstolos, *somos também considerados como falsas testemunhas de Deus*, nós que simulamos ser testemunhas de Deus para essa verdade, e operamos milagres pelo seu poder para confirmá-la, somos todos impostores, mentirosos por Deus, se em seu nome, e pelo poder recebido dele, partimos, publicamos e afirmamos algo falso de fato, impossível de ser verdade. E isso não nos faz os homens mais presunçosos e inúteis do mundo, e o nosso ofício e ministério a coisa mais presunçosa e inútil do mundo? Que fim poderíamos propor para nós mesmos ao empreendermos esse serviço difícil e arriscado, se soubéssemos que nossa religião não permanece sobre um melhor fundamento, e além disso, se nós não estivéssemos tão seguros do contrário? O que poderíamos pregar? Nosso labor não seria totalmente em vão? Nós não temos nenhuma expectativa muito favorável para esta vida; e não poderíamos ter nenhuma expectativa além dela. Se Cristo não ressuscitou, o evangelho é uma bobagem; ele é palha e vazio." 2. Essa suposição tornaria vãos, tanto a fé dos cristãos quanto o labor dos ministros: "*E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados*" (v. 17), ainda sob a culpa e a condenação do pecado, porque somente através da sua morte e sacrifício pelo pecado que o perdão podia ocorrer. "*...temos a redenção pelo seu sangue,*

a remissão das ofensas..." (Ef 1.7). Nenhuma remissão de pecados devia ocorrer a não ser através do derramamento de seu sangue. E tivesse o seu sangue sido derramado, e sua vida tirada, sem nunca ter sido restaurada, que evidência poderíamos ter tido de que através dele nós temos justificação e vida eterna? Tivesse Ele permanecido sob o poder da morte, como Ele poderia ter nos libertado de seu poder? E que coisa vã é a fé nele sob essa suposição! É necessário que aquele que foi entregue pelos nossos pecados ressuscite, ou procuramos em vão por qualquer benefício através dele. Não teria havido nenhuma justificação ou salvação se Cristo não tivesse ressuscitado. E a fé em Cristo não seria vã e sem significado, se Ele ainda estivesse entre os mortos?

III Outro absurdo que segue dessa suposição é de que "*...os que dormiram em Cristo estão perdidos*". Se não houver ressurreição, eles não podem ressuscitar, e, conseqüentemente, estão perdidos, até aqueles que morreram na fé cristã e por ela. Está claro a partir disso que aqueles entre os coríntios que negavam a ressurreição queriam dizer com isso um estado de retribuição futura, e não meramente a revivificação da carne; eles tomavam a morte como a destruição e a extinção do homem e não somente da vida corporal; pois, por outro lado, o apóstolo não poderia inferir a total perda daqueles que dormiram em Jesus, a partir da suposição de que eles jamais ressuscitariam ou de que eles não tinham nenhuma esperança em Cristo após a vida; pois eles podiam ter esperança de felicidade para as suas mentes se aqueles que dormiram em Cristo sobreviveram a seus corpos, e isso evitaria limitar suas esperanças em Cristo apenas a esta vida. "Sob a suposição de que não há ressurreição em vosso sentido, nenhum estado após a morte, então os cristãos mortos estão completamente perdidos. Que coisa vã seria a nossa fé e a nossa religião sob essa suposição!" E isso:

IV Inferiria que os ministros e os servos de Cristo eram "*...os mais miseráveis de todos os homens*", se esperamos em Cristo só nesta vida (v. 19), o que é outro absurdo que segue da afirmação de não haver ressurreição. A condição de quem espera em Cristo seria pior do que a dos outros homens. Note que todos os que crêem em Cristo têm esperança nele; todos os que crêem nele como um Redentor esperam pela redenção e salvação através dele; mas, se não houver ressurreição, ou um estado de recompensa futura (o que é pretendido por aqueles que negavam a ressurreição em Corinto), sua esperança nele devia ser limitada a esta vida; e, se todas as esperanças em Cristo se limitarem a esta vida, eles estão em uma condição muito pior do que o resto da humanidade, especialmente naquele tempo e sob aquelas circunstâncias nas quais os apóstolos escreviam. Eles não tinham então nenhum apoio nem proteção dos soberanos do mundo, mas eram odiados e perseguidos por todos os homens. Os pregadores e os cristãos individuais por essa razão tinham uma dura sorte se tinham esperança em Cristo somente nesta vida. Nesses termos, seria melhor ser qualquer outra coisa do que cristão, pois, neste mundo, eles são odiados, perseguidos, maltratados e despojados de todos os confortos mundanos e expostos a toda a sorte de sofrimentos; eles sofrem mais do que os outros homens nesta vida, e ainda não têm nenhuma esperança melhor mais adiante. E não é absurdo para alguém que crê em Cristo admitir um princípio que envolve uma inferência tão absurda? Pode ter fé em Cristo o homem que acredita que Ele abandonará seus servos fiéis, sejam ministros ou outros, a um estado pior do que o de seus inimigos? Note que era um absurdo grosseiro um cristão admitir a suposição de não haver ressurreição ou um estado futuro. Não restaria nenhuma esperança além deste mundo e freqüentemente tornaria a sua condição a pior do mundo. De fato, o cristão, pela sua religião, é crucificado para este mundo, e ensinado a viver na esperança de um outro. Prazeres carnais são insípidos para ele em grau elevado; e os prazeres celestiais e espirituais são aqueles que ele anela e almeja. De fato, como seria triste o seu caso, se ele devesse morrer para os prazeres mundanos e mesmo assim jamais esperar por nada melhor!

A Ressurreição de Cristo. A Ressurreição dos Santos

vv. 20-34

Nessa passagem, o apóstolo estabelece a verdade da ressurreição dos mortos, fala dos santos mortos, e dos mortos em Cristo:

I Sobre a ressurreição de Cristo. 1. Porque Ele de fato "*...foi feito as primícias dos que dormem*" (v. 20). Ele verdadeiramente ressuscitou, e ressuscitou nessa genuína qualidade e caráter, como as primícias daqueles que dormiram nele. Como Ele de fato ressuscitou, assim em sua ressurreição há tanto uma garantia dada de que os mortos nele ressuscitarão como havia de que a colheita judaica em geral devia ser aceita e abençoada pela oferta e aceitação dos primeiros frutos. Toda a massa era santificada pela consagração dos primeiros frutos (Rm 11.16), e todo o corpo de Cristo, todos os que pela fé estão unidos a Ele, são por sua ressurreição assegurados da sua própria ressurreição. Como ele ressuscitou, eles ressuscitarão; assim como a massa é santa porque as primícias são santas. Ele não ressuscitou só para si mesmo, mas como cabeça do corpo, a igreja; e "*...aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele*" (1 Ts 4.14). A ressurreição de Cristo é nossa garantia e sinal, se nós de fato cremos nele; porque Ele ressuscitou, nós ressuscitaremos. Nós somos uma parte da massa consagrada, e partilharemos da aceitação e favor concedidos às primícias. Esse é o primeiro argumento usado pelo apóstolo na confirmação da verdade; e ele é: 2. Ilustrado por um paralelo entre o primeiro e o segundo Adão. Pois, já que pelo homem veio a morte, era muito apropriado que pelo homem viesse a libertação dela, ou, o que dá no mesmo, a ressurreição (v. 21). E, "*assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo*"; como através do pecado do primeiro Adão todos os homens se tornaram mortais, porque todos derivaram dele a mesma natureza pecaminosa, da mesma forma, através do mérito e ressurreição de Cristo todos que se fizeram participantes do Espírito, e da

natureza espiritual, reviverão, e se tornarão imortais. Todos os que morrem, morrem através do pecado de Adão; todos os que ressuscitam, no sentido do apóstolo, ressuscitam através do mérito e do poder de Cristo. Mas o significado não é que, como todos os homens morreram em Adão, assim todos os homens sem exceção, serão vivificados em Cristo, pois o escopo do argumento do apóstolo restringe o significado geral. Cristo ressuscitou como as primícias; portanto os "*...que são de Cristo*" (v. 23) ressuscitarão também. Daí não segue que todos os homens sem exceção ressuscitarão também; mas segue adequadamente que todos os que ressuscitarem, ressuscitarão em virtude da ressurreição de Cristo, e, portanto, que sua revivificação se deve ao homem Jesus Cristo, como a mortalidade de toda a humanidade se devia ao primeiro homem; e assim, como por um homem veio a morte, por outro homem veio a libertação. Assim pareceu adequado à divina sabedoria que, como o primeiro Adão arruinou sua posteridade pelo pecado, o segundo Adão devesse ressuscitar sua semente para uma gloriosa imortalidade. 3. Antes de concluir o argumento ele afirma que haverá uma ordem a ser observada na ressurreição deles. Precisamente qual será não nos é dito em nenhum lugar, mas no geral somente aqui que haverá uma ordem a ser observada. Talvez serão ressuscitados primeiro aqueles que tiveram um posto mais alto, e prestaram um serviço mais destacado, ou sofreram mais, ou foram mortos cruelmente, por causa de Cristo. Somente aqui se diz que as primícias devem ressuscitar primeiro, e depois todos os que são de Cristo, quando Ele voltar. Não que a ressurreição de Cristo deva na verdade preceder a ressurreição de qualquer um dos seus, mas ela deve ser o fundamento: da mesma forma como não era necessário que aqueles que viviam longe de Jerusalém precisassem ir para lá e oferecer os primeiros frutos antes que pudessem considerar toda a massa santa, embora devessem ser separados para esse propósito, até que pudessem ser oferecidos, o que podia ser feito em qualquer tempo, de Pentecostes até a festa da dedicação. Veja o comentário do bispo Patrick sobre Números 26.2. A oferta dos primeiros frutos era o que tornava o todo santo; e o todo era feito santo por essa oferta, embora não fosse feita antes da colheita ser reunida, de modo que era separada para aquele fim, e devidamente oferecida depois. Assim a ressurreição de Cristo deve, em função da natureza, preceder a de seus santos, embora alguns desses possam ressuscitar, quanto ao tempo, antes dele. É porque Ele ressuscitou que eles ressuscitam. Aqueles que são de Cristo devem ressuscitar por causa de sua relação com Ele.

II Ele argumenta a partir da continuação do reino intermediário até que todos os inimigos sejam destruídos, o último dos quais é a morte (vv. 24-26). Ele ressuscitou, e, na sua ressurreição, foi investido com o império soberano, teve todo o poder nos céus e na terra posto em suas mãos (Mt 28.18), e lhe foi dado "*um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor*" (Fp 2.9-11). E a administração desse reino deve continuar em suas mãos até que tenha sido "*aniquilado todo império e toda potestade e força...* (v. 24), *...até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés...* (v. 25), e até que *o último inimigo* seja *aniquilado*, que é a *morte*" (v. 26).

1. Esse argumento tem implícitas em si todas estas particularidades: (1) Que nosso Salvador ressuscitou dos mortos para ter todo o poder posto em suas mãos, e ter e administrar um reino, como Mediador: "*Foi para isto que morreu Cristo e tornou a viver; para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos*" (Rm 14.9). (2) Que esse reino intermediário deve ter um fim, pelo menos na medida em que diz respeito a levar seu povo em segurança para a glória, e subjugar todos os inimigos de Cristo e deles. "*Depois, virá o fim*" (v. 24). (3) Que ele não acaba até que todo poder oposto seja aniquilado, e todos os inimigos postos sob seus pés (vv. 24,25). (4) Que, entre outros inimigos, a morte deve ser destruída (v. 26) ou abolida; seu poder sobre seus membros deve ser anulado. Até aqui o apóstolo é claro e direto; mas ele nos permite fazer a inferência de que, portanto, os santos devem ressuscitar, senão a morte e o túmulo teriam poder sobre eles, nem o poder régio de nosso Salvador prevaleceria contra o último inimigo de seu povo e anularia seu poder. Quando os santos puderem viver novamente, e não morrerem mais, então, e não antes, a morte será abolida, o que deve acontecer antes do reino intermediário de nosso Senhor ser entregue, o que deve ser, porém, no tempo devido. Os santos, portanto, viverão de novo e não morrerão mais. Este é o escopo do argumento; mas:

2. O apóstolo dá várias dicas ao longo do argumento que vale a pena destacar, tais como: (1) Que nosso Salvador, como homem e mediador entre o homem e Deus, tem uma realeza delegada, um reino dado: "*...todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que sujeitou todas as coisas*" (v. 27). Como homem, toda a sua autoridade deve ser delegada. E, embora sua mediação suponha sua natureza divina, porém como Mediador Ele não mostra tão explicitamente o caráter de Deus, mas um meio-termo entre o divino e o humano, partilhando das duas naturezas, já que Ele devia reconciliar ambas as partes, Deus e homem, e receber comissão e autoridade de Deus Pai para agir nessa função. O Pai aparece, em toda essa dispensação, na majestade e com a autoridade de Deus: o Filho, feito homem, aparece como o ministro do Pai, embora Ele seja Deus assim como o Pai. Nem deve ser essa passagem entendida com relação ao domínio eterno sobre todas as suas criaturas que pertencem a Ele como Deus, mas de um reino confiado a Ele como Mediador e Deus-homem, e que principalmente após sua ressurreição, depois de ter vencido, Ele se sentou com seu Pai em seu trono (veja Ap 3.21). Então se cumpriu a predição: "*Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte Sião*" (Sl 2.6), coloquei-o no seu trono. Esse é o significado da frase tão freqüente no Novo Testamento, "*assentou-se à direita de Deus*" (Mc 16.19; Rm 8.34; Cl 3.1), "*à direita do Todo-poderoso*" (Mc 14.62; Lc 22.69), "*à destra da Majestade, nas alturas*" (Hb 1.3), "*à destra do trono de Deus*" (Hb 12.2), "*nos céus, à destra do trono da Majestade*" (Hb 8.1). Sentar-se nesse trono é assumir o exercício de seu poder e realeza de Mediador, que lhe foi dado em sua ascensão ao céu (Mc 16.19). Isso é mencionado nas Escrituras como uma recompensa que lhe foi dada por sua profunda humilhação e auto-rebaixamento, ao

tornar-se homem e morrer pelo homem a maldita morte da cruz (Fp 2.6-12). Em sua ascensão, Ele foi feito cabeça sobre todas as coisas para a igreja, recebeu poder para governá-la e protegê-la contra todos os seus inimigos, e no fim destrui-los e completar a salvação de todos que crêem nele. Esse não é um poder que pertence à Divindade como tal; esse não é um poder original e ilimitado, mas um poder dado e limitado a propósitos especiais. E, embora aquele que o tem seja Deus, e em toda essa dispensação aja não como Deus, mas como Mediador, não como a majestade ofendida, mas como um que se interpõe a favor de suas criaturas pecadoras, e isso por virtude de seu consentimento e comissão que age e aparece sempre naquele caráter, pode-se corretamente dizer dele que esse poder lhe foi dado. Ele pode reinar como Deus, com poder ilimitado, e todavia pode reinar como Mediador, com um poder delegado, e limitado a esses propósitos particulares. (2) Que essa realeza delegada deve em geral *ser entregue ao Pai*, de quem ela foi recebida (v. 24); pois é um poder recebido para fins e propósitos particulares, um poder para governar e proteger sua igreja até que todos os seus membros estejam reunidos, e os inimigos dela, para sempre subjugados e destruídos (vv. 25,26), e quando esses fins forem alcançados, o poder e a autoridade não mais precisam ter continuidade. O Redentor deve reinar até que seus inimigos sejam destruídos, e a salvação de sua igreja e seu povo seja realizada; e, quando esse fim for alcançado, então Ele entregará o poder que Ele tinha somente para este propósito, embora Ele possa continuar a reinar sobre sua igreja glorificada e seu corpo no céu; e nesse sentido pode, não obstante, ser dito que Ele "*reinará para todo o sempre*" (Ap 11.15), que "*reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim*" (Lc 1.33), que o "*seu domínio é um domínio eterno, que não passará*" (Dn 7.14). Veja também Miquéias 4.7. (3) O Redentor certamente reinará até que o último inimigo de seu povo seja destruído, até que a própria morte seja abolida, até que seus santos revivam e recebam a vida perfeita, para nunca mais terem medo ou sofrerem perigo de morte. Ele terá todo o poder nos céus e na terra até então – *aquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados* – aquele que está tão intimamente relacionado a nós, e tão preocupado conosco. Que grande apoio isso deve ser para seus santos na hora da angústia e tentação! *Aquele que é vivo e estava morto, e vive para sempre*, e reina, e continuará a reinar, até que a redenção de seu povo seja completada, e a máxima ruína de seus inimigos, executada. (4) Quando isso for feito, "*...quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos*" (v. 28). Eu entendo que isso significa que então o homem Jesus Cristo, que apareceu com tanta majestade durante toda a administração de seu reino, deve aparecer para entregá-lo para ser um súdito do Pai. Muitas vezes se diz de coisas nas Escrituras que elas *são* quando são *manifestadas* e chamadas a aparecer; e essa entrega do reino tornará manifesto que aquele que apareceu na majestade do rei soberano era, durante essa administração, um súdito de Deus. A humanidade glorificada de nosso Senhor Jesus Cristo, com toda a dignidade e poder conferidos a ela, não era mais que uma criatura gloriosa. Isso aparecerá quando o reino for entregue, e aparecerá para a glória divina, para que Deus possa ser tudo em todos, para que a realização de nossa salvação possa parecer completamente divina, e somente Deus possa ter a honra dela. Observe que embora a natureza humana deva ser empregada na obra de nossa redenção, Deus não obstante era tudo em todos nela. "*Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos.*"

III Ele argumenta em favor da ressurreição, fundamentado no caso daqueles que se batizavam pelos mortos (v. 29): "*Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles, então, pelos mortos*?" O que eles devem fazer se os mortos não ressuscitam? O que eles fizeram? Como foi inútil o seu batismo! Eles devem mantê-lo ou renunciar a ele? Por que eles são batizados pelos mortos, se os mortos não ressuscitam? *Hyper ton nekron*. Mas o que é esse batismo pelos mortos? Ele deve ser conhecido para que o argumento do apóstolo seja entendido; se ele é somente *argumentum ad hominem*, ou *ad rem*; isto é, se ele conclui acerca da coisa em disputa universalmente ou somente contra as pessoas particulares que foram batizadas pelos mortos; mas quem vai interpretar essa passagem tão obscura, que, embora tenha não mais que três palavras, fora os artigos, tem tido muitos sentidos colocados nela pelos intérpretes? Não há acordo sobre qual o significado desse batismo, se ele deve ser entendido no sentido próprio ou figurado, e se no sentido próprio, se deve ser entendido como batismo cristão propriamente assim chamado, ou alguma outra ablução. E tampouco há acordo sobre quem são os mortos, ou em que sentido a preposição *hyper* deve ser entendida. Alguns entendem os mortos como nosso próprio Salvador (veja Whitby, *in loc*). Por que pessoas são batizadas no nome de um Salvador morto, um Salvador que permanece entre os mortos, se os mortos não ressuscitam? Mas essa é, acredito, uma instância perfeitamente singular de *hoi nekroi* significar não mais que uma pessoa morta; é um significado que as palavras não têm em mais nenhum lugar. E a expressão *hoi baptizomenoi* (*os batizados*) parece claramente indicar algumas pessoas em particular, não os cristãos em geral, que todavia devem ser o significado se *hoi nekroi* (*os mortos*) deve ser entendido como significando o nosso Salvador morto. Alguns entendem que a passagem se refere aos mártires: Por que eles sofrem o martírio por sua religião? Isto é algumas vezes chamado pelos antigos de batismo de sangue, e, por nosso próprio Salvador, sem mais detalhes (Mt 20.22; Lc 12.50). Mas em que sentido pode se dizer que aqueles que morrem mártires por sua religião são batizados (isto é, são martirizados) pelos mortos? Alguns entendem que se trata de um costume que era observado, como alguns dos antigos nos contam, entre muitos que professavam o nome cristão nas primeiras eras, de batizar alguns no nome e em lugar de catecúmenos que morriam sem batismo. Mas isso tem aparência de superstição que, se o costume tivesse prevalecido na igreja tão cedo, o apóstolo dificilmente o teria mencionado sem demonstrar reprovação. Alguns entendem que se trata de batizar sobre os mor-

tos, que era um costume, eles nos dizem, bem antigo; e isso para testemunhar sua esperança da ressurreição. Este sentido é pertinente ao argumento do apóstolo, mas parece que nenhum costume desse tipo havia no tempo do apóstolo. Outros entendem que se trata daqueles que eram batizados por causa, ou na ocasião, dos mártires, isto é, a firmeza com que eles morriam por sua religião. Alguns sem dúvida se convertiam ao cristianismo quando observavam isso: e seria uma coisa inútil para as pessoas se tornarem cristãs por esse motivo se os mártires, ao perderem suas vidas pela religião, fossem completamente extintos, e não vivessem mais. Mas a igreja em Corinto não tinha, com toda probabilidade, sofrido tanta perseguição nesse tempo, ou visto tantos exemplos de martírio entre eles, nem tinham muitas pessoas se convertido pela constância e firmeza que os mártires revelavam. Sem falar que *hoi nekroi* parece ser uma expressão muito geral para significar somente um morto martirizado. Essa é uma explicação da frase tão fácil quanto qualquer outra que eu já tenha visto e tão pertinente para o argumento, supor que *hoi nekroi* significa alguns entre os coríntios que tinham sidos tirados pela mão de Deus. Nós lemos que "*há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem*" (cap. 11.30), por causa de seu comportamento desordeiro à mesa do Senhor. Essas execuções podiam aterrorizar alguns levando-os ao cristianismo; como o terremoto miraculoso fez com o carcereiro (At 16.29,30ss.). Podia-se dizer corretamente que pessoas batizadas em uma ocasião como essa estavam sendo batizadas pelos mortos, isto é, por causa deles. E os *hoi baptizomenoi* (*os batizados*) e os *hoi nekroi* (*os mortos*) respondem uns aos outros; e tendo isso em mente os coríntios não deixariam de entender o que o apóstolo estava dizendo. "Ora", diz ele, "o que eles farão, e por que foram batizados se os mortos não ressuscitam? Vocês todos acreditam que essas pessoas fizeram a coisa certa, e agiram com sabedoria, e como deviam ter agido nessa ocasião; mas por que, se os mortos não ressuscitam, visto que eles podem talvez apressar sua morte, ao provocar um Deus ciumento e não ter esperanças além dela?" Mas se esse é o significado, ou qualquer outro, sem dúvida, o argumento do apóstolo era bom e inteligível para os coríntios. E seu próximo argumento é da mesma forma claro para nós.

IV Ele argumenta a partir do absurdo de sua própria conduta e da de outros cristãos com base nessa suposição:

1. Seria uma coisa tola para eles correr tantos riscos (v. 30): "*Por que estamos nós também a toda hora em perigo?* Por que nos expomos a um perigo contínuo – nós cristãos, especialmente os apóstolos?" Todo mundo sabe que era perigoso ser cristão, e muito mais um pregador e um apóstolo, naquele tempo. "Ora", diz o apóstolo, "que tolos nós somos de correr esses riscos se não temos melhores esperanças além da morte, se quando morremos, morremos completamente, e nunca mais voltamos à vida!" Observe que o cristianismo seria uma religião tola se não propusesse esperanças além desta vida, pelo menos em tempos tão perigosos como aqueles de seu início; ele exigia que as pessoas arriscassem todas as benesses e confortos desta vida e que enfrentassem e suportassem todos os males dela sem quaisquer perspectivas futuras. E essa é uma característica de sua religião adequada para um cristão suportar? E não deve ele fixar essa característica nele se desiste de suas esperanças futuras e nega a ressurreição dos mortos? Esse argumento o apóstolo dirige a si mesmo: "*Eu protesto...*", diz ele, "*...gloriando-me em vós por Cristo Jesus*, por todos os confortos do cristianismo e todo o socorro e apoio peculiar de nossa sagrada fé, que eu *cada dia morro*" (v. 31). Ele estava em contínuo perigo de morte, e levava sua vida, como se costuma dizer, em sua mão. E por que ele devia expor sua vida dessa forma, se não tivesse esperanças após a morte? Viver com a expectativa diária da morte e todavia não ter perspectiva para além dela deve ser muito desanimador e desconfortável, e seu caso, com base nesse relato, muito melancólico. Ele tinha necessidade de estar muito seguro da ressurreição dos mortos ou seria culpado de extrema fraqueza, ao arriscar tudo que era caro para ele neste mundo, e sua vida na barganha. Ele tinha enfrentado dificuldades muito grandes e inimigos ferozes; ele tinha combatido "*...em Éfeso contra as bestas*" (v. 32), e passado o perigo de ser estraçalhado por uma multidão enraivecida, incitada por Demétrio e outros artesãos (At 19.24ss.), embora alguns entendam isso literalmente, de Paulo ser exposto a lutar com animais selvagens no anfiteatro, em um espetáculo romano naquela cidade. E Nicéforo conta uma história formal a esse respeito, e da miraculosa complacência dos leões para com ele quando se aproximaram. Mas uma provação e circunstância tão notável de sua vida, eu penso, não seria ignorada por Lucas, e muito menos por ele mesmo, quando nos dá um relato tão amplo e particular de seus sofrimentos (2 Co 11.24ss.). Quando ele mencionou que foi cinco vezes açoitado pelos judeus, três vezes espancado com varas, uma vez apedrejado, três vezes naufragado, é estranho que não tenha dito que uma vez foi forçado a lutar com animais selvagens. Eu entendo, portanto, que essa luta com bestas é uma expressão figurada, que as bestas na verdade eram homens de uma disposição feroz e ferina, e que isso se refere à passagem acima citada. "Ora", diz ele, "que vantagem eu tenho de tais lutas, se os mortos não ressuscitam? E se *post mortem nihil – se eu devo perecer com a morte*, e nada esperar depois dela, poderia algo ser mais fraco?" Seria Paulo tão insensato? Teria ele dado aos coríntios qualquer motivo para pensarem isso dele? Se ele não tinha muita segurança de que para ele a morte seria uma vantagem, teria ele, dessa forma estúpida, desprezado sua vida? Poderia alguma coisa que não a esperança segura de uma vida melhor depois da morte ter extinguido o amor pela vida nele a esse grau? "*Que me aproveita isso, se os mortos não ressuscitam?* O que posso propor para mim mesmo?" Observe que é muito legítimo e adequado para um cristão propor vantagem para si mesmo por sua fidelidade a Deus. Foi isso que Paulo fez. O nosso bendito Senhor fez isso (Hb 12.2). E assim nós devemos fazer seguindo seu exemplo e dar nosso fruto para a santidade, para que nosso fim seja a vida eterna. Esse é o exato objetivo de nossa fé, a salvação de nossa alma (1 Pe 1.9), não só o que ela produzirá, mas o objetivo que devemos ter.

2. Seria uma coisa muito mais sábia aproveitar os confortos desta vida: "*Comamos e bebamos, que amanhã morreremos*" (v. 32); tornemo-nos epicureus. É isso

que essa frase significa no profeta Isaías (cap. 22.13). Vamos viver como animais, já que vamos morrer como eles. Este seria um curso mais sábio, se não houvesse ressurreição e nenhuma vida ou estado após a morte, do que abandonar todos os prazeres e expor-nos a todas as misérias da vida, e viver contínuo perigo de perecer pela crueldade e ira selvagens. Essa passagem também sugere, como indicamos acima, que aqueles que negavam a ressurreição entre os coríntios eram perfeitos saduceus, de cujos princípios nós temos esse relato nas Sagradas Escrituras, que eles diziam: "*...não há ressurreição, nem anjo, nem espírito*" (At 23.8), isto é: "O homem é só corpo, não há nada nele que sobreviva ao corpo nem quando uma pessoa morre jamais viverá de novo". Esses saduceus eram homens contra os quais o apóstolo debateu; de outra forma seus argumentos não teriam força; pois, embora o corpo nunca deva reviver, contudo, tanto quanto a mente sobrevive a ele, ele pode ter muita vantagem por todos os riscos que correu por causa de Cristo. De fato é certo que a mente é a principal sede e objeto da glória e felicidade celestiais. Mas, se não houvesse esperança após a morte, não escolheria todo homem sábio uma vida fácil e confortável em vez da vida atribulada que o apóstolo levou? E mais, ele se esforçaria para desfrutar os prazeres da vida tão rápido quanto possível, porque sua duração é curta! Veja que nada a não ser a esperança de coisas melhores no além pode capacitar um homem a desprezar todo o conforto e prazeres daqui, e abraçar a pobreza, desprezo, miséria e morte. Assim fizeram os apóstolos e os cristãos primitivos; mas quão infeliz seria a situação deles, e quão tola a sua conduta, se enganassem a si mesmos, e ofendessem o mundo com esperanças inúteis e falsas!

V O apóstolo conclui seu argumento com um aviso, uma exortação e uma reprovação. 1. Um aviso contra as conversas perigosas de pessoas más, pessoas de vida e princípios negligentes. Ele diz: "*Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes*" (v. 33). É possível que alguns que diziam não haver ressurreição dos mortos fossem pessoas de vida negligente, e que se esforçavam para fundamentar suas práticas viciosas nesse princípio corrupto, e que tinham essa conversa em suas bocas freqüentemente: "*Comamos e bebamos, que amanhã morreremos*". Ora, o apóstolo concorda que a idéia deles seria correta se não houvesse estado futuro. Mas, tendo refutado o princípio deles, ele agora adverte os coríntios de quão perigosa a conversa dessas pessoas pode ser. Ele lhes diz que eles provavelmente seriam corrompidos por ela, e adotariam seu modo de vida, se aceitassem os maus princípios deles. Más companhias e conversas têm a probabilidade de tornar pessoas más. Aqueles que querem manter a inocência devem cultivar boas companhias. O erro e o vício são contagiosos: e se queremos evitar o contágio, devemos ficar longe dos que foram contaminados. "*Anda com os sábios e serás sábio, mas o companheiro dos tolos será afligido*" (Pv 13.20). 2. Aqui há uma exortação para abandonarem seus pecados e despertarem, e levarem uma vida mais santa e correta (v. 34): "*Vigiai justamente, eknepsate dikaios, e não pequeis*", ou não pequeis mais. "Despertem, parem com seus pecados pelo arrependimento: renunciem e abandonem todo caminho mau, corrijam tudo que estiver errado, e não sejam levados por preguiça e estupidez a aceitar conversas e princípios que acabarão com suas esperanças cristãs e corromperão seus costumes". A incredulidade em um estado futuro destrói toda a virtude e piedade. Mas o melhor proveito que a verdade produz é que deixamos de pecar e nos empenhamos na questão da fé e isso com muita seriedade. Se haverá ressurreição e uma vida futura, devemos viver e agir como pessoas que crêem nisso e não descambar para noções estúpidas que vão corromper nossa moral e tornar nossa vida negligente e libertina. 3. Aqui há uma reprovação, e uma reprovação forte, pelo menos para alguns deles: "*...porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa*". É vergonhoso cristãos não terem o conhecimento de Deus. A religião cristã dá a melhor informação possível sobre Deus, sua natureza, graça e governo. Aqueles que professam essa religião reprovam a si mesmos ao permanecerem sem o conhecimento de Deus; pois deve ser devido à sua própria preguiça, e desrespeito por Deus, que eles são ignorantes dele. E não é uma vergonha terrível para um cristão desprezar a Deus, e ser tão desgraçadamente ignorante em questões que tanto lhe dizem respeito? Observe também que deve ser a ignorância acerca de Deus que leva as pessoas à descrença na ressurreição e vida futura. Aqueles que conhecem a Deus sabem que Ele não abandonará seus servos fiéis, nem os deixará expostos a tais dificuldades e sofrimentos sem nenhuma recompensa ou prêmio. Eles sabem que Ele não é infiel nem maldoso, a ponto de esquecer o trabalho e paciência deles, seus serviços fiéis e alegres sofrimentos, ou deixar que seu trabalho seja *em vão.* Mas posso pensar que a expressão tem um significado muito mais forte; que havia pessoas ateístas entre eles que dificilmente reconheciam um Deus, ou alguém que tivesse qualquer preocupação com assuntos humanos, ou tomasse conhecimento deles. Esses eram de fato uma vergonha e um escândalo para qualquer igreja cristã. Note que o real ateísmo encontra-se na base da descrença que algumas pessoas têm em uma vida futura. Aqueles que reconhecem um Deus e uma providência e vêem quão desigual é a distribuição de bens na vida presente, e quão freqüentemente as melhores pessoas recebem a pior parte, dificilmente podem duvidar de um estado futuro onde tudo estará no seu devido lugar.

A Ressurreição dos Santos

vv. 35-50

O apóstolo passa então a responder a uma objeção plausível e importante contra a doutrina da ressurreição dos mortos: "*Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?*" (v. 35). A objeção é claramente dupla. *Como ressuscitarão os mortos?* isto é: De que maneira? Como eles podem ser levantados? Que poder vai realizar isso? Havia uma opinião muito comum entre os pagãos, e parece que os saduceus acreditavam na mesma coisa, que não estava dentro do âmbito do poder divino *mortales aeternitate donare, aut revocare defunctos – tornar homens mortais em imortais, ou re-*

viver e restaurar os mortos. Esse tipo de pessoas parece ter vivido entre os coríntios que negavam a ressurreição dos mortos, e objeta aqui: "Como ressuscitarão os mortos? Como devem ser levantados? Isso não é completamente impossível?" A outra parte da objeção trata da qualidade de seus corpos, que ressuscitarão: "*E com que corpo virão?* Será com o mesmo corpo, com igual formato, e forma, e estatura, e membros, e qualidades, ou serão diferentes?" A primeira objeção é daqueles que se opunham à doutrina, a segunda é a pergunta de pessoas curiosas que estão em dúvida.

I Aos primeiros o apóstolo responde que isso será feito pelo poder divino, aquele mesmo poder que todos eles tinham observado fazer algo muito semelhante, ano após ano, na morte e renascimento do grão; portanto, esse era um argumento muito fraco e estúpido do qual duvidar, se a ressurreição dos mortos não podia ser efetuada pelo mesmo poder: "*Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer*" (v. 36). Ele deve primeiro se corromper antes que desperte e brote. Ele não só brota depois de estar morto, mas deve morrer para que possa viver. E porque alguém seria tão tolo a ponto de imaginar que o homem uma vez morto não possa ser levado a viver de novo, pelo mesmo poder que todo ano traz o grão morto de volta à vida? Essa é a essência da resposta do apóstolo à primeira pergunta. É uma tolice questionar o poder divino de levantar os mortos quando o vemos todo dia despertando e revivendo coisas que estão mortas.

II Mas ele dá uma resposta mais longa para a segunda pergunta.

1. Ele começa observando que no grão que é semeado acontece uma mudança: "*E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão*", de trigo ou cevada etc.; mas Deus lhe dá o corpo que quer, e da forma que Ele quer, apenas para distinguir os tipos um do outro. Cada semente semeada tem seu *próprio corpo,* é constituída de tais e tais elementos, e tem uma certa figura, como lhe é apropriada, adequada ao seu tipo. Isso está claramente dentro do poder divino, embora não saibamos como isso é feito, assim como não sabemos como um homem morto é devolvido à vida. É certo que o grão passa por uma grande mudança, e está implícito nessa passagem que assim acontecerá com os mortos, quando ressuscitarem e viverem de novo, em seus corpos, após a morte.

2. Ele passa daí a observar que existe uma grande variedade entre outros corpos, como há entre plantas: (1) Em corpos de carne: "*Nem toda carne é uma mesma carne*"; a do ser humano é de um tipo, a dos animais de outro, outra a dos peixes, e a dos pássaros outra (v. 39). Há uma variedade em todos os tipos, e algo peculiar em cada tipo, para diferenciá-lo dos outros. (2) Em corpos celestes e terrenos há também uma diferença; e o que é para a glória de um não é para a glória de outro; pois a verdadeira glória de todo ser consiste na sua adequação a sua classe e estado. Corpos terrenos não são adaptados às condições celestiais, nem corpos celestiais são adequados à condição de seres terrenos. Além disso: (3) Há uma variedade de glória entre os próprios corpos celestes: "*Uma é a glória do sol, e outra, a glória da lua, e outra, a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela* (v. 41). Tudo isso deve nos mostrar que os corpos dos mortos, quando eles ressurgem, serão tão mudados, que estarão adaptados às regiões celestiais, e que haverá uma variedade de glórias entre os corpos dos mortos, quando forem levantados, como há entre o sol, a lua e as estrelas, isso mesmo, até entre as estrelas. Tudo isso implica que deve ser tão fácil para o poder divino levantar os mortos, e recuperar seus corpos desfeitos, como do mesmo material formar tão diferentes tipos de carne e plantas, e, até onde sabemos, corpos celestes bem como terrenos. O sol e as estrelas podem, até onde sabemos, ser compostos dos mesmos materiais que a terra que pisamos, embora muito refinados e alterados pela habilidade e poder divinos. E pode Ele, dos mesmos materiais, formar esses seres tão diferentes, e todavia não ser capaz de levantar os mortos? Tendo assim preparado o caminho, ele em seguida:

3. Vai direto ao ponto: "*Assim também a ressurreição dos mortos*"; assim (como a planta crescendo do grão apodrecido), assim como não mais deve ser um corpo terreno, mas celestial, e variando em glória do outro morto que é levantado, como uma estrela difere da outra. Mas ele especifica algumas particularidades: como: (1) "*Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção*". Enterrar os mortos é como semeá-los; é como entregar a semente à terra, para que ela possa germinar de novo. E nossos corpos, que são semeados, são corruptíveis, devem apodrecer e se desfazer, e desintegrar-se no pó; mas, quando ressurgirmos, eles estarão fora do poder do túmulo, e nunca mais estarão sujeitos à corrupção. (2) "*Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória*". Nosso corpo atual é um corpo vil (Fp 3.21). Nada é mais repugnante que um cadáver; ele é jogado no túmulo como um vaso quebrado e desprezível, no qual não há prazer. Mas na ressurreição uma glória será colocada nele; ele será feito como o corpo glorioso de nosso Salvador; ele será purificado de todos os refugos da terra, e refinado em uma substância etérea, e brilhará com um esplendor que lembrará o dele. (3) "*Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor*". É colocado na terra uma coisa pobre e indefesa, completamente em poder da morte, privada de todas as capacidades e faculdades vitais, de vida e força: inteiramente incapaz de se mover ou se agitar. Mas quando ressuscitarmos, nossos corpos terão a vida e o vigor celestiais infundidos neles; eles serão robustos, e firmes, e duráveis, e vivazes, e não estarão mais sujeitos à falta de firmeza, fraqueza ou decadência. (4) "*Semeia-se corpo animal*", ou *natural*; *soma psychikon*, um corpo adequado à baixa condição e aos prazeres e desfrutes sensíveis desta vida, que são todos grosseiros em comparação com os desfrutes e estados celestiais. Mas quando ressuscitarmos será tudo diferente; nosso corpo ressuscitará espiritual. Não que o corpo será transformado em espírito: isso seria uma contradição em nossas concepções comuns; isso seria o mesmo que dizer: corpo transformado no que não é corpo, matéria tornada imaterial. A expressão deve ser entendida comparativamente. Nós devemos, na ressurreição, ter corpos purificados e refinados ao último grau, tornados leves e ágeis; e, embora não sejam transformados em espírito, todavia serão adequados às associações perpétuas de espíritos aperfeiçoados. E por

que Deus não teria o poder de levantar corpos incorruptíveis, gloriosos, vívidos e espirituais dos restos daqueles desprezíveis, corruptíveis, sem vida e animais, como no início fez a matéria do nada, e depois, da mesma massa de matéria, produziu tal variedade de seres, ambos na terra e no céu? *Para Deus todas as coisas são possíveis*; e isso não pode ser impossível.

4. Ele ilustra isso com uma comparação entre o primeiro e o segundo Adão: "*Se há corpo animal*", ele diz, "*há também corpo espiritual*"; e então faz uma comparação em vários níveis. (1) Como nós temos nosso corpo natural, o corpo animal que temos neste mundo, do primeiro Adão, nós esperamos nosso corpo espiritual do segundo. Isso é sugerido em toda a comparação. (2) Isso está em harmonia com as diferentes características que essas duas pessoas têm: "*O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente...*", um ser como nós, e com o poder de gerar seres iguais a si mesmo, e transmitir a eles uma natureza e corpo animal como o seu próprio, mas não outro, nem melhor; "*o último Adão, em espírito vivificante*". Ele é a ressurreição e a vida (Jo 11.25). Ele tem vida em si mesmo, e vivifica a quem quer (Jo 5.20,21). "*O primeiro homem, da terra, é terreno*"; feito da terra e era terreno; seu corpo era adequado para a região onde vivia: mas "*o segundo homem, o Senhor, é do céu*"; aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo (Jo 6.33); aquele que desceu do céu e estava no céu ao mesmo tempo (Jo 3.13); o Senhor do céu e da terra. Se o primeiro Adão podia nos transmitir corpos naturais e animais, não pode o segundo Adão fazer do nosso corpo um corpo espiritual? Se o representante dessa criação inferior podia fazer aquilo, não pode o Senhor do céu, o Senhor do céu e da terra, fazer isto? (3) Nós devemos primeiro ter um corpo natural do primeiro Adão antes que possamos ter um corpo espiritual do segundo (v. 49): "*...assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial.* Assim é a estabelecida ordem da Providência. Devemos ter um corpo fraco, frágil e mortal por descendência do primeiro Adão antes de podermos ter um corpo vívido, espiritual e imortal pelo poder vivificador do segundo. Nós devemos morrer antes de podermos viver para não morrer mais. (4) Porém, se somos de Cristo, verdadeiros crentes nele (pois todo esse discurso relaciona-se à ressurreição dos santos), é tão certo que devemos ter um corpo espiritual como é certo agora que temos um corpo natural. Por esse somos como o primeiro Adão, terrenos; possuímos a sua imagem; por aquele, devemos ser como o segundo Adão, ter um corpo como o dele, celestial, e assim possuir a sua imagem. E nós com certeza devemos possuir um como temos possuído o outro. Portanto, tão certamente como temos tido um corpo natural, teremos um corpo espiritual. Os mortos em Cristo não somente se levantarão, mas se levantarão gloriosamente transformados.

5. Ele recapitula esse argumento especificando o motivo dessa mudança (v. 50): "*E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção*". O corpo natural é carne e sangue, consiste em ossos, músculos, nervos, veias, artérias e seus diversos fluidos; e, como tal, é de uma forma e estrutura corruptíveis, passível de dissolução, apodrecimento e esfacelamento. Mas uma coisa dessas não pode herdar as regiões celestiais; pois isso seria o mesmo que a corrupção herdar a incorrupção, que é nada mais nada menos que uma contradição em termos. A herança celestial é incorruptível, e nunca desfalece (1 Pe 1.4). Como isso pode ser possuído por carne e sangue, que são corruptíveis e vão desfalecer? Precisam ser transformados em uma substância duradoura, antes que possam ser capazes de possuir a herança celestial. Paulo ensina que os corpos dos santos, quando ressuscitarem, serão grandemente transformados a partitr do que eles são agora, e para muito melhor. Agora eles são corruptíveis, carne e sangue; eles serão corpos incorruptíveis, gloriosos e espirituais, adequados ao mundo e estado celestiais, onde devem para sempre habitar, e ter sua herança eterna.

A Ressurreição dos Santos

vv. 51-57

Para confirmar o que ele disse dessa mudança:

I Ele lhes diz nesse ponto o que tinha sido oculto deles, ou era desconhecido deles até então – que nem todos os santos morreriam, mas todos seriam transformados. Todos aqueles que estiverem vivos na vinda de nosso Senhor serão arrebatados até as nuvens, sem passar pela morte (1 Ts 4.11). Mas fica claro a partir dessa passagem que não será sem uma mudança da corrupção para a incorrupção. A estrutura de seus corpos vivos vai ser alterada, bem como a dos que estão mortos; e isso "*num momento, num abrir e fechar de olhos*" (v. 52). O que um Deus todo-poderoso não pode fazer? O poder que chama os mortos à vida pode com certeza da mesma forma e repentinamente mudar os vivos; pois mudados eles devem ser, assim como os mortos, porque carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus. Este é o mistério que o apóstolo revela aos coríntios: "*Eis aqui vos digo um mistério*"; ou trago à luz uma verdade obscura e desconhecida anteriormente. Muitos mistérios nos são revelados no evangelho; muitas verdades que antes eram completamente desconhecidas são nele reveladas; muitas verdades que eram ocultas e obscuras antes são nele trazidas à luz do dia, e plenamente reveladas; e muitas coisas que são em parte reveladas nunca serão plenamente conhecidas, nem talvez claramente entendidas. O apóstolo faz conhecida aqui uma verdade desconhecida antes, de que os santos vivos por ocasião da vinda de nosso Senhor não morrerão, mas serão transformados, que essa mudança será feita em um momento, num abrir e fechar de olhos, e "*ante a última trombeta*"; pois como ele nos diz em outro lugar, "*o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus*" (1 Ts 4.16), do mesmo modo diz aqui, "*a trombeta soará*". Essa será a convocação em alta voz dos vivos e de todos os mortos, para vir e comparecer ao tribunal de Cristo. Nessa convocação túmulos serão abertos, os santos mortos ressurgirão incorruptíveis, e os santos vivos serão transformados no mesmo estado de incorruptibilidade (v. 52).

II Ele especifica o motivo dessa mudança (v. 53): "*Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade*". Como, de outro modo, poderia

o homem ser um adequado habitante das regiões incorruptíveis, ou estar pronto para possuir a herança eterna? Como pode aquilo que é corruptível e mortal desfrutar o que é incorruptível, permanente e imortal? Esse corpo corruptível deve ser feito incorruptível, esse corpo mortal deve ser transformado em imortal, para que o homem possa ser capaz de desfrutar a felicidade destinada a ele. É esse corruptível que deve adquirir a incorruptibilidade; o edifício demolido que deve ser reerguido. O que é semeado deve ser despertado. Santos virão em seus próprios corpos (v. 38), não em outros corpos.

III Ele nos faz saber o que seguirá essa transformação dos vivos e mortos em Cristo: "*...então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória*", ou: "*Aniquilará a morte para sempre*" (Is 25.8). "*...para que o mortal seja absorvido pela vida*" (2 Co 5.4), e a morte, perfeitamente subjugada e conquistada, e os santos, para sempre libertados de seu poder. Uma tal vitória deve ser obtida sobre a morte para que ela possa para sempre desaparecer daquelas regiões a que nosso Senhor levará seus santos ressuscitados. E, portanto, os santos em seguida cantarão seu *epinikion*, sua *canção de triunfo.* Então, quando o que é mortal tiver se revestido de imortalidade, a morte será aniquilada, aniquilada para sempre, *eis nikos*. Cristo a impede de tragar seus santos quando eles morrem; mas, quando ressuscitarem, a morte, quanto a eles, será aniquilada para sempre. E, na ocasião da destruição da morte, eles irromperão em um cântico de triunfo.

1. Eles vão festejar sobre a morte como um inimigo vencido, e insultarão esse grande e terrível destruidor: "*Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* Onde está agora o teu aguilhão, teu poder de ferir? Que males nos causaste? Nós estamos mortos; mas eis que vivemos de novo, e nunca mais morreremos. Tu foste vencida e desarmada, e nós estamos fora do alcance de teus dardos mortais. Onde está agora tua artilharia fatal? Onde está a tua munição de morte? Não tememos mais danos da tua parte, nem ligamos para tuas armas, mas desafiamos teu poder, e desprezamos tua ira. E: *Onde está, ó inferno, a tua vitória?* Onde está agora a tua vitória? O que houve com ela? Onde estão o despojo e os troféus? Outrora éramos teus prisioneiros, mas as portas da prisão foram derrubadas, as trancas e ferrolhos foram forçados a dar passagem, nossos grilhões foram arrancados, e nós fomos libertados para sempre. O cativeiro foi levado cativo. A vitória ilusória foi vencida, e forçada a resignar sua conquista e libertar seus cativos. Os teus triunfos, ó túmulo, chegaram ao fim. Os grilhões da morte foram desprendidos, e estamos livres, e nunca mais seremos feridos pela morte, nem ficaremos presos no túmulo." Em um momento, o poder da morte, e as vitórias e conquistas do túmulo, se foram; e, para os santos, nem os sinais deles permanecerão. Onde eles estão? Assim eles ressurgirão, quando se tornarem imortais, para a honra de seu Salvador e o louvor de sua graça; eles vão se gloriar sobre a morte subjugada.

2. A base para esse triunfo é aqui anunciada: (1) Ela está na explicação dada sobre a origem do poder que a morte tinha para ferir: "*Ora, o aguilhão da morte é o pecado*". Este é o veneno de seu dardo: somente isso dá à morte o poder de ferir e matar. O pecado não perdoado, e nada mais, pode manter qualquer pessoa sob seu poder. E "*a força do pecado é a lei*"; ela é a ameaça divina contra os transgressores de suas normas, a maldição lá denunciada, que dá poder ao pecado. O pecado é o pai da morte, e dá a ela todo o seu poder de causar dano. "*Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte*" (Rm 5.12). Ele é sua prole e descendência amaldiçoada. (2) Está na explicação dada acerca da vitória dos santos obtida sobre ela por meio de Jesus Cristo (v. 56). "*...o aguilhão da morte é o pecado*"; mas Cristo, ao morrer, arrancou esse aguilhão. Ele fez expiação pelo pecado; Ele obteve remissão do pecado. Portanto, este pode sibilar mas não pode ferir. "*...a força do pecado é a lei*"; mas a maldição da lei é removida no fato de o nosso Senhor ter-se feito *maldição por nós.* De forma que o pecado é privado de sua força e aguilhão, por meio de Cristo, isto é, por sua encarnação, sofrimento e morte. A morte pode acometer um crente, mas não pode atormentá-lo, não pode mantê-lo em seu poder. Chegará o dia quando o túmulo se abrirá, as correias da morte se soltarão, os santos mortos reviverão, e se tornarão incorruptíveis e imortais, e estarão fora do alcance da morte para sempre. E então ficará muito claro que, quanto a eles, a morte terá perdido sua força e aguilhão; e tudo pela mediação de Cristo, por sua morte no lugar deles. Ao morrer, Ele venceu a morte, e saqueou o túmulo; e, através da fé nele, os crentes se tornam participantes em suas conquistas. Eles freqüentemente se regozijam de antemão, na esperança dessa vitória; e, quando ressurgirem gloriosos do túmulo, corajosamente triunfarão sobre a morte. E inteiramente devido à graça de Deus em Cristo que o pecado é perdoado e a morte é desarmada. A lei coloca braços na mão da morte para destruir o pecador; mas o perdão do pecado tira esse poder da lei, e priva a morte de sua força e aguilhão. "*Somos justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus*" (Rm 3.24). Não é de espantar, portanto: (3) Se esse triunfo dos santos sobre a morte resulta em ação de graças a Deus: "*Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo*" (v. 57). A forma de santificar toda nossa alegria é fazê-la tributária do louvor a Deus. Só desfrutaremos nossas bênçãos e honras de uma forma santa quando Deus tiver sua parte de glória nelas, e então estaremos livres para dedicar isso a Ele. E isso realmente melhora e exalta nossa satisfação. Estamos conscientes de imediato de ter cumprido nosso dever e desfrutado nosso prazer. E o que pode trazer mais alegria em si do que o triunfo dos santos sobre a morte, quando ressurgirão de novo? E eles não devem se regozijar no Senhor e ficar alegres no Deus de sua salvação? Não devem suas almas engrandecer ao Senhor? Quando Ele mostrar maravilhas aos mortos, os mortos não se levantarão e o louvarão? (Sl 88.10). Aqueles que permanecem sob o poder da morte não podem ter ânimo para louvar; mas tais conquistas e triunfos certamente afinarão as línguas dos santos para a gratidão e o louvor – louvor pela vitória (ela é grande e gloriosa em si mesma), e pelos meios em que ela é obtida (ela é dada por Deus através de Jesus Cristo), uma vitória obtida não por nosso poder, mas pelo poder de Deus; não dada porque somos dignos, mas porque Cristo é, e obteve pela morte essa conquista para nós. Não deve essa circunstância encarecer a

vitória para nós, e aumentar nosso louvor a Deus? Quantas fontes de alegria e ação de graças a Deus são abertas pela morte e ressurreição, os sofrimentos e conquistas, de nosso Redentor! Com que aclamações os santos ressurrectos dos mortos o aplaudirão! Como os céus ressoarão seu louvor para sempre! *Graças a Deus* será o refrão de seu cântico; e os anjos se juntarão ao coro, e declararão seu acordo com um sonoro "Amém, Aleluia."

As Obrigações dos Cristãos

v. 58

Nesse versículo, temos o desenvolvimento de todo o argumento em uma exortação reforçada por um motivo claramente resultante dele.

I Uma exortação, e uma exortação tripla: 1. Para que sejam firmes – *hedraioi*, firmes, fixados na fé do evangelho, aquele evangelho que foi pregado e eles receberam, a saber, que "*Cristo morreu por nossos pecados e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras*" (vv. 3,4), e fixados na fé da ressurreição gloriosa dos mortos, que, como foi mostrado, tinha uma conexão tão estreita e necessária com a primeira. "Não deixem sua crença nestas verdades ser abalada. Elas são muito certas, e da maior importância." Observe: Os cristãos devem crer firmemente nessa grande doutrina da ressurreição dos mortos. Ela está evidentemente fundada na morte de Cristo. "*Porque ele vive, seus servos também viverão*" (Jo 14.19). E isso é da maior importância; a descrença em uma vida futura abre caminho para todo tipo de licenciosidade, e corrompe a moral dos homens ao grau máximo. Seria fácil e natural inferir disso que poderíamos viver como animais, comer e beber, porque amanhã morreríamos. 2. Ele os exorta que sejam *inalteráveis*, a saber, em sua esperança desse grande privilégio de ressuscitarem incorruptíveis e imortais. Os cristãos não devem se afastar dessa esperança do evangelho (Cl 1.23), gloriosa e abençoada; eles não devem renunciar nem desistir de suas esperanças que trazem consolo. Não são esperanças vãs, mas sólidas, baseadas sobre fundamentos seguros, que são a aquisição e o poder de seu Salvador ressuscitado e a promessa de Deus (que não pode mentir) – esperanças que serão seu amparo mais poderoso em todas as pressões da vida, os antídotos mais eficazes contra o medo da morte, e as causas mais estimulantes do zelo e da perseverança no dever cristão. Eles devem abrir mão dessas esperanças? Eles devem permitir que elas sejam abaladas? Note que os cristãos devem viver na mais firme expectativa de uma ressurreição abençoada. Esta esperança deve ser uma âncora para as suas almas, firme e segura (Hb 6.19). 3. Ele os exorta a sempre abundar *na obra do Senhor*, e *sempre*, na obra do Senhor, em obediência aos mandamentos do Senhor. Eles devem ser zelosos e perseverantes, e continuar em direção à perfeição; eles devem progredir continuamente na verdadeira piedade, prontos e capacitados para toda boa obra. O dever mais alegre, o zelo mais diligente e a perseverança mais constante convêm àqueles que possuem tais esperanças gloriosas. Podemos exagerar na abundância do zelo e diligência na obra do Senhor quando temos certeza de tais abundantes recompensas em uma vida futura? Que vigor e determinação, que constância e paciência, aquelas esperanças devem inspirar! Note que os cristãos não devem poupar-se a si mesmos quanto a seu crescimento na santidade, mas sempre progredir na religião sadia e se deleitar na obra do Senhor.

II A conseqüência do que foi exposto acima é que o seu "*trabalho não é vão no Senhor*". Eles têm o melhor chão do mundo sobre o qual construir, eles têm toda a certeza que pode ser racionalmente aguardada: tão certo quanto Cristo ressuscitou, eles ressuscitarão; e a ressurreição de Cristo é tão certa quanto verdadeiras são as Escrituras. Os apóstolos o viram depois de sua morte, testificaram essa verdade ao mundo diante de milhares de mortes e perigos, e a confirmaram com poderes milagrosos que receberam dele. Há lugar para dúvida em um fato tão bem autenticado? Note que os verdadeiros cristãos têm uma evidência indubitável de que seu trabalho não será em vão no Senhor, nem seus serviços mais aplicados, nem seus sofrimentos mais dolorosos; eles não serão em vão, não são vãos nem improdutivos. Note que o trabalho dos cristãos não será um trabalho perdido; eles podem perder para Deus, mas não perderão nada por causa dele; mais ainda, há mais coisas expressas nesta frase: significa que eles serão abundantemente recompensados. Ele jamais será injusto esquecendo-se de seu trabalho de amor (Hb 6.10). Além disso, Ele fará abundantemente mais do que eles podem pedir ou pensar. Nem os serviços que eles realizarem para Ele, nem os sofrimentos que suportarem por Ele aqui, são dignos de serem comparados com o gozo que, depois, será revelado neles (Rm 8.18). Aqueles que servem a Deus têm boa retribuição; eles não podem fazer demais nem sofrer demais por um Mestre tão bom. Se eles o servirem agora, o verão depois; se eles sofrerem por Ele na terra, reinarão com Ele no céu; se morrerem por sua causa, ressuscitarão dos mortos, serão coroados com glória, honra, imortalidade, e herdarão a vida eterna.

CAPÍTULO 16

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Orienta sobre coletas de caridade que deviam ser feitas nas igrejas para a igreja afligida e empobrecida da Judéia (vv. 1-4). II. Ele fala em visitá-los (vv. 5-9). III. Ele lhes recomenda Timóteo e lhes diz que Apolo pretendia ir até eles (vv. 10-12). IV. Ele os pressiona à vigilância, constância, caridade e a considerarem devidamente todos aqueles que o auxiliaram e a seus colaboradores em seu trabalho (vv.13-18). V. Após as saudações de outros e da sua própria, ele conclui a epístola com uma solene exortação e seus melhores votos a eles (vv. 20-24).

As Contribuições para os Pobres

vv. 1-4

Paulo encerra essa longa epístola com alguns assuntos particulares de menor importância; mas, como tudo foi escrito por inspiração divina, tudo é proveitoso

para a nossa instrução. Ele inicia orientando-os a respeito da coleta de caridade referente a uma ocasião particular: a miséria e a pobreza dos cristãos na Judéia, que eram, nessa época, significativas, em parte por causa das calamidades gerais ocorridas naquela nação, e em parte por causa dos sofrimentos particulares aos quais eles estavam expostos. Então, em relação a isso, observe:

I Como ele introduz suas orientações. Não era um serviço particular que ele exigia deles; ele tinha dado ordem semelhante "*...às igrejas da Galácia*" (v. 1). Ele desejava que eles somente se ajustassem às mesmas regras que tinha dado às outras igrejas em uma ocasião semelhante: "*...não digo isso para que os outros tenham alívio, e vós, opressão*" (2 Co 8.13). Ele também menciona prudentemente essas ordens às igrejas da Galácia, para provocá-los à imitação, e incitá-los a serem liberais, de acordo com suas condições e a ocasião. Aqueles que excediam a maioria das igrejas em dons espirituais, e, como é provável, em prosperidade material (veja o sumário), com certeza não suportariam estar atrás de quem quer que fosse em sua generosidade aos irmãos afligidos. Note que os bons exemplos de outros cristãos e igrejas devem estimular em nós uma concorrência santa. Tornar-se cristão é não suportar ser sobrepujado por um irmão cristão em qualquer coisa virtuosa e digna de louvor, desde que essa consideração somente o faça esforçar-se, e não invejar a outros; e quanto mais vantagens tivermos sobre outros, mais devemos nos esforçar. A igreja de Corinto não devia ser superada nesse serviço de amor pelas igrejas da Galácia, que não parecem ter sido enriquecidas com iguais dons espirituais nem evidentes habilidades.

II A orientação em si, a respeito da qual observe:
1. A maneira em que a coleta deveria ser feita: "*...cada um de vós ponha de parte...*" (v. 2), tenha um caixa, ou fundo, consigo mesmo para esse propósito. O sentido era que ele devia pôr de parte o quanto pudesse poupar de tempo em tempo, e com esses recursos juntar uma soma para esse propósito de caridade. Note que é uma boa coisa poupar para boas finalidades. Aqueles que são ricos neste mundo devem ser ricos em boas obras (1 Tm 6.17,18). A melhor maneira de ser assim é reservar de sua renda e ter um caixa para esse propósito, um estoque tanto para os pobres quanto para si mesmos. Com esses recursos eles estarão prontos para toda boa obra quando surgir uma oportunidade; e muitos que trabalham com suas próprias mãos para sustentar-se devem fazê-lo de maneira que possam ter o que dar ao que tiver necessidade (Ef 4.28). De fato, seu fundo para boas obras nunca pode ser muito grande (embora, de acordo com as circunstâncias, ele possa variar consideravelmente); mas a melhor maneira do mundo de ajuntar um fundo é pôr à parte, de tempo em tempo, o quanto puderem. Alguns dos pais gregos observam corretamente aqui que esse conselho foi dado por causa dos mais pobres entre eles. Eles deviam separar de semana em semana, e não trazer ao fundo comum, que dessa forma suas contribuições poderiam ser fáceis para eles, e também guardar em um fundo para o socorro dos irmãos. Como diz o provérbio, "de grão em grão a galinha enche o papo". De fato, toda a nossa caridade e benevolência devem ser livres e alegres, e por isso devem ser facilitadas o quanto for possível. E que maneira mais apropriada de facilitar para nós nesse assunto do que pormos à parte? Podemos dar alegremente quando sabemos que podemos poupar e que podemos estocar o que nos é possível.

2. Aqui está a medida pela qual eles devem separar: "*...conforme Deus* os *tem prosperado*" (versão inglesa KJV); *ti an euodotai*, como ele tem prosperado, a saber, pela Providência divina, como Deus tem se agradado em abençoar e fazer prosperar seu trabalho e negócio. Note que todo o nosso negócio e trabalho são aquilo que Deus se contenta em fazer por nós. Não é a mão aplicada que se enriquecerá por si mesma, sem a bênção divina (Pv 10.4,22). Nossa prosperidade e nosso sucesso vêm de Deus e não de nós mesmos; e Ele deve ser reconhecido em tudo e honrado com tudo. É à generosidade e bênção dele que devemos tudo o que temos; e qualquer coisa que temos deve ser usada, empregada e melhorada para Ele. Seu direito sobre nós e sobre tudo o que temos deve ser reconhecido e entregue a Ele. E que argumento mais próprio para nos incitar à caridade às pessoas e aos filhos de Deus do que considerar tudo o que temos como seu dom, como vindo dele? Note que quando Deus nos abençoa e nos faz prosperar, devemos estar prontos para assistir e confortar seus servos necessitados; quando sua generosidade flui sobre nós, não devemos retê-la para nós mesmos, mas deixá-la correr para outros. O bem que recebemos dele deve nos encorajar a fazer o bem aos outros, a nos assemelharmos com Ele em nossa beneficência; e, conseqüentemente, quanto mais recebermos o bem de Deus, mais devemos fazer o bem aos outros. Eles deviam pôr à parte conforme Deus os havia abençoado, naquela proporção. Quanto mais eles tinham alcançado, através da bênção de Deus, por sua ocupação ou labor, seus negócios ou trabalho, mais tinham de pôr à parte. Note que Deus espera que nossa beneficência aos outros mantenha a mesma proporção da generosidade dele para conosco. Tudo o que temos vem de Deus; quanto mais Ele concede (considerando-se as circunstâncias), mais Ele nos capacita a dar, e mais Ele espera que demos, que demos mais que outros que são menos capacitados, que demos mais que nós mesmos, quando não podíamos fazê-lo. E, por outro lado, Deus espera menos daquele a quem concede menos. Ele não é nenhum tirano nem um capataz cruel, para exigir tijolo sem palha, ou esperar que os homens façam mais bem do que Ele os capacita a fazer. Note que "*...se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem e não segundo o que não tem*" (2 Co 8.12); mas assim como Ele nos faz prosperar e nos abençoa, e nos capacita a fazer o bem, Ele espera que o façamos. Quanto maior a capacidade que Ele concede, mais dilatados devem estar os nossos corações e mais abertas as nossas mãos; mas onde a capacidade é menor, as mãos não podem estar tão abertas, embora a mente esteja desejosa e, de qualquer modo, o coração esteja dilatado; nem Deus exige isso.

3. O momento quando isso deve ser feito: "*No primeiro dia da semana*", *kata mian sabbaton* (Lc 24.10), o dia do Senhor, o feriado cristão, quando ocorriam as assembléias públicas e celebrava-se a adoração e aten-

diam-se às instituições e aos mistérios cristãos (como os antigos os denominavam); então, que cada um separasse sua doação. É um dia de santo descanso, e quanto mais desocupada estiver a mente dos cuidados e trabalhos mundanos, mais disposição terá para mostrar misericórdia; e os outros deveres do dia devem nos estimular ao cumprimento disso; obras de caridade sempre devem acompanhar obras de devoção. A verdadeira devoção para com Deus produzirá atitudes amigáveis e amáveis em relação aos homens. "*E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também seu irmão*" (1 Jo 4.21). Obras de misericórdia são os frutos genuínos do verdadeiro amor a Deus e, por essa razão, um serviço adequado ao dia do Senhor. Note que o dia do Senhor é um tempo adequado para guardar recursos para práticas de caridade, ou para gastar nelas, de acordo com o que Ele nos tem feito prosperar; é pagar tributo pelas bênçãos da semana que passou e é um tempo adequado de obter sua bênção sobre o trabalho de nossas mãos na semana que está por iniciar.

4. Nós temos aqui a disponibilidade das coletas então feitas: o apóstolo gostaria que as coletas estivessem prontas antes de ele chegar e, assim, dá orientações como antes: "...*para que se não façam as coletas quando eu chegar*" (v. 2). Mas quando ele viesse, com respeito à disposição da coleta, ele deixaria a cargo deles mesmos. A caridade era deles e era adequado que eles dispusessem dela à sua própria maneira, pois assim ela respondia à sua finalidade e era aplicada ao uso correto. Paulo não tinha a intenção de agir como um senhor sobre as bolsas de seus ouvintes mais do que sobre a fé deles; ele não desejava intrometer-se em suas contribuições sem o seu consentimento. (1) Sua orientação é no sentido de que eles devem dar cartas de recomendação e enviar seus próprios mensageiros com suas doações (v. 3). Isso seria um testemunho adequado de seu respeito e amor fraternal para com seus irmãos necessitados, enviar seus dons por membros de seu próprio corpo, fiéis e bondosos, que teriam compaixão de seus irmãos sofredores e uma preocupação cristã por eles, e não os espoliariam. Isso indicaria que eles eram muito sinceros nesse serviço, quando deviam enviar alguns de seu próprio corpo em uma jornada ou viagem tão longa e perigosa, para levarem suas doações. Note que não devemos somente socorrer caridosamente nossos irmãos cristãos pobres, mas fazê-lo de tal forma que melhor simbolize nossa compaixão e nosso carinho por eles. (2) Ele se oferece para ir com seus mensageiros se acharem que seja adequado (v. 4). Sua ocupação como apóstolo não era servir às mesas, mas entregar-se à palavra e à oração; todavia, ele nunca deixava de iniciar ou ajudar a promover um trabalho de caridade quando se oferecia uma oportunidade. Ele iria a Jerusalém levar as contribuições da igreja em Corinto para seus irmãos que padeciam, em vez de eles irem sem elas, ou a caridade dos coríntios deixar de atingir seu objetivo. Isso não era um impedimento para seu trabalho de pregação, mas um grande auxílio para o seu sucesso, para mostrar uma tal disposição mental benigna e terna. Note que os ministros cumprem o dever de sua ocupação quando promovem ou auxiliam em obras de caridade. Paulo incentiva os coríntios a ajuntar para o socorro das igrejas da Judéia, e ele está pronto para ir com seus mensageiros, para levar o que foi ajuntado; e ele ainda está cumprindo o seu dever, no desempenho de sua função.

Paulo Promete Visitar Corinto

vv. 5-9

Nessa passagem, o apóstolo comunica e explica seu propósito de visitá-los: 1. Seu propósito: ele tinha a intenção de sair da Ásia, onde estava (veja vv. 8,19), e atravessar a Macedônia, e chegar à Acaia, onde ficava Corinto, e permanecer algum tempo com eles, e talvez o inverno (vv. 5,6). Ele havia trabalhado por longo tempo nessa igreja, e realizado grande obra entre eles, e seu coração tinha intencionado fazer muito mais (se Deus quisesse), e por essa razão ele tinha resolvido vê-los e permanecer com eles. Note que o coração de um verdadeiro ministro cristão deve estar voltado para aquele povo entre o qual trabalhou por muito tempo e com sucesso singular. Não é de admirar que Paulo desejasse ver Corinto e permanecer com eles tanto tempo quanto outros deveres de seu ofício permitissem. Embora algumas entre essas pessoas o desprezassem, e provocassem dissensões contra ele, sem dúvida havia muitos que o amavam ternamente, e lhe rendiam todo respeito devido a um apóstolo e seu pai espiritual. E é alguma surpresa que ele desejasse visitá-los e permanecer com eles? E quanto aos demais que então manifestavam grande desrespeito, ele esperava reduzi-los a uma disposição melhor e, nisso, corrigir o que estava fora de ordem na igreja, permanecendo entre eles por algum tempo. Está claro que ele esperava por algum bom resultado, porque ele diz que tinha a intenção de permanecer, "*para que me acompanheis aonde quer que eu for*" (v. 6); não que eles pudessem acompanhá-lo num pequeno trecho na estrada, mas despedi-lo e supri-lo para a sua jornada, ajudá-lo, encorajá-lo e abastecê-lo para ela. Deve-se entender que ele se conduziu em sua jornada de uma forma piedosa (como é expresso em 3 Jo 6), de maneira que nada lhe faltasse, como ele mesmo fala (Tt 3.13). Ele esperava que sua permanência entre eles curasse seus temperamentos facciosos e os reconciliasse com ele e com o dever que tinham. Note que era um justo motivo para um apóstolo morar em um lugar em que ele tinha a perspectiva de fazer o bem. 2. Suas desculpas por não vê-los agora, porque seria apenas *de passagem* (v. 7), *en parodo – in transitu – en passant*: *seria apenas uma breve visita*. Ele não os veria porque não poderia permanecer com eles. Tal visita não traria qualquer satisfação ou vantagem, nem a ele nem aos coríntios; ela mais aumentaria o apetite do que o satisfaria, aumentaria mais os seus desejos de estarem juntos do que os atenderia. Ele os amava tanto que ansiava por uma oportunidade para permanecer com eles, morar entre eles por algum tempo. Isso seria mais prazeroso para si mesmo e mais útil para eles, do que uma visita apressada como essa; e por essa razão ele não os veria agora, mas em outro momento, quando ele poderia permanecer mais tempo. 3. Nós temos a restrição desse propósito: "...*espero ficar convosco algum tempo, se o Senhor o permitir*" (v. 7). Embora os apóstolos escrevessem sob inspiração, eles não sabiam como Deus disporia deles. Paulo tinha um propósito de ir a Co-

rinto e permanecer lá, e esperava, com isso, fazer o bem. Este não era um propósito que procedia de qualquer mover ou impulso extraordinário do Espírito de Deus; não era o resultado de inspiração; pois, tivesse sido, ele não teria falado dessa maneira. Um propósito formado assim nele devia ser o propósito de Deus, demonstrado a ele pelo seu Espírito; e ele poderia dizer que viria a Corinto apenas sob esse ponto de vista, se Deus permitisse, isto é, que ele executaria o próprio propósito de Deus concernente a si mesmo com a permissão de Deus? Então, deve ser entendido como um propósito comum, formado em seu próprio espírito. E com relação a todos os nossos propósitos é adequado que digamos: "Nós os realizaremos se o Senhor o permitir". Note que todos os nossos propósitos devem estar submissos à providência divina. Nós devemos dizer: "*...se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo*" (Tg 4.15). Não está em nós o realizar de nossos planos, sem a permissão divina. É pelo poder e a permissão de Deus, e sob a sua orientação, que nós devemos fazer todas as coisas. Os pagãos têm concordado em reconhecer o interesse da Providência em todas as nossas ações e preocupações; com certeza nós devemos reconhecer prontamente isso e prestar atenção nela freqüente e seriamente. 4. Ele tinha o propósito expresso de permanecer em Éfeso no presente. Ele disse que permaneceria ali até o Pentecostes (v. 8). É muito provável que ao tempo da redação dessa epístola ele estivesse em Éfeso, o que pode ser deduzido a partir dessa passagem, comparada com o versículo 19, em que ele diz: "*As igrejas da Ásia vos saúdam*". Uma saudação apropriada de Éfeso, mas dificilmente tão apropriada se ele estivesse em Filipos, como o subscrito desta epístola o tem em nossas cópias comuns. "*As igrejas da Macedônia vos saúdam*" seria muito mais adequadamente inserido no final de uma carta de Filipos do que em outra. Mas: 5. Nós temos o motivo dado para sua permanência em Éfeso no presente: "*...porque uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários*" (v. 9). Uma porta grande e eficaz lhe foi aberta; muitos estavam preparados para receber o evangelho em Éfeso, e Deus lhe concedeu grande sucesso entre eles; ele havia convertido muitos a Cristo, e tinha grande esperança de converter muitos mais. Por essa razão, ele decidiu permanecer por enquanto em Éfeso. Note que o sucesso, e uma expectativa promissora, era um motivo justo para um apóstolo decidir permanecer e trabalhar num lugar em particular. E havia muitos adversários, porque uma grande porta, e eficaz, foi aberta. Note que grande sucesso na obra de evangelização geralmente cria muitos inimigos. O diabo se opõe mais, e provoca mais tribulação, àqueles que se decidem, sinceramente e com sucesso, a destruir seu reino. Havia muitos adversários; e por essa razão, o apóstolo decidiu ficar. Alguns pensam que, nessa passagem, ele alude ao costume do circo romano e às suas portas, pelas quais os cocheiros deviam entrar, enquanto seus opositores faziam o mesmo pelas portas opostas. A bravura é estimulada pela oposição; e não é de admirar que a bravura cristã do apóstolo fosse animada pela zelo de seus adversários. Eles estavam inclinados a arruiná-lo e evitar o resultado de seu ministério em Éfeso; e ele devia, naquele momento, abandonar seu posto e desonrar o seu nome e doutrina? Não, a oposição dos adversários apenas incentivava o seu zelo. Em nada ele era intimidado por seus adversários; mas quanto mais eles se enfureciam e se opunham, mais ele se estimulava. Um homem como ele fugiria? Note que os adversários e a oposição não impedem os espíritos dos ministros bem-sucedidos e fiéis, mas apenas inflamam o seu zelo, e os inspiram com nova coragem. De fato, trabalhar em vão é sem entusiasmo e desencorajador. Isso desanima os espíritos e quebra o coração. Mas o sucesso dará vida e vigor a um ministro, embora os inimigos se enfureçam, blasfemem e o persigam. Não é a oposição dos inimigos, mas a dureza e obstinação de seus ouvintes, e a revolta e apostasia dos que professavam a fé, que abatem um ministro fiel e quebrantam seu coração.

O Apóstolo Recomenda-lhes Timóteo. Orientações Gerais

vv. 10-12

Nessa passagem:

I Ele lhes recomenda Timóteo, com alguns pedidos; tais como: 1. Ele lhes ordena que tomem cuidado para que "*...esteja sem temor convosco*" (v. 10). Timóteo foi enviado pelo apóstolo para corrigir os abusos que haviam crescido entre eles; e não somente para orientar, mas para envergonhar, censurar e reprovar aqueles que eram culpáveis. Eles estavam todos em dissensões, e sem dúvida a discussão e o ódio aumentaram muito entre eles. Havia alguns muito ricos, como é provável; e muitos bastante orgulhosos tanto por causa de sua prosperidade exterior quanto dos dons espirituais. Espíritos orgulhosos não conseguem suportar facilmente a reprovação. Por essa razão era natural que o jovem Timóteo corresse o risco de ser tratado asperamente; por isso o apóstolo os adverte contra tratá-lo mal. Não que ele não estivesse preparado para o pior; mas, independentemente da sua firmeza e prudência, eles tinham o dever de comportar-se bem em relação a ele, e não desencorajá-lo e desanimá-lo na obra de seu Senhor. Eles não deviam se enfurecer com rancor ao serem reprovados. Note que os cristãos devem suportar fielmente as reprovações que seus ministros lhes fazem, e não apavorá-los e desencorajá-los de cumprirem seu dever. 2. Ele os adverte contra desprezá-lo (v. 11). Ele não passava de um jovem e estava só, como observa Ecumênio. Ele não tinha ninguém para ampará-lo, e seu próprio rosto jovem e sua idade não despertavam reverência em relação a ele; e, por isso, os grandes pretendentes a sábios que havia entre eles podiam ser hábeis em se divertir com pensamentos desdenhosos a seu respeito. "Agora", diz o apóstolo, "guardai-vos disso". Não que ele desconfiasse de Timóteo; ele sabia que Timóteo não faria nada para trazer desdém a seu nome, nada para tornar sua juventude vil. Mas o orgulho era um pecado reinante entre os coríntios e tal cautela era necessária. Note que os coríntios deviam ser muito cuidadosos em não desprezar a ninguém, mas especialmente os ministros, os fiéis ministros de Cristo. Estes, jovens ou velhos, devem ser tidos em alta estima por causa de seu trabalho. 3. Ele

lhes fala que deveriam lhe dar todo o encorajamento devido, aproveitá-lo enquanto estivesse com eles; e, como uma evidência disso, deviam enviá-lo em amizade e bem preparado para a sua jornada de volta a Paulo. Como observei anteriormente, isso é o que significa "mas acompanhai-o em paz" (v. 11). Note que os ministros fiéis não devem apenas ser bem recebidos por aqueles a quem podem ministrar por um período, mas devem ser enviados com o devido respeito.

II Ele aponta as razões pelas quais eles devem se comportar assim em relação a Timóteo. 1. Porque ele esteve ocupado na mesma obra que Paulo, e atuou nela com a mesma autoridade (v. 10). Ele não começou na missão de Paulo entre eles, nem a fazer a sua obra, mas a obra do Senhor. Embora ele não fosse um apóstolo, era auxiliar de um deles, e era enviado a essa simples ocupação por uma comissão divina. E, conseqüentemente, aborrecer o seu espírito era ofender o Espírito Santo; desprezá-lo seria desprezar aquele que o enviara, não a Paulo, mas o Senhor de Paulo e deles. Note que aqueles que fazem a obra do Senhor não devem ser nem amedrontados nem desprezados, mas tratados com toda ternura e respeito. Assim são todos os fiéis ministros da palavra, embora não estejam todos no mesmo nível e grau. Tanto pastores e professores quanto apóstolos e evangelistas devem ser tratados com honra e respeito enquanto estiverem cumprindo o seu dever. 2. Aqui deduz-se outro motivo: eles deviam estimá-lo tanto por causa de seu trabalho, como também por causa do próprio Paulo, que o havia enviado a Corinto; decerto não em sua própria missão, mas para fazer a obra do Senhor: "*Portanto, ninguém o despreze, mas acompanhai-o em paz, para que venha ter comigo, pois o espero com os irmãos*" (v. 11); ou *eu com os irmãos o esperamos* (o original pode significar ambos), *ekdechomai gar auton meta ton adelphon* – "Eu estou esperando seu retorno e seu relato a respeito de vós, e julgarei por vossa conduta para com ele qual será a vossa consideração e respeito para comigo. Cuidai para que não o envieis de volta com um mau relato." Paulo podia esperar que os coríntios considerassem e tratassem bem um mensageiro seu que trazia tal incumbência. Seus serviços e sucesso entre eles, sua autoridade em relação a eles como um apóstolo, os desafiaria. Eles dificilmente ousariam enviar Timóteo de volta com um relato que ofendesse ou provocasse o apóstolo. "Eu e os irmãos esperamos seu retorno, aguardamos pelo relato que ele irá fazer; e por essa razão não o tratem mal, mas o respeitem, considerem sua mensagem e deixem-no retornar em paz."

III Ele diz aos coríntios que Apolo tem o propósito de ir vê-los. 1. Ele próprio desejava muito que Apolo fosse até eles (v. 12). Embora um partido entre eles houvesse se declarado a favor de Apolo contra Paulo (se aquela passagem deve ser entendida literalmente – ver cap. 6.6), Paulo não impedia Apolo de ir a Corinto em sua própria ausência, aliás, ele o estimulava que fosse para lá. Ele não sentia inveja de Apolo, como se ele depreciasse o interesse e o respeito de Paulo entre eles para se promover. Note que os ministros fiéis não são capazes de cogitar inveja um do outro, nem suspeita de planos egoístas. A verdadeira caridade e fraternidade amam não pensar mal. E onde reinariam essas coisas, senão no coração dos ministros de Cristo? 2. Apolo não poderia ser persuadido a ir no presente, mas o faria em uma ocasião mais conveniente. Talvez as rixas e divisões entre eles mostrassem ser inconveniente essa visita agora. Ele não iria para ser apontado como o cabeça de um partido e favorecer o capricho contencioso e de divisão. Quando a contenda diminuísse através da epístola de Paulo e do ministério de Timóteo entre eles, Apolo poderia concluir que uma visita seria mais oportuna. Os apóstolos não rivalizavam uns com os outros, mas consideravam o bem-estar e os benefícios mútuos. Paulo dá a entender a sua grande consideração pela igreja de Corinto, apesar de o terem tratado mal, ao implorar a Apolo para que fosse até eles; e Apolo mostra respeito para com Paulo, e sua preocupação em manter seu caráter e autoridade, recusando viajar até que os coríntios estivessem com melhor temperamento. Note que é muito conveniente aos ministros do evangelho terem e manifestarem sua preocupação pela reputação e pelo benefício mútuos.

Orientações Particulares
vv. 13-18

Nessa passagem, o apóstolo dá:

I Alguns conselhos gerais, tais como: 1. Que eles devem vigiar (v. 13), estar alertas e de guarda. Um cristão está sempre em perigo, e por isso deve estar sempre vigilante; mas o perigo é maior em alguns momentos e sob certas circunstâncias. Os coríntios estavam em um perigo manifesto sob vários pontos: suas contendas aumentavam, as irregularidades entre eles eram muito grandes, havia enganadores entre eles, os quais se esforçavam em corromper a sua fé nos ensinos mais importantes, aqueles sem os quais a prática da virtude e da piedade jamais poderiam subsistir. E com certeza em tais circunstâncias perigosas deviam preocupar-se em vigiar. Note que se um cristão quiser estar seguro, ele deverá estar de guarda; e quanto maior for o perigo em que estiver, maior vigilância é necessária para a sua segurança. 2. Ele os aconselha a estarem *firmes na fé*, manterem-se firmes, serem fiéis à revelação de Deus, e a não a trocarem pela sabedoria do mundo, nem permitirem que a fé seja corrompida pela sabedoria do mundo – estarem firmes na fé do evangelho e manterem-na até a morte; e estarem firmes nela, permanecerem em sua confissão, sentirem e caírem sob a sua influência. Note que um cristão deve estar preso à fé do evangelho e nunca abandoná-la ou renunciá-la. É somente por essa fé que ele será capaz de manter-se firme em uma hora de tentação; é pela fé que nós permanecemos em pé (2 Co 1.24); é por ela que devemos vencer o mundo (1 Jo 5.4), quando ele bajula e quando ele olha com ira, quando ele tenta e quando ele amedronta. Por essa razão, nós devemos permanecer firmes na fé do evangelho, se quisermos manter a integridade. 3. Ele os aconselha a agirem como homens e serem fortes: "Ajam valorosa, firme e resolutamente; comportem-se vigorosamente em oposição aos homens maus, os quais que-

rem dividi-los e corrompê-los, eles que querem dividi-los em partidos ou seduzi-los para longe da fé: não sejam amedrontados nem enganados por eles, mas mostrem-se a si mesmos como homens de Cristo, pela sua firmeza, pelo seu julgamento seguro e firme determinação." Note que os cristãos devem ser valorosos e firmes em todas as suas disputas com seus inimigos, defendendo sua fé e mantendo a integridade. De forma especial, eles devem comportar-se dessa maneira naqueles pontos de fé que estão no fundamento da religião prática, os quais eram atacados entre os coríntios: esses devem ser mantidos com julgamento sólido e forte determinação. 4. Ele os aconselha a fazerem todas as coisas em caridade (v. 4). Nosso zelo e constância devem ser coerentes com a caridade. Quando o apóstolo quer que sejamos homens para a nossa fé e religião, ele quer que tenhamos cautela para não o sermos quanto a prejudicá-la. Devemos defender nossa fé e, ao mesmo tempo, manter nossa inocência e não devorar e destruir e pensar conosco mesmos que a ira do homem operará a justiça de Deus (Tg 1.24). Note que os cristãos devem cuidar para que a caridade não somente reine em seus corações, mas resplandeça em suas vidas, e mais ainda, em suas mais valorosas defesas da fé do evangelho. Há uma grande diferença entre a constância e a crueldade, entre a firmeza cristã e a inconstante cólera e acessos de raiva. O cristianismo nunca parece tão vantajoso como quando a caridade dos cristãos é mais evidente, quando eles conseguem suportar seus irmãos enganados, e opor-se aos inimigos declarados de sua santa fé no amor, quando todas as coisas são feitas em caridade, quando eles se comportam em relação um com o outro, e em relação a todos os homens, com um espírito de brandura e boa vontade.

II Algumas orientações particulares de como eles deveriam se comportar em relação a alguns que haviam sido notavelmente úteis à causa de Cristo entre eles.

1. Ele nos revela o caráter deles: (1) Ele menciona a família de Estéfanas, e sua característica é que eles foram as primícias da Acaia, os primeiros convertidos ao cristianismo naquela região da Grécia onde estava Corinto. Note que é um sinal honroso a qualquer homem se tornar um dos primeiros cristãos de um determinado lugar. Mas, além disso, eles haviam se dedicado ao ministério dos santos, a servir aos santos. Eles *têm se disposto e se dedicado – etaxan heautous*, a servir aos santos, a realizar serviço aos santos. Isso não significa o ministério da palavra propriamente dito, mas o servi-los em outros aspectos, suprindo suas necessidades, ajudando-os e assistindo-os no que concerne ao espiritual e temporal. Parece que a família de Estéfanas era uma família de nível e importância nesse aspecto, e eles ainda prontamente se ofereciam a si mesmos para esse serviço. Note que é uma honra para pessoas de alto nível dedicarem-se ao serviço dos santos. Eu não quero dizer mudar de nível, e tornarem-se eles próprios servos, assumindo posição de inferiores, mas livre e voluntariamente ajudá-los e fazer-lhes o bem em todas as suas inquietações. (2) Ele menciona Estéfanas, Fortunato e Acaico, como pessoas que vieram a ele da igreja de Corinto. O relatório que ele dá a respeito deles é que eles supriram as deficiências da igreja em relação a ele, e assim fazendo, "...*supriram o que da vossa parte me faltava*" (vv. 17,18). Eles lhe fizeram um relatório mais perfeito do estado da igreja oralmente, mais do que ele poderia adquirir através das cartas deles, e por isso muito o tranqüilizaram e, com o seu retorno, tranqüilizariam os coríntios. Um relato havia tornado sua situação muito pior do que de fato era, e as cartas deles não tinham dado explicações suficientes para deixar o apóstolo satisfeito; mas ele ficou mais tranqüilo conversando com eles. Era algo muito bom o que eles fizeram, que foi apresentar verdadeiramente os fatos e remover as más opiniões que Paulo havia recebido da fama geral. Eles vieram a ele com intenção verdadeiramente cristã para pôr o apóstolo a par do correto e dar-lhe tantas opiniões favoráveis da igreja quanto eles poderiam como pacificadores. Note que é um grande refrigério para o espírito de um ministro cristão ouvir melhor de um povo através de homens sábios e bons que pertençam ao seu próprio corpo do que, por relato genérico, descobrir que está desinformado em relação a eles, que as questões não são tão más quanto tinham sido apresentadas. Era uma tristeza para ele ouvir do mal daqueles que amava; seu coração alegrou-se ao ouvir que o relatório era falso. E quanto maior era o valor que ele dava àqueles que lhe deram essa informação, mais ele podia depender de sua veracidade, e tanto maior era a sua alegria.

2. Com base nesse relato dos homens, ele orienta como os coríntios devem se comportar em relação a eles: (1) Ele deseja que eles os recebam (v. 11), isto é, os reconheçam e respeitem. Eles merecem isso por seus bons serviços. Aqueles que servem os santos, aqueles que buscam a honra e a boa estima das igrejas e se preocupam em limpá-las das manchas, e remover a fama propagada, oriunda das más opiniões, devem ser valorizados, estimados e amados. Aqueles que manifestam um espírito tão bom são facilmente sobrestimados. (2) Ele aconselha que eles se sujeitem "...*aos tais e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha*" (v. 16). Isto não deve ser entendido como sujeição aos próprios superiores, mas como um reconhecimento voluntário de seu valor. Eram pessoas a quem eles deviam particular respeito, e por quem eles deviam ter profundo respeito. Note que é um sinal venerável que trazem aqueles que servem os santos e trabalham muito para auxiliar no sucesso do evangelho, que estimulam e encorajam os fiéis ministros de Cristo, e se esforçam por promover o seu bem. Tais devem ser tidos em honrosa estima.

Recomendações e Saudações
vv. 19-24

O apóstolo encerra a sua epístola:

I Com saudações à igreja de Corinto, primeiramente daqueles que estão na Ásia, de Priscila e Áqüila (que, parece, estavam morando em Éfeso nessa época – veja At 18.26), "...*com a igreja que está em sua casa*" (v. 19), e da parte de *todos os irmãos* (v. 20) em Éfeso, onde, é altamente provável, pelo menos, ele estava então. Todos esses saudavam a igreja em Corinto através de Paulo. Note que o cristianismo de nenhuma maneira destrói a cortesia e as boas maneiras. Em uma epístola na qual tratava de assun-

tos tão importantes, Paulo podia achar um lugar para enviar as saudações dos amigos. A religião deve promover um temperamento cortês e prestativo para com todos. Aqueles que tomam qualquer encorajamento dela para serem amargurados e mal-humorados, na verdade a deturpam e a envergonham. Alguns desses "*...saúdam-vos afetuosamente no Senhor*". Note que as saudações cristãs não são cumprimentos vazios; elas carregam em si verdadeiras expressões de boa vontade, e são observadas com recomendações sinceras à graça e à bênção divinas. Os que saúdam no Senhor desejam a seus irmãos tudo de bom da parte do Senhor, e seus melhores votos com fervorosas orações. Também lemos acerca de uma igreja em uma casa particular (v. 19). É muito provável que a própria família seja chamada *a igreja que está em sua casa*. Note que, em alguns aspectos, toda família cristã deve ser uma igreja cristã. Em alguns casos (como, por exemplo, se eles estiverem em uma terra estrangeira, onde não haja outros cristãos), eles devem ser eles mesmos uma igreja, se grande o suficiente, e viver na prática das ordenanças; mas em casos comuns eles devem viver sob a orientação das regras cristãs e diariamente prestar adoração cristã. Onde quer que dois ou três estiverem reunidos, e Cristo estiver entre eles, há uma igreja. Ele acrescenta a essas saudações: 1. Um conselho: "*Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo*" (v. 20), ou com sincera boa vontade, uma censura implícita às suas contendas e divisões. Quando as igrejas da Ásia, e irmãos cristãos que estavam tão distantes, lhes faziam tão sincera saudação no Senhor, e os reconheciam e os amavam como irmãos, e expressavam tanta boa vontade para com eles, seria uma vergonha para eles não se reconhecerem e se amarem uns aos outros como irmãos. Note que o amor dos irmãos deve ser um incentivo poderoso ao amor mútuo. Quando outras igrejas de Cristo nos amam, somos muito culpáveis se não nos amarmos uns aos outros. 2. Ele acrescenta sua própria saudação: "*Saudação da minha própria mão, de Paulo*" (v. 21). É razoável pensar que seu secretário escreveu o resto dessa epístola enquanto Paulo ditava, mas ao final, era adequado que ele mesmo a assinasse para que soubessem que era genuína; e, por essa razão, é acrescentado (2 Ts 3.17): *que é o sinal em todas as epístolas*, a marca de que é genuína; assim ele escreveu em cada epístola que não a escreveu totalmente, como ele fez na dirigida aos Gálatas (Gl 6.11). Note que aquelas igrejas às quais as cartas apostólicas eram enviadas eram devidamente asseguradas de serem autênticas e divinas. Nem Paulo ficaria atrás do resto dos irmãos no que respeitava aos coríntios; e, por essa razão, depois de haver transmitido as saudações dos irmãos, ele acrescentou as suas próprias.

II Com uma admoestação muito solene dirigida a eles: "*Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata!*" (v. 22). Às vezes, nós precisamos de palavras de ameaça para que possamos temer. *Bendito é aquele*, diz o sábio, *que sempre teme*. O santo temor é um amigo muito bom, tanto para a santa fé quanto para o viver santo. E quanto é maior a razão que têm todos os cristãos em temer cair sob esta sentença: *Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata!* Observe aqui: 1. A pessoa descrita, que está sujeita a essa sentença: aquela que não ama o Senhor Jesus Cristo. Um *meiosis*, como pensam alguns; aquele que blasfema de Cristo rejeita a sua doutrina, faz pouco caso e despreza as suas instituições. Ou, por orgulho do saber e da erudição humanos, desdenha suas revelações. Permanece aqui como que um aviso aos coríntios e uma censura ao comportamento pecaminoso deles. É uma admoestação para que eles não fossem afastados da simplicidade do evangelho, ou daqueles princípios que eram os grandes motivos para a pureza de vida, pela pretensa ciência, pela sabedoria do mundo que chamaria sua religião de tolice, e suas doutrinas mais importantes de absurdas e ridículas. Aqueles homens tinham ódio de Cristo; e se os coríntios dessem ouvidos a suas pregações sedutoras, estariam em perigo de apostatar de Cristo. Contra isso ele lhes dá aqui uma advertência muito solene. "Não levai tal conduta, se quiserdes escapar à mais severa vingança". Note que os cristãos professos, ao desprezarem a Cristo e se revoltarem contra Ele, trarão sobre si mesmos a mais terrível destruição. Alguns entendem as palavras literalmente, no sentido claro e óbvio, pois estão sem a afeição clara e sincera pelo Senhor Jesus Cristo. Muitos que tomam muito o seu nome em sua boca e não possuem nenhum amor verdadeiro por Ele em seu coração, não o terão governando sobre si (Lc 19.27), não, embora tenham muitas esperanças de serem salvos por Ele. E quem não ama suas leis e guarda seus mandamentos não o ama de verdade. Note que há muitos cristãos nominais que não amam com sinceridade a Jesus Cristo, o Senhor. Mas pode alguma coisa ser mais errônea ou provocadora? Isto é, não amar o mais glorioso amante do mundo! A Ele que nos amou, que se entregou a si mesmo por nós, e isso depois de abominável engano e provocação! Como poderíamos amar, se somos indiferentes a tal amor e sem afeição por tal Salvador? Mas: 2. Nós temos aqui a sentença da pessoa descrita: "*Seja anátema; maranata*, o que repousa sob a maldição mais terrível e pesada. Que fique separado do povo de Deus e entregue à sua vingança final, irrevogável e inexorável". *Maranata* é uma frase siríaca e significa *o Senhor vem*. Aquele verdadeiro Senhor a quem eles não amam, de quem eles são íntima e verdadeiramente desafeiçoados qualquer que seja a confissão que façam, está vindo para executar o julgamento. E para serem expostos à sua vingança, para serem colocados à sua mão esquerda, para serem condenados por Ele, que terrível! Se Ele destruir, quem salvará? Aqueles que caem em sua sentença condenatória devem perecer, e para sempre. Note que quem não ama o Senhor Jesus Cristo com certeza deve perecer. "*Quem não crê no Filho a ira de Deus sobre ele permanece*" (Jo 3.36). E a verdadeira fé em Cristo produzirá eternamente sincero amor a Ele. Aqueles que não o amam não podem ser crentes nele.

III Com os melhores votos a eles e expressões de boa vontade: 1. Com seus melhores votos: "*A graça do Senhor Jesus Cristo seja convosco*" (v. 23). É como se ele tivesse dito: "Embora eu vos advirta contra cair em seu desagrado, vos desejo de coração uma participação em seu amor mais querido e seu eterno favor." A graça de nosso Senhor Jesus Cristo contém tudo que é bom para este tempo e para a eternidade. Desejar que

nossos amigos possam ter essa graça é desejar para eles o maior bem. E isso devemos desejar a todos os nossos amigos e irmãos em Cristo. Podemos não desejar nada mais, e não devemos desejar nada menos. Nós devemos orar sinceramente para que eles possam valorizar, buscar, obter e manter a graça e a boa vontade de seu Senhor e Juiz. Note que as mais solenes advertências são o resultado da mais terna afeição e da maior boa vontade. Nós podemos dizer aos nossos irmãos e amigos com grande clareza e sentimento que, se eles não amam o Senhor Jesus Cristo, eles vão perecer, enquanto nós desejamos sinceramente que a graça de Cristo possa estar com eles. Além disso, nós podemos dar-lhes essas advertências de maneira que eles possam louvar e guardar essa graça. Note também o quanto o verdadeiro cristianismo dilata nossos corações; ele nos faz desejar àqueles que amamos as bênçãos de ambos os mundos; pois isso está implícito em desejar que a graça de Cristo esteja com eles. E, conseqüentemente, não é de admirar que o apóstolo encerre tudo: 2. Com a declaração de seu amor por eles em Cristo Jesus: "*O meu amor seja com todos vós, em Cristo Jesus. Amém!*" (v. 24). Ele havia tratado sinceramente com eles nessa epístola, e lhes falou de suas faltas com justa severidade; mas, para mostrar que ele não havia sido levado pelo sentimento, ele se despede em amor, faz uma confissão solene de seu amor por eles, e, além disso, a todos eles em Cristo Jesus, isto é, por causa de Cristo. Ele lhes diz que seu coração estava com eles, que ele os amava verdadeiramente; mas para que isso, apesar de tudo, não fosse considerado adulação e insinuação, ele acrescenta que seu afeto era o resultado de sua fé cristã, e seria guiado pelas suas regras. Seu coração estaria com eles, e ele teria por eles estimada afeição enquanto seus corações estivessem em Cristo, e eles sentissem verdadeira afeição por sua causa e interesse. Note que devemos amar cordialmente todos os que estão em Cristo, e que o amam com sinceridade. Não que não devamos amar a todos os homens, desejar-lhes o bem e fazer-lhes o bem que estiver ao nosso alcance; mas *aqueles* que são queridos de Cristo e que o amam, devem receber nossas mais estimadas afeições. Que nosso amor possa estar com todos aqueles que estão em Cristo Jesus! Amém.

2 CORÍNTIOS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Em sua epístola anterior, o apóstolo tinha anunciado o seu propósito em vir a Corinto, "*...depois de ter passado pela Macedônia*" (cap. 16.5), mas, sendo providencialmente impedido por algum tempo, ele escreve essa segunda epístola cerca de um ano depois da anterior. Parece que havia estes dois motivos urgentes: 1. O caso da pessoa incestuosa, que estava debaixo de reprovação, exigia que ela fosse restaurada à plena comunhão o mais rapidamente possível. Portanto, ele oferece instruções a esse respeito (cap. 2), e mais tarde (cap. 7), declara a sua satisfação com as informações que recebeu da boa conduta deles nessa questão. 2. Estava sendo feita uma coleta para os irmãos pobres em Jerusalém, da qual ele exorta os coríntios a participarem (cap. 8.9).

Há diversos outros aspectos dignos de nota nessa epístola. Por exemplo: I. O relato que o apóstolo fornece do seu trabalho e sucesso em pregar o evangelho em vários lugares (cap. 2). II. A comparação que ele faz entre a dispensação do Antigo e do Novo Testamento (cap. 3). III. Os sofrimentos múltiplos que ele e seus companheiros passaram, e os motivos e alento pela diligência e paciência deles (caps. 4 e 5). IV. A admoestação que ele dá aos coríntios para que não se unam com os incrédulos (cap. 6). V. A maneira de ele justificar-se a si mesmo e o seu apostolado contra as insinuações infamantes e as acusações de falsos mestres, que buscavam arruinar a sua reputação em Corinto (caps. 10–12, e por toda a epístola).

CAPÍTULO 1

Depois da introdução (vv. 1,2), o apóstolo inicia com a narrativa das suas dificuldades e da bondade de Deus, que experimentou na Ásia, por meio de ação de graças a Deus (vv. 3-6), e pela edificação dos coríntios (vv. 7-11). Então ele prova a integridade dele e dos seus companheiros de luta (vv. 12-14). Mais tarde ele se defende da imputação de leviandade e inconstância (vv. 15-24).

Declaração de Gratidão
vv. 1,2

Na introdução desta epístola, temos:

I A inscrição: 1. A pessoa por meio de quem foi enviada, a saber, Paulo, que se autodenomina "*...apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus*". O apostolado foi ordenado por Jesus Cristo, de acordo com a vontade de Deus. Paulo foi chamado para esse ministério por Jesus Cristo, de acordo com a vontade de Deus. Ele une-se a Timóteo para escrever esta epístola, não porque precisava da sua ajuda, mas para que pela boca de duas testemunhas a palavra fosse estabelecida. Ao exaltar Timóteo com o título de *irmão* (ou por causa da fé comum ou pela obra do ministério), podemos observar a humildade desse grande apóstolo, e seu desejo de recomendar Timóteo (embora fosse ainda jovem) para que fosse estimado pelos coríntios, e o desejo de dar a ele um reconhecimento entre as igrejas. 2. As pessoas a quem essa epístola foi enviada, a saber, "*...à igreja de Deus que está em Corinto*". Não somente a eles, mas também a "*...todos os santos que estão em toda a Acaia*", isto é, a todos os cristãos que viviam naquela região. Observe: Em Cristo Jesus não há distinção entre os habitantes da cidade e do interior. Toda a Acaia está no mesmo plano.

II A saudação ou bênção apostólica, que é a mesma da epístola anterior. Nela o apóstolo deseja as duas grandes bênçãos abrangentes – graça e paz – para os coríntios. Esses dois benefícios estão adequadamente combinados. Porque não há paz duradoura sem a verdadeira graça. Ambas vêm "*...da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*", que é o provedor e distribuidor desses benefícios ao homem caído. Ora-se a Ele como Deus.

Os Sofrimentos e Consolos de Paulo
vv. 3-6

Depois do prefácio, o apóstolo começa com a narrativa da bondade de Deus para com ele e seus companhei-

ros nas suas diversas tribulações, das quais ele fala com um coração grato a Deus, para exaltar a glória divina (vv. 3-6). Em todas as coisas, e em primeiro lugar, Deus deve ser glorificado. Observe:

I O objeto da gratidão do apóstolo, a saber, o Deus bendito, a quem ele oferece ação de graças e louvor, pois Ele é digno de ser louvado, e quem ele descreve por diversos títulos gloriosos e afáveis. 1. O "*Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*": *ho Theos kai pater tou Kyriou hemon Iesou Christou*. Deus é o Pai da natureza divina de Cristo pela geração eterna. Ele também é o Pai da sua natureza humana pela concepção miraculosa no ventre da virgem, e de Cristo como Deus-homem, e nosso Redentor, pela relação de aliança, e nele e por meio dele como Mediador, nosso Deus e nosso Pai (Jo 20.17). No Antigo Testamento, com freqüência encontramos este título: "*O Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó*", para indicar a relação de aliança entre Deus e eles e a posteridade deles. E no Novo Testamento, Deus é chamado de o *Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, para indicar sua relação de aliança com o Mediador e sua descendência espiritual (Gl 3.16). 2. "*O Pai das misericórdias...*". Há uma multidão de misericórdias afáveis em Deus, e todas as misericórdias são de Deus originariamente: misericórdia é o seu fruto e seu prazer. Ele "*tem prazer na misericórdia*" (Mq 7.18, versão RA). 3. "*O Deus de toda consolação...*". Dele veio o CONSOLADOR (Jo 15.26). Ele deu o penhor do Espírito em nossos corações (v. 22). Todos os nossos confortos vêm de Deus, e os nossos confortos mais agradáveis estão nele.

II Os motivos da gratidão do apóstolo, que são os seguintes:

1. Os benefícios que ele e seus companheiros receberam de Deus; porque Deus os consolou em toda tribulação que tiveram (v. 4). No mundo eles enfrentavam dificuldades, mas em Cristo tinham paz. Os apóstolos depararam com muitas tribulações, mas encontraram consolo em todas elas. Suas aflições (que são chamadas de *as aflições de Cristo*, porque Cristo teve empatia com seus membros quando sofriam por sua causa, v. 5) eram freqüentes. Observe: (1) Somos qualificados para receber o conforto das misericórdias de Deus quando nos dispomos a dar a Ele toda glória. (2) Somos mais bem-sucedidos em falar de Deus e da sua bondade quando falamos de experiência própria, e, ao falar aos outros, conte também o que Ele tem feito pela sua alma.

2. A vantagem que os outros podem receber; porque Deus queria que fossem capazes para confortar outros na tribulação (v. 14) ao comunicarem suas experiências da bondade e misericórdia divinas. O sofrimento de homens devotos tem a tendência de acabar bem (v. 6) quando é suportado com fé e paciência. Observe: (1) Os favores que Deus nos concede têm a intenção não só de nos alegrar, mas também de possibilitar que sejamos úteis aos outros. (2) Se imitarmos a fé e a paciência de homens devotos, quando passam por aflições, poderemos esperar também participar das consolações deles aqui e da sua salvação no futuro.

A Sinceridade e Angústia de Paulo
vv. 7-11

Nesses versículos, o apóstolo busca encorajar e edificar os coríntios. Ele lhes fala (v. 7) da sua persuasão ou esperança de que receberiam os benefícios das aflições que ele e seus companheiros tinham experimentado no seu trabalho e viagens, para que a fé deles não se enfraquecesse, mas suas consolações fossem aumentadas. Por isso ele lhes diz: 1. O que o seu sofrimento tinha sido (v. 8): "*Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio...*". Era conveniente para as igrejas saberem quais eram os sofrimentos dos seus ministros. Mas, não se sabe ao certo quais eram as dificuldades específicas na Ásia às quais eles se referem. Talvez seja o tumulto levantado por Demétrio em Éfeso, mencionado em Atos 19, ou a briga com feras em Éfeso, mencionada na epístola anterior (cap. 15), ou alguma outra tribulação. O apóstolo muitas vezes enfrentou a morte. Uma coisa, no entanto, está clara: Eles estavam diante de grandes tribulações. Eles foram "*...sobremaneira agravados*", com uma intensidade extraordinária, acima de qualquer força comum do homem, ou de cristão normais, "*...de modo tal que até da vida desesperamos*" (v. 8). E pensaram que poderiam ter morrido, ou desfalecido. 2. O que fizeram na sua angústia: Eles confiaram em Deus. E foram levados a esse extremo "*...para que não confiássemos em nós, mas em Deus*" (v. 9). Observe: Deus muitas vezes leva seu povo a enfrentar grandes dificuldades, para que possam perceber sua própria insuficiência em se ajudar, e sejam persuadidos a colocar sua confiança e esperança no Deus Todo-poderoso. Nosso limite é a oportunidade de Deus. "*No monte o Senhor será visto*"; e podemos confiar seguramente em Deus, "*...que ressuscita os mortos*" (v. 9). O fato de Deus ressuscitar mortos é uma prova da sua onipotência. Aquele que pode fazer isso pode fazer qualquer coisa, pode fazer todas as coisas, e é digno de que nele se confie em todos os momentos. A fé que Abraão tinha se firmava nesse aspecto do poder divino: "*...no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos*" (Rm 4.17). Se fôssemos levados a ponto de desesperarmos e temermos pela própria vida, mesmo então poderíamos confiar em Deus, que pode trazer de volta não somente das portas, mas até das mandíbulas da morte. 3. O que era a libertação que eles obtiveram. E isso foi oportuno e contínuo. A esperança e confiança deles não foram em vão. Todo aquele que confiar nele não será envergonhado. Deus os tinha libertado e continuaria a fazê-lo (v. 10). Mas, "*alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço*" (At 26.22). 4. O que fizeram com a sua libertação: "*...em quem esperamos que também nos livrará ainda*" (v. 10), e que livrará até o final, e preservará até o seu reino celestial. Observe: Experiências passadas são grande alento para a fé e a esperança, e ajudam para confiarmos em Deus para o futuro. Nós menosprezaremos as nossas experiências se desconfiarmos de Deus em futuras dificuldades, que continuará a nos livrar como em tribulações passadas. Davi, mesmo quando era jovem e tinha pouca experiência, argumentou da mesma maneira que o apóstolo aqui (1 Sm 17.37). 5. O que se esperava dos coríntios em relação a esse relato: Que os ajudariam, com orações por eles (v. 11), com orações nas reuniões, concor-

dando e se unindo em oração em favor deles. Observe: Nossa confiança em Deus não deve substituir o uso de quaisquer recursos apropriados e designados. E a oração é um desses meios. Deveríamos orar por nós mesmos e uns pelos outros. O apóstolo tinha grande interesse no trono da graça, no entanto ele deseja a ajuda dos outros na oração. Se ajudamos uns aos outros em oração, esperamos por uma oportunidade para dar *graças por muitas pessoas* pelas respostas de oração. E é nosso dever não só ajudar uns aos outros com oração, mas também louvar e agradecer pelos benefícios recebidos.

A Sinceridade e Angústia de Paulo
vv. 12-14

Nesses versículos, o apóstolo testifica da sua integridade pela sinceridade das suas conversões. Isso ele não faz de uma maneira vangloriosa, mas como uma boa razão para desejar a ajuda da oração, bem como para confiar mais em Deus (Hb 13.18), e pela necessária defesa dele em relação às difamações de algumas pessoas em Corinto, que censuravam sua pessoa e questionavam seu apostolado. Aqui:

I Ele apela para o testemunho da sua consciência com alegria (v. 12), em que se deve observar: 1. O testemunho da consciência, que equivale a mil testemunhas. A consciência é o representante de Deus na alma, e a voz da consciência é a voz de Deus. Eles se regozijavam no testemunho da consciência, quando seus inimigos os difamaram e estavam enfurecidos contra eles. Observe: O testemunho da consciência, se for correto e enraizado em solo bom, será motivo de alegria em todas as oportunidades e em qualquer situação. 2. A evidência desse testemunho. E aqui observe: (1) A consciência deu testemunho da sua conversão, do seu constante rumo e sentido da vida. Devemos julgar a nós mesmos pela consciência e não por esse ou aquele ato singular. (2) A consciência testemunhou quanto à natureza da sua conversão – que foi em simplicidade e sinceridade devota. Esse apóstolo bendito foi um verdadeiro israelita, um homem de procedimentos francos. Ele não era alguém que parecia ser uma coisa, mas era outra. Ele era um homem de sinceridade. (3) A consciência testemunhou do princípio que norteava a todas as suas conversas, tanto no mundo como em relação a esses coríntios. E isso não ocorria pela sabedoria carnal, nem por uma política carnal e visões mundanas, mas era a graça de Deus, um princípio gracioso e vital no coração dele, que vinha de Deus e voltava para Deus. Então a nossa conversa será bem ordenada quando vivermos e agirmos debaixo da influência e comando de um princípio tão generoso no coração.

II Ele apela para o conhecimento dos coríntios com esperança e confiança (vv. 13,14). Eles sabiam quão pia, justa e irrepreensivelmente haviam se comportado. Os coríntios nunca acharam nada neles que não fosse honesto. Isso eles já tinham reconhecido em parte, e ele não tinha dúvida de que o fariam até o fim, isto é, de que eles nunca teriam qualquer motivo para pensar ou dizer que ele não era um homem honesto. E assim haveria um regozijo mútuo. "*...somos a vossa glória, como também vós sereis a nossa no Dia do Senhor Jesus*". Observe: É venturoso quando ministros e pessoas se alegram uns pelos outros aqui. E essa alegria será completa naquele dia quando o grande Pastor das ovelhas aparecer.

A Sinceridade e Angústia de Paulo
vv. 15-24

O apóstolo se defende aqui da imputação de leviandade e inconstância, no sentido de que não teria cumprido o seu propósito em vir até Corinto. Seus adversários buscavam de todas as formas macular seu caráter e conduta. E parece que eles se aproveitaram desse aspecto para difamar a sua pessoa e desacreditar o seu ministério. Agora, como justificativa:

I Ele declara a sinceridade da sua intenção (vv. 15-17), e o faz na confiança da boa opinião que eles têm dele, e de que acreditariam nele quando ele os assegurasse que sua intenção era de primeiro ir ter com eles. Paulo queria que tivessem "*...uma segunda graça*", isto é, mais uma vantagem do seu ministério. Ele lhes assegura que ao fazer isso não tinha usado de *leviandade* (v. 17), uma vez que ele não almejava nenhuma vantagem secular (porque seu propósito não era *segundo a carne*, ou seja, com visões ou alvos carnais). Assim, essa não foi uma resolução precipitada e impensada, porque sua intenção era passar por eles "*...à Macedônia, e da Macedônia ir outra vez ter convosco, e ser guiado por vós à Judéia*" (v. 16). Portanto, eles podem concluir que foi por algum motivo muito importante que havia alterado o seu propósito. Com ele apenas existia sim, sim e não, não (v. 17). Ele não podia ser acusado de leviandade e inconstância. Nele não havia contradição entre suas palavras e intenções. Observe: Homens devotos deveriam ser cuidadosos em preservar a reputação da sinceridade e constância. Eles somente deveriam decidir algo após uma ponderação madura e somente deveriam mudar sua decisão por motivos muito significativos.

II Ele não queria que os coríntios concluíssem que o seu evangelho era falso ou incerto, nem que era contraditório em si mesmo ou em relação à verdade (vv. 18,19). Porque se ele tivesse sido inconstante em seus propósitos, ou mesmo falso na promessa que tinha feito de vir a eles (e disso ele não podia ser acusado justamente; por isso, ele escreve: "*...a nossa palavra para convosco não foi sim e não*"), então o evangelho pregado não somente por ele, mas também por outros, seria falso ou duvidoso. Porque *Deus é fiel* e *o Filho de Deus, Jesus Cristo*, é fiel. Jesus Cristo, a quem o apóstolo pregava, não é *sim* e *não*, "*...mas nele houve sim*" (v. 19), nada além da infalível verdade. E a promessa de Deus em Cristo não é sim e não, mas sim e Amém (v. 20). Há uma constância inviolável e uma sinceridade e certeza inquestionáveis em todas as partes do evangelho de Cristo. Se nas promessas que os ministros do evangelho fazem como homens comuns, inclusive acerca dos seus próprios afazeres, eles às vezes encontram motivo para se desviar delas, podemos

estar certos de que as promessas da aliança do evangelho, que eles pregam, permanecem firmes e invioláveis. Homens maus são falsos; homens bons são inconstantes; mas *Deus é fiel*. Ele não é nem inconstante nem falso. O apóstolo, após mencionar a estabilidade das promessas divinas, faz uma digressão para ilustrar essa grande e agradável verdade, de que todas as promessas de Deus são sim e Amém. Porque: 1. Elas são as promessas do Deus da verdade (v. 20), daquele que *não pode mentir*, cuja verdade e misericórdia duram para sempre. 2. Elas são feitas em Cristo Jesus (v. 20), o Amém, a testemunha fiel e verdadeira. Ele comprou e ratificou a aliança das promessas, e é o fiador do melhor concerto (Hb 7.22). 3. Elas são confirmadas pelo Espírito Santo. Ele firma os cristãos na fé do evangelho. Ele os ungiu com sua graça santificadora, que, nas Escrituras, com freqüência é comparada com o óleo. Ele os selou para sua segurança e confirmação. E Ele foi dado como penhor em seus corações (vv. 21,22). Um penhor garante a promessa e é parte do pagamento. A iluminação do Espírito é o penhor da luz eterna. A vivificação do Espírito é o penhor da vida eterna. E o consolo do Espírito é o penhor da alegria eterna. Observe: A veracidade de Deus, a mediação de Cristo, e a operação do Espírito estão todos empenhados para que as promessas estejam garantidas e para que toda a semente e a consumação delas sejam para a glória de Deus (v. 20), para o engrandecimento da sua rica e soberana graça, e sua infalível verdade e fidelidade.

III O apóstolo apresenta uma boa razão para não ter ido a Corinto, como era esperado (v. 23). Foi para poupá-los. Portanto, eles deveriam reconhecer sua bondade e carinho. Ele sabia que havia coisas erradas entre eles, que mereciam repreensão, mas desejava mostrar ternura. Ele lhes assegura que esta é a verdadeira razão, e o faz de maneira muito solene: "*Invoco* [...] *a Deus por testemunha sobre a minha alma*" – uma forma de falar não justificável em questões triviais. Mas nesse caso era muito justificável para o apóstolo, para a sua defesa necessária e para o crédito e proveito do seu ministério, que foi afetado pelos oponentes. Ele acrescenta, para evitar erros, que não tinha a intenção de ter domínio sobre a fé deles (v. 24). Somente Cristo é o Senhor da nossa fé. Ele é o "*autor e consumador da fé*" (Hb 12.2). Ele nos revela o que devemos crer. Paulo, Apolo e os outros apóstolos nada eram "...*senão ministros pelos quais creram*" (1 Co 3.5), e assim, cooperadores do gozo deles, inclusive da alegria da fé. Porque pela fé permanecemos firmes e vivemos de maneira segura e confortável. Nossa força e habilidade vêm da fé, e nosso conforto e alegria devem fluir da fé.

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, o apóstolo prossegue no relato dos motivos de não ter ido a Corinto (vv. 1-4). Então escreve a respeito da pessoa incestuosa que estava debaixo de censura e apresenta instruções sobre como restaurá-la, junto com os motivos para fazê-lo (vv. 5-11), e em seguida lhes informa dos seus esforços e sucesso em pregar o evangelho em diversos lugares (vv. 12-17).

Paulo Expressa sua Afeição

vv. 1-4

Nesses versículos: 1. O apóstolo continua apresentando um relato dos motivos de não ter ido a Corinto, como era esperado. Ele não queria entristecê-los ou ser entristecido por eles (vv. 1,2). Ele deliberou isto consigo mesmo: "...*não ir mais ter convosco em tristeza*", o que teria feito se tivesse vindo e encontrado no meio deles a desgraça merecedora de censura. Isso teria causado aflição tanto para ele como para os coríntios, porque a tristeza ou a alegria deles no reencontro teria sido mútua. Se os tivesse entristecido, teria sido uma tristeza para ele também, porque não haveria ninguém para torná-lo feliz. Mas seu desejo era ter um encontro feliz com eles e não amargado por qualquer ocasião infeliz de discórdia. 2. Ele lhes relata que foi com o mesmo intento que escreveu a epístola anterior (vv. 3,4): (1) Para que "...*não tenha tristeza da parte dos que deveriam alegrar-me*"; e que tinha escrito para eles na confiança de que estariam fazendo o que foi requisitado, para o benefício deles e o conforto da parte dele. O fato específico referido, como aparece nos versículos seguintes, era o caso da pessoa incestuosa acerca da qual tinha escrito na sua primeira epístola (veja cap. 5). O apóstolo também não foi desapontado em sua expectativa. (2) Ele lhes assegura que não tinha a intenção de entristecê-los, mas testificar o seu amor por eles, e que estava escrevendo com "...*muita tribulação e angústia*" no coração, e com grande afeição por eles. Ele tinha escrito "...*com muitas lágrimas* [...] *para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho*". Observe: [1] Mesmo nas repreensões, admoestações e atos de disciplina, os ministros fiéis mostram seu amor. [2] A censura necessária e o exercício da disciplina da igreja para com os ofensores são uma tristeza para ministros que possuem um espírito meigo, e são administrados com pesar.

O Caso da Pessoa Incestuosa

vv. 5-11

Nesses versículos, o apóstolo trata da pessoa incestuosa que tinha sido excomungada, o que parece ser a causa principal dessa epístola. Observe o seguinte: 1. Ele lhes conta que o pecado dessa pessoa o tinha entristecido *em parte*; e que estava entristecido em parte com eles, que, apesar desse escândalo, estavam inchados e nem ao menos tinham se entristecido (1 Co 5.2). No entanto, ele não estava disposto a colocar uma carga muito pesada sobre toda a igreja, especialmente ao perceber que eles tinham sido absolvidos nessa questão ao seguir as instruções que lhes tinha apresentado anteriormente. 2. Ele lhes conta que o castigo que tinha sido imposto sobre esse ofensor era suficiente (v. 6). O efeito desejado tinha sido obtido, porque o homem havia sido humilhado, e eles tinham mostrado a prova da sua obediência às instruções de Paulo. 3. Ele, portanto, os orienta a, com toda rapidez, restaurar a pessoa excomungada, e recebê-la novamente no meio deles (vv. 7,8). Isto é expresso de diversas formas. Paulo pede que a perdoem, isto é, que a liberem da reprovação da igreja, porque eles não podiam cancelar a culpa ou ofensa contra Deus. E tam-

bém que a confortassem, porque em muitos casos o consolo do penitente depende da reconciliação dele não somente com Deus, mas também com os homens, a quem escandalizou ou ofendeu. Os coríntios também devem confirmar seu amor por essa pessoa, isto é, eles devem mostrar que sua reprovação e censura provêm do seu amor por ela, bem como da aversão pelo seu pecado, e que a intenção deles é restaurá-la, não destruí-la. Ou deste modo: Se a queda dessa pessoa enfraqueceu o amor deles por ela, eles não podem se alegrar com ela agora que foi restabelecida pelo arrependimento. Eles devem renovar e confirmar o seu amor por ela. 4. Ele usa diversos argumentos convincentes para persuadi-los a fazê-lo: (1) O penitente corria o risco de ser "*...devorado de demasiada tristeza*" (v. 7). Ele estava tão sensível em relação a esse pecado, e tão aflito diante do seu castigo, que estava em perigo de cair no desespero. Quando a tristeza é excessiva, pode causar dano; mesmo a tristeza pelo pecado pode ser excessiva quando é indevida para outras obrigações, e leva a pessoa ao desespero. (2) Eles foram obedientes em relação às suas instruções de repreender o ofensor e agora Paulo quer que eles concordem com seu desejo de restaurar essa pessoa (v. 9). (3) Ele menciona a sua prontidão em perdoar o penitente, e concorda com eles nessa questão: "*E a quem perdoardes alguma coisa também eu* (v. 10) concordarei prontamente convosco em perdoá-lo". E isso ele faria por amor a eles e para o proveito deles; e por amor a Cristo, ou no nome dele, como seu apóstolo, e em conformidade com a sua doutrina e exemplo. Eles estão repletos de bondade e misericórdia para com todos que se arrependem verdadeiramente. (4) Ele apresenta mais uma razão convincente (v. 11): "*...para que não sejamos vencidos por Satanás*". Além do perigo de Satanás se aproveitar do penitente, levando-o ao desespero, também havia o perigo da aversão contra as igrejas e os apóstolos ou ministros de Cristo, ao descrevê-los como rígidos e severos demais, assustando as pessoas de se unirem a eles. Nisso, como em outras coisas, a sabedoria é excelente para dirigir (veja Ec 10.10), agindo de acordo com cada caso, para que o ministério não seja culpado de tolerar o pecado por um lado, e de usar de severidade excessiva em relação aos pecadores por outro. Observe: Satanás é um inimigo sutil e usa muitos artifícios para nos enganar. Não deveríamos ser ignorantes quanto aos seus artifícios: ele também é um adversário vigilante, pronto para tirar proveito de nós. Deveríamos ser muito cautelosos para não lhe darmos nenhuma oportunidade.

Os Efeitos do Ministério Cristão

vv. 12-17

Depois dessas instruções em relação à pessoa excomungada, o apóstolo faz um extenso desvio, para dar aos coríntios um relato das suas viagens e atividades no fomento do evangelho, e do seu sucesso, declarando ao mesmo tempo o quanto estava preocupado com eles. Ele não descansou no seu espírito, enquanto não encontrou Tito em Trôade (v. 13). Dele o apóstolo esperava ouvir mais perfeitamente o que estava acontecendo com eles. Encontramos mais tarde (cap. 7.5-7) que quando o apóstolo chegou a Macedônia, foi confortado pela vinda de Tito, pelas informações que ele deu em relação aos coríntios. Tudo que lemos do capítulo 2.12 até o capítulo 7.5 precisa ser entendido como um tipo de interlúdio. Observe aqui:

I O trabalho incansável e a diligência do seu trabalho (vv. 12,13). Paulo viajava de lugar a lugar para pregar o evangelho. Ele foi a Trôade, partindo de Filipos, pelo mar (At 20.6), e de lá foi à Macedônia. Assim, ele foi impedido de passar por Corinto, como havia planejado (cap. 1.16). Mas, embora fosse impedido em seu plano quanto ao lugar do trabalho, ele era incansável no trabalho.

II Seu sucesso no trabalho: "*...abrindo-se-me uma porta no Senhor*" (v. 12). Ele tinha muito trabalho a realizar em todo lugar que ia e obtinha sucesso em seu trabalho. Deus "*manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento*" por meio do apóstolo. Ele tinha oportunidade de abrir a sua boca livremente e Deus abria os corações dos seus ouvintes, como o coração de Lídia (At 16.14). O apóstolo fala disso como um aspecto de gratidão a Deus e de regozijo para sua alma: "*E, graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo*". Observe: 1. Os triunfos de um cristão estão todos em Cristo. Em nós mesmos somos fracos e não temos nem alegria nem vitória. Mas em Cristo podemos nos regozijar e triunfar. 2. Verdadeiros crentes têm motivos constantes para triunfar em Cristo, porque são mais do que vencedores por meio daquele que os amou (Rm 8.37). 3. Deus os fez triunfar em Cristo. É Deus que nos deu motivo para triunfar e nos faz triunfar. Para Ele, portanto, sejam dados todo o louvor e toda a glória. 4. O sucesso do evangelho é um bom motivo para a alegria e regozijo de um cristão.

III O consolo que o apóstolo e seus companheiros encontraram, mesmo quando o evangelho não foi bem-sucedido para a salvação de alguns que o ouviram (vv. 15-17). Observe aqui:

1. O sucesso diferente do evangelho e seus diferentes efeitos sobre os diversos tipos de pessoas a quem ele é pregado. O sucesso é diferente, porque alguns são salvos por ele, enquanto outros perecem debaixo dele. Isso não deveria nos surpreender, considerando os diferentes efeitos que o evangelho tem. (1) Para alguns ele tem "*...cheiro de morte para morte*". Aqueles que são voluntariamente ignorantes, e obstinados, antipatizam com o evangelho, semelhantemente a um "...cheiro ruim, e, portanto, são cegados e endurecidos por ele, incitando sua perversão, e aborrecendo seu espírito. (2) Para outros o evangelho é um *cheiro de vida para vida*". Para almas humildes e generosas a pregação da palavra é agradável e proveitosa. Assim como é mais doce do que o mel, assim também é mais agradável do que o cheiro mais precioso para o olfato, e muito mais proveitoso. Assim como o evangelho os estimulou inicialmente, quando "*estavam mortos em ofensas e pecados*" (veja Ef 2.1), assim ele os torna mais vigorosos e terminará em vida eterna.

2. As impressões terríveis que essa questão deixou na mente do apóstolo e que também deveria deixar em nosso espírito: "*E, para essas coisas, quem é idôneo?*"

(v. 16). *Tis hikanos* – quem é *digno* de ser empregado em um trabalho tão significativo, tão importante, por causa das grandes conseqüências? Quem é capaz de realizar um trabalho tão difícil, que requer tanta habilidade e diligência? A obra é grande e nossa força é pequena. Sim, em nós mesmos não temos força alguma. Toda nossa suficiência está em Deus. Observe: Se os homens considerassem seriamente as grandes coisas que dependem da pregação do evangelho, e quão difícil a obra do ministério é, eles seriam muito prudentes ao participar dele, para desempenhá-lo bem.

3. O consolo que o apóstolo tinha diante dessa consideração séria: (1) Porque ministros fiéis serão aceitos por Deus, qualquer que seja o nível do seu sucesso: Se forem fiéis, "...*para Deus somos o bom cheiro de Cristo*" (v. 15), para aqueles que são salvos e para aqueles que perecem. Deus aceitará intenções sinceras e esforços honestos, embora para muitos não funcione. Os ministros serão aceitos, e recompensados, não de acordo com seu sucesso, mas de acordo com sua fidelidade. "*Mas Israel não se deixou ajuntar; contudo, aos olhos do SENHOR, serei glorificado*" (Is 49.5). (2) Porque a sua consciência testemunhava da sua fidelidade (v. 17). Embora muitos falsificassem a *palavra de Deus*, a consciência do apóstolo testemunhava da sua fidelidade. Ele não misturou suas próprias noções com as doutrinas e leis de Cristo. Ele não ousou acrescentar nem diminuir da palavra de Deus. Ele foi fiel em ministrar o evangelho, como o recebeu do Senhor. Seu alvo era ser aprovado por Deus, lembrando que os olhos do Senhor sempre estavam sobre ele. Ele falava e agia sempre como se estivesse na presença de Deus, e por isso o fazia com sinceridade. Observe: Aquilo que fazemos na religião não é de Deus, não vem de Deus, não alcançará a Deus, a não ser que seja feito com sinceridade, como se estivéssemos diante de Deus.

CAPÍTULO 3

O apóstolo pede desculpas pelo seu aparente auto-elogio e é cuidadoso em não se vangloriar, mas atribuir todo o louvor a Deus (vv. 1-5). Ele então faz uma comparação entre o Antigo e o Novo Testamento, e mostra a superioridade deste sobre aquele (vv. 6-11). Por isso, infere qual é o dever dos ministros do evangelho, e quais são as vantagens daqueles que vivem sob o evangelho sobre os que vivem debaixo da lei (vv. 12-18).

Justificativa pela Aparente Auto-recomendação

vv. 1-5

Nesses versículos:

I O apóstolo apresenta um pedido de desculpas por dar a impressão de elogiar-se a si mesmo. Ele achou conveniente afirmar sua sinceridade a eles, porque havia alguns em Corinto que se esforçavam em destruir a sua reputação. No entanto, ele não tinha a intenção de vangloriar-se. 1. Ele deixa claro que não precisava nem desejava qualquer elogio verbal deles, nem cartas de recomendação, como alguns faziam, referindo-se aos apóstolos e mestres falsos (v. 1). Seu ministério entre eles tinha sido, sem dúvida, verdadeiramente notável e honroso, apesar da insignificância de sua pessoa, ou do completo desprezo que alguns tinham por ele. 2. Os próprios coríntios eram seu verdadeiro louvor, e uma boa recomendação para ele, de que Deus estava com ele e que tinha sido enviado por Deus: "*Vós sois a nossa carta*" (v. 2). Essa era a recomendação que mais lhe dava prazer, que era mais preciosa para ele – eles estavam escritos em seu coração. Ele podia se referir a isso no tempo oportuno, porque era, ou podia ser, "...*conhecida e lida por todos os homens*". Observe: Não há nada mais prazeroso para ministros fiéis do que o sucesso do seu ministério, evidenciado no coração e na vida daqueles com quem trabalha.

II O apóstolo é cuidadoso para não "achar-se mais do que realmente é", mas em dar todo o louvor a Deus. Portanto: 1. Ele diz que eles eram a "...*carta de Cristo*" (v. 3). O apóstolo e outros eram apenas agentes. Cristo era o autor de todas as coisas boas que havia neles. A lei de Cristo foi escrita em seus corações, e o amor de Cristo, derramado amplamente em seus corações. A epístola não foi escrita com "...*tinta, mas com o Espírito do Deus vivo*". Ela também não foi escrita em "...*tábuas de pedra*", como a lei de Deus dada a Moisés, "*mas nas tábuas de carne do coração*". E esse coração não era de pedra, mas de carne, portanto, *nas tábuas de carne* (não carne no sentido de carnalidade, e que denota sensualidade) *do coração*. Ou seja, essa epístola foi escrita em corações que são enternecidos e renovados pela graça divina, de acordo com essa promessa graciosa: "...*tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne*" (Ez 36.26). Essa era a boa esperança que o apóstolo tinha em relação aos coríntios (v. 4), ou seja, que o coração deles seria como a arca do concerto, contendo as tábuas da lei e do evangelho, escritos com o dedo de Deus, isto é, o Espírito do Deus vivo. 2. Ele repudia totalmente a idéia de querer qualquer elogio para si mesmo e atribui toda a glória a Deus: "*não que sejamos capazes, por nós...* (v. 5). Nunca poderíamos ter deixado uma impressão tão boa no coração de vocês e em nosso próprio coração. A nossa fraqueza e inabilidade são tão grandes que não poderíamos ter bons pensamentos por conta própria, e muito menos fomentar qualquer pensamento bom ou afeto em outros. Toda a nossa capacidade vem de Deus. A Ele, portanto, são devidos todo o louvor e a glória pelo bem que é feito, e dele devemos receber graça e força para fazer mais". Isso é verdadeiro em relação aos ministros e a todos os cristãos. Os melhores não são mais do que o que a graça de Deus os torna. Nossas mãos não são suficientes para nós, mas a nossa suficiência vem de Deus; e a sua graça é suficiente para nos equipar para toda boa palavra e obra.

A Lei e o Evangelho São Comparados

vv. 6-11

Aqui o apóstolo faz uma comparação entre o Antigo e o Novo Testamento, entre a lei de Moisés e o evange-

lho de Jesus Cristo. Ele avalia a si mesmo e seus companheiros de trabalho da seguinte forma: que Deus os tinha capacitado a serem "*...ministros dum Novo Testamento*" (v. 6). Ele fez isso em resposta às acusações dos falsos mestres, que exaltavam grandemente a lei de Deus.

I Ele faz distinção entre a letra e o espírito, mesmo no Novo Testamento (v. 6). Como ministros capazes do Novo Testamento, eles não eram meramente ministros da letra para ler a palavra escrita ou para pregar a letra do evangelho somente, mas também eram ministros do Espírito. O Espírito de Deus acompanhou o ministério deles. A *letra mata*. É isso que a letra da lei faz. Ela é o ministério da morte. E se nos baseamos somente na letra do evangelho não somos melhores por fazê-lo, porque mesmo isso terá "*...cheiro de morte para a morte*" (cap. 2.16). Mas o Espírito do evangelho, junto com o ministério do evangelho, concede vida espiritual e vida eterna.

II Ele mostra a diferença entre o Antigo e o Novo Testamento e a superioridade do evangelho sobre a lei. 1. A dispensação do Antigo Testamento era o "*...ministério da morte*" (v. 7), enquanto a do Novo Testamento é o ministério da vida. A lei descobriu o pecado e a ira e a maldição de Deus. Ela nos mostrou um Deus acima de nós e um Deus contra nós. Mas o evangelho descobre a graça, e o *Emanuel*, Deus conosco. Conforme esse relato, o evangelho é mais glorioso do que a lei; mesmo assim existia uma glória na lei, testemunhando o brilho da face de Moisés (uma indicação disso) quando voltou do monte com as tábuas em sua mão, que refletia os raios do brilho do seu rosto. 2. A lei era o "*...ministério da condenação*", porque condenava e amaldiçoava todo aquele que não fazia tudo o que nela estava escrito. Mas o evangelho é o "*...ministério da justiça*": nisso a justiça de Deus é revelada pela fé. Isso nos mostra que o justo viverá pela fé. Também revela a graça e misericórdia de Deus por meio de Jesus Cristo, para obter a remissão de pecados e a vida eterna. O evangelho excede tanto em glória que de certa forma ofusca a glória da dispensação da lei (v. 10). Como o brilho de uma candeia é despercebido quando o sol surge e avança em sua força, assim não havia glória no Antigo Testamento em comparação com o Novo. 3. A lei foi colocada de lado, mas o evangelho *permanece* (v. 11). Além da glória da face de Moisés ter se dissipado, a glória da lei de Moisés também foi colocada de lado; sim, a lei de Moisés está agora abolida. Essa dispensação deveria apenas continuar por um tempo, e então desaparecer; mas o evangelho permanecerá até o fim dos tempos e estará sempre vigoroso e próspero e permanecerá glorioso.

I Em relação ao dever de os ministros do evangelho usarem o máximo de franqueza e clareza no falar. Eles não deveriam, semelhantemente a Moisés, colocar um véu sobre o rosto ou obscurecer aquelas coisas que deveriam evidenciar. O evangelho é uma dispensação mais clara do que a lei. As coisas de Deus são reveladas no Novo Testamento, não em figuras ou sombras, e os ministros devem ser responsabilizados em grande parte se deixam de expressar da forma mais clara possível as verdades espirituais e a graça do evangelho. Os israelitas não puderam observar *firmemente até o fim* o que havia sido ordenado, e que foi abolido, mas nós podemos. Nós podemos ver o significado dessas figuras e sombras pelo cumprimento, notando que o véu foi tirado em Cristo, que foi o fim da lei para a justiça de todo aquele que crê, e para quem Moisés e todos os profetas apontaram e acerca de quem escreveram.

II Em relação ao privilégio e vantagem daqueles que desfrutam do evangelho, acima daqueles que viveram debaixo da lei. Porque: 1. Aqueles que viviam debaixo da dispensação da lei tinham sua mente cegada (v. 14) e havia um véu "*...sobre o coração deles*" (v. 15). Assim era antigamente, e assim continuava sendo especialmente para aqueles que permaneciam no judaísmo depois da vinda do Messias e da difusão do evangelho. Contudo, o apóstolo diz que haverá um tempo em que esse véu será tirado, quando ele (o corpo daquele povo) se converter ao Senhor (v. 16). Ou, quando uma pessoa específica se converte a Deus, então o véu da ignorância é tirado; a cegueira da mente e a dureza do coração são curadas. 2. A condição daqueles que desfrutam e crêem no evangelho é muito mais venturosa. Porque: (1) Eles têm liberdade: "*...onde está o Espírito do Senhor*", e onde Ele trabalha, como ocorre debaixo da dispensação do evangelho, "*aí há liberdade*" (v. 17), liberdade do jugo da lei cerimonial e da escravidão da corrupção; liberdade de acesso a Deus, e liberdade para se manifestar em oração. O coração é colocado em liberdade, e expandido, para obedecer aos mandamentos de Deus. (2) Eles têm luz, porque "*com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor*" (v. 18). Os israelitas viram a glória de Deus em uma nuvem, que estava escura e era assustadora; mas os cristãos refletem a glória do Senhor, como um espelho, mais clara e confortavelmente. Moisés teve um privilégio singular de conversar face a face com Deus, de uma maneira muito amistosa. Mas agora todos os verdadeiros cristãos o vêem mais claramente, com o rosto desvendado. Ele mostrou-lhes a sua glória. (3) Essa luz e liberdade são transformadoras. "*...somos transformados de glória em glória, na mesma imagem*" (v. 18), de um degrau da graça gloriosa para outro, até que a graça seja completada em glória para sempre. Os cristãos deveriam se esforçar ao máximo para valorizar e aproveitar melhor esses privilégios! Não deveríamos nos contentar até que tivéssemos obtido um conhecimento experimental do poder transformador do evangelho, pela operação do Espírito, levando-nos a uma conformidade com a disposição mental e a inclinação do glorioso evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A Superioridade do Evangelho
vv. 12-18

Nesses versículos, o apóstolo descreve duas conclusões daquilo que disse a respeito do Antigo e do Novo Testamento:

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, temos o relato: I. Da constância do apóstolo e de seus companheiros no trabalho. Sua constância é declarada (v. 1), sua sinceridade é atestada (v. 2), uma objeção é contestada (vv. 3,4), e sua integridade é provada (vv. 5-7). II. Da sua coragem e paciência diante do sofrimento. Lemos acerca dos sofrimentos e aquilo que os atenuava (vv. 8-12), e o que os impedia de desanimar e desfalecer diante do sofrimento (vv. 13-18).

A Constância e Sinceridade dos Apóstolos. A Integridade dos Apóstolos

vv. 1-7

O apóstolo havia exaltado o seu ofício, no capítulo anterior, diante da consideração da superioridade ou glória desse evangelho que proclamava. Agora, neste capítulo, seu intento é defender seu ministério da acusação dos falsos mestres, que o acusavam e a seus companheiros de serem obreiros fraudulentos, ou buscavam predispor a mente do povo contra eles por causa do sofrimento deles. Ele lhes relata, portanto, como creram, e como mostraram seu valor para o seu ofício como ministros do evangelho. Eles não estavam cheios de vanglória, mas continuavam se dedicando com grande diligência: "*Pelo que, tendo este ministério*, somos tão honrados e dignificados, que não nos dignificamos a nós mesmos, nem nos deixamos levar pela preguiça, mas estamos animados para realizar o nosso dever com zelo".

I Temos, de um modo geral, um relato de duas coisas: A constância e a sinceridade em seu trabalho. Neste sentido, observamos o seguinte: 1. Sua constância e perseverança em seu trabalho são manifestas: "*Não desfalecemos* (v. 1) diante da dificuldade do nosso trabalho, nem desistimos do nosso esforço". Sua firmeza era decorrência da misericórdia de Deus. Da mesma misericórdia e graça da qual receberam o apostolado (Rm 1.5), eles receberam forças para perseverar na obra desse ofício. Observe: É muita misericórdia e graça ser chamado de santo, e especialmente ser considerado *fiel*, e ser colocado no ministério (1 Tm 1.12). Da mesma forma é por causa da misericórdia e graça de Deus que continuamos fiéis e perseveramos em nosso trabalho com diligência. Os melhores homens no mundo desfaleceriam em seu trabalho debaixo de fardos pesados se não recebessem a misericórdia de Deus. "*Mas, pela graça de Deus, sou o que sou*", disse esse grande apóstolo em sua carta anterior aos coríntios (cap. 15.10). Confiamos que essa misericórdia que tem nos sustentado até aqui nos sustentará até o fim. 2. Sua sinceridade em seu trabalho é afirmada (v. 2) em diversas expressões: "*...rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam*". As coisas vergonhosas estão ocultas e não suportam a luz. Aqueles que as praticam estão ou deveriam estar envergonhados delas, especialmente quando são conhecidas. O apóstolo não permitiu esse tipo de coisas, mas renunciou-as e evitou-as com indignação, "*...não andando com astúcia*", ou em dissimulação, agindo com astúcia, mas em grande simplicidade e com liberdade. Eles não tinham intenções maldosas cobertas de fingimentos ilusórios de algo que era bom. Eles também não falsificavam "*...a palavra de Deus*" na pregação, mas, como disse anteriormente, eles usaram de grande transparência no falar, e não realizavam o ministério para benefício próprio, nem se submetiam a intenções desprezíveis. Eles não tinham enganado as pessoas com falsidade, mas sim falado a verdade. Alguns acreditam que o apóstolo se refere ao engano que jogadores desleais e trapaceiros usam, ou de mercenários no mercado, que misturam mercadoria deteriorada com mercadoria boa. Os apóstolos não agiram dessa forma, mas manifestaram a verdade "*...à consciência de todo homem*". Eles não disseram nada além daquilo que criam ser verdade em sua consciência, e que poderia servir para a condenação da consciência dos que os ouviam, que deveriam julgar por si mesmos e prestar contas por si mesmos. E tudo isso eles fizeram como se estivessem *na presença de Deus*, desejosos de recomendar-se a Deus, e à consciência dos homens, pela sua sinceridade aberta. Observe: A lealdade inabalável às verdades do evangelho aprovará ministros e pessoas, e a sinceridade e a retidão preservarão a reputação de uma pessoa e a boa opinião de homens sábios e bons.

II Uma objeção é refutada, e ela pode ser formulada da seguinte maneira: "Se é assim, como então o evangelho está oculto e é ineficaz, como ocorre com alguns que o ouvem?" Paulo responde a essa pergunta, mostrando que a culpa não era do evangelho, nem dos pregadores. Mas os verdadeiros motivos são os seguintes: 1. Essas são almas perdidas a quem o evangelho é oculto, ou é ineficaz (v. 3). Cristo veio "*salvar o que se tinha perdido*" (Mt 18.11), e o evangelho de Cristo é enviado para salvar o perdido. Se o evangelho não os encontra e salva, eles estão perdidos para sempre. Eles nunca podem ter a esperança de que alguma outra coisa os irá salvar, porque não há outro método ou meio de salvação. O encobrimento do evangelho às almas é, portanto, a evidência e causa da destruição delas. 2. "*...o deus deste século cegou os entendimentos*" (v. 4). Essas almas estão debaixo da influência e poder do diabo, que é chamado aqui de *o deus deste século*, e em outro texto de *o príncipe deste mundo* (Jo 12.31), por causa do grande interesse que tem neste mundo, da homenagem que é prestada a ele por multidões neste mundo, e da grande influência que, pela permissão divina, ele tem no mundo e no coração dos seus súditos, ou melhor, seus escravos. E, uma vez que ele é o príncipe das trevas e governante das trevas deste mundo, ele obscurece o entendimento das pessoas e aumenta o preconceito delas e sustenta seu interesse ao mantê-las nas trevas. Ele cega a mente com ignorância, erro, preconceito, "*...para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus*". Observe: (1) O plano de Cristo com o seu evangelho é que as pessoas façam uma descoberta gloriosa a respeito de Deus. Assim, como imagem de Deus, Ele demonstra o poder e a sabedoria de Deus, e a graça e misericórdia de Deus para sua salvação. (2) Mas, o plano do Diabo é manter o homem na ignorância. Quando não consegue

impedir que a luz do evangelho brilhe no mundo, ele busca de todas as formas impedir que essa luz brilhe no coração das pessoas.

III Apresenta-se uma prova da integridade deles (v. 5). Eles tinham como alvo pregar a Cristo, não a si mesmos: "*Porque não nos pregamos a nós mesmos*". Eles não apresentavam suas próprias idéias ou opiniões particulares, nem suas paixões e preconceitos quando se tratava da palavra e vontade de Deus. Eles também não procuravam satisfazer sua própria glória ou interesses seculares. Mas pregavam "*...a Cristo Jesus, o Senhor*". A eles cabia ser servos de Cristo. O alvo deles era tornar seu Mestre conhecido ao mundo como o Messias, ou o Cristo de Deus, e como Jesus, o único Salvador do homem, e como o Senhor justo, promovendo sua honra e glória. Observe: Todas as linhas da doutrina cristã concentram-se em Cristo. Quando pregamos a Cristo, pregamos tudo que deveríamos pregar. "Quanto a nós mesmos", diz o apóstolo, "*pregamos*, ou declaramos, que *somos vossos servos, por amor de Jesus*". Isso não era nenhum elogio, mas uma declaração genuína da prontidão para fazer o bem às almas, e para promover o seu interesse espiritual e eterno, e isso *por amor de Jesus*; não por amor deles mesmos ou para sua própria vantagem, mas por amor de Cristo, para que pudessem imitar seu grande exemplo e promover sua glória. Observe: Os ministros não devem ter um espírito orgulhoso, "*...tendo domínio sobre a herança de Deus*" (1 Pe 5.3), pois são servos da alma dos homens. Por outro lado, eles devem evitar a mesquinhez de espírito, tornando-se servos do capricho ou desejos dos homens. "*Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo*" (Gl 1.10). E havia boas razões: 1. Para pregarem a Cristo. Porque pela luz do evangelho temos o "*...conhecimento da glória de Deus*", que brilha "*...na face de Jesus Cristo*" (v. 6). E a luz desse *sol da justiça* é mais gloriosa do que a luz que Deus ordenou que brilhasse nas trevas. É uma coisa agradável observar o sol no firmamento, mas é mais agradável e lucrativo quando o evangelho brilha no coração. Observe: Da mesma forma que a luz foi o primogênito da primeira criação, assim acontece na nova criação: a iluminação do Espírito é a primeira obra na alma. A graça de Deus criou uma tamanha luz na alma que aqueles que, "*...noutro tempo, eram trevas, agora, são luz no Senhor*" (Ef 5.8). 2. Para não pregarem a si mesmos, porque eram apenas vasos de barro, coisas de pouco ou nenhum valor ou preço. Aqui parece haver uma alusão às tochas que os soldados de Gideão levavam nos cântaros de barro (Jz 7.16). O tesouro da luz e graça do evangelho é colocado em vasos de barro. Os ministros do evangelho são criaturas fracas e frágeis, e *sujeitos às mesmas paixões* e enfermidades das outras pessoas. Eles são mortais e, logo, sujeitos a serem quebrados em pedaços. E Deus deixou claro que quanto mais frágil o vaso, mais forte será o seu poder, para que o tesouro seja tanto mais valorizado. Observe: Há um poder superior no evangelho de Cristo, para iluminar a mente, convencer a consciência, converter a alma e alegrar o coração. Mas todo esse poder vem de Deus, e não de homens, que apenas são agentes, para que Deus seja glorificado em todas as coisas.

Os Sofrimentos e Amparos dos Apóstolos
vv. 8-18

Nesses versículos, o apóstolo apresenta um relato da coragem e paciência deles diante de todo sofrimento. Observe aqui:

I De que maneira os sofrimentos deles, e a paciência diante disso, é revelada (vv. 8-12). Os apóstolos foram homens que sofreram muito. Nisso seguiram seu Mestre: Cristo havia dito que no mundo teriam aflições, e isso de fato aconteceu. No entanto, eles encontraram um apoio maravilhoso e um poderoso alívio para o sofrimento. "*Em tudo somos atribulados*", diz o apóstolo, "angustiados de muitas maneiras, defrontando-nos com quase todo tipo de problemas; *mas não angustiados* (v. 8). Não estamos confinados nem presos, porque sabemos que podemos obter a ajuda de Deus e a liberdade de acesso a Ele". Além disso, "*perplexos*, freqüentemente inseguros e em dúvida quanto ao nosso futuro, e nem sempre imunes da ansiedade em nossa mente; *mas não desanimados* (v. 8), mesmo nas maiores perplexidades, sabendo que Deus é capaz de nos sustentar, libertar, e nele sempre colocamos nossa confiança e esperança". Além disso, "somos *perseguidos* pelos homens, com ódio e violência em todos os lugares, como homens indignos de viver; *mas não desamparados* por Deus" (v. 9). Homens justos podem ser, às vezes, abandonados pelos seus amigos, bem como perseguidos pelos seus inimigos, mas Deus nunca os deixará nem os abandonará. Além disso, "às vezes estamos *abatidos*. O inimigo pode prevalecer em grande medida, e nosso espírito pode começar a esmorecer. Pode haver medos em nosso interior, bem como lutas exteriores; no entanto, não somos *destruídos*" (v. 9). Eles continuaram sendo protegidos e mantiveram a cabeça acima d'água. Observe: Quaisquer que sejam as condições dos filhos de Deus, neste mundo, eles têm um *mas não* para confortá-los. A situação deles, às vezes, é ruim, sim, muito ruim, mas não tão ruim quanto poderia ser. O apóstolo fala do sofrimento deles como constante e como um correlativo dos sofrimentos de Cristo (v. 10). Os sofrimentos de Cristo foram, mais tarde, revividos pelos cristãos. Assim eles traziam "*...sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no* [...] *corpo*" deles, estabelecendo diante do mundo o grande exemplo do sofrimento de Cristo, "*...para que a vida de Jesus se manifeste*", isto é, que as pessoas possam ver o poder da ressurreição de Cristo, e a eficácia da graça do Jesus vivo, manifestado neles e por meio deles. Eles continuavam vivos, embora sempre fossem "*...entregues à morte*" (v. 11), e embora *a morte* operasse neles (v. 12). Eles eram expostos à morte e estavam prontos a ser engolidos pela morte continuamente. O sofrimento dos apóstolos era tão grande que, em comparação com eles, outros cristãos estavam, mesmo nessa época, em circunstâncias prósperas: "*...em nós opera a morte, mas em vós, a vida*" (v. 12).

II O que os guardou de continuar afundando e desfalecendo diante do sofrimento (vv. 13-18). Quaisquer que sejam os fardos e aflições de homens justos, eles têm motivos suficientes para não desfalecer.

1. A fé os impediu de desfalecer: "*E temos, portanto, o mesmo espírito de fé*" (v. 13), essa fé que é proveniente da operação do Espírito. Essa é a mesma fé por meio da qual os santos dos tempos antigos suportaram grande sofrimento. Observe: A dádiva da fé é um estimulante soberano e um antídoto eficaz contra o desfalecimento em tempos difíceis. O espírito da fé sustenta o espírito do homem diante de suas fragilidades. O apóstolo tinha o exemplo de Davi para imitar, que disse (Sl 116.10): "*Cri; por isso, falei*". Assim, ele nos deixa o seu exemplo para imitar: "*Nós cremos também; por isso, também falamos*". Observe: À medida que recebemos ajuda e encorajamento das boas palavras e do exemplo de outros, assim também deveríamos nos esforçar em dar um bom exemplo aos outros.

2. A esperança da ressurreição os impediu de desfalecer (v. 14). Eles sabiam que Cristo havia ressuscitado e que a sua ressurreição era uma garantia em relação à ressurreição deles. Paulo tinha tratado disso em detalhes na epístola anterior aos coríntios (cap. 15). E, portanto, sua esperança estava firme, bem fundamentada, no sentido de que aquele que ressuscitou a Cristo, o Cabeça, também ressuscitaria todos os seus membros. Observe: A esperança da ressurreição nos encorajará no dia do sofrimento e nos colocará acima do medo da morte. Por que um cristão deveria temer a morte, se a sua esperança está numa jubilosa ressurreição?

3. A consideração da glória de Deus e o benefício da igreja, por meio do sofrimento deles, os impediu de desfalecer (v. 15). O sofrimento deles era para o proveito da igreja (cap. 1.6), e isso resultou na glória de Deus. Porque, quando a igreja é edificada, Deus é glorificado. Dispomo-nos a sofrer de maneira paciente e alegre quando percebemos que os outros lucram com isso – quando observamos que são instruídos e edificados, fortalecidos e consolados. Observe: O sofrimento dos ministros de Cristo, bem como a sua pregação e as suas relações, são para o bem da igreja e para a glória de Deus.

4. A lembrança das vantagens que a alma colheria com o sofrimento do corpo os impediu de desfalecer: "*...ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia*" (v. 16). Observe: (1) Todos nós temos um homem exterior e um interior, um corpo e uma alma. (2) Se o homem exterior morrer, não há remédio, ele foi feito para morrer. (3) É para o nosso benefício quando a deterioração do homem exterior contribui para a renovação do homem interior, quando as aflições exteriores são um ganho para nós interiormente. Quando o corpo está enfermo e fraco, e perece, a alma se torna vigorosa e próspera. As melhores pessoas precisam de renovação contínua no homem interior, dia a dia. Onde a boa obra começou, mais trabalho precisa ser feito, para continuar essa obra. Como em pessoas más as coisas pioram a cada dia, assim nas pessoas devotas as coisas se tornam cada vez melhores.

5. A perspectiva da vida e felicidade eternas os impediu de desfalecere e foi um poderoso sustento e consolo. Observe: (1) O apóstolo e seus companheiros de sofrimento viram suas aflições operando rumo ao céu, e que finalmente acabariam (v. 17). Assim, eles colocaram as coisas da forma correta na balança da vida. Era como se a glória celestial fosse colocada num prato da balança e os seus sofrimentos terrenos no outro. Ao meditar nessas coisas, perceberam que o prato que continha as aflições era leve e o *peso eterno* da *glória* do céu era *mui excelente*. Para alguns a vida parece pesada e longa, penosa e tediosa; para outros, pela fé, a vida é leve e curta, como se fosse apenas um momento. O valor e o peso da coroa da glória são muito grandes para a alma que crê – excedendo todas as suas expressões e pensamentos. Encontraremos um amparo especial em nosso sofrimento quando percebermos que esse sofrimento é o caminho que nos prepara para desfrutar a glória futura. (2) A fé os capacitou a fazer o julgamento correto das coisas: "*...não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem*" (v. 18). É pela fé que vemos Deus, que é invisível (Hb 11.27), e conseguimos ver um céu e um inferno invisíveis. A fé é a "*...prova das coisas que se não vêem*". Observe: [1] Há coisas invisíveis e visíveis. [2] Há uma vasta diferença entre elas: coisas invisíveis são eternas, coisas visíveis são somente temporais ou temporárias. [3] Pela fé não só discernimos essas coisas, e a grande diferença entre elas, mas também almejamos as coisas invisíveis, e as consideramos, e colocamos como nosso fim e escopo não escapar dos males presentes e obter benefícios presentes, que são temporais e transitórios, mas escapar da perversidade futura e obter coisas boas futuras, certas e eternas. E "*...a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam*", bem como a prova das coisas que se não vêem (Hb 11.1).

CAPÍTULO 5

O apóstolo continua mostrando os motivos de eles não terem desfalecido diante das aflições, a saber, sua expectativa, seu desejo e garantia de felicidade após a morte (vv. 1-5). Ele ressalta uma inferência para o conforto dos crentes no seu estado presente (vv. 6-8) e outra para estimulá-los em seu trabalho (vv. 9-11). Então apresenta um pedido de desculpas por dar a impressão de aprovar-se a si mesmo e oferece uma boa razão para o seu zelo e diligência (vv. 12-15). Ele menciona duas coisas que são necessárias no nosso viver cristão até o fim: regeneração e reconciliação (vv. 16-21).

A Expectativa do Crente depois da Morte

vv. 1-11

Nesses versículos, o apóstolo dá continuidade ao argumento do capítulo anterior, referente aos motivos da sua coragem e paciência diante das aflições.

I Ele menciona sua expectativa, desejo e garantia da felicidade eterna depois da morte (vv. 1-5). Observe particularmente o seguinte:

1. A expectativa do crente pela felicidade eterna após a morte (v. 1). Ele sabe, ou está bem assegurado pela fé, a respeito da verdade e realidade da coisa em si, de que existe uma outra vida gloriosa depois que esta vida presente termina. Ele tem uma boa esperança em relação ao seu interesse nessa bem-aventurança eterna do mundo invisível: "Sabemos que temos uma construção de Deus, temos uma expectativa firme e bem funda-

mentada da felicidade futura". Observemos: (1) Que tipo de céu o crente espera habitar um dia. Ele o vê como uma casa, ou habitação, uma moradia, um lugar de descanso, um refúgio, a casa do nosso Pai, onde há muitas mansões, e nosso lar eterno. Essa é uma casa nos céus, nesse lugar alto e santo que excede em muito todos os palácios desta terra, da mesma forma que os céus estão muito acima da terra. É uma construção de Deus, cujo construtor é o próprio Deus. Portanto, essa construção é digna do seu autor. A felicidade do estado futuro é o que Deus preparou para aqueles que o amam. São habitações eternas nos céus, não como tabernáculos humanos, as pobres casas de barro, nas quais nossas almas agora habitam, que estão deteriorando, "...*cujo fundamento está no pó*" (veja Jó 4.19). (2) Quando é aguardada, essa felicidade será desfrutada – imediatamente após a morte, tão logo "...*a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer*". Observe: [1] Que o corpo, essa casa terrena, é apenas um tabernáculo, que precisa ser dissolvido em breve. Os pregos serão tirados e as cordas serão afrouxadas, e então o corpo retornará ao pó. [2] Depois disso virá uma casa não feita por mãos humanas. O espírito retornará para Deus, que o deu. Aqueles que caminharam com Deus aqui habitarão com Ele para sempre.

2. O desejo sincero dos crentes quanto a essa bem-aventurança futura, que é expressa pela palavra *stenazomen – gememos*, que significa: (1) Gemido de tristeza debaixo de uma carga pesada. Assim os crentes gemem por causa das cargas da vida: "*E, por isso, também gememos*" (v. 2). "...*nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados*" (v. 4). Nosso corpo e as calamidades da vida são uma carga pesada. Mas os crentes gemem porque estão sobrecarregados com um corpo de pecado, e as muitas corrupções que ainda restam e continuam assolando-os. Isso faz Paulo exclamar: "*Miserável homem que eu sou!*" (Rm 7.24). (2) Os crentes gemem, desejando a felicidade da outra vida. Eles gemem pelo seguinte: "*E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu*" (v. 2), para obter uma imortalidade abençoada, "...*para que o mortal seja absorvido pela vida*" (v. 4), "...*estando vestidos*", para não serem "...*achados nus*" (v. 3). Se for a vontade de Deus, não dormiremos, mas seremos transformados; porque não é desejável em si ser despido. A morte, considerada meramente como uma separação da alma do corpo, não é desejada, mas, sim, temida. Mas se ela for considerada uma passagem para a glória, o crente está *pronto* para morrer em vez de viver, estar ausente do corpo, para estar presente com o Senhor (v. 6), deixar esse corpo para estar com Cristo, e tirar esses trapos de mortalidade e colocar as vestes de glória. Observe: [1] A morte nos despojará da roupa da carne, e de todo o conforto que a vida pode oferecer, bem como acabará com todas as dificuldades daqui. Chegamos nus a este mundo e nus sairemos daqui. Mas: [2] As almas afáveis não serão encontradas despidas no outro mundo. Elas serão vestidas com vestes de louvor, com mantos de justiça e glória. Elas serão libertadas de todas as suas dificuldades, e suas vestes serão lavadas e branqueadas no sangue do Cordeiro (Ap 7.14).

3. A garantia do crente do seu interesse nessa bem-aventurança futura, em um relato duplo: (1) Da experiência da graça de Deus, ao prepará-lo para essa bem-aventurança. "*Ora, quem para isso mesmo nos preparou* foi *Deus*" (v. 5). Observe: Todos os que foram chamados para o céu no futuro são preparados para o céu enquanto estão aqui. As pedras dessa construção espiritual e desse templo celestial são formadas aqui embaixo. Aquele que nos preparou para isso é Deus, porque nada menos do que um poder divino pode tornar a alma um participante da natureza divina. Somente a mão de Deus pode nos preparar para isso. Muita coisa precisa ocorrer para preparar nossa alma para o céu, e essa preparação do coração vem do Senhor. (2) *O penhor do Espírito* deu a eles essa garantia: o penhor é parte do pagamento e assegura o pagamento completo. A graça e o conforto atual do Espírito são garantias da graça e do conforto eternos.

II O apóstolo ressalta uma inferência para o conforto dos crentes no seu estado e condição presente neste mundo (vv. 6-8). Observe o seguinte: 1. Qual é o estado e a condição atual deles: Eles vivem "*ausentes do Senhor*" (v. 6). Eles são peregrinos e estrangeiros neste mundo. Eles moram aqui neste lar terreno, ou neste tabernáculo, por pouco tempo. Embora Deus esteja conosco aqui, pelo seu Espírito, e em suas ordenanças, não estamos com Ele como esperamos estar: não podemos ver sua face enquanto vivemos: "*(Porque andamos por fé e não por vista)*" (v. 7). Não temos a visão e o gozo de Deus, como uma dádiva que está presente conosco, e como esperamos ter no futuro, quando veremos como somos vistos. Observe: A fé é para este mundo e a visão está reservada para o outro mundo. É nosso dever, e deve ser o nosso interesse, andar por fé, até chegarmos a viver por vista. 2. Quão confortáveis e corajosos deveríamos ser diante das dificuldades da vida, inclusive na hora da morte: "*Pelo que estamos* (devemos estar) *sempre de bom ânimo*" (v. 6), e outra vez (v. 8): "*Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo*". Se os cristãos verdadeiros considerassem de maneira adequada a perspectiva da fé em relação ao outro mundo e os motivos da sua esperança na bênção após a morte, seriam confortados diante das dificuldades da vida e fortalecidos na hora da morte. Quando estiverem diante do último inimigo, devem criar coragem e estar dispostos antes a morrer do que a viver. Devem despir-se *deste tabernáculo* conforme a vontade de Deus. Observe: Assim como aqueles que são nascidos de cima anelam estar lá, assim basta estarmos ausentes do corpo, e logo estaremos com o Senhor; basta morrer, e estar com Cristo; basta fechar nossos olhos para todas as coisas neste mundo e abri-los no mundo de glória. A fé se transformará em visão.

III Ele continua despertando e estimulando a si mesmo e aos outros para a obra a ser realizada (vv. 9-11). Por isso, a esperança bem-fundamentada do céu está longe de nos prover qualquer tipo de encorajamento para a preguiça ou a segurança pecaminosa. Pelo contrário, essa esperança nos deveria animar a usar o maior cuidado e zelo na religião: "*Pelo que* (ou, porque esperamos estar presentes com o Senhor), *muito desejamos*" e nos esforçamos (v. 9). *Philotimoumetha – somos ambiciosos* e nos esforçamos tão diligentemente

quanto os homens mais ambiciosos são para obter aquilo que almejam. Observe o seguinte: 1. O motivo da ambição do apóstolo – a aceitação de Deus. Temos o propósito, quer vivos ou mortos, quer presentes no corpo ou ausentes desse corpo, de *ser agradáveis* ao Senhor (v. 9), para que *possamos agradar aquele que nos escolheu*, para que o nosso grande Senhor possa nos dizer: *Fizestes bem*. Era isso que ansiavam como o maior favor e honra: era o auge da ambição deles. 2. Outros motivos estimulantes para despertar a atenção deles acerca do julgamento vindouro (vv. 10,11). Há muitas coisas relacionadas a essa grande questão que deveriam intimidar os homens mais temerosos a ter o máximo de cuidado e atenção na prática cristã. Por exemplo, a certeza desse julgamento diante do qual temos de aparecer. A universalidade do julgamento, diante do qual todos devemos aparecer. O trono do julgamento do grande Juiz, o Senhor Jesus Cristo, diante do qual todos devemos comparecer. Ele aparecerá em fogo flamejante. A recompensa a ser recebida então, por coisas feitas nesse corpo, que será muito particular (cada um separadamente), e muito justa, de acordo com o que a pessoa tiver feito, seja bom ou mau. O apóstolo chama esse julgamento tremendo de "*...o temor que se deve ao Senhor*" (v. 11) e diz estar motivado a persuadir os homens a se arrependerem e viverem uma vida santa, para que, quando Cristo aparecer com poder, eles apareçam diante dele com paz no coração. E, a respeito de sua fidelidade e diligência, ele confortavelmente apela a Deus, e à consciência daqueles a quem escreveu: "*...somos manifestos a Deus; e espero que, na vossa consciência, sejamos também manifestos*".

O Ministério dos Apóstolos
vv. 12-15

Aqui observe:

I O apóstolo apresenta uma justificativa para seu aparente elogio de si mesmo e de seus companheiros (v. 13), e diz o seguinte: 1. Ele não tinha a intenção de elogiar-se, quando falou da sua fidelidade e diligência nos versículos anteriores. Ele também não queria suspeitar da boa opinião deles a seu respeito. Mas: 2. A verdadeira razão era colocar um argumento na boca deles para poderem responder aos acusadores dele, que proferiram vãs vanglórias e gloriavam-se apenas em aparência. Assim eles poderiam *gloriar-se deles* ou defendê-los contra as acusações dos seus adversários. E se as pessoas podem dizer que a palavra foi manifesta em suas consciências e foi eficaz na conversão e edificação delas, esta é a melhor defesa que podem fazer quanto ao ministério da palavra, quando forem difamadas e acusadas.

II Ele apresenta boas razões para o seu grande zelo e diligência. Alguns dos adversários de Paulo o tinham acusado, possivelmente, por causa do seu zelo e fervor, como se fosse louco, ou, na linguagem dos seus dias, um fanático. Eles atribuíram tudo ao seu entusiasmo, como o governador romano tinha dito: "*As muitas letras te fazem delirar*" (At 26.24). Mas o apóstolo diz o seguinte: 1. O seu zelo e esforço era para a glória de Deus e para o bem da igreja: "*Porque, se enlouquecemos, é para Deus* e para sua glória; *e, se conservamos o juízo, é para vós*, ou para promover o vosso bem" (v. 13). Se eles manifestavam um grande ardor e impetuosidade em alguns momentos, e usavam de extrema calma em argumentações convincentes em outros, era para o melhor fim. Eles tinham bons motivos para usar os dois métodos. 2. "*Porque o amor de Cristo nos constrange*" (v. 14). Eles estavam debaixo dos constrangimentos mais suaves e fortes para fazer o que fizeram. O amor tem uma virtude constrangedora de animar os ministros e cristãos em geral no cumprimento do seu dever. Nosso amor por Cristo tem essa virtude. E o amor de Cristo por nós, que foi manifestado na sua morte em nosso favor, tem esse efeito sobre nós, se for devidamente considerado e julgado da forma correta. Observe como o apóstolo argumenta em favor da razoabilidade do constrangimento do amor, e declara: (1) O que éramos antes, e deveríamos continuar a ser, se Cristo não tivesse morrido por nós: Estávamos mortos (v. 14). "*...se um morreu por todos, logo, todos morreram*"; mortos na lei, debaixo da condenação da morte; mortos em pecados e ofensas, mortos espiritualmente. Considere: Esta era a condição deplorável de todo aquele por quem Cristo morreu: Eles estavam perdidos e destruídos, mortos e decaídos, e teriam permanecido miseráveis para sempre se Cristo não tivesse morrido por eles. (2) O que deveriam fazer essas pessoas por quem Cristo morreu; que vivessem para Ele. É isso que Cristo planejou: que "*...os que vivem*", que foram vivificados por Deus por meio da sua morte, vivam "*...para aquele que por eles morreu e ressuscitou*" e "*...não vivam mais para si*" (v. 15). Observe: Não nós, mas Cristo deveria ser o objetivo do nosso viver e das nossas ações. Um dos objetivos da morte de Cristo era curar-nos desse amor-próprio e levar-nos sempre a agir debaixo da influência imponente do seu amor. A vida cristã deve ser consagrada a Cristo. Viveremos como deveríamos viver quando vivermos para Cristo, que morreu por nós.

O Ministério dos Apóstolos
vv. 16-21

Nesses versículos, o apóstolo menciona duas coisas que são necessárias para o nosso viver cristão, sendo que as duas são conseqüências da morte de Cristo por nós; a saber, a regeneração e a reconciliação.

I A regeneração, que consiste em duas coisas, a saber: 1. O desapego do mundo: "*...daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne* (v. 16). Não possuímos ou temos influência sobre pessoa ou coisa alguma neste mundo com fins carnais e vantagens materiais. Somos, na verdade, capacitados pela graça divina, não para ocupar-nos com este mundo, nem com as coisas deste mundo, mas para viver acima dele. O amor de Cristo está em nosso coração e o mundo está debaixo dos nossos pés". Considere: Bons cristãos devem desfrutar dos confortos desta vida, e de suas relações neste mundo, com uma indiferença santa. "*...ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne*, diz o apóstolo, *já o não conhecemos desse modo*". É questionável se Paulo tinha

visto a Cristo em carne. No entanto, o restante dos apóstolos o tinha visto, e da mesma forma pode ter sido o caso entre aqueles a quem estava escrevendo agora. Porém, ele não queria que eles se avaliassem de acordo com isso, uma vez que mesmo a presença corporal de Cristo não deveria ser desejada pelos seus discípulos. Devemos viver de acordo com sua presença espiritual e o conforto que isso proporciona. Observe: Aqueles que fazem imagens de Cristo e as usam em sua adoração não estão seguindo o caminho que Deus designou para fortalecer sua fé e vivificar seus sentimentos; porque é a vontade de Deus que não mais conheçamos a Cristo em carne. 2. Uma mudança completa do coração: "*Assim que, se alguém está em Cristo*", se alguém de fato é cristão, e demonstra isso na prática, "*nova criatura é*", ou deveria ser (v. 17). Alguns interpretam este texto da seguinte maneira: *que seja uma nova criatura.* Este deve ser o cuidado de todo aquele que professa a fé cristã, que seja uma nova criatura; não só que tenha um novo nome e vista um novo uniforme, mas que tenha um novo coração e uma nova natureza. A mudança que a graça de Deus faz no coração é tão grande, que "...*as coisas velhas já passaram* – pensamentos velhos, princípios velhos, práticas velhas, já passaram; e "...*eis que tudo se fez novo*". Observe: A graça regeneradora cria um novo mundo na alma. Todas as coisas são novas. O homem renovado age a partir de um novo princípio, por novas leis, com novos fins, em uma nova convivência.

II A reconciliação, com uma dupla noção:
1. Como um privilégio inquestionável (vv. 18,19). A reconciliação pressupõe a ruptura de uma amizade. O pecado causou essa ruptura. Ele quebrou a amizade entre Deus e o homem. O coração do pecador é preenchido de inimizade contra Deus, e Deus é ofendido verdadeiramente pelo pecador. No entanto, existe a possibilidade da reconciliação; o Deus ofendido do céu está disposto a se reconciliar. E perceba: (1) Ele apontou o Mediador da reconciliação. Ele nos reconciliou consigo por meio de Jesus Cristo (v. 18). Deus deve ser reconhecido do início ao fim na tarefa e cumprimento do Mediador. Todas as coisas relacionadas à nossa reconciliação com Jesus Cristo vêm de Deus, que pela mediação de Jesus Cristo reconciliou o mundo consigo mesmo. Ele colocou-se na condição de ser reconciliado com os ofensores, sem causar qualquer agravo ou insulto à sua justiça ou santidade. Ele não imputa ao homem as suas transgressões e desiste do rigor do primeiro concerto, que foi quebrado, não insistindo na vantagem que Ele poderia ter legitimamente contra nós pela quebra da aliança. Ele está disposto a formar um novo pacto, uma nova aliança de graça, e, de acordo com o teor dela, Ele está livre para perdoar todos os nossos pecados e justificar livremente, pela sua graça, todo aquele que crer. (2) Ele estabeleceu o "...*ministério da reconciliação*" (v. 18). Pela inspiração de Deus, foram escritas as Escrituras, que contêm a palavra da reconciliação, mostrando-nos que a paz foi feita pelo sangue da cruz, que a reconciliação foi operada, e nos orientou em como podemos estar interessados por ela. Ele estabeleceu o ofício do ministério, que é o *ministério da reconciliação.* Os ministros devem abrir e proclamar aos pecadores os termos da misericórdia e reconciliação e persuadi-los a concordar com eles. Porque:

2. A reconciliação é entendida aqui como nosso dever indispensável (v. 20). Da mesma forma que Deus está pronto a ser reconciliado conosco, nós também devemos nos reconciliar com Ele. E é o grande alvo e plano do evangelho que a palavra da reconciliação prevaleça contra os pecadores para que abandonem a sua inimizade contra Deus. Ministros fiéis são embaixadores de Cristo, enviados parar tratar com os pecadores acerca de paz e reconciliação: Eles vêm em nome de Deus, com suas súplicas, e agem em nome de Cristo, fazendo aquilo que Ele fez quando esteve nesta terra e o que Ele deseja que seja feito agora que está no céu. Que condescendência maravilhosa! Embora Deus não possa ser considerado um perdedor na disputa ou desavença, nem um ganhador na paz, no entanto, pelos seus ministros Ele suplica para que os pecadores abandonem a sua inimizade e aceitem os termos que Ele oferece, para que possam ser reconciliados com Ele, com todos os seus atributos, com todas as suas leis, e com todas as suas providências, e creiam no Mediador, e aceitem a redenção e concordem com todo o seu evangelho. Para nos encorajar a fazer isso, o apóstolo acrescenta o que deveria ser bem entendido e devidamente considerado por nós (v. 21), a saber: (1) A pureza do Mediador: Ele "...*não conheceu pecado*". (2) O sacrifício que ofereceu: Ele foi feito "...*pecado por nós*"; não um pecador, mas *pecado,* isto é, uma oferta pelo pecado, um sacrifício pelo pecado. (3) O fim e desígnio de tudo isso: "...*para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus*" e justificados livremente pela graça de Deus pela redenção que está em Cristo Jesus. Observe: [1] Como Cristo, que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós, para que nós, que não temos justiça própria, fôssemos feitos nele justiça de Deus. [2] Nossa reconciliação com Deus somente ocorre por meio de Jesus Cristo e pelo seu mérito. Portanto, devemos somente confiar nele e na sua justiça.

CAPÍTULO 6

Nesse capítulo, o apóstolo faz um relato da sua missão a todos a quem pregava, com os diversos argumentos e métodos que usava (vv. 1-10). Então ele se dirige especificamente aos coríntios, acautelando-os com grande afeição e forte argumentação (vv. 11-18).

O Ministério dos Apóstolos

vv. 1-10

Nesses versículos, temos um relato da missão e exortação geral do apóstolo a todos a quem pregava em cada lugar aonde ia, com os diversos argumentos e métodos que usava. Observe:

I A tarefa ou exortação: Concordar com a oferta da reconciliação do evangelho – para que, sendo favorecidos com o evangelho, eles não recebessem essa "...*graça de Deus em vão*" (v. 1). O evangelho é a palavra da graça soando em nossos ouvidos. Mas será em vão para nós ouvi-lo, se não crermos nele e concordarmos com o fim e o desígnio dele. Os ministros do evangelho devem exortar

os ouvintes a aceitarem a graça e misericórdia que são oferecidas a eles. E eles são honrados com o elevado título de cooperadores de Deus. Observe: 1. Eles devem trabalhar para Deus e sua glória, pelas almas e para o bem delas; e eles são trabalhadores com Deus, mas submissos a Ele, como seus agentes. No entanto, se forem fiéis, podem esperar Deus trabalhando com eles, e seu labor será eficaz. 2. Observe a linguagem e o estilo do espírito do evangelho: Não é com rudeza e seriedade, mas com brandura e bondade, para suplicar e pedir, para exortar e debater, para prevalecer sobre os pecadores e vencer a relutância natural deles em se reconciliarem com Deus e serem felizes para sempre.

II Os argumentos e métodos que o apóstolo usou. E aqui ele lhes diz:

1. O tempo atual é a única época apropriada para aceitar a graça que é oferecida e melhorar a graça que é fornecida: "Eis aqui AGORA o *tempo aceitável*, eis aqui AGORA o *dia da salvação*" (v. 2). O dia do evangelho é um dia de salvação, o meio da graça é o meio de salvação, as ofertas do evangelho são ofertas de salvação, e o tempo atual, o único tempo apropriado para aceitar essas ofertas: *Hoje, enquanto é chamado de hoje*. O amanhã não nos pertence: não sabemos o que acontecerá amanhã, nem onde estaremos. Deveríamos lembrar que épocas atuais da graça são breves e incertas e não podem ser chamadas de volta depois de passarem. É, portanto, nosso dever e interesse melhorá-las enquanto estivermos participando delas. Disso depende a nossa salvação.

2. A cautela que usaram para não dar escândalo que pudesse impedir o sucesso da sua pregação: "...*não dando nós escândalo em coisa alguma*" (v. 3). O apóstolo tinha grande dificuldade em comportar-se prudentemente e de maneira inofensiva em relação aos judeus e gentios, porque muitos deles esperavam um vacilo dele, e buscavam uma oportunidade para acusá-lo e censurar o seu ministério ou sua pregação. Portanto, ele era muito cauteloso para não provocar escândalo àqueles que eram tão inclinados a se escandalizar, buscando não ofender os judeus com um zelo desnecessário contra a lei, nem os gentios com uma complacência desnecessária com aqueles que eram zelosos com a lei. Ele era cuidadoso, em todas as suas palavras e ações, para não dar escândalo ou ocasião para culpa ou tristeza. Observe: Quando as pessoas estão muito inclinadas a escandalizar-se, deveríamos ser cuidadosos para não darmos motivo para escândalo. Os ministros devem ter um cuidado especial para não fazer qualquer coisa que possa trazer "culpa" ao seu ministério e torná-lo infrutífero.

3. O alvo e esforço constantes deles em todas as coisas para mostrarem-se fiéis, como ministros de Deus (v. 4). Vemos quanta ênfase o apóstolo coloca em todas as ocasiões na fidelidade no trabalho, porque muito do nosso sucesso depende disso. Seus olhos eram singulares, e seu coração, reto, em todas as suas ministrações. O desejo do seu coração era ser um servo de Deus. Considere: Os ministros do evangelho devem ver-se como servos ou ministros de Deus e agir em cada situação de maneira condizente com essa posição. Foi o que o apóstolo fez: (1) Com muita paciência nas aflições. Ele era um grande sofredor e enfrentou muitas aflições; estava freqüentemente diante de necessidades e desejava as comodidades ou pelo menos as coisas necessárias da vida. O apóstolo enfrentou angústias, sendo restringido por todos os lados, tendo dificuldades em saber o que fazer. Muitas vezes foi surrado (cap. 11.24), preso, em tumultos provocados pelos judeus e gentios; fadigado, não somente na pregação do evangelho, mas em viajar de lugar a lugar com esse fim, e trabalhando com as mãos para suprir suas necessidades; em vigílias e jejuns, quer voluntariamente ou por motivo religioso, ou involuntariamente por amor ao evangelho. Mas ele exercitou muita paciência em tudo isso (vv. 4,5). Observe: [1] É o destino de muitos ministros fiéis serem submetidos a grandes dificuldades, necessitando de muita paciência. [2] Aqueles que querem ser aprovados diante de Deus devem mostrar-se fiéis na dificuldade, bem como na paz, não somente ao fazer a obra de Deus diligentemente, mas também ao fazer a vontade de Deus com paciência. (2) Ao agir de acordo com bons princípios. O apóstolo agia de acordo com princípios justos em tudo que fazia e conta quais eram esses princípios (vv. 6,7), a saber, pureza e verdade. Não há piedade sem pureza. Para sermos aceitos por Deus é necessário um cuidado para manter-nos imaculados do mundo. A ciência era outro princípio. Zelo sem a ciência não passa de loucura. Ele também agiu com *longanimidade e benignidade*, não se deixando provocar facilmente, mas suportando a dureza do coração humano e o tratamento duro das mãos deles, a quem amavelmente esforçou-se para fazer o bem. Ele agiu debaixo da influência do Espírito Santo, do princípio nobre do amor não fingido, de acordo com a regra da palavra da verdade, sob o apoio e auxílio do poder de Deus, vestindo a armadura da justiça (uma consciência da justiça e santidade universal), que é a melhor defesa contra as tentações da prosperidade na mão direita, e da adversidade na esquerda. (3) Por um temperamento e comportamento devidos diante de toda a variedade de condições neste mundo (vv. 8-10). Devemos esperar defrontar-nos com muitas alterações em nossas circunstâncias e condições neste mundo. Uma grande evidência da nossa integridade é a preservação do equilíbrio da mente e em comportar-nos devidamente, diante de tudo isso. Os apóstolos se defrontavam com honra e desonra, relatos bons e relatos perversos. Homens bons neste mundo devem esperar defrontar-se com desonra e censuras, para contrabalançar sua honra e estima. Necessitamos da graça de Deus para armar-nos contra as tentações de receber honra por um lado, como termos um bom testemunho sem orgulho, e desonra por outro, para suportarmos repreensões sem impaciência e recriminação. Pelo que parece, as pessoas retratavam os apóstolos diferentemente em seus relatórios. Alguns os descreviam como os melhores homens, enquanto outros como os piores. Eram vistos como impostores por alguns, e como homens verdadeiros por outros, pregando o evangelho da verdade, homens dignos da confiança depositada neles. Eles foram desprezados pelos homens do mundo como homens desconhecidos, sem valor ou importância. No entanto, em todas as igrejas de Cristo eles eram bem conhecidos e grandemente valorizados. Eles eram vistos como moribundos, sendo levados à morte todo dia, e o interesse deles era visto como um interesse perecível. "E eis que", diz o apóstolo, "vivemos confortavelmente, e suportamos com alegria todo so-

frimento e continuamos conquistando". Eles foram castigados, e com freqüência caíam diante do açoite da lei, no entanto não foram mortos. Embora alguns achassem que eram homens tristes, deprimidos e melancólicos, sempre lamentando e condoendo-se, eles, na verdade, estavam sempre alegres em Deus e tinham o maior motivo para regozijar-se sempre. Eles eram desprezados como pobres, por causa da sua pobreza neste mundo, no entanto tornaram muitas pessoas ricas, ao pregar as riquezas insondáveis de Cristo. Pensava-se que não tinham nada, uma vez que não tinham prata, nem ouro, casas ou terras; no entanto, eles possuíam tudo: eles não tinham nada neste mundo, mas possuíam um tesouro no céu. Seus resultados estavam guardados em outro país, em outro mundo. Eles não tinham nada em si mesmos, mas possuíam todas as coisas em Cristo. Este é o paradoxo da vida cristã, e na variedade tão grande de condições e relatos está o nosso caminho para o céu. Devemos ser cuidadosos em todas essas coisas para sermos aprovados diante de Deus.

Advertências contra Misturar-se com Descrentes

vv. 11-18

O apóstolo continua dirigindo-se mais especificamente aos coríntios e os adverte para não se misturarem com os descrentes. Observe o seguinte:

I A advertência é introduzida com uma confissão, de maneira muito tocante, do amor afável por eles: Ele os ama *como um pai aos seus filhos* (vv. 11-13). Embora o apóstolo estivesse feliz por meio de uma grande fluência de expressões, ele parecia desejar palavras que expressassem o seu carinho pelos coríntios. Como se tivesse dito: "Ó coríntios, a quem agora escrevo. Gostaria muito de vos convencer do meu grande amor por vós: temos o desejo de promover o bem-estar espiritual e eterno de todas as pessoas a quem pregamos, no entanto *a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado*, de uma maneira especial". Visto que o seu coração estava dilatado dessa forma com amor por eles, ele abriu sua boca livremente em admoestações e exortações tão amáveis: "*Não estais*, diz ele, *estreitados em nós*. Alegremente faríamos todo serviço a vós que fosse possível e fomentaríamos o vosso conforto, como cooperadores da vossa fé e alegria. E, se esse não for o caso, a culpa está em vós mesmos. É porque vós estais voltados para vós mesmos e deixais de responder da forma certa, devido a alguns mal-entendidos em relação a nós. Tudo que desejamos como recompensa é que vós tenhais o mesmo sentimento para conosco, como filhos que buscam amar o seu pai". Observe: É preferível que haja um carinho mútuo entre ministros e seu povo; isto promove grandemente o conforto e a vantagem mútuos.

II A advertência ou exortação para não se misturar com descrentes, para não estar em um *jugo desigual* com eles (v. 14). Isto envolve:

1. Relações fixas. É um erro quando pessoas devotas se unem intimamente com pessoas perversas e profanas. Isso acabará redundando em caminhos dolorosos e prejudiciais. Esses relacionamentos que são de nossa escolha devem ser escolhidos com critério. É bom que os filhos de Deus se unam com filhos de Deus. A chance maior é que os maus acabem prejudicando os bons, em vez de os bons beneficiarem os maus.

2. Em conversas comuns. Não deveríamos nos ligar a amizades com pessoas ímpias ou descrentes. Embora não possamos evitar completamente ver, ouvir e estar com essas pessoas, nunca deveríamos escolhê-las como nossos amigos do peito.

3. Muito menos deveríamos unir-nos em uma comunhão religiosa com eles. Não devemos juntar-nos a eles em seus cultos idólatras, nem cooperar com eles na sua adoração falsa, nem quaisquer outras abominações. Não devemos misturar a mesa do Senhor com a mesa dos demônios, a casa de Deus com a casa de Rimom. O apóstolo apresenta diversas razões contra essa mistura corrupta. (1) É um grande absurdo (vv. 14,15). Entendemos por jugo desigual quando buscamos unir coisas que não se harmonizam. Isso seria o mesmo que arar com um boi e um jumento, ou semear diversos tipos de grãos misturados. Que absurdo seria pensar em unir justiça e injustiça, ou misturar luz e trevas, fogo e água! Os crentes são, e deveriam ser, justos. Mas os descrentes são injustos. Os crentes se tornam luz no Senhor, mas os descrentes estão nas trevas. E que tipo de comunhão pode haver entre eles? Cristo e Belial estão em completo desacordo. Eles têm interesses e planos opostos, de tal forma que é impossível haver alguma harmonia ou concordância entre eles. É absurdo, portanto, interessar-se pelos dois. E, se o crente está em comunhão com o infiel, ele está buscando unir Cristo e Belial. (2) É uma desonra para a profissão do cristão (v. 16). O cristão é por confissão, e deveria ser na realidade, *o templo do Deus vivente* – dedicado e ocupado com o serviço de Deus. O Senhor prometeu habitar nos cristãos, para neles habitar e andar, para desfrutar de um relacionamento especial com eles e ter um cuidado especial com eles, para que Ele seja o seu Deus e eles sejam o seu povo. Por isso, não pode haver "...*consenso* [...] *entre o templo de Deus e os ídolos*". Os ídolos são rivais de Deus e da sua honra, e Deus é um Deus zeloso e não dará sua glória a outro. (3) Há um grande perigo em comunicar-se com descrentes e idólatras, em ser corrompido e rejeitado. Portanto, a exortação é: "...*saí do meio deles*" (v. 17), e ficar a uma distância devida, estar *apartado*, da mesma forma que alguém evitaria o contato com leprosos, com medo de ser infectado, e não tocar *nada imundo*, para não ser maculado. Quem pode pegar em piche e não ser manchado por ele? Precisamos ter cuidado para não contaminar-nos com conversas com aqueles que se contaminam com o pecado. Esta é a vontade de Deus, e nós esperamos ser recebidos, e não rejeitados, por Ele. (4) Seria uma imensa ingratidão a Deus por todos os favores que Ele prometeu e concedeu aos crentes (v. 18). Deus prometeu ser um Pai para eles, e que eles seriam seus filhos e filhas. Será que há uma honra ou felicidade maior do que isso? Seria uma ingratidão muito grande daqueles que receberam essa dignidade e felicidade, degradar-se e corromper-se ao misturar-se com descrentes! "*Recompensais, assim, ao SENHOR, povo louco e ignorante?*" (Dt 32.6).

CAPÍTULO 7

Esse capítulo começa com uma exortação à santidade progressiva e um respeito devido aos ministros do evangelho (vv. 1-4). Então o apóstolo retorna de uma longa digressão para falar mais a respeito da questão da pessoa incestuosa, relata o conforto que recebeu na sua aflição em relação a essa questão, após encontrar-se com Tito (vv. 5-7), e como se alegrou com a evidência do arrependimento deles (vv. 8-11). Por último, ele conclui com diligência para confortar os coríntios, em quem suas admoestações tiveram um efeito tão positivo (vv. 12-16).

O Progresso na Santidade

vv. 1-4

Esses versículos contêm uma exortação dupla:

I Fazer progresso na santidade ou aperfeiçoar "...*a santificação no temor de Deus*" (v. 1). Esta exortação é dada com profundo carinho àqueles que eram muito amados. Ela é inculcada com fortes argumentos, mesmo a consideração daquelas grandes e preciosas promessas que foram mencionadas no capítulo anterior, e nas quais os coríntios tinham um grande interesse e direito. As promessas de Deus são fortes persuasões para a santificação. Isso inclui: 1. A morte para o pecado ou a mortificação dos nossos desejos e corrupções: "...*purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito*". O pecado é imundícia e corrompe o corpo e a mente. Há pecados da carne, que são cometidos com o corpo, e pecados do espírito, ou seja, a maldade espiritual. Devemos purificar-nos da imundícia dos dois, porque Deus deve ser glorificado por meio do corpo e da alma. 2. O viver para a justiça e santidade. Se acreditamos que Deus é nosso Pai, devemos esforçar-nos para sermos participantes da sua santidade, para que sejamos santos como Ele é santo e perfeitos como nosso Pai no céu é perfeito. Devemos continuar aperfeiçoando a santidade e não estar contentes com a sinceridade (que é nossa perfeição do evangelho), sem visar à perfeição impecável, embora nunca vamos alcançá-la plenamente enquanto estivermos neste mundo. E isso devemos fazer *no temor de Deus*, que é a raiz e princípio da fé cristã, e não há santidade sem isso. Considere: A fé e a esperança na promessa de Deus não devem destruir nosso temor de Deus, daqueles "...*que o temem e dos que esperam na sua misericórdia*" (veja Sl 147.11).

II Mostrar o devido respeito pelos ministros do evangelho: "*Recebei-nos...*" (v. 2). Aqueles que trabalham com a palavra e a doutrina deveriam ter uma boa reputação e ser altamente estimados por causa do seu trabalho. Isso ajudaria a fazer-se progresso na santidade. Se os ministros do evangelho são vistos de forma desprezível por causa do seu ofício, há o perigo de o evangelho ser desprezado. O apóstolo não considerava uma depreciação solicitar o favor dos coríntios, e, embora não devamos bajular uma pessoa, devemos ser gentis com todos. O apóstolo diz o seguinte: 1. Ele não tinha feito coisa alguma para perder a estima e boa-vontade deles, mas era cauteloso para não fazer nada que merecesse a malevolência deles (v. 2): "...*a ninguém agravamos*: não lhes causamos dano, mas sempre buscamos o bem de vocês". "*De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste*", disse o apóstolo aos anciãos em Éfeso (At 20.33). "...*a ninguém corrompemos*, por meio de doutrinas falsas ou conversas bajuladoras. ...*de ninguém buscamos o nosso proveito*. Não buscamos os nossos interesses seculares por meio de medidas astutas ou gananciosas, para prejudicar alguém". Este é um apelo semelhante ao que Samuel fez (veja 1 Sm 12). Os ministros podem esperar com mais confiança a estima e o favor das pessoas quando podem falar com segurança de que não são culpados de nada que mereça desprezo ou desagrado. 2. Ele não os acusou de falta de afeição por ele (vv. 3,4). O apóstolo tratou os coríntios com ternura e cuidado, sabendo que entre eles havia alguns que buscariam de todas as formas encontrar uma ocasião para censurá-lo e predispor a mente de outras pessoas contra ele. Para impedir qualquer tipo de insinuações contra ele em decorrência do que tivesse dito, como se quisesse acusá-los de prejudicá-lo, ou de acusações injustas da parte deles por tê-los tratado injustamente, ele os assegura novamente da sua grande afeição por eles, a tal ponto que poderia passar seus últimos momentos em Corinto, *viver e morrer* com eles, se o seu trabalho com as outras igrejas e sua obra como apóstolo (que não podia ser limitado a um único lugar), lhe permitissem fazê-lo. E ele acrescenta que era a sua grande paixão por eles que o fez usar de tal *ousadia* ou liberdade de *fala para* com eles, e *jactar-se* ou gloriar-se deles, em todos os lugares e em todas as ocasiões, estando "...*cheio de consolação e transbordante de gozo em todas as nossas tribulações*".

Várias Exortações

vv. 5-11

Parece haver uma conexão entre o capítulo 2.13 (em que o apóstolo disse que não teve descanso em seu espírito enquanto não encontrou Tito em Trôade) e o versículo 5 deste capítulo. A sua paixão pelos coríntios era tão grande, e sua preocupação quanto ao comportamento deles em relação à pessoa incestuosa tão intensa, que, em suas viagens seguintes, ele continuava não tendo descanso até que ouvisse falar deles. E agora ele relata:

I Como ficou angustiado (v. 5). Ele estava aflito enquanto não encontrou Tito em Trôade, e mais tarde quando por algum tempo não se encontrou com ele na Macedônia. Isso foi uma aflição para ele, porque não sabia que tipo de acolhida ele estava tendo em Corinto, nem como eles estavam indo. E, além disso, eles se defrontaram com outras dificuldades, com tempestades incessantes de perseguições. Houve "...*por fora combates*" ou contendas e oposição contínua dos judeus e gentios. Também havia "...*temores por dentro*" e grande preocupação por aqueles que tinham abraçado a fé cristã, para que não fossem corrompidos ou seduzidos e provocassem um escândalo ou fossem escandalizados.

II Como foi confortado (vv. 6,7). Observe o seguinte: 1. A vinda de Tito serviu de conforto para ele. Seu coração se encheu de alegria ao vê-lo, o amigo que desejava encontrar havia tanto tempo. A companhia de Tito era preciosa para ele como se fosse "...*seu verdadeiro filho, segundo a fé comum*" (Tt 1.4). A presença de Tito foi um grande conforto para o apóstolo em suas viagens e tribulações. Mas: 2. As boas notícias que Tito trouxe referente aos coríntios foram ainda mais consoladoras. Tito também foi confortado pelas novas. Isso também consolou o apóstolo, especialmente quando Tito o informou acerca do desejo sincero deles de cumprir o que o apóstolo tinha lhes determinado por escrito e do lamento deles pelo escândalo que foi encontrado entre eles e da profunda tristeza que tinham causado em outros. Também foi motivo de consolo para o apóstolo o fato de ouvir a respeito da mente ardente ou grande paixão que os coríntios tinham para com ele, que tinha sido tão fiel em repreender a falta deles. Salomão escreveu: "*O que repreende ao homem achará depois mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua*" (Pv 28.23). 3. Ele atribui todo o seu consolo a Deus. Foi Deus que o consolou com a vinda de Tito, ou seja, Ele era o Deus de todo consolo: "...*Deus, que consola os abatidos* (v. 6). Observe: Deveríamos olhar acima e além de todos os meios e instrumentos, para Deus, como autor de toda consolação e bondade que desfrutamos.

III Como se regozijou com o arrependimento deles e suas evidências posteriores. O apóstolo estava triste pelo fato de tê-los afligido, que algumas pessoas piedosas entre eles sofreram muito pelas coisas que ele tinha escrito na epístola anterior, ou que era necessário entristecer aqueles que ele teria preferido alegrar (v. 8). Mas agora ele se regozijou, quando verificou que tinham sido "...*contristados para o arrependimento*" (v. 9). A tristeza em si não era a causa da sua alegria. Mas a natureza dessa tristeza e o efeito dela (*arrependimento para a salvação*, v. 10) o alegrou. Agora ficou claro que eles não foram prejudicados em nada por ele. A tristeza deles foi *por algum tempo*. Ela se transformou em alegria, e essa alegria foi duradoura. Observe aqui:

1. O antecedente do verdadeiro arrependimento é a *tristeza segundo Deus*. Essa tristeza leva ao arrependimento. Não é o arrependimento em si, mas é um bom preparativo para o arrependimento, e, de alguma forma, a causa que produz é o arrependimento. O ofensor tinha grande tristeza. Ele estava correndo o risco de ser *devorado de demasiada tristeza*, e a sociedade estava muito triste, quando antes andava envaidecida. Essa tristeza era piedosa e segundo Deus, isto é, ela era de acordo com a vontade de Deus, visando à glória de Deus e operada pelo Espírito de Deus. Era uma tristeza divina, pois era uma tristeza por causa do pecado, como uma ofensa contra Deus, um momento de ingratidão e uma privação do favor de Deus. Há uma grande diferença entre a tristeza divina e a tristeza deste mundo. A tristeza divina produz arrependimento e restauração e acabará em salvação. Por outro lado, a tristeza mundana opera a morte. A tristeza de homens mundanos para coisas mundanas produzirá cabelos brancos e poderá levar a uma morte antecipada. Esse tipo de tristeza pelo pecado que Judas teve terá conseqüências fatais. Observe: (1) O arrependimento genuíno será seguido de salvação. Portanto: (2) Verdadeiros penitentes nunca se arrependerão de ter se arrependido, nem de qualquer coisa que tenha contribuído para isso. (3) A humilhação e a tristeza segundo Deus são necessárias previamente para que ocorra o arrependimento, e as duas coisas vêm de Deus, o Doador de toda graça.

2. Vemos mencionados os frutos alegres e as conseqüências do verdadeiro arrependimento (v. 11). Esses *frutos dignos de arrependimento* são a melhor evidência. Quando o coração é transformado, a vida e as ações também são transformadas. Os coríntios deixaram claro que a tristeza deles era uma tristeza segundo Deus, do tipo que produz arrependimento, porque operou neles grande zelo pela sua própria alma e um esforço para evitar o pecado e agradar a Deus. Também produziu um esclarecimento neles mesmos, não em insistir na sua própria justificação diante de Deus, especialmente enquanto persistiam no pecado, mas no esforço em abandonar a coisa amaldiçoada, e, dessa forma, libertar-se da justa imputação de aprovar o mal que tinha ocorrido. Esse arrependimento produziu indignação pelo pecado em si mesmos, com o tentador e os seus agentes. Também produziu temor, um temor reverente, um temor vigilante, e um temor de desconfiança, não uma desconfiança de Deus, mas de si mesmos – um temor de Deus, um temor prudente pelo pecado e um temor zeloso por si mesmos. Esse arrependimento também produziu um desejo veemente por uma restauração completa do que estava errado e de reconciliação com Deus, a quem tinham ofendido. Ele também produziu zelo, uma mistura de amor e ira, um zelo contra o pecado. Por último, esse arrependimento produziu desagravo contra o pecado e contra sua própria insensatez, em que se busca fazer a penitência devida pelos danos provocados. E, assim, "*Em tudo mostrastes estar puros neste negócio*" (v. 11). Não que fossem inocentes, mas que eram penitentes, e, portanto, livres de culpa diante de Deus, que os perdoaria e não os castigaria. E eles não mais seriam reprovados, e muito menos censurados pelos homens, naquilo de que verdadeiramente se arrependeram.

O Caso da Pessoa Incestuosa

vv. 12-16

Nesses versículos, o apóstolo empenha-se em confortar os coríntios, sobre os quais suas admoestações tiveram um efeito tão positivo. Por isso: 1. Ele deixa claro que tinha uma boa intenção ao escrever a epístola anterior, que poderia ser entendida como severa (v. 12). "...*não foi por causa do que fez o agravo*", não só para o seu benefício, muito menos meramente para que fosse castigado; também não foi meramente "...*por causa do que sofreu o agravo*", a saber, o pai ofendido, e para que pudesse ter a reparação devida; mas também era para manifestar sua grande e sincera preocupação e cuidado por eles, por toda a igreja, para que não sofressem ao permitir que essa

transgressão, e o escândalo decorrente disso, permanecesse entre eles sem o reparo e a indignação devidos. 2. Ele lhes relata acerca da alegria de Tito e da sua própria alegria por causa do arrependimento e do bom comportamento deles. Tito estava jubiloso e seu espírito havia sido renovado com o consolo deles. Isso também serviu de consolo e alegria para o apóstolo (v. 13). Como Tito foi consolado enquanto esteve com eles, assim também ocorreu quando se lembrou da sua recepção no meio deles, expressando a obediência deles em relação às orientações apostólicas e o temor e tremor deles diante das repreensões. Esses pensamentos estimulavam e aumentavam sua paixão por eles (v. 15). Observe: A tristeza segundo Deus é seguida de grande consolo e alegria. Da mesma forma que o pecado gera aflição geral, assim o arrependimento e a restauração geram alegria. Paulo estava feliz, Tito também, e os coríntios foram consolados, e o penitente poderia ser consolado. Essa alegria ocorre na terra quando há alegria no céu por um pecador que se arrepende. 3. Ele conclui toda essa questão expressando sua plena confiança neles: O apóstolo não estava envergonhado em expressar a Tito o orgulho que tinha deles (v. 14). Ele não tinha motivo para estar desapontado em sua expectativa para com eles. Agora ele podia declarar com muita alegria a grande confiança neles e que não duvidava do bom comportamento deles no futuro. Considere: Um ministro fiel sente grande conforto e alegria quando está diante de um povo no qual pode confiar, e tem motivos para aguardar que cumprirá todas as coisas propostas a eles que são para a glória de Deus, para o bom conceito do evangelho e para a vantagem deles.

CAPÍTULO 8

Nesse e no capítulo seguinte, Paulo exorta e orienta os coríntios acerca de uma obra específica de caridade – abrandar as necessidades dos santos pobres de Jerusalém e da Judéia, de acordo com o bom exemplo das igrejas na Macedônia (Rm 15.26). Os cristãos de Jerusalém, por meio da guerra, fome e perseguição, ficaram pobres. Muitos deles tinham entrado em declínio, e, talvez, a maioria deles era pobre quando abraçou o cristianismo. Cristo disse: "Aos pobres é anunciado o evangelho". Agora Paulo, embora fosse o apóstolo para os gentios, tinha uma consideração especial, e uma preocupação afável, pelos judeus que haviam se convertido à fé cristã. Embora muitos judeus não tivessem uma paixão tão profunda pelos convertidos gentios quanto deveriam ter tido, o apóstolo estimula os gentios a serem afáveis com os judeus, e encoraja-os a contribuir liberalmente para o alívio deles. Ele é muito prolixo acerca desse assunto e escreve de maneira muito afetuosa. Nesse capítulo, familiariza os coríntios com o bom exemplo dos macedônios nessa obra de caridade e informa que Tito foi enviado para Corinto para coletar as doações deles (vv. 1-6). Ele então ressalta a importância dessa tarefa com diversos argumentos convincentes (vv. 7-15) e aprova as pessoas que foram encarregadas dessa questão (vv. 16-24).

A Obra de Caridade dos Macedônios

vv. 1-6

Observe aqui:

I O apóstolo ressalta o bom exemplo das igrejas da Macedônia, isto é, de Filipos, Tessalônica, Beréia e outras igrejas da região da Macedônia, para exortar os coríntios e os cristãos na Acaia à boa obra de caridade.

1. Ele os informa acerca da grande generosidade deles, que chama de "*...a graça de Deus dada às igrejas...*" (v. 1). Alguns acreditam que essa expressão deveria ser traduzida da seguinte forma: *o presente de Deus concedido nas igrejas ou por elas*. Ele certamente se refere aos presentes caridosos dessas igrejas, que são chamados de a graça ou os presentes de Deus. O apóstolo usa essa expressão ou porque eram muito grandes, ou porque a caridade deles aos santos pobres originava-se de Deus e era acompanhada do verdadeiro amor por Deus, que também era manifestado dessa forma. A graça de Deus deve ser reconhecida como a raiz e fonte de tudo que é bom em nós, em todos os momentos. Quando somos úteis para os outros e realizamos alguma boa obra, devemos nos conscientizar de que isso foi decorrência da graça e do favor de Deus.

2. Ele elogia a caridade dos macedônios e apresenta o bom proveito disso. Ele diz: (1) Eles eram pobres e estavam aflitos, mesmo assim contribuíram para o alívio de outros. Eles estavam em grande "*...tribulação* [...] *e profunda pobreza*" (v. 2). Era uma época de grande aflição, como lemos em Atos 18.17. Os cristãos foram maltratados, o que os reduziu a uma profunda pobreza. No entanto, como tinham abundância de alegria no meio da tribulação, transbordaram na sua generosidade. Eles deram do pouco que tinham, confiando que Deus supriria suas necessidades. (2) Eles deram em grande medida, com as "*...riquezas da sua generosidade*" (v. 2), isto é, tão generosamente como se fossem ricos. A contribuição deles foi grande, se considerarmos todas as circunstâncias. Foi "*...segundo o seu poder* [...] *e ainda acima do seu poder*" (v. 3), tanto quanto podia ser esperado deles, senão mais. Observe: Embora os homens possam condenar a imprudência, Deus aceita o zelo piedoso daqueles que por meio de verdadeiras obras de piedade e caridade fazem mais do que podem. (3) Eles estavam prontos e animados para essa boa obra. Eles "*...deram voluntariamente*" (v. 3) e estavam tão longe de sentirem-se carentes que pediram a Paulo "*...com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço*" (v. 4). Parece que Paulo estava relutante para encarregar-se dessa obrigação, talvez porque *perseverava na palavra e na oração*, ou, porque estava apreensivo a respeito de como os seus inimigos estariam prontos para repreendê-lo e difamá-lo em todas as ocasiões. Eles poderiam suspeitar dele por ter uma grande soma de dinheiro em suas mãos, acusando-o de indiscrição e parcialidade na distribuição, ou até de alguma injustiça. Considere: Os ministros precisam ser muito cautelosos em relação a questões que envolvem dinheiro, para não dar motivo àqueles que buscam ocasião para falar de maneira injuriosa! (4) A caridade deles estava fundamentada na verdadeira piedade e isso era altamente louvável. Eles realizaram

essa obra de caridade da maneira certa: "...*se deram primeiramente ao Senhor e depois* deram suas contribuições *a nós, pela vontade de Deus*" (v. 5) e para a sua glória. Parece que isso excedeu a expectativa do apóstolo. Era mais do que ele esperava, vendo o amor desses macedônios e a boa obra realizada com tanta devoção e seriedade. Eles solene, conjunta e unanimemente reconsagraram suas vidas, junto com seus bens, ao Senhor Jesus Cristo. Eles tinham feito isso anteriormente, e agora o fizeram mais uma vez nessa ocasião, santificando suas contribuições para a honra de Deus, ao entregarem-se em primeiro lugar ao Senhor. Observe: [1] Deveríamos entregar-nos a Deus. Não podemos dar um presente melhor a nós mesmos. [2] Quando nos entregamos ao Senhor lhe damos tudo que temos, para ser usado de acordo com a vontade dele. [3] Tudo que usamos ou gastamos para Deus, simplesmente significa dar a Ele o que é dele. [4] O que damos ou doamos para o uso de caridade não será aceito por Deus, nem terá algum proveito para nós, se não entregamos nossas vidas ao Senhor.

II O apóstolo escreve que Tito tinha sido incumbido de fazer a coleta entre eles (v. 6). O apóstolo sabia que Tito seria aceito no meio deles. Ele havia sido bem recebido numa ocasião anterior. Eles tinham sido amáveis com ele, e Tito tinha um grande amor por eles. Além disso, Tito já tinha começado essa boa obra entre eles, portanto, seria preferível que ele a concluísse. Assim, ele era a pessoa adequada para essa tarefa. Visto que essa obra próspera já havia começado em mãos tão abençoadas, seria uma pena se não pudesse ser continuada e concluída. Observe: É um exemplo de sabedoria usar os agentes apropriados em uma obra que desejamos fazer bem. A obra de caridade será mais bem-sucedida quando as pessoas mais apropriadas estiverem empregadas para solicitar as contribuições e cuidar delas.

Estímulo à Obra de Caridade
vv. 7-15

Nesses versículos, o apóstolo usa diversos argumentos convincentes para estimular os coríntios a essa boa obra de caridade.

I Ele ressalta a dignidade e prontidão deles em outros dons e graças recebidos e deseja que também sobressaiam na área da caridade (v. 7). O apóstolo usa aqui um discurso nobre e uma arte santa. Quando busca persuadir os coríntios a participar dessa missão nobre, ele os elogia por outras coisas boas que há neles. A maioria das pessoas gosta de ser elogiada, especialmente quando pedimos uma doação delas para nós ou para outros. É justo louvar aqueles em quem vemos a graça de Deus brilhar. Observe aqui: O que os coríntios tinham em abundância. A fé é mencionada em primeiro lugar, porque ela está na raiz; "...*sem fé é impossível agradar a Deus*" (Hb 11.6), assim, aqueles que transbordam em fé também transbordarão em outras graças e boas obras. À fé deles foi acrescentada a palavra, que é um dom excelente e resulta na glória de Deus e no crescimento da igreja. Muitas pessoas que desejam o dom da palavra têm fé. Mas esses coríntios superavam a maioria das igrejas quanto aos dons espirituais, e particularmente em relação ao dom da palavra. Junto com o dom da palavra havia ciência, abundância de ciência. Eles tinham um tesouro de coisas novas e antigas, e por meio da palavra exibiam esse tesouro. Eles eram afluentes também em toda diligência. Os que têm grande conhecimento e o dom da palavra nem sempre são os cristãos mais diligentes. Grandes faladores nem sempre são os melhores fazedores. Mas esses coríntios eram diligentes em fazer, além de conhecer e falar bem. Além disso, eles eram afluentes em amor pelos seus ministros. Eles não eram como muitos, que, tendo seus próprios dons, estão inclinados a desprezar e negligenciar seus dirigentes. Além de todas as coisas boas, o apóstolo deseja que acrescentem essa graça, ou seja, que sejam ricos na caridade pelos pobres. Onde já existe tanta coisa boa, ainda pode ser acrescentada mais uma. Antes que o apóstolo acrescente mais um argumento, ele cuida para que não haja nenhum mal-entendido do seu intento para com eles, para que não achem que ele está querendo amarrar uma carga pesada sobre eles pela sua autoridade. Por isso, ele diz (v. 8) que não está falando por meio de mandamento ou de maneira autoritária: "...*dou o meu parecer*" (v. 10). Ele aproveitou o ensejo da prontidão de outros para propor o que seria conveniente para eles e, dessa forma, provar a sinceridade do seu amor. Seria o efeito e evidência genuínos disso. Considere: Deve-se fazer uma grande diferença entre um dever claro e evidente e o aproveitamento de uma oportunidade presente de fazer o bem. Muitas coisas que podem parecer boas para se fazer, talvez não sejam, por ordem expressa e indispensável, o nosso dever nesse ou naquele tempo.

II Mais um argumento é extraído da consideração da graça do nosso Senhor Jesus Cristo. Os melhores argumentos para os deveres cristãos são aqueles que são extraídos do amor de Cristo, *que nos constrange*. O exemplo das igrejas da Macedônia deveria ser imitado pelos coríntios. Mas o exemplo do nosso Senhor Jesus Cristo deveria ter uma influência muito maior. Diz o apóstolo: "...*porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico*" (v. 9), sendo Deus, igual em poder e glória com o Pai, rico em toda glória e graça celestial, "*por amor de vós se fez pobre*". Ele não só se tornou homem por nós, mas também se tornou pobre. Ele nasceu em circunstâncias pobres, viveu uma vida pobre e morreu em pobreza. E isso aconteceu por amor a nós, para que pudéssemos ser feitos ricos, ricos em amor e favor de Deus, ricos em bênçãos e promessas do novo concerto, ricos na esperança de vida eterna, sendo herdeiros do reino. Esta é uma boa razão para sermos caridosos com os pobres com aquilo que temos, porque também dependemos da caridade do Senhor Jesus Cristo.

III Um argumento adicional é tirado dos bons propósitos deles e da prontidão em começar essa boa obra. Em relação a isso ele diz: 1. Era oportuno realizar o que tinham se proposto e terminar o que tinham começado (vv. 10,11). O que mais os bons propósitos e prontidão deles significam? Bons propósitos, na ver-

dade, são coisas boas. Eles são como botões de flores, agradáveis para contemplar, e dão esperança para que se obtenham bons frutos. Mas eles não significam nada, se não forem cumpridos. Assim, bons inícios são agradáveis. Mas vamos perder o benefício disso se não houver perseverança e produção de frutos para a perfeição. Vendo que os coríntios tinham mostrado uma *prontidão de vontade*, ele tomaria cuidado para que também fossem cuidadosos no seu cumprimento, de acordo com a habilidade deles. Porque: 2. Isso seria aceitável para Deus. Essa "*...prontidão de vontade, será aceita...*" (v. 12), quando acompanhada de esforços sinceros. Quando os homens se propõem ao que é bom, e se empenham, de acordo com sua habilidade, a também cumprir, Deus aceita aquilo que eles têm, ou podem fazer, e não os rejeita por aquilo que não têm e o que não está ao alcance deles fazer. E isso também é verdade para outras coisas além da obra de caridade. Precisa ficar claro aqui que esse texto, de forma alguma, justifica os que acham que boas intenções ou bons propósitos e a prontidão da vontade são suficientes para salvá-los. Devemos sempre apresentar essa prontidão de vontade, mas haverá ocasiões em que a Providência impedirá o cumprimento de algo que gostaríamos de fazer, como no caso de Davi em relação à construção de uma casa para o Senhor (2 Sm 7).

IV Mais um argumento é tirado do juízo que a Providência faz na distribuição das coisas deste mundo e da mutabilidade das obrigações humanas (vv. 13-15). O significado do argumento parece ser este: A Providência dá a alguns mais das coisas boas deste mundo, e a outros menos, com o propósito de que aqueles que têm maior *abundância supram a falta dos outros*, para que haja espaço para a caridade. E, além disso, precisamos considerar a mutabilidade dos afazeres humanos e as mudanças rápidas que podem ocorrer, de tal forma que os que hoje têm em abundância podem necessitar ser supridos amanhã. Isso os deveria induzir a serem caridosos enquanto são capazes. É vontade de Deus que, no suprimento mútuo, haja uma certa *igualdade*; não uma igualdade *absoluta*, ou um nivelamento tal que destruiria a propriedade, porque em tais casos não haveria a oportunidade de exercitar a caridade. Mas como nas obras de caridade, deveria haver uma proporção justa, para que a carga não ficasse pesada demais para alguns, enquanto outros estivessem totalmente tranqüilos. Dessa forma, todos deveriam estar preocupados em suprir aqueles que têm necessidade. Isso é ilustrado pela colheita e distribuição do maná no deserto, em que (como lemos em Êxodo 16) era o dever de cada família juntar o que podia. Depois de juntado, o maná era colocado em algum recipiente para cada família, de onde cada líder da família distribuía para cada um de acordo com a sua necessidade. Para alguns distribuía mais do que eram capazes de juntar, como os idosos ou os enfermos, para outros menos, porque não precisavam tanto: e assim "*...o que muito colheu* (mais do que podia comer) *não teve demais*", quando uma comunicação era feita para dar àquele que tinha *pouco*, que dessa forma não tinha falta de nada. Observe: Nossa condição neste mundo é que dependemos uns dos outros e devemos ajudar uns aos outros. Aqueles que têm tanto deste mundo não têm mais do que comida e vestuário; e aqueles que têm apenas um pouco deste mundo, raramente desejam ter essas coisas. Na verdade, aqueles que têm em abundância não deveriam permitir que faltasse aos necessitados, mas deveriam estar prontos para prover o necessário.

A Recomendação de Tito e outros
vv. 16-24

Nesses versículos, o apóstolo recomenda os irmãos que foram enviados para coletar a doação deles; e, como ocorreu, deu-lhes cartas de referência, para que, se indagados (v. 23), isto é, se alguém fosse curioso ou estivesse desconfiado em relação a eles, pudesse ficar claro quem eram e que se poderia confiar seguramente neles.

I Ele recomenda Tito: 1. Pela sua solicitude e grande preocupação com o coração deles, e o desejo de em todas as coisas promover o bem-estar deles. Isso é mencionado com gratidão a Deus (v. 16) e é motivo de gratidão quando Deus coloca no coração de alguém fazer o bem a nós ou a outra pessoa. 2. Pela sua prontidão para esse serviço. Ele aceitou a missão e resolveu ir de boa vontade (v. 17). Pedir caridade para o alívio de outros é visto por muitos como uma tarefa ingrata. No entanto, é uma tarefa boa e não deveríamos nos acanhar quando formos chamados a fazê-la.

II Ele recomenda outro irmão, que foi enviado com Tito. Geralmente se pensa que esse irmão era Lucas. Ele é recomendado: 1. Como um homem "*...cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas*" (v. 18). Seu serviço ministerial múltiplo era bem conhecido, e ele tinha sido aprovado de modo louvável naquilo que tinha feito. 2. Como alguém "*...escolhido pelas igrejas*" (v. 19) e unido aos apóstolos em sua ministração. Isso provavelmente ocorreu após a solicitação de Paulo. Por esse motivo, que ninguém o vitupere por essa abundância, que por ele foi ministrada (v. 20). O apóstolo era cauteloso para evitar qualquer motivo que homens maldosos pudessem ter para difamá-lo. Ele não daria oportunidade a ninguém para acusá-lo de injustiça ou parcialidade nessa missão, e achava ser o seu dever, como é o dever de cada cristão, zelar "*...o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens*"; ou seja, agir de maneira tão prudente para impedir, tanto quanto possível, toda suspeita injusta a nosso respeito, e todas as oportunidades de imputações escandalosas. Considere: Vivemos em um mundo crítico e censurador, e devemos viver de tal modo que as pessoas não tenham motivo para falar de maneira injuriosa ou acusadora contra nós. É pecado dos outros se nos acusam ou censuram sem motivo. Somos imprudentes se damos algum motivo, quando não houver uma causa justa para fazê-lo.

III Ele ainda recomenda mais um irmão, que se uniu aos outros dois nessa missão. Acredita-se que esse irmão tenha sido Apolo. Quem quer que tenha sido, esse irmão era *diligente* em muitas coisas; e, portanto, estava qualificado para participar dessa missão. Além do mais, ele tinha grande interesse nesse trabalho, por causa da confiança ou boa opinião dos coríntios (v. 22), e é

um grande consolo ver pessoas envolvidas em boas obras que anteriormente mostraram ser diligentes.

IV Ele conclui esse ponto destacando o bom caráter de cada um deles (v. 23), como companheiros e cooperadores com ele para o bem-estar deles; como "*...embaixadores das igrejas*" e como a "*...glória de Cristo*", que significavam para eles sinônimo de renome e louvor, que davam glória a Cristo como agentes e tinham obtido honra de Cristo para serem considerados fiéis e úteis em seu serviço. Ele os exorta a mostrar a generosidade deles, responsável pela grande expectativa que os outros tinham em relação a eles nesse momento, para que esses mensageiros das igrejas, e as próprias igrejas, pudessem ver uma completa "*...prova da vossa caridade*" a Deus e aos seus irmãos aflitos. Foi por um bom motivo que o apóstolo tinha se gloriado acerca deles (v. 24). Observe: O bom conceito que os outros têm de nós deveria servir de estímulo para continuarmos a boa obra.

CAPÍTULO 9

Nesse capítulo, o apóstolo parece justificar sua severidade em pressionar os coríntios quanto à obrigação do auxílio (vv. 1-5) e continua a dar orientações quanto à maneira aceitável de realizá-lo, a saber, de maneira abundante, deliberada e livremente. Ele encoraja os coríntios a participarem dessa missão (vv. 6-15).

Estímulo à Obra de Caridade
vv. 1-5

Nesses versículos, o apóstolo fala mui respeitosamente para os coríntios, e com grande habilidade. Enquanto parece justificar sua insistência para que se envolvam com a caridade, continua a pressioná-los a isso, e mostra o quanto o seu coração está voltado para essa questão.

I Ele relata que não era necessário pressioná-los com outros argumentos para proporcionar alívio aos seus irmãos pobres (v. 1), estando satisfeito com o que tinha dito para persuadir aqueles de quem tinha um conceito tão bom. Porque: 1. Ele conhecia a *prontidão* deles para toda a boa obra e como tinham começado essa boa obra havia um ano. 2. Ele tinha se gloriado do zelo deles em relação aos macedônios, e isso estimulou muitos a fazer como tinham feito. Ele estava persuadido de que, como tinham começado bem, eles continuariam indo bem; e assim, elogiando-os pelo que tinham feito, ele os exorta a continuar e perseverar.

II Ele parece apresentar desculpas pelo fato de enviar Tito e os outros irmãos a eles. Ele não queria que ficassem ofendidos com ele por causa disso, como se fosse severo demais, e tivesse feito pressão demais sobre eles. Ele revela a razão exata por tê-los enviado, ou seja: 1. Que, ao terem essa informação oportuna, eles possam estar totalmente prontos (v. 3), e não surpresos com exigências apressadas, quando chegasse a Corinto. Considere: Quando queremos que os outros façam aquilo que é bom devemos agir para com eles com prudência e ternura e dar-lhes tempo. 2. Que ele não se envergonhe da sua glória em relação a eles, caso sejam achados despreparados (vv. 3,4). Ele anuncia que alguns da Macedônia poderão vir alegremente com ele: e, se a coleta não tivesse sido feita, isso deixaria envergonhado o apóstolo, e, por que não dizer, a eles também, considerando a glória de Paulo em relação a eles. Ele teve esse cuidado para preservar a reputação deles e a sua própria. Observe: Os cristãos deveriam consultar a reputação da sua profissão e empenhar-se em adornar a doutrina de Deus, nosso Salvador.

Estímulo à Obra de Caridade
vv. 6-15

Aqui temos:

I Orientações adequadas a serem observadas acerca da maneira certa e aceitável de prestar auxílio. É muito importante que não façamos apenas o que é requerido, mas façamos como é ordenado. Observe a maneira como o apóstolo queria que os coríntios dessem: 1. Deveria ser de maneira generosa. Foi anunciado (v. 5) que se esperava uma contribuição abundante, uma questão de generosidade, não aquilo que tivesse gosto de avareza. E ele propõe para a consideração deles que as pessoas que esperam um bom retorno na colheita, não estão acostumadas a ser mesquinhas para pouparem na hora de semear a semente, porque o retorno é geralmente proporcional ao que foi semeado (v. 6). 2. Deveria ser de maneira deliberada. "*Cada um contribua segundo propôs no seu coração*" (v. 7). Obras de caridade, como outras boas obras, deveriam ser feitas com contemplação e planejamento, já que alguns apenas fazem o bem por casualidade. Eles se compadecem num momento apressado, com a importunação de outros, sem um bom intento no coração, e dão mais do que gostariam e, então, se arrependem disso mais tarde. Ou, possivelmente, se considerassem devidamente todas as coisas, teriam dado mais. Uma deliberação devida, que envolva nossas próprias circunstâncias e as circunstâncias das pessoas que estamos prestes a ajudar, será muito útil para nos orientar em quão generosos devemos ser em nossas contribuições para fins de caridade. 3. Deveria ser de maneira voluntária, independentemente de quanto damos, seja mais, seja menos: "*...não com tristeza ou por necessidade*", mas "*...com alegria*" (v. 7). As pessoas às vezes vão dar meramente para satisfazer a importunação daqueles que pedem a sua caridade. Eles dão de forma forçada, e essa má vontade estraga tudo que fazem. Deveríamos dar além daquilo que algumas pessoas necessitadas nos pedem. Não deveríamos somente dar o pão, mas também a nossa alma (Is 58.10). Deveríamos dar liberalmente, com a mão aberta, e com alegria, com um semblante satisfeito, estando gratos pela oportunidade de sermos caridosos.

II O encorajamento para realizar essa obra de caridade da forma que foi dirigida. Aqui o apóstolo conta aos coríntios o seguinte:

1. Eles não serão perdedores naquilo que derem. Isso poderia servir para remover uma objeção secreta na mente de muitos contra essa boa obra, na mente dos que poderiam estar prontos a ficar com aquilo que vão doar. Mas essas pessoas deveriam lembrar que o que é dado aos pobres da maneira correta certamente não estará perdido. A semente preciosa que é lançada no solo não é perdida, embora esteja enterrada ali por um tempo. Ela brotará e dará fruto. O semeador a receberá novamente com abundância (v. 6). Aqueles que dão generosa e liberalmente com compaixão experimentarão esse tipo de retribuição. Porque: (1) Deus ama o doador alegre (v. 7). O que será que as pessoas que são objeto do amor divino podem esperar receber dele? Será que um homem pode ser um perdedor ao fazer aquilo que agrada a Deus? Será que essa pessoa não terá a certeza de que de uma maneira ou outra será um ganhador? Não somente isso, será que o amor e o favor de Deus não são melhores do que todas as outras coisas, melhores do que a própria vida? (2) Deus é poderoso para fazer nossa caridade resultar em benefício próprio (v. 8). Não temos motivos para desconfiar da bondade de Deus, e certamente não temos motivos para questionar seu poder. Ele "*...é poderoso para tornar abundante em vós toda graça*"; em dar um grande incremento nas coisas boas espirituais e temporais. Ele pode fazer com que tenhamos suficiência em todas as coisas, que estejamos contentes com o que temos, para que seja reposto o que damos, e assim sejamos capazes de dar ainda mais. Como está escrito em relação ao homem generoso (Sl 112.9): Ele "*...é liberal, dá aos necessitados; a sua justiça* (isto é, a sua esmola), *permanece para sempre*". A honra disso é duradoura, a recompensa é eterna, e ele continua tendo condições de viver confortavelmente e de dar generosamente aos outros. (3) O apóstolo elabora uma oração a Deus em favor deles para que sejam ganhadores e não perdedores (vv. 10,11). Observe aqui: [1] A quem a oração é feita – a Deus, "*...que dá a semente ao que semeia*", e que, pela sua providência, dá um aumento tão grande de frutos da terra que não temos apenas pão suficiente para comer ao longo do ano, mas suficiente para nova sementeira visando o suprimento futuro. É Deus que nos dá não só os nossos meios de subsistência, mas também o que é necessário para suprir as necessidades dos outros, como sementes a serem semeadas. [2] O motivo da oração. Há várias coisas que ele deseja para eles, a saber, que tenham *pão para comer*, sempre suficiente para si mesmos, e comida conveniente. Deus também multiplicará a sementeira deles, para que sejam capazes de continuar fazendo o bem e para que haja um aumento dos frutos da justiça deles. Assim poderão colher com abundância e ter o melhor e mais amplo retorno da sua caridade, e *em tudo* enriquecer "*...para toda a beneficência*" (v. 11). Assim eles perceberão que não serão perdedores, mas grandes ganhadores. Observe: Obras de caridade jamais nos empobrecerão, porque são os meios apropriados para tornar-nos verdadeiramente ricos.

2. Além de eles não serem perdedores, os santos aflitos seriam os beneficiários. Porque esse serviço supriria a necessidade deles (v. 12). Se sabemos que eles são santos, que participam da casa da fé, e que passam por grandes necessidades, quão prontos deveríamos estar para fazer o bem a eles! Nossa bondade não pode estender-se até Deus, mas deveríamos estendê-la livremente a esses excelentes da terra, e dessa forma mostrar que nos alegramos com eles.

3. Isso redundaria em louvor e glória a Deus. Muitas ações de graça seriam dadas a Deus por conta disso, pelo apóstolo, e por aqueles que estavam envolvidos nessa ministração (v. 11). Eles louvariam a Deus, que os havia tornado em agentes alegres nessa obra tão admirável, e os tornou bem-sucedidos nela. Além deles, outros também estariam agradecidos. Os pobres, que foram supridos em suas necessidades, não deixariam de ser muito agradecidos a Deus e abençoariam a Deus por eles. E todos que desejavam o crescimento do evangelho glorificariam a Deus por essa experiência ou prova de submissão ao evangelho de Cristo e verdadeiro amor a todos os homens (v. 13). Observe: (1) O verdadeiro cristianismo é uma submissão ao evangelho, uma rendição da nossa vida à influência dominante das suas verdades e leis. (2) Devemos evidenciar a sinceridade da nossa submissão ao evangelho pelas obras de caridade. (3) Isso será para o mérito da nossa confissão e para o louvor e glória de Deus.

4. Aqueles cujas necessidades foram supridas buscam dar a sua melhor retribuição ao realizar muitas orações a Deus por aqueles que os socorreram (v. 14). Deveríamos retribuir a bondade que recebemos da mesma forma quando não temos condições de retribuir de outra forma. E visto que essa é a única retribuição que os pobres podem dar, essa é uma grande vantagem para os ricos.

Por último, o apóstolo conclui essa questão com esta doxologia: "*Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável*" (v. 15). Alguns acham que para o apóstolo esse dom inefável é o dom da graça conferido às igrejas, em torná-las capazes e dispostas a suprir as necessidades dos santos aflitos, que seriam atendidas com um benefício inefável tanto para os doadores quanto para os receptores. Parece, no entanto, que ele tem Jesus Cristo em mente, que é, na verdade, o dom inefável de Deus para este mundo, um dom que nos torna muito gratos.

CAPÍTULO 10

Em nenhum outro lugar o apóstolo Paulo sofreu mais oposição dos falsos profetas do que em Corinto. Ele tinha muitos inimigos ali. Os ministros de Cristo não devem estranhar se enfrentarem perigos, não só dos inimigos, mas de falsos irmãos. O bendito Paulo também teve de enfrentá-los. Embora fosse sem culpa e inofensivo no seu comportamento, condescendente e útil a todos, havia aqueles que o consideravam um inimigo, que o invejavam e faziam de tudo para arruiná-lo e desfazer sua reputação. Portanto, ele se defende das imputações deles e arma os coríntios contra as insinuações deles. Nesse capítulo, o apóstolo, de maneira meiga e humilde, defende o poder da sua pregação e adverte os ofensores do seu castigo (vv. 1-6). Ele então argumenta o caso com os coríntios, defendendo sua relação com Cristo e sua autoridade como apóstolo de Cristo (vv. 7-11), e recusa a idéia de justificar-se ou de agir pelas regras dos falsos mestres. Ele prefere agir de acordo com as regras melhores que tinha estabelecido para si mesmo (vv. 12-18).

A Autoridade Espiritual do Apóstolo
vv. 1-6

Aqui podemos observar:

I A maneira meiga e humilde na qual o apóstolo bendito se dirige aos coríntios. Ele deseja não encontrar motivo para usar de severidade. 1. Ele se dirige a eles de uma maneira muito meiga e humilde: "*...eu, Paulo, vos rogo*" (v. 1). Lemos na introdução desta epístola que ele se uniu a Timóteo, mas agora ele fala só por si mesmo, pois foi contra ele que os falsos apóstolos tinham particularmente dirigido suas censuras. Porém, no meio das maiores provocações ele mostra humildade e brandura, de acordo com a "*...mansidão e benignidade de Cristo*", e deseja que esse grande exemplo tenha a mesma influência sobre os coríntios. Observe: Quando somos tentados ou inclinados a ser rudes e severos em relação a alguém, deveríamos lembrar da mansidão e bondade de Cristo, que faziam parte dele nos dias da sua carne, no escopo da sua incumbência, e em todos os atos da sua graça em relação às almas pobres. Esse grande apóstolo também fala com humildade a respeito de si mesmo, como alguém que presente entre eles, era humilde! Seus inimigos falaram dele com desprezo, e ele parece reconhecer isso. Enquanto os outros tinham pensamentos abomináveis e falavam com desprezo dele, ele tinha pensamentos humildes a seu respeito. Observe: Deveríamos ser sensíveis acerca das nossas próprias fragilidades, e pensar de forma humilde acerca de nós mesmos, mesmo quando as pessoas nos censuram por causa disso. 2. Ele gostaria de não usar de severidade (v. 2). Ele roga aos coríntios para não se ver obrigado a ser ousado com eles, ou exercitar sua autoridade contra eles, como havia decidido fazer contra alguns que injustamente o acusavam de andar *segundo a carne*, isto é, ajustando sua conduta, mesmo suas ações ministeriais, de acordo com uma política carnal ou com idéias mundanas. Isso era o que o apóstolo tinha renunciado, e isso é contrário ao espírito e desígnio do evangelho, e estava muito longe de ser o alvo e desígnio dele. Acerca disso:

II Ele defende o poder da sua pregação e seu poder para castigar os ofensores.

1. O poder da sua pregação (vv. 3,5). Observe o seguinte: (1) A obra do ministério é uma batalha, não *segundo a carne*, porque é uma batalha espiritual, com inimigos espirituais e com propósitos espirituais. E embora os ministros caminhem na carne, ou vivam no corpo, e nos afazeres normais da vida ajam como outros homens, no entanto, no seu trabalho e batalha não devem agir de acordo com os axiomas da carne, nem devem intentar agradar a carne: ela deve ser crucificada com suas paixões e desejos. Ela deve ser mortificada e reprimida. (2) As doutrinas do evangelho e a disciplina da igreja são armas dessa batalha. E elas não são carnais: O método do evangelho não é a força externa, mas a forte persuasão, pelo poder da verdade e a brandura da sabedoria. Esse é um bom argumento contra a perseguição por amor à consciência. A consciência é responsável somente para com Deus, e as pessoas devem ser persuadidas a se aproximar de Deus e realizar seu dever, e não obrigadas pela força das armas. E assim as armas da nossa milícia são vigorosas, ou muito poderosas. A evidência da verdade é convincente e irrefutável. Isso, de fato, é obra de Deus, porque elas são suas instituições, acompanhadas com sua bênção, que faz com que toda oposição caia diante do seu evangelho vitorioso. Podemos observar aqui: [1] A oposição que é feita contra o evangelho pelos poderes do pecado e de Satanás nos corações dos homens. Ignorância, preconceitos, desejos luxuriosos são fortalezas de Satanás na alma de alguns; imaginações vãs, raciocínios carnais e pensamentos elevados ou conceitos orgulhosos se levantam "*...contra o conhecimento de Deus*". Ou seja: Por esses caminhos é que o Diabo se empenha em manter os homens afastados da fé e obediência ao evangelho e assegura a posse do coração dos homens, como sua casa ou propriedade. Mas, então, observe: [2] A conquista que a Palavra de Deus alcança. Essas fortalezas são destruídas pelo evangelho como o meio, sendo que a graça e o poder de Deus a acompanham como a causa eficiente principal. Observe: A conversão da alma é a subjugação de Satanás nessa alma.

2. O poder do apóstolo para castigar os ofensores (de uma maneira extraordinária) é declarada no versículo 6. O apóstolo foi um primeiro-ministro no reino de Cristo e comandante supremo no seu exército, e estava pronto (isto é, ele tinha poder e autoridade na mão) "*...para vingar toda desobediência*", ou para castigar ofensores de maneira exemplar e extraordinária. O apóstolo não fala de vingança pessoal, mas de castigar a desobediência ao evangelho e do caminhar desordenado de membros da igreja, ao impor censuras na igreja. Observe: Embora o apóstolo mostrasse brandura e bondade, não abandonou sua autoridade. Portanto, ele anuncia que enquanto elogiava aqueles cuja obediência foi cumprida ou manifestada, outros cairiam debaixo de castigos severos.

A Autoridade Espiritual do Apóstolo
vv. 7-11

Nesses versículos, o apóstolo continua discutindo o caso com os coríntios, em oposição àqueles que o desprezaram, julgaram e falaram de maneira áspera a respeito dele: "*Olhais para as coisas segundo a aparência?* (v. 7). Será que essa é uma medida apropriada ou uma regra para fazer uma estimativa das coisas ou pessoas e para julgar entre mim e meu adversário?" Em sua aparência exterior, Paulo era desprezível e mesquinho em relação a alguns. Ele não fazia de conta, como talvez alguns dos seus competidores faziam, mas essa era uma regra falsa para se realizar um julgamento. Parece que alguns se vangloriavam de grandes coisas em relação a si mesmos e tinham uma aparência justa, mas com freqüência ocorrem aparências falsas. Um homem que não conheceu a Cristo pode parecer instruído e aparentar ser virtuoso quando não tem o princípio da graça no coração. No entanto, o apóstolo afirma duas coisas de si mesmo:

I Sua relação com Cristo: "*Se alguém confia de si mesmo que é de Cristo* [...] *também nós de Cristo somos*" (v. 7). Parece que os adversários de Paulo se vangloriavam do relacionamento deles com Cristo como

seus ministros e servos. Por isso, o apóstolo argumenta com os coríntios: "Suponhamos que seja assim, admitindo que o que dizem é verdadeiro (e vamos reconhecer: não deveríamos pensar ser impossível que aqueles que diferem muito de nós, mesmo assim pertençam a Cristo, como nós), admitindo isso deles", talvez o apóstolo esteja dizendo, "que aquilo de que se vangloriam, também deveriam permitir isso a nós, ou seja, que *também nós de Cristo somos*". Observe: 1. Não devemos, pela aprovação mais generosa que fizermos daqueles que diferem de nós, separar-nos de Cristo, nem negar nosso relacionamento com Ele. Porque: 2. Há espaço em Cristo para muitos. E aqueles que diferem muito uns dos outros podem, mesmo assim, ser um nele. Ajudaria a curar as diferenças que existem entre nós se nos lembrássemos disso, de que pertencemos a Cristo; no entanto, ao mesmo tempo devemos entender que aqueles que diferem de nós também podem pertencer a Cristo, e, portanto, deveriam ser tratados de acordo. Não devemos pensar que nós somos o povo, e que ninguém mais pertence a Cristo além de nós. Precisamos pleitear a nosso favor, contra aqueles que nos julgam e desprezam, que, embora sejamos fracos, somos de Cristo, da forma que eles o são: professamos a mesma fé, andamos de acordo com as mesmas regras, construímos sobre o mesmo fundamento e aguardamos a mesma herança.

II Sua autoridade como apóstolo, recebida de Cristo. Isso ele havia mencionado anteriormente (v. 6), e agora diz que falará disso novamente, e com uma certa vanglória, vendo que era verdade, que o Senhor tinha dado a ele, e era mais do que seus adversários poderiam simular. Ele certamente não deveria se envergonhar disso (v. 8). Em relação a isso, observe: 1. A natureza de sua autoridade: Era para a *edificação e não para a destruição*. Isso, de fato, é o propósito de toda autoridade, civil e eclesiástica, e era o propósito dessa autoridade extraordinária que os apóstolos tinham, e de toda a disciplina da igreja. 2. A cautela com que fala de sua autoridade, confessando que seu intento não era intimidá-los com poderosas palavras, nem por meio de cartas iradas (v. 9). Assim, ele parece remover uma objeção que pudesse ter se formado contra ele (v. 10). Mas o apóstolo declara que não tencionava amedrontar aqueles que eram obedientes. Ele também não escreveu nada em suas cartas que não fosse capaz de confirmar com ações contra os desobedientes. E ele queria que seus adversários soubessem disso (v. 11), que ele deixaria clara a sua eficácia pelo exercício do poder apostólico concedido a ele.

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 12-18

Nesses versículos, observe:

I O apóstolo se recusa a justificar-se ou a agir de acordo com as regras dos falsos profetas (v. 12). Ele anuncia claramente que eles usavam um método errado para se elogiarem a si mesmos, "...*medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos*" (versão RA), os quais estavam "sem entendimento". Eles estavam satisfeitos e orgulhosos nas suas próprias realizações e nunca consideraram aqueles que os excediam em dons e graça, em poder e autoridade. Isso os tornou arrogantes e atrevidos. Observe: Um bom método para manter-nos humildes é comparar-nos com pessoas que nos sobrepujam. Deveríamos estar satisfeitos e gratos pelos dons e graças que recebemos, mas nunca nos orgulharmos disso, como se não houvesse alguém que pudesse se comparar conosco ou que nos sobrepujasse. O apóstolo estava disposto a não fazer parte desse tipo de homens vaidosos. Precisamos ficar atentos para não fazer parte desse grupo de pessoas arrogantes e vaidosas.

II Ele estabelece uma regra melhor para sua conduta, a saber, não gloriar-se "...*fora de medida, mas conforme a reta medida que Deus*" deu a ele (v. 13). Seu alvo era não gloriar-se além dos dons ou graças, ou do poder e da autoridade que Deus tinha realmente dado a ele. Ele não estava disposto a agir além da sua comissão com pessoas e coisas, nem ir além da linha prescrita a ele, como os falsos apóstolos faziam, gloriando-se "...*nos trabalhos alheios*". A resolução do apóstolo era manter-se dentro da circunferência de ação que Deus tinha demarcado para ele. Sua comissão como apóstolo era pregar o evangelho em todo lugar, especialmente entre os gentios, e ele não foi confinado a um único lugar. Ele observava as orientações da Providência, e do Espírito Santo, em relação aos lugares específicos para onde ia ou onde morava.

III Ele agia de acordo com essa regra: "...*não nos estendemos além do que convém*" (v. 14). E, particularmente, ele agia de acordo com essa regra ao pregar em Corinto e no exercício da sua autoridade apostólica lá. Porque ele chegou lá pela direção divina, e lá converteu a muitos ao cristianismo. E, portanto, ao se gloriar neles como sua incumbência, ele não agiu contra o seu critério. Ele não se gloriou "...*nos trabalhos alheios*" (v. 15).

IV Ele afirma seu sucesso ao observar essa regra. Sua esperança era que a fé deles tivesse crescido, e que outros além deles, mesmo nas partes mais remotas da Acaia, também abraçassem o evangelho. E, em tudo isso, ele não ultrapassou a sua comissão, nem agiu na linha de frente de outra pessoa.

V Ele parece avaliar-se quanto a essa questão, para ver se tinha falado demais a seu favor. As acusações e considerações injustas dos seus inimigos tornaram necessária a sua justificativa. E os métodos errados que usaram ofereceram-lhe a oportunidade de citar a regra melhor que tinha observado. No entanto, ele está temeroso em gloriar-se ou tomar qualquer louvor para si mesmo. Por isso, menciona duas coisas que devem ser consideradas: 1. "*Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor*" (v. 17). Se somos capazes de estabelecer boas regras para nossa conduta, de agirmos de acordo com elas e termos sucesso nelas, devemos reconhecer que todo louvor e glória pertencem ao nosso Deus. Ministros em especial devem ter cuidado para não se gloriarem das suas realizações, mas devem dar a Deus a glória do seu trabalho e sucesso. 2. "...*não é aprovado quem a si mesmo se lou-*

va, mas, sim, aquele a quem o Senhor louva" (v. 18). De todo tipo de bajulação, a autobajulação é a pior, e o aplauso próprio raramente é melhor do que a autobajulação e o auto-engano. Na melhor das hipóteses, o auto-elogio não é louvor, e com freqüência acaba sendo tolo e presunçoso. Portanto, deveríamos nos esforçar para sermos aprovados por Deus, e sua aprovação será nosso melhor louvor.

CAPÍTULO 11

Nesse capítulo, o apóstolo continua seu discurso, em oposição aos falsos apóstolos, que se esforçavam para diminuir a influência e reputação de Paulo entre os coríntios, e tinham sido bem-sucedidos nas suas insinuações. I. Ele se desculpa pelo fato de elogiar-se, e apresenta o motivo para fazê-lo (vv. 1-4). II. Ele menciona, em sua defesa necessária, sua igualdade com os outros apóstolos, e com os falsos apóstolos nesse particular da pregação do evangelho aos coríntios gratuitamente, sem salário (vv. 5-15). III. Ele escreve mais um prefácio daquilo que diria em seguida na sua justificativa pessoal (vv. 16-21). IV. Ele apresenta um relato extenso das suas qualificações, trabalhos e sofrimentos, nos quais excedia os falsos apóstolos (vv. 22-33).

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 1-4

Podemos observar o seguinte aqui: 1. A justificativa que o apóstolo apresenta para elogiar-se. Ele reluta em tratar do assunto do auto-elogio: "*Tomara que me suportásseis um pouco na minha loucura*" (v. 1). Ele chama isso de loucura, porque muitas vezes não acaba sendo melhor do que isso. No seu caso, era necessário. No entanto, vendo que outros poderiam entender isso como loucura, ele deseja que o suportem nessa loucura. Observe: Assim como é contra a natureza que uma pessoa orgulhosa reconheça suas fraquezas, assim é contra a natureza que uma pessoa humilde elogie-se a si mesma. Não há nenhum prazer em um homem bom falar bem de si mesmo, mas em alguns casos isso é legítimo, a saber, quando é para o proveito de outros, ou para a nossa própria justificativa; como, portanto, se deu aqui. Pois: 2. Lemos os motivos para aquilo que o apóstolo fez. (1) Para preservar os coríntios de serem corrompidos pelas insinuações dos falsos profetas (vv. 2,3). Ele lhes diz que estava "*...zeloso de vós com zelo de Deus*". Ele estava receoso de que a fé deles pudesse enfraquecer-se por darem ouvidos a tais insinuações, do mesmo modo que tenderam a diminuir a consideração no que dizia respeito ao seu ministério, pelo qual eles foram trazidos à fé cristã. Ele os tinha preparado para apresentá-los "*...como uma virgem pura a um marido*", isto é, convertendo-os ao cristianismo (e a conversão de uma alma é seu casamento com o Senhor Jesus). Ele tinha o desejo de apresentá-los como uma virgem pura – imaculada, fiel, não tendo os seus sentidos corrompidos com doutrinas falsas por mestres falsos, "*...assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia*". Este zelo santo do apóstolo era uma mistura de amor e temor. E ministros fiéis jamais deixarão de temer e preocupar-se com seu povo, para que não percam o que receberam e se afastem daquilo que abraçaram, especialmente quando enganadores se infiltram entre eles. (2) Para defender-se dos falsos apóstolos, já que não podiam fingir que tinham outro Jesus, ou outro Espírito, ou outro evangelho, para pregar (v. 4). Se esse fosse o caso, os coríntios podiam ter uma certa razão para dar ouvidos a esses falsos mestres. Mas, ao perceberem que havia apenas um Jesus, um Espírito e um evangelho, isto é, que é (ou, pelo menos, que deveria ser) pregado a eles e recebido por eles, qual seria o motivo para os coríntios se predisporem contra ele, pelos artifícios de qualquer adversário, se foi ele que os converteu à fé? Foi, na verdade, o ciúme que moveu essas pessoas a procurarem pregar outro Jesus, outro Espírito e outro evangelho.

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 5-15

Depois desse prefácio, o apóstolo menciona o seguinte nos próximos versículos:

I Sua igualdade em relação aos outros apóstolos. "*...em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos*" (v. 5). Isso ele expressa de maneira muito modesta: *Penso que*. Possivelmente ele falou de maneira muito positiva. O apostolado, como ofício, era igual em todos os apóstolos. Mas os apóstolos, como outros cristãos, diferenciavam-se uns dos outros. Essas estrelas diferenciavam-se umas das outras em glória, e Paulo era, na verdade, uma estrela de primeira magnitude. Mesmo assim, ele fala com modéstia acerca de si mesmo, e humildemente reconhece sua fraqueza, ou seja, que era "*...rude na palavra*", não tinha uma retórica tão atraente em comparação à dos outros pregadores. Alguns pensam que ele era um homem de baixa estatura com voz igualmente fraca. Outros pensam que ele tinha algum impedimento na fala, talvez uma língua que gaguejava. No entanto, ele não era rude "*...na ciência*". Ele conhecia as melhores regras da oratória e a arte da persuasão. Ele também conhecia os mistérios do Reino dos céus, que se tornou conhecido totalmente entre eles.

II Sua igualdade com os falsos apóstolos nesse particular – a pregação voluntária do evangelho, sem salários. O apóstolo insiste em que não podiam deixar de aceitá-lo como ministro de Cristo e também precisavam reconhecer que tinha sido um bom amigo. Porque: 1. Ele tinha pregado o evangelho de graça (vv. 7-10). O apóstolo tinha provado em detalhes, na epístola anterior, a legitimidade de os ministros receberem seu sustento do povo. O dever da igreja era dar-lhes um sustento decente. Aqui ele diz que ele próprio recebeu salários de outras igrejas (v. 8), de maneira que tinha o direito de ter recebido o sustento deles. Contudo, ele abriu mão do seu direito e preferiu humilhar-se, trabalhando com suas mãos, fazendo tendas, para sustentar-se, a ser um peso para eles. Assim eles seriam *exaltados*, ou encorajados a receber o evangelho de maneira tão graciosa. Sim, ele preferiu ser suprido pela Macedônia a ser oneroso para eles. 2. Ele os

informa do motivo da sua conduta entre eles. Não era porque não os amava (v. 11), ou estava indisposto a receber provas do amor deles (porque o amor e a amizade são manifestados pelo dar e receber mútuos), mas era para evitar afronta, "...*para cortar ocasião aos que buscam ocasião*". Ele não daria ocasião para ninguém acusá-lo de desígnios mundanos na pregação do evangelho, ou que ele pretendia fazer um comércio disso, para enriquecer-se; e que outros que se opunham a ele em Corinto obtivessem alguma vantagem contra ele: para que "...*naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós*" (v. 12). Não é improvável supor que o líder dos falsos mestres em Corinto (ou alguns deles) era rico e ensinava (ou enganava) o povo de graça, e talvez acusasse o apóstolo e seus colaboradores de serem mercenários e de receberem salários. Por isso, o apóstolo preferiu não se tornar oneroso aos coríntios.

III De acordo com esse relato, os falsos apóstolos são acusados de "...*obreiros fraudulentos*" (v. 13), porque se *transfiguravam* na semelhança dos apóstolos de Cristo, e, embora fossem ministros de Satanás, faziam de conta que eram "...*ministros da justiça*". Eles eram tão diligentes e liberais em promover o erro quanto os apóstolos eram em pregar a verdade. Eles se esforçavam tanto para enfraquecer o reino de Cristo quanto os apóstolos para estabelecê-lo. Havia apóstolos falsos no Antigo Testamento, que trajavam roupas e aprendiam a linguagem dos profetas do Senhor. Assim também havia apóstolos falsos no Novo Testamento, que em muitos aspectos eram parecidos com os verdadeiros apóstolos de Cristo. E não é de admirar (diz o apóstolo) que a hipocrisia seja algo comum neste mundo, especialmente quando consideramos a grande influência que Satanás tem sobre a mente de muitas pessoas, pois reina nos corações dos filhos da desobediência. Uma vez que ele pode transfigurar-se em qualquer coisa, e transformar-se em quase qualquer forma, e parecer às vezes como um anjo de luz, para promover seu reino das trevas, assim ele ensinará seus ministros e instrumentos a fazer o mesmo. Mas ocorrerá o seguinte: "...*o fim dos quais será conforme as suas obras*" (v. 15). O fim mostrará que eram obreiros enganadores, e a obra deles terminará em ruína e destruição.

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 16-21

Aqui temos mais uma justificativa do apóstolo Paulo para aquilo que ele estava prestes a dizer em sua defesa. 1. Ele não queria que pensassem que era culpado ao defender-se: "...*ninguém me julgue insensato*" (v. 16). Geralmente, na verdade, é inconveniente que um homem sábio fale com freqüência acerca de si mesmo. Vangloriar-se normalmente não é apenas um sinal de uma mente orgulhosa, mas também uma marca de insensatez. No entanto, diz o apóstolo, por ora "...*recebei-me como insensato*"; isto é, mesmo que achem insensato que me glorie um pouco, considerem o que vou dizer. 2. Ele faz uma advertência, para prevenir o abuso sobre aquilo que ia dizer, deixando claro que aquilo que estava falando, "...*não o digo segundo o Senhor*" (v. 17). Ele não queria que pensassem que a vanglória, ou gloriar-se naquilo que temos, é uma coisa ordenada pelo Senhor aos cristãos, nem que isso sempre é necessário em defesa própria. Embora seja usado legitimamente, já que não é contrário ao Senhor, também não podemos dizer que é de acordo com o Senhor. É dever e prática dos cristãos, em obediência ao comando e exemplo do Senhor, humilhar-se e rebaixar-se. No entanto, a prudência deve mostrar em quais circunstâncias é necessário fazer aquilo que é legítimo, inclusive falar daquilo que Deus operou por nós, em nós e por meio de nós. 3. Ele apresenta uma boa razão por que deveriam permitir-lhe gloriar-se um pouco. Ou seja: Eles toleravam que outros, que tinham menos motivos para fazê-lo que ele, fizessem isso. "*Pois que muitos se gloriam segundo a carne* (de acordo com privilégios carnais ou vantagens e realizações exteriores), *eu também me gloriarei*" (v. 18). Mas ele estava disposto a não gloriar-se nessas coisas, embora tivesse tantos ou mais motivos do que os outros para fazê-lo. Mas ele se gloriava nas suas fraquezas, como relata mais tarde. Os coríntios achavam que eram sábios, e podem ter pensado que era um ato de sabedoria suportar as fraquezas dos outros. Por isso, apoiavam os outros a fazer o que pudesse parecer insensato. Portanto, o apóstolo teria o apoio deles. Ou, então, estas palavras: "...*sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos*" (v. 19), podem ser irônicas, e o significado seria este: "Não obstante toda sua sabedoria, vocês voluntariamente permitem ser postos *em servidão* debaixo do jugo judaico, ou permitem que outros os tiranizem. Não somente isto, mas que os devorem, ou os tornem vítimas e os explorem. Além disso, eles se *exaltam* acima de vocês e chegam a feri-los *no rosto* (v. 20), censurando a vocês, enquanto reprovam a mim, como se vocês tivessem sido fracos ao mostrar respeito e estima por mim" (v. 21). Ao ver que os coríntios, ou alguns deles, pudessem tão facilmente aceitar tudo isso dos falsos apóstolos, era razoável ao apóstolo desejar e esperar apoio naquilo que pudesse parecer para eles uma indiscrição nele, vendo que as circunstâncias do caso eram tais que se fazia necessário que naquilo em que qualquer um *tem ousadia* ele também a deveria ter (v. 21).

O Apóstolo Relata seus Sofrimentos

vv. 22-33

Aqui o apóstolo dá um relato extenso das suas qualificações, trabalhos e sofrimentos (não por orgulho ou vanglória, mas para a honra de Deus, que o tinha capacitado a fazer e sofrer tanto pela causa de Cristo). Nisso ele excedia os falsos apóstolos, que diminuíam o caráter e utilidade dele entre os coríntios. Observe:

I Ele menciona as prerrogativas do seu nascimento (v. 22), que eram iguais aos dos falsos apóstolos judaizantes. Ele era hebreu de hebreus; de uma família entre os judeus que nunca se casaram com gentios. Ele também era um israelita, e podia orgulhar-se do fato de ser descendente do amado Jacó, assim como eles, e também era da semente de Abraão, e não dos prosélitos. Pelo que parece, os falsos apóstolos eram judeus, que perturbavam os convertidos gentios.

II Ele também menciona o seu apostolado. Ele era mais do que um ministro comum de Cristo (v. 23). Deus o tinha considerado fiel e o tinha colocado no minis-

tério. Ele tinha sido um ministro de Cristo bem-sucedido. Eles tinham encontrado inúmeras provas do seu ministério: "*São ministros de Cristo? Eu ainda mais*".

III Ele basicamente insistiu nisso, que tinha sido um sofredor extraordinário por Cristo. E é nisso que se gloriava, ou melhor, ele se gloriava na graça de Deus que o tinha capacitado a ser mais abundante *em trabalhos*, e suportar sofrimentos muito grandes, tais como "*...em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes*" (v. 23). Observe: Quando o apóstolo mostrava que era um ministro extraordinário, ele também mostrava ser um sofredor extraordinário. Paulo foi o apóstolo dos gentios, e por esse motivo era odiado pelos judeus. Eles fizeram tudo que podiam contra ele. E entre os gentios ele também sofreu muito. Algemas e prisões eram conhecidas. O criminoso mais conhecido da época não esteve tão freqüentemente nas mãos da justiça pública do que Paulo por amor à justiça. Ele estava acostumado à prisão e à estaca do açoitamento, e a todos os outros usos cruéis que são usados nos piores homens. Sempre que caía nas mãos dos judeus, não era poupado. Recebeu "*...dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um*" (v. 24). Quarenta açoites era o máximo que a lei permitia (Dt 25.3). Era comum diminuir um açoite para não se correr o risco de exceder o número máximo. Toda compaixão que Paulo recebeu deles foi um açoite a menos. Os gentios não estavam presos a essa moderação, e "*...três vezes fui açoitado com varas*" por eles. Um desses açoitamentos pode ter ocorrido em Filipos (At 16.22). "*...uma vez fui apedrejado*" em um tumulto popular, e foi considerado morto (At 14.19). "*...três vezes sofri naufrágio*". Precisamos acreditar nele, embora a história sagrada registre apenas um naufrágio. "*...uma noite e um dia passei no abismo* (v. 25), em uma masmorra profunda, trancado como prisioneiro. Durante todo o tempo de cristão ele sofreu por amor a Cristo. Talvez raramente durante um ano da sua vida, depois da conversão, ele tenha passado sem sofrer alguma privação por causa da sua religião. Mas, isso não era tudo, porque, aonde quer que ia, passava por perigos. Ele foi exposto a perigos de toda sorte. Se viajava por terra ou pelo mar, estava correndo risco por causa de ladrões ou inimigos de todo tipo. Os judeus, seus compatriotas, buscavam matá-lo, ou causar-lhe dano. Os pagãos, a quem foi enviado, não eram mais amáveis com ele, porque no meio deles ele estava em perigo. Na cidade, ou no deserto, estava em perigo. Ele corria risco não somente entre os inimigos declarados, mas também entre aqueles que se chamavam de irmãos, mas que eram, na verdade, falsos (v. 26). Além de tudo isso, ele tinha grande preocupação e angústia em seus trabalhos ministeriais. Essas coisas serão mencionadas em breve, e as pessoas serão cobradas por todo o cuidado e esforço dos seus ministros em relação a eles. Paulo era avesso à riqueza e à fartura, poder e prazer, cargos e bem-estar físico. Ele esteve em "*...vigílias, muitas vezes*", e exposto à fome e sede; "*...em jejum, muitas vezes*", talvez por necessidade. Ele suportou "*...frio e nudez*" (v. 27). Essa era a vida desse homem que foi uma das maiores bênçãos de todos os tempos. Ele foi tratado como se fosse o fardo da terra e a praga da sua geração. E isso não é tudo. Como apóstolo, "*...o cuidado de todas as igrejas*" estava sobre ele (v. 28). Ele menciona este último aspecto como se fosse o mais pesado, e como se pudesse suportar melhor todas as perseguições dos seus inimigos do que os escândalos encontrados nas igrejas que estavam sob sua supervisão. "*Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me abrase?*" (v. 29). Não havia um cristão fraco com quem não se compadecesse, ou alguém caluniado, por quem não sentisse afeto. Veja quão poucos motivos temos para estar muito interessados pelo esplendor e abundância deste mundo, quando este apóstolo bendito, um dos maiores homens que já viveram neste planeta Terra, exceto Jesus Cristo, passou por tanta tribulação. Ele não estava envergonhado por tudo isso; pelo contrário, essa era a sua glória. Portanto, por mais que fosse contra sua natureza gloriar-se, ele diz: "*Se convém gloriar-me*, se meus adversários me obrigarem a isso em minha defesa, *gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza*" (v. 30). Observe: O sofrimento por amor à justiça, mais do que qualquer outra coisa, resulta em nossa honra.

Nos dois últimos versículos, ele menciona um aspecto particular dos seus sofrimentos, como se tivesse esquecido dele, ou porque a libertação que Deus operou fosse mais marcante; ou seja, a dificuldade que ocorreu na cidade de Damasco, logo após a sua conversão, não estando ainda firmado no cristianismo, ao menos não no ministério e apostolado. Isso está registrado em Atos 9.24,25. Esse foi o seu primeiro grande perigo e dificuldade; o restante da sua vida foi semelhante a isso. Para que não se pensasse que ele falava mais do que era verdade, o apóstolo confirma essa narrativa com um juramento solene ou apelo à onisciência de Deus (v. 31). É um grande consolo para um bom homem que "*O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*", que é o Deus onisciente, conheça a verdade de tudo que ele diz, e saiba tudo que fez e tudo que sofreu por causa dele.

CAPÍTULO 12

Nesse capítulo, o apóstolo continua sustentando a dignidade do seu apostolado. Ele exaltou seu ofício por causa daqueles que o difamavam. O que diz em louvor próprio foi somente em sua própria justificativa e da defesa necessária da honra do seu ministério, cuja preservação era necessária ao seu sucesso. Primeiro, ele faz menção do favor que Deus tinha lhe mostrado, a honra feita a ele, os métodos que Deus usou para mantê-lo humilde e o uso que ele fez dessa revelação (vv. 1-10). Então ele se dirige aos coríntios, responsabilizando-os por aquilo que estava errado entre eles, e apresentando um relato extenso do seu comportamento e intenções amáveis em relação a eles (vv. 11-21).

O Arrebatamento do Apóstolo

vv. 1-10

Podemos observar o seguinte:

I A narrativa que o apóstolo faz dos favores que Deus lhe havia mostrado, e a honra que fez a ele.

Sem dúvida, ele é o homem em Cristo de quem fala. Em relação a isso, podemos observar: 1. A glória que foi dada ao apóstolo: ele "*...foi arrebatado até ao terceiro céu*" (v. 2). Não sabemos quando isso ocorreu, se durante os três dias em que esteve sem visão na sua conversão ou em alguma outra época mais tarde. Também não podemos dizer *como* isso aconteceu, quer por uma separação da sua alma do corpo ou por um arrebatamento extraordinário durante sua meditação. Seria uma presunção determinar, ou investigar essa questão, sabendo que o próprio apóstolo diz: "*(se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei)*". Certamente foi uma honra muito grande para ele: de alguma maneira ele foi arrebatado *até ao terceiro céu*, o céu dos abençoados, acima do céu atmosférico no qual voam os pássaros, acima do céu estrelado que é adornado com essas órbitas gloriosas. Era o terceiro céu, onde Deus manifesta sua glória de maneira mui elevada. Não somos capazes de saber tudo, nem é bom que saibamos muitos detalhes desse lugar e estado gloriosos. Devemos esforçar-nos para garantirmos uma mansão ali. Se isto está claro para nós, então deveríamos desejar ser levados para lá, para morar ali para sempre. Esse terceiro céu é chamado de paraíso (v. 4), em alusão ao paraíso terreno de onde Adão foi expulso por causa da sua transgressão. Ele é chamado de paraíso de Deus (Ap 2.7), significando que por meio de Cristo temos a restituição de todas as alegrias e virtudes perdidas pelo pecado, sim, algo muito melhor. O apóstolo não menciona o que viu no terceiro céu, ou no paraíso, mas nos relata que "*...ouviu palavras inefáveis*", que não podem ser pronunciadas pelo homem – tamanha é a sublimidade da questão e nossa estranheza com a língua do mundo do além. Também não era legítimo pronunciar essas palavras, porque, enquanto estamos aqui neste mundo, temos uma palavra mais segura de profecia do que essas visões e revelações (2 Pe 1.19). Lemos acerca da língua dos anjos e da língua dos homens, e Paulo conhecia tanto disso quanto qualquer homem nesta terra, e mesmo assim preferiu a caridade, isto é, o amor sincero de Deus e de nosso próximo. Esse relato que o apóstolo dá acerca da sua visão deveria controlar nossos desejos curiosos em relação ao conhecimento proibido e nos ensinar a aperfeiçoar a revelação que Deus nos deu em sua Palavra. Paulo, que tinha estado no terceiro céu, não publicou ao mundo aquilo que tinha ouvido lá, mas seguiu a doutrina de Cristo. Sobre esse fundamento, a igreja é edificada, e nele devemos edificar nossa fé e esperança. 2. É visível a maneira modesta e humilde como Paulo mencionou essa questão. Pensaríamos que alguém que teve tais visões e revelações teria se vangloriado grandemente delas. Mas ele diz: "*Em verdade que não convém gloriar-me*" (v. 1). Portanto, ele não mencionou isso imediatamente, não até *catorze anos* depois (v. 2). E, mesmo então, ele o faz com certa relutância, como uma coisa que de alguma maneira sentiu-se forçado a fazer por causa da necessidade do caso. Além disso, ele fala de si mesmo na terceira pessoa, e não diz: Eu sou o homem que foi honrado assim acima de outros homens. Além disso, a sua humildade se mostra pelo "freio" que ele parece colocar sobre si mesmo (v. 6), o que claramente mostra que não tinha prazer em exceder-se nesse tema. Assim era ele, alguém que não era inferior ao chefe dos apóstolos em dignidade, muito conhecido por sua humildade. Observe: É uma ótima coisa ter um espírito humilde no meio de elevados progressos. E aqueles que se humilham serão exaltados.

II O apóstolo apresenta um relato dos métodos que Deus usou para mantê-lo humilde e para prevenir que se *exaltasse*. Ele fala disso para equilibrar o relato feito anteriormente acerca das visões e revelações que tinha tido. Observe: Quando o povo de Deus comunica suas experiências, eles sempre precisam lembrar-se do que Deus tem feito para mantê-los humildes, bem como do que Ele fez a favor deles e do seu progresso. Observe o seguinte aqui:

1. O apóstolo foi afligido com um espinho na carne, e esbofeteado pelo mensageiro de Satanás (v. 7). Não sabemos muito bem o que isso significa, se era alguma grande dificuldade ou alguma grande tentação. Alguns acham que esse espinho significava uma dor corporal severa ou uma doença. Outros pensam que eram as injúrias feitas a ele pelos falsos apóstolos e a oposição que enfrentou deles, especialmente em relação à sua fala, que era desprezível. Independentemente do que isso era, Deus com freqüência tira coisas boas do mal. As censuras dos nossos inimigos podem ajudar a encobrir o orgulho que está em nós. Uma coisa é certa: O que o apóstolo chama de espinho na carne foi por um tempo muito sério para ele. Mas os espinhos que Cristo usou por nós, e com os quais foi coroado, santificam e tornam leves todos os espinhos na carne com os quais podemos ser afligidos em alguma época da vida. "*Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados*". As tentações para pecar são espinhos muito penosos. Elas são mensageiros de Satanás, para nos esbofetear. Na verdade, é um grande agravo para um homem bom ser tentado pelo pecado.

2. O alvo disso era manter o apóstolo humilde: "*...para que me não exaltasse*" (v. 7). Paulo disse: "*Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito*". Mesmo assim, ele corria o risco de ficar orgulhoso. Se Deus nos ama, ocultará o orgulho de nós, e nos guardará de sermos exaltados além da medida. Fardos espirituais são preparados para curar o orgulho espiritual. Esse espinho na carne é descrito como um mensageiro de Satanás. É claro que Satanás não enviou esse espinho com um bom propósito. Na verdade, ele tinha intenções malignas, para desencorajar o apóstolo (que tinha sido tão favorecido por Deus) e impedi-lo no seu trabalho. Mas Deus planejava isso para o bem dele e fez com que esse mensageiro de Satanás deixasse de ser um impedimento e se tornasse uma ajuda para o apóstolo.

3. O apóstolo orou seriamente a Deus para a remoção desse agravo doloroso. Observe: A oração é um bálsamo para toda dor, um remédio para toda enfermidade. E quando somos afligidos com espinhos na carne devemos nos dedicar à oração. Portanto, às vezes somos tentados para aprendermos a orar. O apóstolo "*...três vezes* orou *ao Senhor, para que* [o espinho] *se desviasse* dele" (v. 8). Observe: Embora as aflições sejam enviadas para o nosso benefício espiritual, mesmo assim podemos orar para que Deus as tire. Também devemos desejar que alcancem o

fim designado. O apóstolo orou seriamente e repetiu seu pedido. Ele buscou o Senhor *três vezes*, ou seja, com freqüência. Se a resposta não vier na primeira oração, nem na segunda, devemos perseverar, até recebermos a resposta. Cristo também orou ao Pai três vezes. À medida que as dificuldades são enviadas para nos ensinar a orar, elas nos ensinam a insistir na oração.

4. Temos um relato da resposta dada à oração do apóstolo, que, apesar de não ter a dificuldade removida, recebeu um alívio equivalente: "*A minha graça te basta*". Observe: (1) Embora Deus aceite a oração da fé, nem sempre Ele responde ao pé da letra. Como Ele às vezes concede em ira, assim, às vezes, nega em amor. (2) Quando Deus não remover nossas dificuldades e tentações, se contudo Ele nos der sua graça, não temos motivos para reclamar, nem para dizer que está agindo de maneira injusta conosco. É um grande consolo saber, quaisquer que sejam os espinhos na carne que tenhamos de suportar, que a graça de Deus nos basta. Graça significa duas coisas: [1] A benevolência ou afeição de Deus para conosco, e isso é suficiente para nos iluminar e alentar, para nos fortalecer e consolar, para fortalecer nossa alma e alegrar nosso espírito, em toda aflição e infortúnio. [2] A boa obra de Deus em nós, a graça que recebemos da plenitude que está em Cristo, nosso cabeça. Dele será comunicado aquilo que é apropriado, oportuno e suficiente para seus membros. Cristo Jesus entende nossa situação e conhece nossas necessidades, e proporcionará o remédio para nossa enfermidade, não somente fortalecendo-nos, mas glorificando-se a si próprio. "*...o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza*". Assim, a sua graça é manifestada e exaltada. Ele suscitará seu louvor da boca das crianças e recém-nascidos.

III O apóstolo descreve o uso que faz desse desígnio: Ele gloriou-se nas suas *fraquezas* (v. 9) e sentiu prazer nelas (v. 10). Ele não está se referindo às suas fraquezas pecaminosas (das quais temos motivos para ficarmos envergonhados e angustiados), mas ele se refere às suas aflições, injúrias, necessidades, perseguições e angústias por amor a Cristo (v. 10). E o motivo para sua glória e alegria em relação a essas coisas era o seguinte: Isso se tornou uma oportunidade justa para Cristo manifestar o poder e suficiência da sua graça sobre ele. Ele conhecia tanto acerca da força da graça divina que podia dizer: "*...quando estou fraco, então, sou forte*". Este é um paradoxo cristão: Quando somos fracos em nós mesmos, então somos fortes na graça do nosso Senhor Jesus Cristo. Quando nos sentimos fracos, então vamos ao encontro de Cristo e somos qualificados para receber a força dele e experimentar o suprimento da graça divina.

A Repreensão de Paulo

vv. 11-21

Nesses versículos, o apóstolo se dirige aos coríntios de duas maneiras:

I Ele os responsabiliza pelos erros deles; a saber, que não se levantaram em sua defesa como deveriam ter feito, e assim tornaram necessário que ele insistisse na sua autodefesa. Eles, de certa forma, o forçaram a elogiar-se. Na verdade, ele "*...devia ser louvado*" por eles (v. 11). E se eles, ou alguns entre eles, não tivessem falhado, teria sido menos necessário falar tanto a favor dele. Ele continua dizendo que eles, em particular, tinham boa razão para falar bem dele, como sendo em nada inferior "*...aos mais excelentes apóstolos*", porque tinha dado toda prova e evidência do seu apostolado; porque os "*...sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós, com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas*". Observe: 1. É uma dívida que temos para com homens íntegros. Devemos levantar-nos na defesa da reputação deles. Temos obrigações especiais para com aqueles de quem recebemos benefícios, especialmente benefícios espirituais. Eles foram agentes de Deus para o nosso bem e precisamos defendê-los quando são caluniados. 2. Por mais que sejamos estimados por outros, precisamos pensar com humildade a nosso respeito. Veja um exemplo disso nesse grande apóstolo, que não se considerava nada, embora, na verdade, não fosse menor que os maiores apóstolos. Ele repudia a idéia de receber o louvor de homens, embora deixe claro o dever deles em defender sua reputação. Ele rejeita a idéia de aplaudir-se a si mesmo, apesar de ser forçado a insistir na sua autodefesa.

II Ele apresenta um extenso relato do seu comportamento e intenções amáveis para com eles, no qual podemos observar o caráter de um ministro fiel do evangelho. 1. Ele não estava disposto a ser um peso para eles, nem desejava os bens deles, mas sim a eles. Ele diz (v. 13) que não tinha sido pesado para eles no passado, e deixa claro (v. 14) que não seria um peso para eles no futuro, quando fosse visitá-los. Ele poupou as suas carteiras e não cobiçava o seu dinheiro, mas, sim, desejava salvar as suas almas. Ele não desejava torná-los sua propriedade, mas ganhá-los para Cristo, de quem era servo. Observe: Aqueles que buscam se vestir com a lã do rebanho, e não cuidam das ovelhas, são mercenários, e não bons pastores. 2. De boa vontade ele gastaria e se deixaria gastar por eles (v. 15); isto é, ele estava disposto a se esforçar e sofrer para o bem deles. Ele gastaria seu tempo, suas forças, seu interesse, tudo, para servi-los. Não somente gastar e ser gasto, mas também ser uma luz que se consome para dar luz a outros. 3. Seu amor por eles não diminuiu, apesar da insensibilidade e ingratidão deles. Portanto, ele estava feliz em poder sofrer com eles, embora "*...amando-vos cada vez mais, seja menos amado*" (v. 15). Isso se aplica a outras situações. Se os outros deixam de cumprir o seu dever para conosco, isso não significa que devemos negligenciar nosso dever para com eles. 4. Ele foi cuidadoso para não ser um peso para eles, e também tomou as providências para que nenhum daqueles que enviou o fosse. Esse parece ser o significado dos versículos 16-18. Se alguém entre eles objetasse que, embora não tivesse sido um peso para eles, Paulo foi "*...astuto, vos tomei com dolo*", isto é, enviou pessoas para os pilharem, e mais tarde repartiram com ele o lucro, ele diria categoricamente: "Isto não aconteceu. Não me aproveitei de vocês, nem por meio daqueles que enviei. Isto não aconteceu com Tito, nem com outro companheiro. Caminhamos pelo mesmo espírito e nas mesmas

pisadas". Todos concordaram nessa questão de fazer todo o bem possível, sem ser um peso para eles, para promover o evangelho entre eles e facilitar o máximo possível para eles. Ou, isso pode ser lido com uma interrogação, como uma negação total de qualquer fraude dele ou dos seus companheiros. 5. Ele era um homem que fazia todas as coisas para a edificação (v. 19). Este era seu maior alvo e desígnio: fazer o bem, colocar um bom fundamento, e, então, com cuidado e diligência, construir a estrutura superior. 6. Ele não fugiria do seu dever com medo de desagradá-los, embora fosse tão cuidadoso para ser afável com eles. Portanto, ele estava resoluto em continuar reprovando o pecado, embora pudesse ser achado deles como não queriam (v. 20). O apóstolo aqui menciona diversos pecados que geralmente são encontrados entre membros da igreja cristã, e são muito reprováveis: "*...pendências, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos, tumultos*". Embora os culpados desses pecados tenham dificuldade em aceitar serem repreendidos por isso, os ministros fiéis não devem temer ofender os culpados com repreensões severas, de acordo com a necessidade, em público e em particular. 7. Ele estava aflito com a possibilidade de encontrar pecados escandalosos entre eles, dos quais não houvera o devido arrependimento. Isso, ele diz, seria a causa de grande humilhação e lamento. Observe: (1) As quedas e fracassos de adeptos do cristianismo serão entendidos como humilhantes para um ministro íntegro. E Deus, às vezes, usa esse caminho para humilhar aqueles que estão debaixo da tentação de serem exaltados: "*...receio que* [...] *quando for outra vez, o meu Deus me humilhe para convosco*". (2) Temos motivos para chorar por aqueles que pecam e não se arrependem, chorar "*...por muitos daqueles que dantes pecaram e não se arrependeram...*" (v. 21). Se esses ainda não tinham a graça de chorar e lamentar pela sua situação, isso seria tanto mais lamentável. E aqueles que amam a Deus, e os amam, deveriam chorar por eles.

CAPÍTULO 13

Nesse capítulo, o apóstolo ameaça agir com severidade contra os pecadores obstinados e aponta a razão para tal (vv. 1-6). Então ele faz uma oração conveniente a Deus a favor dos coríntios, com os motivos que o levam a fazê-lo (vv. 7-10), e conclui sua epístola com uma despedida e uma bênção (vv. 11-14).

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 1-6

Observe o seguinte, nesses versículos:

I O apóstolo ameaça agir com severidade contra os pecadores obstinados quando vier a Corinto, após ter enviado a primeira e a segunda epístolas, com admoestações e exortações apropriadas, para corrigir o que estava errado entre eles. Com referência a isso, podemos observar: 1. A cautela usada nas suas repreensões. Ele não foi apressado no uso da severidade, mas fez uma primeira e uma segunda admoestação. Alguns entendem as suas palavras desta forma (v. 1): "*É esta a terceira vez que vou ter convosco*", referindo-se à sua primeira epístola e segunda epístola, por meio das quais os admoestou, como se estivesse presente com eles, embora em pessoa estivesse ausente (v. 2). De acordo com essa interpretação, essas duas epístolas são as testemunhas que ele menciona no primeiro versículo, referindo-se à ordem do nosso Salvador (Mt 18.16) concernente à maneira como os cristãos deveriam lidar com os ofensores antes de agir de maneira extrema de acordo com a lei de Moisés no que tange ao comportamento dos juízes em questões criminais (Dt 17.6; 19.15). Deveríamos ir, ou enviar alguém, ao nosso irmão, repetidamente, para adverti-lo em relação ao seu erro. Assim o apóstolo tinha relatado aos coríntios na sua epístola anterior, e agora ele volta a dizer "*...aos que antes pecaram e a todos os mais...*", advertindo a todos antes de vir em pessoa pela *terceira vez*, para agir com severidade para com os ofensores escandalosos. Outros acham que o apóstolo tinha planejado e preparado a sua jornada para Corinto duas vezes, mas foi impedido providencialmente, e agora ele informa das suas intenções de visitá-los pela terceira vez. Qualquer que seja o caso, é interessante observar que ele manteve um registro das vezes que se empenhou e sofreu pelos coríntios para o bem deles. Podemos estar certos de que um registro é mantido no céu, e devemos prestar contas pela ajuda que recebemos a favor da nossa alma, e como a aperfeiçoamos. 2. A ameaça: "*...se* (ou quando) *outra vez for* (em pessoa), *não lhes perdoarei*", ou seja, aos pecadores obstinados, e aqueles que foram impenitentes em suas barbaridades. Ele tinha lhes dito antes e temia que Deus o humilhasse diante deles, porque encontraria alguns que pecaram e não se arrependeram. E agora ele declara que não poupará essas pessoas, mas imporá a disciplina da igreja. Acredita-se que essa disciplina era acompanhada naquela época com sinais visíveis e extraordinários do desagrado divino. Observe: Embora o método gracioso de Deus seja ser paciente com os pecadores, essa paciência não durará para sempre. No tempo certo, Ele virá e não poupará aqueles que permanecerem obstinados e impenitentes, apesar de todos os seus métodos para corrigi-los e restaurá-los.

II O apóstolo aponta um motivo para ser tão severo, a saber, "*...uma prova de que* [...] *Cristo fala...*" nele (versão RA, pois era isto que *buscavam* nele (v. 3). A evidência do seu apostolado era necessária para o crédito, a confirmação e o sucesso do evangelho que pregava. Portanto, aqueles que negavam isso deveriam ser repreendidos de maneira justa e severa. Os falsos mestres intentavam fazer com que os coríntios duvidassem desse aspecto, do qual tinham provas poderosas (v. 3), apesar da imagem insignificante que tinha no mundo e o desprezo que sofria deles. Cristo, "*...ainda que tenha sido crucificado por fraqueza*", ou pareceu em sua crucificação ser uma pessoa fraca e desprezível, "*...vive, contudo, pelo poder de Deus*", já que sua ressurreição e vida manifestavam seu poder divino (v. 4). O mesmo aconteceu com os apóstolos, que apesar de parecerem desprezíveis para o mundo, manifestaram o poder de Deus, como seus agentes, particularmente o poder da sua graça, em converter o mundo para Cristo. Portanto, como prova para aqueles que entre os *coríntios buscavam uma prova* de que Cristo falava por meio do apóstolo, ele requer que coloquem à prova o

cristianismo deles (v. 5): "*Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos*". Com isso ele deixa claro que, se pudessem provar o cristianismo deles, isso seria uma prova do seu apostolado; porque se estavam na fé, se Jesus Cristo estava neles, essa era uma prova de que Cristo falava nele, porque foi pelo seu ministério que creram. Ele não só tinha sido um instrutor, mas um pai para eles. Ele os tinha gerado de novo pelo evangelho de Cristo. Então não se podia imaginar que um poder divino deveria acompanhar suas ministrações se sua comissão não tivesse vindo do alto. Se, portanto, pudessem mostrar que não eram *reprovados* por Cristo, Paulo esperava que entendessem que ele também não era reprovado (v. 6) ou rejeitado por Cristo. Aquilo que o apóstolo diz aqui acerca do dever de os coríntios se examinarem a si mesmos etc., com a idéia particular já mencionada, é aplicável ao dever de todo aquele que se chama cristão, ou seja, examinar-se quanto ao seu estado espiritual. Deveríamos nos examinar se estamos na fé, porque é uma área em que podemos facilmente ser enganados, e este engano é altamente perigoso. Devemos estar preocupados em *provar a nós mesmos*, e colocar a pergunta em nossa própria alma, se Cristo está em nós, ou não. Cristo está em nós, a não ser que já estejamos reprovados. Ou somos verdadeiros cristãos, ou somos grandes impostores. É uma coisa injuriosa para um homem não conhecer a si mesmo, não conhecer a sua própria mente!

O Apóstolo Assevera seus Direitos

vv. 7-10

Temos aqui:

I A oração do apóstolo a Deus a favor dos coríntios, para que "*...não façais mal algum*" (v. 7). Esta é a coisa mais desejável que podemos pedir a Deus, tanto para nós mesmos quanto para nossos amigos, de ficarmos distantes do pecado, para que não façamos mal algum. É fundamental que oremos com freqüência a Deus por sua graça para nos guardar, porque sem isso não podemos ficar firmes. Devemos estar mais preocupados em orar para não fazermos o mal do que em orar para não sofrermos o mal.

II Os motivos do apóstolo em fazer essa oração a Deus a favor dos coríntios, porque essas razões têm uma referência especial ao caso deles e ao assunto acerca do qual ele estava escrevendo. Observe: Ele diz o seguinte: 1. Não era tanto pela sua própria reputação pessoal quanto pela honra do cristianismo: "*...não para que sejamos achados aprovados, mas para que vós façais o bem*, ou o que é certo e honesto, e para o bem da religião, embora devêssemos ser censurados e difamados, e contados como reprovados" (v. 7). Observe: (1) O grande desejo dos ministros fiéis do evangelho é que o evangelho que pregam possa ser honrado, mesmo que sejam difamados. (2) A melhor maneira de adornar nossa santa religião é *fazer o bem*, ser honesto e andar de acordo com o evangelho de Cristo. 2. Outro motivo era o seguinte: Que estivessem livres de toda culpa e crítica quando o apóstolo fosse a eles. Isto é anunciado no versículo 8: "*Porque nada podemos contra a verdade, senão pela verdade*". Se, por conseguinte, não fizessem o mal, nem agissem contra a profissão do evangelho, o apóstolo não teria poder nem autoridade para castigá-los. Ele havia dito anteriormente (cap. 10.8) e diz aqui (v. 10) que o poder que o Senhor tinha dado a ele era para a edificação, não para a destruição. Assim que, embora o apóstolo tivesse grande poder para o avanço do evangelho, ele era impotente quanto à depreciação da verdade e o esmorecimento daqueles que obedeciam ao evangelho. Ele não podia, isto é, ele não ia, não se atreveria a, nem tinha autorização para, agir contra a verdade. É marcante a forma como o apóstolo se alegrava nessa impotência abençoada: "*...nos regozijamos*", diz ele (v. 9), "*de estar fracos, quando vós estais fortes*; isto é, que não temos poder para censurar aqueles que são fortes na fé e frutíferos em boas obras". Alguns entendem que essa passagem quer dizer o seguinte: "Embora estejamos fracos por causa da perseguição e do desprezo, suportamos isso com paciência, e também com alegria, enquanto vemos que vocês estão fortes, prósperos em santidade e perseverando em fazer o bem". Porque: 3. Ele desejava a perfeição deles (v. 9); isto é, que fossem sinceros, e almejassem a perfeição (a sinceridade é a nossa perfeição do evangelho), ou então ele desejava que houvesse uma restauração completa entre eles. Ele não só queria que fossem guardados do pecado, mas também que crescessem na graça, e fossem aperfeiçoados na santidade, e que tudo que estivesse errado entre eles fosse corrigido e reformado. Este era o grande objetivo ao escrever a epístola. Ele usou essa liberdade com eles ao escrever "*...essas coisas* (as admoestações e advertências amistosas), *estando ausente, para que, estando presente, não usasse de rigor*" (v. 10), isto é, não usasse de medidas extremas no exercício da autoridade que o Senhor tinha dado a ele como apóstolo, "*...para vingar toda desobediência*" (cap. 10.6).

A Bênção Apostólica

vv. 11-14

Assim, o apóstolo conclui a epístola com:

I Uma despedida. Ele transmite um adeus e se despede deles naquele momento, com calorosos votos em relação ao bem-estar deles. Para isso:

1. Ele apresenta diversas exortações úteis. (1) Que fossem perfeitos ou estivessem unidos em amor, o que serviria grandemente para a vantagem deles como igreja ou sociedade cristã. (2) Que fossem consolados diante de todo sofrimento e perseguição que pudessem enfrentar por amor a Cristo, ou qualquer calamidade e desapontamento que pudessem encontrar neste mundo. (3) Que fossem de um mesmo parecer, o que ajudaria grandemente em relação ao consolo deles. Quanto mais afáveis formos com nossos irmãos, tanto maior será a tranqüilidade em nossa alma. O apóstolo queria que dentro do possível tivessem a mesma opinião e parecer. No entanto, se isso não pudesse ser alcançado: (4) Ele os exortava a viverem em paz. A diferença de opinião não deveria causar uma

alienação de sentimentos – que vivessem em paz entre eles. Ele deseja que todas as divisões entre eles sejam curadas, que não haja mais contendas e iras entre eles e que evitem *pendências, invejas, detrações, mexericos* e outros inimigos da paz.

2. Ele os anima com a promessa da presença de Deus entre eles: "...*o Deus de amor e de paz será convosco*" (v. 11). Observe: (1) Deus é o Deus do amor e da paz. Ele é o autor da paz, e inspirador da harmonia. Ele nos ama e está disposto a ter paz conosco. Ele nos ordena a amá-lo e a nos reconciliarmos com Ele, e também que amemos uns aos outros, e tenhamos paz. (2) Deus estará com aqueles que vivem em amor e paz. Ele amará aqueles que amam a paz. Ele habitará com eles aqui, e eles habitarão com Ele para sempre. Essas pessoas terão a presença graciosa de Deus aqui, e serão acolhidas na sua gloriosa presença no futuro.

3. Ele dá orientações para saudarem-se mutuamente e envia calorosas saudações daqueles que estavam com ele (v. 12). Ele deseja que testifiquem do amor de uns pelos outros pelo rito sagrado de um beijo de caridade, que era usado na época, mas que há muito deixou de ser costume, para evitar toda ocasião de libertinagem e impureza, no estado mais degenerado e decadente da igreja.

II A bênção apostólica (v. 13): "*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos*". Assim o apóstolo conclui sua epístola, e assim é comum e apropriado despedir a igreja no final do culto. Isso prova claramente a doutrina do evangelho e é uma confirmação de que o Pai, o Filho e o Espírito são três pessoas distintas, mas um único Deus. Eles são a fonte de todas as bênçãos aos homens. Essa bênção apostólica também aponta para o nosso dever, isto é, de olharmos com fé para o Pai, o Filho e o Espírito Santo – de termos um respeito contínuo pelas três pessoas da Trindade, em cujo nome fomos batizados e em cujo nome somos abençoados. Essa é uma bênção muito solene. Deveríamos dar toda a atenção para herdar essa bênção. A graça de Cristo, o amor de Deus, e a comunhão (ou comunicação ou transmissão) do Espírito Santo: a graça de Cristo como Redentor, o amor de Deus, que enviou o Redentor, e todas as transmissões dessa graça e amor, que vem a nós pelo Espírito Santo. É a comunicação do Espírito Santo que nos capacita a termos um interesse pela graça de Cristo e pelo amor de Deus. Não precisamos desejar mais do que isso para sermos felizes, ou seja, a graça de Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo. *Amém.*

GÁLATAS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Essa epístola de Paulo não é dirigida a uma igreja ou às igrejas de uma única cidade, como ocorre com algumas outras epístolas, mas a um país ou província, ou seja, à Galácia. É muito provável que esses gálatas se converteram inicialmente à fé cristã pelo ministério dele. Ou, se ele não foi o agente do plantio, pelo menos tinha sido usado para regar essas igrejas, como pode ser observado na própria epístola, e também em Atos 18.23, em que o encontramos viajando por toda a região da Galácia e Frígia, para fortalecer os discípulos. Enquanto esteve com os gálatas, eles tinham expressado grande apreço e amor pela sua pessoa e ministério. Mas não demorou muito, após a sua partida, para que alguns mestres judaizantes se introduzissem no meio deles, por cuja destreza e insinuações eles logo foram convencidos a ter uma opinião depreciativa do apóstolo e de seu ministério. Os falsos mestres objetivavam principalmente afastá-los da verdade em Jesus, especialmente em relação à grande doutrina da justificação, ensino que perverteram completamente. Eles afirmavam ser necessário associar o cumprimento da lei de Moisés com a fé em Cristo. E, para melhor alcançar esse desígnio, fizeram de tudo para depreciar o caráter e a reputação do apóstolo e para elevar a imagem deles em detrimento da do apóstolo. Esses falsos mestres descreviam o apóstolo como alguém que, se pudesse ser considerado um apóstolo, era muito inferior aos outros, e que não merecia o mesmo respeito dado a Pedro, Tiago e João, de quem aspiravam ser seguidores. Nessas duas tentativas, eles tiveram grande sucesso. Esse era o motivo desta epístola, em que o apóstolo expressa sua grande preocupação pelo fato de terem se afastado tão rapidamente da fé do evangelho, e defende sua reputação e autoridade como apóstolo contra a difamação dos seus inimigos. Ele mostra que sua missão e doutrina eram ambas divinas, e que ele não foi, de forma alguma, "...*inferior aos mais excelentes apóstolos*" (2 Co 11.5). O apóstolo então procura defender e sustentar a grande doutrina evangélica da justificação pela fé sem as obras da lei e remover algumas dificuldades que pudessem aparecer na mente deles em relação a isso. Tendo demonstrado essa importante doutrina, ele os exorta a permanecer firmes na liberdade para a qual Cristo os havia liberto. Paulo os adverte contra o abuso dessa liberdade, apresenta diversos conselhos e orientações muito úteis e então conclui a epístola apresentando uma descrição justa desses falsos mestres por quem tinham sido seduzidos, e, contrário, de seu próprio temperamento e comportamento. Em tudo isso, seu grande desígnio realmente era restaurar aqueles que tinham sido pervertidos, solidificar aqueles que pudessem estar oscilantes e indecisos e firmar aqueles que tinham mantido sua integridade.

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, depois do prefácio ou introdução (vv. 1-5), o apóstolo reprova severamente essas igrejas pela sua apostasia da fé (vv. 6-9). Em seguida, ele comprova seu apostolado, que seus inimigos colocaram em dúvida: I. A partir da finalidade e desígnio de ele pregar o evangelho (v. 10). II. A partir de tê-lo recebido por revelação direta (vv. 11,12). Para provar o que está dizendo ele informa: 1. Como ele era antes da sua conversão (vv. 13,14). 2. Como se converteu e foi chamado ao apostolado (vv. 15,16). 3. Como se portou depois da sua conversão (vv. 16-24).

O Discurso Introdutório

vv. 1-5

Nesses versículos, encontramos o prefácio ou a introdução da epístola, em que observe:

I A pessoa ou as pessoas que enviam essa epístola – de Paulo, "...*apóstolo* [...] *e todos os irmãos que estão comigo*". 1. A epístola é enviada por Paulo. Somente ele foi o autor dela. E, uma vez que havia alguns gálatas que buscavam diminuir o seu caráter e autoridade, ele, logo no início da epístola, apresenta um relato geral do seu ofício e da maneira como foi chamado. Mais tarde (nesse e no capítulo seguinte), ele retorna a esse assunto. Por ofício, era apóstolo. Ele não estava com medo de chamar-se dessa forma, embora seus inimigos não concordassem com esse título. E, para mostrar que não se apropriou dessa reputação sem um fundamento justo, ele os deixa saber como foi chamado para esse honroso ofício e lhes assegura que sua comissão para tal foi totalmente divina. Ele era apóstolo, "...*não da parte dos homens, nem por homem algum*". Ele não recebeu o chamado ordinário de um ministro comum, mas um chamado extraordinário do céu para o seu ofício. Ele não rece-

beu sua qualificação para esse ofício, nem sua designação para tal, pela mediação de homens, mas recebeu ambos diretamente do alto. Ele era apóstolo "...*por Jesus Cristo*". Ele tinha recebido suas instruções e comissão diretamente dele, e, conseqüentemente, de "...*Deus Pai*", que era um com Ele quanto à sua natureza divina. Ele o tinha nomeado, como Mediador, para ser o apóstolo e sumo sacerdote da nossa profissão, e como tal para autorizar outros a esse ofício. Ele acrescenta: "...*que o ressuscitou* (Jesus) *dos mortos*", para nos comunicar que com isso Deus, o Pai, deu um testemunho público de que Cristo era seu Filho e o Messias prometido. E, uma vez que seu chamado para o apostolado vinha diretamente de Cristo, isso aconteceu depois da ressurreição do Senhor dos mortos, quando Ele já estava no seu estado exaltado. Por isso ele tinha motivos para descrever-se, não somente como estando no mesmo nível dos outros apóstolos, mas, de alguma forma, acima deles. Porque, ao passo que eles foram chamados por Cristo enquanto esteve na terra, Paulo recebeu seu chamado quando o Senhor já estava no céu. Assim, o apóstolo, sendo constrangido a isso pelos seus adversários, exalta seu ofício. Embora os homens não devessem se orgulhar da autoridade recebida, em certos momentos e certas ocasiões pode tornar-se necessário reivindicá-la. 2. Mas ele insere todos os irmãos que estavam com ele na dedicatória da epístola. "...*todos os irmãos que estão comigo*" pode significar os cristãos daquele lugar onde estava, ou aqueles que estavam envolvidos como ministros do evangelho. Apesar do caráter e das realizações superiores dele, ele está pronto para reconhecê-los como seus irmãos. E, embora fosse o autor exclusivo da epístola, ele os inclui na dedicatória da mesma. Ao mostrar sua profunda modéstia e humildade, e quão longe estava de assumir uma postura de arrogância, ele pode estar fazendo isso para expor essas igrejas a uma consideração maior por aquilo que ele escrevia. Parece que o apóstolo tinha a concordância deles na doutrina que tinha pregado, e estava agora prestes a confirmar, e essa doutrina não era nada além do que tinha sido divulgado e reconhecido por outros bem como por ele mesmo.

II O destino dessa epístola: "...*às igreja da Galácia*". Havia diversas igrejas naquela época nessa província, e parece que todas elas estavam corrompidas, umas mais, outras menos, pela destreza desses sedutores que tinham se infiltrado entre eles. Portanto, Paulo escreve essa epístola aos gálatas, porque sentia o peso diário do *cuidado de todas as igrejas*. Ele estava profundamente afetado com o seu estado e estava preocupado com a restauração delas à fé cristã. Ele dirige suas palavras a todas elas, porque de alguma forma todas estavam sendo afetadas por essa questão. E ele lhes dá o nome de *igrejas*, embora tivessem feito o suficiente para perder o direito de serem igrejas. Igrejas corrompidas nunca podem ser chamadas de igrejas. Sem dúvida havia alguns entre eles que permaneciam firmes na fé, e ele não perdera a esperança de que outros pudessem ser restaurados a ela.

III A bênção apostólica (v. 3). Aqui, o apóstolo, e os irmãos que estavam com ele, desejam a essas igrejas "...*graça e paz, da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo*". Essa é a bênção habitual por meio da qual ele abençoa as igrejas em nome do Senhor – *graça e paz*. Graça inclui a benevolência de Deus para conosco; e paz sugere todo consolo interior ou prosperidade exterior, da qual precisamos. Graça e paz vêm de Deus, o Pai, como a fonte, por meio de Jesus Cristo como o canal de transmissão. O apóstolo deseja esses dois aspectos para esses cristãos. Primeiro vem a graça, então a paz, porque não pode haver a verdadeira paz sem a graça. Após mencionar o Senhor Jesus Cristo, ele não pode deixar de engrandecer o seu amor. E, portanto, acrescenta (v. 4): "...*o qual se deu a si mesmo por nossos pecados*". Jesus Cristo se deu pelos nossos pecados, como um grande sacrifício para fazer a propiciação por nós. A justiça de Deus exigia isso e por isso Ele se submeteu livremente por amor a nós. Seu objetivo era "...*nos livrar do presente século mau*"; não somente nos redimir da ira de Deus, e da maldição da lei, mas também nos restaurar da depravação que está no mundo por meio da lascívia, e resgatar-nos das práticas e costumes depravados dele, aos quais fomos naturalmente escravizados. E possivelmente também nos libertar da constituição mosaica, porque *aion houtos* é usado dessa forma (1 Co 2.6,8). Podemos observar o seguinte: 1. Este mundo atual é um mundo perverso. Ele se tornou dessa forma devido ao pecado do homem. Ele está assim por causa do pecado e do sofrimento que o enche e dos muitos laços e tentações aos quais estamos expostos enquanto continuarmos vivendo nele. 2. Mas, Jesus Cristo morreu para nos libertar deste mundo perverso atual, não para remover seu povo instantaneamente daqui, mas para resgatá-lo do poder do pecado, para guardá-lo do mal, e, no tempo devido, presenteá-lo com um mundo melhor. O apóstolo nos informa que isso Ele que fez "...*segundo a vontade de Deus, nosso Pai*". Ao oferecer-se como sacrifício para esse fim e propósito, Ele agiu de acordo com a ordem do Pai, bem como de acordo com o seu próprio consentimento. E, portanto, temos todos os motivos para depender da eficácia e aceitabilidade daquilo que Ele fez e sofreu por nós. Por isso, temos um estímulo para olhar para Deus como nosso Pai, porque é assim que o apóstolo o representa aqui. Tal como é o Pai de nosso Senhor Jesus, assim em e por meio dele também é o Pai de todos os verdadeiros crentes, como nosso Salvador abençoado nos anuncia (Jo 20.17), quando diz aos seus discípulos que estava subindo ao seu Pai e ao Pai deles.

O apóstolo, ao perceber esse grande amor com que Cristo nos amou, conclui esse prefácio com uma solene declaração de louvor e glória a Ele (v. 5): "...*ao qual glória para todo o sempre. Amém!*" Dessa forma o Senhor recebe a nossa mais alta e justa consideração e respeito. Essa doxologia pode ser considerada uma referência tanto a Deus Pai, quanto ao nosso Senhor Jesus Cristo, de quem tinha acabado de desejar graça e paz. Ambos merecem nossa adoração, e toda honra e glória devem ser devotadas perpetuamente a eles, por causa da superioridade infinita deles e por causa das bênçãos que recebemos deles.

O Preocupação do Apóstolo com a Apostasia dos Gálatas
vv. 6-9

Aqui o apóstolo chega ao corpo da epístola. Ele começa fazendo uma repreensão mais geral a essas igrejas por causa da sua inconstância na fé. Mais tarde ele continua tratando desse assunto. Aqui podemos observar:

I O quanto ele estava preocupado com o afastamento deles: "*Maravilho-me...*". Ele estava profundamente surpreso e triste. O pecado e a loucura deles eram que não haviam se apegado à doutrina do cristianismo como tinha sido pregada, mas haviam se afastado da pureza e simplicidade dela. E houve diversas coisas que agravaram a deserção deles: 1. Que tão "*...depressa passásseis daquele que vos chamou...*". Eles não somente estavam abandonando o apóstolo, que tinha sido o agente para chamá-los à comunhão do evangelho, mas também a Deus, por cuja ordem e orientação o evangelho havia sido pregado a eles, e eles haviam sido convidados a participar dos privilégios desse evangelho. Por isso, eles eram culpados de abusar da bondade e misericórdia do Senhor. 2. Que eles tinham sido chamados "*...à graça de Cristo*". Tal como o evangelho que tinha sido pregado a eles era a descoberta mais gloriosa da graça e misericórdia divinas em Cristo Jesus, assim eles tinham sido chamados para participar das maiores bênçãos e benefícios, tais como a justificação e reconciliação com Deus aqui, e a vida eterna e felicidade no futuro. Essas bênçãos o nosso Senhor Jesus comprou com seu precioso sangue e livremente as concede a todo aquele que sinceramente o aceita. O pecado e a loucura deles em abandonar isso e permitir que fossem desviados do caminho eram muito sérios, uma vez que o privilégio que eles tinham desfrutado era muito grande. 3. Que "*...tão depressa...*" estavam abandonando aquele que os havia chamado. Em pouco tempo eles perderam o gosto e apreço pela graça de Cristo, e tão facilmente deram ouvidos àqueles que ensinavam que a justificação era obtida pelas obras da lei. Muitos tinham sido criados de acordo com as opiniões e noções dos fariseus e mesclavam esse ensino com a doutrina de Cristo, e dessa forma a corrompiam. Com isso, além de ser um exemplo da fraqueza deles, foi também uma agravante da culpa deles. 4. Que passaram "*...para outro evangelho, o qual não é outro*". Dessa forma o apóstolo mostra claramente a doutrina desses mestres judaizantes. Ele a chama de outro evangelho, porque expunha um caminho diferente de justificação e salvação daquele que era revelado no evangelho, a saber, pelas obras, e não pela fé em Cristo. Ele acrescenta: "*...o qual não é outro* – vocês perceberão que, na verdade, não é evangelho nenhum – realmente não é um outro evangelho, mas a perversão do evangelho de Cristo e a deturpação dos fundamentos do verdadeiro evangelho". Dessa forma ele anuncia que aqueles que procuram estabelecer um outro caminho para o céu, diferente daquele que o evangelho de Cristo revelou, são culpados de uma deturpação grosseira dele e estão desgraçadamente enganados. Assim, o apóstolo busca inculcar nesses gálatas um sentimento devido da sua culpa pelo fato de abandonarem a justificação apresentada pelo evangelho. Ao mesmo tempo ele modera sua repreensão com brandura e ternura ao retratá-los mais como os que foram atraídos para essa posição pela artimanha de alguns que os perturbaram do que como os que seguiram esse caminho por iniciativa própria. Isso, na verdade, não os desculpava, mas era uma atenuante para o engano deles. Dessa forma, ele nos ensina que, ao repreendermos alguém, deveríamos ser brandos, e esforçar-nos em encaminhar "*...o tal com espírito de mansidão*" (cap. 6.1).

II Ele estava confiante de que o evangelho que lhes tinha pregado era o único e verdadeiro evangelho. Ele estava tão completamente persuadido disso que pronunciou um anátema contra aqueles que buscavam pregar outro evangelho (v. 8). Eles precisavam ver que isso não procedia de precipitação ou zelo excessivo dele, por isso repetiu essa advertência (v. 9). Isso não serve como justificativa para trovejar anátemas contra aqueles que divergem de nós em coisas insignificantes. Isso vale somente para aqueles que forjam um novo evangelho, que destroem o fundamento do pacto da graça, colocando as obras da lei no lugar da justiça de Cristo e corrompendo o cristianismo com o judaísmo. Paulo apresenta o caso: "Imaginem que pregássemos um outro evangelho; não somente isto, mas suponham que um anjo do céu o fizesse", como se fosse possível que um anjo do céu fosse o mensageiro de uma mentira. Ele expressa isso para reforçar o que estava a ponto de dizer. "Se um outro evangelho for pregado a vocês por qualquer outra pessoa, em nosso nome, ou sob o pretexto de tê-lo diretamente de um anjo, vocês devem concluir que estão sendo enganados; e quem quer que pregue um outro evangelho está se colocando debaixo de maldição, e está em perigo de colocá-los debaixo da mesma maldição".

A Integridade do Apóstolo
vv. 10-24

O que Paulo disse de forma mais geral, no prefácio dessa epístola, ele agora expressa de maneira mais específica. Lá ele tinha declarado ser apóstolo de Cristo. Aqui ele busca mais diretamente fortalecer sua afirmação quanto ao seu caráter e ofício. Havia algumas pessoas nas igrejas da Galácia que estavam decididas a questionar o ofício do apóstolo. Aqueles que louvavam a lei cerimonial faziam de tudo para desfazer a reputação de Paulo, que pregava o evangelho puro de Cristo aos gentios. Portanto, o apóstolo se esforça aqui para provar a divindade tanto da sua missão quanto da sua doutrina, para desfazer a difamação que seus inimigos tinham lançado sobre ele. Dessa forma, ele procura recuperar esses cristãos a terem uma opinião melhor do evangelho que tinha sido pregado a eles. Ele apresenta evidências suficientes para tal.

I Acerca do escopo e motivo do seu ministério que não visava à aprovação ou ao favor dos *homens*, mas de *Deus*. O significado disso pode ser que na sua pregação do evangelho ele não agia em obediência a homens, mas a Deus, que o tinha chamado para esse tra-

balho e ofício; ou que seu alvo era levar as pessoas à obediência, não a homens, mas a Deus. Como admitia agir em obediência a Deus, ele buscava promover a glória dele, restabelecendo pecadores a um estado de sujeição a Ele. De acordo com esse grande alvo, ele conscientemente não procura "*...agradar a homens*". Ele, em sua doutrina, não procurou adaptar-se aos caprichos das pessoas, para ganhar a aprovação delas ou evitar a indignação delas. Mas, o seu grande cuidado era buscar a aprovação de Deus. Os mestres judaizantes, por quem essas igrejas foram corrompidas, tinham descoberto um motivo muito diferente. Eles misturavam obras com fé e a lei com o evangelho, somente para agradarem os judeus, para evitarem ser perseguidos. Mas Paulo era um homem com outro espírito. Ele não estava tão ansioso por agradá-los, nem aliviar a raiva deles contra ele, modificando a doutrina de Cristo para obter o favor ou evitar a fúria deles. E ele apresenta esse bom motivo: "*Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo*". Ele sabia que nenhum homem podia servir a dois mestres; portanto, embora não buscasse desagradar desnecessariamente a alguém, não ousava satisfazer a homens à custa da sua fidelidade a Cristo. Assim, com base na sinceridade dos seus alvos e intenções no desempenho do seu ofício, ele prova ser um verdadeiro apóstolo de Cristo. A partir dessa sua índole e comportamento, podemos observar: 1. O grande propósito dos ministros do evangelho deve ser levar pessoas a Deus. 2. Aqueles que são fiéis não buscarão agradar pessoas, mas ser aprovados por Deus. 3. Eles não devem ser solícitos em agradar pessoas, quando buscam ser servos fiéis a Cristo. Mas, caso esses argumentos ainda não fossem suficientes, o apóstolo passaria então a provar o seu apostolado.

II Acerca da maneira como recebeu o evangelho que pregou a eles. Ele lhes assegura (vv. 11,12) que não o tinha recebido de outros, mas pela revelação do céu. Uma coisa peculiar na posição de um apóstolo era ter sido chamado e instruído para esse ofício diretamente por Cristo. E ele prova a autenticidade do seu ofício, independentemente do que seus inimigos alegavam. Em ministros comuns, quando recebem o chamado para pregar o evangelho, isso ocorre pela mediação de outros. Eles recebem seu conhecimento pela instrução e auxílio deles. Mas Paulo os informa que recebera seu conhecimento do evangelho, bem como sua autoridade para pregá-lo, diretamente do Senhor Jesus. O evangelho que pregava "*...não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum*", mas pela inspiração imediata, ou revelação de Cristo. Ele procurou deixar isso claro, para provar que era apóstolo. Para esse propósito:

1. Ele descreve a sua instrução, e o que fazia (vv. 13,14). De um modo especial, ele lhes diz que foi criado na religião judaica, e que "*...na minha nação, excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições...*" dos anciãos, doutrinas e costumes que tinham sido inventados pelos "*...meus pais*", e transmitidos de uma geração a outra. Seu zelo era tão grande que "*...sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava*". Ele não só tinha sido alguém que rejeitava a religião cristã, apesar das diversas provas quanto à sua origem divina, mas também tinha sido um perseguidor dela, e tinha buscado destruir os adeptos dela com violência e fúria. Paulo menciona esse aspecto com freqüência, por causa da grandiosidade dessa graça livre e preciosa que o tornou um penitente sincero, transformando-o de um perseguidor furioso em um apóstolo. Era muito oportuno mencionar isso aqui, porque ficava claro que ele não tinha sido levado ao cristianismo, como foi o caso de muitos outros, puramente pelo ensino, uma vez que tinha sido criado em aversão e oposição a essa doutrina. Assim, eles podem sensatamente supor que tenha ocorrido algo realmente extraordinário para promover uma mudança tão radical nele, a ponto de vencer os preconceitos da sua educação e o levar não somente a professar, mas a pregar, essa doutrina, à qual tinha se oposto com tanta veemência.

2. Ele descreve a maneira maravilhosa como foi dissuadido do erro dos seus caminhos, como foi levado ao conhecimento e fé em Cristo e designado para o ofício do apostolado (vv. 15,16). Isso não foi feito de uma forma comum, nem por meios ordinários, mas de uma maneira extraordinária. Porque: (1) Deus "*...desde o ventre de minha mãe me separou...*". A mudança operada nele foi em conseqüência de um propósito divino, em que foi designado para ser cristão e apóstolo, antes de vir ao mundo ou ter feito bem ou mal. (2) Ele foi chamado "*...pela sua graça*". Todos os convertidos são chamados pela graça de Deus. A conversão é o resultado do favor de Deus em relação aos convertidos, e é realizado pelo seu poder e graça neles. Mas havia algo peculiar no caso de Paulo, quanto à rapidez e à grandeza da mudança operada nele, e também da maneira como foi operada. Essa mudança não ocorreu pela mediação de outros, mas pela aparição pessoal de Cristo a ele e a operação imediata nele. Dessa maneira, ficou evidente a ação extraordinária do poder e favor divinos. (3) Ele tinha Cristo revelado nele. Ele não só foi revelado a ele, mas nele. Não nos beneficiaremos da revelação de Cristo feita a nós se também Ele não for revelado em nós. Mas esse não era o caso de Paulo. Agradou a Deus "*...revelar seu Filho...*" nele, levá-lo ao conhecimento de Cristo e seu evangelho pela revelação especial e imediata. (4) Foi com esse desígnio que ele deveria pregá-lo aos gentios. O apóstolo não só deveria recebê-lo, mas pregá-lo a outros. Dessa forma, ele era tanto um cristão quanto um apóstolo pela revelação.

3. Ele lhes diz a forma em que procedeu em relação a isso (vv. 16-24). Sendo chamado assim para esse trabalho e ofício, "*...não consultei carne nem sangue...*". Isto pode ser entendido de maneira mais geral, e dessa forma devemos reconhecer que, quando Deus nos chama por sua graça, não devemos consultar carne nem sangue. O significado disso é que ele não consultou homens. Ele não solicitou o conselho e a direção de ninguém; "*...nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos*", como se precisasse ser aprovado por eles, ou receber outras instruções ou autoridade deles. Mas, em vez disso, "*...parti para a Arábia...*", talvez como um lugar de isolamento, apropriado para receber outras revelações divinas, ou para pregar o evangelho entre os gentios daquela região, sendo designado para

ser o apóstolo aos gentios. E, de lá, "*...voltei outra vez a Damasco*", onde havia começado seu ministério, e de onde tinha escapado com dificuldade da ira dos seus inimigos (At 9). Somente "*...três anos...*" após a sua conversão, ele foi "*...a Jerusalém para ver a Pedro*". E quando o fez, ficou pouco tempo com ele, não mais de "*...quinze dias*". Enquanto esteve lá, ele não entrou em muitas conversações, porque não viu "*...a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor*". Portanto, fica difícil insistir que Paulo se sentia endividado em relação aos outros apóstolos quanto ao seu conhecimento do evangelho ou sua autoridade para pregá-lo. Fica claro que tanto suas qualificações, quanto seu chamado para o ofício apostólico foram extraordinários e divinos. Esse relato era importante para estabelecer sua reivindicação em relação a esse ofício, para eliminar as críticas injustas dos seus adversários e para corrigir os gálatas das impressões erradas que tinham recebido a respeito dele. Ele confirma isso por meio de um juramento solene (v. 20), declarando, na presença de Deus, que aquilo que tinha dito era totalmente verdade, e que não tinha fraudado o seu relato. Embora isso não justifique que façamos um voto solene a Deus em cada ocasião, mostra que, em questões de peso e importância podemos fazê-lo, e que às vezes isso não só é legítimo, mas um dever. Depois disso, ele lhes informa que foi "*...para as partes da Síria e da Cilícia*". Após fazer essa visita breve a Pedro, ele volta novamente ao seu trabalho. Ele não tinha contato naquela época com as "*...igrejas da Judéia, que estavam em Cristo*". Ele não era conhecido de vista pelos cristãos da Judéia. Eles "*...somente tinham ouvido dizer: Aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruía. E glorificavam a Deus a respeito dele*". Por causa disso, muitas ações de graça foram expressas a Deus. Esse relato da mudança poderosa ocorrida nele enchia-os de alegria e estimulava-os a dar glórias a Deus.

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, o apóstolo continua o relato da sua vida e conduta passada, que ele começou no capítulo anterior. Por meio de mais algumas ilustrações do que ocorreu entre ele e os outros apóstolos, ele deixa claro que não era devedor a eles, tanto em relação ao seu conhecimento do evangelho quanto à sua autoridade como apóstolo, como seus adversários insinuavam. Pelo contrário, ele era reconhecido e aprovado por eles, como tendo uma delegação de autoridade igual à deles nesse ofício. I. Paulo lhes conta detalhadamente sobre mais uma viagem a Jerusalém, muitos anos depois da anterior, e como se conduziu naquela oportunidade (vv. 1-10). II. Ele apresenta um relato de outro encontro que teve com o apóstolo Pedro em Antioquia, e como foi obrigado a portar-se em relação a ele naquela ocasião. A partir do assunto daquela conversa, ele continua seu discurso acerca da grande doutrina da justificação pela fé em Cristo, sem as obras da lei, que é o objetivo principal dessa epístola. Ele estende o seu discurso a esse respeito nos próximos dois capítulos.

A Viagem de Paulo a Jerusalém. A Decisão e Fidelidade de Paulo

vv. 1-10

Pelo que parece, de acordo com o relato que Paulo apresenta de si mesmo nesse capítulo, desde a primeira pregação e o estabelecimento do cristianismo havia uma diferença de compreensão entre os cristãos oriundos dos judeus e os que eram gentios. Muitos daqueles que tinham sido judeus conservavam um respeito pela lei cerimonial e esforçavam-se para manter esse conceito. Mas aqueles que eram gentios não tinham esse tipo de respeito pela lei de Moisés, mas viam o cristianismo como uma religião perfeita e pura e resolveram devotar-se a ela. Pedro era o apóstolo da circuncisão e pregou o evangelho a eles. A lei cerimonial, embora morta com Cristo, mas ainda não sepultada, era tratada com respeito por Pedro. Mas Paulo era o apóstolo aos gentios, e, embora fosse hebreu de hebreus, apoiou o cristianismo puro.

Nesse capítulo, ele nos relata o que aconteceu entre ele e os outros apóstolos, e de maneira mais específica entre ele e Pedro (vv. 1-10). Aqui ele nos informa:

I De algumas circunstâncias da sua viagem a Jerusalém: 1. Em relação ao tempo dessa viagem. Ela ocorreu "*...catorze anos*" mais tarde (veja cap. 1.18). Ou, como outros preferem entender, desde sua conversão, ou da morte de Cristo. Foi uma amostra da grande bondade de Deus uma pessoa tão útil ser protegida em seu trabalho por tantos anos. Esse fato servia como uma certa evidência de que Paulo não dependia dos outros apóstolos, mas tinha uma autoridade igual à deles; de que tinha estado tanto tempo ausente deles, mas continuava pregando e propagando o cristianismo puro, sem ser questionado por eles a esse respeito. Caso tivesse sido considerado inferior, e sua doutrina fosse desaprovada por eles, certamente teria sido questionado. 2. Em relação aos seus companheiros: Ele subiu "*...com Barnabé, levando também consigo Tito*". Se a viagem aqui mencionada se refere à mesma registrada em Atos 15 (como muitos acham), então temos um motivo claro de Barnabé ter ido junto com ele. Ele foi escolhido pelos cristãos em Antioquia para ser seu companheiro nessa viagem. Mas, como não está registrado que Tito foi colocado na mesma delegação com ele, parece que a razão principal para levá-lo é deixar que os judeus vejam que ele não estava envergonhado, nem com medo, em confessar a doutrina que tinha pregado constantemente. Embora Tito tenha se tornado não somente um convertido à fé cristã, mas também um pregador dela, ele era gentio e incircunciso de nascimento. Portanto, ao torná-lo seu companheiro, parece que a doutrina e a prática deles eram idênticas, e como tinha pregado a não necessidade da circuncisão e da observância da lei de Moisés, ele também estava pronto para reconhecer e conversar com os da incircuncisão. 3. Em relação ao seu motivo: Ele recebeu uma revelação divina concernente à sua viagem: Ele subiu "*...por uma revelação...*". Isso não veio da sua cabeça, muito menos foi ele convocado para ir lá, mas foi uma ordem e direção especiais do Céu. Com freqüência, esse apóstolo era favorecido com o privilégio de estar debaixo da direção divina em seus deslocamentos

e tarefas. Embora não tenhamos motivos de esperar algo desse gênero, isso deveria nos ensinar que em todos os momentos deveríamos nos esforçar, tanto quanto possível, para ver nosso caminho tornar-se claro diante de nós, e entregar-nos à orientação da Providência.

II Ele nos apresenta um relato da sua conduta enquanto esteve em Jerusalém, em que deixou claro que não era inferior em nada em relação aos outros apóstolos, mas que tanto sua autoridade como suas qualificações eram iguais às deles. Ele nos informa de modo particular o seguinte:

1. Que "*...lhes expus o evangelho que prego entre os gentios e particularmente...*". Aqui podemos observar a fidelidade e a prudência do nosso grande apóstolo. (1) Sua fidelidade em apresentar-lhes um relato livre e claro da doutrina que sempre tinha pregado entre os gentios e continuava decidido a pregar – um cristianismo puro, livre de todas as misturas do judaísmo. Ele sabia que essa doutrina seria desagradável para muitos ali, e, mesmo assim, não estava com medo de confessá-la. Ele a expôs de maneira livre e amistosa diante deles e deixou que julgassem se de fato era o verdadeiro evangelho de Cristo ou não. Mais uma vez: (2) Paulo usa de prudência e cautela, com receio de ofender alguém. Ele prefere fazê-lo de uma maneira mais particular, ao invés de pública, e "*...aos que estavam em estima*", isto é, aos próprios apóstolos, ou aos líderes entre os cristãos judeus, em vez de fazê-lo mais aberta e indiscriminadamente a todos. Ele sabia que em Jerusalém "*...milhares de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei*" (At 21.20). O motivo dessa cautela era "*...para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão*". Ele não queria incitar oposição contra si mesmo, para que o sucesso dos seus esforços passados não fosse diminuído, ou seu proveito futuro, obstruído. Nada impede mais o progresso do evangelho do que as diferenças de opinião acerca das doutrinas do evangelho, especialmente quando ocasionam disputas e brigas entre os seus adeptos, como ocorre com tanta freqüência. Para o seu propósito bastava que a sua doutrina fosse reconhecida entre as maiores autoridades, independentemente do fato de serem ou não aprovadas pelos outros. Portanto, para evitar afronta, ele acreditava ser mais seguro comunicar essa doutrina privativamente a eles, e não em público, para toda a igreja. Essa conduta do apóstolo deveria ensinar a todos, e especialmente aos ministros, o quanto precisam de prudência e quão cuidadosos devem ser em usá-la em todos os momentos, desde que esteja em concordância com sua fidelidade.

2. Que na prática ele firmemente se dedicou à doutrina que tinha pregado. Paulo era um homem determinado e se dedicava aos seus princípios. Portanto, embora levasse consigo a Tito, que era grego, ele não permitiria que fosse circuncidado, porque não seria desleal à doutrina de Cristo, como a havia pregado aos gentios. Pelo que tudo indica, os apóstolos não insistiram para que isso ocorresse. Embora tolerassem o uso da circuncisão entre os convertidos judeus, eles não a impunham aos gentios. Mas havia outros que o faziam, a quem o apóstolo chama de "*...falsos irmãos*", e acerca de quem ele diz que "*...se tinham entremetido*", isto é, na igreja, ou na convivência deles, e que vieram somente para "*...espiar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus*". Talvez a intenção deles era ver se Paulo defenderia essa liberdade da lei cerimonial que ele havia ensinado como a doutrina do evangelho, e representava o privilégio daqueles que seguiam a religião cristã. O intento desses falsos irmãos era colocá-los "*...em servidão*", o que teria ocorrido se tivessem alcançado o seu objetivo. Se tivessem convencido Paulo e os outros apóstolos a circuncidar Tito, eles facilmente teriam imposto a circuncisão a outros gentios, e, dessa forma, os teriam levado para debaixo da escravidão da lei de Moisés. Mas Paulo, reconhecendo o intento deles, não cederia de forma alguma. "*...nem ainda por uma hora, cedemos com sujeição*". E a razão disso era "*...para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós*" – para que os cristãos gentios, e particularmente os gálatas, preservassem esse evangelho puro e íntegro, e não fossem corrompidos com a mistura do judaísmo. A circuncisão, naquela época, era uma coisa indiferente, e à qual se poderia ceder em alguns casos sem com isso pecar. Algumas vezes, até mesmo Paulo cedeu, como no caso de Timóteo (At 16.3). Paulo sabia que se concordasse com a circuncisão como algo necessário, mesmo que em uma única ocasião, isso poderia ser visto como um sinal favorável para a aprovação dessa imposição. Por isso, ele estava tão preocupado com a pureza e liberdade do evangelho. Ele não cederia aos ritos e cerimoniais mosaicos, mas permaneceria firme na liberdade, com a qual Cristo os libertou. Isto nos mostra que em algumas circunstâncias pode ser legítimo fazer algumas concessões, desde que não fira a verdade, ou nos faça desistir da liberdade do evangelho. Caso isso não seja possível, deve ser rejeitado.

3. Que, embora tivesse conversado com os outros apóstolos, não recebeu qualquer acréscimo ao seu conhecimento ou autoridade deles (v. 6). "*...quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa...*": Paulo se refere aos outros apóstolos, especialmente Tiago, Pedro e João, a quem mais tarde menciona pelos nomes (v. 9). Em relação a esses apóstolos ele admite que merecidamente tinham um bom nome da parte de todos. Eles eram conhecidos (com justiça) como os pilares da igreja, que não serviam apenas como ornamento dela, mas como suportes dela. Podia parecer que em relação a alguns aspectos esses apóstolos tivessem alguma vantagem sobre ele, pelo fato de terem visto Cristo em carne, e terem sido apóstolos antes dele, enquanto ele ainda era perseguidor dos cristãos. Mas, "*...quais tenham sido noutro tempo, não se me dá*". Isso não o tornava um apóstolo inferior, porque Deus não aceita as pessoas pelos seus benefícios exteriores. Era Ele que os havia chamado para esse ofício, e Ele tinha a liberdade de capacitar outros para o mesmo. Era evidente nesse caso que foi isso que o Senhor fez. Paulo diz que os outros apóstolos "*...nada me comunicaram*". Eles não lhe disseram nada que ele já não soubesse por revelação. Eles também não falaram contra a doutrina que transmitiu a eles, quando ficou evidente que não era inferior a eles, mas tinha o mesmo chamado e qualificações dos outros apóstolos.

4. Que o assunto dessa conversa era que os outros apóstolos estavam plenamente convencidos da sua missão e autoridade divinas, e o reconheciam como compa-

nheiro apóstolo (vv. 7-10). Eles não só estavam satisfeitos com essa doutrina, mas viram poder divino nela, tanto na pregação quanto na operação de milagres para a confirmação da doutrina: "*(porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios)*". Eles concluíram justamente "*...que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão*". E, portanto, percebendo "*...a graça que se me havia dado*" (que ele tinha recebido a honra e o ofício de um apóstolo, semelhantemente a eles), deram a ele e a Barnabé "*...as destras, em comunhão...*", símbolo por meio do qual reconheceram a igualdade desses dois com eles, e concordaram que fossem "*...aos gentios...*", enquanto eles continuariam pregando aos da "*...circuncisão*". Eles entenderam que a divisão desse trabalho era da vontade de Cristo e para o desenvolvimento do cristianismo. Assim, o encontro terminou em completa harmonia e concordância. Eles aprovaram a doutrina e a conduta de Paulo e estavam contentes com ele. Os apóstolos o receberam como apóstolo de Cristo e não tinham mais nada a acrescentar, "*...recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com diligência*". Os cristãos da Judéia na época passavam por grandes necessidades e dificuldades. Os apóstolos, por compaixão e preocupação com eles, apresentaram essa situação a Paulo, para que usasse sua influência nas igrejas gentílicas a fim de obter ajuda aos cristãos judeus. Esse era um pedido justo, "*...porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais*" (Rm 15.27). Paulo prontamente concorda com esse pedido, mostrando sua disposição caridosa e liberal, sua prontidão em considerar os convertidos judeus seus irmãos, embora muitos deles tivessem dificuldade em conceder o mesmo favor aos convertidos gentios. Paulo acreditava que uma mera diferença de opinião não era motivo para não se empenhar em socorrê-los. Dessa forma, ele nos apresenta um excelente padrão de caridade cristã, e nos ensina que não devemos limitá-la àqueles que concordam conosco, mas devemos estar prontos a estendê-la a todos que podem ser considerados discípulos de Cristo.

Pedro É Reprovado por Paulo

vv. 11-21

I Com base no relato que Paulo apresenta do que ocorreu entre ele e os outros apóstolos em Jerusalém, os gálatas podiam facilmente reconhecer a falsidade da insinuação dos seus inimigos contra ele, e a própria insensatez e fraqueza deles ao se afastarem do evangelho que ele lhes tinha pregado. Mas, para dar maior peso ao que já tinha dito, e para fortalecê-los ainda mais contra as insinuações dos mestres judaizantes, ele lhes informa acerca de mais um encontro que teve com o apóstolo Pedro em Antioquia, e o que ocorreu entre eles ali (vv. 11-14). Antioquia era uma das principais igrejas dos cristãos gentios, da mesma forma que Jerusalém era formada por cristãos que se voltaram do judaísmo à fé em Cristo. Não há motivo algum para a suposição de que Pedro fosse bispo de Antioquia. Se esse fosse o caso, certamente Paulo não lhe teria resistido em sua própria igreja, como lemos. Mas, ao contrário, Paulo apresenta essa situação como uma visita ocasional que Pedro fez a ele. No outro encontro houve harmonia e concordância. Pedro e os outros apóstolos tinham reconhecido a comissão de Paulo e aprovado sua doutrina, e haviam se despedido como bons amigos. Mas, nesse encontro, Paulo sente-se obrigado a opor-se a Pedro, "*...porque era repreensível*", evidência clara de que não era inferior a ele. Essa também é uma evidência clara da fragilidade da aspiração do papa quanto à sua supremacia e infalibilidade, como sucessor de Pedro. Nesse texto, podemos observar o seguinte:

1. O erro de Pedro. Quando esteve no meio das igrejas gentílicas, ele se sujeitou a elas, e comeu com os gentios convertidos, embora não fossem circuncidados, segundo as instruções que foram dadas a ele (At 10), quando foi advertido pela visão celestial a não chamar *coisa alguma comum ou imunda*. Mas, quando vieram alguns cristãos judeus de Jerusalém, ele ficou com medo de ofender aqueles da circuncisão, o que sem dúvida foi um gesto que trouxe grande tristeza e desânimo às igrejas gentílicas. Lemos que ele "*...se foi retirando e se apartou deles*". Seu erro teve uma influência negativa sobre outras pessoas, porque "*...os outros judeus também dissimulavam com ele*". Embora antes tivessem uma disposição melhor em se relacionar com os cristãos gentios, agora, em virtude do seu exemplo, receavam comer com os gentios e fingiam que não podiam fazê-lo em sã consciência, porque não eram circuncidados. E (você consegue imaginar?) o próprio Barnabé, um dos apóstolos aos gentios, alguém que tinha sido usado para plantar e regar as igrejas dos gentios, "*...se deixou levar pela sua dissimulação*". Observe aqui: (1) A fraqueza e inconstância dos homens mais devotos, quando são deixados sozinhos, quão inclinados são para vacilar no seu dever para com Deus, devido a um desejo indevido de agradar as pessoas. (2) O grande poder dos maus exemplos, especialmente os exemplos de homens notáveis e bons, que são conhecidos por sua sabedoria e reputação.

2. A repreensão de Paulo a Pedro por causa da sua falta. Não obstante o caráter de Pedro, quando Paulo o observou agindo de forma tal a prejudicar tanto a verdade do evangelho quanto a paz da igreja, não teve medo de censurá-lo por isso. Paulo ficou firme em relação aos seus princípios, quando outros hesitaram quanto aos seus. Ele também era judeu *por natureza* tanto quanto qualquer um deles (hebreu de hebreus), mas estava disposto a ressaltar seu ofício como apóstolo aos gentios, e, portanto, não permitiria que fossem desanimados e maltratados. "*...quando vi que não andavam bem e direitamente conforme a verdade do evangelho*", ou seja, que não viviam de acordo com o princípio ensinado pelo evangelho, a saber, que com a morte de Cristo a parede divisória entre judeus e gentios tinha sido demolida, e a observância da lei de Moisés já não estava mais em vigor, ele o censurou publicamente, uma vez que a ofensa de Pedro tinha sido pública. Ele "*...disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?*" Uma parte da conduta de Pedro estava

em contradição com a outra; porque se ele, que era judeu, podia dispensar o uso da lei cerimonial, e viver de acordo com os costumes gentílicos, isso mostra que ele não considerava a observância dela necessária, mesmo para os judeus. Portanto, ele não podia, de forma coerente com sua prática, impô-la aos cristãos gentios. E, no entanto, Paulo o acusa disso, pelo fato de querer forçar os gentios a viverem de acordo com os judeus – não por força e violência, mas essa era a intenção do que fez. Na verdade, o seu gesto deu a entender que os gentios deveriam agir de acordo com os judeus, caso contrário, não deveriam ser admitidos na comunhão cristã.

II Paulo, tendo estabelecido sua reputação e ofício, e mostrado com sucesso que não era inferior aos apóstolos, mesmo em relação a Pedro (do episódio da repreensão), aproveita a oportunidade para falar da grande e fundamental doutrina do evangelho. Ele mostra que a justificação é somente pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei (embora alguns comentaristas achem que tudo o que Paulo escreve até o fim do capítulo é o que disse a Pedro em Antioquia), cuja doutrina condenou Pedro por se identificar com os judeus. Porque, se era o princípio dessa religião que o evangelho é o instrumento da nossa justificação e não a lei, então ele fez muito mal em aprovar aqueles que guardavam a lei, e estavam a favor de combiná-la com a fé em relação à nossa justificação. Essa era a doutrina que Paulo tinha pregado aos gálatas, à qual continuava fiel, e que é o seu grande interesse nesta epístola. Nesse sentido Paulo nos familiariza:

1. Com a prática dos próprios cristãos judeus: "*Nós*", diz ele, "*somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios* (os que nascemos e fomos criados na religião judaica e não entre os gentios impuros). *Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada*. E, se achamos ser necessário buscar a justificação pela fé em Cristo, por que então deveríamos nos embaraçar com a lei? Por qual motivo então cremos em Cristo? Não foi para que fôssemos justificados pela fé em Cristo? E, se esse é o caso, não é insensato voltar para a lei e esperar ser justificado pelo mérito de obras morais ou pela influência de quaisquer sacrifícios e purificações cerimoniais? E sendo errado para nós que somos judeus por natureza voltarmos à lei, e aguardarmos a justificação por meio dela, não seria muito mais errado exigir isso dos gentios, que nunca foram sujeitos a ela, uma vez que *pelas obras da lei nenhuma carne será justificada*?" Para dar mais peso a esse aspecto ele acrescenta (v. 17): "*Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, nós mesmos também somos achados pecadores, é, porventura, Cristo ministro do pecado?* Se enquanto procuramos a justificação somente por meio de Cristo, e ensinamos aos outros a fazer o mesmo, acabamos aprovando ou tolerando o pecado; ou melhor, somos considerados como pecadores gentios, com os quais não é conveniente ter comunhão, a não ser que também observemos a lei de Moisés, então *é Cristo ministro do pecado?* Não seria essa a realidade, se Ele nos encarregasse de receber uma doutrina que dá liberdade ao pecado, ou por meio da qual estamos tão distantes de sermos justificados que continuamos pecadores impuros, e indignos de comunhão?" Ele deixa claro que essa seria a conseqüência, mas a rejeita com firmeza: "*De maneira nenhuma*", diz ele, "podemos alimentar esse tipo de pensamento acerca de Cristo, ou da sua doutrina, e permitir que por meio dela Ele nos leve a uma justificação que é imperfeita e ineficaz, e deixar aqueles que a aceitam injustificados, ou que dê o menor encorajamento ao pecado e aos pecadores". Isso seria muito desonroso para Cristo, e seria muito ofensivo para eles também. "*Porque*", diz ele (v. 18), "*se torno a edificar aquilo que destruí* – se eu (ou qualquer outro), que ensinei que o cumprimento da lei de Moisés não é necessário para a justificação, deveria agora, pela palavra ou prática, ensinar ou insinuar que isso é necessário –, *constituo-me a mim mesmo transgressor.* Reconheço que continuo sendo um pecador impuro e permaneço debaixo da culpa do pecado, apesar da minha fé em Cristo; ou estarei sujeito a ser acusado de falsidade e prevaricação, e de agir de maneira inconsistente comigo mesmo". Assim o apóstolo defende a grande doutrina da justificação pela fé sem as obras da lei dos princípios e práticas dos próprios cristãos judeus e das conseqüências que provocariam o afastamento dela. Por isso, ficou notório que Pedro e os outros judeus estavam muito enganados ao recusarem ter comunhão com os cristãos gentios e se esforçarem para levá-los para debaixo da escravidão da lei.

2. Ele nos relata o seu próprio julgamento e prática. (1) Que estava morto para a lei. Independentemente do que os outros pensavam, ele estava morto para a lei. Ele sabia que a lei moral proclamava uma maldição contra todos que não obedeciam a tudo que nela estava escrito. Por isso, ele estava morto para ela, e para toda a esperança de justificação e salvação por meio dela. Quanto à lei cerimonial, ele também sabia que ela era agora antiquada e estava suplantada com a vinda de Cristo. Portanto, com a vinda da essência, ele não tinha mais estima pela sombra. Ele, pois, estava morto para a lei, *pela* própria *lei*. Ao considerar a lei, Paulo percebeu que a justificação não podia ser esperada pelas obras da lei (visto que ninguém conseguiria obedecer a toda a lei) e que agora já não havia mais a necessidade de sacrifícios e purificações, visto que foram abolidos em Cristo, e um ponto final foi colocado nessas cerimônias pelo seu sacrifício por nós. Portanto, quanto mais examinava esse assunto tanto mais via que não havia necessidade de lhe dar a atenção que os judeus pleiteavam. Mas, embora estivesse "*...morto para a lei*", ele não se considerava sem lei. Paulo havia renunciado a toda a esperança na justificação pelas obras da lei e estava indisposto a continuar debaixo da servidão dela. Porém ele não achava de forma alguma que estava livre do seu dever para com Deus. Pelo contrário, ele estava morto para a lei, "*...para viver para Deus*". A doutrina do evangelho, que ele havia adotado, em vez de diminuir o vínculo do dever nele, fortaleceu-o ainda mais. Portanto, embora estivesse morto para a lei, isso serviu apenas para ele viver uma vida nova e melhor para Deus (Rm 7.4,6). Essa vida era mais agradável e aceitável a Deus do que o seu cumprimento da lei de Moisés, ou seja, uma vida de fé em Cristo, de santidade e justiça para com Deus. Assim, ele nos comunica: (2) Que, como ele estava morto para a lei, assim ele estava vivo para Deus por meio de Jesus Cristo

(v. 20): "*Já estou crucificado com Cristo...*". Aqui ele nos apresenta uma excelente descrição da vida misteriosa de um crente. [1] Ele está crucificado, mas, ao mesmo tempo, vive. O antigo homem está crucificado (Rm 6.6), mas o novo está vivo. Ele está morto para o mundo, e morto para a lei, mas vivo para Deus e Cristo. O pecado está mortificado, e a graça, estimulada. [2] "*...vivo, não mais eu...*". Isso é estranho. Ele vive no exercício da graça. Ele tem o consolo e o êxito da graça. E, no entanto, a graça não é dele, mas de algum outro. Os crentes se vêem vivendo em um estado de dependência. [3] Ele está *crucificado com Cristo*, mas, ao mesmo tempo, *Cristo vive* nele. Esse é o resultado da sua união mística com Cristo, por isso ele está interessado na morte de Cristo, e conseqüentemente em morrer para o pecado. Ao mesmo tempo, ele também está interessado na vida de Cristo, e conseqüentemente em viver para Deus. [4] Ele vive *na carne*, mas, ao mesmo tempo, vive *na fé*. De acordo com a aparência exterior, ele vive como vivem as outras pessoas. No entanto, ele tem um princípio mais elevado e nobre que o sustenta, ou seja, sua fé em Cristo, e especialmente em observar os milagres do seu amor ao se entregar a Ele. Assim, embora viva na carne, ele não vive de acordo com a carne. Observe: Aqueles que possuem a verdadeira fé, vivem por essa fé; e a grande verdade na qual a fé se concentra é que Cristo nos ama e se doou por nós. A grande evidência do amor de Cristo por nós é a sua auto-entrega por nós. É isso que Ele espera de nós, ao vivermos para Ele.

Por último, o apóstolo conclui esse discurso nos dizendo que pela doutrina da justificação pela fé em Cristo, sem as obras da lei (que ele defendia, e a qual outros se opunham), ele evitava duas grandes dificuldades: 1. Não aniquilava "*...a graça de Deus*", o que a doutrina da justificação pelas obras da lei fazia. Ele deduz (Rm 11.6): "*Se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça*". 2. Não frustrava a morte de Cristo. "*...se a justiça provém da lei, segue-se que Cristo morreu debalde*"; porque se procuramos a salvação na lei de Moisés, então consideramos a morte de Cristo supérflua. Por que motivo Ele deveria morrer, se pudéssemos obter a salvação sem que morresse?

CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Censura os gálatas pela sua insensatez, em se deixar afastar da fé do evangelho, e se esforça por meio de diversas ponderações, para que considerem a verdadeira fé. II. Ele prova a doutrina da justificação pela fé sem as obras da lei: 1. Com base no exemplo da justificação de Abraão. 2. Com base na natureza e caráter da lei. 3. Com base no testemunho expresso do Antigo Testamento. E: 4. Com base na estabilidade do concerto de Deus com Abraão. Para que ninguém diga: "Logo, para que é a lei?", ele responde: (1) Ela foi acrescentada por causa da transgressão. (2) Ela foi dada para convencer o mundo da necessidade de um Salvador. (3) Ela foi planejada como um aio, para levar-nos a Cristo. Então ele conclui o capítulo familiarizando-nos com o privilégio dos cristãos sob o evangelho.

A Justificação pela Fé

vv. 1-5

O apóstolo está tratando agora daqueles que, tendo recebido a fé em Cristo, continuavam procurando a justificação pelas obras da lei; isto é, que dependiam da própria obediência aos preceitos morais para serem justificados diante de Deus. Essa justificação era imperfeita e incompleta, porque precisava do complemento dos sacrifícios e purificações legais. Ele reprova categoricamente essa prática, e em seguida se esforça para convencê-los pela evidência da verdade. O método correto é repreender alguém por causa de uma falta ou erro, buscando convencê-lo desse erro ou falta.

O apóstolo os repreende de forma cuidadosa e cordial. Ele os chama de "*...insensatos gálatas*" (v. 1). Embora como cristãos fossem filhos da Sabedoria, no entanto como cristãos corrompidos eram filhos insensatos. Ele pergunta: "*...quem vos fascinou...?*" Dessa forma ele os considera enfeitiçados pelos artifícios e ciladas dos seus mestres sedutores. A insensatez e a paixão passageiras deles podiam ser percebidas pelo fato de não obedecerem "*...à verdade*"; isto é, eles não seguiam a forma de justificação apresentada pelo evangelho, o qual tinham reconhecido e aceito. Observe: Não basta conhecer a verdade, e dizer que cremos nela. Devemos também obedecê-la. Devemos nos submeter a ela de todo coração, e firmemente permanecer nela. Também observe: Quando a verdade em Jesus é claramente apresentada às pessoas, e elas escolhem não obedecer, também são enfeitiçadas espiritualmente. Diversas coisas provavam e agravavam a insensatez desses cristãos.

1. "*...Jesus Cristo foi já representado como crucificado...*" diante deles; isto é, a doutrina da cruz já tinha sido pregada a eles, e a ordenança da Ceia do Senhor, ministrada entre eles. Portanto, o Cristo crucificado já tinha sido apresentado a eles. Aqueles que tinham conhecimento desses mistérios sagrados e acesso a solenidades tão profundas, mas não obedeciam a essas verdades proclamadas, subscritas e seladas nessa ordenança, eram considerados loucos. Observe: A recompensa das honras e privilégios à qual fomos expostos como cristãos deveria nos levar a ter vergonha de cairmos na insensatez da apostasia e da recaída.

2. Ele apela às experiências que tinham tido acerca da operação do Espírito nas suas almas (v. 2). O apóstolo lembra aos seus leitores gálatas que após terem se tornado cristãos, tinham recebido *o Espírito*. Muitos deles tinham se tornado participantes não somente das influências santificadoras, mas dos dons miraculosos do Espírito Santo, que eram provas eminentes da verdade da fé cristã e das diversas doutrinas dela. Uma das doutrinas principais dizia que a justificação era somente por meio de Cristo, e não pelas obras da lei, que era um dos princípios peculiares e fundamentais dela. Para convencê-los da insensatez de se afastarem dessa doutrina, ele deseja saber de que forma chegaram a esses dons e graças: Acaso foi "*...pelas obras da lei...*", isto é, foi necessário pregar as obras da lei para serem justificados? Eles não puderam responder a essa indagação, porque essa doutrina não tinha sido pregada a eles na época, nem tinham eles, como gentios, qualquer pretensão em ser

justificados dessa maneira. Paulo então acrescenta: Ou a justificação foi recebida pela "...*pregação da fé*", isto é, a pregação da doutrina da fé em Cristo como a única forma de justificação? Se estivessem dispostos a falar a verdade, seriam obrigados a reconhecer a justificação pela fé somente. Eles precisariam ser muito injustos se quisessem rejeitar uma doutrina dos bons resultados da sua experiência. Observe: (1) É geralmente pela ministração do evangelho que o Espírito é transmitido às pessoas. (2) As pessoas que permitem ser afastadas do ministério e doutrina que foram bênçãos na sua vida espiritual são imprudentes.

3. Ele pede para que considerem a conduta passada e presente deles e julguem se não estavam agindo de maneira tola e irracional (vv. 3,4): ele lhes diz que tinham "...*começado pelo Espírito*", mas agora pretendiam acabar "...*pela carne*". Eles aceitaram a doutrina do evangelho e receberam o Espírito. Essa era a única e verdadeira maneira de a justificação ser revelada. Eles tinham começado bem, mas agora estavam se voltando para a lei. Eles esperavam subir degraus mais altos da perfeição em relação à justificação ao acrescentar a obediência da lei à fé em Cristo. Infelizmente, isso acabaria em vergonha e desapontamento. Em vez de ser um avanço para o evangelho, esse acréscimo era, na verdade, uma perversão do mesmo. E, enquanto buscavam ser justificados dessa forma, eles estavam se distanciando da possibilidade de se tornarem cristãos perfeitos e correndo o risco de não virem a ser cristãos em hipótese alguma. Na verdade, eles estavam derrubando com uma mão o que tinham construído com a outra e desfazendo o que tinham feito até esse ponto no cristianismo. O apóstolo também deixa claro que eles não somente tinham abraçado a doutrina cristã, mas também tinham sofrido por causa dela. Portanto, a insensatez deles seria tanto mais agravada, se abandonassem essa doutrina. Porque, nesse caso, todas as dificuldades pelas quais passaram teriam sido em vão – ficaria evidente que tinham sido insensatos em sofrer por aquilo que agora abandonavam, e o sofrimento deles teria sido totalmente em vão, sem vantagem alguma para eles. Observe: (1) A insensatez dos apóstatas se torna evidente pelo fato de perderem o benefício de tudo que fizeram na religião, inclusive em relação ao seu sofrimento. (2) É muito triste para qualquer pessoa viver numa época de serviços e sofrimentos, de sábados, sermões e sacramentos e perceber que tudo isso foi em vão. Neste caso, a justiça anterior não será mencionada.

4. Ele lhes diz que tiveram ministros no meio deles (principalmente ele próprio), que vieram com o selo e a comissão divina. Eles tinham ministrado o Espírito a eles e operado maravilhas entre eles. E Paulo pergunta se o fizeram "...*pelas obras da lei ou pela pregação da fé*", se a doutrina que tinha sido pregada por eles, e confirmada pelos dons e operações milagrosas do Espírito, era a justificação pelas obras da lei ou pela fé em Cristo? Os gálatas sabiam muito bem que era por meio da justificação pela fé em Cristo. Portanto, eles eram indesculpáveis pelo fato de abandonarem uma doutrina que tinha sido tão evidentemente reconhecida e provada e por trocá-la por uma que não tinha recebido esse tipo de testemunho.

A Justificação pela Fé
vv. 6-18

Após censurar os gálatas pelo fato de não obedecerem à verdade e empenhar-se em imprimir neles uma percepção da insensatez deles, nesses versículos o apóstolo procura provar a doutrina que eles haviam rejeitado, a saber, a justificação pela fé sem as obras da lei. Isso ele faz de diversas maneiras:

I Com base no exemplo da justificação de Abraão. O apóstolo usa o seguinte argumento (veja também Rm 4): "...*Abraão* [...] *creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça*" (v. 6). Ou seja, sua fé foi firmada na palavra e promessa de Deus. Ao crer, ele foi reconhecido e aceito por Deus como homem justo. Abraão é considerado o pai dos crentes, por isso o apóstolo deseja que saibamos que "...*os que são da fé são filhos de Abraão*" (v. 7), não de acordo com a carne, mas de acordo com a promessa. E, conseqüentemente, são justificados da mesma maneira que ele foi. Abraão foi justificado pela fé, e o mesmo ocorre com eles. Para confirmar isso, o apóstolo repete a promessa feita a Abraão em Gênesis 12.3: "*Todas as nações serão benditas em ti*" (v. 8). Lemos que as Escrituras previram, porque aquele que escreveu as Escrituras também previu que justificaria o mundo gentílico por meio da fé. Portanto, em Abraão, isto é, pela semente de Abraão, que é Cristo, não somente os judeus, mas também os gentios, seriam abençoados; não somente abençoados na semente de Abraão, mas abençoados como Abraão foi, sendo justificados como ele foi. O apóstolo chama isso de anunciar "...*o evangelho a Abraão*" e deduz (v. 9) que "...*os que são da fé*", isto é, os verdadeiros crentes, independentemente de sua nacionalidade, "...*são benditos com o crente Abraão*". Eles são abençoados com Abraão, o pai dos crentes, pela promessa feita a ele, e, portanto, pela fé, como foi o seu caso. Foi por meio da fé na promessa de Deus que ele foi abençoado, e é dessa maneira que os demais obtêm esse privilégio.

II Ele mostra que não podemos ser justificados senão pela fé firmada no evangelho, porque a lei nos condena. Se formos a julgamento naquele tribunal, e formos sentenciados, certamente seremos derrotados, estaremos perdidos e seremos destruídos. Lemos o seguinte: "*Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição*", todos aqueles que dependem do mérito das próprias obras para serem justificados e não se declaram culpados, insistindo na própria justificação, certamente serão condenados: "...*porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las*" (v. 10 e Dt 27.26). A condição para a vida, pela lei, é uma obediência perfeita, pessoal e perpétua. Por isso, o princípio bíblico: *Faça isso e viva*. Lemos no versículo 12: "...*o homem que fizer estas coisas por elas viverá*"; para cada transgressão a lei pronuncia uma maldição. A não ser que a nossa obediência seja total, permanecendo em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, e a não ser que ela seja permanente (se em uma única situação fracassarmos), estamos debaixo da maldição da lei. A maldição é a ira revelada e a decadência ameaçada: é

uma separação para todo tipo de mal, com toda força e poder contra todos os pecadores, e, portanto, contra todos os homens. Porque todos pecaram e tornaram-se culpados diante de Deus; e se, como transgressores da lei, estamos debaixo da maldição dela, parece ser uma coisa vã buscar a justificação por meio dela. Mas, embora isso não seja esperado pela lei, o apóstolo nos lembra mais tarde que existe um caminho aberto para escaparmos da maldição e recuperarmos o favor de Deus, a saber, por meio da fé em Cristo, que (como ele diz, v. 13) "*...nos resgatou da maldição da lei*". Jesus usou um método estranho para nos redimir da maldição da lei. Ele se fez "*...maldição por nós*". Pelo fato de ter sido feito pecado por nós, Ele foi feito maldição por nós; não separado de Deus, mas sujeitando-se debaixo do sinal infame do desagrado divino sobre o qual a lei de Moisés tinha colocado uma marca particular (Dt 21.23). O objetivo disso era "*...que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo*" – que todo aquele que cresse em Cristo, quer judeu ou gentio, pudesse tornar-se herdeiro da bênção de Abraão, e especialmente daquela grande promessa do Espírito, que estava particularmente reservada para os tempos do evangelho. Por isso, ficou claro que não foi pelo fato de colocar-se debaixo da lei, mas por meio da fé em Cristo, que se tornaram povo de Deus e herdeiros da promessa. Observe aqui: 1. A miséria na qual, como pecadores, os homens estão afundados: estão debaixo da maldição e condenação da lei. 2. O amor e a graça do nosso Senhor Jesus Cristo para conosco: Ele se entregou para ser feito maldição por nós, para que pudesse nos redimir da maldição da lei. 3. A perspectiva feliz que temos agora por meio dele, não somente de escapar da maldição, mas de herdar a bênção. 4. Somente por meio da fé nele podemos esperar obter esse favor.

III Para provar que a justificação é pela fé, e não pelas obras da lei, o apóstolo cita o testemunho expresso do Antigo Testamento (v. 11). Ele faz referência a Habacuque 2.4, em que lemos: "*...mas o justo, pela sua fé, viverá*". Essa expressão aparece novamente em Romanos 1.17 e Hebreus 10.38. O objetivo é mostrar que somente são justos aqueles que vivem verdadeiramente, que estão livres da morte e da ira, e restabelecidos em um estado de vida no favor de Deus. Somente pela fé as pessoas se tornam justas e obtêm essa vida e felicidade. Elas são aceitas por Deus e capacitadas a viver para Ele e são designadas para uma vida eterna, desfrutando da comunhão eterna com Ele. Assim o apóstolo diz: "*E é evidente que, pela lei, ninguém será justificado diante de Deus*". Independentemente do que os outros possam achar dele, ele não é assim diante de Deus; porque "*...a lei não é da fé*" – ela não diz nada acerca da fé no que se refere à justificação, nem dá vida àqueles que crêem. Mas lemos: "*...o homem que fizer estas coisas por elas viverá*" (veja Lv 18.5). A lei requer obediência perfeita às condições da vida, e, portanto, agora não pode ser de forma alguma a regra para a nossa justificação. Esse argumento do apóstolo nos dá a oportunidade de observar que a justificação pela fé não é nenhuma doutrina nova, mas que tinha sido estabelecida e ensinada na igreja de Deus muito antes da dispensação do evangelho. Essa é a única maneira pela qual os pecadores foram justificados no passado, ou seriam no futuro.

IV Para esse propósito o apóstolo salienta a estabilidade do concerto que Deus fez com Abraão, que não foi revogado nem anulado com o aparecimento da lei de Moisés (vv. 15ss.). A fé tinha a primazia sobre a lei, porque Abraão foi justificado pela fé. Foi uma promessa sobre a qual edificou, e promessas são os objetos apropriados da fé. Deus fez uma aliança com Abraão (v. 8), e essa aliança era firme e permanente. Se até as alianças dos homens têm essas características, quanto mais a dele. Quando uma ação é realizada, ou cláusulas de acordos são seladas, ambos os lados estão comprometidos, e é tarde demais para mudar as coisas. E, portanto, não devemos presumir que com a lei subseqüente a aliança de Deus fosse revogada. A palavra original *diatheke* significa tanto uma aliança (concerto) quanto um testamento. A promessa feita a Abraão era antes um testamento do que uma aliança. Quando um testamento entra em vigor pela morte de um testador, ele não pode ser alterado. E, portanto, a promessa que foi dada a Abraão, tendo a natureza de um testamento, permanece firme e inalterada. Mas, se alguém dissesse que um testamento poderia ser anulado pela ausência de pessoas para reivindicar o benefício dele (v. 16), ele mostra que não há perigo disso nesse caso. Abraão está morto, e os profetas também, mas a aliança é feita com Abraão e sua posteridade. E ele nos apresenta uma exposição surpreendente disso. Provavelmente pensaríamos que essa posteridade se referia somente ao povo judeu. "Não", diz o apóstolo, "a posteridade está no singular e aponta para uma única pessoa – essa posteridade *é Cristo*". Por isso a aliança continua em vigor; porque Cristo permanece para sempre em sua pessoa, e em sua posteridade espiritual, que são os seus pela fé. E, se alguém fizer a objeção de que a lei que foi dada por Moisés anulou essa aliança, por insistir tanto em obras, e por nela haver tão pouco acerca da fé ou do Messias prometido, ele responde que a lei subseqüente não pode anular a aliança ou promessa anteriores (v. 18): "*Porque, se a herança provém da lei, já não provém da promessa; mas Deus, pela promessa, a deu gratuitamente a Abraão*", e, portanto, seria incoerente com sua santidade, sabedoria e fidelidade por qualquer ato subseqüente pôr de lado a promessa, e dessa forma alterar o caminho da justificação que Ele assim tinha estabelecido. Se a herança foi dada a Abraão pela promessa, e dessa forma legada à sua posteridade espiritual, podemos estar certos de que Deus não desfaria essa promessa; porque Ele não é homem para se arrepender.

O Propósito da Lei. Os Verdadeiros Filhos de Abraão

vv. 19-29

Tendo acabado de falar acerca da promessa feita a Abraão, e que ela representava o critério da nossa justificação, e não a lei, para que não pensassem que ele desfazia demais da lei, e a considerava completamente inútil, ele então aproveita a oportunidade para discursar sobre o intento dela e nos informar acerca do seu propó-

sito. Poderia ser perguntado: "Se essa promessa é suficiente para a salvação, para que servia a lei? Ou: Por que Deus deu a lei por intermédio de Moisés?" Paulo então oferece a seguinte resposta:

I A lei foi "*...ordenada por causa das transgressões*" (v. 19). Ela não tinha a intenção de anular a promessa e estabelecer um caminho diferente de justificação daquele que foi estabelecido pela promessa. Mas ela foi *ordenada* (*adicionada*, versão RA), com o propósito de ser subserviente à promessa, e isso *por causa das transgressões*. Os israelitas, embora fossem escolhidos para ser o povo exclusivo de Deus, eram pecadores como os outros, e, portanto, a lei foi dada para convencê-los do seu pecado, e do estado de sujeição ao desagrado divino por conta disso: "*...porque pela lei vem o conhecimento do pecado*" (Rm 3.20), e "*...veio a lei para que o pecado abundasse*" (Rm 5.20). A lei também tinha a intenção de refreá-los de cometer pecado, colocar um temor na mente deles e ser um freio para os seus desejos de devassidão, aos quais estavam naturalmente inclinados. Ao mesmo tempo, ela foi designada para conduzi-los ao único e verdadeiro caminho por meio do qual o pecado pode ser expiado, e no qual podem obter o perdão; a saber, por meio da morte e sacrifício de Cristo, que era o uso especial para o qual a lei de sacrifícios e purificações foi dada.

O apóstolo acrescenta que a lei foi dada para esse propósito: "*...até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita*"; isto é, até que Cristo viesse (a posteridade principal a que se refere a promessa, como Paulo tinha mostrado anteriormente), ou até que a dispensação do evangelho ocorresse, quando judeus e gentios, sem distinção, pela fé, se tornassem a posteridade de Abraão. A lei foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse essa plenitude do tempo, ou essa dispensação completa. Quando a posteridade viesse, e uma descoberta mais completa da graça divina na promessa fosse feita, então a lei, como apresentada por Moisés, deveria cessar; esse concerto, ao se mostrar imperfeito, deveria dar lugar a um concerto melhor (Hb 8.7,8). Essa lei, considerada como a lei da natureza, está sempre em vigor, e ainda continua a ser usada para convencer os homens do pecado e refreá-los dele. No entanto, já não estamos mais debaixo da escravidão e terror desse concerto legal. A lei então não tinha a intenção de revelar mais uma forma de justificação, diferente daquela revelada pela promessa. Sua intenção era somente levar as pessoas a ver sua necessidade da promessa, ao mostrar a elas a seriedade do pecado, e apontá-las para Cristo, o único que poderia perdoá-las e justificá-las.

Como mais uma prova de que a lei não tinha a intenção de revogar a promessa, o apóstolo acrescenta: "*...foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro*". Ela foi dada a diferentes pessoas e de uma maneira diferente da promessa, e, portanto, para diferentes propósitos. A promessa foi feita a Abraão e toda sua posteridade espiritual, incluindo crentes de todas as nações, tanto gentios quanto judeus. Mas a lei foi dada aos israelitas como um povo peculiar, separado do restante do mundo. E, enquanto a promessa foi dada imediatamente pelo próprio Deus, a lei foi dada pela ministração de anjos, e a mão de um medianeiro. Por isso, fica óbvio que a lei não podia pôr de lado a promessa; porque (v. 20) "*...o medianeiro não o é de um só*", de uma única pessoa; "*...mas Deus é um*" na promessa ou concerto feito com Abraão. Portanto, não se deveria pensar que por um procedimento que ocorreu somente entre Ele e a nação dos judeus, seria anulada uma promessa que tinha sido feita muito antes a Abraão e a toda a sua posteridade espiritual, judeus ou gentios. Isso não seria coerente com sua sabedoria, nem com sua verdade e fidelidade. Moisés era somente um mediador entre Deus e os israelitas, não entre Deus e a posteridade espiritual de Abraão. Portanto, a lei que foi dada por ele não poderia afetar a promessa, muito menos aboli-la.

II A lei foi apresentada para convencer as pessoas da necessidade de um Salvador. O apóstolo pergunta aquilo que algumas pessoas estariam dispostas a contestar (v. 21): "*...a lei é contra as promessas de Deus?* Será que elas realmente entram em conflito entre si? Ou você não coloca o concerto com Abraão e a lei de Moisés em discórdia um com o outro?" E Paulo responde: "*De nenhuma sorte*". Ele estava longe de cogitar esse tipo de pensamento, nem podia ser inferido pelo que havia dito. A lei, de forma alguma, é discordante da promessa, mas subordinada a ela, uma vez que o propósito dela é revelar as transgressões dos homens e mostrar a eles a necessidade que têm de uma justiça melhor do que a que a lei oferece. Essa seria muito mais uma conseqüência da doutrina deles do que da dele: "*...porque, se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei*", e, nesse caso, a promessa teria sido substituída e considerada inútil. Mas isso não poderia ocorrer em nossa situação atual, porque "*...a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado*" (v. 22), ou declarou que todos, judeus e gentios, são culpados, e, portanto, incapazes de alcançar a justiça e justificação pelas obras da lei. A lei descobriu as feridas, mas não podia oferecer-lhes um remédio. Ela mostrava que eram culpados, porque estabelecia sacrifícios e purificações que eram claramente insuficientes para tirar o pecado. Portanto, o grande intento disso era "*...que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes*", para que ao serem convencidos do seu pecado e da insuficiência da lei em produzir justiça para eles, fossem persuadidos a crer em Cristo, e dessa forma obter o benefício da promessa.

III A lei foi designada para nos servir "*...de aio, para nos conduzir a Cristo*" (v. 24). No versículo anterior, o apóstolo nos informa acerca do estado dos judeus debaixo da organização mosaica, antes que a fé viesse, ou antes que Cristo aparecesse e a doutrina da justificação pela fé nele fosse mais plenamente revelada. Eles estavam guardados debaixo da lei, obrigados, debaixo de penas severas, a uma observância rigorosa dos vários preceitos dela. E naquela época eles estavam encerrados, mantidos debaixo do terror e disciplina dela, como prisioneiros em um estado de confinamento. A intenção era que por meio dessa situação eles se dispusessem mais prontamente a abraçar a "*...fé que se havia de manifestar*", ou ser persuadidos a aceitar Cristo quando veio ao mundo, e harmonizar-se com essa dispensação melhor que Ele estava prestes a introduzir, por meio da

qual seriam libertos da escravidão e servidão e trazidos para um estado de maior luz e liberdade. Agora, nesse estado, ele diz que a lei "*...serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados*". Assim como a lei declarava o propósito e a vontade de Deus em relação a eles, e ao mesmo tempo pronunciava uma maldição contra eles por toda falha na obrigação ou dever deles, assim era apropriado convencê-los da sua condição perdida e incompleta neles mesmos, e deixá-los ver a fraqueza e insuficiência da sua própria justiça e recomendá-los a Deus. E como os obrigava a uma variedade de sacrifícios etc., que, embora não pudessem tirar o pecado, era uma tipificação de Cristo e do grande sacrifício que Ele iria oferecer pela expiação dele, assim isso os conduziu a Ele (embora de uma forma mais obscura e sombria) como único socorro e refúgio deles. Dessa forma, esse era o aio deles, que os instruiria e dirigiria no seu estado de menoridade, ou, como a palavra *paidagogos* mais apropriadamente significa, *servo* deles, para guiar e conduzi-los a Cristo (como as crianças eram acostumadas a ser levadas para a escola pelos servos que cuidavam delas); para que fossem instruídos de maneira mais completa por ele como seu aio, na verdadeira forma de justificação e salvação, que somente ocorre pela fé nele, e de quem ele era designado a dar as descobertas mais completas e claras. Mas para que não fosse dito: "Se a lei tinha esse uso e serviço para o estado judeu, por que ela não poderia continuar a ter o mesmo significado para o estado cristão?", o apóstolo acrescenta (v. 25) que "*...depois que a fé veio*", e ocorreu a dispensação do evangelho, na qual Cristo e o caminho do perdão e da vida por meio da fé nele são colocados à luz mais clara, "*...já não estamos debaixo de aio*" – não temos mais esse tipo de necessidade da lei para nos conduzir a Ele como ocorria naquela época. Assim, o apóstolo nos familiariza com os propósitos da lei. De acordo com as palavras de Paulo, podemos observar o seguinte acerca dessa questão:

1. A bondade de Deus para com o seu povo dos tempos antigos, dando-lhes a lei. Embora, em comparação com o estado do evangelho, fosse uma dispensação da escuridão e terror, ela lhes proveu meios e auxílios suficientes para orientá-los em seu dever para com Deus e encorajar a esperança nele.

2. A grande falha e insensatez dos judeus em interpretar mal a intenção da lei e usá-la para um propósito muito diferente do propósito original de Deus. Eles esperavam ser justificados pelas obras dela, ao passo que ela nunca foi designada para ser a regra da justificação deles, mas somente um meio de convencê-los da sua culpa e da necessidade de um Salvador, e de conduzi-los a Cristo, e à fé nele, como a única maneira de obter esse privilégio (veja Rm 9.31,32; 10.3,4).

3. A grande vantagem do estado do evangelho sobre o estado legal, de acordo com o qual não somente desfrutamos de uma revelação mais clara da graça e misericórdia divinas do que foi propiciada aos antigos judeus, mas também somos libertos do estado de servidão e medo sob a qual eles se encontravam. Não somos agora tratados como crianças em uma fase de menoridade, mas como filhos adultos, que são admitidos a liberdades maiores, e colocados diante de privilégios mais amplos do que os anteriores. O apóstolo descreve esse aspecto nos versículos seguintes. Tendo mostrado o intento da lei, no final do capítulo ele agora nos mostra os privilégios em Cristo. Ele declara de maneira especial:

(1) Que somos "*...filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus*" (v. 26). E aqui podemos observar: [1] O grande e excelente privilégio que os verdadeiros cristãos desfrutam em relação ao evangelho: Eles são os *filhos* de Deus. Eles não são mais servos, mas *filhos*. Eles não são mantidos a uma distância tão grande e debaixo de restrições, como era o caso dos judeus, mas lhes é permitido um acesso mais próximo e livre a Deus. Eles fazem parte e têm direito a todos os privilégios dos filhos de Deus. [2] Como eles obtiveram esse privilégio: foi "*...pela fé em Cristo Jesus*". Tendo aceitado a Jesus como Senhor e Salvador deles, e confiado somente nele para a justificação e salvação, eles são agora aceitos nesse relacionamento feliz com Deus e têm direito a esses privilégios. Lemos em João 1.12: "*A todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome*". Paulo lembra aos crentes gálatas que essa fé em Cristo, por meio da qual se tornaram filhos de Deus (v. 27), era o que professaram no batismo. Por isso acrescenta: "*...todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo*". Tendo confessado sua fé nele no batismo, se devotaram a Ele e colocaram seu uniforme, e declararam ser seus servos e discípulos. E, tendo se tornado membros de Cristo, foram, por meio dele, reconhecidos como filhos de Deus. Observe aqui que, em primeiro lugar, o batismo é agora o rito solene da nossa admissão na igreja cristã, assim como a circuncisão era para os judeus. Nosso Senhor Jesus ordenou que fosse assim, na comissão dada aos discípulos (Mt 28.19), e, portanto, era a prática deles batizar aqueles que discipulavam na fé cristã. Talvez o apóstolo mencione o batismo deles e o fato de se tornarem filhos de Deus pela fé em Cristo para evitar uma oposição adicional, que os falsos mestres poderiam estar inclinados a realçar a favor da circuncisão. Eles podiam estar prontos a dizer: "Embora estejamos inclinados a consentir que a lei, como foi dada no monte Sinai, foi abolida pela vinda de Cristo (que é a posteridade prometida), contudo, por que a circuncisão também deveria ser abolida, quando ela foi dada a Abraão junto com a promessa, muito antes da lei dada a Moisés?" Essa dificuldade é removida quando o apóstolo diz: "*...todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo*". Por essa razão, parece que com o evangelho o batismo ocupa o lugar da circuncisão, e que aqueles que pelo batismo são consagrados a Cristo, e sinceramente crêem nele, devem receber todos os privilégios da condição cristã como os judeus receberam por meio da circuncisão (Fp 3.3), e, portanto, não havia motivo para a continuação desse ritual judaico. Observe que, em segundo lugar, em nosso batismo nos revestimos de Cristo. Com isso professamos nosso discipulado da parte dele e somos obrigados a comportar-nos como seus servos fiéis. Quando somos batizados em Cristo, somos batizados na sua morte, para que como Ele morreu e ressuscitou, nós também morramos para o pecado e caminhemos em novidade de vida (Rm 6.3,4). Seremos grandemente beneficiados se lembrarmos disso com maior freqüência.

(2) Que esse privilégio de ser filho de Deus e de ser consagrado a Ele por meio de Cristo é agora desfrutado em comum por todos os verdadeiros cristãos. A lei, na verdade, fazia diferença entre judeus e gregos, dando aos judeus, em muitas ocasiões, a primazia. Ela também diferenciava entre *servo* e *livre*, senhor e escravo, e entre *macho* e *fêmea*, sendo que os machos eram circuncidados. Mas não é assim agora. Todos eles estão no mesmo nível, e são todos "...*um em Cristo Jesus*". Assim como alguém não é aceito pelo fato de desfrutar de alguma vantagem pessoal ou nacional, da mesma forma o outro não é rejeitado pela falta dela; mas todos que sinceramente crêem em Cristo, independentemente de nação, sexo ou condição, são aceitos por Ele, e tornam-se filhos de Deus, por meio da fé nele.

(3) Que, sendo "...*de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa*". Os mestres judaizantes ensinavam que eles deveriam ser circuncidados e guardar a lei de Moisés, caso contrário, não seriam salvos. "Não", diz o apóstolo, "não há necessidade disso tudo; porque se vocês são *de Cristo*, se sinceramente crêem nele, que é a descendência prometida, em quem todas as nações da terra devem ser abençoadas, então vocês se tornam a verdadeira *descendência de Abraão*, o pai dos fiéis. Como tais são *herdeiros conforme a promessa*, e conseqüentemente são habilitados para as grandes bênçãos e privilégios dela". Fica claro então que a justificação não deve ser obtida por meio das obras da lei, mas somente pela fé em Cristo, e que a lei de Moisés era uma instituição temporária, que foi dada para esse fim. A promessa não tinha a intenção de ser subversiva; por isso, agora, sob o evangelho, os cristãos desfrutam de privilégios muitos maiores e melhores do que os judeus desfrutavam debaixo da antiga dispensação. Conclui-se, então, que eles seriam muito imprudentes e insensatos se dessem ouvidos àqueles que outrora se esforçavam em privá-los da verdade e liberdade do evangelho.

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, o apóstolo continua com o mesmo propósito do capítulo anterior, ou seja, recuperar esses cristãos das impressões distorcidas que os mestres judaizantes deixaram neles e revelar a fraqueza e insensatez deles em permitir serem afastados da doutrina evangélica da justificação e serem privados de usufruir a libertação da servidão da lei de Moisés. Para esse fim, ele faz uso de diversas considerações, tais como: I. A superioridade do evangelho em relação à lei (vv. 1-7). II. A feliz mudança que ocorreu neles na conversão (vv. 8-11). III. O amor que tinham por ele e seu ministério (vv. 12-16). IV. O caráter dos falsos mestres por meio de quem tinham sido desvirtuados (vv. 17,18). V. O grande carinho que tinha por eles (vv. 19,20). VI. A história de Isaque e Ismael, usada para ilustrar a diferença entre aqueles que confiavam em Cristo e aqueles que confiavam na lei. Em tudo isso, ele é totalmente transparente e fiel e expressa todo seu cuidado por eles.

A Redenção por Cristo
vv. 1-7

Nesse capítulo, o apóstolo lida claramente com aqueles que davam ouvidos aos mestres judaizantes, que exaltavam a lei de Moisés em comparação com o evangelho de Cristo, e se esforçavam em levá-los para debaixo da sua escravidão. Para convencê-los da sua insensatez e corrigir seus erros em relação a isso, ele continua usando a ilustração de um menino menor de idade, que havia mencionado no capítulo anterior. Dessa maneira mostra as grandes vantagens que temos agora, com o evangelho, em relação ao que tinham com a lei. Aqui:

I Ele nos familiariza com o estado da comunidade judaica do Antigo Testamento: Ela era semelhante a um menino menor de idade, que é mantido em um estado de escuridão e servidão, em comparação com a luz e liberdade mais amplas que desfrutamos sob o evangelho. Aquela era, aliás, uma dispensação da graça, e, não obstante, era comparativamente uma dispensação de escuridão. Assim como o herdeiro, em sua menoridade, "...*está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai*", por quem é educado e instruído naquelas coisas das quais no presente momento tem pouco conhecimento, e mais tarde provavelmente serão de grande utilidade para ele; assim ocorria com o povo judeu do Antigo Testamento – a organização mosaica, sob a qual se encontravam. Eles não conseguiam entender completamente o significado dela. Como o apóstolo diz: Eles não olhavam "...*firmemente para o fim daquilo que era transitório*" (2 Co 3.13). Mas para a igreja, quando se tornasse madura, nos dias do evangelho, esse aspecto se tornaria de grande proveito. Aquela dispensação era um tempo de escuridão, bem como de servidão, pois estavam "...*reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo*". Eles estavam presos a um grande número de rituais e observâncias penosas, por meio das quais, como por um tipo de primeiros rudimentos, eles foram ensinados e instruídos, e pelos quais foram mantidos em um estado de sujeição, semelhantemente a um menino debaixo de tutores e curadores. A igreja, na época, tinha mais a característica de *um servo* (escravo), sendo obrigada a fazer tudo de acordo com a ordem de Deus, sem estar plenamente inteirada do motivo; mas o serviço sob o evangelho parece mais razoável do que no tempo da lei. Quando ocorre o tempo determinado pelo Pai, e a igreja chega à maturidade, a escuridão e a servidão em que se encontrava é removida, e ela se encontra debaixo de uma dispensação de maior luz e liberdade.

II Ele descreve a condição cristã muito mais feliz debaixo da dispensação do evangelho (vv. 4-7). "...*vindo a plenitude dos tempos*", o tempo designado pelo Pai, Ele colocou um fim na dispensação da lei, e estabeleceu uma dispensação melhor no seu lugar: "*Deus enviou seu Filho*". A pessoa responsável por introduzir essa nova dispensação não era outro senão o próprio Filho de Deus, o Unigênito do Pai. Como tinha sido profetizado e prometido desde a fundação do mundo, no devido tempo, Ele foi manifestado para esse propósito. Para cumprir o grande plano a que tinha se proposto, Ele

sujeitou-se a nascer "...*de mulher*" (a sua encarnação) e nascer "...*sob a lei*" (a sua submissão). Aquele que era verdadeiramente Deus, tornou-se homem por amor a nós. E aquele que era Senhor de tudo consentiu em sujeitar-se e tomar a forma de servo. Um dos motivos da sua vinda era para "...*remir os que estavam debaixo da lei*" – para nos salvar desse jugo intolerável e desenvolver ordenanças do evangelho mais racionais e fáceis. Ele tinha, na verdade, algo maior em vista ao vir ao mundo do que meramente libertar-nos da servidão da lei cerimonial. Ele veio em nossa natureza, e consentiu sofrer e morrer por nós, para que dessa forma pudesse remir-nos da ira de Deus e da maldição da lei moral, sob a qual todos os pecadores se encontram. Essa era uma das finalidades da sua vinda, e uma misericórdia guardada a ser conferida no tempo da sua manifestação. Então o estado mais servil da igreja chegaria ao fim, e um estado melhor sucederia esse período. Ele também foi enviado para nos redimir, "...*a fim de recebermos a adoção de filhos*" – para que não fôssemos mais considerados e tratados como servos, mas como filhos maduros, que receberam privilégios maiores, do que quando estavam debaixo de tutores e curadores. O argumento do apóstolo nos leva a essa conclusão, embora, sem dúvida, também possa ser entendido como que significando essa adoção graciosa à qual o evangelho tantas vezes se refere como o privilégio daqueles que crêem em Cristo. Israel era o filho de Deus, seu filho primogênito (veja Rm 9.4). Mas agora, sob o evangelho, crentes específicos recebem a adoção. E, como evidência disso, eles recebem simultaneamente o Espírito de adoção, imputando-lhes o dever de orar, e capacitando-os em oração a ver Deus como Pai (v. 6): "...*porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai*". Assim, o apóstolo conclui esse argumento ao acrescentar (v. 7): "*Assim que já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo*". Agora, de acordo com o evangelho, não estamos mais debaixo da servidão da lei, mas, ao crermos em Cristo, nos tornamos filhos de Deus. Somos aceitos por Ele, e adotados por Ele; e, sendo filhos, somos também herdeiros de Deus, e destinados à herança celestial (como o apóstolo também argumenta em Romanos 8.17). Portanto, voltar à lei e buscar a justificação pelas obras dela parece uma insensatez muito grande. Com base no que o apóstolo diz, podemos observar o seguinte acerca desses versículos:

1. As maravilhas do amor e da misericórdia divinos em relação a nós: de Deus, o Pai, ao enviar seu Filho ao mundo para nos redimir e salvar; do Filho de Deus, ao submeter-se de forma tão humilde e sofrer tanto por nós, para cumprir o plano divino; e do Espírito Santo, em dignar-se a morar no coração dos crentes.

2. As grandes e inestimáveis vantagens que os cristãos desfrutam sob o evangelho, porque: (1) Recebemos *a adoção de filhos*. É um grande privilégio que os crentes têm de, por meio de Cristo, serem filhos adotivos do Deus dos céus. Nós, que por natureza somos filhos da ira e da desobediência, nos tornamos, pela graça, filhos do amor. (2) Recebemos o *Espírito de adoção*. Observe: [1] Todos os que têm o privilégio da adoção têm o Espírito da adoção – todos os que o recebem, são participantes da natureza dos filhos de Deus; porque todos os seus filhos se assemelharão a Ele. [2] O Espírito de adoção sempre é o Espírito de oração, e é nosso dever em oração ver Deus como Pai. Cristo nos ensinou em oração a ver Deus como nosso Pai do céu. [3] Se somos seus filhos, somos seus herdeiros. Isso não ocorre entre os homens, em que o filho mais velho é o herdeiro; no entanto, todos os filhos de Deus são herdeiros. Aqueles que têm a natureza de filhos terão a herança de filhos.

Repreensão Carinhosa

vv. 8-11

Nesses versículos, o apóstolo deixa claro o que eram antes da conversão deles à fé em Cristo, e a mudança abençoada que essa conversão realizou na vida deles. Então ele se empenha em convencê-los da enorme insensatez deles ao dar ouvidos àqueles que os conduziriam debaixo da servidão da lei de Moisés.

I Ele fala do estado e comportamento passado deles, e o que eram antes que o evangelho lhes fosse pregado. Naquela época, *não* conheciam *a Deus*. Eles eram totalmente ignorantes acerca do verdadeiro Deus e da forma como deveria ser adorado. Naquela época, estavam debaixo da pior escravidão, porque serviam "...*aos que por natureza não são deuses*". Eles estavam envolvidos em um grande número de práticas supersticiosas e idólatras dedicadas àqueles que, embora fossem considerados deuses respeitados, não eram na verdade deuses, mas meras criaturas, e talvez a própria criação deles, sendo, portanto, totalmente incapazes de ouvir e ajudá-los. Observe: 1. Aqueles que são ignorantes acerca do verdadeiro Deus estão predispostos a seguir falsos deuses. Aqueles que abandonaram o Deus que fez o mundo, em vez de estarem sem deuses, adoraram aqueles que eles mesmos fizeram. 2. A verdadeira adoração somente pode ser feita àquele que por natureza é Deus. Quando o apóstolo acusa aqueles que prestavam culto aos que por natureza não eram deuses, claramente mostra que somente aquele que por natureza é Deus deve ser o objeto da nossa verdadeira adoração.

II Ele lhes chama a atenção para considerarem a mudança favorável que ocorreu neles pela pregação do evangelho entre eles. Agora eles conheceram "...*a Deus* (chegaram ao conhecimento do verdadeiro Deus e do seu Filho, Jesus Cristo, sendo recuperados da ignorância e servidão debaixo das quais se encontravam) *ou, antes, sendo conhecidos de Deus*". Essa mudança favorável na situação deles, em que se voltaram dos ídolos ao Deus vivo, e em que, por meio de Cristo, tinham recebido a adoção de filhos, não foi devida a eles próprios, mas a Ele. Foi o resultado da sua preciosa e livre graça para com eles. Portanto, dessa forma, eles foram colocados debaixo da obrigação maior de seguir a liberdade, usada para libertá-los. Observe: Todo nosso conhecimento em relação a Deus começa com Ele. Nós o conhecemos, porque somos conhecidos por Ele.

III Disso, ele deduz a irracionalidade e tolice deles em permitir ser levados novamente ao estado

de servidão. Ele fala acerca desse assunto com surpresa e profunda preocupação: "*como tornais outra vez...?*", diz ele (v. 9). "Como é possível que vocês, que foram ensinados a adorar a Deus de acordo com o evangelho, sejam agora persuadidos a concordar com a forma cerimonial da adoração? Como é possível que vocês, que conhecem a dispensação da luz, da liberdade e do amor, como é o caso do evangelho, sejam agora submetidos à dispensação da escuridão, servidão e terror, como é o caso da lei?" Eles não tinham motivo algum para estar debaixo da lei, uma vez que nunca tinham estado debaixo da lei de Moisés, como os judeus. Por causa disso, eles eram mais indesculpáveis do que os próprios judeus, que poderiam ter um certo apego àquilo que tinha estado com eles por tanto tempo. Além disso, eles permitiram ser escravizados por "*...rudimentos fracos e pobres*", coisas de que não conseguiam limpar a alma deles, nem oferecer qualquer tipo de satisfação duradoura para a mente, e que somente eram destinados para esse estado de menoridade debaixo da qual o povo de Deus tinha estado, mas que agora tinha chegado ao fim. Portanto, a fraqueza e a insensatez deles eram tanto mais graves pelo fato de participarem com os judeus nos vários cerimoniais, aqui representados por "*...dias, e meses, e tempos, e anos*". Observe aqui: 1. É possível que aqueles que fizeram grandes declarações de fé sejam mais tarde atraídos para terríveis apostasias que se afastam da pureza e simplicidade dela. Este era o caso desses cristãos. 2. Quanto maior for a misericórdia de Deus mostrada a alguém, pelo conhecimento do evangelho, e os privilégios e vantagens dele, tanto maior é o pecado e a insensatez ao se permitir ser privado deles. Por isso, o apóstolo ressalta que depois de terem conhecido a Deus, ou melhor, serem conhecidos por Ele, não deviam desejar estar em servidão debaixo dos rudimentos fracos e pobres da lei.

IV Ele expressa sua apreensão, ou seja, "*...que haja eu trabalhado em vão para convosco*". Ele tinha trabalhado muito na pregação do evangelho e se esforçado para confirmá-los na fé e na liberdade desse evangelho. Mas agora eles estavam desistindo dessas virtudes, tornando o seu trabalho entre eles infrutífero e inútil. Esses pensamentos o abalavam profundamente. Observe: 1. Uma grande parte do trabalho de ministros fiéis é em vão. E, quando isso acontece, existe uma grande tristeza naqueles que desejam a salvação de almas. Observe: 2. O trabalho dos ministros é em vão naqueles que começam no Espírito mas terminam na carne, pois embora parecessem ter começado bem, mais tarde acabaram se afastando do caminho do evangelho. Observe: 3. Esses com quem os ministros fiéis de Jesus Cristo se esforçaram para anunciar o evangelho, mas em vão, terão de prestar contas a Deus.

Repreensão Carinhosa

vv. 12-16

Para que esses cristãos possam estar tanto mais envergonhados pela sua deserção da verdade do evangelho que Paulo tinha pregado a eles, ele aqui os lembra da grande afeição que tinham tido anteriormente por ele e seu ministério e busca fazê-los refletir acerca da inadequabilidade do seu comportamento atual em relação àquilo que professavam anteriormente. E aqui podemos observar:

I Quão afetuosamente o apóstolo se dirige a eles. Ele os chama de irmãos, embora soubesse que seus corações estavam em grande parte alienados dele. O apóstolo deseja que todo o ressentimento possa ser deixado de lado, e que eles tenham a mesma disposição de ânimo que ele tinha com eles. Ele queria que fossem "*...como eu, porque também eu sou como vós*", e, além disso, diz a eles que não o ofenderam em nada. Paulo não tinha nenhuma rixa ou mágoa em relação a eles. Embora, ao condenar a conduta deles, tivesse se expressado com uma certa veemência e preocupação, ele os assegura que isso não era devido a qualquer sentimento de ofensa pessoal (como eles poderiam estar propensos a pensar). Ele age tendo em vista o zelo pela verdade e pureza do evangelho e para o bem-estar e felicidade deles. Assim, se empenha em abrandar o espírito deles em relação a ele, para que possam estar mais dispostos a receber as admoestações que estava transmitindo. Com isso, o apóstolo ensina que, ao repreendermos alguém, devemos tomar cuidado para convencê-lo de que a nossa repreensão não é decorrente de qualquer tipo de ressentimento pessoal, mas de uma consideração sincera em relação à honra de Deus e para o bem-estar deles. Teremos maior sucesso quando formos totalmente imparciais.

II A forma em que ele exalta o antigo amor deles por ele, para que possam estar tanto mais envergonhados pelo seu comportamento atual em relação a ele. Para esse propósito: 1. Ele mostra a dificuldade com que trabalhou no meio deles na primeira vez que esteve com eles: "*...vós sabeis que primeiro vos anunciei o evangelho estando em fraqueza da carne*". Não temos certeza de qual era essa *fraqueza da carne*, que ele expressa nas palavras seguintes como "*...uma tentação na minha carne*" (embora, sem dúvida, fosse bem conhecida àqueles cristãos a quem escrevia). Alguns acreditam que tenham sido as perseguições que sofreu por amor ao evangelho; outros, que tenha sido algo na sua pessoa, ou maneira de falar, que pudesse conferir ao seu ministério uma aceitação menor (de acordo com 2 Co 10.10 e 12.7-10). Mas, independentemente do que era, parece que isso não causou nenhuma impressão negativa sobre eles. Porque: 2. Ele ressalta que, não obstante essa sua fraqueza (que possivelmente poderia tê-lo diminuído diante de alguns deles), eles não o desprezaram e rejeitaram; pelo contrário, receberam-no "*...como um anjo de Deus, como Jesus Cristo mesmo*". Eles mostraram um profundo respeito por sua pessoa; ele era um mensageiro muito bem-vindo no meio deles, como se um anjo de Deus ou o próprio Jesus Cristo tivesse pregado a eles. Tão grande era o respeito por ele, que, se isso pudesse ajudar, "*...arrancaríeis os olhos, e mos daríeis*". Observe: Quão inconstante é o respeito das pessoas, quão inclinadas estão para mudar suas mentes, e quão facilmente são capazes de desprezar aqueles por quem em determinada época tiveram a maior estima e afeição, a ponto de estarem prontas a arrancar os olhos daqueles por quem antes estariam dis-

postas a arrancar seus próprios olhos! Deveríamos, portanto, nos esforçar para sermos aceitos por Deus. Paulo disse: "...*mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano*" (1 Co 4.3).

III Quão seriamente ele protesta contra eles: "*Qual é, logo, a vossa bem-aventurança?*", pergunta. Como se estivesse dizendo: "Houve uma época em que vocês expressaram a maior alegria e satisfação pelas boas novas do evangelho e estavam muito dispostos a derramar suas bênçãos sobre mim como o divulgador delas. Por qual motivo vocês estão tão diferentes agora, e têm tão pouco interesse por elas e respeito por mim? Houve uma época em que vocês estavam felizes em receber o evangelho. Vocês têm algum motivo para pensar de outra forma?" Observe: Aqueles que abandonaram o seu primeiro amor fariam bem em considerar: Onde está agora a bem-aventurança da qual um dia falavam? O que aconteceu com o prazer que um dia sentiam ao fazer parte da comunhão com Deus e da companhia dos seus servos? Para sublinhar uma vergonha justa acerca da conduta atual deles, o apóstolo novamente pergunta (v. 16): "*Fiz-me, acaso, vosso inimigo, dizendo a verdade?* Como é possível que eu, que era vosso favorito, sou agora considerado vosso inimigo? Existe algum outro motivo a não ser pelo fato de ter contado a verdade a vós, de ter me empenhado em torná-la conhecida a vós, a verdade do evangelho? Se esse não é o caso, quão injusta deve ser vossa desafeição para comigo!" Observe: 1. Não é incomum os homens considerarem como inimigos aqueles que realmente são seus melhores amigos. Porque, indubitavelmente, são esses, quer sejam ministros ou outros, que lhes contam a verdade e tratam livre e fielmente com eles acerca de questões relacionadas à salvação eterna deles, como o apóstolo agora fazia com esses cristãos. 2. Os ministros podem às vezes criar inimigos por causa do desempenho fiel das suas funções. Esse era o caso de Paulo. Ele era considerado o inimigo deles por dizer-lhes a verdade. 3. No entanto, os ministros não devem evitar falar a verdade, com medo de ofender outras pessoas e atrair o desagrado delas. 4. Eles podem estar tranqüilos, quando se conscientizam de que, se os outros se tornaram seus inimigos, isso somente aconteceu pelo fato de contar-lhes a verdade.

Repreensão Carinhosa
vv. 17,18

O apóstolo continua levando em frente o mesmo plano dos versículos anteriores, que era convencer os gálatas do seu pecado e insensatez ao afastarem-se da verdade do evangelho. Tendo acabado de discutir com eles acerca da sua mudança de comportamento para com ele, que se empenhava em firmá-los nessa verdade, ele aqui descreve o caráter desses falsos mestres, que tinham como objetivo afastá-los do evangelho. Se eles prestassem atenção no seu ensino, logo perceberiam quão pouca razão tinham em dar ouvidos aos falsos mestres. Qualquer que fosse a opinião deles a respeito dos falsos mestres, ele lhes conta que eram homens maquinadores, que buscavam estabelecer-se, e que, diante das suas ambições, estavam mais interessados no interesse próprio do que no dos irmãos gálatas: "*Eles têm zelo por vós*", diz o apóstolo; "eles mostram uma consideração muito grande por vós, e simulam uma grande afeição, mas *não como convém*. Eles não o fazem por um bom motivo, eles não são sinceros e honestos naquilo que fazem, porque *querem excluir-vos, para que vós tenhais zelo por eles*. Eles buscam basicamente obter vossa afeição; e, para isso, estão fazendo todo o possível para afastar o vosso amor por mim e pela verdade. Dessa forma, eles conseguirão atrair-vos para si mesmos". Esse, Paulo assegura, era o desígnio deles, e, portanto, os gálatas seriam muito imprudentes se derem ouvidos a esses falsos mestres. Observe: 1. Pode haver muito zelo, onde, no entanto, há pouca verdade e sinceridade. 2. É a forma costumeira de os sedutores buscarem obter a afeição das pessoas, e por esse meio atraí-las para suas opiniões. 3. Quaisquer que sejam as pretensões dessas pessoas, elas geralmente estão mais interessadas em si mesmas do que nos outros, e não se incomodarão em arruinar a reputação destes, se com isso puderem elevar a sua. Nessa ocasião, o apóstolo nos apresenta uma regra excelente (v. 18): "*É bom ser zeloso, mas sempre do bem...*". Quando a nossa tradução traz: *mas sempre do bem*, alguns escolhem traduzir: *a um homem bom*, e dessa forma acreditam que o apóstolo se refere à sua pessoa. Eles acreditam que isso favorece tanto o contexto precedente quanto as palavras que seguem: "...*e não somente quando estou presente convosco*", que pode ser entendido da seguinte forma: "Houve um tempo em que vocês foram zelosamente apegados a mim; vocês me consideravam um homem bom. Vocês não têm motivos agora para pensar de maneira diferente. Certamente vocês deveriam mostrar o mesmo respeito por mim, agora que estou ausente de vocês, de quando estive presente com vocês". Mas, se seguirmos a nossa tradução, então o apóstolo nos fornece aqui uma regra muito boa para nos guiar e ajudar no exercício do nosso zelo. Ele recomenda duas coisas especiais acerca desse propósito: (1) Que seja exercido somente para aquilo que é bom. O zelo somente é bom quando é *do bem*. Aqueles que são zelosamente afetados para aquilo que é errado acabarão causando um dano maior. (2) Que seja constante e firme: Sempre é bom ser zeloso do bem; não somente por um período, ou de vez em quando, como o calor de uma febre intermitente, mas, como o calor natural do corpo, ou seja, constante. A comunidade cristã seria melhor se essa regra fosse observada com mais empenho entre os cristãos!

Repreensão Carinhosa
vv. 19,20

Para que o apóstolo pudesse preparar melhor esses cristãos para as repreensões que precisava dar, ele expressou aqui o seu grande amor por eles e a preocupação muito afável pelo bem-estar deles. Ele não era como eles – uma pessoa quando estava no meio deles e outra quando ausente. A desafeição por ele não tinha removido a sua afeição por eles. Ele continuava tendo o mesmo respeito por eles como anteriormente. Ele também não era como os falsos

mestres, que simulavam uma grande afeição, quando na verdade estavam apenas interessados no bem-estar deles próprios. Mas o apóstolo tinha uma preocupação sincera pelo bem-estar deles. Ele estava mais interessado neles. Mesmo quando o consideravam seu inimigo, ele lhes assegura que continuava sendo amigo deles. E não somente isso, mas que sentia as dores de parto que uma mãe sente em relação a eles. Ele os chama de *meus filhinhos*, como de fato podia fazer, uma vez que tinha sido o agente da conversão deles à fé cristã. Sim, ele os chama de *filhinhos*, o que denota um grau maior de ternura e afeição por eles. Talvez também esteja ligado ao comportamento atual deles, em que se mostravam como crianças pequenas, que são facilmente manipuladas pela destreza e insinuações de outros. Ele expressa sua preocupação por eles e um desejo sincero pelo bem-estar e prosperidade da alma deles. Ele sentia "*...as dores de parto*" por eles. O motivo principal dessa grande dor não era tanto que eles pudessem afetá-lo, mas para "*...que Cristo seja formado em vós*", para que se tornassem cristãos de fato e fossem fortalecidos na fé do evangelho. Podemos observar então: 1. A afeição terna que ministros fiéis sentem por aqueles que estão sob sua responsabilidade. Ela é semelhante ao amor que os pais sentem pelos seus filhinhos. 2. A coisa principal que anelam e pela qual chegam a sentir dores de parto é que Cristo seja formado neles; não tanto que eles recebam a afeição dos cristãos sob os seus cuidados, muito menos que os tornem suas vítimas, mas que possam ser renovados no espírito, moldados à imagem de Cristo e mais completamente formados e confirmados na fé e vida cristãs. Quão irracionalmente essas pessoas agem quando permitem ser persuadidas a abandonar ou repugnar esses ministros! 3. Cristo não é plenamente formado nos homens até que deixem de confiar em sua própria justiça e aprendam a confiar somente nele e em sua justiça.

Como mais uma evidência da afeição e preocupação que o apóstolo tinha por esses cristãos, ele acrescenta (v. 20) que desejaria "*...estar presente...*" com eles – que estaria feliz se tivesse a oportunidade de estar com eles, conversar com eles e ter um motivo para *mudar* a sua *voz* para com eles. Porque no momento estava *perplexo* a respeito deles. Ele não sabia direito o que pensar deles. Ele não estava completamente familiarizado com o estado deles para saber exatamente como ajustar-se a eles. Ele estava cheio de preocupações e zelo por eles, que era a razão de lhes escrever da maneira como havia feito. Mas ele ficaria feliz em constatar que as coisas estavam melhores do que temia, e que teria motivos para elogiá-los, em vez de repreendê-los. Observe: Embora os ministros muitas vezes concluam que é necessário repreender aqueles que estão sob a sua liderança, certamente esse não é um trabalho agradável. Eles seguramente prefeririam que não houvesse essa necessidade, e sempre ficariam felizes quando houvesse motivos para mudar sua voz em relação a eles.

Repreensão Carinhosa

vv. 21-31

Nesses versículos, o apóstolo ilustra a diferença entre crentes que descansam somente em Cristo e os judaizantes que confiam na lei, por meio de uma comparação tirada da história de Isaque e Ismael. Ele busca impressionar e comover a mente dos gálatas, e convencê-los da grande fraqueza deles em afastar-se da verdade, e permitir serem destituídos da liberdade do evangelho: "*Dizei-me vós*", diz o apóstolo,"*os que quereis estar debaixo da lei: não ouvis vós a lei?*" Ele dá por certo que ouviam a lei, porque entre os judeus era costume lê-la nas suas reuniões públicas todos os sábados. Já que gostavam tanto estar debaixo dela, ele os faria considerar devidamente o que nela estava escrito (referindo-se ao que está registrado em Gênesis 16 e 22), porque, se o fizessem, logo veriam que não tinham muitos motivos para confiar nela. E aqui: 1. Ele coloca diante deles a própria história (vv. 22,23): "*Porque está escrito que Abraão teve dois filhos...*". Aqui ele revela o diferente estado e a condição desses dois filhos de Abraão: que um deles, Ismael, era *da escrava*, e o outro, Isaque, era *da livre*. Enquanto o primeiro "*...nasceu segundo a carne*", ou pelo curso habitual da natureza, o outro, "*...por promessa*", quando pelo curso da natureza não havia motivo para esperar que Sara tivesse um filho. 2. Ele os familiariza com o significado e propósito dessa história ou como planejava usá-la (vv. 24-27). Essas coisas deveriam ser entendidas "*...por alegoria*", em que, além do sentido literal e histórico das palavras, o Espírito de Deus tinha em mente um outro significado para nós, ou seja, que essas duas, Agar e Sara, "*...são os dois concertos*", ou tinham a intenção de tipificar e prefigurar as duas dispensações do concerto. O concerto anterior, Agar, representava aquilo que foi dado no monte Sinai, "*...gerando filhos para a servidão*", que, embora fosse uma dispensação da graça, em comparação com o estado do evangelho, era uma dispensação de servidão. Isso se intensificou em relação aos judeus, por causa do seu engano em relação ao intento desse concerto, porque esperavam ser justificados pelas obras da lei. "*...esta Agar é Sinai, um monte da Arábia* (o monte Sinai era na época chamado de Agar pelos árabes), *que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos*"; isto é, ele representa legitimamente o estado presente dos judeus, que, pelo fato de continuarem na sua infidelidade ao seguir esse concerto, continuam em servidão com seus filhos. Mas a outra, Sara, prefigurava a Jerusalém que é de cima, ou o estado dos cristãos debaixo da nova e melhor dispensação do concerto, que é livre, tanto da maldição da lei moral quanto da servidão da lei cerimonial, "*...a qual é mãe de todos nós* – um estado em que todos, judeus e gentios, são aceitos, diante da sua fé em Cristo. Acerca dessa liberdade maior e ampliação da igreja sob a dispensação do evangelho, que era tipificada por Sara, a mãe da descendência prometida, o apóstolo se refere ao que o profeta escreveu em Isaías 54.1: "*Alegra-te, estéril, que não dás à luz, esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido*". 3. Ele aplica a história ao caso presente (v. 28): "*Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque*". Nós, cristãos, que aceitamos a Cristo, dependemos dele, procuramos a justificação e salvação somente através dele, e por meio disso nos tornamos a semente espiritual de Abraão. Embora não sejamos a natural, temos o direito à heran-

ça prometida bem como às suas bênçãos. Mas, para que os cristãos não tropecem diante da oposição que poderiam encontrar dos judeus, que eram tão obstinados com a sua lei a ponto de estarem prontos a perseguir aqueles que não se submetessem a ela, ele deixa claro que isso apenas representava o que havia sido apontado na história. Porque "*...como, então, aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também, agora*". Mas, para o consolo deles nessa situação, ele deseja que considerem o que as Escrituras disseram (Gn 21.10): "*Lança fora a escrava e seu filho, porque, de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre*". Embora os judaizantes os perseguissem e odiassem, o judaísmo declinaria, murcharia e sucumbiria. Mas o verdadeiro cristianismo floresceria e duraria para sempre. Então, como uma conclusão geral de tudo que tinha ensinado, o apóstolo diz (v. 31): "*De maneira que, irmãos, somos filhos não da escrava, mas da livre*".

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo faz uma aplicação do seu discurso anterior. Ele começa com uma advertência geral (v. 1). Mais tarde ele reforça essa advertência com diversas considerações (vv. 2-12). Então os pressiona a uma devoção prática séria, que é o melhor antídoto para as ciladas dos falsos mestres. O apóstolo ressalta especialmente: I. Que eles não deveriam contender uns com os outros (vv. 13-15). II. Que deveriam contender contra o pecado. Aqui ele mostra: 1. Que existe em cada pessoa uma luta entre a carne e o espírito (v. 27). 2. Que é nosso dever e interesse, nessa luta, ficar do lado da parte melhor (vv. 16,18). 3. Ele especifica as obras da carne, que devem ser vigiadas e mortificadas, e o fruto do Espírito, que deve ser desenvolvido e estimado, e mostra a importância disso (vv. 19-24). Então conclui o capítulo com uma advertência contra o orgulho e a inveja.

Exortação à Constância. Persuasões em relação à Constância

vv. 1-12

Na primeira parte desse capítulo, o apóstolo adverte os gálatas a terem cautela com os mestres judaizantes, que se esforçavam para levá-los de volta para debaixo da servidão da lei. Ele contendeu contra eles anteriormente, e tinha mostrado quão contrários os princípios daqueles mestres eram ao espírito do evangelho. Essa era a conclusão geral ou aplicação de todo esse discurso. Ficou claro que podemos ser justificados somente pela fé em Jesus Cristo, e não pela justiça da lei. A lei de Moisés não estava mais em vigor, nem os cristãos debaixo de qualquer obrigação de submeter-se a ela, portanto ele queria que estivessem "*...firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão*". Observe aqui: 1. Sob o evangelho somos emancipados e levados a um estado de liberdade, em que somos libertos do jugo da lei cerimonial e da maldição da lei moral. Assim, já não estamos presos para cumprir uma, nem ligados ao rigor da outra, que amaldiçoa todo aquele que deixa de cumprir tudo que está escrito nela (cap. 3.10). 2. Devemos essa liberdade a Jesus Cristo. Foi Ele que *nos libertou*. Pelos seus méritos Ele satisfez as exigências da lei abolida, e pela sua autoridade como rei Ele nos libertou das obrigações dessas ordenanças carnais que eram impostas aos judeus. 3. É, portanto, nosso dever permanecer *firmes na liberdade*, constante e fielmente dedicar-nos ao evangelho e à sua liberdade e não permitir, em hipótese alguma, que nos metam *debaixo do jugo da servidão*, nem sermos persuadidos a voltar à lei de Moisés. Essa é a advertência ou exortação geral, que o apóstolo ressalta nos versículos seguintes por meio de variadas razões ou argumentos. Como, por exemplo:

I Submeter-se à circuncisão e depender das obras da lei para a justificação era uma contradição implícita da fé cristã deles e uma privação de todas as vantagens conquistadas em Jesus Cristo (vv. 2-4). Podemos observar o seguinte: 1. A forma solene de o apóstolo declarar isso: "*Eis que eu, Paulo, vos digo...*" (v. 2); e repete no versículo 3: "*...de novo, protesto...*", como se estivesse dizendo: "Eu, que tenho provado ser apóstolo de Cristo e ter recebido autoridade e instruções dele, declaro, e estou pronto a penhorar minha honra e reputação nisso, que, *se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará* [...]". Com isso, ele mostra que o que estava agora dizendo não era apenas uma questão de grande importância, mas a base de tudo que dizia. Ele estava tão longe de ser um pregador da circuncisão (como alguns o diriam) que considerava essa questão de conseqüências cruciais se não se submetessem a ela. 2. O motivo de uma declaração tão solene e segura: é que se eles deixassem se "*...circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará*". Não devemos imaginar que o apóstolo fala aqui de uma mera circuncisão, ou que era seu intento que ninguém que fosse circundado tivesse algum benefício de Cristo. Porque todos os santos do Antigo Testamento tinham sido circundados, e ele próprio tinha concordado com a circuncisão de Timóteo. Mas Ele estava se referindo à imposição da circuncisão por parte dos mestres judaizantes, que ensinavam que a não ser que fossem "*...circuncidados, conforme o uso de Moisés, não poderiam salvar-se*" (At 15.1). Esse é o significado que aparece no versículo 4, em que o apóstolo expressa a mesma coisa: ao serem *justificados pela lei*, ou buscarem a justificação pelas obras dela, não poderiam ser salvos. Se ocorresse a sujeição à circuncisão nesse sentido, ele declarou que "*...Cristo de nada vos aproveitará*", e que estavam obrigados "*...a guardar toda a lei*", que estariam separados "*...de Cristo*" e que "*...da graça tendes caído*". Em todas essas expressões, fica claro que eles estavam renunciando à forma de justificação que Deus tinha estabelecido. Assim, eles tornavam impossível a justificação aos olhos dele, porque tornavam-se devedores de toda a lei, que exigia esse tipo de obediência. É claro que eles não estavam aptos a cumpri-la, e acabavam pronunciando uma maldição contra aqueles que fracassavam nessa obediência. Eles condenavam todos aqueles que não conseguiam obter a

justificação dessa forma. Conseqüentemente, ao se rebelarem contra Cristo e depositarem suas esperanças na lei, Cristo não lhes serviria para nada. Com a circuncisão, eles renunciavam ao cristianismo e excluíam-se de todas as vantagens oferecidas por Cristo. Eles tinham todos os motivos para seguir firmemente a doutrina do evangelho que haviam adotado e não permitir que fossem colocados novamente debaixo desse jugo de servidão. Observe: (1) Embora Jesus Cristo seja capaz de salvar o maior pecador, mesmo assim existem multidões que não aproveitarão essa salvação. (2) Todos aqueles que buscam ser justificados pela lei estão descartando Jesus Cristo. Ao colocarem sua esperança nas obras da lei, deixam de colocar sua esperança nele; porque Ele não será o Salvador de alguém que não reconhecer e confiar nele como o único Salvador.

II Para persuadi-los à constância na doutrina e liberdade do evangelho, ele coloca diante deles o seu próprio exemplo e o exemplo de outros judeus que tinham se convertido à fé cristã. O apóstolo os familiariza com o tipo de esperança que eles podem ter, a saber, que, "*...pelo espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça*". Embora fossem judeus por natureza, e tivessem sido criados debaixo da lei, ao serem levados pelo Espírito ao conhecimento de Cristo tinham renunciado a toda a dependência das obras da lei e buscavam a justificação e salvação somente pela fé nele. Portanto, é uma grande insensatez para aqueles que nunca estiveram debaixo da lei permitir que sejam submetidos a ela, e colocarem sua esperança nas obras dela. Podemos observar o seguinte aqui: 1. O que os cristãos estão aguardando? *A esperança da justiça*, por meio da qual podemos entender de uma maneira especial a felicidade do outro mundo. Chamamos isso de esperança dos cristãos, visto que é o grande objeto da nossa esperança, o que desejamos e buscamos acima de qualquer outra coisa. E a esperança da justiça não está fundada na nossa própria justiça, mas na justiça do nosso Senhor Jesus. Embora uma vida de justiça seja o caminho que leva a essa felicidade, no entanto somente a justiça de Cristo torna possível que a possuamos. 2. Como esperam obter essa felicidade? Pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo; não pelas obras da lei, ou qualquer coisa que possam fazer para cumpri-la, mas somente pela fé, recebendo e dependendo dele como Senhor da sua justiça. Somente assim eles esperam ter esse direito aqui ou o direito de possuí-la no futuro. 3. De que fonte estão aguardando a esperança da justiça? Do Espírito. Eles agem debaixo da direção e influência do Espírito Santo. É debaixo do seu controle, e pela sua ajuda, que eles são persuadidos e capacitados a crer em Cristo e a buscar a esperança da justiça por meio dele. Quando o apóstolo revela a situação dos cristãos dessa forma, entende-se que se eles esperam ser justificados e salvos de qualquer outra maneira, certamente serão desapontados. Por isso, o apóstolo está procurando deixar clara a necessidade de se devotarem à doutrina do evangelho que tinham aceitado.

III Ele argumenta acerca da natureza e do intento da instituição cristã, que visava abolir a diferença entre judeus e gentios e estabelecer a fé em Cristo como o caminho para nossa aceitação por Deus. Ele diz (v. 6) que "*...em Jesus Cristo*, ou debaixo da dispensação do evangelho, *nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma*". Enquanto continuasse o estado da lei, haveria diferença entre judeu e grego, entre os que eram circundados e os que não eram. Nesse caso, os primeiros recebiam o direito de usufruir dos privilégios da igreja de Deus dos quais os outros eram excluídos. No entanto, isso foi mudado no estado do evangelho. Com a vinda de Cristo, que é *o fim da lei* (veja Rm 10.4), já não fazia diferença se o homem era ou não circundado. A circuncisão não melhorava ou piorava o cristão ou o tornava mais ou menos aceitável a Deus. Os mestres judaizantes eram muito insensatos ao impor a circuncisão e obrigar os gentios a cumprir a lei de Moisés; por isso, os gálatas seriam insensatos caso se submetessem a essas exigências. Embora lhes assegurasse de que nem circuncisão nem incircuncisão teriam algum benefício na aceitação de Deus, o apóstolo lhes informa o que traria benefício, ou seja, "*...a fé que opera por caridade*". A verdadeira e genuína fé em Cristo ama sinceramente a Deus e o próximo. Se possuíssem essa fé, não importaria se eram circuncisos ou incircuncisos. Por outro lado, sem ela, nada do que fizessem mudaria alguma coisa. Observe: 1. Nenhuma confissão ou privilégio externo ajudará na nossa aceitação por parte de Deus, se não houver uma sincera fé em nosso Senhor Jesus. 2. A verdadeira fé é graça operadora: ela age por meio do amor – amor a Deus e amor aos nossos irmãos. E a fé, que atua pelo amor, opera tudo em todos em nosso cristianismo.

IV Para recuperá-los da apostasia e envolvê-los em uma constância maior no futuro, ele fala do bom começo deles e os exorta a refletir em que momento permitiram ser afastados do bom caminho (v. 7).

1. Ele diz que corriam bem. Quando começaram a caminhada cristã, portaram-se de maneira elogiosa. Eles tinham prontamente aceitado a religião cristã e percebido um fervor devido nela. Como no batismo, quando tinham sido consagrados a Deus e declarado ser discípulos de Cristo, assim o comportamento deles estava de acordo com o seu caráter e fé. Observe: (1) A vida do cristão é uma corrida, em que o cristão deve correr e perseverar, se deseja obter o prêmio. (2) Não é suficiente que apenas corramos essa corrida ao professarmos o cristianismo, mas devemos correr bem, vivendo à altura dessa profissão de fé. Foi dessa maneira que esses cristãos tinham agido por um tempo, mas eles tinham sido obstruídos em seu progresso, e desviados do caminho ou, pelo menos haviam se enfraquecido ou vacilado nele. Portanto:

2. Ele pergunta: "*...quem vos impediu...?*" O que aconteceu para não continuarem no caminho no qual haviam começado a correr tão bem? Ele sabia muito bem quem eram, e o que os impedia. Mas o apóstolo queria que eles próprios refletissem acerca dessa questão e se de fato tinham uma boa razão para darem ouvidos àqueles que haviam gerado essa confusão. Ele também queria que refletissem se o que esses falsos mestres ofereciam era suficiente para justificar a conduta atual deles. Observe: (1) Muitos que começam bem na fé cristã, e correm bem por um tempo – correm dentro dos limites estabelecidos para a corrida e correm com zelo e entusiasmo – são

por algum motivo impedidos em seu progresso, ou são desviados do caminho. (2) Aqueles que corriam bem, mas agora estão se desviando do caminho ou se cansaram nele, devem perguntar-se o que os está impedindo. Os novos convertidos devem esperar que Satanás coloque pedras de tropeço em seu caminho e faça de tudo para afastá-los do curso em que se encontram. Mas, sempre que estiverem correndo o risco de ser afastados do caminho, deveriam ponderar o que os está obstruindo. Independentemente de quem fossem as pessoas que estavam atrapalhando esses cristãos, o apóstolo deixa claro que ao darem ouvidos a esses falsos mestres, eles estavam sendo impedidos de obedecer "*...à verdade*" e estavam correndo o risco de perder o benefício do que tinham feito na fé. O apóstolo assegura que o evangelho que foi pregado, e que eles tinham aceitado e professado, era a verdade. Somente dessa forma o verdadeiro caminho de justificação e salvação seria plenamente revelado. Para que pudessem desfrutar das vantagens, era necessário que obedecessem ao evangelho e continuassem a governar a vida e a esperança de acordo com as orientações dele. Se permitissem ser afastados desse caminho, seriam culpados de grande fraqueza e insensatez. Observe: [1] A verdade não deve ser somente crida, mas obedecida, deve ser recebida não somente à luz dela, mas no amor e poder dela. [2] Aqueles que não seguem firmemente a verdade, não a obedecem de maneira certa. [3] O mesmo motivo usado para obedecer à verdade vale também para segui-la. Portanto, aqueles que começaram bem a corrida cristã e permitiram ser obstruídos, não perseverando nela, agem de forma muito irracional.

V Ele argumenta a favor da firmeza na fé e liberdade do evangelho deles, uma vez que tinham sido afastados pela persuasão maléfica dos falsos mestres (v. 8): "*Esta persuasão não vem daquele que vos chamou*". A opinião ou persuasão à qual o apóstolo se refere aqui era, sem dúvida, a necessidade de serem circuncidados, e de guardarem a lei de Moisés, ou de mesclarem a lei com a fé em Cristo no que se refere à justificação. Essa era a imposição dos mestres judaizantes, em cuja cilada tinham caído tão facilmente. Para convencê-los da insensatez deles, o apóstolo deixa claro que essa persuasão não vinha daquele que os havia chamado, isto é, Deus, por cuja autoridade o evangelho tinha sido pregado (e aceito por eles), ou pelo próprio apóstolo, que tinha sido usado como o instrumento para a transmissão do evangelho. Essa persuasão não poderia vir de Deus, porque era contrária à forma de justificação e salvação que Ele tinha estabelecido. Eles também não poderiam tê-la recebido de Paulo, porque, independentemente do que alguns pudessem estar insinuando, ele tinha sido sempre o opositor e não pregador da circuncisão, e, se em algum momento tivesse se submetido a ela por amor à paz, ele nunca tinha insistido para que fosse imposta aos cristãos, como sendo necessária à salvação. Uma vez que essa persuasão não vinha daquele que os tinha chamado, ele deixa que os gálatas julguem quando essa persuasão pode ter aparecido. Ele deixa suficientemente claro que ninguém menos do que Satanás e seus instrumentos estavam empenhados em subverter a fé deles e obstruir o progresso do evangelho. Portanto, os gálatas tinham todos os motivos para rejeitá-la e continuar firmes na verdade que haviam seguido anteriormente. Observe: 1. A fim de sermos imparciais no julgamento das diferentes persuasões religiosas que há no meio cristão, precisamos indagar se elas vêm daquele que nos chamou, ou seja, se estão fundadas na autoridade de Cristo e seus apóstolos ou não. 2. Se após esse exame, essas persuasões provam não estar sobre o fundamento correto, independentemente de quanto procuram impô-las a nós, não deveríamos, em hipótese alguma, nos submeter a elas, mas, sim, rejeitá-las.

VI O perigo de espalhar essa infecção, e a influência maléfica que ela podia ter sobre os outros. Esse é mais um argumento que o apóstolo usa para os gálatas não concordarem com as imposições desses falsos mestres. É possível que, ao diminuir o próprio erro deles, eles estivessem dispostos a dizer que havia somente alguns falsos mestres entre eles que buscavam atraí-los para essa persuasão e prática. Talvez eles tenham alegado que havia somente algumas questões menores em que concordavam com esses mestres – que embora concordassem em ser circuncidados, e em observar apenas alguns ritos das leis judaicas, no entanto, eles não tinham, de forma alguma, renunciado ao seu cristianismo e passado para o judaísmo. Ou, suponha que a concordância deles com essas persuasões fosse de fato tão errada quanto o apóstolo tinha descrito, talvez argumentassem que havia apenas alguns entre eles que haviam se afastado do caminho, e, portanto, ele não precisava estar tão preocupado com essa questão. Para remover esse tipo de desculpas, e para convencê-los de que havia mais perigo do que podiam imaginar, ele diz (v. 9) que "*um pouco de fermento leveda toda a massa*". Em outras palavras, todo o cristianismo pode ser manchado e corrompido por um princípio errôneo como esse ou toda a sociedade cristã pode ser infectada por um membro dela. Portanto, eles deveriam estar muito cuidadosos para não cair nesse erro, e, se alguém o tivesse feito, os gálatas deveriam esforçar-se em usar os métodos apropriados para eliminar a infecção entre eles. Observe: É perigoso para as igrejas cristãs apoiar aqueles que cogitam propagar erros destrutivos. Esse era o caso aqui. A doutrina que os falsos mestres procuravam espalhar, à qual algumas pessoas dessas igrejas tinham sido atraídas, era subversiva ao próprio cristianismo, como o apóstolo tinha mostrado anteriormente. Portanto, embora o número deles pudesse ser pequeno, eles precisavam levar em conta a tendência fatal dessa doutrina e a depravação da natureza humana, por meio da qual muitas pessoas estavam inclinadas a se deixarem influenciar por ela. Por isso, o apóstolo queria que não agissem de maneira despreocupada, mas se lembrassem de que *um pouco de fermento leveda toda a massa*. Se alguns deles cedessem, o contágio poderia logo se espalhar; e, se permitissem ser iludidos, essa questão poderia logo destruir a verdade e a liberdade do evangelho.

VII Para que pudesse conciliar a ênfase maior em relação ao que tinha dito, ele expressa a confiança que tinha neles (v. 10): "*Confio de vós, no Senhor, que nenhuma outra coisa sentireis*". Embora tivesse

muitos temores e dúvidas acerca deles (que era o motivo de usar de tanta franqueza e liberdade com eles), ele esperava que, por meio da bênção de Deus em relação ao que tinha escrito, eles pudessem ser levados a ter o mesmo sentimento. Ele também queria que reconhecessem e permanecessem nessa verdade e liberdade do evangelho que ele tinha pregado a eles, e estava agora empenhado em ratificar neles. O apóstolo nos ensina que devemos esperar o melhor mesmo daqueles de que temos motivos para temer o pior. Para que eles estejam menos ofendidos com as repreensões que ele passou por causa da inconstância da fé deles, ele coloca a culpa mais nos outros do que neles; porque ele acrescenta: "...*mas aquele que vos inquieta, seja ele quem for, sofrerá a condenação*". Ele estava ciente de que havia "...*alguns que os inquietavam e queriam transtornar o evangelho de Cristo*" (como cap. 1.7), e possivelmente ele poderia estar se referindo a uma pessoa em particular que era mais ativa e radical do que os outros, e poderia ser o agente principal da desordem que reinava no meio deles, e a isso ele atribui a apostasia e inconstância deles mais do que a alguma coisa neles mesmos. Precisamos lembrar que ao reprovarmos o pecado e o erro, devemos sempre fazer uma distinção entre os líderes e os liderados, aqueles que atraem outras pessoas a determinada coisa, e aquelas que são atraídos por eles. Por isso, o apóstolo suaviza e alivia o erro desses cristãos, mesmo quando os está advertindo, para que possa melhor convencê-los a voltar e permanecer firmes, na liberdade, por meio da qual Cristo os havia libertado. Mas quanto à pessoa ou pessoas que os importunavam, independentemente de quem eram, ele declara que *sofrerá a condenação.* Ele tinha certeza que Deus trataria com eles de acordo com o seu merecimento, e de acordo com sua justa indignação contra eles, como inimigos de Cristo e sua igreja. Ele desejava que "...*fossem cortados*" – não cortados de Cristo e de toda esperança de salvação por Ele, mas cortados de acordo com a disciplina da igreja, que deverá testemunhar contra esses mestres que perverteram a pureza do evangelho. Aqueles, quer ministros ou não, que se põem a destruir a fé do evangelho, e perturbam a paz dos cristãos, privam com isso os privilégios da comunhão cristã e merecem ser cortados deles.

VIII Para dissuadir esses cristãos de dar ouvidos aos mestres judaizantes, e para restabelecê-los das más impressões que tinham deixado neles, ele descreve esses falsos mestres como homens que tinham usado métodos baixos e falsos para alcançar seus intentos. Eles tinham distorcido o seu ensino, para que pudessem mais facilmente alcançar o seu objetivo. O objetivo desses falsos mestres era submeter os gálatas à circuncisão e mesclar o judaísmo com o cristianismo. Para alcançar esse intento, eles tinham espalhado que Paulo era um pregador da circuncisão. Quando Paulo diz (v. 11): "*Eu, porém, irmãos, se prego ainda a circuncisão*", fica claro que os falsos mestres tinham espalhado essa notícia, e usaram isso como argumento para convencer os gálatas a se submeterem à circuncisão. É provável que tenham fundamentado esse relatório no fato de Paulo ter circuncidado Timóteo (At 16.3). Embora tivesse concordado com a circuncisão nesse caso (por bons motivos), dizer que era um pregador dela, e especialmente da forma como colocaram a questão, era inconcebível. Para provar a injustiça dessa acusação, ele oferece argumentos que se os gálatas refletissem com cuidado acerca deles, certamente seriam convencidos por eles. 1. Se tivesse pregado a circuncisão, ele poderia ter evitado a perseguição. Se "...*prego ainda a circuncisão*", diz ele," *por que sou, pois, perseguido?*", Era evidente, e eles sabiam que o apóstolo era odiado e perseguido pelos judeus. Mas como poderiam explicar o comportamento deles em relação a ele, se ele tinha sido identificado como aquele que prega a circuncisão, e a observância da lei de Moisés, como necessária para a salvação? Esse era o grande ponto em discussão. E, se tivesse concordado com isso, em vez de ser exposto à ira deles, ele poderia ter caído nas boas graças deles. A perseguição deles era uma evidência clara de que ele não havia concordado com eles. Em vez de pregar a doutrina da qual o acusavam, ele estava disposto a expor-se aos maiores riscos. 2. Se tivesse cedido aos judeus nessa questão, "...*o escândalo da cruz* estaria *aniquilado*"; os judaizantes não teriam se ofendido tanto em relação à doutrina do cristianismo como fizeram, nem teria ele e outros sido expostos a tanto sofrimento por causa disso. Ele nos informa (1 Co 1.23) que a pregação da cruz de Cristo (ou a doutrina da justificação e salvação somente pela fé no Cristo crucificado) era *escândalo para os judeus* (veja 1 Co 1.23). O aspecto que causava mais ofensa em relação ao cristianismo era que a circuncisão, e toda estrutura legalista, foi posta de lado. Isso suscitou o maior protesto deles e os incitou a opor-se a essa doutrina e a perseguir os seus mestres. Se o apóstolo Paulo e outros tivessem cedido e concordado em conservar a circuncisão, e concordado em que a observância da lei de Moisés junto com a fé em Cristo são necessárias para a salvação, então o ressentimento deles teria sido removido em grande parte, e eles poderiam ter evitado os sofrimentos que passaram. Mas, ainda que outros, e particularmente aqueles que estavam prontos a caluniá-lo como pregador dessa doutrina, pudessem facilmente fazer concessões a ela, Paulo não fazia. Ele preferiu arriscar seu bem-estar físico e seu crédito, sim, sua própria vida, a adulterar a verdade e desistir da liberdade do evangelho. Por isso, os judeus continuaram sua oposição tão forte ao cristianismo e a ele como o pregador. Mas o apóstolo se inocenta da repreensão injusta que os seus inimigos tinham lançado sobre ele, e ao mesmo tempo mostra quão pouca consideração mereciam aqueles homens que o tratavam de uma maneira tão injuriosa, e quanto motivo tinha para desejar que fossem cortados.

Estímulo à Piedade Prática. As Obras da Carne e do Espírito. O Fruto do Espírito

vv. 13-26

Na última parte desse capítulo, o apóstolo exorta os cristãos gálatas a uma devoção prática séria, como o melhor antídoto contra as ciladas dos falsos mestres. Ele ressalta duas coisas de uma forma especial:

I Eles não deveriam contender uns com os outros, mas amar uns aos outros. Ele diz que (v. 13) tinham

sido "...*chamados à liberdade*", e ele queria que permanecessem firmes na liberdade, por meio da qual Cristo os havia libertado; mas ele também queria que tivessem muito cuidado para que não usassem "...*da liberdade para dar ocasião à carne*" – para que não aproveitassem ocasião alguma para ceder a quaisquer sentimentos ou práticas deturpadas, especialmente do tipo que podem criar distância e desafeição, e ser motivo de queixas e contendas entre eles. Pelo contrário, ele queria que servissem "...*uns aos outros pela caridade*", para manter essa afeição e amor mútuos, para que, apesar de pequenas diferenças que pudessem ter entre si, estivessem dispostos a todos esses ofícios de respeito e bondade mútuos que a religião cristã requeria. Observe: 1. A liberdade que desfrutamos como cristãos não é uma liberdade licenciosa. Embora Cristo tenha nos redimido da maldição da lei, Ele não nos libertou da obrigação dela; o evangelho é uma "...*doutrina que é segundo a piedade*" (1 Tm 6.3) e não dá a mínima aprovação ao pecado, além de nos colocar debaixo das obrigações mais fortes para evitá-lo e subjugá-lo. 2. Embora devamos permanecer firmes em nossa liberdade cristã, não deveríamos insistir nela a ponto de provocar uma violação à caridade cristã. Não deveríamos usar a liberdade cristã para provocar brigas e contendas com nossos irmãos cristãos que têm uma opinião diferente da nossa. Sempre deveríamos manter um equilíbrio espiritual a ponto de estarmos dispostos a servir uns aos outros motivados pelo amor. Para persuadir esses cristãos, o apóstolo apresenta duas considerações: (1) "...*toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (v. 14). O amor é o resumo de toda a lei; como o amor a Deus abrange os deveres da primeira parte da lei áurea, assim o amor ao próximo abrange a segunda. O apóstolo salienta a segunda aqui, porque está falando do comportamento mútuo deles; e, quando usa esse aspecto como argumento para persuadi-los ao amor mútuo, ele sugere que essa seria uma boa evidência da sinceridade deles na religião e também o meio mais eficaz de extirpar as dissensões e divisões que havia entre eles. Quando de fato amarmos uns aos outros (Jo 13.35), ficará evidente que somos os discípulos de Cristo. Onde esse comportamento for mantido, caso não elimine totalmente as discórdias que ocorrem entre os cristãos, pelo menos ajudará para que as conseqüências fatais delas sejam evitadas. (2) A tendência triste e perigosa de um comportamento contrário (v. 15): "*Se vós, porém*", diz ele, "em vez de servirdes uns aos outros em amor, e, dessa forma, cumprirdes a lei de Deus, *vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros*". Se em vez de agirem como homens e cristãos, eles se comportassem mais como animais irracionais, dilacerando ou despedaçando uns aos outros, eles só poderiam esperar ser consumidos uns pelos outros. Portanto, os gálatas tinham todos os motivos para não tolerar esse tipo de queixas e hostilidades. Observe: Brigas entre irmãos, se persistentes, redundarão em destruição mútua. Aqueles que se devoram mutuamente estão a caminho de se consumirem uns aos outros. As igrejas cristãs não podem ser destruídas senão pelas próprias mãos. Mas, se os cristãos, que deveriam se ajudar e se alegrar mutuamente, agem como animais irracionais, mordendo e devorando uns aos outros, o que se pode esperar senão que o Deus de amor negue a sua graça a eles, que o Espírito de amor parta deles e que o espírito mau, que busca a destruição de todos eles, prevaleça?

II Eles todos deveriam contender contra o pecado. A igreja seria bem-aventurada se os cristãos permitissem que todas as suas queixas uns com os outros fossem desconsideradas, inclusive a queixa referente ao pecado – se, em vez de se morderem e se devorarem uns aos outros devido à diferença de opiniões, todos se voltassem contra o pecado neles próprios e no lugar em que viviam. A nossa principal luta visa opor-nos ao pecado e suprimi-lo. Para motivar os cristãos e ajudá-los nesse sentido, o apóstolo mostra:

1. Que existe em cada crente uma luta entre a carne e o Espírito (v. 17): "...*a carne* (a nossa parte corrupta e carnal) *cobiça* (luta e se esforça vigorosamente) *contra o Espírito*": a carne se opõe a todos os movimentos do Espírito, e resiste a tudo que é espiritual. Por outro lado, "...*o Espírito* (a parte renovada em nós) luta *contra a carne,* e se opõe à vontade e desejo dela, *para que não* façamos o que queremos". Como o princípio da graça em nós não permitirá que façamos todo o mal que a nossa natureza corrompida nos induziria a fazer, assim também não podemos fazer todo o bem que gostaríamos de fazer, por causa da oposição que recebemos desse princípio corrupto e carnal. Mesmo no homem natural existe algo dessa luta (as convicções da sua consciência e a corrupção do seu próprio coração lutam entre si. Suas convicções tentam suprimir suas corrupções, e suas corrupções tentam silenciar suas convicções), assim em um homem renovado, onde existe um bom princípio, há uma luta entre a velha natureza e a nova, os resíduos do pecado e os primórdios da graça; e esses cristãos devem saber que essa luta continuará enquanto viverem neste mundo.

2. Que o nosso dever e interesse nessa luta são tomar partido do lado melhor, ficar do lado das nossas convicções e não do lado das nossas corrupções e ficar com nossas graças e não com nossas concupiscências. Esse é o nosso dever, e o apóstolo nos apresenta os recursos mais eficazes para o sucesso. Alguém poderia perguntar: Que caminho devo tomar para que o melhor interesse prevaleça? O apóstolo nos oferece uma regra geral, que, se cumprida devidamente, será o melhor remédio contra o predomínio da corrupção, ou seja: andar no Espírito. Lemos no versículo 16: "*Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne*". Quando o apóstolo menciona *Espírito,* ele pode estar falando do próprio Espírito Santo, que concorda em habitar no coração daqueles que Ele renovou e santificou, para guiá-los e ajudá-los no curso do seu dever. Ele também pode estar se referindo a esse princípio gracioso que Ele implanta na alma do seu povo e que luta contra a carne. Fica claro aqui que devemos agir debaixo da orientação e influência do Espírito abençoado e de acordo com a noção e tendência da nova natureza em nós. Se essa for a nossa precaução no curso e teor normal da nossa vida, podemos estar certos de que, embora não estejamos completamente libertos dos impulsos e da oposição da nossa natureza corrupta, seremos protegidos para não cumprirmos os desejos da nossa carne. Embo-

ra a carne permaneça em nós, ela não terá domínio sobre nós. Observe: O melhor antídoto contra o veneno do pecado é andar no Espírito, estar em íntima sintonia com as coisas espirituais, dedicar-se às coisas da alma, que é a parte espiritual do homem, mais do que às coisas do corpo, que é sua parte carnal. Devemos comprometer-nos com a orientação da Palavra, por meio da qual o Espírito Santo torna conhecida a vontade de Deus em nós e mostra como devemos agir, dependendo do seu auxílio e influência. Esse seria o melhor meio de protegê-los de obedecer às concupiscências da carne e uma evidência clara de que de fato eram cristãos. Por isso, o apóstolo diz (v. 18): "*...se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei*", como se tivesse dito o seguinte: "Vocês devem esperar uma luta entre a carne e o Espírito enquanto estiverem no mundo. A carne estará lutando contra o Espírito e o espírito contra a carne. Mas se buscarem ser guiados *pelo Espírito* – se agirem debaixo da orientação e governo do Espírito Santo e dessa natureza e disposição natural que Ele produziu em vocês – se fizerem da Palavra de Deus sua regra e da graça de Deus seu princípio – ficará evidente que não estão debaixo da lei, nem debaixo de condenação, embora ainda estejam debaixo do comando e poder dela. *Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito* [...] *Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*" (Rm 8.1,14).

3. O apóstolo especifica as obras da carne que devem ser mortificadas e o fruto do Espírito que deve ser estimado e nutrido (vv. 19ss.). E ao especificar particularidades, ele ilustra o que deseja transmitir. (1) Ele inicia com "*...as obras da carne...*", que são muitas. Os estudiosos debatem se as coisas aqui mencionadas são obras da carne ou produto da natureza corrupta e depravada. A maioria delas é condenada pela luz da própria natureza, e todas elas são condenadas à luz das Escrituras. As particularidades que ele especifica são de várias "classes". Alguns são pecados contra o sétimo mandamento, tais como a *prostituição*, a *impureza* e a *lascívia*, que incluem não somente os atos vulgares desses pecados, mas todos os pensamentos, palavras e ações, que têm uma inclinação para com a grande transgressão. Alguns são pecados contra o primeiro e segundo mandamentos, como a *idolatria* e *feitiçarias*. Outros são pecados contra nosso próximo e são contrários à lei maior do amor fraternal. Esses pecados são as *inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas*, que com muita freqüência ocasionam *dissensões, heresias, invejas*, e, às vezes, irrompem em *homicídios*, não somente dos nomes e reputação, mas até da própria vida dos nossos semelhantes. Outros são pecados contra nós mesmos, tais como *bebedeiras* e *farras*. Ele conclui o catálogo com um *et cetera*, e apresenta uma advertência justa a todos para precaverem-se contra esses pecados, se esperam ver a face de Deus. "*...e coisas semelhantes a estas*", diz ele, "*acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas*, independentemente de quanto se animarem com esperanças vãs, *não herdarão o Reino de Deus*". Esses são pecados que certamente excluirão as pessoas do céu. O mundo celestial jamais será confortável para aqueles que se chafurdam na imundície da carne. O Deus santo e justo jamais admitirá que esses carnais entrem na sua presença, a não ser que antes tenham "*...sido lavados, santificados* e *justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus*" (1 Co 6.11). (2) Ele especifica o fruto do Espírito, ou a natureza renovada, que, como cristãos, estamos interessados em produzir (vv. 22,23). E aqui podemos observar que, como o pecado é chamado de *as obras da carne*, porque a carne, ou a natureza corrupta, é o princípio que move e estimula o homem ao pecado, assim a graça é conhecida como *o fruto do Espírito*, porque ela procede completamente do Espírito, da mesma forma que o fruto procede da raiz. Considerando que antes o apóstolo tinha basicamente especificado as obras da carne que não eram apenas prejudiciais a eles próprios, mas que tendiam também a prejudicar o próximo, aqui ele ressalta basicamente os aspectos do fruto do Espírito que torna os cristãos agradáveis uns aos outros, bem como a si próprios. Isso era muito adequado à advertência ou exortação que tinha proferido anteriormente (v. 13), de que não usassem "*...a liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade*". Ele nos recomenda de um modo particular o *amor*, especialmente a Deus, e uns aos outros por causa dele. A segunda faceta desse fruto é a *alegria*, que pode ser entendida como contentamento na conversa com nossos amigos além de um deleite constante em Deus. Depois vem a *paz* com Deus e com a própria consciência, ou seja, uma harmonia pacífica de temperamento e comportamento em relação aos outros. O apóstolo menciona a *longanimidade*, ou seja, paciência para retardar a ira e uma perseverança em suportar injustiças. A próxima faceta do fruto é a *benignidade*, ou seja, um temperamento brando, especialmente em relação aos nossos subordinados. A benignidade nos torna afáveis e corteses e prontos a perdoar quando alguém nos ofende. Em seguida, vem a *bondade* (beneficência, afabilidade), que está pronta a fazer o bem a todos sempre que possível. Mais um aspecto desse fruto é a *fé* (fidelidade, justiça e honestidade) naquilo que professamos ou prometemos aos outros. A próxima virtude é a *mansidão*, que nos ajuda a controlar nossas paixões e ressentimentos. Ela nos ajuda a não sermos facilmente provocados, e, quando isso ocorre, logo buscamos a pacificação. Finalmente, a *temperança*, em relação ao alimento, à bebida e a outros prazeres da vida, em que ocorre um exagero no uso dessas coisas. Onde esse fruto do Espírito é encontrado, o apóstolo diz o seguinte: "*Contra essas coisas não há lei*", que possa condená-los ou castigá-los. Conseqüentemente, fica claro que essas pessoas não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça; porque as pessoas que possuem o fruto do Espírito claramente são guiadas *pelo Espírito*, e conseqüentemente não estão *debaixo da lei*, como no versículo 18. E ao especificar essas obras da carne e o fruto do Espírito, o apóstolo nos mostra aquilo que devemos evitar e ao que devemos nos opor, e aquilo que devemos cultivar e apreciar. O apóstolo mostra qual deveria ser o cuidado sincero de todos os verdadeiros cristãos (v. 24): "*E os que são de Cristo...*", diz ele (aqueles que são de fato cristãos, não somente na aparência e profissão, mas em sinceridade e verdade), "*...crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências*". Como no batismo eles

eram obrigados a fazer isso (porque, sendo batizados em Cristo, foram batizados na sua morte, Rm 6.3), assim eles estão agora sinceramente devotando-se ao seu Senhor e esforçando-se para morrer para o pecado, como Cristo o havia feito. Eles ainda não obtiveram uma vitória completa sobre o pecado. Eles ainda continuam com a carne neles, com suas paixões e concupiscências, que continuam a perturbá-los. Mas como o pecado agora não reina no corpo mortal deles, "*...para lhe obedecerdes em suas concupiscências*" (Rm 6.12), assim eles estão buscando a completa ruína e destruição dele, e estão dispostos a submetê-lo à mesma morte vergonhosa e ignominiosa, apesar de prolongada, a que o nosso Senhor Jesus se submeteu por amor a nós. Observe: Se de fato somos de Cristo, estando unidos a Ele e interessados nele, precisamos nos esforçar constantemente para crucificarmos a carne com suas paixões e concupiscências. Cristo nunca reconhecerá como seus aqueles que continuam se submetendo ao pecado. Mas embora o apóstolo aqui mencione a crucificação do pecado com suas paixões e concupiscências, como uma preocupação e um atributo dos verdadeiros cristãos, ele também está deduzindo, por outro lado, que deveríamos manifestar o fruto do Espírito que ele havia acabado de especificar. Isso é necessário para a evidência da nossa sinceridade na religião. Não basta deixarmos de fazer o mal, precisamos também aprender a fazer o bem. Nosso cristianismo nos obriga não somente a morrer para o pecado, mas a viver de acordo com a justiça; não apenas a opor-nos às obras da carne, mas a manifestarmos também o fruto do Espírito. O intento do apóstolo era mostrar os dois lados do nosso dever, como sendo necessários para justificar nossa qualidade de cristãos. Isso pode ser concluído do versículo seguinte (v. 25), em que acrescenta: "*Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito*"; isto é: "Se declaramos que recebemos o Espírito de Cristo, ou que somos renovados no espírito da nossa mente, e dotados de um princípio de vida espiritual, precisamos demonstrar isso com as facetas apropriadas do fruto do Espírito em nossa vida". Ele tinha nos dito que o Espírito de Cristo é um privilégio conferido a todos os filhos de Deus (cap. 4.6). "Agora", diz ele, "que fazemos parte desse grupo e obtivemos esse privilégio, vamos demonstrá-lo por intermédio de um comportamento adequado. Vamos evidenciar nossos bons princípios com boas práticas". Nossa conversa sempre será correspondente ao princípio que nos rege: "*...os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito*" (Rm 8.5). Se, portanto, afirmamos que somos de Cristo, e que somos participantes do seu Espírito, já não podemos *andar segundo a carne, mas segundo o espírito.* Devemos estar dispostos a mortificar as obras do corpo e a caminhar em novidade de vida.

4. O apóstolo conclui esse capítulo com uma advertência contra o orgulho e a inveja (v. 26). Ele havia exortado esses cristãos a servir "*...uns aos outros pela caridade*" (v. 13), e deixado claro qual seria a conseqüência se, em vez de servirem uns aos outros, se mordessem e se devorassem "*...uns aos outros*" (v. 15). Para que eles se envolvam no serviço pelo amor e deixem de lado o aspecto destrutivo, ele os adverte a não desejarem a "vanglória", e a não cederem à presunção dos aplausos dos homens, porque isso, se for tolerado, certamente fará com que se ofendam e se invejem mutuamente. Enquanto esse tipo de comportamento prevalecer entre os cristãos, eles estarão prontos a desprezar e menosprezar aqueles que consideram inferiores e ficarão de mau humor se lhes for negado o respeito que acham que merecem. Eles também tenderão a invejar aqueles que podem diminuir a sua reputação. O fundamento que foi colocado mostra que as queixas e contendas eram inconsistentes com o amor que os cristãos deveriam exercer uns para com os outros, e que se tornaram tremendamente prejudiciais à honra e ao interesse da fé cristã. Por isso, o apóstolo buscou advertir os cristãos contra esse perigo. Observe: (1) A glória que vem de homens é "vanglória", que, em vez de desejá-la, deveríamos morrer para ela. (2) Uma atenção indevida dada à aprovação e aplauso de homens é um grande motivo para as brigas e contendas infelizes que ocorrem entre os cristãos.

CAPÍTULO 6

Esse capítulo consiste basicamente em duas partes. Na primeira parte, o apóstolo apresenta diversas instruções claras e práticas, que tendem a instruir os cristãos de maneira mais específica acerca das suas obrigações uns para com os outros e para promover a comunhão entre eles (vv. 1-10). Na segunda parte, ele revê o intento principal da epístola, que deveria fortalecer os gálatas contra a astúcia e destreza dos mestres judaizantes, e confirmá-los na verdade e liberdade do evangelho. Por isso: I. Ele mostra o verdadeiro caráter desses mestres e a verdadeira motivação deles (vv. 11-14). II. Por outro lado, ele descreve o seu próprio temperamento e comportamento. Com isso eles facilmente poderiam perceber quão pouca razão tinham para menosprezá-lo e que deveriam concordar com ele. Então ele conclui a epístola com uma bênção solene.

Ternura no Ato de Repreensão. Auto-exame. Disposição e Beneficência Espirituais

vv. 1-10

No capítulo anterior, o apóstolo exortou os cristãos a servirem "*...uns aos outros pela caridade*" (v. 13) e nos advertiu (v. 26) contra um estado de espírito que, se tolerado, nos impediria de mostrar o amor mútuo e a prontidão em servir que ele havia recomendado. No início desse capítulo, ele acrescenta mais algumas instruções, que, se observadas devidamente, promoveriam o aspecto positivo e impediriam o aspecto negativo. Assim, o nosso comportamento se tornaria mais aprazível à nossa profissão de fé cristã e mais útil e confortável no relacionamento uns para com os outros.

I Somos ensinados aqui a lidar mansamente com aqueles que são surpreendidos nalguma falta (v. 1). Ele apresenta um caso comum: "*...se algum homem che-*

gar a ser surpreendido nalguma ofensa", isto é, for alcançado pelo pecado com a surpresa da tentação. Uma coisa é cometer uma falta por sagacidade e deliberação e por uma completa dissolução no pecado. Outra coisa é ser surpreendido nalguma ofensa. Paulo se refere a essa última situação e deixa claro que ela deveria ser tratada com grande brandura. Vocês, que são *espirituais*, ou seja, não somente os ministros (como se só eles pudessem ser considerados pessoas espirituais), mas também outros cristãos, especialmente os cristãos mais devotos, encaminhem "*...o tal com espírito de mansidão*". Observe o seguinte: 1. Nosso dever: encaminhar ou restaurar essa pessoa. Devemos nos esforçar, por meio de repreensões firmes, e conselhos pertinentes e adequados, a levá-la ao arrependimento. A palavra original, *katartizete*, significa "*colocar no lugar*", como se faz com um osso ou junta deslocada. Do mesmo modo deveríamos nos esforçar para "colocá-los" no devido lugar novamente, ao convencê-los do seu pecado e erro, persuadindo-os a voltar ao seu ofício, confortando-os por meio de uma atitude perdoadora. O processo de restauração deve ser permeado pelo verdadeiro amor cristão. 2. A maneira como isso deve ser feito: "*...com espírito de mansidão*"; não com ira ou raiva, como aqueles que se alegram com a queda de um irmão, mas com mansidão, como aqueles que preferem condoer-se por eles. Muitas repreensões perdem a sua eficácia pelo fato de ocorrerem com ira. Mas quando ocorrem com calma e ternura, e procedem de uma afeição sincera e preocupação pelo bem-estar daqueles que caíram, o resultado tende a ser muito positivo. 3. Um motivo muito forte para que essa correção ocorra com mansidão: "*...olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado*". Devemos tratar com muita ternura aqueles que foram surpreendidos nalgum pecado, porque não sabemos quando isso poderá ocorrer conosco. Também podemos ser tentados e vencidos pela tentação. Portanto, se olharmos para nós da forma correta, estaremos dispostos a fazer aos outros aquilo que gostaríamos que fizessem a nós.

II Somos instruídos a levar "*...as cargas uns dos outros*" (v. 2). Isso pode se referir ao contexto anterior, e, dessa forma, pode nos ensinar a exercitar paciência e compaixão em relação ao próximo, quanto às fraquezas, loucuras e fragilidades, que com tanta freqüência nos sobrevêm – situação em que, embora não devêssemos ser totalmente coniventes com elas, também não deveríamos ser severos demais uns com os outros por causa delas. Ou como um preceito mais geral, essa situação nos leva a compadecer-nos uns dos outros diante das diversas provas e dificuldades que podemos encontrar, e estar prontos a oferecer uns aos outros o conforto e o conselho, a ajuda e a assistência que nossas circunstâncias possam requerer. Para nos estimular nesse sentido, o apóstolo acrescenta que dessa forma estaremos cumprindo "*...a lei de Cristo*". Isso quer dizer que devemos agir de acordo com o seu preceito, que é a lei do amor, que nos obriga a exercitar paciência e perdão, a ser compassivos uns com os outros. Isso também está de acordo com o seu padrão e exemplo, que tem a força de uma lei para nós. Ele suporta as nossas fraquezas e loucuras, e pode "*...compadecer-se das nossas fraquezas*" (veja Hb 4.15); portanto, existe um bom motivo para mantermos a mesma disposição de ânimo uns para com os outros. Observe: Embora como cristãos estejamos libertos da lei de Moisés, continuamos debaixo da lei de Cristo; portanto, em vez de colocar cargas desnecessárias sobre os outros (como faziam esses que frisavam a observância da lei de Moisés), é muito melhor cumprir a lei de Cristo, levando as cargas uns dos outros. O apóstolo nos alerta acerca do problema do orgulho em relação à compaixão e condescendência mútuas que havia recomendado, e que a vaidade da nossa parte nos levará a censurar e menosprezar nossos irmãos, em vez de levar as fraquezas deles e esforçar-nos para restaurá-los quando forem surpreendidos no pecado (v. 3). Ele acredita ser possível (e seria bom se isso não fosse muito comum) para um homem achar ser alguém – ter uma opinião exagerada da sua própria suficiência, de olhar para si próprio como alguém mais sábio e melhor do que outros homens. Esse homem deseja impor e determinar o que os outros deveriam fazer – quando na verdade ele não é coisa alguma, não tem substância ou solidez alguma em si mesmo que sirva como base para a confiança e superioridade que ele supõe ter. Para dissuadir-nos de dar lugar a esse tipo de atitude, o apóstolo deixa claro que essa pessoa apenas se engana a si mesma. Enquanto impõe sobre os outros algo que ele mesmo não possui, engana-se a si mesmo, e mais cedo ou mais tarde experimentará os efeitos tristes disso. Isso não lhe garantirá a estima por parte de Deus ou de homens fiéis, que ele acha que merece. Ele não estará mais livre de erros nem mais firme contra as tentações por causa da boa opinião que tem da sua auto-suficiência. Na verdade, ele está mais propenso a cair nessas tentações e ser vencido por elas. "*Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia*" (veja 1 Co 10.12). Em vez de alimentar esse tipo de atitude vangloriosa, que atrapalha o amor e a bondade que devemos mostrar aos nossos companheiros cristãos e também é prejudicial a nós mesmos, seria bem melhor se aceitássemos a exortação do apóstolo (Fp 2.3): "*Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo*". Observe: A presunção não passa de auto-ilusão. Como ela é incompatível com essa caridade que devemos aos outros (porque *a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece*, 1 Co 13.4), assim enganamo-nos a nós mesmos. E não existe um engano mais perigoso no mundo do que a auto-ilusão. Como um meio de impedir esse mal:

III Cada um de nós é aconselhado a provar a sua própria obra (v. 4). Quando o apóstolo menciona *própria obra* ele basicamente quer dizer nossas próprias ações ou comportamento. Ele nos instrui a provar essas obras, isto é, a examiná-las séria e imparcialmente pela regra da Palavra de Deus, para verificar se estão ou não de acordo com a Palavra, e, portanto, o que Deus e a nossa própria consciência aprovam. Isso ele retrata como o dever de cada pessoa; em vez de estarmos prontos a julgar e censurar os outros, seria muito melhor se examinássemos nossos próprios caminhos. Deveríamos estar mais preocupados em julgar a nós mesmos em vez de julgar os outros. "*Quem és tu que julgas o servo alheio?*" (veja Rm 14.4). A partir da conexão dessa exortação com o

que vem antes, torna-se aparente que se os cristãos se aplicassem devidamente a essa tarefa, descobririam de maneira mais fácil os defeitos e imperfeições em si mesmos e logo seriam convencidos de quão poucos motivos têm de ser presunçosos ou severos em censurar os outros. Isso nos oferece a oportunidade de observar que a melhor maneira de nos guardarmos de ficar orgulhosos é olhar para dentro de nós mesmos. Quanto melhor conhecermos nosso próprio coração e caminhos, tanto menos propensos estaremos a desprezar os outros e mais dispostos a ser compassivos e ajudá-los nas suas fraquezas e aflições. Para persuadir-nos sobre esse dever necessário e proveitoso, o apóstolo ressalta duas considerações muito apropriadas:

1. Essa é a maneira de ter "*...glória só em si mesmo...*". Se formos realmente sinceros em provar a nossa *própria obra*, e, depois do julgamento, pudermos nos aprovar diante de Deus, em relação à nossa sinceridade e retidão para com Ele, então poderemos esperar ter conforto e paz em nossa alma, tendo o testemunho da nossa consciência (de acordo com 1 Co 1.12). Isso, ele sugere, seria um motivo de alegria e satisfação muito maior do que regozijar-nos *noutro*, seja pela boa opinião que os outros poderiam ter de nós, ou por termos convencido outras pessoas da nossa opinião, que, aliás, era motivo de glória dos falsos mestres (como vemos no v. 13), seja em comparar-nos com outros, como, pelo que tudo indica, alguns faziam. Essas pessoas estavam dispostas a pensar bem de si mesmas, já que não eram tão más quanto algumas. Muitas pessoas estão dispostas a avaliar-se dessa forma; mas a alegria que resulta desse tipo de avaliação não é nada se comparada a um julgamento imparcial de nós mesmos pela regra da Palavra de Deus e se formos aprovados por Ele. Observe: (1) Embora não exista nada em nós digno de orgulho, no entanto, podemos nos gloriar em nós mesmos: nossas obras não podem nos fazer merecer nada das mãos de Deus; mas se nossa consciência pode testemunhar a nosso favor que elas são tais que Ele por intermédio de Cristo aprova e aceita, temos bons motivos para nos alegrar nelas. (2) A verdadeira maneira de ter glória em si mesmo é provar *a sua própria obra*, é cada um se examinar a si mesmo pelo infalível crivo da Palavra de Deus, e não pelas medidas falsas do que outras pessoas são, ou possam pensar de cada um de nós. (3) É muito melhor ter motivos para gloriar-se em si mesmo do que em outros. Se temos o testemunho da nossa consciência de que somos aceitos por Deus, não precisamos nos preocupar muito com o que os outros pensam ou dizem acerca de nós. E sem isso, a boa opinião dos outros terá pouco proveito para nós.

2. Mais um argumento que o apóstolo usa para enfatizar esse dever de provar cada um a sua própria obra é que cada pessoa levará sua própria carga (v. 5). Isso significa que no grande dia cada um será avaliado de acordo com o seu comportamento aqui. O apóstolo pressupõe que chegará um dia em que devemos todos prestar contas da nossa vida a Deus; e ele declara que ocorrerá um julgamento, e a sentença será pronunciada, não de acordo com os sentimentos do mundo em relação a nós, ou de qualquer opinião infundada que possamos ter a nosso respeito, ou pelo fato de termos sido melhores ou piores do que outros, mas de acordo com o nosso estado e comportamento real aos olhos de Deus. E, se devemos esperar um tempo terrível, quando Ele pagará "*...a cada um segundo a sua obra*" (veja Pv 24.29), certamente há um motivo maior para provarmos nossas obras agora. Se certamente prestaremos contas no futuro, devemos avaliar a nossa vida aqui com freqüência, para ver se estamos andando de acordo com a vontade de Deus. E, uma vez que essa é a nossa obrigação, devemos mais constantemente nutrir pensamentos apropriados acerca de nós mesmos e de nossos colegas cristãos, e, em vez de sermos duros uns com os outros, em decorrência de algum erro ou falha, devemos estar mais dispostos a cumprir a lei de Cristo (de levar as cargas uns dos outros) pela qual seremos julgados.

IV Os cristãos são exortados a ser espontâneos e generosos no sustento de seus ministros (v. 6): "*E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui*". Podemos observar o seguinte aqui: 1. O apóstolo fala desse princípio como se fosse conhecido e aprovado, que há aqueles que são ensinados e há outros que são designados para ensinar. O ofício do ministro é uma instituição divina, que não está aberta a todos. Ele está restrito àqueles a quem Deus qualificou e chamou. Até mesmo a razão nos manda estabelecer uma diferença entre mestres e aprendizes (porque, se todos fossem mestres, não haveria ninguém para ser ensinado), e as Escrituras deixam claro que deveríamos agir dessa forma. 2. Os ministros devem ensinar a Palavra de Deus. O que eles devem pregar é "*...a palavra*" (2 Tm 4.2). Eles devem "*...anunciar todo o conselho de Deus*" (At 20.27). Eles não exercem domínio sobre a nossa fé, mas são cooperadores de nosso gozo (2 Co 1.24). A Palavra de Deus é a única regra de fé e vida. Os ministros devem estudá-la, aperfeiçoar seus conhecimentos, para a edificação dos outros. Devemos prestar atenção nos seus ensinamentos desde que ajam de acordo com essa regra. 3. Aqueles que são ensinados na Palavra devem sustentar aqueles que são designados a instruí-los; porque devem repartir "*...de todos os seus bens com aquele que o instrui*", espontaneamente e com alegria. Eles devem repartir as coisas boas com as quais Deus os abençoou, aquilo que os ministros precisam para a sua subsistência confortável. Os ministros devem persistir "*...em ler, exortar e ensinar*" (1 Tm 4.13); eles não devem se "*...embaraçar com negócios desta vida*" (2 Tm 2.4), e, portanto, é saudável e justo que, enquanto *semeiam aos outros bens espirituais, também colham coisas temporais*. A ordem de Deus sob a lei era a seguinte: "*...os que administram o que é sagrado comem do que é do templo?* [...] *Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho*" (1 Co 9.13,14).

V Aqui está uma advertência para não escarnecer de Deus, ou enganar-nos a nós mesmos, ao imaginar que Ele pode ser enganado com meras pretensões ou confissões (v. 7): "*Não erreis: Deus não se deixa escarnecer*". Isso pode estar se referindo à exortação precedente, e, assim, o intento do autor é convencer de pecado e loucura aqueles que buscaram por qualquer ambição plausível justificar-se para não cumprir seu dever de

sustentar seus ministros. Essa advertência também pode ser entendida de uma visão mais geral, envolvendo a religião como um todo, e dessa forma buscando tirar da cabeça dos homens qualquer esperança vã de desfrutar dos direitos enquanto vivem na negligência dos seus deveres. O apóstolo supõe aqui que muitos estão inclinados a encontrar uma desculpa acerca da obra cristã, especialmente o aspecto mais oneroso e auto-sacrificial dela, embora ao mesmo tempo estejam dispostos a viver de aparências e da profissão de fé cristã. Mas ele os assegura que o caminho deles era a loucura deles, porque, embora com isso possam enganar outros, eles, na verdade, apenas se enganam a si mesmos caso acreditem que podem iludir a Deus, que conhece perfeitamente o coração e as ações deles. Ele não pode ser enganado, nem escarnecido. Portanto, para prevenir isso, ele nos apresenta a seguinte regra: "*...tudo o que o homem semear, isso também ceifará*". Em outras palavras, prestaremos contas naquele grande dia daquilo que tivermos feito aqui. Nosso tempo presente é um tempo de semear; no outro mundo, haverá uma grande colheita. E, como o agricultor colhe de acordo com o que semeou, assim colheremos de acordo com o que semeamos agora. Ele também informa (v. 8) que há dois tipos de semeaduras, ou seja, a semeadura na carne e a semeadura no Espírito. No futuro, cada um terá de ajustar contas de acordo com o que semeou: "*...o que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção*". Se semearmos vento, colheremos um redemoinho. Aqueles que vivem uma vida sensual e carnal, que, em vez de devotar-se à honra de Deus e para o bem dos outros, gastam todos os seus pensamentos, cuidado e tempo com a carne, não podem esperar outros frutos senão corrupção – uma satisfação curta e desprezível no presente, e destruição e miséria no fim desta vida. Mas, por outro lado, "*...o que semeia no Espírito...*", aquele que vive uma vida espiritual e santa, uma vida de devoção a Deus e de benefício e utilidade aos outros, debaixo da orientação e influência do Espírito, pode estar certo de que "*...do Espírito ceifará a vida eterna*". Os que agirem assim terão o consolo certo no seu curso atual, e a vida eterna e felicidade no final dele. Observe: Aqueles que escarnecem de Deus apenas se iludem a si próprios. A hipocrisia na religião é a maior loucura, bem como a perversidade, já que o nosso Deus pode facilmente detectar nossas dissimulações e certamente tratará conosco no futuro, não de acordo com as nossas palavras, mas de acordo com a nossa prática.

VI Aqui está mais uma advertência: "*...não nos cansemos de fazer o bem*" (v. 9). Como não devemos nos desculpar de qualquer parte do nosso dever, assim também não devemos nos cansar nesse nosso dever. Existe em todos nós uma grande predisposição para o cansaço no meio do caminho. Temos a tendência de desanimar ou cansar no dever, sim, de afrouxar, especialmente nessa parte que o apóstolo ressalta aqui, ou seja, de fazer o bem ao próximo. Portanto, devemos tomar muito cuidado para não cometermos esse erro. O apóstolo apresenta um ótimo motivo para cumprirmos essa advertência, "*...porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido*". Aqui ele nos assegura que há uma recompensa reservada para todo aquele que sinceramente se esforçar em fazer o bem. Seremos recompensados no devido tempo – se isso não está registrado nessa palavra, certamente a encontramos na próxima. Mas existe a hipótese de desfalecermos no caminho do nosso dever. Se cansarmos, e nos afastarmos dele, não apenas deixaremos escapar essa recompensa, mas perderemos o consolo e o proveito daquilo que já fizemos. Mas, se permanecermos firmes e perseverarmos em fazer o bem, embora nossa recompensa possa ser adiada, ela certamente virá, e será tão grande que valerá a pena ter passado por todas as dificuldades. Observe: A perseverança em fazer o bem é nossa sabedoria e interesse, bem como nosso dever, porque somente assim receberemos a recompensa prometida.

VII Aqui está uma exortação a todos os cristãos para que façam o bem cada um no seu lugar (v. 10): "*Então, enquanto temos tempo...*". Não é suficiente que sejamos bons, mas também precisamos fazer o bem aos outros, se queremos estar à altura da fé cristã. O dever aqui recomendado é o mesmo registrado nos versículos anteriores; e, como lá o apóstolo nos exorta à sinceridade e perseverança em relação a isso, assim ele nos aponta aqui para os objetos e regras desse dever. 1. Os objetos desse dever são, de modo mais geral, todo os homens. Não devemos limitar nossa caridade e beneficência a fronteiras muito reduzidas, como os judeus e cristãos judaizantes eram inclinados a fazer; deveríamos estar prontos a estendê-las a todos que participam da mesma natureza conosco, tanto quanto temos possibilidade de fazê-lo e eles necessitem de nós. Mas, no exercício dessa prática, devemos ter um cuidado especial com os "*...domésticos da fé*", ou àqueles que professam a mesma fé comum e são membros do mesmo corpo de Cristo conosco. Embora os outros não devam ser excluídos, devemos dar preferência aos da família da fé. A caridade dos cristãos deve ser uma caridade ampla; nesse ponto, devemos ter uma consideração especial para com as pessoas bondosas. Deus faz o bem a todos, mas de uma maneira especial Ele é bom para os seus servos. Ao fazermos o bem, devemos ser "*...imitadores de Deus, como filhos amados*" (veja Ef 5.1). 2. A regra a que devemos obedecer para fazer o bem aos outros é: "*...enquanto temos tempo*". Isso implica: (1) Que devemos procurar fazê-lo enquanto temos oportunidade, ou enquanto durar nossa vida, que é a única época em que somos capazes de fazer o bem aos outros. Se, portanto, agirmos da forma correta nessa questão, não devemos, como ocorre com muitos, negligenciá-la em nossa existência, e protelá-la até que estejamos próximos da morte, diante da pretensão de fazermos o bem então. Pois, como não podemos estar certos se teremos uma oportunidade para tal naquela época, assim também não temos nenhum motivo para esperar que aquilo que fizermos será aceitável a Deus. Também não podemos achar ser possível fazer reparação pelas nossas negligências passadas ao deixarmos algum bem para os outros, quando já não mais pudermos conservá-lo para nós mesmos. Mas deveríamos nos esforçar em fazer o bem em vida e colocar isso como um objetivo de vida. (2) Que estejamos prontos para aproveitar todas as oportunidades que surgirem.

Não devemos nos contentar com o fato de já termos realizado algumas boas ações em nossa vida; mas, sempre que surgir uma oportunidade nova, devemos nos esforçar para fazer o bem, porque somos orientados a repartir "...*com sete e ainda* até *com oito*" (Ec 11.2). Observe: [1] Deus deixou claro que devemos fazer o bem aos outros e é Ele quem providencia as oportunidades para podermos realizá-lo. "...*sempre tendes convosco os pobres*" (Mt 26.11). [2] Sempre que Deus nos oferece uma oportunidade de sermos úteis aos outros, Ele espera que a aproveitemos, de acordo com a nossa capacidade e habilidade. [3] Necessitamos da sabedoria e discrição divina para nos orientar no exercício da nossa caridade ou beneficência, e especialmente na escolha dos objetos apropriados. Embora ninguém que necessite da nossa ajuda deva ser completamente negligenciado, precisamos fazer uma distinção entre uns e outros.

O Caráter dos Falsos Mestres. A Eficácia da Cruz de Cristo. A Bênção Apostólica

vv. 11-18

Após ter estabelecido amplamente a doutrina do evangelho, e ter se empenhado em persuadir esses cristãos a agir de acordo, o apóstolo parece ter a intenção de concluir a epístola, especialmente após tê-los informado que, como uma marca especial do seu respeito por eles, ele escreveu essa extensa carta (ou essa carta com grandes letras) com a própria mão. Ele não pediu a ajuda de um secretário ou escrivão para escrever a carta como costumava fazer nas outras oportunidades, em que apenas assinava seu nome. O seu carinho e interesse em restaurá-los das impressões negativas que os falsos mestres deixaram era tão grande, que não poderia concluir a epístola sem antes apresentar mais uma vez o verdadeiro caráter desses mestres e um relato do seu temperamento e comportamento. Se os gálatas comparassem a atitude dos falsos mestres com a dele, facilmente perceberiam quão poucos motivos tinham de se afastar da doutrina que ele lhes havia ensinado para seguirem outro caminho.

I Ele lhes mostra o verdadeiro caráter desses mestres que eram laboriosos em seduzi-los. O apóstolo apresenta diversas particularidades, tais como: 1. Eles eram homens que queriam "...*mostrar boa aparência na carne*" (v. 12). Eles eram muito zelosos quanto às coisas exteriores da religião. Eles buscavam observar os ritos da lei cerimonial e obrigar os outros a também observá-los; ao mesmo tempo, tinham pouca ou nenhuma consideração pela verdadeira piedade. Por isso, o apóstolo diz no versículo seguinte: "...*nem ainda esses mesmos* [...] *guardam a lei*". Corações orgulhosos, vaidosos e carnais desejam nada além de mostrar boa aparência na carne, e podem se contentar facilmente com uma religião superficial que apenas os ajudará a manter essa boa aparência. Muitas vezes as pessoas com pouca essência na religião são as mais solícitas para fazer um espetáculo dela. 2. Eles eram homens que estavam com medo de sofrer, porque obrigavam os cristãos gentios a se circuncidar, "...*somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo*". Eles estavam mais interessados em si mesmos do que na lei. Eles estavam dispostos a salvar sua bagagem mundana, mas não se preocupavam em causar o naufrágio da fé e da boa consciência. Eles buscavam principalmente agradar os judeus e conservar sua reputação entre eles, e assim impedir a provação a que Paulo e outros mestres fiéis da doutrina de Cristo estavam expostos. 3. Esses falsos mestres possuíam inclinações partidárias e não tinham mais zelo pela lei do que a medida que servia aos seus intentos carnais e egoístas. Eles queriam ver esses cristãos circuncidados, "...*para se gloriarem na vossa carne*" (v. 13), para que pudessem dizer que os haviam conquistado para o seu lado, e os tornado prosélitos deles, os quais levavam a marca na sua carne. E assim, enquanto fingiam promover a fé cristã, eram, na verdade, os maiores inimigos dela. Nada tem sido mais destrutivo para o interesse da fé cristã do que o partidarismo.

II Ele nos informa, por outro lado, acerca do seu próprio temperamento e comportamento e declara sua própria fé, esperança e alegria.

1. A sua glória principal estava na cruz de Cristo: "*Mas longe esteja de mim*", diz ele, "*gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*" (v. 14). A cruz de Cristo aqui significa seu sofrimento e morte na cruz ou a doutrina da salvação por um Redentor crucificado. Era isso que fazia os judeus tropeçarem e que os gregos consideravam loucura. Os próprios mestres judaizantes, embora tivessem adotado o cristianismo, estavam tão envergonhados dele que em complacência com os judeus, e para evitar a perseguição deles, estavam a favor da mescla entre a observância da lei de Moisés e a fé em Cristo, como sendo necessárias para a salvação. Mas Paulo tinha uma opinião muito diferente. Em vez de escandalizar-se com a cruz de Cristo, ou de envergonhar-se dela, ou estar com medo dela, ele se gloriava nela. Sim, ele desejava gloriar-se somente nessa cruz e rejeitava a idéia de elaborar qualquer coisa que pudesse competir com ela. Por isso, diz: "...*longe esteja de mim...*". Esse era o motivo de toda sua esperança como cristão. Essa era a doutrina que, como apóstolo, estava determinado a pregar. E, independentemente das provações que essa lealdade pudesse trazer, ele estava pronto, não somente a submeter-se a elas, mas a regozijar-se nelas. Observe: A cruz de Cristo é a glória principal de um verdadeiro cristão. Esse também deve ser o maior motivo para nos gloriarmos, porque a ela devemos toda a nossa alegria e esperança.

2. Ele estava morto para o mundo. Por Cristo, ou pela cruz de Cristo, "...*o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo*". Ele havia experimentado o poder e a virtude disso ao desapegar-se do mundo. Esse era um dos principais motivos para gloriar-se nela. Os falsos mestres eram homens com uma índole mundana. A preocupação principal deles visava interesses seculares, e, portanto, baseavam sua religião neles. Mas Paulo era um homem de um espírito diferente. Como o mundo não tinha nenhum benefício para ele, assim o apóstolo não tinha nenhuma grande estima por ele. Paulo tinha se tornado indiferente para o mundo como alguém que está morto para ele. Essa é a disposição mental que todos os

cristãos deveriam ter. A melhor maneira de alcançar isso é identificar-se profundamente com a cruz de Cristo. Quanto maior for a nossa estima por Ele, tanto menor será o nosso apreço pelo mundo, e quanto mais considerarmos os sofrimentos que o nosso precioso Redentor suportou por parte do mundo, tanto menos chances teremos de nos apaixonarmos pelo mundo.

3. Ele não pôs a ênfase da sua fé em um ou outro lado dos interesses em disputa, mas no cristianismo saudável (v. 15). Havia naquela época uma divisão infeliz entre os cristãos. A circuncisão e a incircuncisão tinham se tornado nomenclaturas que os distinguiam uns dos outros. Porque os cristãos judeus eram chamados de "...*os que são da circuncisão*" (cap. 2.9,12). Os falsos mestres eram muito zelosos em relação à circuncisão, a ponto de dizerem que ela era necessária para a salvação, e, portanto, fizeram todo o possível para obrigar os cristãos gentios a se submeterem a ela. Eles levaram essa questão muito mais adiante do que outros fizeram. Embora os apóstolos tolerassem o uso da circuncisão entre os cristãos judeus, eles, de forma alguma, estavam a favor de impô-la aos gentios. Mas o que era tão importante para esses judaizantes, Paulo desconsiderava. Era, na verdade, de grande interesse para o cristianismo que a circuncisão não fosse imposta aos convertidos gentios, e, portanto, o apóstolo se opôs a isso com o máximo vigor. Mas a mera circuncisão ou a incircuncisão, quer de judeus ou de gentios, e quer fossem a favor ou contra o uso da circuncisão, não tinha grande importância para o apóstolo; porque ele sabia muito bem que "...*em Cristo Jesus*, isto é, debaixo da dispensação cristã, *nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma*, no que se refere à aprovação de Deus, *mas sim o ser uma nova criatura*". Aqui ele nos instrui no que consiste e no que não consiste a verdadeira religião. Ela não consiste na circuncisão ou na incircuncisão ou em fazermos parte desta ou daquela denominação cristã, mas em sermos uma nova criatura; não em termos um novo nome, ou em termos uma nova fisionomia, mas em sermos renovados no espírito da nossa mente e termos Cristo formado em nós. É isso que realmente importa para Deus e é o que importava para o apóstolo. Se compararmos esse texto com alguns outros, poderemos observar de forma mais completa o que nos torna aceitos por Deus e acerca do que devemos nos preocupar de maneira especial. Essa aceitação por Deus significa aqui tornar-se "...*uma nova criatura*", e no capítulo 5.6 é "...*a fé que opera por caridade*". Em 1 Coríntios 7.19 lemos que é "...*a observância dos mandamentos de Deus*". A partir desses textos concluímos que é por meio da mudança da mente e do coração que somos preparados e capacitados a crer no Senhor Jesus e a viver uma vida de devoção a Deus. E onde essa religião prática, interior e vital estiver ausente, nenhuma profissão exterior, nem nomes específicos, serão suficientes para nos recomendar a Ele. Se os cristãos estivessem realmente interessados em experimentar essa aceitação de Deus neles mesmos, e a promovê-la em outros, e se isso não os fizesse largar seus nomes distintos, pelo menos eles deixariam de colocar uma ênfase tão grande em si mesmos, como acontece com tanta freqüência. Observe: Os cristãos devem preocupar-se em pôr a ênfase da sua fé onde Deus a colocou, a saber, nas coisas que nos tornam aceitos por Ele. Foi isso que o apóstolo fez; seremos sábios se seguirmos o seu exemplo. Após ter mostrado qual era a consideração principal da religião cristã, ou seja, não um mero nome vazio ou uma vaga profissão de fé, mas uma mudança saudável e salvadora, o apóstolo pronuncia uma bênção sobre todos os que caminham de acordo com essa regra (v. 16): "*E, a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus*". A regra à qual ele se refere aqui pode significar, de um modo mais geral, toda a Palavra de Deus, que é a regra completa e perfeita de fé e vida, ou essa doutrina do evangelho ou o meio de justificação e salvação, que ele havia formulado nessa epístola, isto é, pela fé em Cristo, sem as obras da lei. Ou ele pode estar se referindo à nova criatura, que havia acabado de mencionar. As bênçãos que ele deseja para aqueles que andam de acordo com essa regra, que lhes dá esperança e perspectiva (porque as palavras precisam ser entendidas ou como uma oração ou como uma promessa), são *paz e misericórdia* – paz com Deus e a consciência, e todos os confortos necessários dessa vida; e a misericórdia, ou um interesse pelo amor gracioso e pelo favor de Deus em Cristo, que são a nascente e a fonte de todas as bênçãos. Um fundamento é colocado nessa mudança graciosa que é operada neles e, enquanto agem como novas criaturas, e governam a vida e a esperança de acordo com a regra do evangelho, eles certamente poderão depender dessas duas virtudes. Essas virtudes, ele declara, serão a porção de todo *o Israel de Deus*, a saber, todos os cristãos sinceros, judeus ou gentios, todos os verdadeiros israelitas, que, embora possam não ser a descendência natural, tornam-se a descendência espiritual de Abraão. Esses, sendo herdeiros da fé dele, são também herdeiros junto com ele da mesma promessa, e, conseqüentemente, designados para a paz e misericórdia mencionadas aqui. Os judeus e os mestres judaizantes entendiam que essas bênçãos deveriam ser restritas aos circuncisos e àqueles que guardavam a lei de Moisés; mas o apóstolo declara que elas pertencem a todos os que andam de acordo com a regra do evangelho, ou da nova criatura, ou seja, a todo o Israel de Deus. O apóstolo deixa claro que somente os que andam de acordo com essa regra (e não os da circuncisão), são o verdadeiro Israel de Deus. Essa era a maneira certa de obter paz e misericórdia. Observe: (1) Os verdadeiros cristãos andam de acordo com a regra; não uma regra de acordo com sua própria imaginação, mas aquela que o próprio Deus prescreveu. (2) Mesmo os que andam de acordo com essa regra continuam carentes da misericórdia de Deus. (3) Todos os que sinceramente se esforçam em andar de acordo com essa regra podem estar certos de que desfrutarão de paz e misericórdia. Essa é a melhor maneira de termos paz com Deus e com o próximo. Assim como podemos estar certos do favor de Deus agora, também podemos estar seguros de que encontraremos misericórdia nele no futuro.

4. Ele tinha sofrido perseguição alegremente por amor a Cristo e ao cristianismo (v. 17). Da mesma forma que se gloriava na cruz de Cristo, ou na doutrina da salvação por meio de um Redentor crucificado, assim ele preferia passar pelos perigos a abandonar essa verdade, ou permitir que fosse corrompida. Os falsos mestres estavam com medo da perseguição; esse foi o grande motivo para continuarem insistindo na necessidade da circuncisão, como lemos no versículo 12. Mas essa era a

preocupação menor de Paulo. Ele não se incomodava com nenhuma das suas aflições, nem "*...em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus*" (At 20.24). Ele já tinha sofrido muito na causa de Cristo, trazendo no seu "*...corpo as marcas do Senhor Jesus*", as cicatrizes das feridas que tinha sofrido dos inimigos que o perseguiam, por causa da sua lealdade a Ele, e da doutrina do evangelho que tinha recebido dele. Podemos observar claramente que ele estava persuadido acerca da verdade e importância disso, e estava longe de concordar com a circuncisão, como haviam relatado falsamente a respeito dele. Assim, com cordialidade e veemência, e de acordo com a sua autoridade como apóstolo, e devido a uma profunda preocupação interior, ele insiste para que nenhum homem o incomodasse doravante, opondo-se à sua doutrina ou autoridade, com calúnias lançadas sobre ele. Tanto pelo que tinha dito como pelo que tinha sofrido, os gálatas tinham sido muito injustos e injuriosos com ele. Aqueles que receberam ou promoveram os falsos mestres também tinham sido muito imprudentes e insensatos. Observe: (1) Pode-se pressupor legitimamente que as pessoas estão plenamente persuadidas das verdades pelas quais estão dispostas a sofrer. (2) É muito injusto cobrar essas coisas das pessoas que são contrárias não somente à sua profissão de fé mas também ao seu sofrimento.

III O apóstolo, tendo concluído o que havia se proposto a escrever para convencer e restaurar as igrejas da Galácia, termina a epístola com sua bênção apostólica (v. 18). Ele os chama de *irmãos*, mostrando sua grande humildade e o carinho que tinha por eles, apesar do tratamento injusto recebido da parte deles. Ele se despede com essa oração muito séria e afável: "*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito*". Esta era uma despedida costumeira do apóstolo (veja Rm 16.20,24 e 1 Co 16.23). Ele ora para que desfrutem o favor de Cristo, tanto nos seus efeitos especiais quanto nas suas evidências perceptíveis, para que possam receber dele toda graça necessária para guiá-los no seu caminho, para fortalecê-los no seu trabalho, para estabelecê-los na sua trajetória cristã e para encorajá-los e confortá-los diante de todas as provações da vida e da perspectiva da própria morte. Isso é chamado adequadamente de *a graça de nosso Senhor Jesus Cristo*, uma vez que Ele é tanto o comprador exclusivo quanto o administrador designado dela. Embora essas igrejas tivessem feito o suficiente para perdê-la, ao permitirem ser atraídos pela opinião e práticas altamente desonrosas a Cristo, bem como perigosas para eles, no entanto, devido à sua grande preocupação por eles, e sabendo da importância que a graça teria para eles, ele a deseja sinceramente aos crentes gálatas. Ele gostaria que essa graça estivesse "*...com o vosso espírito*", para que pudessem experimentar continuamente a influência dela na alma deles, dispondo-os e capacitando-os a agir com sinceridade e retidão na religião. Tudo que precisamos desejar para sermos felizes é a graça do nosso Senhor Jesus Cristo. Esse é o pedido que o apóstolo faz em favor desses cristãos e nos mostra qual deveria ser o nosso também. Ele acrescenta seu *Amém*, tanto para o encorajamento deles quanto para o nosso.

EFÉSIOS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Algumas pessoas acreditam que essa epístola aos Efésios foi uma carta circular enviada a diversas igrejas, e que a cópia dirigida aos efésios acabou fazendo parte do cânon, recebendo esse título específico. E elas têm sido levadas a pensar dessa forma porque essa é a única epístola de Paulo que não apresenta algo específico acerca do estado ou circunstância dessa igreja. Mas essa epístola tem muito a dizer a todos os cristãos, especialmente a todos que eram gentios no passado e foram convertidos ao cristianismo. Por outro lado, pode ser observado que a epístola é expressamente endereçada "*...aos santos que estão em Éfeso*". No final da epístola ele diz ter enviado Tíquico ao encontro deles, e em 2 Timóteo 4.12, ele diz tê-lo enviado a Éfeso. Tudo indica que essa epístola foi escrita da prisão, e alguns comentaram que aquilo que esse apóstolo escreveu quando foi prisioneiro tem um gosto e aroma especial das coisas de Deus. Quando as suas tribulações aumentavam, suas consolações e experiências eram ainda maiores; por isso podemos notar que as práticas angustiosas do povo de Deus, e especialmente dos seus ministros, com freqüência, tendem a ser vantajosas para eles. O intento do apóstolo é firmar os efésios na verdade e inteirá-los dos mistérios do evangelho. Na primeira parte, ele descreve o grande privilégio dos efésios, que, tendo sido pagãos idólatras no passado, tinham sido convertidos ao cristianismo e acolhidos no pacto com Deus. O apóstolo ilustra isso a partir do estado deplorável deles antes da sua conversão (caps. 1–3). Na última parte (caps. 4–6), ele instrui os efésios nos deveres principais da religião e os exorta e estimula a cumprir esses deveres com fidelidade. Zanchy comenta que a epístola aos Efésios pode ser entendida como um resumo da doutrina cristã e de quase todos os tópicos principais da Teologia.

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, temos: I. A introdução da epístola, que é muito semelhante à introdução das outras epístolas (vv. 1,2). II. As ações de graça e louvores do apóstolo a Deus pelas suas inestimáveis bênçãos derramadas sobre os crentes de Éfeso (vv. 3-14). III. Suas orações sinceras a Deus em favor deles (vv. 15-23). Esse grande apóstolo estava habituado a passar tempo em oração e em ações de graça ao Deus Todo-poderoso. Ele geralmente organiza suas orações de tal forma que elas carreguem em si mesmas e transmitam as grandes doutrinas da religião cristã e as instruções mais importantes a todos os que as examinam atentamente.

Introdução
vv. 1,2

Temos aqui: 1. O título que o apóstolo Paulo emprega para si mesmo: "*Paulo, apóstolo de Jesus Cristo*" etc. Ele considera uma grande honra servir a Cristo, como um dos seus mensageiros aos filhos dos homens. Os apóstolos eram os comandantes-em-chefe da igreja cristã, sendo nomeados ministros extraordinários por um tempo específico. Eles eram providos com dons extraordinários pelo seu grande Senhor e recebiam a assistência imediata do Espírito, para que tivessem condições de espalhar o evangelho e governar a igreja no seu estágio inicial. Paulo era alguém assim, não *pela vontade* humana que tivesse outorgado esse ofício a ele, nem por iniciativa própria, mas "*...pela vontade de Deus*". Ele foi chamado para a obra pelo próprio Cristo (como foi o caso dos outros apóstolos), de uma maneira muito especial e clara. Todo ministro fiel a Cristo (embora o seu chamado e ofício possam não ter sido tão sobrenaturais e extraordinários) pode, como o apóstolo Paulo, considerar uma honra e consolo o fato de ser o que ele é *pela vontade Deus*. 2. As pessoas a quem essa epístola é enviada: "*...aos santos que estão em Éfeso*", isto é, aos cristãos que eram membros da igreja em Éfeso, a metrópole da Ásia. Ele os chama de santos, porque era isso que haviam professado e estavam determinados a ser em verdade e na realidade. Todos os cristãos devem ser santos; mas, se não se tornarem santos aqui na terra, nunca o serão na glória. O apóstolo os chama de *fiéis em Cristo*

Jesus, crentes nele, e firmes e constantes na lealdade a Ele e às suas verdades e caminhos. Os infiéis não são santos. Somente os que crêem em Cristo e se dedicam firmemente a Ele e permanecem fiéis à profissão de fé que fizeram em relação ao seu Senhor podem ser considerados santos. Observe: Ter obtido a misericórdia do Senhor para permanecer fiel não é uma honra somente dos ministros, mas de cada cristão. *Em Cristo Jesus*, de quem obtêm toda sua graça e força espiritual, eles são aceitos como pessoas e em tudo o que realizam. 3. A bênção apostólica: "...*a vós graça...*" etc. Esta é a marca em cada epístola; e ela expressa a boa vontade do apóstolo em relação aos seus amigos e é um desejo real pelo bem-estar deles. Por *graça* devemos entender o amor e favor gratuitos e imerecidos de Deus, e as virtudes do Espírito que procedem disso. Por *paz* entendemos todas as outras bênçãos, espirituais e temporais, os frutos e resultados da anterior. Não há paz sem graça. Essa paz e graça vêm somente "...*da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*". Essas bênçãos peculiares procedem de Deus, não como Criador, mas como Pai, por intermédio de uma relação especial: e elas vêm do nosso Senhor Jesus Cristo, que, tendo-os comprado para se tornarem seu povo, tem o direito de concedê-las a eles. Na verdade, os santos e os fiéis em Cristo Jesus já tinham recebido graça e paz. Mas o aumento delas é muito desejado, e os melhores santos sentem a necessidade de suprimentos novos das graças do Espírito e continuam desejando melhorar e crescer. Portanto, eles devem orar, por si e uns pelos outros, para que essas bênçãos continuem sendo derramadas sobre eles.

Depois dessa breve introdução, ele chega ao tópico principal da epístola; e, embora possa parecer um tanto peculiar em uma carta, o Espírito de Deus achou por bem que esse discurso das coisas divinas nesse capítulo fosse transmitido por meio de orações e louvores, que, por serem discursos solenes a Deus, são instruções importantes aos cristãos. A oração pode ensinar; e o louvor pode fazer o mesmo.

Louvor pelas Bênçãos Espirituais
vv. 3-14

Ele inicia com ações de graça e louvor e expande o seu discurso com grande fluência e abundância de afeição acerca dos benefícios extraordinariamente grandes e preciosos de que desfrutamos em Jesus Cristo. Os grandes privilégios da nossa religião são mui habilmente relatados e estendidos em nossos louvores a Deus.

I Ele bendiz a Deus pelas "...*bênçãos espirituais*" (v. 3), denominando-o de "...*o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*"; porque, como Mediador, o Pai era seu Deus; como Deus, e a segunda pessoa na bendita Trindade, Deus era seu Pai. Isso evidencia a união mística entre Cristo e os crentes, ou seja, que o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é o Deus e Pai deles, e isso nele e por meio dele. Todas as bênçãos vêm de Deus como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum benefício pode ser esperado de um Deus justo e santo a criaturas pecadoras, se não for por meio da mediação dele. Ele "...*nos abençoou com todas as bênçãos espirituais*". Observe: As melhores bênçãos são as bênçãos espirituais de Deus, com as quais devemos abençoar. Ele nos abençoa ao derramar sobre nós essas coisas que nos tornam realmente abençoados. Não podemos retribuir do mesmo modo; mas devemos bendizê-lo ao louvar e exaltar e falar bem dele. As pessoas que Deus abençoa com algumas bênçãos espirituais, Ele abençoa com todas. A quem Ele concede o Cristo, Ele dá liberalmente todas essas coisas. O mesmo não ocorre com bênçãos temporais; alguns são favorecidos com saúde, mas não com riquezas. Outros com riquezas, mas não com saúde etc. Mas, onde Deus abençoa com bênçãos espirituais, tudo é abençoado. Elas são "...*bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo*". Para alguns, isso significa na igreja, separado do mundo, e chamado para fora dele. Mas esse texto também pode significar nas coisas celestiais, ou seja, coisas que vêm do céu, e são designadas para preparar o homem para o mesmo e para assegurar sua admissão nele. Deveríamos aprender a reconhecer as coisas espirituais e celestiais como as coisas principais, as bênçãos espirituais e celestiais como as melhores bênçãos. Com elas não poderemos ser miseráveis e sem elas certamente o seremos. *Não penseis nas coisas que são da terra, mas nas que são de cima.* Somos abençoados em Cristo com as coisas de cima. Uma vez que todos os nossos serviços ascendem a Deus por meio de Cristo, assim todas as bênçãos são transmitidas a nós da mesma maneira, sendo Ele o Mediador entre Deus e nós.

II As bênçãos espirituais especiais com as quais somos abençoados em Cristo, e pelas quais devemos bendizer a Deus, são (muitas delas) aqui enumeradas e descritas: 1. A eleição e a predestinação são as fontes secretas de onde as outras fluem (vv. 4,5,11). A *eleição*, ou escolha, diz respeito aos que são escolhidos, separados e distinguidos de entre todos os seres humanos. A predestinação se refere às bênçãos para as quais estão destinados, especialmente a bênção que nos predestinou para *filhos de adoção.* Era o propósito de Deus que no devido tempo chegássemos a ser seus filhos adotivos, e dessa forma tivéssemos o direito a todos os privilégios e à herança de filhos. Lemos aqui a época desse ato de amor: "...*antes da fundação do mundo*"; não somente antes da existência do povo de Deus, mas antes da existência do mundo; porque eles foram escolhidos de acordo com o desígnio de Deus desde a eternidade. O que enaltece essas bênçãos é o fato de serem produto do desígnio eterno. A esmola que você dá aos pedintes na sua casa procede de uma decisão súbita; mas a provisão que os pais fazem para os seus filhos é o resultado de muita contemplação, e é colocado no seu testamento com grande solenidade. E, assim como isso exalta o amor divino, também assegura as bênçãos aos eleitos de Deus; porque *o propósito de Deus, segundo a eleição, permanecerá* (veja Rm 9.11). Ele age de acordo com seus propósitos eternos ao conceder bênçãos espirituais ao seu povo. Ele "...*nos abençoou* [...] *como também nos elegeu nele*", em Cristo, o grande cabeça da eleição, que é enfaticamente chamado de *eleito de Deus, seu escolhido*; e por meio do Redentor escolhido eles receberam uma atenção especial. Podemos ver finalidade e intento importantes nessa escolha: Escolhidos, "...*para que fôssemos*

santos"; não porque previu que seriam santos, mas porque determinou que fosse assim. Todos que são escolhidos para a felicidade como um fim em si, são escolhidos para a santidade como o meio. A santificação deles, bem como a salvação, é o resultado dos intentos do amor divino. "...*e irrepreensíveis diante dele*", para que a santidade deles não seja meramente exterior ou aparente, para evitar censuras dos homens, mas interior e real. O próprio Deus, que *olha para o coração* (veja 1 Sm 16.7), considerará nossa santidade como provinda do amor a Deus e ao nosso próximo, sendo que essa caridade é o princípio de toda verdadeira santidade. O texto original dá a entender aqui uma simplicidade tal que nenhum homem seja capaz de censurar. Por isso, alguns entendem que essa palavra se refere à santidade perfeita que os santos alcançarão na vida futura, que será notável diante de Deus, estando na sua presença imediata para sempre. Aqui também está o critério e a causa básica da eleição de Deus: Ela ocorre "...*segundo o beneplácito de sua vontade*" (v. 5), não por causa de qualquer coisa prevista neles, mas porque era sua vontade soberana, e uma coisa muito agradável a Ele. Ela ocorre conforme o propósito, ou seja, a vontade estabelecida e inalterada, "...*daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade*" (v. 11), que realiza de maneira poderosa tudo que diz respeito aos seus eleitos, como predeterminou e decretou de maneira sábia e livre, o último e grande fim e intento de tudo que é para sua própria glória: "...*para louvor e glória da sua graça*" (v. 6), "...*com o fim de sermos para louvor da sua glória*" (v. 12). Em outras palavras, deveríamos viver e nos comportar de tal forma que a sua rica graça pudesse ser exaltada, e mostrar-se gloriosa e digna do mais alto louvor. "*Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas*" (veja Rm 11.36), e, portanto, tudo deve ser para Ele, e deve estar centrado nele. Observe: A glória de Deus é o seu próprio fim e ela deveria ser também o nosso fim em tudo que fazemos. Essa passagem tem sido entendida por alguns de forma muito diferente, com uma referência especial à conversão desses efésios ao cristianismo. Aqueles que têm interesse em conhecer mais a esse respeito podem consultar o comentário do Sr. Locke, e outros autores reconhecidos. 2. A próxima bênção espiritual que o apóstolo registra é a aceitação de Deus por meio de Jesus Cristo: "...*pela qual* (ou por cuja graça) *nos fez agradáveis a si no Amado*" (v. 6). Jesus Cristo é o Amado do seu Pai (Mt 3.17), bem como dos anjos e santos. É nosso grande privilégio ser aceito por Deus, o que envolve o seu amor por nós, por cuidar de nós e nos aceitar na sua família. Somos aceitos por Deus somente por meio de Jesus Cristo. Ele ama o seu povo por causa do Amado. 3. A remissão de pecados e redenção por meio do sangue de Jesus (v. 7). Não há remissão sem redenção. Foi por causa do pecado que fomos feitos cativos, e não podemos ser soltos do nosso cativeiro a não ser pela remissão dos nossos pecados. A redenção ocorre por meio de Cristo, e a remissão, por meio do seu sangue. A culpa e a mancha do pecado não podiam ser removidas de outra forma senão pelo sangue de Jesus. Todas as bênçãos espirituais fluem para nós nesse rio. Esse grande benefício, que vem gratuitamente a nós, foi comprado por um preço muito elevado pelo nosso bendito Senhor. E isso ocorreu de acordo com as riquezas da graça de Deus. A satisfação de Cristo e a rica graça de Deus são muito consistentes na importante questão da redenção do homem. Deus foi "satisfeito" por meio de Cristo como nosso substituto e fiador. Mas foi a rica graça que aceitou esse fiador, quando Ele poderia ter exercido o rigor da lei para com o transgressor. Foi a rica graça que estabeleceu seu Filho como fiador, e entregou-o voluntariamente por nós. Não havia outra saída. Nesse exemplo, Ele não só manifestou riquezas de graça, mas a "...*tornou abundante para conosco em toda a sabedoria e prudência*" (v. 8) – sabedoria em planejar a dispensação e prudência em executar o conselho da sua vontade. A sabedoria e prudência divinas realmente se mostraram distintas, ao ligar tão satisfatoriamente a justiça e a misericórdia nessa importante questão, assegurando a honra de Deus e sua lei. Ao mesmo tempo, a restauração de pecadores e sua salvação são determinadas e certificadas! 4. O apóstolo bendiz a Deus por sua revelação divina, ou seja, de que Deus descobriu-nos "...*o mistério da sua vontade*" (v. 9), isto é, Ele desvendou uma boa parte desse mistério aos homens, mistério que esteve oculto por tanto tempo, e que continua oculto da maioria das pessoas do mundo. Devemos isso a Cristo, que, tendo estado reclinado no peito do Pai desde a eternidade, veio declarar a sua vontade aos filhos dos homens. "Segundo *o seu beneplácito*" (seus conselhos secretos quanto à redenção do homem), "*que propusera em si mesmo*", foram desvendados, somente nele e dele, e não por causa de coisa alguma neles. A sabedoria e a prudência de Deus aparecem de maneira clara nessa revelação e ao descobrir-nos "...*o mistério da sua vontade*". Ela é descrita (v. 13) como "...*a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação*". Cada palavra desse evangelho é verdade. Ele contém as verdades mais importantes e influentes, e é confirmado pelo juramento de Deus. Deveríamos aprender a recorrer a ele em toda a nossa busca pela verdade divina. Esse é o evangelho da nossa salvação. Ele anuncia as alegres novas da salvação e mostra como obtê-la. E o bendito Espírito torna a sua leitura e ministração eficazes para a salvação de almas. Como deveríamos valorizar esse glorioso evangelho e bendizer a Deus por ele! Ele representa a luz que brilha em um lugar escuro. Por isso, deveríamos ser gratos e dar a devida atenção a ele. 5. A união com Cristo é um grande privilégio, uma bênção espiritual e o fundamento de muitas outras. Esse plano "...*torna a congregar em Cristo todas as coisas*" (v. 10). Todas as linhas da revelação divina se encontram em Cristo. Toda religião está centrada nele. Os judeus e gentios estavam unidos uns com os outros pelo fato de ambos estarem unidos em Cristo. As coisas "...*que estão nos céus como as que estão na terra*" estão unidas nele. Foi estabelecida a paz entre o céu e a terra, por meio dele. A inumerável companhia de anjos se torna uma com a igreja por intermédio de Cristo: isso Deus *propusera em si mesmo* e era seu intento naquela dispensação que o envio de Cristo deveria ser cumprido na plenitude dos tempos, no tempo exato que Deus tinha prefixado e estabelecido. 6. A herança eterna é a grande bênção com a qual somos abençoados em Cristo: "...*em quem também fomos feitos herança*" (v. 11). O céu é a herança, o que deixa a nossa alma feliz. O céu é visto como uma herança, como um

presente do Pai aos seus filhos. "*Se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também*" (veja Rm 8.17). Todas as bênçãos que desfrutamos são pequenas em comparação com essa herança. O que é mostrado ao herdeiro na sua menoridade não é nada em comparação com o que está reservado a ele quando alcançar a maioridade. Os cristãos receberam essa herança. Em Cristo, que é o seu cabeça e representante, eles têm o direito e a posse sobre ela. 7. O selo e o zelo do Espírito fazem parte dessas bênçãos. Lemos que "*...fostes selados com o Espírito Santo da promessa*" (v. 13). O bendito Espírito é santo e nos torna santos. Ele é chamado de *o Espírito Santo da promessa*, como também é o Espírito prometido. Por meio dele, os crentes são selados, isto é, separados para Deus, distinguidos e escolhidos para pertencer a Ele. O Espírito "*...é o penhor da nossa herança*" (v. 14). O penhor é parte de um pagamento e garante o montante todo: assim é o dom do Espírito Santo; toda sua influência e operação, como Santificador e como confortador, começaram no céu. A iluminação do Espírito é um penhor de luz eterna. A santificação é um penhor de santidade perfeita e os confortos dele são penhores de alegrias eternas. Lemos que Ele é o penhor, "*...para redenção da possessão de Deus*". Ela pode ser chamada aqui de possessão, porque esse penhor a torna tão certa para os herdeiros como se eles já a possuíssem. Ela foi comprada pelo sangue de Cristo. A redenção dela é meneionada porque foi "hipotecada" e confiscada pelo pecado. Mas Cristo a restaura para nós, redimindo-a, em alusão à lei da redenção. De tudo isso, podemos observar a graciosa promessa que garante o dom do Espírito Santo àqueles que o pedirem.

O apóstolo menciona o grande fim e intento de Deus em conceder todos esses privilégios espirituais, "*...com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo*", nós, a quem o evangelho foi pregado primeiro e que primeiro fomos convertidos à fé em Cristo, colocando nossa esperança e confiança nele. Observe: Antigüidade na graça é uma posição especial: "*...que foram antes de mim em Cristo*" (Rm 16.7). Aqueles que experimentaram a graça de Cristo há mais tempo estão debaixo de obrigações mais especiais na glorificação a Deus. Eles deveriam ser fortes na fé e glorificá-lo de maneira mais elevada. Mas isso deve ser o fim comum de todos. Para isso fomos criados e para isso fomos redimidos. Esse é o grande desígnio do nosso cristianismo e de Deus em tudo aquilo que fez por nós: "*...para louvor da sua glória*" (v. 14). Ele deseja que a sua graça e o seu poder, além de outras virtudes, se tornem, por meio desses recursos, manifestos e distintos, e que os filhos dos homens o exaltem.

A Oração do Apóstolo

vv. 15-23

Chegamos à última parte desse capítulo, que traz a oração fervorosa de Paulo a Deus a favor dos efésios. Devemos orar pelas pessoas pelas quais damos graças. O apóstolo bendiz a Deus por aquilo que Ele fez por eles e então ora para que possa fazer ainda mais por eles. Ele agradece as bênçãos espirituais e ora para que continuem sendo supridos; porque "*...ainda por isso lhe pedirá a casa de Israel, que lho faça*" (Ez 36.37). Ele armazenou essas bênçãos espirituais nas mãos do seu Filho, o Senhor Jesus; mas, em seguida, nos designou para extraí-las e alcançá-las em oração. Nosso direito a essas bênçãos depende da nossa fé e oração. Um dos motivos que o encorajava a orar por eles era a sua estima por eles, por causa da fé deles "*...no Senhor Jesus e a* [...] *caridade para com todos os santos*" (v. 15). Fé em Cristo e amor pelos santos estarão ligados a todas as outras virtudes. O amor pelos santos precisa incluir o amor a Deus. Aqueles que amam os santos, como tais, amam todos os santos, independentemente de quão frágeis sejam na graça, de quão desprezíveis sejam no mundo ou de quão obstinados e impertinentes alguns deles sejam. Um outro motivo para orar por eles era que tinham recebido o penhor da herança. Podemos deduzir isso das palavras precedentes que foram conectadas pelo termo *pelo que*. "Talvez vós pensais que, tendo recebido o penhor, já estais suficientemente felizes e não precisais mais se preocupar; não precisais mais orar por vós mesmos, nem eu por vós. Não, muito pelo contrário. *Pelo que* [...] *não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações*" (v. 16). Enquanto bendiz a Deus pelo fato de dar a eles o Espírito, ele não cessa de orar para que Ele lhes dê o Espírito (v. 17), que proporcione maiores medidas do seu Espírito. Observe: Mesmo os melhores cristãos necessitam de oração; enquanto ouvimos coisas boas dos nossos irmãos cristãos, devemos nos sentir obrigados a interceder a Deus por eles, para que continuem crescendo cada vez mais na fé. Então, qual é a oração de Paulo em favor dos efésios? Não que sejam libertos das perseguições; nem que possuam riquezas, honras ou prazeres do mundo. Ele ora, sim, pela iluminação do seu entendimento, e que o conhecimento deles possa crescer cada vez mais. Ele tem em mente o conhecimento prático e experimental. As virtudes e o consolo do Espírito são comunicados à alma pela iluminação do conhecimento. Dessa forma Ele ganha e mantém posse. Satanás trilha o caminho inverso: ele ganha a posse pelos sentidos e paixões. Cristo ganha a posse pelo entendimento. Observe:

I Esse conhecimento deve vir do "*...Deus de nosso Senhor Jesus Cristo*" (v. 17). O Senhor é um *Deus de conhecimento*, e não há um conhecimento confiável e salvífico que não venha dele. Portanto, devemos buscar ao "*...Deus de nosso Senhor Jesus Cristo* (veja o v. 3), *o Pai da glória*". Trata-se de um hebraísmo. Deus é infinitamente glorioso em si mesmo, e toda a glória é devida a Ele pelas suas criaturas. Ele é o autor de toda a glória, com a qual os santos são ou serão revestidos. Ele concede conhecimento ao dar o Espírito de conhecimento; porque o Espírito de Deus é o mestre dos santos, "*...o espírito de sabedoria e de revelação*". Temos a revelação do Espírito na Palavra: mas será que isso trará algum proveito, se não temos a sabedoria do Espírito no coração? Se o mesmo Espírito que redigiu ou inspirou as Sagradas Escrituras não tira a venda do nosso coração e nos capacita a entendê-la, nunca seremos melhores. *Em seu conhecimento*, ou para o reconhecimento dele; não somente um conhecimento especulativo de Cristo e daquilo que se refe-

re a Ele, mas um reconhecimento da autoridade de Cristo por meio da submissão obediente a Ele, que deve ocorrer pela ajuda do "...*espírito de sabedoria e de revelação*". Esse conhecimento ocorre primeiro no entendimento. O apóstolo ora para que sejam iluminados "...*os olhos do vosso entendimento*" (v. 18). Observe: Aqueles que têm os olhos abertos e têm um certo entendimento das coisas de Deus têm a necessidade de ser cada vez mais iluminados e de ter um conhecimento mais claro, distinto e experimental. Os cristãos não devem achar que é suficiente ter afeições calorosas, mas devem esforçar-se para ter um entendimento claro. Eles devem ser ambiciosos em se tornar cristãos instruídos e criteriosos.

II O que ele deseja mais particularmente em relação ao crescimento do conhecimento deles. 1. "...*para que saibais qual seja a esperança da sua vocação*" (v. 18). O cristianismo é a nossa vocação. Deus nos chamou para tal, e de acordo com esse relato sabemos que é a sua vocação. Há uma esperança nessa vocação. Aqueles que lidam com Deus lidam com confiança. É uma coisa desejável conhecer o que essa esperança da nossa vocação é, e possuir um conhecimento dos imensos privilégios do povo de Deus e as expectativas que têm de Deus e com respeito ao mundo celestial. Dessa forma, somos estimulados à assiduidade e paciência na caminhada cristã. Devemos trabalhar e orar seriamente por uma percepção mais clara e um conhecimento mais completo dos grandes propósitos da esperança cristã. 2. "...*as riquezas da glória da sua herança nos santos*". Além da herança celestial preparada para os santos, há uma herança atual para os santos; porque a graça é glória iniciada e a santidade é a felicidade em flor. Existe uma glória nessa herança, riqueza de glória, tornando o cristão mais honrável e nobre do que todos que estão ao seu redor. Vale a pena experimentar isso, conhecer os princípios, prazeres e poderes da vida espiritual e divina. Isso pode ser entendido como a herança gloriosa entre os santos no céu, onde Deus deposita todas as suas riquezas, por assim dizer, para torná-los felizes e gloriosos, e onde tudo o que os santos são é transcendentalmente glorioso, como o conhecimento que pode ser obtido sobre a terra é muito desejável e deve ser extraordinariamente agradável e aprazível. Vamos, portanto, nos esforçar em ler, contemplar e orar, para conhecer acerca do céu o máximo possível, para que, de fato, tenhamos um verdadeiro desejo e anseio de estar lá. 3. "...*a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos*" (v. 19). A fé prática da suficiência plena de Deus e da onipresença da graça divina é absolutamente necessária para uma caminhada íntima e firme com Ele. É uma coisa desejável conhecer experimentalmente o grande poder dessa graça iniciando e prosseguindo a obra da fé em nossa alma. Não é fácil levar uma alma a crer em Cristo para que dependa completamente da sua justiça e da esperança da vida eterna. É o poder todo-poderoso que operará isso em nós. O apóstolo fala aqui com uma fluência poderosa, como se estivesse à procura de palavras que pudessem expressar a grandeza de Deus: "...*a sobreexcelente grandeza do seu poder*". Esse é o poder que Deus manifesta no seu povo, por meio do qual ressuscitou Cristo dos mortos (v. 20). Essa era a grande prova da vontade de Deus em relação ao evangelho para o mundo: mas a reprodução disso em nós (nossa santificação e o ressuscitar da morte do pecado, de acordo com a ressurreição de Cristo) é a grande prova para nós. Embora isso não possa provar a verdade do evangelho a alguém que não conhece nada acerca do assunto (nesse particular, a ressurreição de Cristo é a prova), podemos falar experimentalmente, como os samaritanos: "*Nós mesmos o temos ouvido* e sentimos uma mudança poderosa em nosso coração". Isso nos habilitará a falar, com a maior satisfação: "...*e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus*" (veja Jo 6.69). Muitos entendem o apóstolo falando aqui dessa "...*sobreexcelente grandeza do seu poder*" que Deus manifestará para ressuscitar o corpo dos crentes para a vida eterna, o mesmo poder "...*que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos*" etc. Como deve ser maravilhoso conhecer a fundo esse poder, ao ser ressuscitado do túmulo para a vida eterna!

Tendo expressado algo a respeito de Cristo e sua ressurreição, o apóstolo se afasta um pouco do assunto, para fazer mais algumas menções honrosas do Senhor Jesus e da sua exaltação. Ele está *à direita* do Pai *nos céus* etc. (vv. 20,21). Jesus Cristo está acima de tudo e tem autoridade sobre todos. Todos estão submissos a Ele. Toda a glória do mundo superior e todos os poderes dos dois mundos estão inteiramente devotados a Ele. O Pai "...*sujeitou todas* as coisas *a seus pés*" (v. 2), de acordo com a promessa (Sl 110.1). Todas as criaturas estão sujeitas a Ele. Elas lhe devem obediência sincera ou devem se prostrar diante do peso do seu cetro e receber a condenação dele. "...*sobre todas as coisas,* (Deus) *o constituiu como cabeça...*". Foi um presente para Cristo, como Mediador, receber tal domínio e autoridade, e ter um corpo tão místico preparado para Ele: foi um presente para a Igreja, receber um cabeça dotado de tanto poder e autoridade. Deus o constituiu cabeça sobre todas as coisas. Ele deu a Ele poder tanto no céu como na terra. *O Pai ama o Filho e tem depositado nas suas mãos todas as coisas* (veja Jo 13.3). Mas o que nos conforta é que Ele é o *cabeça da Igreja.* Ele recebeu todo o poder para que pudesse ordenar todas as questões do reino providencial para que sirvam aos desígnios da sua graça concernente à sua igreja. Com isso, podemos responder aos mensageiros das nações que o Senhor estabeleceu Sião. O mesmo poder que sustenta o mundo sustenta a igreja; e temos certeza de que Ele ama a sua igreja, porque "...*é o seu corpo*" (v. 23), seu corpo místico, e Ele cuidará dela. É "...*a plenitude daquele que cumpre tudo em todos*". Jesus Cristo cumpre tudo em todos. Ele tira todas as manchas em todos os seus membros, enchendo-os com o seu Espírito e com "...*a plenitude de Deus*" (cap. 3.19). Por isso, lemos que a igreja é a sua plenitude, porque Cristo, como Mediador, não estaria completo se não tivesse uma igreja. Como Ele poderia ser rei se não tivesse reino? Para honrar a Cristo como Mediador, a igreja é a sua plenitude.

CAPÍTULO 2

Esse capítulo contém um relato: I. Das condições miseráveis desses efésios por natureza (vv. 1-3,11,12). II. Da mudança gloriosa que foi operada neles pela graça transformadora (vv.

4-10,13). III. Dos grandes e poderosos privilégios que judeus e gentios receberam de Cristo (vv. 11-22). O apóstolo empenha-se em motivá-los com um sentimento da maravilhosa mudança que a graça divina tinha operado neles; e isso se aplica muito bem à grande mudança que essa mesma graça opera em todos aqueles que são trazidos a um estado de graça. Assim, temos aqui um quadro vivo, por um lado, da miséria das pessoas não regeneradas, e, por outro, da condição feliz das almas convertidas. Isso deveria ser suficiente para acordar e alarmar aqueles que ainda estão em seus pecados e apressá-los a sair desse estado. Ao mesmo tempo, essas palavras deveriam confortar e alegrar aqueles que Deus estimulou por meio de uma consideração dos imensos privilégios que lhes foram concedidos.

O Estado dos Efésios por Natureza

vv. 1-3

A condição miserável dos efésios por natureza é descrita em parte aqui. Observe: 1. Almas não regeneradas estão mortas em "...*ofensas e pecados*". Todos que estão em pecados estão mortos em pecados; sim, em ofensas e pecados, o que pode significar todo tipo de pecado, habitual e vigente, pecados do coração e da vida. O pecado é a morte da alma. Sempre que o pecado prevalece, há uma privação de toda a vida espiritual. Os pecadores estão mortos, sendo destituídos dos princípios e poderes da vida espiritual; estão separados de Deus, a fonte da vida. E eles estão mortos de acordo com a lei, como um malfeitor condenado que era considerado um homem morto. 2. Um estado de pecado é um estado de conformidade com este mundo (v. 2). No primeiro versículo, ele fala do seu estado interior; no segundo, fala das suas relações exteriores: "...*em que* (em cujas ofensas e pecados), *noutro tempo, andastes*". Vocês viviam e se comportavam como os homens do mundo. 3. Somos, por natureza, escravos do pecado e de Satanás. Aqueles que andam em ofensas e pecados, e de acordo com o "...*curso deste mundo*", andam "...*segundo o príncipe das potestades do ar*", ou seja, o Diabo, ou o príncipe dos demônios (veja Mt 12.24,26). As legiões de anjos apóstatas são um grande poder unido debaixo de um chefe. E, portanto, o que é chamado de *o poder das trevas* (veja Lc 22.53 e Cl 1.13) é aqui mencionado no singular. O ar representa a base do seu reino. Judeus e gentios acreditavam que o ar estava cheio de espíritos, onde se exercitavam e se manifestavam. O diabo parece ter algum poder (pela permissão de Deus) na região mais baixa do ar. Lá ele está pronto a tentar os homens e causar o maior dano possível a este mundo. Mas o consolo e a alegria do povo de Deus são que aquele que está *sobre todas as coisas,* e é o *cabeça da igreja,* venceu o Diabo e o mantém em correntes. Mas os ímpios são escravos de Satanás, porque andam de acordo com ele. Eles sujeitam suas vidas e ações à vontade e prazer desse grande usurpador. O curso e sentido da vida deles estão de acordo com as sugestões dele e em complacência com as suas tentações. Eles são submissos a ele, e são levados cativos por ele de acordo com sua vontade. Por isso, ele é chamado de o deus deste mundo e o "...*espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência*". *Os filhos da desobediência* são aqueles que escolhem desobedecer a Deus e servir ao Diabo. Nisso ele é poderoso e eficaz. O bom Espírito opera aquilo que é bom em almas obedientes, enquanto esse espírito mau opera aquilo que é mau nos ímpios. O Diabo opera agora, não somente agora, mas desde que o mundo foi abençoado com a luz do glorioso evangelho. O apóstolo acrescenta: "...*entre os quais todos nós também, antes, andávamos*" etc. Paulo aqui se refere aos judeus, que tinham estado na mesma condição triste e miserável dos gentios não regenerados, cujo estado natural ele descreve nas palavras dos versículos seguintes. 4. Somos por natureza escravos da carne e das nossas paixões corrompidas (v. 3). Ao fazerem "...*a vontade da carne e dos pensamentos*", os homens contraem a imundícia da carne e do espírito, da qual o apóstolo exorta os cristãos a se purificarem (2 Co 7.1). Fazer a vontade da carne e dos pensamentos inclui todo pecado e maldade que ocorrem tanto nos poderes inferiores como nos poderes superiores ou nobres da alma. Cometíamos todos esses pecados por causa da nossa natureza corrompida. A mente carnal torna o homem um escravo perfeito desses apetites viciosos. "...*fazendo a vontade da carne*" denota a eficácia desses desejos e o poder que eles têm naqueles que se rendem a eles. 5. Somos "...*por natureza filhos da ira, como os outros também*". Os judeus eram assim, bem como os gentios. Uma pessoa é igual à outra por natureza, não somente por hábito e imitação, mas desde o começo da sua existência, bem como por causa das suas inclinações e apetites. Todas as pessoas, sendo naturalmente filhos da desobediência, são também por natureza filhos da ira: Deus se ira com os ímpios todos os dias. Nosso estado e comportamento merecem ira, e terminariam em ira eterna, se a graça divina não interviesse. Os pecadores têm todos os motivos para buscar essa graça que os tornará, de filhos da ira, em filhos de Deus e herdeiros da glória! O apóstolo descreveu a miséria de um estado natural nesses versículos. Ele retornará a esse assunto mais adiante.

A Mudança Operada nos Efésios

vv. 4-10

Aqui o apóstolo começa o seu relato da gloriosa mudança que ocorreu neles pela graça transformadora. Observamos o seguinte:

I Por quem, e de que forma, foi realizada: 1. Negativamente: "...*isso não vem de vós*" (v. 8). Nossa fé, nossa conversão e nossa salvação eterna não são frutos de habilidades naturais, nem de qualquer mérito da nossa parte: "*Não vem das obras, para que ninguém se glorie*" (v. 9). Essas coisas não têm o nosso envolvimento, e, portanto, todo orgulho está excluído. Aquele que se gloria não deve se gloriar em si mesmo, mas no Senhor. Não há espaço para a jactância do homem em relação à sua própria habilidade e poder, como se tivesse feito alguma coisa que pudesse merecer favores tão impressionantes de Deus. 2. Positivamente: "*Mas Deus, que é riquíssimo...*" (v. 4). O próprio Deus é o autor dessa grande e fe-

liz mudança, e seu grande amor é a fonte e causa disso. Por isso, Ele resolveu mostrar sua misericórdia. O amor é sua inclinação de fazer bem a nós como suas criaturas. A misericórdia nos respeita como apóstatas e criaturas miseráveis. Observe: O amor eterno ou a benevolência de Deus em relação às suas criaturas são a fonte de onde todas as suas misericórdias procedem para nós. Esse amor de Deus é um amor magnífico, e a sua misericórdia é rica, inexprimivelmente grande e rica. E então "*pela graça sois salvos* (v. 5), e "*...pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus*" (v. 8). Observe: Cada pecador convertido é um pecador salvo. Ele é liberto do pecado e da ira. Ele é levado a um estado de salvação e tem o direito, concedido pela graça, da felicidade eterna. A graça que o salva é a bondade e o favor livre e imerecido de Deus. E Ele o salva, não *pelas obras da lei*, mas por meio da fé em Cristo Jesus; dessa forma, Ele permite que todos os convertidos participem das grandes bênçãos do evangelho. Tanto a fé quanto a salvação, sobre a qual ela tem tão grande influência, são dons de Deus. Os grandes objetivos da fé são conhecidos pela revelação divina e se tornaram dignos de confiança pelo testemunho e evidência que Deus nos deu. E o fato de crermos na salvação e obtermos a salvação por meio da fé é devido ao auxílio e à graça divina. Deus ordenou tudo de tal forma que ficou evidente a necessidade da graça. Observe:

II Em que essa mudança consiste: ela responde à miséria do nosso estado natural em diversos aspectos, alguns dos quais estão enumerados nessa seção, e outros são mencionados na seqüência. 1. Nós que estávamos mortos somos vivificados (v. 5), somos salvos da morte do pecado e temos um princípio de vida espiritual implantado em nós. Graça na alma é nova vida na alma. Como a morte bloqueia os sentidos, aprisiona todos os poderes e faculdades, assim ocorre com o estado do pecado, em relação a qualquer coisa que é boa. A graça desbloqueia e abre tudo e alarga a alma. Observe: Um pecador regenerado torna-se uma alma viva: ele vive uma vida de santificação, sendo nascido de Deus. E ele vive no sentido da lei, sendo liberto da culpa do pecado pela graça perdoadora e justificadora. Ele "*...nos vivificou juntamente com Cristo*". Nossa vida espiritual resulta da nossa união com Cristo. É nele que vivemos: "*...porque eu vivo, e vós vivereis*" (veja Jo 14.19). 2. Nós que estávamos sepultados somos ressuscitados (v. 6). O que ainda precisa ser feito é aqui colocado como se já tivesse ocorrido, uma vez que já ressuscitamos por causa da nossa união com Ele, a quem Deus tinha ressuscitado da morte. Quando ressuscitou a Cristo dos mortos, na verdade ressuscitou todos os crentes com Ele, sendo Ele a cabeça. E quando o colocou à sua direita nos lugares celestiais, Ele os promoveu e os glorificou nele e com Ele, a cabeça exaltada e nosso precursor. "*...e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus*". Isso pode ser entendido de outra forma. Pecadores se revolvem no pó; almas santificadas sentam em lugares celestiais, elevados acima do mundo. O mundo não representa mais nada para elas, ao compararem o que o mundo foi e o que o outro mundo é. Os santos não são apenas cidadãos honorários do reino de Cristo, mas são assessores dele. Pelo auxílio da sua graça, eles foram elevados com Ele acima deste mundo para interagir com o outro mundo, e eles vivem em constante expectativa acerca desse outro mundo. Eles não somente são servos do melhor mestre na melhor obra, mas são exaltados para reinar com Ele. Eles estão assentados no trono com Cristo, como Ele *se assentou com seu Pai no seu trono*.

III Observe qual é o grande intento e alvo de Deus em produzir e realizar essa mudança: 1. Em relação aos outros: "*...para mostrar nos séculos vindouros...*" (v. 7), para dar um exemplo e prova da sua grande bondade e misericórdia, para o encorajamento dos pecadores nos tempos futuros. Observe: A bondade de Deus em converter e salvar pecadores no passado é um encorajamento para outros no futuro para que também aguardem na sua graça e misericórdia e recorram a elas. Os pobres pecadores deveriam sentir-se grandemente encorajados nesse desígnio de Deus. O que poderemos esperar de tamanha graça e bondade, das riquezas da graça e das abundantes riquezas da graça a que essa mudança se deve? "*...em Cristo Jesus*", por meio de quem Deus mostra todo o seu favor e bênçãos. 2. Com respeito aos próprios pecadores regenerados: "*Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras...*" (v. 10). Parece que tudo vem da graça, porque todas as nossas vantagens espirituais são de Deus. "*...somos feitura sua*"; ele se refere à nova criação; não apenas como pessoas, mas como santos. O novo homem é uma nova criatura; e Deus é o seu Criador. É um novo nascimento, e nascemos da sua vontade. "*...em Cristo Jesus*", isto é, por causa do que Ele fez e sofreu, e pela influência e operação do seu bendito Espírito. "*...para as boas obras*". O apóstolo anteriormente atribuiu essa mudança à graça divina (e não às obras), mas, para que não entendessem que estava desencorajando boas obras, ele observa aqui que embora a mudança não deva ser atribuída ao esforço humano (*porque somos feitura de Deus*), Deus, em sua nova criação, nos designou e preparou para as boas obras. Fomos "*...criados em Cristo Jesus para as boas obras*", com um intento de sermos produtivos nelas. Onde quer que Deus, pela sua graça, implanta bons princípios, eles são destinados para boas obras. "*...as quais Deus preparou*", isto é, decretou e estabeleceu. Ou, as palavras podem significar: *Para as quais Deus de antemão nos preparou*, isto é, ao nos abençoar com o conhecimento da sua vontade, e com o auxílio do seu Espírito Santo e ao produzir tal mudança em nós. "*...para que andássemos nelas*", ou glorificássemos a Deus por uma conversão exemplar e por uma perseverança na santidade.

A Condição Miserável dos Efésios por Natureza

vv. 11-13

Nesses versículos, o apóstolo prossegue o seu relato acerca da condição miserável desses efésios por natureza. "*Portanto, lembrai-vos de que vós...*" (v. 11). Como se tivesse dito: "Vocês deveriam lembrar o que vocês foram, para se humilharem e despertarem seu amor e gra-

tidão a Deus". Observe: Pecadores convertidos deveriam freqüentemente refletir acerca da pecaminosidade e miséria em que se encontravam antigamente. "*...éreis gentios na carne*", isto é, vivendo na corrupção da sua natureza, e sendo privados da circuncisão, o sinal exterior de uma vantagem na aliança da graça. Que eram "*...chamados incircuncisão*", isto é: "Vocês foram repreendidos e censurados por isso pelos judeus formais, que faziam uma profissão exterior e que não olhavam além dessa ordenança exterior". Observe: Confessores hipócritas estão acostumados a se avaliar basicamente de acordo com os privilégios exteriores e a censurar e desprezar outros que não os possuem. O apóstolo descreve a miséria da situação deles em diversas particularidades (v. 12). "*Noutro tempo*, enquanto eram gentios, e em um estado de não convertidos, vocês estavam": 1. "Em uma condição sem Cristo, sem o conhecimento do Messias, e sem um interesse salvador nele ou em relação a Ele". Sabemos que todos os pecadores não-convertidos, todos que estão destituídos de fé, não têm um interesse salvífico em Cristo. Deve ser uma coisa triste e deplorável para uma alma estar sem Cristo. Sem Cristo, eles estavam: 2. "*...separados da comunidade de Israel*". Eles não pertenciam à igreja de Cristo e não tinham comunhão com ela, visto que isso estava confinado à nação israelita. É um imenso privilégio ser colocado na igreja de Cristo e compartilhar com os membros dela as suas vantagens peculiares. 3. Eles são "*...estranhos aos concertos da promessa*". O concerto da graça sempre foi o mesmo na sua essência, embora tenha passado por vários acréscimos e melhoramentos nos diversos períodos da igreja, e, por esse motivo, é aqui chamado de *concertos*. Chamam-se concertos da promessa, pelo fato de serem formados por promessas, e particularmente conterem a grande promessa do Messias e da vida eterna por meio dele. Os efésios, no seu paganismo, desconheciam esse concerto, não tendo nenhuma informação ou abertura a ele; e todos os pecadores não regenerados desconhecem esse concerto, pelo fato de não terem nenhum interesse nele. As pessoas que estão sem Cristo, e que não têm interesse algum no Mediador do concerto, também não têm nenhum interesse nas promessas desse concerto. 4. Essas pessoas não tinham esperança, isto é, além desta vida – nenhuma esperança bem fundada em Deus, nenhuma esperança de bênçãos espirituais e eternas. Aqueles que estão sem Cristo e desconhecem esse concerto, não podem ter uma boa esperança. Porque Cristo e o concerto são a base e o fundamento de todas as esperanças cristãs. Eles estavam em um estado de distância e alienação de Deus: "*...sem Deus no mundo*"; não sem algum conhecimento geral de divindade, porque adoravam ídolos, mas vivendo sem uma relação devida com Ele, sem uma dependência reconhecida nele, e sem um interesse especial nele. As palavras significam: ateístas no mundo; porque, embora adorassem muitos deuses, estavam sem o verdadeiro Deus.

O apóstolo continua (v. 13) ilustrando a feliz mudança que ocorreu no estado deles: "*Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe...*". Eles estavam longe de Cristo, da sua igreja, das promessas, da esperança cristã e do próprio Deus. E, portanto, de tudo que é bom, semelhante ao filho pródigo no país distante. Isso foi apresentado nos versículos precedentes. Pecadores não-convertidos se afastam de Deus, e Deus os mantém a certa distância: Ele observa os orgulhosos de longe. "*Mas, agora, em Cristo Jesus* etc., após a conversão, em virtude da sua união com Cristo e interesse nele pela fé, vocês se aproximaram dele". Eles foram levados para perto de Deus, foram recebidos na igreja, incluídos no concerto, tendo direito a todos os outros privilégios dessa união. Observe: Os santos são um povo prôximo de Deus. A salvação está longe dos ímpios. Mas Deus é uma ajuda presente para o seu povo; e isso devido ao *sangue de Cristo*, em virtude dos seus sofrimentos e morte. Cada pecador convertido sabe que sua proximidade de Deus e seu interesse nele são decorrência do sacrifício e morte de Cristo.

A União de Judeus e Gentios

vv. 14-22

Chegamos agora à última parte do capítulo, que contém um relato dos grandes e poderosos privilégios que os judeus e gentios convertidos receberam de Cristo. O apóstolo mostra aqui que as pessoas que se encontravam em um estado de inimizade são reconciliadas. Havia uma grande inimizade entre os judeus e os gentios; o mesmo ocorre entre Deus e cada pessoa não regenerada. Agora, Jesus Cristo é a nossa paz (v. 14). Ele obteve paz pelo seu próprio sacrifício. 1. Ele veio reconciliar judeus e gentios. "*...de ambos* os povos *fez um*", ao reconciliar esses dois grupos de pessoas, que estavam acostumados a difamar, odiar e censurar um ao outro. Ele derribou "*...a parede de separação que estava no meio*", a lei cerimonial, que provocava a grande inimizade entre eles e era o símbolo da peculiaridade dos judeus, chamada de *parede de separação*, em alusão à divisão no templo, que separava o pátio dos gentios da parte que somente os judeus tinham liberdade de entrar. Assim, "*...na sua carne, desfez a inimizade*" (v. 15). Pelo seu sofrimento na carne, Ele tirou o poder obrigatório da lei cerimonial (removendo dessa forma a causa da inimizade e distância entre eles), que aqui é chamada de "*...a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças*". Essa lei prescrevia uma série de ritos e cerimônias exteriores e consistia em muitas instituições e compromissos concernentes às partes exteriores da adoração divina. As cerimônias legais foram anuladas por Cristo, sendo cumpridas nele. Ao tirar isso do caminho, Ele formou uma igreja de crentes, incluindo judeus e gentios. Assim, criou "*...em si mesmo dos dois um novo homem*". Ele formou desses dois partidos uma nova sociedade, ou um novo corpo do povo de Deus, unindo-os consigo mesmo como cabeça comum. Eles foram renovados pelo Espírito Santo e agora se submetiam a numa nova maneira de adoração do evangelho, *fazendo a paz* entre esses dois grupos, em que reinava tanta discórdia. 2. Existe uma inimizade entre Deus e os pecadores, tanto judeus quanto gentios; e Cristo veio destruir essa inimizade e reconciliá-los com Deus (v. 16). O pecado produz a discórdia entre Deus e as pessoas. Cristo veio para acabar com essa rixa, ao reconciliar judeus e gentios, agora reunidos em um corpo, com um Deus afrontado e escandalizado. Isso ocorreu "*pela*

cruz", ou pelo sacrifício dele na cruz, "...*matando com ela as inimizades*". Ele, sendo morto ou sacrificado, acabou com a inimizade que havia entre Deus e os pobres pecadores. O apóstolo continua ilustrando as grandes vantagens que os dois grupos têm pela mediação do nosso Senhor Jesus Cristo (v. 17). Cristo, que comprou a paz na cruz, veio, parcialmente na própria pessoa, para os judeus, que aqui são vistos como *estando perto*, e, em parte, em seus apóstolos, que comissionou para pregar o evangelho aos gentios, que *estavam longe*, no sentido que foi dado anteriormente. Ele "...*evangelizou a paz*", ou publicou os termos da reconciliação com Deus e da vida eterna. Observe aqui: Quando os mensageiros de Cristo anunciam suas mensagens de verdade, isto, na verdade, tem o mesmo efeito como se Ele as anunciasse. Lemos que Ele é pregado por eles, de tal modo que, a pessoa que os recebia, recebia a Ele, e a pessoa que os desprezava (quando agiam de acordo com a sua comissão e anunciavam a sua mensagem) desprezava e rejeitava o próprio Cristo. O efeito dessa paz é o acesso livre que tanto judeus quanto gentios têm para com Deus (v. 18): "...*porque, por ele*", em seu nome e por meio da sua mediação, "...*ambos temos acesso*" à presença de Deus, que se tornou o Pai reconciliado de ambos. O trono da graça é erigido para que tenhamos a oportunidade e liberdade de nos aproximarmos dele. Nosso acesso é pelo Espírito Santo. Cristo comprou para nós a permissão para irmos a Deus, e o Espírito nos dá um coração e a força para ir a Ele e graça para servir a Deus de maneira aceitável. Observe: Aproximamo-nos de Deus, por meio de Jesus Cristo, pela ajuda do Espírito. Por meio da conversão, os efésios têm o mesmo acesso a Deus que os judeus, e pelo mesmo Espírito, o apóstolo diz: "*Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros*" (v. 19). Isso ele menciona em contraste com o que tinha observado deles no seu paganismo: eles já não eram mais *separados da comunidade de Israel*. Os judeus estavam acostumados a considerar todas as outras nações da terra estrangeiros para Deus, mas agora eles também eram "...*concidadãos dos Santos e da família de Deus*", isto é, membros da igreja de Cristo, e tendo direito a todos os privilégios dela. Observe aqui: A igreja é comparada a uma cidade, e cada pecador convertido está livre do seu pecado. Ela também é comparada a uma casa, e cada pecador convertido faz parte dela, é membro da família, servo e filho na casa de Deus. No versículo 20, a igreja é comparada a um edifício. Os apóstolo e profetas são *o fundamento* desse edifício. Eles podem ser chamados assim em um sentido secundário, onde Cristo é o fundamento principal. Mas, nós temos de entender esse aspecto no contexto da doutrina anunciada pelos profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo. Lemos então: "...*de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina*". Nele, judeus e gentios se reúnem e constituem uma igreja; e Cristo sustenta o edifício pela sua força: "...*no qual todo o edifício, bem ajustado...*" (v. 21). Todos os crentes, que formam a igreja, estando unidos em Cristo pela fé, e entre si pela caridade cristã, "...*crescem para templo santo...*", tornando-se uma sociedade sagrada, na qual há muita comunhão entre Deus e seu povo, como no templo. Na igreja eles o adoram e servem, e Ele se manifesta no meio deles. Eles oferecem sacrifícios espirituais a Deus, e Ele reparte suas bênçãos e favores a eles. Assim, o edifício, pela sua natureza, é um templo, um templo santo; porque a igreja é o lugar que Deus escolheu para colocar o seu nome, e ela se tornou um templo pela graça e força obtida dele – *no Senhor*. A igreja universal sendo edificada sobre Cristo como a pedra fundamental, e unida em Cristo como a principal pedra da esquina, vem finalmente a ser glorificada nele como a pedra mais elevada: "...*no qual também vós juntamente sois edificados...*" (v. 22). Observe: Não somente a igreja universal é chamada de templo de Deus, mas as igrejas locais também o são. Cada crente verdadeiro é um templo vivo, um edifício "...*para morada de Deus no Espírito*". Deus habita em todos os crentes que se tornaram o templo de Deus por meio da operação do abençoado Espírito, e essa moradia agora é uma garantia da moradia deles junto com Ele na eternidade.

CAPÍTULO 3

Esse capítulo compõe-se de duas partes: I. Do relato que Paulo apresenta aos efésios de si mesmo, em que ele é nomeado por Deus para ser o apóstolo dos gentios (vv. 1-13). II. Da sua oração devota e apaixonada a Deus pelos efésios (vv. 14-21). Era prática desse apóstolo misturar suas instruções e conselhos com intercessões e orações a Deus por aqueles a quem escrevia. Ele sabia que todas as instruções e ensinamentos seriam inúteis e vãos caso Deus não cooperasse com eles, e os tornasse eficazes. Esse é um exemplo que todos os ministros de Cristo deveriam seguir, orando seriamente para que a operação eficaz do divino Espírito coopere com suas ministrações e as coroe com sucesso.

Os Sofrimentos do Apóstolo. A Nomeação de Paulo como um Apóstolo. Os Labores de Paulo como um Apóstolo

vv. 1-13

Temos aqui o relato de Paulo aos efésios em que foi designado por Deus apóstolo aos gentios.

I Podemos observar que ele os familiariza com as tribulações e sofrimentos que suportou no desempenho do seu ministério (v. 1). A primeira cláusula refere-se ao capítulo anterior e pode ser entendida de duas maneiras: 1. "*Por esta causa* – por ter pregado a doutrina contida no capítulo anterior e por declarar que os grandes privilégios do evangelho pertencem não somente aos judeus, mas também aos gentios crentes, embora não tenham sido circuncidados –, sou agora prisioneiro, mas *prisioneiro de Jesus Cristo*, enquanto sofro na sua causa e por causa dele e continuo sendo seu servo fiel e o objeto da sua proteção e cuidado especiais, enquanto estou sofrendo dessa forma por Ele". Observe: Se os servos de Cristo se tornam prisioneiros, são prisioneiros dele. Ele nunca pensa o pior deles pelo mau nome que o mundo lhes dá, ou o tratamento perverso que recebem dele. Paulo dedicou-se a Cristo, e Cristo o possuía, quan-

do esteve na prisão: "*...por vós, os gentios*"; os judeus o perseguiram e o aprisionaram porque era o apóstolo dos gentios e pregava o evangelho a eles. Podemos aprender disso que os ministros fiéis de Cristo devem ministrar as verdades dele, independentemente de quão desagradáveis possam ser para alguns, e do que possam vir a sofrer por causa delas. Ou: 2. As palavras podem ser entendidas da seguinte maneira: "*Por esta causa* – visto que *já não sois estrangeiros, nem forasteiros* (como cap. 2.19), mas estais unidos a Cristo e aceitos na comunhão de sua igreja –, *eu, Paulo*, que *sou o prisioneiro de Jesus Cristo*, oro para que vós sejais capacitados a agir como pessoas favorecidas por Deus e feitas participantes desses privilégios". Nós o encontramos expressando-se dessa forma no versículo 14, em que, depois da digressão contida nos diversos versículos intercalados, ele continua com o que começou no primeiro versículo. Observe: Aqueles que receberam graça e benefícios notáveis de Deus necessitam da oração, para que possam melhorar e avançar e continuar a agir como lhes convém. E, observando Paulo devotando-se dessa maneira à oração a favor dos efésios, enquanto era prisioneiro, deveríamos aprender que nenhum sofrimento em particular deve nos tornar apreensivos e solícitos em relação a nós mesmos, a ponto de negligenciarmos a situação dos outros em nossas súplicas e orações a Deus. Ele fala novamente dos seus sofrimentos: "*Portanto, vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória*" (v. 13). Enquanto esteve na prisão, ele sofreu muito; e, embora fosse por causa deles que estava sofrendo, ele não queria que ficassem desanimados nem tristes com isso, sabendo que Deus tinha feito coisas tão grandes por eles por meio do seu ministério. Que preocupação carinhosa ele tinha pelos efésios! O apóstolo parece estar mais preocupado para que não fiquem desanimados e abatidos por causa das suas tribulações do que com o seu próprio sofrimento; e, para evitar que isso aconteça, ele deixa claro que o seu sofrimento é a glória deles, e não será de forma alguma um verdadeiro desencorajamento se eles considerarem adequadamente a questão, visto que lhes dava motivo para se gloriarem e se regozijarem à medida que isso revela a verdadeira estima e consideração que Deus tem por eles, pelo fato de que Ele não só enviou seus apóstolos para pregar o evangelho, mas também para sofrer por eles e para confirmar as verdades que anunciaram pelas perseguições que passaram. Observe: Não somente os ministros fiéis de Cristo, mas o seu povo também, têm motivos especiais para se alegrarem e se regozijarem, quando sofrem por causa da ministração do evangelho.

II O apóstolo lhes diz que Deus o designou para essa posição e o supriu e qualificou para tal, por meio de uma revelação especial a ele. 1. Deus o nomeou para o ministério: "*...se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada*" (v. 2). Eles poderiam não ter ouvido acerca disso, e, portanto, ele não intenta falar de maneira ambígua. *Eige* é às vezes uma partícula afirmativa, e podemos traduzi-la da seguinte forma: *Uma vez que vós ouvistes* etc. Ele intitula o evangelho de *a graça de Deus* aqui (como em outros lugares) porque é o dom da graça divina aos pecadores; e todas as aberturas que ele faz, e as novas de alegria que contém, procedem de uma graça rica de Deus; e esse evangelho também é o grande instrumento nas mãos do Espírito por meio do qual Deus opera a graça na alma das pessoas. Ele fala da dispensação dessa graça que lhe foi dada; ele deseja deixar claro como foi autorizado e comissionado por Deus para ministrar a doutrina do evangelho; essa comissão e autoridade lhe foram dadas principalmente para o serviço aos gentios: "*...para convosco*". E novamente, falando do evangelho, ele diz: "*...do qual fui feito ministro...*" (v. 7). Aqui ele novamente declara a sua autoridade. Ele foi *FEITO ministro* – não foi ele próprio que se fez ministro; ele não tomou essa honra para si mesmo – e ele foi feito assim "*...pelo dom da graça de Deus*". Deus supriu e proveu para o seu trabalho; e no desempenho desse trabalho, o Senhor o assistiu de maneira apropriada com todas as dádivas e graças necessárias, ordinárias e extraordinárias. Isso ocorreu "*...segundo a operação do seu poder*", nele próprio mais especificamente, e também em muitos a quem pregou, mostrando que seu trabalho no meio deles foi bem-sucedido. Observe: Quando Deus chama, Ele também supre por meio de um poder sobrenatural. Um operar eficaz do poder divino acompanha os dons da graça divina. 2. Tal como Deus o nomeou para o ministério, assim Ele o qualificou notavelmente para o mesmo, por meio de uma revelação especial. Ele menciona tanto o mistério que foi revelado quanto a revelação dele. (1) O mistério revelado é que "*...os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho*" (v. 6); isto é, que deveriam ser co-herdeiros da herança celestial junto com os judeus crentes; e que deveriam ser membros do mesmo corpo místico, ser recebidos na igreja de Cristo e ser beneficiados com as promessas do evangelho, da mesma forma que os judeus, e particularmente em relação à grande promessa do Espírito. E isso *em Cristo*, sendo unido a Cristo, "*...em quem todas as promessas são sim e amém*"; ou, *pelo evangelho*, isto é, nos tempos do evangelho, como alguns o entendem; ou *pelo evangelho* pregado a eles, é o grande instrumento e meio pelo qual Deus opera fé em Cristo. Essa foi a grande verdade revelada aos apóstolos, a saber, que Deus chamaria os gentios para a salvação pela fé em Cristo, e isso sem as obras da lei. (2) Ele fala da revelação dessa verdade (vv. 3-5). Aqui podemos observar que a união dos judeus e gentios na igreja do evangelho era um mistério, um grande mistério, que foi delineado no conselho de Deus diante de todos, mas que não podia ser plenamente entendido por muitas gerações, até que o cumprimento dele expusesse as profecias a esse respeito. Ele é chamado de mistério porque as diversas circunstâncias e peculiaridades dele (tais como o tempo, maneira e meios como deveria ser cumprido) foram ocultadas e mantidas em segredo por Deus, até que por meio de uma *revelação* imediata Ele as *manifestou* ao seu servo. Veja At 26.16-18. E ele é chamado de o mistério de Cristo porque foi revelado por Ele (Gl 1.12) e porque se relaciona tanto com Ele. Acerca disso o apóstolo deu algumas dicas um pouco antes; isto é, nos capítulos anteriores. "*...pelo que, quando ledes*"; ou, como essas palavras podem ser interpretadas: *quando prestais atenção* (não basta apenas ler as Escrituras, se não prestarmos atenção nelas, e não considerarmos seriamente o que

lemos nelas), "...*podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo*"; eles poderiam perceber como Deus o tinha preparado e qualificado para ser o apóstolo aos gentios; isso poderia ter sido para eles um sinal claro da sua autoridade divina. Este mistério, diz ele, "...*o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas*" (v. 5); isto é: "Este mistério não foi tão plena e claramente descoberto nos séculos antes de Cristo como é agora revelado aos profetas desse século, os profetas do Novo Testamento, que são imediatamente inspirados e ensinados pelo Espírito". Precisamos reconhecer que a conversão do mundo gentílico para a fé em Cristo foi um mistério adorável, e devemos agradecer a Deus por isso. Quem teria imaginado que as pessoas que estiveram tanto tempo na escuridão, e tão distantes, fossem iluminadas com a luz maravilhosa e se aproximariam de Cristo? Precisamos aprender a não nos desesperar diante do pior, o pior das pessoas e o pior das nações. Nada é difícil demais para a graça divina: ninguém é tão indigno que Deus não possa derramar a sua imensa graça sobre ele. Quanto estamos de fato interessados nesse assunto? Afinal, vivemos não somente em um tempo no qual o mistério está revelado, mas, particularmente, fazemos parte das nações que nos tempos passados eram estrangeiras e forasteiras, e vivíamos em densa idolatria. Hoje somos iluminados com o evangelho eterno e participamos das suas promessas!

III O apóstolo lhes revela como ele foi colocado nesse ministério, e isso com relação aos gentios e a todas as pessoas.

1. Com respeito aos gentios, ele lhes anunciou "...*as riquezas incompreensíveis de Cristo*" (v. 8). Observe neste versículo quão humildemente ele fala de si mesmo e quão favoravelmente fala de Jesus Cristo. (1) Quão humildemente ele fala de si mesmo: "...*A mim, o mínimo de todos os santos*". O apóstolo Paulo, que era o principal dos apóstolos, chama-se de *o mínimo de todos os santos*: ele se refere ao fato de ter sido anteriormente um perseguidor dos seguidores de Cristo. Ele era, de acordo com sua opinião, o menor dos menores. O que pode ser menos do que o mínimo? Observe: Aqueles que Deus promove a serviços honráveis, Ele os humilha e os torna pequenos aos seus olhos; e, onde Deus dá graça para ser humilde, ali Ele dá todas as outras graças. Também podemos observar a maneira contrastante de o apóstolo falar de si mesmo e do seu ministério. Enquanto exalta o seu ministério, ele próprio se humilha. Observe: Um ministro fiel de Cristo pode ser muito humilde, mesmo quando pensa e fala de maneira muito elevada e honrosa acerca de sua função sagrada. (2) Quão favoravelmente ele fala de Jesus Cristo: "...*as riquezas incompreensíveis de Cristo*". Há um tesouro valioso na misericórdia, graça e amor, armazenado em Cristo Jesus, tanto para os judeus quanto para os gentios. Ou, as riquezas do evangelho são aqui vistas como as riquezas de Cristo: as riquezas que Cristo comprou para todos os crentes. Essas são riquezas insondáveis, que a sagacidade humana jamais poderia descobrir e as pessoas não conseguiriam obter de outra forma se não fosse por revelação. Agora o trabalho do apóstolo visava *anunciar* essas *riquezas incompreensíveis de Cristo* entre *os gentios*. Este era um favor que ele valorizava grandemente e o considerava uma honra inexprimível: "*A mim* [...] *me foi dada esta graça*; esse favor especial Deus concedeu a criaturas tão indignas como eu". É um favor inexprimível ao mundo gentio ver as *riquezas incompreensíveis de Cristo* sendo pregadas a ele. Embora muitos permaneçam pobres e não sejam enriquecidos com essas riquezas, precisamos reconhecer que é um favor vê-las anunciadas e oferecidas a nós; e, se não somos enriquecidos por meio delas, a culpa é toda nossa.

2. Com respeito a todos (v. 9). Seu trabalho e dever era "...*demonstrar a todos* (promulgar e tornar conhecido em todo mundo) *qual seja a dispensação do mistério* (que os gentios, que tinham sido até então estrangeiros para a igreja, fossem admitidos à comunhão dela), *que, desde os séculos, esteve oculto em Deus* (mantido em segredo quanto ao seu propósito), *que tudo criou*" [em Jesus Cristo]. Nesse sentido, lemos em João 1.3: "*Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez*". Portanto, não é de admirar que Ele salva gentios e judeus, porque Ele é o Criador comum de ambos. E podemos concluir que Ele é capaz de realizar a obra da redenção deles, pelo fato de Ele também ter sido capaz de completar a obra da criação. Tanto a primeira criação, quando Deus fez tudo do nada, como a nova criação, em que os pecadores se tornam novas criaturas pela graça transformadora, são de Deus em Jesus Cristo. O apóstolo acrescenta: "...*para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus*" (v. 10). Esta era uma entre outras coisas que Deus tinha em mente ao revelar esse mistério: que os anjos bons, que têm uma preeminência em governar os reinos e principados do mundo, e que são investidos com grande poder para realizar a vontade de Deus nesta terra (embora seu lar habitual seja no céu), sejam informados do que está acontecendo na igreja e do que é feito nela e por ela, de acordo com a *multiforme sabedoria de Deus*; isto é, da grande variedade com a qual Deus sabiamente administra as coisas, ou da sua sabedoria manifestada nas muitas maneiras e métodos que usa para ordenar sua igreja nos diversos períodos dela, especialmente em receber os gentios nela. Os santos anjos, que observam minuciosamente o mistério da nossa redenção em Cristo, não poderiam deixar de notar essa ramificação desse mistério, de que as insondáveis riquezas de Cristo são pregadas entre os gentios. E isso ocorre "...*segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor*" (v. 11). Alguns traduzem as palavras *kata prothesin ton aionon* da seguinte forma: *segundo a pré-disposição das gerações que fez* etc. O Dr. Whitby diz: "No início das gerações, Deus em sua sabedoria achou por bem dar a promessa de um Salvador ao Adão caído. Na segunda geração, aprouve-lhe tipificá-lo e revelá-lo aos judeus por meio de pessoas, ritos e sacrifícios sagrados; e na geração do Messias, ou na última geração, achou por bem revelá-lo aos judeus e pregá-lo aos gentios". Outros interpretam esse texto, de acordo com a nossa tradução, concernente ao eterno propósito que Deus propôs de realizar em Jesus Cristo, e por meio dele, o que Ele completou no grande acontecimento da redenção do homem, de acordo com o seu eterno decre-

to acerca dessa questão. O apóstolo, tendo mencionado nosso Senhor Jesus Cristo, acrescenta a respeito dele: "*...no qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele*" (v. 12), ou seja: "Por (ou através) de quem temos liberdade de abrir nossa mente livremente a Deus, como nosso Pai, e uma persuasão bem fundada de sermos recebidos e atendidos por Ele; e isso por meio da fé que temos nele, como nosso grande Mediador e Advogado". Podemos chegar com humilde ousadia diante de Deus, sabendo que o terror da maldição foi abolido; e podemos esperar boas e confortáveis palavras dele. Podemos falar com confiança a Deus, sabendo que temos um Mediador entre Deus e nós, e um Advogado com o Pai.

A Oração do Apóstolo

vv. 14-21

Chegamos agora à segunda parte desse capítulo, que contém a oração devota e apaixonada de Paulo a Deus pelos seus amados efésios. "*Por causa disso...*", o que pode se referir ao versículo anterior: "*...que não desfaleçais*" etc., ou, melhor, o apóstolo está aqui retomando o que tinha começado no primeiro versículo, de onde divagou para os versículos que se interpõem. Observe:

I A quem ele se dirige em oração: a Deus, como "*...o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*" (veja cap. 1.3).

II Sua postura exterior, humilde e reverente: "*...me ponho de joelhos*". Observe: Quando nos aproximamos de Deus, devemos reverenciá-lo em nosso coração e expressar nossa reverência da maneira mais apropriada e conveniente. Quando menciona Cristo, o apóstolo não pode deixar de dar um louvor honroso ao seu amor (v. 15). A igreja universal tem uma confiança e segurança no Senhor Jesus Cristo: "*...do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome*". Os judeus estavam habituados a ter orgulho de Abraão como o pai deles, mas, agora, judeus e gentios são nomeados de acordo com Cristo (de acordo com alguns). Outros entendem que o texto se refere aos santos no céu, que vestem a coroa da glória, e aos santos na terra, que avançam na obra da graça aqui. Os dois grupos formam somente uma família; e dele recebem o nome de CRISTÃOS, como de fato são, reconhecendo sua dependência de Cristo e ligação com Ele.

III O que o apóstolo pede a Deus para esses seus amigos: bênçãos espirituais, que são as melhores bênçãos, e que devem ser sinceramente buscadas em oração por todos nós, para nós mesmos e para nossos amigos. 1. Força espiritual para a obra à qual foram chamados e à qual se dedicavam: "*...para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder...*". O *homem interior* é o coração ou alma. Ser corroborado com poder é ser fortalecido poderosamente, muito mais do que no momento atual; ser investido com um alto grau de graça e habilidades espirituais para cumprir o dever, resistir tentações, suportar perseguições etc. E o apóstolo ora para que isso possa ser *segundo as riquezas da sua glória*, ou segundo suas riquezas gloriosas – responsável pela abundância de graça, misericórdia e poder, que habita em Deus, e em sua glória: e isso pelo seu Espírito, que é o operador imediato da graça na alma do povo de Deus. Observe o seguinte: A força do Espírito de Deus no homem interior é a melhor e mais desejosa força, é força na alma, é força da fé e outras graças, é força para servir a Deus e fazer nosso dever e a perseverar em nosso curso cristão com vigor e alegria. E vamos também observar que como a obra da graça começou, assim continua pelo bendito Espírito de Deus. 2. A habitação de Cristo no coração deles (v. 17). Lemos que Cristo habita em seu povo, estando sempre presente com eles por meio da sua graciosa influência e operação. Observe: É uma coisa agradável ter Cristo habitando em nosso coração; e se a lei de Cristo está escrita no coração, e o amor de Cristo é derramado nele, então Cristo habita nele. Cristo habita na alma de cada cristão. Onde seu Espírito habita, lá Ele também habita. E Ele habita no coração pela fé, por meio do exercício contínuo da fé nele. A fé abre a porta da alma para receber a Cristo. A fé o aceita e se submete a Ele. Pela fé somos unidos com Cristo e temos interesse por Ele. 3. O estabelecimento de afeições piedosas e devotas na alma: "*...estando arraigados e fundados em amor*", firmemente estabelecido no amor a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e a todos os santos, os amados do nosso Senhor Jesus Cristo. Muitos apresentam um certo amor por Deus e pelos seus santos, mas é um lampejo, semelhante ao estalar de espinhos debaixo da panela; faz muito barulho, mas logo se dissipa. Devemos desejar sinceramente que as boas afeições sejam estabelecidas em nós, para que sejamos *arraigados e fundados em amor*. Alguns entendem tratar-se aqui do amor de Deus por eles, que os inspiraria com maior fervor do amor santo a Ele e uns aos outros. E quão desejável é ter uma percepção segura do amor de Deus e Cristo em nossa alma, para que possamos dizer com o apóstolo a cada momento: Ele me amou! A melhor maneira de se obter isso é cuidar para manter um amor constante por Deus em nossas almas. Essa será a evidência do amor de Deus em nós. "*Nós o amamos porque ele nos amou primeiro*" (veja 1 Jo 4.19). Por isso ele ora: 4. Pelo conhecimento experimental do amor de Jesus Cristo. Quanto mais íntima for nossa compreensão do amor de Cristo em nós, tanto mais nosso amor será estendido a Ele e àqueles que pertencem a Ele, por causa dele: Para que possam "*...perfeitamente compreender, com todos os santos...*" (vv. 18,19); ou seja, entender de forma mais clara, e crer de maneira mais firme, no maravilhoso amor de Cristo, que os santos compreendem e crêem até um certo ponto e entenderão mais no futuro. Os cristãos não deveriam ter como alvo compreender além de todos os santos; mas deveriam estar contentes que Deus lida com eles como costuma fazer com aqueles que amam e temem o seu nome. Deveríamos desejar compreender *com todos os santos*, de ter tanto conhecimento quanto é permitido aos santos ter neste mundo. Deveríamos ser ambiciosos em alcançar *os três primeiros*; mas não deveríamos querer ir além da medida da estatura de outros santos. É impressionante observar quão magnifica-

mente o apóstolo fala do amor de Cristo. As dimensões do amor redentor são admiráveis: "...*a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade*". Ao enumerar essas dimensões, o apóstolo intenta indicar a grandeza extraordinária do amor de Cristo, as riquezas insondáveis da sua sabedoria, que é "...*como as alturas dos céus* [...] *mais profunda é ela do que o inferno, mais comprida é a sua medida do que a terra; e mais larga do que o mar*" (Jó 11.8,9). Alguns descrevem as particularidades da seguinte forma: Com a *largura* desse amor, podemos entender a extensão dele em todas as épocas, nações e posições dos homens. Com o *comprimento* desse amor, podemos entender sua continuidade de eternidade a eternidade. Com a *profundidade* desse amor, podemos entender que ele se dobra à condição mais baixa, com o desígnio de aliviar e salvar aqueles que se afundaram nas profundezas do pecado e da miséria. Com a *altura* desse amor, podemos entender que ele nos eleva à felicidade e glória celestiais. Deveríamos desejar compreender cada vez mais desse amor. Esse é o caráter de todos os santos; porque todos eles têm uma satisfação e confiança no amor de Cristo: "...*e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento*" (v. 19). Se esse amor excede todo entendimento, como podemos conhecê-lo? Devemos orar e esforçar-nos para conhecer algo dele, e devemos ansiar e empenhar-nos em conhecer cada vez mais, embora, depois do melhor esforço, ninguém realmente possa compreender plenamente esse amor: na sua extensão plena ele excede todo o entendimento. Embora o amor de Cristo possa ser mais bem percebido e conhecido pelos cristãos do que geralmente é, mesmo assim, não pode ser completamente entendido deste lado do céu. 5. Ele ora "...*para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus*". Essa é uma expressão importante: não deveríamos ousar usá-la se não a encontrássemos nas Escrituras. Ela é semelhante às outras expressões, ser *participantes da natureza divina* e ser *perfeito, como é perfeito o vosso Pai*. Não devemos entender isso da sua plenitude como Deus em si mesmo, mas da sua plenitude como um Deus em concerto conosco, como um Deus para o seu povo: esse tipo de plenitude Deus está pronto a conceder. Ele está disposto a encher-nos até a plenitude com todos esses dons e graças de que necessitamos. Pode-se dizer daqueles que recebem graça por graça da plenitude de Cristo que estão *cheios de toda a plenitude de Deus*, de acordo com a sua capacidade, para que cheguem a um grau mais elevado de entendimento e gozo de Deus e à completa submissão a Ele.

O apóstolo termina o capítulo com uma doxologia (vv. 20,21). É apropriado concluir nossas orações com louvores. Nosso bendito Salvador nos ensinou a fazer isso. Observe como ele descreve Deus, e como atribui glória a Ele. Ele o descreve como um Deus que "...*é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos*". Existe uma plenitude inesgotável de graça e misericórdia em Deus que as orações de todos os santos nunca podem esgotar. Qualquer coisa que pedirmos, ou pensarmos em pedir, Deus é poderoso para fazer muito mais, abundantemente mais, infinitamente mais. Abra a sua boca o máximo que puder, e Ele continuará tendo recursos para enchê-la. Observe: Em nossas petições a Deus deveríamos estimular a nossa fé lembrando-nos da sua completa suficiência e pleno poder. "...*segundo o poder que em nós opera*". Como se dissesse: Já tivemos uma prova desse poder de Deus, quanto ao que fez por nós, tendo nos vivificado pela sua graça e nos convertido a Ele mesmo. O poder que continua operando nos santos está de acordo com o poder que tinha manifestado neles. Sempre que Deus nos dá a sua plenitude, Ele a dá para podermos experimentar o seu poder. Após descrever a Deus, ele atribui glória a Ele. Quando pedimos graça da parte de Deus, devemos dar glória a Ele. "...*a esse glória na igreja, por Jesus Cristo*". Ao atribuir glória a Deus, atribuímos toda excelência e perfeição a Ele. Observe: A base dos louvores de Deus está na igreja. O pequeno louvor que Deus recebe do mundo vem da igreja, uma sociedade sagrada constituída para a glória de Deus. Cada membro em particular, judeu ou gentio, coopera nessa obra de louvar a Deus. O Mediador desses louvores é Jesus Cristo. Todos os dons de Deus vêm dele por meio da mão de Cristo; e todos os nossos louvores passam de nós para Deus por meio da mesma mão. E Deus deve ser louvado e será louvado dessa forma "...*em todas as gerações, para todo o sempre*". Porque Ele sempre terá uma igreja que o louvará e sempre terá seu tributo de louvor da sua igreja. "*Amém.*" Que assim seja; e assim certamente será.

CAPÍTULO 4

Examinamos a primeira parte dessa epístola, que consiste em diversas verdades doutrinárias importantes (caps. 1–3). Entramos agora na segunda parte dela, na qual encontramos a exortação mais significativa e séria que pode ser dada. Podemos observar o seguinte: como na maioria das epístolas de Paulo, a primeira parte é doutrinária e adequada para informar a mente das pessoas acerca das grandes verdades e doutrinas do evangelho. A segunda parte é prática e designada a dar direcionamento à vida e aos costumes das pessoas. O objetivo é que todos os cristãos sejam levados a empenhar-se em alcançar a integridade e solidez na fé e a regularidade na vida e prática. Na primeira parte, lemos a respeito dos privilégios cristãos, que servem para o nosso consolo. Agora ouviremos acerca dos deveres cristãos e do que o Senhor, nosso Deus, requer em relação a esses privilégios concedidos a nós. A melhor maneira para entender os mistérios e participar dos privilégios dos quais lemos anteriormente é praticar de maneira consciente os deveres e obrigações prescritos nos próximos capítulos. Uma consideração séria acerca das doutrinas que nos foram ensinadas nos capítulos anteriores será um bom fundamento sobre o qual podemos edificar a prática dos deveres prescritos nesses capítulos seguintes. A fé cristã e a prática cristã se complementam e se ajudam mutuamente. Nesse capítulo lemos diversas exortações acerca de importantes deveres. I. Uma exortação mais geral (v. 1). II. Uma exortação para o amor mútuo, unidade e harmonia, com os meios e motivos apro-

priados para fomentá-los (vv. 2-16). III. Uma exortação à pureza cristã e santidade de vida: de modo mais geral (vv. 17-24) e por meio de diversos exemplos particulares (vv. 25-32).

Estímulo à Constância

v. 1

Essa é uma exortação geral para que andemos de acordo com a nossa fé cristã. Paulo era agora um prisioneiro em Roma; e ele era "*...o preso do Senhor*", ou no Senhor, o que significa para o Senhor (cap. 3.1). Ele mencionа isso diversas vezes, para mostrar que não estava envergonhado das suas correntes, ciente de que não estava sofrendo como malfeitor. Do mesmo modo, ele deseja recomendar o que escreveu com a maior ternura e com uma vantagem especial. Ele achava que essa doutrina era digna de sofrimento, e, portanto, eles deveriam refletir acerca dela de maneira séria e respeitosa. Temos aqui a petição de um prisioneiro necessitado, um dos prisioneiros de Cristo: "*Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor* etc. Considerando o que Deus fez por vós, e a condição e posição para a qual vos chamou, como foi anunciado anteriormente, venho agora com um pedido sério (não para que me envieis socorro, nem que useis vossa influência para obter a minha liberdade, a primeira coisa que prisioneiros necessitados estão habituados a solicitar dos seus amigos), de que vos mostreis à altura dos verdadeiros cristãos, e vivais à altura da vossa profissão de fé e chamado. Que andeis como é digno, agradável e apropriado em relação a essas circunstâncias felizes às quais a graça de Deus vos levou, convertendo-vos do paganismo para o cristianismo". Observe: Os cristãos precisam se ajustar ao evangelho para o qual foram chamados e para a glória para a qual foram chamados. Ambos são a vocação deles. Somos chamados para o reino e a glória de Deus. Portanto, devemos prestar atenção nesse reino e glória e andar como se fôssemos herdeiros deles.

Exortação à Unidade. Persuasões em relação à Unidade

vv. 2-16

Aqui o apóstolo passa para exortações mais específicas. Duas delas ele trata detalhadamente nesse capítulo: à unidade e ao amor, e à pureza e à santidade, que os cristãos devem considerar com afinco. Não andamos "*...como é digno da vocação com que fostes chamados*" se não formos amigos fiéis de todos os cristãos, e inimigos declarados de todo pecado.

Essa seção contém a exortação ao amor, unidade e acordo mútuo, com os meios e motivos apropriados para fomentá-los. As Escrituras tratam desse assunto com insistência e seriedade. O amor é a lei do reino de Cristo, a lição da sua escola, a provisão da sua família. Observe:

I Os meios da unidade: "*...humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor*" (v. 2). A *humildade* traz consigo a idéia de pensamentos humildes acerca de nós mesmos, que é o contrário de orgulho. *Mansidão* significa uma disposição de alma que faz com que as pessoas não estejam dispostas a provocar os outros; elas também não são facilmente provocadas ou ofendidas. A mansidão é oposta a ressentimentos irados e à impertinência. *Longanimidade* envolve a idéia de suportar com paciência a injustiça, sem buscar a vingança. "*...suportando-vos uns aos outros em amor*" significa suportar as fraquezas dos outros devido ao princípio de amor, e não deixar de amá-los por causa disso. Os melhores cristãos devem suportar uns aos outros, para estimular a graça uns nos outros e não as suas paixões. Encontramos muitas coisas em nós que são difíceis de perdoar. Portanto, quando temos dificuldade em perdoar os outros por aquilo que fizeram, não podemos esquecer que devemos perdoá-los como perdoamos a nós mesmos. Sem essas coisas a unidade não pode ser preservada. O primeiro passo para alcançar a unidade é a humildade. Sem humildade não haverá mansidão ou paciência; e sem isso não haverá unidade. Orgulho e paixão quebram a paz e causam muito dano. Humildade e mansidão restauram a paz e a mantêm. A contenda é conseqüência do orgulho. Somente por meio da humildade vem o amor. Quanto mais humildes formos, mais unidos seremos. Não andamos como é digno da vocação com que fomos chamados se não somos mansos e humildes de coração: porque aquele por quem somos chamados e para quem somos chamados era conhecido pela sua mansidão e humildade de coração. Ele nos deixou a ordem para aprendermos dele.

II A natureza dessa unidade que o apóstolo prescreve: é "*...a unidade do Espírito*" (v. 3). A base da unidade cristã está no coração ou no espírito. Ela não está num conjunto de pensamentos, nem em uma forma ou modo de adoração, mas em um coração e alma. Essa unidade de coração e afeição vem do Espírito de Deus. Ela é operada por Ele e é um dos aspectos do fruto do Espírito. Deveríamos nos esforçar em mantê-la. "*...procurando*" (*esforçando-vos*, versão RA) é uma palavra do evangelho. Devemos fazer o nosso melhor. Se os outros procuram contender conosco, devemos fazer todo o possível para não contender com eles. Se os outros buscam nos desprezar e odiar, não devemos fazer o mesmo. "*...pelo vínculo da paz*". A paz é um vínculo, visto que une pessoas e as faz viver de maneira amistosa umas com as outras. A disposição e a conduta pacíficas unem os cristãos, enquanto divergir e contender dispersam e desunem os corações. Muitos ramos finos, se amarrados juntos, se tornam fortes. O vínculo da paz é a força da sociedade. Não é que devamos imaginar que todas as pessoas boas, e que todos os membros de sociedades devem ser em todas as coisas igualmente justos e ter o mesmo sentimento e opinião; mas o vínculo da paz os une, com um *não obstante* a eles. Em um monte de varas pode haver diferentes tamanhos e grossuras; mas, quando estão amarradas juntas por um elo, tornam-se muito fortes, mais do que a vara mais grossa e forte desse monte.

III Os motivos corretos para fomentar essa unidade e harmonia cristãs. O apóstolo frisa diversos motivos para nos persuadir a alcançar essa unidade.

1. Considere as unidades que são a alegria e glória da nossa profissão cristã. Deveria haver um coração; porque

"*...há um só corpo e um só Espírito*" (v. 4). Dois corações em um corpo seria algo monstruoso. Se houver apenas um corpo, tudo que pertence a esse corpo deve ter um coração. A igreja universal é um corpo místico de Cristo, e todos os bons cristãos formam um só corpo, ligados por uma carta magna, o Evangelho, vivificados por um Espírito, o mesmo Espírito Santo que pelos seus dons e graças estimula, anima e governa esse corpo. Se pertencemos a Cristo, somos todos impulsionados pelo mesmo Espírito, e, portanto, devemos ser um. "*...como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação*". A esperança está aqui no objeto, a coisa que se espera, ou seja, a herança celestial. Somos chamados para essa esperança. Todos os cristãos são chamados para a mesma esperança da vida eterna. Há um Cristo que é o motivo da esperança de todos, e um céu, que todos esperam alcançar. Portanto, eles devem ser um só coração. "*...um só Senhor*" (v. 5), isto é, Cristo, a cabeça da igreja, a quem, pela nomeação de Deus, todos os cristãos estão imediatamente sujeitos. "*...uma só fé*", isto é, o evangelho, contendo a doutrina da fé cristã; ou, ela é a mesma graça de fé (fé em Cristo) por meio da qual todos são salvos. "*...um só batismo*", por meio do qual professamos nossa fé, sendo batizados no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e, assim, o mesmo pacto sacramental, por meio do qual nos unimos ao Senhor Jesus Cristo. "*...um só Deus e Pai de todos*" (v. 6). Um Deus que considera filhos seus todos os verdadeiros membros da igreja. Ele é o Pai de todos esses por meio de uma relação especial, como é o Pai de todas as pessoas pela criação. Ele está "*...sobre todos*", pela sua essência, e com respeito às perfeições gloriosas da sua natureza, tem domínio sobre todas as criaturas e especialmente sobre a sua igreja; "*...e por todos*", sustentando e governando-os pela sua providência; "*...e em todos*", todos os crentes, em quem Ele habita como seu santo templo, pelo seu Espírito e graça especial. Se há tantas *unidades*, é uma pena se não houvesse mais uma – um coração ou uma alma.

2. Considere a variedade dos dons que Cristo tem concedido aos cristãos: "*Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo*" (v. 7). Embora os membros da igreja de Cristo concordem em tantas coisas, existem, no entanto, algumas em que diferem: mas isso não deve criar diferença de afeto entre eles, uma vez que todos se originaram do mesmo autor generoso e estão destinados aos mesmos grandes fins. Cada um dos cristãos recebe graça, um certo dom da graça, em certo gênero ou grau, para nos ajudarmos mutuamente. Cada ministro recebe uma porção da graça; a alguns o Senhor dá uma medida maior de dons, a outros, uma medida menor. Os diferentes dons dos ministros de Cristo geraram grande disputa e contenda entre os primeiros cristãos: uns eram a favor de Paulo, outros, de Apolo. O apóstolo mostra que eles não tinham motivos para contender acerca dos dons, mas todos os motivos do mundo para concordar no uso conjunto deles, pela edificação comum; porque tudo foi dado "*...segundo a medida do dom de Cristo*", na medida que Cristo achava ideal para cada um. Observe: Todos os ministros, e todos os membros de Cristo, devem os seus dons e graças a Ele. Esse é um bom motivo para nos amarmos mutuamente, porque "*...a graça foi dada a cada um de nós*". Todos aqueles a quem Cristo deu graça e concedeu seus dons (embora sejam de diferentes tamanhos, nomes e sentimentos) *devem amar uns aos outros*. O apóstolo aproveita esse momento para especificar alguns dos dons que Cristo concedeu. O apóstolo deixa claro que Cristo lhes concedeu dons pelas palavras de Davi em que predisse isso acerca dele (Sl 68.18): "*Pelo que diz* (v. 8), isto é, o salmista disse: *Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens*". Davi profetizou acerca da ascensão de Cristo; e o apóstolo discorre a esse respeito aqui e nos três versículos seguintes. *Subindo ao alto*. Podemos entender o apóstolo referindo-se ao lugar para o qual subiu na sua natureza humana, isto é, os altos céus, e especialmente do estado para o qual Ele avançou, sendo exaltado de maneira sublime, e altamente glorificado pelo Pai. Vamos pensar agora na ascensão de Jesus Cristo. O nosso bendito Redentor, após ressuscitar dos mortos, foi para o céu, onde está assentado à direita da Majestade, nas alturas. Isso completa a prova de que era o Filho de Deus. Sabemos que os grandes conquistadores andavam nos seus carros triunfantes, sendo assistidos pelos cativos mais ilustres levados em correntes; eles estavam habituados a distribuir seus presentes e recompensas do seu triunfo entre os soldados e outros espectadores. O mesmo ocorreu com Cristo, quando ascendeu ao céu, como um conquistador triunfante, *levando cativo o cativeiro*. É uma frase usada no Antigo Testamento que significa a vitória sobre os inimigos, especialmente sobre esses que anteriormente tinham levado outros cativos (veja Jz 5.12). Cativeiro significa aqui todos os inimigos espirituais, que nos levaram ao cativeiro anteriormente. Ele conquistou aqueles que nos tinham conquistado, ou seja, o pecado, o Diabo e a morte. Na verdade, Ele triunfou sobre eles, *na cruz*. Mas, o triunfo foi completado na sua ascensão, quando se tornou Senhor sobre todos e recebeu as chaves da morte e do inferno nas mãos. "*...e deu dons aos homens*". Lemos nos Salmos: "*...recebeste dons para os homens*" (Sl 68.18). Ele recebeu para eles uma grande medida de dons e graças. Ele enriqueceu seus discípulos de uma forma especial com o dom do Espírito Santo. O apóstolo, ao falar da ascensão de Cristo, observa que "*...antes, tinha descido*" (v. 9). Como se tivesse dito: "Quando Davi fala da ascensão de Cristo, ele mostra o conhecimento que tinha da humilhação de Cristo na terra; porque, quando é dito que Ele subiu, isso implica que Ele primeiro desceu. Acaso, isso não é uma prova ou demonstração de que Ele fez isso?" "*...às partes mais baixas da terra*". Isso pode se referir à sua encarnação, de acordo com Salmos 139.15: "*Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra*"; ou ao seu sepultamento, de acordo com Salmos 63.9: "*...aqueles que me querem matar descerão para o mundo dos mortos*". Ele chama sua morte (de acordo com alguns dos pais) assim: *sua descida às partes mais baixas da terra*. Ele desceu à terra na sua encarnação. Ele desceu às profundezas da terra em seu sepultamento. "*Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estava o Filho do Homem no seio da terra*" (veja Mt 12.40). "*Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus*" (v. 10), muito acima do céu atmosférico e es-

trelado (que é visível), para o céu dos céus; "*...para cumprir todas as coisas*" e abençoar todos os membros da sua igreja, com dons e graças próprios para suas diversas condições e situações. Observe: Nosso Senhor humilhou-se primeiro, para então ser exaltado. Ele desceu primeiro, então subiu. O apóstolo então nos relata quais foram os dons de Cristo na sua ascensão: "*E ele mesmo deu uns para apóstolos...*" (v. 11). Na verdade, Ele enviou alguns desses antes da sua ascensão (Mt 10.1-5), mas um foi acrescentado depois (At 1.26). E todos eles foram mais solenemente empossados e publicamente confirmados, em seu ofício, pelo seu derramar visível do Espírito Santo de uma forma extraordinária. Observe: O grande dom que Cristo deu à igreja na sua ascensão foi o ministério da paz e da reconciliação. O dom do ministério é o fruto da ascensão de Cristo. E ministros têm seus vários dons, que são todos dados pelo Senhor Jesus. Os ministros que Cristo deu à sua igreja eram de dois tipos – os *extraordinários*, investidos de um ofício superior na igreja: tais eram *apóstolos*, *profetas* e *evangelistas*. Os *apóstolos* eram os dirigentes. Cristo os investiu com dons extraordinários, poder para operar milagres e uma infalibilidade para anunciar sua verdade. Tendo eles sido testemunhas dos seus milagres e doutrina, Ele os enviou a espalhar o evangelho e a implantar e governar igrejas. Os *profetas* expunham os escritos do Antigo Testamento e prediziam as coisas do futuro. Os *evangelistas* eram pessoas ordenadas (2 Tm 1.6) que os apóstolos levavam como companheiros de viagem (Gl 2.1), e os enviavam para estabelecer igrejas que eles, os apóstolos, tinham implantado (At 19.22). Os evangelistas não estavam presos a nenhum lugar específico; por isso, deveriam continuar o seu trabalho até que fossem chamados de volta (2 Tm 4.9). Também existem os ministros *ordinários*, empregados em uma esfera mais restrita – tais como *pastores* e *mestres*. Alguns entendem que esses dois nomes significam um ofício só, envolvendo as tarefas de governar e ensinar. Outros entendem que eles representam dois ofícios distintos, ambos regulares e de uso permanente na igreja. Os *pastores* são colocados como dirigentes principais de igrejas particulares, com o intento de guiar, instruir e alimentar os membros de acordo com as instruções de Cristo. Eles são freqüentemente chamados de bispos e anciãos. Os *mestres* eram aqueles que também pregavam o evangelho e instruíam o povo por meio da exortação. Vemos aqui que é prerrogativa de Cristo designar oficiais e ofícios em sua igreja. A igreja é rica pelo fato de ter tido uma diversidade tão grande de oficiais e continuar tendo uma diversidade tão grande de dons! Como Cristo é amável com sua igreja! Quão grande é o seu cuidado por ela e pela sua edificação! Quando Ele subiu, enviou o dom do Espírito Santo; e os dons do Espírito Santo são vários: alguns receberam mais, outros, menos; mas todos os dons são para o bem do corpo, o que nos leva ao terceiro argumento:

3. A grande finalidade e desígnio de Cristo em relação aos dons. Os dons de Cristo eram para o bem da sua igreja e para promover seu Reino e interesse entre os homens. Tudo isso tinha um fim comum e era um bom motivo para que todos os cristãos quisessem viver em amor fraternal e não invejar os dons dos outros. Todos os dons são para "*...o aperfeiçoamento dos santos*" (v. 12); isto é (de acordo com o original), conduzir a um estado espiritual ordenado aqueles que tinham sido desordenados e separados pelo pecado, e então fortalecer, confirmar e promovê-los nisso, para que cada um, em seu devido lugar e função, possa contribuir para o bem do todo. "*...para a obra do ministério*" (ou *para a obra da dispensação*), isto é, para que pudessem repartir as doutrinas do evangelho e cumprir as diversas partes da sua função ministerial. "*...para edificação do corpo de Cristo*", isto é, a edificação da sua igreja, que é o corpo místico de Cristo, pelo aumento da graça deles e um acréscimo de novos membros. Todos são designados para preparar-nos para o céu: "*...até que todos cheguemos...*" (v. 13). Os dons e ministérios (alguns deles) que foram mencionados devem continuar na igreja até que os santos sejam aperfeiçoados, o que não acontecerá "*...até que todos cheguemos à unidade da fé* (até que todos os verdadeiros crentes se unam, por meio da mesma preciosa fé) *e ao conhecimento do Filho de Deus*", o que não quer dizer um conhecimento meramente especulativo, ou o reconhecimento de Cristo como o Filho de Deus e o grande Mediador, mas como deveria ser observado, com apropriação e afeto, com a devida honra, confiança e obediência; "*...a varão perfeito*", para o crescimento completo dos dons e graças, livre das fragilidades imaturas às quais estamos sujeitos no presente mundo; "*...à medida da estatura completa de Cristo*", tornando-nos cristãos maduros em todas as graças providas pela plenitude de Cristo. Ou, de acordo com a medida dessa estatura que é completar a plenitude de Cristo e seu corpo místico. Nunca chegaremos a ser o varão perfeito, até que cheguemos ao mundo perfeito. Há uma plenitude em Cristo, e uma plenitude a ser obtida dele; uma certa estatura dessa plenitude e uma medida dessa estatura são determinadas no conselho de Deus para cada crente, e nunca chegaremos a essa medida até chegarmos ao céu. Os filhos de Deus, enquanto estiverem neste mundo, estão crescendo. O Dr. Ligthfoot entende que o apóstolo está falando aqui dos judeus e gentios ligados na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, constituindo, dessa forma, um homem perfeito, e a medida da estatura completa de Cristo. O apóstolo também mostra, nos versículos seguintes, qual era o desígnio de Deus em suas instituições sagradas e quais efeitos deveriam ter sobre nós. (1) "*...para que não sejamos mais meninos...*" (v. 14); isto é, para que não mais sejamos meninos em conhecimento, fracos na fé e inconstantes em nossos julgamentos, facilmente cedendo a cada tentação, prontamente concordando com o capricho de cada um. Crianças podem ser facilmente iludidas. Devemos cuidar para não sermos *inconstantes* (ou "agitados de um lado para outro", versão RA), como navios sem lastro, *levados*, como nuvens no céu, em relação a doutrinas que não têm verdade nem solidez em si, mas que, mesmo assim se espalham por todo lado, e são, portanto, comparados ao vento. "*...pelo engano dos homens*": essa é uma metáfora tirada de jogadores trapaceiros e traz a idéia da sutileza enganosa dos sedutores; "*...que, com astúcia*", pelo que dispõem sua habilidade em encontrar maneiras de seduzir; pois segue-se: *enganam fraudulosamente*, como em uma emboscada, para iludir os fracos e afastá-los da verdade. Observe: Somente homens muito

perversos e impiedosos buscam seduzir e enganar os outros por meio de doutrinas falsas e erros. O apóstolo os descreve aqui como homens perversos, que usam manhas e astúcia diabólica para alcançar seus objetivos. O melhor método que podemos usar para nos proteger e nos fortalecer contra essas pessoas é estudar os oráculos sagrados e orar pela iluminação e graça do Espírito de Cristo, para que possamos conhecer a verdade em Jesus, e ser firmados nela. (2) Para que sigamos "...*a verdade em caridade*" (v. 15), ou falemos a verdade em amor, ou sejamos sinceros em amor com os nossos irmãos em Cristo. Enquanto nos devotamos à doutrina de Cristo, que é a verdade, devemos viver em amor uns com os outros. O amor é uma coisa excelente, mas devemos ser cuidadosos para preservar a verdade junto com ele. A verdade é uma coisa excelente; no entanto, é necessário que a falemos com espírito de amor e não em contenda. Esses dois aspectos devem andar juntos: verdade e paz. (3) Para crescermos "...*em tudo naquele que é a cabeça, Cristo*". Crescer em tudo em Cristo quer dizer estar mais arraigado nele. Em todas as coisas – no conhecimento, no amor, na fé e em todos os aspectos do novo homem. Devemos crescer rumo à maturidade, que é o oposto de continuar sendo meninos. Aqueles que crescem em Cristo são cristãos saudáveis. Quanto mais crescermos no conhecimento de Cristo, na fé nele, no amor a Ele e na dependência dele, tanto mais prosperaremos em graça. Ele é a cabeça, e nós devemos crescer de tal forma que estejamos em condições de honrar essa cabeça. O crescimento cristão sempre será para a glória de Cristo. (4) Devemos auxiliar uns aos outros, como membros do mesmo corpo (v. 16). Aqui o apóstolo faz uma comparação entre o corpo natural e o corpo místico de Cristo, esse corpo do qual Cristo é a cabeça. Paulo observa que do mesmo modo que há comunhão e comunicação mútua dos membros do corpo entre si, para o seu crescimento e melhoramento, assim deve haver amor e unidade mútua, junto com o fruto apropriado, entre os cristãos, para que ocorra o melhoramento e crescimento espiritual na graça. "...*do qual*, diz ele (isto é, de Cristo, seu cabeça, que transmite influência e alimento para cada membro específico), *todo o corpo, bem ajustado e ligado* (estando unidos firme e ordenadamente, cada um em seu devido lugar), *pelo auxílio de todas as juntas* (pelo auxílio que cada uma das partes, assim unidas, dá ao todo, ou pelo Espírito, fé, amor, sacramentos etc., que, semelhantemente às veias e artérias no corpo, servem para unir os cristãos a Cristo, seu cabeça, e uns aos outros como membros desse corpo), *segundo a justa operação de cada parte* (isto é, dizem alguns, de acordo com o poder que o Espírito Santo exerce para tornar os meios designados por Deus eficazes para esse grande fim, em relação à medida que Cristo julga ser suficiente e apropriada para cada membro, de acordo com seu respectivo lugar e ministério no corpo; ou, como outros pensam, segundo o poder de Cristo, que, como cabeça, influencia e aviva cada membro; ou, de acordo com o trabalho eficaz de cada membro em comunicar aos outros o que recebeu; assim o alimento é levado a todos na devida proporção e segundo o estado e exigência de cada parte) *faz o aumento do corpo*", em conformidade com a necessidade do corpo. Observe: Cada cristão recebe seus dons e graças de Cristo para o benefício de todo o corpo. "...*para sua edificação em amor*". Podemos entender isso de duas maneiras: uma maneira é que todos os membros da igreja podem alcançar uma medida de amor maior para com Cristo e uns para com os outros; a outra maneira é que eles são movidos a agir na forma mencionada do amor a Cristo e uns aos outros. Observe: O amor mútuo entre os cristãos é um grande aliado do crescimento espiritual; ao passo que "...*um reino dividido contra si mesmo não pode subsistir*" (veja Mc 3.24).

Exortação à Pureza e Santidade. Advertências contra o Pecado. Contra Ofender o Espírito

vv. 17-32

Após ter exortado os efésios acerca do amor mútuo, da unidade e harmonia nos versículos anteriores, o apóstolo agora apresenta uma exortação à pureza cristã e santidade de coração e vida, de modo mais geral (vv. 17-24) e em diversas situações específicas (vv. 25-32). Esse trecho é introduzido de maneira solene: "*E digo isto e testifico no Senhor*; isto é, vendo que a questão é como a descrevi acima, vendo que vocês são membros do corpo de Cristo e participantes desses dons, recomendo isso à consciência de vocês, e testifico como seu dever no nome do Senhor e por força da autoridade que recebi dele". Considere:

I A exortação mais geral de pureza e santidade de coração e vida.

1. Ele começa da seguinte forma: "...*que não andeis mais como andam também os outros gentios* – que para o restante da vida vós não vivais e vos comporteis como pagãos ignorantes e não-convertidos, que estão totalmente voltados para coisas vãs, para seus ídolos e posses mundanas, coisas que de forma alguma são vantajosas para vossas almas e que iludirão vossas expectativas". Gentios convertidos não devem viver como gentios não-convertidos. Embora estejam no meio deles, não devem viver como eles vivem. Aqui:

(1) O apóstolo aproveita para descrever a impiedade do mundo gentio, de onde cristãos regenerados eram arrebatados como tições do meio do fogo. [1] Ele eram "...*entenebrecidos no entendimento*" (v. 18). Eles eram destituídos de todo conhecimento salvífico; sim, eram ignorantes de muitas coisas referentes a Deus que a luz da natureza pudesse lhes ter ensinado. Eles estavam assentados em trevas e amavam as trevas mais do que a luz: e pela ignorância deles, estavam "...*separados da vida de Deus*". Eles estavam afastados e tinham um desgosto e aversão pela vida de santidade, que é essa maneira de viver que Deus requer e aprova, e por meio da qual vivemos para Ele, e que se assemelha ao próprio Deus, em sua pureza, justiça, verdade e bondade. A ignorância voluntária deles era a causa da sua alienação da vida com Deus, que começa com a luz e o conhecimento. Uma ignorância exagerada ou artificial é destrutiva para a religião e piedade. E qual era a causa da ignorância deles? Era a "...*dureza do seu coração*". Não era porque Deus não se tornou conhecido a eles pelas suas obras, mas

porque não admitiriam os raios instrutivos da luz divina. Eles eram ignorantes porque queriam ser. Sua ignorância procedia da sua obstinação e da dureza do seu coração, sua resistência à luz e sua rejeição de todos os meios de esclarecimento e conhecimento. [2] A consciência deles estava corrompida e endurecida: "...*os quais, havendo perdido todo o sentimento*" (v. 19). Eles não tinham percepção do seu pecado, nem da miséria e perigo que isso gerava. Pelo que "...*se entregaram à dissolução*". Eles se perderam em seus desejos imundos, e rendendo-se ao domínio dessas coisas, tornaram-se escravos do pecado e do Diabo, "...*para, com avidez, cometerem toda impureza*". Tornou-se prática comum cometer toda sorte de impurezas, incluindo os pecados mais desnaturais e monstruosos. Observe: Quando a consciência do homem fica cauterizada ou endurecida não há limites para os seus pecados. Quando ele predispõe o seu coração à satisfação dos seus desejos, o que pode ser esperado senão a sensualidade e lascívia mais abomináveis, e a abundância das suas monstruosidades horrendas? Esse era o caráter dos gentios; mas:

(2) Os cristãos efésios deviam separar-se desses gentios: "*Mas vós não aprendestes assim a Cristo*" (v. 20). Este versículo pode ser lido da seguinte forma: *Mas convosco não foi assim; vós aprendestes a Cristo.* Aqueles que aprenderam a Cristo são salvos das trevas e da depravação; e, uma vez que conhecem mais, são obrigados a viver de uma maneira melhor do que os outros. É um bom argumento contra o pecado de que não aprendemos assim a Cristo. Aprender a Cristo! Acaso Cristo é um livro, uma lição, um método, um negócio? O significado é o seguinte: "Vós não aprendestes assim o cristianismo – as doutrinas de Cristo e as regras de vida prescritas por Ele. Não deveis fazer como fazem os outros. *Se é*, ou desde, *que o tendes ouvido* (v. 21), se ouvistes suas doutrinas pregadas por nós, *e nele fostes ensinados*, interior e eficazmente, pelo seu Espírito". Cristo é a lição; devemos aprender a Cristo: e Cristo é o mestre; somos ensinados por Ele. "...*como está a verdade em Jesus*". Isto pode ser entendido de duas maneiras. Ou: "Vocês foram ensinados na verdade real, como foi apresentada por Cristo, tanto na sua doutrina quanto na sua vida". Ou então: "A verdade deixou tal impressão no coração de vocês, como deixou no coração de Jesus". A verdade de Cristo então aparece em sua beleza e poder, quando aparece como em Jesus.

2. Uma outra linha dessa exortação geral traz essas palavras: "...*que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem...*" (vv. 22-24). "Esta é uma grande parte da doutrina que foi ensinada a vocês e que vocês aprenderam". Aqui o apóstolo se expressa em metáforas tiradas do vestuário. Os princípios, hábitos e disposições da alma devem ser mudados, antes que possa haver uma mudança salvadora da vida. Deve haver santificação, que consiste em duas coisas: (1) O velho homem deve ser despojado. A natureza corrompida é chamada de "homem", porque, semelhantemente ao corpo humano, consiste em diversas partes, sustentando e fortalecendo-se mutuamente. É o velho homem, como o velho Adão, de onde a extraímos. Essa natureza é de nascença; nós a trouxemos para o mundo conosco. Ela é tão ardilosa quanto um homem velho, e mesmo em todos os santos de Deus ela enfraquece e definha como um homem velho, pronta para morrer. Lemos que ela está corrompida, porque o pecado na alma é a corrupção das suas aptidões. Onde não é mortificada, ela piora diariamente e assim inclina-se à destruição. "...*pelas concupiscências do engano*". Inclinações e desejos pecaminosos são desejos enganosos: essas concupiscências prometem felicidade aos seres humanos, mas os tornam mais miseráveis, e, se não forem sujeitadas e mortificadas, levam-nos à destruição. Portanto, elas precisam ser despojadas como uma roupa velha que deveríamos ter vergonha de usar: elas devem ser sujeitadas e mortificadas. Essas concupiscências prevaleceram contra eles durante seu estado não-regenerado e pagão. (2) O novo homem deve ser vestido. Não é suficiente livrar-nos dos princípios corrompidos, mas devemos ser influenciados por princípios graciosos. Devemos abraçá-los, esposá-los e escrevê-los em nosso coração. Não é suficiente cessar de fazer o mal, mas precisamos aprender a fazer o bem. "...*e vos renoveis no espírito do vosso sentido*" (v. 23); isto é, useis dos meios apropriados e prescritos para terdes o sentido correto, que é um espírito cada vez mais renovado". "...*e vos revistais do novo homem*" (v. 24). Novo homem quer dizer nova natureza, nova criatura, que é estimulada por um novo princípio, uma graça regeneradora, capacitando uma pessoa a levar uma nova vida, uma vida de justiça e santidade que o cristianismo requer. Esse novo homem *é criado* ou gerado da confusão e vazio pelo poder de Deus. Ele é feitura dele, verdadeiramente excelente e belo. "...*segundo Deus*", ou seja, uma imitação dele e de acordo com esse grande padrão e modelo. A perda da imagem de Deus na alma ocorreu por causa da pecaminosidade e miséria do estado caído do homem. Essa semelhança que o homem tem com Deus é a beleza, a glória e a felicidade da nova criatura. "...*em verdadeira justiça*" para com os homens, incluindo todos os deveres da segunda tábua; "...*e santidade*" para com Deus, significando uma sincera obediência aos mandamentos da primeira tábua; "...*verdadeira* [...] *santidade*" em oposição à santidade exterior e cerimonial dos judeus. Lemos que devemos vestir esse novo homem quando, no uso de todos os meios designados por Deus, nos empenhamos em alcançar essa natureza divina, essa nova criatura. Esta é a exortação mais geral à pureza e santidade do coração e da vida.

II O apóstolo agora passa a algumas coisas mais específicas. Uma vez que coisas gerais não são tão inclinadas a produzir o efeito desejado, lemos agora quais são esses membros em particular que devem ser mortificados, esses trapos imundos da velha natureza que precisam ser despojados, e quais são as roupas peculiares do novo homem com as quais deveríamos adornar nossa profissão de fé cristã. 1. Guardem-se da mentira e cuidem ainda mais para falar a verdade (v. 25): "Uma vez que foram tão bem instruídos em seu dever, e estão debaixo de tais obrigações que precisam ser cumpridas, mostrem, no seu comportamento e conduta futura, que há uma grande e real mudança operada em vocês, especialmente em *não mais mentir*". Os pagãos eram culpados desse pecado, afirmando que uma mentira vantajosa era melhor do que uma verdade danosa.

Por isso, o apóstolo os exorta a deixar de falar qualquer coisa que seja contrária à verdade. Essa é uma parte do velho homem que deve ser despojada. E a parte do novo homem que precisa ser vestida em oposição à mentira é "*...falai a verdade*" em todas as nossas conversas. O povo de Deus se caracteriza pelo fato de serem "*...filhos que não mentirão*" (veja Is 63.8), que não ousarão mentir, que detestam e abominam a mentira. Todos que estão sob a graça divina têm um claro senso moral para falar a verdade e não contam uma mentira deliberada mesmo para ganho e benefício próprios. A razão aqui para a veracidade é: "*...somos membros uns dos outros*". A verdade é uma dívida que temos para com o próximo; e, se amarmos uns aos outros, não enganaremos ou mentiremos uns aos outros. Pertencemos à mesma sociedade ou corpo que a falsidade ou a mentira procuram dissolver; portanto, deveríamos evitá-la e falar a verdade. Observe: A mentira é um pecado muito sério, uma violação peculiar das obrigações debaixo das quais os cristãos estão e muito prejudicial e danosa à sociedade cristã. 2. Guardem-se da ira e das paixões desgovernadas. "*Irai-vos e não pequeis*" (v. 26). Esta expressão é tomada por empréstimo da tradução da LXX de Salmos 4.4, onde está escrito: "*Perturbai-vos e não pequeis*". Deveríamos considerar essa expressão uma concessão em vez de um mandamento. *Irai-vos*. Somos muito inclinados a ficar irados, e Deus sabe disso; mas achamos mais difícil cumprir a restrição: "*...e não pequeis*". "Se você tiver uma causa justa para estar irado em qualquer momento, cuide para que não se torne pecado; e, portanto, cuide-se para não se exceder na sua ira". Se queremos praticar a ira sem pecar (alguém disse), deveríamos nos irar somente com o pecado; e deveríamos ser mais zelosos com a glória de Deus do que com qualquer interesse ou reputação própria. Um pecado comum em relação à ira é permitir que se transforme em cólera ou fúria, e então deixar pendente. Por isso, precisamos ser cautelosos aqui. "Se você foi insultado e teve seu espírito grandemente transtornado, e se você ressentiu-se amargamente por causa de uma afronta com alguém, antes do anoitecer, acalme e aquiete o seu espírito, reconcilie-se com o ofensor e permita que tudo esteja bem novamente: '*não se ponha o sol sobre a vossa ira*'. Se a ira queimar e se transformar em amargura de espírito, busque subjugá-la rapidamente". Observe: Embora a ira em si não seja pecaminosa, existe um grande perigo de ela acabar se tornando pecaminosa, se não for atentamente vigiada e rapidamente subjugada. Portanto, embora a ira possa entrar no interior de um homem sábio, ela *repousa* somente *no seio dos tolos* (Ec 7.9). "*Não deis lugar ao diabo*" (v. 27). Aqueles que perseveram na ira pecaminosa permitem que o Diabo entre no seu coração e permitem que ele tenha vantagem sobre eles, provocando maldade, maquinações nocivas etc. "*Não deis lugar ao* caluniador ou ao falso acusador" (como alguns traduzem essas palavras); isto é, "fechai vossos ouvidos para os cochichadores, mexeriqueiros e caluniadores". 3. Somos advertidos contra o pecado do furto, a quebra do oitavo mandamento, e aconselhados à diligência honesta e à caridade: "*Aquele que furtava não furte mais*" (v. 28). Esta é uma precaução contra toda forma de má ação, por força ou fraude. "Aqueles que na época do paganismo foram culpados dessa perversidade não serão mais culpados por causa dela". Não devemos mais dar atenção a esse pecado, mas conscientemente empenhar-nos no sentido oposto: não somente deixar de furtar, "*...antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom*". A inatividade faz ladrões. Crisóstomo disse: *To gar kleptein argias estin – O furto é o resultado da inatividade*. Aqueles que não querem trabalhar e têm vergonha de mendigar são expostos à tentação do furto. Os homens deveriam, portanto, ser diligentes e laboriosos, não em relação a algo ilegal, mas em relação a um chamado honesto: "*...fazendo com as mãos o que é bom*". A diligência e a assiduidade honesta afastarão as pessoas da tentação de fazer algo errado. Mas existe mais uma razão para o homem ser diligente: para que tenha condições de fazer algo de bom e para que seja preservado da tentação: "*...para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade*". Eles devem trabalhar não só para o sustento próprio e para uma vida honesta, mas para que tenham condições de ajudar pessoas em necessidade. Observe: Mesmo aqueles que obtêm seu sustento por meio do seu trabalho deveriam ser caridosos (mesmo com o pouco que têm) para com aqueles que são incapazes de trabalhar. A caridade aos pobres é algo tão necessário que mesmo os operários e pessoas que não têm muito para si próprios devem lançar as suas ofertas na arca do tesouro (veja Lc 21.1). Deus deve receber aquilo que lhe é devido, e os pobres são seus receptores. Observe ainda: As esmolas que serão aceitas por Deus não devem ser fruto de injustiça e furto, mas de honestidade e diligência. *Deus abomina a iniqüidade* (ou "a iniqüidade do roubo", versão RA). 4. Somos aqui advertidos contra a comunicação corrompida e conduzidos àquilo que é útil e edificante (v. 29). Palavras e discursos impuros são venenosos e contagiosos, como carne estragada: eles procedem de um coração corrupto e tendem a corromper a mente e a conduta de outras pessoas que os ouvem. Portanto, os cristãos devem guardar-se desse tipo de discurso. Isso vale para tudo aquilo que provoca a concupiscência e paixão nos outros. Não devemos somente despir-nos da comunicação corrompida, mas usar a palavra "*...que for boa para promover a edificação*". O principal uso da fala é para edificar aqueles com quem conversamos. Os cristãos devem empenhar-se em promover uma conversação útil: "*...para que dê graça aos que a ouvem*"; para que seja boa e aceitável para os ouvintes, por meio da informação, do conselho, da exortação pertinente etc. Observe: O grande dever dos cristãos é cuidar para que não ofendam com seus lábios e que melhorem a conversa para o bem dos outros. 5. Temos mais uma precaução contra a ira e a cólera com conselhos adicionais ao amor mútuo e a uma disposição amorosa uns para com os outros (vv. 31,32). "*...amargura, e ira, e cólera*" querem dizer um ressentimento interior violento e um desprazer contra os outros. "*...gritaria...*" se refere à fanfarronice, ameaças em voz alta e outras palavras destemperadas, por meio das quais davam vazão à sua amargura, ira e cólera. Os cristãos não deveriam acolher essas paixões abomináveis em seu coração nem ser vociferantes com suas línguas. A palavra "*...blasfêmias...*" significa todas as palavras injuriosas, insultuosas e acusativas que expressamos contra as pessoas de quem temos raiva. E

"...*malícia*..." significa a ira arraigada que leva as pessoas a planejar e causar dano aos outros. O contrário de tudo isso é: "...*sede uns para com os outros benignos*". Isto envolve o princípio do amor no coração e a expressão exterior dele, em um comportamento afável, humilde e cortês. Os discípulos de Jesus devem ser benignos uns com os outros, como aqueles que aprenderam e estão prontos a ensinar a arte da cortesia. Devemos ser "...*misericordiosos*...", isto é, compassivos, e ter uma percepção terna e meiga das aflições e sofrimentos dos outros, de tal forma a sermos prontamente movidos à compaixão e à piedade. "...*perdoando-vos uns aos outros*". Haverá ocasiões em que surgirão diferenças entre os discípulos de Cristo. Por isso, eles precisam ser tolerantes e prontos a perdoar, assemelhando-se ao próprio Deus, que "...*os perdoou em Cristo*", para que tenham ainda mais disposição em perdoar uns aos outros. Observe: Em Deus há perdão, e Ele perdoa o pecado em Cristo, por causa da expiação que Cristo realizou para cumprir a justiça divina. Observe também: Aqueles que são perdoados por Deus devem ter um espírito perdoador e perdoar da mesma forma que Deus perdoa, isto é, com sinceridade e de coração, pronta e alegremente, universalmente e para sempre, de acordo com o sincero arrependimento do pecador. Daí a oração: "*Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores*" (veja Mt 6.12). Podemos observar por meio de todas essas particularidades em que o apóstolo tem insistido que elas pertencem à segunda tábua dos mandamentos, cujas obrigações os cristãos devem praticar e se submeter, e que aqueles que não as cumprem conscientemente jamais podem temer ou amar a Deus em verdade e sinceridade.

No meio dessas exortações e precauções, o apóstolo interpõe uma exortação geral: "*E não entristeçais o Espírito Santo de Deus*" (v. 30). Ao olhar para aquilo que precede e o que segue, podemos verificar o que entristece o Espírito de Deus. Nos versículos anteriores, fica claro que toda lascívia e imundície, mentira e comunicações corrompidas que incitam apetites e concupiscências imundos, entristecem o Espírito de Deus. Nos versículos seguintes vemos que os sentimentos corrompidos de amargura, ira, cólera, gritaria, blasfêmias e malícia entristecem esse bom Espírito. Não devemos entender, no entanto, que esse Ser bendito pode ser entristecido ou aborrecido como nós somos; o intento da exortação é que não ajamos para com Ele da mesma forma que agimos com o nosso semelhante: não devemos fazer o que é contrário à sua natureza santa e à sua vontade. Não devemos deixar de dar ouvidos aos seus conselhos, nem rebelar-nos contra o seu governo, o que o provocaria a agir conosco como nós estamos acostumados a agir em relação àqueles com quem estamos descontentes e entristecidos, afastando-nos deles e abandonando-os aos seus inimigos. Não ofenda o bendito Espírito de Deus, para que Ele não retraia sua presença e suas influências graciosas de você! Existe um bom motivo para não entristecermos o Espírito Santo: nele estamos "...*selados para o Dia da redenção*". Haverá um Dia da redenção; o corpo será redimido do poder do túmulo no dia da ressurreição. Então o povo de Deus será liberto de todos os efeitos do pecado, bem como de todo o pecado e miséria, o que não ocorre até que seja liberto da sepultura. Só então começará a plena e completa felicidade deles. Todos os crentes verdadeiros são selados para esse dia. Deus os distinguiu dos outros, colocando sua marca neles; e Ele dá a eles o penhor e a certeza de uma ressurreição alegre e gloriosa; e o Espírito de Deus é o selo. Onde quer que esse Espírito bendito esteja como santificador, Ele é o penhor de todas as alegrias e glórias do Dia da redenção. Seríamos negligenciados se Deus tirasse o seu Espírito Santo de nós.

CAPÍTULO 5

Tivemos várias exortações importantes na conclusão do capítulo anterior, e o apóstolo dá continuidade a elas no capítulo atual: I. Nós temos aqui uma exortação ao amor mútuo e à caridade (vv. 1,2). II. Uma exortação contra toda sorte de impureza, com argumentos apropriados e corretivos propostos contra tais pecados; mais cautela é acrescentada e outros deveres são recomendados (vv. 3-20). III. O apóstolo se volta para a execução conscienciosa dos deveres domésticos, desde o versículo 21 até o fim deste capítulo e o início do próximo.

Advertências contra a Impureza

vv. 1,2

Lemos aqui acerca da exortação ao amor mútuo e à caridade cristã. O apóstolo tinha insistido nisso no capítulo anterior, particularmente nos últimos versículos, aos quais a partícula *pois* se refere, e conecta o que tinha dito lá com o que está registrado nesses versículos. Conseqüentemente: "Porque Deus, por amor a Cristo, perdoou vocês, portanto sejam seguidores de Deus, ou *imitadores* dele"; este é o significado dessa palavra. Pessoas piedosas deveriam imitar o Deus que adoram, tanto quanto Ele se revela a elas. Elas devem agir de acordo com o seu exemplo e ter a imagem dele renovada neles. Isso reveste a religião prática, ou seja, a imitação de Deus, de grande importância. Devemos ser santos como Deus é santo, misericordioso como Ele é misericordioso, perfeito como Ele é perfeito. Mas não existe um único atributo de Deus que é mais recomendado para a nossa imitação do que a sua bondade. Sejam imitadores de Deus, ou se assemelhem a Ele, em toda graça e especialmente em seu amor e em sua bondade indulgente. "*Deus é caridade e quem está em caridade está em Deus, e Deus, nele*" (veja 1 Jo 4.16). Assim Ele proclamou seu nome: "...*misericordioso e compassivo, grande em beneficência*" (veja Êx 34.6). "...*como filhos amados*", assim como os filhos (que estão acostumados a ser amados pelos seus pais) geralmente se assemelham aos pais quanto às características e traços do seu rosto e na disposição e qualidade da sua mente; ou quando se tornam filhos de Deus, sendo amados e estimados pelo seu Pai celestial. Os filhos são constrangidos a imitar seus pais naquilo que é bom, especialmente quando são carinhosamente amados por eles. O caráter que

possuímos como filhos de Deus nos obriga a sermos semelhantes a Ele, especialmente em relação ao seu amor e bondade, à sua misericórdia e prontidão para perdoar. Aqueles que o imitam nessas coisas são verdadeiramente filhos de Deus. Lemos então: "...*e andai em amor*" (v. 2). Esta graça divina deve conduzir e influenciar todo o nosso andar. Ela deve ser o princípio norteador das nossas ações; ela deve direcionar os resultados que almejamos. Devemos ser mais cuidadosos ao procurar provar a sinceridade do nosso amor ao próximo. "...*como também Cristo vos amou*". Aqui o apóstolo nos direciona ao exemplo de Cristo, a quem os cristãos são compelidos a imitar. Nele temos o exemplo do amor mais voluntário e generoso do qual se tem conhecimento. Somos todos participantes desse amor e do seu consolo; por isso devemos amar uns aos outros. Cristo nos amou de tal forma que "...*se entregou a si mesmo por nós*". O apóstolo intencionalmente prolonga esse assunto. O que pode nos dar maior prazer para reflexão do que isso? Cristo deu a sua vida por nós; e a morte de Cristo foi o grande sacrifício da expiação: "...*em oferta e sacrifício a Deus*"; uma oferta ou mesmo um sacrifício – um sacrifício propiciatório, para expiar nossa culpa, que tinha sido prefigurada nas ofertas e sacrifícios legais; e isso "...*em cheiro suave*". Alguns observam que nunca se deveria dizer que as ofertas pelo pecado eram um cheiro suave; mas lemos isso a respeito do "...*Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*". Cristo se ofereceu com o intento de ser aceito por Deus. Deus aceitou, se agradou e sua ira foi apaziguada com esse sacrifício. Observe: Da forma que o sacrifício de Cristo foi eficaz em relação a Deus, assim seu exemplo deve prevalecer em nós, e devemos imitá-lo com todo cuidado.

Preservação da Impureza. Advertências e Admoestações

vv. 3-20

Esses versículos incluem uma precaução contra toda forma de impureza, com os corretivos e argumentos apropriados propostos; mas algumas precauções são acrescentadas, e outros deveres, recomendados. As paixões imundas devem ser subjugadas, para que o amor santo possa prevalecer. "...*andai em amor*" e evitai "...*a prostituição e toda impureza*". A *prostituição* é cometida entre pessoas não casadas. *Toda impureza* inclui toda sorte de desejos imundos, que eram bastante comuns entre os gentios. Ou *avareza*, que por estar conectada dessa forma e mencionada como uma coisa que sequer deveria ser *nomeada*, entendem alguns, no estilo puro das Escrituras, que isso deve ser uma referência ao desejo contrário às leis da natureza. Outros entendem essa palavra da maneira mais comum, ou seja, um desejo exagerado de ganhar riquezas, ou um amor insaciável por elas, que é o adultério espiritual; porque por meio dela, a alma, que está desposada com Deus, se afasta dele, e abraça o seio de um estranho; portanto, pessoas mundanas e carnais são chamadas de adúlteras: "*Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?*" (veja Tg 4.4). Esses pecados devem ser temidos e detestados da forma mais intensa: "...*nem ainda se nomeiem entre vós*", jamais aproveis, mas repugnai, "...*como convém a santos*", pessoas santas, que estão separadas do mundo e dedicadas a Deus. O apóstolo não somente adverte contra atos vulgares do pecado, mas contra aquilo que alguns poderiam achar desculpável. "...*nem torpezas...*" (v. 4), que pode ser entendido como todos os gestos e comportamentos devassos e inconvenientes; "...*nem parvoíces...*", isto é, discursos obscenos e lascivos, ou, de modo mais geral, discursos vãos que revelam muita insensatez e indiscrição, e estão muito distantes de edificar os ouvintes; "...*nem chocarrices...*". A palavra grega *eutrapelia* é a mesma que é tornada em virtude por Aristóteles, em *Ética*: deleite de conversa. O apóstolo certamente não está proibindo um gracejo inocente e inofensivo. Alguns acham que ele usa essas reflexões abusivas visando expor os outros e fazê-los parecer ridículos. Isso seria extremamente maldoso. O contexto parece restringir esse termo a um discurso jocoso, imundo e obsceno, que ele também entende como uma comunicação *torpe*, ou pútrida e podre (cap. 4.29). Acerca dessas coisas ele diz o seguinte: "...*que não convêm*". Na verdade, não se trata de uma mera inconveniência, mas, sim, de muita maldade envolvida. Essas coisas estão muito distantes de serem úteis, e, na verdade, poluem e envenenam os ouvintes. Assim, o significado é o seguinte: Essas coisas não pertencem aos cristãos e são muito inconvenientes para a sua profissão de fé e caráter. Os cristãos têm a permissão de serem animados e agradáveis, mas eles também devem ser alegres e sábios. O apóstolo acrescenta: "...*mas, antes, ações de graças*". A alegria do cristão deve ficar bem longe desse humor obsceno e profano, para que possa deleitar a sua mente e tornar-se alegre, ao lembrar-se com gratidão da bondade e misericórdia de Deus e ao abençoá-lo e louvá-lo por isso. Observe: 1. Deveríamos aproveitar todas as oportunidades para apresentar ações de graças e louvores a Deus pela sua bondade e favor por nós. 2. Uma reflexão acerca da graça e da bondade de Deus por nós, com o intento de despertar nossa gratidão a Ele, é apropriada para revigorar e alegrar a mente do cristão e torná-lo contente. O Dr. Hammond acha que *eucharistia* pode significar um discurso gracioso, piedoso e religioso de modo geral, em oposição ao que o apóstolo condena. Nossa alegria, em vez de irromper naquilo que é vão e pecaminoso e numa profanação do nome de Deus, deveria expressar-se como é digno de um cristão, e glorificar o Senhor. Se as pessoas estivessem mais cheias de expressões piedosas, elas não seriam tão inclinadas a infortúnios e palavras inconvenientes. Acaso *bênção e maldição*, perversidade e ações de graças, procedem de uma mesma boca? (veja Tg 3.10).

I Para fortalecer-nos contra os pecados da impureza o apóstolo realça diversos argumentos, e prescreve vários corretivos:

1. Ele ressalta diversos argumentos, como: (1) Considerem que esses são pecados que excluem pessoas do céu: "*Porque bem sabeis isto...*" (v. 5). Eles sabiam disso, pelo fato de serem informados pela doutrina cristã. Por *avarento* alguns entendem uma pessoa libertina e lasciva, que se entrega a essas concupiscências desprezíveis que eram consideradas marcas de uma pessoa pagã e idólatra. Outros a entendem no sentido essencial da pa-

lavra; essa pessoa é um idólatra porque há uma idolatria espiritual no amor por este mundo. Como o epicureu faz do estômago o seu rei, assim o avarento faz do dinheiro o seu deus, e coloca seu afeto nele; ele também coloca sua esperança, confiança e deleite nos bens terrenos, que deveriam ser reservados somente para Deus. Ele serve a Mamom em vez de a Deus. Lemos que essas pessoas não têm "*...herança no Reino de Cristo e de Deus*"; isto é, o Reino de Cristo, que é Deus, ou o Reino que é de Deus por natureza e de Cristo, como Mediador, o Reino que Cristo comprou e que Deus concedeu. O céu é aqui descrito como um reino (como ocorre com freqüência nas Escrituras Sagradas) com respeito à sua eminência e glória, sua plenitude e suficiência. Nesse reino, os santos e servos de Deus têm uma herança; porque é a "*...herança dos santos na luz*" (veja Cl 1.12). Mas aqueles que são impenitentes e toleram as concupiscências da carne ou o amor pelo mundo não são cristãos de fato, e assim não pertencem ao reino da graça e jamais chegarão ao reino da glória. Precisamos estar despertos e vigiar contra esses pecados que nos excluiriam do céu. (2) Esses pecados provocam a ira de Deus em relação aos culpados: "*Ninguém vos engane com palavras vãs* (v. 6). Não permitais que alguém vos bajule, como se essas coisas fossem toleráveis e permitidas para os cristãos, ou como se não fossem muito provocantes e ofensivas para Deus, ou como se pudésseis ceder a elas e mesmo assim escapar impunes. Essas são *palavras vãs*". Observe: Aqueles que animam a si próprios e aos outros com esperanças de impunidade no pecado enganam-se a si próprios e aos outros. Foi assim que Satanás enganou nossos primeiros pais com palavras vãs quando disse a eles: "*Certamente não morrereis*". Estas certamente são *palavras vãs*. Aqueles que confiam nelas são desgraçadamente enganados, "*...porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência*". Por *filhos da desobediência* pode-se entender os gentios, que desacreditavam e se recusavam a sujeitar-se ao evangelho: ou, de maneira mais generalizada, todos os pecadores obstinados, que não serão regenerados, mas entregues à desobediência. A desobediência é a verdadeira perversidade do pecado. Por meio de um hebraísmo habitual esses pecadores são chamados de *filhos da desobediência*. Eles se tornam filhos da desobediência desde a sua infância, desencaminhando-se desde o seu nascimento. *A ira de Deus vem* sobre essas pessoas, por causa do pecado delas, às vezes já neste mundo, porém mais especificamente no próximo. E nós ousamos fazer pouco caso daquilo que nos colocará debaixo da ira de Deus? Oh! Não. "*Portanto, não sejais seus companheiros*" (v. 7). "Não participem com eles em seus pecados, para que não participem do castigo deles". Somos participantes dos pecados dos outros, não somente quando vivemos da mesma maneira pecaminosa com eles e consentimos ou concordamos com suas tentações e apelos ao pecado, mas também quando os encorajamos em seus pecados, os induzimos ao pecado e não os prevenimos ou os impedimos de realizá-lo. (3) Deve-se considerar as obrigações dos cristãos em relação a esses pecadores: "*Porque, noutro tempo, éreis trevas, mas, agora...*" (v. 8). O significado é: "Esse percurso é muito impróprio para a condição atual de vocês; porque, enquanto no seu estado gentílico e não-regenerado vocês eram trevas, agora vocês experimentaram uma grande mudança". O apóstolo chama a antiga condição deles de *trevas* na teoria, para expressar as grandes trevas em que se encontravam. Eles viviam vidas perversas e profanas, estando destituídos da luz da instrução, sem a iluminação e graça do bendito Espírito. Observe: Um estado de pecado é um estado de trevas. Pecadores, semelhantemente a homens nas trevas, não sabem aonde estão indo e o que estão fazendo. Mas a graça de Deus produziu uma mudança poderosa na alma deles: "*...mas, agora, sois luz no Senhor*", iluminados de forma salvadora pela Palavra e pelo Espírito de Deus. *Agora*, pela sua fé em Cristo e a aceitação do evangelho. Filhos da luz, de acordo com a expressão idiomática hebraica, são aqueles que estão em um estado de luz, dotados de conhecimento e santidade. "Agora, permitam que a conversa de vocês seja de acordo com a sua condição e privilégios e vivam de acordo com as obrigações a que estão sujeitos por causa desse conhecimento e das vantagens que desfrutam – *aprovando o que é agradável ao Senhor* (v. 10), examinando diligentemente a vontade revelada de Deus, e deixando bem claro que vocês a aprovam ao se sujeitarem a ela". Considere isso: Não devemos somente temer e evitar aquilo que desagrada a Deus, mas devemos considerar aquilo que é aceitável a Ele, estudando as Escrituras com essa visão e mantendo-nos bem afastados desses pecados.

2. O apóstolo prescreve alguns corretivos contra eles. (1) Se não queremos ser enredados pelas concupiscências da carne, precisamos produzir *o fruto do Espírito* (v. 9). Espera-se que os filhos da luz, sendo iluminados, também sejam santificados pelo Espírito, e produzam seu fruto, que *está em toda bondade*, uma inclinação para fazer o bem e mostrar misericórdia, *e justiça*, que significa retidão nos procedimentos. Conseqüentemente, eles são tratados com mais rigor; mas, de modo geral, toda religião é bondade e justiça. E junto com isso está a *verdade* ou sinceridade e retidão de coração. (2) Não devemos ter comunhão com o pecado nem com o pecador (v. 11). Obras pecaminosas são obras das trevas: elas vêm das trevas da ignorância, elas buscam as trevas do encobrimento e levam às trevas do inferno. Essas obras das trevas são "*...obras infrutuosas...*". O pecado não traz nenhum benefício a longo prazo, porque acaba resultando em completa ruína e destruição do pecador impenitente. Não devemos, portanto, nos relacionar com essas obras infrutuosas das trevas; além de não praticá-las, não devemos encorajar os outros a praticá-las. Há muitas maneiras de sermos cúmplices dos pecados dos outros, pela aprovação, recomendação, consentimento ou encobrimento. E, se participamos do pecado dos outros, devemos também esperar participar dos seus flagelos. Se somos cúmplices com eles, estamos em grande perigo de agir em breve como eles agem. Mas, em vez de ser cúmplices dessas obras, devemos condená-las, concluindo que se não reprovamos os pecados dos outros estamos participando com eles. Devemos testificar de maneira prudente contra os pecados dos outros e empenhar-nos em convencê-los da sua pecaminosidade, quando isso for oportuno, especialmente pela santidade da nossa vida e por meio de um comportamento piedoso. Devemos repreender o pecado deles ao agir cla-

ramente de forma contrária. Um dos motivos para tal é o seguinte: "*Porque o que eles fazem em oculto, até dizê-lo é torpe*" (v. 12). Essas coisas são tão imundas e abomináveis que é vergonhoso mencioná-las, a não ser para repreender quem as pratica; é ainda mais vergonhoso ter qualquer participação nessas coisas. "...*o que eles fazem em oculto*". O apóstolo parece referir-se aqui aos idólatras gentios e aos seus mistérios horrendos, que proliferam com maldades detestáveis, que ninguém era permitido divulgar sob pena de morte. Observe: Uma pessoa temente a Deus tem vergonha de falar das coisas que muitas pessoas más não têm vergonha de fazer. Mas, quando a maldade deles aparece, ela deveria ser censurada pelas pessoas tementes a Deus. Segue-se mais um motivo para tal repreensão: "*Mas todas essas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz*" (v. 13). O significado dessa passagem pode ser o seguinte: "Todas essas obras infrutíferas das trevas que vocês são advertidos a reprovarem são expostas e aparecem nas suas devidas cores aos pecadores, à luz da doutrina ou da Palavra de Deus pela boca de vocês, como fiéis reprovadores, ou pela luz instrutiva que é espalhada pela santidade de vida e pelo andar exemplar de vocês". Observe: A luz da Palavra de Deus e o exemplo dela na conversa cristã são meios apropriados para convencer os pecadores do seu pecado e da sua maldade. Lemos então: "...*porque a luz tudo manifesta*"; ou seja, é a luz que descobre o que antes estava oculto em trevas; e, assim convém aos *filhos da luz*, que são *luz no Senhor*, a descobrir (ou manifestar) aos outros os seus pecados e empenhar-se em convencê-los do mal e do perigo desses pecados, brilhando assim como luz no mundo. O apóstolo então recomenda o seguinte acerca do exemplo de Deus ou de Cristo: "*Pelo que diz...*" (v. 14); como se tivesse dito: "Ao fazer isso, vocês serão imitadores do grande Deus, que se dispôs a acordar os pecadores do seu sono e levantá-los da morte do pecado, para que possam receber a luz de Cristo". Ele "...*diz*". O Senhor está constantemente falando em sua Palavra, como lemos em Isaías 60.1. Ou Cristo, pelos seus ministros que pregam o evangelho eterno, está continuamente lembrando os pecadores do seguinte propósito: "*Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos*". Essas diferentes expressões, de maneira geral, têm o mesmo intento; e servem para lembrar-nos da grande estupidez e da segurança desprezível dos pecadores, de quão insensíveis são em relação ao perigo que estão correndo e quão inaptos naturalmente são em relação às noções, impressões e ações espirituais. Quando Deus os convoca a despertar e levantar, sua intenção é que eles rompam com os seus pecados pelo arrependimento e entrem em um curso de obediência santa. Ele os encoraja a se esforçarem ao máximo, pela sua graciosa promessa: "...*e Cristo te esclarecerá*"; ou *Cristo te iluminará*, ou *resplandecerá sobre ti*. "Ele o levará a um estado de conhecimento, santidade e consolo, auxiliando com sua graça e revigorando sua mente com alegria e paz aqui e recompensando-o com eterna glória no fim". Considere isso: Quando estamos empenhados em convencer os pecadores, e restaurá-los dos seus pecados, estamos imitando Deus e Cristo naquilo que é o seu grande intento ao longo do evangelho. Alguns entendem isso como um chamado para os pecadores e para os santos: aos pecadores, para se arrependerem e mudarem; aos santos, para se estimularem a cumprir o dever deles. O primeiro deve levantar da sua morte espiritual; e o último deve despertar da sua indiferença espiritual. (3) Outro corretivo contra o pecado é a prudência, isto é, o cuidado ou a cautela: "*Portanto, vede...*" (v. 15). Isto pode ser entendido, ou com respeito ao que o precede imediatamente: "Caso repreendam os outros nos seus pecados, precisam ser fiéis nessas coisas, e ter comportamento e conduta dignos" (na verdade, somente estão aptos a repreender os outros aqueles que são prudentes e cuidadosos consigo mesmos); ou, então, temos aqui mais um corretivo, ou melhor, uma palavra de precaução contra os pecados anteriormente mencionados. Pessoalmente, acredito que essa segunda hipótese seja o intento do apóstolo; portanto, é impossível manter a pureza e santidade de coração sem muita cautela e cuidado. "...*vede prudentemente como andais*", ou, andem corretamente, de modo exato, no caminho certo; por isso, precisamos consultar freqüentemente a orientação dos oráculos sagrados. "...*não como néscios*", que não têm entendimento do seu dever, nem do valor da sua alma, e que por negligência, pela inatividade e falta de cuidado, caem no pecado e destroem-se a si mesmos; "...*mas como sábios*", como pessoas abençoadas por Deus e dotadas de sabedoria do alto. O resultado da verdadeira sabedoria é um andar prudente, e o oposto é a insensatez. Lemos então: "...*remindo o tempo*" (v. 16), literalmente, *comprando a oportunidade*. Esta é uma metáfora tirada dos mercadores e negociantes que buscam melhorar com diligência o seu comércio. Uma importante parte da sabedoria cristã é remir o tempo. Bons cristãos devem ser bons administradores do seu tempo e cuidar para usá-lo para o melhor dos seus propósitos, ao vigiarem para não cair em tentação, ao fazerem o bem enquanto tiverem condições de fazê-lo, e ao preenchê-lo com o trabalho apropriado – um conservante especial contra o pecado. Eles devem fazer o melhor uso possível do tempo da graça atual. Nosso tempo é um talento dado por Deus para um fim proveitoso e ele é dissipado e perdido quando não é empregado de acordo com o seu intento. Se deixamos de aproveitar o nosso tempo no passado, devemos empenhar-nos em remi-lo duplicando a nossa diligência em cumprir o nosso dever para o futuro. O motivo é que "...*os dias são maus*", ou por causa da maldade daqueles que vivem neste mundo, ou preferivelmente "pelo fato de serem tempos difíceis e perigosos". Os tempos em que o apóstolo escreveu eram tempos de perseguição: os cristãos estavam em perigo o tempo todo. Quando os dias são maus, temos um argumento adicional para remir o tempo, especialmente porque não sabemos quando eles vão piorar ainda mais. As pessoas estão muito dispostas a reclamar de tempos difíceis. Seria muito melhor se isso as encorajasse a remir o tempo. "*Pelo que*", diz o apóstolo (v. 17), "por causa da maldade dos tempos, *não sejais insensatos*, ignorantes acerca do vosso dever e negligentes em relação à vossa alma, *mas entendei qual seja a vontade do Senhor*. Examinai, ponderai e inteirai-vos da vontade de Deus, para cumprirdes o vosso dever". Considere então: A ignorância do nosso dever e a negligência da nossa alma são evi-

dências de maior insensatez; enquanto o conhecimento da vontade de Deus e o cuidado para cumpri-la evidenciam a melhor e mais legítima sabedoria.

II Nos três versículos seguintes, o apóstolo adverte contra alguns outros pecados específicos e frisa mais alguns deveres. 1. Ele adverte contra o pecado da embriaguez: "*E não vos embriagueis com vinho*" (v. 18). Esse era um pecado muito freqüente entre os pagãos, especialmente durante as festas dos seus deuses, e mais especificamente em suas orgias. Eles estavam acostumados a excitar-se com vinho e com todo tipo de desejos imoderados. Por isso, o apóstolo acrescenta: "...*em que*, ou no qual, *há contenda*". A palavra *asotia* pode significar *dissolução* ou *devassidão*; certamente a embriaguez não é amiga da castidade e pureza de vida, mas contém virtualmente todo tipo de extravagância e leva os homens à lascívia grosseira e a maldades extremas. Observe: A embriaguez é um pecado que normalmente atrai outros pecados, envolvendo o homem em outras instâncias de culpa. Ela é um pecado que afronta a Deus e é um obstáculo à vida espiritual. O apóstolo pode estar se referindo a todo tipo de intemperança e perturbação que são contrários à conduta sóbria e prudente que Ele intenta em seu conselho, para remir o tempo. 2. Em vez de serem cheios de vinho, ele os exorta a encherem-se "...*do Espírito*". Aqueles que estão cheios de bebida dificilmente estarão cheios do Espírito. Portanto, esse dever é contrário ao pecado anterior. O significado da exortação é que as pessoas deveriam se esforçar para alcançar uma medida abundante das graças do Espírito, que encheriam suas almas com grande alegria, força e coragem, coisas que os homens carnais esperam que seu vinho inspire neles. Não podemos ser culpados de qualquer excesso em nossos esforços para alcançar essa plenitude. Não devemos nos satisfazer com um pouco do Espírito, mas aspirar medidas maiores e ser completamente cheios do Espírito. Dessa forma, entenderemos "...*qual seja a vontade do Senhor*", porque o Espírito de Deus é dado como um Espírito de sabedoria e de entendimento. Aqueles que são cheios do Espírito são levados a realizar atos de devoção e todas as expressões apropriadas a ela. Por isso o apóstolo exorta: 3. A cantar ao Senhor (v. 19). Beberrões estão acostumados a cantar canções obscenas e profanas. Os pagãos, em suas orgias, cantavam hinos a Baco, a quem denominavam o deus do vinho. Essa era a forma de expressarem a sua alegria; mas a alegria dos cristãos deve se expressar em cânticos de louvor ao seu Deus. Assim eles devem falar entre si em suas assembléias e encontros, para a edificação mútua. Por *salmos* podemos entender salmos de Davi, ou hinos que eram cantados com instrumentos musicais. Por *hinos* podemos entender cânticos restritos ao louvor, como os hinos de Zacarias, Simeão etc. *Cânticos espirituais* podem conter uma variedade maior de temas: doutrinário, profético, histórico etc. Observe aqui: (1) Cantar salmos e hinos é ordenado pelo evangelho; é uma ordenança de Deus, designada para sua glória. (2) Embora o cristianismo seja inimigo da alegria profana, ele encoraja a alegria e o contentamento e as expressões apropriadas disso por meio dos cristãos. O povo de Deus tem motivos para regozijar-se e para cantar de alegria. Eles devem cantar e salmodiar "...*ao Senhor no vosso coração*"; não somente com suas vozes, mas com uma paixão interior. Isso será agradável e aceitável a Deus, da mesma forma que a música é para nós. Nosso intento sempre deve ser agradar ao Senhor e promover a sua glória. 4. Apresentar ações de graças é outra tarefa do cristão (v. 20). Somos designados a cantar salmos etc. para expressar nossa gratidão a Deus. Embora nem sempre estejamos cantando, sempre devemos *dar graças*; isto é, não devemos esperar para termos disposição para isso, mas devemos fazê-lo em todas as ocasiões. Devemos continuar dando graças durante toda a trajetória da nossa vida e devemos dar graças *por tudo*; não somente pelas bênçãos espirituais desfrutadas e pelas bênçãos eternas esperadas, mas também pelas misericórdias temporais; não somente pelo nosso bem-estar, mas também pelas nossas aflições santificadas; não somente pelos nossos interesses imediatos, mas também pelas ocasiões da bondade e favor divino aos outros. É nosso dever dar graças por tudo "...*a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*", e nosso Pai nele, em cujo nome devemos oferecer todas as nossas orações, louvores e cultos espirituais, para que sejam aceitáveis a Deus.

Os Deveres dos Maridos e das Esposas
vv. 21-33

Aqui o apóstolo inicia sua exortação em relação aos deveres domésticos. Como fundamento geral para esses deveres, ele apresenta a regra da sujeição mútua (v. 21). Existe uma submissão mútua que os cristãos devem uns aos outros, dispondo-se a levar as cargas uns dos outros, não se colocando acima dos outros, nem dominando os outros e impondo leis aos outros. Paulo era um exemplo dessa verdadeira conduta cristã, porque se fez *tudo para todos*. Devemos ter um espírito submisso e estar prontos para todas as obrigações das respectivas posições que Deus outorgou a nós neste mundo. "...*no temor de Deus*", isto é, até onde for compatível com o temor de Deus, por sua causa, e que dessa forma possamos provar que realmente o tememos. Onde houver condescendência e submissão, os deveres de todos os que estão na casa serão mais bem efetuados. Do versículo 22 até o fim, ele fala dos deveres dos maridos e das mulheres; ele fala deles de uma maneira cristã, colocando a igreja como exemplo da sujeição da mulher e Cristo como exemplo do amor para os maridos.

I O dever descrito para a mulher é a submissão ao seu marido no Senhor (v. 22). Essa submissão inclui a honra e obediência a ele, partindo do princípio do amor a ele. Elas devem fazer isso em submissão à autoridade de Deus, que a ordenou, ou seja, elas devem ser submissas "...*como ao Senhor*"; ou, então, isso pode ser entendido por meio de comparação ou semelhança; assim o sentido pode ser: "da forma que sois devotas ao Senhor, assim submetei-vos a vosso marido". Do primeiro sentido podemos aprender que por um desempenho consciente dos deveres que devemos ao nosso semelhante estamos obedecendo e agradando ao próprio Deus; e, do sentido

mencionado por último, entendemos que Deus não somente requer e insiste nesses deveres que se referem a Ele mesmo, mas também que se referem ao nosso próximo. O apóstolo aponta o motivo da submissão da mulher: "*...porque o marido é a cabeça da mulher*" (v. 23). A metáfora é tirada da cabeça de um corpo natural, que, por ser a base da razão, da sabedoria e do conhecimento, e a fonte do sentido e do movimento, é mais proeminente do que o restante do corpo. Deus deu ao homem a preeminência e o direito de conduzir e governar na criação, e nessa lei original de relacionamento Ele diz: "*...o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará*" (veja Gn 3.16). Qualquer inquietude ou mal-estar em relação a isso é um efeito do pecado que veio ao mundo. Geralmente, o homem tem (o que de fato deveria ter) uma superioridade em relação à sabedoria e ao conhecimento. Ele é, portanto, a cabeça, "*...como também Cristo é a cabeça da igreja*". Há uma semelhança com a autoridade de Cristo sobre a igreja nessa superioridade e autoridade que Deus designou ao marido. O apóstolo acrescenta: "*...sendo ele próprio o salvador do corpo*". A autoridade de Cristo é exercida sobre a igreja para salvá-la do mal e supri-la com todas as coisas boas. De forma semelhante, o marido deve proteger e confortar a sua mulher; e, por essa razão, ela deve estar ainda mais alegre em submeter-se a ele. Assim, lemos: "*De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo*" (v. 24), com alegria, fidelidade, humildade, "*...assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido*" – em tudo que a autoridade dele legitimamente abrange, em tudo que é legal e coerente com a responsabilidade para com Deus.

II O dever do marido (por outro lado), é amar sua mulher (v. 25); porque sem esse amor ele estaria abusando da sua superioridade e autoridade. Isso requer da parte dele uma afeição especial em relação a ela. O amor de Cristo pela igreja é proposto como um exemplo disso. Esse amor era sincero e puro, uma afeição ardente e constante, e isso apesar das imperfeições e falhas dela. A grandeza desse amor pela igreja evidenciou-se no fato de Ele dar a sua vida por ela. Considere isso: Como a sujeição da igreja a Cristo é proposta como um modelo para as mulheres, assim o amor de Cristo pela sua igreja é proposto como um padrão para os maridos. Nem o homem nem a mulher têm motivos para reclamar das ordens e exigências divinas. O amor que Deus requer do marido em relação à sua mulher tornará mais fácil a sujeição que Ele requer dela em relação ao seu marido; e a sujeição que Deus prescreveu para a mulher será um retorno abundante do amor do seu marido. Após ter mencionado o amor de Cristo pela igreja, o apóstolo prolonga seu discurso nesse sentido, especificando o motivo de Ele ter-se dado por ela, a saber, para que a santifique neste mundo e a glorifique no mundo vindouro: "*...para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra*" (v. 26). Dessa forma, Ele teria condições de investir todos os seus membros com um princípio de santidade, e libertá-los da culpa, da contaminação e do domínio do pecado. Os sacramentos instituídos, especialmente o lavar do batismo e a pregação e recepção do evangelho são os meios usados para isso. "*...para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa*" (v. 27). O Dr. Lightfoot entende que o apóstolo se refere aqui ao cuidado extraordinário que os judeus tinham ao lavar-se para a purificação. Toda mancha ou sujeira precisava ser completamente removida. Outros entendem que o apóstolo está se referindo a uma vestimenta que acabou de sair das mãos do pisoeiro, purificada de manchas, estendida para não ter rugas; a anterior era uma prática nova, e a posterior, uma prática e costume antigos. Para a apresentar a si mesmo – para a conciliar perfeitamente consigo no grande dia, *igreja gloriosa*, perfeita em conhecimento e em santidade, "*...sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante*", nada de deformidade ou profanação, mas completamente agradável aos seus olhos, "*...santa e irrepreensível*", livre dos resíduos do pecado. A igreja em geral, e os crentes em particular, não estarão sem mácula ou rugas até que cheguem à glória. Dos últimos dois versículos observamos que se visa a glorificação da igreja e a sua santificação; e que aqueles, e somente aqueles, que são santificados agora, serão glorificados no futuro. "*Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo*" (v. 28). A mulher se torna um com seu marido (não em um sentido natural, mas em um sentido legal e relativo): esse é um argumento para amá-la de maneira tão cordial e ardente quanto amaria a si mesmo. "*Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne*" (v. 29) (ninguém em pleno juízo chegou a odiar a si mesmo, por mais deformado que fosse ou quaisquer que fossem suas imperfeições); de modo que "*...antes, a alimenta e sustenta*". Ele procura cuidar de si com muito carinho e atenção e é diligente em suprir todas as suas necessidades, como alimento, roupa etc. "*...como também o Senhor à igreja*", isto é, como o Senhor nutre e cuida da igreja. Ele a supre com todas as coisas que entende serem necessárias para ela, ou seja, tudo aquilo que a conduz a uma felicidade e bem-estar eternos. O apóstolo acrescenta: "*...porque somos membros do seu corpo*" (v. 30). Ele coloca isso como um motivo de Cristo nutrir e cuidar da sua igreja – porque todos que pertencem a ela são *membros do seu corpo*, isto é, do seu corpo místico. Ou, somos membros *tomados do seu corpo*: toda graça e glória que a igreja tem são de Cristo, como Eva foi tomada do homem. Essa era a maneira de as Sagradas Escrituras expressarem um corpo complexo pela enumeração das suas diversas partes, como o céu e a terra para o mundo, a noite e a manhã para o dia natural, assim aqui, por corpo, carne e ossos devemos entender Ele mesmo. De acordo com esse versículo, somos membros de Cristo. "*Por isso* (porque são um, como Cristo e sua igreja são um), *deixará o homem seu pai e sua mãe*". O apóstolo se refere às palavras de Adão, quando Eva foi dada a ele como companheira (Gn 2.24). Não devemos entender disso que a obrigação do homem quanto aos outros relacionamentos é cancelada com o seu casamento, mas somente que o casamento tem preferência sobre todos os outros, havendo uma união mais íntima entre os dois do que entre quaisquer outros; por isso, o homem deve deixar todos os outros para ficar com a sua esposa. "*...e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne*", isto é, por meio da sua união matrimonial. "*Grande é este mistério*" (v. 32). Essas palavras de Adão, mencionadas pelo apóstolo, referem-se literalmente ao casamento; mas elas também contêm um

sentido místico e oculto, referindo-se à união entre Cristo e sua igreja, da qual a união conjugal entre Adão e a mãe de todos nós era um modelo: embora não instituído ou designado por Deus para significar isso, era um tipo de símbolo natural, como tendo uma semelhança com ele: "...*digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja*".

Depois disso, o apóstolo conclui essa parte do seu discurso com um breve resumo dos deveres do marido e da mulher (v. 3). "*Assim* (embora haja um sentido místico e secreto, o sentido claro e literal diz respeito a vós) *também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo*, com uma afeição tão sincera, peculiar, singular e eficaz que ele tem de si mesmo. E *a mulher reverencie o marido*". Reverência consiste em amor e estima, que produz um desejo de agradar e ao mesmo tempo de temer, que desperta uma cautela para que não haja motivo para uma afronta justa. A vontade de Deus e a lei do relacionamento é que a mulher reverencie dessa forma o seu marido.

CAPÍTULO 6

Nesse capítulo: I. O apóstolo prossegue na exortação quanto aos deveres domésticos que iniciou no capítulo anterior, especialmente quanto ao dever dos filhos em relação aos pais e dos servos em relação aos seus senhores (vv. 1-9). II. Ele exorta e orienta os cristãos em como se comportar na guerra espiritual com os inimigos da alma, e para exercitar as diversas graças cristãs, que propõe a eles por meio de várias partes da armadura espiritual, para preservar e defendê-los no conflito (vv. 10-18). III. Nós temos aqui a conclusão da epístola, em que o apóstolo se despede deles, recomendando-se às orações dos crentes efésios, e orando por eles (vv. 19-24).

Os Deveres dos Filhos para com os Pais. Os Deveres dos Servos para com os Senhores

vv. 1-9

Temos aqui mais orientações referentes aos deveres domésticos, em que o apóstolo é muito específico.

I O dever dos filhos para com seus pais. "*Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor*" (veja Sl 34.11). O grande dever dos filhos é obedecer aos seus pais (v. 1). Os pais são os instrumentos para a existência deles; Deus e a natureza deram a eles autoridade para governar. Se os filhos forem obedientes a pais piedosos estarão a caminho de se tornarem piedosos como os pais. Essa obediência que Deus requer dos seus filhos inclui uma reverência interior, bem como expressões e atos exteriores. Sejam obedientes no Senhor. Alguns entendem que essa expressão apresenta uma limitação e a explicam da seguinte forma: "Até onde estiver em acordo com o seu dever a Deus". Não devemos desobedecer nosso Pai celestial para obedecer aos pais terrenos; porque nossa obrigação para com Deus é mais importante do que todas as outras. Prefiro entender esse aspecto como uma razão: "Filhos, obedeçam aos seus pais; porque essa é a ordem do Senhor; obedeçam-lhes por amor ao Senhor". Ou, ela pode ser uma especificação particular de um dever geral: "Obedeçam aos seus pais, especialmente nas coisas que concernem ao Senhor. Seus pais ensinam boas maneiras a vocês, e nisso devem obedecê-los. Eles ensinam aquilo que é para o bem de vocês, e nisso vocês devem obedecê-los. Mas as principais áreas em que devem obediência a eles são aquelas concernentes ao Senhor". Pais devotos ao Senhor instruem seus filhos a guardar os caminhos do Senhor (Gn 18.19). Eles os exortam a cumprir seus deveres para com Deus e os ensinam a acautelar-se dos pecados mais comuns para sua idade; nessas coisas eles precisam tomar um cuidado especial para serem obedientes. O apóstolo apresenta um motivo geral: "...*porque isto é justo*"; há uma eqüidade natural nisso, e Deus a ordenou. É natural que os pais mandem e os filhos obedeçam. Embora isso possa parecer uma declaração dura, essa é uma obrigação e deve ser cumprida por aqueles que desejam agradar a Deus e ser aprovados por Ele. Para demonstrar sua instrução, o apóstolo cita a lei do quinto mandamento, que Cristo estava bem longe de anular ou abolir, pois veio a este mundo para confirmá-la, de acordo com Mateus 15.4ss. "*Honra a teu pai e a tua mãe*" (v. 2). Essa honra envolve reverência, obediência, ajuda e sustento, caso necessário. O apóstolo acrescenta: "...*que é o primeiro mandamento com promessa*". Aqui aparecem algumas dificuldades, que não deveríamos deixar passar, porque alguns que advogam pela legalidade das imagens apresentam esse aspecto como prova de que não estamos sujeitos ao *segundo mandamento*. Mas não há força nesse argumento. O segundo mandamento não tem uma promessa especial, mas somente uma declaração geral, que está relacionada a toda a lei de Deus, ou seja, que Ele é misericordioso para milhares (veja Êx 34.7). Aqui também não se tem em mente o primeiro mandamento do decálogo que contém uma promessa, porque não há outro depois desse que a tenha; portanto, seria impróprio dizer que esse é o primeiro; mas o significado pode ser o seguinte: "Este é um mandamento essencial, que contém uma promessa; é o primeiro mandamento da segunda tábua que contém uma promessa. A promessa é: *para que te vá bem* etc. (v. 3). Observe: Uma vez que a promessa nesse mandamento faz alusão à terra de Canaã, o apóstolo, com isso, mostra que essa e outras promessas do Antigo Testamento que se referem à terra de Canaã devem ser entendidas de maneira mais geral. Para que não se pense que somente os judeus, a quem Deus deu a terra de Canaã, estavam ligados ao quinto mandamento, ele aqui apresenta um sentido mais amplo: *para que te vá bem* etc. A prosperidade exterior e a vida longa são bênçãos prometidas àqueles que guardam esse mandamento. Filhos obedientes com freqüência são recompensados com prosperidade exterior. Não que esse sempre seja o caso; há ocasiões em que os filhos enfrentam muita aflição nesta vida. Mas geralmente a obediência é recompensada dessa maneira, e onde esse não é o caso, ela é recompensada com algo ainda melhor. Considerando que a promessa no mandamento se refere à terra de Canaã, o apóstolo deseja mostrar que essa e outras promessas no Antigo Testamento relacionadas à terra de

Canaã devem ser entendidas de forma mais geral. Para não acharmos que somente os judeus, a quem Deus deu a terra de Canaã, tinham obrigação com o quinto mandamento, ele amplia o seu sentido: *para que te vá bem* etc. Prosperidade material e vida longa são bênçãos prometidas àqueles que guardam esse mandamento. Assim tudo estará bem conosco, e filhos obedientes são freqüentemente recompensados com a prosperidade material. Não que sempre tenha de ser assim. Há situações em que os filhos de Deus enfrentam muita aflição; mas, *geralmente*, a obediência é recompensada dessa forma, e, onde esse não é o caso, algo melhor acontece. Observe: 1. O evangelho tem suas promessas temporais, bem como as espirituais. 2. Embora a autoridade de Deus seja suficiente para nos envolver em nosso dever, temos a permissão de ter apreço pela recompensa prometida. 3. Embora contenha alguma vantagem temporal, mesmo assim ela pode ser considerada um motivo de encorajamento para nossa obediência.

II O dever dos pais: "*E vós, pais*" (v. 4): 1. "*...não provoqueis a ira a vossos filhos*. Embora Deus tenha dado poder a vós, não abuseis desse poder, lembrando que vossos filhos são, de uma maneira particular, parte de vós mesmos, e, portanto, devem ser tratados com grande ternura e amor. Não sejais impacientes com eles; não useis de rigor excessivo e não coloqueis imposições rígidas sobre eles. Quando os advertirdes, aconselhardes, censurardes, fazei-o de tal forma que não provoqueis *a ira deles*. Em todas essas situações, procedei de maneira prudente e sábia com eles, buscando ajudá-los no seu julgamento e a usar o bom senso". 2. "*...criai-os na doutrina e admoestação do Senhor*, na disciplina da correção apropriada e compassiva e no conhecimento do dever que Deus requer deles, ajudando-os dessa forma a conhecer melhor o Senhor". O grande dever dos pais é ser cuidadosos na educação dos filhos: "Não busquem apenas criá-los, como animais irracionais, que procuram suprir e cuidar deles, mas busquem educá-los e admoestá-los de acordo com sua natureza racional. Não, não somente os criem como pessoas, educando-os e admoestando-os, mas como cristãos, na admoestação do Senhor. Permitam que tenham uma educação cristã. Instruam-nos a temer o pecado e informem-nos e animem-nos acerca do seu dever completo para com Deus".

III O dever dos servos. O dever deles também é resumido em uma palavra: *obediência*. Ele se alonga nesse tópico como se isso fosse a maior necessidade. Esses servos geralmente eram escravos. A servidão civil não é inconsistente com a liberdade cristã. Os escravos dos homens podem ser homens livres no Senhor. "*...vosso senhor segundo a carne* (v. 5), isto é, quem tem o domínio sobre o vosso corpo, mas não sobre a vossa alma e consciência. Somente Deus tem domínio sobre elas". Em relação aos servos, o apóstolo exorta: 1. Que eles obedeçam "*...com temor e tremor*". Eles devem respeitar aqueles que estão acima deles, temendo desagradá-los e tremendo para que não atraiam legitimamente a ira e a indignação deles. 2. Que eles sejam sinceros na obediência: "*...na sinceridade de vosso coração*"; não simulando obediência quando intentam desobediência, mas servindo-os com fidelidade. 3. Eles deveriam ter Jesus Cristo em vista em todo serviço prestado aos seus senhores (vv. 5-7): "*...servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens*"; isto é, não somente aos homens. Quando os servos, no cumprimento do seu dever, têm Cristo em mente, isso coloca lealdade e aceitabilidade na sua obediência. O serviço feito aos seus senhores terrenos, tendo em vista o Senhor, também se torna um serviço aceitável a Ele. Ter Cristo em mente é lembrar que Ele os vê e está sempre presente com eles, e que sua autoridade os obriga ao cumprimento fiel e consciente dos deveres da sua posição. 4. Eles não devem servir seus senhores *à vista* (v. 6); isto é, somente quando os olhos do seu senhor estão sobre eles; mas eles também devem ser tão conscientes no desempenho do seu dever quando estão ausentes, porque então o seu Senhor no céu os está observando. Portanto, eles não devem somente buscar *agradar aos homens* – como se não se importassem em agradar a Deus e serem considerados aprovados por Ele, achando que basta impressionar seus senhores. Observe: Um respeito constante pelo Senhor Jesus Cristo torna a pessoa fiel e sincera em cada situação da vida. 5. Eles devem fazer tudo com alegria: "*...fazendo de coração a vontade de Deus*", servindo seus senhores conforme a vontade de Deus, não de má vontade, não por coação, mas como um princípio de amor por eles e pelos seus negócios. Isso é servir *de boa vontade* (v. 7) e tornará o serviço deles mais fácil para si mesmos, mais agradável aos seus senhores e aceitável ao Senhor Jesus Cristo. Deve haver *boa vontade* para com os seus senhores, boa vontade para com suas famílias, e, especialmente, uma prontidão em cumprir seu dever para com Deus. Observe: O serviço realizado de maneira consciente e com uma consideração por Deus, embora seja para senhores injustos, será considerado por Cristo como um serviço feito a Ele próprio. 6. Os servos fiéis devem confiar em Deus para o seu "salário", enquanto cumprem o seu dever no temor dele: "*...sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer*" (v. 8), por improdutivo ou desprezível que seja, isto é, por metonímia, a recompensa do mesmo. Embora seu senhor terreno possa negligenciar ou abusar dele, em vez de recompensá-lo, o servo certamente será recompensado pelo Senhor Jesus Cristo, "*...seja servo, seja livre*", seja um pobre escravo ou um homem livre ou senhor. Cristo não considera essas diferenças entre os homens no presente, nem o fará no grande julgamento final. Você talvez pense: "Um príncipe, um magistrado, ou um ministro, que realiza seu dever aqui, estará certo de receber sua recompensa no céu; mas com que direito posso eu, um pobre servo, requerer o favor de Deus?" Deus certamente o recompensará pelo trabalho mais insignificante que for realizado a partir de um senso de dever, tendo o Senhor em vista. E, o que pode ser dito para engajar ou encorajar os senhores no seu dever?

IV O dever dos senhores: "*E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles* (v. 9); isto é, procedei da mesma forma. Sede justos com eles, como vós gostaríeis que fossem convosco. Mostrai a mesma boa vontade e preocupação por eles e buscai ser aprovados por Deus".

Observe: Os senhores também estão debaixo de obrigações rigorosas para cumprir seu dever em relação aos servos, da mesma forma que os servos deveriam ser obedientes e submissos a eles. "...*deixando as ameaças, anientes – moderando* as ameaças, e afrouxando os males com os quais os ameaçais. Lembrai-vos que vossos servos têm a mesma natureza, e, portanto, não sejais soberbos e não ajais como tiranos com eles, *sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu*". Algumas cópias trazem a leitura de tanto *vosso* como *seu* Mestre. "Vocês têm um Senhor a quem obedecer que torna isso o dever de vocês; e vocês e eles são servos de Cristo. Vocês serão tão dignos de castigo pelo fato de negligenciarem seu dever, ou pelo fato de agirem contrário a esse dever, quanto qualquer pessoa em condição inferior neste mundo. Vocês, portanto, devem mostrar generosidade aos outros, da mesma forma que gostariam de ser tratados com generosidade por Ele, sabendo que nunca serão páreos para Ele, apesar de serem duros demais com seus servos". "...*para com ele não há acepção de pessoas*". Se um senhor rico, abastado e digno é injusto, soberbo e abusivo, não é mais aceito por Deus por causa da sua riqueza, abastança e honra. O Senhor chamará senhores e servos para uma prestação de contas imparcial pela sua conduta mútua, e não poupará os primeiros pelo fato de serem mais cultos nem mais severos com os últimos por serem inferiores e desprezíveis no mundo. Se tanto os senhores quanto os servos considerassem sua relação e obrigação com Deus e a prestação de contas que deverão dar a Ele em breve, seriam mais cuidadosos quanto ao seu dever mútuo. Assim, o apóstolo conclui sua exortação quanto aos deveres domésticos.

A Batalha Espiritual

vv. 10-18

Aqui está uma exortação geral à constância em nosso curso cristão, e à coragem na nossa guerra cristã. Acaso a nossa vida não é uma guerra? Certamente! Nós lutamos com as adversidades da vida humana. Não é a nossa vida cristã uma verdadeira guerra? Certamente! Nós lutamos contra a oposição dos poderes das trevas e contra os muitos inimigos que querem nos manter afastados de Deus e do céu. Temos inimigos que devemos combater, um capitão por quem pelejar, uma bandeira para defender e certas regras de guerra a seguir. "*No demais, irmãos meus,* (v. 10), vocês precisam continuar dedicando-se ao trabalho e dever como soldados cristãos". É necessário que o soldado seja corajoso e bem armado.

I Os soldados de Cristo precisam ser corajosos. Por isso, lemos: "...*fortalecei-vos no Senhor*". Aqueles que têm tantas batalhas a lutar, e que, no seu caminho para o céu, devem disputar cada passo por meio da espada, necessitam de muita coragem. *Fortalecei-vos*, sede fortes para o serviço, fortes para sofrer, fortes para combater. Se o soldado não for valente, sua armadura não será de grande ajuda. Observe: Força espiritual e coragem são muito necessárias na nossa guerra espiritual. Sejam fortes no Senhor, na sua causa e por amor do seu nome. Não temos força suficiente em nós mesmos. Nossa coragem natural não passa de covardia, e nossa força natural, de completa fraqueza. Mas toda a nossa suficiência vem de Deus. Devemos continuar e avançar na sua força. Pelas ações da fé, devemos buscar graça e ajuda do céu para capacitar-nos a fazer aquilo que não podemos realizar por nossa conta, no trabalho e na batalha cristãos. Deveríamos nos dispor a resistir às tentações dependendo da plena suficiência de Deus e da onipotência do seu poder.

II Os soldados de Cristo precisam estar bem armados: "*Revesti-vos de toda a armadura de Deus* (v. 11). Usai toda proteção adequada e as armas para repelir as tentações e estratagemas de Satanás – obtende e exercitai todas as graças cristãs, toda a armadura, para que não fique exposta ou desprotegida nenhuma parte ao inimigo". Considere isso: Aqueles que querem ser aprovados na verdadeira graça precisam almejar toda a graça, toda a armadura. Ela é chamada de a armadura de Deus, porque é Ele que a prepara e a concede. Não temos uma armadura própria que seja confiável em tempos de provas. Somente a armadura de Deus oferecerá a devida resistência. Essa armadura é preparada para nós, mas cabe a nós vesti-la; isto é, devemos orar por graça, precisamos usar a graça que nos foi concedida e colocá-la em ação quando for oportuno. O motivo de o cristão necessitar ser completamente armado é "...*para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo*" – para que seja capaz de resistir, e vencer, apesar de todos os ataques do Diabo, tanto de força quanto de fraude, dos seus enganos, das armadilhas que prepara contra nós e de toda maquinação contra nós. O apóstolo descreve essa guerra e mostra:

1. O perigo e a necessidade que temos de revestir-nos de toda armadura, considerando os tipos de inimigos com os quais precisamos lidar – o Diabo e todos os poderes das trevas: "...*porque não temos que lutar contra carne e sangue*" (v. 12). O combate para o qual precisamos estar preparados não é contra inimigos humanos comuns, não contra homens constituídos de *carne e sangue*, nem contra nossa própria natureza corrompida, mas contra os diversos graus de demônios, que têm um controle que exercitam neste mundo. (1) Lidamos com um inimigo sutil, um inimigo que usa manhas e estratagemas, como lemos no versículo 11. Ele tem mil maneiras de iludir almas inconstantes; por isso é chamado de serpente, em virtude de sua sutileza, a velha serpente, experimentada na arte de tentar. (2) Ele é um inimigo poderoso: *principados*, *potestades* e *príncipes*. Eles são numerosos e poderosos; eles governam as nações pagãs que ainda estão nas trevas. As partes sombrias do mundo são o alicerce do império de Satanás. Eles estão usurpando e destituindo príncipes sobre todos os homens que ainda estão em um estado de pecado e ignorância. Satanás é um reino de trevas, enquanto Cristo é um reino de luz. (3) Eles são inimigos espirituais: "...*hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais*", ou espíritos maus, como alguns traduzem. O Diabo é um espírito, um espírito mau; o perigo é maior porque nossos inimigos são invisíveis e nos atacam antes de nos darmos conta deles. Os demônios são espíritos maus, e eles especialmente aborrecem e provocam os santos à perversidade, ao orgulho, à inveja, à malícia etc. Esses inimigos fi-

cam *nos lugares celestiais*, de acordo com o texto original (ou "regiões celestes", versão RA); nesse caso, o céu significa toda a expansão, ou além da nossa atmosfera, o lugar entre a terra e as estrelas, de onde os demônios nos assaltam. Ou, o significado pode ser: "*Lutamos* por lugares celestiais ou coisas celestiais"; essa é a forma de alguns antigos interpretarem esse texto. Nossos inimigos se esforçam para impedir nossa subida ao céu, para privar-nos de bênçãos celestiais e para obstruir nossa comunhão com o céu. Eles nos atacam nas coisas que pertencem à nossa alma e se esforçam para desfigurar a imagem celestial em nosso coração; e, portanto, precisamos estar vigilantes contra eles. Necessitamos de fé em nossa batalha cristã, porque temos inimigos espirituais que precisamos combater, bem como fé em nosso trabalho cristão, porque precisamos buscar força espiritual. O nosso perigo é grande.

2. O nosso dever: tomar posse e vestir toda a armadura de Deus e então resistir a nossos inimigos.

(1) Devemos *resistir* (v. 13). Não devemos ceder à sedução e aos ataques do Diabo, mas resistir-lhes. Lemos que Satanás se levanta contra nós (1 Cr 21.1). Se ele se levantar contra nós, precisamos nos levantar contra ele, estabelecer e conservar um interesse em opor-se ao Diabo. Satanás é o iníquo, e seu reino é o reino do pecado; colocar-se contra Satanás é lutar contra ele. "*...para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes*", isto é, no dia da tentação ou de alguma tribulação dolorosa.

(2) Devemos ficar firmes na nossa base. "*...e, havendo feito tudo, ficar firmes*". Devemos decidir, pela graça de Deus, não ceder a Satanás. Resistir-lhe, pois ele fugirá. Se suspeitarmos ou duvidarmos da nossa causa, ou do nosso líder, ou da nossa armadura, damos vantagem a ele. Nossa tarefa atual é opor-nos aos ataques do Diabo e não ceder; e então, tendo feito tudo que cabe a um bom soldado de Jesus Cristo, nossa batalha será concluída e seremos finalmente vitoriosos.

(3) Devemos permanecer armados. O apóstolo explica esse aspecto em detalhes. Observamos um cristão com sua armadura completa; e a armadura é divina: *armadura de Deus, armadura da luz* (Rm 13.12). *Armadura da justiça* (2 Co 6.7). O apóstolo especifica os aspectos particulares dessa armadura, tanto ofensivos quanto defensivos: o cinto, a couraça, a armadura para as pernas (ou os sapatos do soldado), o escudo, o capacete e a espada. Observamos que, entre todos eles, não há nenhuma proteção para as costas; se voltarmos nossas costas para o inimigo, nos expomos. [1] A verdade ou a sinceridade é o nosso cinto (v. 14). Isso foi profetizado acerca de Cristo (Is 11.5), de que "*...a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade, o cinto dos seus rins*". Todo cristão deve ser cingido com o que Cristo foi cingido. Deus deseja a verdade, isto é, a sinceridade, no nosso íntimo. Esta é a força dos nossos lombos. Ela cinge todas as outras partes da nossa armadura, e, portanto, é mencionada primeiro. Não conheço uma religião que não esteja baseada em sinceridade. Alguns entendem que o cinto representa a doutrina das verdades do evangelho: elas deveriam estar firmadas em nós como o cinto aos lombos (Jr 13.11). Isto refreará a libertinagem e a licenciosidade, como um cinto refreia e detém o corpo. Este é o cinto do soldado cristão: sem ele, o soldado não é abençoado. [2] A justiça deve ser a nossa couraça. A couraça protege os órgãos vitais e o coração. A justiça de Cristo imputada a nós é nossa couraça contra as flechas da ira divina. A justiça de Cristo implantada em nós é a nossa couraça para fortalecer o coração contra os ataques que Satanás faz contra nós. O apóstolo explica isso em 1 Tessalonicenses 5.8: "*...vestindo-nos da couraça da fé e da caridade*". Fé e caridade (amor) incluem todas as graças cristãs; porque pela fé somos unidos a Cristo e pelo amor aos nossos irmãos. Isso resultará no cumprimento diligente do nosso dever para com Deus e numa conduta íntegra em relação aos homens, em todos os ofícios de justiça, verdade e caridade. [3] A determinação deve ser como a armadura para as nossas pernas: "*...e calçados os pés na preparação do evangelho da paz*" (v. 15). Sapatos ou grevas de bronze (proteção para as pernas do joelho para baixo), ou algum material parecido, antigamente faziam parte da armadura militar (1 Sm 17.6). O seu uso tinha o propósito de defender os pés contra as armadilhas de escoriações e gravetos afiados, que habitualmente eram colocados secretamente no caminho, para obstruir a marcha do inimigo. A *preparação do evangelho da paz* significa uma disposição de ânimo preparada e resoluta, ou seja, dedicar-se ao evangelho e ficar fiel a ele, o que nos capacita a andar a passos firmes no caminho da fé, apesar das dificuldades e perigos desse caminho. Ele é chamado de o *evangelho da paz* porque traz toda sorte de paz: paz com Deus, conosco e com o próximo. Talvez também signifique aquilo que prepara o recebimento do evangelho, a saber, o arrependimento. Nossos pés precisam ser calçados com ela: porque ao viver uma vida de arrependimento, somos guarnecidos contra as tentações para pecar e os intentos do nosso grande inimigo. O Dr. Whitby acredita que este deve ser o sentido das palavras: "Para estarem prontos para o combate, vocês precisam calçar o evangelho da paz, esforçar-se para obter a mente pacífica e tranqüila que o evangelho requer. Não permitam ser facilmente provocados, nem inclinados a brigar: mas mostrem bondade e longanimidade a todas as pessoas, e isso certamente os preservará de muitas e grandes tentações e perseguições, como aqueles sapatos de bronze dos soldados os protegiam das ciladas no caminho". [4] A fé deve ser nosso escudo: "*...tomando sobretudo*, ou principalmente, *o escudo da fé*" (v. 16). Ele é mais necessário do que qualquer outra arma. A fé é tudo em todos em um momento de tentação. A couraça protege os órgãos vitais; mas com o escudo revertemos qualquer ataque. "*...esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé*" (veja 1 Jo 5.4). Precisamos estar completamente persuadidos da verdade em relação a todas as promessas e exortações de Deus. Esse tipo de fé é uma grande arma contra as tentações. Considere a fé como "*...a prova das coisas que se não vêem* e *o firme fundamento das coisas que se esperam*" (veja Hb 11.1). Ela certamente será muito útil para esse propósito. A fé, ao receber a Cristo e os benefícios da redenção, obtendo graça dele, é como um escudo, um tipo de defesa universal. Nosso inimigo, o Diabo, é aqui chamado de *maligno*. Ele é maligno e se empenha em tornar-nos malignos. Suas tentações são chamadas de *dardos* por causa da sua velocidade e do vôo não reconhecido, além das profundas feridas que deixam na alma; *dardos inflamados*, fazendo alusão aos dardos venenosos que

costumavam inflamar as partes do corpo que eram atingidas por eles, como as serpentes com suas picadas venenosas são chamadas de serpentes ardentes. Os dardos que Satanás atira em nós são as tentações violentas, incitando a alma ao fogo do inferno. A fé é o escudo que devemos usar para extinguir esses dardos inflamados, tornando-os ineficazes, não nos atingindo, ou pelo menos não nos ferindo. Observe: A fé agia na Palavra de Deus, e, ao aplicá-la, agia sobre a graça de Cristo, extinguindo os dardos da tentação. [5] A salvação deve ser nosso capacete (v. 17); isto é, *esperança*, que tem a salvação como seu objetivo, como consta em 1 Tessalonicenses 5.8. O capacete protege a cabeça. Uma boa esperança de salvação, bem fundada e bem edificada, purificará a alma e a guardará de ser corrompida por Satanás, e a confortará e a guardará de ser importunada e atormentada por Satanás. Ele procuraria nos tentar até desesperarmos. Mas a boa esperança nos mantém confiando em Deus e regozijando-nos nele. [6] A Palavra de Deus é a espada do Espírito. A espada é uma parte muito necessária e útil do equipamento do soldado. A Palavra de Deus é muito necessária e de grande proveito ao cristão, para suportar a guerra espiritual e ser bem-sucedido nela. Ela é chamada de "*...a espada do Espírito*", porque é a ditada pelo Espírito e Ele a torna eficaz e poderosa e "*...mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes*". Como no caso da espada de Golias, não há outra igual; com ela atacamos os agressores. Os argumentos das Escrituras são os argumentos mais poderosos para repreender a tentação. O próprio Cristo resistiu às tentações de Satanás com ela: "*Está escrito*" (Mt 4.4,6,7,10). A Palavra de Deus escondida no coração nos protegerá do pecado (Sl 119.11) e mortificará e matará essas concupiscências e corrupções que estão latentes ali. [7] A oração deve estar atada a todas as outras partes da nossa armadura cristã (v. 18). Devemos unir a oração com todas essas virtudes, para nossa defesa contra esses inimigos espirituais, implorando a ajuda e o socorro de Deus, conforme a necessidade do momento: e sempre devemos orar. Não que não devamos fazer nada além de orar, porque há outras obrigações da religião e das nossas respectivas posições no mundo que precisam ser feitas no seu lugar e época; mas deveríamos manter constantes períodos de oração e ser constantes nelas. Devemos orar em todas as ocasiões e sempre que nossas necessidades ou as de outros assim o requererem. Devemos sempre conservar uma disposição para orar e devemos misturar orações fervorosas com outros deveres e interesses comuns. Embora as orações solenes e convencionais possam às vezes parecer sem motivo (como quando outras obrigações precisam ser realizadas), no entanto orações fervorosas e piedosas nunca *podem* ser assim. Devemos orar "*...com toda oração e súplica*", com todos os tipos de oração: pública, privada, secreta, social e solitária, solene e repentina; com todas as partes da oração: confissão de pecado, petição por misericórdia, e ações de graça pelos favores recebidos. Devemos orar "*...no Espírito*"; nossos espíritos devem estar envolvidos nessa tarefa e devemos fazê-lo pela unção do bom Espírito de Deus. Devemos vigiar nisso, esforçando-nos para manter nosso coração em uma disposição de oração e aproveitar todas as ocasiões para essa função: devemos vigiar todos os movimentos do nosso coração em relação a essa função. Quando Deus diz: "*Buscai o meu rosto*", nosso coração precisa concordar (Sl 27.8). Devemos fazê-lo "*...com toda perseverança*". Devemos persistir no dever da oração, independentemente da mudança que possa haver em nossas circunstâncias exteriores; e devemos continuar com essa atitude enquanto vivermos no mundo. Devemos perseverar na oração particular; não abreviando-a, quando nosso coração está disposto a estendê-la e quando houver tempo e necessidade para tal. Também devemos perseverar em pedidos particulares, apesar de alguns desalentos e repulsas atuais. E devemos orar com *súplica*, não somente por nós mesmos, mas "*...por todos os santos*". Porque somos membros uns dos outros. Considere isso: Ninguém é tão santo e está em tão boa condição neste mundo que não necessite das nossas orações; por isso devemos continuar orando. O apóstolo passa então à conclusão da epístola.

A Conclusão

vv. 19-24

Aqui:

I O apóstolo deseja as orações dos efésios por ele (v. 19). Tendo mencionado "*...súplica por todos os santos*", ele se coloca entre eles. Devemos orar por todos os santos, especialmente pelos ministros fiéis de Deus. "*Irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada*" (veja 2 Ts 3.1). Observe o que ele gostaria que orassem a seu favor: "A fim de que Deus me dê a mensagem certa; para que eu seja liberto das minhas limitações atuais, e assim tenha a liberdade de propagar a fé em Cristo; para que tenha a habilidade de expressar-me de uma maneira adequada e conveniente; para que, quando eu falar, fale com coragem, isto é, para que apresente todo o conselho de Deus, sem qualquer medo, vergonha ou parcialidade". "*...fazer notório o mistério do evangelho*"; alguns entendem que o apóstolo se refere à parte do evangelho que diz respeito ao chamado dos gentios, que tinha sido ocultado até então, como um mistério. Mas todo o evangelho era um mistério, até ser conhecido pela revelação divina; e é a obra dos ministros de Cristo publicá-lo. Observe: Paulo tinha um grande domínio da língua; eles o chamaram de Mercúrio, porque era o orador principal (At 14.12), e mesmo assim pediu para que seus amigos orassem a Deus para conceder-lhe o dom da oratória. Ele era um homem de grande coragem e muitas vezes se distinguiu como tal; no entanto, pediu para que orassem a fim de que Deus lhe desse ousadia. Ele sabe o que dizer como qualquer outro homem; no entanto, deseja que orem por ele, para que fale "*...como me convém falar*". O argumento que usa para reforçar seu pedido é que por causa do evangelho ele é um "*...embaixador em cadeias*" (v. 20). Ele está sendo perseguido e foi preso pelo fato de pregar o evangelho; apesar disso, continuou na missão diplomática confiada a ele por Cristo, e persistiu em pregar o evangelho. Observe: 1. Não é novidade para os ministros de Cristo estarem em cadeias. 2. É difícil para eles falarem corajosamente quando esse é o caso. 3. Os melhores e mais notáveis ministros têm necessidade das

orações dos verdadeiros cristãos e serão beneficiados por elas; e, portanto, deveriam sinceramente desejá-las.

II O apóstolo recomenda Tíquico a eles (vv. 21,22). Ele o enviou com esta epístola para que possa familiarizá-los com aquilo de que as outras igrejas tinham sido informadas, a saber, o que ele fazia, como era tratado pelos romanos em suas cadeias e como se comportava nessas circunstâncias atuais. É importante para ministros genuínos que seus amigos cristãos conheçam seu estado e que estes se familiarizem com a condição deles. Dessa forma, eles podem ser uma ajuda mútua mais eficaz nas orações. "...*e ele console os vossos corações*", por meio da apresentação desse relato dos seus sofrimentos, dos motivos e da sua disposição mental e seu comportamento no meio deles. Isso poderia prevenir o esmorecimento deles diante dessas tribulações e encher o coração deles de alegria e ações de graças. Ele revela que Tíquico era um "...*irmão amado e fiel ministro do Senhor*". Ele era um cristão sincero, e, portanto, um irmão em Cristo: ele era um ministro fiel na obra de Cristo e muito precioso para Paulo. Isso torna o amor de Paulo por esses cristãos efésios ainda mais notável, a ponto de desfazer-se de um amigo tão precioso e leal por amor a eles, quando sua companhia devia ser peculiarmente aprazível e útil. Mas os servos fiéis de Jesus Cristo têm como praxe preferir o bem-estar público aos seus interesses pessoais e particulares.

III Ele conclui com saudações e orações por eles, e não somente por eles, mas por todos os irmãos (vv. 23,24). Sua bênção costumeira era: *Graça e paz*. Aqui ele escreve: "*Paz seja com os irmãos e caridade com fé*". Por paz devemos entender todo tipo de paz – paz com Deus, paz com a consciência, paz entre eles. E toda prosperidade exterior está incluída nessa palavra; como se ele tivesse dito: "Desejo a continuidade e aumento de toda felicidade para vocês". "...*e caridade com fé*". Isto, em parte, explica o que ele quer dizer no versículo seguinte sobre a graça; não somente graça na fonte, ou o amor e favor de Deus, mas graça em profusão, a graça do Espírito fluindo desse princípio divino, fé e amor incluindo todo o resto. É a continuidade e aumento desses aspectos que ele deseja para eles, em quem essas coisas já haviam começado. Segue-se: "...*de Deus Pai...*". Toda graça e bênçãos são obtidas de Deus para todos os santos, pelo mérito e intercessão de Jesus Cristo, nosso Senhor. A bênção final é mais extensa do que a anterior. Aqui ele ora por todos os verdadeiros crentes em Éfeso e em todo lugar. O amor ao nosso Senhor Jesus Cristo é o caráter incontestável de todos os santos. Nosso amor a Cristo só é aceitável se for sincero: na verdade, não é possível amar a Cristo, independentemente do que o homem possa simular, sem que haja sinceridade. As palavras podem ser entendidas da seguinte forma: *Graça seja com todos os que amam o nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível*, que continuam constantes em seu amor por Ele, para não serem corrompidos por qualquer tipo de engodo ou sedução, e cujo amor por Ele não é corrompido por qualquer desejo contrário, ou pelo amor por qualquer coisa desagradável a Ele. Graça, isto é, o favor de Deus, e todo bem-estar (espiritual e temporal), isto é, o fruto disso, são e serão com todos aqueles que amam o Senhor Jesus Cristo dessa forma. O desejo e a oração de todo aquele que ama a Cristo são para que isso ocorra com todos os seus irmãos cristãos. *Amém*, que assim seja.

FILIPENSES

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Filipos era uma cidade importante na parte ocidental da Macedônia, *prote tes meridos tes Makedonias polis* (At 16.12). O nome dessa cidade tem sua origem em Filipe, o famoso rei da Macedônia, que a restaurou e a embelezou, tornando-se mais tarde uma colônia romana. Perto desse lugar havia os *Campi Philippici*, conhecidos pelas famosas batalhas entre Júlio César e Pompeu, o Grande, e as batalhas entre Augusto e Antônio de um lado e Cássio e Brutus do outro. Mas ela é mais digna de nota entre os cristãos por causa dessa epístola, que foi escrita quando Paulo era prisioneiro em Roma, em 62 d.C. Paulo parece ter tido um carinho muito especial pela igreja de Filipos, que ele próprio plantou; e, embora tivesse um *cuidado por todas as igrejas*, tinha um cuidado especial e paterno por essa. Quando Deus nos incumbe de fazer o bem a alguém, deveríamos nos sentir animados a tentar fazer o melhor possível. Ele tratava os filipenses como se fossem seus filhos, e, pelo fato de tê-los *gerado pelo evangelho*, ele tinha o desejo, pelo mesmo evangelho, de nutri-los e cuidar deles.

I Ele recebeu um chamado extraordinário para pregar o evangelho em Filipos (At 16.9). Paulo teve uma visão à noite: "*...se apresentava um varão da Macedônia e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos!*" Ele viu Deus indo à sua frente e foi encorajado a usar todos os meios para continuar a boa obra que tinha começado no meio deles e edificar sobre o fundamento que tinha sido colocado.

II Ele sofreu muito em Filipos; o apóstolo foi açoitado, e seus pés foram colocados no tronco (At 16.23,24). No entanto, seu carinho pelo lugar não diminuiu apesar das dificuldades que passou ali. Nunca devemos amar menos os nossos amigos por causa do mau tratamento que recebemos dos nossos inimigos.

III O começo dessa igreja foi muito pequeno; Lídia se converteu ali, além do carcereiro e alguns outros. No entanto, isso não o desanimou. Se o início não é auspicioso, isso poderá ocorrer mais tarde, e as últimas obras podem ser mais abundantes. Não devemos ficar desanimados com inícios humildes.

IV Parece, a partir de muitas passagens nesta epístola, que essa igreja em Filipos se tornou uma igreja próspera. Também podemos notar a bondade que os irmãos tinham pelo apóstolo Paulo. Ele tinha colhido das coisas temporais deles e fez uma retribuição em coisas espirituais. Ele agradece o recebimento de um presente que enviaram a ele (cap. 4.18); isso ocorreu quando nenhuma outra igreja se comunicou com ele "*...com respeito a dar e a receber*" (v. 15); e nessa epístola, ele lhes dá uma recompensa de profeta e apóstolo que vale muito mais do que ouro e prata.

CAPÍTULO 1

Ele começa com a dedicatória e a bênção (vv. 1,2). Em seguida agradece a vida dos santos em Filipos (vv. 3-6). Ele fala do seu grande amor e preocupação pelo bem-estar espiritual deles (vv. 7,8), suas orações por eles (vv. 9-11), seu cuidado para impedir que se escandalizem por seus sofrimentos (vv. 12-20), sua prontidão em glorificar a Cristo por meio da vida ou da morte (vv. 21-26). Então conclui com uma exortação dupla à seriedade e à constância (vv. 27-30).

A Bênção Apostólica
vv. 1,2

Lemos aqui a saudação e a bênção. Observe:

I As pessoas que escreveram a epístola: "*Paulo e Timóteo*". Embora Paulo tenha sido inspirado divinamente como nenhum outro, aqui ele se une a Timóteo para expressar sua própria humildade e exaltá-lo. As pessoas maduras, fortes e notáveis deveriam honrar e

encorajar as pessoas mais jovens, vulneráveis e com menos reputação. "...*servos de Jesus Cristo*"; não somente no comportamento costumeiro dos seus discípulos, mas na obra peculiar do ministério, o alto ofício de um apóstolo e de um evangelista. A honra mais elevada do maior apóstolo e dos ministros mais notáveis é serem servos de Jesus Cristo; não senhores das igrejas, mas servos de Cristo. Observe:

II As pessoas a quem a epístola é dirigida: 1. "...*a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos*". Ele menciona a igreja antes dos ministros, porque os ministros são para a igreja, para a edificação e benefício dela, não a igreja para os ministros, para a dignidade, domínio e riqueza deles. "...*não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo*" (2 Co 1.24). Eles não são somente servos de Cristo, mas servos da igreja por amor a Ele. "...*e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus*" (2 Co 4.5). Considere isso: Os cristãos aqui são chamados santos; separados para Deus, ou santificados pelo seu Espírito, ou por profissão visível ou santidade real. E aqueles que não são realmente santos na terra nunca serão santos no céu. Observe: A epístola é dirigida "...*a todos os santos*", mesmo os mais desprezíveis, insignificantes e com um mínimo de dons. Cristo não faz acepção; o rico e o pobre se encontram nele: e os ministros não devem fazer acepção no seu cuidado e ternura para com as pessoas. Não devemos ter "...*a fé de nosso Senhor Jesus Cristo,* Senhor *da glória, em acepção de pessoas*" (Tg 2.1). *Santos em Cristo Jesus*; os santos são aceitos somente pelo fato de estarem em Cristo Jesus, ou de serem cristãos. À parte de Cristo, os melhores santos serão pecadores e incapazes de comparecer diante de Deus. 2. Ela é dirigida aos ministros ou oficiais da igreja: "...*com os bispos e diáconos*", os bispos e anciãos, em primeiro lugar, cuja função era ensinar e governar, e os diáconos, ou supervisores dos pobres, que cuidavam dos negócios externos da casa de Deus: as instalações, os utensílios, a manutenção dos ministros e a provisão dos pobres. Estes eram todos os "cargos" conhecidos na igreja e que eram de escolha divina. O apóstolo, na sua epístola a uma igreja cristã, reconhece apenas duas classes, que ele chama de bispos e diáconos. Portanto, toda pessoa que entenda que os mesmos atributos e títulos, as mesmas qualificações, os mesmos procedimentos do cargo e a mesma honra e respeito são atribuídos em todo o Novo Testamento àqueles que são chamados de bispos e presbíteros (de acordo com o Dr. Hammond e outros comentaristas conhecidos), terão dificuldades em dispô-los em cargos diferentes ou classes distintas de ministério nos tempos bíblicos.

III A bênção apostólica: "...*graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*" (v. 2). Esta é a mesma bênção, quase palavra por palavra, em todas as epístolas, para ensinar-nos que não devemos ser acanhados em relação a formas, embora não devamos estar presos a elas, especialmente àquelas que não são bíblicas. A forma no Antigo Testamento é expressa como bênção (Nm 6.23-26): "*Assim abençoareis os filhos de Israel, dizendo-lhes: O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz*". Assim, no Novo Testamento, o bem-estar que se deseja é o bem-estar espiritual: *graça e paz* – o favor livre e a benevolência de Deus, e todos os frutos e resultados abençoados dele, e isso "...*da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*", conjuntamente, embora de maneira diferente. Observe: 1. Sem graça não há paz. A paz interior surge de um senso de favor divino. 2. Graça e paz somente de Deus, nosso Pai, a fonte de todas as bênçãos: o "...*Pai das luzes*", de quem vem "...*toda boa dádiva e todo dom perfeito*" (Tg 1.17). 3. Graça e paz somente de Deus, nosso Pai, e em nosso Senhor Jesus Cristo e por meio dele. Cristo, como Mediador, é o canal de transferência de todas as bênçãos espirituais para a igreja e é Ele quem conduz a distribuição delas a todos os seus membros.

A Gratidão e Alegria do Apóstolo

vv. 3-6

O apóstolo prossegue, depois da dedicatória e da bênção, às ações de graças pelos santos em Filipos. Ele anuncia o motivo da sua gratidão a Deus em relação a eles. Observe aqui:

I Paulo lembrava-se deles: ele pensava muito neles; e embora não os pudesse ver e estivesse longe deles, eles não estavam distantes da sua mente; ou: "...*todas as vezes que me lembro de vós*" – *epi pase te mneia*, já que ele pensava neles com freqüência, falava deles com freqüência e deleitava-se em falar deles. O simples fato de mencioná-los trazia alegria ao seu coração; é um prazer ouvir do bem-estar de um amigo ausente.

II Ele lembrava-se deles com alegria. Em Filipos o apóstolo foi maltratado; lá ele foi açoitado e colocado no tronco, e por ora via pouco do fruto do seu trabalho; e mesmo assim ele lembra de Filipos com alegria. Ele entendia que seus sofrimentos por Cristo eram uma honra, consolo e sua coroa, e sentia satisfação toda vez que o lugar onde sofreu era mencionado. Ele não tinha nem mesmo um pouco de vergonha deles, nem aversão ao ouvir falar da cena dos seus sofrimentos. Na verdade, ele lembrava de tudo com alegria.

III Ele lembrava-se deles em oração: "...*fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas*" (v. 4). A melhor forma de lembrar dos nossos amigos é fazê-lo diante do trono da graça. Paulo orava muito por todos os seus amigos, mas por esses de uma maneira particular. Pelo que tudo indica, por essa maneira de expressão, ele mencionou por nome diante do trono da graça as muitas igrejas pelas quais estava interessado e preocupado de uma maneira especial. Em certos períodos, ele orava de maneira especial pela igreja de Filipos. Deus permite que tenhamos liberdade com Ele, ainda que, para o nosso consolo, saiba quem temos em mente mesmo quando não os mencionamos.

IV Ele agradeceu a Deus cada lembrança alegre deles. Observe: As ações de graças devem fazer

parte de cada oração: e, qualquer que seja o motivo de nossa alegria, também deve ser o motivo de nossa gratidão. Deus deve receber a glória daquilo que traz consolo ao nosso coração. Ele agradeceu a Deus, mas também fez petição com alegria. Da mesma forma que a alegria santa é o coração e a alma do louvor agradecido, assim o louvor agradecido é a língua da alegria santa.

Tanto em nossas orações quanto em nossas ações de graças, devemos ver Deus como nosso Deus. A gratidão nos anima na oração e expande o coração em louvor, ao ver cada misericórdia vindo da mão de Deus como nosso Deus. "*Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós*". Devemos agradecer ao nosso Deus as graças e consolos, os dons e utilidade dos outros, à medida que recebemos o benefício deles e Deus recebe a glória por eles. Mas qual é o motivo dessas ações de graças? 1. Ele agradece a Deus o consolo que tinha neles: "...*pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora*" (v. 5). Observe: A cooperação do evangelho é uma boa cooperação; e os cristãos mais insignificantes cooperam no evangelho com os maiores apóstolos, porque a salvação do evangelho é uma "...*comum salvação*" (Jd 3), e eles "...*alcançaram fé igualmente preciosa*" (2 Pe 1.1). Aqueles que sinceramente recebem e aceitam o evangelho têm comunhão nele *desde o primeiro dia*: um cristão nascido de novo está interessado em todas as promessas e privilégios do evangelho desde o primeiro dia da sua vida. "...*até agora*". Considere isso: É um grande consolo para os ministros quando as pessoas que começam bem continuam e perseveram. Alguns, por sua *cooperação no evangelho*, entendem sua liberalidade em propagar o evangelho e não traduzem *koinonia* por *comunhão*, mas por *comunicação*. Mas, comparando essa palavra com as ações de graças de Paulo pelas outras igrejas, parece significar de forma mais geral a comunhão que tinham na fé, na esperança, no amor santo, com todos os cristãos sinceros – uma comunhão (cooperação) nas promessas, ordenanças, privilégios e esperanças do evangelho; e isso "...*desde o primeiro dia até agora*". 2. Pela confiança que tinha neles (v. 6): "*Tendo por certo isto mesmo...*". Observe: A confiança dos cristãos é o grande consolo deles, e podemos extrair motivos de louvor das nossas esperanças bem como das nossas alegrias; devemos dar graças não somente pelas posses e evidências presentes, mas também pelas perspectivas futuras. Paulo fala com muita confiança acerca do bom estado dos outros, estando certo de que se fossem sinceros em relação à caridade e à fé, seriam felizes: "...*que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo*". Uma boa obra *entre vós – en hymin*, assim pode ser lido; entendamos isso, de modo geral, acerca da implantação da igreja entre eles. Aquele que implantou o cristianismo no mundo o preservará enquanto este mundo existir. Cristo terá uma igreja até que o mistério de Deus seja concluído, e o corpo místico, completado. A igreja é edificada sobre uma rocha, "...*e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*". Mas isso se deve aplicar a pessoas específicas e é uma referência à realização certa da obra da graça onde quer que tenha sido iniciada. Observe aqui: (1) A obra da graça é uma boa obra, uma obra abençoada; porque nos torna bons e é uma garantia do que é bom para nós. Ela nos torna semelhantes a Deus e nos prepara para o gozo de Deus. Aquilo que nos faz o maior bem certamente pode ser chamado de boa obra. (2) Sempre que essa boa obra foi começada ela foi começada por Deus: "...*aquele que em vós começou a boa obra*". Não poderíamos começá-la por conta própria, porque por natureza estamos "...*mortos em ofensas e pecados*": e o que as pessoas mortas podem fazer para reviver; ou como podem começar a agir, antes que estejam vivas novamente, estando mortas agora? É Deus quem vivifica aqueles que estão mortos (Ef 2.1; Cl 2.13). (3) A obra da graça começou nesta vida, mas não termina aqui. Enquanto estamos neste estado imperfeito ainda precisa ser feita mais alguma coisa. (4) Se o mesmo Deus que começa a boa obra não se encarrega de levá-la adiante e terminá-la, ela permaneceria para sempre incompleta. Aquele que começou deve concluí-la. (5) Podemos estar confiantes, ou convencidos, de que Deus não desistirá, mas que terminará e coroará a obra das suas mãos. Porque "...*a obra de Deus é perfeita*". (6) A obra da graça jamais se tornará perfeita *até ao Dia de Jesus Cristo*, o dia da sua aparição. Quando Ele vier julgar o mundo, e concluir sua mediação, então essa obra será completada e a pedra-angular será suscitada com júbilo. Temos a mesma expressão (v. 10).

A Afeição e Esperança do Apóstolo

vv. 7,8

O apóstolo expressa a afeição ardente e sua preocupação pelo bem-estar espiritual deles: "...*vos retenho em meu coração*" (v. 7). Ele os amava como a sua própria alma, e eles estavam próximos do seu coração. Ele pensava muito neles e estava preocupado com eles. Observe: 1. O motivo de retê-los em seu coração: "...*pois todos vós fostes participantes da minha graça, tanto nas minhas prisões como na minha defesa e confirmação do evangelho*"; isto é, eles tinham sido auxiliados por ele e pelo seu ministério; eles foram participantes da graça de Deus que por ele, e por meio de suas mãos, foi comunicada a eles. Isso torna as pessoas preciosas para os seus ministros. Ou: "*Vós fostes participantes da minha graça*; vós estivestes unidos comigo tanto no fazer quanto no sofrer". Eles eram participantes da sua aflição por compaixão e preocupação e estavam prontos a ajudá-lo. Isso ele chama de participantes da sua graça; porque aqueles que sofrem com os santos são e serão consolados por eles; e aqueles que levam sua parte da carga também participarão da recompensa. Ele os amava porque eles participaram das suas prisões e na "...*defesa e confirmação do evangelho*": eles estavam tão dispostos a defender o evangelho quanto o apóstolo; por essa razão, ele os retinha em seu coração. Companheiros de infortúnio devem ser amáveis uns com os outros. Aqueles que se arriscam e sofrem pela mesma causa de Deus e do evangelho devem por essa razão amar uns aos outros ternamente: ou, porque *vós me retendes no coração – dia to echein me en te kardia humas*. Eles manifestaram seu respeito por ele ao apoiarem firmemente a doutrina que ele pregava e estarem prontos a sofrer com

ele. O sinal mais claro de respeito em relação aos nossos ministros é receber e permanecer na doutrina que pregam. 2. A evidência de retê-los em seu coração: "*Como tenho por justo sentir isto de vós todos, porque vos retenho em meu coração*". Assim ficou claro que ele os trazia em seu coração, porque tinha uma boa opinião deles e uma boa esperança em relação a eles. Observe: É bem correto pensar o melhor das pessoas, da melhor forma possível. 3. Um apelo a Deus concernente à verdade disso (v. 8): "*Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho*". Pelo fato de tê-los no coração, ele tinha saudades deles, desejava vê-los, desejava ouvir deles, ou desejava o bem-estar espiritual deles, bem como o crescimento e progresso deles no conhecimento e na graça. Ele se alegrava neles (v. 4), por causa do bem que via e ouvia acerca deles; e, mesmo assim, ele tinha saudades deles, desejando ouvir mais acerca deles; e ele tinha *saudades de todos eles*, não somente daqueles que eram perspicazes e ricos, mas mesmo dos mais insignificantes e pobres; e ele tinha muitas saudades deles em "...*entranhável afeição de Jesus Cristo*", com a mesma preocupação carinhosa que Cristo tem mostrado às almas preciosas. Nisso, Paulo era um seguidor de Cristo, e todos os bons ministros deveriam ter o mesmo objetivo: essa terna compaixão que Jesus Cristo tem para com as pobres almas. Foi por compaixão deles que o Senhor incumbiu-se da sua salvação, dispondo-se a um sacrifício tão incomensurável para alcançá-la. Assim, em conformidade com o exemplo de Cristo, Paulo tinha compaixão deles, e tinha saudades de todos eles, "...*em entranhável afeição de Jesus Cristo*". Não deveríamos também compadecer-nos e amar as almas por quem Cristo teve amor e compaixão tão grandes? Para isso, o apóstolo apela a Deus: "...*Deus me é testemunha*". Era um sentimento íntimo que ele expressou por eles, da sinceridade da qual somente Deus era testemunha, e, portanto, é a Ele que o apóstolo apela. "Quer vocês o saibam ou estejam conscientes disso ou não, Deus, que conhece o coração, o sabe".

A Afeição e Esperança do Apóstolo

vv. 9-11

Esses versículos contêm as orações que o apóstolo fez por eles. Com freqüência, Paulo fazia questão que os amigos soubessem o que ele pedia a Deus em favor deles. Dessa forma, eles saberiam o que deveriam pedir por si mesmos e ser dirigidos em suas próprias orações. Assim seriam encorajados a crer que receberiam de Deus a graça vivificadora, fortalecedora, eterna e confortadora, que um intercessor tão poderoso quanto Paulo pedia a Deus em favor deles. É alentador saber que nossos amigos oram por nós, aqueles que, assim pensamos com razão, têm a sua porção diante do trono da graça. O apóstolo também orava por direção na caminhada deles e para que se esforçassem para responder às suas orações por eles; porque dessa forma ficaria claro que Deus as havia respondido. Ao orar dessa forma por eles, Paulo esperava o bem-estar deles. Deveríamos ter o desejo de cumprir nosso dever, para não desapontarmos as expectativas de amigos e ministros que oram por nós. Ele orou: 1. Para que eles fossem um povo amoroso: "...*que a vossa caridade aumente mais e mais*". Ele fala aqui do amor deles por Deus, uns pelos outros e por todos os homens. O amor é o cumprimento da lei e do evangelho. Observe: Aqueles que já são dotados de muita graça têm a necessidade de ter cada vez mais, porque ainda continua faltando alguma coisa, e somos imperfeitos em nossas melhores realizações. 2. Para que eles fossem um povo bem criterioso e sensato: que o amor pudesse aumentar "...*em ciência e em todo o conhecimento*". Não é um amor cego que nos recomendará a Deus, mas um amor fundamentado na ciência e no conhecimento. Devemos amar a Deus por causa da sua excelência e amabilidade infinita, e amar nossos irmãos por causa do que vemos da imagem de Deus neles. Emoções fortes, sem ciência e um conhecimento firme, não nos tornarão completos na vontade de Deus, e, às vezes, fazem mais mal do que bem. Os judeus tinham um zelo por Deus, mas não de acordo com o conhecimento, e eram levados por meio desse zelo à violência e raiva (Rm 10.2; Jo 16.2). 3. Para que eles fossem um povo capaz do correto discernimento. Esse seria o resultado da sua ciência e conhecimento: "*Para que aproveis as coisas excelentes*" (v. 10); ou, como está na margem: *Proveis as coisas que diferem, eis to dokimazein humas ta diapheronta*, para que possamos aprovar as coisas que são excelentes ao provarmos e discernirmos sua diferença de outras coisas. Considere isso: As verdades e leis de Cristo são coisas excelentes; é necessário que cada um de nós as aprove e respeite. Apenas devemos prová-las para aprová-las; e elas facilmente se tornarão atraentes a qualquer mente perscrutadora e discernidora. 4. Fossem um povo honesto e justo: "...*para que sejais sinceros*". A sinceridade é a perfeição do nosso evangelho, que deveria nortear nosso comportamento no mundo, que é a glória de todas as nossas virtudes. Quando somos genuínos com Deus naquilo que fazemos e realmente somos o que aparentamos ser, então somos sinceros. 5. Fossem um povo inofensivo: "...*e sem escândalo algum até ao Dia de Cristo*", sem se ofender e muito cuidadoso para não ofender a Deus ou aos irmãos, e, sim, "...*andar diante de Deus com toda a boa consciência*" (At 23.1); e "...*sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens*" (At 14.16). E devemos continuar *irrepreensíveis* até o fim, para que possamos ser apresentados dessa forma no *Dia de Cristo*. Ele apresentará a igreja "...*sem mácula, nem ruga*" (Ef 5.27), e *apresentará* os crentes "...*irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória*" (Jd 24). 6. Fossem um povo útil e produtivo (v. 11): "...*cheios de frutos de justiça...*". Nosso fruto se acha em Deus, e, portanto, devemos pedi-lo a Ele. Os *frutos de justiça* são as evidências e resultados da nossa santificação, os deveres da santidade fluindo de um coração renovado, *a raiz da acusação em nós* (veja Jó 19.28). "...*cheios de frutos de justiça*". Observe: Aqueles que fazem muitas coisas boas deveriam continuar se esforçando para fazer ainda mais. Os frutos da justiça, produzidos para a glória de Deus e para a edificação da sua igreja, deveriam realmente nos encher e nos animar completamente. Não temam ser esvaziados ao produzir os frutos da justiça, porque vocês serão cheios com eles. Esses frutos "...*são por Jesus Cristo*", pela sua força e graça, porque sem Ele nada podemos fazer.

Ele é a raiz da boa oliveira, de onde se tira a fertilidade. Somos fortes "*...na graça que há em Cristo Jesus*" (2 Tm 2.1), e "*...corroborados com poder pelo seu Espírito*" (Ef 3.16), para glória e louvor de Deus. Não devemos desejar a nossa própria glória ao darmos frutos, mas a "*...glória e o louvor de Deus*", para que "*...em tudo Deus seja glorificado*" (1 Pe 4.11), e devemos "*...fazer tudo para a glória de Deus*" (1 Co 10.31). Deus fica honrado quando os cristãos não são bons somente, mas fazem o bem e *enriquecem em boas obras* (veja 1 Tm 6.18).

O Êxito e Alegria do Apóstolo

vv. 12-20

Vemos aqui o cuidado que o apóstolo tem para evitar que os filipenses se escandalizassem com os seus sofrimentos. Ele era agora um prisioneiro em Roma; isso podia ser uma pedra de tropeço para aqueles que tinham recebido o evangelho pelo seu ministério. Eles podiam ser tentados a pensar: Se essa doutrina fosse, de fato, de Deus, Ele não permitiria que esse que foi tão ativo e útil na pregação e propagação do evangelho passasse por tanto sofrimento e fosse lançado fora como um vaso quebrado e desprezado. Eles poderiam ter dificuldades em adotar essa mesma doutrina, com medo de passarem pelos mesmos problemas de Paulo. Para tirar o escândalo da cruz, ele expõe esse capítulo escuro e difícil dos seus sofrimentos e torna-o muito fácil, inteligível e reconciliável com a sabedoria e bondade do Deus que o chamou para essa obra.

I Ele sofreu pelos inimigos declarados do evangelho, que o colocaram na prisão e tinham como alvo tirar a sua vida. Mas os filipenses não deveriam hesitar por causa disso, porque isso redundou em bênçãos e serviu para o avanço do evangelho (v. 12): "*...as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho*". Que estranha Providência essa: extrair um bem tão grande na propagação do evangelho de um infortúnio tão desastroso como a prisão do apóstolo: "*...sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa* (2 Tm 2.9). Eles não podem aprisionar a Palavra de Deus; ela segue o seu livre curso, embora eu esteja preso".

1. Isso alertou aqueles que não conheciam a Palavra (v. 13): "*...as minhas prisões em Cristo*, ou por Cristo, *foram manifestas por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares*. O imperador, os cortesãos e os magistrados estão convencidos de que não estou sofrendo como um malfeitor, mas como um homem honesto, com uma boa consciência. Eles sabem que sofro por Cristo, e não por causa de alguma maldade". Observe: (1) Os sofrimentos de Paulo o tornaram conhecido em toda a corte, onde, talvez, de outra forma, ele nunca teria sido conhecido. Isso poderia fazer com que alguns indagassem a respeito do evangelho pelo qual ele sofria, e do qual, de outra forma, talvez nunca tivessem ouvido. (2) Quando suas prisões foram manifestas no palácio, elas se divulgaram em todos os outros lugares. *Os sentimentos da corte têm uma grande influência nos sentimentos de todo o povo – Regis ad exemplum totus componitur orbis.*

2. Isso encorajou aqueles que estavam dentro. Enquanto os inimigos estavam chocados com os seus sofrimentos, seus amigos foram encorajados por eles. "*...os retos pasmarão disto, e o inocente se levantará contra o hipócrita. E o justo seguirá o seu caminho firmemente, e o puro de mãos irá crescendo em força*" (Jó 17.8,9). Foi isso que ocorreu aqui: "*...muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões*" (v. 14). A expectativa de problemas na prática cristã, em geral, talvez os estivesse desanimando e desencorajando; mas, quando viram Paulo preso por amor a Cristo, eles não estavam mais atemorizados em pregar a Cristo e louvar o seu nome; na verdade, isso os tornou mais ousados; porque eles podiam solidariamente sofrer junto com Paulo. Se fossem levados do púlpito para a prisão, eles poderiam conformar-se com isso, porque estariam lá em muito boa companhia. Além disso, o consolo que Paulo tinha em seus próprios sofrimentos e suas extraordinárias consolações recebidas de Cristo em um estado sofredor os animaram grandemente. Eles viram que aqueles que serviam a Cristo serviam a um bom Mestre, que poderia sustentá-los e confirmá-los nos seus sofrimentos por Ele. *Tomando ânimo com as minhas prisões. Pepoithotas.* Eles estavam mais satisfeitos e persuadidos com o que viram. Observe o poder da graça divina; aquilo que foi intentado pelo inimigo para desanimar os pregadores do evangelho acabou resultando no crescimento do ânimo deles. E "*...ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor*": eles vêem o pior disso, e, portanto, não estão com medo de ousar. A confiança deles gerou coragem, e a coragem os preservou do poder do medo.

II Assim como sofreu por causa dos inimigos, sofreu também por causa dos falsos amigos (v. 15): "*...alguns pregam a Cristo por inveja e porfia*". Isso poderia ter sido uma pedra de tropeço e motivo de desânimo para alguns, que houvesse aqueles que invejavam a reputação de Paulo nas igrejas e a influência que tinha entre os cristãos, e buscavam suplantá-lo e solapá-lo. Eles ficaram satisfeitos no seu íntimo quando o apóstolo foi colocado na prisão; dessa forma, eles teriam uma melhor oportunidade para roubar a estima das pessoas. Dessa forma, eles se esforçaram ainda mais na pregação, para obterem a reputação que invejavam nele. Eles esperavam acrescentar aflição às suas prisões. Eles achavam que dessa forma poderiam entristecer o seu espírito e deixá-lo temeroso quanto à perda da sua influência, inquieto por causa da sua prisão e impaciente quanto à sua libertação. É triste haver pessoas que professam o evangelho, especialmente aquelas que o pregam, que são governadas por esses princípios, procurando aumentar as aflições de outros. Não estranhemos que em nossa época mais degenerada haja esse tipo de pessoas e intenções no seio da igreja cristã. No entanto, havia outros que foram animados com o sofrimento de Paulo a pregar a Cristo de maneira mais enérgica e veemente: "*...mas outros de boa mente*", e "*...por amor*". Com uma paixão sincera pelo evangelho, para que o trabalho não parasse quando o trabalhador estivesse impossibilitado de trabalhar. "*...sabendo que fui posto para defesa do evangelho*". Eles sabiam que Paulo tinha sido chamado a manter e propagar o evangelho no mundo, apesar

de toda a violência e oposição dos seus inimigos, e não desejavam que o evangelho sofresse com a sua reclusão. Isso os tornou ainda mais ousados na pregação do evangelho, para suprir sua falta de serviço na igreja.

III É comovente observar a sua tranqüilidade no meio de tudo isso: "*Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento, ou em verdade, nisto me regozijo e me regozijarei ainda*" (v. 18). Observe: A pregação de Cristo é a alegria de todos os que desejam seu reino a transbordar entre os homens. Uma vez que busca o bem de muitos, devemos nos alegrar nela, embora possa ser anunciada de maneira fingida. É prerrogativa de Deus julgar a motivação das pessoas ao anunciarem o evangelho. Isto não cabe a nós. Paulo não invejava em nada aqueles que tinham a liberdade de pregar o evangelho enquanto ele estava preso; por isso ele se regozijava na pregação do evangelho mesmo por aqueles que o faziam por fingimento e não em verdade. Quanto mais nós deveríamos nos alegrar na pregação do evangelho quando é realizada por aqueles que o anunciam em verdade, embora possa ser anunciada no meio de muita fraqueza e até de engano! Duas coisas faziam o apóstolo regozijar-se na pregação do evangelho:

1. Porque visava à salvação das almas: "*Porque sei que disto me resultará salvação*" (v. 19). Observe: Deus pode tirar coisas boas de situações ruins; e o que pode não resultar na salvação dos ministros pode, pela graça de Deus, resultar na salvação das pessoas. Que recompensa podem esperar aqueles que pregam a Cristo *por inveja ou contenda*, e ainda acrescentam aflição às cadeias de um ministro fiel, pessoas que pregam com fingimento em não em verdade? E, mesmo isso, pode resultar na salvação de outras pessoas; e a alegria de Paulo resultou na sua própria salvação. Esta é uma das coisas que *acompanham a salvação* – ser capaz de alegrar-se pelo fato de Cristo ser pregado, embora isso possa significar a nossa diminuição e reputação. Esse espírito nobre apareceu em João Batista, na primeira pregação pública de Cristo: "*Assim, pois, já essa minha alegria está cumprida. É necessário que ele cresça e que eu diminua* (Jo 3.29,30). Que Ele brilhe, embora eu seja ignorado; e sua glória seja exaltada, mesmo que isso redunde na minha decadência". Outros entendem essa expressão como a maldade dos seus inimigos sendo derrotada e contribuindo para a libertação do seu confinamento. "*...pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo*". Considere isso: Qualquer coisa que resulte na nossa salvação só ocorre pelo suprimento ou a ajuda do Espírito de Cristo; e a oração é o meio designado para alcançar esse suprimento. As orações das pessoas podem trazer um suprimento do Espírito aos seus ministros, para ajudá-los no sofrimento, bem como na pregação do evangelho.

2. Porque resultaria na glória de Cristo (v. 20). Aqui ele aproveita para mencionar sua completa devoção ao serviço e honra de Cristo: "*...segundo a minha intensa expectação e esperança, de que em nada serei confundido...*". Observe o seguinte: (1) O grande desejo de cada verdadeiro cristão é que Cristo seja engrandecido e glorificado, que seu nome seja engrandecido e seu Reino venha. (2) Aqueles que verdadeiramente desejam que Cristo seja engrandecido desejam que Ele seja *engrandecido no seu corpo*. Eles apresentam o seu "*...corpo em sacrifício vivo*" (Rm 12.1), e apresentam "*...os seus membros a Deus, como instrumentos de justiça*" (Rm 6.13). Eles estão dispostos a servir os seus desígnios, e serem um instrumento para sua glória, com cada membro do seu corpo, bem como com a aptidão da sua alma. (3) É para a glória de Cristo que o queremos servir, e não devemos ter vergonha dele; isso deve ocorrer em liberdade da mente e sem qualquer tipo de desânimo: "*...que em nada serei confundido; antes, com toda a confiança, Cristo será* [...] *engrandecido*". A ousadia dos cristãos é a honra de Cristo. (4) Aqueles que tornam a glória de Cristo seu desejo e desígnio podem torná-la sua expectativa e esperança. Se for almejada genuinamente, certamente será alcançada. Se orarmos com sinceridade: "*Pai, glorifica o teu nome*", podemos estar certos de que receberemos a mesma resposta de oração que Cristo recebeu: "*Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei*" (Jo 12.28). (5) Aqueles que desejam que Cristo seja engrandecido em seu corpo têm uma indiferença santa: "*...seja pela vida, seja pela morte*". Eles se submetem a Jesus para se tornarem úteis para a sua glória, quer pelos seus esforços ou sofrimentos, quer pela sua assiduidade ou paciência, quer pelo viver para sua honra trabalhando para Ele ou pelo morrer para sua honra sofrendo por Ele.

A Exultação Generosa do Apóstolo

vv. 21-26

Temos aqui um relato da vida e morte do bendito Paulo: sua vida era Cristo, e sua morte era ganho. Observe: 1. O caráter incontestável de cada cristão genuíno é que para ele o viver é Cristo. A glória de Cristo deve ser a finalidade da nossa vida, a graça de Cristo, o princípio dela, e a Palavra de Cristo, a regra dela. A vida cristã é derivada de Cristo e dirigida a Ele. Ele é o princípio, a regra e o fim dela. 2. Todos aqueles para quem o viver é Cristo, para eles o morrer *será ganho*: é um ganho magnífico, um ganho atual e um ganho eterno. A morte é uma grande perda para o homem mundano e carnal; porque ele perde todo o seu conforto e suas esperanças. Mas, para um cristão genuíno, a morte é ganho, porque é o fim de todas as suas fraquezas e misérias e o aperfeiçoamento do seu conforto e a realização das suas esperanças. A morte o liberta de todos os males da vida e o leva à posse do bem maior. Ou: "*...para mim* [...] *o morrer é ganho*"; isto é, "para o evangelho, bem como para mim mesmo, e isso receberá uma confirmação adicional pelo selo do meu sangue, como tinha antes pelo trabalho da minha vida". Assim, Cristo seria engrandecido pela sua morte (v. 20). Alguns entendem toda a expressão da seguinte forma: *Para mim, vivendo e morrendo, Cristo é ganho*; isto é, "não desejo nada além de ganhar a Cristo e ser achado nele, tanto na vida quanto na morte". Pode-se pensar que, se a morte era ganho para Paulo, ele estaria cansado da vida e ansioso para morrer. Não, diz ele:

I "*...se o viver na carne me der fruto da minha obra*" (v. 22). Para ele, Cristo era esse fruto. Ele entendia que sua obra poderia ser considerada bem produtiva se

ele pudesse ser um instrumento para o progresso da reputação e da influência do Reino de Deus no mundo. É o *fruto da minha obra – karpos ergou – operae pretium.* Vale a pena para o cristão genuíno e para o ministro genuíno viverem neste mundo enquanto puderem glorificar a Deus e fazer o bem à sua igreja. "*...não sei, então, o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto*". Paulo se encontrava em um aperto abençoado, não entre duas coisas más, mas entre duas coisas boas. Davi esteve em aperto por três julgamentos – espada, fome ou peste: Paulo estava em aperto entre duas bênçãos – viver para Cristo ou estar com Ele. Aqui o vemos argumentando consigo mesmo sobre essa questão.

1. Sua inclinação era para a morte. Veja o poder da fé e da graça divina; ele pode reconciliar a mente para a morte e tornar-nos dispostos a morrer, embora a morte seja a destruição da nossa natureza atual e o maior mal natural. Temos naturalmente uma aversão pela morte, mas ele tinha uma inclinação por ela (v. 23): "*...tendo desejo de partir e estar com Cristo*". Observe: (1) Para um homem bom, o estar com Cristo torna a partida desejável. Não é simplesmente morrer ou despir-se do corpo; em si mesma, e por sua própria causa, a morte não é uma coisa desejável; mas pode estar necessariamente conectada a algo que a torna desejável. Se não posso estar com Cristo sem partir, devo desejar partir para estar com Ele. (2) Assim que a alma parte, ela imediatamente está com Cristo. "*...hoje estarás comigo no Paraíso*" (Lc 23.43). "*...deixar este corpo, para habitar com o Senhor*" (2 Co 5.8), sem intervalo algum. "*...porque isto é ainda muito melhor*", *pollo gar mallon kreisson – muito mais excessivo,* ou *incomparavelmente melhor.* Aqueles que conhecem o valor de Cristo e do céu vão prontamente reconhecer que é muito melhor estar no céu do que estar nesse mundo, estar com Cristo do que estar com qualquer criatura; porque neste mundo somos rodeados de pecado, nascidos para enfrentar dificuldades, nascidos de novo para Ele; mas, se chegarmos a estar com Cristo, adeus pecado e tentação, adeus tristeza e sofrimento, para sempre.

2. Ele julgou melhor viver um pouco mais neste mundo, para o serviço da igreja (v. 24): "*Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne*". Para a igreja é necessário que haja ministros; e ministros fiéis não podem ser poupados quando "*...a seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros*" (veja Mt 9.37). Observe: Aqueles que têm mais motivos para partir deveriam estar dispostos a continuar no mundo enquanto Deus tiver uma obra para eles. O aperto de Paulo não era entre viver neste mundo e viver no céu; entre esses dois não há comparação. Mas seu aperto era entre servir a Cristo neste mundo e desfrutá-lo no outro. No entanto, seu coração continuava em Cristo. Para levar avante o interesse de Cristo e sua igreja, ele preferiu permanecer aqui, onde deparou com oposição e dificuldades, e negar a si mesmo, por um tempo, a gratificação da sua recompensa.

II "*E, tendo esta confiança, sei que ficarei e permanecerei com todos vós para proveito vosso e gozo da fé*" (v. 25). Observe aqui: 1. Paulo tinha uma grande confiança na Providência divina, e em que tudo contribuiria para o bem dele. "Tendo essa confiança de que será necessário para vocês que eu fique na carne, sei que ficarei". 2. Podemos estar certos de que Deus fará o que for melhor para a igreja. Se sabemos o que é necessário para edificar o corpo de Cristo, podemos estar certos de que será feito; porque Ele cuidará dos interesses da igreja, e fará o que é melhor, considerando todas as coisas em cada condição. 3. Observe por que os ministros devem ficar e permanecer: "*...para proveito vosso e gozo da fé*", nosso progresso na santidade e nosso conforto. 4. Aquilo que promove a nossa *fé e gozo da fé* é para nos ajudar no caminho para o céu. Quanto mais fé, mais gozo, e quanto mais fé e gozo, mais somos favorecidos em nossa jornada cristã. 5. Existe a necessidade de um ministério firme, não somente para a convicção e conversão de pecadores, mas para a edificação dos santos e fomento nas realizações espirituais.

III "*...para que a vossa glória aumente por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida a vós*" (v. 26). Eles se regozijam na esperança de vê-lo e desfrutar do seu trabalho no meio deles. Observe: 1. Todos que desejam o bem da igreja deveriam se regozijar na continuação dos ministros na igreja. 2. Todas as nossas alegrias deveriam estar concentradas em Cristo. Nosso gozo por bons ministros deveria ser nosso gozo *em Cristo Jesus* por eles; porque eles são *amigos do noivo* e devem ser recebidos em seu nome e por causa dele.

As Exortações do Apóstolo

vv. 27-30

O apóstolo conclui o capítulo com duas exortações:

I Ele os exorta a terem cuidado na maneira de se conduzirem (v. 27): "*Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo*". Observe: Aqueles que professam o evangelho de Cristo devem portar-se de acordo com o evangelho, ou de maneira apropriada a ele. Aqueles que acreditam nas verdades do evangelho devem submeter-se às leis do evangelho e depender das promessas desse evangelho; isso deve ocorrer com uma fé responsável, santidade e conforto. Todos que pertencem ao Reino de Deus e são membros e súditos desse Reino, devem todo respeito a esse evangelho. É um adorno para nossa profissão de fé quando nossa conduta está em uniformidade com o evangelho. "*...para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós*". No versículo 26, Paulo tinha falado da sua nova ida a eles com certa segurança, embora fosse agora um prisioneiro; mas ele certamente não queria que baseassem suas esperanças nessa possibilidade. Nossa religião não deve estar ligada somente às mãos dos nossos ministros: "Quer eu vá ou não, desejo ouvir bem de vocês, que estão firmes na fé". Quer os ministros venham ou não, Cristo sempre está à mão. Ele está próximo, nunca longe de nós, e apressa sua segunda vinda. "*...a vinda do Senhor está próxima*" (Tg 5.8). Que eu ouça de vós "*...que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho*". Três coisas ele deseja ouvir deles, e todas elas estão de acordo com o evangelho: 1. Aqueles que professam o evangelho e combatem por ele devem fazer

uso de uma violência santa para tomarem o reino dos céus. A *fé do evangelho* é a doutrina da fé ou a religião do evangelho. Existe algo na fé do evangelho por que vale a pena combater ou se empenhar. Se a religião é digna de alguma coisa, ela é digna de tudo. Há muita oposição, e, por isso, é necessário que haja combate. Um homem pode descansar e ir para o inferno; mas aquele que deseja ir ao céu deve estar vigilante e ser diligente. 2. A unidade e unanimidade dos cristãos fazem parte do evangelho: *Combatam juntamente*, não combatam uns contra os outros; todos vocês devem combater o adversário comum. Um mesmo espírito e um mesmo ânimo fazem parte do evangelho; porque há "*...um só Senhor, uma só fé, um só batismo*". Pode haver uma unidade de coração e afeto entre os cristãos mesmo onde há diversidade de julgamento e preocupações acerca de muitas coisas. 3. A constância faz parte do evangelho: *Estejam num mesmo espírito, com o mesmo ânimo.* Sejam *firmes* e *irredutíveis* diante de qualquer oposição. É uma vergonha para a religião quando os seus adeptos estão oscilantes e instáveis como água; porque nunca serão bem-sucedidos. Aqueles que querem combater pela fé do evangelho devem permanecer firmes nele.

II Ele os exorta à coragem e constância no sofrimento: "*E em nada vos espanteis dos que resistem*" (v. 28). Os adeptos do evangelho sempre enfrentaram muitos adversários, especialmente no início do cristianismo. Nosso grande cuidado deve ser permanecermos firmes e constantes em nossa profissão do evangelho. Quaisquer que sejam as oposições, não devemos nos amedrontar com elas, considerando que o estado de perseguido é muito melhor e mais desejável do que o estado de perseguidor; porque a perseguição *é indício de perdição.* Aqueles que se opõem ao evangelho de Cristo e perseguem os adeptos dele estão marcados para a destruição. Mas ser perseguido é um indício de salvação. Não que seja um sinal certo; muitos hipócritas têm sofrido pela sua religião; mas é um bom sinal quando somos sérios e resolutos em relação à fé e destinados à salvação, quando somos capacitados de maneira certa para sofrer pela causa de Cristo. "*Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele*" (v. 29). Aqui foram dados dois dons preciosos e ambos em nome de Cristo: 1. Crer nele. A fé é um dom de Deus em nome de Cristo, que comprou para nós não somente a bênção que é o objeto da fé, mas a graça da própria fé: a habilidade ou disposição para acreditar vem de Deus. 2. Sofrer pela causa de Cristo também é um dom precioso. Sofrer por Cristo é uma grande honra e uma grande vantagem. Podemos ser muito úteis para a glória de Deus, que é o fim da nossa criação, e animar e confirmar a fé em outras pessoas. E existe uma grande recompensa para isso: "*Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem,* [...] *porque é grande o vosso galardão nos céus*" (Mt 5.11,12). E, "*...se sofrermos, também com ele reinaremos*" (2 Tm 2.12). Se sofrermos repreensão e perda por Cristo, devemos considerar isso um grande dom e valorizar esse aspecto de maneira adequada, lembrando que sempre devemos proceder em nossos sofrimentos com a disposição genuína de mártires (v. 30): "*...tendo o mesmo combate que já em mim tendes visto e, agora, ouvis estar em mim*; isto é, sofrendo da mesma maneira como vistes e agora ouvis de mim". Não é apenas o sofrimento, mas a causa, e não somente a causa, mas o espírito, que fazem um mártir. Uma pessoa pode sofrer por uma má causa, e sofrer de maneira justa; ou por uma boa causa, mas com a inclinação errada, e então seus sofrimentos perdem o seu valor.

CAPÍTULO 2

O apóstolo faz outras exortações em relação a diversas tarefas, para que tenham o mesmo parecer e sejam humildes, de acordo com o exemplo de Cristo (vv. 1-11), para serem zelosos e sérios na caminhada cristã (vv. 12,13) e para ornarem sua profissão de fé cristã por meio de diversas graças apropriadas (vv. 14-18). Então ele conclui com uma informação e um elogio especial a dois grandes ministros, Timóteo e Epafrodito, que ele planejava enviar-lhes (vv. 19-30).

Recomendação ao Amor Fraternal. A Glória e Condescendência de Cristo

vv. 1-11

Nesse capítulo, o apóstolo retoma o assunto onde o deixou no capítulo anterior, com mais exortações aos deveres cristãos. Ele os compele a terem o mesmo parecer e serem humildes, em conformidade com o exemplo do Senhor Jesus, o grande padrão de humildade e amor. Aqui podemos observar:

I O grande preceito do evangelho incentivado em nós; isto é, de amarmos uns aos outros. Essa é a lei do reino de Cristo, o lema da sua escola, a vestimenta da sua família. Ele tipifica isso dizendo o seguinte (v. 2): "*...para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa*". Sentimos o mesmo quando temos o mesmo amor. Os cristãos deveriam ser um em relação ao amor, quer tenham a mesma percepção ou não. Isso está sempre ao alcance deles, e sempre será o seu dever, e é o caminho mais provável para aproximá-los do julgamento. *Tendo o mesmo amor.* Observe: O mesmo amor que devemos expressar aos outros, estes são compelidos a expressá-lo a nós. O amor cristão deve ser um amor mútuo. Ame e você será amado. Sendo unidos de alma e mente; não impedir e contrariar ou incentivar interesses separados, mas concordar a respeito das grandes coisas de Deus e manter a *unidade do Espírito* em outras diferenças. Observe o seguinte:

1. A urgência tocante do dever. Ele é muito insistente com eles, sabendo a evidência que isso dá acerca da nossa sinceridade e o recurso de preservação e edificação do corpo de Cristo. As persuasões ao amor fraternal são estas: (1) "Se há algum *conforto em Cristo.* Vocês experimentaram a consolação em Cristo? Então evidenciem essa experiência amando uns aos outros". A doçura que encontramos na doutrina de Cristo deveria abrandar nossos espíritos. Esperamos o conforto em Cristo? Se não queremos ser desapontados, devemos amar uns aos outros. Se não tivermos conforto em Cristo, onde

mais poderemos esperar encontrá-lo? Aqueles que têm um interesse por Cristo têm conforto nele, uma consolação firme e duradoura (Hb 6.18; 2 Ts 2.16), e, portanto, devem amar uns aos outros. (2) "...*consolação de amor.* Se há algum consolo no amor cristão, no amor de Deus por vocês, e no amor de vocês por Deus, ou no amor dos seus irmãos por nós, em consideração a tudo isso, tenham o mesmo sentimento. Se vocês alguma vez chegaram a encontrar essa consolação, e se, na verdade, acreditam que a graça do amor é uma graça consoladora, sejam abundantes nela". (3) "...*comunhão no Espírito.* Se existe, de fato, a comunhão com Deus e com Cristo pelo Espírito, se existe a comunhão dos santos, pelo fato de serem estimulados e impulsionados *pelo mesmo Espírito*, então sintam o mesmo; porque o amor cristão e o mesmo parecer preservarão a nossa comunhão com Deus e uns com os outros". (4) "...*entranháveis afetos e compaixões*, em Deus e Cristo, para com vocês. Se vocês esperam o benefício das compaixões de Deus, sejam compassivos uns com os outros. Se realmente existir a compaixão entre os seguidores de Cristo, se todos os que são santificados tiverem uma disposição à piedade santa, que isso se torne evidente entre vocês". Quão convincentes e irrefutáveis são esses argumentos! Acreditamos que essas coisas seriam suficientes para domar o mais rebelde, e amolecer o mais duro, coração. (5) Mais um argumento seria o seu próprio consolo: "...*completai o meu gozo*". Os ministros sentem grande gozo quando vêem o povo tendo o mesmo sentimento e vivendo em amor. Ele tinha sido usado por Deus para levá-los à graça de Cristo e ao amor de Deus. "Agora", diz ele, "se encontraram qualquer benefício pela sua participação no evangelho de Cristo, se tiveram qualquer consolo nele, ou vantagem nele, *completem o gozo* do seu necessitado ministro, que pregou o evangelho a vocês".

2. Ele propõe alguns meios para promover a unidade do Espírito. (1) "*Nada façais por contenda ou por vanglória*" (v. 3). Não há maior inimigo para o amor cristão do que o orgulho e a paixão. Se fazemos coisas em oposição aos nossos irmãos, nós as fazemos por meio da contenda; se as fazemos por meio da ostentação de nós mesmos, nós as fazemos por meio da vanglória: ambas destroem o amor cristão e inflamam sentimentos não-cristãos. Cristo veio para destruir todos os inimigos; portanto, que não haja entre os cristãos um espírito de oposição e hostilidade. Cristo veio para nos humilhar, e, portanto, não deve haver entre nós um espírito de orgulho. (2) "...*cada um considere os outros superiores a si mesmo*". Devemos ser severos em relação às nossas próprias faltas e caridosos em nossos julgamentos para com os outros; devemos ser rápidos em reconhecer nossos próprios defeitos e fragilidades, mas prontos para ser tolerantes em relação aos defeitos dos outros. Devemos considerar o bem nos outros mais do que o que está em nós; porque ninguém melhor do que nós mesmos para conhecer a nossa própria indignidade e imperfeições. (3) Devemos nos interessar pelas preocupações dos outros, não por curiosidade e com o objetivo de condenar, ou como pessoas intrometidas em assuntos alheios, mas por amor e compaixão cristã: "*Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros*" (v. 4). Um espírito egoísta destrói o amor cristão. Não devemos estar preocupados somente com a nossa honra, nosso bem-estar físico e segurança, mas com os outros também; e regozijar-nos na prosperidade dos outros tanto quanto em nossa própria prosperidade. Devemos amar nosso próximo como a nós mesmos e tornar nossa a causa dele.

II Aqui está um padrão do evangelho proposto para nossa imitação, e esse é o exemplo do nosso Senhor Jesus Cristo: "*De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus*" (v. 5). Observe: Os cristãos devem ter o mesmo sentimento de Cristo. Devemos imitar a sua vida, se queremos nos beneficiar da sua morte. "*Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*" (Rm 8.9). Qual era o sentimento de Cristo? Ele era notavelmente humilde; precisamos aprender isso dele. "...*aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração*" (Mt 11.29). Se somos, de fato, humildes, devemos sentir o mesmo; e, se queremos ser semelhantes a Cristo, devemos ser humildes. Devemos andar no mesmo espírito e nos mesmos passos do Senhor Jesus, que se humilhou a si mesmo a ponto de sofrer e morrer por nós. Não somente para satisfazer a justiça de Deus, e pagar o preço da nossa redenção, mas para servir de exemplo, para que *sigamos os seus passos*. Temos aqui as duas naturezas e os dois estados do nosso Senhor Jesus. É perceptível que o apóstolo, tendo oportunidade de mencionar o Senhor Jesus, e em virtude do sentimento que havia nele, busca alongar-se acerca da descrição da sua pessoa. Este é um assunto agradável, e um ministro do evangelho deve ter prazer em discorrer a respeito dele. Qualquer oportunidade deveria ser prontamente aproveitada.

1. Temos aqui as duas naturezas de Cristo: sua natureza divina e sua natureza humana. (1) "...*que, sendo em forma de Deus...*" (v. 6), tomando parte da natureza divina, como o unigênito e eterno Filho de Deus. Isso está de acordo com João 1.1: "*No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus*": isso significa a mesma coisa que ser a "...*imagem do Deus invisível*" (Cl 1.15), e "...*o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa*" (Hb 1.3). "...*não teve por usurpação ser igual a Deus*". Ele não se sentiu culpado de violar algo que não pertencia a Ele, ou apropriar-se de direito alheio. Ele disse: "*Eu e o Pai somos um*" (Jo 10.30). É o grau mais alto de usurpação para qualquer mero ser humano ou criatura aspirar ser igual a Deus, ou professar ser *um com o Pai*. Isto não é roubar a Deus nos dízimos e nas ofertas, mas no direito da sua divindade (Ml 3.8). Alguns entendem que a expressão *sendo em forma de Deus – en morphe Theou huyparchon* se refere à sua manifestação em uma glória divina e majestosa aos patriarcas, e aos judeus, no Antigo Testamento, que com freqüência era chamada de glória, de *Shequiná*. A palavra é usada nesse sentido pela LXX e pelo Novo Testamento. Ele "...*manifestou-se a dois deles*", *en hetera morphe – em outra forma* (Mc 16.12). *Metemorphote – Ele foi transfigurado* diante deles (Mt 17.2, versão inglesa KJV). E "...*não teve por usurpação ser igual a Deus*". Ele não buscou *agarrar-se* a essa glória, nem cobiçar aparecer nela. Ele esvaziou-se da majestade do seu aspecto anterior enquanto esteve nesta terra, o que parece ser o sentido da expressão peculiar: *ouk harpagmon hegesato.* (2) Sua natureza hu-

mana: "...*fazendo-se semelhante aos homens*" e "...*achado na forma de homem*". Ele realmente se tornou homem, participou da nossa carne e sangue, apareceu com a natureza humana e assumiu essa natureza voluntariamente; foi seu próprio ato e por seu próprio consentimento. Não podemos dizer que a nossa participação na natureza humana é assim. Ele, na verdade, "...*aniquilou-se a si mesmo*", esvaziou-se das honras e glórias do mundo acima e da sua aparência anterior, para vestir-se com os trapos da natureza humana. Ele foi, em tudo, semelhante a nós (Hb 2.17).

2. Vemos então os seus dois estados, o de humilhação e o de exaltação. (1) Seu estado de humilhação. Ele não só tomou sobre si a semelhança e forma de homem, mas a *forma de servo*, isto é, um homem em um estado desprezível. Ele não era apenas o servo de Deus que fora escolhido, mas veio para ministrar aos homens, e esteve no meio deles como alguém que serviu em um estado desprezível e servil. Imaginaríamos que o Senhor Jesus, ao se tornar homem, se tornasse um príncipe e aparecesse em esplendor. Mas ocorreu exatamente o oposto: "...*tomando a forma de servo*". Ele foi criado de maneira humilde, provavelmente trabalhando com seu pai na sua profissão. Toda a sua vida foi uma vida de humilhação, baixeza, pobreza e desgraça; Ele não tinha onde reclinar a sua cabeça, vivia de esmolas, era "...*homem de dores, experimentado nos trabalhos*", não demonstrava pompa exterior ou qualquer marca de distinção em relação às outras pessoas. Essa foi a humilhação da sua vida. Mas o passo mais desprezível da sua humilhação foi a sua morte na cruz. Ele foi "...*obediente até à morte e morte de cruz*". Ele não somente sofreu, mas foi voluntariamente obediente; Ele obedeceu à lei, sob a qual se colocou voluntariamente como Mediador, e por meio da qual foi obrigado a morrer. "...*tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi de meu Pai*" (Jo 10.18). Ele *nasceu sob a lei* (Gl 4.4). Ressalta-se a maneira da sua morte, que tinha nela todas as circunstâncias possíveis de humilhação: "...*e morte de cruz*", uma morte maldita, dolorosa e vergonhosa – uma morte amaldiçoada pela lei ("*Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro*", veja Gl 3.13), cheia de dor, o corpo pregado através das partes nervosas (das mãos e dos pés) e pendurado com todo o seu peso sobre a cruz; e a morte de um malfeitor e um escravo, não de um homem livre, exposto como espetáculo público. Tal era a condescendência do Jesus bendito. (2) Sua exaltação: "*Pelo que também Deus o exaltou soberanamente*". Sua exaltação foi a recompensa da sua humilhação. Pelo fato de Ele se humilhar, Deus o exaltou; e o *exaltou soberanamente*, *hyperypsose* – a uma posição extraordinariamente elevada. Ele exaltou sua pessoa completa, a natureza humana, bem como a divina; porque Ele veio na forma de Deus bem como na forma de homem. Com sua natureza divina, tinha seus direitos e a manifestação da "...*glória que tinha contigo antes que o mundo existisse*" (Jo 17.5), não uma nova obtenção de glória; e assim o próprio Pai é exaltado. Mas a exaltação distintiva relacionava-se à sua natureza humana que, sozinha, parece ser capaz disso, embora em conjunção com a divina. Sua exaltação aqui consiste em honra e poder. Em honra, pois assim Ele recebeu "...*um nome que é sobre todo o nome*", um título de dignidade acima de todas as criaturas, homens e anjos. E, em poder: "...*para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho...*". Toda criação deve estar sujeita a Ele: "...*dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra*", os habitantes do céu e da terra, os vivos e os mortos. *Ao nome de Jesus*; não ao som da palavra, mas da autoridade de Jesus; todos devem prestar uma homenagem solene. E que "...*toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai*" – cada nação e língua deveria publicamente reconhecer o império universal do Redentor exaltado, que disse: "*É-me dado todo o poder no céu e na terra*" (Mt 28.18). Observe a vasta extensão do reino de Cristo; ele alcança o céu e a terra, e a todas as criaturas que neles estão, anjos e homens, mortos e vivos. "...*para glória de Deus Pai*". Observe: Confessamos que Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus, o Pai; porque é sua vontade que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Todo respeito prestado a Cristo redunda na honra do Pai. "...*quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou*" (Mt 10.40).

A Religião Prática

vv. 12,13

I Ele os exorta à diligência e seriedade na jornada cristã: "...*operai a vossa salvação*". É a salvação da nossa alma (1 Pe 1.9), e a nossa salvação eterna (Hb 5.9), e contém libertação de todos os males que o pecado trouxe sobre nós, e a possessão de todo o bem e tudo que é necessário para a nossa felicidade completa e final. Observe: Acima de qualquer coisa estamos preocupados com o bem-estar da nossa alma: independentemente do que acontece com as outras coisas, precisamos cuidar dos nossos melhores interesses. É a nossa própria salvação, a salvação da nossa alma. Não cabe a nós julgar as outras pessoas; precisamos olhar para nós mesmos; e, embora devamos fomentar a salvação comum (Jd 3) tanto quanto possível, não podemos negligenciar a nossa própria. É-nos dito que devemos *operar a nossa salvação, katergazesthe*. A palavra significa *operando completamente* ou *perfeitamente* em algo, e suportando *verdadeiras dores*. Observe: Devemos ser diligentes no uso de todos os recursos que conduzem à nossa salvação. Não devemos apenas trabalhar para a nossa salvação, ao fazer algo de tempos em tempos acerca dela; mas devemos operar a nossa salvação, ao fazer tudo que precisa ser feito e perseverar nisso até o fim. A salvação é a grande coisa que deveria nos importar, e nela deveríamos colocar o nosso coração; e não podemos obter a salvação sem o máximo de cuidado e diligência. Ele acrescenta: "...*com temor e tremor*", isto é, com grande cuidado e prudência: "Tremendo de medo para não fracassarem e ficarem para trás. Sejam cuidadosos para fazer tudo na religião da melhor maneira, e temam para que diante de todos os nossos benefícios não venhamos a *ficar para trás*" (Hb 4.1). O medo é um grande vigia e protetor contra o mal.

II Ele ressalta isso depois de elogiar a prontidão deles em sempre obedecer ao evangelho: "...*assim como sempre obedecestes, não só na minha presença,*

mas muito mais agora na minha ausência (v. 12). Vós sempre estivestes dispostos a concordar com cada descoberta da verdade, tanto na minha ausência quanto na minha presença. Vós deixastes claro que a estima por Cristo e o cuidado pela vossa alma têm maior importância do que qualquer outra coisa". Eles não estavam tementes meramente com a presença do apóstolo, continuavam tementes *muito mais na sua ausência.* "E uma vez que *Deus é o que opera em vós*, operai a vossa salvação. Operai, porque Ele operou". Isso deveria encorajar-nos a fazer o nosso máximo, para que o nosso *trabalho não venha a ser inútil.* Deus está pronto a contribuir com sua graça e auxiliar nos nossos esforços fiéis. Observe: Embora devamos usar todos os nossos esforços em operar a nossa salvação, devemos continuar dependendo da graça de Deus. Sua graça trabalha em nós de acordo com a nossa natureza, e em colaboração com os nossos esforços; e as operações da graça de Deus em nós têm a intenção de acelerar e intensificar os nossos esforços. "E operai a vossa salvação *com temor e tremor* porque *Ele opera em vós*". Todo o nosso operar depende do operar dele em nós. "Não zombem de Deus com negligências e protelações, para não provocá-lo a retirar a sua ajuda, e todos os seus esforços acabem sendo em vão. Operem com *temor*, porque Ele opera de acordo com a *sua boa vontade*". "*...tanto o querer como o efetuar*": Ele dá toda a capacitação. É a graça de Deus que inclina a vontade para aquilo que é bom, e então nos capacita a realizá-lo e a agir de acordo com os princípios bíblicos. "*Tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras*" (Is 26.12). "*...segundo a sua boa vontade*". Uma vez que não há força em nós, também não há mérito em nós. Uma vez que não podemos agir sem a graça de Deus, também não podemos reivindicá-la, nem achar que a merecemos. A boa vontade de Deus para conosco é a causa da sua boa obra em nós; e Ele não tem nenhuma obrigação em relação às suas criaturas, além de suas graciosas promessas.

A Religião Prática

vv. 14-18

O apóstolo os exorta nesses versículos a adornar a profissão de fé cristã deles por meio da disposição e da conduta adequadas, com diversos exemplos. 1. Por meio de uma obediência alegre às ordens de Deus (v. 14): "*Fazei todas as coisas*, fazei vosso dever em cada parte dele, *sem murmurações...*". Fazei, e não busqueis encontrar qualquer defeito. Ocupai-vos de vosso trabalho sem brigas". As ordens de Deus foram dadas para serem obedecidas, não para serem discutidas. Isso adorna grandemente a nossa profissão de fé e mostra que servimos a um bom Mestre, cujo serviço é liberdade e cujo trabalho é a sua recompensa. 2. Por meio de paz e amor mútuo. "Façam todas as coisas *sem contendas*, brigas, e discussões entre vocês; porque a luz da verdade e a luz da religião muitas vezes se perdem no calor da discussão". 3. Por meio de uma atitude irrepreensível (v. 15): "*Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis*; para que não sejais injuriosos em palavras ou ação, e não deis ocasião justa para escândalo". Deveríamos nos esforçar não somente em sermos sinceros, mas também irrepreensíveis; não somente em não causar dano, mas nem ao menos causar suspeita de alguma ofensa. *Irrepreensíveis e sinceros*; irrepreensíveis diante dos homens e sinceros para com Deus. Os *filhos de Deus*. Tornam-se irrepreensíveis e sinceros aqueles que têm esse relacionamento e são favorecidos com tal privilégio. Os filhos de Deus deveriam diferir dos filhos dos homens. *Inculpáveis – amometa.* Momus era uma divindade crítica entre os gregos, mencionada por Hesíodo e Luciano; essa divindade não fazia nada e encontrava defeitos em tudo e em todos. Assim, todos os críticos e censuradores eram chamados de *Momi.* O sentido da expressão é: "Andem tão prudentemente para que nem mesmo Momus tenha motivo para criticar vocês, que o censurador não encontre falta em vocês". Deveríamos nos esforçar não somente para chegar ao céu, mas em chegar lá sem mancha; e, semelhantemente a Demétrio, ter um bom testemunho, até da própria verdade (veja 3 Jo 12). "*...no meio duma geração corrompida e perversa*"; isto é, entre os pagãos e aqueles que estão do lado de fora. Observe: Onde não há religião verdadeira, pouco se pode esperar a não ser desonestidade e perversão; e quanto mais desonestos e perversos os outros são no meio das pessoas onde vivemos, e quanto mais hábeis para criticar, tanto mais cuidadosos deveríamos ser para manter-nos irrepreensíveis e sinceros. Abraão e Ló não deveriam contender, porque "*...os cananeus e os ferezeus habitavam na terra*" (Gn 13.7). "*...entre a qual resplandeceis como astros no mundo*". Cristo é a luz do mundo, e um cristão genuíno é uma luz no mundo. Quando Deus levanta um bom homem em algum lugar, Ele institui uma luz naquele lugar. Ou, podemos ler essa expressão de forma imperativa: *Entre a qual resplandecei como astros.* Compare com Mateus 5.16: "*Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens*". Os cristãos devem esforçar-se não somente para ser aprovados por Deus, mas para recomendar-se aos outros, para que também glorifiquem a Deus. Eles devem brilhar e precisam ser sinceros. "*...retendo a palavra da vida*" (v. 16). O evangelho é chamado de a palavra da vida porque revela e propõe a nós vida eterna por meio de Jesus Cristo. A vida e a incorrupção foram trazidas à luz, pelo evangelho (2 Tm 1.10). É nosso dever não só reter, mas entregar a palavra da vida; não somente retê-la ou preservá-la para o nosso próprio benefício, mas entregá-la para o benefício de outros; retê-la como um castiçal sustenta a vela e a torna útil para todos, ou como os corpos luminosos dos céus, que irradiam sua influência por toda parte. Essa seria a sua alegria, diz Paulo: "*...para que, no Dia de Cristo, possa gloriar-me*; não somente gloriar-me da sua constância e firmeza, mas da sua utilidade". Ele gostaria que pensassem que seu trabalho tinha sido uma dádiva, e que não tinha "*...corrido nem trabalhado em vão*". Observe: (1) A obra do ministério requer empregar o homem todo: tudo que está em nós é muito pouco para ser empregado nele; semelhantemente a correr e trabalhar. Correr denota paixão e vigor e um prosseguir contínuo; trabalhar requer constância e uma dedicação rigorosa. (2) É uma grande alegria para os ministros quando percebem que não *correram nem trabalharam em vão*; e será a glória deles no

Dia de Cristo, quando seus convertidos serão a sua coroa. "*Qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura, não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda? Na verdade, vós sois a nossa glória e gozo*" (1 Ts 2.19,20). O apóstolo não somente correu e trabalhou por eles com satisfação, mas mostra que estava pronto para sofrer pelo bem deles (v. 17): "*E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós*". Ele se considerava feliz se podia promover a honra de Cristo, a edificação da igreja e o bem-estar da alma dos homens; não somente correndo riscos, mas mesmo estando disposto a sacrificar a sua vida. Ele estava pronto para ser um sacrifício no altar deles, para servir a fé dos eleitos de Deus. Se Paulo achava que valia a pena derramar seu sangue pelo serviço da igreja, será que não deveríamos também estar dispostos a sofrer um pouco pela obra do ministério? Será que não vale a pena despender o nosso esforço naquilo por que ele estava disposto a entregar a sua vida? *Ainda que seja oferecido*, ou *derramado* como o vinho das *libações*, *spendomai*. 2 Timóteo 4.6: "*Eu já estou sendo oferecido*". Ele podia regozijar-se em selar sua doutrina com seu sangue (v. 18): "*E vós também regozijai-vos e alegrai-vos comigo por isto mesmo*". É a vontade de Deus que os cristãos genuínos se regozijem muito; e aqueles que estão felizes no seu ministério têm muitos motivos para alegrar-se e regozijar-se com eles. Se o ministro ama o povo e está disposto a consumir e ser consumido para o bem-estar deles, o povo tem motivos para amar o ministro e *regozijar-se e alegrar-se com ele*.

O Elogio a Timóteo e Epafrodito

vv. 19-30

Paulo ressalta de uma maneira particular dois bons ministros. Embora fosse um grande apóstolo e *trabalhasse muito mais do que todos eles* (veja 1 Co 15.10), ele aproveitava todas as oportunidades para falar com respeito e apreço daqueles que eram inferiores a ele.

I Ele fala de Timóteo, a quem pretendia enviar aos filipenses, para que tivesse um relato confiável do estado deles. Veja o cuidado de Paulo pelas igrejas e o bom ânimo que tinha no bem-estar deles. Ele ficava angustiado quando não recebia notícias deles por um período prolongado, e, portanto, estava pronto a enviar Timóteo para informar-se e trazer-lhe um relato: "*Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado*". Havia, sem dúvida, muitos bons ministros que cuidavam daqueles a quem pregavam; mas ninguém comparado a Timóteo, um homem de um espírito excelente e coração meigo. *Que sinceramente cuide do vosso estado.* Observe: Somos beneficiados quando nosso dever se torna natural ou sincero. Timóteo era um filho genuíno do bendito Paulo, e caminhava no mesmo espírito e nos mesmos passos. *Sinceramente*, isto é, naturalmente, e não somente fazendo de conta: com um coração disposto e uma visão correta, tão de acordo com o seu feitio. Considere: 1. É dever dos ministros cuidar do estado do seu povo e estar interessados no seu bem-estar: "...*pois que não busco o que é vosso, mas, sim, a vós*" (2 Co 12.14). 2. É algo raro encontrar alguém que o faça sincera ou naturalmente. Alguém assim é notável e distinto entre os irmãos. "...*porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus*" (v. 21). Será que Paulo falou isso de maneira precipitada, como Davi o fez: "...*todo homem é mentira*" (Sl 115.11)? Será que havia uma corrupção generalizada entre os ministros já tão cedo que não havia uma única pessoa que se importasse com o estado do seu povo? Não devemos entender isso dessa forma: ele se refere à maioria; *todos*, isto é, a maioria, ou todos em comparação com Timóteo. Observe: Buscar nosso próprio interesse e negligenciar o interesse de Jesus Cristo é um pecado muito sério e muito comum entre os cristãos e ministros. Muitos preferem sua própria glória, seu bem-estar e segurança, em vez da verdade, da santidade e do dever, as coisas que trazem prazer e reputação antes das coisas do Reino de Deus e sua honra e interesse no mundo. Mas Timóteo não era assim: "...*bem sabeis qual a sua experiência*" (v. 22). Timóteo era um homem que tinha sido experimentado e tinha *provado o caráter do seu ministério* (2 Tm 4.5), além disso ele era fiel em tudo que fazia. Todas as igrejas com as quais estava familiarizado conheciam sua experiência e conduta. Ele era um homem tão genuíno quanto parecia ser; ele *servia a Cristo*, e "...*agradável é a Deus e aceito aos homens*" (Rm 14.18). "Vocês não somente conhecem o nome dele e o seu rosto, mas também a sua conduta, além de terem experimentado sua paixão e fidelidade no serviço a vocês", "...*que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai.*" Ele era o auxiliar de Paulo em muitos lugares onde pregou e serviu com ele no evangelho com todo o respeito que um filho presta ao pai e com todo o amor e alegria com que um filho é útil ao pai. A ministração conjunta deles era feita com muita consideração por um lado e com grande brandura e bondade do outro – um exemplo admirável aos ministros mais experientes e mais jovens, unidos no mesmo serviço. Paulo planejava enviá-lo em breve: "*De sorte que espero enviá-lo a vós logo que tenha provido a meus negócios*" (v. 23). Ele era agora um prisioneiro e não sabia como seria o desfecho dessa situação; mas, assim que sua situação fosse resolvida, ele enviaria Timóteo. Não somente isso: ele tinha esperança de ir ele próprio (v. 24): "*Mas confio no Senhor que também eu mesmo, em breve, irei ter convosco*". Ele esperava ser liberto logo e ter condições de visitá-los. Paulo desejava sua liberdade, não para o seu bel-prazer, mas para que pudesse continuar fazendo o bem. "...*confio no Senhor*". Ele expressa sua esperança e confiança de vê-los, com dependência e submissão humilde à vontade divina. Veja At 18.21; 1 Co 4.19; Tg 4.15 e Hb 6.3.

II Com referência a Epafrodito: Paulo o chama de "...*irmão, e cooperador, e companheiro nos combates*", seu irmão cristão, por quem tinha um carinho especial; seu companheiro no trabalho e sofrimentos do evangelho, que se submetia aos mesmos trabalhos e miséria dele; e seu mensageiro, alguém que tinha sido enviado pelos filipenses a ele, provavelmente para consultá-lo acerca de alguma questão específica relacionada à igreja deles, ou levar uma dádiva deles para o seu alívio; por isso acrescenta: "...*para prover às minhas necessidades*". Ele parece ser o mesmo Epafrodito mencionado

em Colossenses 4.12. Ele tinha um desejo sincero de ir a eles, e Paulo estava disposto a deixá-lo ir. 1. Epafrodito tinha estado doente: Eles tinham "...*ouvido que ele estivera doente*" (v. 26). E, "...*de fato, esteve doente e quase à morte*" (v. 27). A doença é uma calamidade comum para os homens, para homens e ministros justos. Mas, por que o apóstolo não o curou, visto que tinha sido dotado com um poder para curar doenças, bem como ressuscitar mortos (At 20.10)? Provavelmente porque esse poder tinha como objetivo servir de sinal para os outros e para confirmar a verdade do evangelho, e, portanto, não devia ser exercitado entre os irmãos. "...*estes sinais seguirão aos que crerem: imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão*" (Mc 16.17,18). E, talvez, esse poder não estivesse à disposição deles em todos os momentos, ou quando quisessem, mas somente quando tivessem um grande objetivo para alcançar e quando Deus achasse conveniente. Isso era característico de Cristo, que tinha o Espírito acima da medida. 2. Os filipenses estavam muito tristes com a notícia da sua doença. Eles estavam cheios de aflição, da mesma forma que Epafrodito, por causa das informações acerca da sua saúde: porque Epafrodito era alguém, pelo que tudo indica, por quem tinham um respeito e afeto especial; eles o acharam digno de ser enviado ao apóstolo. 3. Pareceu bem a Deus restaurá-lo e poupá-lo: "...*Deus se apiedou dele*" (v. 27). O apóstolo reconhece isso como uma grande misericórdia para com ele, bem como para com Epafrodito e os outros. Embora a igreja fosse abençoada naquela época com dons extraordinários, mesmo assim eles tinham muita dificuldade em dispensar um ministro justo. Ele foi bastante tocado com os pensamentos de tamanha perda: "...*para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza*"; isto é: "Para que, além das tristezas das minhas próprias cadeias, não tivesse ainda a tristeza da sua morte". Ou, talvez, algum outro ministro justo tivesse morrido ultimamente, o que tinha sido uma grande aflição para ele; e, se essa morte ocorresse agora, teria sido uma nova tristeza para ele, e isso seria tristeza sobre tristeza. 4. Epafrodito estava disposto a visitar os filipenses, para que pudesse ser confortado por aqueles que tinham ficado tristes quando ele esteve doente: "...*para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis* (v. 28), para que possais ver com vossos próprios olhos como ele tem se recuperado bem, e para que tenhais razão para agradecer e vos alegrar com isso". Ele tinha o desejo de confortá-los com a presença de um amigo tão precioso. 5. Paulo espera que o recebam com estima e afeição: "*Recebei-o, pois, no Senhor, com todo o gozo, e tende-o em honra.* Considerai esse tipo de homens valiosos, que são zelosos e fiéis, e amai-os e considerai-os grandemente. Mostrai vossa alegria e respeito por todas as expressões de amizade genuína e opinião verdadeira". Parece que Epafrodito havia ficado doente no trabalho de Deus: "...*pela obra de Cristo, chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida, para suprir para comigo a falta do vosso serviço*". O apóstolo não o acusa pela sua indiscrição em arriscar a sua vida, mas espera que o amem tanto mais por causa disso. Observe: (1) Aqueles que verdadeiramente amam a Cristo e são genuínos nos interesses do seu reino vão descobrir que vale a pena arriscar a sua saúde e vida para servi-lo e fomentar a edificação de sua igreja. (2) Eles deveriam recebê-lo com alegria, como alguém que havia sido restaurado da doença recentemente. É um sentimento afetuoso ter nossas misericórdias restauradas depois de passar pelo perigo de serem removidas e isso deveria valorizá-las ainda mais. O que é dado a nós em resposta de oração deveria ser recebido com grande gratidão e alegria.

CAPÍTULO 3

Ele os adverte contra os enganadores judaizantes (vv. 1-3) e apresenta seu próprio exemplo. E aqui ele enumera os privilégios do seu estado judaico que ele rejeitara (vv. 4-8), descreve a questão da sua própria escolha (vv. 9-16) e conclui com uma exortação para que os filipenses se guardem dos homens maus e sigam seu exemplo (vv. 17-21).

A Descrição dos Verdadeiros Cristãos

vv. 1-3

Parece que a igreja dos filipenses, embora fosse uma igreja fiel e próspera, era perturbada pelos mestres judaizantes, que se empenhavam em guardar a lei de Moisés e misturar o cumprimento dela com a doutrina de Cristo e suas instituições. Ele inicia o capítulo com advertências contra esses sedutores.

I Ele os exorta a "...*que vos regozijeis no Senhor*" (v. 1), a descansarem satisfeitos no interesse que tinham nele e no benefício que esperavam dele. É do caráter e da motivação de cristãos sinceros regozijarem-se em Cristo Jesus. Quanto mais aproveitarmos o conforto da nossa religião tanto mais vamos nos agarrar a ela; quanto mais nos regozijarmos em Cristo tanto mais dispostos estaremos a realizar e sofrer por Ele e tanto menos perigo correremos em ser afastados dele. "*A alegria do Senhor é a nossa força*" (Ne 8.10).

II Ele os exorta a tomarem cuidado com os falsos mestres: "*Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós*"; isto é, as mesmas coisas que eu já vos preguei; como se tivesse dito: "O que foi apresentado aos ouvidos de vocês será apresentado aos seus olhos: o que falei formalmente será agora escrito, para mostrar que continuo com o mesmo parecer". *Não me aborreço.* Observe: 1. Os ministros não devem se aborrecer se precisarem escrever ou falar coisas que acreditam ser seguras e edificantes para o povo. 2. É bom ouvirmos as mesmas verdades com freqüência, para avivar a memória e fortalecer a impressão das coisas importantes. É uma curiosidade atrevida ou maliciosa sempre desejar ouvir algo novo. O apóstolo apresenta uma exortação necessária aqui: "*Guardai-vos dos cães*" (v. 2). O profeta chama os falsos profetas de cães mudos (Is 56.10), aos quais o apóstolo parece se referir aqui. *Cães*, por causa da sua maldade contra os confessores fiéis do evangelho de Cristo, latindo e mordendo esses cristãos. Eles exaltavam as boas obras em vez da fé em Cristo; mas Paulo os chama de *maus obreiros*: eles se orgulha-

vam do fato de serem da circuncisão, dilacerando a igreja de Cristo; ou, então, contendiam por um rito cancelado, um mero cortar insignificante da carne.

III Ele descreve os cristãos verdadeiros, que são, na verdade, da circuncisão, a circuncisão espiritual, o povo exclusivo de Deus, que está em aliança com Ele, semelhantemente aos israelitas do Antigo Testamento: "*Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne*". Encontramos três aspectos aqui: 1. Eles adoravam no espírito, em oposição às ordenanças carnais do Antigo Testamento, que consistiam em "*...manjares, e bebidas, e várias abluções*" (Hb 9.10). O cristianismo nos livra dessas coisas e nos ensina a sermos íntimos com Deus em todos os deveres da adoração religiosa. Devemos "*...adorar a Deus em espírito*" (Jo 4.24). A obra cristã não tem propósito algum se o coração não estiver envolvido nela. "*Tudo quanto fizermos, devemos fazê-lo de todo o coração, como ao Senhor*" (veja Cl 3.23); e devemos adorar a Deus na força e graça do Espírito divino, que é tão característico do estado do evangelho; este é *o ministério do Espírito* (2 Co 3.8). 2. Eles se *gloriam em Jesus Cristo* e não nos privilégios característicos do judaísmo, nem naquilo que os satisfaz na igreja cristã – meros prazeres e desempenhos exteriores. Eles se gloriam no seu relacionamento com Cristo e no seu interesse nele. Deus fez com que os israelitas fossem obrigados a se alegrarem diante dele nos átrios da sua casa; mas agora que a essência veio, as sombras foram dissipadas e devemos gloriar-nos somente em Cristo Jesus. 3. Eles *não confiam na carne*, nas ordenanças carnais e desempenhos exteriores. Devemos deixar de confiar em nós mesmos, para podermos confiar apenas em Jesus Cristo, o eterno fundamento. Nossa confiança, bem como nossa alegria, é apropriada para Ele.

A Rejeição à Falsa Confiança

vv. 4-8

A apóstolo aqui se coloca como exemplo de alguém que confia apenas em Cristo, e não nos seus privilégios como israelita.

I Ele mostra o quanto podia orgulhar-se pelo fato de ser judeu e fariseu. Que ninguém pense que o apóstolo estava desprezando essas coisas (como as pessoas normalmente fazem) pelo fato de não se gloriar nelas. Se tivesse se gloriado e confiado na carne, ele teria mais motivos para fazê-lo do que qualquer outra pessoa: "*Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu*" (v. 4). Ele tinha tantos motivos para jactar-se tanto quanto qualquer outro judeu. 1. Seus privilégios hereditários. Ele não era um prosélito, mas um israelita nato: "*...da linhagem de Israel*". E ele era "*...da tribo de Benjamim*", que cuidava do Templo. Essa tribo ficou do lado da tribo de Judá quando todas as outras se revoltaram. Benjamim era o predileto do pai; era uma tribo favorita. "*...hebreu de hebreus*", um israelita de ambos os lados, por pai e mãe, e de geração em geração; nenhum dos seus ancestrais tinha se casado com gentios. 2. Ele podia orgulhar-se da sua relação com a Lei e com o concerto, porque tinha sido "*...circuncidado ao oitavo dia*"; ele tinha o sinal do concerto de Deus em sua carne e foi circuncidado no dia designado por Deus. 3. No conhecimento era fariseu, criado aos pés de Gamaliel, um eminente doutor da lei: e foi um estudioso instruído em todo o conhecimento dos judeus, instruído conforme a verdade da lei dos pais (At 22.3). Ele era "*...fariseu, filho de fariseu*" (At 23.6), e "*...conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu*" (At 26.5). 4. Ele teve uma conversão irrepreensível: "*...segundo a justiça que há na lei, irrepreensível*": até onde a exposição da lei pelos fariseus ia, e de acordo com a mera letra da lei e observância exterior dela, ele podia desobrigar-se da violação dela e não podia ser acusado por nenhuma quebra da lei. 5. Ele tinha sido um homem ativo a favor da sua religião. Como fez uma profissão de fé firme dela, sob o título e caráter de um fariseu, ele perseguiu aqueles que via como inimigos dela. "*...segundo o zelo, perseguidor da igreja*". 6. Ele mostrou ser sincero, embora tivesse um zelo sem conhecimento para dirigir e governar o exercício desse zelo: "*...zeloso para com Deus, como todos vós hoje sois. Persegui este Caminho até à morte*" (At 22.3,4). Tudo isso seria suficiente para deixar um judeu orgulhoso confiante, e seria suficiente para fundamentar a sua justificação. Mas:

II O apóstolo nos diz aqui como é pequena a importância dessas coisas, em comparação com o seu interesse em Cristo e com suas expectativas dele: "*Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo*" (v. 7); isto é, essas coisas que ele tinha considerado ganho enquanto era fariseu, reputou-as *perda por Cristo*. "Eu deveria considerar-me um perdedor se, para devotar-me a elas, tivesse perdido meu interesse em Jesus Cristo". Ele as considerava perda; não somente insuficiente para enriquecê-lo, mas que certamente o empobreceriam e o destruiriam, se confiasse nelas, em oposição a Cristo. Observe: O apóstolo não persuadiu os filipenses a fazer qualquer coisa que ele não fizesse, a deixar de fazer qualquer coisa que ele também não deixasse, nem arriscar-se em alguma coisa em que ele próprio não tivesse arriscado sua alma imortal. "*E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor*" (v. 8). Aqui o apóstolo se explica. 1. Ele nos conta o que ambicionava e procurava alcançar: era o conhecimento de Jesus Cristo, seu Senhor, uma familiaridade experimental e confiante com Cristo como Senhor; não meramente imaginário e especulativo, mas um conhecimento prático e eficaz dele. Assim o conhecimento é, às vezes, colocado no lugar da fé: "*...com o seu conhecimento*, ou o conhecimento dele, *o meu servo, o justo, justificará a muitos*" (Is 53.11). E essa é a superioridade do conhecimento. Há uma superioridade abundante e transcendente da doutrina de Cristo, ou da religião cristã, acima de todo o conhecimento da natureza e progressos da sabedoria humana; porque é adequada ao caso dos pecadores caídos e os supre com tudo de que necessitam e tudo que podem desejar e esperar, com toda sabedoria salvadora e graça salvadora. 2. Ele mostra de que forma tinha desistido dos seus privilégios como judeu e fariseu: *E, na verdade*; sua expressão surge com um triunfo e elevação santos: *alla men oun ge kai.* Há cinco

partículas no original: *tenho também por perda todas as coisas*. Ele tinha mencionado anteriormente *as coisas*, seus privilégios judeus: aqui ele fala de *todas as coisas*, todos os prazeres mundanos e meros privilégios exteriores, ou quaisquer coisas que pudessem estar competindo com Cristo pelo trono em seu coração, ou se candidatassem a receber mérito e recompensa. Ali ele tinha dito que reputava essas coisas como perda. Mas podemos perguntar: "Ele continuava com a mesma inclinação e não se arrependeu por tê-las renunciado?" Não, agora ele fala no tempo presente: *E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas*. Mas pode ser dito: "É fácil dizer isso; mas o que ele faria se chegasse diante da provação?" Pois ele nos relata que tinha agido ele mesmo de acordo com essa estimativa do caso: "*...pelo qual sofri a perda de todas estas coisas*". Ele havia renunciado a todas as suas honras e vantagens, como judeu e fariseu, e se submetido a todas as desgraças e sofrimentos que faziam parte do seu ministério de pregação do evangelho. Quando se envolveu completamente na religião cristã, arriscou tudo e sofreu a perda de todas as coisas pelos privilégios de ser um cristão. Não, ele não só as reputava perda, mas esterco, *skybala – restos* lançados aos cachorros; elas não são apenas menos valiosas do que Cristo, mas completamente desprezíveis, quando estão em concorrência com Ele. Observe: O Novo Testamento nunca fala da graça salvadora em termos de diminuição, mas, pelo contrário, a representa como o fruto do Espírito divino e a imagem de Deus na alma do ser humano; como uma natureza divina, e a semente de Deus. E a fé é chamada fé preciosa; e a mansidão é preciosa diante de Deus (1 Pe 3.4; 2 Pe 1.1ss.).

O Interesse, Esperança e Alvo do Apóstolo
vv. 9-14

Temos visto ao que o apóstolo renunciou; vamos ver agora ao que ele resolveu se apegar, a saber, a Cristo e ao céu. O seu coração estava amoldado a essas duas grandes verdades do cristianismo.

I O apóstolo tinha o seu coração voltado para Cristo e para sua justiça. Isso é ilustrado em diversos exemplos: 1. Ele desejou ganhar a Cristo; ele se consideraria um beneficiário indescritível se tivesse interesse apenas em Cristo e em sua justiça e se Cristo se tornasse seu Senhor e Salvador. "*...para que possa ganhar a Cristo*"; como o corredor ganha o prêmio ou o marinheiro alcança o porto desejado. A expressão sugere que precisamos esforçar-nos por Ele e buscá-lo, e tudo isso não é suficiente para ganhá-lo. 2. Para que "*...seja achado nele*" (v. 9), como o homicida involuntário era achado na cidade do seu refúgio, onde estava seguro do vingador do sangue (veja Nm 35.25). Ou esse texto pode estar aludindo a um comparecimento judicial; assim precisamos ser achados em paz pelo nosso Juiz (2 Pe 3.14). Estamos aniquilados sem a justiça pela qual aparecemos diante de Deus, porque somos culpados. Há uma justiça preparada para nós em Jesus Cristo, e essa é uma justiça completa e perfeita. Ninguém pode ser beneficiado por ela a não ser aqueles que se desvencilham da confiança própria e são levados sinceramente a crer nele. "*Não tendo a minha justiça que vem da lei.* Não devo pensar que minhas práticas exteriores e boas obras sejam capazes de expiar as minhas más obras, ou que ao colocar as boas obras ao lado das más posso vir a equilibrar as contas com Deus. Não, a justiça da qual dependo é essa que *vem pela fé em Cristo*, não uma justiça legal, mas uma justiça evangélica, *a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé*, determinada e conferida por Deus". O Senhor Jesus Cristo é o Senhor da nossa justiça (Is 45.24; Jr 23.6). Se Jesus não fosse Deus, não poderia ser a nossa justiça; a excelência transcendente da natureza divina colocou esse tipo de valor e virtude nos seus sofrimentos, para que se tornassem suficientes para pagar os pecados do mundo e para produzir uma justiça que seja eficaz para todos que crêem. A fé é o meio estabelecido do interesse verdadeiro e do benefício salvífico pela compra do seu sangue. É "*...pela fé no seu sangue*" (Rm 3.25). 3. Para que possa conhecer a Cristo (v. 10): "*...para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições*". A fé é chamada de conhecimento (Is 53.11). Conhecê-lo aqui significa crer nele: esse é um conhecimento experimental da *virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições*, ou sentir a eficácia e virtude delas. Observe: O apóstolo era tão desejoso de ser santificado quanto de ser justificado. Ele tinha tanto desejo de conhecer o poder da morte de Cristo e da ressurreição destruindo o pecado nele, e elevando-o à novidade de vida, quanto tinha de receber o benefício da morte e ressurreição de Cristo em sua justificação. 4. Para que possa ser feito conforme Ele, e isso também se refere à sua santificação. Somos então feitos conforme a sua morte quando morremos para o pecado, como Cristo morreu pelo pecado, quando somos crucificados com Cristo, e a carne e suas tendências são mortificadas: "*...o mundo está crucificado para nós e nós, para o mundo, por meio da cruz de Cristo*" (veja Rm 6.14). Essa é nossa conformidade com a sua morte.

II O apóstolo tinha o seu coração voltado para o céu e a sua felicidade: "*...para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos*" (v. 11).

1. A felicidade do céu é aqui chamada de ressurreição dos mortos, porque, embora a alma do fiel, quando parte, esteja imediatamente com Cristo, no entanto, sua felicidade não será completa até a ressurreição geral dos mortos no último dia, quando a alma e o corpo serão glorificados juntos. *Anastasis* às vezes significa o estado futuro. O apóstolo tinha os seus olhos voltados para isso; esse era o seu objetivo. Haverá uma ressurreição dos injustos, que ressuscitarão *para vergonha e desprezo eterno* (veja Dn 12.2); devemos cuidar para escapar dela: mas a ressurreição alegre e gloriosa dos santos é chamada de a *ressurreição, kat' exochen – por eminência*, porque isso ocorre por meio da ressurreição de Cristo, como sendo a cabeça e os primeiros frutos; ao passo que os ímpios ressuscitarão somente pelo poder de Cristo, como seu juiz. Para os santos será, de fato, uma ressurreição, um retorno para a felicidade, para a vida e para a glória; ao passo que a ressurreição dos ímpios é um levantar do túmulo, apenas um retorno para a segunda morte. Ela é chamada de *ressurreição dos justos* e de *ressurreição da vida* (Jo 5.29), e os verdadeiros cristãos são considerados "*...dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dos mortos*" (Lc 20.35).

2. O apóstolo estimula aqui essa ressurreição alegre. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa, ou sofrer qualquer coisa, para obter essa ressurreição. A esperança e perspectiva dela o enchiam de coragem e constância através de todas as dificuldades que enfrentava no seu trabalho. Ele fala como se eles estivessem correndo o risco de perder ou não alcançar essa ressurreição. Um medo santo de não alcançar a ressurreição é um excelente motivo para exercer a perseverança. Considere isso: Seu cuidado para ser encontrado em Cristo tinha como objetivo obter a ressurreição dos mortos. Paulo não esperava obtê-la por meio dos seus próprios méritos e justiça, mas por meio do mérito e da justiça de Jesus Cristo. "Permite-me ser achado em Cristo, para que eu possa obter a ressurreição dos mortos, ser achado um crente nele e interessado nele pela fé". Observe:

(1) Ele reconhece seu estado de imperfeição e provação: "*Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito*" (v. 12). Observe: As melhores pessoas do mundo vão prontamente reconhecer sua imperfeição no estado presente. Ainda não alcançamos a perfeição; ainda não somos perfeitos; ainda há muita deficiência em todos os nossos deveres, graças e confortos. Se Paulo não tinha alcançado a perfeição (ele que tinha atingido um grau tão elevado de santidade), muito menos temos nós. Novamente: "*Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado*" (v. 13), *ou logizomai*. "Faço esse julgamento do caso; raciocino dessa forma comigo mesmo". Observe: Aqueles que acham que têm graça suficiente provam que não têm graça suficiente, ou melhor, que não têm graça nenhuma; porque, onde há a verdadeira graça, aí há um desejo por mais graça e uma necessidade para alcançar a perfeição da graça.

(2) As ações do apóstolo diante dessa convicção. Considerando que ele ainda não tinha alcançado, ele continuava avançando: "*Mas prossigo* (v. 12), *dioko – continuo* com vigor, como alguém que deseja ganhar o prêmio. Esforço-me para alcançar mais graça e fazer mais bem e nunca pensar que já fiz o suficiente: *para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus*". Observe: [1] De onde vem a nossa graça? De estarmos presos por Cristo Jesus. A nossa felicidade e salvação não estão no fato de alcançarmos a Cristo primeiro, mas de Ele nos alcançar. "*Nós o amamos porque ele nos amou primeiro*" (1 Jo 4.19). A nossa segurança não está no fato de conquistarmos a Cristo, mas de Ele nos conquistar. "*...mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação*" (1 Pe 1.5). Considere então: [2] O que é a felicidade do céu? É *alcançar aquilo para o que fomos também presos por Cristo.* Quando Cristo nos alcançou, foi para nos levar ao céu; e alcançar aquilo para o que Ele nos alcançou é obter a perfeição da nossa felicidade. Ele acrescenta (v. 13): "*...uma coisa faço* (esse era seu grande cuidado e preocupação), *e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim*". Existe um esquecimento pecaminoso de pecados passados ou misericórdias passadas, que precisam ser lembrados para o exercício do arrependimento constante e da gratidão a Deus. Mas Paulo esqueceu as coisas que estavam para trás porque não estava contente com a medida atual da graça: ele queria mais e mais. Assim ele *epekteinomenos* – *estendeu*-se para a frente, dirigindo-se para o seu alvo. Este é um indicativo de uma preocupação intensa.

(3) O alvo do apóstolo: "*...prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus*" (v. 14). Ele seguia firme em direção ao alvo. Assim como aquele que corre uma corrida e nunca desiste antes do final, mas continua seguindo em frente o mais rapidamente possível, assim aqueles que têm o céu em mente devem continuar seguindo em frente com desejos santos e esforços e preparativos constantes. Quanto mais preparados estivermos para o céu mais rapidamente deveremos seguir em frente. O céu é chamado aqui de alvo, porque é isso que cada cristão genuíno tem em vista, semelhantemente ao arqueiro que mantém os seus olhos fixos no alvo que deseja acertar. *Pelo prêmio da soberana vocação.* Observe: O chamado cristão é uma soberana vocação. Sua fonte é do céu e seu destino é o céu. O céu é o *prêmio da soberana vocação*; *to brabeion – o prêmio* pelo qual lutamos, e corremos, e combatemos, o que alvejamos em tudo que fazemos, e o que recompensará todos os nossos esforços. Manter os nossos olhos no céu é muito proveitoso na caminhada cristã. Isto serve de norte para tudo que fazemos e para nos vivificar em cada passo que damos; ele é de Deus, de quem devemos esperá-lo.

A vida eterna é o dom gratuito de Deus (Rm 6.23), por meio de Cristo Jesus; ela deve vir a nós por meio da sua mão. O único caminho para o céu é por intermédio de Cristo.

Advertências e Exortações

vv. 15,16

O apóstolo, tendo se colocado como exemplo, estimula os filipenses a segui-lo. Que tenhamos o mesmo sentimento do bendito Paulo. Vemos aqui qual era o seu sentimento; vamos ter a mesma opinião e firmar nosso coração em Cristo e no céu, como ele fez. 1. Ele mostra que essa era a coisa com a qual todos os cristãos genuínos estavam de acordo, ou seja, de fazer de Cristo tudo neles e firmar seu coração em outro mundo. Embora os cristãos genuínos possam divergir em seus sentimentos acerca de outras coisas, nisto eles concordam, ou seja, que Cristo é tudo nos cristãos, que ganhar a Cristo e ser achado nele envolve nossa felicidade tanto aqui quanto na vida futura. E, portanto, vamos andar de acordo com a mesma regra e ter o mesmo sentimento. Tendo tornado Cristo tudo em nós, *para nós o viver é Cristo.* Vamos concordar em avançar para o alvo e tornar o céu o nosso destino. 2. Essa é uma boa razão para que os cristãos que diferem em questões menores suportem uns aos outros, uma vez que estão de acordo quanto à questão principal: "*...se sentis alguma coisa doutra maneira* – se vós diferis uns dos outros e não tendes a mesma opinião em relação a comidas e dias, e outras questões da lei judaica –, no entanto não julgueis uns aos outros, enquanto todos se encontram em Cristo como seu ponto essencial, e esperam encontrar-se em breve no céu como seu lar. Quanto a outras questões de diferenças, não coloqueis grande ênfase nelas, pois *também Deus vo-lo revelará.* Independentemente das questões em que difirais, esperai até que Deus vos dê uma melhor compreensão, o que Ele fará no seu devido tempo. Entrementes, *naquilo a que che-*

gastes, vós deveis estar em harmonia em relação aos caminhos de Deus, estar unidos em todas as grandes coisas nas quais estais de acordo, e esperar por mais luz nas coisas menores em que diferis".

O Apóstolo Recomenda seu Próprio Exemplo

vv. 17-21

Ele termina o capítulo com advertências e exortações.

I Ele os adverte para que não sigam os exemplos de mestres maus e enganadores (vv. 18,19): "*Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo*". Observe:

1. Há muitos que se dizem cristãos, mas que são inimigos da cruz de Cristo e do desígnio e dos propósitos dela. O caminho deles mostra claramente o que de fato são. "...*por seus frutos os conhecereis*" (Mt 7.20). O apóstolo adverte as pessoas contra esse tipo de pessoas: (1) Com muita freqüência: "...*muitas vezes vos disse*". Nós damos tão pouca importância às advertências feitas a nós que temos necessidade de ouvi-las repetidas vezes. "...*escrever-vos as mesmas coisas*" (v. 1). (2) De maneira comovida e afetuosa: "...*agora também digo, chorando*". Paulo, em ocasiões apropriadas era um pregador choroso, da mesma forma que Jeremias foi um profeta choroso. Observe: Um velho sermão pode ser pregado com uma paixão renovada; o que pregamos com freqüência pode-se pregar novamente, se o fizermos de maneira amorosa e estivermos debaixo do poder dessas palavras.

2. Ele nos apresenta o caráter daqueles que eram inimigos da cruz de Cristo. (1) Cujo deus é seu ventre. Eles só se importavam com os seus apetites sensuais. É um ídolo abominável e um escândalo para qualquer pessoa, especialmente para os cristãos, sacrificar o favor de Deus, a paz da nossa consciência e sua felicidade eterna. Glutões e beberrões fazem do ventre o seu deus e buscam de todas as formas agradar e cuidar dele. A mesma atenção que pessoas boas dão a Deus os sensualistas dão aos seus apetites. A respeito deles, o apóstolo diz: Eles "...*não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre*" (Rm 16.18). (2) Eles se gloriam em sua confusão. Eles não somente pecavam, mas se vangloriavam das coisas de que deveriam se envergonhar. O pecado é a vergonha do pecador, especialmente quando se gloria nele. "Eles estimam aquilo que é o defeito e a vergonha deles". (3) Eles se ocupam com coisas terrenas. Cristo veio por meio da cruz para *crucificar o mundo para nós e nós para o mundo*; e aqueles que se ocupam com coisas terrenas agem diretamente contra a cruz de Cristo e o grande desígnio dela. Eles se agradam de coisas terrenas e não têm nenhum prazer nas coisas que são espirituais e celestiais. Eles colocam seu coração e paixão nas coisas terrenas; eles as amam, e chegam a idolatrá-las e têm confiança e satisfação nelas. Ele apresenta esse caráter, para mostrar quão absurdo seria para os cristãos seguir o exemplo de tais pessoas ou ser conduzidos por elas; e, para nos dissuadir de fazê-lo, ele apresenta o destino delas. (4) Cujo fim é a perdição. O caminho parece agradável, mas morte e inferno estão no fim dele. "*E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte*" (Rm 6.21). É perigoso segui-los, embora estejam indo junto com a correnteza; porque, se escolhermos o caminho deles, temos motivos para temer o fim. Talvez ele esteja fazendo alusão à completa destruição da nação judaica.

II Ele se apresenta a si mesmo e a seus irmãos como exemplos, em oposição a esses maus exemplos: "*Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós*" (v. 17). Observem e sigam o exemplo deles. Ele faz a descrição de si mesmo pela consideração que tem por Cristo e o céu: "*Mas a nossa cidade está nos céus*" (v. 20). Considere isso: Cristãos genuínos, mesmo enquanto estão aqui na terra, têm sua cidade, ou pátria, nos céus. Sua *cidadania* está ali, *politeuma*. Como se tivesse dito: Continuamos ligados àquele mundo e somos cidadãos da Nova Jerusalém. Este mundo não é o nosso lar, mas aquele é. Lá estão os nossos maiores privilégios e interesses. E, uma vez que nossa cidadania está lá, nossa pátria está lá. Pelo fato de estarmos unidos àquele mundo, mantemos uma harmonia com ele. A vida de um cristão está no céu, onde está o seu Salvador, e onde ele espera estar em breve; ele *pensa nas coisas que são de cima*; e onde estiver o seu coração lá estará a sua cidade. O apóstolo tinha insistido em que seguissem a ele e aos outros ministros de Cristo: "Por quê", eles podiam perguntar, "se vocês são um grupo de pessoas pobres, desprezadas e perseguidas, e não têm nenhuma aspiração no mundo; quem seguirá vocês?" "Não", ele diz, "mas a nossa cidade está nos céus. Temos uma relação próxima e uma grande ambição em relação ao outro mundo, e não somos tão insignificantes e desprezíveis como somos retratados". É bom ter comunhão com aqueles que têm comunhão com Cristo, e relação com aqueles cuja cidade está nos céus.

1. Porque esperamos o Salvador do céu (v. 20): "...*donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo*". Ele não está aqui, mas ressuscitou, Ele entrou por trás do véu por nós; e esperamos sua segunda vinda desde então, para reunir todos os cidadãos dessa Nova Jerusalém com Ele.

2. Porque na segunda vinda de Cristo esperamos ser felizes e glorificados ali. Existe um bom motivo para termos nossa cidadania no céu, não somente porque Cristo está lá agora, mas porque esperamos estar lá em breve: "...*que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso*" (v. 21). Existe uma glória reservada para o corpo dos santos, que será deles na ressurreição. O corpo agora, no melhor das hipóteses, é um *corpo abatido, to soma tes tapeinoseos hemon – o corpo da nossa humilhação*: esse corpo tem sua origem da terra, é sustentado fora da terra e está sujeito a muitas doenças e à morte no final. Além disso, ele com freqüência é motivo e instrumento de muito pecado, e é chamado de o "...*corpo desta morte*" (Rm 7.24). Ou pode-se entender a sua humilhação quando na sepultura. Na ressurreição, esse corpo será um corpo abatido, decomposto à podridão e ao pó; "...*o pó volte à terra, como o era*" (Ec 12.7). Mas ele será transformado em um cor-

po glorioso; e não somente ressuscitado para a vida, mas ressuscitado para obter grandes vantagens. Observe: (1) A prova dessa mudança, isto é, o corpo glorioso dessa mudança; quando Ele foi transfigurado no monte, "*...o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz*" (Mt 17.2). Ele foi para o céu cingido de um corpo, para tomar posse da herança em nossa natureza, e não ser somente o *primogênito dentre os mortos*, mas o *primogênito* dos *filhos da ressurreição*. Seremos "*...conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos*" (Rm 8.29). (2) O poder que será usado para operar essa mudança: "*...segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas*". Existe uma eficácia do poder, uma "*...sobreexcelente grandeza do seu poder*", e a "*...operação da força do seu poder*" (Ef 1.19). É uma questão de consolo saber que Ele pode sujeitar todas as coisas a si, e mais cedo ou mais tarde converter todas as coisas para o seu benefício. E a ressurreição será efetuada com o seu poder. "*...eu o ressuscitarei no último Dia*" (Jo 6.44). Que isso confirme a nossa fé na ressurreição, pois não somente temos as Escrituras, que nos asseguram que isso ocorrerá, mas também *conhecemos o poder de Deus*, que pode efetuá-lo (Mt 22.29). Como a ressurreição de Cristo foi um exemplo glorioso do poder divino, e, portanto, Ele foi "*...declarado Filho de Deus em poder pela ressurreição dos mortos*" (Rm 1.4), assim será a nossa ressurreição: e sua ressurreição é uma evidência permanente, bem como um padrão, da nossa ressurreição. E então todos os inimigos do reino do Redentor serão completamente conquistados. Não somente aquele "*...que tinha o império da morte*", isto é, *o diabo* (Hb 2.14), mas o "*...último inimigo será aniquilado*", isto é, *a morte* (1 Co 15.26), ela "*...será tragada na vitória*" (cap. 15.54).

CAPÍTULO 4

Exortações sobre vários deveres cristãos, como a firmeza, unanimidade, alegria etc. (vv. 1-9). O reconhecimento do apóstolo em relação à bondade dos filipenses para com ele, com expressões do seu próprio contentamento e desejo pelo bem deles (vv. 10-19). Ele conclui a epístola com louvor, saudações e bênçãos (vv. 20-23).

Várias Exortações

vv. 1-9

O apóstolo inicia o capítulo com exortações sobre alguns deveres cristãos.

I Para que permaneçam firmes na profissão cristã (v. 1). Infere-se isso da conclusão do capítulo anterior: *Portanto, estai firmes* etc. Sabendo que a nossa *cidade está nos céus* e que esperamos que o Salvador venha de lá e nos busque, *portanto, estejamos firmes*. Observe: A esperança e perspectiva confiante da vida eterna deveriam motivar-nos a estar firmes, constantes e resolutos em nossa caminhada cristã. Observe aqui:

1. As saudações são muito afetuosas: "*...meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa*"; e novamente: "*...amados*". Assim ele expressa a satisfação que sentia por eles e a bondade que tinha por eles, para transmitir suas exortações com tanto carinho. Ele os tinha como irmãos, embora fosse um grande apóstolo. Todos nós somos irmãos (veja Mt 23.8). Existe diferença entre dons, graças e realizações, no entanto, sendo renovados pelo mesmo Espírito, conforme a mesma imagem, somos irmãos; como filhos dos mesmos pais, embora diferentes em idade, estatura e aparência. Pelo fato de serem irmãos: (1) Ele os amava, e os amava muito: *amados e mui queridos*; e novamente: *amados*. A afeição cordial deve ser o sentimento entre ministros e cristãos. O amor fraternal sempre deve vir junto com o relacionamento fraternal. (2) Ele os amava e tinha saudades deles; ele ansiava vê-los, ouvir deles e desejava o bem-estar deles. "*...Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo*" (cap. 1.8). (3) Ele os amava e se regozijava neles. Eles eram sua alegria; ele não tinha alegria maior do que ouvir acerca da saúde e prosperidade espiritual deles. "*Muito me alegro por achar que alguns de teus filhos andam na verdade*" (2 Jo 4; 3 Jo 4). (4) Ele os amava e se gloriava neles. Eles eram sua coroa e sua alegria. Paulo estava muito orgulhoso e satisfeito com as evidências da sinceridade da fé e obediência deles. Tudo isso era para preparar o caminho para um respeito ainda maior.

2. A exortação em si: "*...estai assim firmes no Senhor*". Por estarem em Cristo, eles precisam estar firmes nele, ser constantes e resolutos na caminhada com Ele, e íntimos dele e firmes até o fim. Ou, *estai firmes no Senhor* significa estar firmes na sua força e dependentes da sua graça, não confiando em nós mesmos e dispostos a renunciar a qualquer suficiência da nossa parte. Devemos fortalecer-nos "*...no Senhor e na força do seu poder*" (Ef 6.10). "Portanto, estejam firmes, como têm feito até aqui; estejam firmes até o fim, porque vocês são meus amados e minha alegria e coroa. Estejam firmes, como aqueles em cujo bem-estar e perseverança estou tão intimamente interessado."

II Ele os exorta à unanimidade e ajuda mútua (vv. 2,3): "*Rogo a Evódia e rogo a Síntique que sintam o mesmo no Senhor*". Isso é dirigido a algumas pessoas específicas. Às vezes, existe a necessidade de aplicar os preceitos gerais do evangelho a pessoas e casos particulares. Parece que Evódia e Síntique tinham uma divergência entre si ou com a igreja; é possível que isso tenha ocorrido em virtude de um motivo civil (pode ser que estivessem envolvidos em um processo judicial) ou por causa de um motivo religioso – é possível que tivessem opiniões ou sentimentos diferentes. "Rogo", diz ele, "que tenham o mesmo sentimento no Senhor, para manter a paz e viver em amor, que tenham o mesmo sentimento uma com a outra, não contrariando e contestando, e que tenham o mesmo sentimento com o restante da igreja, não agindo de forma hostil com eles". Então, ele exorta à ajuda mútua (v. 3), e essa exortação ele dirige a pessoas específicas: "*E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro*". Não se sabe quem é essa pessoa que ele chama de verdadeiro companheiro. Alguns pensam ser Epafrodito, que parece ter sido um dos pasto-

res da igreja dos filipenses. Outros acreditam que era alguma senhora bondosa, talvez a esposa de Paulo, porque ele exorta seu verdadeiro companheiro a que "...*ajudes essas mulheres que trabalharam comigo*". Quem quer que tenha sido o verdadeiro companheiro do apóstolo, essa pessoa também precisa ser um verdadeiro companheiro dos seus amigos. Parece que havia mulheres que trabalhavam com Paulo no evangelho; não no ministério público (porque o apóstolo proíbe expressamente isso: "*Não permito, porém, que a mulher ensine*", 1 Tm 2.12), mas em acolher os ministros, visitar os doentes, instruir os não-instruídos e convencer os que estavam errados. Dessa forma, as mulheres podem ser úteis aos ministros na obra do evangelho. Agora, diz o apóstolo, ajuda *essas mulheres*. Aqueles que ajudam os outros devem ser ajudados quando necessário. "Ajudem-nas, isto é, unam-se a elas, fortaleçam suas mãos, animem-nas em suas dificuldades". "...*com Clemente, e com os outros cooperadores*". Paulo amava todos os seus cooperadores; e, como tinha experimentado o benefício da ajuda deles, deixa claro que eles também sentiriam o conforto de ter a ajuda de outros. Ele diz o seguinte a respeito dos seus cooperadores: "...*cujos nomes estão no livro da vida*"; ou, então, eles eram escolhidos de Deus desde a eternidade, ou registrados e inscritos na corporação e sociedade a quem o privilégio da vida eterna pertence, aludindo aos costumes entre os judeus e gentios de registrar os habitantes ou os homens livres da cidade. Assim lemos que os nomes deles estão escritos nos céus (Lc 10.20), e que o Senhor não riscará os seus nomes *do livro da vida* (Ap 3.5), e *que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro* (Ap 21.27). Observe: Existe, de fato, um livro da vida; há nomes nesse livro e não somente figuras e condições. Não podemos examinar aquele livro ou conhecer os nomes que estão escritos lá; mas podemos concluir que aqueles que trabalharam no evangelho, e são fiéis aos interesses de Cristo e das almas, têm seus nomes escritos no livro da vida.

III Ele exorta à alegria e ao deleite santo em Deus: "*Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos*" (v. 4). Toda nossa alegria deve culminar em Deus; e nossos pensamentos de Deus devem ser pensamentos agradáveis. "...*multiplicando-se dentro de mim os meus cuidados* (pensamentos dolorosos e aflitivos), *as tuas consolações reanimaram a minha alma*" (Sl 94.19), e a "...*minha meditação a seu respeito será suave*" (Sl 104.34). Observe: É nosso dever e privilégio regozijar-nos em Deus e regozijar-nos nele sempre; em todos os momentos e em todas as condições; mesmo quando sofremos por Ele ou somos afligidos por Ele. Não devemos pensar o pior dele por causa dos sofrimentos que passamos no seu serviço. Há bastante em Deus para nos suprir de alegria nas piores circunstâncias na terra. Ele havia dito isso antes (cap. 3.1): "*Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor*". Aqui ele repete o que havia dito anteriormente: "*Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos*". A alegria em Deus é um dever de grande conseqüência na vida cristã; e os cristãos precisam ser relembrados disso. Se pessoas íntegras não vivem em constante festa, o problema é com elas.

IV Somos exortados a ser sinceros e bondosos e a ter equilíbrio espiritual em relação aos nossos irmãos: "*Seja a vossa eqüidade notória a todos os homens*" (v. 5). "Em situações neutras, não corram para os extremos; evitem a intolerância e a animosidade; sejam caridosos uns com os outros". A palavra *to epieikes* significa uma boa disposição em relação a outros homens; e essa moderação é explicada (Rm 14). Alguns entendem tratar-se de suportar com paciência as aflições ou do desfrutar sóbrio de bens materiais; e assim há uma concordância com o versículo seguinte. A justificação é: "*Perto está o Senhor*". A consideração da vinda próxima do nosso Mestre, e a nossa prestação de contas final, deveria guardar-nos de atacar nossos irmãos em Cristo, animar-nos nos sofrimentos presentes e moderar nossa paixão em relação às coisas exteriores. "Ele tomará vingança contra seus inimigos e recompensará sua paciência".

V Advertência contra preocupações desconcertantes e inquietadoras (v. 6): "*Não estejais inquietos por coisa alguma*" – *meden merimnate*. Este mesmo pensamento é encontrado em Mateus 6.25: "...*não andeis cuidadosos quanto à vossa vida*"; isto é, evitai a inquietação ansiosa e pensamentos perturbadores nas necessidades e dificuldades da vida. Observe: O dever e interesse dos cristãos é viver sem ansiedade e preocupação. Existe uma inquietação diligente que é nosso dever, e ela consiste em uma prevenção sábia e uma preocupação devida; mas existe uma inquietação desconfiada e receosa que se torna pecado e insensatez, e que somente desconcerta e distrai a mente. "*Não estejais inquietos por coisa alguma*, para que em vossa inquietude não desconfieis de Deus e vos torneis desqualificados para o seu serviço".

VI Como um antídoto soberano contra a inquietação desconcertante ele recomenda a oração constante: "...*antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças*". Observe: 1. Devemos não somente manter períodos de oração fixos, mas orar em cada situação crítica que aparece: "...*em tudo... pela oração*". Quando alguma coisa oprime o nosso espírito, devemos aliviar ou tranqüilizar a nossa mente pela oração; quando nossos afazeres estão confusos ou complicados, precisamos buscar direção e apoio. 2. Devemos acrescentar ações de graças às nossas orações e súplicas. Não devemos buscar apenas posses e bens, mas ter um suprimento de misericórdia em nossa vida. O reconhecimento agradecido daquilo que temos indica uma disposição mental correta e será decisivo para bênçãos posteriores. 3. Orar significa oferecer nossos desejos a Deus e fazê-los conhecidos a Ele: "...*as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus*". Não que seja necessário para Deus que contemos as nossas necessidades ou desejos a Ele, porque Ele as conhece melhor do que nós: mas Ele deseja ouvi-los da nossa boca; dessa forma, mostramos nossa preocupação e interesse e expressamos nossa estima pela misericórdia dele e mostramos a nossa dependência dele. 4. O efeito disso será que a "...*paz de Deus... guardará os vossos corações*" (v. 7). A *paz de Deus*, isto é, a percepção confortável da nossa reconciliação com Deus, o benefício do seu favor, o favor da bem-aventurança celestial e o desfrutar de Deus na vida futura, "...*que excede todo o entendimento*", é um

bem maior que não pode ser suficientemente valorizado e devidamente expressado. "*Não subiu ao coração do homem*" (1 Co 2.9). Essa paz *guardará os nossos corações e os nossos sentimentos em Cristo Jesus*; ela nos guardará de pecar nas dificuldades e de afundar diante delas. Essa paz nos manterá calmos e serenos, sem aflição e com uma satisfação interior. "*Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti*" (Is 26.3).

VII Somos exortados a receber e manter um bom nome, um nome para coisas boas com Deus e com pessoas de bem: "...*tudo o que é verdadeiro* e *honesto*" (v. 8), uma consideração pela verdade em nossas palavras e obrigações, e pela decência e conveniência em nosso comportamento, apropriados às nossas circunstâncias e condição de vida. Tudo o que é *justo* e *puro* – de acordo com as regras de justiça e retidão em todos os nossos procedimentos com as pessoas, e sem a impureza ou mistura de pecado. Tudo que é "...*amável, tudo o que é de boa fama*", isto é, tudo que é afável; que nos tornará amáveis e bem considerados pelos outros. "...*se há alguma virtude, e se há algum louvor*" – qualquer coisa realmente virtuosa e digna de louvor. Observe: 1. O apóstolo queria que os cristãos aprendessem qualquer coisa que fosse boa dos seus vizinhos pagãos: "*Se há alguma virtude, nisso pensai* – imitai-os naquilo que é verdadeiramente excelente entre eles e não permitais que vos sobrepujem em qualquer instância de bondade". Não deveríamos estar envergonhados em aprender alguma coisa boa de pessoas más, ou daqueles que não têm as nossas vantagens. 2. A virtude tem seu louvor, e continuará tendo. Deveríamos andar em todos os caminhos da virtude e permanecer nela; e, então, quer nosso louvor seja de homens ou não, ele procederá de Deus (Rm 2.29).

Nessas coisas, ele se coloca como exemplo (v. 9): "*O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei*". Observe: A doutrina e a vida de Paulo eram uniformes. O que viam nele era a mesma coisa que ouviam dele. Ele podia propor o seu exemplo bem como a sua doutrina para serem imitados pelos filipenses. Aquilo que dizemos aos outros tem uma grande força quando podemos recorrer ao que viram em nós. E essa é a maneira de termos o *Deus de paz conosco* – de ficarmos próximos de nosso dever para com Ele.

O Reconhecimento da Bondade dos Filipenses. O Contentamento Cristão

vv. 10-19

Nesses versículos, encontramos o reconhecimento agradecido do apóstolo. Ele reconhece a bondade dos filipenses por lhe enviarem um presente para sustentá-lo, agora que era prisioneiro em Roma. E aqui:

I Ele aproveita a oportunidade para reconhecer a bondade anterior deles e para mencioná-los (vv. 15,16). Paulo tinha um coração agradecido; porque, embora o que os seus amigos fizeram por ele não fosse nada em comparação com o que ele merecia deles e as obrigações que ele tinha colocado sobre eles, no entanto, ele fala da bondade deles como se tivesse sido uma amostra de caridade generosa, quando, na verdade, não passava de uma obrigação justa. Se cada um deles tivesse contribuído com a metade dos seus bens, não teriam dado demais a ele, uma vez que deviam suas próprias almas a ele; e, mesmo assim, quando enviam um pequeno presente, ele o aceita cordialmente, e o menciona com gratidão, inclusive nessa epístola que seria deixada como registro e lida nas igrejas ao longo dos séculos. Assim, em qualquer lugar onde essa epístola fosse lida, aquilo que eles fizeram a Paulo deveria ser relatado em memória deles. Certamente, nunca um presente foi tão bem retribuído. Ele relembra aos filipenses que "...*no princípio do evangelho... nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente*" (v. 15). Eles não somente o mantiveram confortável enquanto esteve com eles, mas quando *partiu da Macedônia* enviaram amostras da sua bondade para ele; e isso ocorreu quando nenhuma outra igreja o fazia. Ninguém, além deles, enviou alguma coisa material ao apóstolo, como consideração ou recompensa do que tinham ceifado das suas coisas espirituais. Quando se trata de obras de caridade, estamos prontos a perguntar o que outras pessoas fizeram. Mas a igreja dos filipenses nunca levou isso em conta. O que contribuiu muito mais para a honra deles foi o fato de eles serem a única igreja justa e generosa para com ele. Também em Tessalônica (depois de ter partido da Macedônia), "...*uma e outra vez, me mandastes o necessário...*" (v. 16). Observe: 1. Eles enviaram apenas o suficiente para suprir a sua necessidade, ou seja, somente as coisas que precisava; talvez fosse de acordo com a capacidade deles, e ele não desejava coisas supérfluas nem regalias. 2. Como é precioso observar as pessoas a quem Deus deu dons da sua graça em abundância devolverem em abundância ao seu povo e ministros, de acordo com a capacidade e necessidade deles: *uma e outra vez, me mandastes*. Muitas pessoas se desculpam dizendo que já contribuíram uma vez; por que deveriam contribuir novamente? Mas os filipenses enviaram uma e outra vez; eles o aliviaram e o reanimaram nas suas necessidades com freqüência. Ele faz menção dessa bondade anterior deles, não somente por causa da sua gratidão, mas para o encorajamento deles.

II Ele perdoa a negligência recente deles. Parece que por um determinado período eles não buscaram informações sobre dele, nem enviaram alguma dádiva; mas, *finalmente, reviveram a sua lembrança dele* novamente (v. 10), como uma árvore na primavera, que parecia totalmente morta durante todo o inverno. De acordo com o exemplo do seu grande Mestre, em vez de reprová-los por causa da sua negligência, ele encontra uma justificação: "...*pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade*". De que forma não podiam ter tido oportunidade, se já tinham decidido a esse respeito? Eles poderiam ter enviado um mensageiro de propósito. Mas o apóstolo está disposto a presumir, a favor deles, que o teriam feito se uma oportunidade tivesse sido oferecida. Esse comportamento é contrário ao comportamento de muitos em relação aos seus amigos, por cujas negligências, aquelas que realmente são desculpáveis, se ressentem tremendamente, quando Paulo

estava disposto a perdoar aquilo que seria razão suficiente para que ficasse ressentido.

III Ele elogia a generosidade presente deles: "*Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição*" (v. 14). É uma boa obra socorrer e ajudar um verdadeiro ministro em dificuldades. Veja aqui qual é a natureza da verdadeira compaixão cristã: não somente estar interessado nos nossos amigos em suas dificuldades, mas fazer o que for possível para ajudá-los. Eles tomaram parte da sua aflição, ao socorrê-lo no meio dela. Tiago questiona a validade da fé se não vier acompanhada de obras. São aqueles que dizem: "*Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?*" (cap. 2.16). Ele se regozijou grandemente nisso (v. 10), porque era uma evidência do carinho deles por ele e do sucesso do seu ministério entre eles. Quando o fruto da caridade deles se tornou abundante para o apóstolo, parece que o fruto do seu ministério se tornou abundante no meio deles.

IV Ele cuida para que não seja mal-interpretado o fato de ele ressaltar tanto aquilo que foi enviado a ele. Isso não foi decorrência de descontentamento e desconfiança (v. 11) ou da cobiça e amor pelo mundo (v. 12). 1. Não foi decorrência de descontentamento ou desconfiança da Providência: "*Não digo isto como por necessidade*" (v. 11); não em relação a qualquer necessidade que sentisse, nem de alguma necessidade de que tivesse medo. Ele estava contente com o pouco que tinha e isso o satisfazia; ele dependia da providência de Deus para prover por ele dia após dia, e isso o satisfazia. "*...porque já aprendi a contentar-me com o que tenho*". Temos aqui um relato do aprendizado de Paulo, não daquilo que recebeu aos pés de Gamaliel, mas daquilo que recebeu aos pés de Cristo. Ele aprendeu a estar contente. Essa lição ele tinha tanta necessidade de aprender quanto a maioria das pessoas, levando em conta as privações e sofrimentos pelas quais foi exercitado. Ele esteve freqüentemente em cadeias, em prisões e necessidades; mas em todas essas situações ele aprendeu a estar contente, isto é, no seu interior ele aceitava essa condição e procurava tirar o máximo de proveito dela. "*Sei estar abatido e sei também ter abundância*" (v. 12). Esse é um ato especial da graça: ajustar-nos de acordo com cada condição de vida e ter uma disposição mental e espiritual constante em todas as variedades do nosso estado. (1) Para ajustar-nos a uma condição angustiante – aceitar ser humilhado, estar com fome, sofrer necessidade, e não ser dominado pelas tentações que vêm com ela, perdendo nosso conforto em Deus ou desconfiando da sua providência, ou encontrando um caminho próprio para suprir as necessidades. (2) Para uma condição próspera – saber ter em abundância, saber ser cheio sem ser orgulhoso, seguro ou luxurioso. E essa é uma lição tão difícil quanto a outra; porque as tentações em relação à abundância e prosperidade não são menores do que as que temos em relação à aflição e à necessidade. Mas de que maneira devemos aprender essa lição? "*Posso todas as coisas naquele que me fortalece*" (v. 13). Temos a necessidade de obter forças de Cristo, para sermos capacitados a realizar não somente as obrigações puramente cristãs, mas mesmo aquelas que são frutos da virtude moral. Precisamos da força dele para nos ensinar a como ficar contente em cada condição. Parecia que o apóstolo tinha se vangloriado quanto à sua própria força: "*Sei estar abatido*" (v. 12); mas aqui ele transfere todo o louvor a Cristo. "O que posso dizer acerca de *saber estar abatido e saber ter em abundância*? Somente *em Cristo, que me fortalece*, posso fazê-lo, não na minha própria força". Assim, requer-se de nós que sejamos "*...fortalecidos no Senhor e na força do seu poder*" (Ef 6.10), e "*...fortalecidos na graça que há em Cristo Jesus*" (2 Tm 2.1). Somos "*...corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior*" (Ef 3.16). A palavra no original é um particípio presente, *en to endynamounti me Christo*, e denota um ato presente e contínuo; como se ele tivesse dito: "Por meio de Cristo, que está me fortalecendo e continua me fortalecendo; é por meio da sua força constante e renovada que sou capacitado a agir em cada situação; dependo completamente dele para todo o meu poder espiritual". 2. Não provinha de cobiça ou de uma atração pela riqueza mundana: "*Não que procure dádivas* (v. 17); ou seja, recebo a bondade de vocês, não porque acrescenta algo ao meu gozo, mas porque acrescenta na conta de vocês". Ele não desejava essa dádiva tanto para o seu próprio bem, mas para o bem deles: "*...procuro o fruto que aumente a vossa conta*, isto é, que vós sejais capacitados a fazer um uso tão bom das vossas posses terrenas para que deis um relato delas com alegria. Não falo isso com o intento de tirar mais de vós, mas para animar-vos a um exercício de beneficência tal que redundará em uma recompensa gloriosa no futuro". Ele diz então: "*...bastante tenho recebido e tenho abundância* (v. 18). O que uma pessoa pode desejar mais se tem o suficiente? Não desejo uma dádiva por causa da dádiva, porque *bastante tenho recebido e tenho abundância*". Eles lhe enviaram uma pequena lembrança, e ele não desejava mais do que isto; ele não era solícito por coisas supérfluas ou por um suprimento futuro: "*...cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado*". Observe: Uma boa pessoa logo terá o suficiente deste mundo; não somente de viver nele, mas de receber dele. Quanto mais uma pessoa mundana cobiçosa tem mais ela quer; mas um cristão verdadeiro, embora tenha pouco, tem o suficiente.

V O apóstolo assegura que Deus aceitou a bondade feita a ele e que a recompensará. 1. Ele a aceitou "*...como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus*". Não um sacrifício de expiação, porque ninguém faz expiação pelo pecado, senão Cristo; mas um sacrifício de reconhecimento e *aprazível a Deus*. Esse sacrifício foi mais agradável a Deus por ser o fruto da graça deles do que o foi a Paulo por ser o suprimento das suas necessidades. "*...com tais sacrifícios, Deus se agrada*" (Hb 13.16). 2. Ele a recompensará: "*O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus*" (v. 19). Ele saca um título do tesouro do céu e deixa que Deus retribua a bondade que tinham mostrado a ele. "Ele o fará, não somente como seu Deus, mas como meu Deus, que toma aquilo que foi feito a mim como se fosse feito a Ele mesmo. Vocês supriram minhas necessidades, de acordo com sua pobreza; e Ele suprirá a de vocês, de acordo com riquezas dele". Mas esse ato ocorre por meio de

Cristo Jesus; por meio dele temos a graça de fazer aquilo que é bom, e por meio dele devemos esperar a recompensa disso. Não como dívida, mas como graça; porque quanto mais fazemos para Deus mais estamos em dívida com Ele, porque tanto mais recebemos dele.

Conclusão

vv. 20-23

O apóstolo conclui a epístola com esses versículos:

1. Com louvores a Deus: "*Ora, a nosso Deus e Pai seja dada glória para todo o sempre. Amém!*" (v. 20). Observe: (1) Deus deve ser considerado por nós como nosso Pai: *Ora, a nosso Deus e Pai.* É uma grande condescendência e favor de Deus reconhecer a relação de Pai com pecadores e permitir que digamos a Ele: *Nosso Pai*; e esse é um título comum na dispensação do evangelho. Também é um grande privilégio e encorajamento tê-lo como nosso Pai, como alguém que está tão intimamente relacionado conosco e que tem um amor tão grande por nós. Deveríamos nos apoiar em Deus, diante das nossas fraquezas e medos, não como um tirano ou inimigo, mas como Pai, que está inclinado a compadecer-se de nós e nos ajudar. (2) Devemos dar glória a Deus como Pai, a glória da sua própria excelência e de toda a sua misericórdia para conosco. Devemos reconhecer com gratidão que tudo que recebemos vem dele e dar todo louvor a Ele. E nosso louvor deve ser constante e perpétuo; deve ser *glória para todo o sempre.*

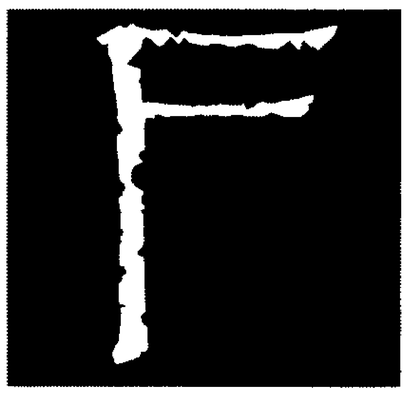
2. Com saudações aos seus amigos em Filipos: "*Saudai a todos os santos em Cristo Jesus* (v. 21); transmiti meu amor sincero a todos os cristãos nessa região". Ele manda lembranças não somente aos bispos e diáconos, e à igreja em geral, mas a cada santo em particular. Paulo tinha um carinho especial por todos os cristãos sinceros.

3. Ele envia saudações das pessoas que estavam em Roma: "*Os irmãos que estão comigo vos saúdam*; os *ministros,* e todos os santos daqui, enviam suas lembranças calorosas a vós. *Principalmente os que são da casa de César*; os convertidos cristãos que pertencem à corte de César". Observe: (1) Havia santos na casa de César. Embora Paulo estivesse preso em Roma por ordem do imperador, pelo fato de pregar o evangelho, havia alguns cristãos na própria família dele. O evangelho no início alcançou alguns ricos e famosos. Talvez o apóstolo tenha recebido alguns favores por meio dos seus amigos na corte. (2) *Principalmente os* etc. Considere isso: Eles, sendo educados na corte, eram mais corteses do que os outros. Veja que adorno à religião é a civilidade santificada.

4. A bênção apostólica, como de costume: "*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vós todos. Amém!* Que o favor e a boa vontade de Cristo sejam vossa porção e felicidade".

COLOSSENSES

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



Colossos era uma cidade importante da Frígia, e provavelmente não ficava longe de Laodicéia e Hierápolis; encontramos essas duas cidades mencionadas juntas (cap. 4.13). Colossos está agora enterrada em ruínas, e a memória dela está principalmente preservada nesta epístola. A epístola visa adverti-los acerca do perigo dos zelotes judeus, que impunham a necessidade de observar a lei cerimonial, e fortalecê-los contra a mistura da filosofia gentílica com os princípios cristãos. Ele professa uma grande satisfação com a firmeza e constância deles e os encoraja à perseverança. Essa epístola provavelmente foi escrita na mesma época das epístolas aos Efésios e aos Filipenses, em 62 d.C., e no mesmo lugar, enquanto o apóstolo estava preso em Roma. Ele não estava inativo no seu confinamento, e a Palavra de Deus não estava presa.

Esta epístola, semelhantemente à epístola aos Romanos, foi escrita a pessoas que ele nunca tinha visto, nem conhecia de forma mais pessoal. A igreja em Colossos não surgiu por meio do ministério de Paulo, mas pelo ministério do evangelista Epafras, ou Epafrodito, alguém que o apóstolo encarregou de pregar o evangelho aos gentios. E, no entanto:

I Havia uma igreja florescente em Colossos, e ela se tornou famosa entre as igrejas. Talvez alguns pensassem que somente as igrejas que Paulo plantou pudessem florescer. Porém, aqui havia uma igreja em franco crescimento plantada por Epafras. Deus, às vezes, agrada-se em usar o ministério daqueles que são menos notados, ou possuem dons menos visíveis, pelo fato de realizarem um grande serviço à sua igreja. Deus usa as mãos que lhe agradam, e não está limitado aos notáveis ou famosos, *para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós* (2 Co 4.7).

II Embora Paulo não tenha plantado essa igreja, ele não a negligenciou. Tampouco, ao escrever essa epístola, ele faz acepção alguma entre essa e as outras igrejas. Os Colossenses, que foram convertidos pelo ministério de Epafras, eram igualmente preciosos para ele, e o apóstolo estava tão preocupado com o bem-estar deles quanto com o bem-estar dos filipenses, ou quaisquer outros que tinham sido convertidosaviam ramaoe bênçãos e orações por meio do seu ministério. Assim, ele honrou um ministro inferior, e nos ensina a não sermos egoístas, nem pensarmos na honra que deixamos de receber. Aprendemos, pelo seu exemplo, a não considerar descrédito ou depreciação regar o que outros plantaram, ou edificar sobre o fundamento que outros colocaram, como ocorreu com ele mesmo: *Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele* (1 Co 3.10).

CAPÍTULO 1

Temos aqui: I. A saudação, como de costume (vv. 1,2). II. Suas ações de graças a Deus pelo que tinha ouvido acerca deles – a fé, o amor e a esperança deles (vv. 3-8). III. Sua oração para o conhecimento, produtividade e força deles (vv. 9-11). IV. Um resumo maravilhoso da doutrina cristã concernente à operação do Espírito, à pessoa do Redentor, à obra da redenção e à sua pregação no evangelho (vv. 12-29).

Dedicatória e Bênção Apostólica

vv. 1,2

I A saudação desta epístola é muito semelhante à das outras. No entanto, podemos observar que: 1. Ele chama a si mesmo de *apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus*. Um apóstolo é um primeiro-ministro no reino de Cristo, imediatamente chamado por Cristo e extraordinariamente qualificado. Seu trabalho peculiar era implantar a igreja cristã e confirmar a doutrina cristã. Ele não atribui isso ao seu próprio mérito, força ou suficiência, mas à graça e boa vontade de Deus. Ele se considerava como comprometido em fazer o seu máximo, como apóstolo, porque foi chamado para isso pela vontade de Deus. Ele buscava fazer o seu melhor como apóstolo, porque foi para isso que tinha sido chamado pela vontade de Deus. 2. Ele menciona Timóteo como fazendo parte da comissão com ele, o que é mais um exemplo de sua humildade. E, embora o chame de filho em outro texto (2 Tm 2.1), aqui ele o chama de seu irmão, o que é um exemplo para os ministros mais antigos e eminentes, no sentido de considerarem os ministros mais jo-

vens e desconhecidos como seus irmãos e tratá-los com bondade e respeito. 3. Ele chama os cristãos em Colossos de *santos e irmãos fiéis em Cristo*. Como todos os ministros genuínos, assim todos os cristãos genuínos são irmãos uns dos outros, estando intimamente relacionados e amando-se mutuamente. Em relação a Deus, eles devem ser santos, consagrados para sua honra e santificados pela sua graça, refletindo sua imagem e visando sua glória. E em ambos os casos, como santos para Deus e irmãos uns dos outros, eles devem ser fiéis. A fidelidade passa por todo atributo e relação da vida cristã, e é a coroa e glória de todos eles.

II A bênção apostólica é a mesma de sempre: *graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*. Ele deseja a eles *graça e paz*, o favor livre de Deus e todos os frutos abençoados desse favor divino; todo tipo de bênçãos espirituais, e *da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*; juntamente da parte dos dois e distintamente de cada um, como na epístola anterior.

As Ações de Graças de Paulo pelos Colossenses

vv. 3-8

Aqui ele prossegue para o corpo da epístola e começa agradecendo a Deus pelo que tinha ouvido a respeito deles, embora não os conhecesse pessoalmente. Ele conhecia o estado e o caráter deles somente por meio do relato de outros.

I Ele agradece a Deus por eles, pelo fato de terem abraçado o evangelho de Cristo e dado provas de sua fidelidade a Ele. Observe: Em suas orações por eles, ele agradeceu por eles. As ações de graças devem fazer parte de todas as orações. E qualquer que seja o motivo de nossa alegria, ele também deve ser o motivo de nossas ações de graças. Observe: 1. A quem ele agradece: *a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*. Em nossa gratidão, devemos ver Deus como Deus (Ele é o objeto de gratidão, bem como de oração), e como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, em quem e por meio de quem todas as coisas boas vêm a nós. Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, bem como o nosso Pai. E é um motivo de encorajamento, em todos os nossos contatos com Deus, que o reconheçamos como o Pai de Cristo e o nosso Pai, como o seu Deus e o nosso Deus (Jo 20.17). Observe: 2. O motivo por que ele agradece a Deus – pelas graças de Deus neles, que eram evidências da graça de Deus para com eles: *Porquanto ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e da caridade que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está reservada nos céus* (vv. 4,5). Fé, esperança e amor são as três graças principais na vida cristã e motivos justos para nossa oração e gratidão. (1) Ele agradece pela fé que eles tinham em Cristo Jesus, pelo fato de que foram levados a crer nele, e assumir a profissão de sua religião, e ousar entregar suas almas ao seu cuidado. (2) Pelo amor deles. Além do amor geral, que é próprio a todas as pessoas, há um amor específico experimentado pelos santos ou por aqueles que são da fraternidade cristã (1 Pe 2.17). Devemos amar todos os santos, mostrar uma grande bondade e boa-vontade a todas as pessoas, apesar de pequenos pontos de diferença e muitas fraquezas reais. Alguns entendem isso como se referindo à sua caridade para com os santos em necessidade, que é um ramo e evidência do amor cristão. (3) Pela esperança deles: a *esperança que vos está reservada nos céus* (v. 5). A felicidade do céu é chamada "sua esperança", porque é a coisa pela qual se espera, *aguardando a bem-aventurada esperança* (Tt 2.13). Muito é oferecido aos crentes neste mundo, mas muito mais é armazenado no céu para eles. E temos motivos para agradecer a Deus pela esperança do céu que os cristãos genuínos têm, ou sua expectativa bem fundamentada da glória futura. Sua fé em Cristo e amor aos santos visava a esperança que está reservada para eles no céu. Quanto mais fixarmos nossas esperanças na recompensa no outro mundo, tanto mais livres e generosos seremos em relação ao nosso tesouro terreno, em todas as oportunidades de fazer o bem.

II Tendo louvado a Deus por essas graças, ele louva a Deus pelos recursos da graça que desfrutavam: *da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho*. Eles tinham ouvido, na palavra da verdade do evangelho, acerca dessa esperança que estava reservada para eles nos céus. Observe: 1. O evangelho é a palavra da verdade, sobre a qual podemos seguramente aventurar as nossas almas imortais: ela procede do Deus da verdade e do Espírito da verdade, e é uma declaração fiel. Ele a chama de *a graça de Deus em verdade* (v. 6). 2. Ouvir essa palavra da verdade é uma grande misericórdia, pois a importante coisa que aprendemos disso é a felicidade do céu. A vida eterna é trazida à luz pelo evangelho (2 Tm 1.10). Eles ouviram falar acerca da esperança reservada no céu na palavra da verdade do evangelho. "'*Que já chegou a vós, como também está em todo o mundo; e já vai frutificando, como também entre vós*' (v. 6). Esse evangelho é pregado e gera frutos em outras nações; ele veio até vós, *como também está em todo o mundo*, de acordo com a comissão: Ide, pregai o evangelho em todas as nações, e a cada criatura". Observe: (1) Todos os que ouvem a palavra do evangelho devem produzir o fruto do evangelho, isto é, ser obedientes a ele e ter seus princípios e vidas formados de acordo com ele. Essa foi a doutrina primeiramente pregada: *Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento* (Mt 3.8). E nosso Senhor diz: *Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes* (Jo 13.17). Observe: (2) Onde quer que o evangelho for, produzirá frutos para a honra e glória de Deus: ele *já vai frutificando, como também entre vós*. Enganamo-nos, se pensamos que podemos monopolizar os confortos e os benefícios do evangelho para nós mesmos. O evangelho está produzindo frutos em nós? Assim ele o faz em outros.

III Ele aproveita essa oportunidade para mencionar o ministro por meio de quem creram (vv. 7,8): *Como aprendestes de Epafras, nosso amado conservo, que para vós é um fiel ministro de Cristo*. Ele menciona-o com grande respeito, para atrair o amor deles por ele. 1. Ele o chama de seu conservo, para indicar que eles não somente serviam o mesmo Mestre, mas que estavam engajados na mesma obra. Eles eram coopera-

dores na obra do Senhor, embora um fosse apóstolo e o outro, ministro comum. 2. Ele o chama de seu amado conservo: todos os servos de Cristo devem amar uns aos outros, e é uma consideração afetuosa que eles estejam engajados no mesmo serviço. 3. Ele o descreve como alguém que foi um ministro fiel de Cristo para eles, que tinha sua completa confiança e cumpriu seu ministério entre eles. Observe: Cristo é nosso próprio Mestre, e nós somos os seus ministros. Ele não diz que é o seu ministro, mas que é *para vós... ministro de Cristo*. É pela autoridade e designação dele, embora para o serviço do povo. 4. Ele o representa como alguém que deu uma boa palavra a eles: *o qual nos declarou também a vossa caridade no Espírito* (v. 8). Ele o recomenda ao amor deles, a partir do bom relatório que fez do sincero amor deles por Cristo e todos os seus membros, que foi operado neles pelo Espírito, e que está de acordo com o espírito do evangelho. Ministros fiéis alegram-se quando podem falar bem do seu povo.

A Oração de Paulo pelos Colossenses

vv. 9-11

O apóstolo continua, nestes versículos, a orar por eles. Ele ouviu que eles eram bons, e orou para que pudessem ser melhores. Ele era constante em sua oração: *não cessamos de orar por vós*. É possível que ele ouvisse falar deles, mas pouco, porém constantemente orava por eles: *e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade* etc. Observe o que é que ele pede a Deus por eles:

I Para que sejam cristãos conhecedores e inteligentes: *cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual*. Observe: 1. O conhecimento do nosso dever é o melhor conhecimento. Uma mera noção vazia das maiores verdades é insignificante. Nosso conhecimento da vontade de Deus sempre deve ser prático: devemos conhecê-la para fazê-la. 2. Nosso conhecimento é então uma bênção, de fato, quando ocorre em sabedoria, quando sabemos como aplicar nosso conhecimento geral às nossas situações particulares, e como adaptá-lo a todas as emergências. 3. Os cristãos deveriam se esforçar em ser cheios do conhecimento; não somente em conhecer a vontade de Deus, mas em conhecer mais dela, e em crescer *no conhecimento de Deus* (como v. 10), e *na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador* (2 Pe 3.18).

II Para que a relação deles seja boa. O conhecimento de Deus sem uma vida genuína não trará lucro. Nossa compreensão torna-se uma compreensão espiritual quando a exemplificamos em nossa maneira de viver: *para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo* (v. 10), isto é, como convém à relação na qual estamos com Ele e à confissão que fazemos dele. A adequabilidade do nosso comportamento na religião é agradável a Deus, bem como aos homens bons. *Frutificando em toda boa obra*. Esse deve ser o nosso alvo. Boas palavras não serão suficientes sem boas obras. Devemos abundar em boas obras, e em toda boa obra: não somente em algumas, aquelas que são mais fáceis, convenientes e seguras, mas em tudo e em cada ocasião possível. Deve haver uma atenção uniforme e regular a toda a vontade de Deus. E, quanto mais produtivos formos em boas obras, tanto mais cresceremos *no conhecimento de Deus. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus* (Jo 7.17).

III Para que sejam fortalecidos: *corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória* (v. 11), fortificados contra as tentações de Satanás e supridos em todas as suas obrigações. É um grande conforto saber que aquele que se encarrega de dar força ao seu povo é um Deus de poder e de um poder glorioso. Onde há vida espiritual, há necessidade contínua de força espiritual, força para todas as ações da vida espiritual. Ser fortalecido significa ser equipado com a graça de Deus para toda boa obra, e fortalecido por essa graça contra toda obra má: isto é ser capacitado para realizar nosso dever, e ainda manter com firmeza nossa integridade. O bendito Espírito é o autor dessa força, pois somos *corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior* (Ef 3.16). A Palavra de Deus é o meio dela, pela qual Ele a comunica. E ela deve ser buscada em oração. Foi como resposta à intensa oração que o apóstolo obteve graça suficiente. Ao orar por força espiritual, não estamos limitados nas promessas, e, portanto, não deveríamos estar limitados em nossas próprias esperanças e desejos. Observe: 1. Ele orou para que fossem fortalecidos com poder (versão RA): isso parece uma tautologia. Mas ele quer dizer: que sejam poderosamente fortalecidos, ou fortalecidos com poder obtido de outra fonte. 2. É com todo o poder. Parece irracional que uma criatura fosse fortalecida com todo o poder, porque isso a tornaria *todo-poderosa*. Mas ele quer dizer: com todo aquele poder necessário para nos capacitar a cumprir nosso dever ou preservar nossa inocência, aquela graça que é suficiente para nós em todas as provações da vida e capaz de nos ajudar em tempos de necessidade. 3. É *segundo a força da sua glória*. Ele quer dizer: de acordo com a graça de Deus. Mas a graça de Deus no coração dos crentes é o poder de Deus. E há uma glória nesse poder. É um poder excelente e suficiente. E a transmissão da força não é de acordo com a nossa fraqueza, a quem a força é transferida, mas de acordo com o poder dele, de quem é recebida. Quando Deus dá, Ele dá de acordo consigo mesmo, e quando Ele fortalece, fortalece de acordo consigo mesmo. 4. O uso especial dessa força era para uma obra sofredora: Para que sejam *corroborados... em toda a paciência e longanimidade, com gozo*. Ele ora não somente para que sejam *sustentados* nas suas dificuldades, mas *corroborados* para elas. A razão é que há trabalho a ser feito mesmo quando estamos sofrendo. E aqueles que são corroborados *segundo a força da sua glória* são corroborados: (1) Em toda a paciência. Quando a paciência tem *sua obra perfeita* (Tg 1.4), então somos fortalecidos em toda paciência – quando não somente suportamos nossas dificuldades com paciência, mas as recebemos como dádivas de Deus, e somos gratos por elas. *A vós vos foi concedido... padecer* (Fp 1.29). Quando suportamos bem as nossas dificuldades, embora sejam muitas, e as circunstâncias delas sejam tão desagra-

dáveis, então as suportamos com toda a paciência. E o mesmo motivo para suportar uma dificuldade será válido para suportar outra, se for um bom motivo. Toda a paciência inclui todo tipo de paciência; não somente paciência tolerante, mas paciência que espera. (2) Isso leva à longanimidade, isto é, aquilo que pode ser estendido por um longo período: não somente para suportar a dificuldade por um tempo, mas para suportá-la até quando Deus achar necessário. (3) Isso envolve gozo, regozijarmo-nos na tribulação, suportarmos alegremente que nossos bens sejam despojados, e nos alegrarmos por sermos considerados dignos de sofrer pelo seu nome, termos alegria, bem como paciência, nas dificuldades da vida. Isto, jamais poderíamos alcançar pelas nossas próprias forças, mas somente quando somos fortalecidos pela graça de Deus.

A Dignidade do Redentor. A Obra da Redenção. A Pregação de Paulo
vv. 12-29

Aqui está um resumo da doutrina do evangelho concernente à grande obra de nossa redenção por Cristo. Ele aparece aqui não como o motivo de um sermão, mas como o motivo de ação de graças, porque nossa salvação em Cristo nos supre com motivos abundantes de ação de graças: *dando graças ao Pai* (v. 12). Ele não discorre acerca da obra da redenção na sua ordem natural, porque então ele falaria da aquisição dela primeiro, e, mais tarde, da aplicação dela. Mas aqui ele inverte a ordem, porque, na nossa percepção e sentimento disso, a aplicação vem antes da obtenção. Primeiro, encontramos os benefícios da redenção em nossos corações, e então somos levados por essas correntes até a nascente. A ordem e a conexão do discurso do apóstolo podem ser consideradas da seguinte maneira:

I Ele fala acerca das operações do Espírito da graça em nós. Devemos dar graças por elas, porque, por meio delas, somos qualificados para um benefício na mediação do Filho: *dando graças ao Pai* etc. (vv. 12,13). Diz-se que essa é a obra do Pai, porque o Espírito da graça é o Espírito do Pai, e o Pai trabalha em nós pelo seu Espírito. Aqueles que experimentam a obra da graça devem agradecer ao Pai. Se temos o conforto dela, Ele precisa receber a glória por isso. Afinal, o que é operado por nós na aplicação da redenção? 1. "*Ele nos tirou da potestade das trevas* (v. 13). Ele nos resgatou do estado do paganismo, de escuridão e maldade. Ele nos salvou do domínio do pecado, que é escuridão (1 Jo 1.6), do domínio de Satanás, que é o *príncipe das trevas* (Ef 6.12), e da condenação do inferno, que são *trevas exteriores*" (Mt 25.30). Eles são *chamados das trevas* (1 Pe 2). 2. "Ele *nos transportou para o Reino do Filho do seu amor*, trazendo-nos para o estado do evangelho, e fazendo-nos membros da igreja de Cristo, que é um estado de luz e pureza." *Noutro tempo, éreis trevas, mas, agora, sois luz no Senhor* (Ef 5.8). *Aquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz* (1 Pe 2.9). Esses, que eram escravos de Satanás, foram feitos súditos dispostos de Cristo. A conversão de um pecador é o traslado de uma alma do reino do Diabo para o reino de Cristo. O poder do pecado é tirado, e o poder de Cristo é conferido. A lei do Espírito de vida em Cristo Jesus os torna livres da lei do pecado e morte, e este é o reino do seu Filho querido, ou o Filho do seu amor singular, seu Filho amado (Mt 3.17), e, de maneira notável, o Amado (Ef 1.6). 3. "Ele não somente fez isso, mas *nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz* (v. 12). Ele nos preparou para a felicidade eterna do céu, como os israelitas dividiram a terra prometida por sorteio, e nos deu o penhor e a certeza dela." Isto ele menciona primeiro porque é a primeira indicação da bênção futura, para a qual, pela graça de Deus, nos encontramos, em certa medida, preparados. Deus dá *graça e glória*, e somos instruídos aqui acerca do significado de ambos. (1) O que é essa glória. É a *herança dos santos na luz*. Essa é uma herança, e pertence a eles como filhos, a qual é a melhor segurança e o direito de posse mais doce: *Se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros* (Rm 8.17). E é uma herança dos santos – própria para almas santificadas. Aqueles que não são santos na terra nunca serão santos no céu. E é uma herança na luz; a perfeição do conhecimento, da santidade, e da alegria, pela comunhão com Deus, que é luz, e o Pai das luzes (Tg 1.17; 1 Jo 1.5). (2) O que é essa graça. Ela é uma habilitação para a herança: "*Ele nos fez idôneos para participar da herança*, isto é, condizentes e dignos para o estado celestial por uma disposição e hábito de alma. E Ele nos faz idôneos pela influência poderosa do seu Espírito". Ela é o efeito do poder divino para mudar o coração, e torná-lo celestial. Observe: Todos os que são destinados para o céu no futuro são preparados para o céu agora. Como aqueles que vivem e morrem não santificados saem deste mundo e têm como destino o inferno, também aqueles que são santificados e renovados saem deste mundo e têm como destino o céu. Aqueles que têm a herança de filhos têm a educação de filhos e a disposição de filhos: eles *receberam o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamam: Aba, Pai* (Rm 8.15). *E, porque sois filhos, Deus enviou aos* vossos *corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai* (Gl 4.6). Essa qualificação para o céu é o penhor do Espírito em nosso coração, que é parte do pagamento e assegura o pagamento completo. Aqueles que são santificados serão glorificados (Rm 8.30), e serão para sempre devedores da graça de Deus, que os santificou.

II Acerca da pessoa do Redentor. Coisas gloriosas são ditas dele aqui, porque o bendito Paulo era cheio de Cristo, e aproveitou todas as oportunidades para falar honrosamente dele. Ele fala dele distintamente como Deus e como Mediador.

1. Ele fala dele como Deus (vv. 15-17). (1) Ele é a *imagem do Deus invisível*. Não como o homem foi feito *à imagem de Deus* (Gn 1.27), em suas faculdades naturais e domínio sobre as criaturas: não, Ele é a *expressa imagem da sua pessoa* (Hb 1.3). Ele é a imagem de Deus como o filho é a imagem do seu pai, que tem uma semelhança natural com ele, de modo que quem o viu, *viu o Pai*, e sua *glória era a glória do Unigênito do Pai* (Jo 1.14; 14.9). (2) Ele é o *primogênito de toda a criação*. Não que Ele mesmo seja uma criatura, porque é *prototokos pases ktiseos* – *nascido* ou *gerado antes de toda a criação*, ou antes que

qualquer criatura fosse feita, que é a forma das Escrituras de representar a eternidade, e por meio da qual a eternidade de Deus é representada a nós: *Desde a eternidade, fui ungida; desde o princípio, antes do começo da terra; antes de haver abismos... antes que os montes fossem firmados... ainda ele não tinha feito a terra* (Pv 8.23-26). Isto quer dizer o seu domínio sobre todas as coisas. Da maneira que o primogênito numa família é herdeiro e senhor de todos, assim Ele é o *herdeiro de tudo* (Hb 1.2). Quando mudamos o acento, a palavra *prototokos* significa o progenitor ou criador de todas as coisas, e assim concorda harmoniosamente com a cláusula seguinte. Vid. Isidor. Peleus., *Epíst.* 30, liv. 3. (3) Ele é Criador, e não criatura: *Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis* (v. 16). Ele fez todas as coisas do nada, o anjo mais elevado do céu, como também os homens na terra. Ele fez o mundo, o mundo superior e o inferior, com todos os seus habitantes. *Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez* (Jo 1.3). Ele fala aqui como se houvesse diversas ordens de anjos: *sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades*, que devem significar graus diferentes de superioridade ou cargos e ocupações diferentes. *Anjos, e as autoridades, e as potências* (1 Pe 3.22). Cristo é a sabedoria eterna do Pai, e o mundo foi feito em sabedoria. Ele é a Palavra eterna, e o mundo foi feito pela Palavra de Deus. Ele é o *braço do Senhor*, e o mundo foi feito por esse braço. *Tudo foi criado por ele e para ele, di' autou kai eis autov.* Ao serem criados por Ele, eles foram criados para Ele; ao serem feitos pelo seu poder, foram feitos de acordo com a sua vontade e para o seu louvor. Ele é o fim, bem como a causa de tudo. *Para ele são todas as coisas* (Rm 11.36), *eis auton ta panta.* (4) Ele era *antes de todas as coisas*. Ele existia antes que o mundo fosse feito, antes do princípio dos tempos, e, portanto, desde a eternidade. A sabedoria estava com o Pai, e era possuída por Ele *no princípio de seus caminhos e antes de suas obras mais antigas* (Pv 8.22). E, no princípio, a Palavra estava com Deus e era Deus (Jo 1.1). Ele não somente existia antes de nascer da virgem, mas existia antes do tempo. (5) *Todas as coisas subsistem por ele.* Elas não somente subsistem em sua existência, mas na sua ordem e dependências. Ele não somente as criou no princípio, mas é pela palavra do seu poder que continuam sustentadas (Hb 1.3). Toda a criação permanece unida pelo poder do Filho de Deus, e foi feita para subsistir na sua estrutura apropriada. Ela é protegida de se dispersar e entrar em confusão. 2. O apóstolo então mostra o que Ele é como Mediador (vv. 18,19). (1) Ele é *a cabeça do corpo da igreja*: não somente uma cabeça de governo e direção, da maneira que o rei é a cabeça do estado e tem o direito de prescrever leis, mas uma cabeça de influência vital, como a cabeça no corpo natural; porque toda graça e força se originam nele, e a Igreja é o seu corpo, *a plenitude daquele que cumpre tudo em todos* (Ef 1.22,23). (2) Ele é o *princípio e o primogênito dentre os mortos, arche prototokos* – o princípio, o primogênito dentre os mortos; o princípio da nossa ressurreição, bem como o próprio primogênito. Todas as nossas esperanças e alegrias têm seu início naquele que é o autor da nossa salvação. Não que Ele fosse o primeiro a ressurgir dos mortos, mas Ele foi o primeiro e único que ressuscitou pelo seu próprio poder e foi *declarado o Filho de Deus e Senhor de todas as coisas*. E Ele é a cabeça da ressurreição, e serviu de exemplo e evidência da nossa própria ressurreição. Ele ressuscitou e foi feito as primícias (1 Co 15.20). (3) Ele *tem em tudo a preeminência.* Era a vontade do Pai que Ele tivesse *todo o poder no céu e na terra*, para que pudesse ser posto acima dos anjos e todos os poderes no céu (Ele *herdou mais excelente nome do que eles*, Hb 1.4), e para que em todas as coisas a respeito do Reino de Deus entre os homens Ele tivesse a preeminência. Ele tem a preeminência no coração do seu povo acima do mundo e da carne. E, ao dar a Ele a preeminência, concordamos com a vontade do Pai, de que *todos honrem o Filho, como honram o Pai* (Jo 5.23). (4) Toda plenitude mora nele, e agradou ao Pai que fosse assim (v. 19), não somente uma plenitude de abundância para si, mas de superabundância para nós, uma plenitude de merecimento e justiça, de força e graça. Como a cabeça é a base e fonte da disposição animal, assim é Cristo, de todas as graças, para o seu povo. *Foi do agrado do Pai* que toda plenitude habitasse nele; e nós podemos ter livre acesso a Ele por toda essa graça, pela qual temos ocasião. Ele não somente intercede por ela, mas é o curador em cujas mãos ela está depositada, para ser concedida a nós: *Todos nós recebemos da sua plenitude, com graça sobre graça*, a graça em nós respondendo à graça que está nele (Jo 1.16), e Ele *cumpre tudo em todos* (Ef 1.23).

III Acerca da obra da redenção. Ele fala da natureza dela, ou no que ela consiste, e do meio pelo qual foi obtida.

1. No que ela consiste. A obra da redenção visa duas coisas: (1) A remissão do pecado: *em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados* (v. 14). Foi o pecado que nos vendeu, que nos escravizou: se fomos remidos ou comprados, fomos remidos do pecado. E isso ocorre por meio do perdão, ou o cancelamento da obrigação do castigo. Assim lemos em Efésios 1.7: *Em quem temos a redenção, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça.* (2) A reconciliação com Deus. Deus, por meio dele, *reconciliou consigo mesmo todas as coisas* (v. 20). Ele é o Mediador da reconciliação, que alcança a paz e o perdão para os pecadores, que os traz a um estado de amizade e favor no presente, e unirá todas as criaturas santas, anjos e homens, em uma sociedade gloriosa e abençoada no futuro: *tanto as que estão na terra como as que estão nos céus*. Assim lemos em Efésios 1.10: Ele tornará *a congregar em Cristo todas as coisas,... tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.* A palavra é *anakefalaiosasthai – Ele os trará todos debaixo da mesma cabeça.* Os gentios, que eram alienados e *inimigos no entendimento pelas* suas *obras más, agora, contudo,* os *reconciliou* (v. 21). Veja aqui qual era a condição deles por natureza e no seu estado gentio – alienados de Deus e em inimizade com Deus. E mesmo assim esse *inimigo está ferido*, e, apesar dessa distância, estamos agora reconciliados. Cristo colocou o fundamento para a nossa reconciliação, pois Ele pagou o preço por ela, comprou a oferta e a promessa dela, proclama-a como profeta, aplica-a como rei. Observe: Os maiores inimigos de Deus, que estavam bem longe de Deus e o desafiaram, podem ser reconciliados, se não forem negligentes.

2. Como a redenção é obtida: *pelo seu sangue* (v. 14). Ele estabeleceu *a paz pelo sangue da sua cruz* (v. 20), *no corpo da sua carne, pela morte* (v. 22). Foi o *sangue que fez a propiciação, pois o sangue é a vida; e sem derramamento de sangue não há remissão* (Hb 9.22). Havia um valor tão grande no sangue de Cristo, que, por causa do seu derramamento, Deus estava disposto a tratar com as pessoas de acordo novos termos, colocá-las debaixo de um concerto de graça, e *por causa dele* e como retribuição da sua morte na cruz, perdoar e aceitar, favorecer todo aquele que concordar com esses termos.

IV Acerca da pregação do evangelho da redenção. Observe aqui:

1. A quem foi pregado: *a toda criatura que há debaixo do céu* (v. 23), isto é, ele foi ordenado a ser pregado a toda criatura (Mc 16.15). Ele pode ser pregado a toda criatura, porque o evangelho não exclui ninguém que não se exclua a si próprio. Mais ou menos, ele tem sido ou será pregado a toda nação, embora muitos tenham pecado e afastado a luz dele e talvez alguns nunca o tenham desfrutado ainda.

2. Por quem foi pregado: *do qual eu, Paulo, estou feito ministro.* Paulo era um grande apóstolo, mas ele considera este o mais elevado dos seus títulos de honra, o de ser um ministro do evangelho de Jesus Cristo. Paulo aproveita todas as oportunidades para falar do seu ministério, pois ele *glorificava o seu ministério.* E novamente no versículo 25: *da qual eu estou feito ministro.* Observe aqui:

(1) O motivo do ministério de Paulo: ele era *segundo a dispensação de Deus, que foi concedida a ele* (v. 25), a organização ou disposição sábia das coisas na casa de Deus. Paulo era mordomo e arquiteto, e isso foi dado a ele: ele não o usurpou, nem tomou para si; e ele não podia exigi-lo como uma dívida. Ele recebeu esse ministério de Deus como uma dádiva e o aceitou como um favor.

(2) A finalidade do seu ministério: "*É para vós*, para o vosso benefício; *somos vossos servos, por amor de Jesus* (2 Co 4.5). Somos ministros de Cristo para o bem do seu povo, *para cumprir a Palavra de Deus* (isto é, pregá-la completamente), da qual tereis a vantagem maior. Quanto mais realizarmos nosso ministério, ou completarmos todas as partes dele, tanto mais o povo será beneficiado. Eles terão um conhecimento maior e estarão equipados para o serviço".

(3) Que tipo de pregador Paulo era. Isso é particularmente representado.

[1] Ele era um pregador sofredor: *Regozijo-me, agora, no que padeço por vós* (v. 24). Ele sofria na causa de Cristo e para o bem da Igreja. Ele sofreu pelo fato de pregar o evangelho para eles. E, enquanto sofria por uma causa tão nobre, ele podia regozijar-se nos seus sofrimentos, *regozijando-se de ter sido julgado digno de padecer afronta* (veja At 5.41). Para ele, era uma honra sofrer por Cristo. *E na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo.* As aflições de Paulo, ou de qualquer outro, não eram expiações pelo pecado, como foram os sofrimentos de Cristo. Não havia nada faltando nos sofrimentos do nosso Senhor; nada que precisava ser *cumprido.* Os sofrimentos dele eram perfeitamente suficientes para satisfazer a justiça de Deus, para a salvação do seu povo. Mas os sofrimentos de Paulo e de outros ministros genuínos satisfaziam a Cristo; eles seguiam o Senhor em seu sofrimento: dessa forma, eles cumpriam o restante das aflições ou sofrimentos de Cristo, semelhantemente à cera que preenche os espaços vazios do selo, quando recebe a impressão dele. Ou é possível que não esteja se referindo aos sofrimentos de Cristo, mas aos sofrimentos do apóstolo por Cristo. Ele *cumpria o resto.* Uma certa medida de sofrimento por Cristo foi prescrita a ele; e, assim como seus sofrimentos estavam em conformidade com essa designação, também ele continuava completando cada vez mais a parte que lhe cabia.

[2] Ele era um pregador pessoal: ele não pregava somente publicamente, mas *de casa em casas*, de pessoa a pessoa. *A quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria* (v. 28). Todo homem tem necessidade de ser admoestado e ensinado, e, portanto, que cada homem tenha a sua parte. Observe que, em primeiro lugar, quando admoestamos as pessoas nos seus erros, devemos ensiná-las a fazer melhor: a admoestação e o ensino devem andar juntos. Em segundo lugar, as pessoas devem ser admoestadas e ensinadas em toda sabedoria. Devemos escolher o tempo mais apropriado e usar os meios mais adequados, e nos acomodar às diferentes circunstâncias e capacidades daqueles com quem temos de lidar e ensiná-los de acordo com a capacidade deles. Ele visava *apresentar todo homem perfeito em Jesus Cristo, teleios*, ou perfeito em conhecimento da doutrina cristã (*Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo*, Fp 3.15; 2 Tm 3.17), ou então coroado com uma recompensa gloriosa no futuro, quando Ele *apresentar a si mesmo igreja gloriosa* (Ef 5.27), e conduzi-los *aos espíritos dos justos aperfeiçoados* (Hb 12.23). Observe: Os ministros devem buscar o melhoramento e a salvação de cada pessoa que os ouve. Em terceiro lugar, ele era um pregador laborioso, alguém que se dedicava muito ao seu ministério: ele não era um ministro ocioso, e não realizava seu trabalho de maneira negligente (v. 29): *para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente.* Ele trabalhava e combatia, era muito diligente e lutava com muitas dificuldades, de acordo com a medida da graça proporcionada a ele e da extraordinária presença de Cristo que estava com ele. Observe: À medida que Paulo se dispunha a fazer o bem, ele recebia o poder de Deus que operava nele de maneira cada vez mais eficaz. Quanto mais trabalhamos na obra do Senhor, maior é a medida de ajuda que podemos esperar dele (Ef 3.7): *pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder.*

3. O evangelho que foi pregado. Temos um relato disso: *o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos* (vv. 26,27). Observe: (1) O mistério do evangelho esteve oculto por muito tempo: ele ficou escondido por séculos e gerações, os diversos séculos da igreja na dispensação do Antigo Testamento. Eles estavam em um estado de menoridade e sendo treinados para um estado mais perfeito das coisas, e não podiam enxergar o final dessas coisas que foram determinadas (2 Co 3.13). (2) Esse mistério agora, na plenitude do tempo, é manifestado aos santos, ou claramente revelado e tornado compreensível. O véu que esteve

sobre o rosto de Moisés foi tirado em Cristo (2 Co 3.14). O santo mais simples debaixo do evangelho entende mais do que os maiores profetas debaixo da lei. A pessoa que é o menor no Reino dos céus é maior do que eles. *O mistério de Cristo, o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas* (Ef 3.4,5). E o que é esse mistério? É a riqueza da glória de Deus entre os gentios. A doutrina peculiar do evangelho era um mistério que estava escondido anteriormente, e é agora manifesto e feito conhecido. Mas o grande mistério aqui referido é a quebra do muro divisório entre judeus e gentios, e a pregação do evangelho ao mundo gentio. Esses que antes permaneciam na ignorância e idolatria tornaram-se participantes dos privilégios do evangelho: *os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho* (Efésios 3.6). Esse mistério, que se tornou conhecido, *é Cristo em vós* (ou no meio de vós), *esperança da glória*. Observe: Cristo é a esperança da glória. A base da nossa esperança é Cristo na Palavra, ou a revelação do evangelho, declarando a natureza e os métodos de obtê-la. A evidência da nossa esperança é Cristo no coração, ou a santificação da alma, e sua preparação para a glória celestial.

4. O dever daqueles que estão interessados nessa redenção: *se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido* (v. 23). Devemos continuar fundados e firmes na fé e não ser desviados da esperança do evangelho; isto é, devemos estar tão seguros em nossa mente, a ponto de não sermos afastados dela por tentação alguma. Devemos ser firmes e constantes (1 Co 15.58) e *reter firmes a confissão da nossa esperança* (Hb 10.23). Observe: Podemos esperar o final feliz da nossa fé somente quando continuamos na fé e somos tão fundados e firmes nela a ponto de não sermos afastados dela. Não devemos *ser daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma* (Hb 10.39). Devemos ser fiéis até a morte, diante de todas as provações, para que recebamos a *coroa da vida, e alcancemos o fim da* nossa *fé, a salvação da alma* (1 Pe 1.9).

CAPÍTULO 2

I. O apóstolo expressa sua preocupação pelos Colossenses (vv. 1-3). II. Ele repete sua preocupação (v. 5). III. Ele os adverte contra os falsos mestres no meio dos judeus (vv. 4,6,7) e contra a filosofia gentílica (vv. 8-12). IV. Ele mostra os privilégios dos cristãos (vv. 13-15). V. Ele conclui com uma advertência contra os mestres judaizantes e aqueles que buscavam introduzir a adoração aos anjos (vv. 16-23).

A Preocupação de Paulo pelos Colossenses

vv. 1-3

Podemos observar aqui a grande preocupação que Paulo tinha pelos Colossenses e pelas outras igrejas que ele não conhecia pessoalmente. O apóstolo nunca tinha estado em Colossos, e essa igreja não havia sido plantada por ele; mas, mesmo assim, ele tinha o mesmo cuidado por ela, como se tivesse sido a pessoa responsável pela implantação dela (v. 1): *Porque quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne*. Observe: 1. O cuidado de Paulo pela Igreja era tal que chegava a se tornar um combate para ele. Ele tinha uma certa agonia e um constante temor pelo que podia acontecer com ela. Nisso ele era um seguidor do Mestre, que agonizava por nós e *foi ouvido quanto ao que temia*. 2. Podemos conservar uma comunhão pela fé, esperança e amor santo, mesmo com as igrejas e companheiros cristãos que não conhecemos pessoalmente e com quem não temos relação. Podemos pensar, orar e estar interessados uns nos outros, mesmo a grandes distâncias; e aqueles que nunca vimos na carne podemos esperar encontrar no céu. Mas:

I O que o apóstolo desejava em relação a eles? *Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade* etc. (v. 2). Ele estava apreensivo quanto à batalha espiritual deles. Ele não diz que sejam saudáveis, felizes, ricos, famosos e prósperos, mas que seus *corações sejam consolados*. Observe: A prosperidade da alma é a melhor prosperidade, e o que nos deveria deixar mais apreensivos quanto a nós e aos outros. Temos aqui uma descrição da prosperidade da alma.

1. Quando nosso conhecimento cresce em relação ao mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo – quando chegamos a ter um conhecimento mais claro, distinto e metódico da verdade de Jesus, então a alma prospera: *para conhecer o mistério*, ou o que era oculto anteriormente, mas é agora tornado conhecido, concernente ao Pai e a Cristo, ou o mistério mencionado anteriormente, em chamar os gentios a participar da Igreja cristã, como o Pai e Cristo o revelaram no evangelho; e não somente falar disso por hábito, ou como aprendemos no nosso catecismo, mas nos aprofundar no seu significado e desígnio. Esse deve ser o nosso alvo; então a nossa alma prosperará.

2. Quando nossa fé cresce a uma plena segurança e ao reconhecimento claro desse mistério. (1) A uma plena segurança ou um julgamento bem estabelecido, sob a evidência adequada, das grandes verdades do evangelho, sem duvidar ou questionar, mas abraçando-as com a maior satisfação, com declarações fiéis e dignas de toda aceitação. (2) Quando ela alcança um reconhecimento livre e não somente cremos com o coração, mas estamos prontos, quando chamados, a confessar com a boca, e não estamos envergonhados do nosso Mestre e nossa religião santa, diante da reprovação e violência dos nossos inimigos. Isso é chamado de *enriquecidos da plenitude da inteligência*. O grande conhecimento e a fé forte enriquecem a alma. Isso é ser rico para com Deus e rico na fé, e ter verdadeiras riquezas (Lc 12.21; 16.11; Tg 2.5).

3. Ela consiste na abundância de consolo em nossa alma: *para que os seus corações sejam consolados*. A alma prospera quando é enchida com alegria e paz (Rm 15.13), e apresenta uma satisfação interior que todas as dificuldades externas não podem perturbar, e é capaz de

alegrar-se no Senhor quando todos os outros consolos falham (Hc 3.17,18).

4. Quanto mais íntima é a comunhão com os nossos irmãos cristãos, tanto mais a alma prospera: *estejam unidos em caridade*. O amor santo une os corações dos cristãos; e a fé e o amor contribuem para o nosso consolo. Quanto mais forte for a nossa fé, e quanto mais fervoroso for o nosso amor, tanto maior será o nosso consolo. Tendo oportunidade de mencionar a Cristo (v. 2), de acordo com sua forma costumeira, ele faz a seguinte observação para sua honra (v. 3): *em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência*. Ele tinha dito (cap. 1.19) *que toda a plenitude nele habita*. Aqui o apóstolo menciona especialmente *todos os tesouros da sabedoria e da ciência*. Há uma plenitude de sabedoria nele, como Ele perfeitamente revelou a vontade de Deus à humanidade. Observe: Os tesouros da sabedoria estão ocultos não de nós, mas para nós, em Cristo. Aqueles que são sábios e conhecedores devem fazer alusão a Cristo. Devemos despender do suprimento que é armazenado para nós nele, e sacar dos tesouros que estão ocultos nele. Ele é a sabedoria de Deus, e é de *Deus para nós feito sabedoria* etc. (1 Co 1.24,30).

II Sua preocupação por eles é repetida (v. 5): *Ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito, estou convosco, regozijando-me e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo*. Observe: 1. Podemos estar presentes em espírito com as igrejas e cristãos dos quais estamos ausentes no corpo; porque a comunhão dos santos é uma coisa espiritual. Paulo tinha ouvido que os Colossenses eram ordeiros e corretos; e embora nunca os tivesse visto, ele deixa claro que poderia facilmente imaginar-se no meio deles e olhar com prazer para o bom comportamento deles. 2. A condição e a firmeza dos cristãos são motivo de alegria para os ministros: eles se alegram quando observam sua condição, seu comportamento regular e lealdade firme à doutrina cristã. 3. Quanto mais firme for a nossa fé em Cristo, melhor condição haverá em toda nossa relação; porque vivemos e caminhamos pela fé (2 Co 5.7; Hb 10.38).

A Glória da Economia Cristã

vv. 4-12

O apóstolo adverte os Colossenses contra os enganadores (v. 4): *E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas*; e no versículo 8: *para que ninguém vos faça presa sua*. Ele insiste tanto na perfeição de Cristo quanto na revelação do evangelho, para preservá-los de insinuações enganadoras daqueles que corromperiam seus princípios. Observe: 1. A forma como Satanás enreda almas é por meio do engano. Ele os engana e os fere. Ele é *a velha serpente que enganou Eva com a sua astúcia* (2 Co 11.3). Ele não poderia seduzir-nos se não nos enganasse; e ele não poderia enganar-nos, senão por meio da nossa própria falta e insensatez. 2. Os agentes de Satanás, que buscam enredá-los e enganá-los com palavras sedutoras. Veja o perigo das palavras sedutoras; quantas pessoas são seduzidas pela bajulação daqueles que mentem e pelas dissimulações falsas dos princípios maus e práticas perversas. *Com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos símplices* (Rm 16.18). "Vocês devem ficar de prontidão contra as palavras enganosas e estar atentos e temerosos com aqueles que buscam seduzir vocês para cometer maldade; porque eles buscam enredar vocês". *Se os pecadores, com blandícias, te quiserem tentar, não consintas* (Pv 1.10). Observe:

I Um antídoto soberano contra sedutores (vv. 6,7): *Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados* etc. Observe aqui: 1. Todos os cristãos têm, por meio de uma confissão pelo menos, *recebido o Senhor Jesus Cristo*. Eles o receberam como Cristo, o grande profeta da Igreja, ungido por Deus para revelar sua vontade; como Jesus, o grande sumo sacerdote e Salvador do pecado e da ira, pelo sacrifício expiatório dele; e como Senhor, ou soberano e rei, a quem devemos obedecer e estar sujeitos. *Recebemos a ele*, consentimos com Ele, o aceitamos como nosso em toda relação e toda capacidade, e para todos os propósitos e usos dele. 2. A grande preocupação daqueles que receberam a Cristo é *andar nele* – tornar a prática deles semelhantes aos seus princípios, e sua relação, em conformidade com seus compromissos. Assim como recebemos a Cristo, ou concordamos em ser dele, assim devemos andar com Ele em nossa trajetória diária e manter nossa comunhão com Ele. 3. Quanto mais próximos andarmos com Cristo, tanto mais estaremos *arraigados e confirmados na fé*. A boa conduta é o melhor estabelecimento da boa fé. Se andarmos nele, estaremos arraigados nele; e quanto mais firmemente estivermos arraigados nele, mais próximos andaremos nele: *arraigados e edificados*. Observe: Não podemos estar edificados em Cristo, a não ser que primeiro estejamos arraigados nele. Devemos estar unidos nele por uma fé viva e consentir sinceramente com seu concerto, e então *crescer em tudo. Assim como fostes ensinados* – "de acordo com a regra da doutrina cristã, na qual fostes instruídos". Observe: A boa formação tem uma boa influência no nosso estabelecimento. Devemos estar *confirmados na fé, assim como fomos ensinados, crescendo nisso*. Observe: Para estar confirmado na fé, devemos crescer nela e melhorar nela cada vez mais; e isso com ações de graças. A forma de ter o benefício e conforto da graça de Deus é dar graças por isso. Devemos acrescentar ações de graças a todos os nossos melhoramentos e ser sensíveis à misericórdia de todos os nossos privilégios e realizações. Observe:

II A advertência justa quanto ao perigo: *Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo* (v. 8). Há uma filosofia que é um exercício nobre das nossas faculdades racionais e altamente útil para a religião, ou seja, um estudo das obras de Deus que nos leva ao conhecimento de Deus e confirma nossa fé nele. Mas há uma filosofia que é vã e enganosa, que é prejudicial à religião, e estabelece a sabedoria do homem em concorrência com a sabedoria de Deus, e enquanto agrada a fantasia dos homens destrói sua fé; como especulações in-

teressantes e curiosas acerca de coisas acima de nós ou de coisas que não trazem nenhum benefício para nós; ou um cuidado com palavras e termos astutos, que somente apresenta uma aparência de conhecimento vazia e freqüentemente enganosa. *Segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo*: isso claramente reflete a pedagogia ou economia judaica, bem como a ciência pagã. Os judeus eram governados pelas tradições dos seus anciãos e os rudimentos ou elementos do mundo, os ritos e observâncias que eram somente preparatórios e introdutórios para o estado do evangelho. Os gentios misturavam suas máximas de filosofia com seus princípios cristãos; e ambos alienavam sua mente de Cristo. Aqueles que afivelam sua fé nas mangas de outras pessoas, e andam no caminho do mundo, deixaram de seguir a Cristo. Os impostores eram especialmente os mestres judeus, que se empenhavam em guardar a lei de Moisés junto com o evangelho de Cristo, mas, na verdade, buscavam competir e mesmo entrar em contradição com ele. Aqui o apóstolo mostra:

1. Que em Cristo temos a essência de todas as sombras da lei cerimonial; por exemplo: (1) Eles tinham naquele tempo a *Shekiná*, ou a presença especial de Deus ou a presença visível da glória. Hoje nós temos Jesus Cristo (v. 9): *porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade*. Debaixo da lei, a presença de Deus habitava no meio dos querubins, e uma nuvem cobria o propiciatório; mas agora ela habita na pessoa do nosso Redentor, que participa da nossa natureza, e é osso dos nossos ossos e carne da nossa carne, e tem mais nitidamente manifestado o Pai a nós. Essa presença habita nele corporalmente; não da forma que o corpo é oposto ao espírito, mas como o corpo é oposto à sombra. A plenitude da Divindade habita em Cristo de maneira real, e não figuradamente; porque Ele é ao mesmo tempo Deus e homem. (2) Eles tinham a circuncisão, que era o selo do concerto. Em Cristo, somos *circuncidados com a circuncisão não feita por mão* (v. 11), pela obra da regeneração em nós, que é a circuncisão espiritual ou cristã. *Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração* (Rm 2.29). Isso é devido a Cristo e pertence à dispensação cristã. Ela *não é feita por mão*; não pelo poder de criatura alguma, mas pelo poder do bendito Espírito de Deus. Nascemos *do Espírito* (Jo 3.5). É a *lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo* (Tt 3.5). Ela consiste *no despojo do corpo da carne*, em renunciar ao pecado e corrigir nossa vida, não em meros ritos externos. Não é o *despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus* (1 Pe 3.21). E não é suficiente despojar-nos de algum pecado específico, mas devemos despojar-nos de todo o corpo do pecado. O *velho homem precisa ser crucificado*, e *o corpo do pecado precisa ser desfeito* (Rm 6.6). Cristo foi circuncidado, e, devido a nossa união com Ele, participamos da graça vigente que despoja o *corpo da carne*. De novo, os judeus se consideravam completos ou perfeitos na lei cerimonial; mas nós *estamos perfeitos em Cristo* (v. 10). A lei era imperfeita e incompleta; *se o primeiro concerto fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo* (Hb 8.7), e *a lei seria a sombra dos bens futuros, e, nunca, pelos mesmos sacrifícios, poderia aperfeiçoar os que a eles se chegam* (Hb 10.1). Mas todas as imperfeições da lei foram completadas no evangelho de Cristo, por meio do sacrifício completo pelo pecado e revelação da vontade de Deus. *Que é a cabeça de todo principado e potestade.* Assim como o sacerdócio do Antigo Testamento tinha sua perfeição em Cristo, assim ocorria com o reino de Davi, que era o principado e potestade superior no Antigo Testamento e que os judeus valorizavam tanto. E Ele é o Senhor e cabeça de todos os poderes no céu e na terra, dos anjos e das pessoas. *Havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências* (1 Pe 3.22).

2. Temos comunhão com Cristo em todas as suas realizações (v. 12): *Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes*. Estamos sepultados e ressuscitados com Ele. Esses dois aspectos são simbolizados pelo batismo; não que haja alguma coisa no sinal ou na cerimônia do batismo, que representa esse sepultamento e ressurreição, mais do que a crucificação de Cristo é representada por qualquer semelhança visível na Ceia do Senhor: e ele está falando da *circuncisão não feita por mão*, que ocorre *pela fé no poder de Deus*. Mas a coisa demonstrada pelo batismo é que fomos sepultados com Cristo, como o batismo é o selo do concerto e uma obrigação do nosso morrer para o pecado; e que ressuscitamos com Cristo, como selo e obrigação do nosso viver em justiça ou novidade de vida. Deus, no batismo, se responsabiliza em ser Deus para nós, e nós nos responsabilizamos em ser seu povo. Assim, pela sua graça, morremos para o pecado e vivemos para a justiça, ou nos despimos do velho homem e vestimos o novo.

A Glória da Economia Cristã

vv. 13-15

O apóstolo revela aqui os privilégios que nós cristãos temos em relação aos judeus, os quais são muito grandes.

I A morte de Cristo em nossa vida: *E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele* (v. 13). Um estado de pecado é um estado de morte espiritual. Aqueles que estão em pecado estão mortos no pecado. Como a morte do corpo redunda na separação da alma, assim a morte da alma redunda na separação de Deus e do favor divino. Como a morte do corpo é a corrupção e putrefação dele, assim o pecado é a corrupção ou depravação da alma. Como um homem que está morto é incapaz de ajudar-se a si mesmo, assim um pecador costumeiro é moralmente impotente: embora tenha o poder natural, ou o poder de uma criatura racional, ele não tem o poder espiritual, até que tenha a vida divina ou uma natureza renovada. É essencial entender que o mundo gentio *estava no maligno*. Eles estavam *mortos na incircuncisão da sua carne*, separados *dos concertos da promessa, sem Deus no mundo* (Ef 2.11,12). Por causa da sua incircuncisão, eles estavam mortos no seu pecado. Aqui se entende a incircuncisão espiritual ou a corrupção da natureza; e assim fica claro que estamos mortos na lei e mortos em estado. Mortos na lei, como um malfeitor condenado é chamado de homem morto porque está debaixo de uma sentença de morte; assim os

pecadores pela culpa do pecado estão debaixo da sentença da lei e *já estão condenados* (Jo 3.18). E mortos em estado, por causa da *incircuncisão da nossa carne*. Um coração não consagrado é chamado de *coração incircunciso*: esse é nosso estado. Mas, por meio de Cristo, nós, que estávamos mortos em pecado, somos vivificados; isto é, uma provisão eficaz é promovida para tirar a culpa do pecado e quebrar o poder e o domínio dela. *Vos vivificou juntamente com ele* – devido à nossa união com Ele, e em conformidade com Ele. A morte de Cristo era a morte pelo nosso pecado; a ressurreição de Cristo é o avivar da nossa alma.

II Por meio dele, temos a remissão do pecado: *perdoando-vos todas as ofensas*. Essa é nossa vivificação. O perdão do crime significa vida para um criminoso: e isso devemos à ressurreição de Cristo, bem como à sua morte; porque, como Ele *morreu pelos nossos* pecados, assim Ele *ressuscitou para nossa justificação* (Rm 4.25).

III Tudo que estava em vigor contra nós é tirado do caminho. Ele obteve para nós uma anulação legal da *cédula que era contra nós* (v. 14), que pode ser entendida como: 1. A obrigação do castigo no qual se baseia a culpa do pecado. A culpa da lei é a cédula contra nós, como a cédula na parede de Belsazar. *Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas* (veja Gl 3.10). Essa era uma cédula que *era contra nós* e *nos era contrária*; porque nos ameaçava com destruição eterna. Isso foi removido quando Ele *nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós* (Gl 3.13). Ele cancelou a obrigação de todos que se arrependem e crêem. "Sobre mim esteja a maldição, meu Pai". Ele anulou e revogou o julgamento que estava contra nós. Quando Ele foi pregado na cruz, era a maldição que estava sendo pregada nela. E nossa corrupção interior está crucificada com Cristo e em virtude da sua cruz. Quando lembramos da morte do Senhor Jesus, e o vemos pregado na cruz, deveríamos ver a cédula contra nós sendo tirada do caminho. Ou melhor: 2. Ela deve ser entendida como a lei cerimonial, a *cédula nas suas ordenanças*, as instituições cerimoniais ou *a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças* (Ef 2.15), que era um jugo para os judeus e uma parede de separação para os gentios. O Senhor Jesus *a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz*; isto é, anulou a obrigação dela, para que todos possam ver e estar satisfeitos pelo fato de não mais ser obrigatória. Quando a essência veio, as sombras se dissiparam. Ela é abolida (2 Co 3.13), e *o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar* (Hb 8.13). As expressões fazem alusão aos antigos métodos de cancelar um acordo, ou o de riscar o escrito ou o de apagar com um prego.

IV Ele obteve uma vitória gloriosa para nós sobre os poderes das trevas: *E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo* (v. 15). Como a maldição da lei era contra nós, da mesma forma o poder de Satanás era contra nós. Ele tratou Deus como Juiz e nos redimiu das mãos da sua justiça por um preço; das mãos de Satanás, o executor, Ele nos redimiu pelo poder e com uma alta mão. *Ele levou cativo o cativeiro*. O Diabo e todos os poderes do inferno foram conquistados e desarmados pelo divino Redentor. A primeira promessa apontava para isso; a ferida do calcanhar de Cristo em seus sofrimentos foi o esmagamento da cabeça da serpente (Gn 3.15). As expressões são elevadas e sublimes: vamos nos virar para ver essa grande visão. O Redentor conquistou por meio de sua morte. Veja sua coroa de espinhos converter-se em uma coroa de louros. Ele *os despojou*, quebrou o poder do Diabo, conquistou-o e o incapacitou, e *os expôs publicamente* – sujeitou-os à vergonha pública, fazendo deles um espetáculo público diante de anjos e pessoas. Nunca o reino do Diabo tinha sofrido um golpe tão mortal quanto ao que o Senhor Jesus lhe aplicou. Ele os amarrou à sua carruagem e continuou sua viagem triunfante – aludindo ao costume de um general triunfante, que retorna vitorioso. *Deles triunfou em si mesmo*; ou seja, pela sua cruz e pela sua morte; ou, como alguns entendem, nele mesmo, pelo seu próprio poder; porque Ele *sozinho pisou no lagar, e dos povos ninguém se achava com ele* (veja Is 63.3).

A Glória da Economia Cristã

vv. 16-23

O apóstolo conclui o capítulo com exortações ao dever adequado, as quais ele infere do discurso precedente.

I A advertência de tomar cuidado com os mestres judaizantes, ou aqueles que impõem aos cristãos o jugo da lei cerimonial: *ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber* etc. (v. 16). Muitas das cerimônias da lei de Moisés consistiam na distinção de carnes e dias. De acordo com Romanos 14, parece que havia aqueles que faziam questão de manter essas distinções: mas aqui o apóstolo mostra que desde que Cristo veio e cancelou a lei cerimonial, não deveríamos guardá-la. "Ninguém imponha essas coisas a vocês, porque Deus não as impôs: se Deus os libertou, *não tornem a meter-se debaixo do jugo da servidão*". E isso porque essas coisas *eram sombras das coisas futuras* (v. 17), anunciando que não tinham nenhum valor intrínseco e que agora foram abolidas. *Mas o corpo é de Cristo*: o corpo, do qual eram sombras, veio; e continuar os costumes cerimoniais, que eram somente tipos e sombras de Cristo e do evangelho, sugere que Cristo ainda não veio e o estado do evangelho ainda não começou. Observe as vantagens que temos debaixo do evangelho em relação aos que estavam debaixo da lei: eles tinham as sombras, nós temos a essência.

II Ele os adverte a tomar cuidado com aqueles que introduziriam a adoração de anjos como mediadores entre Deus e eles, como ocorreu com os filósofos gentios: *Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos* (v. 18). Parecia uma certa modéstia fazer uso da mediação de anjos, para nos conscientizar da nossa indignidade em falar diretamente a Deus; mas, embora tenha uma aparência de humildade, ela é uma humildade voluntária, não comandada, e, portanto, ela não é aceitável; na verdade, ela não é garantida. Significa pegar a honra que é devida somente a Cristo e dá-la a uma criatura. Além disso, as noções so-

bre as quais essa prática estava baseada eram meramente as invenções de homens e não por revelação divina – os conceitos orgulhosos da razão humana, que fazem uma pessoa ousar penetrar em coisas, e determiná-las, sem conhecimento e garantia suficientes: *metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão* – aspirando descrever a ordem dos anjos, e seus respectivos ministérios, que Deus ocultou de nós; e, portanto, embora houvesse uma mostra de humildade na prática, havia um verdadeiro orgulho na origem. Eles fomentaram esses conceitos ou noções para gratificar sua própria fantasia carnal e eram vistos como mais sábios do que outras pessoas. O orgulho está na base de muitos erros e corrupções, e mesmo de muitas práticas malignas, que tinham uma aparência de humildade. Aqueles que agem assim não estão *ligados à cabeça* (v. 19). Eles estão, na verdade, repudiando a Cristo, que é o único Mediador entre Deus e o homem. É o maior desprezo a Cristo, que é a cabeça da Igreja, quando algum membro usa um outro intercessor que não seja Ele próprio. Quando as pessoas deixam de apegar-se a Cristo, se apegam àquilo que está próximo delas e vão colocá-lo no lugar de Cristo. *Da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus*. Observe: 1. Jesus Cristo não é apenas uma cabeça de governo sobre a Igreja, mas uma cabeça de influência vital para ela. Os membros estão unidos a ela por meio de juntas e ligaduras, como os diversos membros do corpo estão unidos à cabeça e recebem vida e alimento dele. 2. O corpo de Cristo é um corpo que cresce: ele *vai crescendo em aumento de Deus*. O novo homem está crescendo, e a natureza da graça é crescer, onde não há um obstáculo acidental. *Em aumento de Deus*, com um aumento da graça que tem Deus como autor; ou, em um hebraísmo comum, com um aumento grande e abundante. *Para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus* (Ef 3.19). Veja uma expressão paralela: *Que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado, faz o aumento do corpo* (Ef 4.15,16).

III Ele aproveita a ocasião para adverti-los novamente: *Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo*? (v. 20). "Se, como cristãos, vocês estão mortos para as práticas da lei cerimonial, por que vocês estão sujeitos a elas em práticas como: *não toques, não proves, não manuseies*?" (vv. 21,22). Dentro da lei havia uma contaminação cerimonial adquirida ao tocar um morto, ou qualquer coisa oferecida a um ídolo, ou ao experimentar alguma carne proibida etc., *as quais coisas todas perecem pelo uso*, não tendo valor intrínseco nelas para apoiá-las, e aqueles que usavam essas coisas as viam perecer e desaparecer; ou, que tendem a corromper a fé cristã, não tendo nenhuma outra autoridade do que as tradições e injunções dos homens. *As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade*. Eles se consideravam mais sábios do que os outros, ao observar a lei de Moisés junto com o evangelho de Cristo; dessa forma eles estariam escolhendo o certo pelo menos em relação a uma das religiões; mas, na verdade, isso não passava de uma sabedoria aparente, uma mera invenção e pretexto. Assim, eles parecem negligenciar o corpo ao se absterem de tais e tais carnes e mortificarem seus prazeres e apetites carnais; mas não há nada de verdadeira devoção nessas coisas, porque o evangelho nos ensina a adorar Deus em espírito e em verdade e não por meio de práticas rituais, e somente por meio da mediação de Cristo e não por meio de algum anjo. Observe: 1. Os cristãos são eximidos por Cristo das observâncias rituais da lei de Moisés e libertos da servidão que Deus tinha colocado sobre eles. 2. A sujeição às ordenanças ou designações humanas, na adoração a Deus, é altamente censurável e contrária à liberdade do evangelho. O apóstolo requer que os cristãos *estejam firmes na liberdade com que Cristo os libertou e não tornem a meter-se debaixo do jugo da servidão* (Gl 5.1). E a imposição delas está violando a autoridade de Cristo, a cabeça da Igreja, e *introduzindo a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças*, quando Cristo aboliu a antiga (Ef 2.15). 3. Tais coisas apenas apresentam uma aparência de sabedoria, mas são, na verdade, insensatez. A verdadeira sabedoria busca manter-se próxima das designações do evangelho, e de uma sujeição completa a Cristo, a única cabeça da Igreja.

CAPÍTULO 3

I. O apóstolo nos exorta a firmarmos nosso coração no céu e tirá-lo deste mundo (vv. 1-4). II. Ele nos exorta a mortificarmos os nossos membros para o pecado, nas diversas ocasiões em que ele aparece (vv. 5-11). III. Ele estimula seriamente ao amor e compaixão mútuos (vv. 12-17). Ele conclui com exortações aos deveres domésticos, para mulheres e maridos, pais e filhos, senhores e servos (vv. 18-25).

A Vida Espiritual

vv. 1-4

O apóstolo, tendo descrito nossos privilégios em Cristo na primeira parte da epístola, e nossa libertação do jugo da lei cerimonial, busca aqui estimular-nos ao nosso dever conforme é inferido dali. Embora estejamos livres das obrigações da lei cerimonial, não segue que podemos viver como nos apraz. Devemos andar mais próximos de Deus em todas as ocasiões da obediência evangélica. Ele inicia exortando os Colossenses a firmarem seus corações no céu e tirá-lo deste mundo: *se já ressuscitastes com Cristo*. É nosso privilégio ter ressuscitado com Cristo; isto é, ter o benefício da ressurreição de Cristo, e em virtude da nossa união e comunhão com Ele, ser justificados e santificados, e ser glorificados. Por isso, ele infere que devemos *buscar as coisas que são de cima*. Devemos nos importar mais com as coisas do outro mundo do que com as coisas daqui. Devemos fazer do céu o nosso escopo e alvo, buscar o favor de Deus acima, manter nossa comunhão com o mundo acima pela fé, e esperança, e amor santo, e torná-lo nosso constante cuidado e interesse, para assegurarmos nossa posição e qualificações para a alegria celestial. E o motivo disso é que *Cristo está assen-*

tado à destra de Deus. Aquele que é nosso melhor amigo e nossa cabeça foi promovido à dignidade e honra mais elevada no céu e foi antes para assegurar-nos a felicidade celestial; portanto, deveríamos buscar e assegurar o que Ele comprou por um preço tão elevado e sobre o que tem um cuidado tão grande. Devemos viver uma vida como Cristo a viveu aqui na terra e a vive agora no céu, de acordo com nossa capacidade.

I Ele explica esse dever (v. 2): *Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra*. Observe: Buscar as coisas celestiais significa pensar nelas, amá-las e desejá-las. Nas asas do pensamento, o coração voa mais alto e é levado a objetos espirituais e divinos. Devemos nos familiarizar com elas, estimá-las acima de todas as outras coisas, e preparar-nos para o gozo delas. Davi deu essa prova do seu amor pela *Casa do Senhor*, a ponto de diligentemente buscá-la e preparar-se (Sl 27.4). Isso quer dizer estar espiritualmente inclinado (Rm 8.6), e *buscar e desejar uma pátria melhor, isto é, a celestial* (Hb 11.14,16). *Coisas que são da terra* estão aqui em oposição às *coisas que são de cima*. Não devemos idolatrá-las, nem esperar demais delas, para que possamos colocar a nossa afeição no céu. O céu e a terra são opostos um ao outro, e uma consideração suprema a ambos é inconsistente; a predominância do nosso pensamento em relação a um vai proporcionalmente enfraquecer e diminuir nosso interesse pelo outro.

II Ele aponta três razões para isso (vv. 3,4).
1. Que estamos mortos; isto é, para as coisas presentes e como nosso destino. Somos assim em confissão e obrigação; porque fomos *sepultados com Cristo* e *plantados na semelhança da sua morte*. Cada cristão está *crucificado para o mundo*, e *o mundo está crucificado para ele* (Gl 6.14). E se estamos mortos para a terra e a temos renunciado como nossa felicidade, é absurdo *pensar nas coisas aqui da terra*, e buscá-las. Deveríamos agir como se ela estivesse morta para nós, inalterados e impassíveis em relação a ela.

2. Nossa verdadeira vida em outro mundo: *Já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (v. 3). O novo homem recebe seu sustento de lá; ele nasceu e é nutrido do alto; e a perfeição da sua vida é reservada para esse estado. Essa vida está *escondida com Cristo*: não escondida somente de nós, de maneira secreta, mas escondida para nós, indicando segurança. A vida de um cristão *está escondida com Cristo. Porque eu vivo, e vós vivereis* (Jo 14.19). Cristo é atualmente um Cristo escondido, ou alguém *a quem não vemos*; mas o nosso consolo é que a nossa *vida está escondida com ele*, e guardada de maneira segura nele. Assim como temos motivos para *amar* aquele *ao qual não vimos* (1 Pe 1.8), do mesmo modo podemos receber a consolação de uma felicidade não visível, *guardada nos céus para nós*.

3. Porque na segunda vinda de Cristo, aguardamos pela perfeição da nossa felicidade. Se vivemos uma vida de pureza e devoção cristãs agora, *quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também nos manifestaremos com ele em glória* (v. 4). Observe: (1) Cristo é a vida de um crente. *Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim* (Gl 2.20). Ele é o princípio e o fim da vida cristã. Ele vive *em* nós pelo seu Espírito, e nós vivemos nele em tudo que fazemos. *Para mim o viver é Cristo* (Fp 1.21). (2) Cristo aparecerá novamente. Ele está *escondido* atualmente; e os *céus o devem conter*; mas Ele aparecerá com toda pompa do mundo acima, com seus *santos anjos*, e *na sua glória e na do Pai* (Mc 8.38; Lc 9.26). (3) Apareceremos então com Ele em glória. Será sua glória o fato de ter seus redimidos com Ele; Ele virá para ser glorificado em seus santos (2 Ts 1.10); e será a glória deles vir com Ele e estar com Ele para sempre. Na segunda vinda de Cristo, haverá uma reunião geral de todos os santos; e aqueles cuja vida está agora *escondida em Cristo* aparecerão então com Cristo naquela glória que Ele próprio desfruta (Jo 17.24). Será que de fato estamos buscando esse tipo de felicidade? Não deveríamos pensar nessas coisas e viver acima deste mundo? O que nos atrai neste mundo? O que não existe lá para que nosso coração não seja atraído para lá? Nossa cabeça está lá, nosso lar está lá, nosso tesouro está lá, e nós esperamos estar lá para sempre.

A Necessidade da Mortificação do Pecado
vv. 5-7

O apóstolo exorta os Colossenses à mortificação do pecado, o grande obstáculo na busca das coisas que são de cima. Visto que é nosso dever pensar nas coisas celestiais, também é nosso dever mortificar os nossos *membros que estão sobre a terra* e que naturalmente nos inclinam para as coisas do mundo: "Mortifiquem-nos, isto é, subjuguem os hábitos viciosos da mente que prevaleciam em seu estado gentio. Matem-nos, subjuguem-nos, como vocês fazem com as ervas daninhas ou os bichos que se espalham e destróem tudo que está ao seu redor, ou como vocês matam um inimigo que luta e fere vocês". *Os vossos membros que estão sobre a terra*; ou os membros do corpo, que são as partes terrenas de nós, e foram *entretecidos como nas profundezas da terra* (Sl 139.15), ou os pensamentos corrompidos da mente, que nos levaram para as coisas terrenas, os membros do corpo da morte (Rm 7.24). Ele especifica:

I As concupiscências da carne, pelas quais eram tão conhecidos: *a imoralidade sexual, a indecência, as paixões más, os maus desejos* – as diversas operações dos apetites carnais e impurezas carnais, com as quais se saciavam no seu curso de vida anterior e que eram tão contrários ao estado cristão e à esperança celestial.

II O amor do mundo: *e a cobiça, porque a cobiça é um tipo de idolatria*; isto é, um amor desordenado pelos bens e prazeres deste mundo, que procede de um valor elevado demais na mente. Esse amor excessivo impede o uso e o prazer adequados desses bens presentes e cria um medo ansioso e uma tristeza exagerada com a perda deles. Observe: A cobiça é uma idolatria espiritual: é dar amor e uma consideração para a riqueza terrena que pertence somente a Deus, e possui um grau maior de perversidade e provoca a Deus de maneira mais profunda do que normalmente imaginamos. Observa-se claramente nas Escrituras que em todas as ocasiões de pecado em que homens justos caíram (e isso raramente aconte-

cia, mas podia ocorrer em uma ou outra época da sua vida) não há um único relato em toda a Escritura de um homem justo ser acusado de cobiça. O apóstolo prossegue mostrando quão necessário é mortificar os pecados (vv. 6,7). 1. Porque, se não os mortificamos, eles nos matarão: *pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência* (v. 6). Veja o que todos nós somos em maior ou menor grau: somos *filhos da desobediência*: não somente filhos desobedientes, mas estamos debaixo do poder do pecado e naturalmente inclinados a desobedecer. *Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, proferindo mentiras* (Sl 58.3). E, sendo filhos da desobediência, somos *filhos da ira* (Ef 2.3). A ira de Deus vem sobre todos os filhos da desobediência. Aqueles que não obedecem aos preceitos da lei incorrem no castigo dela. Os pecados que ele menciona eram seus pecados no seu estado pagão e idólatra, e eles eram naquela época especialmente os filhos da desobediência; e esses pecados traziam julgamentos sobre eles e os expunham à ira de Deus. 2. Deveríamos mortificar esses pecados porque eles habitam em nós: *nas quais também, em outro tempo, andastes, quando vivíeis nelas* (v. 7). Observe: A consideração de que vivíamos em pecado no passado é um bom argumento para abandoná-lo no presente. Caminhávamos em atalhos, portanto, vamos deixar de caminhar neles. *Se fiz alguma maldade, nunca mais a hei de fazer* (Jó 34.32). *É bastante que, no tempo passado da vida, fazíamos a vontade dos gentios, andando em dissoluções* (1 Pe 4.3). *Quando vivíeis no meio daqueles que faziam essas coisas* (assim alguns entendem), andáveis nessas práticas malignas. É difícil viver no meio daqueles que fazem as obras das trevas e não ter comunhão com eles. É como andar na lama e não se sujar. Vamos ficar longe do caminho dos malfeitores.

A Necessidade da Mortificação do Pecado

vv. 8-11

Da mesma forma que devemos mortificar apetites desordenados, assim devemos mortificar paixões desordenadas: *Mas, agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia* (v. 8); porque essas coisas são contrárias ao desígnio do evangelho, bem como impurezas mais graves; e, embora sejam perversidades mais espirituais, elas não têm menos nocividade nelas. A religião do evangelho introduz uma mudança tanto nos poderes da alma mais elevados quanto nos mais baixos, e apóia o domínio da razão e da consciência certa sobre o apetite e a paixão. A raiva e a ira são más, mas a malícia é pior, porque ela é mais arraigada e deliberada; ela é uma raiva intensificada e acomodada. E, como os princípios corrompidos no coração devem ser cortados, o mesmo deve ocorrer com o resultado deles na língua; como a *maledicência*, que parece significar aqui não tanto o falar mal de Deus do que o falar mal das pessoas, dando relatos maldosos acerca delas e injuriando o bom nome delas por meio de algum artifício perverso; *palavras torpes*, isto é, todo discurso lascivo e devasso, que vem de uma mente corrompida naquele que fala e propaga profanação nos ouvintes; e mentira: *Não mintais uns aos outros* (v. 9), porque isso é contrário à lei da verdade e à lei do amor, e é injusto e grosseiro, e naturalmente tende a destruir toda fé e amizade entre as pessoas. A mentira nos torna semelhantes ao Diabo (que é *pai da mentira*), e é uma parte primordial da imagem do Diabo em nossa alma; portanto, somos advertidos contra esse pecado pelo seguinte motivo geral: *pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo* (v. 10). A consideração de que temos posto de lado o pecado por meio da confissão e aderido à causa e interesse de Cristo, que temos renunciado a todo pecado e permanecemos comprometidos com Cristo, deveria fortalecer-nos contra o pecado da mentira. Aqueles que despiram o velho homem o despiram com seus feitos; e aqueles que vestiram o novo homem também devem vestir todos os seus feitos – não somente aderir bons princípios, mas colocá-los em prática por meio de bons relacionamentos. O novo homem *se renova para o conhecimento*, porque uma alma ignorante não pode ser uma alma boa. Sem conhecimento o coração não pode ser bom (Pv 19.2). A graça de Deus opera na vontade e nos pensamentos ao renovar o entendimento. A luz é a primeira coisa na nova criação, como foi na primeira: *segundo a imagem daquele que o criou*. O homem na sua inocência foi feito segundo a imagem de Deus; mas essa imagem foi desfigurada e perdida pelo pecado e é renovada pela graça santificadora: assim, uma alma renovada é algo parecido com o que Adão era no dia em que foi criado. No privilégio e dever da santificação, *não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre* (v. 11). Hoje não há diferença de país, de condição, ou mesmo de circunstâncias de vida: o dever de um como o de outro é ser santo, e é o privilégio de um como o de outro receber de Deus a graça para ser santo. Cristo veio para derrubar todo muro divisório, para que todos estejam no mesmo nível diante de Deus, tanto no que se refere ao dever quanto ao privilégio. Isso, porque *Cristo é tudo em todos*. Cristo é tudo nos cristãos, seu único Senhor e Salvador, e toda sua esperança e felicidade. E, para aqueles que são santificados, não importa quem sejam, Ele é *tudo em todos*, o *Alfa e o Ômega*, o *Princípio e o Fim*: Ele é tudo em todas as coisas para eles.

Recomendação ao Amor Fraternal

vv. 12-17

O apóstolo exorta então ao amor e compaixão mútuos: *Revesti-vos de entranhas de misericórdia* (v. 12). Não devemos apenas nos despojar da ira e da cólera (de acordo com o v. 8), mas devemos nos vestir da compaixão e da bondade; não somente deixar de fazer o mal, mas aprender a fazer o bem; não somente não mais fazer mal a alguém, mas fazer todo o bem possível a todos.

I O argumento aqui usado para reforçar a exortação é muito afetuoso: *Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados*. Observe: 1. Aqueles que são santos são os eleitos de Deus; e aqueles que são os eleitos de Deus, e santos, são amados – amados de Deus, e deverão ser assim para todas as pessoas. 2. Aqueles que são os eleitos de Deus, santos e amados, devem proceder dessa forma em todas as coisas como lhes convêm; isso,

para não perderem o crédito da sua santidade, nem o consolo de terem sido escolhidos e amados. Aqueles que são santos para com Deus deverão ser amorosos para com todas as pessoas. Observe: O que devemos vestir especificamente: (1) Compaixão para com os miseráveis: *entranhas de misericórdia*, as misericórdias mais afáveis. Aqueles que devem tanto à misericórdia devem ser misericordiosos com todos que são objetos de misericórdia. *Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso* (Lc 6.36). (2) *Benignidade* para com nossos amigos e com aqueles que nos amam. Uma disposição atenciosa fica bem para os eleitos de Deus; porque o plano do evangelho não é somente acalmar a mente das pessoas, mas abrandá-las e promover amizade entre elas, bem como reconciliação com Deus. (3) *Humildade*, em submissão àqueles que estão acima de nós e condescendência àqueles abaixo de nós. Não deve somente haver um comportamento humilde, mas uma mente humilde. *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração* (Mt 11.29). (4) *Mansidão* para com aqueles que nos insultaram, ou tenham sido de alguma forma ofensivos a nós. Não devemos ser transportados em qualquer tipo de independência pelos nossos ressentimentos de indignidade e negligências; mas devemos prudentemente controlar nossa própria ira e pacientemente suportar a ira dos outros. (5) *Longanimidade* para com aqueles que continuam a ofender-nos. *A caridade é sofredora*, bem como *benigna* (1 Co 13.4). Muitos podem suportar uma provocação breve, mas ficam cansados quando ela se estende por um longo período. Mas devemos ser longânimos quando somos insultados pelos homens e repreendidos pela Providência divina. Se Deus é longânimo para conosco, diante de todas as nossas provocações a Ele, também deveríamos exercitar a longanimidade para com outros em situações semelhantes. (6) Suporte mútuo diante das fraquezas e debilidades em que todos nós labutamos: *suportando-vos uns aos outros*. Todos nós temos alguma coisa que precisa ser suportada pelos outros, e essa é uma boa razão por que deveríamos suportar os outros naquilo que discordamos. Necessitamos da mesma boa ação dos outros que estamos dispostos a mostrar a eles. (7) Uma prontidão em perdoar injustiças: *perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro*. Enquanto estivermos neste mundo, onde há tanta corrupção em nosso coração e tanto motivo para diferenças e contendas, rixas acontecerão de tempos em tempos, mesmo entre os eleitos de Deus, que são santos e amados, como ocorreu com Paulo e Barnabé, quando *houve uma contenda* tão séria *entre eles, que se apartaram um do outro* (At 15.39), e como ocorreu com Paulo e Pedro (Gl 2.14). Mas, é nosso dever perdoar um ao outro nessas situações; não guardar rancor algum, mas suportar a afronta e ignorá-la. E a razão é: *assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também*. A ponderação de que tantas transgressões foram perdoadas por Cristo é um bom motivo para perdoarmos o próximo. Um dos argumentos a favor da divindade de Cristo é que Ele tinha *autoridade para perdoar pecados*; essa é uma parte do exemplo dele que somos obrigados a seguir, se queremos ser perdoados. *Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores* (Mt 6.12).

II Para organizar tudo isso, somos exortados aqui a fazer diversas coisas: 1. A revestir-nos com amor (v. 14): *sobre tudo isto revesti-vos do amor*: *epi pasi de toutois – acima de tudo*. Que o amor seja a parte de cima do vestuário, o manto, a farda, a marca da nossa dignidade e distinção. Ou, que isso seja o principal, como o resumo e a essência da segunda tábua. *Acrescentai à vossa fé a virtude... e ao amor fraternal, a caridade* (2 Pe 1.5-7). Ele coloca o fundamento na fé, e a pedra principal na caridade, *que é o vínculo da perfeição*, o elemento de união e centro de toda sociedade feliz. A unidade cristã consiste em unanimidade e amor mútuo. 2. A submeter-nos ao controle da *paz de Deus* (v. 15): *E a paz de Deus domine em vossos corações*, isto é, Deus estando em paz convosco, e o sentimento confortador da sua aceitação e favor; ou, uma disposição para a paz entre vós, um espírito pacífico, que mantém a paz e faz paz. Isso é chamado de *paz de Deus*, porque ela trabalha em todo aquele que é dele. *O Reino de Deus é justiça e paz* (Rm 14.17). "Que essa paz *domine em vossos corações* – prevaleça e governe ali, ou, como um juiz, decida todas as questões de diferenças entre vós." *Para a qual também fostes chamados em um corpo*. Somos chamados para essa paz, paz com Deus como nosso privilégio e paz com nossos irmãos como nosso dever. Estando unidos em um corpo, somos chamados para estar em paz uns com os outros, como membros de um corpo natural; porque *somos o corpo de Cristo e seus membros em particular* (1 Co 12.27). Para preservar em nós essa disposição pacífica, precisamos ser gratos. A obra de gratidão a Deus é uma obra tão doce e agradável para com todas as pessoas. "Em vez de invejar uns aos outros por causa de algum favor e mérito particular, sejam gratos pelas suas misericórdias, que são comuns a todos vocês." 3. A deixarmos que a *palavra de Cristo habite em nós abundantemente* (v. 16). O evangelho é a palavra de Cristo, que veio a nós; mas isso não é suficiente, ela precisa habitar em nós, ou *guardar a casa – enoikeito*, não como um servo em uma família, que está debaixo do controle de outro, mas como um senhor, que tem o direito de dar ordens e dirigir todos que estão debaixo do mesmo teto. Devemos tirar nossas instruções e orientações da Palavra, e nossa porção de alimento e força, de graça e de conforto, no devido tempo, como do *senhor da casa*. Ela deve habitar em nós; isto é, estar sempre pronta e disponível em todos os momentos, e ter sua devida influência e uso. Devemos estar familiarizados com ela e *meditar nela para o nosso bem* (Jó 5.27). Ela deve habitar em nós abundantemente: não somente guardar a casa em nosso coração, mas guardar bem a casa. Muitos têm a palavra de Cristo habitando neles, mas ela habita de maneira pobre; ela não tem uma grande força e influência sobre eles. A alma prospera quando a Palavra de Deus *habita em nós abundantemente*, quando temos uma fartura dela em nós e estamos cheios das Escrituras e da graça de Cristo. E isso ocorre em toda sabedoria. A própria missão da sabedoria é aplicar o que conhecemos, para a nossa orientação. A Palavra de Cristo deve habitar em nós, não em toda teoria e reflexão, para tornar-nos doutores, mas em toda sabedoria, para nos fazer bons cristãos e nos capacitar a conduzir-nos em todas as coisas como deve ocorrer com os filhos da Sabedoria. 4. A ensi-

narmos e admoestarmos uns aos outros. Isso contribuiria muito para o nosso avanço em toda graça; porque nós somos estimulados ao estimular outros e melhoramos nosso conhecimento ao comunicá-lo para a edificação deles. Precisamos *admoestar uns aos outros, com salmos, hinos*. Observe: Cantar salmos é uma ordem do evangelho; *psalmois kai humnois kai odais* – os salmos de Davi e hinos espirituais e odes, coletados das Escrituras e adaptados para ocasiões especiais, em vez dos seus cânticos lascivos e profanos na sua adoração idólatra. A poesia religiosa parece encorajada por essas expressões e pode ser muito edificante. Mas, quando cantamos salmos, não fazemos melodia a não ser que cantemos com graça em nosso coração e estejamos afetados devidamente com o que cantamos e o façamos com verdadeira devoção e compreensão. O cântico de salmos é um preceito de ensino, bem como um preceito de louvor; não devemos somente estimular e encorajar a nós mesmos, mas *ensinar e admoestar uns aos outros*, despertar mutuamente nossos pensamentos e transmitir instruções. 5. Tudo deve ser feito em nome de Cristo (v. 17): *E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus*, de acordo com a sua ordem e com a aquiescência da sua autoridade, pela força recebida dele, para a sua glória e dependendo do seu mérito para a aceitação do que é bom e o perdão do que está errado: *dando por ele graças a Deus Pai*. Observe: (1) Devemos dar graças em tudo; em tudo que fazemos, devemos continuar dando graças (Ef 5.20): *dando sempre graças por tudo*. (2) O Senhor Jesus deve ser o Mediador dos nossos louvores, bem como das nossas orações. *Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo* (Ef 5.20). Aqueles que fazem todas as coisas em nome de Cristo nunca deixarão de dar graças a Deus e Pai.

Os Deveres Domésticos

vv. 18-25

O apóstolo conclui o capítulo com exortações acerca dos deveres domésticos, como tinha ocorrido na epístola aos Efésios. As epístolas que mais ressaltam a glória e graça divinas e a grandeza do Senhor Jesus são as mais detalhadas e categóricas em ressaltar os deveres dos diversos relacionamentos. Nunca devemos separar os privilégios dos deveres da religião do evangelho.

I Ele inicia com os deveres das mulheres e maridos (v. 18): *Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor.* A submissão é o dever das mulheres, *hupotassesthe*. Essa é a mesma palavra que é usada para expressar nosso dever para com as autoridades governamentais (Rm 13.1) e expressa sujeição e reverência (Ef 5.24,33). O motivo é que *Adão foi formado primeiro, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão* (1 Tm 2.13,14). Ele foi primeiro na criação e último na transgressão. *O varão é a cabeça da mulher* e *o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão* (1 Co 11.3,8,9). Isso é agradável à ordem da natureza e à razão das coisas, bem como à designação e vontade de Deus. Mas essa submissão não deve ser a um senhor rigoroso ou tirano absoluto, que tem o direito de fazer a sua vontade sem restrições, mas ao marido, com quem tem o relacionamento mais íntimo, e que também está debaixo de obrigações rigorosas. *Como convém no Senhor*, e é conveniente ao relacionamento, e o que eles são compelidos a fazer, como exemplo de obediência à autoridade e lei de Cristo. Por outro lado, o *marido deve amar a sua mulher e não se irritar contra ela* (v. 19). Ele deve amá-la com um sentimento afetuoso e fiel, como Cristo amou a Igreja, e como o seu próprio corpo, e mesmo como a si mesmo (Ef 5.25,28,33), com um amor peculiar ao relacionamento mais íntimo e o maior conforto e bênção de vida. E o marido não deve ser amargo com ela, nem agir de maneira grosseira, com palavras ásperas ou tratamento severo, mas ser amável e prestativo para ela em tudo; porque *a mulher foi feita por causa do varão, o varão não é sem a mulher* e o *varão provém da mulher* (1 Co 11.9,11,12).

II Os deveres dos filhos e pais: *Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor* (v. 20). Eles devem estar dispostos a obedecer a todas as suas ordens legais e a ser orientados por eles como aqueles que têm um direito natural e estão mais preparados para orientá-los do que eles próprios. O apóstolo (Ef 6.2) requer que honrem e obedeçam aos seus pais; eles devem respeitá-los e tratá-los com honra. A obediência deles deve proceder da estima e conceito da mente deles. E *isto é agradável a Deus*, ou aceitável a Ele; porque este é o *primeiro mandamento com promessa* (Ef 6.2), com uma promessa explícita anexada a ele, a saber, *para que vá bem com eles, e vivam muito tempo sobre a terra* (Ef 6.3). Filhos obedientes e respeitosos são aqueles que têm as maiores probabilidades de prosperar no mundo e desfrutar uma vida longa. Os pais devem ser carinhosos, e os filhos, obedientes (v. 21): *Pais, não irriteis a vossos filhos, para que não fiquem desanimados*. "Não permitam que sua autoridade sobre eles seja exercida com rigor e severidade, mas com bondade e gentileza, para que não provoque sua ira e os desanime nas suas obrigações, e ao segurar as rédeas firmes demais os façam enfurecer-se com maior ferocidade." O mau humor e exemplo de pais imprudentes muitas vezes prova ser um grande impedimento aos filhos e uma pedra de tropeço no seu caminho (veja Ef 6.4). E por meio da ternura dos pais e da obediência e respeito dos filhos que Deus supre de maneira ordeira sua Igreja com uma semente para servi-lo e propagar o evangelho de geração em geração.

III Servos e senhores: *Vós, servos, obedecei em tudo a vosso senhor segundo a carne* (v. 22). Os servos devem realizar as suas obrigações na posição em que se encontram e obedecer às ordens do seu senhor *em tudo* que é coerente com a sua obrigação a Deus, seu Senhor celestial. *Não servindo só na aparência, como para agradar aos homens* – não somente quando o senhor está de olho neles, mas também quando eles não estão por perto. Eles devem ser justos e dili-

gentes. *Em simplicidade de coração, temendo a Deus* – sem planos egoístas ou hipocrisia e dissimulação, como aqueles que temem a Deus e o respeitam. Observe: O temor a Deus no coração tornará as pessoas justas e boas em cada relacionamento. Os servos que temem a Deus serão justos e fiéis quando não estiverem debaixo dos olhos do seu senhor, porque sabem que estão debaixo dos olhos de Deus. Lemos em Gênesis 20.11: *Porque eu dizia comigo: Certamente não há temor de Deus neste lugar.* E em Neemias 5.15: *Porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus.* "E, *tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração* (v. 23), com diligência, não ociosamente e indolentemente"; ou: "Façam com alegria, não descontentes com a providência de Deus que coloca vocês nesse relacionamento." *Como ao Senhor e não aos homens.* A obra do servo é santificada quando é feita para Deus – de olho na sua glória e em obediência à sua autoridade e não meramente para homens. Observe: Realmente estamos cumprindo a nossa obrigação para com Deus quando somos fiéis no cumprimento da nossa obrigação para com as pessoas. E, para o encorajamento dos servos, eles precisam saber que um servo bom e fiel nunca está mais longe do céu pelo fato de ser servo: "*Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis* (v. 24). Ao servirdes a vossos senhores de acordo com a ordem de Cristo, servis a Cristo, e Ele será vosso pagador: tereis uma recompensa gloriosa no final. Embora sejais servos agora, recebereis a herança de filhos. Mas, por outro lado, *quem fizer agravo receberá o agravo que fizer*" (v. 25). Há um Deus justo, que, se os servos procedem mal em relação aos seus senhores, ajustará as contas com eles, embora possam ocultar isso dos seus senhores terrenos. E Ele certamente castigará o servo injusto e recompensará o fiel: e, o mesmo ocorrerá com os senhores que procedem mal em relação aos seus servos. *Pois não há acepção de pessoas.* O justo Juiz da terra será imparcial e procederá da mesma forma com o senhor e com o servo. Ele não se deixa influenciar por nenhuma circunstância e condição de vida das pessoas. No seu tribunal, todos estarão no mesmo nível.

É provável que o apóstolo tenha, em todas essas instâncias do dever, uma consideração particular ao caso mencionado em 1 Coríntios 7, dos relacionamentos familiares de uma religião diferente, como um cristão e um gentio, um judeu convertido e um gentio incircunciso, onde havia espaço para duvidar se eram obrigados a cumprir os deveres dos seus diversos relacionamentos com essas pessoas. E, se esses deveres precisavam ser cumpridos nesses casos, isso se torna muito mais forte entre dois cristãos, quando ambos são da mesma religião. E quão feliz a religião do evangelho faria o mundo, se ela prevalecesse em todo lugar; e quanto influenciaria cada estado de coisas e cada relação de vida!

CAPÍTULO 4

I. Ele continua seu relato do dever dos senhores, do término do capítulo anterior (v. 1). II. Ele chama a atenção para o dever da oração (vv. 2-4) e para a conduta prudente e decente para com as pessoas com as quais nos relacionamos (vv. 5,6). III. Ele termina a epístola mencionando diversos amigos, de quem apresenta um testemunho honroso (vv. 7-18).

Os Deveres Domésticos

v. 1

O apóstolo continua com o dever dos senhores e seus servos, que poderia ter sido acrescentado ao capítulo anterior, pelo fato de fazer parte daquele discurso. Observe aqui: 1. Requer-se justiça dos senhores: *fazei o que for de justiça e eqüidade a vossos servos* (v. 1), não somente uma justiça estrita, mas eqüidade e bondade. Permaneçam fiéis às suas promessas e cumpram seus pactos, não defraudando-os nos seus direitos, nem retendo por fraude *o salário dos trabalhadores* (Tg 5.4). Não exijam mais deles do que são capazes de realizar e não coloquem cargas desmedidas sobre eles e além das suas forças. Providenciem aquilo que é justo, supram o alimento e remédio adequado e permitam que tenham tal liberdade para que façam o serviço deles com alegria, tornando a vida deles mais fácil, apesar de terem a posição mais desprezível e inferior e serem de um outro país e de religião diferente. 2. Uma boa razão para essa consideração: "*Sabendo que também tendes um Senhor nos céus.* Vós que sois senhores de outros sabei que também tendes um Senhor, e sois servos dele. Vós não sois senhores de vós mesmos, e precisais prestar contas a alguém acima de vós. Tratai os vossos servos como esperais serdes tratados por Deus, e como aqueles que sabem que precisam prestar contas. Ambos sois servos do mesmo Senhor em diferentes relacionamentos nos quais vos encontrais, e sois igualmente responsáveis a Ele. *Sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu e que para com ele não há acepção de pessoas*" (Ef 6.9).

Exortações Apostólicas

vv. 2-4

Se este texto tem alguma ligação com o versículo anterior, então podemos entender que ele faz parte do dever que os senhores tinham para com seus servos, ou seja, de orar com eles, e de orar diariamente com eles, ou perseverar *em oração.* Eles não somente devem agir de maneira justa e bondosa, mas agir de forma cristã e estar interessados na alma deles, bem como nos seus corpos: "Como parte da obrigação de vocês e debaixo da influência de vocês, preocupem-se com a bênção de Deus sobre eles, bem como com o sucesso dos seus negócios que estão nas mãos deles". E este é o dever de todos – perseverar *em oração.* "Mantenham seus constantes momentos de oração, sem serem distraídos por outros afazeres; mantenham seu coração intimamente ligado ao dever, sem vaguear ou se tornar indiferente, até o fim: *velando nela.*" Os cristãos deveriam aproveitar todas as oportunidades de oração e escolher os momentos mais oportunos, em que são menos propensos a ser perturbados por outras coisas, e manter sua mente ativa nos seus afazeres. *Com ação de graças*, ou um reconhecimento solene das miseri-

córdias recebidas. As ações de graças devem fazer parte de cada oração. *Orando também juntamente por nós* (v. 3). As pessoas devem orar especificamente pelos seus ministros e levá-los constantemente ao trono da graça. Isso é como se ele tivesse dito: "Não esqueçam de nós, sempre que estiverem orando" (Ef 6.19; 1 Ts 5.25; Hb 13.18). *Para que Deus nos abra a porta da palavra*, isto é, para que abra uma oportunidade para pregar o evangelho (por isso ele diz: *uma porta grande e eficaz se me abriu*, 1 Co 16.9), ou, então, dar-me a habilidade e coragem, e capacitar-me com liberdade e fidelidade. *E por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança* (Ef 6.19), *a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso*; isto é, ou ele se refere às doutrinas mais profundas do evangelho com clareza, do qual Cristo é o assunto principal (ele o chama de *mistério do evangelho*, Ef 6.19), ou então à pregação do evangelho ao mundo gentio, que ele chama de *o mistério oculto desde todos os séculos* (cap. 1.26) e o *mistério de Cristo* (Ef 3.5). Por causa disso, ele agora estava em cadeias. Ele era prisioneiro em Roma, por causa da violenta oposição dos judeus mal-intencionados. Ele queria que eles orassem por ele, para que não desanimasse na sua obra, nem fosse afastado dela por causa dos seus sofrimentos: *Para que o manifeste, como me convém falar* (v. 4). "Para que eu possa tornar esse mistério conhecido àqueles que não ouviram falar dele, e torná-lo claro à compreensão deles, como me convém fazer". Ele tinha sido específico em contar-lhes os motivos da sua oração por eles (cap. 1). Aqui ele descreve de forma específica os seus motivos de oração. Paulo sabia falar como nenhum outro; mas mesmo assim ele suplicou pelas orações deles por ele, para que pudesse ser ensinado a falar. Os melhores e mais notáveis cristãos precisam das orações dos cristãos mais simples. Eles não são mais eminentes a ponto de não precisar dessas orações. Os oradores mais famosos necessitam de oração, para que Deus possa abrir a porta da Palavra, e para que falem como lhes convém falar.

Exortações Apostólicas

vv. 5,6

O apóstolo os exorta a uma conduta prudente e decente para com todas as pessoas com quem conversassem, no mundo gentio, ou aqueles que estavam fora da Igreja cristã, onde viviam (v. 5): *Andai com sabedoria para com os que estão de fora*. Sejam cuidadosos, em todas as suas conversas com eles, para que não sejam ofendidos por eles ou contraiam algum dos seus costumes; porque *as más conversações corrompem os bons costumes*; e para não causarem nenhuma ofensa a eles, ou aumentarem o preconceito contra a religião de vocês e assim dar-lhes um motivo de repugnância. Sim, façam todo o bem possível, por todos os meios adequados, e, no tempo oportuno, testemunhem a eles. *Remindo o tempo*; isto é, ou "aproveitando cada oportunidade para fazer o bem a eles, aproveitando ao máximo o tempo em que estiverem com eles" (a diligência em remir o tempo torna a religião atraente aos outros), ou, então, "andando cautelosamente e com circunspeção, para não oferecer-lhes nenhuma predominância contra vocês, nem para se exporem à malevolência deles" (Ef 5.15,16). *Vede prudentemente como andais, remindo o tempo, porquanto os dias são maus*, isto é, perigosos, ou são tempos de dificuldade e de sofrimento. E em relação aos outros, ou aqueles que estão dentro bem como os que estão fora: "Que *a vossa palavra seja sempre agradável* (v. 6). Que todo o vosso discurso seja condizente com o verdadeiro cristianismo, de acordo com a vossa confissão – agradável, discreto, oportuno". Embora isto nem sempre seja de graça, deve sempre ser com graça; e, embora o assunto do nosso discurso seja familiar, deve haver um ar de compaixão nele e deve ser de uma maneira cristã, temperado *com sal*. A graça é o sal que tempera nosso discurso, tornando-o agradável e conservando-o para que não se estrague. *Para que saibais como vos convém responder a cada um*. Uma resposta é apropriada para uma pessoa, e outra resposta, para outra (Pv 26.4,5). Necessitamos de muita sabedoria e graça para apresentar as respostas devidas a cada um, especialmente ao responder às perguntas e objeções dos adversários contra a nossa religião, apresentando os motivos da nossa fé e mostrando a irracionalidade das objeções e sofismas deles. Dessa forma, obteremos a melhor vantagem para a nossa causa e o menor prejuízo para nós mesmos. *Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós* (1 Pe 3.15).

Várias Saudações

vv. 7-18

No término dessa epístola, o apóstolo honra diversos amigos ao deixar seus nomes registrados, com um certo testemunho a respeito deles, que será anunciado onde quer que o evangelho seja proclamado e durará até o fim do mundo.

I Referente a Tíquico (v. 7). Por meio dele, esta epístola foi enviada; e o apóstolo não apresenta um relato por escrito do seu estado presente, porque Tíquico o faria pessoalmente de maneira mais completa e detalhada. Ele sabia que eles estariam felizes em ouvir acerca do seu estado. As igrejas sempre devem estar preocupadas em ter bons ministros e desejosas em conhecer a situação deles. Paulo diz o seguinte a respeito de Tíquico: *irmão amado, e fiel ministro*. Paulo, embora fosse um grande apóstolo, reconhece um ministro fiel como um irmão e um irmão amado. A fidelidade em qualquer pessoa é verdadeiramente admirável e merece a nossa afeição e estima. *E conservo no Senhor*. Ministros são servos de Cristo e conservos uns dos outros. Eles têm um Senhor, embora tenham diferentes posições e âmbitos de serviço. Observe: Acrescenta muito à beleza e força do ministério do evangelho quando os ministros são amorosos e condescendentes uns com os outros, e por meio de todos os meios justos buscam apoiar e fomentar a reputação uns dos outros. Paulo o envia não somente para escrever-lhes acerca dos seus afazeres, mas para trazer-lhe um relato a respeito deles: *O qual vos enviei para o mesmo fim, para que saiba do vosso estado e console o vosso coração* (v. 8). Ele estava tão disposto a ouvir deles como eles poderiam estar

para ouvir a respeito dele e se via obrigado a compadecer-se deles tanto quanto ele achava que eles eram obrigados a compadecer-se dele. É um grande consolo, diante dos problemas e dificuldades da vida, saber que existe um interesse mútuo entre os irmãos cristãos.

II Referente a Onésimo (v. 9): *com Onésimo, amado e fiel irmão, que é dos vossos*. Ele foi enviado de volta de Roma junto com Tíquico. Onésimo foi gerado por Paulo em suas prisões (Fm 10). Ele tinha sido servo de Filemom, e era membro, se não ministro, da igreja. Ele se converteu em Roma, para onde havia fugido do serviço do seu senhor. Ele agora estava sendo enviado de volta, provavelmente, com a epístola a Filemom, para inseri-lo novamente na vida do seu senhor. Observe: Embora fosse um pobre servo e tivesse sido um homem mau, e embora fosse um novo convertido, Paulo o chama de *amado e fiel irmão.* As piores circunstâncias da vida e as maiores maldades da vida anterior não fazem diferença alguma na relação espiritual entre cristãos sinceros: eles participam dos mesmos privilégios e recebem o mesmo respeito. *A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo é para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença* (Rm 3.22): e *não há judeu nem grego; não há servo nem livre;... porque todos vós sois um em Cristo Jesus* (Gl 3.28). Talvez isso aconteceu um certo tempo depois que ele se converteu e foi enviado de volta para Filemom, e nessa época ele já tinha entrado no ministério, porque Paulo o chama de irmão.

III *Aristarco, um prisioneiro comigo*. Aqueles que se unem no serviço e no sofrimento devem estar comprometidos uns com os outros no amor santo. Paulo tinha um sentimento especial pelos seus conservos e seus colegas prisioneiros.

IV *Marcos, filho da irmã de Barnabé*. Supõe-se que esse Barnabé é o mesmo que escreveu o evangelho que leva o seu nome. *Se ele for ter convosco, recebei-o.* Paulo teve uma discussão com Barnabé por causa desse Marcos, que era seu sobrinho, e lhe *parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra* (At 15.38). Ele não estava disposto a levar Marcos consigo, e sim Silas, porque Marcos os tinha desertado. No entanto, Paulo não só se reconciliou com ele, mas o recomenda às igrejas e dá um grande exemplo de um verdadeiro cristão e de um espírito perdoador. Se uma pessoa foi culpada de alguma ofensa, isso não deve ser sempre lembrado contra ela. Devemos esquecer, bem como perdoar. *Se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão* (Gl 6.1).

V *Jesus*, que é o nome grego para o hebraico *Josué*. *Se Josué* (Jesus) *lhes houvesse dado repouso, não falaria, depois disso, de outro dia* (Hb 4.8). *Chamado Justo*. É provável que ele tenha mudado seu nome para Justo, em honra ao nome do Redentor. Ou então Jesus era seu nome judaico, porque era da circuncisão; e Justo seria seu nome romano ou latino. *São estes unicamente os meus cooperadores no Reino de Deus e para mim têm sido consolação*. Observe: O apóstolo era tremendamente consolado pela comunhão dos santos e ministros. Um é seu conservo, outro, seu companheiro na prisão, e todos, seus cooperadores, que estavam operando a própria salvação e se esforçando para promover a salvação de outros. Bons ministros são grandemente consolados pelos seus cooperadores no Reino de Deus. Sua amizade e convivência são grande refrigério debaixo dos sofrimentos e dificuldades no seu caminho.

VI *Epafras* (v. 12), o mesmo que *Epafrodito*. Ele é um *dos vossos*, um da vossa igreja; eles *saúda-vos*, ou vos envia seus préstimos, além do seu afeto e saudações. *Combatendo sempre por vós em orações.* Epafras tinha aprendido com Paulo a orar muito pelos seus amigos. Observe: 1. De que forma ele orava por eles. Ele combatia em oração, sempre orava com fervor por eles. Aqueles que são bem-sucedidos na oração devem esforçar-se na oração; e devemos ser sinceros na oração, não somente por nós, mas também pelos outros. A oração fervorosa é uma oração que prevalece, e pode muito em seus efeitos (Tg 5.16), e *Elias orando, pediu que não chovesse* (v. 17). 2. O assunto dessa oração: *para que vos conserveis firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus*. Observe: O nosso desejo para nós mesmos e para os outros deveria ser conservar-nos firmes, perfeitos e consumados na vontade de Deus. Devemos conservar-nos consumados em toda a vontade de Deus; na vontade dos seus preceitos por uma obediência universal, e na vontade da sua providência por uma submissão alegre a ela: e devemos conservar-nos firmes, perfeitos e consumados por meio da constância e perseverança até o fim. O apóstolo era testemunha de que Epafras tinha um grande zelo por eles: "*Eu lhe dou testemunho*; posso testificar por ele que ele tem uma grande preocupação por vocês e que tudo que faz por vocês procede de um profundo desejo pelo bem de vocês". E seu zelo se estendia a todos que estavam ao redor deles: *pelos que estão em Laodicéia e em Hierápolis*. Ele tinha uma grande preocupação com o interesse cristão nos lugares adjacentes, bem como entre eles.

VII *Lucas* é mais um mencionado aqui. Ele é chamado de *o médico amado*. Foi ele quem escreveu o Evangelho e Atos dos apóstolos, e era companheiro de Paulo. Observe: Ele era médico e evangelista. Cristo também ensinou e curou e foi o grande médico e profeta da Igreja. Lucas era o médico amado; alguém que se entregava completamente ao afeto dos amigos. A habilidade na medicina é útil para um ministro e pode ser aperfeiçoada para uma utilidade ainda mais abrangente no meio cristão.

VIII *Demas*. Não se sabe ao certo se essa epístola foi escrita antes ou depois da segunda epístola a Timóteo. Lá nós lemos: *Demas me desamparou, amando o presente século.* Alguns acreditam que essa epístola foi escrita depois; e, então, essa é uma evidência de que, embora Demas tenha desamparado Paulo, ele não desamparou Cristo; ou que ele o desamparou apenas por um período, e restabeleceu-se novamente, e Pau-

lo o perdoou e o reconheceu como irmão. Mas outros estudiosos acham que mais provavelmente essa epístola foi escrita antes da outra; isto é, essa epístola foi escrita no ano 62, e aquela em 66; nesse caso, essa é uma evidência de que apesar de Demas ser um homem notável, ele se revoltou mais tarde. Muitos que se tornaram famosos no meio cristão apostataram de maneira vergonhosa mais tarde: *Saíram de nós, porque não eram de nós* (1 Jo 2.19).

IX Os *irmãos em Laodicéia* são aqui mencionados como vivendo na vizinhança de Colossos: e Paulo envia saudações a eles e ordena que esta epístola seja lida na igreja de Laodicéia (v. 16). Uma cópia deveria ser enviada para lá, para ser lida publicamente naquela congregação. E alguns acham que Paulo enviou uma outra epístola nessa época para Laodicéia e determinou que a buscassem de Laodicéia e a lessem naquela igreja: *e a que veio de Laodicéia, lede-a vós também*. Se esse é o caso, a epístola foi perdida e não passou para o Cânon. Nem todas as epístolas que os apóstolos escreveram foram preservadas, como ocorreu com as palavras e ações do nosso bendito Senhor. *Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e, se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem* (Jo 21.25). Mas alguns acham que essa foi a Epístola aos Efésios, que ainda existe.

X *Ninfa* é mencionada (v. 15) como alguém que morou em Colossos e tinha uma igreja na sua casa; isto é, ou uma família religiosa, onde as diversas partes da adoração eram realizadas; ou uma parte da congregação se reunia ali, quando não se podia reunir em lugares públicos, e a igreja era forçada a se reunir nas casas com medo dos seus inimigos. *Os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado* (Jo 20.19), e o apóstolo pregou na sua *pousada* e *na sua própria habitação que alugara* (At 28.23,30). No sentido anterior, isso mostrava sua piedade e compaixão exemplar; no posterior, seu zelo e espírito público.

XI Concernente a *Arquipo*, que era um dos seus ministros em Colossos. Os Colossenses foram ordenados a admoestá-lo a dedicar-se ao seu trabalho como ministro, a *atentar para ele e a cumpri-lo* – a ser diligente e cuidadoso em todos os detalhes e a perseverar nele até o fim. Eles devem prestar atenção no intento principal do seu ministério, sem aborrecer-se a si mesmos ou as pessoas com coisas estranhas a ele, ou de menor importância. Observe: (1) O ministério que recebemos é uma grande honra; porque foi recebido *no Senhor*, pela sua designação e ordem. (2) Aqueles que receberam o ministério devem cumpri-lo. *Aquele que fizer a obra do Senhor fraudulentamente* trairá sua confiança e terá uma prestação de contas lamentável no fim. (3) As pessoas devem lembrar seus ministros do seu dever e encorajá-los a realizá-lo: *E dizei a Arquipo: Atenta para o ministério que recebeste no Senhor*, ainda que, sem dúvida, com decência e respeito, não por orgulho e vaidade.

XII Concernente a si mesmo (v. 18): *Saudação de minha mão, de Paulo. Lembrai-vos das minhas prisões*. Ele tinha um escriba para escrever o restante da epístola, mas essas palavras ele escreveu com sua própria mão: *Lembrai-vos das minhas prisões*. Ele não diz: "Lembrem-se de que sou prisioneiro e mandem-me suprimento"; mas: "Lembrem-se de que estou algemado como apóstolo dos gentios; que isso possa fortalecer a fé de vocês no evangelho de Cristo". Isso acrescenta força a essa exortação: *Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação* (Ef 4.1). "*A graça seja convosco*. O favor de Deus, os abençoados frutos e os efeitos disso, estejam convosco."

1 TESSALONICENSES

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Tessalônica foi antigamente a metrópole da Macedônia. Ela é agora chamada de *Salonichi*, e é a mais bem povoada e uma das melhores cidades comerciais no Oriente. O apóstolo Paulo, sendo impedido do seu intento de viajar para as províncias da Ásia, assim chamadas de maneira correta, foi dirigido de maneira extraordinária para pregar o evangelho na Macedônia (At 16.9,10). Em obediência ao chamado de Deus, ele foi de Trôade para Samotrácia, depois para Neápolis, e em seguida para Filipos, onde foi bem-sucedido no seu ministério, mas defrontou-se com maus tratos, sendo lançado na prisão com Silas, seu companheiro de viagem e trabalho, de onde foram maravilhosamente libertos. Após consolarem os irmãos, partiram. Passando por Anfípolis e Apolônia, vieram a Tessalônica, onde o apóstolo plantou uma igreja que consistia de alguns crentes judeus e muitos gentios convertidos (At 17.1-4). Mas após um tumulto levantado na cidade pelos judeus descrentes e pelos habitantes mais ordinários e vis, Paulo e Silas, para sua própria segurança, foram enviados para Beréia à noite, e mais tarde Paulo foi conduzido para Atenas, deixando Silas e Timóteo para trás, mas enviou instruções para que viessem se encontrar com ele o mais rapidamente possível. Quando chegaram, Timóteo foi enviado para Tessalônica, para informar-se acerca do bem-estar deles e para firmá-los na fé (cap. 3.2). Ele se encontrou com Paulo enquanto este se demorava em Atenas, e foi enviado novamente, junto com Silas, para visitar as igrejas na Macedônia. Sendo deixado em Atenas sozinho (cap. 3.1), Paulo partiu dali para Corinto, onde permaneceu por um ano e meio. Nesse ínterim, Silas e Timóteo retornaram a ele da Macedônia (At 18.5). Nessa época, ele escreveu essa epístola à igreja de Cristo em Tessalônica. Embora esteja situada depois das outras epístolas desse apóstolo, essa epístola supostamente foi escrita por primeiro pelo apóstolo Paulo, por volta de 51 d.C. Essa epístola visa principalmente expressar a gratidão do apóstolo pelo sucesso da sua pregação no meio deles, para fortalecê-los na fé e persuadi-los a um viver santo.

CAPÍTULO 1

Depois da introdução (v. 1), o apóstolo inicia com ações de graças a Deus pelos benefícios redentores conferidos a eles (vv. 2-5). Então menciona as evidências seguras do sucesso do evangelho no meio deles, que era notório e famoso em diversos outros lugares (vv. 6-10).

Dedicatória e Saudação Apostólica

v. 1

Nessa introdução, temos:

I A dedicatória, em que temos: 1. As pessoas que escreveram essa epístola. Paulo era o apóstolo inspirado e escritor da epístola, embora não tenha mencionado o seu apostolado, que não foi questionado pelos Tessalonicenses, nem contrariado por qualquer falso apóstolo no meio deles. Ele incorpora Silvano (ou Silas) e Timóteo com ele (que tinha voltado a ele com um relato da prosperidade das igrejas na Macedônia). Isso mostra a humildade deste grande apóstolo e o desejo de honrar os ministros de Cristo que tinham uma posição ou reputação inferior. Esse é um bom exemplo para ministros que estão numa posição superior e têm maior prestígio na igreja do que alguns outros. 2. As pessoas a quem essa epístola foi escrita, a saber, a igreja dos Tessalonicenses, os judeus e gentios convertidos em Tessalônica. Lemos que essa igreja estava *em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo*: eles tinham comunhão com o Pai, e seu Filho Jesus Cristo (1 Jo 1.3). Eles eram uma igreja cristã, porque criam em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo. Eles criam nos princípios da religião natural e revelada. Os gentios se voltaram dos ídolos para Deus, e os judeus criam que Jesus era o Messias prometido. Todos eles eram devotados e dedicados a Deus, o Pai, e ao Senhor Jesus Cristo. Deus era o bem maior deles, e Jesus Cristo, o Senhor e Mediador entre Deus e o homem. Deus, o Pai, é a origem e centro de toda religião natural, e Jesus Cristo é o autor e centro

de toda religião revelada. *Credes em Deus*, diz nosso Salvador, *crede também em mim* (Jo 14.1).

II A saudação ou bênção apostólica: *graça e paz tenhais de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo*. Esse é o mesmo conteúdo das outras epístolas. Graça e paz se completam muito bem; porque a livre graça ou o favor de Deus é a origem ou fonte de toda paz e prosperidade que podemos desfrutar; e onde há disposição graciosa em nós, também podemos esperar ter pensamentos pacíficos em nosso coração; graça e paz, e todas as bênçãos espirituais, vêm a nós de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo; de Deus, a fonte de todo bem, e do Senhor Jesus, aquele que adquiriu todo o bem para nós; de Deus em Cristo, e, assim, nosso Pai em aliança, porque Ele é o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Observe: Como todo bem vem de Deus, nenhum bem pode ser esperado dos pecadores, mas de Deus em Cristo. E o melhor bem pode ser esperado de Deus como nosso Pai, por causa de Cristo.

Ações de Graças a Deus. O Sucesso do Ministério do Apóstolo

vv. 2-5

I O apóstolo inicia com ações de graças a Deus. Estando prestes a mencionar as coisas que lhe davam alegria, e que eram altamente louváveis, além de conferirem grande benefício para eles, o apóstolo escolhe fazê-lo por meio de ações de graças a Deus, que é o autor de todo bem que vem a nós, ou é feito por nós, a qualquer hora. Deus é o objeto de toda adoração religiosa, de oração e de louvor. E ações de graças a Deus são um grande dever que deve ocorrer sempre ou constantemente; mesmo quando, na verdade, não damos graças a Deus por meio das nossas palavras, deveríamos ter um agradecido senso da bondade de Deus em nosso coração. Ações de graças deveriam ser repetidas com freqüência; e não somente deveríamos ser gratos pelos favores que recebemos, mas pelos benefícios também conferidos aos outros, a nosso próximo e nossos irmãos e irmãs em Cristo. O apóstolo agradece não somente por aqueles que eram seus amigos mais íntimos, ou por aqueles que eram mais favorecidos por Deus, mas por todos eles.

II Ele uniu louvor ou ações de graças à sua oração. Quando nós em cada situação, por oração e súplica, fazemos nossos pedidos a Deus, devemos acrescentar ações de graças a elas (Fp 4.6). Assim, quando agradecemos por qualquer benefício que recebemos, deveríamos juntar a oração. Deveríamos orar sempre e sem cessar, e deveríamos não só orar por nós mesmos, mas pelos outros também, como os nossos amigos, mencionando-os em nossas orações. Podemos, às vezes, mencionar seus nomes, e deveríamos mencionar suas necessidades e condições; ao menos deveríamos ter suas fisionomias e circunstâncias em nossa mente, lembrando-os sem cessar. Observe: Como há muitas coisas pelas quais deveríamos ser gratos em nossa vida e na vida de nossos amigos, assim há muitas oportunidades para a oração constante em relação a inúmeras necessidades.

III Ele menciona os particulares pelos quais ele estava grato a Deus; a saber:

1. Os benefícios redentores conferidos a eles. Esses eram os fundamentos e motivos da sua gratidão. (1) Sua fé e sua obra de fé. Ele lhes conta que a fé deles (v. 8) era muito famosa e propagada. Essa é a graça radical; e a fé deles era uma fé verdadeira e viva, porque era uma fé operadora. Observe: Onde quer que haja uma fé verdadeira, ela funcionará: ela terá uma influência no coração e na vida; ela nos fará operar para Deus e para nossa própria salvação. Temos consolo em nossa própria fé e na fé dos outros quando percebemos a obra da fé. *Mostra-me a tua fé pelas tuas obras* (Tg 2.18). (2) O amor deles e o trabalho da caridade. A caridade (ou amor) é uma das graças principais; ela é muito útil nesta vida e permanecerá e será aperfeiçoada na vida futura. *A fé opera pelo amor*; ela se mostra no exercício do amor a Deus e ao próximo; assim como o amor irá mostrar-se no trabalho, ela fará com que nos esforcemos na religião. (3) A esperança e a paciência da esperança. *Em esperança somos salvos*. Essa graça é comparada com o capacete de um soldado e a âncora de um marinheiro, e é muito útil em épocas de perigo. Onde quer que haja uma esperança de vida eterna bem fundada, ela aparecerá pelo exercício da paciência; em uma conduta paciente das calamidades do tempo presente e uma espera paciente para a glória a ser revelada. *Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos* (Rm 13.25).

2. O apóstolo não somente menciona essas três graças principais – fé, esperança e amor –, mas também ressalta: (1) O objeto e a causa eficiente dessas graças, a saber, nosso Senhor Jesus Cristo. (2) A sinceridade delas: estando *diante de nosso Deus e Pai*. O grande motivo da sinceridade é a percepção do olhar de Deus constante sobre nós. É um sinal de sinceridade quando em tudo que fazemos nos esforçamos para sermos aprovados por Deus e fazermos o que é justo aos olhos de Deus. A obra da fé, ou o trabalho da caridade, ou a paciência da esperança são sinceras quando são realizadas debaixo dos olhos de Deus. (3) Ele menciona a fonte de onde essas graças fluem, a saber, o amor eletivo de Deus: *sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus* (v. 4). Desse modo, ele sobe essas correntes até a fonte, que era a eleição eterna de Deus. Alguns, pela sua eleição de Deus, entendiam apenas a separação temporária dos Tessalonicenses dos judeus e gentios descrentes na sua conversão; mas isso era *conforme o propósito eterno daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade* (Ef 1.11). Ao falar a respeito da eleição deles, ele os chama de *amados irmãos*; porque a fonte da irmandade entre os cristãos e a relação na qual se encontram mutuamente é a eleição. Esse é um bom motivo para *amarmos uns aos outros*, porque somos todos amados de Deus e éramos amados por Ele em seus conselhos quando não havia coisa alguma em nós merecedora do seu amor. A eleição desses Tessalonicenses era conhecida pelos apóstolos, e, portanto, podia ser conhecida por eles mesmos, por causa dos frutos e efeitos dela – sua sincera fé, esperança e amor, pela pregação bem-sucedida do evangelho no meio deles. Observe: [1] Todos aqueles que na plenitude do tempo são chamados e santificados foram eleitos e escolhidos para a salvação des-

de a eternidade. [2] A eleição de Deus é de acordo com a sua boa vontade e mera graça, não por causa de qualquer mérito daqueles que são escolhidos. [3] A eleição de Deus pode ser conhecida pelos frutos dela. [4] Sempre que agradecemos a Deus por sua graça em nós ou em outros, deveríamos subir as correntes até a fonte, e agradecer a Deus por seu amor eletivo, por meio do qual somos feitos diferentes.

3. Outro motivo da gratidão do apóstolo é o sucesso do seu ministério no meio deles. Ele estava pessoalmente grato, assim como por eles, pelo fato de não ter trabalhado em vão. Ele tinha o selo e a evidência do seu apostolado por meio disso e um grande alento em seus esforços e sofrimentos. A pronta aceitação deles e o recebimento do evangelho que pregava a eles era uma clara evidência de que eram eleitos e amados de Deus. Assim ele sabia que eram eleitos. É verdade que ele esteve no terceiro céu, porém ele não pesquisou os registros da eternidade para ver quem era eleito, mas estava certo disso pelo sucesso do evangelho no meio deles (v. 5). Ele nota isso com gratidão: (1) Pelo fato de o evangelho ter vindo a eles não somente em palavra, mas em poder; eles não somente ouviram o som dele, mas se submeteram ao poder dele. O evangelho não somente fez cócegas nos ouvidos ou satisfez os seus caprichos, não meramente encheu a cabeça deles com idéias e distraiu sua mente por um tempo, mas afetou o coração deles: um poder divino acompanhava esse evangelho ao convencer a consciência deles e transformar suas vidas. Observe: Sabemos que somos eleitos quando não apenas falamos das coisas de Deus por hábito, como papagaios, mas sentimos a influência dessas coisas em nosso coração, mortificando nossos desejos, desapegando-nos do mundo e voltando-nos para as coisas celestiais. (2) Ela veio no Espírito Santo, isto é, com a energia poderosa do Espírito divino. Observe: Sempre que o evangelho vem em poder, ele deve ser atribuído à operação do Espírito Santo; e, a não ser que o Espírito de Deus acompanhe a palavra de Deus, para torná-la eficaz pelo seu poder, ela não passará de letra morta; e a letra mata, é o Espírito que dá vida. (3) O evangelho veio a eles em muita certeza. Assim, eles o receberam pelo poder do Espírito Santo. Eles estavam plenamente convencidos da verdade dele, de forma que não seriam facilmente abalados na mente pelas objeções e dúvidas; eles estavam dispostos a deixar tudo por Cristo e arriscar sua alma e sua condição perpétua pela veracidade da revelação do evangelho. A palavra não era para eles semelhante aos sentimentos de alguns filósofos acerca de questões de opinião e especulação duvidosa, mas o objeto da sua fé e certeza. A fé deles era *prova das coisas que se não vêem*; e os Tessalonicenses conheciam o tipo de homens que os apóstolos e seus cooperadores eram no meio deles, e o que fizeram a favor deles, e o sucesso que tiveram.

A Evidência do Sucesso do Apóstolo

vv. 6-10

Nessas palavras, temos a evidência do sucesso do apóstolo entre os Tessalonicenses, que era notório e conhecido em diversos lugares. Porque:

I Eles eram cuidadosos nas suas relações santas para imitar os bons exemplos dos apóstolos e dos ministros de Cristo (v. 6). O apóstolo buscou humilhar-se, não somente para o seu próprio bem, mas para o benefício de outros, por meio de uma conduta digna da sua doutrina, para que não destruísse com uma mão o que tinha edificado com a outra. Os Tessalonicenses, que observaram o tipo de homens que estavam no meio deles e como a pregação e o viver deles estavam em conformidade, mostraram um cuidado consciente em serem seguidores deles ou imitarem o bom exemplo deles. Com isto, eles também se tornaram seguidores do Senhor, que é o exemplo perfeito que devemos buscar imitar; e deveríamos ser seguidores daqueles que são seguidores de Cristo (1 Co 11.1). Os Tessalonicenses agiram assim, apesar da tribulação a que os apóstolos e eles próprios eram expostos. Eles estavam dispostos a participar dos sofrimentos pelo fato de seguirem e confessarem o cristianismo. Eles receberam o evangelho, apesar das dificuldades e privações que acompanhavam os pregadores e seus seguidores. Talvez isso tenha tornado a palavra mais preciosa, sendo comprada por um preço tão elevado; e o exemplo dos apóstolos brilhava intensamente debaixo das suas tribulações. Por isso, os Tessalonicenses receberam a palavra com alegria e seguiram o exemplo dos apóstolos sofredores com júbilo, *com gozo do Espírito Santo* – uma alegria verdadeiramente sólida, espiritual e duradoura, visto que o Espírito Santo é o autor dela. Quando nossas tribulações se tornam abundantes, Ele torna nossas consolações ainda mais abundantes.

II O zelo deles prevaleceu de tal modo que se tornaram exemplos para todos que estavam ao redor deles (vv. 7,8). Observe aqui:

1. O exemplo deles era muito eficaz para deixar uma boa impressão em muitas pessoas. Eles eram *tupoi – selos*, ou instrumentos para imprimir. Eles tinham recebido boas impressões da pregação e da conduta dos apóstolos e eles deixaram uma boa impressão, e a conduta deles influenciou os outros. Observe: Os cristãos devem ter o mesmo tipo de conduta para influenciar outras pessoas.

2. O exemplo deles foi muito amplo, ultrapassando os limites de Tessalônica, a ponto de alcançar os crentes de toda Macedônia, chegando até a Acaia. Os Filipenses e outros que receberam o evangelho antes dos Tessalonicenses foram edificados pelo exemplo deles. Observe: Alguns que foram contratados por último na vinha podem às vezes superar aqueles que vêm antes deles e tornar-se exemplos para eles.

3. O exemplo deles ficou muito conhecido. A palavra do Senhor, ou seus efeitos sobre os Tessalonicenses, ressoava, ou era bem conhecida, nas regiões em volta dessa cidade e *em todos os lugares*; não estritamente em cada lugar, mas aqui e ali, para cima e para baixo no mundo: assim que, do bom sucesso do evangelho entre eles, muitos foram encorajados a aceitá-lo, e estavam dispostos, quando chamados, a sofrer por ele. A sua fé foi difundida em todo lugar. (1) A prontidão da sua fé se tornou notória. Esses Tessalonicenses abraçaram o evangelho tão logo que foi pregado a eles; assim que todos notaram o tipo de entrada que o apóstolo teve no meio deles, não ocorrendo demora como em Filipos, onde levou um bom

tempo antes que algo bom pudesse ser feito. (2) Os efeitos da sua fé eram conhecidos. [1] Eles abandonaram sua idolatria. Eles se afastaram dos seus ídolos e abandonaram toda adoração falsa ensinada a eles. [2] Eles se entregaram a Deus, ao Deus vivo e verdadeiro, e devotaram-se ao seu serviço. [3] Eles decidiram esperar pelo Filho de Deus dos céus (v. 10). Uma das peculiaridades da nossa santa religião é esperar pela segunda vinda de Cristo. Aqueles que crêem que Ele virá esperam que virá para a nossa alegria. Os crentes debaixo do Antigo Testamento esperavam pela vinda do Messias, e os crentes agora esperam pela sua segunda vinda. Ele está para chegar. E há um bom motivo para crer que Ele virá, porque Deus o ressuscitou dos mortos. Essa é uma garantia para todas as pessoas de que Ele virá para o julgamento (At 17.31). E há um bom motivo para esperar por essa vinda, porque Ele nos libertou da ira vindoura. Ele veio para obter a salvação, e a trará consigo quando voltar, uma libertação plena e final do pecado, e da morte, e do inferno, dessa ira vindoura que virá sobre os incrédulos. Quando essa ira chegar, ela continuará, porque é um *fogo eterno*, preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25.41).

CAPÍTULO 2

Neste capítulo, o apóstolo lembra os Tessalonicenses da sua forma de pregação no meio deles (vv. 1-6). Em seguida, da sua forma de conduta no meio deles (vv. 7-12). Mais tarde, do sucesso do seu ministério, com os efeitos nele e nos Tessalonicenses (vv. 13-16), e então justifica a sua ausência (vv. 17-20).

Os Ministros Primeiros

vv. 1-6

Temos aqui um relato da forma de pregação de Paulo, e sua reflexão confortável em relação à sua entrada no meio dos Tessalonicenses. Como ele tinha o testemunho da sua própria consciência acerca da sua integridade, assim ele podia apelar aos Tessalonicenses com respeito a quão fielmente ele, Silas e Timóteo, seus auxiliares no trabalho do Senhor, tinham exercido seu trabalho: *Porque vós mesmos, irmãos, bem sabeis... a nossa entrada para convosco*. Observe: É um grande consolo para um ministro ter sua própria consciência e a consciência de outros testemunhando por ele de que ele tinha começado bem, com bons intentos e com bons princípios; e que *sua pregação não foi vã*, ou, como alguns traduzem, *não foi em vão*. O apóstolo aqui encontra consolo, ou no sucesso de seu ministério, de que não era infrutífero ou em vão (de acordo com a nossa tradução), ou, como alguns entendem, refletindo sobre a sinceridade da sua pregação, de que não foi em vão ou vazia, ou enganosa e ilusória. O assunto da pregação do apóstolo não era uma especulação vã e ineficiente acerca de sutilezas e questões frívolas, mas verdades sólidas e confiáveis, do tipo que trariam benefícios para os seus ouvintes. Esse é um bom exemplo a ser imitado por todos os ministros do evangelho. Certamente a pregação do apóstolo não foi vã e enganosa. Ele podia dizer a esses Tessalonicenses o que havia dito aos Coríntios (1 Co 4.2): *Rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus*. Ele não tinha um intento desonesto ou mundano em sua pregação. Por isso, o apóstolo os lembra do seguinte:

I Ele esteve no meio deles com coragem e determinação: *tornamo-nos ousados em nosso Deus, para vos falar o evangelho de Deus* (v. 2). O apóstolo foi inspirado com uma ousadia santa e não se deixou desanimar com as tribulações diante dele ou com a oposição imposta a ele. Ele tinha sido maltratado em Filipos, como esses Tessalonicenses bem sabiam. Ele e Silas tinham sido tratados de maneira vergonhosa, onde seus pés foram colocados no tronco. Mas após serem colocados em liberdade, seguiram para Tessalônica e pregaram o evangelho com muita ousadia. Observe: O sofrimento por uma boa causa deveria nos estimular em vez de nos enfraquecer. O evangelho de Cristo, quando primeiro foi espalhado no mundo, encontrou muita oposição; e aqueles que o pregavam, o pregavam *com grande combate*, com grande agonia, o que indicava, ou a luta do apóstolo na pregação a eles, ou a luta deles contra a oposição com a qual deparavam. Esse era o consolo de Paulo: ele não se sentia intimidado em seu trabalho, nem afugentado por ele.

II Ele esteve no meio deles com grande simplicidade e sinceridade devota: *Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência* (v. 3). Isso, sem dúvida, era o aspecto de maior consolo para o apóstolo – a percepção de sua própria sinceridade; e isso foi um dos motivos do seu sucesso. Ele pregava o evangelho sincero e incorrupto e os exortava a crer e obedecer. Seu intento não era estabelecer uma facção ou atrair as pessoas para um partido, mas promover uma *religião pura e imaculada para com Deus, o Pai*. O evangelho que ele pregava era sem engano; ele era verdadeiro e fiel. Esse evangelho não era falacioso, nem uma fábula artificialmente composta. Ele também não era impuro. Seu evangelho era puro e santo, digno do seu autor santo. Ele cuidava para desencorajar toda forma de impureza. *A palavra de Deus é pura*. Não deveria haver nada corrompido nela; e, como a exortação do apóstolo era verdadeira e pura, a maneira do seu falar era sem fraude. Ele não fingia uma coisa e intentava outra. *Ele cria; por isso, falava* (veja 2 Co 4.13). Ele não tinha objetivos e visões desonestos e seculares, mas era o que aparentava ser. O apóstolo não somente reivindica sua sinceridade, mas acrescenta os motivos e evidências dela. Os motivos estão incluídos (v. 4).

1. Eles eram mordomos, a quem o evangelho *foi confiado*: e exige-se que um mordomo seja fiel. O evangelho que Paulo pregava não era dele, mas o evangelho de Deus. Observe: Os ministros têm um grande benefício mostrado a eles, e uma honra colocada sobre eles, e uma confiança depositada neles. Eles não devem ousar corromper a Palavra de Deus: eles devem diligentemente fazer uso daquilo que foi confiado a eles, de acordo com a permissão e ordem de Deus, sabendo que serão chamados para prestar contas, quando não forem mais mordomos.

2. O intento deles era agradar a Deus e não a homens. Deus é um Deus da verdade e requer verdade no nosso interior; e, se falta a sinceridade, tudo que fazemos não poderá agradar a Deus. O evangelho de Cristo não está acomodado a ilusões vãs e desejos dos homens, para satisfazer seus apetites e paixões; mas, pelo contrário, ele foi designado para a mortificação dos seus pensamentos corruptos, libertando-os do poder da ilusão, para que pudessem ser levados para debaixo do poder da fé. *Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo* (Gl 1.10).

3. Eles agiam debaixo do exame da onisciência de Deus, daquele que *prova o nosso coração*. Na verdade, o grande motivo para a sinceridade é saber que Deus não somente vê tudo que fazemos, mas conhece nossos pensamentos de longe e examina nosso coração. Ele está bem familiarizado com todos os nossos alvos e intentos, bem como com nossas ações. E é desse Deus que prova o nosso coração que devemos receber nossa recompensa. As evidências da sinceridade do apóstolo são as seguintes: (1) Ele evitou a bajulação: *como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras* (v. 5). Ele e seus cooperadores pregavam a Cristo e a Ele crucificado, e não almejavam ganhar algum benefício dos homens, por gloriar-se, bajular-se e lisonjear-se. Longe dele esse tipo de atitude; ele também não lisonjeava as pessoas nos seus pecados; nem dizia a elas, se fizessem parte do seu partido, que poderiam viver como lhes agradasse. Ele não usou de palavras lisonjeiras com esperanças vãs, nem os favoreceu em alguma obra ou caminho perverso, prometendo vida a eles, e, dessa forma, *fazendo reboco de cal não adubada*. (2) Ele evitou a avareza. O apóstolo não fez do seu ministério *um pretexto*, ou um manto *de avareza*, como *Deus é testemunha* (v. 5). Seu intento não era enriquecer pela pregação do evangelho. Ele não pregou em troca de pão. Ele não era como os falsos profetas, que, *por avareza, faziam deles negócio com palavras fingidas* (2 Pe 2.3). (3) Ele evitou a ambição e a vanglória: *E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros* (v. 6). Eles não desejavam as bolsas ou os mantos das pessoas, nem serem enriquecidos, nem afagados, ou adorados, e chamados de rabino por eles. Este apóstolo exorta os Gálatas (cap. 5.26) a *não serem cobiçosos de vanglórias*. Sua ambição era obter *a honra que vem só de Deus* (Jo 5.44). Ele diz a eles que eles podiam ter usado de uma autoridade maior como apóstolos, e esperado uma maior estima, e exigido o sustento deles, que é o significado da frase *ser pesado*, porque, talvez, alguns poderiam achar que esse era um peso grande demais para ser carregado.

Os Ministros Primeiros

vv. 7-12

Nestas palavras, o apóstolo lembra os Tessalonicenses da forma de sua conduta no meio deles.

I Ele menciona a brandura deles: *fomos brandos entre vós* (v. 7). O apóstolo mostrou grande meiguice e ternura, quando podia ter agido com a autoridade de um apóstolo de Cristo. Esse tipo de comportamento torna a religião muito atraente e favorece o tratar gracioso de Deus com os pecadores, no evangelho e por meio dele. Esse grande apóstolo, embora detestasse e evitasse a lisonja, era muito condescendente com todas as pessoas. Ele se ajustou a todas as necessidades das pessoas, e *fez-se tudo para todos*. Ele mostrou a bondade e o cuidado de uma *ama que cria seus filhos*. Essa é a forma de conquistar as pessoas, em vez de com regras e rigor. A Palavra de Deus é, na verdade, poderosa; e como vem com freqüência com uma tremenda autoridade na mente das pessoas, ela sempre tem nela poder suficiente para convencer cada julgamento imparcial, de modo que ela vem com um poder mais agradável, quando os ministros do evangelho se recomendam aos afetos das pessoas. E como uma mãe carinhosa suporta a obstinação de um filho, e digna-se a tarefas desprezíveis, e dá de amamentar a ele, assim os ministros de Cristo devem conduzir-se diante do seu povo. *Ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor* (2 Tm 2.24). Essa brandura e bondade, o apóstolo expressa diversas vezes. 1. Com o desejo mais afetuoso do bem-estar deles: *sendo-vos tão afeiçoados* (v. 8). O apóstolo tinha um amor muito afetuoso pelas pessoas deles, e ele buscava a elas, não o que era delas, não os seus bens; e buscava ganhá-las, não ser um beneficiário delas, ou fazer negócio delas: ele estava seriamente interessado na salvação e no bem-estar espiritual e eterno delas. 2. Pela notável prontidão em fazer o bem a eles, disposto a entregar a eles, *não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma* (v. 8). Veja aqui a forma da pregação de Paulo. Ele não poupou esforços. Ele estava disposto a passar por perigos, arriscando sua alma, ou vida, ao pregar o evangelho. Ele estava disposto a gastar e deixar-se gastar no serviço pela alma das pessoas; e, como aqueles que dão pão ao faminto de um princípio caridoso, abrindo a sua alma naquilo que dão (Is 58.10), assim fez o apóstolo ao dar o pão da vida. Tão preciosos para o apóstolo eram esses Tessalonicenses, e tão grande era o seu amor por eles. 3. Pelo trabalho braçal para evitar ser custoso a eles, ou que seu ministério não fosse dispendioso e pesado a eles: *bem vos lembrais, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia* etc. (v. 9). Ele negou-se o direito que tinha de cobrar salário das igrejas. Além do trabalho do ministério, que era o trabalho do seu chamado, ele também era fazedor de tendas, para que pudesse ganhar o seu próprio pão. Não devemos pensar que o apóstolo passou dia e noite trabalhando fisicamente para suprir as necessidades do seu corpo; porque então não teria tempo para a obra do ministério. Mas ele gastava parte da noite, bem como do dia, em seu trabalho braçal; ele estava disposto a privar-se de parte do seu descanso à noite, para que tivesse uma oportunidade de fazer o bem às almas das pessoas durante o dia. Temos aqui um bom exemplo para os ministros do evangelho, para serem diligentes na salvação das pessoas, embora não se exija que sempre preguem gratuitamente. Não devemos traçar uma regra geral desse caso, no sentido de os ministros não terem de trabalhar com suas mãos, para o suprimento das suas necessidade exteriores, ou sempre terem de fazê-lo. 4. Pela santidade da conduta deles, acerca da qual ele não apela somente a eles, mas também a Deus (v. 10): *Vós e Deus sois testemu-*

nhas. Eles eram observadores da sua conduta pública diante dos homens, e Deus era testemunha não somente do seu comportamento em secreto, mas dos princípios da alma, pelos quais agiam. O comportamento deles era santo em relação a Deus, justo em relação a todas as pessoas, e irrepreensível, sem causar escândalo; e eles foram cuidadosos para não ser um escândalo para as pessoas de fora, nem para as pessoas que criam, buscando não dar um mau exemplo, para que a pregação e a vida deles se completassem. Assim o apóstolo disse: *Procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens* (At 24.26).

II Ele menciona o desempenho fiel deles na obra do ministério (vv. 11,12). Ele também podia apelar a eles como testemunhas quanto a esse aspecto. Paulo e seus cooperadores não eram apenas bons cristãos, mas ministros fiéis. Não deveríamos somente ser justos e genuínos no que diz respeito ao nosso chamado geral como cristãos, mas em nosso chamado específico e nossos relacionamentos. Paulo exortou os Tessalonicenses, não somente informando-os do seu dever, mas estimulando e animado-os no exercício dele, com os motivos e argumentos adequados. E ele também os consolou, empenhando-se a animar e apoiar o espírito deles diante das dificuldades e desalentos que poderiam encontrar. E isso ele fez não somente publicamente, mas também particularmente, e de casa em casa (At 20.20). Ele tratou *a cada um* deles de maneira pessoal: alguns pensam que isso é semelhante ao tratamento que um pai dá aos seus filhos. Essa expressão também mostra os conselhos afetuosos e compassivos e as consolações que esse apóstolo usava. Ele era seu pai espiritual; por um lado, ele os tratava com carinho como uma mãe caridosa, por outro, como um pai, com o afeto de um pai em vez de com a autoridade de um pai. *Admoesto-vos como meus filhos amados* (1 Co 4.14). A forma da exortação do apóstolo deveria ser imitada pelos ministros em particular, e o assunto também deveria ser considerado por todos, a saber, que se *conduzissem dignamente para com Deus, que os chamou para o seu reino e glória* (v. 12). Observe: 1. Nosso grande privilégio do evangelho – que Deus nos chamou para o seu reino e glória. O evangelho nos chama para entrar no reino e estado de graça aqui, e para o reino e estado de glória no futuro, para o céu e a felicidade como nosso alvo e para a santidade como o caminho para esse alvo. 2. Nosso grande dever do evangelho – que nos conduzamos dignamente para com Deus, que a disposição da nossa mente e o conteúdo da nossa vida sejam correspondentes a esse chamado e adequados a esse privilégio. Deveríamos adaptar-nos ao intento e desígnio do evangelho e viver de acordo com nossa profissão e privilégios, nossas esperanças e expectativas, como é o caso daqueles que são chamados com um chamado tão elevado e santo.

Os Efeitos do Ministério Cristão

vv. 13-16

Observe aqui:

I O apóstolo menciona o sucesso do seu ministério entre esses Tessalonicenses (v. 13), que é expresso:

1. Pela forma como receberam a palavra de Deus: *Havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus*. (1) A palavra do evangelho é pregada por homens como nós, homens com os mesmos sentimentos e fraquezas: *Temos esse tesouro em vasos de barro* (veja 2 Co 4.7). A Palavra de Deus, que esses Tessalonicenses receberam, eles ouviram dos apóstolos. (2) No entanto, ela é na verdade a Palavra de Deus. Os apóstolos pregavam a palavra pela inspiração divina; essa palavra foi registrada, escrita nas Escrituras pela inspiração divina; essa é a palavra que está sendo pregada em nossos dias, estando contida, ou claramente baseada, ou sendo deduzida desses oráculos sagrados. (3) Aqueles que anunciam suas fantasias ou injunções como sendo a Palavra de Deus devem realmente ser repreendidos. Essa é a maneira mais baixa de imposição sobre um grupo de pessoas e uma forma de ação desonesta. (4) Também precisam ser repreendidas as pessoas que, ao ouvirem a palavra, se importam apenas com o ministério dos homens, ou com as palavras de homens, que se agradam somente, ou principalmente, com a elegância do estilo, ou a beleza da composição, ou a voz e maneira de a palavra ser pregada, e esperam receber seu benefício disso. (5) Deveríamos receber a Palavra de Deus como a Palavra de Deus, reconhecendo sua santidade, sabedoria, veracidade e bondade. As palavras dos homens são frágeis e decadentes, como eles próprios, e às vezes falsas, insensatas e inconstantes: mas a Palavra de Deus é santa, sábia, justa e fiel; e, semelhantemente ao seu autor, vive e permanece para sempre. Vamos recebê-la e considerá-la da mesma forma.

2. Pela maravilhosa operação dessa palavra que receberam: *A qual também opera em vós, os que crestes* (v. 13). Aqueles que receberam a Palavra pela fé reconhecem que é proveitosa. *Ela faz bem aos que andam na retidão*, e pelos seus efeitos maravilhosos mostra ser a Palavra de Deus. Ela refrigera a alma, alegra o coração e alumia os olhos (Sl 19). Aqueles que têm esse testemunho interior da verdade das Escrituras, a Palavra de Deus, pelas operações eficazes dela no coração, têm a melhor evidência da origem divina dela, embora isso não seja suficiente para convencer os outros que não a conhecem.

II Ele menciona os bons efeitos que sua pregação bem-sucedida teve:

1. Nele próprio e nos seus cooperadores. Era um constante motivo de gratidão: *Pelo que damos, sem cessar, graças a Deus* (v. 13). O apóstolo expressou sua gratidão a Deus com tanta freqüência que parece que ele achava que nunca conseguiria ser suficientemente grato pelo fato de Deus tê-lo considerado fiel, e tê-lo chamado para o ministério, e ter feito com que suas ministrações fossem bem-sucedidas.

2. Neles. A palavra operou eficazmente neles, não somente para serem exemplos para os outros na fé e boas obras (o que ele tinha mencionado anteriormente), mas também em constância e paciência diante de sofrimentos e provações pela causa do evangelho: *Vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus...; também padecestes... o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles* (v. 14), com a mesma coragem e constância, com a mesma

paciência e esperança. Observe: A cruz é a marca cristã: se somos chamados para sofrer, somos chamados somente para ser seguidores das igrejas de Deus; *assim perseguiram os profetas que foram antes de vós* (Mt 5.12). É um bom resultado para o evangelho quando somos habilitados a sofrer por essa causa. O apóstolo menciona os sofrimentos das igrejas de Deus, que, *na Judéia, estão em Jesus Cristo.* Esses da Judéia foram os primeiros a ouvir o evangelho, e foram os primeiros a sofrer por ele: porque os judeus eram os inimigos mais amargos do cristianismo, e estavam especialmente enfurecidos contra seus compatriotas que abraçaram o cristianismo. Observe: Zelo amargo e perseguição severa resultarão em discórdia entre os concidadãos e atravessarão todos os laços da natureza, bem como contradirão todas as regras da religião. Em cada cidade onde os apóstolos foram pregar o evangelho, os judeus incitavam os habitantes contra eles. Eles eram os líderes da perseguição em todos os lugares; assim também ocorreu em Tessalônica: *Os judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios, e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade* (At 17.5). Nesta ocasião, o apóstolo apresenta o caráter dos judeus descrentes (v. 15), suficiente para justificar a rejeição final deles e a destruição do seu lugar, da igreja e da nação, que agora estava se aproximando. (1) Eles *mataram o Senhor Jesus*, e de maneira descarada desejaram que seu sangue caísse sobre eles e sobre seus filhos. (2) Eles mataram *os seus próprios profetas*: isso ocorria o tempo todo; seus pais agiram assim: eles tinham sido uma geração perseguidora. (3) Eles odiavam os apóstolos e provocaram todo dano possível a eles. Eles os perseguiam e os caçavam de lugar em lugar: e não é de admirar que, se mataram o Senhor Jesus, também perseguiriam seus seguidores. (4) Eles *não agradavam a Deus*. Eles tinham perdido em grande parte o sentido de religião e o cuidado devido em relação ao seu dever para com Deus. Foi um erro fatal pensar que estavam servindo a Deus ao matar os servos de Deus. Assassinato e perseguição são odiados por Deus e não podem ser justificados sob pretensão alguma; eles são tão contrários à religião natural que nenhum zelo por qualquer instituição religiosa verdadeira ou somente aparente pode desculpá-los. (5) Eles eram *contrários a todos os homens*. O espírito perseguidor deles era um espírito perverso; contrário à luz da natureza, e contrário à humanidade, contrário ao bem-estar de todos os homens, e contrário aos sentimentos de todos os homens que não estão debaixo do poder do fanatismo. (6) Eles tinham uma inimizade implacável com os gentios, e os invejavam pelo fato de o evangelho ser oferecido a eles também: *E nos* (os apóstolos) *impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação.* Os meios de salvação tinham sido por muito tempo restritos aos judeus. E eles tinham inveja dos gentios e estavam irados pelo fato de os gentios também terem direito à salvação. Nada os provocava mais do que nosso Salvador dirigir-se a eles o tempo todo a respeito desse assunto. Os judeus em Jerusalém ficaram enfurecidos, quando, em sua defesa, Paulo disse a eles que tinha sido *enviado aos gentios* (At 22.21). Eles o ouviram pacientemente até que pronunciou essas palavras, e então não puderam suportar mais, mas *levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva.* Assim os judeus encheram a medida de seus pecados; e nada tende a encher mais a medida dos pecados de uma pessoa do que opor-se ao evangelho, obstruindo o progresso dele e impedindo a salvação de almas preciosas. Por causa disso, a *ira de Deus caiu sobre eles até ao fim*; isto é, a ira estava fixada contra eles, e logo os alcançaria. Não muitos anos mais tarde, Jerusalém foi destruída, e a nação judaica, acabada, pelos romanos. Observe: Quando a medida da iniqüidade de qualquer pessoa estiver cheia, e ela pecar até "ao fim", então chega a ira, e ela chega até ao fim.

Os Efeitos do Ministério Cristão

vv. 17-20

Nestas palavras, o apóstolo justifica a sua ausência. Observe aqui: 1. Ele lhes relata que foram involuntariamente forçados a se afastar deles: *Nós,... irmãos,* fomos *privados de vós* (v. 17). Tal era a fúria dos seus perseguidores. Ele foi enviado a contragosto para Beréia (At 17.10). 2. Embora estivesse ausente no corpo, estava presente no coração. Ele continuava se lembrando deles e tinha um grande apreço por eles. 3. Mesmo sua ausência corporal era por um breve período, o tempo de uma hora. O tempo é breve, todo nosso tempo na terra é breve e incerto, quer estejamos com nossos amigos ou afastados deles. Este mundo não é um lugar onde estamos sempre juntos, ou anelamos estar sempre juntos. É no céu que as almas santas devem se encontrar e nunca mais partir. 4. Ele sinceramente desejava e se esforçava para vê-los novamente: *Tanto mais procuramos com grande desejo ver o vosso rosto* (v. 17). O apóstolo queria que sua ausência fosse por um breve período. Seu desejo e empenho eram para voltar muito em breve a Tessalônica. Os homens não são senhores do seu próprio tempo. Paulo se empenhou, mas não podia fazer mais do que isso (v. 18). 5. Ele deixa claro que Satanás impediu o seu retorno (v. 18), ou seja, algum inimigo ou inimigos, ou mesmo o grande inimigo da humanidade, que incitava a oposição a Paulo; essa oposição foi sentida, ou em sua volta a Tessalônica, quando ele pretendia retornar àquele lugar, ou na incitação de dissensões e contendas em outros lugares onde ele fosse, quando sua presença se fazia necessária. Observe: Satanás é um inimigo constante à obra de Deus, e faz de tudo para obstruí-la. 6. Ele os assegura do seu afeto e elevada estima por eles, embora não pudesse estar presente com eles de acordo com o seu desejo. Eles eram sua *esperança, ou gozo, ou coroa de glória*; sua *glória e gozo*. Essas são expressões de profundo afeto e elevada estima. É altamente louvável quando obreiros e membros são tomados por esse tipo de afeto e estima mútuos, principalmente quando devem regozijar-se como aqueles que se regozijam ao semear e colher juntos, *diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda.*

O apóstolo aqui lembra os Tessalonicenses de que embora não pudesse vir a eles agora, e mesmo que não tivesse a oportunidade de vir a eles em outra ocasião, no entanto, o nosso Senhor Jesus Cristo viria, e nada o impediria. Além do mais, quando Ele vir, todos precisarão aparecer na sua presença ou diante dele. Os ministros e

todas as pessoas deverão aparecer diante dele, e as pessoas fiéis serão a glória e alegria dos ministros fiéis nesse grande e glorioso dia.

CAPÍTULO 3

Neste capítulo, o apóstolo apresenta mais evidências do seu amor pelos Tessalonicenses, lembrando-os do envio de Timóteo a eles, mencionando o seu intento e persuasão ao fazê-lo (vv. 1-5). Ele também os informa acerca da sua grande satisfação após o retorno de Timóteo, com as boas novas a respeito deles (vv. 6-10). Ele conclui com orações fervorosas por eles (vv. 11-13).

A Missão de Timóteo

vv. 1-5

Nestas palavras, o apóstolo apresenta um relato do envio de Timóteo aos Tessalonicenses. Embora fosse impedido de ir a Tessalônica, o seu amor por eles era tal que se viu impelido a enviar Timóteo a eles. Embora Timóteo fosse muito útil a ele, o apóstolo estava contente por eles, mesmo que isso significasse ser deixado *sós em Atenas*. Observe: Os ministros não respeitam devidamente o estabelecimento e o bem-estar do seu povo quando não conseguem negar-se a si mesmos em muitas coisas para esse fim. Observe:

I A descrição do caráter de Timóteo (v. 2): *Enviamos Timóteo, nosso irmão*. Em outro texto, o apóstolo o chama de filho; aqui ele o chama de irmão. Timóteo era mais novo em idade, inferior em dons e graças e em uma posição inferior no ministério: porque Paulo era apóstolo e Timóteo apenas evangelista; no entanto, Paulo o chama de irmão. Esse é um exemplo da humildade do apóstolo e mostra o seu desejo de honrar a Timóteo e recomendá-lo às igrejas. Ele também o chama de ministro de Deus. Observe: Ministros do evangelho de Cristo são ministros de Deus, para promover o Reino de Deus entre os homens. Ele também o chama de seu cooperador no evangelho de Cristo. Observe: Ministros do evangelho precisam identificar-se como trabalhadores na vinha do Senhor; eles têm uma posição nobre e trabalho árduo, no entanto essa é uma boa obra. *Esta é uma palavra fiel: Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja* (1 Tm 3.1). E ministros devem respeitar-se e fortalecer-se mutuamente, não lutar ou brigar uns com os outros (o que atrapalhará o trabalho deles), mas lutar juntos para dar prosseguimento à grande obra na qual estão envolvidos, a saber, pregar e divulgar o evangelho de Cristo e persuadir as pessoas a receber e seguir esse evangelho.

II O intento ao enviar Timóteo: *Para vos fortalecer e vos exortar acerca da vossa fé* (v. 2). Paulo os tinha convertido à fé cristã, e agora queria que fossem confirmados e confortados, que fossem confirmados na escolha que tinham feito em relação à religião cristã e confortados na profissão e prática dela. Observe: Quanto mais formos confortados, mais seremos confirmados, porque, quando encontramos satisfação nos caminhos de Deus, nos esforçamos para continuar e perseverar neles. O intento do apóstolo era estabelecer e confortar os Tessalonicenses na sua fé; quanto ao objeto da sua fé, a saber, as verdades do evangelho, e particularmente que Jesus Cristo era o Salvador do mundo, e tão sábio e bom, tão poderoso e fiel, que poderiam confiar nele; quanto à recompensa da fé, que era mais do que suficiente para compensar todas as suas perdas e recompensar todo o seu trabalho.

III O motivo que induziu Paulo a enviar Timóteo para essa finalidade, a saber, um temor e zelo santos, para que não se afastassem da fé em Cristo (v. 3). Ele não queria que nenhuma pessoa fosse movida ou sacudida, a ponto de apostatar ou vacilar na fé. E, contudo:

1. Ele percebia que havia perigo e temia as conseqüências.

(1) O perigo existia: [1] Por causa da *tribulação* e perseguição em decorrência da pregação do evangelho (v. 3). Esses Tessalonicenses percebiam as aflições que os apóstolos e pregadores do evangelho passavam, e isso possivelmente podia fazê-los hesitar. E também aqueles que faziam profissão do evangelho eram perseguidos, e, sem dúvida, esses Tessalonicenses também eram afligidos. [2] Por causa da sutileza e maldade do tentador. O apóstolo estava com receio de que o tentador os tivesse tentado de alguma forma (v. 5). O Diabo é um tentador sutil e incansável, que busca uma oportunidade para nos seduzir e destruir, e procura aproveitar-se de nós, tanto em tempos de prosperidade como de adversidade. E ele muitas vezes tem sido bem-sucedido em seus ataques às pessoas que estão enfrentando tribulações. Freqüentemente ele tem predisposto a mente das pessoas contra a religião por causa dos seus sofrimentos. Portanto, temos motivos para sermos zelosos conosco mesmos e com outros, para não sermos seduzidos por ele.

(2) O apóstolo temia que seu esforço tivesse sido em vão. E isso teria acontecido, caso o tentador os tivesse tentado, e prevalecido, para demovê-los da fé. Eles teriam perdido o que tinham alcançado, e todo o esforço do apóstolo teria sido em vão. Observe: O intento do Diabo é impedir o bom fruto e o efeito da pregação do evangelho. Se ele não puder impedir os ministros de labutarem na Palavra e doutrina, ele procurará impedir o sucesso do trabalho deles. Observe também: Ministros fiéis se preocupam muito com o sucesso do seu trabalho. Ninguém estaria disposto a trabalhar em vão; e eles relutam em despender seus esforços e tempo por nada.

2. Para evitar esse perigo, com suas conseqüências perversas, o apóstolo descreve o tipo de cuidado que tomou ao enviar Timóteo: (1) Para lembrá-los daquilo que tinha mencionado anteriormente, acerca das aflições (v. 4), deixando claro que *para isto* foram *ordenados* (v. 3). Por isso, a vontade e o propósito de Deus é que *por muitas tribulações nos importa entrar no* seu *Reino*. As dificuldades e perseguições não apareceram por acaso, nem meramente pela ira e maldade dos inimigos da religião, mas pela ordenação de Deus. O evento somente ocorreu como Deus havia determinado, e eles sabiam que ele os tinha advertido antes que ocorresse; assim eles não deveriam estranhar, e, tendo sido prevenidos, deveriam estar

premunidos. Observe: Os apóstolos certamente não bajulariam as pessoas com uma expectativa de prosperidade mundana na religião; pelo contrário, eles deixaram bem claro que deveriam contar com dificuldades na carne. E aqui seguiram o exemplo do seu grande Mestre, o autor da nossa fé. Além disso, tudo isso poderia servir para confirmação da sua fé, quando perceberam que somente ocorreu com eles o que tinha sido predito. (2) Para conhecer a sua fé, para que pudesse informar os apóstolos se, de fato, continuavam firmes diante de todo sofrimento, e se a fé neles havia fracassado ou não. Se a sua fé não fracassasse, eles teriam condições de permanecer firmes contra o tentador e todas as suas tentações. A sua fé seria um escudo, para defendê-los contra *todos os dardos inflamados do maligno* (Ef 6.16).

A Missão de Timóteo

vv. 6-10

Neste texto, lemos acerca da grande satisfação de Paulo após o retorno de Timóteo, com as boas novas a respeito dos Tessalonicenses, em que podemos observar:

I O bom relato de Timóteo acerca deles (v. 6). Sem dúvida, ele foi um mensageiro voluntário dessas boas novas. *Da vossa fé*, isto é, referente à firmeza deles na fé, a ponto de não ficarem abalados, nem se afastarem do evangelho. A *caridade* (amor) deles também continuava – seu amor pelo evangelho e pelos ministros do evangelho. Porque eles tinham uma boa e constante lembrança dos apóstolos. Os nomes dos apóstolos eram muito preciosos para eles, e a opinião a respeito deles, e o que tinham recebido deles, era muito valioso, tanto que *desejavam muito vê-los* novamente e receber algum dom espiritual deles; e esse amor não se perdeu, porque o apóstolo também desejava muito vê-los. É uma felicidade quando existe um amor profundo entre o ministro e o povo. Isso tende a favorecer a religião e o sucesso do evangelho. O mundo os odeia, e, portanto, eles deveriam amar uns aos outros.

II O grande consolo e satisfação que o apóstolo tinha nesse bom relato a respeito deles (vv. 7,8): *Por esta razão, irmãos, ficamos consolados..., em toda a nossa aflição e necessidade*. O apóstolo achava que essas boas novas acerca deles eram suficientes para compensar todas as dificuldades que tinha enfrentado. Era fácil para ele suportar tribulação, ou perseguição, ou brigas de fora, quando percebia o sucesso do seu ministério e a constância dos convertidos que tinha alcançado; e sua angústia por causa do medo interior, de que tivesse trabalhado em vão, tinha agora em grande parte desaparecido, quando percebeu a fé e perseverança deles. Isso injetou nova vida e espírito no apóstolo e o tornou vigoroso e ativo no trabalho do Senhor. Assim, ele não foi apenas consolado, mas grandemente animado: *agora, vivemos, se estais firmes no Senhor* (v. 8). Seria algo mortal para os apóstolos se os que haviam professado a fé tivessem sido inconstantes, ou tivessem apostatado; ao passo que, nada era mais encorajador do que a constância deles.

III Os efeitos disso foram gratidão e oração a Deus em favor deles. Observe: 1. A imensa gratidão do apóstolo (v. 9). Ele estava cheio de gozo, louvor e gratidão. Quando estamos mais alegres, devemos estar mais gratos. Naquilo que nos regozijamos, devemos sentir gratidão. Isso é com vistas a alegrar-nos diante do nosso Deus, a espiritualizarmos nossa alegria. Paulo fala como se não tivesse palavras para expressar sua gratidão a Deus, ou sua alegria e júbilo por eles. Mas ele foi cuidadoso para que Deus não perdesse a glória pelo consolo que tinha recebido pelo bem-estar dos seus amigos. Seu coração foi alargado com amor por eles e com gratidão a Deus. Ele estava disposto a expressar tanto um quanto o outro o máximo possível. Nossa gratidão a Deus no nosso estado presente deixa muito a desejar, mas, quando chegarmos ao céu, realizaremos um trabalho melhor nessa área do que atualmente podemos realizar. 2. Ele orava por eles dia e noite (v. 10), ou com muita freqüência, no meio dos afazeres do dia ou do descanso da noite, elevando seu coração a Deus em oração. Também deveríamos orar dessa forma. E a oração de Paulo era uma oração fervorosa. Ele orou abundantemente, e era insistente em sua súplica. Observe: Quando estamos mais gratos, devemos sempre nos dedicar à oração; e as pessoas pelas quais somos gratos continuam necessitando da nossa oração. As pessoas que mais nos alegram e que são nosso maior consolo devem ter nosso constante cuidado, enquanto estivermos neste mundo de tentação e imperfeição. Ainda faltava alguma coisa à fé deles; Paulo desejava que isso fosse aperfeiçoado, e para tal desejava vê-los face a face. Observe: (1) Os homens mais devotos ainda têm alguma coisa faltando em sua fé, se não a respeito dela, no que se refere a certos mistérios ou doutrinas não suficientemente conhecidos ou cridos, então quanto à clareza e certeza dessa fé, onde ainda existe uma certa escuridão e incerteza remanescente, ou pelo menos quanto aos efeitos e operações dela, que ainda não estão tão distintos e perfeitos quanto deveriam estar. (2) O ministério da palavra e ordenanças é útil, e deve ser desejado e usado para o aperfeiçoamento daquilo que está faltando na nossa fé.

Oração Apostólica

vv. 11-13

Nestas palavras, temos a oração sincera do apóstolo. Ele desejava ser um instrumento no benefício futuro dos Tessalonicenses; e a única maneira de concretizar esse desejo à distância era orar por eles, além de escrever a eles. Ele desejava que a fé deles fosse aperfeiçoada; no entanto, ele próprio não podia ser a causa ou o autor disso. Ele certamente não aspirava ter o domínio sobre a fé deles, nem podia concedê-la a eles. Por esse motivo, ele conclui com oração por eles. Observe:

I A quem ele ora: a Deus e a Cristo. A oração é uma parte da adoração religiosa, e toda adoração religiosa é devida somente a Deus. A oração é aqui feita a Deus, o Pai e nosso Pai; e também a Cristo, nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, Jesus Cristo, nosso Senhor, é Deus, da mesma forma que Deus, nosso Pai, é Deus. A oração

deve ser oferecida a Deus, como nosso Pai. Assim Cristo ensinou seus discípulos a orar; e assim o Espírito de adoção os impele a orar, a clamar: *Aba, Pai*. A oração não deve ser somente oferecida em nome de Cristo, mas ao próprio Cristo, como nosso Senhor e Salvador.

II O que ele ora, com respeito a ele mesmo e aos seus cooperadores e a favor dos Tessalonicenses.

1. Ele ora para que ele próprio e os seus cooperadores possam ter uma jornada bem-sucedida até eles pela vontade de Deus, e que o seu caminho seja dirigido até eles (v. 11). Achamos que uma jornada a um lugar específico é algo que depende em grande parte da própria vontade do homem ou da sua capacidade de escolha e que Paulo não precisaria ter orado a Deus a esse respeito. Mas o apóstolo sabia que *em Deus vivemos, e nos movemos, e existimos*, que dependemos de Deus em todas as nossas moções e ações, bem como para a continuidade da vida e existência, que a Providência divina ordena todos os nossos afazeres, que Deus, nosso Pai, dirige e ordena seus filhos aonde quer que forem e no que fizerem, que nosso Senhor Jesus Cristo de uma maneira particular dirige os movimentos dos seus ministros fiéis, essas estrelas que Ele segura na mão direita. Que reconheçamos a Deus em todos os nossos caminhos, e Ele dirigirá os nossos passos.

2. Ele ora pela prosperidade dos Tessalonicenses. Quer tenha a oportunidade de visitá-los quer não, ele ora seriamente pela prosperidade da alma deles. E ele desejava duas coisas para eles, as quais deveríamos desejar para nós mesmos e nossos amigos: (1) Que eles pudessem aumentar e crescer no amor (v. 12), no amor mútuo e no amor a todas as pessoas. Observe: Todos os cristãos deveriam amar-se mutuamente, além do que também deveriam ter uma disposição caridosa e uma preocupação devida pelo bem-estar de todas as pessoas. O amor vem de Deus, que é o cumprimento do evangelho, bem como da lei. Timóteo trouxe boas novas a respeito da fé deles, mesmo que algo estivesse faltando. Em relação à caridade deles, o apóstolo ora para que ela aumente e cresça. Observe: Temos motivos para desejar crescer em cada graça, e temos a necessidade da influência do Espírito para poder crescer na graça; e a forma de obter isso é pela oração. Somos devedores a Deus não somente pelo depósito colocado em nossas mãos inicialmente, mas também pelo aperfeiçoamento dele. E à nossa oração devemos acrescentar o esforço. Para despertar esse aspecto nos Tessalonicenses, o apóstolo novamente menciona seu amor, seu amor abundante para com eles. Quanto mais somos amados, mais afetuosos deveríamos ser. (2) Que eles pudessem ser irrepreensíveis em santidade (v. 13). Esse benefício espiritual é mencionado como um efeito do amor crescente e abundante: *para confortar o vosso coração*. Observe: Quanto mais crescemos e aumentamos na graça, e especialmente na graça do amor, tanto mais somos confirmados nela. Observe também: A santidade é requerida de todos que desejam ir ao céu, e nisso devemos ser irrepreensíveis; isto é, devemos agir de tal forma que não contradiga nem um pouco a confissão que fazemos da santidade. Nosso desejo deveria ser o de termos nosso coração confortado na santidade diante de Deus, e sermos conservados seguros, até a vinda do Senhor Jesus Cristo; e de que possamos ser irrepreensíveis diante de Deus, o Pai, agora, e sermos apresentados irrepreensíveis diante do trono da sua glória, quando o Senhor Jesus chegar com todos os seus santos. Observe: [1] O Senhor Jesus certamente virá, e Ele virá em sua glória. [2] Quando Ele vier, seus santos virão com Ele: *Eles se manifestarão com ele em glória*. [3] Então a excelência, bem como a necessidade de santidade, se manifestará, porque sem isso nenhum coração será confortado naquele dia, e ninguém será irrepreensível ou evitará a condenação eterna.

CAPÍTULO 4

Neste capítulo, o apóstolo apresenta exortações sérias para crescer em santidade, com uma advertência contra a impureza, reforçadas com diversos argumentos (vv. 1-8). Ele então menciona os grandes deveres do amor fraternal e a quietude com diligência em nosso chamado (vv. 9-12). Ele conclui confortando aqueles que lamentavam a morte no Senhor dos seus familiares e amigos (vv. 13-18).

Exortações à Santidade. Advertência contra a Impureza

vv. 1-8

Temos aqui:

I Uma exortação para crescer em santidade, para *progredir cada vez mais* naquilo que é bom (vv. 1,2). Podemos observar:

1. A forma como a exortação é dada – muito afetivamente. O apóstolo os trata como irmãos; ele os chama assim e os amava dessa forma. Uma vez que o seu amor por eles era muito grande, ele os exorta de maneira muito séria: *vos rogamos e exortamos*. O apóstolo não estava disposto a receber qualquer recusa, e, portanto, repete sua exortação repetidas vezes.

2. O tópico de sua exortação – que progridam cada vez mais no caminhar santo e sobressaiam nas coisas que são boas, em boas obras. A sua fé era conhecida, com justiça, no exterior; e eles já tinham se tornado exemplos para outras igrejas: contudo, o apóstolo queria que eles sobressaíssem ainda mais e continuassem fazendo progresso na santidade. Observe: (1) Aqueles que mais sobejam os outros não alcançam a perfeição. O melhor de nós deveria *esquecer das coisas que atrás ficam e avançar para as que estão diante de* nós. (2) Não basta permanecer na fé do evangelho, mas precisamos crescer na obra da fé. Não devemos somente perseverar até o fim, mas devemos melhorar e caminhar mais equilibradamente e proximamente com Deus.

3. Os argumentos com os quais o apóstolo reforça suas exortações. (1) Os Tessalonicenses tinham sido informados acerca do seu dever. Eles conheciam a vontade do seu Mestre e não podiam alegar ignorância como desculpa. Assim como a fé, o conhecimento está morto sem a prática. Eles tinham recebido daqueles que os tinham

convertido ao cristianismo, ou tinham sido ensinados por eles, *de que maneira convém andar*. Observe: O intento do evangelho é ensinar às pessoas não somente o que devem crer, mas também como devem viver; ele visa não tanto encher a mente das pessoas com idéias, mas ajustar seu temperamento e comportamento. O apóstolo ensinou-os a caminhar, agora ensinou-os a falar. Falar bem sem viver bem nunca nos levará ao céu, porque o caráter daqueles que estão em Cristo Jesus é o seguinte: Eles *não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito* (veja Rm 8.4). (2) Outro argumento é que o apóstolo ensinou-os e exortou-os no nome, ou na autoridade, do Senhor Jesus Cristo. Ele era ministro e embaixador de Cristo, anunciando a eles a vontade e a ordem do Senhor Jesus. (3) O caminhar santo agrada profundamente a Deus, que é *glorificado em santidade* (veja Êx 15.11). Cada cristão deve ter como alvo e ambição agradar a Deus e ser aceito por Ele. Não deveríamos desejar agradar as pessoas, nem agradar a carne, mas caminhar de tal forma que agrademos a Deus. (4) A regra pela qual convém caminhar e agir: *os mandamentos que vos temos dado pelo Senhor Jesus Cristo*, que eram os mandamentos do próprio Senhor Jesus Cristo, porque foram dados pela autoridade e direção dele e eram segundo a sua vontade. Os apóstolos do nosso Senhor Jesus Cristo eram somente comissionados por Ele a ensinar as pessoas a observar todas as coisas que Ele lhes tinha mandado (Mt 28.20). Embora tivessem a grande autoridade de Cristo, ela se resumia a ensinar às pessoas o que Cristo tinha ordenado e não transmitir seus próprios mandamentos. Eles não agiam como senhores sobre a herança de Deus (1 Pe 5.3), e aqueles que aspiravam ser seus sucessores também não deveriam agir dessa forma. O apóstolo podia cobrar dos Tessalonicenses, pois eles conheciam os mandamentos que ele lhes tinha dado, que eram os mesmos que ele tinha recebido do Senhor Jesus.

II Uma advertência contra a impureza, que era um pecado diretamente contrário à santificação, ou ao caminhar santo ao qual ele tão seriamente os exortava. Essa advertência é expressa e também reforçada por muitos argumentos.

1. Ela é expressa nas seguintes palavras: *que vos abstenhais da prostituição* (v. 3); isso inclui todo tipo de impureza, tanto para os casados quanto para os solteiros. O adultério obviamente está incluído, embora a prostituição seja especificamente mencionada. E outros tipos de impurezas também são proibidos, os quais é vergonhoso mencionar, embora sejam cometidos por muitos em segredo. Tudo que é contrário à castidade no coração, no falar e no comportamento, é contrário à ordem de Deus no Decálogo, e contrário à santidade que o evangelho requer.

2. Há diversos argumentos para reforçar essa advertência. Como: (1) Esse aspecto da santificação específica é a vontade de Deus (v. 3). A vontade de Deus em geral é que sejamos santos, porque *aquele que nos chamou é santo*, e porque fomos *eleitos para a salvação em santificação do Espírito*. Deus não requer somente a santidade de coração, mas também a pureza em nosso corpo, e que devemos nos purificar de *toda imundícia da carne e do espírito* (2 Co 7.1). Sempre que o corpo estiver, como deveria estar, devotado a Deus, dedicado e separado para Ele, deverá ser mantido limpo e puro para o seu serviço; e, como a castidade é um aspecto da nossa santificação, assim essa é uma coisa que Deus ordena na sua lei, e o que sua graça realiza em todo verdadeiro crente. (2) Isso será importante para a nossa honra e está claramente inferido (v. 4), considerando que o contrário será uma grande desonra. *E o seu opróbrio nunca se apagará* (Pv 6.33). O corpo é aqui chamado de vaso da alma, que habita nele (veja 1 Sm 21.5), e deve ser mantido puro de desejos corrompidos. Cada um de nós deve ser cuidadoso nessa questão, ao prezar sua própria honra e não ser desprezível nessa questão, para que seus apetites e paixões não recebam a ascendência, tiranizando sua razão e consciência e escravizando as faculdades superiores da sua alma. O que pode ser mais desonroso para uma alma racional do que ser escravizada pelas paixões carnais e apetites desumanos? (3) Ceder aos desejos da concupiscência é viver e agir como pagãos, *como os gentios, que não conhecem a Deus* (v. 5). Os gentios, e especialmente os gregos, eram freqüentemente culpados de pecados de impureza que não eram tão evidentemente proibidos à luz da natureza. Mas eles não conheciam a Deus, nem seu propósito e vontade, a saber, nossa *santificação*. Não devemos ficar admirados se os gentios se envolvem em apetites e desejos carnais; mas os cristãos não devem andar como gentios incrédulos, *em dissoluções, concupiscências, borracheiras, glutonarias, bebedices* etc. (1 Pe 4.3), porque aqueles que estão em Cristo *crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências* (veja Gl 5.24). (4) O pecado da impureza, especialmente o adultério, é um grande exemplo de injustiça da qual Deus será o vingador; assim podemos entender as palavras: *Ninguém oprima ou engane a seu irmão* (v. 6) *em negócio algum – en to pragmati, neste* negócio do qual o apóstolo está falando nos versículos precedentes e subseqüentes, a saber, o pecado da impureza. Alguns entendem essas palavras como mais uma advertência e precaução contra a injustiça e opressão. Toda nossa fraude e engano no nosso tratamento com as pessoas certamente são criminosos e contrários ao evangelho. E os cristãos não deveriam tirar vantagem da ignorância e necessidade daqueles com quem lidam; eles também não deveriam defraudá-los com subterfúgios ou mentiras; e embora isso seja praticado por alguns e esteja encoberto por muito tempo, e conseqüentemente não seja castigado pelos homens, no entanto, o Deus justo virá com retribuição. Mas é possível que essa expressão seja para mostrar a injustiça e o erro que, em muitos casos, são feitos pelo pecado da impureza. A fornicação e outros atos de impureza não somente são pecados contra o corpo daquele que os comete (1 Co 6.18), e por isso mesmo, muito injuriosos para a alma e o corpo do pecador, mas, às vezes, eles são atos de injustiça muito injuriosos contra os outros, especialmente para aqueles que estão unidos pelo pacto do casamento e para a sua posteridade. E, visto que esse pecado é de uma natureza tão abominável, Deus certamente será o seu vingador. *Aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará* (Hb 13.4). O apóstolo havia prevenido e testificado pelo seu evangelho que, como este con-

tém promessas preciosas e extraordinariamente grandes, assim ele também *manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça* (Rm 1.18). (5) O pecado da impureza é contrário à natureza e desígnio do nosso chamado cristão: *Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação* (v. 7). A lei de Deus proíbe toda impureza, e o evangelho exige uma pureza perfeita; ele nos chama da impureza para a santidade. (6) O desprezo à lei de Deus e ao evangelho é um desprezo ao próprio Deus: *quem despreza isto não despreza ao homem* somente, *mas, sim, a Deus* (v. 8). Alguns podem possivelmente desconsiderar os preceitos de pureza e santidade, porque os ouviram de homens semelhantes a eles; mas o apóstolo deixa claro que essas eram ordens de Deus, e violá-las significava desprezar o próprio Deus. Ele acrescenta: *Deus nos deu também o seu Espírito Santo,* deixando claro que toda sorte de impureza entristece o Espírito Santo de uma maneira especial, e fará com que Ele se retire de nós. O Espírito Santo foi dado para nós para nos guarnecer contra esses pecados, e para nos ajudar a mortificar esses atos do corpo, para que possamos viver (Rm 8.13).

O Amor Fraternal

vv. 9-12

Nestas palavras, o apóstolo menciona os grandes deveres:

I Do amor fraternal. Ele os exorta a crescer cada vez mais nesse sentido. A exortação é introduzida, não com uma recomendação, mas com um elogio, porque eles eram notáveis no exercício desse amor, o que tornava menos necessário escrever a respeito disso (v. 9). Assim, pelo bom juízo que tinha deles, ele captou a afeição deles, e, dessa forma, abriu caminho para sua exortação a eles. Observe: Deveríamos observar aquilo que é bom nos outros, para o louvor deles, para que, ao fazê-lo, possamos requerer deles um progresso cada vez maior. Observe:

1. O motivo do elogio do apóstolo. Não era tanto a virtude deles, mas, sim, a graça de Deus; ele repara na evidência que deram da graça de Deus neles. (1) Era a graça de Deus em que ele reparou de uma maneira especial: que Deus tinha ensinado essa boa lição a eles: *vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros* (v. 9). Todo aquele que faz o que é bom é ensinado por Deus, e é Ele que deve receber a glória. Todos que foram ensinados por Deus aprendem essa lição: amar uns aos outros. Essa é a vestimenta da família cristã. Observe também: A instrução do Espírito excede a instrução dos homens; e, uma vez que nenhuma pessoa deveria instruir algo contrário ao que Deus instrui, assim ninguém pode instruir tão eficazmente quanto Ele; e a instrução do homem é vã e inútil a menos que Deus também instrua. (2) Os Tessalonicenses deram boa evidência de que eram instruídos por Deus pelo seu amor *para com todos os irmãos... por toda a Macedônia* (v. 10). Eles não somente amavam as pessoas da sua própria cidade e sociedade, ou aqueles que estavam próximos deles e pensavam da mesma forma, mas o amor deles era amplo. E um verdadeiro cristão é assim com todos os santos, embora esteja distante fisicamente, e difira deles em algumas opiniões ou práticas de menor importância.

2. A exortação é para que continuem a progredir cada vez mais nessa grande graça e dever do amor fraternal (v. 10). Embora esses Tessalonicenses não tivessem em certo sentido nenhuma necessidade de ouvir uma exortação acerca do amor fraternal, como se fosse algo completamente desnecessário, mesmo assim, eles precisam ser exortados a orar por mais, e trabalhar para possuir mais. Não há ninguém deste lado do céu que ame de maneira perfeita. Aqueles que são notáveis nessa área, ou em qualquer outra graça, têm a necessidade de progredir e perseverar até o fim.

II Da quietude e diligência no chamado deles. Observe: 1. O apóstolo exorta acerca dos seguintes deveres: que eles deveriam *viver quietos* (v. 11). É muito desejável ter um temperamento calmo e quieto e um comportamento pacífico e quieto. Isso vale para nossa própria felicidade, bem como para a dos outros; e os cristãos deveriam aprender a ficar calmos. Deveríamos ser ambiciosos e diligentes em aprender a ficar calmos e tranqüilos em nossa mente, em paciência dominar a nossa própria alma, e ser quietos com respeito aos outros; ou aprender a ter uma disposição meiga e tranqüila, branda e pacífica, não dada a brigas, contendas ou divisões. Satanás está muito ocupado em inquietar-nos; e o nosso próprio coração tende a tornar-nos inquietos; portanto, aprendamos a viver em quietude. Em seguida, temos: *e tratar dos vossos próprios negócios.* Quando ultrapassamos isso, nos expomos a muita inquietude. As pessoas intrometidas, que se intrometem nos negócios de outras pessoas, geralmente não têm muito sossego em seu próprio coração e causam muita confusão na sua vizinhança; infelizmente eles dificilmente prestam atenção à outra exortação, de serem diligentes quanto ao próprio chamado e *trabalhar com as próprias mãos.* Essa era a ordem do apóstolo para os Tessalonicenses, e ela vale para nós também. O cristianismo não nos libera do trabalho e do dever do nosso próprio chamado, mas nos ensina a sermos diligentes nisso. 2. A exortação é reforçada com um argumento duplo; a saber: (1) Assim viveremos de maneira honrosa e respeitável. Por isso, deveríamos andar honestamente, ou decentemente e honrosamente, para com aqueles que são de fora (v. 12). Assim agiremos de acordo com o evangelho e teremos um bom testemunho para com os estrangeiros, mesmo para com os inimigos. Observe: A religião sai ganhando muito quando os seus adeptos apresentam um espírito meigo e quieto, e quando são diligentes em relação aos seus próprios negócios e não intrometidos em relação à vida alheia. (2) Viveremos de maneira confortável e não teremos necessidade de coisa alguma (v. 12). As pessoas, com freqüência, por causa da sua preguiça, acabam em pobreza e grande necessidade e estão sujeitas a muita miséria, enquanto as pessoas que são diligentes em seus próprios negócios vivem confortavelmente e não têm falta de coisa alguma. Elas não são um peso para os seus amigos, nem escândalo

para os de fora. Elas ganham o seu próprio pão e têm o maior prazer nisso.

A Condição dos Santos que Partiram
vv. 13-18

Nestas palavras, o apóstolo conforta os Tessalonicenses que lamentavam a morte dos seus familiares e amigos que morreram no Senhor. Ele busca dissuadi-los do pesar excessivo, ou da tristeza imoderada, sobre esse assunto. *Todo* luto pela morte de amigos não é de forma alguma contrário à lei; podemos chorar pelo menos por nós mesmos se não chorarmos por eles, chorar pela própria perda, embora seja o ganho deles. No entanto, não devemos ser imoderados em nossa tristeza.

I Isso dá a entender que não temos esperança (v. 13). Dessa forma, somos muito semelhantes aos gentios, que não têm esperança de uma vida melhor depois desta; ao passo que, nós cristãos, que temos uma esperança segura, a esperança de vida eterna depois desta vida terrena, *a qual Deus, que não pode mentir, prometeu*, deveríamos moderar todas as nossas alegrias e nossas tristezas no interesse das coisas mundanas. Essa esperança é mais do que suficiente para equilibrar todas as nossas tristezas, se comparada com qualquer uma das cruzes do tempo presente.

II Esse é um resultado da ignorância em relação àqueles que estão mortos (v. 13). Existem algumas coisas nas quais continuaremos ignorantes em relação àqueles que já dormem; porque a terra para a qual foram transferidos é uma terra de escuridão, da qual sabemos muito pouco e com a qual não temos como nos corresponder. Ir ao meio dos mortos é ir ao meio dos que não conhecemos e dos que não sabemos como vivem. A morte é uma coisa desconhecida, e não conhecemos muito acerca do estado dos mortos, ou o estado após a morte. No entanto, existem algumas coisas especialmente em relação àqueles que morreram no Senhor das quais não precisamos, ou não deveríamos, ser ignorantes; e, se essas coisas forem realmente entendidas e devidamente consideradas, elas serão suficientes para tranqüilizar nossas tristezas quanto aos mortos.

1. Eles dormem em Jesus (v. 13). Eles *dormiram em Cristo* (1 Co 15.18). A morte não os aniquila. É apenas um sono para eles. E um descanso, um descanso imperturbado. Eles se retiraram deste mundo atribulado, para descansar dos seus trabalhos e tristezas, e dormem em Jesus (v. 14). Continuando em união com Ele, dormem em seus braços e estão debaixo da sua proteção e cuidado especiais. A alma deles está na sua presença, e seu pó está debaixo do seu cuidado e poder; assim, eles não estão perdidos, nem são perdedores, mas são grande ganhadores por meio da morte, e a transferência deles para fora deste mundo é para um lugar melhor.

2. Eles serão ressuscitados da morte, e despertados do seu sono, porque *Deus os tornará a trazer com ele* (v. 14). Eles então estão com Deus, e estão num estado melhor onde estão do que quando estavam aqui; e quando Deus vier, Ele os trará consigo. A doutrina da ressurreição e da segunda vinda de Cristo é um grande antídoto contra o medo da morte e a tristeza excessiva pela morte dos nossos amigos cristãos; e essa doutrina é certa, porque *cremos que Jesus morreu e ressuscitou* (v. 14). Assume-se que como cristãos eles sabiam e criam nisso. A morte e a ressurreição de Cristo são artigos fundamentais da religião cristã, e nos dão esperança de uma ressurreição alegre; porque *Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem*; e, portanto, *os que dormiram em Cristo* não pereceram nem estão perdidos (1 Co 15.18,20). Sua ressurreição é uma completa confirmação de tudo que é dito no evangelho, ou pela palavra do Senhor, que *trouxe à luz a vida e a incorrupção.*

3. Seu estado e condição serão gloriosos e felizes na segunda vinda de Cristo. O apóstolo traz essa informação aos Tessalonicenses *pela palavra do Senhor* (v. 15), pela divina revelação do Senhor Jesus; porque embora a ressurreição dos mortos e um futuro estado de bem-aventurança fizessem parte do credo dos santos do Antigo Testamento, são muito mais claramente revelados pelo evangelho. Por essa palavra do Senhor, sabemos: (1) Que o Senhor Jesus virá do céu com toda pompa e poder do mundo acima (v. 16): *o mesmo Senhor descerá do céu com alarido.* Ele subiu aos céus depois da sua ressurreição, e passou por esses céus materiais até o terceiro céu, onde aguarda até a restituição de todas as coisas; e então virá outra vez e aparecerá em sua glória. Ele descerá do céu e aparecerá nos ares (v. 17). A aparição será com pompa e poder, *com alarido* – o alarido de um rei, e o poder e autoridade de um rei e conquistador poderoso, *com voz de arcanjo*; uma companhia inumerável de anjos o servirá. Talvez *um*, como o general do exército do Senhor, notificará a sua chegada, e a aparição gloriosa desse grande Redentor e Juiz será proclamada e prenunciada pela *trombeta de Deus. Porque a trombeta soará*, e ela despertará aqueles que dormem no pó da terra, e convocará o mundo inteiro a aparecer. Porque: (2) Os mortos serão ressuscitados: *os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro* (v. 16), antes daqueles que ficarem *vivos para a vinda de Cristo*, os quais serão *transformados*; e assim mostra-se que os que ficarem vivos não precederão os que dormem (v. 15). O primeiro cuidado do Redentor naquele dia será com os seus santos que morreram antes; Ele os ressuscitará antes que a grande mudança ocorra nesses que estão vivos: assim que esses que não dormiram na morte não terão maior privilégio ou alegria naquele dia do que esses que adormeceram em Jesus. (3) Esses que ficarem vivos serão então transformados e serão *arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares* (v. 17). No arrebatamento nas nuvens, ou imediatamente antes, esses que estão vivos sofrerão uma poderosa transformação, que será equivalente ao morrer. Essa transformação é tão misteriosa que não podemos compreendê-la: sabemos pouco ou nada a respeito dela (1 Co 15.51). Somente, de modo geral, sabemos que *isto que é mortal deve se revestir da imortalidade*, e esses corpos serão adaptados para herdar o Reino de Deus, que carne e sangue no seu estado presente não podem herdar. Essa mudança será *num momento, num abrir e fechar de olhos* (1 Co 15.52), num instante, ou logo depois da ressurreição desses que dormiram em Jesus. E esses que ressuscitarem e forem transformados se encontrarão nas nuvens, e

lá se encontrarão com seu Senhor, para saudá-lo na sua vinda, para receber a coroa da glória que Ele então entregará a eles; eles serão assistentes dele no julgamento, aprovando e aplaudindo a sentença que Ele anunciará ao príncipe das potestades do ar, e a todos os ímpios, que serão condenados à destruição com o Diabo e seus anjos. (4) Lemos acerca da felicidade dos santos naquele dia: eles *estarão sempre com o Senhor* (v. 17). Uma parte da felicidade deles é que todos os santos se reunirão, e permanecerão juntos para sempre; mas a maior felicidade do céu é a seguinte: *estar com o Senhor*, vê-lo, morar com Ele e desfrutá-lo, para sempre. Isso deveria confortar os santos quando seus amigos morrem; embora a morte tenha ocasionado a separação, a alma e o corpo deles se encontrarão novamente; nós e eles nos uniremos novamente; nós e eles com todos os santos nos uniremos com nosso Senhor e estaremos com Ele para sempre, para não sermos mais separados dele e uns dos outros. E o apóstolo deseja que nos consolemos *uns aos outros com estas palavras* (v. 18). Deveríamos nos empenhar em apoiar uns aos outros em tempos de tristeza, não amortecendo o espírito uns dos outros, nem enfraquecendo as mãos uns dos outros, mas confortando-nos mutuamente; e isso pode ser feito por meio de considerações e discursos sérios sobre as muitas boas lições a serem aprendidas da doutrina da ressurreição dos mortos, da segunda vinda de Cristo e da glória dos santos naquele dia.

CAPÍTULO 5

O apóstolo, tendo mencionado no final do capítulo anterior a ressurreição e a segunda vinda de Cristo, continua falando sobre a inutilidade de conjecturar acerca do tempo específico da vinda de Cristo, que será súbita e terrível para os ímpios, mas consoladora para os santos (vv. 1-5). Ele então chama a atenção deles para a importância da vigilância, sobriedade e o exercício da fé, amor e esperança, como aspectos apropriados para o estado deles (vv. 6-10). Nas palavras seguintes, ele ressalta diversos outros deveres que eles deveriam realizar em relação aos outros, ou uns aos outros (vv. 11-15), além de diversos outros deveres cristãos de grande importância (vv. 16-22), e então conclui esta epístola (vv. 23-28).

A Vinda de Cristo
vv. 1-5

Nestas palavras, observe:

I O apóstolo deixa claro aos Tessalonicenses que era desnecessário perguntar acerca do tempo específico da vinda de Cristo: *acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva* (v. 1). Cristo certamente virá, e há um tempo específico decretado para a sua vinda; mas não havia a necessidade de o apóstolo escrever a este respeito, e, portanto, ele não recebeu revelação acerca disso. Nem eles nem nós deveríamos perguntar acerca desse segredo, *que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder* (veja At 1.7). *Daquele Dia e hora ninguém sabe* (veja Mt 24.36). O próprio Cristo não revelou a hora quando esteve na terra; não fazia parte da sua comissão como o grande profeta da Igreja: Ele também não o revelou aos seus apóstolos; não havia *necessidade* disso. Há tempos e estações para fazermos nosso trabalho: o nosso dever e interesse é conhecer e observar; mas não sabemos os tempos e estações quando devemos prestar contas, nem é necessário que o saibamos. Observe: Existem muitas coisas que a nossa vã curiosidade deseja saber em que não há necessidade para tal, e o nosso conhecimento a respeito delas não nos faria bem algum.

II Ele relata que a vinda de Cristo será súbita e uma grande surpresa para a maioria das pessoas (v. 2). E isso eles sabiam perfeitamente, ou deveriam saber, porque nosso Senhor assim havia dito: *o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis* (Mt 24.44). Lemos também em Marcos 13.35,36: *Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo*. E, sem dúvida, o apóstolo tinha anunciado a eles acerca da vinda de Cristo, bem como da sua vinda súbita, que é o significado da sua vinda *como o ladrão de noite* (veja Ap 15.15). Como o ladrão geralmente vem no tempo tranqüilo da noite, quando ele é menos esperado, assim será o Dia do Senhor; tão súbita e surpreendente será a sua aparição. A compreensão disso será mais útil do que saber o tempo exato, porque isso deveria nos despertar para levantar e vigiar, para estarmos prontos quando Ele chegar.

III Ele deixa claro quão terrível a vinda de Cristo será para os incrédulos (v. 3). O Dia do Senhor significará a destruição deles. O Deus justo trará ruína para os seus inimigos e os inimigos do seu povo. E essa destruição será total e final, de modo que: 1. Ela será súbita. Ela os surpreenderá, e cairá sobre eles, no meio da sua segurança e animação carnal, quando dizem em seu coração: *Há paz e segurança*, quando sonham de felicidade e se deleitam com diversões vãs das suas fantasias e paixões, e não pensam nisso – *como as dores de parto sobrevirão àquela que está grávida*, no tempo devido, mas talvez a vinda não seja esperada naquele momento, muito menos temida. 2. Ela também será uma destruição inevitável: *de modo nenhum escaparão*; eles de modo nenhum escaparão. Não haverá meios possíveis para evitar o terror nem o castigo daquele dia. Não haverá *lugar onde se escondam os que praticam a iniqüidade* (veja Jó 34.22), nem abrigo da tempestade, nem sombra do calor abrasador que consumirá os ímpios.

IV Ele descreve quão confortador esse dia será para os justos (vv. 4,5). Observe aqui: 1. A posição e o privilégio deles. Eles não estão em trevas; eles são filhos da luz etc. Essa era a condição bem-aventurada dos Tessalonicenses, como é o caso de todos os cristãos verdadeiros. Eles não estavam em um estado de pecado e ignorância como o mundo pagão. Eles, *noutro tempo*, eram *trevas, mas, agora*, foram feitos *luz no Senhor* (veja Ef 5.8). Eles foram favorecidos com a divina revelação das coisas que são invisíveis e eternas, especialmente em relação à vinda de Cristo, e às conseqüências disso. Eles eram *fi-*

lhos do dia, porque a estrela d'alva tinha aparecido sobre eles; sim, o Sol da justiça tinha aparecido sobre eles com cura sob suas asas. Eles não estavam mais debaixo das trevas do paganismo, nem debaixo das sombras da lei, mas debaixo do evangelho, que traz vida e incorrupção à luz (2 Tm 1.10). 2. O grande benefício deles: que *aquele Dia não* os *surpreenda como um ladrão* (v. 4). Pelo menos seria culpa deles próprios se fossem surpreendidos por aquele Dia. Eles receberam um aviso claro e ajuda suficiente para precaver-se contra aquele Dia e podem aguardar com conforto e confiança diante do Filho do homem. Isso seria um tempo de *refrigério pela presença do Senhor*, que *aparecerá sem pecado, aos que o esperam para a salvação*, e virá a eles como amigo durante o dia, não como ladrão à noite.

Vigilância e Sobriedade
vv. 6-10

De acordo com o que tinha sido dito, o apóstolo apresenta exortações adequadas a diversas obrigações necessárias.

I Vigilância e sobriedade (v. 6). Essas obrigações são distintas, mas se complementam mutuamente. Porque, enquanto somos rodeados por tantas tentações à intemperança e excesso, não permaneceremos sóbrios, se não estivermos atentos, e, se não permanecermos sóbrios, não vigiaremos por muito tempo. 1. Então, *não durmamos... como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios*; não devemos estar despreocupados e descuidados, nem tolerar indolência espiritual e preguiça. Não devemos estar de guarda baixa, mas continuamente vigiar contra o pecado e as tentações. A maioria das pessoas é descuidada demais em relação às suas obrigações e desatenta em relação aos seus inimigos espirituais. Elas dizem: *Há paz e segurança*, quando estão em grande perigo, desperdiçam os preciosos momentos dos quais depende a eternidade, alimentando sonhos inúteis, e não se preocupam mais com o outro mundo do que as pessoas que estão dormindo. Ou eles não se preocupam nem um pouco com as coisas do outro mundo, porque estão dormindo, ou não pensam nelas da forma correta, porque estão sonhando. Mas nós precisamos agir como pessoas que estão acordadas e que estão vigiando. 2. Que também *sejamos sóbrios*, ou controlados e moderados. Que mantenhemos nossos desejos e apetites naturais em relação às coisas deste mundo dentro dos devidos limites. A sobriedade geralmente se opõe ao excesso de alimento e bebida, e, nesse caso, ela se opõe à embriaguez. Mas ela também se estende a todas as outras coisas temporais. Assim, nosso Salvador advertiu seus discípulos a olhar *por* eles, *para que não aconteça que o* seu *coração se carregue de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre* eles *de improviso aquele dia* (Lc 21.34). Nossa *eqüidade* então, como para todas as coisas temporais, deve ser *notória a todos os homens, porque perto está o Senhor* (veja Fp 4.5). Além disso, vigilância e sobriedade são bastante convenientes ao caráter e privilégio cristãos, pelo fato de serem *filhos do dia*; porque *os que dormem dormem de noite, e os que se embebedam embebedam-se de noite* (v. 7). É uma coisa bastante vergonhosa dormir durante o dia, que foi feito para trabalhar e não para dormir, estar embriagado durante o dia, quando tantos olhos estão voltados para eles, para observar sua vergonha. Não seria tão estranho se esses que não tinham o benefício da revelação divina se deixassem embalar no sono da segurança carnal pelo Diabo, e se eles colocassem as rédeas ao redor do pescoço dos seus apetites e se deixassem levar por toda forma de confusão e excessos; porque para eles era noite. Eles não estavam conscientes do perigo, portanto dormiam; eles não estavam cientes das suas obrigações, portanto estavam embriagados: mas para os cristãos isso seria tremendamente prejudicial. E como! Acaso os cristãos, que têm a luz do evangelho bendito brilhando em seus rostos, seriam negligentes acerca de sua alma e descuidados em relação ao outro mundo? Esses que têm tantos olhos voltados para si próprios deveriam conduzir-se com uma decência peculiar.

II Estar bem armado e vigilante: colocar toda a armadura de Deus. Isso é necessário para que essa sobriedade seja uma preparação para o Dia do Senhor, porque nossos inimigos espirituais são muitos, poderosos e malignos. Eles seduzem muitos para os seus interesses, e os mantêm neles, ao torná-los descuidados, seguros e presunçosos, ao torná-los ébrios – ébrios de orgulho, ébrios de paixão, ébrios e tontos de presunção, ébrios com as gratificações dos sentidos. Por isso precisamos nos preparar contra essas investidas, ao vestir a couraça espiritual para proteger o coração, e o capacete espiritual para guardar a cabeça; e essa armadura espiritual consiste de três grandes graças dos cristãos: fé, amor e esperança (v. 8). 1. Devemos viver pela fé, e isso nos manterá vigilantes e sóbrios. Se cremos que os olhos de Deus (que é um Espírito) estão sempre sobre nós, que temos inimigos espirituais com os quais devemos lutar, que existe um mundo de espíritos que devemos enfrentar, veremos motivos para vigiar e estar sóbrios. A fé será nossa melhor defesa contra os assaltos dos nossos inimigos. 2. Devemos ter um coração inflamado de amor; e essa também será a nossa defesa. Um amor verdadeiro e fervoroso por Deus e pelas coisas de Deus nos manterá vigilantes e sóbrios e impedirá a nossa apostasia em tempos de dificuldades e tentações. 3. Devemos tornar a salvação a nossa esperança. Devemos ter uma esperança viva a esse respeito. Essa boa esperança, por meio da graça, de vida eterna, será como um capacete para defender nossa cabeça e impedir que sejamos intoxicados com os prazeres do pecado, que são por pouco tempo. Se temos uma esperança viva em relação à salvação, tomemos cuidado para não fazermos coisas que ponham em risco a nossa esperança, ou nos tornem indignos ou desqualificados para a grande salvação pela qual esperamos. Tendo mencionado a salvação e a esperança dela, o apóstolo mostra quais fundamentos e motivos os cristãos têm para esperar por essa salvação; no entanto, ele não diz nada que os façam merecê-la. Não, a doutrina do nosso merecimento está em completo desacordo com as Escrituras; não há fundamento para esse tipo de doutrina. Mas nossas esperanças devem estar fundamentadas: (1) No destino de Deus: porque *Deus não nos desti-*

nou para a ira, mas para a aquisição da salvação (v. 9). Se remontássemos a nossa salvação à primeira causa, seria o desígnio de Deus. Aqueles que vivem e morrem na escuridão e ignorância, que dormem e estão embriagados como na noite, são claramente destinados *para a ira*; mas quanto aos que são do dia, se vigiarem e permanecerem sóbrios, é evidente que são destinados *para a aquisição da salvação*. E a certeza e a firmeza do destino divino são o grande apoio e encorajamento da nossa esperança. Se obtivéssemos a salvação por mérito ou poder próprios, teríamos pouca ou nenhuma esperança dela; mas quando reconhecemos que a obtemos pela virtude do desígnio de Deus, que certamente não pode ser abalado (*para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme*), nisso edificamos uma esperança inabalável, especialmente quando consideramos que: (2) O mérito e a graça vêm de Cristo, e que a salvação é pelo nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós. Portanto, nossa salvação e nossas esperanças estão fundamentadas na redenção de Cristo, bem como na escolha de Deus: e, como devemos pensar no desígnio e propósito graciosos de Deus, também devemos pensar na morte e sofrimento de Cristo, para esse fim, *para que, quer vigiemos, quer durmamos* (quer vivamos ou morramos, porque a morte não passa de um sono para os crentes, como o apóstolo tinha anunciado anteriormente), *vivamos juntamente com Cristo*, vivamos em união e em glória com Ele para sempre. E, como é a salvação que os cristãos esperam para estarem para *sempre com o Senhor*, assim o fundamento da esperança deles é a sua união com Ele. E se eles estão unidos com Cristo, e vivem nele, e vivem para Ele, aqui, a morte não será nenhum prejuízo para a vida espiritual, muito menos para a vida de glória no futuro. Pelo contrário, Cristo morreu por nós para que, em vida ou na morte, sejamos dele; para que possamos viver para Ele enquanto estivermos aqui, e viver com Ele quando sairmos daqui.

Várias Exortações. O Dever em relação aos Companheiros Cristãos

vv. 11-15

Nestas palavras, o apóstolo exorta os Tessalonicenses a realizarem diversos deveres.

I Em relação àqueles que estavam intimamente ligados uns aos outros. Isso deveria consolá-los, ou exortar um ao outro e edificar um ao outro (v. 11). 1. Eles devem confortar ou exortar a si mesmos e uns aos outros; porque a palavra original pode ser traduzida das duas maneiras. E podemos observar: As pessoas que sabem confortar-se são capazes e aptas a confortar os outros; assim, o modo de confortar-nos a nós mesmos, ou prover conforto aos outros, é sujeitar-nos à exortação da palavra. Observe: Não deveríamos apenas ser cuidadosos acerca do nosso conforto e bem-estar, mas também promover o conforto e bem-estar aos outros. Foi Caim que disse: *Sou eu guardador do meu irmão?* Devemos levar *as cargas uns dos outros e assim* cumprir *a lei de Cristo*. 2. Eles devem edificar uns aos outros, ao seguir *as coisas que servem... para a edificação de uns para com os outros* (Rm 14.19). Uma vez que os cristãos são pedras vivas que se unem e formam uma casa espiritual, eles devem se empenhar em fomentar o bem de toda a igreja ao promover a obra da graça uns nos outros. É nosso dever estudar aquilo que serve para a edificação daqueles com quem nos conectamos, *para agradar a todos para o* verdadeiro *proveito deles*. Devemos transmitir nosso conhecimento e experiência uns aos outros. Devemos nos unir em oração e louvor uns com os outros. Devemos ser um bom exemplo uns para com os outros. E é o dever, especialmente daqueles que moram na mesma vizinhança e família, confortar e edificar uns aos outros; essa é a melhor vizinhança, o melhor meio de cumprir a finalidade da sociedade. Como as pessoas que estão intimamente ligadas têm as maiores oportunidades, assim elas estão debaixo de maior obrigação, de fazer o bem umas às outras. Foi isso que os Tessalonicenses fizeram (*como também o fazeis*), e é isso que eles são exortados a continuar fazendo cada vez mais. Observe: Aqueles que fazem o que é bom precisam de mais exortação para estimulá-los a fazer o bem, e a fazer ainda mais, além de continuar fazendo o que já estão fazendo.

II Ele mostra o dever deles em relação aos seus ministros (vv. 12,13). Embora o apóstolo estivesse longe deles, eles tinham outros que trabalhavam no meio deles, e a quem eles deviam essas obrigações. O apóstolo aqui os exorta a observar:

1. Como os ministros do evangelho são descritos pela obra do seu ofício; eles devem realmente dedicar-se ao trabalho para o qual foram chamados, em vez de dar atenção aos títulos honrosos e respeitáveis que receberam. A obra deles é muito importante, e muito honrável e útil. (1) Os ministros devem trabalhar no meio do seu povo, trabalhar com diligência e assiduidade (de acordo com o original); eles devem *trabalhar na palavra e na doutrina* (1 Tm 5.17). Eles são chamados de trabalhadores e não devem ser ociosos. Eles devem trabalhar junto com seu povo, instruir, confortar e edificá-los. (2) Os ministros também devem governar seu povo, de acordo com 1 Timóteo 5.17. Eles devem governar, não com rigor, mas com amor. Eles não devem dominar como senhores seculares, mas governar como guias espirituais, ao dar um bom exemplo ao rebanho. Eles estão acima do povo no Senhor, para distingui-los dos magistrados civis, e para indicar também que não passam de ministros debaixo de Cristo, nomeados por Ele, e que devem governar o povo pelas leis de Cristo, e não pelas suas próprias leis. Isso também pode sugerir o propósito do seu ofício e todo o seu trabalho, a saber, o serviço e honra do Senhor. (3) Eles também devem admoestar o povo, não apenas publicamente, mas também em particular, quando for necessário. Eles devem instruí-los para fazer o bem, e devem reprová-los quando fazem o mal. O dever deles não é apenas dar bons conselhos, mas também advertir o rebanho a respeito dos perigos aos quais estão sujeitos e repreendê-lo pela negligência ou outros erros.

2. Qual o dever do povo em relação aos seus ministros. Existe um dever mútuo entre os ministros e o povo. Se os ministros devem trabalhar no meio do povo, então: (1) O povo deve conhecê-los. Como o pastor deve conhecer o seu rebanho, assim as ovelhas devem conhecer o

seu pastor. Eles devem conhecer sua pessoa, ouvir sua voz, reconhecê-lo como seu pastor e dar o devido valor ao seu ensino, governo e admoestações. (2) Eles devem estimar grandemente os seus ministros em amor; deveriam valorizar o ofício do ministério, honrar e amar as pessoas ou seus ministros e mostrar sua estima e afeto de todas as maneiras apropriadas; e isso por causa do trabalho deles, uma vez que seu trabalho visa promover a honra de Cristo e o bem-estar da alma das pessoas. Observe: Os ministros fiéis não devem ser pouco estimados por causa do seu trabalho, mas devem ser grandemente estimados pelo bem desse trabalho. A obra do ministério está tão longe de ser uma desgraça para aqueles que por outros motivos merecem estima, que coloca uma honra sobre aqueles que são fiéis e diligentes, a qual de outra forma não poderiam reivindicar, e lhes conseguirá essa estima e amor entre as pessoas boas, que de outra maneira não poderiam esperar.

III Ele apresenta diversas outras exortações tratando de deveres cristãos mútuos. 1. *Ter paz entre eles* (v. 13). Alguns entendem essa exortação (de acordo com a tradução de alguns manuscritos) como se referindo ao dever do povo para com seus ministros, de viver pacificamente com eles, não levantando nem promovendo dissensões entre o ministro e o povo, que certamente impediria o sucesso da obra do ministro e a edificação do povo. Os ministros e o povo devem evitar tudo aquilo que tende a alienar o carinho e o afeto uns pelos outros. E o povo deve buscar a paz entre eles, fazendo o possível para impedir que quaisquer diferenças surjam e cresçam no meio deles, e usando todos os meios adequados para preservar a paz e a harmonia. 2. *Admoestar os desordeiros* (v. 14). Sempre haverá em todas as sociedades alguns que caminham desordenadamente, que saem da linha; e não é apenas o dever dos ministros, mas também dos cristãos, admoestá-los e repreendê-los. Esses devem ser censurados pelo seu pecado, advertidos do seu perigo e do dano que estão causando à sua alma e do mal que podem fazer aos outros. Essas pessoas devem ser lembradas do que deveriam fazer e ser repreendidas por agirem de forma errada. 3. *Consolar os de pouco ânimo* (v. 14). Essas são pessoas desanimadas e medrosas, ou abatidas e com um espírito pesaroso. Algumas são covardes e têm medo de enfrentar dificuldades, estão desalentadas com a possibilidade de casualidades ou tragédias, e perdas, e tribulações. Essas pessoas devem ser animadas; não devemos desprezá-las, mas consolá-las. Certamente uma palavra bondosa, amável e consoladora ajuda muito. 4. *Sustentar os fracos* (v. 14). Alguns não são muito capazes de realizar seu trabalho, nem de agüentar suas cargas. Devemos, portanto, apoiá-los, ajudar nas suas fraquezas e ajudar a carregar a carga. É a graça de Deus, na verdade, que deve fortalecer e apoiar essas pessoas; mas devemos anunciar-lhes essa graça e nos empenhar em ministrar essa graça a elas. 5. *Ser pacientes para com todos* (v. 14). Devemos suportar e tolerar. Devemos ser longânimos e suprimir nossa raiva, quando a preocupação por afrontas e as injúrias começam a aumentar; não devemos falhar em moderar nossa ira: e isso deve ser exercido em relação a todas as pessoas, boas ou más, grandes ou pequenas. Não devemos ser arrogantes em nossas expectativas e exigências, nem duros em nossas imposições, mas devemos esforçar-nos em fazer o melhor que podemos de cada situação, e fazer o melhor juízo possível de cada pessoa. 6. *Não retribuir a outrem mal por mal* (v. 15). Também precisamos ter cuidado nessa área. Devemos de todas as formas refrear a vingança. Se os outros nos insultam, isso não justifica nossa vingança, ao fazermos o mesmo, ou algo semelhante, ou algum outro tipo de insulto. Devemos perdoar, como aqueles que são, e que esperam ser, perdoados por Deus. 7. *Seguir sempre o bem* (v. 15). Em geral, devemos procurar fazer nossa obrigação e agradar a Deus em todas as circunstâncias, quer as pessoas nos façam bem ou mal; independentemente do que as pessoas nos façam, devemos fazer o bem aos outros. Sempre devemos empenhar-nos em ser benéficos e instrumentais para promover o bem-estar dos outros, no nosso meio (em primeiro lugar, *aos domésticos da fé*), e então, *enquanto temos tempo*, fazer *o bem a todos* (Gl 6.10).

Várias Exortações Breves
vv. 16-22

Aqui temos diversas exortações breves que não sobrecarregarão a nossa memória, mas serão de grande utilidade para guiar nosso coração e nossa vida; porque os deveres são de grande importância, e podemos observar como eles estão conectados, e têm uma dependência mútua. 1. *Regozijai-vos sempre* (v. 16). Isso deve ser entendido aqui como alegria espiritual; porque devemos regozijar-nos em nossas necessidades pessoais como se não estivéssemos nos regozijando, e como se não estivéssemos esperando viver muitos anos, e regozijar-nos neles; mas, se nos regozijarmos em Deus, podemos fazê-lo sempre e eternamente. Nele, nossa alegria será completa; e é nossa falta se não temos uma festa contínua. Se estamos tristes por causa de algo terreno, mesmo assim podemos sempre estar alegres (2 Co 6.10). Observe: A vida cristã é uma vida prazerosa. Ela é uma vida de alegria constante. 2. *Orai sem cessar* (v. 17). A forma para nos regozijarmos sempre é orar sem cessar. Seríamos mais alegres se orássemos mais. Devemos separar tempos definidos de oração e estar sempre prontos a orar. Devemos orar sempre e não desfalecer: orar sem cansar e continuar em oração, até chegarmos àquele lugar onde a oração será tomada pelo louvor. A idéia não é que não devemos fazer coisa alguma além de orar, mas que nada daquilo que fazemos deve impedir a oração no seu devido tempo. A oração ajudará a fomentar e não impedir toda ocupação legal e cada boa obra. 3. *Em tudo dai graças* (v. 18). Se orarmos sem cessar, não teremos problemas em dar graças *em tudo.* Como em tudo devemos fazer conhecidos nossos pedidos a Deus pela súplica, assim também não devemos omitir as ações de graças (Fp 4.6). Devemos ser gratos em todas as situações, tanto no meio da adversidade quanto na prosperidade. Nunca a nossa situação é tão ruim que não possa ficar pior. Mesmo que realmente sentirmos a necessidade de fazer nossas queixas humildes a Deus, jamais teremos qualquer motivo para queixar-nos de Deus, e sempre teremos muitos motivos para louvar e agradecer. O

apóstolo diz: *Esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco*, que sejamos gratos, pelo fato de Deus estar reconciliado conosco em Cristo Jesus; nele, por meio dele e por causa dele, Ele nos permite regozijar-nos sempre e nos convoca a dar graças em todas as coisas. Isso é agradável a Deus. 4. *Não extingais o Espírito* (v. 19), porque é este Espírito da graça e súplica que nos ajuda em nossas fraquezas, que nos assiste em nossas orações e ações de graça. Os cristãos são *batizados com o Espírito Santo e com fogo*. Ele opera como fogo, ao iluminar, avivar e purificar a alma das pessoas. Devemos ser cuidadosos para não extinguir seu fogo santo. Assim como o fogo é apagado ao retirar o combustível, do mesmo modo podemos extinguir o Espírito se não despertarmos o nosso espírito e tudo que está em nós, para sujeitar-nos aos impulsos do bom Espírito; e como o fogo é apagado ao derramar água, ou colocar uma grande quantidade de terra sobre ele, assim devemos ter cuidado para não extinguir o Espírito Santo ao tolerar desejos e paixões carnais ou nos ocupar apenas com coisas terrenas. 5. *Não desprezeis as profecias* (v. 20); porque, se negligenciarmos os meios da graça, seremos privados do Espírito da graça. Por *profecias* aqui devemos entender a pregação da Palavra e a interpretação e aplicação das Escrituras; e esse aspecto não devemos desprezar, e, sim, prezar e valorizar, porque é a ordenança de Deus, designado por Ele para nosso amparo e crescimento no conhecimento e na graça, na santidade e no conforto. Não devemos desprezar a pregação, embora ela seja óbvia e não nos seja revelado mais do que já sabíamos. É útil, e, muitas vezes, necessário, ter nossa mente despertada, nossas afeições e decisões estimuladas, para as coisas que já sabíamos ser de nosso interesse e dever. 6. *Examinai tudo. Retende o bem* (v. 21). Examinar tudo é uma precaução necessária; porque, embora devamos dar importância à pregação, não devemos acreditar cegamente no que os pregadores dizem, mas verificar a pregação de acordo com a lei e o testemunho. Devemos examinar as Escrituras, para ver se o que eles dizem é verdade ou não. Não devemos crer em todos os espíritos, mas devemos prová-los. Mas não devemos estar provando sempre, sempre inseguros; não, em dado momento devemos estar decididos e segurar firme aquilo que é bom. Quando temos clareza de que algo é certo, verdadeiro e bom, devemos retê-lo firme e não permitir que se vá, independentemente da oposição ou perseguição que possamos enfrentar. Observe: As doutrinas da infalibilidade, da fé implícita e da obediência cega não são doutrinas bíblicas. Todo cristão tem, e deve ter, o julgamento de discrição, e deveria ter *os sentidos exercitados para discernir entre o bem e o mal*, entre a verdade e a falsidade (Hb 5.13,14). Mas para reter firme aquilo que é bom é necessário provar todas as coisas. Não devemos sempre ser aqueles que buscam, ou hesitam na mente, como *meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina*. 7. *Abstende-vos de toda aparência do mal* (v. 22). Esse é um bom meio para evitar sermos enganados pelas doutrinas falsas, ou insegurança em nossa fé; porque nosso Salvador nos disse: *Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus* (Jo 7.17). Paixões corrompidas toleradas no coração e práticas más permitidas na vida tendem a promover erros fatais na mente; enquanto a pureza de coração e integridade de vida dispõem a pessoa a receber a verdade em amor. Deveríamos, portanto, abster-nos do mal, e de toda aparência do mal, do pecado e de tudo que se parece com o pecado, ou que leva ao pecado ou que toca as raias dele. A pessoa que não se preocupa com as aparências do pecado, que não evita as possibilidades do pecado, e que não evita as tentações e acessos ao pecado, não se absterá por muito tempo da comissão do pecado.

A Oração de Paulo pelos Tessalonicenses

vv. 23-28

Nestas palavras, que concluem esta epístola, observe:

I A oração de Paulo por eles (v. 23). Ele lhes tinha dito no início desta epístola que sempre fazia menção deles em suas orações; e, agora que ele está escrevendo a eles, eleva seu coração a Deus em oração por eles. Observe: 1. A quem o apóstolo ora, a saber: ao *mesmo Deus de paz*. Ele é o Deus da graça e o Deus da paz e do amor. Ele é o autor da paz e o amante da harmonia; e pela índole pacífica e a unidade deles, tendo Deus como o autor, as coisas pelas quais ele ora seriam mais certamente obtidas. 2. As coisas pelas quais ele ora a favor dos Tessalonicenses: pela santificação deles, ou seja, que Deus *os santifique em tudo*; e pela sua conservação, isto é, que eles sejam *conservados irrepreensíveis*. Ele ora para que sejam plenamente santificados, que o homem seja em tudo santificado, e, então, que o homem pleno (espírito, alma e corpo) seja conservado. Ele ora para que sejam santificados em tudo, isto é, mais perfeitamente, porque mesmo os melhores são santificados apenas em parte neste mundo; e, portanto, devemos orar por e buscar a completa santificação. Onde a boa obra da graça começou, ela deve continuar, ser protegida e conservada; e todo aquele que é santificado em Cristo Jesus será conservado até a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Se Deus não levasse avante a sua boa obra na alma, essa obra fracassaria; por isso, devemos orar a Deus para completar a sua obra e conservar-nos *irrepreensíveis*, livres do pecado e da impureza, até que finalmente sejamos *apresentados irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória* (veja Jd 24).

II Sua certeza confortável de que Deus ouviria a sua oração: *Fiel é o que vos chama, o qual também o fará* (v. 24). A bondade e o amor de Deus tinham aparecido a eles chamando-os ao conhecimento da sua verdade, e a fidelidade de Deus era a segurança deles de que deveriam perseverar até o fim; e, portanto, o apóstolo os assegura de que Deus faria o que desejou; Ele executaria o que tinha prometido; Ele realizaria todo o desejo da sua bondade em relação a eles. Observe: Nossa fidelidade a Deus depende da sua fidelidade para conosco.

III Seu pedido pelas orações deles: *Irmãos, orai por nós* (v. 25). Devemos orar uns pelos outros; e irmãos devem expressar o amor fraternal. Esse grande apóstolo não achava humilhante chamar os Tessalonicenses de irmãos, nem pedir as orações deles. Os ministros precisam das orações do seu povo. Quanto mais o

povo ora pelos seus ministros, tanto mais ministros devotos pode haver, e tanto mais benefícios as pessoas podem receber por meio do ministério deles.

IV Sua saudação: *Saudai a todos os irmãos com ósculo santo* (v. 26). Assim, o apóstolo envia uma saudação amistosa de si mesmo, de Silvano e de Timóteo, e quer que saúdem uns aos outros no nome deles. Ele quer que expressem seu amor e afeição mútuos por meio do ósculo de caridade (1 Pe 5.14), que é aqui chamado de ósculo santo, para deixar claro quão cautelosos deveriam ser em relação a toda impudicícia no uso dessa cerimônia, prática comum na época. Esse beijo também não deveria ser um beijo traiçoeiro como o beijo de Judas, nem como o beijo lascivo da prostituta (Pv 7.13).

V Sua ordem solene para a leitura desta epístola (v. 27). Esta não é apenas uma exortação, mas uma conjuração pelo Senhor. E esta epístola deveria ser lida a todos os santos irmãos. As pessoas comuns não somente deveriam ler as Escrituras, e ninguém deveria proibi-las, mas esse era seu dever indispensável. Para isso, esses oráculos santos não deveriam ser mantidos ocultados em uma língua desconhecida, mas traduzidos para as línguas comuns, para que todas as pessoas que se interessassem em conhecer as Escrituras tivessem a possibilidade de lê-la e conhecê-la. A leitura pública da lei fazia parte da adoração do sábado entre os judeus nas suas sinagogas, e as Escrituras deveriam ser lidas nas reuniões públicas dos cristãos também.

VI A bênção apostólica que é comum em outras epístolas. *A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém* (v. 28). Para sermos felizes precisamos conhecer a graça que o nosso Senhor Jesus Cristo manifestou, estar interessados nessa graça que Ele comprou e participar dessa graça que habita nele como a cabeça da Igreja. Essa é uma fonte de graça superabundante para suprir todas as nossas necessidades.

2 TESSALONICENSES

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Essa segunda epístola foi escrita logo depois da anterior e parece ter como objetivo evitar um erro, que poderia originar-se de algumas passagens da epístola anterior, referente à segunda vinda de Cristo, como se estivesse bem próxima. O apóstolo nesta epístola tem o cuidado de evitar qualquer uso errado que alguns deles poderiam fazer das expressões usadas pelo apóstolo que eram favoráveis ao dialeto dos profetas do Antigo Testamento. O apóstolo os informa de que havia muitos desígnios intermediários que ainda precisavam ser cumpridos antes que viesse o Dia do Senhor, embora, pelo fato de a vinda ser certa, ele tivesse falado acerca dela como se estivesse próxima. Existem outras coisas que ele escreve para consolá-los diante do sofrimento, além de exortação e orientação gerais.

CAPÍTULO 1

Depois da introdução (vv. 1,2), o apóstolo começa esta epístola com um relato da sua alta estima pelos Tessalonicenses (vv. 3,4). Ele então os conforta diante das suas aflições e perseguições (vv. 5-10) e relata quais eram suas orações a Deus por eles (vv. 11,12).

Introdução
vv. 1-4

Aqui temos:

I A introdução (vv. 1,2), que usa as mesmas palavras da epístola anterior, de onde podemos observar que este apóstolo não se aborrecia de escrever as mesmas coisas (Fp 3.1) na sua epístola que ele tinha proferido em forma de pregação. Por isso, de boa vontade ele escreveu as mesmas coisas a uma igreja como havia feito com outra. A ocorrência das mesmas palavras nesta epístola como na anterior nos mostra que os ministros não devem se preocupar tanto com a variedade de expressão e elegância de estilo, mas, sim, com a verdade e utilidade das doutrinas que pregam. Deve-se tomar muito cuidado para que, da artificialidade da inovação em método e frases não se fomentem novas idéias ou doutrinas, contrárias aos princípios da religião natural ou revelada, sobre a qual essa igreja dos Tessalonicenses foi fundada e como todas as verdadeiras igrejas são; a saber, *em Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo.*

II A expressão do apóstolo da elevada estima que tinha por eles. Ele não somente tinha um grande afeto por eles (como havia expressado na sua epístola anterior, e agora outra vez em seu desejo piedoso de graça e paz por eles), mas ele também expressa sua elevada estima por eles. Quanto a isso observe:

1. Como a sua estima por eles é expressa. (1) Ele glorificou a Deus por eles: *Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é de razão* (v. 3). Ele preferiu falar o que era digno de louvor neles, por meio de ações de graças a Deus, a elogiá-los diretamente; como o que ele menciona era uma questão do seu regozijo, ele considerava isso uma questão de gratidão. É assim que deveria ser, porque somos compelidos, e é nosso dever ser gratos a Deus por tudo de bom que é achado em nós e em outros. Não é somente um ato de bondade aos nossos irmãos cristãos, mas também o nosso dever, ser grato a Deus por eles. (2) Ele também se *gloriava deles nas igrejas de Deus* (v. 4). O apóstolo nunca bajulava seus amigos, mas tinha prazer em elogiá-los, e falar bem deles, para a glória de Deus e para o estímulo e encorajamento de outros. Paulo não se gloriava pelos seus próprios dons, nem do seu trabalho no meio deles, mas gloriava-se na graça de Deus que estava sobre eles; dessa forma, o seu gloriar-se era bom, porque todo elogio dado a eles, e o prazer que sentia, estavam centrados no louvor e na glória de Deus.

2. O que estimava neles e tornava seu coração grato a Deus; a saber, o crescimento da fé, amor e paciência deles. Na sua última epístola (cap. 1.3), ele agradeceu a fé, o amor e a paciência deles; aqui ele agradece o crescimento de todas essas graças, pelo fato de não serem somente cristãos verdadeiros, mas cristãos em crescimento. Observe: Onde há a verdade da graça, ali ela crescerá. *A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando*

mais e mais até ser dia perfeito (veja Pv 4.18). E quando ocorre o crescimento da graça, Deus precisa receber toda glória. Somos tão gratos a Ele pelo crescimento da graça e o progresso dessa boa obra quanto o somos pela primeira obra da graça e o início dela. Podemos ser tentados a pensar que embora quando éramos maus não podíamos nos tornar bons, assim, quando somos bons podemos facilmente nos tornar melhores; mas, na verdade, dependemos tanto da graça de Deus para fazer crescer essa graça quanto foi necessária para que fosse plantada quando não a tínhamos. A questão da gratidão e da exaltação do apóstolo em relação aos Tessalonicenses era a seguinte: (1) Que a fé deles cresceu abundantemente (v. 3). Eles estavam mais confirmados na verdade das revelações do evangelho, mais seguros nas promessas do evangelho e tinham expectativas reais de um outro mundo. O crescimento da fé deles se tornou visível pelas obras da fé; e, onde a fé cresce, todas as outras graças crescem proporcionalmente. (2) A caridade deles aumentava (v. 3), bem como seu amor por Deus e pelas pessoas. Observe: Onde a fé cresce, crescerá o amor, porque a fé opera pelo amor; e não somente a caridade de alguns poucos deles, mas a caridade de cada um deles aumentava de uns para com os outros. Não havia divisões no meio deles como em algumas outras igrejas. (3) A paciência, bem como a sua fé, aumentavam em todas as suas perseguições e tribulações. E a paciência tem então sua obra aperfeiçoada quando se estende para todas as provações. Havia muitas perseguições que os Tessalonicenses enfrentaram por causa da justiça, bem como outras dificuldades com as quais se defrontaram nesta vida calamitosa; no entanto, eles suportaram todas elas pela fé, *como vendo o invisível*, e olhando para a *justa retribuição*; e as suportaram com paciência, não com insensibilidade, mas com paciência baseada nos princípios cristãos, que os mantinha quietos e submissos, e propiciava-lhes amparo e força interior.

A Expectativa dos Santos Perseguidos

vv. 5-10

Tendo mencionado as perseguições e tribulações deles, que suportaram principalmente pela causa de Cristo, o apóstolo continua apresentando diversas coisas para o conforto deles.

I Ele lhes fala da felicidade presente e da vantagem dos seus sofrimentos (v. 5). Ao terem a fé provada dessa forma, e a paciência exercitada, eles foram aperfeiçoados pelos seus sofrimentos, de tal maneira que foram considerados *dignos do Reino de Deus*. O sofrimento deles era uma prova manifesta de que eram dignos ou aptos de serem considerados cristãos responsáveis, reconhecendo de que podiam sofrer pelo cristianismo. E a verdade é a seguinte: Se a religião vale alguma coisa, ela vale tudo. Aqueles que não sentem no coração a necessidade de sofrer por ela, não têm religião alguma, ou têm religião que não é digna ter, ou não sabem valorizá-la. Além disso, a partir do sofrimento paciente deles ficou claro que, de acordo com o julgamento justo de Deus, eles deveriam ser considerados dignos da glória celestial: não por merecimento, mas somente pela coerência; não que pudessem merecer o céu, mas foram habilitados para tal. Não podemos, nem por meio de todo sofrimento, ou por meio do nosso serviço, fazer por merecer o céu como uma dívida; mas pela nossa paciência no nosso sofrimento somos qualificados para a alegria que é prometida aos sofredores pacientes na causa de Deus.

II Ele fala da retribuição futura que será dada aos perseguidores e perseguidos.

1. Nessa retribuição futura haverá: (1) Um castigo para os perseguidores: Deus *dará em paga tribulação aos que vos atribulam* (v. 6). E não há nada que mais infalivelmente marca um homem para a destruição eterna do que um espírito de perseguição e inimizade para com o nome e povo de Deus: como a fé, a paciência e a constância dos santos são para eles uma alegria e um descanso sério e eterno, assim o orgulho, a maldade e a impiedade dos seus perseguidores são para eles uma miséria séria e eterna; porque cada pessoa leva consigo deste mundo o seu céu ou o seu inferno. Deus dará uma retribuição e importunará aqueles que importunam seu povo. Isso Ele tem feito ocasionalmente neste mundo, testemunhar o fim temeroso de muitos perseguidores; mas isso Ele fará especialmente no outro mundo, onde a porção dos ímpios será *choro e lamento e ranger de dentes*. (2) Uma recompensa para aqueles que são perseguidos: Deus retribuirá sua tribulação com descanso (v. 7). Há um descanso que permanece para o povo de Deus, um descanso do pecado e da tristeza. Embora muitas sejam as tribulações do justo agora, Deus os libertará de todas elas. O descanso futuro compensará abundantemente todas as suas dificuldades presentes. Os sofrimentos desse tempo presente não podem ser comparados com a glória que será revelada. Há suficiente no céu para compensar tudo que podemos perder ou sofrer em nome de Cristo neste mundo. O apóstolo diz: *Vós, que sois atribulados, descanso conosco*. No céu, os ministros e o povo de Deus que sofreram aqui descansarão juntos e se alegrarão juntos. E o cristão mais humilde descansará com o maior apóstolo. Mais ainda, *se sofrermos, também com ele reinaremos* (2 Tm 2.12).

2. Referente a essa retribuição futura precisamos observar:

(1) A certeza dela, provada pela retidão e justiça de Deus: *É justo diante de Deus* (v. 6) retribuir a cada um de acordo com suas obras. Os pensamentos a esse respeito deveriam ser terríveis para os ímpios e perseguidores e ser um grande conforto para o justo e os perseguidos; porque vendo que há um Deus justo, também haverá uma retribuição justa. O povo sofredor de Deus não perderá coisa alguma com o seu sofrimento, e seus inimigos não ganharão coisa alguma com sua predominância sobre eles.

(2) O tempo quando essa retribuição justa ocorrerá: *Quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu* (v. 7). Esse será o dia da *manifestação do juízo de Deus* (veja Rm 2.5); porque então Deus julgará o mundo em retidão por meio daquele homem que havia nomeado, a saber, Jesus Cristo, o justo Juiz. A justiça de Deus não aparece tão visivelmente a todas as pessoas no uso da sua providência quanto aparecerá no processo do grande dia do

julgamento. As Escrituras nos fizeram conhecer acerca do julgamento futuro, e somos compelidos a receber a revelação aqui a respeito de Cristo. Como:

[1] Que o Senhor Jesus aparecerá naquele dia do céu. Agora os céus que o retém, o ocultam; mas então Ele será revelado e feito manifesto. Ele virá com toda pompa e poder do mundo acima, *donde esperamos o Salvador* (veja Fp 3.20).

[2] Ele será revelado com os anjos do seu poder (v. 7), ou os anjos poderosos: eles servirão o Senhor, para ornar a solenidade daquele grande dia da sua aparição; eles serão os ministros da sua justiça e misericórdia naquele dia; eles convocarão os criminosos ao seu tribunal e reunirão os eleitos, e serão responsáveis em executar a sua sentença.

[3] Ele virá em labareda de fogo (v. 8). Um fogo vai à sua frente, que consumirá seus inimigos. A terra e todas as obras que estão nela serão queimadas e *os elementos, ardendo, se desfarão*. Esse será um fogo provador, para provar a obra de todos; um fogo purificador, para purificar os santos, que compartilharão da pureza e participarão da felicidade do novo céu e da nova terra; um fogo ardente, para os ímpios. Sua luz será penetrante, e seu poder, consumidor, para todos que naquele dia serão encontrados como palha.

[4] Os efeitos dessa aparição serão terríveis para alguns e de júbilo para outros.

Em primeiro lugar, eles serão terríveis para alguns; porque Ele então se vingará dos ímpios: 1. Naqueles que pecaram contra os princípios da religião natural e se rebelaram contra a luz da natureza, que *não conheciam a Deus* (v. 8), embora as coisas invisíveis dele sejam manifestadas nas coisas que são vistas. 2. Naqueles que se rebelam contra a luz da revelação, que *não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo*. E esta é a condenação, que a luz veio ao mundo, e os homens amam a escuridão em vez da luz. Esse é o grande crime das multidões – o evangelho é revelado a eles e eles não o crerão; ou, se fazem de conta que crêem nele, não lhe obedecerão. Observe: É necessário crer nas verdades do evangelho para obedecer aos preceitos do evangelho: deve haver a obediência da fé. Para as pessoas que foram mencionadas aqui, a revelação do nosso Senhor Jesus Cristo será terrível, por causa do destino delas, conforme mencionado no versículo 9. Observe aqui: (1) Eles serão então castigados. Embora a sentença dos pecadores tenha sido temporariamente suspensa muitas vezes, no final eles serão castigados. Sua miséria será um castigo apropriado para os seus crimes e aquilo que mereceram. Eles realizaram a obra do pecado e devem receber o salário do pecado. (2) O castigo deles será a destruição, não da sua existência, mas da sua felicidade. Não somente do corpo, mas tanto do corpo quanto da alma. (3) Essa destruição será eterna. Eles estarão sempre morrendo, ainda que nunca morram. A miséria deles correrá paralelamente com a linha da eternidade. As cadeias da escuridão são cadeias eternas, e o fogo é um fogo eterno. Isso deve ser assim, uma vez que o castigo é infligido por um Deus eterno, sobre uma alma imortal, fora do alcance da misericórdia e graça eterna. (4) Essa destruição virá da *face do Senhor*, isto é, do próprio Deus. Aqui Deus castiga os pecadores por meio de criaturas, por meio de instrumentos; mas então Ele tomará a obra em suas próprias mãos. Será a destruição pelo Todo-poderoso, mais terrível do que o fogo consumidor que consumiu Nadabe e Abiú, que vieram perante o Senhor. (5) Ela virá da *glória do seu poder*, ou do seu poder glorioso. Não somente a justiça de Deus, mas seu poder onipotente, serão glorificados na destruição dos pecadores. E quem conhece o poder da sua ira? Ele é capaz de lançar no inferno.

Em segundo lugar, esse será um dia de júbilo para alguns, para os santos, para aqueles que crêem e obedecem ao evangelho. E então o testemunho dos apóstolos referente a esse dia será confirmado e *crido* (v. 10). Naquele dia radiante e abençoado: 1. Cristo Jesus será glorificado e admirado pelos seus santos. Eles observarão a sua glória e a admirarão com prazer; eles glorificarão sua graça e admirarão as maravilhas do seu poder e bondade para com eles e cantarão aleluias a Ele naquele dia do seu triunfo, para a vitória e felicidade completas deles. 2. Cristo será glorificado e admirado neles. Sua graça e poder serão então manifestados e exaltados, quando aparecerá o que Ele comprou, e pelo que se empenhou, e entregou, a todos que creram nele. Assim como a sua ira e o seu poder serão conhecidos na destruição dos seus inimigos e por meio dela, assim sua graça e poder serão exaltados na salvação dos seus santos. Observe: A conduta de Cristo com aqueles que crêem será o que o mundo um dia admirará. Agora, eles são uma maravilha para muitos; mas como serão admirados nesse grande e glorioso dia; ou, melhor, como Cristo, cujo nome é Maravilhoso, será admirado, quando o mistério de Deus for concluído! Cristo não será tão admirado na estima gloriosa dos anjos, que Ele trará dos céus com Ele, quanto nos muitos santos, os *muitos filhos*, que Ele trará à glória.

Oração Apostólica

vv. 11,12

Nestes versículos, o apóstolo novamente lembra aos Tessalonicenses a sua oração séria e constante por eles. Ele não podia estar presente com eles, no entanto, ele se lembrava constantemente deles; eles sempre estavam em seus pensamentos. Ele desejava o melhor deles e não podia expressar sua afeição a eles melhor do que por meio de uma oração séria e constante a Deus por eles: *Pelo que também rogamos* etc. Observe: O pensamento confiante e a expectativa da segunda vinda de Cristo devem nos fazer orar a Deus por nós mesmos e pelos outros. Devemos vigiar e orar, de acordo com a ordem do nosso Salvador aos seus discípulos (Lc 21.36): *Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de estar em pé diante do Filho do Homem.* Observe:

I O assunto da oração do apóstolo (v. 11). É muito importante estarmos bem instruídos acerca do que orar; e sem a instrução divina não sabemos o que orar; da mesma forma que sem a assistência divina não vamos orar da forma que deveríamos. Nossas orações deveriam ser de acordo com as nossas expectativas. Assim, o apóstolo orou: 1. Para que Deus começasse sua boa obra da graça neles. Paulo escreve: *Para que o nosso Deus*

vos faça dignos da sua vocação. Somos chamados com uma vocação (ou chamado) elevada e santa. Somos chamados para o Reino de Deus e sua glória. A herança dos santos é a esperança da nossa vocação – nada menos do que o gozo daquela glória e felicidade que serão reveladas quando Cristo Jesus for revelado do céu. Ora, se essa é a nossa vocação, nossa grande preocupação deveria ser buscar sermos dignos e estar preparados para essa glória. Visto que não temos nenhuma dignidade própria, mas dependemos inteiramente da graça de Deus, devemos orar para que Ele nos torne dignos, e então considerar-nos dignos dessa vocação e preparados para participar da herança dos santos na luz (Cl 1.12). 2. Para que Deus levasse adiante a boa obra que havia começado e *cumprisse todo desejo da sua bondade*. O desejo de Deus indica seus propósitos graciosos para com seu povo, que fluem da sua bondade e estão cheios de bondade para eles; é daí que vem todo o bem a nós. Se existe algum bem em nós, ele é resultado do desejo da sua bondade, e, portanto, é chamado de graça. Ora, existem vários e múltiplos propósitos da graça e boa vontade em Deus para com seu povo; e o apóstolo ora para que todos eles sejam cumpridos ou realizados nos Tessalonicenses. Existem diversas boas obras da graça iniciadas no coração do povo de Deus, que provêm desse desejo da bondade de Deus, e deveríamos desejar que fossem completadas e aperfeiçoadas. De uma maneira especial, o apóstolo ora para que Deus cumpra neles *a obra da fé com poder*. Observe: (1) O cumprimento da obra da fé é necessário para o cumprimento de todas as outras boas obras. (2) É o poder de Deus que não somente inicia, mas continua e aperfeiçoa a obra da fé.

II O motivo da oração do apóstolo por essas coisas (v. 12): *para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado*. O alvo que devemos buscar alcançar em tudo que fazemos e desejamos é que Deus e Cristo sejam glorificados em todas as coisas. Nossa própria felicidade, e a de outros, deveria estar subordinada a esse objetivo supremo. Nossas boas obras devem brilhar de tal forma diante dos homens que os outros mostrem o desejo de glorificar a Deus, que Cristo seja em nós e por nós e que sejamos glorificados nele e com Ele. E esse é o motivo supremo da graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo, manifestada a nós e operada em nós. Ou deste modo: é de acordo com a graça de Deus e Cristo, isto é, uma coisa adequada, considerando a graça que é manifestada e conferida a nós, por Deus e Cristo, que designamos tudo que fazemos para a glória do nosso Criador e Redentor.

CAPÍTULO 2

O apóstolo é muito cuidadoso em impedir a propagação de um erro no qual alguns deles tinham caído referente à vinda de Cristo, achando que ela estava muito próxima (vv. 1-3). Então ele busca refutar o erro contra o qual os havia advertido, ao citar-lhes os dois grandes acontecimentos que antecederiam a vinda de Cristo – uma apostasia geral e a revelação do anticristo, acerca do qual o apóstolo relata diversas coisas marcantes: o seu nome, seu caráter, sua ascensão, sua queda, seu reino e o pecado e a destruição dos seus subalternos (vv. 4-12). Ele então os conforta contra o terror dessa apostasia e os exorta a ficarem firmes (vv. 13-15). Ele conclui com uma oração por eles (vv. 16,17).

Advertências contra os Falsos Alarmes

vv. 1-3a

Fica claro a partir destas palavras que alguns dos Tessalonicenses tinham se equivocado em relação ao significado daquilo que o apóstolo tinha escrito em sua epístola anterior a respeito da vinda de Cristo, achando que ela estava prestes a se cumprir – que Cristo estava pronto para vir e julgar. Ou, é possível que alguns deles aspirassem ter o conhecimento disso pela revelação particular do Espírito, ou de certas palavras que tinham ouvido do apóstolo, quando esteve com eles, ou alguma carta que tinha escrito ou que alegavam que ele tivesse escrito a eles ou a outra pessoa. O apóstolo é cuidadoso em corrigir esse equívoco e prevenir a propagação desse erro. Observe: Se erros e equívocos ocorrem no meio dos cristãos, devemos aproveitar a primeira oportunidade para corrigi-los e impedir a propagação deles; e pessoas justas serão especialmente cuidadosas em suprimir erros que podem surgir de equívocos de suas palavras e ações, embora aquilo que tiver sido falado ou realizado tenha sido totalmente inocente e apropriado. Temos um adversário ardiloso, que tenta aproveitar todas as oportunidades para causar dano, e vai às vezes promover erros, mesmo usando as palavras das Escrituras. Observe:

I Quão sério e cuidadoso esse apóstolo era em evitar enganos: *Irmãos, rogamo-vos* etc. (v. 1). Ele os trata como irmãos e como um pai trataria os seus filhos: ele mostra grande bondade e condescendência e acredita na afeição deles. A melhor maneira de lidar com as pessoas que queremos proteger e restaurar de erros é lidar carinhosa e afetuosamente com elas. Um tratamento duro e rigoroso apenas irrita o espírito delas e as predispõem contra os motivos que possamos estar propondo. Ele roga, e mesmo conjura, da maneira mais solene possível: *pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo* etc. As palavras estão na forma de um juramento; e seu significado é que se cressem que Cristo viria, e se desejassem que Ele viesse e se regozijassem na esperança da sua vinda, eles deveriam ser cuidadosos para evitar o erro e as conseqüências nocivas disso, das quais ele agora os estava advertindo. Dessa forma de súplica usada pelo apóstolo, podemos observar o seguinte:

1. É absolutamente certo que o Senhor Jesus Cristo virá para julgar o mundo; Ele virá em toda pompa e poder do mundo acima no último dia, para julgar todas as pessoas. Independentemente das nossas incertezas, ou dos enganos que possam surgir acerca do tempo da sua vinda, sua vinda em si é certa. Essa tem sido a fé e a esperança de todos os cristãos em todas as épocas da Igreja. Essa já foi a fé e a esperança dos santos do Antigo Testamento, desde Enoque, o sétimo de Adão, que disse: *Eis que é vindo o Senhor* etc. (Jd 14).

2. Na segunda vinda de Cristo, todos os santos se encontrarão com Ele; e essa reunião do encontro dos santos com Cristo na sua vinda mostra que o apóstolo fala da vinda de Cristo para o julgamento no último dia e não da sua vinda para destruir Jerusalém. Ele fala de um advento peculiar e não metafórico: como esse advento será parte da honra de Cristo naquele dia, assim também será a plenitude da felicidade dos seus santos. (1) Todos eles serão reunidos. Haverá então um encontro geral de todos os santos, e somente dos santos; todos os santos do Antigo Testamento, que tomaram conhecimento de Cristo pelas sombras escuras da lei, e viram esse dia à distância e todos os santos do Novo Testamento, a quem a vida e a imortalidade foram levadas à luz pelo evangelho; todos eles participarão do encontro. Virão então dos quatro ventos do céu todos os que são, ou sempre foram, ou sempre serão, desde o princípio até o fim dos tempos. Todos serão reunidos. (2) Eles serão *reunidos com Cristo.* Ele será o grande centro da unidade deles. Eles estarão com Ele, para serem convidados dele, para serem assistentes com Ele, para serem apresentados por Ele ao Pai para estarem com Ele para sempre, e completamente felizes em sua presença para toda a eternidade. (3) A doutrina da vinda de Cristo e a nossa reunião com Ele são de grande significado e importância para os cristãos; caso contrário, não seria o assunto apropriado da súplica do apóstolo. Não devemos, portanto, somente crer nessas coisas, mas também valorizá-las grandemente e considerá-las como coisas que nos interessam muito e que nos afetam muito.

II A coisa contra a qual o apóstolo adverte os Tessalonicenses é que eles não devem se deixar enganar acerca do tempo da vinda de Cristo, e dessa forma *ser movidos no entendimento, ou ser perturbados*. Observe: Erros no entendimento tendem grandemente a enfraquecer nossa fé e nos causar perturbação; e aqueles que são fracos na fé e possuem mente atribulada são, com freqüência, mais inclinados a ser enganados e a se tornar vítimas de sedutores. 1. O apóstolo não queria que fossem enganados: *Ninguém, de maneira alguma, vos engane* (v. 3). Existem muitos que estão prontos para enganar, e há muitas maneiras de enganar; portanto, temos motivos para estar precavidos e de prontidão. Alguns enganadores simularão novas revelações, outros interpretarão mal as Escrituras, e outros serão culpados de mentiras ou falsificações grosseiras. Essas pessoas usarão de diversos meios e artifícios de engano; por isso devemos ser cuidadosos para que ninguém, de maneira alguma, nos engane. O apóstolo os adverte especificamente para não serem enganados acerca da proximidade da vinda de Cristo, como se a sua vinda tivesse de ocorrer nos dias do apóstolo. Por inofensivo que esse erro possa parecer para muitos, uma vez que era um erro, acabaria tendo conseqüências bastante maléficas para muitas pessoas. Portanto: 2. Ele os adverte para que não sejam movidos no entendimento, nem perturbados. (1) Ele não queria que a sua fé fosse enfraquecida. Deveríamos firmemente crer na segunda vinda de Cristo e estar firmados e estabelecidos na fé nesse sentido. Mas havia o perigo de os Tessalonicenses acharem que a vinda de Cristo estivesse à mão, e descobrirem que eles, ou outras pessoas por quem tinham uma elevada estima, estavam enganados quanto ao tempo, e acabassem questionando a verdade ou certeza dessa doutrina. Por isso, o apóstolo os adverte a não oscilarem no seu entendimento em relação a esse importante aspecto, que faz parte da fé e esperança de todos os santos. Doutrinas falsas são como o vento, que agitam as águas de um lado para o outro, e são capazes de confundir a mente das pessoas, que são, às vezes, instáveis como água. (2) Ele não queria que o bem-estar deles diminuísse pelo fato de ficarem atribulados ou aterrorizados com alarmes falsos. É provável que a vinda de Cristo fosse retratada com tanto terror, que atemorizava muitos cristãos sérios, quando, na verdade, deveria enchê-los de esperança e alegria; assim, muitos poderiam ser atribulados com o pensamento de quão inesperado esse dia poderia ser, ou ficar com medo do seu despreparo ou do seu equívoco em relação à vinda de Cristo. Sempre devemos vigiar e orar, mas não deveríamos desanimar ou sentir desconforto ao refletir a respeito da vinda de Cristo.

A Apostasia É Predita

vv. 3b-12

Nestas palavras, o apóstolo refuta o erro contra o qual os havia advertido, e dá os motivos pelos quais não deveriam achar que a vinda de Cristo estava bem próxima. Diversos acontecimentos seriam anteriores à segunda vinda de Cristo; em especial, ele relata que haveria:

I Uma apostasia geral: *Não será assim sem que antes venha a apostasia* (v. 3). Por essa apostasia não devemos entender uma deserção do estado ou do governo civil, mas em questões espirituais ou religiosas, como da sã doutrina, da adoração instituída e do governo de igreja e da vida santa. O apóstolo fala de uma apostasia muito grande, não somente de alguns convertidos judeus ou gentios, mas de uma apostasia geral, embora gradual, que daria ocasião à revelação ou surgimento do *anticristo*, o *homem do pecado.* Isso ele tinha lhes anunciado quando esteve com eles (v. 5), com o intento, sem dúvida, de não se ofenderem nem se escandalizarem com isso. Observamos que tão logo o cristianismo foi plantado ou arraigado no mundo começou a haver uma deserção na Igreja cristã. Foi assim na Igreja do Antigo Testamento. Logo após qualquer avanço considerável na religião, ocorria uma deserção: logo após a promessa, houve uma rebelião; por exemplo, logo depois que o homem começou a invocar o nome do Senhor, toda carne corrompeu o seu caminho; logo após o concerto com Noé, os construtores de Babel ofereceram resistência ao céu; logo depois do concerto com Abraão, sua semente degenerou no Egito; logo depois que os israelitas foram plantados em Canaã, quando a primeira geração esfriou, eles abandoaram a Deus e serviram a Baal; logo depois do concerto com Davi, sua semente se rebelou e serviu a outros deuses; logo após o retorno do cativeiro, houve um declínio de piedade, como pode ser lido na história de Esdras e Neemias; e, portanto, não era de estranhar que depois do surgimento do cristianismo houvesse um abandono da fé.

II Uma revelação desse homem do pecado (v. 3): o anticristo surgirá dessa apostasia geral. O após-

tolo mais tarde fala da revelação do iníquo (v. 8), mencionando a revelação que deveria ser feita da sua iniqüidade, para a sua destruição. Parece que aqui ele fala da sua ascensão, que deveria ocorrer na apostasia geral que o apóstolo havia mencionado, e menciona que toda sorte de doutrinas falsas e corrupções se concentrariam nele. Grandes discussões ocorreram ao longo da história em relação a quem de fato é e o que se tenciona com esse homem do pecado e filho da perdição: e, se não está claro que são o poder e a tirania papal que estão principalmente ou unicamente planejados aqui, uma coisa é certa: O que foi dito aqui está exatamente de acordo com isso. Observe:

1. Os nomes dessa pessoa, ou melhor, o estado e o poder aqui considerado. Ele é chamado de o homem do pecado, para indicar sua extraordinária iniqüidade. Não somente ele é dedicado ao mal e o pratica, mas também promove, encoraja e comanda o pecado e a iniqüidade em outros; e ele é o filho da perdição, porque ele mesmo está dedicado à destruição certa e é o agente para destruir muitos outros, tanto o corpo quanto a alma. Por esses motivos, esses nomes podem ser aplicados adequadamente ao estado papal. Nesse sentido, também podemos ver:

2. As características aqui apresentadas (v. 4). (1) Que ele *se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora.* Os bispos de Roma também não somente se opuseram à autoridade de Deus, e dos magistrados civis, que são chamados deuses, mas também se exaltaram acima de Deus e dos governadores terrenos, ao requerer maior respeito ao seu comando do que à autoridade de Deus ou dos magistrados. (2) Ele *se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.* Como Deus estava no templo antigamente, e adorava ali, e está na Igreja e com sua Igreja agora, assim o anticristo aqui mencionado é um usurpador da autoridade de Deus na Igreja cristã, reivindicando honras divinas. A quem isso pode ser mais bem aplicado do que aos bispos de Roma, a quem os títulos mais blasfemos têm sido dados, como: *Dominus Deus noster papa – Nosso Senhor Deus, o papa; Deus alter in terra – Outro Deus na terra; Idem est dominium Dei et papa – O domínio de Deus e do papa é o mesmo*?

3. Sua ascensão é mencionada (vv. 6,7). Devemos observar duas coisas a esse respeito: (1) Havia algo que impedia ou obstruía, ou *resistia até que do meio fosse tirado.* Presume-se que esse era o poder do Império Romano, que o apóstolo não achava conveniente mencionar mais claramente naquele momento; e é notório que, enquanto esse poder continuava, ele frustrava os avanços dos bispos de Roma até esse grau de tirania a que pouco tempo depois alcançaram. (2) Esse mistério de iniqüidade iria gradualmente alcançar o seu grau máximo. Pudemos observar que a corrupção universal da doutrina e adoração na Igreja Romana ocorreu por passos, e a usurpação dos bispos de Roma foi gradual, não imediatamente; e, assim, o mistério da iniqüidade se tornou bem-sucedido de maneira mais fácil e quase insensível. O apóstolo o chama de *mistério da injustiça*, porque intentos e ações perversos foram ocultados debaixo de pretensões e aparências falsas, pelo menos da observação comum. Por meio de uma devoção simulada, a superstição e idolatria foram promovidas; e, por um zelo simulado por Deus e sua glória, fomentou-se o fanatismo e a perseguição. E ele nos conta que esse mistério de iniqüidade já tinha começado naquela época, ou *já operava.* Enquanto os apóstolos estavam vivos, *veio o seu inimigo e semeou o joio*; em seguida lemos das *obras dos nicolaítas*, pessoas que simulavam um zelo por Cristo, mas realmente se opunham a Ele. Orgulho, ambição e interesses mundanos de pastores e de administradores de igreja, como aconteceu com Diótrefes e outros, foram as primeiras operações do mistério da iniqüidade, que, gradualmente, tomou proporções gigantescas, hoje visíveis na Igreja de Roma.

4. A queda ou ruína do estado anticristão é declarada (v. 8). A cabeça desse reino anticristão é chamada de *o iníquo*, ou essa pessoa sem lei que estabelece um poder humano rival para contestar o domínio e poder divino do Senhor Jesus Cristo; mas, à medida que ele se revela como o homem do pecado, essa revelação ou descoberta para o mundo seria o presságio seguro e o meio da sua destruição. O apóstolo assegura aos Tessalonicenses que o Senhor o aniquilaria e o destruiria; o aniquilamento do iníquo precede a sua destruição final, e isso ocorrerá *pelo assopro da sua boca*, pela sua palavra de comando. A pura palavra de Deus, acompanhada do Espírito de Deus, descobrirá esse mistério de iniqüidade e fará com que o poder do anticristo se desfaça e definhe. E, no devido tempo, ele será totalmente e finalmente destruído, e isso ocorrerá pelo esplendor da vinda de Cristo. Observe: A vinda de Cristo para destruir os perversos será com uma glória peculiar e brilho e esplendor notáveis.

5. O apóstolo então descreve o reino e domínio desse homem do pecado. Precisamos observar o seguinte: (1) O modo da sua vinda, ou governo, e seu operar: em geral, o modo é segundo o exemplo de Satanás, o inimigo maior das almas, o grande adversário de Deus e das pessoas. Ele é o grande patrocinador do engano e da mentira, o inimigo declarado da verdade como a vemos em Jesus e em todos os seguidores fiéis de Jesus. Mais especificamente, ele opera com poder e engano satânicos. Um poder divino é simulado para o apoio do seu reino; no entanto, esse reino opera exclusivamente pelo poder de Satanás. Sinais e prodígios, visões e milagres são simulados. Por meio dessas manifestações, o reino papal foi inicialmente estabelecido, e tem ao longo dos anos sido conservado, mas ele manifesta falsos sinais e apóia falsas doutrinas. Ele também apresenta prodígios mentirosos e somente milagres simulados que têm servido sua causa, coisas que, na verdade, são falsas, ou conduzidas de maneira falsa e impostas ao povo. E os enganos diabólicos que sustentam o estado anticristão são evidentes. O apóstolo os chama de *todo engano da injustiça* (v. 10). Outros podem chamá-los de fraudes devotas, mas o apóstolo os chamou de fraudes injustas e perversas; e, na verdade, toda fraude (que é contrária à verdade) é uma coisa ímpia. O homem do pecado tem usado muitos artifícios sutis e simulações plausíveis para iludir pessoas descuidadas e instáveis. Essas pessoas acabam abraçando doutrinas falsas e se submetendo ao seu domínio usurpador. (2) A descrição das pessoas que são seus súditos, ou inclinadas a se tornar (v. 10). Essas pessoas *não amam a verdade para se salvarem.* Elas ouviram a verdade (possivelmente), mas não a amaram; elas não suportaram a sã doutrina, e, portanto, facilmente

absorveram falsas doutrinas; elas tinham um certo conhecimento nocional da verdade, mas toleraram alguns preconceitos poderosos, e, assim, tornaram-se presas dos sedutores. Se tivessem amado a verdade, teriam perseverado nela e teriam sido preservados por ela; mas, não é de admirar que se afastaram daquilo que nunca amaram. Lemos que essas pessoas perecem ou estão perdidas. Elas estão em uma condição perdida, correndo o risco de estarem perdidas para sempre.

6. O *pecado e a ruína dos súditos do reino do anticristo* (vv. 11,12). (1) O pecado deles: Eles *não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniqüidade*: eles não amaram a verdade, e, portanto, não creram nela; e, uma vez que não creram a verdade, tiveram prazer na injustiça, ou em ações perversas, e estavam satisfeitas com noções falsas. Observe: Uma mente errônea e uma vida corrupta com freqüência andam juntas e ajudam a fomentar uma à outra. (2) A ruína deles é expressa da seguinte forma: *Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira*. Assim, Ele castigará as pessoas por causa da sua descrença e pela sua aversão à verdade e amor ao pecado e à perversidade; não que Deus seja o autor do pecado, mas em justiça, Ele, às vezes, retira sua graça de pecadores como esses aqui. Ele os entrega a Satanás, ou permite que sejam enganados ou iludidos pelos seus agentes; Ele os entrega aos desejos do seu próprio coração, os abandona à própria sorte; então o pecado certamente terá vazão, o pior da perversidade, que terminará finalmente na eterna condenação. Deus é justo quando impõe julgamentos espirituais agora, e castigos eternos no futuro, para com as pessoas que não têm amor à verdade do evangelho, que não crêem nelas, nem vivem de acordo com elas, mas que toleram doutrinas falsas em sua mente e práticas perversas em sua vida e relacionamentos.

A Apostasia É Predita

vv. 13-15

Observe aqui:

I O conforto que os Tessalonicenses podem ter contra os terrores dessa apostasia (vv. 13,14). Eles foram eleitos para a salvação e chamados para alcançarem a glória. Observe: Quando ouvimos acerca da apostasia de muitos, nos sentimos confortados e alegres pelo fato de haver um remanescente de acordo com a eleição da graça que persevera e há de perseverar; e, de uma forma especial, deveríamos nos alegrar pelo fato de termos motivos para esperar fazer parte desse número. O apóstolo se vê constrangido a sempre dar graças a Deus por esse motivo: *Devemos sempre dar graças a Deus, por vós*. Ele tinha muitas vezes agradecido por eles e continua profundamente grato por eles. E havia bons motivos para tal, porque eles são amados do Senhor, como ficou claro nessa questão – sua segurança em não apostatar. Essa preservação dos santos se deve ao seguinte:

1. À estabilidade da eleição pela graça (v. 13). Portanto, eles eram amados do Senhor, porque Deus os tinha escolhido desde o princípio. Ele os amava com um amor eterno. A respeito dessa eleição de Deus podemos observar: (1) A data eterna dela: ela é desde o princípio – não desde o princípio do evangelho, mas desde o princípio do mundo, antes da fundação do mundo (Ef 1.4). Então: (2) A finalidade da eleição deles: salvação completa e eterna do pecado e miséria, e o gozo de todas as coisas boas. (3) Os meios para obter esse fim: *santificação do Espírito e fé da verdade*. O decreto da eleição, portanto, conecta o fim e os meios, e esses dois aspectos não devem ser separados. Não somos eleitos de Deus porque éramos santos, mas para que sejamos santos. Sendo escolhidos de Deus, não devemos viver como nos apraz; mas, se somos escolhidos para a salvação como o fim, devemos estar preparados para ela por meio da santificação como o meio necessário para obter esse fim; essa santificação é alcançada pela operação do Espírito Santo como o autor e pela fé da nossa parte. Deve haver a confiança da verdade, sem a qual não pode haver verdadeira santificação, nem perseverança na graça, nem a obtenção da salvação. Fé e santidade andam juntas, bem como santidade e felicidade. Portanto, nosso Salvador orou para que a fé em Pedro não desfalecesse (Lc 22.32); e pelos seus discípulos orou o seguinte: *Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade* (Jo 17.17).

2. À eficácia do chamado do evangelho (v. 14). Assim como foram escolhidos para a salvação, assim foram chamados pelo evangelho. Aos que predestinou, a esses também chamou (Rm 8.30). O chamado exterior de Deus é pelo evangelho; e isso se torna real pela operação interior do Espírito. Observe: Aonde quer que o evangelho chegue, ele chama e convida as pessoas a alcançar a glória; é um chamado para a honra e felicidade, até mesmo *a glória de nosso Senhor Jesus Cristo*, a glória que Ele comprou, e a glória que Ele possui, a ser transmitida àqueles que crêem nele e obedecem ao seu evangelho. Estes estarão com Cristo, para ver a sua glória e serão glorificados com Cristo e participarão da sua glória. Depois disso, segue:

II Uma exortação à firmeza e perseverança: *Então, irmãos, estai firmes* (v. 15). Observe: Ele não diz: "Vós fostes escolhidos para a salvação, e, portanto, podeis estar despreocupados e seguros"; mas: *estai firmes*. A graça de Deus em nossa eleição e vocação está tão longe de substituir o nosso cuidado diligente e empenho que isso deveria nos estimular e exigir de nós a maior determinação e assiduidade. Assim, o apóstolo João, após ter informado àqueles a quem escreveu que eles tinham recebido a unção que deveria permanecer neles, e que eles deveriam permanecer nele (em Cristo), acrescenta esta exortação: *assim nele permanecereis* (1 Jo 2.27,28). Os Tessalonicenses são exortados à firmeza na sua profissão cristã, a *reter as tradições que foram ensinadas a eles*, ou as doutrinas do evangelho, que tinham sido entregues pelo apóstolo, por palavra e epístola. Até então o Cânon das Escrituras ainda não estava completo, e, por essa razão, algumas coisas foram proferidas pelos apóstolos nas suas pregações, debaixo da orientação do infalível Espírito Santo, o que os cristãos eram compelidos a observar como vindas de Deus. Outras coisas foram mais tarde por eles registradas por escrito, tal como o apóstolo tinha escrito uma epístola anterior a esses Tessalonicenses. E essas epístolas foram escritas conforme

os autores eram movidos pelo Espírito Santo. Observe: Por esse motivo, as tradições orais em nossos dias, agora que o Cânon das Escrituras está completo, não podem ser consideradas como tendo a mesma autoridade dos escritos sagrados. Devemos aceitar firmemente essas doutrinas e obrigações que foram ensinadas pelos apóstolos inspirados; mas não temos evidência certa de qualquer coisa proferida por eles além daquilo que encontramos nas Escrituras Sagradas.

A Apostasia É Predita

vv. 16,17

Nestas palavras, encontramos a oração fervorosa do apóstolo por eles. Observe o seguinte:

I A quem ele ora: *o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, e nosso Deus e Pai*. Podemos e devemos dirigir nossas orações não somente a Deus, o Pai, por meio da mediação do nosso Senhor Jesus Cristo, mas também *ao próprio nosso Senhor Jesus Cristo*. Devemos orar em seu nome a Deus, não somente como seu Pai, mas como nosso Pai nele e por meio dele.

II De que ele recebe alento na sua oração – da consideração daquilo que Deus já tinha feito por ele e por eles: *que nos amou e em graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança* (v. 16). Observe o seguinte: 1. O amor de Deus é a fonte de todo bem que temos ou esperamos alcançar; nossa eleição, vocação, justificação e salvação têm sua base no amor de Deus, em Cristo Jesus. 2. Toda nossa consolação flui dessa fonte específica. E a consolação dos santos é uma consolação eterna. As consolações dos santos não são coisas mortas; elas não morrerão com eles. Os santos não serão despojados de nenhuma consolação espiritual que Deus dá; Deus não as tomará: porque Ele os ama com um amor eterno; portanto, eles terão consolações eternas. 3. A consolação deles está fundada na esperança da vida eterna. Eles se regozijam na esperança da glória de Deus, e não são somente pacientes, mas alegres, na tribulação. Há um bom motivo para essas fortes consolações, porque os santos têm uma boa esperança: a esperança deles está fundada no amor de Deus, na promessa de Deus, e na experiência que tiveram do poder, da bondade e da fidelidade de Deus, e essa é uma boa esperança por meio da graça. Eles esperam pela graça e misericórdia livre de Deus. É nisso que a esperança está fundada, e não em qualquer valor ou mérito próprios.

III O que ele pede a Deus por eles: que Ele *console o vosso coração e vos conforte em toda boa palavra e obra* (v. 17). Deus lhes tinha dado consolações, e ele orou para que tivessem uma consolação mais abundante. Havia boa esperança, por meio da graça, para que fossem preservados, e ele orou para que fossem confortados: é interessante observar como o consolo e o conforto são aqui unidos. Observe, portanto: 1. O consolo é um meio para o conforto; porque quanto mais prazer tivermos na palavra, na obra e nos caminhos de Deus, mais certamente perseveraremos neles. 2. Nosso fortalecimento nos caminhos de Deus é um meio apropriado para o consolo; enquanto estivermos oscilando na fé e tivermos uma mente indecisa, ou se formos hesitantes e titubeantes em nosso dever, não é de admirar que estranhemos os prazeres e alegrias da religião. O que está na base de toda nossa inquietação, salvo nossa inconstância na religião? Devemos ser fortalecidos em cada boa palavra e obra – na palavra da verdade e na obra da justiça: Cristo deve ser honrado pelas nossas boas obras e palavras. As pessoas sinceras se empenharão para fazer os dois, e ao fazê-lo podem esperar por consolo e fortalecimento, até que finalmente sua santidade e felicidade sejam completadas.

Capítulo 3

No término do capítulo anterior, o apóstolo tinha orado seriamente pelos Tessalonicenses, e agora deseja a oração deles, animando-os a confiar em Deus. Em seguida ele acrescenta mais uma petição por eles (vv. 1-5). Ele então continua transmitindo ordens e orientações para corrigir algumas coisas que estavam erradas no meio deles (vv. 6-15) e conclui com bênçãos e orações (vv. 16-18).

O Pedido Piedoso do Apóstolo. A Oração do Apóstolo

vv. 1-5

Nessas palavras, observe:

I O apóstolo deseja as orações dos seus amigos: *No demais, irmãos, rogai por nós* (v. 1). Ele sempre lembrava deles em suas orações, e fazia questão de que não esquecessem dele e de seus colaboradores, mas que os levassem em seu coração ao trono da graça. Observe: 1. Essa é uma maneira por meio da qual a comunhão dos santos é conservada, não somente ao orarem juntos, ou uns com os outros, mas ao orarem uns pelos outros quando estão ausentes uns dos outros. E, assim, aqueles que estão a uma grande distância podem se encontrar no trono da graça; deste modo, aqueles que não são capazes de fazer ou receber qualquer outro tipo de beneficência podem dessa maneira fazer e receber uma grande beneficência. 2. O dever do cristão é orar pelos seus ministros; e não somente pelos seus próprios pastores, mas também por todos os ministros justos e fiéis. 3. Os ministros precisam, e, portanto, devem desejar as orações do seu povo. Quão marcante é a humildade, e quão atraente o exemplo, desse grande apóstolo, que era tão poderoso na oração, e, mesmo assim, não desprezou as orações do cristão mais humilde, mas desejava muito o benefício delas. Observe a que eles são dirigidos a orar, a saber: (1) Pelo sucesso do ministério do evangelho: *que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada* (v. 1). Esse era o grande desejo do apóstolo. Para ele era mais importante que o nome de Deus pudesse ser santificado, que seu reino avançasse, e a sua vontade fosse feita, do que seu pão diário. Ele queria que a palavra do Senhor pudesse correr (de acordo com o original), que pudesse ganhar terreno, que o interesse pela religião no

mundo pudesse crescer e não diminuir, e não somente crescer, mas crescer aceleradamente. Todas as forças do inferno estavam na época, e ainda estão, mais ou menos, reunidas em batalha para opor-se à palavra do Senhor, para impedir a sua difusão e sucesso. Devemos orar, portanto, para que as oposições sejam removidas, para que o evangelho tenha curso livre aos ouvidos, ao coração e à consciência das pessoas, para que seja glorificado na convicção e conversão de pecadores, na refutação dos contraditores, e no santo procedimento dos santos. Deus, que exaltou a lei, e a tornou honrável, glorificará o evangelho, e o tornará honrável, e assim glorificará o seu próprio nome; e bons ministros e bons cristãos podem muito bem estar contentes em ser pequenos, em ser nada, se Cristo puder ser exaltado e seu evangelho puder ser glorificado. Paulo estava agora em Atenas, ou, como alguns acham, em Corinto, e queria que os Tessalonicenses orassem para que ele tivesse tanto sucesso lá como teve em Tessalônica, que o evangelho fosse tão bem aceito pelos outros como ocorreu com eles. Observe: Se ministros têm sido bem-sucedidos em um lugar, eles deveriam desejar ser bem-sucedidos em todo lugar onde puderem pregar o evangelho. (2) Para a segurança dos ministros do evangelho. Ele pede pelas orações deles, não por promoção, mas por preservação: *Para que sejamos livres de homens dissolutos e maus* (v. 2) Observe: Esses que são inimigos da pregação do evangelho, e perseguidores dos pregadores fiéis, são dissolutos e maus. Eles agem contra todas as regras e leis da razão e da religião, e são culpados de maior despropósito e impiedade. Não somente nos princípios do ateísmo e infidelidade, mas também na prática de vícios e imoralidade, e especialmente na perseguição, ocorre o maior despropósito do mundo, bem como a impiedade. Existe a necessidade da proteção espiritual e da ajuda de ministros devotos e fiéis, porque eles são os porta-estandartes, que são os mais visados; e, portanto, todos os que desejam que a obra de Cristo avance no mundo devem orar por eles. *Porque a fé não é de todos*; isto é, muitos não crêem no evangelho, e não é de admirar que essas pessoas estejam impacientes e mal-intencionadas em seus esforços de opor-se ao evangelho, depreciar o ministério e desgraçar os ministros da palavra. Existem tantos que não possuem fé comum nem honestidade. Não podemos confiar neles, e devemos orar para sermos libertos daqueles que não têm consciência nem honra, que nunca se importam com o que dizem ou fazem. As vezes, podemos estar em perigo tão grande ou ainda maior no meio de amigos falsos ou fingidos quanto no meio de inimigos abertos e declarados.

II Ele os anima a confiar em Deus. Devemos não somente orar pela graça de Deus, mas também colocar nossa esperança e confiança em sua graça, e humildemente esperar que nossas orações sejam atendidas. Observe:

1. O bem que esperamos da graça de Deus – conforto e preservação do mal; e os melhores cristãos necessitam desses benefícios. (1) Que Deus os conforte. Essa era a oração do apóstolo por eles (cap. 2.17), e agora ele os encoraja a contar com esse favor. Ficamos em pé somente enquanto Deus nos sustentar. A não ser que Ele nos *sustente enquanto caminhamos nas suas veredas, nossos pés escorregarão*, e acabaremos caindo. (2) Que Deus os guarde do mal. Temos tanta necessidade da graça de Deus para a nossa perseverança até o fim quanto para o início da boa obra. O mal do pecado é o maior mal, mas existem outros males dos quais Deus também preservará seus santos – o mal que está no mundo, sim, de todo mal, para o seu reino celestial.

2. O encorajamento que temos para depender da graça de Deus: *fiel é o Senhor*. Ele é fiel em relação às suas promessas. Ele é o Senhor que não pode mentir, que não alterará aquilo que saiu da sua boca. Depois que a promessa foi feita, o cumprimento dela é garantido e certo. Ele é um Deus fiel aos seus "parentes"; é um Deus fiel e um amigo fiel; podemos confiar nele no sentido de preencher todas as relações com seu povo. Nós precisamos cuidar para continuarmos verdadeiros e fiéis em nossas promessas, e às relações que temos com esse Deus fiel. Ele acrescenta:

3. Mais um motivo de esperança de que Deus faria isso por eles, vendo que eles fizeram e fariam as coisas que foram mandados fazer (v. 4). O apóstolo tinha essa confiança neles, e isso estava baseado na sua confiança em Deus; porque, de outra maneira não há confiança no homem. A obediência deles é descrita em fazer o que ele e seus cooperadores tinham mandado. Essas ordens eram as ordens do Senhor; porque os apóstolos não tinham uma comissão que ia além de ensinar os homens *a guardar e a fazer todas as coisas que Ele lhes tinha mandado* (Mt 28.20). E como a experiência que o apóstolo tinha da obediência deles no passado era o motivo da sua confiança de que fariam as coisas mandadas a eles no tempo futuro, assim esse é um motivo para esperar que *qualquer coisa que pedirmos a Deus, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista* (1 Jo 3.22).

III Ele faz uma breve oração por eles (v. 5). Essa é uma oração por bênçãos espirituais. O apóstolo ora por duas coisas da maior importância: 1. Que o coração deles seja conduzido ao amor de Deus, para estar em amor com Deus, como o Ser mais esplêndido e amável, o melhor de todos os seres; e esse não é somente o mais razoável e necessário para a nossa felicidade; mas é a nossa própria felicidade. Essa é uma grande parte da nossa felicidade do céu, onde esse amor se tornará perfeito. Nunca poderemos alcançar isso, a não ser que Deus por meio da sua graça conduza o nosso coração da forma correta, porque nosso amor pode ser inclinado a ir atrás de outras coisas. Observe: Sofremos uma boa parcela de dano quando aplicamos mal as nossas afeições. O pecado é nosso e a miséria é nossa quando colocamos nossas afeiçoes em objetos errados. Se Deus encaminha o nosso amor de forma correta sobre Ele, o restante das afeições será dessa forma corrigido. 2. Que a *paciência de Cristo* possa ser unida com esse amor de Deus. Não há amor verdadeiro por Deus sem fé em Jesus Cristo. Devemos esperar em Cristo, que pressupõe nossa fé nele, crer que Ele veio em carne e virá novamente em glória; e devemos aguardar essa segunda vinda de Cristo, e estar atentos para preparar-nos para ela; deve haver uma espera paciente, suportando com coragem e constância

tudo que encontrarmos nesse meio-tempo: e *necessitamos de paciência* e da graça divina para exercitar a paciência cristã, a *paciência de Cristo* – a paciência pela causa de Cristo e de acordo com seu exemplo.

Advertências contra o Comportamento Desordenado

vv. 6-15

Depois que o apóstolo elogiou a obediência deles pelo tempo passado e mencionou sua confiança na obediência deles para o tempo futuro, continua a dar ordens e orientações a alguns que estavam errados, corrigindo algumas coisas que eram impróprias no meio deles. Observe: A melhor sociedade de cristãos pode apresentar algumas pessoas erradas no meio dela e algumas coisas que precisam ser restauradas. A perfeição não será achada deste lado do céu: mas condutas nocivas geram boas leis; as desordens que havia no meio dos Tessalonicenses ocasionaram as boas leis que encontramos nesses versículos, que devem ser constantemente usadas por nós, e por todos a quem dizem respeito. Observe:

I Aquilo que estava errado no meio dos Tessalonicenses, que é expresso:

1. De maneira mais geral. Havia alguns que *andavam desordenadamente e não segundo a tradição que receberam* do apóstolo (v. 6). Alguns irmãos eram culpados desse caminhar desordenado. Eles não viviam da maneira certa, nem dirigiam sua vida de acordo com as regras do cristianismo, nem estavam em conformidade com sua profissão de fé; não andavam de acordo com os preceitos passados pelo apóstolo, nem davam a devida atenção. Observe: As pessoas que receberam o evangelho e que professam sujeitar-se a ele devem viver de acordo com esse evangelho. Se não o fizerem, são consideradas pessoas desregradas.

2. Em particular. Havia entre eles algumas *pessoas ociosas e que faziam coisas vãs* (v. 11). O apóstolo foi informado a esse respeito de fontes tão seguras que tinha razão suficiente para dar ordens e orientações com relação a essas pessoas, como deveriam se comportar, e como a igreja deveria agir em relação a eles. (1) Havia algumas pessoas no meio deles que eram ociosas, *não trabalhando*, ou fazendo coisa alguma. Não parece que eram glutões ou beberrões, mas ociosos, e, portanto, pessoas desregradas. Não basta alguém dizer que não faz mal a ninguém, porque exige-se de todas as pessoas que façam o bem no local e no meio no qual a Providência as colocou. É provável que essas pessoas tivessem uma noção (ao interpretar mal algumas passagens da epístola anterior) referente à proximidade da vinda de Cristo, que serviu de pretexto para desistir do trabalho do seu chamado e viver em ociosidade. Observe: É um grande erro, ou abuso de religião, torná-la um pretexto para a ociosidade ou para qualquer outro pecado. Se tivéssemos certeza de que o dia do julgamento estivesse bem próximo, deveríamos, não obstante, fazer a obra do dia no seu dia, para que quando o Senhor chegasse, nos encontrasse servindo assim. O servo que espera pela vinda do seu Senhor da maneira certa deve trabalhar da forma como seu Senhor mandou, para que todos estejam preparados quando ele vier. Ou, pode ser que essas pessoas desregradas faziam de conta que a liberdade por meio da qual Cristo as havia libertado as liberava dos serviços e afazeres dos seus chamados específicos no mundo: ao passo que *deveriam ficar na vocação em que foram chamados por Deus, e no estado em que foram chamados de Deus* (1 Co 7.20,24). A assiduidade em nosso chamado específico como pessoas é um dever requerido pelo nosso chamado geral como cristãos. Ou, talvez, a caridade geral que havia então entre os cristãos em relação aos seus irmãos pobres favorecia alguns a viver em ociosidade, uma vez que sabiam que a igreja iria sustentá-los: qualquer que tenha sido a causa, eles precisavam ser seriamente censurados. (2) Havia pessoas no meio deles que faziam coisas vãs (ou, que se intrometiam na vida alheia, versão RA): e parece, pela conexão, que as mesmas pessoas que eram ociosas também faziam coisas vãs. Isso pode parecer uma contradição; mas muitas vezes as pessoas que não têm uma atividade própria, ou que a negligenciam, se ocupam com o trabalho alheio. Se estivermos ociosos, o Diabo e um coração corrupto logo acharão algo para fazermos. A mente de uma pessoa é uma coisa ocupada; se não está ocupada em fazer o bem, fará o mal. Observe: Pessoas intrometidas são andarilhos desregrados, como aqueles que são culpados de curiosidade inútil e se intrometem de maneira inoportuna nas coisas que não lhes diz respeito, e importunam a si mesmos e aos outros com questões de outras pessoas. O apóstolo adverte Timóteo (1 Tm 5.13) para guardar-se daqueles que *aprendem também a andar ociosos de casa em casa; e não são só ociosos, mas também paroleiros e curiosos, falando o que não convém.*

II As boas leis que se originaram dessas condutas más, que devemos observar:

1. A origem dessas leis: elas são ordens dos apóstolos do nosso Senhor, dadas em nome do seu Senhor e nosso, isto é, as ordens do próprio Senhor. *Mandamo-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 6). Novamente: *Mandamos e exortamos, por nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 12). O apóstolo usa palavras de autoridade e súplica: e, onde desordens precisam ser corrigidas ou prevenidas, existe uma necessidade das duas. A autoridade de Cristo deveria nos compelir à obediência, e sua graça e bondade deveriam nos fascinar.

2. O objetivo das boas leis e regras. O apóstolo dá orientações para toda a Igreja, ordens às pessoas desordeiras e uma exortação àqueles em particular que faziam bem no meio deles.

(1) Suas ordens e orientações a toda a igreja: [1] Referentes à conduta deles em relação às pessoas desordeiras que estavam no meio deles: Eles deveriam *apartar-se delas*, e mais tarde, *notar essas pessoas, e não se misturar com elas, para que se envergonhem. Todavia, não tê-las como inimigas, mas admoestá-las como irmãos.* As orientações do apóstolo devem ser cuidadosamente observadas em nossa conduta com pessoas desregradas. Devemos ser muito cautelosos em relação à repreensão da igreja e disciplina da igreja. Devemos, em primeiro

lugar, notar *o tal*, que é suspeito ou acusado de não obedecer à Palavra de Deus, ou caminhar contrário a ela, isto é, devemos ter provas suficientes da sua falta antes de proceder adiante. Devemos, em segundo lugar, admoestá-lo de uma maneira amigável. Devemos lembrá-lo do seu pecado e do seu dever; e isso deve ser feito em particular (Mt 18.15). Então, se ele não ouvir, devemos, em terceiro lugar, afastar-nos dele e não ter comunhão com ele, isto é, devemos evitar conversas familiares e convívio com ele, por dois motivos, a saber, para que não aprendamos os seus caminhos maus; porque a pessoa que segue pessoas vãs e ociosas, e faz companhia a elas, está correndo o risco de tornar-se semelhante a elas. Outro motivo é para que se envergonhe, para que possa ocorrer a correção da pessoa que transgrediu. Quando as pessoas ociosas ou desregradas vêem como suas práticas incorretas desagradam as pessoas sábias e justas, terão a oportunidade de envergonhar-se do seu erro e voltar a caminhar de maneira ordenada. O amor, portanto, aos nossos irmãos ofensores, mesmo quando detestamos as suas maldades, deveria ser o motivo de nos afastarmos deles; e, mesmo aqueles que estão debaixo da repreensão da igreja não devem ser considerados inimigos (v. 15); porque, se eles forem corrigidos e restaurados por meio dessas repreensões, recuperarão a sua confiança e conforto, e o direito aos privilégios da igreja como irmãos. [2] A conduta geral e o comportamento deles devem ser de acordo com o bom exemplo que o apóstolo e aqueles que estavam com ele deram a eles: *vós mesmos sabeis como convém imitar-nos* (v. 7). Aqueles que plantaram a religião no meio deles tinham dado um bom exemplo diante deles; e os ministros do evangelho deveriam ser exemplos ao rebanho. O dever dos cristãos não é somente andar de acordo com as tradições dos apóstolos, e as doutrinas que pregavam, mas também de acordo com o bom exemplo que deixaram, para *serem imitadores deles, como também eles eram de Cristo*. O bom exemplo particular que o apóstolo menciona era a diligência deles, que era tão diferente das pessoas desregradas que andavam no meio deles: "*Não nos houvemos desordenadamente entre vós* (v. 7), não usamos o nosso tempo de maneira ociosa, em visitas ociosas, conversas ociosas, passatempos ociosos". Eles se esforçaram no seu ministério, na pregação do evangelho e em obter o seu próprio sustento. *Nem, de graça, comemos o pão de homem algum* (v. 8). Ele poderia ter exigido por direito o seu sustento, porque aqueles que anunciam o evangelho podem, por direito, esperar viver do evangelho. Essa é uma dívida justa que o povo deve aos seus ministros, e o apóstolo tinha o poder ou autoridade de ter exigido isso (v. 9); mas ele desistiu do seu direito por amor a eles, e pela causa do evangelho, para que pudesse ser um exemplo para eles (v. 9), para que pudessem aprender como preencher o tempo e sempre estar ocupados com algo que se transformaria em algo bom.

(2) Ele ordena e orienta as pessoas que viviam vidas ociosas a mudar de vida e ocupar-se com suas coisas. Ele tinha dado ordens em relação a esse propósito, e um bom exemplo disso, quando esteve no meio deles: *Quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também* (v. 10). Era um provérbio entre os judeus: *Aquele que não trabalha, também não merece comer*. O trabalhador é digno do seu alimento; mas qual é a dignidade do ocioso? A vontade de Deus é que cada pessoa tenha um chamado, e se ocupe com esse chamado, e que ninguém viva como ocioso e inútil no mundo. Essas pessoas fazem o possível para derrotar o significado dessa sentença: *No suor do teu rosto, comerás o teu pão* (veja Gn 3.19). Não era meramente o temperamento do apóstolo, que era um homem ativo, e, portanto, desejava que todos agissem da mesma forma, mas era o mandamento do nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: *com sossego trabalhem e comam o seu próprio pão* (v. 12). As pessoas devem, de uma forma ou outra, ganhar o seu próprio sustento, caso contrário não comerão o seu próprio pão. Observe: Deve haver trabalho, em oposição à ociosidade; e deve haver quietude, em oposição a pessoas intrometidas. Devemos aprender a ser sossegados e cuidar da própria vida. Uma disposição ótima, mas rara, é a de ter um espírito ativo mas sossegado, ativo em nossos próprios afazeres, mas sossegado em relação aos outros.

(3) Ele exorta *aqueles que faziam o bem* a *não se cansarem de fazer o bem* (v. 13); como se tivesse dito: "Vá e prospere. O Senhor está com você, enquanto você estiver com Ele. Tudo que você fizer, que é bom, busque ser perseverante nisso. Firme-se no seu caminho, e permaneça firme até o fim. Você nunca deve parar, nem cansar no seu trabalho. Haverá tempo suficiente para descansar quando chegar ao céu, onde *resta ainda um repouso eterno para o povo de Deus*".

Bênção Apostólica
vv. 16-18

Nesta conclusão da epístola, temos a bênção e as orações do apóstolo pelos Tessalonicenses. Vamos desejá-las para nós e nossos amigos. Há três bênçãos anunciadas sobre eles ou rogadas para eles:

I Que Deus daria paz a eles. Observe: 1. A paz é a bênção anunciada ou desejada. Por paz podemos entender toda forma de prosperidade; aqui pode significar, especificamente, paz com Deus, paz na mente e na consciência, paz no meio deles e paz com todos os homens. 2. Essa paz é desejada para eles sempre, em todas as oportunidades. 3. Paz de todas as formas: que assim como desfrutavam das formas da graça, eles pudessem usar com sucesso todas as formas e métodos de paz também; porque a paz muitas vezes é difícil, mas é sempre agradável. 4. Que Deus daria paz a eles, Ele que é o Senhor da paz. Se temos paz que é agradável ou proveitosa, é Deus quem a dá, porque Ele é o *autor da paz e amigo da concórdia*. Não teremos disposições pacíficas nem encontraremos pessoas dispostas a ter paz conosco, se não for por meio do Deus da paz.

II Que a presença de Deus pudesse estar com eles: *O Senhor seja com todos vós*. Não precisamos de nada mais para nos tornar seguros e felizes, nem podemos desejar qualquer coisa melhor para nós e nossos amigos, do que ter a graciosa presença de Deus conosco e com eles. Isso será um guia e proteção em todos os nos-

sos caminhos e nosso conforto em cada condição em que nos encontramos. É a presença de Deus que faz o céu ser céu, e isso fará com que essa terra seja semelhante ao céu. Não importa onde estejamos, desde que Deus esteja conosco; não importa quem esteja ausente, desde que Deus esteja presente conosco.

III Que a *graça de nosso Senhor Jesus Cristo pudesse ser com todos eles*. Assim este apóstolo conclui sua primeira epístola aos Tessalonicenses; e é por meio da graça de nosso Senhor Jesus Cristo que podemos esperar confortavelmente ter paz com Deus e desfrutar da presença de Deus, porque Ele trouxe para perto aqueles que estavam longe. A graça que é tudo em todos é que nos tornará felizes. O apóstolo admirava e exaltava esse aspecto em todas as ocasiões; era nisso que ele se deleitava e confiava. Por meio dessa saudação ou bênção, escrita com sua própria mão, como uma prova em cada uma de suas epístolas (o restante foi escrito por um copista ou secretário), ele cuidou para que as igrejas às quais escrevia não fossem enganadas por epístolas forjadas, o que poderia ter conseqüências perigosas.

Vamos agradecer o fato de termos o Cânon das Escrituras completo, e, pelo cuidado especial e maravilhoso da divina Providência, foi preservado puro e incorrupto ao longo de sucessivas épocas, e não ousemos acrescentar ou diminuir algo dele. Vamos crer na origem divina das Sagradas Escrituras e amoldar nossa fé e prática a essa regra suficiente e única, *que pode fazer-nos sábios para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus*. Amém.

1 TIMÓTEO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Até aqui, as epístolas de Paulo eram dirigidas às igrejas. Agora, algumas seguem para pessoas específicas: duas a Timóteo, uma a Tito, e uma a Filemom – todos os três ministros. Timóteo e Tito eram evangelistas, uma ordem inferior à dos apóstolos, como aparece em Efésios 4.11: "*Uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas*". A comissão e a obra deles eram muito parecidas com as dos apóstolos, ou seja, plantar igrejas e regar as que foram plantadas. E eles também eram itinerantes, como foi o caso de Timóteo. Este se converteu pela pregação de Paulo e, por isso, o apóstolo o chama de seu *verdadeiro filho na fé*. Lemos acerca de sua conversão em Atos 16.3.

O escopo dessas duas epístolas visa orientar Timóteo a cumprir sua tarefa de evangelista em Éfeso, onde agora estava, e onde Paulo recomendou que morasse por algum tempo, para aperfeiçoar a boa obra que havia começado lá. Em relação à responsabilidade pastoral dessa igreja, o apóstolo a havia entregado de maneira muito solene ao presbitério, como aparece em Atos 20.28, em que ele encarrega os presbíteros a *apascentar a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue*.

CAPÍTULO 1

Depois do prefácio (vv. 1,2), temos: I. A incumbência dada a Timóteo (vv. 3,4). II. O verdadeiro sentido da lei (vv. 5-11). III. Ele menciona seu próprio chamado para ser apóstolo, pelo qual expressa sua gratidão (vv. 12-16). IV. Sua doxologia (v. 17). V. Uma renovação da incumbência a Timóteo (v. 18). E acerca de Himeneu e Alexandre (vv. 19,20).

O Prefácio da Epístola
vv. 1-4

Temos aqui:

I Introdução da epístola e quem a enviou: *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo*, constituído apóstolo *segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo*. Suas credenciais eram inquestionáveis. Ele não tinha somente uma comissão, mas uma ordem. Não somente de Deus, nosso Salvador, mas de Jesus Cristo. Ele era um pregador do evangelho de Cristo e um ministro do Reino de Cristo. Observe: Deus é nosso Salvador. *Jesus Cristo, esperança nossa*. Observe: Jesus Cristo é a esperança do cristão. Nossa esperança está nele e toda nossa esperança de vida eterna está edificada nele. Cristo é em nós a esperança da glória (Cl 1.27). Ele chama Timóteo de seu filho, porque tinha sido um instrumento da sua conversão, e porque tinha sido um filho que o serviu, serviu com ele no evangelho (Fp 2.22). Timóteo não tinha sido negligente no seu dever como filho de Paulo, e Paulo não tinha sido negligente no cuidado e ternura de um pai para Timóteo.

II A bênção é: *graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai*. Alguns têm observado que, embora em todas as epístolas às igrejas a bênção apostólica seja *graça e paz*, nessas duas epístolas a Timóteo e na epístola a Tito encontramos: *graça, misericórdia e paz*: como se os ministros tivessem mais necessidade da misericórdia de Deus do que outros homens. Os ministros necessitam de mais graça do que outros, para realizar seu dever com fidelidade; e precisam de mais misericórdia do que outros, para perdoar o que está errado neles. E se, Timóteo, um ministro tão notável, necessitava da misericórdia de Deus, e precisava crescer e prosseguir nela, quanto mais nós, ministros, precisamos dela nesses tempos em que temos tão pouco do seu espírito excelente!

III Paulo diz a Timóteo qual era sua finalidade ao nomeá-lo para esse ofício: *te roguei que ficasses em Éfeso*. Timóteo, que tinha em mente ir com Paulo, estava relutante em sair debaixo das asas dele, mas Paulo queria que fosse assim porque era necessário para o serviço público: *Te roguei*, diz ele. Embora pudesse advogar autoridade sobre ele para mandá-lo, foi, na verdade, por amor que escolheu pedir a ele. A tarefa dele era

cuidar para firmar os ministros e o povo daquela igreja: *Adverte-os para que não ensinem outra doutrina* além da que receberam, e nada acrescentem à doutrina cristã com o pretexto de melhorá-la, ou de corrigir os defeitos dela. Não permita que a alterem, mas sejam fiéis a ela da forma como foi entregue a eles. Observe: 1. Os ministros não devem apenas ser exortados a pregar a verdadeira doutrina do evangelho, mas também a não pregar nenhuma outra doutrina. *Ainda que um anjo do céu vos anuncie outro evangelho, seja anátema* (Gl 1.8). 2. Nos tempos dos apóstolos havia pessoas que procuravam corromper o cristianismo (*nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus*, 2 Co 2.17), caso contrário essa exortação a Timóteo não precisava ser feita. 3. Ele não somente precisava cuidar para não pregar uma outra doutrina, mas ele deve exortar os outros para que não acrescentem coisa alguma ao evangelho, ou tirem algum detalhe dele, mas que o preguem de maneira pura e incorrupta. Ele também deve se empenhar em prevenir que não se ocupem com *fábulas ou genealogias intermináveis* e competição de palavras. Esse aspecto é repetido com freqüência nessas duas epístolas (como cap. 4.7; 6.4; 2 Tm 2.23), bem como na epístola de Tito. No meio dos judeus havia alguns que introduziam o judaísmo no cristianismo; e no meio dos gentios havia aqueles que introduziam o paganismo no cristianismo. "Guarde-se desses", ele diz, "esteja atento em relação a eles, ou eles acabarão corrompendo e destruindo a religião no meio de vocês, porque *mais produzem questões do que edificação*". Aquilo que produz questões não visa à edificação; aquilo que dá oportunidade para discussões dúbias enfraquece a igreja em vez de edificá-la. E, creio, por analogia, que tudo o mais que produz questões em vez da edificação divina deveria ser repudiado e desprezado por nós, para que haja uma sucessão ou herança contínua no ministério dos apóstolos até os nossos dias, a absoluta necessidade da ordenação episcopal e da intenção do ministro na eficácia e validade dos sacramentos que ele ministra. Essas coisas são tão nocivas quanto as fábulas judaicas e genealogias infindáveis, porque nos envolvem em um emaranhado de dificuldades, e tendem apenas a abalar os fundamentos da esperança cristã e encher a mente com dúvidas e medos perplexos. Em todos os seus discursos, os ministros sempre deveriam almejar a edificação devota, para que os cristãos tenham condições de ser aperfeiçoados na devoção e se tornar mais semelhantes ao Deus abençoado. Observe também: A edificação devota deve ser pela fé: o evangelho é o fundamento sobre o qual edificamos. Chegamos a Deus pela fé (Hb 11.6), e deve ser da mesma maneira e pelos mesmos princípios da fé que devemos ser edificados. Repetindo: Os ministros devem evitar o máximo possível aquilo que ocasionará controvérsias; eles fariam bem se insistissem nos pontos principais e práticos da religião, acerca das quais não pode haver controvérsia; porque mesmo disputas ou controvérsias acerca de verdades grandes e necessárias afastam a mente do intento principal do cristianismo e corroem as partes essenciais da religião, que consiste na prática, na obediência, bem como na fé, para que não mantenhamos a verdade em injustiça, mas possamos guardar o mistério da fé em uma consciência pura.

Timóteo É Lembrado de sua Incumbência

vv. 5-11

Aqui o apóstolo instrui Timóteo a guardar-se dos mestres judaizantes ou outros que misturavam fábulas e genealogias intermináveis com o evangelho. Ele mostra o uso da lei e a glória do evangelho.

I Ele mostra a finalidade e uso da lei: ela tem a função de promover o amor, porque *o cumprimento da lei é o amor* (Rm 13.10).

1. *O fim do mandamento é a caridade*, ou o amor (Rm 13.8). O âmbito e o desígnio principal da lei divina devem nos comprometer com o amor de Deus e uns aos outros; e qualquer coisa que tende a enfraquecer nosso amor a Deus ou aos irmãos tende a derrotar a finalidade do mandamento. E certamente o evangelho, que nos exorta a amar nossos inimigos, de fazer bem àqueles que nos odeiam (Mt 5.44), não intenta deixar de lado ou substituir um mandamento cujo fim é o amor. Por outro lado, lemos que mesmo tendo todos os benefícios, se nos faltasse a caridade, seríamos como o metal que soa ou como o sino que tine (1 Co 13.1). *Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (Jo 13.35). Esses, portanto, que se vangloriavam do seu conhecimento da lei, mas a usavam somente como um pretexto para o transtorno que davam à pregação do evangelho (com a escusa de zelo pela lei, dividindo a igreja e confundido-a), anularam aquilo que era o fim maior do mandamento, que é o amor, amor *de um coração puro*, um coração purificado pela fé, purificado de sentimentos corrompidos. Para conservar o amor santo, nosso coração deve ser purificado de todo amor pecaminoso; nosso amor deve originar-se *de uma boa consciência*, mantida sem ofensa. Cumprem o propósito do mandamento aqueles que são cuidadosos em manter uma boa consciência em relação a uma verdadeira crença da verdade da Palavra de Deus que a prescreve, aqui chamada de *fé não fingida*. Temos aqui os aspectos concomitantes dessa caridade graciosa. Eles são três: (1) Um coração puro. Nele, o amor deve estar estabelecido e de lá florescer. (2) Uma boa consciência, na qual nos devemos exercitar diariamente, não só para alcançá-la, mas para mantê-la (At 14.26). (3) A fé não fingida também deve acompanhar o amor, porque é um amor não fingido: a fé que opera por meio do amor deve ser da mesma natureza, genuína e sincera. Ora, alguns que se estabeleceram como mestres da lei se desviaram do objetivo maior do mandamento: eles se estabeleceram como mestres, mas tinham a pretensão de ensinar ao outro o que eles mesmos não compreendiam. Não devemos estranhar se a igreja atual é corrompida por esses mestres, porque isso já ocorreu desde o início da sua existência. Observe: [1] Quando pessoas, especialmente ministros, se desviam da grande lei da caridade – o fim do mandamento, eles se envolvem em contendas vãs; quando um homem erra seu fim e escopo, não é de admirar que cada um dos seus passos esteja fora do caminho. [2] Contenda, especialmente na religião, é vã. É improdutiva e inútil em relação a tudo que é bom, e é muito perniciosa: e, mesmo assim, a religião de muitas pessoas consiste basicamente na vã contenda. [3] Esses que estão envolvidos em

muita contenda vã são aficionados e ambiciosos para serem mestres de outros; eles desejam o ofício de mestre. [4] É muito comum pessoas intrometerem-se no ofício do ministério quando são muito ignorantes em relação às coisas que vão falar: elas não entendem o que dizem. Será que podem edificar os seus ouvintes por meio dessa ignorância erudita?

2. O uso da lei (v. 8): *A lei é boa, se alguém dela usa legitimamente*. Os judeus usavam-na como um mecanismo para dividir a igreja, um disfarce para a oposição maligna que faziam ao evangelho de Cristo; eles a armaram para a justificação, e, assim, a usaram de maneira ilegítima. Não devemos, portanto, pensar em deixá-la de lado, mas usá-la de maneira legítima, para a coibição do pecado. O abuso que alguns fizeram da lei não elimina o uso dela; mas, quando uma ordem divina é abusada, tire o abuso e use-a de maneira certa, porque a lei continua sendo muito útil como regra de vida; embora não estejamos mais debaixo dela como se estivéssemos debaixo de um pacto de obras, mesmo assim ela é boa para nos ensinar o que é pecado e o que é obrigação. Ela não é feita para um homem justo, isto é, ela não é feita para aqueles que a observam. Porque, se pudéssemos guardar a lei, a justiça seria pela lei (Gl 3.21). Mas ela é feita para pessoas más, para refreá-las, para controlá-las e para impedir o vício e a profanação. É a graça de Deus que muda o coração das pessoas; mas os terrores da lei podem ser úteis para amarrar suas mãos e refrear suas línguas. Uma pessoa justa não deseja essas restrições que são necessárias para os ímpios; ou, pelo menos, a lei não é feita primeiramente e principalmente para os justos, mas para os pecadores de todo tipo, em maior ou menor grau (vv. 9,10). Nessa lista negra de pecadores, o apóstolo menciona de maneira específica as violações da segunda tábua, as obrigações que devemos ao nosso próximo; contra o quinto e sexto mandamentos: *parricidas e matricidas, para os homicidas*; contra o sétimo: *os fornicadores e os sodomitas*; contra o oitavo: *os roubadores de homens*; contra o nono: *os mentirosos e os perjuros*; e então termina seu relato dizendo: *e para o que for contrário à sã doutrina*. Alguns entendem tudo isso como a instituição do poder no magistrado civil de fazer leis contra esses pecadores tão evidentes e ver essas leis sendo executadas.

II Ele mostra a glória e graça do evangelho. Os epítetos de Paulo são expressivos e significativos e, freqüentemente, cada um deles é uma sentença. Como aqui (v. 11): *conforme o evangelho da glória do Deus bem-aventurado*. Vamos aprender o seguinte: 1. Chamar Deus de Deus bem-aventurado, infinitamente feliz no gozo de si mesmo e da sua perfeição. 2. Chamar o evangelho de evangelho da glória: grande parte da glória de Deus aparece nas obras da criação e providência, mas, mais ainda no evangelho, onde brilha no rosto de Jesus Cristo. Paulo considerava uma grande honra e um grande favor o fato de esse evangelho da glória ter sido confiado a ele; isto é, a pregação do evangelho, uma vez que a concepção do evangelho não é confiada a homem algum ou grupo algum de homens no mundo. O estabelecimento dos termos da salvação no evangelho de Cristo é obra exclusiva de Deus; mas a divulgação disso para o mundo é confiada aos apóstolos e ministros. Observe aqui: (1) O ministério é uma confiança, porque o evangelho foi confiado a esse apóstolo; ele é um ofício de confiança bem como de poder, e o anterior mais do que o posterior; por esse motivo os ministros são chamados de despenseiros (1 Co 4.1). (2) É uma confiança gloriosa, porque o evangelho confiado a eles é um evangelho da glória; é uma confiança de imensa importância. A glória de Deus está concernida nele. Senhor, que grande confiança foi confiada a nós! Quanta graça queremos para sermos achados fiéis nessa tão grande confiança?

Os Perversos São Reprovados
vv. 12-17

Aqui o apóstolo:

I Agradece a Jesus Cristo o fato de colocá-lo no ministério. Observe: 1. Cabe a Cristo colocar as pessoas no ministério (At 26.16,17). Deus condenou os falsos profetas no meio dos judeus com as seguintes palavras: *Não mandei os profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; todavia, eles profetizaram* (Jr 23.21). Ministros, propriamente falando, não podem formar ministros, muito menos podem pessoas se tornar ministros. Essa obra pertence a Cristo, como rei e cabeça, profeta e mestre, da sua Igreja. 2. Aqueles que Ele coloca no ministério Ele prepara para o ministério; quem Ele chama Ele qualifica. Os ministros que não estão aptos para a obra, nem têm habilidade para tal, não foram colocados por Cristo no ministério, embora haja diferentes qualificações em relação a dons e graças. 3. Cristo não dá somente a habilidade, mas também a fidelidade, àqueles que coloca no ministério: Ele *me teve por fiel*. Ninguém pode ser considerado fiel senão aqueles que Ele torna fiéis. Os ministros de Cristo são servos fiéis, e eles precisam ser assim, tendo uma confiança tão grande conferida a eles. 4. Um chamado para o ministério é um grande favor, que esses que foram chamados devem agradecer a Jesus Cristo: *E dou graças a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério.*

II Para exaltar ainda mais a graça de Cristo por tê-lo colocado no ministério, ele apresenta um relato da sua conversão.

1. Quem ele era antes da sua conversão: um *blasfemo, e perseguidor, e opressor*. Saulo respirava ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor (At 9.1). Ele assolava a igreja (At 8.3). Ele era um blasfemador de Deus, um perseguidor dos santos, e opressor dos dois. Freqüentemente, esses que são designados para serviços grandes e notáveis caem em grande maldade antes da sua conversão, para que a misericórdia de Deus possa ser ainda mais glorificada na sua remissão, e a graça de Deus seja manifestada na sua regeneração. A grandeza do pecado não é barreira para a nossa aceitação por Deus, nem em sermos empregados por Ele, se houver verdadeiro arrependimento. Observe aqui: (1) Blasfêmia, perseguição e opressão, são pecados devastadores e abomináveis, e esses que são culpados desses pecados

são grandes pecadores diante de Deus. Blasfemar contra Deus significa atacá-lo diretamente; perseguir seu povo significa tentar feri-lo por meio do seu povo; e ser opressor é ser como Ismael, cuja mão estava contra todos, e todos estavam contra ele; porque esses violam a prerrogativa de Deus, e usurpam a liberdade dos seus semelhantes. (2) Verdadeiros penitentes, ao servir a um bom propósito, não hesitarão em reconhecer sua condição passada antes de serem trazidos para casa por Deus. Esse bom apóstolo muitas vezes confessou a sua vida passada, como em Atos 22.4; 26.10,11.

2. O grande favor de Deus a ele: *mas alcancei misericórdia*. Foi realmente um favor abençoado e grande que um rebelde tão notório fosse alcançar misericórdia do seu soberano.

(1) Se Paulo tivesse perseguido os cristãos intencionalmente, sabendo que eram o povo de Deus, a meu ver, ele teria sido culpado do pecado imperdoável; mas, uma vez que o fez na ignorância e incredulidade, obteve misericórdia. Observe: [1] O que fazemos na ignorância é um crime menor do que o que fazemos intencionalmente; no entanto, o pecado de ignorância é pecado, porque esse que não conhecia a vontade de seu Mestre, mas fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado (Lc 12.48). A ignorância em alguns casos diminuirá um crime, embora não o extinga. [2] A incredulidade está na base do que os pecadores fazem na ignorância; eles não crêem nas ameaças de Deus, caso contrário, eles não podiam fazer como fazem. [3] Por esses motivos Paulo obteve misericórdia: *mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade*. [4] Aqui houve misericórdia para um blasfemo, perseguidor e opressor: "*Mas alcancei misericórdia*, eu, um blasfemo" etc.

(2) Aqui ele conhece a abundante graça de Jesus Cristo (v. 14). A conversão e a salvação de grandes pecadores ocorrem devido à graça de Cristo, sua superabundante graça, essa graça de Cristo que aparece no seu evangelho da glória (v. 15): *Esta é uma palavra fiel* etc. Aqui se resume todo o evangelho: *que Cristo Jesus veio ao mundo*. O Filho de Deus tomou sobre si a nossa natureza, se tornou carne e habitou entre nós (Jo 1.14). Ele veio ao mundo, *não para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento* (Mt 9.13). Sua missão no mundo era buscar e salvar *o que se havia perdido* (Lc 19.10). A confirmação disso é que é *uma palavra fiel e digna de toda aceitação*. Essas são boas novas, dignas de toda aceitação. E, contudo, não boas demais para serem verdade, porque é uma palavra fiel. É uma palavra fiel, e, portanto, digna de ser aceita nos braços da fé: ela é digna de toda aceitação, e, portanto, de ser recebida com um amor santo, que se refere ao versículo anterior, onde a graça de Cristo excede em fé e amor. No final do versículo, Paulo o aplica a si próprio: *dos quais eu sou o principal*. Paulo era um pecador de primeira ordem e ele reconhece isso porque respirava ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor etc. (At 9.1,2). Os perseguidores estão entre os piores pecadores, e Paulo era um deles. Ou, *dos quais eu sou o principal*, isto é, dos pecadores perdoados, sou o principal. Essa é uma expressão da sua grande humildade; ele que, em outro texto, se denomina de o *mínimo de todos os santos* (Ef 3.8), aqui se chama de o principal dos pecadores. Observe: [1] Cristo Jesus veio ao mundo; as profecias referentes à sua vinda estão agora cumpridas. [2] Ele veio para salvar pecadores; Ele veio para salvar aqueles que não podiam ajudar e salvar a si mesmos. [3] Blasfemos e perseguidores são os pecadores principais, assim Paulo os avaliou. [4] O pecador principal pode se tornar o santo principal; assim era o apóstolo, porque ele não era em nada inferior aos principais apóstolos (2 Co 11.5), porque Cristo veio para salvar o principal dos pecadores. [5] Essa é uma verdade muito importante; é uma palavra fiel; essas são palavras verdadeiras e fiéis, de plena confiança. [6] Ela merece ser recebida e crida por todos nós, para o nosso conforto e encorajamento.

(3) Paulo fala da misericórdia que encontrou em Deus, não obstante sua grande maldade antes da sua conversão:

[1] Para o encorajamento de outros para arrepender-se e crer (v. 16): *Por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna*. Esse era um exemplo da longanimidade de Cristo, de que suportou tanto por alguém que tinha sido tão provocador; e isso servia de exemplo para todos os outros, para que o maior dos pecadores não se desesperasse em alcançar a misericórdia de Deus. Observe aqui que, em primeiro lugar, nosso apóstolo era um dos primeiros grandes pecadores convertidos ao cristianismo. Em segundo lugar, ele foi convertido, e obteve misericórdia, para o bem dos outros tanto quanto para o seu próprio bem. Ele foi um exemplo para os outros. Em terceiro lugar, o Senhor Jesus Cristo mostra grande longanimidade na conversão de grandes pecadores. Em quarto lugar, esses que alcançam misericórdia crêem no Senhor Jesus Cristo; porque sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). Em quinto lugar, esses que crêem em Cristo, crêem nele para a vida eterna; eles crêem na conservação da alma (Hb 10.39).

[2] Após ter falado da misericórdia que tinha encontrado em Deus, ele não poderia continuar sua carta sem inserir um reconhecimento agradecido da bondade de Deus para com ele: *Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém* (v. 17). Observe que, em primeiro lugar, dessa graça da qual temos o conforto, Deus deve ter a glória. Esses que são sensíveis para com as suas obrigações quanto à misericórdia e à graça de Deus terão seus corações alargados para o seu louvor. Aqui o louvor é atribuído a Ele, como o *Rei dos séculos, imortal, invisível*. Em segundo lugar, quando descobrimos que Deus é bom, não devemos esquecer de engrandecê-lo; e os pensamentos que o apóstolo tinha do rei não devem, de forma alguma, diminuir os nossos elevados pensamentos dele, mas sim, aumentá-los. Deus tinha dado uma atenção especial a Paulo, e mostrado sua misericórdia a ele, e o arrebatado para ter comunhão com ele; mesmo assim, ele o chama de Rei dos séculos etc. O tratamento gracioso que Deus nos dispensa deveria nos encher de admiração acerca dos seus atributos gloriosos. Ele é eterno, sem princípio de dias nem fim de vida, ou mudança de tempo. Ele é o ancião de dias (Dn 7.9). Ele é imortal e a origem da imortalidade; somente Ele tem a imortalidade (cap. 6.16), porque não pode morrer. Ele é invisível,

porque não pode ser visto com olhos mortais, habitando na luz da qual o homem não pode se aproximar, a quem nenhum homem viu nem pode ver (cap. 6.16). Ele é *o único Deus* (Jd 25; *o único Deus sábio*, versão inglesa KJV). Somente Ele é infinitamente sábio e a fonte de toda sabedoria. "*A Ele seja glória para todo o sempre*", ou: "Seja eu para sempre dedicado em dar honra e glória a Ele, como milhares de milhares o fazem" (Ap 5.12,13).

A Incumbência de Paulo a Timóteo

vv. 18-20

Lemos acerca do mandamento que o apóstolo orienta Timóteo a continuar seu trabalho com firmeza (v. 18). Observe aqui: O evangelho é um mandamento confiado aos ministros dele. Esse evangelho foi confiado a eles, para que seja devidamente aplicado de acordo com o plano e significado dele, e o desígnio do seu grande Autor. Parece que houve profecias anteriores em relação a Timóteo, no sentido de ser integrado ao ministério, e ser bem-sucedido na obra. Isso encorajou Paulo a entregar-lhe esse mandamento. Observe: 1. O ministério é uma guerra, ele é uma boa guerra contra o pecado e Satanás: e debaixo da bandeira do Senhor Jesus, que é *o Príncipe da nossa salvação* (Hb 2.10), e em sua causa, e contra os seus inimigos, os ministros estão empenhados de uma maneira singular. 2. Os ministros devem travar essa boa guerra, devem realizar seu ofício com diligência e coragem, apesar da oposição e do desânimo. 3. As profecias que foram ditas havia muito tempo, referentes a Timóteo, são aqui mencionadas como um motivo para incentivá-lo à execução vigorosa e consciente do seu dever. Assim, a boa esperança que os outros tiveram em relação a nós deveria animar-nos quanto ao nosso dever: *que milites por elas boa milícia*. 4. Devemos conservar tanto a fé quanto a boa consciência: *conservando a fé e a boa consciência* (v. 19). Aqueles que descartam a boa consciência logo naufragam na fé. Vamos viver à altura das orientações de uma consciência iluminada e manter uma consciência sem ofensa (At 24.16), uma consciência que não é manchada por nenhum vício ou pecado. Esse será um meio de preservar-nos sãos na fé. Devemos olhar tanto para um aspecto quanto para o outro, porque o mistério da fé deve ser guardado em uma consciência pura (cap. 3.9). Quanto àqueles que tinham naufragado na fé, ele menciona dois: *Himeneu e Alexandre*, que tinham feito uma profissão da fé cristã, mas tinham renunciado a essa profissão, e Paulo os tinha entregue a Satanás, declarando-os pertencentes ao reino dele, e, como alguns pensam, tinha, por meio de um poder extraordinário, entregado-os para serem atemorizados e atormentados por Satanás, *para que aprendessem a não blasfemar*, a não contestar ou injuriar a doutrina de Cristo e os bons caminhos do Senhor. Observe: O intento principal da censura mais veemente na Igreja Primitiva era impedir mais pecados e corrigir o pecador. Nesse caso, era para a destruição da carne, para que o espírito pudesse ser salvo no Dia do Senhor Jesus (1 Co 5.5). Observe: (1) Aqueles que amam o serviço e a obra de Satanás são entregues merecidamente a Satanás: *os quais entreguei a Satanás*. (2) Deus pode, se quiser, operar por meio de contradições: Himeneu e Alexandre são entregues a Satanás, para que aprendam a não blasfemar, quando acharíamos, na verdade, que eles aprenderiam de Satanás a blasfemar ainda mais. (3) Aqueles que descartaram a boa consciência, e naufragaram na fé não persistirão em nada, incluindo a blasfêmia. (4) Portanto, vamos conservar a fé e a boa consciência, se queremos manter-nos afastados da blasfêmia; porque, se deixarmos de manter distância disso, não sabemos onde vamos parar.

Capítulo 2

Neste capítulo, Paulo trata: I. Da oração, apresentando diversas razões para isso (vv. 1-8). II. Dos trajes das mulheres (vv. 9,10). III. Da sujeição delas, com os motivos para tal (vv. 11-14). IV. Uma promessa dada para o encorajamento delas por darem à luz (v. 15).

Recomendação à Oração Universal

vv. 1-8

Temos aqui:

I Uma ordem dada aos cristãos para orar por todos os homens, e em particular por todos imbuídos de autoridade. Timóteo deve cuidar para que isso seja feito. Paulo não ressalta qualquer forma de oração prescrita, como acharíamos que faria se quisesse que os ministros seguissem uma maneira restrita de orar; mas, em geral, que fizessem *deprecações, orações, intercessões e ações de graças*: deprecações para evitar o mal, orações para alcançar o bem, intercessões pelos outros, e ações de graças pelas misericórdias já recebidas. Paulo achava que era suficiente dar a eles tópicos gerais. Tendo as Escrituras para orientá-los na oração e o Espírito de oração derramado sobre eles, não precisavam de mais orientações. Observe: O intento da religião cristã é promover a oração; e os discípulos de Cristo devem ser pessoas de oração. Orem *em todo tempo com toda oração* (Ef 6.18). Devemos orar a nosso favor em primeiro lugar. Isso está implícito aqui. Também devemos orar *por todos os homens*, pela humanidade em geral, por pessoas específicas que necessitam ou desejam nossas orações. Veja quão longe a religião cristã estava de ser uma seita, ao ensinar aos homens essa caridade ampla, a orar, não somente por aqueles mais próximos, mas por todos os homens. Orem pelos reis (v. 2); embora os reis dessa época fossem pagãos, inimigos do cristianismo, e perseguidores dos cristãos, mesmo assim, eles devem orar por eles, porque é para o bem público que haja um governo civil, e pessoas adequadas encarregadas da administração dele, por quem, portanto, devemos orar, sim, mesmo quando sofremos debaixo do governo deles. *Pelos reis e por todos os que estão em eminência*, isto é, magistrados inferiores: devemos orar por eles e agradecer por eles, orar pelo seu bem-estar e pelo bem-estar dos seus reinos, e, portanto, não devemos conspirar contra eles, para que possamos desfrutar da paz do seu go-

verno e dar graças por eles e pelos benefícios que temos debaixo do governo deles, *para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade.* Devemos rogar pelos reis, para que Deus mude o seu coração, dirija-os e use-os, para que debaixo da autoridade deles possamos ter uma vida quieta e sossegada. Ele não diz: "Para que tenhamos privilégios debaixo do governo deles, que nos tornemos ricos e estejamos em honra e poder debaixo deles"; não, o ápice da ambição de um cristão justo é levar uma vida quieta e sossegada, passar pelo mundo com tranqüilidade, sem visar luzes e holofotes. Deveríamos rogar para que nós e os outros pudéssemos levar uma vida sossegada *em toda a piedade e honestidade*, inferindo disso que não podemos esperar ser guardados quietos e sossegados se não guardarmos a piedade e a honestidade. Vamos cuidar dos nossos afazeres, então podemos esperar ser colocados debaixo da proteção de Deus e do governo. *Em toda a piedade e honestidade.* Nosso dever como cristãos pode ser resumido em duas palavras: piedade, isto é, adoração certa a Deus; e honestidade, isto é, uma conduta justa em relação a todas as pessoas. Esses dois atributos devem andar juntos; não somos verdadeiramente honestos se não somos piedosos, e não conferimos a Deus o seu direito; e não somos verdadeiramente piedosos se não somos honestos, porque Deus odeia a iniqüidade do roubo. Aqui podemos observar o seguinte: 1. Os cristãos devem ser homens dados à oração: eles devem fluir nisso, dedicando-se às orações, súplicas etc. 2. Em nossas orações devemos ter um interesse generoso pelos outros, bem como por nós mesmos. Devemos orar por todos os homens e dar graças por todos os homens; e não devemos limitar nossas orações e ações de graças somente a nós mesmos e às nossas famílias. 3. A oração consiste em várias partes: súplicas, intercessões e ações de graças; porque devemos orar pelas misericórdias que desejamos, bem como ser gratos pelas misericórdias já recebidas; e devemos censurar os julgamentos que nossos próprios pecados ou os pecados de outros merecem. 4. Todos os homens, sim, os próprios reis, e aqueles que estão imbuídos de autoridade, precisam receber as nossas orações. Eles querem nossas orações, porque se defrontam com muitas dificuldades e ciladas que fazem parte das suas posições elevadas. 5. Ao orar pelos nossos governos, tomamos o curso mais adequado para levar uma vida sossegada e quieta. Os judeus na Babilônia foram ordenados a procurar a paz da cidade para onde o Senhor os transportou, e orar por ela ao Senhor, porque, na sua paz, eles teriam paz (Jr 29.7). 6. Se desejamos levar uma vida sossegada e quieta, devemos viver em toda piedade e honestidade; devemos cumprir nosso dever em relação a Deus e aos homens. *Quem quer amar a vida e ver os dias bons, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano; aparte-se do mal e faça o bem; busque a paz e siga-a* (1 Pe 3.10,11). O motivo para isso é que *isto é bom diante de Deus, nosso Salvador*; isto é, o evangelho de Cristo requer isso. Deveríamos fazer em abundância aquilo que é aceitável diante de Deus, nosso Salvador.

II Como uma razão por que deveríamos nos preocupar em nossas orações com todos os homens, ele mostra o amor de Deus à humanidade em geral (v. 4).

1. Uma das razões de orarmos por todos os homens é que há um só Deus, e esse Deus tem uma boa vontade por toda a humanidade. Há um só Deus (v. 5); não há outro, não pode haver outro, porque somente pode haver um infinito. Esse único Deus *quer que todos os homens se salvem*; Ele não deseja a morte e destruição de ninguém (Ez 33.11), mas o bem-estar e salvação de todos. Não que Ele tenha decretado a salvação de todos, porque então todos os homens seriam salvos; mas Ele tem uma boa vontade para a salvação de todos, e ninguém perece senão pela própria culpa (Mt 23.37). Ele quer que todos sejam salvos *e venham ao conhecimento da verdade*, para serem salvos da forma como Ele estabeleceu, e não de outra forma. Cabe a nós obter o conhecimento da verdade, porque essa é a maneira de ser salvo. *Cristo é o caminho e a verdade, e Ele também é a vida.*

2. Há um Mediador, e esse Mediador se deu a si mesmo em preço de redenção por todos. Como a misericórdia de Deus estende-se a todas as suas obras, assim a mediação de Cristo estende-se a todos os filhos dos homens. Ele pagou um preço suficiente para a salvação de toda humanidade; Ele fez com que a humanidade estivesse debaixo de novos termos diante de Deus, assim que eles não estão mais debaixo da lei como um pacto de obras, mas como uma regra de vida. Eles estão debaixo da graça; não debaixo do pacto da inocência, mas debaixo do novo pacto: *Ele se deu a si mesmo em preço de redenção.* Observe: A morte de Cristo foi uma redenção, um "contra-preço". Merecíamos morrer. Cristo morreu por nós, para salvar-nos da morte e do inferno. Ele se deu a si mesmo em preço de redenção, voluntariamente. Uma redenção para todos; assim, toda a humanidade é colocada numa condição melhor do que a dos demônios. Ele morreu para executar uma salvação comum: dessa forma, Ele se colocou na posição de Mediador entre Deus e os homens. Um mediador pressupõe uma controvérsia. O pecado tinha provocado uma discórdia entre nós e Deus; Jesus Cristo é um Mediador que tem como finalidade fazer paz, unir Deus e os homens, na forma de um árbitro, *que põe a mão sobre nós ambos* (Jó 9.33). Ele é uma redenção que deveria *servir de testemunho a seu tempo*; isto é, nos tempos do Antigo Testamento, seus sofrimentos e a glória que seguiriam eram falados como coisas a serem reveladas nos últimos tempos (1 Pe 1.10,11). E eles são adequadamente revelados. Paulo foi ordenado pregador e apóstolo, para anunciar aos gentios as boas novas da redenção e salvação em Jesus Cristo. Paulo foi encarregado de pregar essa doutrina da mediação de Cristo a toda criatura (Mc 16.15). Ele foi designado para se tornar doutor dos gentios; além do seu chamado geral para o apostolado, ele foi comissionado especificamente a pregar aos gentios, *na fé e na verdade.* Observe: (1) É bom e aceitável aos olhos de Deus, nosso Salvador, que oremos pelos reis e por todos os homens, e também que levemos vidas quietas e sossegadas; e essa é uma razão muito boa para fazermos tanto um quanto o outro. (2) Deus tem uma boa vontade para a salvação de todos. Então a falha não é que Deus não tenha vontade para salvar os homens, mas a falta de vontade deles mesmos para serem salvos da maneira de Deus. O nosso bendito Senhor declara a falha: *E não quereis vir a mim para terdes vida* (Jo 5.40). *Quantas*

vezes quis eu ajuntar os teus filhos, e tu não quiseste (veja Mt 23.37). (3) Esses que são salvos devem chegar ao conhecimento da verdade, porque esse é o caminho delineado por Deus para salvar os pecadores. Sem conhecimento, o coração não pode ser bom; se não conhecemos a verdade, não podemos ser governados por ela. (4) Podemos perceber que a unidade de Deus é reivindicada e unida à unidade do Mediador; e a Igreja de Roma também pode manter uma pluralidade de deuses bem como uma pluralidade de mediadores. (5) Esse que é um Mediador no sentido do Novo Testamento deu-se a si mesmo em preço de redenção. Então é vã a pretensão da Igreja Católica Romana de que há somente um Mediador de penitência, mas muitos de intercessão; porque, de acordo com Paulo, quando Cristo deu-se a si mesmo com preço de redenção, essa era uma parte necessária do ofício do Mediador; e, na verdade, isso coloca o fundamento para sua intercessão. (6) Paulo foi ordenando ministro, para anunciar aos gentios de que Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens, que se deu a si mesmo em preço de redenção por todos. Essa é a verdade que todos os ministros devem pregar, até o final dos tempos; e Paulo glorificou seu ministério, como apóstolo aos gentios (Rm 11.13). (7) Os ministros devem pregar a verdade, aquilo que compreendem dela e, eles próprios, devem crer nela. Semelhantemente aos apóstolos, eles devem pregar em fé e verdade, e devem também ser fiéis e de confiança.

III Uma orientação a como orar (v. 8). 1. Debaixo do evangelho, a oração não deve estar limitada a uma casa de oração específica, mas homens devem orar em todo lugar: nenhum lugar é impróprio para a oração, nenhum lugar é mais aceitável para Deus do que outro (Jo 4.21). *Orem em todo o lugar*. Devemos orar em nossos aposentos, orar em nossas famílias, orar em nossas refeições, orar quando estamos viajando e orar em reuniões solenes, quer em lugares mais públicos, quer em lugares mais privados. 2. A vontade de Deus é que em oração levantemos mãos santas: *levantando mãos santas*, ou mãos puras, puras da contaminação do pecado, lavadas na fonte aberta para o pecado e a impureza. *Lavo as minhas mãos* etc. (Sl 26.6). 3. Devemos orar com caridade: *Sem ira*, ou malícia, ou raiva de uma pessoa. 4. Devemos orar com fé, *não duvidando* (Tg 1.6), ou, como alguns entendem: *sem questionar*; e então ela está debaixo da caridade.

O Encargo de Paulo às Mulheres
vv. 9-15

I Temos aqui uma exortação às mulheres que professam a religião cristã. Elas devem ser modestas, sóbrias, quietas e submissas, como lhes convêm. 1. Elas devem ser muito modestas em seus trajes, sem pompa, luxo ou dispêndio (você pode observar a vaidade da mente de uma pessoa na aparência luxuosa e na ostentação dos seus trajes), porque elas têm ornamentos melhores com os quais deveriam *ataviar-se, como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus, com boas obras*. Observe: Boas obras são o melhor ornamento. Essas são, aos olhos de Deus, de grande valor. As mulheres que professam ser piedosas devem agir, no seu vestir, bem como em outras coisas, de acordo com a sua profissão de fé. Em vez de gastar o seu dinheiro em roupas finas, deveriam gastá-lo em obras de piedade e caridade, que são, de maneira adequada, chamadas de boas obras. 2. As mulheres devem aprender os princípios da sua religião, conhecer a Cristo, conhecer as Escrituras; elas não devem pensar que o seu sexo as desculpa de não aprenderem o que é necessário acerca da salvação. 3. Elas devem ser quietas, submissas e sujeitas e não devem usurpar a autoridade. O motivo apresentado é que *primeiro foi formado Adão, depois Eva*, que foi tirada dele, para denotar sua subordinação a ele e na dependência dele; e que ela foi feita para ele, para ser auxiliadora dele. E como ela foi a última na criação, que é um dos motivos para a sua sujeição, assim ela foi primeira a transgredir, que é o outro motivo. *Adão não foi enganado*, isto é, não por primeiro; a serpente não atacou Adão primeiro, mas a mulher foi a primeira na transgressão (2 Co 11.3), e isso foi parte do castigo: *o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará* (Gn 3.16). Mas encontramos uma palavra de conforto (v. 15) para as mulheres que continuarem em sobriedade porque serão *salvas dando à luz filhos*, ou *com a geração de filhos* – referência ao Messias, que nasceu de uma mulher, e esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15); ou a sentença debaixo da qual estão por causa do pecado não será obstáculo para que Cristo as aceite, *se permanecerem com modéstia na fé, na caridade e na santificação.*

II Observe aqui: 1. A amplitude das regras do cristianismo. Elas não chegam apenas aos homens, mas às mulheres, não somente à sua personalidade, mas também ao seu vestir, que deve ser modesto, como o seu sexo. Quanto ao seu comportamento e procedimento externos, devem ser em silêncio, com toda sujeição. 2. As mulheres devem mostrar piedade semelhante à dos homens; porque elas foram batizadas, e, por isso, devem empenhar-se na piedade; e, para honra delas, precisa ser dito que muitas delas foram cristãs notáveis nos dias dos apóstolos, como o livro de Atos nos informa. 3. Pelo fato de as mulheres correrem mais risco em excederem no seu traje, era mais necessário acautelá-las nesse sentido. 4. Os melhores adornos para os adeptos da piedade são as boas obras. 5. De acordo com Paulo, as mulheres devem ser aprendizes e não lhes é permitido serem mestres na igreja; porque o ensino é um ministério de autoridade, e a mulher não deve usar de autoridade sobre o homem, mas deve estar em silêncio. Mas, apesar dessa proibição, mulheres justas podem e devem ensinar a seus filhos os princípios da fé cristã em casa. Desde sua infância Timóteo conhecia as Sagradas Escrituras; e quem o teria ensinado se não sua mãe e avó? (2 Tm 3.15). Áquila e sua esposa Priscila declararam mais pontualmente o caminho de Deus a Apolo; mas o fizeram em particular, *levando-o consigo* (At 18.26). 6. Aqui estão duas razões muito boas para a autoridade do homem sobre a mulher, e a sujeição dela ao homem (vv. 13,14). Adão foi formado primeiro, e depois Eva. Ela foi criada por causa do homem, e não o homem por causa da mulher (1 Co 11.9); além disso, ela foi

enganada e levou o homem a cometer transgressão. 7. Embora as dificuldades e perigos em dar à luz filhos sejam muitos, uma vez que fazem parte do castigo infligido à mulher por causa da transgressão de Eva, também lemos algo de grande auxílio e encorajamento: *Salvar-se-á, porém* etc. Embora em tristeza, ela dará à luz filhos, e será uma mãe ativa de filhos ativos; com a condição, de que permaneça com modéstia na fé, na caridade e na santificação: e a mulher, diante das circunstâncias de dar à luz filhos deve por fé agarrar-se a essa promessa para seu amparo em tempos de necessidade.

CAPÍTULO 3

Neste capítulo, nosso apóstolo trata dos oficiais da igreja. Ele especifica: I. As qualificações para que uma pessoa possa ser aceita no ministério do episcopado (vv. 1-7). II. As qualificações dos diáconos (vv. 8-10) e de suas esposas (v. 11), novamente acerca dos diáconos (vv. 12,13). III. Os motivos da sua carta a Timóteo, falando em seguida acerca da Igreja e da verdade fundamental que devemos aprender dela (vv. 14-16).

Os Deveres dos Presbíteros e Diáconos. Os Deveres dos Presbíteros

vv. 1-7

As duas epístolas a Timóteo, e a epístola a Tito, contêm um plano das Escrituras do governo da Igreja, ou uma orientação aos ministros. Acreditamos que Timóteo era um evangelista que foi deixado em Éfeso, para cuidar daqueles que o Espírito Santo tinha feito bispos ali, isto é, os presbíteros, como aparece em Atos 20.28, onde o cuidado da igreja era confiado aos presbíteros, e eles eram chamados de bispos. Parece que eles estavam muito relutantes em partir com Paulo, especialmente porque lhes disse que *não veriam mais o seu rosto* (At 20.38). Pelo fato de a igreja deles ter sido plantada recentemente eles estavam com medo encarregar-se dela, e, portanto, Paulo deixou Timóteo com eles para auxiliá-los. E aqui lemos acerca do caráter de um ministro do evangelho, cujo ministério como bispo é presidir uma congregação particular de cristãos: *Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja* (v. 1). Observe:

I O ministério é uma obra. No entanto, o ofício de um bispo pode ser atualmente entendido com um cargo honorífico, mas, na época, era conhecido como uma excelente obra. 1. O ofício de um bispo, de acordo com as Escrituras, é um cargo de nomeação divina, e não de invenção humana. O ministério não é um instrumento do estado, e é uma pena que o ministério tenha sido em alguma época instrumento do estado. O ofício do ministério estava na Igreja antes que os magistrados aprosem o cristianismo, porque esse ofício é um dos maiores dons que Cristo conferiu à Igreja (Ef 4.8-11). 2. O ofício de um bispo cristão é uma obra, que requer diligência e aplicação: o apóstolo o coloca debaixo da noção e caráter de uma obra; não de grande honra e benefício, porque os ministros sempre deveriam olhar mais para o seu trabalho do que para a honra e os benefícios do seu ofício. 3. O episcopado é uma boa obra, uma obra da maior importância, e planejado para o maior bem. O ministério está preocupado com a vida e felicidade de almas importantes. Ele é uma boa obra, porque foi designado para ilustrar as perfeições divinas em trazer muitos filhos à glória. O ministério é designado a *abrir os olhos das pessoas, e das trevas os converter à luz, e do poder de Satanás a Deus* etc. (At 26.18). 4. Deve haver um desejo sincero em relação ao ofício naqueles que desejem ocupá-lo; se um homem o deseja, ele deve desejá-lo seriamente pela perspectiva que tem de dar maior glória a Deus, e em fazer o maior bem à alma das pessoas por esse intermédio. A seguinte pergunta é proposta para aqueles que se oferecem para o ministério na Igreja da Inglaterra: "Você entende que é movido pelo Espírito Santo para assumir esse ofício?"

II Para exercer esse ofício, o ministro deve estar devidamente qualificado. 1. Um ministro deve ser irrepreensível. Ele não deve mentir diante de nenhum escândalo ou difamação; ele deve evitar o máximo possível dar oportunidade para ser acusado de alguma falha, porque isso poderia ser prejudicial ao seu ministério e poderia manchar o seu ofício. 2. Ele deve ser marido de uma só esposa, não tendo divorciado uma, e então se casado com outra, ou não tendo diversas esposas ao mesmo tempo, como era comum naquela época, tanto entre os judeus quanto entre os gentios, especialmente entre os gentios. 3. Ele deve ser vigilante e cauteloso contra Satanás, esse inimigo ardiloso; ele deve vigiar a si mesmo e as almas que estão aos seus cuidados; ele deve aproveitar todas as oportunidades para fazer o bem a elas. Um ministro deve ser vigilante, porque nosso adversário, o Diabo, anda em derredor, bramando como leão, buscando alguém para devorar (1 Pe 5.8). 4. Ele deve ser sóbrio, moderado em todas as suas ações e no uso das coisas terrenas. A sobriedade e a vigilância freqüentemente caminham juntas nas Escrituras, porque se complementam mutuamente: *Sede sóbrios, vigiai* (veja 1 Pe 5.8). 5. Ele deve ser honesto e íntegro. E não leviano, vaidoso e fútil. 6. Ele deve ser hospitaleiro, generoso para com os de fora, e pronto para acolhê-los de acordo com sua possibilidade, como alguém que não coloca seu coração nas riquezas deste mundo e que é um verdadeiro amigo dos seus irmãos. 7. Apto para ensinar. Portanto, Paulo descreve um bispo que prega, alguém que é apto e disposto a comunicar aos outros o conhecimento que Deus lhe deu, e que é capaz de ensinar, e pronto para aproveitar todas as oportunidades para dar instruções, que é *bem instruído acerca das coisas do Reino dos céus*, e comunica o que sabe aos outros. 8. Não beberrão. *Não dado ao vinho.* Os sacerdotes não deveriam beber vinho quando entravam para ministrar (Lv 10.8,9), com receio de, após beberem, corromperem a lei. 9. Não espancador; alguém que não é briguento, nem inclinado a usar de violência, mas faz tudo com brandura, amor e bondade. O servo do Senhor não deve contender, mas ser manso para com todos (2 Tm 2.24). 10. Alguém que não é cobiçoso de torpe ganância, que não permite que seu ministério descambe para algum desígnio ou interesse secular, que não usa de meios egoístas, desprezíveis ou sujos

para ganhar dinheiro, que está morto para a riqueza deste mundo e vive acima disso. 11. Ele deve ser moderado, não contencioso, mas com uma disposição branda e compassiva. Cristo, grande Pastor e Bispo das almas, é assim. Não inclinado a ficar irado ou briguento; não violento com as mãos, nem contencioso com a língua. De que maneira os homens ensinarão outros a controlar sua língua se não estão dispostos a controlar as próprias? 12. Não avarento. A avareza é nociva para qualquer pessoa, pior ainda em um ministro, cujo chamado o leva a ter tanta comunhão com o outro mundo. 13. Ele deve ser alguém que cuida bem da sua família: *que governe bem a sua própria casa*, para que sirva de exemplo para outros chefes de família, e que possa por meio disso dar provas da sua aptidão em cuidar da Igreja de Deus: *Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?* Observe: As famílias dos ministros devem ser bons exemplos para outras famílias. Os ministros devem ter seus filhos em sujeição; portanto, é dever dos filhos dos ministros submeter-se às instruções que lhes são dadas. *Com toda modéstia.* A melhor maneira de manter os subordinados em sujeição é ser, para com eles, modesto e respeitoso. Os ministros não devem ter seus filhos sujeitos com toda austeridade, mas com toda modéstia. 14. Ele não deve ser neófito, ou alguém recém-convertido ao cristianismo, ou alguém que recebeu pouca instrução da Palavra, que apenas conhece as Escrituras de maneira superficial. Essas pessoas podem ser facilmente levadas ao orgulho: quanto mais ignorantes forem os homens, mais soberbos serão: *ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo.* Os demônios caíram por causa da soberba, que é um bom motivo para tomarmos cuidado com a soberba, porque esse é um pecado que transformou anjos em demônios. 15. Ele deve ter um bom testemunho na vizinhança, e sem censura ou opróbrio de relacionamentos antigo; porque o Diabo usará esse aspecto para confundir os outros e operar neles uma aversão à doutrina de Cristo pregada por aqueles que não tiveram um bom testemunho.

III Tendo resumidamente passado pelas qualificações do bispo do evangelho, podemos concluir: 1. Que grande motivo temos para clamar com Paulo: *Para essas coisas, quem é idôneo?* (2 Co 2.16). *Hic labor, hoc opus – Esse realmente é um trabalho.* Que piedade, que prudência, que zelo, que coragem, que fidelidade, que vigilância para conosco, nossas concupiscências e paixões, e para com aqueles que estão sob os nossos cuidados. Digo: Essa obra realmente necessita de uma vigilância santa! 2. Acaso os mais bem qualificados e os mais fiéis e conscienciosos ministros não têm motivos para queixar-se, com tantas qualificações e tanto trabalho a ser realizado? Quão distantes estão do ideal em relação ao que deveriam ser e fazer! 3. Mas, eles podem glorificar a Deus, e ser gratos, pelo fato de o Senhor os ter capacitado e considerado fiéis, colocando-os no ministério: se Deus se agrada em tornar alguém até certo ponto capaz e fiel, Ele precisa receber o louvor e a glória por isso. 4. Pelo alento a todos os ministros fiéis, que receberam a graciosa palavra da promessa: *Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos* (Mt 28.20). E, se está conosco, Ele nos qualificará para o nosso trabalho na medida certa, nos carregará no meio das dificuldades com consolo, perdoando graciosamente nossas imperfeições e recompensando nossa fidelidade com uma incorruptível coroa de glória (1 Pe 5.4).

As Qualificações dos Diáconos
vv. 8-13

Lemos aqui acerca do caráter dos diáconos: esses eram os responsáveis pelos interesses temporais da igreja, isto é, a manutenção dos ministros e a provisão pelos pobres. Eles serviam às mesas, enquanto os ministros ou bispos se dedicavam somente ao ministério da palavra e da oração (At 6.2,4). Atos 6.1-7 relata a instituição desse ofício e o motivo que o ocasionou. Um requisito necessário para ser diácono era ter bom caráter, porque auxiliavam os ministros, apareciam e agiam publicamente, e carregavam uma grande responsabilidade em seu serviço. Eles deveriam ser *honestos* (modestos, sóbrios). Sobriedade é dever de todo cristão, mas, especialmente daqueles que têm algum ofício na igreja. *Não de língua dobre*, ou seja, dizer uma coisa para uma pessoa e uma coisa diferente para outra, de acordo com os interesses do momento: uma língua dobre surge de um coração dobre. Bajuladores e difamadores têm uma língua dobre. *Não dados a muito vinho*, porque isso gera um descrédito muito grande para qualquer homem, especialmente para um cristão, ainda mais quando ocupa um ministério. Essa pessoa acaba se desqualificando para o serviço e abre a porta para muitas tentações. *Não cobiçosos de torpe ganância.* Isso seria especialmente mau para os diáconos, que tinham a responsabilidade de cuidar do dinheiro da igreja, e, se fossem avarentos e cobiçosos de torpe ganância, seriam tentados a apropriar-se fraudulentamente do dinheiro que deveria ser destinado para o serviço público. *Guardando o mistério da fé em uma pura consciência* (v. 9). Observe: O mistério da fé é mais bem mantido em uma consciência pura. O amor prático da verdade é o conservante mais poderoso contra o erro e a ilusão. Se mantivermos uma consciência pura (cuidado com tudo aquilo que corrompe a consciência e nos afasta de Deus), preservaremos o mistério da fé em nossa alma. *Também estes sejam primeiro provados* (v 10). Não é saudável que os bens públicos sejam depositados nas mãos de qualquer pessoa, sem primeiro ser provada, e encontrada apta para o serviço que deve realizar. A integridade de seus julgamentos, o zelo por Cristo e a irrepreensibilidade da sua conversão devem ser provados. Suas esposas, semelhantemente, devem ter um bom caráter (v. 11); elas devem ser respeitáveis, não maldizentes, não mexeriqueiras, não devem contar histórias injuriosas nem semear discórdia. Elas devem ser, sim, *sóbrias e fiéis em tudo.* Não dadas a nenhum tipo de excesso, mas leais em tudo que lhes é confiado. Todos que estão envolvidos em algum ministério devem dobrar seu cuidado para caminhar de maneira digna em relação ao evangelho de Cristo. Assim, não caminharão de maneira desordenada, nem mancharão o ministério. O que o apóstolo já havia dito a respeito dos bispos ou ministros, repete aos diáconos, ou seja: o diácono deve *ter somente uma esposa.* Ele não pode ter se

separado de sua esposa, por desafeição, e se casado com outra. Os diáconos devem *governar bem seus filhos e suas próprias casas*. As famílias dos diáconos deveriam ser exemplos às outras famílias. E o motivo para essa qualificação (v. 13) é que, embora o ofício de um diácono fosse de uma hierarquia inferior, ele poderia ser um passo para um grau maior e, esses que serviram mesas com propriedade, poderiam mais tarde servir na pregação da palavra e na oração. Talvez o apóstolo também esteja se referindo à boa reputação que esse diácono receberia pela sua fidelidade nesse ministério: eles *adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus*. Observe: 1. Na Igreja Primitiva havia somente duas ordens de ministros ou oficiais: *bispos* e *diáconos* (Fp 1.1). Os períodos subseqüentes inventaram o resto. O ofício do bispo, do presbítero, do pastor, ou do ministro se restringia à oração e ao ministério da palavra; e o ofício do diácono se limitava basicamente a servir às mesas. Clemente Romano, em sua epístola aos cristãos (cap. 42; 44), fala muito detalhadamente e claramente a esse respeito, de que os apóstolos, advertidos pelo nosso Senhor Jesus Cristo, sabiam que surgiria na Igreja cristã uma controvérsia acerca do *episcopado*, por isso nomearam as ordens supracitadas, bispos e diáconos. 2. O trabalho principal dos diáconos, de acordo com as Escrituras, era servir às mesas e não pregar e batizar. É verdade, no entanto, que Filipe pregou e batizou em Samaria (At 8), mas lemos que ele era um evangelista (At 21.8), e ele pode ter pregado e batizado, e realizado qualquer outra parte do ofício ministerial, debaixo dessa condição; ainda assim, o ofício de diácono visava cuidar dos interesses temporais da Igreja, como os salários dos ministros e prover para os pobres. 3. Diversas qualificações eram muito necessárias, mesmo para esses cargos inferiores: *Os diáconos sejam honestos* ("respeitáveis", versão RA) etc. 4. Algumas provas eram necessárias quanto às qualificações das pessoas antes de serem admitidas num cargo da igreja, ou, antes de terem sua confiança provada: *E também estes sejam primeiro provados*. 5. A integridade e a retidão em um ofício inferior são o caminho para se alcançar uma posição mais elevada na igreja: Os *diáconos adquirirão para si uma boa posição*. 6. Isso também resultará em grande ousadia na fé, enquanto a falta de integridade e retidão tornará uma pessoa tímida e pronta a tremer diante da própria sombra. *Fogem os ímpios, sem que ninguém os persiga; mas qualquer justo está confiado como o filho do leão* (Pv 28.1).

O Mistério da Piedade

vv. 14-16

O apóstolo conclui o capítulo com uma orientação particular a Timóteo. Ele esperava vê-lo em breve para dar-lhe mais orientações e auxílio em seu trabalho e para ver que o cristianismo foi bem planejado e criou raízes em Éfeso. Ele, portanto, escreveu de forma breve para ele. O apóstolo escreveu que caso *tardasse* Timóteo *soubesse como convém andar na casa de Deus*, como conduzir-se de acordo com um evangelista e substituto do apóstolo. Observe:

I Esses que estão servindo na casa de Deus devem cuidar para que se comportem de acordo, para que não tragam opróbrio para a casa de Deus e ao nome digno de quem os chamou. Os ministros devem comportar-se devidamente e cuidar não somente da sua oração e pregação, mas do seu comportamento. O seu ofício os vincula ao seu bom comportamento, porque qualquer comportamento não será suficiente nesse caso. Timóteo deve saber comportar-se, não somente na igreja específica onde foi designado para habitar por um tempo, mas, sendo evangelista e o substituto do apóstolo, ele deve aprender a comportar-se em outras igrejas, onde seria designado da mesma forma para habitar por um período; e, portanto, não é a igreja de Efeso, mas a igreja católica (ou "universal"), que é aqui chamada de a *casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo*. Observe o seguinte: 1. Deus é um Deus vivo. Ele é a fonte da vida. Ele é a própria vida e aquele que dá vida, a respiração e todas as coisas às suas criaturas. Nele vivemos, e nos movemos, e existimos (At 17.25,28). 2. A igreja é a casa de Deus; Ele mora lá. O Senhor escolheu Sião para ali morar. "Este é o meu repouso. Aqui habitarei, pois o escolhi". Ali podemos ver o poder e a glória de Deus (Sl 132.2).

II O grande amparo da Igreja é que ela é a Igreja do *Deus* vivo, o verdadeiro Deus em oposição aos falsos deuses, ídolos mudos e mortos.

1. Como a Igreja de Deus, ela é *a coluna e firmeza da verdade*; isto é: (1) Alguns entendem que a própria Igreja é a coluna e fundamento da verdade. Não que a autoridade das Escrituras dependa da autoridade da Igreja, como os papistas querem, porque a verdade é a coluna e fundamento da Igreja; mas é a Igreja que anuncia as Escrituras e a doutrina de Cristo, como a coluna à qual uma proclamação é afixada apresenta a proclamação. *Para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus* (Ef 3.10). (2) Outros entendem tratar-se de Timóteo. Ele, não só como pessoa, mas ele como evangelista, ele e outros ministros fiéis, são as colunas e a fundamento da verdade. O dever deles é manter, sustentar e divulgar as verdades de Cristo na igreja. Lemos que os apóstolos *eram considerados como as colunas* (Gl 2.9). [1] Vamos ser diligentes e imparciais em nossas próprias averiguações em torno da verdade. Vamos comprar a verdade a qualquer custo sem medir os esforços para descobri-la. [2] Vamos ser cuidadosos para guardá-la e preservá-la. "*Compra a verdade e não a vendas* (Pv 23.23, não te separes dela sob hipótese alguma". [3] Vamos cuidar para divulgá-la e transmiti-la de maneira segura e incorrupta para a posteridade. [4] Quando a Igreja deixa de ser a coluna e fundamento da verdade, vamos acabar abandonando-a; porque nosso respeito pela verdade deve ser maior do que o nosso respeito pela Igreja; já não somos mais obrigados a continuar na igreja quando ela deixa de ser a coluna e fundamento da verdade.

2. Mas qual é a verdade da qual as igrejas e ministros são as colunas e o fundamento? O apóstolo nos diz (v. 16) que *sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade*. O erudito Camero associa essa expressão ao texto anterior e interpreta da seguinte forma: "A coluna e firmeza da verdade, e *sem dúvida alguma, grande é o mis-*

tério da piedade". Ele entende que esse mistério é a coluna etc. Observe:

(1) O cristianismo é um mistério, um mistério que não podia ter sido descoberto pela razão ou à luz da natureza, e que não pode ser compreendido pela razão, porque ele está acima da razão, embora não seja contrário a ela. É um mistério, não filosofia ou especulação; mas de piedade, designado para promover piedade; e nesse sentido ele excede todos os mistérios dos gentios. Esse também é um mistério revelado, não trancado e selado; e ele não deixa de ser um mistério embora agora tenha sido em parte revelado. Mas:

(2) O que é esse mistério da piedade? O mistério é Cristo; e aqui estão seis coisas concernentes a Cristo, que compõem o mistério da piedade. [1] Que Ele é Deus manifestado na carne: *Deus foi manifestado na carne*(versão inglesa KJV). Isso prova que Ele é Deus, a Palavra eterna, que se tornou carne e se manifestou em carne. Quando Deus estava para ser manifestado ao homem Ele se agradou em manifestar-se na encarnação do seu próprio Filho: *o Verbo se fez carne* (Jo 1.14). [2] Ele *é justificado em espírito*. Embora fosse julgado como pecador e morto como um malfeitor, foi ressuscitado pelo Espírito, e, dessa forma, foi justificado de todas as calúnias que o sobrecarregavam. *Ele foi feito pecado por nós, e por nossos pecados foi entregue*; mas, ressuscitado, foi justificado no Espírito; isto é, ficou claro que seu sacrifício foi aceito, e assim Ele ressuscitou para a nossa justificação, quando *por nossos pecados foi entregue* (Rm 4.25). Ele foi mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito (1 Pe 3.18). [3] Ele foi *visto dos anjos*. Eles o adoraram (Hb 1.6); eles observaram sua encarnação, sua tentação, sua agonia, sua morte, sua ressurreição, sua ascensão. Isso o honra muito, e mostra o interesse poderoso que tinha no mundo acima, de modo que os anjos ministraram a Ele, porque Ele é o Senhor dos anjos. [4] Ele é *pregado aos gentios*. Essa é uma grande parte do mistério da piedade, que Cristo foi oferecido aos gentios como Redentor e Salvador; que, enquanto antes a salvação era para os judeus, o muro divisório foi agora derrubado, e os gentios foram incluídos. *Eu te pus para luz dos gentios* (At 13.47). [5] Que Ele foi *crido no mundo*, portanto, a pregação não foi em vão. Muitos gentios aceitaram o evangelho, o qual os judeus rejeitaram. Quem imaginaria que o mundo, que estava no maligno, creria no Filho de Deus, o aceitaria como seu Salvador, o mesmo que foi crucificado em Jerusalém? Mas, apesar de todo preconceito sofrido, Ele foi crido etc. [6] Ele foi *recebido acima, na glória*, em sua ascensão. Isso, na verdade, ocorreu antes de ser crido no mundo; mas, esse aspecto é colocado por último, porque era a coroa da sua exaltação e porque não se tem em mente apenas sua ascensão, mas o seu assentar à direita de Deus, onde vive para sempre, intercedendo, e tem todo o poder, tanto na terra como no céu, e, porque, na apostasia, do qual o apóstolo trata no capítulo seguinte, sua permanência no céu seria negada por aqueles que aspiravam trazê-lo para baixo nos seus altares nas hóstias consagradas. Observe que, em primeiro lugar, esse que foi manifestado na carne era Deus, realmente e verdadeiramente Deus, Deus por natureza, e não somente por ofício, porque isso o torna um mistério. Em segundo lugar, Deus foi manifestado na carne, carne de fato. *Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas* (Hb 2.14). E, o que é mais impressionante, Ele foi manifestado na carne depois que toda carne tinha corrompido o seu caminho, embora Ele fosse santo desde o ventre. Em terceiro lugar, a piedade é um mistério em todas as suas partes e ramos, desde o princípio até o fim, desde a encarnação de Cristo até a sua ascensão. Em quarto lugar, sendo um grande mistério, deveríamos humildemente respeitá-lo, e piamente acreditá-lo, e não curiosamente inquiri-lo, ou ser positivo demais em nossas explicações e determinações acerca desse mistério, além do que as Sagradas Escrituras têm revelado a nós.

CAPÍTULO 4

Paulo aqui prediz: I. Uma apostasia terrível (vv. 1-3). II. Ele trata da liberdade cristã (vv. 4,5). III. Ele dá a Timóteo diversas orientações para ele mesmo, sua doutrina e o povo debaixo do seu cuidado (vv. 6-16).

A Apostasia É Predita. A Liberdade Cristã

vv. 1-5

Temos aqui uma profecia da apostasia dos últimos tempos, da qual tinha falado como uma coisa esperada e tomada por certa entre os cristãos (2 Ts 2).

I No final do último capítulo, ele resumiu o mistério da piedade; e, portanto, muito adequadamente, no início desse capítulo, vemos o mistério da iniqüidade resumido: *O Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé*; quer ele se refira ao Espírito do Antigo Testamento, ou ao Espírito nos profetas do Novo Testamento, ou a ambos. As profecias referentes ao anticristo, bem como as profecias referentes a Cristo, vieram do Espírito. O Espírito nos dois falou expressamente de uma apostasia geral da fé em Cristo e da adoração pura em Deus. Isso deveria ocorrer nos *últimos tempos*, durante a dispensação cristã, porque esses são chamados de últimos dias; nas épocas seguintes da Igreja, porque o mistério da iniqüidade agora começou a agir. *Apostatarão alguns da fé*, ou haverá uma apostasia da fé. Alguns, não todos; porque nos piores tempos, Deus terá um remanescente, de acordo com a eleição da graça. *Apostatarão da fé*, a fé que foi dada aos santos (Jd 3), que foi dada de uma vez por todas, a sã doutrina do evangelho. *Dando ouvidos a espíritos enganadores*, homens que simulavam pelo Espírito, mas realmente não eram guiados pelo Espírito. *Amados, não creiais em todo espírito* (1 Jo 4.1), ou todos que simulam pelo Espírito. Observe aqui:

1. Um dos grandes exemplos da apostasia, ou seja, dar ouvidos a doutrinas de demônios, ou referentes a demônios; isto é, essas doutrinas que ensinam a adoração de santos e anjos, como uma espécie de deidade, entre o Deus imortal e os homens mortais, esses que os pagãos chamavam de demônios e os adoravam de acordo com

essa noção. Ora, isso claramente harmoniza com a Igreja de Roma, e foi um dos primeiros passos em direção a essa grande apostasia, a colocação dos mártires em um relicário, pagando honras divinas a eles, erigindo altares, queimando incenso, consagrando imagens e templos e fazendo orações e louvores em honra aos santos que partiram. Essa adoração a demônios é o paganismo revivido, a imagem da primeira besta.

2. Os instrumentos de promoção e propagação dessa apostasia e ilusão. (1) Isso será feito por meio da hipocrisia daqueles que falam mentiras, os agentes e emissários de Satanás, que promovem essas ilusões por mentiras e falsificações e milagres simulados (v. 2). Isso é feito pela hipocrisia deles, professando honra a Cristo, e, no entanto, ao mesmo tempo, lutando contra todos os seus oficiais ungidos e corrompendo e profanando todas as suas ordenanças. Isso também diz respeito à hipocrisia daqueles que *têm cauterizado a sua própria consciência*, que estão completamente perdidos desde os primeiros princípios da virtude e honestidade moral. Se os homens não tivessem sua consciência cauterizada, jamais usariam de poder para administrar com juramentos pela causa católica (ou "universal"), jamais poderiam sustentar que hereges guardassem a fé, jamais poderiam desnudar-se de todos os vestígios de humanidade e compaixão, e vestir-se com a crueldade mais bárbara, com o pretexto de promover os interesses da igreja. (2) Um outro aspecto do seu caráter é que proíbem o casamento, proíbem o clero de casar e falam de modo muito injurioso acerca do casamento, embora seja uma ordenança de Deus; eles também ordenam a *abstinência dos manjares*, e colocam a religião nesse tipo de abstinência em certos tempos e estações, somente para exercer uma tirania sobre a consciência das pessoas.

3. Sobre o todo, observe: (1) A apostasia dos últimos tempos não deveria nos surpreender, porque ela foi expressamente prenunciada pelo Espírito. (2) O Espírito é Deus, caso contrário Ele certamente não poderia prenunciar acontecimentos tão distantes, que para nós são incertos e inesperados, dependendo da disposição, do humor e entusiasmo das pessoas. (3) A diferença entre as predições do Espírito e os oráculos dos pagãos é marcante. O Espírito fala claramente, mas os oráculos dos pagãos estavam sempre em dúvida e incertos. (4) É consolador pensar que em apostasias gerais como essas nem todos serão afastados, mas somente alguns. (5) É comum para sedutores e enganadores imitar o Espírito, que é uma forte suposição de que todos estão convencidos de que isso muito provavelmente operará em nós uma aprovação do que simula vir do Espírito. (6) As pessoas precisam ser endurecidas, e sua consciência, cauterizada, antes de poderem afastar-se da fé e atrair outros para o seu lado. (7) Um sinal de que as pessoas afastaram-se da fé é quando ordenam o que Deus proibiu, tal como a adoração de santos, anjos ou demônios, e proíbem o que Deus permitiu, ou ordenou, como casamentos e manjares.

II Tendo mencionado seus jejuns hipócritas, o apóstolo aproveita para apresentar a doutrina da liberdade cristã a qual desfrutamos, de acordo com o evangelho, como boas criaturas de Deus. Debaixo da lei havia distinção de carnes puras e impuras (alguns tipos de carne eram permitidos, outros não); tudo isso é, agora, tirado. E não devemos chamar coisa alguma de comum ou imunda (At 10.15). Observe aqui: 1. Devemos olhar nossa comida como aquilo que Deus criou. Nós a recebemos dele e, portanto, devemos usá-la para Ele. 2. Deus, ao fazer essas coisas, tinha uma consideração especial para com *os que conhecem a verdade*, os bons cristãos, que têm um direito de aliança para com as criaturas, enquanto outros têm somente um direito comum. 3. Aquilo que Deus criou deve ser recebido *com ações de graças*. Não devemos rejeitar os dons da generosidade de Deus, nem ser escrupulosos em fazer diferenças onde Deus não as fez; mas recebê-los, e ser gratos, reconhecendo o poder de Deus, que os fez, e a generosidade de Deus, o Doador deles: *toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar* (v. 4). Isso claramente nos coloca em liberdade em relação a todas as distinções de carnes estipuladas pela lei cerimonial, especialmente a carne de porco, que os judeus estavam proibidos de comer, mas que é permitida a nós cristãos, por meio desta prescrição: *toda criatura de Deus é boa* etc. Observe: As boas criaturas de Deus são então boas, e duplamente doces para nós, quando são recebidas com ações de graças: *porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada* (v. 5). É coisa desejável ter uso santificado de nossas necessidades pessoais. Elas são santificadas para nós: (1) Pela palavra de Deus; não somente sua permissão, concedendo-nos a liberdade do uso dessas coisas, mas, sua promessa de nos alimentar com o alimento adequado para nós. Isso nos provê um uso santificado das nossas necessidades pessoais. (2) Pela oração, que abençoa nossa carne para nós. A palavra de Deus e a oração devem fazer parte das nossas ações e afazeres comuns, e, então, fazemos tudo pela fé. Observe aqui: [1] Toda criatura é de Deus, porque Ele fez tudo. *Meu é todo animal da selva* (diz Deus) *e as alimárias sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes; e minhas são todas as feras do campo* (Sl 50.10,11). [2] Toda criatura de Deus é boa: quando o Deus abençoado fez uma inspeção de toda a sua obra, viu tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom (Gn 1.31). [3] A bênção de Deus torna toda criatura nutritiva para nós. Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus (Mt 4.4), e, portanto, nada deve ser rejeitado. [4] Devemos, portanto, pedir sua bênção em oração e, dessa forma, santificar as criaturas que recebemos pela oração.

Exortação à Piedade. Exortação aos Deveres Ministeriais. Orientações a respeito da Disciplina

vv. 6-16

O apóstolo queria que Timóteo instilasse na mente dos cristãos sentimentos tais que pudessem impedi-los de serem seduzidos pelos mestres judaizantes. Observe: Os bons ministros de Jesus Cristo são diligentes no seu trabalho; não esses que estudam para desenvolver novas noções, mas que *propõe estas coisas aos irmãos que receberam e ouviram. Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas, ainda que bem as*

saibais (2 Pe 1.12). E, em outro texto: *Desperto com exortação o vosso ânimo sincero* (2 Pe 3.1). O apóstolo Judas diz: *Mas quero lembrar-vos* (Jd 5). Observe que os apóstolos e os homens apostólicos consideravam uma importante parte de seu trabalho lembrar seus ouvintes, visto que somos inclinados a esquecer e lentos em aprender e lembrar as coisas de Deus. Criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Observe: 1. Os próprios ministros têm necessidade de crescer no conhecimento de Cristo e na sua doutrina: eles precisam ser criados com as palavras da fé. 2. A melhor maneira para os ministros crescerem no conhecimento e na fé é despertar nos irmãos a lembrança; enquanto ensinamos aos outros, ensinamos a nós mesmos. 3. As pessoas que os ministros ensinam são irmãos e devem ser tratados como tais. Porque os ministros não são senhores da herança de Deus.

I A piedade é encorajada a ele e a outros: *rejeita as fábulas profanas e de velhas* (vv. 7,8). As tradições judaicas, pelas quais algumas pessoas se interessam, não têm nada que ver com elas. *Exercita-te a ti mesmo em piedade*, isto é, dedique-se à religião prática. Esses que desejam ser piedosos precisam exercitar-se na piedade. Ela requer constante exercício. O motivo é tirado do ganho da piedade; *o exercício corporal para pouco aproveita*, ou por pouco tempo. A abstinência de carnes e do casamento, e coisas semelhantes, embora sejam entendidas como ato de mortificação e abnegação, na verdade traz pouco proveito. Que proveito teremos se mortificarmos o corpo e não mortificarmos o pecado? Observe: 1. A piedade pode nos trazer muito ganho. Ela nos será útil a vida toda, porque tem *a promessa da vida presente e da que há de vir*. 2. O ganho da piedade está muito ligado à promessa: e as promessas feitas a pessoas piedosas estão relacionadas à vida de agora, mas especialmente à vida futura. No Antigo Testamento, as promessas eram quase sempre bênçãos temporais, mas no Novo Testamento, são bênçãos espirituais e eternas. Se as pessoas piedosas recebem apenas poucas coisas boas na vida atual, receberão tanto mais na vida que há de vir. 3. Havia fábulas profanas e de velhas nos dias dos apóstolos. E Timóteo, embora um homem excelente, não estava acima de uma palavra de conselho como essa: *Rejeita as fábulas* etc. 4. Não é suficiente rejeitar fábulas profanas e de velhas, mas precisamos exercitar-nos na piedade. Precisamos não somente deixar de fazer o mal, mas aprender a fazer o bem (Is 1.16,17). E precisamos tornar um hábito exercitar-nos na piedade. 5. Esses que de fato são verdadeiramente piedosos não serão perdedores no final, independentemente do que aconteça com aqueles que se satisfazem com o exercício corporal, porque a piedade tem a promessa etc.

II O encorajamento de que temos de continuar nos caminhos da piedade, e exercitar-nos nela, apesar das dificuldades e desânimos que encontramos no caminho. O apóstolo disse (v. 8) que *a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente*. Mas a pergunta é: Será que o ganho compensará a perda? Se isso não acontecer, não é ganho. Sim, estamos certos de que a piedade será proveitosa. Aqui está mais uma palavra fiel de Paulo, digna de toda a aceitação – que todo o nosso trabalho e perdas no serviço de Deus e o trabalho da religião será abundantemente recompensado. De modo que, embora possamos perder por causa de Cristo, não perderemos com Ele. *Para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo* (v. 10). Observe:

1. Pessoas piedosas devem trabalhar e esperar lutas. Elas devem fazer o bem, e mesmo assim esperar ao mesmo tempo sofrimento: labuta e dificuldades devem ser esperadas por nós neste mundo, não somente como pessoas, mas como santos.

2. Esses que trabalham e lutam no serviço de Deus e na obra da religião dependem do Deus vivo para que não saiam perdendo. Que isso possa servir de ânimo: *esperamos no Deus vivo*. A consideração de que o Deus que se incumbiu de ser o nosso pagador é o Deus vivo, que vive para sempre e é a fonte da vida a todos que o servem, deveria encorajar-nos em todos os nossos serviços e em todos os nossos sofrimentos por Ele, especialmente considerando que Ele é *o Salvador de todos os homens*. (1) Por suas providências Ele protege as pessoas e prolonga a vida dos filhos dos homens. (2) Ele deseja a salvação eterna de todas as pessoas, não desejando que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. Ele não deseja a morte dos pecadores. Ele é o Salvador de todas as pessoas a tal ponto que ninguém é deixado na mesma condição desesperadora em que se encontram os anjos caídos. Ora, se Ele é esse tipo de Salvador para todas as pessoas, podemos inferir que será muito mais o galardoador daqueles que o buscam e o servem. Se ele tem boa vontade tão grande por suas criaturas, quanto mais não fará pelas novas, que nasceram outra vez! Ele é o Salvador de todos os homens, mas, *principalmente, dos fiéis*. E a salvação que tem em depósito para aqueles que crêem é suficiente para recompensá-los por todos os seus serviços e sofrimentos. Aqui vemos: [1] A vida do cristão é uma vida de trabalho e sofrimento: *trabalhamos e lutamos* (ou, *trabalhamos e sofremos censura*, versão inglesa KJV). [2] O melhor que se pode esperar em nossa luta na vida presente é censura pelo nosso bom procedimento, por nossa obra de fé e trabalho de amor. [3] Verdadeiros cristãos confiam no Deus vivo. Pois, maldito é o homem que confia no homem, ou em alguém que não seja Deus. E esses que confiam nele nunca serão envergonhados. *Confiai nele em todo o tempo* (veja Sl 62.8). [4] Deus é o Salvador geral de todos os homens, à medida que os colocou em condições de serem salvos; mas Ele é, de uma maneira particular, o Salvador dos verdadeiros crentes; há, portanto, uma redenção geral e uma redenção especial.

III Ele conclui o capítulo com uma exortação a Timóteo:

1. Para *mandar e ensinar estas coisas* que o apóstolo tinha acabado de ensinar a ele. "Ordena-os a exercitar-se na piedade, ensina-os a tirar proveito dela; e, caso sirvam a Deus, estarão servindo a alguém que certamente os apoiará".

2. Para conduzir-se com a sobriedade e prudência que lhe trará respeito, apesar da sua mocidade: "*Nin-*

guém despreze a tua mocidade. Isto é, não permitas que alguém despreze a tua mocidade". A mocidade das pessoas não será desprezada se não se tornarem desprezíveis por meio da vaidade e insensatez. E isso, pessoas idosas podem fazer, que podem, portanto, culpar-se a si mesmas se forem desprezadas.

3. Para confirmar sua doutrina por meio de um bom exemplo: *Sê o exemplo dos fiéis* etc. Observe: Esses que ensinam a doutrina devem ensinar por meio da sua vida, caso contrário, eles derrubam com uma mão o que construíram com a outra: eles devem ser exemplos tanto *na palavra* quanto *no trato*. A conversa deles deve ser edificante, e isso será um bom exemplo: a conduta deles deve ser cuidadosa, e isso será um bom exemplo: eles devem ser exemplos *na caridade*, ou no amor a Deus e às pessoas boas; exemplos *no espírito*, isto é, na inclinação espiritual, na adoração espiritual; *na fé*, isto é, na profissão da fé cristã; e *na pureza* ou castidade.

4. Ele o incumbiu de estudar muito: *Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá* (v. 13). Embora Timóteo tivesse dons extraordinários, ele precisava usar meios comuns. Ou o apóstolo pode estar se referindo à leitura pública das Escrituras; ele deve *ler e exortar*, isto é, ler e expor, ler e imprimir neles o que leu; ele deve expor o texto tanto por meio da exortação quanto por meio da doutrina; ele deve ensiná-los naquilo que devem fazer e naquilo que devem crer. Observe: (1) Os ministros devem ensinar e ordenar as coisas que eles mesmos foram ensinados e ordenados a fazer; eles devem ensinar as pessoas a observar todas as coisas que Cristo mandou (Mt 28.20). (2) A melhor maneira de os ministros evitarem ser desprezados é ensinar e praticar as coisas pelas quais são responsáveis. Não é de admirar se os ministros são desprezados quando não ensinam essas coisas, ou que, em vez de serem exemplos do bem para os crentes, agem de maneira diretamente contrária à doutrina que pregam; pois os ministros devem ser exemplos para o seu rebanho. (3) Mesmo os ministros mais preparados para o seu trabalho devem dedicar-se aos estudos, para que possam crescer no conhecimento. E devem dedicar-se ao seu trabalho; também devem dedicar-se à leitura, à exortação e à doutrina.

5. Ele o incumbe a guardar-se da negligência: *Não desprezes o dom que há em ti* (v. 14). Os dons de Deus vão murchar se forem negligenciados. Aqui pode ser entendido tanto o ofício no qual estava envolvido, quanto as suas qualificações para esse ofício; caso seja o primeiro, foi a ordenação de uma maneira ordinária; se foi o último, isso ocorreu de maneira extraordinária. Parece ter sido o primeiro, porque ela ocorreu com *a imposição das mãos* etc. Veja aqui a ordenação de acordo com as Escrituras: ela ocorria com a imposição das mãos, ou seja, a imposição das mãos do presbitério. Observe: Timóteo foi ordenado por homens que estavam no ofício. Lemos em outro texto que um dom extraordinário foi conferido a ele pela imposição das mãos de Paulo, mas ele foi investido no ofício do ministério pela imposição das mãos do presbitério. (1) Podemos observar: O ofício do ministério é um dom, é o dom de Cristo; quando Ele subiu ao alto, recebeu dons para os homens e deu uns para apóstolos, outros para pastores e doutores (Ef 4.8,11), e esse foi um dom muito especial para sua igreja. (2) Os ministros não devem negligenciar ou desprezar o dom concedido a eles, quer por dom, que aqui entendemos como o ofício do ministério, quer pelas qualificações para esse ofício; nem um nem outro deve ser negligenciado. (3) Embora houvesse a profecia no caso de Timóteo (o dom foi dado por profecia), ela foi acompanhada pela imposição de mãos pelo presbitério, isto é, um determinado número de presbíteros. O ofício foi transmitido a ele dessa forma; e eu penso que aqui há uma garantia ou justificação suficiente para a ordenação por presbíteros, visto que não parece que Paulo estava preocupado com a ordenação de Timóteo. É verdade, dons extraordinários foram conferidos a ele pela imposição de mãos do apóstolo (2 Tm 1.6), mas, se ele estivesse interessado na sua ordenação, o presbitério não foi excluído, motivo pelo qual parece bastante evidente que o presbitério tem o poder inerente da ordenação.

6. Pelo fato de esse trabalho ser confiado a Timóteo, ele precisa *dedicar-se inteiramente* a ele: "Dedca-te a estas coisas, *para que o teu aproveitamento seja manifesto*". Ele era um homem sábio e instruído, e, mesmo assim, devia continuar progredindo, e mostrar que de fato cresceu no conhecimento. Observe: (1) Os ministros precisam separar muito tempo para a meditação. Eles precisam considerar antecipadamente como e o que devem falar. Eles precisam meditar na grande responsabilidade confiada a eles, na importância e valor de almas imortais, e na prestação de contas que terão de apresentar no final. (2) Os ministros devem dedicar-se inteiramente nessas coisas; eles devem considerar essas coisas como seu trabalho principal. (3) Dessa forma, o progresso será manifesto em todas as coisas, bem como para todas as pessoas; essa é a maneira de eles fazerem progresso no conhecimento e na graça, e também de fazerem os outros progredir.

7. Ele o exorta a ser muito cuidadoso: "*Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina*; reflete acerca do que pregas; *persevera nestas coisas*, nas verdades que recebeste; dessa forma, *te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem*". Observe: (1) Os ministros devem estar empenhados em uma obra salvadora, o que a torna uma boa obra. (2) O cuidado dos ministros deveria ser em primeiro lugar em salvar a si próprios: "Salve a você mesmo em primeiro lugar, assim você será um instrumento para salvar aqueles que o ouvem". (3) Os ministros na pregação devem buscar a salvação daqueles que os ouvem logo após a salvação da sua própria alma. (4) A melhor maneira de resolver esses dois fins é termos cuidado de nós mesmos etc.

CAPÍTULO 5

Neste capítulo, o apóstolo: I. Orienta Timóteo a como repreender (vv.1,2). II. Adverte em relação às viúvas, idosas e jovens (v. 3-16). III. Fala dos anciãos (vv. 17-19). IV. Trata da repreensão em público (v. 20). V. Apresenta uma ordem solene referente à ordenação (vv. 21,22). VI. Refere-se à sua saúde (v. 23) e cita os pecados dos homens que são muito diferentes nos seus efeitos (vv. 24,25).

O Apóstolo Orienta Timóteo a como Repreender

vv. 1-12

Aqui o apóstolo apresenta regras a Timóteo, e indiretamente a outros ministros, quanto à repreensão. Os ministros são repreendedores por ofício. Isso faz parte, embora seja a parte menos prazerosa, do seu ofício. Eles devem pregar, repreender e corrigir (2 Tm 4.2). Uma grande diferença deve ser feita em nossas repreensões, de acordo com a idade, qualidade e outras circunstâncias das pessoas corrigidas; por isso, um presbítero idoso deve ser tratado como um pai. *Apiedai-vos de alguns que estão duvidosos* (Jd 22). A regra é a seguinte: 1. Ser muito brando ao corrigir os anciões – anciões em idade, anciões por ofício. O respeito deve ser proporcional à dignidade dos seus anos e do posto, e, portanto, eles não devem ser repreendidos asperamente nem autoritariamente. Timóteo, embora um evangelista, deve tratá-los como a pais, porque essa seria a forma mais adequada de trabalhar com eles, e de ganhá-los. 2. Os moços devem ser repreendidos como irmãos, com amor e ternura; não buscando achar erros ou contendas, mas dispostos a fazer o melhor por eles. Necessita-se de muita brandura para repreender esses que precisam de repreensão. 3. As mulheres idosas devem ser repreendidas, quando for necessário, mas como mães. *Contendei com vossa mãe, contendei* (Os 2.2). 4. As moças devem ser repreendidas, mas *como a irmãs, em toda a pureza*. Se Timóteo que se mortificou para o mundo, a carne e os desejos, precisou ouvir uma admoestação como essa, quanto mais nós.

Orientações a respeito das Viúvas

vv. 3-16

Orientações são dadas aqui para a inscrição de viúvas na lista dos que precisam de cuidados e sustendo da igreja: *Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas*. Honre-as, isto é, acolha-as e sustente-as. Naquela época havia um trabalho na igreja realizado pelas viúvas, que visava a cuidar dos doentes e dos idosos, de acordo com a orientação dos diáconos. Lemos a respeito do cuidado que as viúvas recebiam logo após a formação da igreja cristã (At 6.1), onde os gregos achavam que suas viúvas pobres estavam sendo negligenciadas na ministração e provisão diária. A regra geral é *honrar as viúvas que verdadeiramente são viúvas*, sustentá-las com respeito e ternura.

I Ficou estabelecido que somente as viúvas que eram piedosas e devotas deveriam ser sustentadas pela caridade da igreja, e não viúvas levianas que *viviam em deleites* (vv. 5,6). A verdadeira viúva, que apesar de *desamparada espera em Deus*, é digna de ser sustentada pela igreja. Observe: É o dever e consolo daqueles que estão desamparados esperar em Deus. *Portanto*, Deus, às vezes, leva seu povo a esse tipo de dificuldades, quando não resta mais nada para confiar, para que com maior confidência confiem nele. A viuvez é um estado desolador; mas *as viúvas confiarão em mim* (Jr 49.11), e se alegrarão que têm um Deus em quem confiar. Repetindo: Aqueles que confiam em Deus devem *perseverar em oração*. Se nos entregarmos em confiança a Deus, pela oração devemos dar glória a Deus e entregar-nos à sua orientação. Ana era verdadeiramente uma viúva que *não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia* (Lc 2.37). A viúva não deveria *viver em deleites* (v. 6), ou licenciosamente. Uma viúva jovem não é verdadeiramente viúva, não adequada para estar debaixo do cuidado da igreja. *A que vive em deleites, vivendo, está morta*, não é um membro vivo da igreja, mas é como uma carcaça ou um membro mortificado. Podemos aplicar isso de forma mais geral; aqueles que vivem em deleites, estão mortos enquanto vivem, espiritualmente mortos, *mortos em ofensas e pecados* (veja Ef 2.1). Eles estão no mundo sem um propósito definido, enterrados vivos para os grandes propósitos da vida.

II Mais uma regra que ele apresenta é que a igreja não deveria se encarregar do sustento das viúvas que têm sua própria família e têm condições de sustentar-se por conta própria. Isso é mencionado diversas vezes (v. 4): *se alguma viúva tiver filhos ou netos*, ou familiares próximos, sejam elas sustentadas por eles, e não sobrecarreguem a igreja (veja v. 16). Chama-se isso de *piedade para com a sua própria família* (v. 4). Observe: O respeito dos filhos para com seus pais, e o seu cuidado por eles, é adequadamente chamado de piedade. Isso é recompensar ou retribuir os seus pais. Os filhos nunca podem retribuir satisfatoriamente seus pais pelo cuidado e esforço que tiveram deles; mas devem esforçar-se em fazê-lo. Caso os pais estejam em necessidade, a obrigação indispensável dos filhos, se tiverem condições, é sustentá-los com o máximo de esforço, *porque isto é bom e agradável diante de Deus*. Os fariseus ensinavam que uma oferta no altar era mais aceitável a Deus do que sustentar o pai ou a mãe (Mt 15.5). Mas, aqui lemos que esse sustento é *melhor do que todos os holocaustos e sacrifícios*; *isto é bom e agradável* etc. Ele volta a falar disso no versículo 8: *Se alguém não tem cuidado dos seus* etc. Se um homem ou uma mulher não sustentar seus pobres familiares que lhe pertencem, de fato, *negou a fé*. O intento de Cristo era confirmar a lei de Moisés, e mais especificamente a lei do quinto mandamento, que diz: *Honra a teu pai e a tua mãe*. Assim, esses que desobedecem a essa lei, negam a fé, principalmente quando não provêem para suas esposas e filhos, que são parte deles mesmos. Se eles gastam o dinheiro com luxúria em vez gastá-lo com sua família, negam a fé e são *piores do que os infiéis*. Um dos motivos para que esse cuidado seja tomado é que aqueles que são ricos sustentem seus pobres familiares, e não sobrecarreguem a igreja (v. 16), *para que se possam sustentar as que deveras são viúvas*. Observe: Uma caridade mal aplicada é um grande impedimento para a verdadeira caridade. Deveria haver prudência na escolha dos desígnios de caridade, para que não fosse desperdiçada com aqueles que não precisam tanto dela; assim haverá mais para aqueles que são os verdadeiros objetos da caridade.

III Ele apresenta orientações referentes à conduta das viúvas que deveriam fazer parte do gru-

po que receberia o sustento da igreja: não com menos de sessenta anos, nem alguém que se divorciou do seu marido ou divorciou-se do marido e casou-se novamente. Ela deveria ter sido *mulher de um só marido*, uma que tinha sido uma boa dona de casa, exercia a hospitalidade e caridade, e que tinha *testemunho de boas obras*. Observe: Deve-se ter um cuidado especial com aqueles, quando em dificuldades, que, quando tinham recursos, estavam prontos para toda boa obra. Lemos acerca das boas obras que são dignas de serem realizadas por boas esposas: *Se criou os filhos*. Ele não diz: Se deu à luz filhos (*os filhos são herança do Senhor*), o que depende da vontade de Deus; mas, se não tivesse filhos próprios, e mesmo assim tivesse criado filhos. *Se exercitou hospitalidade* e *lavou os pés aos santos*; se estava pronta para hospedar cristãos e ministros justos, quando viajavam para anunciar o evangelho. Lavar os pés dos amigos fazia parte da boa acolhida. *Se socorreu os aflitos* quando tinha condições de fazê-lo, ela deveria ser sustentada agora. Observe: Esses que desejam encontrar misericórdia quando estão em uma situação difícil devem mostrar misericórdia quando estão na prosperidade.

IV Ele os acautela para tomar cuidado ao aceitar no grupo essas que possivelmente não são confiáveis (v. 11): *As viúvas mais novas*; elas se aborrecerão com suas ocupações na igreja, e de viver de acordo com as regras; assim, vão *querer casar-se* e *aniquilar a primeira fé*. Lemos a respeito do primeiro amor (Ap 2.4), e aqui da primeira fé, isto é, a promessa que deram à igreja de comportar-se bem, de acordo com a confiança depositada nelas. Não parece que com a sua primeira fé deva se entender seu voto em não casar, porque as Escrituras silenciam acerca desse tópico; além disso, o apóstolo aqui aconselha as viúvas moças a se casarem (v. 14), o que ele não teria feito se, com isso, elas teriam quebrado seus votos. O Dr. Whitby comenta bem: "Se essa fé se refere à promessa feita à igreja para não casar, não poderia ser chamada de primeira fé". *Além disto, aprendem também a andar ociosas; e não só ociosas, mas também paroleiras* etc. (v. 13). Observe: Dificilmente pessoas ociosas são só ociosas; elas aprendem a ser *paroleiras e curiosas*, e a causar confusão entre os vizinhos e semear discórdia entre os irmãos. Essas que não tinham alcançado sobriedade suficiente para se tornarem diaconisas (ou as viúvas que cuidavam dos pobres da igreja), deveriam *casar, gerar filhos* etc. (v. 14). Observe: Se as donas de casa não tomam conta da casa, mas são tagarelas, dão oportunidade aos adversários do cristianismo difamar o nome de cristão, como parece ter ocorrido ali (v. 15). Aprendemos então o seguinte: 1. Na Igreja Primitiva, as viúvas pobres eram cuidadas e recebiam a devida provisão; e as igrejas de Cristo dos nossos dias deveriam seguir esse bom exemplo, tanto quanto possível. 2. Na distribuição da caridade ou donativos da igreja, grande cuidado deve ser tomado para que as pessoas que mais precisam e merecem a generosidade pública realmente a recebam. Uma viúva não deveria fazer parte dos cuidados específicos da igreja se tivesse familiares que fossem capazes de sustentá-la, ou se não tivesse uma boa reputação em realizar boas obras, mas vivia em prazeres: *Mas não admitas as viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se*. 3. O crédito da religião e a reputação das igrejas cristãs estão muito interessados no caráter e comportamento daquelas que ocupam algum cargo na igreja, mesmo que de uma natureza inferior (como o trabalho das diaconisas), ou que recebem donativos da igreja. Se não se comportarem bem, mas forem tagarelas e curiosas, elas darão ocasião à maledicência do adversário. 4. O cristianismo compele seus adeptos a socorrer seus amigos pobres, especialmente viúvas pobres, para que a igreja não seja sobrecarregada com eles, e possa socorrer aquelas que são verdadeiramente viúvas. Pessoas abastadas deveriam ter vergonha de sobrecarregar a igreja com seus familiares pobres, quando têm condições de socorrê-los. Assim a igreja pode suprir aqueles que não têm filhos ou netos.

Orientações a respeito dos Presbíteros. A Respeito da Disciplina na Igreja

vv. 17-25

Temos orientações:

I Referentes ao apoio aos ministros. Precisamos tomar o cuidado para que eles sejam sustentados de maneira honrosa (v. 17): *Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra* (isto é, sustento dobrado, o dobro do que tinham ou o que outros têm), *principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina*, esses que são mais diligentes do que outros. Observe: O presbitério governava, e os mesmos que governavam também *trabalhavam na palavra e na doutrina*: eles não tinham alguém que pregasse a eles e outro que os governasse, mas a obra era feita pela mesma pessoa. Alguns entendem que com a expressão *presbíteros que governam bem*, o apóstolo tem em mente anciãos (ou presbíteros) leigos, que estavam empenhados em governar, mas não em ensinar, que estavam empenhados com o governo da igreja, mas não interferiam na ministração da palavra e dos sacramentos; e eu confesso que esse é o texto mais claro das Escrituras que pode favorecer essa opinião. Mas, parece um pouco estranho que meros presbíteros administradores deveriam ser considerados dignos de duplicada honra, quando o apóstolo preferia pregar a batizar, e também preferiria pregar a governar a igreja. E é ainda mais estranho que o apóstolo não os mencione quando trata dos ministros da igreja. "Mas, como foi aludido anteriormente, eles não tinham, na Igreja Primitiva, alguém para pregar e alguém para governar, mas governo e ensino eram realizados pelas mesmas pessoas, em que provavelmente alguns tenham trabalhado mais na palavra e doutrina do que outros. Temos aqui: 1. O trabalho dos ministros. Ele consiste principalmente em duas coisas: governar bem e trabalhar na palavra e na doutrina. Essa era a tarefa principal dos anciãos ou presbíteros nos dias do apóstolo. 2. A devida honra àqueles que não eram ociosos, mas laboriosos nesse trabalho. Eles eram dignos de duplicada honra, estima e sustento. Ele cita as Escrituras para confirmar essa ordem quanto ao sustento dos ministros que podemos achar estranho. Mas isso mostra a importância que havia em muitas das leis de Moisés, e especi-

almente na seguinte: *Não atarás a boca ao boi, quando trilhar* (Dt 25.4). Os animais que eram usados para trilhar o grão (porque essa era a maneira de fazê-lo em vez de malhá-lo) podiam alimentar-se enquanto trabalhavam; assim, quanto mais trabalhavam mais alimento recebiam. Portanto, os presbíteros que trabalham na palavra e na doutrina devem ser bem providos: *porque digno é o operário do seu alimento* (Mt 10.10), e existem todos os motivos do mundo para que ele o receba. Podemos aprender o seguinte: (1) Deus, tanto debaixo da lei, quanto agora debaixo do evangelho, cuidou para que seus ministros fossem bem providos. Se Deus cuida de bois, será que não cuidará dos seus próprios servos? O boi somente trilha o trigo do qual fazem o pão que perece. Mas os ministros quebram o pão da vida que dura para sempre. (2) A subsistência confortável dos ministros: como é a designação de Deus de que aqueles que pregam o evangelho devem viver do evangelho (1 Co 9.14), assim é a justa obrigação deles, tanto quanto a recompensa do operário. Aqueles que deixam os ministros passar fome, ou não provêem devidamente por eles, serão cobrados no devido tempo.

II Referentes à acusação contra ministros (v. 19): *Não aceites acusação contra presbítero, senão com duas ou três testemunhas*. Aqui está o método bíblico de procedimento contra um presbítero, quando acusado de algum pecado. Observe: 1. Deve haver uma acusação. Não pode ser um relato incerto e apressado, mas uma denúncia, contendo uma acusação formal. Além disso, não deve haver uma investigação ou inquérito; isso ocorre de acordo com a prática atual de inquisição judicial, que formula artigos para os homens se justificar ou se inocentar a si mesmos desses crimes, ou então para acusar-se; mas, de acordo com o conselho de Paulo, deve haver uma acusação proposta contra um presbítero. 2. Essa acusação não deve ser recebida a não ser que seja apoiada por duas ou três testemunhas dignas de crédito. E a acusação deve ser recebida diante deles, isto é, o acusado deve estar face a face com os acusadores, porque a reputação de um ministro é, de uma maneira especial, uma coisa melindrosa. E, portanto, antes que qualquer coisa seja feita que possa macular essa reputação, grande cuidado deve ser tomado para que a coisa alegada contra ele seja bem provada, para que não seja repreendido diante de suposições levianas. Mas (v. 20), *aos que pecarem, repreende-os na presença de todos*; isto é, tu não precisas ser tão meigo com outras pessoas, mas repreende-as publicamente". Ou "aos que pecam diante de todos repreende diante de todos, para que o emplastro seja tão grande quanto a ferida, e que aqueles que estão em perigo de pecar, pelo exemplo da queda desses, sejam avisados, *para que também tenham temor*". Observe: (1) Pecadores escandalosos públicos devem ser repreendidos publicamente. Como o seu pecado foi público, e cometido diante de muitos, ou pelo menos que chegou ao ouvido de todos, assim a repreensão deles deve ser pública, e diante de todos. (2) A repreensão pública é designada para o bem dos outros, para que tenham temor, bem como para o bem do indivíduo repreendido; conseqüentemente, ela foi ordenada, debaixo da lei, para que ofensores públicos recebessem castigo público, para que assim *todo o Israel o ouça e o tema, e não se torne a fazer segundo esta coisa má* (veja Dt 13.11).

III Referentes à ordenação de ministros (vv. 22): *A ninguém imponhas precipitadamente as mãos*. Parece referir-se à ordenação de homens para o ofício do ministério, que não deve ocorrer de maneira apressada e inconsiderada, sem a devida prova dos seus dons e graças, suas habilidades e qualificações para o mesmo. Alguns entendem que se trata da absolvição ou perdão: "Não te apresses em impor as mãos sobre ninguém. Não afrouxes a repreensão da igreja a ninguém, até que no devido tempo possa se obter prova da sua sinceridade no seu arrependimento, *nem participes dos pecados alheios*", sugerindo que aqueles que são afáveis demais em afrouxar a repreensão da igreja encorajam os outros a serem coniventes nos mesmos pecados e se tornam, assim, culpados. Observe: Temos muita necessidade de estar atentos o tempo todo, para não nos tornarmos participantes dos pecados de outras pessoas. "Mantenha-se puro, não só para não fazer o mesmo, mas para não tolerar o pecado, ou ser de alguma forma cúmplice do mesmo, em outros". Temos aqui: 1. Uma precaução contra a apressada ordenação de ministros, ou a absolvição daqueles que têm estado debaixo da repreensão da igreja: *A ninguém imponhas precipitadamente as mãos*. 2. Esses que são precipitados, em qualquer um dos casos, se tornarão participantes nos pecados deles. 3. Devemos nos manter puros, se queremos ser puros; a graça de Deus nos faz e nos mantém puros, mas é pelos nossos próprios esforços.

IV Referentes à absolvição, à qual os versículos 24 e 25 parecem se referir: *Os pecados de alguns homens são manifestos, precedendo o juízo; e em alguns manifestam-se depois* etc. Observe: Os ministros precisam de muita sabedoria, para poderem se ajustar à variedade das ofensas e dos ofensores com os quais precisam lidar. Alguns pecados são claros e óbvios, em que não é necessária uma investigação sigilosa, em que não há controvérsia se devem ou não ser trazidos debaixo da repreensão da igreja; eles *precedem o juízo*, para levá-los à repreensão. *Alguns manifestam-se depois*; isto é, a maldade deles não aparece no momento, nem até depois que um exame devido tenha sido feito a esse respeito. Ou, como alguns entendem, alguns pecados continuam mesmo depois de serem repreendidos. Eles não são restaurados pela repreensão, e, nesse caso, não pode haver absolvição ou perdão. Assim, também, em relação às evidências do arrependimento: *as boas obras de algumas são manifestas, e os que são de outra maneira*, cujas boas obras não aparecem, as maldades deles *não podem* ser ocultar (versão inglesa KJV), e, assim, será fácil discernir quem deve ser absolvido e quem não. Observe: 1. Há o oculto e há o pecado aberto; os pecados de alguns são notórios antecipadamente, e levam a juízo, e alguns só mais tarde se manifestam. 2. Os pecadores devem ser tratados individualmente na igreja. 3. Os efeitos da repreensão da igreja são muito diferentes; alguns são, por meio dela, humilhados e trazidos ao arrependimento, de tal forma que suas boas obras são manifestas antecipa-

damente, ao passo que é bem diferente com outros. 4. O incorrigível não pode ser ocultado; porque Deus trará à luz as coisas ocultas das trevas e tornará manifestos os conselhos de todo coração.

V Referentes a Timóteo. 1. Uma ordem solene para ele ser cuidadoso com o seu ofício: *Conjuro-te, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos, que, sem prevenção, guardes estas coisas, nada fazendo por parcialidade* (v. 21). Observe: É prejudicial para os ministros quando são parciais, buscam o respeito das pessoas e dão preferência a uma pessoa em relação a alguma questão secular. O apóstolo ordena Timóteo, por tudo que é precioso, *diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos*, a guardar-se da parcialidade. Os ministros devem prestar contas a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, se, e como, eles obedeceram a todas as coisas ordenadas a eles; e ai daqueles que foram parciais em suas ministrações, por causa de alguma visão política mundana. 2. Ele lhe ordena a cuidar da sua saúde: *Não bebas mais água só* etc. Parece que Timóteo era um homem mortificado para os prazeres dos sentidos. Ele tomava água e não tinha uma constituição corporal forte; por isso, Paulo o aconselha a tomar um pouco de vinho para ajudar o seu estômago e melhorar a sua saúde. Observe: É um pouco de vinho, porque os ministros não devem ser dados a muito vinho; apenas o tanto para a saúde do corpo, e não para destemperá-lo, porque Deus fez o vinho para alegrar o coração do homem. Note: (1) A vontade de Deus é que as pessoas tomem todo cuidado em relação ao seu corpo. Não devemos torná-lo nosso senhor, nem nosso escravo; mas devemos usá-lo para que seja mais saudável e útil no serviço de Deus. (2) O vinho é mais apropriado para pessoas doentias e fracas, cujos estômagos estão freqüentemente desarranjados ou que lutam com enfermidades. *Dai bebida forte aos que perecem, e o vinho, aos amargosos de espírito* (Pv 31.6). (3) O vinho deveria ser usado como uma ajuda, e não como um impedimento, para o nosso trabalho e proveito.

CAPÍTULO 6

I. O apóstolo trata do dever dos servos (vv. 1,2). II. Dos falsos mestres (vv. 3-5). III. Da piedade e da avareza (vv. 6-10). IV. Das coisas de que Timóteo deveria fugir e o que deveria seguir (vv. 11,12). V. Uma ordem solene (vv. 13-16). VI. Uma ordem para os ricos (vv. 17-19). E, por último: Uma ordem para Timóteo (vv. 20,21).

O Dever dos Servos

vv. 1-5

I O dever dos servos. O apóstolo tinha falado anteriormente acerca dos relacionamentos na igreja; aqui ele trata dos relacionamentos na família. Lemos que os servos estão *debaixo do jugo*, o que denota sujeição e trabalho. Eles são subjugados para trabalhar, não para andar ociosos. Se os servos estão debaixo de jugo, o cristianismo não deve mudar isso; porque o evangelho não cancela as obrigações da lei da natureza ou do consentimento mútuo. Eles devem respeitar seus senhores, *estimá-los por dignos de toda a honra* (porque são seus senhores), com todo respeito, observância e obediência, que se espera legitimamente dos servos em relação aos seus senhores. Não que deveriam pensar deles o que não eram; mas como seus senhores, eles deveriam considerá-los dignos de toda honra, *para que o nome de Deus não seja blasfemado*. Se os servos que aceitaram a religião cristã se tornassem insolentes e desobedientes para com seus senhores, a doutrina de Cristo seria prejudicada, como se tornasse os homens piores do que eram antes de receber o evangelho. Observe: Se os adeptos da religião se portam mal, *o nome de Deus e a doutrina* estão em perigo de ser blasfemados por aqueles que buscam uma oportunidade para *blasfemar do bom nome que sobre nós foi invocado* (veja Tg 2.7). E essa é uma boa razão para nos conduzirmos bem, e assim impedirmos a oportunidade que muitos procuram para falar mal da religião cristã. Ou, suponha que o senhor e o servo sejam cristãos, será que isso não desculparia o servo, uma vez que *em Cristo não há servo nem livre*? Não, de forma alguma, porque Jesus Cristo não veio para desfazer o vínculo da relação civil, mas, sim, fortalecê-la: *os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos*; porque essa fraternidade está relacionada somente aos privilégios espirituais, e não a alguma dignidade ou vantagem exterior (há uma má interpretação e um abuso contra a religião cristã quando usam essa desculpa como pretexto para deixar de cumprir seus deveres em relação aos seus senhores); *antes, os sirvam melhor, porque eles são crentes e amados*. Eles devem se sentir ainda mais obrigados a servi-los por causa da fé e do amor que se requer de cristãos em fazer o bem; é nisso que consiste o seu serviço. Observe: É um grande encorajamento realizar nosso dever aos nossos familiares se temos motivos para pensar que são crentes e amados, *que participam do benefício*, isto é, do benefício do cristianismo. Repetindo: Senhores e servos crentes são irmãos e participantes do benefício; porque em Cristo Jesus não há nem servo nem livre, porque todos vocês são um em Cristo Jesus (Gl 3.28). Timóteo é designado para *ensinar e exortar isto*. Os ministros devem pregar não somente os deveres gerais de todos, mas também os deveres dos relacionamentos específicos.

II Paulo aqui adverte Timóteo a apartar-se daqueles que corromperam a doutrina de Cristo, e a tornram um objeto de luta, debate, e controvérsia (vv. 3-5): *Se alguém ensina alguma outra doutrina*, não prega de maneira prática, não ensina e exorta aquilo que é para a promoção de uma piedade séria; se não concorda com palavras sãs, palavras que têm uma disposição direta de curar a alma; se *não conforma* com essas coisas, mesmo as *palavras de nosso Senhor Jesus Cristo*. Observe: Não somos requeridos a concordar com as palavras em geral como sendo palavras sãs exceto as palavras do nosso Senhor Jesus Cristo; e a elas devemos dar nossa aprovação e concordância sincera, e para *com a doutrina que é segundo a piedade*. Observe: A doutrina

de nosso Senhor Jesus é uma doutrina segundo a piedade. Ela tem uma inclinação direta de tornar as pessoas piedosas. Mas esse que não concorda com as palavras de Cristo *é soberbo* (v. 4) e contencioso, ignorante, e causa muito prejuízo à igreja, não sabendo coisa alguma. Observe: Normalmente as pessoas mais soberbas são as que menos conhecem; porque com todo o seu conhecimento elas não conhecem a si mesmas. *Mas delira acerca de questões*. Aqueles que se afastam das doutrinas claras e práticas do cristianismo acabam caindo em controvérsias, que destroem a vida e o poder da religião. Eles deliram acerca de questões *e contendas de palavras*, que causam um grande dano à igreja, e causam *invejas, porfias, blasfêmias* e *ruins suspeitas*. Quando as pessoas não estão contentes com as palavras do Senhor Jesus Cristo e a doutrina que é segundo a piedade, mas inventam palavras próprias, que a sabedoria humana ensina, e que não estão de acordo com as palavras que o Espírito Santo ensina (1 Co 2.13), acabam semeando as sementes muito danosas na igreja. Daí surgem *contendas de homens corruptos de entendimento* (v. 5), contendas que são sutilezas e onde não há solidez alguma. Observe: Pessoas de entendimento corrupto são *privadas da verdade*. O entendimento das pessoas é corrupto porque não se apega *à verdade como está em Jesus: cuidando que a piedade seja causa de ganho*, fazendo com que a religião se submeta aos seus interesses seculares. Timóteo é advertido para afastar-se desse tipo de gente. Observamos: 1. As palavras do nosso Senhor Jesus Cristo são palavras sãs; elas são as mais adequadas para impedir ou curar as feridas da igreja, bem como para curar uma consciência machucada; porque Cristo tem a *língua erudita, uma boa palavra ao que está cansado* (Is 50.4). As palavras de Cristo são as melhores para impedir rupturas na igreja; porque ninguém que professe fé nele discutirá a competência ou autoridade das palavras daquele que é seu Senhor e mestre, e a igreja não tem sido bem-sucedida desde que as palavras de homens têm reivindicado uma atenção igual às palavras dele, e, em alguns casos, uma atenção muito maior. 2. Todo aquele que ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras é soberbo e nada sabe; porque a soberba e a ignorância normalmente andam juntas. 3. Paulo marca somente aqueles que não concordam com as sãs palavras do nosso Senhor Jesus Cristo e a doutrina que é segundo a piedade. Eles são soberbos e nada sabem: ele não conhecia outras palavras mais sãs do que essas. 4. Aprendemos os efeitos tristes de delirar acerca de questões e contendas de palavras. Sobre esses que deliram acerca de questões vêm invejas, porfias, blasfêmias e ruins suspeitas. Quando as pessoas abandonam as palavras sãs do nosso Senhor Jesus Cristo, elas nunca concordarão nas suas palavras, quer sejam palavras próprias ou a invenção de outras pessoas, mas perpetuamente discutirão e brigarão por elas. E isso produzirá inveja, quando perceberem que as palavras dos outros recebem a preferência em relação àquelas que adotaram para si; e isso será acompanhado de desconfiança e dúvidas uns dos outros, chamadas aqui de *ruins suspeitas*; então eles continuarão com discussões obstinadas. 5. Essas pessoas dadas a discussões obstinadas parecem ser pessoas corruptas de entendimento e destituídas da verdade; especialmente essas que agem dessa maneira por causa do ganho, que é toda sua piedade, *cuidando que a piedade seja causa de ganho*, contrário ao julgamento do apóstolo, que considerava a piedade um grande ganho. 6. Ministros e cristãos genuínos se afastarão desse tipo de pessoas. "Saí do meio deles, meu povo, e apartai-vos", diz o Senhor: A*parta-te dos tais*.

A Excelência do Contentamento. O Perigo da Avareza

vv. 6-12

Com base na menção do abuso que alguns atribuem à religião, para que sirva às suas necessidades seculares, o apóstolo:

I Aproveita a oportunidade para mostrar a excelência do contentamento e o mal da avareza.

1. A excelência do contentamento (vv. 6-8). Alguns consideram o cristianismo uma ocupação vantajosa para este mundo. Da forma como entendem isso é falso; no entanto, é indubitavelmente verdade que, embora o cristianismo seja o pior negócio, é o melhor chamado no mundo. Aqueles que fazem um negócio dele, meramente para servir seus interesses neste mundo, serão desapontados, e o considerarão um negócio triste; mas esses que o consideram seu chamado, e aí fazem dele o seu negócio, descobrirão que é um negócio rentável, porque tem a promessa da vida agora, bem como da vida futura.

(1) A verdade que ele apresenta é que *é grande ganho a piedade com contentamento*. Alguns traduzem essa expressão: *piedade com competência*; isto é, se uma pessoa tem muito pouco neste mundo, mas se tem o suficiente para viver, ele não precisa desejar mais; sua piedade com aquilo que tem será seu grande ganho. *Vale mais o pouco que tem o justo do que as riquezas de muitos ímpios* (Sl 37.16). Nós lemos: *piedade com contentamento*; a piedade em si é um grande ganho, ela é rentável em todas as coisas, e, onde quer que haja a verdadeira piedade, haverá contentamento; mas esses que alcançaram o clímax do contentamento com a piedade correspondente são certamente as pessoas mais felizes e tranqüilas neste mundo. *Piedade com contentamento*, isto é, o contentamento cristão (a satisfação deve vir dos princípios da piedade) é um grande ganho; ele é toda riqueza do mundo. A pessoa piedosa está certa do contentamento em outro mundo; e se apesar de tudo se acomoda com contentamento a essa condição neste mundo, ela tem suficiente. Temos aqui: [1] O lucro do cristão: piedade com contentamento. Esse é o verdadeiro modo de lucro, sim, esse é o próprio ganho. [2] O lucro do cristão é ótimo: ele não é semelhante ao lucro insignificante das pessoas deste mundo, que são tão aficionadas por um pouco de vantagem mundana. [3] A piedade sempre está acompanhada de contentamento em maior ou menor escala; todas as pessoas verdadeiramente piedosas aprenderam com Paulo, que independentemente do estado em que estão, devem contentar-se com o que tem (Fp 4.11). Elas estão contentes com o que Deus reparte para elas, sabendo que isso é o melhor para elas. Vamos, portanto, esforçar-nos para obter a piedade com contentamento.

(2) O motivo que ele dá para isso: *Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele* (v. 7). Essa é a razão para estarmos contentes com pouco. [1] Não podemos reclamar nada como dívida para conosco, porque viemos nus a este mundo. Tudo quanto possuímos desde então somos obrigados a reconhecer que o obtivemos por meio da providência divina; mas aquele que deu pode tirar o que e quando lhe apraz. Tínhamos nosso ser, nosso corpo, nossa vida (que é mais do que alimento, e que é mais do que vestuário), quando entramos neste mundo, embora estivéssemos nus e não trouxéssemos nada conosco. Não deveríamos estar contentes se continuamos vivos, embora não tenhamos tudo que gostaríamos de ter? Nada trouxemos para este mundo, e, mesmo assim, Deus proveu por nós, cuidou de nós, fomos alimentados toda a nossa vida até o dia de hoje; e, portanto, quando estamos diante das maiores necessidades, não podemos estar mais pobres do que quando chegamos a este mundo. Desde então, Deus proveu por nós; portanto, vamos confiar em Deus para a parte restante da nossa peregrinação [2] Não vamos levar nada deste mundo. Uma mortalha, um caixão e um túmulo, é tudo que o homem mais rico do mundo pode ter da sua riqueza. Portanto, por que deveríamos cobiçar muito? Por que não deveríamos estar contentes com pouco, pois, independentemente de quanto temos, deixaremos tudo para trás (Ec 5.15,16)?

(3) Disso ele infere: *Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes* (v. 8). Sustento e uma *cobertura*, incluindo habitação, bem como vestuário. Observe: Se Deus nos deu o sustento necessário para a vida, deveríamos estar contentes com isso, embora talvez não desfrutemos das delícias deste mundo. Se a natureza se contentasse com pouco, a graça deveria se contentar com menos. Embora não vivamos com iguarias, embora não tenhamos roupas caras, se tivermos somente sustento e com que nos cobrir, estejamos contentes. A oração de Agur era a seguinte: *Não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostumada* (Pv 30.8). [1] Vemos a insensatez em colocar nossa felicidade nessas coisas, quando não trouxemos nada para este mundo e não vamos levar nada conosco. O que as pessoas deste mundo farão quando a morte os despojar da sua felicidade e porção, e elas precisarem dizer adeus para sempre a todas essas coisas, com as quais estavam tão enamoradas? Elas podem dizer com Mica: *Os meus deuses me tomastes; que mais me fica agora*? (Jz 18.24). [2] As coisas necessárias da vida são os limites de um verdadeiro desejo cristão, e com elas ele se esforçará em estar contente; seus desejos não são insaciáveis; não, apenas um pouco, alguns confortos desta vida, serão suficientes, e nisso ele espera se alegrar: *Tendo sustento e com que se cobrir.*

2. O mal da avareza. *Os que querem ser ricos* (que colocam seus corações na riqueza deste mundo, e são determinados, certos ou errados, eles a terão) *caem em tentação, e em laço* (v. 9). Não está dito: "os que são ricos", mas "os que querem ser ricos", isto é, os que colocam sua felicidade na riqueza mundana, que a cobiçam desordenadamente, e são ansiosos e impetuosos na sua busca. Esses *caem em tentação, e em laço*, inevitavelmente; porque quando o Diabo vê aonde seus desejos os levam, ele logo coloca sua isca no devido lugar. Ele sabia quão aficionado Acã estava por uma cunha de ouro, e, portanto, colocou isso diante dele. Eles caem *em muitas concupiscências loucas e nocivas*. Observe:

(1) O apóstolo presume que: [1] Alguns serão ricos; isto é, eles estão determinados para alcançar a riqueza; nada que não seja uma grande abundância os satisfará. [2] Esses tais não estarão seguros nem inocentes, porque estarão em perigo de destruir-se para sempre; eles caem em tentação, e em laço etc. [3] As concupiscências mundanas são loucas e nocivas, porque submergem as pessoas na destruição e perdição. [4] Precisamos considerar seriamente a maldade das concupiscências carnais e mundanas. Elas são loucas, e, portanto, deveríamos estar envergonhados delas; nocivas, e, portanto, deveríamos temê-las, especialmente considerando até que grau são perniciosas, porque elas *submergem os homens na perdição e ruína.*

(2) O apóstolo afirma que *o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males* (v. 10). Tendo o amor do dinheiro, por quais pecados o homem não será atraído? Particularmente, isto estava na base da apostasia de muitos da fé cristã; enquanto cobiçavam dinheiro, eles *se desviavam da fé*, abandonavam o cristianismo e *traspassavam a si mesmos com muitas dores*. Observe: [1] Qual é a raiz de toda espécie de males? O amor ao dinheiro. As pessoas podem ter dinheiro, e mesmo assim não amá-lo. Mas, se o amarem imoderadamente, ele as levará para toda espécie de males. [2] Pessoas cobiçosas renunciarão a sua fé, se isso as levar a ganhar dinheiro: *Nessa cobiça alguns se desviaram da fé. Demas me desamparou, amando o presente século* (2 Tm 4.10). O mundo era mais precioso para ele do que o cristianismo. Observe: Aqueles que se afastam da fé, se traspassam com muitas dores. Aqueles que se afastam de Deus, apenas acumulam dores para si mesmos.

II Por essa razão, ele aproveita a oportunidade para acautelar Timóteo e aconselhá-lo a manter-se no caminho de Deus e no seu dever, e mais especificamente para ser digno da confiança depositada nele como ministro. O apóstolo chama Timóteo de *homem de Deus*. Ministros são homens de Deus e devem se conduzir de acordo em todas as coisas. Eles são homens para Deus, devotados à sua honra mais imediatamente. Os profetas do Antigo Testamento eram chamados de homens de Deus. 1. Ele ordena Timóteo a acautelar-se do amor ao dinheiro, que tinha sido tão pernicioso para tantos: *foge destas coisas*. Faz mal para qualquer pessoa, mas especialmente para homens de Deus, colocar seu coração em coisas deste mundo. Homens de Deus deveriam dedicar-se às coisas de Deus. 2. Ele fala a Timóteo para armá-lo contra o amor ao mundo, o apóstolo o orienta a seguir aquilo que é bom: *segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão*: justiça em sua conduta com os homens, piedade em relação a Deus, fé e amor como princípios de vida, para apoiá-lo e levá-lo adiante na prática da justiça e da piedade. Esses que seguem a justiça e a piedade, como princípio de fé e amor, precisam usar a paciência e a mansidão – paciência para suportar as repreensões da Providência e dos homens, e

mansidão para instruir os contraditores e para não tomar conhecimento das afrontas e insultos. Observe: Não é suficiente para um homem de Deus fugir destas coisas, mas ele deve seguir aquilo que é diretamente contrário a elas. Além disso, aqueles que seguem a justiça são excelentes homens de Deus. Eles são os excelentes da terra, e, sendo aceitáveis por Deus, deveriam ser aprovados pelos homens. 3. Ele exorta Timóteo a exercer a função de um soldado: *Milita a boa milícia da fé.* Observe: Esses que irão para o céu devem militar seu caminho até lá. Deve haver um combate contra a corrupção e as tentações, e a oposição dos poderes das trevas. Observe: Essa é uma boa milícia, é uma boa causa, e ela levará a um bom termo. É um combate de fé. Não militamos segundo a carne, porque as armas da nossa milícia não são carnais (2 Co 10.3,4). 4. Ele o exorta a *tomar posse da vida eterna.* Observe: (1) A vida eterna é a coroa proposta para nós, para o nosso encorajamento na guerra, e para militar a boa milícia da fé, a boa batalha espiritual. (2) Devemos tomar posse dela, como aqueles que estão com medo de não alcançá-la e perdê-la. *Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa* (Ap 3.11). (3) Somos chamados a batalhar e a tomar posse da vida eterna. (4) A profissão de fé que Timóteo e todos os ministros fiéis fazem diante de muitas testemunhas é uma boa profissão; porque eles professam e se comprometem a militar a boa milícia da fé e a tomar posse da vida eterna. O chamado deles e a própria profissão de fé os obriga a isso.

O Pedido Solene do Apóstolo. Advertência aos Ricos

vv. 13-21

O apóstolo aqui ordena Timóteo a *guardar este mandamento* (isto é, toda a obra do seu ministério, toda confiança depositada nele, todo serviço esperado dele) *sem mácula e repreensão.* Ele deve conduzir-se dessa forma no seu ministério para não se expor a nenhuma falta ou mancha. Quais eram os motivos para levá-lo a isso?

I O apóstolo dá a Timóteo uma ordem solene: *Mando-te diante de Deus*. Ele o manda sabendo que deverá responder no grande dia a esse Deus cujos olhos estão sobre todos nós, que vê o que somos e o que fazemos: *Deus, que todas as coisas vivifica*, que tem vida em si mesmo e é a fonte da vida. Isso deveria nos vivificar para o serviço de Deus. Servimos a um Deus que vivifica todas as coisas. Ele o exorta diante de Cristo Jesus, a quem ele estava relacionado de uma maneira peculiar como ministro do seu evangelho: *que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão.* Observe: Cristo morreu não somente como sacrifício, mas como mártir; e Ele testemunhou de boa confissão quando foi chamado a juízo diante de Pilatos, dizendo (Jo 18.36,37): *O meu Reino não é deste mundo: Eu vim a fim de dar testemunho da verdade.* Essa boa confissão de Jesus diante de Pilatos (*O meu Reino não é deste mundo*) deveria ser eficaz para afastar todos os seus seguidores, ministros e o povo do amor pelo mundo.

II O apóstolo o lembra da confissão que ele próprio tinha feito: Tu tens *feito boa confissão diante de muitas testemunhas* (v. 12), a saber, quando foi ordenado pela imposição de mãos por parte do presbitério. A obrigação dessa ordenação continuava sobre ele, e ele precisa viver à altura dela e ser vivificado por meio dela, para fazer a obra do seu ministério.

III O apóstolo o lembra da segunda vinda de Cristo: "*Guarda este mandamento – até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo.* Guarda-o enquanto viver, até que Cristo venha na morte para dar a exoneração. Guarda-o de olho na sua segunda vinda, quando todos precisaremos prestar contas dos talentos que nos foram confiados" (Lc 16.2). Observe: O Senhor Jesus Cristo aparecerá, e será uma aparição gloriosa, não como a sua primeira aparição nos dias da sua humilhação. Os ministros devem estar alerta em relação a essa aparição do Senhor Jesus Cristo em todas as suas ministrações, e, até a sua aparição, eles devem guardar esse mandamento sem mácula e repreensão. Mencionando a aparição de Cristo, como alguém que a amava, Paulo tem prazer de falar dela e prazer de falar daquele que aparecerá naquele dia. A aparição de Cristo é certa (*ele a mostrará*), mas não devemos nos preocupar com os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder (veja At 1.7): deveria ser suficiente para nós, que a seu tempo, no tempo que achar apropriado, Ele a mostrará. Observe:

1. O apóstolo fala grandes coisas a respeito de Cristo e de Deus, o Pai. (1) Que Deus é o Todo-Poderoso. Os poderes dos príncipes terrenos são todos provenientes dele, e estão subordinados a Ele. As autoridades que existem são ordenadas por Deus (Rm 13.1). Ele é o Todo-Poderoso que é absoluto e soberano e perfeitamente independente. (2) Ele é Santo, Todo-Poderoso, infinitamente imparcial, e nada pode diminuir de maneira alguma sua imparcialidade. (3) Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Todos os reis da terra derivam seu poder dele. Ele lhes deu as suas coroas, eles as seguram debaixo dele, e Ele tem um domínio soberano sobre eles. Esse é o título de Cristo escrito *na veste e na sua coxa* (Ap 19.16); porque Ele tem um nome superior ao nome dos reis da terra. (4) Somente Ele tem imortalidade. Ele é o único imortal em si mesmo. Somente Ele tem a imortalidade, visto que é a fonte dela, porque a imortalidade dos anjos e espíritos derivou-se dele. (5) Ele habita *na luz inacessível*: ninguém pode ir ao céu, a não ser aqueles que ele escolheu levar para o seu reino. (6) Ele é invisível: *a quem nenhum dos homens viu nem pode ver.* É impossível que olhos mortais suportem o brilho da sua glória divina. Ninguém pode ver a Deus e viver.

2. Tendo mencionado esses atributos gloriosos, o apóstolo conclui com uma doxologia: *ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.* Uma vez que Deus tem todo poder e honra nele, é nosso dever atribuir todo poder e honra a Ele. (1) Como o pecado é pernicioso, quando é cometido contra um Deus como esse, o bem-aventurado e Todo-Poderoso! A maldade do pecado cresce em proporção com a dignidade daquele contra quem é cometido. (2) Grande em condescendência, ao se importar com criaturas tão vis e desprezíveis como nós. O que somos afinal,

para o Deus bem-aventurado, o Reis dos reis e Senhor dos senhores, se interessar por nós? (3) Bem-aventurados são aqueles a quem se permite morar com esse grande e Santo Todo-Poderoso. *Bem-aventurados os teus homens* (diz a rainha de Sabá ao rei Salomão), *bem-aventurados estes teus servos que estão sempre diante de ti* (1 Rs 10.8). Muito mais bem-aventurados são aqueles que são permitidos estar diante do Rei dos reis. (4) Vamos amar, adorar, e louvar o grande Deus. *Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo* (Ap 15.4).

IV O apóstolo acrescenta, por meio de uma proscrição, uma lição aos ricos (vv. 17-19).

1. Timóteo deve exortar os ricos a tomar cuidado com as tentações, e aproveitar as oportunidades do seu estado próspero. (1) Ele deve acautelá-los para que cuidem da soberba. Esse é um pecado que facilmente envolve os ricos, sobre quem o mundo sorri. Manda que *não sejam altivos*, ou pensem mais do que deviam a respeito de si próprios, ou se inchem com a sua riqueza. (2) Ele deve acautelá-los contra a vã confiança na riqueza. Manda que não *ponham a esperança na incerteza das riquezas*. Nada é mais incerto do que a riqueza deste mundo. Muitos têm muita riqueza em um dia e têm sido despojados dela no dia seguinte. A riqueza fará asas para si e voará ao céu como a águia (Pv 23.5). (3) Ele deve exortá-los a *pôr a esperança em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas desfrutarmos*. Esses que são ricos devem entender que Deus é o doador dessas riquezas, que as dá para que gozem delas; porque muitos têm riquezas, mas não gozam delas, nem têm um coração para usá-las de maneira devida. (4) Ele deve exortá-los a fazer o bem com o que têm (porque o que é melhor do que a oportunidade de fazer o máximo de bem possível?): Para que *enriqueçam em boas obras*. Os verdadeiramente ricos são ricos em boas obras. Para que *repartam de boa mente e sejam comunicáveis*: não somente de fazê-lo, mas de fazê-lo de boa mente, porque *Deus ama ao que dá com alegria* (veja 2 Co 9.7). (5) Ele deve exortá-los a pensar em outro mundo e preparar-se para o que virá por meio de obras de caridade: *que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro*, para que possam assegurar a vida eterna.

2. Podemos observar o seguinte: (1) Os ministros não devem temer os ricos. Independentemente de quão ricos sejam, devem falar com eles, e exortá-los. (2) Eles devem acautelá-los contra a soberba, a vã confiança em suas riquezas: *que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas*. Anime-os para que realizem obras de piedade e caridade: *que façam o bem* etc. (3) Essa é a forma dos ricos de ajuntar para si mesmos visando ao futuro, para que possam garantir a vida eterna. Ao fazer o bem, devemos procurar glória, e honra, e incorrupção, *e a vida eterna será o final de tudo* (Rm 2.7). (4) Aqui está uma lição para os ministros apresentada a Timóteo: *guarda o depósito que te foi confiado*. Todo ministro é um curador ou fideicomisso, a quem foi confiado um tesouro, que ele precisa guardar. Guardem as verdades de Deus, as ordenanças de Deus, *tendo horror aos clamores vãos e profanos*; não simulando a eloqüência humana, que o apóstolo chama de clamores vãos, ou erudição humana, que com freqüência se opõe às verdades de Deus, mas mantenham-se próximos da palavra escrita, porque esse depósito foi a nós confiado. Alguns que têm sido muito soberbos em relação à sua erudição, a *falsamente chamada ciência*, têm sido debochados em seus princípios e desviados da fé de Cristo, que é um bom motivo para guardarmos a clara palavra do evangelho e resolver viver e morrer de acordo com ela. Observe: [1] Os ministros devem ser exortados seriamente a guardar o depósito que a eles foi confiado, porque é uma grande confiança depositada a eles: *Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado*! Como se o apóstolo tivesse dito: "Não posso concluir sem exortá-lo mais uma vez. Independentemente do que faça, esteja certo de guardar essa confiança, porque é uma confiança preciosa demais para ser abandonada". [2] Os ministros devem evitar clamores, porque são vãos e profanos. Eles devem, sim, guardar o depósito que foi confiado a eles. [3] Essa ciência que se opõe à verdade do evangelho é falsamente chamada assim; ela não é uma ciência verdadeira, porque se fosse, aprovaria o evangelho. [4] Esses que são tão aficionados por essa ciência estão correndo grande risco de enganar-se em relação à fé. Esses que são a favor de colocar a razão acima da fé estão em perigo de desviar-se da fé.

V Nosso apóstolo conclui com uma oração solene e uma bênção: *A graça seja contigo. Amém*. Observe: Essa é uma oração breve, porém abrangente, pelos nossos amigos, porque a graça abrange nela tudo que é bom, e a graça é o início da glória; porque, onde quer que Deus der graça, Ele dará glória, e não reterá nenhuma coisa boa daquele que caminha honestamente. A graça seja com todos vocês. Amém.

2 TIMÓTEO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Esta segunda epístola Paulo escreveu a Timóteo, de Roma, quando era prisioneiro ali e corria risco de vida. As seguintes palavras deixam isso claro: *Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo* (cap. 4.6). Parece que sua remoção deste mundo, em sua própria percepção, não estava longe. Especialmente considerando-se o furor e a maldade dos seus perseguidores, e sua ida perante Nero, que chama de *sua primeira defesa, quando ninguém o assistiu; antes, todos o desampararam* (cap. 4.16). Intérpretes concordam que essa foi a última epístola que o apóstolo escreveu. Não se sabe ao certo onde Timóteo estava. O escopo dessa epístola difere um pouco da anterior, não se referindo tanto ao seu ofício como evangelista, mas ao seu comportamento e conduta pessoais.

CAPÍTULO 1

Após a introdução (vv. 1,2), temos: I. O sincero amor de Paulo por Timóteo (vv. 3-5). II. Diversas exortações dadas a ele (vv. 6-14). III. Ele fala de Fígelo e Hermógenes, entre outros, e conclui com Onesíforo (v. 15 até o final).

Introdução. A Fé e Santidade de Timóteo
vv. 1-5

Aqui está:

I A dedicatória da epístola denomina o próprio Paulo *um apóstolo pela vontade de Deus*, simplesmente por sua benevolência e por sua graça, da qual se declara indigno. *Segundo a promessa de vida que está em Cristo Jesus*, ou de acordo com o evangelho. O evangelho é a promessa de vida em Cristo Jesus. A vida é o alvo; e Cristo, o caminho (Jo 14.6). A vida é colocada na promessa; e ambas estão seguras em Cristo Jesus, a testemunha fiel. *Porque todas quantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém* (2 Co 1.20). Ele chama Timóteo de *filho querido*. Paulo sentiu a mais cordial afeição por ele, tanto porque foi instrumento de sua conversão quanto pelo fato de, como um filho ao pai, ter servido com ele no evangelho. Observe: 1. Paulo era um apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus. Como ele não recebera o evangelho de homem, nem tinha sido ensinado por ele, mas o recebeu pela revelação de Jesus Cristo (Gl 1.12), assim sua comissão para ser apóstolo não foi pela vontade de homem, mas de Deus. Na epístola anterior, ele diz que foi *segundo o mandado de Deus, nosso Salvador* e, aqui, *pela vontade de Deus*. Deus o chamou para ser apóstolo. 2. Temos a promessa da vida. Que Deus seja bendito por ela: *Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos* (Tt 1.2). É uma promessa para descobrir a liberdade e certeza dela. 3. Essa, bem como as outras promessas, é em Cristo e por meio dele. Todas elas surgem da misericórdia de Deus, em Cristo, e elas são certas, para que possamos delas depender com segurança. 4. A graça, misericórdia e paz, que o mui amado filho de Paulo, Timóteo, queria, vêm de Deus, o Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor. Conseqüentemente, tanto um quanto o outro é o doador dessas bênçãos, e devem ser utilizadas para Eles. 5. As melhores pessoas querem essas bênçãos, e estas são as melhores bênçãos que podemos pedir para nossos mui amados amigos, para que possam ter graça para ajudá-los em tempo de necessidade, e misericórdia para perdoar o que está errado, e dessa forma tenham paz com Deus, o Pai, e Cristo Jesus, nosso Senhor.

II Ações de graça de Paulo a Deus pela fé e santidade de Timóteo: ele agradece a Deus o fato de fazê-lo lembrar-se de Timóteo em suas orações. Observe: Independentemente do bem que fazemos, e dos bons préstimos que dispensamos aos nossos amigos, Deus deve receber toda a glória, e nós devemos agradecer-lhe. É Deus quem coloca em nosso coração a memória de pessoas específicas para orarmos por elas. Paulo orava muito. Ele orava dia e noite. Em todas as suas orações, ele se lembrava de seus amigos. Ele orava de forma particular por bons ministros; ele orava por Timóteo e fazia *memória dele nas suas ora-*

ções, noite e dia. Ele o fazia sem cessar. A oração era seu constante afazer. E ele nunca se esquecia de seus amigos, como ocorre conosco com freqüência. Paulo serviu ao Deus dos seus antepassados com uma consciência pura. Era um consolo para ele saber que Timóteo nascera na casa de Deus e era a semente daqueles que o serviam, assim como ele o servia com uma consciência pura, da melhor forma possível. Ele guardou a consciência sem ofensa e se esforçava diariamente para fazê-lo (At 24.16). Paulo *desejava muito vê-lo,* por causa do grande amor que tinha por ele, para que pudesse ter comunhão com ele, *lembrando-se de suas lágrimas* na sua última partida. Timóteo estava triste com a partida de Paulo, e chorou na sua despedida. Por essa razão, Paulo desejava vê-lo novamente, porque percebeu a grande afeição de Timóteo por ele. Ele agradece a Deus que Timóteo tenha guardado a fé de seus antepassados (v. 5). Observe: A herança da fé foi transmitida a Timóteo por sua mãe. Ele tinha uma mãe e uma avó devotas: elas creram, embora seu pai não o fizesse (At 16.1). É uma coisa consoladora quando os filhos imitam a fé e santidade de seus piedosos pais, e seguem seus passos (3 Jo 4). *Habitou primeiro em tua avó e em tua mãe, e estou certo de que também habita em ti.* Paulo tinha uma opinião muito caridosa de seus amigos. Ele estava bem disposto a esperar o melhor deles. Na verdade, ele tinha muitos motivos para pensar o melhor de Timóteo, porque *a ninguém tinha de igual sentimento* (Fp 2.20). Observe: 1. Devemos, de acordo com o apóstolo Paulo, servir a Deus com uma consciência pura, de acordo com os seus e nossos antepassados. Devemos fazê-lo *com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência* (Hb 10.22). 2. Em nossas orações devemos fazer memória sem cessar dos nossos amigos, especialmente dos fiéis ministros de Cristo. Paulo se lembrava do seu amado filho Timóteo em suas orações noite e dia. 3. A fé que habita em crentes verdadeiros é não fingida; ela é sem hipocrisia; essa é uma fé que permanecerá firme diante da provação, e habita neles como um princípio vivo. A fé que havia em Timóteo, fora herdada de sua mãe Eunice e da fé que havia em sua avó, e isso era o motivo da gratidão de Paulo, e deveria ser a nossa sempre que encontramos exemplo semelhante. Deveríamos regozijar-nos toda vez que observamos a graça de Deus. Foi o que Barnabé fez (At 11.23,24). *Muito me alegro por achar que alguns de teus filhos andam na verdade* (2 Jo 4).

Advertências e Exortações. A Fidelidade Ministerial

vv. 6-14

Temos aqui uma exortação e um estímulo a Timóteo em relação ao seu dever (v. 6): *te lembro.* As pessoas mais devotas precisam ser lembradas. Devemos ser lembrados daquilo que sabemos. O apóstolo Pedro diz, em 2 Pedro 3.1: *Escrevo-vos, agora, esta segunda carta, em ambas as quais desperto com exortação o vosso ânimo sincero.*

I Ele o exorta a *despertar o dom de Deus* que estava *nele.* Despertar ou avivar como o fogo no meio das brasas. Aqui significa todos os dons e graças que Deus tinha dado a ele, para qualificá-lo para a obra de evangelista. Dons do Espírito Santo, dons extraordinários que foram conferidos pela imposição de mãos do apóstolo. É isso que ele deve despertar. Ele deve exercitá-los e crescer neles: use dons e tenha dons. *Porque a qualquer que tiver será dado* (Mt 25.29). Ele deve aproveitar todas as oportunidades para usar esses dons, e, assim, despertá-los, porque essa é a melhor maneira de torná-los mais eficientes. Quer o dom de Deus em Timóteo fosse comum, quer não (embora eu me incline para o sobrenatural), ele deveria despertá-lo, caso contrário esse dom definharia. Além disso, verifica-se que o dom veio sobre ele pela imposição das mãos do apóstolo, o que deduzo ser um ato distinto de sua ordenação, pois esta fora efetuada pelas mãos do presbitério (1 Tm 4.14). É provável que o Espírito Santo, em seus dons e graça extraordinários, tenha sido conferido a Timóteo pela imposição das mãos do apóstolo (porque entendo que ninguém, a não ser os apóstolos, possuía autoridade para invocar Espírito Santo) e, mais tarde, sendo assim ricamente suprido para a obra do ministério, foi ordenado pelo presbitério. Observe: 1. O grande impedimento de proveito no progresso de nossos dons é a hesitação escrava. Paulo, portanto, adverte Timóteo contra isso: *Porque Deus não nos deu o espírito de temor* (v. 7). Foi devido ao medo vergonhoso que o servo mau enterrou seu talento e não negociou com ele (Mt 25.25). Por isso, Deus tem nos fortalecido contra o espírito do medo, dizendo repetidas vezes para não temermos. "Não tema a face de ninguém; não tema os perigos que possa enfrentar no seu dever". Deus nos libertou do espírito de temor e nos deu um espírito *de fortaleza, e de amor, e de moderação.* O espírito de fortaleza, ou de coragem e resolução para combater dificuldades e perigos; o espírito de amor a Deus, que nos ajudará durante a oposição que podemos encontrar, como Jacó que não se incomodou com o serviço pesado que precisou suportar por amor a Raquel. O espírito de amor a Deus vai nos colocar acima do medo do homem e toda dor que o homem possa nos causar; e o espírito de moderação, ou quietude na mente, um desfrutar pacífico de nós mesmos, porque somos, às vezes, desencorajados em nosso caminho e trabalho pelas criaturas da nossa própria fantasia e imaginação. Mas uma mente sóbria e sólida preveniria e facilmente contestaria esse temor. 2. O espírito que Deus dá aos seus ministros não é um espírito medroso, mas, sim, corajoso; ele é um espírito de fortaleza, porque falam em nome daquele que tem todo o poder, tanto nos céus como na terra; e é um espírito de amor, porque o amor a Deus e aos homens deve inflamar os ministros em todas as suas tarefas; e é um espírito de moderação, porque anunciam as palavras da verdade e da sobriedade.

II Ele o exorta a contar com aflições e se preparar para elas: "*Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu.* Não te envergonhes do evangelho e do testemunho que tu deste dele". Observe:

1. Nenhum de nós tem motivos para se envergonhar do evangelho de Cristo. Também não devemos nos envergonhar daqueles que estão sofrendo pelo evangelho de Cristo. Timóteo não deve se envergonhar do querido e idoso Paulo, embora estivesse agora em cadeias. Assim

como ele não devia ter medo de sofrer, ele também não devia temer de reconhecer aqueles que sofriam pela causa de Cristo. (1) O evangelho é o testemunho do nosso Senhor. Por meio do evangelho Ele dá testemunho de si mesmo a nós. Ao professarmos nossa lealdade a Ele, damos testemunho dele e para Ele. (2) Paulo era o prisioneiro do Senhor (Ef 4.1). Por causa dele estava preso em cadeias. (3) Não temos motivos para nos envergonhar do testemunho de nosso Senhor ou de seus prisioneiros. Se estivermos envergonhados de um ou de outro agora, Cristo se envergonhará de nós na vida futura. "*Antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus*, isto é, conta com as aflições por amor ao evangelho, prepara-te para elas, está pronto a sofrer com os santos sofredores neste mundo". *Participa das aflições do evangelho*"; ou como podemos ler: *Sofra com o evangelho*; "não somente compadeça-se com aqueles que sofrem pelo evangelho, mas esteja pronto a sofrer com eles e sofrer como eles". Se em algum momento o evangelho está passando por dificuldades, aquele que espera a vida e a salvação por meio desse evangelho estará contente em sofrer com ele. Observe: [1] Teremos condições de suportar as aflições bem, quando extrairmos força e poder de Deus para nos capacitar a suportá-las: *Participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus*. [2] Todos os cristãos, mas especialmente os ministros, devem esperar aflições e perseguições por amor ao evangelho. [3] Elas serão proporcionais ao poder de Deus (1 Co 10.13) que está sobre nós.

2. Ao mencionar Deus e o evangelho, ele observa as grandes coisas que Deus fez por nós pelo evangelho (vv. 9,10). Para animá-lo a sofrer, ele faz duas considerações:

(1) A natureza do evangelho pelo qual foi chamado a sofrer, e os desígnios e propósitos gloriosos e graciosos dela. É comum em Paulo, ao mencionar Cristo e seu evangelho, fazer uma digressão de seu tema e prolongar-se sobre o assunto. O coração dele trasbordava daquilo que é toda nossa salvação e deveria ser todo nosso desejo. Observe: [1] O evangelho almeja a nossa salvação: Ele *nos salvou*; e não deveríamos nos incomodar em sofrer por aquilo que esperamos poder nos salvar. Ele começou a nossa salvação e a completará no seu devido tempo; porque Deus chama as coisas que não são (que ainda não estão completas) como se já fossem (Rm 4.17). Por isso ele diz: aquele que nos *salvou*. [2] O evangelho foi designado para a nossa santificação. E nos *chamou com uma santa vocação*; Ele nos chamou para a santidade. O cristianismo é um chamado, uma santa vocação; esta é a vocação com a qual somos chamados, a vocação para a qual somos chamados, para trabalhar nele. Observe: Todos os que forem salvos no futuro são santificados agora. Onde quer que a vocação do evangelho seja uma chamada eficaz, ela é declarada para ser uma vocação santa, tornando santos os que são de fato chamados. [3] A origem dela é a graça livre e o propósito eterno de Deus em Cristo Jesus. Se a tivéssemos merecido, teria sido difícil sofrer por ela; mas nossa salvação é graça livre e não de acordo com nossas obras, e, portanto, não devemos pensar muito em sofrer por ela. Essa graça nos foi dada *antes dos tempos dos séculos*, isto é, no propósito e nos desígnios de Deus desde toda a eternidade; *em Cristo Jesus*, porque todos os dons que vêm de Deus para o pecador vêm em Cristo Jesus e por meio dele. [4] O evangelho é a manifestação desse propósito e graça: *pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo*, que estava no seio do Pai desde a eternidade, e estava perfeitamente ciente de todos os seus propósitos graciosos. Pela sua aparição, esse propósito gracioso foi manifesto a nós. Se Jesus Cristo sofreu por ele, será que não deveríamos estar prontos a sofrer por ele? [5] A morte é abolida pelo evangelho de Cristo: Ele *aboliu a morte*, não somente a enfraqueceu, mas a tirou do caminho, quebrou o seu poder sobre nós. Ao tirar o pecado, Ele aboliu a morte (porque o aguilhão da morte é o pecado, 1 Co 15.56), ao alterar a natureza dela e quebrar o poder dela. De inimiga, a morte tornou-se amiga. Ela é a porta por onde saímos de um mundo difícil, opressivo e pecaminoso, para um mundo de paz e pureza perfeita. E o poder dela foi quebrado, porque a morte não triunfa naqueles que crêem no evangelho, mas eles triunfam sobre ela. *Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?* (1 Co 15.55). [6] Ele *trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho*. Ele nos mostrou um outro mundo mais claramente do que era antes de ser descoberto debaixo de qualquer dispensação anterior, e a felicidade daquele mundo, a recompensa certa de nossa obediência pela fé: todos nós, com cara descoberta, refletimos, como um espelho, a glória do Senhor (veja 2 Co 3.18). Ele a trouxe à luz, não somente a colocou diante de nós, mas a ofereceu, pelo evangelho. Vamos valorizar o evangelho mais do que nunca, porque é por meio dele que a vida e a imortalidade são trazidas à luz, porque dessa forma ele tem a preeminência acima de todas as descobertas anteriores. Ele é o evangelho de vida e imortalidade, à medida que as descobre para nós e nos orienta no caminho preparado que nos leva para lá, bem como propõe os motivos mais convincentes para estimular nossos esforços em buscar a glória, a honra e a imortalidade.

(2) Considere o exemplo do bendito Paulo (vv. 11,12). Ele foi designado para ensinar aos gentios. Ele achava que essa era uma causa digna de sofrimento. Por que Timóteo não deveria achar o mesmo? Ninguém precisa ter medo, nem estar envergonhado de sofrer pela causa do evangelho: *Não me envergonho*, diz Paulo, *porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia*. Observe: [1] Homens bons muitas vezes sofrem muitas coisas pela melhor causa no mundo: *por cuja causa sofro essas coisas*; isto é: "por causa da minha pregação e lealdade ao evangelho". [2] Eles não precisam se envergonhar, a causa os confirmará; mas aqueles que se opõem ao evangelho serão vestidos de vergonha. [3] Aqueles que confiam em Cristo sabem em quem têm crido. O apóstolo fala com um triunfo e exultação santos: "Estou numa base firme. Sei que depositei o grande depósito nas mãos do melhor curador". *E estou certo* etc. O que devemos entregar a Cristo? Qual é esse depósito? A salvação da nossa alma, e a sua preservação para o Reino celestial. E o que entregarmos dessa forma a Ele, o Senhor certamente guardará. Está chegando o dia em que a nossa alma será inquirida: "Homem! Mulher! Você tinha uma alma que lhe foi confiada. O que fez com ela? A quem foi oferecida, a Deus ou a Satanás? De que maneira ela foi

usada, a serviço do pecado ou a serviço de Cristo?" Está chegando um dia, e será um dia muito solene e terrível, quando prestaremos contas da nossa mordomia (Lc 16.2) da nossa alma. Se por meio de uma fé obediente e ativa a confiamos a Jesus Cristo, podemos estar certos de que Ele é capaz de guardá-la, e ela surgirá para o nosso conforto naquele dia.

III Ele o exorta a *conservar o modelo das sãs palavras* (v. 13). 1. "Tenha um modelo das sãs palavras" (assim pode ser lido), "um modelo breve, um catecismo, dos primeiros princípios da religião, de acordo com as Escrituras, um esquema de palavras sãs, um breve resumo da fé cristã, com um método apropriado, tirado das Sagradas Escrituras para o seu uso próprio". Observe: Por modelo das sãs palavras eu entendo as próprias Sagradas Escrituras. 2. "Tendo-o, *conserve-o*, lembre-o, preserve-o, dedique-se a ele. Dedique-se a ele em oposição a todas as heresias e doutrinas falsas, que corrompem a fé cristã. Dedique-se àquilo *que de mim tem ouvido*". Paulo estava divinamente inspirado. É bom dedicar-se a esses modelos das sãs palavras que temos nas Escrituras. Porque elas, certamente, eram divinamente inspiradas. Essa é uma linguagem sã e irrepreensível (Tt 2.8). Mas como ela pode ser conservada? *Na fé e na caridade*; isto é, devemos reconhecê-la como uma *palavra fiel*, e declará-la bem-vinda e *digna de toda aceitação.* Conserve-a em um coração honesto, que é a arca do concerto, na qual as tábuas da lei e do evangelho estão mais seguramente depositadas (Sl 119.11). A fé e o amor (caridade) devem andar juntos. Não é suficiente crer nas sãs palavras e concordar com elas, mas devemos amá-las, crer na verdade delas e amar a sua benevolência, e devemos propagar o modelo das sãs palavras em amor; falando a verdade em amor (Ef 4.15). *Na fé e na caridade que há em Cristo Jesus*. Deve ser fé e amor cristão, fé e amor fixados em Jesus Cristo, por meio de quem Deus fala conosco e nós a Ele. Timóteo, como ministro, deve *conservar o modelo das sãs palavras*, para o benefício dos outros. Podemos ler também: *palavras que curam.* Há uma virtude que cura na Palavra de Deus. *Enviou a sua palavra, e os sarou* (veja Sl 107.20). Em relação ao mesmo sentido ele diz (v. 14): *Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós*. Esse bom depósito era o modelo de sãs palavras, a doutrina cristã, que foi confiado a Timóteo no batismo e ensino, quando se tornou cristão, e em sua ordenação, quando se tornou ministro. Observe: (1) A doutrina cristã é um depósito confiado a nós. Ela é confiada aos cristãos em geral, mas aos ministros em particular. Ela é um bom depósito, de um valor inestimável, e que terá um benefício indescritível. Ela é realmente um bom depósito, uma jóia inestimável. Ela descobre para nós *as riquezas incompreensíveis de Cristo* (Ef 3.8). Ela é confiada a nós para ser preservada pura e íntegra, e a ser transmitida àqueles que virão depois de nós, e devemos guardá-la e não contribuir em nada para a corrupção da sua pureza, o enfraquecimento do seu poder ou a diminuição da sua perfeição: *Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós*. Observe: Mesmo esses que são tão bem ensinados não podem guardar o que aprenderam, assim como não puderam aprender isso no início, sem a assistência do Espírito Santo. Não devemos pensar que podemos guardá-lo com nossas próprias forças, mas devemos guardá-lo pelo Espírito Santo. (2) O Espírito Santo habita em todos os ministros e cristãos genuínos. Cada um deles é o templo dele, e Ele os capacita a guardar o evangelho puro e incorrupto. Mas, mesmo assim, eles devem usar todo seu esforço para guardar esse bom depósito, porque o auxílio e o habitar do Espírito Santo não excluem os esforços das pessoas, mas estão em harmonia.

A Firmeza Ministerial

vv. 15-18

Após ter exortado a Timóteo (vv. 13,14) a permanecer firme:

I Ele menciona a apostasia de muitos da doutrina de Cristo (v. 15). Parece que nos melhores e mais puros anos da Igreja havia aqueles que tinham adotado a fé cristã, porém, mais tarde, rebelaram-se contra ela. Na verdade, houve muita gente que agiu dessa forma. O apóstolo não diz que eles se apartaram da doutrina de Cristo (embora pareça que também o fizeram), mas se apartaram dele. Eles voltaram suas costas para o apóstolo e o rejeitaram no tempo da aflição. Será que não deveria nos surpreender que muitos voltassem suas costas para alguém muito melhor que Paulo? Estou me referindo ao próprio Jesus Cristo (Jo 6.66).

II Ele menciona a constância de um que permaneceu fiel a ele, a saber, Onesíforo: *Porque muitas vezes me recreou e não se envergonhou das minhas cadeias* (v. 16). Observe: 1. Como a bondade de Onesíforo fora mostrada a Paulo: Ele o reanimava, freqüentemente alegrava-o com suas cartas, conselhos, consolos; e, não se envergonhava de suas cadeias. Não se envergonhou de Paulo, não obstante o infortúnio a que estava submetido. Foi amável para com ele, não uma ou duas vezes, mas freqüentemente. Não apenas quando esteve em Éfeso, entre seus próprios amigos, mas também quando esteve em Roma. Teve o cuidado de procurar Paulo *diligentemente e o encontrou* (v. 17). Observe: Um homem piedoso procurará oportunidades para fazer o bem, e não se omitirá em tal ocasião. Em Éfeso, ele o servira e fora muito amável: Timóteo sabia disso. 2. De que maneira Paulo retribui sua bondade (vv. 16-18). Aquele que recebe um profeta terá a recompensa de um profeta. Ele o retribui com sua oração: *O Senhor conceda misericórdia a* [...] *Onesíforo*. É provável que Onesíforo agora estivesse longe de casa, e em companhia de Paulo. Este, portanto, ora para que a casa daquele seja guardada durante sua ausência. Observe: Os papistas entendem que Onesíforo agora estava morto: e, da oração de Paulo para que encontrasse misericórdia, eles concluem a legalidade ou justificativa de orar pelos mortos; mas quem revelou a eles que Onesíforo estava morto? Será que é seguro basear uma doutrina, e prática de tal importância, em mera suposição e grande incerteza?

III Ele ora pelo próprio Onesíforo, bem como por sua casa: *que, naquele Dia, ache misericórdia,*

isto é, no dia da sua morte e do julgamento. Nesse dia, Cristo julgará todos os serviços feitos aos seus pobres membros como se tivessem sido feitos a Ele. Observe: 1. O dia da morte e julgamento é um dia terrível e pode ser enfaticamente chamado de *naquele Dia*. 2. Tudo que precisamos para nos deixar felizes é encontrar a misericórdia do Senhor naquele Dia, quando esses que não mostraram misericórdia serão julgados sem misericórdia. 3. Os melhores cristãos desejarão misericórdia naquele Dia; *esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo* (Js 21). 4. Se você quer misericórdia naquele Dia, terá de procurá-la agora no Senhor. 5. É por meio do Senhor que teremos misericórdia. Porque, a não ser que o Senhor tenha misericórdia de nós, a piedade e a compaixão de homens e de anjos serão completamente em vão. 6. Devemos buscar e pedir pela misericórdia do Senhor, que é o doador e outorgante dela. Uma vez que o Senhor Jesus Cristo satisfez a justiça, essa misericórdia pode ser manifestada. Devemos chegar ao trono da graça, para que possamos obter misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno (veja Hb 4.16). 7. A melhor coisa que podemos pedir, por nós ou pelos amigos, é que o Senhor permita que encontremos a misericórdia dele naquele dia, quando deixarmos este tempo e passarmos para a eternidade, e trocarmos este mundo pelo outro, e aparecermos diante do tribunal de Cristo. Que o Senhor conceda a todos nós que possamos encontrar misericórdia do Senhor naquele dia.

CAPÍTULO 2

Neste capítulo, nosso apóstolo dá a Timóteo muitas exortações e orientações, que podem ser de grande utilidade para outros, ministros e cristãos, para quem foram designadas, bem como para ele. I. Ele o anima em seu trabalho, mostrando onde deve buscar ajuda (v. 1). II. Ele deve cuidar da sucessão do ministério, para que o ofício não morra com ele (v. 2). III. Ele o exorta à constância e perseverança nesse trabalho, como soldado e marido, considerando qual seria o fim de todo o seu sofrimento etc. (vv. 3-15). IV. Ele deve evitar falatórios profanos e vãos (vv. 16-18), porque serão perniciosos. V. Ele fala do fundamento de Deus, que fica firme (vv. 19-21). VI. O que ele deve evitar: desejos da mocidade e perguntas loucas e sem instrução; e o que deve fazer (vv. 22-26).

A Firmeza Ministerial

vv. 1-7

Aqui Paulo encoraja Timóteo à constância e perseverança em seu trabalho: *fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus* (v. 1). Observe: Aqueles que têm trabalho para fazer para Deus devem despertar-se a fazê-lo e fortalecer-se para isso. Ser forte na graça que está em Cristo Jesus pode ser entendido em oposição à fragilidade da graça. Onde há a verdade da graça deve haver um trabalhar para alcançar a força da graça. À medida que nossas provações aumentam, precisamos nos tornar mais fortes no que é bom: nossa fé mais forte, nossa resolução mais forte, nosso amor a Deus, e a Cristo, mais forte. Ou, pode ser entendido em oposição a sermos fortes em nossas próprias forças: "Sejam fortes, não confiando em sua própria suficiência, mas na graça que está em Jesus Cristo". Compare com Efésios 6.10: *Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder*. Quando Pedro prometeu antes morrer por Cristo a negá-lo, estava confiando em sua própria força. Se estivesse forte na graça que está em Cristo Jesus, lograria mais êxito. Observe: 1. Existe graça em Cristo Jesus; porque a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (Jo 1.17). Existe graça suficiente nele para todos nós. 2. Devemos ser fortes nessa graça; não em nós mesmos, em nossa própria força, ou na graça que já recebemos, mas na graça que está nele e que é o caminho para ser forte na graça. 3. Como um pai exorta seu filho, assim Paulo exorta Timóteo com grande ternura e afeição: *Tu, pois, meu filho, fortifica-te* etc. Observe:

I Timóteo deve contar com sofrimentos, mesmo até o sangue, e, portanto, deve treinar outros a sucedê-lo no ministério do evangelho (v. 2). Ele deve instruir outros e treiná-los para o ministério, e, dessa forma, confiar-lhes as coisas que havia ouvido. Ele deve também ordená-los para o ministério, colocar o evangelho como um depósito nas mãos deles, e, assim, confiar-lhes as coisas que havia ouvido. Timóteo deve prestar atenção em duas coisas ao ordenar ministros: a fidelidade e integridade deles ("Confia-o a *homens fiéis*, que sinceramente buscam a glória de Deus, a honra de Cristo, o bem-estar das almas e o progresso do reino do Redentor entre os homens"), e também a habilidade ministerial deles. Eles não devem ter conhecimento somente, mas ser capazes de também ensinar outros, e ser aptos a ensinar. Temos aqui: 1. O que Timóteo deveria confiar a outros – o que tinha ouvido do apóstolo entre muitas testemunhas. Ele deve entregar a outros apenas aquilo que Paulo entregara a ele e a outros, de acordo com o que havia recebido do Senhor Jesus Cristo. 2. Ele deveria confiar a eles esse evangelho como um depósito sagrado, que deveriam guardar e transmitir de maneira pura e incorrupta a outros. 3. Esses a quem ele deve confiar essas coisas devem ser fiéis, isto é, homens confiáveis, e idôneos para ensinar a outros. 4. Embora os homens fossem fiéis e idôneos, ainda assim, essas coisas deviam ser confiadas a eles por Timóteo, um ministro, um homem com um cargo; porque ninguém deve introduzir-se no ministério, mas deve ter essas coisas confiadas a eles por aqueles que já estão exercendo esse ministério.

II Ele deve *sofrer aflições* (v. 3): *Sofre, pois* etc. 1. Todos os cristãos, especialmente os ministros, *são soldados de Jesus Cristo*. Eles lutam debaixo da sua bandeira, em sua causa, e contra seus inimigos, porque Ele é o capitão da nossa salvação (Hb 2.10). 2. Os soldados de Jesus Cristo devem ser aprovados como bons soldados, fiéis ao capitão, resolutos em sua causa, e não devem desistir de lutar até que se tornem *mais do que vencedores, por aquele que os amou* (Rm 8.37). 3. Esses que provam ser bons soldados de Jesus Cristo devem suportar dificuldades; isto é, devemos esperar por elas e con-

tar com elas neste mundo; devemos suportar e nos acostumar com elas e carregá-las pacientemente quando surgirem, e não permitir ser afastados da nossa integridade por causa delas.

III Ele não deve se embaraçar com os negócios deste mundo (v. 4). Um soldado, quando é alistado, abandona sua opinião, e todos os interesses a ela relacionados, para que possa atender às ordens do seu capitão. Se nos entregamos a Cristo para sermos seus soldados, devemos nos desligar deste mundo. E, embora não tenhamos como escapar completamente dos afazeres desta vida, não devemos nos embaraçar com eles a ponto de nos distrairmos e nos afastarmos de nossas obrigações para com Deus e dos grandes interesses do cristianismo. Esses que combaterão o bom combate devem desligar-se deste mundo. *A fim de agradar àquele que nos alistou para a guerra.* Observe: 1. Um soldado deveria ter um grande cuidado em agradar seu general. A grande preocupação de um cristão deve ser buscar agradar a Cristo e ser aprovado por Ele. A forma de agradar àquele que nos chamou para ser soldados é não nos embaraçarmos com os negócios desta vida, mas estar livres dos embaraços que nos impedem em nossa guerra santa.

IV Ele deve cuidar para que, ao combater na guerra espiritual, siga as normas adequadas (v. 5): *Se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente.* Estamos empenhando-nos pelo domínio, para obter o domínio de nossas concupiscências e depravações, para sobressair naquilo que é bom. Porém, não podemos esperar o prêmio sem que observemos as leis. Ao fazer o que é bom, devemos cuidar para fazê-lo da forma correta, para que o nosso bem não seja mal-interpretado. Observe o seguinte: 1. Um cristão deve lutar para obter o domínio. Ele deve buscar dominar seus próprios desejos e corrupções. 2. Ele deve militar de acordo com as leis dadas a ele. Ele deve lutar legitimamente. 3. Aqueles que o fizerem serão coroados no final, depois que uma vitória completa for alcançada.

V Ele deve estar disposto a esperar por uma recompensa (v. 6): *O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos.* Ou, como deveria ser traduzido: *O lavrador trabalhando primeiro, deve gozar dos frutos*, como pode ser comparado com Tiago 5.7. Se queremos gozar dos frutos, precisamos trabalhar primeiro. Se queremos ganhar o prêmio, devemos correr a corrida. E, além disso, devemos primeiro trabalhar como o lavrador, com diligência e paciência, antes de gozarmos dos frutos. Devemos fazer a vontade de Deus, antes de alcançarmos as promessas, motivo pelo qual necessitamos de paciência (Hb 10.36).

O apóstolo destaca ainda mais as coisas que tinha dito a Timóteo e expressa seu desejo e esperança em relação a ele: *Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo* (v. 7). Aqui: 1. Paulo exorta Timóteo a considerar aquelas coisas que mereceram sua admoestação. Timóteo deve ser lembrado a usar suas faculdades reflexivas acerca das coisas de Deus. A consideração ou ponderação é tão necessária para uma boa conduta como para uma conversa saudável. 2. O apóstolo ora por ele: *Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.* Observe: É Deus quem dá o entendimento. O homem mais inteligente precisa cada vez mais desse dom. Se aquele que deu a revelação na Palavra não der o entendimento no coração, não somos ninguém. Junto com nossas orações pelos outros, que o Senhor possa dar entendimento em tudo a eles, devemos exortar e despertá-los a considerar o que dizemos, porque a consideração é o caminho para entender, lembrar e praticar o que ouvimos e lemos.

Encorajamentos Ministerias
vv. 8-13

I Para encorajar Timóteo no sofrimento, o apóstolo o lembra da ressurreição de Cristo (v. 8): *Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho.* Essa é a grande prova da sua missão divina, e, portanto, uma grande confirmação da verdade da religião cristã. E a consideração disso deveria nos tornar fiéis à nossa profissão de fé cristã e deveria particularmente nos encorajar a sofrer por ela. Que os santos sofredores lembrem-se disso. Observe: 1. Devemos olhar para Jesus, o autor e consumador da nossa fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus (Hb 12.2). 2. A fé fervorosa na encarnação e na ressurreição de Jesus Cristo, e a ponderação correta a respeito delas, servirão de suporte ao cristão debaixo de todos os sofrimentos na vida presente.

II Mais uma coisa para animá-lo no sofrimento era que ele tinha Paulo como exemplo. Observe:

1. Como o apóstolo sofreu (v. 9): *Pelo que sofro* [...] *como um malfeitor.* Que Timóteo, o filho, não espere um tratamento melhor do que Paulo, o pai. Paulo era um homem que fazia o bem, e mesmo assim sofreu como um malfeitor. Não devemos estranhar se esses que fazem o bem passem mal neste mundo e se os melhores homens recebam o pior tipo de tratamento. Mas o seu conforto era que *a palavra de Deus não estava presa.* Poderes perseguidores podem silenciar ministros e contê-los, mas não podem impedir a operação da Palavra de Deus no coração e consciência das pessoas. Ela não pode ser amarrada por nenhuma força humana. Isso deveria encorajar Timóteo a não ter medo das cadeias por causa do testemunho de Jesus. Porque a palavra de Cristo, que deveria ser mais preciosa para ele do que a liberdade, ou a própria vida, no final não deveria sofrer nada por causa das cadeias do apóstolo. Veja o seguinte: (1) O bom tratamento do apóstolo no mundo: *sofro trabalhos*; para isso ele foi chamado e designado. (2) O pretexto debaixo do qual sofria: *sofro como um malfeitor.* Assim os judeus disseram a Pilatos concernente a Cristo: *Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos* (Jo 18.30). (3) A real e verdadeira causa de sofrer como um malfeitor: *Pelo que*; isto é, pela causa do evangelho. O apóstolo sofreu trabalhos nas prisões, e, mais tarde, resistiu até ao sangue, combatendo contra o pecado (Hb 12.4). Embora os

pregadores da Palavra estejam muitas vezes presos, a Palavra nunca está.

2. Por que ele sofreu alegremente: *tudo sofro por amor dos escolhidos* (v. 10). Observe: (1) Bons ministros podem e devem animar-se diante dos serviços mais duros e dos sofrimentos mais duros, sabendo que Deus certamente trará coisas boas à sua igreja, e benefício aos seus eleitos. *Para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus.* Além da salvação da nossa própria alma deveríamos estar dispostos a fazer e a sofrer qualquer coisa para promover a salvação da alma dos outros. (2) Os eleitos são destinados a obter salvação: *Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação* (1 Ts 5.9). (3) Essa salvação está em Cristo Jesus, nele como a fonte, o comprador e doador dela; e ela vem acompanhada com glória eterna: não há salvação em Cristo Jesus sem ela. (4) Os sofrimentos do nosso apóstolo eram por causa dos eleitos, para a confirmação e encorajamento.

III Ele também anima Timóteo quanto à perspectiva de um estado futuro.

1. Aqueles que seguem fielmente a Cristo, suas verdades, e caminhos, não importa o custo, certamente terão os benefícios disso no outro mundo: *se morrermos com ele, também com ele viveremos* (v. 11). Se, em conformidade com Cristo, estivermos mortos para este mundo, para os seus prazeres, ganhos e honras, iremos morar com Ele em um mundo melhor e estar para sempre com Ele. Ainda mais, embora sejamos chamados para sofrer por Ele, não perderemos com isso. *Esses que sofrem por Cristo* na terra reinarão com Cristo nos céus (v. 12). Aqueles que sofreram com Davi em sua humilhação foram elevados com ele na sua exaltação: assim será com aqueles que sofrem com o Filho de Davi.

2. Estaremos nos expondo a um grande risco se formos infiéis a Ele: *se o negarmos, também ele nos negará.* Se o negarmos diante dos homens, Ele nos negará diante do seu Pai (Mt 10.33). E a pessoa que Cristo repudiar no final será para sempre miserável. Esse certamente será o caso, quer acreditemos nisso ou não (v. 13): *se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo.* Ele é fiel às suas admoestações, fiel às suas promessas. Nenhuma delas deixará de se cumprir, nem o menor sinal ou til. Se formos fiéis a Cristo, Ele certamente será fiel a nós. Se formos falsos com Ele, Ele será fiel às suas admoestações: Ele *não pode negar-se a si mesmo*; Ele não pode retroceder em relação a uma única palavra falada, porque Ele é Amém e Amém, a fiel testemunha. Observe: (1) Estar morto com Ele precede nosso viver com Ele, e as duas coisas estão conectadas: para que um ocorra o outro precisa ocorrer. Assim, o nosso sofrimento por Ele é o caminho para reinar com Ele. *Vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel* (Mt 19.28). (2) Esta é uma palavra fiel e digna de aceitação e deve ser crida. (3) Mas, se o negarmos, por medo ou vergonha, ou por causa de um benefício temporário, Ele nos negará e repudiará, e não negará a si mesmo, mas continuará fiel à sua Palavra quando admoestar e quando prometer.

Advertências contra o Erro
vv. 14-18

Tendo animado Timóteo a sofrer, ele agora o orienta no seu trabalho.

I Sua tarefa deveria ser edificar aqueles que estavam debaixo de sua responsabilidade, para *trazer à memória* as coisas que eles já sabiam, porque esse é o trabalho de um ministro. Não o de anunciar às pessoas aquilo que nunca ouviram antes, mas fazê-las lembrar aquilo que de fato já sabem, *ordenando-lhes que não entrem em contendas de palavras.* Observe: Esses que estão dispostos a contender, normalmente o fazem a respeito de questões de pouca importância. Contendas de palavras são muito destrutivas para as coisas de Deus. Eles não devem contender por causa de palavras *que para nada aproveitam.* Se as pessoas refletissem acerca da pouca utilidade que a maioria das controvérsias na religião tem, não seriam tão zelosas em suas contendas de palavras, *para perversão dos ouvintes*, tirando sua atenção das grandes coisas de Deus e ocasionando hostilidades e animosidades não-cristãs, em que existe o perigo de perder-se a verdade. Observe: As pessoas estão muito propensas a contender acerca de palavras, e essas contendas nunca resolvem coisa alguma, além de abalar alguns e subverter outros. Essas contendas não são apenas inúteis, mas podem ser muito prejudiciais, e, portanto, os ministros devem ordenar às pessoas que não contendam com palavras, e eles mais certamente serão respeitados se o fizerem diante do Senhor, isto é, em seu nome e de acordo com a sua Palavra, quando apresentam garantias daquilo que dizem. Procura apresentar-te a Deus aprovado (v. 15). Observe: O cuidado dos ministros deve estar em aprovar-se diante de Deus, em ser aceitos por Ele e em mostrar que são de fato aprovados por Deus. Para que isso aconteça, deve haver constante cuidado e diligência: *Procura apresentar-te como obreiro que não tem de que se envergonhar.* Os ministros precisam ser obreiros. Eles têm trabalho para realizar e precisam se esforçar nele. Os obreiros que são inexperientes, infiéis ou preguiçosos devem se envergonhar. Mas esses que não se metem na vida alheia e mantém seu trabalho são obreiros que não precisam se envergonhar. E qual é o seu trabalho? Eles devem *manejar bem a palavra da verdade.* Eles não devem inventar um novo evangelho, mas manejar bem o evangelho que é confiado ao seu depósito. Eles devem falar terror àqueles a quem terror pertence, conforto a quem merece conforto; para dar a cada um *o sustento a seu tempo* (Mt 24.45). Observe aqui: 1. A Palavra que os ministros pregam é a palavra da verdade, porque o autor dela é o Deus da verdade. 2. Necessita-se de muita sabedoria, estudo e cuidado para manejar bem essa palavra da verdade. Timóteo devia estudar para que pudesse fazer isso bem.

II Ele deve tomar cuidado com aquilo que pode ser um obstáculo para ele no seu trabalho (v. 16). Ele precisa tomar cuidado com o erro: *Evita os falatórios profanos.* Os hereges, que se vangloriavam acerca das suas idéias e argumentos, achavam que suas apresenta-

ções eram dignas de elogio; mas o apóstolo os chama de *falatórios profanos*: aqueles em que os homens se tornam exagerados a esse respeito, *produzindo maior impiedade*. O caminho do erro é ladeira abaixo. Quando se admite ou se debate um absurdo, muitos outros o seguirão: *a palavra desses roerá como gangrena*. Quando erros e heresias entram na Igreja, o contágio de um muitas vezes redunda no contágio de muitos outros, ou, a pessoa que está errada em uma coisa muitas vezes acaba se mostrando errada em muitos outros assuntos. Acerca dessa situação, o apóstolo menciona alguns que ultimamente tinham promovido doutrinas incorretas: *Himeneu e Fileto*. Ele cita esses mestres corruptos e os marca para sua eterna desonra, e adverte todas as pessoas que dêem ouvidos a eles. Eles *se desviaram da verdade* ou de um dos artigos fundamentais da religião cristã, que é a verdade. A ressurreição dos mortos é uma das grandes doutrinas de Cristo. Perceba a sutileza da serpente e da semente da serpente. Eles não negavam a ressurreição (porque isso teria sido veementemente confrontado com a Palavra de Cristo), mas eles apresentaram uma interpretação corrupta em relação a essa doutrina verdadeira, dizendo que a ressurreição já tinha ocorrido, que aquilo que Cristo falou a respeito da ressurreição deveria *ser entendido misticamente*, ou de forma alegórica, e que deveria ser entendido apenas como uma ressurreição espiritual. É verdade, de fato existe uma ressurreição espiritual, mas inferir então que não haverá uma ressurreição real e verdadeira do corpo no último dia é fazer colidir uma verdade de Cristo contra a outra. Dessa forma, eles *perverteram a fé de alguns*, deixando de crer em que haverá a ressurreição dos mortos. Pois, se não há ressurreição dos mortos, nem de um estado futuro, nem de uma recompensa pelos nossos serviços e sofrimentos em outro mundo, somos os mais miseráveis de todos os homens (1 Co 15.19). Qualquer coisa que nega a doutrina de um estado futuro perverte a fé cristã. O apóstolo tinha veementemente desaprovado esse erro (1 Co 15), e, portanto, não entra aqui em argumentação contra isso. Observe: 1. Os falatórios que Timóteo deveria evitar eram profanos e inúteis; eles eram sombras vazias e levavam à profanação: *porque produzirão maior impiedade*. 2. O erro é muito produtivo, e, por causa disso, muito mais perigoso: ele *roerá como gangrena*. 3. Quando as pessoas erram em relação à verdade, elas sempre vão procurar se esforçar para mostrar que têm alguma pretensão plausível para tal. Himeneu e Fileto não negaram a ressurreição, mas diziam que já havia se realizado. 4. O erro, especialmente aquele que afeta o fundamento, perverterá a fé de alguns.

Advertências contra o Erro

vv. 19-21

Lemos aqui a respeito daquilo que pode servir de consolo para nós, em relação ao que acabamos de estudar, e os pequenos erros e heresias que contagiam e infestam a Igreja e causam prejuízo a ela.

I Deve servir de grande consolo para nós saber que a incredulidade das pessoas não pode tornar a promessa de Deus inútil. Embora a fé de algumas pessoas específicas seja pervertida, *o fundamento de Deus fica firme* (v. 19); não é possível que eles enganem os eleitos. Ou pode significar a verdade em si, que eles refutam. Todos os ataques que os poderes das trevas realizaram contra a doutrina de Cristo não foram suficientes para abalá-la. Ela permanece firme, apesar de todas as tempestades que foram levantadas contra ela. Os profetas e apóstolos, isto é, as doutrinas do Antigo e do Novo Testamento, permanecem firmes; e eles têm um selo com duas máximas nele, uma de um lado, e a outra do outro, como é comum em um selo oficial. 1. Uma expressa nosso consolo – que o *Senhor conhece os que são seus* (e os que não são seus). Ele os conhece, isto é, Ele os reconhece, a tal ponto que nunca os perderá. Embora a fé de alguns seja pervertida, lemos que o Senhor conhece o caminho dos justos (Sl 1.6). Ninguém pode perverter a fé daqueles que foram escolhidos por Deus. 2. A outra máxima declara o nosso dever – que todo aquele que profere o nome de Cristo deve apartar-se da iniqüidade. Esses que têm o consolo desse privilégio devem se conscientizar do seu dever. Se o nome de Cristo for invocado em nós, devemos apartar-nos da iniqüidade, caso contrário, Ele não nos conhecerá; Ele dirá naquele grande Dia (Mt 7.23): *Apartai-vos de mim; nunca vos conheci, vós que praticais a iniqüidade*. Observe: (1) Independentemente dos erros que são introduzidos na Igreja, o fundamento de Deus fica firme, seu propósito nunca pode ser derrotado. (2) Deus tem alguns na Igreja que são seus e Ele os conhece. (3) Cristãos professos proferem o nome de Cristo, são chamados pelo seu nome, e, portanto, são compelidos a afastar-se da iniqüidade; porque Cristo *se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniqüidade* (Tt 2.14).

II Mais uma coisa que pode consolar-nos é que embora haja alguns cuja fé se perverta, existem outros que mantêm sua integridade, e se atêm a ela (v. 20): *numa grande casa não somente há vasos de ouro* etc. A Igreja de Cristo é uma grande casa, uma casa bem mobiliada: alguns utensílios são de grande valor, como a baixela em uma casa; alguns, de pequeno valor, e colocados para usos insignificantes, como os vasos de madeira e barro. O mesmo acontece na Igreja de Deus. Existem alguns adeptos da religião cristã que são como os vasos de madeira e de barro; eles são vasos de desonra. Mas, ao mesmo tempo, também há vasos que não são para desonra. *Há vasos de ouro e de prata*, vasos de honra, *santificados e idôneos para uso do Senhor*. Quando estamos desanimados pela maldade de alguns, devemos nos animar pela compensação da bondade de outros. Devemos nos esforçar para sermos vasos de honra: devemos nos *purificar dessas opiniões corruptas*, para que possamos ser santificados para o uso do nosso Senhor. Observe: 1. Na Igreja há alguns vasos de honra e alguns de desonra; há alguns vasos de misericórdia e outros da ira (Rm 9.22,23). Alguns desonram a igreja pelos seus conceitos corruptos e vidas perversas; e outros a honram pela sua conduta exemplar. 2. Uma pessoa deve purificar-se dessas coisas antes de ser um vaso de honra e idôneo para o uso do seu Senhor. 3. Cada vaso deve ser qualificado para o uso do seu Senhor. Todos na Igreja a quem Deus aprovar devem se devotar ao uso do seu Se-

nhor e devem ser idôneos para o seu uso. 4. Santificação no coração é a nossa preparação para toda boa obra. A árvore deve ser boa, então os frutos serão bons.

Advertências contra a Contenda
vv. 22-26

I Paulo aqui exorta Timóteo a guardar-se dos *desejos da mocidade* (v. 22). Embora Timóteo fosse um homem santo, mortificado para o mundo, Paulo achava que era necessário acautelá-lo contra os desejos da mocidade: "*Foge* deles, toma todo cuidado possível para manter-se puro deles". Os desejos da carne são desejos da mocidade, contra os quais os jovens devem vigiar, e os melhores não devem se sentir totalmente seguros. Ele prescreve um excelente remédio contra os desejos da mocidade: *segue a justiça, a fé, a caridade e a paz* etc. Observe: 1. Os desejos da mocidade são muito perigosos, motivo pelo qual, mesmo os jovens esperançosos devem ser advertidos a respeito deles, porque esses desejos combatem contra a alma (1 Pe 2.11). 2. O despertar e estimular das nossas graças será o aniquilamento das nossas corrupções. Quanto mais seguirmos aquilo que é bom tanto mais rapidamente e para mais longe fugiremos do mal. *A justiça, a fé, a caridade* serão antídotos excelentes contra os desejos da mocidade. O amor santo curará os desejos impuros. *Segue a paz com os que invocam o Senhor.* A conservação da comunhão dos santos vai nos remover de toda comunhão com as obras infrutíferas da escuridão. Veja o caráter dos cristãos: eles devem *invocar o Senhor, com um coração puro*. Observe: Devemos orar a Cristo. Todos os cristãos deveriam invocar o Senhor; mas as nossas orações a Deus e a Cristo não são aceitas nem bem-sucedidas se não virem de um coração puro.

II Ele o previne contra a contenda, e, para evitá-la (v. 23), ele o adverte contra *questões loucas e sem instrução*, que tendem a se transformar em brigas de palavras, sem benefício algum. Esses que buscavam essas coisas, achavam que eram sábios e instruídos. Mas Paulo os chama de loucos e sem instrução. O dano disso é que *produzem contendas*, provocam discussões e rixas entre cristãos e ministros. É digno de nota observar quantas vezes o apóstolo adverte Timóteo em relação às contendas na religião, em que certamente visava nos mostrar que a religião consiste mais em crer e praticar o que Deus requer do que em questões sutis e ardilosas. *Ao servo do Senhor não convém contender* (v. 24). Um verdadeiro servo do Senhor Jesus deve ser como Ele foi, ou seja, alguém que não contendeu nem clamou (Mt 12.19), que foi um modelo de humildade, brandura e bondade a todos. Nada de contenda e discussão. O servo do Senhor deve ser *manso para com todos*, e, com isso, mostrar que ele está sujeito ao poder dominante dessa santa religião que ele está empenhado a pregar e propagar. *Apto para ensinar*. Aqueles que estão aptos a contender não estão aptos a ensinar, porque são impetuosos e obstinados. Os ministros devem ser pacientes, sofredores por causa da maldade e devem *instruir com mansidão* (v. 25) não somente aqueles que se sujeitam, mas aqueles que se opõem. Observe: 1. Aqueles que se opõem à verdade devem ser instruídos. Porque a instrução é o método bíblico de lidar com o erro. A Palavra tem mais probabilidade de convencê-los dos seus erros do que fogo e gravetos: o apóstolo não nos pede para matar o corpo com o objetivo de salvar a alma. 2. Esses que se opõem devem ser instruídos em mansidão, porque nosso Senhor é manso e humilde (Mt 11.29), e isso harmoniza bem com o caráter do servo do Senhor (v. 24): A ele *não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor*. Essa é a forma de transmitir a verdade por meio da sua luz e poder, e para vencer o mal com o bem (Rm 12.21). 3. Ao instruir aqueles que se opõem, os ministros devem ter em mente a restauração deles: *A ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade*. Observe: (1) O arrependimento é um dom de Deus. (2) Ele é um dom com um "*porventura*" no caso daqueles que se opõem; e, portanto, embora não devamos desanimar em relação à graça de Deus, devemos prestar atenção ao conjecturar em torno dela. *Para conhecerem a verdade*. (3) O mesmo Deus que nos dá a descoberta da verdade nos traz ao conhecimento dela por meio da sua graça, caso contrário, nosso coração continuaria em rebelião contra essa verdade, porque devemos confessar com a boca e crer com o coração (Rm 10.9,10). E, assim, os pecadores se soltam do laço do Diabo. Veja aqui: [1] A miséria dos pecadores: eles estão nos *laços do diabo, em cuja vontade estão presos* (v. 26). Eles são escravos do pior dos capatazes. Ele é o espírito que agora opera nos filhos da desobediência (Ef 2.2). Eles são apanhados em um laço, no pior laço, porque é o laço do Diabo. Eles são como peixes, capturados em uma rede do mal, e como os passarinhos, apanhados em uma armadilha. Além disso, eles estão debaixo da maldição de Cam (*servo dos servos*, Gn 9.25); eles são escravos daquele que não passa de escravo e vassalo. [2] A felicidade daqueles que se arrependem: eles se soltam desse laço, como um pássaro da armadilha de um caçador de aves. O laço é desfeito, e o pássaro consegue escapar. Quanto maior for o perigo, maior é a libertação. Quando pecadores se arrependem, esses que antes eram levados cativos pelo Diabo são levados para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus e têm suas vontades dissolvidas na vontade do Senhor Jesus. O bom Senhor salva a todos nós do laço.

CAPÍTULO 3

I. O apóstolo previne Timóteo acerca dos últimos dias, apresentando os motivos para isso (vv. 1-9). II. Ele prescreve diversas soluções para eles (vv. 10-17), especialmente seu próprio exemplo ("Tu, porém, tens seguido a minha doutrina" etc.) e o conhecimento das Sagradas Escrituras, que são capazes de tornar-nos sábios para a salvação, e serão o melhor antídoto contra as corrupções dos tempos em que vivemos. Neste capítulo, Paulo diz a Timóteo quão maus os outros seriam, e, portanto, quão bom ele deveria ser. Sabendo da maldade dos outros, deveríamos nos empenhar em manter a nossa integridade tanto mais firme.

As Marcas dos Tempos Perigosos
vv. 1-9

Timóteo não deve achar estranho o fato de haver pessoas más na igreja, porque a rede do evangelho inclui peixes bons e ruins (Mt 13.47,48). Jesus Cristo tinha predito (Mt 24) que viriam enganadores, e, portanto, não devemos ficar escandalizados por isso, nem pensar o pior da religião ou da igreja por causa disso. Mesmo no minério que contém o ouro há impurezas, e o trigo quando está deitado no campo vem acompanhado de uma grande parte de palha.

I Timóteo precisa saber que nos *últimos dias* (v. 1), nos tempos do evangelho, sobrevirão *tempos trabalhosos*. Embora os tempos do evangelho fossem tempos de restauração em muitos sentidos, ele precisa saber que mesmo nos tempos do evangelho haveria tempos trabalhosos; não tanto por causa de perseguição de fora, mas por causa das corrupções internas. Esses seriam tempos difíceis, em que seria complicado para uma pessoa manter uma boa consciência. O apóstolo não diz: "Tempos trabalhosos virão, porque judeus e gentios se unirão para erradicar o cristianismo"; mas: "tempos trabalhosos virão, porque esses que têm *aparência de piedade* (v. 5) serão corruptos e perversos e farão um grande mal à Igreja". Dois traidores dentro da guarnição podem fazer mais estrago a ela do que dois mil sitiadores do lado de fora. Tempos trabalhosos virão, porque as pessoas serão más. Observe: 1. O pecado torna os tempos trabalhosos. Quando há uma corrupção geral de conduta e de temperamento nas pessoas, isso torna os tempos perigosos para se viver; porque é difícil manter nossa integridade no meio da corrupção geral. 2. A vinda de tempos trabalhosos é uma evidência da verdade das predições bíblicas. Se o acontecimento nesse sentido não correspondesse à profecia, podíamos ser tentados a questionar a divindade da Bíblia. 3. Estamos todos preocupados em conhecer essas coisas, em crer e considerá-las, para que não sejamos surpreendidos quando virmos os tempos trabalhosos: *Sabe, porém, isto.*

II Paulo conta a Timóteo qual é o motivo que tornaria esses tempos trabalhosos, ou quais serão as marcas e sinais por meio dos quais esses tempos serão conhecidos (v. 2ss.). 1. O amor-próprio tornará os tempos trabalhosos. Quem não ama a si mesmo? Mas, aqui se tem em mente um amor-próprio irregular e pecaminoso. As pessoas amam o seu eu carnal mais do que o seu eu espiritual. Elas têm prazer em gratificar seus próprios desejos mais do que agradar a Deus e cumprir o seu dever. Em vez da caridade cristã, que cuida do bem-estar dos outros, elas somente se preocupam consigo mesmas e preferem sua própria gratificação à edificação da Igreja. 2. Avareza. Observe: O amor-próprio traz consigo uma sucessão de pecados e prejuízos. Quando as pessoas são amantes de si mesmas, nenhum bem pode ser esperado delas, porque todo bem deve ser esperado daquelas que amam a Deus de todo coração. Quando a avareza geralmente prevalece, cada pessoa busca obter mais e manter aquilo que tem. Isso torna as pessoas perigosas umas para as outras e obriga a cada uma delas ficar de prontidão em relação ao seu próximo. 3. Orgulho e vanglória. Os tempos são trabalhosos quando as pessoas, sendo orgulhosas de si mesmas, são *presunçosas e blasfemas*; blasfemas diante das pessoas a quem desprezam e as quais olham com escárnio, e blasfemas de Deus e do seu nome. Quando as pessoas não temem a Deus, não respeitam as pessoas, e *vice-versa*. 4. Quando os filhos são desobedientes aos pais e não cumprem as obrigações para com eles tanto no dever quanto na gratidão, e freqüentemente nos interesses, tendo sua dependência deles e sua expectativa deles, eles tornam os tempos trabalhosos; pois, que tipo de maldade não cometerão aqueles que são abusivos contra os seus próprios pais e se rebelam contra eles? 5. Ingratidão e profanação tornam os tempos trabalhosos, e essas duas geralmente andam juntas. Por qual motivo as pessoas se tornam profanas e sem temor a Deus, sendo ingratas em relação às misericórdias de Deus? A ingratidão e a impiedade andam juntas. Não tem como chamar alguém com um nome pior do que chamá-lo de ingrato. Ingrato e impuro, corrompido com desejos carnais, que é um exemplo de grande ingratidão para com esse Deus que proveu tão bem para a manutenção do corpo. Abusamos dos seus dons, se os tornamos o alimento e combustível para os nossos desejos. 6. Os tempos são trabalhosos quando as pessoas não buscam andar de acordo com a natureza ou honestidade comum, quando estão *sem afeto natural* e são *irreconciliáveis* (v. 3). Existe um afeto natural em todos. Onde quer que haja a natureza humana, deveria haver humanidade ou humanitarismo para com aqueles da mesma natureza, mas especialmente entre os familiares. Os tempos são trabalhosos quando os filhos são desobedientes aos seus pais (v. 2) e quando os pais não demonstram o afeto natural pelos filhos (v. 3). Veja o tipo de corrupção da natureza que o pecado é, como destitui as pessoas daquilo que a natureza implantou nelas para a manutenção da sua própria espécie; pois o afeto natural dos pais pelos filhos é o que contribui muito para a conservação da humanidade na terra. Não é de admirar que essas pessoas que não estão ligadas por afetos naturais não estejam ligadas às alianças e pactos mais solenes. Elas são *irreconciliáveis*, ou implacáveis, que não se importam com os compromissos que assumiram. 7. Os tempos são trabalhosos quando as pessoas são *caluniadoras* umas com as outras, *diaboloi – diabos* uns com os outros, não se importando com o bom nome dos outros, ou com as obrigações religiosas de um voto ou juramento, mas achando que têm toda liberdade de pensar e falar o que bem desejarem (Sl 12.4). 8. Quando as pessoas não têm controle sobre si mesmas e sobre seus próprios apetites: não têm controle em relação aos seus próprios apetites, porque são *incontinentes*; em relação às suas próprias paixões, porque são *cruéis*; quando não há governo sobre seus próprios espíritos, e, portanto, são como uma cidade que está destruída e não tem paredes. Elas logo são incendiadas diante da menor provocação. 9. Quando aquilo que é bom e deveria ser honrado é geralmente desprezado e visto com desdém. É o orgulho dos perseguidores quando olham com desdém para pessoas justas, embora sejam melhores do que seus vizinhos. 10. Quando as pessoas são geralmente traiçoeiras, obstinadas e arrogantes, os tempos são trabalhosos (v. 4) –

quando as pessoas são *traidoras, obstinadas, orgulhosas*. Nosso Salvador predisse que o irmão entregaria à morte o irmão, e o pai, o filho (Mt 10.21), e esses são o pior tipo de traidores. Esses que entregam suas Bíblias a perseguidores eram chamados de *traidores*, porque traíam a confiança depositada neles. Quando as pessoas são petulantes e inchadas de orgulho, conduzindo-se desdenhosamente para com todos, e quando esse temperamento geralmente prevalece, os tempos são trabalhosos. 11. Quando as pessoas geralmente são *mais amigas dos deleites do que amigas de Deus*. Quando existem mais epicureus do que verdadeiros cristãos, então os tempos são realmente maus. Deus deve ser amado acima de tudo. É uma mente carnal e cheia de animosidade contra Ele aquela que coloca qualquer coisa na frente dele, especialmente uma coisa tão sórdida como os prazeres carnais. 12. Quando, não obstante a tudo, essas pessoas *têm aparência de piedade* (v. 5), são chamadas pelo nome de cristão, batizadas na fé cristã, fazendo da religião um espetáculo. Mas, independentemente de quão plausível aparenta ser sua piedade, negam a eficácia dela. Quando elas tomam sobre si a aparência que deveriam trazer e traria junto consigo a eficácia, elas separam aquilo que Deus uniu. Elas simulam a aparência de piedade, para tirar o seu opróbrio; mas não se submetem à eficácia dela, para tirar o seu pecado. Observe aqui: (1) As pessoas podem ser muito más e perversas em relação à profissão de fé; elas podem ser amantes de si mesmas etc., mas ter a aparência de piedade. (2) A aparência da piedade é uma coisa muito diferente do que a eficácia dela. As pessoas podem ter uma coisa e estar completamente destituídas da outra; sim, elas negam isso, pelo menos de maneira prática na sua vida. (3) Os cristãos justos devem se afastar desse tipo de pessoas.

III Paulo adverte Timóteo a tomar cuidado com certos tipos de enganadores, não somente para não ser engodado por eles, mas para que possa fortalecer aqueles que estão debaixo da sua responsabilidade contra a sedução deles. 1. Ele mostra quão diligentes eram em fazer prosélitos (v. 6). Essas pessoas escolhiam pessoas específicas, as visitavam em suas casas, não se atrevendo a aparecer abertamente; porque as pessoas que fazem o mal aborrecem a luz (Jo 3.20). Elas não eram forçadas para dentro das casas, como cristãos justos eram pela perseguição; mas, por escolha, introduzem-se nas casas para conquistar o afeto e a boa impressão das pessoas, e para assim atraí-las para o seu grupo. E veja o tipo de pessoas que conquistavam e faziam prosélitos: *mulheres néscias* e fracas, *carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências*. Uma mente tola e um coração imundo tornam as pessoas presas fáceis para enganadores, especialmente mulheres. 2. Ele mostra quão longe estavam de chegar ao conhecimento da verdade, embora fizessem de conta que *aprendiam sempre* (v. 7). Em um sentido, devemos todos estar aprendendo sempre, isto é, crescendo no conhecimento, continuando a conhecer o Senhor, seguindo em frente; mas esses eram céticos, levianos e instáveis, que estavam dispostos a absorver cada idéia nova, com o pretexto de adquirir mais conhecimento, mas nunca tiveram uma compreensão correta da verdade em Jesus. 3. Ele prediz certo obstáculo ao seu progresso (v. 8,9), comparando-os aos magos egípcios que resistiram a Moisés, que são chamados aqui de *Janes e Jambres*. Embora esses nomes não apareçam no Antigo Testamento, eles são encontrados em alguns autores judaicos antigos. Quando Moisés apareceu com uma ordem divina para tirar Israel do Egito, esses mágicos se opuseram a ele. Da mesma forma, esses hereges *resistiram à verdade* e, semelhantemente a eles, eram *homens corruptos de entendimento*, homens que tinham seu entendimento pervertido, predispostos contra a verdade, *e réprobos quanto à fé*, ou muito longe de ser verdadeiros cristãos. *Não irão, porém, avante*, ou não muito avante, como alguns interpretam esse texto. Observe: (1) Os enganadores procuram esquinas e amam a obscuridade. Eles têm medo de aparecer em público, e, portanto, se introduzem pelas casas. Além disso, atacam aqueles que são menos capazes de se defender, ou seja, mulheres néscias e carregadas de pecado. (2) Os enganadores em todas as épocas são muito parecidos. Seu caráter é o mesmo – a saber, *homens corruptos de entendimento* etc. A conduta deles é muito parecida – eles resistem à verdade, como Janes e Jambres resistiram a Moisés; e eles serão semelhantes em seu desapontamento. (3) Aqueles que resistem à verdade são culpados de desvario, insensatez, sim, de insensatez clamorosa; pois *magna est veritas, et praevalebit – grande é a verdade, e prevalecerá.* (4) Embora o espírito do erro possa estar solto por um tempo, Deus o mantém em uma corrente. Satanás não pode enganar as nações e as igrejas mais do que Deus permitir: *a todos será manifesto o seu desvario;* ficará claro que são impostores, e todos os abandonarão.

As Marcas dos Tempos Perigosos. A Excelência das Escrituras

vv. 10-17

Para confirmar Timóteo no caminho em que andava, Paulo faz o seguinte:

I O apóstolo coloca diante dele seu próprio exemplo, do qual Timóteo tinha sido testemunha ocular, pelo fato de o estar acompanhando por muito tempo (v. 10): *Tu* [...] *tens seguido a minha doutrina.* Quanto mais plenamente conhecermos a doutrina de Cristo e dos apóstolos, tanto mais firmemente vamos aderir a ela. O problema de tantos não estarem firmes nela é que não a conhecem de perto. Os apóstolos de Cristo não tinham inimigos, a não ser aqueles que não os conheciam, ou não os conheciam de perto. Esses que os conheciam melhor, os amavam e honravam. Então o que Timóteo conhecia tão de perto em Paulo? 1. A doutrina que ele pregava. Paulo não escondia nada dos seus ouvintes, mas anunciava todo o conselho de Deus (At 20.27), assim, que se não fosse pela própria culpa deles, eles a conheceriam de perto. Timóteo tinha um grande privilégio em ter sido treinado por um tutor como Paulo e ser informado da doutrina que pregava. 2. Timóteo conhecia de perto a conduta do apóstolo: *Tu* [...] *tens seguido a minha doutrina, modo de viver.* Seu modo de vida estava em conformidade com a sua doutrina e não a contradizia. Ele

não derrubava com o seu viver aquilo que tinha erguido com a sua pregação. Os ministros cuja maneira de viver está em conformidade com as suas doutrinas, muito provavelmente farão bem e deixarão frutos duradouros do seu trabalho. Por outro lado, aqueles que pregam bem, mas se conduzem mal não podem esperar trazer proveito ao povo. 3. Timóteo conhecia de perto qual era a grande coisa que Paulo tinha em vista, tanto na sua pregação quanto na sua conduta: "Você conhece a minha *intenção*, o que almejo, quão longe isso está de qualquer desígnio secular, carnal e mundano, e quão sinceramente viso à glória de Deus e o bem da alma das pessoas". 4. Timóteo conhecia de perto o bom caráter de Paulo, que ele podia deduzir da sua doutrina, do seu modo de viver e do seu propósito; porque ele deu provas da sua *fé* (isto é, da sua integridade e fidelidade, ou da sua fé em Cristo e da sua fé em relação à vida vindoura), da sua longanimidade para com as igrejas às quais pregava e sobre as quais presidia, da sua *caridade* para com todas as pessoas, e da sua *paciência*. Essas eram graças que notabilizaram Paulo, e Timóteo sabia disso. 5. Ele sabia que o apóstolo estava sofrendo por ter feito o bem (v. 11): "Você conheceu de perto as *perseguições e aflições tais quais me aconteceram*" (ele somente menciona aquelas que ocorreram enquanto Timóteo esteve com ele, *em Antioquia, em Icônio e em Listra*); "e, portanto, não se surpreenda se tiver de suportar coisas difíceis; isso também aconteceu comigo antes". 6. Ele conhecia o tipo de cuidado que Deus tinha com ele: *e o Senhor de todas* as aflições *me livrou*; assim como o apóstolo nunca falhou na causa dele, assim o seu Deus nunca falhou com ele. Você conhece de perto as minhas *aflições*. Quando conhecemos apenas em parte as aflições de pessoas justas, elas se tornam uma tentação para nós no sentido de rejeitarmos a causa pela qual elas sofrem. Quando somente conhecemos as privações às quais elas estão sujeitas por amor a Cristo, poderemos estar prontos para dizer: "Vamos renunciar a essa causa que provavelmente nos custará tanto se a adotarmos"; mas quando conhecemos as aflições de perto, não somente como elas sofrem, mas como são fortalecidas e consoladas nos seus sofrimentos, então, em vez de ficar desanimados, seremos animados por eles, especialmente considerando que sabíamos anteriormente que deveríamos passar por isso (v. 12): *todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições*: nem sempre de modo similar. Naquela época, aqueles que professavam a fé em Cristo estavam mais expostos à perseguição do que em outras épocas; mas em todos as épocas, mais ou menos, aqueles que viverem piamente em Cristo Jesus padecem perseguições. Eles devem esperar ser desprezados e que a sua religião os atrapalhará na sua caminhada para a honra. Esses que desejam viver piedosamente devem contar com ela, especialmente esses que viverem piedosamente *em Cristo Jesus*, isto é, de acordo com as regras estritas da religião cristã e vestirem a farda e levarem o nome do Redentor crucificado. Todo aquele que mostrar a religião por meio de seu modo de viver, que não somente é piedoso, mas vive de maneira piedosa, poderá esperar perseguição, especialmente quando se mostrarem resolutos nisso. Observe: (1) A vida do apóstolo era exemplar por três motivos: pela sua *doutrina*, que era de acordo com a vontade de Deus; pela sua *vida*, que era de acordo com a sua doutrina; e pelas suas *perseguições e sofrimentos*. (2) Embora sua vida fosse uma vida de grande proveito, também era uma vida de grande sofrimento; e ninguém, eu creio, chegou mais perto do seu grande Mestre pelos eminentes serviços e grandes sofrimentos do que Paulo. Ele sofreu quase em todo lugar. O Espírito Santo lhe revelou que prisões e tribulações o esperavam (At 20.23). Aqui ele menciona suas perseguições e aflições em *Antioquia*, em *Icônio* e em *Listra*, além do que sofreu em outros lugares. (3) O apóstolo menciona a libertação do Senhor em todas as situações, para o encorajamento de Timóteo e nosso. (4) Temos a prática e tratamento dos verdadeiros cristãos: eles vivem piedosamente em Cristo Jesus – essa é a prática deles; e eles sofrerão perseguição – esse é o tratamento que devem esperar neste mundo.

II Ele adverte Timóteo do final trágico dos enganadores, como um motivo para permanecer firme à verdade em Jesus: *Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior* etc. (v. 13). Observe: Assim como homens justos, pela graça de Deus, se tornam cada vez melhores, assim também ocorre com os homens maus, por meio da sutileza de Satanás e o poder das suas próprias corrupções, se tornam cada vez piores. O caminho do pecado é morro abaixo; pois esses procedem de mal a pior, *enganando e sendo enganados*. Esses que enganam os outros não fazem mais do que enganar-se a si mesmos. Esses que atraem os outros ao pecado acabam incorrendo em mais e mais erros, e descobrirão isso no final, para o prejuízo deles.

III Ele o orienta a permanecer firme em um bom ensino e especialmente em relação àquilo que tinha aprendido das Sagradas Escrituras (vv. 14,15): *Permanece naquilo que aprendeste*. Observe: Não é suficiente aprender aquilo que é bom, mas devemos permanecer nisso e perseverar até o fim. Então seremos, verdadeiramente, discípulos de Cristo (Jo 8.31). Não deveríamos mais ser *meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente* (Ef 4.14). *Não vos deixeis levar em redor por doutrinas várias e estranhas, porque bom é que o coração se fortifique com graça* (Hb 13.9). E, por essa razão, deveríamos permanecer nas coisas que aprendemos das Sagradas Escrituras. Isso não quer dizer que devemos permanecer nos erros e enganos para os quais talvez fomos levados no tempo da nossa infância e mocidade (porque essas coisas, após uma averiguação imparcial e uma completa convicção, deveríamos abandonar); mas isso não muda nada quanto a permanecermos nas coisas que as Sagradas Escrituras claramente asseveram, e que até quem passa correndo consegue ler. Se Timóteo permanecesse fiel à verdade como foi ensinado, isso o prepararia contra os laços e insinuações dos enganadores. Observe: Timóteo deve *permanecer naquilo que aprendeu e de que foi inteirado.*

1. É uma grande alegria conhecer a certeza das coisas das quais já fomos informados (Lc 1.4); não somente para conhecer as verdades, mas saber que são certezas incontestáveis. Devemos nos esforçar cada vez mais pa-

ra certificar-nos daquilo que aprendemos, que, estando fundamentados na verdade, possamos estar guardados contra o engano, porque a certeza na religião é de grande importância e benefício. "*Sabendo*": (1) "Que tu tiveste bons mestres. Pondera *de quem o tens aprendido*; não de homens maus e enganadores, mas de homens justos, que experimentaram o poder das verdades que ensinaram a ti e estavam prontos a sofrer por elas, e, dessa forma deram a evidência mais completa da sua fé nessas verdades". (2) "Sabendo especialmente o firme fundamento sobre o qual tu construíste, a saber, as Escrituras (v. 15): *que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras*".

2. Esses que se familiarizam com as coisas de Deus, e se certificam delas, devem saber as sagradas letras, porque elas são o resumo da revelação divina.

3. É uma alegria conhecer as sagradas letras desde a meninice; e crianças deveriam ter o conhecimento das Escrituras desde cedo. A infância é a fase do aprendizado; e aqueles que querem receber o verdadeiro aprendizado devem recebê-lo das Escrituras.

4. As Escrituras que devemos conhecer são as Santas Escrituras ou as sagradas letras. Elas vêm do Deus santo, foram entregues por homens santos, contêm preceitos santos, tratam de coisas santas e foram destinadas a tornar-nos santos e a orientar-nos para o caminho da santidade para a felicidade. Sendo chamadas de *sagradas letras*, elas são, dessa forma, diferenciadas dos escritos profanos de todos os tipos, e daqueles que somente tratam da moralidade e justiça e honestidade comum, mas não tratam da santidade. Se queremos conhecer as sagradas letras, devemos lê-las e examiná-la diariamente, como fizeram os nobres bereanos (At 17.11). Elas não devem ficar deitadas em algum lugar de forma negligente e raras vezes ou até nunca lidas. Observe aqui:

(1) A excelência das Escrituras. A Escritura é *divinamente inspirada* (v. 16), e, portanto, é a Palavra de-Deus. Ela é a revelação divina, de que podemos depender como infalivelmente verdadeira. O mesmo Espírito que assoprou a razão em nós, sopra a revelação entre nós: *Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo* (2 Pe 1.21). Os profetas e apóstolos não falavam de si mesmos, mas aquilo que recebiam do Senhor eles entregaram a nós. Da grandiosidade do seu estilo podemos saber que a Escritura foi dada pela inspiração de Deus; da verdade, pureza e sublimidade das doutrinas contidas nela; da harmonia entre as suas diversas partes; do seu poder e eficácia na mente de multidões que a ouvem; do cumprimento de muitas profecias relacionadas a coisas muito além de toda presciência humana; e dos milagres indescritíveis que foram realizados como prova da sua origem divina: *testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade* (Hb 2.4).

(2) Sua utilidade para nós. [1] *Que podem fazer-te sábio para a salvação*; ou seja, as Escrituras são um guia certo em nosso caminho para a vida eterna. Observe: As pessoas verdadeiramente sábias são sábias para a salvação. As Escrituras são aptas a tornar-nos verdadeiramente sábios, sábios para a nossa alma e para o outro mundo. "Para tornar você sábio para a salvação *pela fé*". Observe: As Escrituras vão nos tornar sábios para a salvação, se estiverem combinadas com a fé, e não o contrário (Hb 4.2). Porque, se não crermos na sua verdade e bondade, não nos farão bem algum. [2] Ela é *proveitosa* para todos os propósitos da vida cristã, *para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça.* Ela atinge todos os fins da revelação divina. Ela instrui naquilo que é verdade, repreende quando estamos errados e nos dirige naquilo que é bom. Ela é útil para todos, porque todos precisamos ser instruídos, corrigidos e redargüidos. Ela é especialmente útil para os ministros, que devem dar instrução, correção e repreensão; e de onde poderíamos obter informações melhores do que da Bíblia? [3] *Para que o homem de Deus seja perfeito* (v. 17). O cristão, o ministro, é um homem de Deus. O que completa um homem de Deus neste mundo é a Escritura. Por meio dela somos *perfeitamente instruídos para toda boa obra.* A Escritura é adequada para todas as situações. Independentemente do nosso dever, ou do nosso serviço, podemos encontrar aquilo que precisamos nas Escrituras.

(3) Como um todo, podemos ver o seguinte: [1] Que a Escritura tem vários usos e atinge diversos fins e propósitos: Ela é *proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir* todos os erros de julgamento e prática, e *para instruir em justiça.* [2] A Escritura é uma regra perfeita de fé e prática e foi designada para o homem de Deus, porque é *proveitosa para ensinar* etc. [3] Se consultarmos a Escritura, que foi dada pela inspiração divina e seguirmos as suas orientações, seremos feitos homens de Deus, *perfeitos e perfeitamente instruídos para toda boa obra.* [4] Não precisamos de escritos de filósofos, nem de fábulas rabínicas, nem de lendas papistas, nem de tradições orais, para nos tornar homens de Deus perfeitos, uma vez que a Escritura satisfaz a todos esses fins e propósitos. Devemos amar mais a nossa Bíblia e ficar mais íntimos dela. Só então acharemos o benefício e proveito dela e finalmente alcançaremos a felicidade nela prometida e assegurada a nós.

CAPÍTULO 4

Neste capítulo: I. Paulo, com grande solenidade e seriedade, compele Timóteo a ser diligente e conscienciosa na execução do seu trabalho e ofício como evangelista; e a ordem que foi dada a ele deve ser obedecida por todos os ministros (vv. 1-5). II. O motivo da sua preocupação neste caso: Por que Timóteo precisa agora instar a tempo etc., de uma maneira tão específica? Porque a igreja provavelmente logo ficaria sem o trabalho do apóstolo, porque a sua partida estava próxima (vv. 6-8). III. Diversas questões específicas, com orientações e precauções acerca de Alexandre, o latoeiro (vv. 9-15). IV. O apóstolo lhe informa o que aconteceu na sua primeira defesa: embora os homens o tivessem abandonado, o Senhor esteve do lado dele e isso o encorajou em relação a uma libertação futura (vv. 16-18). Então ele conclui com saudações e uma bênção (vv. 19-22).

Os Deveres Ministeriais. A Expectativa Alegre do Apóstolo

vv. 1-8

Observe:

I Quão solenemente essa ordem é introduzida (v. 1): *Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino.* Observe: Os melhores homens precisam ter um grande temor na execução do seu dever. O trabalho de ministro não é uma coisa indiferente, mas absolutamente necessária. Ai daquele que não anunciar o evangelho (1 Co 9.16). Para levá-lo à fidelidade, ele deve considerar: 1. Que o olho de Deus e de Jesus Cristo estava sobre ele: *Conjuro-te diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo*; isto é, "como tu guardas o favor de Deus e Jesus Cristo; como tu buscas ser aprovado por Deus e por Jesus Cristo, tanto pelas obrigações da religião natural quanto da religião revelada; como tu darás retorno ao Deus que te criou e ao Senhor Jesus Cristo te redimiu". 2. Ele o conjura já que terá de responder a isso no grande dia, lembrando-o do julgamento vindouro, que é confiado ao Senhor Jesus. Ele julgará os vivos e os mortos *na sua vinda e no seu Reino*, ou seja, quando Ele aparecer no seu Reino. Isso interessa a todos, tanto aos ministros quanto às pessoas. Eles devem considerar seriamente a prestação de contas que terão de dar em breve a Jesus Cristo de todos os depósitos colocados neles. Cristo *há de julgar os vivos e os mortos*, isto é, aqueles que no último dia estarão vivos e aqueles que serão ressuscitados dos seus túmulos. Observe: (1) O Senhor Jesus Cristo julgará os vivos e os mortos. Deus *deu ao Filho todo o juízo* e o constituiu juiz dos vivos e dos mortos (At 10.42). (2) Ele aparecerá; Ele virá a segunda vez; será uma aparição gloriosa, como a palavra *epifaneia* indica. (3) Então o seu Reino aparecerá em sua glória: *na sua vinda e no seu Reino*; porque Ele então virá no seu Reino, sentado em um trono, para julgar o mundo.

II O assunto da conjuração (vv. 2-5).

1. Ele é conjurado a *pregar a palavra*. Essa é a função dos ministros: uma revelação é confiada a eles. Não são as suas próprias idéias e concepções que devem pregar, mas a pura e clara Palavra de Deus; e eles não a devem corromper, mas com sinceridade falam de Cristo, como de Deus na presença de Deus (2 Co 2.17).

2. Ele é conjurado a instar o que pregava e a instilar a Palavra com toda seriedade nos seus ouvintes: "*Insta a tempo e fora de tempo, redargúe, repreende, exorta*; faz esse trabalho com todo fervor de espírito. Insiste com aqueles que estão debaixo da tua responsabilidade a tomarem cuidado com o pecado e a cumprirem o seu dever: insiste para que se arrependam, creiam e vivam uma vida santa, a tempo e fora de tempo. *A tempo*, quando estiverem livres para ouvir a ti, quando alguma oportunidade especial se apresentar de falar a eles. Não somente isso, mas faze-o *fora de tempo*, mesmo quando não há a aparente probabilidade para despertá-los para o evangelho, porque tu não sabes, mas o Espírito de Deus pode fazer isso neles; porque o vento sopra onde quer; e *pela manhã, semeamos a nossa semente e, à tarde, não retiramos a nossa mão*" (Ec 11.6). Devemos fazê-lo a tempo, isto é, não deixar escapar a oportunidade; e fazê-lo fora de tempo, isto é, não esquivar-nos do dever, com o pretexto de que é fora de tempo.

3. Ele deve falar às pessoas a respeito das suas faltas: "*Redargúe, repreende*. Convence as pessoas perversas do mal e do perigo dos seus caminhos perversos. Procura esforçar-te, lidando claramente com elas, para levá-las ao arrependimento. Repreende-as com seriedade e autoridade, em nome de Cristo, para que tomem o seu desagrado como uma indicação do desagrado de Deus".

4. Ele deve orientar, encorajar e estimular aqueles que começaram bem. "*Exorta* (persuada a permanecer firme e perseverar até o fim) *com toda a longanimidade e doutrina*". (1) Ele deve fazê-lo com muita paciência: *com toda a longanimidade*. "Se você não vir o resultado dos seus esforços no presente, não entregue os pontos; não se dê o luxo de ficar cansado e desanimado em falar com eles". Enquanto Deus mostra a eles toda longanimidade, os ministros devem exortar com toda longanimidade. (2) Ele deve fazê-lo racionalmente, não com paixão, mas *com doutrina*, ou seja: "Para submetê-los às boas práticas, instile neles bons princípios. Ensine-os a verdade em Jesus, submeta-os a uma fé firme. Isso será um meio de tirá-los do mal e trazê-los para o bem". Observe: [1] O trabalho do ministro tem várias partes: ele deve *pregar a palavra, redargüir, repreender* e *exortar*. [2] Ele deve ser muito diligente e cuidadoso. Ele deve *instar a tempo e fora de tempo*. Ele não deve poupar esforços, mas deve ser insistente com eles para cuidar da alma e dos interesses eternos deles.

5. Ele deve *ser sóbrio em tudo*. "Procure uma oportunidade para fazer-lhes o bem; não deixe escapar a oportunidade, por meio da sua negligência. Esteja atento ao seu trabalho. Esteja atento contra as tentações de Satanás, para não ser distraído. Zele pelas almas daqueles que foram confiados a você".

6. Ele deve contar com as aflições, suportá-las e tirar o máximo proveito delas. *Kakopatheson*, suporta *com paciência*. "Não desanime diante das dificuldades, mas suporte-as com uma serenidade de espírito. Habitue-se às privações".

7. Ele deve conservar na memória o seu ofício e realizar as suas tarefas: *Faze a obra de um evangelista*. O ofício dos evangelistas era, como representante dos apóstolos, regar as igrejas que os apóstolos tinham plantado. Eles não eram pastores estabelecidos, mas, por algum tempo moravam em determinado local e supervisionavam as igrejas que os apóstolos haviam plantado, até que estivessem estabelecidas debaixo de um ministério estável. Esse era o trabalho de Timóteo.

8. Ele deve cumprir o seu ministério: *Cumpre o teu ministério*. Havia uma grande confiança depositada nele, e, portanto, ele deve corresponder a essa confiança e realizar todas as partes do seu ofício com diligência e cuidado. Observe: (1) Um ministro deve contar com aflições no cumprimento fiel do seu dever. (2) Ele deve suportá-las com paciência, como um herói cristão. (3) Essas aflições não devem desanimá-lo em seu trabalho, porque ele deve fazer o seu trabalho, e cumprir o seu ministério. (4) A melhor maneira de cumprir o nosso

ministério é realizá-lo integralmente, em todas as suas partes com o trabalho apropriado.

III Os motivos para reforçar a ordem.

1. Porque erros e heresias estavam sendo introduzidos na igreja, por meio dos quais a mente de muitos cristãos professos seria corrompida (vv. 3,4): "*Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina.* Portanto, aproveita o tempo presente, quando suportarão a sã doutrina. Procura esforçar-se agora, porque é época de plantio; quando os campos estão brancos para a colheita, lança a foice, porque o vento presente da oportunidade logo acabará. *Não sofrerão* (suportarão) *a sã doutrina.* Haverá aqueles que *amontoarão para si doutores* e *desviarão os ouvidos da verdade*; portanto, segura tantos quantos puderes, para que, quando essas tempestades e tumultos surgirem, eles estejam bem firmados e a apostasia deles seja impedida". As pessoas devem ouvir, e ministros devem pregar, para o tempo futuro, e guardá-los das injúrias que provavelmente surgirão no futuro, embora ainda não tenham surgido. Eles *desviarão os ouvidos da verdade.* Eles se cansarão do verdadeiro evangelho de Cristo, e, então, se voltarão às fábulas e terão prazer nelas, e Deus os entregará à operação do erro, porque não receberam a verdade em amor (2 Ts 2.11,12). Observe: (1) Esses doutores foram *amontoados* por eles e não foram enviados por Deus, mas eles os escolheram para satisfazer as suas concupiscências e as cócegas dos seus ouvidos. (2) As pessoas agem assim quando não suportam a sã doutrina, a pregação perscrutadora, clara e com propósito e aí escolhem seus próprios doutores. (3) Há uma grande diferença entre a Palavra de Deus e a palavra desses doutores; uma é a sã doutrina, a palavra da verdade, a outra é formada apenas de fábulas. (4) Esses que se voltam às fábulas, primeiro afastam seus ouvidos da verdade, porque não conseguem ouvir e prestar atenção nas duas coisas, da mesma forma que não podem servir a dois senhores. Por isso, lemos: *voltando às fábulas.* Deus, de maneira justa, permite que aqueles que se cansaram da verdade se voltem às fábulas e os entrega para que sejam desviados da verdade pelas fábulas.

2. Porque Paulo, da sua parte, quase tinha concluído o seu trabalho: *cumpre o teu ministério* [...], *porque eu já estou sendo oferecido* etc. (v. 6).

(1) "Portanto, haverá tantas oportunidades a mais para você". Quando os trabalhadores são tirados da vinha, não é hora de perderem tempo aqueles que ficam no trabalho, mas de dobrar a sua diligência. Quanto menos mãos houver para trabalhar tanto mais laboriosas devem ser as mãos daqueles que estão no trabalho.

(2) "Cumpri o trabalho dos meus dias e da minha geração. Faça o mesmo nos seus dias e na sua geração".

(3) O conforto e alegria de Paulo, na medida em que a sua partida se aproximava, deveriam encorajar Timóteo a esforçar-se ao máximo em ser diligente e sério no seu trabalho. Paulo era um velho soldado de Jesus Cristo, Timóteo tinha sido recentemente alistado. "Venha", diz Paulo, "tenho visto que o nosso Senhor é amável e a sua obra é boa. Posso olhar para trás para a minha batalha com uma boa parte de prazer e satisfação; e, portanto, não tema as dificuldades que precisa enfrentar. A coroa da vida é tão certa como se já estivesse na sua cabeça; e, portanto, suporte as aflições, e cumpra plenamente o seu ministério". A coragem e conforto de santos e ministros que estão morrendo são uma grande confirmação da verdade da religião cristã e um grande encorajamento para os santos e ministros vivos em relação ao seu trabalho. Aqui o apóstolo volta seu olhar para sua morte iminente: *já estou sendo oferecido.* O Espírito Santo revelava de cidade em cidade que prisões e tribulações o esperavam (At. 20.23). Ele estava agora em Roma e é provável que tenha recebido um claro toque do Espírito de que ali ele deveria selar a verdade com o seu sangue, e ele entende que esse momento estava se aproximando: *já estou sendo derramado*; assim está no original: *ede spendomai*, isto é, já sou um mártir nos meus sentimentos. Isso alude à oferta de libação; porque o sangue dos mártires, embora não fosse um sacrifício de expiação ou propiciação, era um sacrifício de gratidão para a honra da graça de Deus e de suas verdades. Observe:

[1] O prazer que ele tem em falar da morte. Ele a chama de sua partida; embora seja provável que tenha antevisto que teria uma morte violenta e sangrenta, mesmo assim a chama de sua partida ou sua libertação. A morte para um homem justo é a sua libertação da prisão deste mundo e sua partida para o gozo do outro mundo: ele não deixa de existir, mas é apenas removido de um mundo para outro.

[2] O prazer com que ele olha para a vida que tinha vivido (v. 7): *Combati o bom combate, acabei a carreira* etc. Ele não temia a morte, porque tinha o testemunho da sua consciência de que pela graça de Deus ele tinha, em alguma medida, correspondido às expectativas do propósito da vida. Como cristão, como ministro, ele tinha combatido o bom combate. Ele tinha realizado o serviço, passado pelas dificuldades da sua batalha e tinha sido um instrumento ao levar avante as gloriosas vitórias do Redentor exaltado sobre os poderes das trevas. Sua vida foi uma carreira, e ele a tinha concluído. Como sua batalha tinha sido cumprida, assim sua corrida tinha acabado. "*Guardei a fé.* Guardei as doutrinas do evangelho e nunca neguei nenhuma delas". Note que, em primeiro lugar, a vida de um cristão, mas especialmente de um ministro, é um combate e uma corrida, às vezes comparada a um ou ao outro nas Escrituras. Em segundo lugar, esse é um bom combate, uma boa milícia. A causa é boa, e a vitória é certa, se continuarmos fiéis e corajosos. Em terceiro lugar, devemos combater esse bom combate, devemos concluí-lo e terminar nossa carreira. Não devemos parar até que sejamos mais do que vencedores por aquele que nos amou (Rm 8.37). Em quarto lugar, é um grande consolo para um santo moribundo quando ele pode olhar para trás e dizer com o nosso apóstolo: "*Combati* etc. Guardei a fé, a doutrina da fé e a graça da fé". Se pudermos falar da mesma maneira, ao nos aproximar do final dos nossos dias, sentiremos um consolo inexprimível. Portanto, precisamos continuar nos esforçando, contando com a graça de Deus, para que possamos terminar nossa carreira com alegria (At 20.24).

[3] O prazer com que ele olha para a vida futura (v. 8): *Desde agora, a coroa da justiça me está guardada* etc. Ele havia sofrido perda por Cristo, mas estava certo de que ganharia a Cristo (Fp 3.8). Que isso possa servir de ânimo para Timóteo para suportar as dificuldades

como um bom soldado de Jesus Cristo, que há uma coroa da vida para ele, a glória e a alegria que abundantemente compensarão todas as dificuldades e privações do combate presente. Observe: Ela é chamada de *coroa da justiça*, porque será a recompensa dos nossos serviços, que o Senhor não esquecerá, porque *não é injusto para esquecer*, e porque a nossa santidade e justiça serão aperfeiçoadas e serão a nossa coroa. Deus a dará como *justo juiz* e não permitirá que alguém se desvie. Essa coroa da justiça não era somente para Paulo, como se pertencesse somente aos apóstolos, aos ministros famosos e aos mártires, mas para *todos os que amarem a sua vinda*. Observe: A natureza de todos os santos é amar a vinda de Jesus Cristo: eles amaram a sua primeira vinda, quando Ele apareceu para tirar o pecado pelo sacrifício de si mesmo (Hb 9.26). Eles têm prazer em refletir a respeito dela. Eles aguardam ansiosos pela segunda vinda de Cristo naquele grande Dia. Eles a amam e a aguardam com ansiedade. Em relação àqueles que amam a vinda de Jesus Cristo, Ele virá para a alegria deles. Existe uma coroa de justiça reservada para eles, que na segunda vinda de Jesus Cristo será dada a eles (Hb 9.28). Disso, podemos aprender que, em primeiro lugar, o Senhor é o Juiz justo, porque seu julgamento é de acordo com a verdade. Em segundo lugar, a coroa dos crentes é uma coroa de justiça, comprada pela justiça de Cristo e guardada como recompensa pela justiça dos santos. Em terceiro lugar, essa coroa, que os crentes deverão usar, é depositada para eles. Eles não a têm na era presente, porque aqui eles são somente herdeiros. Ela não é deles como uma posse, e, mesmo assim, ela é certa, porque foi depositada para eles. Em quarto lugar, o justo Juiz a dará a todos que amam a sua vinda, se preparam para ela e anelam por ela. *Certamente, cedo venho. Amém! Ora, vem, Senhor Jesus!* (veja Ap 22.20).

As Orientações do Apóstolo a Timóteo

vv. 9-15

Encontramos diversos assuntos aqui que Paulo menciona a Timóteo, agora no fechamento desta epístola. 1. Ele roga para que se apresse em vir até ele, se possível (v. 9): *Procura vir ter comigo depressa*. Timóteo era evangelista, alguém que não era um pastor fixo em um único lugar, mas acompanhava as deslocações dos apóstolos, para edificar em cima do fundamento deles. Paulo queria a companhia e ajuda de Timóteo; e o motivo para seu pedido é que diversas pessoas o deixaram (v. 10); um deles foi por um princípio errado: *Demas se apaixonou por este mundo* e *me abandonou*. Ele abandonou a Paulo e sua missão, talvez por medo de sofrer (porque Paulo era agora um prisioneiro e talvez Demas estivesse com medo de meter-se em apuros por esse motivo), ou estava sendo afastado do seu ministério por causa de afazeres seculares, nos quais se envolveu. Seu primeiro amor por Cristo e pelo evangelho foi renunciado e esquecido, e Demas acabou se apaixonado pelo mundo. Observe: O amor por este mundo é muitas vezes a causa de apostasia das verdades e caminhos de Jesus Cristo. Ele partiu e *foi para a cidade de Tessalônica*, talvez por causa de negócios terrenos. *Crescente* foi para um lado e *Tito* para o outro. *Lucas*, no entanto, permaneceu com Paulo (vv. 11,12). Será que ele não bastava? Paulo acreditava que não. Ele amava a companhia dos seus amigos. 2. Ele fala respeitosamente a respeito de Marcos: *porque me é muito útil para o ministério*. Acredita-se que esse Marcos é o mesmo que provocou uma séria discussão entre Paulo e Barnabé (At 15.39). Paulo não queria levá-lo consigo no ministério, porque ele tinha recuado e desistido da viagem em certa oportunidade. Mas agora, diz ele: *Toma Marcos e traze-o contigo*. Com isso, parece que Paulo havia se reconciliado com Marcos e tinha uma opinião melhor dele do que antes. Podemos aprender dessa situação que devemos ter um espírito perdoador. Não devemos, portanto, repudiar para sempre pessoas que são úteis e proveitosas, mesmo que tenham errado em certa ocasião. 3. Paulo pede a Timóteo que venha até ele, passando por Trôade, para trazer-lhe as coisas que tinha deixado lá (v. 13). Talvez Paulo tivesse mais necessidade da capa na prisão fria. Provavelmente era a roupa que usava comumente, uma roupa simples. Em relação aos livros, alguns traduzem da seguinte forma: *traga a lista de pergaminhos que deixei em Trôade*; outros traduzem: *mesa* ou *estante*. Paulo era guiado pela inspiração divina, e, mesmo assim, precisava dos livros. Ele tinha exortado Timóteo a dar atenção à leitura, coisa que ele mesmo fazia, embora estivesse agora pronto para ser oferecido. Enquanto estivermos vivos devemos continuar aprendendo. *Principalmente os pergaminhos*, que alguns acham tratar-se dos originais das suas epístolas. Outros acreditam que eram as peles usadas para fazer suas tendas, por meio das quais ele obtinha seu sustento, trabalhando com suas próprias mãos. 4. Ele menciona *Alexandre* e o dano que tinha causado a ele (vv. 14,15). Esse é o mesmo Alexandre mencionado em Atos 19.33. Parece que ele tinha sido um adepto da fé cristã e naquela oportunidade tinha sido especialmente difamado pelos adoradores de Diana, e, mesmo assim, causou-lhe muitos males. Paulo estava em perigo entre falsos irmãos (2 Co 11.26) bem como entre inimigos. Paulo prediz que Deus iria ajustar as contas com ele. Essa é uma denúncia profética do justo julgamento de Deus que viria sobre ele: *O Senhor lhe pague segundo as suas obras*. Ele adverte Timóteo para ter cuidado com ele: "*Guarda-te também dele*, para que não te leve ao erro, simulando ser teu amigo". É perigoso envolver-se com pessoas que são inimigos de homens como Paulo. Observe: (1) Alguns que em certa época foram ouvintes e admiradores de Paulo não lhe deram motivo para lembrá-los com muita satisfação; porque um deles o abandonou e o outro lhe causou muito mal e fez forte oposição às suas palavras. Contudo: (2) Ao mesmo tempo, ele menciona alguns com satisfação. A maldade de alguns não o fez esquecer da bondade de outros; tais como *Timóteo*, *Tito*, *Marcos* e *Lucas*. (3) O apóstolo deixou um estigma no nome e na memória de duas pessoas; uma é *Demas*, que o abandonou, amando o presente século; e o outro é *Alexandre*, que resistiu muito às suas palavras. (4) Deus recompensará os malfeitores, particularmente o apóstatas, de acordo com suas obras. (5) Devemos nos cuidar com pessoas que têm espírito e temperamento semelhantes aos de Alexandre; porque elas não nos farão bem algum, mas, sim, todo dano possível.

As Orientações do Apóstolo a Timóteo. Saudações e Bênçãos
vv. 16-22

Aqui:

I O apóstolo apresenta um relato a Timóteo das suas circunstâncias atuais.

1. Ele tinha sido chamado recentemente a aparecer diante do imperador, pelo fato de ter apelado a César. Infelizmente *ninguém o assistiu* (v. 16), para advogar a sua causa, para servir de testemunha ou pelo menos para apoiá-lo, mas *todos o desampararam*. Era estranho que um homem tão justo e bom como Paulo não tivesse ninguém com ele para reconhecê-lo, especialmente em Roma, onde havia muitos cristãos, cuja fé era anunciada em todo o mundo (Rm 1.8). Mas pessoas são pessoas. Os cristãos em Roma estavam prontos para ir encontrá-lo (At 28); mas quando a coisa apertou e eles estavam correndo risco de sofrer com ele, todos o abandonaram. Ele ora para que isso não lhes seja imputado, deixando claro que essa era uma falta séria, e Deus poderia com toda justiça estar irado com eles. Mas Paulo ora para que Deus os perdoe. Veja a distinção que é colocada entre pecados de presunção e pecados de fraqueza. Por Alexandre, o latoeiro, que malignamente lhe resistiu, Paulo ora o seguinte: *o Senhor lhe pague segundo as suas obras*; mas a respeito desses cristãos, que por causa da fraqueza se retraíram de Paulo no tempo da provação, ele ora: *Que isto lhes não seja imputado*. Observe: (1) Paulo foi provado quando seus amigos o abandonaram em tempos de necessidade, bem como pela oposição feita pelos seus inimigos: todos o abandonaram. (2) Eles pecaram quando não estiveram ao lado do bom apóstolo, especialmente na sua primeira defesa; mas esse era um pecado de fraqueza, e, portanto, mais desculpável. (3) Deus poderia cobrar isso deles, mas Paulo se esforça em impedir isso pelas suas orações fervorosas: *Que isto lhes não seja imputado.*

2. *Mas o Senhor o assistiu* (v. 17), deu a ele sabedoria e coragem extraordinárias, para capacitá-lo ainda mais na sua defesa. Quando não teve ninguém para apoiá-lo, Deus fez o seu rosto brilhar. *Que, por mim, fosse cumprida a pregação*, isto é, "Deus me livrou dessa dificuldade para que pudesse pregar o evangelho, que é a minha missão". Como Paulo podia pregar o evangelho em uma situação como essa? Na verdade, Paulo sabia pregar em uma taverna bem como do púlpito. *E todos os gentios a ouvissem*, incluindo o próprio imperador e os homens importantes que nunca teriam ouvido Paulo pregar se não tivesse sido levado diante deles. *E fiquei livre da boca do leão*, isto é, de Nero (como alguns pensam) ou algum outro juiz. Alguns entendem essa expressão somente como uma forma proverbial de discurso, para dizer que estava em grande perigo. *E o Senhor me livrará de toda má obra.* Veja como Paulo aproveitou as suas experiências: "*Aquele que nos livrou, em quem esperamos que também nos livrará ainda* (veja 2 Co 1.10), me livrará *de toda má obra*, de todo mal feito a mim. *E me guardará para o seu Reino celestial*". Por esse motivo, ele dá glória a Deus, regozijando-se na esperança da glória de Deus. Observe: (1) Se o Senhor estiver diante de nós, Ele nos fortalecerá, em tempos de dificuldade e perigo, e sua presença será mais do que suficiente para suprir a ausência de alguém. (2) Quando o Senhor protege seus servos de perigos grandes e iminentes, ele visa a uma obra notável. Paulo foi protegido para que fosse cumprida a pregação por meio dele etc. (3) Livramentos anteriores deveriam fomentar esperanças futuras. (4) Há um Reino celestial, no qual o Senhor preservará suas testemunhas fiéis ou servos sofredores. (5) Devemos dar glória a Deus por todo livramento passado, presente e futuro: *A quem seja glória para todo o sempre. Amém.*

II O apóstolo envia saudações a *Prisca, e a Áqüila, e à casa de Onesíforo* (v. 19). Ele menciona ter deixado *Trófimo doente em Mileto* (v. 20), de onde podemos concluir que embora os apóstolos curassem todo tipo de doença de maneira milagrosa, para a confirmação da sua doutrina, eles não exerciam esse poder com os próprios amigos, para que não parecesse uma conspiração ou fraude.

III O apóstolo apressou Timóteo a *vir antes do inverno* (v. 21), porque anelava vê-lo e porque no inverno a jornada ou viagem seria mais perigosa.

IV O apóstolo envia saudações a Timóteo de *Êubulo, e Pudente, e Lino, e Cláudia,* e de *todos os irmãos*. Um dos autores pagãos dessa época faz menção de um Pudente e sua espoca Cláudia, e diz que Cláudia era britânica; daí alguns entendem que Paulo estava se referindo a esse Pudente, e que Cláudia aqui era a sua esposa, e que eram cristãos notáveis em Roma.

V Ele conclui com uma oração, para que o *Senhor Jesus Cristo seja com o seu espírito.* Nada nos deve deixar mais felizes do que ter o Senhor Jesus Cristo com o nosso espírito; porque nele todas as bênçãos espirituais estão resumidas. A melhor oração que podemos fazer pelos nossos amigos é que o Senhor Jesus Cristo esteja com o espírito deles, para santificá-los e salvá-los, e, no fim, recebê-los na glória; como Estevão, o primeiro mártir cristão, orou: *Senhor Jesus, recebe o meu espírito* (At 7.59). "Senhor Jesus, recebe esse espírito com o qual estiveste enquanto esteve unido ao corpo; não o deixes em seu estado separado". *A graça seja convosco. Amém.* Essa era a marca do apóstolo em cada epístola. Assim ele escrevia. *A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém* (2 Ts 3.17,18). E se a graça está conosco aqui para nos converter e mudar, para nos tornar santos, para nos manter humildes e para nos capacitar a perseverar até o fim, a glória nos coroará no futuro: *Porque o Senhor Deus é um sol e escudo; o Senhor dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão. Senhor dos Exércitos, bem-aventurado o homem que em ti põe a sua confiança* (Sl 84.11,12). *Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre.* Amém.

TITO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

A epístola de Paulo a Tito é muito semelhante na sua essência às epístolas a Timóteo. Ambos eram convertidos de Paulo e seus companheiros de trabalho e sofrimento. Ambos estavam no ministério como evangelistas, cujo trabalho era regar as igrejas plantadas pelos apóstolos e colocar em ordem as coisas que estavam deficientes nelas. Eles eram vice-apóstolos, por assim dizer, *trabalhando na obra do Senhor, como eles também faziam*, e em grande parte debaixo da direção deles, embora não de maneira tirânica e arbitrária, mas com a prática cooperadora da sua própria prudência e julgamento (1 Co 16.10,12). Lemos bastante a respeito desse Tito, suas ocupações, seu caráter e dedicação, em muitos lugares. Tito era grego (Gl 2.3). Paulo o chamou de *seu filho* (cap. 1.4), *seu irmão* (2 Co 2.13), *seu companheiro e cooperador* (2 Co 8.23), *alguém que anda no mesmo espírito* e *sobre as mesmas pisadas* com ele (veja 2 Co 12.18). Tito subiu com os apóstolos à igreja de Jerusalém (Gl 2.1), foi muito diligente em Corinto, por cuja igreja tinha *a mesma solicitude* ou cuidado (2 Co 8.16) que Paulo. A segunda epístola de Paulo aos Coríntios, e provavelmente a primeira também, foi enviada por meio dele (2 Co 8.16-18,23; 9.2-4; 12.18). Ele esteve com o apóstolo em Roma e de lá foi para a Dalmácia (2 Tm 4.10), depois disso, não lemos mais a respeito dele nas Escrituras. Pelo que tudo indica, Tito não parece ter sido um bispo fixo. Mas se ele de fato o foi, naqueles tempos, a igreja de Corinto, onde ele trabalhou mais, foi a que lhe deu o título. Em Creta (hoje chamada de *Candia*, antigamente de *Hecatompolis*, formada por cem cidades), uma grande ilha na entrada do Mar Egeu, o evangelho tinha criado raízes de certa forma. E aqui estavam Paulo e Tito em uma de suas viagens, cultivando essa lavoura. Mas o apóstolo dos gentios, tendo no seu coração a necessidade de cuidar de todas as igrejas, não podia ficar muito tempo nesse lugar. Ele, portanto, deixou Tito por um período lá, para dar continuidade ao trabalho que tinha sido começado. Provavelmente enfrentando mais dificuldades do que de costume, Paulo sentiu a necessidade de escrever esta epístola para ele – talvez não tanto para ele, porém mais para a igreja, para que o empenho de Tito, fortalecido pelo conselho e autoridade apostólicos, pudesse ser mais significativo e eficaz entre eles. Ele deveria cuidar para que todas as cidades estivessem providas com pastores dedicados que rejeitassem e impedissem a entrada de pessoas inconvenientes e desonrosas, ensinassem a sã doutrina e instruíssem a todos nos seus deveres, anunciassem a graça de Deus na salvação do homem por Cristo, e, sobretudo, mostrassem a necessidade de manter as boas obras daqueles que criam em Deus e aguardavam a vida eterna.

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, temos: I. O prefácio ou introdução à epístola, mostrando de quem e para quem foi escrita, com as saudações e a oração do apóstolo por Tito, desejando todas as bênçãos para ele (vv. 1-4). II. Apresentação do assunto, ao anunciar a finalidade de Tito ter sido deixado em Creta (v. 5). III. Como essa finalidade deveria ser atingida tanto em relação aos bons quanto aos maus ministros (vv. 6-16).

Introdução. A Incumbência de Paulo a Tito

vv. 1-4

No prefácio da epístola, temos o seguinte:

I O autor. "*Paulo*", um nome gentio adotado pelo apóstolo dos gentios (At 13.9,46,47). Os ministros se ajustam mesmo em relação a questões pequenas, para poderem ser mais bem aceitos em seu trabalho. Quando os judeus rejeitaram o evangelho, e os gentios o receberam, não ouvimos mais falar do seu nome judeu, *Saulo*, mas somente do seu nome romano, *Paulo*. "*...servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo*". Aqui ele é descrito por sua relação com Deus e seu ofício: *Servo de Deus*, não somente no sentido geral, como homem e cristão, mas especialmente como ministro, servindo a Deus *no evangelho de seu Filho* (Rm 1.9). Essa é uma grande honra. A glória dos anjos é que "*...todos eles são espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação*" (Hb 1.14). Paulo é descrito mais especificamente como ministro principal, *apóstolo de Jesus Cristo*, alguém que tinha visto o Senhor e foi imediatamente chamado e comissionado por Ele, além de ter recebido sua doutrina dele. Observe: Os ministros mais elevados na igreja não passam de servos. (Os prefácios das epístolas

estão repletos de profunda divindade e devoção.) Os apóstolos de Jesus Cristo, que foram chamados para espalhar e propagar sua religião, eram também nesse sentido servos de Deus. Eles não anunciaram nada que não estivesse em harmonia com as verdades e deveres da religião natural. O cristianismo que pregavam tinha a função de esclarecer e reforçar esses princípios naturais, bem como propagá-los e acrescentar o que era conveniente e necessário para a mudança do estado degenerado e rebelde do homem. Portanto, os apóstolos de Jesus Cristo eram servos de Deus, "...*segundo a fé dos eleitos de Deus*". A doutrina deles harmonizava com a fé de todos os eleitos desde o princípio do mundo e deveria ser propagada e promovida. Observe: Existem os eleitos de Deus (1 Pe 1.2) e neles o Espírito Santo opera uma fé divina preciosa, adequada àqueles que são escolhidos para a vida eterna (2 Ts 2.13,14): "...*por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade, para o que, pelo nosso evangelho, vos chamou*" (2 Ts 2.13,14). A fé é o primeiro princípio da santificação. "...*e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade*". O evangelho é a verdade – a grande, segura e salvadora verdade, a "...*palavra da verdade do evangelho*" (Cl 1.5). A fé divina não está baseada em raciocínios falíveis e opiniões prováveis, mas na Palavra infalível, a própria verdade, *que é segundo a piedade*, de uma natureza e tendência piedosa, pura, e que purifica o coração do crente. De acordo com esse sinal, julgue as doutrinas e os espíritos – se são de Deus ou não. O que é impuro e prejudicial à verdadeira piedade e religião prática não pode ser de origem divina. Toda verdade do evangelho visa à piedade, ensinando e fomentando reverência e temor a Deus e obediência a Ele. Essa verdade deve não somente ser conhecida, mas reconhecida. Ela deve ser exibida na palavra e na prática (Fp 2.15,16). "...*com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação*" (Rm 10.10). Aqueles que conservam a verdade na injustiça não conhecem nem crêem como deveriam. O grande objetivo do evangelho é levar a esse conhecimento e fé e a reconhecer e confessar a verdade que é segundo a piedade, até o grau mais elevado. Seus ensinos deveriam ter esse alvo principal, ou seja, gerar fé e confirmar nela. "...*em* (ou *para*) *esperança da vida eterna*" (v. 2). Esse é o outro desígnio do evangelho: gerar esperança e fé; afastar a mente e o coração do mundo e elevá-los ao céu e às coisas do alto. A fé e a piedade dos cristãos levam à vida eterna e dão esperança e uma expectativa bem fundamentada nela; porque "...*Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos*". Por causa da sua honra, Deus não pode mentir nem enganar. Esse é o consolo dos crentes, cujo tesouro está guardado em suas promessas fiéis. Mas, como se pode dizer que Ele prometeu antes dos tempos dos séculos? *Resposta*: Alguns entendem que o termo promessa também pode ser traduzido por decreto: Ele a propôs em seus conselhos eternos, que eram, por assim dizer, sua promessa em *um estado embrionário*; ou como alguns preferem dizer: *pro chronon aionion – antes da Antigüidade*, ou há muitos anos, referindo-se à promessa misteriosamente anunciada (Gn 3.15). Aqui está a estabilidade e a antigüidade da promessa de vida eterna para os santos. Deus, que não pode mentir, prometeu antes do início do mundo (ou, antes dos tempos eternos), isto é, muitas eras antes. Quão esplêndido então é o evangelho, a ponto de ser o assunto de uma promessa divina tão antiga! Esse evangelho deveria ser profundamente estimado por nós, e deveríamos estar muito gratos por esse privilégio que foi tão além dos que vieram antes de nós! "*Bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem...*" (veja Mt 13.16). Não é de admirar que o desprezo dessa promessa seja castigado severamente, visto que Ele não somente a prometeu desde a Antigüidade, "...*mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação*" (v. 3); isto é, fez com que a sua promessa, tão misteriosamente anunciada desde a Antigüidade, *a seu tempo* (a época oportuna estabelecida) se tornasse mais evidente *pela pregação*. Aquilo que alguns chamaram de *loucura da pregação* foi honrado dessa forma. "*A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus*" (veja Rm 10.17), pela palavra pregada. "...*que me foi confiada*". O ministério é uma confiança. Ninguém recebe essa honra, senão aquele que é nomeado para isso. Aquele que é nomeado e chamado precisa pregar a Palavra. "...*ai de mim se não anunciar o evangelho*" (1 Co 9.16). Ministros que não pregam não são sucessores do apóstolo. "...*segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador*". A pregação é uma obra designada por Deus como Salvador. Podemos ver uma prova da divindade de Cristo aqui, porque por meio dele o evangelho foi confiado a Paulo quando se converteu (At 9.15,17; 22.10,14,15), e novamente quando Cristo lhe apareceu (At 22.17-21). Ele, portanto, é esse Salvador. A Trindade inteira cooperou nisso: o Pai salva por meio do Filho, mediante o Espírito, e todos cooperam em enviar ministros. Que ninguém assuma um chamado se não for de Deus. É Ele que equipa, dirige, autoriza e dá oportunidades para o trabalho.

II O destinatário, que é descrito: 1. Pelo nome: "*Tito*", gentio grego, mesmo assim chamado à fé e ao ministério. Observe: A graça de Deus é livre e poderosa. Que tipo de mérito e preparação podia haver em alguém de descendência pagã? 2. Pela sua relação espiritual com o apóstolo: "...*meu verdadeiro* (ou *genuíno*) *filho*", não por geração natural, mas pela regeneração sobrenatural. "...*vos gerei em Jesus Cristo*", disse Paulo aos coríntios (1 Co 4.15). Os ministros são pais espirituais daqueles que levaram à conversão em Cristo. Eles cuidarão ternamente deles e devem ser responsavelmente respeitados por eles. "...*meu verdadeiro filho, segundo a fé comum*, essa fé que é comum a todos os regenerados, a qual você tem em verdade manifestado na vida". Isso podia ter sido dito para distinguir Tito dos hipócritas e falsos mestres e para recomendá-lo aos cuidados dos cretenses, como sendo entre eles a imagem viva do próprio apóstolo, em vida, e fé, e doutrina celestial. Para esse Tito, merecidamente tão precioso ao apóstolo, são:

III A saudação e a oração, desejando todas as bênçãos a ele: "...*graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador*". Temos aqui: 1. As bênçãos desejadas: *Graça, misericórdia e paz*. *Graça*, o livre favor de Deus e sua aceitação. *Misericórdia*, os frutos desse favor, quanto ao perdão dos pecados e livramento de todas as misérias por meio dela, tanto aqui quanto na vida futura. E *paz*, o efei-

to e fruto positivo da misericórdia. Paz com Deus, por meio de Cristo que é a nossa paz, com as criaturas e conosco. Paz exterior e interior, incluindo todo bem necessário para a nossa felicidade agora e na eternidade. Observe: Graça é a fonte de todas as bênçãos. Misericórdia, e paz, e todo bem, são provenientes da graça. Esteja debaixo do favor de Deus e tudo estará bem. 2. Essas são as pessoas de quem as bênçãos são desejadas: "*...de Deus Pai*", a fonte de todo bem. Cada bênção, cada consolo, vem a nós da parte de Deus como Pai. Ele é o Pai de todos por meio da criação, mas dos bons pela adoção e regeneração. "*...e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador*", como a forma de mediação e "alienação". Tudo vem do Pai, por meio do Filho, que é o Senhor por natureza, herdeiro de todas as coisas, e nosso Senhor, Redentor, e cabeça que governa seus membros. Todos são colocados debaixo dele. Pertencemos a Ele, como mordomos, e devemos sujeição e obediência a Ele, que também é Jesus e Cristo, o Salvador ungido, e especialmente nosso Salvador, dos que crêem nele, libertando-nos do pecado e do inferno e trazendo-nos para o céu e a felicidade.

Até aqui, vai o prefácio da epístola; então segue a apresentação do assunto, ao anunciar o objetivo de Tito ter sido deixado em Creta.

A Ordenação de Presbíteros

v. 5

Temos aqui o objetivo ou finalidade dessa epístola:

I De modo mais geral: "*Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam*". Essa era a função do evangelista (em cujo ofício Tito estava): regar onde os apóstolos tinham plantado (1 Co 3.6), promovendo e terminando o que eles haviam começado. A palavra grega *epidiorthoun* traz consigo a seguinte idéia: *colocar em ordem o que outro deixou*. Tito deveria continuar colocando em ordem aquilo que o apóstolo não teve tempo de fazer na sua breve estada ali. Observe: 1. O grande zelo do apóstolo no evangelho. Quando havia colocado o fundamento em determinado lugar, estava pronto para ir para o próximo. Ele era devedor tanto a gregos como a bárbaros e trabalhava para espalhar o evangelho o mais longe possível no meio de todos eles. 2. Sua fidelidade e prudência. Ele não negligenciava os lugares de onde partia, mas deixava alguém para cultivar a recém-implantada lavoura e continuar o trabalho que havia começado. 3. Sua humildade. Ele não desprezou a ajuda em seu trabalho, mesmo que fosse realizada por pessoas que não estavam numa posição tão elevada no ministério, nem tinham dons tão nobres quanto os dele. Para que o evangelho pudesse ser promovido, e o bem das almas, favorecido, ele prontamente aceitou a ajuda de outros: um exemplo adequado para estimular zelo e assiduidade notável nos ministros, e comprometer-se com a fidelidade e cuidado do rebanho, estando presente ou ausente, vivendo ou morrendo, buscando de todas as formas prover o bem-estar e a edificação espiritual do seu povo. 4. Tito, embora estivesse numa posição inferior a um apóstolo, estava acima dos pastores e bispos comuns, que tinham como função apascentar igrejas específicas. Tito estava numa esfera superior e tinha a função de estabelecer ou constituir pastores onde havia essa necessidade e acertar aquilo que precisava ser acertado, e, então, ir a outros lugares para realizar o mesmo serviço, de acordo com a necessidade. Tito não era apenas um ministro da igreja, como o são todos os outros, mas um ministro universal. Outros tinham um poder comum, e, em *actu primo*, para ministrar em qualquer lugar, de acordo com o chamado e oportunidade; mas evangelistas como Tito tinham poder em *actu secundo et exercito*, e podiam exercer seu ministério em todo lugar, e reivindicar seu sustento das igrejas. Eles iam para todos os lugares, e tinham o direito de dirigir e presidir os pastores e ministros comuns. Naquela época um apóstolo agia como apóstolo e um evangelista agia como evangelista; porque "*...trabalhavam na obra do Senhor, como eles também*" (1 Co 16.10), móveis e itinerantes. Tito esteve em Creta apenas ocasionalmente e por um curto período. Paulo queria que realizasse rapidamente seu trabalho ali e viesse se encontrar com ele em Nicópolis, onde pretendia ficar durante o inverno. Depois disso, Tito foi enviado a Corinto, esteve com o apóstolo em Roma, e foi enviado de lá para a Dalmácia. Essa é a última vez que lemos acerca dele nas Escrituras; portanto, pelas Escrituras não encontramos nele um episcopado fixo. Tito saiu de Creta, e não lemos que ele tenha voltado para lá em outra ocasião. Mas qual era o poder que Paulo ou Tito tinham? Por acaso não estavam usurpando os direitos dos governantes civis? De forma alguma. Eles não vinham para intrometer-se nos direitos civis de ninguém. Lucas 12.14: "*Quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?*" O trabalho deles era espiritual, que devia ser desempenhado com convicção e persuasão. Eles de forma alguma tinham a intenção de interferir, prejudicar, ou enfraquecer o poder do magistrado, mas sim firmar e fortalecê-lo. *As coisas que ainda restam*: isso não tinha nada que ver com o governo civil, mas referia-se às ordenanças espirituais e nomeações para fins espirituais, derivadas de Cristo, o rei e cabeça da igreja. Esse foi o motivo da presença de Tito ali. E observe também: Não é uma coisa fácil fortalecer igrejas e levá-las à maturidade. O próprio Paulo tinha estado ali labutando, e mesmo assim ainda faltavam coisas para serem colocadas em ordem. Os materiais de construção normalmente estão fora de esquadro e precisam ser cortados e amoldados, para que fiquem na forma desejada, e, depois de instalados, permaneçam no espaço devido. Mesmo os melhores acabam se deteriorando e necessitam de conserto. Os ministros devem se empenhar para evitar que isso aconteça, corrigir o que está defeituoso e suprir aquilo que falta. De maneira geral, esse era o trabalho de Tito em Creta. E:

II Mais especificamente: *De cidade em cidade, estabelecer presbíteros*, isto é, ministros já mais idosos e cristãos mais compreensivos e experientes; ou, se fossem mais jovens em anos, deveriam ser sóbrios e sensatos no seu comportamento e conduta. Esses deveriam ser estabelecidos onde houvesse um número apropriado de cristãos, como geralmente ocorria nas cidades maiores; embora vilarejos também pudessem tê-los, se hou-

vesse cristãos suficientes. Esses presbíteros ou anciãos deviam ter a responsabilidade e o cuidado costumeiro e determinado pelas igrejas. Eles deveriam alimentá-las e governá-las e realizar todo o trabalho pastoral nelas e para elas. A palavra presbítero é às vezes usada de maneira mais ampla, incluindo todos que exercerem uma função eclesiástica na igreja; assim os apóstolos eram *presbíteros* ou *anciãos* (1 Pe 5.1). Mas aqui ela se refere a pastores fixos, que *trabalhavam na palavra e na doutrina* e eram responsáveis pelas *igrejas no Senhor*, como são descritos aqui nesse capítulo. Alguns usam a palavra *presbítero* como *sacerdos*, e a traduzem por *sacerdote*, um termo não usado para os ministros do evangelho, a não ser na forma figurada ou alusiva, como todo o povo de Deus é chamado de *reis e sacerdotes para Deus* (*hiereis*, não *presbyterous*), para oferecer sacrifícios espirituais de orações, louvores e esmolas. Mas, via de regra, não temos sacerdotes no evangelho, exceto Cristo, o "*...sumo sacerdote da nossa confissão*" (Hb 3.1), que se ofereceu como sacrifício a Deus por nós, e vive para sempre para interceder a nosso favor. Portanto, presbíteros aqui não são sacerdotes adequados, para oferecer sacrifícios, típicos ou reais, mas somente ministros do evangelho, para ministrar as ordenanças de Cristo e "*...apascentar a igreja de Deus, sobre a qual o Espírito Santo os constituiu bispos*" (veja At 20.28). Observe: 1. Uma igreja sem um ministério fixo e estável é imperfeita e deficiente. 2. Presbíteros ou anciãos precisam ser constituídos onde houver um número adequado de crentes. Sua permanência nas igrejas é fundamental para "*...o aperfeiçoamento dos santos, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos a varão perfeito*", até que todos os escolhidos de Deus sejam chamados e unidos a Cristo em um corpo e levados à sua estatura e força plena, e à medida da graça que é devida e destinada a eles (Ef 4.12,13). Essa obra deve continuar sendo feita até o final dos tempos, e os meios necessários e designados precisam durar. O louvor devido seja dado a Deus por uma instituição como essa. Os que desfrutam desses benefícios devem continuamente ser gratos a Ele. Os que não se interessam por ela merecem nossa oração e piedade. "*Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara*". *A fé vem pelo ouvir*, e é preservada, sustentada e se torna frutífera por meio da pregação do evangelho. A ignorância e a corrupção, o declínio do bem e o aumento do mal, surgem por falta de ensino e de um ministério vivificante. Por esse motivo, portanto, foi Tito deixado "*...em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros*"; mas isso ele deveria fazer, não *ad libitum*, ou de acordo com seu bel-prazer, mas de acordo com a direção apostólica.

III O método do seu procedimento: "*...como já te mandei*", provavelmente quando ele o deixou lá, e na presença de outros, a quem ele agora pode estar se referindo, não tanto por causa de Tito, mas por causa do povo, para que mais prontamente se submetessem em obediência a Tito. Eles precisavam saber que Tito estava autorizado e era apoiado pela prescrição e autoridade apostólicas. Como sob a lei todas as coisas deveriam ser feitas de acordo com o modelo mostrado a Moisés no monte, assim sob o evangelho tudo deve ser ordenado e conduzido de acordo com a direção de Cristo, e de seus ministros principais, que eram infalivelmente guiados por Ele. Tradições humanas e invenções não devem ser trazidas para dentro da igreja de Deus. Decisões prudentes para dar continuidade às ordens de Cristo, de acordo com as regras gerais da Palavra, precisam e devem acontecer; mas nenhuma delas pode alterar coisa alguma na essência da fé ou da adoração, ou na ordem e na disciplina, das igrejas. Se um evangelista não pode fazer nada sem a devida ordem, muito menos os outros. A igreja é a casa de Deus, e a Ele cabe nomear os ministros e dar suas ordens, como lhe apraz. A palavra *como* aqui se refere às qualificações e ao caráter dos presbíteros que ele deveria estabelecer: "*De cidade em cidade*, estabelece *presbíteros, como já te mandei*, como descrevi naquela oportunidade e vou agora descrever mais especificamente para ti", o que o apóstolo passa a fazer a partir do versículo 6 até o 9.

As Qualificações de um Presbítero. A Necessidade da Repreensão Severa

vv. 6-16

O apóstolo aqui dá orientações a Tito acerca da ordenação e mostra a quem ele deveria ordenar e a quem não.

I Aqueles a quem ele deveria ordenar. Ele ressalta as qualificações e virtudes, aquilo que diz respeito à vida e conduta deles (vv. 6-8) e aquilo que diz respeito à doutrina (v. 9).

1. Suas qualificações referentes à sua vida e conduta são:

(1) Em geral: "*...aquele que for irrepreensível*"; não completamente sem falta, porque não "*...há homem justo sobre a terra, que faça bem e nunca peque*" (veja Ec 7.20), nem inteiramente irrepreensível. Isso é raro e difícil. Mesmo Cristo e seus apóstolos foram acusados, injustamente. Em Cristo certamente não havia nada censurável; e seus apóstolos não eram assim como os seus inimigos os acusavam de ser. Mas o sentido é: Ele deve ser alguém que não tenha um caráter impróprio, mas antes deve ter um bom testemunho, mesmo *dos que são de fora*; não culpados de maneira grosseira ou escandalosa, trazendo opróbrio a essa santa função.

(2) Mais especificamente:

[1] Acerca do seu caráter familiar. Ele deve zelar pela castidade conjugal: "*...marido de uma mulher*". A igreja de Roma diz: "marido *sem* esposa". Mas desde o início não foi assim. O casamento é uma ordenança à qual nenhuma profissão ou chamado pode ser um obstáculo. "*Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã, como também os demais apóstolos?*" (1 Co 9.5). *Proibir o casamento* é uma das doutrinas erradas da igreja anticristã (1 Tm 4.3). Não que os ministros *devam* casar. Não é esse o significado; mas o *marido de uma mulher* pode significar, ou não ter se divorciado de sua esposa e casado com outra (como era comum entre os da circuncisão, mesmo por causas fúteis), ou ser marido de uma única mulher, isto é, não ser bígamo; não que não possa se casar com mais de uma mulher sucessivamente; mas, es-

tando casado, ele deve ter uma mulher por vez, não duas ou três, de acordo com a prática pecaminosa comum daquela época, por uma imitação perversa dos patriarcas. Nosso Senhor mudou esse costumo nocivo. A poligamia é escandalosa; é como ter uma prostituta ou concubina como sua mulher legal. Tal pecado, ou qualquer conduta lasciva e libertina, deve estar muito distante daqueles que desejam ocupar uma função tão sagrada. E, em relação aos seus filhos, "...*que tenha filhos fiéis*", obedientes e bons, educados na verdadeira fé cristã, e vivendo de acordo com ela, pelo menos até onde o esforço dos pais for possível. É uma honra para os ministros quando seus filhos são fiéis e piedosos de acordo com a fé cristã. "...*que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes*", ou seja, não sejam acusados justamente, dando motivos para tal, porque, caso contrário, o mais inocente pode ser acusado falsamente. Eles devem cuidar para que não haja motivo algum para tal censura. Filhos tão fiéis, obedientes e sóbrios serão um sinal da fidelidade e da diligência dos pais, que os educaram e instruíram dessa forma. Assim, a fidelidade nessas pequenas coisas pode fazer com que lhe sejam confiadas coisas grandes, tal como o governo e autoridade da igreja de Deus. O motivo para essas qualificações é mostrado a partir da natureza do seu ofício (v. 7): "*Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus*". Esses que foram anteriormente chamados de presbíteros ou anciãos são aqui denominados bispos; e tais eles eram, não tendo oficiais fixos e estabelecidos sobre eles. Fica claro que o trabalho de Tito aqui era ocasional, e a sua estadia, curta, como foi mencionado anteriormente. Após ter estabelecido os presbíteros, e posto as coisas em ordem, ele os deixou (mesmo que isso não esteja registrado nas Escrituras) nas mãos desses presbíteros que o apóstolo aqui chama de bispos e despenseiros de Deus. Não encontramos nas Escrituras alguém que o tivesse substituído em Creta; mas a esses presbíteros ou bispos foi confiada toda responsabilidade de nutrir, governar e cuidar do rebanho. Eles não careciam de nenhum poder adicional para dar continuidade ao ministério da fé cristã no meio deles e confiá-lo às gerações subseqüentes. Mas, para ser esse tipo de bispo e superintendente do rebanho, sendo exemplo para eles, e despenseiro de Deus no cuidado dos afazeres da sua casa, para prover as coisas necessárias para eles, era necessário que seu caráter fosse transparente e bom, e que fosse irrepreensível. Caso contrário, a religião sofreria, seu trabalho seria dificultado e almas que eles foram designados para salvar seriam prejudicadas e colocadas em perigo. Essas são as qualificações domésticas com os seus respectivos motivos.

[2] As qualificações mais absolutas são expressas: Em primeiro lugar, negativamente, mostrando o que um presbítero ou bispo não deveria ser: "...*não soberbo*". A proibição é bastante ampla, excluindo opinião sobre si próprio ou conceitos vaidosos e arrogantes a respeito de suas habilidades e confiança demasiada nos próprios sentimentos; amor-próprio (narcisismo) e ser interesseiro ou egoísta, tornando o eu como o centro de tudo; também autoconfiança (presunção) e satisfação consigo mesmo, pouco se importando com a opinião dos outros; ser orgulhoso, teimoso, obstinado, inflexível ou avarento como Nabal: esse é o sentido que os expositores têm dado a esse termo. O ministro deve se preocupar em não apresentar esse tipo de comportamento, mas estar pronto para perguntar e receber conselho, submeter-se, dentro da razoabilidade, e tornar-se tudo para todos, para chegar a salvar alguns (veja 1 Co 9.22). "...*nem iracundo, me orgilon*, não alguém com um temperamento irascível, rápida e facilmente provocado e exaltado. Quão inadequados ou desqualificados são para dirigir uma igreja aqueles que não conseguem dirigir ou controlar a si próprios ou as suas paixões turbulentas e indomáveis! O ministro deve ser meigo, gentil e paciente com todos. "...*nem dado ao vinho*"; não há vergonha maior para um ministro do que ser um bebedor de vinho, alguém que o ama, e dá a si mesmo liberdade indevida nessa área, que *continua no vinho ou bebida forte até que o inflama*. Um uso adequado e moderado do vinho, como para as outras criaturas de Deus, não é proibido. "*Usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades*", disse Paulo a Timóteo (1 Tm 5.23). O excesso do vinho é vergonhoso para todos, especialmente para o ministro. O vinho rouba o coração, torna o homem bruto e irracional. Por isso é muito apropriada a exortação do apóstolo (Ef 5.18): "*Não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito*". Aqui não pode haver excesso, mas em relação ao vinho isso é facilmente possível: portanto, tome cuidado para não chegar perto demais da beira do precipício. "...*nem espancador*" ou violento, de uma maneira irascível ou contenciosa, injuriosa ou por vingança, com crueldade ou rudeza desnecessária. "...*nem cobiçoso de torpe ganância*" (como em 1 Tm 3.3). Com isso não se quer dizer que a pessoa não tenha o direito de receber um retorno justo pelo seu trabalho, para o seu sustento e conforto necessários; mas não fazendo do ganho o seu primeiro e principal objetivo, nem entrando no ministério ou lidando com ele com uma visão mundana. Nada é mais impróprio para um ministro do que dirigir os seus próprios olhos e os de outros para as coisas deste mundo. Essa cobiça é de *torpe ganância*, pelo fato de corromper a alma, que olha de maneira avarenta para o dinheiro, como se ele fosse desejoso além do uso benéfico e legal dele. Essa é a parte negativa do caráter do bispo. Mas, em segundo lugar, positivamente: ele deve ser (v. 8) "...*dado à hospitalidade*", como evidência de que não é cobiçoso de torpe ganância, mas está disposto a usar o que tem para o melhor propósito, não entesourando para si mesmo, mas, de forma caridosa, entesourando para o bem dos outros; *recebendo e hospedando estranhos* (de acordo com o original), um grande e necessário ofício de amor, especialmente nos tempos de aflição e desgraça, quando os cristãos precisavam fugir para sua segurança por causa da perseguição e dos inimigos, ou ao viajar para lugares em que não havia casas públicas para recepção como em nossos dias. É possível que houvesse muitos santos pobres que não tinham o suficiente para si e para esses viajantes. Então receber e hospedá-los era bom e agradável a Deus. E esse tipo de espírito e prática, de acordo com a possibilidade e a ocasião, era muito bem-vindo e um ótimo exemplo de boas obras. "...*amigo do bem*", ou *amigo de homens bons*. Os ministros devem ser exemplo dos dois. Isso evidenciará sua piedade e semelhança com Deus e com seu Senhor Jesus Cristo: *façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésti-*

cos da fé, esses que são a excelência da terra, em quem deveria estar todo o nosso prazer. "...*moderado*", ou *prudente*, de acordo com a palavra no original; essa é uma graça necessária no ministro, tanto para o seu procedimento quanto para sua gerência pessoal e ministerial. Ele deve ser um despenseiro sábio, alguém que não é precipitado, insensato ou impetuoso; mas alguém que consegue controlar bem as suas paixões e emoções. "...*justo*" nas coisas que dizem respeito à vida civil, à justiça moral e à eqüidade nas transações comerciais, buscando cuidar dos direitos de cada um. "...*santo*" em relação à fé cristã. Santo é alguém que reverencia e adora a Deus e apresenta uma conduta espiritual e celestial. "...*temperante*". Essa palavra deriva de um verbete que significa *força* e denota alguém que tem poder sobre seus apetites e paixões, ou, nas coisas legais, consegue, para fins justos e bons, dominá-las ou refreá-las. Nada é mais próprio para um ministro do que apresentar aspectos como a *sobriedade,* a *temperança,* a *justiça* e a *santidade* – sóbrio para consigo mesmo, justo e reto para com todos, e santo para com Deus. Portanto, essas são as qualificações quanto à vida e modos do ministro, relativas e absolutas, negativas e positivas, o que não deve e o que deve ser e fazer.

2. Em relação à doutrina:

(1) Aqui está a sua tarefa: "...*retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina*", apegando-se à doutrina de Cristo, *a palavra da sua graça*, dedicando-se a ela de acordo com as instruções que recebeu – retendo-a em sua fé e confissão e no ensinamento. Observe: [1] A Palavra de Deus, revelada nas Escrituras, é a palavra verdadeira e infalível; a palavra daquele que é "...*o Amém, a testemunha fiel e verdadeira*" e cujo Espírito dirigia os autores dela. *Homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.* [2] Os ministros devem reter e anunciar a palavra fiel em seus ensinamentos e vida. "...*guardei a fé*", esse era o consolo de Paulo (2 Tm 4.7), e "...*nunca deixei de anunciar todo o conselho de Deus*" (At 20.27). Essa era a sua fidelidade.

(2) Aqui está o seu objetivo: "...*para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes*", para persuadir e atrair as pessoas à verdadeira fé e convencer os opositores. De que maneira ele poderia fazer isso se ele mesmo estivesse incerto ou inseguro, não retendo essa *palavra fiel e sã doutrina*, que seria o assunto desse ensino e o meio e a base para convencer os oponentes da verdade? Vemos aqui resumidamente a grande obra do ministério – exortar aqueles que estão dispostos a conhecer e realizar seu dever, e convencer os que o contradizem, o que deve ser feito pela *sã doutrina*, isto é, de uma maneira racional e instrutiva, por intermédio dos argumentos das Escrituras e testemunhos, que são as infalíveis palavras da verdade. Todos podem e devem descansar e estar satisfeitos e determinados nelas. Essas são as qualificações de um presbítero a quem Tito deveria estabelecer.

II A lista do apóstolo mostra quem ele deveria rejeitar ou evitar – homens de outro caráter. Ele mencionou essas pessoas para que Tito tomasse cuidado sobre as qualificações dos ministros. Somente aqueles que preenchessem essas qualificações deveriam se tornar ministros. Os motivos ele toma tanto dos maus mestres quanto dos maus ouvintes no meio deles.

1. Dos maus mestres. (1) Os falsos mestres são descritos. Eles são *desordenados*, obstinados e ambiciosos por poder, teimosos e intratáveis (como alguns traduzem), que não se submetem à disciplina e à ordem necessária da igreja, impacientes com o bom governo e a sã doutrina. *Faladores, vãos e enganadores*, achando-se sábios, mas que são, na verdade, insensatos, e por isso, falastrões, caindo em erros e enganos, e zelosos e laboriosos em atrair outras pessoas para o seu barco. Havia muitos desse tipo, "...*principalmente os da circuncisão*", convertidos como imaginavam, mas que ainda misturavam o judaísmo com o cristianismo, e dessa forma formavam uma mistura corrupta. Esses eram os falsos mestres. (2) Aqui está a orientação do apóstolo para lidar com eles (v. 11): "...*aos quais convém tapar a boca*"; não por força física (Tito não tinha esse tipo de poder, nem era esse o método do evangelho), mas por refutação e convicção, mostrando-lhes o erro: "...*nem ainda por uma hora, cedemos*" (veja Gl 2.5). No caso de obstinação por parte desses falsos mestres, quando acabam destruindo a paz da igreja e corrompendo outras igrejas, os ministros disciplinadores devem ocupar o seu espaço, para restaurar os faltosos e impedir o prejuízo de muitos. Observe: Ministros fiéis devem opor-se aos enganadores em boa hora, para que a insensatez deles seja manifesta a todos e não prossigam avante (veja 2 Tm 3.9). (3) Os motivos para tal são apresentados: [1] Com base nos efeitos perniciosos dos seus erros: Eles "...*transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém*" (a saber, a necessidade da circuncisão e a observância da lei de Moisés etc.), subvertendo o evangelho e a alma dos homens; não somente de alguns, mas famílias inteiras. Os apóstolos estavam sendo injustamente acusados de *alvoroçar o mundo.* Mas, esses falsos mestres eram acusados com razão de afastarem muitos da verdadeira fé e levá-los à ruína. A boca deles precisava ser tapada, especialmente considerando: [2] Seus motivos ignóbeis naquilo que faziam: "...*por torpe ganância*", servindo interesses mundanos sob o pretexto da religião. "...*o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males*" (veja 1 Tm 6.10). Era absolutamente necessário que esses falsos mestres fossem resistidos, refutados e envergonhados, pela sã doutrina e pelos preceitos das Escrituras.

III Em relação aos seus seguidores ou ouvintes, que são descritos por um testemunho antigo acerca deles.

1. O testemunho (v. 12): "*Um deles, seu próprio profeta*", isto é, um dos cretenses, não judeu, Epimênides, um poeta grego que provavelmente os conhecia e não os difamaria. *Seu próprio profeta*; assim eram considerados seus poetas, escritores de oráculos divinos. Esses com freqüência testemunhavam contra os vícios do povo: Aratus, Epimênides e outros, no meio dos gregos; Horácio, Juvenal e Pérsio, entre os latinos: eles usavam de muita habilidade contra os diversos vícios.

2. O assunto do seu testemunho: *Kretes aei pseustai, kaka theria, gasteres arga – Os cretenses são sempre*

mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos. Mesmo por meio de um provérbio, eles foram mal-afamados por falsidade e mentira; *kretizein*, ser ou representar um *cretense* ou mentir é a mesma coisa. Eles eram comparados a bestas ruins por causa da sua perniciosidade astuta e natureza selvagem. Também eram chamados de ventres preguiçosos por causa da sua preguiça e sensualidade, estando mais inclinados a comer do que a trabalhar e viver de maneira honesta. Observe: Esses vícios ou maus hábitos escandalosos dos pagãos não deveriam, de forma alguma, ser imitados pelos cristãos: falsidade e mentira, astúcia invejosa e crueldade, todas as práticas bestiais e sensuais, como ócio e indolência, são pecados condenados à luz da natureza. Os cretenses eram assim taxados pelos seus próprios poetas.

3. A verificação disso pelo próprio apóstolo (v. 13): "*Este testemunho é verdadeiro*". O apóstolo tinha provas claras acerca desse caráter. A disposição de algumas nações está mais inclinada para alguns vícios ou maus hábitos do que outras. Os cretenses agiam geralmente assim como foram descritos aqui, sendo indolentes e maus, falsos e traiçoeiros, como o próprio apóstolo atesta. E daí:

4. Ele instrui Tito em como tratar deles: "*Portanto, repreende-os severamente*". Quando Paulo escreveu a Timóteo, mandou que instruísse com mansidão; mas agora, escrevendo a Tito, manda que os repreenda severamente. O motivo da diferença pode ser tirado dos temperamentos diferentes de Timóteo e Tito. Timóteo pode ter tido um temperamento mais veemente ou sagaz, e, portanto, ser apto a ser cordial ao repreender; por isso, o apóstolo manda admoestar com mansidão. Tito, por outro lado, deve ter sido mais meigo e compassivo, portanto, o apóstolo o estimula a admoestar com severidade. Ou, talvez, fosse por causa da diferença de cada caso e das pessoas: Timóteo lidava com um povo mais educado, e, portanto, devia admoestá-lo com mansidão. Tito, por outro lado, lidava com pessoas mais rudes e incultas, e, portanto, devia admoestá-los severamente. As corrupções dos cretenses eram muitas e graves, cometidas sem pudor ou modéstia, e, portanto, deveriam ser tratadas de acordo. Numa repreensão deve haver uma distinção entre pecados e pecados: alguns são mais graves e abomináveis em sua natureza, ou na maneira de cometê-los, com franqueza e ousadia, para a maior desonra de Deus e perigo e dano para os homens. Na repreensão também se deve fazer distinção entre pecadores e pecadores: alguns têm um temperamento mais sensível e tratável, mais apropriado para ser trabalhado com moderação, e podem acabar submergindo e ficando desanimados se forem usadas aspereza e severidade demasiadas. Outros são mais resistentes e teimosos e precisam de um linguajar mais afiado para gerar neles remorso e vergonha. A sabedoria, portanto, é um requisito necessário para avaliar o temperamento das pessoas e lidar da forma certa com a repreensão. Judas 22,23: "*Apiedai-vos de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns, arrebatando-os do fogo*". Os pecados e as corrupções dos cretenses eram muitos, grandes e habituais. Portanto, eles devem ser admoestados severamente. Mas essa orientação não pode ser interpretada erroneamente.

5. A finalidade: "...*para que sejam sãos na fé* (v. 14), *não dando ouvidos às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se desviam da verdade*"; isto é, para que possam ser e mostrar-se verdadeira e efetivamente convertidos dessas disposições e dos costumes maus desses cretenses no seu estado natural, e para que não sigam nem considerem (como alguns que eram convertidos podiam fazer) as tradições judaicas e as crendices dos fariseus, que seriam capazes de criar neles uma aversão pelo evangelho e as verdades sãs e benéficas dele. Observe: (1) As repreensões mais severas devem visar o bem dos repreendidos. Essas repreensões não devem conter maldade, rancor ou má vontade, mas amor; não para satisfazer o orgulho, a paixão, nem qualquer sentimento nocivo naquele que repreende, mas para corrigir e melhorar aquele que está errado. (2) Sanidade na fé é muito desejável e necessária. A saúde e o vigor da fé agradam a Deus e confortam o cristão. Essa sanidade da fé torna a pessoa alegre e animada e constante no dever. (3) Um recurso especial para a sanidade na fé é não dar ouvidos às fábulas e fantasias dos homens (1 Tm 1.4): "*Nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé*". Também lemos no capítulo 4.7: "*Rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade*". Fantasias e artifícios de homens na adoração a Deus são contrários à verdade e à piedade. Cerimônias e ritos judaicos, que eram inicialmente ordenanças divinas, tendo se manifestado a essência e tendo passado o tempo e o uso delas, não passam agora de mandamentos não autorizados dos homens. Essas cerimônias e ritos não só não concordam com a verdade, mas afastam dela, da pura verdade do evangelho e da adoração espiritual, estabelecida por Cristo, em vez do serviço corporal debaixo da lei. (4) É perigoso deixar-se afastar da verdade e trocar Cristo por Moisés, a adoração espiritual do evangelho por ordenanças carnais da lei, ou as instituições e preceitos verdadeiros e divinos por invenções e designações humanas. "*Quem vos fascinou* (disse Paulo aos Gálatas, cap. 3.1,3) *para não obedecerdes à verdade? Tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?*" Assim, ele mostrou a finalidade da repreensão severa aos corruptos e viciosos cretenses, para que fossem sãos na fé e não dessem ouvidos a fábulas judaicas e ordens dos homens.

6. Ele apresenta motivos da liberdade que temos no evangelho em relação às observâncias da lei e à desgraça e à miséria de um espírito judaico sob a dispensação cristã nos últimos dois versículos deste capítulo. Para cristãos justos, que são sadios na fé, e, portanto, purificados, "...*todas as coisas são puras*". Carnes e bebidas e as coisas que eram proibidas pela lei (as observâncias de algumas delas ainda permanecem), nelas agora não há esse tipo de distinção, *todas são puras* (legais e livres em seu uso), "...*mas nada é puro para os contaminados e infiéis*". Eles abusam das coisas legais e boas e as transformam em pecado. Eles sugam veneno de onde outros tiram doçura. A mente e a consciência deles, essas faculdades essenciais, sendo corrompidas, não conseguem mais discernir corretamente tudo o que fazem. "*O sacrifício dos ímpios é abominável ao Senhor*" (Pv 15.8), e a "...*lâmpada dos perversos é pecado*" (Pv 21.4), não em si mesmo, mas ao ser realizado por ele. A carnalidade da mente e do coração arruína todo o trabalho das mãos.

Objeção. Mas não são esses judaizantes (como vocês os chamam) homens que professam a fé cristã e falam bem de Deus, e de Cristo, e da justiça da vida? Por que deveriam eles ser tão severamente taxados? *Resposta*: Eles "*...confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda boa obra*" (v. 16). Existem muitas pessoas que com palavra e língua professam conhecer Deus, no entanto, em suas vidas e conduta o negam e rejeitam. A prática delas é uma contradição com a sua confissão. "*Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza*" (Ez 33.31). "*Sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda boa obra*". O apóstolo instruiu Tito a repreender severamente, mas ele próprio também repreende com a mesma severidade. Ele transmite palavras muito duras, mas, com certeza, não mais duras do que o caso deles merecia e sua necessidade exigia. *Sendo abomináveis – bdelyktoi.* Eles mereciam que Deus e os homens devotos desviassem seus olhos deles pelo fato de serem repugnantes e ofensivos. *E desobedientes – apeitheis, não persuadíveis* e *descrentes*. Eles podiam até estar fazendo diversas coisas, mas não era a obediência da fé, nem o que tinham sido ordenados a fazer. *Reprovados para toda boa obra*, sem a habilidade ou bom senso para fazer qualquer coisa de maneira certa. Veja a condição miserável dos hipócritas. Eles apresentam a forma de piedade, mas não possuem o poder. Mas não vamos prontamente apontar os erros nos outros sem também examinar a nossa própria vida, para que não haja em nós "*...um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo*" (veja Hb 3.12); mas que sejamos "*...sinceros e sem escândalo algum até ao Dia de Cristo, cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus*" (Fp 1.10,11).

CAPÍTULO 2

O apóstolo orienta Tito a respeito do cumprimento fiel do seu próprio ofício de maneira geral (v. 1), e, de maneira específica, para diversas classes de pessoas (vv. 2-10), e apresenta os motivos dessas e de outras orientações (vv. 11-14), com uma orientação em forma de resumo no final do capítulo (v. 15).

Os Deveres Domésticos

vv. 1-10

Aqui está a terceira parte do assunto dessa epístola. No capítulo anterior, o apóstolo tinha orientado Tito a respeito de questões de governo e a que colocasse em ordem as coisas deficientes nas igrejas. Agora, ele apresenta as seguintes exortações:

I De maneira geral, em relação ao cumprimento fiel do seu próprio ofício. O fato de ordenar os outros a pregar não o isentava de pregar. Sua função não era apenas cuidar dos ministros e presbíteros, mas também precisava instruir alguns cristãos específicos a cumprirem o seu dever. A partícula adversativa *porém* volta a atenção para os mestres corruptos, que espalhavam *fábulas*, coisas vãs e inúteis: em oposição a eles, o apóstolo diz: "*Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina*, aquilo que está em conformidade com a palavra, que é pura e incorrupta, sadia e nutritiva para a vida eterna". Observe: 1. As verdadeiras doutrinas do evangelho são *sãs doutrinas*, precisas e eficazes. Elas são em si mesmas boas e santas, e tornam os crentes assim. Elas os tornam aptos e vigorosos para o serviço de Deus. 2. Os ministros precisam tomar cuidado para ensinar somente essas verdades. Se a conversa dos cristãos não deve ser com "*...palavras torpes, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem*" (Ef 4.29), tanto mais deve ser a pregação dos ministros.

II Específica e particularmente, ele instrui Tito a aplicar essa sã doutrina às diversas classes de pessoas (vv. 2-10). Os ministros não devem ficar nas generalidades, mas devem dar a cada um a sua porção, o que pertence à sua idade, ou lugar, ou condição de vida. Eles devem ser específicos e práticos em sua pregação. Eles devem ensinar os deveres às pessoas de modo geral, mas também especificamente a cada um. Aqui está um importante diretório cristão, ajustado aos mais velhos e aos mais novos, aos homens e às mulheres, ao próprio pregador e aos servos.

1. Aos velhos. Por velhos alguns entendem anciãos por ofício, incluindo diáconos etc. Mas essa palavra deve, na verdade, ser entendida como velho em relação à idade. Velhos discípulos de Cristo devem conduzir-se em cada aspecto de acordo com a doutrina cristã. "*Os velhos que sejam sóbrios, graves, prudentes, sãos na fé, na caridade e na paciência*". Eles não podem achar que com a decadência da natureza, ao sentirem a idade avançando, eles são desculpáveis se cometerem alguma irregularidade ou intemperança. Na verdade, eles devem comportar-se de acordo com a sua idade, tanto em relação à saúde quanto a outros aspectos, servindo de conselho e exemplo para os mais jovens. *Graves*: a leviandade é imprópria em qualquer pessoa, mas especialmente nos idosos. Eles devem ser serenos e firmes, respeitosos no hábito, na conversa e no comportamento. Berrantes no vestir, levianos e vaidosos no comportamento, como são inconvenientes em sua idade! *Prudentes*, moderados e controlados, alguém que controla bem suas paixões e sentimentos, para não ser arrastado por eles para algo mau ou indecente. *Sãos na fé*, sinceros e firmes, constantemente seguindo a verdade do evangelho, não afeiçoados por novidades, nem dispostos a se envolverem em opiniões corruptas ou facções, nem dando ouvidos a fábulas ou tradições, ou às caduquices dos rabinos. Aqueles que estão em boa velhice devem estar cheios da graça e bondade, onde o homem interior se renova mais e mais à medida que o exterior se corrompe. *Na caridade*, ou amor. O amor se une harmoniosamente com a *fé*, que opera por amor e deve ser vista em amor, amor por Deus e pelos homens. Esse amor deve ser sincero, sem dissimulação: amor de Deus por si mesmo e pelos homens por causa de Deus. Os deveres da segunda

tábua da lei devem ser cumpridos em virtude dos deveres da primeira. Amor aos homens como homens e aos santos como a excelência da terra, por quem deve haver um prazer especial; e amor em todos os momentos, tanto na adversidade quanto na prosperidade. Deve haver sanidade na caridade ou amor. E *na paciência.* Pessoas idosas podem ser rabugentas, mal-humoradas e impetuosas; e, portanto, precisam estar vigilantes contra essas fraquezas e tentações. A fé, o amor e a paciência são três graças cristãs principais, e a sanidade nelas faz parte do aperfeiçoamento do evangelho. Existe a *paciência que suporta* e a *paciência que espera.* Precisamos das duas; *suportar males* de modo vistoso, e alegremente *querer o bem* até estarmos prontos para recebê-lo, "*...sendo imitadores dos que, pela fé e paciência, herdam as promessas*" (veja Hb 6.12).

2. Às mulheres idosas. Elas também precisam ser instruídas e exortadas. Alguns entendem tratar-se aqui de diaconisas, cuja função principal era cuidar dos pobres e atender os doentes; mas devemos entender essas *mulheres idosas* referindo-se a todas as mulheres em idade avançada que professam a fé cristã. Elas devem ser "*...sérias no seu viver, como convém a santas*". Tanto homens como mulheres devem ajustar seu comportamento à sua confissão. As virtudes mencionadas há pouco (sobriedade, gravidade, prudência, fé, caridade e paciência), recomendadas aos velhos, não são adequadas somente a eles, mas se aplicam a ambos os sexos, e devem ser considerados tanto pelas mulheres como pelos homens idosos. As mulheres devem ouvir e aprender suas obrigações da Palavra, bem como dos homens: não há uma forma de salvação para um sexo ou classe, e uma outra para o outro; mas ambos precisam aprender e praticar as mesmas coisas, tanto pelo fato de serem idosos como por serem cristãos. As virtudes e obrigações são comuns. "*As mulheres idosas, semelhantemente* (aos homens), *que sejam sérias no seu viver, como convém a santas*"; ou como é adequado ou característico a pessoas santas, tais como professavam ser e deveriam ser, mantendo uma decência piedosa e um decoro no vestir e nos movimentos, na aparência e no falar, e em toda a sua conduta. Isso deve ocorrer a partir de um princípio interior e hábito de santidade, influenciando e ordenando a conduta exterior em todos os momentos. Observe: Embora não ocorram textos específicos, para cada palavra, ou aparência, ou moda em particular, no entanto, existem regras gerais de acordo com as quais tudo deve ser ordenado; como 1 Coríntios 10.31: Qualquer coisa que façais, "*...fazei tudo para a glória de Deus*". E Filipenses 4.8: "*Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai*". E aqui, todas as coisas que são apropriadas ou não à santidade formam uma medida e regra de conduta a serem consideradas. "*...não caluniadoras – me diabolous*, não acusadoras falsas ou semeadoras de discórdia, difamando e caluniando seu próximo, uma falta grave e comum demais; não somente gostando de falar, mas de falar mal, das pessoas, e de separar grandes amigos. Um difamador é alguém *cuja língua é inflamada pelo inferno.* Essas pessoas fazem tão diretamente a obra do Diabo que recebem o nome dele. Esse é um pecado contrário às grandes obras do amor, da justiça, e da equidade de uns para com os outros. Esse pecado, com freqüência, emerge da malícia e do rancor, ou da inveja e causas malignas semelhantes. Ele precisa ser afastado, bem como seus efeitos. "*...não dadas a muito vinho*". A palavra denota um vício, em que se está debaixo do poder e domínio dele. Isto é um mal indecoroso em qualquer pessoa, mas especialmente nas mulheres idosas. Infelizmente era bastante comum entre os gregos daquela época e lugar. O vício da bebida realmente é insolente e vergonhoso, corrompido e destruidor da pureza tanto do corpo como da mente. O excesso do uso do vinho é uma tendência e um exemplo perverso e impróprio em relação ao próximo aspecto mencionado no texto, que é uma obrigação positiva das matronas idosas, a saber, ser "*...mestras no bem*"! Não pregadoras públicas; isso era proibido (1 Co 14.34: "*As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar*"), mas fora isso elas podiam e deviam ensinar, ou seja, pelo exemplo e vida regrada. Observe aqui: As mulheres que apresentam comportamento e atitudes santos são mestras do bem; e, além disso, elas também podem e devem ensinar a instrução doutrinária em casa, de uma maneira particular. "*Palavras do rei Lemuel, a profecia que lhe ensinou sua mãe*". Esse tipo de mulher é louvado: "*Abre a boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua*" (Pv 31.26). As *mestras do bem* estão em oposição às mestras de coisas corrompidas ou daquilo que é leviano e inútil, sem valor ou utilidade, fábulas de velhas ou dizeres supersticiosos. Em oposição a essas coisas, elas devem se ocupar em serem mestras do bem.

3. Existem lições para as mulheres novas também, a quem as mulheres idosas devem ensinar, instruindo e aconselhando-as nas obrigações da fé cristã de acordo com a idade delas. Para ensinar essas coisas, as mulheres idosas têm, com freqüência, melhor acesso do que os homens, inclusive os ministros. Por isso, elas devem buscar o aperfeiçoamento ao instruir as mulheres novas, especialmente as esposas novas, pois o apóstolo fala do dever delas para com seu marido e filhos. As mulheres mais idosas devem ensinar o seguinte às mulheres mais novas: (1) A apresentarem um bom caráter pessoal, *serem prudentes e moderadas*, em oposição à vaidade e imprudência, comuns à idade mais jovem; discretas nas opiniões e sóbrias nos sentimentos e no comportamento. *Moderadas* e *castas* são coisas que harmonizam bem; muitas se expõem a tentações fatais que no início podem ser apenas uma indiscrição. Provérbios 2.11: "*O bom siso te guardará, e a inteligência te conservará*". *Castas* e *boas donas de casa.* Essas duas coisas também harmonizam bem. Diná, quando foi ver as filhas da terra, perdeu sua castidade. Sem dúvida haverá ocasiões em que poderão sair; mas o temperamento de perambulação com o objetivo da diversão e da companhia, em detrimento dos afazeres domésticos, ou pela inquietude de estar em seu próprio lar, acaba se tornando algo nocivo, que atrai outros males. 1 Timóteo 5.13,14: "*Aprendem também a andar ociosas de casa em casa; e não só ociosas, mas também paroleiras e curiosas, falando o que não convém*". Seu dever é *governar a casa,* e elas não deveriam dar ocasião de maledicência ao adversário.

Boas (versão inglesa KJV), geralmente em oposição a todas as coisas más, e especialmente, em sua casa, sendo bondosas, úteis e caridosas, semelhantes a Dorcas, "*...cheia de boas obras e esmolas*" (veja At 9.36). A palavra também pode ter um sentido mais específico de acordo com alguns, ou seja, alguém que é mansa e alegre, não sombria ou amarga; não escarnecedora nem queixosa e rancorosa; não com uma disposição enfadonha ou irritante, inquieta em si mesma e para com aqueles que estão ao redor dela; mas possui uma natureza boa e uma conduta agradável, além de ser útil por meio do seu conselho e trabalho; assim *edificando sua casa, fazendo bem ao seu marido e não mal, todos os dias da sua vida*. Dessa forma, em relação ao seu caráter pessoal, elas devem ser: "*...moderadas, castas, boas donas de casa*". (2) Em relação à sua família: "*...a amarem seus maridos*" e serem "*...sujeitas a seu marido*": e onde houver o verdadeiro amor, essa ordem não será difícil de obedecer. Deus, pela sua vontade, fez essa subordinação: "*Não permito que a mulher use de autoridade sobre o marido*" (1 Tm 2.12); e o motivo é acrescentado: "*Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão*" (vv. 13,14). Ela caiu primeiro e foi o meio para seduzir o marido. Ela foi dada para ser uma auxiliadora, mas acabou sendo o agente da sua queda e ruína. O compromisso da sujeição foi confirmado e reforçado nela (Gn 3.16): "*O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará*", dessa vez, com menos facilidade do que antes. Por isso, o motivo é ordenado duplamente: *primeiro na inocência*, quando foi estabelecida uma subordinação da natureza: Adão, formado primeiro, depois Eva, sendo a mulher tirada do homem; *e então na queda*, em que a mulher foi a primeira a transgredir e seduzir o homem. Aqui começou uma sujeição não tão fácil e confortável, fazendo parte do castigo dela. No entanto, por meio de Cristo, o estado dela foi santificado. Efésios 5.22,23: "*Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor*", como que possuindo a autoridade de Cristo neles, cuja imagem eles carregam; "*...porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo*". A autoridade de Cristo sobre a igreja é representada na autoridade do marido sobre a mulher. Cristo é a cabeça da igreja, para protegê-la e salvá-la, supri-la com todas as coisas necessárias e protegê-la e libertá-la do mal; e assim, o marido está sobre a mulher, para guardá-la de perigos e prover por ela, de acordo com suas habilidades. Portanto, da mesma forma que a igreja é sujeita a Cristo, assim as "*...mulheres devem ser sujeitas ao seu próprio marido, como convém no Senhor*" (Cl 3.18), de acordo com a lei de Cristo e para a glória dele e do Pai. Portanto, não se requer uma submissão absoluta ou ilimitada, nem uma sujeição escrava; mas uma subordinação amorosa, para evitar desordem ou confusão, e para cumprir todas as obrigações do relacionamento. Assim, em relação aos maridos, as mulheres devem ser instruídas em suas obrigações de amar e submeter-se a eles. E "*...a amarem seus filhos*", não com uma afeição natural apenas, mas com uma afeição espiritual, um amor oriundo de um coração santo e santificado e regulado pela Palavra; não com um amor insensato e imprudente, inclinando-se para o mal, negligenciando a reprovação devida e a correção necessária, mas com um amor cristão normal, mostrado por meio da sua educação piedosa, formando a vida e a conduta deles da maneira correta, cuidando da alma deles bem como do seu corpo, do seu bem-estar espiritual e temporal. O motivo para tal é acrescentado: "*...a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada*". Falhar nessas obrigações domésticas seria uma grande vergonha para o cristianismo. "De que maneira eles são melhores nessa nova religião?", os infiéis estariam prontos a perguntar. A Palavra de Deus e o evangelho de Cristo são puros, excelentes e gloriosos; e a excelência deveria ser expressa e mostrada na vida e conduta dos seus adeptos, especialmente em relação às obrigações familiares. O fracasso aqui seria uma desgraça. Romanos 2.24: "*O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós*". "Julgue esse Deus", eles estariam prontos a dizer, "por esses servos seus; e a sua palavra, doutrina e religião, por esses seguidores". Assim, Cristo seria *ferido na casa dos seus amigos*.

4. O dever dos homens jovens. Eles têm uma inclinação para serem ansiosos e fogosos, irrefletidos e precipitados. Portanto, eles devem ser seriamente exortados a serem ponderados e não tempestuosos; aconselháveis e submissos, não teimosos e obstinados; humildes e moderados, não arrogantes e orgulhosos; porque há mais jovens sendo destruídos pelo orgulho do que por qualquer outro pecado. Os jovens devem ser sérios e sólidos na sua conduta e nos seus modos, unindo a seriedade da velhice com a vivacidade e o vigor da mocidade. Isso fará com que esses anos da juventude sejam significativos e sirvam para uma reflexão tranqüila quando chegarem os maus dias. Esse tipo de atitude impedirá que ocorra muito pecado e tristeza na vida deles e servirá de fundamento para se fazer muitas coisas boas e se desfrutar delas. Esses jovens não *gemerão no fim*, mas terão paz e conforto na morte e depois disso uma coroa gloriosa de vida.

5. Com essas instruções a Tito, em relação ao que deveria ensinar aos outros – aos velhos, às mulheres idosas e aos jovens de ambos os sexos (Tito provavelmente nessa época era jovem), o apóstolo insere algumas orientações para Tito. Ele não poderia esperar ensinar aos outros de maneira bem-sucedida, se não apresentasse uma boa conduta e fosse eficiente na pregação. (1) Aqui está uma orientação para sua conduta: "*Em tudo, te dá por exemplo de boas obras*" (v. 7). Sem isso, ele derrubaria com uma mão o que havia edificado com a outra. Observe: Pregadores de boas obras também devem servir de modelo para elas. Boa doutrina e vida exemplar devem andar juntas. "*Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?*" (veja Rm 2.21). Um erro aqui provoca uma grande mancha e se torna um grande obstáculo. *Em tudo.* Alguns traduzem: *acima de tudo*, ou *acima de todos os homens*. É necessário instruir os outros nos particulares do seu dever, e, acima de tudo, ser exemplo, especialmente sendo mestre. Aqui, luz e influência devem andar juntos. "Eles devem reconhecer na sua vida as virtudes e as graças que devem estar na vida deles. O exemplo pode ensinar e imprimir as coisas ensinadas. Quando vêem pureza e gravidade, sobriedade e uma vida justa em

você, eles podem ser mais facilmente alcançados. Eles também podem se tornar piedosos e santos, sóbrios e justos como você é". Os ministros devem ser exemplos para o rebanho, e o povo deve segui-los, como eles seguem a Cristo. (2) Para seu ensinamento e doutrina, bem como para sua vida: "*...na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível*" (vv. 7,8). Eles devem deixar claro que o intento da pregação deles visa única e exclusivamente promover a honra de Deus, o interesse de Cristo e seu reino e o bem-estar e felicidade das almas. Eles não entraram nesse ministério com propósitos seculares, nem por ambição ou cobiça, mas buscaram unicamente cumprir os objetivos da sua instituição. A pregação deles, portanto, não ressaltava a razão, a oratória ou o aprendizado humano, mas baseava-se em uma *linguagem sã e irrepreensível*. Temos aqui a linguagem das Escrituras expressando verdades das Escrituras. Essa é uma linguagem sã e irreversível. Os deveres de um ministro são reunidos e apresentados mais de uma vez nas Escrituras. 1 Timóteo 4.16: "*Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina*"; e no versículo 12 do mesmo capítulo: "*Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra.* Em tua linguagem como cristão, sê sóbrio, sincero e busca a edificação; e a tua pregação seja de acordo com a pura Palavra de Deus e aquilo que está em conformidade com ela e fundado nela. Portanto, sê um exemplo *na palavra* e *na conduta*. Que a tua vida esteja em conformidade com a doutrina. Ao fazer isso, *te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem*". 2 Timóteo 3.10: "*Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver...*" (diz o mesmo apóstolo). E assim também deve ser com os outros. O ensinamento deles deve estar de acordo com a sua palavra, e a vida deles, de acordo com o seu ensinamento. Este é um ministro verdadeiro e devoto. 1 Tessalonicenses 2.9,10: "*...trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus. Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos houvemos para convosco*". (3) O motivo para o rigor na vida do ministro e a sobriedade e sanidade da sua pregação: "*...para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós*". Os adversários buscariam oportunidade para trazer descrédito se encontrassem algo impróprio na doutrina ou vida do ministro. Mas se não encontrassem nada de errado eles teriam de se envergonhar da sua oposição. Observe: Ministros fiéis terão inimigos que estarão esperando por um vacilo deles, buscando encontrar algum defeito no seu ensino ou comportamento. Por isso, eles precisam tomar muito cuidado para que nada possa ser lançado contra eles. Talvez não seja possível escapar da oposição e da calúnia. Homens com mentes corrompidas resistirão à verdade, e, com freqüência, acusarão os pregadores e seus adeptos; mas que "*...fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos;* [...] *para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, fiquem confundidos os que blasfemam do vosso bom procedimento em Cristo*" (veja 1 Pe 2.15; 3.16). Tal é a orientação a Tito com relação aos deveres de pessoas livres, homens ou mulheres, velhos ou jovens.

6. Orientações referentes aos servos. Os servos não deveriam pensar que sua situação social inferior e desprezível os colocava numa posição inferior em relação a Deus ou às obrigações das suas leis – que pelo fato de serem servos de homens estavam dispensados de servir a Deus. De forma alguma! Os servos deviam conhecer e cumprir as suas obrigações em relação aos seus senhores terrenos, mas de olho no Senhor celestial: e Tito devia instruir e advertir tanto os senhores terrenos em relação às suas obrigações quanto os servos, na sua pregação pública e nas admoestações particulares. Os servos deviam observar as ordenanças de Deus para sua instrução e conforto, bem como dos seus senhores. Nessa orientação a Tito, existem as obrigações que ele devia passar para os servos e uma consideração importante é usada para reforçá-las.

(1) As obrigações são as seguintes:

[1] "*...se sujeitem a seu senhor*" (v. 9). Este era o seu dever principal, que os caracterizava. Romanos 6.16: "*...sois servos daquele a quem obedeceis*". Deve haver uma sujeição interior, um respeito zeloso e uma reverência em seus pensamentos. "*Se eu sou Senhor, onde está o meu temor?* (veja Ml 1.6), a afeição obediente que você mostra a mim, junto com as expressões exteriores adequadas em fazer aquilo que mando você fazer?" A vontade dos servos devia estar sujeita à vontade dos seus senhores, e o seu tempo e trabalho deviam estar à disposição deles. "*...servos, sujeitai-vos com todo o temor ao senhor, não somente ao bom e humano, mas também ao mau*" (1 Pe 2.18). A responsabilidade provém da vontade de Deus e da relação em que, pela sua providência, Ele a colocou; não depende da qualidade da pessoa. O servo precisava cumprir com suas obrigações em relação ao seu senhor. Portanto, os servos precisavam ser exortados a serem obedientes aos seus senhores.

[2] "*...em tudo agradem*", em todas as coisas legítimas e no que faz parte do mandamento, ou, pelo menos, que não sejam contrárias à vontade do seu Senhor maior. Não devemos entender que isso significava uma obediência cega ao senhor terreno, sem qualquer limitação, mas sempre com uma ressalva do direito de Deus, que de forma alguma pode ser invadido. Se o seu mandamento entrasse em concorrência com o senhor terreno, a instrução era obedecer a Deus mais do que aos homens. Somente quando existisse uma incoerência, o servo podia estar seguro, caso contrário ele não podia ser desculpado. A vontade de Deus devia ser a medida e o motivo da obediência do servo. Tudo deve ser feito para agradar a Deus em primeiro lugar, em virtude da sua autoridade (Cl 3.22-24). Quando o servo servia ao senhor terreno de acordo com a vontade de Cristo, Ele era servido. E isso seria recompensado devidamente. Mas, de que maneira os servos deviam agradar os seus senhores em tudo, e mesmo assim não serem considerados como querendo agradar aos homens? *Resposta*: Aqueles que buscam agradar aos homens, de uma forma errada, buscam a recompensa de homens, deixando Deus de fora, ou o subordinam ao homem. Quando a vontade do homem é privilegiada, mesmo contra a vontade de Deus, ou o desejo de agradar ao homem é mais importante do que o de Deus; quando isso os satisfaz, quando o senhor terreno era agradado,

embora Deus fosse desagradado; ou quando mais esmero, ou mais gratificação, são empenhados para agradar ao homem do que a Deus, esse agradar humano é pecaminoso, do qual todos devem acautelar-se. Efésios 6.5-7: "*Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo. Não servindo à vista, como para agradar aos homens* (que somente se importam com o favor ou descontentamento dos homens), *mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens*"; não a eles em primeiro lugar, mas a Cristo, que requer isso, e que recompensará todo bem feito, seja servo, seja livre. Portanto, observe: A liberdade cristã comporta-se bem com a obediência civil. As pessoas podem estar servindo aos homens, mas ser servas de Cristo. Esses dois aspectos não são opostos, mas subordinados, desde que o servir aos homens esteja de acordo com a vontade de Cristo e a sua causa. Cristo não veio para destruir ou prejudicar a ordem e as diferenças civis. "*Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado*" (1 Co 7.21). Isso não devia preocupar o cristão, como se fosse uma condição indigna, ou que estivesse agradando menos a Deus. "*Porque o que é chamado pelo Senhor, sendo servo, é liberto do Senhor*" (veja 1 Co 7.22a), não liberto do serviço, mas liberto nele; liberto espiritualmente, embora não no sentido civil. "*Da mesma maneira, também o que é chamado, sendo livre, servo é de Cristo*" (veja 1 Co 7.22b). Ele está preso a Ele, embora não esteja debaixo de sujeição civil em relação a uma pessoa específica; assim que, "*...quer servos, quer livres, todos são um em Cristo*". Os servos, portanto, não deveriam lamentar nem se preocupar com sua condição, mas serem fiéis e alegres na posição em que Deus os colocou, buscando agradar seus senhores em tudo. Por mais difícil que fosse ser submisso a um homem duro e maligno como Nabal, esse devia ser o alvo tanto quanto possível.

[3] "*...não contradizendo*"; não contestando; não dando nenhuma resposta desrespeitosa ou provocadora. Jó reclamou dos seus servos, pelo fato de chamá-los, *e eles não lhe responderem* (veja Jó 19.16). Isso também estava errado: *Non respondere pro convitio est – Esse tipo de silêncio é desrespeitoso.* Mas aqui é respeitoso, ao ouvir uma repreensão ou reprovação com um silêncio humilde, não respondendo de forma presunçosa ou ousada. Quando estamos conscientes de um erro, encobri-lo ou justificar-se duplica o erro. No entanto, "não contradizer" não excluía desviar a ira com uma resposta branda, quando as circunstâncias permitissem. Senhores sábios e bons estariam prontos para ouvir e fazer o que fosse certo; mas responder de forma desmedida, ou de uma maneira inconveniente, ou, onde o caso não admitia desculpa, ser atrevido ou presunçoso, eram aspectos que mostravam uma falta de humildade e mansidão indevidas nesse tipo de relacionamento.

[4] "*...não defraudando; antes, mostrando toda a boa lealdade*". Esta era mais uma qualidade indispensável de bons servos. Eles deviam ser *honestos*, nunca tomando posse de algo que fosse do seu senhor, nem desperdiçando os bens ou as posses que confiasse a eles. Isto também é *defraudar*. Eles deviam ser justos e verdadeiros e fazerem aos senhores aquilo que fariam a si próprios. "*O que rouba a seu pai ou a sua mãe e diz: Não há transgressão, companheiro é do destruidor*" (Pv 28.24). Ele estará pronto para se ajuntar com ele. Aqueles que têm pensamentos maldosos e tomam aquilo que não é seu, quer seja dos pais ou do seu patrão, provavelmente vão endurecer a consciência para ir mais longe. Mesmo que o senhor fosse duro e avarento, raramente dando a provisão suficiente aos servos, eles não deviam roubar para fazer justiça. Eles deviam entregar sua causa a Deus, que faria justiça e proveria por eles. Não estou falando de casos extremos, como preservar a vida, porque o servo tinha direito às coisas básicas. "*Não defraudando; antes, mostrando toda a boa lealdade*". Ele não somente não devia roubar nem desperdiçar, mas devia fazer crescer os bens do seu senhor e contribuir para a sua prosperidade o máximo que pudesse. Aquele que não fez crescer o talento do seu senhor foi acusado de infidelidade, mesmo que não tivesse defraudado nem perdido seu talento. A fidelidade num servo estava na execução pronta, pontual e completa das ordens do seu senhor; guardando seus conselhos, realizando prontamente suas obrigações e administrando com sobriedade, para o máximo de proveito do seu senhor; impedindo o máximo possível todo saque, perda ou dano. Era uma maneira de trazer bênção sobre si mesmo. O contrário muitas vezes trazia a completa destruição. "*Se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?*" (Lc 16.12).

(2) O argumento que Tito deveria usar para reforçar seu ensino: "*...para que, em tudo, sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador*"; isto é, para que possam tornar o evangelho de Cristo atraente à boa opinião daqueles que estão de fora, por meio de uma conduta mansa, humilde, obediente e fiel em tudo. Esses servos, embora achassem que pessoas que estão em uma posição tão baixa e subalterna, poderiam fazer pouco para enaltecer o cristianismo, ou ser ornamento da doutrina de Cristo e anunciar as excelências da sua verdade e caminho, se procurassem cumprir com suas obrigações, isso contribuiria para a glória de Deus e o crédito da fé cristã. Os seus senhores descrentes refletiriam melhor acerca desse caminho desprezado, que era tão mal-falado em todo lugar, quando percebessem que os servos cristãos eram melhores do que os outros servos – mais obedientes e submissos, mais justos e fiéis e mais aplicados nos seus lugares. A verdadeira religião é uma honra para aqueles que a professam; e eles deveriam cuidar para não desonrá-la, mas ornamentá-la de todas as formas possíveis. Nossa luz deve brilhar entre os homens, para que, ao observar as nossas boas obras, possam glorificar nosso Pai que está nos céus. Essas são as orientações do apóstolo a Tito, no cumprimento do seu ministério, em relação a várias classes de pessoas.

A Natureza e Propósito do Evangelho. A Santa Disposição do Evangelho. A Natureza da Redenção de Cristo

vv. 11-14

Temos aqui as bases ou as considerações sobre as quais todas as orientações precedentes estão ratifica-

das, extraídas da natureza e do plano do evangelho e da finalidade da morte de Cristo.

I Da natureza e plano do evangelho. Jovens e velhos, homens e mulheres, senhores e servos, o próprio Tito, todas as diferentes classes de pessoas, devem realizar seus respectivos deveres, porque esse é o alvo e a tarefa do cristianismo: instruir, ajudar e formar pessoas, sob todo tipo de distinções e relacionamentos, para uma forma e conduta corretas.

1. Eles são colocados sob a dispensação da *graça de Deus* – assim se chama o evangelho (Ef 3.2). É graça em relação ao surgimento dela – o livre favor e boa vontade de Deus, não o merecimento na criatura; é a manifestação e a declaração dessa boa vontade de maneira eminente e marcante; e como é o meio de transmitir e trabalhar a graça nos corações dos crentes. A graça compele à bondade: "*Não reine o pecado, mas apresentai-vos a Deus, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça*" (Rm 6.12-14). "*Porque o amor de Cristo nos constrange*" a não vivermos para nós mesmos, mas para Ele (2 Co 5.14,15). Sem esse efeito, a graça é recebida em vão.

2. Essa graça do evangelho *traz salvação* (revela-a e a oferece aos pecadores e a assegura aos crentes) – salvação do pecado e da ira, da morte e do inferno. Por isso ela é chamada de *Palavra da vida*. Ela leva à fé, e assim para a vida, a vida de santidade agora e da felicidade no futuro. A lei é a ministração da morte, mas o evangelho é a ministração de vida e paz. Isso, portanto, deve ser recebido como salvação (suas regras e mandamentos obedecidos), para que se obtenha seu objetivo final, ou seja, *a salvação da alma*. Aqueles que negligenciam essa graça de Deus que traz salvação agora serão mais indesculpáveis, uma vez que:

3. "*...se há manifestado*", ou brilhado mais clara e distintamente do que em qualquer outra época. A antiga dispensação era comparativamente escura e sombria. Essa é uma luz clara e brilhante; e ela é mais brilhante agora, mais dispersa e ampla. Porque:

4. Ela apareceu "*...a todos os homens*"; não somente aos judeus, da maneira que a glória de Deus aparecia no monte Sinai a esse povo exclusivo, mas invisível para todos os outros. Mas a graça do evangelho está aberta a todos, e todos são convidados para vir e participar do benefício dela, gentios e judeus. A proclamação dela é livre e geral: *Fazei discípulos de todas as nações: Pregai o evangelho a toda criatura*. O muro de separação foi derribado. Esse muro já não existe. "*...a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé*" (Rm 16.25,26). A doutrina da graça e salvação pelo evangelho é para todas as classes de pessoas (escravos e servos, bem como senhores), por essa razão todos devem empenhar-se e ser encorajados a recebê-la e crer nela, e a andar de acordo com ela, ornando-a em tudo.

5. A arevelação desse evangelho é para *ensinar*, não somente por meio de informação e instrução, como um professor faz com seus alunos, mas por meio de preceito e comando, como um soberano que dá as leis aos seus subalternos. Ela orienta sobre do que se deve abster e o que seguir, o que evitar e o que fazer. O evangelho não é para mera especulação, mas para a prática e a disposição correta da vida; porque nos ensina:

(1) A abandonar o pecado: "*...renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas*"; renegá-las e não ter nada que ver com elas, como vimos: "*...vos despojeis do velho homem, que se corrompe*"; isto é, todo o conjunto de pecados, aqui repartido em *impiedade* e *concupiscências mundanas*. "Abandonem a incredulidade, toda descrença, negligência ou desprezo do Ser divino, deixando de amá-lo, de temê-lo, de confiar nele, nem obedecer-lhe como deveríamos, negligenciando suas ordenanças, fazendo pouco caso da sua adoração, profanando seu nome ou seu dia. Portanto, renunciem à impiedade (detestem e se desfaçam); *e às concupiscências mundanas*, todos os desejos e paixões corrompidos e viciosos que prevalecem em homens mundanos, *as concupiscências da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*, toda sensualidade e impureza, desejos e ambições cobiçosos, buscando e valorizando mais o louvor dos homens do que o de Deus. Abandonem tudo isso". Uma conduta sensual e terrena não se ajusta ao chamado celestial. "*Os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências*" (veja Gl 5.24). Eles o fizeram por meio de um pacto e uma promessa, e o fizeram inicial e predominantemente em ação; eles continuam o trabalho, purificando-se cada vez mais da impureza da carne e do espírito. Assim, o evangelho primeiro faz desaprender aquilo que é mal, para que se possa abandonar o pecado; e então:

(2) A tomar consciência daquilo que é bom: "*...vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente*". A fé cristã não é formada somente de aspectos negativos. Deve-se fazer o bem e abster-se do mal; quando isso acontece, a sinceridade é provada, e o evangelho, ornado. Deveríamos viver sobriamente em relação a nós mesmos, com o devido domínio dos nossos apetites e paixões, guardando os limites da moderação e temperança, evitando todo excesso desordenado. Também devemos viver de maneira justa em relação a todos, tratando cada um de modo digno, não prejudicando ninguém, mas fazendo o bem aos outros, de acordo com nossa habilidade e a necessidade deles: isso faz parte da justiça e retidão, porque não nascemos somente para nós mesmos, e, portanto, não devemos viver somente para nós mesmos. "*Somos membros uns dos outros*" e devemos "*...buscar o que é de outrem*" (1 Co 10.24; 12.25). Aquilo que é público, especialmente aquilo que inclui os interesses de todos, deve ter a consideração de todos. O egoísmo é um tipo de injustiça. Ele rouba dos outros a parte em nós que pertence a eles. Quão agradável então é a conduta justa e reta! Esse tipo de conduta assegura e promove todos os interesses, não somente o interesse particular, mas o interesse geral e público, e dessa forma contribui para a paz e felicidade do mundo. Portanto, vivamos de maneira justa, sóbria e pia em relação a Deus, nos deveres da sua adoração e serviço. Devemos fazer tudo pensando nele. "*Quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus*" (1 Co 10.31). Deveres pessoais e domésticos devem ser cum-

pridos em obediência aos seus mandamentos, com o alvo de agradar e honrar a Ele, por causa dos princípios do amor santo e do temor a Ele. Mas também há um dever expresso e direto que devemos a Deus, a saber, nossa convicção e reconhecimento do seu Ser e sua perfeição, rendendo-lhe adoração e homenagem interna e externa; amando, temendo e confiando nele; dependendo dele e devotando-nos a Ele; cumprindo todas as obrigações e ordenanças cristãs que Ele designou; orando, louvando e meditando na sua Palavra e obras. Essa é a piedade, olhar para Deus e ir ao encontro dele, de acordo com o nosso estado agora, não sem mediação, mas como Ele se manifestou por meio de Cristo. É assim que o evangelho orienta e requer. Buscar a Deus de qualquer outra maneira, a saber, por meio de santos ou anjos, é impróprio e contrário à regra e ordem do evangelho. Toda comunicação de Deus conosco por meio do seu Filho e nossa comunicação com Ele devem ser por intermédio de Jesus. Devemos olhar para Deus, por meio de Cristo, como o objeto da nossa adoração e esperança. Assim devemos exercitar-nos na piedade. Sem essa piedade não pode haver um ornamento desse evangelho, que ensina e requer esse tipo de conduta. A conduta de acordo com o evangelho deve ser uma conduta piedosa, em que expressamos nosso amor, temor e reverência a Deus, nossa esperança e confiança nele, como está manifestado em seu Filho. "*Porque a circuncisão somos nós* (que temos na realidade aquilo que era representado por esse sacramento), *que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne*" (veja Fp 3.3). Nossa obrigação pode ser reduzida a algumas poucas palavras: "*...renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente*". O evangelho nos ensina não somente a crer e esperar de maneira saudável, mas também a viver de maneira saudável, de acordo com a fé e esperança neste presente século, e como expectantes de um outro mundo melhor. Existe o mundo atual e o que há de vir. O mundo presente é o tempo e o lugar da nossa provação, e o evangelho nos ensina a viver de maneira saudável aqui, não como nosso estado final, mas com um olho no futuro.

(3) Devemos buscar as glórias de um outro mundo, para o qual precisamos nos preparar e viver de maneira sóbria, justa e piamente: "*...aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo*". Esperança, como uma metonímia, é colocada aqui no lugar da coisa esperada, a saber, o céu e as suas bênçãos ali, chamados enfaticamente de a *esperança*, porque é a grande coisa que esperamos, anelamos e aguardamos; e é uma *bem-aventurada esperança*, porque, quando obtida, estaremos completamente felizes para sempre. *E o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.* Isso denota tanto o tempo do cumprimento da nossa esperança como a certeza e grandeza dela: isso será na segunda aparição de Cristo, quando Ele "*...vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos*" (Lc 9.26). Sua própria glória que tinha antes da existência do mundo; e a do Pai, sendo *a expressa imagem da sua pessoa*, e como Deus-homem, seu Príncipe e Juiz; e a dos santos anjos, como seus ministros gloriosos. Sua primeira vinda ocorreu em pobreza e humilhação, para satisfazer a justiça e comprar a felicidade. Sua segunda vinda será em majestade, para resgatar seu povo dali. "*Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação*" (Hb 9.28). *O grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo*; porque eles não são duas essências, mas somente uma, de acordo com o artigo singular: *tou megalou Theou kai Soteros*, e não *kai tou Soteros*, e assim *kai* é traduzido em 1 Coríntios 15.24: "*...quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai*", *to Theo kai Patri*. Cristo então é o *grande Deus*, não figuradamente, como um magistrado (e outros) às vezes é chamado de deus, ou que aparece e age como se fosse em nome de Deus, mas própria e absolutamente "*...o verdadeiro Deus*" (1 Jo 5.20), o "*...Deus Forte*" (Is 9.6), "*...que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus*" (Fp 2.6). Em sua segunda vinda, Ele recompensará seus servos e os trará para a glória com Ele. Observe: [1] Existe uma esperança comum e abençoada para todos os verdadeiros cristãos no outro mundo. Se tivessem esperança em Cristo apenas neste mundo, seriam os homens mais miseráveis de todos (1 Co 15.19). A palavra esperança aqui significa a coisa esperada, a saber, o próprio Cristo, que é chamado de *esperança nossa* (1 Tm 1.1), e bem-aventurança nele e através dele, e riquezas da glória (Ef 1.18), apropriadamente chamada aqui de *a bem-aventurada esperança.* [2] O intento do evangelho é encorajar todos a uma vida boa por meio dessa bem-aventurada esperança. "*Cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo*" (1 Pe 1.13). Em relação ao mesmo propósito lemos aqui: "*...renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança*"; não como mercenários, mas como cristãos obedientes e gratos. "*Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus?*" (2 Pe 3.11,12). Aguardando e apressando-se, isto é, esperando e diligentemente preparando-se para ela. [3] No aparecimento da glória de Cristo será obtida a bem-aventurada esperança. A felicidade deles será a seguinte: "*...para que estejam com ele, para que vejam a sua glória*" (Jo 17.24). A glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo irromperá então como o sol. Ainda que no exercício do seu poder judiciário, Ele aparecerá como o Filho do Homem e será poderosamente declarado ser o Filho de Deus. A divindade, que estava em grande parte velada na terra, brilhará então como o sol em sua força. Assim, a obra e o desígnio do evangelho são elevar o coração para essa segunda aparição de Cristo. "*Somos gerados de novo para uma viva esperança*" (1 Pe 1.3), convertidos "*...para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho*" (1 Ts 1.9,10). Os cristãos são marcados por isso, aguardando a vinda do seu Senhor (Lc 12.36), amando *a sua vinda* (2 Tm 4.8). Vamos, pois, olhar para essa esperança; que os nossos lombos estejam cingidos, e as nossas lâmpadas, brilhando, aguardando a vinda do Senhor. Não sabemos o dia e hora, mas "*...o que há de vir virá e não tardará*" (Hb 10.37). [4] O consolo dos cristãos é que o seu Salvador é o grande Deus e se manifestará em glória na sua segunda vinda. Poder e amor,

majestade e misericórdia surgirão então juntos no maior brilho, para o terror e confusão dos ímpios, mas para o triunfo eterno e o regozijo dos piedosos. Se Ele não fosse o grande Deus e ao mesmo tempo uma criatura humana, Ele não poderia ser o Salvador deles, nem sua esperança. Essas são as considerações sobre as quais se devem guardar essas orientações e as devidas obrigações da natureza e desígnio do evangelho. E, com isso, está conectado mais um fundamento, a saber:

II A finalidade da morte de Cristo: "*...o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniqüidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras*" (v. 14). A finalidade da morte de Cristo e o escopo da sua doutrina eram levar-nos à santidade e à felicidade.

1. O comprador da salvação – Jesus Cristo, o *grande Deus e nosso Senhor* ("Salvador", versão RA), que não salva simplesmente como Deus, muito menos somente como homem; mas como Deus-homem, duas naturezas em uma pessoa: homem, para que possa obedecer, sofrer e morrer, pelo homem, estando apto a lidar com ele e por ele; e Deus, para que possa sustentar a humanidade e dar valor e eficácia às suas tarefas, e ter a devida atenção com os direitos e honra da divindade, bem como o bem da sua criatura, e realizar a posterior para a glória da anterior.

2. O preço da nossa redenção: Ele *se deu a si mesmo*. O Pai deu seu Filho, mas Ele também se deu a si mesmo; e, na liberdade e voluntariedade, bem como na grandeza da oferta, estão a aceitabilidade e o mérito dela. "*Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou*" (Jo 10.17,18). "*Por eles me santifico a mim mesmo* (veja Jo 17.19), ou separo e dedico a mim mesmo para essa obra, para ser sacerdote e um sacrifício a Deus pelos pecados do homem". A natureza humana foi a oferta, e a natureza divina, o altar, santificando o dom e o ato completo da pessoa. "*Ele se deu a si mesmo em preço de redenção por todos*" (1 Tm 2.6). "*Na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo*". Ele foi o sacerdote e o sacrifício. Fomos resgatados não com prata e ouro, "*...mas com o precioso sangue de Cristo*" (1 Pe 1.18,19), chamado de o sangue de Deus (At 20.28), isto é, daquele que é Deus.

3. As pessoas beneficiadas: "*...por nós*", pobres e decaídos pecadores, afastados de Deus e em rebelião contra Ele. Ele se deu a si mesmo *por nós*, não somente para o nosso bem, mas em nosso lugar. O Messias foi morto, não por Ele mesmo, mas por nós. "*Ele padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus*" (1 Pe 3.18). "*Ele foi feito pecado por nós* (uma oferta e sacrifício pelo pecado); *para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus*" (2 Co 5.21). Maravilhosa condescendência e graça! Ele nos "*...amou e se entregou a si mesmo por nós*" (veja Ef 5.2). O que podemos fazer se não amá-lo e nos entregarmos a Ele?

4. Os motivos para entregar-se a si mesmo por nós: (1) "*...para nos remir de toda iniqüidade*". Isso é adequado para a primeira repreensão: *renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas*. Cristo deu-se a si mesmo para nos remir dessas coisas, ou seja, para aniquilá-las. Quem ama e vive em pecado está pisando no sangue remidor, desprezando e rejeitando um dos maiores benefícios dele e agindo contra seu desígnio. Mas, de que maneira os sofrimentos de Cristo poderiam nos remir de toda iniqüidade? *Resposta*: Por meio da dignidade infinita de sua pessoa. Aquele que era Deus sofreu, mas não como Deus. Os atos e propriedades de cada natureza são atribuídos à pessoa. Deus comprou sua igreja *com seu próprio sangue* (At 20.28). O pagamento foi feito de uma vez por todas, sem a necessidade de sofrer para sempre. Uma mera criatura não poderia fazer isso, por causa da limitação da sua natureza; mas o Deus-homem podia. O *grande Deus e Salvador se entregou a si mesmo por nós*: isso explica tudo. "*Com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados*" (Hb 9.25,26; 10.14). Ele não precisou oferecer-se muitas vezes, nem pôde ficar preso na morte, uma vez que passou por ela. Que final feliz para a morte de Cristo! Por meio dela, obtemos a redenção de toda iniqüidade. (2) "*...para purificar para si um povo seu especial*". Isso reforça a segunda repreensão: para vivermos *neste presente século sóbria, justa e piamente*. Cristo morreu para purificar e para perdoar – para obter graça, para curar a natureza e para libertar da culpa e da condenação. Ele se entregou a si mesmo para sua igreja, *para purificá-la*. Assim obteve *para si um povo seu especial*, ao purificá-lo. Dessa forma, eles são distinguidos do mundo que jaz na iniqüidade. Eles são nascidos de Deus, assimilados por Ele, carregam a sua imagem, são santos como é santo o seu Pai celestial. Observe: A redenção do pecado e a santificação da natureza andam juntas, e ambas formam um povo especial de Deus: libertação do pecado e da condenação, libertação do poder das concupiscências e a purificação da alma pelo Espírito. Eles são "*...a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa*", e assim, seu *povo especial*. (3) "*...zeloso de boas obras*". Esse povo especial, sendo purificado pela graça, precisa ser visto fazendo o bem e zelando por isso. Observe: O evangelho não é uma doutrina de licenciosidade, mas de santidade e vida saudável. Somos remidos da nossa conduta vã, para servir a Deus "*...em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida*" (veja Lc 1.75). Vamos então nos esforçar para fazer boas obras e ser zelosos nelas. Precisamos cuidar para que esse zelo seja guiado pelo conhecimento, estimulado pelo amor, conduzido para a glória de Deus, e esteja sempre ocupado em fazer alguma coisa boa; e assim sermos dirigidos do motivo para as obrigações, a partir do propósito da morte de Cristo.

Exortações a Vários Deveres

v. 15

O apóstolo conclui o capítulo (como o começou) com uma orientação em forma de resumo do todo, em que temos o assunto e a forma do ensino dos ministros e uma instrução especial a Tito.

I O assunto do ensino dos ministros: "*Fala disto*", a saber, as coisas mencionadas anteriormente: não fábulas judaicas e tradições, mas as verdades e deveres do evangelho, evitando o pecado e vivendo de maneira só-

bria, justa e piedosa neste presente século. Observe: Na sua pregação, os ministros devem permanecer próximos da Palavra de Deus. "*Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus*" (1 Pe 4.11), e não segundo as imaginações e invenções da sua própria cabeça.

II O modo: pela doutrina, exortação, e repreensão, com toda autoridade. "*Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça*" (2 Tm 3.16); isto é, ensinar a sã doutrina, convencer do pecado e refutar o erro, restaurar a vida e fazer aquilo que é justo e bom. "*Para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra*" (veja 2 Tm 3.17), que deve ser praticada por ele mesmo e ensinada aos outros. "*Fala disto*, ou ensina. Não deixes de anunciar todo o conselho de Deus". As verdades e as obrigações do evangelho são de uma forma especial o *falar* e o *exortar*, *parakalei*, *insiste com muita seriedade*. Os ministros não devem ser frios e sem vida ao anunciar doutrinas e preceitos divinos, como se fossem coisas indiferentes ou de pouca importância. Mas devem buscar persuadir as pessoas com seriedade apropriada à sua natureza e importância. Eles devem exortar as pessoas a que vigiem sempre, a não serem "...*somente ouvintes*", enganando-se, mas cumpridores da palavra para serem abençoadas (veja Tg 1.22). "...*e repreende*"; convence e admoesta aqueles que contradizem ou se opõem, ou negligenciam ou não recebem a verdade como deveriam, ou a retém em iniqüidade – aqueles que não a ouvem com a mente e o coração bem dispostos e obedientes como deveriam, mas, em vez disso (é possível) vivem de forma contrária na prática, mostrando-se teimosos e desobedientes, e sendo reprováveis. "...*repreende com toda a autoridade*", em nome de Deus, armado com a sua disciplina. E aquele que não levar a sério a sua correção, sofrerá as conseqüências disso.

III Aqui está uma instrução especial a Tito em relação a ele mesmo: "*Ninguém te despreze*; isto é, não permitas que isso aconteça sem repreensão, lembrando que *quem despreza não despreza ao homem, mas, sim, a Deus*" (veja 1 Ts 4.8). Ou então: "*Fala e exorta* essas coisas, insta a todos, conforme a necessidade de cada um. Condena o pecado com ousadia e fidelidade e cuidadosamente olha para ti mesmo e para tua conduta, e então ninguém te desprezará". A forma mais eficaz de os ministros se manterem afastados da desobediência ou do desprezo é manterem-se próximos da doutrina de Cristo e imitarem o seu exemplo – pregarem e viverem bem e cumprirem suas obrigações com prudência e coragem. Isso preservará da melhor maneira a reputação e o bem-estar deles.

Talvez o apóstolo também tivesse em mente uma admoestação ao povo no sentido de que Tito, embora jovem, e como substituto do apóstolo, não deveria ser desprezado por eles, mas estimado e respeitado como um fiel ministro de Cristo e encorajado e apoiado em seu trabalho e ofício. "*E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra* (1 Ts 5.12,13). Prestai atenção no seu ensino, respeitai a sua pessoa, buscai apoiá-lo na sua função, e, dentro do possível, ajudai-o no seu esforço para a honra de Deus e a salvação de almas".

CAPÍTULO 3

As obrigações mais comuns dos cristãos e os motivos para realizá-las (vv. 1-8). O que Tito deve evitar no ensino e como deve tratar os hereges, além de algumas outras orientações (vv. 9-14) e as saudações finais (v. 15).

Exortações a Diversos Deveres. Características de um Estado Não-renovado. A Importância e Origem da Salvação. A Regeneração. A Justificação

vv. 1-8

Entramos aqui no quarto tópico da epístola. O apóstolo tinha orientado Tito em relação às obrigações particulares e especiais de várias classes de pessoas. Agora ele o ordena a exortá-los sobre aquilo que era comum a todos, a saber, um espírito pacífico e submisso aos governantes, prontidão em fazer o bem e ter um comportamento eqüitativo e manso com todos – coisas decorosas e agradáveis da religião. Ele deve, portanto, lembrá-los dessas coisas. Os ministros são responsáveis por lembrar as pessoas dos seus deveres e obrigações. Como os ministros lembram do povo nas orações a Deus (Is 62.6), assim Deus se lembra deles na pregação: "*Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas*" (2 Pe 1.12). O esquecimento de alguma obrigação é uma fraqueza comum. Por isso existe a necessidade de lembrar e estimular o povo. Temos aqui as obrigações e os motivos delas.

I As obrigações de que precisavam ser lembrados: 1. "*Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedeçam*". Os governantes são instituídos por Deus para o bem de todos. Portanto, as pessoas devem respeitá-los e submeter-se a eles, não com raiva ou por força, mas de boa vontade e por causa da consciência. Entende-se por *principados* e *potestades* todos os governantes civis, quer a autoridade suprema ou um dirigente ou um subordinado, sob a liderança dos quais vivem, independentemente da forma de governo. Eles devem ser sujeitos a eles e lhes obedecer nas coisas legais e honestas. A religião cristã era deturpada pelos seus adversários como prejudicial aos direitos dos príncipes e poderes civis e por rebelar-se contra a autoridade legal. Portanto, para *tapar a boca à ignorância dos homens loucos* e para silenciar os inimigos maliciosos, os cristãos devem ser lembrados do dever de serem exemplo de submissão e obediência ao governo que está instituído sobre eles. O desejo natural da liberdade deve ser guiado e limitado pela razão e pelas Escrituras. Os privilégios espirituais não anulam ou enfraquecem suas obrigações aos deveres civis, mas as confirmam e fortalecem: "Lembre-os, portanto, *que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedeçam*". 2. E

"*...estejam preparados para toda boa obra*". Alguns comentaristas entendem tratar-se de boas obras que são exigidas pelos governantes dentro da sua esfera de ação: "Estejam prontos a fomentar a boa ordem e promover e assegurar a tranqüilidade e a paz pública. Não se oponham a isso". Mas, embora isso esteja incluído, mesmo que não inicialmente planejado, não deve ser reprimido. O preceito traz a idéia de fazer o bem a todos e em todas as ocasiões possíveis, quer para Deus, para nós mesmos ou para o próximo – aquilo que possa trazer um bom nome à religião cristã no mundo. "*Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai*" (Fp 4.8), façam isso, sigam isso e promovam isso. Meras palavras e boas intenções não são suficientes sem boas obras. "*A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo*" (veja Tg 1.27). "Não somente aproveite a ocasião, mas procure-a, para fazer o bem; esteja de prontidão; não descarte a oportunidade, mas abrace-a você mesmo, alegre-se e deleite-se nisso. Lembre todos disso". 3. "*...a ninguém infamem*": *medena blasfemein*, não *injuriem*, ou não *amaldiçoem*, ou não *blasfemem* ninguém: ou (de acordo com a nossa tradução mais geral) *não falem mal de ninguém*, isto é, de maneira injusta ou falsa, ou desnecessária, sem ser chamado ou quando não isso não resulta em nenhum bem para a própria pessoa ou para qualquer outra. Se nada de bom pode ser falado, em vez de falar mal desnecessariamente, fique em silêncio. Nunca devemos ter prazer em falar mal de outros, nem buscar o pior de alguma situação, mas, sim, fazer o melhor que pudermos. Não devemos subir e descer pelas ruas como os mexeriqueiros, levando histórias malvadas, para prejudicar o bom nome do nosso próximo e a destruição do amor fraternal. Informações falsas ou insinuações de más intenções, ou de hipocrisia, de coisas fora do nosso alcance ou conhecimento – tudo isso está debaixo dessa proibição. Infelizmente esse mal é bastante comum, e, portanto, bastante nocivo. "*Se alguém entre vós cuida ser religioso e não refreia a sua língua, a religião desse é vã*" (Tg 1.26). Esse tipo de conversa solta e não generosa é desagradável a Deus e danosa para as pessoas. Provérbios 17.9: "*O que encobre a transgressão busca a amizade* (isto é, para si mesmo pela sua ternura e caridade, ou, então, para o transgressor), *mas o que renova a questão* (que proclama as faltas de outro) *separa os maiores amigos*". Essa pessoa levanta dissensões e afasta seu amigo de si mesmo e talvez de outros. Este está entre os pecados que precisam ser tirados (Ef 4.31); porque, se for tolerado, ele é impróprio para a comunhão cristã aqui e para a sociedade dos abençoados no céu (1 Co 6.10). Lembre-os, portanto, de evitar isso. 4. "*...nem sejam contenciosos*"; *amachous einai* – *não briguentos*, seja com as mãos ou com a língua, não pessoas irascíveis, dispostas a usar de linguagem prejudicial ou provocativa. Uma "discussão santa" no caso é para questões boas e importantes, e, de alguma forma, apropriada e conveniente, não com ira nem violência injuriosa. Os cristãos devem seguir as coisas que levam à paz, de uma maneira pacífica, não áspera e impetuosa, mas como convém aos servos de Deus. "*Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira*" (Rm 12.19). Essa é a sabedoria e a obrigação cristã. A glória de um homem "*...é passar sobre a transgressão*" (veja Pv 19.11). Essa é a obrigação de um homem razoável e, portanto, certamente de um homem cristão, cuja razão é melhorada e aperfeiçoada pela fé cristã. Esse homem certamente não se lançará sobre aquele que o ofendeu, mas, semelhantemente a Deus, será *tardio em irar-se* e *pronto a perdoar.* Contenda e discussão surgem da concupiscência e de paixões exorbitantes e obstinadas, que devem ser refreadas, moderadas, e não podem ser toleradas. Os cristãos precisam ser lembrados de que por meio de um comportamento e espírito irados e contenciosos desagradam e desonram a Deus e desacreditam a fé cristã, promovendo rixas no lugar onde moram. "*Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade*" (veja Pv 16.32). Lemos então: 5. "*...mas modestos*"; *epieikeis*, *imparciais* e *justos*, ou cândidos e justos na edificação das coisas, não tomando palavras e ações no pior sentido; e para manter a paz devem ser menos rígidos, quando possível. 6. "*...mostrando toda mansidão para com todos os homens*". Devemos ter uma disposição compassiva, e não somente ter mansidão no coração, mas mostrá-la em nossa conversa e conduta. *Toda mansidão* – mansidão em todas as instâncias e ocasiões, não somente em relação aos amigos, mas *para com todos os homens*, embora ainda com sabedoria, como Tiago admoestou (cap. 3.13). "Distinga a pessoa do pecado. Compadeça-se de um e odeie o outro. Não olhe para todos da mesma maneira. Há *argueiros e traves*. Distinga entre pecador e pecador: '*...apiedai-vos de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns, arrebatando-os do fogo*' (Jd 22,23). Preste atenção nessas coisas. '*Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável*' (veja Tg 3.17)". Mansidão de espírito e de comportamento torna a religião cristã agradável. Essa é uma virtude de Cristo, nosso grande exemplo, a quem devemos imitar. Seremos recompensados com um bem-estar e conforto dessa disposição de espírito e as bênçãos que a acompanham. Essas pessoas serão felizes e jubilosas, serão ensinadas e guiadas no seu caminho e estarão satisfeitas com pão e ornamentadas com a salvação. Essas são as obrigações que Tito deveria passar para o povo.

II Ele então acrescenta os motivos, que são tirados: 1. Da sua própria condição passada. A consideração pela condição natural do homem é um grande motivo para a eqüidade e bondade, e para toda mansidão, para com aqueles que ainda estão nesse estado. Isso tem a tendência de anular o orgulho e operar compaixão e esperança em relação àqueles que ainda não estão convertidos: "Nós mesmos éramos assim, corruptos e cheios de pecado, por isso não deveríamos ser impacientes e amargos, duros e severos, para com aqueles que ainda estão numa condição em que nós nos encontrávamos anteriormente. Deveríamos ter sido tratados com desprezo ou com orgulho e rigor? Certamente que não! Fomos tratados com bondade e humanidade; e, portanto, deveríamos agora tratar aqueles que não estão convertidos de acordo com a regra da eqüidade: *Quod tibi non vis fieri, alteri ne feceris – O que você não gostaria que fosse feito a você, não faça aos outros*". A sua condição natural passada é apresentada em diversas particularidades. "*...também nós*

éramos, noutro tempo": (1) *Insensatos*; sem uma verdadeira compreensão e entendimento espirituais, ignorantes das coisas celestiais. Observe: As pessoas que lembram muitas das suas loucuras deveriam ser as mais dispostas a ser tolerantes com as loucuras dos outros. Elas deveriam ser mansas e bondosas e pacientes com as outras, que em certa maneira precisam e certamente esperam a mesma atitude. *Também nós éramos, noutro tempo, insensatos*... e: (2) *Desobedientes*; teimosos e inflexíveis, resistindo à Palavra e rebeldes contra as leis naturais de Deus e da sociedade. Bem, essas pessoas são *insensatas* e *desobedientes*. Por que cometer a loucura de desobedecer a Deus e suas leis naturais e reveladas? Isso é contrário à razão e o verdadeiro e grande interesse do homem. E por que ser tão insensato a ponto de violar e ir contra essas leis? (3) *Extraviados*, ou desgarrados; a saber, fora dos caminhos da verdade e da santidade. A pessoa em seu estado degenerado apresenta uma natureza desgarrada, por isso é comparada com uma ovelha perdida. Essa ovelha precisa ser procurada e trazida de volta e guiada no caminho certo (Sl 119.176). Ela é fraca e inclinada a ser enganada pelas astúcias e sutilezas de Satanás e dos homens na espreita aguardando para seduzir e enganar. (4) "*...servindo a várias concupiscências e deleites*"; a saber, como vassalos e escravos debaixo delas. Observe: Pessoas enganadas são facilmente envolvidas e apanhadas em armadilhas. Elas não serviriam diversas concupiscências e deleites, se não estivessem cegas e encantadas por eles. Veja aqui a diferente noção que a palavra apresenta acerca de uma vida sensual e carnal em relação ao que o mundo geralmente tem. Pessoas carnais acham que desfrutam dos seus prazeres. A Palavra chama isso de servidão e vassalagem: elas são escravas debaixo dessas concupiscências e deleites. Elas estão tão longe de encontrarem liberdade e felicidade nelas que são, na verdade, cativas delas e as servem como capatazes e tiranos. Observe mais: A miséria dos servos do pecado é que eles têm muitos senhores, uma concupiscência incitando-os para um lado, e uma outra para o outro. O orgulho comanda uma coisa, a cobiça, outra, e muitas vezes o contrário. Que escravos abomináveis são os pecadores, embora achem que estão livres! A concupiscência que os tenta lhes promete liberdade, mas quando cedem se tornam servos da corrupção. "*Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo*" (veja 2 Pe 2.19). (5) "*...vivendo em malícia*", uma dessas concupiscências que traz uma regra consigo: a malícia deseja o mal de alguém e se alegra nisso. (6) "*...e inveja*", que sente rancor e se queixa do bem do outro, se corrói com a prosperidade e sucesso de qualquer um. Tanto a malícia quanto a inveja são raízes de amargura, de onde brotam muitos males: conversas e pensamentos maus, língua *inflamada pelo inferno*, depreciando e desfazendo o justo e devido louvor de outros. *Suas palavras são espadas*, com as quais destroem o bom nome e a honra do seu próximo. Esse foi o pecado de Satanás e de Caim, que era do maligno e que matou seu irmão. Por que o matou se não por causa da sua inveja e malícia, visto que *as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas*? Esses eram alguns pecados que cometíamos em nosso estado natural. (7) "*...odiosos*" – merecedores de ódio. (8) "*...odiando-nos uns aos outros*". Observe: As pessoas pecadoras, que vivem no pecado, odeiam a Deus e todos os homens de bem. Seu temperamento e caminhos são dessa forma, ainda que sua personalidade não o seja. É a miséria dos pecadores odiarem uns nos outros, da mesma forma que o dever e a felicidade dos santos é amar uns aos outros. Quanta contenda e briga fluíam dos corações corruptos das pessoas que pela conversão agora são boas, mas que no seu estado não convertido eram como animais selvagens correndo um contra o outro! Essa consideração a respeito do nosso passado deveria moderar nosso espírito e nos dispor a ser mais iguais e meigos, mansos e bondosos, para com aqueles que continuam emaranhados no pecado. Esse é o argumento do seu próprio passado aqui descrito. E Paulo argumenta também:

2. Do seu estado presente: "Somos libertos daquela nossa condição miserável, não pelos nossos próprios méritos e esforços, mas somente pela misericórdia e livre graça de Deus, e mérito de Cristo, e operação do Espírito. Portanto, não temos motivos, pensando em nós mesmos, para desprezar aqueles que ainda não estão convertidos, mas devemos ter compaixão deles e nutrir esperança em relação a eles, para que, embora mesmo tão indignos e inadequados como nós somos, também possam obter misericórdia, como nós obtivemos". E assim, aproveitando essa ocasião, o apóstolo mais uma vez apresenta as causas da nossa salvação (vv. 4-7).

(1) Temos aqui o autor principal da nossa salvação – Deus, o Pai, aqui denominado de *Deus, nosso Salvador*. "*E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo*" (2 Co 5.18). Todas as coisas pertencentes à nova criação e à restauração do homem caído para a vida e felicidade, ao que está se referindo, são de Deus, o Pai, como Planejador e iniciador dessa obra. Há uma ordem na ação, como também na subsistência. O Pai inicia, o Filho administra e o Espírito Santo opera e aperfeiçoa tudo. Deus (a saber, *o Pai*) é o Salvador por Cristo, por meio do Espírito. "*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*" (Jo 3.16). Ele é o Pai de nosso Salvador, e, por meio dele, o Pai das misericórdias. Todas as bênçãos espirituais são dele por meio de Cristo (Ef 1.3). "*Nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo*" (Rm 5.11). "*Para que concordes, a uma boca, glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*" (Rm 15.5).

(2) A fonte e o crescimento dela – a *filantropia* divina, ou "*...a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens*". Pela graça, somos salvos do começo ao fim. Essa é a base e o motivo. A compaixão e misericórdia pelo homem miserável formavam a primeira roda, ou, melhor, o Espírito nas rodas, que as coloca e as mantêm todas em movimento. Deus não é, e não pode ser movido, por qualquer coisa fora dele mesmo. O motivo está no homem, a saber, sua miséria e desgraça. O pecado que trouxe essa miséria; isso poderia ter suscitado a ira em vez da compaixão; mas Deus, sabendo como ajustar tudo com sua própria honra e perfeição, preferiu compadecer-se e salvar em vez de destruir. Ele se deleita na misericórdia. "*Onde o pecado abundou, superabundou a graça*" (veja Rm 5.20). Lemos acerca de *riquezas de benignidade e misericórdia* (Rm 2.4; Ef 2.7). Vamos reconhecer isso e dar glória a

Ele, não transformá-la em libertinagem, mas sim em gratidão e obediência.

(3) O meio ou a causa instrumental – o reluzir desse amor e graça de Deus no evangelho, *quando apareceu*, isto é, na Palavra. O surgimento do amor e da graça tem, por meio do Espírito, grande virtude em suavizar, mudar e voltar para Deus, e assim é "*...o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê*" (veja Rm 1.16). Paulo deixa claro que Deus é o autor, sua livre graça, a fonte, e a manifestação dela no evangelho, o meio de salvação, para que a honra de tudo possa tanto mais ser assegurada a Ele:

(4) Falsas bases e motivos são então removidos: "*...não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou*"; não pelas nossas supostas obras, mas somente pela sua graça e misericórdia. As obras devem estar nos salvos (quando houver espaço para elas), mas não fazem parte das causas da salvação. Elas são o caminho para o reino, não o preço merecedor dela. Tudo reside no princípio do favor e da graça imerecidos do início ao fim. A eleição é pela graça: somos escolhidos para *ser* santos, não porque foi previsto anteriormente que deveríamos ser assim (Ef 1.4). É o fruto, não a causa, da eleição: "*Deus vos elegeu desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade*" (2 Ts 2.13). Esse chamado é eficaz, e nele a eleição irrompe e é vista: "*Ele nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos*" (2 Tm 1.9). "*Somos justificados gratuitamente pela sua graça*" (Rm 1.9) e santificados e salvos pela graça: "*...pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus*" (Ef 2.8). A fé e todas as graças salvadoras fazem parte do livre dom de Deus e sua obra. O começo delas, o progresso e a perfeição delas em glória, vêm dele. Ao edificar os homens para serem templos santos em Deus, desde a fundação até a pedra final, não devemos suplicar nada além de *graça* a Ele. *Não vem das obras, para que ninguém se glorie; mas pela graça, para que aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.* Assim, a verdadeira causa é mostrada, e a falsa, removida.

(5) A causa formal da salvação, ou que faz parte dela, pelo menos o início dela – na regeneração ou renovação espiritual, como é chamada aqui. "*As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*" (veja 2 Co 5.17), em um sentido moral e espiritual, não em um sentido físico e natural. É o mesmo homem, mas com outras disposições e hábitos. Os hábitos ruins são eliminados, em relação ao predomínio deles no presente. E todos os outros remanescentes no devido tempo também serão eliminados, quando o trabalho estiver aperfeiçoado no céu. Um novo e predominante princípio da graça e santidade é operado, que se inclina, domina, governa e torna o homem um novo homem, uma nova criatura, tendo novos pensamentos, desejos e afeições, uma mudança de vida e ações novas e santas. A vida de Deus no homem, não somente a vida vinda de Deus de uma forma especial, mas amoldada e voltada para Ele. Esse é o início da salvação, que continuará crescendo para a perfeição. Por isso é dito: *Ele nos salvou.* O que começou dessa forma será aperfeiçoado no devido tempo. Isto é expresso como se já tivesse ocorrido. Portanto, vamos prestar atenção nisso sem demora. Se com boa razão esperamos a salvação no céu, devemos ser inicialmente salvos agora, pela regeneração. A mudança então será em grau, não em tipo. A graça é o início da glória, como a glória é a graça na sua perfeição. Quão poucos se importam com isso! A maioria age como se estivesse com medo de ser feliz antes do tempo. Eles querem ter o céu – pelo menos pretendem – no fim, mas não se importam com a santidade agora; isto é, eles querem ter o fim sem o início. Mas sem regeneração, isto é, a primeira ressurreição, não é possível obter a segunda ressurreição gloriosa, a ressurreição dos justos. Essa é a salvação formal, na nova vida divina operada pelo evangelho.

(6) O sinal exterior e selo do batismo, chamado de "*...lavagem da regeneração*". A obra em si é interna e espiritual; mas ela é exteriormente representada e selada nessa ordenança. A água tem a função de limpar e purificar, tirar a imundície da carne, e, dessa forma, ela adequadamente representava a eliminação da culpa e a lavagem do pecado pelo sangue e Espírito de Cristo, embora essa competência sozinha, sem a instituição de Cristo, não fosse suficiente. Para Deus, a lavagem da regeneração é o selo da justiça pela fé, como era a circuncisão no antigo pacto, que o batismo sucedeu. Assim, o batismo salva de forma figurada e sacramental, quando é usado da forma correta. "*Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor*" (At 22.16). "*Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra*" (Ef 5.26). Não despreze esse sinal e selo exterior, já que está de acordo com a ordem divina; por outro lado, não se conforme apenas com o lavar exterior, mas olhe para a *indagação de uma boa consciência*, sem a qual a lavagem exterior não terá nenhum proveito. O selo do batismo está vinculado às obrigações, bem como exibe e transmite benefícios e privilégios. Se a anterior não for obedecida, não adianta esperar a posterior. Não separe o que Deus uniu. O batismo está completo quando a parte exterior e a interior forem cumpridas. Assim como aquele que era circuncidado se tornava devedor de toda lei (Gl 5.3), assim ocorre com aquele que é batizado de acordo com o evangelho. Ele deve observar todos os mandamentos e ordenanças dele, como Cristo ordenou. "*Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado*" (Mt 28.19,20, versão RA). O batismo é o sinal externo e selo da salvação, chamado aqui de *lavagem da regeneração*.

(7) Temos aqui o outorgante capaz, a saber, o Espírito de Deus. É a "*...renovação do Espírito Santo*"; não excluindo o Pai e o Filho, que em todas as operações trabalham juntos; nem o uso dos meios, isto é, a Palavra e os sacramentos, por intermédio dos quais o Espírito opera. Pela operação do Espírito eles recebem a eficácia salvadora. Na economia da nossa salvação, a aplicação e a execução são especialmente atribuídas ao Espírito Santo. Nascemos do Espírito, para sermos vivificados e santificados pelo Espírito, para sermos conduzidos e guiados, fortalecidos e ajudados, pelo Espírito. Por meio dele mortificamos o pecado, realizamos nosso dever e caminhamos nos caminhos de Deus. Todas as

ações e operações da vida divina em nós, as obras e frutos feitos fora de nós, ocorrem por meio do bendito Espírito Santo, que é, portanto, chamado de Espírito de vida, de graça e de santidade. Toda graça vem dele. Ele deve ser buscado com seriedade, e grandemente considerado por nós, para não extinguirmos seu mover santo, nem resistirmos e nos opormos a Ele em seu operar. *Res delicatula est Spiritus – O Espírito é sensível.* Da maneira que nos comportamos para com Ele, assim podemos esperar que Ele se comporte para conosco. Se não damos importância, ou resistimos ou nos opomos às suas operações, Ele as diminuirá. Se continuarmos a aborrecê-lo e provocá-lo, Ele se afastará. "*Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção*" (Ef 4.30). O Espírito sela pela sua renovação e santificação, pelo seu testemunho e sua obra de consolação. Ele separa e destina para a salvação, e prepara para ela. Esta é a obra dele: não seríamos capazes de nos voltar para Deus por força própria, da mesma forma que não podemos ser justificados por conta própria.

(8) A forma de Deus comunicar esse Espírito nos dons e graças; não de forma mesquinha e escassa, mas livre e abundante. O derramar do Espírito, bem como seus dons e graças, ocorre de forma mais ativa debaixo do evangelho do que ocorria debaixo da lei. Esse é *o ministério do Espírito* (2 Co 3.8). O povo de Deus, em todas as épocas, recebeu uma certa medida do Espírito, mas ela se intensificou nos tempos do evangelho, desde a vinda de Cristo. "*...a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*"; isto é, uma efusão mais copiosa da graça, cumprindo as promessas e profecias dos tempos antigos. Isaías 44.3: "*Derramarei água sobre o sedento e rios, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes*", referindo-se a essas bênçãos maiores e melhores, uma efusão da graça e dos dons santificadores do Espírito. Joel 2.28: "*Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne*", não somente sobre os judeus, mas também sobre os gentios. Isso aconteceria nos tempos do evangelho; e como seria adequado o texto bíblico que (At 2.17,18,33), falando do Cristo ressurreto e elevado, diz que, "*...tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo* (diz Pedro)*, derramou isto que vós agora vedes e ouvis*". E no capítulo 10.44,45: "*...o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a palavra*", incluindo gentios e judeus. Isso ocorreu em grande medida pelos dons miraculosos do Espírito Santo, mas não sem suas graças santificadoras que também acompanhavam a muitos, quando não todos eles. Houve então uma abundância de dons comuns de iluminação, chamados e profissões visíveis, e fé geral, além de dons especiais de santificação, tais como fé, esperança, amor e outras graças do Espírito. Precisamos tomar parte disso. Qual é a desculpa para nós se muito é derramado, mas nós permanecemos secos? Nossa condenação será tanto mais agravada se debaixo de tamanha dispensação da graça permanecermos destituídos dela. *Enchei-vos do Espírito*, diz o apóstolo. Esse é um dever bem como um privilégio, por causa dos recursos que Deus, no evangelho, está pronto a usar para abençoar e tornar eficaz sua mensagem de salvação; a maneira de Deus comunicar graça e todas as bênçãos espirituais debaixo do evangelho é *abundantemente*. Ele não é limitado em relação a nós, mas o somos em relação a Ele e em nós mesmos.

(9) A causa geradora de tudo, a saber, Cristo: "*...por Jesus Cristo, nosso Salvador*". Foi Ele quem comprou o derramar do Espírito e seus dons e graças salvadores. Todos vêm por meio dele, como Salvador, cuja incumbência e obra é levar à graça e à glória. Ele é nossa justiça e paz, e nossa cabeça, de quem temos nossa vida e influência espirituais. "*O qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção*" (veja 1 Co 1.30). Vamos louvar a Deus pela vida e obra de Jesus, acima de qualquer outra coisa. Vamos ao Pai por meio dele e nos beneficiemos dele por todos os propósitos santificadores e salvadores. Nós temos graça? Vamos agradecer a Ele, bem como ao Pai e ao Espírito, pela sua graça: ter *por perda e esterco todas as coisas, pela excelência do conhecimento dele* (veja Fp 3.8), e crescer cada vez mais nisso.

(10) A finalidade de sermos trazidos para essa nova condição espiritual, a saber, justificação e herança de vida eterna: "*...para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna*". A justificação no evangelho é a livre remissão de um pecador e a sua aceitação como justo por meio da justiça de Cristo recebida pela fé. Por meio dela temos a remoção da culpa que levava ao castigo, aceitando e tratando a pessoa como alguém que agora é justo aos olhos de Deus. Esse Deus opera isso livremente em nós, por meio do sacrifício e justiça de Cristo, obtidos pela fé (Rm 3.20-26): "*Nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei*; mas por intermédio da *justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem*, motivo pelo qual (v. 24) somos *justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus*". Deus, ao justificar o pecador de acordo com o evangelho, é gracioso com ele e justo com Ele mesmo e sua lei, em que o perdão ocorre por meio de uma justiça perfeita, e a reparação tornada em justiça por Cristo, que é a propiciação para o pecado e não pelo merecimento do pecador. Por isso lemos aqui: "*...não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou,* [...] *para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna*". E pela graça, como a fonte e crescimento (como vimos), ainda que *pela redenção que há em Cristo Jesus*, como a abertura do caminho, por meio do que a lei e a justiça de Deus são satisfeitas e pela fé se aplica essa redenção. "*E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele* (Cristo) *é justificado todo aquele que crê*" (At 13.39). Por isso, o apóstolo deseja "*...ser achado nele, não tendo a sua justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé*" (veja Fp 3.9). Portanto, não vamos confiar na nossa própria justiça ou mérito de boas obras, mas somente na justiça de Cristo, recebida pela fé para a justificação e aceitação de Deus. Precisamos da justiça inerente e dos frutos dela em obras de

obediência; não, porém, como nossa justiça justificadora diante de Deus, mas como frutos da nossa justificação, e evidências do nosso interesse em Cristo e qualificação para a vida e a felicidade, e para o início e parte dela. Mas a geração de tudo isso é por meio de Cristo, para que, "*...sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros*". Observe: Nossa justificação é *pela graça de Deus*, e ela é necessária para que sejamos feitos *herdeiros da vida eterna*. Sem essa justificação não pode haver adoção e filiação, e, por conseguinte, nenhum direito de herança. "*Mas a todos quantos o* (a saber, Cristo) *receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome*" (Jo 1.12). A vida eterna nos é apresentada na promessa, o Espírito opera fé em nós e esperança dessa vida, e, assim, fomos feitos herdeiros dela e temos a posse dela já aqui neste mundo. A fé e a esperança aproximam a vida eterna de nós e nos enchem de alegria pela expectativa bem-fundada dela. O crente mais humilde é um grande herdeiro. Embora não tenha sua parte na mão, ele tem uma esperança viva pela graça e permanece firme diante de todo tipo de dificuldade. Há um estado melhor em vista. O crente está aguardando "*...uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para ele*". Que grande consolo para o verdadeiro cristão! É por isso que deveríamos *mostrar toda mansidão para com todos os homens*, visto que experimentamos tantos benefícios da bondade e do amor de Deus em nossa vida, e esperar que eles, no tempo de Deus, também se tornem participantes da mesma graça como nós. Essas são as razões para apresentarmos uma conduta igualitária e gentil, mansa e afável para com os outros, que das suas más condições no passado foram trazidos para um estado presente mais feliz, sem qualquer mérito ou merecimento próprio, e para que por meio da mesma graça outros também possam ser trazidos para esse mesmo estado.

III O apóstolo, após ter esclarecido as obrigações que os cristãos têm em comum, com os devidos motivos, acrescenta agora mais uma obrigação da bondade e utilidade aos homens. Observe: Após ter esclarecido a graça de Deus para conosco, o apóstolo imediatamente ressalta a necessidade das boas obras; porque não devemos esperar o benefício da misericórdia de Deus, a não ser que nos conscientizemos da nossa obrigação (v. 8): "*Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes* (essa é uma verdadeira doutrina cristã da mais elevada importância e que os ministros devem ressaltar e inculcar com toda seriedade e constância), *para que os que crêem em Deus* (não pensem que uma mera fé despida os salvará; mas essa deve ser uma fé operante, produzindo o fruto da justiça) *procurem aplicar-se às boas obras*", não fazê-las ocasionalmente apenas, não só quando as oportunidades aparecerem no seu caminho, mas ir ao encontro delas para realizá-las. "*...estas coisas são boas e proveitosas aos homens*", em vez de questões ociosas, como vemos em seguida. Essas coisas são boas em si mesmas, e o ensinamento delas é útil para a humanidade, tornando as pessoas úteis em seus lugares. Observe: Os ministros devem anunciar aquilo que é são e bom em si mesmo e proveitoso àqueles que ouvem: tudo deve ser para o proveito e edificação das pessoas e sociedades.

O Modo de Tratar com os Hereges. A Bênção Apostólica

vv. 9-15

Na última passagem, encontramos o quinto e último tópico da epístola: o que Tito deve evitar no ensino e como deve lidar com um herege; há ainda algumas outras orientações. Observe:

I Para que o propósito do apóstolo possa ser mais claro e completo, e especialmente adequado à situação da igreja em Creta, e para os muitos judaizantes no meio dela, ele mostra a Tito o que, em seu ensinamento, deveria evitar (v. 9). Existem questões necessárias a ser discutidas e esclarecidas, especialmente as que são úteis para o aperfeiçoamento e conhecimento; mas questões inúteis e loucas, que não visam à glória de Deus nem à edificação devem ser deixadas de lado. Alguns podem aparentar sabedoria, mas são vaidosos, como muitos doutores judaicos, bem como estudiosos posteriores que afluíam com perguntas sem importância para a fé ou a prática cristã. Tito devia evitar esses homens. "*...genealogias*" (dos deuses, alguns entendem, acerca dos quais os poetas pagãos faziam tanto barulho; ou que deixavam os judeus tão curiosos): algumas indagações úteis e legais podem ser feitas acerca dessas coisas, para ver o cumprimento das Escrituras em alguns casos e especialmente em relação à descendência de Jesus Cristo, o Messias; mas tudo aquilo que servia apenas para a ostentação e para alimentar a vaidade em relação a árvores genealógicas longas deveria ser abolido. Esses mestres judaicos estavam dispostos a ocupar seu tempo e aborrecer seus ouvintes com essa distinção de famílias e tribos, que, desde a vinda de Cristo tinha ficado sem efeito. Eles insistiam em querer impô-la novamente aos crentes. Tito deveria opor-se a essas coisas e considerá-las inúteis e vãs. "*...contendas e nos debates acerca da lei*". Havia aqueles que defendiam a continuidade dos ritos e cerimônias mosaicas na igreja, embora tivessem sido substituídos e abolidos por Cristo. Tito não devia tolerar essas coisas, mas evitar e opor-se a elas, "*...porque são coisas inúteis e vãs*". Isto se refere a todas as *questões loucas* e *às genealogias*, bem como àqueles que debatiam *acerca da lei*. Eles estão tão longe de instruir e edificar na piedade que são obstáculos a ela. A fé cristã e as boas obras, que devem ser colocadas em prática, serão enfraquecidas e prejudicadas por essas coisas, a paz da igreja, perturbada, e o avanço do evangelho, retardado. Observe: Os ministros devem não somente ensinar coisas boas e úteis, mas evitar e opor-se às coisas más e vãs, que corrompem a fé e impedem a piedade e as boas obras. O povo também não deveria ter coceira nos ouvidos, mas amar e adotar a sã doutrina, que melhor edifica a igreja.

II Mas, visto que, apesar de tudo, haverá *heresias* e *homens hereges* na igreja, o apóstolo orienta a Tito o que fazer num caso desses e como lidar com esse tipo de pessoas (v. 10). Aquele que renuncia à verdade em

Cristo Jesus, que defende publicamente falsas doutrinas e as propaga para a corrupção da fé acerca de pontos importantes e graves, quebrando a paz da igreja, depois de fazer o possível para corrigi-lo, mas sem sucesso, deve ser evitado. "Admoeste-o repetidas vezes, para que, se possível, ele possa ser reintegrado e você acabe ganhando o seu irmão; mas, se não o convencer, lance-o fora da comunhão, para que os outros não sejam prejudicados e advirta os cristãos para evitá-lo". "*Sabendo que esse tal está pervertido* (afastado da base ou fundamento) *e peca* gravemente, *estando já em si mesmo condenado*". Esses que não se deixam corrigir pelas admoestações, mas continuam obstinados em seus pecados e erros, *estão pervertidos e em si mesmo condenados*. Eles infligem a si mesmos o castigo que os dirigentes da igreja deveriam infligir a eles. Eles mesmos se lançam fora da igreja, afastando-se da comunhão com ela, e, dessa forma, condenam-se a si mesmos. Observe: 1. Uma heresia realmente nociva pode causar grande estrago, por isso, ninguém deveria ser acusado levianamente, embora todos tenham de ter o máximo de cuidado com ela. Um herege é *pervertido* – uma metáfora de uma construção tão destruída que é difícil, senão impossível, consertá-la e edificá-la novamente. Hereges de verdade dificilmente são restaurados à verdadeira fé. O problema não está na forma errada de julgar, mas na perversão da vontade, envolvendo o orgulho, ou ambição, ou teimosia, ou cobiça, ou alguma corrupção semelhante. Precisa-se ter muito cuidado com essas pessoas: "Seja humilde, ame a verdade e pratique-a, e você escapará da heresia condenada". 2. Esforços e paciência precisam ser usados com aqueles que transgridem de maneira mais grave. Não se deve desistir deles facilmente e rejeitá-los, mas deve-se dar tempo suficiente para buscar a restauração deles. 3. Os meios até mesmo com os hereges são persuasivos e racionais. Eles devem ser admoestados, instruídos e advertidos; é o que significa *nouthesia*. 4. Após uma obstinação e uma atitude irrevogável e contínua, a igreja tem o poder, e a obrigação, de preservar sua própria pureza, ao separar um membro tão corrupto, para que a disciplina possa, pela bênção de Deus, se tornar eficaz na restauração do ofensor. Caso contrário, isso o deixará ainda menos indesculpável em sua condenação.

III O apóstolo acrescenta mais algumas orientações (vv. 12,13). Vemos duas coisas pessoais acrescentadas aqui:

1. Tito deveria estar pronto para se encontrar com Paulo em *Nicópolis* (uma cidade da Trácia, como se supõe, nas fronteiras da Macedônia), tão logo *Ártemas* ou *Tíquico* fossem enviados a Creta, para substituí-lo no cuidado das igrejas ali, quando ele partisse. O apóstolo não queria que no seu estado jovem e inexperiente eles estivessem sem uma ou outra supervisão importante, para guiá-los e ajudá-los. Tito, pelo que parece, não era o bispo ou pastor comum e fixo, mas um evangelista, caso contrário, Paulo não o teria chamado tantas vezes para deixar o seu posto. Sabemos muito pouco de Ártemas, mas Tíquico é mencionado em diversas ocasiões. Paulo o chama de "*Tíquico, irmão amado e fiel ministro do Senhor*" e "*...fiel ministro, e conservo no Senhor*": alguém apto, portanto, ao serviço proposto. Paulo então diz a Tito: "*...procura vir ter comigo a Nicópolis; porque deliberei invernar ali*". Fica evidente então que a epístola não foi escrita de Nicópolis, como o pós-escrito traz, porque então ele teria escrito: Determinei invernar *aqui*, não *ali*.

2. A outra ordem pessoal a Tito é que trouxesse dois dos seus amigos na sua jornada e cuidasse para que suas necessidades fossem supridas, para que nada lhes ficasse faltando. Isso deveria ser feito, não apenas como um ato de cortesia, mas de piedade cristã, por respeito tanto a eles quanto ao trabalho que foram convocados a fazer, que provavelmente seria pregar o evangelho ou ser útil de alguma forma às igrejas. *Zenas* é chamado de *doutor da lei*. Não sabemos se é com referência à lei romana ou à mosaica. *Apolo* era um ministro eminente e fiel. Acompanhar essas pessoas em parte do seu caminho e provê-las em seu trabalho e jornada era um serviço devoto e necessário. E para promover essas coisas e rever o que havia exortado anteriormente a Tito que ensinasse (v. 8), ele repete aqui: "*...os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias, para que não sejam infrutuosos*" (v. 14). Permita que os cristãos, esses que creram em Deus, aprendam a *aplicar-se às boas obras*, especialmente apoiando ministros em seu trabalho da pregação e propagação do evangelho, com isso se tornando *cooperadores da verdade* (3 Jo 5-8). *Para que não sejam infrutuosos*. O cristianismo não é uma profissão infrutífera. Os seus adeptos devem estar "*...cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus*". Não basta ser inofensivo, mas eles devem ser úteis, fazendo o bem, e fugindo do mal. Alguns interpretam esse texto da seguinte maneira: "Que *os nossos* iniciem e se apliquem a alguns trabalhos e serviços, providenciem para si mesmos e suas famílias, para que não sejam pesos inúteis na terra". Eles não devem pensar que o cristianismo lhes dá um direito ao bem-estar. De forma alguma. O cristianismo coloca uma obrigação sobre eles para buscar um trabalho honesto e *ficar diante de Deus* (veja 1 Co 7.24). Esse é um bom testemunho, dará crédito à fé cristã e será bom para a humanidade. Eles não serão membros inúteis do corpo, não serão onerosos e pesados para os outros, mas habilitados para ser úteis àqueles que estão passando necessidades. "*...a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias*"; não viver como parasitas do trabalho dos outros, mas sendo frutíferos para o bem comum.

IV O apóstolo conclui com saudações e bênçãos (v. 15). Embora, talvez, não conhecido pessoalmente (pelo menos de alguns deles), no entanto, todos os que estão com Paulo testificam do seu amor e os melhores votos a Tito, reconhecendo o seu trabalho e estimulando-o a seguir em frente. Como é confortador e encorajador contar com as orações de outros cristãos por nós e sentir o seu amor. "*Saúdam-te todos os que estão comigo. Saúda tu os que nos amam na fé*" ou *pela fé*, que são nossos amados companheiros cristãos. A santidade, ou a imagem de Deus em uma pessoa, é uma coisa preciosa que dá força a todos os outros elos, e é em si o melhor. "*A graça seja com vós todos. Amém!*" Esta é a bênção de encerramento, não somente a Tito, mas a todos os fiéis com ele, que mostra que embora a

epístola seja dirigida a Tito no seu prefácio, ela era para o uso das igrejas de lá, e eles estavam na mente e no coração do apóstolo quando escreveu a mesma. "...*graça seja com vós todos*, ou seja, o amor e o favor de Deus, com os frutos e a repercussão disso, de acordo com as necessidades, principalmente as espirituais, e o sentimento crescente delas na vossa alma". Essa é a oração e o anelo do apóstolo, mostrando a sua grande afeição por eles, desejando o bem-estar deles e que obtenham o que pediram. Observe: A graça é a coisa principal a ser desejada e pedida, com respeito a nós mesmos e aos outros; isto é, em resumo, todo bem. A oração é encerrada com *amém*, expressando desejo e esperança, que assim seja e assim será.

FILEMOM

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

A epístola a Filemom foi posta por último entre as epístolas que são creditadas a Paulo, talvez pelo fato de ser a mais curta e com um argumento peculiar e diferente de todas as outras. Mas o Espírito de Deus, que a compôs, viu que ela seria instrutiva e útil nas igrejas. O motivo dessa carta é o seguinte: Filemom, alguém com certa reputação e provavelmente ministro na igreja de Colossos, uma cidade da Frígia, tinha um servo (escravo) chamado *Onésimo*, que, tendo roubado parte dos seus bens, fugiu da sua casa, e veio a Roma, onde Paulo era então prisioneiro do evangelho. Ali, providencialmente, Onésimo ouviu a pregação do apóstolo e se converteu, pela bênção de Deus. Depois disso, serviu ao apóstolo em cadeias, e pode, mais adiante, ter sido útil a ele. Mas, sabendo que era escravo de outro homem, Paulo não ficaria com ele, sem o consentimento de Filemom, enviando-o de volta com essa carta de recomendação, em que seriamente pede perdão por Onésimo e uma recepção bondosa para ele.

Antes de entrarmos na exposição propriamente dita, as coisas gerais que se seguem podem ser observadas da epístola e do que se relaciona com ela:

I A bondade e misericórdia de Deus a um pobre e errante pecador, conduzindo-o pela sua providência graciosa para debaixo dos recursos e tornando-os eficazes na sua conversão. Assim diz o Senhor pela boca do profeta: "*Fui buscado pelos que não perguntavam por mim; fui achado por aqueles que me não buscavam*" (Is 65.1).

II A grande e terna afeição entre um verdadeiro convertido e aquele que Deus usou para ser agente da sua conversão. Paulo considera esse pobre fugitivo agora seu filho na fé, que ele havia *gerado*; e Onésimo prontamente o serve na prisão e alegremente continuaria a fazê-lo, se isso fosse possível. Mas, sendo servo de outro, ele deve retornar e submeter-se ao seu senhor e ficar à sua disposição.

III O espírito meigo e justo desse bendito apóstolo Paulo. Ele se interessa profundamente por esse pobre escravo. Estando agora, por meio da sua pregação, reconciliado com Deus, ele trabalha pela reconciliação entre ele e seu senhor. Ele então escreve uma carta tocante em seu favor. Ele busca todos os argumentos possíveis para serem usados nesse caso. E todos são tão convincentes que, se estivesse pedindo o maior favor para si mesmo, teria usado os mesmos argumentos.

IV A impressionante providência de Deus em preservar uma carta tão breve como essa, que poderia ter sido entendida como de pouca importância para a igreja, pois não foi apenas uma carta a uma pessoa específica (como ocorreu com as cartas a Timóteo, Tito, Gaio e à senhora eleita), mas acerca de uma questão pessoal e íntima, a saber, o recebimento de um pobre e fugitivo escravo de volta aos cuidados da família do seu senhor injuriado. O que essa carta tem a nos acrescentar acerca da salvação de um modo geral? Mesmo assim houve um cuidado divino especial com ela. Ela foi "...*divinamente inspirada*" (como também ocorreu com os outros livros bíblicos), e de alguma maneira, se tornou "...*proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça*" (2 Tm 3.16). Deus apresenta uma prova e exemplo da sua rica e livre graça para o encorajamento e conforto do pecador mais humilde e perverso, oferecendo a ele sua misericórdia e perdão. Isso também serve de instrução para os ministros e cristãos em geral no sentido de não desprezar ninguém, muito menos julgá-los em relação ao seu destino final, como se fossem completos réprobos. Eles devem, sim, buscar a sua conversão, esperando que sejam salvos, além de observar como devemos comportar-nos em relação a eles. Deve haver alegria na terra, como há no céu, quando um pecador se arrepende. Esses pecadores arrependidos devem agora ser amados, ajudados e confirmados no bem. E, quanto às necessidades materiais, seu conforto e bem-estar devem ser observados e promovidos tanto quanto possível. Do outro lado, os pecadores arrependidos devem ser humildes, agradecendo a Deus e aos seus agentes o bem que fizeram, prontificando-se a reparar os danos causados e a viver uma vida de gratidão e obediência. Esse deve ter sido o propósito dessa carta e o motivo para ser preservada.

V Talvez exista algo a mais em tudo isso: pelo menos de forma alusiva, o conteúdo dessa epístola pode ser aplicado à mediação e intercessão de Cristo pelos pobres pecadores. Nós, semelhantemente a Onésimo, éramos rebeldes em relação à obra de Deus, e o tínhamos ofendido em seus direitos. Jesus Cristo nos encontra, e pela sua gra-

ça opera uma mudança em nós, e então intercede por nós ao Pai, para que possamos ser recebidos em seu favor e na sua família novamente, e as ofensas passadas possam ser perdoadas. Estamos certos de que *o Pai o ouve sempre.* Não há motivos para duvidar de que Paulo convenceu Filemom a perdoar e receber Onésimo. Temos ainda mais motivos para estarmos confiantes de que a intercessão de Cristo ao Pai é suficiente para a aceitação de todo aquele cuja causa Ele toma nas mãos e recomenda ao Pai. A partir dessas observações gerais nos voltamos à epístola.

Nessa epístola, temos: I. O prefácio (vv. 1-7). II. O conteúdo dela (vv. 8-21) e a conclusão (vv. 22-25).

Saudações Apostólicas. Gratidão pelo Interesse de Filemom

vv. 1-7

I Nos primeiros dois versículos do prefácio lemos acerca das pessoas de quem e para quem foi escrita, com algumas notas ou títulos anexados, contendo uma parte do argumento do propósito da carta.

1. Os remetentes: Paulo, o principal, que se chama "*...prisioneiro de Jesus Cristo*". Ser um simples prisioneiro não é nenhum consolo ou honra; mas um prisioneiro como Paulo era, *por causa da fé e pregação do evangelho*, se tornava uma verdadeira glória, o que era adequado para comover Filemom com um pedido feito por um prisioneiro tão ilustre. Um pedido feito por um sofredor de Cristo e do seu evangelho seria certamente considerado de maneira muito especial por um crente e ministro de Cristo, especialmente quando reforçado pelo pedido de um obreiro eminente da igreja, como Timóteo. Este último era, às vezes, chamado por Paulo de *seu filho na fé*, mas agora, muito provavelmente, mais maduro, é chamado de seu *irmão*. O que poderia ser negado a dois peticionários como esses? Paulo não é negligente em servir a um pobre convertido. Ele procura toda a ajuda adicional possível nessa situação.

2. Os destinatários: *Filemom e Áfia*, e com eles Arquipo e a igreja na casa de Filemom. Este, o senhor de Onésimo, era o principal, a quem a carta é dirigida, o cabeça da família, em quem estavam a autoridade e o poder de incluir ou excluir, e que era o dono de Onésimo. *Ao amado Filemom, nosso cooperador.* Ele era um bom homem e provavelmente um ministro, e, por esses dois motivos, amado por Paulo. Ser *amigo do bem* é um aspecto importante de um bom ministro (Tt 1.8). Eles devem ser amigos de uma forma especial daqueles que trabalham com eles na obra do evangelho e que são fiéis nisso. O chamado geral como cristãos une aqueles que são cristãos; mas, se além de cristão ele também é ministro, esse amor será ainda maior. Paulo, no grau mais elevado do ministério, não somente chama Timóteo, um evangelista, de irmão, mas a Filemom, um pastor comum, de amado cooperador. Esse é um exemplo de humildade e condescendência, e de um respeito afetuoso, mesmo das pessoas que ocupam as posições mais elevadas na igreja, para com aqueles que são trabalhadores e receberam o mesmo chamado especial. Filemom está unido com Áfia, provavelmente sua companheira de trabalho e mulher. Tendo uma preocupação com os afazeres domésticos, o apóstolo se dirige a ela também. Ela também foi prejudicada e injuriada por Onésimo, e, portanto, adequadamente mencionada numa carta em que se busca a reconciliação e o perdão. Justiça e prudência dirigiram Paulo a mencioná-la especificamente. Ela poderia ser útil para alcançar bom êxito na sua escrita. Ela é colocada antes de Arquipo, como alguém mais preocupado, com um interesse maior nessa questão. Deve haver uma união afável em questões domésticas entre marido e mulher, cujos interesses são um e cujas afeições e ações devem estar em harmonia. Esses são os dois destinatários mais importantes. Os menos importantes são: "*...Arquipo* [...] *e a igreja que está em tua casa*". Arquipo era ministro na igreja de Colossos, amigo de Filemom, e, provavelmente, co-pastor com ele. É possível que Paulo achasse que Filemom poderia se aconselhar com ele e que Arquipo poderia realizar um bom trabalho de apaziguamento e perdão; portanto, ele achou por bem incluí-lo no prefácio da carta, chamando-o de *companheiro.* Ele tinha chamado Filemom de *cooperador.* Os ministros precisam considerar-se cooperadores e companheiros de luta; por isso, devem esforçar-se e estar dispostos a suportar privações. Eles precisam vigiar e cuidar bem do seu posto. Eles precisam considerar um ao outro cooperador e companheiro, que estão juntos, fortalecendo-se mutuamente em qualquer trabalho da sua santa função e chamado. Eles precisam estar armados com as armas espirituais e ter a devida habilidade para usá-las. Como trabalhadores devem ministrar a palavra, os sacramentos, a disciplina e zelar pelas almas, "*...como aqueles que hão de dar conta* delas" (veja Hb 13.17); e, como soldados, ou companheiros de luta, devem lutar as batalhas do Senhor, e não se embaraçar com negócios desta vida, mas buscar agradar àquele que os alistou para a guerra (2 Tm 2.4). Paulo, então, acrescenta: "*...e à igreja que está em tua casa*", incluindo toda sua família, onde a adoração a Deus era mantida, a ponto de poder ter a igreja em sua própria casa. Observe: (1) As famílias que geralmente são as mais piedosas e ordeiras podem ter um ou outro incrédulo e de má índole no meio delas. Era isso o que agravava o pecado de Onésimo. Ele poderia e deveria ter aprendido melhor. É possível que tenha se conduzido mal em segredo, até que a fuga o revelou. Os corações podem ser ocultos de todos, menos de Deus, até que atos manifestos os descobrem. (2) Esse servo mau não impediu a casa de Filemom de ser chamada e considerada igreja, pela adoração e ordem religiosa que eram mantidas ali. Todas as famílias deveriam ser viveiros da religião cristã, sociedades onde Deus é invocado, sua Palavra, lida, o dia de descanso, observado, e os membros, instruídos no conhecimento dele e dos seus deveres para com Ele. Onde esses aspectos forem negligenciados haverá ignorância e todo tipo de corrupção. Famí-

lias ímpias são viveiros do inferno, enquanto famílias justas são viveiros do céu. (3) Os senhores e outros membros da família não devem achar que basta ser bom, isolada ou separadamente, mas eles também devem ser bons socialmente, como nesse caso, em que a casa de Filemom era uma igreja. Paulo, considerando a preocupação que todos pudessem ter em relação a Onésimo, dirige-se a todos, para que o recebam de forma afetiva, inclusive Filemom, e assim possam promover a reconciliação nessa casa, desejada e buscada, e não impedi-la. O ideal é que todos em uma família busquem o bem-estar uns dos outros, promovendo, por um lado, a sua própria prosperidade, e, por outro, o bem-estar e o benefício de todos. Paulo pode ter endereçado sua carta de forma tão geral para que todos estivessem mais bem-preparados em reconhecer e receber esse pobre convertido e mostrar afeição a ele.

II A saudação do apóstolo às pessoas mencionadas (v. 3): "*...graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*". Essa é a marca registrada do apóstolo em cada epístola. Ele deseja o bem a todos os seus amigos do fundo do seu coração; não ouro, nem prata, nem qualquer bem terreno, em primeiro lugar, mas graça e paz de Deus em Cristo. O apóstolo não pode dar essas coisas, mas ora para que aquele que pode dar todas as coisas as conceda a eles. *Graça*, o livre favor e boa vontade de Deus, a origem e fonte de todas as bênçãos; e *paz*, todo bem, como fruto e efeito dessa graça. *A vós*, isto é, que essas coisas sejam concedidas a vocês e continuem com vocês, e que experimentem esse sentimento confortável em vocês. *De Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.* O Espírito Santo também está incluído, mesmo não tendo sido mencionado diretamente; porque todos os atos realizados às criaturas são realizados pela Trindade: do Pai, que é nosso Pai em Cristo, o primeiro na ordem de ação e sustentação; e de Cristo, seu favor e boa vontade como Deus, e os frutos disso por meio dele como Mediador, Deus-homem. É no amado que somos aceitos, e por meio dele temos paz e todas as coisas boas, que está com o Pai e o Espírito, para ser contemplado, bendito e louvado por tudo, e para ser reconhecido, não somente como Jesus e Cristo, mas como Senhor também. Em 2 Coríntios 13.13, a bênção é completa: "*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!*" Observe: Devemos em primeiro lugar buscar as bênçãos espirituais para nós e para os outros. O favor de Deus (incluindo sua paz com Ele) é o melhor e mais desejado benefício, sendo a causa de todas as outras coisas. Esse favor divino é o que coloca doçura em cada misericórdia e pode trazer felicidade mesmo na ausência de todas as coisas terrenas. "*Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta,e os campos não produzam mantimentos* [...] *todavia, eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação*" (Hc 3.17,18). "*Muitos dizem: Quem nos mostrará o bem?*" Mas se Deus *exaltar sobre nós a luz do seu rosto*, isso trará mais alegria e contentamento em nosso coração do que toda fartura mundana (Sl 4.6,7). Lemos em Números 6.26: "*O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz*". Nisso está resumido todo bem, e dessa fonte, Deus, o *Pai*, *Filho* e *Espírito*, vêm todas as coisas.

III Depois da saudação do apóstolo a Filemom, aos seus amigos e à família, buscando preparar o caminho para o seu pedido, ele expressa a afeição especial que tinha por ele, por meio de ações de graças e oração a Deus em seu favor, e da sua grande alegria pelas muitas coisas boas que sabia e tinha ouvido falar dele (vv. 4-7). As ações de graças e a oração do apóstolo por Filemom são aqui apresentadas pelo objetivo, circunstância e motivo delas, com a forma por meio da qual muito do conhecimento da bondade de Filemom chegou aos ouvidos dele.

1. O objetivo dos louvores e orações de Paulo por Filemom: "*Graças dou ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações*" (v. 4). Observe: (1) Deus é o autor de toda bondade que existe nas pessoas, ou que é feita por elas. "*...de mim é achado o teu fruto*" (Os 14.8). Portanto, todo louvor é devido a Ele. 1 Crônicas 29.13,14: "*Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, que tivéssemos poder para tão voluntariamente dar semelhantes coisas? Porque tudo vem de ti...*", tanto os recursos como o desejo e a disposição para fazê-lo. Por isso (diz ele) "*...ó Deus nosso, graças te damos e louvamos o nome da tua glória*". (2) É privilégio de todas as pessoas justas e bondosas que em seus louvores e orações venham a Ele como o seu Deus: "*Ó Deus nosso, graças te damos*", disse Davi. Paulo disse: "*Graças dou ao meu Deus*". (3) Nossas orações e louvores deveriam ser oferecidos a Deus, não somente por nós mesmos, mas pelos outros também. Orações privadas não deveriam ser inteiramente feitas com um espírito privado, importando-se somente com as coisas particulares, mas os outros também devem ser lembrados nessas orações. Devemos sentir alegria e gratidão pelas coisas boas neles, ou feitas por eles, ou concedidas a eles, de acordo com o nosso conhecimento, estando dispostos a orar pelas necessidades deles. Nisso reside uma boa parte da comunhão dos santos. Paulo, em suas ações de graças e orações particulares, com freqüência lembrava dos seus amigos. "*Graças dou ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações*"; às vezes, mencionando o nome, ou tendo-os particularmente em seu pensamento. Deus sabe quem temos em mente, mesmo quando não mencionamos o nome. Essa é uma forma de exercer amor e obter o bem para os outros. "*E rogo-vos* [...] *que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus*", disse o apóstolo (Rm 15.30). Aquilo que desejava para si ele certamente exercia em favor dos outros. Todos deveriam fazer o mesmo. "*Orai uns pelos outros*" (Tg 5.16).

2. A circunstância: "*...lembrando-me sempre de ti...*". *Sempre* – não uma ou duas vezes, mas freqüentemente. Também devemos lembrar dos amigos cristãos, dependendo da necessidade deles, carregando-os em nosso pensamento e coração diante de nosso Deus.

3. O motivo dos seus louvores e orações em relação a Filemom.

(1) Dos seus louvores. [1] Ele agradece a Deus o amor que Filemom tinha pelo Senhor Jesus. Ele deve ser amado como Deus de maneira insuperável, da forma que suas perfeições divinas requerem; e, em relação a nós, como Senhor, e nosso Senhor, nosso Criador, Redentor e Salvador, que nos amou, e se deu a si mesmo por nós. Paulo agradece a Deus aquilo que ouviu, as

marcas evidentes e expressões desses aspectos na vida de Filemom. [2] Também pela sua fé em Cristo. Amor a Cristo, e fé nele, são graças cristãs primordiais, pelas quais há muitos motivos de louvor a Deus. Lemos em Romanos 1.8: "*...dou graças ao meu Deus* [...] *porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé*"; e, em relação aos colossenses, lemos: "*Graças damos a Deus* [...] *porquanto ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus...*" (Cl 1.3,4). Essa é a graça salvadora e o genuíno princípio da vida cristã e de todas as boas obras. [3] Ele louva a Deus igualmente pelo amor (caridade) de Filemom para com todos os santos. Esses dois aspectos (fé e amor) devem andar juntos. Porque "*...todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido*" (1 Jo 5.1). O apóstolo une esses dois aspectos em Colossenses 1.3,4: "*Graças damos a Deus* [...] *porquanto ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e da caridade que tendes para com todos os santos*". Eles exibem a imagem de Cristo, que será amado por todos os cristãos. Sentimentos e formas diferentes em relação ao que não é essencial não farão diferença em relação ao sentimento para com a verdade, embora a diferença na medida do amor seja de acordo com a profundidade com que essa imagem é discernida. Meras diferenças externas não representam nada aqui. Paulo compara um pobre escravo convertido "*...ao meu coração*". Devemos amar como Deus ama, ou seja, todos os santos. Paulo agradeceu a Deus as coisas boas não somente nas igrejas, mas nas pessoas específicas a quem escrevia, embora soubesse das coisas meramente por meio de um relatório: "*...ouvindo a tua caridade e a fé que tens para com o Senhor Jesus Cristo e para com todos os santos*". Paulo queria saber algumas coisas concretas a respeito dos seus amigos, como, por exemplo, acerca da verdade, do crescimento, dos frutos das suas graças, da sua fé em Cristo e do amor por Ele e por todos os santos. Se o amor pelos santos for sincero, então esse amor será liberal e universal para com todos os santos. A fé e o amor, embora sejam sentimentos escondidos no coração, são visíveis pelos seus efeitos. Portanto:

(2) O apóstolo une a oração aos seus louvores, para que os frutos da fé e do amor de Filemom possam ser cada vez mais evidentes, de tal forma que a comunicação deles possa constranger outros ao conhecimento de todo bem que estavam nele e na sua casa em relação a Cristo Jesus; para que "*...resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras*" e possam ser encorajados a imitá-las, e "*...glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus*" (veja Mt 5.16). Boas obras devem ser realizadas, não por vanglória, para serem vistas, mas para a glória de Deus e para o bem das pessoas.

4. Ele acrescenta um motivo para a sua oração e louvores (v. 7): "*Tive grande gozo e consolação da tua caridade, porque por ti, ó irmão, o coração dos santos foi reanimado*". O bem que ele fez e continua fazendo é motivo de muita alegria e consolo para o apóstolo e para os outros, que, por esse motivo, desejam que ele continue a prosperar cada vez mais em bons frutos, para a honra de Deus e a confiança da religião cristã. "*...a administração desse serviço não só supre as necessidades dos santos, mas também redunda em muitas graças,* que se dão *a Deus*" (2 Co 9.12).

O Apelo do Apóstolo por Onésimo. Saudações

vv. 8-25

Nós temos aqui:

I O assunto principal da epístola: advogar a favor de Onésimo, para que Filemom o receba de volta e seja reconciliado com ele. Paulo apresenta diversos argumentos para esse propósito (vv. 8-21).

O *primeiro argumento* é baseado naquilo que já tinha sido dito anteriormente. Ele inicia com uma inferência: "*Pelo que...*". "Observando que tanta coisa boa é relatada a seu respeito, especialmente do seu amor por todos os santos, permita-me agora observar isso em uma situação nova. Reanime o coração de Onésimo, bem como o meu, ao perdoá-lo e recebê-lo, visto que agora é convertido e santo de fato e digno do seu favor e amor". Observe: A disposição para fazer o bem, além de exemplos e expressões disso no passado, é um bom motivo para requerer mais. "*Não se canse em fazer o bem*, continue a praticá-lo de acordo com sua capacidade e à medida que novas oportunidades aparecerem".

O *segundo argumento* é a respeito da sua autoridade em relação a Filemom: "*...ainda que tenha em Cristo grande confiança para te mandar o que te convém*" (v. 8). Os apóstolos tinham na igreja, sob a autoridade de Cristo, grande poder sobre os ministros em geral, bem como em relação aos membros dela, para a edificação. Eles podiam requerer deles o que era justo, e deveriam ser obedecidos, o que Filemom deveria considerar. Essa era uma questão que estava dentro do âmbito do poder do apóstolo, embora ele não agisse de acordo com isso nessa situação. Considere isso: Os ministros, independentemente do seu poder na igreja, devem usar de prudência no exercício desse poder. Eles não devem aplicar esse poder de maneira inadequada, nem além do que é requerido. Em tudo eles devem fazer uso da sabedoria e discrição divinas.

O *terceiro argumento*: Abrindo mão da autoridade que tinha de exigir, ele escolhe pedir a Filemom (v. 9): "*...todavia, peço-te, antes, por caridade*". Observe: Não é nenhum descrédito para aqueles que estão munidos de poder serem condescendentes, e, às vezes, até mesmo suplicarem em situações em que, por direito, poderiam ordenar. É o que Paulo faz aqui, embora sendo apóstolo: ele solicita em vez de impor; ele argumenta a partir do amor em vez da autoridade, o que, sem dúvida, traz consigo uma influência atraente.

O *quarto argumento*: Quando a pessoa que pede apresenta algum argumento adicional à sua petição, como nesse caso: "*...sendo eu tal como sou, Paulo, o velho e também agora prisioneiro de Jesus Cristo*". Idade indica respeito. Quando uma pessoa apresenta algo legítimo e justo, isso deveria ser acolhido com apreço. O pedido de um apóstolo idoso deveria ser afetuosamente considerado. "Se você gostaria de fazer algo para um velho e pobre prisioneiro, para consolá-lo em suas cadeias, e torná-las mais leves, satisfaça este meu desejo: dessa forma você trará honra a Cristo na pessoa de um dos seus servos idosos e sofredores. Ele certamente receberá isso como se tivesse sido feito para Ele".

O *quinto argumento*: Do relacionamento espiritual entre Onésimo e Paulo: "*Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões*" (v. 10). "Embora por direito ele seja seu servo, em um sentido espiritual ele é agora meu filho. Deus me fez agente da sua conversão, aqui mesmo, onde sou prisioneiro pela causa de Cristo". Essa é a forma de Deus, às vezes, honrar e consolar seus servos sofredores, não somente operando o bem neles por intermédio do sofrimento, exercitando e melhorando assim as suas próprias virtudes, mas tornando-os bênção na vida de outras pessoas, ou pela conversão, como no caso de Onésimo, ou pela confirmação e fortalecimento deles, como em Filipenses 1.14: "*...muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor*". Mesmo que os servos de Deus estejam presos, sua Palavra e Espírito não estão. Filhos espirituais então podem ser gerados por meio deles. O apóstolo ressalta aqui: "*...meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões*". Onésimo era precioso para Paulo e ele esperava que também pudesse sê-lo para Filemom, diante dessa consideração. Misericórdias que ocorrem na prisão são doces e preciosas. Paulo elabora um argumento a Filemom a partir desse relacionamento precioso que existia agora entre Onésimo e ele, seu filho gerado em suas prisões.

O *sexto argumento* visa ao próprio interesse de Filemom. "*...o qual, noutro tempo, te foi inútil, mas, agora, a ti e a mim, muito útil*" (v. 11). Observe: (1) Pessoas não santificadas são pessoas inúteis. Elas não agem de acordo com a grande finalidade da sua existência. A graça transforma esse quadro: "*Noutro tempo* [...] *inútil, mas, agora,* [...] *muito útil*, disposto e preparado para ser útil. Se o receber, ele será para você, o senhor dele, como tem sido para mim desde a sua conversão, servindo-me no meu confinamento". Parece haver uma alusão ao nome Onésimo, que significa *útil*. Agora ele poderá agir de acordo com o seu nome. Podemos observar também como Paulo trata essa questão, não como a antiga conduta de Onésimo requereria. Ele tinha causado dano ao seu senhor e fugido e vivia como se fosse seu próprio senhor e não servo dele. Deus cobre os pecados dos penitentes, perdoa e não reprova. Nós deveríamos agir da mesma forma. Veja quão ternamente Paulo se expressa aqui! Não que o pecado de Onésimo fosse pequeno, nem que não tivesse pecado algum, muito menos que achasse que não tivesse cometido pecado, mas tendo sido humilhado por causa do pecado, e, sem dúvida, sentindo vergonha por causa dele, o apóstolo não estava disposto a diminuir ainda mais o seu espírito, colocando um peso sobre suas costas. Assim ele pede afetuosamente para que Filemom não o censure severamente por causa da conduta imprópria do seu servo, mas, sim, que o perdoe. (2) A conversão opera mudanças felizes. Ela transforma mal em bem! Inútil em útil! Servos cristãos e devotos eram um tesouro em uma família. Esse tipo de servo se conscientizava da sua posição e obrigações, fomentando o interesse daqueles a quem serviam, buscando o melhor deles. Esse então é o argumento aqui ressaltado: "Se o receber, você será o maior beneficiado. Com a transformação que sofreu, ele será um servo obediente e fiel, embora não fosse assim no passado".

O *sétimo argumento*: Ele ressalta o profundo afeto que tinha por Onésimo. Ele já havia mencionado o relacionamento espiritual: "*...meu filho* [...] *que gerei nas minhas prisões*". Agora ele indica quão precioso Onésimo era para ele: "*E tu torna a recebê-lo como ao meu coração*" (v. 12). "Amo-o como amo a mim mesmo e o enviei de volta para que o receba. Faça-o, portanto, por minha causa; receba-o como alguém muito precioso para mim". Observe: Mesmo homens justos precisam às vezes de grande seriedade e rogo para acalmar suas paixões, desfazer-se dos seus ressentimentos e perdoar aqueles que os ofenderam. Alguns acham que o fato de Paulo ser tão terno e determinado, reunindo tantos pedidos e argumentos para obter o que pede, é porque Filemom, um frígio, talvez tivesse naturalmente um temperamento rude e difícil. Por esse motivo era necessário muito esforço para que fosse convencido da necessidade do perdão e da reconciliação. Nós, no entanto, devemos nos esforçar para sermos semelhantes a Deus, que é *tardio em irar-se* e está *pronto a perdoar*.

O *oitavo argumento* trata da abnegação do apóstolo ao enviar Onésimo de volta ao seu senhor: embora ele possa ter conjecturado acerca da permissão de Filemom em permanecer mais tempo com Onésimo, ele não o fez (vv. 13,14). Paulo estava na prisão e queria um amigo ou servo para trabalhar com ele e ajudá-lo. Onésimo estava preparado e pronto para fazê-lo; por isso, Paulo teria gostado se Onésimo pudesse ter ficado com ele para servi-lo, em vez do próprio Filemom, a quem, se tivesse pedido para vir pessoalmente com esse propósito, o apóstolo poderia ter presumido que não teria rejeitado esse pedido. Paulo também poderia presumir que Filemom não deixaria de concordar que seu servo o fizesse em seu lugar. Apesar disso, ele não tomou essa liberdade, mesmo que suas circunstâncias o requeressem: *E tu torna a recebê-lo*, para que qualquer bom trabalho da tua parte para mim não seja "*...como por força, mas voluntário*". Considere isso: Boas ações são bem-vindas para Deus e os homens quando feitas com liberdade. E Paulo, apesar do seu poder apostólico, preferiu mostrar o respeito que tinha pelos direitos civis, que o cristianismo de maneira alguma substitui ou enfraquece, mas, sim, confirma e reforça. Onésimo sabia que era servo de Filemom, e, portanto, sem o seu consentimento, não poderia se ausentar dele. Em seu estado não-convertido Onésimo tinha violado esse direito e se afastado dele, causando prejuízo ao seu senhor; mas, agora que tinha reconhecido o seu pecado e se arrependido, estava disposto e desejoso a retornar e cumprir suas obrigações, e Paulo não impediria que isso acontecesse, e sim o promoveria. Ele poderia ter conjecturado acerca da prontidão de Filemom, mas, apesar da sua necessidade, ele preferiu negar-se a si mesmo a seguir esse caminho.

O *nono argumento*: Que a mudança em Onésimo era tal que Filemom não precisava temer uma nova fuga, ou ser prejudicado: "*Porque bem pode ser que ele se tenha separado de ti por algum tempo, para que o retivesses para sempre*" (v. 15). Salomão disse o seguinte: "*Se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo novamente*". Mas a mudança operada em Onésimo foi tamanha que não precisava mais que alguém intercedesse por ele. A caridade esperaria e decidiria dessa forma, sim, assim seria; no

entanto, o apóstolo fala com cautela, para que ninguém se aventurasse a uma tentativa semelhante a essa, esperando um desfecho semelhante. Observe: (1) Os ministros precisam tomar cuidado com questões que podem ser distorcidas para o mal, para que providências afáveis de Deus para com os pecadores não sejam abusadas, encorajando o pecado, ou anulação ou diminuição da aversão justificada por ele: "*...bem pode ser que ele se tenha separado de ti por algum tempo...*". (2) Os pecados dos penitentes, não obstante, devem ser tratados com cautela. Paulo o chama de *separação por algum tempo*, em vez de usar o devido termo. Quando Deus anulou e perdoou o pecado, essa foi apenas uma *separação*; mas como pecado em si e em relação à disposição e maneira do ato era uma *fuga criminosa*. Quando falamos da natureza de qualquer pecado ou ofensa contra Deus, o mal disso não deve ser diminuído ou depreciado; mas nós também precisamos "cobrir" o pecado de um pecador penitente, da maneira que Deus o cobre: "Ele se separou *de ti por algum tempo, para que o retivesses para sempre*, para que após a sua conversão ele pudesse voltar e ser um servo fiel e útil para ti enquanto viver". "*Ainda que pisasses o tolo com uma mão de gral entre grãos de cevada pilada, não se iria dele a sua estultícia*" (veja Pv 27.22). Mas isso não ocorre com verdadeiros penitentes: eles não voltarão para a estultícia. (3) Observe a sabedoria, bondade e poder de Deus, em fazer com que terminasse tão felizmente o que começou e se estendeu por certo tempo tão perversamente, considerando desta forma um pobre vassalo, alguém de posição e condição tão baixas e tão pouco consideradas pelos homens, operando assim uma boa e grande mudança naquele que tinha ido tão longe em caminhos maus, que tinha causado dano a um senhor tão bom, tinha fugido de uma família tão piedosa, dos meios da graça, da igreja em sua casa, de modo que fosse conduzido ao caminho da salvação aquele que tinha fugido dela, e descobrisse em Roma que os meios se tornaram eficazes aquele que em Colossos tinha sido endurecido sob eles. Que riquezas há aqui da graça divina! Nem o mais baixo, o mais vil, o mais desprezível dos homens precisa ficar desesperado. Deus pode encontrá-lo quando estiver fugindo dele. Ele pode fazer com que as coisas dêem certo em determinado momento e lugar, o que não havia acontecido em outro. Assim ocorreu com Onésimo. Tendo voltado para Deus, ele agora retorna ao seu senhor, que terá mais serviço e uma impressão melhor dele do que jamais aconteceu antes – por causa da consciência da sua obrigação e fidelidade a ela até o fim da sua vida. O interesse de Filemom agora será de recebê-lo. Assim Deus, com freqüência, traz ganho para o seu povo a partir das suas perdas.

O *décimo argumento* é tomado da posição na qual Onésimo agora retornaria e deveria ser recebido por Filemom (v. 16): "*Não já como servo* (isto é, não meramente como servo), *antes, mais do que servo* (no sentido espiritual), *como irmão amado*, alguém a ser reconhecido como irmão em Cristo, e a ser amado como tal, devido a essa santa mudança que foi operada nele, e alguém que será útil para você com princípios melhores e modos melhores do que antes. Ele amará e promoverá as melhores coisas na sua família, será uma bênção nela e ajudará a manter a igreja que está em sua casa". Observe: (1) Existe uma fraternidade espiritual entre todos os verdadeiros crentes, embora diferenciados por motivos civis e exteriores. Todos eles são filhos do mesmo Pai celestial, têm direito aos mesmos privilégios e benefícios espirituais, devem amar e fazer todos os bons ofícios uns para os outros como irmãos, embora na mesma posição e hierarquia em que foram chamados. O cristianismo não anula nem confunde os respectivos deveres civis, mas fortalece as obrigações para com eles e conduz a um desempenho correto deles. (2) Os servos cristãos são mais do que servos comuns. Eles têm graça em seu coração e encontraram graça aos olhos de Deus, e vão encontrá-la aos olhos dos senhores cristãos. "*Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá*" (Sl 101.6). "Receba Onésimo e o considere como participante da mesma fé comum, e, assim, *como irmão amado, particularmente de mim*, pois fui o instrumento da sua conversão". Bons ministros não amam tanto de acordo com o bem exterior que recebem do bem espiritual que fazem. Paulo chamou Onésimo de seu próprio *coração*, e outros convertidos de sua *alegria e coroa* (veja Fp 4.1). "*Como irmão amado, particularmente de mim e quanto mais de ti, assim na carne como no Senhor*; portanto, teu servo por um vínculo duplo (tanto civil quanto religioso): tua propriedade, alguém da tua casa e família, e, agora, no sentido espiritual, teu irmão em Cristo, que eleva e fortalece esse compromisso. Ele é servo de Deus e teu também; aqui há mais vínculos do que ele tem comigo. Por isso ele deve ser prontamente recebido por ti, como um membro da tua família e um membro da verdadeira fé, alguém da tua casa e alguém da igreja em tua casa". Este argumento é reforçado por outro:

O *décimo primeiro argumento*: Da comunhão dos santos: "*Assim, pois, se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo*" (v. 17). Existe uma comunhão entre os santos; eles se interessam uns pelos outros e devem amar e agir de acordo. "Agora mostre o seu amor por mim, e o interesse que tem por mim, ao amar e receber alguém tão próximo e precioso para mim, como se estivesse recebendo a mim mesmo. Reconheça-o e trate-o como trataria a mim, com uma afeição viva e genuína, embora, talvez, não igual". Mas, por que tanto interesse e zelo por um servo, um escravo, que havia se portado mal? *Resposta*: Como Onésimo era agora um cristão convertido, sem dúvida, foi para animá-lo e encorajá-lo diante dos medos que poderia ter de voltar ao seu senhor a quem havia defraudado e prejudicado. A idéia era protegê-lo de afundar em desânimo e tristeza, e assim, encorajá-lo em seu dever. Ministros sábios e justos terão um cuidado especial e afetuoso com os novos convertidos e buscarão animá-los e encorajá-los em suas tarefas e obrigações. *Objeção*: Mas Onésimo tinha prejudicado e ofendido o seu senhor. A resposta se encontra no argumento seguinte:

O *décimo segundo argumento*: Uma promessa de satisfação (ou reparação) a Filemom: "*...se te fez algum dano ou te deve alguma coisa...*" (vv. 18,19). Ressalto três coisas aqui:

(1) Uma confissão da dívida de Onésimo para com Filemom: "*...se te fez algum dano ou te deve alguma coisa*". Não é um *se* de dúvida, mas de inferência e concessão: *visto que te fez algum dano*, e assim se tornou teu deve-

dor. O mesmo *se* aparece em Colossenses 3.1 e 2 Pedro 2.4. Observe: Verdadeiros penitentes serão sinceros em reconhecer suas faltas, como, sem dúvida, Onésimo tinha sido em relação a Paulo, após ser despertado e levado ao arrependimento. Esse tipo de atitude deve ocorrer especialmente em casos de prejuízo e injúria a outros. Por influência de Paulo, Onésimo reconhece seu pecado.

(2) Paulo compromete-se com a reparação: "*...põe isso na minha conta. Eu, Paulo, de minha própria mão o escrevi: Eu o pagarei*". Observe: [1] A comunhão dos santos não desfaz a distinção de propriedade: apesar de Onésimo agora ser convertido e um amado irmão, continua sendo servo de Filemom, e devedor a ele pelo mal cometido. Ele não pode ser absolvido ou perdoado, a não ser por uma remissão livre e voluntária, ou por uma reparação feita por ele mesmo, ou por alguém outro em seu favor. Foi isso que Paulo fez em seu favor. [2] A fiança não é ilegítima em todos os casos. Em alguns casos pode ser um empreendimento bom e misericordioso. Somente conheça a pessoa e o caso. Não seja *fiador de estranho* (Pv 11.15) nem vá além das suas condições. Você poderá ajudar o seu amigo, desde que seja compatível com a justiça e a prudência. Cristo foi feito fiador de um concerto melhor (Hb.22). Ele "*...foi feito pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus*". [3] Garantias formais escritas, bem como a palavra e promessa, podem ser requeridas e dadas. As pessoas morrem, e palavras podem ser esquecidas ou mal-interpretadas. Algo bem lavrado preserva o direito e a paz e tem sido usado com pessoas boas e outras também, em todas as épocas (Jr 32.9ss.; Lc 15.5-7). Era algo fora do comum o apóstolo Paulo, alguém que vivia de contribuições, comprometer-se em responder por todas as perdas de um servo mau em relação ao seu senhor. Mas, com isso ele expressa seu verdadeiro e real afeto por Onésimo e sua plena convicção da sinceridade da sua conversão: e ele pode ter tido uma esperança, não obstante a sua generosa oferta, de que Filemom não insistiria no pagamento da dívida, mas cancelaria tudo.

(3) A razão das coisas entre ele e Filemom: "*...para te não dizer que ainda mesmo a ti próprio a mim te deves,* pois tu terás de convir, sem fazê-lo lembrar, que em outras questões tu estás mais em dívida comigo do que essa situação de Onésimo". Modéstia em auto-elogio é verdadeiro elogio. O apóstolo toca nos benefícios que tinha conferido a Filemom: "Toda graça e aceitação de Deus que desfrutas hoje, tu deves a mim. Tenho sido agente nas mãos do Senhor de todo bem espiritual que tu experimentas. Sim, o teu bem-estar espiritual tu deves ao meu ministério. Por isso, sugiro que ponderes acerca da tua obrigação para comigo em relação a essa questão. Ao perdoar a dívida pecuniária de um pobre penitente por minha causa e sob o meu pedido, a qual eu agora assumo para satisfazê-la, quer tu a submetas a ele, ou a mim, agora teu fiador, tu precisas reconhecer que não é uma coisa tão significativa assim. E digo mais: *a ti próprio a mim te deves*". Considere isso: Deve haver um grande afeto e estima entre ministros e aqueles que foram abençoados com o empenho deles, resultando em conversões ou edificação espiritual. "*Se possível fora* (disse Paulo aos gálatas), *arrancaríeis os olhos, e mos daríeis*" (Gl 4,15). Por outro lado ele os chama de seus "*...filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós*" (Gl 4.19), isto é, a semelhança de Cristo de uma forma mais completa. Como consta em 1 Tessalonicenses 2.8: "*...de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos*". Por meio de alusão, isso pode ilustrar a obra de Cristo por nós. Tínhamos nos rebelado contra Deus, e pelo pecado o tínhamos ofendido, mas Cristo intervém para fazer reparação, "*...o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus*" (1 Pe 3.18). "Se o pecador deve alguma coisa, põe isso na minha conta. Pagarei a dívida. Que a sua iniqüidade seja colocada sobre mim. Suportarei o castigo deles".

O *décimo terceiro argumento* trata da alegria e consolo que o apóstolo teria por causa do fruto aceitável e conveniente da fé e obediência de Filemom, bem como de Onésimo: "*Sim, irmão, eu me regozijarei de ti no Senhor; reanima o meu coração, no Senhor*" (v. 20). Filemom era o filho na fé de Paulo, mas ele o trata como irmão. Paulo solicita em favor de Onésimo, um pobre escravo, como se estivesse buscando algo grande para si próprio. O gesto de Paulo realmente comove! "*Sim, irmão,* ou *Oh! Meu irmão* (advérbio de desejo ou anelo), *eu me regozijarei de ti no* Senhor. Tu sabes que sou agora um prisioneiro do Senhor, por causa dele e na sua causa, e necessito todo conforto e apoio que meus amigos em Cristo possam me dar. *Eu me regozijarei de ti no Senhor*, pelo fato de observar uma evidência e fruto tão claro da tua própria fé e amor, bem como em Onésimo, que com isso será aliviado e encorajado". Observe: (1) Os cristãos deveriam fazer aquilo que alegrasse o coração uns dos outros, do povo e dos ministros reciprocamente, e ministros dos seus irmãos. Eles esperam dificuldades do mundo, mas sabem que podem encontrar consolo e alegria uns nos outros. (2) Os frutos de fé e obediência no povo são a maior alegria do ministro, especialmente à medida que aparece um amor crescente por Cristo e pelos seus membros, perdoando injúrias ou injustiças, mostrando compaixão, sendo misericordiosos de acordo com as misericórdias do seu Pai celestial. "*Reanima o meu coração, no Senhor.* Não estou sendo influenciado por nenhum egoísmo carnal, mas por aquilo que agrada a Cristo, para que Ele possa ser honrado". Observe: [1] O alvo principal de cada cristão em tudo é honrar e servir ao Senhor. E: [2] O ministro se regozija quando vê o povo pronto e zeloso naquilo que é bom, especialmente em atos de caridade e beneficência, de acordo com as oportunidades, perdoando injúrias ou injustiças, cedendo parte dos seus direitos e assim por diante. E, mais uma vez, seu argumento final:

O décimo quarto argumento trata da boa esperança e opinião que o apóstolo tem de Filemom: "*Escrevi-te confiado na tua obediência, sabendo que ainda farás mais do que digo*" (v. 21). Pensamentos bons e expectativas positivas a respeito de nós nos movem e animam a fazer as coisas que se esperam de nós. O apóstolo sabia que Filemom era um bom homem e estava persuadido da sua prontidão em fazer o bem, e isso não de forma escassa e mesquinha, mas de maneira livre e liberal. Observe: Pessoas boas estarão prontas para boas obras e não limitadas e mesquinhas, mas abundantes nelas. "*...o*

nobre projeta coisas nobres..." (Is 32.8). Os macedônios primeiro deram-se a si mesmos ao Senhor, e, então, aos seus apóstolos pela vontade de Deus, para fazer todo bem possível, com aquilo que tinham, de acordo com as oportunidades oferecidas.

Até aqui, vai o material e o corpo da epístola. Temos agora:

II A conclusão, onde:

1. Ele anuncia sua boa esperança no livramento, por meio das orações dos irmãos, para que em breve pudesse vê-los, desejando que Filemom tomasse as devidas providências para a sua chegada: "*E juntamente prepara-me também pousada, porque espero que, pelas vossas orações, vos hei de ser concedido*" (v. 22). *E juntamente* ou, *além disso*. Ele trata de mais um assunto, pelo que parece, não sem estar de olho no assunto que vinha tratando, que pode ser favorecido por essa notificação. Ele, de fato, esperava que logo estaria no meio deles e verificaria o efeito da sua epístola. Isso poderia encorajar ainda mais a Filemom a fazer aquilo que o apóstolo lhe pedia.

(1) O pedido: "...*prepara-me também pousada*". Nisso estão incluídas todas as coisas necessárias para a chegada de um hóspede. Ele gostaria que Filemom o fizesse, planejando ser seu hóspede, de acordo com o seu propósito. Observe: A hospitalidade é um grande dever cristão, especialmente nos ministros, e para os ministros, como era o caso do apóstolo, constantemente diante de perigos e sofrimentos por Cristo e pelo seu evangelho. Quem não mostraria a maior e mais afetuosa consideração por alguém assim? Gaio recebe um título honroso do apóstolo: "*Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja*" (Rm 16.23). Onesíforo também é afetuosamente lembrado pelo apóstolo por causa disso: "*O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou e não se envergonhou das minhas cadeias.* [...] *E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu*" (2 Tm 1.16,18).

(2) O motivo do pedido do apóstolo: "...*porque espero que, pelas vossas orações, vos hei de ser concedido*". Ele não sabia como Deus o conduziria, mas o benefício da oração ele já havia experimentado muitas vezes, e esperava mais uma vez ser liberto para se encontrar com eles. Observe: [1] Nossa dependência está em Deus para a vida e liberdade e oportunidades de serviço. Tudo é para a satisfação divina. [2] Quando somos privados de qualquer uma dessas misericórdias, nossa confiança e esperança devem estar em Deus, sem desfalecer ou sucumbir, enquanto aguardamos uma solução. [3] A confiança deve estar no uso de recursos, especialmente da oração, mesmo que nenhum outro esteja à mão. A oração tem destrancado o céu e aberto portas de prisões. "...*a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos*" (veja Tg 5.16). [4] O grande dever do povo de Deus é orar pelos ministros, especialmente quando estão aflitos e em perigo. Os ministros precisam de oração e a requerem. Paulo, embora fosse apóstolo, fez uso dela com muita seriedade (Rm 15.30; 2 Co 1.11; Ef 6.18,19; 1 Ts 5.25). Mesmo o crente mais humilde pode dessa forma ser útil ao mais notável. [5] Embora a oração alcance, ela não dá valor às coisas alcançadas: elas são o presente de Deus e a aquisição de Cristo. *Espero que, pelas vossas orações, charisthesomai hymin – eu serei livremente entregue a vós*. Para tudo que Deus dá, Ele deseja ser buscado, para que as misericórdias possam ser valorizadas ainda mais, e conhecidas de onde vem, e Deus receba o louvor. A vida e o trabalho dos ministros são para o bem do povo. O ofício foi estabelecido para eles. Ele "...*deu dons aos homens,* [...] *uns para apóstolos...*" (Ef 4.8,11,12). Os dons, e trabalhos, e vidas, são todos para o benefício deles. "*Tudo é vosso: Apolo, Cefas...*" [6] Ao orar por ministros fiéis, os crentes, na verdade, estão orando para o bem deles mesmos: "*Espero que serei concedido a vocês*, para o serviço e consolo de vocês e edificação em Cristo". Veja 2 Co 4.15. [7] Observe a humildade do apóstolo. Se recebesse a liberdade, ele diria que foi devido às orações deles, bem como, ou mais do que, às suas próprias orações. Ele os menciona somente por meio dos elevados pensamentos que tinha das orações de muitos e a consideração que Deus mostraria ao seu povo que ora. Esta é a primeira parte na conclusão do apóstolo.

2. Ele envia saudações de alguém que era seu companheiro de prisão, e de mais quatro que eram seus cooperadores (vv. 23,24). Saudar é desejar saúde e paz. O cristianismo não é inimigo da cortesia, mas a impõe (1 Pe 3.8). Ela é uma mera expressão do amor e respeito e uma maneira de preservar e nutri-los. "*Saúdam-te Epafras, meu companheiro de prisão por Cristo Jesus*". Ele era de Colossos, e assim compatriota e concidadão de Filemom. Por ofício ele parece ter sido evangelista, que trabalhava no meio dos colossenses (se ele não foi o primeiro a ser usado para convertê-los), por quem tinha uma consideração especial. "*Nosso amado conservo* (disse Paulo), *que para vós é um fiel ministro de Cristo*" (Cl 1.7), e "...*servo de Cristo, combatendo sempre por vós em orações. Eu lhe dou testemunho de que tem grande zelo por vós...*" (cap. 4.12,13). Ele era uma pessoa muito conhecida, que, estando em Roma, talvez acompanhava Paulo e trabalhava na mesma obra da pregação e propagação do evangelho e estava confinado na mesma prisão e pela mesma causa. Ambos são chamados de *prisioneiros de Cristo Jesus*, anunciando o motivo do seu aprisionamento: não por causa de algum crime ou maldade, mas pela fé em Cristo e seu serviço para Ele. É uma honra sofrer humilhação pelo nome de Cristo. "...*meu companheiro de prisão por Cristo Jesus*" é mencionado como sua glória e o consolo do apóstolo. Não que fosse prisioneiro e estivesse dessa forma impedido de realizar o seu trabalho (essa era uma questão de aflição), mas que, vendo que Deus permitia que sofresse e que o havia chamado para tal, sua providência assim determinava que sofressem juntos e dessa forma tivessem o benefício e conforto da oração um do outro, e ajuda possivelmente em algumas coisas. Isso era misericórdia. Assim Deus, às vezes, alivia o sofrimento dos seus servos pela comunhão dos santos, a doce comunhão que têm uns com os outros em suas cadeias. Não existe uma alegria mais profunda em Deus do que quando sofrem juntos por Deus. Assim, no caso de Paulo e Silas, embora seus pés estivessem presos no tronco, suas línguas estavam em liberdade, e seus corações, afinados para o louvor de Deus. "*Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores*". A menção deles parece de alguma maneira ajudar na defesa da questão central da epístola. Quão impróprio seria recusar o pedido de Paulo ao considerar tantos nomes dignos, como era o caso da maio-

ria deles! *Marcos*, primo de Barnabé e filho de Maria, que era tão hospitaleira aos santos em Jerusalém (Cl 4.10; At 12.12) e cuja casa era o lugar de reunião para oração e adoração a Deus. Embora Marcos tivesse falhado quando Paulo e ele se separaram, no entanto, ele continuou seu trabalho junto com Barnabé, e nesta ocasião percebemos que Paulo e ele estavam reconciliados, e as diferenças, esquecidas (2 Tm 4.11). Ele pede para que Marcos seja trazido até ele, "*...porque me é muito útil para o ministério*", isto é, de um evangelista. *Aristarco* é citado junto com Marcos (Cl 4.10) e chamado ali por Paulo de companheiro de prisão; falando ali de Marcos, sobrinho de Barnabé (filho da irmã de Barnabé), o apóstolo acrescenta: "*...acerca do qual já recebestes mandamentos; se ele for ter convosco, recebei-o*": uma evidência de que o apóstolo o havia recebido e estava reconciliado com ele. Em seguida vem *Demas*, que até esse ponto não parece estar em falta, embora tenha sido repreendido (2 Tm 4.10) como tendo desamparado a Paulo, "*...amando o presente século*". As Escrituras não nos informam até onde chegou o seu desamparo, se ocorreu um abandono completo do seu trabalho e profissão de fé, ou somente parcial, e se chegou a se arrepender e voltar ao seu dever ou não. Quando as Escrituras silenciam, nós também devemos silenciar: nenhum sinal de desgraça está sobre ele aqui; na verdade, ele é citado junto com outros que eram fiéis como também ocorreu em Colossenses 4.14. *Lucas* é o último, esse *médico amado* e evangelista, que veio a Roma, companheiro de Paulo (Cl 4.14; 2 Tm 4.11). Ele era companheiro de Paulo em seus grandes perigos, bem como seu cooperador. O ministério não é uma questão de bem-estar carnal nem de prazer, mas de sofrimento. Se alguém é ocioso no ministério, não está obedecendo ao seu chamado. Cristo ordena aos seus discípulos que "*...roguem ao Senhor da seara que mande ceifeiros*, não indolentes e ociosos, *para a sua seara*" (Mt 9.38). E o povo é exortado a "*...reconhecer os que trabalham entre eles, e que presidem sobre eles no Senhor, e que os tenham em grande estima e amor, por causa da sua obra*" (1 Ts 5.12,13). *Meus cooperadores*, diz o apóstolo: os ministros devem se ajudar mutuamente na verdade; eles servem o mesmo Senhor, estão na mesma obra e função santas e estão na expectativa da mesma recompensa gloriosa. Portanto, eles devem ser ajudantes uns dos outros em promover o interesse do seu grande Mestre.

3. A oração de encerramento e a bênção do apóstolo (v. 25). Observe: (1) Qual é o desejo e a oração: *Graça*, o favor livre e o amor de Deus, junto com os frutos e efeitos dela em todas as coisas, para a alma e o corpo, para o tempo e a eternidade. Considere: A graça é o melhor desejo para nós e os outros. O apóstolo começa e termina com ela. (2) De quem: de *nosso Senhor Jesus Cristo*, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, *Senhor* por direito natural, "*...por quem, e para quem, tudo foi criado* (Cl 1.16; Jo 1.1-3), e "*...quem é herdeiro de tudo*" (veja Hb 1.2), e, como Deus-homem e Mediador, que nos comprou, e a quem somos dados pelo Pai. *Jesus*, o Salvador (Mt 1.21). Estávamos perdidos. Ele nos restaura e repara a ruína. Ele salva por mérito, obtendo o perdão e vida para nós; e com poder nos resgata do pecado, de Satanás e do inferno, e nos renova para a semelhança de Deus e para a alegria em Deus: assim é Jesus; e Cristo, o Messias ou ungido, consagrado e qualificado para ser rei, sacerdote e profeta para sua igreja. Para todos esses ofícios (ministérios) ocorria a unção com óleo debaixo da lei, e a eles o Salvador foi espiritualmente ungido com o Espírito Santo (At 10.38). Em nenhum outro tudo estava unido e com tamanha superioridade e dignidade. Ele foi ungido "*...com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros*" (Sl 45.7). Esse Senhor Jesus Cristo é nosso por título original conferido a nós, e pelas ofertas e dons do evangelho, e por Ele nos ter adquirido, e por nossa própria aceitação dele, submissão a Ele e união mística com Ele: "*...nosso Senhor Jesus Cristo*". Observe: Toda graça a nós vem de Cristo. Ele a comprou e a dá. "*Todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça*" (Jo 1.16). "*Ele cumpre tudo em todos*" (Ef 1.23). (3) A quem: "*...com o vosso espírito*", *meta tou pneumatos hymon*, não somente com Filemom, mas com todos que foram mencionados no prefácio. "*...com o vosso espírito*", isto é, convosco, a alma ou espírito sendo o trono imediato da graça, de onde influencia todo homem e flui em ações graciosas e santas. Todos da casa que foram saudados são aqui mencionados na bênção final, para lembrar e estimular todos a cumprirem o propósito da epístola.

O *amém* é acrescentado, não somente para um forte e afetuoso resumo da oração e desejo, *que assim seja*; mas como uma expressão de fé no fato de que será ouvida, *assim será*. O que mais precisamos para nos deixar felizes do que ter *a graça de nosso Senhor Jesus Cristo com o nosso espírito*? Essa é a bênção costumeira, mas ela também pode ter tido um motivo especial nessa ocasião. A graça de Cristo com o espírito deles, principalmente de Filemom, os abrandaria e pacificaria, removeria profundos e afiados ressentimentos de injúrias e injustiça e os disporia a perdoar os outros como Deus, por amor a Cristo, nos perdoou.

HEBREUS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Com relação a essa epístola, precisamos investigar:

I A autoridade divina; pois esta tem sido questionada por alguns, cujos olhos desnorteados não puderam suportar a luz dela, ou cujos erros foram refutados por ela; como os arianos, que negam a divindade e a auto-existência de Cristo; e os socinianos, que negam sua expiação. Mas, depois de todas as tentativas de tais homens para desacreditar essa epístola, o original divino dela transparece e brilha com raios tão intensos e claros que até quem está correndo consegue lê-la como parte eminente do Cânon das Escrituras. A divindade do conteúdo, a sublimidade do estilo, a excelência do intento, a harmonia desta com outras partes das Escrituras e sua aceitação geral pela igreja de Deus em todas as épocas – essas são as evidências de sua autoridade divina.

II Quanto ao escriba divino ou ao autor dessa epístola, não estamos tão certos; ela não traz o nome de ninguém no seu início, como o fazem as outras epístolas, e tem havido discordâncias entre os estudiosos com respeito ao autor a quem ela deve ser atribuída. Alguns a atribuíram a Clemente de Roma; outros, a Lucas; e muitos, a Barnabé, achando que o estilo e a forma de expressão estão de acordo como o temperamento zeloso, afetuoso e marcado pela autoridade que Barnabé parece possuir no relato que temos dele nos Atos dos Apóstolos; e um dos antigos pais da igreja cita uma expressão dessa epístola como palavras de Barnabé. Mas em geral ela é atribuída ao apóstolo Paulo; e algumas cópias e traduções posteriores inseriram o nome de Paulo no título. Nos primórdios, era geralmente atribuída a ele, e o estilo e escopo dela concordam em grande parte com o seu espírito, que era uma pessoa de uma cabeça brilhante e de um coração afetuoso, cujos propósito e esforço principais eram exaltar a Cristo. Alguns acham que o apóstolo Pedro se refere a essa epístola, e assim mostra que Paulo é o autor dela, ao dizer aos hebreus, a quem escreveu, sobre o fato de Paulo ter escrito a eles (2 Pe 3.15). Nunca lemos de nenhuma outra epístola que ele tenha escrito a eles, a não ser esta. E, embora tenha sido alegado que, visto ter Paulo acrescentado o seu nome a todas as suas outras epístolas, ele não o teria omitido aqui, outros têm respondido que ele, sendo o apóstolo aos gentios, que eram odiosos aos judeus, poderia ter imaginado adequado omitir o seu nome, para que o preconceito deles contra ele não os impedisse de ler e avaliar a epístola como o deveriam fazer.

III Quanto ao escopo e intento da epístola, está bem evidente que ela foi escrita para informar a mente dos hebreus e confirmar fortemente o juízo deles na excelência transcendente do evangelho acima da lei, e assim tirá-los das cerimônias da lei, às quais estavam tão ligados, pelas quais tinham tanto apreço, estando cegos de amor por elas, sendo que entre eles muitos cristãos retinham demais do antigo fermento, e precisavam ser purificados dele. O intento da epístola foi persuadir e instar os hebreus que criam a uma adesão constante à fé cristã, e à perseverança nela, não obstante todos os sofrimentos a que estavam expostos ao fazerem isso. Com esse fim, o apóstolo fala muito da excelência do autor do evangelho, o glorioso Jesus, cuja honra ele promove, e a quem ele prefere com justiça a todos os outros, mostrando que Ele é tudo em todos, e isso ele faz com elevados arroubos de sagrada retórica. Precisamos reconhecer que há muitas coisas nessa epístola que são difíceis de compreender, mas a graça que encontramos nela recompensa ricamente toda a aflição que tivermos para compreendê-la. E, de fato, se compararmos todas as epístolas do Novo Testamento, não encontraremos nenhuma tão repleta de conteúdo celestial e divino quanto essa aos Hebreus.

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, temos uma comparação dupla: I. Entre a dispensação do evangelho e a da lei; e a excelência do evangelho acima da lei é declarada e provada (vv. 1-3). II Entre a glória de Cristo e a das criaturas mais elevadas, os anjos; em que a preeminência é dada com justiça ao Senhor Jesus Cristo, e claramente se demonstra que a primazia pertence a Ele (vv. 4-14).

A Lei e o Evangelho São Comparados. A Dignidade e Glória de Cristo

vv. 1-3

Aqui o apóstolo começa com uma declaração geral da excelência maior da dispensação do evangelho em relação à dispensação da lei, o que ele demonstra com base nas diferentes formas e maneiras de Deus comunicar-se a si mesmo e a sua mente e vontade aos homens em uma dispensação e em outra; ambas dispensações eram provindas de Deus, e ambas muito boas, mas há uma grande diferença na forma em que vêm de Deus. Observe:

I A forma em que Deus se comunicou a si mesmo e a sua vontade aos homens no Antigo Testamento. Temos aqui um relato: 1. Das pessoas por meio de quem Deus revelou a sua mente na época do Antigo Testamento; eram os *profetas*, isto é, pessoas escolhidas por Deus, e capacitadas por Ele, para essa missão de revelar a vontade de Deus aos homens. Nenhum homem toma essa honra para si, a não ser que seja chamado; e todos os que são chamados por Deus são capacitados por Ele. 2. Das pessoas a quem Deus falou por meio dos profetas: *aos pais*, a todos os santos do Antigo Testamento que estavam sob essa dispensação. Deus os favoreceu e honrou com luz muito mais clara do que a da natureza, sob a qual foi deixado o restante do mundo. 3. Da ordem com que Deus falou aos homens naqueles tempos que existiram antes do evangelho, aqueles tempos passados: Ele falou ao seu povo antigo "*...muitas vezes e de muitas maneiras*". (1) *Muitas vezes*, ou por diversas partes, pois é o que significa a palavra, que pode ser uma referência ou às diversas épocas da dispensação do Antigo Testamento – a patriarcal, a mosaica e a profética – ou à abertura gradual da sua mente com relação ao Redentor: a Adão, que o Messias deveria vir da semente da mulher; a Abraão, que Ele deveria vir do corpo dele; a Jacó, que seria da tribo de Judá; a Davi, que seria da sua casa; a Miquéias, que nasceria em Belém; a Isaías, que nasceria de uma virgem. (2) *De muitas maneiras*, de acordo com as diferentes maneiras em que Deus considerou adequado comunicar a sua mente aos seus profetas; às vezes por inspirações do seu Espírito, às vezes por sonhos, às vezes por visões, às vezes por uma voz audível, às vezes por meio de caracteres legíveis escritos por sua própria mão, como quando escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Acerca de algumas dessas formas o próprio Deus apresentou um relato em Números 12.6-8: "*Se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras*".

II O método que Deus usa para comunicar a sua mente e vontade sob a dispensação do Novo Testamento, nestes últimos dias, como eles são chamados, isto é, ou em relação ao fim do mundo ou em relação ao fim do estado judeu. Os tempos do evangelho são os últimos tempos, a revelação do evangelho é a última que devemos esperar de Deus. Primeiro houve a revelação natural; depois, a patriarcal, por meio de sonhos, visões e vozes; então, a mosaica, na lei promulgada e escrita; depois, a profética, ao explicar a lei e fornecer descobertas mais claras de Cristo. Mas agora não devemos esperar uma nova revelação, mas somente mais do Espírito de Cristo para nos ajudar a entender melhor o que já está revelado. Agora, a excelência da revelação do evangelho em comparação com as dispensações anteriores consiste em duas coisas:

1. É a revelação final, conclusiva, dada nos últimos dias da revelação divina, à qual nada deve ser acrescentado, mas o Cânon das Escrituras deve ser estabelecido e selado, de modo que agora a mente dos homens não deve estar mais em suspense em virtude da expectativa de novas descobertas, mas deve rejubilar na completa revelação da vontade de Deus, tanto normativa quanto providencial, tanto quanto for necessário que eles conheçam para a sua direção e conforto. Pois o evangelho inclui uma descoberta dos grandes eventos que acometerão a igreja de Deus no fim do mundo.

2. É uma revelação que Deus deu por meio do seu Filho, o mensageiro mais excelente que jamais foi enviado ao mundo, muito superior a todos os antigos patriarcas e profetas, por meio de quem Deus comunicou a sua vontade ao seu povo em épocas anteriores. E aqui temos um relato excelente da glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

(1) A glória da sua posição, e isso em relação a três aspectos: [1] Deus o designou para ser herdeiro de todas as coisas. Como Deus, Ele era igual ao Pai; mas, como Deus-homem e Mediador, Ele foi designado pelo Pai para ser herdeiro de todas as coisas, o soberano Senhor de tudo, o árbitro, diretor e regente absoluto de todas as pessoas e todas as coisas (Sl 2.6,7). "*É-me dado todo o poder no céu e na terra*" (Mt 28.18; Jo 5.22. [2] Por meio dele, Deus fez os mundos, tanto o visível quanto o invisível, os céus e a terra; não como uma causa instrumental, mas como palavra e sabedoria essenciais dele. Por meio dele, fez a antiga criação, por meio dele, faz a nova criação, e por meio dele, governa e rege a ambos. [3] Ele sustenta todas as coisas "*...pela palavra do seu poder*". Ele impede que o mundo se dissolva. "*...todas as coisas subsistem por ele*" (Cl 1.17). O peso de toda a criação é colocado sobre Cristo: Ele sustenta o todo e todas as partes. Quando, na apostasia, o mundo estava se desfazendo em pedaços sob a ira e a maldição de Deus, o Filho de Deus, assumindo a obra da redenção, restaurou-o novamente, e o estabeleceu por seu poder soberano e sua bondade. Nenhum dos antigos profetas ocupou uma posição dessas, nenhum foi suficiente para tal.

(2) Assim o apóstolo passa a tratar da glória da pessoa de Cristo, que foi capaz de exercer tal missão: "*O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa*" (v. 3). Essa é uma descrição sublime e imponente do grandioso Redentor, e esse é um relato da sua excelência pessoal. [1] Ele é, em pessoa, o Filho de Deus, o Filho Unigênito de Deus, e como tal precisa ter a mesma natureza. Essa distinção pessoal sempre pressupõe uma e a mesma natureza. Todo o filho de homem é homem; se a natureza não fosse a mesma, a geração seria monstruosa. [2] A pessoa do Filho é a glória do Pai, transparecendo e brilhando com o esplendor divino. Assim como os raios são emanações resplandecentes do sol, o pai e fonte da luz, assim Jesus

Cristo é, na sua pessoa, Deus manifestado em carne; Ele é luz da luz, a verdadeira *shequiná*. [3] A pessoa do Filho é a verdadeira imagem e caráter da pessoa do Pai; sendo da mesma natureza, Ele precisa levar a mesma imagem e semelhança. Ao contemplarmos o poder, a sabedoria e a bondade do Senhor Jesus Cristo, nós contemplamos o poder, a sabedoria e a bondade do Pai; pois Ele tem a natureza e a perfeição de Deus em si mesmo. "*Quem vê o Filho vê o Pai*"; isto é, vê o mesmo Ser. Quem conheceu o Filho conheceu o Pai (Jo 14.7-9). Porque o Filho está no Pai, e o Pai no Filho; a distinção pessoal não é outra senão a que consiste em união essencial. Essa é a glória da pessoa de Cristo; a plenitude não está tipicamente, mas realmente, nele.

(3) Da glória da pessoa de Cristo ele prossegue para mencionar a glória da sua graça; sua condescendência em si já era verdadeiramente gloriosa. Os sofrimentos de Cristo tinham essa grande honra em si, de serem a expiação completa pelos pecados do seu povo: Ele fez "*...por si mesmo a purificação dos nossos pecados*", isto é, pelo próprio mérito inato da sua morte e derramamento de sangue, por seu intrínseco e infinito valor; como eram os sofrimentos dele mesmo, Ele fez expiação pelo pecado. Ele mesmo, a glória da sua pessoa e natureza, deu aos seus sofrimentos tal mérito que servisse de reparação suficiente da honra a Deus, que havia sofrido injúria e afronta infinitas pelos pecados do homem.

(4) Da glória dos seus sofrimentos somos finalmente conduzidos a considerar a glória da sua exaltação: "*...havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas*", à destra do seu Pai. Como Mediador e Redentor, Ele é investido da mais alta honra, autoridade e atividade, para o bem do seu povo; o Pai agora faz todas as coisas por meio dele, e recebe dele todos os serviços do seu povo. Tendo assumido nossa natureza, e sofrido nela na terra, Ele a levou consigo para o céu, e lá ela tem a elevada honra de estar próxima de Deus, e essa foi a recompensa da sua humilhação.

Então, não foi por meio de ninguém menos do que essa pessoa que Deus nesses últimos dias falou aos homens; e, visto que a dignidade do mensageiro confere autoridade e excelência à mensagem, a dispensação do evangelho precisa exceder, e em muito, a dispensação da lei.

A Dignidade de Cristo

vv. 4-14

O apóstolo, tendo provado a preeminência do evangelho sobre a lei com base na preeminência do Senhor Jesus Cristo sobre os profetas, agora prossegue e mostra que Ele é muito superior não somente aos profetas, mas aos próprios anjos. Por meio disso ele remove uma objeção que os zelosos judeus estavam prontos a interpor, que a lei foi não somente entregue por homens, mas que "*...foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro*" (Gl 3.19), e os anjos foram os auxiliares na promulgação da lei, que as hostes do céu auxiliaram o Senhor Jeová em tal sublime ocasião. É verdade que os anjos são seres muito gloriosos, muito mais gloriosos e excelentes do que os homens; as Escrituras sempre os retratam como as mais excelentes de todas as criaturas, e não conhecemos nenhum outro ser a não ser o próprio Deus que seja mais elevado do que os anjos; e por isso, essa lei que foi apresentada pelos anjos precisa ser mantida em alta estima. Para diminuir a força desse argumento, o autor dessa epístola prossegue e insere a comparação entre Jesus Cristo e os santos anjos, tanto na natureza quanto na sua missão, e prova que Cristo foi imensamente superior aos próprios anjos: "*...feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles*". Observe aqui:

I A natureza superior de Cristo é provada com base no seu nome superior. As Escrituras não dão títulos gloriosos e imponentes sem um real fundamento e uma razão verdadeira na sua natureza; nem se teriam dito coisas tão sublimes acerca do nosso Senhor Jesus Cristo se Ele não tivesse sido tão grande e excelente quanto essas palavras representam. Quando se diz que Cristo foi feito tanto melhor do que os anjos, não devemos imaginar que Ele foi uma mera criatura, como o são os anjos; a palavra *genomenos*, quando combinada com um adjetivo, em nenhum lugar é traduzida por *criado*, e aqui podemos bem ler: *sendo mais excelente*, como o traz a versão Siríaca. Lemos *ginesthe ho Theos alethes – que Deus seja verdadeiro*, não feito verdadeiro, mas reconhecido como tal.

II A superioridade do nome e da natureza de Cristo sobre os anjos é declarada nas Sagradas Escrituras e deve ser deduzida a partir daí. Teríamos sabido pouco ou nada de Cristo ou dos anjos, não fosse pelas Escrituras; e por isso precisamos ser orientados por elas em nossas concepções tanto destes quanto daquele. Agora aqui temos diversas passagens das Escrituras citadas, em que são ditas coisas acerca de Cristo que nunca foram ditas de anjos.

1. Foi dito de Cristo: "*Tu és meu Filho, hoje te gerei*" (Sl 2.7), que talvez seja uma referência à sua geração eterna, ou à sua ressurreição, ou à sua posse solene no seu glorioso reinado em sua ascensão e posicionamento à direita do Pai. Ora, isso nunca foi dito acerca dos anjos, e, portanto, por herança, Ele tem nome e natureza mais excelentes do que eles.

2. Foi dito acerca de Cristo mas nunca acerca dos anjos: "*Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho*" (2 Sm 7.14). Não somente: "Eu sou seu Pai, e Ele é meu Filho, por natureza e emanação eterna", mas: "Eu serei seu Pai, e Ele será meu Filho, por maravilhosa concepção, e esse seu estado filial será a fonte e o fundamento de toda a relação graciosa entre mim e os homens caídos".

3. Foi dito de Cristo: "*E, quando outra vez introduz no mundo o Primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem*"; isto é, quando Ele for trazido para este mundo inferior, no seu nascimento, que os anjos o sirvam e honrem; ou quando Ele for levado ao mundo acima, na sua ascensão, para entrar no seu reino medianeiro, ou quando Ele o trouxer novamente para este mundo, para julgar o mundo, então que as mais elevadas criaturas o louvem. Deus não vai tolerar um único anjo no céu que não esteja em sujeição a Cristo, e não preste adoração a

Ele; e no final Ele vai fazer com que os anjos caídos e os homens ímpios confessem o poder e a autoridade divinos dele e caiam diante dele. Os que não quiserem que Ele reine serão então apresentados e mortos diante dele. A prova disso é tomada de Salmos 97.7: "*E todos os anjos de Deus o adorem*", isto é: "Todos vocês que são superiores aos homens, reconheçam que são inferiores a Cristo em natureza e poder".

4. Deus disse com relação a Cristo: "*Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos...*" (vv. 8-12). Mas dos seus anjos disse somente que deles "*...faz ventos e de seus ministros, labareda de fogo*" (v. 7). Agora, com base na comparação entre o que ele diz aqui acerca dos anjos e o que diz de Cristo, a enorme inferioridade dos anjos em relação a Cristo vai aparecer claramente.

(1) O que Deus diz aqui dos anjos? "*...de seus anjos faz ventos e de seus ministros, labareda de fogo*". Temos isso em Salmos 104.4, em que parece referir-se mais imediatamente aos ventos e aos relâmpagos, mas aqui é aplicado aos anjos, de cuja ação a divina Providência faz uso por meio dos ventos e dos trovões e relâmpagos. Observe: [1] A missão dos anjos: eles são ministros de Deus, ou servos para fazer *a sua boa vontade*. É para a glória de Deus Ele ter tais servos; é maior ainda essa glória pelo fato de Ele não precisar deles. [2] Como os anjos são capacitados para esse serviço: Ele faz deles espíritos e labareda de fogo, isto é, Ele lhes concede luz e zelo, com atividade e habilidade, prontidão e resolução para fazer a vontade dele. Eles não são nada mais do que Deus os fez, e eles são servos do Filho como também do Pai. Mas observe:

(2) Quão maiores são as coisas que são ditas pelo Pai acerca de Cristo. Aqui são citadas passagens das Escrituras:

[1] Uma delas vem de Salmos 45.6,7, em que Deus declara de Cristo, em primeiro lugar, a sua verdadeira e real divindade, e isso com grande prazer e afeição, não lhe conferindo essa glória de má vontade: "*Ó Deus, o teu trono...*". Aqui uma pessoa chama a outra de Deus: *Ó Deus*. E, se Deus o Pai o declara como tal, Ele deve ser verdadeira e realmente assim; pois Deus chama as pessoas e as coisas como elas são. Agora, ninguém, a seu próprio risco, vai negar que Ele seja essencialmente Deus; portanto, que o reconheçamos e o honremos como Deus; pois, se Ele não tivesse sido Deus, nunca teria sido adequado para fazer a obra do Mediador, nem para usar a coroa do Mediador. Em segundo lugar, Deus declara a sua dignidade e domínio, como tendo um trono, um reino e um cetro desse reino. Ele de fato tem o governo, a autoridade e o poder, tanto como o Deus da natureza, da graça e da glória, quanto como o Mediador; e assim Ele é perfeitamente adequado para todos os intentos e propósitos do seu reino mediador. Em terceiro lugar, Deus declara a duração eterna do domínio e da dignidade de Cristo, fundados na divindade da sua pessoa: "*Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos*", de eternidade a eternidade, ao longo de todas as épocas do tempo, apesar de todas as tentativas da terra e do inferno de miná-lo e derrubá-lo, e por todas as intermináveis épocas da eternidade, quando o tempo já não existir. Isso distingue o trono de Cristo de todos os tronos humanos, que estão cambaleantes, e ao final das contas vão desabar; mas o trono de Cristo será como os dias do céu. Em quarto lugar, Deus declara que de Cristo é a perfeita eqüidade da administração, e da execução do seu poder, em todas as partes do seu governo: "*...cetro de eqüidade é o cetro do teu reino*" (v. 8). Ele atingiu de forma justa esse cetro, e Ele o usa com perfeita justiça; a justiça do seu governo procede da justiça da sua pessoa, de um amor essencial e eterno da justiça e do ódio pela iniqüidade, não meramente das considerações da prudência ou interesse, mas de um princípio interior e imutável: "*Amaste a justiça e aborreceste a iniqüidade*" (v. 9). Cristo veio para cumprir toda a justiça, para trazer uma justiça eterna; e Ele foi justo em todos os seus caminhos e santo em todas as suas obras. Ele recomendou a justiça aos homens, e a restaurou entre eles, como a coisa mais excelente e agradável. Ele veio para pôr termo à transgressão, e colocar um fim ao pecado como algo odioso e prejudicial. Em quinto lugar, Deus declara de Cristo como Ele estava capacitado para a missão de Mediador, e como Ele foi empossado e confirmado nela (v. 9): "*...por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros*". 1. Cristo leva o nome Messias do fato de ser ungido. O fato de Deus ungir Cristo significa tanto que o capacitou para a sua missão de Mediador com o Espírito Santo e todas as suas virtudes, quanto que o empossou na missão, como eram empossados os profetas, sacerdotes e reis por meio da unção. *Deus, o teu Deus*, significa a confirmação de Cristo na missão de Mediador pela aliança da redenção e da paz, que houve entre o Pai e o Filho. Deus é o Deus de Cristo, assim como Cristo é homem e Mediador. 2. Essa unção de Cristo foi feita com o *óleo da alegria*, que significa tanto a alegria e satisfação com que Cristo assumiu e realizou a missão de Mediador (considerando-se absolutamente suficiente para tal) quanto aquela alegria que foi colocada diante dele como recompensa pelo seu serviço e sofrimentos, aquela coroa de alegria que Ele deveria usar após o sofrimento da morte. 3. Essa unção de Cristo foi acima da dos seus companheiros: "*Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros*". Quem são os companheiros de Cristo? Ele tem algum igual? Não como Deus, exceto o Pai e o Espírito, mas a referência aqui não é a Eles. Como homem, no entanto, e como pessoa ungida, Ele tem seus companheiros; mas a unção dele está acima da de todos eles. (1) Acima da dos anjos, que podem ser considerados seus companheiros, por serem filhos de Deus por meio da criação, e mensageiros de Deus, a quem Ele emprega no seu serviço. (2) Acima da de todos os profetas, sacerdotes e reis, que tenham sido ungidos com óleo, para serem empregados no serviço de Deus na terra. (3) Acima da de todos os santos, que são seus irmãos, filhos do mesmo pai, visto que Ele foi participante com eles da carne e do sangue. (4) Acima da de todos os que estavam relacionados a Ele como homem, acima da de toda a casa de Davi, de toda a tribo de Judá, de todos os seus irmãos e parentes de sangue. Todos os outros ungidos de Deus tinham o Espírito somente em uma certa medida; Cristo tinha o Espírito acima de medida, sem limitação alguma. Ninguém, portanto, realiza a sua obra como Cristo o fez, ninguém tem tanto prazer nela como Cristo tem; pois Ele foi ungido com o óleo da alegria mais do que os seus companheiros.

[2] A outra passagem das Escrituras em que está a superioridade de Cristo sobre os anjos é extraída de Salmos 102.25-27, e é citada nos versículos 10-12, em que a onipotência do Senhor Jesus Cristo é declarada assim como ela aparece tanto na criação do mundo quanto na transformação dele.

Em primeiro lugar, ao criar o mundo (v. 10): "*E: Tu Senhor, no princípio, fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos*". O Senhor Cristo tinha o direito originário de governar o mundo, porque no início foi Ele que fez o mundo. O seu direito, como Mediador, Ele o tinha por comissão do Pai. O seu direito, como sendo Deus com o Pai, era absoluto, resultando do seu poder criador. Esse poder Ele tinha antes do início do mundo, e Ele o exerceu ao dar início e existência ao mundo. Por isso, Ele mesmo não pode ser parte do mundo, pois aí Ele teria de dar a si mesmo um início. Ele era *pro panton – antes de todas as coisas* e *todas as coisas subsistem por ele* (Cl 1.17). Ele não estava somente acima de todas as coisas em condição, mas era antes de todas as coisas em existência; e por isso precisa ser Deus, e auto-existente. Ele estabeleceu os fundamentos da terra, não somente introduziu novas formas na matéria preexistente, mas do nada fez os fundamentos da terra, os *primordia rerum – os primeiros princípios das coisas*; Ele não somente fundou a terra, mas os céus também são obra das suas mãos, tanto a habitação quanto os habitantes, as hostes do céu, os próprios anjos; e portanto, Ele precisa ser infinitamente superior a eles.

Em segundo lugar, ao transformar o mundo que Ele criou; e aqui é inserida a mutabilidade do mundo para ilustrar a imutabilidade de Cristo. Observe: 1. Este mundo é mutável, toda a natureza criada o é; este mundo passou por muitas mudanças, e ainda passará por muitas. Todas essas mudanças acontecem por permissão e direção de Cristo, que fez o mundo (vv. 11,12): "*...eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e, como um manto, os enrolarás, e, como uma veste, se mudarão*". Este nosso mundo visível (tanto a terra quanto os céus invisíveis) estão envelhecendo. Não somente os homens, os animais e as árvores envelhecem, mas este mundo em si envelhece, e está se apressando para a sua dissolução; ele muda como uma roupa; já perdeu muito da sua beleza e força; envelheceu já com a primeira apostasia, e tem se tornado mais velho e mais fraco desde então; leva os sintomas de mundo moribundo. Mas então a sua dissolução não será a sua destruição final, mas a sua transformação. Cristo vai enrolar este mundo como um manto para que já não seja abusado, para não ser mais usado como tem sido. Portanto, não fixemos o nosso coração naquilo que não é o que consideramos ser, e não será o que é agora. O pecado causou uma grande mudança para pior no mundo, e Cristo vai fazer uma grande transformação para melhor nele. "*Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça*" (2 Pe 3.13). Que a consideração disso nos leve a desacostumar deste mundo e nos torne vigilantes, diligentes e desejosos daquele mundo melhor que está se aproximando; não podemos entrar nele se não formos novas criaturas. 2. Cristo é imutável. Assim o Pai testifica dele: *Tu permanecerás* e *os teus anos não acabarão.* Cristo é o mesmo em si mesmo, o mesmo ontem, o mesmo hoje, e para sempre, e o mesmo para o seu povo em todas as mudanças dos tempos. Isso pode bem sustentar a todos os que têm o seu interesse em Cristo em meio às mudanças que eles enfrentam no mundo, e em meio a tudo que sentem em si mesmos. Cristo é imutável e imortal; seus anos não acabarão. Isso pode nos confortar sob toda a decadência da natureza que pudermos observar em nós mesmos ou em nossos amigos, embora nossa carne ou nosso coração definhem e nossos dias estejam se apressando para o seu final. Cristo vive para cuidar de nós enquanto vivemos, e dos nossos quando tivermos partido, e isso deve encorajar a todos nós a fixarmos o nosso interesse nele de forma clara e certa, para que a nossa vida eterna esteja guardada com Cristo em Deus.

III A superioridade de Cristo sobre os anjos aparece no fato de que Deus nunca disse aos anjos o que disse a Cristo (vv. 13,14).

1. Que Deus disse a Cristo? Ele disse: "*Assenta-te à minha destra, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés* (Sl 110.1). Recebe glória, domínio e descanso; e permanece na administração do teu reino medianeiro até que todos os teus inimigos se tornem ou teus amigos pela conversão ou escabelo dos teus pés". Observe: (1) Cristo Jesus tem seus inimigos (alguém poderia imaginar isso?), inimigos até mesmo entre os homens – inimigos da sua soberania, da sua causa, do seu povo; tais que não queiram o seu governo sobre eles. Por isso, não estranhemos então que temos os nossos inimigos. Cristo nunca fez nada para tornar os homens seus inimigos. Ele fez grandes coisas para torná-los seus amigos e amigos do seu Pai, e mesmo assim Ele tem seus inimigos. (2) Todos os inimigos de Cristo serão transformados em escabelo dos seus pés, ou pela humilde submissão e inteira sujeição à vontade dele ao se lançarem aos seus pés, ou pela total destruição. Ele pisará os que continuarem obstinados, e pisará sobre eles. (3) Deus o Pai se empenhou a favor disso, e Ele vai fazer com que se realize, sim, Ele mesmo o fará; e, mesmo que não seja feito no presente, certamente será feito, e Cristo espera por isso. Assim também os cristãos devem esperar até que Deus tenha realizado todas as suas obras neles, por eles e por meio deles. (4) Cristo prosseguirá e governará e reinará até que isso seja feito. Ele não deixará inconcluso nenhum dos seus grandes desígnios, Ele vai prosseguir conquistando e conquistando. E é apropriado ao seu povo que prossiga na sua tarefa, sendo o que Ele quer que sejam, fazendo o que Ele quer que façam, evitando o que Ele quer que evitem, carregando o que Ele quer que carreguem, até que Ele faça deles vencedores e mais do que vencedores sobre todos os seus inimigos espirituais.

2. Que Deus disse aos anjos? Ele nunca disse a eles, como disse a Cristo: "*Assenta-te à minha destra*", mas disse sobre eles que são "*...espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação*". Observe: (1) O que os anjos são com relação à sua natureza: são espíritos, sem corpo, e mesmo assim podem assumir um corpo, e aparecer nele, quando Deus quer. Eles são espíritos, incorpóreos, inteligentes, ativos, essência; eles excedem em sabedoria e força. (2) O que os anjos são com relação à sua missão: são espíritos ministradores.

Cristo, como Mediador, é o grande ministro de Deus na grande obra da redenção. O Espírito Santo é o grande ministro de Deus e de Cristo na aplicação dessa redenção. Os anjos são espíritos ministradores sob a bendita Trindade, para executar a vontade e o prazer divinos. Eles são ministros da divina Providência. (3) Os anjos são enviados para esse propósito – ministrar àqueles que serão herdeiros da salvação. Observe aqui: [1] A descrição dada dos santos: eles são os "*...que hão de herdar a salvação*"; por enquanto eles ainda são herdeiros por vir, não herdeiros de fato. Eles são herdeiros porque são filhos de Deus; *se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também*. Tenhamos certeza de que somos filhos por adoção e regeneração, tendo feito uma entrega de aliança de nós mesmos a Deus, e de que estamos caminhando diante dele em uma relação fundamentada no evangelho, e então seremos herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Cristo. [2] A dignidade e o privilégio dos santos – os anjos são enviados para ministrar a eles. Assim eles fizeram em auxiliar e agir na promulgação da lei, em combater os combates dos santos, na destruição dos seus inimigos. Eles ainda ministram por eles ao confrontarem a maldade e o poder dos maus espíritos, ao protegerem e guardarem seus corpos, armando suas tendas em volta deles, instruindo, estimulando e confortando suas almas sob Cristo e o Espírito Santo; e assim eles devem fazer ao ajuntarem todos os santos no último dia. Louvem a Deus pela ministração dos anjos, mantenham-se nos caminhos de Deus e aceitem o conforto da promessa dele de que "*...aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra*" (Sl 91.11,12).

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, o apóstolo: I. Faz uma aplicação da doutrina explanada no capítulo anterior concernente à excelência da pessoa de Cristo, tanto na forma de exortação quanto de argumentação (vv. 1-4). II. Desenvolve ainda mais a preeminência de Cristo sobre os anjos (vv. 5-9). III. Prossegue e remove o escândalo da cruz (vv. 10-13). IV. Afirma a encarnação de Cristo, e o fato de Ele não ter assumido a natureza dos anjos, mas a descendência de Abraão, e aponta a razão de Ele ter feito isso (vv. 14-18).

O Perigo da Negligência

vv. 1-4

O apóstolo procede com o claro e proveitoso método da doutrina, da razão e do seu uso ao longo dessa epístola. Aqui temos a aplicação das verdades antes afirmadas e provadas; isso é introduzido por meio da partícula conclusiva *portanto*, com a qual começa esse capítulo, e que mostra a sua conexão com o anterior, em que o apóstolo, tendo provado que Cristo é superior aos anjos por cujo ministério a lei foi dada, e, portanto, que a dispensação do evangelho deve ser mais excelente do que a da lei, agora passa a aplicar essa doutrina tanto por meio de exortação quanto de argumentação.

I Por meio de exortação: "*Portanto, convém-nos atentar, com mais diligência, para as coisas que já temos ouvido*" (v. 1). Essa é a primeira forma em que devemos mostrar nossa estima por Cristo e o evangelho. Deve ser a grande preocupação de cada um sob o evangelho dar a maior atenção a todas as descobertas e orientações do evangelho, considerá-las com grande estima no seu juízo como questões da maior importância, dar-lhes ouvidos diligentemente em todas as oportunidades que tiver para esse propósito, lê-las freqüentemente, meditar nelas atentamente e combinar sua fé com elas. Temos de abraçá-las em nosso coração e nas nossas afeições, retê-las na nossa memória, e finalmente regular nossas palavras e ações de acordo com elas.

II Por meio de argumentação, ele acrescenta razões fortes para intensificar sua exortação:

1. A grande perda que teremos se não prestarmos atenção nas coisas que ouvimos: "*...para que, em tempo algum, nos desviemos delas*". Elas vão vazar, e escorrer da nossa cabeça, lábios e vida, e seremos grandes perdedores em virtude de nossa negligência. Aprenda: (1) Quando recebemos verdades do evangelho na nossa mente, estamos em perigo de deixá-las escorregar. Nossa mente e nossa memória são como um vaso com furos, elas não retêm o que nelas é derramado, a não ser que empenhemos grande cuidado; isso provém da corrupção da nossa natureza, da inimizade e da sutileza de Satanás (ele rouba a palavra), dos embaraços e armadilhas do mundo, dos espinhos que sufocam a boa semente. (2) Sofrem perda inconcebível aqueles que deixam escorrer de sua mente as verdades do evangelho que receberam; perderam um tesouro muito melhor do que muito ouro e prata; a semente se perdeu, seu tempo e disposição para ouvir se perderam, e sua esperança de uma boa colheita se perdeu; tudo está perdido quando se perde o evangelho. (3) Essa consideração deveria ser um forte motivo tanto para a nossa atenção ao evangelho quanto para a nossa retenção dele; e, de fato, se não formos bem atentos, não vamos reter por muito tempo a palavra de Deus; ouvintes desatentos logo serão ouvintes esquecidos.

2. Outro argumento é extraído do castigo terrível que sofreremos se não realizarmos essa tarefa, um castigo mais terrível do que sofreram os que negligenciaram a lei e lhe desobedeceram (vv. 2,3). Observe aqui: (1) Como a lei é descrita: Era a "*...palavra falada pelos anjos* que *permaneceu firme*". Foi a palavra falada pelos anjos porque foi dada mediante a ministração de anjos, quando eles tocaram a trombeta e talvez formularam as palavras de acordo com a orientação de Deus; e Deus, como juiz, fará uso dos anjos para tocar a trombeta uma segunda vez, e para ajuntar todos no seu tribunal, para receberem sua sentença, de acordo com o modo em que se conformaram ou não à lei. E dessa lei se diz que *permaneceu firme*; é como a promessa, sim e amém; é verdade e fidelidade, e vai permanecer e ter a sua força não importa se homens lhe obedeceram ou não; pois "*...toda transgressão e desobediência recebeu a justa retribuição*". Se os homens brincam com a lei de Deus, a lei não vai brincar com eles; ela enquadrou pecadores de épocas anteriores, e vai enquadrar pecadores de todas as épocas. Deus, como justo juiz e regente, depois de ter promulgado a lei, não permitiria que o desprezo por ela e a

transgressão dela passassem impunes; mas de tempos em tempos Ele tem acertado contas com os transgressores dela e lhes tem retribuído de acordo com a natureza e gravidade de sua desobediência. Observe: O castigo mais severo que Deus jamais infligiu aos pecadores não é nada mais do que o pecado merece: é uma *justa retribuição*; os castigos são tão justos e tão adequados ao pecado como a recompensa o é em relação à obediência, sim, até mesmo mais adequados do que a recompensa é adequada à obediência imperfeita. (2) Como o evangelho é descrito. É a salvação, uma grande salvação; é uma salvação tão grande que nenhuma outra salvação se compara a ela; tão grande que nenhuma outra pode expressar plenamente, nem mesmo conceber, quão grande ela é. É uma grande salvação que o evangelho revela, pois revela um grande Salvador, que manifestou Deus para se reconciliar com nossa natureza, e ser reconciliável com nossa pessoa; mostra como podemos ser salvos de tão grande pecado e tão grande miséria, e como podemos ser restaurados a tão grande santidade e tão grande felicidade. O evangelho nos revela um grande santificador, para nos habilitar para a salvação e para nos conduzir ao Salvador. O evangelho mostra uma grande e excelente dispensação da graça, uma nova aliança; o grande título e instrumento é estabelecido e garantido a todos os que entram para o elo da aliança. (3) Como é descrito o pecado contra o evangelho: é definido como a negligência de "*...tão grande salvação*"; é um desprezo demonstrado pela graça salvadora de Deus em Cristo, tornando-a barata, não dando importância a ela, não considerando ser digno do seu tempo se familiarizar com ela, não considerando nem o valor da graça do evangelho, nem sua própria necessidade dela e o estado perdido sem ela; não usando seus esforços para discernir a bondade dela, para aprová-la, ou aplicá-la à sua vida. Nessas coisas, descobrem uma clara negligência dessa grande salvação. Que todos tomemos cuidado para não acabarmos entre aqueles ímpios e infames pecadores que negligenciam a graça do evangelho. (4) Como a miséria de tais pecadores é descrita: é descrita como sendo inevitável (v. 3): "*...como escaparemos nós?*" Isso sugere: [1] Que os que desprezam essa salvação já estão condenados, presos e nas mãos da justiça. Assim o foram por meio do pecado de Adão; e eles fortaleceram seus vínculos por meio de sua transgressão pessoal. "*Quem não crê já está condenado*" (Jo 3.18). [2] Que não há escapatória desse estado de condenação, a não ser ao aceitar a grande salvação revelada no evangelho; quanto aos que a negligenciam, a ira de Deus está sobre eles, e permanecerá sobre eles; eles não conseguem se desembaraçar, não conseguem emergir, não conseguem sair de debaixo dela. [3] Que há uma maldição e uma condenação ainda mais graves esperando por todos os que desprezam a graça de Deus em Cristo, e que dessa maldição tão pesada eles não conseguem escapar; não podem esconder a sua pessoa naquele grande dia, nem negar o fato, nem subornar o juiz, nem quebrar a prisão. Já não há porta de misericórdia aberta para eles; já não haverá sacrifício pelo pecado; eles estão irrevogavelmente perdidos. A inevitabilidade da miséria de tais pessoas é expressa aqui por meio de uma pergunta: *Como escaparemos nós?* É um apelo à razão universal, à consciência dos próprios pecadores; é um desafio a todo o seu poder e astúcia, a todos os seus interesses e alianças, para ver se eles, ou alguém por eles, pode encontrar uma saída, ou forçar uma saída, uma forma de escapar da justiça e da ira vingativas de Deus. Isso sugere que os que negligenciam essa grande salvação vão ficar não somente sem poder, mas sem argumento ou desculpas, no dia do juízo; se lhes perguntarem o que eles têm a dizer para que a sentença não seja executada contra eles, ficarão mudos, e se condenarão pela própria consciência, em um grau maior de miséria do que sofreram os que negligenciaram a autoridade da lei, ou pecaram sem a lei.

3. Outro argumento para reforçar a exortação é extraído da dignidade e da excelência da pessoa por quem o evangelho começou a ser anunciado (v. 3): "*...a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor*", isto é, pelo Senhor Jesus Cristo, que é Jeová, o Senhor da vida e da glória, Senhor de tudo, e como tal investido de sabedoria inerrante e infalível, de bondade infinita e inexaurível, de veracidade e fidelidade inquestionáveis e imutáveis, de soberania e autoridade absolutas, de poder irresistível. Esse grande Senhor de tudo foi o primeiro que começou a anunciar essa salvação clara e abertamente, sem tipos e sombras como foi antes de Ele vir. Agora certamente se pode esperar que todos reverenciem esse Senhor, e dêem ouvidos a um evangelho que começou a ser anunciado por alguém que falou como nunca um homem havia falado.

4. Um outro argumento é extraído do caráter dos que foram testemunhas de Cristo e do evangelho (vv. 3,4): "*...foi-nos, depois, confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus com eles*". Observe: (1) A promulgação do evangelho foi continuada e confirmada por aqueles que ouviram Cristo, pelos evangelistas e apóstolos, que testemunharam com seus olhos e ouvidos do que Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar (At 1.1). Essas testemunhas não podiam ter nenhum propósito ou interesse mundano próprio para assim servir. Nada poderia induzi-los a fornecer suas evidências a não ser a glória do Redentor, e sua própria salvação e a dos outros; por meio do seu testemunho eles se expuseram a perder tudo o que lhes era precioso nesta vida, e muitos o selaram com seu sangue. (2) Deus também testificou àqueles que foram testemunhas de Cristo; testificou que eles eram autorizados e enviados por Ele para pregar Cristo e a salvação por meio dele ao mundo. E como testificou para eles? Não somente ao lhes dar grande paz em sua mente, grande paciência em todos os seus sofrimentos e uma coragem e alegria inexplicáveis (embora essas fossem testemunhas para si mesmos), mas testificou para eles também por meio de "*...sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade...*". [1] Com *sinais*, sinais da sua graciosa presença com eles, e do seu poder agindo por meio deles. [2] *Milagres*, obras muito além do poder da natureza e fora do curso da natureza, enchendo os espectadores de admiração e espanto, estimulando-os a dar atenção à doutrina pregada, e a examiná-la. [3] E *várias maravilhas*, ou obras poderosas, em que apareceu um agente todo-poderoso além de qualquer controvérsia. [4] *Dons do Espírito Santo*, qualificando, capacitando e incitando-os a fazer a obra à qual foram chamados – *distribuições do Espírito Santo, diver-*

sidade de dons (1 Co 12.4ss.). E tudo isso de acordo com *sua vontade*. Foi da vontade de Deus que tivéssemos um fundamento sólido para a nossa fé, e uma forte base para a nossa esperança ao recebermos o evangelho. Como na promulgação da lei houve sinais e maravilhas, pelos quais Deus testificou da autoridade e da excelência dela, da mesma forma Ele testificou do evangelho por milagres mais numerosos e maiores, como de uma dispensação mais excelente e duradoura.

O Propósito dos Sofrimentos de Cristo

vv. 5-9

Tendo feito essa séria aplicação da doutrina da excelência pessoal de Cristo, que é maior do que a dos anjos, o apóstolo agora retorna a esse tópico mais uma vez e o desenvolve (v. 5): "*Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos*".

I Aqui o apóstolo formula uma proposição negativa, incluindo uma positiva – que o estado da igreja do evangelho, que aqui é chamada de *mundo futuro*, não está sujeito aos anjos, mas ao cuidado e direção especiais do próprio Redentor. Nem o estado em que a igreja está no presente, nem aquele estado mais completamente restaurado ao qual vai chegar quando o príncipe deste mundo for expulso e os reinos da terra se tornarem o reino de Cristo, são deixados ao governo dos anjos; mas Jesus Cristo vai tomar para si o seu grande poder e vai reinar. Ele não faz o mesmo uso da ministração dos anjos para dar o evangelho que fez quando deu a lei, que era o estado do mundo antigo ou antiquado. Esse novo mundo é confiado a Cristo, e colocado em absoluta sujeição somente dele, com todas as questões eternas e espirituais. Cristo tem a administração da igreja do evangelho, o que ao mesmo tempo indica a honra de Cristo e a felicidade e segurança da igreja. Está certo que nem a criação originária da igreja do evangelho, nem a sua posterior edificação e administração, nem seu juízo e aperfeiçoamento finais são confiados aos anjos, mas a Cristo. Deus não colocaria tamanha confiança nos seus santos; seus anjos eram fracos demais para tal responsabilidade.

II Nós temos um relato escriturístico desse bendito Jesus a quem o mundo do evangelho é sujeitado. É extraído de Salmos 8.4-6: "*...mas, em certo lugar, testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites?*" Essas palavras devem ser consideradas tanto aplicáveis à humanidade em geral, quanto aplicadas aqui ao Senhor Jesus Cristo.

1. Aplicáveis à humanidade em geral, em cujo sentido temos uma discussão afetuosa e agradável com o grande Deus com relação à sua maravilhosa condescendência e bondade para com os filhos dos homens. (1) Ao lembrá-los, ou ter consideração por eles, quando ainda não possuíam existência alguma a não ser nos desígnios do amor divino. Os favores de Deus pelos homens nascem todos dos seus pensamentos e propósitos eternos de misericórdia por eles, assim como todas as nossas considerações respeitosas e obedientes por Ele nascem da nossa lembrança dele. Deus sempre está atento para nós; que nunca nos esqueçamos dele. (2) Ao visitá-los. O propósito dos favores de Deus pelos homens é resultado das suas visitas graciosas a eles; Ele vem para nos visitar, para ver como estamos, o que nos aflige, o que queremos, a que perigos estamos expostos, que dificuldades temos enfrentado; e pela visita dele nosso espírito é preservado. Que nos lembremos de Deus de tal forma que nos aproximemos dele diariamente com todo o respeito. (3) Ao fazer dos homens a cabeça de todas as criaturas neste mundo inferior, a pedra principal dessa construção, a principal forma de atuação de Deus na terra, e somente um pouco menor do que os anjos em posição, com respeito ao corpo, e para serem feitos como os anjos, iguais aos anjos, na ressurreição dos justos (Lc 20.36). (4) Ao coroá-los de glória e honra, a honra de possuir habilidades e poderes nobres da alma, excelentes órgãos e partes do corpo, pelos quais eles estão conectados com os dois mundos, são capazes de servir aos interesses dos dois mundos, e de desfrutar da felicidade de ambos. (5) Ao lhes dar o direito e o domínio sobre as criaturas inferiores, que continuaram durante o tempo em que eles continuaram com sua lealdade e obediência a Deus.

2. Aplicado ao Senhor Jesus Cristo; e o que é dito aqui na sua totalidade pode ser aplicado somente a Ele (vv. 8,9). E aqui você pode observar: (1) Qual é a força motriz de toda a bondade que Deus mostra aos homens ao dar Cristo por eles e para eles; e essa é a graça de Deus. Pois *que é o homem?* (2) Quais são os frutos dessa graça gratuita de Deus com respeito aos dons de Cristo por nós e para nós, como está relatado no testemunho das Escrituras. [1] Que Deus estava atento em Cristo por nós na aliança da redenção. [2] Que Deus visitou Cristo por nossa causa; e foi acordado entre Eles que na plenitude dos tempos Cristo viria ao mundo, como o grande arquétipo do sacrifício. [3] Que Deus o fez um pouco menor do que os anjos, no fato de ser feito homem, para que pudesse sofrer e se humilhar até a morte. [4] Que Deus coroou a natureza humana de Cristo com glória e honra, no fato de Ele ser perfeitamente santo, e por ter o Espírito sem medida, e por ter uma união inefável com a natureza divina na segunda pessoa da Trindade, sendo que a plenitude da divindade habitava nele corporalmente; que por seus sofrimentos Ele fizesse expiação, experimentando a morte no lugar de todo o homem, percebendo com os sentidos e sofrendo as agonias amargas daquela morte vergonhosa, dolorosa e amaldiçoada na cruz, assim colocando toda a humanidade num novo estado de julgamento. [5] Que, como recompensa por sua humilhação ao sofrer a morte, Ele foi coroado de glória e honra, alçado à mais alta dignidade no céu, e tendo domínio absoluto sobre todas as coisas, assim cumprindo aquela antiga Escritura em Cristo, que nunca foi tão cumprida ou realizada em nenhum mero homem que jamais pisou a terra.

O Propósito dos Sofrimentos de Cristo

vv. 10-13

Tendo mencionado a morte de Cristo, o apóstolo aqui prossegue para remover o escândalo da cruz; e isso

ele faz ao mostrar tanto como aprouve a Deus que Cristo deveria sofrer quanto como o homem se beneficiaria desses sofrimentos.

I Como aprouve a Deus que Cristo deveria sofrer: "*Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse, pelas aflições, o Príncipe da salvação deles*" (v. 10). Aqui:

1. Deus é descrito como o propósito final e a primeira causa de todas as coisas, e como tal lhe convinha garantir a sua própria glória em tudo que fazia, não somente para agir para que em nada desonrasse a si mesmo, mas para que de todas as coisas obtivesse uma fonte de glória.

2. O texto declara que Ele agiu à altura do seu glorioso caráter na obra da redenção, com relação tanto à escolha do fim quanto à do meio.

(1) Na escolha do fim; e esse era de trazer "...*muitos filhos à glória*" para que desfrutassem dos gloriosos privilégios do evangelho, e à futura glória no céu, que será glória de fato, um peso eterno excelente de glória. Observe aqui: [1] Precisamos ser os filhos de Deus tanto por adoção quanto por regeneração, se quisermos ser levados à glória do céu. O céu é a herança; e somente os que são filhos são herdeiros dessa herança. [2] Todos os verdadeiros crentes são filhos de Deus: "*Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome*" (Jo 1.12). [3] Embora os filhos de Deus sejam apenas poucos em um determinado lugar e tempo, contudo quando todos forem reunidos vai ficar evidente que eles são muitos. Cristo é o primogênito entre muitos irmãos. [4] Todos os filhos de Deus, por grande que seja o seu número ou por mais que estejam espalhados e divididos, no final serão todos reunidos para a glória.

(2) Na escolha do meio. [1] Ao descobrir essa pessoa que seria o capitão da nossa salvação; os que são salvos precisam vir a tal salvação sob a condução de um capitão e líder capacitado para esse propósito. E todos precisam estar alistados sob a bandeira desse capitão; precisam suportar provações como bons soldados de Cristo; precisam seguir o seu capitão, e os que fizerem isso serão conduzidos com segurança e herdarão grande glória e honra. [2] Ao tornar esse capitão da nossa salvação perfeito por meio de sofrimentos. Deus Pai fez do Senhor Jesus Cristo o capitão da nossa salvação (isto é, Ele o consagrou e o designou para essa missão, deu-lhe uma comissão para isso), e Ele o fez um capitão perfeito: Ele tinha perfeição de sabedoria, de coragem e de força, por meio do Espírito do Senhor, que Ele possuía sem medida; Ele foi aperfeiçoado por meio de sofrimentos; isto é, Ele aperfeiçoou a obra da nossa redenção ao derramar o seu sangue, e foi assim capacitado perfeitamente a ser o Mediador entre Deus e o homem. Ele encontrou esse caminho para a coroa por meio da cruz, e assim o seu povo precisa fazer. O excelente Dr. Owen observa que o Senhor Jesus Cristo, sendo consagrado e aperfeiçoado por meio dos sofrimentos, consagrou o caminho do sofrimento para que todos os seus seguidores passem por ele para a glória; e assim os sofrimentos deles são tornados necessários e inescapáveis, pois assim são tornados honráveis, úteis e proveitosos.

II Ele mostra o quanto eles seriam beneficiados pela cruz e os sofrimentos de Cristo; assim como não havia nada inapropriado a Deus e a Cristo, assim havia o que seria muito benéfico para os homens, nesses sofrimentos. Dessa forma, eles são conduzidos a uma união próxima com Cristo, e a uma relação muito terna.

1. A uma união próxima (v. 11): "*Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um*". Observe: Cristo é o que santifica; Ele comprou e enviou o Espírito santificador; Ele é o cabeça de todas as influências santificadoras. O Espírito santifica como o Espírito de Cristo. Os verdadeiros crentes são os que são santificados, capacitados com os sagrados princípios e poderes, separados de usos desprezíveis e vis para usos e propósitos elevados e sagrados; pois assim precisam ser antes de serem conduzidos à glória. Agora Cristo, que é o agente nessa obra de santificação, e os cristãos, que são os súditos receptores, são todos um. Como? Ora: (1) Eles são todos de um Pai celestial, e este é Deus. Deus é o Pai de Cristo por geração eterna e por concepção milagrosa, e dos cristãos por adoção e regeneração. (2) Eles vêm de um mesmo pai terreno, Adão. Cristo e os crentes têm a mesma natureza humana. (3) De um espírito, de uma sagrada e celestial disposição; a mesma mente que estava em Cristo está neles, embora não na mesma medida; o mesmo Espírito informa e estimula a cabeça e todos os membros.

2. A uma relação terna. Isso resulta da união. E aqui ele primeiro declara o que é essa relação, e então cita três textos do Antigo Testamento para ilustrar e prová-la.

(1) Ele declara o que é essa união: Visto que Ele e os crentes *são todos de um*, Ele então não "...*se envergonha de lhes chamar irmãos*". Observe: [1] Cristo e os crentes são irmãos; não somente carne da sua carne e osso dos seus ossos, mas espírito de seus irmãos de espírito por todo o sangue, no que concerne ao que é celestial como também terreno. [2] Cristo não se envergonha de reconhecer essa relação; Ele não se envergonha de chamá-los irmãos, o que é maravilhosa bondade e condescendência da parte dele, considerando a mesquinhez deles por natureza e a vileza deles em virtude do pecado; mas Ele nunca se envergonhará de ninguém que não se envergonha dele, e que se preocupa em não ser motivo de vergonha e repreensão para Ele e para si mesmo.

(2) Ele ilustra isso com base em três textos das Escrituras:

[1] O primeiro é de Salmos 22.22: "*Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação*". Esse salmo era uma importante profecia de Cristo; começa com as palavras dele na cruz: "*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*" Agora aqui se prediz, em primeiro lugar, que Cristo teria uma *congregação* no mundo, um grupo de voluntários, dispostos a segui-lo de livre vontade. Em segundo lugar, que esses não seriam somente irmãos uns dos outros, mas do próprio Cristo. Em terceiro lugar, que Ele declararia o nome do seu Pai a eles, isto é, sua natureza e atributos, sua mente e vontade. Ele fez isso na sua própria pessoa, enquanto habitou entre eles, e por seu Espírito derramado sobre seus discípulos, capacitando-os a difundir o conhecimento de Deus no mundo de uma geração a outra, até o

fim do mundo. Em quarto lugar, que Cristo cantaria louvores ao seu Pai na igreja. O que Cristo tinha em vista era a glória do Pai; o seu coração estava fixado nisso, Ele se entregou para isso, e Ele queria que o seu povo se unisse a Ele nesse intento.

[2] A segunda Escritura é citada de Salmos 18.2: "*E outra vez: Porei nele a minha confiança*". Esse salmo esboça os problemas que Davi enfrentou como um tipo de Cristo, e como ele em todas as suas dificuldades depositou a sua confiança em Deus. Agora, isso mostra que além da sua natureza divina, que não precisa de apoio algum, Ele deveria tomar sobre si ainda uma outra natureza, que necessitaria desse apoio que somente Deus poderia dar. Ele sofreu e confiou como nosso cabeça e líder. *Owen, in locum.* Assim os seus irmãos precisam sofrer e confiar também.

[3] A terceira Escritura é citada de Isaías 8.18: "*Eis-me aqui a mim e aos filhos que Deus me deu*". Isso prova que Cristo era real e verdadeiramente homem, pois pais e filhos são da mesma natureza. Os filhos de Cristo lhe foram dados por parte do Pai, nos desígnios do seu amor eterno, e aquela aliança de paz que havia entre eles. E eles são dados a Cristo no ato da sua conversão. Quando se apegam a essa aliança, então Cristo os recebe, governa sobre eles, alegra-se neles, melhora todas as suas questões, leva-os ao céu e ali os apresenta ao Pai: "*Eis-me aqui a mim e aos filhos que me deste*".

A Encarnação de Cristo
vv. 14-18

Aqui o apóstolo afirma a encarnação de Cristo, e o fato de Ele não ter assumido a natureza dos anjos, mas a descendência de Abraão; e ele mostra a razão e o propósito de Ele ter feito isso.

I A encarnação de Cristo é afirmada (v. 16): "*Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão*". Ele tomou parte de carne e sangue. Embora como Deus Ele preexistiu desde a eternidade, contudo na plenitude dos tempos Ele assumiu a nossa natureza em união com sua natureza divina, e se tornou real e verdadeiramente homem. Ele *não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.* Os anjos caíram, e Ele deixou que fossem, e ficassem no desserto, na profanação e sob o domínio do seu pecado, sem esperança ou ajuda. Cristo nunca teve o propósito de ser o Salvador dos anjos caídos; assim como a árvore deles caiu, assim precisa ficar, e ficar para a eternidade, e por isso Ele não assumiu a natureza deles. A natureza dos anjos não poderia ser um sacrifício expiatório pelo pecado do homem. Agora Cristo, determinado a restaurar os descendentes de Abraão e a levantá-los do seu estado caído, assumiu sobre si a natureza humana de um descendente de Abraão, para que a mesma natureza que havia pecado sofresse, para assim restaurar a natureza humana a um estado de esperança e julgamento, e depois de toda a misericórdia aceita, a um estado de favor especial e salvação. Agora há esperança e ajuda para o principal dos pecadores em Cristo e por meio dele. Aqui está um preço pago que é suficiente para todos, e adequado para todos, pois foi em nossa natureza. Que todos então saibamos o dia da nossa visitação da graça, e aproveitemos essa distinta misericórdia que foi demonstrada aos homens caídos, não aos anjos caídos.

II As razões e os propósitos da encarnação de Cristo são afirmados.

1. "*E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas*" (vv. 14,15). Pois nenhuma natureza maior nem menor do que a do homem que havia pecado poderia sofrer assim pelo pecado do homem para satisfazer a justiça de Deus, e elevar o homem a um estado de esperança, e fazer dos que crêem filhos de Deus, e assim irmãos de Cristo.

2. Ele se tornou homem para que pudesse morrer; como Deus, não podia morrer, e por isso Ele assumiu uma outra natureza e condição. Aqui se tornou evidente o maravilhoso amor de Deus, no fato de que, mesmo Cristo sabendo o que Ele teria de sofrer em nossa natureza, e como deveria morrer, ainda assim tão prontamente assumiu essa morte sobre si. Os sacrifícios e ofertas da lei Deus não podia aceitar como propiciação. Um corpo foi preparado para Cristo, e Ele disse: "*Eis aqui venho;* [...] *Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus*" (Sl 40.7,8).

3. "*...para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo*" (v. 14). O diabo foi o primeiro pecador, e o primeiro tentador para o pecado, e o pecado foi a causa que gerou a morte; e pode-se dizer dele que ele tem o poder da morte, no fato de que seduz os homens para o pecado, cujos caminhos são morte, no fato de que tem permissão para aterrorizar a consciência dos homens com o medo da morte, e no fato de que ele é o executor da justiça divina, arrastando a alma deles do seu corpo para o tribunal de Deus, para lá receberem sua condenação, e depois sendo seu atormentador, assim como antes era o seu tentador. Nesses aspectos se pode dizer dele que tem o poder da morte. Mas agora Cristo destruiu a tal ponto aquele que tinha o poder da morte que ele não pode manter ninguém sob o poder da morte espiritual; nem pode arrastar ninguém para o pecado (a causa geradora da morte), nem exigir a alma do corpo de ninguém, nem executar a sentença contra ninguém a não ser contra os que escolhem e continuam sendo seus escravos voluntários, e persistem na sua inimizade contra Deus.

4. Para que Ele possa libertar o seu próprio povo do escravizante medo da morte ao qual com freqüência estão sujeitos. Isso pode ser uma referência aos santos do Antigo Testamento, que estavam mais sob um espírito de servidão porque a vida e a imortalidade não tinham sido trazidas à luz tão claramente como agora pelo evangelho. Ou pode ser uma referência a todo o povo de Deus, não importa se no Antigo ou no Novo Testamento, cuja mente com freqüência está perplexa sob os medos da morte e da eternidade. Cristo se tornou homem, e morreu, para libertá-los dessas perplexidades da alma, ao lhes revelar que a morte não é somente um inimigo vencido, mas um amigo reconciliado, não enviado para machucar a alma, ou separá-la do amor de Deus, mas para pôr um fim em todas as suas aflições e queixas e lhe dar uma passagem para a vida eterna e a bênção eterna. Assim que para os

que crêem a morte não está agora nas mãos de Satanás, mas nas mãos de Cristo, não é serva de Satanás, mas serva de Cristo – agora não é o inferno que a segue, mas o céu para todos os que estão em Cristo.

5. Cristo precisa se tornar como os seus irmãos, para que seja um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas pertinentes à justiça e honra de Deus, e ao apoio e conforto do seu povo. Ele precisa ser fiel a Deus e misericordioso para com os homens. (1) Nas coisas pertinentes a Deus, à sua justiça e sua honra – para fazer reconciliação pelos pecados do povo, fazer com que todos os atributos divinos e todas as pessoas que subsistem por meio deles se harmonizem na restauração do homem, e assim reconciliar completamente Deus e o homem. Observe: Havia um grande abismo e uma grande disputa entre Deus e o homem, em virtude do pecado. Mas Cristo, ao se tornar homem e morrer, assumiu a disputa e fez reconciliação de tal forma que Deus está pronto a receber como amigos todos os que vierem a Ele por meio de Cristo. (2) Nas coisas pertinentes ao seu povo, para o apoio e conforto deles: "*Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados*" (v. 18). Observe aqui: [1] A paixão de Cristo: *Ele padeceu, sendo tentado*; e suas tentações não foram a parte menor dos seus sofrimentos. Ele *em tudo foi tentado, mas sem pecado* (cap. 4.15). [2] A compaixão de Cristo: *Pode socorrer aos que são tentados*. Ele é tocado com um sentimento pelas nossas enfermidades, um médico que tem empatia, é afável e habilidoso; Ele sabe como lidar com almas tentadas e pesarosas, pois Ele mesmo esteve doente da mesma enfermidade, não do pecado, mas da tentação e dos problemas da alma. A lembrança das suas próprias aflições e tentações o faz levar em consideração as provações do seu povo, e pronto para ajudar. Observe aqui que, em primeiro lugar, os melhores cristãos estão sujeitos a tentações, a muitas tentações, enquanto estão neste mundo; que nunca nos imaginemos completamente livres das tentações neste mundo. Em segundo lugar, as tentações levam a nossa alma a tal aflição e perigo que ela precisa de socorro e apoio. Em terceiro lugar, Cristo está pronto e disposto a socorrer os que em suas tentações recorrerem a Ele; e Ele se tornou homem, e foi tentado, para que estivesse de todas as formas qualificado a socorrer o seu povo.

CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, o apóstolo aplica o que disse no capítulo anterior com respeito ao sacerdócio de Cristo. I. Com uma séria e enternecedora exortação para que esse grande sumo sacerdote, que foi revelado a eles, possa ser seriamente considerado por eles (vv. 1-6). II. Ele então acrescenta muitos e sérios conselhos e precauções (vv. 7-19).

A Atenção Devida a Cristo

vv. 1-6

Nesses versículos, temos a aplicação da doutrina esboçada no final do último capítulo com respeito ao sacerdócio de nosso Senhor Jesus Cristo. E observe:

I A maneira ardente e afável com que o apóstolo exorta os cristãos a terem em alta conta esse sumo sacerdote, e fazerem dele o objeto de seu profundo e sério exame. E certamente ninguém na terra nem no céu merece mais a nossa consideração do que Ele. Para que essa exortação se torne mais eficiente, observe:

1. A saudação honrosa usada para com aqueles a quem ele escreve: "*Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial*". (1) *Irmãos*, não somente meus irmãos, mas os irmãos de Cristo, e nele irmãos de todos os santos. Todos no povo de Deus são irmãos, e deveriam se amar e viver como irmãos. (2) *Irmãos santos*; santos não só de confissão e título, mas em princípio e prática, de coração e vida. Alguns transformaram isso em motivo de zombaria: "Esses", assim dizem eles, "são os santos irmãos"; mas é perigoso fazer gracejos com ferramentas tão afiadas; "*...não mais escarneçais, para que vossas ligaduras se não façam mais fortes*" (Is 28.22). Deixem que os que são assim desprezados e zombados se esforcem em ser de fato irmãos santos, e se mostrem aprovados diante de Deus; e eles não precisam se envergonhar do título nem ter medo dos escárnios dos profanos. Está chegando o dia em que os que fazem disso motivo de vergonha o considerariam sua grande honra e felicidade se pudessem ser recebidos nessa santa irmandade. (3) *Participantes da vocação celestial* – participantes dos meios da graça, e do Espírito da graça, que veio do céu, e por meio do qual os cristãos são de forma eficaz chamados das trevas para a maravilhosa luz, esse chamado que traz o céu à alma dos homens, elevando-os a uma disposição e a conversas celestiais, e os prepara para viverem para sempre com Deus no céu.

2. Os títulos que ele dá a Cristo, a quem ele quer que eles considerem: (1) Como o apóstolo da nossa confissão, o primeiro-ministro da igreja do evangelho, um mensageiro e o principal mensageiro enviado por Deus aos homens, com a mais importante missão, o grande revelador daquela fé em que professamos crer e da esperança que professamos ter. (2) Não somente como o apóstolo, mas também como o sumo sacerdote da nossa profissão de fé, o principal ministrante do Antigo Testamento, como também do Novo, o cabeça da igreja em qualquer estado, e em cada dispensação, de cuja satisfação e intercessão confessamos depender para o perdão dos pecados e a aceitação por parte de Deus. (3) Como o Cristo, o Messias, o ungido e em todas as formas qualificado para a missão tanto de apóstolo quanto de sumo sacerdote. (4) Como Jesus, nosso Salvador, o que nos cura, o grande médico da nossa alma, tipificado na serpente de bronze que Moisés levantou no deserto, para que os que haviam sido picados pelas serpentes de fogo pudessem olhar para Ele e ser salvos.

II Temos a tarefa que devemos a Ele, que carrega todos esses elevados e honráveis títulos, de considerá-lo como Ele é aqui descrito e caracterizado. Considere o que Ele é em si mesmo, o que Ele é para nós e o que Ele vai ser para nós depois desta vida e para sempre; considere-o, fixe os seus olhos nele com grande atenção, e aja de forma adequada com relação a Ele; olhe para Jesus, o autor e consumador da nossa fé. Observe aqui: 1. Muitos que professam a fé em Cristo

não têm a devida consideração por Ele. Ele não recebe tanto apreço quanto merece, nem quanto deseja, por parte daqueles que esperam a salvação dele. 2. Profunda e séria consideração de Cristo seria de grande vantagem para nós para aumentar nossa familiaridade com Ele, e para pôr em prática o nosso amor por Ele, e nossa obediência a Ele, e nossa confiança nele. 3. Até os que são santos irmãos e participantes desse chamado celestial têm necessidade de incentivar uns aos outros a pensarem mais de Cristo do que fazem, a ocupar sua mente mais com Ele; os melhores do seu povo pensam muito pouco nele, e sem o devido valor. 4. Precisamos considerar a Cristo como Ele é descrito para nós nas Escrituras, e formar nossa compreensão a partir delas, não das nossas próprias vãs concepções e fantasias.

III Temos aqui diversos argumentos arrolados para reforçar essa tarefa de considerar a Cristo o apóstolo e sumo sacerdote da nossa profissão de fé.

1. O primeiro é extraído da sua fidelidade (v. 2). Ele foi fiel àquele que o constituiu, assim como Moisés foi em toda a sua casa. (1) Cristo é um Mediador apontado; Deus o Pai o enviou e selou para essa missão, e, portanto, a sua mediação é aceitável ao Pai. (2) Ele é fiel a essa designação, observando prontamente todas as regras e ordens da sua mediação, e executando perfeitamente a confiança depositada nele pelo seu Pai e pelo seu povo. (3) Que Ele é tão fiel ao que o designou assim como foi Moisés em toda a sua casa. Moisés foi fiel no cumprimento da sua missão à igreja judaica no Antigo Testamento, e assim é Cristo no Novo; esse foi um argumento adequado para usar com os judeus, que possuíam um conceito tão elevado da fidelidade de Moisés, e, contudo, sua fidelidade era apenas um tipo da fidelidade de Cristo.

2. Outro argumento é extraído da glória e da excelência de Cristo, que eram superiores às de Moisés (vv. 3-6); por isso eram eles ainda mais obrigados a considerar a Cristo. (1) Cristo era o edificador da casa, Moisés, apenas um membro dela. Por "casa" devemos entender a igreja de Deus, o povo de Deus incorporado sob o senhorio de Cristo, seu Criador e cabeça, e sob ministros subordinados, de acordo com a sua lei, observando as instituições. Cristo é o edificador dessa casa da igreja em todos os tempos. Moisés era um ministro na casa, era instrumento sob Cristo ao governar e edificar a casa, mas Cristo é o Criador de todas as coisas; pois Ele é Deus, e ninguém menos do que Deus poderia edificar a igreja, nem colocar o fundamento, nem levantar a construção acima da terra. Não foi necessário nenhum poder menor para edificar a igreja do que o necessário para criar o mundo; o mundo foi feito do nada, a igreja foi feita de materiais completamente inadequados para tal edificação. Cristo, que é Deus, projetou a planta da igreja, proveu os materiais, e por força superior os dispôs para receber a forma; Ele ligou firmemente e uniu essa sua casa, estabeleceu a ordem nela e coroou tudo com sua própria presença, que é a verdadeira glória dessa casa de Deus. (2) Cristo era o senhor dessa casa, como também o seu edificador (vv. 5,6). Essa casa é chamada casa dele, como Filho de Deus. Moisés era somente um servo fiel, como testemunha das coisas que seriam reveladas posteriormente. Cristo, como o eterno Filho de Deus, é o proprietário legal e o governante soberano da igreja. Moisés era apenas um tipo de governante, como testemunha de todas as coisas relacionadas à igreja que seriam mais claramente, mais completamente e mais satisfatoriamente reveladas no evangelho pelo Espírito de Cristo; e por isso Cristo é digno de mais glória do que Moisés, como também de maior atenção e consideração. O apóstolo conclui esse argumento: [1] Com uma adaptação satisfatória dele a si mesmo e a todos os verdadeiros crentes (v. 6). "...*a qual casa somos nós*": cada um de nós pessoalmente, à medida que somos o templo do Espírito Santo, e Cristo habita em nós pela fé; todos nós juntos, à medida que somos unidos pelos laços da graça, das verdades, das ordenanças, da disciplina do evangelho e das devoções. [2] Com uma descrição característica das pessoas que constituem essa casa: "...*se tão-somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim*; isto é, se mantivermos uma profissão ousada e franca das verdades do evangelho, sobre as quais estão edificadas nossas esperanças de graça e glória, e vivermos sob elas e de acordo com elas, de modo que tenhamos uma santa alegria nelas, que permanecerão até o final, não importa o que enfrentarmos ao fazê-lo". Assim você vê que não é necessário somente que haja um bom começo nos caminhos de Cristo, mas uma perseverança e constância neles até o fim. Temos aqui as orientações que devem seguir os que são participantes da dignidade e dos privilégios da casa de Cristo. Em primeiro lugar, eles precisam receber as verdades do evangelho na sua cabeça e coração. Em segundo lugar, precisam edificar suas esperanças de felicidade sobre essas verdades. Em terceiro lugar, precisam fazer uma profissão franca dessas verdades. Em quarto lugar, precisam viver de acordo com elas de tal forma que as mantenham claramente em evidência, para que se alegrem em esperança, e então precisam perseverar até o fim. Em uma palavra, eles precisam caminhar íntima, coerente, corajosa e constantemente na fé e na prática do evangelho, para que o seu Senhor, quando vier, os reconheça e aprove.

Advertências contra a Apostasia

vv. 7-19

Aqui o apóstolo prossegue em exortá-los com sérios conselhos e precauções até o fim do capítulo; e ele cita o texto de Salmos 95.7ss., em que observamos:

I O que o autor os aconselha a fazer – a darem pronta e imediata atenção ao chamado de Cristo: "Ouçam a sua voz, consintam com ela, aprovem-na e considerem o que Deus em Cristo fala a vocês; apliquem isso a si mesmos com afeições e esforços adequados, e disponham-se a pôr em prática hoje mesmo pois amanhã pode ser muito tarde".

II A advertência que ele faz a eles – de não endurecerem o seu coração, tornando surdos os ouvidos ao chamado e conselhos de Cristo: "Quando Ele lhes falar da maldade do pecado, da excelência da santidade, da necessidade de recebê-lo pela fé como seu Salvador, não fechem os seus ouvidos e coração a essa voz". Observe: O endurecimento do coração é a fonte de todos os outros pecados.

III Que exemplo ele usa para adverti-los – o dos israelitas, pais deles, no deserto: "...*como na provocação, no dia da tentação*"; trata-se de uma referência àquela passagem marcante em Meribá (Êx 17.2-7). Observe:

1. Dias de tentação são muitas vezes dias de provocação.

2. Provocar a Deus, quando Ele está nos provando, e nos deixando ver que dependemos e vivemos totalmente sob Ele, é uma provocação com testemunha.

3. Os pecados de outros, especialmente nossos parentes, devem ser uma advertência para nós. Devemos lembrar do castigo dos pecados de nossos pais, para que isso nos afaste de seguir o mau exemplo deles. Agora, com relação aos pecados dos judeus considerados aqui, observe:

(1) O estado em que se encontravam esses pais, quando pecaram dessa forma: estavam no deserto, haviam saído do Egito, mas não tinham atingido Canaã, e a idéia de chegar lá os deveria ter desviado do pecado.

(2) O pecado de que eram culpados: eles tentaram e provocaram a Deus; eles não confiaram em Deus, murmuraram contra Moisés, e não deram atenção à voz de Deus.

(3) O agravamento do seu pecado: eles pecaram no deserto, onde viviam em dependência mais imediata de Deus; eles pecaram quando Deus os estava provando; eles pecaram quando viram as obras dele – obras maravilhosas operadas para a libertação deles do Egito, e obras de apoio e provisão deles no deserto dia após dia. Eles continuaram a pecar assim contra Deus durante quarenta anos. Isso foi um agravamento abominável.

(4) A fonte desses pecados agravados, que era: [1] Eles pecaram no seu coração; e esses pecados no coração produziram muitos outros pecados nos seus lábios e vida. [2] Eles não conheciam os caminhos de Deus, embora Ele tivesse caminhado diante deles. Eles não conheciam os caminhos dele; nem aqueles caminhos da providência em que Ele tinha andado em direção a eles, nem os caminhos dos preceitos dele em que eles deveriam ter andado em direção a Deus; eles não observavam nem as providências dele nem suas ordenanças de maneira correta.

(5) O justo e grande ressentimento que Deus tinha dos pecados deles, e mesmo assim a grande paciência que Ele exerceu para com eles (v. 10): "*Por isso, me indignei contra esta geração*". Observe: [1] Todo pecado, especialmente o pecado cometido pelo povo privilegiado de Deus que confessa o seu nome, não somente afronta a Deus e o deixa irado, mas o entristece. [2] Deus reluta em destruir o seu povo no seu pecado ou por causa dele. Ele espera muito tempo para mostrar a sua graça a eles. [3] Deus mantém uma conta exata do tempo em que o povo continua pecando contra Ele, e em entristecê-lo com seus pecados; mas no fim das contas, se por seu pecado continuam a entristecer o Espírito Santo, os seus pecados se tornarão pesados para os seus próprios espíritos, ou em forma de castigo ou de misericórdia.

(6) A condenação irreversível sentenciada finalmente contra eles por causa dos seus pecados. Deus jurou na sua ira que eles não entrariam no seu descanso, seja o descanso de uma Canaã terrena, seja o de uma Canaã celestial. Observe: [1] O pecado no qual se persiste suscita a ira divina, e a faz queimar contra os pecadores. [2] A ira de Deus vai se revelar na sua justa resolução de destruir os impenitentes; Ele vai jurar na sua ira, não de forma impulsiva, mas justa, e sua ira vai tornar a condição deles uma condição agitada; não há descanso sob a ira de Deus.

IV O uso que o apóstolo faz do terrível exemplo deles (vv. 12,13ss.). Ele dá aos hebreus uma advertência apropriada, e a reforça com uma saudação carinhosa.

1. Ele dá aos hebreus uma advertência apropriada: *Vede, blepete – olhai para isto.* "Olhem em volta de vocês, estejam vigilantes contra os inimigos tanto em vocês quanto em volta de vocês; sejam cautelosos. Vocês viram o que manteve muitos dos seus antepassados fora de Canaã, e fez os corpos deles caírem no deserto; cuidado para não caírem no mesmo pecado e armadilha e terrível sentença. Pois vocês vêem que Cristo é o cabeça da igreja, uma pessoa muito maior do que Moisés, e seu desprezo por Ele é um pecado maior do que o desprezo deles por Moisés; e assim vocês estão em perigo de serem castigados com uma sentença muito pior do que eles". Observe: A ruína de outros deveria ser uma advertência para nós. A queda de Israel deveria ser para sempre uma advertência para todos os que vêm após eles. "*Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras*" (1 Co 10.11), e deveria ser lembrado por nós. Cuidado: todos os que querem chegar ao céu com segurança devem olhar à sua volta.

2. Ele reforça a admoestação com uma saudação amável: "*Irmãos*, não somente de sangue, mas no Senhor, irmãos a quem eu amo, e por cujo bem-estar eu trabalho e anseio". E aqui ele desenvolve o conteúdo da admoestação: "*Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo*". Observe aqui: (1) Um coração incrédulo é um coração mau. A incredulidade é um grande pecado, corrompe o coração do homem. (2) Um coração mau de incredulidade está na base de todos os nossos desvios pecaminosos de Deus; é um passo que conduz à apostasia; se alguma vez nos entregarmos à desconfiança de Deus, pode não demorar para que o abandonemos. (3) Os irmãos cristãos têm necessidade de serem advertidos contra a apostasia. "*Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia*" (1 Co 10.12).

3. Ele acrescenta bons conselhos à precaução, e lhes dá orientações acerca do que seria um bom remédio contra esse coração mau de incredulidade: "*Antes, exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje*" (v. 13). Observe: (1) Devemos fazer todo o bem que pudermos uns aos outros enquanto estamos juntos, pois será somente um tempo breve e incerto. (2) Visto que o amanhã não nos pertence, devemos fazer o melhor uso do hoje. (3) Se os cristãos não se exortarem uns aos outros diariamente, estarão em perigo de serem endurecidos por meio do engano do pecado. Observe: [1] Há uma grande dose de capacidade de engano no pecado; parece correto, mas é imundo; parece agradável, mas é pernicioso; promete muito, mas não realiza nada. [2] A capacidade de engano do pecado é de nature-

za endurecedora para a alma; um pecado que é permitido prepara para o pecado seguinte; todo ato de pecado confirma o hábito; pecar contra a consciência é a forma de cauterizar a consciência; e por isso deve ser a grande preocupação de cada um exortar-se a si mesmo e aos outros a que sejam vigilantes com o pecado.

4. Ele conforta os que não somente começaram bem, mas que continuam bem, e continuam até o final (v. 14): "*Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim*". Observe aqui: (1) O privilégio dos santos: eles se tornam participantes de Cristo, isto é, do Espírito, da natureza, das virtudes, da justiça e da vida de Cristo; eles estão interessados em tudo que é de Cristo, em tudo que Ele é, em tudo que Ele fez ou pode fazer. (2) A condição em que mantêm esse privilégio, isto é, sua perseverança na franca e ousada profissão e prática de Cristo e do cristianismo até o fim. Eles não só devem perseverar ao serem mantidos pelo poder de Deus por meio da fé para a salvação, mas também o fato de serem estimulados a isso é um meio que Cristo usa para ajudar seu povo a perseverar. Isso tende a deixá-los vigilantes e diligentes, e assim os guarda da apostasia. Observe aqui: [1] O mesmo espírito com que os cristãos começam nos caminhos de Deus, eles devem manter e evidenciar até o final. Os que começam seriamente, e com viva paixão e santa resolução e humilde confiança, devem continuar com o mesmo espírito. Mas: [2] Há um grande número de pessoas que no começo da sua profissão mostram grande coragem e confiança, mas não as mantêm até o fim. [3] A perseverança na fé é a melhor evidência da sinceridade da nossa fé.

5. O apóstolo retoma o que havia citado antes de Salmos 95.7ss., e aplica-o estreitamente aos daquela geração (vv. 15,16ss.). "*Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes...*"; é como se ele quisesse dizer: "O que foi citado anteriormente daquela Escritura pertence não somente a épocas anteriores, mas a vocês hoje, e a todos que virão depois de vocês; para que vocês cuidem e não caiam nos mesmos pecados, e assim não caiam debaixo da mesma condenação". O apóstolo conta a eles que embora alguns que ouviram a voz de Deus o tenham provocado, contudo nem todos o fizeram. Observe: (1) Embora a maioria dos ouvintes tivesse provocado a Deus com sua incredulidade, mesmo assim houve alguns que creram no relato. (2) Embora o ouvir da palavra seja o meio comum de salvação, no entanto, se não for levada em séria consideração, vai expor os homens ainda mais à ira de Deus. (3) Deus terá um remanescente que será fiel à sua voz, e Ele vai cuidar desses e fazer menção honrosa deles. (4) Se esses caírem em uma calamidade comum, mesmo assim participarão da salvação eterna, enquanto ouvintes desobedientes perecerão para sempre.

6. O apóstolo faz algumas perguntas acerca do que foi mencionado anteriormente, e dá as respostas adequadas a elas (vv. 17-19): "*Mas com quem se indignou por quarenta anos?* [...] *E a quem jurou?*" Disso observe: (1) Deus fica indignado somente com aqueles do seu povo que pecam contra Ele e permanecem no pecado. (2) Deus fica indignado e se sente provocado mais pelos pecados cometidos publicamente pela nação como um todo; quando o pecado se torna epidêmico, é quando provoca mais. (3) Embora Deus fique muito tempo indignado e entristecido, e tolere muito tempo, quando pressionado com o peso da maldade generalizada e duradoura, contudo Ele vai no final repreender as ofensas públicas por meio de castigos públicos. (4) A incredulidade (com rebeldia, que é a conseqüência dela) é o grande pecado condenatório do mundo, especialmente daqueles que têm a revelação da vontade e da mente de Deus. Esse pecado tranca o coração de Deus, e tranca a porta do céu, para eles; coloca-os debaixo da ira e da maldição de Deus, e os deixa aí; assim que para ser justo e verdadeiro consigo mesmo, Ele é obrigado a lançá-los fora para sempre.

CAPÍTULO 4

O apóstolo, tendo estabelecido no capítulo anterior o pecado e o castigo dos antigos judeus, prossegue neste capítulo declarando: I. Os nossos privilégios através de Cristo sob o evangelho excedem os privilégios da igreja judaica sob Moisés, e isso é razão para que nos empenhemos no correto desenvolvimento deles (vv. 1-4). II. A causa por que os antigos hebreus não se beneficiaram dos seus privilégios religiosos (v. 2). III. Os privilégios daqueles que crêem, e a miséria dos que continuam na incredulidade (vv. 3-10). IV. Os argumentos adequados e convincentes e com bons motivos para a fé e obediência (vv. 11-16).

Os Privilégios do Evangelho. Advertências contra a Apostasia

vv. 1-10

Aqui:

I O apóstolo declara que os nossos privilégios por meio de Cristo sob o evangelho são não somente grandes, mas maiores do que os desfrutados sob a lei mosaica. Ele especifica isso, que temos uma promessa que nos foi deixada para entrarmos nesse descanso; isto é, para entrarmos numa relação de aliança com Cristo, e para crescermos nela, até que sejamos aperfeiçoados em glória. Temos revelações desse descanso, e propostas, e as melhores orientações para que cheguemos a ele. Essa promessa de descanso espiritual nos foi deixada pelo nosso Senhor Jesus Cristo no seu testamento final, como um legado precioso. Nossa tarefa é nos empenharmos em sermos os herdeiros, para que reivindiquemos esse descanso e essa liberdade do domínio do pecado, de Satanás, e da carne, pelos quais a alma dos homens é mantida em servidão e privada de seu verdadeiro descanso, e para que também sejamos libertos do jugo da lei e de todos os seus penosos serviços e cerimônias, e possamos desfrutar da paz com Deus em suas ordenanças e providências, e em nossa própria consciência, e assim tenhamos a perspectiva do perfeito e eterno descanso no céu.

II Ele demonstra a verdade da sua afirmação, de que temos vantagens tão grandes quanto eles. Pois, diz ele (v. 2): "*Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles*"; o mesmo evangelho em

essência foi pregado sob os dois Testamentos, embora não tão claramente; não de maneira tão satisfatória sob o Antigo quanto sob o Novo Testamento. Os melhores privilégios que os antigos judeus tinham eram os privilégios do evangelho; os sacrifícios e cerimônias do Antigo Testamento eram o evangelho daquela dispensação; e, o que mais tinha de excelente nela foi o respeito que tinha por Cristo. Agora, se esse era o mais alto privilégio deles, não somos inferiores a eles; pois temos o evangelho assim como eles, e em pureza e clareza maiores do que eles tinham.

III Ele mais uma vez aponta a razão por que tão poucos dos antigos judeus se beneficiaram daquela dispensação do evangelho que eles desfrutavam: a falta de fé deles: "*...a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram*" (v. 2). Observe: 1. A palavra é pregada para que nos beneficiemos dela, para que obtenhamos riquezas espirituais por meio dela; é um valor colocado em nossas mãos para que obtenhamos sabedoria, o rico dote da alma. 2. Em todas as épocas, houve muitos ouvintes que não aproveitaram o que ouviram; muitos que se ocuparam muito em ouvir sermões, em ouvir a palavra de Deus, mas nada ganharam com isso para a sua alma; e os que não se beneficiam pelo ouvir se tornam grandes perdedores. 3. Aquilo que está na base disso, ou seja, de não aproveitarmos a Palavra pregada, é a nossa incredulidade. Não combinamos a fé com o que ouvimos; é a fé que é a vida da palavra. Embora o pregador creia no evangelho, e se ocupe em combinar a fé com a sua pregação, e em pregar como alguém que creu e por isso falou, contudo, se os ouvintes não tiverem fé em si mesmos para combinar com a Palavra, nunca se tornarão melhores por meio dela. Essa fé precisa ser combinada com cada mensagem, e precisa estar em ação e em exercício enquanto estamos ouvindo; e, depois de termos ouvido a palavra da pregação, tendo concordado com a verdade dela, aprovando-a, aceitando a misericórdia oferecida, aplicando-a a nós mesmos com os sentimentos adequados, então obteremos grandes benefícios e ganhos por meio da palavra pregada.

IV Nessas considerações, o apóstolo fundamenta a sua repetida e séria advertência e conselho de que os que desfrutam do evangelho devem manter um santo temor e preocupação por si mesmos, para que a incredulidade latente não lhes roube os benefícios da palavra pregada e aquele descanso espiritual que é revelado e oferecido no evangelho: "*Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás*" (v. 1). Observe: 1. Graça e glória podem ser obtidas por todos que estão sob o evangelho: há uma oferta, e uma promessa àqueles que aceitarem a oferta. 2. Os que a obtiveram podem também ficar para trás. Os que aceitaram a salvação pela fé podem ficar para trás em virtude da incredulidade. 3. É algo terrível ficar para trás da salvação do evangelho, parecer assim a si mesmos, e perder a sua esperança tão agradável; e parecer assim aos outros, perdendo a honra da sua santa profissão de fé. Mas se é tão terrível parecer ficar para trás e não entrar nesse descanso, é muito mais terrível ficar para trás de fato. Tal desapontamento certamente é terrível. 4. Uma boa maneira de prevenir o ficar para trás de fato, ou a sua aparência, é manter um temor santo de que não querer ficar para trás. Isso vai nos tornar vigilantes e diligentes, sinceros e reverentes; esse temor vai fazer com que examinemos nossa fé e a exercitemos; ao passo que a presunção é o caminho mais rápido para a ruína.

V O apóstolo confirma a felicidade de todos os que verdadeiramente crêem no evangelho:

1. Ao afirmar de forma tão positiva a verdade contida nele, com base na experiência própria e na de outros. "*Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso* (v. 3). Entramos numa abençoada união com Cristo, e em uma comunhão com Deus por meio de Cristo; nessa condição de fato desfrutamos de muitas experiências agradáveis de perdão de pecados, paz na consciência, alegria no Espírito Santo, aumento na graça e nas garantias da glória, descansando da servidão do pecado, e repousando em Deus até que estejamos preparados para descansar com Ele no céu".

2. Ele ilustra e confirma que os que crêem são assim felizes e de fato entram no descanso. (1) Com base no fato de Deus ter concluído a sua obra de criação e assim ter entrado no descanso dele (vv. 3,4), ordenando aos nossos primeiros pais descansarem no sétimo dia, descansarem em Deus. Agora que Deus concluiu a sua obra, e depois descansou dela, e consentiu com ela, assim vai levar os que crêem a concluírem a sua obra, e, então, a desfrutarem do seu descanso. (2) Com base na observância contínua do sábado por parte de Deus, depois da queda, e da revelação de um Redentor. Eles deveriam guardar o sétimo dia como um dia sagrado para o Senhor, louvando dessa forma Aquele que os tinha levantado do nada pelo poder criador, e suplicando a Ele que os criasse novamente por seu Espírito de graça, e dirigisse a fé deles para o Redentor prometido e o restaurador de todas as coisas, e por essa fé, encontrassem descanso para a sua alma. (3) Com base no fato de Deus propor Canaã como um descanso típico para os judeus que creram: e como aqueles que creram, Calebe e Josué, que de fato entraram em Canaã, assim os que agora crêem vão entrar no descanso. (4) Com base na certeza de um outro descanso além do sétimo dia de descanso instituído e observado tanto antes quanto depois da queda, e além daquele descanso típico de Canaã que a maioria dos judeus não desfrutou em virtude da incredulidade; pois o salmista falou de outro dia e de outro descanso, de onde fica evidente que ainda resta um descanso mais espiritual e mais excelente para o povo de Deus do que aquele para o qual Josué conduziu os judeus (vv. 6-9); ainda há outro descanso. [1] Um descanso de graça, conforto, santidade, no estado do evangelho. Esse é o descanso no qual o Senhor Jesus, o nosso Josué, faz descansar almas fatigadas e consciências despertas, e isso é reconfortante. [2] Um descanso em glória, o sabatismo eterno do céu, que é o repouso e o aperfeiçoamento da natureza e da graça também, onde o povo de Deus vai desfrutar o propósito da sua fé e o objeto de todos os seus desejos. (5) Isso fica provado também com base nos gloriosos predecessores que já tomaram posse desse descanso – Deus e Cristo. É certo que Deus, depois da criação do mundo em seis dias, entrou nesse descanso; e é certo que Cristo, depois de concluir a obra da nossa re-

denção, entrou nesse seu descanso; e esses foram não somente exemplos, mas garantias, de que os que crêem vão entrar nesse descanso: "*Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas*" (v. 10). Todo verdadeiro cristão cessou de fazer as suas próprias obras de justiça, e as laboriosas obras da lei, como Deus e Cristo cessaram de fazer suas obras da criação e da redenção.

VI O apóstolo confirma a miséria dos que não crêem; eles nunca entrarão nesse descanso espiritual, seja de graça aqui, seja de glória depois. Isso é tão certo quanto o pode tornar o juramento de Deus. Tão certo quanto Deus entrou no seu descanso, tão certo é que pecadores obstinados serão excluídos. Tão certo como caíram os judeus incrédulos no deserto, e nunca chegaram à terra prometida, tão certo está que os incrédulos devem cair na destruição, e nunca chegar ao céu. Tão certamente como Josué, o grande capitão dos judeus, não podia lhes dar posse de Canaã por causa da incredulidade deles, não obstante o eminente valor e conduta dele, tão certo é que nem o próprio Jesus, o capitão da nossa salvação, não obstante toda a graça e poder que habitam nele, não vai, não pode, dar a incrédulos o descanso espiritual ou eterno; permanece somente para o povo de Deus; outros, em virtude de seu pecado, se entregam à inquietação eterna.

Exortação Séria. O Sacerdócio de Cristo

vv. 11-16

Nessa segunda parte do capítulo, o apóstolo conclui, primeiro, com uma séria exortação repetida, e depois com motivos adequados e convincentes.

I Temos aqui uma séria exortação: "*Procuremos, pois, entrar naquele repouso*" (v. 11). Observe: 1. O fim proposto – o descanso espiritual e eterno, o descanso da graça aqui e da glória depois – em Cristo na terra, com Cristo no céu. 2. O caminho para esse fim é prescrito – trabalho diligente; esse é o único caminho para o descanso; aqueles que não trabalharem agora não deverão descansar depois desta vida. Depois de trabalho devido e diligente, o descanso agradável e satisfatório vai seguir; e o trabalho agora vai tornar o descanso mais agradável quando vier. "*Doce é o sono do trabalhador*" (Ec 5.12). Por isso, trabalhemos, que todos estejamos unidos e unânimes nisso, e estimulemos uns aos outros e nos incentivemos a essa diligência. É o mais verdadeiro ato de amizade, quando vemos os nossos irmãos cristãos perdendo tempo, chamá-los para que despertem e trabalhem com toda a seriedade. "Venham, senhores, vamos todos ao trabalho; por que ainda estamos sentados? Venham, trabalhemos; agora é o tempo de trabalhar, o nosso descanso ainda vem". Assim os cristãos devem se desafiar à diligência na tarefa; e tanto mais quanto vemos que o dia se aproxima.

II Temos aqui motivos apropriados e convincentes para tornar a exortação mais eficaz, que são extraídos:

1. Do terrível exemplo dos que já pereceram em virtude da incredulidade: "...*para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência*". Ter visto tantos caírem antes de nós vai servir como agravamento do nosso pecado, se não aceitarmos a admoestação do exemplo deles. A ruína deles clama alto a nós; as suas almas agitadas e perdidas gritam dos seus tormentos, para que não nos tornemos miseráveis, como eles, ao pecarmos como eles pecaram.

2. Da grande ajuda e vantagem que podemos ter da Palavra de Deus para fortalecer a nossa fé, e estimular nossa diligência, para que obtenhamos esse descanso: "*A palavra de Deus é viva, e eficaz*" (v. 12). Pela palavra de Deus podemos compreender a lei essencial ou a palavra escrita: a *Palavra* essencial, que "...*no princípio estava com Deus, e era Deus*" (Jo 1.1), o Senhor Jesus Cristo, e de fato, o que se diz nesse versículo é verdadeiro concernente a Ele; mas a maioria entende que isso se refere à palavra escrita, às sagradas Escrituras, que são a palavra de Deus. Agora, dessa palavra se diz: (1) Que ela é *viva*; ela é muito vívida e ativa, em todos os seus esforços, em capturar a consciência do pecador, em cortá-lo até a sua essência, e em confortá-lo e cuidar dos ferimentos da sua alma. Não conhecem a palavra de Deus aqueles que a chamam de letra morta; ela é viva, comparada à luz, e não há nada mais vivo e veloz do que a luz; ela não somente é viva, mas vivificante; é uma luz vital; é uma palavra viva, *zon*. Os santos morrem, os pecadores morrem; mas a palavra de Deus vive. "*Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; mas a palavra do Senhor permanece para sempre*" (1 Pe 1.24,25). "*Vossos pais, onde estão eles? E os profetas, viverão eles para sempre? Contudo, as minhas palavras e os meus estatutos, que eu mandei pelos profetas, meus servos, não alcançaram a vossos pais?*" (Zc 1.5,6). (2) Ela é *eficaz*. Quando Deus a faz agir pelo seu Espírito, ela convence poderosamente, converte poderosamente e conforta poderosamente. Ela é tão forte que derruba fortalezas (2 Co 10.4,5), ressuscita os mortos, faz com que os surdos ouçam, que os cegos vejam, que os mudos falem e os mancos andem. Ela é poderosa para quebrar o reino de Satanás, e estabelecer o reino de Cristo sobre as suas ruínas. (3) Ela é "...*mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes*"; ela corta nos dois sentidos; ela é a "...*espada do Espírito*" (Ef 6.17). É a espada de dois gumes que sai da boca de Cristo (Ap 1.16). Ela é mais afiada que qualquer espada de dois gumes, pois ela vai penetrar onde nenhuma outra espada penetra, e vai causar uma dissecação mais crítica: ela faz divisão "...*da alma, e do espírito*", a alma e seu temperamento prevalecente habitual; ela faz com que uma alma que há muito tempo teve um espírito orgulhoso se torne humilde, ou um espírito perverso se torne manso e obediente. Os hábitos pecaminosos que se tornaram como que naturais para a alma, e se arraigaram profundamente nela, e de alguma forma se tornaram um com ela, são separados e cortados dela por essa espada. Ela corta e separa ignorância do conhecimento, rebeldia da vontade, e a inimizade da mente, que, quando carnal, é em si inimizade contra Deus. Essa palavra divide entre "...*juntas e medulas*", as partes mais secretas e íntimas do corpo; essa palavra tem poder para cortar as lascívias da carne,

como também as lascívias da mente, e tornar os homens dispostos a se submeterem à mais severa operação para a mortificação do pecado. (4) Ela "*...é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração*", até mesmo os pensamentos e desígnios mais secretos e remotos. Ela vai revelar aos homens a diversidade dos seus pensamentos e propósitos, a vileza deles, os maus princípios pelos quais são estimulados, os fins sinistros e pecaminosos a que servem. A palavra vai expor o interior de um pecador, e vai fazê-lo ver tudo que está no seu coração. Agora, tal palavra precisa e pode ser uma grande ajuda para a nossa fé e obediência.

3. Das perfeições do Senhor Jesus Cristo, tanto da sua pessoa quanto da sua missão.

(1) Sua pessoa, particularmente sua onisciência: "*E não há criatura alguma encoberta diante dele*" (v. 13). Isso é favorável ao que Cristo diz de si mesmo: "*...e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações*" (Ap 2.23). Nenhuma das criaturas pode se esconder de Cristo; nenhuma das criaturas de Deus, pois Cristo é o Criador de todas elas; e nenhum dos movimentos ou das ações da nossa cabeça ou coração (que poderiam ser chamadas de criaturas nossas), mas tudo está aberto e manifesto a Ele com quem estamos tratando como o objeto da nossa adoração, e o sumo sacerdote da nossa profissão de fé. Por sua onisciência, Ele corta o sacrifício que levamos a Ele, para que possa ser apresentado ao Pai. Agora, à medida que o sumo sacerdote inspecionava os animais sacrificados, os cortava ao longo da espinha para ver se eram saudáveis de coração, assim todas as coisas são dessa forma dissecadas, e estão expostas ao olhar penetrante do nosso grande sumo sacerdote. E aquele que agora prova detalhadamente nossos sacrifícios vai provar, como Juiz, o nosso estado. Vamos ter de tratar com Ele como aquele que vai determinar o nosso estado eterno. Alguns lêem aqui as palavras: *para quem de nós há uma conta*. Cristo tem uma conta exata de cada um de nós. Ele contou a todos que creram nele; e Ele vai contar com todos: nossas contas estão diante dele. Essa onisciência de Cristo, e a prestação de contas que lhe devemos de nós mesmos, devem nos incentivar a perseverarmos em fé e obediência até que Ele tenha aperfeiçoado todas as nossas questões.

(2) Temos um relato da excelência e da perfeição de Cristo, em relação ao seu ofício, e a esse ofício particular de sumo sacerdote. O apóstolo primeiro instrui os cristãos no conhecimento do seu sumo sacerdote, que tipo de sumo sacerdote Ele é, e então chama a sua atenção para a tarefa que devem realizar com base nesse relato.

[1] Que tipo de sumo sacerdote Cristo é (v. 14): "*Visto que temos um grande sumo sacerdote*"; isto é, em primeiro lugar, um grande sumo sacerdote, muito maior do que Arão, ou qualquer outro sacerdote da sua ordem. Os sumos sacerdotes debaixo da lei eram considerados pessoas veneráveis; mas não eram mais do que vagos tipos e sombras de Cristo. A grandeza do nosso sumo sacerdote é estabelecida: 1. Pelo fato de Ele ter passado para os céus. O sumo sacerdote sob a lei, uma vez por ano, desaparecia da vista do povo pelo véu, para dentro do Santo dos Santos, onde estavam os símbolos sagrados da presença de Deus; mas Cristo passou de uma vez por todas para os céus, para assumir o governo de tudo sobre si, para enviar o Espírito a preparar um lugar para o seu povo e a fazer intercessão por eles. Cristo executou uma parte do seu sacerdócio na terra, ao morrer por nós; a outra, Ele executa no céu, ao defender a causa e apresentar as ofertas do seu povo. 2. A grandeza de Cristo é estabelecida por seu nome, *Jesus* – um médico e Salvador, de natureza divina, o Filho de Deus por geração eterna, e por isso tendo perfeição divina, capaz de salvar absolutamente todos os que vêm a Deus por meio dele. Em segundo lugar, Ele é não somente um grande sumo sacerdote, mas um sumo sacerdote gracioso, misericordioso, compassivo e que se condói pelo seu povo: "*Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas*" (v. 15). Apesar de Ele ser tão grande, e estar tão acima de nós, mesmo assim Ele é muito bondoso, e está ternamente preocupado conosco. Ele se sente tocado pela aflição das nossas enfermidades de tal maneira como nenhum outro consegue; pois Ele mesmo foi provado com todas as aflições e problemas que são circunstanciais à nossa natureza no seu estado caído; e isso não somente para que Ele fosse capaz de reparar completamente as nossas falhas, mas para se condoer por nós. Mas então, em terceiro lugar, Ele é um sumo sacerdote sem pecado: "*...um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado*". Ele foi tentado por Satanás, mas saiu disso sem pecado. Às vezes nos confrontamos com tentações, e elas nos abalam. Estamos capacitados a reagir, embora às vezes cedamos; mas nosso grande sumo sacerdote saiu limpo do seu encontro com o diabo, que não conseguiu achar nenhum pecado nele nem conseguiu grudar nenhuma mancha nele. Ele foi provado severamente pelo Pai. Aprouve ao Senhor feri-lo; mesmo assim, Ele não pecou, nem em pensamento, nem em palavra, nem em ato. Ele não havia cometido nenhuma violência, tampouco havia engano em sua boca. Ele era santo, inofensivo e imaculado; e tal sumo sacerdote nos era adequado. Tendo assim nos contado como é o nosso sumo sacerdote, o apóstolo prossegue para nos mostrar:

[2] Como devemos nos humilhar diante dele. Em primeiro lugar, apeguemo-nos firmemente à nossa profissão de fé nele (v. 14). Que nunca o neguemos, nunca nos envergonhemos dele diante dos homens. Apeguemo-nos firmemente às doutrinas esclarecedoras do cristianismo em nossa cabeça, os princípios vivificantes dele em nosso coração, a profissão franca dele em nossos lábios, e nossa sujeição prática e irrestrita a ele em nossa vida. Observe aqui: 1. Precisamos estar dominados pelas doutrinas, princípios e práticas da vida cristã. 2. E quando assim estivermos, correremos perigo de perder o nosso fundamento, em virtude da corrupção do nosso coração, das tentações de Satanás e dos encantamentos deste mundo mau. 3. A excelência do sumo sacerdote da nossa profissão tornaria a nossa apostasia completamente abominável e indesculpável; seria a maior tolice e a ingratidão mais abjeta. 4. Os cristãos precisam não somente iniciar bem, mas precisam perseverar; os que perseverarem até o fim serão salvos, mas ninguém a não ser eles. Em segundo lugar, devemos encorajar-nos uns aos outros, pela excelência do nosso sumo sacerdote, a irmos com confiança ao trono da graça (v. 16). Observe aqui: 1. Foi estabelecido um trono da graça, foi instituído um caminho para a adoração, onde Deus pode com hon-

ra se encontrar com os pobres pecadores, e tratar com eles, e eles podem com esperança se aproximar dele, arrependendo-se e crendo. Deus poderia ter estabelecido um tribunal de justiça severa e inexorável, ministrando a morte, o salário do pecado, a todos os que estivessem reunidos nele; mas Ele escolheu estabelecer um trono de graça. Um trono fala de autoridade, e indica temor e reverência. Um trono da graça fala de grande encorajamento até mesmo ao maior dos pecadores. Ali reinam a graça e atos com liberdade, poder e abundância soberanos. 2. Cabe a nós, e é do nosso interesse, sermos encontrados com freqüência diante desse trono da graça, servindo ao Senhor em todas as responsabilidades da sua adoração, tanto particulares quanto públicas. 3. Nossa tarefa e ocupação diante do trono da graça deveriam ser no sentido de "*...que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno*". Misericórdia e graça são coisas que queremos, misericórdia e perdão de todos os pecados e graça para purificar nossa alma. 4. Além da dependência diária que temos de Deus para a provisão presente, haverá momentos em que de forma mais intensa necessitaremos da misericórdia e da graça de Deus, e devemos armazenar orações para tais períodos – tempos de tentação, seja pela adversidade, seja pela prosperidade, e especialmente para o tempo de morte: deveríamos fazer todos os dias um pedido de misericórdia para o nosso último dia. O Senhor nos conceda que encontremos misericórdia de Deus naquele dia (2 Tm 1.18). 5. Em todas as oportunidades de aproximação a esse trono da graça para pedir misericórdia, devemos ir com liberdade e confiança humildes, com liberdade de espírito e liberdade de fala; devemos pedir com fé, não duvidando de nada; devemos ir com o Espírito de adoção, como filhos reconciliados de um Deus e Pai bondoso. Devemos de fato ir com reverência e temor divinos, mas não com terror e assombro; não como se fôssemos arrastados diante do tribunal de justiça, mas amavelmente convidados ao trono de misericórdia, onde reina a graça, e ela tem prazer em se manifestar a nós. 6. O ofício de Cristo, como sendo o nosso sumo sacerdote, e um tal sumo sacerdote, deveria ser o fundamento da nossa confiança em todas as nossas idas ao trono da graça. Não tivéssemos um Mediador, não teríamos confiança alguma de nos aproximar de Deus; pois somos criaturas culpadas e corrompidas. Tudo que fazemos está corrompido; não podemos entrar na presença de Deus sozinhos; precisamos entrar na presença dele na mão de um Mediador, ou então nosso coração e nossas esperanças vão nos decepcionar. Temos ousadia de entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus. Ele é nosso Advogado, e, enquanto defende a causa do seu povo, Ele a defende com o preço em suas mãos, pelo qual Ele comprou tudo o que a nossa alma quer ou pode desejar.

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo continua o seu discurso acerca do sacerdócio de Cristo, um tema precioso, que ele não vai deixar de lado tão cedo. E aqui ele explica: I. A natureza do ofício sacerdotal em geral (vv. 1-3). II. O chamado regular e adequado que precisa haver para esse ofício (vv. 4-6). III. As qualificações requisitadas para a obra (vv. 7-9). IV. A ordem peculiar do sacerdócio de Cristo; não foi segundo a ordem de Arão, mas de Melquisedeque (vv. 6,7,10). V. Ele censura os hebreus por não terem feito os progressos no conhecimento que os poderia ter tornado capazes de observar as partes mais recônditas e misteriosas das Escrituras (vv. 11-14).

O Sacerdócio de Cristo

vv. 1-9

Temos aqui um relato da natureza do ofício sacerdotal em geral, embora com uma adaptação ao Senhor Jesus Cristo. O autor nos revela:

I As características necessárias do sumo sacerdote. Ele precisa ser tomado dentre os homens; ele precisa ser um homem, um de nós, sangue do nosso sangue, carne da nossa carne, um participante da nossa natureza, e um porta-estandarte entre dez mil. Isso implica: 1. Que o homem pecou. 2. Que Deus não admitiria o homem pecaminoso vir a Ele sozinho e sem mediação, sem um sumo sacerdote, que precisa ser tomado dentre os homens. 3. Que aprouve a Deus tomar um dentre os homens, por meio de quem eles pudessem se aproximar de Deus em esperança, e Ele pudesse recebê-los com honra. 4. Que todo aquele que vier a Deus por meio do seu sacerdote será bem-vindo.

II Para quem todo sumo sacerdote é ordenado: "*...é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus*", para a glória de Deus e o bem dos homens, para que ele se colocasse entre Deus e o homem. Foi o que Cristo fez; e por isso nunca tentemos ir a Deus a não ser por meio de Cristo, nunca esperemos qualquer favor de Deus a não ser por meio de Cristo.

III Para qual propósito todo sumo sacerdote foi ordenado: "*...para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados*".

1. Para que ele pudesse oferecer dons ou ofertas voluntárias, trazidos pelo povo, para a glória de Deus, e como reconhecimento de que tudo em nós vem dele e por meio dele. Não temos nada a não ser o que agrada a Ele nos dar, e do que é dele mesmo oferecemos uma oblação de reconhecimento. Isso sugere: (1) Que tudo que levamos a Deus precisa ser livre e não forçado; precisa ser uma doação; precisa ser dado e não tomado de novo. (2) Que tudo que levamos a Deus precisa ser por meio das mãos do sumo sacerdote, como o grande agente entre Deus e o homem.

2. Para que ele pudesse oferecer sacrifícios pelo pecado; isto é, as ofertas que estavam designadas a fazer expiação, para que o pecado pudesse ser perdoado, e os pecadores, aceitos. Assim Cristo é constituído sumo sacerdote para ambos esses propósitos. Nossas boas obras precisam ser apresentadas por Cristo, para nos tornar, e a nossas ofertas, aceitáveis; e nossas más ações precisam

ser expiadas pelo sacrifício que Ele fez de si mesmo, para que não nos condenem e nos destruam. E agora, visto que valorizamos a aceitação e o perdão por parte de Deus, precisamos nos consagrar pela fé a esse nosso grande sumo sacerdote.

IV Como esse sumo sacerdote precisa estar qualificado (v. 2)

1. Precisa ser alguém que possa se compadecer de dois tipos de pessoas: (1) *Dos ignorantes*, ou daqueles que são culpados de pecados de ignorância. Ele precisa ser alguém que no seu coração consiga ter compaixão deles, e que interceda diante de Deus por eles, alguém que esteja disposto a instruir os que estão embotados no seu entendimento. (2) Dos *errados*, ou dos que estão fora do caminho da verdade, da responsabilidade e da felicidade; precisa ser alguém que tenha ternura suficiente para conduzi-los de volta dos atalhos do erro, do pecado e da miséria para o caminho certo; isso vai exigir grande paciência e a compaixão de Deus.

2. Ele precisa também estar cercado de debilidades; e assim ser capaz de a partir de si mesmo considerar sensivelmente a nossa situação, e assim se compadecer de nós. Cristo estava assim qualificado. Ele tomou sobre si nossas enfermidades, mas sem pecado; e isso nos dá grande encorajamento para nos entregarmos a Ele em toda a aflição; pois em todas as aflições do seu povo Ele foi afligido.

V Como o sumo sacerdote deveria ser chamado por Deus. Ele precisa ter tanto um chamado interior quanto um exterior para o seu ofício: "*E ninguém toma para si essa honra*" (v. 4), isto é, nenhum homem deve fazê-lo, ninguém pode fazê-lo legalmente; se alguém o faz, precisa ser considerado usurpador, e ser tratado de acordo. Observe aqui: 1. O ofício do sacerdócio era uma honra muito grande. Ser empregado para estar entre Deus e o homem, ora representando Deus e sua vontade aos homens, em outro momento representando o homem e sua causa diante de Deus, e tratar entre eles com questões da mais elevada importância – confiadas de ambos os lados com a honra de Deus e a felicidade do homem – necessariamente tornam o ofício algo muito honroso. 2. O sacerdócio é um ofício e uma honra que nenhum homem deve tomar para si mesmo; se ele o fizer, não pode esperar sucesso algum nele, nem recompensa alguma por ele, somente de si mesmo. É intruso quem não é chamado por Deus, como o foi Arão. Observe: (1) Deus é a fonte de toda a honra. Ele é a fonte de toda a verdadeira autoridade, seja chamando alguém para o sacerdócio de forma extraordinária, como o fez com Arão, seja de forma ordinária, como foi o caso dos seus sucessores. (2) Só podem esperar assistência de Deus e aceitação dele, e a sua presença e bênção sobre si e seus ministérios aqueles que são chamados por Deus; outros podem esperar um castigo de Deus e não sua bênção.

VI Como isso é explicado e aplicado a Cristo: "*Assim, também Cristo não se glorificou a si mesmo*" (v. 5). Observe aqui: Embora considerasse ser para Ele uma glória o fato de ser feito sumo sacerdote, mesmo assim não assumiu essa glória para si mesmo. Ele podia verdadeiramente dizer: "*Eu não busco a minha glória*" (Jo 8.50). Sendo Deus, Ele não se glorificou a si mesmo, e como homem e Mediador, não agiu sem ser enviado; e, se Ele não o fez, outros certamente deveriam temer fazê-lo.

VII O apóstolo prefere Cristo a Arão, tanto na maneira do seu chamado quanto na santidade da sua pessoa. 1. Na maneira do seu chamado, em que Deus disse a Ele: "*Tu és meu Filho, hoje te gerei*" (citado de Sl 2.7), referindo-se à sua eterna geração como Deus, sua maravilhosa concepção como homem, e sua perfeita qualificação como Mediador. Assim Deus solenemente declarou as suas amáveis afeições por Cristo, sua designação autorizada para seu ofício como Mediador, sua posse e aprovação nesse ofício, sua aceitação, e de tudo que Ele tinha feito ou fosse fazer na execução dele. Agora, Deus nunca disse isso a Arão. Outra expressão que Deus usou no chamado de Cristo está em Salmos 110.4: "*Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque*" (v. 6). Deus Pai o designou como sacerdote de uma ordem superior à de Arão. O sacerdócio de Arão seria apenas temporário; o sacerdócio de Cristo seria perpétuo. O sacerdócio de Arão seria sucessivo, de pai para os filhos; o sacerdócio de Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque, seria pessoal, e o sumo sacerdote seria imortal no seu ofício, sem descendência, não tendo nem começo de dias nem final de vida, como é mais amplamente descrito e detalhado no capítulo 7. 2. Cristo é preferido aqui a Arão pela santidade da sua pessoa. Outros sacerdotes deveriam oferecer sacrifícios pelos pecados dos outros, como também por si mesmos (v. 3). Mas Cristo não precisava oferecer sacrifícios por si mesmo, "...*porquanto nunca fez injustiça* (Is 53.9). E tal sumo sacerdote nos era adequado.

VIII Temos um relato de como Cristo executou a sua missão, e das conseqüências disso (vv. 7-9).

1. A execução da sua missão sacerdotal (v. 7): "*O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas...*". Observe aqui: (1) Ele assumiu a forma humana, e por alguns dias tabernaculou nela. Ele se tornou um homem mortal, e contou a sua vida de acordo com os dias terrenos, nos dando um exemplo de como devemos contar a nossa. Se contássemos a nossa vida da mesma forma, isso seria um meio de nos apressar e estimular para a obra de cada dia no seu dia. (2) Cristo, nos dias da sua carne, sujeitou-se à morte; Ele teve fome, foi tentado, ferido e moribundo! O seu corpo está agora no céu, mas é um corpo espiritual glorioso. (3) Deus Pai foi capaz de salvá-lo da morte. Ele poderia ter evitado a sua morte, mas não o fez; pois assim o grande desígnio da sua sabedoria e graça teria sido derrotado. O que teria sido de nós se Deus tivesse livrado Cristo da morte? Os judeus disseram desdenhosamente: "*Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama*" (Mt 27.43). Mas foi por amor a nós que o Pai não permitiu que o cálice amargo fosse evitado por Ele; pois aí nós teríamos sido obrigados a beber o refugo dele, e seríamos miseráveis para todo o sempre. (4) Cristo, nos dias da sua carne, ofereceu orações e súplicas ao seu Pai, como uma garantia da sua intercessão no céu. Temos mui-

tos exemplos de situações em que Cristo orou. Aqui há uma referência à sua oração na agonia (Mt 26.39 e 27.46), e àquela antes da sua agonia (Jo 17) que Ele fez por seus discípulos, e todos que viriam a crer nele. (5) Às orações e súplicas que Cristo ofereceu foram acrescentados forte clamor e lágrimas, nisso nos dando um exemplo não somente de alegria, mas para sermos fervorosos e insistentes em oração. Quantas orações secas, e pouco consistentes, oferecemos a Deus! (6) Cristo "*...foi ouvido quanto ao que temia*". Como? Pois Ele foi ouvido por consolos presentes em suas agonias, e ao ser levado através da morte, e libertado dela pela ressurreição gloriosa: Ele *foi ouvido quanto ao que temia*. Ele tinha uma percepção tremenda da ira de Deus, do peso do pecado. Sua natureza humana estava disposta a afundar debaixo dessa pesada carga, e teria afundado, tivesse Ele sido completamente abandonado nos aspectos da ajuda e do conforto de Deus; mas Ele foi ouvido nisso, Ele foi apoiado nas agonias da morte. Ele foi carregado através da morte; e não há real libertação da morte a não ser ser carregado através dela. Podemos ter muitas recuperações de enfermidades, mas nunca estamos a salvo da morte até que sejamos bem conduzidos através dela. E os que são assim salvos da morte serão completamente libertados no final por meio de uma gloriosa ressurreição, da qual a ressurreição de Cristo foi a garantia e os primeiros frutos.

2. As conseqüências da execução da sua missão (vv. 8,9):

(1) Por meio desses seus sofrimentos Ele, "*ainda que era Filho, aprendeu a obediência*" (v. 8). Observe aqui: [1] O privilégio de Cristo: Ele *era Filho*; o unigênito do Pai. Poderíamos pensar que isso o isentaria de sofrer, mas não foi assim. Que ninguém que seja filho de Deus por adoção espere então uma isenção absoluta do sofrimento. "*...porque que filho há a quem o pai não corrija?*" (cap. 12.7). [2] Cristo fez progressos pelos seus sofrimentos. Por meio de sua obediência passiva, Ele aprendeu a obediência ativa; isto é, Ele pôs em prática aquela grande lição, e deu a entender que estava bem e perfeitamente treinado nela; embora Ele nunca fosse desobediente, mesmo assim nunca exerceu um tal ato de obediência como quando se tornou obediente até a morte, e morte de cruz. Aqui Ele nos deixou um exemplo, que devemos aprender por todas as nossas aflições uma obediência humilde à vontade de Deus. Precisamos de aflições para nos ensinar a submissão.

(2) Por meio desses sofrimentos Ele foi consumado e se tornou o autor da eterna salvação "*...para todos os que lhe obedecem*" (v. 9). [1] Por meio de seus sofrimentos, Cristo foi consagrado ao seu ofício, consagrado por seu próprio sangue. [2] Por meio de seus sofrimentos, Ele consumou aquela parte do seu ofício que seria realizada na terra, fazendo a reconciliação destruída pela iniqüidade; é nesse sentido que se diz que Ele foi *consumado*, uma propiciação perfeita. [3] Dessa forma, Ele se tornou o autor da eterna salvação para os homens; por meio de seus sofrimentos, Ele comprou a completa libertação do pecado e da miséria, e o completo gozo de santidade e felicidade para o seu povo. Dessa salvação Ele deu instruções no evangelho. Ele fez uma prova disso na nova aliança, e enviou o Espírito para capacitar os homens a aceitarem essa salvação. [4] Essa salvação na verdade é conferida apenas aos que obedecem a Cristo. Não é suficiente que tenhamos algum conhecimento doutrinário de Cristo, ou que façamos uma profissão de fé nele, mas precisamos dar atenção à sua palavra, e obedecer a Ele. Ele foi exaltado para ser o príncipe a nos governar, e Ele vai ser o Salvador somente daqueles de quem é príncipe, e dos que estão dispostos que Ele os governe; aos outros, Ele vai entregar aos seus inimigos, e tratá-los de acordo. Mas daqueles que lhe obedecem, entregando-se a Ele, negando-se a si mesmos, e tomando sobre si a sua cruz, e seguindo-o, Ele vai ser o autor, *aitios* – a grande causa da salvação deles, e eles vão reconhecê-lo como tal para sempre.

O Sacerdócio de Cristo

vv. 10-14

Nesse ponto, o apóstolo retorna ao que no versículo 6 tinha citado do Salmo 110, com relação à ordem peculiar do sacerdócio de Cristo, isto é, a ordem de Melquisedeque. E aqui:

I Ele declara que tinha muitas coisas que poderia dizer acerca desse misterioso personagem chamado Melquisedeque, cujo sacerdócio era eterno, e por isso a salvação obtida por meio dele seria eterna também. Temos um relato mais detalhado desse Melquisedeque no capítulo 7. Alguns pensam que as coisas que o apóstolo quer dizer, que eram de difícil interpretação, não eram concernentes tanto a Melquisedeque quanto a Cristo, de quem Melquisedeque era um tipo. E, sem dúvida, esse apóstolo tinha muitas coisas a dizer acerca de Cristo que eram muito misteriosas, de difícil interpretação; há grandes mistérios na pessoa e nos ofícios do Redentor; o cristianismo é o grande mistério da piedade.

II Ele aponta a razão por que não disse todas aquelas coisas concernentes a Cristo, nosso Melquisedeque, que ele tinha a dizer, e o que era que tornava tão difícil expressá-las, isto é, o embotamento de entendimento dos hebreus a quem escrevia: "*...porquanto vos fizestes negligentes para ouvir*". Há uma dificuldade nas coisas em si, e pode haver uma fraqueza nos ministros do evangelho quanto a falar claramente acerca dessas coisas; mas em geral a dificuldade está nos ouvintes. Ouvintes negligentes tornam a pregação do evangelho uma coisa difícil, e até muitos que têm alguma fé não são mais do que ouvintes negligentes, embotados de entendimento e lentos para crer; o entendimento é fraco e não compreende essas coisas espirituais; a memória é fraca e não as retém.

III Ele insiste na culpa dessa enfermidade deles. Não era uma mera enfermidade espiritual, mas era uma enfermidade pecaminosa, e que estava mais neles do que nos outros, em virtude das vantagens singulares de que eles haviam desfrutado para progredir no conhecimento de Cristo: "*Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus*" (v. 12). Observe aqui:

1. Que proficiência poderia ter sido esperada desses hebreus – que eles tivessem sido tão bem instruídos na doutrina do evangelho que a essa altura fossem já mestres de outros. Daí aprendemos que: (1) Deus anota o tempo e as ajudas que temos para obter conhecimento das Escrituras. (2) Os que muito recebem, desses muito se espera. (3) Os que têm uma boa compreensão do evangelho deveriam ser mestres dos outros, se não numa posição pública, ao menos em particular. (4) Só deveria assumir ser mestre dos outros aquele que teve ele mesmo bom progresso no conhecimento espiritual.

2. Observe o triste desapontamento dessas justas expectativas: "...*ainda necessitais de que se vos torne a ensinar*...". Observe aqui: (1) Nos oráculos de Deus há alguns princípios básicos, fáceis de serem compreendidos e necessários de serem aprendidos. (2) Há também mistérios profundos e sublimes, que deveriam ser investigados por aqueles que aprenderam os primeiros princípios, para que assim estejam completos na vontade de Deus. (3) Algumas pessoas, em vez de avançarem no conhecimento cristão, esquecem os primeiros princípios que aprenderam há muito; e de fato os que não progridem sob os meios da graça sairão perdendo. (4) É um pecado e uma vergonha que pessoas em idade avançada e posição na igreja sejam crianças e bebês em compreensão.

IV O apóstolo mostra como as diversas doutrinas do evangelho devem ser ministradas a diferentes pessoas. Na igreja há bebês e pessoas maduras (vv. 12-14), e há no evangelho leite e carne. Observe: 1. Os que são bebês, inábeis na palavra da justiça, precisam ser alimentados com leite; eles precisam ser entretidos com as verdades mais simples, e isso da maneira mais simples: "*Porque é mandamento e mais mandamento, regra e mais regra: um pouco aqui, um pouco ali*" (Is 28.10). Cristo não despreza os seus bebês; Ele proveu alimento adequado para eles. É bom ser bebê em Cristo, mas não se deve continuar nesse estado infantil; devemos nos esforçar em passar desse estágio infantil; em maldade devemos sempre permanecer crianças, mas em compreensão devemos crescer para a maturidade de homem. 2. Há carne substanciosa para os que têm maturidade (v. 14). Os profundos mistérios de Cristo pertencem àqueles que são de uma classe mais elevada na escola de Cristo, que aprenderam os primeiros princípios e fizeram bom progresso sobre eles; assim que em virtude do uso eles têm seus sentidos exercitados para discernir entre o bem e o mal, entre submissão e pecado, verdade e erro. Observe: (1) Sempre houve no estado cristão crianças, jovens e pais. (2) Todo o verdadeiro cristão, tendo recebido o princípio de vida espiritual de Deus, tem necessidade de preservar essa vida. (3) A palavra de Deus é comida e alimento para a vida na graça: "*Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, da palavra, para que, por ele, vades crescendo*" (1 Pe 2.2). (4) É da sabedoria dos ministros dividir corretamente a palavra da verdade, e dar a cada um a sua porção – leite para os bebês, e carne substanciosa para os maduros. (5) Há sentidos espirituais assim como sentidos naturais. Há um olho espiritual, um apetite espiritual, um paladar espiritual; a alma tem os seus sentidos como os tem o corpo; esses estão muito depravados e perdidos pelo pecado, mas são recuperados pela graça. (6) É pelo uso e pelo exercício que esses sentidos são melhorados, tornados mais ativos e fortes para provar a doçura do que é bom e verdadeiro, e a amargura do que é falso e perverso. Não somente a razão e a fé, mas também o sentido espiritual, vão ensinar os homens a distinguir entre o que é agradável e o que é provocativo a Deus, entre o que é útil e o que prejudicial à nossa alma.

CAPÍTULO 6

Nesse capítulo, o apóstolo continua a persuadir os hebreus a terem mais proficiência na religião do que tiveram até então, como sendo esse o melhor caminho para evitar a apostasia, sendo que ele esboça de forma séria a terrível natureza e as horríveis conseqüências desse pecado (vv. 1-8). Então expressa sua boa esperança com relação a eles, para que perseverem em fé e santidade, à qual ele os exorta, e coloca diante deles o grande encorajamento que tiveram de Deus, tanto com respeito à sua responsabilidade quanto à sua felicidade (vv. 9-20).

O Progresso na Santidade. Os Primeiros Princípios

vv. 1-8

Temos aqui o conselho do apóstolo aos hebreus – para que cresçam de um estado de infantilidade para o de plenitude da estatura do novo homem em Cristo. Ele declara a sua prontidão de auxiliá-los em tudo que pudesse no seu progresso espiritual; e, para maior encorajamento deles, ele se coloca lado a lado com eles: *Prossigamos*. Observe aqui: Para o bem do seu crescimento, os cristãos devem deixar os rudimentos da doutrina de Cristo. Como devem deixá-los? Não devem perdê-los, não devem desprezá-los, não devem esquecê-los. Eles devem guardá-los no seu coração, e colocá-los como fundamento de toda a sua profissão e expectativa; mas não devem descansar e permanecer neles, não devem estar sempre colocando o fundamento, eles precisam avançar, e edificar sobre eles. Precisa haver uma construção acima da terra; pois o fundamento é colocado de propósito para suportar a construção. Aqui se pode perguntar: Por que o apóstolo resolveu pôr carne substanciosa diante dos hebreus, se sabia que eles eram apenas bebês? Resposta: 1. Embora alguns deles fossem fracos, mesmo assim outros entre eles tinham obtido mais forças; e eles precisavam ser providos de forma adequada. E, assim como os cristãos maduros precisam estar dispostos a ouvir as verdades mais simples para o bem dos mais fracos, assim os fracos precisam estar dispostos a ouvir as verdades mais difíceis e misteriosas pregadas para o bem dos que são maduros. 2. Ele esperava que eles crescessem em sua força e estatura espirituais, e assim estivessem dispostos a digerir a carne substanciosa.

I O apóstolo menciona diversos princípios fundamentais que precisam ser colocados primeiro, e então se deve construir sobre eles; nem o tempo dele nem o deles deve ser gasto em colocar esses fundamentos sempre de novo. Os fundamentos são seis:

1. O arrependimento de obras mortas, isto é, a conversão e a regeneração, o arrependimento de um estado espiritual morto e de um curso de vida errado. É como se ele tivesse dito: "Cuidado para não destruírem a vida da graça em sua alma; a mente de vocês foi mudada pela conversão, e assim foi sua vida. Cuidem para que não voltem novamente ao pecado, pois aí terão de colocar o fundamento novamente; precisará ocorrer uma segunda conversão e arrependimento de obras mortas". Observe aqui: (1) Os pecados de pessoas não convertidas são obras mortas; procedem de pessoas espiritualmente mortas, e elas tendem à morte eterna. (2) O arrependimento por obras mortas, se estiver certo, é o arrependimento de obras mortas, uma mudança geral de coração e de vida. (3) O arrependimento de obras mortas é um princípio fundamental, que não deve ser colocado novamente, embora devamos renovar o nosso arrependimento diariamente.

2. A fé em Deus, uma firme convicção da existência de Deus, da sua natureza, seus atributos e perfeições, da trindade das pessoas em unidade de essência, de toda a mente e toda a vontade de Deus como reveladas na sua Palavra, particularmente no que se refere ao Senhor Jesus Cristo. Precisamos por meio da fé nos familiarizar com essas coisas; precisamos consentir com elas, precisamos aprová-las e aplicá-las todas a nós mesmos com sentimentos e ações apropriadas. Observe: (1) O arrependimento de obras mortas, e a fé em Deus, estão conectados, e sempre caminham juntos; são gêmeos inseparáveis, um não consegue viver sem o outro. (2) Ambos são princípios fundamentais, que deveriam ser bem colocados de uma vez, mas nunca negligenciados para que se torne necessário colocá-los novamente; não devemos recair em infidelidade.

3. A doutrina dos batismos, isto é, de alguém ser batizado por um ministro de Cristo com água, no nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, como o sinal ou o selo inicial da aliança da graça, fortemente comprometendo a pessoa assim batizada a se familiarizar com a nova aliança, a se devotar a ela, e se preparar para renová-la à mesa do Senhor e sinceramente regular a sua vida de acordo com ela, confiando na verdade e fidelidade de Deus acerca das bênçãos contidas nela. E a doutrina de um batismo interior, o do Espírito aspergindo o sangue de Cristo sobre a alma, para a justificação, e as virtudes do Espírito para a santificação. Essa ordenança do batismo é um fundamento a ser colocado corretamente, e a ser diariamente lembrado, mas não repetido.

4. A imposição das mãos sobre pessoas, ao passarem solenemente de seu estado de iniciante pelo batismo para o estado confirmado, ao darem a resposta de uma boa consciência em relação a Deus, e ao sentarem à mesa do Senhor. Essa passagem de participação incompleta para a participação completa como membro da igreja era realizada pela imposição de mãos, que era a continuação da transmissão extraordinária de dons do Espírito Santo. Uma vez feito isso, obrigava todos a se submeterem a isso, e não necessitarem de outra admissão solene, como no início, mas sim avançarem e crescerem em Cristo. Ou talvez se queira com isso significar a ordenação de pessoas para o ofício ministerial, aquelas que estão devidamente qualificadas para ele e inclinadas a ele; e isso por meio de oração e jejum, com imposição de mãos por parte do presbitério. E isso deve ser feito apenas uma vez.

5. A ressurreição dos mortos, isto é, dos corpos mortos; e o reajuntamento deles com a sua alma, para serem companheiros eternos para o bem ou para o mal, de acordo com o que era o seu estado com Deus quando morreram, e o curso de vida que levaram neste mundo.

6. O juízo eterno, determinando quando a alma de cada um deixa o corpo na morte, e tanto a alma quanto o corpo no último dia, para o seu estado eterno, cada um para a sua própria sociedade e emprego para os quais foram designados e preparados aqui na terra; os maus para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

Esses são os grandes princípios fundamentais que os ministros devem expor de forma clara e convincente, e também aplicar corretamente. Nesses princípios, o povo deve ser bem instruído e firmado; e não deve se afastar nunca; sem esses, as outras partes da religião não têm fundamento que as sustente.

II O apóstolo declara a sua prontidão e determinação para auxiliar os hebreus na edificação de si mesmos sobre esses fundamentos até que cheguem à perfeição: "*E isso faremos, se Deus o permitir*". E com isso ele lhes ensina: 1. Que a determinação correta é muito necessária para o progresso e proficiência na religião. 2. Que é correta aquela determinação que não é tomada somente com a sinceridade do nosso coração, mas em humilde dependência de Deus para recebermos força, auxílio, justiça, aceitação e para aproveitarmos o tempo e as oportunidades. 3. Que os ministros não devem somente ensinar as pessoas sobre o que fazer, mas ir adiante delas, e junto com elas, no caminho da responsabilidade.

III Ele mostra que esse crescimento espiritual é o caminho mais certo para evitar o pecado terrível da apostasia da fé. E aqui:

1. O autor da carta mostra quão distantes determinados crentes conseguem ir na fé cristã, e, depois que assim fazem, apostatam da fé e perecem para sempre (vv. 4,5). (1) Eles podem ter sido "...*iluminados*". Alguns dos antigos entendiam que isso fosse uma referência ao batismo; mas deve ser antes entendido como um conhecimento primordial e uma iluminação comum, dos quais as pessoas podem ter uma grande porção, e ainda assim ficarem aquém do céu. Balaão teve os seus olhos abertos (Nm 24.3), e mesmo com os seus olhos abertos desceu à mais terrível escuridão. (2) Eles podem ter provado "...*o dom celestial*", podem ter sentido algo da eficácia do Espírito Santo operando na alma deles, levando-os a provar algo da fé cristã, e mesmo assim ser como pessoas no mercado que provam do que não conseguirão pagar, e fazem uma prova e depois deixam o alimento. Pessoas podem provar do cristianismo, e até gostar dos seus ensinamentos, se lhes for apresentado em condições mais fáceis do que a de terem de negar-se a si mesmas, tomar sua

cruz e seguir a Cristo. (3) Eles podem ter se tornado "...*participantes do Espírito Santo*", isto é, dos seus dons extraordinários e de seus milagres; podem ter expulsado demônios em nome de Cristo e feito muitos outros atos poderosos. Esses dons na época apostólica eram às vezes concedidos àqueles que não tinham a graça salvadora. (4) Eles podem ter provado "...*a boa palavra de Deus*"; talvez tenham tido um gosto pelas doutrinas do evangelho, talvez até ouviram a Palavra com prazer, talvez até lembravam muito dela, e falavam bem dela, e mesmo assim nunca foram forjados pelo molde dela, nem permitiram que habitasse ricamente no coração deles. (5) Talvez tenham provado "...*as virtudes do século futuro*"; talvez tenham estado sob fortes impressões do céu, e com pavor de ir para o inferno. Os hipócritas conseguem ir tão longe, e, depois de tudo, apostatarem. Daí observe: [1] Essas grandes coisas são faladas daqueles que apostataram; mas não se diz deles aqui que haviam sido verdadeiramente convertidos, ou que haviam sido justificados; há mais na graça salvadora do que é dito aqui dos apóstatas. [2] Por isso, aqui não há prova alguma da apostasia final dos verdadeiros santos. Estes podem de fato cair com freqüência e de forma vil, mas mesmo assim não podem cair definitivamente da graça de Deus; o propósito e o poder de Deus, a redenção e a oração de Cristo, a promessa do evangelho, a aliança eterna que Deus fez com eles, ordenada em todas as coisas e bem segura, a habitação do Espírito Santo, constituem a segurança deles. Mas a árvore que não tiver essas raízes não vai ficar em pé.

2. O apóstolo descreve a situação terrível dos que se afastam depois de terem ido tão longe na profissão da sua fé. (1) A relevância do pecado da apostasia. "...*de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério*". Essa atitude significava aprovar o que os judeus fizeram ao crucificar a Cristo, e ter prazer em fazer a mesma coisa de novo se estivesse em seu poder fazê-lo. Assim derramam o maior desprezo sobre o Filho de Deus, e, portanto, sobre o próprio Deus, que espera que todos reverenciem o seu Filho e o honrem como honram o Pai. O que eles fazem significa representar a Cristo e o cristianismo como uma coisa vergonhosa, e torná-lo em uma vergonha e desgraça públicas. Esta é a natureza da apostasia. (2) A grande miséria dos apóstatas. [1] É impossível renová-los outra vez para o arrependimento. Pouquíssimos casos podem ser citados de pessoas que foram tão longe e caíram, e mesmo assim foram trazidas ao verdadeiro arrependimento, arrependimento tal que é de fato a renovação da alma. Alguns pensam que esse é o pecado contra o Espírito Santo, mas sem fundamento. O pecado mencionado aqui é simplesmente a apostasia tanto da verdade quanto dos caminhos de Cristo. Deus pode renová-los para o arrependimento, mas isso raramente acontece; e quanto aos homens, por si mesmos isso é impossível. [2] A miséria desses apóstatas é exemplificada por uma símile adequada, extraída da terra que depois de muito cultivo não produz nada, a não ser espinhos e abrolhos; e, por isso, "...*perto está da maldição; o seu fim é ser queimada*" (v. 8). Para intensificação do sentido, vê-se aqui a diferença entre a boa terra e a má, e que esses contrários, justapostos, ilustram um ao outro. Em primeiro lugar, aqui está uma descrição da boa terra: "...*embebe a chuva que muitas vezes cai sobre ela...*". Os crentes não só provam da palavra de Deus, mas eles a absorvem; e essa terra produz fruto correspondente ao custo investido, para a honra de Cristo e a satisfação dos seus fiéis ministros, que são, sob Cristo, cultivadores da terra. E esse campo ou jardim de frutos recebe a bênção. Deus declara cristãos frutíferos como abençoados: eles são abençoados com o aumento da graça, e com mais confirmação e glória no final. Em segundo lugar, aqui está o caso diferente da terra infértil: ela produz "...*espinhos e abrolhos*"; não só é desprovida de bons frutos, mas produz o que é ruim, espinhos e abrolhos, frutifica em pecado e maldade, que são problemáticos e prejudiciais a todos à sua volta, e serão ainda mais para os próprios apóstatas no final; sendo assim, essa terra é rejeitada. Deus já não vai se preocupar com tais apóstatas ímpios; Ele vai abandoná-los, e lançá-los fora do seu cuidado; Ele vai dar ordens às nuvens para que não chovam mais sobre eles. As influências divinas serão restringidas; e isso não é tudo, mas também essa terra "...*perto está da maldição*"; distante está de receber a bênção pois uma terrível maldição pende sobre ela, embora, por enquanto, em virtude da paciência de Deus, a maldição ainda não tenha sido executada. Finalmente, o seu fim é ser queimada. A apostasia vai ser castigada com as chamas eternas, o fogo que nunca será apagado. Este é o triste fim da apostasia, e por isso os cristãos devem avançar e crescer em graça, para que, por não avançarem, não voltem atrás, e conduzam sua vida até esse deplorável extremo do pecado e da miséria.

Advertências contra a Apostasia. A Promessa e Juramento Divinos

vv. 9-20

Agora, tendo se dedicado aos temores dos hebreus, no intuito de evocar a sua diligência e evitar sua apostasia, o apóstolo prossegue para se dedicar às esperanças deles, e francamente declara a boa esperança que tem acerca de todos eles, de que irão perseverar na fé. E lhes propõe os grandes encorajamentos que possuíam no caminho da sua submissão.

I Franca e abertamente o autor declara a boa esperança que tem acerca deles, de que eles vão perseverar até o fim: "*Mas de vós, ó amados, esperamos coisas melhores*" (v. 9). Observe: 1. Há coisas que acompanham a salvação, coisas que nunca estão separadas da salvação, coisas que mostram que a pessoa está num estado de salvação, e que vão resultar em salvação eterna. 2. As coisas que acompanham a salvação são coisas melhores de que jamais um hipócrita ou apóstata desfrutou. Elas são melhores em sua natureza e em seus resultados. 3. É nossa obrigação esperar coisas boas daqueles em quem nada aparenta o contrário. 4. Os ministros às vezes precisam falar por meio de precauções àqueles de cuja salvação têm boa esperança. E aqueles que têm em si mesmos boa esperança com relação à sua salvação eterna devem mesmo assim considerar seriamente como seria fatal o desapontamento se ficassem aquém. Por isso devem operar a sua salvação com temor e tremor.

II Ele lhes propõe argumentos e encorajamentos para avançarem no caminho da responsabilidade. 1. Que Deus havia operado um princípio de amor e bondade eternos neles, que tinha se manifestado em obras apropriadas que não seriam esquecidas por Deus: "*Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra e do trabalho da caridade...*" (v. 10). Boas obras e o labor procedentes do amor a Deus são recomendáveis; e o que for feito a qualquer um em nome de Deus não ficará sem recompensa. O que é feito aos santos, como tais, Deus aceita como feito a Ele mesmo. 2. Os que esperam uma generosa recompensa pelo trabalho de amor precisam continuar nele enquanto tiverem habilidade e oportunidade: "*...servistes aos santos e ainda servis. Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até ao fim*". 3. Os que perseveram no cumprimento diligente da sua tarefa devem atingir a "*...completa certeza da esperança*" no final. Observe: (1) A completa certeza é um degrau mais elevado de esperança, é completa certeza de esperança; elas não são diferentes em natureza, mas em intensidade. (2) A completa certeza é atingível por meio de grande diligência e perseverança até ao fim.

III Ele passa a colocar diante deles a precaução e o conselho de como obter essa completa certeza de esperança até ao fim. 1. Que não sejam preguiçosos. A preguiça veste um homem com trapos; eles não devem amar o seu conforto, nem perder suas oportunidades. 2. Que sigam os bons exemplos daqueles que os precederam (v. 12). Aqui aprendemos: (1) Há alguns que da certeza foram à herança das promessas. Antes creram nelas, agora as herdaram; eles chegaram com segurança ao céu. (2) O caminho em que chegaram à sua herança foi o da fé e da paciência. Essas virtudes foram implantadas na sua alma, e resultaram em ação e exercício na sua vida. Se alguma vez esperamos herdar como eles herdaram, precisamos segui-los no seu caminho de fé e paciência; e os que assim os seguirem no seu caminho irão alcançá-los no final e serão participantes da mesma bênção.

IV O apóstolo conclui o capítulo com um claro e completo relato da verdade garantida das promessas de Deus (vv. 13-20). Todas são confirmadas pelo juramento de Deus, e todas estão fundamentadas nos desígnios eternos de Deus, e, portanto, são confiáveis.

1. Todas são confirmadas pelo juramento de Deus. Ele não somente deu ao seu povo a sua Palavra, mas também o seu juramento. E aqui, você observará, ele especifica o juramento de Deus a Abraão, que, sendo jurado a ele como o pai dos fiéis, permanece em vigor e eficácia completos para todos os verdadeiros crentes: "*Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo*". Observe: (1) O que era a promessa: "*Certamente, abençoando, te abençoarei e, multiplicando, te multiplicarei*". A bênção de Deus é a bem-aventurança do seu povo; e aqueles a quem Ele abençoou, certamente vai continuar abençoando, e vai multiplicar as bênçãos, até que os tenha conduzido à perfeita bem-aventurança. (2) Qual foi o juramento que ratificou essa promessa: "*...jurou por si mesmo*". Ele pôs como garantia seu próprio Ser e colocou sobre isso a sua bem-aventurança; nenhuma segurança maior do que essa pode ser dada ou desejada. (3) Como esse juramento foi realizado. Abraão, no tempo devido, obteve a promessa. Ela foi cumprida para ele depois de ele ter perseverado pacientemente. [1] Sempre há um intervalo, e às vezes um intervalo longo, entre a promessa e a realização. [2] Esse intervalo é um tempo de teste para os que crêem, para ver se eles têm paciência para perseverar até o final. [3] Os que perseveram pacientemente vão com certeza obter a bem-aventurança prometida, assim como Abraão a recebeu. [4] O propósito e desígnio de um juramento é tornar a promessa segura, e encorajar aqueles a quem ela é feita para que esperem com paciência até que venha o tempo do cumprimento (v. 16). Um juramento com os homens é para confirmação, e é o fim de toda a disputa. Essa é a natureza e o desígnio de um juramento, em que homens juram por alguém maior, não por criaturas, mas pelo próprio Senhor; e serve para pôr fim a todas as disputas acerca da questão, tanto a disputas em nossa própria mente (dúvidas e desconfianças), quanto a disputas com outros, especialmente com o que prometeu. Agora, se Deus se condescendeu a fazer um juramento ao seu povo, Ele certamente vai lembrar da natureza e do desígnio dele.

2. As promessas de Deus estão fundamentadas em seu plano eterno; e esse plano dele é um plano imutável. (1) A promessa da bem-aventurança que Deus fez aos crentes não é uma coisa precipitada e impulsiva, mas o resultado do propósito eterno de Deus. (2) Esse propósito de Deus foi acordado em conselho, e estabelecido ali entre o eterno Pai, o Filho e o Espírito Santo. (3) Esses planos de Deus nunca podem ser alterados; são imutáveis. Deus nunca necessita mudar os seus planos; pois nada de novo pode surgir para aquele que vê o fim desde o começo.

3. As promessas de Deus, que estão fundamentadas sobre esses planos imutáveis de Deus, e confirmados pelo juramento de Deus, são seguramente confiáveis; pois aqui temos duas coisas imutáveis, o plano e o juramento de Deus, nos quais é impossível para Deus mentir, pois isso é contrário à sua natureza e à sua vontade. Observe aqui:

(1) Quem são aqueles a quem Deus deu segurança e felicidade tão completas. [1] Eles são os herdeiros da promessa: como os que têm uma garantia às promessas por herança, em virtude de seu novo nascimento, e de sua união com Cristo. Por natureza, somos todos filhos da ira. A maldição é a herança para a qual nascemos: é por meio de um novo e celestial nascimento que alguém nasce como herdeiro da promessa. [2] São aqueles que fugiram para buscar refúgio na esperança colocada diante deles. Sob a lei havia cidades de refúgio providas para aqueles que eram perseguidos pelo vingador de sangue. Aqui há um refúgio muito melhor que foi preparado pelo evangelho, um refúgio para todos os pecadores que tiverem vontade de fugir para ele; sim, embora tenham sido os principais pecadores.

(2) Qual é o propósito de Deus para eles, ao lhes dar tais seguranças – para que tenham forte consolação. Observe: [1] Deus está ocupado com a consolação dos crentes, como também com sua santificação; Ele quer que os seus filhos caminhem no temor do Senhor e no

conforto do Espírito Santo. [2] As consolações de Deus são suficientemente fortes para sustentar o seu povo em suas provações. Os confortos deste mundo são fracos demais para sustentar a alma que está sob tentação, perseguição e morte; mas as consolações do Senhor não são poucas nem pequenas.

(3) Que uso o povo de Deus deve fazer da sua esperança e conforto, essa vivificante e reconfortante esperança de bem-aventurança eterna que Deus lhes deu. Isto é, e precisa ser, para eles, como uma "...*âncora da alma segura e firme...*" (v. 19). Aqui temos: [1] Estamos neste mundo como um navio no mar, propenso a ser lançado para cá e para lá, e em perigo de afundar. Nossa alma é o barco. Os confortos, as expectativas, as virtudes e a felicidade da nossa alma são a carga preciosa com que esse barco está carregado. O céu é o porto para o qual navegamos. As tentações, perseguições e aflições que encontramos são os ventos e ondas que ameaçam o nosso barco de ir a pique. [2] Temos necessidade de uma âncora que nos mantenha firmes e seguros, ou então estaremos em constante perigo. [3] A esperança do evangelho é nossa âncora; como no nosso dia de batalha ela é nosso capacete, assim na nossa passagem tempestuosa por este mundo ela é nossa âncora. [4] Ela é segura e firme, ou então não poderia nos manter assim. Em primeiro lugar, é segura em sua própria natureza; pois é a obra especial de Deus na alma. É uma boa esperança por meio da graça; não é uma esperança aduladora feita de teia de aranha, mas é obra verdadeira de Deus, é uma coisa forte e consistente. Em segundo lugar, é firme em relação ao seu objeto; é uma âncora que está bem firmada. Ela entra naquilo que está dentro do véu; é uma âncora que é lançada na rocha, a Rocha eterna. Ela não busca fixar-se na areia, mas entra no véu, e aí se fixa em Cristo. Ele é o objeto, Ele é o lugar em que se fixa a âncora da esperança do crente. Como a glória jamais vista além do céu é o que o crente está esperando, assim um Jesus invisível além do véu é o fundamento da sua esperança; a graça gratuita de Deus, os méritos e a mediação de Cristo e as poderosas influências do Espírito Santo são o fundamento da sua esperança, e, portanto, uma esperança inabalável. Jesus Cristo é o objeto e o fundamento da esperança inabalável do crente. Jesus Cristo é o objeto e o fundamento da esperança do crente em diversos aspectos. 1. Por Ele ter entrado no véu, para interceder a Deus, em virtude daquele sacrifício que Ele ofereceu sem o véu. A esperança se fixa no sacrifício e na intercessão dele. 2. Por Ele ser o precursor do seu povo, que entrou no véu, para preparar um lugar para eles, e para lhes garantir que eles o seguirão. Ele é a garantia e os primeiros frutos dos que crêem, tanto na sua ressurreição quanto na sua ascensão. 3. E Ele habita ali, um sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, um sacerdote para sempre, cujo sacerdócio nunca terá fim, nunca falhará, até que Ele tenha cumprido toda a obra e propósito, que é a completa e definitiva felicidade de todos os que creram nele. Pois bem, isso deve fazer com que nos ocupemos com a confirmação do nosso interesse em Cristo, para que fixemos nossas esperanças nele como o nosso precursor, que entrou ali por nós, por nossa causa, por nossa segurança, para cuidar dos nossos mais elevados interesses. Por isso, amemos o céu ainda mais por conta dele, e ansiemos por estar lá com Ele, onde estaremos para sempre seguros, e para sempre satisfeitos.

CAPÍTULO 7

A doutrina do ofício sacerdotal de Cristo é tão excelente em si mesma, e uma parte tão essencial da fé cristã, que o apóstolo tem prazer em se demorar nela. Nada fazia os judeus terem mais predileção pela dispensação levítica do que a elevada estima que tinham pelo seu sacerdócio, e ele era, sem dúvida, uma instituição sagrada e das mais excelentes; era uma ameaça muito severa aquela denunciada contra os judeus (Os 3.4), de que os filhos de Israel viveriam muitos dias sem príncipe, sem sacrifício, sem éfode e sem terafins. Agora o apóstolo lhes assegura que ao receberem o Senhor Jesus teriam um sumo sacerdote muito melhor, um sacerdócio de ordem superior, e conseqüentemente uma melhor dispensação ou aliança, uma lei melhor e um testamento melhor, onde temos: I. Um relato mais específico de Melquisedeque (vv. 1-3). II. A descrição da superioridade do seu sacerdócio em comparação com o de Arão (vv. 4-10). III. Uma adaptação de tudo a Cristo, para mostrar a excelência superior de sua pessoa, ofício e aliança (vv. 11-28).

O Sacerdócio de Melquisedeque

vv. 1-10

O capítulo anterior encerrou com uma repetição do que havia sido citado antes de Salmos 110.4: "...*Jesus,* [...] *feito eternamente um sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque*". Esse capítulo é uma exposição acerca daquele texto; aqui o apóstolo coloca diante deles parte da carne substanciosa de que falou anteriormente, esperando que por maior diligência eles estivessem mais bem preparados para digeri-la.

I A grande pergunta que primeiro se impõe é: Quem foi Melquisedeque? Toda a descrição que temos dele no Antigo Testamento está em Gênesis 14.18ss., e em Salmos 110.4. Aliás, estamos em grande parte no escuro em relação a ele; aprouve a Deus deixar-nos assim, para que esse Melquisedeque seja um tipo mais vívido dele, cuja geração ninguém pode explicar. Se os homens não se satisfazem com o que está revelado, precisam perambular no escuro em intermináveis conjecturas; alguns o imaginam um anjo, outros, o Espírito Santo; mas:

1. As opiniões acerca dele que são mais dignas de nossa consideração são estas três: (1) Therabbin, e a maioria dos autores judeus, pensa que ele foi Sem, o filho de Noé que foi rei e sacerdote dos seus ancestrais, segundo a maneira de outros patriarcas; mas não é provável que ele tenha mudado o seu nome dessa forma. Além disso, não temos nenhum relato de ele se assentar na terra de Canaã. (2) Muitos autores cristãos pensaram que ele

fosse o próprio Jesus Cristo, aparecendo por meio de uma dispensação e privilégio especiais a Abraão em carne, e que foi conhecido a Abraão pelo nome de Melquisedeque, o que se aplica muito bem a Cristo, e ao que é dito em João 8.56: "*Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se*". Muito pode ser dito a favor dessa opinião, e o que se diz no versículo 3 não parece concordar com qualquer ser humano; mas mesmo assim parece estranho fazer de Cristo um tipo de si mesmo. (3) A opinião mais geral é que ele foi um rei cananeu, que reinou em Salém, e promoveu a religião e a adoração ao verdadeiro Deus; que ele foi levantado para ser um tipo de Cristo e foi honrado por Abraão como tal.

2. Mas vamos deixar de lado essas conjecturas e nos esforçar em entender, o quanto pudermos, o que aqui é dito dele pelo apóstolo, e como Cristo é representado por meio disso (vv. 1-3). (1) Melquisedeque era rei, e assim é o Senhor Jesus – um rei pela unção de Deus; o governo foi colocado sobre os seus ombros, e Ele governa sobre todos para o bem do seu povo. (2) Que ele era "*...rei de justiça...*": o seu nome significa *o justo juiz*. Jesus Cristo é rei por direito e rei justo – por direito no seu título, justo no seu governo. Ele é o Senhor da nossa justiça; Ele cumpriu toda a justiça, e trouxe uma justiça eterna, e Ele ama a justiça e pessoas justas, e odeia a iniqüidade. (3) Ele era rei de Salém, isto é, "*...rei de paz*"; primeiro, rei de justiça, e depois, rei de paz. Assim é o nosso Senhor Jesus; por meio da sua justiça fez a paz, o fruto da justiça é paz. Cristo anuncia paz, cria paz, é o nosso pacificador. (4) Ele era "*...sacerdote do Deus Altíssimo*", qualificado e ungido de maneira extraordinária para ser sacerdote entre os gentios. Assim é o Senhor Jesus; Ele é o sacerdote do Deus Altíssimo, e os gentios precisam vir a Deus por meio dele; é somente por meio do sacerdócio dele que podemos obter a reconciliação e a remissão dos pecados. (5) Ele era "*...sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida*" (v. 3). Isto não deve ser entendido ao pé da letra; mas as Escrituras escolheram estabelecê-lo como uma pessoa extraordinária, sem nos dar sua genealogia, para que fosse um tipo mais apropriado de Cristo, que como homem foi sem pai, e como Deus, sem mãe; cujo sacerdócio é sem genealogia, que não descendeu de outro, nem dele descendeu outro, mas é pessoal e perpétuo. (6) Que encontrou "*...Abraão quando ele regressava da matança dos reis, e o abençoou*". O episódio está registrado em Gênesis 14.18ss. Ele trouxe pão e vinho para reanimar Abraão e seus servos quando estavam exaustos; ele ofertou como rei, e abençoou como sacerdote. Assim o nosso Senhor Jesus encontra o seu povo nos seus conflitos espirituais, reanima-os, renova suas forças e os abençoa. (7) Que Abraão lhe "*...deu o dízimo de tudo*" (v. 2), isto é, como o apóstolo o explica, "*...dos despojos*"; e isto Abraão fez como uma expressão da sua gratidão por aquilo que Melquisedeque fez por ele, ou como testemunha de sua deferência e sujeição a ele como rei, ou como uma oferta consagrada e dedicada a Deus, para ser apresentada por seu sacerdote. E assim somos obrigados a fazer todas as retribuições possíveis de amor e gratidão ao Senhor Jesus por todas as riquezas e favores reais que recebemos dele, para prestar nossa honra e sujeição a Ele como nosso Rei, e para colocar todas as nossas ofertas em suas mãos, para que sejam apresentadas por Ele ao Pai no incenso do seu próprio sacrifício. (8) Que esse Melquisedeque foi "*...feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre*". Ele carregou a imagem de Deus na sua piedade e autoridade, e está registrado como um sumo sacerdote imortal; um tipo daquele que é o eterno e unigênito do Pai, que permanece sacerdote para sempre.

II Consideremos agora (como aconselha o apóstolo) como era grande esse Melquisedeque, e como era superior o seu sacerdócio ao da ordem de Arão (vv. 4,5ss.): "*Considerai, pois, quão grande era este*". A grandeza desse homem e de seu sacerdócio aparece: 1. Com base no fato de Abraão ter pago o dízimo dos despojos a ele; e observa-se também que Levi pagou dízimos a Melquisedeque em Abraão (v. 9). Depois Levi receberia o ofício sacerdotal de Deus, e deveria receber os dízimos do povo, mas até Levi pagou dízimos a Melquisedeque, como um sacerdote maior e mais importante que ele mesmo; por isso, o sumo sacerdote que apareceria depois, do qual Melquisedeque era um tipo, precisava ser muito superior a qualquer dos sacerdotes levíticos, que pagaram os dízimos, em Abraão, a Melquisedeque. Pois bem, por meio desse argumento de pessoas fazendo coisas que são questões de justiça ou injustiça na vida dos seus predecessores temos uma ilustração de quando se diz que nós pecamos em Adão, e caímos com ele na sua primeira transgressão. Estávamos em Adão quando ele pecou, e a culpa e a depravação contraídas pela natureza humana de nossos primeiros pais são imparcialmente imputadas e derivadas da mesma natureza como o são em todas as outras pessoas que descendem naturalmente deles. Eles de forma apropriada são fiéis à natureza, e precisa haver um ato de graça para que sejam arrancados dela. 2. Com base na bênção que Melquisedeque deu a Abraão, "*...o que tinha as promessas. Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior*" (vv. 6,7). Observe aqui: (1) A grande dignidade e felicidade de Abraão – ele tinha as promessas. Ele era um em aliança com Deus, a quem Deus tinha dado de forma extraordinária as grandes e preciosas promessas. É de fato rico e feliz o homem que tem uma propriedade em títulos e garantias sob a mão e o selo de Deus. Essas promessas são tanto relativas à vida que temos agora quanto à vida por vir; essa honra tem todos os que recebem o Senhor Jesus, em quem todas as promessas são sim e amém. (2) A honra maior de Melquisedeque – no fato de que era seu lugar e privilégio abençoar Abraão; e é uma máxima incontestável que "*...o menor é abençoado pelo maior*" (v. 7). Aquele que dá as bênçãos é maior do que aquele que as recebe; e por isso Cristo, o antítipo de Melquisedeque, aquele que obteve e é o Mediador de todas as bênçãos aos filhos dos homens, precisa ser maior do que todos os sacerdotes da ordem de Arão.

Melquisedeque e Cristo São Comparados

vv. 11-28

Observe a necessidade que havia de levantar um outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque e não segundo a ordem de Arão, por meio de quem viria essa perfeição que não poderia vir por meio do sacerdócio levítico, que por isso precisou ser mudado, e toda a administração com ele (vv. 11,12ss.). Aqui:

I Afirma-se que a perfeição não podia vir por meio do sacerdote e da lei levítica. Eles não conseguiram deixar os que vinham a eles em perfeita alegria e desfrute das boas coisas a que apontavam; só podiam mostrar-lhes o caminho.

II Que por isso um novo sacerdote precisava ser levantado, segundo a ordem de Melquisedeque, por meio de quem, e de sua lei de fé, a perfeição poderia vir a todos que lhe obedecessem; e, bendito seja Deus, para que nós tivéssemos perfeita santidade e perfeita felicidade por meio de Cristo no concerto da graça, de acordo com o evangelho, pois somos completos nele.

III Afirma-se que sendo mudado o sacerdote por necessidade precisa haver também a mudança da lei; por haver uma relação tão próxima entre o sacerdócio e a lei, a dispensação não poderia ser a mesma debaixo de outro sacerdócio; um novo sacerdócio precisa existir sob um novo regulamento, administrado de outra forma, e por regras apropriadas à sua natureza e ordem.

IV Não é afirmado, mas provado, que o sacerdócio e a lei são mudados (vv. 13,14). O sacerdócio e a lei por meio dos quais a perfeição não poderia vir foram abolidos, e surgiu um sacerdote, e uma dispensação é agora estabelecida, pela qual os verdadeiros crentes podem ser aperfeiçoados. Agora, que há essa mudança é óbvio.

1. Há uma mudança na tribo da qual veio o sacerdócio. Antes, era a tribo de Levi; mas o nosso grande sumo sacerdote procedeu de Judá, "*...e concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio*" (v. 14). Essa mudança de família mostra uma real mudança da lei do sacerdócio.

2. Há uma mudança na forma e ordem de constituir os sacerdotes. Antes, no sacerdócio levítico, eram constituídos segundo a lei de um mandamento carnal; mas o nosso grande sumo sacerdote foi constituído segundo o poder de uma vida incorruptível. A lei anterior apontou que o ofício deveria passar por descendência, depois da morte do pai, para o seu filho mais velho, de acordo com a ordem da geração carnal e natural; pois nenhum dos sumos sacerdotes era sem pai ou mãe, ou sem genealogia. Eles não tinham a vida e a imortalidade em si mesmos. Eles tinham tanto começo de dias quanto fim de vida. E assim o mandamento carnal, ou a lei da primogenitura, dirigia a sua sucessão, como o fazia também em questões de direito civil e de herança. Mas a lei segundo a qual Cristo foi constituído sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, foi o poder de uma vida incorruptível. A vida e a imortalidade que Ele tinha em si mesmo eram o seu direito e título ao sacerdócio, não sua descendência de sacerdotes anteriores. Isso faz uma grande diferença para o sacerdócio, e também para a administração, e dá a preferência infinitamente a Cristo e ao evangelho. A própria lei que constituiu o sacerdócio levítico já previu que os sacerdotes seriam fracos, frágeis, mortais, criaturas, que não seriam capazes de preservar sua própria vida natural, mas que precisavam se contentar em sobreviver na sua posteridade segundo a carne; muito menos poderiam eles, por qualquer poder ou autoridade que tivessem, transmitir vida e bem-aventuranças espirituais àqueles que vinham a eles. Mas o sumo sacerdote da nossa profissão mantém o seu ofício por meio daquele poder inato da vida incorruptível que Ele tem em si mesmo, não somente para preservar-se com vida, mas para transmitir vida espiritual e eterna a todos os que confiam propriamente no seu sacrifício e intercessão. Alguns pensam que a "*...lei do mandamento carnal*" se refere a rituais exteriores de consagração, e aos sacrifícios carnais que eram feitos; mas "*...a virtude da vida incorruptível*", aos sacrifícios vivos espirituais apropriados ao evangelho, e aos privilégios espirituais e eternos obtidos por Cristo, que foi consagrado pelo Espírito eterno que Ele recebeu sem medida.

3. Há uma mudança na eficácia do sacerdócio. O anterior era fraco e inaproveitável, não tornava nada perfeito; o segundo trouxe uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus (vv. 18,19). O sacerdócio levítico não levou nada à perfeição. Não conseguiu justificar os homens das suas culpas; não conseguiu santificá-los da corrupção interior; não conseguiu purificar de obras mortas a consciência dos adoradores; tudo que conseguiu fazer foi conduzi-los ao antítipo. Mas o sacerdócio de Cristo traz em si mesmo uma esperança melhor; mostra-nos o verdadeiro fundamento de toda a esperança que temos em Deus para o perdão e a salvação; ele revela mais claramente os grandes objetos da nossa esperança; e assim tende a produzir em nós uma esperança mais forte e mais vívida de sermos aceitos por Deus. Por essa esperança somos encorajados a nos aproximar de Deus, a entrar em aliança com Ele, a viver a vida de convivência e comunhão com Ele. Agora podemos nos aproximar com um coração verdadeiro, e com a completa certeza da fé, tendo a nossa mente aspergida e libertada de uma má consciência. O sacerdócio anterior mantinha os homens à distância e sob o espírito da servidão.

4. Há uma mudança na forma de Deus agir nesse sacerdócio. Ele fez um juramento a Cristo, o que Ele nunca fez a ninguém da ordem de Arão. Deus nunca lhes deu essa certeza da sua continuidade, nunca se empenhou com um juramento ou promessa de que o sacerdócio deles seria eterno, e por isso não lhes deu razão para esperar a perpetuidade dele, mas, antes, de considerá-lo uma lei temporária. Mas Cristo foi constituído sacerdote com o juramento de Deus: "*Jurou o Senhor e não se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque*" (v. 21). Aqui Deus declarou sob juramento a imutabilidade, a excelência, a eficácia e a eternidade do sacerdócio de Cristo.

5. Há uma mudança nesse concerto da qual o sacerdócio foi uma certeza e o sacerdote o fiador; isto é, uma mudança na dispensação desse concerto. A dispensação do evangelho é mais completa, livre, compreensível, espiritual e eficaz do que a da lei. Cristo é nesse concerto do evangelho um fiador por nós a Deus e por Deus a nós, para fazer com que os artigos sejam cumpridos de ambas as partes. Ele, como fiador, uniu a natureza divina com a humana na sua própria pessoa, e por meio disso nos deu certeza da reconciliação; e Ele uniu, como fiador, Deus e o homem no vínculo do concerto eterno. Ele pleiteia com os homens para que guardem sua aliança com Deus, e Ele pleiteia com Deus para que Ele cumpra as

suas promessas aos homens, o que Ele está sempre pronto a fazer de forma apropriada à sua majestade e glória, isto é, por meio do Mediador.

6. Há uma mudança notável no número de sacerdotes sob essas diferentes ordens. Na de Arão, havia uma multidão de sacerdotes, de sumos sacerdotes, não de uma vez, mas sucessivamente; mas nessa de Cristo, há apenas um e o mesmo. A razão é simples: Os sacerdotes levíticos eram muitos, porque "*...pela morte, foram impedidos de permanecer*". O seu ofício, por elevado e honrado que fosse, não podia impedi-los de morrer; e, quando um morria, outro precisava sucedê-lo, e depois de um tempo precisava dar lugar a um terceiro, até que o número se tornou muito grande. Mas esse nosso sumo sacerdote continua para sempre, e o seu sacerdócio é *aparabatom – perpétuo*, que não passa de um para outro, como ocorria com o anterior; está sempre nas mesmas mãos. Não pode haver vacância nesse sacerdócio, nem hora nem momento em que o povo esteja sem um sacerdote para tratar de suas questões espirituais no céu. Uma tal vacância poderia ser muito perigosa e prejudicial para eles; mas essa é sua segurança e felicidade, que esse sumo sacerdote eterno é capaz de salvar em tudo – em todos os tempos, em todos os casos, em todas as situações – todos os que vêm a Deus por meio dele (v. 25). Assim que há uma evidente mudança para melhor.

7. Há uma diferença notável nas qualificações morais dos sacerdotes. Os que eram da ordem de Arão eram não somente homens mortais, mas homens pecadores, que tinham suas enfermidades espirituais assim como tinham as naturais; eles precisavam oferecer sacrifícios primeiro pelos seus próprios pecados e então pelo povo. Mas o nosso sumo sacerdote, que foi consagrado pela palavra do juramento, precisou oferecer somente uma vez pelo povo, e nunca por si mesmo; pois Ele não tem somente uma consagração imutável ao seu ofício, mas uma santidade imutável na sua pessoa. Pois "*...nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado...*" (vv. 26-28). Observe aqui: (1) O nosso caso, como pecadores, precisava de um sumo sacerdote que fizesse penitência e intercessão por nós. (2) Nenhum sacerdote poderia ser suficiente ou apropriado para a nossa reconciliação com Deus, a não ser um que fosse perfeitamente justo em sua própria pessoa. Ele precisava ser justo em si mesmo, ou então não poderia ser propiciação por nosso pecado, ou nosso advogado diante do Pai. (3) O Senhor Jesus foi um sumo sacerdote exatamente assim como nós queríamos, pois Ele tem uma personalidade santa, absolutamente perfeita. Observe a descrição que temos da santidade pessoal de Cristo expressa em diversos termos, todos os quais alguns teólogos estudados consideram relacionados à sua perfeita santidade e pureza. [1] Ele é santo, está perfeitamente livre de todos os hábitos ou princípios do pecado, não tendo a menor propensão para isso na sua natureza; nenhum pecado habita nele, embora habite nos melhores cristãos, nele não há a menor inclinação pecaminosa. [2] Ele é inocente, está perfeitamente livre de todas as transgressões reais, não fez violência alguma, nem houve engano algum em sua boca, nunca fez o menor mal a Deus ou ao homem. [3] Ele é imaculado, nunca participou dos pecados de outros homens. É algo difícil manter-nos puros, como também não participarmos na culpa dos pecados de outros homens, ao contribuirmos de alguma maneira para isso, ou ao não fazermos o que deveríamos para impedi-los. Cristo foi imaculado; embora tenha tomado sobre si os nossos pecados, mesmo assim Ele nunca se envolveu pessoalmente no fato e na falha deles. [4] Ele está separado dos pecadores, não somente neste presente estado (tendo entrado como nosso sumo sacerdote no Santo dos Santos, no qual nada maculado pode entrar), mas também na sua pureza pessoal. Ele não tem tal união com pecadores, seja natural ou não, como se pudesse ser transferido para Ele o pecado original. Este vem sobre nós em virtude de nossa união natural com o primeiro Adão, ao descendermos dele pela ordem natural. Mas Cristo estava, por meio de sua concepção indescritível na virgem, separado dos pecadores; mesmo que Ele tenha assumido sobre si uma verdadeira natureza humana, contudo, a forma milagrosa em que foi concebido o colocou em um nível diferente do restante da humanidade. [5] Ele foi feito mais sublime do que os céus. A maioria dos expositores entende isso como uma referência ao seu estado exaltado no céu, à direita de Deus, para aperfeiçoar o plano do seu sacerdócio. Mas o Dr. Goodwin pensa que isso pode ser muito apropriadamente uma referência à santidade pessoal de Cristo, que é maior e mais perfeita do que a santidade das hostes celestiais, isto é, dos próprios anjos celestiais, que, embora estejam livres do pecado, não estão em si mesmos livres de toda a possibilidade de pecar. E é por isso que lemos: "*Eis que nos seus servos não confia e nos seus anjos encontra loucura*" (Jó 4.18), isto é, fraqueza e propensão a pecar. Eles podem ser anjos uma hora e demônios na hora seguinte, como ocorreu com muitos deles; o fato de os santos anjos não caírem agora não procede de uma característica da natureza, mas da eleição de Deus; eles são anjos eleitos. É bem provável que essa explicação das palavras "*...feito mais sublime do que os céus*" seja muito forçada, e que deva ser entendida como referência ao estado de Cristo, e não à perfeita santidade da sua pessoa; e mais ainda porque está dito que Ele foi *feito* mais sublime, *genomenos*; mas bem se sabe que essa palavra é usada no sentido neutro, como quando é dito: *genesthe ho Theos alethes – seja Deus verdadeiro.* As outras características no versículo claramente pertencem à perfeição pessoal de Cristo em santidade, em oposição às enfermidades pecaminosas dos sacerdotes levíticos; e parece coerente pensar que isso deve ser assim também, se pode ser corretamente tomado com esse sentido; e parece ainda mais provável, visto que a validade e a prevalência do sacerdócio de Cristo no versículo 27 são colocadas na imparcialidade e no desinteresse dele. Ele não precisava oferecer por si mesmo; era uma mediação desinteressada. Ele mediou a misericórdia pelos outros que Ele não precisava para si mesmo; se Ele a tivesse necessitado para si mesmo não poderia ter sido o Mediador e não poderia ter sido advogado dos pecadores. Agora, para tornar a sua mediação mais imparcial e desinteressada, parece requisito não somente que Ele não tivesse necessidade presente desse favor para si mesmo que Ele mediou pelos outros, mas que Ele nunca poderia ter necessidade dela. Embora não necessitasse dela hoje, se Ele soubesse que poderia estar em tais circunstâncias que viesse a necessitar dela amanhã, ou em qualquer tempo futuro, ter-se-ia de pensar

dele que tinha um foco no seu próprio interesse, e por isso não poderia agir com consideração imparcial e zelo puro para a honra de Deus por um lado, e com terna e pura compaixão pelos pobres pecadores por outro. Não pretendo seguir aqui as notas do nosso finado e excelente expositor, em cujos labores entramos, mas tomei a liberdade de vindicar essa noção do erudito Dr. Goodwin das exceções que sei que foram feitas a ela; e fiz isso porque, se for consistente, dá-nos mais evidências de como era necessário que o Mediador fosse Deus, visto que nenhuma criatura possui em si mesma essa impecabilidade que a vai colocar acima de todas as possíveis necessidades de favor e misericórdia para si mesma*.

CAPÍTULO 8

Nesse capítulo, o apóstolo continua o seu tópico anterior, o sacerdócio de Cristo. Aqui: I. Ele resume o que já disse (vv. 1,2). II. Ele coloca diante deles as partes necessárias do ofício sacerdotal (vv. 3-5). E: III. Amplamente ilustra a excelência do sacerdócio de Cristo, ao considerar a excelência dessa nova dispensação ou concerto do qual Cristo é o Mediador (vv. 6-13).

O Sacerdócio de Cristo

vv. 1-5

Aqui temos:

I Uma exposição resumida do que foi dito anteriormente concernente à excelência do sacerdócio de Cristo, mostrando o que temos em Cristo, onde Ele habita agora, e de que santuário Ele é ministro (vv. 1,2). Observe: 1. O que temos em Cristo: temos um sumo sacerdote, e um tal sumo sacerdote como nenhum outro povo jamais teve, e que nenhuma época do mundo, nenhuma igreja jamais produziu; todos os outros foram apenas tipos e sombras desse sumo sacerdote. Ele está apropriadamente capacitado e é absolutamente suficiente para todos os intentos e propósitos de um sumo sacerdote, tanto com respeito à honra de Deus quanto à felicidade do próprio homem; a grande honra de todos os que têm um interesse nele. 2. Onde Ele habita agora: "*...está assentado nos céus à destra do trono da Majestade*", isto é, do glorioso Deus do céu. Ali o Mediador é colocado, e Ele é investido de toda a autoridade e poder tanto no céu quanto na terra. Essa é a recompensa por sua humilhação. Essa autoridade Ele exerce para a glória do seu Pai, para a sua própria honra e para a felicidade de todos os que pertencem a Ele; e Ele vai, pelo seu poder imenso, levar cada um deles na sua própria ordem à direita de Deus no céu, como membros do seu corpo místico, para que onde Ele está, estejam eles também. 3. Qual é esse santuário de que Ele é ministro: "*...do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem*" (v. 2). O tabernáculo que foi armado pelo homem, de acordo com o desígnio de Deus. Havia uma parte externa, em que estava o altar em que deveriam ser oferecidos os seus sacrifícios, que tipificavam a morte de Cristo; e havia uma parte interior dentro do véu, que tipificava Cristo intercedendo pelo povo no céu. Agora, nesse tabernáculo Cristo nunca entrou; mas, tendo concluído a obra da expiação no verdadeiro tabernáculo do seu próprio corpo, Ele é agora um ministro do tabernáculo, do Santo dos Santos, do verdadeiro tabernáculo no céu, ali tratando das questões do seu povo, intercedendo diante de Deus por eles, para que os pecados deles sejam perdoados e suas pessoas e serviços sejam aceitos, por meio do mérito do sacrifício dele. Ele não está somente desfrutando de grande domínio e dignidade no céu, mas, como o sumo sacerdote da sua igreja, exercendo o seu ofício por eles todos em geral, e por todo membro da igreja em particular.

II O apóstolo coloca diante dos hebreus as partes necessárias do sacerdócio de Cristo, ou o que é que pertencia a esse ofício, em conformidade com aquilo para o que todo sacerdote é ordenado (vv. 3,4). 1. "*...todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios*". Tudo o que era trazido pelo povo para ser oferecido a Deus, fossem sacrifícios expiatórios, ou ofertas de paz, ou ofertas de gratidão, precisava ser apresentado pelo sacerdote, que iria expiar a culpa deles por meio do sangue do sacrifício, e perfumar as suas ofertas e serviços pelo seu incenso sagrado, para tornar a pessoa e a apresentação do ofertante tipicamente aceitáveis; assim era necessariamente apropriado ao sacerdócio de Cristo que Ele tivesse alguma coisa que oferecer; e Ele, como o antítipo, tinha a si mesmo para oferecer, sua natureza humana sobre o altar da sua natureza divina, como o grande sacrifício expiatório que encerrava a transgressão e colocava um fim no pecado de uma vez por todas. E Ele tem o incenso da sua própria justiça e méritos também para oferecer junto com tudo que o seu povo oferece a Deus por meio dele, para torná-los aceitáveis. Não podemos nos atrever a nos aproximar de Deus, ou a apresentar qualquer coisa a Ele, se não for por meio de Cristo, dependendo dos seus méritos e de sua mediação; pois se somos aceitos, é no Amado. 2. Cristo precisa agora executar o seu sacerdócio no céu, no Santo dos Santos, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor armou. Assim o tipo vai ser completamente cumprido; tendo concluído a obra do sacrifício aqui, Ele precisa ir ao céu, para apresentar a sua justiça e para fazer intercessão ali. Pois: (1) "*...se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria*" (v. 4), isto é, não de acordo com a lei levítica, por não ser daquela linhagem sacerdotal; e enquanto aquele sacerdócio continuasse, precisava ser dada rigorosa consideração à instituição divina em tudo. (2) Todos os serviços do sacerdote, sob a lei, assim como tudo naquele tabernáculo que foi construído de acordo com o padrão mostrado no monte, eram somente exemplos e sombras das coisas divinas (v. 5). Cristo é a essência e o fim da lei para a justiça. Portanto, é necessário que haja algo no sacerdócio de Cristo que corresponda à entrada

* Nota do editor: O comentário de Matthew Henry das Epístolas e do Apocalipse foi completado, depois de sua morte, por ministros que trabalharam a partir das notas remanescentes de sua exposição oral desses escritos. Veja o prefácio deste volume.

do sumo sacerdote no véu para fazer intercessão, sem o que Ele não poderia ter sido um sumo sacerdote perfeito; e o que seria isso se não a ascensão de Cristo ao céu, e sua aparição ali diante da vista de Deus a favor do seu povo, para apresentar suas orações, e defender a sua causa? Assim que, se Ele tivesse permanecido na terra, não poderia ter sido um sacerdote perfeito; e um sacerdote imperfeito Ele não poderia ser.

O Antigo e o Novo Concerto

vv. 6-13

Nessa parte do capítulo, o apóstolo ilustra e confirma a excelência superior do sacerdócio de Cristo ao de Arão com base na excelência desse concerto, ou dessa dispensação da graça, da qual Cristo foi o Mediador (v. 6): seu ministério é mais excelente na mesma medida em que Ele é o Mediador de um concerto melhor. O corpo e a alma também de toda a Teologia (como observam alguns) consistem em grande parte em se distinguir corretamente entre os dois concertos – o concerto das obras e o concerto da graça; e entre as duas dispensações – a do Antigo Testamento e a do Novo. Agora observe:

I O que é dito aqui acerca do antigo concerto, ou melhor, da antiga dispensação: 1. Que foi feito com os pais da nação judaica no monte Sinai (v. 9), e Moisés foi o Mediador daquele concerto, quando Deus os tomou pela mão, para conduzi-los para fora da terra do Egito, o que sugere a grande afeição, condescendência e terno cuidado de Deus por eles. 2. Que esse concerto não foi encontrado sem defeito (vv. 7,8); foi uma dispensação de trevas e pavor, tendendo para a escravidão, e somente um aio para poder nos levar a Cristo; foi perfeito em seu tipo, e serviu para cumprir a sua finalidade, mas muito imperfeito em comparação com o evangelho. 3. Que não era seguro ou firme: "*...como os judeus não permaneceram naquele meu concerto, eu para eles não atentei, diz o Senhor*" (v. 9). Eles trataram de forma ingrata com o seu Deus, e cruelmente uns com os outros, e caíram em desgraça diante de Deus. Deus vai atentar para aqueles que permanecem no seu concerto, mas vai rejeitar aqueles que lançam fora o jugo dele. 4. Que decaiu, envelheceu e definhou (v. 13). É antiquado, foi cancelado, passou do tempo, não tem mais uso nos tempos do evangelho do que a luz de velas depois que o sol nasce. Alguns pensam que o concerto antigo não decaiu completamente até a destruição de Jerusalém, embora fosse descartado na morte de Cristo, e fosse tornado velho, e, então, desvanecido e acabado, e o sacerdócio levítico com ele.

II O que é dito aqui acerca da dispensação do Novo Testamento, para provar a excelência superior do ministério de Cristo. É dito:

1. Que é um concerto melhor (v. 6), uma dispensação mais clara e confortável e uma descoberta da graça de Deus pelos pecadores, trazendo santa luz e liberdade à alma. É sem falhas, bem ordenado em todas as coisas. Não requer nada a não ser aquilo para o que promete graça para a realização. Aceita sinceridade piedosa, considerando-a perfeição do evangelho. Agora não mais cada transgressão elimina do concerto; tudo é colocado em uma mão boa e segura.

2. Que é estabelecido sobre promessas melhores, mais claras e expressas, mais espirituais, mais absolutas. As promessas de bênçãos espirituais e eternas nesse concerto são certas e absolutas; as promessas de bênçãos temporais vêm com uma prescrição sábia e bondosa, na medida em que assim deve ser para a glória e o bem do seu povo. Esse concerto contém em si promessas de assistência e aceitação, promessas de progresso e perseverança em graça e em santidade, de felicidade e glória no céu, que foram prefiguradas de forma mais obscura pelas promessas da terra de Canaã, um tipo do céu.

3. É um novo concerto, até mesmo aquele novo concerto que Deus há muito declarou que faria com a casa de Israel, isto é, com todo o Israel de Deus; isso foi prometido em Jeremias 31.31,32, e cumprido em Cristo. Isso será sempre um novo concerto, no qual todos que realmente se apossarem dele serão para sempre preservados pelo poder de Deus. É o concerto de Deus; sua misericórdia, amor e graça o produziram; sua sabedoria o designou; seu Filho pagou por ele; seu Espírito leva almas a ele e as edifica nele.

4. Os artigos desse concerto são de fato extraordinários, e são selados entre Deus e o seu povo pelo batismo e pela Ceia do Senhor; por meio disso, eles se comprometem com sua parte, e Deus lhes garante que vai fazer a parte dele. E a parte principal é do Senhor, da qual o seu povo depende para receber graça e força para fazer a sua parte. Aqui:

(1) Deus faz acordo com o seu povo de que "*...porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei*" (v. 10). Outrora Ele escreveu suas leis ao seu povo, agora vai escrevê-las neles, isto é, Ele vai lhes dar compreensão para conhecerem e crerem na sua lei. Ele vai lhes dar memória para retê-la; Ele vai lhes dar o coração para amá-la e consciência para reconhecê-la. Ele vai lhes dar coragem para professá-la e poder para colocá-la em prática; todos os hábitos e a estrutura da alma deles serão uma tábua e uma transcrição da lei de Deus. Esse é o fundamento do concerto; e, quando este estiver colocado, as responsabilidades serão cumpridas de forma sábia, sincera, pronta, fácil, resoluta, constante e confortavelmente.

(2) Ele faz acordo com eles para conduzi-los a uma relação muito próxima e honrada consigo. [1] Ele vai lhes ser por Deus; isto é, Ele será tudo e fará tudo para eles que Deus pode ser e fazer. Nada mais pode ser dito em milhares de volumes do que está compreendido nestas poucas palavras: "*...e eu lhes serei por Deus*". [2] Eles lhe serão por povo, para amá-lo, honrá-lo, respeitá-lo e obedecê-lo em todas as coisas, consentindo com suas advertências, conformando-se aos seus mandamentos, concordando com suas providências, imitando o seu exemplo, tendo complacência a favor dele. Isso devem fazer os que têm Deus por seu Deus, isso estão destinados a fazer como parte do contrato; isso devem fazer, pois Deus os capacitará a fazê-lo, como evidência de que Ele é seu Deus e que eles são seu povo; pois é o próprio Deus que primeiro estabelece a relação, e então a preenche com graça apropriada e suficiente, e os ajuda na medida deles para a preencherem com amor e sujeição; assim é que Deus se empenha tanto por si mesmo quanto por eles.

(3) Ele faz acordo com eles para que se familiarizem mais e mais com o seu Deus (v. 11): "...*todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior*", tanto é que não haverá muita necessidade de uma pessoa ensinar ao seu próximo o conhecimento de Deus. Observe aqui: [1] Na ausência de instrução melhor, uma pessoa deve ensinar a outra a conhecer o Senhor, assim que tiverem habilidade e oportunidade para fazê-lo. [2] Essa instrução particular não será tão necessária no tempo do Novo Testamento como o era no Antigo. A antiga dispensação era sombria, obscura, ritual e menos compreendida; seus sacerdotes pregavam raramente, e poucos de cada vez, e o Espírito de Deus foi concedido mais escassamente. Mas na nova dispensação, haverá tal abundância de pregadores públicos do evangelho qualificados, e de ministradores das ordenanças como determinadas nas assembléias solenes, e um ajuntamento tão grande em torno deles, como pombas às suas janelas, e uma efusão tão abundante do Espírito de Deus para tornar a ministração do evangelho eficaz, que haverá um imenso crescimento e difusão do conhecimento cristão em pessoas de todos os tipos, de cada gênero, e de todas as idades. Que essa promessa se cumpra nos nossos dias, que a mão de Deus esteja com seus ministros, que um grande número possa crer e se voltar ao Senhor!

(4) Deus faz acordo com eles acerca do perdão dos seus pecados, como algo que sempre segue o verdadeiro conhecimento de Deus (v. 12): "*Porque serei misericordioso para com as suas iniqüidades...*". Observe: [1] A gratuidade desse perdão. Não resulta do mérito do homem, mas da misericórdia em Deus. Ele perdoa por causa do seu nome. [2] A plenitude desse perdão; ele se estende às injustiças deles, seus pecados e iniqüidades; a todos os tipos de pecado, graves ou não. [3] A firmeza desse perdão. Ele é tão definitivo e firme que Deus já não lembra dos pecados deles. Ele não vai lembrar o seu perdão. Ele não vai somente perdoar os pecados deles, mas esquecê-los, tratá-los como se os tivesse esquecido. Esta misericórdia perdoadora está associada com todas as outras misericórdias espirituais. O pecado não perdoado impede a misericórdia, e atrai o castigo; mas o perdão do pecado impede o castigo, e abre uma ampla porta para todas as bênçãos espirituais; é o efeito dessa misericórdia que dura para sempre, e a garantia dessa misericórdia que será para sempre. Essa é a excelência da nova dispensação, e esses são os artigos dela; e por isso, não temos razão alguma para nos alegrar pelo fato de que a antiga dispensação tornou-se antiquada e obsoleta.

Capítulo 9

Ao pronunciar que a dispensação do Antigo Testamento era antiquada e tinha perdido seu efeito, o apóstolo prossegue para mostrar aos hebreus a correspondência que havia entre o Antigo Testamento e o Novo; e que tudo que era excelente no Antigo era típico e representativo do Novo, que, portanto, precisa exceder o Antigo tanto quanto a essência excede a sombra. O Antigo Testamento nunca teve o propósito de que descansemos nele, mas de preparar para as instituições do evangelho. E aqui ele trata: I. Do tabernáculo, o lugar da adoração (vv. 1-5). II. Da adoração e dos serviços realizados no tabernáculo (vv. 6,7). III. Ele apresenta o sentido espiritual e o propósito principal de tudo (vv. 8-28).

O Mobiliário do Tabernáculo

vv. 1-7

Aqui:

I O apóstolo apresenta uma descrição do tabernáculo, esse lugar de adoração que Deus designou para ser armado na terra; é chamado de um santuário *terrestre*, totalmente deste mundo, com relação aos materiais de que foi construído, e uma construção que precisava ser desmontada; é chamado de *santuário* terrestre, porque era a corte e o palácio do Rei de Israel. Deus era o seu Rei, e, como outros reis, tinha a sua corte ou lugar de residência ali, com seus atendentes, utensílios e provisão apropriados para isso. Esse tabernáculo (de que temos um modelo, Êx 25–27) era um templo móvel, prefigurando o estado itinerante da igreja militante, e a natureza humana do Senhor Jesus Cristo, em quem habitou corporalmente a plenitude da divindade. Agora, desse tabernáculo se diz que era dividido em duas partes, chamadas de primeiro e segundo tabernáculos, uma parte interna e outra externa, representando os dois estados da igreja, a militante e a triunfante, e as duas naturezas de Cristo, a humana e a divina. Sabemos também o que era colocado em cada parte do tabernáculo.

1. Na parte externa: lá havia diversas coisas, das quais temos aqui um tipo de esquema. (1) O candeeiro; sem dúvida não estava vazio, mas aceso, e as candeias estavam sempre queimando. E havia necessidade disso, pois não havia janelas no santuário; e isso foi para convencer os judeus da escuridão e da natureza misteriosa daquela dispensação. A luz deles era apenas luz de velas, em contraste com a plenitude da luz que Cristo, o Sol da justiça, traria consigo e transmitiria ao seu povo; pois toda a nossa luz é derivada dele, a fonte da luz. (2) A mesa e os pães da proposição dispostos sobre ela. Essa mesa estava exatamente em frente ao candeeiro, o que mostra que pela luz de Cristo devemos ter comunhão com Ele e uns com os outros. Não devemos ir no escuro a essa mesa, mas pela luz de Cristo precisamos discernir o corpo do Senhor. Sobre essa mesa eram dispostos doze pães para as doze tribos de Israel, um pão para cada tribo, que ficavam de sábado a sábado e nesse dia eram renovados. Esses pães da proposição podem ser considerados ou a provisão do palácio (embora o Rei de Israel não precisasse deles, porém, em semelhança com os palácios dos reis terrenos, essa provisão precisava ser colocada semanalmente), ou a provisão feita em Cristo para a alma do seu povo, apropriada para as necessidades e para a assistência da sua alma. Ele é o pão da vida; na casa do nosso Pai há pão suficiente e de sobra; podemos ter provisão nova do Senhor, especialmente a cada dia do Senhor. Essa parte externa é chamada de *San-*

tuário, pois foi erigido para a adoração de um Deus santo, para representar um Jesus santo, e para acolher um povo santo, para o seu desenvolvimento avançado em santidade.

2. Temos um relato do que havia na parte interna do santuário, que estava atrás do segundo véu, e é chamado de *Santo dos Santos*. Esse segundo véu, que fazia divisão entre o santuário e o Santo dos Santos, era um tipo do corpo de Cristo, e, por sua formulação, não somente uma vista, mas um caminho, foi aberto a nós para o Santo dos Santos, o tipo do próprio céu. Agora, nessa parte estavam: (1) O incensário de ouro, que estava aí para conter o incenso, ou o altar de ouro armado para sobre ele se queimar o incenso; ambos eram típicos de Cristo, de sua intercessão agradável e eficaz que Ele faz no céu, fundada nos méritos e suficiência do seu sacrifício, do qual devemos depender para receber a aceitação e a bênção de Deus. (2) A arca do concerto coberta de ouro toda em redor (v. 4). Isso era um tipo de Cristo, de sua perfeita obediência à lei e de seu cumprimento de toda a justiça por nós. Agora, aqui ficamos sabendo tanto o que havia na arca quanto o que havia sobre ela. [1] O que estava nela. Em primeiro lugar, o "*...vaso de ouro, que continha o maná*", que, quando preservado pelos israelitas em suas próprias casas, contra a ordem de Deus, apodrecia imediatamente; mas agora, sendo depositado na casa de Deus por orientação dele, era guardado do apodrecimento, sempre puro e doce; e isso serve para nos ensinar que somente em Cristo, nossa pessoa, nossas virtudes, nossas realizações são mantidas puras. Era também um tipo do pão da vida que temos em Cristo, a verdadeira ambrosia que dá a imortalidade. Isso era também um memorial do fato de Deus ter alimentado milagrosamente o seu povo no deserto, para que nunca esquecessem esse sinal favorável, nem desconfiassem de Deus para os tempos por vir. Em segundo lugar, "*...a vara de Arão, que tinha florescido*", e com isso mostrado que Deus o tinha escolhido da tribo de Levi para ministrar diante dele dentre todas as tribos de Israel, e assim se pôs um fim à murmuração do povo, e à sua tentativa de invadir a tenda do sacerdote (Nm 17). Essa era aquela vara de Deus com que Moisés e Arão tinham realizado tais milagres; e isso era um tipo de Cristo, que é denominado "*...o homem cujo nome é Renovo*" (Zc 6.12), por quem Deus realizou milagres para a libertação, defesa e provisão espirituais do seu povo, e para a destruição dos seus inimigos. Era um tipo de justiça divina, pela qual Cristo, a Rocha, foi ferido, e de quem a água refrescante da vida flui para a nossa alma. Em terceiro lugar, "*...as tábuas do concerto*", em que a lei moral estava escrita, significando a consideração que Deus tem pela preservação da sua santa lei, e o cuidado que todos devemos ter por guardar a lei de Deus – que isso só podemos fazer em Cristo e por meio dele, pela força dele, e nossa obediência só pode ser aceita por meio dele. [2] O que estava sobre a arca (v. 5): "*...e sobre a arca, os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório*". Em primeiro lugar, o assento de misericórdia, que era a tampa da arca; era chamado *o propiciatório*, e era coberto de ouro puro, tão longo e tão largo quanto a arca em que estavam depositadas as tábuas da lei. Era um tipo eminente de Cristo, e de sua justiça perfeita, sempre adequada às dimensões da lei de Deus, e cobrindo todas as nossas transgressões, interpondo-se entre a *Shequiná*, ou o símbolo da presença de Deus, e nossas falhas pecaminosas, e cobrindo-as. Em segundo lugar, *os querubins da glória* fazendo sombra sobre o propiciatório, representando os santos anjos de Deus, que têm prazer em olhar para a grande obra da nossa redenção realizada por Cristo, e estão prontos para realizar toda boa tarefa, sob o Redentor, por aqueles que são os herdeiros da salvação. Os anjos serviram a Cristo no seu nascimento, na sua tentação, nas suas agonias, na sua ressurreição, e na sua ascensão, e vão servi-lo na sua segunda vinda. O Deus manifesto em carne foi visto, observado e visitado por anjos.

II Da descrição do lugar de adoração na dispensação do Antigo Testamento, o apóstolo passa a falar das obrigações e serviços realizados nesses lugares (v. 6). Quando as diversas partes e utensílios do tabernáculo estavam assim dispostos, então o que deveria ser feito ali?

1. Os sacerdotes comuns entravam sempre no primeiro tabernáculo, para fazer o serviço de Deus. Observe: (1) Ninguém, a não ser os sacerdotes, podia entrar na primeira parte do tabernáculo, e isso serve para nos ensinar a todos que pessoas não qualificadas, não chamadas por Deus, não devem se intrometer no ofício e na obra dos ministros. (2) Os sacerdotes comuns podiam entrar somente na primeira parte do tabernáculo; teria sido presunção fatal da parte deles entrar no Santo dos Santos; e isso nos ensina que até os ministros precisam se manter nas suas posições apropriadas, e não se atreverem a usurpar a prerrogativa de Cristo, ao oferecerem seu próprio incenso, ou ao acrescentarem suas próprias invenções às ordenanças de Cristo, ou ao oprimirem a consciência dos homens. (3) Esses sacerdotes comuns deviam entrar na primeira parte do tabernáculo sempre; isto é, eles deviam dedicar-se a si mesmos e todo o seu tempo à obra do seu ofício, e não se alienar dele em tempo algum. Deviam estar habitualmente prontos para o cumprimento da sua missão, e em todos os horários determinados deviam fazer o seu serviço. (4) Os sacerdotes comuns deviam entrar no primeiro tabernáculo, para ali cumprirem o serviço de Deus. Eles não deviam fazer o trabalho do Senhor parcialmente, mas permanecerem integralmente na sua vontade e plano; não deviam somente começar bem, mas prosseguir bem, e perseverar até o fim, realizando o ministério que tinham recebido.

2. Na segunda parte, a parte interna, entrava o sumo sacerdote sozinho (v. 7). Essa parte era um emblema do céu, e a ascensão de Cristo para lá. Observe aqui: (1) Ninguém, a não ser o sumo sacerdote, podia entrar no Santo dos Santos; assim, ninguém, a não ser Cristo, podia entrar no céu em seu próprio nome, por seu próprio direito e por seus próprios méritos. (2) Ao entrar no Santo dos Santos, o sumo sacerdote precisava primeiro entrar na parte externa do santuário, e através do véu, significando que Cristo foi ao céu por meio de uma vida santa e de uma morte violenta; o véu da sua carne foi rasgado ao meio. (3) O sumo sacerdote entrava somente uma vez por ano no Santo dos Santos, e nisso o antítipo excede o tipo (como em todas as outras coisas), pois Ele entrou uma vez por todas, durante toda a dispensação

do evangelho. (4) O sumo sacerdote não podia entrar sem sangue, significando que Cristo, tendo assumido o papel de nosso sumo sacerdote, não podia ter sido admitido no céu sem ter derramado o seu sangue por nós, e que ninguém pode entrar nem na presença gloriosa de Deus aqui nem na sua presença gloriosa no porvir, a não ser pelo sangue de Jesus. (5) O sumo sacerdote, sob a lei, entrando no Santo dos Santos, oferecia esse sangue por si mesmo e seus próprios pecados primeiro, e depois pelos pecados do povo (v. 7). Isso nos ensina que Cristo é uma pessoa e um sumo sacerdote mais excelente do que qualquer outro sob a lei, pois Ele não tem pecado próprio pelo qual tenha de oferecer. E isso nos ensina que ministros, quando em nome de Cristo intercedem por outros, precisam primeiro aplicar o sangue de Cristo a si mesmos para o seu perdão. (6) Quando sob a lei o sumo sacerdote tinha oferecido por si mesmo, não podia parar aí, mas tinha de oferecer também pelos pecados do povo. O nosso sumo sacerdote, embora não precise oferecer por si mesmo, mesmo assim não esquece de oferecer por seu povo. Ele pleiteia o mérito dos seus sofrimentos para o benefício do seu povo na terra. Observe: [1] Pecados são erros, e erros graves, tanto em discernimento quanto na prática. Erramos gravemente quando pecamos contra Deus; e quem pode entender todos os seus erros? [2] Pecados são erros tais que deixam culpa na consciência, que não pode ser lavada a não ser pelo sangue de Cristo; e os erros pecaminosos de sacerdotes e das pessoas precisam ser todos eliminados pelo mesmo meio, a aplicação do sangue de Cristo; precisamos apelar para esse sangue na terra, enquanto Ele está apelando para ele no céu.

O Sacerdócio de Cristo

vv. 8-14

Nesses versículos, o apóstolo se empenha em expor a nós a mente e o significado do Espírito Santo em todas as ordenanças do tabernáculo e da administração da lei, abrangendo tanto lugar quanto adoração. As Escrituras do Antigo Testamento foram dadas por inspiração de Deus; homens santos de antigamente falaram e escreveram enquanto o Espírito Santo os dirigia. E esses registros do Antigo Testamento são de grande uso e significado, não somente para os que os receberam primeiro, mas até para os cristãos, que não devem se satisfazer em somente ler as instituições da lei levítica, mas devem estudar o que o Espírito Santo queria lhes dizer e sugerir por meio delas. Agora são mencionadas diversas coisas que o Espírito Santo quis dizer e assegurar ao seu povo com elas.

I Que o caminho para o Santo dos Santos ainda "*...não estava descoberto, enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo*" (v. 8). Essa foi uma lição que o Espírito Santo nos ensinou por meio desses tipos; o caminho para o céu não estava tão claro e plano, nem tão freqüentado, sob o Antigo Testamento, como sob o Novo. É a honra de Cristo e do evangelho, e a felicidade dos que vivem sob ele, que agora a vida e a imortalidade foram trazidas à luz. Não havia o livre acesso a Deus que há agora; Deus agora abriu uma porta mais ampla; e há lugar para mais, sim, para tantos quantos estiverem verdadeiramente dispostos a voltar a Ele por meio de Cristo.

II Que o primeiro tabernáculo era somente uma figura do tempo então presente (v. 9). Era uma dispensação obscura, e de pouca duração, somente designada para um curto período para tipificar as grandes coisas de Cristo e do evangelho, que no devido tempo brilhariam em sua própria luz, e assim fariam com que todas as sombras fugissem e desaparecessem, como as estrelas diante do sol nascente.

III Que nenhum dos dons e sacrifícios ali oferecidos podia tornar os ofertantes perfeitos com respeito à consciência (v. 9); isto é, não podiam remover o deserto, ou a profanação, ou o domínio do pecado. Não podiam libertar a consciência do pavor da ira de Deus; nem podiam pagar as dívidas, nem resolver as dúvidas daquele que fazia o serviço. Um homem podia percorrer todos eles em suas diversas ordens e freqüentes retornos, e continuar a fazer isso todos os seus dias, e mesmo assim não encontrar paz nem pureza para a sua consciência por meio deles; ele podia assim ser salvo de castigos corporais e temporais que eram usados como ameaça contra os que não observavam a lei, mas não podia ser salvo por meio deles do pecado ou do inferno, como são salvos todos os que crêem em Cristo.

IV O Espírito Santo com isso quer dizer que as instituições do Antigo Testamento foram impostas por meio de ordenanças externas carnais sobre eles até o tempo da correção (v. 10). Sua imperfeição estava em três coisas: 1. Sua natureza. Eram apenas carnes e comidas exteriores, e limpezas rituais. Tudo isso eram exercícios corporais, que têm pouco proveito; somente podiam satisfazer a carne, ou, no melhor dos casos, servir para a purificação da carne. 2. Não eram colocadas como opções para eles usarem ou não, mas impostas a eles por severos castigos corporais, e isso era feito de propósito para fazê-los olhar mais para a Semente prometida, e ansiar mais por Ele. 3. Essas instituições nunca foram designadas para a perpetuidade, mas somente para continuarem até o tempo da correção, até que as coisas melhores preparadas para eles lhes fossem concedidas. Os tempos do evangelho são e devem ser tempos de correção; de luz mais clara com respeito às coisas que precisam ser conhecidas; de mais amor, induzindo-nos a não demonstrar má vontade a ninguém, mas boa vontade a todos, e ter complacência por todos; de maior liberdade tanto de espírito quanto de palavra; e de uma vida mais santa de acordo com a regra do evangelho. Temos vantagens bem maiores sob o evangelho do que tinham os que estavam sob a lei; e então precisamos ser melhores ou senão seremos piores. A convivência apropriada ao evangelho é uma excelente forma de vida; nada desprezível, nada tolo, nada vão ou servil é apropriado ao evangelho.

V O Espírito Santo quer nos dizer com isso que nunca fazemos o uso correto dos tipos se não os aplicarmos aos antítipos; e, sempre que fazemos isso, vai ficar bem evidente que o antítipo (como de fato deve ocor-

rer) excede em muito o tipo, que é a intenção e o propósito principal do que é dito. E, como ele escreve àqueles que criam que Cristo tinha vindo e que Jesus era o Cristo, assim de forma apropriada ele infere que Cristo é infinitamente superior a todos os sumos sacerdotes da lei (vv. 11,12), e ele ilustra isso de forma completa. Pois:

1. Cristo é "...*o sumo sacerdote dos bens futuros*", e por isso podemos entender: (1) Todas as coisas boas que estavam por vir sob o Antigo Testamento, e agora vieram sob o Novo. Todas as bênçãos espirituais e eternas que os santos do Antigo Testamento tiveram nos seus dias e sob a sua dispensação eram devidas ao Messias por vir, em quem eles criam. O Antigo Testamento colocou em sombras o que estava por vir; o Novo Testamento é o cumprimento do Antigo. (2) Todas as coisas boas ainda por vir e a serem desfrutadas na dispensção do evangelho, quando as promessas e profecias feitas à igreja cristã nos últimos dias forem cumpridas; todas essas dependem de Cristo e de seu sacerdócio, e serão cumpridas. (3) Todas as coisas por vir no estado celestial, que vai aperfeiçoar ambos os Testamentos; assim como o estado da glória vai aperfeiçoar o estado da graça, esse estado vai em sentido muito mais elevado ser o aperfeiçoamento do Novo Testamento do que o Novo Testamento foi o aperfeiçoamento do Antigo. Observe: Todas as coisas passadas, presentes e futuras eram e estão fundamentadas sobre o estado sacerdotal de Cristo e fluem dele.

2. Cristo é um sumo sacerdote "...*por um maior e mais perfeito tabernáculo*" (v. 11), um tabernáculo não feito por mãos, o que vale dizer, não da sua edificação, mas seu próprio corpo, ou antes sua natureza humana, concebida quando o Espírito Santo se sobrepôs à bendita virgem. Isso foi uma nova estrutura, uma nova ordem de construção, infinitamente superior a todas as estruturas terrenas, não excetuando o tabernáculo do próprio templo.

3. Cristo, o nosso sumo sacerdote, entrou no céu, não como o sumo sacerdote deles entrou no Santo dos Santos, com o sangue de touros e bodes, mas por seu próprio sangue, tipificado pelo deles, e infinitamente mais precioso.

4. Não somente por um ano, que mostrou a imperfeição daquele sacerdócio, pois só obtinha tipicamente a suspensão ou o perdão por um ano. Mas o nosso sumo sacerdote entrou no céu *uma vez*, e obteve não um adiamento de um ano, mas a redenção eterna, e assim não precisa fazer uma entrada anual. Em cada um dos tipos havia algo que mostrava que era um tipo, e se assemelhava ao antítipo, e às vezes isso mostrava que era somente um tipo, ficando sem antítipo, e por isso não deve de forma alguma ser levantado em competição com o antítipo.

5. O Espírito Santo quis dizer e mostrar ainda qual era a eficácia do sangue dos sacrifícios do Antigo Testamento, e daí se deduz a eficácia muito maior do sangue de Cristo. (1) A eficácia do sangue dos sacrifícios legais se estendia à purificação da carne (v. 13): libertava o homem exterior das impurezas cerimoniais e do castigo temporal, e o intitulava e o preparava para os privilégios exteriores. (2) Ele deduz daí de forma adequada a eficácia muito maior do sangue de Cristo (v. 14): "...*quanto mais o sangue de Cristo...*". Observe aqui: [1] O que foi que deu tal eficácia ao sangue de Cristo. Em primeiro lugar, foi o fato de Ele oferecer-se a si mesmo a Deus, a natureza humana sobre o altar da sua natureza divina, Ele sendo sacerdote, altar e sacrifício, sua natureza divina servindo como os primeiros dois, e sua natureza humana como o terceiro aspecto. Agora, tal sacerdote, altar e sacrifício só podia ser propiciatório. Em segundo lugar, foi o fato de Cristo oferecer-se a si mesmo a Deus por meio do Espírito eterno, não somente como a natureza divina sustentando a humana, mas o Espírito Santo, que Ele possuía sem medida, ajudando-o em tudo, e nesse grande ato de obediência oferecendo-se a si mesmo. Em terceiro lugar, foi o fato de Cristo oferecer-se a si mesmo a Deus sem mancha, sem uma mácula pecaminosa, seja em sua natureza, seja em sua vida; isso era conforme à lei dos sacrifícios, que exigia que fossem sem defeito. Agora observe ainda: [2] Que a eficácia do sangue de Cristo é muito grande. Pois, em primeiro lugar, é suficiente para purificar a consciência das obras mortas, atinge até a alma e a consciência, a alma corrompida com o pecado, que é uma obra morta, e tende para a morte eterna. Como o tocar um corpo morto tornava a pessoa impura legalmente, assim ocupar-se com o pecado resulta em corrupção moral e real, fixa-a no fundo da alma; mas o sangue de Cristo tem eficácia para purificá-la. Em segundo lugar, é suficiente para nos capacitar a servir o Deus vivo, não somente ao purificar e eliminar aquela culpa que separa Deus e os pecadores, mas ao santificar e renovar a alma por meio das graciosas influências do Espírito Santo, obtidas por Cristo para esse propósito, que sejamos capacitados a servir o Deus vivo de forma ativa.

O Sacerdócio de Cristo

vv. 15-22

Nesses versículos, o apóstolo trata o evangelho sob a noção de um testamento, o novo ou último testamento de Cristo, e mostra a necessidade e eficácia do sangue de Cristo para tornar esse testamento válido e colocá-lo em vigência.

I O evangelho é considerado aqui um testamento, o novo e último testamento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Podemos observar que os procedimentos solenes que existem entre Deus e o homem são às vezes chamados concerto, aqui testamento. Um concerto é um acordo de duas ou mais partes acerca de coisas que estão em seu poder, ou venham a estar, e isso com ou sem um mediador; esse acordo entra em vigor no tempo e nas condições declarados nele. Um testamento é um ato ou um documento voluntário de uma única pessoa, devidamente elaborado e testemunhado, concedendo herança para tais legatários como são descritos e caracterizados pelo testador, e que somente podem entrar em vigor após a sua morte. Agora observe: Cristo é o "...*Mediador de um novo testamento*" (v. 15); e Ele é isso para diversos fins e propósitos aqui mencionados. 1. Redimir pessoas das suas transgressões cometidas contra a lei e o primeiro testamento, que faz de cada transgressão uma perda da liberdade, e torna os homens devedores, e escravos ou prisioneiros, que precisam ser redimidos. 2. Qualificar todos os que são efetivamente chamados para receberem a promessa da herança eterna. Esse é o grande legado que

Cristo deixou por herança por meio do seu último testamento para os legatários legalmente assim constituídos.

II Para tornar esse novo testamento efetivo, era necessário que Cristo morresse; a herança vem por meio da morte. Isso ele prova por meio de dois argumentos: 1. Da natureza geral de cada disposição testamentária (v. 16). Sempre que existe um testamento, onde ele age e é operante, por necessidade precisa haver a morte do testador; até então a propriedade ainda está nas mãos do testador, e ele tem o poder de revogar, cancelar ou alterar seu testamento como quiser. Assim que nenhuma propriedade, nenhum direito, é transmitido pelo testamento, até que a morte do testador o tenha tornado inalterável e efetivo. 2. Do método particular que foi usado por Moisés para a ratificação do primeiro testamento, que não foi feito sem sangue (vv. 18,19ss.). Todos os homens tinham se tornado culpados diante de Deus por meio do pecado, tinham posto a perder a sua herança, suas liberdades, e até sua vida, entregando-as nas mãos da justiça divina. Mas Deus, estando disposto a mostrar a grandeza da sua misericórdia, proclamou um concerto de graça, e ordenou que fosse administrado como um tipo sob o Antigo Testamento, mas não sem a vida e o sangue da criatura; e Deus aceitou o sangue de touros e bodes, como tipos do sangue de Cristo. E por esses meios o concerto da graça foi ratificado sob a dispensação anterior. O método usado por Moisés, de acordo com a orientação que tinha recebido de Deus, é relatado aqui em particularidades. (1) Moisés anunciou todos os mandamentos ao povo, segundo a lei (v. 19). Ele proclamou a eles o conteúdo do concerto, as obrigações exigidas, as recompensas prometidas àqueles que cumpriam com suas obrigações, e o castigo anunciado como ameaça aos transgressores, e ele pediu o seu consentimento quanto aos termos do concerto; e essa é uma forma expressa. (2) Então tomou o sangue de bezerros e bodes, com a água, a lã escarlate, e o hissopo, e aplicou esse sangue ao aspergi-lo. Esse sangue e água significavam o sangue e a água que saíram do lado perfurado do nosso Salvador, para justificação e santificação, e também prefiguraram as duas ordenanças do Novo Testamento, o batismo e a Ceia do Senhor, com a lã escarlate significando a justiça de Cristo com que precisamos ser revestidos, o hissopo significando a fé pela qual precisamos aplicar tudo. Então, com esses Moisés aspergiu: [1] O livro da lei e do concerto, para mostrar que o concerto da graça é confirmado pelo sangue de Cristo e tornado efetivo para o nosso bem. [2] O povo, sugerindo que o derramamento do sangue de Cristo não vai trazer vantagem alguma para nós se não for aplicado a nós. E a aspersão de ambos, do livro e do povo, significou aquele mútuo consentimento de ambas as partes, Deus e o homem, e o seu mútuo compromisso um com o outro nesse concerto por meio de Cristo. Moisés também usou estas palavras: "*Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado*". Esse sangue, tipificando o sangue de Cristo, é a ratificação do concerto da graça para todos os verdadeiros crentes. [3] Ele aspergiu o tabernáculo e todos os seus utensílios, sugerindo que todos os sacrifícios oferecidos e os serviços realizados ali eram aceitos somente por meio do sangue de Cristo, que obteve a remissão da iniqüidade que tenta se apegar às nossas coisas sagradas, e que não poderia ser remida a não ser pelo sangue expiatório.

O Sacerdócio de Cristo. A Segunda Vinda de Cristo

vv. 23-28

Nessa última parte do capítulo, o apóstolo continua a falar sobre o que Espírito Santo quis dizer por meio das purificações legais das figuras das coisas no céu, deduzindo daí a necessidade de sacrifícios melhores para consagrar as próprias coisas celestiais.

I A necessidade de purificar as figuras das coisas no céu (v. 23). Essa necessidade surge tanto da ordem divina, que precisa sempre ser obedecida, quanto da razão de tal ordem, que foi manter uma semelhança apropriada entre as coisas que eram usadas para tipificar outras, e as coisas tipificadas. Podemos observar aqui que o santuário de Deus na terra é um padrão do céu, e a comunhão com Deus nesse santuário é para o seu povo o céu na terra.

II A necessidade de que as próprias coisas celestiais tinham de ser purificadas com esses sacrifícios melhores do que touros e bodes. As coisas em si são melhores do que as figuras, e precisam, portanto, ser consagradas com sacrifícios melhores. Essas coisas celestiais são os privilégios da dispensação do evangelho, iniciados na graça, aperfeiçoados em glória. Essas coisas precisam ser ratificadas por uma sanção ou consagração adequadas; e isso o sangue de Cristo fez. Agora, é bastante evidente que o sacrifício de Cristo é infinitamente melhor do que os sacrifícios da lei. 1. Com base nos lugares em que os sacrifícios sob a lei, e o do evangelho, foram oferecidos. Os sob a lei foram os lugares sagrados feitos com mãos, que são apenas figuras do santuário (v. 24). O sacrifício de Cristo, embora oferecido na terra, foi por Ele mesmo levado para o céu, e é ali apresentado em forma de intercessão diária; pois Ele aparece na presença de Deus em nosso lugar. Ele foi para o céu, não somente para desfrutar do descanso e receber a honra que lhe é devida, mas para aparecer na presença de Deus por nós, para apresentar nossa pessoa e realizações, para responder e repreender o nosso adversário, para garantir os nossos interesses, para aperfeiçoar todas as nossas questões, e para preparar um lugar para nós. 2. Com base nos próprios sacrifícios (v. 26). Os que estavam sob a lei eram a vida e o sangue de outras criaturas de natureza diferente da dos ofertantes – o sangue de animais, uma coisa de pouco valor, e que não teria tido valor algum nesse sentido se não fosse a relação típica com o sangue de Cristo. Mas o sacrifício de Cristo foi a oblação de si mesmo. Ele ofereceu o seu próprio sangue, verdadeiramente chamado, em virtude da união hipostática, *o sangue de Deus*, e portanto de valor infinito. 3. Com base na repetição freqüente dos sacrifícios da lei. Isso mostrou a imperfeição daquela lei; mas é a honra e a perfeição do sacrifício de Cristo que, tendo sido uma vez oferecido, foi suficiente para todos os seus fins; e, aliás, o contrário teria sido absurdo, pois então Ele teria

de estar ainda morrendo e ressuscitando novamente, e subindo e então descendo novamente e morrendo. E a grande obra teria sido sempre *in fieri – sempre fazendo*, e sempre por fazer, mas nunca concluída, o que seria tão contrário à razão quanto o é à revelação, e à dignidade da pessoa: "...*mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo*". O evangelho é a última dispensação da graça de Deus para os homens. 4. Com base na ineficácia dos sacrifícios da lei, e da eficácia do sacrifício de Cristo. Os sacrifícios legais não podiam, por si, tirar o pecado, nem produzir o perdão por ele, nem tinham poder contra ele. O pecado ainda estaria sobre nós, e teria domínio sobre nós; mas Jesus Cristo, por meio de um sacrifício, pôs um fim ao pecado e destruiu as obras do diabo.

III O apóstolo ilustra o argumento com base na ordem de Deus concernente aos homens (vv. 27,28), e observa algo semelhante na ordem de Deus concernente a Cristo.

1. A ordem de Deus concernente aos homens contém em si duas coisas: (1) Que precisam morrer uma vez, ou, ao menos, passar por uma mudança equivalente à morte. É algo terrível morrer, ter o cordão vital solto ou cortado, quando todas as relações aqui são perdidas de uma vez, e se põe um fim ao nosso estado de provação e preparação, e se entra em outro mundo. É uma obra grande, e é uma obra que pode ser realizada apenas uma vez, e por isso precisa ser bem feita. É uma questão de conforto para os piedosos, que eles vão morrer bem e morrer somente uma vez; mas é uma questão de pavor para os ímpios, os que morrem em seus pecados, que eles não podem voltar para fazer melhor essa grande obra. (2) Está ordenado aos homens que após a morte eles compareçam ao julgamento, para um julgamento particular imediatamente após a morte. Pois a alma retorna a Deus como ao seu juiz, para que seja determinado o seu estado eterno. E os homens serão levados ao julgamento geral, no fim dos tempos. Esse é o decreto inalterável de Deus concernente aos homens – eles precisam morrer, e precisam ser julgados. Está ordenado a eles, e precisa ser crido e seriamente considerado por eles.

2. A ordem de Deus concernente a Cristo, que tem alguma semelhança com a outra. (1) Ele precisa ser oferecido uma vez, para carregar os pecados de muitos, de todos os que o Pai lhe deu, de todos os que vierem a crer no seu nome. Ele não foi oferecido por nenhum pecado seu. Ele foi ferido por nossas transgressões. Deus colocou sobre Ele a iniqüidade de todo o seu povo; e esses são muitos, embora não tantos quantos os de toda a humanidade; porém, quando todos forem unidos a Ele, Ele será o primogênito entre muitos irmãos. (2) Está ordenado que Cristo deva aparecer segunda vez sem pecado, para a salvação dos que esperam por Ele. [1] Ele vai então aparecer sem pecado; na sua primeira vinda, embora não tivesse pecados próprios, foi acusado dos pecados de muitos. Ele foi o Cordeiro de Deus que tomou sobre si os pecados do mundo, e então Ele apareceu na forma de carne pecaminosa. Mas, na segunda vez, virá sem nenhuma dessas acusações contra Ele, tendo-as pago satisfatória e completamente antes, e então sua aparência não será desfigurada, mas será extremamente gloriosa. [2] Isso será para a salvação de todos os que esperam por Ele. Então vai aperfeiçoar sua santidade, sua felicidade; o seu número será então completado, e sua salvação, concluída. Observe: É uma característica marcante dos verdadeiros crentes eles estarem esperando por Cristo; eles esperam por Ele pela fé; eles esperam por Ele com esperança e santos anseios. Eles esperam por Ele em toda a tarefa que cumprem, em cada ordenança, em cada providência agora. E eles esperam a sua segunda vinda e estão se preparando para ela; e embora seja destruição repentina para o restante do mundo, que zombam do anúncio dela, será salvação eterna para aqueles que esperam por ela.

CAPÍTULO 10

O apóstolo sabia muito bem que os hebreus tinham predileção especial e estranha pela dispensação levítica, e por isso ele enche a sua boca com argumentos para afastá-los dela; e para atingir isso, continua nesse capítulo a desenvolver um pouco mais o tema do anterior: I. Para derrubar o valor de todo aquele sacerdócio e seus sacrifícios (vv. 1-6). II. Ele eleva e exalta o sacerdócio de Cristo, para que possa de maneira eficaz lhes recomendar esse sacerdócio e seu evangelho (vv. 7-18). III. Ele mostra aos crentes a honra e a dignidade do seu estado, e os chama às devidas responsabilidades (vv. 19-39).

O Sacerdócio de Cristo

vv. 1-6

Aqui o apóstolo, pela direção do Espírito de Deus, se propõe a diminuir o valor da dispensação levítica; pois embora tivesse sido ordenada por desígnio divino, e muito excelente e útil no seu tempo e lugar, contudo, quando foi colocada em competição com Cristo, a quem ela deveria conduzir o povo, era muito adequado e necessário mostrar as suas fraquezas e imperfeições. E é o que o apóstolo faz agora de maneira eficaz, com base em vários argumentos. Como:

I Que a lei tinha a sombra, nada mais que a sombra, das coisas boas por vir; e quem se fixaria numa sombra, mesmo que de coisas boas, especialmente quando a essência já veio? Observe: 1. As coisas de Cristo e do evangelho são coisas boas; são as melhores coisas; elas são melhores em si mesmas e melhores para nós. Elas são realidades de uma natureza excelente. 2. Essas boas coisas eram, sob o Antigo Testamento, coisas boas por vir, não claramente reveladas, não completamente desfrutadas. 3. Que os judeus então não tinham nada mais que a sombra das coisas boas de Cristo, um prenúncio e esboço delas. Nós, sob o evangelho, temos a essência.

II Que a lei não era a imagem exata das coisas boas por vir. Uma imagem é um desenho exato da coisa assim representada. A lei não foi tão longe, mas era ape-

nas uma sombra, como a imagem de uma pessoa num espelho é uma representação muito mais perfeita do que sua sombra na parede. A lei era um desenho muito grosseiro do grande desígnio da graça divina, e, portanto, não nos devemos apegar tanto a ela.

III Os sacrifícios da lei, sendo oferecidos ano após ano, nunca poderiam tornar perfeitos os que vinham a eles; pois aí teria havido um fim em oferecê-los (vv. 1,2). Se eles pudessem ter satisfeito as exigências da justiça, e feito reconciliação pela iniqüidade – pudessem ter eles purificado e pacificado a consciência –, então teriam cessado, por já não serem necessários, visto que os ofertantes já não teriam pecados em sua consciência. Mas esse não era o caso; depois de passar um dia da expiação, o pecador cairia novamente em uma falha ou outra, e então haveria necessidade de novo dia da expiação, e de um todos os anos, além das ministrações diárias. Ao passo que agora, sob o evangelho, a expiação é perfeita, e não precisa ser repetida; e o pecador, uma vez perdoado, é para sempre perdoado quanto ao seu estado, e somente precisa renovar seu arrependimento e fé, para que tenha um sentimento agradável de perdão contínuo.

IV Assim como os sacrifícios da lei não tiravam pecado por si mesmos, assim era impossível que o fizessem (v. 4). Havia um defeito essencial neles. 1. Eles não eram da mesma natureza que nós, os pecadores. 2. Eles não tinham valor suficiente para satisfazer as afrontas feitas à justiça e ao governo de Deus. Não eram da mesma natureza que os ofensores, e assim não podiam ser adequados. Muito menos eram da mesma natureza de quem foi ofendido; e nada menos que a natureza do que foi ofendido podia tornar o sacrifício pela ofensa completamente satisfatório. 3. Os animais oferecidos sob a lei não podiam consentir para se colocar no lugar do pecador. O sacrifício expiatório precisava ser de alguém capaz de consentir, e que precisava se colocar voluntariamente como substituto no lugar do pecador: foi o que Cristo fez.

V Havia uma época determinada e prenunciada pelo grande Deus, e esse tempo havia chegado, quando esses sacrifícios legais já não seriam aceitos por Ele nem seriam úteis para os homens. Deus nunca os desejou por si mesmos, e agora os cancelou. E, portanto, apoiar-se neles agora seria resistir a Deus e rejeitá-lo. Esse tempo de anulação das leis levíticas foi prenunciado por Davi (Sl 40.6,7), e é citado agora como o tempo que chegou. Assim, com muita diligência, o apóstolo reduz o valor da dispensação mosaica.

O Sacerdócio de Cristo

vv. 7-18

Aqui o apóstolo exalta o Senhor Jesus Cristo, tão alto quanto tinha diminuído o sacerdócio levítico. Ele lhes recomenda Cristo como o verdadeiro sumo sacerdote, o verdadeiro sacrifício expiatório, o antítipo de todo o restante. E isso ele ilustra:

I Com base no propósito e na promessa de Deus concernente a Cristo, que são com freqüência registrados no livro de Deus (v. 7). Deus não havia apenas decretado, mas declarado por Moisés e os profetas, que Cristo viria e seria o grande sumo sacerdote da igreja, e ofereceria um sacrifício perfeito e aperfeiçoador. Estava escrito acerca de Cristo, no começo do livro de Deus: *a semente da mulher ferirá a cabeça da serpente*; e o Antigo Testamento está repleto de profecias concernentes a Cristo. Agora, visto que Ele é a pessoa prometida com tanta freqüência, de que tanto se fala, tão esperada pelo povo de Deus, deve ser recebido com grande honra e gratidão.

II Com base no que Deus fez ao preparar um corpo para Cristo (isto é, uma natureza humana), para que fosse qualificado para ser nosso Redentor e Advogado. Ao ter unidas as duas naturezas em sua própria pessoa, Ele se tornou um Mediador apropriado para se pôr entre Deus e o homem; um árbitro para colocar as suas mãos sobre os dois, um pacificador, para reconciliá-los, e um laço eterno de união entre Deus e a criatura. "*Os meus ouvidos abriste*; tu me instruíste perfeitamente, preparaste-me e capacitaste-me para a obra, e me engajaste nela" (Sl 40.6). Então, um Salvador desses, preparado pelo próprio Deus de forma tão extraordinária, deve ser recebido com grande emoção e alegria.

III Com base na prontidão e disposição que Cristo manifestou para se engajar nessa obra, quando nenhum outro sacrifício seria aceito (vv. 7-9). Quando nenhum sacrifício menor seria apropriado à justiça de Deus do que o do próprio Cristo, então Cristo voluntariamente veio: "*Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade.* Que a tua maldição caia sobre mim, mas deixa que estes sigam o seu caminho. Pai, deleito-me em cumprir os teus planos, e minha aliança contigo por eles; deleito-me em realizar todas as tuas promessas, em cumprir todas as tuas profecias". Isso deveria tornar Cristo e nossa Bíblia mais preciosos para nós, pois em Cristo temos o cumprimento das Escrituras.

IV Com base na incumbência e no propósito em que Cristo veio, que foi fazer a vontade de Deus, não somente como um profeta para revelar a vontade de Deus, não somente como um rei para promulgar as leis divinas, mas como um sacerdote para satisfazer as exigências da justiça, e cumprir toda a justiça. Cristo veio para fazer a vontade de Deus em duas instâncias. 1. Ao tirar o primeiro sacerdócio, no qual Deus não tinha prazer algum; não somente ao tirar a maldição do concerto das obras, e ao cancelar a sentença usada como denúncia contra nós como pecadores, mas ao tirar o insuficiente sacerdócio típico, e ao apagar a escrita manual das ordenanças cerimoniais e ao pregá-las na sua cruz. 2. Ao estabelecer o segundo, isto é, seu próprio sacerdócio, e o evangelho eterno, a dispensação mais pura e perfeita do concerto da graça; esse é o grande desígnio em que estava fixado o coração de Deus desde toda a eternidade. A vontade de Deus está centrada e termina nele; e assim como é agradável à vontade de Deus também é vantajoso para a alma dos homens. Pois é por essa vontade que

"*...temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez*" (v. 10). Observe: (1) Qual é a fonte de tudo que Cristo fez por seu povo – a soberana vontade e graça de Deus. (2) Como chegamos a participar do que Cristo fez por nós – ao sermos santificados, convertidos, efetivamente chamados, e nisso somos unidos com Cristo, e assim participamos dos benefícios da sua redenção; e essa santificação é devida à oblação que Ele fez de si mesmo a Deus.

V Com base na perfeita eficácia do sacerdócio de Cristo (v. 14): "*Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados*". Ele libertou e vai libertar perfeitamente aqueles que são levados a Ele, de toda a culpa, poder e castigo do pecado, e vai colocá-los na posse segura da perfeita santidade e felicidade. É isso o que o sacerdócio levítico nunca poderia fazer; e, se de fato temos como alvo um estado perfeito, temos de receber o Senhor Jesus como o único sumo sacerdote que pode nos levar a tal estado.

VI Com base no lugar em que o Senhor Jesus está agora exaltado, a honra que Ele tem lá, e a honra paterna que ainda terá lá: "*...mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés*" (vv. 12,13). Observe aqui: 1. A que honra Cristo, como homem e Mediador, é exaltado – à direita de Deus, o trono do poder, dos benefícios e da atividade: a mão doadora. Todos os favores que Deus concede ao seu povo são entregues a eles por Cristo: a mão receptora. Todos os tributos que Deus aceita dos homens são apresentados por Cristo: a mão que age. Tudo que pertence aos reinos da providência e graça é administrado por Cristo. E por isso, esse é o posto de honra mais elevado. 2. Como Cristo chegou a essa honra – não meramente por propósito ou dádiva do Pai, mas por seu próprio mérito e ato de aquisição, como uma recompensa devida aos seus sofrimentos. E, assim como Ele nunca pode ser privado de uma honra que tanto lhe é devida, assim Ele nunca vai parar de empregá-la para o bem do seu povo. 3. Como Ele desfruta dessa honra – com grande satisfação e descanso. Ele está sentado aí para sempre. O Pai concorda e está satisfeito nele; Ele está satisfeito na vontade e na presença do Pai; esse é o seu descanso para sempre. Lá Ele vai habitar, pois Ele tanto desejou isso quanto o mereceu. 4. Ele tem mais expectativas, que não serão frustradas; pois elas estão fundamentadas na promessa do Pai, que lhe disse: "*Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*" (Sl 110.1). Poderíamos pensar que uma pessoa como Cristo não teria inimigos a não ser no inferno; mas é certo que Ele tem inimigos na terra, aliás, muitos e inveterados. Então, que os cristãos não se admirem por terem inimigos, embora desejem viver em paz com todos os homens. Mas os inimigos de Cristo serão feitos para escabelo dos seus pés; alguns pela conversão, outros pela confusão. E, seja qual for o resultado, Cristo será honrado. Cristo está seguro disso, isso Ele está esperando, e o seu povo deve se alegrar na expectativa disso; pois, quando os inimigos do Senhor forem subjugados, seus inimigos, que o são por causa dele, serão também subjugados.

VII O apóstolo recomenda Cristo com base no testemunho que o Espírito Santo deu nas Escrituras acerca dele; isso está associado principalmente ao que deveria ser o fruto e as conseqüências alegres da sua humilhação e sofrimentos, que em geral é esse novo e gracioso concerto que está fundamentado nessa satisfação, e selado pelo seu sangue (v. 15): "*E também o Espírito Santo no-lo testifica*". A passagem é citada de Jeremias 31.31, em cujo concerto Deus promete: 1. Que Ele vai derramar o seu Espírito sobre o seu povo, para lhes dar sabedoria, vontade e poder para obedecerem à sua Palavra. Ele vai colocar a sua lei no coração deles, e escrevê-la na sua mente (v. 16). Isso vai tornar a tarefa deles clara, fácil e agradável. 2. De seus pecados e iniqüidades já não vai lembrar (v. 17), o que em si vai somente mostrar as riquezas da graça divina e a suficiência do sacrifício de Cristo, que não precisa ser repetido (v. 18). Pois não haverá mais lembrança do pecado dos verdadeiros crentes, seja para envergonhá-los agora, seja para condená-los após esta vida. Isso era muito mais do que o sacerdócio e os sacrifícios levíticos podiam realizar.

E agora concluímos a parte doutrinária da epístola, em que encontramos muitas coisas obscuras e de difícil compreensão, o que devemos atribuir à fraqueza e à lentidão da nossa própria mente. O apóstolo agora prossegue para aplicar essa grande doutrina, com o propósito de influenciar as emoções deles e dirigir a sua prática, colocando diante deles as dignidades e responsabilidades do estado do evangelho.

O Caminho Consagrado. Advertências contra a Apostasia. Insistência quanto à Perseverança

vv. 19-39

I Aqui o apóstolo mostra as dignidades do estado do evangelho. É apropriado que os crentes conheçam as honras e privilégios que Cristo obteve para eles, para que, enquanto aceitam o conforto, dêem a Ele a glória por tudo. Os privilégios são: 1. Ousadia para entrar no Santo dos Santos. Eles têm acesso a Deus, luz para conduzi-los, liberdade de espírito e de fala para se conformarem à orientação; eles têm direito ao privilégio e facilidade de acesso a ele, assistência para usá-lo e desenvolvê-lo e segurança de aceitação e vantagens. Eles podem entrar na presença graciosa de Deus nos seus santos oráculos, ordenanças, providências e concerto, e assim na comunhão com Deus, em que recebem mensagens dele, até que estejam preparados para entrar na sua gloriosa presença no céu. 2. Um sumo sacerdote sobre a casa de Deus, que é esse bendito Jesus, que reina sobre a igreja militante, e cada membro dela na terra, e sobre a igreja triunfante no céu. Deus está disposto a habitar com os homens na terra, e tê-los habitando com Ele no céu; mas homens caídos não podem habitar com Deus sem um sumo sacerdote, que é o Mediador da reconciliação aqui e do gozo depois.

II O apóstolo nos conta o caminho e o meio em que os cristãos desfrutam desses privilégios, e, em geral, declara que isso ocorre "...*pelo sangue de Jesus*", pelo mérito desse sangue que Ele ofereceu a Deus como um sacrifício expiatório. Ele comprou para todos os que crêem nele o livre acesso a Deus nas ordenanças da sua graça aqui e no reino da sua glória. Esse sangue, sendo aspergido na consciência, expulsa o medo escravizante, e dá ao crente certeza tanto da sua segurança quanto da sua recepção na presença divina. O apóstolo, tendo dado esse relato geral do caminho pelo qual temos acesso a Deus, entra mais em seus detalhes (v. 20). Como: 1. É o único caminho; não há outro caminho a não ser este. O primeiro caminho para a árvore da vida foi fechado há muito, e continua fechado. 2. É um novo caminho, em oposição tanto ao concerto de obras quanto à antiquada dispensação do Antigo Testamento; é uma *via novissima – o último caminho* para a salvação aberto ao ser humano. Aqueles que não entram nesse caminho, excluem-se a si mesmos para sempre. É um caminho sempre eficaz. 3. É um caminho vivo. Seria morte tentar chegar a Deus pelo caminho do concerto de obras; mas por esse caminho podemos ir a Deus e viver. É por meio de um Salvador vivo que, embora tenha morrido, está vivo; e é um caminho que dá vida e viva esperança àqueles que entram por ele. 4. É um caminho que Cristo consagrou para nós através do véu, isto é, sua carne. O véu no tabernáculo e no templo significava o corpo de Cristo; quando Ele morreu, o véu do templo foi rasgado ao meio, e isso foi na hora do sacrifício vespertino, e deu ao povo uma vista surpreendente do interior do Santo dos Santos, vista que nunca tinham tido antes. O nosso caminho para o céu é por meio de um Salvador crucificado; sua morte é para nós o caminho da vida. Ele será precioso para aqueles que crerem nisso.

III Ele prossegue para mostrar aos hebreus as obrigações que eles têm por conta desses privilégios, que foram concedidos de maneira tão extraordinária (vv. 22,23ss.).

1. Eles precisam se aproximar de Deus, e isso da forma correta. Visto que tal caminho de acesso e retorno a Cristo está aberto, seria uma grande ingratidão e desprezo por Deus e por Cristo ainda permanecer distante dele. Eles precisam se aproximar pela conversão, e ao se apropriarem do seu concerto. Eles precisam se aproximar em toda a santa convivência, como Enoque andando com Deus. Eles precisam se aproximar em humilde adoração, louvando-o aos seus pés. Eles precisam se aproximar em santa dependência, e em estrita observância da conduta divina com relação a eles. Eles precisam se aproximar em conformidade com Deus, e em comunhão com Ele, vivendo debaixo de sua abençoada influência, sempre se empenhando em chegar mais e mais perto, até que venham a habitar na sua presença; mas precisam se aproximar de Deus da maneira correta. (1) Com um coração verdadeiro, sem engano algum ou hipocrisia. Deus sonda os corações, e Ele exige a verdade no íntimo, no coração. A sinceridade é a nossa perfeição do evangelho, embora não a nossa retidão justificadora. (2) Com inteira certeza de fé, uma fé amadurecida, de que quando chegarmos a Deus por Cristo seremos ouvidos e recebidos. Devemos deixar de lado toda a desconfiança pecaminosa. Sem fé é impossível agradar a Deus; e quanto mais forte for a nossa fé, mais daremos glória a Deus. E: (3) Tendo o nosso coração purificado da má consciência, pela aplicação com fé do sangue de Cristo à nossa alma. Ela pode ser purificada de culpa, de imundície, de tormentos e temores pecaminosos, de toda a aversão a Deus e à responsabilidade, de ignorância, do erro, da superstição, e de todas as razões a que a consciência dos homens está sujeita por conta do pecado. (4) Nosso corpo lavado com água limpa, isto é, com a água do batismo (pelo qual somos arrolados entre os discípulos de Cristo, membros do seu corpo místico), ou com a virtude santificadora do Espírito Santo, reformando e regulando a nossa convivência exterior como também a estrutura interior, purificando-o da imundície da carne como também do espírito. Os sacerdotes sob a lei deviam se lavar, antes de entrarem na presença do Senhor para oferecer sacrifícios diante dele. Precisa haver a devida preparação para nos aproximarmos de Deus.

2. O apóstolo exorta os crentes a se apegarem firmemente à confissão da sua fé (v. 23). Observe aqui: (1) A obrigação em si – de retermos firmes a confissão da nossa fé, de abraçarmos todas as verdades e caminhos do evangelho, de nos apegarmos firmemente a eles, de mantermos essa posição contra todas as tentações e oposição. Nossos inimigos espirituais farão o que puderem para arrancar a nossa fé, a esperança, a santidade, o conforto, das nossas mãos, mas precisamos segurar firmes a nossa fé cristã como o nosso melhor tesouro. (2) A maneira em que devemos fazer isso – sem vacilar, sem duvidar, sem disputar, sem brincar com as tentações à apostasia. Tendo uma vez estabelecido essas grandes coisas entre Deus e nossa alma, precisamos ficar firmes e imutáveis. Os que começam a vacilar em questões de fé e prática cristã estão em perigo de cair. (3) O motivo ou razão que reforçam essa obrigação: "...*porque fiel é o que prometeu*". Deus fez grandes e preciosas promessas aos crentes, e Ele é um Deus fiel, verdadeiro à sua palavra; não há falsidade nem inconstância nele, e não deveria haver em nós. Sua fidelidade deveria nos estimular e encorajar a sermos fiéis, e precisamos depender mais das suas promessas a nós do que das nossas promessas a Ele, e precisamos pleitear com Ele a promessa da graça suficiente.

IV Temos os meios prescritos para impedir a nossa apostasia, e para promover a nossa fidelidade e perseverança (vv. 24,25ss.). O autor menciona vários deles, como: 1. Que devemos considerar "...*uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras*". Os cristãos precisam ter uma terna consideração e preocupação uns pelos outros; devem considerar com carinho quais são suas diversas necessidades, fraquezas e tentações; e devem fazer isso não para censurarem uns aos outros, para provocarem uns aos outros à ira, mas para o amor e as boas obras, estimulando-se mutuamente a amarem mais a Deus e a Cristo, a amarem mais as suas obrigações e a santidade, a amarem mais os seus irmãos em Cristo, e a realizarem todas as atribuições do amor cristão tanto ao corpo quanto à alma uns dos outros. Um bom exemplo dado aos outros é o melhor e mais eficiente

estímulo ao amor e às boas obras. 2. Que não deixemos "...*a nossa congregação*" (v. 25). É da vontade de Cristo que os seus discípulos se reúnam, às vezes mais em particular, para conversas e oração, e às vezes em público para ouvir e participar de todas as ordenanças da adoração e do culto evangélico. Havia nos tempos apostólicos, e deve haver em todas as épocas, reuniões cristãs para a adoração a Deus e para a edificação mútua. E parece que naqueles tempos houve alguns que abriram mão dessas assembléias, e começaram a apostatar da própria religião. A comunhão com os santos é uma grande ajuda e privilégio, e um bom meio de firmeza e perseverança; com isso, suas mãos e corações são mutuamente fortalecidos. 3. Que nos exortemos uns aos outros, que nos exortemos a nós mesmos e uns aos outros, advertindo-nos a nós mesmos e uns aos outros do pecado e do perigo de recairmos, para desafiar-nos a nós mesmos e a nossos irmãos cristãos da seriedade da nossa responsabilidade, das nossas falhas e corrupções, para vigiarmos uns aos outros, e para sermos zelosos de nós mesmos e de outros com o zelo divino. Isto, administrado com o verdadeiro espírito do evangelho, seria a melhor e mais cordial amizade. 4. Que observemos a aproximação do dia do julgamento, e com isso sejamos incentivados a maior diligência: "...*e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia*". Os cristãos devem observar os sinais dos tempos, que Deus prenunciou nas Escrituras. Estava se aproximando um dia, um terrível dia para a nação judaica, quando sua cidade seria destruída e o povo como um todo seria rejeitado por Deus por terem rejeitado a Cristo. Esse seria um dia de dispersão e tentação para o remanescente escolhido. Então, o apóstolo os faz observar que sinais haveria da aproximação desse terrível dia, e os alerta a serem mais constantes em relação aos seus encontros e à exortação uns aos outros, para que estivessem mais bem preparados para aquele dia. Há um dia de provação vindo para todos nós, o dia da nossa morte, e devemos observar todos os sinais da sua aproximação, e aproveitá-los para maior vigilância e diligência no serviço.

Tendo mencionado esses meios de fortalecimento, o apóstolo prossegue, na conclusão do capítulo, para reforçar a sua exortação à perseverança, e contra a apostasia, por meio de muitas considerações bastante convincentes (vv. 26,27ss.).

1. Com base na descrição que ele faz do pecado da apostasia. É pecar "...*voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade*", pecando intencionalmente contra a verdade da qual tivemos evidências convincentes. Esse texto tem sido motivo de grandes tensões para alguns cristãos; eles estão prontos a concluir que todo pecado voluntário, depois de convicção e contra o conhecimento, é o pecado imperdoável. Mas essa tem sido sua enfermidade e seu erro. O pecado aqui mencionado é uma apostasia total e definitiva, quando os homens com uma resolução completa e determinada desprezam e rejeitam a Cristo, o único Salvador; desprezam e resistem ao Espírito, o único santificador; e desprezam e renunciam ao evangelho, o único caminho da salvação, e as palavras de vida eterna; e tudo isso depois de eles terem conhecido, reconhecido e professado a fé cristã, e continuam a fazê-lo de forma obstinada e mal-intencionada. Essa é a grande transgressão: o apóstolo parece se referir à lei concernente aos pecadores arrogantes (Nm 15.30,31). Eles deveriam ser eliminados.

2. Com base na condenação terrível desses apóstatas. (1) Não há mais sacrifícios para esses pecados, não há outro Cristo por vir que salve tais pecadores; eles pecaram contra o último recurso e remédio. Havia alguns pecadores sob a lei para os quais não havia provisão de sacrifícios; mas se os que os cometiam se arrependessem, embora não escapassem da morte temporal, poderiam escapar da destruição eterna; pois Cristo viria e faria expiação. Mas agora os que estão sob o evangelho e que não aceitam a Cristo, para que sejam salvos por Ele, não têm outro refúgio. (2) Resta para eles somente uma "...*certa expectação horrível de juízo...*" (v. 27). Alguns pensam que isso é uma referência à terrível destruição da religião e do estado judaicos; mas certamente também é uma referência à total destruição que espera todos os apóstatas obstinados na morte e juízo, quando o Juiz vai revelar uma indignação ardente contra eles, a qual vai devorar os adversários. Eles serão entregues ao fogo devorador e às chamas eternas. Deus dá a alguns pecadores notórios essa destruição, enquanto ainda estão na terra, um terrível presságio na sua própria consciência, uma expectativa horrível, com o desespero de jamais serem capazes de suportá-la ou de escapar dela.

3. Com base nos métodos da justiça divina com aqueles que desprezaram a lei de Moisés, isto é, pecaram de forma intencional e arrogante, desprezando a sua autoridade, suas ameaças e seu poder. Esses, quando acusados por duas ou três testemunhas, eram mortos; morriam sem misericórdia, uma morte temporal. Observe: Governantes sábios devem ser cuidadosos em manter o crédito do seu governo e a autoridade das leis ao punirem transgressores arrogantes e insolentes; mas nesses casos deve haver boas evidências dos fatos. Foi assim que Deus ordenou na lei de Moisés; e daí o apóstolo deduz a sentença pesada que vai cair sobre os que apostatarem de Cristo. Aqui ele se refere à consciência deles, para que julguem quanto maior será o castigo que os que desprezam a Cristo (depois de terem professado que o conheciam) estão propensos a sofrer. E eles podem julgar o tamanho do castigo pelo tamanho do pecado. (1) Eles pisaram "...*o Filho de Deus*". Pisar uma pessoa comum mostra arrogância intolerável; tratar uma pessoa de honra dessa forma vil é insuportável; mas tratar assim o Filho de Deus, que é Ele mesmo Deus, deve ser a mais elevada provocação; pisar a sua pessoa, negando que Ele é o Messias; pisar a sua autoridade, e minar o seu reino; pisar os seus membros como o refugo de todas as coisas, e que não são dignos de viver neste mundo; que castigo pode ser grande demais para eles? (2) Eles consideraram "...*profano o sangue do testamento, com que foi santificado*"; isto é, o sangue de Cristo, com o qual o concerto foi comprado e selado, com o qual o próprio Cristo foi consagrado, ou com o qual o apóstata foi santificado, isto é, batizado, iniciado visivelmente no novo concerto pelo batismo, e admitido para participar da Ceia do Senhor. Observe: Há um tipo de santificação de que as pessoas podem participar e mesmo assim depois se afastarem. Elas podem até ser distinguidas por dons e virtudes comuns, por uma profissão exterior, por uma forma de piedade, um curso de obrigações, e um conjunto de privilégios, e mesmo assim cair no final.

Homens que parecem ter antes considerado o sangue de Cristo algo muito precioso podem passar a considerá-lo uma coisa profana, nada melhor do que o sangue de um malfeitor, embora tenha sido o resgate do mundo, e cada gota dele tenha sido de infinito valor. (3) Eles fizeram "*...agravo ao Espírito da graça*", o Espírito que é generosamente dado aos homens, e que produz graça onde estiver – o Espírito da graça que deveria ser considerado e tratado com o maior cuidado –, esse Espírito eles entristeceram, a Ele resistiram, apagaram-no, sim, ultrajaram-no, e isso é o pior ato de maldade, e torna o caso do pecador desesperador, ao se recusar que a salvação do evangelho seja aplicada a ele. Agora o autor deixa a questão à consciência de todos, apela para a razão e justiça universais, e pergunta se tais delitos agravados não devem receber um castigo adequado, um castigo pior do que os que morreram sem misericórdia. Mas que castigo pode ser pior do que morrer sem misericórdia? Eu respondo: Morrer pela misericórdia, pela misericórdia e graça que eles ultrajaram. Como é terrível a situação em que não somente a justiça de Deus, mas também sua graça e misericórdia abusadas clamam por vingança.

4. Com base na descrição que temos nas Escrituras da natureza da justiça vindicativa de Deus (v. 30). Sabemos que Ele disse: "*Minha é a vingança*". Isto é extraído de Salmos 94.1: "*Ó Senhor Deus, a quem a vingança pertence*". Os pavores do Senhor são conhecidos tanto por revelação quanto pela razão. A justiça vindicativa é um atributo glorioso de Deus, embora também terrível. Pertence a Ele, e Ele vai usá-la e executá-la sobre a cabeça de tais pecadores que desprezam a sua graça. Ele vai se vingar, e a seu Filho, e o Espírito, e o seu concerto, dos apóstatas. E como será terrível então a situação deles! A outra citação é de Deuteronômio 32.36: "*O Senhor julgará o seu povo*". Ele vai sondar e provar sua igreja visível, e vai descobrir e detectar aqueles que dizem que são seus servos, e não o são, mas são da sinagoga de Satanás; e Ele vai separar os preciosos dos vis, e vai punir os pecadores em Sião com a maior severidade. Mas os que conhecem aquele que disse: "*Minha é a vingança, eu darei a recompensa*", precisam concluir, como o faz o apóstolo (v. 31): "*Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo*". Aqueles que conhecem os resultados do favor de Deus podem por meio disso julgar o poder e o pavor da sua ira vindicativa. Observe aqui: Qual será a eterna miséria de pecadores impenitentes e apóstatas; eles devem cair nas mãos do Deus vivo; o castigo deles virá da própria mão de Deus. Ele os toma na mão da sua justiça; Ele mesmo vai tratar deles; a maior miséria será sofrerem as imediatas impressões da ira divina sobre a alma. Quando Ele os castiga por meio de uma criatura, o agente abranda algo da força do golpe; mas, quando Ele faz isso com sua própria mão, é miséria infinita. Isto eles terão da mão de Deus: estarão prostrados em tristeza; a sua destruição virá da presença poderosa e gloriosa do Senhor. Quando eles fizerem sua miserável cama no inferno, vão descobrir que Deus está lá, e sua presença será o maior terror e tormento deles. E Ele é um Deus vivo, que vive para sempre, e vai castigar para sempre.

5. Ele os estimula à perseverança ao trazer à memória deles os sofrimentos anteriores por Cristo: "*Lembrai-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições*" (v. 32). Nos primeiros dias do evangelho, foi suscitada uma perseguição muito cruel contra os que professavam a fé cristã, e os hebreus que criam tiveram a sua parte nisso: ele os faz relembrar esse fato.

(1) Quando eles tinham sofrido: em "*...dias passados,* [...] *depois de serdes iluminados*"; isto é, assim que Deus havia soprado vida na alma deles, e feito com que a luz divina brilhasse na sua mente, e de os ter recebido em seu favor e concerto; e então a terra e o inferno combinaram todas as suas forças contra eles. Observe aqui: Um estado natural é um estado tenebroso, e os que permanecem nesse estado não sofrem perturbação alguma de Satanás e do mundo; mas um estado de graça é um estado de luz, e por isso os poderes das trevas vão se opor a ele violentamente. "*Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições*" (2 Tm 3.12).

(2) O que eles sofreram: eles suportaram "*...grande combate de aflições*", muitas e diversas aflições combinadas contra eles, e tiveram um grande combate com elas. Muitos são os problemas dos justos: [1] Eles estavam aflitos em si mesmos. Na própria pessoa deles; tornaram-se objeto de ridículo, espetáculo para o mundo, os anjos e os homens (1 Co 4.9). Em seu nome e na sua reputação (v. 33), por meio de muita vergonha. Os cristãos devem valorizar a sua reputação; e devem fazer isso especialmente porque a reputação do cristianismo está em jogo. Isso torna a vergonha uma grande aflição. Estavam aflitos nas suas propriedades, eram saqueados dos seus bens, por meio de penalidades e confiscos. [2] Eles se afligiam nas aflições dos seus irmãos: "*...em parte, fostes participantes com os que assim foram tratados*". O sentimento cristão é um sentimento de compaixão e empatia, não um espírito egoísta, mas compassivo; faz do sofrimento de cada cristão o nosso próprio, faz-nos ter piedade dos outros, visitá-los, ajudá-los e suplicar por eles. Os cristãos são um corpo, são vivificados por um espírito, embarcaram em causas e interesses comuns e são filhos daquele Deus que é afligido em todas as aflições do seu povo. Se um membro do corpo sofre, todos os outros sofrem com ele. O apóstolo faz menção particular de como eles tinham se compadecido dele (v. 34). *Porque também vos compadecestes das minhas prisões* (versão ACF). Precisamos reconhecer com gratidão a compaixão que os nossos amigos cristãos demonstram por nós em nossos momentos aflitivos.

(3) Como tinham sofrido. Tinham sido intensamente apoiados em seus sofrimentos anteriores; suportaram os seus sofrimentos com paciência, e não somente isso, mas com alegria os receberam de Deus como favor e honra conferidos a eles por terem sido considerados dignos de sofrer vergonha pelo nome de Cristo. Deus pode fortalecer o seu povo sofredor com todo o poder no homem interior, com toda a paciência e perseverança, e isso com alegria (Cl 1.11).

(4) O que os capacitava assim para suportarem os sofrimentos. Eles sabiam em seu coração que possuíam no céu um lugar melhor e permanente. Observe: [1] A alegria dos santos no céu é permanente, algo de peso e valor reais. Todas as coisas aqui são apenas sombra. [2] É um fundamento melhor do que qualquer coisa que eles pudessem ter ou perder aqui. [3] É um fundamento permanente, que vai sobreviver ao tempo e andar lado a

lado com a eternidade; eles nunca poderão gastá-lo; os seus inimigos nunca poderão tomá-lo deles, como faziam com os seus bens terrenos. [4] Isso vai gerar ampla compensação por tudo que eles puderem perder ou sofrer aqui. No céu, terão uma vida melhor, uma propriedade melhor, uma liberdade melhor, uma sociedade melhor, um coração melhor, um trabalho melhor, tudo será melhor. [5] Os cristãos deveriam saber isso em seu coração, eles deveriam obter a certeza disso no seu coração (o Espírito de Deus testemunhando ao seu espírito), pois o conhecimento confirmado disso vai ajudá-los a suportar qualquer batalha de aflições que tiverem de enfrentar neste mundo.

6. Ele os incentiva a perseverar, com base naquela recompensa que esperava por todos os cristãos (v. 35): "*Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão*". Aqui: (1) Ele os exorta a não lançarem fora a sua confiança, isto é, a sua santa coragem e ousadia, mas a reterem firmes na profissão de fé pela qual tinham sofrido tanto antes, e tinham suportado tão bem aqueles sofrimentos. (2) Ele os encoraja a isso ao lhes assegurar que a recompensa pela sua santa confiança será muito grande. Ela leva uma presente recompensa consigo, em santa paz e alegria, e muito da presença de Deus e de seu poder repousando sobre elas. E haverá uma grande recompensa na vida por vir. (3) Ele lhes mostra como é necessária a graça da paciência em nosso presente estado (v. 36): "*Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa*"; isto é, essa recompensa prometida. Observe: A maior parte da felicidade dos santos está na promessa. Eles precisam primeiro fazer a vontade de Deus antes de receberem a promessa; e, depois de terem feito a vontade de Deus, precisam de paciência para esperar pelo tempo quando a promessa for cumprida; eles precisam de paciência para esperar até que Deus os chame desta vida. É uma prova da paciência dos cristãos, de se contentarem em esperar pelo cumprimento da promessa, a fim de receberem a recompensa, até que venha o tempo de Deus cumpri-la na vida deles. Precisamos ser os servos à disposição de Deus quando já não somos os servos a serviço de Deus. Aqueles que já tiveram e exercitaram muita paciência precisam ter e exercitar ainda mais até morrerem. (4) Para desenvolver a paciência deles, ele lhes assegura que a vinda de Cristo está próxima para recompensá-los (v. 37): "*Porque ainda um poucochinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará*". Ele logo virá a eles na morte, e porá um fim a todos os seus sofrimentos, e lhes dará a coroa da vida. Ele logo virá para julgar, e porá um fim aos sofrimentos de toda a igreja (todo o seu corpo místico), e lhes dará uma ampla e gloriosa recompensa da maneira mais pública. Há um tempo determinado para ambos, e, além disso, ele não tardará (Hc 2.3). O conflito presente do cristão pode ser severo, mas será breve.

7. Ele os incentiva à perseverança ao lhes dizer que esta é a característica marcante e a felicidade deles; ao passo que a apostasia é a vergonha, e será a ruína, de todos os que são culpados dela (vv. 38,39): "*Mas o justo viverá da fé*". (1) Faz parte do honroso caráter dos homens justos que, em tempos de maiores aflições, eles conseguem viver da fé; eles conseguem viver com base na percepção correta que têm da verdade das promessas de Deus. A fé coloca vida e vigor nelas. Eles conseguem confiar em Deus e viver dele, e esperar a hora dele. E, assim como a fé mantém a vida espiritual deles agora, será coroada de vida eterna no porvir. (2) A apostasia é a marca daqueles em quem Deus não têm prazer; e é causa do profundo desagrado e ira de Deus. Deus nunca teve prazer na profissão formal e no cumprimento de obrigações e serviços exteriores dos que não perseveram. Ele viu a hipocrisia do coração de alguns então; e Ele se sente profundamente provocado quando a formalidade deles na religião termina em apostasia aberta. Ele os contempla com grande desagrado; eles são uma ofensa para Ele. (3) O apóstolo conclui ao declarar sua boa esperança com relação a si mesmo e a esses hebreus, para que não desperdicem o caráter e a felicidade do justo, e sejam submetidos à marca e miséria dos ímpios (v. 39): "*Nós, porém, não somos daqueles...*"; como se ele estivesse dizendo: "Eu espero que não sejamos dos que voltam atrás. Espero que nós, que já enfrentamos grandes provações, e fomos sustentados nelas pela graça de Deus fortalecendo nossa fé, não sejamos abandonados em momento algum para voltarmos atrás, ao caminho da perdição; mas que Deus ainda vai nos sustentar pelo seu poder por meio da fé para a salvação". Observe: [1] Os que professam sua fé podem andar um longo caminho, e depois de tudo ainda voltarem atrás; e essa volta atrás é a volta para a perdição. Quanto mais nos afastarmos de Deus, mais próximos estaremos da ruína. [2] Aqueles que se mantiveram fiéis em grandes provações no tempo passado têm razão para esperar que a mesma graça seja suficiente para ajudá-los a viver por fé, até que recebam a recompensa da sua fé e paciência, até a salvação da sua alma. Se vivermos por fé, e morrermos na fé, nossa alma estará salva para sempre.

CAPÍTULO 11

Tendo recomendado a graça da fé e da vida de fé como os melhores antídotos contra a apostasia, o apóstolo agora amplia a natureza e os resultados dessa excelente graça. I. A sua natureza, e a honra que ela reflete sobre todos os que a exercitam (vv. 1-3). II. Os grandes exemplos que temos no Antigo Testamento daqueles que viveram por fé, e morreram e sofreram coisas extraordinárias pela graça do Senhor (vv. 4-38). E: III. As vantagens que temos no evangelho pelo exercício dessa graça, que são superiores às que tiveram os que viveram nos tempos do Antigo Testamento (vv. 39,40).

A Natureza da Fé

vv. 1-3

Temos aqui:

I Uma definição ou descrição da graça da fé em duas partes: 1. "*...é o firme fundamento das coisas que se esperam*". A fé e a esperança andam juntas; e as mesmas coisas que são o objeto da nossa esperança são o ob-

jeto da nossa fé. É uma firme persuasão e expectativa de que Deus vai realizar tudo que Ele nos prometeu em Cristo; e essa persuasão é tão forte que dá à alma um tipo de posse e gozo presente daquelas coisas, uma subsistência na alma, por meio dos primeiros frutos e do antegosto delas; assim que os crentes no exercício da fé são preenchidos "...*com gozo inefável e glorioso*" (1 Pe 1.8). Cristo habita na alma por fé, e a alma é preenchida com a plenitude de Deus, na proporção em que permitir a sua presente medida; ele experimenta uma realidade substancial nos objetos da fé. 2. É "...*a prova das coisas que se não vêem*". A fé demonstra ao olho da mente a realidade das coisas que não podem ser discernidas pelo olho natural. A fé é o firme consentimento da alma à revelação divina e a cada parte dela, e acrescenta o seu selo de que Deus é verdadeiro. É a completa aprovação de que tudo que Deus revelou é santo, justo e bom; ajuda a alma a fazer a aplicação de tudo a si mesmo com sentimentos e esforços adequados; e assim está designada para servir o crente no lugar da visão, e ser para a alma tudo que os sentidos são para o corpo. É apenas opinião ou fantasia aquela fé que não concretiza coisas invisíveis para a alma, que não estimula a alma a agir de acordo com a natureza e a importância delas.

II Um relato da honra que reflete sobre todos os que a exercitaram em sua vida (v. 2): "...*por ela, os antigos alcançaram testemunho*" – os antigos fiéis, que viveram nas primeiras épocas do mundo. Observe: 1. A verdadeira fé é uma antiga graça, e tem o melhor argumento a favor da antigüidade; não é uma nova invenção, uma fantasia moderna. É uma graça que foi plantada na alma do homem desde que o concerto da graça foi divulgado no mundo; e tem sido praticada desde o início da revelação; os melhores e mais antigos homens que jamais viveram no mundo eram crentes. 2. A fé deles era a sua honra; refletia honra sobre eles. Eles eram uma honra para a sua fé, e a sua fé era uma honra para eles. Ela os fez fazer coisas *que eram de boa fama*, e Deus se empenhou para que fosse feito um registro das coisas excelentes que eles fizeram no poder dessa graça. Os atos genuínos da fé vão ser registrados, eles merecem ser registrados, e irão, quando registrados, resultar em honra para os verdadeiros crentes.

III Temos aqui um dos primeiros atos e artigos de fé, que tem grande influência sobre todo o restante, e o que é comum a todos os crentes em todas as épocas e partes do mundo, ou seja, a criação dos "...*mundos, pela palavra de Deus*", não de matéria preexistente, mas do nada (v. 3). A fé tem uma retrospectiva como também uma perspectiva; não aponta somente para frente, para o fim do mundo, mas para trás, para o começo do mundo. Pela fé entendemos muito mais da formação do mundo do que jamais pôde ser compreendido pelo olho da razão natural. A fé não é uma força sobre a compreensão, mas um amigo e auxílio dela. Mas o que a fé nos dá a entender acerca dos *mundos*, isto é, as regiões superiores, medianas e inferiores do universo? 1. Que esses *mundos* não são eternos, nem eles mesmos se produziram, mas foram feitos por outro Ser. 2. Que o criador dos mundos é Deus. Ele é o criador de todas as coisas; e quem quer que seja assim, precisa ser Deus. 3. Que Ele fez o mundo com grande precisão; foi uma obra estruturada, em cada detalhe devidamente adaptada e disposta para servir ao seu propósito, e para expressar a perfeição do seu Criador. 4. Que Deus fez o mundo por sua palavra, isto é, por sua sabedoria essencial e por seu Filho eterno, e por sua vontade ativa: "*Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu*" (Sl 33.9). 5. Que o mundo foi assim formado do nada, não de matéria preexistente, ao contrário do que diz a máxima: "Do nada, nada pode ser feito", que, embora verdadeira acerca do poder criado, não pode ter lugar com Deus, que pode chamar coisas que não são como se fossem, e chamá-las à existência. Entendemos essas coisas pela fé. A Bíblia nos dá o mais verdadeiro e mais exato relato da origem de todas as coisas, e devemos crer nela, e não torcer e menosprezar o relato bíblico da criação, porque não se encaixa com alguma fantástica hipótese nossa. Essa atitude tem sido em alguns homens eruditos e presunçosos o primeiro passo marcante em direção à infidelidade, e conduzido a muitos mais na mesma direção.

Os Exemplos de Fé
vv. 4-31

Tendo nos dado um relato mais geral sobre a fé, o apóstolo agora prossegue e nos apresenta alguns exemplos ilustres dela nos tempos do Antigo Testamento, e esses podem ser divididos em duas classes: 1. Aqueles cujos nomes são mencionados, e de cuja fé são especificados os exercícios e atos particulares. 2. Aqueles cujos nomes são pouco mencionados, e é dado um relato geral das proezas da sua fé, e que são deixadas ao leitor para que as adapte e aplique às pessoas particulares com base no que compreender da história sagrada. Temos aqui agora aqueles cujos nomes não são somente mencionados, mas as provações e atos particulares de sua fé são acrescentados.

I O primeiro exemplo de fé aqui registrado é o de Abel. Observa-se que não aprouve ao Espírito de Deus dizer coisa alguma acerca da fé dos nossos primeiros pais; e, contudo, a igreja de Deus em geral tem tomado por certo, por piedosa caridade, que Deus lhes deu arrependimento e fé na semente prometida, que Ele os instruiu no mistério dos sacrifícios, que eles instruíram os seus filhos nisso e que encontraram misericórdia em Deus depois de terem arruinado sua vida e toda a sua posteridade. Mas Deus ainda assim deixou a questão sob alguma dúvida, como advertência a todos que receberam grandes talentos, e que tiveram grande confiança depositada neles, para que não se mostrem infiéis, visto que Deus não arrolou nossos primeiros pais entre os crentes nessa relação abençoada. Esta começa com Abel, um dos primeiros santos, e o primeiro mártir da história; de todos os filhos de Adão foi um que viveu por fé, e morreu por ela, e, portanto, era um padrão adequado para ser imitado pelos cristãos hebreus. Observe:

1. O que Abel fez por fé: "...*ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim*", um sacrifício mais completo e perfeito, *pleiona thysian*. Disso aprendemos: (1) Que, depois da queda, Deus abriu um novo caminho para os filhos dos homens retornarem a Ele em adoração religio-

sa. Essa é uma das primeiras ocasiões registradas de homens caídos indo a Deus em adoração; e foi um milagre de misericórdia que todo o relacionamento entre Deus e o homem não foi cortado pela queda. (2) Após a queda, Deus precisou ser adorado por meio de sacrifícios, uma forma de adoração que traz consigo uma confissão de pecados, e da solidão do pecado, e uma profissão de fé em um Redentor, que seria o resgate para a alma dos homens. (3) Que, desde o início, tem havido uma diferença extraordinária entre os adoradores. Aqui havia duas pessoas, irmãos, e ambos foram adorar a Deus, mas com uma enorme diferença. Caim era o irmão mais velho, mas Abel tinha a preferência. Não é a superioridade em idade, mas em graça, que torna os homens verdadeiramente honráveis. A diferença se observa em suas pessoas: Abel era uma pessoa reta, um homem justo, um verdadeiro crente; Caim era um formalista, não tinha um princípio de graça especial. Observa-se nos princípios deles: Abel agiu sob o poder da fé, Caim, somente com a força da educação, ou da consciência natural. Havia também uma diferença claramente observável nas suas ofertas: Abel apresentou um sacrifício de expiação, "*...dos primogênitos das suas ovelhas*" (Gn 4.4), reconhecendo ser ele mesmo um pecador que merecia morrer, e somente esperando misericórdia por meio do grande sacrifício. Caim apresentou somente um sacrifício de reconhecimento, uma mera oferta de gratidão, do "*...fruto da terra*" (Gn 4.3), que poderia ter sido oferecido, talvez tivesse de ser oferecido, em inocência; aqui não houve confissão de pecados, nenhuma consideração pelo resgate; esse foi um defeito essencial na oferta de Caim. Sempre haverá uma diferença entre aqueles que adoram o verdadeiro Deus; uns vão rodeá-lo com mentiras, outros serão fiéis com os santos; alguns, como o fariseu, vão se apoiar em sua própria justiça; outros, como o publicano, vão confessar os seus pecados e se lançar na misericórdia de Deus em Cristo.

2. O que Abel ganhou por sua fé: o relato original está em Gênesis 4.4: "*E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta*"; primeiro, para a sua pessoa generosa, depois, para a sua oferta como procedente da graça, especialmente da graça da fé. Aqui vemos que por sua fé ele obteve algumas vantagens especiais, como: (1) "*...testemunho de que era justo*", uma pessoa justificada, santificada e aceita; isto, muito provavelmente, foi atestado por fogo do céu, acendendo e consumindo o seu sacrifício. (2) Deus deu testemunho à retidão da sua pessoa, ao aceitar sua oferta. Quando o fogo, um emblema da justiça de Deus, consumia a oferta, era um sinal de que a misericórdia de Deus havia aceitado a oferta no lugar do grande sacrifício. (3) "*...por ela, depois de morto, ainda fala*". Ele teve a honra de deixar atrás de si um caso instrutivo que fala alto. E o que ele nos diz? [1] Que o homem caído tem permissão para adorar a Deus, com a esperança de ser aceito. [2] Que, se esperamos que nossa pessoa e oferta sejam aceitas, precisa ser por meio da fé no Messias. [3] Que a aceitação por parte de Deus é um favor peculiar e distintivo. [4] Que aqueles que obtêm esse favor de Deus precisam contar com a inveja e a maldade do mundo. [5] Que Deus não vai permitir que as injustiças cometidas contra o seu povo fiquem sem castigo, nem seus sofrimentos, sem recompensa. Estas são instruções muito boas e úteis, e, mesmo assim, o "*...sangue da aspersão fala melhor do que o de Abel*" (cap. 12.24). [6] Que Deus não permitiria que a fé de Abel morresse com ele, mas levantaria outros, que obteriam uma fé igualmente preciosa; e assim o fez em pouco tempo, pois no versículo seguinte lemos:

II Acerca da fé de Enoque (v. 5). Ele é o segundo desses antigos que têm um bom relato da sua fé. Observe:

1. O que aqui é relatado dele. Nessa passagem (e em Gn 5.22ss.) lemos: (1) "*E andou Enoque com Deus*", isto é, ele era real, eminente, ativa, progressiva e perseverantemente fiel em sua conformidade com Deus e na sua comunhão com Deus. (2) Que ele "*...foi trasladado para não ver a morte...*", e nem mesmo uma parte dele foi encontrada na terra; pois Deus o levou, corpo e alma, ao céu, como Ele vai fazer com aqueles santos que forem encontrados vivos na segunda vinda de Cristo. (3) Que "*...antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus*". Ele tinha a evidência disso em sua própria consciência, e o Espírito de Deus testemunhou ao seu espírito. Aqueles que pela fé caminham com Deus num mundo pecaminoso agradam a Ele, e Ele vai lhes dar sinais do seu favor, e lhes conferir honra.

2. O que aqui é dito acerca da sua fé (v. 6). É dito que "*...sem fé é impossível...*" agradar a Deus, sem essa fé que nos ajuda a caminhar com Deus, uma fé ativa; e não podemos ir a Deus a não ser que creiamos "*...que ele existe e que é galardoador dos que o buscam*". (1) Ele precisa crer que Deus é, e que Ele é o que é, o que Ele se revelou e mostrou ser nas Escrituras, um Ser de perfeições infinitas, subsistindo em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. Observe: A crença prática na existência de Deus, como revelada na Palavra, seria um estímulo ao temor na nossa mente, um freio para nos restringir de pecar, e um impulso para nos colocar de todas as formas sob a obediência ao evangelho. (2) Que Ele "*...é galardoador dos que o buscam*". Observe aqui: [1] Por meio da queda perdemos a presença de Deus; perdemos a luz divina, a vida, o amor, a semelhança e a comunhão divina. [2] Podemos encontrar Deus novamente por meio de Cristo, o segundo Adão. [3] Deus prescreveu meios e caminhos em que pode ser encontrado; a saber, uma atenção estrita aos seus oráculos, participação nas suas ordenanças, e ministros executando apropriadamente seu ofício e se associando com o seu povo, observando o seu cuidado providencial, e em todas as coisas esperando pela sua graciosa presença. [4] Os que quiserem encontrar Deus nesses caminhos precisam buscá-lo diligentemente; eles precisam buscar cedo, sinceramente e com perseverança. "*Então eles o buscarão e o acharão, se o buscarem com todo o seu coração*"; e depois de o terem achado, e se reconciliado com o seu Deus, nunca se arrependerão dos esforços que empenharam para buscá-lo.

III A fé de Noé (v. 7). Observe:

1. O fundamento da fé que Noé tinha – uma advertência que ele havia recebido de Deus de coisas ainda não vistas. Ele teve uma revelação divina, se foi por voz ou visão não sabemos; mas foi tal que trouxe em si mesma a sua própria evidência. Ele foi "*...divinamente avisado das coisas que ainda não se viam*", isto é, de um

grande e severo julgamento, como o mundo nunca tinha visto, e do qual não havia ainda o menor sinal. Ele deveria anunciar essa advertência secreta ao mundo, que certamente desprezaria ambos, o pregador e sua mensagem. Deus geralmente adverte os pecadores antes de castigá-los; e, quando suas advertências são menosprezadas, o castigo será tanto pior.

2. As realizações da fé de Noé, e a influência que ela teve tanto sobre a sua mente quanto sobre sua prática. (1) Sobre a sua mente; ela impressionou a sua alma com o temor do julgamento de Deus: ele "...*temeu*". A fé primeiro influencia nossos sentimentos, depois nossas ações; e a fé age sobre aqueles sentimentos que são apropriados ao tópico revelado. Se é alguma coisa boa, a fé estimula o amor e o desejo; se é alguma coisa má, a fé estimula o temor. (2) A fé dele influenciou a sua prática. O seu temor, assim estimulado por crer na ameaça de Deus, conduziu-o a preparar uma arca, com a qual, sem dúvida, ele teve de enfrentar a zombaria e os escárnios de uma geração má. Ele não discutiu com Deus por que deveria construir uma arca, nem como ela poderia conter o que seria armazenado nela, nem como uma embarcação dessas poderia sobreviver a uma tempestade tão grande. Sua fé silenciou todas as objeções, e o fez trabalhar com toda a seriedade.

3. Os resultados abençoados e as recompensas da fé exercitada por Noé. (1) Por meio disso, ele mesmo e a sua casa foram salvos, quando um mundo inteiro de pecadores perecia à volta deles. Deus salvou a sua família por causa dele; foi bom para eles serem filhos e noras de Noé. Foi bom para aquelas mulheres terem casado com os filhos de Noé; talvez poderiam ter casado com homens de grandes posses de outras famílias, mas então teriam morrido afogadas. Podemos até pensar: "É bom ser parente de alguém com grandes posses"; mas com certeza é melhor estar relacionado ao concerto. (2) Por meio disso, ele julgou e condenou o mundo; seu temor condenou a segurança e a vã confiança deles. Sua fé condenou a incredulidade deles; sua obediência condenou o desprezo e a rebeldia deles. Bons exemplos vão ou converter pecadores ou condená-los. Há algo muito convincente numa vida de santidade e consagração integral a Deus; isso se prova agradável à consciência de cada homem à vista de Deus, e os homens são julgados por isso. Esta é a melhor maneira de o povo de Deus condenar os ímpios; não por meio de linguagem dura e censuradora, mas através de uma conversa santa e exemplar. (3) Por meio disso, ele "...*foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé*". [1] Ele estava imbuído da verdadeira justiça justificadora; ele era *herdeiro* dela; e: [2] Esse seu direito de herança veio por meio da fé em Cristo, como um membro de Cristo, um filho de Deus e, se é filho, então é herdeiro. A sua justiça era resultante da sua adoção, por meio da fé na semente prometida. Se alguma vez esperamos ser justificados *no grande e terrível dia do Senhor*, que agora preparemos uma arca, para garantirmos a nossa vantagem em Cristo, e na arca do concerto, e façamos isso prontamente, antes que a porta seja fechada, pois não há salvação em nenhum outro.

IV A fé de Abraão, o amigo de Deus e pai dos fiéis, de quem os hebreus se jactavam, e de quem eles derivavam os seus privilégios. E por isso, o apóstolo, para poder tanto agradá-los quanto beneficiá-los, desenvolve mais as heróicas realizações da fé de Abraão do que de qualquer outro dos patriarcas; e no meio do relato da fé exercitada por Abraão ele insere a história da fé que Sara teve, cujas filhas são as mulheres que continuam a perseverar no bem. Observe:

1. O fundamento da fé em Abraão, do seu chamado e promessa de Deus (v. 8). (1) Esse chamado, embora fosse algo experimental, foi o chamado de Deus, e por isso um fundamento suficiente para a fé e obediência. A maneira em que ele foi chamado é relatada por Estêvão em Atos 7.2,3: "*O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e disse-lhe: Sai da tua terra e dentre a tua parentela e dirige-te à terra que eu te mostrar*". Esse foi um chamado válido, pelo qual ele deixou a idolatria da casa do seu pai (Gn 12.1). Esse chamado foi renovado após a morte do seu pai em Harã. Observe: [1] A graça de Deus é absolutamente gratuita, ao tomar alguns dos piores homens e fazer deles os melhores. [2] Deus precisa vir ao nosso encontro primeiro antes de irmos a Ele. [3] Ao chamar e converter pecadores, Deus aparece como o Deus da glória, e realiza uma obra gloriosa na alma. [4] Isso nos leva não somente a deixarmos o pecado, mas as companhias pecaminosas, e tudo que não for concordante com a nossa consagração a Ele. [5] Precisamos ser chamados, não somente para começarmos bem, mas para continuarmos bem. [6] Ele não vai permitir que o seu povo entre no descanso em qualquer lugar aquém de Canaã. (2) A promessa de Deus. Deus prometeu a Abraão que o lugar ao qual foi chamado, ele o receberia depois como herança, e mais tarde ele receberia a Canaã celestial como sua herança, e no decorrer do tempo sua posteridade herdaria a Canaã terrena. Observe aqui: [1] Deus chama o seu povo a uma herança: por seu chamado válido Ele os torna filhos, e assim herdeiros. [2] Essa herança não é imediatamente possuída por eles; eles precisam esperar um tempo por ela. Mas a promessa é segura e terá o seu cumprimento no tempo certo. [3] A fé dos pais com freqüência gera bênçãos para seus descendentes.

2. O exercício da fé em Abraão: ele obedeceu, em uma consideração implícita pelo chamado de Deus. (1) Ele "...*saiu, sem saber para onde ia*". Ele se confiou às mãos de Deus, para que o enviasse para onde lhe aprouvesse. Ele se sujeitou à sabedoria de Deus como a mais adequada para dirigi-lo; e se submeteu à vontade do Senhor como a mais apropriada para determinar cada coisa concernente a ele. Fé e obediência implícitas são devidas a Deus, e a Ele somente. Todos os que são efetivamente chamados abrem mão da sua própria vontade e sabedoria a favor da vontade e da sabedoria de Deus, e é sábio da parte deles fazer assim; embora não saibam sempre o seu caminho, contudo conhecem o seu guia, e isso os satisfaz. (2) Ele "...*habitou na terra da promessa, como em terra alheia*". Isso foi um exercício de fé. Observe: [1] Como Canaã é chamada de terra da promessa, porque então era apenas prometida, e não possuída. [2] Como Abraão viveu em Canaã, não como herdeiro e proprietário, mas como peregrino somente. Ele não fez parte de uma desapropriação, nem se engajou numa guerra contra os antigos habitantes para desalojá-los, mas se dispôs a viver como estrangeiro, a suportar as crueldades dos nativos

do lugar com paciência, a receber qualquer favor deles com gratidão, e a manter o seu coração fixo na sua pátria, a Canaã celestial. [3] Ele viveu em tendas com Isaque e Jacó, co-herdeiros com ele da mesma promessa. Ele viveu ali em uma condição itinerante, com prontidão diária para a mudança. E assim devemos viver o tempo todo no mundo. Ele tinha boas companhias consigo, e estas lhe eram um grande conforto no seu estado peregrino. Abraão viveu até que Isaque tivesse setenta e cinco anos, e Jacó quinze. Isaque e Jacó eram herdeiros da mesma promessa, pois a promessa foi renovada a Isaque (Gn 26.3), e a Jacó (Gn 28.13). Todos os santos são herdeiros da mesma promessa. A promessa é feita aos que crêem e aos seus filhos, e tantos quantos o Senhor chamar. E é um prazer ver pais e filhos peregrinando juntos neste mundo como herdeiros da herança eterna.

3. Os apoios à fé de Abraão (v. 10): Ele "*...esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus*". Observe aqui: (1) A descrição feita do céu: é uma cidade, uma sociedade regular, bem estabelecida, bem defendida e bem suprida. É uma cidade que tem fundamentos, até mesmo os propósitos imutáveis e o imenso poder de Deus, os infinitos méritos e a mediação do Senhor Jesus Cristo, as promessas do concerto eterno, sua própria pureza, e a perfeição dos seus habitantes. E é uma cidade cujo construtor e edificador é Deus. Ele elaborou o modelo e a construiu apropriadamente, e Ele abriu um novo e vivo caminho para ela, e a preparou para o seu povo. Ele leva o seu povo a possuí-la, e é Ele mesmo a sua essência e felicidade. (2) Observe a devida consideração que Abraão tinha por essa cidade celestial: ele esperava por ela, e, nesse ínterim, se relacionava com ela por fé; ele tinha elevadas e alegres esperanças de que no tempo de Deus seria levado em segurança até ela. (3) A influência que isso teve sobre suas relações presentes: era um apoio para ele em todas as provações da sua peregrinação, ajudava-o a suportar com paciência todas as inconveniências dela, e a cumprir ativamente todas as obrigações dela, perseverando nela até o fim.

V No meio da história de Abraão, o apóstolo insere um relato acerca da fé que Sara possuía. Observe aqui:

1. As dificuldades de Sara na sua fé, que eram muito grandes. Como: (1) A prevalência da incredulidade por um tempo: ela riu da promessa, como se fosse impossível de ser cumprida. (2) Ela tinha se esquivado da sua responsabilidade em virtude de sua incredulidade, ao fazer com que Abraão tomasse Agar, para que ele pudesse ter uma posteridade. Esse seu pecado tornaria mais difícil para ela agir por fé novamente. (3) A grande improbabilidade da coisa prometida, que ela seria a mãe de uma criança, quando era estéril e já havia passado da idade fértil das mulheres.

2. As realizações da sua fé. Sua incredulidade foi perdoada e esquecida, mas sua fé prevaleceu e foi registrada: Ela "*...teve por fiel aquele que lho tinha prometido*" (v. 11). Ela recebeu a promessa como a promessa de Deus; e, sendo convencida disso, realmente julgou que Ele tanto podia quanto ia realizá-la, por mais impossível que parecesse à razão; pois a fidelidade de Deus não permite que Ele engane o seu povo.

3. Os frutos e a recompensa pela sua fé. (1) Ela "*...recebeu a virtude de conceber*". A força da natureza, assim como a graça, vem de Deus. Ele pode tornar fértil o solo infecundo, assim como também pode tornar fértil o ventre improdutivo. (2) Ela "*...deu à luz...*" um filho, um filho da promessa, e um consolo para os anos avançados dos seus pais, e a esperança de gerações por vir. (3) Para eles, por meio desse filho, surgiu uma descendência numerosa de pessoas ilustres, "*...como as estrelas do céu*" (v. 12) – uma nação grande, poderosa e renomada, acima de todas as outras do mundo; uma nação de santos, o povo peculiar de Deus. E, o que foi a maior honra e recompensa de todas, "*...dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém!*" (Rm 9.5).

V O apóstolo prossegue e faz menção da fé de outros patriarcas, Isaque e Jacó, e o restante dessa bem-aventurada família (v. 13). Observe aqui:

1. A provação da fé deles na imperfeição do presente estado. Eles não tinham recebido a promessa ainda, isto é, eles não tinham recebido as coisas prometidas, não tinham recebido a posse de Canaã ainda, não tinham visto ainda seus numerosos descendentes, não tinham visto Cristo em carne. Observe: (1) Muitos dos que estão interessados nas promessas não recebem no presente as coisas prometidas. (2) Uma das imperfeições do presente estado dos santos na terra é que a felicidade deles está mais em promessas e no direito futuro de posse do que no real e presente desfrute ou posse. O estado do evangelho é mais perfeito do que o patriarcal, porque mais promessas são agora cumpridas. O estado celestial será o mais perfeito de todos; pois ali todas as promessas terão o seu completo cumprimento.

2. As realizações da sua fé no estado presente e imperfeito das coisas. Mesmo que não tivessem ainda recebido as promessas, contudo:

(1) Eles as viram de longe. A fé tem um olhar claro e potente, e consegue enxergar misericórdias prometidas a uma grande distância. Abraão viu o dia de Cristo, quando ainda estava muito distante, e se alegrou (Jo 8.56).

(2) Eles estavam persuadidos acerca das promessas, de que eram verdadeiras e seriam cumpridas. A fé traz garantias de que Deus é verdadeiro, e com isso acalma e satisfaz a alma.

(3) Eles as abraçaram. A fé deles era uma fé de consentimento. A fé tem um braço comprido e consegue se apossar de bênçãos a uma grande distância, consegue torná-las presentes, consegue amá-las e se alegrar nelas, e assim antecipar o prazer nelas.

(4) Eles "*...confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra*". Observe: [1] A condição deles: *Estrangeiros e peregrinos*. Eles eram estrangeiros por serem santos, pelo fato de a pátria deles estar no céu; eles eram peregrinos visto que estavam a caminho de sua pátria, embora muitas vezes lentamente e em péssimas condições. [2] O reconhecimento deles dessa condição em que viviam: eles não se envergonharam em reconhecê-lo; tanto seus lábios quanto sua vida confessaram a presente condição deles. Eles esperaram pouco do mundo. Eles não se envolveram muito com ele. Eles se esforçaram para deixar de lado todo peso, em cingir

os lombos da sua mente para se empenharem no seu caminho, para se manterem na companhia e no ritmo com seus companheiros de caminhada, enfrentando as dificuldades e carregando-as, e ansiando para chegarem à pátria.

(5) Com isso, eles declararam abertamente que estavam buscando uma outra pátria (v. 14), a celestial, sua própria pátria. Visto que o nascimento espiritual deles localizava-se no céu, lá também estava sua melhor parentela, e a herança deles. Eles buscavam essa pátria, seus planos eram por ela; seus desejos, por ela; suas conversas eram a respeito dela; eles se empenhavam em deixar regularizado o direito de posse deles por ela, em ter a disposição mental deles voltada para ela, em ter suas relações voltadas para ela e em chegar ao desfrute dela.

(6) Eles deram completa demonstração de sua sinceridade ao fazerem tal confissão. Pois: [1] Não se preocuparam com a pátria de onde vinham (v. 15). Não desejaram ardentemente a abundância e os prazeres dela, nem sentiram remorso ou se arrependeram por a terem deixado; eles não tinham desejo algum de retornar a ela. Observe: Aqueles que uma vez são chamados de forma eficaz e salvífica para fora de um estado pecaminoso não têm intenção alguma de voltar a ele novamente; eles agora conhecem coisas melhores. [2] Eles não fizeram uso da oportunidade que se ofereceu para o retorno deles. Talvez tenham tido tal oportunidade. Tiveram tempo suficiente para retornar. Tinham força física para retornar. Conheciam o caminho. Os que estavam peregrinando com eles teriam estado muito dispostos a retornar com eles. Os seus velhos amigos os teriam recebido com alegria. Tinham o suficiente para pagar os gastos do seu retorno; e a carne e o sangue, às vezes conselheiros pervertidos, devem ter sugerido o seu retorno. Mas eles firmemente se apegaram a Deus e à responsabilidade em meio a todos os desencorajamentos e contra todas as tentações de se revoltar contra Ele. Assim todos nós devemos fazer. Não nos faltarão oportunidades para nos revoltarmos contra Deus; mas temos de demonstrar a verdade da nossa fé e profissão por meio de uma firme lealdade ao Senhor até o fim dos nossos dias. A sinceridade foi evidenciada não somente por não retornarem à sua antiga pátria, mas ao desejarem uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial. Observe que, em primeiro lugar, a pátria celestial é melhor do que qualquer outra na terra; está melhor situada, tem melhor depósito de todas as boas coisas, é mais bem protegida de qualquer coisa má; o serviço, os prazeres, a sociedade e todas as coisas nela são melhores do que as melhores coisas neste mundo. Em segundo lugar, todos os verdadeiros crentes anseiam por essa pátria melhor. A verdadeira fé provoca desejos sinceros e fervorosos; e quanto mais intensa for a fé, mais fervorosos serão esses desejos.

(7) Eles morreram na fé que tinham nessas promessas; não somente viveram pela fé nelas, mas morreram com a total convicção de que todas as promessas seriam cumpridas a eles e aos seus amados (v. 13). Essa fé perseverou até o fim. Pela fé, quando estavam morrendo, receberam a redenção; eles consentiram com a vontade de Deus; eles apagaram todos os dardos inflamados do diabo; eles venceram os terrores da morte, desarmaram o seu aguilhão e deram um alegre adeus a este mundo e a todos os seus confortos e cruzes. Essas foram as realizações da fé deles. Agora, observe:

3. A generosa recompensa da fé deles: "*...Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade*" (v. 16). (1) Deus é o Deus de todos os verdadeiros crentes; a fé lhes dá um interesse por Deus, e por sua plenitude. (2) Eles o chamam de "*...seu Deus*". Ele mesmo se chama assim: "*Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó*". Ele lhes dá permissão para o chamarem assim; e lhes dá o espírito de adoção, para que clamem: "*Aba, Pai*". (3) Apesar da maldade nata deles, da sua vileza em virtude do pecado e da pobreza da sua condição exterior, Deus não se envergonha de se chamar *seu Deus*. Eis aqui a sua condescendência, o seu amor por eles; por isso que eles nunca se envergonhem de serem chamados povo de Deus, nem todos que o são verdadeiramente, por mais desprezados que sejam no mundo. Acima de tudo, que eles tenham cuidado para não serem uma vergonha e opróbrio para o seu Deus, e assim o provoquem a se envergonhar deles; mas que ajam de tal forma que sejam para Ele um motivo de louvor e glória. (4) Como prova disso, Deus preparou para eles uma cidade, uma felicidade apropriada à relação para a qual os chamou. Pois não há nada neste mundo proporcional ao amor divino em ser o Deus do seu povo; e, se Deus nem pudesse dar, nem desse, ao seu povo nada melhor do que este mundo pode oferecer, Ele se envergonharia de ser chamado de o Deus dos crentes. Se Ele os atrai para uma tal relação consigo, Ele vai prover para eles de maneira apropriada. Se Ele toma para si o título de Deus dos crentes, significa que Ele vai corresponder a esse título plenamente, e agir de acordo com ele. Ele preparou para seus servos no céu aquilo que vai corresponder plenamente a esse caráter e relação, assim que nunca se diga, para a vergonha ou desonra de Deus, que Ele adotou um povo para depois não se empenhar em fazer provisão adequada para eles. A consideração disso deveria inflamar os sentimentos, ampliar os desejos e evocar diligentes esforços do povo de Deus para alcançar essa cidade que Ele preparou para os que são seus.

VII Então, depois de o apóstolo relatar sobre a fé de outros antigos, ele volta a Abraão mais uma vez, e nos dá um exemplo da maior prova e ato de fé de que se tem registro, seja na história do pai dos fiéis, seja na de qualquer um de seus descendentes espirituais. Trata-se do sacrifício de seu filho Isaque: "*Pela fé, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado, sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito*" (v. 17). Neste grande exemplo, observe:

1. A prova e o exercício da fé de Abraão; ele foi de fato provado. O texto sagrado diz (Gn 22.1): "*Tentou Deus a Abraão*"; não para pecar, pois Deus não tenta nenhum homem assim, mas somente provou a sua fé e sua obediência. Antes disso Deus já havia tentado ou provado a fé de Abraão, quando o chamou para sair de sua terra e da casa de seu pai; quando em virtude de uma fome ele foi forçado a sair de Canaã e ir ao Egito; quando foi obrigado a lutar contra cinco reis para salvar Ló; quando Sara foi tomada dele por Abimeleque, e em muitas outras situações. Mas essa provação foi maior que todas as outras; ele recebeu a ordem de sacrificar o seu filho

Isaque. Leia o relato disso em Gênesis 22.2, onde você vai descobrir que cada palavra foi uma provação: "*Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.* Toma o teu filho, não um dos teus melhores animais ou escravos, mas o teu único filho com Sara, Isaque, o teu riso, o filho da tua alegria e prazer, a quem tu amas como a tua própria alma; toma-o e leva-o a um lugar distante, três dias de caminhada, à terra de Moriá; não somente o deixes no lugar, mas sacrifica-o em holocausto". Prova maior nunca foi imposta a criatura alguma. O apóstolo menciona aqui algumas coisas que agravaram muito essa provação. (1) Ele teve de suportá-la depois de ter recebido as promessas, de que esse Isaque edificaria a sua família, que nele a sua descendência seria chamada (v. 18), e que ele seria um dos progenitores do Messias, e todas as nações seriam abençoadas nele. Assim que, ao ser chamado a sacrificar Isaque, parecia que estava sendo chamado a destruir e encerrar o curso da própria família, a cancelar as promessas de Deus, a impedir a vinda de Cristo, a destruir o mundo inteiro, a sacrificar a sua própria alma e suas esperanças de salvação, e eliminar a igreja de Deus com um único golpe. A mais terrível das provações! (2) Que esse Isaque era o seu filho unigênito com sua mulher Sara, o único que teria com dela, e o único que seria o filho e herdeiro da promessa. Ismael seria despedido com grandeza terrena. A promessa de uma posteridade, e de um Messias, teria de ser cumprida através desse filho ou não seria cumprida de forma alguma; assim que, além dos seus mais ternos afetos por esse filho, todas as suas expectativas estavam resumidas nele, e, se ele morresse, elas morreriam com ele. Por mais filhos que Abraão tivesse, esse era o único filho que poderia transmitir a todas as nações as bênçãos prometidas. Um filho por quem ele tinha esperado tanto tempo, que ele tinha recebido de maneira tão extraordinária, em quem o seu coração estava fixado – e ter esse filho oferecido como sacrifício, e isso por sua própria mão, era uma provação que teria lançado por terra a mente mais convicta e forte que jamais animou um corpo humano.

2. As realizações da fé de Abraão nessa tão grande provação: ele obedeceu e ofereceu Isaque; ele intencionalmente o ofereceu por meio de sua alma submissa a Deus, e estava pronto a fazê-lo de fato, de acordo com a ordem de Deus; ele foi bem longe nisso, até o momento crítico, e o teria concluído, se Deus não o tivesse impedido. Nada poderia ser mais comovente do que as palavras de Isaque: "*Meu pai! Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?*" (Gn 22.7), nem pensava que ele mesmo seria o cordeiro; mas Abraão sabia, e mesmo assim deu prosseguimento ao grande plano.

3. A sustentação da sua fé. Era muito grande, adequada à grandeza da sua provação: "*Considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar*" (v. 18). Sua fé foi sustentada pela convicção que ele tinha do poder imenso de Deus, que era poderoso para ressuscitar os mortos; foi assim que ele argumentou consigo mesmo, e dessa forma resolveu todas as suas dúvidas. Não parece que ele tinha alguma esperança de uma contra-ordem, e que fosse impedido de sacrificar o seu filho; tal expectativa teria arruinado a provação, e conseqüentemente o triunfo da sua fé; mas ele sabia que Deus era poderoso para ressuscitá-lo dos mortos, e ele cria que Deus o faria, visto que grandes coisas dependiam do seu filho vivo e que teriam sido frustradas se Isaque morresse. Observe: (1) Deus é capaz de ressuscitar os mortos, de ressuscitar corpos mortos e de ressuscitar almas mortas. (2) A crença nisso vai nos conduzir através das maiores dificuldades e provações que tivermos de enfrentar. (3) É nossa tarefa eliminar por meio de argumentos as nossas dúvidas e temores, pela plena convicção no poder imenso do Deus vivo e verdadeiro.

4. A recompensa pela sua fé nessa tão grande provação (v. 19): ele recebeu o seu filho dos mortos de modo figurativo. (1) Ele recebeu o seu filho. Ele tinha se despedido dele para que Isaque fosse para o seio de Deus, e Deus o devolveu ao seu pai. A melhor forma de desfrutar dos nossos confortos é entregá-los a Deus; Ele então vai devolvê-los, se não de modo concreto, certamente com generosidade. (2) Abraão o recebeu dos mortos, pois o entregou como morto; Isaque era como um filho morto para ele, e o retorno foi para ele nada menos do que uma ressurreição. (3) Isso foi uma figura ou uma analogia de algo maior. Era uma figura do sacrifício e da ressurreição de Cristo, de quem Isaque era um tipo. Era uma figura e uma garantia da gloriosa ressurreição de todos os verdadeiros crentes, cujas vidas não estão perdidas, mas escondidas com Cristo em Deus. Chegamos agora à fé dos santos do Antigo Testamento, mencionados por nome e pelas provações e realizações particulares da sua fé.

VIII Isaque e sua fé (v. 20). Alguma coisa dele foi entretecida anteriormente na história de Abraão; aqui temos algo de natureza distinta – que pela fé ele abençoou os seus dois filhos, Jacó e Esaú, "...*no tocante às coisas futuras*". Observe aqui:

1. As realizações da sua fé: Ele "...*abençoou Jacó e Esaú, no tocante às coisas futuras*". Ele os abençoou; isto é, ele os entregou a Deus no concerto; ele recomendou Deus a eles; ele orou por eles, e profetizou em relação a eles com relação a como seria a condição dos seus descendentes; temos um relato disso em Gênesis 27. Observe: (1) Tanto Jacó quanto Esaú foram abençoados como filhos de Isaque, ao menos no tocante às coisas boas temporais. É um grande privilégio ser descendente de bons pais, e às vezes os filhos maus de bons pais se dão bem neste mundo por causa dos seus pais, pois há coisas presentes no concerto; mas elas não são as melhores coisas, e nenhum homem conhece o amor ou o ódio por ter ou deixar de ter tais coisas. (2) Jacó tinha a primazia e a bênção principal, o que mostra que são a graça e o novo nascimento que exaltam as pessoas acima dos seus companheiros e as qualificam para as melhores bênçãos, e que é devido à gratuita e soberana graça de Deus que na mesma família um seja levado e o outro deixado, um amado e o outro odiado, visto que toda a raça de Adão é por natureza odiosa a Deus – que se um tem sua porção neste mundo e o outro no mundo melhor, é Deus que faz a diferença; pois até os confortos desta vida são maiores e melhores do que quaisquer dos filhos dos homens merecem.

2. As dificuldades que a fé de Isaque teve de enfrentar. (1) Ele parecia ter esquecido como Deus havia resolvido a questão no nascimento desses seus dois filhos (Gn

25.23). Isso deveria ter sido uma regra para ele ao longo de toda a vida, mas ele foi antes tomado de sentimentos naturais e do costume geral, que dá a porção dupla de honra, afeto e vantagens ao primogênito. (2) Ele agiu dessa forma com alguma relutância. Quando ele veio a pronunciar essa bênção, "...*estremeceu Isaque*" (Gn 27.33); e ele acusou Jacó de ter tomado sutilmente a bênção de Esaú (vv. 33,35). Mas, não obstante tudo isso, a fé de Isaque se recuperou, e ele ratificou a sua bênção: "...*e abençoei-o; também será bendito*". Rebeca e Jacó não serão justificados pela maneira indireta em que obtiveram essa bênção, mas Deus será justificado em prevalecer até sobre os pecados dos homens para servir aos propósitos da sua glória. Agora, visto que dessa forma a fé de Isaque prevaleceu sobre a sua incredulidade, aprouve ao Deus de Isaque não tomar conhecimento das fraquezas da sua fé, para recomendar a sinceridade dela, e registrá-lo entre os antigos que *por ela, alcançaram testemunho.* Vamos avançar agora para:

IX A fé de Jacó (v. 21), que, "...*próximo da morte, abençoou cada um dos filhos de José e adorou* encostado *à ponta do seu bordão*". Houve muitas situações em que a fé do patriarca Jacó se sobressaiu; sua vida foi uma vida de fé, e sua fé foi grandemente exercitada. Mas aprouve a Deus destacar duas ocorrências dentre muitas da sua fé, além do que já foi mencionado no relato de Abraão. Observe aqui:

1. As realizações da sua fé aqui mencionadas são:

(1) *Ele abençoou cada um dos filhos de José:* Efraim e Manassés; ele os adotou entre os seus próprios filhos, e dessa forma na congregação de Israel, embora tivessem nascido no Egito. Sem dúvida é uma grande bênção ser acrescentado à igreja visível de Deus em profissão e privilégio, mas muito mais ainda em espírito e verdade. [1] Fez de ambos cabeças de diferentes tribos, como se fossem seus próprios filhos diretos. [2] Ele orou por eles para que ambos fossem abençoados por Deus. [3] Ele profetizou que fossem abençoados; mas, como Isaque fez anteriormente, também assim Jacó prefere o mais novo, Efraim; e embora José os tivesse disposto de tal forma que a mão direita de Jacó fosse colocada sobre Manassés, o mais velho, Jacó propositadamente a colocou sobre Efraim, e isso por direção divina, pois ele não conseguia enxergar, para mostrar que a igreja dos gentios, a mais jovem, teria uma bênção mais abundante do que a igreja judaica, a mais velha.

(2) Ele *adorou encostado à ponta do seu bordão*; isto é, ele louvou a Deus por tudo o que fez por ele, e pela perspectiva que ele tinha de alcançar a bem-aventurança. E ele orou por aqueles que estava deixando para trás, para que a fé pudesse continuar na sua família quando ele partisse. Ele fez isso *encostado à ponta do seu bordão*; não como dizem os papistas, que ele adorou alguma imagem gravada na ponta do seu bordão, mas sugerindo-nos sua grande fraqueza, que ele não era capaz de se sustentar a ponto de poder sentar na sua cama sem a ajuda de um bordão, e, contudo, sem deixar que isso se tornasse uma desculpa para negligenciar a adoração a Deus. Ele faria o melhor que pudesse com o seu corpo, como também com o seu espírito, embora não pudesse fazê-lo tão bem quanto quisesse. Com isso, ele mostrou a sua dependência de Deus, e testemunhou com o seu bordão a sua condição de peregrino, o seu cansaço deste mundo, e sua vontade de descansar das suas lides.

2. O tempo em que Jacó assim praticou a sua fé: quando estava próximo de morrer. Ele viveu por fé, e morreu por fé e na fé. Observe: Embora a graça da fé seja de uso universal por toda a nossa vida, contudo é especialmente assim quando chegamos às portas da morte. A maior obra que a fé pode fazer é no final da jornada, para ajudar os crentes a terminarem bem, para morrerem no Senhor, para assim o honrarem, pela paciência, esperança e alegria – para assim deixarem um testemunho da verdade da obra de Deus e da excelência dos seus caminhos, para a convicção e confirmação de todos os que os cercam nos seus momentos finais. A melhor forma de os pais terminarem sua peregrinação na terra é abençoando sua família e adorando seu Deus. Prosseguimos agora para:

X A fé do patriarca José (v. 22). E aqui também consideramos:

1. O que ele fez com sua fé: "...*fez menção da saída dos filhos de Israel e deu ordem acerca de seus ossos.* A passagem é extraída de Gênesis 50.24,25. José foi eminente por sua fé, embora não tivesse desfrutado dos benefícios por ela que o restante dos seus irmãos teve. Ele foi vendido ao Egito. Ele foi provado por tentações, perseguições, e por manter a sua integridade. Ele foi provado pelas promoções e poder na corte de Faraó, e mesmo assim a sua fé perseverou e o conduziu até o final. (1) Pela fé ele fez menção da saída dos filhos de Israel, que viria o tempo em que eles seriam libertos do Egito; e ele fez isso tanto para adverti-los contra a possibilidade de se estabelecerem no Egito, que agora era um lugar de abundância e de facilidades para eles, como também para que pudesse protegê-los de afundarem nas calamidades e aflições que ele previu que viriam sobre eles ali. Ele faz isso para confortar-se a si mesmo, sabendo que, embora não fosse viver para ver a libertação deles, poderia vislumbrá-la pela fé. (2) Ele *deu ordem acerca de seus ossos*, que os mantivessem insepultos no Egito, até que Deus os livrasse da terra da escravidão, e que então carregassem os ossos dele para Canaã e os sepultassem lá. Embora os crentes estejam primordialmente interessados na alma, mesmo assim não podem negligenciar totalmente o corpo, o qual no fim será ressuscitado e glorificado, juntando-se à sua alma glorificada por toda a eternidade. José deu essa ordem não por pensar que ser sepultado no Egito poderia prejudicar a sua alma ou impedir a ressurreição do seu corpo (como fantasiavam os rabinos de que todos os judeus que fossem sepultados fora de Canaã deveriam ser trasladados subterraneamente a Canaã para poderem ressuscitar novamente), mas para testificar: [1] Que embora ele tivesse vivido e morrido no Egito, mesmo assim ele não viveu e morreu como um egípcio, mas como um israelita. [2] Que ele preferiu um sepultamento digno em Canaã a um sepultamento magnífico no Egito. [3] Que ele iria com o seu povo o quanto pudesse, embora não pudesse ir o quanto queria. [4] Que ele cria na ressurreição do corpo, e na comunhão que a sua alma teria de ter no presente com

os santos que partiram. [5] Para assegurá-los de que Deus estaria com eles no Egito, e os livraria de lá no seu próprio tempo e da sua maneira.

2. Quando foi que a fé de José agiu dessa maneira; como no caso de Jacó, foi quando ele estava próximo de morrer. Deus com freqüência dá ao seu povo confortos nos momentos finais da vida; e quando Ele faz isso, é obrigação dos seus servos, na medida em que puderem, transmiti-los aos que estão em volta deles, para a glória de Deus, para honra da fé e para o bem dos irmãos e amigos. Prosseguimos agora para:

XI A fé dos pais de Moisés, que é citada em Êxodo 2.3ss. Observe aqui: 1. As obras da sua fé: eles esconderam o filho por três meses. Embora somente a mãe de Moisés seja mencionada na história, contudo, em virtude do que é dito aqui, parece que o seu pai não somente consentiu com isso, mas o aconselhou. É motivo de felicidade quando companheiros de jugo se unem no jugo da fé, como herdeiros da graça de Deus; e quando fazem isso com uma preocupação espiritual pelo bem dos seus filhos, para preservá-los não somente dos que podem destruir a vida deles, mas dos que podem corromper suas mentes. Observe: Moisés foi perseguido logo no início, e forçado a ser escondido; nisso ele era um tipo de Cristo, que foi perseguido quase assim que nasceu, e seus pais foram obrigados a fugir com Ele para o Egito visando sua proteção. É uma grande bênção estar livre de leis e decretos ímpios; mas, quando não somos, precisamos usar todos os meios legais para a nossa segurança. Nessa fé dos pais de Moisés havia uma mistura de incredulidade, mas aprouve a Deus omiti-la. 2. A razão de eles agirem assim. Sem dúvida, o sentimento natural somente podia movê-los a isso; mas havia algo mais. Eles viram que "*...ele era formoso*" (Êx 2.2), *mui formoso*, segundo Atos 7.20, *asteios to Theo – venustus Deo – formoso para Deus*. Apareceu nele algo incomum; a beleza do Senhor repousava sobre ele, como um sinal de que ele tinha nascido para grandes coisas, e que ao conversar com Deus a sua face brilharia (Êx 34.29), que ilustres ações ele faria para a libertação de Israel, e como o seu nome brilharia nos registros sagrados. Às vezes, o semblante é o indicador da mente. 3. A prevalência da fé deles sobre o medo. Eles não tiveram medo da ordem do rei (Êx 1.22). Tratava-se de um decreto cruel e ímpio, que todos os nascidos homens entre os israelitas fossem mortos na infância, e assim o nome de Israel seria destruído da terra. Mas eles não temeram e não entregaram o seu filho; eles consideraram que, se nenhum dos meninos fosse preservado, haveria um terrível fim para a igreja de Deus e a verdadeira religião, e que apesar de no presente estado de servidão e opressão deles se os mortos eram mais louvados que os vivos, contudo eles acreditavam que Deus preservaria o seu povo, e que estava vindo o tempo em que novamente valeria a pena a um israelita viver. Alguns tinham de colocar em perigo a sua própria vida para preservar a de seus filhos, e eles estavam determinados a fazê-lo; eles sabiam que o decreto do rei era mau em si mesmo, ao contrário das leis de Deus e da natureza, e, portanto, não tinha autoridade alguma nem os obrigava à sujeição. A fé é o grande protetor contra o medo pecaminoso e escravizante dos homens, visto que coloca a alma à frente de Deus, e mostra a vaidade da criatura e sua subordinação à vontade e ao poder de Deus. O apóstolo então prossegue para:

XII A fé do próprio Moisés (vv. 24,25ss.). Observe aqui:

1. Um exemplo de sua fé ao vencer o mundo.

(1) Ele "*...recusou ser chamado filho da filha de Faraó*", por quem tinha sido encontrado; ela o adotara como seu filho, e ele recusou ser chamado de seu filho. Observe: [1] Sob que grande tentação Moisés estava. A filha de Faraó era presumivelmente sua única filha, e ela mesma não tinha filhos; e tendo encontrado Moisés, e o resgatado como o fez, ela resolveu tomá-lo e criá-lo como seu filho; e assim na linha de sucessão ele certamente algum dia seria rei do Egito, e dessa forma poderia se tornar útil a Israel. Ele devia a sua vida a essa princesa, e recusar esse tipo de bondade da parte dela não somente parecia ingratidão a ela, mas uma negligência da providência, que parecia promover o seu avanço e a vantagem dos seus irmãos. [2] Como foi glorioso o triunfo da sua fé numa provação tão grande. Ele *recusou ser chamado filho da filha de Faraó* para não menosprezar a verdadeira honra de ser filho de Abraão, o pai dos fiéis; ele *recusou ser chamado filho da filha de Faraó* para não parecer que estava renunciando à sua fé como também à sua relação com Israel; e sem dúvida, teria sido obrigado a fazer essas duas coisas se tivesse aceitado essa honra; por isso, nobremente a recusou.

(2) Ele escolheu, "*...antes, ser maltratado com o povo de Deus do que por, um pouco de tempo, ter o gozo do pecado*" (v. 25). Ele estava disposto a assumir a sua parte do risco com o povo de Deus aqui, embora fosse de sofrimento, para que tivesse a sua parte com eles no porvir, em vez de desfrutar de todos os prazeres sensuais e pecaminosos da corte egípcia, que só durariam um tempo, e então seriam punidos com a miséria definitiva. Nisso ele agiu de forma espiritual, e derrotou a tentação para os prazeres mundanos como tinha feito antes em relação às promoções do mundo. Observe aqui: [1] Os prazeres do pecado são, e sempre serão, breves; eles podem terminar em rápido arrependimento ou em rápida ruína. [2] Os prazeres deste mundo, e especialmente os de uma corte, são com freqüência demasiada os prazeres do pecado; e sempre serão assim se não pudermos desfrutá-los sem nos afastar de Deus e do seu povo. O verdadeiro crente vai recusá-los quando forem oferecidos em tais termos. [3] O sofrimento deve ser preferido ao pecado, havendo maior mal no menor pecado do que no maior sofrimento. [4] Há grande alívio para o sofrimento quando sofremos com o povo de Deus, unidos no mesmo interesse e encorajados pelo mesmo espírito.

(3) Ele considerou como "*...maiores riquezas, o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito*" (v. 26). Veja como Moisés pesava as coisas: em um prato da balança ele colocava o pior da religião – *o vitupério de Cristo*, no outro, o melhor do mundo – *os tesouros do Egito*; e no seu julgamento, dirigido pela fé, o pior da religião pesava mais do que o melhor do mundo. A igreja de Deus leva em si o vitupério de Cristo, que é, e sempre será, o cabeça da igreja. Então, Moisés aqui rejeitou as riquezas do mundo, assim como antes havia conquistado

suas honras e prazeres. O povo de Deus é, e sempre foi, um povo menosprezado. O próprio Cristo se sente menosprezado quando seus servos são menosprezados; e, enquanto Ele se interessa assim pelas humilhações deles, elas se tornam riquezas, e riquezas maiores do que os tesouros do império mais rico do mundo. Pois Cristo vai recompensá-los com uma coroa de glória que não desvanece. A fé discerne isso, e determina e age de acordo com isso.

2. A circunstância temporal pode ser vista aqui quando Moisés pela fé conquistou a vitória sobre o mundo, e todas as suas honras, prazeres e tesouros: "*Moisés, sendo já grande*" (v. 24); não somente em anos imaturos, mas de experiência, na idade de quarenta anos – quando era adulto e tinha se tornado maduro. Alguns poderiam considerar isso como depreciativo da sua vitória, por ter adquirido isso tão tarde, por não ter feito a sua escolha mais cedo; mas é antes um aumento da honra da sua autonegação e vitória sobre o mundo que ele tenha feito a sua escolha ao se tornar maduro para o julgamento e poder desfrutar, sendo capaz de saber o que fazia e por que o fazia. Não era o ato de um jovem imaturo, que prefere moedas ao ouro, mas procedia de uma deliberação madura. É algo excelente quando pessoas seriamente religiosas, estando em meio aos negócios e recreações no mundo, recusam o mundo quando poderiam perfeitamente se deleitar e se divertir nele.

3. O que apoiava e fortalecia a fé de Moisés a tal ponto que o capacitou a obter tal vitória sobre o mundo: "*...porque tinha em vista a recompensa*", isto é, dizem alguns, a libertação do Egito; mas sem dúvida, significa muito mais – a gloriosa recompensa da fé e da fidelidade no outro mundo. Observe aqui: (1) O céu é uma grande recompensa, ultrapassando não somente todos os nossos méritos, mas toda a nossa concepção. É uma recompensa apropriada ao preço pago por ele – o sangue de Cristo; apropriado às perfeições de Deus, e correspondendo totalmente a todas as suas promessas. É uma recompensa porque é dada por um Juiz justo, pela justiça de Cristo, a pessoas justas, de acordo com uma regra justa do concerto da graça. (2) Os crentes podem e devem ter respeito por essa recompensa; eles devem se familiarizar com ela, aprová-la e viver na expectativa diária e prazerosa dela. Assim vai se mostrar como um marco a dirigir sua jornada, um atrativo para conduzir o seu coração, uma espada para conquistar os seus inimigos, um esporão a estimulá-los à responsabilidade, e um refresco para animá-los em todas as suas dificuldades de fazer a obra e sofrer nela.

4. Temos mais um exemplo da fé de Moisés, ou seja, quando deixou o Egito: "*Pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei*" (v. 27). Observe aqui: (1) O resultado da sua fé: *Ele deixou o Egito*, e todo o seu poder e prazeres, e assumiu a condução de Israel para fora do Egito. Duas vezes Moisés deixou o Egito: [1] Como um suposto criminoso, quando a ira do rei se inflamou contra ele por ter matado um egípcio (Êx 2.14,15), em que se diz que ele temeu, não com um temor de desalento, mas de prudência, para salvar a sua vida. [2] Como um comandante e regente em Jesurum, depois de Deus o ter usado para humilhar a Faraó e torná-lo disposto a deixar o povo de Israel sair. (2) A prevalência da sua fé. Ela o elevou acima do medo pela ira do rei. Embora ele soubesse que era grande, e apontada particularmente contra ele, e que o faraó marchava adiante de um grande exército para persegui-lo, mesmo assim ele não ficou desanimado, e disse a Israel: "*Não temais*" (Êx 14.13). Os que deixaram o Egito precisavam contar com a ira dos homens; mas não deveriam temê-la, pois estavam sob a condução daquele Deus que é capaz de fazer com que a ira dos homens o louve, restringindo seus efeitos. (3) O princípio sobre o qual sua fé agiu nesses momentos: "*...porque ficou firme, como vendo o invisível*". Ele suportou tudo com coragem invencível em todo o perigo, e suportou toda a fadiga do seu labor, que era muito grande; e isso *como vendo o invisível*. Observe: [1] O Deus com quem tratamos é um Deus invisível. Ele o é para os nossos sentidos, ao olho natural; e isso mostra a tolice dos que querem fazer imagens de Deus, que nenhum homem viu, nem pode ver. [2] Pela fé podemos ver esse Deus invisível. Podemos estar totalmente certos da sua existência, da sua providência e da sua gloriosa e poderosa presença conosco. [3] Essa visão de Deus vai capacitar os crentes a perseverarem até o fim, não importando o que encontrem no caminho.

5. Temos mais um exemplo da fé de Moisés, ao celebrar a "*...Páscoa e a aspersão do sangue*" (v. 28). Temos o registro disso em Êxodo 12.13-23. Embora todo o Israel tenha celebrado essa Páscoa, foi por meio de Moisés que Deus transmitiu a instituição dela; e, embora fosse um grande mistério, Moisés, por fé, tanto a transmitiu ao povo quanto a celebrou naquela noite na casa em que estava. A Páscoa é uma das instituições mais sagradas do Antigo Testamento, e um tipo muito significativo de Cristo. A ocasião da sua primeira observância foi extraordinária: foi na mesma noite em que Deus matou os primogênitos dos egípcios; mas, embora os israelitas vivessem entre eles, o anjo da destruição passou ao largo das suas casas, e poupou a vida deles. Mas, para lhes conferir esse favor distintivo, e para marcá-los para ele, um cordeiro precisou ser morto. O sangue dele precisou ser aspergido com um molho de hissopo sobre os batentes das portas; a carne do cordeiro teve de ser assada com fogo; e toda ela precisou ser comida naquela mesma noite com ervas amargas, estando eles de prontidão para a caminhada, com os lombos cingidos, as sandálias nos pés, e os cajados nas mãos. Isso foi feito de forma adequada, e o anjo destruidor passou ao largo deles, e matou somente os primogênitos dos egípcios. Isso abriu um caminho para o retorno da descendência de Abraão à terra da promessa. A interpretação desse tipo não é difícil. (1) Cristo é o Cordeiro, Ele é a nossa Páscoa, Ele foi sacrificado por nós. (2) O seu sangue precisou ser aspergido; precisou ser aplicado àqueles que foram salvos por ele. (3) Foi aplicado de forma eficaz somente aos israelitas, o povo escolhido de Deus. (4) Não é devido à nossa justiça inerente ou às nossas melhores realizações que somos salvos da ira de Deus, mas ao sangue de Cristo e sua justiça imputada. Se alguma família de israelitas tivesse negligenciado a aspersão desse sangue sobre suas portas, poderia ter passado a noite toda em oração, e o anjo destruidor teria arrombado as portas, e matado o seu primogênito. (5) Sempre que esse sangue é aplicado, a alma recebe

um Cristo completo pela fé, e vive dele. (6) Essa verdadeira fé torna o pecado amargo para a alma, mesmo quando recebe o perdão e a expiação. (7) Todos os nossos privilégios espirituais na terra deveriam nos estimular a começar cedo, e avançar no nosso caminho para o céu. (8) Aqueles que foram marcados precisam lembrar e reconhecer sempre a graça gratuita e distintiva.

XIII O exemplo seguinte de fé é o da passagem dos israelitas pelo mar Vermelho, sob a condução de Moisés, o líder deles (v. 29). Temos a história em Êxodo 14. Observe:

1. A proteção e passagem segura dos israelitas pelo mar Vermelho, quando não havia outro caminho para escapar de Faraó e seu exército, que estavam perseguindo-os de perto. Aqui podemos observar: (1) O perigo de Israel era muito grande; um inimigo furioso com carros e cavaleiros atrás deles; rochas e montanhas íngremes de cada lado e o mar Vermelho à frente deles. (2) A libertação deles foi muito gloriosa. Pela fé passaram pelo mar Vermelho em terra seca; a graça da fé nos ajuda em todos os perigos que encontramos no nosso caminho para o céu.

2. A destruição dos egípcios. Estes, supostamente tentando seguir o povo de Israel através do mar Vermelho, estando assim cegos e endurecidos a toda a ruína, afogaram-se todos. A precipitação deles foi grande, e sua ruína, horrível. Quando Deus julga, Ele vence; e está claro que a destruição dos pecadores é devida a eles mesmos.

XIV O exemplo seguinte de fé é a dos israelitas, sob a liderança de Josué, diante dos muros de Jericó. Temos a história em Josué 6.5ss. Observe aqui: 1. Os meios prescritos por Deus para derrubar os muros de Jericó. Foi dada a ordem para que rodeassem os muros uma vez por dia durante sete dias e sete vezes no último dia, e que os sacerdotes carregassem a arca quando estivessem rodeando os muros, e tocassem trombetas feitas de chifres de carneiros, e dessem um toque antes, e então todo o povo gritasse, e os muros de Jericó cairiam diante deles. Aqui estava uma grande provação da fé deles. O método prescrito parecia improvável que desse o resultado esperado, e certamente iria expô-los ao escárnio diário dos seus inimigos; a arca de Deus pareceria estar em perigo. Mas essa foi a forma que Deus ordenou que adotassem, e Ele gosta de fazer grandes coisas por meios pequenos e desprezíveis, para que o seu próprio braço se torne visível. 2. O poderoso sucesso dos meios prescritos. Os muros de Jericó caíram. Esta era uma cidade fronteiriça na terra de Canaã, a primeira que enfrentou os israelitas. Deus teve prazer nessa maneira extraordinária de desprezá-la e arrasá-la, a fim de magnificar o seu nome, para aterrorizar os cananeus, fortalecer a fé dos israelitas e eliminar toda jactância. Deus pode e vai fazer com que, no seu tempo e de sua maneira, toda a oposição que se levanta contra o seu interesse e glória caia por terra, e a fé é poderosa em Deus para a destruição de fortalezas. Ele vai fazer com que a Babilônia caia diante da fé que o seu povo tem, e, quando Ele tem grandes coisas a fazer por eles, Ele suscita uma grande e forte fé neles.

XV O exemplo seguinte é o de Raabe e sua fé surpreendente (v. 31). No meio do nobre exército de crentes ilustres, corajosamente dispostos pelo apóstolo, Raabe vem na última fileira, para mostrar "*...que Deus não faz acepção de pessoas*" (At 10.34). Observe aqui:

1. Quem foi Raabe. (1) Ela era cananéia, "*...separada da comunidade de Israel*" (Ef 2.12), e tinha pouco incentivo à fé, e, não obstante, ela creu; o poder da graça divina aparece fortemente quando opera sem os meios comuns da graça. (2) Ela era uma prostituta, e vivia no caminho do pecado; não era só proprietária de uma hospedaria, mas uma mulher comum da cidade, e, no entanto, creu que o tamanho do pecado, quando há verdadeiro arrependimento dele, não pode ser barreira para a misericórdia perdoadora de Deus. Cristo salvou o principal dos pecadores. "*Mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça*" (Rm 5.20).

2. O que ela fez por sua fé: "*...não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias*", os homens que Josué havia enviado como espias a Jericó (Js 2.6,7). Ela não somente lhes deu as boas-vindas, mas escondeu-os dos seus inimigos que queriam matá-los, e ela fez uma nobre confissão de fé (Js 2.9-11). Ela fez com que eles empenhassem a palavra numa aliança com ela para mostrar favor a ela e aos seus, quando Deus mostrasse sua bondade a eles, e que eles lhe dariam um sinal, o que eles fizeram, um cordão de fio de escarlata, que ela deveria amarrar à janela; ela os despediu com conselhos amáveis e prudentes. Aprendemos aqui: (1) A verdadeira fé se demonstra em boas obras, especialmente para com o povo de Deus. (2) A fé vai se expor a todos os perigos na causa de Deus e seu povo; o verdadeiro crente vai arriscar a sua própria pessoa antes de expor os interesses de Deus e de seu povo. (3) O verdadeiro crente deseja, não somente estar em concerto com Deus, mas estar em comunhão com o povo de Deus, e disposto a se arriscar com eles, e caminhar como eles estão caminhando.

3. O que ela ganhou por meio de sua fé. Ela escapou de perecer com aqueles que não criam. Observe: (1) A totalidade dos seus vizinhos, amigos e concidadãos pereceu; foi uma destruição total que caiu sobre a cidade. Homens e animais foram eliminados. (2) A causa da destruição do povo de Jericó – incredulidade. Eles não creram que o Deus de Israel era o Deus verdadeiro, embora tivessem evidências suficientes disso. (3) A preservação notável de Raabe. Josué deu ordem severa para que ela fosse poupada, e ninguém mais, a não ser ela e os seus; e ela se empenhou para que o cordão de fio de escarlata fosse amarrado à janela. A sua família estava marcada para a misericórdia e não pereceu. A fé singular, quando a grande massa não somente é de incrédulos, mas se posiciona contra os que crêem, é recompensada por favores singulares em épocas de calamidade comum.

Os Exemplos de Fé

vv. 32-40

Depois de nos dar exemplos clássicos de crentes eminentes, cujos nomes são mencionados e cujas provações e atos particulares de fé são registrados, o apóstolo conclui

agora sua narrativa com um relato resumido de mais um grupo de crentes, em que os atos específicos não são atribuídos a pessoas específicas pelo nome, mas são deixados para a aplicação por parte daqueles que estão familiarizados com a história sagrada. E, como um orador divino, ele prefacia a sua parte da narrativa com uma expressão elegante: "*E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo...*"; como se ele estivesse dizendo: "É inútil tentar exaurir esse assunto; se eu não restringir o meu registro, logo este escrito vai fugir dos limites de uma epístola; e por isso quero apenas mencionar mais alguns, e deixar que vocês ampliem o discurso acerca deles". Observe: 1. Depois de todas as nossas investigações nas Escrituras, ainda há mais para ser aprendido delas. 2. Nas questões divinas, precisamos considerar bem o que devemos dizer, e adequar isso o melhor que pudermos ao tempo que temos. 3. Devemos nos alegrar em pensar como foi grande o número de fiéis no tempo do Antigo Testamento, e como foi forte a fé deles, embora os objetos dela não fossem então tão completamente revelados. E: 4. Devemos lamentar que agora, na dispensação do evangelho, quando a regra de fé está mais clara e perfeita, o número de fiéis seja tão pequeno, e a sua fé, tão fraca.

I Nesse relato resumido, o apóstolo menciona:

1. Gideão, cuja história temos em Juízes 6.11ss. Ele foi um agente eminente levantado por Deus para libertar o seu povo da opressão dos midianitas; ele foi uma pessoa de tribo e família insignificantes, chamado de uma ocupação insignificante (malhar trigo), e saudado por um anjo de Deus desta maneira surpreendente: "*O Senhor é contigo, varão valoroso*" (Jz 6.12). Gideão a princípio não consegue receber tais honras, mas humildemente discute com o anjo acerca do seu estado degradado e angustiante. O anjo do Senhor lhe transmite a sua ordem e lhe assegura o seu sucesso, confirmando a garantia com fogo que sai da rocha. Gideão é dirigido a oferecer um sacrifício, e, instruído na sua tarefa, sai para enfrentar os midianitas, quando o seu exército é reduzido de trinta e dois mil para trezentos homens; contudo, por meio desses, com suas lâmpadas e jarros, Deus confunde e arruína todo o exército dos midianitas. E a mesma fé que deu a Gideão tanta coragem e honra capacitou-o a agir com grande humildade e modéstia para com os seus irmãos posteriormente. É a excelência da graça da fé que, ao passo que ajuda homens a fazer grandes coisas, também os protege de terem grandes e elevados pensamentos acerca de si mesmos.

2. Baraque, mais um agente levantado para libertar Israel das mãos de Jabim, o rei de Canaã, em Juízes 4, em que lemos: (1) Embora ele fosse um soldado, recebeu suas ordens e instruções de Débora, "*...uma profetisa do Senhor*"; e ele insistiu em ter esse oráculo divino consigo na sua expedição. (2) Ele obteve uma grande vitória por sua fé sobre o exército de Sísera. (3) Sua fé lhe ensinou a retribuir toda a honra e glória a Deus. Essa é a natureza da fé; ela recorre a Deus em todos os perigos e dificuldades, e então faz grandes declarações de louvor a Deus por todas as misericórdias e livramentos.

3. Sansão, mais um agente que Deus levantou para libertar Israel dos filisteus; temos sua história em Juízes 13; 14; 15 e 16, e dela aprendemos que a graça da fé é a força da alma para grandes serviços. Se Sansão não tivesse tido uma fé tão forte assim como teve um braço forte, nunca teria realizado tais proezas. Observe: (1) Por fé os servos de Deus dominam até o leão que ruge. (2) A verdadeira fé é reconhecida e aceita, mesmo que misturada com muitas falhas. (3) A fé daquele que crê persevera até o fim, e, ao morrer, dá-lhe a vitória sobre a morte e todos os seus inimigos mortais; ele obtém a sua maior conquista por meio da morte.

4. Jefté, cuja história temos em Juízes 11, antes da de Sansão. Ele foi levantado para libertar Israel dos amonitas. À medida que diversos e novos inimigos se levantam contra o povo de Deus, diversos e novos libertadores são levantados também para liderá-los. Na história de Jefté, observe: (1) A graça de Deus com freqüência descobre e se liga às pessoas mais indignas e que menos merecem que grandes feitos sejam realizados por elas e por meio delas. Jefté era o filho de uma prostituta. (2) A graça da fé, esteja onde estiver, faz com que os homens reconheçam a Deus em todos os seus caminhos (cap. 11.11): "*E Jefté falou todas as suas palavras perante o Senhor, em Mispa*". (3) A graça da fé torna os homens ousados e intrépidos por uma boa causa. (4) A fé vai fazer com que os homens não somente façam os seus votos a Deus, mas que os cumpram segundo a misericórdia recebida, aliás, mesmo quando fizeram votos para a sua própria e grande aflição, sofrimento e perda, como no caso de Jefté e sua filha.

5. Davi, o grande homem segundo o coração de Deus. Poucos jamais enfrentaram provações maiores, e poucos descobriram uma fé mais viva. Sua primeira aparição no palco do mundo foi uma grande evidência da sua fé. Tendo abatido, quando jovem, *o leão e o urso*, sua fé em Deus o encorajou a enfrentar o grande Golias, e o ajudou a vencê-lo. A mesma fé o capacitou a suportar com paciência a maldade ingrata de Saul e de seus protegidos, e esperar até que Deus lhe desse posse do poder e da dignidade prometidos. A mesma fé fez dele um príncipe muito bem-sucedido e vitorioso, e, após uma longa vida de virtude e honra (mesmo que não sem algumas marcas imundas de pecado), morreu em fé, confiando no eterno concerto que Deus havia feito com ele e os seus, acertado em todas as coisas e seguro. E ele deixou para trás grandes e excelentes memórias de provações e atos de fé no livro dos Salmos, que serão sempre de grande estima e uso entre o povo de Deus.

6. Samuel, levantado para ser o mais eminente profeta do Senhor a Israel, como também governante sobre eles. Deus se revelou a Samuel quando este era ainda uma criança, e continuou a fazê-lo até a sua morte. Nessa história, observe: (1) São propensos a crescer até alguma eminência na fé aqueles que começam cedo a se exercitar nela. (2) Aqueles cuja função é revelar a mente e a vontade Deus aos outros têm necessidade de serem bem firmados na fé nelas.

7. A Samuel, ele acrescenta: "*...e dos profetas*", que eram ministros extraordinários da igreja do Antigo Testamento, empregados por Deus às vezes para anunciar o juízo, às vezes para prometer misericórdia, e sempre para reprovar o pecado. Às vezes para prenunciar eventos notáveis, conhecidos somente de Deus; e principalmente para dar informações do Messias, sua

vinda, pessoa e missão; pois nele se concentram os profetas como também a Lei. Então, a fé verdadeira e forte era requisito para a execução de um ofício como esse.

II Tendo concluído a nomeação de pessoas particulares, ele passa a nos contar quais coisas foram feitas pela fé exercitada por eles. Ele menciona coisas que facilmente se aplicam a uma ou outra das pessoas listadas; mas ele menciona também outras coisas que não são tão fáceis de ser adaptadas a qualquer das pessoas mencionada aqui, mas precisam ser deixadas à conjectura e aplicação gerais.

1. "...*pela fé, venceram reinos*" (v. 33). Assim fizeram Davi, Josué e muitos dos juízes. Aprendemos disso: (1) Os interesses e poderes dos reis e reinos são com freqüência estabelecidos em oposição a Deus e seu povo. (2) Deus pode facilmente subjugar todos esses reis e reinos que se opõem a Deus. (3) A fé é uma qualidade adequada e excelente daqueles que lutam nos caminhos do Senhor; torna-os justos, ousados e sábios.

2. Eles "...*praticaram a justiça*", tanto na esfera pública quanto na particular; eles afastaram muitos da idolatria e os levaram para os caminhos da justiça; eles creram em Deus, e isso lhes foi imputado como justiça; eles andaram e agiram de forma justa para com Deus e os homens. Maior honra é produzir justiça do que fazer milagres; a fé é um princípio ativo da justiça universal.

3. Eles "...*alcançaram promessas*", tanto gerais quanto especiais. É a fé que nos dá um interesse pelas promessas; é pela fé que recebemos o conforto das promessas; e é pela fé que somos preparados a esperar pelas promessas, e a recebê-las no tempo devido.

4. Eles "...*fecharam as bocas dos leões*"; foi o que fizeram Sansão (Jz 14.5,6), Davi (1 Sm 17.34,35), e Daniel (Dn 6.22). Aprendemos disso: (1) O poder de Deus está acima do poder da criatura. (2) A fé engaja o poder de Deus a favor do seu povo, sempre que for para a glória dele, para dominar feras brutas e homens brutais.

5. Eles "...*apagaram a força do fogo*" (v. 34). Assim Moisés, pela oração da fé, apagou o fogo da ira de Deus que tinha sido aceso contra o povo de Israel (Nm 11.1,2). Assim fizeram os três rapazes, aliás, vencedores poderosos (Dn 3.17-27). Sua fé em Deus, recusando-se a adorar a imagem de ouro, os expôs à fornalha que Nabucodonosor tinha preparado para eles, e a fé deles os sustentou e produziu aquele poder e presença de Deus na fornalha que apagou a violência do fogo, de modo que nem o cheiro ficou sobre eles. Nunca a graça da fé foi provada de forma mais severa, nunca foi exercida de maneira mais nobre, e nunca foi recompensada de forma mais gloriosa, como no caso deles.

6. Eles "...*escaparam do fio da espada*". Assim Davi escapou da espada de Golias e de Saul; e Mardoqueu e os judeus escaparam da espada de Hamã. As espadas dos homens são mantidas nas mãos de Deus, e Ele pode tornar cego o fio da espada, e levá-la para longe do seu povo e contra os seus inimigos quando Ele quiser. A fé se agarra àquela mão de Deus que segura as espadas dos homens; e Deus muitas vezes permitiu que prevalecesse a fé do seu povo e livrou-os.

7. "...*da fraqueza tiraram forças*". Da fraqueza nacional, em que os judeus caíam com freqüência em virtude de sua incredulidade; após o avivamento da sua fé, todo o seu interesse era renovado e florescia. Da fraqueza do corpo; assim Ezequias, crendo na palavra de Deus, recuperou-se de uma enfermidade mortal, e atribuiu sua recuperação à promessa e ao poder de Deus (Is 38.15,16): "*Que direi? Como mo prometeu, assim o fez; Senhor, com estas coisas se vive, e em todas elas está a vida do meu espírito*". E é a mesma graça da fé que da fraqueza espiritual ajuda os homens a se recuperarem e a restaurarem suas forças.

8. Eles "...*na batalha se esforçaram*". Assim fizeram Josué, os juízes e Davi. A verdadeira fé concede a mais verdadeira coragem e paciência, visto que discerne a força de Deus e com isso a fraqueza de todos os seus inimigos. Eles não foram somente valentes, mas bem-sucedidos. Deus, como recompensa e encorajamento pela fé demonstrada por eles, pôs "...*em fugida os exércitos dos estranhos*", daqueles que eram estranhos à sua comunidade, e inimigos da sua fé. Deus fez com que fugissem e caíssem diante dos seus servos fiéis. Comandantes que criam e oravam com fé, estando à frente de exércitos que criam e oravam, foram tão reconhecidos e honrados por Deus que nada pôde ficar em pé diante deles.

9. "*As mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos*" (v. 35). Assim aconteceu com a viúva de Sarepta (1 Rs 17.23) e a sunamita (2 Rs 4.36). (1) "*Em Cristo, não há macho nem fêmea*" (Gl 3.28); muitas do sexo mais fraco têm sido fortes na fé. (2) Embora o concerto da graça inclua os filhos dos crentes, mesmo assim os deixa expostos à morte natural. (3) Mães pobres são relutantes em abrirem mão do seu interesse por seus filhos, mesmo que a morte os tenha levado. (4) Deus às vezes se compadeceu tanto com os ternos sentimentos de mães pesarosas que devolveu a vida aos seus filhos. Assim Cristo teve compaixão da viúva de Naim (Lc 17.12ss.). (5) Isso deve confirmar a nossa fé na ressurreição geral.

III O apóstolo nos conta o que esses crentes sofreram pela fé. 1. "...*uns foram torturados, não aceitando o seu livramento*" (v. 35). Foram colocados na roda, para renunciarem o seu Deus, seu Salvador, e sua fé. Eles suportaram a tortura, e não aceitaram o livramento em termos tão vis; e o que os motivou a suportarem tal sofrimento foi a esperança de "...*alcançarem uma melhor ressurreição*", e o livramento em termos mais honrosos. Imagina-se que isso seja uma referência à memorável história de 2 Macabeus 7ss. 2. Eles suportaram provações de "...*escárnios e açoites, e até cadeias e prisões*" (v. 36). Eles foram perseguidos na sua reputação através de escárnios, que são cruéis a uma mente sincera e inocente; na sua pessoa, por *açoites*, o castigo dos escravos; na sua liberdade, por *cadeias e prisões*. Observe como é inveterada a maldade dos homens ímpios contra os justos, a que conseqüências chega, e que diversidade de crueldades inventa e exercita contra aqueles de quem não têm motivo para disputa, a não ser nas questões do seu Deus. 3. Eles foram mortos da forma mais cruel; alguns foram "...*apedrejados*", como Zacarias (2 Cr 24.21), alguns "...*serrados*", como Isaías por Manassés. Outros foram "...*tentados*"; certos comentaristas lêem aqui *queimados* (2 Macabeus 7.5). Alguns foram "...*mortos a fio de espada*". Todos os tipos de morte foram preparados para

eles; os seus inimigos vestiram a morte com todos os trajes de crueldade e terror, e, mesmo assim, eles a enfrentaram com ousadia e a suportaram. 4. Aqueles que escaparam da morte passaram tão mal que a morte poderia parecer preferível a tal vida. Os seus inimigos os pouparam somente para prolongar a miséria deles, e gastar toda a sua paciência; pois foram forçados a andar "*...vestidos de peles de ovelhas e de cabras*", ficaram "*...desamparados, aflitos e maltratados*", caminharam "*...errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra*" (vv. 37,38). Foram privados das conveniências da vida, e expulsos de casa e do seu abrigo. Não tinham roupas com que se vestir, mas foram obrigados a se cobrir com peles de animais mortos. Foram expulsos de todo o convívio com a sociedade humana, e forçados a conviver com as feras do campo, a se esconder em covas e cavernas, e fazer suas queixas a rochas e rios, não menos empedernidos do que os seus inimigos. Sofrimentos como esses sofreram então por sua fé; e os sofreram pelo poder da graça da fé. E o que devemos admirar mais? A maldade da natureza humana, que é capaz de perpetrar tais crueldades a seres humanos como eles mesmos, ou a excelência da graça divina, que é capaz de sustentar os fiéis em tais crueldades e de conduzi-los com segurança através de tudo isso?

IV O que eles ganharam por sua fé. 1. O caráter e a recomendação mais honrosos de Deus, o verdadeiro Juiz e fonte de toda a honra – que o mundo não era digno de tais homens; o mundo não merecia essas bênçãos; o mundo não sabia valorizá-los, nem usufruí-los. Homens ímpios! Os justos são indignos para o mundo, e Deus declara que o mundo não é digno deles; e, embora difiram grandemente em seu julgamento, concordam nisso, que não é adequado que homens bons tenham o seu descanso neste mundo; e por isso Deus os tira dele e os recebe naquele mundo que é apropriado para eles, e ainda assim muito além dos méritos dos seus serviços e sofrimentos. 2. Eles obtiveram um bom "*...testemunho pela fé*" (v. 39) de todos os bons homens, e da verdade em si, e a honra de serem arrolados nessa lista sagrada dos notáveis do Antigo Testamento, as testemunhas de Deus; aliás, eles tinham uma testemunha a favor deles na consciência dos seus inimigos, que, enquanto abusavam deles, eram condenados por sua própria consciência, ao perseguirem aqueles que eram mais justos do que eles mesmos. 3. Eles ganharam um interesse pelas promessas, embora não tivessem recebido as grandes coisas que foram prometidas. Isto não é uma referência à felicidade do estado celestial, pois isso eles de fato receberam, quando morreram, a parte melhor; mas é uma referência à felicidade da dispensação do evangelho. Eles tinham o tipo, mas não o antítipo; eles tinham sombras, mas não tinham visto a essência; e, mesmo assim, nessa dispensação imperfeita, descobriram essa fé preciosa. O apóstolo insiste nisso para tornar a fé mais distinta, e para provocar os cristãos ao ciúme santo e à imitação; que eles não permitam ser sobrepujados no exercício da sua fé por aqueles que ficaram muito aquém deles em todos os incentivos e vantagens para a fé. Ele diz aos hebreus que Deus proveu "*...alguma coisa melhor*" para eles (v. 40), e, portanto, eles podem estar certos de que ele esperava coisas ao menos tão boas deles. E que, visto que o evangelho é o aperfeiçoamento do Antigo Testamento, que não tinha excelência alguma em si mesmo a não ser na sua associação com Cristo e o evangelho, esperava-se que a fé deles fosse tanto mais perfeita que a fé dos santos do Antigo Testamento; pois o seu estado e dispensação são mais perfeitos do que o anterior, e são de fato o aperfeiçoamento e a conclusão do anterior, pois sem a igreja cristã a fé judaica teria continuado em um estado incompleto e imperfeito. Esta argumentação é forte, e deve prevalecer de forma eficaz entre todos nós.

CAPÍTULO 12

Nesse capítulo, o apóstolo aplica o que ele reuniu no capítulo anterior, e faz uso disso como um grande motivo para paciência e perseverança na fé e na prática cristãs, fundamentando o argumento: I. Com base num exemplo maior do que os mencionados até então, o do próprio Cristo (vv. 1-3). II. Com base na natureza moderada e generosa das aflições que eles sofreram em sua jornada cristã (vv. 4-17). III. Com base na comunhão e na conformidade entre o estado da igreja cristã na terra e a igreja triunfante no céu (vv. 18-29).

Cristo, o Grande Exemplo

vv. 1-3

Observe aqui qual é o grande dever que o apóstolo impõe aos hebreus, e ao qual ele tanto gostaria que eles obedecessem: "*...deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta*". O dever consiste em duas partes, uma preparatória, a outra aperfeiçoadora.

I Parte preparatória: "*...deixemos todo embaraço e o pecado...*". 1. *Todo embaraço*, isto é, todo sentimento e preocupação excessivos pelo corpo e pela presente vida no mundo. A preocupação excessiva por esta vida, ou a predileção por ela, é um peso morto sobre a alma, que a puxa para baixo quando esta deveria subir, e a puxa para trás quando deveria incentivá-la a ir adiante; torna os deveres e dificuldades mais pesados do que seriam por si só. 2. *E o pecado que tão de perto nos rodeia*; é o pecado que tem a maior vantagem sobre nós, pelas circunstâncias em que estamos, nossa constituição, nossa companhia. Isso pode significar ou o pecado condenatório da incredulidade ou, antes, o pecado predileto dos judeus, a afeição exagerada pela sua própria dispensação. *Deixemos de lado* todos os empecilhos exteriores e interiores.

II Parte aperfeiçoadora: "*...corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta*. O apóstolo fala no estilo dos esportes, extraído dos jogos Olímpicos e de outros exercícios.

1. Os cristãos têm uma corrida para correr, uma corrida de serviço e uma corrida de sofrimentos, um curso de obediência ativa e passiva.

2. Essa corrida está proposta para eles; está marcada para eles, tanto pela palavra de Deus quanto pelos exemplos dos servos fiéis de Deus, aquela nuvem de testemunhas que está em volta deles. Ela está marcada por limites e direções apropriadas; o alvo para o qual correm e o prêmio pelo qual correm estão colocados diante deles.

3. Essa corrida precisa ser corrida com paciência e perseverança. Haverá necessidade de paciência para enfrentar as dificuldades que estão no nosso caminho, de perseverança para resistir a todas as tentações que querem nos fazer desistir ou nos desviar. A fé e a paciência são as virtudes que levam à vitória, e por isso precisam ser sempre cultivadas e mantidas em constante atividade.

4. Os cristãos têm um exemplo maior para incentivá-los e encorajá-los no seu percurso cristão do que quaisquer, ou todos, dos que foram mencionados anteriormente, e esse é o Senhor Jesus Cristo: "...*olhando para Jesus, autor e consumador da fé*" (v. 2). Observe aqui:

(1) O que o Senhor Jesus é para o seu povo: Ele é o *autor e consumador da fé* – o iniciador, aperfeiçoador e galardoador dela. [1] Ele é o autor da nossa fé; não somente o seu objeto, mas o seu autor. Ele é o grande líder e precedente da nossa fé, *ele confiou em Deus*; Ele é o que obteve por seu sangue o Espírito de fé, o que proclamou a regra de fé, a causa eficiente da graça da fé, e em todos os aspectos é o autor da nossa fé. [2] Ele é o *consumador da nossa fé*; Ele é aquele que cumpre e é o cumprimento de todas as promessas e profecias das Escrituras; Ele é o aperfeiçoador do Cânon das Escrituras; Ele é o aperfeiçoador da graça, e da obra da fé com poder na alma das pessoas; e Ele é o juiz e galardoador da nossa fé; Ele determina quem são os que alcançam o alvo, e dele, e nele, eles têm o prêmio.

(2) Quais provações Cristo enfrentou na sua corrida e na sua jornada. [1] Ele "...*suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo*" (v. 3). Ele suportou a oposição que lhe fizeram, tanto em suas palavras quanto em seu comportamento. Eles estavam contradizendo-o o tempo todo, e se opondo aos seus grandes planos; e embora Ele os pudesse ter facilmente refutado e confundido – e às vezes lhes deu uma amostra do seu poder –, contudo, suportou suas más maneiras com grande paciência. As contradições deles foram dirigidas ao próprio Cristo, contra a sua pessoa como Deus-homem, contra a sua autoridade, contra a sua pregação, e mesmo assim Ele suportou tudo isso. [2] Ele "...*suportou a cruz*" – todos os sofrimentos que enfrentou no mundo; porque Ele assumiu a sua cruz já cedo, e foi no final pregado nela, e suportou uma morte dolorosa, infame e maldita, na qual foi contado entre os transgressores, os mais vis malfeitores; porém, tudo isso sofreu com paciência e determinação invencíveis. [3] Ele desprezou "...*a afronta*". Todas as afrontas que foram lançadas contra Ele, tanto na sua vida quanto na sua morte, Ele desprezou; Ele estava infinitamente acima delas; Ele conhecia a sua própria inocência e excelência, e desprezou a ignorância e maldade dos que o desprezaram.

(3) O que sustentou a alma humana de Cristo quando estava nesses sofrimentos incomparáveis: "...*o gozo que lhe estava proposto*". Ele tinha algo em vista em todos os seus sofrimentos, algo que lhe era agradável. Ele se alegrou em ver que por meio de seus sofrimentos poderia fazer reparação à justiça de Deus que fora ofendida e dar segurança à sua honra e ao seu governo; que poderia estabelecer a paz entre Deus e o homem; que poderia selar o concerto da graça e ser o Mediador dela; que poderia abrir um caminho para a salvação para o maior dos pecadores e que poderia efetivamente salvar todos aqueles que o Pai lhe dera, e ser Ele mesmo o primogênito entre muitos irmãos. Essa era a alegria que lhe foi proposta.

(4) A recompensa pelo seu sofrimento: "...*assentou-se à destra do trono de Deus*". Cristo, como Mediador, foi exaltado ao estágio da mais elevada honra, do mais elevado poder e influência. Ele está à destra do Pai. Nada acontece no céu e na terra sem passar por Ele. Ele faz tudo que é feito. Ele vive "...*sempre para interceder por eles*" (cap. 7.25).

(5) Qual é o nosso dever com relação a esse Jesus. Precisamos: [1] Olhar para Ele; isto é, precisamos colocá-lo continuamente como nosso exemplo e como nosso grande encorajamento; precisamos olhar para Ele para buscar direção, ajuda e aceitação, em todos os nossos sofrimentos. [2] Precisamos considerá-lo, pensar muito nele, e argumentar conosco mesmos com base no caso dele a fim de aplicá-lo a nós. Precisamos fazer a analogia, como sugere a palavra: comparar os sofrimentos de Cristo aos nossos; e vamos descobrir que os seus sofrimentos excedem em muito os nossos, em natureza e medida, assim a sua paciência excede em muito a nossa, e é um padrão perfeito para que o imitemos.

(6) A vantagem que teremos ao fazer isso: será um meio de impedir a nossa fadiga e desfalecimento (v. 3): "...*para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos*". Observe: [1] Até nos melhores há uma propensão à fadiga e ao desfalecimento em suas provações e aflições, especialmente quando são pesadas e de longa duração. Isso procede das imperfeições humanas e dos resíduos da corrupção. [2] A melhor forma de impedir isso é olhar para Jesus, e considerá-lo. A fé e a meditação trazem novas reservas de força, conforto e coragem; pois Ele lhes garantiu que, se perseverarem no sofrimento com Ele, também com Ele reinarão (2 Tm 2.12). E essa esperança será o capacete da salvação deles.

O Benefício das Aflições. A Utilidade das Aflições. Advertências contra a Apostasia

vv. 4-17

Aqui o apóstolo reforça sua exortação à paciência e perseverança por meio de um argumento tomado da medida moderada e da natureza generosa dos sofrimentos que os hebreus cristãos estavam suportando na sua corrida cristã.

I Com base na intensidade e medida moderadas dos seus sofrimentos: "*Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado*" (v. 4). Observe:

1. Ele reconhece que eles sofreram muito, tinham lutado com agonia contra o pecado. Aqui: (1) A causa do conflito era o pecado, e estar engajado na luta contra o pecado é estar lutando numa boa causa, pois o pecado é o

pior inimigo tanto de Deus quanto do homem. Nossa luta espiritual é tanto honrosa quanto necessária; pois estamos nos defendendo a nós mesmos contra aquilo que quer nos destruir, se obtiver a vitória sobre nós; estamos lutando por nós mesmos, pela nossa vida, e por isso devemos ser pacientes e resolutos. (2) Cada cristão está alistado sob a bandeira de Cristo, para lutar contra o pecado, contra doutrinas pecaminosas, práticas pecaminosas e hábitos e costumes pecaminosos, tanto em si mesmo quanto nos outros.

2. Ele os faz pensar que eles poderiam ter sofrido mais, que não sofreram tanto quanto os outros; pois ainda não tinham resistido *até ao sangue*, não haviam sido desafiados ainda ao martírio, embora não soubessem quão cedo isso poderia acontecer. Aprenda aqui: (1) O nosso Senhor Jesus, "*...o Príncipe da nossa salvação*" (cap. 2.10), não chama o seu povo para as sua provações mais duras no início, mas sabiamente o treina por meio de sofrimentos menos pesados para que esteja preparado para os maiores. Ele não vai colocar vinho novo em odres fracos. Ele é o *bom pastor*, Ele não vai sobrecarregar os seus filhos mais novos. (2) É adequado que os cristãos observem a moderação com que Cristo adapta suas provações às forças deles. Eles não devem aumentar suas aflições, mas devem observar a misericórdia que está combinada com elas, e devem ter piedade daqueles que são chamados às provações mais cruéis para resistirem *até o sangue*; não para derramar o sangue dos seus inimigos, mas para selar o seu testemunho com o seu próprio sangue. (3) Os cristãos devem se envergonhar de desfalecer sob provações moderadas, quando vêem que outros estão suportando provações mais pesadas, e não sabem quão cedo eles mesmos terão de enfrentar as piores provações. Se corremos com os soldados de infantaria e nos cansamos, como vamos competir com os cavalos? Se estamos cansados numa terra de paz, o que faremos na enchente do Jordão? (Jr 12.5).

II Ele argumenta com base na natureza peculiar e generosa daqueles sofrimentos que sobrevêm ao povo de Deus. Embora os inimigos e perseguidores sejam os agentes que infligem tais sofrimentos ao povo cristão, contudo eles são castigos divinos. O Pai celestial tem a sua mão em tudo isso, e o seu sábio propósito em tudo. Ele lhes deu informações adequadas sobre isso, e eles não devem esquecer (v. 5). Observe:

1. Aquelas aflições que talvez sejam verdadeiras perseguições no que tange ao envolvimento dos homens são também repreensões e castigos divinos no que concerne a Deus. A perseguição por causa da fé é, às vezes, uma correção e repreensão pelos pecados dos que professam a religião. Os homens os perseguem porque são crentes; Deus os castiga porque não são mais devotos. Os homens os perseguem porque não abrem mão da sua profissão de fé; Deus os castiga porque não vivem de acordo com a sua profissão de fé.

2. Deus orientou o seu povo acerca de como devia se comportar em todas as aflições; seus servos precisam evitar os extremos em que muitos incorrem. (1) Não devem desprezar o castigo do Senhor; não devem considerar insignificantes as aflições, e ser estúpidos e insensíveis quando estiverem nelas, pois são a mão e a vara de Deus, e a sua censura pelo pecado. Os que não levam a sério as aflições, não levam Deus a sério e não levam o pecado a sério. (2) Eles não podem desfalecer quando forem repreendidos; não podem se desesperar e afundar quando estiverem na aflição, nem se lamentar e se queixar, mas suportá-la com fé e paciência. (3) Se incorrerem em algum desses extremos, é sinal de que esqueceram o conselho e a exortação do seu Pai celestial, que Ele lhes deu com verdadeiro e terno amor.

3. As aflições, corretamente suportadas, embora possam ser o resultado do desagrado de Deus, são mesmo assim provas do seu amor paternal pelo seu povo e do seu cuidado por ele (vv. 6,7). "*...porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho*". Observe: (1) Os melhores dos filhos de Deus precisam de correção. Eles têm suas falhas e sua insensatez, que precisam ser corrigidas. (2) Embora Deus possa deixar outros sozinhos em seus pecados, Ele corrige os pecados nos seus próprios filhos; eles são da sua família, e não escaparão da sua correção quando precisarem dela. (3) Dessa forma, Ele age como é apropriado a um pai, e os trata como filhos; nenhum pai vai pestanejar diante das falhas de seus próprio filhos como ele hesita diante das falhas de outros; sua relação e seu amor o obrigam a observar melhor as falhas dos seus próprios filhos do que as dos outros. (4) Ser tolerado na continuação do pecado sem repreensão é um triste sinal de alienação de Deus; tais são bastardos, não filhos. Eles podem até chamá-lo Pai, porque nasceram no seio da comunidade de crentes; mas são filhos de outro pai, não filhos legítimos de Deus (vv. 7,8).

4. Aqueles que são impacientes sob a disciplina do seu Pai celestial se comportam de forma pior para com Ele do que o fariam em relação aos seus pais terrenos (vv. 9,10). Aqui: (1) O apóstolo elogia um comportamento responsável e obediente deles como filhos para com os seus pais terrenos. Eles os reverenciavam mesmo quando os corrigiam. É dever dos filhos reverenciar com obediência as justas ordens dos seus pais, e reverenciar com submissão a correção deles quando forem desobedientes. Os pais não somente têm autoridade, mas a ordem de Deus, de corrigir os seus filhos quando for necessário, e Ele ordenou que os filhos aceitassem bem essa correção. Ser teimoso e descontente quando corrigido é uma falta dupla; pois a correção pressupõe que houve falta já cometida contra o poder ordenador do pai, e acrescenta, além disso, mais uma falta contra o seu poder de correção. Daí: (2) Ele recomenda o comportamento humilde e submisso para com o nosso Pai celestial, quando debaixo da sua correção; e isso ele faz com base num argumento do menor para o maior. [1] Os nossos pais terrenos são apenas "*...nossos pais segundo a carne*", mas Deus é o nosso "*...Pai dos espíritos*". Nossos pais terrenos foram agentes na geração do nosso corpo, que é apenas carne, uma coisa insignificante, mortal e vã, formada do pó da terra, como o é o corpo dos animais. E mesmo assim, sendo curiosamente formado, e feito parte da nossa pessoa, um tabernáculo apropriado para que nele habite a alma, e como um órgão pelo qual podemos agir, devemos reverência e amor àqueles que foram agentes na sua procriação. No entanto, devemos muito mais àquele que é o Pai do nosso espírito. Nossa alma não é constituída de substância material, nem do tipo mais refinado; não é *ex traduce – por*

transmissão de um para outro; afirmar isso não é boa filosofia, e a pior teologia; ela veio direto de Deus, que, depois de ter formado o corpo do homem da terra, soprou nele um espírito de vida, e assim ele se tornou alma vivente. [2] Os nossos pais terrenos "*...nos corrigiam como bem lhes parecia*". Às vezes o faziam para satisfazer sua raiva e não para corrigir nossas maneiras. Essa é uma fraqueza a que estão expostos os nossos pais segundo a carne, e eles devem ser cuidadosos e vigilantes em relação a isso. Pois, por meio disso, eles desonram a autoridade paterna que Deus colocou sobre eles e prejudicam grandemente a eficácia dos seus castigos. Mas o Pai do nosso espírito nunca aflige de boa vontade, nem assim castiga os filhos dos homens, muito menos seus próprios filhos. É sempre *para nosso proveito*; e a vantagem que Ele tem em mente para nós é nada menos do que sermos participantes da sua santidade; é corrigir e curar aquelas desordens pecaminosas que nos tornam dessemelhantes de Deus, e para melhorar e aumentar aquelas virtudes que são a imagem de Deus em nós, para que sejamos e ajamos mais de acordo com o nosso Pai celestial. Deus ama tanto os seus filhos que gostaria que eles fossem semelhantes a si mesmo o máximo possível, e para esse propósito Ele os corrige sempre que é necessário. [3] Os pais segundo a nossa carne nos corrigiram "*...por um pouco de tempo*", no estado da infância, quando menores; e embora estivéssemos naquele estado irritadiço, nós lhes devíamos respeito, e quando chegamos à maturidade os amamos e honramos muito mais por isso. Toda a nossa vida aqui é um estado de infância, menoridade e imperfeição, e por isso precisamos nos submeter à disciplina de tal estado; quando chegarmos ao estado de perfeição, estaremos completamente reconciliados com todas as medidas da disciplina de Deus sobre nós. [4] A correção de Deus não é nenhuma condenação. Seus filhos podem temer no começo para que não venha a aflição sobre aquela terrível incumbência e nós clamemos: "*Não me condenes*, mas *faze-me saber por que contendes comigo*" (Jó 10.2). Mas isso está tão distante de ser o plano de Deus para o seu próprio povo que Ele por isso os castiga agora "*...para não serem condenados com o mundo*" (1 Co 10.32). Ele faz isso para impedir a morte e a destruição da sua alma, para que vivam para Deus e sejam semelhantes a Deus, e estejam para sempre com Ele.

5. Os filhos de Deus, em suas aflições, não devem julgar a forma como Ele trata com eles por meio dos sentidos no presente, mas pela razão, fé, e experiência: "*E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela*" (v. 11). Observe aqui:

(1) O discernimento dos sentidos nesse caso – as aflições não são agradáveis aos sentidos, mas dolorosas; a carne vai senti-las, e será oprimida por elas, e vai gemer nelas.

(2) O discernimento da fé, que corrige o dos sentidos e declara que a aflição santificadora produz os frutos da justiça; esses frutos são pacíficos, e tendem ao sossego e ao conforto da alma. A aflição produz a paz, ao produzir mais justiça; pois o fruto da justiça é paz. E se a dor do corpo contribui dessa forma para a paz da mente, e breves aflições presentes produzem frutos de longa duração, os hebreus não tinham razão alguma para se lamentar ou desfalecer nelas. Mas a sua grande preocupação é que a disciplina sob a qual estavam seja suportada por eles com paciência, e os conduza a um nível mais elevado de santidade. [1] Que a aflição deles seja suportada com paciência, que é a linha principal do discurso do apóstolo acerca desse tópico; e ele novamente volta a exortá-los que pela razão mencionada anteriormente eles devem "*...levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados*" (v. 12). Um fardo de aflições é capaz de fazer com que as mãos do cristão fiquem caídas pelo cansaço, e os seus joelhos fiquem fracos, e assim o desanimem e o desencorajem; mas ele precisa lutar contra isso, e por duas razões: em primeiro lugar, para que ele possa correr melhor a sua corrida espiritual. A fé, e a paciência, e a santa coragem e determinação vão fazê-lo caminhar mais seguramente, ajudá-lo a manter um caminho mais reto, impedir o vacilo e o devaneio. Em segundo lugar, para que ele possa encorajar e não desanimar outros que estão no mesmo caminho com ele. Há muitos que estão no caminho para o céu que ainda andam de forma manca e trôpega nele. Esses são capazes de desencorajar os outros, e atrapalhar os outros; mas é obrigação do cristão ter coragem e agir por fé, e assim ajudar outros no caminho para o céu. [2] Que na aflição que passam sejam promovidos a um degrau mais elevado de santidade. Visto que esse é o plano de Deus, deve ser o plano e interesse dos seus filhos, que com a força e a paciência renovadas eles sigam "*...a paz com todos e a santificação*" (v. 14). Se os filhos de Deus se tornam impacientes nas aflições, então não andam de forma tão calma e pacífica em relação aos homens, nem de forma tão piedosa para com Deus, quanto deveriam. No entanto, a fé e a paciência vão capacitá-los a seguir a paz e a santificação também, assim como um homem segue o seu chamado, com constância, diligência e com prazer. Observe que, em primeiro lugar, é dever dos cristãos, mesmo quando num estado de sofrimento, seguir *a paz com todos*, aliás, até mesmo com aqueles que talvez sejam os agentes do seu sofrimento. Esta é uma lição difícil, e uma grande realização, mas é o que Cristo chamou o povo a fazer. Os sofrimentos têm o potencial de azedar o espírito e intensificar a raiva; mas os filhos de Deus precisam seguir a paz com todos. Em segundo lugar, paz e a santidade estão associadas; não pode haver verdadeira paz sem santidade. Pode haver prudência e consideração discreta, e uma demonstração de amizade e de boa vontade para com todos; mas essa verdadeira índole pacífica cristã nunca está separada da santidade. Não devemos, sob o pretexto de viver pacificamente com todos os homens, deixar os caminhos da santidade, mas cultivar a paz de forma santa. Em terceiro lugar, sem a santificação "*...ninguém verá o Senhor*". A visão de Deus nosso Salvador no céu está reservada como recompensa à santidade, e a ênfase da nossa salvação é colocada na nossa santidade, embora uma disposição pacífica serena contribua muito para o nosso encontro no céu.

6. Nas situações em que as aflições e os sofrimentos pela causa de Cristo não são considerados pelos homens como correção do Pai celestial, e eles não melhoram em função disso, tais ocorrências serão uma perigosa armadilha e tentação à apostasia, contra as quais todo cristão deve estar especialmente vigilante (vv. 15,16): "*...tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus*".

(1) Aqui o apóstolo começa uma séria advertência contra a apostasia, e a fundamenta num exemplo terrível:

[1] Ele começa uma séria advertência contra a apostasia (v. 15). Aqui você pode observar, em primeiro lugar, a natureza da apostasia: é privar-se *da graça de Deus*; é se tornar falido espiritualmente, por falta de um bom fundamento, e cuidado e diligência apropriados; é privar-se *da graça de Deus*, ficando aquém do princípio da verdadeira graça na alma, não obstante os meios da graça e a profissão de fé na religião, e assim ficando aquém do amor e do favor de Deus aqui e no porvir. Em segundo lugar, as conseqüências da apostasia: sempre que pessoas se privam da graça de Deus, nasce uma raiz de amargura, a depravação prevalece e irrompe. Uma "*...raiz de amargura*", uma raiz amarga, produzindo frutos amargos para si mesmos e para os outros. Produz para si mesmos princípios corrompidos, que conduzem à apostasia e são grandemente fortalecidos e enraizados na apostasia – erros condenáveis (para a depravação da doutrina e da adoração da igreja cristã) e práticas corrompidas. Apóstatas em geral se tornam cada vez piores e caem nas perversidades mais grosseiras, que em geral terminam em ateísmo total ou em desespero. Também produz frutos amargos para os outros, para as igrejas a que esses homens pertenceram; por seus princípios e práticas corrompidos muitos são atribulados, a paz da igreja é violada, a paz da mente dos homens é perturbada, e *muitos se* contaminam, manchados por aqueles maus princípios, e atraídos para práticas imundas. Dessa forma, as igrejas sofrem tanto na sua pureza quanto na sua paz. Mas os próprios apóstatas serão os que mais sofrerão no final.

[2] O apóstolo fundamenta a admoestação com um exemplo terrível, e esse é o de Esaú, que embora nascido em uma família piedosa, e tendo o direito de primogenitura como o filho mais velho, e assim intitulado a ser profeta, sacerdote e rei, na sua família, foi tão profano que desprezou esses privilégios sagrados e vendeu o seu direito de primogenitura por um bocado de carne. Observe aqui, em primeiro lugar, o pecado de Esaú. Ele profanamente desprezou e vendeu o seu direito de primogenitura, e todas as vantagens associadas a ele. Assim os apóstatas, para evitar a perseguição e desfrutar das facilidades e prazeres sensuais, não obstante tenham o caráter de filhos de Deus, e o direito à bênção e herança, abrem mão de todas as pretensões a isso. Em segundo lugar, o castigo de Esaú, que foi apropriado ao seu pecado. A sua consciência foi convencida do pecado e da sua insensatez, mas era tarde demais: "*...querendo ele ainda depois herdar a bênção*". O seu castigo foi duplo: 1. Ele foi condenado pela sua própria consciência; ele então viu que a bênção que tinha desconsiderado era digna de ser possuída, digna de ser buscada, embora com muito cuidado e lágrimas. 2. Ele foi rejeitado por Deus: "*...porque não achou lugar de arrependimento*" em Deus ou em seu pai; a bênção foi dada a outro, àquele a quem ele a tinha vendido por um cozido. Esaú, na sua grande maldade, tinha feito a barganha, e Deus, em seu justo julgamento, ratificou-a e confirmou-a, e não permitiu que Isaque a revertesse.

(2) Disso tudo podemos aprender: [1] Que a apostasia da fé em Cristo é fruto da preferência pela gratificação da carne em detrimento da bênção de Deus e da sua herança celestial. [2] Que os pecadores nem sempre nutrem esses maus pensamentos sobre a bênção e a herança divinas como o fazem ao apostatar. Virá o tempo em que vão pensar que nenhum esforço é grande demais, nenhuma lágrima e cuidado são demais para obter a bênção perdida. [3] Quando o dia da graça tiver passado (como às vezes pode acontecer nesta vida), eles não encontrarão lugar para arrependimento. Eles já não poderão se arrepender corretamente do seu pecado; e Deus não vai se arrepender da sentença que pronunciou sobre eles pelo pecado que cometeram. E por isso, como é o desígnio de todos, os cristãos não devem abrir mão do seu título, e da esperança da bênção e da herança dos seus pais, e se expor a essa ira e maldição irrevogáveis, ao desertarem da sua santa fé cristã, para evitar o sofrimento, que, embora possa ser perseguição no que tange a homens ímpios, é somente uma vara de correção e castigo nas mãos do Pai celestial, para levá-los para perto dele em conformidade e comunhão. Este é o sentido da argumentação do apóstolo com base na natureza dos sofrimentos do povo de Deus mesmo quando sofrem por causa da justiça; e a argumentação é muito forte.

A Natureza da Economia Cristã

vv. 18-29

Aqui o apóstolo continua a encorajar os hebreus cristãos a perseveram na sua corrida e luta cristãs, e a não recaírem no judaísmo. Ele faz esse apelo ao lhes mostrar o quanto a dispensação do evangelho difere do concerto antigo dos judeus, e quanto ela se assemelha à igreja triunfante no céu, e em ambos os relatos exige e merece a nossa diligência, paciência e perseverança na fé cristã.

I Ele mostra o quanto a igreja cristã difere da religião judaica, e quanto a sobrepuja. E aqui temos uma descrição muito particular da experiência dos judeus na dispensação mosaica (vv. 18-21). 1. Era uma experiência totalmente suscetível aos sentidos. O monte Sinai, sobre o qual aquele concerto dos judeus foi constituído, era um "*...monte palpável*" (v. 18), um lugar totalmente palpável; assim foi a dispensação deles. Era em grande parte exterior e terrena, e assim mais assustadora. A experiência da igreja cristã no monte Sião é mais espiritual, racional e agradável. 2. Foi uma experiência tenebrosa. Sobre aquele monte houve escuridão e trevas, e aquele concerto estava coberto de sombras e tipos; a dispensação do evangelho é muito mais clara e luminosa. 3. Foi uma dispensação amedrontadora e terrível; os judeus não puderam suportar o terror dela. O trovão e o relâmpago, a trombeta tocando, a voz do próprio Deus falando a eles, tudo chocou-os com tal pavor que "*...os que a ouviram pediram que se lhes não falasse mais*" (v. 19). Aliás, o próprio Moisés disse: "*Estou todo assombrado e tremendo*". Os melhores entre os homens da terra não são capazes de falar com Deus e seus santos anjos sem intermediário. Por outro lado, o evangelho é suave, bondoso e condescendente, adequado à nossa fraca estrutura humana. 4. Foi uma dispensação limitada; ninguém podia se aproximar daquele monte, a não ser Moisés e

Arão. Sob o evangelho, todos temos acesso com ousadia a Deus. 5. Foi uma dispensação muito perigosa. O monte ardia com fogo, e qualquer homem ou animal que o tocasse seria *apedrejado* (v. 20). Sempre será perigoso para pecadores presunçosos e brutais se aproximarem de Deus; mas não haverá morte certa e imediata, como ocorria naqueles dias. Essa era a situação dos judeus, adequada para atemorizar um povo de coração duro, para estabelecer a estrita e tremenda justiça de Deus, para desacostumar o povo dessa dispensação e induzi-los a abraçar mais prontamente a agradável e suave administração do Evangelho, sendo leais a ele.

II Ele mostra o quanto a igreja de Cristo na terra representa a igreja triunfante no céu, a comunicação que há entre uma e outra. A igreja de Cristo é chamada de o "*...monte Sião, a Jerusalém celestial*", que é livre, em oposição ao monte Sinai, que tende à servidão (Gl 4.24). Esse foi o monte em que Deus colocou o seu rei, o Messias. Agora, ao virem ao monte Sião, os cristãos vêm aos lugares celestiais, e a uma sociedade celestial.

1. A lugares celestiais: (1) "*...à cidade do Deus vivo*". Deus fixou a sua agradável residência na igreja de Cristo, que nesse sentido é um emblema do céu. Ali o seu povo pode encontrá-lo governando, conduzindo, santificando e confortando. Nessa igreja, Deus fala com eles por meio do ministério do evangelho; eles falam com Ele pela oração, e Ele os ouve; Ele os treina para o céu e lhes dá a garantia da sua herança. (2) "*...à Jerusalém celestial*" como nascidos e gerados nela, como naturalizados e livres nela. Na igreja de Cristo os crentes têm uma visão mais clara do céu, evidências mais diretas do céu e uma maior e melhor disposição celestial da alma.

2. A uma sociedade celestial. (1) "*...aos muitos milhares de anjos*", que são da mesma família dos santos, sob a mesma cabeça, e em grande medida utilizados na mesma obra, ministrando aos crentes para o bem destes, guardando-os em todos os seus caminhos, e armando as suas tendas em volta deles. O número desses anjos é incontável, e eles são uma companhia na ordem e na união, e que companhia gloriosa. E aqueles que pela fé são acrescentados à igreja de Cristo são acrescentados aos cuidados dos anjos, e no final serão como eles, semelhantes a eles. (2) "*...à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus*", isto é, a Igreja universal, por mais dispersa que esteja. Pela fé chegamos a eles, temos comunhão com eles pela mesma cabeça, pelo mesmo Espírito, e na mesma abençoada esperança, e andamos no mesmo caminho de santidade, lutando com os mesmos inimigos espirituais, e avançando rapidamente para o mesmo descanso, a mesma vitória e os mesmos gloriosos triunfos. Eis a assembléia geral dos primogênitos, os santos de épocas anteriores, que viram as promessas do evangelho, mas não as receberam, como também aqueles que foram os primeiros a recebê-las sob o evangelho, e foram regenerados por elas, e assim foram os primogênitos, e os primeiros frutos do Evangelho. E, por meio disso, como primogênitos, avançaram para honras e privilégios maiores do que o restante do mundo. De fato, todos os filhos de Deus são herdeiros, e cada um tem os privilégios de primogênito. Os nomes deles estão inscritos no céu, nos registros da igreja celestial. Eles têm um nome na casa de Deus, como inscritos entre os vivos de Jerusalém; eles têm uma boa reputação por sua fé e fidelidade, e estão arrolados no livro da vida do Cordeiro, assim como os cidadãos estão arrolados nos livros de registro das cidades. (3) "*...a Deus, o Juiz de todos*", aquele grande Deus que vai julgar tanto judeus quanto gentios de acordo com a lei sob a qual estão. Os crentes vêm a Ele agora pela fé, fazem súplica ao Juiz e recebem a sentença de absolvição no evangelho, e na corte de sua consciência, e por meio disso eles sabem que serão justificados no porvir. (4) "*...aos espíritos dos justos aperfeiçoados*"; ao melhor tipo de homens, os justos, que são mais excelentes que os seus vizinhos; à melhor parte dos homens justos, seus espíritos, e a estes no seu melhor estado, aperfeiçoados. Os crentes têm união com os santos que partiram e uma e a mesma cabeça e Espírito, e um pouco da mesma herança, da qual os que estão na terra são herdeiros, e os que estão no céu, possuidores. (5) "*...e a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel*". Este não é somente um pequeno encorajamento para se perseverar no evangelho, visto ser um estado de comunhão com Cristo, o Mediador do novo concerto, e na transmissão do seu sangue, que fala coisas melhores do que o sangue de Abel. [1] O concerto do evangelho é o novo concerto, distinto do concerto das obras; e está agora sob uma nova dispensação, distinta daquela do Antigo Testamento. [2] Cristo é o Mediador desse novo concerto. Ele é o intermediário que se põe entre as duas partes, Deus e o homem, para reuni-los nesse concerto, para mantê-los unidos não obstante os pecados do povo e o desagrado de Deus contra eles em virtude dos pecados cometidos, para oferecer nossas orações a Deus e para trazer os favores de Deus a nós, para pleitear com Deus a nosso favor e para pleitear conosco a favor de Deus, e no final para reunir Deus e o seu povo no céu, e ser o Mediador para o gozo entre eles para sempre, eles contemplando e desfrutando Deus em Cristo e Deus contemplando e abençoando-os em Cristo. [3] Esse concerto é ratificado pelo sangue de Cristo aspergido sobre nossa consciência, assim como o sangue do sacrifício era aspergido sobre o altar e o sacrifício. Esse sangue de Cristo apazigua a ira de Deus e purifica a consciência dos homens. [4] Esse é o sangue que fala, e diz coisas melhores do que o de Abel. Em primeiro lugar, ele fala a Deus a favor dos pecadores; pleiteia não por vingança, como fez o sangue de Abel contra aquele que o derramou, mas por misericórdia. Em segundo lugar, aos pecadores, em nome de Deus. Declara o perdão dos seus pecados, e traz paz à alma deles; e recomenda a mais estrita obediência deles e o seu mais profundo amor e gratidão.

III Tendo ampliado assim o argumento a favor da perseverança extraído da natureza celestial do evangelho, o apóstolo conclui o capítulo ao aprimorar o argumento de uma maneira adequada à sua importância (v. 25ss.): "*Vede que não rejeiteis ao que fala*" – que fala pelo seu sangue; e não somente fala de outra maneira do que o sangue de Abel falou da terra, mas do que Deus falou pelos anjos, e por Moisés no monte Sinai; primeiro falou na terra, agora Ele fala do céu. Observe aqui:

1. Quando Deus fala aos homens na forma mais excelente, Ele com razão espera deles a mais cuidadosa atenção e consideração. Então é no evangelho que Deus fala aos homens da maneira mais excelente. Pois: (1) Ele agora fala de um trono mais elevado e glorioso, não do monte

Sinai, que estava nesta terra, mas do céu. (2) Ele agora fala mais imediatamente pela sua palavra inspirada e pelo seu Espírito, que são suas testemunhas. Ele agora não fala nenhuma coisa nova aos homens, mas pelo seu Espírito fala a mesma palavra ao fundo da consciência. (3) Ele agora fala de forma mais eficaz e poderosa. Antes, de fato a sua voz abalou a terra, mas agora, ao introduzir o Evangelho, Ele não abalou somente a terra, mas os céus – não somente abalou os montes e montanhas, ou os espíritos dos homens, ou o estado civil da terra de Canaã, para estabelecer um lugar para o seu povo – não somente abalou o mundo, com fez então, mas Ele abalou a nação judaica, e os abalou naquilo que no Antigo Testamento era um céu na terra; esse estado espiritual deles Ele então abalou. Foi pelo evangelho celestial que Deus abalou e despedaçou o estado civil e eclesiástico da nação judaica, e introduziu um novo concerto na igreja, que não pode ser removido, nunca será substituído por qualquer outro na terra, mas permanecerá até que seja aperfeiçoado no céu.

2. Quando Deus fala aos homens na maneira mais excelente, a culpa daqueles que o rejeitam é maior, e o seu castigo será mais inevitável e intolerável; não há escape, nem forma de suportá-lo (v. 25). As diferentes maneiras de Deus tratar com os homens na terra sob o Evangelho, em forma de graça, nos asseguram que Ele vai tratar com os que desprezam o evangelho de maneira diferente do que trata com outros homens, em forma de julgamento. A glória do em evangelho, que deveria recomendá-lo fortemente à nossa consideração, aparece nestas três coisas: (1) Foi pelo som da trombeta do evangelho que a dispensação e o estado anteriores do povo de Deus foram estremecidos e removidos; e desprezaremos aquela voz de Deus que derrubou um estado de tanta duração e edificado pelo próprio Deus? (2) Foi pelo som da trombeta do evangelho que um novo reino foi levantado por Deus no mundo, que nunca poderá ser tão abalado a ponto de ser removido. Essa foi uma mudança feita de uma vez para sempre; nenhum outra mudança haverá até não existir mais o tempo. Recebemos agora um reino que não pode ser removido, e nunca pode dar lugar a uma nova dispensação. O Cânon das Escrituras foi agora aperfeiçoado, cessou o espírito de profecia, o mistério de Deus foi concluído, e Ele colocou a sua última mão nela. A igreja de Cristo pode até ser aumentada, tornada mais próspera e pode ser mais purificada de contaminações adquiridas, mas nunca será substituída por outra dispensação. Os que perecem sob o evangelho perecem sem remédio. E daí o apóstolo conclui com razão: [1] O quanto é necessário para nós obtermos de Deus a graça, "*...pela qual sirvamos a Deus agradavelmente...*"; se não formos aceitos por Deus nesta dispensação, nunca mais seremos aceitos; e perderemos todo o nosso esforço espiritual se não formos aceitos por Deus. [2] Não podemos adorar a Deus de forma aceitável, a não ser que o adoremos "*...com reverência e piedade*". Além da fé, é necessário o santo temor para a adoração aceitável. [3] Somente a graça de Deus nos capacita a adorar a Deus da maneira correta. A natureza não consegue chegar a esse ponto. Ela não consegue produzir essa fé preciosa nem o santo temor que são necessários para a adoração aceitável. [4] Deus é o mesmo Deus justo e reto sob o Evangelho que pareceu ser sob a Lei. Embora seja o nosso Deus em Cristo, e agora trate conosco de maneira mais bondosa e graciosa, mesmo assim Ele é em si mesmo um "*...fogo consumidor*"; isto é, um Deus de justiça severa, que se vinga de todos os que desprezam a sua graça, e de todos os apóstatas. Sob o Evangelho, a justiça de Deus é revelada de uma maneira mais terrível, embora não de maneira tão palpável quanto sob a Lei. Sob o Evangelho vemos a justiça divina movendo o Senhor Jesus Cristo, e fazendo dele um sacrifício propiciatório, fazendo de seu corpo e alma um sacrifício pelo pecado, o que é uma demonstração de justiça muito além do que foi visto e ouvido no monte Sinai quando a Lei foi dada.

CAPÍTULO 13

Tendo tratado de Cristo em grande parte da epístola, e da fé, e da graça, e dos privilégios do evangelho, e tendo advertido os hebreus acerca da apostasia, o apóstolo agora, na conclusão de tudo, recomenda diversos e excelentes deveres a eles, como os frutos apropriados da fé (vv. 1-17). Então encomenda-lhes orações por ele, e oferece suas orações a Deus por eles, dá-lhes alguma esperança de que irão vê-lo, como também a Timóteo, e termina com saudações e uma bênção geral (vv. 18-25).

Vários Deveres

vv. 1-17

O plano de Cristo ao se oferecer por nós é que Ele pudesse comprar "*...para si um povo seu especial, zeloso de boas obras*" (Tt 2.14). Agora o apóstolo chama os crentes hebreus à realização de muitos deveres excelentes, nos quais é apropriado que os cristãos se sobressaiam.

I Estímulo ao amor fraternal (v. 1): "*Permaneça a caridade fraternal*". Com isso ele não quer dizer uma afeição geral por todos os homens, como os nossos irmãos por natureza, todos feitos do mesmo sangue, nem aquela afeição mais limitada que devemos àqueles que são filhos dos mesmos pais imediatos, mas aquela afeição especial e espiritual que deve existir entre os filhos de Deus. 1. Supõe-se aqui que os hebreus tinham esse amor uns pelos outros. Embora naquela época essa nação estivesse miseravelmente dividida e confusa em si mesma, tanto acerca de questões de religião quanto de questões do estado civil, mesmo assim ainda havia amor fraternal entre aqueles que entre eles criam em Cristo; e isso apareceu de uma forma bem evidente naquele momento após o Espírito Santo ter sido derramado, quando tinham todas as coisas em comum, e venderam as suas posses para fazer um fundo comum para a subsistência dos seus irmãos. O espírito do cristianismo é um espírito de amor. A fé opera por meio do amor. A verdadeira religião é o vínculo mais forte de amizade; se não for assim, em vão levam o seu nome. 2. Esse amor fraternal estava em perigo de se perder, e isso numa época de perseguição, quando seria mais necessário; estava em perigo de se perder em virtude daquelas disputas que havia entre eles com relação ao respeito que ainda deviam ter pelas cerimônias da lei mosaica. Disputas acerca

da religião muitas vezes produzem o declínio da afeição cristã; mas precisamos ser vigilantes acerca disso, e todos os meios precisam ser empregados para a preservação do amor fraternal. Os cristãos devem sempre amar e viver como irmãos, e quanto mais crescerem em devoção e afeição por Deus, seu Pai celestial, tanto mais vão crescer em amor uns pelos outros por causa dele.

II À hospitalidade: "*Não vos esqueçais da hospitalidade*" (v. 2). Precisamos acrescentar ao amor fraternal a hospitalidade. Observe aqui: 1. O dever exigido – *hospitalidade*, tanto para com aquelas pessoas que são estranhas à comunidade de Israel quanto para com aquelas que são estranhas à nossa pessoa, especialmente os que sabem que são estrangeiros aqui e estão buscando uma nova pátria, que é o caso do povo de Deus, e era assim nessa época: os judeus que criam estavam numa condição desesperadora e angustiante. Mas ele parece referir-se à hospitalidade em relação a estranhos como tais; embora não saibamos quem são, nem de onde vêm, mesmo assim, vendo que estão sem um lugar definido de hospedagem, devemos lhes dar lugar no nosso coração e na nossa casa, à medida que tivermos oportunidade e condições. 2. O motivo: "*...porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos*"; foi assim no caso de Abraão (Gn 18), e de Ló (Gn 19), e um dos que Abraão recebeu era o Filho de Deus; e, embora não possamos supor que isso sempre seja o nosso caso, mas o que fizermos aos estranhos, em obediência a Ele, Ele vai considerar e recompensar como tendo sido feito a Ele mesmo (Mt 25.35): "*Era estrangeiro, e hospedastes-me*". Deus com freqüência concedeu honras e favores aos seus servos hospitaleiros, além de toda a imaginação e de forma inesperada.

III À compaixão cristã: "*Lembrai-vos dos presos*" (v. 3). Observe aqui:

1. O dever – *lembrar dos presos*, e *dos maltratados*. (1) Deus com freqüência ordena as coisas de tal forma que enquanto alguns cristãos e igrejas estão em meio a adversidades, outros desfrutam de paz e liberdade. Nem todos são chamados ao mesmo tempo a resistirem até o sangue. (2) Aqueles que estão em liberdade precisam ter compaixão daqueles que estão presos e em meio a adversidades, como se estivessem presos com eles nas mesmas correntes; eles precisam sentir os sofrimentos dos seus irmãos.

2. A razão desse dever: "*...como se estivésseis presos com eles* [...] *como sendo-o vós mesmos também no corpo*"; não somente no corpo natural, e assim propensos a sofrimentos semelhantes, e vocês devem se compadecer deles agora para que outros se compadeçam de vocês quando chegar o seu tempo de provações. Mas também no mesmo corpo místico, debaixo da mesma cabeça: "*De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele*". Não seria natural nos cristãos se não carregassem os fardos uns dos outros.

IV À pureza e castidade (v. 4). Aqui temos: 1. Uma recomendação da ordenança divina para o matrimônio, que ele "*venerado seja entre todos...*", e deve ser estimado assim por todos, e não deve ser negado àqueles a quem Deus não o negou. Ele é digno de honra, porque Deus o instituiu para o homem no paraíso, sabendo que não era bom que ele estivesse sozinho. Ele casou e abençoou o primeiro casal, os primeiros pais da humanidade, para dirigir a todos que olhassem para Deus com relação a essa importante questão, e a que casassem no Senhor. Cristo honrou o casamento com a sua presença e o seu primeiro milagre. É digno de honra como meio para impedir a impureza e a cama maculada. É algo *venerado* e bem-aventurado, quando pessoas se unem puras e castas, e preservam o matrimônio sem mácula, não somente de afeições ilegais, mas também de afeições imoderadas. 2. Uma terrível mas justa censura contra a impureza e a lascívia: "*...aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará*". (1) Deus sabe quem é culpado de tais pecados, nenhuma escuridão consegue escondê-lo da sua presença. (2) Ele vai chamar tais pecados pelo seu nome, e não pelos nomes do amor e do galanteio, mas de prostituição e adultério, prostituição no estado solteiro, e adultério no estado casado. (3) Ele vai levá-los a julgamento, vai julgá-los, ou pela sua própria consciência aqui, e colocar os seus pecados diante deles para a sua profunda humilhação (e a consciência, quando despertada, é muito severa sobre esses pecadores), ou Ele vai colocá-los no seu tribunal na morte, e no último dia. Ele vai convencê-los, condená-los e lançá-los fora para sempre, se eles morrerem com a culpa desse pecado.

V Ao contentamento cristão (vv. 5,6). Observe aqui: 1. O pecado que é contrário a essa graça e dever – *a avareza*, um desejo exagerado pelas riquezas deste mundo, invejando aqueles que têm mais do que nós. É o pecado ao qual não podemos dar lugar nas nossas conversas; pois, embora seja um desejo espreitando no nosso coração, se não for subjugado vai entrar nas nossas conversas e se revelar na nossa maneira de falar e agir. Devemos tomar cuidado não somente para dominar esse pecado, mas para desarraigá-lo da nossa alma. 2. O dever e a graça que são contrários à avareza – estar satisfeito e contente "*...com o que tendes*"; com as coisas presentes, pois as coisas passadas não podem ser chamadas de volta, e as coisas futuras estão somente nas mãos de Deus. O que Deus nos dá para cada dia, com isso precisamos estar contentes, mesmo que fique aquém do que temos desfrutado até então, e que não seja o que esperamos para o futuro. Precisamos estar contentes com o que temos no momento. Precisamos trazer as nossas expectativas à nossa condição presente, e esse é o caminho mais seguro para o contentamento; e aqueles que não conseguem fazer isso não estariam contentes mesmo que Deus elevasse a condição deles às suas expectativas, pois as expectativas cresceriam com a condição. Hamã era o grande favorito da corte, e mesmo assim estava insatisfeito; Acabe estava no trono, e mesmo assim estava insatisfeito; Adão estava no paraíso, e mesmo assim estava insatisfeito; sim, até os anjos estavam no céu, e ainda assim estavam insatisfeitos; mas Paulo, embora desprezado e destituído, tinha aprendido a *estar contente* em toda e qualquer situação. 3. Que razões os cristãos têm para estar contentes com a sua situação. (1) "*...porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei*" (vv. 5,6). Isso foi dito a Josué (cap. 1.5), mas pertence a todos os servos fiéis de Deus. As promessas do Antigo Testamento podem ser aplicadas aos santos do Novo Testamento. Essa promessa contém o resumo e

a essência de todas as promessas: *Nunca te deixarei nem te desampararei.* Veja as negativas que estão reunidas aqui, para confirmar a promessa; o verdadeiro crente terá a presença graciosa de Deus consigo na sua vida, na sua morte e para sempre. (2) Com base nessa promessa tão abrangente eles podem estar certos da ajuda de Deus: "*E, assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem*" (v. 6). Os homens não podem fazer nada contra Deus, e Deus pode fazer com que tudo que as pessoas fazem contra o seu povo se torne em bem para eles.

VI A obrigação que os cristãos devem aos seus ministros, tanto para com os que estão mortos, quanto para com os que ainda estão vivos.

1. Aos que estão mortos: "*Lembrai-vos dos vossos pastores*" (v. 7). Observe aqui:

(1) A descrição dada acerca deles. Eram tais que tinham o governo sobre eles, e tinham falado a palavra de Deus a eles; tinham sido seus guias e líderes, que lhes haviam ensinado a palavra de Deus. Aqui está a dignidade à qual eles foram promovidos – ser guias e líderes do povo, não de acordo com a sua própria vontade, mas de acordo com a vontade e a palavra de Deus; e esse caráter eles preencheram com os deveres apropriados. Eles não governaram à distância, e não governaram por meio de outros, mas governaram pela presença e instrução pessoais, de acordo com a palavra de Deus.

(2) As obrigações que eram lhes devidas, mesmo estando eles mortos.

[1] "*Lembrai-vos* deles – de sua pregação, suas orações, seu conselho pessoal, seu exemplo".

[2] "*A fé dos quais imitai*; sede inabaláveis na profissão da fé que eles vos pregaram, e trabalhai segundo a graça da fé pela qual eles viveram e morreram tão bem. Considerai atentamente o fim da vida deles, quão prontamente, quão alegremente eles terminaram a sua carreira!" Então o apóstolo amplia essa obrigação de seguir a mesma fé verdadeira na qual eles haviam sido instruídos, e os exorta seriamente a isso, não somente com base na lembrança dos seus guias que haviam partido, mas com base em diversos outros motivos.

Em primeiro lugar, com base na imutabilidade e eternidade do Senhor Jesus Cristo. Embora alguns dos seus ministros estejam mortos, e outros morrendo, contudo o grande cabeça e sumo sacerdote da igreja, o "*...Bispo da vossa alma*" (1 Pe 2.25), vive para sempre, e sempre é o mesmo; e eles devem ser inabaláveis e imutáveis, na imitação de Cristo, e devem lembrar que Cristo vive sempre para observar e recompensar a fiel lealdade deles às suas verdades, e para observar e castigar seus desvios pecaminosos dele. "*Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente*", o mesmo nos dias do Antigo Testamento, nos dias do Evangelho e será sempre assim para o seu povo.

Em segundo lugar, com base na natureza e tendência daquelas doutrinas falsas nas quais eles estavam em perigo de cair.

a. Eram "*...várias e estranhas*" (v. 9), diferentes das que eles tinham recebido dos seus antigos e fiéis mestres, e incoerentes em si mesmas.

b. Eram doutrinas estranhas, com as quais a igreja cristã não estava familiarizada, e estranhas ao evangelho.

c. Eram de natureza perturbadora e confusa, como o vento pelo qual um navio é golpeado, e em perigo de ser arrancado da sua âncora, levado adiante para se chocar contra as rochas. Elas eram totalmente contrárias àquela graça de Deus que firma e estabelece o coração, o que é uma coisa excelente. Essas doutrinas estranhas mantêm o coração sempre vacilante e inquieto.

d. Eram maldosas e vis em relação ao seu tópico. Elas se ocupavam com coisas exteriores, pequenas, perecíveis, como carnes e bebidas etc.

e. Elas eram inúteis. Aqueles que estavam mais entusiasmados com elas, e ocupados com elas, não obtiveram nenhum bem real por meio delas para a sua alma. Elas não os tornaram mais santos, nem mais humildes, nem mais gratos, nem mais celestiais.

f. Elas excluíam aqueles que as abraçavam dos privilégios do altar cristão (v. 10): "*Temos um altar...*". Esse é um argumento de grande importância, e por isso o apóstolo insiste ainda mais nele. Observe:

(*a*) A igreja cristã tem um altar. Fazia-se objeção contra a igreja cristã primitiva de que suas assembléias eram destituídas de um altar; mas isso não era verdade. *Temos um altar*, não um altar material, mas um altar pessoal, e esse é Cristo; Ele é tanto o nosso altar quanto o nosso sacrifício; Ele santifica a oferta. Os altares sob a lei eram tipos de Cristo; o altar de bronze, do seu sacrifício; o altar de ouro, da sua intercessão.

(*b*) Esse altar fornece um banquete para o verdadeiro crente, um banquete relacionado ao sacrifício, um banquete de coisas gordurosas, de força e crescimento espirituais, e de prazer e gozo santos. A mesa do Senhor não é nosso altar, mas é servida com provisões do altar. "*Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós*" (1 Co 7.5), e o texto segue: "*Pelo que façamos festa*". A Ceia do Senhor é a festa da Páscoa do evangelho.

(*c*) Aqueles que se dedicam ao tabernáculo, ou à dispensação levítica, ou voltam a ele novamente, se excluem dos privilégios desse altar, dos benefícios obtidos por Cristo. Se eles servem ao tabernáculo, estão determinados a se sujeitar aos ritos e cerimônias antiquados, a renunciar ao seu direito do altar cristão. E essa parte do argumento ele prova primeiro e depois amplia.

[*a*] Ele prova que essa lealdade servil ao estado judaico é uma barreira aos privilégios do altar do evangelho; e ele argumenta assim: Sob a lei judaica, nenhuma parte da oferta pelo pecado podia ser comida, mas tudo devia ser queimado fora do acampamento enquanto habitavam em tabernáculos, e fora dos portões quando moravam em cidades; então, se eles se submeterem novamente àquela lei, não poderão comer do altar do evangelho; pois o que é comido ali é provido por Cristo, que é a grande oferta pelo pecado. O banquete do evangelho é o fruto e a obtenção do sacrifício, ao qual não têm direito os que não reconhecem o próprio sacrifício. E para que pudesse parecer que Cristo era realmente o antítipo da oferta pelo pecado, e, como tal, pudesse santificar e purificar o seu povo com o seu próprio sangue, Ele se conformou com o tipo, ao sofrer fora dos portões. Essa foi uma notável amostra da sua humilhação, como se Ele não tivesse sido apropriado para a sociedade sagrada nem para a civil! E isso mostra como o pecado, que era a causa que tornou necessários os sofrimentos de Cristo, é uma abdicação de todos os direitos sagrados e ci-

vis, e o pecador, uma praga comum e um incômodo para toda a sociedade, se Deus fosse severo em marcar a iniqüidade. Tendo, assim, demonstrado que a lealdade à lei levítica iria barrar, até mesmo de acordo com suas próprias regras, os homens ao altar cristão, ele continua:

[*b*] Para aperfeiçoar o seu argumento (vv. 13-15) com conselhos apropriados. Em primeiro lugar: "*Saiamos, pois, a ele fora do arraial*"; saiamos da lei cerimonial, do pecado, do mundo, de nós mesmos, do nosso próprio corpo, quando Ele nos chama. Em segundo lugar: Estejamos dispostos a levar "*...o seu vitupério*", dispostos a ser considerados o refugo de todas as coisas, indignos de viver, indignos de morrer uma morte comum. Essa foi a sua vergonha, e precisamos nos submeter a ela; e temos razão muito maior porque, se avançarmos ou não deste mundo para Cristo, necessariamente precisamos avançar em pouco tempo pela morte: "*Porque não temos aqui cidade permanente*". O pecado, os pecadores, a morte, não vão permitir que permaneçamos aqui por muito tempo; e por isso devemos avançar agora por fé, e buscar em Cristo o descanso e a segurança que este mundo não pode nos oferecer (v. 14). Em terceiro lugar: Façamos uso correto desse altar; que não somente participemos dos seus privilégios, mas cumpramos as obrigações do altar, como aqueles a quem Cristo fez sacerdotes para servir no seu altar. Levemos os nossos sacrifícios a esse altar, e a esse nosso sumo sacerdote, e os ofereçamos por meio dele (vv. 15,16). Agora, quais são os sacrifícios que devemos levar e oferecer nesse altar, que é Cristo? Nenhum sacrifício expiatório; não há necessidade deles, Cristo já ofereceu o grande sacrifício expiatório; nossos são apenas os sacrifícios de reconhecimento; e eles são: 1. O sacrifício de louvor a Deus, que devemos oferecer a Deus continuamente. Nisso estão incluídas todas as orações e a adoração, como também as ações de graça; esse é "*...o fruto dos lábios que confessam o seu nome*"; temos de anunciar os louvores a Deus de lábios sinceros; e isso precisa ser oferecido somente a Deus, não a anjos, nem a santos, nem a qualquer criatura, mas somente ao nome de Deus; e precisa ser oferecido por meio de Cristo, em dependência dos seus méritos e suficiência de sua intercessão. 2. O sacrifício de doações e boas obras, e da caridade cristã: "*E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada*" (v. 16). Precisamos, de acordo com nossas possibilidades, comunicar às necessidades da alma e do corpo dos homens; não nos contentando em oferecer o sacrifício dos nossos lábios, de meras palavras, mas o sacrifício das boas obras; e essas precisamos depositar no seu altar, não dependendo do mérito das nossas boas obras, mas do nosso grande sumo sacerdote. E com sacrifícios como esses, a adoração e as boas obras assim oferecidas, Deus se agrada. Ele vai aceitar as ofertas com prazer, e vai aceitar e abençoar as ofertas por meio de Cristo.

2. Tendo nos ensinado, assim, as obrigações que os cristãos têm com os seus ministros que já partiram, que consistem principalmente em seguir a sua fé e não se afastar dela, o apóstolo nos revela agora qual é a obrigação que as pessoas têm para com os seus ministros ainda vivos (v. 17) e as razões dessa obrigação. (1) A obrigação – de lhes obedecer e de se submeterem a eles. Aqui não são requeridas uma obediência irrestrita ou uma submissão absoluta, mas só na medida em que são apropriadas à mente e à vontade de Deus reveladas na sua Palavra; e, mesmo assim, é verdadeira obediência e submissão, e isso não somente a Deus, mas à autoridade do ofício ministerial, que procede de Deus tão certamente, em todas as coisas pertencendo a esse ofício, como também a autoridade dos pais e dos magistrados civis nas coisas de sua esfera. Os cristãos precisam se submeter a serem instruídos por seus ministros, e não se acharem sábios demais, bons demais, ou grandes demais, para aprender deles. E, quando acharem que as instruções ministeriais são concordantes com a palavra escrita, devem obedecer-lhes. (2) Os motivos para essa obrigação. [1] Eles têm o governo sobre o povo; o seu ofício, embora não magistral, mesmo assim é de verdadeira autoridade. Eles não têm autoridade alguma para oprimir o povo, mas para conduzi-los nos caminhos de Deus, ao informá-los e instruí-los, explicando-lhes a palavra de Deus, e ao aplicá-la aos diversos casos. Eles não devem fazer leis por si mesmos, mas devem interpretar as leis de Deus; nem deve ser a sua interpretação recebida imediatamente sem análise, mas as pessoas devem examinar as Escrituras, e, na medida em que as instruções do seu ministro estiverem de acordo com essa regra, devem recebê-las, "*...não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera nos que creram*". [2] Eles velam pela alma das pessoas, não para pegá-la em armadilha, mas para salvá-la; para ganhá-la, não para si mesmos, mas para Cristo; para edificá-la em conhecimento, fé e santidade. Eles devem vigiar acerca de tudo que pode ser prejudicial à alma dos homens, e lhes dar advertência de erros perigosos, das artimanhas de Satanás, de juízos que se aproximam; eles devem vigiar por todas as oportunidades para ajudar a alma dos homens a progredir no caminho para o céu. [3] Eles precisam prestar contas de como cumpriram a sua obrigação, e o que aconteceu com as almas que lhes foram confiadas, se alguma se perdeu devido à sua negligência, e se algumas foram trazidas e edificadas sob o seu ministério. [4] Eles terão alegria em dar um bom relatório de si mesmos e dos seus ouvintes. Se então puderem dar um relatório da sua própria fidelidade e sucesso, será um dia feliz para eles; aquelas almas que se converteram e foram confirmadas sob o seu ministério serão a sua alegria e sua glória no dia do Senhor Jesus. [5] Se eles derem o seu relatório com tristeza, será para prejuízo do povo e deles. É do interesse dos ouvintes que o relatório dos seus ministros acerca deles seja dado com alegria, e não com tristeza. Se ministros fiéis não forem bem-sucedidos, a tristeza será deles, mas o prejuízo será das pessoas. Os ministros fiéis empenharam sua própria alma, mas o sangue e a ruína de um povo infrutífero e infiel estarão sobre a própria cabeça do povo.

Conclusão

vv. 18-25

Aqui:

I O apóstolo se recomenda, e os seus companheiros de sofrimento, às orações dos crentes hebreus (v. 18): "*Orai por nós*, por mim e por Timóteo" (mencionado no v. 23), "e por todos entre nós que se esforçam no ministério do evangelho".

1. Essa é uma parte da obrigação que as pessoas têm para com os seus ministros. Os ministros precisam das orações das pessoas; e quanto mais sinceramente as pessoas orarem por seus ministros, tanto maiores benefícios podem esperar colher do seu ministério. Eles devem orar para que Deus ensine aqueles que devem ensiná-los depois, para que Ele os torne vigilantes, e sábios, e zelosos, e bem-sucedidos – que Ele os ajude em todos os seus esforços, os apóie em todos os seus fardos e os fortaleça em todas as suas tentações.

2. Há boas razões por que as pessoas devem orar por seus ministros e ele menciona duas:

(1) "*...confiamos que temos boa consciência*" (v. 18). Muitos dos judeus tinham uma opinião negativa de Paulo, porque ele, sendo hebreu de hebreus, tinha abandonado a lei levítica e louvado a Cristo. Mas o autor declara aqui humildemente a sua integridade: "*...confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente*". Confiamos! Ele poderia ter dito: Nós sabemos, mas ele escolheu falar em um estilo humilde, para nos ensinar a não sermos confiantes demais acerca de nós mesmos, mas mantermos um zelo divino sobre o nosso coração. "Confiamos que temos uma *boa consciência*, uma consciência iluminada e bem-informada, uma consciência pura e limpa, uma consciência sensível e fiel, uma consciência que testifica a favor de nós, não contra nós. Uma boa consciência *em tudo*, nos deveres tanto da primeira tábua quanto da segunda, para com Deus e para com os homens, e especialmente em todas as coisas pertinentes ao nosso ministério; agimos honesta e sinceramente em todas as coisas". Observe: [1] Uma boa consciência tem o respeito por todas as ordens de Deus e todos os nossos deveres. [2] Os que têm essa boa consciência, mesmo assim ainda precisam das orações dos outros. [3] Ministros conscienciosos são uma bênção pública, e merecem a oração do povo.

(2) Outra razão por que ele deseja suas orações é que espera por meio disso lhes ser restituído mais depressa (v. 19), sugerindo que anteriormente havia estado entre eles – e que agora que estava distante deles, tinha o grande desejo e a real intenção de ir a eles novamente – e que a melhor forma de facilitar esse retorno, e de tornar isso uma misericórdia para ele e para eles, era fazer disso um motivo das suas orações. Quando ministros vão a um povo como resposta de suas orações, vão com maior satisfação para si mesmos e maior sucesso para o povo. Devemos buscar todas as misericórdias pela oração.

II Ele oferece suas orações por eles a Deus, estando disposto a fazer por eles o que esperava que eles fizessem por ele: "*Ora, o Deus de paz...*" (v. 20). Nessa excelente oração, observe: 1. O título dado a Deus – *o Deus de paz*, que descobriu um caminho de paz e reconciliação entre Ele mesmo e os pecadores, e que ama a paz na terra e especialmente nas suas igrejas. 2. A grande obra atribuída a Ele: Ele "*...tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo*". Jesus ressuscitou pelo seu próprio poder; e, contudo, o Pai estava interessado nisso, atestando com isso que a justiça foi satisfeita, e a lei, cumprida. Ele ressuscitou para nossa justificação; e esse poder divino pelo qual Ele foi ressuscitado é capaz de fazer tudo de que temos necessidade. 3. Os títulos dados a Cristo – nosso Senhor Jesus, nosso Soberano, nosso Salvador, e o grande pastor das ovelhas, prometido em Isaías 40.11, declarado por Ele mesmo que o era (Jo 10.14,15). Os ministros são co-pastores, Cristo é o grande pastor. Isso denota o seu grande interesse pelo seu povo. Eles são o rebanho do seu pastoreio, e o seu cuidado e preocupação são por eles. 4. A forma e o método em que Deus se reconcilia, e Cristo ressuscita dos mortos: "*...pelo sangue do concerto eterno*". O sangue de Cristo satisfez a justiça divina, e assim gerou a libertação de Cristo da prisão da morte, como tendo pago a nossa dívida, de acordo com um concerto ou acordo eterno entre o Pai e o Filho; e esse sangue é a sanção ou o selo de um concerto eterno entre Deus e o seu povo. 5. A misericórdia pela qual se ora: "*...vos aperfeiçoe em toda a boa obra...*" (v. 21). Observe: (1) O aperfeiçoamento dos santos em toda a boa obra é aquela grande obra desejada por eles e para eles, para que tenham aqui a perfeição da integridade, uma mente limpa, um coração limpo, afeições vívidas, desejos regulares e resolvidos, e força apropriada para toda a boa obra à qual são chamados agora, e no final a perfeição dos passos para prepará-los para o serviço e a felicidade do céu. (2) A forma em que Deus torna o seu povo perfeito; é ao operar neles sempre o que é agradável à vista dele, e isso "*...por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre*". Observe: [1] Não há obra boa operada em nós a não ser que seja obra de Deus. Ele age em nós, antes de sermos capazes para qualquer boa obra. [2] Nenhuma coisa boa é operada em nós por Deus, a não ser por meio de Jesus Cristo, por sua causa e pelo seu Espírito. E por isso: [3] A eterna glória é devida a Ele, que é a causa de todos os bons princípios operados em nós e todas as boas obras feitas por nós. A isso todos deveriam dizer: *Amém!*

III Ele dá aos cristãos hebreus um relato da libertação de Timóteo e de sua esperança de ir com ele vê-los em pouco tempo (v. 23). Parece que Timóteo havia estado preso, sem dúvida pelo evangelho, mas agora tinha sido libertado. O aprisionamento de ministros fiéis é uma honra para eles, e a libertação deles é motivo de alegria para o povo. Ele estava alegre com a esperança não só de ver Timóteo, mas de, na companhia dele, ir ver os cristãos hebreus. Oportunidades de escrever às igrejas de Cristo são desejadas pelos ministros fiéis de Cristo, e agradáveis para eles.

IV Tendo pedido a atenção deles e para que suportassem "*...a palavra desta exortação*" (v. 22), ele conclui com saudações e uma bênção solene, mesmo que breve.

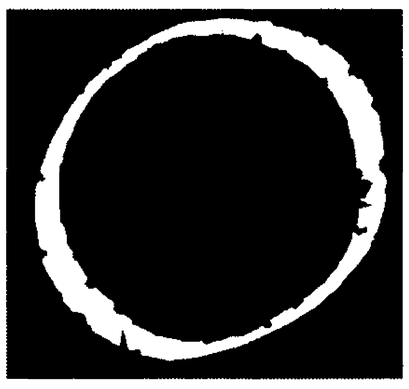
1. A saudação: (1) Dele mesmo para eles, dirigida a todos os seus líderes que tinham governo sobre eles, e a todos os santos; a eles todos, ministros e o povo. (2) Dos cristãos na Itália para eles. É muito bom ter a lei do amor e da bondade de Deus escrita no coração dos cristãos e distribuída uns para os outros. A fé cristã ensina os homens a mais verdadeira civilidade e as reais boas maneiras. Não é uma coisa desagradável nem melancólica.

2. A saudação solene, mesmo que breve (v. 25): "*A graça seja com todos vós. Amém!*" Que o favor de Deus esteja com vocês, e sua graça opere continuamente em vocês, produzindo os frutos da santidade,

como os primeiros frutos da glória. Depois de o povo de Deus desfrutar a comunhão pela palavra pregada ou escrita, bom seria se despedirem em oração, desejando uns aos outros a continuação da graciosa presença de Deus, para que possam se encontrar novamente no mundo do louvor.

TIAGO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



autor dessa epístola não foi Tiago, filho de Zebedeu; pois ele foi morto por Herodes (At 12) antes de o cristianismo ter conquistado tanto terreno entre os judeus da dispersão como está implícito aqui. Mas foi outro o Tiago, que era primeiro meio-irmão de Cristo, e um dos doze apóstolos (Mt 10.3). Ele é chamado de *coluna* (Gl 2.9), e essa epístola dele não pode ser disputada, sem se perder uma pedra fundamental. É chamada de epístola geral, porque (como alguns pensam) não foi dirigida a uma pessoa ou igreja particular, mas uma do tipo que chamamos de carta circular. Outros pensam que é chamada geral para distingui-la das epístolas de Inácio, Barnabé, Policarpo e outros que eram famosas em épocas primitivas, mas não geralmente recebidas na igreja, e por conta disso não eram canônicas, como esta. Eusébio nos conta que esta epístola "era geralmente lida nas igrejas com as outras epístolas universais" (*Hist. Ecl.*, p. 53, Ed. Val., Anno 1678). Tiago, nosso autor, era chamado de o justo, em virtude de sua grande piedade. Ele era um exemplo eminente daquelas virtudes que ele requer dos outros. Ele foi tão reverenciado por sua justiça, moderação e devoção, que Josefo, o historiador judaico, registra isso como uma das causas da destruição de Jerusalém: "Que Tiago foi martirizado nela". Isso é mencionado na esperança de evocar a maior consideração possível por aquilo que é escrito por um homem tão santo e excelente. O tempo em que essa epístola foi escrita é incerto. O propósito dela foi censurar os cristãos por sua grande degeneração tanto na fé quanto nas suas maneiras, e impedir que se difundissem as doutrinas libertinas que ameaçavam a destruição de toda a piedade prática. Era também a intenção especial desse autor da epístola despertar a nação judaica para o sentimento de importância e proximidade daqueles julgamentos que estavam vindo sobre eles; e apoiar todos os verdadeiros cristãos no caminho do seu dever, nas calamidades e perseguições que enfrentariam. As verdades colocadas são muito significativas e devem ser mantidas; e as regras para a prática, como afirmadas aqui, são tais que devem ser observadas em nossos tempos como em épocas anteriores.

CAPÍTULO 1

Depois da dedicação e saudação (v. 1), os cristãos são ensinados a se comportarem sob a influência da cruz. Vários deveres e virtudes são recomendados; e os que suportam suas provações e aflições como o apóstolo os orienta aqui são pronunciados bem-aventurados e são assegurados de uma gloriosa recompensa (vv. 2-12). Mas aqueles pecados que trazem sofrimentos, ou as fraquezas e faltas pelas quais os homens são culpados quando em pecado, de forma nenhuma podem ser imputados a Deus, que não pode ser o autor do pecado, mas é o autor de todo o bem (vv. 13-18). Toda paixão, e ira descontrolada, e paixões vis, precisam ser dominadas. A palavra de Deus deve ser a nossa principal disciplina; e o que ouvimos e sabemos dela, precisamos nos empenhar em praticar, senão a nossa religião vai se provar uma coisa vã. A isso se acrescenta um relato do que é e em que consiste a verdadeira religião (vv. 19-27).

Dedicatória
v. 1

Temos aqui o sobrescrito dessa epístola, que consiste em três partes:

I O nome pelo qual o nosso autor deseja ser conhecido: "*Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo*". Embora presidisse a igreja de Jerusalém, ele se intitula somente um servo. Daí observe: Aqueles que são os mais elevados em ofício ou realizações na igreja de Cristo são apenas servos. Por isso não deveriam agir como senhores, mas como ministros. Além disso, embora Tiago seja chamado pelo evangelista de *o irmão do nosso Senhor*, contudo sua glória é servir a Cristo em espírito, em vez de se jactar de ser parente dele em carne. Daí que devemos aprender a valorizar esse título acima dos outros no mundo – *servos de Deus e de Cristo*. Novamente deve ser observado que Tiago se intitula

servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo; para nos ensinar que em todas as coisas devemos ter um olho no Filho e o outro no Pai. Não podemos servir de forma aceitável o Pai, a não ser que também sejamos servos do Filho. Deus quer que "...*todos honrem o Filho, como honram o Pai*" (Jo 5.23), esperando aceitação de Cristo e ajuda dele, e dedicando toda a obediência a Ele, bem como confessando que "...*Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai*" (Fp 2.11).

II O apóstolo menciona aqui as condições daqueles a quem ele escreve: "...*às doze tribos que andam dispersas*". Alguns entendem que isso é uma referência à dispersão após a perseguição de Estêvão (At 8). Mas essa só se estendeu à Judéia e Samaria. Outros entendem que os judeus da dispersão são aqueles que estavam na Assíria, Babilônia, Egito e outros reinos aos quais as suas guerras os haviam levado. A maior parte, de fato, de dez das doze tribos estava perdida no cativeiro; mas mesmo assim, alguns de cada tribo foram preservados e ainda são honrados com o antigo título de *doze tribos*. Essas, no entanto, estavam espalhadas e dispersas. 1. Estavam dispersas em misericórdia. Por terem as Escrituras do Antigo Testamento, a providência de Deus ordenou assim que eles fossem dispersos em várias nações para a difusão da luz da revelação divina. 2. Então começaram a ser dispersos em ira. A nação judaica estava ruindo em partidos e facções, e muitos foram forçados a deixar o seu próprio país, como que se esse tivesse se tornado quente demais para eles. Mesmo pessoas boas entre eles compartilharam a calamidade comum. 3. Esses judeus da dispersão eram aqueles que tinham abraçado a fé cristã. Eles foram perseguidos e obrigados a buscar refúgio em outros países, sendo os gentios mais complacentes com eles do que os judeus. Observe aqui: Muitas vezes foi algo providencial as próprias tribos de Deus terem se espalhado além das suas fronteiras. O dia do ajuntamento está reservado para o fim dos tempos, quando todos os filhos espalhados de Deus serão reunidos a Cristo, seu cabeça. Nesse ínterim, enquanto as tribos de Deus estiverem espalhadas, Ele vai cuidar delas. Aqui vemos um apóstolo escrevendo aos da dispersão; uma epístola de Deus a eles, quando expulsos do seu templo, e aparentemente negligenciados por Ele. Aplique-se aqui o profeta Ezequiel: "*Assim diz o Senhor Jeová: Ainda que os lancei para longe entre as nações e ainda que os espalhei pelas terras, todavia, lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde foram*" (Ez 11.16). Deus tem um cuidado especial por seus desterrados. "*Habitem entre ti os meus desterrados, ó Moabe*" (Is 16.3,4). As tribos de Deus podem estar dispersas; por isso não devemos nos valorizar demais por privilégios exteriores. E por outro lado, não devemos nos desesperar e pensar que somos rejeitados, em virtude das calamidades exteriores, porque Deus lembra e envia conforto ao seu povo.

III Tiago mostra aqui o respeito que tinha até mesmo pelos dispersos, saudando-os, desejando paz e salvação a eles. Os verdadeiros cristãos não devem ser menosprezados por suas provações. Era o desejo do coração desse apóstolo que os que estavam espalhados fossem confortados – para que tudo lhes fosse bem, e estivessem capacitados a se alegrar mesmo nas suas angústias. O povo de Deus tem razão para se alegrar em todos os lugares, em todos os tempos, como vai se tornar bastante evidente no que segue.

A Necessidade da Fé e Paciência. O Mal da Indecisão

vv. 2-12

Vamos agora tratar do conteúdo dessa epístola. Nesse parágrafo, podemos observar as seguintes coisas:

I O estado de sofrimento dos cristãos neste mundo é aqui representado, e isso de uma maneira bem instrutiva, se atentarmos para o que está clara e necessariamente implícito, junto com o que é totalmente expresso. 1. Está implícito que os problemas e as aflições podem ser o destino dos melhores cristãos, mesmo aqueles que têm as melhores razões para pensar e esperar o melhor de si mesmos. Os que estão designados às maiores alegrias podem mesmo assim ter de suportar as mais difíceis aflições. Assim como pessoas boas são suscetíveis a serem espalhadas, elas não podem achar estranho o fato de enfrentarem problemas. 2. Essas aflições e problemas exteriores são tentações para eles. O diabo se empenha para, por meio de sofrimentos e cruzes, atrair os homens para o pecado e detê-los dos seus deveres, ou torná-los incapazes para isso; mas, visto que nossas aflições estão nas mãos de Deus, elas têm como alvo a nossa provação e o desenvolvimento das nossas virtudes. O ouro é colocado na fornalha para que seja depurado. 3. Essas tentações podem ser diversas: "...*várias tentações*", como diz o apóstolo. As nossas provações podem ser de muitos e diferentes tipos, e por isso temos necessidade de colocar toda a armadura de Deus. Precisamos estar armados de todos os lados, porque as tentações estão em todos os lugares. 4. As provações de um bom homem são tais que ele não as cria para si mesmo, nem as atrai sobre si de maneira pecaminosa. Mas são do tipo em se diz que ele cai nelas. E por essa razão ele as suporta de uma forma melhor.

II As virtudes e deveres do estado de provação e aflição são aqui destacados para nós. Se prestássemos atenção nessas coisas, e se crescêssemos nelas como deveríamos, como seria bom para nós o fato de sermos afligidos.

1. Uma virtude cristã a ser exercitada é a alegria: "...*tende grande gozo...*" (v. 2). Não devemos afundar numa disposição mental triste e desconsolada, que nos faria desfalecer nas provações, mas precisamos nos empenhar em manter o nosso espírito elevado e firme, para melhor discernir a nossa situação, e para maior vantagem nossa devemos empenhar-nos em fazer o melhor dela. A filosofia pode instruir os homens a permanecerem calmos em suas dificuldades; mas o cristianismo lhes ensina a serem alegres, porque esses exercícios provêm do amor e não da ira de Deus. Nelas somos conformados a Cristo, nosso cabeça, e elas se tornam marcas da nossa adoção. Ao sofrermos nos caminhos da jus-

tiça, servimos aos interesses do reino do nosso Senhor entre os homens, e edificamos o corpo de Cristo; e nossas provações vão fazer brilhar nossas virtudes agora e a nossa coroa no final. Por isso, há razões para termos grande gozo quando provações e dificuldades nos encontram no caminho do nosso dever. E isso não é um paradoxo restrito ao Novo Testamento, mas até no tempo de Jó se dizia: "*Eis que bem-aventurado é o homem a quem Deus castiga*". Há ainda mais razões para se ter alegria nas aflições se considerarmos as outras virtudes promovidas por elas.

2. A fé é a virtude que uma expressão pressupõe e a outra requer expressamente: "...*sabendo que a prova da vossa fé...*" (v. 3), e então no versículo 6: "*Peça-a, porém, com fé*". Precisa haver uma confiança sólida nas grandes verdades do cristianismo, e um resoluto apego a elas, em tempos de provação. Essa fé da qual se fala aqui como provada pelas aflições consiste na crença no poder, na palavra e na promessa de Deus, e na fidelidade e constância ao Senhor Jesus.

3. Precisa haver paciência: "...*a prova da vossa fé produz a paciência*". A provação de uma virtude produz a outra; e quanto mais as virtudes sofredoras do cristão são exercitadas, mais elas são fortalecidas. "...*a tribulação produz a paciência*" (Rm 5.3). Agora, para exercer corretamente a paciência cristã, precisamos: (1) Deixá-la agir. Não é uma coisa estática, mas ativa. A apatia estóica e a paciência cristã são coisas muito diferentes. Por aquela os homens se tornam, em certo sentido, insensíveis às suas aflições; mas por esta eles se tornam triunfantes nelas e sobre elas. Que tomemos cuidado, em tempos de provação, para que a paciência, e não a ira, seja colocada em operação; não importa o que for dito ou feito, que a paciência tenha a última palavra. Não permitamos que o abandono às nossas emoções impeça a operação e os nobres efeitos da paciência; que lhe demos permissão para agir, e aí vai operar milagres em época de dificuldades. (2) Precisamos permitir que tenha sua obra perfeita. Não faça nada para limitá-la nem para enfraquecê-la, mas deixe que tenha completa atuação. Se uma aflição vier no encalço da outra, e uma série delas se enfileirar, deixe que a paciência atue até que a obra esteja aperfeiçoada. Quando suportamos tudo que Deus estabelece, e enquanto Ele estabelece, e com humilde obediência olhamos para Ele, e quando não somente suportamos os problemas, mas nos alegramos neles, então a paciência tem a sua obra perfeita. (3) Quando a obra da paciência estiver completa, então o cristão estará inteiro, e nada faltará. Isso vai nos prover com tudo que é necessário para a nossa corrida e batalha cristãs, e vai nos capacitar a perseverar até o final, e então a sua obra estará terminada e coroada de glória. Depois de termos nos tornado abundantes em outras virtudes, necessitamos *de paciência* (Hb 10.36). Mas deixemos que tenha "...*a paciência a sua obra perfeita,* [...] *sem faltar em coisa alguma*".

4. A oração é um dever recomendado para os cristãos sofredores; e aqui o apóstolo mostra: (1) O que devemos pedir mais especificamente – sabedoria: "...*se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus*". Não deveríamos orar tanto pela remoção de uma aflição quanto por sabedoria para fazer o uso correto dela. E quem há que não queira sabedoria em grandes aflições e testes para guiá-lo no seu discernimento das coisas, no domínio da sua própria esperança e temperamento e na administração dos seus negócios? Ser sábio em épocas de provação é um dom especial de Deus, e é a Ele que devemos buscar. (2) De que forma isso deve ser obtido – por meio das nossas petições e súplicas. Que os tolos se tornem suplicantes diante do trono da graça, e de forma justa se tornarão sábios. Não está dito: "Peça-a aos homens", não, não a peça a homem algum, mas: "Peça-a a Deus", que o fez e lhe deu seu entendimento e capacidade de raciocínio em primeiro lugar, àquele em quem estão todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Confessemos nossa falta de sabedoria a Deus e a peçamos dele diariamente. (3) Temos o maior encorajamento para fazer isso: Deus "...*a todos dá liberalmente e não o lança em rosto*". Aliás, é expressamente prometido que "...*ser-lhe-á dada*" (v. 5). Aqui está algo como resposta a todo momento de desencorajamento da mente, quando vamos a Deus, com a sensação da nossa própria fraqueza e tolice, para pedir sabedoria. Aquele a quem somos enviados, disso estamos certos, tem para dar. E Ele tem uma disposição doadora, inclinado a conceder isso a quem pedir. Nem há temor algum de seus favores serem limitados a alguns nesse caso, ou de excluir outros, ou alguma humilde alma suplicante; pois Ele dá *a todos*. Se você disser que necessita de uma grande porção de sabedoria, que uma pequena parte não será suficiente no seu caso, o apóstolo afirma: Ele "...*dá liberalmente...*"; e para que você não fique com receio de ir a Ele fora de época, ou de ser envergonhado por sua tolice, ele acrescenta: "...*e não o lança em rosto*". Peça quando quiser, e quanto quiser, e não enfrentará repreensão. E se, depois de tudo, alguém disser: "Esse pode ser o caso de alguns, mas eu sinto que não terei o mesmo sucesso em buscar sabedoria que alguns outros tiveram", que esse considere quão particular e expressa é a promessa: "...*e ser-lhe-á dada*". É justo então que os tolos pereçam na sua tolice, se a sabedoria pode ser obtida por um simples pedido, e eles não oram a Deus para pedi-la. Mas: (4) Há uma coisa que é necessário ser observada no nosso pedido, isto é, que o façamos com uma mente confiante e firme. "*Peça-a, porém, com fé, não duvidando*" (v. 6). A promessa acima é muita específica, levando essa cláusula junto conosco. A sabedoria será dada àqueles que a pedirem a Deus, desde que creiam que Deus é poderoso para tornar os simples em pessoas sábias, e é fiel para fazer valer a sua Palavra àqueles que recorrerem a Ele. Foi nessa condição que Cristo insistiu, ao tratar daqueles que vieram a Ele para pedir cura: "*Crês tu que sou capaz de fazer isso?*" Não deve haver dúvida, nenhum vacilo diante da promessa de Deus por meio da incredulidade, ou por meio de uma sensação de desvantagens que estejam do nosso lado. Por isso, vemos:

5. Que singularidade e sinceridade de intenção, e firmeza da mente, constituem mais um dever exigido na aflição: "...*o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte*". Ser elevado às vezes pela fé e então ser derrubado novamente pela desconfiança – às vezes cavalgar em direção ao céu, com a intenção de obter honra, e imortalidade, e então afundar novamente na busca do conforto do corpo, ou do prazer deste mundo –, isso é

adequada e elegantemente comparado às ondas do mar, que sobem e caem, crescem e afundam, assim como o vento as lança para cima e para baixo, nesta direção ou naquela. Uma mente que tem apenas uma simples e principal consideração pelo seu interesse espiritual e eterno, e que se mantém firme nos seus propósitos para com Deus, cresce em sabedoria por meio das aflições, continua fervorosa em sua devoção e está acima de todas as provações e oposições. Então, para a cura do espírito vacilante e da fé fraca, o apóstolo mostra os efeitos prejudiciais deles: (1) No fato de que o sucesso da oração é danificado por isso: "*Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa*" (v. 7). Uma pessoa tão desconfiada, mutável e insegura provavelmente não vai valorizar um favor de Deus como deveria, e por isso não pode esperar recebê-la. Ao pedirmos sabedoria divina e celestial provavelmente não teremos condições de prevalecer se não tivermos um coração que a valorize mais do que rubis, e as maiores coisas neste mundo. (2) Uma fé e um espírito vacilantes têm influência negativa sobre os nossos relacionamentos. "*O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos*" (v. 8). Quando nossa fé levanta e cai com segundas causas, haverá grande instabilidade em todas as nossas conversas e atos. Isso às vezes pode expor os homens ao desprezo no mundo; mas é certo que tais caminhos não podem agradar a Deus nem obter bem algum para nós no final. Enquanto temos somente um Deus em quem confiar, temos somente um Deus por quem somos governados, e isso deveria nos manter inalteráveis e firmes. Aquele que é instável como a água não se distinguirá. Com base nisso:

III É descrito o temperamento santo e humilde do cristão, tanto no progresso quanto na humilhação. E tanto o pobre quanto o rico são orientados quanto ao fundamento em que devem construir sua alegria e conforto (vv. 9-11). Aqui podemos observar: 1. Os de nível baixo devem ser vistos como irmãos: "...*o irmão abatido*...". A pobreza não deve destruir a relação entre os cristãos. 2. Bons cristãos podem ser ricos no mundo (v. 10). A graça e a riqueza não são completamente incompatíveis. Abraão, o pai dos fiéis, era rico em ouro e prata. 3. Ambos têm permissão de se alegrarem. Nenhuma posição social nos exclui da capacidade de nos alegrarmos em Deus. Se não nos alegramos nele sempre, é nossa própria culpa. Os de nível modesto podem se alegrar, se eles são exaltados a serem ricos em fé e herdeiros do Reino de Deus (como o Dr. Whitby explica essa passagem); e os ricos podem se alegrar nas humildes providências, ao produzirem uma disposição mental modesta e humilde, que é muito valiosa aos olhos de Deus. Sempre que alguém se faz pobre por causa da justiça, a sua própria pobreza é a sua exaltação. É uma honra ser desonrado por causa de Cristo. "*Porque a vós vos foi concedido* [...] *padecer por ele*" (Fp 1.29). Todos que são humilhados e se tornam inferiores pela graça podem se regozijar na perspectiva da sua exaltação final no céu. 4. Observe que razão os ricos têm, não obstante suas riquezas, para serem humildes e modestos aos seus próprios olhos, porque tanto eles quanto suas riquezas passarão. "*Porque sai o sol com ardor, e a erva seca, e a sua flor cai*", ele e sua riqueza com ele (v. 11). Daí observamos: A riqueza do mundo é uma coisa que seca e murcha. As riquezas são muito incertas (diz o Sr. Baxter nessa passagem), coisas insignificantes demais para que façamos grandes ou justas mudanças na nossa mente. Assim como a flor murcha diante do calor do sol escaldante, "...*assim se murchará também o rico em seus caminhos*". Seus projetos, conselhos e sua conduta neste mundo são chamados *seus caminhos*; nestes, ele *murchará*. Por essa razão, que o rico não se alegre tanto na providência de Deus, que o faz rico, mas na graça de Deus, que o faz e mantém humilde; e naquelas provações e testes que o ensinam a buscar sua felicidade em Deus e das mãos dele, e não nesses prazeres que perecem.

IV Uma bênção é pronunciada sobre os que perseveram em seus testes e provações, como está dito aqui: "*Bem-aventurado o varão que sofre a tentação*" (v. 12). Observe: 1. Não é o homem que sofre somente que é abençoado, mas aquele que persevera, que com paciência e constância passa pelas dificuldades no caminho dos seus deveres. 2. As aflições não podem nos tornar miseráveis se não tivermos culpa. Uma bênção pode surgir delas, e podemos ser abençoados nelas. Elas estão tão distantes de tomarem a felicidade de um homem bom que na verdade a aumentam. 3. Os sofrimentos e tentações são o caminho para a bem-aventurança eterna: "...*quando for provado, receberá a coroa da vida*", *dokimos genomenos – quando for aprovado*, quando suas virtudes forem consideradas sólidas e do mais elevado valor (assim os metais são provados quanto à sua excelência pelo fogo), e quando sua integridade for manifesta e tudo for aprovado pelo grande Juiz. Daí observe: Ser aprovado por Deus é o grande alvo do cristão em todas as suas provações; e será sua bem-aventurança no final, quando receber a coroa da vida. O cristão provado será um cristão coroado. E a coroa que ele vai usar será a coroa da vida. Será vida e felicidade para ele, e vai durar para sempre. Somente carregamos a cruz por um breve período, mas vamos usar a coroa por toda a eternidade. 4. Essa bem-aventurança, incluída numa coroa da vida, é uma coisa prometida ao justo sofredor. Por isso é algo de que podemos mais certamente depender; pois, quando céus e terra passarem, essa palavra de Deus não deixará de ser cumprida. Mas, além disso, observemos que a nossa recompensa futura vem, não como uma dívida, mas por uma promessa graciosa. 5. Nossa perseverança nas tentações deve vir do princípio do amor por Deus e por nosso Senhor Jesus Cristo, ou então não estamos interessados nessa promessa: "...*o Senhor tem prometido aos que o amam*". Paulo diz que um homem pode dar até o seu corpo para ser queimado, e mesmo assim não agradar a Deus, nem ser considerado por Ele, em virtude de sua falta de caridade, ou de um amor sincero por Deus e os homens (1 Co 13.3,6). A coroa da vida é prometida não somente a grandes e eminentes santos, mas a todos que têm o amor de Deus reinando no seu coração. Todo cristão que realmente ama a Deus terá as suas provações neste mundo completamente recompensadas naquele mundo acima onde *o amor é aperfeiçoado.*

O Método e Resultado do Pecado
vv. 13-18

I Somos ensinados aqui que Deus não é o causador do pecado de nenhum homem. Seja quem for que suscita perseguições contra os homens, e seja qual for a injustiça ou o pecado de que são culpados no seu procedimento contra eles, Deus não pode ser acusado disso. E, quaisquer que forem os pecados a que bons homens sejam provocados pelos seus testes e aflições, Deus não é a causa deles. Parece que se supõe aqui que alguns mestres podem cair na hora da tentação, que a vara que pesa sobre eles pode conduzir alguns para maus caminhos e os fazer estender suas mãos para a iniqüidade. Mas embora isso possa ser o caso, e embora tais delinqüentes queiram tentar colocar a culpa em Deus, contudo a culpa da sua conduta imprópria precisa recair totalmente sobre eles mesmos. Porque: 1. Não há nada na natureza de Deus em que eles possam colocar a culpa: "*Ninguém, sendo tentado* a tomar algum caminho mau, ou a fazer alguma coisa má, *diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal*". Todo mal no campo da moralidade é devido a alguma desordem no ser que é culpável dele, à falta de sabedoria, ou de poder, ou de decoro e pureza da vontade. Mas quem pode acusar o Deus santo da falta desses aspectos, que são a sua própria essência? Nenhuma circunstância jamais pode tentá-lo a desonrar-se a si mesmo, e por isso Ele não pode ser tentado ao mal. 2. Não há nada na dispensação providencial de Deus em que a culpa do pecado de qualquer homem lhe possa ser atribuída (v. 13): "*...e a ninguém tenta*". Visto que Deus não pode ser tentado ao mal, assim tampouco pode Ele ser o tentador de outros. Ele não pode ser um promotor do que é repugnante à sua natureza. A mente carnal está disposta a lançar a culpa dos seus pecados sobre Deus. Há algo de hereditário nisso. Nosso primeiro pai Adão disse a Deus: "*A mulher que tu me deste...*" me tentou, com isso, na verdade, lançando a culpa sobre Deus, por lhe dar quem o tentou. Que nenhum homem diga isso. É um grande mal pecar; mas é muito pior, depois que erramos, culpar a Deus por isso e dizer que foi devido a Ele. Aqueles que colocam a culpa dos seus pecados ou na sua constituição ou nas condições do mundo, ou que simulam estar numa necessidade fatal de pecar, são injustos para com Deus, como se Ele fosse o autor do pecado. As aflições, quando enviadas por Deus, são designadas a desenvolver as nossas virtudes, e não as nossas perversões.

II Somos ensinados onde está a verdadeira causa do mal, e em que deve ser colocada a culpa (v. 14): "*Mas cada um é tentado* (no mau sentido), *quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência*". Em outras passagens das Escrituras, o diabo é chamado *o tentador*, e outras coisas às vezes podem cooperar para nos tentar; mas nem o diabo, nem outra pessoa ou coisa devem ser culpados para nos desculparmos a nós mesmos; pois a verdadeira origem do mal e da tentação está no nosso próprio coração. A matéria combustível está em nós, embora a chama possa ser acesa por alguma causa exterior. E, portanto, "*...se fores escarnecedor tu só o suportarás*" (Pv 9.12). Observe aqui: 1. O método do pecado nos seus procedimentos. Primeiro atrai e depois engana. Assim como a santidade é constituída de duas partes – abandonar o que é mau e apegar-se ao que é bom, assim essas duas coisas, de forma inversa, são as duas partes do pecado. O coração é afastado do que é bom, e enganado para se apegar ao que é mau. Primeiro é alienado da vida com Deus por meio de inclinações perversas, ou pela lascívia ou cobiça por algo sensual ou mundano, e então degrau a degrau é preso no curso do pecado. 2. Podemos observar com base nisso o poder e a astúcia do pecado. A palavra traduzida aqui por *atraído* significa ser puxado ou compelido forçosamente. A palavra traduzida por *engodado* significa ser persuadido e iludido por fascinações e representações enganosas das coisas, *exelkomenos kai delazomenos*. Muita violência é feita contra a consciência e a mente pelo poder da depravação; e há muita esperteza e engano e bajulação no pecado para nos conquistar para os seus interesses. A força e o poder do pecado nunca poderiam prevalecer, se não fosse por sua astúcia e logro. Os pecadores que sucumbem são iludidos e lisonjeados para a sua própria destruição. E isso vai justificar a Deus para sempre na condenação deles, que eles se destruíram a si mesmos. O pecado está diante da própria porta deles, e por isso seu sangue estará sobre a sua própria cabeça. 3. O sucesso da corrupção no coração (v. 15): "*Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado*"; isto é, depois de o pecado ter tido permissão para excitar desejos em nós, logo vai amadurecer esses desejos até o consentimento, e então se diz que foi concebido. O pecado de fato existe, embora seja apenas no embrião. E, quando cresce ao seu completo tamanho na mente, é então expresso na execução de fato. Portanto, devemos interromper o início do pecado, ou senão todos os males que ele produz precisam ser totalmente debitados na nossa conta. 4. O resultado final do pecado, e como ele termina: "*...o pecado, sendo consumado, gera a morte*". Depois que o pecado é expresso em ações concretas, a sua *consumação* (como o Dr. Manton observa) é o seu fortalecimento por meio de atos freqüentes e ele é transformado em um hábito. E, quando as iniqüidades dos homens são assim completadas, gera-se a morte. Há uma morte para a alma, e uma morte para o corpo. E além da morte espiritual e temporal, o salário do pecado é também a morte eterna. Que nos arrependamos, portanto, do pecado, e o abandonemos, antes que seja concluído. "*Pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?*" (Ez 33.11). Deus não tem prazer na sua morte, assim como não tem participação no seu pecado; mas ambos, o pecado e a miséria, são devidos a você mesmo. Os próprios desejos e corrupções do seu coração são os seus tentadores; e quando degrau a degrau eles o tiverem afastado de Deus, e tiverem concluído o poder e o domínio do pecado em você, então vão se revelar como seus destruidores.

III Somos ensinados ainda que, ao passo que somos os autores e causadores de todo o pecado e miséria para nós mesmos, Deus é o Pai de "*Toda boa dádiva...*" (v. 17). Devemos ter cuidado especial em não errar nas nossas concepções de Deus: "*Não erreis, meus amados irmãos, me lanasthe – não vos desvieis*, da palavra de Deus, e do conteúdo de que tendes nela.

Não divagueis para opiniões errôneas, e não vos desvieis do padrão da verdade, das coisas que recebestes do Senhor Jesus e pela direção do seu Espírito". As opiniões vagas de Sinon, e dos nicolaítas (que foram seguidos pelos gnósticos, uma seita extremamente pervertida), talvez sejam o alvo mais específico das advertências do apóstolo aqui. Aqueles que estão dispostos a examinar isso podem consultar o primeiro livro de Irineu contra as heresias. Homens pervertidos podem abraçar e defender as noções que quiserem; a verdade, como está em Jesus, é a seguinte: que Deus não é e não pode ser o autor e patrono de qualquer coisa má; mas precisa ser reconhecido como a causa e fonte de tudo que é bom: "*Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes*" (v. 17). Observe aqui: 1. Deus é o Pai das luzes. A luz visível do sol e dos corpos celestes provém dele. Ele disse: "*Haja luz. E houve luz*". Assim Deus é ao mesmo tempo representado como o Criador do sol e em certo sentido comparado a ele. "Assim como o sol é o mesmo em sua natureza e influências, embora a terra e as nuvens, ao se interporem, façam-no parecer constantemente variável, por meio do nascer e do ocaso, e por suas diferentes aparências, ou retração completa, assim Deus é imutável, e nossas mudanças e sombras não provêm de nenhuma mutabilidade ou alteração sombria nele, mas de nós mesmos". Baxter. O Pai das luzes, "*...em quem não há mudança, nem sombra de variação*". O que o sol é em natureza, Deus é em graça, providência e glória; e sempre infinitamente mais. Pois: 2. Toda boa dádiva vem dele. Como o Pai das luzes, Ele dá a luz da razão. "*...a inspiração do Todo-poderoso os faz entendidos*" (Jó 32.8). Ele também dá a luz do entendimento: a sabedoria de Salomão no conhecimento da natureza, na arte de governar e em todas as suas realizações, é atribuída a Deus. A luz da revelação divina vem mais imediatamente de cima. A luz da fé, da pureza e de todas as maneiras de consolação vem dele. Assim que não temos nada de bom, a não ser o que recebemos de Deus, bem como não há mal ou pecado em nós, ou feito por nós, que não possa ser atribuído a nós mesmos. Precisamos reconhecer Deus como o autor de todas as capacidades e perfeições que há na criatura, e como o doador de todos os benefícios que temos nessas capacidades e perfeições e por meio delas. Mas nenhum de seus aspectos escuros, suas imperfeições ou suas más ações devem ser postas na conta do Pai das luzes. Dele procede toda dádiva boa e perfeita, tanto pertinente a esta vida quanto à vida por vir. 3. Como toda boa dádiva procede de Deus, assim também particularmente toda a renovação da nossa natureza, nossa regeneração e todas as sagradas e felizes conseqüências dela, precisam ser atribuídas a Ele (v. 18): "*Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade*". Aqui observamos: (1) Um verdadeiro cristão é uma criatura regenerada. Ele se torna uma pessoa tão diferente do que era antes das influências renovadoras da graça divina como se tivesse sido formado novamente, nascido de novo. (2) A origem dessa boa obra é anunciada aqui: é da própria vontade de Deus. Não por nossa habilidade ou vontade; não de algum bem antevisto em nós, ou feito por nós, mas puramente da boa vontade e da graça de Deus. (3) Os meios pelos quais isso é realizado são destacados: *a palavra da verdade*, isto é, o evangelho, como Paulo expressa mais diretamente em 1Coríntios 4.15: "*Porque eu, pelo evangelho, vos gerei em Jesus Cristo*". Esse evangelho é de fato a palavra da verdade, ou então nunca poderia produzir efeitos tão reais, tão duradouros, tão grandes e nobres. Podemos confiar nisso, e arriscar nossa alma imortal nisso. E vamos descobrir que é um meio de santificação assim como é a palavra da verdade (Jo 17.17). (4) O propósito e o plano de Deus em dar a sua graça renovadora são colocados aqui: "*...para que fôssemos como primícias das suas criaturas*" – para que fossem a porção e o tesouro de Deus, e uma propriedade peculiar dele, assim como eram os primeiros frutos; e para que se tornassem santos para o Senhor, assim como os primeiros frutos eram consagrados a Ele. Cristo é o primeiro fruto dos cristãos, e aqueles cristãos eram os primeiros frutos das criaturas.

Sobre o Impedimento das Afeições Corruptas. O Dever dos Ouvintes. A Religião Prática

vv. 19-27

Nessa parte do capítulo, o autor requer de nós:

I Que dominemos as nossas paixões. Deveríamos aprender essa lição nas aflições; e isso iremos aprender se formos realmente gerados de novo pela palavra da verdade. Pois está estabelecida a conexão: um espírito irado e precipitado logo é provocado a fazer coisas más pelas aflições, e os erros e opiniões indevidos se tornam predominantes por meio das realizações de nossas próprias paixões vis e vãs; mas a graça renovadora de Deus e a palavra do evangelho nos ensinam a dominá-las: "*Sabeis isto, meus amados irmãos; mas todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar*" (v. 19). Isso pode se referir: 1. À palavra da verdade da qual fala o versículo anterior. E assim podemos observar: É nosso dever antes ouvir a palavra de Deus e aplicá-la ao entendimento da nossa mente do que falar de acordo com nossas próprias fantasias e as opiniões dos homens, e assim acabar em atos passionais e violentos por conta disso. Não deixemos que erros como o de acusar a Deus de ser a razão do pecado do homem sejam mencionados por nós apressadamente, e muito menos iradamente (como também de outros erros); mas estejamos dispostos a ouvir e considerar o que a palavra de Deus nos ensina em tais casos. 2. Isso pode ser aplicado às aflições e tentações mencionadas no início do capítulo. E então podemos observar: É nossa obrigação antes ouvir como Deus explica suas providências, e o que Ele planejou com elas, do que dizer o que Davi disse na sua precipitação: "*Estou cortado de diante dos teus olhos*" (Sl 31.22); ou como Jonas disse na sua raiva: "*É razoável a minha ira*" (cap. 4.9, versão RA). Em vez de repreendermos a Deus nas nossas provações, devemos abrir os nossos ouvidos e o coração para ouvir o que Ele quer nos dizer. 3. Isso pode ser compreendido como uma referência às disputas e diferenças que os cristãos, naquelas épocas de provação, estavam enfrentando entre si. E, portanto, essa parte do capítulo pode ser conside-

rada como não tendo conexão alguma com o que vem antes. Aqui podemos observar que, sempre que surgem questões de diferenças entre cristãos, cada parte deve estar disposta a ouvir a outra parte. As pessoas com freqüência são inflexíveis nas suas próprias opiniões porque não estão dispostas a ouvir o que os outros têm a lhes dizer. Ao passo que devemos ser rápidos em ouvir a verdade e a razão em todos os lados, e lentos em falar qualquer coisa que possa impedir isso. E, quando de fato falarmos, não deve haver nada de raiva; pois "*...a resposta branda desvia o furor*" (Pv 15.1). Visto que essa epístola foi escrita para corrigir uma série de desordens que existiam entre os cristãos, essas palavras – *pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar* – podem muito bem ser interpretadas de acordo com essa última explicação. E podemos ainda observar acerca delas que, se os homens dominassem a língua, dominariam sua ira e outras paixões. Quando o espírito de Moisés foi provocado, "*...ele falou imprudentemente com seus lábios*" (Sl 106.33). Se devemos ser tardios para falar, também devemos ser tardios para dar lugar à ira.

II Uma boa razão é apresentada para exercermos o domínio: "*Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus*" (v. 20). É como se o apóstolo tivesse dito: "Enquanto os homens com freqüência simulam zelo por Deus e sua glória no calor da sua excitação, que saibam que Deus não precisa de nenhuma de suas expressões de ira; sua causa é mais bem servida por brandura e mansidão do que por ira e fúria". Salomão diz: "*As palavras dos sábios devem em silêncio ser ouvidas, mais do que o clamor do que domina sobre os tolos*" (Ec 9.17). O Dr. Manton diz de algumas assembléias: "Se fôssemos tão rápidos para ouvir como somos rápidos para falar, haveria menos ira e mais proveito nas nossas reuniões. Lembro do episódio em que um maniqueu disputou com Agostinho, e com um clamor insistente gritou: *Ouve-me! Ouve-me!*, e o pai da igreja modestamente respondeu: *Nec ego te, nec tu me, sed ambo audiamus apostolum – Nem eu te ouvirei, nem tu me ouvirás, mas ouçamos ambos o apóstolo*". A pior coisa que podemos levar a uma controvérsia religiosa é a raiva. Por mais que seja usada como pretexto da preocupação pelo que é justo e correto, ela não é confiável. A *ira* é uma atitude humana, e a ira do homem é contrária à justiça de Deus. Os que têm a pretensão de servir a causa de Deus por meio dela mostram que não estão familiarizados nem com Deus nem com a sua causa. Esse sentimento precisa de vigilância especial quando estamos ouvindo a palavra de Deus. Veja 1 Pedro 2.1,2.

III Somos desafiados a suprimir outras inclinações, além da ira precipitada: "*...rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia*" (v. 21). A palavra aqui traduzida por *imundícia* significa aqueles desejos que contêm a maior depravação e sensualidade. E as palavras traduzidas por *acúmulo de malícia* podem ser compreendidas como referência ao transbordamento da malícia ou de qualquer outra impiedade espiritual. Com isso, somos ensinados, como cristãos, a ser vigilantes e deixar de lado não somente aquelas disposições e pendores mais grosseiros e carnais que designam uma pessoa imunda, mas todas as desordens de um coração corrompido, que o predispõem contra a palavra e os caminhos de Deus. Observe: 1. O pecado é uma coisa que corrompe; é chamado de a própria imundícia. 2. Há abundância de coisas más a serem vigiadas em nós; há *acúmulo de malícia*. 3. Não é suficiente reprimir as inclinações más, mas elas precisam ser rejeitadas e lançadas fora. Isaías 30.22: "*E as lançarás fora como um pano imundo e dirás a cada uma delas: Fora daqui!*" 4. Isso deve se estender não somente a pecados exteriores e a abominações maiores, mas a todos os pecados de pensamento e inclinação como também da fala e da prática; *pasan rhyparian – toda a imundícia*, tudo que é corrompido e pecaminoso. 5. Observe, com base nas partes anteriores do capítulo, que o lançar fora toda a imundícia é o que um período de tentações e aflições requer, e é o que é necessário para se evitar o mal, e para que haja a correta recepção e progresso na palavra da verdade; pois:

IV Somos instruídos plenamente, embora de modo breve, a ouvirmos a palavra de Deus.

1. Somos requisitados a nos preparar para isso (v. 21), a nos livrar de toda inclinação corrompida e de todo o preconceito e predisposição, e a deixar de lado aqueles pecados que pervertem o discernimento e cegam a mente. *Toda imundícia e acúmulo de malícia*, antes explicadas, precisam, de uma maneira especial, ser dominadas e lançadas fora, por todos os que dão atenção à palavra do evangelho.

2. Somos orientados acerca de como ouvi-la: "*...recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a vossa alma*". (1) Ao ouvirmos a palavra de Deus, devemos recebê-la – consentir com as verdades dela, consentir com as leis dela; recebê-la como o tronco recebe o enxerto; para que assim o fruto que é produzido possa ser, não de acordo com a natureza do tronco azedo, mas de acordo com a natureza daquela palavra do evangelho que é enxertada na nossa alma. (2) Precisamos, por isso, ceder à palavra de Deus, com a disposição mais submissa, humilde e dócil. Isso é recebê-la *com mansidão*. Estar disposto a ouvir dos nossos erros, e recebendo-a não somente com paciência, mas com gratidão, desejando também ser moldado e formado pelas doutrinas e preceitos do evangelho. (3) Em todo o nosso ouvir, devemos ter como alvo a salvação da nossa alma. É o desígnio da palavra de Deus tornar-nos sábios para a salvação; e aqueles que propõem a si mesmos qualquer propósito mais insignificante ou menor ao ouvir a palavra desonram o evangelho e decepcionam a sua alma. Devemos nos aproximar da palavra de Deus (quando a lemos e quando a ouvimos) como aqueles que sabem que ela é "*...o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê*" (Rm 1.16).

3. Somos ensinados quanto ao que fazer depois de ouvi-la (v. 22): "*E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos*". Observe aqui: (1) Ouvir com o propósito de fazer; o ouvir mais freqüente e mais atento da palavra de Deus não vai nos beneficiar se não formos também praticantes dos seus ensinamentos. Se ouvirmos um sermão todos os dias da semana, e um anjo do céu for o pregador, mesmo assim, se nos contentarmos com o mero ouvir, isso não

nos levará ao céu. Por isso o apóstolo insiste muito nisso (e, sem dúvida, isso é indispensavelmente necessário), que pratiquemos o que ouvimos. "Precisa haver prática interior por meio da meditação, e prática exterior por meio da verdadeira obediência". Baxter. Não é suficiente lembrar o que ouvimos, e ser capaz de repeti-lo, e dar testemunho disso, e recomendá-lo, e escrevê-lo, e preservar o que escrevemos; tudo isso serve, além de corroar o restante, para que sejamos praticantes da palavra. Observe: (2) Meros ouvintes são enganadores de si mesmos; sua argumentação é manifestamente enganosa e falsa quando fazem uma parte da palavra desculpá-los de uma obrigação sob a qual estão em relação a outra parte, ou quando se persuadem a si mesmos de que encher sua cabeça com noções é suficiente, embora o coração esteja vazio de bons sentimentos e boas resoluções, e a vida, infrutífera de boas obras. O auto-engano será revelado no final como o pior de todos.

4. O apóstolo mostra qual é o uso correto da palavra de Deus, quem são os que não a usam como deveriam, e quem são os que de fato fazem uso correto dela (vv. 23-25). Consideremos cada um deles distintamente: (1) O uso que devemos fazer da palavra de Deus pode ser aprendido da sua comparação a um espelho, em que um homem contempla "*...o seu rosto natural*". Como um espelho nos mostra as manchas e defeitos da nossa face, para que possam ser corrigidos e lavados, assim a palavra de Deus nos mostra os nossos pecados, para que nos arrependamos deles e obtenhamos o perdão deles. Mostra-nos o que está faltando para que possa ser corrigido. Há espelhos que lisonjeiam as pessoas; mas aquilo que é a verdadeira palavra de Deus não é espelho que lisonjeia. Se você se lisonjeia a si mesmo, é sua própria culpa. A verdade, como apresentada em Jesus, não lisonjeia ninguém. Que a palavra da verdade seja ouvida atentamente, e ela vai colocar diante de você a depravação da sua natureza, as desordens do seu coração e da sua vida; vai lhe dizer francamente o que você é. Paulo se descreve a si mesmo como insensível à depravação da sua natureza até que ele a pode enxergar no espelho da lei (Rm 7.9): "*Eu vivia sem lei*; isto é, eu entendi que tudo estava certo comigo, e pensei não somente que eu era puro, mas, comparado ao mundo em geral, também belo; *mas, vindo o mandamento*, quando o espelho da lei foi colocado diante de mim, *reviveu o pecado, e eu morri* – então vi minhas manchas e deformidades, e descobri que faltava em mim aquilo de que antes eu não estava consciente; e tal foi o poder da lei e do pecado que então percebi que eu estava num estado de morte e condenação". Assim, quando damos atenção à *palavra de Deus*, com o propósito de ver-nos a nós mesmos, nosso verdadeiro estado e condição, para corrigir o que está faltando, e nos moldar e vestir de novo segundo o espelho da palavra de Deus, isso é fazer uso apropriado dela. (2) Temos aqui um relato daquele que não usa o espelho da palavra de Deus como deveria: Ele "*...se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de como era*" (v. 24). Essa é a verdadeira descrição de alguém que ouve a palavra de Deus e não a pratica. Quantos há que, quando sentam para ouvir a palavra, são afetados em sua própria pecaminosidade, miséria e perigo, reconhecem o mal do pecado e sua necessidade de Cristo; mas, quando termina o seu ouvir, tudo é esquecido, as convicções são perdidas, as boas inclinações desaparecem e passam como as águas de uma enchente: "*...e logo se esqueceu de como era*". "A palavra de Deus (como diz o Dr. Manton) revela como podemos nos livrar do pecado e vestir e adornar a nossa alma com a justiça de Jesus Cristo. *Maculae sunt peccata, quae ostendit lex; aqua est sanguis Christi, quem ostendit evangelium – Os nossos pecados são as manchas que a lei revela; o sangue de Cristo é a bacia de lavar que o evangelho revela*". Mas em vão ouvimos a palavra de Deus e olhamos no espelho do evangelho, se saímos dali e esquecemos nossas manchas, em vez de lavá-las, e esquecemos o nosso remédio, em vez de aplicá-lo. Esse é o caso dos que não ouvem a palavra como deveriam. (3) São descritos também, e declarados bem-aventurados, aqueles que ouvem de forma correta e que usam o espelho da palavra de Deus como devem (v. 25): "*Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera...*". Observe aqui: [1] O evangelho é a lei da liberdade, ou, como o Sr. Baxter expressa, *da libertação*, dando-nos livramento da lei judaica, e do pecado e da culpa, e da ira e da morte. A lei cerimonial era um jugo de escravidão; o evangelho de Cristo é a lei da liberdade. [2] É uma lei perfeita; nada pode ser acrescentado a ela. [3] Ao ouvirmos essa palavra, olhamos para essa lei perfeita; nós a consultamos em busca de conselho e orientação; olhamos para ela para tomarmos as nossas decisões. [4] Somente olhamos para a lei da liberdade como devemos quando *nisso perseveramos* – "quando nos atemos ao estudo dela, até que ela se torne vida espiritual, enxertada em nós e digerida por nós" (Baxter) – quando não a esquecemos, mas a praticamos como nosso trabalho e ocupação, quando sempre a colocamos diante dos nossos olhos, e fazemos dela a regra constante das nossas conversas e comportamento, e modelamos a disposição da nossa mente segundo ela. [5] Quem faz isso e continua na lei e na palavra de Deus, é, e será bem-aventurado no seu feito; *tudo quanto fizer prosperará*, de acordo com Salmos 1, ao qual, pensam alguns, Tiago está se referindo aqui. O que medita na lei do Senhor, e anda segundo ela, diz o salmista, prosperará em tudo que fizer. E aquele que "*...não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra* que a palavra de Deus lhe propõe, diz Tiago, *este tal será bem-aventurado no seu feito*". Os romanistas propõem que aqui temos um texto claro para provar que somos bem-aventurados por nossas boas obras; mas o Dr. Manton, como resposta a essa pretensão, faz o leitor perceber as distinções das frases das Escrituras. O apóstolo não diz que é *por* seu feito que qualquer homem é bem-aventurado, mas *no* seu feito. Esse é um caminho no qual certamente encontraremos bem-aventuranças, mas não é a causa delas. As bem-aventuranças não estão em saber, mas em fazer a vontade de Deus. João 13.17: "*Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes*". Não é apenas falar, mas fazê-las, que vai nos levar ao céu.

V O apóstolo nos informa a seguir como podemos distinguir entre a religião vã e a que é pura e aprovada por Deus. Há grandes e acaloradas discussões no mundo acerca dessa questão: qual religião é falsa e vã, e qual é verdadeira e pura. Eu gostaria que os homens permitissem que as Escrituras determinas-

sem essa questão. E aqui está clara e peremptoriamente declarado:

1. O que é uma religião vã: "*Se alguém entre vós cuida ser religioso e não refreia a sua língua, antes, engana o seu coração, a religião desse é vã*". Aqui há três coisas a serem observadas: (1) Numa religião vã há muito espetáculo, o que parece ser religioso aos olhos dos outros. Isso, eu penso, é mencionado de maneira tal que dirige os nossos pensamentos para a palavra *cuida*. Quando os homens estão mais preocupados em parecer ou *cuidar* serem religiosos do que na verdade são, é sinal de que a religião deles não é mais do que vã. Não que a *religião* em si seja uma coisa vã (são muito injustos os que dizem: *Inútil é servir a Deus*), mas é possível que as pessoas a tornem uma coisa vã, se elas têm somente forma de piedade, e não o poder. (2) Numa religião vã há muita censura, insulto e difamação dos outros. O não refrear a língua aqui é principalmente uma referência ao não se abster desses males da língua. Quando ouvimos pessoas dispostas a falar mal das faltas dos outros, ou a censurá-las como cometendo erros escandalosos, ou a menosprezar e diminuir a sabedoria e piedade dos que estão à sua volta, para que elas mesmas pareçam mais sábias e melhores, isso é sinal de que têm uma religião que não é mais do que vã. O homem que tem uma língua difamadora não pode ter um coração verdadeiramente gracioso e humilde. Aquele que gosta de insultar o seu irmão sem motivo faz de conta que ama a Deus; portanto, uma língua que insulta prova, com isso, que o homem é hipócrita. A crítica é um pecado agradável, extremamente complacente com a natureza, e por isso evidencia um homem como estando no seu estado natural. Esses pecados da língua eram os grandes pecados daquela época em que Tiago escreveu (como outras partes dessa epístola mostram claramente); e é um forte sinal de uma religião vã (diz o Dr. Manton) ser dominado pelo mal da época. Esse tem sido sempre um dos principais pecados dos hipócritas, que quanto mais ambiciosos em parecer bem, mais livres estão em criticar e difamar outros; e há um intercâmbio tão intenso entre a língua e o coração que um pode ser conhecido pelo outro. Por conta disso é que o apóstolo tornou a língua incontrolada uma prova indubitavelmente segura da religião vã. Não há força nem poder na religião que não capacita um homem a refrear a sua língua. (3) Numa religião vã, um homem engana o seu próprio coração; ele continua de tal maneira a difamar os outros, e a se esforçar para parecer alguém, que no final a inutilidade de sua religião é consumada por meio do engano da sua própria alma. Quando a religião chega a ser uma coisa inútil, que grande inutilidade se torna!

2. Está declarado aqui clara e peremptoriamente em que consiste a verdadeira religião: "*A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta*" (v. 27). Observe: (1) É a glória da religião ser pura e não manchada; não misturada com as invenções dos homens nem com as corrupções do mundo. As falsas religiões podem ser conhecidas por sua impureza e falta de amor; de acordo com a de João, "...*qualquer que não pratica a justiça* não é de Deus nem aquele que *não ama a seu irmão*" (1 Jo 3.10). Mas, por outro lado, uma vida santa e um coração amoroso mostram a verdadeira religião. A nossa religião não é (diz o Dr. Manton) embelezada com cerimônias, mas com pureza e amor. E é uma boa observação dele, segundo a qual a religião que é pura precisa ser mantida imaculada. (2) É pura e imaculada aquela religião que o é assim perante Deus Pai. É correto aquilo que o é aos olhos de Deus, e que tem como principal alvo a aprovação dele. A verdadeira religião nos ensina a fazer tudo como na presença de Deus; e buscar o seu favor e se empenhar em agradá-lo em todas as nossas ações. (3) Compaixão e caridade pelos pobres e aflitos formam uma grande e necessária parte da verdadeira religião: "*Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações*". Visitar aqui representa todas as maneiras de alívio que somos capazes de dar aos outros; e os órfãos e viúvas são aqui especialmente mencionados, porque em geral eles são os mais suscetíveis de serem negligenciados e oprimidos. Mas com a referência a eles devemos entender todos os que são objetos adequados da caridade, todos os que estão aflitos. É notável que a essência da religião possa ser resumida em duas coisas: ser caridoso e aliviar os aflitos. Observe: (4) Uma vida imaculada precisa acompanhar o amor e a caridade não fingidos: "...*guardar-se da corrupção do mundo*". O mundo é capaz de manchar e sujar a alma, e é duro viver nele, ter de tratar com ele, e não se manchar; mas esse deve ser o nosso constante alvo. Nisso consiste a pura e verdadeira religião. As próprias coisas do mundo corrompem demais o nosso espírito, se nos familiarizamos demais com elas; mas os pecados e as paixões do mundo o desfiguram e mancham de forma realmente deplorável. João abrange *tudo o que há no mundo*, que não devemos amar, sob três áreas: "...*a concupiscência da carne a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*"; e manter-nos imaculados de todas elas é nos mantermos imaculados do mundo. Que Deus possa por sua graça manter tanto o nosso coração como a nossa vida puros, afastados do amor ao mundo, e das tentações de homens ímpios e mundanos.

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, o apóstolo condena a acepção pecaminosa dos ricos e o desprezo pelos pobres, que ele atribui à parcialidade e à injustiça, e mostra que é um ato contrário a Deus, que escolheu os pobres, e cujos interesses são muitas vezes perseguidos, e o seu nome, blasfemado, pelos ricos (vv. 1-7). Ele mostra que toda a lei deve ser cumprida, e a misericórdia, praticada, como também a justiça (vv. 8-13). Ele expõe o erro e a tolice dos que se jactam da fé sem obras, contando-nos que essa fé é morta, e é como a fé que os demônios têm, não a fé que Abraão tinha, ou Raabe (vv. 14-26).

A Consideração Devida aos Cristãos Pobres. Censura à Parcialidade

vv. 1-7

Tiago reprova aqui uma prática muito perversa. Ele mostra quanto dano há no pecado da *prosopolepsia* – a

acepção de pessoas, que parecia ser um erro em forte crescimento nas igrejas daqueles dias primitivos, e que, em épocas posteriores, perverteu e dividiu tristemente as nações e sociedades cristãs. Temos aqui:

I Uma advertência contra esse pecado esboçada de forma geral: "*Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas*" (v. 1). Observe aqui: 1. O caráter dos cristãos fica aqui subentendido: eles são tais que têm fé no nosso Senhor Jesus Cristo; eles a abraçaram; eles a receberam; eles regem sua vida por ela; eles levam em consideração a doutrina e se submetem à lei e ao governo de Cristo; eles a guardam como um dever e a guardam como um tesouro. 2. A maneira honrosa com que Tiago fala de Cristo. Ele o chama de *Senhor da glória.* Ele é "*...o resplendor da glória de Deus* e *a expressa imagem da sua pessoa*" (Hb 1.3). 3. O fato de Cristo ser o Senhor da glória deve nos ensinar a não respeitar os cristãos por nada menos do que a sua relação e conformidade com Cristo. Você que professa crer na glória do nosso Senhor Jesus Cristo, da qual os cristãos mais pobres devem participar igualmente com os ricos, e para a qual toda a glória mundana é nada mais que inutilidade, você não deve fazer com que as vantagens exteriores e terrenas dos homens sejam a medida do seu respeito. Ao professarmos a fé no nosso Senhor Jesus Cristo, não devemos mostrar respeito pelos homens e com isso obscurecer ou diminuir a glória do nosso glorioso Senhor. Não importa o que alguém possa pensar disso, mas certamente é um pecado abominável.

II Temos a descrição desse pecado e a advertência contra ele por meio de um exemplo (vv. 2,3): "*Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo...*". Por *ajuntamento* se deve entender aqui aquelas reuniões que eram marcadas para decidir questões de diferença entre os membros da igreja, ou para determinar se devia haver alguma repreensão a alguém, e o que seria essa repreensão. Por isso, a palavra grega usada aqui, *synagoge*, significa uma assembléia como a que ocorria nas sinagogas judaicas, quando se reuniam para fazer justiça. Maimônidas diz (como citado pelo Dr. Manton): "É expressamente proibido pela constituição judaica que, quando um pobre e um rico pleiteiam uma causa juntos, não se dará ordem ao rico para que sente ou ao pobre que levante, ou que este sente num lugar pior, mas ambos sentarão ou ficarão em pé igualmente". As frases usadas pelo apóstolo têm uma referência muito clara a isso, e por isso o ajuntamento de que se fala aqui devia ser algo semelhante às assembléias das sinagogas dos judeus, quando eles se reuniam para ouvir demandas e executar a justiça. A essas são comparadas a arbitragem e as censuras das suas assembléias cristãs. Mas precisamos ser cuidadosos em não aplicar o que se diz aqui às reuniões comuns de adoração. Pois nessas certamente se podem indicar diferentes lugares para pessoas de acordo com sua posição e circunstâncias, sem com isso fazer acepção de pessoas. Não entendem o apóstolo aqueles que aplicam a sua severidade a essa prática; eles não consideram a palavra *juízes* (usada no v. 4), nem o que se diz de serem convictos como transgressores da lei, se tiverem tal acepção de pessoas como é mencionada no versículo 9. Portanto, veja assim a questão: "Entra *no vosso ajuntamento* (quando da mesma natureza daquelas assembléias da sinagoga) *algum homem* que é distinguido pela sua roupa, e que tem aparência especial, *e entra também algum pobre com sórdida vestimenta*, então vós agis com parcialidade, e tomais a decisão errada, só porque um dá uma impressão melhor, ou está em melhores circunstâncias do que o outro". Observe: 1. Deus tem o seu remanescente entre todos os tipos de pessoas, entre os que vestem roupa macia e vistosa, e entre os que vestem roupas parcas e desprezíveis. 2. Em questões de religião, ricos e pobres estão no mesmo nível; nenhum homem é colocado em posição mais próxima de Deus em virtude de suas riquezas, nem o pobre é colocado a uma distância de Deus em virtude de sua pobreza. "*Porque para com Deus não há acepção de pessoas*" (Rm 2.11), e por isso, em termos de consciência, tampouco deveria haver acepção em nós. 3. Deve haver vigilância especial contra toda a honra indevida por grandeza e riquezas mundanas na sociedade cristã. Tiago não encoraja aqui a grosseria e a desordem. O respeito civil precisa ser prestado, e alguma diferença precisa ser permitida no nosso comportamento com pessoas de diferentes posições; mas esse respeito nunca pode ser tal que influencie o procedimento de sociedades cristãs na administração dos ofícios da igreja, ou em administrar a censura na igreja, ou em qualquer coisa que seja puramente uma questão da religião; aqui não podemos diferenciar homem algum segundo a carne. É do caráter do cidadão de Sião que a seus olhos "*...o réprobo é desprezado; mas ele honra os que temem ao Senhor*". Se um pobre honra o Senhor, não podemos honrá-lo menos em virtude de sua pobreza; e, se um rico é um homem mau (embora vista roupas brilhantes e faça uma bela profissão de fé), não podemos valorizá-lo nem um pouco a mais em virtude de suas riquezas. 4. A importância que tem a regra pela qual julgamos os homens; se comumente julgamos por aparências exteriores, isso vai influenciar demais o nosso espírito e nossa conduta nos ajuntamentos religiosos. Há muitos homens cuja maldade mostra que são vis e desprezíveis, mas que mesmo assim conseguem ter uma fachada no mundo; e, por outro lado, há muitos cristãos humildes, bons e celestiais, que usam roupas inferiores; mas nem eles nem sua prática cristã devem ser considerados piores por conta disso.

III Temos aqui a declaração da importância desse pecado (vv. 4,5). É grande parcialidade, é injustiça, é colocar-nos contra Deus, que escolheu os pobres, e vai honrá-los e promovê-los (se forem bons), e quem vai desprezá-los? 1. Nesse pecado, há parcialidade vergonhosa: "*...porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos?*" Aqui é colocada a questão sobre o que não poderia deixar de ser respondido pela consciência de todo homem se fosse colocado seriamente diante dele. De acordo com a leitura exata do original: "Vós já não fizestes distinção? E, nessa distinção, não estais julgando por uma regra falsa, e vos baseando em medidas falsas? E a acusação da parcialidade condenada pela lei não está totalmente contra

vós? A vossa própria consciência não vos diz que sois culpados?". Os apelos à consciência são de grande utilidade, quando estamos tratando com pessoas que fizeram uma profissão de fé, mesmo que tenham caído em um estado corrompido. 2. Essa distinção de pessoas é devida ao mal e à injustiça dos pensamentos. Como a disposição, a conduta e os procedimentos são parciais, assim são maus o coração e os pensamentos, de onde tudo procede: "Vós vos tornastes juízes de maus pensamentos; isto é, sois juízes de acordo com aquelas injustas estimativas e opiniões corrompidas que fizestes de vós mesmos. Traçai a vossa parcialidade até que chegueis àqueles pensamentos escondidos que a acompanham e a sustentam, e descobrireis que eles são extremamente maus. Secretamente preferis pompa exterior à graça interior, e as coisas que são visíveis às que não são vistas". A deformidade do pecado nunca é verdadeira e totalmente discernida até que o mal dos nossos pensamentos seja revelado. E é isso que agrava extremamente as faltas do nosso temperamento e da nossa vida – "*...que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente*" (Gn 6.5). 3. Essa acepção de pessoas é um pecado abominável, porque significa nos posicionarmos abertamente contra Deus (v. 5): "*Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé* [...] *Mas vós desonrastes o pobre* (v. 6). Deus tornou herdeiros do Reino aqueles de quem vós desprezais a reputação, e deu promessas grandes e gloriosas àqueles a quem não podeis nem sequer dar uma boa palavra ou um olhar respeitoso. E isso não é um pecado monstruoso em vós que dizeis ser filhos de Deus e conformados a Ele? *Ouvi, meus amados irmãos*; por todo amor que tenho por vós, e toda a consideração que tendes por mim, suplico que pensais nestas coisas. Observai que muitos dos pobres deste mundo são os escolhidos de Deus. O fato de serem escolhidos de Deus não os impede de serem pobres; o fato de serem pobres não prejudica de forma alguma as evidências de serem escolhidos. Mateus 11.5: *Aos pobres é anunciado o evangelho*". Deus planejou recomendar a sua santa religião à avaliação e consideração dos homens, não pelas vantagens exteriores da aparência e pompa, mas pelo seu valor e excelência intrínsecos; e por isso escolheu os pobres deste mundo. Novamente, observe que muitos pobres do mundo são ricos em fé; assim os mais pobres podem se tornar ricos; e é disso que precisam se tornar especialmente ambiciosos. Espera-se dos que têm riquezas e propriedades que sejam ricos em boas obras, porque quanto mais tiverem, mais terão com que fazer o bem; mas se espera dos pobres no mundo que sejam ricos em fé, pois quanto menos têm aqui, mais eles podem, e devem, viver na expectativa confiante de coisas melhores num mundo melhor. Observe ainda: Cristãos que crêem são ricos em títulos, e como herdeiros de um reino, embora possam ser muito pobres com relação a posses presentes. O que é colocado sobre eles é somente um pouco; o que é guardado para eles é indizivelmente esplêndido e grande. Observe novamente: Onde alguém é rico em fé, aí também haverá amor divino; a fé agindo no amor vai estar em todos os herdeiros da glória. Observe mais uma vez, sob esse título: O céu é um reino, e um reino prometido aos que amam a Deus. Lemos da coroa prometida aos que amam a Deus, no capítulo anterior (v. 12); aqui descobrimos que também há um reino. E, como a coroa é uma coroa da vida, assim o reino será um reino eterno. Todas essas coisas consideradas juntas mostram como é grande agora a honra dos pobres neste mundo, se forem ricos em fé, e como serão promovidos por Deus no porvir; e, conseqüentemente, como é algo extremamente pecaminoso desprezar os pobres. Após essas considerações, a acusação é severa de fato: "*Mas vós desonrastes o pobre*" (v. 6). 4. A acepção de pessoas, no sentido desta passagem, por conta das suas riquezas e da aparência exterior, é apresentada como um pecado muito grave, em virtude dos prejuízos devidos à riqueza e grandeza mundanas, e a tolice que há no fato de cristãos prestarem consideração indevida por aqueles que não têm consideração alguma nem por seu Deus nem por eles: "*Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais? Porventura, não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?* (vv. 6,7). Considerai como é comum que as riquezas sejam incentivos aos vícios e ao dano da blasfêmia e da perseguição. Pensai nas muitas calamidades que vós mesmos tolerais, e nas grandes afrontas que são lançadas sobre vossa fé e vosso Deus por homens de posses, poder e grandeza mundanos; e isso vai fazer vossos pecados parecerem extremamente pecaminosos e tolos, ao construirdes aquilo que tende a vos destruir, e a destruir tudo que estais edificando, e a desonrar esse nome pelo qual sois chamados." O nome de Cristo é um nome digno; ele reflete honra, e dá dignidade aos que o usam.

A Lei Cristã

vv. 8-13

Tendo condenado o pecado daqueles que faziam acepção de pessoas, e tendo instado com o que era suficiente para convencê-los da importância desse mal, o apóstolo agora prossegue para mostrar como a questão pode ser consertada; a obra do ministério do evangelho não é somente repreender e advertir, mas ensinar e dirigir. Colossenses 1.28: "*...admoestando a todo homem e ensinando a todo homem...*". E aqui:

I Temos esboçada de forma geral a lei que deve dirigir-nos em todas as nossas relações com os homens. "*Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis*" (v. 8). Para que ninguém pense que Tiago defendeu os pobres com o efeito de desprezar os ricos, ele agora lhes diz que não imaginou encorajar conduta imprópria alguma para com ninguém. Eles não devem odiar os ricos nem ser rudes para com eles. Mas, como as Escrituras nos ensinam a amar todos e ao nosso próximo como a nós mesmos, sejam eles ricos ou pobres, fazemos bem em ter uma firme consideração por essa regra. Daí observe: 1. A regra segundo a qual os cristãos devem andar está estabelecida nas Escrituras. "*...se cumprirdes, conforme a Escritura...*". Não são os grandes homens,

nem as riquezas do mundo, nem as práticas corrompidas entre os próprios crentes que devem nos guiar, mas as Escrituras da verdade. 2. As Escrituras nos apresentam isso como lei, que amemos nosso próximo como a nós mesmos; o que ainda está em vigor para nós, e é antes levado adiante e a um degrau mais alto por Cristo do que tornado menos importante para nós. 3. Essa lei é uma lei real, procede do Rei dos reis. Seu próprio valor e dignidade levam-na a merecer que seja assim honrada; e o estado em que estão todos os cristãos agora, por ser um estado de liberdade, e não de escravidão ou opressão, faz dessa lei, pela qual eles devem regular todas as ações uns aos outros, uma lei real. 4. A pretensão de observar essa lei real, quando for interpretada com parcialidade, não desculpa os homens de qualquer procedimento injusto. Nela está sugerido que alguns estariam prontos a bajular homens ricos, e a ser parciais para com eles, porque, se estivessem em circunstâncias semelhantes, deveriam esperar tal consideração por si mesmos. Ou eles poderiam alegar que mostrar o distinto respeito por aqueles a quem Deus na sua providência havia distinguido por sua posição e nível não era nada mais do que certo; por isso, o apóstolo concorda em que, no que concerne a eles cumprirem os deveres da segunda tábua, fazem bem em dar *honra a quem é devida*; mas essa justa pretensão não cobre o pecado deles naquela indevida *acepção de pessoas* de que estão sendo acusados; pois:

II Essa lei geral deve ser considerada junto com uma lei particular: "*Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado e sois redargüidos pela lei como transgressores* (v. 9). Não obstante a lei das leis: *Amarás a teu próximo como a ti mesmo*, e para mostrar aquele respeito por eles que gostaríeis de ver demonstrado por vós se estivésseis nas circunstâncias deles, contudo isso não vai desculpar o fato de distribuirdes, sejam os favores, sejam as repreensões da igreja de acordo com as condições exteriores dos homens; mas aqui deveis olhar para uma lei particular, que Deus deu a vós junto com aquela, e por esta sereis totalmente condenados pelo pecado de que vos acusei". Essa lei está em Levítico 19.15: "*Não fareis injustiça no juízo; não aceitarás o pobre, nem respeitarás o grande; com justiça julgarás o teu próximo*". Aliás, a própria lei real, corretamente exposta, serviria para condená-los, porque ela ensina que devem se colocar tanto no lugar dos pobres quanto dos ricos, e assim agirem de forma justa para com um e para com o outro. Então ele prossegue:

III Para mostrar a abrangência da lei, e quanta obediência deve ser prestada a ela. Eles devem obedecer à lei real, cumprir tanto uma parte quanto a outra, ou então ela não os defenderá quando quiserem usá-la como razão para justificar alguma ação particular: "*Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos*" (v. 10). Isto pode ser entendido: 1. Com referência ao caso que Tiago tem tratado: Vocês defendem o seu respeito pelos ricos porque devem amar o seu próximo como a si mesmos? Então por que não mostrar uma consideração igual e devida pelos pobres, pois vocês devem amar o seu próximo como a si mesmos? Senão a ofensa de vocês em um ponto vai arruinar sua pretensão de observar toda a lei. *Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto*, propositadamente, reconhecidamente e com continuidade, e que pensa que deve ser desculpado em algumas questões por causa da sua obediência em outras, tornou-se culpado de toda a lei. Isto é, ele incorre no mesmo castigo e está sujeito à mesma pena, pela sentença da lei, como se a tivesse violado em outros pontos também além daquele em que é culpável. Não que todos os pecados sejam iguais, mas que todos carregam o mesmo desprezo pela autoridade do Legislador, e assim obrigam a sofrer o castigo que é estipulado pela violação daquela lei. Tudo isso nos mostra como é inútil pensarmos que as nossas boas obras vão compensar nossas más obras, e francamente nos põe a buscar uma outra forma de expiação. 2. Isso é ilustrado ainda ao se colocar a questão de forma diferente da que foi mencionada antes (v. 11): "*Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois, não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei*". Uma pessoa talvez seja muito severa em caso de adultério, ou das coisas que tendem à perversão da carne, mas esteja menos disposta a condenar o homicídio, ou o que tende a arruinar a saúde, quebrantar o coração e destruir a vida dos outros. Outra tem um pavor extraordinário do homicídio, mas tem idéias menos severas acerca do adultério; enquanto alguém que olha para a autoridade do Legislador mais do que para a questão do mandamento vai ter a mesma razão para condenar um e outro. A obediência é então aceitável quando se tem um olho para a vontade de Deus; e a desobediência deve ser condenada, em qualquer instância, visto que é uma afronta à autoridade de Deus. E, por essa razão, se transgredimos em um ponto, desdenhamos a autoridade daquele que deu toda a lei, e assim somos culpados de toda ela. Assim, se você olha para a lei dos antigos, você está condenado; pois "...*maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las*" (Gl 3.10).

IV Tiago direciona os cristãos a se comportarem mais especificamente pela lei de Cristo. "*Assim falai e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade*" (v. 12). Isso vai nos ensinar não somente a sermos justos e imparciais, mas muito mais compassivos e misericordiosos para com os pobres; e isso vai nos libertar de todas as considerações sórdidas e indevidas para com os ricos. Observe aqui: 1. O evangelho é chamado de lei. Ele tem todos os requisitos de uma lei; preceitos com recompensas e castigos anexos; ele prescreve deveres, e também ministra conforto; e Cristo é o rei para nos governar como também o profeta para nos ensinar e o sacerdote para sacrificar e interceder por nós. Estamos sob a lei de Cristo. 2. É uma *lei da liberdade*, e da qual não temos razão de nos queixar por ser um fardo ou jugo; pois o serviço a Deus, de acordo com o evangelho, é liberdade perfeita. Ela nos liberta de todas as relações escravizantes, seja a pessoas ou a coisas deste mundo. 3. Todos precisamos ser julgados por esta lei da liberdade. A condição eterna dos homens será estabelecida de acordo com o evangelho; esse é o livro que será aberto quando estivermos diante do trono do julgamento. Não haverá alívio

para aqueles que o evangelho condena, nem haverá acusação contra aqueles a quem o evangelho justifica. 4. É do nosso interesse então falar e agir agora como convém àqueles que em breve serão julgados por essa lei da liberdade; isto é, vivamos à altura do evangelho, nos conscientizemos dos deveres do evangelho, tenhamos a disposição mental do evangelho, e que as nossas conversas sejam conversas do evangelho, porque por essa regra seremos julgados. 5. A consideração pelo fato de sermos julgados pelo evangelho deveria nos estimular mais especialmente a sermos misericordiosos na nossa atenção aos pobres (v. 13): "*Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o juízo*". Observe aqui: (1) A condenação que será pronunciada sobre pecadores impenitentes no final vai ser o juízo sem misericórdia; não haverá mistura ou calmante no cálice da ira e do furor, cujos resíduos eles terão de beber. (2) Aqueles que não mostrarem misericórdia agora não encontrarão misericórdia naquele grande dia. Mas, podemos observar, por outro lado: (3) Haverá aqueles que se tornarão exemplos do triunfo da misericórdia, em quem a misericórdia rejubila contra o juízo. No último dia, todos os filhos dos homens serão ou recipientes da ira ou recipientes da misericórdia. É do interesse de cada um deles considerar em qual grupo quer ser encontrado; e lembremos de que "...*bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia*" (Mt 5.7).

Fé e Obras

vv. 14-26

Nessa última parte do capítulo, o apóstolo mostra o erro daqueles que descansam na mera profissão da fé cristã, como se isso pudesse salvá-los, enquanto a disposição da sua mente e o conteúdo da sua vida estão em total desacordo com aquela santa fé que professam. Para que eles vejam em que fundamento imprestável edificaram as suas esperanças, o autor prova aqui em detalhes que um homem é justificado não somente pela fé, mas pelas obras. Agora:

I Disso surge uma pergunta muito significativa, ou seja, como podemos reconciliar Paulo e Tiago. Nas suas epístolas aos Romanos e Gálatas, Paulo parece afirmar algo exatamente contrário ao que Tiago está expondo aqui, dizendo diversas vezes, e com grande ênfase, *que somos justificados por fé somente e não por obras da lei. Amicae scripturarum lites, utinam et nostrae – Há uma concordância muito feliz entre uma parte das Escrituras e a outra, não obstante as aparentes diferenças; seria bom se as diferenças entre os cristãos fossem tão facilmente resolvidas.* "Nada", diz o Sr. Baxter, "a não ser a interpretação equivocada que os homens fazem do sentido claro das epístolas de Paulo poderia fazer com que tantos considerassem ser uma grande dificuldade reconciliar Paulo e Tiago". Uma visão geral das coisas que eram defendidas pelos antinomianos pode ser vista na paráfrase do Sr. Baxter. E muitas fórmulas têm sido inventados entre os estudiosos para fazer os apóstolos concordarem; mas talvez seja suficiente apenas observar estas poucas coisas que seguem: 1. Quando Paulo diz que "...*o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei*" (Rm 3.28), ele claramente fala de um outro tipo de obras do que Tiago tem em mente. Paulo fala em obras realizadas em obediência à lei de Moisés, e antes de os homens abraçarem a fé evangélica. E ele estava lidando com aqueles que se valorizavam tanto por conta das obras que rejeitavam o evangelho (como Romanos 10 declara expressamente no início); mas Tiago fala de obras realizadas em obediência ao evangelho, e como efeito e frutos apropriados e necessários da sólida fé em Cristo Jesus. Ambos estão interessados em exaltar a fé do evangelho, como aquele que somente pode nos salvar e justificar; mas Paulo o exalta ao mostrar a insuficiência de quaisquer obras da lei antes da fé, ou em oposição à doutrina da justificação por Jesus. Tiago exalta a mesma fé, ao mostrar quais são as realizações e os produtos genuínos e necessários dela. 2. Paulo não somente fala de obras diferentes daquelas em que Tiago insiste, mas ele fala de um uso completamente diferente que era feito das boas obras daquele que é aqui instado e intencionado. Paulo estava lidando com aqueles que dependiam das suas obras aos olhos de Deus, e Ele poderia muito bem torná-las totalmente sem valor. Tiago estava tratando com aqueles que exaltavam a fé, mas não permitiam que as obras fossem usadas nem como evidência; eles dependiam de uma mera profissão de fé, como suficiente para justificá-los; e com esses ele bem que teria de reforçar a necessidade e a grande importância das boas obras. Assim como não devemos violar uma tábua da lei, ao chocá-la contra a outra, assim também não podemos quebrar em pedaços a lei e o evangelho, ao fazê-los colidirem um contra o outro. Aqueles que exaltam o evangelho e com isso deixam de lado a lei, e os que exaltam a lei e deixam de lado o evangelho, estão todos errados. Pois temos de colocar a nossa tarefa diante de nós; precisa haver tanto fé em Jesus Cristo como boas obras como os frutos da fé. 3. A justificação de que Paulo fala é diferente da tratada por Tiago; uma fala de nossa pessoa ser justificada diante de Deus, a outra fala da nossa fé ser justificada diante dos homens. "*Mostra-me a tua fé pelas tuas obras*", diz Tiago, "deixa a tua fé ser justificada aos olhos daqueles que te observam pelas tuas obras". Mas Paulo fala da justificação aos olhos de Deus, que justifica somente aqueles que crêem em Jesus, e puramente por conta da redenção que há nele. Assim vemos que a nossa pessoa é justificada diante de Deus pela fé, mas a nossa fé é justificada diante dos homens pelas obras. Esses são claramente o escopo e propósito do apóstolo Tiago, em que ele está apenas confirmando o que Paulo, em outras passagens, diz da sua fé, que é uma fé operante, e uma fé que age pelo amor (Gl 5.6; 1 Ts 1.3; Tt 3.8; e muitas outras passagens). 4. Paulo pode ser compreendido como falando daquela justificação que é incipiente, e Tiago, daquela que é completa; é pela fé somente que somos colocados no estado justificado, mas então entram as boas obras para que a justificação seja completada no final naquele grande dia. Então: "*Vinde, benditos de meu Pai* [...] *porque tive fome, e destes-me de comer...*" (Mt 25.34,35).

II Tendo assim removido dessa parte das Escrituras a contradição com outra parte delas, vejamos

o que mais há que possa ser aprendido dessa excelente passagem de Tiago. Ele nos ensina:

1. Que a fé sem obras não tem proveito, e não pode salvar. "*Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo?*" Observe aqui: (1) A fé que não salva na verdade não nos traz proveito algum; uma mera profissão de fé pode às vezes parecer proveitosa, para obter a boa opinião dos que são verdadeiramente bons, e pode em alguns casos produzir coisas boas aos olhos do mundo; mas que proveito trará, se alguém ganhar o mundo e perder a sua alma? *Que aproveita? – Porventura, a fé pode salvá-lo?* Todas as coisas devem ser consideradas proveitosas ou não proveitosas para nós na medida em que tendem a promover ou atrapalhar a salvação da nossa alma. E, acima de todas as coisas, devemos cuidar para fazer tal balanço da fé como algo que não tem proveito se não salva, mas agrava nossa condenação e destruição no final. (2) Um homem ter fé, e ele dizer que tem fé, são duas coisas diferentes; o apóstolo não diz: *Se um homem tem fé sem obras,* pois isso não é um caso presumível. A idéia central dessa parte das Escrituras é mostrar claramente que uma opinião, ou especulação, ou consentimento, sem obras, não é fé. Mas a questão é colocada desta forma: *Se alguém disser que tem fé* etc. Os homens são capazes de se orgulhar de algo a outros, e serem em si mesmos presunçosos de algo de que na verdade estão destituídos.

2. Somos ensinados que assim como o amor ou a caridade são princípios operantes, assim é a fé, e que nenhum desses aspectos prestaria para qualquer coisa se não fosse assim. E, ao tentar ver com que se parece uma pessoa que simula que é muito caridosa, mas que nunca faz nenhuma obra de caridade, você pode julgar que sentido há em alguém simular que tem fé sem os frutos necessários e apropriados dela: "*E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?*" (vv. 15-17). O que essa caridade, que consiste em meras palavras, vai aproveitar a vocês ou aos pobres? Vocês querem aparecer diante de Deus com essas demonstrações de caridade vazias? Vocês podem também simular que o seu amor e caridade vão passar no teste sem atos de misericórdia assim como pensam que uma profissão de fé vai defendê-los diante de Deus, mesmo não tendo obras de piedade e obediência. "*Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma*" (v. 17). Somos propensos demais a descansar numa mera profissão de fé, e a pensar que isso vai nos salvar; é religião leviana e barata dizer: "Cremos nos artigos da fé cristã"; mas é uma grande ilusão imaginar que é suficiente para nos levar ao céu. Os que argumentam dessa forma fazem injustiça a Deus, e fraudam a sua própria alma. Uma fé cômica é tão odiosa quanto a caridade cômica, e ambas mostram um coração que está morto para a verdadeira piedade. Você pode ter tanto prazer em um corpo morto, no vazio da alma, dos sentidos ou de ações, quanto Deus tem prazer em uma fé morta, em que não há obras.

3. Somos ensinados a comparar a fé que se orgulha de si mesma sem obras à fé evidenciada pelas obras, ao observar as duas juntas, para ver como essa comparação vai se impor a nossa mente. "*Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras*" (v. 18). Suponha um verdadeiro crente que está argumentando com um hipócrita presunçoso: "Tu fazes uma profissão, e dizes que tens fé; eu não faço essas declarações presunçosas, mas deixo que minhas obras falem por mim. Agora, dá-me alguma evidência de que tens a fé que professas sem obras, se puderes, e eu logo te farei ver como minhas obras fluem da fé e são a evidência indubitável da sua existência". Essa é a evidência pela qual as Escrituras ensinam em toda a sua extensão os homens a julgarem tanto a si mesmos quanto os outros. E essa é a evidência segundo a qual Cristo vai proceder no dia do julgamento. "*E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras*" (Ap 20.12). Como ficarão expostos então aqueles que se jactam do que não podem mostrar, ou que andam tentando evidenciar a sua fé por quaisquer coisas que não sejam as obras de piedade e misericórdia!

4. Somos ensinados a considerar a fé constituída de mera especulação e conhecimento como sendo fé de demônios: "*Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem*" (v. 19). O exemplo de fé que o apóstolo aqui escolhe mencionar é o primeiro princípio de toda religião: "*Tu crês que há um só Deus*, contra os ateus; e que há somente um Deus, contra os idólatras; *fazes bem*: até aqui está tudo bem. Mas se descansares aqui, e assumires uma boa opinião de ti mesmo, ou do teu estado diante de Deus, meramente por conta do teu crer nele, isso vai te tornar miserável no final: *os demônios o crêem e estremecem.* Se tu te contentas com um mero consentimento com os artigos de fé, e algumas especulações sobre eles, até esse ponto os demônios vão. E como a fé e o conhecimento que eles têm só serve para excitar o horror, assim em pouco tempo o fará a tua fé". A palavra estremecer é geralmente considerada como tendo um bom efeito sobre a fé; mas aqui deve ser entendida como um efeito negativo, quando é aplicada à fé dos demônios. Eles estremecem, não por reverência, mas por ódio e oposição àquele Deus em quem eles crêem. Recitar aquele artigo da confissão de fé: *Creio no Deus Pai e Todo-poderoso* não vai nos distinguir dos demônios no final, a não ser que nos entreguemos a Deus agora como o evangelho nos orienta, e o amemos, e tenhamos prazer nele, e o sirvamos, o que os demônios não fazem e não podem fazer.

5. Somos ensinados que aquele que se orgulha da fé sem obras deve ser olhado no presente como uma pessoa tola e condenada. "*Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?*" (v. 20). As palavras traduzidas por *homem vão – anthrope kene*, podem ter o mesmo significado da palavra *Raca*, que nunca deve ser usada para pessoas em particular, ou como expressão de raiva (Mt 5.22), mas pode ser usada como aqui, para denotar a justa abominação por tal tipo de homens que são vazios de boas obras, e mesmo assim se orgulham de sua fé. E isso claramente os denota como tolos e miseráveis aos olhos de Deus. A fé sem obras é considerada *morta*, não somente vazia de todas aquelas operações que são

prova da vida espiritual, mas como inútil para a vida eterna; crentes assim que descansam numa mera profissão de fé são mortos enquanto vivem.

6. Somos ensinados que uma fé justificadora não pode ficar sem obras, com base em dois exemplos: Abraão e Raabe.

(1) O primeiro exemplo é o de Abraão, o pai dos fiéis, e o primeiro exemplo de justificação, por quem os judeus tinham consideração especial (v. 21): "*Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?*" Paulo, por outro lado, diz (cap. 4 da epístola aos Romanos) que "*...creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça*". Mas essas coisas são facilmente harmonizadas ao se observar o que é dito em Hebreus 11, que mostra que a fé tanto de Abraão quanto de Raabe foi tal que produziu aquelas boas obras de que Tiago fala, e que não devem ser separadas da fé que justifica e que salva. Naquilo que Abraão fez, ficou evidente que ele realmente creu. Com base nisso, as palavras do próprio Deus expõem essa questão claramente. Gênesis 22.16,17: "*Porquanto fizeste esta ação e não me negaste o teu filho, o teu único, que deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente...*". Assim, a fé que Abraão tinha era uma fé operante (v. 22), "*...a fé cooperou com as suas obras e, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada*". E por meio disso você chega ao verdadeiro sentido daquela Escritura que diz: "*E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça*" (v. 23). E assim ele se tornou o *amigo de Deus*. A fé, ao produzir tais obras, tornou Abraão agradável a Deus e o promoveu a favores e intimidades muito peculiares com o Senhor. É uma grande honra feita a Abraão ser ele chamado e considerado amigo de Deus. Vemos então (v. 24) como é que "*...o homem é justificado pelas obras* (chega a tal estado de favor e amizade com Deus), *e não somente pela fé*"; não pela mera opinião, ou profissão, ou pelo crer sem obedecer, mas pela fé que é operante de boas obras. Agora, além da explicação dessa passagem e do exemplo, que como tal ilustra e sustenta o argumento de Tiago, muitas outras lições úteis podem ser aprendidas por nós do que é dito aqui acerca de Abraão. [1] Os que querem ter as bênçãos de Abraão precisam se empenhar em imitar a sua fé. Orgulhar-se de ser descendente de Abraão não vai ter utilidade alguma, se a pessoa não crer como ele creu. [2] As obras que evidenciam a verdadeira fé precisam ser obras de autonegação, e tais que o próprio Deus ordena (como foi a de Abraão sacrificando o seu próprio filho), e não obras que são agradáveis à carne e sangue e podem servir aos nossos interesses, ou são meros frutos da nossa própria imaginação ou maquinação. [3] O que piamente planejamos e sinceramente determinamos fazer por Deus é aceito como se de fato estivesse realizado. Assim Abraão é considerado como se tivesse sacrificado o seu filho, embora não tenha de fato feito o sacrifício dele. Foi uma coisa feita na mente, no espírito, e na resolução de Abraão, e Deus o aceita como se tivesse sido totalmente realizado e concluído. [4] As realizações da fé a aperfeiçoam, assim como a verdade da fé a faz agir. [5] Tal fé operante faz de outros, como aconteceu com Abraão, amigos de Deus. Assim Cristo diz aos seus discípulos: "*Mas tenho-vos chamado amigos*" (Jo 15.15). Todos os procedimentos entre Deus e a alma que verdadeiramente crê são leves, agradáveis e prazerosos. Há uma vontade e um coração, e há uma mútua satisfação. Deus se alegra naqueles que verdadeiramente crêem, para lhes fazer bem; e eles têm prazer no Senhor.

(2) O segundo exemplo da fé que se justifica a si mesma e a nós com obras e por meio delas é o de Raabe: "*E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários e os despediu por outro caminho?*" (v. 25). O exemplo anterior foi de alguém famoso por sua fé em toda a sua vida. Este agora é de alguém conhecido por seu pecado, cuja fé foi menos significativa e de grau inferior; de modo que a fé mais forte não pode ficar sem obras, e a fé menor não tem permissão para ficar sem elas. Alguns dizem que a palavra aqui traduzida por *meretriz* era o nome próprio de Raabe. Outros dizem que não significa nada mais que *anfitriã*, ou alguém que era proprietária de uma hospedaria, onde, portanto, os espias pernoitaram. Mas é muito provável que o seu caráter fosse infame; e esse exemplo é citado para mostrar que a fé salva os piores, quando isso se evidencia por obras apropriadas; e não salva os melhores sem essas obras que Deus requer. Essa Raabe creu no relato que tinha ouvido acerca da presença poderosa de Deus com Israel. Mas o que provou que sua fé era sincera foi que, colocando em risco a sua vida, ela "*...recolheu os emissários e os despediu por outro caminho*". Observe aqui: [1] O maravilhoso poder da fé em transformar e mudar pecadores. [2] A consideração que uma fé operante encontra em Deus, para obter sua misericórdia e favor. [3] Onde grandes pecados são perdoados, deve haver grandes atos de autonegação. Raabe precisou preferir a honra de Deus e o bem do povo dele à preservação do seu próprio país. Seus relacionamentos anteriores precisaram ser lançados fora, seu curso anterior de vida, totalmente abandonado, e ela precisou dar prova da evidência disso antes que estivesse num estado justificado. E mesmo depois de ser justificada, o seu caráter anterior precisava ser lembrado, não tanto para a sua desonra, quanto para glorificar a generosa graça e misericórdia de Deus. Mesmo justificada, ela é chamada *Raabe, a meretriz*.

7. E agora, o apóstolo chega à conclusão de toda a questão: "*Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta*" (v. 26). Essas palavras são lidas de diferentes formas; alguns as lêem assim: *Assim como o corpo sem respiração está morto, assim é a fé sem obras*. E então eles mostram que as obras acompanham a fé, assim como a respiração acompanha a vida. Outros as lêem assim: *Assim como o corpo sem a alma está morto, assim a fé sem obras está morta também*. E então eles mostram que assim como o corpo não tem ação, nem beleza, mas se torna uma carcaça repugnante, depois que a alma se foi, assim uma mera profissão sem obras é inútil, aliás, repugnante e ofensiva. Por isso, esforcemo-nos para ir aos extremos nesse caso. Pois: (1) As melhores obras, sem fé, são mortas; elas querem a sua raiz e origem. É pela fé que qualquer coisa que fazemos realmente é boa, como feita com um olho voltado para Deus, em obediência a Ele, e visando principalmente a sua aceitação. (2) A profissão de fé mais plausível, mas sem obras, está morta;

assim como a raiz está morta quando não produz nada verde, nenhum fruto. A fé é a raiz, as boas obras são os frutos, e precisamos nos empenhar para que tenhamos ambos. Não podemos pensar que um deles, sem o outro, vai nos justificar e salvar. Essa é a graça de Deus em que estamos, e precisamos permanecer nela.

CAPÍTULO 3

O apóstolo reprova aqui a ambição e a língua arrogante e autoritária; e mostra o dever e as vantagens de refreá-la em virtude de seu poder de causar danos. Os que professam a religião devem de forma especial dominar a sua língua (vv. 1-12). A verdadeira sabedoria torna os homens brandos e os faz evitar as divisões e a inveja; e assim ela pode facilmente ser distinguida da sabedoria que é terrena e hipócrita (vv. 13-18).

O Domínio da Língua

vv. 1-12

O capítulo anterior mostra como é inútil e morta a fé sem obras. Está claramente implícito, com base no que este capítulo destaca primeiro, que tal fé é, no entanto, capaz de tornar os homens presunçosos e autoritários no seu temperamento e na sua conversa. Os que estabelecem a sua fé na maneira que o capítulo anterior condena são mais propensos a incorrer nos pecados da língua que este capítulo condena. E, de fato, eles têm maior necessidade de serem advertidos do uso tirânico, censurador e perigoso da sua língua. Por isso, somos ensinados:

I A não usarmos a nossa língua para dominar os outros: "*Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres*" (v. 1). Essas palavras não proíbem que façamos o que for possível para instruir e direcionar outros no caminho do seu dever ou para reprová-los no caminho cristão por aquilo que está faltando. Mas não devemos simular falar e agir como os que são os líderes regulares, não devemos dar ordens uns aos outros, como que para tornar o nosso modo de sentir o padrão para testar os outros, porque Deus dá diversos dons aos homens, e espera de cada um de acordo com a medida de luz que Ele dá. "Por isso, não sejam muitos de vocês mestres (ou professores, como dizem alguns); não se apresentem com ar de mestres, impostores e juízes, mas antes falem com humildade e espírito de aprendizes; não censurem uns aos outros, como se tudo tivesse de se submeter aos seus padrões". Isso é reforçado por duas razões: 1. Os que se levantam como juízes e censuradores receberão "*...mais duro juízo*". Ao julgarmos os outros tornamos o nosso próprio julgamento tanto mais rigoroso e severo (Mt 7.1,2). Aqueles que são curiosos e espiam as faltas dos outros, e são arrogantes ao pronunciar qualquer censura sobre eles, podem esperar que Deus seja igualmente duro em notar o que eles dizem e o que lhes falta. 2. Outra razão contra assumirmos o papel de mestre é que somos todos pecadores: "*Porque todos tropeçamos em muitas coisas*" (v. 2). Devemos pensar mais nos nossos próprios erros e transgressões, devemos ser menos inclinados a julgar outras pessoas. Enquanto somos severos contra o que consideramos ofensivo nos outros, não levamos em consideração o quanto há em nós que é com razão ofensivo a eles. Os que se justificam a si mesmos geralmente também se condenam a si mesmos. Somos culpados diante de Deus; e os que se vangloriam sobre as fragilidades e debilidades de outros pouco imaginam quantas coisas são ofensivas neles mesmos. E mais ainda, talvez o seu comportamento autoritário e sua língua crítica se mostrem piores do que quaisquer faltas que condenam nos outros. Devemos aprender a nos julgar severamente, mas também devemos ser generosos em julgar a outros.

II Somos ensinados a dominar a nossa língua para com isso mostrar que somos perfeitos e homens justos, e como aqueles que têm domínio completo sobre si mesmos: "*Se alguém não tropeça em palavra, o tal varão é perfeito e poderoso para também refrear todo o corpo*". Está implícito aqui que a pessoa cuja consciência é afetada pelos pecados da língua, e que se empenha em evitá-los, é uma pessoa justa e carrega um sinal indubitável da verdadeira graça. Mas, por outro lado, "*se alguém cuida ser religioso* (como foi declarado no primeiro capítulo) *e não refreia a sua língua*, não importa a profissão de fé que faça, *a religião desse é vã*". Além disso, aquele que não ofende em palavra não somente vai mostrar que é um cristão sincero, mas um cristão bem desenvolvido e maduro. Pois a sabedoria e graça que o capacitam a dominar a sua língua também vão capacitá-lo a dominar todas a suas ações. Isso é ilustrado por meio de duas comparações: 1. O domínio e a condução de todos os movimentos de um cavalo, por meio do freio que é colocado na sua boca: "*Ora, nós pomos freio nas bocas dos cavalos, para que nos obedeçam; e conseguimos dirigir todo o seu corpo*" (v. 3). Há uma porção grande de ferocidade brutal e de malícia em nós. Isso se mostra em grande parte pela língua, de tal forma que ela precisa ser refreada. De acordo com Salmos 39.1: "*Enfrearei a minha boca enquanto o ímpio estiver diante de mim*". Quanto mais ativa e intensa for a língua, tanto mais deveríamos nos empenhar em dominá-la. Do contrário, assim como um cavalo bravio e ingovernável foge com o seu cavaleiro, ou o lança ao chão, assim uma língua obstinada vai servir de igual maneira aos que não têm domínio sobre ela. Assim, permitamos que a determinação e a vigilância, sob a influência da graça de Deus, refreiem a nossa língua, e então todos os movimentos e ações de todo o corpo serão facilmente guiados e governados. 2. A condução de um navio por meio do correto manejo do leme: "*Vede também as naus que, sendo tão grandes e levadas de impetuosos ventos, se viram com um bem pequeno leme para onde quer a vontade daquele que as governa. Assim também a língua é um pequeno membro e gloria-se de grandes coisas*" (vv. 4,5). Assim como o leme é uma parte muito pequena no navio, assim a língua é uma parte muito pequena no corpo. Mas o controle adequado do leme vai conduzir e virar o navio como quer o comandante. E o correto manejo da língua é, em grande parte, o governo do homem todo. Há uma beleza maravilhosa nessas comparações, para mostrar como coisas de

pouco volume podem, contudo, ser de grande uso. E por isso devemos nos dedicar mais ao estudo do uso da língua, porque, embora seja um órgão pequeno, ela é capaz de fazer um grande bem ou um grande mal. Por isso:

III Somos ensinados a temer uma língua ingovernável como um dos maiores e mais perigosos males. É comparada a um pequeno fogo colocado em meio a uma grande porção de material combustível, que logo acende uma chama e consome tudo que está diante dela: "*Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo; como mundo de iniqüidade...*" (vv. 5,6). Há uma abundância de pecados na língua que pode ser chamada de *mundo de iniqüidade*. Quanta perversidade ela causa! São tantas e tão terríveis as chamas que ela acende! "*...a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo*". Então observe: Há uma grande contaminação e perversidade nos pecados da língua. Paixões contagiosas são acesas, ventiladas e nutridas por esse órgão ingovernável. E com freqüência todo o corpo é arrastado para a culpa por meio da língua. Por isso, Salomão diz: "*Não consintas que a tua boca faça pecar a tua carne*" (Ec 5.6). As armadilhas a que os homens são atraídos às vezes pela língua são insuportáveis para eles mesmos, e destrutivas para outros. "*...inflama o curso da natureza*". Os afazeres e negócios da humanidade e das sociedades são com freqüência lançados em confusão, e tudo está em chamas, por causa da língua dos homens. Alguns lêem isso assim: *Todas as gerações são colocadas em chamas pela língua*. Não há época do mundo, nem condição alguma da vida, particular ou pública, que não forneça exemplos disso. "*...e é inflamada pelo inferno*". Observe: O inferno tem maior responsabilidade em promover o fogo da língua do que em geral os homens têm consciência. É por algum desígnio diabólico que a língua dos homens é inflamada. O diabo é chamado expressamente de mentiroso, assassino e acusador dos irmãos; e, sempre que a língua dos homens é empregada em algumas dessas formas, ela é inflamada no inferno. O Espírito Santo de fato desceu uma vez em "*...línguas repartidas, como que de fogo*" (At 2). E, onde a língua é de tal forma conduzida e operada pelo fogo do céu, aí acende bons pensamentos, santas afeições e ardentes devoções. Mas quando é inflamada no inferno, como o é em todo o terrível calor dele, aí é perigosa, produzindo furor e ira, e aquelas coisas que servem os propósitos do diabo. Assim como você tem pavor de fogo e chamas, assim também deve temer brigas, insultos, calúnias, mentiras e tudo que acende o fogo da ira em seu próprio espírito ou no espírito de outros. Mas:

IV Somos ensinados em seguida acerca de como é difícil dominar a língua: "*Porque toda a natureza, tanto de bestas-feras como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se amansa e foi domada pela natureza humana; mas nenhum homem pode domar a língua*" (vv. 7,8). Como se o apóstolo tivesse dito: "Os leões, e as feras mais selvagens, assim como os cavalos e camelos, e as criaturas mais fortes, têm sido domados e controlados pelos homens; assim aconteceu com as aves, não obstante sua selvageria e arredio, e as suas asas para levá-las sempre mais alto para longe do nosso alcance. Até as serpentes, não obstante todo o seu veneno e sua astúcia, têm sido domadas e tornadas inofensivas. E as coisas no mar têm sido capturadas pelos homens e tornadas úteis para eles. E essas criaturas não têm sido dominadas ou domadas por milagre somente (como os leões rastejaram diante de Daniel, em vez de devorá-lo, e os corvos alimentaram a Elias, e uma baleia carregou Jonas pelas profundezas do oceano até a terra seca), mas o que é mencionado aqui é algo feito comumente; não somente tem sido domado, mas foi domado pela humanidade. Mas a língua é pior do que esses, e não pode ser domada pelo poder e arte que serve para domar essas coisas. Nenhum homem pode domar a língua sem a graça de Deus e uma ajuda sobrenatural". O apóstolo não tem a intenção de apresentar isso como uma coisa impossível, mas como uma coisa extremamente difícil, que, portanto, requer grande vigilância, e esforços, e oração, para mantê-la na devida ordem. E às vezes tudo isso é pouco demais; pois "*é um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal*". Animais irracionais podem ser mantidos em certos limites, podem ser controlados por certas regras, e até serpentes podem ser adestradas para não fazer mal com todo o seu veneno. Mas a língua é capaz de violar todos os limites e regras, e de cuspir o seu veneno em uma ocasião ou outra, não obstante o máximo cuidado. De modo que não somente é necessário que seja vigiada, e guardada, e controlada, tanto quanto um animal ingovernável, ou uma criatura perniciosa e venenosa, mas muito maiores cuidados são necessários para impedir as erupções e os efeitos perigosos da língua. No entanto:

V Somos ensinados a pensar no uso que fazemos da nossa língua na religião e no serviço de Deus, e por tal consideração guardá-la de amaldiçoar, criticar e de todas as coisas que são prejudiciais em outras situações: "*Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus: de uma mesma boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não convém que isto se faça assim*" (vv. 9,10). Como é absurdo que alguém que usa a sua língua em oração e louvor alguma vez possa usá-la para amaldiçoar, caluniar e fazer coisas parecidas! Se bendizemos a Deus, nosso Pai, isso deveria nos ensinar a falar bem e amavelmente de todos que carregam a sua imagem. A língua que se dirige com reverência ao Ser divino não pode, sem a maior incoerência, virar-se para seus semelhantes com gritos e insultos. Está dito de um dos serafins que louvam a Deus que "*...não ousou pronunciar juízo de maldição*" (Jd 1.9). E que homens afrontem os que não somente têm a imagem de Deus em suas qualidades naturais, mas foram renovados segundo a imagem de Deus pela graça do seu evangelho, isso é a contradição mais vergonhosa e algo contrário a todas as suas pretensões de honrar o Criador. "*...não convém que isto se faça assim*"; e, se essa consideração for sempre levada a sério, certamente não será assim. A piedade é desgraçada em todas as suas demonstrações se não houver caridade. Refuta-se a si mesma a língua que uma hora pretende adorar as perfeições de Deus, e de submeter todas as coisas a Ele, e em outra condena até

homens bons se eles não se comportam exatamente de acordo com as mesmas palavras ou expressões usadas por ela. Além disso, para firmar esse pensamento, o apóstolo mostra que os efeitos contrários das mesmas causas são monstruosos, e não podem ser encontrados na natureza, e por isso não podem ser concordantes com a graça: "*Porventura, deita alguma fonte de um mesmo manancial água doce e água amargosa? Meus irmãos, pode também a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Assim, tampouco pode uma fonte dar água salgada e doce*" (vv. 11,12). A verdadeira religião não admite contradições; e um homem verdadeiramente religioso tampouco as admite em suas palavras ou ações. Quantos pecados seriam evitados, de tantos pecados os homens seriam restaurados, se fossem sempre coerentes consigo mesmos!

As Características da Sabedoria

vv. 13-18

Assim como os pecados condenados anteriormente surgem da afetação de alguém se imaginar mais sábio do que os outros, e de pensar ser dotado de mais conhecimento do que eles, assim o apóstolo nesses versículos mostra a diferença entre as pretensões do homem quanto a ser sábio e o ser de fato assim, e entre a sabedoria que é de baixo (da terra ou do inferno) e a que é de cima.

I Temos um relato da verdadeira sabedoria, com as marcas e frutos característicos dela: "*Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre, pelo seu bom trato, as suas obras em mansidão de sabedoria*" (v. 13). Um homem verdadeiramente sábio é um homem bem instruído. Ele não vai apresentar a reputação de ser sábio sem ter um bom depósito de conhecimento; e ele não se valoriza meramente com base no conhecimento de coisas, se não tem a sabedoria de fazer a correta aplicação e uso desse conhecimento. Essas duas coisas precisam ser colocadas juntas para formarem a verdadeira sabedoria. *Quem dentre vós é sábio e inteligente?* Agora, quando esse for o feliz caso de alguém, haverá estas coisas: 1. Uma boa conversa. Se somos mais sábios do que outros, isso deve ser evidenciado pela generosidade das nossas conversas, não pela rudeza ou inutilidade delas. Palavras que animam, e curam, e fazem o bem, são as marcas da sabedoria; não as que têm boa aparência, e causam dano, e são a causa do mal, em nós mesmos ou nos outros. 2. A verdadeira sabedoria pode ser conhecida pelas suas obras. A conversa aqui não é uma referência somente a palavras, mas a toda a prática do homem; por isso, está dito: *mostre, pelo seu bom trato, as suas obras.* A verdadeira sabedoria não está tanto em boas opiniões ou especulações quanto em ações boas e úteis. Aquele que tem bons pensamentos ou boa conversa não é autorizado pelas Escrituras como alguém sábio, se não vive e não age bem. 3. A verdadeira sabedoria pode ser conhecida pela mansidão de espírito e temperamento: *Mostre... as suas obras em mansidão* etc. É um grande exemplo de sabedoria quando prudentemente refreamos a nossa ira, e com paciência suportamos a ira dos outros. E como a sabedoria se evidencia pela mansidão, assim a mansidão é uma grande amiga da sabedoria; pois nada atrapalha tanto a compreensão comum, o discernimento seguro e a imparcialidade de opinião, necessários para agirmos sabiamente, quanto a raiva. Quando estamos mansos e calmos, somos mais capazes de ouvir a razão, e mais capazes para expressá-la. A sabedoria produz mansidão, e a mansidão aumenta a sabedoria.

II Deve-se excluir o gloriar-se daqueles que têm um caráter contrário ao que foi mencionado agora, e a sabedoria deles é exposta em todas as suas jactâncias e deformações: "*Mas, se tendes amarga inveja e sentimento faccioso em vosso coração...*" (vv. 14-16). Simule o que quiser, e imagine-se muito sábio, mas você tem razões suficientes para parar de se gloriar, se você despreza o amor e a paz, e dá lugar à inveja amarga e às divisões. Seu zelo pela verdade e ortodoxia, e o orgulhar-se de ter mais conhecimento do que os outros, se você os emprega apenas para deixar os outros com raiva, e mostrar o seu próprio rancor e ciúme contra eles, são uma vergonha para a sua profissão de fé cristã, e uma clara contradição dela. 1. A inveja e o sentimento faccioso são contrários à mansidão da sabedoria. O coração é o centro de ambos; mas a inveja e a sabedoria não podem coabitar no mesmo coração. Zelo santo e inveja amarga são tão diferentes quanto o brilho dos serafins e o fogo do inferno. 2. A ordem das coisas exposta aqui. Primeiro vem a inveja que incita à discórdia; a discórdia se desculpa por meio da vanglória e da mentira; e então (v. 16) a isso seguem a "*...perturbação e toda obra perversa*". Aqueles que vivem na maldade, inveja e brigas vivem em confusão e são suscetíveis a serem provocados e incitados a toda obra perversa. Tais desordens suscitam muitas tentações, fortalecem tentações e implicam os homens em muita culpa. Um pecado concebe o outro, e não se pode imaginar quanto dano é causado: há *toda obra perversa.* E é possível alguém se gloriar em tal sabedoria que produz esses efeitos? Isso não pode ser feito sem acusar-se o cristianismo de mentiroso, e fazer de conta que essa sabedoria é o que ela não é. Pois observe: 3. De onde vem essa sabedoria: "*Essa não é a sabedoria que vem do alto*", mas vem de baixo; e, para expressar isso mais claramente: "*...é terrena, animal e diabólica*" (v. 15). Procede de origem terrena, age por motivos terrenos e tem como alvo servir propósitos terrenos. É tolerância sensual da carne, e faz provisão para satisfazer as lascívias e desejos dela. Ou, de acordo com a palavra original, *psychike*, é algo semelhante ao humano – a mera realização da razão natural, sem nenhuma luz sobrenatural. E é diabólica, sendo tal a sabedoria dos demônios (para criar mal-estar e causar dano), e inspirada pelos demônios, cuja condenação é o orgulho (1 Tm 3.6), e que são conhecidos em outras partes das Escrituras por sua ira, e por acusarem os irmãos. E por isso os que são exaltados com tal sabedoria como essa precisam cair na condenação do diabo.

III Temos aqui uma delineação mais completa do retrato fascinante daquela sabedoria que vem do alto, e ele é colocado em oposição ao que vem de baixo: "*Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente,*

pura, depois, pacífica..." (vv. 17,18). Observe aqui: A verdadeira sabedoria é uma dádiva de Deus. Não é obtida pela conversa com os homens, nem pelo conhecimento do mundo (como alguns pensam e dizem), mas vem do alto. Consiste nestas várias coisas: 1. É pura, sem misturas de máximas ou coisas que a degradem; e é livre da iniqüidade e de manchas, não tolerando nenhum pecado conhecido, mas é zelosa pela santidade tanto no coração quanto na vida. 2. A sabedoria que vem do alto é pacífica. A paz segue a pureza e depende dela. Os que são verdadeiramente sábios fazem o que podem para preservar a paz, para que não seja violada; e para promover a paz, para que se ela tiver se perdido seja restaurada. Nos reinos, nas famílias, nas igrejas, em todas as sociedades e em todos os encontros e procedimentos, a sabedoria celestial torna os homens pacíficos. 3. É moderada, não insistindo no direito absoluto em questões de propriedade; não dizendo nem fazendo nada áspero em aspectos de censura; não sendo furiosa acerca de opiniões, insistindo na nossa opinião além da capacidade dos outros nem na opinião daqueles que se opõem a nós além das suas intenções; não sendo rudes nem dominadores nas conversas, nem ríspidos ou cruéis no temperamento. A moderação pode assim se contrapor a todas essas coisas. 4. A sabedoria celestial é tratável, *eupeithes*; ela é persuasível a favor do que é bom ou contra o que é mau. Há uma maneira de ser tratável que é fraca e defeituosa; mas não a maneira de ser tratável que nos leva a nos submetermos à persuasão da obra de Deus, e a todos os conselhos e requisitos justos e razoáveis de nossos semelhantes; não, nem de abrir mão de uma disputa, quando parece que há uma boa razão para isso e quando um bom fim pode ser atingido com isso. 5. A sabedoria celestial é "*...cheia de misericórdia e de bons frutos*", uma disposição interior para tudo que é bom e amável, tanto para ajudar os que carecem quanto para perdoar os que ofendem, e na realidade fazer isso sempre que aparecer uma ocasião oportuna. 6. A sabedoria celestial é "*...sem parcialidade*". A palavra original, *adiakritos*, significa sem suspeição, ou livre de julgamento, não fazendo conjecturas ou diferenças indevidas na nossa conduta maiores a uma pessoa do que a outra. A leitura marginal traz: *sem disputas*, não fazendo o papel de sectários, e disputando meramente pelo prazer do partidarismo; nem censurando outros simplesmente por conta de suas diferenças conosco. 7. A sabedoria que vem do alto é sem hipocrisia. Não tem enganos ou disfarces. Não consegue concordar com os procedimentos que o mundo considera sábios, que na verdade são espertos e enganosos, mas é sincera e franca, firme e uniforme, e coerente consigo mesma. Que você e eu possamos ser sempre guiados por uma sabedoria como essa! Que com Paulo possamos ser capazes de dizer: "*...com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo e maiormente convosco*" (2 Co 1.12). E então, por último: a verdadeira sabedoria vai continuar semeando os frutos da justiça em paz, e, assim, se puder, promover a paz no mundo (v. 18). E aquilo que é semeado em paz vai produzir uma colheita de alegrias. Que outros colham os frutos das brigas, e todas as falsas vantagens que eles puderem propor para si mesmos. Mas quanto a nós, continuemos a semear pacificamente as sementes da justiça, e podemos ter certeza de que nossos esforços não serão desperdiçados. "*A luz semeia-se para o justo, e a alegria, para os retos de coração*" (Sl 97.11). "*E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre*" (Is 32.17).

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, somos levados a considerar: I. Algumas causas de disputas, além das mencionadas no capítulo anterior, e que devemos ser vigilantes contra elas (vv. 1-5). II. Somos ensinados a abandonar a amizade deste mundo, para nos submetermos e nos sujeitarmos totalmente a Deus (vv. 4-10). III. Toda difamação e julgamentos impulsivos sobre os outros devem ser cuidadosamente evitados (vv. 11,12). IV. Precisamos prestar respeito constante pela Providência divina e demonstrar a maior deferência às suas ordens (vv. 13-17).

A Causa das Disputas e Contendas. Contra o Orgulho. A Sujeição a Deus

vv. 1-10

O capítulo anterior fala da inveja uns dos outros, como a grande fonte de disputas e contendas; este capítulo fala do desejo pelas coisas do mundo, e de se dar um valor grande demais aos prazeres e amizades do mundo, como aqueles que estavam levando as suas divisões a um nível vergonhoso.

I O apóstolo reprova aqui as guerras dos cristãos de origem judaica, e os seus desejos como a causa delas: "*Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?*" (v. 1). Os judeus eram um povo muito revoltoso, e por isso tinham constantes guerras com os romanos; e eram um povo muito belicoso e dividido, e com freqüência brigavam entre si. E muitos desses cristãos pervertidos contra cujos erros e vícios é escrita esta epístola parecem ter concordado com as brigas gerais. Por conta disso, o apóstolo lhes informa que a origem das suas guerras e brigas não era (como eles pensavam) o verdadeiro zelo pelo seu país e pela honra de Deus, mas que os seus desejos predominantes eram a causa de tudo. Daí observe: O que é coberto e escondido sob uma ilusória pretensão de zelo por Deus e pela religião com freqüência procede do coração do homem, da sua maldade, cobiça, ambição e vingança. Os judeus tiveram muitas guerras com o poder romano antes de serem totalmente destruídos. Com freqüência se envolviam numa briga desnecessariamente, e então se dividiam em partidos e facções acerca dos diferentes métodos de conduzir as suas guerras contra o inimigo comum. E daí acontecia que, mesmo quando sua causa estava supostamente bem, contudo sua forma de se envolver e de conduzi-la vinha de uma origem má. Seus desejos mundanos e carnais suscitavam e conduziam suas guerras e brigas; mas podemos pensar que foi dito suficiente aqui

para dominar esses desejos; pois: 1. Eles fazem guerras internas como também lutas externas. Paixões e desejos impetuosos primeiro guerreiam em seus membros, e então suscitam hostilidade na nação. Há guerra entre a consciência e a corrupção, e há guerra também entre uma corrupção e outra, e dessas disputas surgiram as brigas uns com os outros. Se aplicarmos isso a casos particulares, não podemos contar de lutas e disputas entre parentes e vizinhos e dizer que vêm desses desejos que guerreiam nos seus membros? Do desejo pelo poder e domínio, do desejo pelo prazer, do desejo por riquezas, de algum desses desejos ou de outros ainda surgem todas as brigas e disputas que há no mundo. E, visto que todas as guerras e brigas vêm das corrupções do nosso próprio coração, é, portanto, o método indicado para a cura da disputa colocar o machado à raiz, e mortificar esses desejos que guerreiam nos membros. 2. O simples fato de pensarmos no seu desapontamento deveria matar esses desejos: "*Cobiçais e nada tendes; sois invejosos e cobiçosos e não podeis alcançar* (v. 2). Cobiçais grandes coisas para vós mesmos, e pensais em obtê-las pela vossa vitória sobre os romanos ou suprimindo um ou outro partido entre vós. Pensais que podeis garantir grandes prazeres e felicidade para vós mesmos, ao derrotarem qualquer coisa que ameace vossos maus desejos; mas, ai de vós! Estais perdendo o vosso labor e o vosso sangue, enquanto matais uns aos outros com opiniões como essas". Desejos imoderados ou são totalmente frustrados, ou não são satisfeitos e saciados quando se obtêm as coisas desejadas. As palavras *não podeis alcançar* significam que eles não podem obter a felicidade que buscam. Então, observe: Os desejos mundanos e carnais são a perturbação que não vai permitir o contentamento ou a satisfação na mente. 3. Desejos e sentimentos pecaminosos geralmente excluem a oração, e a realização dos nossos desejos a favor de Deus. "*Combateis e guerreais e nada tendes, porque não pedis*. Lutais e não tendes sucesso, porque não orais, não consultais a Deus em vossos empreendimentos, para ver se Ele vai concordar ou não com eles. E não entregais vossos caminhos a Ele, e não tornais conhecidos a Ele as vossas petições, mas seguis vossas próprias opiniões e inclinações. Por isso, enfrentais constantes frustrações"; ou então: 4. "Vossos desejos arruínam vossas orações, e as tornam uma abominação diante de Deus, sempre que as colocais perante Ele (v.3). *Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites*". Como se fosse dito: "Embora talvez às vezes orais por sucesso contra os vossos inimigos, contudo não é o vosso alvo melhorar as vantagens que obtendes, para assim promoverdes a verdadeira piedade e religião tanto em vós mesmos quanto nos outros; mas o orgulho, a vaidade, a luxúria e a sensualidade são o que quereis servir por vossos sucessos, e até por vossas orações. Quereis viver em grande poder e abundância, em volúpia e prosperidade sensual; e assim desgraçais a devoção e desonrais a Deus por tais propósitos indecentes e egoístas; e por isso vossas orações são rejeitadas". Aprendamos, pois, na conduta das nossas coisas no mundo, e em nossas orações a Deus por sucesso nelas, a ver que os nossos propósitos estão corretos. Quando os homens seguem os seus negócios no mundo (suponha que sejam negociantes ou agricultores), e pedem prosperidade a Deus, mas não recebem o que pediram, é porque pediram com alvos e intenções errados. Eles pedem a Deus que lhes dê sucesso em seus negócios e empreendimentos, não para que possam glorificar o seu Pai celestial e fazer o bem com o que têm, mas para que o possam *gastar em seus deleites* – para que possam comer carne melhor, e beber bebidas melhores, e vestir roupas melhores, e assim gratificar o seu orgulho, sua vaidade e sua volúpia. Mas, se assim buscarmos as coisas deste mundo, é justo que Deus as negue. Ao passo que, se buscarmos alguma coisa para com isso servir a Deus, podemos esperar que ou Ele vai nos dar o que buscamos, ou vai nos dar um coração contente sem aquilo, e dar oportunidades para servir e glorificá-lo de alguma outra forma. Lembremo-nos disso, de que quando não prosperamos nas nossas orações é porque *pedimos mal*; ou não pedimos para os fins corretos ou não pedimos da forma correta, sem fé ou sem fervor. A incredulidade ou os maus desejos rogam por negação do pedido. E disto podemos ter certeza: se as nossas orações são mais a linguagem dos nossos desejos do que das nossas virtudes, elas vão retornar vazias.

II Temos aqui uma advertência clara para evitarmos todas as amizades prejudiciais com este mundo: "*Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?*" (v. 4). Pessoas mundanas são aqui chamadas de adúlteros e adúlteras, em virtude de sua deslealdade para com Deus, enquanto dedicam os seus melhores sentimentos ao mundo. A cobiça é chamada de idolatria em outra passagem, e aqui é chamada adultério; é o abandono daquele a quem somos consagrados e com quem estamos comprometidos, para nos apegarmos a outras coisas; há essa marca colocada na disposição mental voltada para o mundo – que ela é inimiga de Deus. Um homem pode ter uma boa porção das coisas deste mundo, e mesmo assim manter o seu amor por Deus; mas o homem que volta o seu coração ao mundo, que coloca sua felicidade nele, e então se conforma a ele, e faz qualquer coisa para não perder a sua amizade, este é inimigo de Deus. É traição implícita e rebelião contra Deus colocar o mundo no trono do nosso coração. "*Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*". Aquele que agir de acordo com esse princípio, para manter a simpatia do mundo, e para ter sua amizade contínua, não pode escapar de se mostrar, em espírito e também em suas ações, inimigo de Deus. "*Não podeis servir a Deus e a Mamom*" (Mt 6.24). Assim surgem guerras e brigas, até mesmo desse amor idólatra e adúltero ao mundo, e de servi-lo; pois que paz pode haver entre os homens enquanto há inimizade com Deus? Ou quem pode lutar contra Deus e prosperar? "Pensem seriamente consigo mesmos o que é o espírito do mundo, e vocês vão descobrir que não podem se adequar a ele como amigos, mas isso vai fazer com que vocês fiquem cheios de inveja, e de inclinações más, como está o mundo em geral". "*Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O Espírito que em nós habita tem ciúmes?*" (v. 5). O relato dado nas Escrituras Sagradas do coração dos homens por natureza é que "*...toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente*" (Gn 6.5). A depravação

natural se mostra principalmente pela inveja, e há uma contínua propensão para isso. O espírito que habita naturalmente no homem está sempre produzindo uma ou outra imaginação nociva, sempre tentando imitar aqueles que vemos ou com quem conversamos e buscando as coisas que são possuídas ou desfrutadas por eles. Então esse caminho do mundo, aparentando pompa e prazer, e caindo em divisões e brigas por causa dessas coisas, é a conseqüência segura da amizade com o mundo; pois não há amizade sem uma unidade de espírito, e por isso os cristãos, para evitar disputas, precisam evitar a amizade do mundo, e precisam mostrar que são estimulados por princípios mais nobres e que um espírito mais nobre habita neles. Pois, se pertencemos a Deus, Ele dá mais graça então para viver e agir do que o mundo como um todo dá. O espírito do mundo ensina os homens a serem rudes; Deus os ensina a serem generosos. O espírito do mundo nos ensina a dispor ou a armazenar para nós mesmos, e de acordo com nossa própria imaginação; Deus nos ensina a estarmos dispostos a compartilhar com os necessitados e para o seu conforto, e assim fazermos o bem a todos ao nosso redor, de acordo com nossas possibilidades. A graça de Deus é contrária ao espírito do mundo, e por isso a amizade do mundo deve ser evitada, se queremos ser amigos de Deus, aliás, a graça de Deus vai corrigir e curar o espírito que naturalmente habita em nós; onde Ele dá graça, Ele dá um espírito diferente do espírito do mundo.

III Somos ensinados a observar a diferença que Deus faz entre o orgulho e a humildade. "*Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes*" (v. 6). Isso é mostrado nas Escrituras do Antigo Testamento; pois assim está declarado no livro dos Salmos: "*Porque tu livrarás o povo aflito* (se o seu espírito se adequar à sua condição) *e abaterás os olhos altivos*" (Sl 18.27). E no livro dos Provérbios está dito: "*Certamente ele escarnecerá dos escarnecedores, mas dará graça aos mansos*" (Pv 3.34). Duas coisas devem ser observadas aqui: 1. A desgraça lançada sobre os orgulhosos: Deus lhes resiste. A palavra original, *antitassetai*, significa: Deus se coloca como que de prontidão na batalha contra eles; e pode haver uma desgraça maior do que Deus proclamar um homem rebelde, um inimigo, um traidor da sua coroa e dignidade, e proceder contra ele como tal? Os soberbos resistem a Deus; na sua compreensão, resistem às verdades de Deus; na sua vontade, resistem às leis de Deus; nas suas emoções, resistem à providência de Deus; e por isso, não é de admirar que Deus se coloque contra os soberbos. Que os espíritos orgulhosos ouçam isso e tremam – *Deus resiste* a eles. Quem pode descrever o estado deplorável dos que fazem de Deus o seu inimigo? Ele certamente vai encher de vergonha (mais cedo ou mais tarde) a face dos tais que encheram o seu coração de soberba. Devemos, portanto, resistir à soberba em nosso coração, se não quisermos que Deus nos resista. 2. A honra e a ajuda que Deus dá aos humildes. A graça, em oposição à desgraça, é a honra; isso Deus dá aos humildes. E, quando Deus dá graça aos humildes, também dará todas as outras virtudes, e, como no começo do versículo 6, Ele vai dar *maior graça*. Sempre que Deus dá verdadeira graça, Ele dá mais, pois aquele que tem e usa corretamente o que tem, a este será dado mais. Ele vai especialmente dar mais graça aos humildes porque eles vêem a necessidade dela, e oram por ela e são gratos por ela; e os tais a terão. Por esta razão:

IV Somos ensinados a nos submeter inteiramente a Deus: "*Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*" (v. 7). Os cristãos devem abrir mão da amizade do mundo, e ser vigilantes contra aquela inveja e soberba que eles vêem prevalecendo em homens naturais, e devem pela graça aprender a se gloriar na sua submissão a Deus. "Submetam-se a Ele como súditos a seu príncipe, no dever, e como um amigo ao outro, em amor e atenção. Submetam os seus entendimentos às verdades de Deus; submetam sua vontade à vontade de Deus, à vontade dos seus preceitos, à vontade da sua providência". Somos súditos, e, como tais, devemos ser submissos; não somente por meio do temor, mas do amor; não somente em virtude da ira, mas também da consciência. "Submetam-se a Deus, levando em consideração de quantas maneiras vocês são compelidos a isso, e levando em consideração que vantagens vão obter com isso. Porque Deus não vai machucá-los pelo seu domínio sobre vocês, mas vai lhes fazer bem". Então, visto que essa sujeição e submissão a Deus são coisas que o diabo mais se empenha em atrapalhar, assim devemos, com grande cuidado e firmeza, resistir às suas sugestões. Se ele representar uma entrega dócil à vontade e providência de Deus como algo que vai trazer calamidades e nos expor ao desprezo e à miséria, precisamos resistir a essas sugestões de medo. Se ele representar a submissão a Deus como um impedimento de conforto exterior, ou de regalias no mundo, precisamos resistir a essas sugestões de soberba e indolência. Se ele nos tentar a atribuir quaisquer de nossas misérias, ou cruzes, ou aflições à Providência, que possamos evitar isso e não seguir suas orientações em vez de seguir as diretrizes de Deus, precisamos resistir a essas provocações à ira, não nos afligindo de forma alguma para fazer o mal. "Não deixeis que o diabo, desta ou de maneira semelhante, prevaleça sobre vós; mas *resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*". Se de maneira desprezível cedermos às tentações, o diabo vai nos seguir continuamente; mas se colocarmos *toda a armadura de Deus*, e lhe resistirmos, ele vai se afastar de nós. A determinação fecha e tranca a porta contra a tentação.

V Somos orientados a como agir para com Deus, ao nos tornarmos submissos a Ele (vv. 8-10). 1. "*Chegai-vos a Deus*". O coração que se rebelou precisa ser levado aos pés de Deus; o espírito que estava distante e se tornou alienado da vida de comunhão e convivência com Deus precisa se tornar familiarizado com Ele. "*Chegai-vos a Deus*, na adoração e nas instituições, e em todos os deveres que Ele exige de vós". 2. "*Limpai as mãos*". Aquele que vem a Deus precisa ter mãos limpas. Por isso, Paulo nos orienta a que "...*levantemos mãos santas, sem ira nem contenda*" (1 Tm 2.8), mãos livres de sangue, e subornos, e de tudo que é injusto e cruel, e livres de toda mancha do pecado. Não é súdito de Deus quem é escravo do pecado. As mãos precisam ser purificadas pela fé, arrependimento e transformação, ou será

inútil para nós nos aproximarmos de Deus em oração, ou em qualquer outro dos exercícios de devoção. 3. O coração dos inconstantes, "*...de duplo ânimo*", precisa ser purificado. O que se quer dizer aqui são os que hesitam entre Deus e o mundo. "*...purificai o coração*" é ser sincero e agir com base nesse único alvo e princípio, antes agradar a Deus do que buscar qualquer coisa neste mundo; a hipocrisia é a impureza do coração. Mas os que se submetem a Deus corretamente purificam o seu coração como também limpam as suas mãos. 4. "*Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai*". "Sejam quais forem as aflições que Deus vos enviar, tomai-as como Ele vos envia, e sejam devidamente sensíveis a elas. Sede afligidos quando aflições forem enviadas sobre vós, e não as desprezeis. Ou sede afligidos na vossa compaixão com os que assim estão, e ao considerardes no coração as calamidades da igreja de Deus. Lamentai e chorai por seus próprios pecados e pelos dos outros; tempos de disputas e divisões são tempos em que se deve lamentar, e os pecados que causam guerras e brigas devem ser lamentados. *Converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza*". Isso pode ser entendido ou como prenúncio de tristeza ou uma prescrição para a seriedade. Que os homens pensem que podem desafiar a tristeza, mas Deus pode enviá-la sobre eles. Ninguém ri tão seguramente que Deus não possa converter o riso em pranto. E parece ser esse o caso dos despreocupados cristãos a quem Tiago escreveu sua epístola. Eles são dirigidos, portanto, antes que as coisas se tornem piores, a colocarem de lado a sua alegria presunçosa e seus prazeres sensuais, para que cedam à tristeza divina e às lágrimas penitenciais. 5. "*Humilhai-vos perante o Senhor.* Que os atos interiores da alma sejam adequados a todas aquelas expressões exteriores de tristeza, aflições e pesar, mencionadas anteriormente". A humildade de espírito é aqui exigida, como aos olhos daquele que olha principalmente para o espírito dos homens. "Que haja uma humilhação profunda no lamento de tudo que é mau; que haja grande humildade em se fazer o que é bom: *Humilhai-vos*".

VI Temos grande encorajamento de agir assim para com Deus: "*Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós*" (v. 8), e Ele *exaltará* os que se humilharem diante dele (v. 10). Os que se chegam a Deus por obediência descobrem que Deus se chega a eles por misericórdia. Chegue-se a Ele em fé, em confiança e obediência, e Ele vai se chegar a você para a sua libertação. Se não há uma íntima comunhão entre Deus e nós, é nossa culpa, e não dele. Ele *exaltará* o humilde. O próprio Senhor declarou isso: "*...e o que a si mesmo se exaltar será humilhado*" (Mt 23.12). Se estivermos realmente arrependidos e humildes debaixo das marcas do que agrada a Deus, saberemos em pouco tempo as vantagens do seu favor. Ele vai nos exaltar e nos levantar dos problemas, ou Ele vai nos exaltar em nosso espírito e nos confortar nos problemas; Ele vai nos exaltar à honra e segurança no mundo, ou Ele vai nos exaltar e levantar no nosso caminho para o céu, para elevar nosso coração e sentimentos acima do mundo. Deus vai "*...vivificar o espírito dos abatidos*" (Is 57.15), Ele vai ouvir os "*...desejos dos mansos*" (Sl 10.17), e no final Ele vai elevá-los à glória. Antes da honra está a humildade. A honra mais elevada no céu vai ser a recompensa pela maior humilhação na terra.

Advertência contra a Difamação. Advertência contra a Presunção

vv. 11-17

Nessa parte do capítulo:

I Somos advertidos acerca do pecado da difamação: "*Irmãos, não faleis mal uns dos outros*" (v. 11). A palavra grega, *kataleite*, significa falar qualquer coisa que possa machucar ou insultar alguém; não devemos falar coisas más dos outros, mesmo que sejam verdadeiras, a não ser que sejamos chamados para isso, e haja alguma ocasião necessária para isso. Muito menos devemos contar coisas más quando são falsas, ou, pelo que sabemos, talvez sejam assim. Nossos lábios precisam ser guiados pela lei da bondade, como também da verdade e da justiça. Isso, que Salomão torna uma parte necessária do caráter da mulher virtuosa – em que ela "*...abre a boca com sabedoria e a lei da beneficência está na sua língua*" (Pv 31.26) –, precisa ser também uma parte do caráter de todo cristão verdadeiro. *Não faleis mal uns dos outros.* 1. Porque vocês são irmãos. A interpelação, como usada pelo apóstolo aqui, traz um argumento consigo. É exigido de nós que sejamos cuidadosos com o bom nome dos nossos irmãos; se não podemos falar bem, é melhor que não falemos nada. Não podemos ter prazer em tornar conhecidas as falhas dos outros, divulgando coisas que são secretas, meramente para expô-los, nem em aumentar as suas falhas além do que elas merecem, e, acima de tudo, não inventar histórias falsas e espalhar coisas acerca deles das quais eles são totalmente inocentes. O que seria isso senão suscitar o ódio e a perseguição do mundo contra aqueles que estão empenhados conosco nos mesmos interesses, e por isso aqueles com quem nós mesmos ficamos em pé ou caímos? "Considerem isto: vocês são irmãos". 2. Porque isso seria julgar a lei: "*Quem fala mal de um irmão e julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei*". A lei de Moisés diz: "*Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo*" (Lv 19.16). A lei de Cristo é: "*Não julgueis, para que não sejais julgados*" (Mt 7.1). O resumo e a essência de ambas são que os homens devem amar uns aos outros. Uma língua difamadora, portanto, condena a lei de Deus e o mandamento de Cristo quando difama o seu próximo. Violar os mandamentos de Deus é de fato falar mal deles, e julgá-los, como se fossem severos demais e impusessem uma restrição grande demais sobre nós. Os cristãos a quem Tiago escreveu eram capazes de falar coisas muito duras uns dos outros, por causa de diferenças acerca de coisas indiferentes (como a observância quanto a carnes e dias, como aparece em Rm 14). "Então", diz o apóstolo, "aquele que repreende e condena o seu irmão por não concordar com ele naquelas coisas acerca das quais a lei de Deus permanece neutra, com isso censura e condena a lei, como se ela tivesse feito mal em ficar neutra em relação a essas coisas. Aquele que briga com o seu irmão, e o condena por alguma coisa que não está de-

terminada na palavra de Deus, com isso reflete sobre essa palavra de Deus como se não fosse uma regra perfeita. Que nos abstenhamos de julgar a lei, porque a lei do Senhor é perfeita; se os homens violam a lei, que isso os julgue; se eles não a violam, que não os julguemos". Esse é um mal terrível, porque significa esquecer o nosso lugar, que devemos ser praticantes da lei, e significa colocar-nos acima dela, como se devêssemos ser juízes dela. Aquele que é culpado do pecado contra o qual se adverte aqui não é praticante da lei, mas seu juiz; ele está tomando para si uma função e um lugar que não são seus, e ele certamente vai sofrer no final em virtude da sua presunção. Os que estão mais propensos a se colocarem como juízes da lei em geral são os que mais falham na sua obediência a ela. 3. Porque Deus, o Legislador, reservou totalmente para si o direito de pronunciar a sentença final sobre os homens: "*Há só um Legislador e um Juiz, que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?*" (v. 12). Príncipes e estados não ficam excluídos, por aquilo que é dito aqui, de fazer leis; tampouco são os súditos estimulados de forma alguma a desobedecerem às leis humanas; mas Deus ainda assim deve ser reconhecido como o supremo Legislador, que é o único que pode fazer leis para a consciência, e que é o único a quem se deve obediência absoluta. O seu direito de decretar leis é incontestável, pois Ele tem o poder para colocá-las em vigor. Ele é capaz de salvar e de destruir, como nenhum outro é. Ele tem o poder de recompensar a observância das suas leis e de castigar toda a desobediência; Ele pode salvar a alma e torná-la feliz para sempre, ou Ele pode, depois de matar, lançar no inferno. E por isso Ele deve ser considerado o grande Legislador, e todo o julgamento deve ser deixado e confiado a Ele. Visto que há um Legislador, podemos daí deduzir que não cabe a homem ou grupo algum de homens no mundo se propor a fazer leis imediatamente para submeter a consciência; pois isso é prerrogativa de Deus, que não deve ser violada. Assim como o apóstolo tinha advertido antes que não houvesse muitos mestres, aqui ele exorta para que não haja muitos juízes. Não façamos prescrições aos nossos irmãos, que não os censuremos nem condenemos; é suficiente termos a lei de Deus, que é uma regra verdadeira para todos nós. E por isso não devemos estabelecer outras regras. Que não nos atrevamos a estabelecer nossas próprias noções e opiniões como regras para tudo acerca de nós, pois *há só um Legislador.*

II Somos advertidos contra uma confiança presunçosa acerca da continuidade da nossa vida, e contra fazermos projetos com base nela com a certeza do sucesso (vv. 13,14). O apóstolo, ao censurar aqueles que eram juízes e condenadores da lei, agora censura os que são indiferentes à Providência: "*Eia, agora*", uma antiga forma de falar, designada a chamar a atenção; a palavra grega pode ser traduzida por: *Vede, agora*, ou: "*Vede e considerai, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e contrataremos, e ganharemos*. Refleti um pouco sobre essa forma de pensar; prestai contas a vós mesmos por ela". A séria reflexão sobre as nossas palavras e caminhos nos mostraria muitos males em que, por descuido, somos capazes de incorrer e neles continuar. Havia muitos que diziam, como ainda há os que dizem: *Hoje ou amanhã, iremos a tal cidade, e lá* faremos isso e aquilo por tanto tempo, enquanto negligenciam toda a consideração séria pelas ordens da Providência. Observe aqui: 1. Como são propensos os homens mundanos e arrojados a deixar Deus de fora dos seus planos. No ponto onde eles estão com os interesses fixados em coisas terrenas, estas têm o estranho poder de absorver os pensamentos do seu coração. Por isso, devemos estar alertados quando aumentam o nosso interesse e a busca de qualquer coisa daqui de baixo. 2. Quanto de felicidade mundana está nas promessas que os homens fazem a si mesmos antecipadamente. Sua cabeça está cheia de excelente sabedoria com relação ao que devem fazer, e ser, e desfrutar, em algum tempo futuro, quando não podem nem ter certeza do tempo de nenhuma das vantagens que se prometem a si mesmos. Por isso, observe: 3. Como é vão olhar para qualquer coisa boa no futuro, sem a concordância da Providência. *Iremos a tal cidade* (eles dizem), talvez a Antioquia, ou Damasco, ou Alexandria, que eram então os grandes lugares de comércio; mas como podiam estar certos, quando começavam a sua viagem, que chegariam a qualquer uma dessas cidades? Algo poderia se interpor no seu caminho, ou desviá-los a outro lugar, ou cortar o fio da vida. Muitos que começaram uma viagem foram ao túmulo e nunca chegaram ao seu destino proposto. Mas, suponha que cheguem à cidade proposta, como saberão que devem continuar ali? Algo pode acontecer que os envie de volta, ou daquele lugar para outro, ou abrevie a sua estadia. Ou suponha que eles fiquem o período proposto completo, mas não tenham certeza se vão comprar e vender ali; talvez fiquem doentes, ou talvez não consigam encontrar as pessoas esperadas para fazer negócios. Ainda, suponha que eles vão àquela cidade e continuem lá por um ano, e comprem e vendam, mas talvez não tenham lucro; obter lucro neste mundo é, na melhor hipótese, uma coisa incerta, e talvez façam mais negócios que dêem prejuízo do que os que dão lucro. E então, com relação a todos esses aspectos particulares, a fragilidade, brevidade e incerteza da vida deveriam conter a vaidade e a confiança presunçosa desses arrojados para o futuro: "*Porque que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece*" (v. 14). Deus sabiamente nos deixou no escuro em relação a eventos futuros, até mesmo em relação à duração desta vida. "*...não sabeis o que acontecerá amanhã*". Podemos saber o que temos a intenção de fazer e ser, mas um milhão de coisas pode acontecer e nos impedir. Não temos certeza nem da própria vida, visto que é como um vapor, algo com aparência, mas nada sólido nem certo; facilmente se dissipa e se vai. Podemos fixar a hora e o minuto do nascer do sol e do seu pôr amanhã, mas não podemos fixar o tempo exato de o vapor se dissipar; assim é a nossa vida: "*...aparece por um pouco e depois se desvanece*". Ela se desvanece em relação a este mundo, mas há uma vida que continua no outro mundo; e, visto que esta vida é tão incerta, cabe a nós nos prepararmos e fazermos provisão para a vida por vir.

III Somos ensinados a manter um constante senso de dependência da vontade de Deus para a vida,

e todas as ações e todos os prazeres ligados a isso: "*Porque que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece*" (v. 15). O apóstolo, tendo censurado os leitores por aquilo que estava faltando, agora os dirige acerca de como podem ser e fazer melhor: "Vocês devem dizer no seu coração em todo o tempo, e ocasionalmente com a língua, que se o Senhor der permissão, e se Ele der a sua bênção, vocês têm tais e tais planos para realizar". Isso tem de ser dito, não de forma leviana, formal e rotineira, mas precisamos pensar no que estamos dizendo; isso precisa ser dito com reverência e seriedade. É bom nos expressarmos assim, quando estamos tratando com outros, mas é condição indispensável que o digamos para nós mesmos em tudo que fazemos. A expressão: *syn Theo – com a permissão e bênção de Deus*, era usada pelos gregos no começo de qualquer empreendimento. 1. "*Se o Senhor quiser, e se vivermos*". Precisamos lembrar que o nosso tempo não está nas nossas mãos, mas à disposição de Deus; vivemos o tanto que Deus determina e nas circunstâncias que Deus determina, e por isso precisamos ser submissos a Ele, até mesmo em relação à própria vida. E então: 2. "*Se o Senhor quiser,* [...] *faremos isto ou aquilo*". Todas as nossas ações e desígnios estão sob o controle do céu. Nossa cabeça pode estar cheia de preocupações e de idéias. Podemos nos propor a fazer isso ou aquilo para nós mesmos, ou para nossas famílias, ou nossos amigos. Mas a Providência às vezes quebra todas as nossas capacidades, e confunde todos os nossos planos. Assim, tanto nossos planos para a ação quanto a nossa conduta na ação devem ser totalmente submetidos a Deus; tudo que planejamos e tudo que fazemos deve ser feito em submissa dependência de Deus.

IV Somos dirigidos a evitar a vanglória, e a considerá-la não somente algo tolo, mas como uma coisa muita maligna. "*Mas, agora, vos gloriais em vossas presunções; toda glória tal como esta é maligna*" (v. 16). Eles tinham esperanças de vida e prosperidade, e de grandes coisas no mundo, sem a devida consideração por Deus; e aí se vangloriavam dessas coisas. Essa é a alegria das pessoas mundanas, se vangloriarem de todos os seus sucessos, e mais, às vezes até se vangloriarem dos seus projetos antes de saber que sucesso obterão. Como é comum que os homens se vangloriem de coisas que não possuem, a não ser do que brota da sua própria vaidade e presunção! *Toda glória tal como esta*, diz o apóstolo, *é maligna*; é tola e é nociva. Quando os homens se vangloriam de coisas mundanas e de seus projetos ambiciosos, quando na verdade deveriam observar os humildes deveres expostos anteriormente (vv. 8-10), isso é uma coisa muito maligna. É um grande pecado aos olhos de Deus, vai conduzi-los a grandes frustrações, e vai comprovar a sua destruição no final. Se nos alegramos em Deus porque nosso tempo está em suas mãos, que todos os eventos estão à sua disposição e que Ele é o nosso Deus do concerto, essa alegria é boa; a sabedoria, o poder e a providência de Deus estão então ocupados em fazer com que todas as coisas cooperem para o nosso bem. Mas, se nos alegramos na nossa própria confiança e nas nossas vanglórias presunçosas, isso é maligno. É um mal que precisa ser cautelosamente evitado por todos os homens sábios e bons.

V Somos ensinados a viver à altura das nossas convicções em toda a nossa conduta, e, não importa se estamos tratando com Deus ou os homens, que nos empenhemos em nunca agir contra o nosso próprio conhecimento (v. 17): "*Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado*". É o pecado agravado; é pecado com testemunha; e significa ter a pior testemunha contra a sua própria consciência. Observe: 1. Isso está imediatamente conectado com a lição clara de dizer: "*Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo*". Eles talvez estejam dispostos a dizer: "Isso é uma coisa muito óbvia; quem não sabe que todos dependemos do Deus Todo-poderoso para viver, para respirar e para todas as coisas?". Se você de fato sabe isso, então sempre que você agir de forma contrária a essa dependência, lembre-se disto: "*Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado*", o pecado maior. 2. Os pecados de omissão serão julgados, assim como os pecados cometidos. Aquele que não faz o bem que ele sabe que deve fazer e aquele que faz o mal que ele sabe que não deve fazer serão condenados. Que então nos empenhemos para que a consciência seja corretamente informada, e que então seja fiel e continuamente obedecida. Pois, "*...se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus*" (1 Jo 3.21); mas se "*...dizeis: Vemos* (e não agimos de acordo com nossa vista), *por isso, o vosso pecado permanece*" (Jo 9.41).

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo anuncia os juízos de Deus sobre os ricos que oprimem os pobres, mostrando-lhes como são grandes aos olhos de Deus seus pecados e sua tolice, e como serão horríveis os castigos que vão cair sobre eles (vv. 1-6). Depois disso, todos os fiéis são exortados à paciência quando em provações e sofrimentos (vv. 7-11). Há uma advertência contra o pecado do juramento (v. 12). Somos orientados a como agir tanto nas aflições quanto na prosperidade (v. 13). Em seguida é prescrita a oração pelos enfermos e a sua unção com óleo (vv. 14,15). Tiago diz que os cristãos devem confessar os seus pecados uns aos outros e a orar uns pelos outros, e então se demonstra a eficácia da oração (vv. 16-18). E, por último, recebemos a recomendação de fazer o que estiver ao nosso alcance para trazer de volta os que se desviam dos caminhos da verdade.

Advertências aos Ricos. Motivos para a Paciência sob a Aflição

vv. 1-11

O apóstolo se dirige aqui primeiramente aos pecadores e depois aos santos.

I Vamos considerar as suas palavras aos pecadores. E aqui temos Tiago confirmando o que o seu grande Mestre tinha dito: "*Mas ai de vós, ricos! Porque já tendes a vossa consolação*" (Lc 6.24). Essas palavras de ad-

vertência não foram dirigidas aos ricos que professavam a fé cristã, mas aos judeus mundanos e incrédulos, que são descritos aqui como os que condenam e matam o justo, algo que os cristãos não tinham poder algum para fazer. E embora essa epístola tenha sido escrita por causa dos fiéis, e tenha sido enviada principalmente a eles, contudo, pode-se considerar que o autor está se dirigindo aqui aos judeus incrédulos. Eles não ouviriam a palavra, e por isso ela foi escrita, para que eles a lessem. Observamos na primeira saudação desta epístola, que ela não é dirigida, como o eram as epístolas de Paulo, *aos irmãos em Cristo*, mas *às doze tribos*; e a saudação não é: *graça e paz de Cristo*, mas, em geral: *saúde* (cap. 1.1). Os pobres entre os judeus receberam o evangelho, e muitos deles creram. Mas os judeus como um todo rejeitaram o cristianismo, e foram endurecidos na sua incredulidade, e odiaram e perseguiram aqueles que creram em Cristo. É a essas pessoas opressoras, incrédulas, perseguidoras e ricas que o apóstolo se dirige nos primeiros seis versículos.

1. Ele prenuncia os castigos de Deus que virão sobre eles (vv. 1-3). *Misérias* virão sobre eles, e misérias tão terríveis que somente a expectativa delas já é suficiente para fazê-los chorar e gritar – misérias que surgirão exatamente das coisas em que eles depositam a sua felicidade, e as misérias que serão completadas por essas coisas que testemunham contra eles no final, para sua completa destruição. E eles são, agora, chamados à razão, e a pesarem a questão seriamente, e a pensarem como vão suportar o castigo de Deus: "*Eia, pois, agora vós, ricos*" (1) "Vocês podem estar certos disto: calamidades terríveis virão sobre vocês, calamidades que não trarão consigo nenhuma ajuda ou conforto, mas tudo serão misérias, miséria no tempo, miséria para a eternidade, miséria nas suas aflições exteriores, miséria na sua disposição mental interior, miséria neste mundo, miséria no inferno. Não é uma miséria apenas que está vindo sobre vocês, mas misérias. A ruína da sua nação e religião está à porta; e virá um dia de ira, quando as riquezas não darão benefício algum aos homens, mas *todos os ímpios serão destruídos*". (2) Já a expectativa de tais misérias que estão vindo sobre eles é suficiente para fazê-los chorar e gritar. Os ricos são propensos a dizer a si mesmos (e outros estão propensos a dizer a eles): *Comei, bebei e folgai*; mas Deus diz: *Chorai e pranteai*. Não é dito: Chorai e arrependei-vos, pois o apóstolo não espera isso deles (ele fala em forma de denúncia e não de exortação). Mas ele diz: "Chorai e pranteai, pois quando vier a vossa condenação não haverá nada além de pranto e ranger de dentes". Os que vivem como animais vão uivar como tais. As calamidades públicas são horríveis para os ricos, que vivem nos prazeres e estão seguros e são carnais; e por isso eles devem chorar e prantear mais do que outras pessoas por causa das misérias que virão sobre eles. (3) As suas misérias vão surgir exatamente das coisas em que eles depositaram a sua felicidade. "A corrupção, a decadência, a ferrugem e a ruína, tudo isso vai sobrevir a todos os vossos bens materiais: *As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas da traça* (v. 2). As coisas de que agora apreciais excessivamente, são as que depois vão machucar-vos insuportavelmente. Não terão nenhum valor, nenhum uso para vós; mas, ao contrário, vos traspassarão com muitas aflições", pois: (4) "*Darão testemunho contra vós e comerão como fogo a vossa carne*" (v. 3). Coisas inanimadas são com freqüência representadas nas Escrituras como testemunhas contra os homens ímpios. O céu, a terra, as pedras do campo, a produção da terra, e aqui até a ferrugem e a traça de tesouros mal-guardados e mal-preservados são mencionados como testemunhas contra homens ricos e ímpios. Eles acham que estão armazenando tesouros para dias futuros, para viverem deliciosamente quando forem velhos; mas, ai deles! Estão apenas armazenando tesouros para se tornarem presas dos outros (como tudo foi tomado dos judeus pelos romanos), e tesouros que no final vão comprovar serem apenas tesouros de ira, "*...no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus*" (Rm 2.5). Então suas iniqüidades, pelo castigo delas, comerão "*...como fogo a vossa carne*". Nas ruínas de Jerusalém, muitos milhares pereceram pelo fogo; no último juízo os maus serão condenados ao "*...fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos*" (Mt 25.41). Que o Senhor nos liberte do destino dos homens ricos ímpios! E, para que assim seja, cuidemos para não cair nos seus pecados, que vamos considerar em seguida.

2. O apóstolo mostra o que são os pecados que vão causar tais misérias. Estar numa situação tão deplorável com certeza é devido a alguma transgressão abominável. (1) A cobiça é um dos pecados de que esse povo é acusado; eles armazenam suas roupas até que criem traças e sejam comidas; eles acumulam seu ouro e prata até que fiquem enferrujados e apodreçam. É uma grande desgraça que existe nessas coisas, que elas carregam em si mesmas os princípios da sua própria corrupção e destruição – a roupa cria a traça que a corrói, o ouro e a prata produzem a ferrugem que os come; mas a desgraça recai de forma mais intensa sobre os que acumulam essas coisas, que se tornam corrompidas, apodrecidas e são comidas. Deus nos dá as posses terrenas para que possamos honrá-lo e fazer o bem com elas; mas se, em vez disso, nós as acumulamos de forma pecaminosa, por meio de um apego indevido a elas, ou uma desconfiança da provisão de Deus para o futuro, isso é uma transgressão abominável, e terá testemunhas contra si exatamente por meio da ferrugem e da corrupção do tesouro assim acumulado. (2) Outro pecado de que são acusados aqueles a quem Tiago escreve é a opressão: "*Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras e que por vós foi diminuído clama*" (v. 4). Os que têm riquezas em suas mãos concentram poder nelas, e então eles são tentados a abusar do poder de oprimir os que estão sob as ordens deles. Os ricos que temos aqui empregando os pobres no seu trabalho – e os ricos têm tanta necessidade do trabalho dos pobres como os pobres têm necessidade do salário dos ricos, e da mesma forma não poderiam ficar sem ele – retinham o salário dos trabalhadores. Tendo poder nas suas mãos, é provável que tenham feito acordos opressivos para os pobres, e mesmo assim depois não cumpriram o acordo como deveriam fazer. Isso é um pecado gritante, uma iniqüidade que clama e alcança os ouvidos de Deus; e, nesse caso, o Senhor deve ser considerado o Senhor dos exércitos, *Kyriou sabaoth*, uma expressão muito usada no Antigo

Testamento, quando o povo de Deus era indefeso e queria proteção, e quando seus inimigos eram numerosos e poderosos. O Senhor dos exércitos, que tem todos os níveis de seres e criaturas à sua disposição, e que estabelece todos em seus diversos lugares, ouve os oprimidos quando estes clamam em virtude da crueldade ou injustiça do opressor, e Ele vai dar ordens a alguns dos exércitos que estão sob suas ordens (anjos, tempestades, distúrbios ou semelhantes) para vingar o mal feito àqueles que são tratados injustamente ou sem misericórdia. Guarde-se do pecado de defraudar e oprimir os pobres e trabalhadores, e evite até a aparência disso. (3) Outro pecado citado aqui é a sensualidade e a volúpia. "*Delici-osamente, vivestes sobre a terra, e vos deleitastes*" (v. 5). Deus não nos proíbe de desfrutar dos prazeres legítimos aqui na terra. Mas viver nela como se vivêssemos só para isso é um pecado provocante demais; e fazer isso na terra onde somos apenas estrangeiros e peregrinos, onde vamos ficar só por pouco tempo, e onde devemos estar nos preparando para a eternidade – isso é um agravamento sério do pecado da volúpia. A luxúria torna as pessoas devassas, como em Oséias 13.6: "*Depois, eles se fartaram em proporção do seu pasto; estando fartos, ensoberbeceu-se o seu coração; por isso, se esqueceram de mim*". A devassidão e a luxúria geralmente são os efeitos de grande fartura e abundância; quando as pessoas têm grande fartura e abundância torna-se difícil não se abandonarem aos prazeres carnais e sensuais: "*...e cevastes o vosso coração, como num dia de matança*. Viveis cada dia como se fosse um dia de sacrifícios, um festival; e com isso o vosso coração é engordado e cevado para a estupidez, para a imbecilidade, para o orgulho e para a insensibilidade aos desejos e aflições dos outros". Alguns talvez digam: "Que mal há em ter grande satisfação, desde que as pessoas não gastem mais do que têm?". Mas será que não há mal no fato de pessoas fazerem do seu estômago o seu deus e darem tudo a ele, em vez de serem ricas em atos de caridade e de piedade? Será que não há mal no fato de as pessoas se tornarem incapazes de levar em consideração as preocupações da sua alma, ao se abandonarem a apetites do seu corpo? Certamente, aquilo que fez o fogo cair sobre Sodoma e produzirá essas misérias aqui pelos quais os ricos são chamados a chorar e prantear é um mal abominável! O orgulho, a preguiça e a abundância de pão significam a mesma coisa que viver no prazer, e ser devasso, e cevar o coração como num dia de matança. (4) Outro pecado que aqui é atribuído aos ricos é a perseguição: "*Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu*" (v. 6). Isso enche a medida da iniqüidade deles. Eles oprimem e agem de forma muito injusta para adquirir posses; quando as têm, dão lugar à luxúria e à sensualidade, até perderem toda a percepção e sentimento pelas necessidades e aflições dos outros; e então perseguem e matam sem remorso. Eles simulam agir legalmente, pois condenam antes de matar; mas acusações injustas, não importa a cor da lei que carregam, serão levadas à prestação de contas quando Deus fizer investigação do sangue, como também de massacres e assassínios evidentes. Observe aqui: Os justos podem até ser condenados e mortos, mas observe novamente: Quando estes de fato sofrem e cedem sem resistência à sentença injusta dos opressores, isso é marcado por Deus, para a honra dos que sofrem e a infâmia dos seus perseguidores. Isso em geral mostra que os julgamentos estão à porta, e podemos certamente concluir que o dia do ajuste de contas virá, para recompensar a paciência dos oprimidos e esmigalhar o opressor. É até aí que vai a palavra aos pecadores.

II Temos a seguir uma palavra aos santos. Alguns se prontificaram a desprezar ou condenar essa forma de pregar, quando ministros, na sua aplicação, levaram uma palavra aos pecadores e uma palavra aos santos. Mas, com base no fato de o apóstolo empregar aqui esse método, podemos concluir que essa é a melhor maneira de dividir a palavra da verdade. A partir do que foi dito acerca de homens ricos maus e opressores, volta-se agora a atenção para a administração de conforto ao povo aflito de Deus: "Portanto, sejam pacientes; visto que Deus vai mandar tais misérias sobre os ímpios, vocês podem ver qual é o seu dever, e onde está o seu maior encorajamento".

1. Observe qual é o dever dos cristãos: "*Sede, pois, irmãos, pacientes...*" (v. 7), "*...fortalecei o vosso coração*" (v. 8), "*...não vos queixeis uns dos outros*" (v. 9). Considere atentamente o significado dessas três expressões: (1) "*Sede pacientes* – Suportai as vossas aflições sem murmuração, vossas injustiças, sem vingança; e, se Deus não vos aparecer de nenhuma forma evidente e imediata, esperai por Ele. '*Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará*' (Hc 2.3). Que a vossa paciência seja estendida até a perseverança". Assim, a palavra usada aqui, *makrothymesate*, significa. Quando terminamos de fazer o nosso trabalho, precisamos ter paciência para esperar a nossa recompensa. Essa paciência cristã não é uma mera entrega à necessidade, como era a paciência moral ensinada por alguns filósofos, mas é uma humilde submissão à sabedoria e vontade de Deus, com um olho na gloriosa recompensa futura: "*Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor*". E porque essa é uma lição que os cristãos precisam aprender, embora sempre tão pesada e difícil para eles, ela é repetida no versículo 8: "*Sede vós também pacientes*". (2) "*Fortalecei o vosso coração* – que a vossa fé esteja firme, sem vacilação, que a vossa prática do que é bom seja constante e contínua, sem cansar, e a vossa determinação por Deus e pelo céu esteja firme, apesar de todos os vossos sofrimentos e tentações". A prosperidade dos ímpios e a aflição dos justos têm sido, em todas as épocas, motivos de grande provação à fé do povo de Deus. Davi nos conta que os seus "*...pés quase que se desviaram ao ver a prosperidade dos ímpios*" (Sl 73.2,3). Alguns dos cristãos a quem Tiago escreveu talvez estivessem na mesma situação cambaleante; e por isso eles são chamados a fortalecer o coração deles. A fé e a paciência fortalecem o coração. (3) "*Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros*"; as palavras *me stenazete* significam: Não suspireis uns contra os outros, isto é: "Não tornem os outros apreensivos e ansiosos por seus suspiros queixosos acerca do que sobrevém a vocês, nem por seus suspiros de desconfiança com relação ao que ainda pode vir sobre vocês, nem por suspiros vingativos contra os agentes dos seus sofri-

mentos, nem por seus suspiros invejosos daqueles que talvez estejam livres das suas calamidades; não se tornem ansiosos a si mesmos, nem uns aos outros ao suspirarem assim e afligirem uns aos outros". "O apóstolo me parece" (diz o Dr. Manton) "estar reprovando aqui aquelas ofensas e animosidades mútuas com que os cristãos daqueles tempos, tendo se agrupado em torno dos nomes de circuncisão e incircuncisão, de fato se afligiam uns aos outros, e davam motivos de suspiros uns aos outros; assim que eles não somente gemiam sob a opressão dos ricos que os perseguiam, mas sob as ofensas que suportavam de muitos dos seus irmãos que, junto com eles, professavam a santa fé". Os que estão no meio de inimigos comuns, e em circunstâncias de sofrimento, devem ser especialmente cuidadosos para não se ofenderem uns aos outros e nem se queixarem uns dos outros, pois se não o julgamento vai recair sobre eles assim como sobre os outros; e quanto mais prevalecentes forem esses rancores, mais perto mostram estar o julgamento.

2. Considere o encorajamento que há aqui para os cristãos serem pacientes, para fortalecerem o seu coração e não se queixarem uns contra os outros. E: (1) "Tomem, por exemplo, o lavrador: Ele '*...espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia*'. Quando vocês semeiam a semente na terra, vocês esperam muitos meses pela chuva temporã e pela chuva serôdia e vocês estão dispostos a esperar até colherem o fruto do seu trabalho. Será que isso não os ensina a suportar algumas tempestades, e ser pacientes até a estação em que esperam vir o reino e a felicidade eternos? Considerem aquele que espera uma colheita de cereais; e será que vocês não podem esperar pela coroa da glória? Se vocês forem chamados a esperar um pouco mais do que espera o lavrador, será que isso não é algo desproporcionalmente maior e infinitamente mais valioso de ser esperado?" Mas: (2) "Pensem como possivelmente breve o seu tempo de espera: '*...já a vinda do Senhor está próxima*' (v. 8); '*Eis que o juiz está à porta*' (v. 9). Não sejam impacientes, não briguem uns com os outros; o justo juiz, que dará os direitos a todos, que vai castigar os ímpios e recompensar os bons, está à porta: Ele deve ser imaginado por vocês como se estivesse prestes a bater à sua porta". A *vinda do Senhor* para castigar os judeus ímpios estava muito próxima na época em que Tiago escreveu essa epístola. E, sempre que a paciência e outras virtudes do povo de Deus são provadas de maneira extraordinária, a certeza da vinda de Cristo como Juiz, e a proximidade dela, devem fortalecer o nosso coração. O Juiz está agora muito mais perto, na sua vinda para julgar o mundo, do que quando essa epístola foi escrita: dezessete séculos* mais próxima; e, assim, isso deve ter um efeito bem maior sobre nós. (3) O perigo de sermos condenados quando o Juiz vier deveria nos estimular a levar a sério o nosso dever como mostrado anteriormente: "*...não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados*". A lamúria e o descontentamento nos expõem ao justo juízo de Deus, e trazemos mais calamidades sobre nós mesmos por meio de nossas lamúrias queixosas, desconfiadas e invejosas uns contra os outros do que pensamos. Se evitarmos esses males, e formos pacientes nas nossas provações, Deus não vai nos condenar. Encorajemo-nos uns aos outros com isso. (4) Somos encorajados a ser pacientes pelo exemplo dos profetas (v. 10): "*Meus irmãos, tomai por exemplo de aflição e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor*". Observe aqui: Os profetas, a quem Deus deu a maior honra e pelos quais teve a maior predileção, foram os mais afligidos. E, quando pensamos que os melhores homens tiveram o pior tratamento neste mundo, devemos, com isso, nos conformar com a aflição. Observe ainda: Aqueles que foram os maiores exemplos no que tange a sofrer aflições foram também os maiores e melhores exemplos de paciência: "*...a tribulação produz a paciência*". Então, Tiago nos apresenta isso como o senso comum dos fiéis (v. 11): "*Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram*". Olhamos para os sofredores justos e pacientes como as pessoas mais felizes. Veja cap. 1.2-12. (5) Jó também é apresentado como exemplo de encorajamento aos afligidos. "*Ouvistes qual foi a paciência de Jó e vistes o fim que o Senhor lhe deu*" (v. 11). No caso de Jó, temos uma variedade de misérias, e tais que foram muito repugnantes e dolorosas, mas em todas ele pôde bendizer a Deus, e, com relação à disposição geral do seu espírito, ele foi paciente e humilde. E o que lhe aconteceu no final? Ora, verdadeiramente Deus realizou e produziu para ele aquelas coisas que provam claramente *que o Senhor é muito misericordioso e piedoso.* A melhor forma de suportar a aflição é olhar para o seu fim; e a misericórdia de Deus é tal que Ele não vai atrasar em conduzi-la até o final quando os seus propósitos serão então realizados. E a terna misericórdia é tal que Ele vai fazer generosa reparação ao seu povo por todos os seus sofrimentos e aflições. Suas entranhas se comovem por eles enquanto sofrem, e sua generosidade será manifestada depois. Que sirvamos a Deus e suportemos nossas provações como aqueles que crêem que no final vão ser coroados.

Advertência contra o Juramento. Censura à Profanidade. Confissão e Oração. A Eficácia da Oração

vv. 12-20

Ao conduzir essa epístola ao seu final, o autor muda rapidamente de um assunto para outro. É por isso que assuntos tão diferentes são tratados nesses poucos versículos.

I Temos aqui a advertência contra o juramento: "*Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis...*" (v. 12). Alguns entendem isso de forma muito restrita, como se o significado fosse: "Não praguejem contra os seus perseguidores, contra aqueles que disserem todo o mal contra vocês; não percam o controle das suas emoções pelas

* Nota do editor: Matthew Henry produziu sua *Exposição* no começo século XVIII, ou seja, dezessete séculos a partir do primeiro século cristão, com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e o estabelecimento da Igreja.

ofensas que fizerem a vocês, para que no seu descontrole vocês sejam provocados a praguejar"*. Esse tipo de praguejar certamente é proibido aqui. E não serve como desculpa quando aqueles que praguejam dizem que o fazem somente quando são provocados a isso, e o fazem antes de se darem conta. Mas a advertência do apóstolo se aplica também a outras ocasiões relacionadas ao significado dessa palavra. Alguns traduziram as palavras *pro panton* por *antes de todas as coisas*; e assim fizeram sentido desse trecho ao dizerem que os leitores não deveriam, nas conversas comuns, colocar um juramento antes de tudo que dissessem. Todo o juramento desnecessário feito de maneira costumeira é sem dúvida proibido e condenado ao longo de todas as Escrituras como um pecado grave. O juramento profano era muito comum entre os judeus, e, visto que a epístola é dirigida às *doze tribos* em geral *que andam dispersas* (como foi observado anteriormente), podemos considerar que essa exortação foi enviada aos que não criam. É difícil imaginar que o ato de praguejar fosse uma marca dos filhos de Deus, visto que Pedro, quando foi acusado de ser discípulo de Cristo e quis negar a acusação, "*...começou a praguejar e a jurar*" (Mt 26.74), assim pensando que com isso teria mais eficácia em convencê-los de que ele não era discípulo de Jesus. Era fato conhecido que os tais não poderiam se dar ao ato de praguejar e ao juramento; mas é possível que alguns dos mais descomprometidos entre os que eram chamados cristãos pudessem ser culpados, entre outros, também deste pecado. É um pecado que nos últimos anos têm se tornado escandalosamente prevalecente, até mesmo entre os que são considerados dignos acima de todos os outros de levarem o nome e os privilégios cristãos. É muito raro, aliás, ouvir de um dissidente da igreja da Inglaterra que seja culpado do ato de praguejar e do ato de juramento; mas entre aqueles que se vangloriam de serem da igreja estabelecida nada é mais comum. E, de fato, os juramentos e as blasfêmias mais execráveis ferem hoje os ouvidos de todos os cristãos sérios. Tiago diz aqui:

1. "*Sobretudo,* [...] *não jureis*". Mas quantos há que consideram essa a menor de todas as coisas, que nada fazem com maior indiferença do que o juramento comum e profano! Mas por que o juramento é aqui proibido *sobretudo*? (1) Porque fere mais diretamente a honra de Deus e mais expressamente lança desprezo sobre o seu nome e sua autoridade. (2) Porque esse pecado é, entre todos, o menos suscetível à tentação: não é o lucro, o prazer, nem a reputação que atrai os homens a ele, mas uma leviandade do pecado, e uma desnecessária demonstração de inimizade contra Deus. "*E os teus inimigos tomam o teu nome em vão*" (Sl 139.20). Isso é uma prova de os homens serem inimigos de Deus, não importa se são chamados segundo o nome dele, ou às vezes o homenageiem com atos de adoração. (3) Visto que é enorme a dificuldade com que os homens conseguem deixar esse pecado depois de estarem acostumados a ele, deve ser vigiado acima de todas as coisas. (4) "*Sobretudo, não jureis*, porque como podeis esperar que o nome de Deus seja uma torre alta para vós em vossas aflições, se o profanais e brincais com ele em outros momentos?". Mas (como observa o Sr. Baxter), "tudo isso está tão distante de proibir os juramentos necessários que serve apenas para confirmá-los, e assim se preservar a devida reverência por eles". E aí ele ainda observa: "A verdadeira natureza de um juramento é garantir a reputação de alguma coisa certa ou grande para a comprovação de uma coisa duvidosa menor; e não (como defendem alguns) um apelo a Deus ou outro juiz". E é por isso que o juramento pelos céus, e pela terra, e pelos outros juramentos a que o apóstolo se refere, vieram a ser usados. Os judeus pensavam que se somente não esquecessem o grande juramento por *Chi-Eloah*, eles estavam seguros. Mas eles se tornaram tão profanos a ponto de jurarem pela criatura, como se ela fosse Deus; e assim a colocaram no lugar de Deus. Enquanto, por outro lado, aqueles que juram comum e profanamente pelo nome de Deus com isso o colocam no mesmo nível de todas as coisas comuns.

2. "*...mas que a vossa palavra seja sim, sim e não, não, para que não caiais em condenação*"; isto é, "que seja suficiente que vocês afirmem ou neguem uma coisa quando houver ocasião, e se empenhem em manter a sua palavra, e sejam coerentes com ela, para não dar ocasião de serem suspeitos de falsidade; e então vocês serão poupados da condenação de confirmar por meio de um juramento irrefletido o que disseram ou prometeram, e de provocar o nome de Deus para se justificarem. É o ser suspeito de falsidade que leva os homens ao juramento. Que se torne conhecido que vocês mantêm a verdade, e são firmes na sua palavra, e por meio disso vão descobrir que não há necessidade para jurar sobre o que disseram. Assim vocês escaparão da condenação que foi anexada expressamente ao terceiro mandamento: *Porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão*".

II Como cristãos, somos ensinados a nos adequar aos desígnios da Providência (v. 13): "*Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores*". A nossa condição neste mundo é variável, e é sábio da nossa parte submeter-nos ao fato de ela ser assim, e de nos comportar como nos convém tanto na prosperidade quanto na aflição. Às vezes, estamos em tristeza, às vezes, com alegria; Deus colocou essas condições em justaposição uma à outra para que possamos observar melhor os deveres que Ele requer de nós, e para que as impressões causadas aos nossos sentimentos e emoções se tornem mais úteis à nossa devoção. As aflições devem nos levar à oração, e a prosperidade deve nos fazer ricos em louvor. Não que a oração deva ser restrita aos momentos de dificuldade, nem a alegria aos momentos de alegria. Mas esses deveres podem ser realizados com vantagens especiais e para os melhores propósitos em tais épocas. 1. Num dia de aflição, nada é mais apropriado do que a oração. A pessoa que está aflita deve orar ela mesma, como também encomendar a oração dos outros por ela. Tempos de aflição devem ser tempos de oração. É para esse fim que Deus envia as aflições, para que nos empenhemos

* Nota do tradutor: No inglês, "to swear" significa tanto "jurar" quanto "blasfemar", "praguejar". O autor entendia que este segundo significado seria também uma forma de interpretar o texto. Assim, os parágrafos seguintes do comentário precisam ser entendidos nesse contexto.

em buscá-lo cedo, e para que os que em outros tempos o negligenciaram sejam levados a buscá-lo. Assim o espírito se torna humilde, o coração é quebrantado e se torna meigo; e a oração é mais aceitável a Deus quando vem de um espírito contrito e humilde. As aflições naturalmente produzem queixas; e a quem devemos nos queixar a não ser a Deus em oração? É necessário exercitar a fé e a esperança nas aflições; e a oração é o meio designado tanto para produzir quanto para desenvolver essas virtudes em nós. "*Está alguém entre vós afli-to? Ore*". 2. Num dia de alegria e prosperidade, cantar salmos é algo muito apropriado e oportuno. No texto original só está *cante, psalleto*, sem o acréscimo de louvores ou outra palavra qualquer. E aprendemos dos escritos de vários cristãos dos primeiros tempos do cristianismo (particularmente de uma carta de Plínio, e de algumas passagens em Justino, o Mártir, e de Tertuliano) que os cristãos estavam acostumados a cantar hinos, extraídos ou das Escrituras, ou de composições privadas, na sua adoração a Deus. Embora alguns tenham pensado que o conselho de Paulo aos Colossenses e aos Efésios para "*...falar uns aos outros psalmois kai hymnois kai odais pneumatikais – em salmos, hinos e cânticos espirituais*", refere-se apenas às composições das Escrituras, os salmos de Davi são distinguidos no hebraico por *shurim, tehillim e mizmorim*, palavras que correspondem exatamente a estas do apóstolo. Seja como for, disto temos certeza, que o cantar salmos é uma ordem do evangelho, e a nossa alegria deve ser alegria santa, consagrada a Deus. Cantar louvores é algo direcionado aqui a ser feito para mostrar que, se alguém estiver numa circunstância de alegria e prosperidade, deve mostrar sua alegria, mesmo que sozinho, por meio desse canal. A alegria santa convém a famílias e a alguém num lugar isolado, assim como convém a assembléias públicas. Que o nosso cântico seja tal que faça melodia com o nosso coração ao Senhor, e Deus certamente ficará satisfeito com esse tipo de devoção.

III Recebemos aqui orientações específicas acerca dos doentes, e a misericórdia perdoadora e curadora prometida aos que obedecem a essas orientações. "*Está alguém entre vós doente*", então se pede deles: 1. Que "*chame os presbíteros – presbyterous tes ekklesias* – os pastores ou ministros *da igreja*" (vv. 14,15). É do doente a responsabilidade de chamar os ministros, e desejar a ajuda e as orações deles. 2. É dever dos ministros orar pelos doentes, quando chamados a isso. "*...orem sobre ele*"; que as suas orações sejam adequadas a esse caso, e suas intercessões sejam como convêm aos que são afetados com as calamidades. 3. Em tempos de curas milagrosas, os doentes deviam ser ungidos "*...com azeite em nome do Senhor*". Os expositores em geral restringem esse ungir com azeite àqueles que tinham o poder de fazer milagres; e, quando cessaram os milagres, essa instituição também cessou. No evangelho de Marcos, lemos do incidente em que os apóstolos ungiram com azeite muitos que estavam doentes, e os curaram (Mc 6.13). E temos relatos disso sendo praticado duzentos anos depois de Cristo; mas então o dom de cura também acompanhava a unção, e, aí quando o dom milagroso cessou, esse ritual foi deixado de lado. Os romanistas na verdade fizeram disso um sacramento, que eles chamam de extrema-unção. Eles a usam, não para curar os doentes, como era usada pelos apóstolos; mas, como em geral eles contrariam as Escrituras nas ordens da sua igreja, assim aqui eles ordenam que isso seja ministrado somente àqueles que estão à beira da morte. A unção do apóstolo foi ordenada para curar a doença; a unção romanista é para a expulsão dos restos do pecado, e para capacitar a alma (como eles pretendem) a combater melhor os poderes do ar. Quando não conseguem provar, por nenhum efeito visível, que Cristo reconhece a continuação do seu rito, eles mesmo assim levam as pessoas a crer que os efeitos invisíveis são maravilhosos. Mas certamente é muito melhor omitir essa unção com azeite do que invertê-la contra os princípios estabelecidos para ela nas Escrituras. Alguns protestantes pensaram que essa unção foi apenas permitida ou aprovada por Cristo, e não instituída por Ele. Mas deveria parecer, pelas palavras de Tiago aqui, que foi uma coisa ordenada nos casos em que havia fé para a cura. E alguns protestantes a têm defendido com isso em vista. Não deveria ser usada comumente, nem mesmo na era apostólica; e alguns têm pensado que não deveria ser deixada totalmente de lado em nenhuma época, mas que sempre que houver uma medida extraordinária de fé na pessoa que unge, e nas que estão sendo ungidas, uma bênção extraordinária poderá seguir a observância dessa orientação para os doentes. Seja como for, há uma coisa que precisa ser cuidadosamente observada aqui, que a salvação do doente não é atribuída à *unção com azeite*, mas à oração: "*...e a oração da fé salvará o doente*" (v. 15). Assim que: 4. A oração sobre os doentes precisa proceder de uma fé viva, e ser acompanhada dela. Precisa haver fé tanto na pessoa que ora quanto na pessoa pela qual se ora. Em tempo de doença, não é a oração fria e formal que é eficaz, mas a oração de fé. 5. Deveríamos observar o sucesso da oração: "*...o Senhor o levantará*". Isto é, se essa pessoa for capaz e adequada para o livramento, e se Deus tiver algo a mais para essa pessoa fazer no mundo. "*...e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados*"; isto é, onde a doença foi enviada como castigo por algum pecado específico, esse pecado será perdoado, e como sinal disso a doença será removida. Assim como quando Cristo disse ao homem incapaz: "*Não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior*" (Jo 5.14), é sugerido aqui que algum pecado particular foi a causa da enfermidade do doente. A grande coisa que devemos pedir de Deus para nós mesmos e para os outros em épocas de doença é o perdão dos pecados. O pecado é tanto a raiz da doença quanto o aguilhão dela. Se o pecado for perdoado, ou a aflição será removida em misericórdia, ou obteremos misericórdia na continuidade dela. Quando a cura está fundamentada no perdão, podemos dizer como Ezequias: "*Tu, porém, tão amorosamente abraçaste a minha alma, que não caiu na cova da corrupção*" (Is 38.17). Quando você está doente e com dor, é muito comum orar e clamar: Ó, alivia-me! Ó, restaura a minha saúde! Mas a sua oração deveria ser antes e principalmente: Ó, que Deus perdoe os meus pecados!

IV Os cristãos são orientados a confessar suas culpas "*...uns aos outros* e a orar *uns pelos outros*" (v. 16). Alguns expositores associam isso com o versículo

14. É como se pessoas doentes que buscam os ministros para orar por elas devessem então lhes confessar suas culpas. Aliás, sempre que alguém está consciente de que sua enfermidade é um castigo retributivo por algum pecado específico, e a pessoa não consegue vislumbrar a remoção da sua doença sem um pedido especial a Deus por seu perdão de tal pecado, aí pode ser adequado reconhecer e contar o seu caso, para que os que estiverem orando sobre ele saibam como rogar corretamente por sua recuperação. Mas a confissão aqui requerida é a que é feita entre os cristãos, uns aos outros, e não como ordenam os romanistas, ao sacerdote. Sempre que pessoas ofenderem umas as outras, atos de injustiça precisam ser confessados àqueles contra quem foram cometidos. Sempre que pessoas tentarem umas as outras ao pecado ou consentiram nos mesmos atos malignos, então precisam se acusar mutuamente e estimular umas as outras ao arrependimento. Sempre que crimes forem de natureza pública, e causarem algum dano público, então precisam ser confessados mais publicamente, para que assim melhor atinjam todos os que foram afetados. E às vezes pode ser bom confessar nossas culpas a algum ministro prudente ou a um amigo que ora, para que possam nos ajudar a suplicar a Deus por misericórdia e perdão. Mas então não devemos pensar que Tiago nos obriga a contar tudo de que temos consciência que está faltando em nós mesmos ou nos outros; mas na medida em que a confissão é necessária para a nossa reconciliação com tais pessoas que estão em desarmonia conosco, ou para obtermos informações em qualquer aspecto da consciência em que tornamos o nosso próprio espírito calmo e leve, até esse ponto devemos estar dispostos a confessar nossas culpas. E algumas vezes pode ser útil também aos cristãos revelarem suas fraquezas e debilidades uns aos outros, nos casos em que houver grande intimidade e amizade, e em que podem se ajudar mutuamente por suas orações para obter o perdão aos seus pecados e poder para lutar contra eles. Os que fazem confissão das suas culpas uns aos outros devem logo em seguida orar uns pelos outros. O versículo 13 conduz as pessoas a orar uma pelas outras: Se alguém está aflito, que ore. O versículo 14 orienta a buscar a oração dos ministros. E o versículo 16 orienta cristãos individuais a orar uns pelos outros. De sorte que aqui temos a recomendação para todos os tipos de oração (ministerial, social e secreta).

V A grande vantagem e a eficácia da oração são afirmadas e provadas: "*...a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos*", não importa se ele ora pelos outros ou por si mesmo. Veja o exemplo de Elias (vv. 17,18). Quem ora precisa ser um homem justo; não justo no sentido absoluto (pois não o era esse Elias, que é colocado aqui como padrão para nós), mas justo no sentido do evangelho, que não ama nem aprova a iniqüidade. "*Se eu atender à iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá*" (Sl 66.18). Além disso, a oração precisa ser bem trabalhada e elaborada. Deve ser um derramar do coração a Deus; e deve proceder de uma fé sincera. Tal oração alcança muito. É muito vantajosa para nós mesmos, pode ser muito benéfica para os nossos amigos, e recebemos a certeza de que é aceita por Deus. É bom ter amigos cujas orações são aceitáveis aos olhos de Deus. O poder da oração é aqui demonstrado com base nos sucessos de Elias. Isso pode ser encorajador para nós mesmos em casos comuns, se considerarmos que Elias "*...era homem sujeito às mesmas paixões que nós*". Ele era um homem bom e zeloso, e um grande homem, mas tinha as suas debilidades, e estava sujeito à desordem nas suas emoções como os outros. Na oração, não devemos olhar para o mérito do homem, mas para a graça de Deus. Somente nisto devemos imitar Elias, já que ele orou sinceramente, "*...orando, pediu*", ou, como está no original, *em oração orou*. Não é suficiente dizer uma oração, mas precisamos fazê-lo com convicção. Nossos pensamentos precisam ser determinados, nossos desejos, firmes e ardentes, e nossas virtudes, em constante desenvolvimento. E, quando assim oramos, devemos nos apressar na oração. Elias orou "*...que não chovesse*"; e Deus o ouviu na sua súplica contra um país idólatra que o perseguia, assim que "*...por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra. E orou outra vez, e o céu deu chuva...*". Assim você vê que a oração é a chave que abre e fecha o céu. Há uma alusão a isso em Apocalipse 11.6, em que se diz que as duas testemunhas têm poder "*...para fechar o céu, para que não chova*". Esse exemplo da eficácia da oração é registrada para encorajamento até dos cristãos comuns para que sejam fervorosos e insistentes em oração. Deus nunca disse a nenhum dos descendentes de Jacó: "*Busca a minha face em vão*". Se pela oração Elias foi capaz de fazer coisas tão grandes e maravilhosas, certamente nenhum homem justo terá sua oração desprezada. E sempre que não houver a ocorrência de milagre na resposta de Deus às nossas orações, possivelmente haverá um tanto de graça.

VI Essa epístola conclui com uma exortação para se fazer tudo que pudermos para promover a conversão e salvação dos outros (vv. 19,20). Alguns interpretam esses versículos como uma apologia que o apóstolo está fazendo para si mesmo por estar censurando tão franca e severamente os cristãos judaicos por suas muitas culpas e erros. E certamente Tiago dá uma razão muito boa por que está tão interessado em resgatá-los dos seus erros, porque ao fazer isso está salvando almas e cobrindo uma multidão de pecados. Mas não devemos restringir esse trecho ao aspecto de o apóstolo converter tais que se desviaram da verdade; não, nem a algum outro esforço ministerial de natureza semelhante, visto que se diz: "Se alguém erra, e outro o converte, seja quem for que cumpriu uma missão tão boa por outra pessoa, nisso ele é um agente que salva a alma da morte". Os que o apóstolo aqui chama de irmãos, ele ainda assim os pressupõe suscetíveis a errar. Não é característica de um homem santo gloriar-se em estar livre de erros, ou de se negar a reconhecer quando está no erro. Mas se alguém errar, por grande que seja, não podemos ter medo de lhe mostrar o seu erro; e, por pequeno ou fraco que seja, não devemos desdenhá-lo para torná-lo mais sábio ou alguém melhor. Se alguém se desvia da verdade, isto é, do evangelho (a grande regra e padrão da verdade), seja em opinião ou na prática, devemos nos empenhar em trazê-lo de novo à regra. Erros de discernimento e erros na vida em ge-

ral caminham juntos. Há algum erro doutrinário no fundo de todo o fracasso na prática. Não há ninguém habitualmente mau, mas que está sob um mau princípio. Agora, converter esses é convertê-los do seu erro, e resgatá-los dos males a que foram encaminhados. Não devemos acusar logo e gritar contra um irmão que está pecando, e tentar lançar afrontas e calamidades sobre ele, mas convertê-lo. E, se por todos os nossos esforços não conseguirmos fazê-lo, mesmo assim não somos autorizados em lugar algum a perseguir e destruí-lo. Se formos instrumentos na conversão de alguém, diz o texto que *nós* o teremos convertido, embora isso seja principal e eficazmente a obra de Deus. E, se não pudermos fazer nada mais pela conversão de pecadores, mesmo assim poderemos fazer isto: orar por graça e pela atuação do Espírito de Deus para que o convertam e o transformem. E faça com que os que de alguma forma estão empenhados na conversão de outros saibam quais serão as felizes conseqüências do que estão fazendo. Eles podem obter grande conforto disso no presente, e vão receber uma coroa no final. Aquele de quem se diz que se desviou da verdade no versículo 19 é descrito como alguém que está no caminho do erro no versículo 20, e não temos a capacidade de converter ninguém meramente ao mudar suas opiniões, a não ser que os conduzamos a consertar e mudar os seus caminhos. Isto é conversão: tirar um pecador do erro do seu caminho, e não tirá-lo de um partido e levá-lo a outro. Alguém que dessa forma converter um pecador do erro do seu caminho "...*salvará da morte uma alma*...". Há uma alma envolvida; e o que é feito pela salvação de

uma alma certamente resultará em uma boa causa. Sendo a alma a principal parte do homem, é mencionada somente a salvação dela, mas isso inclui a salvação do homem todo. O espírito será salvo do inferno, o corpo, ressuscitado do túmulo, e ambos serão salvos da morte eterna. E então, por tal conversão do coração e da vida, se "...*cobrirá uma multidão de pecados*". Essa é uma passagem bastante reconfortante das Escrituras. Aprendemos aqui que, embora os nossos pecados sejam muitos, até mesmo uma multidão, mesmo assim podem ser cobertos ou perdoados; e que quando o pecado é deixado de lado ou renunciado, então será coberto para nunca aparecer em julgamento contra nós. As pessoas podem tentar cobrir ou desculpar os seus pecados como quiserem, não há outra forma de cobri-los definitivamente a não ser pela renúncia a eles. Alguns fazem com que o significado desse texto seja que a conversão vai *prevenir* uma multidão de pecados; e é uma verdade acima de disputa que muitos pecados são prevenidos na pessoa que se converteu, e muitos podem também ser prevenidos em outros sobre os quais ele talvez tenha influência, ou com quem converse. Acima de tudo, devemos nos empenhar de todas as formas possíveis a favor da conversão dos pecadores! Será para a felicidade e salvação dos convertidos; isso evitará muitos danos, e a difusão e multiplicação do pecado no mundo; será para a glória e honra de Deus; e vai resultar poderosamente no nosso conforto e renome no grande dia. "...*os que a muitos ensinam a justiça,* e os que ajudam a fazer isso, *refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente*" (Dn 12.3).

uma alma certamente resultará em uma boa causa. Sendo a alma a principal parte do homem, é mencionada somente a salvação dela, mas isso inclui a salvação do homem todo. O espírito será salvo do inferno, o corpo, ressuscitado do túmulo, e ambos serão salvos da morte eterna. E então, por tal conversão do coração e da vida, se "...*cobrirá uma multidão de pecados*". Essa é uma passagem bastante reconfortante das Escrituras. Aprendemos aqui que, embora os nossos pecados sejam muitos, até mesmo uma multidão, mesmo assim podem ser cobertos ou perdoados; e que quando o pecado é deixado de lado ou renunciado, então será coberto para nunca aparecer em julgamento contra nós. As pessoas podem tentar cobrir ou desculpar os seus pecados como quiserem, não há outra forma de cobri-los definitivamente a não ser pela renúncia a eles. Alguns fazem com que o significado desse texto seja que a conversão vai *prevenir* uma multidão de pecados; e é uma verdade acima de disputa que muitos pecados são prevenidos na pessoa que se converteu, e muitos podem também ser prevenidos em outros sobre os quais ele talvez tenha influência, ou com quem converse. Acima de tudo, devemos nos empenhar de todas as formas possíveis a favor da conversão dos pecadores! Será para a felicidade e salvação dos convertidos; isso evitará muitos danos, e a difusão e multiplicação do pecado no mundo; será para a glória e honra de Deus; e vai resultar poderosamente no nosso conforto e renome no grande dia. "...*os que a muitos ensinam a justiça,* e os que ajudam a fazer isso, *refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente*" (Dn 12.3).

uma alma certamente resultará em uma boa causa. Sendo a alma a principal parte do homem, é mencionada somente a salvação dela, mas isso inclui a salvação do homem todo. O espírito será salvo do inferno, o corpo, ressuscitado do túmulo, e ambos serão salvos da morte eterna. E então, por tal conversão do coração e da vida, se "...*cobrirá uma multidão de pecados*". Essa é uma passagem bastante reconfortante das Escrituras. Aprendemos aqui que, embora os nossos pecados sejam muitos, até mesmo uma multidão, mesmo assim podem ser cobertos ou perdoados; e que quando o pecado é deixado de lado ou renunciado, então será coberto para nunca aparecer em julgamento contra nós. As pessoas podem tentar cobrir ou desculpar os seus pecados como quiserem, não há outra forma de cobri-los definitivamente a não ser pela renúncia a eles. Alguns fazem com que o significado desse texto seja que a conversão vai *prevenir* uma multidão de pecados; e é uma verdade acima de disputa que muitos pecados são prevenidos na pessoa que se converteu, e muitos podem também ser prevenidos em outros sobre os quais ele talvez tenha influência, ou com quem converse. Acima de tudo, devemos nos empenhar de todas as formas possíveis a favor da conversão dos pecadores! Será para a felicidade e salvação dos convertidos; isso evitará muitos danos, e a difusão e multiplicação do pecado no mundo; será para a glória e honra de Deus; e vai resultar poderosamente no nosso conforto e renome no grande dia. "...*os que a muitos ensinam a justiça,* e os que ajudam a fazer isso, *refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente*" (Dn 12.3).

1 PEDRO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Temos registradas no Cânon das Escrituras duas epístolas escritas por Pedro, um dos mais eminentes apóstolos de Jesus Cristo, e cujo caráter brilha forte à medida que é descrito nos quatro Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. Mas, como é descrito pelos papistas e por autores antigos, representa uma pessoa de orgulho e ambição extravagantes. Temos certeza, à luz das Escrituras, que Simão Pedro foi um dos primeiros entre os que foram chamados pelo nosso Senhor para ser seus discípulos e seguidores, que ele era uma pessoa com excelentes dons, tanto naturais quanto dons da graça, com grandes talentos e eloqüência vívida, rápido para aprender e ousado para executar tudo que sabia que era seu dever. Quando o nosso Salvador chamou os seus apóstolos e lhes deu sua comissão, Ele o nomeou primeiro na lista; e pelo seu comportamento para com ele, parece que o Senhor o distinguiu como um dos favoritos entre os doze. Muitos exemplos da afeição do nosso Senhor por ele, tanto durante a sua vida quanto depois da sua ressurreição, estão registrados. Mas há muitas coisas afirmadas com tanta confiança acerca desse homem sagrado que são francamente falsas: como, por exemplo, que ele possuía primazia e poder superior sobre o restante dos apóstolos; que ele era mais do que um semelhante a eles; que ele era o príncipe deles, o monarca e soberano; e que ele exercia uma jurisdição sobre todo o colégio dos apóstolos. Além disso, afirmam que ele tornou-se o pastor exclusivo e universal de todo o mundo cristão, o único vigário de Cristo na terra que ele foi durante mais de vinte anos bispo de Roma; que os papas de Roma sucederam-no, e derivam dele supremacia e jurisdição universais sobre todas as igrejas e cristãos sobre a terra; e que tudo foi assim em virtude das ordens e nomeações do nosso Senhor, ao passo que Cristo nunca lhe deu preeminência alguma desse tipo, mas concretamente a proibiu, e estabeleceu preceitos no sentido contrário. Os outros apóstolos nunca consentiram com tal reivindicação. Paulo fala de si mesmo: "*...porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos*" (2 Co 11.5; 12.11). Aqui não há nenhuma exceção para a dignidade superior de Pedro, a quem Paulo tomou a liberdade de acusar, e a quem resistiu "*...na cara*" (Gl 2.11). E o próprio Pedro nunca assumiu uma coisa dessas, mas modestamente se considerou um "*...apóstolo de Jesus Cristo*"; e, quando escreve aos presbíteros da igreja, humildemente se coloca no mesmo nível deles: "*Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles*" (cap. 5.1).

O propósito dessa primeira epístola é: I. Explicar mais amplamente as doutrinas do cristianismo aos judeus recém-convertidos. II. Dirigi-los e persuadi-los a um santo relacionamento, no cumprimento fiel de todos os deveres pessoais e familiares, com o que eles garantiriam a sua paz e poderiam refutar com eficácia as calúnias e ofensas dos seus inimigos. III. Prepará-los para os sofrimentos. Isso parece ser a sua principal intenção; pois ele coloca algo com esse sentido em cada capítulo, e encoraja os leitores, por meio de uma grande diversidade de argumentos, à paciência e perseverança na fé, para que a perseguição e as calamidades que estavam vindo sobre eles não os vencessem e assim eles apostatassem de Cristo e do evangelho. É notável que não se encontra nem mesmo uma palavra com o sabor, o espírito e o orgulho de um papa em nenhuma dessas epístolas.

CAPÍTULO 1

O apóstolo descreve os leitores a quem escreve, e os saúda (vv. 1,2), bendiz a Deus em virtude da regeneração deles para uma esperança viva de eterna salvação (vv. 3-5), e mostra que na esperança dessa salvação eles têm grande motivo para alegria, embora por um breve período estejam passando por pesadas aflições, para a provação da sua fé, que vai produzir uma alegria indizível e cheia de glória (vv. 6-9). Essa é aquela salvação que os antigos profetas anunciaram e os anjos querem observar (vv. 10-12). Ele os exorta à sobriedade e à santidade, que ele destaca com base na consideração do sangue de Jesus, o preço inestimável da redenção do homem (vv. 13-21), e ao amor fraternal, com base na consideração da sua regeneração, e a excelência do seu estado espiritual (vv. 22-25).

Dedicatória
vv. 1,2

Nessa saudação, temos três partes:

I O autor dela, descrito: 1. Pelo seu nome – *Pedro.* Seu primeiro nome era Simão, e Jesus Cristo lhe deu o cognome "*Pedro*", que significa *rocha*, como um elogio à sua fé, e para denotar que ele seria uma coluna eminente na igreja de Deus (Gl 2.9). 2. Pelo seu ofício – "*...apóstolo de Jesus Cristo*". A palavra significa alguém enviado, um emissário, um mensageiro, qualquer pessoa enviada em nome de Cristo e de seu evangelho. Porém, significa mais estritamente o ofício mais elevado na igreja cristã. 1 Coríntios 12.28: "*E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos*". Sua dignidade e preeminência estavam nestas coisas: Eles foram diretamente escolhidos pelo próprio Cristo; eles eram testemunhas de primeira mão, e pregadores, da ressurreição de Cristo, e assim de toda a dispensação do evangelho; seus dons eram excelentes e extraordinários; eles tinham o poder de fazer milagres; eles foram conduzidos a toda a verdade, foram dotados com o espírito de profecia, e eles tinham uma abrangência de poder e jurisdição além da de todos os outros; cada apóstolo era um bispo universal em todas as igrejas, e estava sobre todos os missionários. Dessa maneira humilde, Pedro: (1) Afirma o seu próprio caráter como apóstolo. Aprenda algo com isso: Um homem pode de forma lícita reconhecer, e às vezes está obrigado a afirmar, os dons e as graças de Deus dadas a ele. Fazer de conta que não temos o que temos é hipocrisia; e negar o que temos é ingratidão. (2) Ele menciona suas funções apostólicas como sua autorização e chamado para escrever essa epístola a essas pessoas. Observe: Algo que diz respeito a todos, mas especialmente aos ministros, é considerar bem a sua autorização e chamado de Deus para a sua obra. Isso vai justificá-los perante os outros e lhes dar apoio e conforto interiores em todos os momentos de perigo e desencorajamento.

II As pessoas a quem essa epístola é endereçada, e elas são descritas:

1. Por sua condição exterior – "*...estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia*". Eram, sobretudo, judeus, descendentes (como pensa o Dr. Prideaux) daqueles judeus que foram trazidos da Babilônia, por ordem de Antíoco, rei da Síria, aproximadamente duzentos anos antes da vinda de Cristo, e estabelecidos nas cidades da Ásia Menor. É muito provável que o nosso apóstolo havia estado entre eles, e os tenha convertido, sendo o apóstolo da circuncisão, e que depois disso lhes tenha escrito essa epístola da Babilônia, onde muitos da nação judaica residiam nessa época. Naquele momento, suas circunstâncias eram de pobreza e aflições. (1) Os melhores entre os servos de Deus podem, por meio das privações dos tempos e da providência, ser dispersos por aí, e forçados a deixar sua terra natal. Aqueles de quem o mundo não é digno têm sido forçados a vaguear por montanhas, em covas e cavernas da terra. (2) Precisamos ter uma consideração especial pelos servos de Deus perseguidos e dispersos. Estes eram objeto do cuidado e da compaixão especiais deste apóstolo. Devemos proporcionar a nossa consideração ao bem-estar e às necessidades dos santos. (3) O valor de pessoas boas não deve ser estimado pela sua condição exterior presente. Aqui havia um grupo de excelentes pessoas, amados de Deus, e mesmo assim estrangeiros, dispersos e pobres no mundo; os olhos de Deus estavam sobre eles em todas as suas dispersões, e o apóstolo foi ternamente cuidadoso para lhes escrever e lhes dar direção e consolo.

2. Elas são descritas pela sua condição espiritual: "*...eleitos segundo a presciência de Deus Pai*" etc. Estes pobres estrangeiros, que eram oprimidos e desprezados no mundo, encontravam-se, apesar disso, em elevada consideração diante do grande Deus, e na posição mais honrosa que qualquer pessoa pode se encontrar no decurso desta vida; pois eles foram:

(1) "*...eleitos segundo a presciência de Deus Pai*". A eleição ou é para um ofício: assim Saul foi o homem a quem o Senhor escolheu para ser rei (1 Sm 10.24), e o nosso Senhor disse a seus apóstolos: "*Não vos escolhi a vós os doze?*" (Jo 6.70); ou é para uma nação sacerdotal, para o gozo de privilégios especiais. Assim Israel foi o povo eleito de Deus (Dt 7.6): "*Porque povo santo és ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há*"; ou é para a salvação eterna: "*...por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade*" (2 Ts 2.13). É dessa eleição que se fala aqui, significando o decreto e a resolução generosos de Deus para salvar alguns, e conduzi-los, por meio de Cristo, através de meios apropriados, à vida eterna. [1] Essa eleição descrita como sendo "*...segundo a presciência de Deus*". A presciência pode ser compreendida de duas formas: em primeiro lugar, como mera antecipação, previsão ou compreensão que tal coisa vai acontecer, antes de que de fato aconteça. Assim um matemático certamente prevê que em tal e tal dia vai haver um eclipse. Esse tipo de presciência está em Deus, que vê todas as coisas que já foram, as que são ou as que ainda serão. Mas tal presciência não é a causa de qualquer coisa ser assim ou diferente, mesmo que a certa altura vá ser assim de fato, assim como o fato de o matemático ter previsto o eclipse não é sua causa. Em segundo lugar, presciência às vezes significa conselho, nomeação e aprovação. Atos 2.23: "*...a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos*". A morte de Cristo não foi somente prevista, mas pré-ordenada, como está no versículo 20. Interprete dessa forma aqui. Portanto, o cenário aqui é: eleitos de acordo com o conselho, a ordenação e a graça de Deus. [2] O texto acrescenta: segundo a presciência *de Deus Pai*. Por *Pai* devemos entender aqui a primeira pessoa da bendita Trindade. Há uma ordem entre as três pessoas, embora não haja superioridade; eles são iguais em poder e glória, e há uma administração concordante nas suas obras. Assim, na questão da redenção do homem, a eleição é eminentemente atribuída ao Pai, como a reconciliação é atribuída ao Filho, e a santificação, ao Espírito Santo, embora em cada um desses aspectos uma pessoa não esteja tão empenhada a ponto de excluir as outras duas. Por meio disso, as pessoas da Trindade são mais claramente reveladas a nós, e somos ensinados acerca das obrigações que devemos a cada um delas distintamente.

(2) Eles foram eleitos "*...em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo*". O resultado final e último da eleição é a vida eterna e a salvação; mas, antes que isso possa ser realizado, cada pessoa eleita precisa ser santificada pelo Espírito, e justificada pelo sangue de Jesus. O decreto de Deus para a salvação do homem sempre opera por meio da santificação do Espírito e a aspersão do sangue de Jesus. Entenda por santificação aqui, não a santificação formal somente, mas a real, começada na regeneração, pela qual somos renovados segundo a imagem de Deus e feitos novas criaturas, e conduzidos no exercício diário da santidade, mortificando nossos pecados mais e mais, e vivendo para Deus em todos os deveres da vida cristã, que é aqui resumida em uma palavra: *obediência*, abrangendo todos os deveres do cristianismo. Por "*...do Espírito*" alguns entendem que o apóstolo quis se referir ao espírito do homem, o objeto santificado. A santificação da lei, ou do tipo, não operava além da purificação da carne, mas a dispensação cristã age sobre o espírito do homem, e o purifica. Outros, com mais razão, pensam que por espírito se deva entender o Espírito Santo, o autor da santificação. Ele renova a mente, mortifica os nossos pecados (Rm 8.13) e produz os seus frutos excelentes no coração dos cristãos (Gl 5.22,23). Essa santificação do Espírito implica o uso de meios. "*Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade*" (Jo 17.17). *Para a obediência*. Essa palavra, como está pontuada na nossa tradução, é uma referência ao que vem antes dela, e denota o propósito da santificação, que é levar pecadores rebeldes à obediência novamente, à obediência universal, para obedecerem à verdade e ao evangelho de Cristo: "*Purificando a vossa alma na obediência à verdade*" (v. 22).

(3) Eles foram eleitos também para a "*...aspersão do sangue de Jesus Cristo*". Eles foram designados pelo decreto de Deus a serem santificados pelo Espírito e a serem purificados pelo mérito do sangue de Cristo. Aqui está uma alusão evidente às aspersões típicas do sangue debaixo da lei, e essa linguagem os judeus convertidos entendiam muito bem. O sangue dos sacrifícios tinha de ser não somente derramado mas também aspergido, para denotar que os benefícios planejados com isso são aplicados e imputados aos ofertantes. Assim, o sangue de Cristo, o grande e todo-suficiente sacrifício, tipificado pelos sacrifícios da lei, não foi somente derramado, mas precisa ser aspergido e transmitido a cada um desses cristãos eleitos, "*...para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos*" (Rm 3.25). Esse sangue da aspersão justifica diante de Deus (Rm 5.9), sela a aliança entre Deus e nós, da qual a Ceia do Senhor é um símbolo (Lc 22.20), purifica de todo o pecado (1 Jo 1.7) e nos aceita no céu (Hb 10.19). Observe: [1] Deus escolheu alguns para a vida eterna, alguns, não todos; pessoas, não qualificação. [2] Todos os que são escolhidos para a vida eterna como o alvo são escolhidos para a obediência como o caminho. [3] A não ser que a pessoa seja santificada pelo Espírito e aspergida pelo sangue de Jesus, não haverá verdadeira obediência na vida. [4] Há um consentimento e uma cooperação de todas as pessoas da Trindade na questão da salvação do homem, e seus atos são concordantes entre si. A todo aquele que o Pai escolhe, o Espírito santifica para a obediência, e o Filho redime e asperge com seu sangue. [5] A doutrina da Trindade está na base de toda a religião revelada. Se você negar a divindade distintiva do Filho e do Espírito Santo, você invalida a redenção de um e as operações da graça do outro, e por meio disso destrói o fundamento da sua própria segurança e conforto.

III A saudação prossegue: "*...graça e paz vos sejam multiplicadas*". As bênçãos desejadas para eles são *graça e paz*. 1. *Graça* – o favor gratuito de Deus, com todos os seus efeitos apropriados, seu perdão, cura, ajuda e salvação. 2. *Paz*. Todos os tipos de paz podem estar inseridos aqui na intenção do autor, doméstica, civil, paz eclesiástica na igreja e paz espiritual com Deus, com o sentimento dela na nossa própria consciência. 3. Aqui está o pedido e a oração com relação a essas bênçãos – que sejam multiplicadas, o que sugere que os leitores já possuíam essas bênçãos em certo grau, e ele lhes deseja a continuação, o aumento e o aperfeiçoamento nelas. Disso deve-se aprender: (1) Os que possuem bênçãos espirituais na sua alma desejam sinceramente a transmissão das mesmas a outros. A graça de Deus é um princípio generoso e não egoísta. (2) As melhores bênçãos que podemos desejar para nós mesmos, ou uns aos outros, são graça e paz, com a sua multiplicação; por isso, os apóstolos com tanta freqüência fazem disso a sua oração no começo e fim de suas epístolas. (3) A paz genuína não pode ser experimentada onde não existe verdadeira graça; primeiro a graça, depois a paz. A paz sem graça é mera estupidez; mas a graça pode ser verdadeira ali onde por um tempo não há paz real. Assim como Hamã foi perturbado com terror e Cristo esteve por um tempo em agonia. [4] O aumento da graça e paz, assim como a primeira dádiva delas, vem de Deus. Sempre que Ele dá verdadeira graça, Ele vai dar mais graça; e todo bom homem deseja sinceramente o aumento e a multiplicação dessas bênçãos em si mesmo e nos outros.

Os Privilégios dos Cristãos

vv. 3-5

Chegamos agora ao corpo da epístola, que começa com:

I Uma felicitação pela dignidade e alegria do estado em que se encontram esses crentes, formulada em uma ação de graças a Deus. Outras epístolas começam de maneira semelhante (2 Co 1.3; Ef 1.3). Aqui temos:

1. O dever cumprido, que é bendizer a Deus. O homem bendiz a Deus ao reconhecer a sua excelência e suas bênçãos.

2. O objeto dessa bênção descrito pela sua relação com Jesus Cristo: "*...o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*". Temos aqui três nomes de uma pessoa, denotando a sua função tríplice: (1) Ele é *Senhor*, o rei universal ou soberano. (2) *Jesus*, o sacerdote e Salvador. (3) *Cristo*, o profeta, ungido com o Espírito e capacitado com todos os dons necessários para a instrução, orientação e salvação da sua igreja. Esse Deus, tão bendito, é o Deus de Jesus à luz da sua natureza humana, e seu Pai de acordo com sua natureza divina.

3. As razões que nos obrigam a esse dever de bendizer a Deus, que estão contidas em sua "*...grande misericórdia*". Devemos todas as nossas bênçãos à misericórdia de Deus, não ao mérito do homem, e especialmente a regeneração. Ele "*...nos gerou de novo*", e isso é digno da nossa gratidão a Deus, especialmente se considerarmos o fruto que produz em nós, que é essa excelente graça da esperança, e não uma esperança vã, morta e que perece como a dos mundanos e hipócritas, mas uma esperança viva, forte, vivificante e duradoura, como é necessário que seja tal esperança que tem um fundamento tão sólido como "*...a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos*". Disso deve-se aprender: (1) A condição do bom cristão nunca é tão ruim que ele não tenha razão para assim mesmo bendizer a Deus. Assim como o pecador sempre tem razão para se queixar, não obstante sua presente prosperidade, assim pessoas boas, em meio às suas muitas dificuldades, têm razão ainda para se alegrar e bendizer a Deus. (2) Nas nossas orações e louvores devemos nos dirigir a Deus como "*...Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*"; é somente por meio dele que nós e os nossos serviços são aceitos. (3) Os melhores homens devem suas melhores bênçãos à abundante misericórdia de Deus. Todo o mal no mundo procede do pecado do homem, mas todo o bem no mundo vem da *misericórdia* de Deus. A regeneração é expressamente atribuída à abundante misericórdia de Deus, e assim são as outras bênçãos; sobrevivemos totalmente da misericórdia divina. Acerca da natureza da regeneração, veja João 3.3. (4) A regeneração produz uma esperança viva da vida eterna. Toda pessoa não-convertida é uma criatura sem esperança; tudo que ele simula a esse respeito é confiança em si mesmo e presunção. A esperança correta do cristão é aquilo para o qual o homem foi gerado de novo pelo Espírito de Deus; não procede da natureza, mas da graça gratuita. Os que são gerados para a nova vida espiritual são gerados para uma nova esperança espiritual. (5) A esperança do cristão tem essa qualidade, é uma esperança viva. A esperança da vida eterna no verdadeiro cristão é uma esperança que o mantém vivo, que o estimula e apóia, e o conduz para o céu. A esperança revigora e anima a alma à ação, à paciência, à coragem e à perseverança até o final. As esperanças ilusórias dos não-regenerados são vãs e definham; o hipócrita e sua esperança expiram e morrem juntos (Jó 27.8). (6) A "*...ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos*" é o fundamento da esperança do cristão. A ressurreição de Cristo é o ato do Pai como juiz, do Filho como vencedor. Sua ressurreição demonstra que o Pai aceita a morte como pagamento total da nossa redenção, que Ele é vitorioso sobre a morte, o túmulo e sobre todos os nossos inimigos espirituais; e é também uma garantia da nossa própria ressurreição. Por haver uma união inseparável entre Cristo e seu rebanho, eles ressuscitam em virtude da ressurreição dele como cabeça, mais do que em virtude de seu poder como Juiz. "*...já ressuscitastes com Cristo* (Cl 3.1). Em resumo, os cristãos têm dois fundamentos firmes e sólidos sobre os quais constróem a sua esperança de vida eterna.

II Tendo felicitado essas pessoas com relação ao seu novo nascimento, e à esperança da vida eterna, o apóstolo prossegue e descreve essa vida sob a noção de uma *herança*, uma forma muito adequada de falar a esses leitores, pois eles eram pobres e perseguidos, talvez desapropriados de sua herança em que tinham nascido. Para aliviar essa injustiça, ele lhes conta que eles nasceram para uma nova herança, infinitamente melhor do que a que eles perderam. Além disso, eles são na sua maioria judeus, e têm grande afeição pela terra de Canaã, como a terra da sua herança, que lhes foi conferida pelo próprio Deus. E ser expulso da moradia no local de herança do Senhor é considerado como um dolorido castigo (1 Sm 26.19). Para confortá-los nessa situação, eles são lembrados de uma nobre herança reservada no céu para eles, uma herança tal que, em comparação, a terra de Canaã era mera sombra. Observe aqui:

1. O céu é a herança incontestável de todos os filhos de Deus; todos os que nasceram de novo são nascidos para uma herança, assim como o homem faz do seu filho o seu herdeiro. O apóstolo argumenta: "*E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também*" (Rm 8.17). Deus dá os seus dons a todos, mas a sua herança somente aos seus filhos; os que são seus filhos e filhas pela regeneração e adoção recebem a promessa de herança eterna (Hb 9.15). Essa herança não é adquirida por nós, mas é a dádiva do Pai; não o salário que merecemos, mas o efeito da graça, que primeiro nos torna filhos e depois estabelece essa herança sobre nós por meio de uma aliança firme e inalterável.

2. As excelências incomparáveis dessa herança são quatro: (1) É incorruptível, e nesse aspecto é como o seu Criador, que é chamado de "*Deus incorruptível*" (Rm 1.23). Toda a corrupção é uma mudança de melhor para pior, mas o céu não muda e não tem fim. A casa é eterna nos céus, e os que a possuem precisam subsistir para sempre, "*...porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade*" (1 Co 15.53). (2) Essa herança é imaculada, como o grande sumo sacerdote de quem ela agora é posse, e Ele é "*...santo, inocente, imaculado...*" (Hb 7.26). O pecado e a miséria, as duas grandes coisas que arruínam este mundo e desfiguram a sua beleza, não têm lugar aí. (3) Ela não murcha, mas sempre retém o seu vigor e beleza, e permanece imarcescível, sempre entretendo e agradando os santos que a possuem, sem o menor enfado ou desgosto. (4) Está "*...guardada nos céus para vós*", e essa expressão nos ensina: [1] Que é uma herança gloriosa, pois está no céu, e tudo que está lá é glorioso (Ef 1.18). [2] Ela é garantida, um direito de posse em outro mundo, seguramente guardada e preservada até que venhamos a tomar posse dela. [3] São descritas as pessoas para quem ela está reservada, não pelos seus nomes, mas pelo seu caráter: "*...para vós*", ou para nós, ou qualquer um que *foi gerado de novo para uma viva esperança.* Essa herança é preservada para eles, e para ninguém mais. Todos os outros serão deixados de fora para sempre.

III Visto que essa herança é descrita como futura e distante tanto no tempo quanto no lugar, o apóstolo supõe que ainda haja dúvidas ou desconforto na mente dessas pessoas acerca de se eles não estão em perigo de cair pelo caminho e ficar aquém do alvo. "Embora a felicidade esteja segura no céu, nós ainda estamos na terra, suscetíveis a uma grande diversida-

de de tentações, misérias e debilidades. Estamos realmente em condições tão seguras que conseguiremos certamente chegar até lá?". A isso ele responde que eles serão seguramente guardados e conduzidos até lá; eles serão guardados e preservados de todas as tentações e injustiças destrutivas que poderiam impedir a sua chegada segura à vida eterna. O herdeiro de posses terrenas não tem garantia alguma de que vá desfrutá-las, mas os herdeiros do céu certamente serão conduzidos seguramente até tomarem posse dele. A bênção prometida aqui é a preservação: "*...estais guardados*"; o autor dela é *Deus*; os meios que em nós são usados para esse fim são a nossa própria *fé* e o cuidado; o fim para o qual somos preservados é a *salvação*; e o tempo em que veremos o final e o resultado seguros de tudo é o *último tempo*. Observe: 1. O cuidado terno de Deus para com o seu povo é tal que Ele não somente dá a sua graça, mas os preserva para a glória. A sua preservação significa perigo e livramento; eles podem até ser atacados, mas não serão vencidos. 2. A preservação dos regenerados para a vida eterna é o efeito do poder de Deus. A grandeza da obra, o número de inimigos e nossas próprias debilidades são tais que nenhum poder que não seja todo-poderoso pode preservar a alma através de tudo isso para a salvação. Por isso, as Escrituras com freqüência descrevem a salvação do homem como o efeito do poder divino (2 Co 12.9; Rm 14.4). 3. A preservação por meio do poder de Deus não substitui os esforços e o cuidado do homem pela sua própria salvação; aqui estão o poder de Deus e a fé no homem, o que implica um desejo sincero por salvação, a confiança em Cristo de acordo com seus convites e promessas, o cuidado vigilante para fazer tudo que agrada a Deus e evitar tudo que for ofensivo, o desprezo pelas tentações, e o respeito pela recompensa, e a diligência e perseverança na oração. Por meio de uma fé tão paciente, operante e vencedora, somos preservados, com a ajuda da graça de Deus, para a salvação; a fé é um elemento sólido de preservação da alma através de um estado de graça para um estado de glória. 4. Essa salvação está "*...prestes para se revelar no último tempo*". Aqui três coisas são afirmadas acerca da salvação dos santos: (1) Que ela está sendo preparada agora, e concluída, e reservada no céu para eles. (2) Mesmo que esteja sendo preparada agora, ainda assim está em grande medida sendo escondida e encoberta no presente, não somente para o mundo ignorante e cego, que nunca a investiga, mas até mesmo para os próprios herdeiros da salvação. "*...e ainda não é manifesto o que havemos de ser*" (1 Jo 3.2). (3) Que será total e completamente revelada "*...no último tempo*", ou no último dia do julgamento. "*...trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho*" (2 Tm 1.10), mas essa vida será revelada mais gloriosa na morte, quando a alma for recebida na presença de Cristo e puder contemplar a sua glória. E mesmo além disso haverá mais uma revelação, e uma revelação final, da amplitude e transcendência da felicidade dos santos no último dia, quando o seu corpo for ressuscitado e reunido à sua alma, e o juízo for passado sobre os anjos e homens, e então Cristo vai honrar publicamente e aplaudir os seus servos diante de todo o mundo.

Os Privilégios dos Cristãos
vv. 6-9

A primeira expressão, "*...em que*", é uma referência ao discurso anterior do apóstolo acerca da excelência do presente estado e das suas grandes expectativas para o futuro. "Nessa condição, *vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações*" (v. 6).

I O apóstolo admite que eles estão em grande aflição, e propõe uma série de coisas para aliviar o sofrimento deles. 1. Todo cristão sadio sempre tem algo em que se alegra grandemente. A grande alegria contém mais do que uma serenidade plácida interior da mente ou uma sensação de conforto; ela se mostra no semblante e na conduta, mas especialmente no louvor e na gratidão. 2. A principal alegria do bom cristão surge de coisas espirituais e celestiais, do seu relacionamento com Deus e com o céu. Nisso, todo cristão sadio se alegra; sua alegria procede do seu tesouro, que consiste em coisas de grande valor, e o direito a elas está garantido. 3. Os melhores cristãos, os que têm razão para se alegrar grandemente, podem mesmo assim estar sob uma grande opressão em virtude de diversas tentações. Toda a sorte de adversidades há nas tentações, ou nas provações da fé, da paciência e da constância. Essas raramente estão sozinhas, mas são diversas, e vêm de diferentes origens, sendo o resultado de todas elas grande opressão. Como homens, estamos suscetíveis às tristezas, pessoais e familiares. Como cristãos, nosso dever para com Deus nos obriga a constantes tristezas. E a compaixão pelos miseráveis, a desonra a Deus, as calamidades da sua igreja, e a destruição da humanidade, em virtude de sua própria tolice e da vingança divina, suscitam, na mente generosa e piedosa, tristeza quase constante. "*...tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração*" (Rm 9.2). 4. As aflições e tristezas de pessoas boas só duram um breve período, somente durante uma estação. Embora sejam violentas, são apenas breves. A própria vida dura somente um breve tempo, e as tristezas não podem sobreviver a ela; a brevidade de qualquer aflição contribui bastante para aliviar o seu peso. 5. Grandes opressões com freqüência são necessárias para o bem do cristão: "*...sendo necessário, que estejais por um pouco contristados*". Há a conveniência e a adequabilidade, aliás, a absoluta necessidade nesse caso, pois é isso que a expressão significa: *sendo necessário*. Assim, "*...ninguém se comova por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados*" (1 Ts 3.3). Esses problemas, que são tão pesados, nunca vêm sobre nós a não ser que tenhamos necessidade, e nunca permanecem mais tempo do que o necessário.

II Pedro expressa o propósito das aflições deles e o fundamento da sua alegria quando passarem por aflições (v. 7). O propósito das aflições das pessoas boas é "*...a prova da sua fé*". Com relação à natureza dessa prova, é "*...muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo*". O efeito da prova é este: será achado "*...em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo*". Observe: 1. As aflições de

cristãos sérios são designadas para a prova da sua fé. O desígnio de Deus ao afligir o seu povo é a sua aprovação na experiência, não sua destruição; é para sua vantagem, e não para sua ruína. Uma *prova*, como a palavra diz, é uma experiência ou um exame feito no homem, por meio de alguma aflição, para testar o valor e a força da sua fé. Essa prova é feita com sua fé principalmente, e não de outra virtude qualquer, porque o teste dela é, de fato, o teste de tudo que é bom em nós. O nosso cristianismo depende da nossa fé; se ela estiver em falta, não há nada mais que seja espiritualmente bom em nós. Cristo ora por seu apóstolo, "*...para que a sua fé não desfaleça*" (Lc 22.32). Se ela for sustentada, todo o resto estará firme. A fé em pessoas boas é provada, para que elas mesmas tenham o conforto disso, Deus tenha a glória e outros o benefício. 2. Uma fé provada é muito mais preciosa do que ouro provado. Aqui há uma comparação dupla entre a fé e o ouro, e entre a prova de um e a prova do outro. O ouro é o metal mais valioso, puro, útil e durável entre todos os metais; assim é a fé entre as virtudes cristãs. Ela dura até conduzir a alma ao céu, e aí resulta no gozo glorioso de Deus para sempre. A prova da fé é muito mais preciosa do que a prova do ouro; em ambas, há purificação, a separação da escória e a descoberta da integridade e qualidade das coisas. O ouro não aumenta e se multiplica pela prova no fogo, antes diminui; mas a *fé* é firmada, aumentada e multiplicada pelas adversidades e aflições que enfrenta. O *ouro* no final precisa perecer – *o ouro que perece*; mas a *fé* nunca perece. "*Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça*" (Lc 22.32). A prova da fé resultará em louvor, honra e glória. A honra é propriamente aquela estima que temos uns pelos outros e o valor que damos uns aos outros, e assim Deus e o homem honram os santos. O louvor é a expressão ou declaração daquela estima; assim Cristo vai louvar o seu povo naquele grande dia: "*Vinde, ó benditos do meu Pai*" etc. A glória é aquele lustro com que a pessoa, assim honrada e louvada, brilha no céu. "*...glória, porém, e honra e paz a qualquer que faz o bem*" (Rm 2.10). Se uma fé provada resultar em louvor, honra e glória, que isso recomende a fé a vocês como muito mais preciosa do que o ouro, embora seja atacada e provada por aflições. Se fizerem a sua estimativa ou com base no uso presente ou no evento final, de ambos isso será comprovado como verdadeiro, por mais que o mundo o considere um paradoxo incrível. 3. Jesus Cristo vai aparecer novamente em glória, e, quando Ele vier, os santos vão aparecer com Ele, e suas virtudes vão aparecer de forma distinta; e quanto mais tiverem sido provados, tanto mais radiantes parecerão. A prova logo passará, mas a glória, a honra e o louvor vão durar eternamente. Isso deve fazer com que vocês se conformem com as presentes aflições: elas *produzem para vós um peso eterno de glória mui excelente*.

III Ele elogia particularmente a fé desses cristãos dos primórdios por dois motivos:

1. A excelência do seu objeto, o Jesus que eles nunca viram. O apóstolo tinha visto o nosso Senhor em carne, mas esses judeus dispersos nunca o tinham visto, e mesmo assim criam nele (v. 8). Uma coisa é crer em Deus, ou em Cristo (os demônios também crêem), e outra coisa é confiar-se a Ele, o que denota sujeição, dependência e expectativa de todas as coisas boas dele.

2. Os dois resultados ou efeitos notáveis da sua fé, o *amor* e a *alegria*, e esta alegria tão grande que está acima de qualquer descrição: "*...vos alegrais com gozo inefável e glorioso*". Disso aprenda:

(1) A fé do cristão está familiarizada com as coisas reveladas, mas não vistas. Os sentidos conversam com coisas sensíveis e presentes; a razão é um guia superior, que por deduções seguras pode inferir a operação das causas, e a certeza dos eventos; mas a fé vai além, e nos assegura da abundância de coisas particulares que os sentidos e a razão nunca poderiam ter descoberto, dando crédito à revelação; é "*...a prova das coisas que se não vêem*" (Hb 11.1).

(2) A verdadeira fé nunca está só, mas produz um forte amor por Jesus Cristo. Os verdadeiros cristãos têm um amor sincero por Jesus, porque crêem nele. Esse amor se revela na mais elevada estima por Ele, em sentimentos afetuosos por Ele, na disposição de partir e estar com Ele, em pensamentos prazerosos, nos serviços de caridade e nos sofrimentos etc.

(3) Onde há verdadeira fé em Cristo e amor real por Ele aí há, ou pode haver, "*...gozo inefável e glorioso*". Essa alegria é inexprimível, não pode ser descrita por palavras; a melhor descoberta é a que acontece por uma prova experimental dela; é *gloriosa*, repleta do céu. Há muito do céu e da glória futura nas alegrias presentes de cristãos maduros; a sua fé remove a causa das tristezas e fornece a melhor razão para a alegria. Embora pessoas boas às vezes caminhem na escuridão, muitas vezes isso se deve aos seus próprios erros e ignorância, ou a uma disposição temerosa ou melancólica, ou a alguma conduta pecaminosa recente, ou talvez a alguma ocorrência triste da providência, que enfraquece o seu conforto para o presente; mas mesmo assim, elas têm razão para se alegrar no Senhor, e se regozijar no Deus da sua salvação (Hb 3.18). Bem poderiam esses primeiros cristãos se alegrar com *gozo inefável*, visto que estavam sempre "*...alcançando o fim da vossa fé, a salvação da alma*" (v. 9). Observe: [1] A bênção que estavam recebendo: *A salvação da alma* (a parte mais nobre representando aqui o homem como um todo), e essa salvação é chamada aqui *o fim da sua fé*, o fim em que desemboca a fé. A fé ajuda a salvar a alma, e aí sua obra está concluída e cessa para sempre. [2] Ele fala do tempo presente: Vós estais na verdade recebendo agora *o fim da vossa fé* etc. [3] A palavra é uma alusão aos jogos em que os vencedores recebiam e levavam do árbitro da disputa uma coroa como prêmio ou recompensa, que então carregavam como troféu. Assim a salvação da alma era o prêmio que esses cristãos estavam buscando, a coroa pela qual estavam trabalhando, o fim que almejavam, e que ficava mais próxima e mais ao seu alcance a cada dia. Disso deve-se aprender: Primeiro: Cada cristão fiel está diariamente recebendo a salvação da sua alma; a salvação é uma coisa permanente, iniciada nesta vida, não interrompida pela morte, e que continua por toda a eternidade. Esses crentes eram possuidores dos princípios do céu por meio da santidade e da mente celestial, nos seus deveres e comunhão com Deus, na garantia da herança e no testemu-

nho do Espírito divino. Essas pessoas angustiadas foram adequadamente estimuladas a isso; elas estavam no lado perdedor neste mundo, mas o apóstolo destaca na mente deles o que eles estão recebendo; se eles perderem um bem inferior, mesmo assim estarão recebendo a salvação da sua alma. Segundo: É lícito para o cristão tornar a salvação da sua alma o seu alvo; a glória de Deus e a nossa felicidade estão tão conectadas que se regularmente buscarmos aquela certamente receberemos esta.

Os Privilégios dos Cristãos

vv. 10-12

Tendo descrito as pessoas a quem escreve, e tendo declarado a elas as excelentes vantagens que elas têm, o apóstolo prossegue e lhes mostra qual a autorização que ele tem para lhes escrever tal coisa. E visto que os leitores são judeus, e têm uma profunda veneração pelo Antigo Testamento, ele apresenta a autoridade dos profetas para convencê-los de que a doutrina da salvação pela fé em Jesus Cristo não é nenhuma doutrina nova, mas é a mesma que os profetas antigos já inquiriram e investigaram diligentemente. Observe:

I Quem fez essa diligente investigação – *os profetas*, que eram pessoas inspiradas por Deus para fazer ou dizer coisas extraordinárias, além do alcance dos seus próprios estudos ou habilidades, ao predizerem coisas por vir, e revelarem a vontade de Deus, pela direção do Espírito Santo.

II O objeto da sua investigação, que era a *salvação* e a "*...graça que vos foi dada*"; a salvação geral dos homens de todas as nações por Jesus Cristo, e mais especialmente a salvação concedida aos judeus, a graça que lhes viria daquele que foi enviado "*...somente às ovelhas perdidas da casa de Israel*". Eles previram tempos gloriosos de luz, graça e conforto, vindos sobre a igreja, algo que os profetas e outros homens justos desejaram ver e ouvir, ou seja, todas as coisas que viriam a acontecer nos dias do evangelho.

III A forma da sua investigação: eles "*...inquiriram e trataram diligentemente*". As palavras são intensas e enfáticas, aludindo a mineiros, que cavam fundo e que rompem não somente a terra, mas a rocha, para chegar ao minério. Assim esses santos profetas tinham o desejo sincero de saber, e eram apropriadamente diligentes na sua investigação pela graça de Deus, que seria revelada nos dias do Messias. O fato de serem inspirados não os isentou de sua busca diligente; pois, não obstante a extraordinária ajuda de Deus, foram obrigados a usar todos os métodos comuns de desenvolvimento da sabedoria e do conhecimento. Daniel foi um homem muito amado e inspirado, mesmo assim aprendeu dos livros e por meio do estudo os cálculos do tempo (cap. 9.2). Até mesmo a sua própria revelação exigia estudo, meditação e oração; pois muitas profecias tinham significado duplo. Na sua primeira intenção, apontavam para uma pessoa ou evento bem próximos, mas o seu desígnio final era descrever a pessoa, os sofrimentos ou o reino de Cristo. Observe: 1. A doutrina da salvação do homem por meio de Jesus Cristo tem sido objeto de estudo e admiração dos maiores e mais sábios homens; a nobreza do tópico e o seu próprio interesse nele fizeram com que se engajassem na sua investigação com a mais cuidadosa atenção e seriedade. 2. Um bom homem fica muito apegado e satisfeito com a graça e misericórdia de Deus pelos outros, como também por ele. *Os profetas* ficaram muito satisfeitos com a perspectiva da revelação da misericórdia tanto aos judeus quanto aos gentios na vinda de Cristo. 3. Os que se tornassem familiarizados com essa grande salvação e com a graça que brilha nela precisariam investigá-la e inquiri-la diligentemente. Se era necessário para um profeta inspirado fazê-lo, quanto mais necessário seria para pessoas tão fracas e imprudentes como nós. 4. A graça que veio pelo evangelho excede tudo que veio antes dela; a dispensação do evangelho é mais gloriosa, mais evidente, inteligível, ampla e eficaz que qualquer outra que a precedeu.

IV As principais questões particulares que os antigos profetas investigaram, que são expressas no versículo 11. Jesus Cristo foi o principal tópico dos seus estudos; e, em relação a Ele, o que mais seriamente investigaram foi:

1. Sua humilhação e morte, e as gloriosas conseqüências delas: "*...os sofrimentos que a Cristo* haviam de vir *e a glória que se lhes havia de seguir*". Essa investigação os conduziria a uma perspectiva de todo o evangelho, o resumo do qual é que Cristo "*...por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação*" (Rm 4.25).

2. O tempo e a ocasião de tempo em que o Messias apareceria. Sem dúvida, esses santos profetas desejavam sinceramente ver o dia do Filho do Homem; e por isso, em segundo lugar em importância, logo depois de se ocuparem com o acontecimento em si, a mente deles estava voltada para o tempo da sua realização, na medida em que o Espírito de Cristo que estava neles lhes desse algum sinal em relação a esse propósito. A natureza dos tempos estava também sob sua precisa consideração, se seriam tempos conturbados, tempos de paz ou tempos de guerra. Disso aprenda: (1) Jesus Cristo teve uma existência antes da sua encarnação; pois seu Espírito existia então nos profetas, por isso Ele, de quem era aquele Espírito então, tinha de existir também. (2) A doutrina do Espírito não era totalmente desconhecida aos fiéis no Antigo Testamento. Os profetas sabiam que eram inspirados por um Espírito que estava neles; eles sabiam que esse Espírito era o Espírito de Cristo, e conseqüentemente distinto do próprio Cristo. Aqui está uma pluralidade de pessoas, e com base em outras partes do Antigo Testamento a Trindade pode ser deduzida. (3) As obras atribuídas aqui ao Espírito Santo comprovam que Ele é Deus. Ele de fato *indicou*, revelou e manifestou aos profetas, muitos séculos antes, "*...os sofrimentos que a Cristo* haviam de vir...", com uma grande quantidade de circunstâncias particulares que os acompanharam. E Ele também *testificou*, ou deu provas e evidências *anteriormente* da certeza desse evento, ao inspirar os profetas a reve-

lá-lo, ao operar milagres na confirmação dele e ao capacitar os crentes a crer nele. Essas obras comprovam que o Espírito de Cristo é Deus, visto que Ele é dominado e habitado pelo poder onipotente e pelo conhecimento infinito. (4) Do exemplo de Cristo Jesus aprendemos a esperar um tempo de serviço e sofrimentos antes de sermos recebido na glória. Foi assim com Ele, e "*...não é o discípulo mais do que o seu Senhor*". O tempo de sofrimento é breve, mas a glória é eterna. Por mais dolorido e severo que seja o tempo de sofrimento, não pode nos impedir, mas "*...produz para nós um peso eterno de glória mui excelente*" (2 Co 4.17).

O sucesso com que a investigação deles foi coroada. Seus esforços piedosos de se instruir não foram menosprezados, pois Deus lhes deu uma revelação satisfatória para acalmar e confortar a sua mente. Eles foram informados que essas coisas não aconteceriam no seu tempo, mas tudo estava certo e firme, e deveria acontecer no tempo dos apóstolos: "*...não para si mesmos, mas para nós*"; e precisamos anunciá-las, sob a orientação infalível do Espírito Santo, a todo o mundo. "*...para as quais coisas os anjos desejam atentar*".

Temos aqui três tipos de inquiridores, no grande tópico da salvação do homem por meio de Jesus Cristo: 1. *Os profetas*, que *inquiriram e trataram diligentemente* acerca dela. 2. Os apóstolos, que consultaram todas as profecias, e foram testemunhas do seu cumprimento, e assim anunciaram o que sabiam a outros por meio da pregação do evangelho. 3. Os anjos, que muito atentamente espreitam essas questões. Disso aprenda: (1) Um esforço diligente na busca do conhecimento de Cristo e de nosso dever certamente vai ser recompensado por um bom êxito. Os profetas receberam como resposta uma revelação. Daniel estuda e recebe informações; os de Beréia buscam as Escrituras e são confirmados. (2) Os melhores homens e os mais santos às vezes não recebem resposta para seus pedidos lícitos e piedosos. Era algo lícito e piedoso que esses profetas desejassem saber mais do que tinham permissão para saber acerca do tempo da vinda de Cristo ao mundo, mas isso lhes foi negado. É algo lícito e piedoso que pais orem pelos seus filhos ímpios, que os pobres orem para se libertar da pobreza, que um bom homens ore para escapar da morte; porém, esses pedidos sinceros com freqüência não são atendidos. Deus tem mais prazer em responder às nossas necessidades do que aos nossos pedidos. (3) E a honra e a prática de um cristão ser útil a outros, em muitas situações, mais do que a si mesmo. Os profetas ministraram a outros, não a si mesmos. "*Porque nenhum de nós vive para si...*" (Rm 14.7). Nada é mais contrário à natureza do homem ou aos princípios cristãos do que o homem fazer de si mesmo o seu próprio objetivo, e viver para si mesmo. (4) As revelações de Deus à sua igreja, embora graduais, e dadas em partes, são todas perfeitamente coerentes. A doutrina dos profetas e a dos apóstolos concordam plenamente, como vindas do mesmo Espírito de Deus. (5) A eficácia do ministério do evangelho depende do Espírito Santo enviado do céu. O evangelho é a ministração do Espírito; o sucesso dele depende de sua operação e bênção. (6) Os mistérios do evangelho e os métodos da salvação do homem são tão gloriosos que os abençoados anjos desejam sinceramente perscrutá-los; eles são curiosos, cuidadosos e diligentes na sua tentativa. Eles contemplam todo o plano da redenção do homem com profunda atenção e admiração, particularmente os pontos que o apóstolo tem discutido: "*...para as quais coisas os anjos desejam bem atentar*", assim como os querubins faziam continuamente em relação ao propiciatório.

Sobriedade e Santidade. Exortação ao Amor Fraternal

vv. 13-23

Aqui o apóstolo começa as suas exortações àqueles cujo estado glorioso ele descreveu anteriormente, e com isso nos instrui que o cristianismo é uma doutrina conforme à piedade, designada a tornar-nos não somente mais sábios, mas melhores.

I Ele exorta os seus leitores à sobriedade e à santidade.

1. "*Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento...*" (v. 13). Como se ele estivesse dizendo: "Portanto, visto que vocês são tão honrados e distinguidos, como foi dito acima, cinjam os lombos do seu entendimento. Vocês têm uma jornada pela frente, uma corrida a correr, uma guerra a travar, e uma grande obra para fazer; assim como o viajante, o corredor, o guerreiro e o trabalhador recolhem e cingem suas vestes longas e soltas, para que estejam mais bem preparados, dispostos e ágeis no que fazem, assim façam vocês com sua mente, seu homem interior e as emoções situadas ali: cinjam eles, recolham eles, não os deixem soltos e negligenciados por aí; restrinjam suas extravagâncias, e deixem que seus lombos ou a força e o vigor de sua mente sejam exercidos no seu dever. Desembaracem-se de tudo que os possa atrapalhar, e prossigam resolutamente na sua obediência. Sejam *sóbrios*, sejam vigilantes contra todos os perigos e inimigos espirituais, e sejam moderados e modestos no comer, beber, vestir, na recreação, nos negócios e em todo o seu comportamento. Sejam sóbrios também na opinião, assim como na prática, e humildes no seu julgamento de si mesmos". "*...e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo*". Alguns relacionam isso ao julgamento final, como se o apóstolo estivesse dirigindo a sua esperança para a revelação final de Jesus Cristo; mas é mais natural colocar isso da seguinte forma: "*Esperem perfeitamente, ou completamente, pela graça que é oferecida a vocês* na ou pela *revelação de Jesus Cristo*; isto é, pelo evangelho, *trouxe à luz a vida e a incorrupção* (2 Tm 1.10). Esperem perfeitamente, confiem sem duvidar naquela graça que agora é oferecida a vocês pelo evangelho". Disso aprenda: (1) A principal obra de um cristão está na administração correta do seu coração e mente; a primeira orientação do apóstolo é cingir os lombos da mente. (2) Os melhores cristãos têm necessidade de ser exortados à seriedade. Esses excelentes cristãos são lembrados disso; é algo que se requer do bispo (1 Tm 3.2), ou de homens idosos (Tt 2.2), as mulheres mais jovens devem ser ensinadas nisso e os jovens são orientados a ser sóbrios (Tt 2.4,6). (3) A obra de um cristão não

cessou quando ele entrou no estado de graça; ele precisa ainda esperar e anelar por mais graça. Depois de entrar pela porta estreita, ele ainda precisa andar no caminho estreito, e cingir os lombos da sua mente para esse propósito. (4) A confiança intensa e perfeita na graça de Deus é coerente com os nossos melhores esforços no nosso dever; temos de esperar perfeitamente, e mesmo assim cingir os nossos lombos, e nos empenhar com muito vigor na obra que temos por fazer, encorajando-nos com a graça de Jesus Cristo.

2. "*...como filhos obedientes...*" (v. 14). Essas palavras podem ser interpretadas como uma regra para a vida piedosa, que é positiva – "Vós deveis viver como *filhos obedientes*, como aqueles que Deus adotou na sua família e regenerou pela graça"; e negativa – "Vós já não deveis vos conformar *com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância*". Ou as palavras podem ser entendidas como um argumento para incentivá-los à santidade com base na consideração do que são agora, filhos da obediência, e do que eram quando viviam na lascívia e na ignorância. Aprenda: (1) Os filhos de Deus devem mostrar que o são pela sua obediência a Deus, por sua obediência presente, constante e completa. (2) Os melhores entre os filhos de Deus tiveram o seu tempo de lascívia e ignorância; houve o tempo em que todos os planos da sua vida, seu caminho e seu padrão, eram feitos para suprir e satisfazer seus desejos ilícitos e seus apetites depravados, sendo grosseiramente ignorantes de Deus e de si mesmos, de Cristo e do evangelho. (3) As pessoas, quando se convertem, tornam-se muito diferentes do que eram anteriormente. São pessoas de outro padrão e modos do que eram antes; sua disposição interior, seu comportamento, sua fala e conversas são diferentes do que eram em tempos passados. (4) As lascívias e extravagâncias dos pecadores são fruto e sinal da sua ignorância.

3. "*...mas, como é santo aquele que vos chamou...*" (vv. 15,16). Temos aqui uma regra muito nobre sendo inculcada com fortes argumentos: "*...sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver*". Quem é suficiente para isso? E isso é requerido por meio de termos fortes, e fundamentado em três razões, extraídas da graça de Deus quando nos chamou: da sua ordem – "*...porquanto escrito está*" – e do seu exemplo. "*Sede santos, porque eu sou santo*". Disso aprenda: (1) A graça de Deus ao chamar o pecador é uma forte incumbência para a santidade. É um grande favor ser efetivamente chamado pela graça divina para fora de um estado de pecado e miséria e para a posse de todas as bênçãos da nova aliança. E grandes favores são fortes obrigações. Eles nos capacitam e também nos obrigam a sermos santos. (2) A completa santidade é o desejo e o dever de todo cristão. Aqui há uma regra dupla de santidade. [1] Em sua extensão, precisa ser universal. Precisamos ser santos, e ser isso *em toda a* nossa *maneira de viver*; em todas as questões civis e religiosas, em todas as condições, favoráveis ou adversas; para com todas as pessoas, amigos e inimigos; em todos os intercâmbios e negócios precisamos ser santos. [2] Por causa do seu padrão. Precisamos ser santos *como Deus é santo.* Precisamos imitá-lo, embora nunca possamos nos igualar a Ele. Ele é perfeitamente, imutavelmente e eternamente santo; e nós devemos aspirar tal estado. (3) A palavra de Deus escrita é a regra mais segura para a vida do cristão, e por essa regra somos ordenados a ser santos de todas as formas. (4) Os mandamentos do Antigo Testamento devem ser estudados e obedecidos nos tempos do Novo Testamento; o apóstolo, com base em um mandamento pronunciado diversas vezes por Moisés, requer a santidade de todos os cristãos.

4. "*...se invocais por Pai...*" (v. 17). O apóstolo aqui não expressa dúvida alguma de que esses cristãos vão invocar o Pai celestial, mas supõe que certamente o farão, e com base nisso argumenta para que andem em temor "*...durante o tempo da vossa peregrinação*": "Se vocês reconhecem o grande Deus como Pai e Juiz, vocês devem viver o tempo da sua peregrinação aqui no temor a Ele". Aprenda aqui: (1) Todos os bons cristãos se consideram peregrinos e estrangeiros neste mundo, como estrangeiros num país distante, passando a outro ao qual de fato pertencem (Sl 39.12; Hb 11.13). (2) Todo o nosso tempo de peregrinação aqui deve ser vivido em temor a Deus. (3) A consideração de Deus como Juiz não é imprópria por aqueles que podem verdadeiramente chamá-lo de Pai. A santa confiança em Deus como um Pai, e o temor tremendo dele como Juiz são bastante coerentes. Considerar a Deus como Juiz é um meio singular de torná-lo mais benquisto como Pai. (4) O julgamento de Deus vai ser sem acepção de pessoas: "*...segundo a obra de cada um*". Nenhuma relação exterior com Ele vai proteger pessoa alguma; o judeu pode chamar a Deus de Pai e Abraão de pai, mas Deus não faz acepção de pessoas, nem favorece a sua causa, com base em considerações pessoais, mas vai julgá-los de acordo com a obra de cada um. As obras dos homens vão revelar, no grande dia, o caráter de cada pessoa. Deus vai tornar conhecidos a todo o mundo os que são seus, por meio de suas obras. Somos compelidos à fé, à santidade e à obediência, e nossas obras vão evidenciar se cumprimos ou não a nossa obrigação.

5. Tendo estimulado os leitores a andar "*...em temor, durante o tempo da vossa peregrinação*", com base na consideração de que chamaram a Deus de Pai, o apóstolo acrescenta (v. 18) um segundo argumento: "*...sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados...*". Com isso, ele traz à mente deles: (1) Que eles foram redimidos, ou comprados novamente, por um resgate pago pelo Pai. (2) Qual foi o preço pago pelo resgate: "*...não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo*". (3) Do que eles foram redimidos: "*...da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais.* (4) Eles sabiam disso: *Sabendo que*, e não podem fingir ignorância dessa grande questão. Aprenda com isso: [1] A consideração da nossa redenção precisa ser uma instigação constante e poderosa à santidade e ao temor a Deus. [2] Deus espera que o cristão viva a vida de forma correspondente ao que ele sabe, e por isso temos grande necessidade de levar a sério o que já sabemos (Sl 39.4). [3] Nem ouro nem prata, nem qualquer coisa corruptível deste mundo podem redimir nem mesmo uma alma. Eles são às vezes armadilhas, tentações e empecilhos para a salvação do homem, mas não podem de forma al-

guma comprá-la ou causá-la. Eles são corruptíveis, e por isso não podem salvar uma alma incorruptível e imortal. [4] O sangue de Jesus Cristo é o único resgate para a redenção do homem. A redenção do homem é real, não metafórica. Somos comprados por preço, e o preço é igual ao valor da compra, pois é o sangue precioso de Cristo; é o sangue de uma pessoa inocente, um cordeiro sem defeito nem mancha, que era representada pelo cordeiro pascoal, e de uma pessoa infinita, sendo o Filho de Deus, e, portanto, é chamado de sangue de Deus (At 20.28). [5] O desígnio de Cristo ao derramar o seu sangue tão precioso foi redimir-nos, não somente da miséria eterna do porvir, mas da vida vã neste mundo. É vã a vida que é vazia, frívola, leviana e inútil para a honra de Deus, para o crédito da religião, a convicção dos incrédulos e para o conforto e satisfação da própria consciência do homem. Não somente a maldade declarada, mas a futilidade e a inutilidade da nossa vida são tremendamente perigosas. [6] A vida do homem pode ter uma aparência de devoção, e pode alegar antiguidade e tradição na sua defesa, e mesmo assim depois de tudo isso ser a vida mais vã. Os judeus tinham muito que dizer disso, por causa de todas as suas formalidades. E mesmo assim a sua vida era tão inútil que somente o sangue de Cristo poderia redimi-los dela. A antigüidade não é garantia de veracidade, nem é uma resolução sábia dizer: "Vou viver e morrer dessa forma, porque os meus antepassados fizeram assim".

6. Tendo mencionado o preço da redenção, o apóstolo prossegue e fala de algumas coisas relacionadas tanto ao Redentor quanto aos redimidos (vv. 20,21).

(1) O Redentor é descrito em mais detalhes, não somente como um Cordeiro sem defeito, mas como um: [1] Que foi "...*conhecido, ainda antes da fundação do mundo*". Quando a presciência é atribuída a Deus, implica mais do que mera perspectiva ou especulação. Significa um ato da vontade, uma resolução de que a coisa assim será (At 2.23). Deus não somente conhecia antes, mas determinou e decretou que o seu Filho morresse pelos homens, e esse decreto foi feito antes da fundação do mundo. O tempo e o mundo começaram juntos; antes do começo do tempo não havia nada senão a eternidade. [2] Que foi "...*manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós*". Ele foi manifestado como sendo aquele Redentor a quem Deus tinha conhecido anteriormente. Ele foi manifestado pelo seu nascimento, pelo testemunho do seu Pai e por suas próprias palavras, especialmente pela sua ressurreição dos mortos (Rm 1.4). "Isso foi feito nestes últimos tempos do Novo Testamento e do evangelho por vocês, judeus, pecadores, aflitos; vocês têm o conforto da manifestação e da vinda de Cristo, se crerem nele". [3] Que foi ressuscitado dos mortos pelo Pai, que lhe deu glória. A ressurreição de Cristo, considerada como um ato de poder, é comum às três pessoas, mas como um ato de juízo é peculiar ao Pai, que como Juiz soltou Cristo, ressuscitou-o do túmulo e lhe deu glória, proclamou-o a todo o mundo como sendo o seu Filho por meio da ressurreição dos mortos, elevou-o aos céus, coroou-o de glória e honra, revestiu-o com todo o poder no céu e na terra e o glorificou com aquela glória que Ele tinha com Deus antes de o mundo existir.

(2) Os redimidos são descritos aqui também pela sua fé e esperança, a causa das quais é Jesus Cristo: "*Por ele credes em Deus* – por meio dele como autor, encorajador, apoio e consumador da vossa fé; vossa fé e esperança agora podem estar em Deus, que está reconciliado convosco por meio de Cristo, o Mediador".

(3) De tudo isso aprendemos: [1] O decreto de Deus de enviar Cristo para ser o Mediador já existia desde a eternidade, e foi um decreto justo e misericordioso, que mesmo assim não desculpa o pecado do homem ao crucificá-lo (At 2.23). Deus tinha propósitos de favor especial para com o seu povo muito antes de ter feito qualquer manifestação de tal graça a eles. [2] Grande é a felicidade dos últimos tempos em comparação com o que as épocas anteriores do mundo desfrutaram. A claridade da luz, os apoios à fé, a eficácia das ordenanças e a proporção dos confortos – todos esses aspectos são muito mais completos desde a manifestação de Cristo do que eram antes. Nossa gratidão e serviços deveriam ser correspondentes a esses favores. [3] A redenção de Cristo pertence a ninguém mais do que aos verdadeiros crentes. A universalidade da redenção é afirmada por alguns e negada por outros, mas ninguém vai ao ponto de afirmar a aplicação geral da morte de Cristo à salvação de todos. Hipócritas e incrédulos serão arruinados para sempre, não obstante a morte de Cristo. [4] Deus em Cristo é o objeto insuperável da fé do cristão, que é solidamente sustentada pela ressurreição de Cristo, e a glória que a seguiu.

II O apóstolo os exorta ao amor fraternal

1. Ele supõe que o evangelho já tivera tal efeito sobre eles para purificar-lhes a alma enquanto lhe obedeciam por meio do Espírito, e que já tinha produzido no mínimo a "...*caridade fraternal, não fingida*"; e por isso argumenta com eles para que avancem a um grau mais elevado de afeição, estimulando-os a que se amem "...*ardentemente uns aos outros, com um coração puro*" (v. 22). Disso aprenda: (1) Não se deve duvidar de que todo cristão sincero purifica a sua alma. O apóstolo toma isso por certo: "*Purificando a vossa alma...*". A purificação pressupõe grandes impurezas e manchas que a poluíram, e que essa profanação foi removida. Nem as purificações levíticas sob a lei, nem as purificações hipócritas podem realizar isso. (2) A palavra de Deus é o grande instrumento da purificação do pecador: "*Purificando a vossa alma na obediência à verdade*". O evangelho é chamado de *verdade*, em contraste com tipos e sombras, com erros e falsidade. Essa verdade é eficaz para purificar a alma, se for obedecida (Jo 17.17). Muitos ouvem a verdade, mas nunca são purificados por ela, porque não se submetem a ela nem lhe obedecem. (3) O Espírito de Deus é o grande agente da purificação da alma do homem. O Espírito convence a alma das suas impurezas, fornece aquelas virtudes e graças que adornam e purificam, como a fé (At 15.9), a esperança (1 Jo 3.3), o temor de Deus (Sl 34.9) e o amor de Jesus Cristo. O Espírito estimula nossos esforços e os torna bem-sucedidos. O auxílio do Espírito não substitui a nossa diligência; essas pessoas purificaram a sua própria alma, mas foi por meio do Espírito. (4) A alma dos cristãos precisa ser purificada antes que possam amar uns aos outros sem fin-

gimento. Há tais desejos e parcialidades na natureza do homem que, sem a graça divina, não podemos nem amar a Deus nem uns aos outros como devemos; não há caridade que não venha de um coração puro. (5) É o dever de todos os cristãos amarem sincera e ardentemente uns aos outros. Nossa afeição uns pelos outros deve ser sincera e real, e deve ser ardente, constante e ampla.

2. Ele continua a estimular os cristãos ao dever de se amarem ardentemente uns aos outros com um coração puro, baseando-se na consideração da sua relação espiritual; pois são todos "*...de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível...*". Disso podemos aprender: (1) Que todos os cristãos são nascidos de novo. O apóstolo fala disso como algo que é comum a todos os cristãos sérios, e por meio disso eles são levados a um novo e próximo relacionamento uns com os outros, eles se tornam irmãos pelo novo nascimento. (2) A palavra de Deus é o grande meio de regeneração (Tg 1.18). A graça da regeneração é transmitida pelo evangelho. (3) Esse novo e segundo nascimento é muito mais desejável e excelente do que o primeiro. O apóstolo ensina isso ao dizer que prefere a semente incorruptível à corruptível. Por meio de uma nos tornamos filhos dos homens, pela outra, filhos e filhas do Altíssimo. A comparação da palavra de Deus com uma semente nos ensina que embora ela seja pequena em aparência, ainda assim é maravilhosa na operação, embora esteja escondida por um tempo, ainda assim cresce e produz fruto excelente no final. (4) Os que são regenerados devem amar ardentemente uns aos outros com o coração puro. Irmãos por natureza não podem deixar de amar uns aos outros; mas a obrigação é dupla quando há uma relação espiritual. Eles estão debaixo do mesmo governo, participam dos mesmos privilégios, e abraçaram os mesmos interesses. (5) A palavra de Deus vive e permanece para sempre. Essa palavra é uma palavra viva, ou uma palavra que vive (Hb 4.12). É um meio de vida espiritual, serve para iniciá-la e preservá-la, animando e estimulando-nos no nosso dever, até que nos conduza à vida eterna. E é permanente; permanece eternamente verdadeira, e habita nos corações dos regenerados para sempre.

A Futilidade do Homem Natural
vv. 24,25

Tendo apresentado um relato da excelência do homem espiritual renovado como nascido de novo, não de uma semente corruptível, mas da incorruptível, o apóstolo agora coloca diante de nós a futilidade do homem natural, falando dele com todos os adornos e vantagens associados a ele: "*Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva*"; e nada pode fazer dele um ser sólido e substancial, a não ser o nascer de novo de uma semente incorruptível, a palavra de Deus, que vai transformá-lo na mais excelente criatura, cuja glória não vai murchar como a flor, mas brilhar como um anjo; e essa palavra é colocada diante de você diariamente pela pregação. Disso aprenda: 1. O homem, no seu maior esplendor e glória, é ainda assim uma criatura que seca, esmorece e morre. Tome-o isoladamente, e toda carne é erva. Na sua entrada no mundo, na sua vida e na sua queda, ele é semelhante à erva (Jó 14.2; Is 40.6,7). Tome-o em toda a sua glória, e até isso é como a flor da erva; sua inteligência, sua beleza, força, vigor, riqueza, honra – não são nada mais do que a flor da erva, que logo seca, morre e desaparece. 2. O único caminho para tornar sólida e incorruptível essa criatura moribunda é que ele contemple e receba a palavra de Deus. Pois esta permanece como verdade eterna, e, se recebida, vai preservá-lo para a vida eterna e habitar nele para sempre. 3. Os profetas e apóstolos pregavam a mesma doutrina. Essa palavra que Isaías e outros anunciaram no Antigo Testamento é a mesma que os apóstolos pregaram no Novo.

Capítulo 2

A exortação geral à santidade continua e é reforçada por diversas razões tomadas do fundamento sobre o qual os cristãos estão edificados, Jesus Cristo, e de suas bênçãos e privilégios nele. O meio de obtê-la, a palavra de Deus, é recomendado (vv. 1-12). Orientações particulares são dadas acerca de como os súditos devem obedecer aos magistrados, e os servos aos seus senhores, sofrendo pacientemente ao fazerem o bem e assim imitarem a Cristo (vv. 13-25).

Contra a Malícia e a Hipocrisia
vv. 1-3

O santo apóstolo recomendou a caridade mútua, e apresentou anteriormente as excelências da palavra de Deus, chamando-a de *semente incorruptível*, e dizendo que ela *permanece para sempre*. Ele continua o seu discurso, e muito apropriadamente inclui este conselho tão necessário: "*Deixando, pois, toda malícia...*". Esses são pecados tais que tanto destroem a caridade quanto obstruem a eficácia da Palavra, e conseqüentemente impedem a nossa regeneração.

I O seu conselho é para deixar de lado ou abandonar o que é mau, como alguém faz com uma roupa velha e podre. "Joguem-na fora com indignação, nunca a coloquem de novo".

1. Os pecados a serem abandonados, ou lançados de lado, são: (1) *Malícia*, que pode ser entendida de forma mais ampla como representando todo o tipo de maldade, como em Tiago 1.22 e 1 Coríntios 5.8. Mas, em um sentido mais restrito, a malícia é a raiva que está estabelecida no coração dos tolos, raiva enraizada e enorme, represada até que leve o homem a planejar o mal, a fazer o mal ou a se alegrar com qualquer mal que sobrevenha a outra pessoa. (2) *Engano* ou logro. Assim compreende a bajulação, a falsidade e a ilusão, que é uma imposição astuta de algo à ignorância ou fraqueza de outra pessoa, para o prejuízo desta. (3) *Fingimentos*. Por estar no plural, a palavra compreende todo o tipo de hipocrisias. Nas questões da religião, a hipocrisia é a falsificação da piedade. Na vida civil, a hipocrisia é falsificação de amizade, que é muito usada por aqueles

que fazem suntuosos elogios, em que eles não acreditam, fazem promessas que eles nunca pretendem cumprir, ou simulam amizades quando a maldade está no seu coração. (4) *Invejas:* tudo que puder ser chamado inveja, que é o afligir-se por todo o bem ou bem-estar de outra pessoa, de suas habilidades, prosperidade, fama ou esforços bem-sucedidos. (5) E *todas as murmurações*, que é a calúnia, o falar contra os outros, ou difamá-los (veja 2 Co 12.20; Rm 1.30).

2. Daí aprenda: (1) Os melhores cristãos têm necessidade de ser advertidos e precavidos contra os piores pecados, como a malícia, a hipocrisia e a inveja. Eles são santificados apenas em parte, e ainda estão propensos às tentações. (2) Nossos melhores serviços a Deus não agradam a Ele nem trazem proveito a nós mesmos, se não formos conscienciosos nos nossos deveres para com os homens. Os pecados mencionados aqui são transgressões da segunda tábua. Esses precisam ser deixados de lado, ou então não podemos receber a palavra de Deus como devemos. (3) Mesmo que o texto diga: *toda malícia, todas as murmurações*, aprenda: Que um pecado não deixado de lado, vai atrapalhar nosso benefício espiritual e nosso bem-estar eterno. (4) A malícia, a inveja, a raiva, o fingimento e a murmuração geralmente andam juntos. A murmuração é um sinal de que a malícia e o engano estão no coração; e todos eles se unem para impedir o nosso progresso por meio da palavra de Deus.

II O apóstolo, como um médico sábio, tendo prescrito que os cristãos se purifiquem de todos os caprichos odiosos, prossegue agora para orientar que se alimentem de comida saudável e regular, para que por meio disso possam crescer. O dever a que o autor estimula é o desejo constante e intenso pela palavra de Deus, que é aqui chamada de "*...o leite racional...*"; mas essa expressão não é do nosso linguajar comum, e assim sugerimos a tradução: *o leite da palavra*, com a qual devemos entender o alimento adequado da alma, ou uma criatura racional, em que a mente, e não o corpo, é alimentada e fortalecida. Esse leite da palavra precisa ser "*...não falsificado...*", não adulterado pelas misturas que os homens fazem, que com freqüência corrompem a palavra de Deus (2 Co 2.17). A forma em que devem desejar esse leite sincero da palavra é descrito desta forma: "*...como meninos novamente nascidos*". Ele lhes traz à mente a sua regeneração. Uma vida nova exige alimento adequado. Por serem recém-nascidos, eles precisam desejar o leite da palavra. Os bebês desejam o leite comum, e seus desejos pelo leite são ardentes e freqüentes, surgindo de uma impaciente percepção de fome, e acompanhados dos melhores esforços de que os bebês são capazes. Assim deve ser o desejo dos cristãos pela palavra de Deus. E isso para este propósito: que cresçam por meio disso, para que aumentem na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador (2 Pe 3.18). Aprenda disso: 1. O forte desejo e a afeição intensa pela palavra de Deus são evidências do novo nascimento de uma pessoa. Se forem desejos tais quais o bebê tem pelo leite, provam que a pessoa nasceu de novo. São a evidência menos significativa, mas mesmo assim é certa. 2. O crescimento e o desenvolvimento em sabedoria e graça são o plano e o desejo de todo cristão; todos os meios espirituais são para a edificação e o crescimento. A palavra de Deus, usada corretamente, sempre faz o cristão crescer, e o torna melhor.

III Ele acrescenta um argumento da própria experiência deles: "*...se é que...*", ou, visto que, ou, uma vez que, "*...já provastes que o Senhor é benigno*" (v. 3). O apóstolo não expressa uma dúvida, mas afirma que esses bons cristãos tinham experimentado a bondade de Deus, e com base nisso argumenta com eles. "Vocês precisam deixar de lado esses pecados desprezíveis (v. 1); vocês precisam desejar a palavra de Deus; vocês precisam crescer por meio dela, visto que não podem negar que provaram que o Senhor é bondoso". O versículo seguinte nos garante que o Senhor de que se fala aqui é o Senhor Jesus Cristo. Disso aprenda: 1. O nosso Senhor Jesus Cristo é muito benigno para com o seu povo. Ele é em si mesmo infinitamente bom; Ele é muito bondoso, disposto e misericordioso para com os miseráveis pecadores; Ele é compassivo e bom para com os que não merecem; Ele tem em si mesmo a plenitude da graça. 2. A benignidade do nosso Redentor pode ser mais facilmente descoberta por uma prova experimental dela. Precisa haver uma aplicação imediata do objeto ao órgão do paladar; não podemos provar à distância, como podemos ver, ouvir e cheirar. Provar a benignidade de Cristo de forma experimental pressupõe o fato de sermos unidos com Ele pela fé, e então podemos provar sua bondade em todas as suas providências, em todas as nossas preocupações espirituais, em todos os nossos temores e tentações. 3. Os melhores servos de Deus têm nesta vida apenas uma prova da graça de Cristo. Uma prova é só um pouco; não é um gole, nem satisfaz. É assim com a consolação de Deus nesta vida. 4. A palavra de Deus é o grande agente pelo qual Ele revela e transmite a sua graça aos homens. Os que se alimentam do leite não falsificado provam e experimentam grande parte da sua graça. Na nossa comunhão com a sua palavra devemos sempre nos empenhar para entender e experimentar mais e mais da sua graça.

A Pedra Viva. Advertências contra a Sensualidade

vv. 4-12

I O apóstolo nos dá aqui uma descrição de Jesus Cristo como a pedra viva; e mesmo que para um zombador ou um incrédulo essa descrição pareça rude ou áspera, para os judeus, que depositavam grande parte da sua religião no magnífico templo, e que entendiam o estilo profético, que chama o Messias de *pedra* (Is 8.14; 28.16), ela pode parecer muito elegante e apropriada.

1. Nessa descrição metafórica de Jesus Cristo, Ele é chamado pedra, para denotar a sua força invencível e sua duração eterna, e para ensinar aos seus servos que Ele é sua proteção e segurança, o fundamento em que eles estão edificados e uma rocha de escândalo a todos os seus inimigos. Ele é a "*...pedra viva*", tendo vida eterna em si mesmo, e sendo o príncipe da vida para todo o seu povo. A reputação e o respeito que Ele tem com Deus são bem diferentes. Ele foi desaprovado pelos homens, reprovado e

rejeitado pelos seus próprios compatriotas, os judeus, e pela humanidade como um todo; mas escolhido por Deus, separado e pré-ordenado para ser o fundamento da igreja (cap. 1.20), e precioso, escolhido especialmente, a pessoa mais honrada, mais digna em si mesma, na estima de Deus e no discernimento de todos os que crêem nele. Somos obrigados a nos aproximar dessa pessoa assim descrita: "*E, chegando-vos para ele*", não por meio de um movimento físico, pois isso é impossível desde a sua exaltação, mas pela fé, pela qual somos unidos a Ele primeiro, e devemos nos aproximar dele depois. Disso aprenda: (1) Jesus Cristo é a pedra fundamental de todas as nossas esperanças e felicidade. Ele transmite o verdadeiro conhecimento de Deus (Mt 11.27); por meio dele temos acesso ao Pai (Jo 14.6), e por meio dele somos feitos participantes de todas as bênçãos espirituais (Ef 1.3). (2) Os homens em geral desaprovam e rejeitam a Jesus Cristo; eles o menosprezam, têm aversão por Ele, se opõem a Ele e o recusam, como declaram as Escrituras e a experiência (Is 53.3). (3) Por mais que Cristo seja desaprovado por um mundo ingrato, ainda assim Ele foi escolhido por Deus e precioso aos olhos dele. Ele foi escolhido e estabelecido para ser o Senhor do universo, o cabeça da igreja, o Salvador do seu povo e o Juiz do mundo. Ele é precioso na excelência da sua natureza, na dignidade do seu ofício e na glória das suas obras. (4) Os que esperam misericórdia desse Redentor benigno precisam vir a Ele, o que é ato nosso, embora realizado por meio da graça de Deus – um ato da alma, não do corpo; um esforço real, não um desejo infrutífero.

2. Tendo descrito Cristo como o fundamento, o apóstolo continua a falar da edificação que fica acima do fundamento, os materiais que são edificados sobre Ele: "*...vós também, como pedras vivas, sois edificados...*" (v. 6). O apóstolo está recomendando a igreja e a constituição cristãs a esses judeus dispersos. Era natural para eles colocarem como objeção que a igreja cristã não tinha um templo tão glorioso, nem um sacerdócio tão numeroso; mas sua dispensação era inferior, e suas cerimônias e sacrifícios não tinham nada da pompa e da grandeza que tinha a dispensação judaica. A isso o apóstolo responde que a igreja cristã é uma edificação muito mais nobre que o templo dos judeus; é um templo vivo, que não consiste em materiais mortos, mas em partes vivas. Cristo, o fundamento, é a pedra viva. Os cristãos são pedras vivas, e estas constituem uma casa espiritual, e eles são um sacerdócio santo. E, embora eles não tenham sacrifícios sangrentos de animais para oferecer, mesmo assim têm sacrifícios muito melhores e mais aceitáveis, e eles também têm um altar em que apresentar suas ofertas; pois eles apresentam sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Disso aprenda: (1) Todos os cristãos sinceros têm em si mesmos o princípio da vida transmitido a eles a partir de Cristo, sua cabeça. Por isso, visto que ele é chamado de pedra viva, assim eles são chamados pedras vivas, ou pedras que vivem; não mortas em suas transgressões, mas vivas para Deus por meio da regeneração e da obra do Espírito divino. (2) A igreja de Deus é uma casa espiritual. O fundamento é Cristo (Ef 2.22). É uma casa por sua força, beleza, diversidade de partes e utilidade do todo. É um fundamento espiritual, Cristo Jesus; os seus materiais, pessoas espirituais; seus móveis, as virtudes do Espírito; nas suas conexões, são mantidos em união pelo Espírito de Deus e por uma fé comum; e no seu uso, que é obra espiritual, serve para realizar sacrifícios espirituais. Essa casa é edificada diariamente, cada parte cresce e o todo é suprido em todas as épocas, pelo acréscimo de novos membros particulares. (3) Todos os bons cristãos são um sacerdócio santo. O apóstolo fala aqui dos cristãos em geral, e lhes diz que eles são um sacerdócio santo. Eles são todos pessoas escolhidas, santas para Deus, úteis para os outros, bem dotadas com os dons e as graças celestiais e bem empregados. (4) Esse sacerdócio precisa oferecer e de fato oferece sacrifícios espirituais a Deus. Os sacrifícios espirituais que os cristãos devem oferecer são seu corpo, sua alma, suas emoções, orações, louvores, esmolas e outros deveres. (5) Os sacrifícios mais espirituais dos melhores homens não são agradáveis a Deus, a não ser por meio de Jesus Cristo; Ele é o único grande sumo sacerdote, por meio de quem nós e nossos serviços podem ser aceitos. Por isso, leve todas as suas oferendas a Ele, e por meio dele apresente-as a Deus.

II Ele confirma o que tinha asseverado de Cristo, que Ele é a "*...pedra viva...*", com base em Isaías 28.16. Observe a maneira em que o apóstolo cita as Escrituras, não por livro, capítulo e versículo, pois essas distinções não eram feitas na época; assim não se diz nada mais que a referência a Moisés, Davi, ou aos profetas, exceto uma vez em que foi citado um salmo particular (At 13.33). Nas suas citações, atinham-se mais ao sentido do que às palavras das Escrituras, como fica claro a partir do que é citado do profeta nessa passagem. Ele não cita as Escrituras, nem do hebraico nem da LXX, palavra por palavra, mesmo assim, faz uma citação verdadeira e exata. O verdadeiro sentido das Escrituras pode ser lícita e completamente expresso em outras palavras além das palavras das Escrituras. O verbo é ativo, mas os nossos tradutores a formularam na voz reflexiva (Nota do tradutor: em inglês, na voz passiva), para evitar a dificuldade de se encontrar um caso nominativo para ele, que havia desconcertado tantos intérpretes antes deles. O assunto da citação é este: "*Eis que ponho em Sião*". Disso aprenda: 1. Nas questões substanciosas da religião devemos depender totalmente das provas das Escrituras; Cristo e seus apóstolos apelaram a Moisés, Davi e aos antigos profetas. A palavra de Deus é a única regra que Deus nos deu. É uma regra perfeita e suficiente. 2. Os relatos que Deus nos deu nas Escrituras concernentes ao seu Filho Jesus Cristo são os que exigem a nossa completa atenção: *Eis que ponho* etc. João chama atenção de modo semelhante em João 1.29. Essas chamadas de atenção a Cristo nos mostram a excelência da questão, a importância dela e a nossa estupidez e lentidão para entender. 3. A constituição de Cristo Jesus como cabeça da igreja é uma obra eminente de Deus: *Eu ponho em Sião.* O estabelecimento do papa como cabeça da igreja é uma invenção humana e uma presunção arrogante. Somente Cristo é o fundamento e cabeça da igreja de Deus. 4. Jesus Cristo é a "*...pedra principal da esquina*" que Deus colocou na sua edificação espiritual. A

pedra de esquina permanece inseparável da construção, sustenta-a, une-a e a adorna. Assim Cristo faz por meio de sua santa igreja, sua casa espiritual. 5. Jesus Cristo é a pedra de esquina para sustentar e salvar aqueles que são o seu povo sincero. Nenhum lugar a não ser Sião, ninguém a não ser os que são de Sião. Não para a Babilônia, não para os seus inimigos. 6. A verdadeira fé em Jesus Cristo é a única forma de evitar a confusão total do homem. Três coisas lançam o homem em grande confusão, e a fé evita as três – a frustração, o pecado e o julgamento. A fé tem um remédio para cada uma delas.

III Ele faz uma inferência importante (v. 7). Jesus Cristo é chamado aqui de principal pedra da esquina. Daí que o apóstolo infere com respeito a bons homens: "Para vocês, então, que crêem, Ele é precioso, ou Ele é uma honra. Cristo é a coroa e honra do cristão; vocês que crêem vão estar tão distantes de serem envergonhados por Ele que vocês vão se gloriar nele para sempre". No que diz respeito aos homens ímpios, os desobedientes vão continuar desaprovando e rejeitando a Jesus Cristo; mas Deus determinou que Ele vai ser, apesar de toda a oposição, a principal da esquina. Disso aprenda: 1. Tudo que é deduzido por conseqüência exata e necessária das Escrituras, disso se pode depender com tanta certeza como se isso estivesse contido em palavras expressas nas Escrituras. O apóstolo faz uma inferência do testemunho do profeta. O profeta não disse isso expressamente, mas ele disse aquilo de que a conseqüência era inevitável. Nosso Salvador lhes ordena que investiguem as Escrituras, porque elas testificam dele. E, no entanto, nenhuma passagem das Escrituras citada por ele afirmava que Jesus de Nazaré era o Messias. No entanto, o que essas Escrituras de fato dizem é que aquele que nascesse de uma virgem, antes que o cetro partisse de Judá, durante o segundo templo, e depois das setenta semanas de Daniel, seria o Messias. Tal pessoa era Jesus Cristo: para chegar a essa conclusão a pessoa tem de fazer uso da razão, da história, da visão, da experiência e, ainda assim, é uma conclusão infalível das Escrituras. 2. A tarefa de um ministro é aplicar a verdade geral às condições e ao estado particulares dos seus ouvintes. O apóstolo cita uma passagem (v. 6) extraída do profeta, e a aplica de diversas formas para o bem e para o mal. Isso requer sabedoria, coragem e fidelidade; mas é muito proveitoso aos ouvintes. 3. Jesus Cristo é extremamente precioso para todos os fiéis. A majestade e a grandeza da sua pessoa, a dignidade do seu ofício, sua relação próxima, suas obras maravilhosas, seu imenso amor – tudo estimula o fiel à mais elevada estima e ao maior respeito por Jesus Cristo. 4. Pessoas desobedientes não têm fé verdadeira. Por pessoas desobedientes entenda aquelas que não são persuadíveis, são incrédulas e impenitentes. Essas podem até ter algumas noções corretas, mas não têm fé sólida. 5. Aqueles que deveriam ser edificadores da igreja de Cristo com freqüência são os piores inimigos que Cristo tem no mundo. No Antigo Testamento, os falsos profetas causaram o maior prejuízo. E no Novo Testamento, a maior oposição e crueldade que Cristo enfrentou vieram dos escribas, fariseus, sumos sacerdotes e aqueles que faziam de conta edificar e cuidar da igreja. Da mesma forma, a hierarquia de Roma é o pior inimigo de Jesus Cristo e de seus interesses no mundo. 6. Deus vai dar prosseguimento à sua própria obra, e sustentar o interesse de Jesus Cristo no mundo, não obstante a falsidade dos amigos fingidos e da oposição dos seus piores inimigos.

IV O apóstolo acrescenta mais uma descrição, ainda preservando a metáfora da pedra (v. 8). As palavras são extraídas de Isaías 8.13,14: "*Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai;* [...] *mas servirá de pedra de tropeço e de rocha de escândalo*", de onde fica claro que Jesus Cristo é o Senhor dos Exércitos, e conseqüentemente, o Deus Altíssimo. Observe:

1. Os construtores, os principais sacerdotes, o recusaram, e o povo seguiu os seus líderes; e assim Cristo se tornou para eles uma "*...pedra de tropeço e uma rocha de escândalo*", na qual tropeçaram e se feriram; e, em contrapartida, Ele caiu sobre eles como uma imensa pedra ou rocha, e os castigou com destruição. Mateus 21.44: "*E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó*". Disso aprenda: (1) Todos os que são desobedientes tropeçam na palavra de Deus: Eles "*...tropeçam na palavra, sendo desobedientes*". Sentem-se ofendidos pelo próprio Cristo, com sua doutrina e a pureza dos seus preceitos; mas os doutores judaicos tropeçaram mais especialmente na insignificância da sua aparência e na proposta de confiarem somente nele para a sua justificação diante de Deus. Eles não puderam ser conduzidos a buscar a justificação pela fé, mas como que pelas obras da lei: "*Tropeçaram na pedra de tropeço*" (Rm 9.32). (2) O mesmo Jesus bendito que é o autor da salvação para alguns é para outros a ocasião do seu pecado e destruição. Foi colocado para "*...queda e elevação de muitos em Israel*". Ele não é o autor do pecado deles, mas somente a ocasião dele; a própria desobediência deles os faz tropeçar nele e rejeitá-lo, e Ele os castiga, como Juiz, com destruição. Os que o rejeitam como Salvador vão ser esmigalhados por Ele como a Rocha. (3) O próprio Deus tinha decretado destruição eterna para todos que tropeçassem na rocha sendo desobedientes. Todos os que avançam resolutamente na sua infidelidade e desprezo do evangelho são destinados à destruição eterna; e Deus desde a eternidade sabe quem são. (4) Ver os judeus como um todo rejeitando a Cristo e as multidões em todas as épocas menosprezando-o não deve nos desanimar em nosso amor e sujeição a Ele; pois isso já havia sido prenunciado pelos profetas muito tempo antes, e é uma confirmação de nossa fé tanto nas Escrituras como no Messias.

2. Aqueles que o receberam foram altamente privilegiados (v. 9). Os judeus eram extremamente apegados aos seus antigos privilégios, de ser o único povo de Deus, chamados a uma aliança especial com Ele, e separados do restante do mundo. "Agora", eles dizem, "se nos submetermos à constituição do evangelho, vamos perder tudo isso, e ficar no mesmo nível dos gentios".

(1) A essa objeção os apóstolos respondem que se eles não se submetessem estariam arruinados (vv. 7,8), mas que ao se submeterem não perderiam nenhuma vantagem real, mas continuariam a ser o que desejavam, uma "*...geração eleita, o sacerdócio real...*". Disso

aprenda: [1] Todos os verdadeiros cristãos são uma *geração eleita*; todos eles formam uma família, um tipo e espécie de povo distinto do mundo comum, de outro espírito, princípios e prática, que nunca poderiam ser se não fossem escolhidos em Cristo para serem assim, e santificados pelo Espírito. [2] Todos os verdadeiros servos de Cristo são um "...*sacerdócio real*...". São reais no seu relacionamento com Deus e Cristo, no seu poder com Deus, e sobre si mesmos e todos os seus inimigos espirituais; eles são principescos no desenvolvimento e na excelência de seus próprios espíritos, e nas suas esperanças e expectativas; eles são um sacerdócio real, separados do pecado e dos pecadores, consagrados a Deus, e oferecendo a Deus serviços e oblações espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. [3] Todos os cristãos, não importa onde estiverem, constituem uma nação santa. Eles são uma nação, reunidos sob uma cabeça, concordando com as mesmas maneiras e costumes, e governados pelas mesmas leis; e são uma nação santa, porque são consagrados e devotos a Deus, renovados e santificados pelo Espírito Santo. [4] É uma honra para os servos de Cristo eles serem o povo peculiar de Deus. Eles são o povo da sua aquisição, sua escolha, cuidado e prazer. Essas quatro dignidades de todos os cristãos genuínos não são naturais para eles; pois o seu primeiro estado era um estado de escuridão horrenda, mas eles são de fato chamados para fora da escuridão, a um estado de maravilhosa luz, alegria, prazer e prosperidade, com este intento e visão, para que mostrem, por palavras e atos, as virtudes e louvores daquele que os chamou.

(2) Para tornar esse povo feliz e grato pelas grandes misericórdias e dignidades proporcionadas a eles pelo evangelho, o apóstolo os aconselha a comparar o seu estado anterior com o atual. Houve uma época em que eles não eram povo, nem tinham obtido misericórdia, mas foram solenemente repudiados e divorciados (Jr 3.8; Os 1.6,9); mas agora foram aceitos novamente como povo de Deus, e obtiveram misericórdia. Disso aprenda: (1) As melhores pessoas precisam olhar para trás com freqüência para o que eram em tempos passados. [2] O povo de Deus é o povo mais precioso do mundo; todos os outros não são povo, e servem para pouca coisa. [3] Ser acrescentado ao povo de Deus é uma misericórdia muito grande, e isso pode ser obtido.

V Ele os adverte para se guardarem dos desejos carnais (v. 11). Mesmo os melhores homens, *a geração eleita, o povo adquirido*, precisam de uma exortação para se abster dos piores pecados, acerca dos quais o apóstolo aqui se empenha em advertir séria e carinhosamente. Sabendo da dificuldade, e também da importância do dever, ele usa o seu profundo interesse por eles: "*Amados, peço-vos*...". O dever é a abstenção e a subjugação das primeiras inclinações ou do surgimento dos desejos carnais. Muitos procedem da depravação da carne, e no seu exercício dependem do corpo, satisfazendo algum apetite sensual ou alguma inclinação imoderada da carne. Esses cristãos devem evitá-los, levando em consideração: 1. O respeito que eles têm por Deus e por homens bons: Eles são "...*amados*". 2. Sua condição no mundo: Eles são "...*peregrinos e forasteiros*", e não devem retardar a sua passagem ao cederem às maldades e à lascívia da terra que estão atravessando. 3. O dano que esses pecados causam e o perigo a que expõem a pessoa: "*Que combatem contra a alma*; e por isso a vossa alma deve lutar contra eles". Disso aprenda: (1) O grande mal que o pecado causa ao homem é este: ele combate "...*contra a alma*"; ele destrói a liberdade moral da alma; ele enfraquece e debilita a alma ao prejudicar suas habilidades; ele rouba a alma do seu conforto e paz; ela avilta e destrói a dignidade da alma, atrapalha a sua presente prosperidade e a lança em miséria eterna. (2) De todos os tipos de pecado, nenhum é mais prejudicial à alma do que as "...*concupiscências carnais*". Os apetites carnais, a lascívia e a sensualidade são totalmente odiosos a Deus, e destrutivos à alma do homem. É um castigo dolorido a ser sentenciado contra eles.

VI Ele os exorta ainda a adornar a sua profissão de fé com um viver honesto. O seu viver, em todos os momentos, todas as situações e todos os atos deve ser honesto; isto é, bom, amável, decente, agradável e sem culpa. E isso porque eles vivem no meio dos gentios, pessoas de outras religiões, e que eram inimigos inveterados deles, que já os caluniavam e constantemente falavam mal deles "...*como de malfeitores*". "Um comportamento puro, justo e bom pode não somente calar a boca deles, mas possivelmente se torne um meio de fazê-los glorificar a Deus, e de se voltarem a vocês quando virem que vocês sobrepujam os outros em boas obras. Eles agora chamam vocês de malfeitores; vindiquem-se a si mesmos por boas obras, essa é a forma de convencê-los. O dia da visitação está chegando, e nele, Deus talvez os chame ao arrependimento pela sua palavra e graça; e então eles vão glorificar a Deus, e aplaudir vocês, por seu excelente comportamento (Lc 1.68). Quando o evangelho for aceito no meio deles e se tornar eficaz, o bom comportamento de vocês vai encorajá-los à sua conversão, mas um comportamento mau vai obstruí-los". Observe: 1. A profissão de fé cristã deve ser acompanhada do viver honesto (Fp 4.8). 2. É a sorte comum dos cristãos serem mal-falados por homens ímpios. 3. Os que estão sob a visitação da graça de Deus imediatamente mudam sua opinião acerca das pessoas boas, glorificando a Deus e elogiando aqueles que antes insultavam como malfeitores.

A Submissão aos Magistrados. Várias Exortações. O Exemplo de Cristo como um Sofredor

vv. 13-25

A regra geral do viver cristão é esta: precisa ser honesto, o que ele não pode ser se não houver um cumprimento conscienciosо de todos os deveres concernentes.

I O caso dos súditos. Os cristãos não eram somente considerados inovadores na religião, mas também perturbadores do estado; era tremendamente necessário, portanto, que o apóstolo estabelecesse as regras e medidas de obediência aos magistrados civis, o que ele faz aqui. Observe:

1. O dever exigido é a submissão, que abrange a lealdade e a reverência pela pessoa deles, obediência às suas justas leis e ordens e sujeição às penalidades legais.

2. São descritas as pessoas ou objetos a quem essa submissão é devida: (1) Em âmbito mais geral: "*...toda ordenação humana...*". A magistratura certamente existe por direito divino; mas a forma particular de governo, o poder da magistratura, e as pessoas que devem executar esse poder são instituições humanas, e são governadas por leis e constituições de cada país particularmente. E essa é uma regra geral, obrigatória em todas as nações, não importa qual for a forma estabelecida. (2) Particularmente: "*...ao rei, como superior*", primeiro em dignidade e mais eminente em grau; o rei como uma pessoa representando a lei, não um tirano. "*...quer aos governadores*", representantes, procônsules governadores de províncias, que são "*...por ele enviados...*", isto é, comissionados para governar.

3. As razões de fazer vigorar esse dever são:

(1) "*...por amor do Senhor*", que tinha ordenado a magistratura para o bem da humanidade, que exigiu obediência e submissão (Rm 13), e cuja honra está em jogo no comportamento adequado dos súditos aos seus soberanos.

(2) O fim e o uso do ofício dos magistrados, que são: punir malfeitores e elogiar e encorajar todos aqueles que fazem o bem. Eles foram nomeados para o bem das sociedades; e, onde esse fim não é almejado, a falha não está na sua instituição, mas na sua prática. [1] A verdadeira religião é o melhor amparo do governo civil; requer submissão, por amor do Senhor, e por amor à consciência. [2] Nem todos os castigos, e nem todos os magistrados no mundo podem impedir que haja malfeitores nele. [3] A melhor forma em que o magistrado pode cumprir o seu próprio dever, e consertar o mundo, é castigar bem e recompensar bem.

(3) Outra razão por que os cristãos devem se submeter aos magistrados ímpios é que isso "*...é a vontade de Deus*", e conseqüentemente o seu dever; e porque é a forma de calar as calúnias maldosas de homens ignorantes e loucos (v. 15). Disso aprenda: [1] A *vontade de Deus* é, para um homem bom, a razão mais forte para o cumprimento de qualquer dever. [2] A obediência aos magistrados é um ramo considerável do dever de um cristão: "*...assim é a vontade de Deus*". [3] Um cristão precisa empenhar-se, em todas as relações, a se comportar para silenciar as afrontas irracionais dos homens mais ignorantes e loucos. [4] Aqueles que falam contra a religião e contra pessoas religiosas são ignorantes e loucos.

(4) Ele os lembra da natureza espiritual da liberdade cristã. Os judeus, com base em Deuteronômio 17.15, concluíram que não eram obrigados a obedecer a nenhum superior, mas a alguém *dentre teus irmãos*; e os judeus convertidos achavam que estavam livres da sujeição por meio da sua relação com Cristo. Para evitar os seus erros, o apóstolo conta aos cristãos que eles eram livres, mas de quê? Não do dever ou da obediência à lei de Deus, que exige sujeição ao magistrado civil. Eles estavam espiritualmente livres da escravidão à lei e a Satanás, e da lei cerimonial; mas eles não devem fazer da sua liberdade cristã um manto ou uma cobertura para a malícia, ou para a negligência de qualquer dever para com Deus ou os seus superiores, mas devem lembrar ainda que são os "*...servos de Deus*". Disso aprenda: [1] Todos os servos de Cristo são homens livres (Jo 8.36); eles são *livres* do domínio de Satanás, da lei da condenação, da ira de Deus, do mal-estar do dever e do pavor da morte. [2] Os servos de Jesus Cristo devem ser muito cuidadosos para não abusarem da sua liberdade cristã, e não fazer dela um manto ou cobertura para nenhuma maldade contra Deus ou desobediência aos seus superiores.

4. O apóstolo conclui o seu discurso concernente ao dever dos súditos com quatro preceitos admiráveis: (1) "*Honrai a todos*". A todos os homens deve ser dado o devido respeito; os pobres não devem ser desprezados (Pv 17.5); os ímpios precisam ser honrados, não por sua maldade, mas por qualquer outra qualidade, como a inteligência, a prudência, a coragem, a dignidade do emprego ou pela cabeça grisalha. Abraão, Jacó, Samuel, os profetas e os apóstolos nunca deixaram de honrar homens maus em posições de destaque. (2) "*Amai a fraternidade*". Todos os cristãos formam uma fraternidade, unidos a Cristo, o cabeça, igualmente intencionados e qualificados, associados nos mesmos interesses, tendo comunhão uns com os outros, e indo à mesma casa; por isso, devem amar uns aos outros com uma afeição especial. (3) "*Temei a Deus*" com a mais elevada reverência, respeito e submissão. Se isso faltar, nenhum dos outros três deveres pode ser realizado como deveria. (4) "*Honrai o rei*" com a mais alta honra que é peculiarmente devida a ele acima dos outros homens.

II Assim como o caso dos súditos, o caso dos servos também necessitava de uma determinação apostólica, pois eles imaginavam que a sua liberdade cristã os livrava dos seus senhores incrédulos e cruéis. A isso, o apóstolo responde: "*Vós, servos, sujeitai-vos...*" (v. 18). Com o termo *servos* ele quer dizer aqueles que eram estritamente assim, fossem eles contratados, ou comprados com dinheiro, ou tomados na guerra, ou nascidos na casa, ou aqueles que serviam por contrato por um período determinado, como aprendizes. Observe:

1. Ele lhes ordena que sejam submissos, para fazerem os seus deveres com fidelidade e honestidade, a se comportarem, como cabia aos servos, com reverência e dedicação, e se sujeitarem pacientemente às provações e inconveniências. Eles devem essa sujeição aos seus senhores, que têm o direito sobre o seu serviço; e isso não somente em relação aos *bons e humanos*, os que os empregam bem e moderam um pouco nos seus direitos, mas até mesmo aos desonestos e perversos, que dificilmente podem ser agradados de alguma maneira. Disso aprenda: (1) Os servos devem se comportar para com os seus senhores com submissão, e com temor de desagradá-los. (2) A conduta imprópria e pecaminosa de uma parte não justifica o comportamento pecaminoso da outra; o servo é obrigado a fazer o seu dever, embora o senhor seja pecaminosamente intratável e perverso. (3) Pessoas boas são mansas e brandas para com os seus servos e os de classe social inferior. O nosso santo apóstolo mostra o seu amor e interesse pela alma de servos pobres, assim como o faz em relação a pessoas de posição social mais elevada. Nisso, ele deve ser imitado por todos os ministros, que deveriam aplicar indistintamente os seus conselhos aos das

classes sociais inferiores, aos mais insignificantes, aos mais jovens e aos mais pobres dos seus ouvintes, como também a todos os outros.

2. Tendo lhes dado a ordem de serem submissos, ele se digna à razão com eles acerca desse assunto.

(1) Se eles forem pacientes nas suas provações, enquanto estão sofrendo injustamente, e continuarem a cumprir com o seu dever em relação aos seus senhores incrédulos e intratáveis, isso será aceitável a Deus, e Ele vai recompensar tudo que eles estão sofrendo por causa da consciência para com Ele. Mas se eles são pacientes ao serem castigados merecidamente, isso não vai lhes trazer elogio algum; é somente "*...fazendo o bem*" e sofrendo pacientemente, é que fazem o que "*...é agradável a Deus*" (vv. 19,20). Disso aprenda: [1] Não há condição tão horrível em que o homem viva conscienciosamente em que ele não consiga glorificar a Deus nela; o servo mais insignificante pode fazê-lo. [2] As pessoas mais conscienciosas são com freqüência os maiores sofredores. "*...por causa da consciência para com Deus*", eles padecem injustamente; eles fazem o bem e sofrem por isso; mas sofredores desse naipe são louváveis, eles dão honra a Deus e à religião e são aceitos por Ele; e isso é o seu mais elevado amparo e satisfação. [3] Os sofrimentos merecidos precisam ser suportados com paciência: "*...se, pecando, sois esbofeteados*", é necessário que sofrais. Os sofrimentos neste mundo nem sempre são um penhor da nossa felicidade futura; se filhos ou servos são rudes e irresponsáveis, e sofrem por conta disso, isso não vai ser aceitável a Deus nem produzir o elogio dos homens.

(2) São dadas mais razões para encorajar os servos cristãos à paciência debaixo de sofrimentos injustos (v. 21). [1] Do seu chamado e sua fé cristã: "*Porque para isto sois chamados*". [2] Do exemplo de Cristo, que "*...padeceu por nós*", e assim se tornou o nosso "*...exemplo, para que sigais as suas pisadas*". Disso aprenda, em primeiro lugar, os bons cristãos são de um tipo chamado para sofrer, e por isso eles precisam contar com isso; segundo os termos do cristianismo, eles têm de negar a si mesmos, e tomar sobre si a sua cruz. Eles são chamados pelas ordens de Cristo, pelas dispensações da Providência, e pelas preparações da graça divina. E, pela prática de Cristo, eles são destinados a sofrer quando chamados a isso. Em segundo lugar, "*...Cristo padeceu por nós*"; não foi o Pai que sofreu, mas aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo para esse fim. Tanto o corpo quanto a alma de Jesus sofreram, e Ele sofreu por nós, em nosso lugar e para o nosso bem (v. 24). Em terceiro lugar, os sofrimentos de Cristo devem nos aquietar e acalmar nos sofrimentos mais injustos e cruéis que enfrentamos no mundo. Ele sofreu voluntariamente não por si mesmo, mas por nós, com a máxima prontidão, com perfeita paciência, de todos os lados, e tudo isso apesar de Ele ser Deus-homem; não deveríamos nós, que merecemos o pior, nos submeter às leves aflições desta vida, que produzem para nós vantagens indizíveis?

3. O exemplo da sujeição de Cristo e sua paciência é aqui explicado e ampliado: "*...Cristo padeceu...*": (1) Injustamente, e sem causa; pois Ele "*...não cometeu pecado*" (v. 22). Ele não cometeu nenhuma violência, nenhuma injustiça ou mal a ninguém – nunca praticou nenhuma iniqüidade, "*...nem houve engano na sua boca*" (Is 53.9); suas palavras, como seus atos, foram todos sinceros, justos e corretos. (2) Pacientemente: "*...quando o injuriavam, não injuriava*" (v. 23); quando o blasfemaram, zombaram dele, chamaram-lhe por nomes injuriosos, Ele ficou mudo, não abriu a sua boca; quando foram adiante, aos ferimentos físicos, aos açoites, quando o esbofetearam e o coroaram com espinhos, "*...não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente*", àquele que em tempo iria inocentá-lo e vingar-se por Ele diante dos inimigos. Disso aprenda: [1] O nosso bendito Redentor era perfeitamente santo, e tão livre de pecado que nenhuma tentação, nem qualquer provocação, poderiam arrebatar dele nem mesmo a mais insignificante palavra indecente e pecaminosa. [2] As provocações ao pecado nunca podem justificar o ato deles. A grosseria, a crueldade e a injustiça dos inimigos não justificam os cristãos a injuriar os inimigos e se vingar deles. As razões para o pecado nunca podem ser grandes demais, mas sempre temos razões mais fortes para evitá-lo.

4. Para que ninguém pense que, com base no que é dito nos versículos 21-23, a morte de Cristo foi designada meramente como um exemplo de paciência nos sofrimentos, o apóstolo aqui acrescenta um desígnio e um efeito mais gloriosos dela: "*...levando ele mesmo...*", em que observe: (1) A pessoa que sofre – Jesus Cristo: *ele mesmo* – "*...em seu corpo*". A expressão *ele mesmo* é enfática e necessária para mostrar que ele examinou todas as antigas profecias, para distingui-lo dos sacerdotes levíticos (que sacrificavam o sangue de outros, mas Ele fez "*...por si mesmo a purificação dos nossos pecados*", Hb 1.3), e para excluir todos os outros da participação com Ele na obra da redenção do homem. Acrescenta o texto: "*...em seu corpo...*"; não que Ele não sofresse na sua alma (Mt 26.38), mas os sofrimentos da alma foram interiores e escondidos, enquanto os do corpo foram visíveis e mais evidentes para a consideração desses servos sofredores, a quem esse exemplo é dado. (2) Os sofrimentos que Ele suportou foram *feridas* e a morte, *a morte na cruz* – castigos cruéis e infames! (3) A razão de seus sofrimentos: Levou "*...os nossos pecados...*", o que ensina: [1] Que Cristo, nos seus sofrimentos, foi acusado de nossos pecados, como um que tinha se proposto a tirá-los "*...pelo sacrifício de si mesmo*" (Hb 9.26; veja também Is 53.6). [2] Que Ele levou o castigo deles, e com isso satisfez a justiça divina. [3] Que com isso Ele tira os nossos pecados e os remove de nós; assim como o bode expiatório carregava tipicamente os pecados do povo sobre a sua cabeça, e então os levava para muito longe (Lv 16.21,22), assim o Cordeiro de Deus carrega primeiro os nossos pecados no seu próprio corpo, e com isso tira os pecados do mundo (Jo 1.29). (4) Os frutos do sofrimento de Cristo são: [1] A nossa santificação, consistindo na morte e na mortificação do pecado, e em uma nova vida de justiça, e para ambos temos um exemplo e motivos poderosos e também capacidade, na morte e ressurreição de Cristo. [2] A nossa justificação. Cristo foi ferido e crucificado como um sacrifício expiatório, e "*...pelas suas feridas fostes sarados*". Disso aprenda que, em primeiro lugar, Jesus Cristo levou os pecados de todo o seu povo e os expiou por sua *morte na cruz*. Em segundo lugar, nenhum homem pode depender de modo seguro de Cristo, como tendo carregado os seus

pecados e expiado sua culpa, até que morra para o pecado e viva para justiça.

5. O apóstolo conclui o seu conselho aos servos cristãos ao insistir com eles na diferença entre a sua condição anterior e a presente (v. 25). Eles eram "...*como ovelhas desgarradas*", o que representa: (1) O pecado do homem: Ele anda errante; é o seu próprio ato, ele não é forçado a isso, mas voluntariamente se desvia e se perde. (2) Ele se desvia do pastoreio, do pastor e do rebanho, e assim se expõe a inúmeros perigos. (3) Aqui está a restauração deles pela conversão: "...*mas, agora, tendes voltado*". A palavra é passiva (no original e na versão inglesa KJV), e mostra que o retorno do pecador é obra da graça divina. Esse retorno é de todos os seus desvios e perambulações, para Cristo, que é o pastor verdadeiro e cuidadoso, que ama suas ovelhas e entregou a sua vida por elas, que é o pastor mais vigilante, e o melhor bispo e responsável pelas almas que pode existir. Disso aprenda: [1] Os pecadores, antes da sua conversão, estão sempre desviados; sua vida é um erro constante. [2] Jesus Cristo é o supremo pastor e bispo das almas, que está sempre presente com o seu rebanho, e está sempre vigiando por ele. [3] Os que esperam o amor e o cuidado desse pastor universal precisam retornar a Ele, precisam morrer para o pecado e viver para a justiça.

CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, o apóstolo descreve os deveres de maridos e esposas no seu relacionamento, começando com os deveres das esposas (vv. 1-7). Ele exorta os cristãos à unidade, ao amor, à compaixão, à paz e à paciência nos sofrimentos; a se oporem às calúnias dos inimigos ao não retribuírem o mal com o mal, nem insulto com insulto, mas com bênção; por uma pronta explicação da razão da sua fé e esperança, e ao manterem boa consciência (vv. 8-17). Para encorajá-los a isso, ele propõe o exemplo de Cristo, que sofreu, o justo pelos injustos, mas mesmo assim castigou o mundo antigo por sua desobediência, e salvou os poucos que foram fiéis nos dias de Noé (vv. 18-22).

Os Deveres dos Maridos e Esposas

vv. 1-7

Tendo tratado dos deveres dos súditos para com os seus superiores, e dos servos para com os seus senhores, o apóstolo agora prossegue e explica os deveres de maridos e esposas.

I Para que as matronas cristãs não pensassem que a sua conversão a Cristo e o seu interesse em todos os privilégios cristãos as isentavam da sujeição aos seus maridos pagãos ou judeus, o apóstolo aqui lhes declara:

1. Em que consiste o dever das mulheres:

(1) Em sujeição, ou numa submissão carinhosa à vontade, e em obediência à justa autoridade, de "...*vosso próprio marido*", e essa conduta amável e prestativa seria o melhor caminho para conquistar os maridos desobedientes e incrédulos que rejeitavam a Palavra, ou que não tinham nenhuma outra oportunidade de observar a evidência da verdade dela a não ser o que viam no "...*procedimento* prudente, pacífico e exemplar *de sua mulher*". Disso aprenda: [1] Cada relação distinta tem seus deveres particulares, que os ministros devem pregar, e o povo deve entender. [2] A *sujeição* alegre, e o respeito amoroso e reverente, são deveres das mulheres cristãs para com os seus maridos, sejam estes bons ou maus; estes deveres eram exigidos de Eva para com Adão antes da queda, e ainda são exigidos, embora muito mais difíceis de seguir do que eram antes (Gn 3.16; 1 Tm 2.11). [3] Embora o propósito do evangelho seja ganhar almas para Cristo Jesus, há muitos tão obstinados que não são ganhos *pela palavra.* [4] Não há nada que tenha maior impacto, depois da palavra, para ganhar pessoas, do que um bom procedimento e cumprimento meticuloso dos deveres da pessoa. [5] A ausência de religião e a infidelidade não anulam os vínculos nem dispensam a pessoa dos deveres nas responsabilidades civis; a esposa precisa cumprir os seus deveres para com o seu marido, mesmo que ele não obedeça *à palavra.*

(2) "...*em temor*", ou reverência, para com seus maridos (Ef 5.33).

(3) Em uma "...*vida casta*", que os seus maridos incrédulos certamente vão observar atentamente. [1] Homens ímpios são observadores meticulosos da vida dos que professam a religião. A sua curiosidade, inveja e ciúme fazem com que observem de perto os caminhos e a vida das pessoas boas. [2] Uma *vida casta,* seguida do respeito devido e apropriado de cada um, é um excelente meio de ganhá-los para a fé e o evangelho e a obediência à Palavra.

(4) Na preferência aos enfeites da mente e não aos do corpo. [1] Ele estabelece uma regra com relação à vestimenta das mulheres religiosas (v. 3). Aqui três tipos de enfeite são citados: o "...*frisado dos cabelos*", que era comumente usado naquela época por mulheres lascivas; o "...*uso de jóias de ouro*", que foi o caso de Rebeca e Ester e outras mulheres religiosas, mas depois se tornou o adorno principalmente de prostitutas e pessoas ímpias; "...*na compostura de vestes*", que não é proibida absolutamente, mas somente o exagero no refinamento e nos gastos com ela. Disso aprenda a que, em primeiro lugar, pessoas religiosas devem cuidar para que todo o seu comportamento exterior seja correspondente à sua profissão cristã: precisam ser santos em todo o seu procedimento. Em segundo lugar, os adornos exteriores do corpo com freqüência são sensuais e excessivos. Por exemplo, quando são imoderados e acima do seu nível e posição no mundo, quando você é orgulhoso deles e se vangloria deles, quando você se veste com o propósito de seduzir e tentar outros, quando sua roupa é muito cara, curiosa ou supérflua, quando o seu corte é fantástico, imitando a leviandade e vaidade das piores pessoas, e quando são imodestos e lascivos. A vestimenta de uma prostituta nunca pode convir a uma mulher cristã e casta. [2] Em vez de enfeites exteriores do corpo, ele orienta as mulheres cristãs a colocar enfeites muito mais excelente e belos (v. 4). Observe aqui que, em primeiro lugar, a parte a ser adornada: "...*o homem encoberto no coração*"; isto é, a alma; o homem interior e escondido. Esforcem-se para adornar sua alma

mais do que seu corpo. Em segundo lugar, o enfeite que é prescrito. Precisa ser, em geral, algo *incorruptível*, que embeleze a alma, isto é, as graças e virtudes do Espírito Santo de Deus. Os enfeites do corpo são destruídos pela traça, e deterioram com o uso; mas a graça de Deus, quanto mais a usarmos, melhor e mais resplandecente se torna. Mais especialmente, o mais belo enfeite das mulheres cristãs é "*...um espírito manso e quieto*", um temperamento tratável e bom, sem raiva, orgulho ou ira imoderada, mostrando-se por meio de um comportamento calmo e amável para com o seu marido e família. Se o marido é rude, e avesso à religião (que era o caso dessas boas mulheres a quem o apóstolo deu essas orientações), não há caminho mais adequado para ganhá-lo do que um comportamento manso e prudente. Por último, um espírito calmo vai fazer com que uma mulher justa esteja satisfeita consigo mesma, o que, sendo visível para os outros, torna-se um enfeite agradável para uma pessoa aos olhos do mundo. Em terceiro lugar, a excelência disso. A mansidão e a calma de espírito são, aos olhos de Deus, de grande valor – agradáveis aos olhos dos homens e preciosos aos olhos de Deus. Disso aprenda: 1. O cuidado principal do verdadeiro cristão está na ordenação e no domínio do seu próprio espírito. Onde termina o trabalho do hipócrita, aí começa o trabalho do verdadeiro cristão. 2. A capacitação do homem interior é o principal enfeite de um cristão; mas, mais do que isso, um espírito sereno, calmo e tranqüilo torna tanto o homem quanto a mulher belos e amáveis.

2. Sendo difíceis por natureza os deveres das mulheres cristãs, o apóstolo os reforça por meio de exemplos: (1) Das mulheres santas do Antigo Testamento, que confiavam em Deus (v. 5). "Vocês não podem usar a desculpa de serem o sexo mais frágil mais do que elas podiam. Elas viviam *antigamente* e tinham menos conhecimento para se instruir e menos exemplos para se encorajar. Mas em todas as épocas elas praticaram esse dever; eram *santas mulheres*, e por isso o seu exemplo é obrigatório. Elas *esperavam em Deus*, e mesmo assim não negligenciavam o seu dever para com os seus maridos. Os deveres exigidos de vocês, de um espírito calmo e de sujeição aos seus próprios maridos, não são novos, se não os que sempre têm sido praticados pelas melhores e maiores mulheres do mundo". (2) De Sara, que obedeceu ao seu marido e o seguiu quando ele foi de Ur, dos caldeus, "*...sem saber para onde ia*" (Hb 11.8), e "*...chamando-lhe senhor*", e por meio disso lhe mostrou reverência e reconheceu a sua superioridade sobre ela. E tudo isso apesar de ser chamada de princesa pelo Deus dos céus, na mudança do seu nome: "*da qual* vocês são *filhas* se imitarem sua fé e suas boas obras, e, por temor de seus maridos, não negarem a verdade que vocês professam nem negligenciarem seu dever para com eles, mas prontamente o cumprirem, não por medo nem por força, mas pela consciência para com Deus e o seu senso de dever para com eles". Aprenda: [1] Deus observa atentamente e faz um registro exato das ações de todos os homens e mulheres no mundo. [2] A sujeição das esposas aos seus maridos é um dever que tem sido praticado universalmente por todas as mulheres santas em todas as épocas. [3] A maior honra de qualquer homem ou mulher está na sua conduta humilde e fiel na situação ou condição em que a Providência os colocou. [4] Deus toma nota do bem que há nos seus servos, para honra e benefício deles, mas encobre uma multidão de falhas; a infidelidade e o riso de Sara são omitidos, quando suas virtudes são celebradas. [5] Os cristãos devem cumprir os seus deveres uns para com os outros, não por medo, nem por força, mas com um espírito voluntário e em obediência à ordem de Deus. As esposas devem estar em sujeição aos seus maridos, mesmos aos rudes, não por pavor ou assombração, mas por um desejo de fazer o bem e de agradar a Deus.

II O dever dos maridos para com suas esposas é considerado em seguida.

1. Os aspectos particulares são: (1) A coabitação, que proíbe separações desnecessárias, e implica uma mútua comunhão de bens e pessoas, com prazer e harmonia. (2) "*...coabitai com ela com entendimento*"; não por lascívia, como brutos; nem com raiva, como demônios. Mas com entendimento, como homens sábios e sóbrios, que conhecem a palavra de Deus e o seu próprio dever. (3) "*...dando honra à mulher*" – mostrando-lhe o devido respeito, e mantendo sua autoridade, protegendo a sua pessoa, amparando a sua confiança, tendo prazer no convívio com ela, proporcionando-lhe uma provisão generosa e depositando a devida confiança nela.

2. As razões são: Porque ela é "*...o vaso mais fraco*" por natureza e constituição, e assim deve ser defendida. Mas a mulher também é, em outros aspectos mais elevados, igual ao seu marido. Eles são "*...co-herdeiros da graça da vida*", de todas as bênçãos desta vida e da por vir, e por isso devem viver em paz e harmonia um com o outro. E, se não fizerem isso, suas orações em comum e um pelo outro vão ser impedidas, assim que com freqüência "vocês não vão nem orar, ou, se orarem, vão orar com a mente desordenada e perturbada, e por isso sem sucesso". Aprenda: (1) A fraqueza do sexo feminino não é razão para a separação nem para o desprezo, mas, ao contrário, é uma razão para honra e respeito: "*...dando honra à mulher, como vaso mais fraco*". (2) Há uma honra devida a todos que são herdeiros da graça da vida. (3) Todos os casados devem se empenhar em se comportar de forma tão amável e pacífica um com o outro que não atrapalhem, com suas brigas, as suas orações.

Os Deveres em relação aos Amigos e Inimigos
vv. 8-15

O apóstolo passa aqui de exortações especiais para as mais gerais.

I Ele nos ensina como os cristãos e amigos devem tratar uns aos outros. Ele aconselha os cristãos a serem todos "*...de um mesmo sentimento*", a serem unânimes na convicção na mesma fé e na prática dos mesmos deveres da religião. E, apesar de muitos dos cristãos daquela época estarem numa situação de sofrimento, ele lhes ordena que sejam "*...compassivos* uns com os outros, *amando os irmãos*, e *misericordiosos* com os que estão aflitos, e *afáveis* com todos". 1. Os cristãos precisam se empenhar em ser todos "*...de um mesmo senti-*

mento, segundo Jesus Cristo" (Rm 15.5), não de acordo com os desejos do homem, mas da palavra de Deus. 2. Embora os cristãos não possam ter todos exatamente o mesmo sentimento, devem ter compaixão uns pelos outros, e se amarem como irmãos. Não devem perseguir ou odiar uns aos outros, mas amar uns aos outros com mais do que simples sentimentos; eles devem se amar como irmãos. 3. O cristianismo recomenda a misericórdia para com os aflitos, e a polidez para com todos. Deve ser um pecador flagrante, ou um perverso apóstata, todo aquele que não é objeto da atenção e da polidez (1 Co 5.11; 2 Jo 10.11).

II Ele nos instrui a como devemos nos comportar diante dos inimigos. O apóstolo sabia que os cristãos seriam odiados e maltratados por todos por causa de Cristo; por isso:

1. Ele os adverte a não retribuírem "*...mal por mal ou injúria por injúria*". Mas, ao contrário, "quando os injuriarem, vocês os abençoem; quando lhes falarem palavras ofensivas, vocês falem a eles palavras boas; pois Cristo, pela sua palavra e exemplo, chamou vocês para abençoar os que os amaldiçoam, e colocou uma bênção sobre vocês como sua herança eterna, embora vocês fossem indignos". O caminho para obter essa bênção de Deus é suportar pacientemente os males e abençoar os seus inimigos. Aprenda: (1) Retribuir "*...mal por mal* e *injúria por injúria*" é uma prática não-cristã e pecaminosa. O magistrado pode punir os malfeitores, e indivíduos podem buscar ajuda quando são prejudicados; mas a vingança pessoal por meio de duelos, da repreensão e dos danos secretos é proibida (Pv 20.22; Lc 6.27; Rm 12.17; 1 Ts 5.15). Injuriar é insultar a outra pessoa com termos ásperos, raivosos e vergonhosos; mas quando os ministros censuram severamente e pregam seriamente contra os pecados do seu tempo, não estão com isso injuriando. Todos os profetas e apóstolos fizeram isso (Is 56.10; Sf 3.3; At 20.29). (2) As leis de Cristo nos obrigam a retribuir injúria com bênção. Mateus 5.44: "*Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem*. Não deveis justificá-los nos seus pecados, mas deveis fazer pelos vossos inimigos tudo que a justiça exige ou a caridade ordena". Devemos ter compaixão pelos que nos injuriam, orar por eles e amá-los. (3) O chamado do cristão, na medida em que o promove a privilégios gloriosos, assim também o obriga a diversos deveres. (4) Todos os verdadeiros servos de Deus inevitavelmente vão herdar uma bênção; eles já a têm em grande parte, mas a total posse dela está reservada para outro estado e outro mundo.

2. Ele dá uma prescrição excelente para uma vida confortável e feliz neste mundo mau e cheio de brigas (v. 10), que é citada de Salmos 34.12-14: "Se quiserem sinceramente que a sua vida seja longa, e seus dias pacíficos e prósperos, mantenham a sua língua longe da injúria, de falar mal, da calúnia, e os seus lábios da mentira, do engano e do fingimento. Evitem fazer qualquer mal ou causar qualquer prejuízo ao seu próximo, mas estejam sempre prontos a fazer o bem, e a vencer o mal com o bem. Busquem a paz com todos os homens, e persigam-na, mesmo que ela fuja de vocês. Essa será a melhor maneira de fazer com que as pessoas falem bem de vocês e vivam em paz com vocês". Aprenda: (1) As pessoas boas do Antigo e do Novo Testamento eram obrigadas aos mesmos deveres morais; refrear "*...a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano*" era um dever nos tempos de Davi tanto quanto hoje. (2) É lícito considerar vantagens temporais como motivos e encorajamentos para a prática religiosa. (3) A prática da religião, particularmente o domínio adequado da língua, é a melhor forma de tornar esta vida confortável e próspera; uma língua sincera, discreta e inofensiva é um meio singular de nos conduzir de forma pacífica e tranqüila pelo mundo. (4) Evitar o mal e fazer o bem é o caminho para o contentamento e a felicidade tanto aqui quanto no porvir. (5) É o dever dos cristãos não somente adotar a paz quando é oferecida, mas buscar e persegui-la quando é negada. O significado aqui é a paz com grupos, como também a paz com pessoas, em oposição a divisões e brigas.

3. Ele mostra que os cristãos não precisam temer que esse comportamento paciente e inofensivo, como é prescrito aqui, vá sugerir e encorajar a crueldade dos seus inimigos, porque por meio disso Deus vai se posicionar do lado deles: "*Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos*" (v. 12). Ele toma nota especial deles, exerce o seu governo providencial e constante sobre eles e possui um respeito e um amor especial por eles. "*...os seus ouvidos estão atentos às suas orações*"; assim que se alguma injúria for pronunciada contra eles, eles têm esta solução, eles podem se queixar ao seu Pai celestial, cujos ouvidos estão sempre atentos às orações dos seus servos nas suas aflições, e que certamente vai ajudá-los a enfrentar os seus injustos inimigos. "*...mas o rosto do Senhor é contra os que fazem males*"; a sua ira, seu desagrado e vingança vão persegui-los; pois Ele é um inimigo maior dos ímpios perseguidores do que o são os homens. Observe: (1) Nem em todos os casos devemos nos apegar às palavras expressas das Escrituras, mas estudar o seu sentido e significado, senão seremos conduzidos a erros e absurdos blasfemos. Não devemos imaginar que Deus tenha olhos, e ouvidos e face, embora essas sejam as palavras expressas das Escrituras. (2) Deus tem um cuidado especial e um amor paternal por todos os seus justos. (3) Deus sempre ouve as orações dos fiéis (Jo 4.31; 1 Jo 5.14; Hb 4.16). (4) Embora Deus seja infinitamente bom, Ele abomina pecadores impenitentes, e vai derramar a sua ira sobre aqueles que fazem o mal. Ele vai fazer o que é correto aos seus olhos, e fazer justiça ao mundo; e sua bondade não é impedimento para que assim faça.

4. Esse comportamento paciente e humilde dos cristãos é recomendado e estimulado ainda mais com duas considerações: (1) Essa vai ser a melhor e a mais segura forma de evitar o sofrimento: "*E qual é aquele que vos fará mal*" (v. 13). Isso, eu suponho, é dito de cristãos em condições comuns, não no calor da perseguição. "Ordinariamente, vai haver apenas uns poucos tão diabólicos e ímpios que prejudiquem os que vivem de maneira tão inocente e útil como vocês". (2) Esta é a forma de aperfeiçoar os sofrimentos: "Se estiverem fazendo o que é bom, e mesmo assim sofrerem, isso é sofrimento por amor da justiça (v. 14), e será sua glória e felicidade,

visto que os promove à bênção prometida por Cristo" (Mt 5.10). Por isso: [1] "Vocês não precisam ter medo de coisa alguma que eles possam fazer para atingir vocês com terror, nem fiquem abalados ou preocupados com a raiva ou força dos seus inimigos". Aprenda que, em primeiro lugar, seguir sempre o que é bom é o melhor curso que podem tomar para se manterem longe do caminho do mal. Em segundo lugar, sofrer por amor da justiça é a honra e a felicidade do cristão; sofrer por causa da verdade, da boa consciência, ou de qualquer parte dos deveres cristãos, é uma grande honra; o prazer disso é maior que a desgraça, e o ganho muito maior que a perda. Em terceiro lugar, os cristãos não têm razão para ficar com medo das ameaças ou da raiva de qualquer um de seus inimigos. "Os seus inimigos são os inimigos de Deus, *o rosto do Senhor é contra* eles, o seu poder está acima deles, eles são o objeto da maldição dele e não podem fazer nada a vocês, a não ser pela permissão dele. Por isso, não se agitem por causa deles". [2] Em vez de se atemorizarem com medo dos homens, façam de tudo para santificarem "*...a Cristo, como Senhor, em vosso coração*" (v. 15); "*...e seja ele o vosso temor, e seja ele o vosso assombro*" (Is 8.12,13). "*Não temais os que matam o corpo... mas temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei*" (Lc 12.4,5). Nós santificamos o Senhor Deus em nosso coração quando com sinceridade e fervor o adoramos, quando nossos pensamentos acerca dele são de admiração e reverência, quando confiamos no seu poder, confiamos na sua fidelidade, nos submetemos à sua sabedoria, imitamos sua santidade e lhe damos a glória devida às suas mais resplandecentes perfeições. Santificamos a Deus diante dos outros quando nos comportamos de tal maneira que convida e encoraja outros a glorificá-lo e honrá-lo; ambos são necessários (Lv 10.3). "Quando esse princípio estiver estabelecido profundamente no seu coração, a próxima coisa, concernente aos homens, é estar sempre preparado, isto é, capaz e disposto, *para responder*, ou fazer uma apologia ou defesa da fé que vocês professam, e isso *a qualquer que pedir razão da esperança que há em vós*, que tipo de esperança vocês têm, ou pela qual sofrem tantas provações neste mundo". Aprenda em primeiro lugar, uma admiração profunda pelas perfeições divinas é o melhor antídoto contra o medo dos sofrimentos; se temêssemos mais a Deus, certamente temeríamos menos os homens. Em segundo lugar, uma esperança e a fé do cristão são defensáveis contra todo o mundo. Deve ser dada uma boa razão para a religião; ela não é uma fantasia, mas um esquema racional revelado do céu, adequado a todas as necessidades dos miseráveis pecadores, e centrada totalmente na glória de Deus por meio de Jesus Cristo. Em terceiro lugar, todo cristão tem de dar razão pela esperança que tem e deve defendê-la. Os cristãos devem estar preparados para apresentar a razão do seu cristianismo, para que fique claro que não são motivados por tolice ou fantasia. Essa defesa pode ser necessária mais do que uma vez ou duas, por isso que os cristãos devem estar preparados para apresentá-la sempre, seja diante de um magistrado, se ele exigir, ou a qualquer curioso, que deseja sabê-lo para sua informação ou crescimento. Em quarto lugar, essas confissões da nossa fé devem ser feitas com *mansidão e temor*; a apologia da nossa religião deve ser feita com moderação e brandura, no temor do Senhor, com preocupação por nós mesmos e reverência pelos nossos superiores.

Boa Consciência e Boa Conversação

vv. 16,17

A confissão de fé do cristão não poder ser sustentada com credibilidade a não ser pelas duas razões especificadas aqui – "*...a boa consciência...*" e "*...o bom procedimento...*". A consciência é boa quando faz bem o seu trabalho, quando é mantida pura e incorrupta e livre de culpa; então ela vai justificar você, embora os homens o acusem. O *bom comportamento* em Cristo é uma vida santa de acordo com a doutrina e o exemplo de Cristo. "Olhem bem para a sua consciência e o seu procedimento; e, mesmo que os homens falem mal de vocês, e os acusem falsamente como malfeitores, vocês vão se livrar, e vão levá-los à vergonha. Talvez vocês achem que seja difícil sofrer por terem feito o bem, por guardarem uma boa consciência e manterem um bom comportamento; mas não desanimem, pois é melhor para vocês, mesmo que pior para os seus inimigos, que vocês sofram por fazerem o bem do que por fazerem o mal". Aprenda: 1. Nem as pessoas mais conscienciosas podem escapar das críticas e calúnias dos homens maus; vão falar mal deles, como malfeitores, e acusá-los de crimes que a sua alma abomina. Cristo e os apóstolos foram assim acusados. 2. Uma boa consciência e um bom comportamento são o melhor meio de garantir um bom nome; elas produzem uma reputação sólida e duradoura. 3. A acusação falsa em geral se transforma em vergonha para o acusador, ao revelar no final a indiscrição, a injustiça, a falsidade e a falta de caridade do acusador. 4. Às vezes é a vontade de Deus que pessoas boas sofram por fazerem o bem, por sua honestidade e sua fé. 5. Assim como fazer o bem às vezes expõe um homem bom ao sofrimento, da mesma forma fazer o mal não isenta o homem mau do sofrimento. O apóstolo supõe aqui que um homem pode sofrer por ambos. Se os sofrimentos de pessoas boas por fazerem o bem é tão severo, como serão os sofrimentos dos ímpios por fazerem o mal? É triste a condição em que está a pessoa na qual o pecado e o sofrimento se encontram ao mesmo tempo; o pecado torna os sofrimentos extremos, inaproveitáveis, sem conforto e destrutivos.

Os Sofrimentos de Cristo

vv. 18-20

Aqui temos:

I O exemplo de Cristo é proposto como um argumento de paciência nos sofrimentos, a força do qual vai ser discernida se considerarmos os diversos pontos contidos nas palavras. Por isso, observe: 1. O próprio Jesus Cristo não ficou isento de sofrimentos nesta vida, embora não tivesse culpa alguma e pudesse ter recusado todo o sofrimento se assim tivesse desejado. 2. A razão ou a causa meritória do sofrimento de Cristo foram os peca-

dos dos homens: "...*Cristo padeceu uma vez pelos pecados*". Os sofrimentos de Cristo foram um castigo real e adequado; esse castigo foi suportado para fazer expiação pelo pecado; e isso se estende a todos os pecados. 3. No caso do sofrimento do nosso Senhor, foi o justo que sofreu pelos injustos. Ele se colocou como substituto por nós em nosso lugar, e levou as nossas iniqüidades. Aquele que não conhecia pecado algum sofreu no lugar daqueles que não conheciam a justiça. 4. O mérito e a perfeição dos sacrifícios de Cristo foram tais que o fato de Ele sofrer uma vez foi suficiente. Os sacrifícios legais eram repetidos dia após dia, ano após ano; mas o sacrifício de Cristo, uma vez apresentado, expia o pecado (Hb 7.27; 9.26,28; 10.10,12,14). 5. O propósito bendito dos sofrimentos do nosso Senhor foi nos levar a Deus, reconciliar-nos com Deus, dar-nos acesso ao Pai, tornar-nos e os nossos sacrifícios aceitáveis e levar-nos à glória eterna (Ef 2.13,18; 3.12; Hb 10.21). 6. O resultado e o evento do sofrimento de Cristo, com relação a si mesmo, foram estes: Ele foi morto na sua natureza humana, mas foi vivificado e ressuscitado novamente pelo Espírito. Agora, se Cristo não ficou isento de sofrimentos, por que os cristãos deveriam esperar isso? Se Ele sofreu, para expiar os pecados, por que não deveríamos estar satisfeitos se os nossos sofrimentos são somente para provação e correção, mas não para expiação? Se Ele foi ferido, mesmo sendo perfeitamente justo, por que não o seríamos nós, que somos todos culpados? Se Ele sofreu uma vez, e depois entrou para a glória, não deveríamos nós ser pacientes nas dificuldades, pois será somente por um breve tempo e logo o seguiremos para a glória? Se Ele sofreu, "...*para levar-nos a Deus*", não deveríamos submeter-nos às dificuldades, visto que elas são tão úteis para nos vivificar em nosso retorno a Deus e no cumprimento dos nossos deveres para com Ele?

II O apóstolo passa do exemplo de Cristo para o do mundo antigo, e coloca diante dos judeus, a quem escreve, o evento diferente dos que creram e obedeceram a Cristo, pregando por meio do exemplo de Noé, daqueles que continuaram desobedientes e incrédulos, sugerindo aos judeus que eles estavam sob a mesma sentença. Deus não iria esperar muito mais por eles. Eles tinham agora uma oferta de misericórdia; os que a aceitassem seriam salvos, mas os que rejeitassem a Cristo e o evangelho seriam destruídos tão certamente quanto o foram os desobedientes nos tempos de Noé.

1. Para a explicação disso podemos observar: (1) O pregador – Cristo Jesus, que se importou com as questões da igreja e do mundo desde que Ele foi primeiramente prometido a Adão (Gn 3.15). Ele *foi*, não por um movimento local, mas por operação especial, como os movimentos de Deus são muitas vezes descritos (Gn 11.5; Os 5.15; Mq 1.3). Ele "...*foi e pregou...*", por seu Espírito contendendo com eles, e inspirando e capacitando Enoque e Noé a argumentar com eles, e pregou a *justiça* a eles, como está em 2 Pedro 2.5. (2) Os ouvintes. Porque estavam mortos e desincorporados quando o apóstolo fala deles, ele apropriadamente os chama de "...*espíritos em prisão*"; não que eles estivessem em prisão quando Cristo pregou a eles, como pretendem a tradução em latim vulgar e os expositores papistas. (3) O pecado dessas pessoas: Elas foram *rebeldes,* impersuadíveis e incrédulas, como é o significado da palavra; esse pecado deles é agravado pela paciência e "...*longanimidade de Deus* (que uma vez *esperou* por eles por 120 anos no total)..., *enquanto se preparava a arca*", e com isso, como também por meio de sua pregação, dando-lhes justa advertência do que estava por vir sobre eles. (4) O evento principal: Os seus corpos se afogaram, e os seus espíritos foram lançados no inferno, que é chamado de prisão (Mt 5.25; 2 Pe 2.4,5); mas Noé e sua família, que creram e foram obedientes, *se salvaram* pela arca.

2. Do todo aprendemos: (1) Deus toma nota exata de todos os meios e vantagens que as pessoas em todas as épocas têm tido para a salvação de sua alma; é colocado no registro do mundo antigo o fato de que Cristo lhes ofereceu sua ajuda, enviou o seu Espírito, deu-lhes justa advertência por meio de Noé e esperou um longo tempo para que se corrigissem. (2) Embora a paciência de Deus espere muito tempo pelos pecadores, no fim ela acaba; faz parte da majestade de Deus sempre esperar pelo homem em vão. (3) Os espíritos de pecadores desobedientes, assim que saem dos seus corpos, são entregues à prisão do inferno, de onde não há redenção. (4) O caminho da maioria não é nem o melhor, nem o mais sábio, nem o mais seguro a ser seguido. É melhor seguir os oito na arca do que os oito milhões que se afogaram no dilúvio e foram condenados ao inferno.

O Batismo Cristão

vv. 21,22

A salvação de Noé na arca sobre as águas do dilúvio prefigurou a salvação de todos os bons cristãos na igreja por meio do batismo; essa salvação temporal por meio da arca foi um tipo, do qual o antítipo é a salvação eterna dos crentes pelo batismo; e para prevenir erros acerca do batismo o apóstolo:

I Declara o que ele quer dizer com batismo que salva; não a cerimônia exterior da lavagem com água, que, em si mesma, não faz nada mais do que afastar a sujeira do corpo, mas é aquele batismo em que há a resposta fiel e a nova disposição de uma consciência boa e determinada, que está empenhada em crer em Deus, e inteiramente consagrada a Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, renunciando ao mesmo tempo à carne, ao mundo e ao diabo. A aliança do batismo, feita e mantida, certamente vai nos salvar. O lavar é o sinal visível; esse é o significado aqui.

II O apóstolo mostra que a eficácia do batismo para a salvação não depende da obra feita, mas da ressurreição de Cristo, que pressupõe a sua morte e o fundamento da nossa fé e esperança, às quais nos conformamos ao morrermos para o pecado e ressuscitarmos para a santidade e novidade de vida. Aprenda: 1. A ordenança do batismo, corretamente recebida, é o meio e a garantia da salvação. O batismo "...*agora vos salva*". Deus tem prazer em transmitir-nos as suas bênçãos nas suas ordenanças e por meio delas (At 2.38; 22.16). 2. A

participação exterior no batismo não salva homem algum sem a boa consciência e o bom comportamento correspondentes. Precisa haver a resposta da boa consciência para com Deus. Objeção: Bebês não podem dar tal resposta, e, portanto, não podem ser batizados. Resposta: A verdadeira circuncisão era a do coração e do espírito (Rm 2.29), e para essa resposta as crianças eram tão incapazes naquela época quanto o são hoje; mesmo assim, era-lhes permitida a circuncisão com oito dias de idade. Por isso, os bebês podem ser admitidos na igreja cristã com tanta razão quanto os bebês dos judeus eram admitidos, a não ser que sejam impedidos para isso por alguma ordem expressa de Cristo.

III Tendo mencionado a morte e a ressurreição de Cristo, o apóstolo continua e fala da sua ascensão, e de Ele estar assentado à direita do Pai, como um tema adequado a ser considerado por esses crentes para o seu conforto na sua condição de sofrimento (v. 22). Se a promoção de Cristo foi tão gloriosa após a sua humilhação, que os seus seguidores não fiquem desesperados, mas esperem que após essas breves aflições sejam promovidos à alegria e glória transcendentes. Aprenda: 1. Jesus Cristo, depois de ter concluído o seu trabalho e seus sofrimentos na terra, ascendeu triunfantemente ao céu, acerca do que veja Atos 1.9-11; Marcos 16.19. Ele foi ao céu para receber a coroa e glória que conquistou (Jo 17.5), para concluir aquela parte da sua obra medianeira que não pôde ser feita na terra, e para fazer intercessão pelo seu povo, para demonstrar a plenitude da sua satisfação, para tomar posse do céu para o seu povo, para preparar as mansões para eles e para enviar o Consolador, que foi o primeiro fruto da sua intercessão (Jo 16.7). 2. Após a sua ascensão ao céu, Cristo foi entronizado à direita do Pai. O fato de dizer-se que Ele está assentado ali significa descanso e cessação absolutos de todos os sofrimentos e dificuldades, e uma promoção à dignidade pessoal mais elevada e ao poder soberano. 3. Anjos, autoridades e poderes estão todos sujeitos a Cristo Jesus: "...*todo o poder no céu e na terra*"; dar ordens, promulgar leis e pronunciar a sentença final , tudo foi entregue a Jesus, Deus-homem, o que para os seus inimigos vai servir de tristeza e confusão eternas, mas aos seus servos será sua eterna alegria e satisfação.

CAPÍTULO 4

A obra de um cristão é dupla: fazer a vontade de Deus e sofrer o que lhe apraz. Esse capítulo nos orienta nos dois tópicos. Os deveres que devemos cumprir são a mortificação do pecado, o viver para Deus, a sobriedade, a oração, a caridade, a hospitalidade e o desenvolvimento dos nossos talentos, que o apóstolo recomenda aos cristãos com base na consideração do tempo que perderam nos seus pecados, e a aproximação do fim de todas as coisas (vv. 1-11). As orientações acerca dos sofrimentos são que não devemos nos surpreender diante deles, mas nos alegrar neles, apenas com o cuidado de não sofrermos como malfeitores. Ele dá a entender que as provações dos leitores estão próximas, e que a sua alma está em perigo como também o corpo deles, e que a melhor forma de preservar a sua alma é oferecê-la a Deus por meio de boas obras.

A Mortificação do Pecado

vv. 1-3

O apóstolo faz aqui uma inferência próxima da consideração dos sofrimentos de Cristo. Assim como tinha feito uso dessa consideração antes para persuadi-los à paciência nos sofrimentos, assim os exorta aqui à mortificação do pecado. Observe:

I Como a exortação é expressa. O antecedente ou a pressuposição é que "...*Cristo padeceu por nós na carne*", ou na sua natureza humana. A inferência é: "Armem e fortaleçam-se semelhantemente com a mesma mente, coragem e determinação". A palavra carne na primeira parte do versículo significa a natureza humana de Cristo, mas na segunda parte significa a natureza corrupta do homem. Assim o sentido é: "Assim como Cristo sofreu na sua natureza humana, assim façam sofrer, de acordo com seu voto e profissão no batismo, sua natureza corrupta, ao fazerem morrer o corpo do pecado por meio da autonegação e mortificação; pois, se assim sofrerem, vocês vão se conformar a Cristo na sua morte e ressurreição, e vão cessar *do pecado*". Aprenda: 1. Alguns dos melhores e mais fortes argumentos são extraídos dos sofrimentos de Cristo. Toda compaixão e ternura por Cristo como um sofredor são perdidas se vocês não deixarem o pecado. Ele morreu para destruí-lo; e, embora Ele pudesse submeter-se alegremente aos piores sofrimentos, não poderia nunca submeter-se nem ao menor dos pecados. 2. O início de toda a verdadeira mortificação está na mente, não em punições e privações impostas ao corpo. A mente do homem é carnal, cheia de inimizade; o entendimento é obscurecido, sendo alienado da vida de Deus (Ef 4.18). O homem não é uma criatura sincera, mas parcial, cega e ímpia, até que seja renovado e santificado pela graça regeneradora de Deus.

II Como é explicada em mais detalhes (v. 2). O apóstolo explica o que ele quer dizer com estar morto para o pecado, e cessar do pecado, tanto negativa quanto positivamente. Negativamente: "...*para que, no tempo que vos resta na carne, não vivais mais segundo as concupiscências dos homens*"; não vivam para as lascívias pecaminosas e os desejos depravados dos homens carnais e ímpios. Mas, positivamente, cada um deve se conformar à vontade revelada do Deus santíssimo. Aprenda: 1. As concupiscências dos homens são a fonte de toda a sua maldade (Tg 1.13,14). Sejam quais forem as tentações ocasionais, elas não poderiam prevalecer, se não fosse a depravação do próprio homem. 2. Todos os bons cristãos fazem da vontade de Deus, e não das suas próprias concupiscências e desejos, a regra da sua vida e dos seus atos. 3. A verdadeira conversão faz uma mudança maravilhosa no coração e na vida de todo aquele que participa dela. Separa o homem de todos os seus de-

sejos antigos, conformes à sua época e cheios de prazeres, e do caminho comum e dos vícios do mundo, para a vontade de Deus. Transforma a mente, o discernimento, as afeições, o caminhar e o comportamento de todos os que a experimentaram.

III Como é colocada em vigor (v. 3): "*Porque é bastante que, no tempo passado da vida, fizéssemos a vontade dos gentios...*". Aqui o apóstolo argumenta com base na eqüidade. "Não é nada mais do que justo, eqüitativo e razoável que, como até aqui em toda a parte anterior da sua vida vocês têm servido ao pecado e a Satanás, agora vocês sirvam ao Deus vivo". Embora fossem judeus aqueles a quem o apóstolo escreveu, no entanto, ao viverem entre os gentios, tinham aprendido a sua maneira de viver. Observe: 1. Quando um homem se converte de verdade, é muito doloroso para ele pensar como o tempo passado da sua vida foi gasto; os perigos a que ele se expôs durante tantos anos, o dano que causou aos outros, a desonra feita a Deus e a perda que sofreu, são coisas muito angustiantes para ele. 2. Enquanto a vontade do homem permanecer não-santificada e depravada, ele anda continuamente em caminhos ímpios; faz deles a sua escolha e prazer, seu trabalho e negócio, e uma condição que já é ruim ele torna pior todos os dias. 3. Um pecado que é permitido atrai mais outro. Aqui há seis citados, e eles têm conexão uns com os outros. (1) *Dissoluções* ou libertinagem, expressa em olhares, gestos ou no comportamento (Rm 13.13). (2) *Concupiscências*, atos de lascívia, como prostituição e adultério. (3) *Borracheiras*, excesso de vinho; mesmo que não leve à embriaguez, o uso imoderado do vinho, que prejudica a saúde ou os afazeres, é aqui condenado. (4) *Glutonarias*, ou festas luxuriantes, freqüentes demais, abundantes demais ou caras demais. (5) *Bebedices*, com que o autor se refere aos excessos em bebida e comida. (6) *Abomináveis idolatrias*; a adoração aos ídolos dos gentios era acompanhada de lascívia, glutonaria e todos os tipos de brutalidade e crueldade; e esses judeus por terem vivido muito tempo entre eles, alguns ao menos, tinham sido pervertidos e corrompidos por tais práticas. 4. É dever cristão não somente se abster do que é grosseiramente mau, mas também das coisas que em geral são a ocasião para o pecado, ou levam a aparência do mal. O excesso de vinho e as festas imoderadas são proibidos assim como a lascívia e a idolatria.

O Conforto dos Servos de Deus
vv. 4-6

I Aqui você tem a mudança visível realizada naqueles que no versículo anterior foram apresentados como tendo sido muito maus na primeira parte da sua vida. Eles já não estão correndo as mesmas corridas, nem com as mesmas companhias, como faziam anteriormente. Assim, observe a conduta dos seus ímpios conhecidos para com eles. 1. Eles "*...acham estranho*", eles estão surpresos e admirados, como diante de algo novo e incomum, que os seus antigos amigos tenham mudado tanto, e não corram com tanta intensidade como faziam "*...no mesmo desenfreamento de dissolução*", aos mesmos excessos de embriaguez e luxúrias que antes tinham perseguido ardente e loucamente. 2. "*...blasfemando de vós*". A surpresa deles os conduz à blasfêmia. Falam mal dos convertidos, da sua forma de viver, da sua religião e do seu Deus. Aprenda aqui: (1) Os que estão realmente convertidos não retornam ao seu antigo curso de vida, por mais que sejam tentados a isso pela reprovação ou pelas lisonjas dos outros. Nem a persuasão nem a censura vão prevalecer sobre eles para que façam ou sejam como estavam acostumados a fazer ou ser. (2) O temperamento e o comportamento dos verdadeiros cristãos parecem bem estranhos para homens descrentes. Que os cristãos desprezem aquilo de que todos os demais gostam, que eles creiam muitas coisas que a outros parecem incríveis, que eles tenham prazer em coisas que são enfadonhas e tediosas, que sejam zelosos quando não têm nenhum interesse visível a que servir, e dependam tanto da esperança, é isso que os incrédulos não conseguem compreender. (3) Os melhores atos de pessoas convertidas não podem escapar das críticas e calúnias dos que são descrentes. As ações que custam a um bom homem os maiores esforços, o maior perigo e a autonegação, são as mais censuradas pelo mundo rude e mau. Eles falam mal de pessoas boas, embora colham eles mesmos os frutos da caridade, piedade e bondade dos cristãos.

II Para o consolo dos servos de Deus, o autor acrescenta aqui:

1. Que todos os maus, especialmente os que falam mal dos que não são tão maus quanto eles mesmos, "*...hão de dar conta*", e vão ser desafiados a apresentar uma razão do seu comportamento, "*...ao que está preparado para julgar...*", que é capaz e está autorizado devidamente, que vai em breve julgar e pronunciar a sentença sobre todos os que então estarão vivos, e todos os que estiverem mortos irão ressuscitar (Tg 5.8,9; 2 Pe 3.7). Observe: O mundo maligno em pouco tempo terá de dar conta, ao grande Deus, de todas as calúnias contra o seu povo (Jd 14.15). Eles serão em breve chamados a uma triste prestação de contas de todas as imprecações, zombarias, calúnias e falsidades pronunciadas contra os fiéis, o povo de Deus.

2. Que por esta causa "*...foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens, na carne, mas vivessem segundo Deus, em espírito*" (v. 6). Alguns entendem essa difícil passagem assim: "*Porque, por isto, foi pregado o evangelho* a todos os fiéis de antigamente, que agora estão mortos em Cristo, para que por meio disso eles sejam encorajados a suportar os juízos injustos e as perseguições que a ira dos homens infligiu sobre eles *na carne, mas para que vivessem segundo Deus, em espírito*". Outros entendem a expressão: "*...para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens, na carne...*" em um sentido espiritual, dessa forma: O evangelho foi pregado a eles, para julgá-los, condená-los e reprová-los, pela depravação da sua natureza e a maldade da sua vida, enquanto viviam segundo a maneira dos pagãos ou do homem natural; e que, tendo assim mortificado os seus pecados, pudessem viver segundo Deus, uma vida nova e espiritual. Entenda isso assim, e disso aprenda: 1. A mortificação dos nossos pecados e o viver para Deus são

os efeitos esperados do evangelho que nos foi pregado. 2. Deus certamente vai ajustar contas com todos os que ouviram a pregação do evangelho, mas sem esses bons efeitos produzidos por ele. Deus está pronto para julgar todos os que receberam o evangelho em vão. 3. Não importa sermos julgados segundo os homens, na carne, se estamos vivendo segundo Deus no Espírito.

Sobriedade, Vigilância e Caridade. O Desenvolvimento dos Dons

vv. 7-11

Temos aqui uma doutrina ou posição tremenda, e uma inferência extraída dela. A posição é que "*...já está próximo o fim de todas as coisas*". A terrível destruição da comunidade religiosa e da nação judaicas prenunciada pelo nosso Salvador está agora muito próxima; conseqüentemente, o tempo da perseguição deles e dos sofrimentos de vocês está bem próximo. A sua própria vida e a de seus inimigos logo vão chegar ao seu período derradeiro. Aliás, o próprio mundo não vai continuar por muito tempo. A conflagração vai pôr um fim nisso; e todas as coisas precisam ser engolidas pela eternidade. A inferência disso inclui uma série de exortações.

1. À sobriedade e vigilância: "*...portanto, sede sóbrios*" (v. 7). Deixem que a disposição da sua mente seja séria, firme e sólida; e mantenham severa temperança e sobriedade no uso de todos os prazeres no mundo. Não permitam ser pegos em seus antigos pecados e tentações (v. 3). "*...e vigiai em oração*". Tenham cuidado para que estejam continuamente com uma disposição calma e sóbria, preparados para a oração; e que sejam constantes em oração, para que esse fim não venha sobre vocês de surpresa (Lc 21.34; Mt 26.40,41). Aprenda aqui: (1) A consideração do nosso fim que se aproxima é um argumento poderoso para nos tornar sóbrios em todas as questões terrenas, e sérios nas questões religiosas. (2) Os que oram de propósito precisam *vigiar em oração.* Precisam vigiar sobre o seu próprio espírito, vigiar por todas as oportunidades adequadas e cumprir os seus deveres da melhor forma que puderem. (3) A ordenação correta do corpo é de grande utilidade para promover o bem da alma. Quando os apetites e inclinações do corpo são controlados e governados pela palavra de Deus e pela verdadeira razão, e os interesses do corpo são subметidos aos interesses e necessidades da alma, aí o corpo não é o inimigo da alma, mas seu amigo e ajudador.

2. À caridade: "*Mas, sobretudo, tende ardente caridade uns para com os outros*" (v. 8). Aqui está uma regra nobre do cristianismo. Os cristãos devem amar uns aos outros, o que implica uma afeição pela pessoa deles, o desejo pelo seu bem-estar e o sério esforço de promovê-lo. Essa afeição mútua não pode ser fria, mas ardente, isto é, sincera, forte e duradoura. Esse tipo de afeição sincera é recomendada *sobretudo,* o que mostra a sua importância (Cl 3.14). É maior que a fé ou a esperança (1 Co 13.13). Um excelente efeito dela é que vai cobrir "*...uma multidão de pecados*". Aprenda: (1) Deve haver em todos os cristãos uma caridade mais ardente uns pelos outros do que por outras pessoas: "*...tende ardente caridade uns para com os outros*". Ele não diz, pelos pagãos, idólatras ou apóstatas, mas uns para com os outros. "*Permaneça a caridade fraternal*" (Hb 13.1). Há uma relação especial entre todos os cristãos sinceros, e uma amabilidade e um bem neles que requerem afeição especial. (2) Não é suficiente aos cristãos que não carreguem malícia, nem que tenham respeito comum uns pelos outros; eles precisam se amar intensa e ardentemente. (3) É característica da verdadeira caridade cobrir uma *multidão de pecados.* Torna as pessoas propensas a perdoar e esquecer ofensas contra elas, a cobrir e esconder os pecados dos outros, em vez de agravá-los e espalhá-los. Ela nos ensina a amar os que são fracos e que são culpados de muitas coisas más, antes da sua conversão; e ela prepara para a misericórdia diante de Deus, que prometeu perdoar os que perdoam os outros (Mt 6.14).

3. À hospitalidade (v. 9). A hospitalidade aqui requerida é o acolhimento espontâneo e amoroso de estranhos e viajantes. O objetivo apropriado da hospitalidade cristã seria abrigar os cristãos entre si. A intimidade da sua relação e a necessidade da sua condição naquela época de perseverança e aflições obrigavam os cristãos a serem hospitaleiros uns para com os outros. Às vezes os cristãos eram privados de tudo que tinham, e eram expulsos e levados a países distantes por sua segurança. Nesse caso, morreriam de fome se os seus irmãos cristãos não os recebessem. Por isso, essa é uma regra sábia e necessária que o apóstolo estabeleceu aqui. É ordenada também em outras passagens (Hb 13.1; Rm 12.13). A maneira de cumprir esse dever é assim: precisa ser cumprido de maneira espontânea, amorosa e generosa "*...sem murmurações*" diante das despesas ou outras dificuldades. Aprenda: (1) Os cristãos devem não somente ser caridosos, mas hospitaleiros uns para com os outros. (2) Tudo o que o cristão fizer por conta da hospitalidade, deve fazê-lo com alegria, e sem murmurações. "*De graça recebestes, de graça dai*" (Mt 10.8).

4. Ao desenvolvimento dos dons (v. 11).

(1) A regra é que, qualquer que seja o dom, comum ou extraordinário, quaisquer que sejam o poder, a habilidade ou a capacidade para fazer o bem que nos foram dados, devemos *administrar*, ou servir, uns aos outros com eles, não nos considerando senhores, mas somente "*...bons despenseiros da multiforme graça*", ou dos diversos dons de Deus. Aprenda: [1] Seja qual for a habilidade que tivermos para fazer o bem, precisamos reconhecê-la como um dom de Deus e atribuí-lo à sua graça. [2] Quaisquer dons que tenhamos recebido, devemos considerá-los como recebidos para o uso uns aos outros. Não podemos tomá-los para nós mesmos, nem escondê-los num lenço, mas servir com eles *aos outros* da melhor maneira que conseguirmos. [3] Ao recebermos os multiformes dons de Deus, precisamos considerar-nos apenas despenseiros, e agir de acordo com isso. Os talentos que nos são confiados são bens do nosso Senhor, e precisam ser empregados de acordo com a orientação dele. E se exige de um despenseiro que seja encontrado fiel.

(2) O apóstolo exemplifica as suas orientações acerca dos dons em dois aspectos particulares: falar e administrar, acerca dos quais ele dá estas regras: [1] "*Se alguém*, seja um ministro em público, seja um cristão numa reunião particular, *falar* ou ensinar, precisa fa-

zê-lo *segundo as palavras de Deus*", que nos orientam acerca dos assuntos da nossa fala. O que os cristãos em particular ou os ministros em público ensinam e falam precisa ser a pura palavra e os oráculos de Deus. Acerca da maneira de falar, precisa ser com seriedade, reverência e solenidade, que convém à santa e divina palavra. [2] "*Se alguém administrar*, ou como um diácono, distribuindo donativos da igreja e cuidando dos pobres, ou como pessoa particular, por meio de dádivas e contribuições de caridade, *administre segundo o poder que Deus dá*". Aquele que recebeu abundância e habilidades de Deus deve administrar com abundância, e de acordo com sua habilidade. Essas regras devem ser seguidas e praticadas para este fim, "...*para que em tudo*, em todos os seus dons, ministrações e serviços, *Deus seja glorificado*" (v. 11), "...*para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus*" (Mt 5.16), "...*por Jesus Cristo*" (v. 11), que obteve e concedeu esses dons aos homens (Ef 4.8), e unicamente por meio de quem nós e nossos serviços são aceitáveis a Deus (Hb 13.15), a quem, Jesus Cristo, "...*pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém.*" Aprenda que, em primeiro lugar, é dever dos cristãos em particular e dos ministros em público falar uns aos outros das coisas de Deus (Ml 3.16; Ef 4.29; Sl 145.10-12). Em segundo lugar, importa seriamente a todos os pregadores do evangelho manter-se próximos da palavra de Deus, e tratar essa palavra como os oráculos de Deus. Em terceiro lugar os cristãos não devem somente cumprir com as suas obrigações, mas precisam cumpri-las com vigor e de acordo com as suas melhores habilidades. A natureza da obra de um cristão, que é trabalho sublime e difícil, a bondade e o favor do Mestre e a excelência de toda a recompensa, tudo exige que os nossos esforços sejam sérios e vigorosos, e tudo que somos chamados a fazer para a honra de Deus e o bem dos outros, devemos fazer com todas as nossas forças. Em quarto lugar, em todos os deveres e serviços da vida devemos almejar a glória de Deus como o nosso propósito principal; todas as outras coisas precisam ser submetidas a isso, que vai santificar nossos atos e coisas comuns (1 Co 10.31). Em quinto lugar, Deus não é glorificado por nada do que fazemos se não oferecermos isso a Ele por meio da mediação e dos méritos de Jesus Cristo. *Em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo*, que é o único caminho para o Pai. Em sexto lugar, a adoração que o apóstolo presta a Jesus Cristo e o fato de lhe atribuir louvor e domínio eternos provam que Jesus Cristo é o Deus Altíssimo, bendito acima de tudo para sempre. Amém.

Firmeza e Ponderação. Conselho a respeito do Sofrimento dos Cristãos

vv. 12-19

A repetição constante de conselho e consolo aos cristãos, tratados como sofredores, em cada capítulo dessa epístola, mostra que o maior perigo em que estavam esses novos convertidos era a perseguição a que a sua conversão ao cristianismo os expôs. O bom comportamento dos cristãos nos sofrimentos é a parte mais difícil do seu dever, mas mesmo assim necessário tanto para a honra de Cristo quanto para o próprio consolo deles. E, por isso, o apóstolo, tendo exortado-os na parte anterior desse capítulo ao dever maior da mortificação, aqui os orienta acerca do dever necessário da paciência nos sofrimentos. Um espírito não mortificado é muito inadequado para suportar provações. Observe:

I A forma amável de o apóstolo se dirigir a esses pobres e desprezados cristãos: eles eram seus "*Amados...*" (v. 12).

II O seu conselho a eles, concernente aos seus sofrimentos:

1. Que não os considerem estranhos, nem estejam surpresos diante deles, como se algum evento inesperado lhes sobrevenha; pois:

(1) Embora sejam severos e abrasadores, mesmo assim são designados não somente para prová-los – e não para arruiná-los –, mas para provar a sua sinceridade, força, paciência e confiança em Deus. Pelo contrário, eles devem antes se alegrar quando em aflições, porque estas podem ser apropriadamente chamadas de sofrimentos de Cristo. São do mesmo tipo e pela mesma causa pela qual Cristo sofreu. Eles nos tornam conformes a Ele; Ele sofre neles e se compadece de nós nas nossas debilidades; e, se formos participantes dos seus sofrimentos, também seremos participantes da sua glória, e nos encontraremos com Ele com grande alegria na sua vinda para julgar os seus inimigos e coroar os seus servos fiéis (2 Ts 1.7ss.). Aprenda: [1] Os verdadeiros cristãos amam e reconhecem os filhos de Deus em suas circunstâncias mais angustiantes e humilhantes. O apóstolo reconhece esses pobres e aflitos cristãos, e os chama seus *amados*. Os verdadeiros cristãos nunca olham de maneira mais amável e bondosa uns para os outros do que em suas adversidades. [2] Não há razão para que os cristãos considerem estranho, ou se admirem, diante da maldade e das perseguições do mundo, porque foram advertidos delas. O próprio Cristo as suportou; e renunciar a tudo e negar-nos a nós mesmos são os termos em que Cristo nos aceita para sermos seus discípulos. [3] Os cristãos devem não somente ser pacientes, mas se alegrar em suas aflições mais severas e dolorosas por Cristo, pois são sinais do favor divino; eles promovem o evangelho e preparam para a glória. Aqueles que se alegram nos seus sofrimentos por Cristo vão triunfar e se alegrar eternamente com Ele na glória.

(2) Do julgamento abrasador o apóstolo desce a um nível mais baixo de perseguição – o da língua por causa de calúnia e ofensa (v. 14). Ele supõe que eles vão enfrentar esse tipo de sofrimento. Eles vão ser insultados, mal-falados e caluniados por causa do nome de Cristo. Nesse caso, afirma ele, "...*bem-aventurados sois*", e a razão é: "Que vocês têm o Espírito de Deus para fortalecê-los e confortá-los. E o Espírito de Deus é também o Espírito da glória, que vai carregá-los através de tudo isso, e conduzi-los gloriosamente, e prepará-los e selá-los para a glória eterna. Esse Espírito glorioso *repousa* sobre vocês, habita com vocês, habita em vocês, sustenta-os e está satisfeito com vocês; e isso não é um privilégio inexprimível? Por sua paciência e firmeza no sofrimento, por sua dependência nas promessas de Deus e sua lealdade à palavra que o Espírito Santo revelou, sobre vocês repousa o

Espírito da glória de Deus; mas pelo desprezo e pelas ofensas lançadas sobre vocês, o Espírito é caluniado e blasfemado". Aprenda: [1] É comum que os melhores homens e as melhores coisas enfrentem censura no mundo. De Jesus Cristo e de seus seguidores, do Espírito de Deus e do evangelho, de todos se fala mal. [2] A alegria das pessoas boas não consiste somente em suas aflições, mas pode até fluir delas: "...*bem-aventurados sois*". [3] O homem que tem o Espírito de Deus habitando nele não pode ser miserável, por maiores que sejam suas aflições: "...*bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus*". [4] As blasfêmias e ofensas que os maus lançam sobre os bons são recebidas pelo Espírito de Deus como lançados sobre Ele mesmo: "*Se, pelo nome de Cristo, sois vituperados*". [5] Quando pessoas boas são vilipendiadas *pelo nome de Cristo*, seu Espírito Santo é glorificado neles.

2. Que eles cuidem para não sofrer por justa causa, como malfeitores (v. 15). Alguém poderia dizer que essa advertência é desnecessária para um grupo tão excelente de cristãos como esse. Mas os seus inimigos os acusavam desses e de outros delitos repugnantes. Por isso, o apóstolo, ao estabelecer as regras da religião cristã, pensou que essas precauções eram necessárias, proibindo a cada um deles que prejudicasse a vida ou as posses ou propriedades de qualquer pessoa, ou de fazer qualquer tipo de mal, ou, sem chamado ou necessidade, se impusesse aos outros ou se intrometesse "...*em negócios alheios*". A essa advertência ele acrescenta uma orientação, de que se alguém *padece* pela causa cristã, e com um espírito cristão paciente, não deve considerar isso uma vergonha, mas uma honra para si mesmo; e deve glorificar a Deus que assim o considerou digno (v. 16). Aprenda: (1) Os melhores homens precisam ser advertidos acerca dos piores pecados. (2) Há pouco consolo nos sofrimentos quando os atraímos sobre nós pelos nossos próprios pecados e tolice. Não é o sofrimento, mas a causa que faz o mártir. (3) Temos razão para agradecer a Deus a honra se Ele nos distingue para sofrer pela sua verdade e evangelho, por nossa lealdade ou por qualquer das doutrinas ou deveres do cristianismo.

3. Que as suas aflições estão próximas agora, e eles precisam estar devidamente preparados (vv. 17,18).

(1) Ele lhes diz que chegou o tempo para que "...*comece o julgamento pela casa de Deus*". O método comum da Providência tem sido este: Quando Deus traz grandes calamidades e julgamentos terríveis sobre nações inteiras, Ele em geral começa com o seu próprio povo (Is 10.12; Jr 25.29; Ez 9.6). "Um tempo de calamidade universal está próximo agora, tal qual foi anunciado pelo nosso Salvador (Mt 25.9,10). Isso torna muito necessárias todas as advertências à paciência dadas anteriormente. E vocês têm duas considerações que os amparam". [1] "Que esses julgamentos vão apenas começar com vocês, e logo terão passado; suas provações e correções não vão durar muito". [2] "Suas dificuldades serão apenas leves e breves, em comparação com tudo que vai recair sobre o mundo mau, seus compatriotas, os judeus, e as pessoas infiéis e idólatras entre as quais vocês vivem. *Qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?*". Aprenda que, em primeiro lugar, os melhores servos de Deus e suas famílias ainda têm tantas coisas impróprias que é necessário e adequado que às vezes Deus os corrija e castigue com seus julgamentos. O julgamento começa pela casa de Deus. Em segund lugar, os o que fazem parte da família de Deus têm sua pior parte nesta vida. Sua pior condição é tolerável, e logo terá passado. Em terceiro lugar, tais pessoas ou sociedades que "...*são desobedientes ao evangelho de Deus*" não fazem parte da sua igreja ou família, mesmo que tenham as maiores pretensões para tal. O apóstolo distingue os desobedientes da casa de Deus. Quarto: Os sofrimentos dos bons nesta vida são demonstrações dos tormentos indizíveis que estão vindo sobre os desobedientes e incrédulos: *Qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?*

(2) Ele insinua a condenação irremediável dos ímpios: "*E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?*" (v. 18). Esse versículo é tomado como um todo de Provérbios 11.31: "*Eis que o justo é punido na terra; quanto mais o ímpio e o pecador!*" Na Septuaginta (LXX), esse versículo é traduzido exatamente como o apóstolo o cita aqui. Disso podemos aprender: [1] Os sofrimentos dolorosos que pessoas boas suportam neste mundo são tristes presságios de julgamentos muito mais severos vindo sobre pecadores impenitentes. Mas, se tomarmos aqui a salvação no seu sentido mais sublime, podemos aprender: [2] É o tanto que os melhores podem fazer para garantir a salvação da sua alma; há tantos sofrimentos, tentações e dificuldades a serem vencidos, tantos pecados a serem mortificados, a porta é tão estreita e o caminho tão apertado, que esse é o máximo que os justos conseguem fazer para ser salvos. Que a necessidade absoluta de salvação equilibre a dificuldade dela. Considerem: Suas dificuldades são enormes agora; Deus oferece sua graça e ajuda; a prova não será longa; sejam fiéis até a morte, e Deus lhes dará "...*a coroa da vida*" (Ap 2.10). [3] O incrédulo e o pecador estão inquestionavelmente em um estado de condenação. Como eles vão se apresentar? Como vão ficar de pé diante do seu Juiz? Onde poderão levantar a sua cabeça? "*E, se o justo apenas se salva...*", o ímpio certamente perecerá.

4. Que quando chamados a sofrer, "...*segundo a vontade de Deus*", eles devem olhar principalmente para a segurança da sua alma, que é colocada em perigo pelas aflições, e não pode ser mantida em segurança a não ser que seja encomendada a Deus, que vai assumir a responsabilidade, se a encomendarmos a Ele "...*fazendo o bem*". Pois Ele é o seu Criador e por mera graça fez muitas promessas bondosas a eles de salvação eterna; e nisso Ele vai ser fiel e verdadeiro (v. 19). Aprenda: (1) Todos os sofrimentos que atingem os bons vêm sobre eles "...*segundo a vontade de Deus*". (2) É dever dos cristãos, em todas as suas aflições, olhar mais para a proteção da sua alma do que para a preservação do seu corpo. A alma tem mais valor, no entanto, está em maior perigo. Se sofrimentos que vêm de fora suscitam inquietação, desgosto e ainda outros sentimentos pecaminosos e atormentadores dentro do cristão, a alma é então a maior sofredora. Se a alma não é bem cuidada, a perseguição vai levar as pessoas à apostasia (Sl 125.3). (3) A única forma de guardar bem a alma é encomendá-la a Deus pela via de fazer o bem (Rm 2.7). (4) As pessoas boas, quando estão em aflições, sentem-se grandemente encorajadas a encomendar a sua alma a Deus, pois Ele é o Criador delas e é fiel em todas as suas promessas.

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo dá orientações particulares, primeiro aos presbíteros, de como devem se portar em relação aos seus rebanhos (vv. 1-4); depois aos mais jovens, para serem obedientes e humildes, e a lançarem suas ansiedades sobre Deus (vv. 5-7). Depois ele exorta todos à sobriedade, à vigilância contra as tentações e à firmeza na fé, orando sinceramente por eles; e assim conclui a epístola com uma solene doxologia, com mútuas saudações e com sua bênção apostólica.

Conselho aos Presbíteros
vv. 1-4

Aqui podemos observar:

I As pessoas a quem são dadas essas orientações – aos presbíteros, pastores e líderes espirituais da igreja, presbíteros e anciãos por ofício, e não por idade, ministros daquelas igrejas às quais escreve esta epístola.

II A pessoa que faz essa exortação – o apóstolo Pedro: "...*admoesto eu*". E, para reforçar essa exortação, ele lhes diz que é presbítero com eles, e assim não impõe nada a eles que ele não esteja disposto a fazer também. Ele é também "...*testemunha das aflições de Cristo*", tendo estado com Ele no jardim, acompanhado-o ao palácio do sumo sacerdote, e muito provavelmente tendo sido testemunha do seu sofrimento na cruz, à distância, entre a multidão (At 3.15). Ele acrescenta que é também "...*participante da glória*" que em certa medida foi revelada na transfiguração (Mt 17.1-3), e vai ser completamente desfrutada na segunda vinda de Jesus Cristo. Aprenda: 1. Aqueles cujo ofício é ensinar a outros devem cumprir atentamente seu próprio dever, assim como ensinam ao povo o dever deste. 2. Como eram diferentes o espírito e o comportamento de Pedro do espírito e do comportamento dos seus pretensos sucessores! Ele não ordena e manda, mas exorta. Ele não reivindica soberania sobre todos os pastores e igrejas, nem se intitula príncipe dos apóstolos, vigário de Cristo ou cabeça da igreja, mas se apresenta como presbítero. Todos os apóstolos eram presbíteros, ou anciãos, embora nem todo presbítero fosse apóstolo. 3. Foi uma honra peculiar de Pedro e de alguns mais serem testemunhas dos sofrimentos de Cristo; mas é privilégio de todos os verdadeiros cristãos serem participantes da glória que há de ser revelada.

III A descrição do dever do pastor, e a maneira em que esse dever precisa ser cumprido. O dever do pastor é tríplice: 1. "...*apascentai o rebanho...*", por meio da pregação honesta da palavra de Deus ao rebanho, e ao conduzi-lo de acordo com as orientações e a disciplina que são prescritas pela palavra de Deus, que estão ambas incluídas nessa expressão: *Apascentai o rebanho.* 2. Os pastores do rebanho precisam ter a supervisão dele, o seu *cuidado.* Os presbíteros são exortados a fazer o seu trabalho de bispos (que é o significado da palavra), por meio do cuidado pessoal e da vigilância sobre todos que no rebanho estão comprometidos ao seu cuidado. 3. Eles precisam ser "...*exemplo ao rebanho*", e praticar a santidade, a autonegação, a mortificação e todos os deveres cristãos, que eles pregam e recomendam ao seu povo. Esses deveres precisam ser realizados "...*não por força*", não porque você tem de fazê-los, não por compulsão de um poder civil, ou pela coação do medo ou da vergonha, mas de uma mente voluntária que tem prazer na obra. Não "...*por torpe ganância*", ou por algum lucro ou proveito relacionados ao lugar em que você reside, ou de uma prerrogativa relativa ao ofício, "...*mas de ânimo pronto*", considerando o rebanho mais do que a lã, sincera e alegremente se empenhando para servir à igreja de Deus. "...*nem como tendo domínio sobre a herança de Deus*", agindo como tirano sobre o rebanho por compulsão ou força coerciva, ou impondo invenções humanas ou não-bíblicas a ele em vez dos deveres necessários (Mt 20.25,26; 2 Co 1.24). Aprenda: (1) A dignidade eminente da igreja de Deus e de todos os seus verdadeiros membros. Esses cristãos pobres, dispersos e sofredores eram o rebanho de Deus. O restante do mundo é uma manada irracional. Esses constituem um rebanho pacífico e ordeiro, redimido para Deus pelo grande Pastor, vivendo em santo amor e comunhão uns com os outros, *segundo a vontade de Deus*. Eles são também dignificados com o título de *herança de Deus*, sua porção peculiar, escolhidos dentre a multidão comum para ser seu povo, para desfrutar do seu favor especial e para fazer para Ele um serviço especial. No Novo Testamento, a palavra nunca é restrita aos ministros da religião. (2) Os pastores da igreja devem considerar o seu povo o *rebanho de Deus, a herança de Deus*, e tratá-lo de acordo com isso. Não são seus, para serem dominados segundo o seu prazer; mas são povo de Deus, e devem ser tratados com amor, mansidão e ternura, por causa daquele a quem pertencem. (3) Aqueles ministros que são forçados ao trabalho por necessidade ou atraídos a ele por torpe ganância não podem realizar o seu dever como deveriam, porque não o fazem voluntariamente e com disposição. (4) A melhor forma que um ministro pode usar para obter o respeito das pessoas é cumprir o seu próprio dever entre elas da melhor maneira que puder, e ser um constante exemplo a elas de tudo que é bom.

IV Em contraste com os lucros imundos que muitos se propõem como o seu principal motivo em assumir e cumprir o ofício pastoral, o apóstolo coloca diante deles a coroa da glória preparada pelo grande pastor, Jesus Cristo, para todos os seus ministros fiéis. Aprenda: 1. Jesus Cristo é o "...*Sumo Pastor*" de todo o rebanho e herança de Deus. Ele os comprou, e os governa; e os defende e salva para sempre. Ele é também o pastor principal sobre todos os pastores subalternos; eles derivam a sua autoridade dele, agem em nome dele e prestam contas a Ele. 2. Esse Sumo Pastor vai aparecer para julgar todos os ministros e co-pastores, para chamá-los à prestação de contas, para ver se cumpriram fielmente seus deveres tanto publicamente quanto em particular, de acordo com as orientações acima. 3. Aqueles que comprovarem ter cumprido o seu dever terão o que é infinitamente melhor do que o ganho temporal; receberão do

Sumo Pastor um elevado grau de glória eterna, "...*a incorruptível coroa de glória*".

Recomendação à Humildade
vv. 5-7

Tendo estabelecido e explicado os deveres dos pastores ou líderes espirituais da igreja, o apóstolo passa agora a instruir o rebanho:

I Acerca de como devem se comportar com relação aos seus ministros e uns com os outros. Ele os chama de *jovens*, como sendo em geral mais jovens que os seus distintos pastores, e para trazer à memória deles a sua posição subalterna, sendo o termo *jovem* usado pelo nosso Salvador para se referir a alguém em posição inferior (Lc 22.26). Ele exorta os que são jovens e subalternos a serem "...*sujeitos aos anciãos*", a darem o devido respeito e reverência à sua pessoa, e a se sujeitarem às suas admoestações, censura e autoridade, desfrutando e fazendo o que a palavra de Deus exige (Hb 13.17). No relacionamento uns aos outros, a ordem é que todos devem ser "...*sujeitos uns aos outros*...", a ponto de receberem as repreensões e aceitarem os conselhos uns dos outros, e a estarem dispostos a *levarem as cargas uns dos outros*, e a realizarem todas as tarefas da amizade e caridade uns pelos outros. E pessoas em particular devem se submeter às orientações do grupo todo (Ef 5.21; Tg 5.16). Visto que esses deveres da submissão aos superiores em idade ou ofício, e da sujeição uns aos outros, são contrários à natureza orgulhosa e aos interesses dos homens, ele os aconselha a se revestirem "...*de humildade*". "Que a sua mente, comportamento, vestimenta e toda a compostura sejam adornados com a humildade, como o traje mais belo que vocês podem vestir; isso vai tornar a obediência e o dever leves e agradáveis. Mas, se vocês forem desobedientes e orgulhosos, Deus vai se opor a vocês e vai destruí-los; pois Ele *resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes*". Observe: 1. A humildade é o grande protetor da paz e da ordem em todas as igrejas e sociedades cristãs, conseqüentemente o orgulho é o grande perturbador delas, e a causa da maioria das dissensões e rupturas na igreja. 2. Há uma mútua oposição entre Deus e os orgulhosos, pois é isso que a palavra significa; eles guerreiam contra Ele, e Ele os despreza. Ele "...*resiste aos soberbos*", porque eles são como o diabo, inimigos do Senhor e do seu reino entre os homens (Pv 3.34). 3. Sempre que Deus dá graça aos humildes, Ele vai dar mais sabedoria, fé, santidade e humildade. Daí o apóstolo diz: "*Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte*" (v. 6). "Visto que Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes, por isso humilhem-se, não somente uns aos outros, mas ao grande Deus, cujos julgamentos estão vindo sobre o mundo, e precisam começar na casa de Deus (cap. 4.17). Sua mão é todo-poderosa e pode facilmente derrubá-los se vocês forem orgulhosos, ou exaltá-los se vocês forem humildes; e ela certamente vai fazê-lo, ou nesta vida, se Ele considerar isso o melhor para vocês, ou no dia da retribuição geral". Aprenda: (1) A consideração da mão onipotente de Deus deve nos tornar humildes e submissos a Ele em tudo que Ele faz vir sobre nós. (2) Humilhar-nos diante da mão de Deus é o próximo passo para o livramento e a exaltação; a paciência sob seus castigos e a submissão à vontade dele, o arrependimento, a oração e a esperança na misericórdia vão engajar a ajuda dele e liberá-la no tempo certo (Tg 4.7,10).

II O apóstolo, sabendo que esses cristãos já estavam em circunstâncias muito difíceis, supõe corretamente que o que lhes prenunciou acerca de provações maiores ainda por vir poderia suscitar neles grande cuidado e temor sobre a realidade dessas provações, e qual seria o resultado delas para eles mesmos, suas famílias e a igreja de Deus. Prevendo que essa ansiedade seria um grande fardo para eles, e uma dolorosa tentação, ele lhes dá o melhor conselho, e o ampara com um excelente argumento. O seu conselho é que lancem "...*toda a vossa ansiedade*" sobre Deus. "Lancem suas preocupações, que são tão intensas e tão perturbadoras, que ferem a sua alma e trespassam o seu coração, sobre a sábia e generosa providência de Deus; confiem nele com uma mente firme e serena, '...*porque ele tem cuidado*' de vocês. Ele está disposto a aliviá-los das suas ansiedades e tomá-las sobre si. Ele vai afastar o que vocês temem, ou vai ampará-los. Ele vai ordenar todos os eventos para vocês a fim de convencê-los do amor paternal dele e da sua ternura por vocês; e tudo vai ficar tão bem ordenado que nenhum dano, mas só o bem, vai vir sobre vocês" (Mt 6.25; Sl 84.11; Rm 8.28). Aprenda: 1. Os melhores cristãos conseguem labutar sob o fardo da ansiedade e do cuidado excessivo; o apóstolo chama isso de "...*toda a vossa ansiedade*", dando a entender que as preocupações dos cristãos são diversas e de mais tipos do que um só: preocupações pessoais, familiares, preocupações pelo presente, preocupações pelo futuro, preocupações por si mesmos, pelos outros e pela igreja. 2. Até as preocupações das pessoas boas são opressivas, e com freqüência pecaminosas; quando se originam na incredulidade ou na desconfiança, quando torturam e distraem a mente, quando incapacitam para os deveres da nossa função e atrapalham o nosso prazer no serviço de Deus, são de fato muito pecaminosas. 3. A melhor solução contra as preocupações exageradas é lançar a nossa ansiedade sobre Deus, e entregar todo evento à determinação sábia e generosa dele. Uma firme confiança na retidão da vontade e dos planos divinos acalma o espírito do homem. E "...*nos aquietamos, dizendo: Faça-se a vontade do Senhor!*" (At 21.14).

Prescrição à Sobriedade e Vigilância
vv. 8,9

Aqui o apóstolo faz três coisas:

I Ele lhes mostra os perigos de um inimigo mais cruel e impaciente do que os piores homens, a quem ele descreve:

1. Por seu caráter e seus nomes. (1) Ele é um *adversário*: "Esse *vosso adversário* não é um adversário co-

mum, mas um inimigo que os acusa no tribunal, contra-ataca e tem por alvo a alma de vocês". (2) O *diabo*, o "...*acusador dos irmãos*" (Ap 12.10); esse título é derivado de uma palavra que significa traspassar, apunhalar. Ele quer infiltrar maldade na nossa natureza e veneno na nossa alma. Se pudesse ter ferido essas pessoas com raiva e murmuração nos seus sofrimentos, talvez pudesse tê-las arrastado à apostasia e ruína. (3) Ele é um *leão* que ruge, faminto, feroz, forte e cruel, o feroz e voraz perseguidor da nossa alma.

2. Por aquilo que faz: "...*anda em derredor,* [...] *buscando a quem possa tragar*". Todo o seu propósito é devorar e destruir almas. Para esse fim, ele é incansável e impaciente em seus maldosos esforços; porque ele está sempre observando e tramando, dia e noite, para ver quem ele pode pegar em armadilha para a eterna ruína.

II Daí o autor infere que é dever deles: 1. Serem *sóbrios*, e dominarem tanto o homem exterior quanto o interior, pelas regras da prudência, moderação e mortificação. 2. Serem *vigilantes*; não seguros ou descuidados, mas antes suspeitosos do perigo constante desse inimigo espiritual, e, em tal apreensão, serem vigilantes e diligentes para impedir seus desígnios e salvarem sua alma. 3. Resistirem *firmes na fé* ao diabo. Era a fé dessas pessoas que Satanás tinha como alvo; se pudesse derrotar a fé delas e arrastá-las à apostasia, então ele sabia que ganharia a sua batalha e as levaria à ruína; por isso, para destruir a fé delas, ele causa uma perseguição severa e levanta os grandes potentados deste mundo contra eles. Eles precisam resistir a essa forte provação e tentação, ao estarem bem fundados, resolutos e firmes na fé; para encorajá-los a isso:

III Ele lhes diz que o seu caso não é único, pois eles sabiam que aflições semelhantes sobrevinham aos seus irmãos em todos os lugares do mundo, e que todos do povo de Deus eram seus companheiros de batalha nessa guerra. Aprenda: 1. Todas as grandes perseguições que jamais houve no mundo foram suscitadas, causadas e conduzidas pelo diabo; ele é o grande perseguidor, como também o *enganador e acusador dos irmãos*. Os homens são seus agentes voluntários e odiosos, mas ele é o principal adversário que guerreia contra Cristo e o seu povo (Gn 3.15; Ap 12.12). 2. O plano de Satanás ao suscitar perseguições contra os fiéis servos de Deus é conduzi-los à apostasia, por meio dos seus sofrimentos e, assim, destruir a alma deles. 3. A sobriedade e a vigilância são virtudes necessárias em todos os tempos, mas especialmente em tempos de sofrimento e perseguição. "Vocês precisam moderar as suas afeições pelas coisas do mundo, ou senão Satanás vai logo derrotá-los". 4. "Se vocês quiserem vencer Satanás, como tentador, acusador ou perseguidor, vocês precisam resistir-lhe com firmeza na fé; se a sua fé ceder, vocês estão perdidos; por isso, tomem *sobretudo o escudo da fé*" (Ef 6.16). 5. A consideração do que outros estão sofrendo é adequada para encorajar-nos a suportar a nossa parte em qualquer aflição: "...*as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo*".

A Oração do Apóstolo
vv. 10-14

Chegamos agora à conclusão dessa epístola, que:

I O apóstolo começa com uma oração muito significativa, que ele dirige ao "...*Deus de toda a graça*", o autor e consumador de todo dom celestial e toda qualidade, reconhecendo, no lugar deles, que Deus já os chamou para serem participantes daquela glória eterna que, sendo a sua própria, Ele tinha prometido e colocado sobre eles, por meio do mérito e da intercessão de Jesus Cristo. Observe:

1. O que ele ora a favor deles; não que eles sejam poupados dos sofrimentos, mas que seus sofrimentos sejam tornados moderados e breves, e, "...*depois de haverdes padecido um pouco*", que Deus os restaure a uma condição pacífica e estabelecida, e aperfeiçoe sua obra neles – que os firme contra o vacilo, tanto na fé quanto no dever, que fortaleça os que estão fracos e os firme em Cristo, seu fundamento, tão fortemente que a sua união com Ele seja indissolúvel e eterna. Aprenda aqui: (1) Toda a graça vem de Deus; é Ele que controla, converte, conforta e salva os homens pela sua graça. (2) Todos os que são chamados a um estado de graça são chamados a participar da glória e felicidade eternas. (3) Os que são chamados a ser herdeiros da vida eterna por meio de Jesus Cristo mesmo assim precisam sofrer neste mundo, mas os seus sofrimentos serão breves. (4) O aperfeiçoamento, estabelecimento e fortalecimento das pessoas boas na graça, e sua perseverança nela, constituem uma obra tão difícil que somente o Deus de toda a graça pode realizá-la; e por isso Ele deve ser buscado com toda a sinceridade por oração contínua, e dependência das suas promessas.

2. Sua doxologia (v. 11). Dessa doxologia podemos aprender que aqueles que obtiveram graça do Deus de toda a graça devem atribuir, e de fato atribuem, toda a glória, domínio e poder a Ele para sempre e sempre.

II Ele recapitula o propósito de escrever essa epístola a eles (v. 12), que foi: 1. Testificar, e com os termos mais fortes assegurá-los de que a doutrina da salvação, que ele tinha explicado e eles tinham adotado, era o relato verdadeiro da graça de Deus, prenunciada pelos profetas e proclamada por Jesus Cristo. 2. Exortá-los seriamente, visto que eles tinham adotado o evangelho, que continuassem firmes nele, não obstante as artimanhas de sedutores, ou as perseguições dos inimigos. (1) A principal coisa que os ministros devem almejar com seus esforços é convencer o seu povo da certeza e excelência da religião cristã; de fato, os apóstolos *exortaram e testificaram* com todas as suas forças. (2) A firme persuasão de que estamos no verdadeiro caminho para o céu é a melhor motivação para ficarmos firmes, e perseverarmos nele.

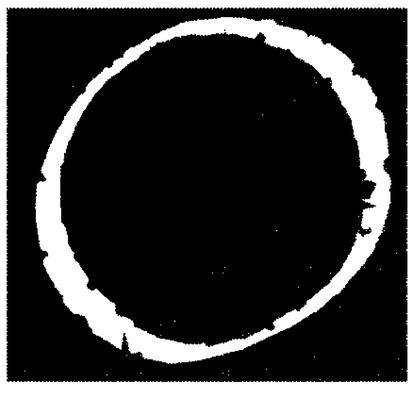
III Ele recomenda *Silvano*, a pessoa por quem está enviando essa breve epístola, como irmão que ele considera leal a eles e seu amigo, e espera que eles também o considerem assim, embora seja um ministro da incircuncisão. Observe: Uma estima honrosa

dos ministros da religião contribui muito para o sucesso do seu trabalho. Quando estamos convictos de que são fiéis, aproveitamos mais dos seus serviços ministeriais. Os preconceitos que alguns desses judeus talvez tivessem contra Silvano, como ministro aos gentios, logo desapareceriam quando se convencessem de que ele era um irmão fiel.

IV Ele conclui com saudações e uma solene bênção. Observe: 1. Pedro, estando em Babilônia, na Assíria, quando escreveu essa epístola (para onde ele viajou como apóstolo da circuncisão para visitar aquela igreja, que era a principal da dispersão), envia a saudação daquela igreja para as outras igrejas a quem escreve (v. 13), dizendo-lhes que Deus *elegeu* ou escolheu os cristãos na Babilônia e os chamou para fora do mundo, para serem sua igreja, e para participarem da eterna salvação por meio de Jesus Cristo, junto com eles e todos os outros cristãos fiéis (cap. 1.2). Nessa saudação, ele inclui particularmente a Marcos, o evangelista, que estava então com ele, e que era seu filho no sentido espiritual, tendo sido gerado por ele para o cristianismo. Observe: Todas as igrejas de Jesus Cristo devem ter a mais amável consideração umas pelas outras; devem se amar umas às outras e orar umas pelas outras, e ajudar o quanto puderem umas às outras. 2. Ele os exorta ao amor e à caridade ardentes uns pelos outros, e a expressarem isso pelo "*...ósculo de caridade*" (v. 14), de acordo com os costumes daquele tempo e região, e assim conclui com uma bênção, que ele restringe àqueles que estão *em Cristo*, unidos com Ele pela fé como bons membros do seu corpo místico. A bênção que ele pronuncia sobre eles é *paz*, com o que ele quer dizer todo o bem necessário, toda a forma de bem-estar; a isso ele acrescenta o seu *Amém*, como sinal do seu desejo sincero e de sua expectativa evidente de que a bênção da paz seja compartilhada com todos os fiéis.

2 PEDRO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



autor dessa epístola evidentemente parece ser o mesmo que escreveu a anterior; e, não importa qual seja a diferença que homens instruídos digam existir no estilo dessa epístola em comparação com a anterior, isso não pode ser um argumento convincente para afirmar que ela foi escrita por um Simão que sucedeu o apóstolo Tiago na igreja de Jerusalém, visto que aquele que escreve esta epístola se intitula "*Simão Pedro, servo e apóstolo...*" (v. 1), e diz que ele foi um dos três apóstolos que estiveram presentes na transfiguração de Cristo (v. 18), e lhes diz expressamente que lhes tinha escrito uma outra epístola anteriormente (cap. 3.1). O propósito dessa segunda epístola é o mesmo da primeira, como fica evidente com base no primeiro versículo do capítulo 3, de onde observamos que, nas coisas de Deus, temos necessidade de "*...mandamento sobre mandamento, regra sobre regra*" (Is 28.10), e um mínimo de tudo isso para mantê-los na memória. E assim, essas são as coisas que deveriam ser mais fielmente registradas e mais freqüentemente lembradas por nós.

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo, temos: I. Uma introdução, ou prefácio, abrindo o caminho e conduzindo-nos para o que é o propósito principal do apóstolo (vv. 1-4). II. Uma exortação para que cresçam e se desenvolvam em todas as virtudes cristãs (vv. 5-7). III. Para reforçar essa exortação e estimulá-los seriamente a se conformarem de coração com ela, ele acrescenta: 1. A representação da vantagem muito grande que vai resultar para eles (vv. 8-11). 2. A promessa da melhor ajuda que o apóstolo poderia dar para facilitar e promover essa boa obra (vv. 12-15). 3. Uma declaração da verdade segura e da origem divina do evangelho de Cristo, na graça do qual eles foram exortados a crescer e perseverar.

A Felicidade da Igreja
vv. 1-4

Sendo movido pelo Espírito Santo a escrever mais uma vez àqueles que entre os judeus se voltaram à fé em Cristo, o apóstolo começa essa segunda epístola com uma introdução em que são descritas as mesmas pessoas e é desejada a mesma bênção que se encontram no prefácio da primeira epístola. Mas há alguns acréscimos ou alterações em todas as três partes da introdução que precisam ser observadas.

I Temos aqui a descrição da pessoa que escreveu a epístola, pelo nome *Simão*, como também *Pedro*, e pelo título paralelo de *servo*, como também o de *apóstolo. Pedro*, aparecendo nas duas epístolas, parece ser o nome usado com maior freqüência, e que talvez mais o agradasse, sendo o que lhe foi dado pelo Senhor Jesus, depois de ele confessar que Jesus era "*...o Cristo, o Filho do Deus vivo*", e o mesmo nome significando e selando essa verdade para ser o artigo fundamental, a rocha em que tudo precisa ser edificado. Mas o nome *Simão*, embora omitido na primeira epístola, é mencionado nessa, para que a possível omissão total desse nome, que lhe foi dado quando foi circuncidado, não fizesse com que os judeus convertidos, que eram zelosos da lei, se tornassem rancorosos com o apóstolo, como se ele estivesse desaprovando e desprezando a circuncisão. Ele se intitula aqui "*...servo* (como também *apóstolo*)... *de Jesus Cristo*"; com isso ele pode ter conseguido o reconhecimento, como o fez Davi (Sl 116.16). O serviço para Cristo é o caminho para a mais elevada honra (Jo 12.26). O próprio Cristo é o "*...Rei dos reis, Senhor dos senhores*"; e Ele faz de todos os seus servos "*...reis e sacerdotes para Deus*" (Ap 1.6). Como é grande a honra de ser servo desse Senhor! Não podemos nos envergonhar disso, pois aí estaríamos pecando. Triunfar por ser *servo de Cristo* é algo muito apropriado para aqueles que estão desafiando outros a entrar ou permanecer no serviço de Cristo.

II Temos um relato das pessoas a quem a epístola foi escrita. Eles foram descritos na epístola anterior como "*...eleitos segundo a presciência de Deus Pai*", e aqui são descritos como os que "*...alcançaram fé preciosa pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo*"; pois a fé aqui descrita é muito diferente da fé falsa dos

hereges, e da fé fingida dos hipócritas, e da fé infrutífera dos mestres formais, por ortodoxos que sejam. É "...*a fé dos eleitos*" (Tt 1.1), operada pelo Espírito de Deus por meio do chamado eficaz. Observe: 1. A verdadeira fé salvífica é uma graça preciosa, e que não somente é muito incomum, muito rara, até mesmo na igreja visível, um número muito pequeno de verdadeiros crentes entre uma grande multidão dos que professam a fé publicamente (Mt 22.14), mas a verdadeira fé é muito excelente e de muito grande uso e vantagem para aqueles que a têm. "*O justo viverá por fé*", uma vida verdadeiramente espiritual e divina; a fé obtém todos os apoios e confortos necessários para essa vida excelente. A fé vai a Cristo, e compra o vinho e o leite (Is 55.1) que são o alimento adequado para a nova criatura; a fé compra e traz para casa o ouro provado, o tesouro celestial que enriquece; a fé toma e põe as vestes brancas, a vestimenta real que veste e adorna (Ap 3.18). 2. A fé é preciosa tanto na vida do cristão individual quanto na do apóstolo; produz os mesmos efeitos preciosos em um e no outro. A fé une o crente fraco a Cristo tão fortemente quanto une o forte, e purifica o coração de um tão certamente quanto o de outro. E todo crente sincero é justificado pela fé aos olhos de Deus, e de todos os pecados (At 13.39). A fé, exista em quem existir, se apega ao mesmo e precioso Salvador, e aplica as mesmas preciosas promessas. 3. Essa preciosa fé pode ser obtida com Deus. A fé é a dádiva de Deus, operada pelo Espírito, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos. 4. A preciosidade da fé, como também a forma de obtê-la, é por meio da justiça de Cristo. A justiça satisfatória e meritória e a obediência de Cristo dão à fé todo o seu valor e preciosidade; e a justiça de tal pessoa só pode ser de valor eterno para aqueles que a recebem. Pois: (1) Esse Jesus Cristo é Deus, sim, *nosso* Deus. Ele é verdadeiramente Deus, um Ser infinito, que operou essa justiça, e por isso ela precisa ser de valor infinito. (2) Ele é o *Salvador* dos que crêem, e como tal Ele produziu essa obediência meritória; e por isso é de tão grande benefício e vantagem para eles, porque, como fiador e Salvador, Ele operou essa justiça no lugar deles.

III Temos a bênção apostólica, na qual ele deseja a multiplicação e o aumento do favor divino sobre eles, e o avanço e crescimento da obra da graça neles, e que aquela paz com Deus na sua própria consciência (que não pode existir sem *graça*) possa ser abundante neles. Esta é exatamente a mesma bênção que está na epístola anterior; mas aqui ele acrescenta:

1. Um relato da forma e do meio em que "...*graça e a paz vos sejam multiplicadas*" – é "...*pelo conhecimento de Deus e de Jesus*"; esse reconhecimento ou fé no *único Deus vivo e verdadeiro, e em Jesus Cristo que Ele enviou*, é o grande progresso da vida espiritual, ou não poderia ser o caminho para a vida eterna (Jo 17.3).

2. O fundamento da fé que o apóstolo tem ao pedir o aumento da graça e a esperança do cristão ao esperar por ela. O que já recebemos deve nos encorajar a pedir por mais; aquele que começou a obra da graça vai aperfeiçoá-la. Observe: (1) A fonte de todas as bênçãos espirituais é o poder divino de Jesus Cristo, que não poderia cumprir toda a sua missão de Mediador, se não fosse Deus como também homem. (2) Todas as coisas que têm alguma relação com a verdadeira vida espiritual e com a vida de poder e piedade, e têm alguma influência sobre ela, procedem de Jesus Cristo; "...*nele habita toda a plenitude da divindade*", e é dele que recebemos "...*graça sobre graça*" (Jo 1.16), até mesmo tudo que é necessário para a preservação, progresso e aperfeiçoamento da graça e da paz, que, de acordo com alguns expositores, são chamadas aqui nesse versículo "...*vida e piedade*". (3) O conhecimento de Deus e a fé nele são os canais pelos quais todos os confortos e apoios espirituais são transmitidos a nós; mas aí precisamos reconhecer Deus como o autor do nosso chamado real, pois é assim que Ele é descrito aqui: "...*daquele que nos chamou por sua glória e virtude*". Observe aqui: O desígnio de Deus ao chamar ou converter os homens e levá-los à *glória e virtude*, isto é, *paz e graça*, como alguns entendem essa expressão; mas muitos preferem a leitura marginal: *por glória e virtude*. E assim temos o chamado eficaz colocado como a obra da glória e virtude ou da "...*grandeza do seu poder...*", descrita em Efésios 1.19. É a glória do poder de Deus converter pecadores; esse é o poder e a glória que são vistos e experimentados no seu santuário (Sl 63.2); esse poder ou virtude deve ser louvado por todos os que foram chamados "...*das trevas para a sua maravilhosa luz*" (1 Pe 2.9). (4) No quarto versículo, o apóstolo encoraja a fé e a esperança por meio da busca do aumenta da graça e da paz, porque a mesma glória e virtude são empregadas e evidenciadas ao serem transmitidas as promessas do evangelho que são exercitadas no nosso chamado. Observe: [1] As boas coisas que as promessas renovam são *grandíssimas*. O perdão dos pecados é uma das bênçãos tencionadas aqui; todos os que conhecem algo do poder da ira de Deus vão prontamente confessar como esse perdão é grande, e esse é um dos favores prometidos na sua concessão, e nisso o poder do Senhor é grande (Nm 14.17). Perdoar pecados que são muitos e abomináveis (cada um dos quais é merecedor da ira e da maldição de Deus, e isso para sempre) é uma coisa maravilhosa, e é assim chamada (Sl 119.18). [2] As bênçãos prometidas do evangelho são muito preciosas; como a grande promessa do Antigo Testamento era a *semente da mulher*, o Messias (Hb 11.39), assim a grande promessa do Novo Testamento é o *Espírito Santo* (Lc 24.49), e quão precioso deve ser o Espírito vivificante, iluminador e santificador! [3] Aqueles que recebem as promessas do evangelho se tornam "...*participantes da natureza divina*". Eles são renovados no espírito da sua mente, "...*segundo a imagem de Deus, em conhecimento, justiça e santidade*"; seu coração está voltado para Deus e seu serviço; eles têm temperamento e disposição de alma divinos. Embora a lei seja *o ministério da morte*, e *a letra mate*, o evangelho é *o ministério da vida*, e o *Espírito vivifica* os que estão naturalmente *mortos em suas transgressões*. [4] Aqueles em que o Espírito produz a natureza divina são libertos da escravidão da corrupção. Os que são, pelo Espírito da graça, *renovados no espírito da sua mente*, são trasladados para a *liberdade dos filhos de Deus* (versão inglesa KJV); pois é no mundo que a corrupção reina. Aqueles que não são *do Pai*, mas *do mundo*, estão debaixo do poder do pecado; o mundo está no maligno (1 Jo 5.19). E o domínio que o pecado tem nos homens do mundo exerce-o por meio da

lascívia; os seus desejos são para ele, e por isso ele reina sobre eles. O domínio que o pecado tem sobre nós é proporcional ao prazer que temos nele.

A Diligência Espiritual. O Progresso na Santidade

vv. 5-11

Nessas palavras, o apóstolo chega ao tópico principal da epístola – incentivá-los e engajá-los ao crescimento na graça e na santidade, visto que eles já obtiveram a fé preciosa e foram feitos participantes da natureza divina. Esse é um ótimo começo, mas não se pode descansar nele, como se já fôssemos perfeitos. O apóstolo tinha orado para que a graça e a paz lhes fossem multiplicadas, e agora ele os exorta a que avancem para a obtenção de mais graça. À medida que temos oportunidade, devemos exortar aqueles pelos quais oramos, e estimulá-los ao uso de todos os meios adequados para que obtenham o que desejamos que Deus derrame sobre eles; e os que querem fazer algum progresso na religião precisam ser muito diligentes nos seus esforços. Sem o empenho de "*...toda a diligência*" não ganhamos terreno algum na obra da santidade; aqueles que são preguiçosos na questão da religião não vão obter nada disso; precisamos nos esforçar se queremos entrar "*...pela porta estreita*" (Lc 13.24).

I Aqui não há como não observar como o caminho do crente é marcado passo a passo. 1. Ele precisa obter a *virtude*, com o que alguns entendem *justiça*; e depois quando *a ciência, a temperança* e *a paciência* são acrescentadas a ela, podemos supor que o apóstolo esteja colocando-as após destacar as quatro virtudes cardeais, ou os quatro elementos que são necessários para constituir cada virtude ou ação virtuosa. Mas considerando que "*fiel é a palavra...*", e que isto seja afirmado "*...para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras*" (Tt 3.8), por *virtude* aqui podemos entender força ou coragem, sem as quais o crente não pode se posicionar a favor das boas obras, ao se tornar abundante nelas. Os justos precisam ser ousados como um leão (Pv 28.1); um cristão covarde, que tem medo de professar as doutrinas ou de praticar os deveres do evangelho, deve esperar que Cristo se envergonhe dele em outro tempo. "Não fraquejem no dia mau, mas mostrem-se valentes na sua firmeza contra toda a oposição, e na resistência a todos os inimigos, o mundo, a carne, o diabo e a própria morte". Temos necessidade da virtude enquanto vivemos, e será de excelente utilidade quando morrermos. 2. O crente precisa acrescentar a *ciência*, ou o conhecimento, à virtude, e a prudência, à sua coragem; há um conhecimento do nome de Deus que precisa ir adiante da nossa fé (Sl 9.10), e não podemos aprovar a vontade de Deus como boa e aceitável e perfeita até que a conheçamos. Mas há as circunstâncias apropriadas para o dever, que precisam ser conhecidas e observadas; precisamos usar os meios designados e observar o tempo oportuno. A prudência cristã considera as pessoas com quem estamos lidando e o lugar e companhia em que estamos. Cada crente precisa se empenhar na busca do conhecimento e da sabedoria que são proveitosos para orientar quanto ao método e ordem adequados em que todos os deveres cristãos devem ser realizados e quanto à forma e maneira de realizá-los. 3. Precisamos acrescentar a *temperança* ao conhecimento. Precisamos ser moderados e sóbrios no nosso amor pelas coisas boas desta vida e no nosso uso delas; e, se temos a compreensão e conhecimento corretos dos confortos exteriores, veremos que seu valor e utilidade são muito inferiores às misericórdias espirituais. Exercícios corporais e privilégios corporais têm pouco proveito, e por isso devem ser estimados de acordo com isso. O evangelho ensina tanto a sobriedade quanto a honestidade (Tt 2.12). Precisamos ser moderados no desejo e uso das coisas boas da vida natural, como carne, bebida, roupas, sono, recreação e dinheiro. Um desejo imoderado dessas coisas é incoerente com o desejo sincero por Deus e Cristo; e os que tomam para si mais dessas coisas do que é adequado não podem entregar nem a Deus nem ao homem o que lhes é devido. 4. À temperança acrescente a *paciência*, que precisa ter *a sua obra perfeita* porque senão não seremos "*...perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma*" (Tg 1.4). Porque nascemos para as dificuldades e precisamos passar por muitas tribulações para entrar no Reino dos céus; e é essa tribulação (Rm 5.3) que opera a paciência, isto é, exige o exercício e causa o aumento dessa graça, pela qual suportamos todas as calamidades e cruzes com quietude e submissão, sem murmuração contra Deus ou sem nos queixarmos dele, mas inocentando aquele que coloca toda a aflição sobre nós, reconhecendo que os nossos sofrimentos são menores do que nos faz merecer o nosso pecado, e crendo que não são maiores do que precisamos. 5. À paciência precisamos acrescentar a *piedade*, e essa é exatamente a conseqüência produzida pela paciência, pela experiência dessa obra (Rm 5.4). Quando os cristãos suportam as aflições com paciência, obtêm um conhecimento experimental do amor leal do seu Pai que Ele não vai tirar dos seus filhos, mesmo que Ele tenha de visitar "*...com vara a sua transgressão, e a sua iniqüidade, com açoites*" (Sl 89.32,33), e por meio disso eles são levados ao temor infantil e reverente em que consiste a verdadeira piedade. A isso: 6. Precisamos acrescentar o amor fraternal, uma afeição terna por todos os nossos irmãos cristãos, que são filhos do mesmo Pai, servos do mesmo Senhor, membros da mesma família, peregrinos a caminho da mesma pátria e herdeiros da mesma herança, e, por isso, precisam ser amados ardentemente com um coração puro, com um amor de complacência, como aqueles que estão peculiarmente próximos de nós e nos são especialmente caros, em quem temos prazer particular (Sl 16.3). 7. *Caridade*, ou o prazer na boa vontade para com toda a humanidade, precisa ser acrescentada ao amor e prazer que temos por todos os filhos de Deus. Deus de um sangue fez todas as nações, e todos os filhos dos homens são participantes da mesma natureza humana, são todos suscetíveis à mesma misericórdia; mesmo que no aspecto espiritual os cristãos sejam distinguidos e dignificados acima dos que não têm Cristo, contudo eles devem compadecer-se dos outros nas suas calamidades, e aliviar as suas necessidades, e promover o seu bem-estar tanto do corpo quanto da alma, à medida que tiverem oportunidade.

Assim, todos os crentes em Cristo devem evidenciar que são filhos de Deus, que é bom para todos, mas especialmente bom para Israel.

II Temos de ter todas as qualidades mencionadas anteriormente, ou não estaremos "*...perfeitamente instruído para toda boa obra*" (2 Tm 3.17) – para os deveres da primeira e da segunda tábuas, para a obediência ativa e passiva e para aquelas tarefas em que devemos imitar a Deus, como também para aquelas em que só lhe obedecemos. E para que nos empenhemos na busca diligente e incansável delas, o apóstolo esboça as vantagens que resultam para aqueles que são bem-sucedidos em trabalhar para que essas coisas estejam neles e aumentem neles (vv. 8-11). O autor propõe o seguinte:

1. De forma geral (v. 8). Ter "*...estas coisas*" não nos fará "*...ociosos nem estéreis*"; mas, de acordo com o estilo do Espírito Santo, precisamos entender muito mais aqui do que está expresso; pois quando se diz acerca do rei Acaz, o pior e mais desafiador rei de Judá, que "*...não fez o que era reto aos olhos do Senhor, seu Deus*" (2 Rs 16.2), temos de entender isso como se tivesse sido dito: Ele fez o que era mais ofensivo e abominável, como mostra o relato da sua vida a seguir. Assim, quando o autor diz aqui que o fato de essas coisas estarem e aumentarem em nós não vai nos tornar ociosos nem estéreis, precisamos com isso entender que vão nos tornar muito zelosos e avivados, fortes e ativos, em toda prática do cristianismo, e eminentemente frutíferos nas obras da justiça. Estas vão dar muita glória a Deus, ao produzir muitos frutos entre os homens, ao serem frutíferos no conhecimento ou no reconhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo, reconhecendo-o como o seu Senhor e evidenciando serem seus servos pela abundância na obra que Ele lhes deu para fazer. Essa é a conseqüência necessária de acrescentar uma qualidade à outra; pois, quando todas as qualidades cristãs estão no coração, elas aperfeiçoam e fortalecem, encorajam e cuidam, umas das outras. Assim todas florescem e crescem (como o apóstolo sugere no início do v. 8), e sempre que a graça é abundante, aí haverá abundância de boas obras. O apóstolo mostra como é desejável estar nesse estado (v. 9). Aí ele expõe como é miserável viver sem essas qualidades vivificantes; pois aquele que não tem as qualidades mencionadas acima, ou, embora faça de conta ou pareça que as tem, e não as exercita e aperfeiçoa, este é *cego*, isto é, com relação às coisas celestiais e espirituais, como explicam as palavras a seguir: "*...nada vendo ao longe*". Este mundo mau ele consegue enxergar, e se fixa nele, mas não tem discernimento algum do mundo por vir, a ponto de ser afetado pelos privilégios espirituais e as bênçãos celestiais dele. Aquele que vê as excelências do cristianismo precisa ser diligente em se empenhar na busca de todas essas qualidades que são absolutamente necessárias para se obter "*...glória, honra e incorrupção*" (Rm 2.7). Mas, quando essas qualidades não são obtidas, nem há empenho para obtê-las, os homens não são capazes de olhar a não ser um pouquinho além da realidade, embora na aparência, ou na sua apreensão, estejam a uma grande distância, porque eles as colocam a uma grande distância deles. E como é desprezível a condição daqueles que estão assim cegos em relação às coisas admiravelmente grandes do outro mundo, que não conseguem ver coisa alguma da realidade e da certeza, da grandeza e da proximidade, das recompensas gloriosas que Deus vai conceder aos justos, e dos castigos terríveis que Ele vai infligir aos ímpios! Mas essa ainda não é toda a miséria daqueles que não acrescentam à sua *fé a virtude, ciência* etc. Eles são tão incapazes de olhar para trás quanto o são de olhar para frente, sua memória é enganosa e incapaz de reter o que já passou, assim como sua vista é curta e incapaz de discernir o futuro. Eles se esqueceram que foram batizados, e que receberam os meios, e que foram colocados debaixo das obrigações da santidade de coração e vida. Por meio do batismo, somos engajados na guerra santa contra o pecado, o mundo e o diabo. Relembre com freqüência e medite com seriedade no solene compromisso de pertencer ao Senhor, e nas suas vantagens e encorajamentos peculiares para deixar de lado "*...toda imundícia da carne e do espírito...*" (2 Co 7.1).

2. O apóstolo propõe duas vantagens particulares que vão seguir a diligência na obra do cristão: estabilidade na graça e uma entrada triunfante na glória. Estas ele inclui ao retomar a sua exortação anterior, e ao expô-la de outra forma; pois o que no versículo 5 é expresso por: "*...pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé*" etc. é expresso no versículo 10 por: "*...procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição*". Aqui podemos observar: (1) É tarefa dos crentes "*...fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição*", esclarecer para si mesmos que eles são eleitos de Deus. (2) A maneira de fazer firme a sua eleição eterna é compreender o seu real chamado. Ninguém pode olhar no livro dos planos e decretos eternos de Deus; mas, visto que "*...aos que predestinou, a esses também chamou*" (Rm 8.30), se descobrirmos que fomos de fato chamados, podemos concluir que fomos eleitos para a salvação. (3) São necessários grande diligência e grande esforço para tornar firmes o nosso chamado e eleição. Precisa haver um exame minucioso de nós mesmos, uma busca muito detalhada e uma investigação severa, se somos verdadeiramente convertidos, se nossa mente está iluminada, se nossa vontade está renovada, e toda a nossa alma foi mudada com respeito à inclinação dela. E chegar a uma firme certeza disso exige a mais intensa diligência, e ela não pode ser obtida e guardada sem a ajuda divina, como podemos aprender de Salmos 139.23; Romanos 8.16. "Mas, por maior que seja o labor, não pensem muito nisso, pois grande é a vantagem que vocês ganham com isso; pois": [1] "Por meio disso, vocês serão protegidos de cair, e isso em todos os tempos e épocas, mesmo nas horas de tentações que virão sobre a terra". Quando outros caírem em pecados abomináveis e escandalosos, os que são assim diligentes serão capacitados a caminhar com cautela e continuar no caminho do seu dever; e, quando muitos outros caírem no erro, estes serão preservados intactos na sua fé e ficarão perfeitamente firmes e completos em toda a vontade de Deus. [2] Aqueles que são diligentes na obra da religião terão uma entrada triunfante na glória. Conquanto daqueles poucos que vão ao céu alguns sejam salvos com grande dificuldade (1 Pe 4.18), *como pelo fogo* (1 Co 3.15), os que estão crescendo na graça, e são *abundantes na obra do Senhor*, terão uma grande entrada para a alegria do seu Senhor, naquele reino eterno em que Cristo reina, e *reinarão com Ele para todo o sempre*.

Os Esforços Espirituais
vv. 12-15

I A importância e a vantagem do progresso e perseverança na graça e na santidade fizeram o apóstolo se tornar muito diligente no desempenho da obra como ministro de Cristo, para que assim pudesse estimular e ajudá-los a serem diligentes no seu dever como cristãos. Se ministros forem negligentes na obra que realizam, não se pode esperar que as pessoas sejam diligentes na obra delas. Pelo que Pedro diz: "*...não deixarei de...*" (isto é, em nenhum lugar ou época, em nenhuma parte da obra dele, em nenhum aspecto da ordem dele), mas, diz ele, será exemplar e em tudo diligente, e isso na obra de alguém que foi designado para lembrá-los. Essa é a missão dos melhores ministros, até mesmo dos próprios apóstolos; eles fazem isso para o Senhor (Is 62.6). Eles são especialmente obrigados a fazer menção das promessas e a trazer à memória de Deus o seu compromisso de fazer o bem ao seu povo. Eles também ajudam o povo a lembrar, ao fazerem menção dos preceitos de Deus e ao trazerem à memória deles as doutrinas e deveres do cristianismo, para que possam lembrar os mandamentos de Deus e praticá-los. E isso o apóstolo faz, embora algumas pessoas achem que isso seja desnecessário, visto que eles já sabem das coisas sobre as quais ele está escrevendo, e estão firmados na mesma verdade em que ele está insistindo. Cbserve: 1. Precisamos ser lembrados do que já sabemos para evitar que esqueçamos, e para aperfeiçoar o nosso conhecimento e colocá-lo em prática. 2. Precisamos ser firmados nas convicções da verdade, para que não sejamos abalados por todo vento de doutrina, e especialmente naquela que é nossa verdade presente, a verdade mais peculiarmente necessária ao nosso conhecimento nestes dias, a verdade que pertence à nossa paz, e que é mais fortemente desafiada em nosso tempo. As grandes verdades do evangelho, que Jesus é o Cristo, que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores, que os que crêem no Senhor Jesus Cristo serão salvos, e que todos os que crêem em Deus precisam se empenhar em fazer boas obras – estas são verdades em que o apóstolo insistiu nos dias deles. Fiel é a palavra e digna de aceitação em todas as épocas da igreja cristã. E, visto que essas doutrinas precisam ser constantemente afirmadas pelos ministros (Tt 3.8), assim as pessoas devem ser bem instruídas e firmadas nelas, mas elas precisam, mesmo assim, depois de tudo que obtiveram de conhecimento, ser lembrados de tais coisas pois estas nunca podem ser conhecidas demais nem cridas demais. Nem os cristãos mais desenvolvidos, enquanto estiverem neste mundo, podem estar acima das ordenanças, nem além da necessidade daqueles meios que Deus estabeleceu e fornece. E, se as pessoas necessitam de ensino e exortação enquanto estão no corpo, é muito adequado e justo que os ministros, enquanto estiverem nesse tabernáculo, instruam-nas e exortem-nas, e tragam à memória delas aquelas verdades que já ouviram anteriormente, pois isso é um meio muito apropriado para estimulá-las a serem diligentes e estarem animadas no curso da obediência ao evangelho.

II O apóstolo, por estar com a mente fixa no seu trabalho, nos conta (v. 14) o que o torna zeloso nessa questão, e especialmente o conhecimento que tem, de que não só certamente, mas também em breve, ele vai ter de "*...deixar este meu tabernáculo*". Observe: 1. O corpo é apenas o tabernáculo da alma. É uma estrutura insignificante e móvel, cujas estacas podem ser facilmente removidas, e suas cordas, prontamente rompidas. 2. Esse tabernáculo precisa ser tirado. Não vamos continuar por muito tempo nessa casa terrena. Como à noite tiramos a nossa roupa, e a guardamos, assim na morte precisamos tirar o nosso corpo, e ele precisa ser guardado no túmulo até a manhã da ressurreição. 3. A proximidade da morte torna o apóstolo diligente na missão que tem na vida. O nosso Senhor Jesus lhe mostrou que o tempo da sua partida está próximo, e por isso ele se empenha com maior zelo e diligência, porque o tempo é curto. Ele precisa ser afastado em breve daqueles a quem está escrevendo. E visto que sua aspiração é que eles lembrem da doutrina que lhes escreveu, depois de ele ser afastado deles, coloca a sua exortação por escrito. O apóstolo não tinha muito apreço pela tradição oral. Esse não era um meio muito adequado para ele atingir o alvo que tinha em mente. Ele queria que sempre lembrassem essas coisas, não somente as mantivessem na mente, mas também que fizessem menção delas, como é o significado das palavras no original. Os que temem o Senhor fazem menção do seu nome, e falam do seu amor leal. Essa é a forma de difundir o conhecimento do Senhor, e é isso que o apóstolo tem em seu coração; e os que têm a palavra escrita de Deus estão capacitados a agir dessa forma.

A Evidência do Evangelho
vv. 16-21

Aqui temos a razão da exortação dada anteriormente, e isso com muita diligência e seriedade. Essas coisas não são fábulas inúteis, ou uma coisa vã, mas contêm uma verdade inquestionável e são de interesse amplo. O evangelho não é constituído de "*...fábulas artificialmente compostas*". Essas não são as palavras de alguém que tem demônio, nem a invenção de qualquer número de homens que por meio de astúcias e artifícios se empenham em enganar os outros. O caminho da salvação por meio de Jesus Cristo é eminentemente o plano de Deus, a mais excelente idéia do infinitamente sábio Jeová; foi Ele que inventou esse caminho de salvar pecadores por meio de Jesus Cristo, cujo poder e vinda são anunciados no evangelho, e a pregação do apóstolo é a divulgação dessas coisas. 1. A pregação do evangelho é tornar conhecido o poder de Cristo, que Ele é capaz de salvar até o último dos pecadores que vêm a Deus por meio dele. Ele é o Deus todo-poderoso, e por isso pode salvar tanto da culpa quanto da imundície do pecado. 2. A vinda de Cristo também é revelada pela pregação do evangelho. Aquele que foi prometido imediatamente após a queda do homem, para que na plenitude dos tempos nascesse de mulher, agora veio em carne; e todo aquele que negar isso é um anticristo (1 Jo 4.3), é influenciado pelo espírito do anticristo. Mas aqueles que são os verdadeiros apóstolos e ministros de Cristo, e são dirigidos e orientados pelo Espírito de Cristo, evidenciam que Cristo veio de acordo

com a promessa em que os fiéis do Antigo Testamento creram quando morreram (Hb 11.39). Cristo veio em carne. E, "*...visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas*" (Hb 2.14), para que pudesse sofrer na natureza e no lugar deles, e, por meio disso, fazer expiação. O evangelho é muito claro e circunstancial em esboçar essa vinda de Cristo; mas há uma segunda vinda, que ele menciona da mesma forma, que os ministros do evangelho também devem tornar conhecida, quando Ele vai vir na glória do seu Pai com todos os seus santos anjos, pois Ele foi designado para ser o juiz do mundo em justiça segundo o evangelho eterno, e vai nos chamar para dar conta de todas as coisas feitas no corpo, sejam boas ou más. 3. E embora esse evangelho de Cristo tenha sido chamado de forma blasfema de *fábula* por alguns daqueles miseráveis que se chamam de sucessores de Pedro, o nosso apóstolo prova que é uma das maiores certezas e realidades, visto que durante a bendita habitação do nosso Salvador aqui na terra, quando Ele assumiu a forma de servo e foi encontrado em semelhança humana, Ele às vezes se manifestou como Deus, e particularmente ao nosso apóstolo e aos dois filhos de Zebedeu, que foram testemunhas oculares da sua majestade divina, quando Jesus "*...transfigurou-se diante deles. E as suas vestes tornaram-se resplandecentes, em extremo brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear*" (Mc 9.2,3). Disso, Pedro, Tiago e João foram testemunhas oculares, e por isso podem e devem atestá-lo. E certamente o testemunho deles é verdadeiro, quando testemunham o que viram com os seus olhos, e mais, ouviram com os seus ouvidos; pois, além da glória visível com que Cristo foi revestido aqui na terra, veio uma voz audível do céu. Observe aqui: (1) Que generosa declaração foi feita: "*Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo*" (Mt 17.5) – a mais bela voz que jamais desceu do céu. Deus está satisfeito com Cristo e conosco por meio dele. Esse é o Messias que foi prometido, por meio de quem todos os que crerem nele serão salvos. (2) Essa declaração é feita por Deus, o Pai, que dessa forma reconhece publicamente o seu Filho (mesmo no seu estado de humilhação, quando estava em forma de servo), e ainda o proclama como sendo seu Filho amado, quando Ele está nessa condição humilde. Sim, as circunstâncias vis e humilhantes de Cristo estão tão longe de diminuir o amor do Pai por Ele que o fato de ter entregue a sua vida é considerado uma razão especial do amor do Pai (Jo 10.17). (3) O propósito dessa voz foi fazer uma honra singular ao nosso Salvador enquanto Ele estava aqui embaixo: Ele recebeu honra e glória de Deus Pai. Essa é a pessoa que Deus tem prazer de honrar. Assim como Ele exige de nós que demos honra e glória ao seu Filho ao confessá-lo como o nosso Salvador, assim Ele dá glória e honra ao nosso Salvador ao declará-lo como seu Filho. (4) Essa voz vem do céu, chamado aqui de "*...magnífica glória...*", que reflete uma honra maior ainda para o nosso bendito Salvador. Essa declaração vem de Deus, a fonte da honra, e do céu, o trono da glória, onde Deus está mais gloriosamente presente. (5) Essa voz foi ouvida, e de tal forma que foi entendida por Pedro, Tiago e João. Eles não ouviram somente um som (como as pessoas, Jo 12.28,29), mas eles entenderam o sentido. Deus abre os ouvidos e o entendimento do seu povo para receber o que lhes interessa saber, quando outros são como os companheiros de Paulo, que somente ouviram um som de palavras (At 9.7), mas não entenderam o significado delas, e por isso se diz que não ouviram a voz de quem falou (At 22.9). Bem-aventurados são os que não somente ouvem, mas entendem, que crêem na verdade e sentem o poder da voz do céu, como fez aquele que testifica essas coisas. E temos todas as razões do mundo para receber o seu testemunho; pois quem se negaria a dar crédito ao que é estabelecido de forma tão circunstancial como esse relato da voz do céu, da qual o apóstolo nos conta que: (6) Ela foi ouvida por aqueles no santo monte, quando estavam com Jesus? O lugar em que Deus concede alguma manifestação peculiarmente generosa de si mesmo é por meio disso tornado santo, não de uma santidade inerente, mas assim como o chão em que Deus apareceu a Moisés era sagrado (Êx 3.5), e o monte santo em que o templo foi construído (Sl 87.1). Tais lugares são relativamente sagrados, e devem ser considerados como tais durante o tempo em que os homens experimentam, ou por promessa da palavra esperam, a presença especial e a influência generosa do santo e glorioso Deus.

A Inspiração das Escrituras

vv. 19-21

Nessas palavras, o apóstolo apresenta mais um argumento para provar a verdade e realidade do evangelho, e dá a entender que essa segunda prova é mais forte e convincente do que a anterior, e de forma mais inquestionável mostra que a doutrina do poder e da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo não é uma mera fábula ou invenção astuciosa dos homens, mas o plano sábio e maravilhoso do santo e bondoso Deus. Pois foi prenunciado pelos profetas e autores do Antigo Testamento, que falaram e escreveram sob a influência e de acordo com a direção do Espírito de Deus. Observe aqui:

I A descrição que é dada das Escrituras do Antigo Testamento: são chamadas de "*...mui firme, a palavra dos profetas*". 1. É uma declaração profética do poder e da vinda, da divindade e encarnação, do nosso Salvador, que temos no Antigo Testamento. Lá foi profetizado que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente (Gn 3.15). O seu poder de destruir o diabo e suas obras, e o fato de nascer de mulher, são aí preditos. E o grande e temível nome de Deus no Antigo Testamento, *Jeová* (como é lido por alguns), significa somente *Ele será*; e esse nome de Deus (Êx 3.14) é formulado por muitos: *Eu serei o que serei*. E, assim entendido, aponta para o fato de Deus ter se encarnado para a salvação e redenção do seu povo como algo que estava por vir. Mas o Novo Testamento é a história daquilo de que o Antigo Testamento é a profecia. "*Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João*" (Mt 11.13). E os evangelistas e os apóstolos escreveram a história do que foi transmitido antes como profecia. Agora, o cumprimento do Antigo Testamento pelo Novo, e a concordância do Novo Testamento com o Antigo, são uma demonstração completa da verdade de ambos. Leia o Antigo Testamento como uma profecia de Cristo, e com diligência e gratidão use o

Novo Testamento como a melhor explicação do Antigo. 2. O Antigo Testamento é a palavra mais segura da profecia. É assim para os judeus que o receberam como os oráculos de Deus. Os profetas que vieram depois confirmaram o que havia sido transmitido pelos que vieram antes, e essas profecias tinham sido escritas pela ordem expressa de Deus, e preservadas por seu cuidado especial, e muitas tinham sido cumpridas pela maravilhosa providência de Deus, e por isso eram mais seguras para aqueles que tinham em todo o tempo recebido e lido as Escrituras do que o relato dos apóstolos dessa voz do céu. "...*Moisés e os profetas*..." persuadem de forma mais convincente até do que os milagres (Lc 16.31). Como deveria ser firme e segura a nossa fé, que tem uma palavra tão firme e segura em que se apoiar! Todas as profecias do Antigo Testamento são mais certas e seguras para nós que temos a história dos mais exatos e detalhados cumprimentos delas.

II O encorajamento do apóstolo nos faz investigar as Escrituras. Ele nos diz: Fazemos bem *em estar atentos* a elas, isto é, que apliquemos a nossa mente para entender o sentido, e o nosso coração para crer na verdade dessa palavra firme, e mais, que nos submetamos a ela para que sejamos forjados e formados por ela. A palavra é aquela forma de doutrina em que precisamos ser forjados (Rm 6.17), aquela "...*forma da ciência*..." (Rm 2.20) pela qual devemos regular nossos pensamentos e sentimentos, nossas palavras e confissões, toda a nossa vida e comportamento. Se assim nos aplicarmos à palavra de Deus, certamente seremos bem-sucedidos em todos os aspectos, no que é agradável a Deus e proveitoso para nós mesmos; e isso não é nada mais do que dar a atenção que é devida aos oráculos de Deus. Mas, para darmos essa atenção à Palavra, o apóstolo sugere algumas coisas que são de uso singular para aqueles que dão atenção às Escrituras para qualquer bom propósito. 1. Eles precisam considerar e usar as Escrituras como uma luz que Deus enviou e estabeleceu no mundo, para dissipar aquela escuridão que está sobre a face de toda a terra. A palavra é uma lâmpada para os pés dos que a usam corretamente; isso revela o caminho em que o homem deve andar; esse é o meio pelo qual passamos a conhecer o caminho da vida. 2. Eles precisam reconhecer a sua própria escuridão. Este mundo é um lugar de engano e ignorância, e nenhum homem no mundo tem naturalmente esse conhecimento que é necessário para obter a vida eterna. 3. Se de alguma forma os homens se tornam sábios para a salvação, isso ocorre pelo brilho da palavra de Deus no seu coração. Noções naturais de Deus não são suficientes para o homem caído, que na realidade sabe muito menos de Deus do que Adão sabia enquanto ainda era inocente, e, no entanto, precisa absolutamente saber mais desse Deus do que Adão sabia. 4. Quando a luz das Escrituras é lançada na mente cega e no entendimento sombrio pelo Espírito Santo de Deus, então alvorece o dia espiritual e a estrela da manhã surge naquela alma. Esse esclarecimento de uma mente escura e ignorante é como a aurora que cresce e avança, se espalha e se difunde por toda a alma, até que seja dia perfeito (Pv 4.18). É um conhecimento crescente; os que são assim esclarecidos nunca pensam que sabem o suficiente, até que venham a conhecer como são conhecidos. Dar atenção a essa luz precisa ser o interesse e o dever de todos; e todos que praticam a verdade vêm a essa luz, enquanto os malfeitores se mantêm à distância dela.

III O apóstolo estabelece uma condição como previamente necessária para que possamos dar atenção às Escrituras e nos tornar bons por meio delas, e isso é saber que toda profecia é de origem divina. Essa verdade importante ele não somente afirma, mas também prova. 1. Observe: Nenhuma profecia das Escrituras é de interpretação particular (ou da opinião pessoal do homem, uma explicação da sua própria mente), mas a revelação da mente de Deus. Essa era a diferença entre os profetas do Senhor e os profetas falsos que estiveram no mundo. Os profetas do Senhor não disseram nem falaram nada que viesse da sua própria mente, como Moisés, o principal deles, diz expressamente (Nm 16.28): "*Nisto conhecereis que o Senhor me enviou a fazer todos estes feitos, que de meu coração não procedem*". Nem os feitos nem os estatutos ou ordenanças procediam da mente dele. Mas os falsos profetas "...*falam da visão do seu coração, não da boca do Senhor*" (Jr 23.16). Os profetas e autores das Escrituras falaram e escreveram o que era a mente de Deus; e mesmo que, quando sob a influência e orientação do Espírito, seja fácil pressupor que estivessem dispostos a revelar e registrar tal coisa, ainda assim é porque Deus os fazia falar e escrever. Mas embora as Escrituras não sejam a efusão das opiniões e inclinações particulares do homem, mas a revelação da mente e da vontade de Deus, mesmo assim todo homem particular deve investigá-las, e vir a entender o sentido e significado delas. 2. Essa importante verdade da origem divina das Escrituras (que o que elas contêm é a mente de Deus e não do homem) deve ser conhecida e reconhecida por todos aqueles que querem dar atenção à firme palavra da profecia. Que as Escrituras são a palavra de Deus não é somente um artigo de fé do verdadeiro cristão, mas também uma questão de ciência e conhecimento. Assim como um homem não acredita somente, mas sabe com certeza que aquela pessoa, em que ele vê as marcas e características apropriadas, peculiares e distintivas de um amigo, é de fato o seu amigo particular, assim o cristão sabe que o livro em que ele vê todas as marcas e características da palavra inspirada divinamente é de fato a palavra de Deus. Ele percebe que o aroma, o poder que sente, e a glória que vê nela são verdadeiramente divinos. 3. A divindade das Escrituras precisa ser conhecida e reconhecida em primeiro lugar, antes que os homens possam usá-las de maneira proveitosa, antes que possam dar a atenção adequada a elas. Desviar a nossa mente de todos os outros escritos e aplicá-la de maneira peculiar a estes escritos como a única regra certa e infalível necessariamente requer a nossa plena convicção de que estes são divinamente inspirados, e contêm o que é verdadeiramente a mente e a vontade de Deus.

IV Vendo que é tão absolutamente necessário que as pessoas sejam completamente persuadidas da origem divina das Escrituras, o apóstolo (v. 21) lhes diz

como o Antigo Testamento veio a ser compilado, e isso: 1. Negativamente: Não "...*foi produzida por vontade de homem algum*". Nem as coisas em si que foram registradas e constituem as diversas partes do Antigo Testamento são a opinião dos homens, nem ocorreu que a vontade de qualquer um dos profetas ou autores dessas Escrituras se tornasse a regra ou razão por que foram escritas quaisquer das coisas que constituem o Cânon das Escrituras. 2. Afirmativamente: "...*os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*". Observe: (1) Eles eram homens santos de Deus que se ocuparam com o livro que recebemos como a palavra de Deus. Se Balaão ou Caifás e outros que eram destituídos de santidade ocasionalmente tiveram algo do espírito de profecia, mesmo assim essas pessoas não foram empregadas para escrever nenhuma parte das Escrituras para o uso da igreja de Deus. Todos os autores das Escrituras eram santos homens de Deus. (2) Esses "...*homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*" naquilo que transmitiram como sendo a mente e a vontade de Deus. O Espírito Santo é o agente supremo, os homens santos são apenas instrumentos. [2] Ele de forma poderosa os estimulou e os engajou a falar (e escrever) o que tinha posto na boca deles. [3] Ele tão sábia e cuidadosamente os ajudou e orientou na transmissão do que tinham recebido dele que de fato eles foram protegidos de qualquer mínimo erro na expressão do que revelaram; assim que até as palavras exatas das Escrituras devem ser consideradas as palavras do Espírito Santo, e toda a clareza e simplicidade, todo o poder e virtude, toda a elegância e propriedade, das palavras e expressões exatas devem ser consideradas por nós como procedentes de Deus. Acrescente a fé, portanto, ao que você encontra nas Escrituras; estime e reverencie a sua Bíblia como o livro escrito por homens santos, inspirados, influenciados e ajudados pelo Espírito Santo.

Capítulo 2

Tendo exortado os seus leitores no capítulo anterior a prosseguirem avançando na corrida cristã, o apóstolo agora tenta remover o tanto que ele puder aquilo que entende que vai atrapalhar a sujeição deles às suas exortações. Por isso, eles lhes dá as advertências devidas acerca dos falsos mestres, por quem podem estar em perigo de serem seduzidos. Para evitar isso: I. Ele descreve esses sedutores como ímpios em si mesmos, e muito perniciosos para os outros (vv. 1-3). II. Ele lhes assegura dos castigos que vão cair sobre eles (vv. 3-6). III. Ele nos conta como é diferente o método que Deus usa com os que o temem (vv. 7-9). IV. Ele completa o restante do capítulo com uma descrição detalhada daqueles sedutores dos quais quer proteger os seus leitores.

Os Falsos Profetas e os Líderes Corruptos

vv. 1-3a

I No final do capítulo anterior, faz-se menção aos homens santos de Deus, que viveram na época do Antigo Testamento e foram usados como os instrumentos do Espírito Santo, ao escreverem os oráculos sagrados; mas no início deste capítulo, ele nos conta que existiram, mesmo naquela época, falsos profetas na igreja junto aos verdadeiros. Em todas as épocas da igreja, e em todas as dispensações, quando Deus envia os verdadeiros profetas, o diabo manda alguns para seduzir e enganar, os falsos profetas no Antigo Testamento, e os falsos cristos, falsos apóstolos e mestres enganadores no Novo. Acerca desses, observe: 1. A ocupação deles é introduzir enganos destruidores, até mesmo heresias abomináveis, assim como a ocupação dos mestres enviados por Deus é mostrar o caminho da verdade, até mesmo o caminho verdadeiro para a vida eterna. Há heresias abomináveis como também práticas abomináveis; e os falsos mestres são diligentes em difundir esses erros perniciosos. 2. Heresias abomináveis são em geral introduzidas secretamente, sob o manto e o disfarce da verdade. Aqueles que introduzem heresias destrutivas "...*negarão o Senhor que os resgatou*". Eles rejeitam e se negam a ouvir e aprender do grande mestre enviado por Deus, embora Ele seja o único Salvador e Redentor dos homens, que pagou o preço suficiente para redimir todos os pecadores que há no mundo. 3. Os que introduzem enganos destrutivos sobre outros trazem "...*sobre si mesmos repentina* (e por isso segura) *perdição*". Autodestruidores são destruídos rapidamente; e os que estão tão endurecidos que propagam enganos destrutivos para outros serão certa e repentinamente destruídos, e isso sem escapatória.

II No segundo versículo, ele passa a relatar a conseqüência com respeito aos outros. E aqui podemos aprender: 1. Líderes corruptos raramente têm poucos seguidores; embora o caminho do erro seja um caminho pernicioso, muitos estão dispostos a andar nele. Os homens ingerem a iniqüidade como água, e têm prazer em viver no erro. "...*os profetas profetizam falsamente,* [...] *e o meu povo assim o deseja*" (Jr 5.31). 2. A difusão do engano vai produzir um relato danoso ao caminho da verdade; isto é, o caminho da salvação por Jesus Cristo, que é "...*o caminho, a verdade e a vida*". O cristianismo vem do Deus da verdade como o seu autor, conduz à verdadeira felicidade no desfrute do verdadeiro Deus como o alvo e produz a verdade na parte interior como meio de servir a Deus de forma aceitável. E mesmo assim, esse caminho da verdade é difamado e blasfemado por aqueles que adotam e promovem enganos destrutivos. Isso o apóstolo prenunciou como algo que certamente aconteceria. Que não nos deixemos ofender por qualquer coisa dessas nos nossos dias, mas cuidemos em não dar ocasião ao inimigo para blasfemar o santo nome pelo qual somos chamados, ou falar mal do caminho pelo qual esperamos ser salvos.

III Observe, a seguir, o método que os enganadores usam para atrair discípulos para que os sigam: eles usam "...*palavras fingidas*"; eles lisonjeiam, e por meio de palavras boas e discursos agradáveis enganam o coração dos simples, induzindo-os a se submeter totalmente às opiniões que esses enganadores se empenham em propagar, e a se vender e se entregar à instrução e domínio desses falsos mestres, que lucram com os

que se tornam seus prosélitos, servindo-se a si mesmos e tirando vantagem deles. Pois tudo isso acontece em virtude da ganância, com o desejo de ganhar mais riquezas ou dinheiro ou elogios, por meio do aumento do número de seguidores. Os ministros fiéis de Cristo, que mostram o caminho da verdade aos homens, desejam o lucro e a vantagem dos seus seguidores, para que estes sejam salvos; mas esses mestres sedutores desejam e planejam somente suas próprias vantagens temporais e sua grandeza no mundo.

Os Julgamentos Divinos

vv. 3b-6

Os homens tendem a pensar que o adiamento de uma sentença é um prenúncio do perdão, e se o julgamento não for executado rapidamente, é, ou certamente será, anulado. Mas o apóstolo nos diz que por mais bem-sucedidos e prósperos que os falsos mestres sejam, e isso por um período, "*...não será tardia a sentença*". Deus determinou há muito tempo como vai tratar com eles. Tais incrédulos, que se empenham em afastar outros da fé, já estão condenados, e a ira de Deus repousa sobre eles. O justo Juiz vai ser rápido na vingança; o dia da sua calamidade está à porta, e as coisas que virão sobre eles virão depressa. Para provar essa afirmação, aqui há diversos exemplos do justo julgamento de Deus, de vinganças contra pecadores, propostos para nossa consideração.

I Veja como Deus tratou com os anjos que pecaram. Observe: 1. Nenhuma excelência isenta um pecador do castigo. Se os anjos, que nos excedem amplamente em força e conhecimento, transgridem a lei de Deus, a sentença que essa lei prescreve cairá sobre eles, e isso sem misericórdia ou alívio, pois Deus não os poupou. Disso observe: 2. Quanto maior a excelência do transgressor, maior a severidade do castigo. Esses anjos, que tinham a vantagem dos homens com relação à dignidade da sua natureza, são imediatamente castigados. Não são poupados por alguns dias, não lhes é mostrado favor algum. 3. O pecado avilta e degrada as pessoas que o cometem. Os anjos do céu são lançados da altura da sua excelência, e despidos de toda a sua glória e dignidade, por causa da sua desobediência. 4. Todos aqueles que pecam contra o Deus do céu serão lançados no inferno. Não há lugar ou estágio entre a altura da glória e a profundidade e a miséria do inferno em que possam descansar. Os seres que pecam no céu precisam sofrer no inferno. 5. O pecado é a obra das trevas, e as trevas são o salário do pecado. As trevas da miséria e do tormento seguem as trevas do pecado. Os que não andam de acordo com a luz e a direção da lei de Deus serão privados da luz do semblante de Deus e do conforto da sua presença. 6. Assim como o pecado obriga os homens legalmente ao castigo, assim a miséria e o tormento mantêm os homens sob o castigo. A escuridão que é a sua miséria os mantém de tal forma que não podem fugir do seu tormento. 7. O último degrau de tormento só se atinge no dia do julgamento. Os anjos que pecaram, embora já estejam no inferno, ainda estão guardados para o juízo no grande dia.

II Veja como Deus lidou com o mundo antigo, em grande parte da mesma forma que lidou com os anjos. Ele não poupou o mundo antigo. Observe aqui: 1. O número de transgressores não significa nada mais para se obter qualquer favor do que a qualidade. Se o pecado for universal, o castigo da mesma forma se estenderá a todos. Mas: 2. Se houver apenas alguns justos, eles serão preservados. Deus não destrói os bons com os maus. Na ira Ele lembra da misericórdia. 3. Aqueles que são pregadores da justiça em uma época de corrupção e degeneração universais, *retendo a palavra da vida* por meio de um procedimento inculpável e exemplar, estes serão preservados em uma época de destruição geral. 4. Deus pode fazer uso dessas criaturas como agentes da sua vingança ao castigar os pecadores que Ele antes fez e apontou para o serviço e benefício deles. Ele destruiu o mundo todo pela água; mas observe: 5. Qual foi a causa geradora disso: era um mundo de "*...homens abomináveis*". A impiedade exclui os homens da proteção de Deus, e os expõe à total destruição.

III Veja como Deus lidou com Sodoma e Gomorra; ainda que essas cidades estejam situadas numa terra como o jardim do Senhor, mas se nessa terra frutífera eles vivem em pecado, Deus em pouco tempo pode tornar uma terra frutífera em árida, e uma terra bem irrigada em pó e cinzas. Observe: 1. Não há união política ou confederação que possa evitar os castigos de um povo pecaminoso. Sodoma e as cidades vizinhas não estavam nada mais seguras por causa de seu governo regular do que os anjos pela dignidade de sua natureza ou o mundo antigo pelo seu grande número de pessoas. 2. Deus pode fazer uso de seres humanos obstinados para castigar pecadores incorrigíveis. Ele destruiu o mundo antigo pela água, e Sodoma, pelo fogo. Aquele que protege o seu povo de ser ferido pelo fogo e pela água (Is 43.2) pode fazer com que qualquer um deles destrua os seus inimigos; por isso, eles nunca estão seguros. 3. Os pecados mais abomináveis produzem os castigos mais horríveis. Os que foram abomináveis em seus vícios foram notáveis por suas calamidades. Os que pecam excessivamente diante do Senhor precisam esperar a vingança mais terrível. 4. O castigo em épocas anteriores foi planejado para servir de exemplo para os que vêm depois. "Sigam-nos não somente no tempo de vida, mas no seu curso e forma de viver". Os homens que vivem de maneira ímpia precisam ver o que vão ter de esperar se continuarem no curso da impiedade. Que aceitemos a advertência por meio de todas as situações em que Deus exerceu a vingança, que foram registradas para nossa admoestação, e para impedir que nos iludamos com promessas de impunidade a nós mesmos, mesmo continuando no curso do pecado.

Os Julgamentos Divinos

vv. 7-9

Quando Deus envia destruição aos ímpios, ordena o livramento para os justos. E, se Ele faz chover fogo e enxofre sobre os maus, vai cobrir a cabeça dos justos, e eles serão encobertos no dia da sua ira. Temos um exemplo disso

no fato de Ele preservar a Ló. Observe aqui: 1. O caráter de Ló é descrito. Ele é chamado de um homem *justo*; isso ele foi no que concerne à inclinação geral do seu coração e durante o maior tempo da sua vida. Deus não considera os homens justos ou injustos com base em um único ato, mas com base no curso geral da sua vida. E aqui está um homem justo em meio a uma geração corrupta e devassa que na sua totalidade se afastou de todo o bem. Ele não segue a multidão para fazer o mal, mas em uma cidade injusta anda de forma justa. 2. As impressões que os pecados de outros causaram nesse homem justo. Enquanto o pecador tem prazer na sua maldade, esta é motivo de tristeza e aflição para a alma do justo. Se estamos em má companhia, não escapamos ou da culpa ou da tristeza. Que os pecados dos outros sejam um sofrimento e transtorno para nós, ou então não será possível que nos mantenhamos puros. 3. Aqui está uma menção particular da duração e da continuação da tristeza e da aflição desse bom homem: "...*afligia todos os dias a* sua *alma*". O fato de estar acostumado a ouvir e ver a maldade deles não fazia com que ele se conformasse com ela, nem diminuía o horror causado por ela. Esse é o homem justo que Deus poupou do julgamento desolador que destruiu todos à sua volta. Desse exemplo aprendemos a argumentar que Deus sabe como livrar o seu povo e castigar os seus inimigos. Pressupõe-se aqui que os justos precisam ter suas tentações e provações. O diabo e seus agentes vão lançar aflições sobre eles para que caiam; e, se queremos chegar ao céu, isso precisa ocorrer por meio de muitas tribulações. Por isso, é nossa tarefa contar com elas e nos preparar para elas. Observe aqui: (1) *O Senhor conhece os seus*. Ele separou para si mesmo aquele que é temente a Ele. E, se há apenas um em cinco cidades, Ele o conhece; e se há um número maior deles, Ele não deixa de saber quem são nem os esquece. (2) A sabedoria de Deus nunca está no fim acerca de encontrar caminhos e meios para livrar o seu povo. Eles muitas vezes estão totalmente perdidos e não conseguem encontrar o caminho; Ele pode livrar a muitos. (3) O livramento dos piedosos é obra de Deus, aquilo com que Ele está ocupado, tanto sua sabedoria para imaginar o caminho quanto seu poder para "...*livrar da tentação*", para impedir a queda deles no pecado e evitar que eles sejam arruinados por suas dificuldades. E certamente, se Ele é capaz de livrar da tentação, Ele pode guardá-los de cair nela se Ele não perceber que essas provações sejam necessárias. (4) Deus faz uma diferença muito grande na sua forma de lidar com os piedosos e os ímpios. Quando Ele salva o seu povo da destruição, Ele entrega os seus inimigos à ruína merecida. Os injustos não têm parte na salvação que Deus preparou para os justos. Os ímpios estão reservados "...*para o Dia de Juízo*". Aqui vemos: [1] Há um Dia de Juízo. Deus designou um dia em que vai julgar o mundo. [2] A preservação dos pecadores impenitentes é somente uma separação deles para o dia da revelação do justo julgamento de Deus.

Os Falsos Mestres

vv. 10-22

Visto que o propósito do apóstolo é advertir-nos e armar-nos contra os enganadores, ele retorna agora para discursar mais particularmente acerca deles, e dar-nos um relato do caráter e da conduta deles, o que amplamente justifica o justo Juíz do mundo ao reservá-los de maneira especial para a grande e severa condenação, como Caim é colocado debaixo de proteção especial para que seja guardado para uma vingança incomum. Mas por que Deus vai agir dessa forma com os falsos mestres? Isso ele mostra no que segue.

I Eles "...*segundo a carne andam em concupiscências...*"; eles seguem os planos e desejos do seu próprio coração, eles se entregam à conduta da sua própria mente carnal, negando-se a fazer com que sua mente se curve à revelação divina, e a "...*levar cativo todo entendimento à obediência de Cristo*" (2 Co 10.5). Na sua vida, eles agem de forma exatamente contrária aos justos preceitos de Deus, e concordam com as exigências da natureza corrompida. Opiniões nocivas são com freqüência acompanhadas de práticas nocivas; e os que são a favor de propagar o erro são a favor de refinar a maldade. Eles não vão ficar sentados satisfeitos com a medida da iniqüidade que atingiram, e nem é suficiente para eles causar, e manter, e defender aquela maldade que já cometeram, mas eles andam *segundo a carne*, continuam no seu curso pecaminoso e ampliam a sua impiedade e sua impureza também; e eles desprezam os que Deus colocou em autoridade sobre eles e que Ele exige que honrem. Por isso, eles "...*resistem à ordenação de Deus*" (Rm 13.2), e isso não é de admirar, pois são ousados e atrevidos, obstinados e teimosos, e não vão somente cultivar o desprezo em seu coração, mas com sua língua vão pronunciar palavras totalmente caluniadoras e injuriosas contra aqueles que estão sobre eles.

II Ele agrava isso ao colocar diante deles a conduta muito diferente dos seres mais excelentes, os *anjos*, dos quais observe: 1. Eles são "...*maiores em força e poder*", e isso até mesmo mais do que aqueles que estão revestidos de autoridade e poder entre os filhos dos homens, e muito mais do que os falsos mestres que são caluniadores e difamadores dos magistrados e governadores. Os anjos bons nos excedem grandemente em todas as excelências naturais e morais, em força, entendimento e santidade também. 2. Os anjos bons são acusadores de seres pecaminosos, ou da sua própria espécie, ou da nossa, ou de ambas. Aqueles que têm permissão para contemplar a face de Deus e ficar diante do trono dele só podem mesmo ter zelo pela honra dele, e acusar e culpar os que o desonram. 3. Os anjos levam suas acusações contra seres pecaminosos diante do Senhor; eles não divulgam as suas falhas e não contam os seus delitos aos seres que são seus semelhantes, de forma caluniosa ou difamadora. Mas é diante do Senhor, que é o Juiz, e vai ser o vingador de toda a impiedade e injustiça. 4. Bons anjos não misturam insultos rancorosos nem censuras desprezíveis com nenhuma das acusações que levam contra os criminosos mais ímpios e perversos. Que nós, que oramos para que a sua vontade seja *feita tanto na terra como no céu*, imitemos os anjos nesse particular; se nos queixarmos de homens maus, que seja para Deus, e isso não com ódio e insultos, mas com compaixão e serenidade, que evidenciem pertencermos àquele que é humilde e misericordioso.

III Tendo mostrado (v. 11) quão diferentes os mestres enganadores são dos seres mais excelen-

tes, o apóstolo passa (v. 12) a mostrar como eles são semelhantes aos mais inferiores: eles são como o cavalo e a mula, sem entendimento; são como "...*animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos*". Os homens, sob o poder do pecado, estão tão distantes de observar a revelação divina que não exercitam a razão, muito menos agem de acordo com ela. Eles andam *por vista*, e não *por fé*, e julgam as coisas de acordo com seus sentidos; como estes representam coisas prazerosas e agradáveis, então elas devem ser aprovadas e estimadas. Animais irracionais seguem o instinto dos seus apetites sensuais, e o homem pecaminoso segue a inclinação da sua mente carnal; eles se negam a usar a compreensão e a razão que Deus lhes deu, e assim são ignorantes do que podem e devem fazer. E por isso observe: 1. A ignorância é a causa da difamação; e: 2. A destruição será o efeito disso. Essas pessoas serão totalmente destruídas nas suas próprias corrupções. Seus vícios não somente os expõem à ira de Deus em outro mundo, mas com freqüência os levam à ruína nesta vida. E, certamente, esses pecadores descarados, *cuja glória está na sua infâmia*, e para os quais a sinceridade no pecado é o aumento do prazer de pecar, mais do que justamente merecem todas as calamidades desta vida e os sofrimentos da vida por vir na sua maior intensidade. Portanto, tudo que receberem é o justo "...*galardão da injustiça*". Os pecadores que se divertem na maldade enganam-se a si mesmos e desgraçam todos a quem pertencem, pois por um tipo de pecado eles se preparam para o seguinte. Suas festas extravagantes e sua intemperança na comida e na bebida os levam a cometer todos os tipos de devassidão, por isso que têm "...*os olhos cheios de adultério*", e sua aparência libertina mostra seus próprios desejos impuros e o propósito de incendiar os mesmos em outros; e é isso que eles não conseguem cessar de fazer (v. 14) – o coração é insaciável na lascívia, e o olho não cessa de olhar o que possa gratificar os seus desejos impuros, e aqueles que são descarados e incessantes no pecado são muito diligentes e com freqüência bem-sucedidos em enganar outros e arrastar outros para os mesmos excessos de devassidão. Mas observe aqui quem são os que estão em maior perigo de serem desviados para o erro e a impiedade, que são os *inconstantes*. Aqueles cujo coração não está firmado com graça são facilmente desviados para o caminho do pecado, ou então esses canalhas sensuais não serão capazes de prevalecer sobre eles, pois esses não são somente devassos e lascivos, mas cobiçosos também, e com essas práticas o seu coração é exercitado. Eles anseiam por riquezas, e o desejo da sua alma é pela riqueza deste mundo. Grande parte do seu trabalho é realizada no plano de acumular riquezas; o seu coração é exercitado nisso, e então executam o seu projeto. E, se os homens se entregam a todo tipo de desejos, não é de admirar que o apóstolo os chame de "...*filhos de maldição*", pois eles estão suscetíveis à maldição de Deus denunciada contra esses homens ímpios e injustos, e eles atraem maldição sobre todos os que lhes dão atenção e os seguem.

IV O apóstolo (vv. 15,16) prova que eles são *filhos de maldição*, e são pessoas tão cobiçosas que o Senhor os abomina, ao mostrar que: 1. Eles deixaram "...*o caminho direito*"; e não pode ser diferente que tais egoístas que só buscam a si mesmos tenham de ficar fora do caminho direito, que é um caminho de autonegação. 2. Eles entraram por um caminho errado e se desviaram do caminho da vida, e passaram para o atalho que leva à morte, e dá no inferno. E isso ele prova ao mostrar que é o "...*caminho de Balaão, filho de Beor*". (1) Esse é o caminho da injustiça ao qual os homens são conduzidos pelo salário da injustiça. (2) Coisas exteriores temporais são o salário que os pecadores esperam e se prometem a si mesmos, mesmo que muitas vezes se sintam desapontados. (3) O amor imoderado pelas coisas boas deste mundo afasta os homens do caminho que conduz a coisas indizivelmente melhores na outra vida; o amor pelas riquezas e pela honra desviou Balaão do caminho do seu dever, embora soubesse que o caminho que escolheu desonrava o Senhor. (4) Os que com base nos mesmos princípios são culpados das mesmas práticas de pecadores notórios são, no julgamento de Deus, seguidores de tais vis transgressores, e por isso precisam contar com o fato de no final estarem onde estão: terão no outro mundo a sua porção com aqueles a quem imitaram neste. (5) Pecadores abomináveis e endurecidos às vezes recebem repreensão por suas iniqüidades. Deus os detém no seu caminho, e lhes abre a boca da consciência, talvez por alguma repentina providência que os assusta e amedronta. (6) Embora alguma repreensão mais incomum ou extraordinária possa por algum tempo esfriar a coragem dos homens e impedir o seu progresso violento no caminho do pecado, isso não os fará abandonar o caminho da iniqüidade e passar para o caminho da santidade. Se a censura a um pecador por sua iniqüidade pudesse fazer um homem retornar ao seu dever, certamente a censura de Balaão teria produzido esse efeito; pois aqui um milagre surpreendente foi realizado: "...*o mudo jumento*", em cuja boca nenhum homem poderia esperar encontrar uma repreensão, é capacitado a falar, e isso com uma voz humana, e ao seu próprio dono e senhor (que é aqui chamado de *profeta*, pois o Senhor lhe apareceu e lhe falou algumas vezes, Nm 22.23,24, mas, na verdade, ele estava entre os profetas do Senhor como Judas estava entre os apóstolos de Jesus Cristo), e o jumento expõe *a loucura* da sua conduta e se opõem a que ele continue nesse caminho mau, e mesmo assim tudo é em vão. Os que não se sujeitam a métodos comuns de repreensão são pouco influenciados por aparições milagrosas para recuperá-los dos seus caminhos pecaminosos. Balaão foi de fato impedido de realmente *amaldiçoar o povo*, mas ele tinha um desejo tão forte pela honra e riqueza que lhe foram prometidas que foi até onde pôde e fez o máximo para fugir do impedimento que estava sobre ele.

V O apóstolo passa (v. 17) a mais uma descrição dos mestres enganadores, que ele apresenta:

1. Como "...*fontes sem água*". Observe: (1) Ministros devem ser como fontes, em que o povo possa encontrar instrução, orientação e conforto; mas: (2) Os falsos mestres não têm nada disso para compartilhar com os que os consultam. A palavra da verdade é a água da vida, que refresca a alma que a recebe. Mas esses enganadores estão determinados a difundir e promover o erro, e por isso são descritos como vazios, pois não há verdade neles. São vãs, portanto, todas as nossas expectativas de sermos alimen-

tados e preenchidos com conhecimento e compreensão por todos aqueles que são eles mesmos ignorantes e vazios.

2. Como "*...nuvens levadas pela força do vento*". Quando vemos uma nuvem esperamos dela uma chuva refrescante; mas esses homens são nuvens que não produzem chuva, pois são levados pelo vento, e não pelo espírito, são levados pelo vento da tempestade da sua própria ambição e cobiça. Eles expõem e difundem aquelas opiniões que vão produzir grande aplauso e vantagens só para eles mesmos; e assim como as nuvens obstruem a luz do sol e escurecem o ar, assim eles "*...escurecem o conselho com palavras sem conhecimento*" (Jó 38.2), e nisso não há verdade. E, ao vermos que esses homens se propõem a promover a escuridão neste mundo, é muito justo que a névoa da escuridão seja o seu destino no mundo vindouro. A escuridão total foi preparada para o diabo, o grande enganador, e seus anjos, esses agentes que ele usa para afastar os homens da verdade, e é por isso que está reservada para eles, e isso para sempre. O fogo do inferno é eterno, e a fumaça do poço sem fundo sobe para sempre e sempre. E é justo que Deus aja assim com eles porque: (1) Eles seduzem aqueles com quem lidam, e os atraem para uma rede, ou os pegam como os homens pegam peixes; e: (2) Fazem isso "*...falando coisas mui arrogantes de vaidades*", com expressões soberbas, que soam bem mas têm pouco sentido. (3) Eles se aproveitam das "*...paixões infames*" (Rm 1.26) e das "*...concupiscências da carne*" (v. 18) dos homens, propondo o que é agradável a eles. E: (4) Eles seduzem pessoas que na verdade evitavam e se mantinham à distância dos que escapam e dos que abraçam enganos danosos e destrutivos. Observe: [1] Por meio de dedicação e diligência, os homens atingem habilidade e destreza na promoção do engano. São tão hábeis e bem-sucedidos quanto o pescador, que faz da pesca a sua ocupação diária. A ocupação desses homens é atrair discípulos que os sigam, e nos seus métodos e forma de agir há algumas coisas dignas de serem observadas, como por exemplo, a forma em que eles adaptam a sua isca àqueles que querem pegar. [2] Mestres enganadores têm uma vantagem peculiar para ganhar os homens para si, porque eles lhes oferecem o prazer sensual para assim ganhá-los. Ao passo que os ministros de Cristo conduzem os homens à autonegação e à mortificação daqueles desejos que os outros satisfazem e promovem. Por isso não é de admirar que a verdade já não prevaleça, ou que os enganos se difundam tanto. [3] Pessoas que por um tempo foram leais à verdade e se mantiveram puras de enganos podem, pela sutileza e diligência dos sedutores, ser enganadas de tal forma que caiam naqueles mesmos enganos dos quais por um tempo se mantiveram puros. "Por isso, estejam sempre alertas, mantenham um zelo piedoso de si mesmos, examinem as Escrituras, orem para que o Espírito os instrua e firme na verdade, andem humildemente com Deus e vigiem contra tudo que possa provocá-lo a entregá-los a uma mente depravada, para que vocês não sejam levados pelas pretensões agradáveis e ilusórias dos falsos mestres, que prometem liberdade a todos que lhes derem atenção, não a verdadeira liberdade cristã para serviço de Deus, mas a licenciosidade no pecado, para seguir as artimanhas e desejos do seu próprio coração". Para impedir que esses homens façam prosélitos, ele nos diz que, no meio da conversa deles acerca da liberdade, eles mesmos são os mais desprezíveis escravos, pois são "*...servos da corrupção*". Sua própria lascívia obteve uma completa vitória sobre eles, e na realidade são escravos dela, fazendo provisão para a carne (Rm 13.14), para satisfazer os seus anseios, consentir com suas orientações e obedecer às suas ordens. Seu coração e mente estão tão corrompidos e depravados que eles não têm nem o poder nem a vontade de rejeitar a tarefa que lhes é imposta. Eles são conquistados e cativados por seus inimigos espirituais, e tornam seus membros escravos da injustiça. E que vergonha é ser vencido e dominado por aqueles que são eles próprios *servos da corrupção* e escravos dos seus próprios desejos. Essa consideração deve impedir que sejamos desviados por esses enganadores. E a isso ele acrescenta mais uma coisa (v. 20): não é somente uma vergonha e desgraça ser seduzido por aqueles que são eles mesmos servos do pecado e levados cativos pelo diabo ao seu bel-prazer, mas é um verdadeiro detrimento para aqueles que escaparam dos que viviam no engano, pois através disso o fim desses é tornado pior do que o seu começo. Aqui vemos que, em primeiro lugar, é vantagem escapar das depravações do mundo, ser poupado de pecados grosseiros e escandalosos, mesmo que os homens não sejam profundamente convertidos e transformados pela salvação; pois assim somos poupados de entristecer os que são verdadeiramente sérios e de encorajar os que são declaradamente profanos. Ao passo que, se corremos com os outros aos mesmos excessos de devassidão e nos entregamos aos pecados da época, afligimos e desencorajamos os que se esforçam em caminhar como convém ao evangelho, e fortalecemos as mãos daqueles que já estão engajados em rebelião declarada ao Altíssimo, como também nos alienamos ainda mais de Deus, e endurecemos o nosso coração contra Ele. Em segundo lugar, alguns homens, que não são renovados salvificamente no espírito da sua mente, são, por um tempo, poupados das depravações do mundo pelo conhecimento de Cristo. A educação religiosa restringiu muitos dos que a graça de Deus não renovou. Se recebemos a luz da verdade e temos um conhecimento formal de Cristo em nossa cabeça, isso pode ser de algum benefício para nós; mas precisamos receber o amor da verdade e guardar a palavra de Deus no nosso coração, ou então eles não vão nos santificar nem salvar. Em terceiro lugar, aqueles que por um tempo escaparam das depravações deste mundo são os primeiros a ser pegos e presos em armadilhas pelos falsos mestres, que primeiro desconcertam os homens com algumas objeções plausíveis e ilusórias contra as verdades do evangelho. Assim, os mais ignorantes e instáveis são levados a cambalear e a questionar a verdade e as doutrinas que receberam, porque não conseguem resolver todas as dificuldades, nem responder a todas as objeções que são levantadas por esses enganadores. Em quarto lugar, quando os homens estão presos na armadilha, são facilmente vencidos; por isso, os cristãos devem manter-se próximos da palavra de Deus, e vigiar contra os que tentam desconcertá-los e confundi-los, e isso porque, se os homens que uma vez escaparam das armadilhas "*...forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro*".

VI Nos últimos dois versículos do capítulo, o apóstolo se propõe a provar que o estado da apostasia é pior do que o estado da ignorância; pois é uma condenação do "...*caminho da justiça*...", depois de terem tido algum conhecimento dele, e terem expresso alguma afeição por ele. Isso traz consigo a noção de que eles encontraram alguma iniqüidade no caminho da justiça e alguma falsidade na palavra da verdade. Agora, fazer um relato tão nocivo acerca do bom caminho de Deus, e uma acusação tão falsa contra o caminho da verdade, precisa necessariamente expor à condenação mais severa; a miséria desses desertores que se rebelaram contra Cristo e seu evangelho é mais inevitável e mais intolerável do que a de outros transgressores, pois: 1. Deus é provocado de forma mais intensa por aqueles que por sua conduta desprezam o evangelho, assim como também desobedecem à lei, e que difamam a lei de Deus e espalham desprezo contra Deus e sua graça. 2. O diabo espreita mais de perto e confina mais rigorosamente os que ele recapturou, depois de terem se afastado dele e de professarem ser seguidores do Senhor Jesus Cristo (Mt 12.45). Eles são mantidos sob guarda mais intensa, e não é de admirar que seja assim se eles lamberam de novo o seu próprio vômito, voltando aos mesmos erros e impiedades que uma vez tinham lançado fora e que pareciam detestar e repugnar, e engolindo aquela imundície da qual pareciam realmente ter sido purificados. Bem, se as Escrituras dão tal relato do cristianismo por um lado, e do pecado por outro, como temos aqui nesses dois versículos, certamente temos de aprovar aquele, e perseverar nele, porque é o caminho da justiça, e um mandamento santo, e repugnar este, e nos manter à maior distância dele, porque é descrito como o caminho mais ofensivo e abominável.

CAPÍTULO 3

Chegando perto do final dessa segunda epístola: I. O apóstolo começa o último capítulo com a repetição do seu propósito e escopo de escrever uma segunda vez (vv. 1,2). II. Ele passa a mencionar algo que o induziu a escrever essa segunda epístola, ou seja, a vinda de escarnecedores, a quem ele descreve (vv. 3-7). III. Ele instrui e firma os seus leitores acerca da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para julgar (vv. 8-10). IV. Ele expõe o uso e o proveito que os cristãos devem fazer da segunda vinda de Cristo, e a desintegração e a renovação das coisas que vai acompanhar essa solene vinda de nosso Senhor (vv. 11-18).

A Fidelidade às Palavras dos Profetas e Mandamentos dos Apóstolos

vv. 1,2

Para que o apóstolo consiga atingir melhor o seu alvo com essa epístola, que é torná-los firmes e constantes por meio de uma lembrança prática e segura da doutrina do evangelho: 1. Ele expressa sua afeição e ternura especiais por eles, ao chamá-los *amados*, com isso evidenciando que ele acrescentou "...*à piedade, o amor fraternal*", como ele os tinha exortado a fazer (cap. 1.17). Os ministros precisam ser exemplos do amor e da afeição, como também da vida e do procedimento. 2. Ele revela um amor sincero por eles, e uma preocupação fraternal por eles, ao escrever-lhes a mesma coisa, embora de outra forma. Sendo seguro para eles, não deve ter sido penoso para o autor escrever acerca do mesmo tópico, e seguir o mesmo propósito, por aqueles métodos que são os mais prováveis de serem bem-sucedidos. 3. Para tornar mais atraente a questão, ele lhes diz que quer que se lembrem: (1) "...*das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas*...", que eram divinamente inspirados, tanto iluminados quanto santificados pelo Espírito Santo; e, visto que a mente dessas pessoas tinha sido purificada pela operação santificadora do mesmo Espírito, elas estavam mais preparadas para receber e reter o que veio de Deus pelos seus santos profetas. (2) "...*do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos*"; e por isso os discípulos e servos de Cristo devem considerar o que os enviados por Ele lhes declararam com sendo a vontade do seu Senhor. O que Deus falou pelos profetas do Antigo Testamento, e Cristo ordenou por meio dos apóstolos do Novo, precisa ser lembrado frequentemente; e os que transmitem essas coisas vão perceber as qualidades vivificadoras disso. É por essas coisas que a mente pura dos cristãos deve ser estimulada, para que eles sejam ativos e vivificados na obra da santidade, e zelosos e incansáveis no caminho para o céu.

O Sofisma dos Infiéis. A Destruição do Mundo

vv. 3-7

Para nos estimular e animar à séria consideração e à firme lealdade ao que Deus nos revelou pelos profetas e apóstolos, o autor nos lembra que "...*virão escarnecedores*", homens que vão escarnecer do pecado, e da salvação dele. Os homens vão escarnecer do caminho de Deus para salvar pecadores por meio de Jesus Cristo, e isso "...*nos últimos dias*...", sob o evangelho. Pode, de fato, parecer muito estranho que a dispensação do Novo Testamento do concerto da graça, que é espiritual e, portanto, mais conforme à natureza de Deus do que a antiga, seja ridicularizada e desprezada. Mas a espiritualidade e simplicidade da adoração do Novo Testamento são diretamente contrárias à mente carnal do homem, e isso explica o que o apóstolo parece querer indicar aqui, isto é, que os escarnecedores serão mais numerosos e mais audaciosos nos últimos dias do que em qualquer época anterior. Embora em todas as épocas os que eram nascidos da carne e andavam segundo ela tenham perseguido e maltratado os que nasceram do Espírito e de fato andavam segundo Ele, nos últimos dias vai haver um grande aperfeiçoamento na arte e no descaramento da zombaria contra a piedade séria e contra os que se apegam firmemente à prudência e à autonegação que o evangelho prescreve. Isso é o que é mencionado como uma coisa bem conhecida a todos os cristãos, e por isso eles precisam contar com isso, para que não sejam surpreendidos e abalados, como se alguma

coisa estranha lhes acontecesse. Agora, para evitar que os verdadeiros cristãos sejam vencidos, quando atacados por esses escarnecedores, o autor nos diz:

I Que tipo de pessoas eles são: eles andam "...*segundo as suas próprias concupiscências*", seguem as artimanhas e desejos de seu próprio coração e de suas afeições carnais, não os ditames e direções da justa razão e nem um discernimento bem instruído. É isso que eles fazem no curso da sua vida, vivem conforme aos seus desejos, e falam conforme aos seus desejos; não é somente a sua mente interior que é contrária a Deus, como é a mente de todo o pecador não renovado (Rm 8.7), alienado de Deus, ignorante dele e avesso a Ele; mas eles fizeram crescer a tal tamanho a sua maldade que proclamam abertamente o que está no coração de outros que ainda são carnais. Eles dizem: "A língua é nossa, como também nossa é a força e nosso é o tempo; quem é senhor sobre nós? Quem há de nos contradizer ou nos controlar, ou jamais nos chamar a prestar contas do que dizemos ou fazemos?" E, assim como zombam de ser restringidos por alguma lei de Deus no seu procedimento, assim também não aceitam que a revelação de Deus dite ou prescreva a eles o que devem crer; assim como trilham o seu próprio caminho, e falam a sua própria língua, assim eles também pensam os seus próprios pensamentos, e formam princípios que são totalmente seus. Também nisso somente *suas próprias concupiscências* são consultadas. Ninguém, a não ser esses completos libertinos, pode tomar assento com os escarnecedores. "Com isso, vocês vão conhecê-los, para que assim estejam mais vigilantes contra eles".

II Somos advertidos também de até onde eles são capazes de ir. Eles vão tentar nos abalar e perturbar até em relação à nossa crença concernente à segunda vinda de Cristo. De forma zombeteira, eles vão dizer: "*Onde está a promessa da sua vinda?*" (v. 4). Sem isso, todos os outros artigos da fé cristã vão significar muito pouco; isso é o que completa e dá o toque final a todo o restante. O Messias prometido veio, Ele "...*se fez carne e habitou entre nós*" (Jo 1.14); Ele é totalmente aquele que foi descrito anteriormente, e fez tudo aquilo por nós que foi observado antes. Os inimigos do cristianismo há muito tempo têm tentado derrubar esses princípios; mas como todos eles estão fundamentados em fatos que já são passado, e dos quais esse e os outros apóstolos nos têm dado as evidências mais seguras e satisfatórias, é provável que finalmente vão se cansar da sua oposição a eles; e, mesmo que apenas um artigo principal da nossa fé se refira ao que ainda está oculto, e somente haja promessas para ele, aqui eles vão nos atacar, até o fim dos tempos. Até que o nosso Senhor tenha vindo, eles não vão acreditar que Ele venha; aliás, eles vão rir da simples menção da vinda dele, e vão fazer de tudo que está ao seu alcance para tirar a tranqüilidade dos que seriamente acreditam nela e esperam por ela. Por isso, vamos ver como fica esse ponto, tanto por parte do crente quanto por parte desses enganadores. O crente não somente deseja que Ele venha, mas, tendo a promessa de que Ele vem, a promessa que Ele mesmo fez e com freqüência repetiu, a promessa recebida e relatada pelas testemunhas fiéis, e que foi seguramente registrada, o crente também está firme e completamente persuadido de que Ele vem. Por outro lado, esses enganadores, porque desejam que Ele nunca volte, fazem tudo que está ao seu alcance para enganar a si mesmos e a outros para crer que Ele nunca virá. Se eles não conseguem negar que há uma promessa, então vão rir dessa promessa, o que manifesta graus muito mais elevados de infidelidade e desprezo: "*Onde está a promessa*, perguntam eles, *da sua vinda?*"

III Somos também advertidos acerca do método da sua argumentação, pois embora riam, eles também vão simular argumentos. Com esse propósito eles acrescentam: "*Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação*" (v. 4). Essa é uma forma sutil, embora não sólida, de argumentar; ela é capaz de impressionar a mente fraca, e especialmente o coração ímpio. Visto que a sentença contra eles não é rapidamente executada, eles se convencem de que nunca será, e nisso o seu "...*coração está inteiramente disposto para praticar o mal*" (Ec 8.11). Assim agem eles, e assim querem que os outros ajam; por isso, aqui dizem: "*Os pais dormiram*, estão mortos todos aqueles a quem foi feita a promessa, e nunca foi cumprida em seu tempo, e não há probabilidade alguma que jamais seja cumprida em época qualquer; por que vamos nos preocupar com isso? Se houvesse alguma verdade ou certeza na promessa de que você fala, deveríamos ter visto algo disso antes desta época, alguns sinais da sua vinda, alguns passos preparatórios para isso. Enquanto isso, *todas as coisas permanecem* sem mudança alguma, *como desde o princípio da criação.* Visto que o mundo não sofreu nenhuma mudança no curso de tantos milhares de anos, por que deveríamos temer que de repente pudesse haver um fim?" Assim argumentam esses escarnecedores. "*Porque não há neles nenhuma mudança, e tampouco temem a Deus*" (Sl 55.19). Eles não temem nem a Deus nem os seus julgamentos; se Ele nunca fez, disso concluem que Ele nunca pode fazer nem nunca vai fazer.

IV Aqui está detectada a falsidade do seu argumento. Mesmo que eles digam com segurança que não houve mudança alguma *desde o princípio da criação,* o apóstolo nos traz à memória uma mudança que já ocorreu, que foi o afogamento do mundo nos dias de Noé, que, de certa maneira, é igual àquela pela qual devemos esperar. Os escarnecedores omitem isso; não tomaram nota desse fato. Embora o possam ter conhecido, e o deveriam ter conhecido, contudo isso "*eles voluntariamente ignoram...*" (v. 5), eles escolhem passar por cima disso em silêncio, como se nunca tivessem ouvido ou sabido nada disso. Se o sabiam, não gostavam de guardá-lo na sua lembrança; eles não receberam essa verdade pelo amor a ela, nem se importaram em reconhecê-la. Observe: É difícil persuadir os homens a crer naquilo que eles não estão dispostos a reconhecer como verdade; são ignorantes, em muitos casos, porque estão dispostos a ser ignorantes, e não sabem porque não se interessam em saber. Mas que os pecadores não pensem que tal ignorância será aceita como uma desculpa por qualquer pecado que venha atraí-los. Os que crucificaram a Cristo não sabiam quem

Ele era; se tivessem sabido, "*...nunca crucificariam ao Senhor da glória*" (1 Co 2.8). Assim, embora ignorantes, não foram por isso inocentes; a sua própria ignorância foi o seu pecado, ignorância voluntária e obstinada, e um pecado não pode ser desculpa para outro. Assim é aqui; se esses tivessem sabido da vingança terrível com que Deus eliminou um mundo inteiro de ímpios desgraçados de uma vez, eles certamente não teriam escarnecido das suas ameaças de algum julgamento igualmente terrível ainda por vir. Mas aqui eles *voluntariamente ignoram*, não sabem o que Deus vai fazer porque não se importam em saber. Por isso, vamos passar a considerar a representação que o apóstolo faz tanto da destruição do mundo antigo pela água quanto daquilo que espera este mundo atual na conflagração final. Ele menciona um como aquilo que Deus fez, para convencer-nos e persuadir-nos de que é melhor crer que o outro pode acontecer e vai acontecer.

1. Começamos com o relato que o apóstolo faz da destruição que já veio uma vez sobre o mundo (vv. 5,6): "*...pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste; pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio*". Originariamente, o mundo estava disposto de outra forma. As águas foram muito sabiamente divididas na criação, e de maneira muito proveitosa para nós. Algumas das águas tinham repositórios apropriados acima do firmamento, aqui chamado de *os céus* (como também em Gn 1.8), e outras, debaixo do firmamento, reunidas em um lugar. Havia então o mar e a terra seca, moradia ampla e confortável para os filhos dos homens. Mas agora, na época do dilúvio universal, a situação é alterada de forma estranha; as águas que Deus havia dividido anteriormente, atribuindo cada parte ao seu receptáculo, agora, com ira, Ele lança tudo junto de novo em uma grande porção. E "*...se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas* (as nuvens) *dos céus se abriram*" (Gn 7.11), até que toda a terra ficasse alagada, e nenhum lugar seco se pôde achar sobre o mais alto monte, e tudo estava *quinze côvados* embaixo de água (Gn 7.20). Assim Ele tornou conhecidos o seu terrível poder e a sua ira tremenda, e pôs fim a todo um mundo de uma vez: "*...pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio*" (v. 6). E não seria essa uma mudança, uma mudança imensa? E também se deve observar que tudo isso foi feito pela palavra de Deus; foi por meio de sua palavra poderosa que o mundo foi feito no começo, e feito com uma estrutura e ordem tão amplas e belas (Hb 11.3), *katertisthai*. "*E disse Deus: Haja uma expansão*" etc. (Gn 1.6,7). "*Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar*" (vv. 9,10). Assim Ele falou, e aconteceu (Sl 33.9). Assim, diz o nosso apóstolo, "*...pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus* (desde o início, na primeira criação) *e a terra* (como era no primeiro globo terrestre), *que foi tirada da água e no meio da água subsiste*. Não se diz aqui apenas da primeira estrutura e ordem do mundo que foram feitas pela palavra de Deus, mas a confusão e ruína posteriores, como também a total destruição dos seus habitantes, também ocorreram pela mesma palavra. Nenhum outro Deus a não ser aquele que *estendeu os céus e fundou a terra* poderia destruir e subverter de uma vez uma estrutura tão grande. Isso foi feito pelo poder da sua palavra, e também foi feito de acordo com a palavra da sua promessa. Deus havia dito que destruiria o homem, até mesmo toda a carne, e que o faria por meio de um dilúvio de águas sobre a terra (Gn 6.7,13,17). Essa foi a mudança que Deus tinha causado ao mundo anteriormente, e que esses escarnecedores tinham omitido. E agora devemos considerar:

2. O que o apóstolo diz acerca da mudança destrutiva que ainda está por vir sobre ele: "*Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios*" (v. 7). Aqui temos um relato terrível da desintegração final do mundo, no qual temos um grande interesse. Lemos, ouvimos e pensamos com pesar na ruína que veio sobre o mundo e seus habitantes por meio do dilúvio, embora nunca tenhamos conhecido os que foram varridos por ele. Mas o julgamento de que se fala aqui ainda está por vir, e certamente virá, embora não saibamos quando, nem em qual época ou sobre qual geração particular dos homens; e por isso, não podemos nem devemos ter certeza de que não aconteça em nosso tempo. E isso faz uma grande diferença, embora devamos admitir que eles eram semelhantes em todos os outros aspectos, o que ainda assim não deve ser consentido, pois houve alguns, embora muito poucos, que escaparam do dilúvio, mas ninguém poderá escapar desse incêndio. Além disso, não estávamos ao alcance da calamidade anterior, mas não temos certeza se não estaremos incluídos na próxima. Agora, ver o mundo ao qual pertencemos destruído de uma vez – nem uma única pessoa, nem uma família ao menos, nem mesmo uma nação (nem a que mais nos interessa e com a qual nos preocupamos), mas o mundo todo, escute, afundando de uma vez, e sem haver arca, nenhum caminho de escape para qualquer pessoa dessa ruína comum, isso faz a diferença entre a desolação que foi e a que ainda devemos esperar. Uma já é passado, e nunca voltará sobre nós (pois Deus disse expressamente *que não haverá mais dilúvio para destruir a terra* – Gn 9.11-17). A outra ainda está oculta, e vem tão certamente quanto o podem garantir o poder e a palavra de Deus. Aquela veio gradativamente sobre o mundo, e foi crescendo sobre os seus habitantes durante quarenta dias (Gn 7.12,17); esta virá sobre eles repentinamente e de uma vez (cap. 2.1). Além disso, houve naquela destruição (como já dissemos) uns poucos que escaparam, mas a ruína que ainda espera este mundo, não importa quando vier, será absolutamente universal. Não haverá parte alguma que as chamas devoradoras não vão atingir, não será deixado nenhum refúgio ao qual os habitantes possam correr, não haverá um único lugar no mundo em que alguém possa estar seguro. Assim, quaisquer diferenças que puderem ser descritas entre aquela destruição do mundo e a que aqui é descrita, elas representam de fato a aproximação do julgamento mais terrível; agora, o fato de que o mundo já foi uma vez destruído por um dilúvio universal torna mais crível a possibilidade de que seja arruinado novamente por uma conflagração universal. Que, portanto, os escarnecedores, que riem da vinda do Senhor para o julgamento, ao menos considerem que possa acontecer. Nada está dito na palavra de Deus que não esteja ao alcance do poder de Deus,

e, embora ainda riam, não vão nos tirar a tranqüilidade. Temos completa certeza de que acontecerá, porque Ele o disse, e podemos depender das promessas dele. Eles erram "...*não conhecendo* (ao menos, não crendo) *as Escrituras, nem o poder de Deus*" (Mt 22.29), mas nós conhecemos e dependemos (devemos depender) de ambos. Agora, o que Ele disse e vai cumprir, é que "...*os céus e a terra que agora existem* (aos quais estamos associados agora, que ainda subsistem em toda a beleza e ordem que neles vemos, e que são tão agradáveis e úteis para nós, como achamos que são) *se reservam como tesouro*", não para serem o que a mente terrena desejaria que fossem, tesouros para nós, mas para serem o que Deus quer, o seu tesouro, seguramente armazenados para o seu propósito. Segue que eles estão reservados "...*para o fogo*". Observe: Os julgamentos seguintes de Deus são mais terríveis do que os que vieram antes. O mundo antigo foi destruído pela água, mas este está reservado para o fogo, que vai queimar os ímpios no último dia. E, embora isso pareça ter sido adiado, assim como este mundo ímpio ainda é mantido pela palavra de Deus, assim está somente sendo reservado para a vingança daquele a quem pertence a vingança, que no dia do julgamento vai lidar com um ímpio de acordo com o abandono deste, pois o dia do julgamento é o dia da perdição do homem mau. Os que agora zombam do dia do julgamento futuro vão descobrir que será um dia de vingança e total destruição. "Portanto, vigiem para não estar entre esses escarnecedores; nunca questionem se o dia do Senhor vem. Empenhem-se para serem encontrados em Cristo, para que seja para vocês um tempo de refrigério e um dia de redenção o que será para o mundo mau um dia de indignação e de ira".

A Noção da Eternidade

v. 8

Nessas palavras, o apóstolo instrui e firma os cristãos na verdade acerca da vinda do Senhor, e aí podemos discernir claramente a afeição e a ternura com que ele lhes fala, chamando-os de *amados*. Ele tem uma preocupação compassiva e amor e afeição pelos miseráveis incrédulos que se recusaram a crer na revelação divina, mas ele tem um respeito particular pelos verdadeiros crentes, e a ignorância e debilidade que ele conclui ainda permanecerem neles o deixam aflito, e fazem com que lhes dê uma advertência. Aqui podemos observar:

I A verdade que o apóstolo declara – "...*que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia*". Embora, na contagem dos homens, haja uma grande diferença entre um dia e um ano, e uma diferença muito maior entre um dia e mil anos, na contagem de Deus, que habita a eternidade, em que não há sucessão, aí não há diferença. Pois todas as coisas do passado, do presente e do futuro estão sempre diante dele, e a demora de mil anos não pode ser para Ele mais do que é o adiamento de um dia ou uma hora para nós.

II A importância dessa verdade: Essa é uma coisa da qual o apóstolo não quer que sejamos ignorantes; a admiração santa e o temor reverente de Deus são necessários para a adoração e a glorificação que prestamos a Ele, e a crença da distância inconcebível entre Ele e nós é muito apropriada para gerarmos e mantermos esse temor religioso do Senhor, que é o princípio da sabedoria. Essa é uma verdade que pertence à nossa paz, e por isso ele se empenha para que não fique oculta dos nossos olhos. Como está no original: *Que esta uma coisa não esteja oculta de vós*. Se os homens não têm conhecimento do Deus eterno, nem crêem nele, vão estar muito propensos a pensar que Ele é semelhante a eles. No entanto, como é difícil conceber a eternidade! Por isso, não é muito fácil obter esse conhecimento de Deus que é absolutamente necessário.

A Destruição do Mundo

vv. 9,10

O texto nos diz aqui que "...*o Senhor não retarda a sua promessa* – Ele não a adia além do tempo marcado; assim como Deus manteve o tempo que tinha marcado para o livramento de Israel do Egito exatamente no dia (Êx 12.41), assim Ele irá manter também o tempo exato marcado para a sua vinda para julgar o mundo. Que diferença há entre as contas que Deus faz e as que os homens fazem! Homens bons estão propensos a pensar que Deus vai demorar além do tempo marcado, isto é, o tempo que eles marcaram para o seu próprio livramento e o da igreja; mas eles marcam um tempo e Deus marca outro, e Ele não vai deixar de manter o tempo que Ele marcou. Homens ímpios ousam acusar Deus de negligência, como se Ele tivesse perdido o tempo, e tivesse deixado de lado a idéia de vir. Mas o apóstolo nos garante:

I Que o que os homens consideram negligência na verdade é longanimidade, e isso em relação a nós; é dar mais tempo ao seu povo, a quem Ele "...*elegeu nele antes da fundação do mundo*" (Ef 1.4), muitos dos quais ainda nem se converteram; e os que estão no estado de graça e favor com Deus devem progredir no conhecimento e no exercício da fé e da paciência, ser abundantes em boas obras, em fazer e sofrer o que foram chamados a fazer e sofrer, para que dêem glória a Deus e cresçam no preparo para o céu. Pois Deus não quer que nenhum desses pereça, mas que todos venham ao arrependimento. Observe aqui: 1. O arrependimento é absolutamente necessário para a salvação. "*Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis*" (Lc 13.3,5). 2. Deus não tem prazer na morte dos pecadores. Assim como o castigo dos pecadores é um tormento para as suas criaturas, assim um Deus misericordioso não tem prazer nele; e embora o propósito principal de sua longanimidade seja a bênção dos que foram eleitos "...*desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade*" (2 Ts 2.13), sua bondade e paciência por sua própria natureza convidam e chamam ao arrependimento todas as pessoas. E, se os homens continuam impenitentes quando Deus lhes dá espaço para se arrependerem, Ele vai tratar com mais severidade com eles, embora a sua grande razão por não ter apressado a sua vinda tenha sido por não ter completado o número dos seus eleitos. "Não abusem, por isso, da paciência e da longanimidade de Deus, ao se entregarem a um curso de impie-

dade; não ousem entrar pelo caminho dos pecadores, nem se assentar seguramente no estado de impenitência dos incrédulos, como aquele que disse (Mt 24.48): *O meu senhor tarde virá*, para que Ele não venha e os surpreenda". Pois:

II "*Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite*" (v. 10). Aqui podemos observar: 1. A certeza do Dia do Senhor: embora já tenham passado agora mais de dezesseis séculos* desde que essa epístola foi escrita, e o dia ainda não tenha vindo, certamente virá. Deus "*...determinou um dia em que com justiça há de julgar o mundo*" (At 17.31), e Ele vai cumprir o que determinou. "*Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo*" (Hb 9.27). "Firmem isso, portanto, no seu coração, que o Dia do Senhor certamente virá, e vocês certamente serão chamados a prestar contas de todas as coisas feitas no corpo, se boas ou más. E deixem que a sua conduta correta diante de Deus e o julgamento constante de si mesmos evidenciem sua firme convicção no julgamento futuro, numa época em que muitos vivem como se nunca tivessem de prestar contas de nada". 2. A ocorrência súbita desse dia: "*...virá como o ladrão de noite*", numa hora em que os homens estão dormindo e seguros, e não têm como perceber ou esperar o Dia do Senhor, assim como os homens não têm como esperar o ladrão quando estão em profundo sono, no escuro e silêncio da noite. "*Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo!*" (Mt 25.6), e nessa hora não somente as virgens loucas descansavam e dormiam, mas as sábias também. O Senhor virá num dia em que não estivermos esperando por Ele, e numa hora em que os homens não perceberem. A hora que os homens considerarem a mais imprópria e improvável, e quando, portanto, estiverem mais seguros, será o tempo da vinda do Senhor. Que então nos guardemos de, em nossos pensamentos e na nossa imaginação, afastarmos aquele dia a uma grande distância de nós; mas que antes o suponhamos tanto mais próximo da realidade do que o considera distante o mundo ímpio. 3. A solenidade da sua vinda. (1) "*...os céus passarão com grande estrondo*". Os céus visíveis, por serem inaptos para que o Senhor neles habite na sua vinda gloriosa, passarão; passarão por uma transformação imensa, e isso será muito repentino e com tão grande estrondo quanto a ruína e o desmoronamento de uma estrutura tão grande necessariamente causam. (2) "*...e os elementos, ardendo, se desfarão*". Nessa vinda do Senhor não haverá um grande ímpeto somente em volta dele, de modo que até os céus passarão como em uma imensa e violenta tempestade, mas um fogo irá adiante dele, que vai fundir todos os elementos dos quais a criação é feita. (3) "*...e a terra e as obras que nela há se queimarão*". A terra e os seus habitantes, e todas as obras que há nela, serão queimados. A terra, seus habitantes e todas as obras, sejam da natureza ou de arte, serão destruídos. Os palácios e jardins pomposos, e todas as coisas desejáveis em que homens com mentalidade mundana buscam e depositam sua felicidade, tudo será queimado. Toda a sorte de criaturas que Deus fez, e todas as obras dos homens precisam se submeter ao fogo e precisam passar por ele, que será um fogo consumidor de tudo o que o pecado trouxe ao mundo, embora seja um fogo depurador das obras das mãos de Deus, para que, tendo o vidro do mundo se tornado muito mais brilhante, os santos possam discernir a glória do seu Senhor nele.

E, agora, quem não consegue discernir a diferença que haverá entre a primeira vinda de Cristo e a segunda? Mesmo assim, aquela é chamada de "*...o dia grande e terrível do SENHOR*" (Ml 4.5). Quanto mais terrível será este dia, a vinda do julgamento! Que sejamos tão sábios que nos preparemos para esse dia, para que não seja um dia de vingança e destruição para nós. O que será de nós se depositarmos as nossas afeições nesta terra, e fizermos dela a nossa porção, e depois virmos que tudo foi queimado? Levante os olhos, portanto, e assegure-se de uma felicidade além deste mundo visível, que se derreterá completamente.

Exortações Solenes

vv. 11-18

Tendo instruído os leitores na doutrina da segunda vinda de Cristo, o apóstolo:

I Aproveita a oportunidade para exortá-los à pureza e piedade em todo o seu procedimento. Todas as verdades que são reveladas nas Escrituras devem ser aproveitadas para o nosso progresso na piedade prática. Esse é o efeito que o conhecimento deve produzir, ou nunca nos tornaremos melhores em virtude dele. "*Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes*" (Jo 13.17). "*Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade*" (v. 11), pessoas que estão seguras disso, que se afastam do pecado e morrem para ele, pois o pecado corrompeu e perverteu toda a criação visível de tal forma que há a necessidade absoluta de sua desintegração. Tudo q ue foi feito para o uso do homem está sujeito à inutilidade do pecado do homem. E se o pecado do homem colocou os céus visíveis e os elementos da terra debaixo de maldição, da qual não podem se livrar sem que sejam desintegrados, que mal abominável é o pecado, e como deve ser odiado por nós! E, visto que essa desintegração existe para que sejam restaurados à sua beleza e excelência primitivas, quão puros e santos devemos ser, para que estejamos adequadamente preparados para o "*...novo céu e a nova terra, em que habita a justiça*". Ele nos exorta a uma santidade muito conscienciosa e universal, que não está apoiada em nenhuma medida ou degrau inferior, mas que se empenha em ser eminente além do que se atinge comumente – devemos ser santos na casa de Deus e na nossa própria, santos na nossa adoração a Deus e no nosso convívio com os homens. Todo o nosso viver, seja elevado ou humilde, rico ou pobre, bom ou mau, com amigos ou com inimigos, precisa ser santo. Precisamos guardar-nos "*...da corrupção do mundo*" (Tg 1.27) em todo o nosso convívio com ele. Precisamos aperfeiçoar "*...a santificação no temor de Deus*" (2 Co

* Nota do editor: Matthew Henry produziu sua *Exposição* no começo século XVIII.

7.1), e no amor de Deus também. Precisamos exercitar-nos "...*em piedade*" (1 Tm 4.7) de todos os tipos, em todas as partes, confiando em Deus e tendo prazer em Deus somente, que permanecerá o mesmo depois que toda a criação visível for dissolvida, devotando-nos ao serviço de Deus e planejando a glorificação e a alegria de Deus, que permanece para sempre; ao passo que aquilo em que os homens mundanos têm prazer e o que seguem precisa ser tudo desintegrado. As coisas que agora vemos em pouco tempo terão passado, e não serão mais como são agora. Fixemos os nossos olhos, portanto, naquilo que permanece e continua, o que, embora não esteja presente, é certo e não está muito distante. Esse *aguardar a vinda do Dia de Deus* é uma das orientações que o apóstolo nos dá para que sejamos eminentemente santos e piedosos em todo o nosso procedimento (v. 11). "Esperem o Dia do Senhor como algo em que vocês crêem e que certamente virá, e algo que vocês estão ansiosamente esperando". "...*a vinda do Dia de Deus*" é o que todo cristão precisa esperar e aguardar ansiosamente. Pois é o dia em que Cristo vai aparecer *na glória do Pai*, e evidenciar a sua divindade até mesmo àqueles que o consideravam um mero homem. A primeira vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, quando Ele apareceu "...*em forma de servo*" (Fp 2.7), era o que o povo de Deus esperava ansiosamente. Aquela vinda foi para a "...*consolação de Israel*" (Lc 2.25). Quanto mais deveriam esperar com expectativa e ansiedade a segunda vinda dele, que será o dia da sua redenção completa, da mais gloriosa manifestação dele. Então virá "...*para ser glorificado nos seus santos e para se fazer admirável em todos os que crêem*" (2 Ts 1.10). Pois embora aterrorize e amedronte completamente os incrédulos o fato de verem todos os céus visíveis se fundirem em chamas, e os elementos derretendo, o crente, cuja fé é "...*a prova das coisas que se não vêem*", pode regozijar-se na esperança de céus mais gloriosos depois destes terem se fundido e sido depurados por aquele fogo terrível que vai queimar toda a escória desta criação visível. Aqui precisamos observar: 1. O que os verdadeiros cristãos estão esperando: "...*novos céus e nova terra*", em que será claramente discernida uma parte muito maior da sabedoria, do poder e da bondade do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo do que somos capazes de ver agora. Pois nesses novos céus e terra, libertos da inutilidade a que os anteriores estavam sujeitos, e do pecado com que estavam corrompidos, habitará somente a justiça. Essa será a habitação de tais pessoas justas que praticam a justiça, e estão livres do poder e da corrupção do pecado. "*Os ímpios serão lançados no inferno*" (Sl 9.17); somente aqueles que estiverem vestidos da justiça de Cristo e santificados pelo Espírito Santo serão admitidos para habitar nesse santo lugar. 2. Qual é o fundamento dessa expectativa e esperança – a promessa de Deus. Esperar qualquer coisa que Deus não prometeu é presunção; mas se nossas expectativas são conformes à sua promessa, tanto com relação à coisa que estamos esperando quanto com relação ao tempo e forma de se tornar realidade, não podemos ser desapontados. É *fiel* aquele que o prometeu (Hb 11.11). "Vejam, portanto, que vocês suscitem e regulem as suas expectativas de todas as grandes coisas que estão por vir de acordo com a palavra de Deus; e, com relação aos *novos céus e nova terra*, esperem-nos como Deus os concedeu e dirigiu pelas passagens que temos nesse trecho das Escrituras agora diante de vocês, e em Isaías 65.17; 66.22, às quais o apóstolo pode estar aludindo".

II Como no versículo 11 ele exorta à santidade com base na consideração de que os *céus e terra* serão desintegrados, assim no versículo 14 ele retoma a sua exortação com base na consideração de que serão renovados. "Vendo que vocês esperam o Dia de Deus, quando o nosso Senhor Jesus Cristo aparecer na sua gloriosa majestade, e esses céus e terra forem desintegrados e fundidos, e, sendo purificados e depurados, forem novamente erigidos e reconstruídos, preparem-se para encontrá-lo. É de grande interesse de vocês saber em que estado vocês estarão quando o Juiz de todo o mundo vier para pronunciar a sua sentença sobre os homens, e determinar como será toda a eternidade para eles. Essa é a corte judicial em que não caberá apelo; seja qual for a sentença pronunciada por esse grande Juiz, ela é irreversível; por isso, preparem-se para '...*comparecer ante o tribunal de Cristo*' (2 Co 5.10); e empenhem-se nisso".

1. "Que vocês sejam encontrados por Ele '...*irrepreensíveis em paz*', em um estado de paz e reconciliação com Deus por meio de Cristo, em quem somente Deus está '...*reconciliando consigo o mundo*'. Todos os que estão fora de Cristo estão em um estado de inimizade, e rejeitam e se opõem ao Senhor e ao seu ungido, e por isso, '...*por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder*' (2 Ts 1.9). Aquelas pessoas cujos pecados foram perdoados e que têm paz com Deus são as únicas salvas e felizes; por isso, sigam a paz, e isso com todos". (1) Paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo. (2) Paz na nossa própria consciência, por meio do Espírito da graça testemunhando ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. (3) Paz com os homens, ao termos desenvolvido em nós uma disposição calma e pacífica, semelhante à do nosso bendito Senhor.

2. Que vocês sejam "...*achados imaculados e irrepreensíveis em paz*" (v. 14). "*Segui... a santificação*" (Hb 12.14) como também a paz, e esta imaculada e perfeita. Não devemos somente nos guardar de todas as manchas que não são próprias dos filhos de Deus (isso só evita que sejamos considerados sem defeitos pelos homens), mas precisamos nos empenhar pela pureza imaculada, pela perfeição absoluta. Os cristãos precisam aperfeiçoar "...*a santificação*" (2 Co 7.1), para que sejam não somente imaculados diante dos homens, mas também aos olhos de Deus. E tudo isso merece e necessita a maior diligência; aquele que faz essa obra com negligência não pode fazê-la com sucesso. "Nunca espere ser encontrado em paz por Deus naquele dia, se você é preguiçoso e está inativo hoje, quando temos de concluir a obra que nos foi dada a fazer. Somente os cristãos diligentes serão cristãos felizes no Dia do Senhor. O nosso Senhor virá a nós repentinamente, ou nos chamará a Ele em breve; e você quer que Ele o encontre ocioso?" Lembre-se de que há uma maldição pronunciada contra os que fazem a "...*obra do SENHOR fraudulentamente*" (Jr 48.10). O céu será uma recompensa suficiente para toda

a nossa diligência e dedicação; por isso, empenhemo-nos e esforcemo-nos na obra do Senhor. Ele certamente vai recompensar-nos se formos diligentes na obra que nos confiou. Agora, para que vocês sejam diligentes, tenham "*...por salvação a longanimidade de nosso Senhor*". "O Senhor está demorando para vir? Não pensem que isso é para lhes dar mais tempo a fim de fazerem provisões para os seus desejos, para satisfazê-los; é para dar-lhes tempo de se arrependerem e desenvolverem a sua salvação. Não procede de uma falta de preocupação ou compaixão pelos seus servos sofredores, nem serve para mostrar aprovação ou dar encorajamento ao mundo dos ímpios, mas para que os homens tenham tempo para se preparar para a eternidade. Aprendam então a fazer uso correto da paciência do nosso Senhor, que ainda está adiando a sua vinda. Sigam a paz e a santidade, ou então a sua vinda será terrível para vocês". Visto que é difícil evitar que os homens abusem da paciência de Deus e é difícil engajá-los no desenvolvimento dela, o nosso apóstolo cita Paulo quando orienta os homens a fazerem o mesmo bom uso da divina longanimidade, para que com base na boca, ou na escrita, de dois apóstolos a verdade seja confirmada. E podemos observar aqui com que estima e afeição o autor fala daquele que anteriormente tinha resistido a Pedro e o tinha reprovado severamente em público. Quando um homem justo golpeia outro que é verdadeiramente convertido, isso será recebido como bondade; e que censure, pois será um óleo excelente, que vai acalmar e tornar agradável o bom homem que é censurado quando age de forma imprópria. Que menção honrosa faz esse apóstolo da circuncisão àquele mesmo homem que o tinha repreendido diante de todos, como alguém que não andava de forma correta conforme a verdade do evangelho. (1) Ele o chama de *irmão*, e com isso não quer dizer apenas que era um companheiro cristão (em cujo sentido a palavra irmãos é usada, 1 Ts 5.27), ou um companheiro pregador (em cujo sentido Paulo chama Timóteo de *irmão*, Cl 1.1), mas um co-apóstolo, um que tinha a mesma comissão extraordinária, vinda do próprio Cristo, para pregar o evangelho em todos os lugares e para discipular todas as nações. Embora muitos mestres enganadores negassem o apostolado de Paulo, Pedro o considerava apóstolo. (2) Ele o chama de *amado*; e sendo eles ambos comissionados da mesma forma, e ambos unidos no mesmo serviço do mesmo Senhor, teria sido estranho se não tivessem sido unidos pela mesma afeição um pelo outro, para o fortalecimento mútuo, estando mutuamente desejosos do sucesso um do outro. (3) Ele menciona Paulo como alguém que tinha recebido uma medida extraordinária de sabedoria. Ele era uma pessoa de conhecimento eminente acerca dos mistérios do evangelho, e nem nessa nem em outra qualificação ficava aquém de nenhum dos outros apóstolos. Como é desejável que os que pregam o mesmo evangelho tratem uns aos outros de acordo com o padrão que Pedro estabelece aqui. Certamente é seu dever esforçar-se, pelos métodos adequados, para evitar ou remover todos os preconceitos que atrapalham a utilidade dos ministros, e gerar e melhorar a estima e o respeito na mente das pessoas com relação aos seus ministros que podem promover o sucesso dos seus esforços. E também observemos: [1] A sabedoria excelente que havia em Paulo é descrita como a "*...que lhe foi dada*". A compreensão e o conhecimento que qualificam os homens a pregar o evangelho são dons de Deus. Precisamos buscar o conhecimento e empenhar-nos para obter a compreensão, na esperança de que nos sejam dados do alto, enquanto somos diligentes em usar os meios apropriados para obtê-los. [2] O apóstolo compartilha com os homens de acordo com o que ele tinha recebido de Deus. Ele se empenha para conduzir outros ao ponto ao qual ele mesmo foi conduzido no conhecimento dos mistérios do evangelho. Ele não é um intrometido nas coisas que não viu ou em que não foi confirmado, e, mesmo assim, ele não deixa de anunciar todo o desígnio de Deus (At 20.27). [3] As epístolas que foram escritas pelo apóstolo dos gentios e dirigidas aos gentios que creram em Cristo são designadas para a instrução e edificação daqueles que dentre os judeus foram levados a crer em Cristo, pois em geral se pensa que o assunto ao qual o apóstolo alude aqui está contido na epístola aos Romanos (cap. 2.4), embora em todas as epístolas haja algumas coisas que se referem a um ou outro tópico tratado nesse ou no capítulo anterior. E não pode parecer estranho que os que estavam seguindo o mesmo propósito em suas epístolas insistissem nas mesmas coisas. Mas o apóstolo Pedro diz que nessas coisas que encontramos nas epístolas de Paulo há alguns "*...pontos difíceis de entender*". Entre os muitos tópicos tratados nas Escrituras, alguns não são fáceis de entender em virtude de sua própria obscuridade – tais são as profecias. Outras não podem ser facilmente compreendidas em virtude de sua excelência ou sublimidade, como as doutrinas misteriosas. E outras são compreendidas com dificuldade em virtude da fraqueza da mente humana – tais são as coisas do Espírito de Deus, mencionadas em 1 Coríntios 2.14. E aqui os instáveis e iletrados fazem um trabalho desprezível, pois torcem e torturam as Escrituras para fazê-las dizer o que não estava na mente do Espírito Santo. Aqueles que não são bem instruídos e bem firmados na verdade estão em grande perigo de perverter a palavra de Deus. Os que ouviram e aprenderam do Pai estão mais protegidos de mal-entendidos e de aplicações errôneas de qualquer parte da palavra de Deus. E, sempre que há o poder divino tanto para firmar como para instruir os homens na verdade divina, as pessoas são de fato protegidos de cair em enganos. Que grande bênção aprendermos com a observação da conseqüência perniciosa dos enganos em que caem homens ignorantes e instáveis – sendo até mesmo levados à sua própria destruição. Erros particularmente concernentes à santidade e justiça de Deus são a ruína total de multidões de homens. Portanto, oremos fervorosamente para que o Espírito de Deus nos instrua na verdade, para que a conheçamos como ela está em Jesus, e o nosso coração seja estabelecido com a graça, para que sejamos firmes e inabaláveis, até mesmo nos tempos mais tempestuosos, quando outros são lançados para cá e para lá por todo o tipo de doutrina.

III O apóstolo lhes dá uma palavra de advertência (vv. 17,18) em que:

1. Ele dá a entender que o conhecimento que temos dessas coisas deveria nos tornar muito cautelosos e vigilantes, visto existir nisso um perigo duplo (v. 17). (1) Estamos em grande perigo de ser seduzidos e afasta-

dos da verdade. Os iletrados e instáveis, e são muitos, geralmente torcem as Escrituras. Muitos que têm as Escrituras e as lêem não compreendem o que lêem; e um número grande demais dos que têm uma compreensão correta do sentido e significado da palavra não estão firmados na convicção da verdade, e todos esses estão propensos a cair no erro. Poucos se fixam no conhecimento e reconhecimento do cristianismo doutrinário. E menos ainda encontram, para manter-se no caminho da piedade prática, o caminho estreito, que é o único que conduz à vida. Precisa haver uma grande parcela de autonegação e desconfiança de nós mesmos, e de submissão à autoridade de Cristo Jesus, nosso grande profeta, antes de podermos receber de coração todas as verdades do evangelho; por isso, estamos em grande perigo de rejeitarmos a verdade. (2) Estamos em grande perigo de ser enganados, pois: [1] O tanto que formos afastados da verdade é proporcional ao tanto que estamos afastados do caminho da verdadeira bênção, e aí estamos no caminho que conduz à destruição. Se os homens corrompem a palavra de Deus, isso serve para a sua própria ruína. [2] Quando homens torcem a palavra de Deus, caem no erro dos ímpios, homens sem lei, que não se submetem a regra alguma, não colocam limites para si mesmos, sendo um tipo de livre-pensadores que o salmista detesta (Sl 119.113): "*Aborreço a duplicidade, mas amo a tua lei*". O homem bom repudia e abomina todos os pensamentos e opiniões humanas que não são agradáveis à lei de Deus e não são amparados por ela. Eles são a presunção e os planos dos ímpios, que abandonaram a lei de Deus; se adotarmos suas opiniões, logo imitaremos suas práticas. [3] Os que são desviados pelo engano caem da sua própria firmeza (v. 17). Eles estão totalmente confusos e perturbados, e não sabem onde descansar, mas estão na maior incerteza, como uma onda do mar, levados e jogados pelo vento. Então, é de nosso completo interesse que estejamos alertas, vendo que o perigo é tão grande.

2. Para ajudar-nos a não desviar do caminho certo, o apóstolo orienta sobre o que fazer (v. 18). (1) Precisamos crescer *na graça*. No início da epístola ele nos exortou a acrescentarmos uma graça à outra, e aqui nos aconselha a crescermos em toda graça, na fé, na virtude, e no conhecimento. Quanto mais forte for a graça em nós, tanto mais fortes e estáveis seremos na verdade. (2) Precisamos crescer no "*...conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*". "Continuem crescendo no conhecimento do Senhor. Esforcem-se para conhecê-lo de forma mais clara e mais ampla, para conhecer mais de Cristo a fim de que lhes seja mais útil, para que assim vocês sejam mais semelhantes a Ele e o amem mais". Esse é o conhecimento de Cristo que o apóstolo Paulo perseguia e desejava que os outros obtivessem (Fp 3.10). Esse conhecimento de Cristo, como o que nos torna mais conformes a Ele, e o torna mais precioso para nós, certamente é de grande utilidade para guardar-nos de cair em tempos de apostasia geral; e os que experimentam esse efeito do conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo vão agradecer, depois de receberem tal graça dele, e vão louvá-lo, e se juntar ao nosso apóstolo, dizendo: "*A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém!*"

1 JOÃO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Embora longa tradição da igreja atribua esta epístola ao apóstolo João, ainda assim podemos observar algumas outras evidências que irão confirmar (ou, em alguns casos, até mesmo exceder) a exatidão dessa tradição. Parece que o autor fazia parte do colégio apostólico pela confiança sensível e palpável que tinha acerca da verdade da pessoa do Mediador em sua natureza humana: "*...o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida*" (v. 1). Ele cita a evidência que o Senhor deu a Tomé de sua ressurreição, ao convidá-lo para tocar as marcas dos pregos e da lança, que foi registrada por João. E ele deve ter sido um dos discípulos presentes quando o Senhor veio no mesmo dia em que ressuscitou dos mortos e mostrou a eles suas mãos e seu lado (Jo 20.20). Mas, para que estejamos seguros em relação à identidade desse apóstolo, raramente existe uma crítica ou um especialista competente de estilo de argumento e espírito, que não vá concordar que esta epístola foi escrita pelo mesmo apóstolo que escreveu o Evangelho de João. Os dois livros harmonizam maravilhosamente em relação aos títulos e características do Redentor: *a Palavra, a Vida, a Luz; o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus*. Compare cap. 1.1 e 5.7 com João 1.1 e Apocalipse 12.13. Eles harmonizam na aprovação do amor de Deus a nós (cap. 3.1 e 4.9; Jo 3.16) e quanto à nossa regeneração ou ser nascido de Deus (cap. 3.9; 4.7; e v. 1; Jo 3.5,6). Por último (para não acrescentar mais exemplos, que podem ser facilmente percebidos ao comparar esta epístola com aquele evangelho), eles harmonizam na alusão ou uso da passagem no evangelho que relata (de maneira única) a saída de água e sangue do lado do Redentor: "*Este é aquele que veio por água e sangue*" (cap. 5.6). Dessa forma, a epístola parece brotar claramente da mesma pena do autor do quarto evangelho. Não conheço nenhum texto ou história intrínseca de qualquer um dos Evangelhos que ofereça tanta segurança em relação ao seu autor do que o que é atribuído a João. Ali (a saber, cap. 21.24) o historiador sacro identifica-se da seguinte maneira: "*Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro*". Então, quem é esse discípulo, senão aquele acerca de quem Pedro perguntou: "*Senhor, e deste que será?*" E a respeito de quem o Senhor respondeu: "*Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti?*" (v. 22). E quem (v. 20) é descrito por essas três características: 1. Que ele é o "*...discípulo a quem Jesus amava*", o amigo especial de Jesus. 2. Que ele "*...se recostara também sobre o seu peito*". 3. Quem ele disse: "*Senhor, quem é que te há de trair?*". Tão certo, então, de que esse discípulo de fato era João, a igreja também pode estar certa de que aquele evangelho e esta epístola vieram do amado apóstolo João.

Essa epístola é classificada como *geral*, na condição de não estar endereçada a qualquer igreja em particular. Ela é, como uma carta-circular (ou ofício de visitação), enviada às diversas igrejas (segundo alguns, da Pártia), a fim de fortalecê-las em sua lealdade ao Senhor Jesus Cristo e às doutrinas sagradas relativas à sua pessoa e ofício, contra sedutores e enganadores; e fomentá-las a conservar essa doutrina por amor a Deus e aos homens e, especialmente, por amor uns aos outros, que vem de Deus, unidos pela mesma cabeça e caminhando em direção à mesma vida eterna.

CAPÍTULO 1

Evidência em relação à pessoa e excelência de Cristo (vv. 1,2). O conhecimento disso nos permite a comunhão com Deus e com Cristo (v. 3), e nos dá alegria (v. 4). Uma descrição de Deus (v. 5). Como devemos andar (v. 6). O benefício desse andar (v. 7). O caminho do perdão (v. 9). O mal em negar o nosso pecado (vv. 8-10).

O Testemunho Apostólico

vv. 1-4

O autor da epístola omite seu nome e título (como também ocorre com o autor de Hebreus), ou por humildade ou desejando que o leitor fosse influenciado antes pela luz e peso das coisas escritas do que pelo autor que as recomendou. Assim ele começa:

I Com um relato ou natureza da pessoa do Mediador. Ele é o grande tema do evangelho, o fundamento e objeto de nossa fé e esperança, o elo e argamassa que nos une a Deus. Ele deveria ser bem conhecido. Ele é representado aqui: 1. Como a *Palavra da vida* (v. 1). No Evangelho esses dois elementos estão separados, e Ele é chamado primeiro de *o Verbo* (*a Palavra*, versão inglesa KJV; Jo 1.1) e, posteriormente, de *Vida*, anunciando, além de tudo, que ele é vida intelectual. "*Nele, estava a vida e a vida era* (eficiente e objetivamente) *a luz dos ho-*

mens" (Jo 1.4). Aqui os dois aspectos estão associados: A *Palavra da vida*, a palavra vital. Quando é chamado de a Palavra, entende-se que Ele é a Palavra de uma pessoa ou outra; e Ele é Deus, mesmo o Pai. Ele é a *Palavra* de Deus e, assim, fica claro que Ele provém do Pai, tão verdadeiramente (embora não da mesma maneira) como uma palavra (ou discurso, que é um conjunto de palavras) de um locutor. Mas Ele não é meramente uma palavra vocal, um simples *logos prophorikos*, mas uma palavra vital: a *Palavra da vida,* a palavra vivente; e, assim: 2. Como *vida eterna.* Sua duração mostra sua excelência. Ele era desde a eternidade; e assim é, de acordo com o relato das Escrituras, a vida não-criada, necessária e essencial. Parece evidente que o apóstolo fala da eternidade dele, como *desde o princípio*, pelo fato de ele falar do Cristo como era no princípio e desde o princípio; quando estava com o Pai, antes da sua manifestação a nós, antes da criação de todas as coisas (como em Jo 1.2,3). Assim, Ele é a Palavra eterna, vital e intelectual do Pai vivo e eterno. 3. Como *vida... manifestada* (v. 2), manifestada na carne, manifestada a nós. A vida eterna assumiria a mortalidade, assumiria carne e sangue (em toda a natureza humana) e assim habitou entre nós e conviveu conosco (Jo 1.4). Reconhecemos condescendência e bondade, quando a vida eterna (uma pessoa de vida essencial e eterna) veio visitar os mortais e alcançar vida eterna para eles e, então, conferi-la a eles!

II Com as evidências e certezas convincentes que os apóstolos e seus irmãos tinham da presença e da convivência do Mediador neste mundo. Havia demonstrações suficientes da realidade de sua permanência aqui e da excelência e dignidade de sua pessoa por meio de sua manifestação. *A vida, a Palavra da vida, a vida eterna*, como tal, não podiam ser vistas e sentidas; mas a vida manifestada poderia sim, e assim foi. A vida foi revestida de carne, colocada no estado e forma da natureza humana degradante e, como tal, forneceu prova sensível de sua existência e operações aqui. A vida divina, ou Palavra encarnada, se apresentou e se evidenciou aos sentidos dos apóstolos: 1. Aos seus ouvidos: "*O que temos ouvido*" (vv. 1,3, versão RA). A vida assumiu uma boca e uma língua, para que pudesse proferir palavras de vida. Os apóstolos não apenas ouviram a respeito dele, mas o ouviram pessoalmente. Por mais de três anos eles puderam presenciar seu ministério, ser ouvintes de seus sermões públicos e exposições privadas (pois Ele as expunha em casa) e ficar encantados com as palavras daquele que falou como nenhum outro homem falou antes ou desde então. A palavra divina empregaria o ouvido, e o ouvido deveria ser devotado à palavra da vida. E era sabido que aqueles que seriam ser seus representantes e imitadores no mundo deveriam ser pessoalmente familiarizados com suas ministrações. 2. Aos seus olhos: "*...o que vimos com os nossos olhos*" (vv. 1-3). A Palavra se tornaria visível, não seria apenas ouvida, mas vista, vista publicamente, privativamente, à distância e na proximidade, o que pode ser sugerido pela expressão: *com os nossos olhos* – com todo o uso e exercício que pudéssemos fazer dos nossos olhos. Nós o vimos em sua vida e ministério, o vimos na sua transfiguração no monte, pendurado, sangrando, morrendo e morto, na cruz, e o vimos depois de seu retorno da sepultura, na sua ressurreição dentre os mortos. Seus apóstolos precisavam ser tanto testemunhas visuais quanto testemunhas auriculares. "*É necessário, pois, que, dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, começando desde o batismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha da sua ressurreição*" (At 1.21,22). "*...nós mesmos vimos a sua majestade*" (2 Pe 1.16). 3. Aos seus sentidos internos, aos olhos de sua mente; pois é assim que a frase seguinte (possivelmente) pode ser interpretada: "*...o que temos contemplado*". Isso pode ser distinguido da percepção anterior: vendo *com os nossos olhos*; e pode ser o mesmo com o que o apóstolo diz no seu Evangelho (cap. 1.14): "*E vimos – etheasametha, a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai*". A palavra não é aplicada ao objeto imediato do olho, mas àquilo que foi racionalmente concluído do que viram. "O que discernimos, contemplamos e vimos bem, o que conhecemos bem dessa Palavra da vida, isso relatamos a vocês". Os sentidos devem ser os informantes da mente. 4. Às mãos ou tato: "*...e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida*". Isso certamente se refere à plena convicção que o Senhor propiciou aos seus apóstolos acerca da verdade, realidade, solidez e organização de seu corpo, depois de sua ressurreição dentre os mortos. Quando Ele mostrou as mãos e seu lado, é provável que tenha dado a eles a permissão para tocá-lo; pelo menos, Ele sabia da incredulidade de Tomé e sua firmeza declarada em não acreditar até que tivesse visto e sentido as marcas dos ferimentos que causaram a sua morte. Portanto, na reunião seguinte, Ele chamou Tomé, na presença de todos, para satisfazer a sua curiosidade e descrença. E provavelmente outros apóstolos também fizeram o mesmo. As "*...nossas mãos tocaram da Palavra da vida*". A Palavra e a vida invisível não desprezavam o testemunho dos sentidos. Os sentidos, em seu lugar e esfera, são um meio que Deus designou, e o Senhor Jesus Cristo empregou, para nossa informação. Nosso Senhor procurou satisfazer (tanto quanto possível) todos os sentidos dos apóstolos, para que pudessem ser as mais autênticas testemunhas dele no mundo. Esses que aplicam tudo isso apenas ao ouvir do evangelho perdem a variedade dos sentidos aqui mencionada e o caráter das expressões, bem como a razão de inculcá-los e repeti-los aqui: "*...o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos*" (v. 3). Os apóstolos não podiam ser iludidos por um exercício tão longo e variado de seus sentidos. Os sentidos devem ajudar a razão e o julgamento; e o julgamento e a razão devem servir para a recepção do Senhor Jesus Cristo e seu evangelho. E a rejeição da revelação cristã é finalmente reduzida à própria rejeição dos sentidos. "*Finalmente apareceu aos onze, estando eles assentados juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado*" (Mc 16.14).

III Com uma declaração e testemunho solenes dessas bases e evidências da verdade e doutrina cristã. Os apóstolos publicam essas garantias para nossa satisfação: "*...e testificamos dela, e vos anunciamos*" (v. 2). "*...o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos*" (v. 3). Cabia aos apóstolos expor aos discípulos as evidências pelas quais eram guiados, as razões pelas quais eram constrangidos a propagar a doutrina cristã

no mundo. A sabedoria e integridade os obrigaram a demonstrar que não era uma fantasia particular ou uma fábula astuciosamente inventada que eles apresentavam ao mundo. A verdade evidente abriria suas bocas e forçaria uma confissão pública. "*...não podemos deixar de falar o que temos visto e ouvido*" (At 4.20). Era do interesse dos discípulos estarem bem informados a respeito da verdade da instituição que eles haviam adotado. Eles deveriam ver as evidências de sua sagrada fé. Ela não teme nem a luz nem o exame mais criterioso. Ela é capaz de propiciar convicção racional e persuasão sólida na mente e na consciência. "*Porque quero que saibais quão grande combate* (ou preocupação mental) *tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne; para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus – Cristo*" (Cl 2.1,2).

IV Com a razão de o apóstolo expor e declarar esse resumo da fé sagrada e essa sinopse de evidência. A razão é dupla:

1. Que os crentes possam alcançar a mesma felicidade deles (junto com os próprios apóstolos): "*...o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco*" (v. 3). O apóstolo não quer dizer comunhão pessoal nem associação nas mesmas administrações eclesiásticas, mas de tal forma que seja coerente com a distância pessoal um do outro. É comunhão com o céu e bênçãos que vêm de lá e vão para lá. "Essas coisas declaramos e afirmamos, para que vocês possam compartilhar conosco em nossos privilégios e alegria". Espíritos transformados pelo evangelho (ou aqueles que são alegrados pela graça do evangelho) se contentariam em ver outros alegres também. Também vemos que existe uma comunhão que perpassa toda a igreja de Deus. Podem existir algumas distinções e particularidades pessoais, mas existe uma comunhão (ou participação comum de privilégios e dignidade) pertencente a todos os santos, do apóstolo mais importante ao crente mais humilde. Assim como existe uma mesma fé preciosa, existem as mesmas promessas preciosas enriquecendo e coroando essa fé e as mesmas bênçãos e glórias preciosas enriquecendo e preenchendo essas bênçãos. Então, para que os crentes estejam desejosos dessa comunhão, para que possam ser instigados a reter e segurar firmemente a fé, que é o meio desse tipo de comunhão, a fim de que os apóstolos também possam manifestar seu amor aos discípulos ao auxiliá-los para que cheguem à mesma comunhão com eles, eles indicam o que ela é e onde está: "*...e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo*". Temos comunhão com o Pai e com o Filho do Pai (com em 2 Jo 3, em que Ele é intitulado de forma mais enfática), em nosso relacionamento alegre com eles, no nosso recebimento de bênçãos celestiais da parte deles e em nosso relacionamento espiritual com eles. Temos agora um relacionamento tão sobrenatural com Deus e com o Senhor Jesus Cristo, que serve como um penhor e antegozo de nossa permanência eterna com Eles e do nosso prazer neles, na glória celestial. Veja a tendência da revelação do evangelho: para nos levar muito acima do pecado e da terra e nos conduzir à abençoada comunhão com o Pai e o Filho. Veja para que fim a vida eterna se tornou carne: para que Ele pudesse nos levar à vida eterna em comunhão com o Pai e com Ele mesmo. Veja quão abaixo da dignidade, finalidade e resultado da fé e da instituição cristã estão aqueles que não têm uma comunhão abençoada com o Pai e seu Filho Jesus Cristo.

2. Esses crentes podem progredir no gozo santo: "*Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra*" (v. 4). A dispensação do evangelho não é propriamente uma dispensação de medo, tristeza e pavor, mas de paz e gozo. Terror e assombro podem muito bem fazer parte do monte Sinai, mas exultação e alegria pertencem ao monte Sião, onde aparece *a Palavra eterna, a vida eterna*, manifestada em carne. O mistério da fé cristã foi planejado diretamente para a alegria dos mortais. Deveria produzir alegria em nós o fato de o Filho eterno ter vindo para nos buscar e salvar, ter realizado uma expiação completa pelos nossos pecados, vencido o pecado, a morte e o inferno, e estar vivo como nosso Intercessor e Advogado diante do Pai e que virá novamente para aperfeiçoar e glorificar seus servos perseverantes. E, portanto, esses que não estão cheios de alegria espiritual vivem abaixo do uso e da finalidade da revelação cristã. Crentes deveriam se regozijar em seu alegre relacionamento com Deus, como seus filhos e herdeiros, seus amados e adotados; em seu alegre relacionamento com o Filho do Pai, sendo membros de seu amado corpo e co-herdeiros com Ele; no perdão dos seus pecados, na santificação de suas naturezas, na adoção de suas pessoas e na expectativa da graça e glória que serão reveladas no retorno do céu do seu Senhor e cabeça. Se estivessem aprovados na fé, certamente se alegrariam muito! "*E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo*" (At 13.52).

O Testemunho Apostólico

vv. 5-7

O apóstolo João, depois de anunciar a verdade e a dignidade do autor do evangelho, traz uma mensagem ou descrição dele, da qual se pode tirar uma conclusão justa para a consideração e convicção dos adeptos da fé cristã ou destinatários professos desse evangelho glorioso.

I A mensagem ou descrição que o apóstolo afirma vir do Senhor Jesus: "*E esta é a mensagem que dele ouvimos...*" (v. 5), de seu Filho Jesus Cristo. Como Ele era o emissor imediato dos apóstolos, da mesma forma Ele é a pessoa principal da qual se fala no contexto precedente, e também o antecedente a quem o pronome *dele* pode estar se referindo. Os apóstolos e ministros apostólicos são os mensageiros do Senhor Jesus. A sua honra e aspiração principal é levar seu propósito e mensagem ao mundo e às igrejas. A sabedoria e a presente dispensação do Senhor Jesus são enviar-nos suas mensagens através de pessoas como nós. Ele que assumiu a natureza humana honrará seus vasos feitos de barro. A aspiração de cada apóstolo era ser encontrado fiel e cumprir fielmente sua missão, e entregar as mensagens que haviam recebido. Eles tinham um imenso desejo de transmitir o que tinha sido transmitido a eles: "*...esta é a mensagem que dele ouvimos e vos*

anunciamos". Deveríamos receber com alegria uma mensagem da Palavra da vida, da Palavra eterna: e a mensagem atual é essa (relativa à natureza de Deus, a quem devemos servir e com quem deveríamos ansiar toda comunhão concedida) – "*...que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma*" (v. 5). Esta descrição declara a excelência da natureza divina. Ele é toda a beleza e perfeição que podem ser representadas a nós pela luz. Ele é a espiritualidade, pureza, sabedoria, santidade e glória auto-ativas e não compostas. E, por conseguinte, a inteireza e plenitude dessa excelência e perfeição. Não há defeito ou imperfeição, nenhuma mistura de nada oposto ou contrário à absoluta excelência, nenhuma mutabilidade nem capacidade de qualquer deterioração nele: "*...e não há nele treva nenhuma*" (v. 5). Ou, então, essa descrição pode estar relacionada mais imediatamente ao que é comumente chamado de a perfeição moral da natureza divina, que devemos imitar ou que deve nos influenciar mais diretamente no nosso trabalho no evangelho. E, assim, ela irá compreender a santidade de Deus, a absoluta pureza de sua natureza e vontade, seu conhecimento penetrante (particularmente dos corações), seu zelo e justiça, que queimam como uma chama extremamente brilhante e impetuosa. É apropriado que o grande Deus seja representado por uma luz pura e perfeita neste mundo em trevas. É o Senhor Jesus que melhor abre as nossas mentes para o nome e natureza do Deus insondável. "*O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer*" (veja Jo 1.18). É a prerrogativa da revelação cristã trazer-nos o mais nobre, o mais respeitável e apropriado relato do Deus santo, da forma mais adequada à luz da razão e o que é demonstrável por meio disso, mais adequada à grandeza das suas obras em nós e à natureza e missão daquele que é o administrador, governador e juiz supremo do mundo. O que mais (relativo a toda essa perfeição) poderia ser incluído em uma breve frase como essa: "*...Deus é luz, e não há nele treva nenhuma*"?

II Há uma conclusão correta que deve ser deduzida dessa mensagem e descrição, para a consideração e convicção dos adeptos da fé cristã ou destinatários professos desse evangelho. Essa conclusão vem em duas partes: 1. Para a condenação dos adeptos que não têm uma comunhão verdadeira com Deus: "*Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade*" (v. 6). Sabe-se que andar de acordo com o relato das Escrituras significa ordenar e modelar o rumo e ações da vida moral, isto é, da vida até o ponto em que ela possa ser submetida à lei divina. *Andar nas trevas* é viver e agir na ignorância, no erro e na prática errônea, contrários aos preceitos de nossa sagrada fé. Existem pessoas que aspiram a grandes realizações e alegrias na religião; elas podem professar ter comunhão com Deus, e ainda assim apresentar uma vida irreligiosa, imoral e impura. A esses o apóstolo não recearia em mostrar a mentira: *Eles mentem e não praticam a verdade*. Eles desvirtuam Deus, porque Ele não mantém comunhão celestial com almas profanas. Que comunhão tem a luz com as trevas? Eles desvirtuam a si mesmos, ou mentem a respeito de si mesmos; pois não têm comunhão nem acesso a Ele. Não há verdade em sua profissão nem em sua prática, ou sua prática mostra que a sua profissão e aspirações são mentira, demonstrando a falsidade delas. 2. Para a convicção e conseqüente satisfação daqueles que estão perto de Deus: "*Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado*" (v. 7). Assim como o santo Deus é a luz eterna e ilimitada, e o Mediador é, a partir dele, a luz do mundo, assim a instituição cristã é o grande luminar que aparece em nosso planeta e brilha aqui na terra. A conformidade a isso em espírito e prática demonstra comunhão com Deus. Aqueles que andam assim mostram que conhecem a Deus, que receberam o Espírito de Deus e que a marca ou a imagem divina está selada em sua alma. Então *temos comunhão uns com os outros*, eles conosco e nós com eles e ambos com Deus, em suas relações santas e bem-aventuradas para conosco. Uma de suas relações bem-aventuradas para conosco é a seguinte: que o sangue e a morte de seu Filho é aplicado ou imputado a nós: "*...o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado*". A vida eterna, o Filho eterno, revestiu-se de carne e sangue e, assim, se tornou Jesus Cristo. Ele derramou o seu sangue por nós ou morreu para nos lavar dos nossos pecados em seu próprio sangue. Seu sangue atribuído a nós nos liberta da culpa de todo nosso pecado, tanto original como presente, inerente e cometido: e até esse ponto somos justos na visão de Deus; e não somente isso, mas o seu sangue produz influências santificadoras pelas quais o pecado deve ser subjugado cada vez mais em nós, até que seja completamente abolido (Gl 3.13,14).

Confissão e Perdão

vv. 8-10

Aqui:

I O apóstolo, após considerar que mesmo aqueles que desfrutam dessa comunhão celestial ainda têm o seu pecado, busca então justificar essa hipótese, mostrando as conseqüências temíveis ao negar isso por meio de dois aspectos específicos: 1. "*Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós*" (v. 8). Precisamos tomar cuidado para não nos iludir ao negar ou desculpar nossos pecados. Quanto mais os vemos, mais devemos estimar e valorizar o corretivo. Se nós os negarmos, *não há verdade em nós*; ou a verdade que é contrária a uma negação como essa (mentimos ao negar nosso pecado), ou a verdade da fé cristã não está em nós. A religião cristã é a religião dos pecadores, daqueles que pecaram e em quem o pecado ainda habita, em certa medida. A vida cristã é uma vida de arrependimento constante, de humilhação e mortificação do pecado, de uma fé contínua no Redentor, e uma gratidão e amor a Ele e uma expectativa esperançosa e alegre em relação ao dia da gloriosa redenção, quando os crentes serão plena e finalmente absolvidos, e o pecado, abolido para sempre. 2. "*Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós*" (v. 10). A negação de nosso pecado não apenas

ilude a nós mesmos, mas desonra a Deus. Isto se opõe à sua veracidade. Ele testificou claramente a respeito do pecado do mundo, e o condenou. "...*e disse o SENHOR em seu coração* (resolveu consigo mesmo)*: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque* (ou, de acordo com o instruído bispo Patrick, *embora*) *a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice*" (Gn 8.21). Mas Deus deu seu testemunho em relação ao pecado e pecaminosidade contínuos do mundo ao prover um sacrifício efetivo suficiente para o pecado, que será necessário em todas as eras, e em relação ao contínuo pecar dos próprios crentes ao se exigir continuamente que confessem seus pecados e recorram pela fé ao sangue daquele sacrifício. E, portanto, se dissermos que não pecamos ou que ainda não pecamos, *a palavra de Deus não está em nós*, nem em nossa mente, em relação ao conhecimento que deveríamos ter dela, nem em nosso coração, em relação à influência prática que deveria exercer sobre nós.

II O apóstolo então instrui o crente no caminho do perdão contínuo do seu pecado: 1. Sua obrigação: "*Se confessarmos os nossos pecados...*" (v. 9). Confissão penitente e reconhecimento do pecado constituem tarefa do cristão e o meio de libertação da culpa. 2. Seu encorajamento nesse sentido e sua garantia de um resultado feliz. A veracidade, justiça e clemência de Deus, a quem Ele faz esse tipo de confissão: "...*ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça*" (v. 9). Deus é fiel à sua aliança e palavra, em que prometeu perdão a confessores crentes e penitentes. Ele é justo consigo mesmo e à sua glória ao prover esse tipo de sacrifício, por meio do qual a sua justiça é declarada na justificação dos pecadores. Ele é justo com seu Filho, pois não apenas o enviou para essa obra, mas lhe prometeu que aqueles que viessem por meio dele seriam perdoados por causa dele. "...*com o seu conhecimento* (pela compreensão dele) *o meu servo, o justo, justificará a muitos*" (Is 53.11). Ele também é clemente e gracioso e, assim, perdoará todos os pecados do confessor contrito, purificará da culpa de toda sua injustiça e, no tempo devido, irá libertá-lo do poder e da prática dele.

CAPÍTULO 2

Aqui o apóstolo adverte contra os pecados da instabilidade (vv. 1,2), mostra o verdadeiro conhecimento e amor a Deus (vv. 3-6), renova o preceito do amor fraternal (vv. 7-11), trata das diferentes faixas etárias dos cristãos (vv. 12-14), adverte contra o amor mundano (vv. 15-17), contra os sedutores (vv. 18,19), mostra a segurança dos verdadeiros cristãos (vv. 20-27) e aconselha permanecer em Cristo (vv. 28,29).

Cristo, a Propiciação

vv. 1,2

Esses versículos estão relacionados ao assunto que concluiu o capítulo anterior, em que o apóstolo continua a analisar a hipótese dos pecados reais dos cristãos. E aqui ele lhes oferece tanto um argumento dissuasivo quanto amparo.

I Dissuasão. Ele não permitia espaço para o pecado: "*Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis* (v. 1). O motivo ou propósito dessa carta, o motivo que acabei de comentar em relação à comunhão com Deus e a ruína dela por causa de um rumo impiedoso, é dissuadir-vos e afastar-vos do pecado". Observe a interpelação familiar e carinhosa com que introduz a admoestação: *Meus filhinhos*, filhinhos pelo fato de talvez terem sido gerados pelo seu evangelho, *filhinhos* pelo fato de terem menor idade e experiência do que ele, *meus filhinhos* como sendo preciosos para ele nos laços do evangelho. Certamente o evangelho prevaleceu mais quando esse amor ministerial esteve presente. Ou talvez o leitor criterioso encontrará razão para pensar que o significado do apóstolo nessa dissuasão ou advertência redunda na seguinte interpretação: "...*estas* coisas *vos escrevo para que não pequeis*". E assim as palavras lembrarão aquilo que foi dito anteriormente em relação ao perdão garantido do pecado: "*Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados...*" (cap. 1.9). E, assim, as palavras são uma prevenção contra todo abuso desse tipo de favor e indulgência. "Embora os pecados sejam perdoados aos confessores penitentes, isso, no entanto, escrevo, não para encorajá-los no pecado, mas por outra razão". É possível que essa frase tenha em mente o que o apóstolo dirá a respeito do Advogado dos pecadores. E, dessa forma, isso é uma antecipação, uma prevenção de erro ou abuso semelhante: "...*estas coisas vos escrevo para que não pequeis*, para que possais ver o corretivo para o pecado". Assim a próxima partícula (como os estudiosos entendem) pode ser traduzida de maneira adversativa: *mas, se alguém pecar*, ele poderá conhecer sua ajuda e cura. Assim vemos:

II O amparo e alívio do crente em caso de pecado: "...*e* (ou *mas*), *se alguém pecar* (qualquer um de nós ou da nossa comunhão supramencionada), *temos um Advogado para com o Pai*" (v. 1). Os crentes, ainda os que estão adiantados nas práticas do evangelho, têm seus pecados. Existe uma grande distinção, portanto, entre os pecadores que estão no mundo. Existem os cristãos (os que fazem parte dos privilégios salvíficos do corpo místico ou espiritual de Cristo) e os não-cristãos, pecadores convertidos e não convertidos. Existem alguns que, embora cheguem a pecar, ainda assim, em comparação com outros, são considerados como aqueles que *não* cometem pecados (como cap. 3.9). Como os cristãos têm uma expiação aplicada a eles ao entrarem no estado de perdão e justificação, assim eles também têm um Advogado no céu para sustentar esse estado e obter seu perdão contínuo. E esse deve ser o sustento, a satisfação e o refúgio dos crentes (os verdadeiros cristãos) em relação aos seus pecados: "...*temos um Advogado...*". O nome original é, às vezes, dado ao Espírito Santo, e traduzido por Consolador. Ele age dentro de nós. Ele põe argumentos e súplicas em nosso coração e boca; e assim é nosso advogado, nos ensinando a interceder por nós mesmos. Mas aqui está um advogado fora de nós, no céu

e com o Pai. O trabalho característico de um advogado é junto ao juiz; diante do juiz ele defende a causa do cliente. O Juiz diante de quem nosso advogado pleiteia é o Pai, o Pai dele e nosso. Ele que foi nosso Juiz no tribunal legal (o tribunal da lei violada) é nosso Pai no tribunal do evangelho, o tribunal do céu e da graça. Seu trono ou tribunal é seu propiciatório (assento de misericórdia). E aquele que é o nosso Pai é também o nosso Juiz, o árbitro supremo de nosso estado e circunstâncias, ou para a vida ou para morte, para o tempo ou a eternidade. "*Mas chegastes... a Deus, o Juiz de todos*" (Hb 12.22,23). Para que os crentes sejam encorajados a acreditar que sua causa será bem-sucedida, da mesma forma como seu Juiz lhes é representado no relacionamento de um Pai, assim seu advogado é recomendado de acordo com essas considerações: 1. Pela sua pessoa e nomes pessoais. Ele é o *Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai*, alguém ungido pelo Pai para todo o trabalho de mediação, todo o serviço de salvação e, conseqüentemente, para ser o intercessor ou advogado. 2. Pela sua qualificação para o cargo. Ele é "*...Jesus Cristo, o Justo*", o Justo no tribunal e diante do Juiz. Isso não é tão necessário em outro advogado. Um outro advogado (ou um advogado em outro tribunal) pode ser ele mesmo uma pessoa injusta e mesmo assim ter uma causa justa (e a causa de uma pessoa justa nesse caso) para defender e conduzir sua causa de maneira apropriada. Mas aqui os clientes são culpados; sua inocência e justiça legal não podem ser defendidas; o pecado deles precisa ser confessado ou admitido. O advogado precisa defender os criminosos tendo como base sua própria justiça. Ele foi justo até a morte, justo para eles. Ele obteve justiça perpétua. O Juiz não negará isso. Com base nisso, Ele roga que os pecados dos clientes não sejam imputados a eles. 3. Pela defesa que tem de fazer, o fundamento e base para sua advocacia: "*E ele é a propiciação pelos nossos pecados...*" (v. 2). Ele é a vítima expiatória, o sacrifício propiciatório que foi oferecido ao Juiz por todas as nossas ofensas contra sua majestade, lei e governo. Os adeptos do romanismo distinguem em vão entre um advogado de redenção e um advogado de intercessão ou um mediador de serviços tão diferentes. O Mediador da intercessão, o Advogado por nós, é o Mediador da Redenção, a propiciação pelos nossos pecados. É a sua propiciação que Ele defende. E podemos presumir que o seu sangue teria perdido seu valor e eficiência se nenhuma menção tivesse sido feita dele no céu desde o tempo em que foi derramado. Mas agora vemos que é estimado ali, já que é continuamente representado na intercessão do grande advogado (o procurador-geral) pela igreja de Deus. Ele "*...vive sempre para interceder por aqueles que por ele se chegam a Deus*" (veja Hb 7.25). 4. Pelo alcance de sua defesa, o escopo da sua propiciação. Ela não está confinada a uma nação; e não particularmente ao antigo Israel de Deus: "*E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos* (não somente pelos pecados dos judeus, que são a semente de Abraão de acordo com a carne), *mas também pelos de todo o mundo*" (v. 2); não somente pelos crentes do passado ou do presente, mas pelos pecados de todos que futuramente irão crer nele ou chegar a Deus por meio dele. O alcance e propósito da morte do Mediador atingem todas as tribos, nações e países. Assim como é o único, Ele é a expiação e propiciação universal para todos aqueles que são salvos e levados para casa e para Deus, para seu favor e perdão.

O Dever do Crente

vv. 3-6

Esses versículos parecem ter relação com o versículo 7 do capítulo anterior; entre aquele e estes versículos ocorreu um discurso suplementar a respeito da obrigação e amparo no caso de pecado, ocasionado pela menção de um dos privilégios do crente – ser purificado do pecado pelo sangue do Mediador. Naquele versículo o apóstolo declara a conseqüência benéfica de *andar na luz*: "*Temos comunhão uns com os outros*, comunhão tal que é prerrogativa da igreja de Cristo". Aqui sucede a prova ou teste da nossa luz e nosso amor.

I A prova da nossa luz: "*E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos*" (v. 3). Luz e conhecimento divinos são a beleza e o progresso da mente; os discípulos do Mediador se tornam pessoas de sabedoria e entendimento. Cristãos jovens tendem a exaltar sua nova luz e aclamar seu próprio conhecimento, especialmente se o conhecimento foi transmitido a eles subitamente ou em um breve tempo; os mais velhos estão inclinados a suspeitar da suficiência e plenitude de seu conhecimento; eles já não lamentam mais o fato de conhecerem a Deus, e a Cristo, e os ricos conteúdos de seu evangelho. Mas a evidência da integridade e solidez do nosso conhecimento depende de guardarmos *os mandamentos* de Deus. Cada perfeição de sua natureza reforça sua autoridade; a sabedoria de seus conselhos, as riquezas de sua graça, a grandeza de suas obras recomendam sua lei e governo. Uma obediência cuidadosa e consciente de suas ordens mostra que a apreensão e o conhecimento dessas coisas são gravados graciosamente na alma; e, portanto (de modo contrário): "*Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade*" (v. 4). Confessores da verdade ficam freqüentemente envergonhados com a sua ignorância; eles, com freqüência, aspiram grandes realizações no conhecimento dos mistérios divinos: "*Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade, e aprovas* (no seu julgamento racional) *as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és* (ou és apto a ser) *guia dos cegos*" (Rm 2.17-19). Mas que tipo de conhecimento de Deus é esse que não vê que Ele é o mais digno da mais completa e intensa obediência? E, se isso é reconhecido, quão vão e superficial é esse conhecimento quando ele não move o coração à obediência! Uma vida desobediente é a refutação e vergonha do conhecimento religioso alegado; ela evidencia a mentira do orgulho e fingimento e mostra que não há nem religião nem honestidade nela.

II O teste do nosso amor: "*Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele*" (v. 5). Guardar a Palavra de Deus ou de Cristo é dedicar-se religiosamente a ela em toda conduta da vida. O amor de Deus está aperfeiçoado naquele que age dessa

forma. Possivelmente, alguns podem entender tratar-se aqui do amor de Deus por nós; e, indubitavelmente, o amor de Deus por nós não pode ser aperfeiçoado (ou obter seu intento ou fruto perfeito) sem a nossa observância prática da sua palavra. Somos escolhidos para ser santos e irrepreensíveis perante Ele em amor; somos *redimidos*, para ser *um povo seu especial, zeloso de boas obras*; somos perdoados e justificados, para que possamos ser participantes de medidas maiores do Espírito divino para a santificação; somos santificados, para que possamos andar em caminhos de santidade e obediência: nenhum ato de amor divino que desemboca em nós obtém sua tendência, resultado e efeito adequados sem nossa atenção sagrada à Palavra de Deus. Mas a frase denota aqui nosso amor a Deus. Lemos no versículo 15: "...*o amor do* (ao) *Pai não está nele*". Lemos também no capítulo 3.17: "...*como estará nele a caridade de* (a) *Deus?*" A luz agora deve acender o amor; e o amor precisa guardar e guardará a Palavra de Deus; o amor indaga onde o amado pode ser agradado e servido e, descobrindo o que fazer, assim será pela observância de sua vontade declarada; ali também ele se manifesta a si mesmo; ali o amor é demonstrado; ali tem seu exercício, operação e deleite perfeitos (ou completos); e dessa forma (por essa atenção obediente à vontade de Deus ou de Cristo) "...*conhecemos que estamos nele*" (v. 5), conhecemos que pertencemos a Ele, que estamos unidos com Ele por aquele Espírito que nos eleva e auxilia nessa obediência; e se reconhecemos nossa ligação com Ele e nossa união com Ele, precisa haver esse reforço contínuo em nós: "*Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou*" (v. 6). O Senhor Jesus Cristo era um habitante deste mundo e andou aqui na terra. Ele deu um exemplo brilhante de obediência absoluta a Deus. Aqueles que professam estar do seu lado e permanecer nele precisam andar como Ele, andar segundo o seu modelo e exemplo. Os partidários das várias facções de filósofos antigos tinham grande respeito pelos preceitos e práticas de seus respectivos professores e mestres; quanto mais deveria o cristão, esse que professa permanecer em Cristo e com Ele, almejar assemelhar-se ao seu infalível Mestre e cabeça e agir de acordo com sua conduta e prescrições: "...*vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando*" (Jo 15.14).

A Lei do Amor

vv. 7-11

O versículo 7 pode se referir ao versículo precedente (e, então, *andar como Cristo andou* é representado aqui como *não um novo, mas um mandamento antigo*; é isso que os apóstolos certamente procurariam inculcar aonde quer que levassem o evangelho) ou se refere àquilo que o apóstolo irá agora recomendar, ou seja, a lei do amor fraternal; essa é a mensagem "...*que ouvistes desde o princípio*" (cap. 3.11) e "...*o mandamento antigo*" (2 Jo 5). Enquanto o apóstolo se refere à recomendação desse tipo de prática, ele está pronto para dar um exemplo disso em sua petição afetuosa: "*Irmãos*, vocês que são preciosos para mim no laço desse amor ao qual eu quero motivá-los". Assim o preceito do amor fraternal é recomendado como:

I Como um mandamento antigo: "...*não vos escrevo mandamento novo, mas o mandamento antigo, que desde o princípio tivestes*" (v. 7). O preceito do amor precisa ser tão antigo quanto a natureza humana; mas ele pode admitir diversas representações, reforços e motivos. Se a natureza humana tivesse sido propagada no estado da inocência, os homens deveriam ter amado uns ao outros como sendo de um só sangue, feitos para habitar a terra, como sendo descendência de Deus e portando sua imagem. No estado do pecado e da regeneração prometida, eles precisam amar uns aos outros, tendo Deus como seu Criador, relacionados uns aos outros por sangue e participantes da mesma esperança. Quando os hebreus foram unidos de forma peculiar, precisaram amar uns aos outros da maneira devida, como o povo privilegiado, a quem pertenciam as alianças e a adoção e de cuja raça o Messias, a cabeça da igreja, deve descender; e a lei do amor deve ser comunicada com novas obrigações ao novo Israel de Deus, à igreja do evangelho; assim é o *mandamento antigo* ou a palavra que os filhos do Israel de Deus ouviram desde o início (v. 7).

II Como um mandamento novo: "*Outra vez*, para compelir-vos ainda mais a essa obrigação, *vos escrevo um mandamento novo*, a lei da nova sociedade, a comunidade cristã, *que é verdadeiro nele*, cujo conteúdo foi verdadeiro primeiro no cabeça e em relação a Ele; essa verdade estava primeiro nele e isso de maneira abundante. Ele *amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela*: e isso é verdadeiro *em vós*. Essa lei está, em certa medida, escrita nos vossos corações; vós sois ensinados por Deus a amar uns aos outros e isso *porque*" (ou desde que ou visto que) "*vão passando as trevas*, as trevas da mente não convertida (quer seja uma mente judia ou gentia), vossa ignorância deplorável em relação a Deus e a Cristo agora é passada, *e já a verdadeira luz alumia* (v. 8); *a luz* da revelação evangélica brilhou com vida e eficácia em vossos corações, conseqüentemente vós vistes a excelência do amor cristão e a obrigação fundamental para isso". Assim, vemos que os fundamentos (e especialmente os preceitos fundamentais) da religião cristã podem ser representados tanto como novos quanto antigos; a doutrina reformada, ou a doutrina cristã nas igrejas reformadas, é nova e antiga – nova, como ensinada depois de um longo período de trevas, pelas luzes da reforma, nova como purificada das adulterações de Roma; mas antiga como tendo sido ensinada e *ouvida desde o princípio*. Nós deveríamos ver que essa graça ou virtude que era verdade em Cristo é também verdade em nós; devemos agir em conformidade com a nossa Cabeça. Quanto mais nossa escuridão é passada e a luz do evangelho brilha em nós, tanto mais profunda deve ser nossa sujeição aos mandamentos de nosso Senhor, quer sejam considerados novos ou antigos. A luz deve produzir um calor adequado. Portanto, encontramos mais uma prova de nossa luz cristã; antes, ela deveria ser aprovada pela nossa obediência a Deus; aqui, pelo amor cristão. 1. Aquele que deseja esse tipo de amor simula sua luz em vão. "*Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas*" (v. 9). É apropriado para os cristãos sinceros reconhecerem o que Deus fez pela sua alma; mas na igreja visível freqüentemente existem

aqueles que pretendem ser mais do que na realidade são; existem aqueles que dizem que estão na luz e que a revelação divina deixou sua impressão sobre sua mente e espírito e mesmo assim andam em ódio e inimizade em relação aos seus irmãos cristãos. Esses não podem ser movidos pelo senso do amor de Cristo a seus irmãos e, portanto, permanecem no seu estado de trevas, apesar de sua alegada conversão à fé cristã. 2. Aquele que é governado por um amor desses aprova sua luz como boa e genuína: "*Aquele que ama a seu irmão* (como seu irmão em Cristo) *está na luz*" (v. 10). Ele vê o fundamento e a razão do amor cristão; discerne o peso e o valor da redenção cristã; percebe quão adequado é amar aqueles que Cristo amou. Então, como conseqüência, vê que "*...nele não há escândalo*" (v. 10); ele não será nenhum escândalo, *nenhum tropeço, ao irmão*; ele se guardará conscientemente para não induzir seu irmão a pecar nem desviá-lo do caminho da retidão. O amor cristão nos ensina a importância de valorizar a alma de nosso irmão e temer tudo que poderá ser prejudicial à sua inocência e paz. 3. O ódio é um sinal de trevas espirituais: "*...mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas*" (v. 11). A luz espiritual é instilada pelo Espírito da graça e um dos *frutos do Espírito* é *a caridade*; aquele então que tem maldade em relação a um irmão cristão está destituído de luz espiritual; conseqüentemente, ele "*...anda em trevas*" (v.11); sua vida apresenta mente e consciência escuras "*...e não sabe para onde deva ir*"; ele não enxerga para onde esse espírito sombrio o conduz e, especialmente, que o conduzirá ao mundo de escuridão absoluta, "*...porque as trevas lhe cegaram os olhos*" (v.11). As trevas da não-regeneração, evidenciadas por um espírito pernicioso, são contrárias à luz da vida; onde essa escuridão habita, a mente, o raciocínio e a consciência serão obscurecidos e, assim, não alcançarão o caminho para a vida celestial sem fim. Podemos observar aqui o quão eficazmente o nosso apóstolo está liberto do seu antigo espírito furioso e ardente. Passou o tempo quando pedia *para descer fogo do céu* sobre os pobres samaritanos que não os receberam (Lc 9.54). Mas o seu Senhor mostrou-lhe que ele não conhecia seu próprio espírito nem para onde o conduzia. Tendo agora absorvido mais do Espírito de Cristo, exala boa vontade aos homens e amor a todos os irmãos. É o Senhor Jesus que é o grande Mestre do amor: é a sua escola (sua própria igreja) que é a escola do amor. Seus discípulos são os discípulos do amor e sua família precisa ser a família do amor.

Contra o Amor pelo Mundo
vv. 12-17

Esse novo mandamento do amor santo, com os devidos incentivos, pode ser possivelmente direcionado aos várias tipos de cristãos a quem ele se dirige. Os diversos formandos na universidade cristã, a igreja universal, precisam cuidar para preservar o vínculo do amor sagrado. Ou, havendo uma importante dissuasão a ser feita, sem a observância da qual a fé vital no amor de Deus e no amor dos irmãos não pode subsistir, o apóstolo pode parecer estar legitimamente prefaciando-a com um discurso solene às várias formas ou ordens na escola de Cristo: deixando as crianças ou menores de idade, os adultos, os mais velhos (ou os *adepti*, os *teleioi*, os mais *perfeitos*) na instituição cristã saberem que não devem *amar este mundo*; sendo assim:

I O discurso é transmitido às várias faixas de maturidade na igreja de Cristo. Nem todos os cristãos são da mesma posição e estatura; existem os bebês em Cristo, os adultos e os discípulos idosos. Assim como eles têm suas posições peculiares, eles também têm suas obrigações específicas; mas existem preceitos e uma obediência correspondente comum a todos eles, assim como o amor mútuo e o desprezo do mundo. Vemos também que pastores sábios devem distribuir a palavra da vida de maneira criteriosa e dar aos vários membros da família cristã suas diversas porções apropriadas: *Escrevo-vos... filhinhos... pais... e jovens.*

1. Os mais simples na escola cristã: "*Filhinhos, escrevo-vos...*" (v. 12). Existem os novatos no evangelho, os bebês em Cristo, aqueles que estão aprendendo os rudimentos da religião cristã. O apóstolo parece encorajá-los ao se dirigir a eles primeiro; pode ser útil aos versados ouvir o que é dito aos mais moços; fundamentos devem ser repetidos; os primeiros princípios são o fundamento de tudo. Ele se dirige aos *filhos* do cristianismo por dois motivos: (1) "*...porque, pelo seu nome, vos são perdoados os pecados*" (v. 12). O discípulo sincero mais novo é perdoado; *a comunhão dos santos está ligada ao perdão dos pecados*. Os pecados são perdoados por causa do nome de Deus, para o louvor da sua glória (sua gloriosa perfeição mostrada no perdão) ou *pelo nome de Cristo*, por causa dele ou por causa da redenção que existe nele; e aqueles que são perdoados por Deus são fortemente compelidos a renunciar a este mundo, o que assim interfere no *amor de Deus*. (2) Por causa do seu conhecimento de Deus: "*Eu vos escrevi, filhos, porque conhecestes o Pai*" (v. 13). Os filhos costumam conhecer primeiro o seu pai. Os filhos no cristianismo devem conhecer e, de fato, conhecem a Deus. "*...todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior*" (Hb 8.11). Filhos em Cristo deveriam saber que Deus é o seu Pai; essa é a sabedoria deles. Nós dizemos: Um filho sábio conhece a seu pai. Esses filhos precisam conhecer seu pai; eles podem estar seguros acerca do poder que os regenerou e da graça por meio da qual foram adotados. Aqueles que conhecem o Pai devem ser afastados do amor deste mundo. Então o apóstolo prossegue:

2. Aqueles de maior posição e estatura, aos mais velhos no cristianismo, a quem ele chama de maneira honorável: "*Pais, escrevo-vos...*" (vv. 13,14), a vocês, Mnasoms, discípulos antigos (At 21.16). O apóstolo passa imediatamente do ponto mais baixo ao ponto mais elevado, da escala mais baixa para a mais alta, para que os que estão no meio possam ouvir as duas lições, possam lembrar o que aprenderam e perceber onde precisam chegar: *Pais, escrevo-vos.* Aqueles que já passaram mais tempo na escola de Cristo têm necessidade de recomendações e instruções adicionais; o discípulo mais antigo deve ir ao céu (a universidade acima) com seu livro, sua Bíblia, em suas mãos; aos pais deve ser escrito e pregado; ninguém é maduro demais para aprender. Ele lhes escreve de acordo com o seu conhecimento: "*Pais, escre-*

vo-vos, porque conhecestes aquele *que é desde o princípio*" (vv. 13,14). Homens maduros têm conhecimento e experiência e esperam respeito. O apóstolo está pronto para reconhecer o conhecimento dos cristãos maduros e congratulá-los por causa disso. Eles conhecem ao Senhor Jesus Cristo e, especialmente, *o que era desde o princípio* (como cap. 1.1). Assim como Cristo é *o Alfa* e *o Ômega*, assim Ele precisa ser o começo e o fim do nosso conhecimento cristão. "*...tenho também por perda todas as* coisas, *pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor*" (Fp 3.8). Aqueles que conhecem o que era desde o princípio, antes de este mundo ser criado, podem perfeitamente ser persuadidos a abandonar este mundo. Então:

3. Para os cristãos jovens na fé, para aqueles que estão na flor da maturidade: "*Jovens, escrevo-vos...*" (vv. 13,14). Existem os jovens em Cristo Jesus, aqueles que alcançaram a força de espírito e um bom-senso sadio e que podem discernir entre o bem e o mal. O apóstolo se dirige a eles segundo estas razões: (1) Segundo a razão de sua proeza guerreira. Eles são soldados hábeis no acampamento militar de Cristo: "*...porque vencestes o maligno*" (v. 13). Existe um maligno que está continuamente batalhando contra as almas e, especialmente, contra os discípulos. Mas aqueles que são bem ensinados na escola de Cristo podem manusear suas armas e derrotar o perverso; e aqueles que podem derrotá-lo podem ser chamados para derrotar o mundo também, que é um instrumento tão grande para o diabo. (2) De acordo com a força deles, percebida nesta realização: "*...porque sois fortes... e já vencestes o maligno*" (v. 14). Os jovens costumam se gloriar em sua força; a glória de jovens em Cristo é serem fortes no Senhor e em sua graça; superar o diabo será a sua glória e provará a sua força; se não forem muito duros com o diabo, ele será muito duro com eles. Os cristãos vigorosos devem mostrar sua força em conquistar o mundo; e a mesma força que é exercida em derrotar o diabo deve ser usada para vencer o mundo. (3) Por causa do seu conhecimento da palavra de Deus: "*...e a palavra de Deus está em vós*" (v. 14). A palavra de Deus precisa habitar nos discípulos jovens; é o suprimento para suas forças; é a arma pela qual eles superam o maligno; a palavra do Espírito, por meio da qual eles apagam suas flechas ardentes; e aqueles em quem a palavra de Deus habita estão bem providos para a vitória sobre o mundo.

II Nós temos a dissuasão assim prefaciada e introduzida, uma precaução fundamental para a religião vital e prática: "*Não ameis o mundo, nem o que no mundo há* (v. 15). Sede crucificados para o mundo, sede mortificados para as coisas, negócios e tentações do mesmo". As diversas categorias de cristãos deveriam se unir nisso, em estar mortas para o mundo. Se estivessem unidos dessa forma, logo se uniriam por outras razões: seu amor deve ser reservado para Deus; não o desperdicem com o mundo. Vemos aqui as razões dessa dissuasão e precaução. Elas são diversas e precisava ser assim; é difícil contestar ou dissuadir os próprios discípulos do amor ao mundo. Essas razões são tiradas:

1. Da inconsistência desse amor com o amor de Deus: "*Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele*" (v. 15). O coração do homem é estreito e não pode conter os dois tipos de amor. O mundo afasta o coração de Deus; e, assim, quanto mais o amor do mundo prevalecer, mais o amor de Deus diminuirá e se deteriorará.

2. Da proibição do amor mundano ou da concupiscência; ela não é determinada por Deus: Ela "*...não é do Pai, mas do mundo*" (v. 16). Esse amor (ou concupiscência) não é ordenado por Deus (Ele nos chama para nos afastarmos dela), mas se intromete a partir do mundo; o mundo é um usurpador de nossa paixão. Temos aqui uma consideração e noção apropriadas do mundo, de acordo com as quais ele deve ser crucificado e renunciado. *O mundo*, fisicamente considerado, é bom e deve ser admirado como obra de Deus e um espelho na qual a sua perfeição brilha; mas deve ser considerado no seu relacionamento conosco agora em nosso estado corrompido e como trabalha em nossa fraqueza e instiga e inflama nossas paixões perversas. Existe uma grande afinidade e aliança entre este mundo e a carne, e este mundo penetra e invade a carne e assim se volta contra Deus. As coisas do mundo, portanto, são distinguidas em três classes, de acordo com as três inclinações predominantes da natureza depravada: (1) *A concupiscência da carne. A carne* aqui, sendo distinguida *dos olhos* e *da vida*, refere-se ao corpo. A concupiscência da carne é, subjetivamente, o capricho e apetite dos prazeres carnais; e, objetivamente, todas as coisas que excitam e inflamam os prazeres da carne. Essa concupiscência é comumente chamada de *luxúria*. (2) *A concupiscência dos olhos*. Os olhos se deleitam com tesouros; riquezas e posses valiosas são almejadas por um olhar esbanjador; essa é a concupiscência da cobiça. (3) Existe *a soberba da vida*. Uma mente vaidosa almeja toda grandeza e pompa de uma vida vangloriosa; é uma ambição desenfreada e uma avidez por honra e aplauso. A soberba da vida é, em parte, a doença do ouvido; ele precisa ser lisonjeado com admiração e aplausos. Os objetos desses apetites precisam ser abandonados e renunciados; como eles atraem e dominam a afeição e desejo, eles não são *do Pai, mas do mundo* (v. 16). O Pai os desaprova e o mundo deveria permanecer com eles. A concupiscência ou apetite para essas coisas deve ser mortificado ou subjugado; e assim a tolerância a isso não é estabelecida por Deus, mas é insinuada pelo mundo sedutor.

3. Do estado das coisas terrenas vãs e passageiras e o deleite delas. "*E o mundo passa, e a sua concupiscência*" (v. 17). As coisas do mundo estão desfalecendo e morrendo rapidamente. A própria concupiscência e o prazer dela definham e decaem; o próprio desejo em breve perecerá e cessará (Ec 12.5). E o que aconteceu com toda a pompa e prazer de todos os que agora jazem na cova decompondo-se?

4. Da imortalidade de quem ama a Deus: "*...mas aquele que faz a vontade de Deus*, que precisa ser a característica de quem ama a Deus, em oposição ao amante do mundo, *permanece para sempre*" (v. 17). O objeto do seu amor, em oposição ao *mundo* que *passa*, permanece para sempre; seu amor ou paixão sagrada, em oposição à concupiscência que passa, permanece para sempre; o amor não irá extinguir-se nunca; e ele próprio é um herdeiro da imortalidade e da vida eterna e, no tempo oportuno, será deslocado para lá.

Do conjunto desses versículos deveríamos observar a pureza e a espiritualidade da doutrina apostólica. A

vida animal deve ser submetida à divina; o corpo, com suas paixões, deveria ser subjugado à alma; a alma deveria ser governada pelos princípios cristãos e pelo amor vitorioso de Deus.

Acerca do Anticristo
vv. 18,19

Aqui está:

I Um presságio moral do tempo: o fim está chegando: "*Filhinhos, é já a última hora*" (v. 18). Alguns podem supor que aqui o apóstolo se dirige ao primeiro grupo dos cristãos novamente; os mais novos são mais aptos a serem seduzidos e, portanto: "*Filhinhos*, vocês que são novos na religião, tomem cuidado de si mesmos para que não sejam corrompidos". Mas aqui pode ser, como em outra passagem, uma designação universal, servindo como um alerta a todos os cristãos: "*Filhinhos, é já a última hora*; o sistema judaico está chegando ao fim; a instituição e disciplina mosaicas estão prestes a desaparecer; as semanas de Daniel estão terminando; a destruição do santuário e da cidade hebraica está se aproximando; *seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações*" (Dn 9.26). É oportuno que os discípulos sejam alertados a respeito do final dos tempos e informados o máximo possível a respeito dos períodos proféticos do tempo.

II O sinal dessa última hora: "*...também agora muitos se têm feito anticristos*" (v. 18), muitos que se opõem à pessoa, doutrina e reino de Cristo. A permissão de anticristos é uma parte misteriosa da providência: mas quando eles viessem, seria bom e seguro que os discípulos fossem informados a respeito deles; os ministros deveriam ser *vigias para a casa de Israel*. A existência desses anticristos não deveria ser repulsiva ou discriminatória aos discípulos: 1. Um grande anticristo havia sido profetizado: "*...como ouvistes que vem o anticristo*" (v. 18). A maior parte da igreja foi informada por revelação divina que haveria um adversário por um tempo longo para Cristo e sua igreja (2 Ts 2.8-10). Não era de admirar que existissem muitos precursores e anunciadores do grande anticristo: "*...também agora muitos se têm feito anticristos*", o mistério da iniqüidade já operava. 2. Eles também foram profetizados como sinal desa última hora: "*...porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos*" (Mt 24.24). E esses eram os precursores da dissolução do estado, da nação e religião judaicas: "*...por onde conhecemos que é já a última hora*" (v. 18). Que a predição de sedutores que surgem no mundo cristão nos fortifique contra a sedução deles.

III Alguns relatos a respeito desses sedutores ou anticristos. 1. De forma mais positiva. Eles um dia foram adeptos da doutrina apostólica: "*Saíram de nós* (v. 19), de nossa companhia e comunhão"; possivelmente da igreja de Jerusalém ou alguma das igrejas da Judéia, como em Atos 15.1: "*Então, alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos*". As igrejas mais puras podem conter apóstatas e rebeldes; a doutrina apostólica não converteu a todos a quem convenceu acerca da sua verdade. 2. De forma mais específica: "No íntimo, eles não eram como nós: *...mas não eram de nós*, eles não *...obedeceram de coração à forma de doutrina a que foram entregues*; eles não participavam da nossa união com Cristo, a cabeça". Então aqui consta: (1) A razão segundo a qual se conclui que eles não eram de nós, não eram o que fingiam ser, ou o que nós somos, e essa era sua verdadeira apostasia: *...porque, se fossem de nós,* sem dúvida *ficariam conosco* (v. 19); se a verdade sagrada tivesse se enraizado em seus corações, eles teriam ficado conosco; se tivessem a unção de cima, que os teria tornado cristãos reais e verdadeiros, não teriam se tornado anticristos". Aqueles que apostatam da fé indicam claramente que, antes, eram hipócritas religiosos: aqueles que absorvem o espírito da verdade do evangelho têm uma boa salvaguarda contra erros destrutivos. (2) A razão pela qual se lhes permitem afastar-se da doutrina e comunhão apostólicas – para que a insinceridade deles possa ser detectada: "*mas* isto foi feito (ou *saíram de nós*) *para que se manifestasse que não são todos de nós*" (v. 19). A igreja não sabe ao certo quem são seus membros vitais e quem não são; e, portanto, a igreja, considerada internamente santificada, pode muito bem ser chamada de *invisível.* Alguns dos hipócritas devem ser manifestados aqui, para a sua própria vergonha e benefício, na sua volta à verdade, caso não tenham pecado para a morte, ou para o terror e precaução de outros. "*Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza; antes, crescei na graça*" (2 Pe 3.17,18).

Acerca do Anticristo
vv. 20-27

Aqui:

I O apóstolo encoraja os discípulos (aos quais escreve) nesses tempos perigosos, nessa hora de sedutores; ele os encoraja na garantia de sua estabilidade nessa época de apostasia: "*E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo*". Vemos: 1. A bênção com que foram enriquecidos – uma unção do céu: "*...vós tendes a unção*". Verdadeiros cristãos são pessoas ungidas, pois é o que o seu nome sugere. Eles são ungidos com o óleo da graça, com dons e dotações espirituais, pelo Espírito da graça. Eles são ungidos na semelhança dos ofícios do seu Senhor, como profetas, sacerdotes e reis subordinados a Deus. O Espírito Santo é comparado com óleo, bem como com fogo e com água; e a comunicação de sua graça salvífica é nossa unção. 2. A origem dessa unção – *do Santo,* ou do Espírito Santo ou do Senhor Jesus Cristo, de acordo com Apocalipse 3.7: "*Isto diz o que é santo – o Santo*". O Senhor Jesus Cristo é glorioso em sua santidade. O Senhor Jesus Cristo coloca à disposição as graças do Espírito divino e unge os discípulos para torná-los semelhantes a Ele e firmá-los no seu interesse. 3. O efeito dessa unção – é um re-

médio para os olhos; ele ilumina e fortifica os olhos do entendimento: "...*e sabeis tudo* (v. 20), todas essas coisas relativas a Cristo e sua doutrina; ela foi prometida e dada a vós para esse fim" (Jo 14.26). O Senhor Jesus Cristo não reparte de igual modo entre seus discípulos professos, alguns são mais ungidos do que outros. Existe o grande perigo de que aqueles que não são ungidos dessa forma estejam tão longes de serem genuínos em relação a Cristo que poderiam, pelo contrário, tornar-se anticristos e evidenciar-se como adversários à pessoa, ao reino e à glória de Cristo.

II O apóstolo indica o propósito e a intenção da sua carta. 1. Por meio da negação, não que com isso estivesse suspeitando do seu conhecimento ou admitindo a ignorância deles nas principais verdades do evangelho: "*Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis* (v. 21). Eu não poderia então estar tão convicto da vossa estabilidade nisso, nem congratular-vos por vossa unção de cima". É bom conjecturar favoravelmente acerca de nossos irmãos em Cristo; devemos agir dessa forma até que alguma evidência derrube nossa conjectura: uma confiança justa em pessoas religiosas pode encorajar e contribuir para a fidelidade delas. 2. Por intermédio da afirmação e reconhecimento, confiando no julgamento deles nessas coisas: "...*mas porque a sabeis* (sabeis *a verdade em Jesus*), *e porque nenhuma mentira vem da verdade*". Aqueles que conhecem a verdade sob qualquer aspecto estão assim preparados para discernir o que é contrário e inconsistente com ela. *Rectum est index sui et obliqui – A linha que se mostra reta também mostra qual linha está torta.* A verdade e a falsidade não se misturam. Aqueles que estão bem familiarizados com a verdade cristã estão, assim, bem fortificados contra erros e desilusões anticristãs. Nenhuma mentira pertence à religião, tanto natural quanto revelada. Os apóstolos, acima de tudo, condenavam a mentira e mostravam a incoerência da mentira com a sua doutrina: eles teriam sido as pessoas mais autocondenáveis caso tivessem propagado a verdade por meio de mentiras. A incumbência da fé cristã é estar plenamente de acordo com a religião natural, que serve de base para ela, que está plenamente de acordo com a religião judaica, que continha os elementos e os rudimentos dela. *Nenhuma mentira vem da verdade*; fraudes e imposturas são então meios bem inadequados de fortalecer e propagar a verdade. Acredito que teria sido melhor para o estado da religião se elas nunca tivessem sido usadas. O resultado delas aparece na infidelidade de nossa época; a descoberta de fraudes piedosas antigas quase conduziu nossa era ao ateísmo e irreligiosidade; mas os maiores agentes e sofredores da revelação cristã nos asseguraram que *nenhuma mentira vem da verdade.*

III O apóstolo então denuncia e acusa esses sedutores que chegaram recentemente. 1. Eles são mentirosos, opositores clamorosos da verdade sagrada: "*Quem é o mentiroso*, mentiroso notório do tempo e da época em que vivemos, *senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?*" As grandes e perniciosas mentiras que o pai da mentira, ou dos mentirosos, espalha pelo mundo eram antigas e geralmente são falsidades e erros relativos à pessoa de Cristo. Não existe verdade tão sagrada e plenamente testificada, mas um ou outro irá contradizê-la ou negá-la. Que Jesus de Nazaré foi o Filho e o Cristo de Deus foi testificado pelo céu, terra e inferno. Parece que alguns, no espantoso julgamento de Deus, se dedicam a fortes desilusões. 2. Eles são inimigos diretos de Deus bem como de Jesus Cristo: "*É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho*" (v. 22). Aquele que se opõe a Cristo nega o testemunho e evidência do Pai e o selo que Ele deu ao seu Filho: "...*porque a este o Pai, Deus, o selou*" (Jo 6.27). E a pessoa que nega o testemunho e a evidência de Deus com relação a Jesus Cristo nega que Deus é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e, conseqüentemente, abandona o conhecimento de Deus em Cristo e, conseqüentemente, toda a revelação de Deus em Cristo e, particularmente, de Deus em Cristo *reconciliando consigo o mundo.* Portanto, o apóstolo pode bem inferir: "*Qualquer que nega o Filho também não tem o Pai*" (v. 23); ele não tem o verdadeiro conhecimento do Pai, pois foi o Filho que melhor o revelou. Ele não tem interesse no Pai, em seu favor, sua graça e salvação, *pois ninguém vem ao Pai senão pelo Filho.* "*E* (como alguns manuscritos acrescentam) *aquele que confessa o Filho tem também o Pai*" (v. 23). Como existe um relacionamento íntimo entre o Pai e o Filho, também existe uma união inviolável na doutrina, conhecimento e interesses de ambos: assim, aquele que tem o conhecimento e o direito ao Filho, também tem o conhecimento e o direito ao Pai. Aqueles que seguem a revelação cristã também detêm a luz e o benefício da religião natural.

IV O apóstolo então adverte e persuade os discípulos a continuarem na antiga doutrina inicialmente comunicada a eles: "*Portanto, o que desde o princípio ouvistes permaneça em vós*" (v. 24). A verdade é mais antiga do que o erro. A verdade relativa a Cristo, que foi primeiramente transmitida aos santos, não deve ser trocada por novidades. Os apóstolos estavam tão certos da veracidade das coisas que transmitiram acerca de Cristo, e que procediam do próprio Cristo, que, após toda sua labuta e sofrimento, não estavam dispostos a renunciá-la. A verdade cristã pode advogar ser antiga e deve ser recomendada por causa disso. Essa exortação é reforçada pelas seguintes considerações:

1. Da vantagem sagrada que eles obterão ao aderir à verdade e fé primitivas. (1) Eles continuarão assim em união santa com Deus e Cristo: "*Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis no Filho e no Pai*" (v. 24). A verdade de Cristo habitando em nós é o meio de nos separar do pecado e nos unir ao Filho de Deus (Jo 25.3,4). O Filho é o agente ou Mediador pelo qual somos unidos ao Pai. Que valor então deveríamos atribuir à verdade do evangelho! (2) Conseqüentemente, eles irão receber a promessa da vida eterna: "*E esta é a promessa que ele* (que é Deus, o Pai, cap. 5.11) *nos fez: a vida eterna*" (v. 25). A promessa que Deus faz aos seus adeptos fiéis é grande. Ela está de acordo com a grandeza, poder e divindade dele. É a *vida eterna*, que ninguém senão Deus pode dar. Deus Pai coloca grande valor no seu Filho e na verdade em relação a Ele, quando fica satisfeito em prometer àqueles que

continuarem nessa verdade (sob a luz, poder e influência dela) a *vida eterna*. Então a exortação supracitada é reforçada:

2. Da finalidade de o apóstolo ter escrito a eles. Essa carta visava fortificá-los contra os enganadores da época: "*Estas coisas vos escrevi acerca dos que vos enganam* (v. 26) e, portanto, se vós não continuardes naquilo *que desde o princípio ouvistes*, meu escrito e serviço será em vão". Deveríamos cuidar para que as cartas apostólicas, sim, para que todas as Escrituras de Deus não se tornassem insignificantes e infrutíferas. "*Escrevi para eles as grandezas da minha lei* (e do meu evangelho também)*; mas isso é para eles como coisa estranha*" (Os 8.12).

3. Das bênçãos instrutivas que haviam recebido do céu: "*E a unção que vós recebestes dele fica em vós*" (v. 27). Verdadeiros cristãos têm uma confirmação interior da verdade divina que absorveram: o Espírito Santo a gravou em suas mentes e corações. É apropriado que o Senhor Jesus tenha um testemunho constante no coração dos discípulos. A unção, o derramar dos dons da graça sobre os discípulos sinceros, é um selo da verdade e da doutrina de Cristo, já que ninguém senão Deus concede esse selo. "*Mas o que nos confirma convosco* (e a vós conosco) *em Cristo e o que nos ungiu é Deus*" (2 Co 1.21). Essa confirmação sagrada, ou unção divina, é elogiada segundo as razões seguintes: (1) Ela é duradoura e permanente; o óleo ou ungüento não seca tão rapidamente quanto a água: ela *fica em vós* (v. 27). A iluminação divina, para receber a confirmação, precisa ser algo contínuo e constante. Surgem tentações, ciladas e seduções. A unção precisa permanecer. (2) Ela é melhor que o ensino humano: "*...e não tendes necessidade de que alguém vos ensine* (v. 27). Não que essa unção irá ensinar-vos sem o ministério designado. Isso poderia acontecer, se Deus assim o quisesse; mas não irá, embora possa ensinar-vos melhor do que nós podemos: *e não tendes necessidade de que alguém vos ensine* (v. 27). "Vós fostes instruídos por nós antes de serdes ungidos, mas agora nosso ensino não é nada em comparação a essa unção. *Quem ensina como ele?*" (Jó 36.22). A unção divina não substitui o ensino ministerial, mas o transpõe. (3) É uma evidência indubitável da verdade, e tudo o que ela ensina é verdade infalível: "*...mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira*" (v. 27). O Espírito Santo precisa ser o *Espírito da Verdade*, como é chamado (Jo 14.17). O ensino e iluminação que Ele proporciona precisa estar de acordo com a verdade. O Espírito da verdade não mentirá; Ele ensina todas as coisas, isto é, todas as coisas na presente dispensação, todas as coisas necessárias ao nosso conhecimento de Deus em Cristo e sua glória no evangelho. (4) Ela é uma influência conservadora; ela preservará aqueles em quem habita contra os sedutores e suas seduções: "*...como ela vos ensinou, assim nele permanecereis* (v. 27). Ela vos ensina a permanecer em Cristo; e, como vos ensina, também vos guardará; ela coloca um obstáculo em vossos corações e mentes, para que não vos revolteis contra Ele. *E o que nos ungiu é Deus, o qual também nos selou* para si mesmo *e deu o penhor do Espírito em nossos corações*" (2 Co 1.21,22).

O Segundo Aparecimento de Cristo

vv. 28,29

Da bênção da unção sagrada o apóstolo prossegue em sua recomendação e exortação à constância com Cristo: "*E agora, filhinhos, permanecei nele*" (v. 28). O apóstolo repete sua designação carinhosa, *filhinhos*, que acredito não indicar tanto a pequenez deles quanto a afeição dele. Assim, entendo que deveria ser traduzida por *queridos filhos*. Ele buscava persuadir pelo amor e convencer pelo carinho, bem como pela razão. "Não apenas o amor de Cristo, mas o amor de vocês nos constrange a inculcar sua perseverança e que vocês *permaneçam nele*, na verdade da sua pessoa e em sua união e aliança com Ele". Os privilégios evangélicos são obrigatórios aos deveres evangélicos, e aqueles que são ungidos pelo Senhor Jesus são altamente obrigados a permanecer com Ele em oposição a todos os adversários de qualquer tipo. Esse dever de perseverança e constância em tempos de provação é fortemente estimulado pelas considerações seguintes: 1. Da consideração do seu retorno no grande dia da prestação de contas: "*...para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos confundidos por ele na sua vinda*" (v. 28). É pressuposto aqui que o Senhor Jesus virá novamente. Isso fazia parte da verdade que eles ouviram desde o princípio. E, quando Ele vier novamente, irá aparecer publicamente e será manifestado a todos. Quando esteve aqui anteriormente, veio privativamente. Ele originou-se de um ventre e nasceu em um estábulo: mas, quando vier novamente, virá dos céus abertos e todo olho o verá; e aqueles que continuaram com Ele em todas as suas tentações terão a confiança, segurança e alegria em vê-lo. Eles erguerão a cabeça em um triunfo indescritível, sabendo que a sua redenção completa vem com Ele. Por outro lado, aqueles que o abandonaram serão *confundidos por ele na sua vinda*; eles ficarão envergonhados de si mesmos, envergonhados de sua descrença, sua covardia, ingratidão e tolice em abandonar um Redentor tão glorioso. Ficarão envergonhados de suas esperanças, expectativas e pretensões e de todos os salários da injustiça, pelos quais foram induzidos a abandoná-lo: "*...para que... tenhamos confiança e não sejamos confundidos...*". O apóstolo inclui a si mesmo nesse grupo: "Não nos deixem ficar envergonhados de vocês", bem como: "vocês não ficarão envergonhados de si mesmos". Ou: *me aischynthomen ap autou – para que não sejamos confundidos* (ou envergonhados, ou colocados para a vergonha) *por ele na sua vinda*. Na sua aparição pública Ele envergonhará todos aqueles que o abandonaram, negará toda familiaridade com eles, irá cobri-los com vergonha e confusão, irá deixá-los à mercê da escuridão, demônios e desespero sem fim, ao professar perante homens e anjos que está envergonhado deles (Mc 8.38). 2. Ele prossegue na mesma recomendação e exortação pela consideração da dignidade daqueles que ainda seguem a Cristo e sua doutrina: "*Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele*" (v. 29). A partícula aqui traduzida por *se* não parece ser *vox dubitantis*, mas *concedentis*; não tanto uma partícula condicional como uma hipotética, se assim posso chamá-la, uma nota de permissão ou concessão e assim parece ter o mesmo significado do nosso português ou *já*

que ou *visto que*. Assim a compreensão flui mais claramente: *Visto que sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele. Aquele que pratica a justiça* pode ser entendido aqui como mais um nome para aquele que permanece em Cristo. Pois aquele que permanece em Cristo permanece na lei e no amor de Cristo e, conseqüentemente, em fidelidade e obediência a Ele; e assim deve fazer, ou produzir ou praticar a justiça ou os deveres da santidade do evangelho. Uma pessoa assim precisa ser *nascida dele*. Ela é renovada pelo Espírito de Cristo, segundo a imagem de Cristo, "*...criado em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas*" (Ef 2.10). "*Visto que sabeis* então *que o Senhor Jesus Cristo é justo* (justo na sua qualidade e capacidade, o Senhor, nossa justiça, e o Senhor, nosso santificador ou nossa santificação, como em 1 Co 1.30), não podeis saber senão" (ou vós sabeis, é para vosso exame e consideração) "que, aquele que pela contínua prática da justiça, permanece nele é nascido dele". A nova criatura espiritual é derivada de Jesus Cristo. A pessoa que é constante na prática da fé cristã em tempos de provação apresenta boa evidência de que é nascida de cima, de Deus. Ele é o Pai eterno. É um grande privilégio e dignidade ser nascido dele. Esses são os filhos de Deus. "*Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus*" (Jo 1.12). Isso introduz o contexto do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

O apóstolo exalta o amor de Deus em nossa adoção (vv. 1,2). Ele então argumenta a favor da santidade (v. 3) e contra o pecado (vv. 4-19). Ele ressalta a importância do amor fraternal (vv. 11-18). Como assegurar nossos corações diante de Deus (vv. 19-22). O preceito da fé (v. 23) e o benefício da obediência (v. 24).

A Adoção

vv. 1-3

O autor, tendo mostrado a dignidade dos seguidores de Cristo, que são nascidos dele e, por isso, intimamente ligados com Deus, agora faz o seguinte:

I Ele mostra sua admiração pela graça que é a origem de uma concessão tão maravilhosa: "*Vede* (observai) *quão grande caridade* (ou quão grande amor) *nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados*, efetivamente chamados (Ele que chama coisas que não são, e as faz ser o que elas não foram) *filhos de Deus*". O Pai adota todos os filhos do seu Filho. O Filho na verdade os chama e os torna seus irmãos; e por meio disso confere a eles o poder e dignidade de filhos de Deus. O Pai eterno mostra um amor transigente e maravilhoso ao fazer de pessoas como nós seus filhos – nós que, por natureza, somos herdeiros do pecado, da culpa e do juízo de Deus; nós que pela prática somos filhos da corrupção, da desobediência e da ingratidão! É estranho que o Deus santo não se envergonha de ser chamado de nosso Pai e de nos chamar seus filhos! Por essa razão:

II O apóstolo infere a honra dos crentes acima do reconhecimento do mundo. Os incrédulos pouco conhecem a respeito deles. "*Por isso* (ou pelo que, por esse motivo) *o mundo não nos conhece*" (v. 1). O mundo quase não conhece a verdadeira alegria que os seguidores genuínos de Cristo sentem. Eles são expostos às calamidades comuns da terra e do tempo; todas as coisas acontecem a eles como a outros, ou melhor, eles estão sujeitos a uma aflição maior, pois com freqüência têm motivos para dizer: "*Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens*" (1 Co 15.19). O mundo não-cristão, portanto, que anda de acordo com o que vê, não conhece sua dignidade, seus privilégios, os prazeres que eles possuem, nem para o que estão designados. O mundo pouco sabe que essas pessoas pobres, modestas e menosprezadas são os protegidos do céu e serão os habitantes de lá em breve. O mesmo havia acontecido com o seu Senhor, que também era desconhecido aqui: "*...porque não conhece a ele*" (v. 1). O mundo não lembra que uma grande pessoa residiu nesta terra; sim, o Criador habitou nela. Os judeus não perceberam que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó era um dos seus e habitou em seu próprio país. Ele veio aos seus e os seus não o receberam. Ele veio aos seus e os seus o crucificaram; mas, certamente, "*...se o conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória*" (1 Co 2.18). Que os seguidores de Cristo se contentem com uma passagem difícil aqui, já que estão em uma terra de estrangeiros, entre pessoas que pouco os conhecem, sendo que seu Senhor foi assim tratado antes deles. Então o apóstolo:

III Exalta esses discípulos perseverantes na antecipação da revelação certa de seu estado e dignidade. Aqui: 1. Sua relação honrosa presente é declarada: "*Amados* (vocês muito bem podem ser nossos amados, pois são amados de Deus), *agora somos filhos de Deus*" (v. 2). Temos a natureza de filhos pela regeneração: temos o título, o espírito e o direito à herança dos filhos pela adoção. "*...esta honra, tê-la-ão todos os santos*" (veja Sl 149.9). 2. A descoberta da felicidade pertencente e adequada a essa relação é negada: "*...e ainda não é manifesto o que havemos de ser*" (v. 2). A glória pertencente à filiação e adoção é adiada e reservada para outro mundo. Essa descoberta interromperia o curso de afazeres que agora precisam continuar. Os filhos de Deus precisam andar pela fé e viver pela esperança. 3. O tempo da revelação dos filhos de Deus em seu estado e glória próprios é determinado; e isso ocorrerá quando seu irmão mais velho vier para chamar e reunir a todos: "*Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele*". A partícula *ean*, geralmente traduzida por *se*, é aqui traduzida por *quando*; pois se observa que a partícula hebraica *´am* (à qual se pensa que ela corresponde) significa isso, como o Dr. Whitby notou aqui; e não somente *ean* é às vezes usada para *otan*, mas alguns manuscritos até mesmo trazem aqui *otan*, *quando*. E, dessa forma parece apropriado traduzi-la dessa forma em João 14.3, em que lemos: "*...se eu for e vos preparar lugar...*"; porém mais natural e propriamente: "...quando *eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo*, ou *paralepsomai – eu vos levarei comigo, para que, onde eu estiver, estejais vós também*".

Quando a Cabeça da igreja, o Filho unigênito do Pai, aparecer, os seus membros, os adotados de Deus, aparecerão e serão manifestados juntamente com Ele. Eles podem então esperar na fé, esperança e desejo intenso, pela revelação do Senhor Jesus; assim como também a criação aguarda pela sua perfeição e "*...a manifestação dos filhos de Deus*" (Rm 7.19). Os filhos de Deus serão conhecidos e manifestos pela semelhança com a Cabeça da igreja: "*...seremos semelhantes a ele*" – semelhantes a Ele em honra, poder, e glória. Seus corpos desprezíveis serão feitos como o corpo glorioso de Jesus Cristo; serão preenchidos com vida, luz e bem-aventurança a partir dele. "*Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória*" (Cl 3.4). Então: 4. A semelhança deles com Jesus é sustentada pela visão que terão dele: "*...seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos*". A semelhança com Ele será a causa daquela visão que terão dele. Na verdade, todos o verão, mas não como aqueles, não como Ele *é*, ou seja, para aqueles no céu. Os perversos o verão em seu olhar de censura, no terror de sua majestade e no esplendor de suas perfeições vingativas; mas os da fé o verão no sorriso e beleza de sua face, na correspondência e bondade de sua glória, na harmonia e amabilidade de suas perfeições santas. A semelhança com Ele lhes permitirá vê-lo como os bem-aventurados do céu o vêem. Ou a visão dele será a causa da semelhança deles, será uma visão transformadora: eles serão transformados na mesma imagem pela visão bem-aventurada que terão dele.

IV O apóstolo então ressalta o compromisso dos filhos de Deus na continuidade da santificação: "*E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro*" (v. 3). Os filhos de Deus sabem que seu Senhor é santo e puro; Ele tem o coração e os olhos puros demais para admitir que qualquer contaminação ou impureza habitem nele. Aqueles, então, que esperam viver com Ele precisam buscar a maior pureza possível, afastando-se do mundo, da carne e do pecado; eles precisam crescer na graça e na santidade. Não apenas o Senhor ordena que façam isso, mas a sua nova natureza os inclina a fazer o mesmo; sim, a esperança em alcançar o céu os forçará a fazê-lo. Eles sabem que seu sumo sacerdote é santo, inocente e imaculado. Eles sabem que seu Deus e Pai é supremo e santo, que toda a sociedade é pura e santa, que sua herança é uma herança de santos na luz. É uma contradição que esse tipo de esperança tolere o pecado e a impureza. E, portanto, assim como somos santificados pela fé, devemos ser santificados pela esperança. Para sermos salvos pela esperança precisamos ser purificados pela esperança. É a esperança dos hipócritas, e não de Deus, que concede uma permissão para a satisfação de desejos e concupiscências impuras.

A Marca dos Filhos de Deus

vv. 4-10

O apóstolo, depois de citar a obrigação do crente para com a pureza da sua esperança em relação ao céu e a comunhão com Cristo em glória no dia de sua aparição, agora prossegue no sentido de encher a mente dos crentes com múltiplos argumentos contra o pecado e toda participação nos trabalhos infrutíferos e impuros das trevas. Ele raciocina e argumenta:

I Com base na natureza do pecado e seu mal intrínseco. Ela está em oposição à lei divina: "*Qualquer que comete o pecado também comete iniqüidade* (ou *transgride a lei*, versão RA) (ou, qualquer que comete pecado comete perversidade, ou aberração da lei); *porque o pecado é iniqüidade* (ou *transgressão da lei*, versão RA) ou é ilegal" (v. 4). O pecado é a destituição ou a privação da harmonia e conformidade com a lei divina, essa lei que é a transcrição da natureza e da pureza divinas, que contém sua vontade para o governo do mundo, que é adequada à natureza racional e é permitida para o bem do mundo, que mostra ao homem o caminho da felicidade e da paz e o conduz ao autor da sua natureza e da lei. A concretização do pecado agora é a rejeição da lei divina, que é a rejeição da autoridade divina e, conseqüentemente, do próprio Deus.

II Com base no plano e missão do Senhor Jesus Cristo no mundo e para o mundo, que era remover pecados: "*E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado*" (v. 5). O Filho de Deus tornou-se visível e foi conhecido em nossa natureza. Ele veio para exaltar e defender a lei divina, pela obediência ao preceito e pela sujeição e sofrimento debaixo da sanção penal, sob a maldição dela. Ele veio, portanto, *para tirar os nossos pecados*, tirar a culpa deles através de seu próprio sacrifício, tirar a realização deles ao implantar uma nova natureza em nós (pois somos santificados graças à sua morte) e nos dissuadir e salvar por meio do seu próprio exemplo, *e* (ou *pois*) *nele não havia pecado*; ou Ele tira o pecado, para que possamos nos amoldar a Ele, "*...e nele não há pecado*". Aqueles que esperam ter comunhão com Cristo no futuro devem buscar a comunhão com Ele no presente, na maior pureza possível. E o povo cristão deveria conhecer e considerar o grande motivo da vinda do Filho de Deus: foi para tirar o nosso pecado: "*E bem sabeis* (e esse conhecimento deve ser profundo e eficaz) *que ele se manifestou para tirar os nossos pecados*".

III Com base na oposição ao pecado e numa união ou adesão real com o Senhor Jesus Cristo: "*Qualquer que permanece nele não peca*" (v. 6). Pecar aqui é o mesmo que cometer pecados (vv. 8,9) e cometer pecados é viver na prática do pecado. Assim como uma união vital com o Senhor Jesus quebrou o poder do pecado no coração e na natureza, da mesma forma a continuidade nela impede a regência e o predomínio do pecado na vida e na conduta do cristão. Ou a expressão negativa é colocada aqui no lugar da positiva: *não peca*, isto é, ele é obediente, *ele guarda os mandamentos* (em sinceridade e no curso ordinário da vida) e faz *o que é agradável à sua vista* (como está no v. 22). Esses que permanecem em Cristo permanecem em sua aliança com Ele e, conseqüentemente, estão atentos contra o pecado que é contrário a isso. Eles permanecem na poderosa luz e no conhecimento dele; e, portanto, pode ser concluído que

aquele "...*que peca* (permanece na prática constante do pecado) *não o viu* (sua mente não foi afetada por um discernimento espiritual sadio dele), *nem o conheceu* (não teve um conhecimento experimental dele)". A renúncia à prática do pecado é a grande evidência da união espiritual com o Senhor Jesus Cristo, da continuidade nessa união e do conhecimento salvífico dele.

IV Com base na conexão entre a prática da justiça e um estado de justiça, sugerindo que a prática do pecado e um estado justificado são inconsistentes; e isso é introduzido com uma hipótese de que a conjectura contrária é um grave engano: "*Filhinhos*, queridos filhos, nisso *ninguém vos engane*. Existirão aqueles que exaltarão sua nova luz e o acolhimento do cristianismo, que farão com que acrediteis que seu conhecimento, fé e batismo vos desculparão do cuidado e retidão da vida cristã. Mas tomai cuidado com esse auto-engano. *Quem pratica justiça é justo*". Pode parecer que o termo justiça possa ser traduzido, em muitas passagens das Escrituras, simplesmente por *fé*, como em Mateus 5.10: "*Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça*", isto é, por causa da fé cristã (veja 1 Pe 3.14): "*Mas também, se padecerdes por amor da justiça* (por amor da fé cristã), *sois bem-aventurados*" (veja também 2 Tm 3.13): "...*toda Escritura*, ou a Escritura inteira, *divinamente inspirada é proveitosa para ensinar – e para instruir em justiça*, isto é, na natureza e especificidades da doutrina cristã". Praticar a justiça, especialmente quando colocada em oposição à realização, a perpetração e prática do pecado, é praticar as verdades da fé cristã. Aquele que pratica as verdades da fé é justo; é justo em todas as considerações; ele é sincero e reto perante Deus. A prática da doutrina cristã não pode subsistir sem um princípio de integridade e consciência. Ele tem a justiça que consiste em perdão dos pecados e no direito à vida, fundados sobre a imputação da justiça do Mediador. Ele tem direito à "...*coroa da justiça, a qual o justo juiz*, de acordo com a sua aliança e promessa, *dará a todos os que amarem a sua vinda*" (2 Tm 4.18). Ele tem comunhão com Cristo, em conformidade com a lei divina, sendo em certa medida justo de maneira prática como Ele é. Ele tem comunhão com Jesus Cristo no estado justificado, sendo agora relativamente justo perante Ele.

V Com base na relação entre o pecado e o diabo e, nisso, no plano e ofício de Jesus Cristo contra o ofício do diabo. 1. Da relação entre o pecador e o diabo. Assim como em outro lugar pecadores e santos são distinguidos (embora santos, em grande medida, sejam chamados de pecadores), *cometer pecado* aqui é praticá-lo assim como os pecadores o praticam, que são distintos dos santos, para viver sob o seu poder e domínio; e aquele que pratica o pecado *é do diabo*; sua natureza pecaminosa é inspirada pelo diabo, está de acordo com ele e é agradável a ele; e ele pertence ao grupo, interesse e reino do diabo. Este é o autor e patrocinador do pecado, e tem sido um praticante dele, um tentador e instigador dele, desde o início do mundo. E, por isso, precisamos ver como ele se manifesta. 2. Do plano e ofício de Jesus Cristo contra o diabo: "*Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo*" (v. 8). O diabo planejou e se esforçou para destruir a obra de Deus neste mundo. O Filho de Deus empenhou-se na batalha santa contra ele. Ele veio ao nosso mundo e foi manifestado em carne, para que pudesse derrotá-lo e dissolver suas obras. Ele desatará e dissolverá o pecado cada vez mais, até que o tenha destruído por completo. Não sirvamos ou toleremos o que Filho de Deus veio destruir!

VI Com base na conexão entre a regeneração e o abandono do pecado: "*Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado*". Ser nascido de Deus é ser renovado interiormente e restaurado a uma integridade ou retidão santa de natureza pelo poder do Espírito de Deus. Alguém assim *não comete pecado*, não põe em prática a iniqüidade nem pratica a desobediência, que é contrária à sua nova natureza e ao caráter regenerado de seu espírito; pois, como o apóstolo acrescenta: "...*a sua semente permanece nele*", ou a palavra de Deus em sua luz e poder *permanece nele* (com em 1 Pe 1.23: *sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre*), ou *o que é nascido do Espírito é espírito*, o princípio original da santidade permanece nele. A graça renovadora é um princípio permanente. O cristianismo, na sua origem, não é uma habilidade, uma destreza e prática adquirida, mas uma nova natureza. E, assim, conseqüentemente, a pessoa regenerada *não pode pecar*. Eu suponho que nenhum intérprete criterioso entenderia que ele não possa cometer um ato pecaminoso. Isso seria contrário ao capítulo 1.9, em que confessar os pecados é nosso dever e está implícito que o nosso privilégio é ter nossos pecados perdoados. *Ele, portanto, não pode pecar*, no sentido em que o apóstolo escreve: *ele não pode cometer pecado*. Ele não pode continuar na conduta e prática do pecado. Ele não pode pecar de modo a ser denominado um pecador em oposição a um santo ou servo de Deus. Repito, ele não pode pecar comparativamente, como pecava antes de ser nascido de Deus, e como outros que não nasceram de Deus o fazem. A razão é "...*porque é nascido de Deus*", o que corresponde a toda essa inibição e impedimento. 1. Existe uma luz em sua mente que irá mostrar-lhe o mal e a perversidade do pecado. 2. Existe uma inclinação em seu coração no sentido de repugnar e odiar o pecado. 3. Existe o princípio ou disposição espiritual seminal, que quebra a força e plenitude dos atos pecaminosos. Eles não procedem de tal poder pleno ou corrupção como ocorre em outros, nem obtêm a plenitude de coração, espírito e consentimento que obtêm em outros. "*O Espírito cobiça contra a carne.* E, portanto, a respeito de tal pecado pode ser dito: *já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim*". O pecado da pessoa não é computado na conta do evangelho, onde a propensão e estrutura da mente e do espírito estão contra ele. 4. Existe uma disposição para a humilhação e arrependimento do pecado, quando cometido. Aquele *que é nascido de Deus não* pode pecar. Aqui podemos trazer à lembrança a distinção da impotência moral e natural. A pessoa não-regenerada é moralmente incapaz para o que é religiosamente bom. A pessoa regenerada, para sua felicidade, é incapaz de servir ao

pecado. Existe um impedimento, um embargo (como podemos dizer), colocado sobre seus poderes pecaminosos. Vai contra sua natureza pecar tranqüila e deliberadamente. Freqüentemente falamos a respeito de uma pessoa de conhecida integridade: "Ele não pode mentir, enganar e cometer outras perversidades". "*Como, pois, faria eu este tamanho mal e pecaria contra Deus?*" (Gn 29.9). E assim aqueles que permanecem na vida pecaminosa demonstram claramente que não são nascidos de Deus.

VII Com base na distinção entre os filhos de Deus e os filhos do diabo. Eles têm naturezas diferentes. "*Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo*" (v. 10). No mundo (de acordo com a antiga distinção) existe a semente de Deus e a semente da serpente. A semente da serpente é identificada por essas duas marcas: 1. Pela negligência da fé em Deus: "...*qualquer que não pratica a justiça* (omite e despreza os direitos e deveres de Deus, pois a fé cristã é nossa justiça em relação a Deus, ou é o dar a Ele o que lhe é devido, e quem não fizer isso conscientemente) *não é de Deus*", mas, pelo contrário, é do diabo. O diabo é o pai das almas injustas e ímpias. 2. Pelo ódio aos colegas cristãos: "...*e não ama a seu irmão*" (v.10). Verdadeiros cristãos devem ser amados por causa de Deus e Cristo. Aqueles que não amam dessa forma, mas os menosprezam, odeiam e perseguem, ainda têm a natureza serpentina habitando neles.

O Amor Fraternal
vv. 11-13

O apóstolo, depois de anunciar que uma das marcas dos filhos do diabo é o ódio pelos irmãos, aproveita a ocasião:

I Para recomendar o amor fraternal cristão, e isso a partir da excelência ou da antigüidade ou da primazia da prescrição relacionada a isso: "*Porque esta é a mensagem* (a missão e incumbência) *que ouvistes desde o princípio* (isso estava entre as principais partes do cristianismo prático): *que nos amemos uns aos outros*" (v.11). Devemos amar o Senhor Jesus e valorizar seu amor e, conseqüentemente, amar todos os nossos irmãos em Cristo.

II Para dissuadir o que é contrário a isso, ou seja, toda má vontade para com os irmãos, de acordo com o exemplo de Caim. Sua inveja e perversidade deveriam nos deter de fomentar um sentimento semelhante, e isso pelos seguintes motivos: 1. Ele mostrou que era semelhante ao primogênito da semente da serpente; mesmo ele, o mais velho do primeiro homem, era *do maligno*. Ele imitou e se tornou semelhante ao primeiro maligno, o diabo. 2. Sua maldade não tinha restrições; ela chegou a ponto de planejar e executar o homicídio, e isso de alguém próximo, no princípio do mundo, quando havia poucos para povoá-lo. Ele "...*matou a seu irmão*" (v. 12). O pecado, tolerado, não conhece limites. 3. Ele tinha tanto do diabo em si que chegou a assassinar seu próprio irmão por inveja. Ele estava aborrecido com a superioridade da adoração de Abel e o invejou por causa do benefício e a aceitação que tinha com Deus. E por causa disso ele martirizou seu irmão. "*E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas*" (v. 12). A perversidade nos ensina a odiar e retaliar o que deveríamos admirar e imitar. E, então:

III Para concluir que não é de admirar que homens bons sejam tratados da mesma forma hoje: "*Meus irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos aborrece*" (v. 13). A natureza serpentina ainda continua no mundo. A grande serpente reina no mundo como o deus deste mundo. Não se admire, então, se o mundo serpentino odeia e sibila para você que pertence à semente da mulher que irá esmagar a cabeça da serpente.

O Amor Fraternal
vv. 14-19

O apóstolo amado fala pouco a respeito do amor sagrado, mas ele precisa se estender no reforço dele, como o faz aqui por intermédio de vários argumentos e estímulos.

I Que esse amor é uma marca de nossa justificação cristã, de nossa transição a um estado de vida: "*Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos*" (v. 14). Por natureza, somos os filhos da ira e herdeiros da morte. Pelo evangelho (a aliança ou promessa do evangelho) nosso estado concernente a outro mundo é alterado e mudado. Passamos da morte pai a a vida, da culpa da morte ao direito à vida, e essa transição efetua-se pela fé no Senhor Jesus: "*Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece*" (Jo 3.36). Agora podemos estar seguros dessa mudança feliz: "*Nós sabemos que passamos da morte para a vida*"; podemos sabê-lo pelas evidências de nossa fé em Cristo, da qual o amor a nossos irmãos é uma delas, o que nos leva a caracterizar esse amor como uma marca tão clara de nosso estado justificado. Não é zelo por um grupo específico na fé comum, ou uma afeição por aqueles que são da mesma denominação e possuem sentimentos semelhantes aos nossos. Mas esse amor:

1. Pressupõe um amor geral pela humanidade: a lei do amor cristão, na sociedade cristã, é fundada na lei universal, na sociedade humana em geral: "*Amarás a teu próximo como a ti mesmo*". As pessoas devem ser amadas principalmente conforme essas duas razões: (1) Por serem a obra-prima de Deus, feito por Ele e em incrível semelhança com Ele. A razão pela qual Deus ordena certa punição a um assassino é uma razão contra nosso ódio por qualquer irmão da humanidade e, conseqüentemente, uma razão para nosso amor por eles: "...*porque Deus fez o homem conforme a sua imagem*" (Gn 9.6). (2) Como sendo, em certa medida, amados em Cristo. Toda a *raça humana – o gens humana* – deveria ser considerada, em distinção dos anjos caídos, uma nação redimida; como tendo um Redentor divino designado, preparado e oferecido a eles. "*Porque Deus amou o mundo*, até mesmo este mundo, *de*

tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Um mundo tão amado por Deus deveria ser, do mesmo modo, também amado por nós. E esse amor irá se expressar em desejo sincero e orações e tentativas para a conversão e salvação do mundo ainda cego. "*Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação*". E, então, esse amor irá incluir todo o amor devido aos próprios inimigos.

2. Inclui um amor singular à sociedade cristã, à igreja universal, por causa da sua cabeça, sendo seu corpo, redimida, justificada e santificada nele e por Ele. E esse amor age e opera de uma maneira singular para com aqueles da igreja universal com os quais temos a oportunidade de estar pessoalmente familiarizados ou de quem estamos informados de modo seguro. Eles não são amados em primeiro lugar por causa deles próprios, mas por causa de Deus e Cristo, que os amou. E é Deus e Cristo, ou, se você desejar, o amor de Deus e a graça de Cristo, que são valorizados neles e por eles. E, assim, essa é uma questão de fé em Cristo, e é, por isso, um símbolo da nossa passagem da morte para a vida.

II O ódio por nossos irmãos é, ao contrário, um sinal de nosso estado mortal, de nossa permanência debaixo da sentença legal da morte: "...*quem não ama a* seu *irmão* (seu irmão em Cristo) *permanece na morte*" (v. 14). Ele ainda permanece debaixo da maldição e condenação da lei. O apóstolo argumenta sobre isso por meio de um silogismo claro: "Vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna permanecendo em sua vida de pecado; mas aquele que odeia a seu irmão é um assassino, e, portanto, vocês precisam saber que aquele que odeia a seu irmão não tem a vida eterna permanecendo nele" (v. 15). Ou: ele *permanece na morte*, de acordo com o versículo 14. "*Qualquer que aborrece a seu irmão é homicida*"; pois o ódio por uma pessoa é, enquanto prevalecer, um ódio da vida e felicidade, e naturalmente tende a desejar a extinção dela. Caim odiou e, então, *matou a seu irmão.* O ódio fechará as entranhas da compaixão para com os pobres irmãos e irá, por meio disso, expô-los às angústias da morte. O ódio, em todas as épocas, tem atingido os irmãos com nomes de má fama, características odiosas e calúnias e os têm exposto à perseguição e à espada. Não é de admirar, então, que aquele que tem um conhecimento razoável do coração humano ou é ensinado por aquele que o conhece plenamente, que conhece a tendência e resultado natural das paixões vis e violentas e, que, conhece, sobretudo, a plenitude da lei divina, declare aquele que odeia a seu irmão um *homicida.* Aquele que, pela estrutura e inclinação de seu coração, é um assassino não *tem permanente nele a vida eterna;* pois aquele que age assim apresenta a inclinação da carne, "...*e a inclinação da carne é morte*" (Rm 8.6). O apóstolo, pela expressão *tem permanente nele a vida eterna,* pode querer dizer a possessão de um princípio interno de vida eterna, semelhante à do Salvador: "...*mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede,* nunca será totalmente destituído dela; *porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna*" (Jo 4.14). E, por causa disso, alguns podem estar inclinados a pensar que a passagem da morte para a vida (v. 14) não significa a mudança relativa em nossa justificação de vida, mas a mudança real feita na regeneração para a vida; e, assim, a permanência na morte mencionada no versículo 14 é uma continuação na morte espiritual, como geralmente é chamada, ou a permanência no estado corrupto mortal da natureza. Mas como essas passagens mais naturalmente denotam o estado da pessoa, seja ela julgada para a vida ou para a morte, assim a transição relativa da morte para a vida pode muito bem ser provada ou refutada pela possessão ou não possessão do princípio interior da vida eterna, já que o lavar da culpa do pecado está inseparavelmente unido ao lavar da imundície e do poder do pecado. "*Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus*" (1 Co 6.11).

III O exemplo de Deus em Cristo deveria inflamar nossos corações com esse amor santo: "*Conhecemos a caridade nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos*" (v. 16). O grande Deus deu o seu Filho para morrer por nós. Mas já que o apóstolo João declarou que o *Verbo era Deus* e que Ele *se fez carne por nós*, eu não vejo por que não podemos interpretar isso em relação a Deus, a Palavra. Aqui está o amor do próprio Deus, daquele que em sua própria pessoa é Deus, embora não seja o Pai, que assumiu uma vida, para que pudesse dar sua vida por nós! Aqui está a magnanimidade, o milagre, o mistério do amor divino, que Deus redimiu sua igreja com o seu próprio sangue! Certamente devemos amar aqueles que Deus amou da maneira que Ele amou; certamente devemos fazer isso se tivermos algum amor por Deus.

IV O apóstolo, após apresentar esse exemplo de amor ardente e comovente, e seu motivo, procura então mostrar-nos qual deveria ser a disposição e efeito do nosso amor cristão. 1. Ele deve ser, no mais alto grau, tão fervoroso que nos torne propensos a sofrer e, mesmo, morrer para o bem da igreja, para a segurança e salvação dos queridos irmãos: "...*e nós devemos dar a vida pelos irmãos*" (v. 16), em nossas ministrações e serviços a eles (*e, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós*, Fp 2.17) ou em nos expor a perigos, quando assim chamados, para a segurança e preservação daqueles que são mais úteis para a glória de Deus e a edificação da igreja do que nós. "*Os quais pela minha vida expuseram a sua cabeça; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios*" (Rm 16.4). Quão mortificados os cristãos deveriam estar para esta vida! Quão preparados para se desfazer dela! E quão assegurados de uma vida melhor! 2. Ele deve ser, no próximo estágio, compassivo, liberal e comunicativo para as necessidades dos irmãos: "*Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade de Deus?*" (v. 17). É da vontade de Deus que alguns irmãos em Cristo sejam pobres, para o exercício da caridade e amor daqueles que são ricos. E Deus se agrada em dar a alguns irmãos em Cristo os bens deste mundo, para que possam exercer sua graça na comunicação aos santos pobres. E esses que possuem os bens deste mundo preci-

sam amar a Deus e os seus irmãos mais ainda e estar dispostos a distribuí-los por sua causa. Fica claro aqui que esse amor aos irmãos está fundado no amor a Deus, de acordo com o apóstolo: "...*como estará nele a caridade de Deus?*" Esse amor aos irmãos é amor a Deus neles; e onde não existe esse amor neles não existe, de forma alguma, esse verdadeiro amor a Deus. 3. Eu queria sugerir o terceiro e mais baixo estágio no versículo seguinte; mas o apóstolo me impediu de fazê-lo, ao mostrar que esse último amor caridoso e comunicativo, em pessoas capacitadas, é o mais baixo compatível com o amor de Deus. Mas pode haver outros frutos desse amor; e, assim, o apóstolo deseja que em tudo esse amor seja não fingido e operante, de acordo com as circunstâncias: "*Meus filhinhos* (meus queridos filhos em Cristo), *não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade*" (v. 18). Elogios e adulações não convêm aos cristãos, mas expressões sinceras de afeição santa e serviços ou labores de amor, sim. Então:

V Esse amor evidenciará nossa sinceridade na religião cristã e nos dará esperança com respeito a Deus: "*E nisto conhecemos que somos da verdade e diante dele asseguraremos nosso coração*" (v. 19). É uma grande felicidade sermos assegurados de nossa integridade em relação à fé cristã. Aqueles que são assegurados dessa forma terão uma santa coragem e confiança para com Deus; eles podem apelar a Ele quando estiverem sob censuras e condenações do mundo. O modo de chegar ao conhecimento de nossa própria verdade e retidão no cristianismo e garantir nossa paz interior é fluir no amor e nas obras de amor para com nossos irmãos em Cristo.

O Testemunho da Consciência
vv. 20-22

O apóstolo, depois de anunciar que é possível haver, mesmo entre nós, um privilégio como o de uma segurança ou persuasão sadia de coração em relação a Deus, procura então:

I Estabelecer o tribunal da consciência e asseverar a autoridade dele: "...*sabendo que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração e conhece todas as coisas*" (v. 20). Nosso coração aqui é nosso poder judicial interior, essa habilidade nobre e excelente que nos permite ter uma noção clara de nós mesmos, de nosso espírito, nossas inclinações e ações e, de acordo com isso, fazer um julgamento do nosso estado perante Deus; o mesmo ocorre com a consciência ou o poder da autoconsciência moral. Esse poder pode agir como testemunha, juiz e executor da sentença, acusando ou escusando, condenando ou justificando; ele é colocado nessa posição pelo próprio Deus: *a alma do homem*, assim capacitada e habilitada, *é a lâmpada do Senhor*, uma luminária acesa e estabelecida por Deus, *a qual esquadrinha todo o mais íntimo do ventre*, levando a um escrutínio e vendo *o esconderijo privado* e as transações secretas do homem interior (Pv 20.27). A consciência é o representante de Deus, conclama a corte em seu nome e age por Ele. "*A indagação de uma boa consciência para com Deus*" (1 Pe 3.21). Deus é o supremo juiz da corte: "...*se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração*...", superior ao nosso coração e consciência em poder e julgamento; conseqüentemente, a ação e o julgamento da corte são a ação e o julgamento de Deus; portanto: 1. Se a nossa consciência nos condena, Deus também o faz: "...*sabendo que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração e conhece todas as coisas*" (v. 20). Deus é uma testemunha maior que nossa consciência e sabe mais a respeito de nós do que ela: Ele *conhece todas as coisas*; Ele é um Juiz maior do que a nossa consciência; pois, pelo fato de ser supremo, sua sentença valerá e será plena e completamente executada. Esse parece ser o desígnio de outro apóstolo, quando diz: "...*porque em nada me sinto culpado*, isto é, naquilo que sou desaprovado por alguns. Não estou consciente de qualquer culpa ou infidelidade tolerada em minha mordomia e ministério. *Mas nem por isso me considero justificado*; não é pela minha própria consciência que eu preciso, no fim das contas, permanecer em pé ou cair; a justificação ou sentença justificadora de minha consciência ou da minha autoconsciência não determinará a controvérsia entre tu e mim; assim como tu não apelas à sua sentença, assim também não será determinado pela sua decisão; *pois quem me julga* (de forma suprema e decisiva), e por cujo julgamento tu e eu precisamos ser determinados, *é o Senhor*" (1 Co 4.4). Ou: 2. Se a consciência nos absolve, Deus também o faz: "*Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus*" (v. 21). Então temos certeza de que Ele nos aceita agora e nos absolverá no grande dia da prestação de contas. Mas, possivelmente, alguma alma arrogante pode dizer aqui: "Estou contente com isso; meu coração não me condena e, portanto, posso concluir que Deus também não o fará". Mas, de acordo com o versículo anterior, alguma alma piedosa trêmula estará pronta a clamar: "Deus, me perdoe! Meu coração ou consciência me condena; preciso então esperar infalivelmente a condenação de Deus?". Mas que essas pessoas saibam que os erros da testemunha não são considerados aqui nas ações do tribunal; ignorância, erro, predisposição, parcialidade e presunção podem ser considerados erros dos oficiais do tribunal ou dos ajudantes do juiz (como a mente, vontade, apetite, paixão, disposição sensual ou mente perturbada), ou do júri, que deu um veredicto falso, não do próprio juiz; *consciência – syneidesis* – é corretamente *autoconsciência*. Atos de ignorância e erro não são atos da autoconsciência, mas de algum poder equivocado; e o tribunal da consciência é aqui descrito no seu processo, de acordo com a constituição original dele pelo próprio Deus, de acordo com esse processo, o que está firmado na consciência está firmado no céu; portanto, ouçamos a consciência, permitamos que seja bem informada e estejamos dispostos a diligentemente prestar atenção a ela.

II Indicar o privilégio daqueles que têm uma boa consciência em relação a Deus. Eles têm um interesse no céu e no tribunal acima; suas solicitações são ouvidas ali: "...*e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos*" (v. 22). Admite-se que os peticionários não desejam ou não tencionam desejar qualquer coisa que seja contrária à honra e glória do tribunal ou ao seu pró-

prio bem espiritual e então eles podem esperar receber as boas coisas que estão pedindo; e essa suposição pode muito bem ser feita com respeito aos peticionários, ou muito bem se pode pressupor que eles recebam as boas coisas que pedem, considerando sua qualificação e prática: "*...porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista*" (v. 22). Almas obedientes estão preparadas para bênçãos e elas têm a promessa de serem ouvidas: aqueles que cometem coisas que não agradam a Deus não podem esperar que Ele ouça e atenda às suas orações (Sl 66.18; Pv 28.9).

Os Mandamentos de Deus
vv. 23,24

Após mencionar que a qualificação dos verdadeiros peticionários em relação ao céu é guardar os mandamentos e agradar a Deus, o autor prossegue da seguinte maneira:

I Ele nos revela o que esses mandamentos primária e sumariamente são; eles são compreendidos nesse mandamento duplo: "*E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento*" (v. 23). Crer no nome de seu Filho Jesus Cristo é: 1. Discernir o que Ele é, de acordo com o seu nome, ter uma visão intelectual de sua pessoa e função, como o Filho de Deus e o Salvador ungido do mundo. "*Que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna*" (Jo 6.40). 2. Aprová-lo em julgamento e consciência, em convicção e percepção do nosso caso, como alguém sábia e maravilhosamente preparado e adaptado para todo o trabalho da salvação eterna. 3. Concordar e nos sujeitar a Ele como nosso Redentor e restaurador do nosso relacionamento com Deus. 4. Acreditar e confiar nele com respeito à execução plena e final de seu ofício salvador. "*E em ti confiarão os que conhecem o teu nome*" (Sl 9.10). "*Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia*" (2 Tm 1.12). Essa fé é um requisito necessário para aqueles que são os peticionários prevalecentes diante de Deus, porque é pelo Filho que precisamos ir ao Pai; nossa pessoa precisa ser aceita ou deve agradar ao Pai pela sua graça e justiça (Ef 1.6); pela sua compra, todos os nossos desejos abençoados precisam chegar e nossas orações precisam ser ouvidas e respondidas por meio de sua intercessão. Essa é a primeira parte do mandamento que precisa ser observado por adoradores aceitos; o segundo mandamento é que "*...nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento*" (v. 23). O mandamento de Cristo deve estar perante nossos olhos continuamente. O amor de Cristo deve possuir nossa alma quando vamos a Deus em oração. Para esse fim precisamos lembrar que nosso Senhor nos constrange a: (1) Perdoar aqueles que nos ofendem (Mt 4.14). (2) Nos reconciliar com aqueles que ofendemos (Mt 5.23,24). Assim como a boa vontade aos homens foi proclamada do céu, assim a boa vontade aos homens, e especialmente aos irmãos, precisa ser levada nos corações daqueles que vão a Deus e ao céu.

II Ele nos expõe a bem-aventurança da obediência a esses mandamentos. As pessoas obedientes desfrutam da comunhão com Deus: "*E aquele que guarda os seus mandamentos*, e especialmente aqueles da fé e amor, *nele está, e ele nele*" (v. 24). Nós habitamos em Deus por meio de um relacionamento alegre com Ele e união espiritual com Ele, por meio de seu Filho e por meio de uma convivência santa com Ele; e Deus habita em nós por sua palavra e nossa fé fixada nele e pela ação de seu Espírito. Então ocorre a prova da sua habitação divina: "*E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado*" (v. 24), pela disposição e composição sagrada de alma que Ele conferiu a nós, que, sendo um espírito de fé em Deus e Cristo, e de amor a Deus e aos homens, mostra-se como sendo de Deus.

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, o apóstolo João exorta os leitores a provarem os espíritos (v. 1), apresenta um sinal sobre isso (vv. 2,3), deixa claro quem é do mundo e quem é de Deus (vv. 4-6), impele ao amor cristão por meio de diversas considerações (vv. 7-16), descreve nosso amor a Deus e seu efeito (vv. 17-21).

Acerca do Anticristo
vv. 1-3

O apóstolo, após dizer que a habitação de Deus em nós e conosco pode ser reconhecida *pelo Espírito que nos tem dado*, anuncia que esse Espírito pode ser diferenciado e distinguido de outros espíritos que aparecem no mundo; e, aqui:

I Ele pede aos discípulos, a quem escreve, que tenham cautela e examinem cuidadosamente os espíritos e adeptos espirituais que agora tinham surgido. 1. Pede que se acautelem: "*Amados, não creiais em todo espírito*; não respeiteis, não acrediteis, nem sigais todo aquele que simula ter o Espírito de Deus ou todo o que professa ter visão ou inspiração ou revelação de Deus". A verdade é a base usada na simulação e na falsificação; houve transmissões reais do Espírito divino e, portanto, outros fingiam ter recebido algum tipo de revelação dele. Deus escolherá seu caminho a partir de sua própria sabedoria e bondade, embora isso possa ser suscetível a abuso; Ele enviou mestres inspirados ao mundo e nos deu uma revelação sobrenatural, embora outros possam ser tão maus e descarados a ponto de fingir terem recebido o mesmo; não devemos acreditar em todo aquele que simula ter o Espírito, ou diz ser inspirado e iluminado de maneira extraordinária por Ele. Houve um tempo em que o homem espiritual (o homem do Espírito, que fez um grande barulho acerca do Espírito e se vangloriava disso) era louco (Os 9.7). 2. Pede que escrutinem, que examinem as pretensões que são atribuídas ao Espírito: "*...mas provai se os espíritos são de Deus*" (v. 1). Deus tem dado do seu Espírito nesses últimos tempos, mas não a todos os que professam estar equipados com Ele; é permitido aos discípulos um julgamento ava-

liador, em relação aos espíritos que deveriam ser cridos e acreditados nas questões da fé. O autor apresenta uma razão para essa prova: "...*porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo*" (v. 1). Como existia uma grande expectativa entre os judeus em relação à aparição do Salvador, de um Redentor de Israel, a humilhação, a reforma espiritual e os sofrimentos do Salvador eram vistos de forma preconceituosa. Por isso, alguns foram levados a levantar-se como profetas e messias de Israel, de acordo com a predição do Salvador (Mt 24.23,24). Não deveria parecer estranho a nós que falsos mestres surgissem na igreja: foi assim nos tempos dos apóstolos; o espírito da desilusão é fatal; é triste saber que homens se vangloriavam como profetas e pregadores inspirados quando, de forma alguma, condiziam com esse ofício!

II Ele apresenta um teste para os discípulos poderem provar esses espíritos fingidos. Esses espíritos levantaram-se como profetas, doutores ou doutrinadores na religião cristã e, assim, eles precisavam ser provados pela sua doutrina; e a prova naquele tempo ou naquela parte do mundo em que o apóstolo residia (pois em várias épocas e em várias igrejas as provas seriam diferentes) precisava ser esta: "*Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne* (ou *confessa a Jesus Cristo que veio em carne*) *é de Deus*" (v. 2). Jesus Cristo deve ser confessado como o Filho de Deus, a Vida e Palavra eternas, que estava com Deus desde o início; como o Filho de Deus que veio ao mundo e veio em nossa natureza humana mortal e nela sofreu e morreu em Jerusalém. Aquele que confessa e prega isso, por meio de uma mente sobrenaturalmente bem informada e iluminada dessa maneira, faz isso pelo Espírito de Deus ou Deus é o autor dessa iluminação. Do contrário: "...*todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne* (ou *a Jesus Cristo que veio em carne*) *não é de Deus* (v. 3). Deus concedeu tanto testemunho de Jesus Cristo, que esteve nos últimos tempos aqui no mundo e na *carne* (ou em um corpo físico como o nosso), embora agora no céu, que vós podeis estar assegurados de que qualquer impulso ou inspiração simulada que contradiga isso está longe de ser do céu e de Deus". O resumo da revelação é compreendido na doutrina acerca de Cristo, sua pessoa e sua função. Por isso, vemos o incremento de uma oposição sistemática a Ele e a isso. "...*mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo*" (v. 3). Foi previsto por Deus que anticristos surgiriam e espíritos anticristãos se oporiam ao seu Espírito e à sua verdade; também foi previsto que um anticristo eminente surgiria e travaria uma batalha longa e fatal contra o Cristo de Deus e sua instituição e honra e reino no mundo. Esse grande anticristo teria seu caminho preparado e sua origem facilitada por outros anticristos menores, e o espírito do erro trabalharia e inclinaria a mente dos homens para si: o espírito do anticristo começou cedo, mesmo que esse começo ocorresse no tempo dos apóstolos. Terrível e insondável é o julgamento de Deus, pois pessoas cederam a um espírito anticristão e a esse tipo de escuridão e desilusão a ponto de colocar-se contra o Filho de Deus e todo testemunho que o Pai tinha apresentado do Filho! Mas nós fomos avisados antecipadamente de que esse tipo de oposição ocorreria; deveríamos, portanto, cessar de ficar escandalizados e quanto mais vermos a palavra de Cristo cumprida, tanto mais devemos ser confirmados pela sua verdade.

O Perigo do Espírito Anticristão

vv. 4-6

Nesses versículos, o apóstolo encoraja os discípulos contra o medo e o perigo causado por esse espírito anticristão sedutor, utilizando esse tipo de métodos: 1. Ele os assegura acerca de um princípio mais divino neles: "*Filhinhos, sois de Deus*... (v. 4). Vós sois os filhinhos de Deus. *Nós somos de Deus* (v. 6). Nós somos nascidos de Deus, ensinados por Deus, ungidos por Deus e, assim, protegidos contra desilusões infecciosas e fatais. Deus tem seus escolhidos, que não serão mortalmente seduzidos". 2. Ele lhes oferece a esperança da vitória: "...*e já os tendes vencido* (v. 4). Vós até agora tendes vencido esses enganadores e suas tentações, e existe uma boa base de esperança de que continuareis a fazê-lo e, isso, segundo estas duas razões": (1) "Existe um forte preservador dentro de vós: '...*porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo*' (v. 4). O Espírito de Deus habita em vós e aquele Espírito é mais poderoso do que homens e demônios". É uma grande alegria estar sob a influência do Espírito Santo. (2) "Vós não tendes a mesma índole desses enganadores. O Espírito de Deus moldou sua mente para Deus e o céu; mas eles '*do mundo são*'. O espírito que vigora neles os conduz a este mundo; o seu coração é dedicado a ele; eles almejam a pompa, o prazer e as vantagens do mundo: '...*por isso, falam do mundo*'; eles professam um messias e salvador mundano; projetam um reino e domínio mundanos; eles se apoderam das posses e riquezas do mundo, esquecendo que o verdadeiro reino do Redentor não é deste mundo. Esse plano mundano consegue prosélitos: '...*o mundo os ouve*' (v. 5). Seus seguidores são semelhantes a eles mesmos: o mundo irá amar os seus, e os seus irão amar o mundo. Mas aqueles que conquistaram o amor do mundo sedutor estão no caminho apropriado para envolver-se com seduções perniciosas". Então: 3. Ele lhes mostra que, embora façam parte da minoria, estão do lado melhor; eles têm mais conhecimento divino e santo: "...*aquele que conhece a Deus ouve-nos*. Aquele que conhece a pureza e a santidade de Deus, o amor e a graça de Deus, a verdade e fidelidade de Deus, as palavras e profecias antigas de Deus, os sinais e os testemunhos de Deus, precisa saber que Ele está conosco; e aquele que conhece isso estará presente conosco e permanecerá conosco". Aquele que está bem suprido com uma boa consciência das coisas divinas se apegará ainda mais ao cristianismo. "...*aquele que conhece a Deus* (em suas excelências, revelações e trabalhos naturais e morais) *ouve-nos* (v. 6). Aquele que não conhece a Deus não dá atenção a nós". Como, ao contrário: "Aquele que não é *nascido de Deus* (andando de acordo com a sua inclinação natural) não anda conosco. Quanto mais longe alguém está de Deus (como ocorre em todas as épocas), mais longe está de Cristo e seus servos fiéis; e quanto mais presas a este mundo as pessoas são, mais afastadas estão do espírito do cristianismo. Portanto, vo-

cês têm uma distinção entre nós e outros: *Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro* (v. 6). Essa doutrina da pessoa do Salvador que os conduz do mundo para Deus é uma marca do *espírito da verdade*, em oposição ao *espírito do erro*. Quanto mais pura e santa for uma doutrina, mais certamente ela será de Deus".

O Amor Fraternal

vv. 7-13

Assim como *o espírito da verdade* é reconhecido pela doutrina (assim os espíritos são provados), aqueles que se dizem de Deus também são reconhecidos pelo amor. Aqui, portanto, segue uma forte exortação em relação ao santo amor cristão: "*Amados, amemo-nos uns aos outros*" (v. 7). O apóstolo desejava uni-los em seu amor, para que pudesse uni-los no amor mútuo: "*Amados*, eu suplico a vocês, pelo amor que nutro por vocês, que se vistam do amor mútuo não fingido". Essa exortação é instigada com uma variedade de argumentos:

I Da elevada e celestial descida do amor: "...*porque a caridade é de Deus*". Ele é a fonte, autor, pai e aquele que ordena o amor; o amor é o resumo da sua lei e do evangelho: "...*e qualquer que ama* (cujo espírito é moldado pelo amor santo e sensato) *é nascido de Deus*" (v. 7). O Espírito de Deus é o Espírito do amor. A nova natureza dos filhos de Deus é o fruto do seu amor e o estado e a natureza disso é o amor. "*Mas o fruto do Espírito é: caridade...*" (Gl 5.22). O amor desce do céu.

II O amor revela uma apreensão verdadeira e justa da natureza divina: "...*qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus*" (v. 7). "*Aquele que não ama não conhece a Deus*" (v. 8). Que atributo da Majestade divina tão claramente brilha em todo o mundo se não sua bondade comunicativa, que é o amor. A sabedoria, a grandeza, a harmonia e utilidade da vasta criação, que tão plenamente demonstram sua existência, ao mesmo tempo mostram e provam o seu amor; e a razão natural, inferindo e concluindo a natureza e excelência da mais absoluta perfeição, precisa inferir e descobrir que Ele é o ser mais bondoso: e "*aquele que não ama* (não é estimulado pelo conhecimento que tem de Deus na prática do amor) *não conhece a Deus*"; esta é uma evidência convincente de que o conhecimento devido e correto de Deus não habita em uma alma dessas; o amor divino precisa brilhar entre suas ações principais: "...*porque Deus é caridade*" (v. 8), sua natureza e essência são amor, sua vontade e obras são primariamente amor. Não que essa seja a única concepção que devemos ter dele. Descobrimos que Ele *é tanto luz como amor* (cap. 1.5), e Deus é principalmente amor em si mesmo e tem perfeições tais que surgem do amor necessário que precisa nutrir para sua existência, excelência e glória necessária; mas o amor é natural e necessário para a Majestade divina: *Deus é caridade*. Isso é deduzido a partir da exibição e demonstração que deu dela: 1. Que Ele nos amou da forma como somos: "*Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco* (v. 9), para nós mortais, nós rebeldes e ingratos". "*Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores*" (Rm 5.8). É algo maravilhoso Deus se dispor a amar pessoas impuras, presunçosas, perversas, que se tornam pó e cinza! 2. Que Ele nos amou e valorizou tanto, que deu seu próprio unigênito e abençoado Filho a nós: "*Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos*" (v. 9). Essa pessoa é de algum modo peculiar e distinto o Filho de Deus; Ele é o unigênito. Se acharmos que Ele foi concebido como uma criatura ou um ser criado, Ele não poderia ser o unigênito. Mas se concordamos que Ele é a gloriosa essência e substância do Pai, Ele precisa ser o unigênito: esse, então, é um mistério e milagre do amor divino, que um Filho como esse fosse enviado ao mundo por nós! Pode muito bem ser dito: "*Deus amou o mundo de tal maneira* (tão maravilhosamente, tão surpreendentemente, tão incrivelmente)". 3. Que Deus nos amou primeiro e nas circunstâncias em que nos encontrávamos: "*Nisto está a caridade: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou...*" (v. 10). Ele nos amou, quando não tínhamos nenhum amor por Ele, quando nos encontrávamos em culpa, miséria e sangue, quando éramos indignos, contaminados e impuros e queríamos que nossos pecados fossem lavados no sangue sagrado. 4. Que Ele deu seu Filho para tal serviço e para um fim dos que crêem. (1) Para tal serviço: "...*para propiciação pelos nossos pecados*"; conseqüentemente, para morrer por nós, para morrer sob a lei e maldição de Deus, *para levar ele mesmo em seu corpo os nossos pecados*, para ser crucificado, para ser ferido em sua alma e perfurado no seu lado, para ser morto e enterrado por nós (v. 10); e, então: (2) Para um fim dos que crêem: para um fim tão bom e benéfico para nós – "...*para que por ele vivamos*" (v.9), vivamos para sempre por meio dele, vivamos no céu, vivamos com Deus e vivamos em glória e bem-aventurança eterna com Ele e por meio dele: Que amor incomparável! Então:

III O amor divino aos irmãos deve constranger o nosso: "*Amados* (eu os imploro à luz do seu interesse pelo meu amor, a lembrar), *se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros*" (v. 11). Esse deveria ser um argumento invencível. O exemplo de Deus deveria nos estimular. *Nós devemos ser imitadores* (ou seguidores) *dele, como seus filhos amados*. Os objetos do amor divino deveriam ser os objetos do nosso amor. Será que nos recusaremos amar aqueles que o Deus eterno amou? Deveríamos ser admiradores do seu amor (da benevolência e complacência que estão nele) e, conseqüentemente, amantes daqueles a quem Ele ama. O amor geral de Deus pela humanidade deveria provocar um amor universal na humanidade. "*Para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos*" (Mt 5.45). O amor peculiar de Deus à igreja e aos santos deveria produzir um amor especial nos cristãos: "...*se Deus assim nos amou, também nós devemos,* certamente (de maneira adequada), *amar uns aos outros*".

IV O amor cristão é uma garantia da habitação divina: "...*se nós amamos uns aos outros, Deus está em nós*" (v. 12). Então Deus habita em nós, não por uma

presença visível ("*Ninguém jamais viu a Deus*", v. 12), mas pelo seu Espírito; ou: "*Ninguém jamais viu a Deus.* Ele não se apresenta aqui aos nossos olhos ou à nossa intuição imediata, e assim Ele não exige e obriga o nosso amor desse modo; mas o exige e espera do modo que achou ser apropriado merecê-lo e reivindicá-lo e isso ocorre pela ilustração que deu de si e de seu amor (e, conseqüentemente, da sua amabilidade também) na igreja universal e, especificamente, aos irmãos, os membros dessa igreja. Neles e na sua aparição para eles e com eles, Deus deve ser amado; e, assim, *se nós amamos uns aos outros, Deus está em nós.* Os que amam de modo santo os irmãos são o templo de Deus; a Majestade divina tem uma residência peculiar ali".

V Dessa forma, o amor divino alcança um fim notável e um cumprimento em nós: "*E em nós é perfeita a sua caridade* (v. 12). Esse amor obteve sua perfeição em nós. O amor de Deus não é perfeito nele, mas em nós e conosco. Seu amor não poderia ser projetado para ser ineficaz e infrutífero em nós; quando seu fim e resultado genuínos e apropriados são assim atingidos e produzidos, pode-se dizer que ele é perfeito; assim, a fé é aperfeiçoada pelas suas obras e o amor aperfeiçoado pelas suas ações. Quando o amor divino nos fez à mesma imagem, conforme o amor de Deus e, conseqüentemente, ao amor dos irmãos, os filhos de Deus, por sua causa, ele é aperfeiçoado e completado nesse sentido, embora o nosso amor ainda não esteja perfeito, nem o resultado final do amor divino em nós". Deveríamos ter um imenso desejo em aperfeiçoar esse amor cristão fraternal, pelo fato de Deus considerar seu próprio amor por nós perfeito nisso. A isso, o apóstolo, tendo mencionado o elevado favor da habitação de Deus em nós, acrescenta a marca e o sinal apropriados: "*Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito*" (v. 13). Certamente essa habitação mútua é algo mais nobre e grandioso do que com aquilo que estamos familiarizados ou podemos declarar. Alguns poderiam pensar que falar de Deus habitando em nós e nós nele seria usar palavras elevadas demais para nós mortais, se Deus não tivesse tomado a dianteira nisso. O significado dessa moradia foi brevemente explicado sob o capítulo 3.24. O significado pleno disso precisa ser deixado para a revelação do mundo abençoado. Mas nós conhecemos essa mútua habitação, diz o apóstolo, "*...pois que nos deu do seu Espírito*". Ele implantou a imagem e fruto do seu Espírito em nosso coração (v. 13), e *o Espírito que ele nos deu* mostra-se como o espírito dele, já que é o *Espírito de fortaleza*, de zelo e magnanimidade por Deus, *de amor* por Deus e pelos homens e *de moderação*, de um entendimento bem informado nas questões de Deus e da religião e do seu Reino entre os homens (2 Tm 1.7).

O Amor Divino

vv. 14-16

Visto que a fé em Cristo produz amor a Deus, e amor a Deus precisa incitar amor aos irmãos, o apóstolo confirma aqui o artigo primordial da fé cristã como o fundamento desse tipo de amor. Aqui:

I Ele proclama o artigo fundamental da fé cristã, que é tão representativo do amor de Deus: "*...e vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo*" (v. 14). Vemos aqui: 1. A relação do Senhor Jesus com Deus; Ele é Filho para o Pai, um Filho como nenhum outro filho é e, assim, é Deus com o Pai. 2. Sua relação e missão com respeito a nós – *Salvador do mundo*; Ele nos salva pela sua morte, exemplo, intercessão, Espírito e poder contra os inimigos da nossa salvação. 3. A base que o fez se tornar assim – pela missão dele: "*...o Pai enviou seu Filho...*", Ele decretou e determinou sua vinda para cá, com o consentimento do Filho. 4. A certeza do apóstolo acerca disso – ele e seus irmãos haviam visto isso; viram o Filho de Deus em sua natureza humana, em sua convivência e obras divinas, em sua transfiguração no monte e em sua morte, ressurreição dos mortos e ascensão magnífica ao céu; eles o viram de tal forma que estavam absolutamente seguros de que Ele era o "*...Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade*". 5. O testemunho do apóstolo sobre isso: "*...e vimos, e testificamos.* O peso dessa verdade nos obriga a testificar dela; a salvação do mundo depende dela. A evidência dessa verdade nos autoriza a testificar acerca dela; nossos olhos e ouvidos e mãos foram testemunhas dela". Em razão disso:

II O apóstolo menciona a excelência, ou o privilégio excelente que acompanhava o devido reconhecimento dessa verdade: "*Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus*" (v. 15). Essa confissão parece incluir fé no coração como fundamento dela, reconhecimento com a boca, da glória de Deus e de Cristo, e a profissão na vida e conduta, em oposição às bajulações ou reprovações do mundo. Assim, "*...ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo*", pelo testemunho exterior e a operação interior do Espírito Santo (1 Co 12.3). E, assim, aquele que confessa a Cristo, a presença de Deus nele é enriquecida com o Espírito de Deus e ele tem um conhecimento prazeroso de Deus e muito gozo santo nele. Então:

III O apóstolo aplica isso para o estímulo ao amor santo. O amor de Deus é visto e exercido dessa forma em Cristo Jesus; e, portanto, "*...nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem*" (v. 16). A revelação cristã é, o que deveria torná-la preciosa para nós, a revelação do amor divino; os artigos de nossa fé revelada são da mesma forma artigos relativos ao amor divino. A história do Senhor Jesus Cristo é a história do amor de Deus para conosco; todos os seus procedimentos por seu Filho e com Ele eram provas de seu amor para conosco e modos de nos levar adiante até o amor de Deus: "*Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo*". A partir disso podemos aprender:

1. Que "*...Deus é caridade*" (v. 16). Ele é amor essencial e ilimitado. Ele tem um amor incomparável e incompreensível por nós neste mundo, o que Ele demonstrou pela missão e mediação de seu amado Filho. É a grande objeção e dano contra a revelação cristã que o amor de Deus seja tão estranho e inexplicável a ponto de dar seu próprio Filho eterno por nós; é a opinião preconceituosa de muitos contra a eternidade e a divindade do Filho de

que uma pessoa tão grandiosa pudesse ser dada por nós. Isso é, confesso, misterioso e insondável; mas existem *riquezas incompreensíveis de Cristo.* É uma pena que a imensidão do amor divino deva se tornar uma idéia preconceituosa contra a revelação e fé nele. Mas o que Deus não se dispõe a fazer para demonstrar a excelência de alguma perfeição sua? Para demonstrar um pouco do seu poder e sabedoria, Ele fez um mundo como o nosso; quando queria mostrar mais de sua grandeza e glória, fez o céu para os espíritos ministradores que estão diante do trono. O que Ele não fará então quando se propõe a demonstrar seu amor e demonstrar o seu amor mais elevado, ou que Ele próprio é amor, ou que o amor é uma das qualidades mais brilhantes, preciosas e transcendentes de sua natureza ilimitada; e demonstrar isso não somente a nós, mas ao mundo angelical e aos principados e potestades acima, e isso não para a nossa surpresa por um tempo, mas para a admiração e louvor e adoração e felicidade dos nossos poderes mais exaltados por toda a eternidade? O que Deus não fará então? Certamente então será mais adequado ao desígnio e grandeza e gravidez do seu amor (se puder chamá-lo dessa forma) em dar um Filho eterno por nós, em vez de criar um Filho intencionalmente para nosso socorro. Em uma dispensação como essa em dar um Filho natural, essencial e eterno por nós e a nós, Ele certamente confiará seu amor a nós; e o que o Deus de amor não fará quando se propõe a aprovar seu amor e aprová-lo perante o céu e a terra e inferno, e quando aprovará a si mesmo e se recomendará a si mesmo a nós e a nossa convicção mais elevada, e também a nossa afeição, como é o próprio amor? E o que dizer se aparecer por fim (o que oferecerei apenas para a consideração dos sensatos) que o amor divino e, particularmente, o amor de Deus em Cristo fosse o fundamento das glórias do céu, no gozo presente dos espíritos ministradores que forem compatíveis com isso, e da salvação deste mundo e dos tormentos do inferno? Esse último aspecto parece o mais estranho. Mas e se com isso aparecesse não somente que Deus é amor para si mesmo, ao vindicar sua própria lei e governo e amor e glória, mas que os condenados ao inferno são julgados assim ou são punidos dessa forma: (1) Pelo fato de desprezarem o amor de Deus já manifestado e exposto. (2) Pelo fato de se recusarem a serem amados naquilo que tinha sido proposto e prometido. (3) Pelo fato de se tornarem impróprios para ser os objetos do deleite e complacência divina? Se a consciência dos condenados ao inferno os acusasse dessas coisas e, especialmente, de rejeitar a instância mais elevada do amor divino e se a maior parte da criação inteligente fosse abençoada incessantemente por meio da maior instância do amor divino, então pode muito bem ser inscrito sobre toda a criação de Deus: *Deus é caridade.*

2. Que todo aquele que "*...está em caridade está em Deus, e Deus, nele*" (v. 16). Existe grande comunhão entre o Deus de amor e a alma que ama; isto é, aquele que ama a criação de Deus, de acordo com suas diferentes relações com Deus e recepção dele e interesse nele. Aquele que habita no amor sagrado tem *o amor de Deus derramado em seu coração*, tem a marca de Deus em seu espírito, o Espírito de Deus santificando e selando-o, vive na meditação, percepções e discernimentos do amor divino e em breve habitará com Deus para sempre.

O Amor Divino
vv. 17-21

O autor, após ter despertado, estimulado e inculcado o amor sagrado a partir do grande padrão e motivo dele, o amor que é e habita no próprio Deus, continua a recomendá-lo de acordo com outras considerações; e ele o recomenda em ambas as ramificações dele, tanto o amor a Deus quanto o amor ao nosso irmão ou ao nosso próximo.

I Como amor a Deus, ao *primum amabile – o primeiro e principal de todos os seres e objetos amáveis*, que tem a confluência de toda a beleza, excelência e amabilidade em si mesmo e concede a todos os outros seres aquilo que os torna bons e amáveis. O amor a Deus parece aqui ser recomendado de acordo com as seguintes razões: 1. Ele nos trará paz e satisfação de espírito no dia em que será mais necessário ou quando será o maior prazer e bênção imaginável: "*Nisto é perfeita a caridade para conosco, para que no Dia do Juízo tenhamos confiança*" (v. 17). Haverá um dia de julgamento universal. Bem-aventurados os que tiverem ousadia santa e firme perante o Juiz naquele dia, que serão capazes de levantar a cabeça e olhá-lo face a face, sabendo que Ele é seu amigo e advogado! Bem-aventurados os que têm ousadia e confiança santa na antecipação daquele dia, que olham e esperam por ele e pelo aparecimento do Juiz! Assim fazem e assim farão aqueles que amam a Deus. Seu amor a Deus assegura o amor de Deus a eles e, conseqüentemente, a amizade do Filho de Deus; quanto mais amamos nosso amigo, especialmente quando sabemos que Ele sabe disso, mais podemos confiar no seu amor. Como Deus é bom e amoroso e fiel à sua promessa, assim podemos ser facilmente persuadidos do seu amor e dos frutos alegres do seu amor, ao dizer: *Tu que sabes tudo sabes que te amamos. A esperança não traz confusão*; nossa esperança, concebida pela consideração do amor de Deus, não irá nos desapontar, "*...porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado*" (Rm 5.5). Possivelmente, onde lemos o amor de Deus, podemos entender nosso *amor a Deus*, que está *derramado em nosso coração pelo Espírito Santo*; esse é o fundamento de nossa esperança, da nossa certeza de que nossa esperança se confirmará no fim. Ou, se o amor a Deus significa o senso e apreensão de seu amor para conosco, ainda assim isso deve pressupor ou nos incluir como amantes dele nesse caso; e, na verdade, o senso e a evidência do seu amor para conosco derrama em nosso coração um amor por Ele; e, assim, temos confiança para com Ele e paz e alegria nele. Ele irá dar a coroa da justiça a todos que amam a sua vinda. E nós temos essa ousadia com respeito a Cristo por causa da nossa conformidade com Ele: "*...porque, qual ele é, somos nós também neste mundo*" (v. 17). O amor nos conformou com Ele; assim como Ele foi o grande amante de Deus e dos homens, Ele nos ensinou a ser assim também de acordo com a nossa capacidade e não negará sua própria imagem. O amor nos ensina a também nos conformar nos sofrimentos; nós sofremos por Ele e com Ele e, portanto, apenas podemos esperar e confiar que também seremos glorificados juntamente com Ele (2 Tm 2.12). 2. Ele impede ou remove o resultado e fruto do

temor servil: "*...na caridade, não há temor*" (v. 18); na medida em que prevalece o amor, cessa o medo. Acredito que precisamos distinguir aqui entre temor e estar com medo; ou, nesse caso, entre o temor a Deus e estar com medo dele. O temor a Deus é freqüentemente mencionado como a essência da religião (1 Pe 2.17; Ap 14.7); e, assim, envolve o elevado respeito e veneração que temos por Deus e sua autoridade e governo. Esse temor é concordante com o amor, sim, com o amor perfeito, como o que está, por exemplo, nos próprios anjos. Mas também existe o medo de Deus, que surge de um sentimento de culpa e uma percepção de suas perfeições vingativas. Na percepção deles, Deus é visto como um fogo consumidor; e assim o medo aqui pode ser entendido como *pavor*: *não existe pavor no amor.* O amor considera seu objeto bom e excelente e, portanto, amável e valioso a ponto de ser amado. O amor considera Deus como o mais notavelmente bom e como alguém que nos ama muitíssimo em Cristo e, assim, tira o pavor e nos veste com alegria. E, assim como o amor cresce, a alegria também cresce; de modo que "*...a perfeita caridade lança fora o temor*" e o pavor (v. 18). Aqueles que amam a Deus perfeitamente são, a partir de sua natureza e plano e aliança, perfeitamente assegurados de seu amor e, conseqüentemente, estão perfeitamente livres de qualquer suspeita apavorante e sombria em relação ao seu poder e justiça punitivos; eles bem sabem que Deus os ama e, por isso, triunfam no seu amor. O apóstolo argumenta de uma maneira sensata que *a perfeita caridade lança fora o temor* (v. 18) – o medo é conhecido como uma paixão torturadora e inquietadora, especialmente o tipo de medo como o pavor de um Deus onipotente e vingativo; mas o amor perfeito lança fora o medo, pois ensina à mente a aquiescência e complacência perfeitas no amado e, portanto, *a perfeita caridade lança fora o temor.* Ou, o que é equivalente aqui: "*...o que teme não é perfeito em caridade*" (v. 18); esse é um sinal de que o nosso amor está longe de ser perfeito, já que nossas dúvidas e medos e nossas apreensões em relação a Deus são tantas. Vamos almejar e nos apressar para alcançar o mundo do amor perfeito, onde nossa serenidade e alegria em Deus serão tão perfeitas quanto o nosso amor! 3. Da fonte e origem desse amor, que é o amor antecedente de Deus: "*Nós o amamos porque ele nos amou primeiro*" (v. 19). O seu amor é o incentivo, o motivo e a causa moral do nosso amor. É impossível deixar de amar um Deus tão bom que iniciou o ato e a obra do amor, que nos amou quando éramos indignos desse amor e pouco atraentes. Ele nos amou mesmo que isso envolvesse um preço tão grande. Ele nos amou, buscando e requerendo o nosso amor mesmo que isso custasse o sangue do seu Filho e dignou-se em suplicar que fôssemos reconciliados com Ele. Que o céu e o inferno fiquem maravilhados diante de um amor tão singular! O seu amor é a causa geradora do nosso: *A partir de sua própria vontade ele nos chamou* (sua própria vontade livre e amorosa). *E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a ele, daqueles que são chamados por seu decreto.* Aqueles *que amam a Deus são chamados por seu decreto* (Rm 8.28); o propósito do seu chamado está suficientemente claro nas cláusulas seguintes: *e aos que predestinou* (ou antecipadamente resolveu), *a esses também chamou*, efetivamente restabelecendo isso. O amor divino gravou amor em nossa alma. Que o Senhor possa continuar encaminhando o nosso coração no amor de Deus (2 Ts 3.5).

II Como amar a nosso irmão e próximo em Cristo; esse amor é sustentado e impelido de acordo com as seguintes razões: 1. Como sendo adequado e concordante com a nossa confissão cristã: na confissão do cristianismo professamos amar a Deus como a raiz da religião: "*Se alguém diz*, ou professa: *eu amo a Deus*, eu amo o seu nome, a sua casa e adoração, *e aborrece a seu irmão*, a quem ele deveria amar por amor a Deus, *é mentiroso* – a sua profissão não passa de uma mentira". O apóstolo prova que alguém assim não ama a Deus pela habilidade comum de amar o que é visto em vez daquilo que não poder ser visto: "*Pois quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?*" (v. 20). O olho está habituado a afetar o coração; coisas não vistas cativam menos a mente e, conseqüentemente, o coração. A incompreensibilidade de Deus é decorrente em grande parte de sua invisibilidade; o membro de Cristo tem muito do Deus visível nele. Como, então, aquele que odeia a imagem visível de Deus pode ter a pretensão de amar o original não visto, o próprio Deus invisível? 2. Como sendo adequado à lei expressa de Deus e a razão justa dela: "*E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também seu irmão*" (v. 21). Assim como Deus transmitiu sua imagem na natureza e na graça, assim Ele gostaria que o nosso amor fosse devidamente difundido. Precisamos amar a Deus de maneira original e suprema e os outros nele, de acordo com a sua derivação e recepção dele e do seu interesse neles. Nossos irmãos cristãos, tendo uma nova natureza e privilégios excelentes derivados de Deus e Deus tendo seu interesse neles bem como em nós, torna-se uma obrigação naturalmente adequada "*...que quem ama a Deus, ame também seu irmão*".

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, o apóstolo mostra: I. A dignidade dos crentes (v. 1). II. Sua obrigação de amar e o teste disso (vv. 1-3). III. Sua vitória (vv. 4,5). IV. A credibilidade e confirmação de sua fé (vv. 6-10). V. A vantagem de sua fé na vida eterna (vv. 11-13). A resposta das orações, menos daqueles que pecaram para a morte (vv. 14-17). VII. A sua preservação do pecado e de Satanás (v. 18). VIII. Sua distinção bem-aventurada do mundo (v. 19). IX. O seu verdadeiro conhecimento de Deus (v. 20), que os obriga a se afastar dos ídolos.

Amor e Fé

vv. 1-5

I O apóstolo, tendo, na conclusão do último capítulo, como foi observado ali, compelido ao amor cristão segundo aquelas duas razões, adequado à profissão cristã e à ordem divina, acrescenta aqui uma terceira: esse tipo de amor é adequado e de fato exigido pelo seu relacionamento elevado; nossos irmãos cristãos ou irmãos semelhantes estão intimamente ligados a Deus; eles são

seus filhos: "*Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus*" (v. 1). Aqui o irmão cristão é: 1. Descrito pela sua fé; *aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus* – que Ele é o Messias, o príncipe, que é o Filho de Deus por natureza e ofício, que é o chefe de todo mundo ungido, chefe de todos os sacerdotes, profetas ou reis que já foram ungidos por Deus ou para Ele, que está perfeitamente preparado e suprido para todo o trabalho da salvação eterna – se rende ao seu cuidado e direção. 2. Ele é dignificado pela sua linhagem: "*...é nascido de Deus*" (v. 1). Esse princípio de fé e a sua nova natureza que o acompanha e da qual emerge são gerados pelo Espírito de Deus; e assim filiação e adoção não são agora de acordo com a *descendência de Abraão segundo a carne*, nem com o antigo Israel de Deus; todos os crentes, embora por natureza pecadores dentre os gentios, provêm espiritualmente de Deus e devem ser amados de acordo com isso; como é acrescentado: "*...todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido*". Parece natural que o que ama o Pai também deva amar os filhos e isso, de certo modo, devido à sua semelhança com o Pai e do amor do Pai por eles; e assim devemos primeiramente amar *o Filho do Pai*, como Ele é enfaticamente chamado (2 Jo 3), *o Filho unigênito* e *o Filho do seu amor* e, então, aqueles que são voluntariamente gerados e *renovados pelo Espírito da graça.*

II O apóstolo mostra: 1. Como podemos discernir a verdade ou a verdadeira natureza cristã de nosso amor pelos regenerados. O fundamento disso precisa ser nosso o amor a Deus, a quem eles pertencem: "*Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos*" (v. 2). Nosso amor a eles mostra-se bom e genuíno quando os amamos não meramente por algum motivo secular, pelo fato de serem ricos ou bem informados ou amáveis conosco ou porque pertencem à nossa denominação religiosa; mas porque são filhos de Deus, porque a sua graça regenerativa aparece neles, sua imagem e inscrição estão neles e, assim, o próprio Deus é amado neles. Assim, vemos porque o amor aos irmãos é tão ressaltado nesta epístola: é amor a eles como filhos de Deus e como irmãos adotivos do Senhor Jesus. 2. De que maneira podemos descobrir a veracidade do nosso amor a Deus – isso aparece em nossa obediência santa: "*...quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos*" (v. 2). Amamos a Deus verdadeiramente e de acordo com o evangelho quando guardamos os seus mandamentos: "*Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os seus mandamentos*"; e guardar os seus mandamentos requer um espírito disposto e que se alegre nisso; e assim "*...os seus mandamentos não são pesados*" (v. 3). Ou: *esta é a caridade de Deus: que*, assim como, por meio dele, somos determinados a obedecer e guardar os mandamentos de Deus, dessa forma, seus mandamentos se tornam fáceis e prazerosos para nós. Oh! Quanto amo a tua lei! "*Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, quando dilatares o meu coração*" (Sl 119.32), quando o dilatares com o amor ou com o seu Espírito, a fonte do amor. 3. O que é e o que deve ser o resultado e efeito da regeneração – uma vitória espiritual e intelectual deste mundo: *Porque* qualquer que *é nascido de Deus*, ou, de acordo com alguns manuscritos, quem quer que seja "*...nascido de Deus vence o mundo*" (v. 4). Aquele que é nascido de Deus é nascido *para* Deus e, conseqüentemente, para outro mundo. Ele tem uma disposição e inclinação que busca um mundo melhor e superior; e está equipado com armas ou uma arma, que lhe permitem repelir e conquistá-lo. Então é acrescentado: "*...e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé*" (v. 4). A fé é a causa da vitória, o meio, o instrumento, a armadura e artilharia espiritual pela qual nós vencemos; pois: (1) Na fé e pela fé nos agarramos a Cristo, apesar da oposição e desprezo do mundo. (2) A fé opera em e pelo amor a Deus e Cristo, afasta-nos do amor ao mundo. (3) A fé santifica e purifica o coração daquelas concupiscências carnais por meio das quais o mundo obtém tamanho controle e domínio sobre as almas. (4) Ela recebe e deriva força do objeto dela, o Filho de Deus, pelo fato de vencer o olhar de censura e adulações do mundo. (5) Ela obtém, pela promessa do evangelho, o direito ao Espírito da graça que vive em nós, que é maior do que aquele que habita no mundo. (6) Ela enxerga um mundo invisível próximo, com o qual este mundo não é digno de ser comparado e dentro do qual ela diz à alma em que reside que precisa estar continuamente preparada para entrar. Então:

III O apóstolo conclui que o verdadeiro cristão é, de fato, o verdadeiro vencedor do mundo: "*Quem é que vence o mundo, senão* então *aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?*" (v. 5). E o mundo que fica no nosso caminho para o céu e é o grande impedimento para nossa entrada lá. Mas aquele que acredita que Jesus é o Filho de Deus acredita, dessa maneira, que Jesus veio de Deus para ser o Salvador do mundo e nos conduzir poderosamente do mundo para o céu e para Deus, que deve ser plenamente desfrutado lá. E aquele que acredita dessa forma deve superar o mundo por meio dessa fé. Pois: 1. Ele precisa estar bem convencido de que este mundo é um inimigo impetuoso da sua alma, da sua santidade e salvação e bem-aventurança: "*Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo*" (cap. 2.16). 2. Ele vê que precisa fazer parte substancial da obra do Salvador e de sua própria salvação e ser redimido e resgatado deste mundo maligno. "*O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus, nosso Pai*" (Gl 1.4). 3. Ele vê pela vida e conduta do Senhor Jesus na terra que este mundo deve ser renunciado e vencido. 4. Ele percebe que o Senhor Jesus venceu o mundo, não apenas para si mesmo, mas para seus seguidores; eles precisam buscar ser participantes de sua vitória. "*Tende bom ânimo, eu venci o mundo*". 5. Ele é ensinado e influenciado pela morte do Senhor Jesus a ser mortificado e crucificado para o mundo. "*Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo*" (Gl 4.14). 6. Ele foi gerado, pela ressurreição de Jesus Cristo dos mortos, para uma viva esperança de um mundo abençoado no céu (1 Pe 1.3). 7. Ele sabe que o Salvador foi para o céu e está pre-

parando um lugar para os que crêem nele seriamente (Jo 14.2). 8. Ele sabe que o seu Salvador virá novamente e colocará um fim a este mundo e julgará os habitantes dele e receberá os crentes na sua presença e glória (Jo 14.3). 9. Ele é dotado de um espírito e disposição que não podem ser satisfeitos neste mundo, que olham além dele e continuam zelando, se esforçando e lutando para alcançar o céu. "*E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu*" (2 Co 5.2). De forma que é a fé cristã que propicia aos seus seguidores um império universal. A revelação cristã é o grande método de conquistar este mundo e ganhar a outrem que é totalmente puro, pacífico, abençoado e eterno. É lá, naquela revelação, que vemos qual é o motivo e o fundamento da disputa e debate entre o santo Deus e este mundo rebelde. É lá onde deparamos com a doutrina sagrada (tanto especulativa quanto prática), completamente contrária ao curso, estado e tendência deste mundo. É por meio dessa doutrina que é comunicado e difundido um espírito que é superior e adverso ao espírito do mundo. É lá que percebemos que o próprio Salvador não era deste mundo, que seu reino não era e não é deste mundo, que esse reino precisa ser desassociado deste mundo e separado para o céu e para Deus. Ali vemos que o Salvador não destina este mundo para a herança e porção da sua multidão de salvos. Assim como Ele próprio foi ao céu, assim Ele lhes assegura que preparará lugar para eles ali, deixando claro que deveriam sempre viver com Ele e mostrando que se tivessem esperança nele apenas para esta vida e este mundo, seriam, no fim, os mais miseráveis. É ali que o mundo sagrado e eterno é mais claramente revelado e exposto ao nosso amor e busca. É ali que somos equipados com as melhores armas e a melhor artilharia contra os ataques e assaltos do mundo. É ali que somos ensinados como o mundo será superado pelo seu próprio arco, ou sua artilharia voltada contra si própria; e suas oposições, batalhas e perseguições tornadas úteis para nossa vitória sobre o mundo e para nossa ascensão ao mundo celestial acima: e ali somos encorajados por todo um exército e multidão de soldados santos, que, em suas diferentes épocas, guarnições e postos superaram o mundo e conquistaram a coroa. O verdadeiro cristão é o herói respeitável, que derrota o mundo e se regozija em uma vitória universal. Ele não lamenta (pois é bem superior ao monarca grego) que não exista mais um mundo a ser conquistado, mas se agarra ao mundo eterno da vida e, em um sentido sagrado, conquista o Reino dos céus por violência também. Quem em todo o mundo senão o que crê em Jesus Cristo pode vencer o mundo dessa forma?

O Testemunho no Céu e na Terra

vv. 6-9

A fé do crente em Cristo, sendo poderosa e vitoriosa dessa forma, tem a necessidade de ser bem fundamentada, para ser suprida com evidência celestial inquestionável quanto à missão, autoridade e ofício divinos do Senhor Jesus. Ele leva suas credenciais consigo e as leva na maneira pela qual veio e através da testemunha que o acompanha.

I Na forma como veio; não apenas como veio ao mundo, mas com o que veio, apareceu e atuou como um Salvador no mundo: "*Este é aquele que veio por água e sangue*". Ele veio para nos salvar de nossos pecados, para nos dar vida eterna e nos levar até Deus; e, para que pudesse fazer isso com maior garantia, *ele veio por*, ou com, *água e sangue* (v. 6), *isto é, Jesus Cristo*. Foi Jesus Cristo que veio dessa forma; e ninguém senão Ele. Repito: "...*não só por* ou com *água, mas por água e por sangue*" (v. 6). *Jesus Cristo veio* com *água e sangue*, como os sinais e marcas do verdadeiro Salvador efetivo no mundo; e Ele veio por água e sangue como o meio para nos curar e salvar. O fato de que Ele precisava vir e, de fato, veio dessa forma em seu ofício salvífico pode mostrar-se pela lembrança das seguintes coisas:

1. Estamos maculados tanto interiormente quanto exteriormente. (1) Interiormente, pelo poder e contaminação do pecado em nossa natureza. Para a purificação disso precisamos de água espiritual; água tal que pode alcançar a alma e os poderes dela. Também existe em e por meio de Cristo Jesus a "...*lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo*". E isso foi sugerido aos apóstolos pelo nosso Senhor, quando lavou os seus pés e disse a Pedro, que se recusou a ser lavado: "...*se eu te não lavar, não tens parte comigo*". (2) Estamos maculados exteriormente, pela culpa e poder condenatório do pecado sobre nossa pessoa. Por causa disso, estamos separados de Deus e banidos de sua presença favorável, graciosa e bem-aventurada para sempre. Por causa disso, precisamos ser purificados pelo sangue expiatório. É a lei ou a resolução do tribunal divino que "...*sem derramamento de sangue não há remissão*" (Hb 9.22). O Salvador do pecado precisa, portanto, vir com sangue.

2. Os dois modos de purificação foram representados nas antigas instituições cerimoniais de Deus. Pessoas e coisas precisam ser purificadas por água e sangue. Existiam "...*abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção*" (Hb 9.10). "...*a cinza de uma novilha,* misturada com água, *esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne*" (Hb 9.13; Nm 19.9). "*E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue*" (Hb 9.22). Assim como esses textos mostram nossa contaminação dupla, da mesma forma eles indicam a purificação dupla operada pelo Salvador.

3. Na morte de Jesus Cristo, seu lado sendo perfurado pela lança de um soldado, imediatamente saíram sangue e água do ferimento. O apóstolo amado observou essa singularidade em Jesus e parece ter sido afetado por isso; ele é o único a registrar esse aspecto e parece sentir-se obrigado a registrá-lo, como se contivesse algo misterioso: "...*aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro, e sabe*, sendo testemunha ocular, *que é verdade o que diz, para que também vós o creiais* e para que creiais nessa particularidade, que de seu lado perfurado *logo saiu sangue e água*" (Jo 19.34,35). Essa água e esse sangue incluem tudo que é necessário e efetivo para a nossa salvação. Pela água nossas almas são lavadas e purificadas para o céu e para a região dos santos na luz. Pelo sangue, Deus é glorificado, sua lei é honrada e suas superiores justificativas são esclarecidas e reveladas. "...*ao qual Deus propôs*, ou designou, ou ofe-

receu, *para propiciação pela fé no seu sangue,* ou uma propiciação em ou pelo seu sangue por meio da fé, *para demonstrar a sua justiça pelo remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus;* [...] *para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus*" (Rm 3.25,26). Pelo sangue somos justificados, reconciliados e apresentados justos a Deus. Pelo sangue, a maldição da lei sendo paga, o Espírito purificador é obtido para a ablução interna de nossa natureza. "*Cristo nos resgatou da maldição da lei,* [...] *para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo e para que, pela fé, nós recebamos a promessa do Espírito,* o Espírito prometido" (Gl 3.13ss.). A água, assim como o sangue, saiu do lado do Redentor sacrificado. A água e o sangue, então, incluem todas as coisas que podem ser requisitos para nossa salvação. Eles consagrarão e santificarão, para esse propósito, tudo o que Deus estabelecer ou que fizer uso para esse grande fim. "*Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa*" (Ef 5.25-27). Aquele que vem por água e sangue é um Salvador perfeito ou sem defeitos. Esse é aquele que vem por água e sangue, a saber, Jesus Cristo! Dessa maneira vemos de que modo ou, se quiser, com que agentes, Ele vem. Mas também vemos suas credenciais:

II Pela testemunha que o acompanha, ou seja, o Espírito divino, esse Espírito a quem o aperfeiçoamento das obras de Deus é geralmente atribuído: "*E o Espírito é o que testifica...*" (v. 6). Era apropriado que o Salvador autorizado do mundo tivesse um agente constante para apoiar seu trabalho e testificar a respeito dele no mundo. Era apropriado que um poder divino o auxiliasse, ao seu evangelho e seus servos; e notificasse ao mundo a respeito da incumbência e missão deles: isso foi feito no Espírito de Deus e por Ele, de acordo com a própria predição do Salvador: "*...ele me glorificará,* mesmo quando Eu for rejeitado e crucificado pelos homens, *porque há de receber* ou apropriar-se *do que é meu.* Ele não receberá o meu ofício imediato; não morrerá e ressuscitará novamente por vós; *mas há de receber do que é meu,* agirá sobre o fundamento que Eu coloquei, assumirá a minha instituição e verdade e causa *e vo-lo há de anunciar* e, por meio de vós, ao mundo" (Jo 16.14). Então o apóstolo acrescenta a recomendação ou aceitação dessa testemunha: "*...porque o Espírito é a verdade*" (v. 6). Ele é o Espírito de Deus e não pode mentir. Há um manuscrito que nos proporcionaria uma leitura muito apropriada: *Porque Cristo é a verdade.* Assim, indica o assunto do testemunho do Espírito, aquilo que Ele atesta, ou seja, a verdade de Cristo: *E o Espírito é o que testifica* que Cristo é a verdade; e, conseqüentemente, que o cristianismo ou a fé cristã é a verdade, a verdade de Deus. Mas não é correto que um ou dois manuscritos alterassem o texto; e nossa presente leitura é muito propícia e por isso vamos mantê-la. "*...o Espírito é a verdade*". Ele, entretanto, é o Espírito da verdade (Jo 14.17). Que o Espírito é a verdade e uma testemunha digna de toda aceitação mostra-se pelo fato de Ele ser uma testemunha celestial ou uma das testemunhas que no e do céu dão testemunho da verdade e autoridade de Cristo. "*Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um*". E assim o versículo 7 é uma prova da autenticidade do testemunho do Espírito. Ele precisa ser verdadeiro ou até mesmo ser a verdade, não apenas uma testemunha no céu, mas mesmo *um* (não somente no testemunho, pois isso um anjo também poderia ser, mas no ser e na essência) *com o Pai e a Palavra.* Mas aqui:

1. Somos interrompidos em nosso curso pela controvérsia que existe a respeito da autenticidade do versículo 7. Alega-se que muitos manuscritos gregos antigos não o contêm. Não entraremos nessa controvérsia. Parece que os críticos não estão de acordo em relação aos manuscritos que o contêm ou não. Eles também não nos informam suficientemente acerca da integridade e valor dos manuscritos que examinam. Alguns podem conter tantos erros, como, por exemplo, um dos meus Antigos Testamentos gregos, que está repleto de erratas, que poderíamos imaginar que nenhum crítico poderia fundamentar sua variante textual utilizando esse manuscrito. Mas vamos deixar que os cotejadores sensatos e criteriosos resolvam essa situação. Existem algumas suposições racionais que sustentam o texto e a versão atual:

(1) Se admitirmos o versículo 8 no lugar do versículo 7, parece demais como uma tautologia e repetição daquilo que foi incluído no versículo 6: "*Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica. E três são os que testificam: o Espírito, e a água, e o sangue.* Isso nem de perto especifica uma introdução tão nobre dessas três testemunhas do que a nossa presente versão.

(2) Observa-se que muitos manuscritos trazem essa cláusula distinta: *na terra*: "*E três são os que testificam na terra*". Essa interpretação apresenta uma oposição visível em relação a alguns testemunhos alhures, e, portanto, nos é relatado, pelas adversidades do texto, que essa cláusula deveria ser omitida na maioria dos livros que desejam manter o versículo 7. Mas, deveria pela mesma razão, ser sempre assim. Suponhamos que o versículo 6 seja lido da seguinte forma: *Este é aquele que veio por água e sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade.* Não parece natural e apropriado acrescentar: *E três são os que testificam na terra,* a não ser que suponhamos que o apóstolo quisesse nos relatar que todos os testemunhos são como tais que estão na terra, quando, entretanto, ele nos assegura que são infalivelmente verdadeiros ou a própria verdade.

(3) Observamos uma variante de leitura, mesmo no texto grego, como ocorre no versículo 7. Alguns manuscritos trazem: *hen eisi – são um*; outros (pelo menos, o Complutensiano): *eis to hen eisin – estão em um* ou *concordam num*; e no versículo 8 (na parte que se conjectura que deveria ser aceito), em vez da leitura habitual: *en te ge – na terra,* uma versão traz: *epi tes ges – sobre a terra,* que parece demonstrar que essa edição dependia de alguma autoridade grega, e não meramente, como alguns gostariam que acreditássemos, da autoridade do latim vulgar ou de Tomás de Aquino, embora seu testemunho pudesse ser acrescentado também.

(4) O versículo 7 concorda com o estilo e a teologia do nosso apóstolo; como: [1] Ele se deleita no título *o Pai,* quer indique com isso somente Deus ou uma pessoa divi-

na distinta do Filho. *Eu e* o Pai *somos um. Mas não estou só, porque* o Pai *está comigo. E eu rogarei* ao Pai, *e ele vos dará outro Consolador. Se alguém ama o mundo, o amor* do Pai *não está nele. A graça, a misericórdia, a paz, da parte de Deus* o Pai *e da do Senhor Jesus Cristo, o Filho* do Pai, *sejam convosco* (2 Jo 3). Então: [2] O título *a Palavra* é conhecido por ser quase (se não completamente) peculiar a esse apóstolo. Tivesse o texto sido transmitido por outro, seria mais fácil e óbvio, com base na forma do batismo e da linguagem comum da igreja, ter usado o título *Filho* ao invés de a *Palavra.* Tertuliano e Cipriano usaram esse título, mesmo quando se referem a esse versículo; ou isso se torna uma objeção contra a referência deles desse versículo, porque eles falam do Filho, não da Palavra; e mesmo assim a expressão de Cipriano parece muito clara pela citação do próprio Facundus. *Quod Johannis apostoli testimonium beatus Cyprianus, Carthaginensis antistes et martyr, in epistolá sive libro, quem de Trinitate scripsit, de Patre, Filio, et Spiritu sancto dictum intelligit; ait enim, Dicit Dominus, Ego et Pater unum sumus; et iterum de Patre, Filio, et Spiritu sancto scriptum est, Et hi tres unum sunt – O bendito Cipriano, bispo e mártir cartaginês, na epístola ou livro que escreveu referente à Trindade, considerou que o testemunho do apóstolo João se referia ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; porque ele diz: o Senhor diz: Eu e o Pai somos um; e novamente, do Pai, do Filho, e do Espírito Santo é escrito: e estes três são um.* Não encontramos em nenhum lugar que esses três são um, senão no versículo 7. É provável, então, que Cipriano, ou citando de memória ou intentando as coisas acima das palavras, as pessoas acima de nomes ou chamar as pessoas pelos seus nomes mais comuns na igreja (tanto em discursos populares quanto polêmicos), chamou o segundo pelo nome *Filho* em vez de a *Palavra.* Se alguém pode consentir com a fantasia de Facundus, de que Cipriano queria dizer que o Espírito, a água e o sangue eram, de fato, o Pai, a Palavra e o Espírito, que João disse que eram um, ele pode desfrutar dessa opinião para si mesmo. Porque, em primeiro lugar, ele deve supor que Cipriano não somente mudou todos os nomes, mas também a ordem do apóstolo. Porque, o sangue (o Filho), que Cipriano coloca em segundo lugar, o apóstolo tinha colocado por último. E, em segundo lugar, ele precisa supor que Cipriano achava que pelo sangue que saiu do lado do Filho, o apóstolo imaginava ser o próprio Filho, quem também podia ter sido denotado pela água, – que pela água, que também saiu do lado do Filho, o apóstolo tinha em mente a pessoa do Espírito Santo; que pelo Espírito, que no versículo 6 é dito ser a verdade, e no evangelho é chamado de Espírito da verdade, o apóstolo tinha em mente a pessoa do Pai, embora não seja chamado assim em nenhum outro texto quando mencionado junto com o Filho e o Espírito Santo. Requeremos provas claras dessa interpretação do apóstolo feita pelo pai *cartaginês.* Aquele que interpreta esse texto dessa forma também precisa crer que o Pai, Filho, e Espírito Santo são considerados três testemunhas na terra. Em terceiro, lugar *Facundus* reconhece que Cipriano diz que dos seus três está escrito: *Et hi tres unum sunt – e esses três são um.* Ora, essas são as palavras, não do versículo 8, mas do versículo 7. Elas não são usadas em relação aos três na terra, o Espírito, a água e o sangue; mas aos três no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo. Assim, lemos que o autor do livro *De baptismo haereticorum*, que possivelmente foi contemporâneo de Cipriano, cita as palavras de João, favoravelmente aos manuscritos gregos e às versões antigas, da seguinte forma: *Ait enim Johannes de Domino nostro in epistolâ nos docens, Hic es qui venit per aquam et sanguinem, Jesus Christus, non in aquâ tantùm, sed in aquâ et sanguine; et Spiritus est qui testimonium perhibet, quia Spiritus est veritas; quia tres testimonium perhibent, Spiritus Et aqua et sanguis, et isti tres in unum sunt – Porque João, em sua epístola, diz o seguinte referente ao nosso Senhor: Este é aquele, Jesus Cristo, que veio pela água e sangue, não somente em água, mas em água e sangue; e é o Espírito que testifica, porque o Espírito é verdade; porque existem três que testificam: o Espírito, a água e o sangue, e esses três concordam num.* Se todos os manuscritos gregos e versões antigas dizem a respeito do Espírito, a água e o sangue, que *in unum sunt – eles concordam num*, então não foi acerca deles que Cipriano falou, quaisquer que sejam as variações nos manuscritos da sua época, quando disse que está escrito: *unum sunt – eles são um.* Portanto, as palavras de Cipriano continuam sendo um firme testemunho acerca do versículo 7, e também uma sugestão de que um falsário do texto dificilmente teria acertado exatamente o nome apostólico para a segunda testemunha no céu: *a Palavra.* Então: [3] Assim como somente este apóstolo registra a história da água e do sangue saindo do lado do Salvador, assim também somente ele, ou ele principalmente, registra as promessas e predições do Salvador a respeito do Espírito Santo vindo para glorificá-lo, e para testificar dele, e para convencer o mundo da sua própria incredulidade e da justiça dele, de acordo com o seu evangelho (cap. 14.16,17,26; 15.26; 16.7-15). É mais apropriado então ao estilo do evangelho desse apóstolo referir-se ao Espírito Santo como uma testemunha de Jesus Cristo.

(5) Era muito mais fácil que um copista, ao desviar seu olho ou por causa da obscuridade da cópia, estando ela apagada ou desfigurada na parte de cima ou na de baixo da página ou por causa dos materiais desgastados pelo tempo em que os anciãos tinham de escrever, perdesse ou omitisse a passagem do que um interpolador imaginar e inseri-la. Alguém assim precisava ser muito ousado e imprudente para esperar que poderia escapar da descoberta e da vergonha. Também seria uma atitude profana, ousar arriscar-se a colocar um acréscimo em um livro admitidamente sagrado.

(6) Dificilmente pode ser conjecturado que, quando o apóstolo está descrevendo a fé cristã em vencer o mundo, e o fundamento do qual depende na aceitação de Jesus Cristo, e os vários testemunhos que foram dados de Jesus Cristo no mundo, ele omitisse a testemunha suprema que o acompanhava, especialmente quando consideramos o que ele quis dizer ao concluir, como o faz (v. 9): "*Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este* (que ele tinha relatado em detalhes anteriormente), *que de seu Filho testificou*". Nas testemunhas da terra não temos todo o testemunho de Deus, nem, na verdade,

qualquer testemunha de quem é verdadeira e imediatamente Deus. Os opositores antitrinitários do texto negarão que tanto o Espírito quanto a água ou o sangue são Deus; mas em nossa versão corrente existe uma nobre enumeração das diversas testemunhas e testificadores sustentando a verdade do Senhor Jesus e a divindade de sua instituição. Temos aqui o mais excelente resumo dos motivos da fé em Cristo, das credenciais que o Salvador traz consigo e das evidências de nosso cristianismo que pode ser achado, acredito, no livro de Deus, em cujo relato singular, mesmo deixando de lado a doutrina da Trindade divina, o texto é digno de toda aceitação.

2. Tendo interiorizado esses fundamentos racionais, podemos prosseguir. Após dizer que o Espírito que testemunha de Cristo é verdadeiro, o apóstolo nos mostra que Ele é de fato assim, ao afirmar que Ele está no céu e que também existem outros que são verdadeiros ou verdade em si mesmos, concordando em testemunho com Ele: "*Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um*" (v. 7).

(1) Vemos uma trindade de testemunhas celestiais, que testificaram e comprovaram ao mundo a veracidade e autoridade do Senhor Jesus em sua missão e reivindicações: [1] A primeira que ocorre na ordem é *o Pai*. Ele fixou seu selo na comissão de Jesus Cristo durante todo o tempo em que esteve aqui; mais especificamente, em primeiro lugar, ao proclamá-lo em seu batismo (Mt 3.17).Em segundo lugar, ao confirmar sua natureza na transfiguração (Mt 17.5). Em terceiro lugar, ao acompanhá-lo com poder e obras milagrosas: "*Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas, se as faço, e não credes em mim, crede nas obras, para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim, e eu, nele*" (Jo 10.37,38). Em quarto lugar, *ao sust*entá-lo na sua morte (Mt 27.54). Em quinto lugar, *ao ressuscitá*-lo dentre os mortos e recebê-lo na sua glória. Ele "*...convencerá o mundo... da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais*" (Jo 16.10; Rm 1.4). [2] A segunda testemunha é a Palavra, um nome misterioso, envolvendo a natureza mais elevada que pertence ao Salvador Jesus Cristo, em que Ele existia antes de o mundo existir, por meio da qual fez o mundo e era verdadeiramente Deus com o Pai. Ele deve testificar da natureza humana, ou do homem Jesus, em quem e por meio de quem nos redimiu e salvou; e Ele testificou, em primeiro lugar, pelas obras poderosas que realizou (Jo 5.17): "*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*". Em segundo lugar, *ao conferir uma glória a Ele na sua transfiguração. "E vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai*" (Jo 1.14). Em terceiro lugar, Ao ressuscitá-lo dentre os mortos (Jo 2.19): "*Derribai este templo, e em três dias o levantarei*". [3] A terceira testemunha é o Espírito Santo, um nome augusto e venerável, o possuidor, proprietário e autor da santidade. Aquele em quem o Espírito coloca seu selo e testemunho solene precisa ser verdadeiro e fiel. Foi o que Ele fez ao Senhor Jesus, a cabeça da igreja cristã; e isso em circunstâncias como essas: em primeiro lugar, na milagrosa criação de sua natureza humana imaculada no ventre da virgem. "*Descerá sobre ti o Espírito Santo*" (Lc 1.35ss.). Em segundo lugar, *na descida visível sobre Ele no seu batismo. "O Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea*" (Lc 3.22ss.). Em terceiro lugar, em um triunfo efetivo sobre os espíritos do inferno e da escuridão. "*Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus*" (Mt 12.28). Em Quarto lugar, na descida poderosa e visível sobre os apóstolos, para equipá-los com dons e poderes para pregar a respeito dele e do seu evangelho ao mundo depois que Ele havia voltado para o céu (At 1.4,5; 2.2-4 etc.). Em quinto lugar, em apoiar o nome, evangelho e interesse de Cristo, por meio de dons e operações milagrosas pelos seus discípulos e neles, e nas igrejas, durante duzentos anos (1 Co 12.7), a respeito do que veja a excelente dissertação do Dr. Whitby, no prefácio ao segundo volume de seu *Comentário sobre o Novo Testamento.* Essas são testemunhas no céu e elas dão testemunho do céu; e elas são um, pelo que parece, não apenas em testemunho (pois isso está inferido no fato de elas serem três testemunhas do mesmo fato), mas de acordo com uma razão mais elevada, como são no céu; elas são um em seu ser e essência celestiais; e, se são um com o Pai, precisam ser um Deus.

(2) A essas é justaposta, embora unida com elas, uma trindade de testemunhas na terra, que continuam aqui embaixo: "*E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num*" (v. 8). [1] O *Espírito* é a primeira dessas testemunhas. Ele precisa ser distinguido da pessoa do Espírito Santo, que está no céu. Precisamos dizer então, com o Salvador (de acordo com o que foi comunicado por esse apóstolo): "*...o que é nascido do Espírito é espírito*" (Jo 3.6). Os discípulos do Salvador são, como os outros, nascidos segundo a carne. Eles vieram ao mundo dotados de uma tendência carnal corrupta, que é inimiga de Deus. Essa inclinação precisa ser mortificada e abolida. Uma nova natureza precisa ser transmitida. Antigas concupiscências e corrupções precisam ser erradicadas, e o verdadeiro discípulo deve se tornar uma nova criatura. A regeneração ou renovação das almas é um testemunho do Salvador. É sua salvação vigente embora inicial. É um testemunho na terra, porque permanece com a igreja aqui e não é realizado de maneira visível e extraordinária, quando sinais do céu são realizados. A esse Espírito não pertencem somente a regeneração e a conversão da igreja, mas sua progressiva santificação, vitória sobre o mundo, sua paz, e amor, e alegria, e toda essa graça pela qual se torna adequada para a herança dos santos na luz. [2] A segunda é a *água.* Antes ela foi considerada como um meio de salvação, agora como um testemunho do próprio Salvador e sugere sua pureza e poder purificador. E assim, ela parece compreender, em primeiro lugar, a pureza de sua própria natureza e conduta no mundo. *Ele era santo, inocente e imaculado.* Em segundo lugar, o testemunho do batismo de João, que deu testemunho de Jesus Cristo e preparou um povo para Ele e os encaminhou a Ele (Mc 1.4,7,8). Em terceiro lugar, *a pureza de sua própria doutrina, por meio da qual almas são purificadas e lavadas. "Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado*" (Jo 15.3). Em quanto lugar, *a pureza e santidade atuais e efetivas dos seus discípulos. Seu corpo é a santa igreja universal. "Purificando a vossa alma na obediência à verdade*" (cap. 1 Pe 1.22). Em quinto lugar, *Isso foi marcado e selado pelo batismo que Ele designou para a iniciação ou introdução dos seus discípulos, em que Ele evidente-*

mente (ou por esse sinal) diz: "*Se eu te não lavar, não tens parte comigo*" (veja Jo 13.8). "*Não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus*" (1 Pe 3.21). [3] A terceira testemunha é o sangue. Ele o derramou para a nossa redenção. Isso testifica a favor de Jesus Cristo, em primeiro lugar, no sentido de que selou e acabou com os sacrifícios do Antigo Testamento: "*Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós*" (veja 1 Co 5.7). Em segundo lugar, no sentido de que confirmou suas próprias predições, e a verdade de todo o seu ministério e doutrina (Jo 18.37). Em terceiro lugar, no sentido de ter mostrado o amor sem precedentes de Deus, morrendo como sacrifício para sua honra e glória, reconciliando os pecados do mundo (Jo 14.30,31). Em quarto lugar, no sentido de ter mostrado um amor indescritível por nós; e ninguém enganará aqueles que amam plenamente (Jo 14.13-15). Em *quinto lugar*, no sentido de ter demonstrado o desinteresse do Senhor Jesus por qualquer vantagem ou benefício secular. Nenhum impostor e enganador vai se submeter ao desprezo e a uma morte violenta e cruel (Jo 18.36). Em *sexto lugar*, no sentido de colocar obrigações nos seus discípulos para sofrer e morrer por Ele. Nenhum enganador convidaria prosélitos com o preço proposto pelo Senhor Jesus. "Vós sereis odiados por amor de mim. Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus" (Jo 16.2). Com freqüência, Ele chama seus servos para conformar-se com Ele em seus sofrimentos: "*Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério*" (Hb 13.13). Isso mostra que nem Ele nem seu Reino são deste mundo. Em *sétimo lugar*, os benefícios resultantes do seu sangue (entendidos da forma correta) devem demonstrar imediatamente que Ele, de fato, é o Salvador do mundo. Então, em *oitavo lugar*, esses são demonstrados e selados na instituição da sua própria ceia: "*Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento* (que ratifica o Novo Testamento), *que é derramado por muitos, para remissão dos pecados*" (Mt 26.28). Esses são os que testificam na terra. Esse é o multiforme testemunho dado ao autor da nossa fé. Não é de admirar que o desprezador de todas essas evidências seja julgado como blasfemador do Espírito de Deus e acabará perecendo sem recurso em seus pecados. Esses três testemunhos (sendo mais distintos do que os três anteriores) não são apropriadamente considerados *um*, mas como existindo *por um*, para terem o mesmo propósito ou causa, ou de *concordarem num* (ou serem unânimes num só propósito), na mesma coisa entre si e o mesmo testemunho com aqueles que testificam do céu.

III O apóstolo conclui de maneira adequada: "*Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou*" (v. 9). Temos aqui: 1. Uma suposição bem fundamentada nas premissas. "...*o testemunho de Deus é este*", o testemunho por meio do qual Deus testificou do seu Filho, que certamente deve anunciar um testemunho imediato e incontestável, e este é o do Pai em relação ao seu Filho. Ele o proclamou e sancionou perante o mundo. 2. A autoridade e aceitação do seu testemunho, argumentados do menor para o maior: "*Se recebemos o testemunho dos homens* (e esse testemunho é e deve ser aceito em instituições judiciais e em todas as nações), *o testemunho de Deus é maior*". É a própria verdade, da mais alta autoridade e a mais inquestionável infalibilidade. 3. A aplicação da regra ao caso presente: "...*porque o testemunho*, e aqui está o testemunho *de Deus*, o Pai, bem como da Palavra e do Espírito, *que de seu Filho testificou* e no qual Ele atestou". Deus, que não pode mentir, tem dado segurança suficiente para o mundo de que Jesus Cristo é o seu Filho, o Filho do seu amor, e Filho por ofício, para reconciliar e retomar o mundo para si. Ele testificou, portanto, da verdade e origem divina da fé cristã, e que ela é o caminho seguro designado e o meio para nos levar a Deus.

O Privilégio do Crente
vv. 10-13

Nesse texto, podemos observar:

I O privilégio e estabilidade do verdadeiro cristão: "*Quem crê no Filho de Deus*, prevaleceu com sinceridade para apegar-se a Ele para a salvação, *em si mesmo tem o testemunho*" (v. 10). Ele não tem somente a evidência exterior que os outros têm, mas em seu próprio coração tem um testemunho a favor de Jesus Cristo. Ele pode alegar o que Cristo e a verdade de Cristo fizeram pela sua alma e o que viu e achou nele. 1. Ele viu vivamente o seu pecado, culpa, miséria e sua necessidade clara desse tipo de Salvador. 2. Ele viu a excelência, a beleza e a posição do Filho de Deus e a adequação de um Salvador como esse em todos os seus desejos espirituais e circunstâncias infelizes. 3. Ele viu e admirou a sabedoria e amor de Deus em preparar e enviar esse Salvador para libertá-lo do pecado e inferno e para ressuscitá-lo para o perdão, a paz e a comunhão com Deus. 4. Ele achou e sentiu o poder da palavra e doutrina de Cristo, ferindo, humilhando, curando, vivificando e confortando sua alma. 5. Ele descobriu que a revelação de Cristo é a maior descoberta e demonstração de amor de Deus, e o meio mais apropriado e poderoso de acender, fomentar e estimular o amor ao santo e abençoado Deus. 6. Ele é nascido de Deus pela verdade de Cristo, conforme o versículo 1. Ele tem um coração novo e uma natureza nova. Seu amor, sua disposição e seu deleite também são novos, e ele já não é mais o mesmo homem de outrora. 7. No entanto, ele continua percebendo um conflito consigo mesmo, com o pecado, o mundo e os poderes invisíveis e maus, como está descrito da doutrina de Cristo. 8. Ele encontra perspectiva e força tão grandes proporcionadas a ele pela fé em Cristo, que consegue desprezar e vencer o mundo e ir ao encontro de um mundo melhor. 9. Ele percebe o interesse que o Mediador no céu tem, pela recepção e prevalência das orações que são enviadas para lá em seu nome, de acordo com a sua vontade e por meio da sua intercessão. 10. Ele é gerado de novo para uma esperança viva, para uma confiança em Deus, na sua benevolência e amor, para uma vitória agradável sobre os terrores da consciência, medo da morte e inferno, para uma perspectiva confortável de vida e imortalidade, sendo enriquecido com a determinação do Espírito e selado para o dia da redenção. Essa é a segurança do que crê no evangelho. Ele tem um testemunho

em si mesmo. Cristo é formado nele e ele está crescendo para a plenitude e perfeição, ou para a imagem perfeita de Cristo, no céu.

II O agravamento do pecado do descrente, o pecado da incredulidade: "*...quem em Deus não crê mentiroso o fez*". Ele, na verdade, acusa Deus de mentir, "*...porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu*" (v. 10). Ele é obrigado a acreditar que Deus não enviou seu Filho ao mundo, quando Ele nos deu uma evidência tão multiforme do mesmo, ou que Jesus Cristo não era o Filho de Deus, quando toda essa evidência culmina nele, ou que Ele enviou seu Filho para enganar o mundo e para levá-lo ao erro e miséria, ou que Ele permite aos homens inventar uma religião que, em todas as suas partes, é uma instituição pura, santa, celestial e imaculada, e tão digna de ser adotada pela razão da humanidade, mas não passa, na realidade, de uma decepção e mentira, e então concede o seu Espírito e poder para encomendá-lo e impô-lo ao mundo. Isso torna Deus, o Pai, o autor e instigador da mentira.

III O assunto, substância ou conteúdos do testemunho divino em relação a Jesus Cristo: "*E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho*" (v. 11). Este é o resumo do evangelho. Este é o resumo e a epítome de todo o registro dos supracitados seis testemunhos. 1. *Deus nos deu a vida eterna.* Ele a designou para nós em seu propósito eterno. Ele preparou todos os meios necessários para que a obtenhamos. Ele a concedeu para nós por meio do seu concerto e promessa. E Ele concede um direito e título a todos que crêem e verdadeiramente aceitam o Filho de Deus. 2. *Esta vida está em seu Filho.* O Filho é vida; vida eterna em sua própria essência e pessoa (Jo 1.4; cap. 1.2). Ele é vida eterna para nós, a origem da nossa vida espiritual e gloriosa (Cl 3.4). Dele a vida é transmitida a nós, aqui e no céu. Assim, segue-se: (1) "*Quem tem o Filho tem a vida*" (v. 12). Aquele que está ligado ao Filho está ligado à vida. Quem tem o título ou direito de posse em relação ao Filho tem o direito à vida, à vida eterna. Tal honra o Pai colocou sobre o Filho: nós também devemos colocar essa honra sobre Ele. Devemos vir e beijar o Filho, e teremos vida. (2) "*...quem não tem o Filho de Deus não tem a vida*" (v. 12). Ele continua debaixo da condenação da lei (Jo 3.36). Ele rejeita o Filho, que é a própria vida, que é o provedor da vida. Ele força Deus a abandoná-lo à morte eterna por fazê-lo mentiroso, uma vez que não crê nesse testemunho que Deus deu a respeito do seu Filho.

IV O fim e o motivo de o apóstolo pregar essas coisas aos crentes. 1. Para a satisfação e conforto deles: "*Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do Filho de Deus*" (v. 13). Diante de toda essa evidência, e esses testemunhos, é justo e razoável que haja aqueles que crêem no nome do Filho de Deus. Que Deus aumente o número dos que crêem no nome do Filho de Deus! Quanto testemunho do céu o mundo precisa prestar contas! O mundo precisa prestar contas em relação a três testemunhos no céu. Esses crentes têm a vida eterna. Eles a encontram no concerto do evangelho, no início e primeiros frutos dele em suas vidas e no seu Senhor e cabeça no céu. Esses crentes precisam saber que possuem a vida eterna e deveriam sentir-se estimulados, encorajados e confortados diante dessa perspectiva: e deveriam valorizar as Escrituras, que foram escritas para a consolação e salvação deles. 2. Para a confirmação e progresso na vida santa deles: "*...para que creiais no nome do Filho de Deus*" (v. 13), e continuem a crer. Os crentes precisam perseverar ou não obterão coisa alguma. Deixar de crer no nome do Filho de Deus significa renunciar à vida eterna e encaminhar-se para a perdição. Portanto, as evidências da fé cristã e sua vantagem devem ser apresentadas aos crentes, para animá-los e encorajá-los a perseverar até o fim.

O Pecado para a Morte

vv. 14-17

Aqui temos:

I Um privilégio que pertence à fé em Cristo, a saber, sua recepção: "*E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve*" (v. 14). O Senhor Jesus Cristo nos anima a vir a Deus em qualquer circunstância, com todas as nossas súplicas e pedidos. Por meio dele nossas petições são aceitas por Deus. O tópico da nossa oração deve estar em concordância com a vontade declarada de Deus. Não é certo pedir algo que é contrário à sua majestade e glória ou para o nosso próprio bem, pois somos dele e dependemos dele. Então podemos estar certos de que a oração de fé será ouvida no céu.

II Nossa vantagem em relação a esse privilégio: "*E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos*" (v. 15). Grandes são os livramentos, as misericórdias e as bênçãos que o cristão peticionário necessita. Saber que suas petições são ouvidas ou aceitas é tão bom quanto saber que são respondidas; e, portanto, que é tão perdoado, aconselhado, santificado, auxiliado e liberto (ou será assim) quanto é permitido pedir a Deus.

III Orientação no pedir em relação aos pecados de outros: "*Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore*" (v. 16). Podemos observar o seguinte: 1. Devemos orar pelos outros e por nós mesmos; pelos nossos semelhantes, para que sejam iluminados, convertidos e salvos; pelos nossos irmãos na fé cristã, para que possam ser sinceros, para que seus pecados sejam perdoados e que sejam libertos do mal e do castigo de Deus e preservados em Cristo Jesus. 2. Há uma grande distinção na crueldade e culpa do pecado: "*Há pecado para morte*" (v. 16), "*...e há pecado que não é para morte*" (v. 17). (1) *Há pecado para morte.* Todo pecado, em relação ao mérito e sentença legal dele, é para morte. "*O salário do pecado é a morte*" (veja Rm 6.23); e: "*Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão*

escritas no livro da lei, para fazê-las" (Gl 3.10). Mas há um pecado para morte em oposição ao tipo de pecado que ele chama de *não para morte*. (2) Há, portanto, *pecado que não é para morte*. Isto certamente deve incluir todos os pecados que pela constituição divina ou humana consistem em vida; na constituição humana com vida temporal e física, na constituição divina com vida física ou vida espiritual. [1] Há pecados que, pela constituição humana justa, não são para morte – como diversos aspectos de injustiça, que podem ser pagos sem a morte do delinqüente. Em oposição a isso, há pecados que pela constituição justa, são para morte, ou para a perda legal da vida. Esses são chamados de *crimes capitais*. [2] Há pecados que, pela constituição divina, são para morte; e isso tanto morte corporal quando espiritual. Em primeiro lugar,, aqueles que são, ou podem ser, para a morte física. Esses podem incluir os pecados de hipócritas vulgares ou grosseiros, tais como de Ananias e Safira, ou, pelo que sabemos, de irmãos cristãos sinceros, como na ocasião em que o apóstolo se refere aos membros da igreja de Corinto: "*Por causa disso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem*" (1 Co 11.30). Pode haver pecado para morte do corpo entre esses que podem não ser condenados com o mundo. Esse pecado, repito, é, ou pode ser, para a morte física. A constituição penal divina no evangelho não ameaça certa ou peremptoriamente com morte quanto aos pecados visíveis dos membros de Cristo, mas somente uma correção de acordo com o evangelho: "*...porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho*" (Hb 12.6). Há lugar para a sabedoria ou bondade divina, ou mesmo para a severidade do evangelho, para determinar até onde a correção ou o açoitamento deve ir. Mas precisamos reconhecer que, às vezes, a correção pode (*in terrorem – para aviso de outros*) prosseguir até a morte. Então, em segundo lugar, existem pecados que, pela constituição divina, são para a morte espiritual, isto é, são inconsistentes com a vida espiritual e cristã, com a vida espiritual na alma e com um direito evangélico em relação à vida acima. Esses apresentam uma completa impenitência e incredulidade no presente. A impenitência e incredulidade final são inevitavelmente para a morte eterna, como também uma blasfêmia ao Espírito de Deus no testemunho que deu de Cristo e do seu evangelho e uma apostasia total da luz e da evidência condenatória da verdade da fé cristã. Esses são pecados que envolvem a culpa da morte eterna. Então vem:

IV A aplicação das diretrizes relacionadas à oração de acordo com os diferentes tipos de pecado. A oração deve ser por vida: Ele *orará, e Deus dará a vida*. A vida deve ser pedida a Deus. Ele é o Deus da vida. Ele a dá quando e a quem desejar, e a tira pela sua constituição ou providência, ou por ambas, como melhor lhe convier. No caso do pecado de um irmão, que não é (da maneira já mencionada) para a morte, podemos em fé e esperança orar por ele; especialmente pela vida da alma e do corpo. Mas, no caso de o pecado ser para morte da forma mencionada acima, não temos permissão para orar. Talvez a expressão do apóstolo: "*...por esse não digo que ore*", possa significar: "Não tenho promessa para vocês nesse caso; nenhuma base para a oração de fé". 1. As leis da justiça punitiva devem ser cumpridas, para a segurança comum e benefício da humanidade: e mesmo um irmão escandalizado em um caso como esse deve ser submetido à justiça pública (que na sua base é divina), e ao mesmo tempo também à misericórdia de Deus. 2. A oração pela remoção dos castigos evangélicos (como podem ser chamados), ou da prevenção da morte (que pode parecer uma conseqüência de um pecado em particular), pode ser apenas de maneira condicional ou provisória, isto é, com a ressalva de que condiga com a sabedoria, vontade e glória de Deus, para que sejam removidos e, de uma maneira particular, para que essa morte seja evitada. 3. Não podemos orar para que os pecados dos impenitentes e descrentes (enquanto permanecerem assim) sejam perdoados, ou que qualquer misericórdia da vida ou alma, que considere a possibilidade do perdão de pecados, seja concedida a eles, enquanto continuarem no pecado. Mas podemos orar pelo arrependimento deles (considerando que estejam no mesmo caso do mundo impenitente), para serem enriquecidos com fé em Cristo e, portanto, por todas as outras misericórdias salvadoras. 4. No caso em que parece que alguém cometeu a imperdoável blasfêmia contra o Espírito Santo, e a total apostasia dos poderes esclarecedores e persuasivos da fé cristã, tudo indica que não se deveria orar por essa pessoa de forma alguma. "*Resta uma certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários*" (Hb 10.27). E esses últimos pecados parecem ser aqueles que o apóstolo chama de *pecados para morte*. 5. O apóstolo parece argumentar que há pecado que não é para morte; portanto: "*Toda iniqüidade é pecado*" (v. 17); mas, se toda impiedade fosse para morte (visto que todos nós somos ímpios em relação a Deus ou aos homens, ou a ambos, em omitir e negligenciar algo que era nossa obrigação), então estaríamos todos peremptoriamente condenados à morte e, uma vez que não é assim (os cristãos, falando de modo geral, tendo direito à vida), deve haver pecado que não é para morte. Embora não haja pecado venial (na aceitação comum), há pecado perdoado, pecado que não envolve uma obrigação plena para a morte eterna. Se não fosse assim, não poderia haver justificação nem continuidade do estado justificado. A constituição ou concerto do evangelho abrevia, reduz ou anula a culpa do pecado.

Os Privilégios dos Crentes

vv. 18-21

Aqui temos:

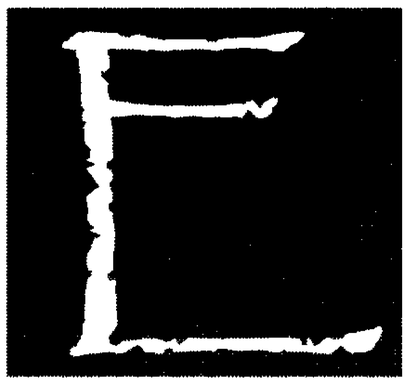
I Uma recapitulação dos privilégios e vantagens de cristãos saudáveis. 1. Eles estão assegurados contra o pecado, contra a plenitude do seu domínio ou a plenitude da sua culpa: "*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus* (e o crente em Cristo é nascido de Deus, v. 1) *não peca*" (v. 18), *não peca* com essa plenitude de coração e espírito com que os não regenerados o fazem (como foi dito, cap. 3.6,9) e, conseqüentemente, não com a plenitude de culpa que toma conta dos pecados dos outros. Ele é guardado contra esse pecado que inevitavelmente acaba em morte ou que infalivelmente obriga o pecador ao salário da morte eterna. A nova natureza e a habitação do Espírito divino impedem o acesso desse pecado imperdoável. 2. Eles são fortificados contra as tentativas destrutivas do diabo: "*...o que de Deus*

é gerado conserva-se a si mesmo, isto é, ele é capacitado para guardar-se a si mesmo, *e o maligno não lhe toca*" (v. 18), a saber, para morte. Não parece somente ser uma narração do dever ou prática do regenerado, mas uma indicação do seu poder pela virtude da sua regeneração. Eles são, assim, preparados e imbuídos de princípios contra os toques fatais, o aguilhão do maligno. Ele não toca a alma deles, para introduzir seu veneno como faz com os outros, ou para expulsar o princípio regenerativo que é um antídoto para esse veneno, ou para induzi-los a esse pecado que pela constituição do evangelho transmite uma obrigação indissolúvel com a morte eterna. O maligno pode prevalecer sobre eles com demasiada intensidade e atraí-los a alguns atos de pecado; mas, parece que o intento do apóstolo é mostrar que a regeneração deles os guarda desses ataques do diabo que os levaria à mesma situação e à condenação efetiva com o diabo. 3. Eles estão do lado e interesse de Deus, em oposição ao estado do mundo: "*Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno*" (v. 19). A humanidade está dividida em dois grandes partidos ou domínios, um que pertence a Deus e um que pertence à maldade ou ao maligno. Os crentes em Cristo pertencem a Deus. Eles são de Deus, e são dele, e para Ele, e por Ele. Eles têm direito e acesso ao antigo Israel de Deus, de quem é dito: "...*a porção do SENHOR é o seu povo*, seu estado neste mundo; *Jacó é a parte da sua herança*, a parte que recaiu para Ele pela sorte da sua própria determinação" (Dt 32.9); enquanto, do outro lado, *todo o mundo*, o restante, a maior parte, *está no maligno*, nas mandíbulas, nas entranhas, do maligno. Há, na verdade, se formos considerar os indivíduos, muitos malignos, muitos espíritos malignos, nos lugares celestes e etéreos; mas eles estão unidos pela natureza, diretriz e princípio maligno e também estão unidos em uma cabeça. Há o príncipe dos demônios e do reino diabólico. Há uma cabeça da malignidade e do mundo maligno; e ele tem um controle tão grande aqui que é chamado de "...*o deus deste século*" (veja 2 Co 4.4). Estranho que um espírito tão instruído e consciente esteja tão implacavelmente inflamado contra o Todo-poderoso e contra tudo que lhe interessa, quando ele sabe claramente que a condenação eterna já está reservada para ele! Quão tremendo é o julgamento de Deus sobre esse maligno! Que o Deus do mundo cristão continue demolindo o domínio do maligno neste mundo e transferindo almas *para o Reino do Filho do seu amor*! 4. Eles são iluminados no conhecimento do Deus verdadeiro e eterno: "*E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro* (v. 20). O Filho de Deus veio ao nosso mundo, e nós o vimos e o conhecemos por todas as evidências que já foram asseveradas. Ele nos revelou o Deus verdadeiro (com em Jo 1.18), e também abriu as nossas mentes para entender essa revelação, nos dando uma luz interior em nossa compreensão, para entendermos as glórias do verdadeiro Deus; e somos assegurados que Ele revelou o verdadeiro Deus. Ele é infinitamente superior em pureza, poder e perfeição, em relação a todos os deuses dos gentios. Ele tem todas as excelências, belezas e riquezas do vivo e verdadeiro Deus. Esse é o mesmo Deus que, de acordo com o relato de Moisés, fez os céus e a terra, o mesmo que fez uma aliança peculiar com nossos pais, os patriarcas, o mesmo que libertou os nossos ancestrais do Egito, que nos deu a ardente lei no monte Sinai, que nos deu seus oráculos santos e prometeu o chamado e a conversão dos gentios. Pelos seus conselhos e obras, pelo seu amor e graça, pelos seus terrores e julgamentos, sabemos que Ele, e somente Ele, na plenitude do seu ser, é o Deus vivo e verdadeiro". É uma grande felicidade conhecer o verdadeiro Deus, conhecê-lo em Cristo; é a vida eterna (Jo 17.3). É a glória da revelação cristã que ela apresente o melhor relato do verdadeiro Deus, e administre a melhor pomada para os olhos, para nosso discernimento do Deus vivo e verdadeiro. 5. Eles têm uma união feliz com Deus e seu Filho: "*E no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo* (v. 20). O Filho nos leva ao Pai, e nós estamos nos dois, no amor e favor dos dois, no concerto e aliança federativa com ambos, na conjunção espiritual com os dois pela habitação e operação do seu Espírito: e, para que vocês tenham idéia do tamanho da dignidade e felicidade disso, vocês devem lembrar que *este é o verdadeiro Deus e a vida eterna*", ou melhor (como parece ser uma construção mais natural): "Este mesmo Filho de Deus é também *o verdadeiro Deus e a vida eterna*" (Jo 1.1, e aqui, cap. 1.2), "para que na união com cada um deles, mais ainda na união com os dois, estejamos unidos com *o verdadeiro Deus e a vida eterna*".

II A admoestação final do apóstolo: "*Filhinhos*" (filhos queridos, como tem sido interpretado), "*guardai-vos dos ídolos* (v. 21). Uma vez que vós conheceis o verdadeiro Deus, e estais nele, deixai que sua luz e seu amor vos guardem contra tudo aquilo que é colocado contra Ele, ou que procura competir com Ele. Fugi dos falsos deuses do mundo pagão. Eles não são comparáveis com o Deus a quem vós pertenceis e a quem servis. Não adoreis a Deus por meio de estátuas ou imagens. O Deus dos cristãos é um Espírito incompreensível e é desonrado por representações tão sórdidas. Não tenhais comunhão com vossos vizinhos pagãos em sua adoração idólatra. Deus é zeloso e quer que vós saiais e vos separeis deles. Mortificai a carne e sede crucificados para o mundo, para que não usurpem o trono do vosso coração, que pertence somente a Deus. O Deus que vós conhecestes é aquele que vos criou, que vos redimiu pelo seu Filho, que vos enviou seu evangelho, que perdoou vossos pecados, que vos gerou pelo seu Espírito e vos deu a vida eterna. Apegai-vos a Ele pela fé, amor e obediência constantes, em oposição a todas as coisas que alienam vossa mente e vosso coração de Deus. A esse Deus vivo e verdadeiro sejam glória e domínio para todo o sempre. *Amém*."

2 JOÃO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



ncontramos aqui uma epístola canônica endereçada não somente a uma única pessoa, mas também a alguém do sexo feminino. E por que não para alguém desse sexo? Na redenção, privilégio e dignidade do evangelho, "*...não há macho nem fêmea*; ambos são *um em Cristo Jesus*" (veja Gl 3.28). Nosso Senhor deixou sua refeição de lado para conversar com a mulher de Samaria, para mostrar-lhe a fonte da vida; e, quando estava próximo da sua morte na cruz, Ele confiou com seus lábios moribundos sua bendita mãe aos cuidados do seu amado discípulo, e, dessa forma, o instruiu a respeitar discípulos do sexo feminino no futuro. Nosso Senhor escolheu aparecer primeiro a uma mulher logo após a sua saída do sepulcro e transmitir por meio dela as novas da sua ressurreição a esse apóstolo amado bem como aos outros apóstolos. Também encontramos mais tarde uma zelosa Priscila envolvida no meio cristão, mais especificamente em alguns serviços perigosos para o apóstolo Paulo, tanto que ela freqüentemente é mencionada antes do seu marido. Não só o apóstolo Paulo, mas também todas as igrejas gentílicas estavam dispostas a enviar seus reconhecimentos agradecidos a ela e ao seu marido. Não é de admirar então que uma heroína na fé cristã, honrada pela providência divina e separada pela graça divina, também devesse ser dignificada por meio de uma epístola apostólica.

O apóstolo aqui saúda uma honrável matrona e seus filhos (vv. 1-4). O apóstolo lhes recomenda fé e amor (vv. 5,6). Adverte-os acerca dos enganadores (v. 7), e para cuidarem deles mesmos (v. 8). Ensina-os como tratar aqueles que não seguem a doutrina de Cristo (vv. 10,11). E, depois de mencionar que espera vê-los pessoalmente, conclui a epístola (vv. 12,13).

Saudação

vv. 1-4

As epístolas antigas começavam, como neste caso, com uma saudação e melhores votos: o cristianismo consagra, tanto quanto possível, velhas formas, e transforma saudações em verdadeiras expressões de vida e amor. Temos aqui, como geralmente ocorre:

I A pessoa que faz a saudação, não identificada pelo nome, mas por um título escolhido: "*O ancião...*". A expressão, estilo, e amor mostram que o escritor era o mesmo da epístola anterior; ele é agora *o ancião*, de maneira enfática e notável, possivelmente o apóstolo mais idoso vivo, o ancião principal na igreja de Deus. Um ancião na antiga casa de Israel era reverenciado, mais ainda o devia ser o ancião do Israel de Deus e do evangelho. Um discípulo idoso já é merecedor de honra; sendo apóstolo e líder dos discípulos ele é digno de maior honra. Ele estava agora velho e experiente no serviço sagrado, tinha visto e experimentado bastante do céu e estava muito mais próximo dele do que no início da sua caminhada na fé.

II A pessoa saudada – uma nobre matrona cristã e seus filhos: "*...à senhora eleita e a seus filhos*". Provavelmente uma fidalga, uma pessoa de qualidade notável por meio do nascimento, instrução e posição. É uma bênção que o evangelho também alcance esse tipo de pessoas. É muito importante que senhoras e nobres sejam familiarizados com o Senhor Jesus Cristo e seus ensinamentos. Eles devem mais a Ele do que outros lhe devem; embora geralmente *muitos... nobres* não sejam chamados (veja 1 Co 1.26). Podemos observar aqui um padrão para pessoas de qualidade do mesmo sexo. A *senhora eleita*; não somente uma escolhida, mas alguém escolhida por Deus. É algo gracioso e bonito ver senhoras, por meio de um caminhar santo, demonstrarem que são escolhidas de Deus. "*...e a seus filhos*"; provavelmente essa senhora era viúva; ela *e seus filhos* então formam a parte principal da família. Assim, essa epístola pode ser entendida como uma epístola parcimoniosa. Pode-se dirigir às famílias por escrito; dessa forma, elas podem ser encorajadas e orientadas no seu amor e deveres domésticos. Vemos que os filhos também podem ser mencionados nas cartas cristãs, e eles também devem saber disso. Isso pode ser proveitoso para encorajá-los e para advertência deles. Aqueles que os amam e apreciam estarão aptos a informar-se a respeito deles. Essa *senhora e seus filhos* são notificados do respeito prestado a eles: 1. Pelo próprio apóstolo: "*...aos quais amo*

na verdade...", ou em verdade, isto é, a quem amo sinceramente e de todo coração. Aquele que era o discípulo amado tinha aprendido a arte ou exercício do amor; e ele especialmente amava as pessoas que amavam o Senhor que o amava. 2. Por todos os seus conhecidos, ou seja, todos os cristãos que a conheciam: "*...e não somente eu, mas também todos os que têm conhecido a verdade*". Virtude e bondade, em uma esfera elevada, brilham muito. A verdade requer reconhecimento, e esses que percebem as evidências da religião pura deveriam confessá-las e atestá-las. É um bom sinal e um dever amar e valorizar a prática da fé nos outros. O motivo desse amor e respeito devidos a essa senhora e seus filhos era sua consideração em relação à verdade: "*...por amor da verdade* (por amor à verdadeira fé cristã) *que está em nós e para sempre estará conosco*". O amor cristão é baseado na manifestação da fé vital. Semelhança deveria produzir afeição. Aqueles que amam a verdade e a piedade neles próprios, deveriam amá-las nos outros também, ou deveriam amar os outros por causa dessas virtudes. O apóstolo e os outros cristãos amavam essa senhora, não tanto por causa da sua honra mas pela sua santidade; não tanto por causa da sua generosidade mas pela seriedade da sua prática cristã. Não deveríamos ser religiosos aos trancos e barrancos, de acordo com a lua; mas a fé cristã deveria habitar em nós, em nossa mente e coração, em nossa fé e amor. Entende-se que onde a fé cristã de fato vigora, ela permanecerá para sempre. Podemos acreditar que o espírito do cristianismo não será completamente extinto: que *para sempre estará conosco.*

III A saudação, que é, de fato, uma bênção apostólica: "*A graça, a misericórdia, a paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai, sejam convosco na verdade e caridade*" (v. 3). O amor sagrado derrama bênçãos sobre essa honrável família cristã. Aqueles que têm receberão ainda mais. Observe:

1. De quem essas bênçãos são desejadas: (1) "*...da parte de Deus Pai...*", o Deus de toda graça. Ele é a fonte das bênçãos, e de todas as bênçãos que devem nos levar para lá. (2) "*...da do Senhor Jesus Cristo*". Ele também é o autor e comunicador dessas bênçãos celestiais e Ele é distinto pelo seu caráter enfático – *o Filho do Pai*; um Filho como ninguém mais pode ser. Esse Filho é "*...o resplendor da glória do Pai, e a expressa imagem da sua pessoa*" (veja Hb 1.3), e, com o Pai, também é a *vida eterna* (1 Jo 1.2).

2. O que o apóstolo pede dessas pessoas divinas. (1) *Graça* – favor divino e boa vontade, a fonte de todas as coisas boas. As bênçãos espirituais somente podem ser conferidas a mortais pecadores por meio da graça. (2) *Misericórdia* – perdão e absolvição gratuita. Aqueles que já são ricos em graça necessitam de perdão contínuo. (3) *Paz* – tranqüilidade de espírito e serenidade de consciência, em uma reconciliação garantida com Deus junto com toda prosperidade exterior segura e santificada. Essas virtudes são desejadas "*...na verdade e caridade*", ou pelo afeto sincero e ardente na pessoa que saúda (na fé e no amor ele as pede de *Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo*), ou como fruto de uma verdade e caridade contínua na pessoa saudada. Essas bênçãos conservarão continuamente a verdadeira fé e amor na *senhora eleita e nos seus filhos*.

IV A felicitação pela perspectiva do comportamento exemplar de outros filhos dessa esplêndida senhora. Que mãe feliz, pelo fato de ter sido abençoada com tantos filhos piedosos! "*Muito me alegro por achar que alguns de teus filhos andam na verdade, assim como temos recebido o mandamento do Pai*" (v. 4). Possivelmente os filhos da senhora viajaram para fora do país, com o objetivo de conhecer e familiarizar-se com o mundo, ou por causa dos seus próprios negócios ou assuntos da família. E, nas suas viagens, podem ter passado por Éfeso, onde o apóstolo supostamente estava morando naquele tempo, e podem ter conversado animadamente com ele. Veja como é importante ser instruído cedo na fé cristã! Embora a religião não deva ser fundada ou apoiada na educação, a educação pode ser, e com freqüência é, abençoada e é o caminho para fortificar os jovens contra a contaminação mundana. Por isso, é importante que jovens viajantes levem consigo sua fé cristã. Eles não devem deixá-la em casa ou aprender os costumes prejudiciais dos países para onde vão. Também precisamos observar que, às vezes, a eleição acontece em uma linha imediata; temos aqui uma *senhora eleita e seus filhos*. Os filhos podem ser amados por causa dos seus pais, mas ambos por causa da livre graça. Pela alegria do apóstolo podemos observar que é prazeroso ver os filhos trilhando nos bons passos dos pais; e os que vêem isso podem felicitar os pais deles por causa disso, tanto para estimular sua gratidão a Deus quanto para ampliar seu conforto em uma bênção tão grande. Essa senhora realmente era bem-aventurada, pelo fato de ter criado tantos filhos para o céu e para Deus. Ela deve ter sentido uma profunda alegria ao ouvir um relato tão positivo de um juiz tão nobre. Certamente deve trazer satisfação e alegria para ministros e discípulos já idosos e experientes, ver uma nova geração crescer cheia de esperança, que pode servir a Deus e encorajar a fé cristã no mundo após a morte deles. Também encontramos aqui a regra do caminhar seguro: "*...o mandamento do Pai*". Nosso caminhar será seguro, nossa conversa será adequada, se estiverem de acordo com a Palavra de Deus.

O Amor Cristão

vv. 5,6

Entramos agora mais diretamente no intento e na essência da epístola. Vemos:

I O pedido do apóstolo: "*E agora, senhora, rogo-te*". Levando em conta o que ele solicita, a forma de tratá-la é marcante. Ele não pede uma bênção ou um favor para si próprio, mas a observância habitual ou costumeira do mandamento divino. Aqui ele poderia ter mandado ou cobrado; mas em certas situações medidas mais duras são piores e desnecessárias e medidas moderadas terão um efeito melhor; e o espírito do apóstolo é, entre todos os outros, o mais gentil e afetuoso. Quer seja pela consideração à senhora eleita, ou pela brandura apostólica, ou as duas, ele se digna a rogar: "*E agora, senhora, rogo-te*". Ele poderia falar da mesma forma que outro apóstolo o fez, dirigindo-se a um certo senhor a quem escreve: "*Pelo que, ainda que tenha em Cristo grande confiança* (de acordo com o poder que

Cristo me confiou) *para te mandar o que te convém, todavia, peço-te, antes, por caridade, sendo eu tal como sou, o velho*" (veja Fm 8,9). O amor prevalecerá quando a autoridade não for respeitada. Muitas vezes observamos que quanto mais a autoridade é ressaltada mais ela é desprezada. O apóstolo ama e roga para assim conduzir seus amigos ao cumprimento do dever.

II O que foi pedido à *senhora eleita e a seus filhos* – o sagrado amor cristão: "*...que nos amemos uns aos outros*" (v. 5). Aqueles que são notáveis em qualquer virtude cristã, encontram espaço para crescer nela. "*Quanto, porém, à caridade fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros.* [...] *Exortamo-vos, porém, a que ainda nisto continueis a progredir cada vez mais*" (1 Ts 4.9,10).

1. Esse amor é recomendado: (1) Da obrigação em relação a ele – *o mandamento*. A ordem divina deveria controlar nossa mente e nosso coração. (2) Da antigüidade da obrigação: "*...não como escrevendo-te um novo mandamento, mas aquele mesmo que desde o princípio tivemos*" (v. 5). Esse mandamento do amor cristão mútuo pode ser considerado *novo* em relação à sua nova ratificação e sanção pelo Senhor Jesus Cristo. Mas, em relação à importância dele (amor santo mútuo), ele é tão antigo quanto a religião natural, judaica ou cristã. Esse mandamento deve ser observado em todo lugar no mundo cristão, que os discípulos amem uns aos outros.

2. Então esse amor é ilustrado em relação à sua natureza frutífera: "*E a caridade é esta: que andemos segundo os seus mandamentos*" (v. 6). Esse é o teste do nosso amor a Deus e nossa obediência a Ele. Amamos a nós mesmos, e às nossas almas, quando andamos em obediência aos mandamentos divinos. "*Em os guardar há grande recompensa*" (veja Sl 19.11). O amor mútuo busca encorajar uns aos outros a andar em santidade. E a evidência do nosso amor cristão sincero e mútuo é vivermos de acordo com os mandamentos de Deus. É possível haver amor mútuo que não seja cristão; mas nós conhecemos o amor cristão pelo fato da nossa obediência a todos os outros mandamentos além do amor mútuo. A obediência ilimitada é a prova da bondade e sinceridade das virtudes cristãs; e aqueles que tem como alvo a obediência cristã, certamente observarão o amor cristão. Um dever fundamental no evangelho é o seguinte: "*Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes: que andeis nele*" (v. 6), isto é, que andeis nesse amor. A percepção do declínio desse amor, bem como de mais uma apostasia, pode ter obrigado o apóstolo a enfatizar esse dever, e esse mandamento primordial, com mais freqüência e de maneira mais séria.

Os Enganadores São Reprovados

vv. 7-9

Nessa parte principal da epístola, encontramos:

I As más notícias comunicadas à senhora – os sedutores estavam indo pelo mundo afora: "*Porque já muitos enganadores entraram no mundo*". Essa informação é introduzida por uma partícula que anuncia um motivo para a informação. "Vocês precisam manter seu amor, *porque* há destruidores desse amor no mundo. Esses que corrompem a fé destroem o amor; a fé comum é o motivo do amor comum"; ou: "Vocês precisam garantir o seu andar de acordo com os mandamentos de Deus; isso os guardará. Sua estabilidade provavelmente será provada, *porque já muitos enganadores entraram no mundo*". Notícias tristes podem ser comunicadas aos nossos amigos cristãos; não que devêssemos ter prazer em torná-los tristes, mas para preveni-los ou acautelá-los contra suas provações. Veja aqui: 1. A descrição dos enganadores e seu engano – "*...não confessam que Jesus Cristo veio em carne*" (v. 7). Eles apresentavam algum erro ou confusão a respeito da pessoa do Senhor Jesus. Eles não confessavam que Jesus e Cristo são a mesma pessoa ou que Jesus de Nazaré era o Cristo, o Ungido de Deus, o Messias há muito prometido para a redenção de Israel, ou que o Messias prometido e Redentor veio em carne, entrou no mundo e na nossa natureza. Eles diziam que o Messias ainda precisava vir. Estranho que depois de tantas evidências alguém ainda se atrevesse a negar que o Senhor Jesus é o Filho de Deus e Salvador do mundo! 2. O agravamento do caso – "*...tal é o enganador e o anticristo*" (v. 7). Ele iludia almas e tentava minar a glória e o reino do Senhor Jesus Cristo. Ele era um impostor, um enganador obstinado, depois de toda luz que foi apresentada e toda evidência que Cristo deu de si mesmo, e o testemunho que Deus deu referente ao seu Filho. Esse enganador era um opositor obstinado da pessoa, da honra e do interesse do Senhor Jesus Cristo, e ele terá de prestar contas quando o Senhor Jesus Cristo voltar. Não vamos nos surpreender com os atuais enganadores e opositores do nome e dignidade do Senhor Jesus Cristo, porque tais já existiam antigamente, mesmo nos tempos do apóstolo.

II O conselho dado à senhora eleita. Agora eram necessários cuidados e cautela: "*Olhai por vós mesmos*" (v. 8). Quanto mais enganadores e enganos proliferam, tanto mais vigilantes os discípulos devem ficar. As ilusões e os enganos podem ser tais que mesmo os eleitos correm perigo. Eles precisam tomar cuidado com duas coisas: 1. "*...para que não* percam *o que* têm *ganhado*" (v. 8), ou o que fizeram ou o que ganharam. É uma pena quando algum esforço religioso é feito em vão. Alguns até começam bem, mas, no fim, todos os seus esforços são inúteis. O jovem rico esperançoso, que tinha guardado todos os mandamentos da segunda tábua dos Dez Mandamentos, perdeu tudo pelo fato de não amar menos ao mundo do que a Cristo. Precisamos cuidar para não perder aquilo que ganhamos. Muitos não só ganharam uma reputação justa na fé cristã, mas muita compreensão a respeito dela, muita convicção da maldade do pecado, da futilidade do mundo, da excelência da doutrina cristã, e do poder da Palavra de Deus. Eles chegaram a "*...provar as virtudes do século futuro*" (veja Hb 6.5), e os dons do Espírito Santo; e, mesmo assim, no final perderam tudo. "*Corríeis bem; quem vos impediu, para que não obedeçais* (ou não continueis obedecendo) *à verdade?*" (veja Gl 5.7). Seria triste se todas as conquistas justas e brilhantes na escola de Cristo se perdessem no final. 2. Para que não

percam a recompensa, alguma parte dela, da honra, ou louvor ou glória que, em certa época, lhes pertencia por direito. Para que "...*recebamos* (ou recebam, como ocorre em algumas cópias) *o inteiro galardão*". "Assegura toda recompensa que será dada a cada um na igreja de Deus; se há graus ou estágios de glória, não percas nada dessa graça (dessa luz, ou amor, ou paz) que devete preparar você para uma ascensão maior na glória. *Guarda o que tens* (na fé, esperança e uma boa consciência), *para que ninguém tome a tua coroa*, para que você não percas nenhuma pedra preciosa dela" (Ap 3.11). A forma de obter a recompensa completa é permanecer fiel a Cristo e constante na fé cristã até o fim.

III O motivo do conselho do apóstolo, e dos cuidados e cautela deles, é duplo: 1. O perigo e o infortúnio de afastar-se da luz e da revelação do evangelho. Esse, na realidade, é um afastamento do próprio Deus: "*Todo aquele que prevarica* (que prevarica numa proporção tão sombria) *e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus*" (v. 9). É a doutrina de Cristo que nos leva a Deus. É por meio dela que Deus atrai almas para a salvação e para si mesmo. Aqueles que se revoltam dessa forma, se revoltam contra Deus. 2. A vantagem e felicidade da firme adesão à verdade cristã. Ela nos une a Cristo (o objeto ou tema dessa verdade), e, por meio dele também ao Pai; porque Eles são um. "...*quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho*". Pela doutrina de Cristo somos instruídos no conhecimento do Pai e do Filho. Por meio dela somos santificados para o Pai e para o Filho. Por isso somos enriquecidos com amor santo ao Pai e ao Filho e dessa forma somos preparados para o gozo infindável do Pai e do Filho. "*Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado*" (Jo 15.3). Essa pureza nos prepara para o céu. Da mesma forma que o grande Deus colocou seu selo na doutrina de Cristo, assim Ele também coloca um valor nela. Devemos conservar essa doutrina santa na fé e no amor, enquanto esperamos alcançar a comunhão abençoada com o Pai e o Filho.

Advertência contra os Sedutores

vv. 10,11

Aqui:

I Com a devida advertência dada em relação aos sedutores, o apóstolo nos orienta como devemos tratar esse tipo de pessoas. Eles não devem ser acolhidos com os ministros de Cristo. O Senhor Jesus Cristo diferenciará os tais dos seus verdadeiros discípulos. A orientação é negativa. 1. "Não os apóiem: *Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina* (referente a Cristo como o Filho de Deus, o Messias e Ungido de Deus para nossa redenção e salvação), *não o recebais em casa*". Possivelmente, essa senhora era parecida com Gaio, de quem lemos na epístola seguinte, um chefe de família e anfitrião hospitaleiro de ministros viajantes e cristãos. Esses enganadores poderiam possivelmente esperar a mesma recepção dos demais ministros (uma vez que os cegos são com freqüência bastante ousados), mas o apóstolo não permite que isso aconteça: "Não os receba em sua família". Sem dúvida esses podem ser socorridos nas suas necessidades urgentes, mas não encorajados ao serviço prejudicial. Negadores da fé são destruidores de almas. Presumia-se que mesmo senhoras deveriam ter uma boa compreensão das obrigações da doutrina cristã. 2. "Não abençoes seus empreendimentos: '...*nem tampouco o saudeis*'. Não oreis pelo serviço deles nem os saudeis". A obra nociva não deveria ser ordenada nem recomendada à bênção divina. Deus não será o patrocinador de falsidade, sedução e pecado. Devemos saudar a ministração evangélica; mas a propagação do erro doutrinário, se não pudermos evitá-lo, jamais devemos aprová-lo.

II O motivo dessa orientação, no sentido de proibir o apoio e o amparo do enganador: "*Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras*". Favor e afeição partilham do pecado. Corremos o risco de ser participantes das iniqüidades dos outros. O cristão precisa ser muito criterioso e cauteloso. Há muitas formas de partilhar da culpa da transgressão de outras pessoas. Isso pode ser feito por meio de um silêncio culposo, indolência, indiferença, contribuição particular, auxílio e apoio público, aprovação no íntimo e defesa e proteção aberta. Que o Senhor perdoe a nossa culpa nos pecados de outra pessoa!

Conclusão e Saudação

vv. 12,13

O apóstolo conclui esta carta: 1. Com o encaminhamento para o futuro de muitas coisas que deveriam ser tratadas em uma reunião pessoal: "*Tendo muito que escrever-vos, não quis fazê-lo com papel e tinta; mas espero ir ter convosco e falar de boca a boca, para que o nosso gozo seja cumprido*" (v. 12). O autor acredita que algumas coisas podem ser melhor tratadas numa conversa do que por escrito. O uso de papel e tinta pode ser algo compassivo e prazeroso; mas uma conversa pessoal pode ser mais ainda. O apóstolo ainda não era idoso demais para viajar, nem, conseqüentemente, para a obra missionária que envolvia viagens. A comunhão entre os santos deveria ser mantida de todas as formas possíveis; e a comunhão deveria visar a alegria mútua. Ministros excelentes podem ter sua alegria fomentada pelos seus amigos cristãos. "*Para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, tanto vossa como minha*" (Rm 1.12). 2. Com a apresentação do serviço e saudação de algumas pessoas próximas à senhora: "*Saúdam-te os filhos de tua irmã, a eleita*". A graça era abundante para com essa família. Aqui estão duas irmãs eleitas, e, provavelmente, seus filhos eleitos. Como eles devem ter valorizado essa graça do céu! O apóstolo concorda em inserir a saudação mais respeitosa à sua tia. O dever de parentes menores deve ser apreciado. Sem dúvida, o apóstolo era de fácil acesso e admitira toda comunicação amistosa e piedosa e estava disposto a aumentar a alegria dessa boa senhora por meio dos seus sobrinhos bem como de seus filhos. Que possa haver muitas dessas senhoras graciosas se alegrando com seus filhos graciosos e outros parentes! *Amém.*

3 JOÃO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

A comunhão cristã é exercida e apreciada por meio dessa carta. Os cristãos devem ser aprovados na demonstração prática da sujeição declarada ao evangelho de Cristo. O estímulo e a aprovação de pessoas generosas e de espírito público fazem bem a muitos. Com esse fim o apóstolo envia essa epístola animadora ao seu amigo Gaio, na qual ele também se queixa do espírito errôneo e da prática contrária de um certo ministro e confirma o bom relato de um outro ministro mais digno de ser imitado.

Nessa epístola, o apóstolo congratula Gaio pela prosperidade de sua alma (vv. 1,2), pela fama que tinha no meio dos cristãos (vv. 3,4) e pela sua caridade e hospitalidade aos servos de Cristo (vv. 5,6). Ele se queixa do tratamento desdenhoso de um ambicioso Diótrefes (vv. 9,10), recomenda Demétrio (v. 12) e expressa sua esperança em visitar Gaio em breve (vv. 13,14).

Saudação e Oração
vv. 1,2

Vemos aqui:

I O autor sagrado que escreve e envia a carta, não identificado aqui pelo seu nome, mas por um título mais geral: "*O presbítero...*", pela idade e pela posição; ambos merecem honra e respeito. Alguns têm questionado se esse era João, o apóstolo, ou não. Mas o estilo e espírito parecem indicar que foi ele mesmo que escreveu essa epístola. Esses que são amados de Cristo amarão os irmãos por sua causa. Gaio não deveria ter dúvida em relação ao autor da carta. O apóstolo poderia ter adotado muitos outros atributos distintos, mas os ministros de Cristo não devem assumir títulos inchados e pomposos. Ele quase se nivela com os pastores mais comuns da igreja, ao se nomear presbítero. Ou, possivelmente, a maioria dos ministros extraordinários, os apóstolos, estava morta a essa altura, e esse santo sobrevivente encorajaria o ministério contínuo e estável, ao assumir o título mais comum – o presbítero. "*Aos presbíteros que estão entre vós admoesto eu, que sou também presbítero com eles*" (1 Pe 5.1).

II A pessoa saudada e honrada pela carta. A carta anterior foi dirigida a uma senhora eleita; dessa vez a escolha recai sobre um cavalheiro. Esses são dignos de consideração e valor. Ele é identificado: 1. Pelo seu nome: *Gaio*. Lemos a respeito de várias pessoas com esse nome, particularmente de um que o apóstolo Paulo batizou em Corinto, que possivelmente também tenha sido o anfitrião do apóstolo ali (Rm 15.23). Se esse não é o mesmo Gaio, é seu irmão em nome, posição e disposição. 2. Pelas expressões carinhosas do apóstolo a ele: "*...ao amado Gaio, a quem, na verdade, eu amo*". O amor expressado costuma incitar mais amor. Aqui parece ser a sinceridade do amor do apóstolo ou a filosofia desse amor. A sinceridade desse amor: "*...a quem, na verdade, eu amo*", a quem eu verdadeira e cordialmente amo. A filosofia desse amor: "*...a quem, na verdade, eu amo*", por causa da verdade, permanecendo e andando na verdade de Jesus. Amar nossos amigos por causa da verdade é o verdadeiro amor, amor cristão, do evangelho.

III A saudação, contendo uma oração, introduzida por meio de uma interpelação afetuosa: "*Amado*", amado em Cristo. O ministro que espera receber amor precisa, ele próprio, demonstrá-lo. Vemos aqui: 1. A boa opinião do apóstolo a respeito do seu amigo: "*...assim como bem vai a tua alma*". Na verdade existe a chamada prosperidade da alma – a maior bênção desse lado do céu. Isso requer regeneração e uma reserva interior de vida espiritual; essa reserva está crescendo, e, enquanto tesouros espirituais estão avançando, a alma está, de uma maneira sólida, rumando para o reino da glória. 2. Seu nobre desejo pelo seu amigo é que seu corpo "*...vá bem em todas as coisas e que tenha saúde*"; o mesmo vale para a sua alma. Graça e saúde são dois parceiros importantes. A graça melhorará a saúde e a saúde usará a graça. Muitas vezes uma alma abastada está alojada em um corpo doentio; a graça precisa ser exercitada em submissão a esse tipo de dispensação. Mas podemos desejar e orar para que as pessoas que têm almas prósperas também tenham corpos saudáveis; a graça deles brilhará em uma esfera mais ampla de atividades.

O Caráter de Gaio
vv. 3-8

Nesses versículos, temos:

I O bom relato que o apóstolo tinha recebido em relação ao seu amigo: "*...os irmãos vieram e testificaram da tua verdade*" (v. 3), "*...que em presença da igreja testificaram da tua caridade*" (v. 6). Vemos aqui: 1. O testemunho ou a coisa testificada em relação a Gaio: a verdade que estava nele, a realidade da sua fé, a sinceridade da sua religião e sua devoção a Deus; e isso é evidenciado pela sua caridade, que inclui seu amor aos irmãos, a bondade com os pobres, hospitalidade para com os estranhos cristãos e a prontidão em acomodá-los para o serviço do evangelho. A fé deve operar por meio do amor; ela fornece um brilho às expressões do amor e por meio delas induz outros a aprovar sua integridade. 2. As testemunhas: irmãos que vieram da parte de Gaio e testificaram a seu favor. Um bom relato é devido da parte daqueles que receberam benefícios. Embora a boa fama seja apenas uma pequena recompensa por serviços preciosos, no entanto ela é mais vantajosa "*...do que o melhor ungüento*" (veja Ec 7.1), e não será recusada pelos sinceros e espirituais. 3. O público ouvinte ou a instituição diante de quem o relato e o testemunho foram apresentados: "*...em presença da igreja*". Esta parece ser a igreja onde o apóstolo agora se encontrava. Não sabemos ao certo qual igreja era; também não temos certeza em qual ocasião eles testificaram a respeito da fé e amor desse homem diante da igreja. Possivelmente, da plenitude do coração falou a boca. Eles não podiam deixar de falar daquilo que viram e sentiram. Possivelmente, eles pediram a oração da igreja pela vida e utilidade de um benfeitor como ele, para que pudesse ir "*...bem em todas as coisas e que tenhas saúde*".

II O relato que o próprio apóstolo apresenta dele, mostrando novamente por um nome afetuoso: "*Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos e para com os estranhos*" (v. 5). 1. Ele era hospitaleiro, bom para os irmãos, até para os estranhos. Bastava que pertencessem a Cristo para que fossem recomendados à casa de Gaio. Ele era bom para *os irmãos* da mesma igreja que a dele, e para aqueles que vinham de longe. Todos que pertenciam à família da fé eram bem-vindos. 2. Parece que ele tinha um espírito liberal. Ele sabia como tolerar diferenças insignificantes entre cristãos sérios e ser comunicativo com todos que traziam a imagem e faziam a obra de Cristo. 3. Ele era consciente naquilo que fazia: "*...procedes fielmente* (realizas uma obra fiel) *em tudo o que fazes*. Tu o fazes como servo fiel e esperas a recompensa da herança do Senhor Jesus Cristo". Essas pessoas fiéis conseguem ouvir elogios sem inchar de orgulho. O elogio das coisas boas em nós é designado não para o nosso orgulho, mas para o nosso encorajamento, para continuarmos firmes, e deveria ser refinado adequadamente.

III A alegria do apóstolo no bom relato e o bom motivo para tal: "*...muito me alegrei quando os irmãos vieram...*" (v. 3). "*Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade*", ou seja, nas prescrições da fé cristã. A melhor evidência de termos a verdade é *andarmos na verdade*. Homens íntegros se regozijarão na prosperidade da alma de outras pessoas; e eles têm prazer em ouvir a respeito da graça e bondade dos outros. "*E glorificavam a Deus a respeito de mim*" (veja Gl 1.24). O verdadeiro amor não é invejoso, mas folga no bom nome das outras pessoas. Da forma que os pais se alegram, os ministros íntegros também se alegram, em ver seus filhos atestarem sua sinceridade na fé e embelezar a profissão deles.

IV A orientação que o apóstolo dá ao seu amigo em relação ao tratamento futuro dos irmãos que estavam com ele: "*...que* [...], *se conduzires como é digno para com Deus, bem farás*" (v. 6). Pelo que tudo indica era costume naqueles dias cuidar de ministros e cristãos viajantes, pelo menos em algumas partes da estrada (1 Co 15.6). É uma bondade para com um estranho ser guiado no seu caminho e um prazer para os viajantes encontrar-se com pessoas carinhosas: essa é uma obra que deve ser feita "*...como é digno para com Deus*", de um modo respeitável para com Deus, ou adequado à deferência e relação que mantemos para com Deus. Os cristãos não deveriam levar em consideração apenas o que devem fazer, mas o que podem fazer de maneira mais honrosa e louvável: "*...o nobre projeta coisas nobres...*" e generosas (veja Is 32.8). Os cristãos também deveriam fazer as ações comuns da vida e de benevolência de maneira digna, servindo a Deus e almejando a sua glória.

V Os motivos dessa conduta discreta: 1. "*...porque pelo seu Nome saíram, nada tomando dos gentios*". Parece que esses eram irmãos ministeriais, que saíam para pregar o evangelho e propagar o cristianismo. É possível que tenham sido enviados pelo apóstolo João: eles saíram para converter os gentios. O serviço deles era excelente: eles saíram em nome de Deus e para a sua glória. Esse é o objetivo mais elevado de um ministro e deveria ser sua principal causa e motivo: reunir e edificar um povo para o seu nome. Eles também saíam para levar um evangelho livre, isto é, anunciá-lo sem cobrar nada onde quer que fossem: "*...nada tomando dos gentios*". Eles eram dignos de duplicada honra. Existem aqueles que não foram chamados para pregar diretamente o evangelho, mas que podem contribuir financeiramente para o avanço do mesmo. O evangelho deveria ser propagado sem cobrar-se nada daqueles a quem primeiro é pregado. Não podemos esperar que as pessoas que não conhecem o evangelho o valorizem. Igrejas e cristãos com visão devem cooperar para apoiar a propagação da fé cristã nos países pagãos. Outros deveriam cooperar de acordo com as suas aptidões. Esses que comunicam livremente o evangelho de Cristo deveriam ser assistidos por aqueles que participam com suas ofertas. 2. "*...aos tais devemos receber, para que sejamos cooperadores da verdade*" (v. 8), da verdadeira fé. A instituição de Cristo é a verdadeira religião. Ela foi autenticada por Deus. Aqueles que são fiéis a ela desejarão sinceramente, e orarão e contribuirão para, sua propagação no mundo. A verdade pode ser favorecida e assistida de muitas maneiras. Aqueles que não podem proclamar diretamente o evangelho podem receber, acompanhar, ajudar e apoiar os que o fazem.

O Caráter de Diótrefes
vv. 9-11

I Encontramos aqui um exemplo e um caráter muito diferente de um bom ministro na igreja. Ele era menos generoso, tolerante e comunicativo do que os cristãos individuais. Os ministros podem, às vezes, ser ultrapassados em brilho ou excelência. Observamos o seguinte nesse ministro:

1. Seu nome – um nome gentílico: *Diótrefes* trabalhava com um espírito não-cristão.

2. Seu temperamento e espírito – cheio de orgulho e ambição: "*...que procura ter entre eles o primado*". Esse fermento apareceu cedo. É inconveniente e prejudicial quando ministros de Cristo gostam de exercer a primazia, almejar cargos superiores e de notoriedade na igreja de Deus.

3. Seu desprezo da autoridade, cartas e amigos do apóstolo. (1) Da sua autoridade: "*...as obras que ele faz*" contrárias à nossa ordem, "*...proferindo contra nós palavras maliciosas*" (v. 9). Estranho que o desprezo e o desdém fossem tão fortes! Mas, a ambição produzirá malícia contra aqueles que se opõem a ela. A malícia e a malevolência no coração estarão prontas a manifestar-se pelos lábios. Precisamos vigiar o coração e a boca. (2) Da sua carta: "*Tenho escrito à igreja* (v. 9), a saber, pela recomendação de tais e tais irmãos. Mas *Diótrefes não nos recebe*, não permite que nossa carta e testemunho sejam anunciados ali". Parece que essa era a igreja onde Gaio era membro. Uma igreja evangélica parece ser uma sociedade para a qual uma carta pode ser escrita e transmitida. Tais igrejas podem esperar receber cartas de apresentação de estranhos que desejam ser admitidos no meio delas. O apóstolo parece escrever por meio desses irmãos e em parceria com eles. Autoridade apostólica ou uma epístola significam muito pouco para um espírito ambicioso e que aspira grandes coisas. (3) Dos seus amigos, os irmãos que ele recomendou: "*...não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e os lança fora da igreja*" (v. 10). Pode haver algumas diferenças ou costumes diferentes entre os cristãos judeus e gentios. Os pastores devem considerar seriamente quais diferenças são toleráveis. O pastor não tem liberdade absoluta, nem é o senhor sobre a herança de Deus. É ruim não fazer algo bom; mas é pior impedir aqueles que desejavam fazê-lo. O poder e a disciplina da igreja freqüentemente sofrem abusos. Muitos são lançados fora da igreja em que deveriam ser recebidos com satisfação. Mas ai daqueles que lançam fora ou excluem os irmãos que o Senhor Jesus Cristo receberá na sua própria comunhão e Reino!

4. A ameaça do apóstolo a esse dominador orgulhoso: "*Pelo que, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz* (v. 10) e, lembrarei de repreendê-las". Isso parece sugerir autoridade apostólica. Mas, o apóstolo não parece preparar uma corte episcopal, à qual Diótrefes deveria ser convocado; mas ele viria para tomar conhecimento da situação na igreja. Atos de domínio e tirania eclesiástica devem ser censurados e reprovados. Precisa ficar claro a quem pertence esse poder!

II Aqui está um conselho em relação a esse caráter diferente, uma dissuasão de copiar esse tipo de comportamento, e, na verdade, de qualquer tipo de mal: "*Amado, não sigas o mal, mas o bem*" (v. 11). Não imite essa maldade perniciosa e não-cristã; mas siga o bem, em sabedoria, pureza, paz e amor. Precação e conselho não são desnecessários àqueles que já são bons. Essas precauções e conselhos serão mais bem aceitos por aqueles que são temperados pelo amor. *Amado, não sigas o mal.* O apóstolo acrescenta uma razão para essa precaução e conselho. 1. Em relação ao conselho: *Sigas o bem*; porque "*...quem faz bem* (quem natural e genuinamente faz o bem, regozijando-se nisso) *é de Deus*", é nascido de Deus. A prática da bondade é a evidência da nossa feliz relação filial com Deus. 2. Em relação à precaução: *Não sigas o mal*, porque "*...quem faz mal* (com uma mente tendenciosa) *não tem visto a Deus*", não está devidamente sensível à sua natureza e vontade santa. Obreiros nocivos futilmente simulam ou se gabam de conhecer a Deus.

O Caráter de Demétrio. Conclusão e Saudação
vv. 12-14

Aqui temos:

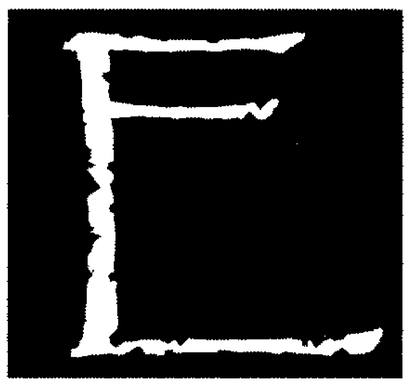
I O caráter de outra pessoa, um certo *Demétrio*, não muito conhecido nas Escrituras. Mas por meio desse texto seu nome permanecerá vivo. O nome no evangelho, a reputação nas igrejas, é melhor do que de filhos e filhas. Seu caráter era sua aprovação. Sua aprovação era: 1. Geral: "*Todos dão testemunho de Demétrio*". Poucos têm o testemunho de todos; e, às vezes, isso até pode não ser bom. Mas a integridade e a bondade geral são o caminho para o aplauso de todos. 2. Merecida e bem fundada: "*...até a mesma verdade*" (v. 12). Alguns têm um bom testemunho, mas não da própria verdade. Felizes são aqueles cujo espírito e conduta os aprovam diante de Deus e dos homens. 3. Confirmada pelo testemunho do apóstolo e seus amigos: "*...e também nós testemunhamos*; e isso com um apelo ao próprio conhecimento de Gaio: *e vós* (tu e teus amigos) *bem sabeis que o nosso testemunho é verdadeiro*". Provavelmente, esse Demétrio era conhecido na igreja onde o apóstolo agora morava, e pela igreja em que Gaio estava. É bom ser bem conhecido, ou ser conhecido por fazer o bem. Devemos estar prontos para dar testemunho daqueles que são bons: essa é uma obrigação para com a virtude e a bondade. É bom para aqueles que são elogiados ou aprovados quando os que os elogiam ou aprovam podem apelar à consciência daqueles que os conhecem melhor.

II A conclusão da epístola, onde podemos observar: 1. O encaminhamento de algumas coisas para um encontro pessoal: "*Tinha muito que escrever, mas não quero escrever-te com tinta e pena. Espero, porém, ver-te brevemente*" (vv. 13,14). Muitas coisas podem ser mais apropriadas para tratar em um encontro pessoal imediato do que por carta. Um breve encontro pessoal pode poupar tempo e aborrecimento de muitas cartas; e bons cristãos podem sentir-se animados em ver uns aos outros. 2. A bênção: "*Paz seja contigo*"; toda felicidade esteja contigo. Aqueles

que são bons e felizes desejam o mesmo para os outros. 3. A saudação pública enviada a Gaio: "*Os amigos te saúdam*". Um amigo na propagação do evangelho merece uma lembrança comum. E essas pessoas piedosas mostram sua afeição pelo evangelho bem como por Gaio. 4. A saudação especial do apóstolo aos cristãos da igreja de Gaio e adjacências: "*Saúda os amigos pelos seus nomes*". Acredito que não havia muitos que eram saudados de uma maneira tão pessoal. Mas devemos aprender a ser humildes e amorosos. O mais humilde na igreja de Cristo deveria ser saudado. E aqueles que esperam morar juntos no céu deveriam saudar uns aos outros na terra. E o apóstolo que se reclinou no seio de Cristo colocava os amigos de Cristo em seu coração.

JUDAS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS



ssa epístola é chamada (como também ocorre com algumas outras) *geral* ou *católica* (universal), porque não é diretamente dirigida a qualquer pessoa em particular, ou a uma família ou igreja, mas a todos os cristãos daquela época, então convertidos à fé em Cristo, tanto do judaísmo como do paganismo; e ela é, e será, de uso duradouro e especial na igreja e para ela, enquanto o cristianismo existir, isto é, enquanto o tempo existir. O escopo geral dessa epístola é muito parecido com o último capítulo da segunda epístola de Pedro, que, pelo fato de já ter sido explicado ali, requer menos atenção aqui. A epístola visa a advertir-nos contra os sedutores e suas seduções, inspirar-nos a um amor afetuoso e cordial à verdade (verdade manifesta e importante), e a uma preocupação genuína com ela, e isso em uma união íntima com a santidade, da qual a caridade, ou o amor fraternal sincero e imparcial, é o caráter mais essencial e o braço inseparável. A verdade que devemos reter e pela qual devemos nos empenhar para que outras pessoas também possam ser familiarizadas com ela e não se afastar dela tem duas características especiais: Ela é "*...a verdade como está em Jesus*" (Ef 4.21); e ela é a "*...verdade, que é segundo a piedade*" (Tt 1.1). O evangelho é o evangelho de Cristo. Ele o revelou a nós e Ele é o assunto principal dele; e, portanto, somos necessariamente compelidos a aprender nele tudo que podemos da sua pessoa, natureza e ofícios. Portar-se de maneira indiferente em relação a isso é indesculpável para aquele que se chama *cristão.* Sabemos de qual fonte única e santa devemos tirar todo o conhecimento necessário à salvação. Além disso, essa verdade também é uma doutrina de piedade. Nenhuma doutrina que favorece os desejos dos homens pode ser de Deus, independentemente dos seus argumentos ou justificativas. Erros perigosos à alma dos homens logo brotaram na igreja. *Os homens dormiram e o joio foi semeado.* Mas, a sabedoria e bondade da Providência fizeram com que o joio começasse a aparecer e mostrar-se, enquanto, ao menos, alguns apóstolos ainda estavam vivos para refutá-lo e advertir os cristãos contra ele. Poderíamos pensar: Se vivêssemos na época deles, teríamos sido claramente resguardados contra as tentativas e artifícios dos sedutores. Mas temos o testemunho deles e suas advertências, que, certamente, são suficientes; e, se não cremos nos seus escritos, também não creríamos ou não teríamos dado ouvidos às suas palavras caso tivéssemos vivido no meio deles e conversado pessoalmente com eles.

Temos aqui: I. Um relato do autor da epístola, uma característica da igreja, as bênçãos e privilégios dessa sociedade bem-aventurada (vv. 1,2). II. O motivo para escrever essa epístola (v. 3). III. O caráter de homens maus e perversos, que já tinham surgido naquele estágio inicial da igreja e seriam sucedidos por outros do mesmo espírito e mau temperamento em tempos posteriores (v. 4). IV. Uma advertência contra aqueles que dão ouvidos e seguem esse tipo de pessoas, em relação à severidade de Deus para com os israelitas incrédulos e murmuradores quando saíram do Egito, os anjos que caíram, o pecado e o castigo de Sodoma e Gomorra (vv. 5-7). V. O autor compara esses com os sedutores. Ele os adverte e os descreve detalhadamente (vv. 8-13). VI. Então (sendo especialmente adequado para o seu argumento) ele cita uma profecia antiga de Enoque predizendo e descrevendo o julgamento futuro (vv. 14,15). VII. Ele se prolonga em relação ao caráter dos sedutores e adverte contra a ofensa que mentes honestas podem acabar aceitando já num estágio tão precoce das coisas, ao mostrar que já foi predito muito antes de acontecer (vv. 16-19). VIII. Ele os exorta a perseverar na fé, na oração fervorosa, na vigilância para não se afastarem do amor de Deus e da esperança viva da vida eterna (vv. 20,21). IX. Ele os orienta quanto à forma de agir contra o erro e o escândalo (vv. 22,23). E: X. Termina com uma doxologia admirável (vv. 24,25).

A Bênção Apostólica
vv. 1,2

Temos aqui o prefácio ou introdução, em que:

I Temos um relato do autor da epístola: *Judas*, ou Judá. Ele era o homônimo de um dos seus ancestrais, o filho do patriarca Jacó, o mais famoso, embora

não fosse o primogênito dos seus filhos, de cuja descendência (na sucessão direta) veio o Messias. Esse era um nome de valor, dignidade e honra. Contudo: 1. Ele também tinha um homônimo mau. Havia um Judas (um dos doze, de sobrenome *Iscariotes*, do lugar do seu nascimento) que foi um traidor abominável, o traidor de nosso Senhor Jesus Cristo. Nomes iguais podem ser comuns para as melhores e piores pessoas. Pode ser instrutivo ter o mesmo nome de uma pessoa justa e boa, mas não se pode traçar alguma inferência disso, embora possamos concluir o tipo de pessoas que nossos bons pais ou progenitores desejavam e esperavam que fôssemos. 2. Mas esse Judas era um homem bastante diferente. Ele era apóstolo, como era o caso de Iscariotes; mas ele era um discípulo sincero e seguidor de Cristo, diferente do outro. Ele foi um servo fiel de Jesus Cristo; o outro foi um traidor e assassino. Portanto, aqui o Judas dessa epístola é distinguido de forma muito cuidadosa em relação ao outro. O Dr. Manton observa aqui que Deus cuida muito dos bons nomes dos seus servos sinceros e úteis. Por que então deveríamos ser pródigos em relação à nossa própria reputação e utilidade, ou de algum outro? Nosso autor se chama aqui de servo de Jesus Cristo, considerando ser um título muito honroso. É mais honrável ser um servo de Cristo sincero e útil do que ser um rei terreno, independentemente do seu poder e prosperidade. Ele podia ter reivindicado parentesco com Cristo, de acordo com a carne, mas prefere gloriar-se em ser seu servo. Observe: (1) Realmente é uma honra maior ser servo fiel de Jesus Cristo do que ser consangüíneo dele de acordo com a carne. Muitos dos parentes naturais, bem como dos seus progenitores, pereceram; não por falta de afeição natural de Jesus como homem, mas por causa da infidelidade e obstinação neles mesmos, que deveria tornar os descendentes e parentes mais próximos de pessoas bastante famosas pela sinceridade e piedade exemplar *zelosos deles com zelo de Deus*. O filho de Noé pode ter sido salvo na arca da enchente e destruição temporal, mas ser submerso ao final na inundação universal da ira divina, e sofrer *a pena do fogo eterno*. Cristo nos diz que *quem ouve a sua palavra e a pratica* (isto é, somente esse) *é seu irmão, e irmã, e mãe*, ou seja, está relacionado de forma mais honrável e favorável a Ele do que um dos seus parentes naturais mais próximos e achegados, considerado meramente como tal. Veja Mt 12.48-50. (2) Judas se chama de servo, embora seja apóstolo, um ministro dignificado no Reino de Cristo. É uma grande honra a um ministro sincero mas humilde (e isso vale para todo cristão sincero também) ser *servo de Jesus Cristo*. Os apóstolos eram servos antes de serem apóstolos. Deve ser afastada então toda pretensão dos ministros de Cristo em dominar de maneira arrogante uns aos outros ou os rebanhos que estão debaixo dos seus cuidados. Que sempre possamos ter a visão presente do nosso precioso Redentor: "*Não será assim entre vós*" (Mt 20.25,26). "*...e irmão de Tiago*", a saber, aquele que os antigos chamam de *o primeiro bispo de Jerusalém*, cujo caráter e martírio é mencionado por Josefo, referindo-se à horrível destruição daquela cidade e nação, como uma das suas causas principais. Judas era irmão de Tiago, quer numa acepção mais estrita ou mais ampla (idéia muito comum) não posso determinar. Ele, no entanto, considera uma honra ser irmão desse Tiago. Devemos honrar as pessoas que estão acima de nós em idade, dons, graças e posição; não devemos invejá-los, mas também não bajulá-los, nem ser conduzido meramente pelo seu exemplo, quando temos motivos para achar que agem de forma errada. Dessa forma, o apóstolo Paulo se opôs ao seu companheiro, o apóstolo Pedro, não obstante a sua grande admiração e amor afetuoso que tinha por ele, quando viu que precisava ser censurado (Gl 2.11ss.).

II Somos informados aqui a quem essa epístola é endereçada; a saber, a todos aqueles "*...que são santificados por Deus, o Pai, e conservados em Jesus Cristo, e chamados*" (versão inglesa KJV)*. Eu começo com o último – *chamados*, isto é, chamados *cristãos*, no julgamento da caridade, além do que não podemos, nem, em justiça, devemos ir, nos julgamentos ou opiniões que formamos ou recebemos um do outro; porque aquilo que não aparece não é, nem deveria ser, levado em conta em todos os nossos procedimentos e repreensões uns dos outros, seja qual for o desconto que a bondade divina ache necessário fazer em relação a um zelo honesto mas mal orientado. A igreja não aspira (estou certo de que também não deveria) julgar as *coisas ocultas ou secretas* (coisas trazidas à luz antes do tempo), com receio de que nosso zelo irrefletido e irracional acabe causando mais mal do que bem. "*O joio e o trigo* (quando Cristo for o Juiz) devem *crescer ambos juntos até à ceifa*" (Mt 13.28-30); e então Ele, por intermédio dos seus próprios instrumentos, tomará todo o cuidado para separá-los. Devemos pensar o melhor de cada pessoa, até prova em contrário; não sendo prematuro para receber e propagar, muito menos inventar, reputações prejudiciais dos nossos irmãos. Esse é o mínimo que podemos fazer com a excelente e ampla descrição de caridade (1 Co 13) do apóstolo, e precisamos nos conscientizar a agir de acordo, o que, enquanto não fizermos, fará com que as igrejas cristãs estejam (o que infelizmente estão fazendo até os nossos dias) cheias de "*...inveja e espírito faccioso, perturbação e toda obra perversa*" (Tg 3.16). Ou, o autor pode estar falando de serem *chamados* a se tornarem cristãos, pela pregação da palavra, que eles receberam com alegria, e na qual admitiram cordialmente crer, e assim foram recebidos na sociedade e comunhão da igreja – Cristo, a cabeça, e os crentes, os membros. Os verdadeiros crentes realmente reconheciam visivelmente os crentes. Observe: Os cristãos são os chamados, chamados para fora do mundo, do espírito e estado pecaminoso dele; para estarem acima do mundo, para coisas mais elevadas e melhores, o céu, coisas não vistas e eternas; chamados do pecado para Cristo, da futilidade para a seriedade, da impureza para a santidade; e

* Nota do editor: Nesta parte, conservou-se o texto bíblico da King James Version (KJV), a versão inglesa que é a base deste comentário. Esta medida é em razão de que o texto original do comentário depende da ordem das palavras e do conteúdo da versão inglesa. As diferenças básicas para a versão em português Revista e Corrigida (RC) são: 1. A ordem das palavras: "queridos... conservados... chamados"; e 2. A tradução: "queridos em Deus Pai".

isso em busca do propósito e graça divinos; "*...aos que predestinou, a esses também chamou*" (Rm 8.30). Os chamados dessa forma são: 1. Santificados: "*...santificados por Deus, o Pai*". Geralmente as Escrituras falam da santificação como obra do Espírito Santo, no entanto, aqui ela é atribuída a Deus, o Pai, porque o Espírito opera como o Espírito do Pai e do Filho. Observe: Todos que efetivamente são chamados, são santificados, e feitos "*...participantes da natureza divina*" (2 Pe 1.4); porque "*...sem santificação, ninguém verá o Senhor*" (Hb 12.14). Observe: A santificação não é nossa obra. Se alguém é santificado, é santificado por Deus, o Pai, não excluindo o Filho ou o Espírito, porque Eles são um, um só Deus. A depravação e contaminação são obras nossas; mas a santificação e a renovação são obras de Deus e da sua graça; e, portanto, se perecemos em nossa iniqüidade devemos assumir a culpa, mas se somos santificados e glorificados, toda honra e glória devem ser atribuídas a Deus, e somente a Ele. Reconheço que é difícil dar um relato claro e preciso acerca disso, mas não devemos negar nem desprezar a verdade necessária, uma vez que não podemos completamente harmonizar as diversas partes dela; porque, de acordo com essa hipótese, poderíamos negar que qualquer um de nós poderia mexer um palmo do lugar onde nos encontramos atualmente, embora vejamos o contrário a cada dia e hora. 2. Os chamados e santificados são "*...conservados em Jesus Cristo*". Uma vez que é Deus que inicia a obra da graça na alma das pessoas, assim é Ele que dá continuidade a ela, e a torna perfeita. Onde Ele inicia, Ele aperfeiçoa; embora sejamos inconstantes, Ele é constante. Ele "*...não desamparará as obras das suas mãos*" (Sl 138.8). Não vamos, portanto, confiar em nós mesmos, nem no suprimento da graça já recebida, mas nele, e somente nele, continuando a nos esforçar, por intermédio de todos os meios apropriados e designados, para nos resguardar, como esperamos que Ele nos guarde. Observe: (1) Os crentes são *conservados* das portas do inferno e para a glória do céu. (2) Todos que são preservados são preservados em Jesus Cristo, como sua *cidadela e refúgio*, enquanto permanecerem nele, e somente devido a essa união com Ele.

III Temos a bênção apostólica: *misericórdia* etc. Da misericórdia, da paz e do amor de Deus flui todo o nosso conforto, todo nosso verdadeiro prazer nesta vida, toda nossa esperança de uma vida melhor. 1. A *misericórdia* de Deus é a nascente e fonte de todo bem que temos ou esperamos ter; misericórdia não somente aos miseráveis, mas aos culpados.

2. Depois da misericórdia vem a *paz*, que obtemos do sentimento de ter recebido a misericórdia. Não podemos ter uma paz verdadeira e duradoura que não flua da nossa reconciliação com Deus por Jesus Cristo. 3. Como da misericórdia salta a paz, assim da paz salta o *amor*, seu amor por nós, nosso amor a Ele, e nosso amor fraternal (esquecido e tristemente negligenciado!) de um para com o outro. O autor ora para que esses aspectos sejam multiplicados, que cristãos não se contentem com sobras; mas que as almas e as sociedades estejam cheias deles. Observe: Deus está pronto para nos suprir com toda graça e uma plenitude de cada graça. Se estamos limitados, não estamos limitados nele, mas em nós mesmos.

A Comum Salvação. Os Monumentos de Julgamento

vv. 3-7

Temos aqui:

I O desígnio do autor em escrever essa epístola aos judeus e gentios convertidos; a saber, para estabelecê-los na fé e numa prática e conduta verdadeiramente consoantes e de acordo com ela, e em uma confissão aberta e ousada acerca dela, especialmente em tempos de clara oposição, quer pela sedução ardilosa ou pela perseguição violenta e desumana. Mas, então devemos tomar todo cuidado para que de fato creiamos, professemos e propaguemos a verdadeira fé cristã; não as insígnias discriminadoras desse ou daquele grupo, nada que venha de uma data posterior aos escritos inspirados dos santos evangelistas e apóstolos. Observe o seguinte: 1. A salvação do evangelho é uma salvação comum, isto é, em uma oferta mais sincera dela para toda a humanidade e até onde a notícia alcança: porque é assim que a comissão se expressa (Mc 16.15,16): "*Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura*" etc. Certamente, Deus cumprirá o que prometeu. Ele não nos ilude com palavras vãs, independentemente do que as pessoas façam; e, portanto, ninguém está excluído do benefício dessas ofertas e convites graciosos, a não ser esses que de maneira obstinada e impenitente acabam se excluindo. "*Quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida*" (Ap 22.17). Isso vale para todos os crentes, e somente para eles. Isso é feito para os fracos e para os fortes. Que ninguém se sinta desanimado por causa de decretos ocultos dos quais conhecem pouco e que nada lhes diz respeito. Os decretos de Deus são obscuros, mas suas alianças são claras. "Todos os bons cristãos que têm em Cristo a cabeça comum, são estimulados pelo mesmo Espírito, são guiados por uma regra, se encontram diante do mesmo trono da graça e esperam em breve encontrar-se em uma herança comum", certamente uma herança gloriosa, mas quão gloriosa ela realmente é, não podemos e não precisamos saber no presente; mas ela certamente excederá em muito todas as nossas esperanças e expectativas atuais. 2. Essa comum salvação é o assunto da fé de todos os santos. A doutrina dela é com o que todos devem concordar de todo coração. Eles a estimam como "*...uma palavra fiel e digna de toda aceitação*" (1 Tm 1.15). Essa é a *fé que uma vez foi dada aos santos*, à qual nada pode ser acrescentado, da qual nada deve ser diminuído, na qual nada deveria ser alterado. Vamos permanecer nisso; então estaremos seguros; se movermos um passo a mais, corremos o risco de ser enredados ou seduzidos. 3. Todos os apóstolos e evangelistas nos escreveram a respeito dessa comum salvação. Aqueles que leram os seus escritos com cuidado não duvidarão dela. É estranho que alguém pudesse pensar que eles escreveram principalmente para manter esquemas ou planos e opiniões particulares, especialmente do tipo que não poderia ter passado pela cabeça deles. O que importa é que eles declararam claramente, pela inspiração do Espírito Santo, tudo que é necessário *para cada um crer e fazer*, para obter um interesse pessoal na comum salvação. 4. Aque-

les que pregam ou escrevem acerca da comum salvação deveriam usar de toda diligência para fazê-lo bem: eles não deveriam oferecer a Deus ou ao seu povo aquilo que não lhes custa nada, ou quase nada, pouco ou nenhum esforço ou pensamento (2 Sm 24.24). Dessa forma trataríamos a Deus de maneira irreverente, e o homem, de maneira injusta. O autor (apesar de inspirado) usou de toda diligência para escrever a respeito da comum salvação. O que, então, acontecerá com aqueles que (embora não sejam inspirados) não usam de diligência, ou quase nenhuma, mas dizem às pessoas (mesmo em nome de Deus) *quicquid in buccam venerit – aquilo que vem em seguida*, que, ao usarem palavras das Escrituras, não se importam em interpretá-las ou aplicá-las devidamente? Aqueles que falam coisas sagradas sempre deverão falar com a maior reverência, cuidado e diligência. 5. Aqueles que receberam a doutrina dessa comum salvação devem batalhar por ela. *Diligentemente* (versão RA), não *furiosamente*. Aqueles que batalham pela fé cristã, ou pelo caminho cristão, devem batalhar legitimamente, ou perderão o seu trabalho, e correrão grande risco de perder a sua coroa (2 Tm 2.5). "*Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus*" (Tg 1.20). Mentir por causa da verdade é ruim, e censurar por causa dela não é muito melhor. Observe: Esses que receberam a verdade devem batalhar por ela. Mas, de que forma? Da forma como o autor o fez; ao sofrer paciente e corajosamente por ela, não em fazer os outros sofrerem se eles não estão dispostos a logo aceitar cada noção que temos prazer (comprovada ou não) de chamar de fé básica. Na devemos permitir sermos roubados de nenhum parte essencial da fé cristã, por meio da astúcia habilidosa ou aspirações plausíveis de pessoas que "*...enganam fraudulosamente*" (Ef 4.14). O apóstolo Paulo relata que pregava o evangelho (note bem, o evangelho) "*...com grande combate*" (1 Ts 2.2), isto é (como eu o entendo), com grande seriedade, com um zelo sincero e genuíno e uma grande preocupação com o sucesso daquilo que foi pregado. Mas, se queremos entender *combate* na acepção costumeira da palavra, devemos considerar imparcialmente com quem o autor combatia, e como combatia; e a ampliação disso não seria apropriada nessa ocasião.

II O motivo que o autor tinha para escrever a esse respeito. Da forma que costumes maus acabam gerando boas leis, assim erros perigosos com freqüência oferecem a oportunidade para a defesa adequada de verdades importantes. Observe aqui: 1. Homens ímpios são os grandes inimigos da fé cristã e da paz da igreja. Aqueles que negam ou corrompem a fé e perturbam a paz, são aqui expressamente chamados de "*...homens ímpios*". Podemos ter verdade com paz (uma coisa muito desejada) se somente existirem (ministros ou cristãos em particular) em nossas igrejas ou congregações pessoas verdadeiramente piedosas – uma bênção bastante rara nesse lado do céu. Homens ímpios levantam escrúpulos, provocam questionamentos, causam divisões, aumentam brechas, meramente para promover e favorecer seus próprios fins egoístas, ambiciosos e avarentos. Essa tem sido a praga da igreja nos períodos históricos passados, e temo dizer que nenhum período está, ou estará, completamente livre desses homens e práticas enquanto existir o tempo. Observe: Nada nos cortará da igreja a não ser aquilo que nos cortará de Cristo; a saber, infidelidade e impiedade reinantes. Devemos abominar o pensamento de estigmatizar grupos ou pessoas com esse caráter, principalmente ao fazê-lo sem prova alguma, ou, como ocorre com freqüência, sem a menor sombra de prova. Homens ímpios são aqueles que vivem *sem Deus no mundo*, que não tem respeito por Deus nem escrúpulo. Esses devem ser temidos, e, conseqüentemente, evitados, não somente aqueles que são perversos pelos pecados de comissão, mas também os que são ímpios pelos pecados de omissão, que, por exemplo, refreiam a oração diante de Deus, que não ousam reprovar um homem rico, quando é o seu dever fazê-lo, por medo de perder seu favor e as vantagens que eles prometem, que *fazem a obra do SENHOR fraudulentamente* etc. 2. Os piores homens são aqueles que "*...convertem em dissolução a graça de Deus*", que têm coragem de pecar de maneira mais ousada porque a graça de Deus transbordou, e continua transbordando de maneira tão maravilhosa. Assim, eles são insensibilizados em suas impiedades pela amplitude e plenitude da graça do evangelho, cujo objetivo é afastar o homem do pecado, e trazê-lo a Deus. Assim, portanto, aumentar a libertinagem diante de uma graça tão grande e transformá-la em uma oportunidade para cometer todo tipo de impureza com ganância, insensibilizando-nos nesse caminho por essa mesma graça que é o meio mais poderoso e convincente para nos corrigir ou reformar dela, é colocar-nos entre os mais desprezíveis, piores e incorrigíveis pecadores. 3. Aqueles que transformam a graça de Deus em lascívia, de fato, "*...negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo*"; isto é, eles negam tanto a religião natural quanto a revelada. Eles desferem contra o fundamento da religião natural, porque *negam o único Deus e Senhor*; e eles derrubam a ordem da religião revelada, porque negam *o Senhor nosso, Jesus Cristo*. Seu grande intento em estabelecer a religião revelada no mundo era levar-nos a Deus. Observe: Aqueles que negam nosso Senhor Jesus Cristo negam, na realidade, o único Deus e Senhor. Negar a religião revelada é virtualmente aniquilar a religião natural, porque elas permanecem em pé ou caem juntas, e elas concedem luz e força uma à outra. Será que os nossos deístas modernos, que vivem no meio da luz do evangelho, considerariam seriamente esse aspecto, e, com cautela, diligência e imparcialidade examinariam aquilo que os está impedindo de receber o evangelho, enquanto professam estar plenamente persuadidos de todos os princípios e deveres da religião natural? Nunca dois registros corresponderam um ao outro de maneira mais exata do que esses, de modo que parece absurdo receber um e rejeitar o outro. Pensamos que seria mais lógico receber as duas ou rejeitar as duas; embora, talvez, o método mais plausível, especialmente em nossa era, seja agir da forma como eles agiam. 4. Aqueles que transformam a graça de Deus em lascívia estão determinados à condenação. Eles pecam contra a última, maior e mais perfeita solução; e, assim, não têm desculpa. Aqueles que pecam dessa forma precisam morrer dessas suas feridas e doenças, e estão de tempos antigos ordenados para essa condenação, independentemente do que essa expressão signifique. Mas,

e se nossos tradutores tivessem pensado apropriado ter traduzido as palavras *palai progegrammenoi – de há muito pré-escritos*, como pessoas que, por causa de seu próprio pecado e loucura, viriam a ser os próprios objetos desta condenação, onde estaria o dano? Cristãos sinceros não eram importunados com esse tipo de pensamento obscuro, incerto e perplexo a respeito de reprovação, em que as cabeças mais fortes não conseguem penetrar muito; na verdade, podem suportar pouco, sem grandes perdas e danos. Não era suficiente que fosse apresentada uma advertência antecipada pelos autores inspirados de que esses sedutores e homens perversos surgiriam em tempos posteriores, e que todos que fossem prevenidos seriam preparados antecipadamente contra eles? 5. Devemos batalhar seriamente em favor da fé, em oposição àqueles que a perverteriam ou corromperiam, como aqueles que *se introduziram* ("com dissimulação", versão RA): um caráter desprezível, com certeza, mas, com freqüência, aplicado de maneira bastante apropriada por pessoas más e ignorantes, e mesmo por aqueles que se introduzem de surpresa, que acham que seu *ipse dixit* deveria servir de lei para todos os seus seguidores e admiradores. Certamente, ministros fiéis e humildes são fomentadores da alegria, paz e conforto do seu povo; *não senhores da sua fé*! Devemos batalhar seriamente contra todos que tentam corromper a fé. Quanto mais ativo e astucioso forem os instrumentos e agentes de Satanás, para nos roubar a verdade, tanto mais cuidadosos deveríamos ser em segurá-la firme, contanto que tenhamos o cuidado de não atribuir um caráter errôneo ou injurioso a pessoas, grupos ou sentimentos.

III A advertência justa que Judas, em nome de Cristo, apresenta àqueles que, tendo professado sua santa doutrina, acabam desertando mais tarde, provando ser falsos seguidores (vv. 5-7). Temos aqui uma exposição dos julgamentos anteriores de Deus aos pecadores, que visa despertar e atemorizar aqueles a quem são dadas advertências nesta epístola. Observe: Os julgamentos de Deus são, com freqüência, denunciados e executados *in terrorem – para advertir as pessoas*, em vez de por causa de um descontentamento imediato e particular contra os próprios ofensores; não que Deus não esteja descontente com eles, mas, talvez, não mais com eles do que com aqueles que, pelo menos no tempo presente, conseguem escapar. "*Mas quero lembrar-vos*". Precisamos ser lembrados até mesmo daquilo que já sabemos. Portanto, sempre haverá necessidade de um ministério estável na igreja cristã, embora todas as doutrinas da fé, os princípios básicos, estejam tão claramente reveladas em palavras definidas, ou pela conseqüência mais próxima, clara e imediata, que aquele que esteja correndo possa lê-las e compreendê-las. Não faltam intérpretes infalíveis, honestos ou vaidosos, para esses fins ou propósitos. Algumas pessoas (bastante fracas) sugerem: "Se as Escrituras contêm de maneira tão clara tudo que é necessário para a salvação, por que então é necessário ter um ministério permanente? Por que não nos contentamos em ficar em casa e ler nossas Bíblias?" O inspirado autor respondeu de modo enfático, mas não totalmente, essa objeção. A pregação não visa ensinar-nos algo novo em cada sermão, algo do qual não tínhamos conhecimento algum; mas *lembrar-nos*, recordar coisas esquecidas, afetar nossas paixões e empenhar e solidificar nossas decisões, para que a nossa vida esteja de acordo com a nossa fé. "*...como a quem já uma vez soube isto*", mas que, no entanto, precisa sabê-lo ainda melhor. Há muitas coisas que sabíamos mas que infelizmente esquecemos. Será que não é útil ser novamente lembrado delas?

O que são essas coisas de que os cristãos precisam ser lembrados?

1. A destruição dos israelitas incrédulos no deserto (v. 5). Paulo lembra esse fato aos coríntios (1 Co 10). Os primeiros dez versículos daquele capítulo (como a Escritura sempre é o melhor comentário dela mesma) são a melhor explicação do quinto versículo dessa epístola de Judas. Ninguém, portanto, deve abusar dos seus privilégios, uma vez que muitos que saíram do Egito por meio de uma série de milagres impressionantes, acabaram perecendo no deserto por causa da sua incredulidade. Portanto, não vamos nos ensoberbecer, mas temer (Rm 11.20). "*Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás*" (Hb 4.1). Eles tinham milagres em abundância: eles recebiam seu pão diariamente; mas mesmo esses pereceram em descrença. Temos vantagens maiores (muito maiores) do que eles; que o erro (fatal) deles sirva de advertência para nós.

2. Somos lembrados aqui da queda dos anjos (v. 6). Um grande número de anjos deixou "*...a sua própria habitação*"; isto é, não estavam satisfeitos com os cargos ou posições que o supremo Monarca do universo tinha apontado para eles, e achavam (semelhante a ministros descontentes em nossa era, e, devo dizer, em todas as eras) que mereciam mais. Eles, com o título de *ministros*, seriam *soberanos*, e, na verdade, seu Soberano deveria ser o ministro deles – fazer tudo e somente aquilo que eles queriam que Ele fizesse; assim, o orgulho se tornou a causa principal e imediata ou o motivo da queda deles. Dessa forma, eles abandonaram os seus postos e se rebelaram contra Deus, seu Criador e Senhor soberano. Mas Deus não os poupou (elevados e grandes como eram). Ele não se humilharia diante deles e os lançou para fora do céu, como um príncipe sábio e bom fará com um ministro egoísta e fraudulento. O grande e sábio Deus não podia ignorar (como os melhores e mais sábios príncipes terrenos muitas vezes ignoram) os desígnios que estavam tramando. Afinal, o que aconteceu com eles? Eles achavam que tinham desafiado e encarado a própria Onipotência; mas Deus foi duro com eles e os lançou no inferno. Aqueles que não queriam ser servos do seu Criador e da sua vontade em seu primeiro estado foram feitos cativos por causa da justiça de Deus que os "*...reservou na escuridão e em prisões eternas...*". Veja aqui qual é a condição dos anjos caídos: eles estão *em prisões* (ou algemas, versão RA), presos debaixo do poder e justiça divinos, presos "*...até ao juízo daquele grande Dia*". Eles estão *na escuridão*, embora tivessem sido *anjos da luz*. Eles estão tão horrivelmente no escuro que continuam a lutar contra Deus, como se ainda houvesse uma pequena esperança de prevalecer e vencer no conflito. Que obsessão lúgubre! Luz e liberdade concordam, cadeias e escuridão quão bem concordam e combinam-se

mutuamente! Os demônios, outrora anjos, no melhor sentido, estão reservados *na escuridão.* Observe: Há, sem dúvida há, um julgamento vindouro; os anjos caídos estão reservados *ao juízo daquele grande Dia.* Será que os homens caídos vão escapar desse Dia? Certamente não. Que cada leitor reflita a esse respeito no devido tempo. As prisões deles são chamadas eternas, porque é impossível quebrá-las ou escapar delas; eles estão presos debaixo delas. O decreto, a justiça, a ira de Deus, são as prisões debaixo das quais os anjos caídos estão bem presos. Ouçam e temam, ó mortais pecadores da humanidade!

3. O autor aqui lembra a destruição de Sodoma e Gomorra (v. 7). "...*assim como...*". Essa é uma alusão à destruição de *Pentapolis*, ou as cinco cidades, para que as misérias dos condenados ao inferno sejam demonstradas por um lago que queima com fogo e enxofre; eles eram culpados de uma maldade abominável, que não podia ser mencionada nem imaginada, mas de uma repugnância e abominação extrema; a ruína deles é uma advertência particular para que todas as pessoas prestem atenção e fujam "...*das concupiscências carnais, que combatem contra a alma*" (1 Pe 2.11). "Essas concupiscências consumiram os sodomitas com fogo do céu, e eles estão agora "...*sofrendo a pena do fogo eterno*"; portanto, cuidado, não imiteis seus pecados, para que as mesmas pragas não se apossem de vós como ocorreu com eles. Deus é o mesmo Ser santo, justo e puro hoje como o foi naquela época; e, podem os prazeres bestiais de um momento compensar o vosso sofrimento da vingança do fogo eterno? *Perturbai-vos,* portanto, *e não pequeis*" (Sl 4.4).

Os Professores Contumazes

vv. 8-15

Judas apresenta aqui uma acusação contra os enganadores que estavam então seduzindo os discípulos de Cristo da profissão e prática da sua santa fé. Ele os chama de *adormecidos* ("sonhadores alucinados", versão RA), posto que a ilusão é um sonho, e o início e passagem para toda sorte de impureza. Observe: O pecado é impureza; ele apresenta os homens detestáveis e desprezíveis diante do santíssimo Deus, e os torna (mais cedo ou mais tarde, como penitentes ou como castigados ao extremo e sem recurso) desprezíveis aos seus próprios olhos, e, depois de um tempo, desprezíveis aos olhos de todos que os envolvem. Esses *adormecidos* sonham estar em um paraíso de tolos na terra, e em um inferno real no final: que o seu caráter, trajetória e fim sejam nossa advertência propícia e suficiente; tais pecados causam tais castigos e misérias.

I O caráter desses sedutores é descrito:

1. Eles "...*contaminam a sua carne*". A carne, ou corpo, é a base imediata, e, com freqüência, a ocasião irritante, de muitas contaminações repugnantes. No entanto, embora sejam feitas no e contra o corpo, corrompem grandemente e desfiguram e ferem gravemente a alma. "*Concupiscências carnais combatem contra a alma*" (1 Pe 2.11). Em 2 Coríntios 7.1 lemos a respeito da "...*imundícia da carne e do espírito*", que, embora sejam de diferentes tipos, corrompem o homem todo.

2. Eles "...*rejeitam a dominação, e vituperam as autoridades*", são de mente perturbada e de espírito revoltoso, esquecendo-se de que "...*as autoridades que há foram ordenadas por Deus*" (Rm 13.1). Deus requer "...*que não infamemos a ninguém*" (Tt 3.2); mas a difamação se torna mais grave quando aquilo que dizemos é contra os líderes, homens que Deus colocou como autoridade sobre nós, porque estaremos blasfemando contra Deus. Ou, se a entendemos, como é o caso de alguns, se referindo à religião, que terá o domínio nesse mundo mais baixo, esses difamadores desprezam o domínio da consciência, zombam dela, e buscam bani-la do mundo; e quanto à Palavra de Deus, a regra da consciência, eles a desprezam. As revelações da vontade divina significam muito pouco para eles. Elas são uma regra de fé e costumes, mas não até que as tenham explicado e imposto sua percepção sobre elas a todos que estão ao redor deles. Ou, como outros acham, nesse texto, o povo de Deus, de uma maneira verdadeira e especial, é a autoridade aqui, de acordo com o salmista: "*Não toqueis nos meus ungidos e não maltrateis os meus profetas*" (Sl 105.15). Eles *vituperam* etc. A fé cristã e seus adeptos sérios sempre e em todo lugar foram vituperados. Embora só apresente coisa boas, e que merecem nossa mais elevada consideração, ela é perfectiva da nossa natureza e útil aos nossos interesses mais elevados e fiéis; no entanto, essa *seita* (como seus inimigos têm prazer em chamá-la), "...*em toda parte se fala contra ela*" (At 28.22).

Nessa ocasião, o autor introduz "...*o arcanjo Miguel...*" (v. 9). Os intérpretes não se entendem quando discutem o significado do *corpo de Moisés.* Alguns acham que o Diabo contendia para que Moisés tivesse um funeral público e honrável, que o lugar onde ele fosse sepultado pudesse ser de conhecimento geral, esperando com isso atrair os judeus a um novo caso de idolatria, já que eram tão inclinados para tal. O Dr. Scott acha que o corpo de Moisés representa a igreja judaica, que o Diabo procurou destruir, da forma que a igreja cristã é chamada de corpo de Cristo no estilo do Novo Testamento. Existem ainda outras interpretações, mas não desejo importunar o leitor com elas. Embora essa contenda tenha sido poderosamente zelosa e séria, e Miguel tenha saído vitorioso nessa questão, ele "...*não ousou pronunciar juízo de maldição...*" contra o próprio diabo. Ele sabia que uma boa causa não precisava desse tipo de armas na sua defesa. Lemos: *Ele não ousou* etc. Por que ele não ousou? Não que tivesse medo do Diabo, mas ele acreditava que Deus seria ofendido se, em uma disputa como essa, ele agisse dessa forma. Ele achava que era indigno de envolver-se em uma prova de habilidade com o grande inimigo de Deus e do homem, em que qual deles afrontaria e repreenderia mais fortemente o outro. Temos aqui um lembrete a todos os disputantes, para nunca fazerem acusações injuriosas em suas disputas. A verdade não precisa da ajuda da falsidade e grosseria. Alguns dizem que Miguel não faria uma acusação de maldição contra o Diabo, sabendo de antemão que seria difícil demais vencê-lo independentemente da arma. Alguns acham que o autor se refere aqui à passagem marcante de Números 20.7-14. Satanás evidentemente teria retratado Moisés com tons depreciativos, e este, embora um bom homem, infelizmente tinha dado ocasião a Satanás para fazê-lo. Então, Miguel, de acordo com esse relato, se levanta em defesa

de Moisés, e, no zelo de um espírito justo e ousado, diz a Satanás: "*O Senhor te repreenda*". Ele não ficaria disputando com o Diabo, nem entraria em um debate particular a respeito dos méritos dessa causa especial. Ele sabia que Moisés era seu conservo, um dos favoritos de Deus, e ele não permitiria passivamente que fosse insultado, não pelo príncipe dos demônios; mas em justa indignação exclama: *O Senhor te repreenda*; como a exclamação do próprio Senhor (Mt 4.10): "*Vai-te, Satanás*". Moisés era uma dignidade, um magistrado, alguém amado e preferido pelo grande Deus; e o arcanjo achava insuportável que alguém assim fosse tratado dessa forma por um espírito desprezível e apóstata, independentemente da sua posição. Assim, a lição que podemos tirar aqui é que devemos nos levantar em defesa daqueles que são de Deus, independentemente de quão severos Satanás e seus instrumentos possam ser em suas condenações. Aqueles que criticam ou condenam (em particular) obreiros importantes do Deus justo, podem esperar ouvir: "*O Senhor te repreenda*"; e repreensões divinas são mais difíceis de serem suportadas do que pecadores descuidados possam pensar.

3. "*Estes, porém, dizem mal do que não sabem*" (v. 10). Observe: Aqueles que falam mal da fé cristã e da piedade, *dizem mal do que não sabem*; porque, se as conhecessem, teriam falado bem delas, porque nada além de coisas boas e excelentes podem ser faladas da fé cristã, e é triste que qualquer coisa diferente ou contrária seja dito de qualquer um dos seus adeptos. Uma vida cristã é a vida mais segura, feliz, confortável e honrável que existe. Também observe: As pessoas são mais inclinadas a falar mal das pessoas e coisas que conhecem menos. Quantas pessoas nunca teriam sofrido o ataque de línguas caluniosas se fossem mais conhecidas! Por outro lado, o isolamento protege alguns até mesmo de uma censura justa. "*...naquilo que naturalmente conhecem*". É difícil, se não impossível, encontrar alguns inimigos obstinados da fé cristã, que não estejam vivendo em contradição aberta ou oculta com os princípios da religião natural: muitos acham isso difícil e severo; mas receio que esse aspecto ficará revelado de forma clara *no dia da revelação do justo juízo de Deus*. O autor compara essas pessoas com *animais irracionais*, embora com freqüência pensem e se vangloriem, se não como os mais sábios, contudo, pelo menos, como os mais espertos de toda a humanidade. *Naquilo... se corrompem*; isto é, nas coisas mais necessárias, naturais e evidentes, coisas que estão mais expostas e óbvias à razão e consciência natural; mesmo nessas coisas eles se corrompem, se degradam e se pervertem: a falta, qualquer que seja, não está na sua compreensão e apreensão, mas em suas vontades depravadas e apetites e sentimentos desordenados. Eles poderiam e deveriam ter agido melhor, mas então teriam de rechaçar esses sentimentos desprezíveis que obstinadamente escolheram gratificar em vez de mortificar.

4. No versículo 11, o autor os retrata como seguidores *de Caim*, e nos versículos 12 e 13, como pessoas ateístas e profanas, que não pensavam muito, e, talvez, não criam muito, em Deus ou no mundo futuro. Eles eram gananciosos e avarentos, que, pelo fato de desejarem apenas obter benefícios mundanos presentes, não se importavam com o que vinha depois; eram rebeldes contra Deus e os homens, que, semelhantes a Corá, passariam por situações que certamente os levaria à morte, como ocorreu com ele. Desses, o autor diz mais adiante: (1) "*Estes são manchas em vossas festas de caridade*" – as *agapai*, ou *festas de amor*, tão conhecidas pelos antigos. Tais pessoas acabaram, por um motivo ou outro, sendo admitidas entre eles, mas eram manchas corrompidas e desonrosas para eles. Observe: É grande vergonha, embora injusta e acidental, para a religião, quando aqueles que a professam, e participam dessa instituição mais sagrada, são, no coração e na vida, inaptos e mesmo contrários a ela: *Estes são manchas*. Embora tão comum em todas as sociedades cristãs aqui na terra, incluindo as melhores, tais pessoas são manchas nefastas! Que o Senhor corrija isso no seu devido tempo e maneira, não da maneira cega e rigorosa dos homens ao arrancar o trigo com o joio. Mas no céu que estamos aguardando, esperando e nos preparando, não encontraremos esse tipo de obra insensata e ações licenciosas. (2) "*...banqueteando-se convosco e apascentando-se a si mesmos sem temor*". Eles, sem dúvida, eram reconhecidamente glutões. Eles se importavam apenas em gratificar os apetites com o regalo e a abundância da sua comida. Eles certamente não deram ouvidos à advertência de Salomão (Pv 23.2). Observe: Precisamos de um santo temor quando comemos e bebemos, quanto mais quando nos banqueteamos; embora possamos, às vezes, ser de maneira mais fácil e insensível vencidos em uma refeição comum do que em um banquete. Para algumas pessoas, a abundância de um banquete já serve de antídoto, enquanto que para outros, ele pode se tornar uma armadilha perigosa. (3) "*...são nuvens sem água*", que prometem chuva em tempos de seca, mas não concretizam aquilo que prometem. Esse é o caso de adeptos formais, que num primeiro momento prometem muito, semelhantes às árvores que florescem antes do tempo durante a primavera, mas que acabam produzindo pouco ou nenhum fruto. "*...levadas pelos ventos*", leves e vazias, facilmente impelidas para lá e para cá. Esses são adeptos vazios sem fundamento, uma presa fácil para qualquer sedutor. É impressionante ouvir tantas pessoas falarem com tanta confiança a respeito de tantas coisas das quais sabem muito pouco ou nada, que não têm a sabedoria e humildade de discernir e ser sensível ao fato de que pouco de fato sabem. Quão feliz seria o nosso mundo se as pessoas soubessem mais, ou, se, pelo menos reconhecessem o quão pouco de fato sabem! (4) "*...árvores murchas, infrutíferas*". Elas são árvores, porque são plantadas na vinha do Senhor, mas são infrutíferas. Observe: Aqueles cujos frutos murcham podem ser corretamente chamados de infrutíferos. Que bem faz o bem que nunca melhora? É triste quando as pessoas parecem *começar no Espírito, mas acabam na carne*, fato que ocorre com mais freqüência do que gostaríamos de admitir. O texto diz que essas pessoas estão "*...duas vezes mortas*". Imaginamos que uma vez morto é suficiente; nenhum de nós, até que a graça nos renove a um degrau acima do comum, gosta de pensar em morrer uma vez só, embora isso seja estabelecido para todos nós. Qual é, então, o significado de estar duas vezes morto? Eles estavam mortos uma vez em seu estado natural caído e prescrito; mas eles pareciam recuperar-se, e, como um homem em um enlevo, ser trazido à vida novamente,

quando professavam a fé cristã. Mas, agora eles estão novamente mortos pelas provas evidentes que deram da sua hipocrisia: independentemente da impressão que davam, eles não tinham nada verdadeiramente vital neles. "...*desarraigadas*", como geralmente fazemos com as árvores mortas, das quais já não esperamos mais frutos. Essas pessoas estavam *mortas, mortas, mortas; por que obstruir o solo*? O lugar delas é no fogo. (5) "...*ondas impetuosas do mar*", tempestuosas, barulhentas e clamorosas; cheias de turbulência, mas com pouco (ou nenhum) sentido ou significado: "...*que escumam as suas mesmas abominações*", criando muita inquietação nos homens de melhor percepção e temperamento mais calmo, que no fim acabarão em vergonha maior e opróbrio justo. A oração do salmista deveria ser sempre a oração de toda pessoa boa e honesta: "*Guardem-me a sinceridade e a retidão* (Sl 25.21), e, se isso não acontecer, que eu fique sem proteção". Se a honestidade significa pouco agora, a desonestidade significará muito menos, e isso em pouco tempo. Ondas tempestuosas são um terror para os passageiros no mar; mas, quando eles chegam no porto, as ondas são esquecidas como se não mais existissem: o barulho e terror delas terminaram para sempre. (6) "...*estrelas errantes*", planetas que são erráticos em seus movimentos, que não guardam um curso regular e constante como é o caso dos fixos, mas mudam suas posições, que, às vezes, nos dão muito trabalho para encontrá-los. Essa alusão pode ser um símbolo muito vívido dos falsos mestres, que em dado momento estão aqui, e, no próximo, lá, de modo que não sabemos onde nem como encontrá-los. Nas coisas principais, pelo menos, achamos que algo precisaria estar constante e fixo; e isso poderia acontecer sem infalibilidade, ou qualquer pretensão em nós, pobres mortais. Na religião e na política, os grandes assuntos do debate atual, certamente há certa força onde homens sábios e bons, honestos e abnegados, possam concordar, sem lançar o populacho na mais profunda angústia e aflição da mente, ou inflar suas paixões em raiva e fúria, sem deixá-los saber o que dizem ou de quem afirmam.

II A ruína dessas pessoas ímpias é declarada: "...*para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas*". Os falsos mestres podem esperar o pior dos castigos nesse mundo e no mundo futuro: nem todos que ensinam por engano algo que não é exatamente verdadeiro (porque quem, então, em qualquer reunião pública, ousaria abrir a Bíblia para ensinar aos outros, a não ser que pensasse ser igual ou superior aos anjos de Deus nos céus?), mas todo aquele que prevarica, encobre, levando outras pessoas às estradas vicinais ou às calçadas, para buscar ter lucro ou transformar as pessoas em presas, ou (de acordo com a frase do apóstolo) fazer negócio deles (2 Pe 2.3). Mas, basta disso. Em relação à negrura das trevas para sempre, apenas posso dizer que essa expressão terrível, que envolve o pior tipo de horror, pertence aos que de fato são falsos mestres, que são *falsificadores da palavra de Deus* e traem a alma das pessoas. Se isso não tornar cautelosos ministros e pessoas, não sei o que pode.

Nenhuma outra parte das Escrituras faz menção da profecia de Enoque (vv. 14,15); mas então essa profecia se tornou Escritura. Um texto claro das Escrituras é prova suficiente de um ponto que precisamos crer, especialmente um ponto que esteja relacionado a uma coisa concreta; mas em questões de fé, precisamente fé salvadora, Deus não achou por bem (bendito seja seu santo nome) provar-nos tanto assim. Não existe nenhum ponto básico da fé cristã, verdadeiramente assim chamado que não esteja inculcado repetidas vezes no Novo Testamento, que nos permite saber o que o Espírito Santo faz, e, conseqüentemente, em que devemos colocar nossa maior ênfase. Alguns dizem que essa profecia de Enoque foi preservada pela tradição no judaísmo; outros acreditam que Judas foi inspirado na hora com a notícia dessa profecia. Seja como for, é certo que essa profecia existia desde os tempos antigos, e foi recebida universalmente na comunidade judaica do Antigo Testamento; e acabou se tornando um dos pontos principais do credo do Novo Testamento. Observe: 1. A vinda de Cristo para o julgamento foi profetizada já na época dos patriarcas, e foi, portanto, já naquela época uma verdade recebida e reconhecida. "*Eis que é vindo o Senhor com* suas miríades santas, incluindo anjos e os espíritos de homens justos tornado perfeitos. Que tempo glorioso este será, quando Cristo vir *com milhares de seus santos*!" Lemos a respeito do grande fim e propósito que o faz vir acompanhado dessa forma, a saber, "...*para fazer juízo contra todos*". 2. Isso foi falado tanto tempo atrás, como se fosse algo prestes a acontecer: "*Eis que é vindo o Senhor*; Ele está vindo; Ele estará sobre vocês antes que possam percebê-lo, e, a não ser que sejam muitos cautelosos e diligentes, antes que estejam prontos para o encontrarem confortavelmente". Ele *é vindo*: (1) *Para fazer juízo contra* os ímpios. (2) Para *condená-los*. Observe: Cristo não condenará ninguém sem um julgamento e condenação precedentes, condenação tal que os silenciará. Eles não terão desculpas que façam com que não estejam ou ousem não estar de prontidão. Então, *toda boca será fechada*, o Juiz e sua sentença serão aprovados e aplaudidos, e mesmo os criminosos culpados e condenados estarão sem fala, embora no presente eles não queiram justificativas ousadas e plausíveis, que ventilam com tanta segurança e confiança. Mas, é certo, que os julgamentos zombeteiros dos prisioneiros entre eles na prisão e o verdadeiro julgamento no tribunal diante do juiz apropriado logo revelarão que são coisas muito diferentes.

Não posso passar o versículo 15 sem notar quão freqüentemente, e quão enfaticamente, a palavra *ímpio* é repetida, não menos de quatro vezes: homens ímpios, pecadores ímpios, ações ímpias, e, quanto ao modo, cometidas de maneira ímpia. O conceito acerca do que é devoto ou ímpio tem pouca importância para as pessoas dos nossos dias, a não ser que seja para zombar e escarnecer dessas palavras; mas não é isso que ocorre com a linguagem do Espírito Santo. Observe: Omissões, bem como comissões, serão consideradas no dia do julgamento. Também observe: Palavras duras, especialmente se forem pronunciadas para prejudicar o próximo, certamente serão avaliadas no *juízo daquele grande Dia*. Vamos nos precaver em tempo. Um velho e bom puritano disse: "Se você golpear (alguém tomado incorretamente por herege, ou) um cismático, e se Deus encontrar um verdadeiro santo sangrando, trate de saber como você responderá por

isso". Pode ser tarde demais dizer diante do anjo que isso foi um erro (Ec 5.6). Estou somente me referindo à expressão do autor divinamente inspirado.

Exortação ao Fiel. Conclusão
vv. 16-25

Aqui:

I Judas continua descrevendo o caráter desses homens maus e sedutores: eles "*...são murmuradores, queixosos da sua sorte...*" (v. 16). Observe: Um temperamento murmurador e queixoso, saciado e expresso, coloca uma pessoa debaixo de um caráter muito mau. Essa pessoa é muito vulnerável, e, na maioria das vezes, muito perversa. Ela murmura contra Deus e sua providência, contra as pessoas e suas condutas; ela se irrita com tudo que acontece e nunca está satisfeita com a sua própria situação e estado no mundo, achando que ele não é bom o bastante para ela. Essas pessoas *andam segundo as suas concupiscências*. A única regra ou lei é satisfazer a sua vontade, seus apetites e caprichos. Observe: Aqueles que agradam os seus apetites pecaminosos estão mais inclinados a ceder às suas paixões incontroláveis.

II Ele continua advertindo e exortando aqueles a quem escreve (vv. 17-23).

1. Ele os faz lembrar que tinham sido prevenidos. "*Mas vós, amados, lembrai-vos...*" (v. 17). "*Lembrem-se*, cuidem para que não estranhem (para não tropeçarem e se escandalizarem e vacilarem na fé) que pessoas como os sedutores descritos anteriormente acabem surgindo (e isso já bem cedo) na igreja cristã, reconhecendo que tudo isso foi predito '*...pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo*', e, conseqüentemente, o cumprimento disso na realidade é uma confirmação da sua fé, em vez de se tornar de forma alguma uma ocasião para abalá-los e debilitá-los nisso". Observe: (1) Aqueles que têm a tarefa de persuadir devem deixar claro que sinceramente amam aqueles a quem buscam persuadir. Palavras amargas e ásperas nunca convenceram alguém nem hão de convencer, muito menos persuadir alguém. (2) As palavras que pessoas inspiradas falaram (ou escreveram), devidamente lembradas e ponderadas, são a melhor salvaguarda contra erros perigosos. Isso sempre será assim, até que as pessoas tenham aprendido a falar melhor do que o próprio Deus. (3) Não devemos nos escandalizar se surgirem e prevalecerem erros e perseguições na igreja cristã. Isso foi predito, e, portanto, não deveríamos nos escandalizar com a pessoa, doutrina ou cruz de Cristo, quando as coisas, de fato, acontecerem (veja 1 Tm 4.1; 2 Tm 3.1; 2 Pe 3.1). Não devemos estranhar, mas confortar-nos nisso, que no meio de toda essa confusão, Cristo guardará sua igreja e cumprirá sua promessa, de modo que "*...as portas do inferno não prevalecerão contra ela*" (Mt 16.18). (4) Quanto mais a fé cristã for ridicularizada e perseguida, tanto mais devemos nos apegar a ela; pelo fato de termos sido advertidos, devemos mostrar que estamos com as armas prontas; diante desse tipo de provações devemos permanecer firmes e não nos mover *facilmente do* nosso *entendimento* (2 Ts 2.2).

2. Ele os adverte contra os sedutores por meio de mais uma descrição do seu caráter detestável: "*Estes são os que causam divisões...*" (v. 19). Observe: (1) Os sensualistas são os piores separatistas. Eles se separam de Deus e de Cristo e de sua igreja, indo para o Diabo, o mundo e a carne, por intermédio de suas condutas ímpias e práticas viciosas; e isso é muito pior do que a separação de qualquer ramo local da igreja visível por conta de opiniões ou costumes e circunstâncias de sistemas ou adoração externa. Embora muitos possam pacientemente tolerar o primeiro aspecto, eles estão copiosamente e quase perpetuamente ralhando em relação ao último, como se nenhum pecado fosse abominável a não ser aquilo que gostam de chamar de *divisões*. (2) Homens sensuais não têm o Espírito de Deus e de Cristo, o Espírito de santidade; e quem *não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*, não pertence a Ele (Rm 8.9). (3) Quanto pior os outros são, tanto melhor deveríamos nos esforçar para ser. Quanto mais ocupado Satanás e seus instrumentos estiverem em perverter os outros, por meio de julgamento ou prática, tanto mais firmes e persistentes deveríamos ser em relação à sã doutrina e à boa conduta, "*...retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina* (divina), *guardando o mistério da fé em uma pura consciência*" (Tt 1.9; 1 Tm 3.9).

3. Ele os exorta à perseverança na verdade e santidade.

(1) "*...edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé*" (v. 20). Observe: A maneira de reter a nossa profissão é agarrar-se a ela. Tendo posto bem o nosso fundamento em uma fé saudável, e um coração reto, devemos edificar sobre ele, fazendo progresso continuamente; e deveríamos cuidar do material que usamos na nossa construção, ou seja, "*ouro, prata, pedras preciosas*", não "*madeira, feno, palha*" (1 Co 3.12). Princípios corretos e um comportamento regular resistirão ao teste, mesmo das provas mais impetuosas; mas, qualquer coisa que misturarmos na liga (de metais), embora sejamos como um todo sinceros, acabaremos sofrendo perdas com isso, e embora nossa pessoa seja salva, toda nossa obra será consumida; e, se escaparmos, isso ocorrerá com grande perigo e dificuldade, como uma casa em chamas por todos os lados.

(2) "*...orando no Espírito Santo*". Observe: [1] A oração é a enfermeira da fé. A maneira de edificar a nós mesmos sobre a nossa *santíssima fé* é perseverando *na oração* (Rm 12.12). Nossas orações mais certamente prevalecem quando *oramos no Espírito Santo*, isto é, debaixo da sua orientação e influência, de acordo com a regra da sua Palavra, com fé, fervor e importunação perseverante e constante; isso é orar no Espírito Santo, quer ocorra com ou sem uma forma prescrita.

(3) "*...conservai a vós mesmos na caridade de Deus*" (v. 21). [1] "Conservem a graça do amor de Deus nas suas ações e exercícios vigorosos nas suas almas". [2] "Cuidado para não se afastarem do amor de Deus, ou de suas manifestações deleitáveis, alegres e vigorosas; mantenham-se nos caminhos de Deus e continuem no seu amor".

(4) "*...esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo*". [1] A vida eterna deve ser buscada somente por meio da misericórdia; a misericórdia é nosso único apelo, não mérito; ou, se for mérito, não é nosso, mas de outro, que a mereceu por nós, aquilo que, de ou-

tra forma, não teríamos como reivindicar, nem do que alimentar qualquer esperança bem fundamentada. [2] Lemos que não é somente por meio da misericórdia de Deus como nosso Criador, mas por meio da misericórdia *do nosso Senhor Jesus Cristo* como Redentor. Todos que alcançam o céu devem fazê-lo por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo; "*...porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos*", ou seja, o nome do Senhor Jesus (At 4.12; compare com o v. 10). [3] Uma expectativa confiante de vida eterna nos advertirá contra os laços do pecado; uma fé viva da esperança abençoada nos ajudará a mortificar nossas concupiscências carnais.

4. Ele os orienta como devem se comportar em relação aos irmãos faltosos: "*E apiedai-vos de alguns que estão duvidosos*" (vv. 22,23). Observe: (1) Devemos fazer todo possível para livrar outras pessoas do laço do Diabo, para que possam ser salvas (ou recuperadas, quando enredadas) de erros perigosos, ou práticas perniciosas. Não somos apenas (debaixo de Deus) nossos próprios guardadores, mas, tanto quanto possível, guardadores *do nosso irmão*; ninguém, a não ser um ímpio Caim, contradirá isso (Gn 4.9). Devemos vigiar uns aos outros, repreender um ao outro de maneira fiel, mas prudente, e ser um bom exemplo para todos que estão ao nosso redor. (2) Devemos apiedar-nos *de alguns que estão duvidosos*. Como é isto? Devemos distinguir entre o fraco e o obstinado. [1] *De alguns* devemos *apiedar-nos*, tratá-los com ternura, *encaminhá-los com espírito de mansidão* (veja Gl 6.1), não ser necessariamente duros e severos demais em nossas reprovações a eles e suas ações, nem orgulhosos e arrogantes em nossa conduta para com eles; não implacáveis, nem avessos à reconciliação com eles, ou a aceitá-los de volta na amizade que tinham anteriormente conosco, quando derem sinais claros e autênticos de um arrependimento sincero: se Deus os perdoou, por que nós não deveríamos fazê-lo? Precisamos infinitamente mais do seu perdão do que eles precisam, embora, talvez, nem eles nem nós sejamos suficientemente sensíveis a isso. [2] *Salvai* outros com temor, instando-os com *os terrores do Senhor*: "Esforcem-se em afugentá-los do seu pecado; preguem o inferno e condenação para eles". Mas, e se a prudência e a cautela em aplicar mesmo as repreensões mais justas e severas for o que está sendo principalmente sugerido aqui (proponho isso para ser considerado); como se ele tivesse dito: "Cuide para que não frustre suas boas intenções e motivos honestos por meio de uma conduta precipitada e imprudente, para que você não endureça, em vez de recuperar a pessoa, mesmo em casos em que medidas mais severas sejam requeridas do que no exemplo imediato". Temos, com freqüência, a tendência de exagerar, quando estamos certos de que estamos sendo honestos e achamos que estamos certos no essencial. No entanto, os piores não deveriam ser provocados desnecessariamente nem ao extremo, para que não fiquem ainda mais endurecidos por meio do nosso descuido ou omissão. "*Aborrecendo até a roupa manchada da carne*, isto é, mantendo-se à distância, o máximo possível, daquilo que é ou parece ser nocivo, e atentando e empenhando-se para que outros também façam o mesmo. Evite tudo que leva ao pecado ou que tenha a aparência de pecado" (1 Ts 5.22).

III O autor conclui essa epístola com uma declaração solene de glória ao grande Deus (vv. 24,25). Observe: 1. Qualquer que seja o assunto do qual estamos tratando, a melhor forma de concluí-lo é atribuir glória a Deus. 2. Deus é capaz, e Ele está tão disposto quanto é capaz de nos "*...guardar de tropeçar e apresentar*-nos *irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória*"; não como aqueles que nunca foram faltosos (porque o que foi feito jamais poderá ser considerado como se não tivesse sido feito, mesmo pela própria Onipotência, porque isso implica em contradição), mas como aqueles cujas faltas não serão imputadas, para sua condenação. Isso somente é possível por causa da misericórdia de Deus e dos méritos do Salvador. "*...perante a sua glória*". Observe: (1) A glória do Senhor se fará presente em breve. Hoje olhamos para ela como se estivesse distante, e muitos a vêem como incerta; mas ela virá e será manifesta e real. "*Todo olho o verá*" (Ap 1.7). Esse é agora o objeto da nossa fé, mas no futuro (e certamente não pode *agora* estar distante) ela será o objeto dos nossos sentidos. Em breve veremos aquele em quem agora cremos, para a nossa alegria e conforto inefáveis ou pavor e consternação inexprimíveis. Veja 1 Pe 1.8. (2) Todos os crentes sinceros e reais serão apresentados na aparição e vinda do nosso Redentor, por Ele, a gloriosa cabeça, ao Pai, para serem aprovados, aceitos e recompensados. Todos que foram dados a Ele, *nenhum deles se perdeu*, e não perderá ninguém, nem uma única alma, mas os apresentará a todos perfeitamente santos e felizes, quando entregar seu reino mediador para o "*...seu Deus e nosso Deus, seu Pai e nosso Pai*" (Jo 6.39; 17.12; 1 Co 15.24). (3) A alegria será grande quando os crentes forem apresentados sem defeito. É verdade, agora nossas ofensas nos enchem de medo, dúvida e tristeza. Mas, *tenhamos bom ânimo*; se formos sinceros, teremos ânimo, uma vez que o nosso precioso Redentor encarregou-se disso e seremos apresentados *irrepreensíveis*. Onde não há pecado, não haverá tristeza. Onde a santidade é perfeita, a alegria também é perfeita. Certamente, o Deus que pode e que fará tudo isso é digno de ter "*...glória e majestade, domínio e poder*", atribuídos a Ele, "*...agora e para todo o sempre*"! E a isso bem podemos, junto com Judas, acrescentar o nosso sincero *Amém*.

APOCALIPSE

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

NÃO deve haver prejuízo algum para o crédito e a autoridade desse livro o fato de ele ter sido rejeitado por homens de mentes corruptas, como Cerdom e Marcião, e questionado por homens de caráter melhor; pois essa tem sido a sina de outras partes das Sagradas Escrituras, e do próprio Autor das Escrituras. A imagem e o sobrescrito desse livro são verdadeiramente sagrados e divinos, e o conteúdo dele, concordante com outros livros proféticos, particularmente Ezequiel e Daniel. A igreja de Deus em geral o tem recebido, e tem encontrado nele bom conselho e grande conforto. Desde o começo, a igreja de Deus tem sido abençoada com profecia. Aquela gloriosa predição do esmagamento da cabeça da serpente foi o suporte e o apoio da era patriarcal; e as muitas profecias concernentes ao Messias por vir constituíram o evangelho do Antigo Testamento. O próprio Cristo profetizou acerca da destruição de Jerusalém, e, aproximadamente na época em que isso se cumpriu, Ele confiou ao apóstolo João esse livro de revelação, para transmiti-lo à igreja como predição dos mais importantes eventos que aconteceriam a ela até o fim dos tempos, para o incentivo à fé do seu povo e direcionamento de sua esperança. É chamado de *Revelação* (cap. 1.1), porque nele Deus desvela aquelas coisas que nunca poderiam ter sido escolhidas pelo raciocínio da compreensão humana, aquelas coisas profundas de Deus que nenhum homem conhece, a não ser o Espírito de Deus, e aqueles a quem Ele as revela.

CAPÍTULO 1

Esse capítulo é um prefácio geral ao livro todo, e contém: I. Uma dedicatória, declarando o propósito original dele (vv. 1,2). II. A bênção apostólica pronunciada sobre todos aqueles que atribuírem o devido valor a esse livro (vv. 3-8). III. Uma visão ou aparição gloriosa do Senhor Jesus Cristo ao apóstolo João, quando lhe transmitiu o conteúdo desse livro (v. 9–22.21).

A Matéria do Livro

vv. 1,2

Nesse trecho, temos:

I O que podemos chamar de *pedigree* desse livro. 1. Ele é a "*Revelação de Jesus Cristo*". Toda a Bíblia é isso; pois toda a revelação vem por meio de Cristo e está centrada nele; e Deus especialmente *a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho*, e acerca do seu Filho. Cristo, como o rei da igreja, tem se alegrado até aqui em dar a conhecer à sua igreja as regras e métodos com que vai proceder no seu governo; e, como o profeta da igreja, Ele tornou conhecidas a nós as coisas que acontecerão depois desta vida. 2. É uma revelação "...*a qual Deus lhe deu*". Embora Cristo seja Ele mesmo Deus, e como tal tenha luz e vida em si mesmo, não obstante, visto que Ele mantém a função de *mediador entre Deus e os homens*, Ele recebe suas instruções do Pai. A natureza humana de Cristo, embora dotada da maior inteligência, discernimento e perspicácia, não podia, por meio da razão, descobrir os grandes eventos, que, não sendo produzidos por causas naturais, mas totalmente dependentes da vontade de Deus, podiam ser o objeto somente da presciência de Deus, e precisam vir a uma mente criada somente por meio de revelação. Nosso Senhor Jesus é o grande curador encarregado da revelação divina; é a Ele que devemos o conhecimento que possuímos do que devemos esperar de Deus e do que esperamos de nós mesmos. 3. Essas coisas (revelação) Cristo "...*pelo seu anjo as enviou e as notificou*". Observe aqui a ordem admirável da revelação divina. Deus a deu a Cristo, e Cristo serviu-se de um anjo para transmiti-la às igrejas. Os anjos são mensageiros de Deus; eles são espíritos ministradores aos herdeiros da salvação. Eles são os servos de Cristo; principados e poderes estão sujeitos a Ele; todos os anjos de Deus são obrigados a adorá-lo. 4. O anjo "...*as notificou a João*". Assim como os anjos são os mensageiros de Cristo, assim os ministros são os mensageiros das igrejas; o que eles recebem do céu devem transmitir às igrejas. João foi o apóstolo escolhido para esse serviço. Alguns pensam que ele foi o único que sobreviveu, tendo os outros selado o seu testemunho com o próprio sangue. Esse deveria ser o último livro de revelação divina; e por isso foi notificado à igreja pelo último dos apóstolos. João era o discípulo amado. Ele era, no Novo Testamento, como o profeta Daniel no Antigo, um homem *mui amado*. Ele era o servo de Cristo; ele

era um apóstolo, um evangelista, um profeta; ele serviu a Cristo em todos os ofícios extraordinários da igreja. Tiago era apóstolo, mas não profeta, nem evangelista; Mateus era apóstolo e evangelista, mas não profeta; Lucas era evangelista, mas nem profeta nem apóstolo; mas João era as três coisas; e assim Cristo o chama num sentido elevado "...*João, seu servo*". 5. João deveria transmitir essa revelação à igreja, a todos os seus servos. Pois a revelação não era dirigida ao uso dos servos extraordinários de Cristo, mas a todos os seus servos, os membros da igreja; todos eles têm o direito aos oráculos de Deus, e todos têm interesse por eles.

II Aqui temos o tópico dessa revelação, ou seja, as coisas que em breve hão de acontecer. Os evangelistas nos dão um relato das coisas que são passadas; a profecia nos dá um relato das coisas por vir. Esses eventos futuros não são colocados na mais clara luz em que Deus poderia tê-los colocado, mas na luz em que Ele considerou mais adequada e em que iriam responder de melhor forma a seus sábios e santos propósitos. Se tivessem sido preditos de forma tão clara em todas as suas circunstâncias como Deus as poderia ter revelado, a predição poderia ter impedido o cumprimento; mas eles são preditos de forma mais obscura, para gerar em nós uma veneração pela Escritura, e para despertar nossa atenção e estimular a nossa investigação. Temos nessa revelação uma idéia geral dos métodos da providência e do governo divinos na igreja e em torno dela, e muitas boas lições podem ser aprendidas por meio disso. Esses eventos (diz-se) foram tais que não só aconteceram *certamente* (cap. 22.20), mas *brevemente*; isto é, iriam começar a acontecer muito em breve, e o todo seria realizado em pouco tempo. Pois agora as últimas eras do mundo chegaram.

III Aqui há um atestado da profecia (v. 2). Foi notificada a João, que fez registro da palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo, e de todas as coisas que ele viu. É observável que os livros históricos do Antigo Testamento não têm sempre o nome do historiador prefixado a eles, como nos livros de *Juízes*, *Reis*, *Crônicas*; mas nos livros proféticos o nome está sempre prefixado, como *Isaías*, *Jeremias* etc. Assim, no Novo Testamento, embora João não prefixasse o seu nome à primeira epístola, no entanto faz isso nessa profecia; como que para atestar e responder pela verdade contida nela; e ele nos dá não somente o seu nome, mas o seu ofício. Ele era um que fazia o registro da palavra de Deus em geral, e do testemunho de Jesus em particular, e de todas as coisas que ele via; ele era uma testemunha ocular, e ele não ocultou nada do que viu. Nada do que está registrado nessa revelação foi sua própria invenção ou imaginação; mas tudo foi o registro de Deus e o testemunho de Jesus; e, como não acrescentou nada a ele, assim também não reteve nenhuma parte dos conselhos de Deus.

A Bênção Apostólica

vv. 3-8

Temos aqui uma bênção apostólica pronunciada sobre aqueles que derem a devida honra a essa revelação divina; e essa bênção é dada de forma mais geral e mais específica.

I De forma mais geral, a todos que ou lerem ou ouvirem as palavras da profecia. Essa bênção parece ter sido pronunciada com o propósito de nos encorajar a estudar esse livro, e de não nos cansarmos de olhar para ele em virtude da obscuridade de muitas coisas contidas nele; o esforço do leitor cuidadoso e atento será retribuído. Observe: 1. É um privilégio abençoado desfrutar dos oráculos de Deus. Essa era uma das principais vantagens que os judeus tinham sobre os gentios. 2. É uma atividade abençoada estudar as Escrituras; empregam bem o seu tempo os que investigam as Escrituras. 3. Não é somente um privilégio ler as Escrituras nós mesmos, mas ouvi-las sendo lidas por outros, que estão qualificados para nos dar o sentido do que lêem e de conduzir-nos à compreensão delas. 4. Não é suficiente para nossa bênção que leiamos ou ouçamos as Escrituras, mas precisamos guardá-las; precisamos guardá-las na nossa memória, na nossa mente, nos nossos sentimentos e na prática, e seremos abençoados de fato. 5. Quanto mais nos aproximarmos do cumprimento das Escrituras, mais consideração devemos ter por elas. O tempo está chegando, e deveríamos estar tanto mais atentos quanto mais vemos o dia se aproximando.

II A bênção apostólica é pronunciada mais específica e particularmente sobre as sete igrejas na Ásia (v. 4). Essas sete igrejas são nomeadas no versículo 11, e mensagens distintas são enviadas a cada uma delas respectivamente nos capítulos seguintes. A bênção apostólica é dirigida mais expressamente a estas, porque eram mais próximas dele, pois ele estava agora na ilha de Patmos, e talvez tivesse o cuidado especial delas e a supervisão sobre elas, não excluindo nenhum dos outros apóstolos, se algum deles ainda estivesse vivo. Observe aqui:

1. Qual é a bênção que ele pronuncia sobre todos os fiéis nessas igrejas: "*Graça e paz*", santidade e conforto. *Graça*, isto é, a boa vontade de Deus para conosco e sua boa obra em nós; e *paz*, isto é, a doce evidência e a certeza dessa graça. Não pode haver verdadeira paz onde não há verdadeira graça; e, onde a graça vai à frente, a paz segue.

2. De onde essa bênção deve vir. Em nome de quem o apóstolo abençoa as igrejas? No nome de Deus, de toda a Trindade; pois isso é um ato de adoração, e somente Deus é o objeto apropriado dela; seus ministros não devem abençoar o povo em outro nome que não seja no dele. E aqui: (1) O Pai é citado primeiro: Deus, o Pai, que pode ser entendido ou essencialmente, Deus como Deus, ou pessoalmente, como a primeira pessoa da eternamente bendita Trindade, o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo; e Ele é descrito como o Jeová "...*que é, e que era, e que há de vir*", eterno, imutável, que era o mesmo para a igreja do Antigo Testamento, e que é o mesmo para a igreja do Novo Testamento, e que será o mesmo para a igreja triunfante que há de vir. (2) O Espírito Santo, que é chamado de "...*sete Espíritos*", não sete em número, nem em natureza, mas o infinito e perfeito Espírito de Deus, em quem há uma diversidade de dons e operações. Ele está diante do trono; pois, assim como Deus fez, assim Ele governa todas as coisas pelo seu Espírito. (3) O Senhor Je-

sus Cristo. João o menciona depois do Espírito, pois tinha a intenção de desenvolver mais o tópico da pessoa de Cristo, como manifesto por Deus em carne, que Ele tinha visto habitar na terra anteriormente, e agora via novamente de forma gloriosa. Observe o relato particular de Cristo que temos aqui (v. 5). [1] Ele é "*...a fiel testemunha*"; Ele foi desde a eternidade uma testemunha de todos os conselhos de Deus (Jo 1.18), e no tempo foi uma testemunha fiel da vontade revelada de Deus, que agora nos falou pelo seu Filho; podemos depender com segurança do testemunho dele, pois Ele é uma testemunha fiel, que não pode ser enganada e não pode nos enganar. [2] Ele é o unigênito entre os mortos, o primeiro pai e cabeça da ressurreição, o único que se ressuscitou a si mesmo pelo seu próprio poder, e que pelo mesmo poder vai ressuscitar o seu povo dos seus túmulos para a honra eterna; pois Ele os gerou novamente para uma esperança viva por meio da sua ressurreição dos mortos. [3] Ele é o príncipe dos reis da terra; dele é que eles têm sua autoridade; por Ele o poder deles é limitado e sua ira é restringida; por meio dele seus conselhos são anulados, e a Ele vão prestar contas. Isso são boas-novas para a igreja, e é boa evidência da divindade de Cristo, que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. [4] Ele é o grande amigo da sua igreja e do seu povo, alguém que fez grandes coisas por eles, e fez isso por puro e desinteressado amor. Ele os amou, e em conseqüência do seu eterno amor, em primeiro lugar, "*...em seu sangue nos lavou dos nossos pecados*". Os pecados deixam uma mancha na alma, uma mancha de culpa e contaminação. Nada pode tirar essa mancha a não ser o sangue de Cristo; e, antes que não fosse lavada, Cristo se dispôs a derramar seu próprio sangue para obter o perdão e a pureza para eles. Em segundo lugar, Ele nos "*...fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai*". Tendo-os justificado e santificado, Ele faz deles reis para o seu Pai; isto é, na consideração do seu Pai, com sua aprovação e para a sua glória. Como reis, eles vencem o mundo, mortificam o pecado, governam seu próprio espírito, derrotam Satanás, têm poder e prevalecem diante de Deus em oração e vão julgar o mundo. Ele os tornou sacerdotes, deu-lhes acesso a Deus, capacitou-os a entrarem no Santo dos Santos e para oferecerem sacrifícios espirituais e aceitáveis, e lhes deu uma unção apropriada ao seu caráter; e por esses elevados favores e honras, eles são compelidos a atribuir a Ele domínio e glória para sempre. [5] Ele vai ser o Juiz do mundo: "*Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá*" (v. 7). Esse livro, o Apocalipse, começa e termina com uma predição da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. Deveríamos nos empenhar em meditar com freqüência acerca da segunda vinda de Cristo e mantê-la à vista da nossa fé e expectativa. João fala como se estivesse vendo aquele dia: "*Eis que vem*, tão certamente como se o estivesse observando com os olhos. *Ele vem com as nuvens*, que são o seu carro e a sua tenda. Sua vinda será pública: *Todo o olho o verá*, o olho do seu povo, o olho dos seus inimigos, todo o olho, o teu e o meu". Ele virá, para o pavor dos que o traspassaram e não se arrependeram e de todos os que o feriram e o crucificaram novamente por meio da sua apostasia dele, e para espanto do mundo pagão. Pois Ele vem para se vingar dos que não conhecem a Deus, como também dos que não obedecem ao evangelho de Cristo. [6] Esse relato de Cristo é ratificado e confirmado por Ele mesmo (v. 8). Aqui o nosso Senhor Jesus disputa de maneira justa a mesma honra e poder que são atribuídos ao Pai (v. 4). Ele é o começo e o fim; todas as coisas são dele e para Ele; Ele é o Todo-poderoso; Ele é o mesmo eterno e imutável. E certamente todo aquele que ousa eliminar uma letra que seja do nome de Cristo merece ter seu nome eliminado do livro da vida. Ele vai honrar os que o honram; mas os que o desprezam serão pouco estimados.

A Visão de João de Cristo

vv. 9-20

Chegamos agora àquela visão gloriosa que o apóstolo teve do Senhor Jesus Cristo, quando veio para lhe transmitir essa revelação, na qual deve-se observar:

I O relato apresentado acerca do homem que foi privilegiado com essa visão. Ele se descreve a si mesmo: 1. Por seu presente estado e condição. Ele era "*...o irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo*". Ele foi, no tempo deles, como o eram todos os verdadeiros cristãos, um homem perseguido, banido e talvez prisioneiro em virtude de sua lealdade a Cristo. Ele era *irmão* deles, embora fosse um apóstolo; ele parece estimar-se com base no seu relacionamento com a igreja, e não em sua autoridade nela. Judas Iscariotes pode até ter sido um apóstolo, mas não um irmão na família de Deus. João era companheiro deles: os filhos de Deus deveriam buscar comunhão e a companhia uns dos outros. Ele era companheiro deles na aflição: os servos perseguidos de Deus não sofriam sozinhos, as mesmas aflições são sofridas pelos outros. Ele era companheiro deles na paciência, não somente um co-sofredor com eles nas circunstâncias de sofrimento, mas na graça do sofrimento: se temos a paciência dos santos, não deveríamos enfrentar com má vontade as suas provações. Ele era seu companheiro "*...na paciência de Jesus Cristo*", um sofredor pela causa de Cristo, por declarar o seu poder régio sobre a igreja e o mundo, e por ser leal a Ele contra todos os que usurpassem o seu poder. Por meio desse relato ele conta do seu estado presente, reconhece seus esforços para compreender a situação deles e lhes dar conselho e conforto, e recomenda que dêem atenção mais detalhada ao que ele lhes tem a dizer da parte de Cristo, seu Senhor comum. 2. Por meio do lugar em que estava quando foi abençoado com essa visão: ele estava na "*...ilha chamada Patmos*". Ele não diz quem o baniu para esse lugar. É apropriado que os cristãos falem pouco e de forma moderada de seus próprios sofrimentos. Patmos é conhecida como uma ilha do mar Egeu, chamada Ciclades, e tinha em torno de 50 quilômetros de perímetro; mas nesse confinamento, o consolo do apóstolo era o fato de que não sofria como malfeitor, mas pelo testemunho de Jesus, por ter dado testemunho de Cristo como o Emanuel, o Salvador. Essa era uma causa digna de sofrimento; e o Espírito da glória de Deus repousava sobre esse apóstolo perseguido. 3. O dia e a hora em que ele teve essa visão: foi "*...no dia do Senhor*", o dia que Cristo tinha separado e reservado para si, visto que a eucaristia é chamada de *ceia do Senhor*. Isso não pode ser outro dia senão o sába-

do cristão, o primeiro dia da semana, a ser observado em memória da ressurreição de Cristo. Que nós, os que o chamamos de *nosso* Senhor, o honremos nesse seu dia, o dia que o Senhor fez e em que devemos nos regozijar. 4. O estado de espírito em que estava a sua alma nessa época: *Ele estava no Espírito.* Ele foi arrebatado em espírito quando recebeu a visão, pois ele estava numa disposição séria, celestial e espiritual, sob as influências graciosas e abençoadas do Espírito de Deus. Deus geralmente prepara a alma do seu povo para manifestações incomuns de si mesmo, por meio da influência avivadora e santificadora do seu bom Espírito. Os que querem desfrutar de comunhão com Deus no dia do Senhor devem se esforçar em se abstrair nos seus pensamentos das emoções e inclinações da carne e de coisas carnais, e estar totalmente tomados de coisas de natureza espiritual.

II O apóstolo apresenta um relato do que ouviu quando estava assim no Espírito. Um som foi produzido como que de uma trombeta, e então *ele ouviu uma voz*, a voz de Cristo aplicando a si mesmo o caráter mencionado anteriormente, *o primeiro e o último*, e ordenando ao apóstolo que escrevesse as coisas que agora estavam sendo reveladas a ele, e enviasse isso imediatamente às "...*sete igrejas que estão na Ásia*", aquelas cujos nomes são mencionados. Assim o nosso Senhor Jesus, o comandante da nossa salvação, notificou o apóstolo da sua gloriosa aparição, com o som de uma trombeta.

III Temos também um relato do que ele viu. *Ele se virou para ver* de quem era a voz e de onde vinha; e então uma visão maravilhosa se abriu para ele.

1. Ele viu uma representação da igreja sob o símbolo dos "...*sete castiçais de ouro*", como é explicado no último versículo do capítulo. As igrejas são comparadas a castiçais porque sustentam a luz do evangelho a ser propagada. As igrejas não são velas: somente Cristo é nossa luz, e seu evangelho nossa lâmpada; mas elas recebem sua luz de Cristo e do evangelho, e a exibem a outros. Elas são castiçais de ouro, pois devem ser preciosas e puras, comparáveis a ouro fino; não somente os ministros, mas também os membros das igrejas devem ser assim; a sua luz deve brilhar de tal forma diante dos homens para que estes levem outros a dar glória a Deus.

2. Ele viu uma representação do Senhor Jesus Cristo em meio aos castiçais de ouro; pois Ele prometeu estar sempre com sua igreja até o fim do mundo, enchendo-a com luz, e vida, e amor, pois Ele é a alma animadora e vivificadora da igreja. E aqui observamos:

(1) A forma gloriosa com que Cristo apareceu em diversos aspectos particulares. [1] Ele estava "...*vestido até aos pés de uma veste comprida*", uma veste sacerdotal e principesca, denotando justiça e honra. [2] Ele estava "...*cingido pelo peito com um cinto de ouro*", o peitoral do sumo sacerdote, no qual os nomes do seu povo estão gravados; Ele estava cingido e preparado para fazer todo o trabalho de um Redentor. [3] "*E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve*". Ele era o ancião de dias; sua cabeça grisalha não era sinal de decadência, mas era de fato uma coroa de glória. [4] "...*os olhos, como chama de fogo*", estavam trespassando e penetrando nos corações e entranhas dos homens, espalhando terror entre os seus adversários. [5] "...*e os seus pés, semelhantes a latão reluzente*", fortes e firmes, suportavam sua importância, subjugando seus inimigos, e esmagando-os e reduzindo-os a pó. [6] "...*sua voz, como a voz de muitas águas*", de muitos rios desaguando juntos. Ele pode e vai se fazer ouvir por aqueles que estão distantes como também por aqueles que estão próximos. Seu evangelho é uma torrente poderosa, abastecida pelos ribeiros superiores da infinita sabedoria e conhecimento. [7] "*E ele tinha na sua destra sete estrelas*", isto é, os ministros das sete igrejas, que estão sob sua direção, obtêm toda a sua luz e influência dele, e são firmados e preservados por Ele. [8] "...*da sua boca saía uma aguda espada de dois fios*", sua palavra, que tanto fere como cura, golpeia os pecados na direita e na esquerda. [9] "...*o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece*", sendo sua intensidade brilhante e ofuscante demais para que olhos mortais o contemplassem.

(2) A impressão que essa aparição de Cristo causou ao apóstolo João (v. 17): Ele "...*caiu a seus pés como morto*"; ele foi subjugado pela grandeza do esplendor e da glória em que Cristo apareceu, embora tivesse estado tão familiarizado com Ele antes. Como é bom para nós que Deus nos fale por meio de homens como nós mesmos, cujos pavores não nos causam medo, pois ninguém pode ver a face de Deus e viver!

(3) A bondade e a condescendência do Senhor Jesus para com o seu discípulo: "...*e ele pôs sobre mim a sua destra*" (v. 17). Ele animou o apóstolo com seu grande poder, deu-lhe forças, falou palavras bondosas a ele. [1] Palavras de conforto e encorajamento: "*Não temas*". Ele ordenou que se afastassem os temores escravizantes do discípulo. [2] Palavras de instrução, dizendo-lhe particularmente quem era o que apareceu dessa forma a ele. E aqui Ele o familiariza, em primeiro lugar, com sua natureza divina: "...*o Primeiro e o Último*". Em segundo lugar, com seu sofrimento anterior: "...*fui morto*"; exatamente o mesmo que os seus discípulos viram na cruz morrendo pelos pecados dos homens. Em terceiro lugar, com sua ressurreição e vida: Eu "...*estou vivo para todo o sempre*, venci a morte e abri o túmulo, e sou participante da vida eterna". Em quarto lugar, com sua posição e autoridade: "...*tenho as chaves da morte e do inferno*", um domínio soberano no mundo invisível e sobre ele, abrindo assim o que ninguém pode fechar, fechando assim o que ninguém pode abrir, abrindo as portas do inferno quando e como lhe aprouver e as portas do mundo eterno, de felicidade ou de miséria, como o Juiz de tudo, de cuja sentença não é possível apelar. Em quinto lugar, com sua vontade e bem-querer: "*Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer*". Em sexto lugar, com o significado das sete estrelas, que "...*são os anjos das sete igrejas*"; e dos sete castiçais, que "...*são as sete igrejas*", a quem Cristo iria enviar agora por meio dele mensagens particulares e apropriadas.

CAPÍTULO 2

O apóstolo João, tendo escrito no capítulo anterior as coisas que ele tinha visto, agora prossegue ao escrever as coisas que são, de acordo com a ordem

de Deus (cap. 1.19), isto é, o estado presente das sete igrejas da Ásia, com as quais está pessoalmente familiarizado, e pelas quais tem uma preocupação carinhosa. Ele foi conduzido a escrever a cada uma delas de acordo com o seu presente estado e circunstâncias, e de endereçar cada carta ao anjo daquela igreja, ao ministro ou, antes, aos presbíteros daquela igreja, chamados anjos porque são os mensageiros de Deus à humanidade. Nesse capítulo temos: I. A mensagem enviada a Éfeso (vv. 1-7). II. A Esmirna (vv. 8-11). III. A Pérgamo (vv. 12-17). IV. A Tiatira (vv. 18-29).

A Igreja em Éfeso
vv. 1-7

Temos aqui:

I A dedicatória, em que se observa: 1. A quem essa primeira epístola é dirigida: "*Ao anjo da igreja que está em Éfeso*", uma igreja famosa implantada pelo apóstolo Paulo (At 19), e depois regada e dirigida por João, que tinha estabelecido a sua residência ali. Dificilmente poderíamos pensar que Timóteo era o anjo, ou único pastor e bispo dessa igreja nessa época – difícil imaginar que ele, que era um espírito excelente, e naturalmente cuidava do bem-estar das almas do povo, tivesse se tornado tão desleixado a ponto de merecer a censura dada aos presbíteros dessa igreja. Observe: 2. De quem essa epístola foi enviada a Efeso; e aqui temos um daqueles títulos dados a Cristo em sua aparição a João no capítulo anterior: "...*aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro*" (cap. 1.13,16). Esse título consiste em duas partes: (1) *Aquele que tem na sua destra as sete estrelas*. Os ministros de Cristo estão debaixo do seu cuidado especial e de sua proteção. Deus tem a fama de conhecer o número das estrelas e chamá-las pelo nome delas, pois Ele *ajunta as cadeias do Sete-Estrelo* e *solta os atilhos do Órion*; e o Senhor Jesus Cristo tem os ministros do evangelho, que são bênçãos maiores para a igreja do que as estrelas para o mundo, na sua mão. Ele dirige todos os seus movimentos; Ele os estabelece em suas diversas órbitas; Ele os enche de luz e influência; Ele os sustenta, ou senão logo seriam estrelas cadentes; eles são ferramentas nas suas mãos, e todo o bem que fazem é feito pela mão dele em conjunto com eles. (2) Ele "...*anda no meio dos sete castiçais de ouro*". Isso sugere sua relação com as suas igrejas, como a outra declaração sugeriu sua relação com seus ministros. Cristo está de maneira íntima presente e ligado com suas igrejas; Ele conhece e observa seu estado; Ele tem prazer nelas, como um homem tem em caminhar no seu jardim. Embora Cristo esteja no céu, Ele anda no meio das suas igrejas na terra, observando o que não está em ordem nelas e o que é que elas querem. Esse é um grande encorajamento àqueles que têm o cuidado das igrejas, saber que o Senhor Jesus os gravou na palma da sua mão.

II O conteúdo da epístola, em que temos, como na maioria das outras que seguem:

1. O elogio que Cristo fez a essa igreja, ministros e membros, que Ele sempre introduz ao declarar que conhece suas obras, e portanto tanto seu elogio quanto sua repreensão devem ser considerados cuidadosamente; pois em nenhum dos casos Ele o faz por especulação: Ele sabe o que está dizendo. Agora a igreja de Éfeso é elogiada: (1) Por sua diligência nos seus deveres: "*Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho*" (v. 2). Isso pode estar mais diretamente relacionado aos presbíteros dessa igreja, que haviam sido zelosos e diligentes. A responsabilidade gera a respeitabilidade. Os que são estrelas na mão de Cristo tinham a necessidade de estar sempre em movimento, difundindo a luz a todos à sua volta. "...*e trabalhaste pelo meu nome e não te cansaste*" (v. 3). Cristo mantém um registro do trabalho de cada dia e do trabalho de cada hora que seus servos realizam para Ele, e o trabalho deles não será *vão no Senhor*. (2) Por sua paciência no sofrimento: "...*o teu trabalho e a tua paciência*" (v. 2). Não é suficiente sermos diligentes, mas precisamos ser pacientes, e suportar as dificuldades como bons soldados de Cristo. Os ministros precisam ter e exercer grande paciência, e nenhum cristão pode ficar sem ela. Precisa haver paciência sofredora para suportar as injúrias dos homens e as repreensões da Providência; e precisa haver paciência perseverante, para que, quando tiverem feito a vontade de Deus, recebam a promessa: "...*e sofreste e tens paciência*" (v. 3). Vamos enfrentar dificuldades tais no nosso caminho e trabalhos que vão exigir paciência para prosseguirmos e terminarmos bem. (3) Por seu zelo contra o que era mal: Tu "...*não podes sofrer os maus*" (v. 2). Está em concordância com a paciência cristã o não fazer concessões ao pecado, muito menos permiti-lo; embora precisemos mostrar toda a mansidão aos homens, mesmo assim precisamos mostrar fervor contra os seus pecados. Esse fervor deles era ainda mais louvável porque era de acordo com o conhecimento, um fervor discreto expresso com base em uma investigação prévia feita calcada nas pretensões, práticas e princípios dos homens maus: Tu "...*puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos*". O verdadeiro zelo age com discrição; ninguém deve ser excluído antes de ser posto à prova. Alguns haviam se levantado nessa igreja que não queriam ser ministros comuns, mas apóstolos; e suas intenções tinham sido examinadas e encontradas vãs e falsas. Os que buscam imparcialmente a verdade podem chegar ao conhecimento dela.

2. A repreensão dada a essa igreja: "*Tenho, porém, contra ti*" (v. 4). Aqueles que têm muitas coisas boas podem também ter algumas coisas impróprias, e nosso Senhor Jesus, como um Mestre e Juiz imparcial, toma nota de ambas; mesmo que Ele primeiro observe o que é bom, e esteja mais do que disposto a mencionar isso, Ele também observa o que é impróprio, e vai fielmente censurá-los por isso. O pecado de que Ele acusou essa igreja foi sua decadência e declínio no santo amor e zelo: Tu "...*deixaste a tua primeira caridade*"; a igreja não deixou e abandonou o objeto do amor, mas perdeu a intensidade e o fervor dele que havia no princípio. Observe: (1) Os primeiros sentimentos do homem por Cristo, pela santidade e pelo céu, geralmente são intensos e fervorosos. Deus lembrou o amor das núpcias de

Israel, quando o povo o seguia aonde Ele fosse. (2) Esses sentimentos intensos vão enfraquecer e esfriar se não se tomar grande cuidado e não se usar grande diligência para preservá-los em constante exercício. (3) Cristo se entristece e fica descontente com o seu povo quando percebe que estão se tornando desleixados e frios para com Ele, e de uma ou de outra forma vai torná-los sensíveis para que percebam que Ele não está satisfeito com eles.

3. A recomendação e o conselho dados a eles por Cristo: "*Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te*". (1) Os que perderam o seu primeiro amor precisam *lembrar de onde caíram*; precisam comparar seu estado presente com o anterior, e considerar o quanto era melhor então do que é agora, quanta paz, força, pureza e prazer perderam ao abandonarem o seu primeiro amor – quanto maior era o conforto para deitar e dormir de noite; quanto maior era a alegria de acordar de manhã; quanto mais fácil era suportar as aflições; e quanto mais prazeroso era desfrutar dos favores da Providência; quanto mais suportáveis eram os pensamentos de morte e quanto mais fortes os seus desejos e esperanças pelo céu. (2) Eles precisam se arrepender. Precisam estar interiormente aflitos e envergonhados por seu declínio pecaminoso; precisam se culpar a si mesmos, sentirem-se envergonhados por isso e confessarem isso humildemente diante de Deus, além de julgarem-se e condenarem-se a si mesmos por isso. (3) Precisam voltar a praticar as primeiras obras. Precisam, por assim dizer, começar de novo, voltar passo a passo, até chegarem ao lugar em que deram o primeiro passo em falso; precisam se empenhar no sentido de recuperarem o seu primeiro zelo, a primeira ternura e seriedade, e precisam orar tão intensamente e vigiar tão diligentemente quanto faziam quando começaram a trilhar os caminhos de Deus.

4. Esse bom conselho é reforçado e incentivado: (1) Por uma severa ameaça, se for negligenciado: "*...brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal*". Se a presença da graça e do Espírito de Cristo for menosprezada, podemos esperar a presença do seu descontentamento. Ele vai vir em forma de juízo, e isso de maneira repentina e surpreendente, sobre igrejas e pecadores impenitentes; Ele vai excomungá-los e tomar deles o seu evangelho, seus ministros e suas ordenanças, e o que as igrejas ou os anjos das igrejas farão quando o evangelho for removido? (2) Por uma menção encorajadora que é feita acerca do que ainda é bom entre eles: "*Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço*" (v. 6). "Embora tenhas esfriado no amor por aquilo que é bom, ainda reténs o ódio ao que é mau, especialmente ao que é grosseiramente assim". Os nicolaítas eram uma seita independente que se abrigava sob o nome do cristianismo. Eles defendiam doutrinas odiosas, odiosas a Cristo e a todos os verdadeiros cristãos; e é mencionado em louvor à igreja de Éfeso o fato de que eles tinham repugnância e zelo justificados contra essas perversas doutrinas e práticas. Uma indiferença de distinção entre a verdade e o erro, o bem e o mal, pode ser chamada de *caridade* e de *humildade*, mas não é agradável a Cristo. O nosso Salvador acrescenta esse elogio bondoso à sua severa ameaça para tornar o conselho mais eficaz.

III Temos a conclusão da carta, na qual temos:
1. Uma chamada de atenção: "*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*". Observe: (1) O que está escrito nas Escrituras é falado pelo Espírito de Deus. (2) O que é dito a uma igreja diz respeito a todas em todos os lugares e épocas. (3) Nunca podemos empregar melhor a nossa habilidade de ouvir do que quando obedecemos à palavra de Deus; e merecemos perdê-la se não a empregarmos para esse propósito. Os que agora não ouvem o chamado de Deus no final das contas vão desejar nunca ter tido a capacidade de ouvir qualquer coisa.

2. Uma promessa de grande misericórdia para os que vencerem. A vida cristã é uma batalha contra o pecado, Satanás, o mundo e a carne. Não é suficiente que nos engajemos nessa batalha, mas precisamos continuar nela até o fim; não podemos nunca ceder aos inimigos espirituais, mas precisamos combater o bom combate, até alcançarmos a vitória, como devem fazer todos os cristãos perseverantes; e a batalha e a vitória terão um triunfo e uma recompensa gloriosos. O que é prometido aqui aos que vencerem é que comerão "*...da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus*". Eles terão aquela perfeição de santidade, e a confirmação nela que Adão teria tido se tivesse persistido no curso da sua provação: ele teria então comido da árvore da vida que está no meio do paraíso, e esse teria sido o sacramento da confirmação para ele no seu estado santo e bem-aventurado; assim, todos os que perseveram na sua aflição e batalha cristã obtêm de Cristo, como a árvore da vida, a perfeição e a confirmação na santidade e na felicidade do paraíso de Deus; não no paraíso terreno, mas no celestial (cap. 22.1,2).

A Igreja em Esmirna
vv. 8-11

Avançamos agora para a segunda carta enviada a outra das igrejas da Ásia, em que, como antes, observamos:

I O prefácio ou inscrição em duas partes. 1. O sobrescrito, contando-nos a quem foi mais direta e energicamente dirigida: "*...ao anjo da igreja que está em Esmirna*", um lugar bem conhecido naquela época pelos mercadores, uma cidade de muito comércio e grande opulência, talvez a única das sete cidades que ainda é conhecida pelo mesmo nome, mas já não é conhecida pela igreja cristã que foi devastada pelo maometismo. 2. O sobrescrito, contendo mais um dos títulos gloriosos do nosso Senhor Jesus, "*...o Primeiro e o Último, que foi morto, e reviveu*", tomado do capítulo 1.17,18. (1) Jesus Cristo é o *Primeiro e o Último*. A nós é permitido um pequeno período neste mundo, mas o nosso Redentor é o primeiro e o último. Ele é o primeiro, pois por meio dele todas as coisas foram criadas, e Ele estava antes de todas as coisas com Deus e era Ele mesmo Deus. Ele é o último, pois todas as coisas foram feitas para Ele, e Ele será o Juiz de tudo. Esse certamente é o título de Deus, de eternidade a eternidade, e é o título de um que é o Mediador imutável entre Deus e o homem, *Jesus, o mesmo ontem, hoje e para sempre*. Ele foi o primeiro, por-

que por Ele foi posto o fundamento da igreja no estado patriarcal; e Ele é o último, porque por meio dele será trazida a pedra final e será colocada no final dos tempos. (2) Ele *foi morto, e reviveu*. Ele foi morto, e morreu por nossos pecados; Ele está vivo, e ressuscitou para a nossa justificação, e Ele vive para sempre para fazer intercessão por nós. Ele foi morto, e ao morrer obteve a salvação por nós; Ele está vivo, e por meio da sua vida aplica essa salvação a nós. "*Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais seremos salvos pela sua vida*". Relembramos a sua morte a cada Ceia do Senhor; sua ressurreição e vida, a cada domingo.

II O tópico da sua carta a Esmirna, em que após a declaração comum da onisciência de Cristo e do perfeito conhecimento que ele tem de todas as obras dos homem e especialmente das suas igrejas, Ele observa:

1. O progresso que eles tinham feito na sua condição espiritual. Isso é inserido num breve interlúdio; mas é muito enfático: "*mas tu és rico*" (v. 9), pobre em coisas temporais, mas rico em coisas espirituais – pobre em espírito, mas rico em graça. As suas riquezas espirituais são realçadas pela pobreza exterior. Muitos que são ricos em coisas temporais são pobres em coisas espirituais. Foi assim com a igreja de Laodicéia. Alguns que são pobres exteriormente são ricos interiormente, ricos em fé e em boas obras, ricos em privilégios, ricos em vínculos e atos de generosidade, ricos em esperança, ricos em restituição. Riquezas espirituais comumente são a recompensa por grande diligência; "*...a mão dos diligentes vem a enriquecer-se*". Onde há abundância espiritual, a pobreza exterior pode ser mais facilmente suportada; e quando o povo de Deus está empobrecido em coisas temporais, pela causa de Cristo e de uma boa consciência, Ele lhes recompensa isso com riquezas espirituais, que são bem mais satisfatórias e duradouras.

2. Os seus sofrimentos: "*Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza*" – a perseguição pela qual estavam passando, até o saque dos seus bens. Os que querem ser fiéis a Cristo precisam esperar passar por muitas tribulações; mas Jesus Cristo toma nota especial de todas as suas dificuldades. Em todas as aflições deles, Ele está aflito; e Ele vai recompensar a tribulação de todos os que os atribularem, mas os que são atribulados vão descansar com Ele.

3. Ele conhece a maldade e a falsidade dos seus inimigos: Eu sei "*...a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são*"; isto é, dos que se fazem passar por único povo da aliança de Deus, como os judeus afirmavam ser e disso se jactavam, mesmo depois de Deus os ter rejeitado; ou dos que estavam querendo estabelecer os rituais e cerimônias judaicos, que agora não eram somente ultrapassados, mas cancelados; estes podem dizer que somente eles são a igreja de Deus no mundo, mas na verdade "*...são a sinagoga de Satanás*". Observe: (1) Assim como Cristo tem uma igreja no mundo, o Israel espiritual de Deus, assim o Diabo tem a sua sinagoga. As assembléias que são estabelecidas em oposição às verdades do evangelho, e que promovem e propagam erros condenáveis; as que são estabelecidas em oposição à pureza e espiritualidade da adoração do evangelho, e que promovem e propagam as vãs invenções dos homens e rituais e cerimônias que nunca entraram nos pensamentos de Deus; e as que são estabelecidas para insultar e perseguir a verdadeira adoração e os verdadeiros adoradores de Deus; essas são todas sinagogas de Satanás: ele as governa, ele age nelas, seus interesses são servidos por elas, e ele recebe uma horrenda reverência delas. (2) O fato de a sinagoga de Satanás se fazer passar pela igreja e pelo Israel de Deus não é nada menos do que blasfêmia. Deus é grandemente desonrado quando seu nome é usado para promover e patrocinar os interesses de Satanás; e Ele tem grande indignação por essa blasfêmia, e vai exercer justa vingança contra os que persistirem nela.

4. Ele conhece de antemão as aflições futuras do seu povo, e os adverte acerca dessas aflições, e os acautela contra elas. (1) Ele os adverte de aflições futuras: "*Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão,* [...] *e tereis uma tribulação*" (v. 10). O povo de Deus precisa esperar uma série e sucessão de aflições neste mundo, e suas dificuldades geralmente se tornam mais intensas. Eles tinham sido empobrecidos por suas tribulações anteriormente; agora precisam ser aprisionados. Observe: É o diabo que incita as suas ferramentas, homens ímpios, a perseguir o povo de Deus; tiranos e perseguidores são ferramentas do diabo, embora satisfaçam a sua própria malignidade e não saibam que são incitados pela maldade diabólica. (2) Ele os acautela contra essas dificuldades que estão por vir: [1] Por meio do seu conselho: "*Nada temas das coisas que hás de padecer*". Isso não é somente uma palavra de ordem, mas de eficácia, não só de proibição de temor subserviente, mas de submissão da alma que a provê com força e coragem. [2] Ao mostrar-lhes como os seus sofrimentos serão aliviados e limitados. Em primeiro lugar, não seriam universais. Alguns deles, e não todos, serão lançados na prisão, os que forem mais capacitados para suportá-la e que podem esperar ser visitados pelos outros. Em segundo lugar, não seriam perpétuos, mas por um tempo determinado e breve: *dez dias*. Não seria a tribulação eterna, *mas por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias*. Em terceiro lugar, seria para prová-los, não para destruí-los, para que sua fé, e paciência, e coragem, fossem provadas e aumentadas, e servissem para honrar e glorificar a Deus. [3] Ao propor e prometer uma recompensa gloriosa pela sua fidelidade: "*Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida*". Observe, em primeiro lugar, a certeza da recompensa: *Dar-te-ei*. Disse isso aquele que é capaz de fazê-lo; e Ele se propôs a fazê-lo. Eles terão a recompensa da própria mão dele, e nenhum dos seus inimigos será capaz de arrancá-la da mão dele, ou tirá-la da cabeça deles. Em segundo lugar, a propriedade dela. 1. Uma *coroa*, para recompensar a pobreza deles, sua fidelidade e seu conflito. 2. Uma *coroa da vida*, para recompensar os que são fiéis até a morte, que são fiéis até morrerem, e que se separam da própria vida por fidelidade a Cristo. A vida que é assim gasta no serviço dele, ou entregue a favor da causa dele, será recompensada com outra vida melhor que será eterna.

III A conclusão da mensagem, e isso, como anteriormente, é feito: 1. Com um chamado à atenção universal, que todos os homens, todo o mundo, devem ou-

vir o que se passa entre Cristo e suas igrejas – como Ele as elogia, como Ele as conforta, como Ele censura suas falhas, como Ele recompensa sua fidelidade. Observar a forma com que Deus trata o seu povo diz respeito a todos os habitantes do mundo; todo o mundo pode aprender instrução e sabedoria por meio disso. 2. Com a generosa promessa da igreja cristã vencedora: "*O que vencer não receberá o dano da segunda morte*" (v. 11). Observe: (1) Haverá não somente a primeira, mas também a segunda morte, a morte depois de o corpo morrer. (2) Essa segunda morte é indescritivelmente pior do que a primeira morte, tanto nas dores e agonias dela (que são as agonias da alma, sem alívio de apoio) quanto em duração; ela é *morte eterna*, é morrer a morte que é morrer e estar sempre morrendo. Isso é penoso, de fato, para que todos os que nela caem. (3) Dessa morte penosa, destrutiva, Cristo vai salvar todos os fiéis servos; a segunda morte não terá poder sobre os *que têm parte na primeira ressurreição*; a primeira morte não vai feri-los, e a segunda morte não terá poder sobre eles.

A Igreja em Pérgamo

vv. 12-17

Aqui também devemos considerar:

I O sobrescrito dessa mensagem. 1. A quem foi enviada: "...*ao anjo da igreja que está em Pérgamo*". Se essa era uma cidade reconstruída das ruínas de Tróia, ou uma *nova* Tróia (como Londres foi certa vez chamada), ou alguma outra cidade com o mesmo nome, não é certo nem concreto; era um lugar onde Cristo tinha chamado e constituído uma igreja do evangelho por meio da pregação do evangelho, e por meio da graça com o seu Espírito tornou a sua palavra eficaz. 2. Quem foi que enviou essa mensagem a Pérgamo: o mesmo Jesus que aqui se autodenomina como o que "...*tem a espada aguda de dois fios*" (cap. 1.16), "...*de cuja boca saía uma aguda espada de dois fios*". Alguns têm observado que nos diversos títulos que foram prefixados às diversas cartas há algo adequado ao estado dessas igrejas; como no caso de Éfeso, o que poderia ser mais apropriado para despertar e recuperar uma igreja sonolenta e declinante do que ouvir Cristo falando como um que "...*tem na destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro*"? A igreja em Pérgamo estava infestada de homens de mente corrompida, que faziam o que podiam para corromper tanto a fé como os costumes da igreja; e Cristo, estando determinado a lutar contra eles pela espada da sua palavra, assume o título daquele que tem *a aguda espada de dois fios*. (1) A palavra de Deus é uma espada; é uma arma tanto defensiva quanto ofensiva, isto é, na mão de Deus, capaz de destruir tanto o pecado quanto o pecador. (2) É uma *espada afiada*. Nenhum coração é tão duro que não possa ser ferido por ela, nenhum nó está amarrado tão firmemente que ela não possa cortar; consegue separar alma e espírito, isto é, a alma daqueles hábitos pecaminosos que por costume se tornaram mais uma alma, ou parecem essenciais a ela. (3) É uma *espada de dois fios*; ela se volta e corta nos dois sentidos. Existe o *fio* da lei contra os transgressores dessa dispensação, e o *fio* do evangelho contra os desdenhadores dessa dispensação; há um fio que faz uma ferida e há um fio que abre uma ferida de pústula para a sua cura. Não há como escapar do fio dessa espada: se você se volta para a direita, ela tem um fio desse lado; se você se volta para a esquerda, você cai sobre o fio da espada desse lado; ela se volta para todos os lados.

II Do sobrescrito procedemos para o conteúdo da carta, em que o método é bastante semelhante ao observado no restante. Aqui:

1. Cristo observa as aflições e dificuldades que essa igreja enfrenta: "*Eu sei as tuas obras, e onde habitas...*" (v. 13). As obras dos servos de Deus são mais bem conhecidas quando as circunstâncias em que eles as fizeram são devidamente consideradas. Agora, o que acrescentava muito brilho às boas obras dessa igreja eram as circunstâncias do lugar em que essa igreja estava plantada, um lugar onde "...*está o trono de Satanás*". Assim como o nosso Senhor toma nota de todas as vantagens e oportunidades que temos para o serviço nos lugares em que vivemos, assim Ele toma nota de todas as tentações e desencorajamentos que nos vêm de encontro dos lugares em que vivemos, e faz generosas compensações por eles. Esse povo morava onde estava o trono de Satanás, onde ele tinha o seu tribunal. O seu percurso é o mundo inteiro, o seu trono está em alguns lugares conhecidos pela maldade, pelo erro e pela crueldade. Alguns pensam que o governador romano nessa cidade era o inimigo mais violento dos cristãos; e o trono da perseguição é o trono de Satanás.

2. Ele elogia a firmeza deles: "...*reténs o meu nome, e não negaste a minha fé*". Essas duas expressões são muito semelhantes no seu sentido; a primeira pode, no entanto, significar o efeito, e a segunda, a causa ou o meio. (1) "*Tu reténs o meu nome*; tu não te envergonhas do teu relacionamento comigo, mas consideras uma honra o meu nome estar acrescentado ao teu, que, assim como a mulher carrega o nome do marido, assim tu és chamado pelo meu nome; isso reténs firmemente, como tua honra e privilégio". (2) "O que te tornou fiel assim é a graça da fé: *tu não negaste* as grandes doutrinas do evangelho, nem te desviaste da fé cristã, e por meio disso tu foste conservado fiel". Nossa fé terá grande influência sobre a nossa fidelidade. Homens que negam a fé em Cristo podem se jactar muito de sua sinceridade, e de sua fidelidade a Deus e da consciência; mas poucas vezes se ouviu que os que abandonaram a verdadeira fé retiveram a sua fidelidade; geralmente na rocha em que os homens fizeram naufragar a sua fé fazem naufragar também a sua boa consciência. E aqui o nosso bendito Senhor enaltece a fidelidade da sua igreja em contraste com as circunstâncias dos tempos, como também do lugar em que eles viviam: eles tinham sido fiéis mesmo "...*nos dias em que Antipas, minha fiel testemunha, foi morto entre vós*". Não temos certeza de quem era essa pessoa, e se havia algo misterioso no seu nome. Ele era um fiel discípulo de Cristo, ele sofreu o martírio por causa disso, e selou a sua fé e fidelidade com o sangue no lugar em que Satanás habitava; e embora os outros crentes ali soubessem disso, e o tivessem visto, ainda assim não foram desencorajados nem

afastados da sua firmeza; isso é mencionado como um ponto a mais em sua honra.

3. Ele os reprova por suas falhas pecaminosas (v. 14): "*Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão* [...] *e tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que eu aborreço*". Havia alguns que ensinavam que era legítimo comer coisas sacrificadas aos ídolos, e que a fornicação simples não era pecado; eles, por meio de uma adoração impura, atraíam os homens para práticas impuras, como Balaão fez com os israelitas. Observe: (1) A imundície do espírito e a imundície da carne com freqüência andam juntas. Doutrinas corrompidas e a adoração corrompida com freqüência levam à conversa corrompida. (2) É bem legítimo associar o nome dos líderes de uma heresia aos que os seguem. É a forma mais rápida de identificá-los. (3) Continuar em comunhão com pessoas de princípios e práticas corrompidos é desagradável a Deus, atrai culpa e vergonha sobre toda a sociedade: eles se tornam *participantes dos seus pecados*. Embora a igreja, como tal, não tem poder para punir a pessoa dos homens, seja por heresia ou por imoralidade, com castigos corpóreos, ainda assim tem poder para excluí-los da sua comunhão; e, se não o fizer, Cristo, o cabeça e legislador da igreja, vai estar descontente com isso.

4. Ele os chama ao arrependimento: "*Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a ti...*" (v. 16). Observe aqui: (1) O arrependimento é o dever tanto dos santos quanto dos pecadores; é o dever do evangelho. (2) É o dever das igrejas e das comunidades como também de pessoas em particular; os que pecam juntos devem se arrepender juntos. (3) É o dever de sociedades cristãs arrepender-se dos pecados de outros homens, embora só os tenham cometido por conivência. (4) Quando Deus vem para castigar os membros corruptos de uma igreja, Ele censura a própria igreja por ter permitido que esses continuassem na sua comunhão, e alguns pingos da tempestade caem sobre toda a sociedade. (5) Nenhuma espada corta tão fundo, nem inflige uma ferida tão mortal quanto a espada da boca de Cristo. Que as ameaças da palavra sejam fixadas na consciência de um pecador, e ele logo será um pavor para si mesmo; que essas ameaças sejam executadas, e o pecador será totalmente eliminado. A palavra de Deus vai tomar o controle dos pecadores, mais cedo ou mais tarde, seja para sua convicção ou para sua confusão.

III Temos a conclusão dessa carta em que, depois da exigência geral de atenção, há a promessa de grande favor para os que vencerem. Eles vão "*...comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe*" (v. 17). 1. É o maná escondido, as influências e confortos do Espírito de Cristo em comunhão com Ele, descendo do céu para dentro da alma, de tempos em tempos, para o seu sustento, para deixar que experimentem algo do que os santos e os anjos vivem no céu. Isso está escondido do restante do mundo – *o estranho não se intrometerá com* essa alegria; e ele está guardado em Cristo, a arca da aliança, no Santo dos Santos. 2. A pedra branca, com um novo nome escrito nela. Essa pedra branca é a absolvição da culpa do pecado, aludindo ao costume antigo de se dar uma pedra branca aos que eram absolvidos no tribunal e uma pedra preta aos condenados. O novo nome é o nome de adoção; pessoas adotadas tomaram o nome da família em que foram adotadas. Ninguém pode compreender a evidência da adoção de um homem a não ser ele mesmo; ele não pode compreendê-la sempre, mas se ele perseverar terá a evidência tanto do ser filho quanto da herança.

A Igreja em Tiatira

vv. 18-29

A forma de cada carta em cada caso é basicamente a mesma; e nessa, como nas outras, temos de considerar o sobrescrito, o conteúdo e a conclusão. Temos então:

I O sobrescrito, contando-nos: 1. A quem é dirigida: "*...ao anjo da igreja de Tiatira*", uma cidade da Ásia proconsular, fazendo divisa com a Mísia ao norte e a Lídia ao sul, uma cidade de comércio de onde veio a mulher chamada Lídia, "*vendedora de púrpura*", que, estando em Filipos, na Macedônia, provavelmente em virtude de seu ofício, "*ouviu Paulo pregar ali*", e "*o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia, e creu e foi batizada*", e recebeu Paulo e Silas ali. Não sabemos se foi por meio dela que o evangelho foi levado para a sua própria cidade, Tiatira; mas essa carta nos garante que estava lá, e foi bem-sucedido ao ponto de formar uma igreja do evangelho. 2. Por quem foi enviada: pelo *Filho de Deus*, que aqui é descrito como tendo "*olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente*". O seu título geral é *Filho de Deus*, isto é, o eterno e unigênito Filho de Deus, o que denota que ele tem a mesma natureza do Pai, mas com uma maneira distinta e subordinada de subsistência. A descrição que temos dele aqui está em dois aspectos: (1) Que os seus olhos são como chamas de fogo, significando o seu conhecimento agudo, penetrante e perfeito, a percepção profunda de todas as pessoas e coisas, "*...aquele que sonda as mentes e os corações*" (v. 23), e vai fazer com que todas as igrejas saibam que Ele o faz. (2) Que os seus pés são como latão reluzente, que as emanações da sua providência são constantes, tremendas e totalmente puras e santas. Assim como Ele julga com sabedoria perfeita, assim Ele age com força e firmeza perfeitas.

II O conteúdo do tópico da sua carta, que, como nas restantes, incluem:

1. A natureza honrada e o elogio que Cristo faz a essa igreja, ministério e povo; e isso foi feito por alguém que não era desconhecido deles, mas bem familiarizado com eles e com os princípios segundo os quais eles procediam. Agora nessa igreja Cristo faz menção honrosa: (1) Da sua *caridade*, seja a mais geral de fazer o bem a todos os homens, seja a mais específica, de fazer bem à casa da fé; não há religião sem caridade. (2) Do seu *serviço*, o seu ministério; isso diz respeito principalmente aos obreiros da igreja, que tinham trabalhado na palavra e na doutrina. (3) Da sua *fé*, que era a graça que estimulava todo o resto, tanto sua caridade quanto seu serviço. (4) Da sua *paciên-*

cia; pois os que são os mais caridosos aos outros, os mais diligentes no seu lugar e os mais fiéis, precisam esperar deparar com o que vai exercer a sua paciência. (5) Da sua frutificação crescente: suas últimas obras são melhores do que as primeiras. Isso é um aspecto excelente; enquanto outros tinham *deixado o seu primeiro amor*, e *perdido o seu primeiro zelo*, estes estavam se tornando mais sábios e melhores. Deveria ser a ambição e o sincero desejo de todos os cristãos que as suas últimas obras fossem as melhores, que fossem melhores a cada dia, e as melhores no final.

2. Uma censura conscienciosa do que estava faltando. Isso não é dirigido tanto contra a igreja como um todo, mas contra alguns sedutores perversos que estavam entre eles; a falha da igreja era que era muito conivente com eles.

(1) Esses perversos sedutores são comparados a Jezabel, e chamados pelo seu nome. Jezabel foi uma perseguidora dos profetas do Senhor, e uma grande patrocinadora dos idólatras e falsos profetas. O pecado desses sedutores era que eles tentavam desviar os servos de Deus para a fornicação, e a sacrificarem aos ídolos; eles se autodenominavam profetas, e assim reivindicavam autoridade e consideração superiores pelos ministros da igreja. Duas coisas agravaram os pecados desses sedutores, que, sendo eles um em seu espírito e propósito, são considerados uma pessoa: [1] Eles fizeram uso do nome de Deus para se opor à verdade da sua doutrina e adoração; isso de fato agravava bastante o seu pecado. [2] Eles abusavam da paciência de Deus para se endurecerem na sua maldade. Deus lhes deu oportunidade para o arrependimento, mas eles não se arrependeram. Observe que, em primeiro lugar, o arrependimento é necessário para impedir a ruína do pecador. Em segundo lugar, o arrependimento exige tempo, um curso de tempo, e um tempo conveniente; é uma grande obra, e uma obra de tempo. Em terceiro lugar, sempre que Deus dá espaço para o arrependimento, Ele espera que a isso correspondam os frutos do arrependimento. Em quarto lugar, sempre que a oportunidade para o arrependimento é desperdiçada, o pecador perece com dupla destruição.

(2) Agora por que a doença dessa mulher Jezabel deveria ser atribuída à igreja de Tiatira? Porque essa igreja tolerou que ela seduzisse o povo daquela cidade. Mas o que a igreja poderia ter feito? Como igreja, eles não tinham poder civil para banir ou aprisioná-la; mas eles tinham poder ministerial para excluí-la: e é provável que ao negligenciarem o uso do poder que possuíam haviam se tornado cúmplices do pecado dela.

3. O castigo dessa sedutora, dessa Jezabel (vv. 22,23), no qual está embutida a predição da queda da Babilônia. (1) "*Eis que a porei numa cama*", numa cama de dor, não de prazer, numa cama de chamas; e os que pecaram com ela sofrerão com ela; mas isso ainda pode ser impedido por seu arrependimento. (2) "*E ferirei de morte a seus filhos*"; isto é, com a segunda morte, que faz o serviço de forma eficaz, e não deixa esperança para a vida futura, não há ressurreição para os que são mortos pela segunda morte, mas somente para a vergonha e o desprezo eterno.

4. O propósito de Cristo na destruição desses perversos sedutores, e isso foi a instrução dos outros, especialmente de suas igrejas: "*...e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras*". Deus é conhecido *pelo juízo que fez*; e, por meio da vingança executada contra os sedutores, Ele tornaria conhecidos: (1) Seu conhecimento infalível do coração dos homens, de seus princípios, desígnios, disposição e temperamento, de sua formalidade, sua indiferença, suas inclinações secretas para simbolizar com os idólatras. (2) Sua justiça imparcial, ao dar a cada um *segundo as suas obras*, para que o nome de cristão não seja nenhuma proteção, e suas igrejas não sejam um santuário, para pecados e pecadores.

5. O encorajamento dado àqueles que se mantêm puros e não se mancham: "*Mas eu digo a vós e aos restantes...*" (v. 24). Observe: (1) O que esses sedutores chamavam de suas doutrinas – *profundezas*, profundos mistérios, entretendo as pessoas, e se esforçando em convencê-las de que eles tinham uma percepção mais profunda da religião do que seus próprios ministros haviam obtido. (2) O que Cristo os chamou – "*...profundezas de Satanás*", desilusões e ardis satânicos, mistérios diabólicos; pois há o *mistério da injustiça*, como também o *grande mistério da piedade*. É coisa perigosa desprezar o mistério de Deus, e tão perigoso receber os mistérios de Satanás. (3) Como Cristo é afável para com os seus servos fiéis: "*Outra carga vos não porei. Mas o que tendes, retende-o até que eu venha* (vv. 24,25). Eu não vou sobrecarregar vossa fé com mistérios novos, nem vossa consciência com leis novas. Somente chamo a vossa atenção para o que já recebestes. *Retende-o até que eu venha*, e não espero nada mais". Cristo está vindo para pôr um fim em todas as tentações do seu povo; e, se eles se apegarem firmemente à fé e à boa consciência até que Ele venha, todas as dificuldades e o perigo passarão.

III Chegamos agora à conclusão dessa mensagem (vv. 26-29). Aqui temos: 1. A promessa de uma ampla recompensa aos crentes perseverantes e vitoriosos, em duas partes: (1) Grande poder e domínio sobre o resto do mundo: "*...poder sobre as nações*", o que pode ser uma referência ou ao tempo em que o império se tornaria cristão, e o mundo estaria sob o governo de um imperador cristão, como no tempo de Constantino; ou ao outro mundo, quando os crentes sentarão com Cristo no seu trono de julgamento, e se unirão a Ele ao julgar, condenar e entregar ao castigo os inimigos de Cristo e sua igreja: *Os retos terão domínio sobre eles na manhã*. (2) Conhecimento e sabedoria adequados a esse domínio: "*...dar-lhe-ei a estrela da manhã*". Cristo é a estrela da manhã. Ele traz consigo o dia para dentro da alma, a luz da graça e da glória; e Ele dará ao seu povo a perfeição de luz e sabedoria que é necessária para o estado de dignidade e domínio que eles terão na manhã da ressurreição. 2. Essa carta conclui com a chamada comum de atenção: "*Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas*". Nas cartas anteriores, esse pedido de atenção vem antes da promessa final; mas nesta, e em todas que seguem, vem depois, e nos diz que todos nós deveríamos dar atenção às promessas como também aos preceitos que Cristo recomenda às igrejas.

CAPÍTULO 3

Temos aqui mais três cartas de Cristo às igrejas: I. A Sardes (vv. 1-6); II. A Filadélfia (vv. 7-13); III. A Laodicéia (vv. 14-22).

A Igreja em Sardes

vv. 1-6

Aqui temos:

I O prefácio, mostrando: 1. A quem a carta foi dirigida: "*...ao anjo que está em Sardes*", uma antiga cidade da Lídia, no pé do monte Tmolus, que foi considerada a principal cidade da Ásia Menor, e a primeira nessa parte do mundo que foi convertida pela pregação de João; e, dizem alguns, a primeira que se revoltou contra o cristianismo, e uma das primeiras que foi colocada em ruínas, nas quais ainda está, sem igreja ou ministério algum. 2. Por quem essa mensagem foi enviada: o Senhor Jesus, que aqui assume o caráter daquele "*...que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas*", tomado do capítulo 1.4 , em que se diz que "*...os sete Espíritos estão diante do seu trono*". (1) Ele tem os sete Espíritos, isto é, o Espírito Santo com sua diversidade de poderes, graças e operações; pois Ele é pessoalmente um, embora eficazmente vários, e aqui se pode dizer que é sete, que é o número das igrejas, e dos anjos das igrejas, para mostrar que para cada ministro, e para cada igreja, há uma dispensação e medida do Espírito dados para eles para que disso se beneficiem – um depósito de influência espiritual para que aquele ministro e igreja façam progresso, tanto para aumento quanto para continuação, cuja medida não é ordinariamente tirada deles até que o percam por uso inadequado. Igrejas têm o seu estoque e fundos, assim como crentes individuais; e, por ser essa carta enviada a um ministério e uma igreja que está definhando, eles são convenientemente lembrados de que Cristo tem os sete espíritos, o Espírito sem medida e que é perfeito, a quem podem recorrer para reviver a sua obra entre eles. (2) Ele tem as sete estrelas, os anjos das igrejas; eles são estabelecidos por Ele, e prestam contas a Ele, o que os deve tornar fiéis e zelosos. Ele tem ministros a empregar, e influências espirituais para transmitir aos seus ministros para o bem da sua igreja. O Espírito Santo comumente age por meio do ministério, e o ministério não terá eficácia alguma sem o Espírito; a mesma mão divina segura a ambos.

II O corpo dessa carta. Nela podemos observar que, ao passo que nas outras cartas Cristo começa com o elogio do que é bom nas igrejas, e depois prossegue para lhes dizer o que está faltando, aqui (e na carta a Laodicéia) Ele começa:

1. Com uma repreensão, e uma repreensão muita séria: "*Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto*". A hipocrisia, e um declínio lamentável na religião, são os pecados de que essa igreja é acusada, por alguém que a conhecia bem, como também conhecia todas as suas obras. (1) Essa igreja tinha obtido uma grande reputação; tinha um nome, e um nome muito honroso, como igreja florescente, um nome de religião viva, de pureza de doutrina, de unidade entre os membros, de uniformidade na adoração, decência e ordem. Não lemos de nenhuma divisão infeliz entre eles. Tudo parecia bem, ao menos no que concerne à observação dos homens. (2) Essa igreja na verdade não era o que aparentava na sua reputação. Tinham o nome de que estavam vivos, mas estavam mortos; havia uma forma de piedade, mas não o poder, um nome para viver, mas não o princípio da vida. Se não havia uma privação total de vida, mesmo assim havia um grande entorpecimento na sua alma e nos seus cultos, um grande entorpecimento do espírito dos seus ministros, e um grande entorpecimento nas suas ministrações, nas suas orações, nas suas pregações, nas suas conversas, e um grande entorpecimento no povo para ouvir, em oração, e em conversas; o pouco que ainda havia de vida entre eles estava, por assim dizer, expirando, prestes a morrer.

2. O nosso Senhor prossegue em dar a essa igreja em degeneração o melhor dos conselhos: "*Sê vigilante e confirma o restante...*" (v. 2). (1) Ele os aconselha a redobrarem a guarda. A causa de seu entorpecimento pecaminoso e de seu declínio era que tinham baixado a guarda. Sempre que baixamos a guarda, perdemos terreno, e por isso precisamos voltar novamente à vigilância contra o pecado, e Satanás, e contra tudo que é destrutivo para a vida e o poder da piedade. (2) Ele os aconselha a fortalecer as coisas que restaram, e que estão prestes a morrer. Alguns entendem isso como uma referência a pessoas; há alguns que haviam mantido a sua integridade, mas estavam em perigo de entrar em declínio com os outros. É difícil manter-nos à altura da vida e do poder da piedade quando vemos um entorpecimento e um declínio gerais prevalecendo à nossa volta. Ou pode ser entendido acerca de práticas, como as seguintes: "*...não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus*", não estão à altura; há algo que falta nelas; há a casca mas não o cerne; há o esqueleto, mas não a alma – a sombra, mas não a substância. Está faltando a coisa interior, suas obras são ocas e vazias; as orações não estão repletas de desejos santos, as esmolas e boas ações não estão repletas de verdadeira caridade; os *sábados* não estão repletos de devoção adequada da alma a Deus; não há afeições interiores correspondentes a atos e expressões exteriores. Agora, quando falta algo ao espírito, a forma não pode subsistir por muito tempo. (3) Ele os aconselha a ponderar e a lembrar "*...do que tens recebido e ouvido*" (v. 3); não somente a lembrar o que ouviram e receberam, que mensagens tinham recebido de Deus, que sinais da sua misericórdia e favor para com eles, que sermões tinham ouvido, mas como eles tinham recebido e ouvido, que impressões as misericórdias de Deus haviam causado sobre a sua alma no começo, que afeições eles sentiram agindo sob a palavra e as ordenanças, o amor dos seus casamentos, a bondade da sua mocidade, o quanto o evangelho e a graça de Deus tinham sido bem-vindos para eles quando os receberam no início. *Qual é a bem-aventurança* de que falavam então? (4) Ele os aconselha a guardar firmemente o que receberam, para que não percam tudo, e a *se arrependerem* sinceramente porque tinham perdido tanto da vida da religião, e tinham corrido o risco de perder tudo.

3. Cristo reforça o seu conselho com uma ameaça terrível no caso de ser desprezado: "*...virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei*" (v. 3). Observe: (1) Quando Cristo abandona uma pessoa no que diz respeito à sua presença graciosa, Ele vem a essa pessoa em juízo; e sua presença judicial vai ser terrível para os que pecaram e assim desperdiçaram a sua presença benevolente. (2) O tratamento judicial que vai dar ao seu povo decadente vai ser surpreendente; o seu entorpecimento vai mantê-los em segurança, e, a obtenção de uma visita irada de Cristo a eles vai impedir o reconhecimento dessa visita e o preparo para ela. (3) Uma visita de Cristo desse tipo vai ser para o prejuízo deles; Ele virá como um ladrão, para privá-los do que restou das suas alegrias e misericórdias, não por impostura, mas com justiça e eqüidade, tomando para si tudo que eles desprezaram.

4. O nosso bendito Senhor não deixa de dar a esse povo algum conforto e encorajamento: "*No meio do juízo ele lembra da misericórdia*" (v. 4), e aqui: (1) Ele faz menção honrosa do remanescente fiel de Sardes, mesmo que pequeno: "*...tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram suas vestes*"; elas não tinham feito concessões à corrupção e à dissolução prevalentes nos dias e no lugar em que viviam. Deus nota, mesmo que seja um número pequeno, os que permanecem nele; e quanto menor em número, mais preciosos são aos olhos dele. (2) Ele lhes faz uma promessa muito generosa: "*...comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso*" – com vestes, as roupas brancas da justificação, e adoção e conforto, ou as roupas brancas da honra e da glória no outro mundo. Eles andarão com Cristo nos agradáveis caminhos do paraíso celestial; e que conversa agradável vai haver entre Cristo e eles quando estiverem assim caminhando juntos! Essa é uma honra adequada e apropriada à sua integridade, para a qual a sua fidelidade os preparou, e que de forma nenhuma é inconveniente que Cristo lhes confira, embora não seja uma dignidade legal, mas uma dignidade do evangelho que lhes é atribuída; não mérito, mas apropriabilidade. Mas os que andam com Cristo nas vestes puras da santidade real e prática aqui e se mantêm imaculados pelo mundo andarão com Cristo em vestes brancas de honra e glória no outro mundo; essa é uma recompensa adequada.

III Chegamos agora à conclusão da carta, na qual, como antes, temos:

1. Uma grande recompensa prometida ao cristão vencedor (v. 5), e é em grande parte semelhante à que já foi mencionada: "*O que vencer será vestido de vestes brancas*". A pureza da graça será recompensada com a pureza perfeita da glória. A santidade, quando aperfeiçoada, será a sua própria recompensa; a glória é o aperfeiçoamento da graça, diferente não em espécie, mas em grau. Agora, a isso é acrescentada mais uma promessa muito apropriada ao caso: "*...de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos*". Observe: (1) Cristo tem o seu livro da vida, um registro de todos os que herdarão a vida eterna. [1] O livro da eleição eterna. [2] O livro da memória de todos os que viveram para Deus, e conservaram a vida e o vigor da piedade em tempos maus. (2) Cristo não vai apagar os nomes dos fiéis desse livro da vida; os homens podem até estar alistados nos registros da igreja, como batizados, como os que fizeram uma profissão, como tendo um nome pelo qual viver, e esse nome pode chegar a ser apagado da lista, quando aparentemente não era mais que um nome, um nome pelo qual viver, sem vida espiritual; esses com freqüência perdem também o nome antes de morrer, são tão abandonados por Deus a ponto de apagarem o seu próprio nome por sua maldade franca e grosseira. Mas os nomes dos que são vencedores nunca serão apagados. (3) Cristo vai produzir esse livro da vida, e confessar os nomes dos fiéis que se mantêm em pé aqui, diante de Deus, e todos os anjos; Ele vai fazer isso como seu anjo, quando os livros forem abertos; Ele vai fazer isso como seu comandante e cabeça, conduzindo-os com Ele em triunfo ao céu, apresentando-os ao Pai: "*Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor*". Como será grande essa honra e recompensa!

2. A exigência de atenção universal conclui a mensagem. Toda palavra de Deus merece atenção dos homens; aquilo que talvez pareça mais particularmente dirigido a um grupo de pessoas tem algo em si que é instrutivo a todos.

A Igreja em Filadélfia

vv. 7-13

Chegamos agora à sexta carta, enviada a uma das igrejas da Ásia, em que observamos:

I O sobrescrito, mostrando:

1. A quem foi diretamente dirigida: "*...ao anjo da igreja que está em Filadélfia*; essa também era uma cidade da Ásia Menor, localizada nas fronteiras da Mísia e da Lídia, e obtivera o seu nome desse amor fraternal pelo qual era proeminente. Dificilmente podemos supor que esse nome lhe foi dado depois de ter recebido a religião cristã, e que foi assim denominada em virtude da afeição cristã que todos os crentes têm, e deveriam ter, uns pelos outros, como filhos de um Pai e irmãos de Cristo; mas antes, devemos supor que esse era o seu nome antigo, por conta do amor e da bondade que os cidadãos tinham e demonstravam uns pelos outros como uma fraternidade civil. Esse era um espírito excelente, e, quando santificado pela graça do evangelho, tornou-os uma igreja excelente, como de fato eram, pois aqui não se acha nenhuma falta nessa igreja, e, mesmo assim, sem dúvida, havia faltas nela de enfermidades comuns; mas o amor cobre essas faltas.

2. Quem assinou essa carta; o mesmo Jesus que é somente Ele o cabeça universal de todas as igrejas; e veja aqui que título Ele escolhe para se apresentar para essa igreja: "*...o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi...*". Temos aqui a sua natureza pessoal: *O que é santo* e *o que é verdadeiro*, santo em sua natureza, e por isso não consegue ser outro do que verdadeiro à sua palavra, pois falou na sua santidade; e temos também sua natureza política: "*...o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre*"; Ele tem as chaves da casa de Davi, a chave do governo e da autori-

dade na igreja e sobre ela. Observe: (1) Os atos do seu governo. [1] Ele abre. Ele abre uma porta de oportunidade para suas igrejas; Ele abre uma porta de proclamação aos seus ministros; Ele abre uma porta de entrada, abre o coração; Ele abre uma porta de admissão à igreja visível, estabelecendo os termos da comunhão; e Ele abre a porta de admissão à igreja triunfante, de acordo com os termos da salvação estabelecidos por Ele. [2] Ele fecha a porta. Quando Ele quer, fecha a porta da oportunidade e a porta da proclamação, e deixa os pecadores obstinados na dureza do seu coração; Ele fecha a porta da comunhão da igreja para descrentes e pessoas profanas; e Ele fecha a porta do céu contra as virgens tolas que dormiram e desperdiçaram o seu dia da graça, e contra os obreiros da iniqüidade, por presunçosos e confiantes que fossem. (2) A forma e a maneira em que Ele realiza esses atos, e isso é absoluta soberania, independente da vontade dos homens, e diante da qual o poder dos homens é irresistível: "*...o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre*"; Ele opera o querer e o efetuar, e, quando Ele opera, ninguém pode impedi-lo. Essas eram qualidades apropriadas a Ele, quando estava falando a uma igreja que tinha se empenhado em se conformar a Cristo em santidade e verdade, e que tinha desfrutado de uma porta larga de liberdade e oportunidade sob o seu cuidado e governo.

II O tópico dessa carta, em que:

1. Cristo lhes traz à mente o que fez por eles: "*...eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar*" (v. 8). Eu a abri, e a mantive aberta, embora houvesse muitos adversários. Aprenda aqui: (1) Cristo deve ser reconhecido como o autor de toda a liberdade e oportunidades de que suas igrejas desfrutam. (2) Ele toma nota e mantém a memória de quanto tempo já preservou sua liberdade e seus privilégios espirituais para eles. (3) Homens ímpios têm inveja das portas de liberdade de que desfruta o povo de Deus, e teriam prazer em fechá-las. (4) Se nós não provocarmos Cristo a fechar essa porta contra nós, os homens não poderão fazê-lo.

2. Essa igreja é elogiada: "*...tendo pouca força, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome*" (v. 8). Nisso parece estar expressa uma suave censura: "*Tu tens pouca força*, uma pequena graça, que, embora não seja proporcional à larga porta de oportunidade que eu abri para ti, mesmo assim é verdadeira graça, que te manteve fiel". A verdadeira graça, mesmo fraca, tem a aprovação divina; mas, embora Cristo aceite a pequena força, os crentes não devem descansar e ficar satisfeitos com o pouco, mas devem se empenhar para crescerem na graça, para serem fortes na fé, dando glória a Deus. A verdadeira graça, mesmo fraca, vai realizar mais do que os maiores dons ou o mais elevado grau de graça comum, pois vai capacitar o cristão a guardar a palavra de Cristo e a não negar o seu nome. A obediência, a fidelidade e a franca confissão do nome de Cristo são os frutos da verdadeira graça, e como tais são agradáveis a Cristo.

3. Aqui está uma promessa do grande favor que Deus iria conceder a essa igreja (vv. 9,10). Esse favor consiste em duas coisas:

(1) Cristo iria subjugar os inimigos dessa igreja a ela. [1] Esses inimigos são descritos como os "*...que se dizem judeus*", mas que mentiam ao dizer isso – aspiravam ser o único povo singular de Deus, mas na verdade eram a *sinagoga de Satanás*. Assembléias que *adoram a Deus em espírito e em verdade* são o Israel de Deus; assembléias que ou adoram a falsos deuses, ou ao verdadeiro Deus de maneira errada, são a sinagoga de Satanás; embora professem ser o único povo de Deus, sua profissão de fé é uma mentira. [2] Sua sujeição à igreja é descrita: "*...eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés*"; não para prestar honra religiosa e divina à própria igreja, não ao ministério dela, mas serão convencidos de que estavam no erro, que esta igreja está certa e é amada de Cristo, e eles desejarão ser introduzidos na comunhão com ela para adorar o mesmo Deus da mesma maneira. Como será efetuada essa grande mudança? Pelo poder de Deus agindo no coração dos seus inimigos, e por descobertas sinalizadoras do seu favor especial concedido à sua igreja: "*...e saibam que eu te amo*". Observe que, em primeiro lugar, a maior honra e felicidade de que uma igreja pode desfrutar consiste no amor e no favor peculiares de Cristo. Em segundo lugar, Cristo pode revelar esse seu favor ao seu povo de maneira tal que até os seus inimigos possam ver isso e ser forçados a reconhecê-lo. Em terceiro lugar, isso vai amolecer, pela graça de Cristo, o coração dos seus inimigos e torná-los desejosos de serem admitidos na comunhão com eles.

(2) Mais um exemplo do favor que Cristo promete a essa igreja é a graça perseverante nos tempos mais difíceis (v. 10), e isso vale como recompensa por sua fidelidade em tempos passados. *Àquele que tem se dará*. Observe aqui: [1] O evangelho de Cristo é a palavra da sua paciência. É o fruto da paciência de Deus para com o mundo pecador; coloca diante dos homens a paciência exemplar de Cristo em todos os seus sofrimentos pelos homens; chama os que o recebem ao exercício da paciência em conformidade com Cristo. [2] Esse evangelho deve ser guardado cuidadosamente por aqueles que dele desfrutam; eles devem viver à altura da fé, e prática, e adoração prescrita no evangelho. [3] Depois de um dia de paciência precisamos contar com uma hora de tentação; um dia de paz e liberdade do evangelho é um dia da paciência de Deus, e raramente está tão desenvolvido como deveria estar, e por isso com freqüência é seguido de uma hora de aflição e tentação. [4] Às vezes a provação é mais geral e universal; vem sobre todo o mundo e, quando é assim geral, comumente é mais breve. [5] Os que guardam o evangelho em tempos de paz serão guardados por Cristo na hora da tentação. Ao guardarem o evangelho, eles estão sendo preparados para a provação; e a mesma graça que os tornou frutíferos em tempos de paz vai torná-los fiéis em tempos de perseguição.

4. Cristo chama a igreja àquela tarefa para a qual Ele prometeu capacitá-la, que é: a perseverar, a guardar o que ela possuía. (1) A tarefa em si: "*Guarda o que tens*, a fé, a verdade, a força da graça, o zelo, o amor aos irmãos; tu foste tomado por esse excelente tesouro; guarda-o firmemente". (2) Os motivos, tomados da rápida aparição de Cristo: "*Eis que venho sem demora*. Vê, estou para vir para aliviá-los nessa provação, para recompensar a sua fidelidade e para castigar os que se desviam; estes perderão a coroa à qual antes tinham direito, pela qual esperavam, e na qual se alegravam quando

nela pensavam. Os cristãos que perseverarem receberão o prêmio dos que professavam a sua fé e apostataram, estes que antes o esperavam".

III A conclusão da carta (vv. 12,13). Aqui:
1. Segundo a sua maneira comum, o Salvador promete uma recompensa gloriosa ao crente vitorioso, em duas coisas: (1) Ele será uma "...*coluna*" magnífica "...*no templo do meu Deus*"; não uma coluna para dar sustentação ao templo (o céu não precisa desse tipo de escoras), mas um monumento da gratuita e poderosa graça de Deus, um monumento que nunca será deformado ou removido, como aconteceu com muitas colunas imponentes erigidas em honra a imperadores e generais romanos. (2) Nessa magnífica coluna haverá uma inscrição honrosa, como é comum nesses casos. [1] "...*o nome do meu Deus*", em cuja causa o vencedor se engajou, a quem ele serviu, e por quem sofreu nessa batalha; "...*e o nome da cidade do meu Deus*", a igreja de Deus, "...*a nova Jerusalém, que desce do céu*". Nessa coluna serão registrados todos os serviços que o crente fez pela igreja de Deus, como ele defendeu os seus direitos, ampliou suas divisas, manteve sua pureza e honra; esse nome será maior do que o nome de *Asiaticus* ou *Africanus*; um soldado de Deus nas batalhas da igreja. E então, mais uma parte da inscrição é: [2] O "...*meu novo nome*", de Cristo, o Mediador, o Redentor, o comandante da nossa salvação; nisso vai se tornar evidente sob que bandeira esse crente vencedor se alistou, por exemplo de quem ele foi encorajado, e sob influência de quem combateu o bom combate, e saiu vitorioso.

2. A carta é encerrada com o pedido de atenção: "*Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas*", como Cristo ama e valoriza o seu povo fiel, como ele elogia e como ele vai coroar a sua fidelidade.

A Igreja em Laodicéia
vv. 14-22

Chegamos agora à última e pior das igrejas da Ásia, o oposto da igreja de Filadélfia; se, por um lado, na de Filadélfia não houve nada que fosse reprovado, na de Laodicéia não há nada que se elogie, e mesmo assim esse era um dos *sete castiçais de ouro*, pois uma igreja corrompido pode ainda assim ser uma igreja. Temos aqui, como anteriormente:

I O sobrescrito, para quem e de quem. 1. Para quem: "...*ao anjo da igreja que está em Laodicéia*". Essa tinha sido uma cidade famosa à beira do rio Licos, tinha um muro de grande circunferência, e três teatros de mármore, e, como Roma, estava construída sobre sete colinas. Parece que o apóstolo Paulo foi instrumento na implantação do evangelho nessa cidade, da qual ele escreveu uma epístola, como menciona na epístola aos Colossenses, no último capítulo, na qual lhes envia saudações, distando Laodicéia não mais do que 30 quilômetros de Colossos. Nessa cidade foi realizado um concílio no quarto século, mas já faz muito tempo que foi demolida, e está em ruínas até os dias de hoje, um monumento medonho à *ira do Cordeiro*. 2. De quem foi enviada essa mensagem. Aqui o nosso Senhor se apresenta como "...*o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus*". (1) *O Amém*, o que é estável e imutável em todos os seus propósitos e promessas, que *são nele sim, e por meio dele o Amém*. (2) *A testemunha fiel e verdadeira*, cujo testemunho de Deus aos homens deve ser completamente recebido e totalmente crido, e cujo testemunho dos homens acerca de Deus será plenamente recebido e considerado, e será uma testemunha rápida mas verdadeira contra todos os que professam ser cristãos mas são indiferentes e mornos. (3) *O princípio da criação de Deus*, seja da primeira criação, e assim Ele é o princípio, isto é, a primeira causa, o Criador e Governador dela; seja da segunda criação, a igreja, e assim Ele é o cabeça do corpo, o primogênito dos mortos, como está no capítulo 1.5, de onde esses títulos são tomados. Cristo, tendo ressuscitado a si mesmo por meio do seu próprio e divino poder, como o cabeça de um novo mundo, ressuscita almas mortas para que sejam templo e igreja vivos para Ele mesmo.

II O tópico da carta, em que observamos:
1. A séria acusação formulada contra essa igreja, ministros e pessoas, por alguém que os conhecia melhor do que eles se conheciam a si mesmos: "...*nem és frio nem quente*", mas pior do que qualquer um desses. "*Tomara que foras frio ou quente!*" (v. 15). Mornidão ou indiferença na religião é a pior condição no mundo. Se a religião é algo real, é a coisa mais excelente, e por isso devemos levá-la muito a sério; se não é uma coisa real, é o mais vil dos embustes, e deveríamos ser muito sérios na nossa oposição a ela. Se a religião é digna de alguma coisa, é digna de tudo; uma indiferença aqui é inescusável. "*Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal* (é Deus), *segui-o*". Aqui não há lugar para neutralidade. Um inimigo declarado deve ter tratamento mais justo do que uma pessoa neutra e traiçoeira; e há mais esperança no caso de um pagão do que de alguém assim.

2. A ameaça de severo castigo: "...*vomitar-te-tei da minha boca*". Assim como a água morna vira o estômago e provoca o vômito, assim os que professam sua fé mas são mornos viram o coração de Cristo contra eles. Ele está cansado deles, e não pode suportá-los por muito tempo. Eles podem chamar sua mornidão de caridade, mansidão, moderação e grandeza da alma; é nauseante a Cristo, e torna assim os que se permitem a isso. Eles serão rejeitados, e definitivamente rejeitados; pois longe esteja do santo Jesus voltar-se ao que foi rejeitado.

3. Temos aqui a identificação de uma das causas dessa indiferença e inconsistência na religião, e essa é a presunção ou a auto-ilusão. Eles achavam que já estavam muito bem, e por isso eram indiferentes quanto a se estavam melhorando ou não: "*Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido...*" (v. 17). Observe aqui: Que diferença havia entre os pensamentos que eles tinham de si mesmos e os pensamentos que Cristo tinha deles. (1) Os elevados pensamentos que eles tinham de si mesmos: "...*dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta*"; estavam ricos e enriquecendo mais, e foram enriquecidos a tal ponto que estavam acima de necessidades ou da possibilidade de necessidades. Talvez estivessem bem supridos

com relação a seus corpos, e isso fez com que negligenciassem as necessidades da sua alma. Ou talvez se sentissem bem supridos na sua alma; tinham conhecimento, e tomavam isso por religião; tinham dons, e os tomavam por graça; tinham inteligência, e a tomavam por verdadeira sabedoria; tinham ordenanças, e se apegaram a elas em vez de se apegarem ao Deus das ordenanças. Como deveríamos ser cuidadosos em não permitir a entrada do engano na nossa alma! Sem dúvida há muitos no inferno que uma vez pensavam estar no caminho para o céu. Supliquemos a Deus diariamente que não caiamos no erro de nos lisonjearmos e nos enganarmos a nós mesmos na preocupação pela nossa alma. (2) Os pensamentos maus que Cristo tinha deles; e Ele não estava enganado. Ele sabia, embora eles não soubessem, que eles eram desgraçados, e miseráveis, e pobres, e cegos, e nus. O seu estado era desgraçado em si mesmo, e era tal que requeria piedade e compaixão de outros: embora eles estivessem orgulhosos de si mesmos, todos que conheciam o seu caso tinham pena deles. Pois: [1] Eles eram pobres, realmente pobres, quando diziam e pensavam que eram ricos; não tinham provisão para a alma da qual pudessem depender; sua alma estava morrendo de fome em meio à sua abundância; eles estavam em grande dívida para com a justiça de Deus, e não tinham nada para pagar nem que fosse a menor parte da dívida. [2] Eles estavam cegos; não conseguiam enxergar o seu estado, nem seu caminho, nem seu perigo; não conseguiam enxergar dentro de si mesmos; não conseguiam enxergar adiante; eram cegos, e mesmo assim pensavam que enxergavam; a própria luz que estava dentro deles era escuridão, e como deve ser grande essa escuridão. Não conseguiam enxergar a Cristo, embora evidentemente exposto, e crucificado, diante de seus olhos. Não conseguiam enxergar a Deus pela fé, embora sempre estivesse presente com eles. Não conseguiam enxergar a morte, embora estivesse à frente deles. Não conseguiam olhar para dentro da eternidade, embora estivessem no limiar dela continuamente. [3] Eles estavam nus, sem roupas e sem casa ou refúgio para sua alma. Não tinham roupa, nem as vestes da justificação nem da santificação. Sua nudez tanto de culpa quanto de contaminação não tinha cobertura. Estavam sempre expostos ao pecado e à vergonha. A sua justiça era de trapos de imundícia; eles eram trapos, que não os cobriam, trapos de imundícia, e os contaminavam. E estavam nus, sem casa e abrigo, pois estavam sem Deus, e Ele tem sido a habitação do seu povo em todas as épocas; somente nele a alma do homem pode encontrar descanso, e segurança, e todas as acomodações adequadas. As riquezas do corpo não enriquecem a alma; a visão do corpo não alumia a alma; a casa mais aconchegante para o corpo não vai fornecer o descanso e a segurança para a alma. A alma é uma coisa diferente do corpo, e precisa de acomodações adequadas à sua natureza, ou então em meio à prosperidade do corpo será desgraçada e miserável.

4. Temos aqui bom conselho dado por Cristo a esse povo pecaminoso, e o conselho é que abandonem essa vã e falsa opinião que têm de si mesmos, e se empenhem para serem o que aparentam ser: "*...aconselho-te que de mim compres...*" (v. 18). Observe: (1) O nosso Senhor Jesus continua a dar bons conselhos a quem lançou para trás seus conselhos. (2) A condição dos pecadores nunca é desesperadora enquanto desfrutarem dos generosos chamados e conselhos de Cristo. (3) O nosso bendito Senhor, o conselheiro, sempre dá o melhor conselho, e o que for mais apropriado à situação do pecador; como aqui: [1] Eles eram pobres; Cristo lhes aconselha que comprem dele ouro provado no fogo, para que sejam ricos. Ele lhes dá a conhecer onde podem obter as verdadeiras riquezas e como podem obtê-las. Em primeiro lugar, onde podem obtê-las – com Ele mesmo; Ele não os envia aos ribeiros do Pactolus, nem às minas de Potosi, mas os convida a virem a Ele mesmo, a pérola de grande valor. Em segundo lugar, como eles devem obter esse verdadeiro ouro dele? Eles precisam comprá-lo. Mas isso parece desdizer tudo novamente. Como os que são pobres podem comprar ouro? Assim como podem comprar de Cristo vinho e leite, *sem dinheiro e sem preço* (Is 55.1). É verdade que precisamos dispor de algo, mas não é nada de consideração valiosa, é somente para fazer lugar para receber as verdadeiras riquezas. "Separe-se do pecado e da auto-suficiência e venha a Cristo com a percepção da sua pobreza e do seu vazio, para que você possa ser preenchido com os tesouros escondidos dele". [2] Eles estavam nus; Cristo lhes conta onde podem obter roupas, e roupas tais que possam cobrir sua vergonha e nudez. Isso eles precisam receber de Cristo; e precisam somente tirar seus trapos de imundícia para que recebam e ponham as vestes brancas que Ele comprou e proveu para eles – sua própria justiça imputada como justificação e as vestes da santidade e da santificação. [3] Eles estavam cegos; e Ele lhes aconselha que dele comprem colírio *para que* vejam, que abram mão da sua própria sabedoria e razão, que não são nada mais do que cegueira nas coisas de Deus, e se entreguem à sua palavra e Espírito, e seus olhos serão abertos para que vejam seu caminho e seu fim, sua tarefa e seus verdadeiros interesses; um novo e glorioso cenário se abrirá então para sua alma; um novo mundo provido dos objetos mais belos e excelentes, e essa luz será maravilhosa para os que estiverem recém libertadas dos poderes das trevas. Esse é o sábio e bom conselho que Cristo dá a almas indiferentes; e, se elas o seguirem, Ele vai se comprometer para honrar a sua realização.

5. Aqui é acrescentado grande e generoso encorajamento a esse povo pecaminoso para que levem em séria consideração a admoestação e o conselho que Cristo lhes deu (vv. 19,20). Ele lhes diz: (1) Isso lhes foi dado com verdadeira e meiga afeição: "*Eu repreendo e castigo a todos quantos amo.* Vocês podem pensar que lhes dei palavras duras e severas censuras; tudo isso foi por amor por suas almas. Eu não teria repreendido e corrigido tão abertamente sua mornidão pecaminosa e sua vã confiança, se Eu não fosse um amante das suas almas; se eu os tivesse odiado, Eu os teria abandonado, para que continuassem no pecado até a sua ruína". Os pecadores devem aceitar as repreensões da palavra e da vara de Deus como sinais da sua boa vontade por suas almas, e como conseqüência devem se arrepender com seriedade, e se voltar para aquele que os fere; melhores são as censuras e as feridas feitas pelo amigo do que os sorrisos lisonjeiros do inimigo. (2) Se eles se submetessem às suas admoestações, Ele estava disposto a torná-los bons para sua alma: "*Eis que estou à porta e bato...*" (v. 20). Observe aqui: [1] Cristo

tem prazer por meio da sua palavra e Espírito para vir à porta do coração dos pecadores; Ele se aproxima deles com misericórdia, disposto a fazer-lhes uma visita bondosa. [2] Ele encontra essa porta fechada para Ele; o coração do homem por natureza está fechado para Cristo por ignorância, incredulidade, preconceitos pecaminosos. [3] Quando Ele encontra o coração fechado, não recua imediatamente, mas espera a oportunidade de ser gracioso, mesmo que sua cabeça se cubra de sereno. [4] Ele usa todos os meios adequados para despertar pecadores, e fazer com que se abram para Ele; Ele chama por meio da sua palavra, Ele bate à porta por impulso do seu Espírito sobre a consciência deles. [5] Os que abrem a porta para Ele vão desfrutar da sua presença, para seu grande conforto e vantagem. Ele vai cear com eles; Ele vai aceitar o que houver de bom neles; Ele vai comer seu fruto prazeroso; e Ele vai trazer consigo a melhor parte da celebração. Se o que Ele encontra dá somente uma festa escassa, o que Ele traz vai compensar a deficiência; Ele vai dar nova provisão de graça e conforto, e por meio disso estimular novas ações de fé, e amor, e prazer; e em tudo isso Cristo e o seu povo arrependido vão desfrutar da agradável comunhão uns com os outros. Que infelicidade que pecadores indiferentes e obstinados perdem tanto por se negarem a abrir a porta do seu coração a Cristo!

III Chegamos agora à conclusão dessa carta; e aqui temos como anteriormente:

1. A promessa feita ao fiel que vencer. Sugere-se aqui: (1) Que, embora essa igreja aparentemente estivesse totalmente devastada e destruída pela mornidão e autoconfiança, mesmo assim era possível que por meio das repreensões e conselhos de Cristo eles pudessem ser inspirados com novo zelo e vigor, e pudessem se tornar vencedores na sua batalha espiritual. (2) Que, se fizessem isso, todas as faltas anteriores seriam perdoadas, e teriam uma grande recompensa. E o que é essa recompensa? "*Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono*" (v. 21). Aqui está claro: [1] Que o próprio Cristo enfrentou suas tentações e conflitos. [2] Que Ele as venceu todas e foi mais do que vencedor. [3] Que, como recompensa por seu conflito e vitória, Ele se assentou com Deus Pai no seu trono, tomado por aquela glória que Ele possuía com o Pai desde a eternidade, mas que Ele teve prazer em guardar em segredo aqui na terra, deixando-a por assim dizer nas mãos do Pai, como garantia de que terminaria sua obra como Salvador antes de reassumir aquela glória manifesta; e, tendo feito isso, então *pignus reposcere – Ele reivindica a garantia*, Ele aparece na sua glória divina igual à do Pai. [4] Que os que são conformes a Cristo nas suas provações e vitórias serão conformes a Ele na sua glória; eles se assentarão com Ele no seu trono, no seu trono de juízo no fim dos tempos, no seu trono de glória para toda a eternidade, brilhando por seus raios em virtude de sua união com Ele e de sua relação com Ele, como o corpo místico de que Ele é o cabeça.

2. Tudo é concluído com o pedido geral de atenção (v. 22), colocando na mente de todos a quem essas cartas são dirigidas que o que elas contêm não é de interpretação particular, não tem a intenção de ser instrução, censura e correção dessas igrejas em particular somente, mas de todas as igrejas de Cristo em todas as épocas e partes do mundo; e como vai haver uma semelhança em todas as igrejas sucessoras destas, tanto na sua beleza quanto nos seus pecados, assim elas podem esperar que Deus vai tratar delas da forma em que tratou destas aqui, que são padrão do que igrejas fiéis e frutíferas podem esperar de Deus, e o que as que são infiéis podem esperar sofrer de suas mãos; sim, que a forma de Deus tratar as suas igrejas possa prover instrução útil ao restante do mundo, para que se ponham a refletir: "*Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?*" (1 Pe 4.17). Assim terminam as mensagens de Cristo às igrejas da Ásia, a parte epistolar deste livro. Chegamos agora à parte profética.

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, começa o cenário profético; e, como a parte epistolar iniciou com uma visão de Cristo (cap. 1), assim essa parte é introduzida com uma aparição gloriosa do grande Deus, cujo trono está no céu, cercado das hostes celestiais. Essa revelação foi feita a João, e aqui: I. Ele registra a visão celestial que teve (vv. 1-7). E então: II. Ele registra os cânticos celestiais que ouviu (vv. 8-11).

A Visão do Céu

vv. 1-8a

Temos aqui o relato de uma segunda visão com a qual o apóstolo João foi agraciado: "*Depois destas coisas...*", isto é, não somente "depois de eu ter visto Cristo andando no meio dos castiçais de ouro", mas "depois de eu ter tomado as mensagens da sua boca, e as ter escrito e enviado às diversas igrejas, de acordo com sua ordem, depois disso tive uma nova visão". Aqueles que desenvolvem as descobertas que tiveram de Deus já estão preparados por meio disso para mais descobertas, e podem esperá-las. Observe:

I O preparo feito para que o apóstolo tivesse essa visão:

1. "*...eis que estava aberta uma porta no céu*". Daí aprendemos: (1) Tudo que é realizado na terra é primeiramente projetado e estabelecido no céu; está lá o modelo de todas as obras de Deus; todas elas estão portanto diante dos seus olhos, e Ele permite que os habitantes do céu vejam o tanto delas que lhes é apropriado. (2) Não podemos saber nada dos eventos futuros além do que apraz a Deus revelar a nós; eles estão além do véu até que Deus abra a porta. Mas: (3) Até o ponto em que Deus revela seus desígnios a nós podemos e devemos recebê-los, e não almejar ser sábios além do que é revelado.

2. Para preparar João para a visão, foi tocada uma trombeta, e ele foi chamado para o céu, para ter uma percepção ali das coisas que seriam depois disso. Ele foi chamado ao terceiro céu. (1) Há um caminho aberto para o lugar mais santo de todos, no qual os filhos de Deus po-

dem entrar pela fé e pelas santas afeições agora, nos seus espíritos quando morrem, e como pessoa completa no dia final. (2) Não devemos intrometer-nos no lugar secreto da presença de Deus, mas esperar até que sejamos chamados para lá.

3. Para preparar-se para essa visão, o apóstolo estava "...*em espírito*". Ele estava num arrebatamento, como anteriormente (cap. 1.10), se no corpo ou fora do corpo não sabemos; talvez nem ele mesmo não soubesse; contudo, todas as ações e sensações do corpo foram suspensas por um tempo, e seu espírito foi possuído pelo espírito da profecia, e estava totalmente sob a influência divina. Quanto mais nos abstraímos de todas as coisas corporais mais aptos estamos para a comunhão com Deus; o corpo é um véu, uma nuvem, e um obstáculo para a mente na sua comunicação com Deus. Nós devemos como que esquecê-lo quando nos apresentamos a Deus em serviço, e devemos estar dispostos a deixá-lo, para que possamos subir a Ele no céu. Esse foi o aparelhamento para a visão. Agora observe:

II A visão propriamente dita. Começa com as estranhas aparições que o apóstolo viu, que eram tais como: 1. Ele viu "...*um trono posto no céu*", o assento da honra, da autoridade e do juízo. O céu é o trono de Deus; ali Ele reside em glória, e daí encaminha leis à igreja e a todo o mundo, e todos os tronos terrenos estão sob a jurisdição desse trono que está estabelecido no céu. 2. Ele viu um que era glorioso sobre o trono. Esse trono não estava vazio; havia alguém nele que o preenchia, e este era Deus, que é aqui descrito por aquelas coisas que são mais agradáveis e preciosas no nosso mundo: "...*era, na aparência, semelhante à pedra de jaspe e de sardônica*"; Ele não é descrito com nenhuma característica humana, como que para ser representado por uma imagem, mas somente por seu brilho transcendente. O jaspe é uma pedra transparente, que mesmo assim oferece aos olhos uma diversidade das cores mais vívidas, significando a gloriosa perfeição de Deus; a pedra de sardônica é vermelha, significando a justiça de Deus, esse atributo essencial de Deus do qual Ele não se despe nunca a favor de ninguém, mas gloriosamente o exerce no governo do mundo, e especialmente da igreja, por meio do nosso Senhor Jesus Cristo. Esse atributo é demonstrado tanto no perdão quanto no castigo, na salvação quanto na destruição de pecadores. 3. Ele viu "...*o arco celeste ao redor do trono e era semelhante à esmeralda*" (v. 3). O arco era o selo e o sinal da aliança da providência que Deus fez com Noé e sua posteridade com ele, e é um emblema apropriado daquela aliança da promessa que Deus fez com Cristo como o cabeça da igreja, e todo o seu povo com Ele; essa aliança é como a água de Noé para Deus, uma aliança eterna, segura e ordenada em todas as coisas. Esse arco era *semelhante à esmeralda*; a cor que mais prevalecia era um verde agradável, para mostrar a natureza vivificante e revitalizante da nova aliança. 4. Ele viu "...*vinte e quatro tronos*" ao redor do trono, não vazios, mas preenchidos com "...*vinte e quatro anciãos*", presbíteros, representando, muito provavelmente, toda a igreja de Deus, tanto do estado do Antigo quanto do Novo Testamento; não os ministros da igreja, mas antes os representantes do povo. O fato de estarem sentados denota a sua honra, o descanso e a satisfação; o fato de estarem sentados ao redor do trono significa sua relação com Deus, sua proximidade com Ele, a vista e o prazer que tem nele, e sua constante consideração por Ele. Eles estão "...*vestidos de vestes brancas*", a justiça dos santos, tanto imputada quanto inerente; "...*tinham sobre a cabeça coroas de ouro*", significando a honra e a autoridade que lhes foi dada por Deus, e a glória que eles têm com Ele. Todas essas coisas podem ser aplicadas em um sentido menos elevado à igreja do evangelho na terra, nas suas assembléias de adoração; e, no sentido mais elevado, à igreja triunfante no céu. 5. Ele percebeu relâmpagos e trovões que vinham do trono; isto é, aquelas declarações tremendas que Deus faz à sua igreja da sua vontade e seu prazer soberanos. Assim Ele promulgou a lei no monte Sinai; e o evangelho não tem glória e autoridade menores do que a lei, embora seja de natureza mais espiritual. 6. Ele viu que "...*diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo*", que são explicadas como sendo "...*os sete Espíritos de Deus*" (v. 5), os diversos dons, graças e operações do Espírito de Deus nas igrejas de Cristo; esses são todos repartidos de acordo com a vontade e o prazer daquele que está sentado no trono. 7. Ele viu diante do trono "...*um como mar de vidro, semelhante ao cristal*". Como no templo, havia aí uma grande bacia de bronze cheia de água, nas quais os sacerdotes deveriam se lavar quando fossem ministrar diante do Senhor (e isso era chamado de *mar*), assim na igreja do evangelho o mar ou bacia para a purificação é o sangue do Senhor Jesus Cristo, que purifica a todos dos seus pecados, até mesmo dos pecados do santuário. Nesse sangue, precisam ser lavados todos os que são admitidos à presença bondosa de Deus na terra ou à sua presença gloriosa no céu. 8. Ele viu "...*quatro animais*", seres viventes, entre o trono e o círculo de anciãos (como parece mais provável), em pé entre Deus e o povo; esses parecem simbolizar os ministros do evangelho, não somente em virtude dessa sua situação mais próxima de Deus, e entre Ele e os anciãos ou representantes do povo cristão, e porque menor em número do que o povo, mas como são aqui descritos: (1) Por seus muitos olhos, denotando sagacidade, vigilância e circunspeção. (2) Por sua coragem como a de um leão, seu grande labor e diligência (nos quais se parecem com um boi), sua prudência e discrição se tornando homens, e suas sublimes afeições e especulações, pelas quais eles sobem ao céu com asas "...*semelhantes a uma águia voando*" (v. 7), e essas asas estão cheias de olhos por dentro, para mostrar que em todas as suas meditações e ministrações devem agir com conhecimento, e especialmente devem estar bem familiarizadas consigo mesmas e o estado da sua própria alma, e ver sua própria preocupação nas grandes doutrinas e tarefas da religião, vigiando sobre a sua própria alma como também sobre a alma das outras pessoas. (3) Por seu uso contínuo, e isto é, louvando a Deus, e não cessando de fazer assim dia e noite. Os anciãos estão sentados e recebem ministração; esses estão em pé e ministram: não têm descanso dia e noite. Isso agora conduz à outra parte da representação.

A Visão do Céu
vv. 8b-11

Temos considerado os sinais que o apóstolo viu no céu; agora observemos os cânticos que ele ouviu, pois no céu não há somente coisas a serem vistas que muito agradam o olho santificado, mas também coisas a serem ouvidas que vão deleitar grandemente o ouvido santificado. Isso é verdadeiro em relação à igreja de Cristo aqui, que é o céu na terra, e vai ser eminentemente assim na igreja tornada perfeita no céu dos céus.

I Ele ouviu o cântico dos quatro seres viventes, dos ministros da igreja, que é uma referência à visão do profeta Isaías (cap. 6). E aqui: 1. Eles adoram ao único Deus, ao "...*Senhor Deus, o Todo-poderoso*", imutável e eterno. 2. Eles adoram a três santos nesse um Deus, o Santo Pai, o Santo Filho, e o Santo Espírito; e estes são um ser infinitamente santo e eterno, que está assentado no trono e "...*que vive para todo o sempre*". Nessa glória o profeta viu a Cristo, e falou dele.

II Ele ouviu a adoração dos "...*vinte e quatro anciãos*", isto é, do povo cristão representado por eles; os ministros conduziram os louvores a Deus, e o povo seguiu (vv. 10,11). Observe:

1. O objeto da sua adoração, o mesma que os ministros adoravam: "...*diante do que estava assentado sobre o trono*", ao Deus eterno e sempre vivo. A verdadeira igreja de Deus tem um e o mesmo objeto de adoração. Dois objetos diferentes de adoração, ou coordenados ou subordinados, iriam confundir a adoração e dividir os adoradores. É ilícito ajuntar-se em adoração divina aos que ou se equivocam quanto ao objeto ou multiplicam os objetos de adoração. Há somente um Deus, e somente Ele, como Deus, é adorado pela igreja na terra e no céu.

2. Os atos de adoração. (1) Eles "...*prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono*"; eles descobriram a mais profunda humildade, reverência e temor a Deus. (2) Eles "...*lançavam as suas coroas diante do trono*"; eles deram a Deus a glória da santidade com que Ele tinha coroado suas almas na terra e a honra e felicidade com que Ele os coroa no céu. Eles devem todas as suas graças e todas as suas glórias a Ele, e reconhecem que a coroa dele é infinitamente mais gloriosa que a deles, e que é glória sua poderem glorificar a Deus.

3. As palavras de adoração. Eles disseram: "*Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder*" (v. 11). Observe: (1) Eles não dizem: "Nós te damos glória, honra e poder", pois o que qualquer criatura poderia almejar dar a Deus? Mas eles dizem: "*Dignos és* [...] *de receber glória.* (2) Nisso eles tacitamente reconhecem que Deus é exaltado muito acima de todas as bênçãos e louvores. Ele era digno de receber glória, mas eles não eram dignos de louvar, nem capazes de fazê-lo de acordo com as infinitas excelências dele.

4. Temos o fundamento, e a razão da sua adoração, que é tríplice: (1) Ele é o criador de todas as coisas, a primeira causa. E ninguém a não ser o Criador de todas as coisas deve ser adorado; nenhuma coisa feita pode ser o objeto da adoração religiosa. (2) Ele é o que preserva todas as coisas, e sua preservação é uma criação contínua; elas são criadas ainda pelo poder sustentador de Deus. Todos os seres são dependentes da vontade e do poder de Deus, e nenhum ser dependente deve ser estabelecido como objeto de adoração religiosa. Faz parte dos melhores seres dependentes serem adoradores, e não adorados. (3) Ele é a causa final de todas as coisas: "...*por tua vontade são e foram criadas*". Foi a vontade e o prazer dele criar todas as coisas; Ele não foi forçado a isso pela vontade de outro; não há algo como um criador subordinado, que age sob e pela vontade e poder de outro; e, se houvesse, não deveria ser adorado. Como fez todas as coisas pelo seu prazer, assim as fez para o seu prazer, para tratar com elas como lhe agrada e para glorificar-se a si mesmo por meio delas de uma ou de outra forma. Embora não tenha prazer na morte de pecadores, mas antes que se voltem para Ele e vivam, mesmo assim "...*o Senhor fez todas as coisas para os seus próprios fins*" (Pv 16.4). Agora, se essas razões são verdadeiras e suficientes para a adoração religiosa, como são apropriadas para Deus somente, Cristo precisa necessariamente ser Deus, um com o Pai e o Espírito, e precisa ser adorado como tal; pois encontramos a mesma causalidade atribuída a Ele. Colossenses 1.16,17: "*Porque nele foram criadas todas as coisas; tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele*".

CAPÍTULO 5

No capítulo anterior, foi aberto o cenário profético, na visão e na audição do apóstolo, e ele teve uma visão de Deus como Criador e governante do mundo, e do grande Rei da igreja. Ele viu Deus no trono da glória e do governo, cercado de seus santos, e recebendo sua adoração. Agora os conselhos e decretos de Deus são colocados diante do apóstolo, como em um livro, que Deus estava segurando na sua mão direita; e esse livro é representado: I. Como selado na mão de Deus (vv. 1-5). II. Como colocado na mão de Cristo, o Redentor, para ser retirado o selo e aberto (vv. 6-14).

O Livro Selado
vv. 1-5

Até agora o apóstolo tinha visto somente o grande Deus, o regente de todas as coisas; agora:

I Ele é agraciado com uma visão do modelo e dos métodos do seu governo, como estão todos escritos num livro que Ele segura em sua mão; e este devemos agora considerar como fechado e selado na mão de Deus. Observe: 1. Os desígnios e métodos da Providência divina com relação à igreja e o mundo são declarados e fixados; há concordância e acordo em torno deles, como o que está escrito num livro. O grande desígnio é estabelecido, todas as partes são ajustadas, tudo é determinado, e todas as coisas são transformadas em decretos e são registradas. O rascunho inicial e originário desse livro é o livro dos decretos de Deus, guardados em seu próprio gabinete, na

sua mente eterna; mas há uma transcrição do que era necessário no livro das Escrituras em geral, na parte profética das Escrituras em particular. 2. Deus segura esse livro na sua mão direita para declarar a autoridade do livro, e sua disposição e prontidão de executar todo o seu conteúdo, todos os conselhos e propósitos nele registrados. 3. Esse livro na mão de Deus está fechado e selado; não é conhecido por ninguém, a não ser por Ele mesmo, até que Ele permita que seja aberto. "*Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras*" (At 15.18, versão ACF); mas é sua glória ocultar as coisas como lhe apraz. Ele guardou em suas mãos e poder os tempos e épocas, e seus grandes eventos. 4. O livro estava "...*selado com sete selos*". Isso nos conta com que segredo inescrutável os conselhos de Deus são estabelecidos, como são impenetráveis pelo olho e intelecto da criatura; e também aponta nossa atenção para sete partes distintas desse livro dos conselhos de Deus. Cada parte parece ter seu selo particular, e, quando aberto, descobre seus próprios eventos; essas sete partes não são desseladas e abertas de uma vez, mas sucessivamente, uma cena da Providência introduzindo a outra, e explicando-a, até que todo o mistério do conselho e da condução de Deus sejam concluídos no mundo.

II Ele ouviu uma proclamação feita com relação a esse livro selado. 1. Quem proclamava era um "...*anjo forte*"; não que haja anjos fracos entre os anjos do céu, embora haja muitos entre os anjos das igrejas. Esse parece sobressair não somente como o que proclama, mas como um vencedor, com o desafio a qualquer ou todas as criaturas para que provem a força de sua sabedoria para tentar abrir os conselhos de Deus; e, como um vencedor, ele gritou com voz forte, para que todas as criaturas pudessem ouvir. 2. O grito ou desafio anunciado foi: "*Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?* (v. 2). Se há alguma criatura que se imagina suficiente ou para explicar ou para executar os conselhos de Deus, que se apresente e faça a tentativa". 3. "...*ninguém no céu, nem na terra*" conseguiu aceitar o desafio e enfrentar a tarefa; ninguém *no céu*, ninguém dos anjos gloriosos, embora diante do trono de Deus, e os ministros da sua providência; eles com toda a sua sabedoria não conseguem mergulhar nos decretos de Deus; ninguém *na terra*, nenhum homem, dos mais sábios ou melhores, nenhum dos mágicos e adivinhadores, nenhum dos profetas de Deus, nenhum vai além do que Ele revela sua mente a eles. "...*nem debaixo da terra*", nenhum dos anjos caídos, nenhum dos espíritos dos homens mortos, se pudessem voltar ao nosso mundo, poderia abrir esse livro. Nem Satanás, com toda a sua sutileza, pode fazê-lo; as criaturas não conseguem abri-lo, nem olhar para ele; não podem lê-lo. Somente Deus pode fazê-lo.

III Ele sentiu uma grande preocupação em si mesmo acerca dessa questão: o apóstolo "...*chorava muito*"; foi um grande desapontamento para ele. Por aquilo que ele havia visto naquele que estava assentado no trono, estava muito desejoso de ver e conhecer mais da sua mente e vontade; esse desejo, quando não foi logo satisfeito, encheu-o de tristeza e fez brotar muitas lágrimas dos seus olhos. Aqui observe: 1. Os que viram o máximo possível de Deus neste mundo são os mais desejosos de ver mais; e os que viram a sua glória desejam conhecer sua vontade. 2. Homens bons podem estar ansiosos e apressados demais para olhar os mistérios da conduta divina. 3. Esses desejos, se não forem logo respondidos, se tornam em aflição e tristeza. A esperança adiada torna o coração doente.

IV O apóstolo foi confortado e encorajado a esperar que esse livro selado ainda fosse aberto. Observe aqui: 1. Quem foi que deu o sinal a João: "...*um dos anciãos*". Deus o tinha revelado à sua igreja. Se os anjos não se negam a aprender da igreja, os ministros não deveriam desdenhar de fazer isso. Deus pode fazer com que seu povo instrua e informe seus mestres quando isso lhe apraz. 2. Quem foi que faria a coisa – o Senhor Jesus Cristo, chamado de "...*o Leão da tribo de Judá*", de acordo com sua natureza humana, fazendo alusão à profecia de Jacó (Gn 49.10), e "...*a Raiz de Davi*", de acordo com sua natureza divina, embora um ramo de Davi de acordo com a carne. Ele que é Deus e homem, e possui o ofício de Mediador entre Deus e o homem, está apto e é digno de abrir e executar todos os conselhos de Deus para com os homens. E isso Ele faz no seu estado e sua função de mediador, *como a Raiz de Davi* e o descendente de Judá, e como Rei e cabeça do Israel de Deus; e Ele o fará, para o consolo e alegria de todo o seu povo.

O Livro Selado

vv. 6-14

Aqui:

I O apóstolo contempla esse livro nas mãos do Senhor Jesus Cristo, esperando que seja desselado e aberto por Ele. Aqui Cristo é descrito: 1. Por seu lugar e posto: "...*no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos*". Ele estava no mesmo trono com o Pai; Ele estava mais próximo dele do que os anciãos e os ministros das igrejas. Cristo, como homem e Mediador, está subordinado a Deus, o Pai, mas está mais próximo dele do que todas as criaturas: "...*porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade*". Os ministros estão entre Deus e o povo. Cristo está em pé como Mediador entre Deus e os ministros e o povo. 2. A forma em que Ele apareceu. Antes de Ele ser chamado de *leão*; aqui Ele aparece como um "...*Cordeiro, como havendo sido morto*". Ele é um leão para derrotar Satanás, e um cordeiro para satisfazer a justiça de Deus. Ele aparece com as marcas do sofrimento sobre si, para mostrar que Ele intercede no céu com base na sua satisfação. Ele aparece como *Cordeiro* que "...*tinha sete pontas e sete olhos*", com perfeito poder para executar toda a vontade de Deus e perfeita sabedoria para entendê-la totalmente e para realizá-la da maneira mais eficaz, pois Ele tem "...*os sete Espíritos de Deus*", Ele recebeu o Espírito de Deus sem medida, em toda perfeição de luz, e vida, e poder, pelos quais Ele é capaz de ensinar e governar todas as partes do mundo. 3. Ele é descrito por seu ato e feito: "*E veio e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono*" (v. 7), não por violência, nem

por fraude, mas Ele prevaleceu para fazê-lo (como no v. 5), Ele prevaleceu por seu mérito e dignidade, Ele o fez por autoridade e pela designação do Pai. De forma espontânea e justa Deus colocou o livro dos seus conselhos eternos na mão de Cristo, e Cristo também, pronta e alegremente, o tomou na sua mão; pois Ele tem prazer em revelar e em fazer a vontade do seu Pai.

II O apóstolo observa a alegria e a gratidão universais que encheram o céu e a terra depois desse procedimento. Assim que Cristo recebeu esse livro da mão do Pai, também já recebeu os aplausos e a adoração de anjos e dos homens, sim, *de toda criatura*. E, aliás, é de fato uma questão de alegria de todo o mundo ver que Deus não age com os homens na forma de absoluto poder e justiça severa, mas com graça e misericórdia por meio do Redentor. Ele governa o mundo não meramente como Criador e Legislador, mas como nosso Deus e Salvador. Todo o mundo tem razão de se alegrar nisso. O cântico de louvor que foi oferecido ao Cordeiro nessa ocasião consiste em três partes, uma parte cantada pela igreja, outra, pela igreja e pelos anjos, a terceira, por toda criatura.

1. A igreja começa a doxologia, associando mais diretamente a ela (v. 8) os quatro animais; e os "*...vinte e quatro anciãos*", o povo cristão, sob a direção do seu ministro, conduziram o coro. Observe aqui: (1) O objeto da sua adoração – *o Cordeiro*, o Senhor Jesus Cristo; é a vontade declarada de Deus que todos os homens "*honrem o Filho, como honram o Pai*"; pois Ele tem a mesma natureza. (2) Sua postura: Eles "*...prostraram-se diante do Cordeiro*"; não lhe deram um tipo inferior de adoração, mas a adoração mais profunda. (3) Os instrumentos usados na sua adoração – "*...harpas e salvas de ouro*"; as harpas eram os instrumentos de louvor, as salvas estavam cheias de aromas de incenso, que significam "*...as orações dos santos*"; oração e louvor deveriam andar sempre juntos. (4) O conteúdo do seu cântico: era adequado ao novo estado da igreja, o estado do evangelho introduzido pelo Filho de Deus. Nesse novo cântico: [1] Eles reconhecem a infinita aptidão e dignidade do Senhor Jesus para essa grande obra de abrir e executar o conselho e os propósitos de Deus (v. 9): "*Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos*", totalmente suficiente para o serviço e digno da honra. [2] Eles mencionam os motivos e as razões dessa dignidade; e embora não excluam a dignidade da sua pessoa como Deus, sem a qual Ele não teria sido suficiente para a tarefa, ainda assim insistem principalmente no mérito de seus sofrimentos, que Ele havia sofrido por eles; estes de forma mais sensível tocaram a alma deles com gratidão e alegria. Aqui, em primeiro lugar, eles mencionam o sofrimento dele: "*Foste morto*, morto como sacrifício, teu sangue foi derramado". Em segundo lugar, os frutos dos seus sofrimentos: 1. Redenção para Deus; Cristo redimiu seu povo da escravidão do pecado, da culpa e de Satanás, redimiu-os para Deus, colocou-os em liberdade para servi-lo e se alegrar nele. 2. Grande exaltação: "*...para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra*" (v. 10). Nenhum escravo redimido é imediatamente promovido à honra; ele considera o ser conduzido à liberdade um grande privilégio. Mas quando os eleitos de Deus foram feitos escravos pelo pecado e por Satanás, em todas as nações do mundo, Cristo comprou para eles não somente a sua liberdade, mas a mais elevada honra e promoção, e os fez "*...reis e sacerdotes*" – reis para governarem sobre seus próprios espíritos, e para vencerem o mundo, e o maligno; e os fez sacerdotes, dando-lhes acesso a Ele mesmo, e liberdade para oferecerem sacrifícios espirituais, e "*...eles reinarão sobre a terra*"; eles hão de julgar o mundo com Ele naquele grande dia.

2. A doxologia, assim começada pela igreja, é conduzida adiante pelos anjos; eles tomam a segunda parte, em conjunto com a igreja (v. 11). Diz-se deles que eram "*...milhões de milhões*", e que eram os assistentes do trono de Deus e guardiões da igreja; embora eles mesmos não precisem de um Salvador, mesmo assim se alegram na redenção e salvação dos pecadores, e concordam com a igreja no reconhecimento dos infinitos méritos do Senhor Jesus como o que morreu pelos pecadores, que Ele é digno "*...de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças*". (1) Ele é digno da posição e da autoridade que requerem o maior poder e sabedoria, a maior reserva, toda a excelência, para executá-las corretamente; e (2) Ele é digno de toda a honra, e glória, e ações de graças, pois Ele é suficiente para a posição e fiel nela.

3. Essa doxologia, assim iniciada pela igreja, e conduzida adiante pelos anjos, ressoa e ecoa em toda a criação (v. 13). O céu e a terra estão em ressonância com os sublimes louvores ao Redentor. Toda a criação está muito melhor para Cristo. "*Todas as coisas subsistem por ele*", e todas as criaturas, tivessem elas sentidos e linguagem, adorariam esse grande Redentor que liberta a criatura da escravidão sob a qual ela geme, por causa da depravação dos homens e da justa maldição anunciada pelo grande Deus sobre a queda; aquela parte (por meio de uma prosopopéia) foi feita para toda a criação e é o cântico de "*...ações de graças, e honra, e glória, e poder*": (1) "*Ao que está assentado sobre o trono*, a Deus como Deus, como Deus, o Pai, como a primeira pessoa da Trindade e a primeira na economia da nossa salvação; e (2) "*...ao Cordeiro*, como a segunda pessoa da Trindade e o Mediador da nova aliança. Não que a adoração prestada ao Cordeiro seja de outra natureza, uma adoração inferior, pois exatamente as mesmas honra e glória são com as mesmas palavras atribuídas *ao Cordeiro* e *ao que está assentado no trono*, sendo a sua essência a mesma; mas, por serem distintas suas partes na nossa salvação, eles são distintamente adorados. Adoramos e glorificamos somente a um e mesmo Deus por nossa criação e por nossa redenção.

Vemos como a igreja que começou o hino celestial, junto com o céu e a terra que se uniram a ela no concerto, concluem com seu *Amém*, e terminam como começaram, com uma prostração humilde diante do eterno Deus. Assim vimos como esse livro selado passou com grande solenidade da mão do Criador para a mão do Redentor.

CAPÍTULO 6

Tendo o livro dos conselhos divinos sido assim depositado nas mãos de Cristo, Ele não perde tempo, mas imediatamente se empenha na tarefa de abrir

os selos e divulgar o seu conteúdo; mas isso é feito de tal forma que ainda deixa bastante obscuras e difíceis de entender as suas predições. Até aqui as águas do santuário têm sido como as da visão de Ezequiel, somente até o tornozelo, ou até os joelhos, ou talvez até a cintura; mas aqui começam a se tornar um rio que não pode ser atravessado. As visões que João teve, as cartas às igrejas, os cânticos de louvor, nos dois capítulos anteriores, continham algumas coisas difíceis de serem compreendidas; e mesmo assim eram antes leite para crianças do que carne para homens fortes; mas agora vamos nos lançar às profundezas, e a nossa tarefa não é tanto de compreendê-las e ir até o fundo, quanto de soltar e abaixar a nossa rede e tirar o que conseguirmos. Só vamos sinalizar para o que parecer mais óbvio. As profecias desse livro estão divididas em sete selos abertos, sete trombetas tocando e sete taças derramadas. Supõe-se que a abertura dos sete selos revele as providências concernentes à igreja dos primeiros três séculos, desde a ascensão do nosso Senhor e Salvador até o reinado de Constantino; isso foi representado num livro enrolado e selado em diversos lugares, para que, quando um selo fosse aberto, você pudesse ler até aquele ponto, e assim por diante, até que o todo fosse desenrolado. Porém, não nos é dito aqui o que estava escrito no livro, mas o que João viu em figuras enigmáticas e hieroglíficas; e não é nossa tarefa almejar saber "os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder". Nesse capítulo, seis dos sete selos são abertos, e as visões concernentes a eles são relatadas; o primeiro selo nos versículos 1 e 2, o segundo selo nos versículos 3 e 4, o terceiro selo nos versículos 5 e 6, o quarto selo nos versículos 7 e 8, o quinto selo nos versículos 9-11, o sexto selo nos versículos 12 e 13ss.

A Abertura dos Selos

vv. 1,2

Aqui: 1. Cristo, o Cordeiro, abre o primeiro selo; Ele agora inicia a grande tarefa de abrir e realizar os propósitos de Deus para com a igreja e o mundo. 2. Um dos ministros da igreja chama o apóstolo, com uma voz como de trovão, para se aproximar e observar o que então aparece. 3. Temos a visão propriamente dita (v. 2). (1) O Senhor Jesus aparece montado num "...*cavalo branco*". Cavalos brancos geralmente são recusados na guerra, porque fazem do cavaleiro um alvo para o inimigo; mas o nosso Senhor e Redentor está certo da vitória e do triunfo glorioso, e ele monta o cavalo branco do puro mas desprezado evangelho, com grande rapidez pelo mundo todo. (2) Ele "...*tinha um arco*" na sua mão. As convicções causadas pela palavra de Deus são flechas afiadas, e atingem o alvo de grande distância; e, embora os ministros da palavra estendam o arco a esmo, Deus pode e vai dirigir as flechas às junções da armadura. Esse arco, nas mãos de Cristo, permanece em força, e, como o de Jônatas, *nunca volta vazio.* (3) "...*e foi-lhe dada uma coroa*", significando que todos os que recebem o evangelho precisam receber a Cristo como o rei, e precisam ser seus leais e obedientes súditos; Ele vai ser glorificado no sucesso do evangelho. Quando Cristo estava indo à guerra se poderia pensar que um capacete fosse mais apropriado do que uma coroa; mas uma coroa lhe é dada como o sinal de garantia e o emblema da vitória. (4) Ele "...*saiu vitorioso e para vencer*". Enquanto a igreja permanecer engajada na batalha, Cristo vai estar vencendo; quando Ele termina de vencer seus inimigos numa época, enfrenta novos em outra época; os homens continuam se opondo a Ele, e Ele continua vencendo, e suas vitórias anteriores são garantias de vitórias futuras. Ele vence seus inimigos no seu povo; os seus pecados são os inimigos deles e são também inimigos dele; quando Cristo entra com poder na alma deles Ele começa a derrotar esses inimigos, e continua vencendo, na obra progressiva da santificação, até que tenha conquistado para nós uma vitória completa. E Ele derrota seus inimigos no mundo, homens ímpios, alguns ao levá-los aos seus pés, outros ao fazer deles estrado para os seus pés. Observe, com base nesse selo aberto: [1] O progresso bem-sucedido do evangelho de Cristo no mundo é uma vista gloriosa, digna de ser contemplada, e é a vista mais agradável e bem-vinda que um homem bom pode ter neste mundo. [2] Não importam as convulsões e revoluções que ocorram nas nações e reinos do mundo, o reino de Cristo será estabelecido e ampliado apesar de toda a oposição. [3] Uma manhã de oportunidades geralmente precede uma noite de calamidades; o evangelho é pregado antes das pragas serem derramadas. [4] A obra de Cristo não é concluída toda de uma vez. Temos a tendência de pensar que quando o evangelho é anunciado, deveria pôr todo o mundo a seus pés, mas com freqüência depara com oposição, e se move lentamente; no entanto, Cristo vai fazer a sua própria obra de forma eficaz, no seu próprio tempo e da sua maneira.

A Abertura dos Selos

vv. 3-8

Os três selos seguintes nos dão uma perspectiva triste dos castigos terríveis e desoladores com que Deus pune os que ou se negam a aceitar o evangelho ou abusam dele. Embora alguns entendam que se refiram às perseguições que assolaram a igreja de Cristo, e outros à destruição dos judeus, parecem antes referir-se de forma mais geral aos terríveis juízos de Deus, pelos quais Ele vinga da oposição ao seu evangelho naqueles que fazem pouco caso dela.

I Após abrir o segundo selo, a que João foi chamado a assistir, "...*outro cavalo*" aparece, de cor diferente do primeiro, um cavalo *vermelho* (v. 4). Isso significa o castigo desolador da guerra; aquele que estava sentado sobre esse cavalo vermelho tinha o poder para "...*que tirasse a paz da terra e que* os habitantes da terra *se matassem uns aos outros*". Não está claro quem era o que estava sentado sobre o cavalo vermelho, se o próprio Cristo, o Senhor dos exércitos, ou se algum agente que Ele levantou para conduzir a guerra. Mas está certo: 1. Que os que não se submetem ao arco do evangelho precisam esperar ser cortados em pedaços pela espada da

justiça divina. 2. Que Jesus Cristo governa e ordena, não somente no reino da graça, mas também no da providência. E: 3. Que a espada da guerra é um castigo terrível; toma a paz da terra, uma das maiores bênçãos, e faz com que os homens se matem uns aos outros. Os homens, que deveriam amar e ajudar uns aos outros, no estado de guerra estão dispostos a matar uns aos outros.

II Após abrir o terceiro selo, que João foi conduzido a observar, outro cavalo aparece, diferente dos anteriores, um "...*cavalo preto*", significando fome, esse terrível castigo; "...*e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão*" (v. 5), significando que os homens precisam agora comer o seu pão por peso, como havia sido ameaçado (Lv 26.26): "*E tornar-vos-ão o vosso pão por peso*". O que segue no versículo 6, acerca da voz que clama: "*Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho*", tem feito alguns expositores pensar que essa não foi uma visão de fome e escassez, mas de abundância; mas se considerarmos a quantidade de suas medidas e o valor do seu dinheiro na época dessa profecia, a objeção será removida; a sua medida era pequena, e o dinheiro, muito, para tal medida. No entanto, parece que essa fome e escassez, como todas as outras, assolou de forma mais severa os pobres, enquanto o azeite e o vinho, que eram iguarias dos ricos, não foram prejudicados; mas se o pão, o esteio da vida, faltar, iguarias não vão preencher o lugar do pão. Observe aqui: 1. Quando um povo rejeita o seu alimento espiritual, Deus pode com justiça privá-los do seu pão diário. 2. Um castigo raramente vem sozinho; o castigo da guerra naturalmente traz consigo o castigo da fome; e aqueles que não se curvam e se humilham diante de um castigo precisam esperar outro ainda maior, pois quando Deus se põe a lutar, Ele prevalece. A escassez de pão é um juízo terrível; mas a escassez da palavra é ainda pior, embora pecadores indiferentes não sejam sensíveis a ela.

III Após abrir o quarto selo, que João é ordenado a observar, aparece mais um cavalo, "...*um cavalo amarelo*". Observe aqui: 1. O nome do cavaleiro – *Morte*, o rei dos terrores; a peste, que é a morte no seu domínio, a morte reinando sobre um lugar ou nação, a morte no lombo de um cavalo, marchando por aí, e fazendo novas conquistas a cada hora. 2. O acompanhante ou seguidor desse rei dos terrores – o *inferno*, um estado de miséria eterna para todos os que morrem nos seus pecados; e, em tempos de tal destruição generalizada, multidões descem despreparadas ao vale da destruição. É um pensamento terrível e suficiente para fazer tremer o mundo inteiro, aquele segundo o qual a condenação eterna segue imediatamente a morte do pecador impenitente. Observe: (1) Há conexões tanto naturais quanto judiciais entre um juízo e outro: a guerra é uma calamidade devastadora e traz consigo escassez e fome; e a fome, não permitindo aos homens o sustento adequado, e forçando-os a se alimentarem do que não é saudável, com freqüência traz consigo a peste. (2) A aljava de Deus está cheia de flechas; Ele nunca tem falta de formas e meios para castigar um povo mau. (3) No livro dos conselhos de Deus, Ele preparou castigos para escarnecedores como também misericórdia para pecadores arrependidos. (4) Nas Escrituras, Deus anunciou ameaças contra os ímpios como também promessas para os justos; e é responsabilidade nossa observar e crer nas ameaças como também nas promessas.

IV Após serem abertos esses selos dos castigos que se aproximam, e o relato distinto deles, temos esta observação geral, de que Deus lhes deu "...*poder para matar a quarta parte da terra com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra*" (v. 8). Ele lhes deu poder, isto é, àqueles agentes da sua ira, ou os próprios agentes; aquele que segura os ventos na sua mão tem todas as calamidades públicas a seu dispor, e elas só podem sair quando Ele as envia e não além do que Ele permite. Aos grandes castigos da guerra, fome e peste são aqui acrescentadas as *feras da terra*, mais um dos severos castigos de Deus, mencionado em Ezequiel 14.21, e mencionado aqui por último porque, quando uma terra é despovoada pela espada, fome e peste, o pequeno remanescente que continua numa vasta e grande terra devastada atrai e estimula contra si as feras, tornando-se assim presa fácil para elas. Outros entendem as *feras da terra* como sendo homens brutais, cruéis e selvagens, que, tendo-se despido de toda humanidade, têm prazer em ser agentes da destruição dos outros.

A Abertura dos Selos

vv. 9-17

No restante desse capítulo, temos a quebra do quinto e do sexto selos.

I O quinto selo. Aqui não se faz menção alguma de alguém que tivesse chamado o apóstolo a fazer sua observação, provavelmente porque o decoro da visão deveria ser observado, e cada um dos quatro animais vivos tinha cumprido a sua tarefa de monitor anteriormente, ou porque os eventos desvendados aqui estivessem fora da visão e além do tempo dos presentes ministros da igreja; ou porque não contivesse nenhuma nova profecia de quaisquer eventos futuros, mas antes desvendasse uma fonte de apoio e consolo para aqueles que tinham estado e ainda estavam debaixo de grande tribulação por causa de Cristo e do evangelho. Observe aqui:

1. A visão que esse apóstolo teve da quebra do quinto selo; foi uma cena muito comovente (v. 9): "...*vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram*". Ele viu as almas dos mártires. Observe aqui: (1) Onde ele as viu – *debaixo do atar*; no pé do altar de incenso, no lugar mais santo; ele as viu no céu, aos pés de Cristo. Daí note: [1] Os perseguidores podem matar somente o corpo, e depois disso não há nada mais que possam fazer; sua alma vive. [2] Deus proveu um bom lugar no mundo melhor para aqueles que são fiéis até a morte e aos quais não se permite mais que ocupem um lugar na terra. [3] Os santos mártires estão bem próximos de Cristo no céu; lá eles têm o lugar mais elevado. [4] Não é sua própria morte, mas o sacrifício de Cristo que lhes concede a entrada no céu e a recompensa aí; eles não lavam as suas vestes no seu próprio sangue, mas no sangue do Cordei-

ro. (2) Qual foi a causa pela qual sofreram – *por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram*, por crerem na palavra de Deus e confirmarem e testemunharem da verdade dela; essa profissão da sua fé eles conservaram sem vacilar, mesmo tendo de morrer por ela. Uma causa nobre, a melhor causa pela qual qualquer homem pode entregar sua vida – a fé na palavra de Deus e a profissão dessa fé.

2. O clamor que ele ouviu; foi um clamor alto, que continha uma humilde censura à longa demora da justiça vingadora contra seus inimigos: "*Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?*" (v. 10). Observe: (1) Mesmo os "*...espíritos dos justos aperfeiçoados*" (Hb 12.23) guardam um ressentimento correspondente ao mal que sofreram de seus cruéis inimigos; e embora morram abandonados, orando, como Cristo fez, que Deus os perdoe, mesmo assim desejam que, para a honra de Deus e de Cristo e do evangelho, e para o terror e condenação dos outros, Deus exerça a justa vingança contra o pecado da perseguição, mesmo que Ele perdoe e salve o perseguidor. (2) Eles confiam sua causa àquele a quem pertence a vingança e a deixam nas suas mãos; eles não tomam a vingança para si, mas deixam tudo para Deus. (3) Haverá alegria no céu diante da destruição dos inimigos implacáveis de Cristo e do cristianismo, como também diante da conversão dos outros pecadores. Quando a Babilônia cair, dirão dela: "*Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela*" (cap. 18.20).

3. Ele observa a reação bondosa que foi dada a esse clamor (v. 11), tanto o que lhes foi dado quanto o que lhes foi dito. (1) O que lhes foi dado – "*...uma comprida veste branca*", a veste da vitória e da honra; sua presente felicidade foi uma recompensa abundante dos seus sofrimentos passados. (2) O que lhes foi dito – que deveriam estar satisfeitos e confortados no seu interior, pois não demoraria muito "*...até que também se completasse o número de seus conservos*". Essa é uma linguagem mais adequada ao estado imperfeito dos santos neste mundo do que ao seu estado perfeito no céu; lá não há impaciência, não há desconforto, não há necessidade de admoestação; mas neste mundo há grande necessidade de paciência. Observe: [1] Há um número de cristãos, conhecidos de Deus, que são designados *como ovelhas para o matadouro*, separados para serem testemunhas de Deus. [2] Assim como o número dos pecados dos pecadores está se completando, assim está se completando também o número dos servos de Cristo perseguidos e martirizados por sua fé. [3] Quando esse número estiver completo, Deus vai exercer uma justa e gloriosa vingança contra seus cruéis perseguidores; Ele vai recompensar com tribulação os que os atribularam, e os que foram atribulados vai recompensar com descanso completo e ininterrupto.

II Temos aqui a quebra do sexto selo (v. 12). Alguns associam isso às grandes revoluções no império no tempo de Constantino, a queda do paganismo; outros, com grande probabilidade, à destruição de Jerusalém, como um emblema do juízo geral e da destruição dos ímpios no final dos tempos; e, de fato, as personagens terríveis desse evento são tão semelhantes aos sinais mencionados por nosso Salvador como precursores da destruição de Jerusalém, a ponto de deixar pouca dúvida de que a mesma coisa esteja na mente do autor em ambos os lugares, embora alguns pensem que esse evento já tivesse passado. Veja Mt 24.29,30. Observe aqui:

1. Os eventos terríveis que estavam se aproximando rapidamente; e aqui há diversas ocorrências que contribuem para tornar aquele dia e dispensação realmente horríveis: (1) "*...houve um grande terremoto*". Isso pode ser interpretado no sentido político; os fundamentos da igreja e do estado judaicos seriam abalados, embora parecessem tão estáveis como a própria terra. (2) "*...o sol tornou-se negro como saco de cilício*", ou naturalmente, por meio de um eclipse total, ou politicamente, por meio da queda dos governantes da terra. (3) *A lua* se tornaria *como sangue*; os oficiais inferiores, ou seus soldados, todos chafurdariam em seu próprio sangue. (4) "*...as estrelas do céu caíram sobre a terra*" (v. 13), e isso "*...como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte*". As estrelas podem significar todos os homens de proeminência e influência entre eles, embora estando em esferas inferiores de atividade; haverá uma devastação geral. (5) "*...o céu retirou-se como um livro que se enrola*". Isso pode significar que o seu estado eclesiástico pereceria e seria colocado de lado para sempre. (6) "*...e todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar*". A destruição da nação judaica iria afetar e aterrorizar todas as nações em volta deles, as que eram as mais proeminentes e as que pareciam as mais seguras; seria um juízo que assustaria o mundo todo. Isso conduz a:

2. O pavor e o terror que tomariam conta de todos os tipos de homens naquele grande e terrível dia (v. 15). Nenhuma autoridade, nem grandeza, nem riquezas, nem valor, nem força, seriam capazes de sustentar os homens naquele dia; sim, até os pobres escravos, que, assim pensaríamos, não têm nada a temer, pois não têm nada a perder, estariam atônitos naquele dia. Observe aqui: (1) A intensidade do seu pavor e assombro: seria tão forte que faria com que os fizesse suplicar, como homens perturbados e desesperados, aos montes e aos rochedos: "*Caí sobre nós e escondei-nos*"; estariam felizes por já não serem vistos; sim, felizes por já não terem existência alguma. (2) A causa do seu pavor, isto é, o rosto irado "*...daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro*". Observe: [1] Aquilo que desagrada a Cristo também desagrada a Deus; Eles são tão completamente um que o que agrada e desagrada a um agrada e desagrada a outro. [2] Embora Deus seja invisível, Ele pode tornar os habitantes deste mundo sensíveis aos seus temíveis olhares de repreensão. [3] Embora Cristo seja um cordeiro, mesmo assim pode ficar com raiva, até com ira, e a *ira do Cordeiro* é extremamente temível; pois se o Redentor, que aplaca a ira de Deus, for Ele mesmo nosso inimigo cheio de ira, onde teríamos um amigo que intercedesse por nós? Perecem sem esperança os que perecem pela ira do Redentor. [4] Assim como os homens têm o seu dia da oportunidade e suas épocas de graça, assim Deus tem o seu dia de justa ira; e, quando vier esse dia, os pecadores de coração mais valente

não serão capazes de se opor a Ele. Todos esses terrores de fato caíram sobre os pecadores na Judéia e em Jerusalém no dia da destruição, e todos cairão, com sua pior intensidade, sobre os pecadores impenitentes no juízo geral do último dia.

CAPÍTULO 7

Os eventos contidos nesse capítulo ocorreram após a quebra dos seis selos, que anunciaram grandes calamidades no mundo; e antes do toque das sete trombetas, que deram notícia de grande depravação surgindo na igreja; entre esses aparece esse agradável capítulo, que garante as graças e o conforto do povo de Deus em épocas de calamidade comum. Temos aqui: I. Um relato da restrição imposta aos ventos (vv. 1-3). II. Os servos de Deus são selados (vv. 4-8). III. Os cânticos dos anjos e dos santos nessa ocasião (vv. 9-12). IV. Uma descrição da honra e da felicidade daqueles que haviam servido fielmente a Cristo e sofrido por Ele (vv. 13-17).

A Visão do Céu
vv. 1-12

Temos aqui:

I Um relato da restrição imposta aos ventos. Supomos que esses ventos signifiquem os erros e depravações na religião que causariam grandes problemas e prejuízos à igreja de Deus. Às vezes o Espírito Santo é comparado ao vento; aqui os espíritos do erro são comparados aos *quatro ventos*, contrários uns aos outros, mas causando grande dano à igreja, o jardim e a vinha de Deus, quebrando os ramos e destruindo os frutos da sua plantação. O Diabo é chamado de "*...príncipe das potestades do ar*" (Ef 2.2); ele derrubou a casa do filho mais velho de Jó por meio de um forte vento. Os erros são como o vento, pelos quais os que são instáveis são abalados, e "*...levados em roda*" (Ef 4.14). Observe: 1. Esses aqui do texto são chamados de "*...ventos da terra*", pois só sopram por estas regiões mais baixas próximas da terra; o céu está sempre livre deles. 2. Eles são limitados pelo ministério de anjos "*...que estavam sobre os quatro cantos da terra*", intimando o espírito do erro para que não avançasse até que Deus o permitisse, e que os anjos ministrassem para o bem da igreja ao restringir seus inimigos. 3. Essa restrição era só por uma época, e isso foi "*...até que hajamos assinalado na testa os servos do nosso Deus*". Deus tem um cuidado e uma preocupação particulares por seus próprios servos em épocas de tentação e depravação, e Ele tem uma forma de guardá-los dessa infecção comum; primeiramente Ele os firma, e depois os prova; Ele tem o tempo das provações deles nas suas mãos.

II Um relato do ato em que os servos de Deus são selados, em que observe: 1. A quem essa tarefa foi incumbida – a um anjo, "*...outro anjo*". Enquanto alguns anjos foram empregados para restringir a Satanás e seus agentes, outro anjo foi empregado para marcar e distinguir os servos fiéis de Deus. 2. Como eles foram distinguidos – o selo de Deus foi assinalado sobre a testa deles, um selo conhecido a Ele, e tão claro como que se aparecesse na testa deles; por meio dessa marca eles foram separados para a misericórdia e segurança nos piores tempos. 3. O número dos que foram assinalados, em que observe: (1) Um relato particular dos que foram assinalados dentre as doze tribos de Israel – doze mil de cada tribo, o total resultando em "*...cento e quarenta e quatro mil*". Nessa lista, a tribo de Dã é omitida, talvez porque eles estavam profundamente escravizados pela idolatria; e a ordem das tribos é alterada, talvez de acordo com quem tinha sido mais ou menos fiel a Deus. Alguns entendem que esses formam um grupo seleto de judeus que foram separados para a misericórdia na destruição de Jerusalém; outros pensam que esse tempo já tinha passado, e por isso deve ser aplicado de forma mais geral ao remanescente escolhido por Deus no mundo; mas, se a destruição de Jerusalém ainda não tinha passado (e era difícil crer que tivesse passado), parece mais apropriado entender isso como sendo o remanescente daquele povo que Deus havia reservado de acordo com a eleição da graça, somente que aqui temos um número definido representando um número indefinido. (2) Um relato geral dos que foram salvos dentre as outras nações (v. 9): "*...uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas*". Embora não se diga no texto que estes foram selados, mesmo assim foram escolhidos por Deus dentre todas as nações e trazidos para a sua igreja, e aí estavam diante do trono. Observe: [1] Deus vai ter uma colheita maior entre os gentios do que teve entre os judeus. "*Porque mais são os filhos da solitária do que os filhos da casada*". [2] O Senhor sabe quem são os que lhe pertencem, e Ele vai guardá-los em segurança em épocas de tentações e perigos. [3] Embora a igreja de Deus não seja mais que um pequeno rebanho em comparação com o mundo mau, mesmo assim não é uma sociedade desprezível, mas realmente grande e a ser ampliada ainda mais.

III Temos nessa ocasião os cânticos dos santos e dos anjos (vv. 9-12), em que observamos:

1. Os louvores oferecidos pelos santos (e, pelo que me parece, pelos crentes dentre os gentios) pelo cuidado de Deus em preservar um remanescente tão grande de judeus, e por salvá-los da infidelidade e da destruição. A igreja judaica orou pelos gentios antes da sua conversão, e as igrejas dos gentios têm razão para abençoar a Deus por sua misericórdia distinta demonstrada a tantos judeus, quando o restante foi eliminado. Observe aqui: (1) A postura desses santos em adoração: Eles "*...estavam diante do trono e perante o Cordeiro*", diante do Criador e do Mediador. Em atos de adoração religiosa nós nos aproximamos de Deus, e precisamos nos imaginar como estando na sua presença especial; e precisamos ir a Deus por meio de Cristo. O trono de Deus seria inacessível aos pecadores se não fosse por um Mediador. (2) O seu traje: Eles estavam "*...trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos*"; eles estavam vestidos com os trajes da justificação, santidade e vitória, e tinham palmas em suas mãos, como os vencedores costumavam aparecer nos seus triunfos. Essa gloriosa aparição os servos fiéis de

Deus farão no final, quando tiverem combatido "*...o bom combate da fé*" e guardado a carreira (2 Tm 4.7). (3) Sua ocupação: Eles "*...clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro*". Isso pode ser entendido ou como um *hosana*, desejando o bem para os interesses de Deus e de Cristo na igreja e no mundo, ou como um *aleluia*, dando a Deus e ao Cordeiro o louvor da grande salvação; o Pai e o Filho estão incluídos nesses louvor; o Pai planejou essa salvação, o Filho a comprou, e os que desfrutam dela precisam e vão abençoar o Senhor e o Cordeiro, e farão isso publicamente, e com o fervor adequado.

2. Aqui está o cântico dos anjos (vv. 11,12), em que observamos: (1) Seu posto – "*...ao redor do trono*", assistindo-o, e perto dos santos, prontos a servi-los. (2) Sua postura, que é muito humilde e expressiva da grande reverência: "*...e prostraram-se diante do trono sobre seu rosto e adoraram a Deus*". Vejam as mais excelentes das criaturas, que nunca pecaram, que estão diante dele continuamente, não somente cobrindo seu rosto, mas caindo sobre seu rosto diante do Senhor! Que humildade então, e que profunda reverência, precisam tomar conta de nós, frágeis e vis criaturas, quando entramos na presença de Deus! Deveríamos nos prostrar diante dele; deveria haver tanto uma atitude de reverência do espírito quanto um comportamento humilde todas as vezes que nos dirigimos a Deus. (3) Seus louvores. Eles concordaram com os louvores dos santos, e a eles disseram o seu *Amém*; no céu há uma perfeita harmonia entre os anjos e os santos; e então acrescentaram mais do seu próprio louvor, dizendo: "*Louvor, e glória, e sabedoria, e ações de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém!*" Aqui: [1] Eles reconhecem os gloriosos atributos de Deus – sua sabedoria, seu poder e sua força. [2] Eles declaram que por essas suas perfeições divinas Ele deve ser abençoado, louvado e glorificado por toda a eternidade; e confirmam isso com o seu *Amém*. Vemos o que é a obra do céu, e devemos iniciá-la agora, para sintonizar o nosso coração com ela, para estarmos envolvidos nela e ansiarmos por aquele mundo em que nossos louvores, como também nossa felicidade, serão aperfeiçoados.

A Honra e Felicidade dos Santos

vv. 13-17

Temos aqui a descrição da honra e da felicidade daqueles que fielmente serviram ao Senhor Jesus Cristo e sofreram por Ele. Observe:

I A pergunta feita por um dos anciãos, não para sua própria informação, mas para a instrução de João: os ministros podem aprender do povo, especialmente dos cristãos idosos e mais experimentados; o santo mais inferior no céu sabe mais do que o maior apóstolo no mundo. Agora a pergunta tem duas partes: 1. "*Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são?*" 2. "*De onde vieram?*" Parece que isso é dito em forma de admiração, como Cantares 3.6: "*Quem é esta que sobe do deserto!*" Cristãos fiéis merecem nosso respeito e atenção; deveríamos "*notar o que é reto*" (Sl 37.37).

II A resposta dada pelo apóstolo, na qual tacitamente reconhece sua própria ignorância e apela a esse ancião por informação: "*Senhor, tu sabes*". Os que querem obter conhecimento não podem se envergonhar de reconhecer sua ignorância, nem de desejar instrução de qualquer um que seja capaz de dá-la.

III O relato dado ao apóstolo concernente ao nobre exército de mártires que estavam "*...diante do trono de Deus em vestes brancas*", com palmas de vitória nas suas mãos; e aqui se anotou: 1. O estado humilde e desolador em que tinham estado antes; tinham passado por grande tribulação, tinham sido perseguidos pelos homens, tentados por Satanás, às vezes atribulados no seu próprio espírito; tinham sofrido o saque dos seus bens, o encarceramento de sua pessoa, sim, a perda da própria vida. O caminho para o céu passa por muitas tribulações; mas a tribulação, por maior que seja, não vai "*...nos separar do amor de Deus*". A tribulação, quando vencida, vai tornar o céu mais desejado e mais glorioso. 2. Eles desfrutaram agora do meio pelo qual tinham sido preparados para essa grande honra e felicidade: Eles "*...lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro*" (v. 14). Não é o sangue dos próprios mártires, mas o sangue do Cordeiro, que pode lavar e tirar pecados, e tornar a alma pura e limpa aos olhos de Deus. O sangue de outros mancha; esse é o único sangue que torna as vestes dos santos brancas e puras. 3. A bem-aventurança para a qual eles são promovidos agora, estando assim preparados para ela: (1) Eles estão felizes em seu posto, pois "*...estão diante do trono de Deus de dia e de noite*"; e Ele "*...os cobrirá com a sua sombra*"; eles estão naquela presença em que há plenitude de alegria. (2) Eles estão felizes em sua ocupação, pois servem a Deus continuamente, e isso sem fraqueza, sem preguiça e sem fadiga. O céu é um lugar de serviço, embora não de sofrimento; é um lugar de descanso, mas não de preguiça; é um descanso prazeroso e recomendável. (3) Eles estão felizes por estarem livres de todas as inconveniências desta vida presente: [1] De toda a necessidade e toda percepção de necessidade: "*Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede*"; todas as suas necessidades estão supridas, e todo o desconforto causado por elas está assim eliminado. [2] De toda a enfermidade e dor: Nunca mais serão queimados pelo calor do sol. (4) Eles estão felizes no amor e na condução do Senhor Jesus: Ele "*...os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida*"; Ele vai lhes dar a posse de todas as coisas que são agradáveis e refrescantes à sua alma, e por isso "*...nunca mais terão fome*". (5) Eles estão felizes por terem sido libertos de toda tristeza ou causa dela: "*...Deus limpará de seus olhos toda lágrima*". Anteriormente tiveram muitas tristezas, e derramaram muitas lágrimas, mas por conta do pecado e da aflição; mas o próprio Deus, com sua mão bondosa e meiga, vai limpar essas lágrimas, e elas não retornarão para sempre; e eles não teriam estado sem essas lágrimas quando Deus veio para limpá-las. Nisso Ele age com eles como um pai carinhoso que encontra o seu filho amado em lágrimas, conforta-o, limpa seus olhos e transforma sua tristeza em alegria. Isso

deveria aliviar a tristeza do cristão nesta presente época, e apoiá-lo em todas as suas tribulações; pois "*...os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos*" (Sl 126.5,6).

CAPÍTULO 8

Já vimos o que aconteceu quando foram abertos os seis selos; vamos agora para a abertura do sétimo, que introduziu o toque das sete trombetas; e uma cena horrenda se abre agora. A maioria dos expositores concorda em que os sete selos representam o intervalo entre o tempo do apóstolo e o reinado de Constantino, mas que as sete trombetas têm o propósito de representar o surgimento do anticristo, algum tempo depois de o império se tornar cristão. Nesse capítulo, temos: I. O prefácio, ou prelúdio, ao toque das trombetas (vv. 1-6). II. O toque de quatro das sete trombetas (vv. 7-13).

As Sete Trombetas

vv. 1-6

Nesses versículos, temos o prelúdio ao toque das trombetas em diversas partes.

I A quebra do último selo. Isso aconteceu para introduzir um novo conjunto de iconismos e eventos proféticos; há uma contínua corrente de providência, uma parte ligada à outra (onde uma termina a outra começa), e, embora possam divergir em natureza e no tempo, todos eles perfazem um desígnio sábio, bem conectado e uniforme nas mãos de Deus.

II O profundo "*...silêncio no céu quase por meia hora*", que pode ser entendido ou: 1. Como o silêncio da paz, porque nesse tempo nenhuma queixa foi enviada aos ouvidos do Senhor dos exércitos; tudo estava bem e calmo na igreja, e por isso todos estavam em silêncio no céu, pois sempre que a igreja na terra clama por causa da opressão, esse clamor sobe ao céu e ressoa ali; ou: 2. O silêncio da expectativa; grandes coisas estavam sobre as rodas da providência, e a igreja de Deus, tanto no céu quanto na terra, estava em silêncio, como lhe era apropriado, para ver o que Deus estava fazendo, de acordo com o silêncio de Zacarias 2.13: "*Cale-se, toda a carne, diante do Senhor, porque ele despertou na sua santa morada*". E em outro trecho: "*Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus*" (Sl 46.10).

III As trombetas foram entregues aos anjos que deveriam tocá-las. Ainda os anjos são empregados como agentes sábios e dispostos da divina Providência, e são providos de todos os materiais e instruções de Deus nosso Salvador. Assim como os anjos das igrejas devem soar as trombetas do evangelho, assim os anjos do céu devem soar a trombeta da Providência, e assim cada um deu sua parte a Ele.

IV Para preparar para isso, outro anjo precisa primeiro oferecer incenso (v. 3). É muito provável que esse outro anjo seja o Senhor Jesus, o sumo sacerdote da igreja, que aqui é descrito em sua função sacerdotal, tendo um incensário de ouro e muito incenso, uma plenitude de méritos na sua gloriosa pessoa, e esse incenso Ele deveria oferecer "*...com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro*" da sua divina natureza. Observe: 1. Todos os santos são um povo que ora; nenhum dos filhos de Deus é nascido mudo; um Espírito de graça é sempre um Espírito de reconhecimento e súplica, ensinando-nos a clamar: "*Aba, Pai*". Salmos 32.6: "*Pelo que todo aquele que é santo orará a ti*". 2. Tempos de perigo devem ser tempos de oração, e assim devem ser tempos de grande expectativa; tanto nossos temores quanto nossas esperanças deveriam nos levar à oração e, onde está em jogo o interesse da igreja de Deus, o coração do povo de Deus em oração deveria ser grandemente ampliado. 3. As orações dos próprios santos têm necessidade do incenso e da intercessão de Cristo para torná-las eficazes e aceitáveis, e há provisão feita por Cristo para esse propósito; Ele tem o incenso, o incensário e seu altar; Ele é tudo para o seu povo. 4. As orações dos santos sobem diante de Deus em uma nuvem de incenso; nunca se negou audiência ou aceitação a uma oração assim encaminhada. 5. Essas orações que são assim aceitas no céu produzem grandes mudanças sobre a terra em resposta a elas; o mesmo anjo que com seu incensário ofereceu as orações dos santos, "*...tomou o* mesmo *incensário e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra*", e isso imediatamente causou estranhas comoções, "*...vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos*"; essas foram as respostas que Deus deu às orações dos santos, e foram sinais da sua ira contra o mundo e de que Ele faria grandes coisas para vingar a si e o seu povo dos seus inimigos. E agora, todas as coisas estando assim preparadas, os anjos realizam a sua tarefa.

As Sete Trombetas

vv. 7-13

Observe:

I "*...o primeiro anjo tocou*" a primeira trombeta, e os eventos que seguiram foram muito sinistros: "*...e houve saraiva e fogo misturado com sangue...*" (v. 7). Houve uma terrível tempestade; mas se deve ser entendida como uma tempestade de heresias, uma mistura de enganos monstruosos caindo sobre a igreja (pois nessa época prevalecia o arianismo), ou uma tempestade de guerra caindo sobre o estado civil, os expositores não têm concordância. O Sr. Mede a entende como a inundação dos godos que irrompeu no império no ano de 395, o mesmo ano em que morreu Teodósio, quando as nações do Norte, sob Alarico, rei dos godos, invadiram a parte ocidental do império. No entanto, aqui observamos: 1. Que foi uma tempestade terrível – fogo, saraiva e sangue: uma estranha mistura! 2. A limitação dela: Caiu sobre "*...a terça parte das árvores*", e sobre a terça parte das ervas, e as destruiu e queimou; isto é, dizem alguns, sobre a terça parte do clero e a terça parte dos leigos; ou,

como outros entendem, que caiu sobre o estado civil, sobre a terça parte dos grandes homens, e sobre a terça parte do povo comum, ou sobre o Império Romano inteiro, que era uma terça parte do mundo conhecido então, ou sobre uma terça parte desse império. As calamidades mais severas têm suas limitações e fronteiras estabelecidas pelo grande Deus.

II "*E o segundo anjo tocou a trombeta*", e o sobressalto seguiu, como no primeiro, com eventos terríveis: "*...e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar*" (v. 8). Alguns entendem que esse monte significa o líder ou os líderes dos hereges; outros, como o Sr. Mede, a cidade de Roma, que foi saqueada cinco vezes pelos godos e vândalos, no período de 137 anos; primeiro por Alarico, no ano 410, com grande matança e crueldade. Nessas calamidades, uma terça parte das pessoas (chamada aqui de mar ou ajuntamento de águas) foi destruída; houve ainda assim uma limitação para a terça parte, pois no meio do juízo Deus lembra da misericórdia. Essa tempestade foi muito pesada sobre as cidades e os países marítimos e comerciais do Império Romano.

III "*E o terceiro anjo tocou a trombeta*", e o sobressalto teve os mesmos efeitos que antes: "*...caiu do céu uma grande estrela...*" (v. 10). Alguns entendem que isso seja uma estrela política, algum governante eminente, e eles o aplicam a Augustulus, que foi forçado a renunciar e entregar o império a Odoacro no ano de 480. Outros entendem que é uma estrela eclesiástica, alguma pessoa eminente na igreja, comparada à "*...estrela, ardendo como uma tocha*", e a associam a Pelágio, que nessa época mostrou ser uma estrela cadente, que grandemente depravou as igrejas de Cristo. Observe: 1. Onde essa estrela caiu: "*...sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas*". 2. Que efeito teve sobre elas. Transformou esses rios e fontes em absinto, tornou-os muito amargos, tanto que os homens foram envenenados por eles. Ou as leis, que são fontes de liberdade civil, e de propriedade, de segurança, foram envenenadas pelo poder arbitrário, ou as doutrinas do evangelho, as fontes da vida espiritual, do refrigério e do vigor da alma dos homens, estavam tão depravadas e tornadas amargas por uma mistura de enganos perigosos que a alma dos homens encontrou sua ruína onde buscava o seu refrigério.

IV "*E o quarto anjo tocou a trombeta*", e o sobressalto que seguiu era de mais calamidades. Observe: 1. A natureza dessa calamidade: Foi escuridão; caiu portanto sobre os grandes luminares do céu que dão luz ao mundo – *o sol, a lua e as estrelas*, ou os guias e governantes da igreja, ou do estado, que são colocados em postos mais elevados que o povo, e devem repartir luz e influências benignas a eles. 2. A limitação: Foi confinada à terça parte desses luminares; havia alguma luz tanto do sol de dia, quanto da lua e das estrelas de noite, mas era somente uma parte do que possuíam antes. Sem querermos determinar o que é questão de controvérsia entre os estudiosos, preferimos escolher fazer estas observações claras e práticas: (1) Sempre que o evangelho vem a um povo, e é recebido somente com frieza e não tem os efeitos adequados sobre os seus corações e vidas, geralmente é seguido de castigos horríveis. (2) Deus dá advertências dos seus castigos aos homens antes de enviá-los; Ele soa um alarme por meio da palavra escrita, de ministros, da própria consciência dos homens e dos sinais dos tempos; assim que, se um povo é surpreendido, é sua própria culpa. (3) A ira de Deus contra um povo realiza uma obra terrível entre eles; torna amargos todos os seus esforços e torna a própria vida amarga e pesarosa. (4) Deus não libera toda a sua ira sobre este mundo, mas coloca limites aos castigos mais terríveis. (5) A depravação da doutrina e da adoração na igreja é em si um grande castigo, e em geral é causa e sinal de outros castigos que virão sobre o povo.

V Antes de serem tocadas as outras três trombetas, aqui é dada uma advertência solene ao mundo de como seriam terríveis as calamidades que as seguiriam, e de como seriam miseráveis os tempos e lugares nos quais cairiam (v. 13). 1. O mensageiro era um anjo que voava "*...pelo meio do céu*", como quem está com pressa, e vindo para realizar uma tarefa terrível. 2. A mensagem foi a denúncia de outro ai e outra miséria ainda maiores do que o mundo tinha sofrido até então. Aqui há três ais, para mostrar o quanto as calamidades por vir seriam maiores do que as que já haviam passado, ou para indicar como cada trombeta subseqüente iria introduzir sua calamidade particular e distinta. Se castigos menores não fazem efeito, e a igreja e o mundo se tornam piores sob esses juízos, então precisam esperar castigos maiores. Deus será conhecido pelos juízos que Ele executar; e Ele espera, quando vem para castigar o mundo, que os seus habitantes tremam diante dele.

CAPÍTULO 9

Nesse capítulo, temos o relato do toque da quinta e sexta trombetas, as aparições que as acompanharam e os eventos que seguiriam. A quinta trombeta (vv. 1-12); a sexta trombeta (vv. 13-21).

As Sete Trombetas

vv. 1-12

Após o toque dessa trombeta, as coisas a serem observadas são: 1. "*...uma estrela que do céu caiu na terra*". Alguns pensam que essa estrela representa algum bispo eminente na igreja cristã, algum anjo da igreja; pois, a mesma forma de linguagem que é usada para chamar os pastores de estrelas, é usada para chamar a igreja de céu; mas os expositores não concordam em torno de quem é. Alguns crêem que seja Bonifácio, o terceiro bispo de Roma, que assumiu o título de bispo universal, por meio do favor do imperador Focas, que, sendo um usurpador e um tirano no estado, permitiu que Bonifácio ocupasse essa posição na igreja, como recompensa por sua bajulação. 2. A essa estrela caída foi dada "*...a chave do poço do abismo*". Tendo cessado agora de ser um ministro de Cristo, ele se torna um an-

ticristo, o ministro do Diabo; e pela permissão de Cristo, que tinha tomado dele as chaves da igreja, ele se torna o carcereiro do Diabo, para soltar os poderes do inferno contra as igrejas de Cristo. 3. Após a abertura do poço do abismo, "...*subiu fumaça do poço*", que escureceu o sol e o ar. Os demônios são poderes da escuridão; o inferno é o lugar da escuridão. O Diabo executa os seus propósitos ao cegar os olhos dos homens, ao extinguir a luz e o conhecimento, e ao promover a ignorância e o erro. Ele primeiro engana os homens, e depois os destrói; almas desprezíveis o seguem no escuro, ou não ousam segui-lo. 4. De dentro dessa fumaça escura saiu um enxame de gafanhotos, uma das pragas do Egito, os emissários do Diabo encabeçados pelo Anticristo, toda a horda e turba às ordens do Anticristo, para promover a superstição, a idolatria, o engano e a crueldade; e, pela justa permissão de Deus, estes tinham o poder de ferir os que não tinham a marca de Deus na sua testa. 5. O dor que lhes causariam não era física, mas espiritual. Eles não deveriam destruir a todos com meios militares, pelo fogo e a espada; as árvores e as ervas deveriam permanecer intocadas, e os que eles ferissem não deveriam ser mortos; não deveria ser uma perseguição, mas uma infecção secreta na sua alma, que deveria lhes roubar a pureza, e depois a paz. A heresia é um veneno na alma, agindo lenta e secretamente, mas será amargo no final. 6. Eles não tinham o poder de ferir os que possuíam o sinal de Deus na testa. A graça de Deus que elege é eficaz e separa os seus, e vai preservar o seu povo da apostasia total e final. 7. O poder dado a esses fatores que conduzem ao inferno é limitado no tempo: "...*cinco meses*", uma estação curta, e não mais do que uma estação curta, embora não saibamos quão curta. Estações do evangelho têm o seu limite, e tempos de sedução também são limitados. 8. Mesmo que fosse breve, seria aguda, na medida em que os que tivessem de sentir a malignidade desse veneno na sua consciência ficariam fadigados da vida (v. 6). "*O espírito abatido, quem o levantará?*". 9. Esses gafanhotos eram de forma e tamanho monstruosos (vv. 7,8ss.). Eles estavam equipados para a sua tarefa como cavalos para a batalha. (1) Eles aspiravam a grande autoridade e pareciam seguros da vitória: Eles tinham "...*coroas semelhantes ao ouro*"; não era uma autoridade verdadeira, mas forjada. (2) Eles tinham a aparência de sabedoria e sagacidade, "...*o seu rosto era como rosto de homem*", embora o espírito fosse de demônios. (3) Possuíam todos os fascínios da beleza aparente, para seduzir e perverter a mente dos homens – "...*tinham cabelos como cabelos de mulher*"; sua forma de adoração era pomposa e ornamental. (4) Embora aparentassem possuir a ternura das mulheres, tinham "...*dentes como de leão*"; eram criaturas realmente cruéis. (5) Eles tinham a defesa e proteção de poderes terrestres – "...*couraças de ferro*". (6) Eles faziam um ruído tremendo no mundo; voavam de um país para outro, e o ruído do seu movimento era como o de um exército de carros e cavalos. (7) Embora no início acalmassem e lisonjeassem os homens com uma aparência agradável, havia um aguilhão na sua cauda; o copo das suas abominações continha aquilo que, embora saboroso no começo, com o tempo feriria como uma serpente e picaria como uma cobra. (8) O rei e comandante desse esquadrão infernal é descrito aqui: [1] Como um anjo; assim, ele era por natureza um anjo, anteriormente um dos anjos do céu. [2] "...*o anjo do abismo*"; ainda assim um anjo, mas um anjo caído, caído no abismo, imensamente grande, e do qual não há salvação. [3] Nessas regiões infernais ele é um tipo de príncipe e governador, e tem os poderes da escuridão sob seu domínio e comando. [4] O seu verdadeiro nome é *Abadom*, *Apoliom* – um destruidor, pois esse é o seu trabalho, seu propósito e sua ocupação, à qual ele se dedica diligentemente, na qual é muito bem-sucedido, e em que tem prazer horrendo e infernal; é a essa obra destruidora que ele envia seus emissários e exércitos para destruir a alma dos homens. E aqui temos o término de um Ai; e onde termina um, começa o outro.

As Sete Trombetas

vv. 13-21

Vamos considerar aqui o prefácio dessa visão, e depois a visão propriamente dita.

I O prefácio dessa visão: "...*ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro...*" (vv. 13,14). Observe aqui: 1. O poder dos inimigos da igreja é restringido até que Deus dê a ordem para que seja liberado. 2. Quando as nações estão maduras para o castigo, aqueles agentes da ira de Deus que antes eram restringidos são liberados sobre eles (v. 14). 3. Os agentes que Deus usa para castigar um povo podem às vezes estar a uma grande distância deles, de forma que o perigo que eles representam pode não ser percebido. Esses quatro mensageiros do juízo divino estavam presos junto ao rio Eufrates, a uma grande distância das nações européias. Aqui a potência turca teve o seu início, o que parece ser a histôria dessa visão.

II A visão propriamente dita: "...*os quatro anjos que estavam presos junto ao grande rio Eufrates foram soltos*" (vv. 15,16). E aqui observe: 1. O tempo das suas operações militares é limitado à "...*hora, e dia, e mês, e ano*". Figuras proféticas de tempo dificilmente devem ser compreendidas por nós; mas em geral o tempo é fixado a uma hora em que deve começar e em que deve terminar; e quanto tempo a execução deve durar, mesmo até uma terça parte dos habitantes da terra. Deus vai fazer com que a ira do homem o louve, e o restante da ira Ele vai restringir. 2. O exército que deve executar essa grande comissão é passado em revista, e se mostra que o número de cavaleiros é de "...*duzentos milhões*"; mas resta-nos adivinhar o que deve ser a infantaria. Em geral, isso nos diz que os exércitos do império maometano devem ser enormemente grandes; e é certo que eram. 3. Os seus formidáveis equipamento e aparência (v. 17). Assim como os cavalos eram fogosos, como leões, e ávidos para se precipitarem na batalha, assim os que estavam sentados sobre eles estavam equipados com uma armadura brilhante e com preciosas couraças, com todas as insígnias de coragem, zelo e determinação marciais. 4. A grande desolação e devastação que

eles causaram ao Império Romano, que agora tinha se tornado anticristão: uma terça parte deles foi morta; eles foram até o ponto em que sua comissão lhes permitia, e não conseguiram ir além. 5. A sua artilharia, pela qual fizeram essa matança, descrita pelo "*...fogo, e fumaça, e enxofre*", saindo da boca dos seus cavalos, e os aguilhões que estavam na sua cauda. O Sr. Mede tem a opinião de que isso é uma predição de grandes armas, aqueles instrumentos de crueldade que fazem tal destruição. Ele diz que essas foram usadas pela primeira vez pelos turcos no cerco a Constantinopla, e, sendo novas e estranhas, foram muito terríveis, e causaram grande suplício. No entanto, aqui parece haver uma alusão ao que é mencionado na visão anterior, que, assim como o anticristo tinha sua forças de uma natureza espiritual, como escorpiões envenenando a mente dos homens com engano e idolatria, assim os turcos, que foram levantados para castigar a apostasia anticristã, também tinham seus escorpiões e seus aguilhões, para ferir e matar os corpos daqueles que tinham sido os assassinos de tantas almas. 6. Observe a impenitência da geração anticristã sob esses terríveis castigos (v. 20); o restante dos homens que não foram mortos não se arrependeu; eles ainda persistiam naqueles pecados pelos quais Deus os estava castigando de maneira tão severa, que eram: (1) Sua idolatria; eles não lançavam fora suas imagens, embora estas não lhes pudessem fazer bem algum, *não podiam ver, nem ouvir, nem andar*. (2) Seus assassinatos (v. 21), que eles haviam cometido contra os santos e servos de Cristo. O papismo é uma religião sanguinária, e parece determinada a continuar assim. (3) Suas feitiçarias; eles têm seus encantamentos, e artes mágicas, e ritos de exorcismo e outras coisas. (4) Sua fornicação; eles toleram tanto a impureza espiritual quanto a carnal, e a promovem tanto em si quanto nos outros. (5) Seus roubos; eles ajuntaram por meios injustos uma grande quantidade de riquezas, para o prejuízo e empobrecimento de famílias, cidades, príncipes e nações. Esses são os crimes flagrantes do anticristo e de seus agentes; e, embora Deus tenha revelado a sua ira do céu contra eles, eles são obstinados, endurecidos e impenitentes, e acertadamente assim, porque precisam ser destruídos.

III Aprendemos dessa sexta trombeta: 1. Deus pode fazer com que um inimigo da igreja se torne um açoite e uma praga para outro. 2. Aquele que é o Senhor dos exércitos tem enormes exércitos às suas ordens para servirem aos seus próprios propósitos. 3. As potências mais formidáveis têm limites que lhes são impostos, os quais eles não podem transgredir. 4. Quando os juízos de Deus estão sobre a terra, Ele espera que os habitantes dela se arrependam do pecado e aprendam justiça. 5. A impenitência sob os castigos de Deus é uma iniqüidade que vai ser a ruína dos pecadores; pois ali onde Deus julga Ele vai prevalecer.

CAPÍTULO 10

Esse capítulo é uma introdução à última parte das profecias desse livro. Se o que está contido entre esse trecho e o toque da sétima trombeta (cap. 11.15) é uma profecia distinta da outra, ou somente um relato mais geral de algumas das coisas principais incluídas na outra, é disputado por nossas curiosas investigações nesses escritos de difícil compreensão. No entanto, aqui temos: I. Uma descrição extraordinária de um anjo muito glorioso com um livro aberto na sua mão (vv. 1-3). II. Um relato dos sete trovões que o apóstolo ouviu, como fazendo eco à voz desse anjo, e transmitindo algumas descobertas que o apóstolo ainda não tinha permissão de escrever (v. 4). III. O juramento solene feito por aquele que tinha o livro na sua mão (vv. 5-7). IV. A ordem dada ao apóstolo, e obedecida por ele (vv. 8-11).

As Sete Trombetas
vv. 1-7

Temos aqui o relato de mais uma visão com que o apóstolo foi agraciado, entre o toque da sexta e sétima trombetas. E observamos:

I A pessoa que esteve principalmente envolvida em transmitir essa descoberta a João – um anjo do céu, "*...outro anjo forte*", que é apresentado de tal forma que nos induz a pensar que não pode ter sido outro a não ser o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo! 1. Ele estava "*...vestido de uma nuvem*": Ele encobre a sua glória, que é grande demais para que o que é mortal a observe; e Ele lança um véu sobre as suas dispensações. "*Nuvens e obscuridade estão ao redor dele*" (Sl 97.2). 2. "*...por cima da sua cabeça estava o arco celeste*"; Ele está sempre lembrando da sua aliança, e, quando o seu procedimento é o mais misterioso, mesmo assim é perfeitamente justo e fiel. 3. Seu "*...rosto era como o sol*", todo brilhante, e cheio de esplendor e majestade (cap. 1.16). 4. Seus "*...pés, como colunas de fogo*"; todos os seus caminhos, tanto da graça quanto da providência, são puros e seguros.

II Seu posto e postura: "*...pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra*", para mostrar poder e domínio absolutos que tinha sobre o mundo. "*...e tinha na mão um livrinho aberto*", provavelmente o mesmo que havia estado selado antes, mas que agora estava aberto e sendo gradativamente cumprido por Ele.

III Sua voz tremenda: "*...e clamou com grande voz, como quando brama o leão*" (v. 3), e sua voz tremenda foi ecoada por "*...sete trovões*", sete maneiras solenes e terríveis de descobrir a mente de Deus.

IV A proibição dada ao apóstolo, para que não divulgasse, mas selasse o que tinha ouvido dos sete trovões (v. 4). O apóstolo estava pronto a registrar e divulgar tudo que via e ouvia nessas visões, mas o tempo ainda não tinha chegado.

V O juramento solene feito por esse anjo forte. 1. A forma em que Ele jurou: "*...levantou a mão ao céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre*", por si mesmo, como Deus com freqüência tem feito, ou por

Deus como Deus, a quem Ele, Senhor, Redentor e soberano do mundo, apela agora. 2. A essência do juramento: Que não haveria mais tempo; ou: (1) Que agora não haverá mais demora no cumprimento das predições desse livro do que até o toque do último anjo; pois tudo deveria ser posto em pronta execução: "...*se cumprirá o segredo de Deus*" (v. 7). Ou: (2) Que quando esse mistério de Deus tiver sido cumprido o tempo já não existirá como meio de medição das coisas que estão em estado de mudança; mas todas as coisas serão finalmente fixadas para sempre, e assim o tempo em si será engolido pela eternidade.

O Pequeno Livro
vv. 8-11

Temos aqui:

I Uma ordem exata dada ao apóstolo, que era: 1. Que ele fosse e tomasse "...*o livrinho aberto da mão*" daquele anjo forte mencionado antes. Essa ordem não foi dada pelo próprio anjo que estava sobre a terra, mas pela mesma voz do céu que no versículo 4 tinha passado uma orientação a ele para que não escrevesse o que tinha discernido nos sete trovões. 2. Que comesse o livro; essa parte da ordem foi dada pelo próprio anjo, sugerindo ao apóstolo que antes de ele divulgar o que tinha descoberto deveria digerir mais profundamente as predições, e ser em si mesmo mais apropriadamente afetado por elas.

II Um relato do sabor e do gosto que esse livrinho tinha, depois que o apóstolo o engoliu; no começo, enquanto estava na sua boca, "...*era doce*". Todas as pessoas sentem prazer ao olhar para os eventos do futuro, e ao ouvir predições deles; e todos os bons homens gostam de receber uma palavra de Deus, não importa o significado. Mas, quando esse livro de profecia foi mais inteiramente digerido pelo apóstolo, o conteúdo ficou amargo; essas foram coisas tão medonhas e terríveis, perseguições tão atrozes do povo de Deus, e desolação tal causada sobre a terra, que a previsão e o conhecimento prévio delas não seriam agradáveis, mas dolorosos para a mente do apóstolo; assim foi para Ezequiel a sua profecia (cap. 3.3).

III O cumprimento da tarefa que o apóstolo foi chamado a realizar (v. 10): "*E tomei o livrinho da mão do anjo e comi-o*", e ele percebeu que o seu sabor era como lhe tinha sido dito. 1. É adequado aos servos de Deus que digiram na sua própria alma as mensagens que levam aos outros no nome dele, e sejam eles mesmos apropriadamente afetados por elas. 2. É adequado a eles transmitir cada mensagem com que são incumbidos, não importa se agradável ou desagradável aos homens. O que é menos agradável pode ser o mais aproveitável; no entanto, os mensageiros de Deus não devem reter nada do conselho de Deus.

IV O apóstolo é levado a saber que esse livro de profecia, que ele agora havia ingerido, não lhe tinha sido dado meramente para satisfazer a sua curiosidade, ou para produzir nele prazer ou sofrimento, mas para ser por ele transmitido ao mundo. Aqui parece que a sua comissão profética é renovada, e ele recebe a ordem para mais uma missão, a saber, transmitir aquelas declarações da mente e da vontade de Deus que são de grande importância para todo o mundo, e aos maiores e mais importantes homens do mundo, e essas declarações deveriam ser lidas e registradas em muitas línguas. E esse é, de fato, o caso; nós as temos em nossa língua, e somos obrigados a prestar atenção nelas, a investigar humildemente o seu significado e a crer firmemente que tudo deve ter o seu cumprimento na época apropriada; e, quando as profecias se cumprirem, o seu sentido e verdade vão aparecer, e a onisciência, o poder e a fidelidade do grande Deus vão ser adorados.

CAPÍTULO 11

Nesse capítulo, temos um relato: I. Da vara de medir dada ao apóstolo, para tomar as medidas do templo (vv. 1,2). II. Das duas testemunhas de Deus (vv. 3-13). III. Do toque da sétima trombeta e do que aconteceu depois (vv. 14-19).

A Medição do Templo
vv. 1,2

Essa passagem profética acerca da medição do templo é uma referência clara ao que encontramos na visão de Ezequiel (Ez 40.3ss.). Mas não é fácil entender um ou outro. Parece que o propósito de medir o templo no caso de Ezequiel foi para a sua reconstrução, e isso de forma vantajosa; o propósito dessa medição parece ser ou: 1. Para a sua preservação em tempos de perigo e calamidade públicos prenunciados aqui; ou: 2. Para o seu teste; para que se veja até que ponto concorda com o padrão, no monte; ou: 3. Para a sua reforma; o que for supérfluo, deficiente ou tiver sido mudado, pode ser ordenado de acordo com o verdadeiro modelo. Observe:

I O que deveria ser medido. 1. "...*o templo de Deus*". A igreja do evangelho em geral, se foi construída ou constituída de acordo com a regra do evangelho, para ver se não é muito larga ou muito estreita, se a porta não é muita larga ou muito estreita. 2. "...*o altar*". Aquilo que era o lugar dos atos de adoração mais solene pode ser usado para adoração religiosa em geral; se a igreja tem os verdadeiros altares, tanto em relação à essência quanto à situação. Em relação à essência, se estão tomando a Cristo como seu altar, e estão depositando todas as suas ofertas ali; e em relação à situação, se o altar está no Santo dos Santos; isto é, se estão adorando a Deus em Espírito e em verdade. 3. Os adoradores também precisam ser medidos, se estão fazendo da glória de Deus o seu fim e a palavra dele a sua regra em todos os seus atos de adoração; e se eles estão vindo a Deus com sentimentos adequados, e se estão se portando "...*dignamente conforme o evangelho*" (Fp 1.27).

II O que não deveria ser medido (v. 2) e por que deveria ser deixado de fora. 1. O que não deveria ser medido: "*E deixa o átrio que está fora do templo e não o meças*". Alguns dizem que Herodes, nas adições que fez ao templo, construiu um átrio exterior, e o chamou de *átrio dos gentios*. Alguns nos contam que Adriano construiu a cidade e um átrio exterior, e o chamou de *Aélia*, e o deu aos gentios. 2. O que era o átrio que está fora que não foi medido? Essa não era uma parte do templo, de acordo com o modelo ou de Salomão ou de Zorobabel, e por isso Deus não tinha consideração por ela. Ele não a demarcaria para preservação; mas assim como havia sido projetada para os gentios, para que fossem realizadas cerimônias e costumes pagãos e para anexá-los às igrejas do evangelho, assim Cristo a abandonou a eles mesmos, para que fosse usada como quisessem; e tanto essa parte quanto a cidade foram pisados por um tempo determinado – "...*quarenta e dois meses*", que alguns consideram ser todo o tempo do reinado do Anticristo. Os que adoram no átrio exterior são ou os que adoram de maneira errada ou os que adoram com o coração hipócrita; e esses são rejeitados por Deus, e serão encontrados entre seus inimigos. 3. Com base no todo observe: (1) Deus terá um templo e um altar no mundo, até o fim dos tempos. (2) Ele é rigoroso na consideração por esse templo, e observa como tudo é conduzido nele. (3) Os que adoram no átrio exterior serão rejeitados, e somente os que adoram além do véu serão aceitos. (4) A cidade santa, a igreja visível, é bastante pisada no mundo. (5) As desolações da igreja são por tempo limitado, e por um tempo breve, e ela será liberta de todas as suas dificuldades.

As Duas Testemunhas

vv. 3-13

Nesse tempo de repressão, Deus reservou para si suas fiéis testemunhas, o que confirmará a verdade da sua palavra e adoração, e a excelência dos seus caminhos. Observe aqui:

I O número dessas testemunhas: é apenas um número pequeno e, mesmo assim, é suficiente. 1. É pequeno. Muitos vão reconhecer e confessar a Cristo em tempos de prosperidade e depois desertá-lo e negá-lo em tempos de perseguição; uma testemunha, quando a causa está sendo testada, vale por muitas em outros tempos. 2. É um número suficiente; pois pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra será confirmada (Mt 18.15). Cristo enviou os seus discípulos de dois em dois para pregar o evangelho. Alguns pensam que essas duas testemunhas são Enoque e Elias, que deverão voltar à terra por um tempo. Outros pensam que é a igreja dos judeus crentes e a igreja dos gentios. Deveria parecer, antes, que eles são os ministros fiéis e eminentes de Deus, que não devem somente continuar a professar a religião cristã, mas pregá-la, na pior época.

II O tempo da sua profecia, ou do seu testemunho de Cristo: "...*mil duzentos e sessenta dias*"; isto é, (como pensam muitos), o período do reinado do Anticristo; e, se o início desse período pudesse ser estabelecido, esse número de dias proféticos, tomando um dia por um ano, nos daria uma perspectiva de quando seria o final.

III Seus trajes e postura: Elas profetizam em "...*pano de saco*", como quem está profundamente afetado pelo estado degradado e angustiante das igrejas e dos interesses de Cristo no mundo.

IV Como as testemunhas foram apoiadas e supridas durante o cumprimento da sua grande e árdua tarefa; elas estavam em pé diante do Deus de toda a terra, e Ele lhes deu poder para profetizar. Ele fez com que fossem como Zorobabel e Josué, as duas oliveiras e o castiçal na visão de Zacarias (cap. 4.2ss.). Deus lhes deu o azeite do santo zelo, e coragem, e força, e conforto; Ele fez delas oliveiras, e suas lâmpadas da profissão de fé foram mantidas acesas com o azeite de agradáveis princípios interiores, que receberam de Deus. Eles tinham azeite não somente nas suas lâmpadas, mas nas suas vasilhas – trajes de vida, luz e zelo espirituais.

V Sua segurança e defesa durante o tempo da sua profecia: "*E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca e devorará os seus inimigos*" (v. 5). Alguns pensam que isso é uma alusão à oração que Elias fez para que caísse fogo do céu, para consumir os capitães e seus soldados que vieram prendê-lo (2 Rs 12). Deus prometeu ao profeta Jeremias (cap. 5.14): "*Eis que converterei as minhas palavras na tua boca em fogo, e a este povo, em lenha, e eles serão consumidos*". Por suas orações e pregação, e coragem no sofrimento, eles deverão atormentar e ferir o coração e a consciência de muitos dos seus perseguidores, que se afastarão condenando-se a si mesmos; como Pasur, diante das palavras do profeta Jeremias (cap. 20.4). Eles terão tal acesso livre a Deus, e tal interesse por Deus, que, diante das suas orações, Deus vai infligir pragas e juízos sobre seus inimigos, como Ele fez a Faraó, "...*convertendo suas águas em sangue*", e restringindo o orvalho do céu, fechando o céu, para que não caísse chuva durante muitos dias, como fez como resposta às orações de Elias (1 Rs 17.1). Deus ordenou suas flechas contra os perseguidores, e com freqüência os atribula enquanto estão perseguindo o povo dele; para eles é difícil "...*recalcitrar contra os aguilhões*" (At 9.5).

VI As testemunhas são mortas. Para tornar o seu testemunho mais forte, elas precisam selá-lo com seu sangue. Observe aqui: 1. O tempo em que deveriam ser mortas: "...*quando acabarem o seu testemunho*". Elas são imortais, são invulneráveis, até que a sua obra esteja concluída. Alguns pensam que deveríamos traduzir aqui: *Quando estavam para acabar o seu testemunho.* Quando tivessem profetizado em saco de pano a maior parte dos 1.260 dias, então deveriam sentir o último efeito da maldade do Anticristo. 2. O inimigo que deveria vencê-las e matá-las: "...*a besta que sobe do abismo*". O Anticristo, o grande agente do Diabo, deveria fazer guerra contra elas, não somente com as armas do aprendizado sutil e sofisticado, mas principalmente com força e violência francas; e Deus permitiria que os seus inimigos prevalecessem contra suas testemunhas por um tempo. 3. O

uso bárbaro dessas testemunhas mortas; a maldade dos seus inimigos não foi saciada com seu sangue e sua morte, mas perseguiu até os seus corpos mortos. (1) Não lhes permitiriam um túmulo sossegado; os seus corpos foram lançados na rua aberta, a rua principal da Babilônia, ou na estrada que levava à cidade. Essa cidade é espiritualmente chamada de Sodoma, em virtude de sua maldade monstruosa, e de Egito, em virtude de sua idolatria e tirania; e aqui Cristo no seu corpo místico sofreu mais do que em qualquer lugar no mundo. (2) Os seus corpos mortos foram insultados pelos habitantes da terra, e sua morte foi motivo de alegria e júbilo no mundo anticristão (v. 10). Eles estavam felizes por terem se livrado dessas testemunhas, que por sua doutrina e exemplo tinham importunado, aterrorizado e atormentado a consciência dos seus inimigos; essas armas espirituais cortam os homens até atingirem o seu coração, e os enchem com grande fúria e maldade contra os fiéis.

VII A ressurreição dessas testemunhas e as conseqüências disso. Observe: 1. O tempo da sua ressurreição; depois de terem estado mortas "*...por três dias e meio*" (v. 11), um tempo breve em comparação com o tempo em que haviam profetizado. Aqui talvez haja uma referência à ressurreição de Cristo, que é "*...a ressurreição e a vida*" (Jo 11.25). "*Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão*" (Is 26.19). Ou pode ser uma referência à ressurreição de Lázaro no quarto dia, quando isso já era considerado impossível. As testemunhas de Deus podem ser mortas, mas ressuscitarão: não em pessoa, até a ressurreição geral, mas por meio dos seus sucessores. Deus vai vivificar a sua obra, quando parecer morta no mundo. 2. O poder pelo qual foram ressuscitados: "*...o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre os pés*". Deus não colocou neles somente vida, mas também coragem. Deus pode dar vida a ossos mortos; é o Espírito de vida de Deus que vivifica almas mortas, e vai vivificar os corpos mortos do seu povo, e o interesse por Ele que está se extinguindo no mundo. 3. O efeito da sua ressurreição sobre os seus inimigos: "*...e caiu grande temor sobre os que os viram*". A vivificação da obra de Deus e de suas testemunhas vai imprimir terror na alma dos seus inimigos. Onde há culpa, há medo; e o espírito de perseguição, embora cruel, não é um espírito corajoso, mas de covardia. Herodes temeu a João Batista.

VIII A ascensão das testemunhas ao céu e as conseqüências disso (vv. 12,13). Observe: 1. Sua ascensão. Por *céu* podemos entender ou algum estágio mais eminente da igreja, o reino da graça neste mundo, ou um lugar elevado no reino da glória acima. Parece que o primeiro significado é o adequado aqui. "*E subiram ao céu em uma nuvem* (em sentido figurado, não literal); *e os seus inimigos os viram*". Não será parte insignificante no castigo dos perseguidores, tanto neste mundo quanto no grande dia, que eles vejam os servos fiéis de Deus grandemente honrados e promovidos. Eles não almejaram essa honra até que Deus os chamasse e dissesse: "*Subi cá*". As testemunhas do Senhor precisam esperar por sua promoção, tanto na igreja quando no céu, até que Deus as chame; não podem se cansar do sofrimento e do serviço, nem agarrar muito rapidamente a sua recompensa; mas devem esperar até que o seu Mestre as chame, e então podem alegremente subir para Ele. 2. As conseqüências da sua ascensão – um choque e uma convulsão fortíssimos no império anticristão e a queda de uma "*...décima parte da cidade*". Alguns entendem que isso é o início da reforma do papismo, quando muitos príncipes e estados se afastaram da sua sujeição a Roma. Esse grande trabalho encontrou grande oposição; todo o mundo ocidental sentiu um grande abalo, e os interesses anticristãos sofreram um grande golpe, e perderam grande parte do seu terreno e interesse: (1) Pela espada da guerra, que foi então desembainhada; e muitos dos que batalharam sob a bandeira do Anticristo foram mortos por ela. (2) Pela espada do Espírito: "*...os demais ficaram muito atemorizados*". Eles foram convencidos dos seus erros, de sua superstição e idolatria; e, por meio do verdadeiro arrependimento, e abraçando a verdade, eles "*...deram glória ao Deus do céu*". Assim, quando a obra de Deus e as testemunhas são vivificados, a obra do Diabo e suas testemunhas caem.

A Sétima Trombeta

vv. 14-19

Temos aqui o toque da sétima e última trombeta, que é introduzida pela advertência e exigência de atenção, como no caso da outras trombetas: "*É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá. E tocou o sétimo anjo a trombeta*". Esta tinha sido suspensa por algum tempo, até que o apóstolo estivesse familiarizado com algumas ocorrências interpostas que eram de enorme importância e dignas de sua atenção e observação. Mas o que antes ele esperava agora ouviu – o toque da trombeta do sétimo anjo. Observe aqui os efeitos e conseqüências dessa trombeta, que foi assim tocada.

I Aqui houve fortes e alegres aclamações dos santos e dos anjos no céu. Observe: 1. A maneira da sua adoração: levantaram dos seus assentos e "*...prostraram-se sobre seu rosto e adoraram a Deus*"; eles o fizeram com reverência e humildade. 2. O conteúdo da sua adoração. (1) Eles reconhecem com gratidão o direito do nosso Deus e Salvador de governar e reinar sobre o mundo todo: "*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*" (v. 15). Eles sempre tinham sido assim por direito, tanto por meio da criação quanto da redenção. (2) Eles reconhecem com gratidão a posse que Ele tem dos reinos, seu governo sobre eles; eles lhe dão graças porque Ele havia tomado para si o seu grande poder, confirmado seus direitos, exercido seu poder e assim havia tornado o direito em posse concreta. (3) Eles se alegram que o reino dele nunca terá fim: "*...e ele reinará para todo o sempre*", até que todos os inimigos sejam prostrados aos seus pés; ninguém nunca vai arrancar o cetro da sua mão.

II Aqui houve indignação e reações furiosas no mundo em virtude dessas justas demonstrações e encenações do poder de Deus (v. 18): "*E iraram-se as nações*": o seu coração se levantou contra Deus; eles enfren-

taram a ira dele com sua própria fúria. Foi um tempo em que Deus estava exercendo a justa vingança contra os inimigos do seu povo, retribuindo com tribulação aqueles que tinham atribulado o seu povo. Foi um tempo em que Ele começou a recompensar os sofrimentos e serviços fiéis do seu povo; e os inimigos deles não puderam suportar isso; eles se agitaram contra Deus, e assim aumentaram a sua culpa e apressaram a sua destruição.

III Outra conseqüência foi a abertura do templo de Deus no céu. Com isso talvez se queira dizer que aqui há agora uma comunicação mais livre entre o céu e a terra, com a oração e os louvores subindo com mais freqüência e mais liberdade e as graças e bênçãos descendo de forma abundante. Mas preferivelmente parece significar a igreja de Deus na terra, um templo celestial. É uma alusão às diversas circunstâncias das coisas no tempo do primeiro templo. Sob príncipes idólatras e maus, o templo foi fechado e negligenciado; mas, sob príncipes piedosos e reformadores, foi aberto e freqüentado. Assim, durante o domínio do Anticristo, o templo de Deus parece ter sido fechado, e foi assim em grande extensão; mas agora foi aberto novamente. Na abertura dele, observe: 1. O que se viu ali: "...*a arca do seu concerto*". Ela estava no Santo dos Santos; nessa arca eram guardadas as tábuas da lei. Assim como antes do tempo de Josias a lei havia se perdido, mas foi então encontrada, assim no reino do Anticristo a lei de Deus foi deixada de lado e foi invalidada por suas tradições e decretos; as Escrituras foram trancadas e mantidas fora do alcance do povo, que não tinha permissão para ver esses oráculos divinos; agora são abertas, agora são trazidas à vista de todos. Isso era um privilégio indizível e inestimável; e isso, como a arca do concerto, foi um sinal da volta da presença de Deus ao seu povo, e de seu favor a eles em Jesus Cristo, a propiciação. 2. O que se ouviu e se sentiu ali: "...*relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva*". A grande bênção da reforma foi seguida de circunstâncias medonhas; e por meio de coisas terríveis de justiça Deus responderia àquelas orações que foram apresentadas no seu santo templo, agora aberto. Todas as grandes revoluções no mundo são planejadas no céu, e são as respostas às orações dos santos.

CAPÍTULO 12

Em geral os expositores mais instruídos concordam em que a narrativa que temos nesse e nos dois capítulos seguintes, desde o toque da sétima trombeta até a abertura das taças, não é uma predição de coisas por vir, mas antes uma recapitulação e representação de coisas passadas, que, como Deus faria o apóstolo prevê-las enquanto no futuro, agora o fez revê-las visto que estão no passado, para que tivesse uma idéia mais completa delas na sua mente, e pudesse observar a concordância entre a profecia e aquela Providência que está sempre cumprindo as Escrituras. Nesse capítulo, temos um relato da disputa entre a igreja* e o anticristo, a semente da mulher e a semente da serpente. I. Como foi iniciada no céu (vv. 1-11). II. Como foi travada no deserto (vv. 12-17).

A Mulher e o Dragão
vv. 1-11

Aqui vemos aquela profecia inicial notavelmente cumprida em que Deus disse que poria *inimizade entre a semente da mulher e a semente da serpente* (Gn 3.15). Você vai observar aqui:

I As tentativas de Satanás e seus agentes para evitar o crescimento da igreja, ao devorar o descendente dela, "...*dando ela à luz*; disso temos uma descrição muito vívida com as imagens mais apropriadas.

1. Vemos como a igreja é representada nessa visão. (1) Como uma "...*mulher*", a parte mais frágil do mundo, mas a esposa de Cristo e a mãe dos santos. (2) Como "...*vestida do sol*", a justiça imputada do Senhor Jesus Cristo. Tendo-se vestido de Cristo, que é o "...*sol da justiça*" (Ml 4.2), ela, por meio de sua relação com Cristo, está investida de direitos e privilégios honráveis, e brilha nos seus raios. (3) Como "...*tendo a lua debaixo dos pés*" (isto é, o mundo); ela está em pé sobre ela, mas vive acima dela; seu coração e sua esperança não estão fixados em coisas sublunares, mas nas coisas que estão no céu, onde está sua cabeça. (4) Como tendo na sua cabeça "...*uma coroa de doze estrelas*", isto é, a doutrina do evangelho pregada pelos doze apóstolos, que é uma coroa de glória para todos os verdadeiros crentes. (5) Como estando "...*com dores de parto*", gritando "...*com ânsias de dar à luz*". Ela estava grávida e agora com dores de parto para dar à luz um santo descendente a Cristo, desejosa de que o que havia começado com a condenação dos pecadores pudesse terminar com a sua conversão, de que quando os filhos fossem levados ao nascimento houvesse força para dar à luz, e que ela visse "...*o trabalho da sua alma*" (Is 53.11).

2. Como o grande inimigo da igreja é representado. (1) Como "...*um grande dragão vermelho*" – um dragão que representa força e terror; um dragão vermelho que representa ferocidade e crueldade. (2) Como tendo "...*sete cabeças*", isto é, colocadas sobre sete colinas, como estava Roma; e por isso é provável que o significado aqui seja Roma. (3) Como tendo "...*dez chifres*", divididos em dez províncias, como o império romano foi dividido por César Augusto. (4) Como tendo "...*sobre as cabeças, sete diademas*", que posteriormente são explicadas como sendo sete reis (cap. 17.10). (5) Como levando com sua cauda "...*a terça parte das estrelas do céu*", e lançando-as "...*sobre a terra*", arrancando os ministros e confessores da religião cristã do seu lugar e pri-

* Nota do editor: O comentário de Matthew Henry de Apocalipse capítulo 12 representa o ponto de vista dos primeiros pais da Igreja, que interpreta a mulher da visão de João como sendo a Igreja. Entretanto, de lá para cá, outras interpretações têm disputado o verdadeiro significado a ser atribuído a esta figura: a nação de Israel; Maria, mãe de Jesus; o remanescente israelita fiel; entre outras. Os expositores encontram-se divididos em proporções bem próximas quanto às várias propostas formuladas até aqui. Do ponto de vista da interpretação, a identificação da mulher depende do tipo de abordagem a ser aplicada a todo o livro do Apocalipse.

vilégios e tornando-os tão fracos e inúteis quanto pôde. (6) Como estando em pé "*...diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho*", completamente vigilante para esmagar a religião cristã no seu nascimento e para impedir o crescimento e continuação dele no mundo.

II A falta de sucesso nessas tentativas contra a igreja; pois: 1. Ela pôde dar à luz com segurança a um "*...filho*" (v. 5), que alguns pensam que seja Cristo, outros, Constantino, mas outros, com maior propriedade, a geração de verdadeiros crentes, fortes e unidos, parecidos com Cristo, e preparados, sob a liderança dele, a "*...reger todas as nações com vara de ferro*"; isto é, a julgar o mundo por sua doutrina e vida agora, e como assessores de Cristo no grande dia. 2. Esse filho recebeu cuidado: "*...foi arrebatado para Deus e para o seu trono*"; isto é, levado para debaixo da sua proteção especial, poderosa e imediata. A religião cristã tem tido desde a sua infância o cuidado especial do grande Deus e de nosso Salvador Jesus Cristo. 3. Tanto a mãe quanto o filho receberam cuidado (v. 6). Ela "*...fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado*" para sua segurança e sustento. A igreja estava numa situação obscura, dispersa; e isso provou sua segurança, por meio do cuidado da divina Providência. Esse seu estado obscuro e secreto foi para um tempo limitado, não deveria durar para sempre.

III As tentativas do dragão não somente se mostraram frustradas contra a igreja, mas fatais para os seus próprios interesses; pois, após o seu esforço de tragar o filho, ele engajou todas as forças do céu contra ele (v. 7): "*E houve batalha no céu*". O céu vai aderir à disputa da igreja. Observe aqui:

1. O lugar dessa batalha – "*...no céu*", na igreja, que é o *reino do céu* na terra, sob os cuidados do céu e com os mesmos interesses.

2. Os oponentes – "*Miguel e os seus anjos*" de um lado, contra "*...o dragão e os seus anjos*" do outro: Cristo, o grande Anjo da aliança, e seus fiéis seguidores; e Satanás e todos os seus agentes. Este grupo seria muito superior em número e força exterior do que aquele; mas a força da igreja está em ter o Senhor Jesus como capitão da sua salvação.

3. O sucesso na batalha: "*...e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram*"; houve grande empenho nos dois lados, mas a vitória ficou com Cristo e sua igreja, e o dragão e os seus anjos foram não somente vencidos, mas expulsos; a idolatria pagã, que era a adoração dos demônios, foi extirpada do império no tempo de Constantino.

4. O cântico triunfante que foi composto e usado nessa ocasião (vv. 10,11). Observe aqui: (1) Como o vencedor é adorado: "*Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo*". Agora Deus se mostrou como o poderoso Deus; agora Cristo se mostrou como o forte e poderoso Salvador; o seu próprio braço trouxe a salvação, e agora o seu reino será grandemente aumentado e estabelecido. A salvação e a força da igreja devem ser atribuídas ao rei e cabeça da igreja. (2) Como o inimigo derrotado é descrito: [1] Por sua maldade; ele era "*...o acusador de nossos irmãos, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite*"; ele apareceu diante de Deus como um adversário da igreja, continuamente levando acusações contra eles, não importando se verdadeiras ou falsas; assim ele acusou a Jó, e assim acusou a Josué, o sumo sacerdote (Zc 3.1). Embora ele odeie a presença de Deus, mesmo assim está disposto a aparecer aí para acusar o povo de Deus. Portanto, cuidemo-nos para não lhe darmos nenhuma causa de acusação contra nós; e que, quando tivermos pecado, imediatamente compareçamos diante do Senhor, e nos acusemos e condenemos a nós mesmos, e entreguemos a nossa causa a Cristo como o nosso Advogado. [2] Por seu revés e derrota; ele e todas as suas denúncias são lançados fora, as suas acusações aniquiladas, e o acusador é retirado do tribunal com justa indignação. (3) Como a vitória foi obtida. Os servos de Deus venceram a Satanás: [1] "*...pelo sangue do Cordeiro*", como a causa meritória. Ao morrer, Cristo destruiu aquele "*...que tinha o império da morte, isto é, o diabo*" (Hb 2.14). [2] "*Pela palavra do seu testemunho*", como o grande agente de guerra, "*...a espada do Espírito, que é a palavra de Deus*" (Ef 6.17); por meio da resoluta pregação do evangelho eterno, que é poderoso "*...para destruição das fortalezas*" (2 Co 10.4); e por meio de sua coragem e paciência nos sofrimentos; eles "*...não amaram a sua vida até à morte*" quando o amor à vida estava competindo com a sua lealdade a Cristo; eles não amaram tanto a sua vida, mas a entregaram "*...à morte*", eram capazes de entregá-la pela causa de Cristo; o seu amor pela sua própria vida era superado por sentimentos mais fortes de outra natureza; e essa sua coragem e zelo contribuíram para confundir os seus inimigos, para convencer muitos dos espectadores e assim contribuiu grandemente para essa vitória.

A Mulher e o Dragão

vv. 12-17

Temos aqui um relato dessa batalha, com um final tão feliz no céu, ou na igreja, como quando foi novamente renovada e travada no deserto, o lugar para o qual a igreja tinha fugido, e onde por algum tempo havia sido protegida pelo cuidado especial do seu Deus e Salvador. Observe:

I A advertência dada acerca da angústia e calamidade que cairiam sobre os habitantes do mundo em geral, por meio da ira e da fúria do Diabo. Pois, embora sua maldade seja principalmente dirigida contra os servos de Deus, mesmo assim ele odeia toda a humanidade e é inimigo dela; e, sendo derrotado nos seus propósitos contra a igreja, está determinado a causar todo o distúrbio que puder ao mundo como um todo: "*Ai dos que habitam na terra e no mar!*" (v. 12). A fúria de Satanás cresce proporcionalmente à sua limitação no tempo e no espaço; quando ele esteve confinado ao deserto e tinha apenas pouco tempo para reinar ali, veio com fúria ainda maior.

II Sua segunda investida contra a igreja agora no deserto: "*...perseguiu a mulher que dera à luz o varão*" (v. 13). Observe: 1. O cuidado que Deus tinha dado a sua igreja. Ele a tinha carregado como sobre

asas de águias, para um lugar de segurança preparado para ela, onde deveria permanecer por um período, representado por símbolos extraídos de Daniel 7.25. 2. A maldade contínua do dragão contra a igreja. Sua obscuridade não podia protegê-la completamente; a velha e sutil serpente, que primeiro preparou uma emboscada no paraíso, agora segue a igreja até o deserto, e lança "*...da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar*". Pensa-se que isso quer dizer uma torrente de erros e heresias, que foi soprada por Ário, Nestório, Pelágio e muitos mais, em virtude das quais a igreja de Deus estava em perigo de ser subjugada e eliminada. A igreja de Deus está em maior perigo nas mãos dos hereges do que na dos perseguidores; e a heresia é tão certamente do Diabo quanto a força e violência aberta. 3. A ajuda oportuna providenciada para a igreja nesse momento perigoso: "*E a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca*" (v. 16). Alguns acham que devemos pensar aqui nos enxames de godos e vândalos que invadiram o Império Romano, que deram trabalho aos governantes arianos, que de outra forma teriam sido perseguidores tão furiosos quanto os pagãos o tinham sido, e já haviam exercido grandes crueldades; mas Deus abriu uma brecha de guerra, e a torrente foi de certa forma engolida assim, e a igreja desfrutou de uma trégua. Deus com freqüência envia a espada para vingar o ataque à sua aliança; tumultos internos com freqüência acabam na invasão de um inimigo comum. 4. O Diabo, tendo sido assim derrotado nos seus propósitos contra a igreja universal, agora volta a sua fúria contra pessoas e lugares particulares; sua maldade contra a mulher empurra-o para "*...fazer guerra ao resto da sua semente*". Alguns pensam que isso aqui é uma alusão aos albingenses, que primeiro foram empurrados por Diocleciano a lugares desertos e montanhosos, e depois cruelmente mortos pela fúria e poder papistas, durante algumas gerações; e por nenhuma razão a não ser a de que "*...guardam os mandamentos de Deus*" e "*...têm o testemunho de Jesus Cristo*". A sua fidelidade a Deus e Cristo, em doutrina, adoração e prática, foi o que os expôs à fúria de Satanás e seus agentes; e tal fidelidade vai expor os homens ainda, alguns mais, outros menos, até o fim do mundo, quando o "*...último inimigo for aniquilado*" (1 Co 15.26).

Capítulo 13

Temos, nesse capítulo, outra descoberta e descrição dos inimigos da igreja; não de outros inimigos além dos que são mencionados anteriormente, mas descritos de outra maneira, para que os métodos de sua inimizade possam aparecer de forma mais completa. São representados por duas bestas; da primeira você tem um relato nos versículos 1-10, da segunda, nos versículos 11-18. A primeira é interpretada por muitos como sendo a Roma pagã, e a segunda, como a Roma papal; mas outros entendem que a Roma papal é representada por essas duas bestas, pela primeira no seu poder secular, pela segunda no seu poder eclesiástico.

A Primeira Besta

vv. 1-10

Temos aqui um relato do surgimento, da figura e do avanço da primeira besta; e observe: 1. De que ponto de vista o apóstolo viu esse monstro. Ele imaginava estar parado sobre a "*...areia do mar*", embora provavelmente ainda estivesse arrebatado; mas ele se considerava estar na *ilha de Patmos*, e se no corpo ou fora do corpo ele não sabia dizer. 2. De onde veio essa besta – "*...do mar*"; e mesmo assim, pela descrição dela, poderia parecer mais um monstro da terra; mas quanto mais monstruoso fosse tudo acerca dela, mais ela se tornava o emblema para estabelecer o mistério da iniqüidade e da tirania. 3. Qual era a aparência e forma dessa besta. Em grande parte, era "*...semelhante ao leopardo*", mas "*...os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão*"; tinha "*...sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfêmia*". Um monstro dos mais terríveis e horrendos! Em alguma parte dessa descrição parece haver uma alusão à visão de Daniel dos quatro animais, que representavam as quatro monarquias (Dn 7.1-3ss.). Um desses animais era como um leão, outro como um urso, e outro como um leopardo; esta besta aqui era um tipo de composição daqueles três, com a ferocidade, a força e a rapidez de todos eles; as sete cabeças e os dez chifres parecem designar os seus diversos poderes; as dez coroas, seus príncipes vassalos; a palavra blasfêmia na sua testa anuncia sua direta inimizade e oposição à glória de Deus, ao promover a idolatria. 4. A origem e fonte de sua autoridade – "*...e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio*". Ela foi estabelecida pelo Diabo, e apoiada por ele para fazer a sua obra e promover seus interesses; e o Diabo lhe prestou toda a assistência que pôde. 5. Uma ferida perigosa lhe foi dada, mas, que foi inesperadamente curada (v. 3). Alguns pensam que devemos entender por essa cabeça ferida a abolição da idolatria pagã; e pela cura da ferida a introdução da idolatria papista, a mesma em essência com a primeira, só que em novos trajes, e que de forma igualmente eficaz atende ao propósito do Diabo como o fez aquela. 6. A honra e adoração prestada a esse monstro infernal: Todos admiraram o seu poder, e política, e sucesso, e "*...adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta*"; eles prestaram honra e sujeição ao Diabo e seus agentes, e pensaram que não havia poder que pudesse fazer oposição a eles; tão grandes eram a escuridão, a degeneração e a loucura do mundo! 7. Como exerceu seu poder infernal e conduziu sua política: "*E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias*"; e depois "*...abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu*"; e ainda "*...foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los*", e assim conquistou um tipo de império universal no mundo. Sua maldade foi apontada principalmente contra o Deus do céu, e seus assistentes celestiais; contra Deus, ao fazer imagens daquele que é

invisível; contra o tabernáculo de Deus, isto é, alguns dizem, contra a natureza humana do Senhor Jesus Cristo, no qual Deus habita como em um tabernáculo; isso é desonrado por meio da sua doutrina da transubstanciação, que não permite que o seu corpo seja um verdadeiro corpo, e coloca na mão de cada sacerdote o poder de preparar um corpo para Cristo; e contra todos os *que habitam no céu*, os santos glorificados, ao colocá-los no lugar dos demônios pagãos, e ao orar a eles, que, aliás, os santos estão tão distantes de se sentirem satisfeitos com isso que verdadeiramente se consideram injustiçados e desonrados por isso. Assim, a maldade do Diabo se expressa contra o céu e os abençoados habitantes do céu. Esses estão acima do alcance do seu poder. Tudo que ele pode fazer é blasfemar contra eles; mas os santos na terra estão mais expostos à sua crueldade, e às vezes ele tem permissão para triunfar sobre eles e pisá-los. 8. A limitação do poder e do sucesso do Diabo, e os dois aspectos em relação ao tempo e às pessoas. Ele é limitado no tempo; o seu reinado deve durar "*...quarenta e dois meses*" (v. 5), em concordância com as outras figuras do reinado do Anticristo. Ele também está limitado em relação às pessoas e o povo que ele vai sujeitar inteiramente ao seu poder e vontade; serão somente aqueles "*...cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro*". Cristo tinha um remanescente escolhido, redimido por seu sangue, registrado no seu livro, selado por seu Espírito; e embora o Diabo e o Anticristo possam até vencer a sua força física, e tirar a sua vida natural, nunca poderiam vencer a alma deles, nem persuadi-los a abandonar o seu Salvador e amotinar-se com os seus inimigos. 9. Aqui há a exigência de atenção para o que é descoberto dos grandes sofrimentos e dificuldades da igreja, e a garantia de que quando tiver realizado sua obra no monte Sião, sua obra de purificação, então Ele vai voltar sua mão contra os inimigos do seu povo, e aqueles que mataram com a espada cairão eles mesmos pela espada (v. 10), e os que levaram o povo de Deus para o cativeiro serão feitos cativos eles mesmos. Aqui está agora o que vai ser o exercício apropriado para "*...a paciência e a fé dos santos*" – paciência da perspectiva de tão grandes sofrimentos, e fé da perspectiva de tão gloriosa libertação.

A Segunda Besta

vv. 11-18

Os que entendem a primeira besta como sendo a Roma pagã, tomam a segunda besta como sendo a Roma papal, que promove idolatria e tirania, mas de maneira mais suave e dócil. Os que entendem a primeira besta como sendo o poder secular do papado tomam a segunda besta como significando seu poder espiritual e eclesiástico, que agem sob o disfarce da religião e da caridade à alma dos homens. Observe aqui:

I A aparência e forma dessa segunda besta: "*...tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro*", mas uma boca que "*...falava como o dragão*". Todos concordam em que isso necessariamente é um grande impostor, que, sob uma religião simulada, iria enganar a alma dos homens. Os papistas pensavam que fosse Apolônio Tianeu; mas o Dr. More rejeitou essa opinião, e associa a besta aos poderes eclesiásticos do papado. O papa mostra os chifres de um cordeiro, finge ser o vicário de Cristo na terra, e assim estar investido do seu poder e autoridade; mas a sua fala o trai, pois ele promulga aquelas falsas doutrinas e cruéis decretos que mostram que ele pertence ao dragão, e não ao cordeiro.

II O poder que ele exerce: "*...todo o poder da primeira besta*" (v. 12); ele promove os mesmos interesses, persegue o mesmo propósito em essência, que é afastar os homens de adorar o verdadeiro Deus para adorar aqueles que por natureza não são deuses, e sujeitar a alma e a consciência dos homens à vontade e autoridade dos homens, e não à vontade de Deus. Esse propósito é promovido tanto pelo papado quanto pelo paganismo, e tanto pelas habilidades e pela astúcia como pelo braço secular, ambos servindo os interesses do Diabo, embora de maneiras diferentes.

III Os métodos pelos quais essa segunda besta é levada a satisfazer seus interesses e atingir seus propósitos são de três tipos: 1. Maravilhas enganosas, milagres forjados, pelos quais eles seriam enganados, e persuadidos a adorar a primeira besta nessa nova imagem ou forma que era agora feita para ela; eles fingiriam fazer descer fogo do céu, como Elias fez; e Deus permite que seus inimigos, como o fizeram os mágicos do Egito, façam coisas que pareçam muito maravilhosas, e por meio das quais pessoas imprudentes podem ser iludidas. Sabe-se muito bem que o reino papal tem sido apoiado há muito por milagres forjados. 2. Excomunhões, anátemas, censuras severas pelas quais dizem cortar os homens de Cristo, e os lançam nas mãos e no poder do Diabo, mas na verdade os entregam aos poderes seculares, para que sejam mortos; e assim, não obstante a sua vil hipocrisia, eles são justamente acusados de matar aqueles a quem não conseguem corromper. 3. Pela privação de direitos, não permitindo que ninguém que não adore essa besta papal, isto é, a imagem da besta pagã, usufrua dos direitos naturais, civis ou municipais. Torna-se então um requisito para comprar e vender os direitos da natureza, como também de lugares de lucro e crédito, que eles tenham "*...um sinal na mão direita ou na testa*" e "*...o número do seu nome*". É provável que o *sinal*, e *nome* e o *número da besta* signifiquem todos a mesma coisa – que façam uma profissão declarada da sua sujeição e obediência ao papado, o que é receber o sinal na sua testa, e que se comprometam em usar todo a sua influência, poder e esforços para promover a autoridade papal, que é receber o sinal na sua mão direita. Somos informados de que o papa Martin V, na sua bula papal, acrescentada ao Concílio de Constância, proíbe que os católicos romanos tolerem qualquer herege a morar nos seus territórios, a fazer qualquer acordo, ou usar qualquer ofício ou ocupar qualquer posição civil, o que é uma clara interpretação dessa profecia.

IV Temos aqui o "*...número da besta*", dada de tal maneira que mostre a infinita sabedoria de Deus, e que vai exercer de forma suficiente toda a sabe-

doria e retidão dos homens: "...*é número de homem*", computado segundo os cálculos comuns dos homens, e é 666. Não está certo se esse é o número de erros e heresias contidas no papado, ou, antes, como outros sugerem, o número de anos desde o seu surgimento até a sua queda, muito menos o que é o período descrito por esses números proféticos. A dissertação mais admirada acerca dessas questões complexas é a do Dr. Potter, na qual os curiosos encontrarão entretenimento suficiente. Parece-me que seja uma dessas estações que Deus reservou no seu próprio poder; sabemos somente isto: Deus escreveu *Mene, Tequel,* sobre todos os seus inimigos; Ele contou os seus dias, e serão encerrados, mas o seu próprio Reino vai durar para sempre.

CAPÍTULO 14

Depois do relato das grandes provações e sofrimentos que os servos de Deus tinham passado, temos agora o início de um cenário mais agradável; o dia começa a amanhecer, e aqui temos representados: I. O Senhor Jesus à frente dos seus fiéis seguidores (vv. 1-5). II. Os três anjos enviados sucessivamente para anunciar a queda da Babilônia e as coisas que seguiram um evento tão grandioso (v. 6-12). III. A visão da colheita (v. 13-20).

O Cordeiro e seus Servos

vv. 1-5

Temos aqui uma das vistas mais agradáveis que alguém pode ter neste mundo – o Senhor Jesus Cristo como o cabeça dos seus fiéis adeptos e servos. Observe aqui: 1. Como Cristo parece: Como um Cordeiro parado sobre o "...*monte Sião*". O monte Sião é a igreja do evangelho. Cristo está com a sua igreja e no meio dela em todos os seus problemas, e por isso ela não é consumida. É a presença dele que garante a sua perseverança; Ele aparece como um *Cordeiro, o Cordeiro verdadeiro, o Cordeiro de Deus*. Um impostor em forma de cordeiro é citado como surgindo da terra no último capítulo, que na verdade era um dragão; aqui Cristo parece com o verdadeiro Cordeiro pascal, para mostrar que o seu governo mediador é o fruto dos seus sofrimentos, e a causa da segurança e fidelidade do seu povo. 2. Como parece o seu povo: Muito honrável. (1) No que tange aos números, eles são muitos, até mesmo todos os que foram selados; nenhum deles se perdeu em todas as tribulações pelas quais passaram. (2) O seu emblema distintivo: "...*em sua testa tinham escrito o nome dele e o de seu Pai*"; eles fizeram uma profissão aberta e ousada de sua fé em Deus e em Cristo, e, por ser isso seguido de atos apropriados, eles são conhecidos e aprovados. (3) Suas felicitações e cânticos de louvor, que eram peculiares aos redimidos (v. 3); os seus louvores eram fortes como o trovão, ou "...*como a voz de muitas águas*"; eram melodiosos, como tocados por "...*harpistas*"; eram celestiais, estavam "...*diante do trono*" de Deus. O cântico era "...*como cântico novo*", apropriado para a nova aliança, e para aquela nova e generosa dispensação da Providência sob a qual estavam agora; e seu cântico era um segredo para os outros, "...*o estranho não se entremeterá na alegria deles*" (Pv 14.10); outros poderiam até repetir as palavras do cântico, mas o verdadeiro espírito e sentido lhes eram estranhos. (4) Sua natureza e descrição. [1] Eles são descritos por sua castidade e pureza: Eles "...*são virgens*". Não se contaminaram com o adultério nem físico nem espiritual; eles se mantiveram puros das abominações da geração do Anticristo. [2] Por sua lealdade e fidelidade a Cristo: "*Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai*"; eles seguem a condução da sua palavra, Espírito e providência, deixando que Ele os conduza às tarefas e dificuldades que lhe agradarem. [3] Por sua designação anterior a essa honra: "*Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro*" (v. 4). Aqui há evidência clara de uma redenção especial: Eles foram comprados dentre os homens. Alguns dos filhos dos homens são distinguidos de outros pela misericórdia redentora: Eram *como primícias para Deus e para o Cordeiro*, seus preferidos, eminentes em todas as graças, e o sinal de muitos mais que seriam seguidores deles como eles eram de Cristo. [4] Por sua integridade e consciência universais: "...*na sua boca não se achou engano*"; e "...*são irrepreensíveis diante do trono de Deus*". Eram sem engano predominante, sem falha reconhecida; o seu coração estava em ordem com Deus, e, no que concerne às suas debilidades humanas, foram gratuitamente perdoados em Cristo. Esse é o remanescente bem-aventurado que serve o Senhor Jesus como seu cabeça e Senhor; Ele é glorificado neles, e eles são glorificados nele.

Os Três Anjos

vv. 6-12

Nessa parte do capítulo, temos três anjos ou mensageiros enviados do céu para anunciar a queda da Babilônia, e aquelas coisas que antecederam e sucederam esse grande evento.

I O primeiro anjo foi enviado a realizar uma tarefa antecedente ao evento, que foi a de proclamar "...*o evangelho eterno*" (vv. 6,7). Observe: 1. O evangelho é um evangelho eterno; ele o é assim em sua natureza, e o será nas suas conseqüências. Embora toda a carne seja como a erva, a palavra do Senhor permanece para sempre. 2. É tarefa apropriada para um anjo pregar esse evangelho eterno; tal é a dignidade e tal é a dificuldade dessa tarefa! E mesmo assim temos esse tesouro em vasos terrenos. 3. O evangelho eterno é de grande importância para todo o mundo; e, como importa a todos, é muito desejável que seja tornado conhecido a todos, mesmo "...*a toda nação, e tribo, e língua, e povo*". 4. O evangelho é o grande meio pelo qual os homens são levados para perto de Deus, e para dar glória a Ele. E a religião natural não é suficiente para manter o temor a Deus, nem para garantir a Ele a glória dos homens; é o evangelho que renova o temor de Deus, restaura a sua glória no mundo. 5. Quando a idolatria se infiltra nas igrejas de Deus, é pela pregação do evangelho, seguida

do poder do Espírito Santo, que os homens são afastados dos ídolos "*...para servir ao Deus vivo e verdadeiro*" (1 Ts 1.9), como "*...aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas*" (v. 7). Adorar a qualquer deus além daquele que criou o mundo é idolatria.

II O segundo anjo segue o outro e anuncia a efetiva queda da Babilônia. A pregação do evangelho eterno abalou os fundamentos do anticristianismo no mundo, e apressou a sua queda. Por "*...Babilônia*" geralmente se entende Roma, que anteriormente foi chamada de *Sodoma* e *Egito*, por sua maldade e crueldade, e é agora chamada de *Babilônia*, por seu orgulho e idolatria. Observe: 1. O que Deus pré-ordenou e predisse será feito tão certamente como se já tivesse sido feito. 2. A grandeza da Babilônia papal não será capaz de impedir sua queda, mas fará com que seja mais terrível e notável. 3. A maldade da Babilônia, que se expressa ao corromper, debochar e incitar as nações em volta dela, vai tornar a sua queda justa e vai declarar a justiça de Deus por meio da sua total ruína (v. 8). Seus crimes são recitados como a justa causa da sua destruição.

III Um terceiro anjo segue os outros dois, e faz a advertência a todos acerca da vingança divina que seria executada contra todos os que obstinadamente seguissem os interesses anticristãos depois de Deus ter assim anunciado a sua queda (vv. 9,10). Se depois disso (dessa ameaça anunciada contra a Babilônia, e em parte já executada) alguém persistir em sua idolatria, professando sujeição à besta ao promover sua causa, precisa esperar beber "*...do vinho da ira de Deus*"; será miserável para sempre em sua alma e corpo; Jesus Cristo vai infligir esse castigo a ele, e os santos anjos vão observar isso e dar a sua aprovação. A idolatria, tanto pagã quanto papal, é um pecado condenatório por natureza, e será fatal para os que nele persistirem, depois da justa advertência dada pela palavra da Providência; os que se negarem a sair da Babilônia, quando assim chamados, e resolverem participar dos seus pecados, precisam receber as suas pragas; e a culpa e a ruína de idólatras assim incorrigíveis servirão para estabelecer a excelência da paciência e da obediência dos santos. Essas graças serão recompensadas com salvação e glória. Quando a traição e a rebelião de outros for castigada com a destruição eterna, então se dirá, para a glória dos fiéis (v. 12): "*Aqui está a paciência dos santos*"; antes você viu a paciência deles sendo exercitada, agora você a vê recompensada.

A Colheita e a Vindima
vv. 13-20

Aqui temos a visão da colheita e da vindima, introduzida por um prefácio solene. Observe:

I O prefácio (v. 13). Observe aqui: 1. De onde veio essa profecia acerca da colheita: Desceu do céu, e não dos homens, e por isso sua verdade é certa e sua autoridade é grande. 2. Como deveria ser registrada e divulgada – por escrito; deveria ser registrada para que povo de Deus pudesse recorrer a ela para seu apoio e conforto em todas as ocasiões. 3. O que era sua intenção principal, e esta é, mostrar a bem-aventurança de todos os leais santos e servos de Deus, tanto na morte quanto após a morte: "*Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor*". Observe aqui: (1) A descrição dos que são e serão abençoados – como os que morrem no Senhor, ou morrem pela causa de Cristo; ou morrem num estado de união vital com Cristo, como os que são encontrados em Cristo quando vem a morte. (2) A demonstração dessa bem-aventurança: "*...para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam*". [1] Eles são bem-aventurados no seu descanso; descansam de todo o peado, tentação, tristeza e perseguição. "*Ali os maus cessam de perturbar; e, ali, repousam os cansados*" (Jó 3.17). [2] Eles são bem-aventurados na sua recompensa: Suas obras os seguem; elas não vão adiante deles como seu título, ou preço de aquisição, mas os seguem como evidência de que viveram e morreram no Senhor; e a lembrança delas será agradável, e a recompensa, gloriosa, muito acima do mérito de todos os seus serviços e sofrimentos. [3] Eles estão felizes no tempo da sua morte, quando viram a causa de Deus ser reavivada, a paz da igreja retornando, e a ira de Deus caindo sobre seus inimigos cruéis e idólatras. Esses tempos são bons tempos para se morrer; eles têm o desejo de Simeão: "*Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, pois já os meus olhos viram a tua salvação*" (Lc 2.30). E tudo isso é ratificado e confirmado pelo testemunho do Espírito testificando ao espírito deles e com a palavra escrita.

II Temos aqui a visão propriamente dita, representada por uma colheita e uma vindima.

1. Por uma colheita (vv. 14,15), um símbolo que às vezes significa a eliminação dos ímpios, quando estão maduros para a ruína, por meio dos juízos de Deus, e às vezes a colheita dos justos, quando maduros para o céu, pela misericórdia de Deus. Aqui parece antes representar os juízos de Deus contra os ímpios. E observe aqui:

(1) O Senhor da colheita – um que é tão "*...semelhante ao Filho do Homem*" que era o mesmo, o próprio Senhor Jesus, que é descrito: [1] Pelo carro em que estava assentado – "*...uma nuvem branca*", uma nuvem que tinha um lado brilhante voltado para a igreja, por escura que fosse para com os ímpios. [2] Pela insígnia do seu poder: "*...sobre a cabeça uma coroa de ouro*", a autoridade para fazer tudo que fazia e ainda viesse a fazer. [3] Pelo instrumento das suas providências: "*...na mão, uma foice aguda*". [4] Pela solicitação que tinha do templo de realizar essa grande obra. O que Ele fez, foi solicitado a fazer pelo seu povo; e embora estivesse decidido a fazê-lo, Ele seria solicitado por eles para fazê-lo, e assim isso seria feito como resposta às suas orações.

(2) A obra da colheita, que é lançar a foice à plantação, e colher o campo. A foice é a espada da justiça de Deus; o campo é o mundo; colher é cortar os habitantes da terra e levá-los embora.

(3) O tempo da colheita; e isso é quando a colheita está madura, quando a medida dos pecados dos homens está completa, e eles estão maduros para a destruição. Os inimigos mais inveterados de Cristo e da sua igreja não são destruídos até que em virtude dos seus pecados estejam maduros para a ruína, e então Ele já não os poupará; Ele vai lançar a sua foice, e a terra será colhida.

2. Por uma vindima (v. 17). Alguns pensam que as duas visões são apenas emblemas diferentes do mesmo juízo; outros que elas se referem a eventos distintos da providência antes do fim de todas as coisas. Observe: (1) A quem essa tarefa da vindima foi delegada – a um anjo, "...*outro anjo*" que saiu do altar, isto é, do Santo dos Santos do céu. (2) A pedido de quem essa tarefa da vindima foi realizada: Foi, como antes, após o clamor de um anjo que saiu do templo, dos ministros e das igrejas de Deus na terra. (3) A obra da vindima, que consiste em duas partes: [1] O corte, e o recolhimento dos "...*cachos da vinha*", cujas uvas agora estavam "...*maduras*" e prontas (v. 18). [2] O lançar dessas uvas "...*no grande lagar*" (v. 19); aqui nos é dito, em primeiro lugar, o que era o lagar: era a "...*ira de Deus*", o fogo da sua indignação, alguma calamidade terrível, muito provavelmente a espada, derramando o sangue dos ímpios. Em segundo lugar, onde ficava o lagar – "...*fora da cidade*", onde estava o exército que veio contra a Babilônia. Em terceiro lugar, a quantidade do vinho, isto é, do sangue que foi derramado por esse juízo. Na sua profundidade, ia "...*até aos freios dos cavalos*", e, na largura e comprimento, "...*mil e seiscentos estádios*" (v. 20); que é, segundo alguns, uns 300 quilômetros, que se imagina a medida da terra santa, e pode ser uma referência ao patrimônio da diocese sagrada em torno da cidade de Roma. Mas aqui somos deixados por conta de conjecturas questionáveis. Talvez esse grande evento não tenha tido o seu cumprimento ainda, mas "...*a visão é ainda para o tempo determinado*" (Hc 2.3); e por isso, embora pareça demorar, devemos esperar por ela. Mas *quem viverá, quando Deus fizer isto?*

CAPÍTULO 15

Até aqui, de acordo com a opinião de expositores eminentes, Deus representou ao seu servo João: I. O estado da igreja sob os poderes pagãos, nos seis selos que foram abertos; e então: II. O estado da igreja sob o poder papal, na visão das seis trombetas que começaram a ser tocadas quando foi aberto o sexto selo; e então é inserido: III. Um relato mais geral e breve do estado passado, presente e futuro da igreja, no livrinho etc. Agora Ele vai: IV. Mostrar-lhe como o Anticristo será destruído, em que passos essa destruição será realizada, na visão das sete taças. Esse capítulo contém uma introdução ou um preparo terrível para o derramamento das taças, no qual temos: 1. Uma visão dos anjos do céu que teriam a incumbência de realizar essa grande tarefa, e com que grande aclamação as hostes celestiais aplaudiram o grande desígnio (vv. 1-4). 2. Uma visão desses anjos saindo do céu para receber essas taças que deveriam derramar, e a grande comoção que isso causou no mundo (vv. 5-8).

As Sete Taças

vv. 1-4

Aqui temos o preparo do que é necessário para que as sete taças sejam derramadas, tarefa que foi comissionada a sete anjos; e observe como esses anjos apareceram ao apóstolo – *no céu*; foi de maneira maravilhosa, e isso por conta: 1. Do trabalho que eles tinham por fazer, que era concluir a destruição do Anticristo. Deus estava para derramar agora as suas sete últimas pragas para esse fim; e, como a medida dos pecados da Babilônia estava completa, eles teriam agora a medida completa da sua ira vingadora. 2. Os espectadores e testemunhas dessa sua comissão: Todos "...*os que saíram vitoriosos da besta...*". Estes estavam num "...*mar de vidro*", representando este mundo, como pensam alguns, uma coisa quebradiça, que será esmiga!hado em pedaços; ou, como outros pensam, a aliança do evangelho, aludindo ao mar de bronze no templo, no qual os sacerdotes deveriam se lavar (os leais servos de Deus estão sobre o fundamento da justiça de Cristo); ou, como pensam ainda outros, *o mar Vermelho*, que estava como se estivesse congelado quando os israelitas passaram; e, com a coluna de fogo refletindo luz sobre as águas, parecia que eles estavam misturados a elas; e isso para mostrar que o fogo da ira de Deus contra o Faraó e seus cavalos iria dissolver as águas solidificadas, e destruí-los por meio delas, e parece que há uma alusão a isso no fato de eles cantarem o "...*cântico de Moisés*", no qual: (1) Eles exaltam a grandeza das obras de Deus, e a justiça e a verdade dos seus caminhos, tanto ao libertar o seu povo quanto ao destruir os seus inimigos. Eles se alegraram na esperança e na perspectiva prôxima que tinham disso, embora não estivesse ainda realizado. (2) Eles chamam todas as nações a renderem a Deus o temor, a glória e a adoração, devidos a tal descoberta da sua verdade e justiça: "*Quem te não temerá?*" (v. 4).

As Sete Taças

vv. 5-8

Observe:

I Como esses anjos apareceram – saindo do céu para executar a sua comissão: "...*e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu*" (v. 5). Aqui há uma alusão ao Santo dos Santos no tabernáculo e no templo, o *propiciatório sobre a arca do Testemunho*, em que o sumo sacerdote fazia intercessão, e Deus tinha comunhão com o seu povo, e ouvia suas orações. Agora, com isso, como é aqui mencionado, podemos entender: 1. Que, nos juízos Deus estava agora prestes a executar os interesses anticristãos, Ele estava cumprindo as profecias e promessas da sua palavra e aliança, que estavam ali sempre diante dele, e às quais estava sempre atento. 2. Que com essa obra Ele estava respondendo às orações do povo, que eram oferecidas a Ele pelo grande sumo sacerdote deles. 3. Que Ele estava com isso vingando o ataque ao seu próprio Filho, e nosso Salvador Jesus Cristo, cujo ofício e autoridade tinham sido usurpados, seu nome desonrado, e os grandes desígnios da sua morte contrariados pelo Anticristo e seus seguidores. 4. Que Ele estava abrindo uma porta mais ampla de liberdade para o seu povo para adorá-lo em numerosas assembléias solenes, sem medo dos seus inimigos.

II Como eles foram equipados e preparados para a sua obra. Observe: 1. Seus trajes: Eles estavam "...*vestidos de linho puro e resplandecente*" e estavam "...*cingidos com cintos de ouro pelo peito*" (v. 6). Essa era a vestimenta dos sumos sacerdotes quando entravam para inquirir a Deus, e saíam com uma resposta dele. Isso mostrou que esses anjos estavam agindo em todas as coisas sob a direção e o desígnio divinos, e que estavam para preparar um sacrifício para o Senhor, chamado de "...*a ceia do grande Deus*" (cap. 19.17). Os anjos são os ministros da justiça divina, e eles fazem tudo de maneira santa e pura. 2. A sua artilharia, o que era, e de onde a receberam; a sua artilharia, pela qual deveriam executar essa grande tarefa, era de "...*sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus*"; eles foram armados da ira de Deus contra os seus inimigos. A criatura mais insignificante, quando vem armada da ira de Deus, será forte demais para qualquer homem no mundo; e quanto mais quando for um anjo de Deus. Essa ira de Deus não deveria ser derramada toda de uma vez, mas foi dividida em sete partes, que deveriam cair sucessivamente sobre o grupo anticristão. Agora de quem os anjos receberam essas salvas? De um dos quatro animais, um dos ministros da verdadeira igreja, isto é, como resposta às orações dos ministros e do povo de Deus, e para vingar a sua causa, na qual os anjos se deixam empregar voluntariamente.

III As impressões que essas coisas causaram sobre todos os que estavam próximos do templo. Eles estavam todos, por assim dizer, envoltos em nuvens de fumaça, que enchiam o templo da gloriosa e poderosa presença de Deus; assim que "...*ninguém podia entrar no templo*", até que a tarefa estivesse concluída. Os interesses do Anticristo estavam tão inter-relacionados com os interesses civis das nações que ele não podia ser destruído sem um grande choque em todo o mundo; e o povo de Deus não teria senão um pequeno descanso e folga antes de se reunir diante dele, enquanto essa grande tarefa estava sendo cumprida. No momento, seus sábados seriam interrompidos, suas ordenanças de adoração pública cessariam e todos seriam lançados em uma confusão geral. O próprio Deus estava agora pregando a todo o mundo, por meio de coisas terríveis em justiça; mas, quando essa tarefa estivesse concluída, então as igrejas teriam descanso, o templo seria aberto, e as assembléias solenes se reuniriam, edificadas e aumentadas. Os maiores livramentos da igreja são produzidos por passos impressionantes e surpreendentes da Providência.

Capítulo 16

Nesse capítulo, temos um relato do derramamento dessas taças que estavam cheias da ira de Deus. Foram derramadas sobre todo o império anticristão, e sobre tudo que pertencesse a ele. I. Sobre a terra (v. 2). II. Sobre o mar (v. 3). III. Sobre os rios e as fontes das águas (v. 4). Aqui as hostes celestiais proclamam e aplaudem a justiça dos juízos de Deus. IV. A quarta taça foi derramada sobre o sol (v. 8). V. A quinta, sobre o trono da besta. VI. A sexta, sobre o rio Eufrates. VII. A sétima, no ar, sobre os quais caíram as cidades das nações, e a grande Babilônia foi lembrada diante de Deus.

As Sete Taças

vv. 1-7

Temos no capítulo anterior o grande e solene preparo que foi feito para o derramamento das taças; agora temos a realização dessa tarefa. Observe aqui:

I Que, embora tudo tivesse sido preparado antes, nada deveria ser colocado em execução sem a ordem imediata e concreta de Deus; e essa Ele deu de dentro do templo, respondendo às orações do seu povo e vingando a sua luta.

II Assim que a voz de comando foi dada, foi imediatamente obedecida; sem demora, sem objeções. Vemos que alguns dos melhores homens, como Moisés e Jeremias, não concordaram tão prontamente com o chamado de Deus para realizar suas tarefas; mas os anjos de Deus os superam não somente em força, mas também na prontidão de fazer a vontade de Deus. Deus diz: "*Ide e derramai sobre a terra as sete taças*"; e imediatamente a realização da tarefa é iniciada. Somos ensinados a orar que a vontade de Deus seja feita na terra como é feita no céu. E agora entramos numa série de terríveis dispensações da Providência, das quais é difícil dar o significado exato ou fazer uma aplicação particular. Mas em geral é digno da nossa observação que:

1. Temos aqui uma referência e alusão a várias das pragas no Egito, como a transformação das suas águas em sangue, e o fato de os egípcios serem feridos com sarnas e chagas. Seus pecados eram semelhantes, e assim eram seus castigos.

2. Essas taças contêm uma referência clara às sete trombetas, que representaram o surgimento do Anticristo; e daí aprendemos que a queda dos inimigos da igreja deve ter alguma semelhança ao surgimento deles, e que Deus pode derrubá-los em formas tais quais eles escolhem para se exaltar. E a queda do Anticristo deve ser gradual; assim como Roma não foi construída em um dia, assim também não deve cair em um dia, mas cai em degraus; deve cair para não se levantar mais.

3. A queda do interesse anticristão deve ser universal. Tudo que de alguma forma pertenceu a eles, ou poderia lhes ser útil, suas propriedades e pertences, são colocados no mandado de destruição: sua terra, seu ar, seu mar, seus rios, suas cidades, tudo foi consagrado à ruína, tudo foi amaldiçoado por causa da maldade daquele povo. Assim a criação geme e sofre por causa dos pecados dos homens. Agora procedemos para:

(1) O primeiro anjo que derramou a sua taça (v. 2). Observe: [1] Onde caiu – "...*sobre a terra*"; isto é, dizem alguns, sobre o povo comum; outros dizem que caiu sobre o corpo do clero romano, que eram a base do papado, e de um espírito terreno, todos carregando projetos terrenos. [2] O que produziu – "...*uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta*". Eles haviam sinaliza-

do a si mesmos com o seu pecado; agora Deus os marca com o seu castigo. Essa chaga, alguns pensam, significa algumas das primeiras aparições da Providência contra o seu estado e interesses, que lhes causou grande desconforto, visto que descobriu sua perturbação interna e foi um sinal de mais uma desgraça; os sinais da praga apareceram.

(2) "*E o segundo anjo derramou a sua taça*"; e aqui vemos: [1] Onde caiu – "...*no mar*"; isto é, dizem alguns, sobre a jurisdição e o domínio do papado; outros pensam que foi sobre todo o sistema da sua religião, suas falsas doutrinas, seu falso brilho, seus rituais supersticiosos, sua adoração idólatra, seus indultos, indulgências, uma grande confluência de invenções e instituições ímpias, pelas quais mantêm um negócio e um comércio vantajosos para si mesmos, mas prejudiciais para todos os que negociam com eles. [2] O que produziu: Transformou o mar em sangue, "...*como de um morto, e morreu no mar toda alma vivente*". Deus descobriu não somente a vaidade e falsidade da sua religião, mas a natureza mortal e perniciosa dela – que a alma dos homens foi envenenada por aquilo que pretensamente era o meio seguro da sua salvação.

(3) O anjo seguinte derramou a sua taça; e lemos: [1] Onde caiu – "...*nos rios e nas fontes das águas*"; isto é, dizem alguns homens muito eruditos, sobre seus emissários, e especialmente os jesuítas que, como correntes, transmitiram o veneno e a malignidade dos seus erros e idolatrias desde a nascente por toda a terra. [2] Que efeito teve sobre eles: "...*e se tornaram em sangue*"; alguns pensam que atiçou príncipes cristãos para que exercessem justa vingança contra aqueles que haviam sido os grandes incendiários do mundo, e haviam ocasionado o derramamento de sangue dos exércitos e dos mártires. A doxologia seguinte (vv. 5,6) favorece esse sentido. O agente de que Deus faz uso nessa tarefa é chamado de "...*anjo das águas*", que exalta a justiça de Deus nessa retaliação: "*Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste sangue a beber; porque disto são merecedores*", ao que um outro anjo respondeu com completo consentimento (v. 7).

As Sete Taças
vv. 8-11

Nesses versículos, vemos o trabalho sendo continuado na ordem preestabelecida. O quarto anjo derramou a sua taça, e o seu conteúdo caiu sobre o sol; isto é, dizem alguns, sobre algum príncipe eminente da comunidade papal, que deveria renunciar à sua falsa religião um pouco antes da completa queda; e alguns esperam que seja o imperador germânico. E agora qual será a conseqüência disso? O mesmo sol que antes os afagava com influências agradáveis e saudáveis agora vai se tornar quente contra esses idólatras, e vai chamuscá-los. Os príncipes vão usar o seu poder e autoridade para subjugá-los, que mesmo assim vai ser algo tão distante de levá-los ao arrependimento que vai fazer com que eles amaldiçoem a Deus e seu rei, e olhem para cima lançando suas palavras blasfemas contra o Deus do céu; eles serão endurecidos até a sua ruína. O quinto anjo derramou a sua taça (v. 10). E observe: 1. Onde caiu – "...*sobre o trono da besta*", sobre a própria Roma, a Babilônia mística, o topo do império anticristão. 2. Que efeito teve: Todo o reino da besta "...*se fez tenebroso*" e cheio de aflição. Exatamente a cidade que era o centro da sua política, a fonte de todo o seu conhecimento, e de toda a sua pompa e prazer, agora se torna uma fonte de escuridão, e sofrimento, e angústia. A escuridão foi uma das pragas do Egito, e é oposta ao brilho e à honra, e assim prognostica o desprezo e o desdém a que o desígnio anticristão seria exposto. A escuridão se opõe à sabedoria e à perspicácia, e prognostica a confusão e tolice que os idólatras deveriam descobrir nesse tempo. Ela se opõe ao prazer e à alegria, e assim significa sua angústia e desgosto de espírito, quando as suas calamidades assim vieram sobre eles.

As Sete Taças
vv. 12-16

"*E o sexto anjo derramou a sua taça*"; e observe:

I Onde caiu – "...*sobre o grande rio Eufrates*". Alguns interpretam isso literalmente, representando o lugar em que começou o poder do império turco; e eles pensam que essa é uma profecia da destruição da monarquia e da idolatria turcas, que eles supõem vai ser executada aproximadamente no mesmo tempo da destruição do papado, como mais um anticristo, e que assim se faça um caminho para a oportunidade dos judeus, aqueles príncipes do Leste. Outros entendem que seja o rio Tíber; pois, como Roma é a Babilônia mística, Tíber é o Eufrates místico. E quando Roma for destruída, seu rio e seu comércio precisam sofrer com ela.

II O que essa taça produziu? 1. Secou o rio, que havia suprido a cidade com riqueza, provisões e todo o tipo de bens. 2. Prepara-se, assim, um "...*caminho*" para os "...*reis do Oriente*". A idolatria da igreja de Roma tinha sido um grande empecilho tanto para a conversão dos judeus, que já há muito tempo foram curados da sua inclinação para os ídolos, quanto dos gentios, que estão endurecidos na sua idolatria ao verem aquilo que tanto a simboliza entre os chamados cristãos. Portanto, é muito provável que a queda do papado, removendo essas obstruções, vá abrir um caminho tanto para os judeus quanto para outras nações orientais virem para dentro da igreja de Cristo. E, se supomos que o maometismo caia na mesma época, haverá uma comunicação ainda mais aberta entre as nações ocidentais e orientais, que pode facilitar a conversão dos judeus e a "...*plenitude dos gentios*" (Rm 11.25). E quando essa obra de Deus aparecer, e estiver prestes a ser realizada, não é de admirar que cause mais uma conseqüência, que é: 3. O último esforço do grande dragão; ele está determinado a fazer mais uma tentativa para, se possível, recuperar a posição arruinada dos seus negócios no mundo. Ele está agora arregimentando suas forças, recobrando os ânimos, para fazer um grande ataque repentino antes que tudo esteja perdido. Isso é ocasionado pelo derramamento da sexta taça. Observe aqui: (1) Os agentes que ele usa para engajar os poderes da terra na sua causa e disputa: Surgem "...*três espíritos imundos, semelhantes a rãs*"; um sai "...*da boca do dragão*", outro, "...*da boca da besta*", e o terceiro, "...*da boca do falso pro-*

feta". O inferno, o poder secular do Anticristo, e o poder eclesiástico, se combinam para enviar seus muitos agentes, providos de maldade infernal, com política mundana, e com falsidade e engano religiosos; e esses perfazem as forças do Diabo para a decisiva batalha. (2) Os meios que esses agentes usam para engajar os poderes da terra nessa guerra. Eles fazem milagres forjados, o antigo estratagema daquele "...*cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça*" (2 Ts 2.9,10). Alguns pensam que um pouco antes da queda do anticristo a aspiração papal ao poder de fazer milagres vai ser reavivado e vai fascinar e enganar o mundo. (3) O campo da batalha – um lugar chamado "...*Armagedom*"; isto é, dizem alguns, o monte Megido, perto do qual, à margem de um ribeiro que nasce ali, Baraque derrotou Sísera e todos os reis aliados com ele (Jz 5.19). E foi no vale do Megido que Josias foi morto. Esse lugar tinha sido famoso em virtude de dois eventos de natureza muito diferente, o primeiro muito favorável à igreja de Deus, o segundo muito desfavorável; mas deve agora ser o campo da última batalha em que a igreja estará engajada, e ela será vitoriosa. Para essa batalha era necessário que houvesse preparo, e por isso o relato mais detalhado dela é suspenso até que cheguemos ao capítulo 19, versículos 19 e 20. (4) A advertência que Deus dá acerca dessa grande e decisiva provação, para que o seu povo se prepare para ela (v. 15). Seria repentina e inesperada, e por isso os cristãos deveriam estar vestidos, armados e preparados para ela, para que não fossem surpreendidos e envergonhados. Quando a causa de Deus está para ser provada, e suas batalhas estão para ser travadas, todo o seu povo deve estar preparado para se posicionar pelos interesses dele e ser fiel e valente no seu serviço.

As Sete Taças
vv. 17-21

Temos aqui um relato do sétimo e último anjo derramando a sua taça, fazendo a sua contribuição para a realização da queda da Babilônia, que foi o golpe final. E aqui, como anteriormente, observe:

I Onde caiu essa praga – "...*no ar*", sobre o príncipe do poder do ar, isto é, o Diabo. Os seus poderes foram restringidos, suas políticas, confundidas; ele foi preso na corrente de Deus. A espada de Deus estava sobre o seu olho e sobre o seu braço; pois ele, como também os poderes da terra, está sujeito ao domínio todo-poderoso de Deus. Ele tinha usado todos os meios possíveis para preservar os interesses anticristãos, e para evitar a queda da Babilônia – toda a influência que ele tem sobre a mente dos homens, cegando o seu discernimento e pervertendo-os, endurecendo o seu coração, suscitando ao máximo a sua inimizade ao evangelho. Mas agora aqui está uma taça derramada sobre o seu reino, e ele já não é capaz de manter a sua causa e os seus interesses cambaleantes.

II O que resulta: 1. Uma voz de gratidão do céu, pronunciando que agora a obra está feita. A igreja triunfante no céu viu isso e se alegrou; a igreja militante na terra viu isso e se tornou triunfante. 2. Uma comoção fortíssima na terra – um terremoto, tão grande como nunca houve antes, abalando o centro, e isso introduzido pelos acompanhantes usuais, os trovões e relâmpagos. 3. A queda da Babilônia, que foi dividida em três partes, chamadas "...*as cidades das nações*" (v. 19); tendo governado sobre as nações, e absorvido a idolatria das nações, incorporando na sua religião parte da religião judaica, parte da religião pagã e parte da religião cristã, ela era como três cidades em uma. Deus agora lembrou dessa cidade grande e má. Embora por algum tempo parecesse que Ele tinha esquecido a sua idolatria e crueldade, agora Ele lhe dá o seu "...*cálice do vinho da indignação da sua ira*". E essa queda se estendeu além do trono do anticristo; partiu do centro e atingiu o círculo; e toda ilha e todo monte, que pareciam por natureza os mais seguros, foram arrastados pela inundação dessa ruína.

III Como a parte anticristã foi afetada por isso. Embora caísse sobre eles como uma tempestade espantosa, como se as pedras da cidade, lançadas ao ar, caíssem sobre suas cabeças, como pesadas pedras de granizo, mesmo assim eles estavam tão distantes de se arrependerem que blasfemaram contra o Deus que assim os estava castigando. Aqui havia uma praga terrível do coração, um juízo espiritual do coração mais temível e destrutivo do que todo o resto. Observe: 1. As grandes calamidades que podem cair sobre os homens não vão conduzi-los ao arrependimento sem a ação da graça de Deus neles. 2. Aqueles que não se tornam melhores por meio dos castigos de Deus sempre se tornam piores para eles. 3. Ser endurecido pelo pecado e inimizade contra Deus por seus justos juízos é um certo aviso da destruição total.

CAPÍTULO 17

Esse capítulo contém mais uma representação daquelas coisas que haviam sido reveladas antes acerca da maldade e ruína do Anticristo. Esse anticristo tinha sido representado anteriormente como uma besta, e agora é descrito como uma grande prostituta. E aqui: I. O apóstolo é convidado a ver essa vil mulher (vv. 1,2). II. Ele nos conta que aparência ela tinha (vv. 3-6). III. O mistério dela é explicado a ele (vv. 7-13). IV. A ruína dela é anunciada (vv. 14-18).

A Queda da Babilônia
vv. 1-6

Temos aqui uma nova visão, não quanto ao seu conteúdo, pois este é contemporâneo ao que ocorreu nas últimas três taças; mas quanto à sua descrição. Observe: 1. O convite feito ao apóstolo para ver o que estava sendo aqui representado: "*Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta...*" (v. 1). Esse é um nome de grande infâmia. Uma prostituta, nessa passagem, é uma mulher que é casada e foi infiel à cama do seu marido, aban-

donou o guia da sua juventude, e violou a aliança de Deus. Ela tinha sido uma prostituta dos reis da terra, a quem tinha embebedado com o "...*vinho da sua prostituição*". 2. A aparência que tinha: era alegre e vistosa, como esse tipo de criaturas: "...*a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas*" (v. 4). Aqui estavam todas as atrações e seduções das honras e riquezas mundanas, a pompa e o orgulho, apropriados à mente sensual e mundana. 3. O seu lugar e residência – "...*sobre uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres*"; isto é, Roma, a cidade sobre sete colinas, mal-afamada por sua idolatria, tirania e blasfêmia. 4. Seu nome, que estava escrito "...*na sua testa*". Era o costume das prostitutas descaradas levar sinais, com seu nome, para que todos soubessem o que elas eram. Agora nisso observe: (1) Ela é denominada segundo o seu lugar de residência – "...*a grande Babilônia*". Mas para que não interpretemos isso como a antiga Babilônia assim denominada literalmente, somos avisados de que há um mistério no nome; é alguma outra grande cidade semelhante à Babilônia. (2) Ela recebeu o seu nome de sua atitude e prática mal-afamada; não é somente prostituta, mas "...*Mãe das Prostituições*", gerando prostitutas, e alimentando e treinando-as para a idolatria e para todo o tipo de lascívia e maldade – a mãe e ama de toda falsa religião e de toda conversa imunda. 5. Sua alimentação: Ela se saciava com o "...*sangue dos santos*" e o "...*sangue das testemunhas de Jesus*". Ela bebeu o sangue deles com tal voracidade que se embebedou dele; era tão agradável para ela que não conseguia distinguir quando tinha bebido o suficiente. Estava saciada, mas nunca satisfeita.

A Queda da Babilônia
vv. 7-13

Temos aqui a explicação do mistério dessa visão. O apóstolo está abismado diante da vista dessa mulher: O anjo se põe a abrir essa visão para ele, sendo esta a chave para as visões anteriores; e ele conta ao apóstolo o significado da besta em que a mulher estava sentada; mas é explicada de tal forma que ainda assim precisa de mais esclarecimentos. 1. Essa besta "...*era e já não é, mas que virá*"; isto é, *era* um lugar de idolatria e perseguição; *e já não é*, isto é, não na forma antiga, que era pagã; *mas virá*, isto é, verdadeiramente é o lugar da idolatria e tirania, embora de outro tipo e forma. E "...*há de subir do abismo*" (a idolatria e a crueldade são produto e resultado do inferno), e deve voltar para lá e ir para a perdição. 2. Essa besta "...*tem sete cabeças*", que têm duplo significado. (1) *Sete montes* – as sete colinas sobre as quais está situada Roma; e (2) *Sete reis* – sete tipos de governo. Roma era governada por reis, cônsules, tribunos, decênviros, ditadores, imperadores pagãos, e imperadores cristãos. Cinco desses estavam extintos quando essa profecia foi escrita; um estava então vivo, isto é, o imperador pagão; e o outro, isto é, o imperador cristão, estava ainda por vir (v. 10). Essa besta, o papado, constitui o oitavo governador, e estabelece novamente a idolatria. 3. Essa besta tinha dez chifres, que são considerados os "...*dez reis, que ainda não receberam o reino*"; *ainda não*, isto é, como pensam alguns, não se levantarão até que o Império Romano seja quebrado em pedaços; ou, como dizem outros, não vão se levantar até perto do final do reinado do Anticristo, e reinarão apenas como se fosse "...*por uma hora, juntamente com a besta*", mas nesse tempo serão unânimes e zelosos pelos seus interesses, e inteiramente devotados a eles, privando-se das suas prerrogativas e taxas (coisas tão preciosas aos príncipes), em virtude de uma predileção inexplicável pelo papado.

A Queda da Babilônia
vv. 14-18

Temos aqui um relato da queda da Babilônia, a ser mais detalhadamente descrita no capítulo seguinte.

I Começa aqui uma guerra entre a besta com seus seguidores contra o Cordeiro e seus seguidores. A besta a o seu exército, a um olho sensível, parecem bem mais fortes do que o Cordeiro e o seu exército. Pensaríamos que um exército com um cordeiro à sua frente não poderia enfrentar o *grande dragão vermelho*. Mas:

II Aqui está a vitória conquistada pelo Cordeiro: "...*o Cordeiro os vencerá*". Cristo precisa governar até que todos os inimigos sejam derrotados e sujeitados "...*a seus pés*" (Ef 1.22). Ele certamente enfrentará muitos inimigos, e muita oposição, mas Ele também estará seguro de obter a vitória.

III Aqui está o fundamento e a razão da vitória prescrita; e isso é tirado: 1. Da natureza do Cordeiro: Ele "...*é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis*". Ele tem, tanto por natureza quanto por posição, domínio e poder supremos sobre todas as coisas; todos os poderes da terra e do inferno são sujeitados à sua supervisão e controle. 2. Da natureza dos seus seguidores: Eles são *chamados, eleitos e fiéis*. Eles são chamados por comissão para essa batalha; eles são escolhidos e estão preparados para ela, e serão fiéis nela. Tal exército, sob tal comandante, vai finalmente conduzir o mundo atrás de si.

IV A vitória é merecidamente enaltecida. 1. Pela grande multidão que prestou obediência e sujeição à besta e à prostituta. Ela estava assentada sobre (isto é, governava) muitas águas; e essas águas eram tantas multidões de pessoas e nações de todas as línguas; sim, ela governou não somente sobre reinos, mas sobre reis, e eles eram seus vassalos (vv. 15,18). 2. Por meio da poderosa influência que Deus assim mostrou que tinha sobre a mente de grandes homens. O coração deles estava nas mãos dele, e ele os controlava como queria, pois: (1) Era para Deus e para cumprir sua vontade que esses reis tivessem a mesma idéia de dar *à besta* o seu reino; foram judicialmente cegados e endurecidos para fazer isso. E: (2) Era por Deus que posteriormente seu coração fosse voltado contra a prostituta, para odiá-la, para torná-la "...*desolada e nua*", para comer "...*sua carne*", e para queimá-la "...*no fogo*"; finalmente verão a sua tolice e como foram enfeitiçados e escravizados pelo papa-

do, e, por justa indignação, não cairão somente fora da esfera de Roma, mas serão transformados em agentes da providência de Deus para a destruição de Roma.

CAPÍTULO 18

Temos aqui: I. A proclamação de um anjo da queda da Babilônia (vv. 1,2). II. A determinação das razões da sua queda (v. 3). III. A admoestação a todos que pertencem a Deus para que saiam dela (vv. 4,5) e que auxiliem na sua destruição (vv. 6-8). IV. O grande lamento feito por ela por aqueles que haviam sido grandes participantes nos seus prazeres e lucros pecaminosos (vv. 9,10). V. A grande alegria que haveria entre os outros diante da visão das suas ruínas irreparáveis (vv. 20-24).

A Queda da Babilônia
vv. 1-8

A queda e a destruição da Babilônia constituem um evento tão completamente determinado nos conselhos de Deus, e de tais conseqüências para seus interesses e glória, que as visões e predições concernentes a essa destruição são repetidas. 1. Temos aqui mais um anjo enviado do céu, acompanhado de grande poder e esplendor (v. 1). Ele não tinha somente luz em si mesmo para discernir a verdade das suas próprias predições, e também para informar e iluminar o mundo acerca desse grande evento; mas também tinha poder para realizar o que discerniu. 2. Esse anjo proclama a queda da Babilônia como uma coisa que já aconteceu; e isso ele faz com uma voz forte e poderosa, para que todos possam ouvir o grito, e possam ver o quanto esse anjo está alegre em ser o mensageiro de tais novas. Parece haver aqui uma alusão à predição da queda da Babilônia pagã (Is 21.9), em que a palavra é repetida como aqui: "*Caiu! Caiu...*". Alguns pensam que aqui se dá a entender uma dupla queda, primeiro da sua apostasia, e depois da sua ruína; e eles pensam que as palavras que seguem imediatamente esse trecho favorecem a sua opinião. "*...e se tornou morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível!*" (v. 2). Mas isso também é tomado de Isaías 21.9 e parece descrever não tanto o seu pecado de manter ídolos (que são de fato chamados de *demônios*), mas sim, o seu castigo, sendo uma noção comum o aspecto de que espíritos imundos, assim como aves agourentas e odiosas, costumavam assombrar uma cidade ou casa que estava em ruínas. 3. A razão dessa ruína é declarada (v. 3); pois, embora Deus não esteja obrigado a dar satisfação dos seus assuntos, mesmo assim, Ele tem prazer em fazê-lo, especialmente naqueles planos da providência que são os mais impressionantes e tremendos. A maldade da Babilônia tinha sido muito grande; pois ela não havia somente abandonado ela mesma o verdadeiro Deus, e estabelecido ídolos, mas com grande habilidade e diligência atraído todo o tipo de homens para o adultério espiritual, e por sua riqueza e luxúria os tinha mantido em seu poder. 4. Advertência clara é dada a todos os que esperam misericórdia de Deus, para que não somente saiam dela, mas ajudem na sua destruição (vv. 4,5). Observe aqui: (1) Deus pode ter um povo até mesmo na Babilônia, alguns que pertencem à eleição da graça. (2) O povo de Deus deve ser chamado para fora da Babilônia, e será chamado efetivamente. (3) Aqueles que estão decididos a participar com os ímpios dos seus pecados precisam receber as suas pragas. (4) Quando os pecados de um povo sobem ao céu, a ira de Deus desce à terra. (5) Embora a vingança pessoal seja proibida, mesmo assim Deus vai fazer o seu povo agir debaixo da autoridade dele, quando chamado a fazer isso, para destruir os inimigos inveterados e implacáveis dele, que são também inimigos deles (v. 6). (6) Deus vai tornar o castigo dos pecadores proporcional à medida da sua maldade, orgulho e segurança (v. 7). (7) Quando a destruição vem repentinamente sobre um povo, a surpresa é um grande agravamento da sua miséria (v. 8).

A Queda da Babilônia
vv. 9-24

Temos aqui:

I Um lamento doloroso feito pelos amigos da Babilônia por causa da sua queda; e observe aqui:

1. Quem são os pranteadores, isto é, os que haviam sido enfeitiçados por sua fornicação, os que tinham sido participantes dos seus prazeres sensuais, e os que tinham sido beneficiados por sua riqueza e comércio – os reis e os mercadores da terra: "*Os reis da terra*", a quem ela tinha cortejado para a idolatria ao permitir que fossem arbitrários e tiranos sobre seus súditos, enquanto eram subservientes a ela; e os "*...mercadores*", isto é, os que negociaram com ela por indulgências, indultos, dispensas e isenções, e preferências; estes vão prantear, pois "*...enriqueceram com a abundância de suas delícias*".

2. Qual foi a forma do seu pranto. (1) Eles estavam a grande distância, não ousavam chegar perto dela. Até mesmo os amigos da Babilônia vão ficar à distância da queda dela. Embora eles tivessem sido participantes dela nos seus pecados, e nos seus prazeres e ganhos pecaminosos, eles não estavam dispostos a sofrer uma parte das suas pragas. (2) Eles deram um grito horrível: "*Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade!*" (3) Eles choraram e "*...lançaram pó sobre a cabeça*" (v. 19). Os prazeres do pecado só duram uma época, e vão terminar em aflição e tristeza. Todos os que se alegram no sucesso dos inimigos da igreja vão compartilhar com eles na sua queda; e aqueles que mais se indultaram no orgulho e no prazer são os menos preparados a suportar calamidades; suas tristezas serão tão desmesuradas como seu prazer e diversão o foram antes.

3. Qual foi a causa de seu lamento; não o seu pecado, mas o seu castigo. Eles não lamentaram a sua queda na idolatria, e luxúria, e perseguição, mas sua queda em ruína – a perda do seu comércio e de sua riqueza e poder. O espírito do anticristo é um espírito mundano, e sua tristeza é uma tristeza meramente mundana; eles não estavam lamentando pela ira de Deus, que agora tinha caído sobre eles, mas pela perda do seu conforto

exterior. Temos uma enorme lista e relação da riqueza e das mercadorias dessa cidade, e tudo se perdeu repentinamente (vv. 12,13), e se perdeu irrecuperavelmente (v. 14): "*...e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás*". A igreja de Deus pode cair por um tempo, mas vai se levantar novamente; mas a queda da Babilônia vai ser uma ruína completa, como a de Sodoma e Gomorra. A tristeza segundo Deus traz algum amparo na aflição, mas a tristeza meramente mundana aprofunda a calamidade.

II Um relato da alegria e do triunfo que houve tanto no céu quanto na terra diante da queda irrecuperável da Babilônia. Enquanto o seu próprio povo estava lamentando por ela, os servos de Deus foram chamados a se alegrar *sobre ela* (v. 20). Observe aqui: 1. Como seria universal essa alegria: Céu e terra, anjos e santos, participariam dela; o que é motivo de alegria para os servos de Deus neste mundo é motivo de alegria para os anjos no céu. 2. Como seria justa e razoável essa alegria, e isso: (1) Porque a queda da Babilônia foi um ato da justiça vingadora de Deus. Deus estava então vingando a causa do seu povo. Eles tinham confiado a sua causa àquele a quem pertence a vingança, e agora havia chegado o ano da recompensa para as disputas de Sião; e, mesmo que não tivessem prazer na miséria de ninguém, mesmo assim tinham razão para se alegrar nas descobertas da gloriosa justiça de Deus. (2) Porque foi uma ruína irrecuperável. Esse inimigo nunca os molestaria novamente, e disso eles foram assegurados por um sinal extraordinário (v. 21): Um "*...anjo* do céu *levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada*"; o lugar já não será habitado pelo homem, nenhum trabalho será feito ali, nenhum prazer se desfrutará ali, não se verá ali nenhuma luz, só total escuridão e desolação, como recompensa da sua grande maldade, primeiramente porque "*...todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias*", e, em segundo lugar, por destruir e assassinar os que não conseguiu enganar (vv. 23,24). Pecados tão abomináveis mereceram uma ruína tão grande.

CAPÍTULO 19

Nesse capítulo, temos: I. Mais um relato do cântico triunfante dos anjos e dos santos pela queda da Babilônia (vv. 1-4). II. O casamento de Cristo com a igreja anunciado e realizado (vv. 5-10). III. Mais uma expedição bélica do cabeça e marido glorioso da igreja, com os seus sucessos (vv. 11-21).

O Triunfo dos Santos

vv. 1-4

Depois de a queda da Babilônia ter sido estabelecida, concluída e declarada irrecuperável no capítulo anterior, este começa com um santo triunfo sobre ela, por conseqüência da ordem emitida: "*Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas*" (cap. 18.20). Agora eles respondem com alegria ao chamado; e aqui temos: 1. A forma das suas ações de graça, naquela palavra celestial e bem abrangente: "*Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor*". Com isso eles começam, com isso continuam, com isso terminam (v. 4); suas orações são agora transformadas em louvores, seus hosanas terminam em aleluias. 2. O conteúdo das suas ações de graça: Eles o louvam pela verdade da sua palavra e a justiça da sua condução providencial, especialmente nesse grande evento – a ruína da Babilônia, que tinha sido a mãe, ama e ninho da idolatria, lascívia e crueldade (v. 2), e a ela atribuem o sinal da justiça divina como "*...salvação, e glória, e honra, e poder*, que *pertencem ao Senhor*". 3. A forma mais certa de termos nossa libertação continuada e concluída é darmos a Deus a glória por aquilo que fez por nós. Louvar a Deus por aquilo que temos é orar da maneira mais eficaz por aquilo que ainda está por ser feito por nós; os louvores dos santos inflamam ainda mais o fogo da ira de Deus contra o inimigo comum. 4. A abençoada harmonia entre os anjos e os santos nesse cântico triunfante (v. 4). As igrejas e seus ministros tomam o som melodioso dos anjos, e o repetem; prostrando-se e adorando a Deus, eles clamam: "*Amém! Aleluia!*"

O Triunfo dos Santos

vv. 5-10

Tendo terminado o cântico triunfante, começa um epitalâmio, ou cântico nupcial (v. 6). Observe aqui:

I O concerto da música celestial. O coro era grande e de voz forte, "*...como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões*". Deus é temível em louvores. Não há discordância no céu; as estrelas da manhã cantam juntas; nenhuma corda dissonante, nenhuma escalada desafinada, mas melodia pura e perfeita.

II A ocasião desse cântico; e esse é o reino e domínio daquele Deus onipotente que redimiu a igreja por seu próprio sangue, e está agora de forma mais pública esposando-a consigo mesmo. "*...porque vindas são as bodas do Cordeiro*" (v. 7). Alguns pensam que isso se refere à conversão dos judeus, que eles supõem vão suceder a queda da Babilônia; outros, à ressurreição geral. A primeira opinião parece preferível. Agora: 1. Temos aqui uma descrição da noiva, como ela se apresenta; não nos trajes brilhantes e pomposos da mãe das prostituições; mas está vestida "*...de linho fino, puro e resplandecente*" que são "*...as justiças dos santos*"; nos trajes da justiça de Cristo, tanto imputada para justificação quanto concedida para santificação – a *estola*, as *vestes brancas* da absolvição, adoção, e libertação, e as vestes brancas da pureza e da santidade universal. Ela tinha lavado *as suas vestes* e as tinha branqueado *no sangue do Cordeiro* (cap. 7.14); e esses ornamentos nupciais ela não comprou por preço algum que ela mesma pagou, mas recebeu-os como presente e doação de seu abençoado Senhor. 2. Temos também a festa de casamento, que, embora não descrita em detalhes (como em Mt 22.4), mesmo assim é descrita

de tal forma que deixaria felizes os que fossem convidados para ela, os que fossem chamados para aceitar o convite, uma festa constituída das promessas do evangelho, "*...as verdadeiras palavras de Deus*" (v. 9). Essas promessas, abertas, aplicadas, seladas e garantidas pelo *Espírito de Deus*, em sagradas ordenanças eucarísticas, são a festa do casamento; e todo o corpo coletivo de todos que participam dessa festa é a noiva, *a esposa do Cordeiro*; eles comem de um corpo e bebem de um Espírito, e não são meros espectadores ou hóspedes, mas se amalgamam em uma parte esposada, o corpo místico de Cristo. 3. Temos ainda o êxtase de alegria que o apóstolo sentiu em si mesmo nessa visão. Ele se lançou aos pés do anjo para o adorar, supondo que ele fosse mais do que uma criatura, ou tendo os seus pensamentos dominados pela veemência dos seus sentimentos. Observe aqui: (1) Que honra que ele ofereceu ao anjo: "*...lancei-me a seus pés para o adorar*"; essa prostração era uma parte da adoração exterior, era uma postura da adoração adequada. (2) Como o anjo a recusou, e isso foi com alguma indignação: "*Olha, não faças tal*; tem cuidado do que fazes, estás fazendo a coisa errada". (3) Ele deu uma razão muito boa para essa recusa: "*Sou teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus* – eu sou uma criatura, teu igual em ofício, embora não em natureza; eu, como um anjo e mensageiro de Deus, *tenho o testemunho de Jesus*, a ordem de ser testemunha por Ele e de testificar concernente a Ele, e tu, como um apóstolo, tendo o *espírito de profecia*, tens que dar o mesmo testemunho; e por isso somos nisso irmãos e co-servos". (4) Ele o dirige ao único e verdadeiro objeto da adoração religiosa; isto é, Deus: "*Adora a Deus*, e a Deus somente". Isso condena totalmente os papistas por adorarem os elementos do pão e do vinho, os santos, e anjos, e a prática dos tais socinianos e arianos que não crêem que Cristo é verdadeiramente e por natureza Deus, e mesmo assim lhe prestam adoração religiosa; e isso mostra quão infames folhas de figueira são todas as suas desculpas e evasivas que eles oferecem em sua própria vindicação; eles ficam assim condenados de idolatria por um mensageiro do céu.

O Triunfo dos Santos

vv. 11-21

Assim que foi celebrado o casamento de Cristo com sua igreja com a solenidade da conversão dos judeus, o glorioso marido e cabeça da igreja foi chamado para uma nova expedição, que parece a maior batalha que seria travada em Armagedom, prenunciada no capítulo 16.16. E aqui observe:

I A descrição do grande comandante: 1. Pela base do seu império: o céu; o seu trono está lá, e seu poder e autoridade são celestiais e divinos. 2. Seu aparelhamento: Ele é descrito novamente como sentado num "*...cavalo branco*", para mostrar a eqüidade da causa, e a certeza do sucesso. 3. Seus atributos: Ele é "*...Fiel e Verdadeiro*" para com a sua aliança e promessa, Ele é justo em todos os seus procedimentos judiciais e militares, Ele tem uma percepção penetrante de toda a força e estratagemas dos seus inimigos, Ele tem um amplo e extenso domínio, muitas coroas, pois Ele é *Rei dos reis, e Senhor dos senhores*. 4. Seu armamento; e esse é uma *veste salpicada de sangue*, ou do seu próprio sangue, pelo qual Ele obteve esse poder mediador, ou do sangue dos seus inimigos, sobre os quais Ele sempre prevaleceu. 5. Seu nome: "*...a Palavra de Deus*", um nome que ninguém conhece completamente a não ser Ele mesmo; só sabemos isto: que essa Palavra foi "*Aquele que se manifestou em carne...*" (1 Tm 3.16); mas as suas perfeições são incompreensíveis para qualquer criatura.

II O exército que Ele controla (v. 14), um exército muito grande, constituído de muitos exércitos; anjos e santos seguiram a sua condução, e eram semelhantes a Ele no seu aparelhamento, e em sua armadura de pureza e justiça – escolhidos, e chamados, e fiéis.

III As armas da sua guerra – "*...uma aguda espada* que saía *da sua boca*" (v. 15), com a qual feriu "*...as nações*", que é uma referência ou às ameaças da palavra escrita, que Ele agora vai executar, ou antes à sua palavra de ordem, chamando os seus seguidores a exercerem a justa vingança sobre os inimigos dele e deles, que são agora colocados no lagar da ira de Deus, para serem pisados debaixo dos pés dele.

IV O emblema da sua autoridade, seu brasão – "*E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES*", confirmando a sua autoridade e poder, e a causa da disputa (v. 16).

V Um convite feito a todas "*...as aves que voavam pelo meio do céu*", que deveriam vir e ver a batalha, e participar do saque e pilhagem do campo (vv. 17,18), anunciando que esse grande e decisivo engajamento deveria fazer dos inimigos da igreja uma festa para as aves de rapina, e que todo o mundo deveria ter razão para se alegrar no resultado disso.

VI A batalha iniciada. O inimigo avança com grande fúria, encabeçado pela "*...besta, e os reis da terra*"; os poderes da terra e do inferno se uniram para fazer seu esforço máximo (v. 19).

VII A vitória obtida pelo grande e glorioso cabeça da igreja: *A besta e o falso profeta*, os líderes do exército, são feitos prisioneiros, tanto o que os conduzia pelo poder quanto o que os conduzia pela astúcia e falsidade; esses são pegos e lançados "*...no ardente lago de fogo*", sendo incapacitados de molestarem a igreja de Deus novamente; e seus seguidores, não importa se oficiais ou soldados comuns, são entregues à execução militar, e fizeram uma festa para "*...as aves do céu*". Embora a vingança divina recaia principalmente sobre *a besta e o falso profeta*, ainda assim não vai haver desculpa para os que lutam sob sua bandeira e disserem que estavam apenas seguindo seus líderes e obedecendo às suas ordens; visto que batalham por eles, precisam cair e perecer com eles. "*Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho*" (Sl 2.10,12).

CAPÍTULO 20

Alguns expositores consideram esse capítulo a parte mais sombria de toda essa profecia. É muito provável que as coisas contidas nele ainda não tenham sido cumpridas; e por isso é mais sábio que nos contentemos com observações gerais, em vez de sermos concretos e específicos em nossas explicações dele. Aqui temos um relato dos seguintes aspectos: I. Satanás é amarrado por mil anos (vv. 1-3). II. O reinado dos santos com Cristo durante o mesmo tempo (vv. 4-6). III. Satanás é solto, e o conflito da igreja com Gogue e Magogue (vv. 7-10). IV. O dia do juízo (vv. 11-15).

Satanás É Amarrado

vv. 1-10

Temos aqui:

I Uma profecia de Satanás sendo amarrado por um certo período, no qual ele teria muito menos poder e a igreja muito mais paz do que antes. O poder de Satanás foi quebrado em parte pelo estabelecimento do reino do evangelho no mundo; foi reduzido ainda mais quando o imperador se tornou cristão; foi quebrado ainda mais pela queda da Babilônia mística; mas mesmo assim essa serpente tinha muitas cabeças, e, quando uma está ferida, outra ainda tem vida nela. Aqui temos mais uma limitação e diminuição do seu poder. Observe: 1. A quem esse poder de amarrar Satanás é conferido – a "*...um anjo que tinha a chave do abismo*". É possível que esse anjo não seja ninguém menos do que o Senhor Jesus Cristo; a descrição acerca dele dificilmente concordará com qualquer outro. Ele é o que tem poder para *amarrar o valente, expulsá-lo e saquear a sua casa*; e por isso precisa ser mais forte do que ele. 2. Os meios que Ele emprega nessa tarefa: Ele tem uma "*...cadeia*" e uma "*...chave*", uma "*...grande cadeia*" para amarrar Satanás, e a "*...chave*" da prisão em que ele será confinado. Cristo nunca deseja poderes distintivos para quebrar o poder de Satanás, pois Ele tem os poderes do céu e as chaves do inferno. 3. A execução dessa tarefa (vv. 2,3). (1) "*Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás*". Nem a força do dragão, nem a sutileza da serpente eram suficientes para salvá-lo das mãos de Cristo; Ele o prendeu e o manteve preso. E: (2) Ele "*...lançou-o no abismo*", lançou-o para baixo com força, e com uma justa vingança, ao seu próprio lugar e prisão, da qual tinha tido permissão para escapar e perturbar as igrejas, e enganar as nações; agora ele é levado de volta àquela prisão, e ali preso em correntes. (3) E "*...ali o encerrou, e pôs selo sobre ele*". Cristo encerra, e ninguém consegue abrir; Ele encerra pelo seu poder, sela pela sua autoridade; e seu fecho e selo nem mesmo os demônios conseguem abrir. (4) Temos a duração do confinamento de Satanás – "*...mil anos*", após os quais ele seria "*...solto por um pouco de tempo*". A igreja teria assim um tempo considerável de paz e prosperidade, mas nem todas as suas provações haviam passado.

II Um relato do reinado dos santos durante o mesmo período em que Satanás esteve amarrado (vv. 4-6), e aqui observe:

1. Quem eram os que receberam tal honra – os que haviam sofrido por Cristo, e todos os que haviam se mantido leais a Ele, não recebendo o sinal da besta, nem adorando sua imagem; todos os que haviam se mantido puros da idolatria pagã e papal.

2. A honra que lhes foi conferida. (1) Eles foram ressuscitados dos mortos, e trazidos de volta à vida. Isso pode ser entendido literalmente ou figuradamente; eles estavam mortos no sentido civil e político; suas liberdades e privilégios foram reavivados e restaurados. (2) Eles receberam "*...tronos*" e "*...poder de julgar*"; foram presenteados com grande honra, e interesse, e autoridade, suponho que de natureza antes espiritual do que secular. (3) "*...e reinaram com Cristo durante mil anos*". Os que sofrem com Cristo hão de reinar com Cristo; eles reinaram com Ele no seu reino espiritual e celestial, em conformidade gloriosa com Ele em sabedoria, justiça e santidade, além de tudo que tinha sido conhecido no mundo antes. Isso é chamado de *primeira ressurreição*, com a qual serão agraciados somente os que serviram a Cristo e sofreram por Ele. No que tange aos ímpios, estes não serão ressuscitados e levados novamente ao seu poder até que Satanás seja solto; isso pode ser chamado de ressurreição, assim como a conversão dos judeus é chamada de "*...vida dentre os mortos*" (Rm 11.15).

3. A felicidade desses servos de Deus é declarada. (1) Eles são bem-aventurados e santos (v. 6). Ninguém pode ser bem-aventurado a não ser os que são santos; e todos os que são santos serão abençoados. Esses eram santos como um tipo de primeiros frutos para Deus nessa ressurreição espiritual, e como tais são bem-aventurados por Ele. (2) Eles estão protegidos do poder da segunda morte. Sabemos um pouco do que é a primeira morte, e é terrível; mas não sabemos o que é essa segunda morte. Deve ser muito mais horrível; é a morte da alma, a eterna separação de Deus. O Senhor ajude para que nunca saibamos por experiência o que ela é. Os que tiveram a experiência da ressurreição espiritual são salvos do poder da segunda morte.

III Um relato do retorno dos problemas da igreja, e mais um conflito imenso, muito forte, mas breve e decisivo. Observe: 1. As restrições colocadas por um tempo sobre Satanás são finalmente tiradas. Enquanto este mundo durar, o poder de Satanás nele não será totalmente destruído; pode ser limitado e diminuído, mas ele ainda terá algo a fazer pela perturbação do povo de Deus. 2. Assim que Satanás é solto ele cai novamente na sua antiga ocupação, "*...enganando as nações*", e assim incitando-as a fazer guerra contra os santos e servos de Deus, o que eles nunca fariam se ele não os tivesse enganado antes. Eles são enganados tanto em relação à causa em que estão engajados (eles crêem que seja uma causa boa quando na verdade é uma causa má), quanto em relação ao resultado: eles esperam ser bem-sucedidos, mas certamente vão perder tudo. 3. Seus últimos esforços parecem ser os maiores. O poder que lhe é concedido agora parece ser mais ilimitado do que antes. Ele agora tinha a liberdade de recrutar voluntários em todos os "*...quatro*

cantos da terra", e levantou um enorme exército, cujo número era "*...como a areia do mar*" (v. 8). 4. Temos os nomes dos principais comandantes nesse exército sob o dragão – "*Gogue e Magogue*". Não precisamos investigar quais poderes específicos são tencionados por esses nomes, visto que o exército foi ajuntado de todas as partes do mundo. Esses nomes são encontrados em outras partes das Escrituras. *Magogue* encontramos em Gênesis 10.2. Ele foi um dos filhos de Jafé e povoou a terra chamada *Síria*, da qual seus descendentes se espalharam por muitas partes. Só encontramos *Gogue e Magogue* juntos mais uma vez em Ezequiel 38.2, uma profecia da qual essa em Apocalipse toma muitas das suas figuras de linguagem. 5. Temos a ordem de marcha e disposição militar desse exército formidável (v. 9): "*E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada*", isto é, a Jerusalém espiritual, na qual estão depositados os interesses mais preciosos do povo de Deus, e por isso para eles uma cidade amada. O exército dos santos é descrito como recrutado da cidade, e estando debaixo dos seus muros, para defendê-la; estavam acampados em volta de Jerusalém. Mas o exército do inimigo era tão superior ao da igreja que aquele rodeou a este e a cidade. 6. Temos aqui o relato da batalha e o resultado dessa guerra: "*...mas desceu fogo do céu e os devorou*". Assim a ruína de *Gogue e Magogue* é prenunciada (Ez 38.22): "*E uma chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, e sobre as suas tropas, e sobre os muitos povos que estiverem com ele*". Deus iria, de forma extraordinária e mais imediata, lutar essa última e decisiva batalha pelo seu povo, para que a vitória pudesse ser completa e a glória recaísse sobre si mesmo. 7. A sentença e o castigo do grande inimigo, *o diabo*: Ele é agora lançado no inferno, com seus dois grandes oficiais, "*...a besta e o falso profeta*", a tirania e a idolatria, e isso não por um prazo específico, mas para estar lá "*...de dia e de noite* [...] *para todo o sempre*".

O Julgamento Universal

vv. 11-15

A destruição total do reino do Diabo muito apropriadamente conduz ao relato do dia do juízo, que vai determinar o estado eterno de todo homem; e podemos ter certeza de que vai haver um juízo quando vemos que o "*...príncipe deste mundo está julgado*" (Jo 16.11). Esse vai ser um grande dia, o grande dia em que "*...devemos comparecer ante o tribunal de Cristo*" (2 Co 5.10).O Senhor nos ajude a crermos firmemente nessa doutrina do juízo por vir. É uma doutrina que fez Félix tremer. Aqui temos uma descrição dela, em que: 1. Contemplamos *o trono*, e o tribunal do juízo, *grande* e *branco*, muito glorioso e perfeitamente justo. O *trono de iniqüidade, que forja o mal tendo por pretexto uma lei*, não tem comunhão com esse justo trono e tribunal. 2. A aparência do Juiz, e este é o Senhor Jesus Cristo, que então se veste de tal majestade e terror que "*...fugiu a terra e o céu*" da sua presença, "*...e não se achou lugar para eles*"; há uma dissolução de toda a estrutura da natureza (2 Pe 3.10). 3. As pessoas a serem julgadas (v. 12): "*...os mortos, grandes e pequenos*"; isto é, jovens e velhos, baixos e altos, pobres e ricos. Nenhum é tão insignificante que não tenha talentos pelos quais precisa prestar contas, e ninguém é tão grande para que possa fugir da jurisdição dessa corte; não somente os que serão encontrados vivos na vinda de Cristo, mas todos os que morreram antes; os túmulos vão entregar os corpos dos homens, o inferno vai entregar a alma dos maus, o mar vai entregar os muitos que aparentemente estavam perdidos nele. Todos esses lugares são prisões de reis, e Ele vai fazer com que liberem os seus prisioneiros. 4. A regra do juízo é estabelecida: "*...e abriram-se os livros*". Que livros? O livro da onisciência de Deus, que é maior do que nossa consciência, e sabe todas as coisas (há um livro de memórias com Ele tanto do bem quanto do mal); e o livro da consciência dos pecadores, que, embora antigamente secreto, agora será aberto. "*E abriu-se outro livro*" – o livro das Escrituras, o livro dos estatutos do céu, a regra da vida. Esse livro é aberto e contém a lei, a pedra fundamental pela qual o coração e a vida dos homens serão testados. Esse livro determina questões de direito; os outros livros determinam questões de prática. Alguns entendem que o *outro livro*, chamado o livro *da vida*, é o livro dos conselhos eternos de Deus; mas isso não parece pertencer à esfera do juízo. Na eleição eterna, Deus não age de forma judicial, mas com absoluta liberdade e soberania. 5. A causa a ser julgada: as "*...suas obras*", o que os homens fizeram, e se foi bom ou mau. "*Por suas obras os homens serão justificados ou condenados*"; pois embora Deus conheça seu estado e seus princípios, olha principalmente para estes. Mas mesmo assim, querendo demonstrar a anjos e homens que é um Deus justo, Ele vai testar os princípios deles por suas práticas, e assim vai ser justificado quando falar e puro quando julgar. 6. A questão do julgamento; e esse será realizado de acordo com as evidências dos fatos, e a regra do julgamento. Todos aqueles que fizeram "*...concerto com a morte* e *aliança com o inferno*", serão então condenados com seus infernais confederados, lançados com eles no lago de fogo, como não estando intitulados à vida eterna, de acordo com as regras da vida estabelecidas nas Escrituras; mas aqueles cujos nomes estão escritos nesse livro (isto é, os que estão justificados e absolvidos pelo evangelho) então serão justificados e absolvidos pelo Juiz, e deverão entrar na vida eterna, não tendo nada mais a temer diante da morte, ou do inferno, ou de homens ímpios; pois estes foram todos destruídos juntos. Que seja a nossa grande preocupação considerar em que pé estamos com nossa Bíblia, se ela nos justifica ou condena agora; pois o Juiz de tudo vai proceder de acordo com essa regra. "*Deus há de julgar os segredos dos homens, segundo o evangelho*" (Rm 2.16). Bem-aventurados são os que de tal maneira ordenaram e formularam a sua causa de acordo com o evangelho para que saibam de antemão que serão justificados no grande dia do Senhor!

CAPÍTULO 21

Até aqui, a profecia desse livro nos apresentou uma combinação muito notável de luz e sombra, prosperidade e adversidade, misericórdia e juízo, na conduta da Providência divina com relação à igreja no

mundo. Agora, na conclusão de tudo, o dia rompe, e as sombras fogem; um novo mundo agora aparece, tendo passado o anterior. Alguns estão dispostos a entender tudo o que está dito nesses últimos dois capítulos acerca do estado da igreja mesmo aqui na terra, à luz da glória dos últimos dias. Mas outros, mais provavelmente, entendem isso como uma representação do estado perfeito e triunfante da igreja no céu. Basta que os leais santos e servos de Deus esperem um pouco, e não somente verão, mas desfrutarão da santidade e felicidade perfeitas daquele mundo. Nesse capítulo, você tem: I. Uma introdução da visão da nova Jerusalém (vv. 1-8). II. A visão propriamente dita (vv. 9-27).

A Nova Jerusalém

vv. 1-8

Temos aqui um relato mais geral da felicidade da igreja de Deus no estado futuro, pelo qual parece totalmente seguro entender o estado celestial.

I Um novo mundo se abre agora à nossa vista (v. 1): "*E vi um novo céu e uma nova terra*"; isto é, um novo universo; pois supomos que o mundo seja constituído de céu e terra. Com a nova terra entendemos um novo estado do corpo dos homens, como também um céu para sua alma. Esse mundo não foi criado nesse período, mas aberto recentemente, e preenchido com todos aqueles que eram os herdeiros dele. O novo céu e a nova terra não serão então distintos; a terra dos santos, seus corpos glorificados, serão agora espirituais e celestiais, e apropriados para aquelas mansões puras e gloriosas. Para abrir caminho para esse novo mundo, o antigo mundo, isto é, "...*o primeiro céu e a primeira terra*", com todos os seus problemas e comoções, "...*passaram*".

II Nesse novo mundo, o apóstolo viu "...*a cidade Santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu*", não localmente, mas com relação ao seu original. Essa nova Jerusalém é a igreja de Deus em seu estado novo e perfeito, "...*adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido*", embelezada com toda a perfeição de sabedoria e santidade, a fim de encontrar-se para a sua completa realização com o Senhor Jesus Cristo na glória.

III A abençoada presença de Deus com o seu povo é aqui anunciada e admirada: "*E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens*" (v. 3). Observe: 1. A presença de Deus com a sua igreja é a glória da igreja. 2. É questão de admiração que um Deus santo jamais habite com qualquer um dos filhos dos homens. 3. A presença de Deus com o seu povo no céu não será interrompida como o é na terra, mas Ele vai habitar com eles continuamente. 4. A aliança, o interesse e a relação que há agora entre Deus e o seu povo, serão completos e aperfeiçoados no céu. "...*eles serão o seu povo*"; a alma deles será preenchida de todo o amor, honra e prazer em Deus que a relação com Ele exigem, e isso vai constituir a perfeita santidade deles; e Ele será o seu Deus: "...*e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus*"; sua presença imediata com eles, seu amor totalmente manifesto a eles, e sua glória colocada sobre eles, será a perfeita felicidade deles; então Ele, por parte dele, vai corresponder completamente à sua natureza, como eles farão da sua parte.

IV Esse novo e bem-aventurado estado estará livre de todas as dificuldades e problemas; pois: 1. Todos os efeitos de problemas anteriores terão sido eliminados. Com freqüência, os efeitos têm sido de lágrimas em virtude do pecado, de aflições, de calamidades da igreja; mas agora "...*Deus limpará de seus olhos toda lágrima*"; não permanecerá nenhum sinal, nenhuma lembrança de sofrimentos anteriores, a não ser para tornar sua presente felicidade ainda maior. O próprio Deus, como seu Pai amoroso, com a sua própria mão carinhosa, *limpará toda lágrima* dos olhos dos seus filhos; e eles não estarão sem essas lágrimas quando Deus vier para enxugá-las. 2. Todas as causas de sofrimentos futuros serão removidas para sempre: "...*não haverá mais morte,* [...] *nem dor*", e, por isso, "...*nem pranto, nem clamor*"; essas são coisas ligadas ao estado em que estavam antes, mas agora "...*as primeiras coisas são passadas*".

V A verdade e a certeza desse estado bem-aventurado são ratificadas pela palavra e promessa de Deus, e vem a ordem de colocá-las por escrito, como uma questão de registro perpétuo (vv. 5,6). O tópico dessa visão é tão grande, e de tão grande importância para a igreja e o povo de Deus, que eles têm necessidade da mais ampla garantia dela; e por isso Deus repete e ratifica do céu a verdade da visão. Além disso, muitas gerações deverão passar entre o tempo em que essa visão foi dada e o cumprimento dela, e muitas grandes provações devem ocorrer nesse ínterim; e por isso Deus quis que fosse registrada por escrito, para memória perpétua e uso contínuo do seu povo. Observe: 1. A certeza da promessa declarada: "...*estas palavras são verdadeiras e fiéis*"; e segue então que a afirmação "*está cumprido*" é tão certa como se já tivesse acontecido. Podemos e devemos tomar as promessas de Deus como pagamento presente; se Ele disse que faz novas todas as coisas, "*está cumprido*". 2. Ele nos dá os seus títulos de honra como um penhor ou garantia da completa realização, até mesmo aqueles títulos de "...*Alfa e Ômega, o Princípio e o Fim*". Como foi glória dele Ele ter dado origem e início à sua igreja, será glória dele concluir a obra começada, e não deixá-la incompleta. Como o seu poder e vontade foram a primeira causa de todas as coisas, seu prazer e glória são o objetivo final, e Ele não vai perder o seu projeto; pois aí não seria mais o *Alfa e o Ômega*. Os homens começam projetos que eles nunca poderão levar à perfeição; mas *o conselho de Deus* permanecerá, e Ele vai fazer tudo que lhe agrada. 3. Os desejos do seu povo com vistas a esse estado bem-aventurado fornecem mais uma evidência da verdade e da certeza dela. Eles têm sede de um estado de perfeição sem pecados e de desfrute não interrompido da comunhão com Deus, e foi Deus quem impregnou neles esses desejos e anseios, que não podem ser satisfeitos com outra coisa qualquer, e por isso são a tormenta da alma quando são desapontados; mas seria incoerente com a bondade de Deus, e o seu amor por seu povo, criar neles desejos santos e celestiais, e de-

pois negar-lhes sua satisfação; e por isso eles podem estar seguros de que, quando tiverem vencido suas dificuldades presentes, Ele lhes dará "*...da fonte da água da vida*".

VI A grandeza dessa futura felicidade é declarada e ilustrada: 1. Pela liberdade dela – é o presente gratuito de Deus: "*...de graça lhe darei da fonte da água da vida*"; esse fato não vai torná-la menos, mas antes mais agradável ao seu povo. 2. Pela plenitude dela. O povo de Deus então estará na nascente de toda a bem-aventurança: eles herdarão "*...todas as coisas*" (v. 7); ao usufruírem de Deus, usufruem de todas as coisas. Ele é tudo em tudo. 3. Pelo direito e título pelos quais eles desfrutam dessa felicidade – por direito de herança, como *filhos de Deus*, um título que dentre todos é o mais honrável, que resulta de uma relação tão próxima e preciosa com o próprio Deus, e a mais segura e irrevogável, que não pode cessar assim como não pode cessar a relação da qual ela resulta. 4. Pelo estado completamente diferente dos ímpios. A miséria deles ajuda a ilustrar a glória e a felicidade dos santos, e a bondade distintiva de Deus para com eles (v. 8). Observe aqui: (1) Os pecados daqueles que perecem, entre os quais são citados primeiramente a covardia e a incredulidade. Os "*...tímidos*" estão na vanguarda nessa lista negra. Eles não ousaram enfrentar as dificuldades da religião, e seu temor subserviente resultou da sua incredulidade; mas os que foram tão covardes a ponto de não ousarem assumir a cruz de Cristo, e cumprir a sua tarefa para com Ele, ficaram, no entanto, tão desesperados a ponto de incorrerem em todo tipo de abominação e maldade – *homicídio, adultério, feitiçaria, idolatria* e *mentira*. (2) Seu castigo: "*...a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte*". [1] Não quiseram queimar no poste pela causa de Cristo, mas precisam queimar no inferno por causa do pecado. [2] Eles precisam morrer mais uma morte depois da sua morte natural; as agonias e horrores da primeira morte vão despachá-los aos horrores e agonias muito maiores da morte eterna, do morrer e estar sempre morrendo. [3] Essa miséria será sua parte e porção, o que eles mereceram com justiça, o que na verdade eles escolheram, e o que eles prepararam para si mesmos por causa dos seus pecados. Assim a miséria dos condenados vai ilustrar a felicidade dos que são salvos, e a felicidade dos salvos vai agravar a miséria dos que estão condenados.

A Nova Jerusalém

vv. 9-27

Já consideramos a introdução à visão da nova Jerusalém de acordo com a idéia mais geral do estado celestial; vamos agora tratar da visão propriamente dita, em que observe:

I A pessoa que abriu a visão para o apóstolo – "*...um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas*" (v. 9). Deus tem uma diversidade de tarefas e serviços para os seus santos anjos. Às vezes eles precisam tocar a trombeta da Providência divina, e dar aviso claro a um mundo negligente; às vezes eles precisam derramar as taças da ira de Deus sobre pecadores impenitentes; e às vezes revelar coisas de natureza celestial para "*...os que hão de herdar a salvação*" (Hb 1.14). Eles prontamente executam toda comissão que recebem de Deus; e, quando este mundo acabar, mesmo assim os anjos serão empregados pelo grande Deus em trabalho apropriado e agradável por toda a eternidade.

II O lugar do qual o apóstolo teve essa gloriosa visão e perspectiva. Ele foi levado, em êxtase, "*...a um grande e alto monte*". Dessa posição os homens geralmente têm as vistas mais distintivas das cidades adjacentes. Aqueles que devem ter visões claras do céu devem chegar o mais perto possível do céu, até o monte da visão, o monte da meditação e da fé, de onde, como do topo do Pisga, eles podem contemplar a bela terra da Canaã celestial.

III O assunto da visão – "*...a esposa, a mulher do Cordeiro*" (v. 9); isto é, a igreja de Deus no seu estado glorioso, perfeito, triunfante, semelhante a Jerusalém, tendo a glória de Deus brilhando no seu esplendor, como *uxor splendit radiies mariti – a bela noiva por meio da beleza colocada nela pelo seu marido*; gloriosa no seu relacionamento com Cristo, na imagem dele agora aperfeiçoada nela, e no favor dele brilhando sobre ela. E agora temos uma grande descrição da igreja triunfante sob o emblema de uma cidade, excedendo em muito as riquezas e o esplendor de todas as cidades deste mundo; e essa nova Jerusalém nos é representada aqui tanto na parte exterior quanto na interior.

1. A parte exterior da cidade – *o muro* e as *portas*, o muro para segurança e as portas para entrada.

(1) O muro para segurança. O céu é um lugar seguro; os que estão ali estão cercados por um muro, que os separa e os protege de todos os males e inimigos. Agora aqui, no relato do muro, observe: [1] A altura dele, que, assim nos informa o texto, é muito alto, "*...quarenta e quatro côvados*" (v. 17), suficiente tanto para ornamento quanto para segurança. [2] A matéria dele: "*...como a pedra de jaspe*"; um muro todo construído das pedras mais preciosas, para firmeza e brilho (v. 11). Essa cidade tem um muro que é tão inexpugnável quanto precioso. [3] A forma da cidade é bem retangular e uniforme: "*E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura*". Na nova Jerusalém todos devem ser iguais em pureza e perfeição. Deve haver uma uniformidade absoluta na igreja triunfante, uma coisa desejada e almejada na terra, mas que não pode ser esperada antes de chegarmos ao céu. [4] A medida da cidade (vv. 15,16): "*...doze mil estádios*" em cada direção, cada lado, que dá um perímetro de 1.500 milhas germânicas. Aqui há lugar suficiente para todo o povo de Deus – muitas moradas na casa de seu Pai. [5] Os fundamentos do muro, pois o céu é uma cidade que tem os seus fundamentos (v. 19); a promessa e o poder de Deus, e a redenção obtida por Cristo, são os firmes fundamentos da segurança e felicidade da igreja. Os fundamentos são descritos pelo seu número e sua matéria. Pelo seu número – *doze*, aludindo aos doze apóstolos (v. 14), cujas doutrinas do evangelho são o fundamento sobre o qual a igreja está edificada, sendo Jesus Cristo "*...a principal pedra de esquina*" (Ef 2.20). E, em relação à matéria

desses fundamentos, era diversa e preciosa, representada por doze tipos de pedras preciosas, denotando a variedade e excelência das doutrinas do evangelho, ou das graças do Espírito Santo, ou das excelências pessoais do Senhor Jesus Cristo.

(2) As portas para a entrada. O céu não é inacessível; há um caminho aberto para o Santo dos Santos; há a livre admissão para todos que foram santificados; eles não serão deixados de fora. Agora, com relação a essas portas, observe: [1] O seu número – "*...doze portas*", correspondendo às doze tribos de Israel. Todo o verdadeiro Israel de Deus deve ter acesso para a nova Jerusalém, assim como toda a tribo teve acesso para a Jerusalém terrena. [2] Os guardas que foram colocados nas portas – "*...doze anjos*", para receber e permitir a entrada das doze tribos do Israel espiritual e para manter outros fora. [3] A inscrição nas portas – "*...os nomes das doze tribos de Israel*", para mostrar que eles têm o direito à árvore da vida, e o direito de entrar na cidade pelas portas. [4] A situação das portas. Assim como a cidade tinha quatro lados iguais, correspondendo às quatro direções do mundo, leste, oeste, norte e sul, assim em cada lado havia três portas, significando que de todos os cantos da terra deve haver alguns que entrarão com segurança no céu e serão recebidos ali, e que a entrada é tão livre de um lado do mundo quanto do outro; pois em Cristo, "*...não há grego nem judeu, bárbaro, cita, servo ou livre*". Homens de todas as nações, línguas, que crêem em Cristo, têm por Ele acesso a Deus em graça aqui e em glória na vida futura. [5] A matéria dessas portas – eram todas de pérolas, mas mesmo assim de grande variedade: "*...cada uma das portas era uma pérola*", ou uma única pérola de tamanho enorme, ou um único tipo de pérola. Cristo é a pérola de grande valor, e Ele é o nosso caminho para Deus. Não há nada suficientemente grandioso neste mundo para representar completamente a glória do céu. Se pudéssemos contemplar, pela potente lente da imaginação, tal cidade como é descrita aqui, até mesmo em relação à parte exterior dela, esse muro, essas portas, como seria maravilhosa, como seria gloriosa a cena! E, contudo, isso é apenas uma representação pálida e embaçada do que o céu é na verdade.

2. A parte interior da nova Jerusalém (vv. 22-27). Vimos o seu forte muro, e as imponentes portas, e os gloriosos guardas. Agora seremos levados através das portas para dentro da cidade; e a primeira coisa que observamos aí é a praça da cidade, "*...de ouro puro, como vidro transparente*" (v. 21). Os santos no céu pisam em ouro. A nova Jerusalém tem as suas várias praças. O céu tem a ordem mais exata: cada santo tem a sua própria morada. Há conversa no céu. Os santos estão descansando, mas não é um mero descanso passivo; não é um estado de sono e inatividade, mas um estado de movimentos agradáveis: "*...as nações andarão à sua luz*". Eles andam com Cristo com vestes brancas. Eles têm comunhão não somente com Deus, mas uns com os outros; e cada passo seu é firme e puro. Eles são puros e transparentes como o "*...ouro puro, como vidro transparente*". Observe:

(1) O templo da nova Jerusalém, que não era um tempo material, feito com as mãos dos homens, como o de Salomão ou Zorobabel, mas um templo totalmente espiritual e divino; "*...porque o seu templo é o Senhor, o Deus Todo-poderoso*". Ali os santos estão acima da necessidade de ordenanças, que foram os meios do seu preparo para o céu. Quando os fins são alcançados, os meios deixam de ser úteis. A perfeita e imediata comunhão com Deus vão mais do que suprir o lugar das instituições do evangelho.

(2) A luz dessa cidade. Onde não há luz, não pode haver brilho nem prazer. O céu é a "*...herança dos santos na luz*" (Cl 1.12). Mas o que é essa luz? Não há sol nem lua brilhando aí (v. 23). A luz é doce, e coisa prazerosa é contemplar o sol. Que mundo sombrio seria este se não fosse pela luz do sol! O que há no céu que supre a ausência dela? Não há aí falta da luz do sol, "*...porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada*". Deus em Cristo será uma fonte eterna de conhecimento e alegria para os santos no céu; e, se isso for assim, não haverá necessidade de sol ou lua assim como aqui não precisamos acender lâmpadas ao meio dia, quando o sol brilha com toda a sua força.

(3) Os habitantes dessa cidade. Eles são descritos aqui de diversas formas. [1] Por seus números – nações inteiras de almas salvas; algumas de todas as nações, e muitos de algumas nações. Todas aquelas multidões que foram seladas na terra são salvas no céu. [2] Por sua dignidade – alguns dos reis e príncipes na terra: grandes reis. Deus vai ter alguns de todas as fileiras e classes de homem para povoar as moradas celestiais, importantes e humildes. E quando os maiores reis chegarem ao céu, verão toda a sua honra e glória anteriores engolidas por essa glória celestial que tanto excede o que veio antes. [3] O seu acesso e entrada constantes nessa cidade: "*E as suas portas não se fecharão*". Não há noite, e por isso não há necessidade para fechar as portas. Um ou outro está entrando a cada hora ou momento, e os que são santificados sempre encontram as portas abertas; eles têm uma entrada ampla no Reino (2 Pe 1.11).

(4) A acomodação na cidade: Toda a "*...glória e honra das nações*" serão trazidas para dentro dela. Tudo que é excelente e valioso neste mundo será desfrutado lá de forma mais aperfeiçoada, e em intensidade muito maior – coroas mais brilhantes, riquezas melhores e mais duradouras, festas mais agradáveis e satisfatórias, uma participação mais gloriosa, um sentido mais real de honra e posições de honra muito mais elevadas, uma disposição mental mais gloriosa, e uma forma e um semblante mais gloriosos do que jamais se viram neste mundo.

(5) A pureza genuína de todos os que pertencem à nova Jerusalém (v. 27). [1] Ali os santos não terão uma única coisa impura que tenha ficado neles. No ato da morte eles serão purificados de tudo que de alguma forma os tenha manchado. Agora eles sentem uma combinação triste de deturpação das suas graças, o que os atrapalha no serviço de Deus, interrompe a sua comunhão com Ele e intercepta a luz do semblante dele. Mas, no momento da sua entrada no Santo dos Santos, eles são lavados na bacia do sangue de Cristo, e apresentados ao Pai sem mancha. [2] Ali entre os santos não será permitida a entrada de nenhuma pessoa impura. Na Jerusalém terrena há uma comunhão mista, mesmo depois de todo o cuidado que se pode tomar. Algumas raízes de amargura surgem para perturbar e manchar sociedades cristãs; mas na nova Jerusalém, há uma sociedade

perfeitamente pura. Em primeiro lugar, livre dos que são abertamente profanos. Ninguém que faz abominações tem permissão para entrar no céu. Nas igrejas na terra, às vezes se fazem coisas abomináveis, ordenanças solenes são profanadas e prostituídas por homens declaradamente depravados, para propósitos mundanos; mas nenhuma abominação dessas pode ter lugar no céu. Em segundo lugar, livre de hipócritas, como os que mentem, dizem que são judeus e não o são, mas de fato mentem. Esses vão se infiltrar nas igrejas de Cristo na terra, e podem ficar escondidos ali por um tempo, talvez toda a sua vida; mas não podem entrar na nova Jerusalém, que está totalmente reservada para os que são chamados, e escolhidos, e fiéis, cujos nomes estão todos escritos não somente nos registros da igreja visível, mas "*...no livro da vida do Cordeiro*".

CAPÍTULO 22

Nesse capítulo, temos: I. Mais uma descrição do estado celestial da igreja (vv. 1-5). II. Uma confirmação dessa visão e de todas as outras do livro (vv. 6-19). III. A conclusão (vv. 20,21).

A Nova Jerusalém

vv. 1-5

O estado celestial que antes foi descrito como uma cidade, e chamada de nova Jerusalém, aqui é descrito como um paraíso, aludindo ao paraíso terreno que foi perdido por causa do pecado de Adão; aqui há outro paraíso restaurado pelo segundo Adão. Um paraíso numa cidade, ou uma cidade toda em um paraíso! No primeiro paraíso, só havia duas pessoas para contemplar a beleza e experimentar os prazeres dele; mas nesse segundo paraíso, cidades e nações inteiras encontrarão prazer e satisfação abundantes. E aqui observe:

I O rio do paraíso. O paraíso terreno era bem irrigado. Nenhum lugar que não o seja pode ser agradável ou frutífero. Esse rio é descrito: 1. Por sua nascente – "*...o trono de Deus e do Cordeiro*". Todas as nossas fontes de graça, conforto e glória estão em Deus; e todos os nossos rios que vêm dele, vêm pela mediação do Cordeiro. 2. Por sua qualidade – "*...puro e claro como cristal*". Todos os rios de conforto terreno são barrentos; mas esses são claros, saudáveis e refrescantes, dando vida, e preservando vida, para os que bebem deles.

II A árvore da vida, nesse paraíso. Havia uma árvore dessas no paraíso terreno (Gn 2.9). Esta de Apocalipse excede aquela em muito. E agora, com relação a esta árvore, observe: 1. A situação dela – "*no meio de sua praça e de uma e da outra banda do rio*"; ou, como poderia ter sido mais bem formulado: *no meio entre o caminho da margem e o rio.* Essa árvore da vida é nutrida pelas águas puras do rio que vêm do trono de Deus. A presença e as perfeições de Deus fornecem toda a glória e as bem-aventuranças do céu. 2. A fertilidade dessa árvore. (1) Produz muitos tipos de frutos – "*...doze frutos*", apropriados para o paladar refinado de todos os santos. (2) Produz fruto o ano todo – "*...de mês em mês*". Essa árvore nunca está vazia, nunca é infrutífera; sempre há fruto nela. No céu, não há somente uma variedade de prazeres puros e satisfatórios, mas uma continuidade deles, e sempre frescos. (3) O fruto não é somente agradável, mas saudável. A presença de Deus no céu é a saúde e felicidade dos santos; ali eles encontram nele o remédio para todas as suas enfermidades, e são preservados por Ele no estado mais saudável e vigoroso.

III A perfeita liberdade nesse paraíso de tudo que é mau (v. 3): "*E ali nunca mais haverá maldição contra alguém*"; nenhum *maldito – katanathema*, não há serpente aí, como havia no paraíso terreno. Aqui está a grande excelência desse paraíso. O Diabo não tem o que fazer aí; ele não pode afastar os santos de servir a Deus para se submeterem a ele, como ele fez com os nossos primeiros pais, nem ao menos pode ele perturbá-los no seu serviço a Deus.

IV A suprema felicidade desse estado paradisíaco. 1. Ali os santos verão a face de Deus; aí irão desfrutar da santa visão. 2. Eles pertencerão a Deus, pois Ele colocará o seu nome e selo na testa deles. 3. "*...e reinarão para todo o sempre*"; o seu serviço será não somente liberdade mas honra e domínio. 4. Tudo acontecerá com conhecimento e alegria perfeitos. Eles serão cheios da sabedoria e do conforto, continuamente andando na luz do Senhor; e isso não por um tempo, mas "*...para todo o sempre*".

A Nova Jerusalém

vv. 6-19

Temos aqui uma ratificação solene do conteúdo desse livro, e particularmente dessa última visão (embora alguns pensem que possa ser referência não somente ao livro todo, mas a todo o Novo Testamento, aliás, à Bíblia toda, completando e confirmando o Cânon das Escrituras). E aqui, isso é confirmado: 1. Pelo nome e pela natureza desse Deus que revelou essas descobertas: Ele é *o Senhor Deus, Fiel e Verdadeiro*, e assim são todas as suas palavras. 2. Por meio dos mensageiros que Ele escolheu para revelar essas coisas ao mundo; os santos anjos as mostraram a santos homens de Deus; e Deus não empregaria seus santos e anjos para enganar o mundo. 3. Estes logo serão confirmados pela sua realização. São coisas que precisam ser realizadas logo; Cristo vai se apressar: "*Eis que presto venho*". Ele vai tirar as dúvidas de todas as coisas; e aí essas coisas vão comprovar os sábios e bem-aventurados homens que creram nessas palavras e as guardaram. 4. Serão confirmados também pela integridade do anjo que havia sido o guia e intérprete do apóstolo nessas visões; essa integridade foi tal que ele não somente se recusou a aceitar a adoração religiosa de João, mas outra vez o repreendeu por isso. Aquele que era tão cuidadoso com relação à honra de Deus e tão insatisfeito com o que era um erro para Deus nunca viria no nome dele para conduzir o povo de Deus a meros so-

nhos e desilusões; e é uma confirmação da sinceridade desse apóstolo que ele confessa seu próprio pecado e tolice, na qual tinha agora recaído novamente, e ele deixa essa sua falta em registro perpétuo. Isso mostra que ele era um autor fiel e imparcial. 5. Pela ordem dada para deixar aberto o livro da profecia, para que fosse examinado por todos; ele não fala em segredo, mas chama cada um a ser testemunha das declarações feitas aqui (v. 10). 6. Pelo efeito que esse livro, assim aberto, terá sobre os homens; os que são imundos e injustos vão aproveitar a ocasião para serem mais imundos e injustos ainda, mas isso vai confirmar, fortalecer e santificar ainda mais os que são corretos com Deus; isso vai ser um aroma de vida para alguns e de morte para outros, e vai parecer assim para Deus (v. 12). 7. Será a regra do julgamento de Deus naquele grande dia; Ele vai distribuir recompensas e castigos aos homens de acordo com a concordância ou discordância da sua vida com a palavra de Deus; e por isso essa palavra precisa ser fiel e verdadeira. 8. É a palavra daquele que é o autor, consumador e recompensador da fé e da santidade do seu povo (vv. 13,14). Ele é "...*o Primeiro e o Derradeiro*", e o mesmo do começo ao fim, e assim é também a sua palavra; e por meio dessa palavra Ele vai dar ao seu povo, constituído dos que se conformam à sua Palavra, "...*direito à árvore da vida*", e a entrada no céu. E isso vai ser a completa confirmação da verdade e autoridade da sua palavra, visto que contém o título e a evidência daquele estado confirmado de santidade e felicidade que permanece para o seu povo no céu. 9. É um livro que condena e exclui do céu todas as pessoas ímpias e injustas, e particularmente "...*qualquer que ama e comete a mentira*" (v. 15), e por isso não pode ser ele mesmo uma mentira. 10. É confirmado pelo *testemunho de Jesus*, que "...*é o espírito de profecia*" (cap. 19.10). E esse Jesus, como Deus, é a "...*Raiz e a Geração de Davi*", embora, como homem, seu descendente – uma pessoa em quem todas as excelências criadas e não-criadas se encontram, boas e grandes demais para enganar suas igrejas e o mundo. Ele é a fonte de toda a luz, "...*a resplandecente Estrela da manhã*", e como tal deu às suas igrejas essa luz matutina da profecia, para assegurá-los da luz daquele dia perfeito que está chegando. 11. É confirmado por um convite aberto e geral a todos para que venham e participem das promessas e privilégios do evangelho, aquelas correntes da água da vida; essas são oferecidas a todos os que sentem na sua alma uma sede que nada neste mundo pode saciar. 12. É confirmado pelo testemunho conjunto do Espírito de Deus, esse Espírito generoso que está em todos os membros da igreja de Deus. O "...*Espírito e a esposa*" se unem em testificar a verdade e excelência do evangelho. 13. É confirmado pela sanção mais solene, condenando e amaldiçoando todos os que ousarem corromper ou mudar a Palavra de Deus, ou por acrescentarem algo a ela ou por subtraírem algo dela (vv. 18,19) Aquele que acrescentar à Palavra de Deus atrairá sobre si todas "...*as pragas que estão escritas neste livro*"; e aquele que subtrair qualquer coisa dela estará se excluindo de todas as promessas e privilégios dela. Essa sanção é como uma espada flamejante para guardar o Cânon das Escrituras de mãos profanas. Deus colocou uma cerca como essa em torno da lei (Dt 4.2), e de todo o Antigo Testamento (Ml 4.4), e agora da forma mais solene em torno da Bíblia toda, dando-nos garantias de que é um livro da mais sagrada natureza, de autoridade divina e de importância definitiva, e por isso tem o cuidado peculiar do grande Deus.

Conclusão

vv. 20,21

Chegamos agora à conclusão de tudo, e isso em três coisas:

I A despedida de Cristo à sua igreja. Parece que agora, depois de ter revelado essas coisas ao seu povo na terra, Ele está abandonando o seu povo, e voltando ao céu; mas Ele se despede deles com grande ternura, e lhes dá a garantia de que não vai demorar muito para que volte novamente para eles: "*Certamente, cedo venho*". Como quando subiu ao céu, depois da sua ressurreição, Ele partiu deixando a promessa da sua bondosa presença, assim aqui Ele parte com a promessa da volta breve. Se alguns dizem: "Onde está a promessa da sua vinda, se tantas gerações passaram desde que isso foi escrito?", que fiquem sabendo que Ele não é negligente com o seu povo, mas paciente para com os seus inimigos. Sua vinda será mais repentina do que eles imaginam, mais repentina do que o preparo deles, mais repentina do que o seu desejo por ela; e para o seu povo, será no tempo oportuno. A visão é para um tempo designado, e não vai tardar. "*Certamente, cedo venho*". Que essas palavras ressoem sempre nos nossos ouvidos, e que sejamos sempre diligentes para sermos encontrados por Ele em paz, "...*imaculados e irrepreensíveis*" (2 Pe 3.14).

II O eco sincero da igreja à promessa de Cristo: 1. Declarando a sua firme convicção nela: "*Amém*", assim é e assim será. 2. Expressando o seu sincero desejo por ela: "*Ora, vem, Senhor Jesus!*" (v. 20). "*Vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho dos corços sobre os montes dos aromas*" (Ct 8.14). Assim bate o coração da igreja, assim sopra o generoso Espírito que estimula e instrui o corpo místico de Cristo; e nunca deveríamos estar satisfeitos até que encontremos esse espírito soprando em nós, fazendo-nos aguardar "...*a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo*" (Tt 2.13). Essa é a linguagem da igreja do primogênito, e devemos nos unir a eles, lembrando-nos uns aos outros com freqüência da promessa dele. O que vem do céu como uma promessa deve ser enviado de volta ao céu como oração: "*Ora, vem, Senhor Jesus!*; coloca um fim nesse estado de pecado, de sofrimento e tentação; ajunta o teu povo deste mundo mau, e leva-o ao céu, aquele estado de perfeita pureza, paz e alegria, e assim completa o teu grande propósito, e realiza toda aquela palavra pela qual fizeste o teu povo esperar".

III A bênção apostólica que encerra o todo: "*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!*" Observe aqui: 1. A Bíblia conclui com uma prova clara da divindade de Cristo, visto que o

Espírito de Deus ensina o apóstolo a abençoar o seu povo no nome de Cristo, e a pedir de Cristo uma bênção por eles, que é um ato apropriado de adoração. 2. Nada deve ser mais desejado por nós do que o anseio para que a graça de Cristo esteja conosco neste mundo, para nos preparar para a glória de Cristo no outro mundo. É por meio da graça dele que devemos ser guardados numa expectativa jubilante da sua glória, preparados para ela e preservados para ela. E sua gloriosa aparição será bem-vinda e feliz para aqueles que são participantes da sua graça e favor aqui; e por isso, todos deveríamos acrescentar a essa oração tão ampla o nosso *Amém* sincero, desejando ardentemente as medidas maiores das influências bondosas do abençoado Jesus em nossa alma, e sua presença bondosa conosco, até que a glória tenha aperfeiçoado toda a sua graça para conosco, pois Ele é "...*sol e escudo*, e *dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão*".

MATTHEW HENRY

De Gênesis a Apocalipse, Matthew Henry combina erudição, discernimento espiritual e aplicação prática no tratamento das Escrituras. Henry possui profunda compreensão do conteúdo, da mensagem e da natureza da revelação divina. Sua exposição do texto sagrado distingue-se por apresentar interpretação e comentário seguidos de observações práticas com vistas à vida cristã, pública e particular.

Esta obra enfatiza a espiritualidade bíblica e representa um chamado para um modo de vida cuja preocupação principal é a glória de Deus. Ela também é repleto de máximas concisas e pungentes, as quais os puritanos deleitavam-se em usar para alcançar os corações de seus ouvintes e leitores. Sobretudo, sua demonstração das doutrinas das Escrituras reproduz os grandes artigos da ortodoxia protestante, partindo de um respeito incomensurável pela Bíblia.

MATTHEW HENRY (1662-1714) foi um ministro não-conformista e comentarista. Pregador eminente, ele começou a pregar a partir dos vinte e quatro anos de idade e manteve o pastorado até sua morte, tendo servido em Chester e em Mare Street, Hackney, Inglaterra. A grandeza de seus sermões consiste de conteúdo bíblico, apresentação lúcida, aplicação prática e centralidade de Cristo. Contudo, a reputação de Henry repousa sobre seu célebre comentário, *Exposição do Antigo e Novo Testamento* (5 vol., Londres, 1708-10), em razão do qual ele tem sido conhecido e amado por três séculos. Ele viveu até completar Atos dos Apóstolos. Porém, depois de sua morte, um grupo de ministros preparou as Epístolas e o Apocalipse, a partir dos manuscritos de Henry, completando sua obra magistral.

ISBN 85-263-0917-5